



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
**DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:**  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

IV Congresso de Indústria Criativa

V Seminário Internacional  
de Diversidade Cultural  
e Inclusão Social

I Mostra Técnica, Artística e Cultural

V. 3, 2021

ISSN: 2525-5630



UNIVERSIDADE  
CATOLICA  
PORTUGUESA



APOIADORES:



**III CIDI** CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo – ASPEUR

Universidade Feevale

**III CIDI - Congresso Internacional de  
Diálogos Interdisciplinares:  
comunicação digital e futuros possíveis**

**v. 3, 2021**



Novo Hamburgo | Rio Grande do Sul | Brasil

2021



[feevale.br/cidi2021](http://feevale.br/cidi2021)





## EXPEDIENTE

### **PRESIDENTE DA ASPEUR**

Roberto Cardoso

### **REITOR DA UNIVERSIDADE FEEVALE**

Prof. Dr. Cleber Cristiano Prodanov

### **PRÓ-REITORA DE ENSINO**

Profa. Me. Angelita Renck Gerhardt

### **PRÓ-REITOR DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO**

Prof. Dr. João Alcione Sganderla Figueiredo

### **EDITORA FEEVALE**

Mauricio Barth (Coordenação)

Tiago de Souza Bergenthal (Revisão textual)

Tífani Müller Schons (Design editorial)

### **A REVISÃO TEXTUAL, FORMATAÇÃO E ADEQUAÇÃO ÀS NORMAS ABNT SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES E ORIENTADORES.**

### **DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

Universidade Feevale, RS, Brasil

Bibliotecária responsável: Bruna Heller – CRB 10/2348

Congresso Internacional de Diálogos Interdisciplinares (3. : 2021 : *Novo Hamburgo, RS*)

[Anais do] III Congresso Internacional de Diálogos Interdisciplinares [recurso eletrônico] : comunicação digital e futuros possíveis / [coordenação Mary Sandra Guerra Ashton] ; [comissão organizadora Vania Gisele Bessi] ... [et al.]. – Novo Hamburgo : Editora Feevale, 2021.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de Acesso: <http://www.feevale.br/cidi>

ISSN 2525-5630

1. Extensões universitárias - Congressos e convenções. 2. Ações comunitárias - Ensino superior. I. Sanfelice, Gustavo Roese. II. Araujo, Denise Castilhos de. II. Título.

CDU 378:001.2(061.3)(100)

### **Universidade Feevale**

Câmpus I: Av. Dr. Maurício Cardoso, 510 - CEP 93510-235 - B. Hamburgo Velho - Novo Hamburgo/RS

Câmpus II: ERS 239, 2755 - CEP 93525-075 - B. Vila Nova - Novo Hamburgo/RS

Câmpus III: Av. Edgar Hoffmeister, 500 - CEP 93700-000 - Zona Industrial Norte - Campo Bom/RS

Homepage: [www.feevale.br](http://www.feevale.br)

© **Editora Feevale** - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos do autor (Lei n.º 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.





## CONSELHO

### **Coordenação:**

Mary Sandra Guerra Ashton

### **Comissão Organizadora:**

Vania Gisele Bessi

Vanessa Amalia Dalpizol Valiati

Patricia Brandalise Scherer Bassani

Rosemari Lorenz Martins

Sandra Portella Montardo

Laura Marcela Ribero Rueda

### **Coordenação Científica:**

Vania Gisele Bessi

Patrícia Brandalise Scherer Bassani

**Promoção:** Universidade Feevale –  
PROPPEX, PPGS - Indústria Criativa,  
Processos e Manifestações Culturais,  
Diversidade Cultural e Inclusão Social

**Organização:** Núcleo de Qualificação -  
Cursos e Eventos

### **Comissão Científica:**

Prof. Dr. Leandro Valiati – UFRGS

Prof. Dr. Magnus Luiz Emmendoerfer –  
UFV

Prof. Dr. Edgar Luiz Tomazzoni – USP

Profa. Dra. Maria Cristina Boohnenberger  
– FEEVALE

Prof. Dr. Sidnei Raimundo – USP

Prof. Dr. Dusan Schreiber – FEEVALE

Profa. Dra. Débora Cordeiro Braga – USP

Prof. Dr. Francisco Antônio dos Anjos –  
UNIVALI

Prof. Dr. Vander Valduga – UFPR

Profa. Dra. Juracy Ignes Assmann Saraiva  
(FEEVALE)

Profa. Dra. Sara Joana Gadotti dos Anjos  
– UNIVALI

Profa. Dra. Elizabeth Kyoko Wada –  
ANHEMBI-MORUMBI

Prof. Dr. Paulo Jorge dos Santos Almeida  
– IPL Peniche, Portugal

Profa. Dra. Cláudia Schemes (FEEVALE)

Prof. Dr. Francisco Teixeira Pinto Dias –  
IPL Peniche, Portugal

Profa. Dra. Mirosława Czerny –  
Universidade de Varsóvia, Polônia

Prof. Dr. Fernando Olivares Delgado –  
Universidade do Alicante – UA, Espanha

Prof. Dr. Pedro Leobardo Jiménez  
Sánchez – Universidad Autónoma del  
Estado de México

Profa. Dra. Griselda Martínez Vázquez –  
Univerdidad Autónoma Metropolitana,  
México

Prof. Dr. Júlio Mendes – Universidade do  
Algarve, Portugal

Prof. Dr. Alexandre Fortes – Universidade  
Federal Rural do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Marta Kohl de Oliveira –  
Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Paul Dixon – Purdue University,  
West Lafayette, EUA

Prof. Dr. Joaquin Marin Montin,  
Universidade de Sevilha  
(Sevilha/Espanha)





Prof. Dr. Francisco Manuel de Jesus  
Pinheiro, Universidade de Coimbra  
(Coimbra/Portugal)

Profa. Dra. María Rosa Carbonari,  
Universidad Nacional de Río Cuarto  
(Córdoba/Argentina)

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva  
(PUCRS)

Prof. Dr. Serje Schmidt (FEEVALE)

Profa. Dra. Mara Cristina de Matos  
Rodrigues – UFRGS

Profa. Dra. Jaqueline Pinheiro –  
Unigranrio/Rio

Prof. Dr. – Raimundo Lopez Diniz – UFMA

Prof. Dr. Julio Batle – UIB – Universidade  
das Ilhas Baleares/Espanha

Prof. Dr. Nestor Dario Duque –  
Universidad Nacional de Colombia

Prof. Dr. Demétrio Ovalle Carranza –  
Universidad Nacional de Colombia

Prof. Dr. Julian Moreno Cadavid –  
Universidad Nacional de Colombia

Prof. Dr. Franco Simini – Universidad de  
La República/AR

Prof. Dr. Cristiano Max Pereira Pinheiro  
(FEEVALE)

Prof. Dr. Gustavo Sanfelice (FEEVALE)

Prof. Dr. Daniel Conte (FEEVALE)

Prof. Dr. Pedro Ortuño – Universidade de  
Múrcia/Espanha

Profa. Dra. Gloria Lapeña Gallego –  
Universidade de Granada/Espanha

## **Mostra Técnica, Artística e Cultural**

**Coordenação:** Laura Ribero Rueda e  
Vanessa Valiati

**Organização:** Franciele Amaral e Sheisa  
Bittencourt

**Colaboração:** Conexão Cultural Feevale,  
Tv Feevale e NAIA - Núcleo de inclusão e  
acessibilidade da Feevale.





## APRESENTAÇÃO

O III CIDI – Congresso Internacional de Diálogos Interdisciplinares. IV Congresso de Indústria Criativa. V Seminário Internacional de Diversidade e Inclusão Social e a I Mostra Técnica, Artística e Cultural, realizados nos dias 20 e 21 de maio de 2021, evento online, sediado na Universidade Feevale, promoveu um espaço de diálogo e reflexão acerca da temática: **comunicação digital e futuros possíveis**, onde foram salientados os desafios para o desenvolvimento individual e coletivo dos sujeitos nas sociedades contemporâneas, caracterizadas pela diversidade cultural, processos e manifestações culturais e presença das indústrias criativas. Ancorada na tradição multi e interdisciplinar da Pesquisa e da Pós-graduação na Universidade Feevale, refletiu-se como oportunidade qualificada e fecunda para discussões e, principalmente, à busca por respostas às problemáticas contemporâneas que envolvem a cultura digital e suas perspectivas na interface academia, sociedade e mercado, por meio de atividades de apresentações de trabalhos tanto científicos quanto técnicos, artísticos e culturais, conferências e painéis sobre pesquisas em nível de pós graduação.

Para tanto, se buscou parcerias internacionais: UCP – Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal; IPL – Instituto Politécnico de Leiria, Portugal; UM – Universidade de Múrcia, Espanha (Arte y Políticas de Identidad – Grupo de Investigación); e parceiro da I Mostra Técnica, Artística e Cultural a Universidad Toulouse Lautrec, Lima, Peru.

O III CIDI fez chamada de trabalhos completos que foram apresentados em sessões temáticas: a) Linguagens e Tecnologias b) Inclusão Social, Saúde e Políticas Públicas c) Memória e identidade d) Linguagens e Processos Comunicacionais e) Conteúdos Criativos f) Gestão e Inovação g) Língua e literatura h) Políticas Públicas, Cidades Criativas e Cultura e discutidos no evento e os publica em anais. A I Mostra Técnica, Artística e Cultural, evento que integra o III CIDI, teve a exposição virtual disponibilizada pelo Instagram @conexaoculturalfeevale e os publica neste anais.

*Profa. Mary Sandra Guerra Ashton*





## SUMÁRIO

ENTRELAÇAMENTOS DA FOLIA DE REIS: DEVOÇÃO, FÉ E CULTURA POPULAR.....	16
ORGANIZAÇÕES JORNALÍSTICAS: O QUE MUDOU NA LINGUAGEM JORNALÍSTICA DO “DISCURSO DAS MÍDIAS” DE PATRICK CHARAUDEAU FRENTE A CRESCENTE INFLUÊNCIA DAS PLATAFORMAS DIGITAIS....	23
APTIDÃO FÍSICA DE ESCOLARES PARTICIPANTES DE UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO .....	34
ANÁLISE DA RELAÇÃO DE PODER COMO MARCADOR SOCIAL COM BASE NO CONTO O ESPELHO, DE MACHADO DE ASSIS.....	45
MÚLTIPLAS DIMENSÕES DE UM PATRIMÔNIO: O BURACO DO COCÓ – MORRO DO MACACO BRANCO (PORTÃO, RS, BRASIL).....	53
A SAÚDE MENTAL DA PESSOA IDOSA DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19.....	62
O TDAH E O COMPORTAMENTO ATENCIONAL NA ESCOLA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....	70
INOVAÇÕES, CONEXÕES E CULTURA: ANÁLISE DOS PROJETOS DE SEUL, CIDADE CRIATIVA DO DESIGN.....	81
DIGITAL <i>INFLUENCERS</i> E A CULTURA DO CANCELAMENTO.....	89
A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE TRANS NA OBRA FÍLMICA “A GAROTA DINAMARQUESA” .....	97
IDOSOS, CERVICALGIA E QUIROPRAXIA: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DAS BASES DE DADOS BVS E SCIELO .....	106
LESÕES POR PRESSÃO: A PREVENÇÃO ALÉM DOS CUIDADOS HOSPITALARES.....	115
O SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE DA DIALÉTICA EXCLUSÃO/INCLUSÃO..	127
ERGONOMIA E NANOTECNOLOGIA NO VESTUÁRIO DE MULHERES IDOSAS.....	134
LEMBRANÇAS DE ANTIGAMENTE: A FAMÍLIA, AS BRINCADEIRAS, O TRABALHO E A ESCOLA NA COMUNIDADE CUSTANEIRA/TRONCO, PIAUÍ-BRASIL .....	142
CONFIGURAÇÃO DE PERFORMANCE NO INSTAGRAM.....	152
A VIRGEM E A SERPENTE: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO E DA INFÂNCIA EM FILMES DE TERROR NA CULTURA POP.....	164
PROJETO RUMO AOS 200 ANOS – BICENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ: O USO DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS EM 2020.....	173
ANÁLISE SOBRE O DISCURSO ACERCA DO TELETRABALHO.....	181
APRENDIZAGENS POR MEIO DA ARTE DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.....	189





RELAÇÃO ENTRE CRIATIVIDADE E TEORIA DA COMPLEXIDADE EM AMBIENTES ORGANIZACIONAIS DE EMPRESAS DE MODA .....	198
IMAGINÁRIO, O DINAMIZADOR CULTURAL DA IDENTIDADE DOCENTE .....	210
CULTURA INTRAEMPREENDEDORA E A PRESENÇA DE ELEMENTOS DE DIVERSIDADE E INCLUSÃO .....	217
PROFESSOR-MENTOR NA ESCOLA .....	231
DEFICIÊNCIA, TECNOLOGIAS E DIREITO: REFLEXÕES SOBRE A ACESSIBILIDADE NO BRASIL .....	239
PROPOSTA DE USO DE RECURSOS DIGITAIS À EDUCAÇÃO PERMANENTE DE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM EM AMBIENTES HOSPITALARES.....	247
TEORIA DO MEDALHÃO E SUA ATUALIDADE .....	256
OS SUPER-HERÓIS COMO PROMOTORES DE DESENVOLVIMENTO HUMANO .....	264
MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA DOCENTE: ENTRELAÇAMENTOS POSSÍVEIS NA FORMAÇÃO .....	272
AS INFLUÊNCIAS CULTURAIS DO ESTRANGEIRISMO NA LÍNGUA PORTUGUESA E A BUSCA POR SUA IDENTIDADE .....	279
UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA NA PERSPECTIVA DA DECOLONIALIDADE.....	285
IN/EXCLUSÃO ESCOLAR DE MULHERES NO BRASIL: ASPECTOS DE GÊNERO E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA.....	293
UM NARRADOR FÍLMICO CASMURRO: A AMBIGUIDADE NARRATIVA EM <i>CAPITU</i> , FILME DE 1968.....	303
JOGOS <i>ONLINE</i> E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A SOCIALIDADE NOS JOGOS <i>ONLINE</i> .....	310
ANÁLISE DE CONTEÚDO INFORMATIZADA DA ENTREVISTA DO FELIPE NETO NO RODA VIVA: UMA ABORDAGEM DA LINGUÍSTICA QUANTITATIVA .....	317
ABORDAGEM DE ENSINO E O USO DAS TECNOLOGIAS.....	326
MENSTRUÇÃO E O ESTIGMA DO NOJO .....	332
AVALIAÇÃO DAS FUNÇÕES COGNITIVAS NO PROCESSO DA CIRURGIA BARIÁTRICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA .....	340
DANÇA E TRABALHO: UMA REFLEXÃO DA RELAÇÃO DANÇA E TRABALHO SOB A LENTE DO IMAGINÁRIO .....	350
LAZER E CULTURA – O PERFORMÁTICO NOS ENSAIOS DO BUMBA-MEU-BOI EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO: ENFOQUE ETNOGRÁFICO.....	361
PELOS CAMINHOS DA CURA NA CIDADE: CARTOGRAFIA DOS CENTROS INTEGRADOS EM NOVO HAMBURGO/RS .....	369





INVENÇÃO DO CURRÍCULO COMO CONSUMO DE SABERES E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES ESPECÍFICAS .....	380
“ME PERGUNTARAM SE EU SOU GAÚCHO, ESTÁ NA CARA, REPARE O MEU JEITO”: ENQUADRAMENTOS ICONOGRÁFICOS DO IMAGINÁRIO SULINO .....	387
A ALTA EXIGÊNCIA PROFISSIONAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS À SAÚDE DOS DOCENTES.....	396
TECENDO SONHOS, ALINHAVANDO VIDAS – UMA ETNOGRAFIA MULTISITUADA E AS TECNOLOGIAS SOCIAIS DIRECIONADAS À INCLUSÃO SOCIAL DE MULHERES .....	405
CAMPANHA EU SOU RESPEITO – RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	414
PROCESSOS FONOLÓGICOS PERCEBIDOS DURANTE A LEITURA DE UM TEXTO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO POR FALANTES DE TRÊS DIFERENTES NACIONALIDADES .....	422
A CONSTRUÇÃO DE NOVOS CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS E OS DESAFIOS DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR REMOTO.....	431
SAÚDE, CIDADANIA E REINSERÇÃO SOCIAL EM PRÁTICAS DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL UTILIZANDO JOGOS DIGITAIS NO CONTEXTO DAS PESSOAS PRIVADAS DE LIBERDADE .....	439
CONFIGURANDO O WORDPRESS COMO UM AMBIENTE ON-LINE PARA A GESTÃO DO CONHECIMENTO E MEMÓRIA DO GRUPO .....	447
A UTILIZAÇÃO COMBINADA DAS PLATAFORMAS DA AMAZON E DO YOUTUBE: UM LEVANTAMENTO DO ESTADO DA ARTE NA PESQUISA DO BRASIL.....	455
O PAPEL DE UM CENTRO DE MEMÓRIA PARA O NEGÓCIO DA BAGERGS: NOTAS DE IMPLANTAÇÃO.....	463
UTILIZAÇÃO DE JOGO MULTIMODAL EM PRÁTICAS DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO: RESULTADOS DAS PRÁTICAS COM O JOGO WATER GENERATIONS.....	471
PRIMEIRA INFÂNCIA, A CRIANÇA EM PRIMEIRO LUGAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DAS PRÁTICAS INCLUSIVAS DE UM PROJETO DE INTERVENÇÃO PRECOCE.....	479
A IMAGEM DO MIGRANTE NA SOCIEDADE LÍQUIDA MODERNA .....	490
ESTRATÉGIA AMBIDESTRA: UM ESTUDO DE CASO NA EMPRESA ALPHA .....	497
UM OLHAR NECESSÁRIO SOBRE OS ALUNOS ATENDIDOS NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: IMPORTÂNCIA DA PERSONALIZAÇÃO DOS ENCAMINHAMENTOS.....	506
CUIDAR DE QUEM CUIDA: ACOLHENDO TRABALHADORES DA SAÚDE E CONSTRUINDO RESISTÊNCIAS POSSÍVEIS .....	514
A POPULAÇÃO IDOSA BRASILEIRA E A MORTALIDADE POR COVID-19 .....	522
IMPLEMENTAÇÃO DA BNCC E RCG EM TEMPOS DE PANDEMIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES .....	528



A BANALIZAÇÃO DA TRAGÉDIA HUMANA: DE <i>ENTERRE SEUS MORTOS</i> A CAPAS DE JORNAIS SOBRE AS 300 MIL VÍTIMAS DA PANDEMIA.....	537
“TEM QUE INTERPRETAR MUITAS COISAS QUE, ÀS VEZES, EU NÃO TENHO COMO”: RELAÇÕES DIALÓGICAS NAS DECLARAÇÕES DO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO .....	546
ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA: DECOLONIALIDADE, DIFERENÇA E XAMANISMO .....	555
MANUTENÇÃO DO LAÇO SOCIAL, GRUPOS ADOLESCENTES E A COVID-19: QUE TERRITÓRIO É POSSÍVEL OCUPAR? .....	564
ESCOLA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL NO BRASIL: POSSIBILIDADE DE UM ESPAÇO PARA A DEMOCRACIA E A ALTERIDADE .....	573
MOTORISTAS RODOVIÁRIOS E QUALIDADE DE VIDA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA .....	581
ESTÁGIO OBRIGATÓRIO E ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	590
CONFLITOS SOCIAIS QUE RESULTARAM NA PRIMEIRA ESCOLA PARA SURDOS E RECONHECIMENTO DA LÍNGUA DE SINAIS .....	598
DESAFIOS DA ASSESSORIA PEDAGÓGICA DURANTE A PANDEMIA. (RE) SIGNIFICAR DA APRENDIZAGEM	608
AUTONOMIA E QUALIDADE DE VIDA: A PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS DE CADEIRA DE RODAS .....	616
SEMINÁRIO CRIANÇA NA MÍDIA: UMA EXPERIÊNCIA EM PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO .....	626
O IMPACTO DA POLÍTICA PORTUGUESA NO PROCESSO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL ANGOLANO ATRAVÉS DA OBRA “A GERAÇÃO DA UTOPIA” DE PEPETELA .....	636
CONQUISTA OU RESISTÊNCIA? A LUTA POR RESPEITO À IDENTIDADE QUILOMBOLA A PARTIR DA ANÁLISE DO TENSIONAMENTO ENTRE PODER LEGISLATIVO E A ATUAÇÃO DO JUDICIÁRIO .....	643
CIDADES CRIATIVAS E CIDADES DE APRENDIZAGEM: .....	650
APTIDÃO MOTORA DE EQUILÍBRIO E PRESENÇA DE QUEDAS EM IDOSOS ATIVOS.....	659
GESTÃO DO CONHECIMENTO NA PERSPECTIVA DA MEMÓRIA ORGANIZACIONAL.....	673
A UTILIZAÇÃO DE MINECRAFT PODE IMPACTAR POSITIVAMENTE A CRIATIVIDADE? .....	682
LITERATURA, LEITURA E RECURSOS DIGITAIS: ENCONTRO DE ENCANTOS .....	689
USO DE JOGOS DIGITAIS PARA ESTIMULAÇÃO COGNITIVA EM CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TDAH: AMOSTRAGEM POR FORWARD SNOWBALLING.....	696
O CUIDADO NO DOMICÍLIO: O PROCESSO DE SAÚDE E DOENÇA SOB A PERSPECTIVA DE QUEM CUIDA ...	706
JUVENTUDES E PERSPECTIVAS DE FUTURO: SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS .....	717



AUTISMO, MÉTODO DE INTERVENÇÃO, TECNOLOGIA ASSISTIVA E APRENDIZAGEM: DISCUSSÃO DO FILME 'MEU FILHO, MEU MUNDO' .....	726
UM DIÁLOGO SOBRE PONTOS DE CONEXÃO ENTRE A CULTURA E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO	732
A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA INFANTIL: .....	741
FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES: ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM?.....	750
A INFLUÊNCIA DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS NAS DIFERENTES FORMAS DE RESOLVER PROBLEMAS ARTÍSTICOS NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE FOTOGRAFIAS.....	758
DOS AÇORES A JAGUARÃO: PERCURSO MIGRATÓRIO, FONTES E ITINERÁRIOS DE PESQUISA.....	767
"BRASIL ACIMA DE TODOS": O ETHOS CRÍTICO DE UMA CAPA DE JORNAL NA PANDEMIA DA COVID-19..	776
FUNÇÕES EXECUTIVAS E JOGOS DIGITAIS PARA CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR: UM MAPEAMENTO SISTEMÁTICO .....	786
O <i>ETHOS</i> DE UMA ENFERMEIRA EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA ABORDAGEM ERGOLÓGICA .....	795
IDENTIDADE TERRITORIAL DE LINHA NOVA/RS: A PERCEPÇÃO DOS ATORES SOCIAIS DO MUNICÍPIO .....	804
A LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO MÉDIO: (RE)PENSANDO AS PRÁTICAS .....	816
CRIAÇÃO DE UM FANART CARTOGRÁFICO DE PERSONAGENS DO MOVIMENTO DE <i>HEADCANONS</i> AUTISTAS .....	824
ACESSIBILIDADE EM MUSEUS VIRTUAIS E POSSIBILIDADES NO ENSINO: MUSEU VIRTUAL DO LOUVRE ..	832
CONSELHO TUTELAR DE NOVO HAMBURGO E OS DIREITOS DAS CRIANÇAS E JOVENS EM PERSPECTIVA .....	840
DO VÍNCULO AFETIVO AO VÍNCULO AFETADO: A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA DURANTE A PANDEMIA COVID-19.....	849
A MUDANÇA PERCEBIDA PELOS FAMILIARES NO TRATAMENTO AMBULATORIAL DE USUÁRIOS DE SUBSTÂNCIAS .....	856
A MITIFICAÇÃO DE LEBRON JAMES NA PEÇA "WE ARE ALL WITNESSES" DA NIKE .....	863
EDUCAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA: PERCURSO HISTÓRICO NA CONSOLIDAÇÃO COMO POLÍTICA PÚBLICA .....	871
ACESSIBILIDADE EM JOGOS DIGITAIS: ESTUDO DE CASO THE LAST OF US 2.....	881
ENSINO VIRTUALIZADO E AS IMPLICAÇÕES NA DOCÊNCIA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19.....	889
ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS EM ADOLESCENTES ATLETAS DE RENDIMENTO .....	897
AS VISADAS DISCURSIVAS NA CAMPANHA VOLTAMOS A APRENDER DA DOVE .....	905





DESIGN UNIVERSAL PARA APRENDIZAGEM: AS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	914
DE VOLTA AO MEU MUNDO EM VÁRIOS DIAS DE PANDEMIA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA DURANTE A QUARENTENA.....	924
A ESTRUTURA TURÍSTICA DA CIDADE DE LINHA NOVA/RS: A PERCEPÇÃO DE PESSOAS DA COMUNIDADE E VISITANTES.....	932
A HOMOPARENTALIDADE À MARGEM DA VISIBILIDADE SOCIAL.....	944
MÃOS E IMAGINÁRIOS ENTRE RETALHOS: MEMÓRIAS QUE COSTURAM A HISTÓRIA DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE, NO AGRESTE DE PERNAMBUCO .....	952
TRANSFORM(AÇÃO) DE SABERES EM DANÇA – ENSAIO SOBRE A AMPLIAÇÃO DE PERSPECTIVAS NOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	960
APLICABILIDADE DA LGPD NOS SERVIÇOS NOTARIAIS E DE REGISTROS.....	969
LINGUAGEM INFANTIL: A LITERATURA COMO FATOR DECISSIVO NOS AVANÇOS DO LETRAMENTO E DESENVOLVIMENTO DA FALA DA CRIANÇA.....	978
PLATAFORMAS DE REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE PESQUISA PARA MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS DE MODA .....	985
ESTATÍSTICA BÁSICA NO ENSINO REMOTO NO CONTEXTO DA COVID - 19 .....	994
HIV/AIDS E COMUNICAÇÃO EM SAÚDE NA INTERNET: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O “SUPER INDETECTÁVEL” .....	1002
PROCESSO DE APRENDIZAGEM MEDIADO POR TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA ÁREA DA SAÚDE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA.....	1011
AS FUNÇÕES EXECUTIVAS NA VIDA UNIVERSITÁRIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.....	1019
O PROCESSO DE TRANSIÇÃO DO DOMÍNIO DE INDIVÍDUO À PESSOA ATRAVÉS DO USO DA MALANDRAGEM... ..	1027
CAMINHOS PARA NOVO HAMBURGO SE TORNAR UMA CIDADE CRIATIVA: UMA COMPARAÇÃO À LUZ DA LITERATURA COM A LEI Nº 2667/2013 .....	1035
A CONTRIBUIÇÃO DAS LEGISLAÇÕES BASILARES DA EDUCAÇÃO INTEGRAL NO CUMPRIMENTO EFETIVO DA META 6 DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO- PNE.....	1044
A EDUCAÇÃO PARA ALÉM DA ESCOLA: CONCEITOS NECESSÁRIOS PARA A CONSCIENTIZAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA .....	1052
A IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA EM <i>PONCIÁ VICÊNCIO</i> , DE CONCEIÇÃO EVARISTO.....	1059
IMPACTO DO HOME OFFICE NA QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO DURANTE A PANDEMIA .....	1065





CHICO CÉSAR, UM POETA BRASILEIRO ATENTO A QUESTÕES SOCIAIS.....	1073
LETRAMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS: APLICATIVO “HEITOR, O DINOSSAURO” E PRIMEIRAS APLICAÇÕES .....	1080
DINÂMICAS URBANAS: VIVÊNCIAS E MEMÓRIA EM SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS .....	1090
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM REALIDADE AUMENTADA: CONTRIBUIÇÕES PARA AULAS REMOTAS NO ENSINO FUNDAMENTAL .....	1098
RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO: A PERSPECTIVA DOS ÁRBITROS NEGROS NO RIO GRANDE DO SUL .....	1106
ARTESANATO: O EMPREENDEDORISMO FEMININO E A REDE ASTA .....	1115
ESPIRITUALIDADE E RESILIÊNCIA EM MULHERES IDOSAS NO CONTEXTO DO CÂNCER DE MAMA.....	1122
O TEXTO LITERÁRIO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR .....	1132
O ENSINO REMOTO: UMA EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO.....	1140
NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA E STATUS DE PESO CORPORAL DE PESSOAS IDOSAS PARTICIPANTES DO PROGRAMA DE HIDROGINÁSTICA EM DOIS IRMÃOS, RS.....	1146
PRÁTICAS IMERSIVAS EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA COM REALIDADE AUMENTADA .....	1154
CULTURA ORGANIZACIONAL: UM ESTUDO DE CASO NA SICREDI .....	1161
CONSTRUÇÃO E EXECUÇÃO DE PRÁTICAS NÃO ESCOLARES EM UM PROJETO DE FUTSAL NA CIDADE DE IVOTI-RS .....	1169
PSICOSSOCIOLOGIA E TRABALHO: REVISÃO INTEGRATIVA .....	1178
LIVROS EM MULTIFORMATOS E SUAS TECNOLOGIAS: COMUNICAÇÃO ACESSÍVEL E LEITURA PARA TODOS .....	1186
ESCAPE BOOK: A GAMIFICAÇÃO COMO RECURSO METODOLÓGICO NA FORMAÇÃO DOCENTE.....	1197
TINHA UMA PANDEMIA NO MEIO DO CAMINHO: UMA EXPERIÊNCIA DE ENTREVISTA QUALITATIVA EM MEMÓRIA SOCIAL.....	1205
AS PERCEPÇÕES DA VIOLÊNCIA URBANA DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL DO PONTO DE VISTA DOS <i>FACEBOOKERS</i> .....	1212
ESPAÇO E TEMPO: MEMÓRIAS DE UMA RUA ... QUEM MOROU AQUI? .....	1223
INCLUSÃO SOCIAL E RACIAL: UM DEBATE NECESSÁRIO AO CONTEXTO BRASILEIRO.....	1232
ALFABETIZAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA: OBJETO DE APRENDIZAGEM PARA ENSINO REMOTO SOBRE O FUNCIONAMENTO DAS VACINAS .....	1239





A LITERATURA E OS TEMAS TABUS .....	1245
LA PIEL QUE HABITO: TRANSDISCIPLINARIDADE NO ENSINO MÉDIO EM AMBIENTE REMOTO .....	1253
RELAÇÃO DO ESTRESSE PSICOSSOCIAL E DO MARCADOR DE ESTRESSE OXIDATIVO (8-OHdG) EM PESSOAS IDOSAS COM DEPRESSÃO .....	1260
QUANDO A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS SE TORNA NOTÍCIA: ANÁLISE DE REPORTAGENS SOBRE A MENINA VIOLENTADA NO ESPÍRITO SANTO .....	1270
VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA IDOSA.....	1278
O IMPACTO DO SUPORTE SOCIAL NA QUALIDADE DE VIDA.....	1285
EDUCAÇÃO E USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL .....	1295
A INCÓGNITA DA INCLUSÃO DIGITAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM OLHAR PARA O PROJETO DE EXTENSÃO DA RUA PARA'XXXX.....	1302
JUVENTUDES, TRABALHO E APRENDIZAGEM PROFISSIONAL.....	1310
INCLUSÃO SOCIAL E ACESSIBILIDADE EM EXPOSIÇÃO MULTISSENSORIAL .....	1319
OS EVENTOS COMO ESTRATÉGIA NO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO CRIATIVO: O CASO DE ESTUDO DO FESTIVAL ANDANÇAS EM PORTUGAL .....	1327
EMANCIPAÇÕES NO SUL: REFLEXÕES SOBRE A EMANCIPAÇÃO FEMININA A PARTIR DE NIKETCHE.....	1339
MODA E INCLUSÃO: INDUMENTÁRIA PARA CRIANÇAS CEGAS .....	1346
CULTURA ORGANIZACIONAL E COMUNICAÇÃO: FOCO NO COMPROMETIMENTO .....	1353
DPOC E SUAS IMPLICAÇÕES NA FUNCIONALIDADE E SOCIABILIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	1363
CINEMA E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES INICIAIS A PARTIR DO PROJETO "CINEMINHA NA ESCOLA" DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE VIGIA DE NAZARE (PA) .....	1370
ECOARTE: UM ATELIÊ DE CRIAÇÃO DE ARTE AMBIENTAL NO CONTEXTO DO OBJETO INSTALAÇÃO .....	1377
"A BANDEIRA VERMELHA SOBRE O REICHSTAG": UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA IMAGEM FOTOGRÁFICA E SUA INTENCIONALIDADE .....	1387
SOBRE A VIOLÊNCIA INFANTIL EM "UM CINTURÃO", DE GRACILIANO RAMOS.....	1394
REVITALIZAÇÃO NO E DO COTIDIANO: UMA PROPOSTA COM ALUNOS DO IFSUL SAPUCAIA DO SUL/RS	1402
REPENSAR A EDUCAÇÃO PARA ATENDER O DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL .....	1410
ENVELHECIMENTO BEM-SUCEDIDO E AS ESTRATÉGIAS DE SELEÇÃO, OTIMIZAÇÃO E COMPENSAÇÃO (SOC) .....	1418





MEMÓRIA ORGANIZACIONAL, MEMÓRIA INSTITUCIONAL E AÇÃO SOCIAL: RELAÇÕES TEÓRICAS POSSÍVEIS .....	1428
PALAVRA/IMAGEM: INTERSECÇÕES DO MODERNISMO A ARTE CONTEMPORÂNEA.....	1437
REFLEXÕES ACERCA DA RECEPÇÃO DE QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS, E SUA TRADUÇÃO AMERICANA .....	1445
AS FRAGILIDADES DAS REDES SOCIAIS: UMA VISÃO DA CIBERPSICOLOGIA EM MEIO A MANIPULAÇÕES VIRTUAIS.....	1454
“PAI CONTRA MÃE”, DE MACHADO DE ASSIS: PROPOSTA DE EXPLORAÇÃO TEXTUAL PARA O ENSINO MÉDIO .....	1461
CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER IDOSA NO RIO GRANDE DO SUL ENTRE 2009 E 2018 .....	1469
REPENSAR A EDUCAÇÃO PARA ATENDER O DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL .....	1478
ANÁLISE DAS HABILIDADES SOCIAIS DURANTE O ENVELHECIMENTO BEM-SUCEDIDO EM IDOSAS PARTICIPANTES DE CURSOS DE INCLUSÃO DIGITAL.....	1486
O ABUSO SEXUAL DE VULNERÁVEL:.....	1496
CIDADE, CULTURA E DESENVOLVIMENTO: CASE NOVO HAMBURGO/RS .....	1503
UM DIÁLOGO SOBRE JOGOS EDUCACIONAIS E A CULTURA .....	1513
O DESAFIO DE ENSINAR ARTE NA PANDEMIA .....	1521
CERVEJARIAS NO VALE GERMÂNICO: A PRESENÇA DE NOVO HAMBURGO E SÃO LEOPOLDO .....	1528
NÃO EXISTEM MAIS PALAVRAS INOCENTES: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE A PARTIR DE DIVULGAÇÕES OFICIAIS .....	1535
A REPRESENTAÇÃO POLONESA NO ROMANCE DE LETICIA WIERZCHOWSKI: <i>O MENINO QUE COMEU UMA BIBLIOTECA</i> A PARTIR DA TEORIA SOCIOLINGÜÍSTICA .....	1542
PSICODELIA, CONTRACULTURA E REPRESSÃO: A BANDA MÓDULO 1000 E A CENA MUSICAL ROQUEIRA DA DÉCADA DE 1970.....	1550
DIRIGIR PARA VIVER (E ENGAJAR) A SÉRIE DRIVE TO SURVIVE NA NETFLIX E A AUDIÊNCIA DA FÓRMULA 1 .....	1557
I MOSTRA TÉCNICA, ARTÍSTICA E CULTURAL .....	1568





## ENTRELAÇAMENTOS DA FOLIA DE REIS: DEVOÇÃO, FÉ E CULTURA POPULAR.

INTERLINACIONES FOLIA DE REIS: DEVOCIÓN, FE Y CULTURA POPULAR.

Denise Alves da Costa Azeredo<sup>1</sup>; Cláudia Schemes<sup>2</sup>

Universidade Feevale

**RESUMO:** Este artigo tratará sobre a manifestação popular a Folia de Reis e sua relação com a construção de identidade de indivíduos, tendo como referencial teórico os estudos de Hall (2000) e Woodward (2012) sobre identidade e diferença. O objeto norteador é o Especial Folia de Reis, apresentado na TV Brasil em 2018. O objetivo é analisar a relação entre as tradições do Reisado Folia de Reis, e o sentimento de pertencimento dos indivíduos da comunidade de Duas Barras/RJ, assim como seu impacto na definição de práticas sociais, o documentário destaca como pilares da manifestação cultural a devoção, a fé e a tradição. Os reisados se justificam por sua abrangência interdisciplinar que consideram importantes difundir a relação entre movimentos culturais e a religiosidade trazida pelos portugueses, e que se entrelaça com as culturas e tradições dos negros e índios que aqui viviam.

**Palavras-chave:** Cultura Popular. Folia de Reis. Tradição.

**RESUMEN:** Este artículo abordará la manifestación popular de Folia de Reis y su relación con la construcción de la identidad de los individuos, teniendo como referencia teórica los estudios de Hall (2000) y Woodward (2012) sobre identidad y diferencia. El objeto rector es el Especial Folia de Reis, presentado en TV Brasil en 2018. El objetivo es analizar la relación entre las tradiciones del Reisado Folia de Reis y el sentimiento de pertenencia de los individuos de la comunidad de Duas Barras / RJ, como así como su impacto en la definición de prácticas sociales, el documental destaca la devoción, la fe y la tradición como pilares de manifestación cultural. Los reyes se justifican por su alcance interdisciplinario, que consideran importante para difundir la relación entre los movimientos culturales y la religiosidad traída por los portugueses, y que se entrelaza con las culturas y tradiciones de los negros e índios que aquí vivieron. Palabras clave: Cultura popular. Folia de Reis. Tradicion.

**Palabras clave:** Cultura popular. Folia de Reis. Tradicion.

### INTRODUÇÃO

A Folia de Reis é um folguedo que faz parte do ciclo natalino, que se realiza normalmente de 24 de dezembro a 6 de janeiro, nas comemorações do nascimento de Cristo, por meio do festejo. Uma manifestação cultural tradicional da Península Ibérica onde era tinha-se o costume doação e trocas de presentes, cercada de danças e músicas, chegou ao Brasil através dos portugueses no período Brasil – Colônia. Dessa forma, a Folia de Reis teria chegado ao Brasil no século XVI, como instrumento educacional dos jesuítas para catequizar os índios e os escravos. A Folia de Reis brasileira tem em sua identidade, o DNA das manifestações culturais

<sup>1</sup> Graduada em Dança (Ulbra), mestranda em Processos e Manifestações Culturais, Feevale-Brasil.

<sup>2</sup> Doutora em História, professora dos cursos de História, Moda e PPG Processos e Manifestações Culturais



dos diversos povos que se encontram no território nacional, e com isto encontramos diversas variações regionais com relação ao estilo, ao ritmo e ao som, porém mantem sempre os principais pilares de sustentação; a crença e devoção ao Menino Jesus, à Virgem Maria, aos Reis Magos e a São José. Os grupos de foliões, geralmente, compostos por três magos, por um ou mais palhaços, relacionados a Herodes ou aos seus soldados (que depois de se converterem a Jesus voltam a sua localidade mascarados para que não sejam reconhecidos por Herodes, pois eram considerados traidores). Seguem esses personagens um mestre, os tocadores, cantores e o porta-bandeira. Uma das exigências para participar de uma folia é que o folião deve permanecer nela por sete anos seguidos da comemoração, sob pena de receber castigos caso a exigência não seja cumprida. Após o período, o devoto está apto a se tornar mestre ou está livre das obrigações com o grupo. Com base em Hall (1997), é perceptível que a forma que é construído esta representação torna o indivíduo mais ou menos forte, acreditando-se estar à mercê destes “castigos”, caso não venha a cumprir a tradição, influenciando diretamente nas suas práticas sociais e no seu sentimento de pertencimento e merecimento.

É justamente a investigação sobre a forma como se constrói o significado que mobiliza a análise de Hall (1997) sobre o conceito de representação. Ele lembra que os significados culturais não estão na cabeça, têm efeitos reais e regulam práticas sociais. O reconhecimento do significado faz parte do senso de nossa própria identidade, através da sensação de pertencimento. Os sinais, por sua vez, possuem significado compartilhado – representam nossos conceitos, ideias e sentimentos de forma que outros decodifiquem ou interpretem mais ou menos do mesmo jeito. Dito de outra forma, as linguagens funcionam através da representação: elas são sistemas de representação.

## REFERENCIAL TEÓRICO

As Folias de Reis, fazem a peregrinação onde passam de casa em casa, pedindo licença ao dono da casa para realização de suas cantorias e orações, onde os devotos acreditam serem abençoados pela visita da bandeira e rezas. Ao fim do ato sagrado, realizam a parte profana com as apresentações de dança como o lundu, a chula, o guaiano e o batuque de viola, que consiste em sapatear ao som das violas, demonstrando de perícia dos dançarinos. A participação nas folias é motivada pelo pagamento de promessas ou para fazer pedidos ao Menino Jesus. Não é permitida a presença de mulheres integrantes dos grupos, mas elas podem acompanhá-los nas





suas visitas. Muitas delas participam de forma “clandestina”, tendo como proteção de suas identidades as máscaras e roupas folgadas dos palhaços. Quando não optam por esta clandestinidade geralmente, saem no grupo das pastorinhas, formadas exclusivamente de mulheres em algumas localidades, formando uma grande procissão em louvor ao Menino Deus. Segundo Woodward, Kathryn. 2012, a identidade natural é marcada pelo gênero, deixando de forma clara e explícita as posições a serem tomadas de cada gênero, onde comumente encontramos o homem em uma posição ligada a masculinidade, força e a mulher ligada ao cuidado de si, dos outros e na religiosidade.

Podemos observar a frequência com que a identidade nacional é marcada pelo gênero. No nosso exemplo, as identidades nacionais produzidas são masculinas e estão ligadas a concepções militaristas de masculinidade.

As mulheres não fazem parte desse cenário, embora existam, obviamente, outras posições nacionais e étnicas que acomodam as mulheres. Os homens tendem a construir posições-de-sujeito para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência. (WOODWARD, Kathryn. 2012, p. 10)

No documentário o depoimento de *Paola Teixeira da Silva*, podemos observar a presença dos pilares da devoção, da tradição e da fé. Paola que é Palhaça da Folia Estrela Bandeira do Dia, relata que nasceu muito doente com bronquite, e que depois de ficar 1 ano e 6 meses no hospital, o prognóstico dos médicos era que não viveria mais que 72 horas, seu pai, desesperado e num ato de fé e devoção, vai até o padrao deles, onde faz a promessa diante da bandeira do reisado, de que se a filha o melhorasse sairia com a folia. E assim se fez, ele levou uma fita do reisado até o hospital e colocou embaixo do travesseiro da filha. Naquele mesmo dia, ela relata que a mãe muito cansada, adormeceu, e ela atribui o sono pesado ao Santo Reis, pois ela acordou e saiu do quarto sem que a mãe visse. Quando a mãe acordou, achou que a filha havia morrido e seu corpo sido levado, foi então que a encontraram dentro de uma banheira cheia de água gelada. E o médico teve o caso como um milagre, fortalecendo o sentimento de fé e devoção ao reisado da família. Paola ainda coloca que a Folia é sua paixão, e que o legado que seu pai deixou é compartilhado com sua mãe e seu filho, e que quando sai na Folia sente a presença de seu pai ao lado dela. E acredita que esta tradição seguirá em sua família em respeito ao “milagre” que lhe foi concebido.

Podemos observar que toda a família recorre a fé da Folia em busca da solução do problema, todas as lembranças do acontecido estão ligadas diretamente aos signos da Folia, onde o pai de Paola, recorre às tradições fazendo a promessa diante da bandeira da Folia da qual seu padrao faz parte. Leva até o hospital uma fita como símbolo desta promessa e apresenta a





Paloma este simbolismo que em seguida é concretizado com sua cura inesperada e sem explicação segundo os médicos. Ali se forma a interpretação de que a sua cura se deu diante do rendimento de sua família a fé. Onde a bandeira, a fita, e a promessa de participar da Folia seria a troca necessária para cura de sua filha, e esta tradição se mantém com Paola, que no seu depoimento expõe de forma clara, que sua cura está ligada a Folia.

Segundo Hall (1997), é através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado. Ou seja, em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos. E, em parte, damos significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas do cotidiano.

Woodward (2012), afirma que quando assumimos posições diante uma crença, nos identificamos com elas. No depoimento de José Henrique da Silva, Mestre Penitentes da Santa Marta, ele relata sobre as visitas da folia na casa de uma família na Rocinha, onde tinha uma criança deficiente e os pais chamavam a folia só por causa dela, porque ela se sentia muito feliz. Mas lamenta que a seis anos não visitam mais esta família, pois a menina faleceu, porém os pais sempre que sabem que a folia chegou na Rocinha eles vão até lá, agradecer diante a bandeira e relatam que foram os melhores anos da filha deles. E o mestre como folião, tem o sentimento de nunca esquecer o bom que a folia fez a esta família.

[...]precisamos, ainda, explicar por que as pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com elas. Por que as pessoas investem nas posições que os discursos da identidade lhes oferecem? O nível psíquico também deve fazer parte da explicação; trata-se de uma dimensão que, juntamente com a simbólica e a social, é necessária para uma completa conceitualização da identidade. Todos esses elementos contribuem para explicar como as identidades são formadas e mantidas. (WOODWARD, Kathryn. 2012, p. 15)

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método de investigação usado para este artigo, veio através do programa de TV Especial Folia de Reis, exibido na TV Brasil no dia 30 de maio de 2018. Esta amostra projeta a forma que são alinhavados os signos, impressões e crenças com a vida cotidiana daquele indivíduo em sua comunidade.



A produção destes dados veio dos depoimentos apresentados no documentário sobre as impressões e influências da Folia de Reis naquela comunidade, e assim alinhados com os teóricos citados neste estudo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta análise nos faz refletir sobre a influência de uma manifestação cultural em uma comunidade e em seus indivíduos, e como estes significados apresentados de forma sagrada ou profana conseguem influenciar no cotidiano destes indivíduos por um período, por anos e até gerações. No caso deste documentário, podemos observar o depoimento da família de Paola, que diante de um episódio de doença, teve o folguedo da folia de reis como protagonista de sua história, que é determinante quando seu pai, num ato de desespero recorre a devoção que tinha pelo reisado e pede diante a bandeira a cura de sua filha, neste momento se concretiza a história de Paola, sua família e a Folia de Reis em forma de milagre, materializando o sagrado em uma fita de estandarte. Que honrará, ininterruptamente, participando da Folia pelos próximos sete anos de sua vida, acreditando que é a forma de retribuir a graça recebida.

Junto a isto, podemos observar além do lado sagrada deste folguedo, em paralelo seu lado profano, onde Paola que conforme a tradição poderia participar apenas do grupo das pastorinhas que é restrito para mulheres, ela prefere se “esconder” e participar de forma clandestina como palhaço, papel exclusivo para homens. Paola que de frágil se fez forte, passa das pastorinhas para palhaço, ultrapassando os limites impostos pelas tradições do reisado, transitando entre conceitos de gênero. Percorre entre o sagrado e profano, quando para cumprir sua promessa, participa de forma clandestina do folguedo demonstrando o quão forte se tornou posteriormente a sua grave doença na infância.

Em vários dos depoimentos dados pelos entrevistados do documentário, podemos perceber como se perpetua tradições, crenças e costumes populares, por gerações. Seja ela passadas por situações dramáticas como a de Paloma, ou através de legados deixados de pais para filhos em forma de paixão e admiração, ou como uma das lembranças que liga os pais a filha falecida, e que amava receber a folia em sua casa. Neste último caso, podemos constatar a importância do sagrado desta família, que mesmo a filha vendo a Folia como uma festa profana, a percepção dos brincantes e de sua família era a de que ela ficava em paz, depois da



passagem do folgado por sua casa. E hoje a família ainda conserva a tradição, na certeza que o mesmo lhe traz conforto e paz.

Diante desta análise, podemos sugerir que o sagrado e o profano se fundem de forma harmoniosa, fortalecendo assim o significado que é dado por aqueles que acreditam na tradição da Folia de Reis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das ideias apresentadas pelos teóricos deste estudo e pela interferência pessoal de cada sujeito presente neste ensaio, configurou-se uma possível leitura sobre as intervenções culturais e sociais ocasionadas naquelas comunidades, em suas histórias individuais e a Folia de Reis. Ao buscar compreender as relações estabelecidas entre a tradição da Folia de Reis e a comunidade, percebe-se uma construção cultural com ramificações em diversas problemáticas sociais, sustentadas pelos pilares da devoção, da fé e da tradição. O anseio pelo divino e a vida cotidiana, traz a luz a necessidade de imaginar que um objeto nos traga uma lembrança, crença ou fé, mesmo quando ele não está lá. Somos nós que estabelecemos a importância deste objeto, e que dali em diante ele passa a ser tradição e até orgânico. Fazendo que esta crença passe de pai para filha, e se torne tão natural que possamos conviver com esse conhecimento cultural de forma que acreditamos que ela interfira realmente nos nossos destinos, assim podemos afirmar que ele é construído através de seus ritos, signos e práticas dando significados que se perpetuam as próximas gerações.

O ensaio oportuniza uma série de questionamentos tanto através do olhar de quem já presenciou uma folia, que tinha medo dos palhaços e que se encantava com as pastorinhas, quanto pelo olhar de pesquisadora da cultura popular. Propor-se a conhecer o outro e as suas nuances nem sempre apresenta um caminho inteligível. A escolha do assunto se deu pela admiração da parte profana, suas danças, músicas e o colorido das roupas, e ao mergulhar com o olhar dos teóricos tem-se a percepção do imaginário, da religiosidade e dos significados desta tradição em uma comunidade inteira. Com base nessas considerações permite-se a realização de um estudo com diferentes olhares e possíveis análises acerca das manifestações culturais.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## REFERÊNCIAS

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro** - 11 ed. - edição ilustrada - São Paulo: Global, 2002.

CÔRTEZ, G. P. **Dança Brasil! Festas e danças populares**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2000.

**Especial Folia de Reis** - TV Brasil - 30 de mai. de 2018.

<https://www.youtube.com/watch?v=LpQgSe7Pem8&t=27s>

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 7-72

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA,

T. T. da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 7-72





## ORGANIZAÇÕES JORNALÍSTICAS: O QUE MUDOU NA LINGUAGEM JORNALÍSTICA DO “DISCURSO DAS MÍDIAS” DE PATRICK CHARAUDEAU FRENTE A CRESCENTE INFLUÊNCIA DAS PLATAFORMAS DIGITAIS

JOURNALISTIC ORGANIZATIONS: WHAT HAS CHANGED IN THE JOURNALISTIC  
LANGUAGE OF PATRICK CHARAUDEAU'S "MEDIA DISCOURSE" IN THE FACE OF  
THE GROWING INFLUENCE OF DIGITAL PLATFORMS

Amanda Becker; Sandra Portela Montardo

Universidade Feevale

**RESUMO:** A proposta deste artigo busca analisar o discurso da linguagem jornalística através das plataformas digitais e redes sociais em contrapartida aos escritos de Patrick Charaudeau no Discurso das Mídias publicado em 2006. Os autores Jose Van Dijk; Thomas Poell e Martin de Waal em *“The Platform Society – Public values in connective world”* que em português entendemos por A Sociedade das Plataformas – Valores públicos em um mundo conectado e Tarleton Gillespie em A Relevância do Algoritmo, pautam as comparações e análises sobre as transformações nas mídias de notícia. No enxame: Perspectivas do digital de Byung-Chul Han é citado em conclusão, na abordagem da desmediatização ocorrida nas mídias jornalísticas e conseqüentemente na vida humana da contemporaneidade.

**Palavras chave:** Notícia. Plataforma digital. Algoritmo. Desmediatização.

**ABSTRAT:** The proposal of this article seeks to analyze the discourse of journalistic language through digital platforms and social networks in contrast to the writings of Patrick Charaudeau in the Discourse of the Media published in 2006. The authors Jose Van Dijk; Thomas Poell and Martin de Waal in *“The Platform Society – Public values in connective world”* which in Portuguese we understand by The Society of Platforms – Public Values in a Connected World and Tarleton Gillespie in The Relevance of the Algorithm, guide the comparisons and analyses on the transformations in the news media. In the swarm: Perspectives of byung-Chul Han's digital is cited in conclusion, in the approach of the demediatization occurred in journalistic media and consequently of human life in contemporary times.

**Key word:** News. Digital platform. Algorithm. Demediatization.

### INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade a espécie humana encontra-se cercada de influências digitais, muito além de redes sociais que se apresentam como lazer, mas tudo que cerca o cotidiano está contido em plataformas digitais e não se mensura a importância e abrangência que isso traz aos serviços mais comuns do dia a dia. Como em muitos setores inseridos neste contexto o meio jornalístico, foco deste estudo, será analisado pela ótica dos autores já apresentado.

O fazer jornalístico não modificou sua essência no passar dos anos, mas muitas transformações ocorreram com a chegada das plataformas digitais. Após revisita Patrick



Charaudeau em “Discurso das Mídias” publicado em 2006, onde apresenta um roteiro pensado na lógica que rege a economia, tecnologia e simbolismo das organizações jornalísticas, seu dever democrático e o “grau zero” do jornalista frente suas experiências e pré-conhecimentos no aferir da notícia, serão observadas as modificações ocorridas a partir destas influências.

Os autores de *“The Platform Society – Public values in connective world”* que em português entendemos por A Sociedade das Plataformas – Valores públicos em um mundo conectado, pautam suas considerações em diversos setores, trazendo uma visão atual sobre questões midiáticas. O quanto é relevante a influência dos algoritmos utilizados nos sistemas de busca e pesquisa de conteúdo nos meios digitais no segmento jornalístico, será abordado por Tarleton Gilleste a partir do artigo A relevância dos algoritmos, traduzido e publicado no Brasil pela Revista Paulista Paragrafo em 2018.

Como consideração final a palavra “desmediatização” é apresentada pelo autor coreano Byung-Chul Han, o termo se traduz de forma simplificada como um “entre-espaço”, mas o autor se refere as mídias digitas, sendo elas uma temporalidade de presente imediato.

**ORGANIZAÇÕES JORNALISTICAS:** o que mudou na linguagem jornalística apresentada no “Discurso das Mídias” de Patrick Charaudeau frente a crescente influência das plataformas digitais.

A proposta deste artigo é analisar o discurso da linguagem jornalística através das plataformas digitais e redes sociais em contrapartida aos escritos de Patrick Charaudeau no “Discurso das Mídias” (2006). O autor realiza uma verdadeira decupagem de tudo que envolve a construção de uma notícia, do acontecimento a recepção do expectador - a complexa máquina midiática; descreve e analisa as restrições, as especificidades de cada gênero, os modos de organização e as estratégias de encenação em funcionamento no discurso da informação levada pela televisão, rádio, jornal ao vivo e impresso. Mas o relevante desta análise será as adaptações ocorridas por estes meios ao se depararem com as plataformas digitais e redes sociais que dominam a contemporaneidade. Em primeiro, veremos as análises de Charaudeau estabelecendo uma analogia da linguagem da notícia e suas estratégias de ação frente as possibilidades digitais.

Fugindo à armadilha do maniqueísmo, com um olhar profundo de especialista em análise do discurso, Charaudeau destrincha as lógicas que regem as mídias: econômica, tecnológica e simbólica. Econômica, porque os veículos de comunicação são empresas que precisam vender seus produtos. Tecnológica, porque é um fator preponderante para o alcance da informação





através de estatísticas e hipóteses. É simbólica, porque a mídia explora a imagem de ser um meio democrático e que existe para ajudar a população. Dentro destas referências a proposta de Charaudeau consiste na troca entre duas instâncias: a produção e a recepção. No meio das duas instancias, existe um texto ou o produto midiático que é a notícia, está envolve escolhas e construção de sentido. Para o autor é clara a ideia de que o homem não fala para descrever, contar ou estruturar o mundo; fala, sobretudo, para se posicionar em relação ao outro e é disto que depende sua existência.

Toda escolha se caracteriza por aquilo que retém ou despreza; a escolha põe em evidência certos fatos deixando outros à sombra. A cada momento, o informador deve perguntar-se não se é fiel, objetivo ou transparente, mas que efeito lhe parece produzir tal maneira de tratar a informação e, concomitantemente, que efeito produziria tal maneira de tratar a informação, e ainda uma outra, antes de proceder a uma escolha definitiva. (CHARAUDEAU, 2006 p. 38).

O sentido do ato do discurso para Patrick, é o resultado de um duplo processo de transformação e de transação de saber, pois uma notícia gerada possui uma probabilidade de chegar a um determinado destinatário, o segundo sentido é, está notícia ser entendida por ele. Este processo está incutido num sistema ordenado que deve atingir cada etapa na construção e linguagem noticiosa, o autor nos explica este processo:

Processo de transformação e processo de transação estão intrinsecamente ligados neste jogo de passagem da ordem (estabilidade do sistema) à desordem (instabilidade do sistema) e da desordem a ordem, o que caracteriza de maneira geral todo o processo de construção do sentido, e mais particularmente o da construção da informação. (CHARAUDEAU, 2006, p. 58).

Os meios de mídias de notícia são conhecidos como organismos especializados com a vocação social de responder um dever de democracia, levando a informação ao expectador. Mas antes do dever, são empresas comerciais que baseiam suas ações em lucros. Sendo assim, cada uma delas busca “captar” seu público. Esta necessidade obriga, de certa forma, que se transmita a informação espontânea ou em alguns casos procurada ou provocada. Recorrendo muitas vezes a “sedução” o que nem sempre atende as exigências de credibilidade que lhe cabe como serviço ao cidadão, ao dever democrático. Afirma o autor que não existe informação de “grau zero”, porque entende este como ausência de todo implícito, de todo valor de crença. As empresas midiáticas, assim como seus funcionários reconstroem suas escolhas e preferências a partir de suas experiencias sociais, de seus conhecimentos e crenças. Visam um público e se dedicam a “captá-lo”.



Na captação do público, múltiplos discursos são aplicados. Como o discurso propagandista e informativo, estes caracterizam-se por estarem diretamente voltados para um alvo. O propagandista para seduzir e persuadir e o informativo para transmitir o saber. “Em ambos a organização do discurso depende das hipóteses feitas a respeito do alvo, especificamente a respeito dos imaginários nos quais estes se movem.” (CHARAUDEAU, 2006, p.60). As hipóteses levantadas pelo autor, baseia-se em filtros e pesquisa comportamental dos consumidores, não é relevante pesar em causalidade na linguagem usada em cada público desejado, tudo é baseado em informações levantadas previamente.

No discurso propagandista, o *status* da verdade é da ordem *do que há de ser*, da promessa: um dom mágico é oferecido (“a eterna juventude”, pelo publicitário, ou o “bem-estar social” pelo político), cuja realização benéfica para o alvo só se concretizará se este se apropriar do dom. No discurso informativo, o *status* da verdade é da ordem *que já foi*: algo aconteceu no mundo e é este novo conhecimento proposto no instante de sua transmissão-consumação. No discurso propagandista, não há nada a provar: o modelo proposto é o desejo. Num discurso de informação, é preciso, ao contrário, provar a veracidade dos fatos transmitidos: o modelo proposto é o da credibilidade. (CHARAUDEAU, 2006, p.61).

As condições específicas na construção dos interesses sociais são a base do discurso das mídias, “A situação de comunicação é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico.” (CHARAUDEAU, 2006, p.67). O autor destaca aspectos importantes desta construção como a condição de identidade: de quem se dirige a quem, pois as características identitárias interferem no ato da comunicação, assim como a finalidade da informação e seu propósito, pois pode haver recortes de intenções. Os dispositivos midiáticos, são pensados para estabelecer relações a temas abordados, entregando a sua comunidade o que ela necessita. Analisando o todo, a partir das informações pensadas por Patrick, as mídias estão restritas a observações empíricas que não podem ser comprovadas com exatidão, isto é, limitando à análise com base nos efeitos visados e não nos efeitos efetivos.

A partir de “*The Platform Society – Public values in connective world*” que em português entendemos por A Sociedade das Plataformas – Valores públicos em um mundo conectado, de Jose Van Dijk; Thomas Poell e Martin de Waal, pautam comparações e análises sobre as transformações nas mídias de notícia. Mostrando-se relevante para um diálogo com a linguagem do discurso abordado por Charaudeau nos aspectos econômico, tecnológico e simbólico, assim como na produção e recepção dos textos midiáticos na atualidade.





Os modelos tradicionais de distribuição e receita de notícias sofreram com a ascensão dos mecanismos de pesquisa, agregadores de notícias e sites de anúncios classificados construíram uma nova história de “separação” e “recomposição” do conteúdo de notícia, público e publicitário. É importante traçar essa história para entender como o ecossistema de notícias contemporâneo se constitui por meio de uma variedade de plataformas, das quais as mídias sociais são apenas um tipo. Cada uma dessas plataformas apresenta desafios e oportunidades diferentes para as organizações de notícias que tentam alcançar públicos e gerar receita. O Jornal impresso, é um produto onde vende anúncios para subsidiar as notícias, a cada início do dia se aguardava a chegada deste pacote recheado com novidade, as pessoas assinavam e os anunciantes pagavam para chamar a atenção dos leitores enquanto eles folheavam as páginas, mas o surgimento de sites específicos de classificados com atualizações quase que imediatas abalou a monetização das empresas jornalísticas.

Um grande passo na desagregação dessa configuração foi o desenvolvimento, a partir de meados da década de 1990, de sites de anúncios classificados, como *Craigslist* e *eBay*. Anúncios classificados há muito são uma importante fonte de receita para a indústria jornalística, então esses sites significam um enfraquecimento de um dos principais modelos de negócios do setor (Anderson 2009; Hirst 2011; Turow 2012). A migração desses anúncios para sites especializados deve, no entanto, ser vista como apenas o primeiro passo no que Carr chama de “grande desagregação”. (VAN DIJOK; POELL E DE WAAL, 2018, p.52, tradução nossa).<sup>1</sup>

Ainda mais complexo e inquietante o correu com o surgimento dos mecanismos de busca. Os mecanismos de pesquisa interrompem a relação conteúdo-publicidade de notícias. Do início dos anos 2000 em diante, os motores de busca, com o Google liderando o grupo, rapidamente adquiriram uma posição dominante na publicidade online, minando a capacidade das organizações de notícias de gerar receita em publicidade. Com estes mecanismos a relação conteúdo-público ficou degradada, permitindo que os usuários encontrem e acessem diretamente artigos de notícias e vídeos, contornando a “página inicial” dos sites privados das empresas jornalísticas por completo. Embora esse tráfego do motor de busca gere novas oportunidades para as organizações de notícias por meio da publicidade, também muda a forma como distribuem e monetizam o conteúdo. “Cada história individual torna-se um produto separado, nu no mercado”

<sup>1</sup> "A big step in the breakdown of this configuration was the development, from the mid-1990s, of classified ad sites such as Craigslist and eBay. Classified ads have long been an important source of revenue for the news industry, so these sites mean a weakening of one of the industry's leading business models (Anderson 2009; Hirst 2011; Turow 2012). The migration of these ads to specialized sites should, however, be seen as just the first step in what Carr calls a "major disaggregation". (VAN DIJOK; POELL AND WAAL, 2018, p. 52).



que “vive ou morre por seus próprios méritos econômicos” (Carr 2008, 154).” (VAN DIJOK; POELL E DE WAAL, 2018, p. 52, tradução nossa).<sup>2</sup>

O surgimento destes mecanismos de busca, contribuíram na perda de controle na curadoria das notícias pelas organizações, onde os profissionais se orgulham de fornecer coberturas de notícias precisas e abrangentes, mas os usuários preferem consumir notícias isoladas em vez de todo um pacote, através de buscas rápidas e específicas. Esta preferência e praticidade impulsionou ainda mais o desenvolvimento de uma variedade de agregadores de notícias, que coletam conteúdo de diferentes fontes de notícias, como jornais online, blogs, podcasts e videoblogs (vlogs).

Exemplos proeminentes de sites de agregação de notícias são *Google News*, *Apple News* e *Yahoo News*. Também importantes são os leitores de feeds baseados na Web e em aplicativos, como *Feedly*, *Flipboard* e *Digg*, que permitem aos usuários agregar feeds RSS de diferentes veículos de notícias. Como os motores de busca, os agregadores separam o conteúdo e o público, fornecendo acesso direto a itens de notícias individuais. Ao mesmo tempo, é claro, o valor agregado desses sites é que eles “reorganizam” esse conteúdo em um único local. *Rebundling* torna o agregador, em vez dos veículos de notícias originais, a principal porta de acesso às notícias. Consequentemente, o controle sobre a seleção de notícias está mudando ainda mais das organizações de notícias para as plataformas. (VAN DIJOK; POELL E DE WAAL, 2018, p. 52, tradução nossa).<sup>3</sup>

Além dos sites e serviços de notícias que se utilizam das plataformas como vimos, ainda há às plataformas de mídia social, como Facebook e Twitter. Desde 2004, eles se tornaram rapidamente nós centrais no ecossistema da plataforma. Mesmo que Facebook e Twitter definam que seu objetivo principal é conectar usuários a postagens de amigos e familiares, se tornaram agregadores de notícias. Enquanto os agregadores de notícias tradicionais empregam editores profissionais com fontes confiáveis para selecionar o conteúdo de um conjunto relativamente limitado de publicações de notícias profissionais, na mídia social todos podem compartilhar notícia ou outros conteúdos de qualquer pessoa e de qualquer lugar. E o que é compartilhado tende a ser um mix de conteúdo muito mais heterogêneo e fortuito, contendo notícias de grandes organizações jornalísticas, mas também dá mais ampla variedade de outras fontes, incluindo usuários regulares e produtores de desinformação. Entrando de vez no “grau zero” implícito da

2 “Each individual story becomes a separate product, naked in the market” that “lives or dies on its own economic merits” (Carr 2008, 154).” (VAN DIJOK; POELL AND WAAL, 2018, p. 52).

3 Prominent examples of news aggregation websites are Google News, Apple News, and Yahoo News. Also important are Web-based and application-based feed readers, such as Feedly, Flipboard, and Digg, which allow users to aggregate RSS feeds from different news outlets. Like search engines, aggregators unbundle content and audiences, providing direct access to individual news items. At the same time, of course, the added value of these sites is that they “rebundle” this content in one location. Rebundling makes the aggregator, rather than the original news outlets, the prime gateway to access news. Consequently, control over news selection is further shifting from news organizations to platforms. (VAN DIJOK; POELL AND WAAL, 2018, p. 52).



notícia que se referia Charaudeua, perdendo a confiabilidade das fontes fornecedoras de “furos” e “segredos”.

Nesse sentido, as mídias sociais não só minam o controle das organizações sobre a seleção de notícias, mas também enfraquecem fundamentalmente a posição privilegiada do jornalismo profissional. Dada sua popularidade crescente, a mídia social impulsionou enormemente o processo de desagregação, tornando-o uma realidade inevitável para todas as organizações de notícias. Cabe fazer uma observação sobre a influência dos algoritmos neste processo, pois eles são a base matemática utilizada pelo sistema de busca. Este sistema, circula por todos os espaços dentro da rede e conseqüentemente não delimita o que são meios de notícias e redes sociais, penas encontra as referências descritas pelo usuário na busca. Tarleton Gillespie em “A relevância dos algoritmos”, aborda a forma como os algoritmos executam suas projeções para nos apresentar as possibilidades a partir do que definimos na busca.

Os algoritmos são projetados para calcular o que “está em alta”, o que é “tendência” ou o que é “mais discutido” e nos oferecem uma camada superficial das conversas aparentemente sem fim que estão disponíveis. Juntos, eles não só nos ajudam a encontrar informações, mas oferecem meios para saber o que há para ser conhecido e como fazê-lo, a participar dos discursos sociais e políticos e de nos familiarizarmos com os públicos dos quais participamos. Além disso, são hoje uma lógica central que controla os fluxos de informação dos quais dependemos, com o “poder de possibilitar e atribuir significados, gerenciando como a informação é percebida pelos usuários, a “distribuição do sensível”.” (GILLESPIE, 2018, p.97).

Podemos entender este cálculo de possibilidades como uma ferramenta mais rápida e abrangente do que as antigas estatísticas e hipóteses, trazidas por Patrick Charaudeua, para captação do público pelos meios de notícia, assim como a ampliação da ordem de conhecimento da comunidade, fazendo com que as fronteiras de alcance da informação sejam inexistentes. Mas um alerta para a questão descrita por Gillespie, o poder adquirido pelos algoritmos na seleção do que tem “significado” nos sujeita ao discurso e ao conhecimento sugerido por essas lógicas procedimentais que guiam as buscas nas plataformas digitais. Requer analisar como esta ferramenta é vista em uma lógica de conhecimento confiável, neste vai e vem do discurso público onde desaparece os deveres democráticos assumidos pelas organizações jornalísticas, cabe ao usuário grande parte da seleção de relevância em aceitar algumas informações e descartar outras, onde suas escolhas podem trazer conseqüências.





A partir desta perspectiva, devemos ver os algoritmos não apenas como um código com consequências, mas sim como o mais recente mecanismo construído socialmente e institucionalmente gerenciado para convencer o julgamento público: uma nova lógica do conhecimento. Podemos considerar a lógica algorítmica como aposta, e até talvez suplantar, a editorial como lógica concorrente. A lógica editorial depende das escolhas subjetivas de especialistas que são eles próprios feitos e autorizados como tal através de processos institucionais de treinamento e certificação, ou validação pelo público através dos mecanismos de mercado. A lógica algorítmica, em contrapartida, depende das escolhas procedimentalizadas de uma máquina, projetadas por operadores humanos para automatizar alguma representação do julgamento humano ou desenterrar padrões através de traços sociais coletados. (GILLESPIE, 2018, p.117).

Ambas, lógica editorial e algorítmica, buscam levar informação e afirmam identificar o conhecimento relevante ao público, sendo elas profundamente importantes e profundamente problemáticas, tornando-se uma questão vulnerável que não se pode resolver a curto prazo. Devido a muitos caminhos diferentes pelos quais os usuários consomem notícias, deixa-se um rastro de dados e uma grande variedade de métrica de escolha fica disponível, gerando uma série de serviços para medição destes dados. Presos entre a mídia impressa e a online, os jornais continuam a manter muitas de suas rotinas, normas e valores tradicionais enquanto se ajustam gradualmente ao ecossistema das plataformas desenvolvendo um híbrido modelo, mantendo o meio entre um modo editorial e um modo de produção de notícias baseado em dados. Integrando progressivamente as métricas de audiência online em suas operações diárias por um processo de produção e distribuição de notícias mais orientado pela demanda. Em outras palavras, as escolhas editoriais foram parcialmente automatizadas, transformadas em procedimentos quantificados e baseados em dados que definem prioridades editoriais, esse tipo de produção e distribuição de notícias envolve uma mudança de um modelo que gira principalmente em torno da autonomia editorial baseado nos interesses e atividades digitais dos usuários. Sendo este monitoramento essencial para o segmento publicitário, pois dada a separação da cadeia de conteúdo - público-alvo - publicidade, é essencial para as organizações de notícia rastrear como cada parte do conteúdo circula online.

Mas além da qualidade da informação e as tendências de mercado que chega ao público, as organizações de notícia enfrentam dificuldade em monetizar este conteúdo. Sendo que o acesso as redes sociais, onde já circula muita notícia, é gratuito, como garantir a adesão de público consumidor aos veículos noticiosos? Como primeira ação dos veículos de comunicação as empresas apostaram em sites próprios, hospedados nas plataformas onde está conectado a publicidade. A combinação desta estratégia colabora para a realização da independência jornalística e uma cobertura jornalística justa e abrangente, mas fica na dependência de assinantes e da procura específica dos usuários a suas páginas online, não atingindo assim uma





sustentabilidade. Isso levou algumas organizações a procurarem novas estratégias de relação com as plataformas através da circulação de links de conteúdo, manchetes e *snippets* por meio de plataformas online para direcionar o público ao site dos editores de notícia. Outro caminho é quando as organizações de notícia “entregam” seu conteúdo às principais plataformas de infraestrutura, onde podem ser consumidos, comprados e conectados com anúncios. Alguns exemplos mais conhecidos são comentados pelos autores em “A sociedade das plataformas”:

Os Instant Articles do Facebook são o exemplo mais conhecido disso, mas o Apple News, as páginas AMP do Google, o Twitter Moments e o Snapchat Discover oferecem funcionalidade semelhante. Lançado em maio de 2015, o Instant Articles permite que os editores de notícias “distribuam artigos rápidos e interativos para seus leitores no aplicativo móvel do Facebook e no Messenger” (Bell et al. 2017, 25). A plataforma promete aos editores tempos de carregamento “dez vezes mais rápidos” do que os artigos da web móvel padrão. Como os usuários estão cada vez mais consumindo conteúdo de mídia por meio de dispositivos móveis com conexões de Internet relativamente mais lentas, hospedagem nativa em plataformas, otimizado para uso móvel, torna-se uma proposta atraente. Em termos de monetização, os artigos instantâneos, como a maioria dos outros programas de hospedagem nativa, permitem que os editores estendam suas próprias campanhas de anúncios de venda direta, bem como vendam espaços de anúncios não preenchidos através da própria rede de anúncios do Facebook por 30% da receita (Facebook 2017b). Para o Facebook e outros operadores de serviços de infraestrutura, a hospedagem nativa é evidentemente atraente porque mantém os usuários na plataforma, permitindo que essas corporações colem e controlem os dados do usuário, além de impulsionar suas próprias redes de publicidade. Para os editores de notícias, apresenta uma proposta muito mais ambígua, pois mina ainda mais seu controle sobre a relação público-conteúdo-publicidade. (VAN DIJOK; POELL E DE WAAL, 2018, p. 59, tradução nossa).<sup>4</sup>

A maioria dos editores tem, conseqüentemente, adotado uma abordagem mista, hospedando parte de seu conteúdo em sites privados ao mesmo tempo em que interligam seu conteúdo postando links em plataformas variadas e redes sociais. Existe grande diferença entre as organizações no quanto elas enfatizam cada estratégia, entretanto, essas estratégias são apenas algumas opções viáveis para organizações noticiosas com uma reputação forte e diferenciada. O processo de notícia contemporânea requer uma consciência sobre a natureza em constante evolução do ecossistema da mídia digital, no qual os principais atores estão em contínua mudança.

---

<sup>4</sup> Facebook’s Instant Articles is the best-known example of this, but Apple News, Google AMP pages, Twitter Moments, and Snapchat Discover offer similar functionality. Launched in May 2015, Instant Articles allows news publishers to “distribute fast, interactive articles to their readers within the Facebook mobile app and Messenger” (Bell et al. 2017, 25). The platform promises publishers “ten times faster” loading times than standard mobile web articles. As users are increasingly consuming media content through mobile devices with relatively slower Internet connections, native hosting on platforms, optimized for mobile use, becomes an attractive proposition. In terms of monetization, Instant Articles, like most other native hosting programs, allows publishers to extend their own direct-sold ad campaigns, as well as sell unfilled ad slots through Facebook’s own ad network for 30% of the revenue (Facebook 2017b). (VAN DIJOK; POELL E DE WAAL, 2018, p. 59).



## CONCLUSÃO

A mídia digital assume uma temporalidade imediata que atinge não apenas os meios jornalísticos, mas todos os aspectos cotidianos da humanidade. Não existe intermediários, as respostas das ações são instantâneas. O autor Coreano, Byung-Chul Han escreveu sobre as perspectivas do digital referindo-se a estas como “No enxame” onde consiste em indivíduos singularizados, e apresenta as relações humanas frente a desmediatização,

Hoje não somos mais destinatários e consumidores passivos de informação, mas sim remetentes e produtores ativos. Não nos contentamos em consumir informações passivamente, mas sim queremos produzi-las e comunicá-las ativamente nos mesmos. Somos simultaneamente consumidores e produtores. Esse duplo papel aumenta enormemente a quantidade de informação. A mídia digital não oferece apenas uma janela para assistir passivo, mas sim também portas através das quais passamos informações produzidas por nós mesmos. (HAN, 2018, p.36).

A sociedade contemporânea se torna uma sociedade de opiniões e a informação se apoia nestas janelas de comunicação que estão abertas e livres para interações, deixando todos diretamente presentes e livres para apresentar suas opiniões sem intermediários. O fazer jornalístico não pode deixar de acompanhar esta evolução e se vê forçado a buscar uma comunicação temporal que obriga a um planejamento rápido e de curto prazo para atingir o máximo de janelas possíveis. Destas “Windows”<sup>5</sup> a sociedade de hoje expõe suas opiniões e críticas, com total liberdade para mudá-las quando quiser, de maneira superficial e anacrônica. Dificultando um fazer jornalístico de qualidade, pois as organizações de notícia acabam mais preocupadas em alcançar as necessidades desta sociedade instável do que em cumprir seu dever democrático. Tanto a estrutura das plataformas de busca baseadas em algoritmos, como as estruturas jornalistas passam por evoluções, anunciando um constante atualizar de paradigmas. Cada segmento da sociedade percebe-se em evolução frente as janelas abertas das plataformas digitais.

## REFERENCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Contexto, São Paulo. 2006.

GILLESPIE, Tarleton. **The Relevance os Algoritmo**: in livro Media Technologies: Essays on Communication, Materiality, and Society (MIT Press, 2014). JURNO, Amanda; Traduzido em Revista Parágrafo. V6, n.1, p.95-121, jan./abril. 2018. São Paulo, Brasil.

HAN, Byung-Chul. **No enxame – Perspectivas do digital**. Editora Vozes, Petrópolis/RJ. 2018.

<sup>5</sup> Byung- Chul Han suas a palavra “windows” do inglês para fazer referência as janelas virtuais. (tradução nossa)



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

VAN DIJCK, J.; POELL, T; DE WAAL, M. **The Platform Society: Public Values in a Connective World.** Oxford: Oxford University Press. 2018.

\_\_\_\_\_. **Plataformização.** In: Revista Fronteiras – estudos midiáticos. Vol. 22, No. 1 – jan./abr., 2020.





## APTIDÃO FÍSICA DE ESCOLARES PARTICIPANTES DE UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO

PHYSICAL FITNESS OF SCHOOLS PARTICIPATING IN A SPORTS SOCIAL PROJECT

Diego Matheus Schaab; Denise Bolzan Berlese; Gustavo Roese Sanfelice; Mônica Faber

Universidade Feevale

**Resumo:** O presente estudo buscou descrever a aptidão física relacionada à saúde de escolares de 7 a 10 anos que participam do projeto social Joga Aurora, localizado na cidade de Campo Bom. Método: foram avaliados 104 indivíduos de ambos os sexos na faixa de idade dos 7 aos 10 anos. Os escolares foram avaliados pela bateria de testes do PROESP-BR, nas variáveis de aptidão cardiorrespiratória, relação cintura quadril, flexibilidade e resistência muscular localizada, além da composição corporal por meio do índice de massa corporal (IMC) calculado pela WHO Anthro Plus Calculator (Nutritional Survey). A análise foi realizada por meio de estatística descritiva. Resultados: houve diferença estatística nas classificações de capacidade cardiorrespiratória e na flexibilidade. O sexo feminino apresenta melhores índices nas variáveis de relação cintura/quadril e flexibilidade, já o sexo masculino apresenta índices superiores na variável de força muscular localizada. Conclusão: Os escolares de ambos os sexos se encontram com bons níveis de aptidão física, o sexo feminino obteve melhores resultados na variável flexibilidade, quando comparados com o sexo masculino, que, por sua vez, apresentou resultados superiores na variável capacidade cardiorrespiratória.

**Palavras-chave:** Aptidão física; Escolares; PROESP-BR.

**Abstract:** The present study aimed to describe the physical fitness related to the health of students aged 7 to 10 years old who participate in the Joga Aurora social project, located in the city of Campo Bom. Method: It evaluated 104 individuals of both sexes in the age range from 7 to 10 years old. The students were evaluated by the PROESP-BR battery of tests, in the variables of cardiorespiratory fitness, waist hip ratio, flexibility and localized muscular endurance, in addition to body composition by body mass index (BMI) calculated by the WHO Anthro Plus Calculator (Nutritional Survey). The analysis was performed using descriptive statistics. Results: there was a statistical difference in the classifications of cardiorespiratory capacity and flexibility. The female gender presents better indices in the variables of waist/hip ratio and flexibility, whereas the masculine sex presents superior indices in the variable of localized muscular strength. Conclusion: Schoolchildren of both sexes are eutrophic. The female gender obtained better results in the variable flexibility, when compared with the male gender, which, in turn, presented superior results in the variable cardiorespiratory capacity.

**Palavras-chave:** Physical Fitness; Schooling; PROESP-BR.

### INTRODUÇÃO

A aptidão física pode ser considerada um potente preditor de saúde na vida adulta, a mesma pode ser geneticamente determinada ou ter influências de fatores ambientais (ORTEGA et al., 2008). Tendo em vista que bons níveis de aptidão física trazem benefícios à saúde, torna-se relevante fomentar atividades físicas nessas faixas etárias, que compreendem crianças e adolescentes de 7 a 17 anos (BURGOS et al., 2012).





O estilo de vida contemporâneo não favorece a prática de atividades físicas entre crianças e adolescentes, uma vez que são influenciados pelo desenvolvimento urbano, modernização, questões sociais e ambientais (SILVA et al., 2013). Nesse sentido, observa-se que a população de crianças e adolescentes no Brasil tende a permanecer diversas horas realizando atividades de tela, que por sua vez, são atividades de baixo gasto calórico (BERLESE, 2015).

A prática de atividades físicas tem sido cada vez menor entre crianças e adolescentes o que gera um elevado número de sujeitos sedentários. Com isso, ressalta-se a urgência referente aos conhecimentos dos níveis de aptidão física relacionados à saúde (LIMA, 2013). A mensuração de aptidão física em crianças e adolescentes é importante, pois é uma forma de monitorar a saúde, uma vez que considera-se as características individuais e os diferentes contextos (DUMITH et al., 2010).

A aptidão física pode ser entendida como relacionada à saúde e ao desempenho, portanto, quando avaliada com relação à saúde, apresenta variáveis de capacidade cardiorrespiratória, resistência muscular, circunferência da cintura, flexibilidade e composição corporal. Os jovens com bons índices cardiorrespiratórios, boa resistência muscular, flexibilidade e baixos níveis de gordura corporal podem diminuir as chances de diabetes e outras doenças crônicas não transmissíveis (GAYA; GAYA, 2016; SILVA; COSTA Jr., 2017). Nesse sentido, projetos sociais que priorizam a prática de atividade física regular auxiliam no controle das variáveis de aptidão física e na prevenção de doenças que atingem sujeitos e grupos populacionais.

Nessa perspectiva e considerando o referido acima, o presente estudo tem como objetivo descrever a aptidão física relacionada à saúde de escolares de 7 a 10 anos, de ambos os sexos, participantes de um projeto social em Campo Bom.

## MÉTODO

O presente estudo caracteriza-se como sendo do tipo descritivo, quantitativo e de corte transversal, realizado em um projeto social numa escola municipal da cidade de Campo Bom. Foram incluídos 104 escolares de ambos os sexos, na faixa de idade de 07 a 10 anos, que os pais ou responsáveis consentiram com a participação através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para menor, de acordo com as determinações da resolução 466, de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Foram excluídos escolares cujo pais ou responsáveis não consentiram com a participação.



Os escolares foram avaliados pela bateria de testes do Projeto Esporte Brasil proposto por Gaya e Gaya (2016), nas variáveis: aptidão cardiorrespiratória, relação cintura quadril, flexibilidade, resistência muscular localizada, além da composição corporal por meio do índice de massa corporal (IMC) calculado pela WHO Anthro Plus Calculator (Nutricional Survey) (GAYA; GAYA, 2016).

Para o teste de IMC, foi determinado o cálculo da razão (divisão) entre a medida de massa corporal total em quilogramas (peso) pela estatura, (altura) em metros elevada ao quadrado.

Para o teste de aptidão cardiorrespiratória os alunos foram divididos em grupos adequados às dimensões da pista, que fora adaptada no ginásio onde ocorre o projeto. Foi informado aos escolares que deveriam correr o maior tempo possível, evitando piques de velocidade intercalados por longas caminhadas. Durante o teste, informou-se a passagem do tempo 2, 4 e 5 minutos e ao final do teste soou um sinal de apito sendo que os alunos interromperam a corrida, permanecendo no lugar onde estavam até ser anotada ou sinalizada a distância percorrida. No quadro 1, apresenta-se os valores abaixo dos pontos de corte como zona de risco à saúde e os valores acima como zona saudável para a variável aptidão cardiorrespiratória (GAYA; GAYA, 2016).

**Quadro 1 - Valores para a variável aptidão cardiorrespiratória**

IDADE	RAPAZES	MOÇAS
7	730	683
8	768	715
9	820	745
10	856	790

Fonte: (GAYA; GAYA, 2016)

Para o teste de flexibilidade foi estendido uma fita métrica no solo, onde, na marca de 38 cm desta fita fora colocado um pedaço de fita adesiva de 30 cm em perpendicular. A fita adesiva foi fixada a fita métrica no solo. O sujeito avaliado estava descalço, os calcanhares tocavam a fita adesiva na marca dos 38 centímetros e estavam separados 30 centímetros, com os joelhos estendidos e as mãos sobrepostas. O avaliado inclinou-se lentamente e estendeu as mãos para frente o mais distante possível. Foram realizadas duas tentativas e considerado a melhor, valor em cm. No quadro 2, apresenta-se os valores abaixo dos pontos de corte como zona de risco à saúde e os valores acima como zona saudável para a variável de flexibilidade (GAYA; GAYA, 2016).



**Quadro 2 – Valores para a variável de flexibilidade**

IDADE	RAPAZES	MOÇAS
7	29,3	21,4
8	29,3	21,4
9	29,3	21,4
10	29,4	23,5

Fonte: (GAYA; GAYA, 2016)

Para o teste de resistência muscular localizada os alunos foram posicionados em decúbito dorsal com os joelhos flexionados a 45 graus e com os braços cruzados sobre o tórax, o avaliador segurou os tornozelos dos escolares para mantê-los fixos ao solo. Ao sinal, o avaliado iniciou os movimentos de flexão do tronco até tocar com os cotovelos nas coxas, retornando à posição inicial, o escolar deveria realizar o maior número de repetições completas em 1 minuto. No quadro 3, apresenta-se os valores abaixo dos pontos de corte como zona de risco à saúde e os valores acima como zona saudável para a variável de resistência muscular localizada (GAYA; GAYA, 2016).

**Quadro 3 – Valores para a variável de resistência muscular localizada**

IDADE	RAPAZES	MOÇAS
7	20	20
8	20	20
9	22	20
10	22	20

Fonte: (GAYA; GAYA, 2016)

A avaliação da relação cintura quadril foi determinada através do cálculo da divisão entre a medida do perímetro da cintura em centímetros e a estatura em centímetros. Aferiu-se a medida do perímetro da cintura por meio de uma fita métrica flexível com resolução de 1mm. A medida é realizada no ponto médio entre a borda inferior da última costela e a crista ilíaca. No quadro 4, apresenta-se os valores abaixo dos pontos de corte como zona de risco à saúde e os valores acima como zona saudável para o índice cintura/estatura (GAYA, GAYA, 2016).

**Quadro 4 – Valores para o índice cintura/estatura.**

ÍNDICE CINTURA/ ESTATURA
0,5

Fonte: (GAYA; GAYA, 2016)

A análise dos dados foi realizada por meio da estatística descritiva, verificando-se média, medidas de dispersão e frequências, com tabulação dos dados primários em planilha do *software*



*Statistical Package for the Social Sciences*, versão 22.0. Para comparação dos dados, foi utilizado Teste *T student*, com nível de significância  $p \leq 0,05$  para as amostras, presumindo variâncias equivalentes e para verificar a normalidade dos dados utilizou-se o teste de Shapiro Wilk.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A tabela 1 representa os dados da classificação da aptidão física relacionada a saúde de acordo com o sexo, grande parte dos escolares se encontram na zona saudável para as variáveis relação cintura/estatura, flexibilidade e abdominal, entretanto, na variável de aptidão cardiorrespiratória, ambos os sexos demonstram valores mais baixos em relação as outras variáveis.

**Tabela 1** - Classificação da aptidão física relacionada à saúde de acordo com o sexo.

VARIÁVEIS	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Total
	N (%)	N (%)	N (%)
<b>Relação Cintura/ Estatura</b>			
Zona de risco	11 (10,6)	5 (4,8)	16 (15,4)
Zona saudável	38 (36,5)	50 (48,1)	88 (84,6)
<b>Abdominal (60 segundos)</b>			
Zona de risco	5 (4,8)	13 (12,5)	18 (17,3)
Zona saudável	44 (42,3)	42 (40,4)	86 (82,7)
<b>Capacidade Cardiorrespiratória (6min)</b>			
Zona de risco	22 (21,2)	22 (21,2)	44 (42,3)
Zona saudável	27 (26,0)	33 (31,7)	60 (57,7)
<b>Flexibilidade (sit up)</b>			
Zona de risco	22 (21,2)	4 (3,8)	26 (25,0)
Zona saudável	27 (26,0)	51 (49,0)	78 (75,0)

Fonte: Dados de pesquisa.

Na classificação de resistência muscular localizada (abdominais em 60 segundos), 86 (82%) dos escolares de ambos os sexos se encontram na zona saudável, sendo 44 (42,3%) do sexo masculino e 42 (40,4%) do sexo feminino. Na zona de risco, 18 (17,3%) do total de investigados apresentam esta classificação. Para a variável aptidão cardiorrespiratória teste (6min), 60 (57,7%) da amostra encontra-se na zona saudável, sendo 27 (26%) no sexo masculino e 33 (31,7%) no sexo feminino. Podemos, também, observar que 44 (42,3%) dos investigados encontram-se em zona de risco. Na relação entre a cintura/quadril 38 (36,5%) dos meninos e 50 (48,1%) das meninas encontram-se na zona saudável, totalizando 88 (84,6%). Na classificação de



flexibilidade, observar-se que 78 (75,0%) encontram-se em zona saudável, sendo que 27 (26,0%) pertencem ao sexo masculino e 51 (49,0%) ao sexo feminino. Ainda em relação a variável flexibilidade 22 (21,2%) meninos e 4 (3,8%) meninas encontram-se na zona de risco à saúde.

A média das variáveis investigadas de acordo com o sexo está representada na Tabela 2. Segundo os dados coletados nas variáveis de massa, estatura, IMC, abdominal (60 segundos) e medida da cintura, não foi encontrado significância, entretanto, nas variáveis flexibilidade e capacidade cardiorrespiratória, houve diferença significativa.

**Tabela 2** - Média das variáveis investigadas de acordo com o sexo.

VARIÁVEIS	Sexo Masculino	Sexo Feminino	p≤0,05
	Média±DPM	Média±DPM	
Massa (kg)	33,4±8,4	32,6±9,2	0,63
Estatura (cm)	42,0±5,9	51,2±61,7	0,43
IMC	18,7±3,4	18,1±3,4	0,38
Abdominal (60 segundos)	28,2±7,9	25,1±9,1	0,07
Cintura	64,6±9,8	60,8±11,7	0,08
Capacidade cardiorrespiratória (6 min)	805,1±2,41	757,7±102,5	0,04*
Flexibilidade (cm) <i>sit up</i>	30,1±6,9	33,5±8,3	0,03*

DPM= Desvio padrão da média. \* teste t de Student, p≤0,05. IMC: Índice de Massa Corporal.  
Fonte: Dados de pesquisa.

Minatto, Petroski e Silva (2016), ao investigarem a resistência muscular localizada, através do teste abdominal 60 segundos de crianças e adolescentes, evidenciaram que 37,9% do sexo masculino e 45,5% do sexo feminino encontram-se na zona de risco à saúde. Lima (2013) aponta que a resistência muscular localizada está ligada à promoção de saúde, ou seja, quanto maior o nível de resistência muscular localizada menor é o risco de o sujeito obter doenças ou morbidades de forma prematura. O autor ainda reforça que o referido componente afeta diretamente na redução de doenças crônicas e pode ter efeitos positivos na sua mobilidade durante a vida adulta.

Nogueira e Pereira (2014) apresentam, em seu estudo, que (45,6%) da amostra não atingiram os níveis referentes à zona saudável da capacidade cardiorrespiratória, o que vai ao encontro dos resultados de nosso estudo e corrobora com os achados de Reis *et al.* (2017) e Montoro *et al.* (2016).

Montoro *et al.* (2016), ao investigarem a aptidão física relacionada à saúde de escolares de 7 a 10 anos, observaram que eles apresentaram níveis desejados para a aptidão física na variável



flexibilidade e IMC, entretanto, nos testes de resistência muscular e cardiorrespiratória, tiveram níveis indesejados e considerados de risco.

Contreira *et al.* (2016), ao investigarem adolescentes de Santa Catarina, observaram que os escolares, em sua grande maioria, encontram-se na zona saudável para a variável de flexibilidade e ainda evidenciam uma tendência à zona de risco no sexo masculino. A diminuição e a perda do componente de flexibilidade têm sido diretamente associadas ao estirão de crescimento que, na verdade, é o aumento da taxa de crescimento longitudinal, acontecendo durante o período de maturação pubertária (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013).

Luguetti, Ré e Bohme (2010), ao investigarem escolares (3145) da região centro-oeste de São Paulo, na faixa de 7 a 16 anos de idade, do sexo masculino (1590) e feminino (1555), observaram que, em todas as idades analisadas, houve uma superioridade do sexo masculino nas variáveis de aptidão física. Por sua vez, evidencia-se em nossos resultados que o sexo feminino obteve maiores índices nas variáveis de RCE e flexibilidade e o sexo masculino melhores índices apenas na variável de resistência muscular localizada (abdominal). Ambos os sexos apresentaram índices semelhantes para a variável de capacidade cardiorrespiratória.

Joaquim, Santos e Rosa (2017), ao aplicarem a mesma bateria de testes referentes ao protocolo proposto pelo PROESP-BR, observaram que os meninos tiveram melhores resultados quando comparados com as meninas na capacidade cardiorrespiratória, entretanto, os meninos obtiveram resultados inferiores para a flexibilidade, o que corrobora com nossos resultados.

Montoro *et al.* (2016) também corroboram com os resultados de nosso estudo, observando diferença significativa entres os sexos nos testes de flexibilidade e aptidão cardiorrespiratória, quando flexibilidade apresentou valores superiores para o sexo feminino e aptidão cardiorrespiratória apresentou inferiores.

Venâncio *et al.* (2018) observam, em seu estudo, que escolares, quando comparados por sexo, não apresentaram valores significativos em relação à flexibilidade e aptidão cardiorrespiratória indo de encontro aos resultados do nosso estudo. Por sua vez, Matos *et al.* (2018), ao investigarem a capacidade respiratória de crianças em uma cidade na Costa do Norte do Rio Grande do Sul, descobriram que os resultados indicaram uma diferença estatística significativa para a referida variável entre os sexos, corroborando com nossos resultados.

Pelicer *et al.* (2016) identificaram, em seu estudo, que as meninas apresentaram valores inferiores de aptidão cardiorrespiratória e resistência muscular do que os meninos, não havendo diferença estatística significativa, no entanto, a flexibilidade foi inferior nos meninos quando comparados com as meninas, apresentando diferença estatística.





## CONCLUSÃO

Pode-se concluir que em todas as variáveis os investigados apresentaram boa aptidão física, o mesmo se confirmou em comparação a literatura explanada, houve diferença estatística entre os sexos nas classificações de capacidade cardiorrespiratória (sexo masculino maiores médias) e na flexibilidade (sexo feminino maiores médias).

Com base nas informações deste estudo, reitera-se que os investigados apresentam condições nutricionais e de aptidão física adequadas, sugere-se que sejam criadas ações diretamente ligadas a integridade física e saúde dos escolares, que a escola, por intermédio de projetos sociais ou pela própria educação física reserve algum momento para que sejam avaliados dentro de protocolos verificados e que os mesmos, possam entender os benefícios de ter uma vida fisicamente ativa e saudável, a fim de melhorar capacidade cardiorrespiratória e as demais classificações da aptidão física.

## REFERÊNCIAS

BERLESE, Denise Bolzan. **Obesidade de adolescentes como manifestação social a partir do contexto socioeconômico, cultural e familiar**. 2015. Tese (Doutorado em Diversidade Cultural e Inclusão Social) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo: Feevale, 2015.

BURGOS, M. S. *et al.* Perfil de aptidão física relacionada à saúde de crianças e adolescentes de 7 a 17 anos. **Journal of the Health Sciences Institute**, v. 30, n. 2, p. 171-175. Disponível em: <[https://www.unip.br/presencial/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2012/02\\_abr-jun/V30\\_n2\\_2012\\_p171-175.pdf](https://www.unip.br/presencial/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2012/02_abr-jun/V30_n2_2012_p171-175.pdf)>. Acesso em: 28 fev. 2019.

CONTREIRA, Andressa Ribeiro *et al.* Perfil de aptidão física relacionada à saúde em adolescentes. **Saúde e Pesquisa**, v. 9, n. 2, p. 309-315, 2016. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-832027>>. Acesso em: 01 mar. 2019.

CORDEL, Patrícia Taís *et al.* Comparação da Aptidão Física Relacionada à Saúde e a Prática Esportiva em Crianças. **Saúde (Santa Maria)**, v. 44, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revistasaude/article/view/25765>>. Acesso em: 01 mar. 2019.

DORNELES, Rui Carlos Gomes *et al.* Flexibility and muscle strength/resistance indicators and screening of low back pain in adolescents. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 18, n. 1, p. 93-102, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-00372016000100093](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-00372016000100093)>. Acesso em: 02 mar. 2019.

DUMITH, S. C. *et al.* Aptidão física relacionada ao desempenho motor em escolares de sete a 15 anos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 24, n. 1, p. 5-14, 2010. Disponível em:





<[https://www.researchgate.net/publication/262617053\\_Physical\\_fitness\\_related\\_to\\_motor\\_performance\\_in\\_scholars\\_aged\\_seven\\_to\\_15\\_years](https://www.researchgate.net/publication/262617053_Physical_fitness_related_to_motor_performance_in_scholars_aged_seven_to_15_years)>. Acesso em: 28 fev. 2019;

FARIAS, Edson dos Santos *et al.* Efeito da atividade física programada sobre a aptidão física em escolares adolescentes. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 12, n. 2, p. 98-105, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-00372010000200003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-00372010000200003&script=sci_abstract&tlng=pt) >. Acesso em: 01 mar. 2019.

FERRARI, Gerson Luís de Moraes *et al.* Prevalence and factors associated with body mass index in children aged 9-11 years. **Jornal de Pediatria**, v. 93, n. 6, p. 601-609, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572017000600601](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572017000600601)>. Acesso em: 01 mar. 2019.

GAYA, Adroaldo Cezar Araujo; GAYA, Anelise. **Manual de testes e avaliação**. Projeto Esporte Brasil. PROESP-BR, 2016.

FONSECA, Juliany Marques Abreu da. **Influência do Estado Nutricional na Capacidade Funcional de Adolescentes**. 2018. 81 f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Comunidade) – Universidade Federal do Piauí, Teresina (PI): Universidade Federal do Piauí; 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/912/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20JULIANY%20PARA%20CD.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 02 mar. 2019.

GALLAHUE, David; OZMUN, John C.; GOODWAY, J. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: AMGH; 2013.

GUIMARÃES Junior, Marcelo dos Santos *et al.* Fator de risco cardiovascular: a obesidade entre crianças e adolescentes nas macrorregiões brasileiras. **RBONE**, v. 12, n. 69, p. 132-142, 2018. Disponível em: <<http://www.rbone.com.br/index.php/rbone/article/view/670>>. Acesso em: 01 mar. 2019.

JOAQUIM, Anderson Gregório; SANTOS, Alessandra Regina dos; ROSA, Leandro Ferreira. Correlação entre nível de flexibilidade e desempenho na agilidade em escolares de 7 a 10 anos: um estudo transversal. **RBPFEFEX**, v. 11, n. 71, p. 997-1005, 2017. Disponível em: <<http://www.rbpfefex.com.br/index.php/rbpfefex/article/view/1332>>. Acesso em: 01 mar. 2019.

LIMA, Rayana Fonseca. **Análise do nível de resistência muscular localizada em escolares do ensino fundamental de 9 a 11 anos**. 29 f. 2013. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) – Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Brasília (DF): UniCEUB, 2013.

LOWRY, Richard *et al.* Obesity and other correlates of physical activity and sedentary behaviors among US high school students. **Journal of Obesity**, v. 1, n. 10, 2013. Disponível em: <<https://www.hindawi.com/journals/job/2013/276318/>>. Acesso em: 01 mar. 2019.

LUGUETTI, Carla Nascimento; RÉ, Alessandro; BÖHME, Maria Teresa Silveira. Indicadores de aptidão física de escolares da região centro-oeste da cidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 12, n. 5, p. 331-337, 2010. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-556337?lang=es>>. Acesso em: 01 mar. 2019.





- MATOS, Eri Cleiton Calegari *et al.* A capacidade respiratória de crianças residentes nas áreas rurais e urbanas em uma cidade na Costa Norte do Rio Grande do Sul. **Conversas Interdisciplinares**, v. 11, n. 3, 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/ci/article/view/3961>>. Acesso em: 02 mar. 2019.
- MINATTO, G.; PETROSKI, E. L.; SILVA, D. A. S. Health-related physical fitness in Brazilian adolescents from a small town of German colonization. **Revista Andaluza de Medicina del Deporte**, v. 9, n. 2, p. 67-74, 2016. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1888754615001069>>. Acesso em: 01 mar. 2019.
- MONTORO, Ana Paula Pietro Nobre *et al.* Aptidão física relacionada à saúde de escolares com idade de 7 a 10 anos. **ABCS Health Sciences**, v. 41, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://www.portalnepas.org.br/abcshs/article/view/842>>. Acesso em: 01 mar. 2019.
- NOGUEIRA, Julia Aparecida Devides; PEREIRA, Cleiton Holanda. Aptidão física relacionada à saúde de adolescentes participantes de programa esportivo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, n. 1, p. 31-40. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1807-55092014000100031&script=sci\\_abstract](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1807-55092014000100031&script=sci_abstract)>. Acesso em: 01 mar. 2019.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Incorporação das curvas de crescimento da Organização Mundial da Saúde 2006 e 2007**. Brasília: OMS, 2007. Disponível em: <[http://www.sprs.com.br/sprs2013/bancoimg/131209104419oms2006\\_2007.pdf](http://www.sprs.com.br/sprs2013/bancoimg/131209104419oms2006_2007.pdf)>. Acesso em: 28 fev. 2019.
- ORTEGA, F. B. *et al.* Fitness in childhood and adolescence: a powerful marker of health. **International Journal of Obesity**. v. 32, p. 1-11, 2008. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18043605>>. Acesso em: 28 fev. 2019.
- PALMEIRO, Timotheo Kozorosky. **Perfil de Aptidão Física Relacionada à Saúde e Composição Corporal de Escolares de Dois Polos do Rio Grande do Sul: um estudo comparativo**. 2017. 122 f. Dissertação (Mestrado em Promoção da Saúde) – Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Santa Cruz do Sul: UNISC, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/1655/1/Timotheo%20Kozorosky%20Palmeiro.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2019.
- PEDRAZA, Dixis Figueroa; MENEZES, Tarciana Nobre de. Characterization of anthropometric assessment studies of Brazilian children attending daycare centers. **Revista Paulista de Pediatria (English Edition)**, v. 34, n. 2, p. 216-224, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-05822016000200216](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822016000200216)>. Acesso em: 01 mar. 2019.
- \_\_\_\_\_*et al.* Estado nutricional e hábitos alimentares de escolares de Campina Grande, Paraíba, Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 22, n. 2, p. 469-477. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232017000200469&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232017000200469&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 01 mar. 2019.



PELICER, Flávio Roberto *et al.* Heath-Related Physical Fitness in School Children and Adolescents. **International Journal of Sports Science**, v. 6, n. 1A, p. 19-24, 2016. Disponível em: <<http://article.sapub.org/10.5923.s.sports.201601.04.html>>. Acesso em: 02 mar. 2019.

PEREIRA, Cleilton Holanda *et al.* Aptidão física em escolares de uma unidade de ensino da rede pública de Brasília-DF. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, v. 16, n. 3, p. 223-227, 2011. Disponível em: <<http://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/595>>. Acesso em: 01 mar. 2019.

POETA, L. S. *et al.* Qualidade de vida relacionada à saúde de crianças obesas. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 56, n. 2, p. 168-72, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010442302010000200014&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010442302010000200014&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 28 fev. 2019.

REIS, Monalisa da Silva *et al.* Aptidão cardiorrespiratória associada ao índice de massa corporal em escolares entre 7 a 10 anos de idade. **RBPFEEX**, v. 11, n. 64, p. 122-127, 2017. Disponível em: <<http://www.rbpfex.com.br/index.php/rbpfex/article/view/1088>>. Acesso em: 01 mar. 2019.

SILVA, Paulo Vinícius Carvalho; COSTA Jr., Áderson Luiz. Efeitos da atividade física para a saúde de crianças e adolescentes. **Psicologia Argumento**, v. 29, n. 64, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19915>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

SILVA, Rudney *et al.* Considerações teóricas acerca do sedentarismo em adolescentes. **Pensar a Prática**, v. 16, n. 1, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fev/article/view/16880>>. Acesso em: 28 fev. 2109.

SILVA, Simonete *et al.* Crescimento físico de crianças e jovens Moçambicanos, Brasileiros, Peruanos e Portugueses: uma análise transcultural. **Revista Científica da UEM. Série Ciências Biomédicas e Saúde Pública**, v. 1, n. 2, p. 84-99, 2016. Disponível em: <<http://www.revistacientifica.uem.mz/index.php/BIO/article/view/47>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

VENÂNCIO, Patrícia Espíndola Mota *et al.* Aptidão física em adolescentes praticantes de Futebol. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 10, n. 36, p. 41-48, 2018. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/536>>. Acesso em: 01 mar. 2019.



## ANÁLISE DA RELAÇÃO DE PODER COMO MARCADOR SOCIAL COM BASE NO CONTO O ESPELHO, DE MACHADO DE ASSIS

ANALYSIS OF THE POWER RELATIONSHIP AS A SOCIAL MARKER BASED ON  
THE SHORT STORY THE MIRROR, BY MACHADO DE ASSIS

Michael Cristiano Costa da Silva; Sarai Schmidt

Universidade Feevale

**Resumo:** O presente artigo versa sobre a relação de poder e a identidade nacional presentes na obra de Machado de Assis, marcadores sociais na cultura brasileira. A partir do conto O Espelho, busca-se analisar a forma como este binômio aparece no texto e como traços da sociedade brasileira são representados a partir de tal narrativa. Com base nos estudos de Raymundo Faoro (2001) e de Sérgio Buarque de Holanda (1995), este estudo utiliza como método de pesquisa a análise de discurso com intuito de refletir sobre a forma como a literatura retrata comportamentos, muitas vezes rejeitados pela população, ao construir as suas histórias e personagens. O texto tem como corpus o trecho onde o personagem Alferes entra em conflito com a sua imagem refletida no espelho, o que permite um aprofundamento da discussão em torno da relação de poder, um elemento que integra a identidade do corpo social brasileiro.

**Palavras-chave:** Cultura. Identidade. Literatura. Sociedade Brasileira

**Abstract, Resumen ou Résumé:** This article deals with the power relationship and national identity present in the work of Machado de Assis, social markers in Brazilian culture. From the short story O Espelho, seek to analyze how this binomial appears in the text and how traces of Brazilian society are represented from such a narrative. Based on the studies by Raymundo Faoro (2001) and Sérgio Buarque de Holanda (1995), this study uses discourse analysis as a research method in order to reflect on how the literature portrays behaviors, often rejected by the population, when building their stories and characters. The text has as its corpus the passage where the character Alferes conflicts with his image reflected in the mirror, which allows a deeper discussion about the power relationship, an element that integrates the identity of the Brazilian social body.

**Palavras-chave:** Culture. Identity. Literature. Brazilian Society

### INTRODUÇÃO

Discutir a sociedade brasileira na contemporaneidade, e em qualquer momento de sua história, é uma tarefa complexa. Afinal, a construção da nação deu-se diante de situações que envolveram projetos malsucedidos e visões distorcidas sobre o território que chegou a ser definido como o paraíso terrestre<sup>1</sup> no momento da dita descoberta do país. É possível dizer que o brasileiro sabe pouco sobre a sua própria história. E o que sabe, aprendeu através de narrativas que não correspondem à realidade dos fatos. Graças a esse processo, de relatar uma história que já começa desconsiderando a população original, por exemplo, a construção da civilização

<sup>1</sup> Sérgio Buarque de Holanda trata disso em sua obra A visão do Paraíso, publicada pela primeira vez no ano de 1959.



brasileira aconteceu de forma muito exótica e, conseqüentemente, resultou em uma série de questões que estendem-se até os dias atuais. Diferentes estudiosos vão considerar que a identidade canarina é sem crítica e sem contexto. E que o perigo disso está, justamente, na maneira como essa sociedade lida com as suas próprias questões e sua história.

Se a construção de um corpo coletivo se dá a partir do processo de transmissão de mensagens, essas foram fundamentais na elaboração de conceitos que estão presentes na sociedade brasileira e que são permanências de pensamento vindas desde o tempo da chegada dos europeus ao Brasil. Entretanto, a literatura tupiniquim traz contribuições significativas para uma melhor compreensão em torno de elementos que fazem parte do comportamento da nação, como as escritas de Machado de Assis – um dos escritores de grande relevância do país. A historiografia revela diferentes visões de “ser brasileiro”, em obras que, ora buscam entender como se deu a formação da nossa sociedade, ora representam – através de personagens, como são as pessoas que vivem no país. Algumas dessas foram revolucionárias em seu tempo, enquanto outras acabaram sendo confrontadas por autores que viriam a pesquisar os fenômenos culturais no Brasil. Diante disso, é primordial destacar a importância da literatura como uma forma de analisar e pensar sobre a identidade brasileira, considerando que as memórias despontam em diferentes épocas e formas, muitas vezes ajustadas a um sistema e até produzidas contra o sistema.

Através do confronto do personagem Alferes com o reflexo de sua própria imagem em O Espelho, de Machado de Assis, este estudo objetiva analisar a representação da relação de poder na sociedade brasileira por meio da literatura. Além disso, busca-se refletir a respeito da forma como essa questão integra a identidade da nação, com intuito de pensar como esse traço é um marcador presente na identidade nacional. É importante destacar que o artigo completo deste estudo abrange um conjunto de três passagens extraídas de um recorte do conto de Machado de Assis e uma análise mais detalhada. Entretanto, devido ao espaço, será utilizado um exemplo para reflexão sobre o assunto.

## A POSSE DO PODER

Para poder realizar a análise do corpus desta pesquisa, esse artigo está estruturado com base em um estudo de natureza básica com objetivo explicativo. Utilizou-se como procedimento técnico para a elaboração do conhecimento o método bibliográfico e abordagem



qualitativa (PRODANOV; FREITAS, 2013), fazendo uso das contribuições de (FAORO, 2001) e (HOLANDA, 1995), a fim de discutir cultura brasileira e a formação social do país. A partir da leitura do texto foi possível identificar elementos que tratam da posse de poder e a relação dessa com o sujeito, algo que representa um traço marcante presente na identidade brasileira. Apesar de todo o texto possibilitar reflexões a respeito da relação de poder, escolheu-se realizar essa análise do momento em que, ao permanecer sozinho na propriedade de sua tia Marcolina, o Sr. Alferes entra em confronto com a própria existência e recorre ao reflexo de sua imagem no espelho com intuito de buscar pela identidade perdida. A dualidade das personas que habitam a sua existência, chamadas por ele de alma interior e alma exterior, vem à tona de forma profunda e permite que, com base nessa passagem, identifique-se como se dá a questão do poderio na sociedade brasileira. Dessa forma, buscou-se analisar expressões cruciais em frases do recorte escolhido que indicam a questão do poder, bem como elementos descritos na narrativa que contribuam para a construção deste pensamento.

Em uma segunda fase, foram extraídas do trecho expressões, palavras e termos que correspondessem ao significado de poder, ao mesmo tempo em que representassem uma ameaça à perda do poderio – ou ainda à ausência do mesmo, associando uma posição de inferioridade ao Sr. Alferes.

O quadro abaixo apresenta quais foram as expressões, palavras e termos identificados no recorte e ao que elas foram associadas:

**Figura 1.** Posse do Poder na Narrativa

<b>Expressões, palavras e termos</b>	<b>Associação</b>
Espelho	Ambígua
Fardava orgulhosamente	Poder
Me chamavam alferes	Poder
Tenente	Poder
Capitão	Poder
Major	Poder
Alma exterior	Poder
Farda de alferes	Poder
Defunto andando	Ausência de poder
Sonâmbulo	Ausência de poder
Boneco mecânico	Ausência de poder
Alma interior	Ausência de poder

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)



Depois de coletar e atribuir presença e ausência de poder na palavras, expressões e termos mapeados no texto, os materiais foram classificados a partir de categorias ou subgrupos:

- **DONO DO PODER:** coloca o personagem em um papel de superioridade, onde ele possui o poder e isso impacta diretamente na forma como ele se enxerga.
- **SUBALTERNO:** caracteriza a ausência de poder, onde o personagem aparece em um papel de inferior, modificando a visão dele sobre si.
- **DUALIDADE:** o poder aparece de forma ambígua ou neutra em relação ao personagem.

O trecho analisado permite verificar que a narrativa carrega uma dicotomia entre possuir e não possuir o poder. Algo que aparece de maneira muito clara a partir do mapeamento das expressões, palavras e termos empregados na obra de Machado de Assis.

As recorrências colaboram para a percepção de tal questão e permitem refletir sobre o assunto:

**Figura 1.** Posse do Poder na Narrativa

<b>Categoria</b>	<b>Quantidade</b>
Dono do Poder	7
Subalterno	4
Dualidade	1

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2021)

Ao que se refere a quantidade de ocorrências, é possível perceber que a categoria *Dono do Poder* é a que apresenta a maior quantidade de recorrências. Apesar do subgrupo *Subalterno* aparecer com menor frequência, a sua presença é extremamente relevante pois destaca a autoridade desse atributo para o personagem. Ou seja, a ausência de poder aparece como forma de legitimar a importância de possuí-lo. Por sua vez, a categoria *Dualidade* tem uma única recorrência e representa o espelho enquanto um elemento ambíguo na narrativa, uma vez que ele surge ora eliminando a imagem construída pela alma externa, ora fortalecendo-a quando o



Sr. Alferes veste a farda. Na fase de análise, foram extraídos do texto três passagens pertencentes ao recorte que trazem palavras integrantes das categorias deste artigo, com o intuito de aprofundar o olhar para as mensagens e representações presentes no corpus. Entretanto, devido ao espaço, será utilizado um exemplo para reflexão sobre o assunto.

Desse modo, é importante destacar que a categorização das expressões, palavras e termos teve papel fundamental para a análise, pois contribuiu para a observação do texto e a forma como a narrativa descreve um elemento vigente na sociedade brasileira.

## ANÁLISE

Criou-se no imaginário coletivo a ideia de que o povo brasileiro tem a cordialidade como traço principal de sua identidade cultural. Todavia, é importante pensar sobre que identidade é essa e como ela se reflete na cultura da nação. Ao lançar a segunda edição de *Raízes do Brasil*, no ano de 1948, Sérgio Buarque de Holanda vai recorrer às notas de rodapé (informação verbal)<sup>2</sup> a fim de justificar o uso frequente da palavra cordialidade, explicando que essa foi interpretada equivocadamente como um adjetivo. Contudo, a sua presença surge como definição de um traço da identidade no país. Um conceito que seria algo prejudicial no desenvolvimento da sociedade brasileira e que não corresponde apenas à ideia de cordial no sentido de ser avesso a conflitos.

Com base na coleta obtida a partir da fase preliminar de análise foi possível constatar que o conto de Machado de Assis retrata uma questão que está enraizada na nação desde os primórdios da formação social brasileira. De acordo com Raymundo Faoro (2001, p.882), o sistema político do Brasil está estruturado a partir do patrimonialismo, onde o estado e tem as suas decisões comandadas pela burguesia e baseado em vontades pessoais. O autor ainda contribui dizendo que as mesmas classes sociais estão no poder há anos, seria possível dizer séculos, e que isso cria um sistema onde os mesmos sujeitos assumem o poder e não o soltam, passando para seus filhos, que, por sua vez, passam aos seus e assim consequentemente. A carta de Nomeação de Tomé de Souza, presente na obra de FAORO (2001, p. 168), trata a respeito:

---

<sup>2</sup> Comentário produzido pela historiadora Lilia Schwarcz em entrevista para a Revista Veja. Educação, 10 de dez. 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/videos/clube-do-livro/raizes-do-brasil-80-anosde-um-classico/>> . Acesso em 20 de nov. 2020.



Ordena o soberano, sem meias palavras, aos capitães e governadores que obedeçam, "e cumpram, e façam o que lhes o dito Tomé de Sousa de minha parte requerer e mandar, segundo forma dos regimentos e provisões minhas, que para isso leva, e lhe ao diante forem enviadas sem embargo de pelas doações por mim feitas aos capitães das ditas terras do Brasil lhes ter concedido que nas terras das ditas capitânias não entrem em tempo algum corregedor nem alçada, nem outras algumas justiças para nelas usarem de jurisdição alguma por nenhuma via ou modo que seja, nem menos sejam os ditos capitães suspensos de suas capitânias e jurisdições delas" (FAORO, 2001, p.168).

A partir da contribuição de Raymundo Faoro, percebe-se que o patronato atua no país desde o Brasil Colônia. Pode-se considerar que a relação do poderio se deu desde à chegada dos europeus às terras tupiniquins e essa questão colabora, efetivamente, na formação de pensamento em torno dessa questão e como ela impacta a sociedade. Para os “descobridores”, e ainda hoje um pensamento que permanece como herança, o Brasil passa a existir somente a partir das narrativas descritas pelos portugueses sobre a chegada em solo tropical, desconsiderando a existência (cultural, religiosa e social), dos povos que já habitavam essa terra. Na formação da nação, houve um projeto de pátria e de qual seria a população na colônia. Tal projeto não incluía os indígenas que aqui viviam, muito menos a população negra traficada ao país para o trabalho escravo. O objetivo era transformar o Brasil em uma sociedade aos moldes europeus. Todavia, isso não aconteceu e durante o século XIX, estudiosos vão atribuir o atraso da sociedade brasileira à uma série de fatores. Entre eles, a não evolução da civilização como aconteceu na Europa.

### 3.1.TRECHO: IDENTIDADE DISTORCIDA

Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação.

É impossível falar em identidade brasileira sem refletir sobre o que, de fato, significa ser brasileiro e aonde está a essência da população do Brasil. Em seus estudos sobre cultura e identidade nacional, Renato Ortiz (1986, p. 17), vai dizer que intelectuais dessa época explicavam o atraso brasileiro em relação à Europa considerando questões como clima, a fertilidade da terra e o sistema fluvial. Tais elementos seriam fundamentais para justificar essa involução em terras tropicais. Além dos fatores geográficos, ditos meios, a raça também vai



contribuir na elaboração da identidade nacional. Seriam esses dois elementos (meio e raça) os responsáveis pela evolução fora dos moldes europeus, sendo fundamentais na construção da identidade brasileira. Entretanto, é primordial destacar que o patronato político brasileiro também é responsável pelo não desenvolvimento pleno da nação. Isso porque, baseado nos estudos de FAORO (2001, p.882) pode-se verificar que a mesma elite burguesa está no poder há séculos e isso vai refletir, diretamente, na construção da sociedade e a forma como o desenvolvimento da sociedade acontece. Conforme observa Maria Sylvia de Carvalho Franco, ao tratar sobre o assunto:

A igualdade mesma sobre a qual esse sistema de dominação se ergueu, teve suas raízes nos fundamentos econômicos de uma sociedade centrada do lucro. Nela, a aquisição de riqueza como objetivo fundamental, a ausência de privilégios juridicamente estabelecidos, a ausência de tradição, fizeram com que a situação econômica se ligasse imediatamente à posição social. Considera-se, também que essa sociedade constituiu-se rapidamente a partir de uma pobreza generalizada, onde a diferenciação social era rudimentar e onde, mesmo depois de acentuadas as diversidades de estilos de vida, manteve-se, entre dominantes e dominados, um trato aparentemente nivelador (FRANCO, 1976, p. 63).

Sendo assim, observa-se que não se trata apenas de uma permanência de poder, trata-se também da desigualdade que esse processo secular desencadeia no país, uma vez que tal sistema não permite que todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades, nem o mesmo tratamento de serviços e a equivalência legal em situações de conflito. Logo, é possível considerar que tal fator é determinante no desenvolvimento civil e social do país e isso impacta diretamente na forma como o indivíduo olha para si e a forma como se enxerga enquanto sujeito integrante de um grupo.

Dessa forma, a passagem em que o personagem Alferes encara à imagem diante do reflexo no espelho permite refletir sobre identidade – nessa passagem representada de forma dual, uma vez que a personagem encara o reflexo buscando a alma externa, todavia, depara-se com uma difusão entre uma coisa e outra.

## CONSIDERAÇÕES

Ao longo deste estudo foi possível verificar que a identidade brasileira é uma construção que iniciou no processo de colonização do país e que carrega consigo elementos fundamentais que colaboram na formação do pensamento coletivo e que trazem marcadores do comportamento social brasileiro. A questão do poderio aparece no conto representando algo



que está enraizado na sociedade canarina. A dominação e a posse do poder são um traço da identidade nacional, representados na narrativa de Machado de Assis a partir da problemática que desenvolve-se com a personagem principal da história. O confronto do protagonista com a sua existência se deu apoiado no momento em que ele encontra-se sozinho na propriedade de sua tia Marcolina. Com base no recorte analisado, é possível verificar que não é a solidão que cria o conflito na história. O que promove a controversa da narrativa é a ausência do poder atribuído ao Sr. Alfêres, a partir da relação com o outro (escravos e tia), que exaltam a sua posição social baseado no cargo de alferes.

De acordo com essa pesquisa, as expressões, palavras e termos empregados no recorte analisado, permitem identificar a relação de poder e o impacto do mesmo no indivíduo, o que, diretamente, possibilita entender como isso influencia na forma como a sociedade reage às interações com o poderio e como constrói a sua própria visão em torno desse tema, resultando em um comportamento social que vai marcar a sociedade brasileira. Ao que se refere a identidade, memória e história do Brasil, já não cabe mais a visão de que o povo brasileiro, pelas palavras de Sérgio Buarque de O, é “uma periferia sem centro, um povo endomingado. Todavia, como Carlos Drummond de Andrade, no poema Hino Nacional, evoca-se o questionamento que assombra a nação verde-amarela: “e por acaso existirão os brasileiros?”.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **O Espelho**, de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II. Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo.

FAORO, Raymundo. Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro. 3 ed. O Globo, 2001.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. As Ideias estão no Lugar. São Paulo: Brasiliense, 1976.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.



## MÚLTIPLAS DIMENSÕES DE UM PATRIMÔNIO: O BURACO DO COCÓ – MORRO DO MACACO BRANCO (PORTÃO, RS, BRASIL)

MULTIPLE DIMENSIONS OF A HERITAGE: THE BURACO DO COCÓ – MORRO DO  
MACACO BRANCO (PORTÃO, RS, BRAZIL)

Sandra Maria Costa Dos Passos Colling; Thais Gaia Schüler; Ana Luiza Carvalho Da Rocha; Magna

Lima Magalhaes

Universidade Feevale

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo discutir a cultura e as dinâmicas territoriais envolvendo o local denominado “Buraco do Cocó”, situado na localidade de Macaco Branco, município de Portão, Rio Grande do Sul. Visando considerar suas múltiplas dimensões patrimoniais, a metodologia considera a abordagem qualitativa, envolvendo procedimentos técnicos da historiografia e da etnografia, sustentados por uma base empírica proveniente da observação-participante. A análise e interpretação dos dados coletados, empreendida sob enfoque dos estudos antropológicos sobre patrimônio, indica a existência de uma relação ancestral entre a comunidade quilombola ali residente com o espaço, de modo a envolver suas dimensões naturais, culturais, tangíveis e intangíveis.

**Palavras-chave:** Patrimônio. Cultura. Quilombo.

**Abstract:** This paper aims to discuss the culture and territorial dynamics involving the place called “Buraco do Cocó”, located in Macaco Branco, municipality of Portão, Rio Grande do Sul. Aiming to consider its multiple heritage dimensions, the methodology considers the qualitative approach, involving technical procedures from historiography and ethnography, supported by an empirical basis derived from participant observation. The analysis and interpretation of the collected data, undertaken under the focus of anthropological studies on heritage, indicates the existence of an ancestral relationship between the Quilombo community there residing with space, in order to involve its natural, cultural, tangible and intangible dimensions.

**Keywords:** Heritage. Culture. Quilombo.

### INTRODUÇÃO

A forma como uma sociedade humana se relaciona com o território que ocupa não pode ser dissociada de sua cultura e formação histórica. Desde os instrumentos que elabora até a leitura e usos que faz do ambiente onde se insere constituem importantes elementos identitários para os diferentes grupos humanos, tanto no passado quanto na contemporaneidade.

O município de Portão, situado na região dos Vales do Rio Grande do Sul entre as bacias hidrográficas do Rio dos Sinos e Caí, constitui-se, como muitos municípios da região, historicamente marcado pela movimentação de grupos culturalmente distintos. Forjado enquanto município no contexto da colonização teuto-brasileira, experimentou anteriormente a ocupação portuguesa continental, da qual provém sua nomenclatura e muito de seus elementos



culturais. A ocupação colonial de Portão remete ao século XVIII, tendo na criação de gado e na plantação de árvores frutíferas a base das primeiras fazendas e sesmarias luso-brasileiras (GIRARDI, 2011). Foi para mão-de-obra nestas fazendas, e seguindo a tendência escravagista nacional, que foram trazidos para a região do atual município de Portão negros escravizados cuja fuga do trabalho forçado e das condições sub-humanas originam o Quilombo do Macaco Branco (GIRARDI, 2011), remanescente até os dias atuais. A historiografia local aborda o período pré-colonial da região relacionando-o à presença etnológica de grupos Guarani, mas os registros arqueológicos indicam ocupações humanas caçadoras-coletoras muito antigas que podem remeter há cerca de dez mil anos.

Este artigo se insere no campo de discussão sobre cultura e dinâmicas territoriais e propõe uma reflexão acerca do Buraco do Cocó enquanto patrimônio de múltiplas dimensões do município de Portão. Enfatiza a forma como as populações humanas de diferentes matrizes culturais que historicamente se estabeleceram no seu entorno se relacionaram com o território de ocupação a partir deste local. A metodologia utiliza a abordagem qualitativa, sendo descritiva no que se refere aos objetivos. Os procedimentos técnicos envolveram a pesquisa bibliográfica a partir dos estudos de cunho historiográfico de Jussara Girardi (2011) e etnográficos de Dirce Christo (2018), além da pesquisa documental utilizando os diários de campo de incursões arqueológicas do acervo Pedro Augusto Mentz Ribeiro, da Universidade Feevale.

A base empírica é proveniente da observação-participante em uma série de investidas a campo, quando da realização de atividades do Projeto de Educação Ambiental denominado “Semeando”, realizado pela professora Sandra Maria dos Passos Colling com os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio José de Fraga, de Portão. Estas saídas a campo, realizadas entre os anos de 2009 a 2016, integravam o Projeto Coletivo Educador Ambiental de Portão/RS, o qual incluía a trilha ecológica no Buraco do Cocó na localidade de Macaco Branco. A observação-participante realizada foi registrada em diários de campo *a posteriori*, não decorrendo, portanto, de uma prática etnográfica planejada, mas relacionada à noção de experiência etnográfica proposta por José Cantor Magnani (2009), caracterizada pela descontinuidade, ruptura e imprevisão. A análise e interpretação dos dados coletados é empreendida sob enfoque dos estudos antropológicos sobre patrimônio, particularmente considerando as abordagens de José Reginaldo Gonçalves (2005, 2007, 2015) e Regina Abreu (2007).





## PATRIMÔNIOS

Patrimônio constitui-se em uma categoria de pensamento importante para a vida social e mental de qualquer coletividade humana. A noção de patrimônio existe nas sociedades, segundo Gonçalves (2005), desde a antiguidade, mas consolida-se como algo de valor coletivo herdado no contexto da sociedade ocidental moderna (ABREU, 2007). Afirma-se, a partir de então, em oposição à noção de vandalismo e deste processo decorrem leis de proteção aos bens materiais que serão a base das políticas patrimoniais da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e de diversas nações, que passam a musealizar e inventariar aquilo que consideram essencial para a identidade cultural nacional, criando coleções. Tem relação, portanto, com a concepção de perda (GONÇALVES, 2015) e os instrumentos políticos de preservação legal são característicos das sociedades que concebem o tempo de maneira linear, e não cíclica, e que precisam garantir a permanência de uma memória relacionada a um passado que é, constantemente, superado e deixado para trás (ABREU, 2007).

No Brasil, a proteção institucional ao patrimônio começa a ser desenvolvida a partir da criação da Inspetoria de Monumentos Nacionais (IMN) em 1934, mas é com a criação do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 1937, posteriormente renomeada IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que delineia-se a tradição preservacionista brasileira, segundo Abreu (2005), então vinculada à cultura material, à valorização do passado e à temática nacional. Através do Decreto-Lei nº 25/1937, é instituído o tombamento enquanto ato administrativo de preservação, podendo este ocorrer em diferentes níveis de poder público: municipal, estadual, federal, além de um reconhecimento internacional pela UNESCO enquanto Patrimônio da Humanidade, em casos específicos.

Importante atentar que a abrangência do conceito de patrimônio apresentado no documento de 1937 já incorporava bens de dimensão natural, como os “monumentos naturais, bem como os sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana” (BRASIL, 1937, Artigo 1º, Parágrafo 2º). Para Simone Scifione (2006, p.58), o contexto brasileiro aborda o patrimônio natural enquanto “conquista da sociedade, com um significado ligado às práticas sociais e à memória coletiva; portanto, um patrimônio natural que, antes de tudo, faz parte da vida humana e não algo que a ela se opõe”. A nível internacional, entretanto, a incorporação



dos elementos naturais ao contexto das discussões patrimoniais deriva da preocupação com o patrimônio material e só ocorre com a Convenção da Unesco de 1972, no qual firma-se pela expressão de grandiosidade e beleza, pressupondo intocabilidade.

No contexto pós-Segunda Guerra e por incentivo da UNESCO, as discussões de nível internacional sobre patrimônio passam a incorporar o conceito antropológico de cultura, que atravessa diferentes domínios do campo intelectual e da vida social. Ainda assim, somente no ano 2000, através do Decreto nº3551, institui-se o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI) e o instrumento legal de proteção a ele, o registro, destinado à salvaguarda de bens de caráter processual e dinâmico, que passou a proteger as formas de expressão e os modos de vida, criar e fazer, bem como os objetos, artefatos e lugares que lhes são associados. O registro de bens imateriais dá-se no âmbito público federal pelo IPHAN e no internacional pela UNESCO.

Ocorre, portanto, em se tratando de instrumentos para preservação do patrimônio, uma classificação vigente no Brasil e nas ações da UNESCO baseada na distinção entre material e imaterial, natural e cultural. Consideramos, entretanto, e principalmente a partir dos estudos de Gonçalves (2007), que os objetos materiais possuem um contexto de produção e constante interpretação simbólica dentro dos sistemas culturais que ultrapassa sua funcionalidade e uso para constituir subjetividades individuais e coletivas. Desta maneira, toda materialidade é, via de regra, também permeada pela dimensão imaterial.

## **UM BURACO, MUITAS DIMENSÕES**

Buraco do Cocó é a maneira regional de referir-se à região mais baixa do Morro do Macaco Branco, localidade situada no município de Portão. Consiste em um declive acentuado, marcado por formações de cânions em arenito Botucatu, uma formação rochosa de fácil moldagem e cor avermelhada, muito utilizada na construção de casas na região. O acesso é dificultado em função do relevo acidentado. Embora não seja tombada, a área recebe proteção legal enquanto zona especial de preservação através do artigo 27 da lei municipal nº784 de 1996, a qual institui o plano diretor.

Em outubro de 1970, a equipe do arqueólogo Pedro Mentz Ribeiro desenvolvia estudos arqueológicos na região das terras baixas do Vale do Rio Caí quando toma conhecimento do achamento de uma urna funerária e de outros vestígios cerâmicos na região do Macaco Branco,



nas terras de Guido Franzmann (MENTZ RIBEIRO, 1970). Os vestígios em questão foram associados a grupos de tradição tecnológica Taquara (etnologicamente associado aos Kaingang) e Guarani. Chegadas à região há cerca de 700 anos antes do presente, estas tradições desenvolveram modos de vida distintos, porém marcados pelo reconhecimento do território enquanto espaço expressivo de suas práticas culturais, seja através de suas narrativas cosmológicas ou pelo manejo ambiental.

No ano seguinte, em 1971, são identificados, nos arenitos do Buraco do Cocó e em outro local próximo, grafismos realizados por picoteamento ou fricção com sulcos, chamados na arqueologia de petróglifos (MENTZ RIBEIRO, 1970), cuja autoria foi atribuída por Mentz Ribeiro a populações que teriam chegado à região por volta de dez mil anos antes do presente, provenientes da região da Patagônia (Argentina). Estas populações são tratadas na arqueologia por tradição Umbu. Estes grupos humanos teriam circulado pela região desenvolvendo uma forma de subsistência caçadora-coletora marcada pela intensa mobilidade em busca de recursos, pela ausência de agricultura e pelo desenvolvimento de pontas de projétil.

É provável que, partir do final do século XVIII, grupos indígenas de tradição Taquara e Guarani que habitavam a região do Macaco Branco tenham tido algum contato com pessoas escravizadas que buscavam refúgio nos cânions do Buraco do Cocó e que originam uma comunidade quilombola. A origem da comunidade quilombola do Macaco Branco dá-se no contexto econômico dos latifúndios luso-brasileiros (fazendas e estâncias) estabelecidos na região desde a segunda metade do século XVIII. Ainda que a introdução da mão-de-obra escravizada possa ser relacionada à instalação da Real Feitoria do Linho Cânhamo em 1788 (GIRARDI, 2011), a origem do Quilombo em questão é associada por Dirce Christo (2020) às fugas das fazendas produtoras de milho, feijão, algodão e gado. As relações desenvolvidas entre senhores e escravizados na região, segundo Raul Cardoso (2005), eram marcadas pela violência, pelo desespero e pela resistência, mesmo após a abolição.

A origem histórica do Quilombo parece estar relacionada à descendência de um único tronco familiar, representado por João Antonio de Oliveira, o Cocó, que utilizava o cânion da região como moradia (GIRARDI, 2011). De acordo com Nino<sup>1</sup>, sexagenário morador local, “lá embaixo tem até os tijolos antigos da casa dele” e este é um buraco escolhido propositalmente pelo difícil acesso para abrigo contra os escravagistas. As narrativas sustentam que mesmo após

---

<sup>1</sup> Nome fictício de morador que conversou com a pesquisadora Sandra Colling em visita ao espaço em julho de 2016.



a abolição da escravidão, em 1888, os moradores do Buraco do Cocó ainda permaneceram lá até que acreditassem nas notícias que circulavam sobre a liberdade jurídica (CHRISTO, 2018). A partir de então, e com o crescimento populacional da comunidade, esta foi estabelecendo habitações morro acima: “no pós-abolição, configuraram-se cinco famílias, que formaram os troncos antigos da comunidade e foram comprando as terras que compõem o território quilombola, não havendo doação, como é comum na história de muitas comunidades” (CHRISTO, 2018, p.42).

Através do processo etnográfico é possível inferir que, nesta comunidade, as famílias vivem em pequenas propriedades, possuem laços de parentesco e vínculos afetivos com a vizinhança, havendo auxílio mútuo. Participam de uma associação esportiva, realizam suas festas e praticam futebol entre outras atividades recreativas, bem como da comunidade católica de Santo Expedito. Organizam-se sob uma liderança coletiva, maneira encontrada pelas cerca de 78 famílias residentes para estabelecer o diálogo com as instituições estatais, visto que as demandas individuais não eram atendidas. A comunidade vem trabalhando, desde 2008, no reconhecimento de sua condição de remanescente de quilombo através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), mas em 03 de março de 2012 recebeu a certidão de Comunidade Remanescente de Quilombo nº 01420.001671/2011-71 da Fundação Palmares.

As narrativas trazidas pelos moradores mais idosos sobre o lugar são importantes para a reflexão acerca de pertencimento cultura neste espaço. São muitos os relatos transgeracionais, e um deles conta que, quando os negros escravizados insistiam em não obedecer aos seus senhores, estes os traziam para fazer uma caminhada nas proximidades dos paredões e precipícios deste local, com a promessa de que eles veriam macacos brancos. Quando distraíam-se à procura dos animais, os cativos eram empurrados precipício abaixo. Outros relatos acerca da nomeação Macaco Branco narram que, após a época da escravidão “passar”, os quilombolas entravam em pânico quando indivíduos brancos da redondeza se aproximavam para abusar sexualmente das mulheres. Daí a expressão: “escondam-se, vem vindo macaco branco!”, numa referência ao invasor.

A etnografia realizada por Christo (2018) aponta para uma longa e duradoura relação desta comunidade com o território de inserção, particularmente associada à feminilidade e ao ato de caminhar como forma de habitar o território. Os homens estabelecem continuidade dentro do território andando sozinhos: andam de uma plantação a outra, de uma morada a outra, de uma família à outra. As mulheres andam em bandos, sendo esta uma forma de cuidado mútuo



e que reflete uma territorialidade feminina baseada na coletividade. Nas palavras da autora (2018, p.49) “os corpos quilombolas têm conhecimento daquele lugar, foram criados naquele território, aprenderam a suportar as intensidades do trabalho sobre aquelas terras”. Essa dinâmica estabelecida entre os corpos e a manifestações de práticas culturais e sociais conduz à reflexão quanto à relevância da dimensão imaterial deste território, tal qual proposta pelo IPHAN no documento que institui o registro de bens culturais imateriais (2000, artigo 1º, parágrafo 1º).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora muitas outras histórias não abordadas neste texto devam estar guardadas nas memórias dos moradores do entorno do Buraco Cocó, cabe atentar para a maneira como se reflete a questão do pertencimento a este espaço. O tempo vai trazendo outras histórias que se somam às anteriores e assim, promovendo arranjos e constituindo um emaranhado de significados. É deste modo que vai se construindo e reafirmando o espaço do Buraco do Cocó na localidade de Macaco Branco, um lugar que necessita ser “escrito”, suas narrativas precisam ser registradas.

Pensar um espaço e suas dinâmicas territoriais é concebê-lo em suas múltiplas dimensões, compreender a existência de um emaranhado entre o tangível e o intangível, entre o material e o simbólico, entre o cultural e o natural. Esta breve reflexão indica que o estudo do Buraco do Cocó exige de uma abordagem da noção de patrimônio que supere as fronteiras impostas pela classificação institucional. Neste território, as formações geológicas e ambientais guardam vestígios culturais de natureza concreta de grupos pretéritos, mas, para além, se constituem enquanto um lugar de importância para as práticas sociais e culturais da comunidade quilombola ali inserida há várias gerações.



## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. Patrimônio Cultural: Tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva. In: ECKERT, Cornelia; LIMA FILHO, Manuel Ferreira; BELTRÃO, Jane. **Antropologia e Patrimônio Cultural**, diálogos contemporâneos. Nova Letra: Blumenau 2007. p.53-63.

BRASIL, Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto\\_no\\_25\\_de\\_30\\_de\\_novembro\\_de\\_1937.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_no_25_de_30_de_novembro_de_1937.pdf). Acesso em: 08 de mar. 2021.

BRASIL, Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Decreto-lei nº 3551, de 04 de agosto de 2000. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.... Disponível em [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto\\_n\\_3.551\\_de\\_04\\_de\\_agosto\\_de\\_2000.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_n_3.551_de_04_de_agosto_de_2000.pdf). Acesso em: 12 de ago. 2021.

CARDOSO, Raul Róis Schefer. **Capítulos de Formação de um Território Negro – A escravidão rural no Vale do Caí (RS - 1870/1888)**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). São Leopoldo, RS, 2005. 161f.

CHRISTO, Dirce Cristina de. **As vidas que as mulheres criam**: caminhos de resistência e luta pelo território na comunidade quilombola Macaco Branco. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, RS, 2018. 123 f.

Fundação Palmares. Certidões expedidas às comunidades remanescentes de quilombos (CRQs) atualizada até a portaria nº- 104/2016, publicada no dou de 20/05/2016. Disponível em <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/COMUNIDADES-CERTIFICADAS.pdf>. Acesso em: 09 de mar. 2021.

GIRARDI, Jussara Prates dos Santos (Org.). **Conhecer para amar e respeitar a nossa história**. Secretaria de Educação e Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo de Portão. Portão-RS, 2013.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Departamento de Museus e Centros Culturais (Coleção Museu, Memória e Cidadania: Rio de Janeiro, 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 28, no 55, janeiro-junho 2015, p. 211-228.





GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. In: **Horizontes Antropológicos**, ano 15, n.32, jul./dez.2009, p.129-156.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. Diário de Campo, n.2, de 10 de outubro de 1969 a 19 de julho de 1971. Disponível para consulta local no Acervo Pedro Augusto Mentz Ribeiro, Universidade Feevale.

PORTÃO, Prefeitura Municipal. Gabinete do Prefeito Municipal. Lei municipal nº 784 de 23 de setembro de 1996. Institui o 1º plano diretor do município de Portão e dá outras providências. Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/p/portao/lei-ordinaria/1996/79/784/lei-ordinaria-n-784-1996-institui-o-1-plano-diretor-do-municipio-de-portao-e-da-outras-providencias-2003-08-11-versao-compilada>. Acesso em: 01 de fev. 2021.

SCIFONI, Simone. Os diferentes significados do patrimônio natural. In: **Diálogos**, v. 10, n. 3, 2006, p. 55-78. Disponível em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38966/20493>. Acesso em: 13 de mar. 2021.

**UNESCO**, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Convenção para a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural de 23 de novembro de 1972. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Conven%C3%A7%C3%A3o1972.pdf>. Acesso em: 02 de mar. 2021.





## A SAÚDE MENTAL DA PESSOA IDOSA DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19

THE MENTAL HEALTH OF THE ELDERLY DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Rosane Barbosa; Patrícia Tarouco Quincozes Felitti; Elizangela Halinski Cardoso; Andrea Varisco

Dani; Geraldine Alves Dos Santos

Universidade Feevale

**Resumo:** Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias. A pandemia do Novo Coronavírus causou grande impacto a nível mundial porque todos os países tiveram que se articular e se modificar como forma de prevenção. O objetivo principal deste trabalho foi entender como a pandemia alterou a saúde mental das pessoas idosas. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e transversal, com dez pessoas idosas, de ambos os sexos. O instrumento de pesquisa foi um roteiro de entrevista semiestruturado identificando as principais queixas relacionadas a saúde mental. As informações foram analisadas através da análise de conteúdo de Bardin. Os dados revelam que os idosos estão tristes, solitários, inseguros e sentem falta da rotina. Relatam medo relacionado à pandemia COVID-19. O estudo destacou a necessidade de compaixão, empatia, esperança, pesquisas clínicas diagnósticas inclusiva para todas as idades, e principalmente políticas públicas eficazes para assistência as pessoas idosas.

**Palavras-chave:** COVID-19. Idoso. Saúde Mental.

**Abstract:** Coronavirus is a family of viruses that cause respiratory infections. The new coronavirus pandemic had a major impact world wide because all countries had to articulate and modify themselves as a form of prevention and thereby changing the routine. The main objective of this work was to understand now the pandemic changed the mental health of the elderly. It is a qualitative, descriptive and cross-sectional study, with ten elderly people, of both sexes. The research instrument was a semi-structured interview script identifying the main complaints related to mental health. The information was analyzed through Bardin's content analysis. The data reveal that the elderly are sad, lonely, insecure and miss the routine and report fear related to this pandemic COVID-19. The study highlighted the need for compassion, empathy, hope, inclusive clinical diagnostic research for all ages, effective public policies for assisting the elderly.

**Keywords:** COVID-19. Mental health

### INTRODUÇÃO

A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a maioria dos pacientes com COVID-19 (cerca de 80%) podem ser assintomáticos e cerca de 20% dos casos podem requerer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória; desses casos aproximadamente 5% podem necessitar de suporte para o tratamento de insuficiência respiratória (suporte ventilatório). Todas as pessoas correm o risco de se contaminar, mas notadamente as pessoas idosas e as





peças do grupo de risco estão mais propensas a um índice maior de mortalidade (BRASIL, 2020).

Coronavírus é uma família de vírus que causa infecções respiratórias. O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31 de dezembro de 2019, após casos registrados na China. Ele provoca a doença chamada de coronavírus (COVID-19), que por ser agressiva pode ser letal. A Organização Mundial da Saúde orienta distanciamento social, com isso muitas pessoas ficam isoladas e sem assistência. Os primeiros coronavírus humanos foram isolados pela primeira vez em 1937. No entanto, foi em 1965 que o vírus foi descrito como coronavírus, em decorrência do perfil na microscopia, parecendo uma coroa (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020).

O envelhecimento populacional é um fenômeno global. Cerca de 12% da população mundial e 10,8% das pessoas no Brasil têm mais de 60 anos de idade. Além disso, o número de idosos morando sozinhos vem aumentando, segundo dados do PNAD 2011, no Brasil, em 2008-2009, 6,17% dos idosos moravam sozinhos e 18,59% somente com o cônjuge. Um dos problemas relacionado a pessoas idosas é o idadismo, definido pela Organização Mundial da Saúde, 2010 como o estereótipo, o preconceito e a discriminação contra a pessoa, com base na sua idade. Esse preconceito associado à idade é o mais socialmente normalizado entre todas as formas de discriminação – ao contrário do sexismo e do racismo.

Os idosos fazem parte do grupo de risco no COVID-19, necessitando de acentuados cuidados. Segundo os estudos de Hayflick (1996) o envelhecimento não é expressão de doença, mas pode estar associado a patologias, como em qualquer outra fase da vida. O ser humano é suscetível aos mais diversos tipos de males. Com o passar dos anos o sistema imunológico humano diminui a capacidade de defender o organismo.

O processo de envelhecimento pode apresentar a incidência de doenças crônicas e degenerativas que, muitas vezes, tem como consequência, elevados quadros de dor crônica, podendo prejudicar a qualidade de vida dos idosos. Provocando estados de depressão, incapacidade física e funcional, dependência, afastamento social, alterações na dinâmica familiar, desequilíbrio econômico, desesperança e outros (CAROMANO; IDE; KERBAUY, 2006).

O envelhecimento saudável é mais que apenas a ausência de doença, para maioria dos adultos a manutenção da habilidade funcional é mais importante. Os maiores custos da sociedade não são gastos realizados para promover esta habilidade funcional, mas sim os benefícios que poderiam ser perdidos se não fossem implementadas as adaptações e



investimentos necessários. O enfoque social recomendado para abordar o envelhecimento da população, que inclui a meta de construir um mundo favorável aos adultos maiores, requer uma transformação dos sistemas de saúde que substitua os modelos curativos baseados na doença pela prestação de atenção integrada e centrada nas necessidades dos adultos maiores (ALMEIDA, 2007).

A constituição da Organização Mundial da Saúde 1946, afirma: “Saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a mera ausência de doença ou enfermidade”. Uma implicação importante dessa definição é que a saúde mental é mais do que a ausência de transtornos mentais ou deficiências.

O desequilíbrio emocional facilita o surgimento de doenças mentais. A saúde mental contempla, entre tantos fatores, a nossa capacidade de sensação de bem-estar e harmonia, a nossa habilidade em manejar de forma positiva as adversidades e conflitos, o reconhecimento e respeito dos nossos limites e deficiências, nossa satisfação em viver, compartilhar e se relacionar com os outros. Algo muito maior e anterior ao início dos transtornos mentais. No entanto, não é tão simples quanto parece, principalmente nos dias atuais (POSTOLACHE; BENROS; BRENNER, 2020).

As consequências cognitivas e comportamentais podem ocorrer de duas formas. Uma delas é por mecanismos biológicos, incluindo invasão direta do vírus no órgão. Essa invasão acontece a partir da cavidade nasal e rinofaringe, através dos nervos trigêmeo e olfatório, ou passando pelo trato respiratório baixo, por meio do nervo vago. Além disso, a chamada neuro invasão pode ocorrer também pela corrente sanguínea. Nesse caso, o vírus transportado pelo sangue pode cruzar a barreira hematoencefálica, uma estrutura responsável por proteger o sistema nervoso central, e, então, chegar ao cérebro. A outra ocorre por mecanismos de ativação imunológica e pode demorar mais tempo. Muitas vezes, os efeitos comportamentais ocorrem apenas depois de alguns meses da infecção primária. Isso se deve a um mecanismo conhecido como priming, uma espécie de sensibilização do sistema imune. Em linhas gerais, o priming é definido como um processo pelo qual uma condição antecedente ou exposição anterior potencializa a resposta do sistema imunológico a um estímulo subsequente, envolvendo uma cascata de mudanças funcionais e na morfologia célula (POSTOLACHE; BENROS; BRENNER, 2020).

Sintomas psíquicos e dos transtornos mentais, durante a pandemia, podem ocorrer por diversas causas. Dentre elas, pode-se destacar a ação direta do vírus no sistema nervoso central,



as experiências traumáticas associadas à infecção ou morte de pessoas próximas na pandemia, o estresse induzido pela mudança na rotina devido às medidas de distanciamento social ou pelas consequências econômicas, na rotina de trabalho ou nas relações afetivas e, por fim, a interrupção de tratamento por dificuldades de acesso. Esses cenários não são independentes. Ou seja, uma pessoa pode ter sido exposta a várias destas situações ao mesmo tempo, o que eleva o risco para desenvolver ou para agravar transtornos mentais. Neste sentido o objetivo principal deste trabalho foi entender como a pandemia alterou a saúde mental das pessoas idosas.

## MÉTODO

O presente estudo teve um delineamento qualitativo, descritivo e transversal. Participaram do estudo 10 pessoas idosas, de ambos os sexos. Também foi utilizado como critério de inclusão, os participantes serem moradores do município de Campo Bom. O instrumento de pesquisa foi um roteiro de entrevista semiestruturada. Os dados foram estudados identificando as categorias: bem-estar, sentimentos, alterações no sono e solidão. A análise foi realizada através da Análise de Conteúdo de Bardin (2011).

## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os participantes manifestaram medo e ansiedade em relação ao tratamento do coronavírus, ficando evidenciado quando o entrevistado A (65anos – masculino), que pertence ao grupo de risco, relata: “tenho medo desse vírus porque ataca principalmente o grupo de risco e idosos, dizem que alguns ficam com sequelas, e me preocupo com o tratamento. Espero que a cura venha logo”. Nesta referência o idoso ressalta que a preocupação com sua saúde não implica uma perspectiva unidimensional de patologia e déficit. É entendido no âmbito da promoção da saúde e corresponde a “um estado de completo bem-estar físico, social e mental e não apenas a ausência e doença ou enfermidade; não é um fim em si mesmo mas antes um recurso para a vida cotidiana” (ALMEIDA, 2007pg19).

A participante B (66 anos – feminino) relata tristeza relacionada à mudança de rotina, pois seus filhos não podem visitá-la e também não podem sair devido ao distanciamento social. O participante C (60 anos – feminino) relata dias bem difíceis: “um filho ficou doente e nós não podemos ver ele no hospital, que estão proibindo as visitas, isso é muito triste, como que vai



ser daqui para a frente”. As inúmeras mudanças decorrentes do processo de envelhecimento, seja de origem física, psíquica ou social, vivenciadas pela pessoa idosa, podem ser expressas como ameaça à sua manutenção biopsicossocial. Constituído-se com fatores estressantes, capazes de desencadear respostas comportamentais e neuroendócrinas na tentativa de adaptação aos eventos estressores (DUARTE, 2001).

A solidão leva à depressão, disfunção cognitiva, incapacidade funcional, doenças cardiovasculares e aumento da mortalidade (BERG-WEGER; MORLEY, 2020). Assim como a participante D (77 anos – feminino) afirmou:

Eu estava acostumada com meu grupo de ginástica e agora não podemos nos reunir e até os postos de saúde estão com restrições de isolamento social e distanciamento para a gente que já é velho. Isso é muito ruim. Me sinto sozinha às vezes. Não consigo dormir direito, fico pensando que as pessoas não se preocupam com a gente.

Para Mills (1974), o envelhecimento, supõe enfatizar o sentido das mudanças que esse grupo social, crescente em número, em vigor e em organização, provoca na reorganização do poder, do trabalho, da economia e da cultura. Atribuindo novo significado ao seu espaço tradicionalmente percebido como o da decadência física e da inatividade.

A participante E (67 anos – feminino) relata: “Esses dias de pandemia são mais longos, porque a gente tem que ficar em casa, meu filho saía para trabalhar eu ficava ansiosa por sua chegada para ter companhia, a solidão não faz bem pra mim, eu era acostumada a sair na casa das amigas”.

No entanto, o participante F (88 anos – masculino) relatou: “cansei de ficar em casa. Nunca pensei que ia passar por uma situação dessas de ficar longe dos filhos e netos. É muito estressante, tenho insônia e estou comendo mais, a gente fica olhando filme e a noite a gente faz vídeo chamada para os outros filhos para diminuir a saudade”.

Já a participante G (72 anos – feminino) ressaltou:

Que dias difíceis e tristes. Tenho que ficar isolada. Não posso ver minha família, não posso sair de casa nem para as minhas atividades dos grupos de ginástica, me sinto muito sozinha e tenho muita tristeza e desânimo. Parece tudo sem graça, não vejo a hora de voltar tudo ao normal, fico só ouvindo música e revendo fotos.

Em suas falas as participantes relatam o estresse que vivenciaram, relacionados ao COVID-19. O estresse é a resposta psicológica adaptativa do sujeito a uma determinada demanda interna ou externa a ele. O evento estressor é o fator desencadeador da ativação desta resposta e reação ao estresse (SELYE, 1956).





A participante H (59 anos – feminino) relatou: “Essa quarentena da pandemia não tem fim, estou estressada de ficar em casa, as notícias na televisão é só morte e muita gente doente. Não tem como não ficar com medo e angustiado não sabemos o que esperar”.

Segundo Cotta e Leão (2013), o sentimento de insegurança alimenta-se das crises concretas do cotidiano, da delinquência e também de ameaças difusas, sejam de natureza econômica, política, social ou mesmo das chamadas incivildades. Insegurança está relacionada ao medo, desesperança, autoconstrangimento, incerteza, receio do desconhecido.

A participante I (69 anos – feminino) ressalta que:

É muito ruim ficar sozinha em casa, o tempo não passa, dá uma tristeza, uma vontade de sair e ainda fiquei sabendo que minha amiga e o marido morreram dessa doença, mas não pude ir no velório só tive enterro. Fico deprimida quando lembro deles. Eu passo o dia assistindo a Canção Nova na televisão.

O convívio prolongado dentro de casa também aumentou o risco de desajustes da dinâmica familiar. As mortes de entes queridos em um curto espaço de tempo, juntamente à dificuldade para realizar os rituais de despedida, podem dificultar a experiência de luto. Impedindo a adequada ressignificação das perdas. O estresse, o isolamento social e a solidão têm sido associados a um aumento na prevalência de doenças vasculares e neurológicas, e também à morte prematura (CREPALDI et al., 2020).

O participante J (73 anos – masculino), que pertence ao grupo de risco, salienta:

Minha filha, foi por pouco, mas quase que esse vírus me leva e se não inventar uma vacina logo vai levar muita gente. Tinha dor em tudo, tive muito medo, pois não sabia o que esperar e aqui vai demorar para vir a vacina. Acho tudo isso muito estressante, o que me ajudou foram as orações e minha fé.

Neste sentido, podemos compreender, conforme Rey (2003), a experiência de medo vivenciada pelos participantes. Medo é definido, pelo autor como um estado emocional que surge em resposta à consciência perante uma situação de eventual perigo. A ideia de que algo ou alguma coisa ameaça a segurança ou a vida de alguém, faz com que o cérebro ative, involuntariamente, uma série de compostos químicos que provocam reações que caracterizam o medo (REY, 2003).

## CONCLUSÃO

As vivências durante a pandemia dos participantes deste estudo evidenciaram dificuldades relacionadas à saúde mental, sendo necessárias adaptações às adversidades e





resiliência, com o propósito de recuperar o processo de envelhecimento bem-sucedido. A COVID-19 destacou a necessidade de compaixão, empatia, esperança e pesquisas clínicas diagnósticas inclusivas para todas as idades. Mas principalmente, políticas públicas eficazes para assistência às pessoas idosas.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. Envelhecimento: ativo? Bem-sucedido? Saudável? Possíveis coordenadas de análise. **Fórum Sociológico**, v.17, p.17-24, 2007. Disponível em: <<https://forumsociologico.fcsh.unl.pt/PDF/FS17-Art.2.pdf>>. Acesso em: 6 set. 2020.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BERG-WEGER, M.; MORLEY, J. E. Loneliness in old age: an unaddressed health problem. **J Nutr Health Aging**, v. 24, n. 3, p. 243-5, 2020. doi: 10.1007/s12603-020-1323-6.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **O que é o Coronavírus? (COVID-19)**. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/>>. Acesso em: 5 set. 2020.
- CAROMANO, F. A.; IDE, M. R.; KERBAUY, R. R. Manutenção na prática de exercícios por idosos. **Revista Departamento Psicologia**. v. 18 - n. 2, p. 177-192, jul./Dez. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v18n2/v18n2a13.pdf>>. Acesso em: 5 set. 2020.
- CREPALDI, M. A.; SCHMIDT, B.; NOAL, D. S.; BOLZE, S. D. A.; GABARRA, L. M. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estud Psicol.**, v. 37, n. 1, p. 1-12, 2020. doi: 10.1590/1982-0275202037e200090.
- COTTA, F. A.; LEÃO, J. O. Subjetividade Medo e sentimento de Insegurança na Sociedade contemporânea. **Cadernos Zigmunt Bauman**, v. 3, n. 5, p. 82-101, 2013. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/>>. Acesso em: 6 set. 2020.
- DUARTE, Ieda Aparecida de Oliveira. **Família: rede de suporte ou fator estressor: a ótica de idosos e cuidadores familiares** (tese). São Paulo: Escola de enfermagem Ana Nery, Universidade de São Paulo 2001.
- HAYFLICK, L. **Como e porque envelhecemos**. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
- MILLS, W. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- POSTOLACHE, T.T.; BENROS, M. E.; BRENNER, L. A. Targetable biological mechanisms implicated in emergent psychiatric conditions associated with SARS-CoV-2 infection. **JAMA Psychiatry**, v. 31, n. E1-2, 2020. doi: 10.1001/jamapsychiatry.2020.2795.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

REY, Luís. - **Dicionário de termos técnicos de medicina e saúde**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2003. 950p. ISBN 85-277-0848-5

SELYE H. **The stress of life**. New York: McGraw Hill, 1956.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Novel Coronavirus (2019-nCoV) technical guidance**. Geneva: WHO; 2020. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>>. Acesso em: 6 set. 2020.





## O TDAH E O COMPORTAMENTO ATENCIONAL NA ESCOLA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

ADHD AND ATTENTION BEHAVIOR AT SCHOOL: A SYSTEMATIC REVIEW

Pâmela Cristina Alexandre Pschichholz; Regina Heidrich

Universidade Feevale

**Resumo:** Este estudo objetiva apresentar as percepções sobre a representação social do comportamento atencional na escola e como ela reflete na pessoa com TDAH. A metodologia utilizada foi uma revisão sistemática, por uma busca na Plataforma Unique Pesquisa da Universidade FEEVALE, realizada no dia 30 de outubro de 2020, pelo uso dos descritores “TDAH”, “comportamento”, “atenção” e “escola”, publicados entre os anos de 2010 e 2020, no idioma Português. Foram analisados 144 artigos, dos quais foram selecionados 15, seguindo como critério de seleção a relação com o tema deste estudo pela análise do conteúdo das publicações. Os artigos selecionados foram divididos em duas categorias intituladas respectivamente como: “TDAH e a representação social do comportamento atencional na escola” e “A representação social do comportamento atencional como influenciadora do processo de medicalização do TDAH na escola”. Como resultado deste estudo, foi possível perceber que há uma representação social do comportamento atencional e que esta está imbricada em processos de representação social na escola. Contudo, ainda não se tem um número expressivo de publicações que se dedicam a explicar o comportamento atencional e por isso se faz preciso que esta temática seja aprofundada em mais pesquisas.

**Palavras-chave:** TDAH 1. Comportamento 2. Atenção 3. Representação social 4

**Abstract:** This study aims to present perceptions about the social representation of attentional behavior at school and how it reflects on people with ADHD. The methodology used was a systematic review, through a search on the Unique Research Platform of Universidade FEEVALE, carried out on October 30, 2020, using the descriptors "ADHD", "behavior", "attention" and "school", published between the years 2010 and 2020, in the Portuguese language. 144 articles were analyzed, of which 15 were selected, following as the selection criteria the relationship with the theme of this study by analyzing the content of the publications. The selected articles were divided into two categories, respectively, as: “ADHD and the social representation of attentional behavior at school” and “The social representation of attentional behavior as influencing the medicalization process of ADHD at school”. As a result of this study, it was possible to realize that there is a social representation of attentional behavior and that it is intertwined in social representation processes at school. However, there is still no expressive number of publications dedicated to explaining attentional behavior and, therefore, it is necessary that this theme be further investigated.

**Key-words:** ADHD 1. Behavior 2. Attention 3. Social representation 4

### INTRODUÇÃO

O Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade é um transtorno de desenvolvimento, classificado pelo DSM-V (APA, 2014) como tendo três perfis, o predominantemente desatento, o predominantemente hiperativo e o perfil combinado. Mas um aspecto que está presente em



ambos os perfis é a presença de prejuízos funcionais de âmbito social e acadêmico, manifestados no comportamento da pessoa.

No estudo de Barkley, Fischer, Edelbrock e Smallish (1990) foi observado que crianças com TDAH tinham três vezes mais chances de serem reprovados ou suspensos e oito vezes mais chance de serem expulsos da escola que as crianças sem o transtorno. Já a pesquisa de Faraone e cols. (1993) indica que mais da metade das 140 crianças com TDAH, participantes do estudo, necessitou de aulas particulares e que cerca de 30% delas foi inserida em turmas especiais ou reprovadas. Já no estudo de Rohde e cols. (1999) constatou-se que 87% dos estudantes participantes com TDAH de sua amostra tinham mais de uma reprovação na sua trajetória escolar, comparando aos 30% daqueles estudantes sem o transtorno (JUNIOR E LOOS, 2011).

Para tanto, percebe-se que a relação do TDAH com o espaço escolar possui suas especificidades. Desta forma, emergem as seguintes problemáticas: será que esta situação se dá pelo fato de existir uma representação social do comportamento atencional na escola? E sabendo que o comportamento das pessoas com TDAH é um dos principais aspectos de constituição de sua representação social no espaço escolar, seria esta representação, pela dificuldade na expressão do comportamento atencional, alvo de um processo de medicalização iniciado na escola?

Sendo assim, o objetivo deste estudo é apresentar as percepções sobre a representação social do comportamento atencional no espaço escolar, pela consideração de existência de uma representação social do “prestar atenção” para aprender e mostrar a sua relação com o processo de medicalização dos alunos com TDAH neste.

Percebendo a expressão do comportamento como uma forma com a qual o corpo se comunica no mundo, concebe-se que esta comunicação se dá por diversas formas que comportam reações cerebrais, percepções, sensações, movimentos, intenções, assim como relações e suas representações sociais. Desta forma, tem-se no comportamento o desdobramento de ações exteriores que refletem a percepção da pessoa sobre o meio, sobre si neste e sobre o outro que o percebe neste meio. E por compreender que a pessoa é também agente de composição do meio e que sua relação com o outro também modifica este, não há como desconsiderar a expressão do corpo, da corporeidade, influenciada pela representação social neste espaço.



Marangoni e Veríssimo (2018), afirmam que a descrição da relação dos organismos torna viável o retorno ao campo biológico, onde os excitantes dos comportamentos são as situações e não suas causas. Nesta perspectiva, a relação entre o estímulo e o organismo passa a ter referência nos valores funcionais que são prescritos pela situação orgânica e motora de quem experiencia. Desta forma, o corpo que sente se relaciona com o outro e com o ambiente que reage à sua expressão. Para tanto, é preciso considerar que a expressão, pela forma como é percebida e como é sentida pelo meio e pelo outro, pode ser prejudgada pela aproximação ou distanciamento com a representação social no espaço.

Assim, as representações sociais preceituam o comportamento e possibilitam o trabalho da vertente complementar com o objetivo de compreender como este comportamento humano interfere no ambiente (POLLI E KUHNEN, 2011). Desta forma, é possível inferir que o ambiente reflete no comportamento, assim como a pessoa com sua corporeidade também reflete neste. E esta relação de meio e comportamento se dá também pela representação social e pela significação criada e reconhecida pelas pessoas sobre este espaço. Para tanto, a identificação da representação social fica mais evidente em ambientes como a escola, com intenções e recomendações de comportamento para tempos e espaços dentro dela.

A escola é um espaço sociocultural que exerce influência sobre o comportamento das crianças. Ela é um espaço social próprio, o qual é ordenado em dupla dimensão, institucionalmente e cotidianamente. Na primeira dimensão, o espaço escolar é ordenado por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar as ações de quem ali convive. Já na segunda dimensão, este espaço da escola é ordenado por uma complexa trama de relações sociais entre as pessoas envolvidas, a qual se faz por meio de alianças e conflitos, normas individuais e coletivas, assim como se faz por acordos e transgressões (DAYRELL, 1996).

E compreendendo que o espaço influencia na expressão do comportamento, na corporeidade, percebe-se que na escola, este pode ser gerenciado não somente pelo espaço, mas também pelo tempo. Em diferentes momentos percebe-se e recomenda-se diferentes expressões de corporeidade na escola, como por exemplo: a expressão recomendada em momento de atividade física com mais movimento, atividade motora e expressão mais ativa da corporeidade no espaço externo, é diferentemente da expressão que se recomenda para um momento de leitura na biblioteca e isso se deve às representações sociais destes momentos e espaços escolares. Sendo assim, este espaço se institui pela sua intenção e é identificado e reconhecido também por isso.





E compreendendo que a escola, em seu papel sociocultural, influencia, pela sua representação social, no comportamento das pessoas, também influencia na percepção de comportamento atencional, pois este, no espaço escolar também constituiu uma representação social que envolve uma ergonomia própria de ouvinte passivo e inerte. E por isso, se faz importante analisar se o comportamento atencional reflete estas prescrições sociais do espaço escolar na sua representação social.

## A ATENÇÃO E A APRENDIZAGEM

A atenção é a capacidade de realizar a seleção e manutenção do controle sobre a entrada de informações externas no cérebro para a realização de um processo mental. Para tanto, a atenção também se relaciona com o controle de informações internas. Assim, o termo “atenção” é também utilizado para referir-se a uma gama vasta de processos mentais que auxiliam na manutenção do foco e de priorização da informação de interesse (MAIA, 2011).

Para Fiori (2008, p. 155) “os processos atencionais são múltiplos e servem de bases para redes neurais extensas, envolvendo numerosas regiões cerebrais”. E para a mesma (FIORI, 2008, p. 166), a “expressão da atenção depende das regiões corticais posteriores: o córtex parietal para as tarefas envolvendo a localização de um alvo, o córtex ífero-temporal para as tarefas de identificação dos objetos”.

E sabendo que nosso comportamento é a expressão de reações cerebrais orquestradas pelo sistema nervoso (SN), não há como desconsiderar que existe uma neurofisiologia atencional. Para tanto, esta expressão se dá de diversas formas, culturalmente concebidas e neurofisiologicamente gerenciadas. Mas, conforme afirma Fiori (2008, p.167) mesmo havendo uma diversidade nos modelos atencionais, há um consenso de que na atenção há o envolvimento de “um certo número de estruturas cerebrais nos processos atencionais: córtex pré-frontal, o direito, principalmente, o córtex parietal, o giro cingular, o pulvinar, assim, como as estruturas ativadoras do tronco cerebral”.

O aprender exige tanto aparato biológico quanto aspectos de bases neurocognitivas, tal como estímulos ambientais. E neste segundo grupo temos o processo cognitivo da atenção. Assim, percebe-se que como a atenção é um processo cognitivo de base da neurofisiologia da aprendizagem, tem-se aspectos, também de importância fundamental como os aspectos pedagógicos, emocionais, culturais, e como já citados, os biológicos (MAIA, 2012).



Para tanto, a atenção é um processo cognitivo que é percebido como estando relacionado à aprendizagem, pois comporta aspectos que envolvem entrada e gerenciamento de informações no cérebro, influenciando no processo mnésico, de memória. Por hora a neurofisiologia da atenção abordada neste estudo não tem como objetivo maiores aprofundamentos, mas pode servir de gatilho para inspiração de novos estudos sobre esta temática.

## O COMPORTAMENTO DO “PRESTAR ATENÇÃO” NA ESCOLA

Se a escola possui uma representação social que é reconhecida pela sociedade, o comportamento expressado neste espaço passa a também ter uma representação social de ajuste ou desajuste neste. Para tanto, como seria a representação social do comportamento atencional na escola? A autora Fernández (2012, p. 25) auxilia na compreensão dos fatores que envolvem esta resposta, demonstrando por seus estudos atuais que “a maioria das crianças e adolescentes escolarizados associam o ato de prestar atenção com o olhar/contemplar”.

Já para a população que não frequenta a escola, a autora (FERNÁNDEZ, 2012) explica que descobriu uma associação do prestar atenção com outros sentidos possíveis, como o olhar e escutar com a surpresa, a descoberta, a admiração, o interesse, o ser solícito”, sendo em suma, expressões de significações de entendimento mais próximos ao olhar/mirar, que de acordo com a mesma traz entre outros, o sentido de maravilhar-se. Fernández (2012, p. 26) expõe que:

Lamentavelmente, a identificação do “atender igual a olhar/contemplar” ao operar como um suposto subjacente a diversas classificações psiquiátricas vai estabelecendo uma ordem de normalidade. Isso se observa na enumeração das descrições comportamentais utilizadas no DSM-V (APA, 1995) para realizar diagnósticos de Déficit de atenção e hiperatividade, em que se descarta e até se considera patológica toda a modalidade atencional que escape à representação social dominante (FERNÁNDEZ, 2012, p.26).

Nesta perspectiva, é preciso refletir sobre os efeitos da representação social da atenção na escola, por ela já estar sendo aspecto de fundamento de justificativas patologizantes, conforme cita a autora (FERNÁNDEZ, 2012). Mas não podemos esquecer que quem “presta atenção” é uma pessoa. Uma pessoa que se percebe em um ambiente e que reage a ele. Segundo Adorno (2001) apud Fernández (2012, p. 83) a “alegria da autoria nutre a capacidade de atenção e permite prestar atenção ao processo de produção”. Para tanto, a atenção se dá entre as frestas da distração criativa e, assim, produz o comportamento do “prestar atenção”.



Fernández (2012, p. 85) argumenta que “aprende-se a prestar atenção, a brincar, a pensar e a amar, ainda que não se possa ensinar a fazê-lo”, por compreender que o comportamento do “prestar atenção” se relaciona com o ambiente facilitador, o que precisa ser alvo de uma intenção planejada. Desta forma, a representação social do “prestar atenção” na escola precisa ser pensada como um aspecto de composição de intencionalidade deste ambiente e por isso, ela (a escola) como espaço precisa ser pensado e organizado para ser um auxílio no comportamento atencional das pessoas que ali convivem.

## **A MEDICALIZAÇÃO E O CONTROLE DO COMPORTAMENTO DO CORPO**

E por compreender o comportamento também como uma expressão de ordem social, a qual se relaciona com as norma morais e de conduta do meio pela sua relação com o outro e com o próprio meio que ascende a importância de ser tratado o termo medicalização, o qual surgiu em 1960 e se relaciona com a crescente influência da medicina pelo tratamento farmacológico na padronização e normatização de condutas percebidas como não “normais” (GAUDENZI; ORTEGA, 2012).

Michel Foucault, mesmo não se valendo o uso sistemático do termo medicalização, ele faz referência à este processo, ao apontar para a constituição de uma sociedade, na qual a pessoa e seu grupo são gerenciados pela medicina. Nesta perspectiva, percebe-se na medicalização uma estratégia de “modelamento” do corpo que terá, por sua vez, efeitos na sociedade. E pelos estudos de Foucault a medicalização possui uma eficácia de produção, e isso acontece pela positividade do poder que explica o fato de ele ter o corpo humano como alvo, não para martirizá-lo ou mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo dentro de perspectivas de normalidade e de existência de padrões que produzem mais do que outros (GAUDENZI E ORTEGA, 2012).

Percebendo, então, que o julgamento do comportamento se imbrica em contextos culturais, é importante conceber que o relativismo social se institui, pois o que pode ser julgado como uma expressão adequada para um grupo, pode não ser assim percebido por outro. E por isso, tem-se na sustentação de argumentos destes mesmos grupos sociais, como na escola, a validação do julgamento destes comportamentos inadequados em excesso que podem ser julgados como patológicos e com necessidade de medicalização no caso de crianças com TDAH.



Gaudenzi e Ortega (2012, p. 26) citam ainda que a medicalização pode ser compreendida como “uma forma cultural de controle social que cria expectativas sobre o corpo, os comportamentos e a saúde, onde o controle se manifesta na forma em que as expectativas médicas estabelecem os limites do comportamento e do bem-estar”. Para tanto, considerando que o discurso na escola repercute no processo de medicalização, percebe-se que esta, assim, demonstra as suas expectativas, pela representação social de comportamento atencional instituída, dos efeitos deste processo no comportamento da criança neste espaço.

Desta forma, quando a escola defende a medicalização, se percebe uma conduta de atravessamento da sua representação social pela sua inserção em um aspecto de escopo da área da saúde. Para tanto, como neste estudo o conceito de medicalização foi abordado com o intuito de contextualizar o significado deste para o aproximar da temática em foco, não serão feitos mais aprofundamentos.

## **METODOLOGIA**

Nesta pesquisa foi realizada uma revisão sistemática de literatura por análise de conteúdo. Foi realizada uma busca no dia 30 de outubro de 2020 na plataforma Unique Pesquisa da Universidade Feevale de artigos acadêmicos completos, pelos descritores “TDAH”, “comportamento”, “atenção” e “escola”, publicados entre os anos de 2010 e 2020, no idioma Português.

Foram indicados na primeira busca na plataforma 158 artigos, no entanto, durante a análise percebeu-se que a enumeração de publicações ia até o número 144. Tendo por base, então esta nova quantidade, foram analisados os 144 artigos encontrados com os critérios de busca. Foram excluídos 129 artigos. Como critério de exclusão considerou-se que publicações em eventos (1) não seriam inseridas, assim como foram excluídos artigos duplicados (3), os relatos de experiência (1), as resenhas publicadas (1), e artigos que não se relacionaram com o tema proposto (123).

Foram selecionados 15 artigos os quais, de acordo com a aproximação com o objetivo e tema deste estudo, foram distribuídos em duas categorias: TDAH e a representação social do comportamento atencional na escola e A representação social do comportamento atencional como influenciadora do processo de medicalização do TDAH na escola. Os textos selecionados



foram lidos integralmente para a análise de categorização do conteúdo. Das 15 publicações analisadas criteriosamente, 8 artigos foram inseridos na primeira categoria e 7 na segunda.

### *TDAH e a representação social do comportamento atencional na escola.*

Nesta categoria estão destacados oito estudos que abordam o TDAH, elucidando os efeitos da expressão de seu comportamento atencional no contexto escolar, considerando a representação social que a escola possui e relacionando esta com a possibilidade de haver uma prescrição comportamental que rege na representação social inclusive da pessoa com o transtorno pelo seu comportamento atencional.

Os artigos de Santos (2017), de Bezerra e Ribeiro (2020), Junior e Loos (2011), Abraão e Fantacini (2017), Souza e Ponce (2016), Bergamo et.al. (2012), Araújo et. al. (2013), Pereira, Eduvirgem e Monteiro (2017) foram elencados nesta categoria por trazerem em seus registros, discursos que corroboram para a compreensão de que há uma representação de comportamento atencional na escola, regida e orquestrada pela representação social da escola como espaço com expectativas de comportamentos pré estabelecidos.

### *A representação social do comportamento atencional como influenciadora do processo de medicalização ao TDAH na Escola*

Nesta categoria estão indicados os artigos que mostram a representação social do comportamento atencional na escola como influenciadora do processo de medicalização, percebendo as especificidades do quadro do TDAH como sendo necessitante de medicalização para ter uma conduta padronizada, e assim adequada à escola.

As publicações de Lenzi e Marchi (2017), Cruz, Okamoto e Ferrazza (2016), Manfre (2018), Freitas e Baptista (2019), Vizotto e Ferrazza (2016), Cordeiro, Yaegashi, Oliveira (2018), Antonelli e Garcia (2018) reconhecem que há um movimento de promoção da medicalização do comportamento do TDAH na escola e que isso pode estar relacionado ao desconhecimento sobre o quadro clínico e também sobre como realizar o manejo metodológico deste em sala de aula por parte dos professores.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se com este estudo que a representação social do comportamento atencional existe e está imbricada em processos de representação social da pessoa com TDAH no espaço escolar, este tido como disciplinador de comportamento, o que traz reflexos no processo de medicalização. Assim, esta análise se faz relevante, pois emerge a necessidade de atenção aos reflexos da representação social na vida das crianças em idade escolar, ainda mais para aquelas com TDAH.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Nayane da Silva; FANTACINI, Renata Aandrea Fernandes. **Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH): desafios e possibilidades frente a sala de aula.** Research, Society and Development, v.6, n.3, p.222-236, nov. 2017.

ARAUJO, Marcos Vinícius de; CARVALHO, Alex Moreira; RIBEIRO, Adriana de Fátima; TEIXEIRA, Maria Cristina Triguero Veloz; CARREIRO, Luiz Renato Rodrigues. **Manejo comportamental em classe de crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.** Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology - 2013, Vol. 47, Num. 3, pp. 395-406.

BERGAMO, Adriana Cristina; RAMOS, Cláudia Regina; ALVES, Davis João; APARECIDA DA CONCEIÇÃO, Maria; APARECIDA BOEIRA, Rosângela; DE OLIVEIRA PAULO, Sibeli. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) - Como o professor pode lidar melhor no ambiente escolar.** UNINGÁ Resenha; 2012, Vol. 11 Issue 1, p. 94-101.

CORDEIRO, Suzi Maria Nunes; Solange Franci Raimundo YAEGASHI; Lucilia Vernaschi de OLIVEIRA. **Representações sociais sobre TDAH e Medicalização.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação; Jul-Sep2018, Vol. 13 Issue 3, p1011-1027, 17p.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A atenção aprisionada: Psicopedagogia da capacidade atencional.** Porto Alegre: Penso, 2012.

FIORI, Nicole. **As neurociências cognitivas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BEZERRA, Marcelo Forte; RIBEIRO, Marcelo Silva de Souza. **Percepções e práticas de professores frente ao TDAH: Uma revisão sistemática na literatura.** Revista Intersaberes; 2020, Vol. 14 Issue 35, p 1-18.

CRUZ, Murilo Galvão Amancio; OKAMOTO, Mary Yoko e FERRAZZA, Daniele de Andrade. **Attention Deficit/Hyperactivity Disorder case (ADHD) and the medicalization of education: an analysis from parents and teachers' reports.** Revista Interface (Botucatu). 2016; 20(58):703-714.



DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço soio cultural.** In: DAYRELL, J. (org.) **Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

FREITAS, Cláudia Rodrigues de, & BAPTISTA, Claudio Roberto (2019). **Mais rápidas que a escola: crianças referidas como hiperativas no contexto escolar.** *Revista Ibero-Americana De Estudos Em Educação*, 14(esp.1), 791-806.  
<https://doi.org/10.21723/riace.v14iesp.1.12207>

GAUDENZI, Paula; ORTEGA, Francisco. **The statute of medicalization and the interpretations of Ivan Illich and Michel Foucault as conceptual tools for studying de medicalization.** *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.16, n.40, p.21-34, jan./mar. 2012.

GOFFMAN, Erving. **Estigmas: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4a edição. Editora LTC, 1963.

JUNIOR, Edson de Brito Rangel; LOOS, Helga. **Escola e desenvolvimento psicossocial segundo percepções de jovens com TDAH.** *Revista Paidéia: Set.-dez. 2011, Vol. 21, No. 50,* 373-382.

LENZI, Cristiana Roth de Moraes; MARCHI, Rita de Cássia. **Condutas Indesejadas na Escola: uma Análise Sociológica sobre a Criança com Diagnóstico de TDAH.** *Cadernos De Pesquisa: Pensamento Educacional, Curitiba, V. 12, N . 32, P.101-130 Set./Dez. 2017.*

MAIA, Heber. **Neurociências e o desenvolvimento cognitivo.** 2a edição. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

MANFRE, Ademir Henrique **Está me chamando de doente? O discurso medicalizante do TDAH na escola: uma revisão.** *Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, v. 15, n. 2, p.22-35 abr/jun 2018.* DOI: 10.5747/ch.2018.v15.n2.h358.

MARANGONI, Pedro Henrique Santos Decanini; VERISSIMO, Danilo Saretta. **Intencionalidade e Comportamento: a Percepção Vivente em Merleau-Ponty.** *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica - XXIV(1): 75-83, jan-abr, 2018*

PEREIRA, Kátia de Assis; EDUVIRGEM, Renan Valério; MONTEIRO, Maria Luiza de Medeiros. **Problemas comportamentais de crianças com TDAH no âmbito escolar.** *Educere - Revista da Educação da UNIPAR; v. 17, n. 1 (2017); 1982-1123; 10.25110/educere.v17i1.2017.*

RELVAS, Marta Pires. **Neurociência e transtornos de aprendizagem: As múltiplas eficiências para uma educação inclusiva.** 5a edição. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

SANTOS, Juliana Lima de Azevedo. **TDAH- Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: Intervenção psicopedagógica.** *Revista Ideias e Inovação. Vol. 4, nº1. 115-122, Novembro, 2017 - ISSN Impresso: 2316-1299. E-ISSN 2316-3127.*

SOUZA, Evelyn de Paula; PONCE, Rosane de Fátima. **TDAH - Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e a maximização psicopatológica de seus sintomas.** *Revista*





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, v. 13, n. 4, p.65-70, out/dez 2016. DOI:  
10.5747/ch.2016.v13.n4.h284.

VIZOTTO, Luana Paula; FERRAZZA, Daniele de Andrade. **Educação medicalizada:  
Estudo sobre o diagnóstico de TDAH em um dispositivo de saúde.** Revista Estudos e  
Pesquisas em Psicologia; 2016, Vol. 16 Issue 3, p. 1013-1032, 20p.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## INOVAÇÕES, CONEXÕES E CULTURA: ANÁLISE DOS PROJETOS DE SEUL, CIDADE CRIATIVA DO DESIGN

INNOVATIONS, CONNECTIONS AND CULTURE: ANALYSIS OF SEOUL PROJECTS,  
CREATIVE CITY OF DESIGN

Yohana Marx; Mary Sandra Guerra Ashton

Universidade Feevale

**Resumo:** A partir do estudo desenvolvido por Reis (2010) que a cidade que se pretende criativa deve apresentar inovações, conexões e cultura, esse trabalho teve por objetivo analisar a aderência dos projetos desenvolvidos em Seul, Cidade Criativa do Design, da UNESCO, à teoria de Reis. Para tanto, se utilizou pesquisa de natureza exploratória, descritiva de cunho qualitativo, por meio de revisão de literatura e documental em publicações e sites oficiais. Assim, a investigação foi focada em oito projetos dispostos em documento oficial da UCCN. Entre os resultados, identificaram-se relações de colaboração entre o governo e os cidadãos, incentivo aos profissionais das áreas criativas, planos para o desenvolvimento sustentável, além da criatividade como pilar para impulsionar a economia local e gerar novos empregos.

**Palavras-chave:** Cidades Criativas. Projetos. Cultura. Design. Seul.

**Abstract:** Based on the study developed by Reis (2010) that the city that intends to be creative must present innovations, connections and culture, this work aimed to analyze the adherence of the projects developed in Seoul, UNESCO's Creative City of Design, to the theory of Reis. For this purpose, exploratory, descriptive research of a qualitative nature was used, through literature and documentary review in official publications and websites. Thus, the investigation was focused on eight projects arranged in an official UCCN document. Among the results, we identified collaborative relations between the government and citizens, encouraging professionals in the creative areas, plans for sustainable development, in addition to creativity as a pillar to boost the local economy and generate new jobs.

**Palavras-chave:** Creative Cities. Projetos. Culture. Design. Seoul.

### 1 INTRODUÇÃO

Uma cidade criativa compreende relações econômicas, sociais e culturais voltadas a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. Assim, promove a transformação no estilo de vida das pessoas, como mudança de hábitos e atitudes da população por meio da promoção de oportunidades inclusivas e participativas. É um convite aos cidadãos a saírem da zona de conforto e se tornarem participativos nas decisões e ações municipais em prol da melhoria da qualidade de vida, fazendo com que aquela cidade possa solucionar seus problemas locais com criatividade (LANDRY, 2013). Para manter uma essência criativa é necessário esforço e planejamento, ou seja, “sair do campo teórico e criar ações concretas desenvolvidas a partir de





soluções inventivas pode não ser algo muito simples, embora traga resultados inquestionáveis” (REIS, 2010, p. 15).

Assim, este estudo tem como objetivo analisar os projetos da área de *design* desenvolvidos em Seul, no âmbito de cidade criativa da UNESCO, compreendendo as aproximações frente à proposta de Reis que envolve inovações, conexões e cultura. Devido ao fato de ser um membro ativo na UCCN e ter desenvolvido diversos projetos que visam solucionar problemas urbanos e impulsionar o *design* local, entende-se que a escolha da cidade de Seul seja pertinente para esta temática.

## 2 CIDADES CRIATIVAS

Com a formação da primeira cidade, que se assume ter sido na Mesopotâmia, inicia-se uma série de relações sociais, econômicas, políticas e religiosas, que podem ser vistas até hoje. Antes utilizada para trocas agrícolas, mais tarde, no período industrial, voltada a competitividade entre os trabalhos em espaço urbano, e já na era pós-industrial com novas formas de comunicação e de acesso à informação (REIS, 2008).

Em Reis et. al (2011), Landry afirma que a partir do início dos anos 1980, o esforço da comunidade artística para justificar seu valor econômico foi o elemento fundamental para a trajetória da cidade criativa. Até que em 1983/4, em Londres, o professor de comunicações Nick Garnham “criou uma unidade de indústrias culturais e as inseriu na agenda da política urbana” (p. 7). Após importante conferência sobre a temática em Glasgow em 1988, e também posterior estudo realizado por Charles Landry denominado “Glasgow – a cidade criativa e sua economia criativa” em 1989, a cidade escocesa voltou a sediar um encontro para debater a criatividade urbana em 1994. Ano este, onde na Austrália surgiu o termo “indústrias criativas”, sendo entendido como “o conjunto de setores que têm por centro a criatividade humana” (REIS, 2008, p. 2).

A partir daí, a temática das cidades criativas passou a ampliar-se ainda mais com os estudos de diferentes autores que vinham a complementar com enfoques em novas áreas, como a sustentabilidade. De acordo com a UNESCO (2018), atualmente 3,7 bilhões de pessoas, equivalente a 54% da população mundial, vivem em cidades, estimando-se que em 2030 chegará a 5 bilhões o número de habitantes urbanos, e destacando a importância de estudos acerca das cidades e suas relações.



As cidades são conceituadas por Landry e Bianchini (1995, p. 25) como seres vivos “porque têm fases de crescimento, estagnação e declínio”, podendo adaptar-se e responder às diferentes mudanças das circunstâncias encontradas pelo caminho. Reis (2010, p. 47) as destacam como “organismo vivo, construído por uma multiplicidade de vidas anônimas ou conhecidas”. E Vivant (2012) descreve que a cidade e seus espaços, como bairros e zonas industriais abandonadas, são o ambiente perfeito para a instalação de artistas, além de contribuírem para a “revalorização do urbano”. Ela destaca ainda que a ideia de cidade criativa “facilita a expressão das singularidades, a reivindicação e a manifestação das diferenças e da diversidade” (p. 23).

Ashton (2018) conceitua as cidades como agrupamentos de pessoas que através de inter-relações, vinculam-se a pessoas, coisas e ambientes. Ocorrendo assim as relações que temos com nossos vizinhos e com os lugares de nossa vizinhança, como por exemplo, as praças e igrejas, que passam a estruturar o estilo de vida de cada espaço.

### 3 CASE SEUL

A capital da Coreia do Sul, Seul, eleita Cidade Criativa do *Design* da Rede Mundial em 2010, é descrita pela UNESCO como o centro social, econômico e cultural do país, onde concentram-se aproximadamente 73% dos *designers* nacionais. Desde 2010, o governo metropolitano de Seul (SMG – *Seoul Metropolitan Government*) tem participado de todas as reuniões anuais da Rede, tendo também sido o anfitrião da reunião de 2011, e outras duas conferências internacionais acerca da temática das cidades criativas. Além disso, a cidade abrange muitos especialistas em publicidade, arquitetos, *designers* de jogos e desenvolvedores de conteúdo digital, sendo assim notória a essência criativa na área do *design* (UNESCO 2017).

Os projetos da cidade visam três principais aspectos: tornar o prédio de eventos *Dongdaemun Design Plaza* (DDP) em um marco global que vitalize a economia local, consolidar serviços urbanos do dia-a-dia que se baseiam no *design*, e construir um ecossistema da indústria de *design* (UNESCO 2017). Como forma de incentivo, o governo de Seul tem apoiado o desenvolvimento tecnológico através de suas empresas de *design* com as indústrias líderes da cidade, bem como os projetos locais realizados entre os anos de 2013 e 2017, como segue:



Conforme documento oficial da UCCN de Seul (2017), oito projetos locais se destacam nas categorias de infraestrutura, indústria de *design* e indústria da moda, a saber: 1. *Dongdaemun Design Plaza* (DDP) e *Seoul Upcycling Plaza* (SUP) – projetado pela arquiteta Zaha Hadid e inaugurado em 2014, o *Dongdaemun Design Plaza* é um centro cultural localizado no bairro mais movimentado e histórico de Seul, que através de sua infraestrutura do *design* e as indústrias criativas, tem revitalizado a economia do distrito ao sediar importantes eventos, como a Semana de *Design* de Seul (*Seoul Design Week*), que tem atraído importantes artistas de vários países, a *Design Experience Zone*, evento que possibilita a aprendizado e interação em *designers* iniciantes, a famosa Semana da Moda de Seul (*Seoul Fashion Week*), como também o congresso mundial para debate de mudanças climáticas, *ICLEI World Congress*, que inclusive também foi sediado em duas outras regiões da Coreia do Sul, a cidade de Suwon e a ilha Jeju.

Pouco tempo após sua inauguração, o DDP já recebia títulos interessantes, como um dos 52 melhores lugares para visitar em 2015, de acordo com o *New York Times*; a localização mais marcada no *Instagram* em 2015 na Coreia; incluído no Top 5 dos locais mais populares de acordo com os usuários coreanos do *Facebook* em 2015; além de sediar a filmagem de dramas (séries televisivas do país) de diferentes emissoras (VISITSEOUL.NET, 2015 - editado em 2021).

Em setembro de 2017 o governo inaugurou um centro de reutilização de materiais denominado *Seoul Upcycling Plaza*, com o intuito de lidar desde a coleta de resíduos, até seu processamento, fabricação de novos produtos e posterior venda. Nas palavras do então prefeito, a ação transformaria a região no “maior recurso de reciclagem ecológica da Coreia” (UNESCO 2017, p. 30) afirmando ainda que o SMG busca fazer de Seul uma cidade ecologicamente correta, conforme a visão da capital de se tornar uma cidade *Zero Waste* (desperdício zero) até 2030.

2. Semana do *Design* de Seul (*Seoul Design Week*), Consultor de *Design* de Seul para soluções para problemas locais do Distrito Dong (*Seoul Design Consultant for Solutions to Local Dong-District Problems*) e Eulji-ro Lightway - a Semana de *Design* de Seul é um festival que teve início no ano de 2014 e visa incentivar todas as esferas da sociedade a se comunicarem através do *design*, sendo patrocinado por empresas privadas, além do SMG e da Fundação de *Design* de Seul (UNESCO 2017).





O projeto Consultor de *Design* de Seul para soluções para problemas locais do Distrito Dong está inserido dentro do plano denominado *Seoul, Together We Stand* (Seul, juntos nós permanecemos), que visa obter uma cidade segura, amiga, de esperança e verde, buscando primeiramente,

“identificar problemas com as indústrias locais, o ambiente de vida e os menos privilegiados e em seguida ajudar os residentes locais a se unirem a especialistas em design para buscar soluções que possam ser implementadas pelos próprios cidadãos” (UNESCO 2017, p. 24).

O projeto *Eulji-ro Lightway*, visava promover a indústria da iluminação na área de Eulji-ro, uma vez que foi observado que as lojas dependiam mais das vendas de produtos de baixo preço importados da China do que dos produtos nacionais. Assim, o governo buscou desenvolver equipamentos de iluminação feitos na região, através da colaboração entre designers e donos dos estabelecimentos, promovendo-os através de um festival com o tema de iluminação que até mesmo rendeu a publicação de um livro acerca da iluminação da região, intitulado *Sparkling Eulji-ro* (“brilhante” Eulji-ro).

3. Semana de Moda de Seul (*Seoul Fashion Week*), *Seoul's 10 Soul* e Estúdio Criativo de Moda de Seul (*Seoul Fashion Creative Studio*) - A fim de levar marcas de estilistas coreanos a ganhar espaço no mercado internacional, Seul tem realizado diversos programas buscando promover os *designers* de moda locais. Nasce assim a Semana da Moda de Seul, que acontece duas vezes ao ano, trazendo eventos sediados nas instalações do *Dongdaemun Design Plaza* com o intuito de descobrir jovens talentos da indústria, e através de estratégias de marketing, atrair a comunidade mundial deste setor.

Ainda na área da moda o projeto *Seoul's 10 Soul*, visa desenvolver uma “marca global projetada para apoiar empresas de moda de pequeno e médio porte em suas atividades de marketing no exterior” (UNESCO 2017, p. 19), onde a cada edição, dez marcas com capacidade global são selecionadas para receber suporte a projetar a marca em lojas de departamento e boutiques de moda no país e no exterior.

Já o Estúdio Criativo de Moda de Seul, lançado em 2009, “é um projeto de incubação que visa estabelecer bases para promissores jovens do *design* de moda que desejam iniciar um negócio por conta própria em um ambiente estável” (UNESCO 2017, p. 20).



## 4 DISCUSSÃO E COMENTÁRIOS ADICIONAIS

A partir dos projetos criativos desenvolvidos em Seul, podemos identificar aproximações quanto à teoria apresentada por Reis (2010), onde afirma que as cidades criativas apresentam três características necessárias em sua constituição - a inovação, as conexões e a cultura, considerando-as como aspectos profundamente enredados e traços essenciais de uma cidade que se diz criativa. Neste contexto, verificou-se que estas aproximações são relevantes para análise e discussão.

No contexto de inovação, entendida pela autora como a criatividade posta em prática, podemos destacar a essência dos projetos destacados anteriormente, uma vez que podem ir além de produtos ou processos, incorporando novos modelos de governança e permitindo a criação colaborativa e o engajamento social. Estes traços foram muito visíveis em projetos como o Consultor de *Design* de Seul para soluções para problemas locais, que necessita da criatividade frente aos problemas a serem resolvidos na região, bem como no *Eulji-ro Lightway*, uma vez que contou com a colaboração entre os *designers* e donos de estabelecimentos, a fim de promover a indústria de iluminação da região de Eulji-ro, vitalizando a economia e os espaços físicos através de um festival.

O projeto *Eulji-ro Lightway* também pode ser analisado à luz das conexões, uma vez que relaciona o setor público (ação do SMG), o privado (lojas de iluminação) e a sociedade civil (participantes do evento), além de conectar as pessoas às áreas da cidade, uma vez que o festival possibilita a visita aos estúdios abertos de artistas da região de Eulji-ro.

Quanto às conexões locais, regionais e globais, destaca-se aqui o *Seoul Fashion Week*, que em poucos anos de evento conseguiu atrair o olhar da mídia internacional, situando a cidade num contexto de acesso e produção de informações, conforme menciona Reis (2010), gerando assim um ótimo retorno aos investimentos realizados. A existência de espaços públicos que possam ser utilizados por todas as pessoas, sem nenhum tipo de distinção, conforme mencionados pela autora, também podem ser encontrados neste projeto.

No quesito cultura, Reis (2010) destaca acerca de um ambiente de liberdade de expressão e de criação, onde exista grande variedade de ofertas e demandas culturais. Esses ideais que podem ser encontrados no Centro Cultural *Dongdaemun Design Plaza*, que visa abraçar os projetos culturais, fornecendo instalações de qualidade que os impulsionem a nível internacional. No projeto *Fashion Creative Studio*, que oportuniza aos jovens designers



aprovados no processo seletivo, o uso de um estúdio com ambiente equipado para iniciarem seus negócios. E também nos projetos *Seoul's 10 Soul* e *Fashion Creative Studio*, que visam projetar empresas iniciantes e jovens talentos ao mercado mundial.

O projeto *Seoul Upcycling Plaza* busca fazer o reaproveitamento correto dos materiais descartados, necessitando primeiramente da conscientização da população acerca da causa. Reis (2010) destaca a necessidade do envolvimento da sociedade civil para que os processos de transformação tenham chances de serem sustentáveis, reconhecendo a importância dos cidadãos sentirem-se corresponsáveis pelo êxito dos projetos.

Um ponto de destaque é a participação ativa que a capital tem na UCCN, envolvendo-se na avaliação de outras cidades e até mesmo sediando eventos da área. A clareza nos objetivos e na divulgação dos projetos tem levado Seul a alcançar resultados interessantes, sendo de extrema importância para Reis (2010) uma governança compartilhada, com papéis e responsabilidades claros e um arranjo institucional bem sustentado.

A capital conseguiu não apenas destacar sua vocação na área do *design*, mas também investir em projetos que de fato beneficiassem os cidadãos, gerando empregos e oportunidades para os profissionais da área, criando parcerias entre diferentes setores a partir de sua área criativa, dando espaço a criatividade, assim como Reis (2010) destaca a necessidade de uma cidade criativa pulsar, criar, transpirar e consumir cultura.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo principal analisar os projetos criativos desenvolvidos na cidade de Seul e verificar suas aproximações à luz da teoria de Reis. Desta forma, foi possível verificar que a cidade não apenas é membro da UCCN, como também tem desempenhado um papel participativo, com projetos coerentes e muito bem estruturados. Sendo fácil perceber os motivos que fazem a capital ser criativa na área do design, uma vez que as ações apontaram muito bem para a direção da vocação lá estabelecida. Assim, a prática foi capaz de encontrar inúmeras aproximações entre as propostas de Reis e os objetivos dos diferentes projetos de Seul analisados através do relatório Unesco.

O estudo em questão possibilitou uma visão ampla não apenas do que o governo já fez, mas também acerca dos resultados que espera com estas ações a longo prazo, além do que visa implementar daqui para frente, como acabar com o desperdício até 2030 e se tornar



ecologicamente correta. Além de fomentar o planejamento participativo, oportunizam aos *designers* iniciantes pensar em formas de melhorar diferentes setores através da criatividade, apostando primeiramente no mercado local para posterior reconhecimento internacional através de seus talentos. Acredita-se que a participação de Seul na Rede tem impulsionado ainda mais a cidade a buscar por melhorias para a população, pensando e planejando as melhores estratégias para avançar em sua área criativa, movimentando assim a economia, as relações sociais e o desenvolvimento sustentável.

## REFERÊNCIAS

ASHTON, Mary Sandra Guerra (org.). **Cidades Criativas: vocação e desenvolvimento**. Novo Hamburgo: Editora Feevale. 2018.

LANDRY, Charles. **Origens e futuros da cidade criativa**. São Paulo: Sesi-SP editora. 2013.

LANDRY, Charles; BIANCHINI, Franco. **The Creative City**. Londres. 1995.

REIS, Ana Carla Fonseca e KAGEYAMA, Peter. **Cidades Criativas – Perspectivas**. São Paulo: Garimpo de Soluções. 2011.

\_\_\_\_\_. **Cidades Criativas Soluções Inventivas – O papel da Copa, das Olimpíadas e dos museus internacionais**. São Paulo: Garimpo de Soluções. 2010

\_\_\_\_\_. **Cidades criativas, turismo cultural e regeneração urbana**. São Paulo. 2008.

UNESCO. **Creative Cities of UNESCO for Sustainable Development**. 2018. Disponível em: <[https://en.unesco.org/creative-cities/sites/creative-cities/files/unesco\\_uccn\\_en\\_180530\\_final.pdf](https://en.unesco.org/creative-cities/sites/creative-cities/files/unesco_uccn_en_180530_final.pdf)> Acesso em 24 de nov. de 2020.

UNESCO. **Seoul - UNESCO City of Design**. 2017. Disponível em: <[https://en.unesco.org/creative-cities/sites/creative-cities/files/monitoring\\_reports/uccn\\_seoul\\_membership\\_monitoring\\_report2013-2017.pdf](https://en.unesco.org/creative-cities/sites/creative-cities/files/monitoring_reports/uccn_seoul_membership_monitoring_report2013-2017.pdf)> Acesso em 1º de dez. de 2020.

VISITSEOUL.NET. Disponível em: <[https://english.visitseoul.net/attractions/Dongdaemun-Design-Plaza-DDP\\_/96](https://english.visitseoul.net/attractions/Dongdaemun-Design-Plaza-DDP_/96)> Acesso em 03 de fev. de 2021.

VIVANT, Elsa. **O que é uma cidade criativa?** São Paulo: Editora Senac. 2012.



## DIGITAL INFLUENCERS E A CULTURA DO CANCELAMENTO

### DIGITAL INFLUENCERS AND THE CANCELLATION CULTURE

Laura Schemes Prodanov; Sandra Portella Montardo

Universidade Feevale

**Resumo:** Essa pesquisa tem como temática o cancelamento da digital *influencer* Gabriela Pugliesi na rede social Instagram, que foi boicotada por seguidores e teve contratos publicitários cancelados em função de uma festa que organizou no período de distanciamento social no início da pandemia. Nosso objetivo é identificar de que forma a mídia digital apresentou este evento e suas repercussões, que representaram sérias consequências na vida profissional de Gabriela. A cultura do cancelamento se faz cada vez mais presente na realidade brasileira, mas ainda poucos trabalhos abordam esta questão, visto que esta é uma prática relativamente nova que surgiu em função das redes sociais proporcionarem uma visibilidade muito grande de determinados sujeitos. A metodologia utilizada será a revisão bibliográfica e a fonte de pesquisa será a mídia digital.

**Palavras-chave:** Cancelamento. Gabriela Pugliesi. Mídia digital. Digital *Influencer*.

**Abstract:** This research has as its theme the cancellation of the digital influencer Gabriela Pugliesi on the social network Instagram, which was boycotted by followers and whose advertising contracts were canceled due to a party she organized during the period of social distance at the beginning of the pandemic. Our objective is to identify how the digital media presented this event and its repercussions, which represented serious consequences in Gabriela's professional life. The culture of cancellation is increasingly present in the Brazilian reality, but still few studies address this issue, since this is a relatively new practice due to social networks providing a very high visibility of certain subjects. The methodology used will be bibliographic review and the research source will be digital media.

**Key words:** Cancellation. Gabriela Pugliesi. Digital Media. Digital Influencer.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como temática investigar de que forma aconteceu o cancelamento da digital *influencer* Gabriela Pugliesi, e como objetivo identificar de que forma a mídia digital apresentou este acontecimento e quais foram as suas repercussões. A temática se justifica pois os chamados cancelamentos vêm ganhando cada vez mais força na realidade brasileira, onde qualquer usuário pode começar uma campanha para cancelar outra pessoa, famosos ou não. Esse cancelamento pode acontecer por diversos motivos que tenham causado incômodo na sua audiência, e seus resultados são dos mais variados. Existem poucas pesquisas a respeito desse acontecimento, e pretendemos com esse trabalho abrir uma frente de discussão para possíveis desenvolvimentos sobre o assunto.

As redes sociais, como o Instagram<sup>1</sup>, foram as principais responsáveis pela criação dos influenciadores digitais, também conhecidos por digital *influencers*, que são pessoas capazes de

<sup>1</sup> Permite que você capture, edite e publique fotos, veja fotos de seus amigos, descubra outras fotos por meio de pesquisa, interaja



afetar as decisões e comportamentos de compra de consumidores (BROWN; HAYES, 2008). Segundo Del Rowe (2018), essas pessoas ganharam fama através do crescimento das plataformas digitais e hoje são consideradas celebridades, pois possuem um público fiel e bastante engajado, já que o seu relacionamento com o público é frequente e efetivo.

A digital *influencer* analisada neste trabalho, Gabriela Pugliesi, ficou conhecida e conquistou seus seguidores nas redes sociais, sendo que atualmente possui mais de 4 milhões de seguidores, o que a classifica como uma “megainfluenciadora” (<https://neilpatel.com/br/blog/influenciadores-digitais/>). Pugliesi foi uma das primeiras brasileiras que ficaram famosas como digital *influencers*, focando sempre no seu estilo de vida saudável, onde ela apresenta uma rotina de malhação e dieta para seus seguidores, buscando servir de inspiração para aqueles que procuram uma vida mais parecida com a dela. Gabriela conta que quando era criança estava acima do peso ideal para sua idade, e resolveu mudar seus hábitos por conta própria. Ela é baiana, mas se mudou para a cidade de São Paulo com apenas dois anos, e sua formação é bem diferente da área em que atua hoje em dia, pois ela é formada em desenho industrial. Gabriela trabalhava em uma joalheria antes de largar o emprego para se dedicar a carreira de *influencer* em 2013, quando começou a ficar cada vez mais famosa. O sobrenome Pugliesi na verdade vem de seu ex-marido, Thiago Pugliesi, com quem era casada quando ficou famosa. Hoje ainda usa o mesmo sobrenome apesar de já ter se divorciado de Thiago. A maior parte da publicidade que ela faz é de marcas e produtos de alimentação saudável. A influencer sofreu um cancelamento nas suas próprias redes sociais depois de publicar imagens de uma festa em sua casa em plena pandemia de COVID-19. (<https://extra.globo.com/famosos/musa-fitness-pivo-de-separacoes-conquistadora-saiba-mais-sobre-gabriela-pugliesi-17546429.html>)

Cancelamento, segundo Duarte e Gonçalves (2020) é um boicote virtual dirigido àquele que de forma voluntária ou involuntária frustrou expectativas, traiu regras ou ousou ser diferente do que era esperado dele dentro das redes. As mesmas autoras ainda dizem que os julgamentos em rede podem ganhar proporções surpreendentes e desconstruírem repentinamente a imagem de uma pessoa, famosa ou não, sugerindo aos demais um boicote a mesma. Esse boicote é então chamado, dentro das redes sociais, de cancelamento.

Como metodologia, para analisarmos como a mídia divulgou o evento realizado por Pugliesi e que a levou a ser cancelada, realizamos uma pesquisa na qual foram selecionadas vinte notícias escolhidas através de uma busca simples pela internet. Dessas vinte notícias, dez tratam sobre o

---

com elas, entre em conversas com autores de fotos e outros que deixaram comentários, crie coleções de fotos, etc., tudo em um único dispositivo. (MANOVICH, 2017, p. 11).



cancelamento e dez sobre a volta da digital *influencer* às redes, a fim de possibilitar uma comparação dos dois momentos. O critério para a definição das matérias escolhidas foi a ordem do resultado de busca e o termo pesquisado foi “cancelamento Gabriela Pugliesi”.

## O CASO GABRIELA PUGLIESI

O caso escolhido para análise aconteceu no dia 25 de abril de 2020, quando a digital *influencer* do Instagram publicou em seu *stories*<sup>2</sup> dentro da rede social imagens em vídeo de uma festa que estava realizando em seu apartamento em São Paulo, com aproximadamente 10 pessoas. Nas imagens, é possível ouvir música, homens conversando ao fundo, decoração de festa, copos na mão e Gabriela abraçada com amigas. Algumas das amigas com as quais ela estava abraçada também eram digital *influencers*, como Mariana Saad e Mariana Gonzalez, essa última recém saída do programa Big Brother Brasil, que foi o que motivou a comemoração entre amigos. No dia seguinte, Gabriela publicou outro *stories* no Instagram com um pedido de desculpas tentando justificar seus atos, mas isso não foi o suficiente para o público que a criticou duramente, dizendo que ela estava desrespeitando as medidas de segurança previstas pela Organização Mundial da Saúde sobre distanciamento social, a fim de evitar o contágio de COVID-19. Muitos de seus seguidores na rede deixaram de segui-la, ao mesmo tempo em que as críticas cresciam.

Algumas das maiores empresas que a patrocinavam, como Hope, Fazenda Futuro, Desinchá e Liv Up romperam contrato com ela, também em função da pressão que os consumidores fizeram nas próprias redes sociais das marcas, cobrando-as de um posicionamento frente a esse acontecimento. Outras marcas que já haviam trabalhado com ela no passado também se posicionaram dizendo que não pretendiam mais firmar contrato com a influenciadora pois não concordavam com seus atos. Gabriela então apagou sua página no Instagram, onde ela só retornaria 3 meses depois.

É importante lembrar que Pugliesi tinha sido uma das primeiras personalidades públicas brasileiras a contrair COVID-19, no casamento de sua irmã Marcella, realizado em março na Bahia, que contou também com outros famosos que ficaram infectados. Esse foi um dos últimos eventos realizados antes do período de quarentena previsto pelo governo, mas ficou amplamente conhecido pelo grande público como um dos primeiros eventos disseminadores da doença.

<sup>2</sup> Stories é uma funcionalidade dentro do Instagram onde o usuário pode postar um vídeo curto ou foto que desaparecerá da rede após 24 horas.



## RESULTADOS

Foram escolhidas matérias de dez diferentes sites que falavam sobre o cancelamento, como podemos analisar no quadro abaixo. Esses sites foram escolhidos levando em consideração somente quais foram os primeiros que apareciam depois de uma busca no site Google pelo termo "Cancelamento Gabriela Pugliese".

Quadro 1 – Notícias sobre cancelamento

Link	Site
<a href="https://shorturl.at/bjtC8">shorturl.at/bjtC8</a>	Forbes
<a href="https://shorturl.at/hAJY9">shorturl.at/hAJY9</a>	Globo
<a href="https://shorturl.at/hoGHI">shorturl.at/hoGHI</a>	Diário de Pernambuco
<a href="https://shorturl.at/eFHP0">shorturl.at/eFHP0</a>	UOL
<a href="https://shorturl.at/nDKRX">shorturl.at/nDKRX</a>	Folha de São Paulo
<a href="https://shorturl.at/luFJ6">shorturl.at/luFJ6</a>	Catraca Livre
<a href="https://shorturl.at/wFN37">shorturl.at/wFN37</a>	Melodia News
<a href="https://shorturl.at/nACL6">shorturl.at/nACL6</a>	Juliana Saldanha
<a href="https://shorturl.at/bgxQV">shorturl.at/bgxQV</a>	UOL
<a href="https://shorturl.at/syCXZ">shorturl.at/syCXZ</a>	Purepeople

Fonte: Elaborado pela autora

A maioria das matérias falam sobre as perdas financeiras que Gabriela teve, em decorrência da perda de contratos com grandes anunciantes das suas redes sociais. Uma das matérias, do site da Forbes, fez uma estimativa dessas perdas, através dos valores de outros digitais *influencers*



com o mesmo alcance que Gabriela, e esses dados foram exaustivamente copiados pelas outras matérias. Os assuntos mais citados foram: cancelamento de contratos (7), lembrando outros fatos sobre a digital *influencer* que contribuíram para essa crise (7), cancelamento de outros famosos (6), o fato de Gabriela ter desativado seu Instagram como uma manobra para parar de perder seguidores (2) e apenas um site publicou as imagens que a digital *influencer* compartilhou e que levou a esse cancelamento, assim como apenas um site deu exemplo de outros famosos que estão aproveitando esse período de pandemia para produzir algo positivo para a sociedade. Os números entre parênteses representam a quantidade de vezes que aquele assunto foi citado nas matérias analisadas. Alguns outros fatos notados, analisando todas as dez matérias, também valem ser citados. Como por exemplo, muitas matérias apenas replicaram o estudo financeiro feito pela Forbes, abrindo espaço para pensarmos que talvez a questão monetária é algo que chama muita atenção do leitor. Quase nenhuma matéria sentiu necessidade de explicar o que é o conceito de cancelar, apenas usavam o termo entendendo que seu público já tinha conhecimento prévio dele. Assim como quase nenhuma matéria tentou refletir sobre esse movimento e como isso poderia gerar uma mudança mais profunda. A grande maioria das matérias selecionadas para a pesquisa não apresentava de nenhuma maneira uma reflexão sobre o acontecimento, e apenas apresentava os fatos quase como um levantamento de dados.

Já nas outras dez notícias avaliadas sobre a volta da digital *influencer* para as redes, após o cancelamento e de ela ter apagado sua página pessoal do Instagram, o conteúdo se altera consideravelmente. O quadro a seguir segue os moldes do anterior, onde mostramos quais os links e sites que analisamos para o presente trabalho.

**Quadro 2 – Notícias sobre a volta da influencer**

Link	Site
<a href="https://shorturl.at/ruEU7">shorturl.at/ruEU7</a>	UOL
<a href="https://shorturl.at/hmtD3">shorturl.at/hmtD3</a>	IstoÉ
<a href="https://shorturl.at/jJY79">shorturl.at/jJY79</a>	Gaúcha ZH
<a href="https://shorturl.at/oCN07">shorturl.at/oCN07</a>	Veja



<a href="https://shorturl.at/ozDW1">shorturl.at/ozDW1</a>	Caras
<a href="https://shorturl.at/nqtQ2">shorturl.at/nqtQ2</a>	Jovem Pan
<a href="https://shorturl.at/hnvPS">shorturl.at/hnvPS</a>	Yahoo
<a href="https://shorturl.at/ryUX5">shorturl.at/ryUX5</a>	Exame
<a href="https://shorturl.at/noEIZ">shorturl.at/noEIZ</a>	Correio Braziliense
<a href="https://shorturl.at/nuxD4">shorturl.at/nuxD4</a>	SBT

Fonte: Elaborado pela autora

Muitos sites mostram o vídeo que a digital *influencer* postou em sua página do Instagram, em que ela pede desculpas e tenta explicar o acontecido e seus atos (8). As matérias que citam essas falas, replicam grande parte do texto de maneira muito parecida entre elas. Outras matérias também mostram que Gabriela voltou às redes com postura arrependida dos seus atos (7), lembraram outros casos que contribuíram para o cancelamento dela, como o fato de ela ter sido uma das primeiras pessoas famosas brasileiras a publicamente contrair COVID-19, no casamento da sua irmã em março (6). Poucas fazem uma análise do que a digital *influencer* fez por trás das câmeras para voltar para as redes sociais, se ela foi ajudada por alguma empresa especializada, etc (2), assim como matérias que citaram novamente o grande número de contratos que ela perdeu com patrocinadores (2), e apenas um citou outros famosos que tiveram a mesma atitude que ela, desrespeitando a quarentena imposta no país. Quase todas essas matérias citam frases que Gabriela falou durante uma entrevista em vídeo para o canal do Youtube de outro famoso, explicando o cancelamento e o que aconteceu com ela depois. Os números entre parênteses representam a quantidade de vezes que aquele assunto foi citado nas matérias analisadas.

## CONCLUSÃO

É interessante notar que o grande interesse que as matérias iniciais tiveram no número de perdas de contrato de Gabriela não se replicaram nas matérias da volta. Quase nenhuma notícia se



preocupou em contextualizar o que é a cultura do cancelamento, entendendo assim que seu público já está familiarizado com esse conceito. Mas o ponto mais interessante aqui para análise é o fato de que 18 das 20 matérias analisadas eram extremamente curtas, uma tendência que vemos cada vez mais na internet. Por conta disso, quase nenhuma continha uma reflexão sobre esse acontecimento, ou tentaram entender o que aconteceu fora do olho público para a digital *influencer* voltar a ativar suas redes sociais, ou mesmo o motivo de ela ter apagado seu Instagram.

Também quase nenhuma notícia tentou dar exemplos de famosos que trataram a pandemia de uma maneira positiva, doando dinheiro ou incentivando o distanciamento social. Foram poucos os que falaram sobre o caso de outros famosos que tinham sido flagrados publicamente desrespeitando as normas de distanciamento, mas que não sofreram as mesmas consequências de Gabriela. Por outro lado, muitos citaram a perda financeira que ela teve, ajudaram a lembrar outros fatos que a levaram a sofrer tamanho cancelamento nas redes, e citaram as frases da própria em suas matérias. Também foi mais fácil encontrar matérias sobre a volta dela para o Instagram do que sobre o cancelamento em si. Separando as notícias do cancelamento com as da volta, é muito fácil perceber uma grande semelhança entre elas. Muitas vezes é possível ver que um canal copiou a matéria de outro e replicou quase sem nenhuma alteração. E as matérias que possuíam algum tipo de aprofundamento, que tentavam explicar a cultura do cancelamento ou gerar uma reflexão sobre, eram sempre de veículos de comunicação mais conhecidos ou respeitados.

Compreendemos então que atingimos o objetivo proposto no início desta pesquisa, que era entender como as notícias relacionaram o que aconteceu com ela. E também conseguimos analisar de que jeito a mídia brasileira repercutiu o fato de que a digital *influencer* Gabriela Pugliesi estava sofrendo cancelamento no Instagram, percebendo se essas notícias continham caráter analítico ou não. É possível então averiguarmos que a mídia noticiou esse acontecimento de forma bastante igual entre diferentes veículos, focando apenas nos grandes fatos, e quase não fazendo uma análise mais próxima ou crítica.

Como desdobramento desse trabalho, ainda poderíamos pesquisar o motivo de as notícias hoje em dia se apresentarem de maneira curta e somente com levantamento de fatos, possivelmente por influência da agilidade que a internet pede atualmente, onde seus usuários não procuram mais por longos textos e informações, e sim por matérias que resumem de maneira efetiva os acontecimentos.



## REFERÊNCIAS

BROWN, D. e N. HAYES. **Influencer Marketing: Who Really Influences Your Customers?**, 1.ed. Oxford/ Burlington: Butterworth-Heinemann, 2008.

DEL ROWE, S. **Tapping into Social's Media Sphere of Influence**.2018. Disponível em <http://www.destination.com/Articles/Editorial/Magazine-Features/Tapping-Into-Socials-Sphere-of-Influence-122433.aspx>. Acesso em 03/12/20.

GONÇALVES, Lucimar; DUARTE Gracy Astolpho. O Homem Social nas Redes Sociais: um estudo de caso sobre a cultura do cancelamento. **Intercom**, 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-1059-1.pdf>. Acesso em 01/12/2020

INFLUENCIADORES DIGITAIS: O que São e Passo a Passo Para Se Tornar Um. Disponível em: <https://neilpatel.com/br/blog/influenciadores-digitais/>. Acesso em 01/12/2020.

MANOVICH, L. **Instagram and Contemporary Image**,2017. Disponível em: <<http://manovich.net/index.php/projects/instagram-and-contemporary-image>>. Acesso em: 04/12/20.





## A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE TRANS NA OBRA FÍLMICA

### “A GAROTA DINAMARQUESA”

#### THE AFFIRMATION OF TRANS IDENTITY IN THE FILM WORK

#### “THE DANISH GIRL”

Marianna Ribeiro Pires; Claudia Schemes

Universidade Feevale

**Resumo:** este texto objetiva analisar a narrativa fílmica “A garota dinamarquesa” (2015), inspirado na história real de Einar Wegener/Lili Elbe, sob a perspectiva dos estudos de gênero, no que concerne a transexualidade e a afirmação da identidade de gênero. Nesse ponto, analisa-se como a Moda pode contribuir para a construção da identidade feminina da personagem principal, Lili. O texto também versa sobre as questões sociais envolvidas na obra, como a patologização da condição trans, na Dinamarca dos anos 1920 e 1930 e os conflitos identitários presentes no processo de afirmação de gênero, até o momento da cirurgia de redesignação sexual da protagonista. A metodologia consistiu em selecionar imagens referentes a algumas cenas específicas do filme, a fim de realizar a análise, embasada por uma pesquisa bibliográfica.

**Palavras-chave:** Transexualidade. Identidade. Gênero. Moda.

**Abstract:** this text aims to analyze the film narrative “the Danish girl” (2015), inspired by the real story of Einar Wegener / Lili Elbe, from the perspective of gender studies, with regard to transsexuality and the affirmation of gender identity. At this point, it is analyzed how Fashion can contribute to the construction of the female identity of the main character, Lili. The text also deals with the social issues involved in the film, such as the pathologization of the trans condition, in Denmark in the 1920s and 1930s and the identity conflicts present in the process of gender assertion, until the time of the protagonist's sexual reassignment surgery. The methodology consisted of selecting images referring to some specific scenes of the film, in order to carry out the analysis, based on bibliographic search.

**Palavras-chave:** Transsexuality. Identity. Gender. Fashion.

## INTRODUÇÃO

A relação entre cinema e sociedade, vem gerando reflexões relevantes sobre as mais diversas questões sociais, de modo que as narrativas fílmicas podem ser utilizadas como fontes para a pesquisa histórica, como forma de representação social de determinada cultura, em dado momento. Para Ferro (1992, p.15), o cinema torna-se mais ativo nesta perspectiva, quando a sociedade encarrega-se de si mesma, no que o autor considera como a “passagem dos filmes de militantes para os filmes militantes”. É nessa linha de pensamento, que este texto desenrola-se, a fim de refletir na obra fílmica “A garota dinamarquesa” (2015), questões sociais importantes, tais como os estudos de gênero no que concerne a transexualidade, e como essa era patologizada na Dinamarca dos anos 1920/1930, conforme mostra a narrativa fílmica. O texto também



relaciona a afirmação da identidade de gênero da personagem Lili Elbe com a Moda, uma importante forma de expressão e significação, que contribui para a construção de identidades.

## A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO DE LILI ELBE

“A garota dinamarquesa” é uma narrativa fílmica baseada em uma história real, que inspirou primeiramente o livro de ficção de *David Ebershoff*, e posteriormente o longa-metragem dirigido por *Tom Hooper*, lançado em 2015. A obra se passa na Copenhague (Dinamarca) das décadas de 1920 e 1930, onde Einar Wegener (interpretado por *Eddie Redmayne*) e Gerda (papel de *Alicia Vikander*) formam um casal de jovens pintores. Em um certo dia, Gerda, precisando terminar um quadro de uma amiga bailarina, que não pôde comparecer na sessão, pede ajuda ao esposo para ele vestir meia-calça, usar sapatos femininos, e segurar um vestido longo, rodado, de cor clara e tecido fluído, na frente do corpo, como se estivesse usando-o, para que pudesse terminar a pintura (figura 1).

Figura 1. Einar e o despertar da identidade feminina.



Fonte: Elaborado pela autora.

O que seria uma ajuda para a esposa, despertou ou lembrou desejos íntimos em Einar, que gostou de ter contato com as vestes femininas e da sensorialidade provocada pelo tecido. A partir disso, Einar se interessa cada vez mais pelas vestes femininas de sua esposa, passando a observar mais as roupas dela e até mesmo a vestir uma camisola por baixo das suas roupas masculinas, ato que gera uma brincadeira sexual entre o casal. Além disso, Einar passa a posar mais vezes como Lili Elbe, o nome que adotou, e assim Gerda começa a ganhar certa notoriedade com as pinturas em questão.



Sobre o visual adotado por Lili no longa, as vestimentas são peças habituais do vestuário feminino da época. É importante ressaltar como a Moda pode influenciar na construção de identidades, uma vez que é uma linguagem de caráter discursivo, “se manifesta como uma das mais espetaculares e significativas formas de expressão articulada e desenvolvida pela cultura humana”, observada na contextualização de determinado meio social (CASTILHO, 2009, p.37). Na narrativa fílmica, Einar externa a sua identidade, no caso Lili Elbe, através do contato com peças do vestuário feminino, na cena já mencionada, quando posa para sua esposa. Com a meia-calça, os sapatos femininos e o vestido, Einar sente o toque leve dos tecidos sobre sua pele, causando-lhe sensações e o despertar do feminino que ali habitava. Cabe ressaltar que na obra, observa-se a vestimenta como um fator relevante na afirmação da identidade. De acordo com esta percepção, a Moda é um elemento chave no despertar dessa condição, contribuindo para expressão da identidade de gênero que de certa forma estava reprimida.

Sobre isso, o filme mostra que Einar, na infância, certa vez vestiu o avental de sua avó e trocou um beijo com um garoto, lembrança que é acionada posteriormente, quando Einar já vive também como Lili, ao mesmo tempo que ainda mantém sua identidade masculina, isto é, uma fase de transição entre os gêneros. Percebe-se que o contato com as vestes femininas para a pintura do quadro de Gerda, pode não ter sido o único fator que despertaria a sua identidade feminina, mas um reencontro com um sentimento reprimido, pois, conforme Jesus (2012), uma pessoa transexual pode reconhecer-se como trans desde pequena, e outras pessoas tardiamente, por diferentes motivos, mas muito se deve às repressões sociais, fato que é contado na narrativa: o pai de Einar reprime os garotos, ao se deparar com a cena em questão.

Observa-se que a apropriação das vestes femininas por Einar avança no momento em que ele aceita a sugestão de sua esposa em se vestir como Lili, para lhe acompanhar em uma festa, – programa de que não gostava –, mas sentiu-se atraído em participar, se estivesse vestido na condição feminina. É nas cenas da festa em questão, que a até então brincadeira, passa a tomar proporções nas quais Einar não consegue mais controlar, pois sente que seu gênero difere daquele que lhe foi atribuído no momento do nascimento, determinado biologicamente. Salienta-se que gênero é pautado por uma construção social sobre masculinos e femininos, é “um conjunto de significados e símbolos construídos a partir da percepção da diferença sexual, empregado na compreensão de mundo e das relações sociais, particularmente, as relações entre homens e mulheres” (SANTOS, 2006, p.41).



Em vista disso, é possível observar na obra, que Einar se encontrava em um momento de transição, em um processo de busca pela afirmação de sua identidade de gênero, que para Grossi (1998) é a constituição de um sentimento individual de identificação, esta construída socialmente, mas muito influenciada pelas rotulações desde o nascimento. Nesse sentido, quando há a percepção de uma diferença entre a identidade de gênero do sujeito e a identidade de gênero atribuída, é comum que isso gere alguns conflitos identitários. Quando Einar começa a assumir-se como Lili fora do contexto das pinturas, surgem alguns conflitos entre o casal, e também conflitos de identidade consigo mesmo, pois a identidade feminina que está presente, começa a manifestar-se de forma mais intensa, gerando em um primeiro momento, incompreensões, por provocar na protagonista o sentimento de não pertencimento de si mesmo, isto é, a não identificação com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer, com base em seu corpo. Diante de tais conflitos e angústias, o casal busca diagnósticos clínicos para aquilo que acreditava-se na época, ser uma doença, visto que se tratava da década de 1920/1930 e não havia ainda, o entendimento por parte da comunidade médica e da sociedade em geral, de que a condição de Einar não estava relacionada a uma patologia, tratando-se unicamente de sua identidade de gênero. Na narrativa fílmica, o olhar médico sobre a situação de Einar, era visto como desequilíbrio químico, perversão, ou esquizofrenia. Os tratamentos consistiam em utilizar radiação (figura 2) ou ainda, considerado um caso de internação.

**Figura 2: tratamento com radiação**

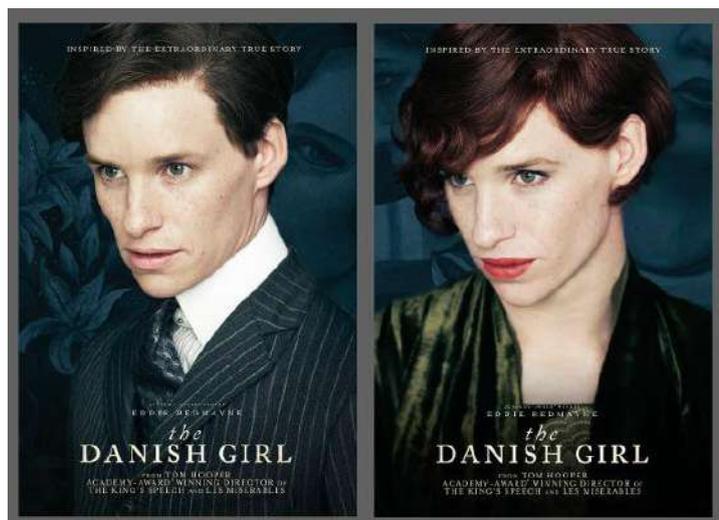


Fonte: Muito mais que Moda (2016)



Quanto a patologização da transexualidade, Bento (2008) argumenta que a questão ainda é taxada como doença. Dessa maneira, os transexuais, muitas vezes são tratados como portadores de distúrbio de identidade de gênero, quando na realidade, a transexualidade não passa de uma condição (Ávila e Grossi, 2010). As autoras afirmam que os discursos médicos fazem com que os indivíduos trans assumam essa posição que os patologiza e então são submetidos a cirurgia de redesignação sexual (também chamada de transgenitalização), porém, nem todos os indivíduos trans desejam passar pelo procedimento cirúrgico, e nem por isso deixam de ser transexuais, uma vez que a transexualidade pode ser expressada de outras formas, como a escolha das vestimentas e adornos<sup>1</sup>, por exemplo. Na figura 3 imagens da caracterização dos personagens na narrativa filmica: o antes e depois da afirmação de gênero. Já na figura 4, imagens reais de Einar Wegener e Lili Elbe.

**Figura 3: Einar e Lili Elbe no filme “A garota dinamarquesa”**



Fonte: Serotonina (2016)

<sup>1</sup> É o caso da cartunista brasileira Laerte, mulher trans, que assume sua identidade feminina por meio do seu visual, mas não deseja passar pela redesignação sexual. Para conhecer mais sobre Laerte, ver o documentário “Laerte-se” (2017).



Figura 4: Einar e Lili Elbe em imagens reais



Fonte: Uol (2016)

No caso de Lili, assim como ela gosta de se produzir com trajes culturalmente femininos, também deseja passar pelo procedimento cirúrgico, encontrando um médico que faz a operação de redesignação sexual, em caráter experimental. Porém, nos anos 1930 a medicina ainda não estava totalmente preparada para uma cirurgia de tamanho porte, de modo que Lili não resistiu a todos os procedimentos, vindo a falecer em decorrência de uma das cirurgias realizadas. Na vida real, Lili Elbe fez a primeira cirurgia com o sexólogo Dr. Magnus Hirschfeld<sup>2</sup>, em Berlim (Alemanha), e as demais cirurgias foram realizadas com o Dr. Warnekros da Clínica Municipal da Mulher de Dresden (Alemanha), um médico pioneiro em cirurgias de redesignação sexual (DIAS, 2016).

No longa-metragem, o momento que precede o falecimento da personagem é permeado por um diálogo (ver figura 5) em que após uma das cirurgias, Lili relata seu sonho à Gerda, de forma que é possível analisar o sentimento profundo de sua vontade em viver socialmente como a mulher que já sentia ser.

A coragem de viver a sua identidade de gênero, concede a Lili Elbe, o título de pioneira na cirurgia de redesignação sexual, sendo consagrada como uma referência histórica para a comunidade trans.

<sup>2</sup> Nascido na Prússia, Dr. Magnus Hirschfeld (1868-1935) foi um médico que defendia as minorias sexuais, tendo criado o Comitê Científico Humanitário, promovendo educação e pesquisa no campo da sexualidade.



Figura 5: Lili após a cirurgia



Fonte: Pinterest (2021)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste texto, abordou-se sobre os estudos de gênero no que tange a identidade de gênero e transexualidade. Buscando relacionar com a Moda, esta foi abordada em seu aspecto social, enquanto linguagem que contribui para a construção de identidades.

Dessa forma, foi possível analisar como as vestimentas contribuem para a afirmação da identidade da personagem, protagonista da narrativa fílmica “A garota dinamarquesa” (2015), inspirada na história real de Einar Wegener e sua afirmação de gênero para Lili Elbe.

Foi possível identificar no filme, que por meio de uma composição visual e de uma peça do vestuário, Einar ao sentir o toque macio dos tecidos em sua pele, desperta/relembra sua identidade de gênero feminina, acontecimento que proporciona a busca de vivê-la em sua forma plena, assumindo-se socialmente como mulher, mas não sem antes viver conflitos identitários consigo e em seu casamento, além de enfrentar os desafios de ser uma mulher transexual na Dinamarca dos anos 1920/1930, onde a transexualidade era tida como uma patologia. Assim,



na vida real, a trajetória de Lili Elbe marca historicamente a comunidade trans, consagrando-a como pioneira na cirurgia de redesignação sexual.

## REFERÊNCIAS

A GAROTA dinamarquesa. Direção de Tom Hooper. Alemanha/Bélgica/Dinamarca/EUA/Inglaterra: Netflix, 2015.

ÁVILA, Simone. GROSSI, Miriam Pillar. **Transexualidade e Movimento Transgênero na perspectiva da diáspora queer**. V Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura- ABEH, Natal: RN, 2010.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 2008.

CASTILHO, Kathia. **Moda e linguagem**. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Anhembi Morumbi, 2009.

DIAS, Tiago. A real “garota dinamarquesa”: como uma pintora foi pioneira na luta trans. Uol, 2016. Disponível em: <<https://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2016/02/11/a-verdadeira-garota-dinamarquesa-como-uma-pintora-se-tornou.htm>>. Acesso em 01 abril 2021.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. Antropologia em 1º mão- Florianópolis, UFSC/PPGAS, 1998.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, DF, 2012.

LOWEN, Maria. A garota dinamarquesa (The danish girl): resenha. Disponível em: <<https://www.marialowen.com/2016/02/27/a-garota-dinamarquesa-the-danish-girl-resenha-critica/>>. Acesso em: 31 março 2021.

PINTEREST. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/401172279291883953/>> Acesso em 01 abril 2021.

SANTOS, Moara de Medeiros Rocha. **Desenvolvimento da identidade de gênero em casos de intersexualidade: contribuições da psicologia**. 2006. 257f. Tese (Doutorado em Psicologia)

– Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6315/1/2006\\_Moara%20de%20Medeiros%20Rocha%20Santos.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6315/1/2006_Moara%20de%20Medeiros%20Rocha%20Santos.pdf)>. Acesso em: 29 abr. 2018

THE GUARDIAN. The Danish Girl and the sexologist: a story of sexual pioneers. The Guardian, 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/science/blog/2016/jan/13/magnus-hirschfeld-groundbreaking-sexologist-the-danish-girl-lili-elbe>>. Acesso em: 01 abril 2021.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

VIANA, Jusley. **Filme:** A garota dinamarquesa. Disponível em:  
<<http://jusleyviana.blogspot.com/2016/10/filme-garota-dinamarquesa.html>>. Acesso em: 31  
março 2021.





## **IDOSOS, CERVICALGIA E QUIROPAXIA: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DAS BASES DE DADOS BVS E SCIELO**

ELDERLY, NECK PAIN AND CHIROPRACTIC: A BIBLIOMETRIC STUDY OF SCIENTIFIC  
PRODUCTION FROM BVS AND SCIELO DATABASES

Caroline Fagundes; Geraldine Alves dos Santos; Diego Souza da Silva; Cléber Ribeiro Álvares da Silva

Universidade Feevale

**Resumo:** Com a velhice observa-se a redução das funções dos tecidos que recobrem as articulações podendo resultar em dor, e consequentemente limitação em idosos. Sendo assim, essa pesquisa teve por objetivo identificar os estudos realizados com idosos (60 anos ou mais) que utilizaram a quiropraxia como tratamento para cervicalgia. O método utilizado foi a bibliometria. Inicialmente, os descritores idosos, dor na cervical e quiropraxia foram inseridos no campo de busca avançada das bases de dados Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e Scielo. Em seguida, uma nova busca foi realizada com os termos elderly, neck pain e chiropractic. No Scielo zero artigos foram encontrados. Na BVS, com os termos idosos, dor na cervical e quiropraxia 14 artigos foram listados e com as palavras elderly, neck pain e chiropractic 80 artigos foram exibidos. Destes, 13 foram selecionadas por estarem diretamente relacionados com a temática e destes, 10 demonstravam os benefícios do tratamento quiroprático na dor cervical em idosos. A dor afeta a autonomia e independência impedindo o idoso de realizar as atividades da vida diária reduzindo consideravelmente sua qualidade de vida. Nesse sentido, a quiropraxia sendo um tratamento conservador, não-invasivo e não farmacológico pode ser importante aliado no tratamento da cervicalgia em idosos.

**Palavras-chave:** Idosos. Cervicalgia. Quiropraxia. Dor.

**Abstract:** With aging there is a reduction in the function of tissues that recover the joints that can result in pain, and consequently limitation in the elderly. Therefore, this research aimed to identify the studies carried out with the elderly (60 years old or more) who used chiropractic as a treatment for neck pain. The method used was bibliometrics. Initially, the descriptors idosos, dor na cervical and quiropraxia were inserted in the advanced search field of the Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) and Scielo databases. Then, a new search was performed with the terms elderly, neck pain and chiropractic. In Scielo zero articles were found. In the BVS, with the terms idosos, dor na cervical and quiropraxia, 14 articles were listed and with the words elderly, neck pain and chiropractic 80 articles were exhibited. Of these, 13 were selected because they are directly related to the theme and of these, 10 demonstrated the benefits of chiropractic care for cervical pain in the elderly. Pain affects autonomy and independence, preventing the elderly from performing activities of daily living, considerably reducing their quality of life. In this sense, chiropractic being a conservative, non-invasive and non-pharmacological treatment can be an important ally in the treatment of neck pain in the elderly.

**Key words:** Elderly. Neck pain. Chiropractic. Pain.

### **INTRODUÇÃO**

No Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017, os idosos representavam 14,6% da população brasileira. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Características dos Moradores e Domicílios o número de





indivíduos com 60 anos ou mais no país cresceu 18% nos últimos cinco anos. O aumento da população idosa está associado à diminuição dos nascimentos e da fecundidade e ao aumento da expectativa de vida, devido ao investimento em políticas públicas relacionadas à qualidade de vida dos idosos (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2013; IBGE, 2018).

Nesse contexto, estudos relacionados à qualidade de vida dos indivíduos com 60 anos ou mais se tornam de extrema importância e relevância. Destaca-se que fatores como saúde, bem-estar físico, funcional, emocional e mental, assim como o trabalho, a família e os amigos são aspectos que devem ser avaliados uma vez que influenciam diretamente a vida da pessoa idosa (PEREIRA; TEIXEIRA; SANTOS, 2012).

Durante o envelhecimento ocorrem modificações nos tecidos que envolvem as articulações, diminuindo assim a sua elasticidade. Entre os 20 e os 70 anos de idade podem ocorrer redução de 20% a 50% na amplitude de movimentos. As articulações mais afetadas são a coluna vertebral, o quadril e os joelhos dificultando a execução de atividades do cotidiano, podendo ser a principal causa de desconforto, dor e incapacidade funcional na população idosa (BANDEIRA et al., 2010; GASPAROTTO et al., 2012).

No Brasil, em torno de 30% das pessoas idosas relatam dor nas costas. No entanto, ainda há poucos estudos sobre o tema. Além disso, muitos indivíduos com 60 ou mais têm restrições com relação ao uso de analgésicos devido às múltiplas comorbidades e os efeitos da interação medicamentosa, que na população idosa ocorre de forma acentuada, devido às alterações na absorção, metabolismo e eliminação das drogas. Portanto, os tratamentos não farmacológicos, incluindo a quiropraxia, podem ser de grande valia para o idoso no tratamento e alívio da dor (VINDIGNI et al., 2019; SAES et al., 2021).

Nesse sentido, essa pesquisa teve como objetivo identificar os estudos realizados com idosos (60 anos ou mais) que utilizaram a quiropraxia como tratamento para cervicalgia.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Com o envelhecimento ocorrem modificações biológicas que afetam o organismo como um todo e têm como principal característica a diminuição das funções fisiológicas, não necessariamente resultando em patologias. A partir dos 40 anos há uma perda de aproximadamente 1% das funções orgânicas ao ano, ou seja, nessa fase de vida os declínios funcionais variam de 10 a 30% em relação a fase adulta jovem (NEUMANN; SCHAUREN; ADAMI, 2016).



Aos 70 anos de idade é possível observar redução de 10 a 20% da força muscular. Ocorrem também mudanças articulares, sendo a coluna vertebral, o quadril e os joelhos as articulações mais afetadas podendo resultar em algias e limitação de movimentos. A dor influencia negativamente na independência e autonomia dos idosos afetando diretamente sua qualidade de vida (BANDEIRA et al., 2010; GASPAROTTO et al., 2012).

A cervicalgia é uma condição comum na população em geral. Em pessoas idosas essa porcentagem tende a ser ainda mais alta. De acordo com Kendall et al. (2015), em estudo realizado com pessoas idosas residentes numa comunidade australiana, 36,1% dos idosos e 40,5% das idosas relataram dor na cervical.

Queixas musculoesqueléticas, principalmente dores nas costas, são as causas mais comuns de visitas ao quiropraxista. Na Austrália, 93,6% dos quiropraxistas afirmam que a cervicalgia é uma queixa comum em suas práticas clínicas, sendo que idosos correspondem a uma parcela significativa desses atendimentos (VINDIGNI et al., 2019).

A quiropraxia é uma profissão da área da saúde que se dedica ao diagnóstico, tratamento e prevenção de alterações do sistema neuro-músculoesquelético, e os efeitos dessas alterações sobre o sistema nervoso e a saúde em geral. O tratamento é constituído principalmente de tratamento manuais, incluindo a manipulação vertebral. Sendo assim, considera-se que a mesma possa contribuir significativamente para o alívio da dor cervical em idosos (CHAPMAN-SMITH, 2001).

## MÉTODO

Para a realização da presente investigação foi adotado o método bibliométrico, que tem como objetivo apresentar dados quantitativos e estatísticos da documentação escrita, visando analisar as suas características. Esse tipo de pesquisa tem como principal finalidade explicar o panorama de um determinado campo de conhecimento, disciplina ou tema (RIBEIRO; COSTA; FERREIRA, 2015).

Num primeiro momento, os descritores idosos, dor na cervical e quiropraxia foram inseridos no campo de busca avançada da base de dados Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e Scielo no dia 09 de março de 2021. Em seguida, uma nova busca foi realizada com os seguintes termos elderly, neck pain e chiropractic. Essas bases de dados foram escolhidas por proporcionar acesso livre às produções técnicas e científicas na área da saúde.

Como critérios de inclusão definiram-se que seriam selecionados artigos completos e que constassem temas específicos sobre a quiropraxia e a cervicalgia em idosos (60 anos ou mais).



## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Após a busca avançada na base de dados Scielo, utilizando os descritores citados acima, zero artigos foram encontrados. No entanto na BVS, com os termos idosos, dor na cervical e quiropraxia 14 artigos foram listados e com as palavras elderly, neck pain e chiropractic 80 artigos foram exibidos. Destas produções, 13 foram selecionadas por estarem diretamente relacionados com quiropraxia e cervicálgia em idosos (60 anos ou mais). Os demais artigos foram descartados uma vez que a amostra não era composta somente por indivíduos com 60 anos ou mais e também pelo tema, que não se enquadrava nas características propostas para a realização do presente estudo.

**Tabela 1. Artigos selecionados sobre quiropraxia e cervicálgia em pessoas idosas**

<b>Autores</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>
VINDIGNI, D.; ZARK, L.; SUNDBERG, T.; LEACH, M.; ADAMS, J.; AZARI, M.F.	Chiropractic treatment of older adults with neck pain with or without headache or dizziness: analysis of 288 Australian chiropractors' self-reported views	2019
FORTE, M.L.; MAIERS, M.	Differences in Function and Comorbidities Between Older Adult Users and Nonusers of Chiropractic and Osteopathic Manipulation	2019
CUPLER, Z.A.; ANDERSON, M.T.; STEFANOWICZ, E.T.; WARSHEL, C.D.	Post-infectious ankylosis of the cervical spine in an army veteran: a case report	2018
KENDALL, J.C.; FRENCH, S.D.; HARTVIGSEN, J.; AZARI, M.F.	Chiropractic treatment including instrument-assisted manipulation for non-specific dizziness and neck pain in community-dwelling older people: a feasibility randomised sham-controlled trial	2018
KENDALL, J.C.; HARTVIGSEN, J.; FRENCH, S. D.; AZARI, M.F.	Is there a role for neck manipulation in elderly falls prevention? – An overview	2015
WHEDON, J.M.; SONG, Y.; MACKENZIE, T.A.; PHILLIPS, R.B.; LUKOVITS, T.G.; LURIE, J.D.	Risk of stroke after chiropractic spinal manipulation in medicare B beneficiaries aged 66 to 99 years with neck pain	2015



HOLT, K.R.; NOONE, P.L.; SHORT, K.; ELLEY, R.; HAAVIK, H.	Fall risk profile and quality-of-life status of older chiropractic patients	2011
BONIC, E. E.; STOCKWELL, C. A.; KETTNER, N. W.	Brain stem compression and atlantoaxial instability secondary to chronic rheumatoid arthritis in a 67-year-old female	2010
MAIERS, M.J.; HARTVIGSEN, J.; SCHULZ, C.; SCHULZ, K.; EVANS, R.L.; BRONFORT, G.	Chiropractic and exercise for seniors with low back pain or neck pain: the design of two randomized clinical trials	2007
DAVIS, M. A.; TAYLOR, J. A.M.	A case of vertebral metastasis with pathologic C2 fracture	2007
KUKURIN, G. W.	The amelioration of symptoms in cervical spinal stenosis with spinal cord deformation through specific chiropractic manipulation: a case report with long-term follow-up	2004
KNUTSON, G.A.	Thermal asymmetry of the upper extremity in scalenus anticus syndrome, leg-length inequality and response to chiropractic adjustment	1997
TROYANOVICH, S.	C1 burst fracture	1994

De acordo com a Tabela 1, dos 13 artigos selecionados, 10 demonstraram os benefícios da quiropraxia no tratamento da dor cervical em indivíduos com 60 anos ou mais, no entanto, três artigos apresentavam relatos de casos no qual o ajuste cervical quiroprático é contraindicado. Destes estudos, dois relatavam casos de pessoas idosas com fraturas cervicais (C1 e C2) e no outro, a paciente idosa apresentava destruição óssea da cervical decorrente de artrite reumatóide (TROYANOVICH, 1994; DAVIS; TAYLOR, 2007; BONIC; STOCKWELL; KETTNER, 2010).

Disfunções musculoesqueléticas são comuns e dentre entre elas destaca-se a cervicalgia. A dor na região cervical é uma das três queixas mais referidas em adultos, sendo frequentemente relatada em consultas médicas. A cervicalgia afeta 30% a 50% da população e estima-se que 50% dos indivíduos adultos apresentarão pelo menos um episódio de algia cervical em algum momento da vida e 75% destes terão recorrência dessa dor nos cinco anos seguintes (SOARES et al., 2012; MOREIRA et al., 2014, NUNES et al., 2020).

A algia crônica afeta cerca de 7 a 15% da população adulta e é definida por dor que persiste por mais de três ou seis meses. Na cervicalgia crônica observa-se, além da dor, limitação na amplitude de movimento da coluna cervical, podendo causar desde desconfortos até dores intensas e/ou incapacitantes (BORGES et al, 2013; CORREIA; ALBERTI; LOPES, 2015).



Nesse sentido, a dor na região cervical vem sendo considerada um dos mais onerosos problemas osteomusculares, resultando no aumento na demanda por serviços de saúde. Além disso, a cervicálgia afeta diretamente e negativamente a qualidade de vidas das pessoas podendo causar dependência de medicamentos, depressão, isolamento social, dificuldades no trabalho e alterações emocionais (SOARES et al., 2013; BORGES et al., 2013; SAES et al., 2021).

Logo, uma das opções de tratamento para a cervicálgia em pessoas idosas é o ajuste cervical quiroprático. O ajuste quiroprático tem por objetivo o reposicionamento da vértebra, a recuperação da biomecânica e da função do segmento subluxado. Consiste em um tratamento conservador, não-invasivo, que por meio de técnicas manuais de alta velocidade e baixa amplitude visa a correção das disfunções causadas pelo complexo de subluxação vertebral. Achados semelhantes foram encontrados por Maiers et al. (2013) em seu estudo realizado com um grupo de pessoas idosas que recebeu manipulações terapêuticas da coluna vertebral e apresentou redução significativa de dor (CHAPMAN-SMITH, 2001).

## CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo geral apresentar o cenário das publicações relacionadas à temática idosos, cervicálgia e quiropraxia na base de dados BVS. Ao final desse estudo pode-se concluir que a quiropraxia, além de ser um tratamento conservador, não-invasivo e não farmacológico ainda é eficaz e seguro podendo auxiliar no tratamento da dor cervical em indivíduos com 60 anos ou mais.

Considera-se como limitação e sugestão da presente pesquisa a utilização de diferentes bases de dados e palavras-chave a fim de apresentar novas informações sobre o tema abordado no presente estudo.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, F.M.; DELFINO, F.C.; CARVALHO, G.A.; VALDUGA, R. Comparação entre a cifose torácica de idosos sedentários e praticantes de atividade física pelo método flexicurva. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v.12, n.5, p.381 - 386, 2010.

BONIC, E. E.; STOCKWELL, C. A.; KETTNER, N. W. Brain stem compression and atlantoaxial instability secondary to chronic rheumatoid arthritis in a 67-year-old female. **Journal of Manipulative and Physiological Therapeutics**, v.33, n.4, p. 315-320, 2010.





BORGES, M.C.; BORGES, C.S.; SILVA, A.G.J.; CASTELLANO, L.R.C.; CARDOSO,

F.A.G. Avaliação da qualidade de vida e do tratamento fisioterapêutico em pacientes com cervicalgia crônica. **Fisioterapia em Movimento**, v.26, n.4, p.873-881, 2013.

CHAPMAN – SMITH, D. **Quiropraxia uma profissão na área da saúde**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2001.

CORREIA, L.M.F.; ALBERTI, D.; LOPES, S.S. Evaluation of chronic head and neck myofascial pain control with Yamamoto New Scalp Acupuncture in eight weeks follow-up period. **Revista Dor Pesquisa Clínica e Terapêutica**, v.16, n.2, pp.81-85, 2015.

CUPLER, Z.A.; ANDERSON, M.T.; STEFANOWICZ, E.T.; WARSHEL, C.D. Post-infectious ankylosis of the cervical spine in an army veteran: a case report. **Chiropractic & Manual Therapies**, v. 26, n.40, p. 1-5, 2018.

DAVIS, M. A.; TAYLOR, J. A.M. A case of vertebral metastasis with pathologic C2 fracture. **Journal of Manipulative and Physiological Therapeutics**, v.30, n.6, p. 466- 471, 2007.

FORTE, M.L.; MAIERS, M. Differences in Function and Comorbidities Between Older Adult Users and Nonusers of Chiropractic and Osteopathic Manipulation. **Journal of Manipulative and Physiological Therapeutics**, v.42, n.6, p.450-60, 2019.

GASPAROTTO, L.P.R.; REIS, C.C.I.; RAMOS, L.R.; SANTOS, J.F.Q. dos. Autoavaliação da postura por idosos com e sem hipercifose torácica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.17, n.3, p.717 - 722, 2012.

HOLT, K.R.; NOONE, P.L.; SHORT, K.; ELLEY, R.; HAAVIK, H. Fall risk profile and quality-of-life status of older chiropractic patients. **Journal of Manipulative and Physiological Therapeutics**, v.34, n.2, p.78-87, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa**

Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Características dos Moradores e Domicílios. **2018. Disponível em:**  
<[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101566\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101566_informativo.pdf)>. Acesso em: 04 ago. 2018.

KENDALL, J.C.; FRENCH, S.D.; HARTVIGSEN, J.; AZARI, M.F. Chiropractic treatment including instrument-assisted manipulation for non-specific dizziness and neck pain in community-dwelling older people: a feasibility randomised sham-controlled trial. **Chiropractic & Manual Therapies**, v.26, n.14, p.1-11, 2018.

KENDALL, J.C.; HARTVIGSEN, J.; FRENCH, S. D.; AZARI, M.F. Is there a role for neck manipulation in elderly falls prevention? – An overview. **The Journal of the Canadian Chiropractic Association**, v.59, n.1, 2015.





KNUTSON, G.A. Thermal asymmetry of the upper extremity in scalenus anticus syndrome, leg-length inequality and response to chiropractic adjustment. **Journal of Manipulative and Physiological Therapeutics**, v.20, n.7, p. 476-81, 1997.

KUKURIN, G. W. The amelioration of symptoms in cervical spinal stenosis with spinal cord deformation through specific chiropractic manipulation: a case report with long-term follow-up. **Journal of Manipulative and Physiological Therapeutics**, v.27, n.5, p. 366.e1 – 366.e6, 2004.

MAIERS, M.; BRONFORT, G.; EVANS, R.; HARTVIGSEN, J.; SVENDSEN, K.;

BRACHA, Y.; SCHULZ, C.; SCHULZ, K.; GRIMM, R. Spinal Manipulative Therapy and Exercise for Seniors with Chronic Neck Pain. **The Spine Journal**, v.14, n.9, p. 1879–1889, 2013.

MAIERS, M.J.; HARTVIGSEN, J.; SCHULZ, C.; SCHULZ, K.; EVANS, R.L.;  
BRONFORT, G. Chiropractic and exercise for seniors with low back pain or neck pain: the design of two randomized clinical trials. **BMC Musculoskeletal Disorders**, v.8, n.94, p. 1-8, 2007.

MOREIRA, M. D.; COSTA, V. S. P.; MELO, J. J.; MARCHIORI, L. L. M. Prevalência e associações da vertigem posicional paroxística benigna em idosos. **Revista CEFAC / Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica**, v.16, n.5, p.1533-1540, 2014.

NEUMANN, L.; SCHAUREN, B.C.; ADAMI, F.S. Sensibilidade gustativa de adultos e idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.19, n.5, p. 797-808, 2016.

NUNES, A.M.; LOPES, P.R.R.; BITTENCOURT, M.A.; ARAÚJO, R. P. C. de. Associação entre severidade da disfunção temporomandibular, cervicálgia e limitação funcional da mandíbula. **Revista CEFAC / Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica**, v.22, n.2, p.1-10, 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **World population Aging 2013**. New York. 2013.

PEREIRA, É.F.; TEIXEIRA, C.S.; SANTOS, A. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.26, n.2, p. 241-50, 2012.

RIBEIRO, H.C.M.; COSTA, B.K.; FERREIRA, M.P. Governança corporativa nos esportes: análise dos últimos 23 anos de produção acadêmica em periódicos internacionais. **Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**, v. 12, n. 2, p. 135-154, 2015.

SAES, M.O.; LOPES, J.D.N.; NUNES, B. P; DURO, S.M.S.; FACCHINI, L.A.; THUMÉ, E. Ocorrência de distúrbios na coluna e fatores associados em idosos: estudo populacional em município do extremo Sul do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.26, n.2, p. 739-747, 2021.

SOARES, J.C.; WEBER, P.; TREVISAN, M.E.; TREVISAN, C.M.; MOTA, C.B.; ROSSI, A.G. Influência da dor no controle postural de mulheres com dor cervical. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v.15, n.3, p. 371-378, 2013.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

SOARES, J.C.; WEBER, P.; TREVISAN, M.E.; TREVISAN, C.M.; ROSSI, A.G. Correlação entre postura da cabeça, intensidade da dor e índice de incapacidade cervical em mulheres com queixa de dor cervical. **Fisioterapia e Pesquisa**, v.19, n.1, p.68-72, 2012.

TROYANOVICH, S. C1 burst fracture. **Journal of Manipulative and Physiological Therapeutics**, v.17, n.8, 1994.

VINDIGNI, D.; ZARK, L.; SUNDBERG, T.; LEACH, M.; ADAMS, J.; AZARI, M.F. Chiropractic treatment of older adults with neck pain with or without headache or dizziness: analysis of 288 Australian chiropractors' self-reported views. **Chiropractic & Manual Therapies**, v. 27, n.65, p. 1-9, 2019.

WHEDON, J.M.; SONG, Y.; MACKENZIE, T.A.; PHILLIPS, R.B.; LUKOVITS, T.G.;

LURIE, J.D. Risk of stroke after chiropractic spinal manipulation in medicare B beneficiaries aged 66 to 99 years with neck pain. **Journal of Manipulative and Physiological Therapeutics**, v.38, n.2, p.93-101, 2015.





## LESÕES POR PRESSÃO: A PREVENÇÃO ALÉM DOS CUIDADOS HOSPITALARES

### PRESSURE INJURIES: PREVENTION BEYOND HOSPITAL CARE

Tcheice Laís Zwirtes; Jacinta Sidegum Renner; Camila Lopes; Michele Barth; Alice Duk de Azevedo

Universidade Feevale

**Resumo:** O objetivo deste estudo consistiu em compreender os conhecimentos que usuários de cadeira de rodas e cuidadores de acamados possuem sobre a prevenção de lesões por pressão (LP). O estudo caracteriza-se como sendo de natureza aplicada e caráter observacional descritivo, a análise e discussão dos dados foi realizada sob o paradigma qualitativo. O campo do estudo foi a Associação de Lesados Medulares do Rio Grande do Sul (RS) e um hospital situado no Vale do Caí (RS). Participaram do estudo oito cuidadores de acamados e sete usuários de cadeira de rodas. Os resultados indicaram que os públicos detêm pouca ou nenhuma informação sobre o conceito e etiologia das LP e como preveni-las. As informações sobre prevenção são passadas pelos profissionais da saúde normalmente quando a lesão já se instaurou. Verificou-se que é de fundamental importância a criação de novas estratégias de educação em saúde para a prevenção dessas lesões. Desta forma, acredita-se que os profissionais da saúde, envolvidos nos cuidados dos pacientes em situação de risco, possam se sentir mais confiantes e munidos de recursos educativos no momento da alta hospitalar. Do mesmo modo, presume-se que os indivíduos em situação de risco sejam instruídos e conscientizados sobre os cuidados necessários.

**Palavras-chave:** Lesões por pressão. Educação em saúde. Usuários de cadeira de rodas. Acamados. Cuidadores.

**Abstract:** The objective of this study was to understand the knowledge that wheelchair users and bedridden caregivers have on the prevention of pressure injuries (PI). The study is characterized as being of an applied nature and descriptive observational character, the analysis and discussion of the data was performed under the qualitative paradigm. The field of study was the Association of Spinal Cord Injuries of Rio Grande do Sul (RS) and a hospital located in the Vale do Caí (RS). Eight bedridden caregivers and seven wheelchair users participated in the study. The results indicated that the public have little or no information about the concept and etiology of PI and how to prevent them. Information on prevention is passed on by health professionals normally when the injury has already been established. It was found that it is of fundamental importance to create new health education strategies for the prevention of these injuries. With this, it is believed that health professionals involved in the care of patients at risk, feel more confident and have educational resources at the time of hospital discharge. Similarly, it is assumed that individuals at risk are instructed and made aware of the necessary care.

**Palavras-chave:** Pressure Injuries. Health Education. Wheelchair user. Bedridden Persons. Caregivers.

## 1 INTRODUÇÃO

A lesão por pressão (LP) se caracteriza como uma lesão na pele desencadeada pela pressão sobre proeminências ósseas ou dispositivos médicos, podendo, sem o tratamento adequado, evoluir para feridas profundas com tecido necrótico e exposição óssea. Permanecer sob longos períodos na mesma posição sem exercer mudanças posturais pode tornar o indivíduo



mais suscetível ao desenvolvimento dessas lesões, sendo assim, os públicos mais predispostos são os usuários de cadeira de rodas e as pessoas que se encontram acamadas.

De acordo com Ferro *et al.* (2020) o desenvolvimento da LP pode acarretar em complicações de diversas ordens, como o prolongamento da hospitalização, a necessidade da realização de procedimentos cirúrgicos para reconstrução dos tecidos lesados e até a morte. Estas complicações não envolvem somente a saúde física do indivíduo, mas também sua saúde mental. Nesse contexto, Castel (2011) afirma que a LP afeta sobremaneira a autoestima da pessoa, pela aparência e pelo odor do tecido necrosado, afetando, portanto, a vida social e econômica, uma vez que o indivíduo não se sente confortável com seu próprio corpo.

Considerando o impacto da LP na vida daqueles que a adquirem pode-se inferir que está, não afeta somente aqueles que foram acometidos, mas também aqueles ao seu redor. Tanto acamados quanto usuários de cadeira de rodas (em alguns casos), necessitam do auxílio de pessoas próximas que, percebendo a necessidade, tornam-se cuidadores. Os cuidadores, na maioria das vezes familiares, participam dos cuidados ainda durante a hospitalização, porém raramente estão preparados para exercer essa função. Segundo Clock *et al.* (2009), no ambiente hospitalar é possível notar que os cuidadores apresentam ansiedade, cansaço e sentem-se despreparados para realizar os cuidados após a alta hospitalar. Sendo assim, a LP afeta a vida da pessoa que a manifesta e de todo seu círculo de convivência.

Além dos cuidadores, outro agente envolvido nos cuidados preventivos dos pacientes hospitalizados em situação de risco de desenvolver LP, é o profissional da saúde. Este, geralmente, é representado pelo profissional da enfermagem, que tem o papel de realizar as medidas preventivas enquanto o paciente estiver hospitalizado. Além disso, o profissional da enfermagem também tem o papel de orientar pacientes e familiares sobre os perigos e a importância da realização das medidas preventivas adequadas (BOTELHO; ARBOIT; FREITAG, 2020).

O contínuo desenvolvimento de LP em acamados e usuários de cadeira de rodas se torna um fator preocupante visto que 95% dessas lesões poderiam ser evitadas (SOCIEDADE IBEROLATINOAMERICANA, 2011). Conforme Lopes *et al.* (2019), a melhor estratégia para evitar a LP se configura como sendo a adoção de medidas preventivas do ambiente hospitalar ao domicílio. Contudo, frente ao contínuo e recorrente desenvolvimento de LP nesse público vulnerável, entende-se que as atividades de educação em saúde existentes são insuficientes para a correta prevenção.



De acordo com Souza (2014), a educação em saúde constitui-se como um agrupamento de rotinas e conhecimentos científicos para a promoção da saúde e prevenção de doenças, que são repassadas para a comunidade. A promoção da educação em saúde pode se desenvolver em quatro diferentes ambientes, sendo eles: o ambiente hospitalar, a escola, o trabalho e a comunidade (CANDEIAS, 1997). Neste estudo, o público mais vulnerável encontra-se principalmente no ambiente hospitalar e na comunidade. Desta forma, é imprescindível que sejam desenvolvidas novas estratégias e/ou ferramentas que auxiliem tanto o público aqui mencionado, quanto seus cuidadores e familiares, assim como os profissionais da saúde, na prevenção da LP no ambiente hospitalar e na comunidade.

Com base nesses dados, o objetivo geral deste estudo esteve focado em compreender os conhecimentos que usuários de cadeira de rodas e cuidadores de acamados possuem sobre a prevenção de lesões por pressão.

Esta pesquisa integrou o macroprojeto institucional “Tecnologias Assistivas para prevenção de Lesões por Pressão: um enfoque para pessoas acamadas, com mobilidade reduzida e usuários de cadeira de rodas”, aprovado pelo CEP da Universidade Feevale (CAAE: 80939217.1.0000.5348, parecer: 2.549.661). O macroprojeto recebeu fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), em parceria com o Ministério da Saúde (MS), com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq e Secretaria de Estado da Saúde do RS/SES-RS, através da CHAMADA FAPERGS/MS/CNPq/SESRS n. 03/2017.

O presente estudo caracteriza-se como sendo de natureza aplicada e de caráter observacional descritivo, com análise e discussão dos dados sob o paradigma qualitativo. Prodanov e Freitas (2013) afirmam que a pesquisa aplicada tem por objetivo gerar conhecimentos para a criação de soluções para problemas específicos. Quanto aos procedimentos técnicos, foi uma pesquisa de campo.

Os participantes desta pesquisa foram divididos em dois grupos: cuidadores de acamados e usuários de cadeira de rodas. Assim, a pesquisa ocorreu em dois locais distintos, sendo o campo de estudo junto aos cuidadores de acamados, em um hospital situado no Vale do Caí, Rio Grande do Sul (RS); e os usuários de cadeira de rodas, na Associação de Lesados Medulares do Rio Grande do Sul (LEME), situada na cidade de Novo Hamburgo, no Vale do Rio dos Sinos (RS).





A amostra foi caracterizada como não probabilística por conveniência, sendo que os colaboradores foram escolhidos sob a perspectiva de integrarem dois públicos predispostos ao desenvolvimento de LP. Destaca-se que, especificamente, a seleção dos usuários de cadeira de rodas foi limitada àqueles que já tiveram ou têm LP. Ressalta-se que a entrevista foi respondida pelos cuidadores, não contemplando os pacientes acamados por estes se encontrarem com dificuldades de comunicação verbal. Desta forma, o grupo de usuários de cadeira de rodas foi composto por sete indivíduos e o grupo de cuidadores de acamados foi representado por oito indivíduos. Ademais, para a preservação da identidade dos colaboradores, seus nomes foram substituídos por nomes de árvores.

Como instrumento de coleta de dados, aplicou-se uma entrevista semiestruturada. Esta, teve como enfoque: identificar a presença de LP nos grupos de risco (usuários de cadeira de rodas e pacientes acamados) e compreender a percepção dos colaboradores sobre: o seu entendimento do que são as LP, quais as informações que receberam sobre a prevenção e que informações gostariam de ter recebido para preveni-las. Destaca-se que as entrevistas com os dois grupos ocorreram em distintos momentos, sendo realizadas primeiramente com os usuários de cadeira de rodas e, após, com os cuidadores de pacientes acamados. Estas, foram transcritas pelas entrevistadoras no momento da coleta de dados. Através da análise prévia dos resultados junto aos usuários de cadeira de rodas, optou-se por acrescentar ao roteiro de entrevista para os cuidadores de acamados questões acerca da vontade de receberem mais informações sobre a prevenção das LP e, em caso positivo, de que forma gostariam de receber essas informações.

A análise e discussão de dados ocorreu por meio de categorização e posterior triangulação de dados. A triangulação de dados, de acordo com Minayo (2014), é um método onde são abordados e relacionados os dados advindos dos colaboradores, dos autores especialistas no tema e do autor da pesquisa.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Após a coleta de dados, foram evidenciadas algumas características quanto ao perfil dos colaboradores, com base em informações como: idade, sexo, presença ou não de LP e o vínculo dos cuidadores com os indivíduos acamados.

Dessa forma, observou-se, que, dos sete colaboradores usuários de cadeira de rodas, seis são do sexo masculino e uma é do sexo feminino, com idades variando de 22 a 64 anos. Já no



grupo de cuidadores de acamados, todos são do sexo feminino e encontravam-se na faixa etária de 50 a 60 anos.

Ademais, verificou-se que sete cuidadoras de acamados apresentavam algum vínculo familiar com o acamado, ou seja, eram cuidadoras informais, e somente uma era cuidadora formal, sendo, portanto, remunerada para exercer tal função. Este coeficiente é digno de atenção visto que Pocinho *et al.* (2016) afirmam que quando o cuidador faz parte do círculo familiar da pessoa que recebe os cuidados, o mesmo possui um envolvimento muito maior, o que impacta de forma importante na sua qualidade de vida. Desta forma, evidenciou-se que a maioria das cuidadoras entrevistadas tinham um vínculo afetivo com os acamados.

No tocante aos usuários de cadeira de rodas, é importante mencionar que os sete são lesados medulares, ou seja, a medula espinhal foi danificada por algum trauma, alguma doença ou defeito congênito que os deixou incapacitados de se locomover sem o uso da cadeira de rodas. Conforme Costa e Lopes (2003) a lesão medular se caracteriza como um fator de risco significativo para o desenvolvimento de LP visto que é acompanhada de desordens como a falta de sensibilidade, falta de mobilidade, etc. Sendo que essas desordens não necessariamente acompanham os usuários de cadeira de rodas sem lesão medular.

A partir da análise dos resultados das entrevistas foram construídas duas categorias assim dispostas: conhecimentos sobre prevenção de lesões por pressão; e importância da implementação de novas estratégias de educação em saúde para a prevenção de lesões por pressão.

## 2.1 CONHECIMENTOS SOBRE PREVENÇÃO DE LESÕES POR PRESSÃO

Considerando que o desenvolvimento de LP pode ser evitado com as informações e práticas de prevenção em saúde adequadas, torna-se importante compreender quais os conhecimentos obtidos pelos usuários de cadeira de rodas e cuidadoras de acamados que participaram deste estudo. Em uma pesquisa realizada por Soares e Heidemann (2018), com profissionais da enfermagem, os mesmos relataram que os pacientes, seus familiares e cuidadores devem ser protagonistas nos cuidados para prevenção de LP e precisam usufruir de uma relação de diálogo e autonomia para com os profissionais de saúde.

Os resultados do presente estudo mostraram que tanto os usuários de cadeira de rodas, quanto as cuidadoras de pacientes acamados, possuíam pouca ou nenhuma informação sobre o



conceito e etiologia das LP. Neste aspecto, notou-se que muitos usuários de cadeira de rodas acabam descobrindo o que são as LP e como evitá-las somente após já terem desenvolvido. Acácia, por exemplo, relatou que: “só recebi informação [do que fazer] quando já estava com a lesão por pressão”. Dos sete colaboradores, cinco não receberam nenhum tipo de informação sobre as LP no momento da alta hospitalar, sendo que o Videira, quando recebeu a alta hospitalar sequer foi informado pelos profissionais da saúde de que não voltaria a andar, soube apenas ao ler o laudo médico. Corroborando, Studart *et al.* (2011) constataram que quase todos os pacientes que participaram de seu estudo não receberam informações sobre as LP antes de as desenvolver, e somente metade recebeu informações após o seu desenvolvimento.

Somente dois colaboradores usuários de cadeira de rodas, afirmaram terem recebido informações sobre como prevenir as LP em casa, porém, os dois possuem singularidades que os diferem dos demais entrevistados. O Hibisco, por exemplo, foi acompanhado por uma enfermeira durante seu tempo de recuperação, a qual o manteve informado sobre as medidas adequadas para prevenção das LP. Já o Oliveira desenvolveu uma LP ainda na maca, enquanto esperava atendimento médico, e utilizava a cadeira de rodas há dois meses, enquanto que os demais participantes se encontravam nesta condição há alguns anos. Este, afirmou ter recebido informações suficientes para a prevenção após a alta hospitalar, tais como, o uso de curativo resistente, a mudança de decúbito e o estímulo à movimentação. Por ser um usuário de cadeira de rodas recente, o fato de o Oliveira ter recebido informações ao sair do hospital pode significar que os órgãos de saúde estão mais atentos às estratégias de educação em saúde para a prevenção de LP, ocorrendo maior preocupação com a disponibilização de informações àqueles que se encontram em situação de risco. Em contraponto, Oliveira pode ter recebido as informações adequadas justamente por já ter desenvolvido a LP enquanto encontrava-se no ambiente hospitalar. Percebe-se, portanto, a importância do papel da enfermagem na orientação adequada das medidas preventivas que devem ser passadas ao paciente, seus cuidadores e familiares, tão logo for possível (STUDART *et al.*, 2011).

As reflexões advindas das cuidadoras não se diferem de forma significativa àquelas disponibilizadas pelos usuários de cadeira de rodas. Percebeu-se que as cuidadoras de acamados receberam pouca ou nenhuma informação sobre as LP e suas medidas de prevenção. Do mesmo modo, notou-se que os mesmos não possuem urgência para receber as informações sobre as medidas preventivas, até o momento em que a LP já está instaurada. Das oito cuidadoras, apenas duas demonstraram ter o mínimo de conhecimento sobre as LP. A Aroeira afirmou, “não sei se



isso se chama lesão por pressão, mas agora, pela primeira vez, ela [refere-se a paciente acamada] está aparecendo com umas manchas vermelhas no bumbum”. Além disso, o desenvolvimento da LP foi atribuído unicamente a fatores externos, “sobre prevenção sei pouca coisa, mas, eu acho que essas feridas se deram devido as assaduras e ao aquecimento do calor dos últimos dias” (AROEIRA). De acordo com o estudo de Ramos *et al.* (2014), a falta de informações sobre os fatores de risco para as LP dificulta a participação do cuidador nos cuidados preventivos, o que pode gerar dificuldades maiores quando esses pacientes passam ao cuidado domiciliar. Diante disso percebeu-se que, além do risco no ambiente hospitalar, há grandes chances desses pacientes desenvolverem a LP no domicílio, pela falta de informação dos cuidadores.

Visto que todos os usuários de cadeira de rodas que participaram deste estudo foram acometidos pelas LP, os mesmos foram questionados acerca de quais informações gostariam de ter recebido no momento da alta hospitalar. O Seringueira afirmou: “gostaria que tivessem me avisado da importância da almofada embaixo do pé, da mudança de decúbito que deve ser feita de 2 em 2 horas e de que devemos evitar ao máximo o banho no leito”. Segundo Haurani e Jaques (2011), o desenvolvimento da LP não está voltado apenas à imobilidade, mas sim a um conjunto de fatores que levam à falta de oxigenação nos tecidos e em áreas onde a força de cisalhamento e compressão são mais fortes. A Figueira relatou que “não sabia que não podia ficar muito tempo sentado” enquanto que o Limeira disse que gostaria de ter recebido “informações sobre a mudança de decúbito e sobre alongamentos”. Essas informações citadas pelos colaboradores são conhecimentos básicos, mas essenciais na prevenção das LP, e deveriam ser amplamente divulgadas.

A discussão sobre a necessidade da prevenção das LP é antiga, porém pouco tem-se avançado no que diz respeito à implementação e execução de medidas efetivas (STUDART *et al.*, 2011). Essas informações costumam permanecer com os profissionais da saúde para serem aplicadas dentro do ambiente hospitalar, o que de modo geral, tende a ser insuficiente diante da realidade vivenciada em domicílio. Neste contexto, Salci *et al.* (2013) afirmam que, para a efetiva promoção da saúde baseada em atividades de educação em saúde, os profissionais da área devem exercer a escuta qualificada, a qual consiste em ouvir uma narrativa, refletir sobre as formas de encarar e agir diante das informações expostas. Assim, mediante análise das narrativas expostas pelos participantes deste estudo, percebeu-se que o desenvolvimento de novas estratégias para prevenção das LP, tal como a educação em saúde, é fundamental.





## 2.2 IMPORTÂNCIA DA IMPLEMENTAÇÃO DE NOVAS ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA A PREVENÇÃO DE LESÕES POR PRESSÃO

Ao refletir acerca da necessidade da implementação de novas estratégias para a prevenção das LP, notou-se a essencialidade da educação para a promoção de medidas que fortaleçam a saúde de indivíduos em situação de risco. Esta, tem sido pauta em diversos estudos como sendo fundamental para a melhora da qualidade de vida da população (PELICIONI, M.; PELICIONI, A., 2007). Conforme Alves e Nunes (2006), a prevenção e o tratamento de doenças perpassam pelo desenvolvimento de melhores hábitos de vida, e estes são aprimorados por meio da educação em saúde.

Com base nas falas dos colaboradores, ficou evidente a necessidade de promover atividades de educação em saúde, que efetivamente atinjam o público alvo, sendo este, usuários de cadeira de rodas, acamados e/ou seus cuidadores. Ocorreu um consenso dos entrevistados sobre o desconhecimento em relação às estratégias e ações de prevenção, sendo que somente dois usuários de cadeiras de rodas entenderam ter recebido informações suficientes sobre o tema. A compreensão da educação em saúde, segundo Salci *et al.* (2013), se relaciona à concepção de educação e de saúde. Historicamente entendida como a difusão de informações de saúde, percebe-se cada vez mais, que educar em saúde é muito mais complexo do que apenas transmitir informações.

Tendo em vista a justificativa da necessidade da criação de uma nova estratégia de educação em saúde para prevenção de LP, especificamente nas entrevistas com as cuidadoras de acamados, foi realizada a seguinte pergunta: “Você gostaria de obter informações sobre cuidados para não ter lesão por pressão ao sair do hospital?”. Os oito cuidadores manifestaram interesse em receber mais informações sobre o que fazer para prevenir as LP após a alta hospitalar. A Juazeiro afirmou que gostaria de receber mais informações, visto que até o 4º dia de internação da familiar acamada, ainda não tinha recebido nenhuma orientação pelos profissionais da saúde. Corroborando, Falkenberg *et al.* (2014) afirmam que para haver uma educação em saúde de qualidade, é necessário que haja uma interação entre os profissionais da área da saúde, os gestores e a população. Além de promover o tratamento curativo, é indispensável que os profissionais trabalhem com a prevenção de doenças e com a promoção da saúde. Da mesma forma, é necessário que os gestores atuem no fornecimento de



equipamento/ dispositivos que auxiliem a equipe de enfermagem nas suas atividades e posicionem-se como apoiadores destes profissionais (FALKENBERG *et al.*, 2014).

As cuidadoras foram questionadas ainda a respeito da forma como gostariam de receber essas informações, sendo que as sugestões foram: uma cartilha informativa impressa, um aplicativo de celular, um vídeo ou outra sugestão que achassem mais pertinente. Conforme Alves (2004), várias são as formas de promover a educação em saúde com a população, como por exemplo, através de palestras, materiais informativos, ações de saúde cotidiana, entre outras. Contudo, optou-se por sugerir materiais informativos duráveis, para que estes indivíduos pudessem consultar as informações sempre que julgassem necessário, visto que o cuidado para a prevenção de LP acompanha toda a vida do usuário de cadeira de rodas, do acamado e seu cuidador.

Das oito cuidadoras entrevistadas, sete escolheram uma cartilha informativa impressa como sendo a melhor opção. A fala da Aroeira justifica essa escolha: “Uma cartilha informativa impressa seria mais útil e mais fácil para passar informações sobre os devidos cuidados, pois muitas pessoas, assim como eu, não têm muito acesso ao celular ou não sabem manusear direito os aplicativos.” Dessa forma, ficou evidente que, mesmo numa era tecnológica tão avançada, muitas pessoas ainda não conseguem acompanhar tal desenvolvimento. Por isso, reitera-se que tais informações devem ser repassadas ao público de uma maneira que todos tenham acesso e que possam melhor compreendê-las. Ademais, é de extrema importância que o desenvolvimento de novas estratégias de educação em saúde considere a rotina e as especificidades de cada indivíduo, para que estas venham a integrar a realidade do cotidiano daqueles para os quais foram desenvolvidas (CÂMARA *et al.*, 2012).

### 3 CONCLUSÃO

O objetivo geral aqui proposto, esteve focado em compreender os conhecimentos que usuários de cadeira de rodas e cuidadores de acamados possuem sobre a prevenção de lesões por pressão.

Verificou-se que tanto, usuários de cadeira de rodas, quanto cuidadoras de acamados, tem alguns conhecimentos, embora limitados acerca do que são as LP e de como preveni-las. Da mesma forma, percebeu-se que as informações são disponibilizadas tardiamente (quando disponibilizadas), o que acarreta na necessidade de tratamento dessas lesões. Assim, torna-se



importante salientar que os profissionais da saúde devem manter-se abertos a viabilizar a educação em saúde para que haja a efetiva prevenção das LP. Reitera-se ainda, a importância de haver maior engajamento por parte dos gestores, tanto municipais quanto estaduais e federais, no fornecimento de materiais de apoio para a correta orientação dos pacientes e seus cuidadores.

Destaca-se que, com base nas informações obtidas neste estudo foi possível desenvolver uma cartilha com dicas e cuidados para o dia a dia na prevenção de LP em usuários de cadeira de rodas e acamados.

Acredita-se que, com um material educativo, os profissionais da saúde envolvidos nos cuidados com pacientes em situação de risco, possam se sentir mais confiantes e munidos de recursos educativos no momento da alta hospitalar. Pressupõe-se, ainda, que, com o desenvolvimento de um material educativo em saúde de fácil compreensão, haja maior conscientização do público envolvido nos cuidados, tanto dos grupos de risco (acamados e usuários de cadeira de rodas), quanto de seus cuidadores.

## REFERÊNCIAS

ALVES, V. S.; NUNES, M de O. Educação em saúde na atenção médica ao paciente com hipertensão arterial no Programa Saúde da Família. **Interface**, Botucatu, v. 10, n. 19, p. 131-147, 2006. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832006000100010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832006000100010&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 13 mar. 2021.

ALVES, V. S. Um modelo de educação em saúde para o Programa Saúde da Família: pela integralidade da atenção e reorientação do modelo assistencial. **Comunicação, Saúde e Educação**, v. 9, n.16, p. 39-52, 2004. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832005000100004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832005000100004&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 10 fev. 2021.

BOTELHO, L. dos S.; ARBOIT, E. L.; FREITAG, V. L. Atuação do enfermeiro no cuidado a prevenção e tratamento de lesões por pressão. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4644/4187>. Acesso em: 19 mar. 2021.

CÂMARA, A. M. C. S. *et al.* Percepção do processo saúde-doença: significados e valores da educação em saúde. **Revista brasileira de educação médica**, v. 36, n. 1, p. 40-50, 2012. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-55022012000200006&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-55022012000200006&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 13 mar. 2021.



CANDEIAS, N. M. F. Conceitos de educação e de promoção em saúde: mudanças individuais e mudanças organizacionais. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 209-213, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v31n2/2249.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2021.

CASTEL, R. **A discriminação negativa: cidadãos ou autóctones?**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 136 p.

CLOCK, D. *et al.* Quem cuida do cuidador. **Caderno de publicações acadêmicas**, v. 1, n. 1, p. 92-95, 2009. Disponível em: <http://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/publicacoes/article/view/79/43>. Acesso em: 10 mar. 2021.

COSTA, J. N. da; LOPES, M. V. de O. Revisão sobre úlceras por pressão em portadores de lesão medular. **Rev. RENE**, v. 4, n. 1, p. 109-115, 2003. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/5663/4067>. Acesso em: 20 mar. 2021.

FALKENBERG, M. B. *et al.* Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e aplicações para a saúde coletiva. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232014000300847](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000300847). Acesso em: 13 mar. 2021.

FERRO, B. H. *et al.* A influência das lesões por pressão na qualidade de vida e inclusão social: a percepção dos usuários de cadeira de rodas. **Revista interdisciplinar de estudos em saúde**, v. 9, n. 1, p. 11-25, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/ries/article/view/1739>. Acesso em: 06 mar. 2021.

HAURANI, S. N.; JACQUES, A. E. Assistência de enfermagem no tratamento e prevenção de úlcera de pressão. **UNINGÁ review**, v. 7, n. 1, p. 109-119, 2011. Disponível em: <http://revista.uninga.br/index.php/uningareviews/article/view/563/219>. Acesso em: 20 fev. 2021.

LOPES, C. *et al.* Desenvolvimento de lesões por pressão em pacientes acamados: a percepção de profissionais da área da saúde. **Rev. Conhecimento Online**, v. 3, n. 11, p. 143-157, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/1819/2421>. Acesso em: 14 mar. 2021.

MINAYO, M. C. D. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 1. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2014. 269 p.

PELICIONI, M. C. F.; PELICIONI, A. F. Educação e promoção da saúde: uma retrospectiva histórica. **O mundo da saúde**, v. 31, n. 3, p. 320-328, 2007. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/d986/9437fb250354c057442e8fd3906481e9c324.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2021.

POCINHO, R. *et al.* Relação entre o estado psicossocial do cuidador informal e o tempo de cuidado dos idosos da região centro de Portugal. **Revista Educación y Humanismo**, v. 19, n.



32, p. 88-101, 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/205942018.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013. 277 p.

RAMOS, D. O. *et al.* Conhecimento de familiares acerca das úlceras por pressão e de seus direitos à reparação. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 28, n. 1, p. 23-30, 2014. Disponível em: <https://aratuipe.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/8545/8714>. Acesso em: 15 jan. 2021.

SALCI, M. A. *et al.* Educação em Saúde e suas perspectivas teóricas: Algumas reflexões. **Texto Contexto Enferm.**, v. 22, n. 1, p. 224-230, 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n1/pt\\_27.pdf](http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n1/pt_27.pdf). Acesso em: 18 mar. 2021.

SOARES, C. F.; HEIDEMANN, I. T. S. B. Promoção da saúde e prevenção da lesão por pressão: Expectativas do enfermeiro da Atenção Básica. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 27, n. 2, 2018. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072018000200301&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072018000200301&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 11 mar. 2021.

SOCIEDADE IBEROLATINOAMERICANA. **Declaração do Rio de Janeiro sobre a Prevenção das Úlceras por Pressão como um direito universal**. Rio de Janeiro: Sociedade Ibero-latinoamericana, 2011. Disponível em: <http://silauhe.org/img/Declaracao%20do%20Rio%20-%20Portugues.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2021.

SOUZA, A. da S. Educação em saúde: contribuições para a assistência ao paciente oncológico. Congresso Internacional da Rede Unida, 11, 2014, Fortaleza. **Anais...** Botucatu: Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação, 2014. Disponível em: <http://conferencias.redeunida.org.br/ocs/index.php/redeunida/RU11/paper/view/4751>. Acesso em: 06 mar. 2021.

STUDART, R. M. B. *et al.* Tecnologia de enfermagem na prevenção da úlcera por pressão em pessoas com lesão medular. **Rev. Bras. Enferm**, v. 64, n. 3, p. 494-500, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n3/v64n3a13.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2021.





## O SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE DA DIALÉTICA EXCLUSÃO/INCLUSÃO

### EL SUFRIMIENTO ÉTICO-POLÍTICO COMO CATEGORÍA DE ANÁLISIS DE LA DIALÉCTICA EXCLUSIÓN/INCLUSIÓN

Rogers Alexander Boff; Sueli Maria Cabral

Universidade Feevale

**Resumo:** Este trabalho aborda o sofrimento ético-político e tem como objetivo apresentar os seus fundamentos históricos, teóricos e epistemológicos, sob a ótica de uma categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. Trata-se de um estudo exploratório, amparado no método dedutivo. Através de uma abordagem sócio-histórica, são apresentados os processos psicossociais de exclusão/inclusão social e, na sequência, aborda-se o sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. Os resultados demonstram que através desse processo excludente, frente a um sistema capitalista perverso, o qual primeiramente incluir para depois excluir as pessoas, é que as injustiças sociais se sobressaem. Como consequência, tem-se o sofrimento ético-político, que nasce da dor provocada pelas injustiças sociais, cujos efeitos são prejudiciais aos indivíduos, pois traz sentimentos de inferiorização, de subalternidade e de humilhação, além de ser um gatilho para o desenvolvimento de doenças.

**Palavras-chave:** Exclusão social. Inclusão. Sofrimento ético-político.

**Resumen:** Este trabajo aborda el sufrimiento ético-político y tiene como objetivo presentar sus fundamentos históricos, teóricos y epistemológicos, desde la perspectiva de una categoría de análisis de la dialéctica exclusión/inclusión. Este es un estudio exploratorio, apoyado por el método deductivo. A través de un enfoque socio histórico, se presentan los procesos psicossociales de exclusión/inclusión social y, a continuación, se aborda el sufrimiento ético-político como una categoría de análisis de la dialéctica exclusión/inclusión. Los resultados muestran que a través de este proceso excluyente, frente a un sistema capitalista perverso, que primero incluye y luego excluye a las personas, se destacan las injusticias sociales. Como consecuencia, está el sufrimiento ético-político, que surge del dolor provocado por las injusticias sociales, cuyos efectos son perjudiciales para las personas, ya que acarrea sentimientos de inferioridad, subordinación y humillación, además de ser un detonante de la desarrollo de enfermedades.

**Palabras clave:** Exclusión social. Inclusión. Sufrimiento ético-político.

## 1 INTRODUÇÃO

A problemática em torno da desigualdade social, no Brasil, chegou ao ápice de ser incompatível com a democratização da sociedade, atingindo as dimensões econômicas, políticas, culturais e étnicas. Nesse contexto, há discriminações, pobreza, subalternidade, além da falta de acessibilidade, de equidade e de representações públicas. Esse cenário não representa um processo de ordem individual, mas sim de ordem coletiva que atinge diretamente os indivíduos. É nessa situação de privação coletiva que a exclusão social é entendida



(WANDERLEY, 2014), tendo em vista que, de acordo com Castel (2019, p. 52) a exclusão é “[...] sempre o desfecho dos procedimentos oficiais e representa um verdadeiro *status*. É uma forma de discriminação negativa que obedece às regras estritas de construção”.

A exclusão social é tema presente na sociedade, amplamente divulgado nas mídias mundiais, fazendo parte das políticas públicas governamentais e dos discursos políticos. Todavia, esse processo de exclusão, o qual é complexo e contraditório, tendo em vista se tratar de um processo multifacetado, no qual emerge a dialética exclusão/inclusão frente à contrariedade que a constituiu, qual seja, “[...] a qualidade de conter em si a sua negação e não existir sem ela, isto é, ser idêntico à inclusão [...]” (SAWAIA, 2014, p. 8).

É a partir desse cenário de injustiças sociais, que o presente estudo se justifica e tem como objetivo principal apresentar os fundamentos históricos, teóricos e epistemológicos acerca do sofrimento ético-político como uma categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. Para isso, utilizam-se alguns autores, como Sawaia (2013, 2014), Castel (2019), Wanderley (2014), Espinosa (1983), Heller (1999) e Vygotsky (2001).

Metodologicamente, tem-se um estudo exploratório, que, com base no método dedutivo, parte de uma abordagem sócio-histórica dos processos psicossociais de exclusão/inclusão, para, então, tratar do sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão.

## 2 PROCESSOS PSICOSSOCIAIS DE EXCLUSÃO/INCLUSÃO

Os espaços sociais historicamente povoados por pedintes, marginais, mendigos, vagabundos, atravessaram ao longo dos séculos universos estigmatizados. Assim, somente a partir dos anos 90, é que se passou a ter um novo debate intelectual e político acerca da nova visão de exclusão (WANDERLEY, 2014).

A globalização, que marca a exclusão social, é discutida a partir das inúmeras transformações sociais ocorridas ao longo do tempo, em que o aceleramento desordenado do processo de urbanização, as desigualdades de renda, a falta de acesso aos serviços, o desenraizamento causado pela mobilidade profissional e a padronização inadequada do sistema escolar, contribuíram para o crescimento do processo de exclusão que (WANDERLEY, 2014), desde os tempos coloniais, no Brasil, se tem presente em nossa história esses processos sociais excludentes, que vieram a se agravar durante o período da ditadura militar (VERAS, 2014).



Nesse trilhar, de acordo com Castel (2019), não houve melhorias, ao contrário, a exclusão tem atingido cada vez mais a população, independentemente da classe social em que se está inserido.

Diante disso, a percepção da exclusão continua provocando inúmeros debates nas áreas da Psicologia, da Sociologia e da Antropologia, mesmo diante de inúmeros estudos, pois os estudiosos do tema, a partir de uma visão epistemológica, entendem que esse fenômeno é tão amplo que é praticamente impossível poder delimitá-lo (WANDERLEY, 2014). Nesse sentido, Veras (2014, p. 29) aponta que contemporaneamente esse debate vem ganhando novos contornos, “[...] em que o dito pensamento sociológico europeu e mesmo o norte-americano passam a conhecer mais de perto processos já familiares à realidade latino-americana e, mais particularmente, à brasileira”.

Nesse sentido, Sawaia (2014), com base nas reflexões de Foucault (1926-1984), entende a exclusão como um processo de inclusão social no qual há a disciplinarização dos excluídos, sendo, portanto, um movimento de manutenção e controle social frente às desigualdades, em que se insere a exclusão na busca de poder. Todavia, foi a partir da concepção marxista acerca da miséria e da servidão no sistema capitalista, que a autora formou a ideia central que constitui a dialética exclusão/inclusão. A partir disso, entende que no lugar da exclusão se tem a dialética exclusão/inclusão. Através dessa concepção, introduz a ética e a subjetividade, bem como a afetividade para a análise do fenômeno de exclusão social e a sua transmutação em inclusão social. Sob esta ótica, a maneira pela qual se coloca a ideia de humanidade no centro das reflexões sobre a exclusão, em que o indivíduo e a maneira na qual se relaciona no contexto social, seja na família, no trabalho, no bairro etc., “[...] de forma que, ao falar de exclusão, fale-se de desejo, temporalidade e de afetividade, ao mesmo tempo que de poder, de economia e de direitos sociais”.

Desse modo, a exclusão social em todos os seus aspectos, gera sofrimento as pessoas. Diante disso, urge a necessidade, de acordo com Bourdieu (1998), nos estudos sobre as emoções, questionar sempre o sofrimento vivenciado pelo indivíduo no seu estorno social, pois somente assim será possível combater a tecnocracia econômica.

### **3 SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE**

Os sentimentos afetivos ao longo do tempo foram reprimidos, renegados, fazendo com que na epistemologia a razão fosse o norte das discussões, tendo em vista que se acreditava que



os afetos e as paixões desvirtuavam o homem de sua realidade (MIURA; SAWAIA, 2013). Nesse sentido, para falar de sofrimento ético-político, a partir da construção feita por Sawaia (2013, 2014), é necessário trazer as contribuições que a autora buscou em Espinosa, Heller e Vygotsky. Para os autores, a emoção é constitutiva da ação e dos pensamentos “[...] coletivos ou individuais, bons ou ruins, e como processo imanente que se constitui e se atualiza com os ingredientes fornecidos pelas diferentes manifestações históricas”. É um fenômeno objetivo e subjetivo que constitui a matéria básica da condição humana (SAWAIA, 2014, p. 102).

A realidade externa possibilita que as pessoas alcancem visibilidade e sentido através de suas experiências emocionais constituídas por meio das relações com o mundo dos objetos e das interações interpessoais. Desse modo, quando ocorre o contato das pessoas com outros seres e com o mundo, é que o corpo, enquanto matéria, irá afetar e ser afetado. É desta forma, que os seres humanos compreendem como objetos e seres expressam a sua existência (MIURA; SAWAIA, 2013).

Para Espinosa (1983, p. 154), corpo e alma é uma unidade que constitui a essência do homem em um todo, pois “[...] o corpo é objeto da alma; por consequência, por essa mesma razão, a ideia da alma deve estar unida com o seu objeto, isto é, com a própria alma, da mesma maneira que a alma está unida ao corpo” (Espinosa, 1983, p. 154). Portanto, o corpo é mais do que apenas uma matéria biológica, é matéria social e emocional.

Sobre esta dimensão, em que o psicológico, o político e o social se entrelaçam, Heller (1999) ao tratar das emoções, aponta que na sociedade atual o homem possui pensamentos determinados, produzindo e fixando sentimentos particulares, criando e reproduzindo a alienação dos sentimentos e o caráter de alguns afetos. Nesse sentido, para Sawaia (2014, p. 104) “O sofrimento é a dor emanada das injustiças sociais. É o sofrimento de estar submetido à fome e à opressão, e pode não ser sentido como dor por todos”. Para Heller (1979), a dor é inerente ao ser humano e emana do indivíduo através das afecções de seu corpo, cuja capacidade de sentir e ser afetado varia de pessoa para pessoa.

Vygotsky (2001), ao fazer uma análise dos comportamentos humanos, destaca que emoções e sentimentos não são entidades incondicionais ou lógicas de nosso psiquismo, mas estão enraizadas no significado da vida diária e influenciam nosso sistema psicológico na avaliação da intersubjetividade. Assim, através das mediações semióticas o organismo biológico, os processos psicológicos e as relações exteriores estabelecem razões desencadeadoras da ação e do pensamento.



A partir destas contribuições, Sawaia (2014) destaca que o sofrimento ético-político abrange todas as enfermidades do corpo e da alma que afetam a vida de diversas formas. Qualifica-se por meio do tratamento entre as pessoas na intersubjetividade – como trato e sou tratado –, em que a dinâmica, conteúdo e qualidade são definidos pela sociedade. Portanto, esse sofrimento “[...] retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade”, revelando a tonalidade ética do contexto da desigualdade social, que retira os direitos das pessoas, impedindo-as de manifestarem seus desejos e afetos (SAWAIA, 2014, p. 106).

Diante deste contexto, conhecer o sofrimento ético-político é, de acordo com Sawaia (2014, p. 107), analisar as formas de privação humana que estão escondidas “[...] por atrás da aparência da integração social [...]”. E, mais do que isso, é compreender a exclusão e a inclusão através das modernas faces dos antigos problemas sociais.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório, no século atual, que as injustiças sociais vêm ganhando cada vez mais notoriedade, diante das desigualdades sociais, do desemprego em massa, das discriminações raciais, de gênero, entre tantas outras que assolam a sociedade em um todo e não somente as mais pobres. Frente a esse cenário de exclusão social, o sistema capitalista busca incluir as pessoas, porém a forma que faz isso gera sofrimento, pois se trata de uma inclusão perversa, em que o sistema primeiro excluiu para depois incluir. Essa transmutação vivida com forma adaptativa de inserção social traz humilhação, sofrimento e faz com que as pessoas percam os seus valores, os seus afetos e sua empatia com os demais.

É possível visualizar o sofrimento ético-político decorrente dos processos psicossociais excludentes, através da pesquisa realizada por Almeida e Silva (2019) com mulheres profissionais do sexo. As autoras concluíram que essas profissionais durante sua vida sofreram com a exclusão, a desigualdade e a vulnerabilidade social, o que as fez seguir pela busca de dinheiro rápido que, em um sistema capitalista, conseguiram facilmente a sua inclusão na prostituição. Todavia, essa profissão em vez de trazer felicidade, afeto, dignidade, inclusão e perspectiva de um futuro, trouxe o contrário, ou seja, fez com que essas mulheres perdessem seu espaço na sociedade, pois foram excluídas, e mais do que isso, trouxe sofrimento, tendo em



vista que perderam a sua dignidade, os seus sonhos, ao ponto de repudiarem a sua profissão e a si mesmas.

Portanto, é através desse processo excludente, o qual se transmuta em inclusão – de forma perversa –, que o sofrimento ético-político retira das pessoas a esperança de um futuro, trazendo inúmeros sentimentos negativos, como o de inutilidade, de medo, de vergonha, de humilhação, de inferiorização, além de provocar dor e servir de gatilho para o desenvolvimento de doenças como, por exemplo, a depressão.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luciane Pinho de; SILVA, Gabriela Pereira da. Mulheres Donas de Seus Destinos: a constituição do sujeito enquanto mulher profissional do sexo. *Trayectorias Humanas Transcontinentales, Limoges, n. 6, p. 80-96, 2019. Disponível em:* <<https://www.unilim.fr/trahs/1866>>. Acesso em 30 mar. 2021.

BELFIORE-WANDERLEY, Mariangela; BÓGUS, Lucia; YAZBECK, Maria Carmelita. (Org.). **Desigualdade e a questão social**. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUC, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos** – Táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CASTEL, Robert. As armadilhas da exclusão. In: BELFIORE-WANDERLEY, Mariangela; BÓGUS, Lucia; YAZBECK, Maria Carmelita. (Org.). **Desigualdade e a questão social**. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUC, 2019.

ESPINOSA, Baruch de. **Ética**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HELLER, Agnes. **Teoría de los Sentimientos**. México: Ediciones Coyoacán, 1999.

MIURA, Paula Orchiucchi; SAWAIA, Bader Burihan. Tornar-se catador: sofrimento ético-político e potência da ação. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 331-341, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/10.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SAWAIA, Bader. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 14. ed. Petrópolis, 2014.

SAWAIA, Bader. Introdução: exclusão ou inclusão perversa? In: SAWAIA, Bader. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 14. ed. Petrópolis, 2014.

SAWAIA, Bader. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, Bader. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 14. ed. Petrópolis, 2014



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

VERAS, Maura Pardini Bicudo. Exclusão social – Um problema brasileiro de 500 anos (notas preliminares). In: SAWAIA, Bader. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 14. ed. Petrópolis, 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WANDERLEY, Mariangela Belfiore. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, Bader. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 14. ed. Petrópolis, 2014.





## ERGONOMIA E NANOTECNOLOGIA NO VESTUÁRIO DE MULHERES IDOSAS

ERGONOMIC AND NANOTECHNOLOGY IN THE CLOTHING OF ELDERLY WOMEN

Malusa Fernanda Schuch; Claudia Schemes

Universidade Feevale

**Resumo:** O número de mulheres na população idosa economicamente ativa vem crescendo exponencialmente. A partir deste cenário, este artigo tem como objetivo principal identificar as preferências de vestuário das mulheres idosas e propor uma coleção de moda com inovações tecnológicas têxteis para este público. O procedimento técnico utilizado foi de revisão bibliográfica e pesquisa de campo realizada por meio de entrevistas com mulheres acima de 60 anos. As mudanças físicas causadas pela idade, a preferência de vestuário deste público e os tecidos inteligentes são alguns assuntos abordados nessa pesquisa. Os resultados obtidos pela pesquisa permitem compreender que, ao criar uma coleção deve-se pensar nas demandas e preferências das mulheres idosas. Além disso, apesar do preconceito relatado em relação à utilização de tecidos tecnológicos no dia a dia, se faz necessário apresentar as soluções tecnológicas que podem proporcionar maior conforto para as usuárias.

**Palavras-chave:** Moda. Idosas. Nanotecnologia. Inovação.

**Abstract:** The number of elderly women economically active in the population has been growing exponentially. Based on this scenario, this article has as main objective to identify the clothing preferences of the elderly women and to propose a fashion collection with technological innovations for this public. The technical procedure used was a bibliographic review and field research, with a quantitative approach and qualitative analysis carried out through identification with women over 60 years old. The physical changes caused by age, the preference of clothing for this audience and smart fabrics are some of the factors included in this research. The results obtained by the research allow us to include that, when creating a collection, one must think about the demands and favor elderly women. In addition, despite the prejudice related to the use of technological fabrics on a daily basis, it is necessary to present technological solutions that can provide greater comfort for users.

**Palavras-chave:** Fashion. Elderly. Nanotechnology. Innovation.

### INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população brasileira é um fenômeno que segue tendências mundiais. De acordo com projeções da ONU (Organização das Nações Unidas), o Brasil deverá ser a 6ª nação mais velha do mundo já em 2025. Dentro dessa perspectiva de aumento do número de idosos e, conseqüentemente, de aumento da demanda por produtos apropriados para essa idade, consideramos relevante investigar quais são os principais problemas encontrados pelo público de mulheres idosas em relação ao seu vestuário.

A opção pelo gênero feminino se dá devido ao aumento do número de mulheres idosas que fazem parte da população economicamente ativa, tanto no mundo quanto no Brasil. Devido a este crescimento, as mulheres passaram a apresentar níveis mais elevados de incapacidade que os





homens, mesmo que, estatisticamente, elas vivam mais tempo que eles<sup>1</sup>. Nesse sentido, Gomes & Lüdorf (2009) afirmam que as variáveis antropométricas femininas sofrem alterações com o envelhecimento em função da perda progressiva de massa magra, aumento de gordura corpórea, diminuição de estatura, aumento de gordura abdominal, entre outros. Essas mudanças corporais tornam atividades simples, como sentar-se, levantar-se, deitar-se, caminhar e até vestir-se, complicadas e difíceis. Nesse aspecto, a indústria da moda carece de produtos adequados para essas mulheres, que constituem um mercado consumidor com características diferenciadas.

A partir desse cenário, realizamos uma pesquisa com 78 mulheres com mais de 60 anos, residentes no Vale do Rio do Sinos e participantes de grupos de terceira idade da Universidade Feevale. A investigação teve, como objetivo principal, conhecer suas limitações, comportamentos de consumo e preferências em relação ao vestuário, especialmente no que se refere à inovação tecnológica, ou seja, procuramos identificar o interesse em produtos com algum tipo de tecnologia inserida para, posteriormente, criar uma coleção de moda para esse público.

No primeiro contato com as mulheres, muitas relataram um estilo de vida agitado, frequentando aulas de teatro, dança, música, museus, grupos de mulheres e viagens entre amigas. Este relato mostra que boa parte do tempo e dinheiro destas mulheres é investido em lazer. A seguir, apresentaremos o resultado da pesquisa de campo.

A primeira pergunta estava relacionada às mudanças na estrutura corporal que, devido ao envelhecimento, a variação de peso é o que mais afeta as mulheres entrevistadas. Esta resposta vem ao encontro da afirmação feita por Gomes e Lüdorf (2009) de que a perda progressiva de massa magra e o aumento da gordura corpórea são as principais mudanças corporais decorrentes do envelhecimento.

Quando questionadas sobre o tempo de uso das roupas adquiridas, observamos que a minoria se preocupa com as tendências de moda, ou seja, as roupas são usadas enquanto duram. Isto reforça a ideia de que esse público está mais preocupado com a qualidade e durabilidade não tendo interesse no modismo fornecido pelo *fast fashion*<sup>2</sup> e consumido pelos jovens.

O tempo necessário para o ato de vestir foi uma questão importante para identificarmos se havia algum problema maior com a modelagem das roupas, visto que peças ergonômicas e confortáveis são vestidas com maior rapidez e agilidade. Mais da metade das entrevistadas relatou levar de 5 a 7 minutos para uma troca de roupa, que era a menor opção de tempo que

<sup>1</sup> Segundo dados do IBGE (2017), a expectativa de vida das mulheres brasileiras é 7,1 anos maior que a dos homens. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23200-em-2017-expectativa-de-vida-era-de-76-anos>>. Acesso em 18/03/2020

<sup>2</sup> Termo utilizado para designar a renovação constante das peças comercializadas no varejo de moda.



apresentamos, e podemos deduzir que este público prefere roupas versáteis, as quais combinam facilmente entre si e não demandam tanto tempo na hora da escolha.

Quanto à estética das roupas, quando perguntadas sobre cores e estampas, as respostas foram variadas. A opção de tons neutros foi a mais escolhida, sendo que as outras opções tiveram números de respostas bem parecidos, o que mostra o estilo variado desse público. Percebemos, entretanto, que as roupas estampadas não são tão bem aceitas quanto às lisas.

A última pergunta foi sobre o interesse dessas mulheres na compra de vestuário com tecido que apresentasse algum tipo de tecnologia inserida, como microcápsulas que liberassem perfume ou algum tipo de medicamento. Nessa questão as entrevistadoras questionaram os motivos da resposta, pois a maioria das entrevistadas respondeu que não tinha interesse.

O que percebemos foi um desconhecimento muito grande em relação aos tecidos tecnológicos, pois as justificativas abrangeram desde o preço mais alto até o medo de vestir algo que pudesse, de alguma forma, prejudicar a saúde. Entretanto, observamos que essa tecnologia gerou muita curiosidade nas entrevistadas, as quais questionaram como funciona um tecido nanotecnológico, se este pode acarretar algum mal para a saúde, se possui um custo muito elevado, se já existem opções de roupas no mercado, entre outras questões.

As nossas hipóteses iniciais eram de que as mulheres idosas deveriam apresentar muitas dificuldades relacionadas ao vestuário, como mercado inadequado e roupas pouco confortáveis e ergonômicas que representariam dificuldades na hora de vestir e despir. Além disso, supomos que a aceitação de tecidos tecnológicos seria alta. Entretanto, essas hipóteses não se confirmaram, conforme apresentamos na pesquisa de campo realizada.

Mesmo assim, essa pesquisa foi importante para nortear a coleção de moda desenvolvida, visto que não tínhamos um levantamento a respeito das necessidades e interesses do público ao qual destinaríamos nossos produtos. O fato de as mulheres entrevistadas não demonstrarem um grande interesse em comprar produtos têxteis inteligentes não nos fez mudar de rumo no sentido de propormos uma coleção que viesse ao encontro de seus interesses e necessidades, pois acreditamos que, como profissionais da área da moda, temos a obrigação de propor e informar a respeito do que essa área já apresenta em inovações nos seus produtos.

## PRODUTOS TÊXTEIS INTELIGENTES

Quando se trata de vestuário, as constantes transformações proporcionadas pelo surgimento de novas tecnologias e de novos materiais, segundo Villas (2014), fez com que as peças, além do



vestir e do apelo estético, passassem a ter outras funcionalidades. Proteção UV, tecnologia anti amarratamento, hidro repelência e antimicrobianos são algumas das funções dos tecidos inteligentes disponíveis no mercado têxtil<sup>3</sup>.

Para Sánchez (2006), há duas formas de conseguir um tecido inteligente: uma delas é por meio da inserção de nanopartículas no processo de fabricação do tecido e outra, por meio da aplicação posterior de certos compostos que apresentam os mesmos efeitos que as fibras inteligentes. A maioria desses efeitos é obtida por meio da técnica de microencapsulamento aplicada aos têxteis.

Algumas marcas de moda já fizeram uso dessa inovação em seus produtos. É o caso, por exemplo, da empresa catarinense Malwee que oferece uma linha de produtos fitness que associa cosmética e moda, apresentando uma coleção com hidratante nanoencapsulado desenvolvida em parceria com a Nanovetores. De acordo com o site do Grupo Malwee<sup>4</sup> (2016), “as nanocápsulas são incorporadas no fio e, quando ativadas por atrito, pressão e calor do corpo, liberam partículas hidratantes em um fluxo constante. A tecnologia permanece eficaz por até 20 lavagens e o resultado foi clinicamente comprovado”.

No Brasil, devido à epidemia de zika vírus, dengue e chicungunya, que poderiam causar complicações graves para as grávidas, a marca de moda gestante Megadose lançou, em 2016, uma linha de roupas com repelente chamada MGD Cares. Para que isso fosse possível, nano cápsulas de citronela que duram de 20 a 30 lavagens foram inseridas na fibra do tecido. Em entrevista para o site El País (2016), João Ricardo Esteves, diretor da marca, conta que suas vendas aumentaram de 20 a 30% em apenas 20 dias do lançamento da linha (SCHUCH, 2019). A marca de roupas Amaro é outro exemplo que podemos mencionar, pois ela acrescentou, em sua coleção de inverno, um *trench coat* hidrorrepelente<sup>5</sup>. Para isso, foi realizado o preenchimento dos poros do tecido com compostos ou por meio de aplicação de produtos químicos, formando uma película superficial que repele água. A partir desses exemplos, podemos perceber que as marcas utilizaram desta tecnologia para proporcionar maior bem-estar para aqueles que usam suas roupas. Com isso, é possível pensarmos em como a nanotecnologia pode ser aplicada no vestuário de idosos com a finalidade de proporcionar maior conforto para esses consumidores.

<sup>3</sup> Segundo Pimentel et al. (2007, p. 1), “a microencapsulação serviu de modelo para técnicas mais sofisticadas, agora em escala nanométrica, permitindo o desenvolvimento de nanopartículas”.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://grupomalwee.com.br/n/grupo-malwee-apresenta-linha-fitness-com-malha-que-hidrata-a-pele/>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://amaro.com/p/trench-coat-london-breeze/bege>>. Acesso em: 04 nov. 2019.



Para esta pesquisa, contamos com o apoio da empresa Dublauto Gaúcha, que é especialista em tecnologia e inovação e está localizada no Feevale Techpark, na cidade de Campo Bom/RS. A empresa, desde 2006, vem participando de feiras nacionais e internacionais de tecnologia com ênfase no uso de nanotecnologia aplicada em tecidos, como o tratamento antimicrobiano, que protege contra o desenvolvimento de bactérias e fungos, fitoterápico, que contém óleos essenciais, e hidrorrepelente, que repelem umidade e são resistentes a absorção de sujeiras<sup>6</sup>. Dentre as opções que a empresa oferece, definimos as tecnologias hidratante, pois as entrevistadas informaram que sua pele afinou e ressecou com o passar dos anos, e hidrorrepelente, uma vez que a coleção será destinada às mulheres que gostam de viajar e praticar atividades fora de casa, sendo importante que o tecido não absorva água da chuva ou bebidas.

## A COLEÇÃO

Como as mulheres que participaram da pesquisa de campo tem uma vida agitada, gostam de viajar e conhecer lugares novos, a coleção foi pensada e inspirada em um armário cápsula<sup>7</sup>, na qual a ideia é que as peças combinem entre si, podendo montar diversas propostas de looks dentro da coleção. A coleção também teve como objetivo produzir roupas que fugissem do estereótipo de “vovozinha”, geralmente caracterizada por cinza e bege e sem informação de moda. Para isso, a coleção apresenta peça com recortes, detalhes em pespontos, cores vibrantes em contraste com o rosa claro e o verde militar, usadas aqui como cores neutras. A partir das características e preferências do público-alvo, foram criados dez *looks* versáteis que podem ser alternados em várias composições, conforme podemos ver no plano de coleção apresentado a seguir (figura 1).

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://gaucha.dublauto.com.br/home>>. Acesso em: 15 ago. 2019

<sup>7</sup> Técnica que consiste em escolher uma quantidade limitada de peças criando assim um armário minimalista, compacto e versátil.



Figura 1. Plano de coleção



Fonte: Elaborado por Malusa Schuch (2019)

A coleção foi inspirada na marca Daniela Gregis<sup>8</sup>, que é uma marca de vestuário fundada em 1997 pela estilista homônima em Bergamo, na Itália. Seu trabalho é baseado na paixão pela cultura japonesa, com sua autenticidade e simplicidade, e combinado a uma alma artística. A estilista usa materiais de alta qualidade e artesanato altamente especializado. Um traço característico da marca, que pode ser observado em todas as coleções, é o uso de sobreposições. O uso de tricô e crochê em algumas peças de roupa e bolsas evidencia a conexão com os meios artesanais de produção. Suas coleções também trazem o uso de tecidos naturais, como lã, linho e seda. Suas peças são simples, com recortes e peças assimétricas. As cores presentes em suas coleções vão do preto e branco às mais diversas, como vermelho, azul, laranja, verde e rosa.

A coleção apresentada manteve o DNA da marca de inspiração. As peças foram confeccionadas em tecidos naturais, acessório em tricô e a cartela de cores apresenta tons de laranja, verde e rosa que também são característicos da marca.

A coleção propõe-se a valorizar as mulheres idosas e, para isso, as respostas obtidas nas entrevistas foram levadas em consideração na escolha dos tecidos e modelagens, trazendo elementos pedidos pelas mesmas e pensando no conforto tanto físico quanto psicológico. O título

<sup>8</sup> Maiores informações em:  
NICOLÒ, Mirian de. Daniela Gregis si racconta per la prima volta. 2017. Disponível em: <<http://d-art.it/moda/daniela-gregis-si-racconta-per-la-prima-volta/24115>>. Acesso em: 17 mai. 2019.  
DANIELA GREGIS. Disponível em: <<http://www.danielagregis.it>>. Acesso em: 17 mai. 2019.



desta coleção faz referência à nanotecnologia usada nos tecidos e à diversidade das mulheres idosas, assim como suas particularidades em relação aos seus corpos e à maneira de se vestirem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa representa um passo importante para a área da moda, visto que investiga, além dos problemas ergonômicos e estéticos do vestuário direcionado ao público idoso, o interesse dessas consumidoras no consumo de roupas com algum tipo de tecnologia inserida.

Observamos que já existe um número significativo de empresas e de estilistas que fazem uso das tecnologias vestíveis. Entretanto, o público idoso não vem sendo contemplado satisfatoriamente, como podemos perceber no desconhecimento e, por vezes, preconceito que há em relação a essas inovações.

Esse público normalmente é lembrado pela indústria da moda quando se fala em dificuldades de locomoção, incontinência urinária e outros problemas físicos decorrentes da idade, mas percebemos que existe um grande contingente de idosas que são curiosas e estão interessadas em consumir modelos de roupas mais confortáveis, ergonômicas, com informação de moda e até com algum tipo de tecnologia, como a que apresentamos na coleção desenvolvida.

As idosas das camadas médias urbanas, público-alvo desta pesquisa, estão cada vez mais ativas, além de terem mais tempo disponível e um poder aquisitivo maior, o que lhes dá a possibilidade de experimentar e consumir novos produtos. Essas “novas velhas” (GOLDENBERG, 2013) não se encaixam mais no estereótipo antigo de vovós que ficam em casa cuidando dos netos e vestindo calças de moletom ou vestidos sem qualquer tipo de informação de moda, mas, a partir de nossas pesquisas, percebemos que, infelizmente, a indústria do vestuário não está conseguindo acompanhar essa demanda satisfatoriamente.

## REFERÊNCIAS

EL PAÍS. **Roupa anti-mosquito contra o zika**. 2016. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/14/politica/1457980360\\_213150.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/14/politica/1457980360_213150.html)>. Acesso em: 31 mai. 2019.

GOLDENBERG, M. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

GOMES, M. C; LÜDORF, S. M. A. **Idoso, moda e sedentarismo: possíveis relações**. Revista Eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos, Rio de Janeiro, n. 2, p. 158-167, 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9150/7280>>. Acesso em: 20 mai. 2019.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Características gerais dos domicílios e dos moradores: 2018.** [Recurso eletrônico]. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. 2019. Disponível em <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101654\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101654_informativo.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2019.

ONU – Organização das Nações unidas. **Mundo terá 2 bilhões de idosos em 2050; OMS diz que ‘envelhecer bem deve ser prioridade global.** 2014. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/mundo-tera-2-bilhoes-de-idosos-em-2050-oms-diz-que-envelhecer-bem-deve-ser-prioridade-global/>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

PIMENTEL, L. F. et al. Nanotecnologia farmacêutica aplicada ao tratamento da malária. **RBCF. Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 43, n. 4, p. 503-514, 2007.

SÁNCHEZ, J. C. Têxteis inteligentes. **Revista Química Têxtil**, v. 82, 2006.

SCHUCH, M.F. **Mulheres idosas e moda: desenvolvimento de coleção com inovações tecnológicas têxteis.** Novo Hamburgo: 2019. 88 p. Monografia (Moda), Universidade Feevale, 2019.

VILLAS, A. **A alma do negócio: como eram as propagandas nos anos 50, 60 e 70.** São Paulo: Globo Estilo, 2014.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## LEMBRANÇAS DE ANTIGAMENTE: A FAMÍLIA, AS BRINCADEIRAS, O TRABALHO E A ESCOLA NA COMUNIDADE CUSTANEIRA/TRONCO, PIAUÍ-BRASIL

MEMORIES OF YESTERYEAR: THE FAMILY, GAMES, WORK AND SCHOOL IN  
THE CUSTANEIRA/TRONCO COMMUNITY, PIAUÍ-BRAZIL

Jaqueline da Silva Torres Cardoso; Ana Luiza Carvalho da Rocha

Universidade Feevale

**Resumo:** A família sempre se constituiu como uma instituição forte, especialmente no meio rural. Para contribuir com a força de trabalho na roça no que se refere à produção de alimentos para o sustento de seus membros, essas famílias eram constituídas por muitos filhos. O conservadorismo e o sistema patriarcal predominaram até o século passado. Esse contexto não difere daquele encontrado nas comunidades quilombolas, embora Fidelis e Bergamasco (2015) apontem mudanças, mesmo que de forma tímida, na estrutura familiar nos últimos anos. Dentre as várias possibilidades de se estudar a família, buscou-se compreender a esfera de socialização familiar da comunidade Custaneira/Tronco, no estado do Piauí, através de um percurso transgeracional. Esse recorte se faz necessário tendo em vista que pesquiso em minha tese de doutorado a constituição do ser criança quilombola na atualidade e, para isso, precisa-se mapear o contexto em que os pais e avós foram socializados em suas respectivas épocas. Esse recorte temporal foi realizado com base no ano de nascimento dos avós e dos pais das crianças pesquisadas. Como técnica de pesquisa recorreu-se às entrevistas não-diretivas.

**Palavras-chave:** Criança quilombola. Escola. Família. Brincadeira. Trabalho.

**Abstract:** The family has always been a strong institution, especially in rural areas. To contribute to the labor force in the field in terms of food production for the sustenance of their members, these families were made up of many children. Conservatism and the patriarchal system predominated until the last century. This context does not differ from that found in quilombola communities, although Fidelis and Bergamasco (2015) point to changes, albeit in a timid way, in the family structure in recent years. Among the various possibilities of studying the family, we sought to understand the sphere of family socialization of the Custaneira / Tronco community, in the state of Piauí, through a transgenerational route. This cut is necessary considering that I research in my doctoral thesis the constitution of being a quilombola child today and, for that, it is necessary to map the context in which parents and grandparents were socialized in their respective times. This time frame was based on the year of birth of the grandparents and parents of the children surveyed. The research technique used was non-directive interviews.

**Keywords:** Quilombola child. School. Family. Joke. Job.

### 1 A CONSTITUIÇÃO FAMILIAR DA COMUNIDADE QUILOMBOLA

O artigo que segue foi construído por meio de duas linhas do tempo: a primeira, compreendida entre as décadas de 50 a 70, discorre sobre a infância dos avós das crianças quilombolas (o que chamo de “primeira geração”); já a segunda linha compreende as décadas de 80 e de 90 e retrata a infância dos pais das crianças (o que denomino de “segunda geração”).





Entre as décadas de 50 a 70, período em que a primeira geração era criança, havia o predomínio do modelo de família extensa na comunidade Custaneira/Tronco. Percebe-se que este tipo de família se estende até os dias atuais. E há uma razão para a constituição da família extensa nas comunidades quilombolas. Assim como nas famílias de camadas populares (SARTI, 1992; 1994); (DUARTE, 1995); (BILAC, 1995) e nas famílias camponeses (WOORTMANN, 1995); (CAMAROTE, 2011), as famílias quilombolas pautam-se em certas estratégias de sobrevivência de modo a garantir a proteção e a manutenção do grupo.

Os estudos de Sarti (1994, p. 89) apontam para a questão da solidariedade que ancora essas famílias. Seus membros se constituem “como uma rede, com ramificações que envolvem a rede de parentesco como um todo, configurando como uma trama de obrigações morais” (SARTI, 1994, p. 89). A função dos pais girava em torno do sustento da família e, por esse motivo, tanto o pai quanto a mãe realizavam o trabalho na roça, como relata a Dona Ana Antônia da Conceição (Donana), mãe de Vanderléia e avó de Walkércia: “meu pai trabalhava de roça, tirava palha. Plantava o milho, o feijão, o arroz, é isso que ele criou os filhos, nessa base. A mãe também, a mesma coisa, trabalhava todo mundo junto.” Além disso, sua mãe tinha como labor as atividades domésticas e o cuidado com os filhos. Nas décadas de 80 e 90, período da segunda geração, permaneceu o modelo de família nuclear tradicional, mas com a redução do número de filhos para no máximo três. No entanto, como na geração anterior, tanto o pai quanto a mãe realizavam o trabalho na roça.

Os relatos dos avós e dos pais das atuais crianças quilombolas possibilitam compreender o contexto da estrutura familiar e os papéis de pai, mãe e filhos naqueles períodos. Para a primeira geração, o pai era o responsável pelo sustento dos filhos e pela distribuição das tarefas da lavoura entre os membros da família. A mãe, por sua vez, além dos cuidados com o lar, com os filhos, auxiliava o marido nas atividades da roça.

A partir dos relatos dos moradores, alguns aspectos do cotidiano familiar são revelados. Mesmo com a família numerosa, com uma casa pequena e com poucos cômodos, é perceptível a organização da família quanto às suas acomodações: “Tinha o quarto do meu pai, que dormia um ou dois mais pequeno. A sala ficava pros outros, no outro quarto né? Ali nós armava a rede pertinho um do outro. Não tinha essa conversa não! Tinha que ficar ali, né? E feliz da vida! Tão feliz da vida! (INÁCIO, 15 de março de 2020).

O relato a seguir, apresentado por Dona Rita, revela que a alimentação era servida de forma coletiva para os filhos, isto é, em um mesmo recipiente: “comia junto no agridar. Tinha



um agridar de barro, aí eu botava junto a comida deles.” A explicação evidencia, também, que a escassez de alimentação era constante: “aí botava o feijão de um lado o arroz do outro, porque carne era difícil. E também arroz era difícil. [...] aí se tinha o ovo já estralava e botava e partia um ovo pra dois (filhos).” (RITA, 13 de outubro de 2019). Tal discurso é corroborado pela fala de Seu Inácio, que tece com detalhes a dinâmica da comunidade quanto à partilha dos alimentos e à distribuição de tarefas: “Por que nesse tempo era difícil! Tinha porco no chiqueiro: – Hoje é domingo! Aí papai matava um. De hoje a oito dias, o (porco) de Luis, aí todo mundo da comunidade ia pra almoçar lá, né? Pra ajudar as mulher a fazer a gordura, outras o chouriço.” (INÁCIO, 15 de março, de 2020).

Além da alimentação, Seu Inácio recorda-se da dificuldade de seus pais para conseguir o vestuário para todos os filhos e da ausência de escolhas para as saídas: “se fosse uma festa hoje. Eu queria ir pra uma festa, eu não tenho calçado, [...] eu vou no chinelo mesmo!” Entre os membros da primeira geração, as casas inicialmente eram de taipa, pedra, barro, chão batido e cobertas por palha. Em anos posteriores, as casas eram construídas de adobo e cobertas por telhas. Este último modelo de casa prevaleceu até a geração seguinte.

Nas décadas de 50 a 70, as crianças eram submetidas às vontades e às opiniões de seus pais. O respeito era calcado através do medo e de práticas punitivas, como revela Donana:

Se errasse... se fizesse uma coisa acolá e ele não soubesse e viesse o saber dele, ele ia procurar saber de onde foi que veio aquilo que a gente fez, se foi errado, ou se foi certo. Se foi errado, a gente ia pro castigo um pouquinho. Castigo era quando ele não pegava pra dar umas lapadas de cinto, de cipozinho de moita ele botava de castigo lá e só saía quando ele mandava. (DONANA, 03 de outubro de 2020).

Tais práticas se mantiveram presentes na geração seguinte, como revela Dona Rita (13 de outubro de 2019): “[...] de primeiro menino tinha medo dos pais. Era o que o pai dissesse, era o que a mãe dissesse.” Ela também afirma que havia regras implícitas: “eles [os filhos] não eram doido de passar aqui em minha frente [entre as pessoas conversando] que eu olhava, se eu olhasse eles já sabia que ia ter taca depois!” A referida prática também foi destaca por Sarti (1994), quando a autora discorre, em sua pesquisa, que: “há uma forte hierarquia entre pais e filhos, e a educação é concebida como o exercício unilateral da autoridade.” (SARTI, 1994, p. 93-94).



## 2 A RELAÇÃO COM O BRINQUEDO E AS BRINCADEIRAS

É na infância que as crianças quilombolas assimilam as representações sociais e culturais do seu grupo social, e esse processo ocorre por meio das brincadeiras e dos brinquedos. Kishimoto (1998, p. 8) aponta que “é possível entender o brinquedo em outra dimensão, como objeto cultural”. Assim, “o brinquedo não pode ser isolado da sociedade que o criou e reveste-se de elementos culturais e tecnológicos do contexto histórico social”.

De acordo com Altman (2010), as brincadeiras brasileiras se originaram das apropriações de brincadeiras provenientes de várias culturas, especialmente das africanas, portuguesas e indígenas, mas se adaptaram de acordo com as especificidades locais. Para Bernardes (2005, p. 49), alguns jogos como o pião, a amarelinha, a pipa, as bolas de gude, as histórias de fadas, as adivinhas e as parlendas são vestígios da cultura portuguesa. Também para o autor, a “a miscigenação índio-branco-negro e a falta de documentação sobre os jogos dos meninos negros no período colonial dificultam a especificação da influência africana no folclore infantil”.

Mesmo com a ausência de pistas em relação às brincadeiras, mais especificamente as africanas, é relevante conhecer um pouco da infância quilombola e das brincadeiras infantis que os pais e os avós dessas crianças produziam com o intuito de compreender a materialização da infância nesse contexto histórico e as vivências lúdicas desses grupos.

Conforme aponta Altman (2010, p. 140), as brincadeiras de roda, as adivinhas, as parlendas e as brincadeiras de chateações caracterizadas como jogos coletivos “vão se multiplicando, acrescidos também, e principalmente, pelo folclore das imigrações, com a inclusão de jogos tradicionais que atravessam fronteiras e gerações”. A assertiva da referida autora é corroborada pela fala de Naldinho (segunda geração), quando ele relata as brincadeiras de roda de sua infância:

Eu brincava muito... vixe era tanta brincadeira! Tinha as brincadeira de roda, tinha uma brincadeira de dizer o lado direito desocupou, quem ocupa? Aí era uma... aí todo mundo na roda dizia:

- Teu número era o número 7.

Aí botava o número de todo mundo. Aí só você sabia do seu número. O número que você ia chamar era o que vinha na cabeça. Até ficar os números conhecidos. Aí quando tinha um número conhecido de uma menina, na hora que a gente tava só, dizia:

- Meu lado direito desocupou, quem ocupa é número tal.

Aí quando aprendia um número, que tava todo mundo decorado, aí logo mudava os números porque... aí tinha hora... “número tal”, aí quem vinha era um homem pro seu lado, aí:

- Êeeeeeeepa.

Aí era um ribuliço (risos). (NALDINHO, 13 de outubro de 2019).





As especificidades das crianças quilombolas são representadas por brincadeiras como as descritas acima. Através da fala de Naldinho, percebe-se que a referida brincadeira era uma maneira divertida e articulada pelo grupo para se paquerar e que proporcionava diferentes situações engraçadas para os participantes, como, por exemplo, quando um menino escolhia o número de outro menino para ficar ao seu lado. Seu Inácio (primeira geração) também narra com detalhes as brincadeiras de roda de sua infância:

Brincava de roda, né? Tinha uma brincadeira que se chamava la coxia, senta aqui. Fazia uma roda de noite, aí você pegava uma chinela dessa aí você arrudiava “corre, corre la coxia, que é de noite, que é de dia...” Aí você deixava o chinelo aqui, se o outro não desse fé que o chinelo tava lapada nele, né? Aí era assim. Aí quando dava fé era bonito. Era saindo e fazendo essa rotina dizendo “corre, corre la coxia, que é de noite, que é de dia...” Aí botava o chinelo lá. Se você não desse fé, lapada de novo né? Aí isso era uma brincadeira né? (INÁCIO, 15 de março de 2020).

Além das brincadeiras de roda já citadas, outra que atravessou a infância dos quilombolas foi a “cobra-cega” ou “cabra-cega”, como também é conhecida. Altman (2010) aponta que neste tipo de brincadeira as perguntas e as regras variam de acordo com a região ou com a decisão das próprias crianças. Para a autora, “este é um dos aspectos mais ricos das brincadeiras: o poder que as crianças têm de criar novas regras aceitas por todos, algumas vezes após árduas discussões, mas em geral, de forma democrática” (ALTMAN, 2010, p. 141).

As brincadeiras na comunidade costumam ser feitas em ambiente aberto, o que possibilita à criança, independentemente da época, “distanciar-se da vida cotidiana e entrar no mundo da fantasia, do faz-de-conta” (BERNARDES, 2005. p. 46). Donana recorda-se que realizava suas brincadeiras de casinha “debaixo de uma moita” que era limpa pelas próprias crianças para a atividade lúdica. Vale ressaltar que as brincadeiras são fundamentais para o desenvolvimento infantil, pois é por meio delas que se aprende a conviver em grupo, a obedecer às regras, a ganhar, a perder e a estabelecer vínculos sociais como a amizade e a reciprocidade, por exemplo.

As brincadeiras e os jogos também são práticas de aprendizado cultural. O caráter lúdico e de socialização da brincadeira apresenta aos pequenos as particularidades do passado cultural da Custaneira/Tronco, visto que as brincadeiras se estruturam sobre as tradições culturais daquela região, o que lhes garante um papel de transmissão, preservação e propagação dessas tradições. Por exemplo, tanto Naldinho quanto Senhor Inácio e Donana relatam que, em sua infância, eram frequentes as brincadeiras que representavam a roda de Lezeira e a dança de São Gonçalo. Naldinho descreve como acontecia este tipo de brincadeira:



Mas tinha muita brincadeira boa e também a gente brincava da roda de lezeira dizendo, ensaiando a lezeira, ensaiando o São Gonçalo. Nós botava um sabugo dentro de uma lata de sardinha e dizia que era o São Gonçalo. Aí fazia os pandeiros daquelas latinhas de doce, que tinha as latas de doce, aquelas de frande, né? Nós fazia os panderins, nós mesmo fazia. Aí nós ficava e as meninas dançando, aí nós ia com o santo. Às vezes os mais velhos botava uma moeda. Aquilo ali era uma festa pra nós que a gente já comprava os bombons de comer (risos). A única coisa que menino comia de fora era um bombom. Tinha essas coisas não. (NALDINHO, 13 de outubro de 2019).

Segundo o relato apresentado, as brincadeiras tradicionais, como as de bonecas e de casinhas, estiveram presentes nas duas gerações de meninas. Vanderléia relata também que sua geração (segunda) brincava de cavalinho, de talo de carnaúba, de trisca e de esconde-esconde. Além das brincadeiras de roda, da representação das danças culturais e da confecção de santo e de instrumento musical para brincar o São Gonçalo, outras foram narradas, tais como: as de casinha e de bonecas, descritas pelas mulheres das duas gerações, e a peteca e o piãodescritas pelos homens.

Cabe destacar que nos dois grupos pesquisados encontrei brincadeiras em que ocorre a interação entre meninos e meninas, como nos jogos em grupo e nas brincadeiras de roda. Contudo, tanto na primeira quanto na segunda geração percebe-se a diferença de gênero em outros tipos de brincadeiras. Enquanto na infância das meninas prevaleciam as representações de dona de casa e o seu lado maternal, na infância dos meninos prevaleciam as brincadeiras que valorizavam a competição e sua dimensão física e agressiva.

Na infância dos membros da comunidade, as ressignificações culturais ocorriam por meio das cantigas de ninar, das contações de estória, das brincadeiras de adivinhação bem como das músicas que embalavam o sono das crianças. Por meio das narrativas apresentadas, compreende-se que as brincadeiras tiveram um relevante papel na comunidade quilombola. Era por meio das brincadeiras e dos brinquedos que se buscava representar os papéis masculinos e femininos e transmitir conhecimento acerca das tradições culturais daquele povo.

### 3 A RELAÇÃO TRABALHO/ESCOLA NO COTIDIANO DAS CRIANÇAS

De modo diferente do que se constitui hoje durante a infância, as crianças quilombolas da primeira geração eram educadas no trabalho e para o trabalho. A narrativa de Seu Inácio coloca em evidência a dinâmica do trabalho das crianças, que se iniciava por volta dos sete ou oito anos:



Quando pequenos trabalhavam na roça: de roça mesmo! Puxava boi, ajudava os maiorzinho ia cavando e os outros ia semeando, né? Ajudando na agricultura da roça. Quando era pra limpar, pegava as inchadinhas, ainda pequeno, vou limpando aqui, que o mato era menor, os maior vai pra lá, vocês vão limpando aqui. Era assim, o cultivo da roça. Aí no tempo do carnaubal, às vezes ele levava nós pra ajudar a botar um fogo na panela, pra já saber o serviço que ia fazer quando crescesse. De sete a oito anos já... (INÁCIO, 15 de março de 2020).

As dificuldades de acesso à escola e a necessidade de mão de obra fizeram com que essas famílias priorizassem o trabalho das crianças na roça ao invés dos estudos. O mesmo ocorria com o trabalho braçal feminino. No relato da Senhora Domingas (esposa do Senhor Inácio), é possível perceber que a divisão do trabalho braçal por gênero era inexistente. Naquela época, o trabalho feminino também era fundamental para o sustento da família, como ela mesma relata:

Eu comecei a ir pra dentro do carnaubal, pra palha, eu tinha oito anos. Minha mãe era trabalhadeira. Ela trabalhava no campo estendendo palha. Aí ela levava nós pra carregar o feixos de olho pra colocar lá no laço pra nós pra estender. Ela (mãe) levantava 6h, aí fazia a comida e levava pra nós. Aí quando terminava, aí de ajeitar tudo, dá comer aos bichos aí ela levava nós. (A mãe dizia): “Eu trago que é pra vocês quando entender já saber o que é o pesado! Não tem estudo. Aí quem não tem estudo não vai a frente pra trabalhar em serviço maneiro.” Aí nós ia pro carnaubal.

Na geração seguinte prevaleceu a presença masculina na roça para ajudar o sustento da família, enquanto as meninas dedicavam-se aos trabalhos domésticos juntamente com suas mães. Nas narrativas dos moradores da comunidade, é possível perceber o reconhecimento das famílias quanto à importância da educação e aos esforços empreendidos por elas para conciliar as atividades laborais com os estudos dos filhos. O reconhecimento desses esforços reflete-se na forma de contratação de professores para ensinar as crianças na própria comunidade: os pais se organizavam em grupo para custear os proventos do professor. Lima (2016) relata a presença de “casa-escola” para atender a educação rural piauiense desde meados do século XIX até os anos 1980. Esse tipo de ensino, no âmbito quilombola, possibilitava à família ter uma flexibilização na organização do calendário escolar para atender tanto às exigências do campo quanto ao trabalho braçal das crianças. O relato abaixo exemplificam as práticas de ensino que circulavam naquele contexto social de educação rural dentro do ambiente familiar:



Até o professor, pra vir dá uma aula aqui na comunidade eles (os pais) pagavam um professor de Campinas (do Piauí). Pagava em cereais: arroz, feijão, milho, pra vim dá aula aqui pra nós. O nome do nosso professor... nós devemos primeiro à Deus e depois à ele muito! Ele tinha aquela paciência de ensinar pra nós. O nome dele é Júlio da Costa Mata. Aí nós aprendemos na casa do meu avô (Ciriaco). Tinha um quarto dele, que ele botava as coisas dele. Ele ficava lecionando aí. Ele passava um mês, dois e pouco... Aí ele saía numa sexta de tarde montado numa burra pra Campinas do Piauí. Aí ele dizia:

- Eu só vou voltar em tantos dias!.

Aí nesse período ficava parado. Aí os véi aproveitava:

- Vamos pra roça!

Aí ia todo mundo pro Carnaubal

Ele ensinava um mês, um mês e pouco. Aí ele ia visitar a família aí voltava de novo pra dar aula. Aí era o tempo que a gente ia pra roça. Aí o período que nós estudava de manhã, se nós estudava de manhã, de tarde era na roça. Se fosse de tarde, de manhã, na roça! Tem tarefa do colégio? Tem! Então aproveita pra fazer de noite na luz da vela. E o cabra tinha que se interessar mesmo! Porque a oportunidade era aquela!

Quando o negócio impressava, os pais vinha e falava com o professor: professor, nós vamos fazer assim: essa semana, os meninos vão todos pro carnaubal. Aí na próxima semana eles vem a semana toda pra estudar os dois período. Fazia assim, pra aumentar o capital pra poder né comprar as coisas pra dentro de casa o arroz, a roupa, um calçado, um vestido. (INÁCIO, 15 de março de 2020).

O professor citado por Seu Inácio lecionou no território do Tronco por oito anos. Chamado de “meu mestre” pelos alunos, o Senhor Júlio ensinou a ler, a escrever, a realizar contas simples como também a rezar, como relata Donana (03 de outubro de 2020): “ele ensinava as sílabas, bê com a, bê-a-ba, bê com e, bê-e-bé. [...] quem se interessasse saía assinando o nome e lendo uma cartinha, aqui acolá gaguejando, mas soletrava aquele nome e dizia né? E o que não queria, entrou e saiu do mesmo jeito.” Nesse período, a casa do Senhor Ciriaco Ferreira de Sousa se constituiu tanto como abrigo para o referido professor como o espaço físico para a realização do ensino escolar. Anos depois, a família do Senhor Ciriaco doou um terreno para a construção da escola que hoje leva o seu nome.

As práticas educacionais dos mestres eram de caráter multisseriado. Em uma mesma sala ensinavam-se várias crianças com idades bastante distintas. Além disso, não havia separação entre os gêneros, isto é, tanto meninos quanto meninas estudavam no mesmo ambiente. A contratação de professores pelas famílias e o caráter multisseriado do ensino prevaleceram durante a geração seguinte, como relata Vanderléia, que em seu período foi ensinada por uma professora a qual as crianças chamavam de “madrinha”:



Quando eu comecei era aqui mesmo. No tempo não tinha colégio. Foi aqui na casa de mãe. Aí teve um tempo na casa de um tio meu ali, depois foi na casa de outro tio. Ela começava a ensinar o alfabeto, que naquele tempo não tinha esse negócio de jardim, essas coisas. Usava caderno, lápis, borracha, tabuada, os livros. (O espaço físico) Era pequeno, mas era bom, agradável. A gente sempre tava com a turminha da gente, os primos tudo era amigável. Tinha uns que era mais velhos que outros. (VANDERLÉIA, 03 de outubro de 2020).

De acordo com as narrativas, os professores utilizavam castigos físicos quando as crianças não realizavam as atividades escolares ou quando brigavam com os colegas. Donana relata que em seu tempo as crianças ficavam “de joelho no caroço de milho”. Já Vanderléia (03 de outubro de 2020) lembra-se da palmatória: “eles aplicava o castigo assim, que se a gente brigasse, ou tipo, tinha o negócio da lição e não soubesse da lição. Às vezes tinha aquele negócio de tabuada e batia na mão, botava ali de castigo um pouquinho no canto.”

## CONCLUSÃO

A socialização das crianças quilombolas compreendidas, neste artigo, em duas gerações, a primeira entre as décadas de 50 a 70 e a segunda entre as décadas de 80 e 90, revela que os padrões tradicionais de gênero se mantiveram, sendo que os papéis do homem e da mulher foram bem definidos no quilombo. Com base dos relatos, pode-se observar o cultivo dos valores morais e o cumprimento das normas, bem como a valorização da educação em consonância com o trabalho na lavoura.

Portanto, o recorte transgeracional aqui aplicado cumpre a finalidade de registrar as experiências vividas por essas pessoas quanto à formação da família, às brincadeiras, ao trabalho e à escola, e de revelar como tais práticas são ressignificadas na constituição do ser criança na atualidade.

## REFERÊNCIAS

ALTMAN, Raquel Zumbano. Brincando na história. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 129 – 45.

BERNARDES, Elizabeth Lannes. Jogos e brincadeiras: ontem e hoje. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, n. 4, p.45-54, jan./dez. 2005. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/384>. Acesso em: 22 dez. 2020.

BILAC, Elisabete Dória. Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil: notas muito preliminares. *In*: RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara Torres (org.). **Famílias em**



**processos contemporâneos:** inovações culturais na sociedade brasileira. São Paulo: Loyola, 1995. p. 43-61.

CAMAROTE, Elisa Machado. Territorialização e parentesco em uma comunidade baiana de fundo de pasto. **Ruris**, Campinas, v. 5, n. 1, p. 121-153, mar. 2011.

DEL PRIORE, Mary. O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império. *In:* DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 47-58.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família. *In:* RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara Torres (org.). **Famílias em processos contemporâneos:** inovações culturais na sociedade brasileira. São Paulo: Loyola, 1995. p. 27-41.

FIDELIS, Lourival de Moraes; BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira. Família, suas mudanças e a manutenção dos saberes tradicionais na agricultura familiar em Quilombos do Vale do Ribeira Paranaense. **Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos, v. 8, n. 2, p. 59-72, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/45042>. Acesso em: 22 dez. 2020.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo, o brinquedo e a brincadeira. *In:* KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

LIMA, Jéssika Maria. A casa como escola na perspectiva da educação rural. **Anais II Encontro Internacional História, Memória, Oralidade e Culturas**. Universidade Estadual do Ceará, 2016. Disponível em: <http://www.uece.br/eventos/2encontrointernacional/anais/trabalhos.html>. Acesso em: 27 de set. 2020.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho:** um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo. 1994. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

SARTI, Cynthia Andersen. Contribuições da antropologia para o estudo da família. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 3, n. 1-2, p. 69-76, 1992. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51771992000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771992000100007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 05 nov. 2020.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres:** colonos do Sul e sitiantes no Nordeste. Brasília: UnB, 1995.





## CONFIGURAÇÃO DE PERFORMANCE NO INSTAGRAM

### STORIES POR MEIO DE *SELFIES*

#### INSTAGRAM PERFORMANCE CONFIGURATION STORIES THROUGH

Magalí Alves; Sandra Portela Montardo

Universidade Feevale

**Resumo:** O objetivo deste artigo é identificar como se configura a performance no Instagram Stories por meio de *selfies*. Esta pesquisa se justifica pela grande popularidade que o Instagram tem e pela performatização que acontece nesta plataforma. Para tanto, o referencial bibliográfico conceitua Performance, Plataforma, Instagram, Instagram Stories e *Selfie*. Como instrumento de pesquisa, optou-se pela aplicação de questionários dentro da plataforma do Instagram junto a usuários considerados heavy-users de *selfies*. O questionário foi respondido por 47 usuários heavy-users de *selfies* na referida plataforma. Entre os resultados encontrados, destaca-se o tema da felicidade como instrumento de performatização via *selfies* e a preocupação constante dos usuários com o engajamento.

**Palavras-chave:** *Selfie*. Instagram Stories. Performance.

**Abstract:** The purpose of this article is to identify how Instagram Stories performance is configured through *selfies*. This research justifies itself by the great popularity that Instagram has, the centralization of social media platforms by five big companies and the great performatization that happens within them. For that, the bibliographic reference conceptualizes “Performance”, “Platform”, “Instagram”, “Instagram Stories” and “*Selfie*”. As a research instrument, questionnaires were applied within Instagram platform to users considered heavy-users of *selfies*. The questionnaire was answered by 47 respondents. Among the results found, theme of happiness stands out as an instrument of performatization via *selfies* and the constant concern of users with engagement.

**Palavras-chave:** *Selfie*. Instagram Stories. Performance.

## 1 INTRODUÇÃO

As plataformas digitais estão por toda a parte e o Instagram é uma das plataformas que tem se destacado entre as demais. Os 77 milhões de usuários brasileiros que a plataforma possuía até maio de 2019, segundo a revista Exame, demonstram a popularidade deste site de rede social no Brasil. O cenário de centralização de informação e de serviços de infraestrutura no mundo por apenas cinco empresas (Alphabet-Google, Amazon, Apple, Facebook e Microsoft) com consequências diversas na vida pública é o que justifica uma das bases teóricas deste estudo ser a de Estudos de Plataforma. (D’ANDRÉA, 2020). Outra justificativa para este estudo, é a que se relaciona com o marco teórico complementar, a dos Estudos de Performance (SCHECHNER, 2013). Nesse sentido, percebe-se a grande performatização que acontece dentro da plataforma Instagram Stories. A questão de pesquisa que se coloca é: como os usuários utilizam os Stories do Instagram para performar por meio de *selfies*? Frente a isso, o





objetivo deste estudo é identificar como se configura performance em *selfies* nos Stories do Instagram, sendo. Em termos metodológicos, optou-se pela aplicação de questionários fechados, sendo elaborado com de 3 eixos: 1) motivação, relacionado com o conceito de performance; 2) Visibilidade, que faz referência ao conceito de plataforma; 3) Compartilhamento, que contempla o conceito de *selfie*. O questionário aplicado foi estruturado com perguntas fechadas (12) e perguntas abertas (10). A plataforma escolhida para a aplicação do questionário foi o Google Forms. O questionário ficou disponível entre os dias 25 de agosto de 2020 e dia 22 de setembro de 2020. Os respondentes foram localizados no Instagram a partir da análise combinada entre a *#selfie*, tendo sido caracterizados como hard users de *selfies*, ou seja, pessoas que postam muito esse tipo de imagem na plataforma.

## 2 PERFORMANCE

Performar “na vida cotidiana, é ser exibido ao extremo, sublinhando uma ação para aqueles que a assistem” (SCHECHNER, 2003, p.25). Por várias razões, o contexto contemporâneo sugere que para se realizar uma boa performance temos que atingir o estado de ânimo que desejamos, que segundo o “Culto da performance” (EHRENBERG, 2010), é a felicidade, mas “sobretudo, que essa felicidade seja visível e que os outros possam verificá-la com o poder legitimador de seus olhares” (SIBILIA, 2015, p. 354).

Segundo Sibilialia (2015), o termo Performance já vem sendo usado há muito tempo. Um exemplo que a autora cita é em 1970, quando o campo das artes nomeou um movimento com o termo. Dentre as diversas possibilidades de conceitos nessa área, as mais comuns quando se refere à performance são:

Uma encenação inesperada que interrompe o fluxo habitual do espaço público, por exemplo, ou então uma breve mise-en-scène apresentada em um café ou em uma discoteca, um espetáculo audiovisual montado ou projetado em uma galeria de arte, ou inclusive (re)produzido digitalmente nas telas da internet (SIBILIA, 2015, p. 354).

Com a utilização frequente do termo no campo social, podemos analisar que estamos na “era da performance” (SIBILIA, 2015, p. 358), a qual está associada ao desempenho de uma pessoa. Para Sibilialia (2015), esse exibicionismo deixa de ser uma atitude negativa, uma “extravagância de uns poucos ou um episódio isolado em que alguns poderiam incorrer de vez em quando, para se tornar uma estratégia habitual na vida de qualquer um” (SIBILIA, 2015, p. 355).





Observa-se, atualmente, uma inversão, onde a vida real passa a ser convidada a “participar, interagir, julgar, colaborar e, sobretudo, ela é tentada, insistentemente, a se produzir para e nas telas” (SIBILIA, 2015, p. 355). Os meios de comunicação, principalmente, os interativos e audiovisuais, favorecem ainda mais o aumento dessa inversão, segundo a autora citada.

Segundo Sibilía (2015, p. 355), podemos realizar a seguinte analogia:

Se viver se assemelha a atuar ou encenar, se ‘ser alguém’ equivale a interpretar um personagem, e se a vida tende a se parecer cada vez mais com uma narrativa midiática, isso ocorre porque costumamos sublinhar nossos gestos e ações “para aqueles que assistem” (SIBILIA, 2015, p. 355).

Sá e Polivanov (2012) também falam sobre essa performatização de si em sites de redes sociais, onde descrevem como sendo um “projeto reflexivo do eu”, tendo três características básicas:

1) ele é continuamente reelaborado pelos sujeitos; 2) ele está ligado necessariamente a escolhas de estilos de vida, entendidos enquanto “planejamento de vida reflexivamente organizado” ou “decisões tomadas e cursos de ação seguidos”, até mesmo por aqueles com poucas condições materiais e 3) ele consiste em que os sujeitos mantenham “narrativas biográficas coerentes” (SÁ E POLIVANOV, 2012, p. 577).

A partir de diversos autores, e com o intuito de contextualizar o conceito de performance ao Instagram, Montardo (2019), faz um resumo sobre a performance, sendo que a autora elenca cinco principais características: 1) é que a performance consiste em uma postura individual; 2) com ela, a pessoa transforma o que até então era privado em público, esperando a avaliação externa; 3) que quanto maior a autorrealização e diferenciação do indivíduo performado, mais sentido a performance tem; 4) a identidade individual está associada à visibilidade; 5) que há uma necessidade do reconhecimento pelos demais, uma vez que se tem “uma expectativa de se causar impressão”. (MONTARDO, 2019, p.3).

### 3 PLATAFORMA

O Instagram é uma plataforma gratuita que facilita o compartilhamento de fotos e vídeos, segundo o Mlabs<sup>1</sup>. Fundada em 2010 por Kevin Systrom e Mike Krieger, a plataforma foi vendida após dois anos para o Facebook, principalmente por ter entrado e dominado o mercado

<sup>1</sup> Fonte Mlabs: <https://www.mlabs.com.br/blog/instagram/>. Acesso em: 01 jun. 2020.



de sites de redes sociais, que até então era basicamente do Facebook (VILICIC, 2015). Podemos ver que naquela época a plataforma já fazia sucesso, pois como mostra os dados da CNN, em 2011, traduzido por Ferrari e Demuner (2018, p. 25), “com apenas quatro funcionários, a empresa tem mais de 4 milhões de usuários e uma média de dez fotos são postadas por segundo” (FERRARI; DEMUNER, 2018, p. 25), sendo que atualmente se tem mais de 1 bilhão de usuários ativos na plataforma e ainda 500 milhões de usuários ativos diariamente só no Instagram Stories<sup>2</sup>.

Inicialmente, seus criadores possuíam medo de ser só mais um aplicativo para compartilhar fotos, mas devido a características únicas, como a facilidade de compartilhamento, seu *design* e a possibilidade de se ter uma vasta lista de contatos, fez com que após três meses de seu lançamento chegasse a marca do milhão de usuários (VILICIC, 2015). A plataforma que começou com funções simples e com atualizações principais que focavam na inclusão de novos filtros (VILICIC, 2015). Após a venda para o Facebook, passou a ter atualizações mais desenvolvidas, como em 2013, quando o Instagram começou a permitir o compartilhamento de vídeos de até 15 segundos, passando para 60 minutos em 2018 (FANTONI, 2017).

Em 2013 o Instagram lança duas outras grandes atualizações, o Instagram Direct, ferramenta que permite a comunicação instantânea via chat e a possibilidade de realizar publicidade dentro do Instagram, sendo que para o Brasil, essa função começou só em 2015 (FANTONI, 2017). Outra atualização aconteceu em 2016, a qual foi na mudança que o *feed* é apresentado para o usuário (FANTONI, 2017). Anteriormente, as publicações eram visualizadas por ordem cronológica, agora, elas são exibidas conforme a probabilidade do usuário se interessar pelo conteúdo publicado (FANTONI, 2017).

As atualizações desse ano não pararam, em agosto o Instagram lança o Stories e cinco meses depois, lançam na plataforma a possibilidade de transmissão de vídeos ao vivo dentro do Instagram Stories. (FANTONI, 2017). A funcionalidade dos Stories dentro da plataforma se define como sendo um “recurso que permite aos usuários o compartilhamento de informações – texto, foto e vídeo – de curta duração: cada conteúdo postado fica online por 24 horas e é apagado após esse tempo” (FERRARI; DEMUNER, 2018, p. 25). Fantoni (2017) acrescenta a essa definição que é um “recurso que permite postar fotografias e vídeos, que aparecem juntos

<sup>2</sup> Fonte Hootsuite: <https://blog.hootsuite.com/instagram-statistics/> Acesso em: 08 jun. 2020.



em formato de apresentação de slides em uma área à parte do feed e da grade de publicações” (FANTONI, 2017, p. 68).

Embora essa funcionalidade não era novidade no mercado, sendo estreada no Snapchat, o Instagram Stories superou o concorrente, e em 2018, já possuía 400 milhões de contas ativas diariamente, segundo Ferrari e Demuner (2018). Esse aumento de usuários, se dá pelas características da plataforma, junto ao aumento de pessoas conectadas à internet e a proliferação de smartphones no mercado (FANTONI, 2017). O que os dados do IBGE<sup>3</sup> confirmam, já que em 2018, o Instituto divulgou que 116 milhões de pessoas estão conectadas à internet e 77,1% dos brasileiros, possuem pelo menos um smartphone.

Ainda se pode acrescentar o aumento das tecnologias dos *smartphones*, como os megapixels, iluminação, *flash* e quantidade de câmeras que o aparelho tem, o hábito de se fotografar com as câmeras desses aparelhos e a praticidade, já que sempre estamos com eles (FANTONI, 2017). O recurso Stories no Instagram foi lançado com o intuito dos usuários publicarem seu dia a dia de forma menos produzida, já que o *feed* estava sendo utilizado basicamente para publicações mais elaboradas (PALMEIRA, et al., 2019). Com o recurso dos Stories no Instagram, podemos perceber uma mudança no hábito dos usuários, pois “a partir do momento em que os indivíduos têm a oportunidade de expor o seu dia a dia aos outros, o mesmo também sente à vontade e a liberdade de ‘assistir’ ao outro” (PALMEIRA, et al., 2019, p. 4).

Mas a plataforma não parou, em 2018, o Instagram lança mais uma grande atualização, pelo menos até o momento, o IGTV. Essa funcionalidade foi criada principalmente pensando nos produtores de conteúdo, pois agora os influenciadores poderiam postar conteúdos de até uma hora, fazendo com que o conteúdo ficasse centralizado no Instagram, ou seja, não precisam usar outras plataformas, como o YouTube<sup>4</sup>. Até o ano de 2020, a última atualização que o Instagram realizou foi o Reels, que consiste em uma ferramenta para criação de vídeos curtos. Com ela os usuários podem realizar dublagens, desafios e diversas outras brincadeiras<sup>5</sup>, batendo de frente com outros aplicativos, como o Tik Tok. Com todas as atualizações, o Instagram, atualmente se torna a quarta rede social mais usada no Brasil, ficando atrás do WhatsApp (3°),

<sup>3</sup> Fonte: Educa IBGE: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em: 28 jun. 2020.

<sup>4</sup> Fonte Rock Content: <https://rockcontent.com/blog/instagram/>. Acesso em: 08 jun. 2020.

<sup>5</sup> Fonte TechTudo: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2020/06/como-usar-o-reels-do-instagram-para-criar-ideos-curtos.ghml>. Acesso em: 28 set. 2020.



Facebook (2º) e Youtube (1º) segundo o TechTudo<sup>6</sup> e a sexta rede social mais usada no mundo, segundo o Data Reportal<sup>7</sup>.

Porém, toda essa fama traz diversas críticas, principalmente sobre a influência que a plataforma tem na vida dos usuários. Podemos perceber isso quando a própria plataforma retirou a visibilidade da quantidade de curtidas dos posts dos usuários, na tentativa de diminuir a competitividade que há dentro da plataforma<sup>8</sup>.

As postagens mais comuns são, afinal, autorretratos tirados diante de um espelho, *#selfies* de todo tipo, fotos de pets, de pratos de comida ou cenas de viagem (normalmente com os pés calçando Havaianas em primeiro plano e a praia, ou montanhas, ao fundo), ou cliques “artísticos”, tirados por amadores ajudados pelos filtros, muitas vezes tidos como afrontas pelos fotógrafos profissionais (VILICIC, 2015, p.19).

Assim, sobre essa plataforma, a partir da análise do Instagram, segundo o modelo proposto por Van Dijck (2013), compreende-se que o “Instagram estimula a instantaneidade nas interações via compartilhamento de fotografias, vídeos e outros tipos de imagens” (MONTARDO, 2019, p.11).

#### 4 INSTAGRAM E INSTAGRAM STORIES

O Instagram é uma plataforma gratuita que facilita o compartilhamento de fotos e vídeos, segundo o Mlabs<sup>9</sup>. Fundada em 2010 por Kevin Systrom e Mike Krieger, a plataforma foi vendida após dois anos para o Facebook, principalmente por ter entrado e dominado o mercado de sites de redes sociais, que até então era basicamente do Facebook (VILICIC, 2015). Podemos ver que naquela época a plataforma já fazia sucesso, pois como mostra os dados da CNN, em 2011, traduzido por Ferrari e Demuner (2018, p. 25), “com apenas quatro funcionários, a empresa tem mais de 4 milhões de usuários e uma média de dez fotos são postadas por segundo” (FERRARI; DEMUNER, 2018, p. 25), sendo que atualmente se tem mais de 1 bilhão de usuários ativos na plataforma e ainda 500 milhões de usuários ativos diariamente só no Instagram Stories<sup>10</sup>.

<sup>6</sup> Fonte TechTudo: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/02/conheca-as-redes-sociais-mais-usadas-no-brasil-e-no-mundo-em-2018.ghtml>. Acesso em: 01 jun. 2020.

<sup>7</sup> Fonte Data Reportal: <https://datareportal.com/reports/digital-2020-brazil>. Acesso em: 19 nov. 2020.

<sup>8</sup> Fonte TechTudo: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/07/instagram-tira-likes-app-testa-ocultar-numero-de-curtidas-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 01 jun. 2020.

<sup>9</sup> Fonte Mlabs: <https://www.mlabs.com.br/blog/instagram/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

<sup>10</sup> Fonte Hootsuite: <https://blog.hootsuite.com/instagram-statistics/>. Acesso em: 08 jun. 2020.



Foram atualizações constantes, mas foi apenas em 2017 o Instagram lança o Stories e cinco meses depois, lança na plataforma a possibilidade de transmissão de vídeos ao vivo dentro do Instagram Stories. (FANTONI, 2017). A funcionalidade dos Stories dentro da plataforma se define como sendo um “recurso que permite aos usuários o compartilhamento de informações – texto, foto e vídeo – de curta duração: cada conteúdo postado fica online por 24 horas e é apagado após esse tempo” (FERRARI; DEMUNER, 2018, p. 25). Fantoni (2017) acrescenta a essa definição que é um “recurso que permite postar fotografias e vídeos, que aparecem juntos em formato de apresentação de slides em uma área à parte do feed e da grade de publicações” (FANTONI, 2017, p. 68).

Assim, sobre essa plataforma, a partir da análise do Instagram, segundo o modelo proposto por Van Dijck (2013), compreende-se que o “Instagram estimula a instantaneidade nas interações via compartilhamento de fotografias, vídeos e outros tipos de imagens” (MONTARDO, 2019, p.11).

## 5 SELFIE

Embora tenha imensa popularidade na atualidade, a *selfie*, que por definição é a “imagem autofotográfica compartilhada” (GUNTHER, 2015, p. 1), tem sua origem há alguns anos e necessita de um suporte digital para existir.

Assim, o termo “*selfie*” não existia, até que no ano de 2002, quando foi usada em um fórum online da Austrália, com tradução da BBC, a legenda da foto era “desculpem o foco, era uma *selfie*” .

Essa grande popularização da *selfie* que dura até a atualidade, em grande parte é por causa da “relação estabelecida as com redes sociais, já que uma *selfie* deve, necessariamente, ser postada numa rede social. Figuras públicas, celebridades e autoridades políticas e religiosas já aderiram ao modismo da *selfie*” (CÓRDOVA; JESUS, 2015, p. 8).

Em sua maioria, as *selfies* “são casuais, normalmente, tomadas com uma câmera segura ao comprimento do braço ou num espelho” (CÓRDOVA; JESUS, 2015 p. 8). As imagens autofotografadas servem como extensões das nossas vivências, funcionando como “um novo sistema de comunicação social” (FONTCUBERTA, 2012, p.90). Essa mudança faz um contraponto com os objetivos iniciais de uma fotografia, que eram para armazenar lembranças ou para compor documentos (COSTA, 2015).





## 6 ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS

O questionário foi elaborado em torno de 3 eixos, sendo: 1) motivação, relacionado com o conceito de performance, contendo seis perguntas, sendo: Além do seu perfil público tem um privado? - Qual motivo? (referente a pergunta anterior) - O que você mais posta nos Stories? - Qual é a sua principal motivação para tirar/postar uma *selfie*? - Em que circunstâncias (ocasiões/locais) você costuma tirar/postar *selfies*? - O que faz você decidir publicar uma *selfie* nos stories?; 2) Visibilidade, que faz referência ao conceito de plataforma, contendo três perguntas, sendo: Seu perfil é pessoal ou comercial? - Favor explicar o motivo da escolha anterior. - Que tipo de monitoramento você utiliza quando posta uma *selfie*?; 3) Compartilhamento, que contempla o conceito de *selfie*, contendo nove perguntas, sendo: Você costuma utilizar filtros, máscaras, música, hashtag, menção, enquete, gif, etc. disponíveis em seu celular ou no Instagram para editar as *selfies*? - Dos recursos mencionados, qual/ quais você mais utiliza? Por quê? - Entre você tirar a *selfie* e postar, qual o tempo médio que você demora, editando, colocando filtros, gifs, marcando pessoas, etc. - Nas *selfies* que você publica, você aparece mais sozinho ou com outras pessoas - Quando outras pessoas aparecem, você as marca? - Você costuma disponibilizar suas *selfies* nos destaques? Por quê? - Você costuma ter algum horário específico para postar *selfies*? Por quê? - Você já apagou uma postagem com *selfie* após sua publicação? Se sim, por quê? - Você teria alguma estória curiosa para contar sobre uma determinada *selfie*? Se sim, qual? O questionário aplicado foi estruturado com perguntas fechadas (12) e perguntas abertas (10). Nem todas as perguntas foram respondidas pelos 47 entrevistados, pois, dependendo da resposta, sugeria-se que se passasse para a questão seguinte

Analisando todos os dados coletados junto com o objetivo dessa pesquisa, que é identificar como se configura performance em *selfies* nos Stories do Instagram, pode-se perceber que há a necessidade de se exibir ao extremo no dia a dia (SCHECHNER, 2003), visando que outros usuários vejam essas *selfies*, o que pode ser percebido pelas métricas de engajamento.

Percebe-se esse ponto uma vez que os usuários relatam que não basta apenas postar uma *selfie* no Instagram Stories, é necessário ter engajamento e, para obtê-lo, lançam mão de diversos recursos/estratégias, como a utilização de filtros, hashtags, músicas, horários determinados, ou seja, o que os usuários tiverem ao seu alcance para deixar a *selfie* mais



“bonita/atrativa” visando resultados melhores. Ainda, como Sá e Polivanov (2012) descrevem que há uma necessidade de se mostrar e ela vem aliada a uma performatização constantemente, ou seja, os usuários mantêm suas narrativas de si mesmo sempre se atualizando. Vemos essa configuração quando os respondentes apontam que qualquer lugar se pode fotografar uma *selfie*, assim se tem uma coerência expressiva entre todos e ainda podemos destacar que essa necessidade se faz para performar um bem-estar.

Como já mencionado, Sibilía (2015), descreve sobre essa performatização, que ela deixou de ser algo extravagante para ser uma estratégia corriqueira do cotidiano, e para aqueles que a realizam com êxito, os benefícios são os olhares com admiração dos usuários que são expressos por meio dos recursos previamente disponíveis pela plataforma (views, reações, etc.). Pode-se perceber tanto a disposição dos usuários em performar, quanto a intenção consciente de fazer isso, nos modos propostos pelo Instagram, quando os usuários respondem que qualquer lugar e qualquer hora se pode fotografar uma *selfie* e postá-la em até 5 minutos de edição. Com isso, ainda podemos perceber como a plataforma encoraja a performatização, pois além do Instagram, continuamente, aprimorar aplicações já existentes, cria novas para renovar o engajamento, o que faz que os usuários fiquem sempre ativos e consumindo conteúdo. Pode-se relacionar esse ponto com o que traz Palmeira (et al., 2019) quando referem que, quando os usuários têm a possibilidade de se mostrar aos demais, os outros sentem a mesma vontade, assim como assistir o conteúdo feito pelos outros usuários.

E, por fim, analisamos que a *selfie* é uma parte da vida dos usuários, assim como é uma ferramenta de exposição por meio da qual o que se busca demonstrar é o estado de felicidade. Podemos afirmar isso, pois em todas as *selfies* das 330 contas selecionadas havia um sorriso ou outra forma de demonstrar felicidade. Além disso, as *selfies* no Instagram Stories são utilizadas como uma forma de se manter conectado com os usuários, pois, como propõe Gunthert (2015, p. 1), *selfie* é uma “imagem autofotográfica compartilhada”. De modo semelhante, Fontcuberta (2012) descreve que *selfie* é “um novo sistema de comunicação social”. Neste estudo, compreendemos que esse tipo de imagem, quando postada no Instagram Stories, deve comunicar felicidade, desde que isso expresse beleza e bem-estar. E esse conteúdo deve ser acessado continuamente, já que desaparecerá em 24 horas, assegurando que foi, de fato, visualizado e, com sorte, angariando reações da rede de seguidores. Reações, essas que, provavelmente, irão pautar o tipo de *selfie* que deve ser postada a seguir, garantindo a continuidade de sua produção.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme descrito inicialmente o objetivo deste trabalho foi identificar como se configura performance em *selfies* nos Stories do Instagram com a questão de pesquisa: como os usuários utilizam os Stories do Instagram para performar por meio de *selfies*?

Frente a isso e a análise dos resultados desse estudo pode-se concluir que a performance se configura no Instagram Stories por meio da expressão de felicidade, através de demonstração de beleza e de bem-estar. Percebe-se uma grande preocupação com o engajamento, em números de visualizações, reações e respostas dos stories postados, em se mostrar sendo ou realizando uma ação, porém o objetivo é demonstrar beleza e um bem-estar absoluto. Pode-se afirmar isso observando as respostas dos usuários, quando só podem postar uma *selfie* quando a mesma demonstra um estado de felicidade, se sentirem bem e ainda com a finalidade de aumentar a autoestima do usuário. Além disso, ficou evidente, também, que as *selfies* publicadas servem para recordar lembranças, o principal objetivo da fotografia, mas sobretudo as *selfies* postadas no Instagram Stories servem como regulador social, pois quanto mais engajamento, mais visualizações, mais reações, melhor aceito (a) o usuário entende que é. Afinal de contas, *selfies* são feitas para serem compartilhadas.

Para obter esses resultados, a maior limitação foi utilizar a plataforma do Instagram. Por mais que se entenda os motivos de bloqueio da plataforma, ao tentar utilizá-la para encontrar os respondentes, o processo foi dificultado, já que o Instagram bloqueou a conta que estava utilizando quando passava de vinte e cinco envios por dia de links para usuários desconhecidos. Pode-se citar outros dois limitantes, sendo um encontrar os respondentes e, outro, eles responderem ao questionário. Por mais que tenha criado um método para encontrar os perfis, as contas que são privadas ou que possuem um engajamento menor não apareceram para avaliar se seriam heavy users de *selfies*. E o último limitante foi aguardar as respostas.

Contudo, o presente artigo se mostra relevante na atualidade, pois confirma e renova teorias como da performance, analisa a crescente preocupação com o engajamento, com horários de postagem, com a representação de bem-estar/felicidade, com a utilização dos filtros e com a preocupação em deixar seus seguidores sempre atualizados com as mudanças do seu dia a dia. Percebe-se, assim, um processo de plataformização da performance, de modo que números de seguidores, frequência de postagens, visualizações e reações possíveis no Instagram



Stories acabam por influenciar o que se considera que deve ser postado em termos de conteúdo nas *selfies*, valendo-se de recursos de edição para isso.

## REFERÊNCIAS

CÓRDOVA, Angélica; JESUS, Paulo Henrique Martins de. *Selfie*, Uma Expressão da Subjetividade. **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Campo Grande, MG, p. 1-14, jun. 2015.

COSTA, Carlos. A cultura do *selfie* e a desmaterialização da imagem. **Cáspes Líbero**, São Paulo, SP, p. 1-19, out. 2015.

D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2020, 63.

EHRENBERG, A. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Org. e trad. BENDASSOLLI, Pedro F. Aparecida, SP, Ideias & Letras, 2010.

FANTONI, Andressa. **Autorrepresentação de adolescentes porto-alegrenses no Instagram**. 2017. 176 f. Dissertação (Programa de Pós- Graduação em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2017.

FERRARI, Pollyana; DEMUNER, Tamara. Centros culturais no Instagram Stories. **REGIT: Fatec-Itaquaquecetuba**, São Paulo, SP, v. 10, p. 23-38, dez. 2018.

FONTCUBERTA, Joan. **La Cámara de Pandora**. Barcelona: Gustavo Gil, 2012, 191.

GUNTHERT, André. La consécration du *selfie*. Société française de photographie, França, p. 1-18, jan. 2015.

MONTARDO, Sandra Portella. Elementos para identificação de *selfies* como performances mediadas no Instagram. **Assibercom**, Bogotá, nov. 2019.

MONTARDO, Sandra Portella. **Selfies no Instagram: implicações de uma plataforma na configuração de um objeto de pesquisa**. São Paulo: Galáxia, 2019. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-25532019000200169#B12](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532019000200169#B12)> Acesso em: 13 mai. 2020.

MONTARDO, Sandra Portella (Org.). **Selfies: subjetividade e tecnologia**. Porto Alegre: Sulina, 2018, p. 23-46.

SÁ, Simone Pereira de; POLIVANOV, Beatriz. Auto-reflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais. **Contemporânea**, Salvador, BA, v.10, dez. 2012.

SCHECHNER, Richard. **Performance Studies: An Introduction**. New York: Routledge, 2003.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

SIBILIA, Paula. Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível. **Fronteiras**, São Leopoldo, RS, v. 17, 2015.

PALMEIRA, Alice Maria de Araújo et al. Viu o que Ele Postou no Stories?: O Instagram Stories Como Dispositivo de Exposição e Monitoramento. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, São Paulo, SP, v. 8, 2019.

VAN DIJCK, J. Faces da conectividade: Plataformas, Influência e Usuários. **Entre Vistas**. v.5, n.1, 2017.

VAN DIJCK, J. **The culture of connectivity**. A critical history of social media. New York: Oxford University Press, 2013.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. **The platform society**: Public values in a connective world. Oxford: Oxford University Press, 2018.

VILICIC, Filipe. **O clique de 1 bilhão de dólares**: a incrível história do brasileiro Mike Krieger, fundador do Instagram. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015, 240.





## A VIRGEM E A SERPENTE: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO E DA INFÂNCIA EM FILMES DE TERROR NA CULTURA POP

### THE VIRGIN AND THE SERPENT: REPRESENTATIONS OF THE FEMININE AND CHILDHOOD IN TERROR FILMS IN POP CULTURE

Janaina Wazlawick Müller; Sarai Schmidt

Universidade Feevale

**Resumo:** o estudo versa acerca das representações do feminino, com enfoque em crianças e adolescentes, na análise de filmes de horror imersos na cultura pop. O objetivo é refletir sobre os conflitos presentes nessas representações, considerando elementos como pureza e virgindade aliados ao desvio, punição e sobrevivência. Para a investigação, os seguintes filmes foram elencados: *O Exorcista* (1973), *Halloween - A Noite do Terror* (1978), *Poltergeist: O Fenômeno* (1982) e *Jovens Bruxas* (1996). Na base teórica, estão os autores: Ann E. Kaplan (1995) no cinema voltado para as questões de gênero, Michelle Perrot (2005, 2007) para os entrelaçamentos entre feminino e história, Judith Butler (2011, 2010) na heteronormatividade e a subversão na construção do gênero, e Zygmunt Bauman (1999) no conceito de ambivalência. A partir do corpus citado, ressaltaram-se os diferentes papéis e significados atribuídos a juventude feminina, que oscila entre as representações de virgindade e inocência, enquanto que paralelamente externa uma proximidade com o maligno, constituindo a ambivalência na inserção de meninas em tramas de terror.

**Palavras-chave:** Gênero. Horror. Cinema. Cultura Pop.

**Abstract:** the study deals with the representations of the feminine, with a focus on children and adolescents, in the analysis of horror films immersed in pop culture. The objective is to reflect on the conflicts present in the representations, considering elements such as purity and virginity combined with deviation, punishment, and survival. For the investigation, the following films were listed: *The Exorcist* (1973), *Halloween* (1978), *Poltergeist* 1982) and *The Craft* (1996). On the theoretical basis, are the authors: Ann E. Kaplan (1995) in cinema focused on gender issues, Michelle Perrot (2005, 2007) for the intertwining between feminine and history, Judith Butler (2011, 2010) in heteronormativity and the subversion in the construction of the gender, and Zygmunt Bauman (1999) in the concept of ambivalence. From the corpus, the different roles and meanings attributed to female youth were highlighted, which oscillates between representations of virginity and innocence, while at the same time external proximity to the evil, constituting ambivalence in the insertion of girls in horror plots.

**Keywords:** Gender. Horror. Cinema. Pop Culture.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda as representações do feminino, particularmente de meninas e adolescentes, em filmes de terror no âmbito da cultura pop. O corpus da pesquisa compõe-se pelos seguintes filmes e personagens<sup>1</sup>: *O Exorcista* (1973) e Regan MacNeil, de doze anos;

<sup>1</sup>Torna-se necessário esclarecer que, embora classe e raça não sejam discutidos no presente estudo, as quatro personagens articulam-se a um olhar específico do feminino. Regan, Laurie, Carol Anne e Sarah são brancas, de classe média e alta, e não podem ser representativas de uma suposta identidade unilateral na abordagem do gênero e suas representações.



*Halloween - A Noite do Terror* (1978) e Laurie Strode, de dezessete anos; *Poltergeist: O Fenômeno: O Fenômeno* (1982) e Carol Anne Freeling, de sete anos; *Jovens Bruxas* (1996) e Sarah Bailey, de dezessete anos. O objetivo é refletir acerca do desenvolvimento dos sujeitos, considerando inocência, medo, monstruosidade, heteronormatividade e ambivalência. Justifica-se a escolha dos filmes, todos de produção estadunidense, pelo impacto da cultura pop produzida nos Estados Unidos no cenário midiático. Bem como, coloca-se que a opção se deve as próprias personagens, que apresentam similaridades e desencontros nas representações que delineiam imagens da infância feminina, esclarecendo que, neste trabalho, as jovens serão compreendidas como crianças<sup>2</sup>.

No que se refere a metodologia, optou-se pela Análise de Conteúdo na perspectiva de Laurence Bardin (2011), trazendo duas categorias: *Inocência e Desvio*. Trata-se, então, de um exercício de interpretação que “absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial do inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem.”. (BARDIN, 2011, p.15). Pretende-se que Regan, Laurie, Carol Anne e Sarah viabilizem a análise que traz o cinema como um meio de representação que a sociedade faz de si mesma e do mundo. Nisso, os filmes investigados, apesar do conteúdo sobrenatural que poderia parecer desvinculado do cotidiano, permanecem atrelados as dinâmicas sociais, destacando-se a cultura pop como uma conexão entre práticas e experiências que objetivam o entretenimento e incentivam um senso de pertencimento nos indivíduos. (SOARES, 2014). O cinema de horror inclui-se nessa percepção ao promover influências, construções, subversões, reconhecimento e identificação, trazendo sujeitos e histórias atravessadas pelo cotidiano.

## 2 REPRESENTAÇÕES DA VIRGEM E DA SERPENTE

Regan, de *O Exorcista* (1973), é filha de uma atriz famosa e vive uma rotina solitária. Para se distrair, ela passa o tempo brincando no porão, até que um dia encontra um tabuleiro Ouija<sup>3</sup>. No jogo, a menina entra em contato com um espírito supostamente amigável e começa a conversar com ele diariamente, contudo, a presença revela-se uma entidade demoníaca que invade o corpo da criança e a utiliza na execução de atos inomináveis.

<sup>2</sup>Afirmção baseada na Convenção Mundial dos Direitos da Infância, determinada pela ONU/UNICEF e reconhecida pelo Brasil, que declara que são crianças todos os sujeitos menores de 18 anos.

<sup>3</sup>Superfície composta por letras, números e outros símbolos, que serve ao propósito de contato com espíritos.



Em *Halloween - A Noite do Terror* (1978), Laurie é uma jovem ingênua e estudiosa, que não tem interesse em romance e trabalha como babá no bairro suburbano onde mora – lugar assombrado pelo crime cometido por Michael Myers, que esfaqueou a irmã até a morte quando criança. Anos depois, Myers, já adulto, foge de um hospital psiquiátrico e começa a perseguir Laurie e seus amigos, assassinando-os um a um.

No enredo de *Poltergeist: O Fenômeno* (1982), Carol Anne se aproxima das obscuras presenças que habitam a casa para a qual sua família recém se mudou, comunicando-se com elas por meio da estática na tela da televisão. Por acreditar na benevolência desses espíritos, a menina é enganada, sequestrada e levada por eles a uma dimensão estranha, também tornando-se uma voz incorpórea. O restante da família, em desespero, inicia uma série de esforços para trazê-la de volta.

Por fim, em *Jovens Bruxas* (1986), Sarah é uma menina que após recuperar-se de uma tentativa de suicídio, se muda para Los Angeles e faz amizade com três colegas de sua escola, todas praticantes de bruxaria e excluídas pelo restante dos alunos. As garotas formam um *coven*<sup>4</sup> e começam a ficar ambiciosas na medida em que ampliam seus poderes. Quando atitudes perigosas são tomadas pelas jovens, Sarah se afasta, as desafia e entra em uma batalha para dispersar o mal invocado por elas.

Mediante as sinopses acima, intencionou-se mostrar uma introdução ao posicionamento das personagens nas narrativas. Entre as quatro, há duas meninas mais jovens, Regan e Carol Anne, e duas adolescentes, Laurie e Sarah. Entretanto, ainda que haja diferenças de idade e contexto, coloca-se que a inocência atravessa suas existências e experiências, tornando-se um marcador que as confina em determinados espaços – incluídas como membros de um grupo infantil, elas deveriam externar inocência normativa, e identificadas ao gênero feminino, tal pureza é reforçada e adquire o valor de norma.

Esclarece-se que na reiteração das ideias regulatórias, o gênero feminino exerce influência na construção identitária, governando mulheres segundo um contexto e tornando-se “[...] uma das normas pelas quais o ‘alguém’ simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural”. (BUTLER, 2001, p. 155). Na divisão entre os gêneros e por meio de discursos que tendem a fabricar os sujeitos (BUTLER, 2010), estabelecem-se as diferenças que orientam modos (in) adequados

---

<sup>4</sup>Nome dado a um grupo de bruxas.



para existir e mostrar-se ao mundo. Nesse sentido, ressalta-se que é comum em narrativas fílmicas a inserção de mulheres em papéis de vítimas que são hostilizadas de algum modo. (KAPLAN, 1995). Nos filmes analisados, as personagens enunciam sentidos que as significam como vítimas, e também, acontecimentos que resultam em hostilização e violência contra elas.

Nessa perspectiva, assinalam-se os entrelaçamentos entre a inocência, associando-se aqui a normatividade, e o desvio, pensando em certas condutas praticadas pelas jovens que estariam em desacordo com a pureza. Tais marcadores, tomados como categorias no presente trabalho, proporcionam uma experiência compartilhada entre as quatro, o que inclui ainda a aproximação das meninas ao perigo e ao sobrenatural – ou aquilo que é desconhecido e, portanto, maligno. Segundo Perrot (2007), a existência das meninas, histórica e culturalmente, tem várias facetas misteriosas e, sincronicamente, algumas características perceptíveis, a exemplo da constante necessidade da vigília e do clausuro, já que, “[...] quando se agitam muito são chamadas de ‘*endiabradas*’.” (PERROT, 2007, p.45, grifo nosso).

No caso de Regan e Carol Anne, ambas se consolidam no papel vítima e são expressões da inocência. Sendo crianças, elas são apresentadas como seres humanos frágeis, incapazes de reagir e dependentes da ação dos adultos, que têm a missão de resgatá-las do domínio das forças sobrenaturais. No que tange a Regan, destacando a normatização do feminino e a subjugação advinda da oposição institucionalizada entre feminino e masculino, tem-se o domínio caracterizado pelo demônio com traços masculinos – notáveis na voz grave emitida pela boca da menina, e nas ações de violação que ocorrem durante a possessão. Ressalta-se principalmente a cena envolvendo um crucifixo, quando Regan, sob o controle do demônio, pega o objeto e o coloca na genitália, simulando masturbação. Considerando que o ato foi feito pelo demônio, o momento configura-se como uma cena de estupro.

Para Carol Anne, há similaridades quanto a posse do corpo: como Regan, a menina perde a si própria, descaracterizando-se como sujeito ao ser limitada a uma voz ecoante, e adentra espaços sobrenaturais que colocam-na à mercê de todos os perigos que lá habitam. Salientando que a narrativa expõe as presenças sobrenaturais na casa como malignas, pensa-se que Carol Anne, de apenas sete anos, é exposta a imagens e entidades que os adultos, ainda de posse de seus corpos, tem grandes dificuldades de combater.

Esclarece-se que, de acordo com Larrosa (2017), a criança emana uma alteridade que ultrapassa o mundo adulto e, por essa razão, há tentativas constantes de regularizá-la e classificá-la no nível do compreensível. Nesse âmbito, voltando-se ao feminino, tem-se o corpo



da mulher que, historicamente, evoca uma série de suspeitas e traz o anseio do enclausuramento, a fim de que as suspeitas sejam combatidas. (PERROT, 2005). Os enigmas que cercam a infância e o feminino interseccionam-se e enunciam um sinal de ambivalência, pensando nas incertezas que “[...] enviam sinais que confundem os receptores por serem mutuamente contraditórios.”. (BAUMAN, 1999, p.11). Regan e Carol Anne são contraditórias por apresentarem a normatividade da inocência, e, ao mesmo tempo, a aproximação com o que é não-humano, evidenciando a ineficiência das ações controladoras.

Regan ousa entrar em contato com o sobrenatural e ultrapassa fronteiras que os adultos instituíram para delimitar o círculo de conforto, familiaridade e entendível – mesmo que seja motivada por sua inocência, essa mesma inocência faz com que ela desrespeite as regras, realizando um desvio daquilo que rege o mundo dos humanos. Por conta disso, a menina é punida com a possessão. Carol Anne, seguindo caminho semelhante, se aproxima de entidades que deveriam amedrontá-la e, devido a pureza e ingenuidade, executa o desvio das regras em uma alteridade que é condenável e punível. Ambas as crianças, enclausuradas e dominadas, devem ser salvas para que a ordem seja restaurada.

Em Laurie e Sarah tem-se uma abordagem diferente, embora se pronunciem os paralelos que conectam o par de adolescentes ao par mais jovem – entre os quais destaca-se a inocência como um marco que serve na definição do destino das personagens. Laurie, como Regan, entra em contato com uma força externada pela figura masculina que a sujeita a uma série de experiências violentas: o antagonista Michael Myers, que assassina todos os amigos da garota. Após fugas e sustos, os dois entram em um embate decisivo do qual Laurie consegue escapar com vida devido a intervenção de algumas figuras masculinas, que atiram em Myers. Afirma-se que, entre todos os personagens, não é por acaso que seja Laurie a sobreviver, uma vez que há fatores específicos que viabilizam a sobrevivência dela e a morte dos demais.

O grupo de amigos alvo do assassino inclui mais duas meninas além da protagonista. Elas são amigas próximas de Laurie, todavia, constantemente fazem graça da personalidade da garota, posto que essas duas têm namorados, bebem, festejam, não gostam tanto de estudar e, principalmente, tem vida sexual ativa. Laurie é, portanto, um contraponto por ser recatada e virginal, numa representação heteronormativa que se insere no processo de congelamento de gênero (BUTLER, 2001, 2010). Ao confirmar-se como protagonista e, depois, como sobrevivente, a personagem se encaminha para a solidificação da imagem benéfica da virgem, aliando-se a existência do inimigo que oblitera outras meninas não-adequadas ao perfil desejado



de inocência. É produto de “[...] um completo aparato do olhar e depois de modelos de domínio de submissão.” (KAPLAN, 1995, p.52).

Para Sarah, o inimigo ne manifesta na figura de três colegas de escola. No começo do filme, ao formar o *coven*, as quatro garotas se utilizam de magia para fins pessoais: uma quer dinheiro e poder, outra quer beleza física, a terceira deseja vingança pelo crime de racismo sofrido na escola e Sarah almeja que um garoto popular, que espalhou boatos desrespeitosos a seu respeito, pague pelo que fez ao apaixonar-se magicamente por ela. Na medida em que a narrativa se desenrola e as meninas tornam-se cada vez mais ambiciosas, Sarah, sensata e benevolente, compreende os próprios erros e se coloca em oposição, transformando-se em uma espécie de “heroína positiva” (PERROT, 2005) no sentido de que ela reequilibra a relação maniqueísta da narrativa.

Por essa razão, ao lutar contra as três bruxas outrora suas amigas, a protagonista conquista o direito de permanecer com seus dons, ao passo em que as demais ou os perdem, ou enlouquecem. Além disso, salienta-se que o propósito inicial de Sarah alicerçava-se na honra e no amor: o garoto de quem gostava espalha a mentira de que teria feito sexo com ela, e ela o pune com uma paixão artificial de origem mágica. Dessa forma, a jovem ainda se articula a heteronormatividade e, ao mesmo tempo, também é uma bruxa dotada de poderes extraordinários, o que evidencia um desvio e instiga as motivações para que durante a batalha contra as outras três, Sarah experiencie grande sofrimento. Assim, todas as quatro bruxas, de uma forma ou de outra, acabam punidas na película.

Inocência e Desvio, quando associados a infância e feminino, se intercalam de uma maneira que, independentemente de possuir uma imagem normativa, as personagens continuarão a ser punidas: Regan e Carol Anne ultrapassam as fronteiras do normal e do humano, e sofrem com as violências oriundas da perda de seus corpos. Laurie não ultrapassa as fronteiras morais ou sobrenaturais, entretanto, seu antagonista age em prol das regras ao exercer a função de um mecanismo de controle. E, afinal, ela é uma jovem mulher, e a despeito da posição normativa com a qual é abordada, Laurie deve continuar inserida em um perpétuo estado de vigilância. Sarah possui poder e utiliza-os com propósitos egoístas de vingança, motivo pelo qual, apesar de suas motivações de amor e redenção posterior, ela ainda deve pagar pelos seus atos. Com essas reflexões, compreende-se que as personagens se conectam na presença da punição e do sofrimento associados ao perigo, pois elas são crianças, “[...] esses seres estanhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não entendem nossa língua.”



(LARROSA, 2017, p.229) e são mulheres: “elas encarnam a desordem dos sentidos, a ‘parte maldita’ numa sociedade que ordena os corpos. Enfim, elas têm contato com o diabo. [...] Desafia todos os poderes: o dos sacerdotes, dos soberanos, dos homens, da razão.” (PERROT, 2007, p.90). Elas são fruto de uma intersecção que a norma exige vigiar e constantemente punir.

Especialmente, verifica-se que, ainda como conexão entre Inocência e Desvio, as personagens exercem diferentes aproximações com o maligno que, aqui, se relaciona a serpente – um viés que abrange o desafio das normas estabelecidas e os medos da alteridade, trazendo a tendência de temer o que não pode ser apreendido facilmente e que resulta em um trabalho para “[...] reduzir o que ainda existe de desconhecido nas crianças e para submeter aquilo que nelas ainda existe de selvagem.” (LARROSA, 2017, p.231), num processo que inclui o feminino. No ressalte do desconhecido e do perigoso, chega-se à ambivalência (BAUMAN, 1999), definida pelas manifestações que vão em desacordo a tentativa de instituir uma ordem.

Regan e Carol Anne inserem-se no desafio a ordem por contrariarem o controle e as restrições impostas a elas pelo mundo dos adultos, que se define pela alocação das crianças em um espaço unidimensional. Por serem meninas, o perigo se agrava, visto que possuiriam uma tendência, seguindo os saberes normativos, de se aproximar do maligno – pensando que entre todos os personagens de cada produção, somente elas, as representantes mais jovens do feminino, entram em contato com as expressões malignas.

Já Laurie apresenta um conflito: ela é reiteração da imagem virginal de boa-moça, e paralelamente, não se mantém submissa aos ataques do controle materializado na figura de Myers, revidando ao atacar o antagonista e lutar pela própria sobrevivência. O grupo de amigos ao qual ela pertence é composto por homens e mulheres, e várias pessoas cruzam o caminho de Myers, mas é Laurie, uma jovem garota recatada, a escolhida para se opor ao mal e, simultaneamente, ser punida por ele.

Sarah utiliza seus poderes de um jeito particular. Independentemente do crime de racismo abordado no filme ou das feridas físicas e psicológicas que as outras três bruxas sofrem, é somente a ação da protagonista, cujos objetivos se baseavam na defesa da honra contra um homem que ousou questionar seus princípios e inocência, que obtém perdão e redenção, triunfando ao resignificar suas atitudes e salvando a si mesma de ser consumida por seus poderes. Mas, no fim, ela ainda é uma bruxa, alguém que historicamente desafia os preceitos normativos que regem a sociedade.



Todas elas desafiam a ordem de suas formas particulares, explícita ou sutilmente. Todas possuem a marca da inocência, embora isso não sirva para mantê-las a salvo do perigo. Cada uma delas é punida em razão dos alicerces culturais articulados a intersecção, pontuando a ambivalência que ronda o entendimento completo dessas personagens que, por oscilarem entre a virginal inocência e a perversa serpente, externam a inclinação para o contato com o mal.

Por fim, cabe ressaltar o olhar para a punição como uma tentativa de coerção e controle. No decorrer dessas narrativas, persiste a tentativa de confinar a infância e o feminino em lugares compreensíveis a norma, o que instiga a reflexão de que existe, nas brechas, o enigma que sobrevive ao normativo. Nas palavras de Bauman (1999, p. 11), “a insuficiência da coerção revela-se na manifesta relutância de entidades postuladas pelo ato de classificação em encaixar-se nas classes determinadas [...]”. Assim, mais do que o visível existente nas regras institucionalizadas, distinguem-se as incertezas que orbitam em torno da relação entre a virgem e a serpente, da pureza e do maligno – fomentando as interpretações de uma jornada ambígua de vitória e punição, atravessada por marcadores que levam o feminino, entrelaçado a infância, a transformar-se em algo assustador.

### 3 CONCLUSÃO

As personagens Regan, Carol Anne, Laurie e Sarah, em um primeiro momento, se conectaram no gênero e da juventude, porém, na verificação das experiências que marcam seus desenvolvimentos, apontou-se uma intersecção envolvendo aspectos da inocência, da punição, do maligno e do perigo que cercam as quatro meninas. Por esse motivo, de forma a organizar a análise, optou-se por elaborar o processo interpretativo mediante duas categorias: *Inocência* e *Desvio*. Segundo foi possível acompanhar nos parágrafos acima, as categorias se entrelaçaram, correspondendo as incertezas presentes na pesquisa.

Junto dessas unidades de análise, houve uma inclinação a investigar as personagens em dois pares: Regan e Carol Anne, e Laurie e Sarah, tendo-se em vista as aproximações das manifestações de violência e dos modos de representação ao redor delas. Regan e Carol Anne compartilham a experiência de perder seus corpos, Laurie e Sarah têm uma influência mais contundente da inocência como um marcador em suas narrativas. Constatou-se, então, uma oscilação atravessando as quatro personagens, que entram em contato com o maligno de diferentes formas: Regan e Carol Anne são amaldiçoadas pela sua pureza ao não conceber o



teor maligno daquilo que as atraía, enquanto Laurie e Sarah são salvas da danação por conta da pureza que possuem ou que encontram no decorrer de suas jornadas. Também, no que diz respeito ao mal, viu-se o contato da infância, do feminino e do sobrenatural – uma conexão que colocaria as meninas como sujeitos mais inclinados ao envolvimento com o maligno.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 279 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999. 334 p.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001. p. 151-172.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010. 236 p.

KAPLAN, E. Ann. **A mulher e o cinema: os dois lados da câmera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. 347 p.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e máscaras**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 382 p.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005. 519 p.

\_\_\_\_\_, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007. 190 p.

SOARES, Tiago. Abordagens teóricas para Estudos sobre Cultura Pop. **Revista Logos: Comunicação e Universidade**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 24, p.1-14, 2014.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## PROJETO RUMO AOS 200 ANOS – BICENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ: O USO DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS EM 2020.

PROJECT TOWARDS 200 YEARS – BICENTENNIAL OF GERMAN IMMIGRATION:  
THE USE OF TECHNOLOGICAL TOOLS IN 2020

Douglas Márcio Kaiser; Claudia Schemes

Universidade Feevale

**Resumo:** O presente estudo concentra-se na avaliação de dados e pesquisa em forma de questionário, aplicada junto aos participantes do Projeto “*Rumo aos 200 anos – Bicentenário da Imigração Alemã*”, com base nas atividades promovidas de forma virtual no ano de 2020, utilizando-se ferramentas tecnológicas e redes sociais. Os participantes do projeto integram, em sua maioria, entidades ligadas à cultura alemã, distribuídas em Estados brasileiros como Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Apresenta-se breve histórico a respeito da imigração alemã, da constituição do projeto, identificam-se números relacionados às lives (espécie de palestra on line) realizadas pelo projeto em 2020, bem como percepção relacionada aos desafios, resultados e importância das ferramentas tecnológicas para manutenção e preservação de elementos ligados à cultura alemã.

**Palavras-chave:** Cultura alemã; tecnologia; integração.

**Abstract:** The present study focuses on data evaluation and research in the form of a questionnaire, applied to the participants of the Project “*Towards 200 years - Bicentennial of German Immigration*”, based on the activities promoted in a virtual way in the year 2020, using technological tools and social networks. Most of the project participants are part of entities linked to German culture, distributed in Brazilian states such as Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul and Santa Catarina. A brief history is presented regarding German immigration, the constitution of the project, numbers related to the lives (kind of online lecture) carried out by the project in 2020 are identified, as well as perception related to the challenges, results and importance of technological tools for maintenance and preservation of elements linked to German culture.

**Keywords:** German culture; technology; integration.

### INTRODUÇÃO

O estudo que é apresentado tem como tema breve análise histórica da imigração alemã, baseando-se em obras de Schwarcz & Starling (2018) e Ribeiro (2015), dentre outros, combinando com análise do uso de ferramentas tecnológicas e redes sociais, utilizando-se como base, especificamente, o trabalho desenvolvido por voluntários do projeto “*Rumo aos 200 Anos – Bicentenário da Imigração Alemã*”. Esse projeto integra diferentes cidades e Estados brasileiros, com representantes do Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Tem por objetivo promover ações ligadas à cultura alemã, com ênfase em ações relacionados ao Bicentenário da Imigração Alemã, que ocorrerá em 2024. Em 2020 foram feitas pelo projeto (referência deste estudo) *lives*, tratando de temas relacionados à





imigração e cultura alemã. Em razão da realização destas *lives*, o estudo em questão abordará percepções de participantes do projeto quanto ao uso de ferramentas tecnológicas em abordagens sobre imigração alemã.

A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo que será realizada por meio de questionário realizado com membros do projeto, através de link enviado via whatsapp com a ferramenta Survey Monkey.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Em sua formação cultural, o Brasil, como nação, teve diferentes movimentos e influência de indivíduos de outras nacionalidades. Aos habitantes originais da “nova terra”, os silvícolas, estabeleceram-se inicialmente os portugueses, descobridores do Brasil e, posteriormente, em diferentes datas e contextos históricos, espanhóis, africanos, europeus de diferentes etnias e nacionalidades (alemã, italiana, polonesa), japonesa, dentre outros.

Os primeiros registros de imigrantes alemães no Brasil remontam aos anos entre 1820 e 1830, quando as primeiras famílias começaram a chegar em terras brasileiras. Em busca de uma vida nova, várias pessoas se aventuraram na terra desconhecida. Uma ideia do que era prometido aos imigrantes pode ser observada no trecho a seguir:

A Coroa Imperial brasileira vendera uma imagem de sonho para convencer os alemães: um pacote fechado incluía passagem paga, lotes de terras, suprimentos, materiais de trabalho e animais, isenção de impostos por alguns anos, liberdade de culto e direito à cidadania. (ENGELMANN, 2004, p. 77).

Entretanto, a chegada a novas terras apresentou aos pioneiros uma realidade diferente do que lhes fora prometido.

Em “*Brasil, uma biografia*”, as autoras Schwarcz & Starling (2018) comentam sobre uma segunda onda de imigração, já no período republicano. Inicialmente pensados para o campo, grande parte dos imigrantes alocados primeiramente no Sul e Sudeste brasileiros acabou migrando para o entorno de cidades maiores. A Europa, no tempo dessa onda de imigração, enfrentava problemas sérios, com estimativa de mais de 50 milhões de europeus tenham aderido à imigração como alternativa de uma nova vida, para diferentes partes do mundo. A mesma obra traz números a respeito da imigração:



A maior parte dos imigrantes transatlânticos dirigiu-se para a América do Norte, mas 22% deles – em torno de 11 milhões – desembarcaram na América Latina: 38% eram italianos, 28% espanhóis, 11% portugueses, e 3% franceses e alemães. (SCHWARCZ; STARLING, p. 323, 2018).

No caso de São Paulo, vingou a “(...) imigração estrangeira subvencionada pelo Estado ou pelos proprietários de terra, para o trabalho direto nas fazendas” (SCHWARCZ; STARLING, p. 324, 2018). Conforme as mesmas autoras, somente na virada do século firmou-se a imigração através de subsídio privado.

Na obra “*O povo brasileiro – Formação e o sentido do Brasil*”, é dito que “a característica básica do Brasil Sulino, em comparação com as outras áreas culturais brasileiras, é sua heterogeneidade cultural” (RIBEIRO, p. 299, 2015). Na mesma obra, destaca-se o seguinte trecho, retratando características dos imigrantes que se estabeleceram especialmente na região sul do Brasil:

Embora brasileiros como os demais, porque não saberiam viver nas pátrias de seus pais e avós e porque são brasileiras suas lealdades fundamentais, configuram uma parcela diferenciada da população por sua forma de participação na sociedade nacional. Distinguem-se o bilinguismo, com o emprego de uma língua estrangeira como língua doméstica, alguns hábitos que ainda os vinculam a suas matrizes europeias e, sobretudo, um modo de vida rural fundado na pequena propriedade policultora, intensivamente explorada, e um nível educacional mais alto do que o da população geral. (RIBEIRO, p. 318, 2015)

Ribeiro (2015) menciona ainda a formação de “ilhas de população gringa” nos centros dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e áreas de Estados vizinhos. Complementa Ribeiro (2015) dizendo que os imigrantes pioneiros acabaram criando núcleos numa sociedade muito diferente, e isso contribuiu para formação das próprias vidas num modo muito similar ao país de origem, com tradições, escolas e igrejas; salienta-se ainda o domínio tardio do idioma português.

As dificuldades retratadas anteriormente em citação de Engelmann são corroboradas pela seguinte afirmação de Ribeiro (p. 320, 2015): “A primeira geração de imigrantes enfrentou a dura tarefa de subsistir enquanto abriam clareiras na mata selvagem (...)”.

Encerrando as contribuições extraídas da obra “*O povo brasileiro*”, extrai-se o seguinte trecho: “As diversas áreas de colonização europeia formam, hoje, uma região com fisionomia própria aglutinada em vilas pela concentração de moradores em torno do comércio, da igreja e da escola” (RIBEIRO, p.321, 2015).



## LEVANTAMENTO DO HISTÓRICO DO PROJETO E PESQUISA REALIZADA JUNTO AOS VOLUNTÁRIOS

Para entender a formação do projeto “Rumo aos 200 anos – Bicentenário da Imigração Alemã”, buscou-se junto às lideranças ligadas ao projeto informações sobre como se ocorreu essa constituição. Assim, o movimento para a formação do projeto iniciou em 2019, quando um grupo de pessoas da cidade de São Leopoldo ligadas a entidades representativas (clubes, museu, igreja, associações) criaram uma alternativa descentralizada do evento “*São Leopoldo Fest*”, chamado de “*A semana da Imigração Alemã – Deutsche Einwanderungs Woche*”, que teve boa aceitação de público e mídia. Em 2020, já em tempos de pandemia do Corona Vírus, esse grupo de São Leopoldo teve aproximação com pessoas ligadas à cultura alemã nas cidades de Santa Maria/RS e também de Petrópolis/RJ. Na cidade de Petrópolis ocorria pela primeira vez a Bauernfest em formato virtual. Numa ação conjunta com participantes de Petrópolis/RJ, Santa Maria/RS e São Leopoldo/RS, as *lives* programadas naquele momento alcançaram números expressivos (quase 13.000 pessoas alcançadas).

Então, em julho/2020, o Instituto São Leopoldo, da cidade de mesmo nome, no RS, firmou parceria com a Federação do Centros de Cultura Alemã no Brasil (FECCAB), surgindo assim o projeto objeto deste estudo. A partir de agosto/2020, passaram a ocorrer *lives* semanais, e diferentes cidades e Estados brasileiros passaram a ter representação no projeto, dentre as quais pode-se citar representantes de Igrejinha, São Leopoldo, Santa Maria, Três de Maio, do Rio Grande do Sul; Blumenau, Pomerode, São Bento do Sul, de Santa Catarina; Petrópolis, do Rio de Janeiro; Juiz de Fora, de Minas Gerais; Domingos Martins, do Espírito Santo, dentre outras.

Apresenta-se a seguir tabela com *lives* realizadas (2020) e números relacionados:

**Quadro 1 – Lives e números do ano de 2020 – Projeto Rumo aos 200 anos.**

<b>Data</b>	<b>Temas Propostos</b>	<b>Alcance</b>	<b>Visual.</b>	<b>Engaj.</b>
17/08/21	Patrimônio Cultural – A Herança dos Imigrantes Alemães	12.850	2.558	916
31/08/21	Gastronomia - Patrimônio Imaterial da Imigração Germânica	2.803	1.112	401
14/09/21	Museus de Cultura Germânica no Brasil	7.265	2.016	429
28/09/21	Religiosidade dos imigrantes, Igreja Luterana no Brasil	4.674	1.505	387
12/10/21	As grandes festas da Cultura Alemã	4.053	1.212	247



26/10/21	Os programas de rádio e sua função na manutenção da cultura alemã	4.068	1.241	334
09/11/21	Vamos conhecer mais municípios de Colonização Germânica	5.736	2.095	458
23/11/21	A importância do Poder Público na Preservação da Cultura Germânica	2.645	1.284	201
14/12/21	A tradição e os costumes de Natal	3.702	1.454	139
<b>TOTAIS</b>				

**Fonte: Rumo aos 200 Anos – Bicentenário da Imigração Alemã – Organização**

Apresentado o histórico do projeto “Rumo aos 200 Anos – Bicentenário da Imigração Alemã”, apresenta-se as respostas aos questionamentos feitos para integrantes do projeto. Para realização do questionário, utilizou a ferramenta de pesquisa chamada “*Survey Monkey*”, onde um link é compartilhado e o respondente acessa e responde diretamente. Esse link foi compartilhado para os respondentes por meio de *whatsapp* e email, no período entre 22/03/2021 e 28/03/2021. Foram devolvidos 25 questionários respondidos.

Perguntou-se cidade e Estado de origem, gênero e faixa etária dos participantes. Em relação à cidade de origem e Estado, com um representante no questionário, estão as cidades de Domingos Martins (ES); Juiz de Fora (MG); Igrejinha, Ijuí, Lajeado, Nova Petrópolis, Santa Cruz do Sul e Três de Maio, do RS; Blumenau e São Bento do Sul, de SC; de Petrópolis (RJ) houveram 05 participações e de São Leopoldo/RS, 09. Uma pessoa não respondeu. Sobre o gênero, 13 pessoas são do sexo masculino (54,17%) e 11 são do sexo feminino (45,83%). Uma pessoa não se identificou.

Relacionado à faixa etária, 2 (duas) pessoas estão na faixa etária entre 26 a 35 anos (8,33%); 6 (seis) pessoas na faixa entre 36 e 45 anos (25%); 2 (duas) pessoas na faixa entre 46 e 55 anos (8,33%); 7 (sete) pessoas entre 56 e 65 anos (29,17%) e 7 (sete) pessoas acima de 65 anos (29,17%). Uma pessoa não respondeu.

Questionou-se aos participantes do projeto se tinham ligação com algum grupo ligado à cultura alemã e qual o foco de atuação. As respostas mais citadas e significativas foram as seguintes: manutenção e preservação da cultura alemã e patrimônio histórico; solidariedade; danças folclóricas; língua; resgate de tradições; memória; folclore; música; culinária; jogos germânicos; esporte; meio ambiente.

Quando questionados sobre o uso de ferramentas tecnológicas e redes sociais para tratar de assuntos ligados à cultura alemã, quase houve unanimidade: 23 pessoas disseram que elas



próprias e seus grupos já usavam esses recursos; apenas dois disseram não usar. Uma pessoa detalhou que seu grupo criou um canal de Podcast, um site com digitalização de arquivos pessoais ligados à cultura em estudo e um tour virtual.

Tendo sido realizadas nove *lives* sobre a cultura alemã dentro do Projeto em estudo, perguntou-se os resultados identificados. Respostas variadas, destacando-se: Conhecimento de diferentes realidades; engajamento; integração; visibilidade; incentivo à pesquisa; trabalho em conjunto; mapeamento de pessoas e entidades engajadas na cultura alemã; participação de público amplo e plural; constatação de movimentos relacionados à cultura alemã fora do eixo de Estados da região Sul do Brasil; fortalecimento da temática; união entre diferentes pessoas e grupos.

Em relação aos desafios e obstáculos em relação aos uso de ferramentas tecnológicas, bem como das redes sociais, quando o tema relaciona-se à cultura alemã, identificou-se: pouco hábito ou falta de conhecimento no uso de tecnologias e redes sociais; preferência por atividades presenciais; atingir parcela da população na fatia mais idosa de faixa etária; centralizar os diversos geradores de conteúdo num canal/plataforma exclusivo; criatividade para atrair público; segregação tecnológica por conta da faixa etária; coordenação mais eficaz; perda gradativa de elementos ligados à cultura alemã (de geração para geração); excesso de informação na internet; manter-se atualizado conforme avançam possibilidades tecnológicas.

Sobre a importância de ferramentas tecnológicas e redes sociais para ampliação e manutenção de assuntos relacionados à cultura alemã, obteve-se respostas como: tendência; alcance e aproximação maior de pessoas; diálogo; democratização do acesso; aprendizado e necessidade de prática; facilidade de comunicação; aproximação sem dispêndio de recursos de tempo e dinheiro; importante para aproximar jovens, mais adeptos às tecnologias. Apenas um respondente disse que as ferramentas tecnológicas tem pouca importância em relação aos assuntos ligados à cultura alemã.

## CONCLUSÃO

Muitos Estados brasileiros tiveram influência de imigrantes alemães, em especial Estados das regiões Sul e Sudeste. As referências bibliográficas expressam isso, e uma série de fatores influenciou para que alguns hábitos, costumes e outros fatores ligados à pátria de origem permanecessem entre os imigrantes e os seus descendentes.



Mesmo com os avanços tecnológicos, muitos destes costumes herdados dos imigrantes permaneceram dentre os descendentes, até os dias atuais, como língua, gastronomia, tradições. Alguns destes temas foram abordados em *lives* do projeto, em 2020. A tecnologia e suas ferramentas já são realidade dentre nós faz algum tempo, entretanto, no ano de 2020 ficou mais saliente e importante por conta da pandemia de COVID-19, que restringiu deslocamentos e exigiu distanciamento social. Assim, muitas entidades e projetos adaptaram-se aos novos tempos, e com isso o projeto “Rumo aos 200 anos – Bicentenário da Imigração Alemã” aderiu ao uso de ferramentas tecnológicas, para manter assuntos ligados à imigração alemã.

Dentre os respondentes, existe um grande predomínio de uma faixa etária acima dos 55 anos, o que sugere um desafio para agregar pessoas mais jovens ao tema de imigração alemã. Sobre resultados identificados em relação ao uso de tecnologias, destacam-se engajamento, união, compartilhamento, integração e visibilidade. Os desafios sugerem ainda pouco hábito ou falta de conhecimento quanto ao uso de ferramentas tecnológicas; preferência por atividades presenciais; segregação tecnológica por conta da faixa etária; criatividade para atrair o público. Sobre a importância, o uso de ferramentas tecnológicas é uma tendência, que exige adaptação das pessoas para o uso. As ferramentas tecnológicas facilitam o acesso, rompendo barreiras geográficas, mas ainda existe a manifestação sobre a preferência de encontros presenciais.

Próximos de comemorar 200 anos da Imigração Alemã, os desafios são diferentes, mas muitos dos hábitos herdados dos imigrantes pioneiros permanecem em diferentes núcleos. A tecnologia permite uma maior facilidade e aproximação, mesmo que virtual. Exige, entretanto, adaptação para o uso, e busca de formas para integrar novas gerações, para a manutenção de temas ligados à imigração alemã, que contribuiu consideravelmente para o desenvolvimento cultural do Brasil.

## REFERÊNCIAS

ENGELMANN, Erni Guilherme. **A saga dos alemães: do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo**. Igrejinha: E. G. Engemann, 2004. 3 v, v. 1.

FEDERAÇÃO DOS CENTROS DE CULTURA ALEMÃ NO BRASIL. Disponível em <https://www.facebook.com/culturaalema>. Acesso em 03 abr.2021.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3 ed. São Paulo, Global, 2015.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

RUMO AOS 200 ANOS – BICENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ. São Leopoldo/RS:  
[s.n, 2018. (Informativo).

RUMO AOS 200 ANOS – BICENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ. Disponível  
<https://www.facebook.com/rumoaos200anos>. Acesso em 03 abr.2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo,  
Companhia das Letras, 2018.





## ANÁLISE SOBRE O DISCURSO ACERCA DO TELETRABALHO

### ANALYSIS ON THE SPEECH ABOUT TELEWORK

Cáren Maria da Rosa Rinker; Vânia Gisele Bessi; Cristiano Max Pereira Pinheiro

Universidade Feevale

**Resumo:** O teletrabalho diz respeito a uma categoria específica que trata do trabalho realizado na casa do trabalhador. Esta modalidade cresceu e tomou grande visibilidade após a pandemia causada pelo novo Coronavírus, tornando-se algo mais comum e de fácil entendimento para todos. Frente ao cenário em que se vive, o estudo visa analisar o discurso acerca do teletrabalho antes da pandemia e norteia-se a partir da seguinte questão: qual o discurso transmitido pelos meios de comunicação acerca do teletrabalho antes da pandemia causada pelo novo Coronavírus? Para responder a esta questão, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, de cunho documental e qualitativa. Como resultados da pesquisa, observou-se que os discursos analisados possuem caráter informativo, transmitindo a mensagem de que atuar remotamente permite flexibilidade. Também destacam que há mecanismos de controle sobre a entrega dos funcionários. Finaliza-se o estudo com a percepção de uma tendência positivista sobre este discurso, demonstrando em ambos as matérias analisadas facilidades e benefícios para empresa e empregado.

**Palavras chaves:** Análise do discurso. Novos espaços de trabalho. Teletrabalho.

**Abstract:** Telework concerns a specific category that deals with the work done at the worker's home. This modality grew and gained great visibility after the pandemic caused by the new Coronavirus, becoming something more common and easy for everyone to understand. Given the scenario in which we live, the study aims to analyze the discourse about teleworking before the pandemic and is guided by the following question: what is the discourse transmitted by the media about teleworking before the pandemic caused by the new Coronavirus? To answer this question, a bibliographic, documentary and qualitative research was carried out. As a result of the research, it was observed that the analyzed speeches have an informative character, conveying the message that, acting remotely allows flexibility. They also point out that there are control mechanisms over the delivery of employees. The study ends with the perception of a positivist tendency about this discourse, demonstrating in both the analyzed materials facilities and benefits for the company and the employee.

**Key words:** Speech analysis. New workspaces. Telework.

## 1 INTRODUÇÃO

A pandemia causada pelo novo Coronavírus proporcionou muitas transformações dentro e fora das organizações e uma destas transformações foi a migração em grande escala para modalidade de teletrabalho. Esta é uma modalidade de trabalho fora das dependências da empresa, trata-se do trabalho realizado na casa do trabalhador. O teletrabalho tornou-se, em pouco tempo, algo comum para grande parte das organizações, visto como a solução para manter as atividades em tempos de distanciamento social.

Ciente do cenário atual da pandemia, o estudo volta-se para compreender como os meios de comunicação transmitiam o discurso sobre teletrabalho, analisando como era evidenciado o



tema antes da repentina mudança mundial. Para tal, busca-se responder a seguinte questão: qual o discurso transmitido pelos meios de comunicação acerca do teletrabalho antes da pandemia causada pelo novo Coronavírus?

O presente estudo analisa reportagens publicadas nos sites: TV Correio – afiliada da Rede Record, do canal de compartilhamento de vídeos do Tribunal Superior do Trabalho – TST e o site do Jornal de Brasília, após a reforma trabalhista ocorrida em 2017. Optou-se por estes conteúdos, por se enquadrarem na delimitação realizada para aplicação do estudo.

Para discorrer sobre o assunto, desenvolveu-se uma pesquisa exploratória, de cunho qualitativo, sobre a análise do discurso acerca do teletrabalho. A pesquisa exploratória permite entender um novo tipo de enfoque para o assunto (PRODANOV; FREITAS, 2013). Além disso, realiza-se uma investigação bibliográfica sobre o tema central deste artigo. A pesquisa bibliográfica incide na busca de referências, permitindo ao investigador alcançar fenômenos muito maior do que poderia obter diretamente (GIL, 2002).

A pesquisa buscou avaliar como os meios de comunicação transmitiam o discurso sobre teletrabalho, anteriormente à pandemia. Diversas correntes discutem discurso e análise do discurso. Neste estudo será utilizado o referencial teórico dos autores: Charaudeau (2018), Maingueneau (2002) e Orlandi (2015), entre outros que contribuem no processo analítico sobre teletrabalho.

O aprofundamento deste estudo segue pelos capítulos de referencial teórico, a apresentação e discussão dos resultados e por fim, encerra-se com as considerações finais sobre a pesquisa aplicada.

## 2 TELETRABALHO

O formato tradicional de atuação dentro das organizações é aquele no qual o trabalhador necessita estar fisicamente no local da empresa para realizar suas atividades, mas um dos locais que ganhou espaço com o avanço das tecnologias de comunicação e informação – TICs foi o teletrabalho. Mello (1999), Trope (1999) e Rosenfield e Alves (2011) definem o teletrabalho como o trabalho realizado em espaços alternativos, destacando atuações em domicílio, em escritórios-satélite, em tele centro, trabalho móvel, trabalho em empresas remotas ou *off-shore* e trabalho informal ou teletrabalho misto. Com especial destaque para a definição de Rosenfield



e Alves (2011) que dizem que o trabalho em domicílio, também conhecido como home office, trata-se do trabalho realizado na casa do trabalhador.

Rosenfield e Alves (2011) apontam que o teletrabalho associa-se a atividades que são realizadas de forma remota, por meio das TICs, e que a partir delas há a possibilidade de trabalhar em um espaço que não seja dentro da organização, ou seja, este formato de trabalho somente é possível sendo mediado por meios de TICs. As TICs possibilitaram trabalhar em qualquer lugar de forma acessível e atrativa (ROCHA E AMADOR, 2018).

Além das características do teletrabalho, um assunto fundamental deste tema é a legislação trabalhista, pois a possibilidade de atuar em teletrabalho passou a ser considerada na legislação brasileira a partir da Lei nº 12.551, de 15 de dezembro de 2011 e trouxe a equiparação entre as atividades exercidas em espaço físico da empresa e em local de teletrabalho. Em 2017 foi atualizada, a partir da publicação da Lei nº. 13.467/2017, e consolidou-se um regime de trabalho que afasta o controle da jornada de trabalho e deixa aberto a elaboração de um contrato entre empregado e empregador com definições sobre a atuação profissional.

Para dar sequência a este estudo, a seguir apresenta-se a referência bibliográfica sobre análise do discurso.

### 3 ANÁLISE DO DISCURSO

O discurso é considerado uma unidade linguística que pode ser compreendida como uma produção de sentidos, que transmite uma informação a partir da linguagem e torna-se uma forma de comunicar, seja por debates televisionados, artigo de jornal, rádios, ou outros meios de comunicação (MAINGUENEAU, 2002). Neste processo de analisar o discurso Charaudeau (2018) destaca o discurso informativo, que tem como função principal transmitir algum saber, sendo necessário provar a veracidade dos fatos transmitidos ou seja, provar a credibilidade daquilo que está sendo informado.

O espaço, no qual a fala se situa, também precisa ser contextualizado, pois o espaço influencia a intencionalidade da fala (CHARAUDEAU, 2004) e como em uma formação discursiva, as expressões podem ter outro ou o mesmo sentido. Conforme a construção do discurso (MAINGUENEAU, 2002) é preciso contextualizar ao leitor o local de fala do enunciador: quem fala, para onde fala, ou seja, o contexto sócio-histórico.



Originada do inconsciente e resultante diretamente na forma como o sujeito é afetado, a ideologia retoma sentidos pré-existentes (ORLANDI, 2015). Considera-se que a partir destes sentidos já concebidos e habitantes no inconsciente do indivíduo, possibilite que ele compreenda uma mensagem que lhe é proferida, mas buscando suas referências ao discurso já vivenciado, que o imaginou ideologicamente.

Quando se trata de discurso das mídias, destaca-se que as mídias se apresentam como um organismo especializado que tem a vocação de responder a uma demanda social por dever de democracia. Realizam um serviço em benefício da cidadania, acreditando que esta buscará transmitir as informações de forma mais verdadeira e mantendo a realidade dos fatos. Porém, é importante ponderar que sua atividade consiste em transmitir informação – que tanto pode ser dada espontaneamente quanto procurada ou provocada. Torna-se suspeita porque sua finalidade atende a um interesse diferente do serviço da democracia e cabe ao enunciador observar que o contexto que for transmitido uma informação pode produzir um efeito de banalização, de saturação ou, ao contrário, de dramatização (CHARAUDEAU, 2018).

Uma análise sobre o contexto geral do indivíduo, envolvendo seu discurso com base no local em que fala, para quem fala, qual contexto histórico é inserido e por vezes, qual ideologia possui de base, para transmitir uma determinada mensagem. Destaca-se aqui que ao revisar a literatura é possível observar que não há uma homogeneidade na definição sobre análise do discurso e os elementos que a definem, contudo, buscou-se realizar um apanhado de definições para contribuir na análise deste estudo.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Quando se trata de discurso das mídias, destaca-se que estas são apresentadas como um organismo especializado que tem a vocação de responder a uma demanda social por dever de democracia, realizando um serviço em benefício da cidadania, acreditando que esta buscará transmitir as informações de forma mais verdadeira e mantendo a realidade dos fatos (CHARAUDEAU, 2018). É possível observar que os discursos analisados possuem um papel de informar a sociedade sobre esta modalidade de trabalho, seus regramentos e sua evolução mediante a aplicação das leis do país no momento.

Todos os textos possuem discursos informativos. Charaudeau (2018) destaca que o discurso informativo tem como função principal transmitir algum saber, sendo necessário



provar a veracidade dos fatos transmitidos. Em todas as reportagens é possível identificar elementos que o enunciador apresenta para validar o conteúdo apresentado. Sejam elementos jurídicos, de contexto histórico dentro das organizações ou o discurso de pessoas que atuam com esta modalidade, para validar esta modalidade de trabalho. Destaca-se alguns destes elementos na reportagem da TV Correio:

- Entrevistador está na casa do indivíduo que atua em teletrabalho.
- O entrevistado, na sala de sua casa, destaca em sua fala: “*é importante ter disciplina, se não tiver disciplina não é fácil ficar em casa!*”, trazendo elementos que buscam demonstrar o que precisa ter para que a atividade seja realizada.
- Advogado na bancada do Jornal fala sobre a legislação e destaca a definição do termo teletrabalho: “*o teletrabalho é aquele chamado home office.*”

A discussão sobre as legislações reforça o viés informativo, ao buscar evidenciar elementos que permitam a compressão, ao detalhar a reformulação da Reforma Trabalhista, Lei nº. 13.467/2017. Destaca-se a consolidação de um regime de trabalho que se afasta do controle de jornada de trabalho, com um capítulo que aborda apenas este tema.

Os textos analisados apontam para a flexibilidade que a nova legislação apresenta, a possibilidade de uma jornada de trabalho acordada entre funcionário e empregador, mas que pode ser regrada por metas de produtividade ou por jornada de trabalho, estando especificada suas modalidades no contrato de trabalho.

Existia uma preocupação por parte dos empregadores, e isto pode ser observado em todos os textos, é o controle da produtividade de seus funcionários. Este controle é transmitido a partir de um discurso simples, sem muita ênfase, como se fosse só mais uma etapa do acordo entre as partes. É possível observar nos discursos abaixo, do site do Jornal de Brasília e do Tribunal Superior do Trabalho, respectivamente:

...os servidores que desejarem participar de home office deverão cumprir 20% a mais das demandas previstas em jornadas nos locais de trabalho. Entidades relacionadas aos servidores tomam a decisão como algo positivo. Além de gerar economia, isso vai resolver também o problema do Estado. Isso proporciona mais agilidade ao poder público – se em uma semana a pessoa resolve cinco demandas, terá que fazer 20% a mais nesses casos”, explica o presidente do Sindicato dos Servidores Públicos Civis da Administração Direta, Autarquia, Fundações e Tribunal de Contas do Distrito Federal (Sindireta), Ibrahim Youssef. (Jornal de Brasília)

...o servidor em teletrabalho tem que produzir no mínimo 15% a mais que os servidores em regime presencial. O ponto de partida é trabalhar com atividade que seja passível de mensuração. (Tribunal Superior do Trabalho)



Retoma-se neste discurso a ideologia de sentidos pré-existentes (ORLANDI, 2015), ou seja, uma atividade de trabalho precisa ser controlada, mensurada, do contrário, as organizações podem não ter lucro. Talvez com essa imagem e partindo do princípio que o controle seria ideologicamente correto para empresas, possibilita que o discurso seja transmitido de forma simplista, e talvez o indivíduo que receba a mensagem compreenda desta forma, buscando suas referências ao discurso já vivenciado.

O discurso do TST é um dos mais inquietantes, pois na matéria é explicitado que não é qualquer atividade que pode ser realizada em teletrabalho. Trope (1999) já apontava algumas características necessárias para o teletrabalho, a exemplo da pouca necessidade de comunicação face a face, a grande necessidade de longos períodos de concentração. Contudo, o que ressalta é a avaliação não da atividade e sim do perfil do funcionário para autorizá-lo ou não a exercer a atividade nesta modalidade.

No Tribunal Superior do Trabalho é possível identificar os seguintes discursos: *“nos preocupamos em capacitar o gestor para saber escolher o melhor perfil para atuar em teletrabalho...”* e *“temos muito cuidado em relação a análise do candidato, do perfil...”*. Já no Jornal de Brasília, o discurso é o seguinte:

Para os servidores públicos, isso será um pouco temerário. Porque você vê funcionários que vão ao trabalho e não fazem nada. Tenho a impressão que, nesses casos, ficaria um pouco mais ineficiente. Pode ser que eu esteja sendo um pouco retrógrado, mas o grande problema do serviço público é que o Estado não tem dinheiro”, explica. “O Estado brasileiro custa muito caro e devolve muito pouco, então essa ineficiência latente do nosso serviço público pode ser mais alta ainda”, conclui Jorge Pinho.

Este formato de trabalho trouxe a possibilidade de atuação com maior flexibilidade, autonomia e também se acredita que pode haver maior engajamento dos indivíduos. Porém, avaliar se o perfil atende ou não a esta modalidade é uma das preocupações que são apontadas no discurso, ao que parece, como uma forma de preocupação com o indivíduo atuando no espaço em que teria melhor rendimento.

Por fim, ao concluir as análises, destaca-se o discurso de abertura da TV Correio transmite uma imagem positiva sobre a enunciação do tema tele trabalho e a impressão que fica é, como seria bom poder atuar nesta modalidade: *“Você já imaginou trabalhar em casa, sem ter que sair para o trabalho todos os dias?”*



Analisar o discurso sobre teletrabalho antes do contexto da pandemia, permitiu compreender o discurso, observando que os textos emergem da necessidade da sociedade de comunicação e de situar o sujeito para que possa interpretar o discurso.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tele trabalho, também conhecido como trabalho em domicílio, possui especial destaque devido a oportunidade de redução de custos para as empresas, mas também uma maior flexibilidade para os indivíduos. Quando se trata deste assunto, analisar o discurso em relação a esta modalidade de trabalho e como alguns órgãos públicos aplicam com seus funcionários, possibilita uma visão diferenciada sobre o que está sendo transmitido.

Destaca-se que as matérias possuem caráter informativo e, em alguns casos, didático, transmitindo a mensagem de que atuar nesta modalidade permite muita flexibilidade. Também deixando evidente que há mecanismos de controle sobre a entrega de resultados. Além disso, há a visão de que, atuando em casa o funcionário precisa render mais que os colegas que estarão fisicamente na organização, imaginando que, por estarem em sua casa, tendem a produzir mais. Destaca-se trabalhar em casa como uma forma excelente de trabalhar, apresentando imagens que atuar em qualquer local se torna rotina.

A visão de conforto e privilégio de trabalhar com esta modalidade possui uma lente ajustada para demonstrar somente o lado positivo do teletrabalho. Em alguns trechos ressalta o aspecto de acréscimo de horas, mas não se firma o discurso quanto ao excesso de trabalho, a cobrança excessiva que poderia ocorrer e que não havendo controle de horas, não haverá regramento para o funcionário cobrar horas extras. Teletrabalho é uma possibilidade de flexibilidade e menor custos para empresas e empregados, contudo, é preciso estar atento ao discurso positivista que pode mascarar os aspectos negativos desta modalidade.

Para estudos futuros, propõe-se comparar o discurso do antes e depois da pandemia, já que o teletrabalho se tornou algo corriqueiro e, mesmo, uma solução para problemas organizacionais. Sugere, ainda, a aplicação de uma pesquisa Survey, método que se baseia na interrogação dos participantes para obter informações sobre suas percepções, motivações, estilo de vida, entre outros, visando identificar se analisam a modalidade de teletrabalho de forma positiva ou negativa e quais riscos e oportunidades identificam.



## REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. [2. ed.]. São Paulo, SP: Contexto, [2018].

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MELLO, Alvaro. **Teletrabalho (telework): o trabalho em qualquer lugar e a qualquer hora**. Rio de Janeiro, RJ: Qualitymark; ABRH - Nacional, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 12. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2009.

ROCHA, Cháris Telles Martins da; AMADOR, Fernanda Spanier. **O teletrabalho: conceituação e questões para análise**. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 152-162, mar. 2018. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/54516>>. Acesso em: 25 Jun. 2019.

ROSENFELD, C. L.; ALVES, D. A. **Autonomia e trabalho informacional: o teletrabalho**. *Revista de Ciências Sociais*, v. 54, n. 1, p. 207-233, 2011.

SITE **Presidência da República**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Lei/L12551.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12551.htm). Acessado em 20 de junho de 2019.

SITE **Presidência da República**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm). Acessado em 20 de junho de 2019. TROPE, Alberto. **Organização virtual: impactos do teletrabalho nas organizações**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## APRENDIZAGENS POR MEIO DA ARTE DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

LEARNING THROUGH THE ART OF CHILDREN WITH AUTISTIC SPECTRUM  
DISORDER

Tauana da Silva Cherutti; Dinora Tereza Zucchetti

Universidade Feevale

**Resumo:** Neste texto, abordamos os conceitos de aprendizagem através da arte, relacionando-os com a inclusão de crianças com transtorno do espectro autista nas escolas. Contudo, se trata de uma pesquisa inicial sobre a temática, daí a importância do contato com conhecimentos gerais, através de autores referenciais que fazem parte do recorte bibliográfico. Para tanto, objetiva-se tecer um caminho entrelaçado acerca dos assuntos mirando um sucesso escolar inclusivo mais efetivo. A investigação no âmbito de Mestrado está em processo de construção através das diferentes tramas que englobam as questões de processo e desenvolvimento de um ensino mais humano para as crianças com autismo dentro dos espaços escolares.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Arte. Educação Inclusa. Transtorno do Espectro Autista.

**Abstract:** In this text, we approach the concepts of learning through art, relating them to the inclusion of children with autism spectrum disorder in schools. However, it is an initial research on the theme, hence the importance of contact with general knowledge, through referential authors who are part of the bibliographic clipping. To this end, the objective is to weave an interlaced path about the subjects aiming at a more effective inclusive school success. Research in the context of the Master's is in the process of being constructed through the different plots that encompass the issues of process and development of a more humane teaching for children with autism within school spaces.

**Keyword:** Learning. Art. Education Included. Autistic Spectrum Disorder.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente texto das aprendizagens por meio da arte de crianças com transtorno do espectro autista, objetivando-se a compreensão das suas relações, entre arte e infância para uma educação inclusiva mais efetiva, a partir de leituras bibliográficas. Desta maneira, é necessário o entendimento que além de autores referenciais para a construção de uma linha de pesquisa, existe a experiência prática, pessoal, da proponente, atuando em diferentes escolas particulares e municipais, como educadora e auxiliar de inclusão. Muitos desses processos e conhecimentos estão vinculados à vivência em sala de aula, e isso não é dissociável desta escrita de revisão teórica.

A metodologia para a construção do texto busca subsidiar a elaboração da escrita de um projeto de pesquisa de Mestrado no âmbito do Programa de Pós Graduação Diversidade





Cultural e Inclusão Social, mais exatamente, dar o suporte para o contexto do será realizado pela aprendizagem da arte por crianças autistas, temática em questão. Na sequência, por meio da revisão bibliográfica, iniciamos o aprofundamento de leituras dos seguintes autores: Gardner (1993), Orrú (2016), Ferreira (2011), Dubois e Zillmer (2012), Mendes; Cavalhero e Gitahy (2010), Mantoan (1997; 2003; 2013), Stainback e Stainback (1999).

O texto está dividido em cinco partes, a saber: na primeira aborda as concepções, objetivos e a metodologia da pesquisa para a compreensão de autores referenciais. A segunda, inicia-se a construção e entendimento da temática, abordando a respeito dos processos de aprendizagens a partir da *Teoria das Inteligências Múltiplas* de Gardner, desta forma vinculando-se com a educação inclusiva.

Na terceira parte conceitualiza o transtorno do espectro autista (TEA), a partir das definições presentes nos documentos internacionais: o DSM-V e o CID-10, revisitando as suas características primordiais. Assim, demonstrando o processo de aprendizagem das crianças autistas através da presença da arte na educação, favorecendo uma inclusão mais efetiva dentro da sala de aula.

Na quarta parte aborda a educação inclusiva, permeando pelas legislações internacionais como a Declaração Mundial sobre Educação para Todos e a Declaração de Salamanca, assim resultando na criação nas leis brasileiras: Lei nº 9.394 (1996) que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional e na Lei nº 13.146 (2015) que institui o Estatuto da Pessoa com Deficiência. Desta forma, vinculando com as concepções de uma educação mais inclusiva para pessoas com deficiência, a partir de Mantoan (1997, 2003, 2013).

Por fim, a última parte é a conclusão momentânea da pesquisa que continua em andamento, sob as perspectivas de aprendizagem e uma educação mais inclusiva através da arte para crianças com transtorno do espectro autista.

## 2 PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Início, através do conceito de inteligência que está estritamente vinculado com o sistema educacional atual. A partir de diferentes pesquisadores da temática, evidencio o autor da *Teoria das Inteligências Múltiplas*, Howard Gardner (1993), para o entendimento do desenvolvimento desta investigação.



Para Gardner (1993, p. 13), inteligência é “[...] capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários”. Através de seus estudos compreende-se que não existe uma forma única de inteligência, mas sim inteligências múltiplas e independentes que todo indivíduo possui com maior ou menor intensidade (GARDNER, 1993, p. 13).

O pesquisador destaca que testes padronizados realizados através de lápis e papel ou verbalmente convencionais não evidenciam as inteligências, pois é necessário analisar as situações cotidianas dos sujeitos (GARDNER, 1993, p. 13). Infelizmente, nosso sistema educacional continua medindo a inteligência ou a aprendizagem somente através de provas, enaltecendo algumas habilidades e esquecendo de todas as sete inteligências do cérebro humano. Estão relacionadas às seguintes áreas: corporal, linguística, lógico-matemática, visuo-espacial, musical, interpessoal e intrapessoal (GARDNER, 1993, p. 22).

A partir do capítulo “O que eu farei segunda-feira pela manhã?” escrito por Mary Falvey, Christine Givner e Christina Kimm presentes no livro “Inclusão: um guia para educadores” de Susan Stainback e William Stainback (1999), relacionam as teorias de Gardner com a educação de crianças com deficiência. Os autores afirmam que as salas de aula que se baseiam nestes fundamentos, têm maior chance de obter resultado com a pluralidade de alunos, inclusive com os que são rotulados que não aprendem ou que possuem diferenças ou deficiências (FALVEY; GIVNER; KIMM; 1999, p. 148).

A partir disso, nós como educadores, necessitamos de uma visão inclusiva para compreender que as inteligências são amplas, que não somente precisam transparecer nas disciplinas escolares, mas na própria relação com o outro e com si próprio, como por exemplo, as inteligências intrapessoal e interpessoal (GARDNER, 1993, p. 29). Desta forma, é necessários o reconhecimento e a estimulação de todas as sete inteligências, pois somos diferentes uns dos outros, e assim possuímos combinações distintas (GARDNER, 1993, p.18).

É necessário entender que as crianças com deficiência, seja física, visual, auditiva ou intelectual, possuem as suas próprias inteligências também, não é somente relegado aos ditos alunos “normais”, mas que todos temos as nossas particularidades, não somos iguais.



### 3 TRANSTORNO D ESPECTRO AUTISMO (TEA)

Assim, para nortear o caminho de entendimento do presente texto, é necessário a compreensão da definição de transtorno do espectro autista (TEA) em que é “[...] um transtorno do desenvolvimento neurológico, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses repetitivos ou restritivos” (ARAÚJO, 2019, p. 1). As características da síndrome surgem próximos aos dois anos, em que é possível observar disfunções no desenvolvimento da criança, em que através de intervenção precoce, esses sintomas são suavizados, pois não possui cura.

O DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) e o CID-10 (Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento) são documentos norteadores para o diagnóstico de crianças com autismo, em que apresentam as seguintes características: dificuldade na interação social; sem presença de contato visual e linguagem corporal; não apresenta interesses por novos amigos e não brinca; padrões repetitivos de comportamento; apreço por atividades como: movimentos motores, uso de objetos para alinhar e girar; fala estereotipada e repetitiva como ecolalia; apego excessivo a objetos, relacionados com “hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais ou interesse comum por aspectos sensoriais do ambiente [...]” como “indiferença a dor/ temperatura, reação contrária a sons ou texturas específicas, cheirar ou tocar objetos de forma excessiva, fascinação visual por luzes ou movimento” (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2014, p. 50).

#### 3.1 ARTE E AUTISMO

Após a compreensão do autismo, será relacionado com o campo da arte, pois as duas áreas se inter relacionam e se beneficiam no desenvolvimento do indivíduo promovendo de forma efetiva a inclusão (FERREIRA, 2011, p.42). Em que a arte é de extrema importância para a educação, onde os alunos possuem espaço para se expressarem, através da sua imaginação, possibilitando um caminho de comunicação e aproximação dos sujeitos. À vista disso, se diferencia das demais disciplinas do currículo escolar, pois não há a preocupação de existir o certo ou o errado, pois isso faz parte do desenvolvimento do processo criativo.

A partir dos livros “Arte, Escola e Inclusão: atividades artísticas para trabalhar com diferentes grupos” de autoria de Aurora Ferreira (2011) e “A arte na inclusão de jovens com transtornos globais de desenvolvimento” de Patrícia J. Zillmer e Rejane C. Dubois (2012)





trazem a concepção de que a arte proporciona a expressão dos desejos, dos sentimentos e principalmente a sua personalidade, através da sensibilidade e da criatividade. Assim, resultando na

integração dos portadores<sup>1</sup> de necessidades especiais à sociedade, uma vez que vai facilitar também o desenvolvimento cognitivo. Observa-se, com isso, que muitos alunos conseguem uma melhor verbalização, desenvolvem habilidades estimulados por atividades artísticas, e consegue adquirir um posicionamento social, possibilitando sua inclusão no mundo em que vivem (FERREIRA, 2011, p.60).

A arte beneficia completamente o desenvolvimento da pessoa com deficiência, não somente na própria área, mas influência no progresso cognitivo e de linguagem. Através disso, o educador necessita ter um olhar sensível para as produções dos alunos, para “não se precipitar julgando que são apenas rabiscos, ao contrário, explorá-los, criar situações para que a criança com autismo possa ter mais oportunidades de se expressar a partir dessa atividade” (ORRÚ, 2016, p. 179).

Além disso, através da arte há uma aproximação mais intensa do aluno autista do professor, em que possibilita a inserção dos seus interesses específicos, que são temáticas que têm maiores preferências, como futebol, desenhos animados, personagens infantis, que variam de cada um, mas é uma característica presente em todos eles. Para que desta forma, os sujeitos participem ativamente no desenvolvimento da proposta prática.

As crianças com autismo possuem os sentidos mais ou menos aflorados, sejam eles, hipo ou hipersensíveis, desta forma, possuem maior aproximação de alguns materiais ou rejeição por eles. Assim, é necessário, a construção de conhecimento e aproximação da criança, onde se conhece essas características. Entretanto, este é um assunto para maior aprofundamento nas próximas leituras, pesquisas e ações práticas. O mais importante é a compreensão de que todos os autistas são únicos, cada um deles possui as suas particularidades, assim como todos nós.

## 4 EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A educação inclusiva de crianças com deficiência é um assunto amplamente discutido a muitos anos, há inúmeras pesquisas, textos e artigos que defendem e evidenciam os benefícios

---

<sup>1</sup> O termo “portador” não é adequado para se referir a pessoa com deficiência, pois “uma pessoa não “porta” autismo ou outra deficiência. Na verdade, a condição de ter uma deficiência faz parte da singularidade da pessoa” (ORRÚ, 2016, p. 15). Assim, utiliza-se o termo “pessoa com deficiência”.



dessa relação, entretanto a discriminação ainda se sobressai a tudo isso, e os direitos relegados a esses sujeitos são descumpridos.

O livro “Artes visuais na educação inclusiva: metodologias e práticas do Instituto Rodrigo Mendes” escrito pelo próprio Rodrigo Mendes, José Cavalhero e Ana Maria Gitahy (2010), apresenta inúmeras práticas realizadas durante os anos com pessoas com deficiência, iniciando através da conceitualização do que significa educação inclusiva, onde “incluir não significa “normalizar”, tentar encaixar alguém considerado diferente em um modelo tal qual ele se apresenta”, mas “incluir corresponde a “singularizar”, assumir como ponto de partida que todo aluno é único no que se refere à sua história e suas potencialidades” (MENDES; CAVALHERO; GITAHY; 2010, p. 23). Assim, é necessário absorver esses entendimentos para a construção de um sistema educacional mais humano, e que ela precisa mudar e não os alunos para se adaptarem às suas exigências.

Quando se trata de educação inclusiva, temos como referência primordial a autora Maria Teresa Eglér Mantoan (1997, 2003, 2013) que escreveu diversos livros sobre o assunto, como “Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?” (2003), “O desafio das diferenças na escola” (2013) e “Ser ou estar, eis a questão: explicando o déficit intelectual” (2003). As escolas são obrigadas através da legislação, a aceitar as matrículas de crianças com deficiência, entretanto, a escritora define atualmente, estes espaços como excludente, segregador e conservador de ensino, onde nada mudou, tudo continua exatamente igual. Estes lugares não possuem acessibilidade para alunos com deficiência física, auditiva, visual ou intelectual, não há recursos humanos para auxiliá-los e nem estrutura física.

A partir disso, Mantoan (2013, p. 37) indica que “a inclusão implica uma mudança de paradigma educacional que gera uma reorganização das práticas escolares: planejamentos, formação de turmas, currículos, avaliação e gestão do processo educativo”. Sendo completamente diferente da forma como é realizado na prática dentro de uma escola, simplesmente o aluno que precisa se adequar às normas, e não ao contrário, não há flexibilização e muito menos suporte para o ensino, em que todos precisam aprender da mesma maneira e são avaliados através de provas. Neste processo de inclusão, o mais importante é a compreensão de que



[...] não é o Transtorno do Espectro com Autismo que está dentro do espaço escolar e em frente ao professor, é uma criança, um adolescente, um jovem que tem sua história de vida, sua personalidade, seus desejos, suas frustrações, seus encantos e desencantos, suas dificuldades, suas habilidades, suas preferências, sua subjetividade e que também vive com as singularidades do autismo que se encontra nesse espaço para conviver com as demais pessoas. (ORRÚ, 2016, p. 52)

Necessita-se um olhar direcionado para as habilidades e potencialidades do aluno antes de observar e determinar somente as dificuldades e o que não consegue atingir. Assim, organizar um plano de atividades que possam desenvolver e relacionar com os interesses específicos, promovendo a verdadeira inclusão e participação de todos.

## 5 CONCLUSÃO

A educação brasileira tem muito o que avançar em termos de processo de ensino e aprendizagem, pois ainda as escolas caminham a passos lentos e vagarosos para a desconstrução do ensino tradicional e academicista, em que o pesquisador Paulo Freire (1987) tanto criticava em seus textos. O autor descreve a educação como um ato de depositar, em que no “[...] lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memoriam e repetem” (FREIRE, 1987, p. 37), assim surgiu a concepção “bancária” da educação, onde não há criatividade, não há transformação e não há saber.

Desta forma, se a educação está ainda em transformação lentamente de suas metodologias, e que é alvo de inúmeras críticas pelos pesquisadores educacionais desde a década de 70, a imposição da presença da inclusão de alunos com deficiência nestes espaços escolares, é mais recente ainda, e é muito mais difícil, pois existe o preconceito e a discriminação com esses sujeitos.

Através disso, a única diferença é que os sujeitos com deficiência estão compartilhando a mesma sala de aula, porém, a estrutura curricular não é adaptada, os professores não possuem formação para acolher esses indivíduos, assim é a exclusão dentro de um espaço que deveria ser de troca e aprendizado mútuo. É muito mais fácil para todos, se fingirmos que essa criança não existe, ou aceitar a afirmação de que “não tenho formação para ensinar um aluno com deficiência” ou que ele jamais vai aprender, ou ainda mais cômodo que ele esteja um espaço segregado, com outros sujeitos que não irão ter um futuro.



Concluo assim, tendo em vista a aprendizagem de crianças com autismo através da arte, onde “[...] todo e qualquer aluno merece: uma escola capaz de oferecer-lhe condições de aprender, na convivência com as diferenças, e que valoriza o que ele consegue entender do mundo e de si mesmo” (MANTOAN, 2013, p.39). A partir da arte que promove a efetiva inclusão dos alunos com deficiência, promovendo a autoestima e a integração nas aprendizagens em sala de aula.

O presente texto não chega ao fim, é inicialmente uma pequena revisão de uma parcela restrita de livros e autores escolhidos, para a construção da pesquisa de Mestrado no âmbito do PPG Diversidade Cultural e Inclusão Social. Desta forma, está em processo e evolução diariamente, a partir de revisões bibliográficas, por ser um assunto de extrema relevância para a educação.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Liubiana Arantes de; et al. **Transtorno do Espectro Autista**. Manual de Orientação: Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento, nº 05, abril de 2019.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2014.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. *Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. *Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)*.

DUBOIS, Rejane C.; ZILLMER, Patrícia J. **A arte na inclusão de jovens com transtornos globais de desenvolvimento**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

FALVEY, Mary; GIVNER, Christine; KIMM, Christina. O que eu farei segunda-feira pela manhã? IN: STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. **Inclusão: Um guia para educadores**. Porto Alegre: Arte Médicas Sul, 1999.

FERREIRA, Aurora. **Arte, Escola e Inclusão**: atividades artísticas para trabalhar com diferentes grupos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: A Teoria na Prática**. Tradução: Porto Alegre, ArtMed, 1993.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

\_\_\_\_\_. **O desafio das diferenças nas escolas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Ser ou estar, eis a questão: Explicando o déficit intelectual.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.

MENDES, Rodrigo H.; CAVALHERO, José; GITAHY, Ana Maria C. **Artes visuais na educação inclusiva: metodologias e práticas do Instituto Rodrigo Mendes.** São Paulo: Peirópolis, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID - 10: classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID - 10: critérios diagnósticos para pesquisa.** Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1998.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração de Salamanca: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais.** 1994. Disponível em: <[http://www.punf.uff.br/inclusao/images/leis/declaracao\\_salamanca.pdf](http://www.punf.uff.br/inclusao/images/leis/declaracao_salamanca.pdf)>. Acessado em: 21 de março de 2021.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Aprendizes com autismo: Aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem.** 1998. Disponível em: <[http://www.punf.uff.br/inclusao/images/leis/declaracao\\_ONU.pdf](http://www.punf.uff.br/inclusao/images/leis/declaracao_ONU.pdf)>. Acessado em: 21 de março de 2021.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## RELAÇÃO ENTRE CRIATIVIDADE E TEORIA DA COMPLEXIDADE EM AMBIENTES ORGANIZACIONAIS DE EMPRESAS DE MODA

### RELATIONSHIP BETWEEN CREATIVITY AND COMPLEXITY'S THEORY IN ORGANIZATIONAL ENVIRONMENTS OF FASHION COMPANIES

Lenice Eli Lunkes Scarpatto; Cristiano Max Pereira Pinheiro; Dusan Schreiber; Vanessa Theis

Universidade Feevale

**Resumo:** Este artigo teve como objetivo realizar uma reflexão teórica a fim de investigar o fenômeno da criatividade por meio do processo criativo dentro do ambiente organizacional e estabelecer uma relação de complexidade desse sistema, à luz da teoria da complexidade, advinda das obras de Morin (1989, 1992, 1997, 2000, 2002). Optou-se por uma pesquisa de cunho qualitativo, através de revisão bibliográfica. Com os resultados foi possível estabelecer uma relação entre a unidade de análise e os princípios que regem o pensamento complexo (princípio sistêmico ou organizacional, princípio hologramático, princípio do círculo retroativo, princípio do circuito recursivo, princípio da auto-organização, princípio dialógico e o princípio da reintrodução do conhecimento em todo o conhecimento). Estas considerações foram possíveis, partir da relação complexa de interações entre diversos elementos, que, conforme as análises, estão relacionados com os resultados dos comportamentos criativos das pessoas e todas suas nuances, pois são elas que dão vida às ideias, a partir do processo criativo. Durante todo o processo, as pessoas e as organizações sofrem interferência externas e internas e por conta das interações sofridas por meio da cultura organizacional, demonstram influenciar em maior ou menor estímulo à criatividade.

**Palavras-chave:** Gestão da Criatividade. Complexidade. Moda.

**Abstract:** This article aimed to carry out a theoretical reflection in order to investigate the phenomenon of creativity through the creative process within the organizational environment and establish a relationship of complexity of the system, in the light of the theory of complexity. We opted for a qualitative research, through bibliographic review. With the results it was possible to establish a relationship between the unit of analysis and the principles that govern complex thinking (systemic or organizational principle, holographic principle, retroactive circle principle, recursive circuit principle, self-organization principle, dialogical principle and the principle of reintroducing knowledge into all knowledge). These considerations were possible, based on the complex relationship of interactions between different elements, which, according to the analyzes, are related to the results of people's creative behaviors and all their nuances, as they are the ones that give life to ideas, from the creative process. Throughout the process, people and organizations of external and internal protection and due to the interactions suffered through the organizational culture, show impetus in greater or lesser stimulus to creativity.

**Keywords:** Creativity Management. Complexity. Fashion.

## INTRODUÇÃO

As empresas podem ser consideradas organismos, sendo concebidas como sistemas vivos, existindo dentro de um ambiente amplo e dependendo dele para atender a suas múltiplas necessidades (MORIN, 1992; STACEY, 1996; HOCK, 1999; PONCHIROLI, 2007). Para





Bertalanffy (1977, p. 57), “sistema é o conjunto de unidades em inter-relações mútuas”. O autor, ainda, afirma ser necessário tratar os problemas que cercam os seres humanos como típicos de um sistema, considerando seu contorno, seus componentes e as relações entre as partes.

Essa dinâmica da relação do todo e das partes é defendida ao longo das obras de Morin (1989, 1992, 1997, 2000, 2002), que afirma que para uma melhor compreensão da realidade, deve-se entender o ser humano como ser complexo por natureza, ou seja, não somos reduzidos a uma característica ou um aspecto de personalidade, mas, sim, somos múltiplos. Desta forma, se faz importante reconhecer esse contexto complexo nos estudos das organizações. A complexidade se dá quando os componentes que constituem um todo, sejam aspectos econômicos, políticos, sociológicos, psicológicos, afetivos ou mitológicos, são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre as partes e o todo e entre esse todo e as suas partes (MORIN, 2000).

Nos ambientes organizacionais, destacam-se as contribuições de Stacey (1996) que defende a adoção de uma perspectiva da complexidade nas agendas de pesquisas de práticas gerenciais organizacionais, bem como, Csikszentmihalyi (1996) que estuda a relação da criatividade em âmbitos sistêmico, ressaltando o aspecto da complexidade no estudo da criatividade.

Algumas atividades criativas impactam na agregação de valor aos produtos industriais, com destaque do design de produtos, que valoriza os objetos fabricados na indústria de moda e de calçados (NÚÑEZ, 2016). Sendo a criatividade tão relevante, essa pesquisa tem como objetivo, realizar uma reflexão teórica a fim de investigar o fenômeno da criatividade por meio do processo criativo dentro do ambiente organizacional e estabelecer uma relação de complexidade desse sistema, à luz da teoria da complexidade advinda das obras de Morin (1989, 1992, 1997, 2000, 2002).

O estudo torna-se relevante em função de apresentar uma oportunidade de um estudo de criatividade unir as contribuições das teorias complexas, trazendo uma visão holística dos fenômenos que acontecem nas organizações.

## **A COMPLEXIDADE E SUA INFLUÊNCIA NAS ORGANIZAÇÕES**

Vivemos em um mundo em constante transformação. Todos os aspectos da vida, sejam sociais, econômicos ou laborais, têm sofrido com os impactos dessas mudanças. Alguns autores



contemporâneos têm chamado este de um mundo VUCA, ou seja, há o predomínio de um clima volátil, ambíguo, incerto e complexo (BENNETT; LEMOINE, 2014). A complexidade, neste sentido, se dá, pois, existem diversas partes de uma situação a ser analisada e essas variáveis estão conectadas, e com isso apresenta como princípio, a interdisciplinaridade. Não é possível, portanto, estabelecer-se uma definição única do termo e de suas aplicações. Para Morin e Lisboa (2007), complexidade é uma palavra – problema e não uma palavra – solução.

A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Em um segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico.

Vale ressaltar que o termo ‘complexidade’ ainda é muito associado e reconhecido como algo que é complicado, confuso, como um emaranhado de coisas e que, portanto, não poderia ser explicado (MORIN, 1992; CSIKSZENTMIHALI, 2014).

Como forma de propor um novo olhar sobre o conhecimento, Morin (2000) estabeleceu sete princípios direcionadores, que são complementares e interdependentes, gerando a concepção de um pensamento que une e não segrega. A seguir, serão trazidos cada um dos princípios buscando tecer relações com os ambientes organizacionais.

- a) **Princípio sistêmico ou organizacional:** é a ligação do conhecimento das partes ao conhecimento do todo. A noção sistêmica diz respeito ao entendimento de que o todo é mais do que a soma das partes.
- b) **Princípio hologramático:** é o paradoxo das organizações complexas, em que não apenas a parte está no todo, como o todo está inserido nas partes. A sociedade está presente em cada indivíduo, enquanto ser completo, por meio de sua linguagem, de sua cultura e das suas normas. Da mesma forma, o ser humano e seu ambiente laboral.
- c) **Princípio do circuito retroativo:** Nesse princípio, a causa provoca um efeito, que age sobre a causa (retroação), sendo, assim, um sistema complexo, de um conjunto de processos reguladores baseados em múltiplas retroações, rompendo com a noção da causa e efeito linearmente. Para Senge (2013), esse aspecto surge quando a mesma ação provoca efeitos em diversas áreas organizacionais, uma vez que os processos estão todos interligados.



- d) **Princípio do circuito recursivo:** é um princípio gerador em que produtos e efeitos são, ao mesmo tempo, produtores e causadores da produção. Em relação a uma empresa, por exemplo, ao se produzirem produtos ou serviços, ela se autoproduz. Ela produz todos os elementos necessários para a sua própria sobrevivência e auto-organização.
- e) **Princípio da auto-organização:** os seres vivos são seres auto-organizadores, que dependem energia para manter a autonomia do sistema e desenvolvem autonomia na dependência da sua cultura. Para isso, usam do meio que os cerca para retirar, constantemente energia, informação e organização.
- f) **Princípio dialógico:** É a associação de noções contraditórias, antagônicas. Dois princípios que se excluem por definição são, ao mesmo tempo, indissociáveis em um mesmo contexto, a exemplo da ordem, da desordem e da organização. Nas organizações, assim como na sociedade, existem estruturas informais (que, aqui, seria a desordem), que burlam a rigidez, formalismos para operar e, com isso, colaboram com o sistema que as oprime.
- g) **Princípio da introdução do conhecimento em todo conhecimento:** O pensamento limitador crê que o conhecimento que se torna científico não carece de atualização. O pensamento complexo, por sua vez, reconhece as investigações, a curiosidade e o espaço da experimentação como impulsionadores de novos conhecimentos.

Stacey (1996), elucida que existem consistentes explicações que relacionam criatividade e inovação com a teoria da complexidade. Compreender o novo paradigma dentro das organizações, à luz dessas teorias, é uma proposta que pode auxiliar nos estudos de organizações (STACEY, 1996; MORIN; LISBOA, 2007; PONCHIROLI, 2007). Quanto mais incertos forem os cenários em que as empresas operam, mais necessário ainda será conscientemente, examinar e explorar o quanto modelos mentais que usamos nas empresas, sejam individuais ou implícitos na cultura, estão gerando de impacto e eficácia (STACEY, 1996).

No meio organizacional, Stacey (1996) entende uma necessidade de reconhecermos e considerarmos nos modelos de gestão adotados, a perspectiva da complexidade, diferente do que se referencia hoje em estudos e práticas da área. Serva et al. (2010) defendem a ideia de



que a Administração pode utilizar os conhecimentos oriundos de outras ciências com a intenção de ampliar e apurar suas problemáticas, enriquecer os seus instrumentos conceituais e aperfeiçoar suas técnicas de investigação.

Csikszentmihalyi (1996) corrobora com o aspecto da complexidade no estudo da criatividade. Segundo ele, “resulta da interação de um sistema composto de três elementos: uma cultura que contém regras simbólicas; uma pessoa que traz novidade no domínio simbólico e um campo de especialistas que reconhecem e validam a inovação” (p. 6, tradução nossa).

## **O SETOR DE MODA E A RELAÇÃO COM A CRIATIVIDADE**

A indústria de moda tem sua estrutura baseada na criação, produção e venda de produtos. Fornasier (apud Pires et al., 2008) menciona o conceito de desenvolvimento de projeto, pois este é mais amplo, abrangendo um conjunto teórico e prático de criação de produto ou serviço para suprir as necessidades humanas. Essa relação faz da criatividade um vetor essencial e a matéria prima de todo o processo do produto criativo (MOZOTA; KLÖPSCH; DA COSTA, 2011; UNCTAD, 2010).

A moda é caracterizada em termos de área de atuação, ao design industrial, por ter característica da atividade comercial e industrial, implícita na produção e venda em massa (RECH, 2002). O trabalho do designer é produzir novidades, sem que se exclua a realidade da empresa e o mercado no qual se está inserido, com isso o escopo de atuação do profissional é ampliado para além do momento da criação (TREPTOW, 2013; PIRES, 2008; DURAND, 1988).

O setor de moda apresenta dinâmicas bem peculiares. Uma problemática atribuída à área de calçado de moda diz respeito à lógica industrial e suas características, que exigem cada vez mais rapidez nos ciclos de moda, em contraponto à necessidade constante do uso da criatividade para o desenvolvimento de produtos (TREPTOW, 2013). Os ciclos de mudança e sede do mercado por novidades têm forçado as empresas a realizar lançamentos cada vez mais próximos. “Nas empresas de estrutura pequena, como as microempresas de confecção, chegam a ser esperados lançamentos semanais” (TREPTOW, 2013, p. 18).



## CRIATIVIDADE COMO CONCEITO MULTIFACETADO

As correntes teóricas apresentadas por Sternberg e Lubart (1998) mostram a diversidade de áreas que estudam o fenômeno da criatividade. Este artigo será analisado em uma perspectiva que se relaciona com a teoria pragmática, na medida em que propõe investigar a influência do ambiente organizacional na criatividade dos indivíduos. Também se relaciona, em partes, com a teoria cognitiva, por buscar entendimento do processo criativo dos profissionais. Ainda, tem-se influência da corrente teórica da personalidade social, uma vez que se considera o indivíduo como elemento central e os fatores motivacionais e incentivadores da criatividade nas organizações são observados a partir de sua percepção.

Criatividade é um conceito multifacetado (AMABILE, 2006, 2016) e que, portanto, pode ser analisado de forma individual, grupal e organizacional, em um contexto complexo e sistêmico (FITZHERBERT; LEITÃO, 1999). Correntes de estudos dentro da Psicologia tratam a criatividade como um comportamento resultante de particularidades, constelações de características pessoais, problemas cognitivos e ambientes sociais (AMABILE, 1983; STERNBERG; LUBART, 1991; CSIKSZENTMIHALYI, 1996). No âmbito organizacional, a criatividade é o resultado dos comportamentos criativos individuais (AMABILE, 1983; STERNBERG; LUBART, 1991; STERNBERG, 2006) e suas complexas interações (STACEY, 1996; MORIN; LISBOA, 2007; MORIN, 2000; WOODMAN, SAWYER; GRIFFIN, 1993) com os elementos e com o sistema social no qual estão inseridos (CSIKSZENTMIHALYI, 1996). O processo criativo, nesse sentido, pode ser entendido como um processo (AMABILE, 1988, 2006; FABUN, 1969; STERNBERG, 2006) que ocorre dentro das organizações, de fato, quando esta consegue mudar o sistema de símbolos dominantes pelo esquema recessivo (STACEY, 1996).

Amabile e Michael G. Pratt (2016), desenvolveram teorias com base no modelo componencial individual de criatividade, onde ampliaram o escopo desse novo modelo, abarcando, agora, mais influências externas à criatividade individual. Essa revisão foi influenciada principalmente pela observação de que a criatividade ocorre mais dinamicamente, num processo que compreende ciclos de criatividade e inovação

A criatividade como um processo, para Fabun (1969), compreende as seguintes etapas: (a) desejo: é a motivação e vontade (por qualquer motivo) de querer criar algo original; (b) preparação: é uma etapa analítica, em que a pessoa coleta informações que necessita, seja por



pesquisas, experimentação ou contato com experiências; (c) manipulação: é o momento de tentar sínteses, buscar por padrões e relações de conceitos aparentemente não relacionados; (d) incubação: é o momento de se afastar da ideia e deixar o inconsciente atuar. Talvez dirigido pela tensão psíquica causada pela não-realização completa de seu desejo original, a mente segue trabalhando na ideia; (e) antecipação: é uma espécie de premonição, um feeling, em que a pessoa percebe que a solução está prestes a ser encontrada; (f) iluminação: é o momento em que a ideia, enfim, surge. É o insight, aquele momento também chamado de ‘eureka’ ou ‘a-há’; e (g) verificação: é quando a ideia é examinada e testada para ser validada.

## METODOLOGIA

Este artigo promove uma discussão teórica a respeito da relação da criatividade com a complexidade nos ambientes organizacionais, por entender, após buscas detalhadas abaixo, que sob a perspectiva da teoria da complexidade, a criatividade foi pouco discutida e explorada, conforme sugerem alguns autores (CRUZ, 2013, BRUNO-FARIA, 2007, SENGE, 2013). Para realização desta pesquisa, foi seguido o seguinte percurso metodológico: Optou-se por uma pesquisa de cunho qualitativo por meio uma pesquisa bibliográfica, onde foram realizadas buscas, no período que comportou o segundo semestre de 2019, em portais de periódicos como *Creativity and Innovation Management*, *Creativity Research Journal* e em indexadores como o Portal de Periódicos da CAPES e Scielo.

A busca eletrônica, nesses locais, foi realizada a partir da utilização das palavras ‘complexity’ e ‘creativity’ de forma combinada. Foram encontrados alguns resultados que tratam da temática dos ambientes organizacionais relacionada às teorias que estudam a complexidade. Ao total, foram encontrados 56 resultados no Portal da CAPES, 21 no indexador Scielo e 1 no periódico *Creativity and Innovation Management*. Por se tratar de uma temática muito abrangente e que permeia diversas áreas do conhecimento, destas 78 publicações, foram analisados os resumos, a fim de se identificar quais tinham aderência à proposta desse estudo.

A maioria dos estudos se dedicavam às áreas como educação e saúde, poucas traziam a relação ao qual este artigo se propõe. Como método de análise, optou-se pela análise textual discursiva (MORAES, 1999; 2003), a fim de compreender a criatividade como um fenômeno complexo. Abaixo serão trazidas as unidades de análise e as categorias emergentes identificadas com o presente estudo.





## ANÁLISES DE RESULTADOS

Após leituras aprofundadas do material seguiu-se para o processo de desconstrução e unitarização das interlocuções teóricas, conforme proposto por Moraes (1999). A unidade de análise encontrada foi “A criatividade como objeto e o caleidoscópio como instrumento de análise”. A metáfora aqui atribuída ao caleidoscópio se justifica, pois, a partir do instrumento multifacetado, pode-se olhar e observar sob infinitas nuances, dependendo do ponto de vista que se estabelece o olhar. O que se vê no caleidoscópio são imagens ou recortes do objeto observado, que refletem tudo que está no campo de visão, sob várias formas, formando mosaicos e interpretações de desenhos diversos, de forma sistêmica, completa e aprofundada daquela realidade revelada.

O pensamento complexo, que permeou grande parte das obras de Morin e que se deu como forma de propor um direcionador para o conhecimento que une, foi, por ele, estabelecido a partir de princípios pelos quais se propuseram as categorias emergentes desta pesquisa, os princípios do pensamento complexo, trazidos no referencial teórico deste artigo.

A respeito do princípio sistêmico ou organizacional, é preciso assumir a criatividade como um fenômeno complexo, analisando não apenas partes dos elementos que a integram, mas, sim, analisar o todo, de forma articulada, conforme propõe Morin (2007). É na articulação de todos os aspectos analisados (sejam eles externos ou internos à organização), entendendo-se as influências sofridas no decorrer do processo (STACEY, 1996).

Para compreender a criatividade à luz do princípio hologramático, é preciso considerar que a criatividade dentro da organização, é um reflexo de um sistema maior e muito mais complexo. O indivíduo acaba fazendo parte de muitos grupos sociais e adquire características destes grupos (AMABILE, 1983; STERNBERG; LUBART, 1991; STERNBERG, 2006).

Quanto ao princípio do circuito retroativo, no ambiente organizacional, a criatividade gerada, sofrerá as interações com os elementos do meio, corroborando com Csikszentmihalyi (1996) e, não há certeza que receba energia suficiente para adquirir força ao longo do processo. Dada sua relação complexa, não existe previsão que a criatividade ocorra em todo momento e na mesma intensidade, de maneira linear. Se encontrar estímulo suficiente será manifestada por meio do comportamento dos funcionários, através de uma cultura que propicia a criatividade e a inovação (STACEY, 1996).



Em relação ao princípio do circuito recursivo, quanto mais criatividade ou conhecimento é produzido, por um processo criativo (FABUN, 1969) vivenciado anteriormente (noção espiral do conhecimento), mais o sistema se retroalimenta dessa característica criativa. Na empresa, a recursividade ocorre quando “empurrada” e esse é o papel das organizações que buscam a criatividade e inovação como diferenciais competitivos de mercado, corroborando com os modelos componenciais de criatividade e inovação propostos por Amabile e Pratt (2016).

Quanto ao princípio da auto-organização, a criatividade gera autonomia, através de uma relação de dependência do campo e retira deste constantemente energia, informação para se auto-eco-organizar. Nas organizações, as pessoas dependem do meio, retirando deste energia e informação, para terem condições de sustentar e desenvolverem autonomia positiva em seu trabalho.

Sobre o princípio dialógico, que é aquele que traz conceitos contraditórios, a noção de ordem, desordem e organização, numa aproximação com a criatividade organizacional, se relaciona com ideia de ordem: estrutura formal e a desordem: estruturas informais. As interações que ocorrem no meio desse sistema (BERTALANFFY, 1977), corroboram ou não, para uma nova ordem (MORIN, 2002). Nas organizações, assim como na sociedade, existem estruturas informais (que aqui seria a desordem), que burlam a rigidez, formalismos para operar e com isso fazer as modificações necessárias. O equilíbrio entre esses dois elementos é que sustenta a possibilidade de inovação das organizações.

Por fim, quanto ao princípio da reintrodução do conhecimento em todo o conhecimento, investigar a criatividade organizacional, sob a ótica da teoria da complexidade, apresenta um novo olhar para estudos organizacionais. Este estudo apresenta uma viabilidade das organizações adaptarem seus modelos de gestão, reconhecendo as características de volatilidade, ambiguidade, incerteza e complexidade como parte inerente aos negócios e tirando disso melhor proveito (STACEY, 1996; SENGE, 2013)

## CONCLUSÃO

Ao final desse estudo, é possível afirmar, que o objetivo foi atingido, uma vez que se propunha realizar uma reflexão teórica a fim de investigar o fenômeno da criatividade por meio do processo criativo dentro do ambiente organizacional e estabelecer uma relação de complexidade desse sistema, à luz da teoria da complexidade advinda das obras de Morin (1989, 1992, 1997, 2000, 2002). Com o apoio de teorias complexas agregadas às teorias da criatividade



de vieses mais sistêmicos, com o propósito de articular os conhecimentos e não os simplificar e segmentar, foi possível um aprofundamento do fenômeno da criatividade. É preciso reconhecer a necessidade de um olhar circundante e, metaforicamente, caleidoscópico, para que se possa pensar em estratégias que potencializem o fenômeno dentro das organizações.

A organização é um sistema vivo e aberto. A criatividade, em âmbito organizacional, será a nova ordem (organização), dada a partir de uma relação complexa de interações entre diversos elementos, que, conforme as análises, estão relacionados com os resultados dos comportamentos criativos das pessoas e todas suas nuances, pois são elas que dão vida às ideias, a partir do processo criativo. Desde o início, as pessoas e as organizações sofrem interferência do meio externo e interno, modificando as partes. Também, nessa interação, pode-se integrar e articular os aspectos da cultura organizacional (o sistema social), que irá estimular ou desestimular a criatividade.

Como pesquisas futuras, sugere-se que possam aprofundar no tema que compreende a tríade cultura organizacional, criatividade e complexidade, a fim de se buscar, como objeto, as organizações, por meio de métodos de estudo de caso.

## REFERÊNCIAS

AMABILE, Teresa M. The social psychology of creativity: A componential conceptualization. **Journal of personality and social psychology**, Washington, EUA, v. 45, n. 2, p. 357-376, 1983.

AMABILE, Teresa M. **How to kill creativity**. Boston, EUA: Harvard Business School Publishing, 2006.

AMABILE, Teresa M.; PRATT, Michael G. The dynamic componential model of creativity and innovation in organizations: making progress, making meaning. **Research in Organizational Behavior**, [s. l.], v. 36, p. 157-183, 2016.

AMABILE, Teresa M.; PRATT, Michael G. The dynamic componential model of creativity and innovation in organizations: making progress, making meaning. **Research in Organizational Behavior**, [s. l.], v. 36, p. 157-183, 2016.

BENNETT, Nathan; LEMOINE, James. What VUCA really means for you. **Harvard Business Review**, Boston, EUA, v. 92, n. 1/2, 2014.

BERTALANFFY, Ludwig Von. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1975.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO [UNCTAD]. **Relatório de Economia Criativa (2010)**: Economia Criativa, uma opção de



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

desenvolvimento. Brasília: Secretaria da Economia Criativa/Ministério da Cultura; São Paulo: Itaú Cultural, 2012.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **Creativity: Flow and the Psychology of Discovery and Invention**. Nova Iorque, EUA: HarperCollins, 1996.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **The systems model of creativity**: the collected works of Mihaly Csikszentmihalyi. Suíça: Springer, 2014.

DURAND, José Carlos. **Moda, luxo e economia**. São Paulo: Babel Cultural, 1988.

FABUN, Don. **You and creativity**. Boston, EUA: Allyn & Bacon, 1969.

FITZHERBERT, Vivian; LEITÃO, Sergio Proença. Repensando a criatividade na empresa. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 6, p. 115-126, 1999.

FORNASIER, Cleuza Bittencourt Ribas. O ensino da disciplina de desenvolvimento de projetos como sistema de gestão de conhecimento. *In*: PIRES, Dorotéia Baduy *et al.* (Orgs.). **Design de Moda**: olhares diversos. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2008. p. 127-151.

HOCK, Dee. **O nascimento da era caórdica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORIN, Edgar. **O método, v. 2**: a vida da vida. Portugal: Europa-América, 1989.

MORIN, Edgar. From the concept of system to the paradigm of complexity. **Journal of social and evolutionary systems**, [s. l.], v. 15, n. 4, p. 371-385, 1992.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1997.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MORIN, Edgar. **O método, v. 1**: natureza da natureza. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002.

MORIN, Edgar; LISBOA, Eliane. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MOZOTA, Brigitte Borja; KLÖPSCH, Cássia; COSTA, Filipe Campelo Xavier da. **Gestão do design**: usando o design para construir valor de marca e inovação corporativa. Porto Alegre: Bookman, 2011.

NÚÑEZ, Tarson. A economia criativa do RS: estimativas e potencialidades. **Indicadores Econômicos FEE**, v. 44, n. 2, p. 93-108, 2016.





PINHEIRO, Cristiano Max Pereira. **Apontamentos para uma aproximação entre jogos digitais e comunicação.** 2007. 201 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

PIRES, Dorotéia Baduy *et al.* (Org.). **Design de Moda: olhares diversos.** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2008.

PONCHIROLLI, Osmar. A teoria da complexidade e as organizações. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 81-100, 2007.

RECH, Sandra Regina. **Moda: por um fio de qualidade.** Florianópolis: Editora da UDESC, 2002.

SENGE, Peter M. **A quinta disciplina: arte e prática da organização que aprende.** São Paulo: BestSeller, 2013.

SERVA, Maurício; DIAS, Taisa; ALPERSTEDT, Graziela Dias. Paradigma da complexidade e teoria das organizações: uma reflexão epistemológica. **RAE Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 50, n. 3, p. 276-287, 2010.

SOUZA, Viviane; PAULA, Nilson Maciel de; FUCK, Marcos Paulo. Os desafios da indústria calçadista brasileira: competir ou proteger? **Revista Economia & Tecnologia**, Paraná, v. 8, n. 4, 2012.

STACEY, Ralph D. **Complexity and creativity in organizations.** [S. l.]: Berrett-Koehler Publishers, 1996.

STERNBERG, Robert J.; LUBART, Todd I. An investment theory of creativity and its development. **Human development**, [s. l.], v. 34, n. 1, p. 1-31, 1991.

STERNBERG, Robert J.; LUBART, Todd I. The concept of creativity prospects and paradigms. *In*: STERNBERG, R. (Org.). **Handbook of Creativity.** Cambridge, EUA: Cambridge University Press, 1998. p. 3-15.

STERNBERG, Robert J. The nature of creativity. **Creativity Research Journal**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 87-98, 2006.

TREPTOW, Doris. **Inventando moda: planejamento de coleção.** São Paulo: [s. n.], 2013.

WOODMAN, Richard W.; SAWYER, John E. ; GRIFFIN, Ricky W. Rumo a uma teoria da criatividade organizacional. **Academy of management review**, v. 18, n. 2, pág. 293-321, 1993.



## IMAGINÁRIO, O DINAMIZADOR CULTURAL DA IDENTIDADE

### DOCENTE

#### IMAGINARY, THE CULTURAL DYNAMIZER OF THE TEACHING IDENTITY

Shirlei Alexandra Fetter; Denise Regina Quaresma da Silva

Universidade La Salle

**Resumo:** O presente texto apresenta como objetivo as concepções sobre a constituição do imaginário a partir do processo dialógico com a constituição da identidade docente. Com isso, a metodologia conta com o embasamento teórico realizado através de revisão de literatura, por meio de artigos científicos, teses, dissertações e livros de renomados autores. A partir dos resultados da pesquisa, foi possível identificar que a subjetividade, isto é, a identidade docente, está caracterizada pelas suas ações nas relações pedagógicas, constituídas pelos processos dialógicos com temáticas emergentes. As considerações compreendem as características que compõem da competência para a identidade docente da educação num contexto prático, social e cultural, isto é, a partir do imaginário é possível constituir-se, desconstruir-se e reconstruir-se enquanto profissional docente.

**Palavras-chave:** Imaginário. Docência. Identidade. Profissionalização.

**Abstract,** This text presents as an objective the conceptions about the constitution of the imaginary from the dialogic process with the constitution of the teaching identity. Thus, the methodology relies on the theoretical basis carried out through literature review, through scientific articles, theses, dissertations and books by renowned authors. From the results of the research, it was possible to identify that subjectivity, that is, the teaching identity, is characterized by its actions in pedagogical relations, constituted by dialogic processes with emerging themes. The considerations comprise the characteristics that make up the competence for the teaching identity of education in a practical, social and cultural context, that is, from the imaginary it is possible to constitute, deconstruct and reconstruct oneself as a teaching professional.

**Keyword:** Imaginary. Teaching. Identity. Professionalization.

### 1 EMBASAMENTO TEÓRICO

Primar por uma definição teórica, requer do pesquisador uma investigação minuciosa para adentrar a conceitos específicos, como o caso desse estudo. Para tratar sobre o conceito de imaginário recorreremos a Castoriadis (1982), o mesmo enfatiza a subjetividade como relação ao simbólico e o utiliza para significar as manifestações inerentes a cada pessoa.

As circunstâncias sociais-históricas se traduzem por atos reais, individuais ou coletivos; trabalho, consumo, natalidade e os inumeráveis produtos materiais que pertencem à sobrevivência da sociedade, não são símbolos, porém, são impossíveis fora de uma rede simbólica. O simbólico, segundo Castoriadis (1982), além de ser encontrado inicialmente na linguagem, é encontrado também nas circunstancias sociais-históricas que constituem uma rede simbólica, melhor, ligam os símbolos e os significados, fazendo-os valer naquele contexto.





Barbier (1984), afirma e que o conceito de imaginário tem significados diferentes para cada pessoa. Para alguns, pode significar uma produção de fantasias, de imagens deslumbrantes que transportam a pessoa para longe da sua realidade cotidiana, como uma força que estabelece a construção da identidade do sujeito. No entanto, designa a inserção da atividade imaginativa individual em um fenômeno coletivo. Ou seja, “os imaginários são referências específicas no vasto sistema simbólico que produz toda coletividade e através do qual ela se percebe, se divide e elabora suas finalidades”. (BACZKO, 1984, p. 27).

Segundo Rey (2003), o conceito de Imaginário é entendido como a construção subjetiva dentro de uma perspectiva dialética complexa. Castoriadis (1982) alimentou seus conceitos na perspectiva de duas fontes teóricas, Marx e Freud. Apesar das críticas, o autor aborda a subjetividade como questão essencial para as relações sociais, contudo o seu conceito central é o imaginário, o qual conseqüentemente se apresenta como condição subjetiva.

Durand (1989, p. 23), faz a seguinte observação: “o imaginário é a contínua troca que existe entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social”. O imaginário social é constituído por representações que um grupo expressa, ou a sociedade constitui a si mesma. Por isso, a classe social expressa suas concepções e justifica seus objetivos, tanto no preceito e regras admitidos quanto legal, de modo que afirme seu passado e imagina seu futuro.

Aponto a necessidade de estudar o imaginário social ao olhar a educação integral, ou seja, de ver e valorizar o docente ao ser histórico, cultural, com objetivos, mediador e construtor tanto de sua aprendizagem no social como a do estudante. Assim, o docente é composto por seus mitos e crenças, verdades, saberes constituídos em seu processo de formação e, a reflexão ressignificava. Diante do estudo, o imaginário social apresenta, possibilidade de um novo olhar, isto é, tem o potencial de ressignificar as aprendizagens e os significados subjetivos de cada um. Pois, a identidade profissional docente está em permanente construção juntamente com o processo de aprendizagem.

Os estudos realizados sobre o Imaginário Social, embasados em Castoriadis, (1982), definem a dimensão de como está e o que é a realidade, porém, acrescentam a possibilidade do novo. Dessa forma, a reflexão aqui realizada sobre o imaginário docente nos conduz a percepção de observar e extrair como os docentes veem a identidade sexual e de gênero dos estudantes. O imaginário, assim, se institui e representa uma possibilidade de ressignificar uma



realidade que está posta [daquilo que está constituído, ou seja, a identidade do estudante] e uma que está sendo construída [neste caso, a identidade profissional docente].

Neste sentido, Castoriadis (1982) afirma que as significações precisam ser pensadas, não como um argumento irreal de um contexto real; mas como um sistema hierárquico de “conceitos”; como posição inicial do contexto histórico e do imaginário social, os quais se manifestam cada vez na sociedade. O autor diz que é preciso “[...] pensar um modo de ser à parte deste mundo – destes mundos – de significações em sua especificidade e sua originalidade, sem transformá-los em sujeitos de uma outra ordem”. (CASTORIADIS, 1982, p. 413). Melhor dizendo, ao falar contexto e imaginário social, é preciso certa definição para compreender que não estamos nos referindo.

O docente constrói sua formação e identidade pautadas no âmbito de pensar a própria atuação. Diferentemente de uma concepção em que o docente se identificava unicamente pela sua área de atuação (biólogos, engenheiros, odontologista, médicos, administradores, etc.). O lugar em que é construída a sua identificação, a partir do conhecimento especializado, justifica-se pela sua formação para a prática profissional que está direcionada ao domínio científico. Assim sendo, diante do desafio imaginário, docentes acabam reagindo ao contexto social do aluno como algo que não lhes compete diretamente.

Dessa forma, esquece-se que alguns dos principais atos docentes é considerar a educação integral: o diálogo, a aproximação e as trocas. A construção das nossas imaginações e o sentido que atribuímos às nossas experiências docentes se dão a partir do confronto com as ideias alheias. Por isso, as apropriações realizadas durante a carreira docente fazem dos saberes, isto é, circulam pelas concepções imaginárias, assim divergem acerca de sensibilidade e capacidade de transformar *a* forma de perceber o significado dos temas que emergem ao nosso redor.

A problematização do contexto educacional acontece por meio de sentidos e significados, através do imaginário docente e de todos os agentes que fazem da educação um espaço vivo e repleto de sentidos. Ao referenciar no texto a necessidade de ressignificar a mediação pedagógica pensadas para o docente formador, que ainda detém o imaginário alicerçado na investigação do que às necessidades formativas produzidas pela docência, concretiza sua identidade a moldura tradicional.

O imaginário, na concepção que foi abordada anteriormente por Castoriadis (1982), assume uma dimensão que é da ordem instituída daquilo que criamos e inventamos como pessoas, como profissionais e como sociedade, bem como aquilo que está por ser criado,



inventado, como um movimento instituinte. Ao elevar o pensamento a lente do imaginário, percebemos que o processo da construção da identidade profissional emerge da relação que o docente estabelece com sua profissão, seus pares e, ao mesmo tempo, da construção simbólica, pessoal e interpessoal (GONÇALVES, 2000)

Nesse caso, os conhecimentos teóricos que o professor adquire na sua formação proporcionam situações em que ele reflita sobre sua própria ação, sua história de vida, suas memórias e outras representações contidas no seu imaginário, e por que ele ensina do modo como ensina.

## 2 ANALISE DE DADOS

Esta etapa do estudo apresentou a constituição do imaginário e sua relação com a identidade docente de acordo com autores estudados, o sistema de significações constituídos por uma sociedade através das dimensões simbólicas constitui o imaginário. Diante dessa relação, o imaginário se apropria do simbólico para se expressar e apresentar as crenças, os mitos e as concepções culturais implícitas existentes no interior de cada pessoa.

A constituição do imaginário e da identidade profissional docente é uma temática amplamente discutida, sob diferentes posicionamentos teóricos. Os diálogos sobre esses temas são apresentados na sequência, como inspirações sobre a relevância da constituição do professorar, é o que Freire (1996) destaca, o comprometimento pedagógico é constituído pelo imaginário social.

Diante do fato mencionado, estudos sobre o imaginário possibilitam a forma de pensar a constituição da identidade docente. Isso parte da ideia de que o docente constrói e (re) constrói a sua prática, e que a mesma tem a capacidade transformar, criar e construir. Dessa forma, pensar a profissão docente, a partir do imaginário, é pensar em significações, crenças, valores, ser e estar ao mesmo tempo em que o imaginário vem sendo uma fonte propulsora na produção de sentidos.

A legitimidade e o valor intrínseco representam seus conhecimentos e suas competências. As representações imaginárias, construídas pela identidade ultrapassam o espaço institucional e acompanham os docentes em sua vida pessoal e profissional. Logo, o processo de formação deve contribuir para criar hábitos de reflexão e de auto-reflexão que são essenciais numa



profissão que não se limita, unicamente, em matrizes científicas ou mesmo pedagógicas, mas que se define, a partir de referências pessoais, culturais e imaginárias.

Para Freire (1996) há uma dimensão humana, ética e estética que não pode ficar à margem da profissionalização docente, por isso, à identidade profissional é construída na relação com outros profissionais, isto é, outras pessoas, outras, metodologias pedagógicas. Para Fossatti (2013, p. 179), “Antes de formar o educador ou o educando, se está formando a pessoa do educador ou do educando. Assim, o educador ou o educando sempre vêm associados com seu ser pessoa”.

As reflexões apresentam a dimensão subjetiva docente, constitutiva de suas ações e relações pedagógicas (BERGAMASCHI e ALMEIDA, 2013). A concepção das ações e relações pedagógicas, evoluídas no âmbito das investigações sobre a subjetividade docente, essa, objetiva ir além da compreensão sobre a identidade profissional. Ser docente é assumir-se como profissional, é o fruto do saber próprio.

Diante da subjetividade, o imaginário docente, e os aspectos gerais da condição humana, emergem a necessidade de se pensar de forma diferenciada a identidade, para tanto, é preciso que a subjetividade seja colocada no centro das discussões. No entanto é “preciso olhar esse docente, considerando a sua subjetividade, ou seja, o seu imaginário instituído que é constituído a partir das relações que são ou que foram estabelecidas ao longo de seu percurso de formação” (MÜLLER, 2005, p. 74).

Ao discutir sobre as relações sociais, o imaginário cultural e historicamente construído, fundamenta Müller (2017) que o sistema de significados e constituídos pela sociedade. Diante do exposto, ao refletir sobre a identidade docente e sobre o imaginário social, os quais estão permeados por significados subjetivos nos diferentes espaços da sociedade, isto é, posicionamentos atravessados por assinalamento identitário. Nessa perspectiva, apresento a compreensão sobre o imaginário social das/os docentes que conduz o leitor a conhecer os entendimentos acerca da constituição da identidade profissional docente.

A identidade é definida como códigos sociais comportamentalistas exigidos pela sociedade. Em dialogo, o imaginário assume uma realidade específica. A relação dos saberes imaginários e representações sociais se apresentam, assim, de forma interacional com cada realidade vivenciada.

Na perspectiva contemporânea, a formação da identidade docente vem sendo entendida como uma ação de conhecimento técnico. No entanto, a busca pela crítica e pela reflexão é uma



reconstrução permanente, a qual aponta novos caminhos para o desenvolvimento da educação, permeados pela inovação e pela capacidade de conhecer e reconhecer (CONTRERAS, 2002).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma simples, procurei identificar as facetas que definem o imaginário com a cultura, tanto pessoal como profissional, ou seja, o trabalho pedagógico, o qual constitui a sua identidade com o compromisso social. Admitindo que essa é uma relação alta complexidade e um contínuo movimento.

À guisa de uma conclusão, percebo com este estudo que o imaginário está relacionado a subjetividade e se expressa na relação docente-discente, desenhando e redesenhando novas produções subjetiva nas ações e relações pedagógicas. Com isso, o docente representa o momento presente, resultado da confluência das configurações subjetivas constituídas em sua história, produzidas no confronto entre a subjetividade social e a subjetividade individual.

Os sentidos produzidos nas experiências vividas ao longo da trajetória docente, contribuem à identidade profissional, porém, essa constitui a base simbólico-emocional que promove a integração do imaginário com as ações realizadas.

Por fim, esperamos que esta pesquisa possa contribuir para a realização de novas investigações acerca de cenários desafiadores em torno da docência, envolvendo temas apresentados pelos discentes, apresentando uma reflexão sobre a dimensão e a atuação profissional. Essas reflexões, envolvem o imaginário individual e social que podem estar presentes no fazer pedagógico dos profissionais de educação, caracterizando modos de ação específicas de sua identidade profissional docente. Por fim, a reflexão sobre a constituição da identidade docente está caracterizada pelo imaginário, por ideias, concepções, representações de pensamentos abstratos, mas também se contempla no real e efetivo que, por vezes, apresenta raízes culturais através das histórias pessoais e sociais anteriores ao contexto.

### REFERÊNCIAS

BACZKO, Bronislaw. **Los Imaginarios Sociales**: memórias y esperanzas colectivas. Buenos Aires: Nueva Visión, 1984.

BARBIER, René. **Sobre o imaginário**. Trad. Márcia Lippincott da Costa e Vera de Paula. *Em Aberto*, Brasília, (61): 15-23, jan./mar. 1994.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

BERGAMASCHI, M. A; ALMEIDA, D. B. Memoriais escolares e processos de iniciação à docência. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 29, n. 02, p. 15-41, 2013.

CASTORIADIS, Cornélius. **A Instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CONTRERAS, José. **A autonomia dos professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Presença, 1989.

FOSSATTI, Paulo. **Perfil docente e produção de sentido**. Canoas: Ed. Unilasalle, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, José Alberto M. A carreira das professoras do ensino primário. *In* NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. 2a ed. Portugal: Porto Editora, 2000.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em educação ambiental **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1473-1494, Set./Dez. 2005.

MÜLLER, Márcia Beatriz Cerutti. **Surdez, gênero e sexualidade: um estudo sobre o imaginário social em uma escola de ensino fundamental bilíngue no sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade La Salle, Canoas, 2017.

\_\_\_\_\_. **O imaginário docente na perspectiva da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino superior: um percurso de significados e ressignificações**. Dissertação (mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, Porto Alegre, 2005.

REY, Fernando Gonzalez. **Sujeito e Subjetividade**. Trad. Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

TARDIF, Maurice. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

VIGOTSKI, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## CULTURA INTRAEMPREENDEDORA E A PRESENÇA DE ELEMENTOS DE DIVERSIDADE E INCLUSÃO

INTRA-ENTREPRENEURIAL CULTURE AND THE PRESENCE OF DIVERSITY AND  
INCLUSION ELEMENTS

Mariana Vargas Braga da Silva; Paola Schmitt Figueiro; Vânia Gisele Bessi; Maria Cristina

Bhonenberger

Universidade Feevale

**Resumo:** o objetivo deste artigo é descrever a cultura intraempreendedora e sua relação com elementos da diversidade e inclusão. Uma investigação descritiva será feita para proposição teórica a que se destina. Inicialmente, uma revisão da literatura realizada sobre cultura organizacional e como emerge a cultura intraempreendedora, tomando o modelo de cultura intraempreendedora propostos por Wunderer (2001) como base. Então, se relacionou com a literatura de diversidade e inclusão nas organizações, reunindo os principais elementos, suas semelhanças e diferenças. Para a análise dos dados e proposição teórica, a relação entre ações, processos, resultados e estímulos e gestão da cultura intraempreendedora com diversidade e inclusão nas organizações foram expostos. Os resultados indicam que: 1 - comprometimento com ideias; 2- confiança mútua e liberdade para operar presentes na cultura intraempreendedora são também elementos da diversidade e inclusão, assim como características de autonomia e equipes multifuncionais. Os resultados do artigo apontam que existem relações importantes da diversidade e inclusão na cultura intraempreendedora, ambas contribuem para a criatividade e inovação nas organizações. Pesquisas futuras poderiam compreender de forma empírica estas relações e validar a proposição teórica deste estudo e demais explicações.

**Palavras-chave:** Cultura organizacional; Cultura intraempreendedora; Diversidade; Inclusão.

**Abstract:** the purpose of this article is to describe the intrapreneurial culture and its relationship with elements of diversity and inclusion. A descriptive investigation for the theoretical proposition to which it is intended. Initially, a review of the literature carried out on organizational culture and how intra-entrepreneur culture emerges, taking the model of intra-entrepreneur culture proposed by Wunderer (2001) as a basis. Then, it was related to the literature of diversity and inclusion in organizations, bringing together the main elements, their similarities and differences. For data analysis and theoretical proposition, the relationship between actions, processes, results and stimuli and management of intra-entrepreneurial culture with diversity and inclusion in organizations were exposed. The results indicate that: 1 - commitment to ideas; 2- mutual trust and freedom to operate present in the intrapreneurial culture are also elements of diversity and inclusion, as well as characteristics of autonomy and multifunctional teams. The results of the article point out that there are important relationships of diversity and inclusion in the intrapreneurial culture, both of which contribute to creativity and innovation in organizations. Future research could empirically understand these relationships and validate the theoretical proposition of this study and other explanations.

**Palavras-chave:** Organizational culture; Intrapreneurial culture; Diversity; Inclusion.





## 1 INTRODUÇÃO

As realidades culturais corporativas são abordadas há algumas décadas, observa-se o nível de complexidade e o caráter de interrelações que esta temática pode assumir (SOUZA, 2013). Em uma destas circunstâncias, o tema cultura organizacional passou a ser relacionado com criatividade e inovação, ao perceber o quanto uma cultura teria a capacidade de estimular por meio de suas estruturas; o desenvolvimento interno e a abertura nas relações organizacionais permitindo que estes assuntos (criatividade e inovação) ocupassem um papel associado ao propósito das organizações. Percebe-se assim a correlação da cultura organizacional na influência de estratégias e processos voltados para criatividade e consequente inovação (MARTINS; TERBLANCHE, 2003).

Além do mais, a criatividade e a inovação em realidades organizacionais são aliadas de sucesso e sobrevivência, assim percebidas inclusive como dois fatores de vantagem competitiva das organizações (MARTINS, 2000). Alguns elementos culturais, como os valores, crenças e processos, contribuem para que as organizações desenvolvam a cultura intraempreendedora que prima pela criatividade e inovação em soluções internas (PINCHOT; PELLMAN, 2004).

Se acredita que as habilidades do perfil empreendedor podem ser estimuladas nas pessoas, por grandes líderes, que criam condições ideais para que as organizações tenham a inovação presente em suas culturas organizacionais (MORRIS; KURATKO; COVIN, 2011). Relacionado a isto, no que tange ao desenvolvimento da cultura intraempreendedora, elementos são elencados por Hartman (2006), sendo a autonomia e a presença de equipes multidisciplinares fundamentais. Neste ponto, as equipes multidisciplinares ressaltam a importância da diversidade das equipes de trabalho. Bem como, as individualidades dos profissionais com competências complementares na organização, auxiliam na promoção de uma cultura repleta em criatividade e inovação (ARAD et al., 1997; MUMFORD et al., 1997).

As individualidades das pessoas que compõem as equipes de trabalho introduzem elementos de diversidade nas organizações. Pesquisas atuais identificaram que a diversidade em gênero aumenta as chances de resultado positivo das organizações em até 15%, enquanto empresas que investem em diversidade de etnias podem ter até 35% mais chances de sucesso (MCKINSEY, 2019). Outras pesquisas de diversidade, buscaram compreender os resultados na percepção da liderança, em que 95% dos líderes afirmaram que uma cultura de diversidade e inclusão gera inovação (COMCAST DIVERSITY, 2017).



Brevemente, é possível perceber benefícios de aliar estas duas potencialidades internas da organização, a diversidade e a cultura intraempreendedora. Em que, em ambos os casos, ganhos em competitividade estão previstos, dada a diferenciação da força de trabalho, além da percepção de incremento em inovação. Talentos diversos são relevantes para o sucesso a longo prazo das organizações e na produção de fatores para vantagem competitiva, elencados igualmente quando se trata de cultura intraempreendedora (HARTMAN, 2006; MARTINS, 2000; MACHADO, VASCONCELLOS, 2007; WINDSCHEID; SPERRY; MAZEI; MORNER, 2015). Com base nos esclarecimentos trazidos anteriormente, tem-se a questão de pesquisa: quais os elementos da diversidade e inclusão estão presentes na construção de uma cultura intraempreendedora?

A fim de atender a questão de pesquisa se traçou o objetivo: descrever a cultura intraempreendedora e sua relação com elementos da diversidade e inclusão. Ao analisar como emergem estes temas na literatura e as possíveis interrelações (elementos de cultura intraempreendedora com diversidade e inclusão). Portanto, a pesquisa terá natureza qualitativa, com investigação descritiva para proposição teórica a que se destina. Além desta introdução, conta com referencial teórico subsídio de análise desta pesquisa, métodos (coleta e análise de dados) e conclusão.

## 2 A CULTURA NA ORGANIZAÇÃO

A cultura organizacional já foi apresentada sob a ótica da cebola com Hofstede (1971), também foi percebida como fenômeno resultante da interação dos próprios elementos da cultura (SOUZA, 1978), logo um conjunto de significados para experiências de trabalho (SCHNEIDER; EHRHART; MACEY, 2012). Na teoria de Schein (2009) é expressa em níveis (artefatos; crenças e valores expostos; suposições fundamentais básicas) que indicam o grau em que o fenômeno cultural é visível ao observador.

Corroborando com as suposições fundamentais básicas, Hostfede também fez uso de um conceito de programação da mente humana. Neste entendimento, a cultura é retratada como uma noção do que é considerado adequado ou inadequado (HOSFTEDE, 2010). Logo, o poder da cultura está no compartilhar as suposição, portanto, serem mutuamente reforçadas.

Embora, nem todas as suposições de uma organização estão certas em sua plenitude, podem apenas se aplicar para aquela realidade, da mesma forma não se pode afirmar que estão



erradas naquele cenário organizacional (ROBBINS, 2009). Sabe-se que não existem culturas certas ou erradas, apenas modos diferentes de se estruturar a vida nas organizações (SOUZA, 2013). Portanto, a relevância da descoberta da identidade organizacional e o saber multiplicar as aprendizagens em conhecimento organizacional. O **Quadro 1** resume os principais elementos de uma cultura tradicional seguindo os preceitos de Wunderer (2001) e Fumagalli (2008).

**Quadro 1** – Elementos de uma cultura tradicional

Cultura Tradicional
Adoção de normas e regulamentos para orientação de todos
Mudanças são ameaças para a organização
Erros não são permitido e afetam o desempenho
Ideias novas devem ser questionadas e confrontadas
A ideia de Inovação parte de um princípio revolucionário
Interesses individuais a serem realizados no curto prazo
Monitoramento de processos e resultados e gestão baseada em controle
Orientação para a empresa

**Fonte:** adaptado dos elementos de cultura tradicional por Wunderer (2001) e Fumagalli (2008)

Algumas práticas podem ser adotadas para estimular a criatividade e a inovação nas organizações (MARTINS; TERBLANCHE, 2003). Relevante, portanto compreender a origem da Cultura Intraempreendedora e elementos que fomentam a criatividade e inovação.

## 2.1. ELEMENTOS DA CULTURA INTRAEMPREENDEDORA

A cultura intraempreendedora reconhece e apoia as iniciativas de inovação e empreendedorismo internas das organizações. Além disto, o intraempreendedorismo potencializa a atuação dos colaboradores, permitindo autonomia para agir de forma empreendedora. Com isto, o intraempreendedorismo acontece quando atitudes individuais são valorizadas, aquelas que não são exclusivas de processos formais da organização (HASHIMOTO, 2006).

Primeiramente, é uma cultura que valoriza o empreendedorismo, adotando valores organizacionais que orientem para iniciativa, comprometimento e incentivem novas idéias, posturas proativas e com orientação ao cliente. Liderar pelo exemplo, a alta administração deve promover enfaticamente o intraempreendedorismo entre os colaboradores na organização (WUNDERER, 2001). Assim, a cultura intraempreendedora orienta o comportamento e o perfil



empreendedor aos profissionais da organização, proporcionando o atingimento dos resultados (BOHNENBERGER; SCHMIDT, 2015).

O intraempreendedor é o profissional responsável por regular a cultura; será portanto um profissional criativo, pró-ativo, que reconhece oportunidades e assume riscos, é autoconfiante e com bom “*networking*” (NEESSEN et. al, 2019). Prioritariamente quem identifica oportunidades, produz novas soluções e assume decisões arriscadas (PINCHOT, 2004). Ou seja, reúne pessoas e recursos para enfrentar obstáculos e concretizar as ideias em soluções inovadoras. O **Quadro 2**, resume abaixo um compilado dos elementos propostos pelo autor de ações organizacionais que influenciam no intraempreendedorismo.

**Quadro 2** – Elementos da Cultura Intraempreendedora

Cultura Intraempreendedora
A incorporação da visão como forma de orientação de todos
Mudanças são oportunidades para a organização
Aprimoramento ao aprender com os erros
Comprometimento com novas ideias
A inovação na organização é uma melhoria contínua
Construção de uma cooperação de longo prazo
Estabelecimento de confiança mútua e liberdade para operar
Orientação para o cliente

**Fonte:** adaptado dos elementos de WUNDERER (2001) e Fumagalli (2008)

Adicionalmente, os indicadores propostos por Hartmann (2006) como comunicação, processo decisório, equipes multifuncionais, autonomia, liderança, incentivos e motivação, recompensas e controle/mensuração constituem elementos complementares para fomentar a cultura de intraempreendedorismo. Além destes incentivos organizacionais, como visto, os fatores individuais dos colaboradores também são fundamentais. Suas atitudes, características e comportamentos (NEESSEN et. al, 2019). Portanto, cabe conhecer como os elementos se relacionam com diversidade e a respectiva inclusão das organizações.

## 2.2 ELEMENTOS DA DIVERSIDADE E INCLUSÃO

A diversidade dos times afeta positivamente a capacidade de inovação de uma empresa, pesquisas fornecem evidências convincentes de que a presença da diversidade elimina as barreiras da inovação e impulsiona o crescimento do mercado. Desta forma, as posições executivas devem incorporar e abraçar as diferenças, mudando as culturas organizacionais para serem ainda mais inclusivas (HEWLETT; MARSHALL; SHERBIN, 2013). Como também



atrair talentos para garantir a diversidade da força de trabalho (WINDSCHEID; SPERRY; MAZEI; MORNER, 2015).

Ademais, a diversidade “desbloqueia” a inovação, assim percebem os autores Hewlet, Marshal e Sherbin (2013), pois cria um ambiente de trabalho que permite o pensar “fora da caixa” e explorar potenciais oportunidades para problemas ainda não atendidos. A relevância da diversidade na contribuição para o aumento da capacidade criativa e de inovar é inegável (HEWLETT; MARSHALL; SHERBIN, 2013; CROPLEY, CROPLEY, 2017). Tomando como exemplo a população LGBT, estima-se o poder de compra de 917 bilhões de dólares americanos, nos EUA. São inúmeros consumidores com poder de compra e ao mesmo tempo, com necessidades reprimidas ou com pequena representatividade em comerciais, marketing, produtos, serviços (COMCAST DIVERSITY, 2017).

Embora, a valorização da diversidade na organização possui propósito maiores que a inovação, o objetivo é de fato cultivar crenças que estimulem não apenas a criatividade, mas também um ambiente mais inclusivo (SALES, 2018). Sugerida como fruto de uma comunicação simétrica entre o respeito, a diversidade e o reconhecimento do outro com suas diferenças aceitas, levando a uma convivência diversa e plural (FERRARI, 2015). A inclusão da diversidade é se comprometer com o ouvir, o discutir e o respeitar ideias e pensamentos.

Em uma sociedade construída com bases em uma estrutura de preconceitos, e que as pessoas sofrem discriminação em virtude de suas semelhanças ou diferenças (SALES, 2018), medidas são necessárias para que estes espaços possam ser ocupados de forma igualitária. Organizações inclusivas contam com políticas, práticas e normas culturais destinadas aos grupos de minoria (FONSECA; MATITZ, 2018; POMPEU; SOUZA, 2018).

Metas como da Agenda 2030 são compromissos em promover a igualdade de gênero (meta 5), o trabalho decente (meta 8) e reduzir desigualdades (meta 10). Esclarece que ambientes organizacionais com autonomia, o empoderamento dos times e o respeito ao próximo sejam estímulos básicos para a inclusão. Somados de ações do líder inclusivo que estará atento às atitudes inovadoras, além de conceder respeito e responsabilidade com os processos cognitivos e às criações dos indivíduos (CROPLEY, CROPLEY, 2017).

Ademais, líderes com abertura para a diversidade de pensamentos e comportamentos, têm quase duas vezes mais probabilidade do que outros de captar percepções que gerem valor, e os funcionários em uma cultura de "falar abertamente" têm 3,5 vezes mais probabilidade de contribuir com seu potencial inovador total (HEWLETT; MARSHALL; SHERBIN, 2013).



Logo, se relacionam as teorias ao comprometimento em ouvir, estimular e respeitar todas as ideias e diferenças. O quanto antes as organizações notarem que todas as formas e perspectivas são necessárias, ainda que incompreensíveis em um primeiro momento ou causem desconforto aos demais, irão transformar as pessoas em equipes tolerantes com a diferença e abertos a absorver os potenciais da inclusão (FERDMAN, 2017).

Em resumo, os elementos que se relacionam na literatura de cultura intraempreendedora e diversidade e inclusão, com base em preceitos propostos por Wunderer (2001) são apresentados no **Quadro 3**.

**Quadro 3** – Elementos da Diversidade e inclusão

Elementos da Diversidade e inclusão	Referencial teórico
Normas e regulamentos que garantem direitos e a incorporação da visão como forma de incluir a diversidade	Agenda 2030 (Meta 5, 8 E 10); Alves e Galeão-Silva, 2004; Bohlander e Snell, 2015; Carroll e Buchholtz, 2000; Cropley e Cropley, 2017; Comcast Diversity, 2017; Eccel e Flores-Pereira, 2008; Ferrari, 2015; Ferdman, 2017; Fonseca e Matitz, 2018; Hewlett, Marshall e Sherbin, 2013; Huffman, Watrous-Rodrigues e King, 2008; IBGE, 2018; Mendes, 2005; Pompeu e 2018 Rodrigues, 2012; Souza, 2018; Queiroz, 2009; Sales, 2018; Windscheid, Sperry, Mazei e Morner, 2015;
Mudanças são oportunidades para a organização e sociedade crescer em conjunto	
Não apenas aprender com os erros, como ensinar quem não aprendeu e colaborar no desenvolvimento do outro;	
Comprometimento em ouvir, estimular e respeitar todas as ideias e suas diferenças	
A diversidade na organização é um estímulo para a melhoria contínua da inclusão de todos	
Construção da cooperação e inclusão de todos em longo prazo	
Estabelecimento de confiança mútua e liberdade para operar	
Orientação para as pessoas (colaboradores, líderes, clientes, fornecedores, parceiros)	

**Fonte:** elaborado e adaptado pela autora

### 3 MÉTODO

A pesquisa é de natureza qualitativa, que por meio da revisão da literatura analisa como emergem os temas e possíveis interrelações (elementos de cultura intraempreendedora com diversidade e inclusão). A revisão da literatura busca descrever as principais teorias com vistas a uma interpretação nova ou complementar.

Igualmente, esta revisão poderá contribuir com outros tipos de estudos qualitativos de investigação por enfoques diferenciados, cabe ressaltar que métodos qualitativos têm um papel importante no campo dos estudos organizacionais (DOWNEY; IRELAND, 1979). Sendo assim, contará com investigação qualitativa para proposição teórica a que se destina, elaborado de forma concisa e objetiva, com viés bibliográfico.



Para evoluir em uma proposição teórica em que se obtenha a relação aos elementos de diversidade e inclusão com a cultura intraempreendedora, primeiro será necessário descrever cultura organizacional, origem de estudos de cultura, a partir do modelo de Martins Tenblanche (2003). Elencar os elementos da cultura intraempreendedora, conforme Hartman (2006) e Wunderer (2001), fundamentais para auxiliar na compreensão de sua construção e relacionar com os conceitos de diversidade e inclusão nas organizações.

## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

As duas temáticas (diversidade e cultura intraempreendedora) atribuem significância para a construção de uma cultura organizacional que respeita as individualidades de suas equipes de trabalho. As intituladas equipes multifuncional (da Cultura Intraempreendedora), ou talentos diversos ou, simplesmente, de diversidade (na temática de Diversidade e inclusão da diversidade). Ambas buscam o potencial desta relação, em propiciar um número maior de ideias e pensamentos a circularem ao “oxigenar” a criatividade e inovação nas organizações, consequentemente, afetam o desempenho organizacional (KNIPPENBERG; SCHIPPERS, 2007). A partir da proposição de Wunderer (2001), as ações e as relações foram compiladas no **Quadro 4**, para conferência da proposição teórica de relação, objetivo do presente artigo:

**Quadro 4** – Cultura intraempreendedora e sua relação com diversidade e inclusão nas organizações

Ações para estimular a cultura Intraempreendedora	Ações para estimular diversidade e inclusão nas organizações
Liderar com base em objetivos organizacionais;	Liderar a empresa com base em valores (responsabilidade, respeito e autenticidade, etc);
Selecionar pessoas por objetivos org.;	Selecionar pessoas em função de valores e competências;
Definir as responsabilidades individuais;	Definir as responsabilidades individuais;
Liderança participativa e delegada;	Liderança autêntica, respeitosa, empoderada, responsável e orientadora de pessoas;
Treinamento e capacitação;	Sensibilização e informação para as temáticas de inclusão;
Reconhecimento pessoal;	Reconhecimento dos indivíduos e do grupo;
Estabelecer canais de conversação aberta com os colaboradores;	Estabelecer uma relação de comunicação aberta com todas as pessoas;
Distribuir tarefas importantes (empowerment);	Distribuir tarefas importantes (empowerment) e orientar quem necessita de ajuda;
Envolver todos em projetos;	Envolver todos em projetos;
Job rotation;	Verificar a adoção de critérios justos para Job rotation e promoção de carreira;
Recompensar o desempenho;	Recompensar o desempenho de forma igualitária;
Realizar pesquisas com os clientes internos e externos;	Realizar pesquisas com stakeholders;



Distribuir os resultados;	Reavaliar métodos de distribuição de resultados para alternativas inclusivas;
Ampliar benefícios para os colaboradores.	Reavaliar métodos de distribuição e ampliação de benefícios para os colaboradores.

Fonte: adaptado de Wunderer (2001)

Os talentos demonstram/expõe sua identidade diversa quando se sentem parte da organização; ao receber respeito por suas ideias e percepções; com liberdade para agir. Estas ações oferecem suporte emocional aos colaboradores para agir de forma natural. Ações como essas serão fundamentais para estimular as duas temáticas em uma organização. Bem como, as relações e o ambiente de trabalho quando inclusivos se tornam prazerosos e estimulantes (POMPEU; SOUZA, 2018).

Assim, ao relacionar os elementos da diversidade e inclusão (D&I - Quadro 3) e da cultura intraempreendedora (CI - Quadro 2), percebe-se que existe esse comprometimento em ouvir e respeitar as ideias de todos. Neste sentido, D&I (Quadro 3) também se relaciona diretamente com CI (Quadro 4), na confiança mútua e a liberdade para operar são notórias. Em contraponto, os discursos empresariais, embora se apresentem formalmente estruturados na forma de políticas organizacionais claras, encontram dificuldades de serem praticadas devido a processos arraigados de preconceito por parte dos próprios empregados, de certo nível de permissividade gerencial, e pela ausência de senso coletivo de diversidade (IRIGARAY, 2007).

Por isso, organizações diversas apresentam normas e orientações para corrigirem comportamentos discriminatórios, revisar processos e adequar a mudanças positivas do mercado (FONSECA; MATITZ, 2018; POMPEU; SOUZA, 2018). Diferindo-se da cultura intraempreendedora em que a visão de negócio e resultados serão orientações principais. Aprender com os erros é importante para a cultura intraempreendedora, mas aprender com os outros e ensinar quem ainda não conhece é essencial para a diversidade e inclusão. Notório que a inovação é um estímulo para melhoria contínua na organização de uma cultura intraempreendedora, que tem a mudança como sua oportunidade (WUNDERER, 2001).

A diversidade se difere, pois suas orientações não são para o cliente, são voltadas para as pessoas e, por isso, a própria diversidade é estímulo de melhoria contínua com mudanças que oportunizarão o crescimento da organização e sociedade (Quadro 3). Um nível mais elevado de coletivismo favorece o desempenho da organização diversa e inclusiva, uma orientação mais considerável em relação ao compromisso do que controle (JACKSON, 2002; TRIGUERO-SÁNCHEZ et al., 2011; SANCHEZ; VINCES; GUILLEN, 2018).



Justamente, estes são dois dos elementos da diversidade e inclusão que se relacionam com a construção de uma cultura intraempreendedora. Fornecendo assim, autonomia as suas equipes multidisciplinares de trabalho (HARTMAN, 2006), resultando em um maior estímulo da criatividade e da inovação.

## 5 CONCLUSÕES

A diversidade e inclusão possui pontos de convergência com a cultura intraempreendedora, propostos nos Quadros 2 e 3, que são: comprometimento em ouvir e respeitar ideias; confiança mútua e liberdade para operar. Ainda que o comprometimento com as ideias na temática de cultura intraempreendedora, seja para gerar novas ideias por resultados, embora compactue com o respeito e atenção com as diferentes perspectivas que são elementos da diversidade e inclusão. Adicionalmente, as equipes multifuncionais relevantes para o estímulo da criatividade e inovação da cultura intraempreendedora. Em complementar, é visto que a diversidade e inclusão com seus elementos contribuem para melhores resultados organizacionais em criatividade e inovação. Justamente, o objetivo principal a ser alcançado pela cultura intraempreendedora. Bem como ambos são vantagens competitivas para o sucesso e sobrevivência das organizações.

Por fim, a pesquisa compreendeu as relações das temáticas, não tem a pretensão de esgotar o assunto e sua limitação é a impossibilidade de acessar todas as pesquisas realizadas. O que o artigo propõe é um modelo conceitual, possibilita caracterizar elementos a serem incrementados nos processos de gestão de empresas, inclusive elencar elementos que contribuam para a construção da cultura intraempreendedora.

Pesquisas futuras podem compreender e validar de forma empírica a proposição dos elementos de diversidade e inclusão. Outras pesquisas de método misto, podem coletar percepções de colaboradores e esclarecer elementos de explicação entre variáveis teóricas; como também verificar se existem relações de preferência entre as variáveis sociodemográficas de um grupo com os elementos identificados nesta pesquisa (1 - comprometimento com ideias; 2- confiança mútua e liberdade para operar).



## REFERÊNCIAS

AGENDA 2030. Plataforma Agenda 2030. Disponível em: <http://www.agenda2030.com.br/> último acesso: dezembro 2020.

ALVES, Mario Aquino; GALEÃO-SILVA, Luis Guilherme. **A crítica da gestão da diversidade nas organizações**. RAE, São Paulo, vol.44, n.3, jul-set, 2004.

ARAD, S.; HANSON, M.A.; SCHNEIDER, R.J. Z. **A framework for the study of relationships between organizational characteristics and organizational innovation**. The Journal of Creative Behavior, Vol. 31 No. 1, pp. 42-58, 1997.

BAKER, Marzena; FRENCH, Erica. **Female underrepresentation in project-based organizations exposes organizational isomorphism**. Equality, Diversity and Inclusion: An International Journal, Vol. 37 Issue: 8, pp. 799-812. (2018) Disponível em <https://doi.org/10.1108/EDI-03-2017-0061> . Acessado em: 10 de Dezembro de 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3ª reimp. da 1ª ed. São Paulo: Edições, v. 70, 2016.

BOHNENBERGER, Maria Cristina; SCHMIDT, Serje. Cultura Intraempreendedora na universidade – o caso Feevale. Diálogo, Canoas, n.29, p.29-49, 2015.

BOHLANDER, George; SNELL, Scott. Administração de recursos humanos. São Paulo, SP: Cengage, 2015.

CATALYST. Report: The Bottom Line: Connecting Corporate Performance and Gender Diversity, (2004) Acesso em: <https://www.catalyst.org/research/the-bottom-line-connecting-corporate-performance-and-gender-diversity/> .

CARROLL, A.; BUCHHOLTZ, A. Business & Society: Ethics and Stakeholder Management. Thomson Learning, South-Western College Publishing, 4th ed. 2000.

COMCAST DIVERSITY. Top 10 reasons you should care about diversity. (2017) Acesso em: <http://diversity.comcast.com/top-10-reasons-you-should-care-about-diversity-inclusion>

CROPLEY, David; CROPLEY, Arthur. **Innovation capacity, organisational culture and gender**. European Journal of Innovation Management, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/EJIM-12-2016-0120> Último acesso: 17 de Setembro de 2020.

DAY, N. E.; GREENE, P. G. (2008). A case for sexual orientation diversity in small and large organizations. Human Resource Management, 47(3), 637–654.

DOWNEY, H. K.; IRELAND, R. D. Quantitative versus qualitative: the case of environmental assesstment in organizational. Administrative Science Quarterly, v. 24, n. 4, p. 630-637, 1979





ECCEL, Claudia Sirangelo; FLORES-PEREIRA, Maria Tereza. A Inserção da “Diversidade” Homossexual em uma Livraria de Shopping Center: um Estudo Crítico. Anais da XXXII ENANPAD, Rio de Janeiro, 2008.

FERDMAN, Bernardo M. Paradoxes of Inclusion: Understanding and Managing the Tensions of Diversity and Multiculturalism. The Journal of Applied Behavioral Science 2017, Vol. 53(2) p. 235–263

FERRARI, Maria Aparecida. Comunicação Intercultural: perspectivas, dilemas e desafios. IN MOURA, Claudia P. e FERRARI, Maria Aparecida (orgs.) Comunicação, Interculturalidade e Organizações: faces e dimensões da contemporaneidade. Porto Alegre, EdiPUCRS, 2015

FLEURY, M. T. L. Gerenciando a diversidade cultural: experiências de empresas brasileiras. Revista de Administração de Empresas, v. 40, n. 3, p. 18-25, 2000.

FONSECA, Pedro Henrique da; MATITZ, Queila Regina Souza. **Diversidade humana em estudos de administração e estratégia: um estudo bibliométrico de produção qualificada de 2014 A 2017**. ENANPAD, Curitiba, 2018.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa – tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 3, p. 20-19, 1995.

HASHIMOTO, Marcos. Espírito Empreendedor nas Organizações: Aumentando a competitividade através do intraempreendedorismo. São Paulo: Saraiva, 2006.

HEWLETT, S. A.; MARSHALL, M.; SHERBIN, L. **How diversity can drive innovation**. Harvard Business Review, 91(12), 30., 2013. Disponível em: <https://hbr.org/2013/12/how-diversity-can-drive-innovation> . Último acesso em: 17 de Setembro de 2020.

HOFSTEDE, Geert. Masculinity and femininity: the taboo dimension of national cultures. Londres: Sage Publications, 1998.

\_\_\_\_\_. Cultures and organizations: software of the mind. New York: McGraw-Hill, 2010.

HUFFMAN, Ann H. ; WATROUS-RODRIGUEZ, Kristen M. ; KING, Eden B. Supporting a diverse workforce : What type of support is most meaningful for lesbian and gay employees?. In: Human Resource Management. 2008 ; Vol. 47, No. 2. pp. 237-253.

IBGE (2018). Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf). Último acesso em: 08 de Dezembro de 2020.

IBGE. Estatísticas de Gênero – indicadores sociais das mulheres no Brasil. Estudos e Pesquisas – Informação Demográfica e socioeconomica, 2018 . N38. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf)

IRIGARAY, Helio Arthur Reis. Políticas de Diversidade nas Organizações: Uma Questão de Discurso? Anais do XXXI ENANPAD. Rio de Janeiro, 2007.





JACKSON, T. The management of people across cultures: Valuing people differently. *Human Resource Management*, 2002. V.41(4), 455-475.

KNIPPENBERG, Daan van ; SCIPPERS, Michaéla C. Work group diversity. *Annual Review of Psychology*, 2007. Vol. 58:515-541. Disponível em:  
<https://doi.org/10.1146/annurev.psych.58.110405.085546> . Último acesso: Dezembro 2020.

KURATKO, Donald F.; MONTAGNO, Ray V. **The intrapreneurial spirit**. *Training & Development Journal*, v. 43, n. 10, p. 83-86, 1989.

MACHADO, D. P. N.; VASCONCELLOS, M. A. Organizações inovadoras: existe uma cultura específica que faz parte deste ambiente. *Revista de Gestão USP*, v. 14, n. 4, p. 15–31, 2007.

MARTINS, E.C. Z. **The influence of organisational culture on creativity and innovation in a university library**. MInfidissertation, University of South Africa, Pretoria, 2000.

MARTINS, E.C.; TERBLANCHE, F. **Building organisational culture that stimulates creativity and innovation**. *European Journal of Innovation Management* Volume 6.Number 1.pp. 64-74, 2003.

MCKINSEY. Why diversity matters? (2019). Acesso em:  
<https://www.mckinsey.com/business-functions/organization/our-insights/why-diversity-matters> Último acesso em: 08/12/2020.

MENDES, M. R. S. S. B. et. al.. A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. *Acta Paul Enfermagem*, São Paulo-SP, v. 18, n. 4, p. 422-426, 2005.

MORRIS, M. H., KURATKO, D. F., COVIN, J. G. **Corporate entrepreneurship & innovation**. Mason, Cengage Learning, 2011. Cap. 10 Developing an Entrepreneurial Culture. – p. 281-301

MUMFORD, M.D., WHETZEL, D.L.; REITER-PALMAN, R.Z. **Thinking creatively at work: organization influences on creative problem solving**. *The Journal of Creative Behavior*, Vol. 31 No. 1, pp. 7-17, 1997.

NEESSEN, Petra CM et al. The intrapreneurial employee: toward an integrated model of intrapreneurship and research agenda. *International Entrepreneurship and Management Journal*, v. 15, n. 2, p. 545-571, 2019.

ROBBINS, Stephen Paul . *Fundamentos Do Comportamento Organizacional - 8ªed*. Pearson 316 páginas (2009)

PINCHOT, G. *Intrapreneuring: por que você não precisa deixar a empresa para tornar-se um empreendedor*. São Paulo, Harbra, 1989.

PINCHOT, Gifford; PELLMAN, Ron. **Intra empreendedorismo na prática: um guia de inovação nos negócios**. Rio de Janeiro: Campus, 2004. Ca. 12 e 13 (127 -169)





POMPEU, Samira Loreto Edilberto; SOUZA, Eloisio Moulin de. **A produção científica sobre sexualidade nos estudos organizacionais: uma análise das publicações realizadas entre 2005 e 2014.** Revista O&S - Salvador, v. 25, n. 84, p. 050-067, Jan./Mar. 2018.

QUEIROZ, Helena Maria Gomes. **Gestão da Diversidade: Um estudo em duas empresas mineiras.** Anais do XXXIII Encontro da ANPAD, São Paulo, 2009.

SALES, Ricardo Goncalves de. **Diversidade para quê? Motivações para o Desenvolvimento de Práticas voltadas à inclusão da população LGBT em organizações Multinacionais que atuam no Brasil.** ENANPAD, 2018.

SCHEIN, Edgar H. **Cultura organizacional e liderança.** São Paulo, SP: Atlas, 2009.

SCHNEIDER, B.; EHRNART, M.G.; MACEY, W.H. **Organizational climate and culture: an introduction to theory, research and practice.** Rolling Meadows: CEB Valtera, 2012.

SOUZA, Edela Lanzer Pereira de. **Clima e cultura organizacionais: como se manifestam e como se manejam.** São Paulo: Editora Edgar Blucher, 1978.

SOUZA, Fernando Lanzer Pereira de. **Cruzando culturas sem ser atropelado: gestão transcultural para um mundo globalizado.** São Paulo: Évora, 2013. 248P, 2013.

THOMAS, D. A.; ELY, R. J. Making differences matter: A new paradigm for managing diversity. *Harvard Business Review*, v. 74, n. 5, pp. 79-90. 1996

TRIGUERO-SÁNCHEZ, R.; PEÑA-VINCES, J. C.; SÁNCHEZ-APELLÁNIZ, M. HRM in Spain its diversity and the role of organizational culture: an empirical study. *European Journal of Social Sciences*, 2011. V. 26(3), 389-407.

TRIGUERO-SÁNCHEZ, R.; PEÑA-VINCES, J. C.; GONZÁLEZ-RENDON, M.; SÁNCHEZ-APELLÁNIZ, M. Human resource management practices aimed at seeking the commitment of employees on financial and non-financial (subjective) performance in Spanish firms: An empirical contribution. *Journal of Economics Finance and Administrative Science*, 2012. V.17(32), 17-30.

TRIGUERO-SÁNCHEZ, Rafael; PEÑA-VINCES, J.C.; GUILLEN, Jorge. Como melhorar o desempenho da empresa por meio da diversidade de colaboradores e da cultura organizacional. *Rev. Bras. Gest. Neg.* São Paulo v.20 n.3 jul-set. 2018 p.378-400.

WINDSCHEID, L.; BOWES-SPERRY, L.; MAZEI, J.; MORNER, M. The paradox of diversity initiatives: When organizational needs differ from employee preferences. *Journal of Business Ethics*, 2017. Ed, 145(1), 33–48. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10551-015-2864-1> último acesso: Dezembro 2020.

WUNDERER, R. Employees as “co-intrapreneurs” – a transformation concept. *Leadership & Organization Development Journal*, v. 22, n. 5/6, p. 193, 2001.





## PROFESSOR-MENTOR NA ESCOLA

### TEACHER-MENTOR AT SCHOOL

Janaina Regra<sup>1</sup>; Marta Rosecler Bez<sup>2</sup>

Universidade Feevale

**Resumo:** este artigo visa analisar as características de professor-mentor em uma escola de aplicação, cujo objetivo foi avaliar teoricamente se o alinhamento pedagógico corresponde a proposta de mentoria realizada nesta escola. A especificidade da análise será no processo de mentoria que acontece na escola desde o ano de 2018. Trata-se de um estudo de caso, com exploração documental e observação participante, a luz de teoria. A proposta apresenta os processos de aprendizagem dos estudantes a partir das análises realizadas pelos professores- mentores, fazendo parte da metodologia diferenciada que tem a escola.

**Palavras-chave:** Professor-mentor. Processo de Aprendizagem. Educação. Metodologia de Ensino.

**Abstract:** This article aims to analyze the characteristics of teacher-mentor in a school of application, whose objective was to evaluate theoretically if the pedagogical alignment corresponds to the mentoring proposal carried out in this school. The specificity of the analysis will be in the mentoring process that takes place in the school since the year 2018. This is a study case, with documentary exploration and participant observation, in light of theory. The proposal presents the learning processes of the students from the analysis carried out by the teacher-mentors, being part of the differentiated methodology that has the school.

**Palavras-chave:** Teacher-mentor. Learning Process. Education. Teaching Methodology.

## INTRODUÇÃO

A organização do processo de aprendizagem, dentro das escolas, tem como função principal ensinar e aprender para nortear a vida escolar de crianças e adolescentes na construção do conhecimento. Organizar a aprendizagem é a obtenção de êxito e ascensão, com a progressão contínua, e a permanência escolar, assim como afirma Gatti (2006, p. 3), “temos que ensiná-las e mantê-las nas escolas”.

A aproximação professor e estudante está representada a partir do professor-mentor (organizam os tempos escolares e demandas do processo de aprendizagem), que é um dos diferenciais da Escola de Aplicação. Ou seja, a escola que propõe uma metodologia de ensino ousada, e a mentoria tem um movimento importante para o desempenho escolar, considerando que “ensinar é cuidar para que os educandos aprendam o que necessitam aprender e, pois, adquiram a capacidade de expressar seu desempenho com qualidade plena” (LUCKESI, 2014, p. 102).

<sup>1</sup> Pós-graduação em Psicopedagogia e Gestão Empresarial; Graduada em Pedagogia; Coordenadora Pedagógica na Escola de Educação Básica Feevale – Escola de Aplicação; janainar@feevale.br.

<sup>2</sup> Doutora em Informática na Educação e professora do Mestrado em Indústria Criativa na Universidade Feevale; martabez@feevale.br.





A mentoria, nesta escola, acontece desde a educação infantil, até o ensino médio, que contempla o planejamento de aula, componentes curriculares trabalhados por projetos, acompanhamento contínuo do processo de aprendizagem, desenvolvimento socioemocional e da construção do projeto de vida dos estudantes. Sendo que, um dos objetivos de efetivação da aprendizagem é a participação dos estudantes, permitindo que se sintam bem socioemocionalmente. Para isso, estabelecem suas metas, resolvem problemas e se autoavaliam a partir das metas por eles estabelecidas.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A educação instiga a busca de conceitos à refletir em torno de uma proposta que contemple o avanço e as novidades que o mundo propõe. Paín (1985) dizia que educação é dar garantia a continuidade da espécie humana, e esta continuidade da conduta humana se realiza pela aprendizagem. Como um ciclo de desenvolvimento, exercita a função mantenedora, socializadora, repressora e transformadora da educação.

Ainda, segundo Paín (1985), a pessoa que não aprende é aquela que não realiza as funções sociais da educação, acusando aqui, o fracasso. Portanto, pensando na Escola de Aplicação e nesta teoria da aprendizagem, considera-se que o planejamento precisa ser correspondido à prática de ensino, atendendo as demandas do processo evolutivo da aprendizagem. Sendo assim, o estudante pode apresentar mais facilidade de aprender, não chegando ao fracasso, e dando continuidade à educação, a partir de um processo de aprendizagem prazeroso. Portanto, a escola, a partir de suas ações, determina o processo de aprendizagem efetivo e real. Assim, educar é um exercício em movimento integral dentro dos estabelecimentos de ensino.

Para Freud<sup>3</sup> cada pessoa é responsável em ser seu próprio mestre, isso quer dizer que há necessidade de buscar o próprio desenvolvimento do conhecimento, e traçar o caminho que desejar ir. Afirmando isso, Kupfer (2001, p. 24) traz que “nada é casual, e que todo dito tem um sentido”. Assim, é possível compreender que o aprender traz sentido, mesmo que a proposta não esteja planejada, sempre haverá construção de conhecimento.

Ao pesquisar sobre mentoria na escola, encontra-se professores-mentores de outros professores (BECA e CERDA, 2010), ou seja, um mais experiente mentorando um recém-formado. Porém, a Escola de Aplicação pratica a função de professores-mentores de estudantes, na construção do processo de aprendizagem. O professor-mentor é o profissional que está em

---

<sup>3</sup> Neurologista e psiquiatra austríaco Sigmund Freud (1856-1939)



processo de desenvolvimento do conhecimento e das habilidades de ensinar e aprender a ensinar em tempo integral, e busca dar continuidade neste processo, atrelado ao estudante (WANG e ODELL, 2002). Assim, o conhecimento do professor-mentor é fundamental para a aprendizagem ser efetiva e aprofundada em relação ao conteúdo formativo, mas também precisa estar construindo vínculos afetivos para estratégias de ensino entre os pares, a fim de uma aprendizagem colaborativa.

A aprendizagem colaborativa e a troca entre os pares tem vínculo direto com a organização de trabalho da escola (ciclos, procedimentos pluridisciplinares e outras formas de ação coletiva), que são apontadas por Thurler e Perrenoud (2006). O que, na Escola de Aplicação, tem apresentando-se concomitante a mentoria, planejamento e a organização escolar de forma diferenciada e voltados diretamente ao processo de aprendizagem dos estudantes, como protagonista do conhecimento.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo se constitui de análises a partir de revisão teórica de autores seminais, sendo uma proposta de estudo de caso (YIN, 2015), a partir de pesquisa bibliográfica (PRODANOV & FREITAS, 2013), que são constituídos de materiais já publicados sobre educação e aprendizagem. Além da análise teórica, se utilizou de observação participante passiva (CORREIA, 1999)<sup>4</sup> e análise de documentos da própria escola. Yin (2015) indica que o estudo de caso é aquele que as situações em que os comportamentos não podem ser manipulados, mas podem ser feitas as observações diretas. Para Tull e Hawkins (1976, p. 323), “um estudo de caso se refere a uma análise intensiva de uma situação particular”. Então, este estudo de caso relata a atuação de professor-mentor na Escola de Aplicação, com o objetivo de apresentar teoricamente o alinhamento pedagógico juntamente com a proposta de mentoria realizado nesta escola.

A escola tem aproximadamente 30 anos, e conta anualmente com cerca de 600 matriculados, da educação infantil ao ensino médio e técnico. Além de 60 professores e 30 auxiliares de aprendizagem e uma estrutura administrativa vinculada à Universidade. A realização de coletas, observações, estudos teóricos e análise documental se deu num tempo de aproximadamente 3 anos (2018, 2019 e 2020). Sendo que nos anos de 2018 e 2019 a pesquisa foi local e presencial e no ano de 2020 foi no ambiente virtual de ensino. No ano de 2018 a escola propôs a mentoria a partir de um projeto que se chamava “Mãos Dadas”. Após *feedback* realizado com a equipe de

---

<sup>4</sup> Teoria de Malinowski (1978), a observação Participante é realizada em contacto direto, frequente e prolongado do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa (CORREIA, 1999, p. 31).



coordenação, professores e retorno das famílias, deram continuidade à proposta com o nome de “Mentoria”. Ainda focando em projeto de vida, consiste em atrelar o acompanhamento do processo de aprendizagem do estudante, dando ênfase forte na evolução e consolidação da aprendizagem. Auxilia para o futuro profissional e sequência nos estudos, buscando áreas de melhor aderência/interesse ao estudante.

A proposta de análise foca em apresentar o funcionamento da mentoria na Escola de Aplicação, considerando os caminhos percorridos e a metodologia da escola. Assim, a construção deste artigo e a finalização das análises de observação foram realizadas na plataforma virtual de ensino, dentro das limitações apresentadas, considerando a pandemia a partir do ano de 2020 e o isolamento social necessário à população, que afetou a escola. Enfim, seguem as discussões, os resultados obtidos e as considerações finais.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A proposta pedagógica da escola tem construção própria, consiste em trabalho por projetos, com planejamento coletivo, por times de trabalho, com desafios constantes, e tem formada parceria com a Finlândia. Uma proposta pensada em desafios para o agora, para estudantes que estão no século XXI. Tem a visão do ensinar e aprender pensados desde o espaço, do ambiente de aprendizagem, sendo que este não se configura mais com classes e cadeiras colocadas uma atrás da outra, mas na ordem necessária para o momento e de forma que é organizada pelo time de professores para determinado grupo de estudos. Pensam em desenvolvimento de competências e habilidades através de projetos transdisciplinares, propondo ainda, workshop, práticas de investigação científica e aprendizagem baseado em fenômenos e resolução de problemas.

A escola se reconhece com práticas metodológicas de ensino inovadoras e colaborativas, considerando o estudante o protagonista do seu conhecimento e da própria caminhada escolar, tendo o professor-mentor como um mediador importante nesta trajetória e no projeto de vida do sujeito. As observações participantes fizeram compreender que as práticas da escola são colaborativas e com processo de aprendizagem entre os pares, dando ao estudante a possibilidade de autonomia para organização dentro do tempo e espaço proposto. São diferentes ferramentas utilizadas para que a aprendizagem aconteça, nestes diferentes espaços, e nos projetos. E, ao analisar a mentoria, que acontece diariamente, mas em um dia especial da semana, pelo menos, de forma mais intensiva e direta, no propósito, também, de fazer *checkin* e *checkout* com os estudantes.





Os professores-mentores se reúnem em grupo e individualmente com seus mentorandos, conforme o planejamento. A partir das conversas, da organização dos processos e das informações trocadas entre professor e estudante, mentor e mentorado, se constituem vínculos importantes e traçam possíveis caminhos na vida escolar de cada um. Nesta escola os professores-mentores precisam manter-se atualizados, conectados com o mundo, flexíveis, ter domínio de ferramentas pedagógicas e tecnológicas, além de ser comprometido com a efetivação da metodologia dirigida pela escola, atuando conforme os documentos norteadores<sup>5</sup>. A partir da mentoria se estabelecem relações de confiança entre estudante e professor,

entre família e escola. São os professores-mentores que fazem os contatos com os familiares, tem relação direta, fazendo as observações escolares, pontuando os processos de aprendizagem, fazendo as entregas de relatórios e fornecendo *feedbacks* quando necessário. Assim, destacam o que aprendeu, não conseguiu ainda e o que este em processo, além de falar as estratégias utilizadas no processo de aprendizagem.

Família e escola são unidas através dos professores-mentores, demonstram afetividade, construção efetiva e real correspondidas à prática de ensino, atendendo as demandas do processo evolutivo da aprendizagem. Apresenta-se estudantes e suas aprendizagens, diminuindo o fracasso (Paín, 1989), e dando continuidade à educação, a partir de um processo de aprendizagem prazeroso. Neste ponto de vista, educar é um exercício em movimento integral dentro dos estabelecimentos de ensino, onde a aprendizagem perpassa pelas emoções.

No ano de 2020 a interação escola e família foi intensa, a partir do professor-mentor, na compreensão de que a efetivação da aprendizagem perpassa ao emocional. As intervenções passam a ser virtuais, em diferentes ambientes, porém os mesmos objetivos. O professor-mentor é o contribuinte nato nas estratégias para qualificar a aprendizagem, pois tem a missão de conhecer muito bem os estudantes, auxiliando-os na construção da autonomia, no desenvolvimento integral humano e no projeto de vida dos seus mentorandos e com o desafio de fazer isso a distância. Assim, toda proposta que é explorada aos estudantes, precisa de uma atenção especial e persistente, respeitando a individualidade e o processo de aprendizagem de cada um. Acompanhar a caminhada do estudante na compreensão do contexto social-afetivo, no acompanhamento das evidências de aprendizagem, na orientação para novas aprendizagens e na construção do projeto de vida é um dos grandes desafios educacionais, que é realizado nesta escola a partir dos professores-mentores.

<sup>5</sup> Regimento Escolar e o Projeto Político Pedagógico, 2020.



Também foi possível compreender que a escola respeita a trajetória de cada estudante, como ele aprende mais e melhor e suas experiências vividas. Sendo que cada um evolui a sua maneira dentro da sua história (BRANDÃO, 2007). Vai se constituindo o conhecimento, o estudante como protagonista da sua própria aprendizagem e o professor-mentor sendo um guia importante para este desenvolvimento. Isso também significa que cada estudante tem seus próprios objetivos, que se constroem ao longo do processo de mentoria, de acordo com os professores-mentores e seus pares, divididos com os responsáveis legais do estudante. E, a mentoria ainda auxilia no processo avaliativo de cada um dos estudantes, pois a escola não tem um método tradicional e único de avaliar. Se utiliza de práticas através de experiências, lúdicas, também literais, teóricas e descritivas para compor o relatório de aprendizagem do estudante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se esta análise compreendendo uma proposta de ensino e aprendizagem desafiadora e que ainda precisa de análises e estudos. O professor-mentor tem um papel de grande importância dentro da proposta da escola, pois é o que acompanha, descreve, comunica e está mais próximo do estudante, independentemente de qualquer conteúdo escolar. Dito isso, a proposta metodológica de ensino desta escola tem a mentoria como um eixo importante para o ensino, que se apresenta de forma única e contínua. A mentoria acontece e está evoluindo em *feedbacks*, o que proporciona mais profundidade em relação aos conhecimentos construídos ou não, relacionando as dificuldades e as acessões. Assim, proporcionando possibilidades de construção de conhecimentos bem desenvolvidas, e individualizadas e significando a aprendizagem.

A educação para o século XXI requer algo diferente de ensino, não mais a mesma disposição de classes, de provas, de conteúdos e do jeito que se aprendia no século passado, pois não são mais as mesmas pessoas, muitas mudanças aconteceram neste tempo. Os jovens de hoje têm a tecnologia mais avançada e o pensamento diferente, não é um ensino igual ao que tinham os professores. A mentoria pode ser uma forma de inovar uma parte da educação, especificamente na individualidade do processo de aprendizagem e seu acompanhamento.

Um grande desafio foi olhar para os detalhes de como aconteceu a mentoria, mas houve uma maior dificuldade no momento de isolamento social, com a pandemia, que dificultou os acessos, até que todos estivessem bem familiarizados. Assim como indica Vygotski (1987), a relação da pessoa com o conhecimento se dá através do meio em que ela vive. Neste caso, relaciona-se a teoria considerando o meio escolar como ambiente de construção de conhecimento, incluindo o



ambiente virtual de ensino. Segundo Rego (2011, p. 41), “ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender as suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo”. Enquanto o ser humano modifica o ambiente a partir do seu próprio comportamento, as suas atitudes influenciam o meio em que vive. Exatamente o que aconteceu com as mentorias, professores-mentores se adequaram a realidade e se desenvolveram através do meio apresentado.

Assim, pode-se concluir que a mentoria é alinhada a metodologia da escola, compreendendo os passos afetivos e efetivos que são delineados para o processo de aprendizagem proposto no método. Houve, por parte dos professores-mentores, um olhar especial de busca para atender a demanda dos estudantes, que, segundo Alves (2012, p. 9) “... mais importante que saber é saber onde encontrar”. Ainda o compromisso de ensinar, pois quando “um escritor não escreve para comunicar saberes. Escreve para comunicar sabores. O escritor escreve para que o leitor tenha o prazer da leitura” (ALVES, 2012, p. 52).

Na proposta de trabalho dos professores-mentores há dinâmica da interação científica e reflexão sobre as próprias ações e desenvolvimento do futuro, sendo parte significativa da interação pedagógica. A aprendizagem é como descoberta e construção de motivação através da ajuda de métodos de trabalho envolventes e investigativos, inteirados com os demais professores do ciclo de aprendizagem. Pois, “... ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (...) Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 25). E para concluir, esta é uma escola cheia de possibilidades e de pesquisa futuras, com mais aprofundamento em relação aos recursos de mentoria, suas possibilidades de ascensão ou não da aprendizagem, os processos e demais possibilidades que anseiam por estudos de casos e teorias complementares.

## REFERÊNCIAS

GATTI, B. **Vantagens e riscos da progressão continuada nas escolas**. SP: Fundação Carlos Chagas, 2006.

LUCKESI, C.C. **Sobre notas escolares: distorções e possibilidades**. São Paulo: Cortez, 2014.

PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 1985.

KUPFER, M.C. **Freud e a Educação: O Mestre do Impossível**. SP: Editora Scipione, 2001.

BECA, E.C. e CERDA, A.M. **Política de apoio a la inserción de profesores principiantes**. In: Romero, I.B. *Acompañar los primeros pasos de los docentes*. OEI – IDIE Chile Formación Docente, 2010.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

WANG, J. e ODELL, S. **Mentored learning to teach according to standards-based reform: a critical review.** Review of Educational Research, Washington DC, AERA, v.72, n.3, p.481-547, fall 2002.

THURLER, M. G. & PERRENOUD, P. **Cooperação entre professores: a formação inicial deve preceder as práticas?.** Cadernos de Pesquisa, 2006.

YIN, R.K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2015.

PRODANOV, C.C.; FREITAS, E.C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

CORREIA, M.C. **A Observação Participante enquanto técnica de investigação.** Pensar Enfermagem, 1999.

TULL, D.S.; HAWKINS, D.I. **Marketing Research, Meaning, Measurement and Method.** Macmillan Publishing Co., Inc., London, 1976.

Projeto Político Pedagógico da Escola de Aplicação, 2020.

BRANDÃO, C.R. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

REGO, T. C. **Vygotsky – uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis/RS: Vozes, 2011.

ALVES, R. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação.** SP: Edições Loyola, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.





## DEFICIÊNCIA, TECNOLOGIAS E DIREITO: REFLEXÕES SOBRE A ACESSIBILIDADE NO BRASIL

### DISCAPACIDAD, TECNOLOGÍAS Y DERECHO: REFLEXIONES SOBRE LA ACCESIBILIDAD EN BRASIL

Gustavo Dobler

Universidade La Salle

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é construir um diálogo interdisciplinar entre deficiência, tecnologias, direito e acessibilidade, colocando-se em debate hipóteses levantadas ao problema da reduzida implementação prática do direito à acessibilidade no contexto brasileiro. Adotou-se o método dedutivo, com pesquisa qualitativa e emprego de pesquisa bibliográfica. Verifica-se que a deficiência caminhou de um modelo estritamente médico – que a compreende como o simples resultado de impedimentos corporais – para um modelo social, que estabelece uma corresponsabilidade estatal e social pela adaptação das estruturas sociais à diversidade corporal. Daí a importância de discutir a deficiência em conexão com as tecnologias e o direito, na medida em que, por intermédio dos recursos tecnológicos e da coercitividade das normas, pode-se garantir a acessibilidade de bens, espaços e serviços de utilidade pública. Conclui-se que, apesar dessa potencialidade, há falhas graves de implementação do direito à acessibilidade no cenário brasileiro, cujas causas podem e devem ser objeto de pesquisas empíricas.

**Palavras-chave:** Deficiência. Tecnologias. Direito. Acessibilidade.

**Resumen:** El objetivo de este trabajo es construir un diálogo interdisciplinario entre discapacidad, tecnologías, derecho y accesibilidad, poniendo en debate hipótesis planteadas al problema de la reducida implementación práctica del derecho a la accesibilidad en el contexto brasileño. Se adoptó el método deductivo, con investigación cualitativa y uso de la investigación bibliográfica. Se verifica que la discapacidad ha pasado de un modelo estrictamente médico – que la entiende como el simple resultado de impedimentos corporales – a un modelo social, que establece una corresponsabilidad estatal y social para la adaptación de las estructuras sociales a la diversidad corporal. De ahí la importancia de discutir la discapacidad en conexión con las tecnologías y el derecho, en la medida en que, a través de los recursos tecnológicos y la coercibilidad de las normas, es posible garantizar la accesibilidad de los bienes, espacios y servicios de utilidad pública. Se concluye que, a pesar de esta potencialidad, existen graves fallas en la implementación del derecho a la accesibilidad en el escenario brasileño, cuyas causas pueden y deben ser objeto de investigación empírica.

**Palabras clave:** Discapacidad. Tecnologías. Derecho. Accesibilidad.

## 1 INTRODUÇÃO

A deficiência é um fenômeno que, atualmente, deve ser compreendido como dinâmico e relacional, devido à sua adaptabilidade a distintos modos de compreensão ao longo da história e à sua conexão com as estruturas sociais, do que resulta um conceito convergente entre os saberes médicos e sociológicos. De fato, se tradicionalmente a deficiência foi definida por meio de conhecimentos do campo médico, uma série de novos estudos realizados a partir da década



de 1970 transformou a sua compreensão pela aproximação com as ciências humanas, que a conectou com as estruturas sociais e possibilitou a realização de pesquisas de viés sociológico.

Dessa forma, por meio do método de abordagem dedutivo, com pesquisa qualitativa e bibliográfica, incita-se um diálogo interdisciplinar entre deficiência, novas tecnologias, direito e acessibilidade, levantando-se hipóteses meramente exemplificativas para o problema da falta de implementação prática do direito à acessibilidade no cenário brasileiro. O diálogo é relevante e se justifica porque, embora vivamos na chamada era tecnológica, ainda se verificam profundas lacunas de implementação prática da acessibilidade para pessoas com deficiência, que sofrem com a exclusão social seja por não terem acesso a tecnologias assistivas já existentes, seja pela escassez de acessibilidade dos espaços, bens e serviços públicos.

Com o diálogo interdisciplinar, objetiva-se revisar o progresso teórico da deficiência e, sobretudo, colocá-la em discussão com as novas tecnologias e com os marcos normativos sobre acessibilidade, no sentido de refletir sobre as causas para a reduzida implementação prática do direito à acessibilidade mesmo diante de tantos avanços tecnológicos na área da inclusão social, o que, de fato, elucidará os desafios que se lançam na contemporaneidade sobre a questão.

## 2 DEFICIÊNCIA, TECNOLOGIAS E DIREITO EM DIÁLOGO

### 2.1 DO MODELO MÉDICO AO MODELO SOCIAL DE DEFICIÊNCIA

Historicamente, a “[...] deficiência já foi tida como um drama pessoal ou familiar, com explicações religiosas que a aproximaram ora do infortúnio, ora da benção divina em quase todas as sociedades” (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009, p. 68). Essas narrativas perduraram pelo menos até o início do Século XIX, uma vez que nessa época houve o desenvolvimento da medicina moderna, cujas bases epistemológicas estão assentadas sob fundamentos iluministas e positivistas, responsáveis pela criação de uma racionalidade científica. Ou seja, a partir da consolidação da medicina moderna, formou-se uma concepção sobre deficiência muito ligada à racionalidade médica e científica (BISOL; PEGORINI; VALENTINI, 2017).

Desse movimento resultou a construção do modelo médico de deficiência, um modo de compreensão que a restringe ao campo médico, estabelecendo-se uma relação de causalidade entre impedimentos corporais e desvantagens sociais. De acordo com Diniz (2012, p. 10), no modelo médico, a “[...] deficiência é consequência natural da lesão em um corpo, e a pessoa deficiente deve ser objeto de cuidados biomédicos”. Isto é, a responsabilidade pela deficiência,



nesse paradigma, cabe exclusivamente à própria pessoa com deficiência, podendo ser estendida, no máximo, ao círculo familiar e de pessoas próximas, não se vislumbrando qualquer espécie de corresponsabilidade social ou estatal pela eliminação das diversas barreiras à acessibilidade de bens e serviços para pessoas com deficiência.

Um dos documentos mais relevantes do modelo médico é a Classificação Internacional de Lesão, Deficiência e Handicap (ICIDH), publicada em 1980 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), cujo objetivo era catalogar oficialmente os impedimentos corporais causadores de restrições de habilidades e que, conseqüentemente, provocavam desvantagens sociais. Como não houve a participação de teóricos do incipiente modelo social que vinha se desenhando desde a década de 1970, o documento baseou-se na perspectiva biomédica (DINIZ, 2012).

Nesse sentido, segundo Diniz (2012), estabeleceu-se uma sequência lógica entre doença, lesão, deficiência e *handicap*, de maneira que as lesões, resultantes das doenças, provocavam restrições de certas habilidades corporais (deficiências), o que, ao fim, levava os indivíduos a sofrerem desvantagens de participação social (*handicaps*). Sob essa perspectiva, a segregação sofrida pelas pessoas com deficiência acabava sendo resultado das suas próprias lesões, o que as tornava únicas responsáveis pela própria tragédia, retomando-se, com isso, as narrativas pré-científicas do infortúnio e do drama pessoal e familiar.

A ICIDH e o próprio modelo médico foram duramente criticados por estudiosos cujas pesquisas formaram o referencial do modelo social de deficiência. Esse campo de estudos se desenvolveu principalmente a partir da fundação da *Union of the Physically Impaired Against Segregation (UPIAS)*, uma organização política formada somente por pessoas com deficiência a partir da iniciativa de Paul Hunt, que elaborou uma carta ao jornal inglês *The Guardian* em 20 de setembro de 1972, na qual denunciou o modo degradante como pessoas com deficiência estavam sendo tratadas em instituições (DINIZ, 2012).

Em conformidade com Shakespeare (2006), o modelo social desenvolvido pela UPIAS tem como elemento-chave a distinção entre impedimento corporal (*impairment*) e deficiência (*disability*): aquele é individual, ou seja, pertence exclusivamente ao indivíduo; esta é estrutural e pública, de modo que, enquanto o modelo médico busca remediar os impedimentos corporais por meio da reabilitação, no modelo social os esforços estão direcionados a compreender tais impedimentos como manifestações da diversidade corporal e a eliminar todas as barreiras que impedem a acessibilidade aos bens e serviços. A partir do modelo social, afirma-se que pessoas



com deficiência formam um grupo oprimido pelas estruturas sociais e que a solução para esse problema está na efetivação de direitos civis, e não em qualquer medida de caridade ou piedade.

Os teóricos do modelo social buscavam atribuir a responsabilidade pela segregação das pessoas com deficiência às estruturas sociais, sobretudo aos valores do sistema capitalista. Por esse ângulo, a experiência da segregação e todas as privações decorrentes (desemprego, baixa escolaridade etc.) resultariam não das restrições de habilidades corporais – como propunha o modelo médico –, mas da ideia de que as pessoas com deficiência são corpos improdutivos, daí advindo as banalizadas políticas de institucionalização (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009).

Tal perspectiva transforma completamente a percepção sobre o fenômeno, visto que a causa para a segregação está na própria sociedade, que discrimina a pessoa com deficiência ao não lhe conceder o espaço e os meios adequados ao seu desenvolvimento pessoal. Com essa mudança, adotada também pela OMS na revisão da ICIDH durante a década de 1990 (DINIZ, 2012), retira-se da pessoa com deficiência o fardo de responsável pela própria tragédia e atribui-se à sociedade e ao Poder Público o dever de adequar os espaços, serviços e bens para a fruição coletiva também pelas pessoas com deficiência. Surge daí a importância de se discutir temáticas tais como acessibilidade, desenho universal, tecnologias assistivas, adaptações razoáveis, entre tantas outras relacionadas à imbricação entre deficiência e as novas tecnologias.

## 2.2 NOVOS MARCOS NORMATIVOS E NOVAS TECNOLOGIAS

Os modelos médico e social de deficiência rendem visões bastante ricas e diferenciadas quanto ao modo como o fenômeno deve ser observado e politizado. Os modelos, contudo, não são adotados isoladamente pela legislação brasileira, na medida em que, além da preocupação com a saúde e a reabilitação das pessoas com deficiência, os documentos normativos também determinam modificações nas estruturas sociais com a previsão da corresponsabilidade social e estatal pela garantia de acessibilidade dos espaços, bens e serviços públicos, a demonstrar que há contributos de ambos os modelos de deficiência no direito brasileiro.

Em âmbito internacional, a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (BRASIL, 2009), assinada em Nova York e incorporada à ordem jurídica brasileira com *status* equivalente ao de emenda constitucional, dispõe sobre o dever de os Estados Partes assegurarem tanto a recuperação física, cognitiva e psicológica das pessoas com deficiência por meio de serviços de proteção, reabilitação e reinserção social (artigo 16.4) quanto a própria



acessibilidade de meios físicos, transportes, informação, comunicação, serviços e instalações, com a identificação e eliminação de barreiras (artigo 9).

Já a nível nacional, além da Constituição Federal de 1988, existem diversos diplomas legais a tratar dos direitos individuais e coletivos das pessoas com deficiência, com destaque para a Lei n.º 7.853/1989, a Lei n.º 10.098/2000 e, principalmente, para a Lei n.º 13.146/2015, que definiu o chamado Estatuto da Pessoa com Deficiência, o regramento mais abrangente dos direitos das pessoas com deficiência no Brasil. Tratando de diversos assuntos, que vão do direito à vida a questões sobre o acesso à justiça, o Estatuto configura-se como um marco histórico na afirmação de direitos civis, políticos, sociais, econômicos, culturais e coletivos das pessoas com deficiência, a envolver tanto os contributos positivos do modelo médico – saúde e reabilitação – quanto as premissas mais fundamentais do modelo social (BRASIL, 2015).

Esse cenário normativo – que, inclusive, é muito mais abrangente, abarcando também leis estaduais, distritais e municipais – traz para a discussão a importância do desenvolvimento e do acesso de novas tecnologias às pessoas com deficiência, seja no que se refere aos recursos propriamente individuais – próteses, órteses, meios auxiliares de locomoção –, seja quanto aos mecanismos voltados à acessibilidade dos espaços e dos bens públicos. Inegavelmente, há uma conexão muito grande entre o desenvolvimento tecnológico e a deficiência, tendo em vista que os novos mecanismos de acessibilidade e de tecnologia assistiva promovem a autonomia, a independência, a qualidade de vida e a dignidade das pessoas com deficiência, proporcionando o desenvolvimento pessoal livre tão almejado pelas leis brasileiras.

De acordo com o Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010), no Brasil há 45.606.048 pessoas que declararam ter ao menos uma espécie de deficiência (entre visual, auditiva, motora e mental/intelectual), o que corresponde a 23,9% da população brasileira. Ou seja, praticamente 1/4 dos brasileiros declara possuir algum tipo de deficiência, ainda que, na maioria dos casos, esta esteja classificada em graus mais reduzidos de severidade, a nível de impactar, mas não de inviabilizar a realização das tarefas diárias.

Nessa linha, o desenvolvimento de recursos tecnológicos direcionados à autonomia das pessoas com deficiência, seja no plano individual (saúde e reabilitação), seja no plano coletivo (acessibilidade), torna-se questão de interesse público, a atrair a responsabilidade estatal tanto no fomento de iniciativas privadas quanto na execução direta de pesquisas, investimentos, ações e políticas que contribuam, de fato, para a garantia de vida independente. No entanto, em que pese existam iniciativas relevantes de emprego dos poderes públicos para a autonomização das



peças com deficiência, o que se observa, em geral, é que ainda há muita indiferença com a efetivação de direitos básicos, o que nos provoca a refletir sobre as causas desse fenômeno.

## 2.3 HIPÓTESES PARA O PROBLEMA DA INEFETIVIDADE DO DIREITO À ACESSIBILIDADE

Distante de qualquer pretensão de esgotamento ou de grande aprofundamento, mas tão somente de provocação reflexiva, o que se pretende neste diálogo interdisciplinar é levantar algumas hipóteses para um problema que vem movendo, de certa forma, as pesquisas do autor: *Por que há tão reduzida implementação prática do direito à acessibilidade das pessoas com deficiência na sociedade brasileira?* Esse problema, sem dúvida, pode adaptar-se à questão das tecnologias, uma vez que, mesmo diante de novos recursos tecnológicos que tornam possível a acessibilidade das pessoas com deficiência aos bens e serviços públicos, ainda é muito reduzido o número de pessoas que, de fato, tem acesso a tais mecanismos, o que novamente provoca a reflexão sobre as causas para que essas privações ocorram.

Em síntese, há um desenvolvimento teórico da deficiência que abrange tanto os aspectos individuais – saúde e reabilitação (contributos positivos do modelo médico) – quanto coletivos – acessibilidade de bens e serviços (contributos do modelo social) – das demandas das pessoas com deficiência; há tecnologias já desenvolvidas para tais demandas, a exemplo das tecnologias assistivas, desenho universal, adaptações razoáveis, residências inclusivas etc.; há documentos normativos que atribuem ao Estado, à sociedade e à família a responsabilidade pela efetivação dos direitos das pessoas com deficiência, inclusive saúde, reabilitação e acessibilidade; porém, não há uma implementação efetiva desses direitos na realidade, especialmente no que se refere à acessibilidade de espaços, bens e serviços públicos, a ponto de, por exemplo, existirem prédios públicos que sediam órgãos responsáveis pela garantia de direitos fundamentais que não estão acessíveis às pessoas com deficiência.

Uma hipótese para a escassa implementação prática do direito à acessibilidade no marco dos avanços tecnológicos, tanto nos aspectos propriamente individuais quanto coletivos, é que a lógica de funcionamento do campo burocrático – isto é, do campo da Administração Pública – não se mostra preocupada com essa questão. Ou seja, em razão de uma grande ampliação das funções do Estado sobretudo na dimensão dos direitos sociais, é possível que a implementação do direito à acessibilidade para as pessoas com deficiência não seja uma prioridade na agenda política dos representantes oficiais, mostrando-se como um reflexo negativo do modelo médico,



pelo qual se atribui à pessoa com deficiência a exclusiva responsabilidade pela própria tragédia pessoal. Resumidamente, em uma frase, “*isso não é um problema da esfera pública*”.

É possível, ainda, que, embora existam agentes públicos com competências voltadas à implementação do direito à acessibilidade – por exemplo, analistas de projetos de construções, fiscais de obras, fiscais de contratos de serviços públicos delegados, fiscais de posturas etc. –, algumas espécies de capitais no campo burocrático acabem dificultando o exercício livre das atribuições desses agentes públicos, sob a forma de pressões para um não agir ou para um agir benevolente por parte de quem cumpre funções fiscalizatórias. Trata-se da influência sobretudo dos capitais econômico e político sobre o campo burocrático, a surtir um efeito de inefetividade das ações públicas direcionadas à implementação do direito à acessibilidade.

Pode-se imaginar, por fim, especialmente na realidade de muitos Municípios de pequeno porte, uma falta do capital cultural necessário à elaboração e execução de políticas, projetos e ações para a melhoria das condições de acessibilidade dos espaços, bens e serviços públicos. É inegável que a garantia do direito à acessibilidade passa pelo trabalho de profissionais técnicos que, em muitos locais, não estão à disposição da Administração Pública, disso refletindo uma escassez de agentes públicos aptos a desenvolverem ações públicas com a *expertise* necessária em matéria de acessibilidade.

### 3 CONCLUSÃO

Os contributos dos modelos médico e social, em conexão com as tecnologias e o direito, viabilizam que a acessibilidade se torne finalmente uma realidade em nosso país, ainda que tal possibilidade dependa de outros fatores, principalmente políticos. O que se observa atualmente, porém, é uma excessiva dificuldade em colocar-se em prática ações e políticas públicas voltadas à implementação do direito à acessibilidade das pessoas com deficiência.

De fato, é intrigante pensar que, na realidade brasileira, há um sem-número de direitos que estão garantidos em textos normativos e que contam com quase nenhuma implementação prática. O direito à acessibilidade é um dos que se revelam mais dissonantes entre a realização normativa e a realização prática, constituindo um campo provocativo para novas pesquisas. Por tal razão, as hipóteses levantadas neste diálogo são apenas algumas entre tantas outras possíveis para explicar provisoriamente um problema tão complexo como o que se aventa, sendo de suma importância que as pesquisas nessa área apliquem o método empírico, porquanto as potenciais



respostas estão na observação crítica da experiência dos agentes e das instituições responsáveis pela efetivação do direito à acessibilidade, e não somente em aportes de natureza teórica.

## REFERÊNCIAS

BISOL, Cláudia Alquati; PEGORINI, Nicole Najji; VALENTINI, Carla Beatris. Pensar a deficiência a partir dos modelos médico, social e pós-social. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 24, n. 1, p. 87-100, 24 maio 2017. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/6804/4367>. Acesso em: 9 abr. 2021.

BRASIL. **Decreto n.º 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Brasília, 26 ago. 2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm). Acesso em: 10 abr. 2021.

BRASIL. **Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 7 jul. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm). Acesso em: 10 abr. 2021.

DINIZ, Debora. **O que é deficiência**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012. 87 p.

DINIZ, Debora; BARBOSA, Livia; SANTOS, Wederson Rufino dos. Deficiência, direitos humanos e justiça. **Sur – Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 65-77, dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sur/v6n11/04.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2021.

IBGE. **Censo demográfico 2010**: população residente por tipo de deficiência permanente. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>. Acesso em: 10 abr. 2021.

SHAKESPEARE, Tom. The social model of disability. In: DAVIS, Lennard J. (ed.). **The disability studies reader**. 2. ed. Nova York: Routledge, 2006. Cap. 16. p. 197-204. Disponível em:

[https://uniteyouthdublin.files.wordpress.com/2015/01/lennard\\_davis\\_the\\_disability\\_studies\\_reader\\_secbookzz-org.pdf](https://uniteyouthdublin.files.wordpress.com/2015/01/lennard_davis_the_disability_studies_reader_secbookzz-org.pdf). Acesso em: 9 abr. 2021.



## PROPOSTA DE USO DE RECURSOS DIGITAIS À EDUCAÇÃO PERMANENTE DE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM EM AMBIENTES HOSPITALARES

### PROPUESTA DE USO DE RECURSOS DIGITALES PARA LA FORMACIÓN CONTINUADA DE LOS PROFESIONALES DE ENFERMERÍA EN EL ÁMBITO HOSPITALARIO

Fernanda Diniz Flores; Débora Nice Ferrari Barbosa; Marta Rosecler Bez

Universidade Feevale

**Resumo:** Este artigo trata da formação permanente de profissionais de enfermagem em ambientes hospitalar. O objetivo é apresentar uma versão simplificada de um projeto de mestrado em construção, expondo resultados já obtidos. A metodologia, portanto, é descrever os dados já obtidos até o momento. Foram 6 artigos analisados através de uma revisão sistemática da literatura e 33 recursos digitais selecionados para futura aplicação em trabalho decampo.

**Palavras-chave:** Educação Permanente. Recursos Digitais. Enfermagem. Hospital.

**Resumen:** Este artículo trata de la formación continuada de los profesionales de la enfermería en el ámbito hospitalario. El objetivo es presentar una versión simplificada de un proyecto de maestría en construcción, exponiendo los resultados ya obtenidos. La metodología, por tanto, consiste en describir los datos obtenidos hasta el momento. Se han analizados 6 artículos mediante una revisión bibliográfica sistemática y se han seleccionado 33 recursos digitales para su futura aplicación en el trabajo de campo.

**Palavras-chave:** Educación continuada. Recursos digitales. Enfermería. Hospital.

## 1 INTRODUÇÃO

Na área da saúde a educação permanente evidencia o aprender no trabalho (BRASIL, 2018) (PRESTES E ROSA, 2014). Pinto *et al.* (2015) relacionam este conceito a motivação intrínseca, ao prazer pela busca do aprendizado. A contribuição de Bes (2017) no assunto, insinua que a aprendizagem do adulto segue três princípios: necessidade de saber, motivação para aprender e a valorização do conhecimento anterior.

A Web 2.0 permitiu o desenvolvimento de recursos digitais que possibilitam a interação, troca de informação e troca de conhecimento entre sujeitos, aos quais puncionam processos educativos e aprendizagens (SILVEIRA, 2014). Tais facilidades advindas da internet contribuem ao paradigma da educação *online*, onde o real e o virtual convivem e influenciam a “sensibilidade ao contexto” <sup>1</sup>(SACCOL; SHLEMMER; BARBOSA, 2011, p. 86). Com a

<sup>1</sup> Sensibilidade ao contexto na visão do autor é a “situação do aprendiz (do contexto físico), onde está localizado, a qual pode



possibilidade de uso das tecnologias no contexto educacional, em especial na formação permanente e no aprendizado informal, estudos apontam as contribuições do PLE (*Personal Learning Environment*), que utiliza plataformas educacionais individuais, usadas para gerenciar as aprendizagens e alcançar os objetivos educacionais, possíveis de serem compartilhadas, oportunizando recursos para aprendizagem contínua (CASTAÑEDA; ADELL, 2013).

Este artigo tem o **objetivo** de apresentar parte de um projeto desenvolvido no Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social, na linha de pesquisa de Linguagens e Tecnologias. O projeto envolve uma proposta de uso de recursos digitais na formação permanente de profissionais da área hospitalar. Neste artigo são apresentados os primeiros resultados da pesquisa, envolvendo a revisão sistemática da literatura sobre recursos digitais aplicados a formação permanente do profissional de enfermagem em ambientes hospitalar com vistas ao engajamento nos processos formativos e a proposta dos recursos digitais para futura aplicação.

## 2 REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

O propósito da Revisão Sistemática da Literatura foi identificar quais recursos tecnológicos (tecnologia digital) são utilizados na formação permanente em saúde. Abrangeu o estudo de publicações entre Janeiro 2010 até Agosto de 2020. O trabalho envolveu o processo metodológico sistemático proposto por Petersen, Vakkalanka e Kuzniarz (2015).

Para atender aos objetivos propostos, gerou-se uma *string* de busca envolvendo os temas centrais da pesquisa, onde as chaves obrigatórias são “Engajamento” “Hospital”, “Aprendizagem ao longo da vida”, “Tecnologia digital”, “Saúde” e “Enfermagem”. Desta forma, a expressão de busca foi dividida em seis conjuntos de interesse. Estes são unificados por conjunções booleanas. As demais chaves de busca, apresentam variações de singular e plural, palavras derivadas de radical, termos que contemplam o mesmo significado foram aplicados de forma a abranger o maior número de resultados. Esta *string* foi aplicada nos motores de busca definidos para esta revisão; adaptadas para refinar seu conteúdo e possibilitar um resultado apurado à busca. Após análise das bases de maior interesse, foram definidas seis a serem utilizadas levando em consideração a interdisciplinaridade. Buscou-se artigos em bases com foco na área de tecnologias, educação e saúde. Desta forma, foram utilizadas as bases de

---

ser sentida/percebida, o que implica que o sistema é capaz de conduzir atividades de aprendizagens no mundo real” (SACCOL; SHLEMMER; BARBOSA, 2011, p. 86).



dados: IEEEExplore; ACM Digital Library; PubMed; SCIENCE DIRECT; SCOPUS e plataforma WILEY. Para acesso irrestrito às bases, utilizou-se o convênio da Universidade FEEVALE, onde o trabalho foi desenvolvido.

Os trabalhos resultantes do processo de pesquisa, com seus títulos, respectivos autores e anos de publicação encontram-se no Quadro 1.

**Quadro 1. Trabalhos resultantes da pesquisa**

<b>Autores</b>	<b>Títulos</b>
<b>FRISCH et al. (2014)</b>	<i>Growing a Professional Network to Over 3000 Members in Less Than 4 Years: Evaluation of InspireNet, British Columbia's Virtual Nursing Health Services</i>
<b>FRENK et al. (2010)</b>	<i>Health professionals for a new century: transforming education to strengthen health systems in an interdependent world</i>
<b>PATA; SANTOS; BURCHERT (2016)</b>	<i>Social recognition provision patterns in professional Q&amp;A forums in Healthcare and Construction</i>
<b>MATHEW (2014)</b>	<i>Using a social networking tool for blended learning in staff training: Sharing experience from practice</i>
<b>MURPHY et al. (2015)</b>	<i>Translating research into practice: Evaluation of an e-learning resource for health care professionals to provide nutrition advice and support for cancer survivors</i>
<b>PIMMER et al. (2019)</b>	<i>Facilitating professional mobile learning communities with instant messaging</i>

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2020)

Os recursos tecnológicos foram abordados nos aspectos quanto a educação permanente a profissionais da enfermagem e tecnologia digital. Pode-se observar o uso de plataformas desenvolvidas para este fim, como trazem Frisch *et al.* (2014) com o InspireNet (Serviços e práticas inovadoras de enfermagem informados por rede de pesquisa e avaliação), buscando aumentar a capacidade e o interesse dos enfermeiros pela pesquisa em serviços de saúde em British Columbia (BC), Canadá (FRISCH *et al.*, 2014). O artigo de Frenk *et al.* (2010), traz o exemplo da OpenCourseWare (OCW), uma plataforma de publicação de material de curso, sendo caracterizado como aprendizagem transformadora. Já a pesquisa de Pata; Santos e Burchert (2016), traz os fóruns de perguntas e respostas. Estudam três plataformas do setor da saúde: LinkedIn, 'MyHealthSkills' e a plataforma Fórum de QA para enfermeiras clínicas<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> (<http://www.practicenursing.co.uk/forum/home.aspx>)



Mathew (2014) traz as experiências de enfermeiras ao utilizarem a rede social e uma página aberta chamada de “NIG”, para compartilhamento de experiências e aprendizagem. Murphy *et al.* (2015), de forma geral, citam recursos úteis ou informativos (vídeos, desenhos animados, áreas de reflexão e *links* da Web) como forma de aprendizagem em um processo de instrução sobre nutrição e cuidados a enfermos de câncer. Pimmer *et al.* (2019) trazem o uso de *Mobile Instant Messaging* (MIM), o WhatsApp como meio de compartilhamento de conhecimento entre grupos, auxiliando na transição de recém formados na experiência do primeiro emprego (PIMMER *et al.*, 2019)

Pata; Santos e Burchert (2016) mencionam conteúdos relativos a normas, dinâmica social e materiais, com o objetivo de resolver problemas práticos. Neste estudo trouxeram como exemplos os setores da saúde e construção civil. Já Frisch *et al.* (2014) abordam conteúdos visando aumentar a capacidade e o interesse dos enfermeiros pela pesquisa em serviços de saúde em British Columbia (BC), Canadá. Os usuários se beneficiaram da rede de várias maneiras, em termos de construção de capacidade de pesquisa, conexão e comunicação com outros profissionais e apoio à sua prática. Os artigos de Frisch *et al.* (2014) e Murphy *et al.* (2015), trouxeram conteúdo específicos relacionados ao setor de prática, a neonatologia e nutrição, respectivamente. A pesquisa de Murphy *et al.* (2015) disponibilizou conteúdos de planejamento de carreira ou segurança no trabalho e conhecimentos clínicos práticos como: o manejo de doenças transmissíveis, avaliação da dor, arrumação da cama ou uso de cateterismo vesical.

Através da leitura dos seis artigos selecionados, percebe-se que não há mensuração do envolvimento dos colaboradores com as propostas estabelecidas pelas instituições, portanto, compreende-se que os colaboradores podem decidir o quanto se envolver com o que é oferecido. Isso pode ser relevante em países sem requisitos nacionais de desenvolvimento profissional. Por exemplo, na Holanda, conforme Pool *et al.* (2015), os enfermeiros para renovação do registro precisam demonstrar requisitos mínimos de prática. Já aqui no Brasil, Adamy *et al.* (2018) citam alguns desafios como a rotatividade nos setores e a infraestrutura adequada para o desenvolvimento entre o ensino-serviço.





### 3 PROPOSTA DE RECURSOS DIGITAIS

Para a proposta de recursos digitais passíveis de serem utilizados por profissionais de enfermagem no contexto hospitalar, utiliza-se o site *top 200tools*<sup>3</sup>. Este site traz os principais recursos digitais para aprendizagem em 2020, a partir dos resultados da 14ª pesquisa anual de ferramentas de aprendizagem lançada no dia 1º de setembro de 2020. Para selecionar um conjunto de recursos digitais estabeleceu-se dois critérios: estar dentro do contexto do público-alvo desta pesquisa, ou seja, enfermeiros em contexto hospitalar e fazer parte dos recursos ofertados pelo *google play*.

Estes dois critérios estabelecidos justificam-se pelas distintas categorias dos profissionais em enfermagens. Há diferentes categorias profissionais que compõem a equipe de enfermagem de um hospital, e estas possuem formação e tempo de estudo diferentes (Coren-RS [s.d.]). Alguns sujeitos nesta área de trabalho permanecem em constante formação, porém, outros podem estar estagnados dentro da sua formação. A escolha da plataforma Android®, justifica-se pelo fato de ser o sistema operacional mais popular do mundo, e segundo a Britannica Academic, 75% dos dispositivos móveis no ano de 2020, rodam o sistema Android (Britannica Academic, [s.d.]).

A primeira seleção do conjunto de recursos digitais extraída da *Top Tools 200* de 2020, a partir dos critérios estabelecidos e mencionados anteriormente, resultou em 51 ferramentas, apresentadas no Quadro 2.

**Quadro 2- Ferramentas extraídas da *TopTools 200* de 2020**

YouTube	WhatsApp	Kahoot	Evernote
Zoom	Facebook	Gmail	Google Sites
Google Search	Excel	Instagram	Coursera
PowerPoint	Google Meet	Google Forms	SharePoint
Microsoft Teams	Slack	Google Translate	Quizlet
Word	Skype	Outlook	aNewSpring
Google Docs & Drive	LinkedIn Learning	Google Chrome	Google Scholar
GetAbstract	Padlet	Flipgrid	Netflix
Spotify	Survey Monkey	Prezi	Blogger
Google Alerts	Coggle	Mindmeister	Google Lens
Tweetdeck	Medium	Slideshare	Telegram
Firefox	Freemind	Sway	OpenLearn
Workplace by Facebook	Quora	Podcast Addict	

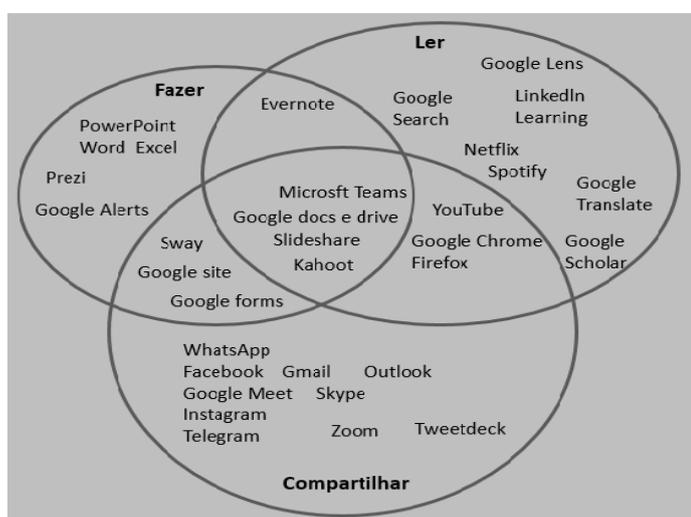
Fonte: elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2020)

<sup>3</sup> <https://www.toptools4learning.com>



Realizou-se uma pré validação dos recursos digitais que serão utilizados na proposta através Google Forms a enfermeiros que atuam no ambiente hospitalar. Obteve-se 13 contribuintes que validaram os recursos digitais. Para a apresentação dos resultados, utilizou-se a classificação de Castañeda que identifica e classifica as ferramentas como “mecanismos que o aprendiz usa para ler, produzir e compartilhar”. Os 33 recursos digitais validadas estão ilustradas na Figura 1.

**Figura 1 – Recursos Digitais validadas através de questionário online, amoldadas conforme Castañeda e Adell (2013)**



Fonte: elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa (2020)

Amoldadas nos espaços intitulados como mecanismos de aprendizagem (Fazer, Ler e Compartilhar), percebe-se que em alguns pontos, ocorre junções entre os conjuntos, provocando o entendimento que alguns recursos pertencem a mais de um mecanismo de aprendizagem.

Sway, faz parte das possibilidades oferecidas pela Microsoft, tem a característica de ferramentas de produção para apresentações e compartilhamento de conteúdo na internet. O Google *site* é uma estrutura de criação, como um *hub* central de informações, uma plataforma de *blogs* e *Wikis*. A mesma característica possui o Google Forms que é uma ferramenta de formulários criados e compartilhados para fins de pesquisa. Estas ferramentas fazem parte da junção entre os conjuntos de mecanismos **Fazer e Compartilhar**.

Firefox e Google Chrome são navegadores da *Web*, enquanto o YouTube é um recurso da *web* para compartilhamento de vídeos, inclusive está à frente da lista da *Top Tools*, sendo a



plataforma mais utilizada para a aprendizagem pessoal, e fazem parte da junção dos conjuntos **Ler e Compartilhar**.

No centro, junção dos conjuntos **Ler, Fazer e Compartilhar** encontram-se as ferramentas: Microsoft Teams, Google docs e drive, Slideshare e Kahoot. Estas são recursos da *Web* de colaboração e cooperação e estabelecem uma relação assíncrona e síncrona com os usuários, dependendo do objetivo.

As ferramentas descritas como mecanismos de **Compartilhamento** estão vinculadas ao comportamento dos nativos digitais e o caráter interativo, facilitando o diálogo em tempo real e contextualizando conforme as necessidades (ZANINELLI et al., 2016) . Agora, Google Search, Google Lens, Google Translate, LinkedIn Learning, Netflix, Spotify são fontes de buscas e foram descritas dentro da perspectiva do **LER**. O Evernote é uma ferramenta que compreende a perspectiva do **Ler e Fazer**, uma aplicação que permite a criação e compartilhamento de texto, podendo ser de uma forma corporativa, seguindo uma tendência de uso de ferramentas baseadas em um modo de redes de aprendizagem emergente, a partir de domínio complexo-adaptativo, onde a interação e a formação de redes são elementos característicos.

Por fim, as ferramentas que compõe programas de produtividade fazem parte das perspectivas do **Fazer** e atualmente podem ser compartilhadas para colaboração de mais sujeitos. As ferramentas que compõe estas perspectivas e são conhecidas e serão validadas nesta pesquisa são: PowerPoint, Word, Excel, Google Alerts, Prezi.

#### 4. CONCLUSÃO

Como descrito anteriormente, este artigo trata-se de uma parte do projeto em construção intitulado como “Recursos Digitais na formação permanente de profissionais de enfermagem em ambientes hospitalares”. Até o momento já foram identificados quais recursos tecnológicos são utilizados na formação permanente em saúde, também, analisadas tecnologias digitais que auxiliam nos processos de aprendizagem no âmbito da prática hospitalar. O próximo passo é aplicação de um processo formativo usando os recursos digitais para uma construção individual de aprendizagem, sem a restrição de espaços educacionais tradicionais, promovendo a construção do conhecimento pelo próprio sujeito.



## REFERÊNCIAS

ADAMY, E. K. et al. Tecendo a educação permanente em saúde no contexto hospitalar: relato de experiência. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 8, n. 0, 20 mar. 2018.

BARBOSA, D. N. F.; BARBOSA, J. L. V. **Aprendizagem com Mobilidade e Aprendizagem Ubíqua**. Disponível em: <<https://ieducacao.ceie-br.org/aprendizagemmobilidadeubiqua/>>. Acesso em: 28 jan. 2021.

BES, P. **Andragogia e educação profissional**. SER-SAGA ed. Porto Alegre: recursos online, 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE GESTÃO DO TRABALHO E DA EDUCAÇÃO NA SAÚDE. DEPARTAMENTO DE GESTÃO DA EDUCAÇÃO NA SAÚDE. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde: o que se tem produzido para o seu fortalecimento?** Brasília: [s.n.].

CASTAÑEDA, L.; ADELL, J. La anatomía de los PLEs. In: **ENTORNOS PERSONALES DE APREDIZAJE: CLAVES PARA EL ECOSISTEMA EDUCATIVO EN LA RED**. Marfil ed. Alcoy: [s.n.]. p. 197.

CASTAÑEDA, L.; ADELL, J. Los Entornos Personales de Aprendizaje (PLEs): una nueva manera de entender el aprendizaje. 2010.

COFEN- CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **OFICIO Nº 0621-2020**. Disponível em: <<http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/OFICIO-Nº-0621-2020.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

**Coren-RS | Conselho Regional de Enfermagem do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<https://www.portalcoren-rs.gov.br/index.php?categoria=institucional&pagina=categorias-profissionais>>. Acesso em: 17 mar. 2021.

FRENK, J. et al. **Health professionals for a new century: Transforming education to strengthen health systems in an interdependent world** *The Lancet* Lancet Publishing Group, , 4 dez. 2010. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21112623/>>. Acesso em: 6 set. 2020

FRISCH, N. et al. Growing a professional network to over 3000 members in less than 4 years: Evaluation of InspireNet, British Columbia's virtual nursing health services research network. **Journal of Medical Internet Research**, v. 16, n. 2, p. e49, 21 fev. 2014.

MATHEW, B. Using a social networking tool for blended learning in staff training: Sharing experience from practice. **Journal of Neonatal Nursing**, v. 20, n. 3, p. 90–94, 1 jun. 2014.

MUNHOZ, A. S. **Andragogia: a educação de jovens e de adultos em ambientes virtuais**. Curitiba, PR: [s.n.].



MURPHY, J. et al. Translating research into practice: Evaluation of an e-learning resource for health care professionals to provide nutrition advice and support for cancer survivors. **Nurse Education Today**, v. 35, n. 1, p. 271–276, 1 jan. 2015.

OLIVEIRA, R. G. DE. **BLACKBOOK: enfermagem**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Blackbook, 2016.

PASCHOAL, A. S.; MANTOVANI, M. DE F.; MÉIER, M. J. Percepção da educação permanente, continuada e em serviço para enfermeiros de um hospital de ensino. **Revista da Escola de Enfermagem**, v. 41, n. 3, p. 478–484, 2007.

PATA, K.; SANTOS, P.; BURCHERT, J. Social recognition provision patterns in professional Q&A forums in Healthcare and Construction. **Computers in Human Behavior**, v. 55, p. 571–583, 1 fev. 2016.

PETERSEN, K.; VAKKALANKA, S.; KUZNIARZ, L. **Guidelines for conducting systematic mapping studies in software engineering: An update**. Information and Software Technology. **Anais...Elsevier**, 1 ago. 2015

PIMMER, C. et al. Facilitating professional mobile learning communities with instant messaging. **Computers and Education**, v. 128, p. 102–112, 1 jan. 2019.

PINTO, J. R. et al. Educação permanente: reflexão na prática da enfermagem hospitalar. **Tempus Actas de Saúde Coletiva**, v. 9, n. 1, p. Pág.155-165, 29 ago. 2015.

**PLE Entornos Personales de Aprendizaje - YouTube**. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=MPUIHtYfSzA>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

POOL, I. A. et al. Strategies for continuing professional development among younger, middle-aged, and older nurses: A biographical approach. **International Journal of Nursing Studies**, v. 52, n. 5, p. 939–950, 1 maio 2015.





## TEORIA DO MEDALHÃO E SUA ATUALIDADE

### THEORY OF THE MEDALLION AND THE PRESENT

Isaque Gomes Corrêa; Juracy Ignez Assmann Saraiva

Universidade Feevale

**Resumo:** Este trabalho aproxima a representação do tipo social brasileiro presente em “Teoria do medalhão” à construção de uma identidade nacional esboçada por alguns pensadores e que culmina na ideia de um país formado por cidadãos cordiais e gentis. Sendo de natureza exploratória em seu objetivo, o texto justifica-se na medida em que ajuda não só a refletir sobre as marcas distintivas do Brasil atual como também contribui para uma apropriação de ideias clássicas concernentes a tipos sociais nacionais que ultrapassam gerações e que se mantêm presentes e atuantes. Uma das constatações alcançadas é a de que houve esforços para uma dissimulação das contradições sociais no passado e que, hoje, há um *continuum* de negação e de zombaria dessas contradições. Sob esses aspectos, o Brasil contemporâneo parece condensado no citado conto machadiano, em seu tipo social representado, e na cordialidade do homem médio, que confluem para a dissimulação dos problemas da nação.

**Palavras-chave:** Teoria do medalhão. Homem cordial. Aparências sociais. Brasil.

**Abstract:** The present paper relates the representation of the Brazilian social type of man, as in “Theory of the medallion” short story, to the construction of a national identity offered by some thinkers and that culminates in the idea of a country formed by cordial and gentle citizens. An exploratory study, this paper is justified insofar it helps not only to reflect upon some distinctive features of Brazil today but also contributes to understanding classic notions concerning national social types that outlive generations and that are present and active. One of the results is that there were efforts towards a dissimulation of social contradictions in the past and that today there is a *continuum* of denying and mockery of them. In this sense, the Brazil of the present time seems represented in the Machadian story, in its social type that is represented, in the average man’s cordiality, which leads to the dissimulation of problems of the nation.

**Keywords:** Theory of the medallion. Cordial man. Social appearances. Brazil.

## 1 INTRODUÇÃO

“Teoria do medalhão”, de Machado de Assis, “Ética a Nicômaco”, de Aristóteles, e “O que é o iluminismo?”, de Immanuel Kant, assemelham-se, apesar de suas diferenças discursivas, pois uma figura com autoridade faz uso da palavra escrita, para dizer às gerações por vir como devem proceder visando alcançar uma vida boa e digna, ainda que de aparência.

Em “Teoria do medalhão”, foco do presente trabalho, o uso da palavra se dá em prosa sarcástica e sóbria (BOSI, 1982). No texto, em forma de diálogo, um pai, na ocasião em que o filho se torna maior de idade, aconselha-o sobre a vida e a carreira profissional. A figura paterna toma a palavra para deixar um legado ao filho a fim de que este venha a alcançar a realização social e, com essa criação literária, Machado de Assis sintetiza, por sua vez, um tipo social brasileiro (SANSEVERINO, 2020).





Esse tipo social, que se refere a membros da elite nacional da segunda metade do século 19, mostra-se presente e atuante no Brasil contemporâneo, o que torna o texto de Machado de Assis atual, visto que o autor registrou, textual e literariamente, um dos traços constantes da brasilidade. Por décadas, a tópica da “cultura brasileira” ocupou estudiosos em busca de seu desvelamento, e, visando a dissolução das contradições sociais reais, houve ideólogos que elaboraram uma “noção abrangente e harmoniosa de cultura [para encobrir as] disparidades sociais, econômicas, étnicas” (MOTA, 1990, p. 25).

É nesse sentido que o presente artigo quer aproximar a representação do tipo social brasileiro em “Teoria do medalhão” com a construção histórica de uma identidade nacional de parte de pensadores que culmina na ideia de um país formado por cidadãos cordiais, gentis, de bons modos (HOLANDA, 1995), sem preconceitos, ausente de práticas racistas e outros males sociais, um país com as contradições sociais dissolvidas pacificamente.

## 2 O MEDALHÃO

Em “Teoria do medalhão”, tem-se um elogio da aparência, que lembra o famoso escrito de Erasmo de Roterdã, “O elogio da loucura”. O conto machadiano produz uma caricatura do brasileiro, membro da elite da época, conhecida como Segundo Reinado, uma vez que o pai se dirige ao filho em 1875, o que permite pressupor um paralelo entre o plano diegético e o mundo social nele retratado.

O medalhão é expressão jocosa de uma figura social de relevo e constitui um tipo ridículo (SANSEVERINO, 2020). Ele ocupa um ofício socialmente prestigiado, expressa-se por meio de lugares-comuns, faz gestos triviais e ordinários e reforça tão somente o que os outros fazem ou são. Vive de aparências, situação em que parecer virtuoso sem sê-lo de fato é mais eficaz do que sê-lo sem aparentar.

No texto, o pai diz ao filho que a base para o ofício de medalhão é negativa, quer dizer, é não ter ideias próprias. Nesse sentido, a representação do medalhão relaciona-se com o indivíduo reacionário atual, ou fraco de espírito, embora empreenda esforços para mostrar o contrário. Sanseverino (2020) destaca que o medalhão é marcado pela pura exterioridade, algo que vai “da gravidade à gargalhada [...] de um brilho sem profundidade, sem interioridade alguma” (SANSEVERINO, 2020, p. 160).



Em “O que é o iluminismo?”, de Kant, há uma admoestação ou um convite à humanidade inteira para que, com ousadia, assuma a maioria não biológica, mas intelectual, em uma ode ao pensamento próprio e autônomo. Em “Teoria do medalhão, Machado põe em cena personagens que expressam o mesmo: embora não tendo ideias próprias, o medalhão, esse tipo social, precisa trabalhar, esforçar-se pessoalmente para se formar medalhão. Afinal, os indivíduos não nascem, tornam-se medalhões, por meio de “um processo racionalmente organizado em etapas e esferas de atuação” (SANSEVERINO, 2020, p. 160).

Como Aristóteles em sua “Ética”, aparentemente escrita para instruir o filho Nicômaco a ter uma vida virtuosa, isto é, para saber pôr-se na *mesotes*, mediania, entre os extremos, definidos como o excesso ou a carência de virtudes, o pai do jovem peralta dá-lhe lições “cujo conteúdo é a arte de representar com desembaraço um certo *status*” (BOSI et al., 1982, p. 135), como forma de alcançar o respeito e a admiração social, mesmo não os merecendo. Fundamentalmente, no texto machadiano, há um questionamento sobre parecer ser sábio em lugar de sê-lo, para alcançar sucesso na vida pública ou, sarcasticamente à Machado de Assis, ser chamado para comissões, irmandades.

Fica claro que o traço principal do medalhão é não ter ideias, mas tão só aparentar que as tem. Essa arte assemelha-se à do ator que, privado de um dos braços, dissimula o defeito usando artifícios. Nessa arte, urge andar sempre acompanhado de ideias alheias. Aliás, andar desacompanhado, na solidão, é uma oficina de ideias, “e o espírito deixado a si mesmo, embora no meio da multidão, pode adquirir uma tal ou qual atividade” (ASSIS, 2011, p. 93-94), comportamento inadequado ao verdadeiro medalhão. Portanto, o tipo social trazido em Assis (2011) deve estar sempre acompanhado, ser *cool*, estar por dentro, em uma palavra: pertencer.

Buscando parecer, mesmo não sendo, o medalhão deve frequentar livrarias ou bibliotecas, não para adquirir ideias, mas para reduzir o intelecto à sobriedade, à disciplina, ao comum dos homens. Ele precisa fazer essas visitas às claras, de modo que todos saibam de sua presença nesses lugares de cultura. Adquirir as mesmas opiniões do vulgo, inteirar-se dos boatos e anedotas da semana, da mais recente calúnia que virou notícia faz parte das prioridades.

O medalhão deve também usar frases feitas para ser um verdadeiro exemplar de classe. Para tanto, pode usar “as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos” (ASSIS, 2011, p. 95), enunciados que substituem o pensamento com sua comodidade e suscitam a graça dos ouvintes. Numa contenda judiciosa, por exemplo, que exige a aplicação fecunda da razão, ao medalhão é preferível sair-se com algo assim: *Antes das leis, reformemos os costumes!* Frase



simples, encarnada no senso popular, que aparenta dizer algo profundo, de sabedoria inesgotável, mas que, na verdade, serve tão somente para acalmar os espíritos adentrando-os como “um jorro súbito de sol” (ASSIS, 2011, p. 95).

Essas e outras lições dadas pelo personagem pai ao filho, em “Teoria do medalhão”, servem para o futuro medalhão evitar a obscuridade, triunfar ao som das trombetas sagradas e trazer para si próprio os adjetivos de orações opacas, pois “o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica” (ASSIS, 2011, p. 98).

Em traços gerais, são essas as marcas distintivas do tipo brasileiro que, como visto a seguir, oferece-se como um paralelo ao homem cordial, esse sujeito caracterizado por uma negatividade pura semelhante à do medalhão, que está fora da disciplina do trabalho, é emotivo, acomodado e amorfo.

### 3 A CORDIALIDADE E O MEDALHÃO

Parecer grande e ilustre, ou pelo menos notável, eis o lema do medalhão, mas também do homem cordial. A ênfase na aparência, num simples reluzir, reúne o traço marcante do brasileiro, que é a cordialidade. Enquanto “Teoria do medalhão”, como representação do mundo social, constrói-se na tensão do contexto brasileiro do século 19 com dilemas modernos à época, “Raízes do Brasil” (HOLANDA, 1995), publicado originalmente na década de 1950, registra um Estado-nação que, desde há muito, vinha sendo construído de forma a naturalizar as disparidades sociais, dissolvendo-as na pretensa ideia de uma cordialidade inata.

Cordial diz daquilo que é relativo ao coração, com o que Holanda (1995) dá a entender haver, no brasileiro, não um uso da racionalização da vida moderna capitalista, aos moldes protestantes. O termo é empregado para sugerir o que caracterizaria o temperamento do cidadão médio nacional, marcado por gentileza, bondade natural, cordialidade, em uma só palavra. O homem cordial vive sob o véu da aparência e da superfície. A sua polidez é a “organização da defesa ante a sociedade. Detém-se na parte exterior, epidérmica, do indivíduo, podendo mesmo servir [...] de peça de resistência. Equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar inatas suas sensibilidades e suas emoções” (HOLANDA, 1995, p. 147).

Arquétipo do brasileiro, o indivíduo cordial satisfaz-se na imediatez e não internaliza a ordem e a disciplina laboral moderna. Não se individualiza nem consegue “estabelecer relações impessoais dentro de princípios abstratos e racionais, por isso a dificuldade da produção



industrial e da democracia moderna” (SANSEVERINO, 2020, p. 172). No tempo-espaço de Machado de Assis, o medalhão espera que o reconhecimento social se dê pelo seu valor de face, pelos títulos e pelo que reluz, pela aparência. O que o historiador paulista apresenta como traço de brasilidade e possível contribuição deste à civilização, ou seja, a cordialidade, Machado de Assis exemplifica satiricamente no tipo social da elite brasileira presentificado em seu conto.

A apatia do homem cordial, pacífico, gentil encontra um paralelo na indiferença moral diante da vida, manifestada no ensinamento do pai: não há que lastimar nem rogar, mas “aceitar as cousas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros” (ASSIS, 2011, p. 91). Com efeito, o ofício de ser medalhão é aconselhado ao filho para que este se acautele na vida, dada a possibilidade de que os demais falhem ou “não indenizem suficientemente o esforço da nossa ambição” (ASSIS, 2011, p. 91). É um verdadeiro jogo de aparências e superficialidade, com o que se velam problemas, os quais, sob uma outra racionalidade, poderiam ser encarados e, quiçá, superados com um esforço constante e conjunto.

#### 4 MITO EDÊNICO, DISSIMULAÇÃO E A TEORIA DO MEDALHÃO

Em “Visão do paraíso”, Holanda (2000) busca mostrar como e até que ponto a imagem bíblica do jardim do Éden achou-se difundida nos anos dos descobrimentos marítimos e discorre sobre o encantamento místico do mundo, trazido pelos conquistadores quando abarcaram por essas terras, e sobre a noção de um paraíso terrestre. Além disso, o autor debate as diferentes formas de colonização que se supõe ter havido nas Américas: na América inglesa, os desbravadores teriam vindo movidos pelo desejo de construir algo novo, enquanto, na América Latina, eles teriam sido atraídos pela esperança de encontrar um paraíso “feito de riqueza mundanal e beatitude celeste” (HOLANDA, 2000, p. XVIII).

É nesse sentido que o pensador brasileiro escreve que os conquistadores espanhóis e portugueses teriam um duplo intuito com as navegações: de um lado, tratava-se de uma questão espiritual, devocional e religiosa; de outro, tratava-se de uma questão material, de ambição, do culto ao bezerro de ouro. Assentadas essas considerações preliminares, Holanda (2000) destaca que o pensamento de um paraíso terrestre permeia os esforços colonizadores do almirante genovês, o que fica explícito nas descrições que esse faz da sua experiência em terras incógnitas. Diz o escritor paulista: “A tópica das ‘visões do paraíso’ impregna todas as suas descrições daqueles sítios de magia e lenda” (HOLANDA, 2000, p. 19).



A geografia medieval, a geografia fabulosa da antiguidade se faziam presentes no espírito dos conquistadores de forma que o que viam, ouviam e achavam que entendiam acabou frequentemente sendo tomado como prova definitiva de que tinham encontrado *de facto* o Extremo Oriente, ou seja, onde se situaria o paraíso na terra. Aos poucos, as narrativas envolvendo esses e outros mitos, originados de uma visão encantada de mundo, vão se contradizendo umas às outras, e suas histórias vão sendo rearranjadas, remodeladas para explicar aquilo que, de antemão, era pressuposto. Prevalece, porém, uma procura marcada por aquela mescla de espiritualidade e riqueza, devoção e ambição, religião cristã e culto do bezerro de ouro, fundamentos de uma demanda obstinada que deu origem ao nosso país enquanto nação colonizada, cuja marca característica é se permitir ser explorada e constantemente remodelar as visões que constrói de si para dissimular os problemas de ordem social.

Em “Cultura brasileira ou cultura republicana?”, Mota (1990) afirma que, na década de 1930, houve um período de redescoberta do país, de sua história: o seu traço mestiço, a suas lutas de classes, as mentalidades cambiantes e o rompimento entre a linhagem positivista e a visão estamental escravista. É no Estado Novo que se gesta um Brasil moderno, conquanto subdesenvolvido e, mais tarde, dependente. A noção aí forjada de cultura brasileira fabricou um modo de dissolver as contradições reais do Brasil, encobrendo os problemas coletivos da nação.

As contradições, também nesse período de descobertas locais, se fazem presentes e persistem, como hoje. Na atualidade, entretanto, as contradições e incoerências deixaram de ser dissimuladas, uma vez que se fazem ver à luz do dia, formuladas por lideranças nacionais de todos as esferas da sociedade. Líderes religiosos, de partidos políticos, de Estado, governo, entidades da sociedade civil, com a exposição que a internet proporciona, volta e meia manifestam textualmente algumas das incompatibilidades que se originam, em última instância, nas relações sociais e nos desenvolvimentos históricos.

É assim que se vê um vice-presidente da República declarar que “no Brasil, não existe racismo” (MAZUI, 2020, on-line), logo após o assassinato de um homem negro num supermercado de Porto Alegre. É assim também que se vê Sérgio Camargo, que preside a Fundação Palmares, enviar um documento ao Comitê para a Eliminação da Discriminação Racial da Organização das Nações Unidas (ONU), em julho de 2020, no qual elogia a atuação da fundação que encabeça. O governo do qual Camargo faz parte, no entanto, extinguiu, já no primeiro mês de governança, a secretaria antes dedicada à questão do racismo no país, em um claro movimento de aparências diante das contrapartes internacionais.



Igualmente, é assim que se vê a Secretaria Nacional de Juventude, ligada ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, encabeçado por Damares Alves, manifestar-se favoravelmente à aprovação da Proposta de Emenda à Constituição n.º 32/2019, que prevê a redução da maioridade penal (SAKAMOTO, 2020). Tem-se, aqui, uma entidade que nominalmente visa a promoção e defesa dos jovens, mas que, em lugar de apoiar a criação e o fortalecimento de programas sociais para a melhoria das situações de vida dessa parcela populacional, busca, isto sim, colaborar com a repressão e seu encarceramento.

Essas e outras contradições nada dissimuladas, manifestações de uma sociedade de aparências, presentificada nas figuras do medalhão e do homem cordial, marcam o Brasil atual.

## 5 CONCLUSÃO

Com base nos tipos sociais do medalhão e do homem cordial e no que se vê no Brasil atual, afirma-se que, em décadas passadas, houve esforços para uma dissimulação das contradições sociais; hoje, porém, parece que o mesmo movimento ocorre num *continuum* de negação e de zombaria explícito. Existem exemplos de contradições não só daquelas inerentes às estruturas e superestruturas de uma sociedade classista e contratualista, mas também de casos concretos advindos de líderes de variados campos. Pastores pentecostais poderiam ser citados em *contradictio in adjecto*: cristãos defendendo o fuzilamento do próximo, apoiando admiradores de torturadores, chamando aqueles de defensores dos valores da família, embora a vida pública os contradiga com casamentos múltiplos, parcerias duvidosas, flertes com formação de quadrilha. Não há dúvida de que exemplos dessas contradições existem também entre lideranças progressistas à esquerda do país. Fica para o leitor, no entanto, enumerá-las.

“Teoria do medalhão” retrata um pai que fala ao filho e, há, no texto, uma relação patriarcal de poder. Nele também se expressam relações sociais mais amplas, marcadas pela figura masculina e por sua superioridade em relação ao gênero feminino. Embora constituída em forma de diálogo, a criação de Machado de Assis traz o tom monológico e imperativo de uma voz que explica a vida para o outro que nada sabe, voz que incorpora uma verdadeira mascarada. O Brasil contemporâneo parece condensado nesse texto do Bruxo do Cosme Velho, na valorização da falsidade do medalhão e na cordialidade do homem médio, que confluem para a dissimulação dos problemas da nação.



## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo *et al.* **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982.

SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira. Medalhão: profissão sem trabalho. *In*: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina. **Machado de Assis**: intérprete da sociedade brasileira. Porto Alegre: Zouk, 2020.

MOTA, Carlos Guilherme. Cultura brasileira ou cultura republicana? **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 19-38, 1990. Disponível em: <https://bit.ly/3amjGck>. Acesso em: 5 out. 2020.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ASSIS, Machado de. **Seus trinta melhores contos**: Machado de Assis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. (Saraiva de Bolso)

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Visão do paraíso**: Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense / Publifolha, 2000.

MAZUI, Guilherme. 2020. **‘No Brasil, não existe racismo’, diz Mourão sobre assassinato de homem negro em supermercado**. Disponível em: <https://glo.bo/3p2vyFj>. Acesso em: 17 dez. 2020.

SAKAMOTO, Leonardo. **Secretaria de Juventude dá parecer favorável à redução da maioria penal**. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3muivem>. Acesso em: 17 dez. 2020.





## OS SUPER-HERÓIS COMO PROMOTORES DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

### SUPERHEROES AS PROMOTERS OF HUMAN DEVELOPMENT

Gelson Vanderlei Weschenfelder; Ernani Mügge

Universidade Feevale

**Resumo:** As HQs de super-heróis, além de promover entretenimento, atuam sobre o leitor, pois apresentam questões que todo ser humano enfrenta no cotidiano. Suas temáticas estão relacionadas à superação de adversidades, à construção de identidade pessoal e de gênero, à ética, entre tantos outros. Defende-se, neste estudo, sua inserção na escola, visto que elas se constituem em importante fonte de reflexão acerca da superação e do enfrentamento de situações difíceis. Para a realização do trabalho, contextualiza-se, preliminarmente, o contexto da juventude no Brasil e se discute, com base em autores diversos, a importância de intervenções positivas no âmbito escolar, no sentido de fortalecer o desenvolvimento do discente. Apresenta-se breve histórico das HQs e se discorre sobre como esse gênero pode atuar sobre o jovem ao fazê-lo se identificar com os personagens super-heróis. Por último, expõe-se, por meio de dois exemplos, como os super-heróis podem se constituir em referência para jovens.

**Palavras-chave:** Histórias em quadrinhos. Super-heróis. Desenvolvimento humano. Educação.

**Abstract:** The superheroes of the comicbooks, in addition to promoting entertainment, act on the reader, as they present issues that every human being faces in everyday life. Its themes are related to overcoming adversity, building personal and gender identity, ethics, among many others. This study defends their insertion in the school, since they are an important source of reflection on overcoming and coping with difficult situations. In order to carry out the work, the context of youth in Brazil is preliminarily contextualized and the importance of positive interventions in the school sphere is discussed, based on different authors, in order to strengthen student development. A brief history of the comics is presented and it is discussed how this genre can act on the young person by making him identify with the superheroes characters. Finally, two examples are shown of how superheroes can be a reference for young people.

**Keywords:** Comic Books. Superheroes. Human development. Education.

## INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos (HQs) de super-heróis, sob a ótica de grande parte da população, destinam-se especialmente ao público infanto-juvenil e servem apenas para entretenimento. Essa visão, entretanto, carece de uma revisão, visto que, além de entreter, elas podem exercer outra finalidade: atuar sobre o sujeito, envolvendo-o em um processo de autoconhecimento e, por consequência, incitá-lo a tomar posicionamentos em relação a si e ao mundo.

A atuação das histórias em quadrinhos sobre o leitor ocorre porque elas introduzem e abordam, de maneira significativa, algumas questões de suma importância na vida dos seres





humanos, as quais estão relacionadas ao seu cotidiano. São temas ligados à superação de adversidades, construção de identidade pessoal, elementos de ética, moral, justiça, enfrentamento de medos, de situações de violência, entre outros (WESCHENFELDER, 2011).

O reconhecimento da natureza e a identificação das funções das histórias em quadrinhos são condições importantes para a qualificação de um processo educacional que vise à formação integral do indivíduo. Essa tomada de posição em relação ao gênero em questão é ainda mais relevante caso se considere o crescente número de pessoas que vivem em condições desfavoráveis no Brasil e no mundo, portanto, inseridas em um contexto de vulnerabilidade.

Um grupo, em particular, que merece a atenção de investigadores, refere-se às crianças e jovens que, pelas peculiaridades dessas fases de desenvolvimento, estão expostos a condições que podem resultar em comportamentos, padrões de conduta e rotinas que, por vezes, perduram durante a fase adulta (WINDLE et al., 2004; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2004). Reiterando essa preocupação no Brasil, o balanço do governo (janeiro a julho/2015) revelou o registro de 66.518 denúncias de violações de direitos humanos. Destas, 42.114 são relacionadas às violações dos direitos de crianças e adolescentes. Assim sendo, em 63,2% dos casos, os alvos das violações são as crianças e adolescentes, que constituem um segmento bastante fragilizado da população brasileira. Segundo o estudo da Secretaria, os abusos registrados contra crianças e adolescentes estão mais concentrados em episódios de negligência (definida como a ausência ou ineficiência no cuidado), com 76,35%, seguida de violência psicológica, com (47,76%), violência física, (42,66%) e violência sexual, (21,90%).

Os objetivos dessa pesquisa é investigar as imagens dos super-heróis das histórias em quadrinhos como recursos para a promoção de resiliência e assim desenvolvimento humano em crianças e adolescentes em situações de risco.

## INTERVENÇÕES POSITIVAS

É consenso a responsabilidade da escola de promover, em conjunto com a família, o desenvolvimento pleno de crianças e adolescentes. No entanto, é nesse mesmo contexto escolar que são registradas inúmeras e frequentes manifestações de comportamentos agressivos, conflitos e de expressões de intolerância (ABROMOVAY, 2002; PORTELA, DALBOSCO, 2016). As características dessas violências envolvem *bullying* (FERNANDES *et al*, 2017; FERNANDES, 2016), agressões físicas e verbais entre pares ou contra educadores,



depredações na estrutura física dos espaços, consumo de drogas, porte de armas, preconceito e discriminação, entre outros (PORTELA, DALBOSCO, 2016).

É inegável a implicação dos riscos causados por essas situações na saúde social dos jovens e, sobretudo, na constituição psicológica dos adolescentes em desenvolvimento, tais como prejuízo nas relações sociais; diminuição da qualidade de vida; impactos no desenvolvimento emocional; depressão; transtornos pós-traumáticos, entre outros (PORTELA, DALBOSCO, 2016). Diante dessa realidade, poder-se-ia afirmar a necessidade de muito planejamento e da execução de intervenções protetivas ou “intervenções psicoeducacionais positivas”. Além disso, são ações que visam a promover resiliência, por meio de transformações de si e de seu meio social (YUNES, 2015) e, conseqüentemente, o fortalecimento pessoal e social. Conforme Yunes, Silveira, Juliano, Pietro e Garcia (2013), desenhar e realizar uma intervenção positiva propõe atuar preventivamente, ou seja, operar na etapa em que indivíduos, grupos e comunidades ainda estão saudáveis e produtivos. Tais intervenções somente tornam-se possíveis se os condutores das mesmas partirem de uma visão mais otimista dos seres humanos. Esse é um grande desafio no mundo atual, altamente midiático, que se caracteriza pela oferta e consumo em massa de manchetes e reportagens que vendem o lado perverso e maldoso de alguns seres (des)humanos (WESCHENFELDER *et al*, 2018). Sendo assim, justifica-se a elaboração de intervenções positivas em ambientes educativos formais, as quais possam suscitar ações que visam a promover aprendizagens transformadoras e geradoras de resiliência a partir de exemplos inspiradores e interações de bons tratos (WESCHENFELDER, 2020b). Entre as ações, situa-se a inserção gênero história em quadrinhos – com seus vários super-heróis – no rol de leituras a serem realizadas em aula, com a mediação do professor.

## OS SUPER-HERÓIS E O PÚBLICO INFANTO-JUVENIL

Os super-heróis estimulam virtudes nas crianças, como a coragem, a força para enfrentar desafios, vencer os medos; a atitude de proteger os mais fracos, defender ideais positivos, etc. (WESCHENFELDER, 2011). Nesse sentido, eles representam os atributos que os humanos mais admiram em si próprios. Portanto, os personagens são mais do que ídolos, são modelos morais. Esse posicionamento vai de encontro à ideia, bastante disseminada, de que as HQs – e suas adaptações para os desenhos animados de TV e para o Cinema – prejudicam a formação da criança e/ou do adolescente. No confronto do ‘Bem contra o Mal’, temática recorrente nas



HQs, não há indução do leitor/espectador à violência; ao contrário, os ensinamentos acionam estratégias de resolução de conflitos com dignidade (WESCHENFELDER, 2011). Assim, as HQs podem se constituir em instrumentos pedagógicos potentes, principalmente para o encontro de exemplos de superação e enfrentamento de situações difíceis que remetem ao construto da resiliência (MASTEN, 2014; WALSH, 2005; YUNES, 2015).

Uma ideia pouco disseminada entre o público é que a grande maioria dos super-heróis das HQs sofreram (ou ainda sofrem) com adversidades sociais. As histórias trazem, em seus enredos, a superação dessas adversidades por intermédio do empoderamento e poder de enfrentamento dos males e sofrimentos de diversas formas. Assim, o simbolismo dos super-heróis como uma “ferramenta” de intervenção psicoeducacional e promotora de resiliência e empoderamento traz importantes benefícios a crianças e adolescentes no enfrentamento do sofrimento das adversidades sociais. Projetar esses personagens ficcionais como modelos de superação e possibilitar que as crianças, em seus momentos vulneráveis, se inspirem para superar seus sofrimentos pode ser um motor propulsor para fazer uma “virada” (RUTTER, 1987) de grande significado para o resto de suas vidas.

Estudos demonstram (WESCHENFELDER, 2017) que é possível realizar paralelos entre as adversidades da vida real de crianças e jovens desfavorecidos (por abandono, abuso, etc.), por exemplo, e as histórias de vida ficcionais vividas pelos super-heróis, especialmente no estágio anterior à transformação desses personagens heroicos, ou seja, antes de usarem suas “capas e/ou máscaras e fantasias”, sinais simbólicos da força e da coragem para combater o crime e o mal (WESCHENFELDER, 2011). Tal fato leva a questionar e investigar quais seriam as implicações clínicas, sociais, educacionais e políticas dessas semelhanças para a construção de programas de apoio e promoção de resiliência em diferentes ambientes educativos.

## HQS EM AMBIENTE ESCOLAR

Talvez poucos profissionais da educação acreditem que os personagens de superaventura possam ser usados como recurso pedagógico de motivação e inspiração no desenvolvimento de crianças. Ao tratar desse tema Weschenfelder (2014), ressalta que personagens super-heroicos apresentam potencial como recurso educativo e podem se fazer presentes nas salas de aula.

Mas, em que medida o personagem pode contribuir na fase que antecede sua transformação em super-herói, ou seja, antes de se empoderar, de adquirir superpoderes, ainda



destituído das capas e máscaras que escondem sua identidade real? Como todo o indivíduo da vida real, ele também vive momentos difíceis, enfrenta desafios, obstáculos, enfim, tem suas dificuldades, as quais precisa superar. Em uma indexação das adversidades vividas pelos super-heróis, um estudo (FRADKIN, WESCHENFELDER & YUNES, 2016) evidencia que a grande maioria dos personagens de superaventura já viveu ou vive alguma adversidade, tais como orfandade (Homem-Aranha, Superman, Batman), abandono pela família (Hulk, Superman, Viúva Negra), tem um membro da família assassinado (Homem-Aranha, Batman), possui limitações econômicas (Capitão América, Homem-Aranha), sofre sequestro (Homem de Ferro) e Bullying (Homem-Aranha, Capitão América), abusos e violência sexual (Mulher-Gato, Miss Marvel, Canário Negro). Essas histórias de adversidades na fase Pré-Capa/Pré-Máscara dos super-heróis apresentam potencial para promover o empoderamento de crianças e jovens de grupos vulneráveis (FRADKIN *et al*, 2016).

Os personagens super-heroicos já estão presentes no imaginário infanto-juvenil e, assim, estão automaticamente inclusos numa elaboração interventiva, tendo grande força de identificação lúdica e auxiliando no encontro de caminhos com gosto de empoderamento. Entretanto, cabe ressaltar que, em um ambiente de sala de aula, existe uma linha tênue entre se inspirar nos super-heróis e ter um profissional da educação como tutor ou mediador para promover uma intervenção usando super-heróis. Harris (2016) acredita que os super-heróis possam ser uma fonte de motivação e inspiração positiva para crianças e adolescentes. Portanto, em sala de aula, o uso de super-herói tem um imenso valor por razões afirmadas pela autora, que são a socialização, a reciprocidade, a promoção de resiliência, a construção da comunidade e o empoderamento da criança (WESCHENFELDER, 2020a). Nesse sentido, levar o jovem leitor a identificar-se com os super-heróis pode ser visto como uma iniciativa de formação, e a utilização da figura dos super-heróis das HQs entre populações vulneráveis de crianças e adolescentes (FRADKIN *et al*, 2016) como estratégia de reabilitação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Às HQs e suas histórias pode ser atribuída somente a função de entretenimento. Entretanto, breve incursão pelas narrativas revela que esse posicionamento é equivocado. O simples fato de se ter investido tanto na difusão dessas histórias, seja na sua forma impressa, clássica, seja na forma das mídias eletrônicas mais recentes, aponta para algo além do imediato.



É facilmente identificável que as HQs não são tão inocentes como parecem e não trazem tão somente entretenimento ao seu leitor. As histórias introduzem e abordam, de forma vívida, questões de suma importância enfrentadas pelos humanos em seu cotidiano, relacionadas à ética, à responsabilidade pessoal e social, à mente e às emoções humanas, à identidade pessoal, ao sentido de vida, ao que se pensa da ciência e da natureza, à amizade, à vida em família, à coragem de enfrentar medos, à superação, resiliência, entre muitas outras. Talvez seja, por este motivo, que muitos se prendem ao universo dos super-heróis e dão grande audiência a este tema. A leitura e assistência de HQs pode provocar, no leitor/espectador, a reflexão sobre os problemas centrais da condição humana, como a natureza do destino ou conflitos entre a compaixão e a justiça, exatamente por apresentarem atributos que os humanos mais admiram em si próprios. Nessa ordem, os personagens são mais que ídolos, são modelos.

Assim, na contramão do que muitas pessoas pensam, as HQs e suas adaptações para os desenhos animados de TV e para o Cinema não prejudicam a formação da criança e/ou adolescente, muito pelo contrário, ajudam-na em sua formação. No confronto do ‘Bem contra o Mal’, temática recorrente nas HQs, não há indução do leitor/espectador à violência, mas os ensinamentos apontam para as possibilidades de resolver conflitos com dignidade moral (WESCHENFELDER, 2011). Portanto, as HQs constituem-se em instrumentos pedagógicos, principalmente para o encontro de exemplos de superação e enfrentamento de situações difíceis que remetem ao construto da resiliência.

Percebe-se, assim, a relação entre a vida dos super-heróis, marcada pela vulnerabilidade, e as adversidades que muitas crianças e adolescentes enfrentam em seu dia a dia. Assim, as narrativas dos super-heróis podem se constituir em ferramenta de intervenção psicoeducacional e promotora de resiliência e empoderamento. A identificação com os super-heróis dos quadrinhos pode auxiliar crianças e adolescentes a enfrentarem o sofrimento de suas (ainda) incompreensíveis adversidades. Projetar esses personagens ficticiais como modelos de superação, e possibilitar que as crianças em momentos vulneráveis de suas vidas se inspirem nelas para superar seus sofrimentos pode ser um motor propulsor para fazer uma “virada” de grande significado para o resto de suas vidas. Nesse contexto, os super-heróis se constituem em grande potencial para o desenvolvimento humano de crianças e adolescentes.



## BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, M. **Escola e violência**. Brasília: Unesco Brasil, 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128717por.pdf> . Acesso em: 21.05.2019.

FERNANDES, G.; YUNES, M. A.; TASCETTO, L. R.. Bullying no ambiente escolar: O papel do professor e da escola como promotores de resiliência. **Revista sociais e Humanas**, v. 30, p. 141-154, 2017.

FERNANDES, Grazielli. **Violência doméstica e bullying [manuscrito]: a percepção da rede de relações sob ótica da bioecologia do desenvolvimento humano**. Dissertação (mestrado em Educação) – Centro Universitário La Salle, Canoas, 2016.

FRADKIN, C., WESCHENFELDER, G. V., & YUNES, M. A. M. Shared adversities of children and comic superheroes as resources for promoting resilience: Comic superheroes are an untapped resource for empowering vulnerable children. **Child abuse & neglect**. 2016. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0145213415003683> Acesso em: 13.07.2010.

HARRIS, K. I. Heroes of resiliency and reciprocity: teachers' supporting role for reconceptualizing superhero play in early childhood settings. **Pastoral Care in Education**, v. 1 n.16, 2016.

MASTEN, A. S. **Ordinary magic: resilience progresses in development**. New York, London: The Guilford Press, 2014.

PORTELA, Jaqueline G.; DALBOSCO, Débora D.. Violência escolar: Associação com violência intrafamiliar, satisfação de vida e sintomas internalizantes. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 36, n. 91, p. 340-356, 2016.

RUTTER, M. Psychosocial resilience and protective mechanisms. **American Journal of Orthopsychiatry**, v.57, 1987.

UNICEF. Guia municipal de prevenção da violência letal contra adolescentes e jovens. Rio de Janeiro: **Observatório de Favelas**, 2012. Disponível em: [https://www.unicef.org/brazil/pt/GuiaPRVL\\_RevisaoFINAL\\_04MAI.pdf](https://www.unicef.org/brazil/pt/GuiaPRVL_RevisaoFINAL_04MAI.pdf). Acesso em: 14.06.2020.

WALSH, F. **Fortalecendo a resiliência familiar**. São Paulo: Editora Roca, 2005.

WESCHENFELDER, Gelson. **Homens de Aço? Os super-heróis como tutores de resiliência**. Curitiba: Appris, 2020a.

WESCHENFELDER, G. V.; YUNES, M. A. M.; FRADKIN, Chris . Super-heróis na fase pré-capa/pré-máscara: inspiração para intervenções psicoeducacionais positivas. **Pesquisa e práticas psicossociais**, v. 15, p. 1-12, 2020b.





WESCHENFELDER, G. FRADKIN, C. & YUNES, M. A. M. Super-Heróis na fase Pré Capa/Pré-Máscara como base de inspiração para intervenções psicoeducacionais positivas. **Psicologia – Teoria e Pesquisa**. 2018.

WESCHENFELDER, Gelson. **Os super-heróis das histórias em quadrinhos como recursos para a promoção de resiliência para crianças e adolescentes em situação de risco**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2017.

WESCHENFELDER, Gelson. **Aristóteles e os super-heróis: a ética inserida nas histórias em quadrinhos**. São Bernardo do Campo, SP: Garcia edizioni, 2014.

WESCHENFELDER, Gelson. **Aspectos educativos das histórias em quadrinhos de super-heróis e sua importância na formação moral, na perspectiva da ética aristotélica das virtudes**. Dissertação, Unilasalle, 2011.

WESCHENFELDER, Gelson. **Filosofando com os super-heróis**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

WINDLE, M., GRUNBAUM, J. A., ELLIOTT, M., TORTOLERO, S. R., BERRY, S., GILLILAND, J., SCHUSTER, M. Healthy passages: A multilevel, multimethod longitudinal study of adolescent health. **American Journal of Preventive Medicine**, v. 27, p. 164-172, 2004.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World report on violence and health**. Geneva: WHO, 2002. Disponível em:  
[http://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/violence/world\\_report/en/summary\\_en.pdf](http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/summary_en.pdf)  
Acesso em: 20.12.2019.

YUNES, M. A. M. Dimensões conceituais da resiliência e suas interfaces com risco e proteção. In MURTA, C. L.; FRANÇA, C. L.; BRITO, K.; POLEJAK, L. (Org.). **Prevenção e promoção em saúde mental: Fundamentos, planejamentos e estratégias de intervenção**. Novo Hamburgo: Synopsis, 2015.



## MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA DOCENTE: ENTRELAÇAMENTOS POSSÍVEIS NA FORMAÇÃO

MEMORY AND TEACHING EXPERIENCE: POSSIBLE INTERTWINING IN TRAINING

Tatiane Peres Zawaski; Patrícia Kayser Vargas Mangan

Universidade La Salle

**Resumo:** O presente estudo objetiva promover reflexões da memória como agente de formação docente, atentando sua importância nesse processo experiencial. Motivadas pela importância de a memória ganhar um espaço no contexto de formação de professores, discorreremos sobre conceitos fundamentais a partir dos estudos de Benjamin (1994), Halbwachs (1990) e Macedo (2015). A partir de uma pesquisa qualitativa (FLICK, 2013), constata-se que memória e experiência estão imbricadas sendo necessárias reflexões e estudos no campo da educação, já que a experiência leva à rememoração para a constituição de saberes.

**Palavras-chave:** Memória. Experiência. Docente. Formação.

**Abstract:** This work aims at promoting reflections on memory as an agent of teacher education, taking into account its importance in this experiential process. We discuss fundamental concepts from the studies of Benjamin (1994), Halbwachs (1990) and Macedo (2015) motivated by the importance of memory gaining space in the context of teacher training. Through one qualitative research (FLICK, 2013), we can see that memory and experience are intertwined, requiring further reflections and studies in the field of education, since experience leads to remembrance for the constitution of knowledge.

**Keyword:** Memory. Experience. Teachers training.

### INTRODUÇÃO

A motivação para a escrita deste artigo advém da importância de a memória ganhar espaço no contexto de formação de professores, aliada a necessidade de fomentar a realização de registros significativos para os indivíduos e para a história da educação, bem como contribuir para a difusão do tema na área educacional. Reconhecendo que todas as nossas ações perpassam pela necessidade de lembranças e esquecimentos, vimos que, no contexto educacional, muitas práticas estão associadas às memórias passadas, ressignificadas no presente, a fim de transformar ações futuras.

O estudo justifica-se pela necessidade de reflexões sobre memória e a experiência docente, tendo em vista que o número de trabalhos que abarquem esse tema ainda é restrito, de forma que a memória é pouco abordada no contexto educacional. Enquanto professora, ao analisar as formações docentes, que ocorrem dentro das instituições, percebe-se a preocupação central em transmitir informações ou tratar de temas formativos, aliados às práticas, das quais não valorizam o conhecimento de si do educador.



Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é promover reflexões sobre memória como agente de formação docente, atentando sua importância nesse processo experiencial. A presente pesquisa de cunho qualitativo foi realizada com educadores do ensino fundamental e médio, de uma escola da rede privada de ensino, da região metropolitana de Porto Alegre/RS. Os participantes da pesquisa foram chamados a refletir e a elencar de forma individual e coletiva quais seriam as “palavras” que se perpetuam na memória dos educadores, inerentes às práticas oriundas do ano letivo de 2020.

A seguir algumas reflexões sobre memória e experiência, fundamentados nos estudos de Benjamin (1994), Halbwachs (1990) e Macedo (2015), entre outros. Na sequência, traça-se o percurso metodológico e a análise dos resultados obtidos na pesquisa, ancorados no referencial abordado. Por fim, as considerações tecem a necessidade de repensar a formação e inserir as memórias, bem como a voz e as histórias do educador no percurso formativo.

## **DIALOGANDO COM MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA DOCENTE: RESSIGNIFICANDO O PROCESSO DE FORMAÇÃO**

Iniciaremos nossas discussões atentando para o campo das experiências que, na visão de Macedo (2015), vem, tradicionalmente, sendo desperdiçada, já que poucas são as vozes dadas a ela. Segundo o autor, a experiência é tudo o nos passa, nos acontece, que produz sentido e dá significado às nossas vidas. Assim, ela nos afeta e mobiliza, propiciando o saber e o reconhecimento de si como um ser social que está imbricado em profundas transformações, advindas de suas memórias e histórias.

Todos nós somos uma imensidão de histórias, que se entrelaçam com outras histórias, de forma que nunca estamos sozinhos (HALBWACHS, 1990). No campo educacional, a construção da identidade docente perpassa por todas essas histórias, das quais a compreensão das experiências torna-se fundamental para o reconhecimento de si e do outro. A pesquisadora Josso (2010) reflete esse processo experiencial a partir do termo “caminhar para si”, cuja caminhada para Zawaski (2019) é uma viagem ao longo da trajetória em que o viajante pode reconstituir seu itinerário pela experiência, oriunda de suas memórias passadas, ressignificadas no presente.

Nesse sentido, a valorização da experiência no contexto educacional abre-se para o vivido, o experienciado, cujo sentido está na valorização do educador, a partir do seu *saberfazer* (MACEDO, 2015). Esse *saberfazer* advém das vivências refletidas, sejam no presente ou no



passado, que se perpetua em meio às memórias docentes, articuladas às suas práticas, bem como daqueles que lhes servem de referência e, de certa forma, participam, ativamente de sua formação.

Corrobora-se com Camoleze (2020), compreendendo que a memória e a experiência sempre tiveram relação. Com isso, entende-se esse entrelaçamento entre elas, já que toda a experiência vivida necessita, automaticamente, da memória para que possa formar a identidade e transformar o futuro. Com isso, a memória individual ou coletiva parte de experiências e vivências, nossas e dos outros, das quais influenciam as práticas docentes.

Compreende-se, assim como Pollak (1992), que a memória é fenômeno construído coletivamente, sendo este submetido a mudanças constantes, assim, entende-se sua importância enquanto agente de formação do processo docente. Segundo Pollak (1992) há elementos constitutivos da memória, que ele denomina como acontecimentos vividos pessoalmente e os acontecimentos vividos por tabela, dos quais pode-se exemplificar com as ações vivenciadas e aquelas partilhadas pelos colegas, durante conversas informais e jornadas pedagógicas.

Pensando nessas exemplificações, concebe-se a presença de personagens na memória de cada um, que são as pessoas encontradas no decorrer da vida, na concepção de Pollak (1992). Junto aos personagens são arrolados lugares, a que Pollak (1992) entende estarem ligados a uma lembrança pessoal. Para ele:

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio do tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independente da data real em que as vivências se deu, (POLLAK, 1992, p. 202)

Todos esses processos que giram em torno da memória, enquanto agente de formação, decorrem em um determinado tempo. Assim, recorre-se aos conceitos de espaços de experiência e horizonte de expectativas, advindos do pesquisador Reinhart Koselleck (2006). Segundo Zawaski (2019):

O espaço de experiência, para o autor, é o passado atual, a que Silva e Fontebasso (2013) compreendem como reatualização do presente, ou seja, uma experiência passada que se revitaliza no tempo presente. Os horizontes de expectativa, no entendimento de Reinhart Koselleck (2006) é o futuro presente, ou seja, aquilo que realizamos hoje, mas que ainda não pode ser previsto.

Atentando-se ao passado e ao presente caracterizados por Koselleck (2016), é fácil a constatação da presença da memória, imbricada nos processos de formação docente. A partir





dos acontecimentos e das interpretações do passado, há um reforço quanto aos sentimentos de pertencimento a uma profissão, nesse caso, a docência. Assim, compreende-se que a memória-formação-identidade tende a correlacionar-se em um movimento constitutivo para ressignificação do fazer docente.

## **DIALOGANDO COM A METODOLOGIA E COM OS RESULTADOS: RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS**

### **PERCURSO METODOLÓGICO**

Este estudo foi baseado em uma pesquisa qualitativa (FLICK, 2013), com o objetivo de promover reflexões da memória como agente de formação docente, atentando sua importância nesse processo experiencial. Assim, a investigação partiu da busca de “palavras” que se perpetuam na memória dos educadores, do ensino fundamental e médio, da rede privada de ensino, de uma instituição da região metropolitana de Porto Alegre/RS, a partir das vivências advindas do ano letivo de 2020, período em que práticas tiveram de ser ressignificadas, em virtude do isolamento social, momento em que as instituições iniciaram o ensino remoto.

Na pesquisa, foi solicitado aos vinte e cinco professores que relatassem “palavras” que se perpetuariam em suas memórias, neste período pandêmico. Tendo em vista que estávamos vivendo um momento de isolamento social, a descrição das palavras foi solicitada através de um questionário on-line, por meio de um formulário do Google, como instrumento investigativo. De posse destas pesquisas, as palavras foram analisadas em uma perspectiva de análise do conteúdo (BARDIN, 2011), com foco em refletir sobre elas, referenciadas à memória dos educadores e, posteriormente, analisá-las por meio do referencial teórico desta pesquisa. A seguir seguem os dados obtidos por esta pesquisa, assim como sua respectiva análise

### **ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Diante do questionamento “A partir do período que estamos vivendo, onde adaptações foram necessárias, aliando nossas práticas com a tecnologia, que palavra ficará em sua memória desses tempos atípicos?”. Abaixo, uma breve síntese de algumas destas palavras, a partir da perspectiva de rememoração.

“Dedicação”, “Desacomodação” e “Estudo” destacaram-se, visto que o nível de dedicação na pandemia foi muito além do empregado nas práticas presenciais, tendo em vista



a reformulação de seus planejamentos, as intermináveis correções e os auxílios aos alunos fora do período de aula. Descreveram que a “empatia” foi praticada e não apenas mencionada, já que em determinado momento de suas práticas, necessitaram colocar-se no lugar do estudante, entendendo as demandas oriundas da quantidade de tarefas, assim como da impossibilidade de conexão e, até mesmo, o motivo das câmeras fechadas.

A “organização” e a “paciência” perpetuaram-se nesse ano letivo atípico, em que se fez emergente um plano que atendesse a todos, mas que ao mesmo tempo tivesse flexibilidade visualizando as especificidades de cada educando. Os três “Rs”, da “Resiliência”, “Resistência” e “Respeito”, serão rememorados por muito tempo, segundo os educadores, já eles entendem que resistiram aos usos tecnológicos, mas chegado um tempo de mudanças, tiveram que inseri-los em suas práticas, pois sem a tecnologia ela não seria possível.

Os “desafios”, a “inovação” e a “reinvenção” também ficarão na memória dos educadores, de forma que segundo uma participante, na escolha da profissão, esses termos são comuns no dia a dia da sala de aula, entretanto, no ano de dois mil e vinte sentiram esta palavra de forma mais expressiva e, segundo seus relatos, perceberam o que realmente seria desafiador. Por fim, as palavras “tecnologia” e “superação”, termos que se fizeram presentes no ano de dois mil e vinte e serão rememorados nos tempos vindouros.

De acordo com os termos rememorados, descritos acima, percebe-se que as memórias dos educadores proporcionam reflexões de/sobre suas práticas cotidianas. É possível recorrermos, aqui, a Bernd e Soares (2019) atentando que a recordação remete à memória enquanto potência, pois ao lembrar dos termos haverá uma passagem pelo sentimento vivido e, logo será ressignificado pelo conteúdo da memória.

Nesse sentido, convergimos com Benjamin (1994) entendendo o ato de recordação como uma possibilidade de reviver, sentir novamente, sensibilizar-se. Por isso, no ato da lembrança, também poderá haver um esquecimento, por parte desses educadores, já que na espontaneidade da lembrança, fatos podem ser silenciados, para que outros sejam passíveis de novas interpretações.

Ao concebermos que a memória se organiza a partir da realidade, comungamos do que Graeff e Graebin (2018) expressam, considerando as relações da memória com os outros e com determinadas coisas em dado tempo. Assim, espaço, tempo e a linguagem, seja oral ou escrita, vão definindo as experiências, em um processo de reconstrução das recordações, por meio de



evocações. Experiências são vida (LARROSA, 2018), em um processo cíclico de atenção, escuta, abertura, sensibilidade e exposição.

Assim, nessa caminhada teórica compreende-se a importância de estudos sobre a memória enquanto agente de formação. Segundo Halbwachs (1990) é na história vivida que a memória se apoia, então, refletir sobre essa memória e experiência é possibilitar uma formação docente que acolhe e escuta as aprendizagens dos professores. No revisitar da memória, ressignifica-se ações passadas no presente, transformando-as, isso é formação.

## CONCLUSÃO

Rememorar o passado é uma ação presente de acordo com Benjamin (1994), então, as experiências vividas proporcionam reflexões de práticas, a fim de ressignificá-las. É nessa perspectiva mnemônica que compreendemos ser necessária maiores reflexões no campo da memória e da experiência docente, concebendo-a como agente de formação. Entendemos que essa reflexão do tempo passado não precisa necessariamente remeter a períodos longínquos, mas sim ser relativo a momentos e movimentos significativos.

No decorrer deste artigo, entende-se que é possível compreender compreensões (MACEDO, 2015), pois a experiência é um fio condutor que a levam aos saberes. Assim, não há como falar em experiência sem inserir a memória, pois ambas estão imbricadas em um processo de reconstrução da realidade. O próprio exercício de síntese de experiências, sentimentos, aprendizagens e dificuldades de um período específico em "palavras" instiga o professor à auto reflexão e a compreensão das possíveis implicações destas memórias. A partir das "palavras" dos educadores, constatou-se que este tempo pandêmico permeará em suas práticas, porém essas serão ressignificadas e transformadas, já que muitos se veem como "outros" profissionais.

Nesse devir, atenta-se para a importância de uma formação de professores que conceba sua experiência como forma de refletir suas práticas. Nessas experiências, a evocação da memória será uma constante, pois práticas passadas instauram-se no presente, servindo de uma experiência formadora (JOSSO, 2010), que avalia um conhecimento para transformá-lo no presente e no futuro.

Este estudo é o início de uma caminhada investigativa que será ampliada na tese de Doutorado, firmando a necessidade de um olhar para a memória enquanto agente de formação



no contexto educacional. Entende-se que o papel da formação é permissão aos indivíduos de transformarem suas vivências em experiências, individuais e coletivas, que visem um aprimoramento de suas práticas.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BERND, Zilá; SOARES, Tanira Rodrigues. **Tempo e memória**: recordação, rememoração e reminiscência em narrativas das Américas. In.: BERND, Zilá; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; VENERA, Raquel Alvarenga Sena. **Patrimônio e memória**: narratividade, rememoração, reminiscência. Canoas, RS: Unilasalle, 2019.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paul Rouanet. 7ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMOLEZE, Jean Marcel Caum. **Memória e Experiência**: reflexões benjaminianas. Cadernos de Walter Benjamin. N. 25. Julho a Dezembro de 2020. Disponível em: [https://www.gewebe.com.br/cadernos\\_vol25.htm](https://www.gewebe.com.br/cadernos_vol25.htm). Acesso em 02 de abril de 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Artmed, 2013.

GRAEFF, Lucas; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. **Maurice Halbwachs**: dos quadros sociais à memória coletiva. In.: BERND, Zilá; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. **Memória social**: revisitando memórias e conceitos. Canoas, Rs: Editora Unilasalle, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 1990.

JOSSO, Marie-Christine. **A experiência de vida e formação**. São Paulo: Paulus, 2010.  
KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos** (Tradução: Wilma Patrícia Maas; Carlos Almeida Pereira). Rio de Janeiro: Contraponto/PUCRJ, 2006.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Pesquisar a experiência**: compreender/medias saberes experienciais. 1.ed. Curitiba, PR: CRV, 2015.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social (Tradução Monique Augras). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

ZAWASKI, Tatiane Peres. **A autobiografia no processo de constituição docente**: reflexões sobre “ser” professor do Ensino Médio. 2019. 137f. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade La Salle: Canoas, 2019.





## AS INFLUÊNCIAS CULTURAIS DO ESTRANGEIRISMO NA LÍNGUA PORTUGUESA E A BUSCA POR SUA IDENTIDADE

### THE CULTURAL INFLUENCES OF FOREIGNERS IN THE PORTUGUESE LANGUAGE AND THE SEARCH FOR ITS IDENTITY

Milena Laux Riffel; Juracy Ignez Assmann Saraiva

Universidade Feevale

**Resumo:** a Língua Portuguesa, assim como a cultura brasileira, é fruto de um processo heterogêneo. Tendo sua origem no latim, mais propriamente no latim vulgar, o português é uma língua neolatina, também chamada de língua românica. Desse modo, é perceptível que durante a sua constituição, sofreu influência de outras línguas e recebeu empréstimos de vocábulos que contribuíram para o seu surgimento. Além disso, pretende-se abordar neste ensaio o fato de que, atualmente, os brasileiros falantes da Língua Portuguesa, utilizam com certa frequência, em seu vocabulário, muitas palavras estrangeiras, principalmente, de origem inglesa, e compreender de que forma isso influencia ou não na preservação e manutenção da língua materna e sua identidade cultural. Sendo assim, por meio de teóricos como Souza, Santi e Woodward, buscar-se-á explicar de que forma se dá este processo de aquisição e manifestação por meio da cultura e identidade nacional.

**Palavras-chave:** Estrangeirismo. Língua Portuguesa. Vocábulos. Cultura.

**Abstract:** Portuguese language, like Brazilian culture, is the result of a heterogeneous process. Having its origin in Latin, more specifically in vulgar Latin, Portuguese is a neo-Latin language, also called Romance language. Thus, it is noticeable that during its constitution, it was influenced by other languages and received loans from words that contributed to its emergence. In addition, it is intended to address in this essay the fact that, currently, Portuguese-speaking Brazilians use, in a certain frequency, in their vocabulary, many foreign words, mainly of English origin, and to understand how this influences or not in the preservation and maintenance of the mother tongue and its cultural identity. Therefore, through theorists such as Souza, Santi and Woodward, we will try to explain how this process of acquisition and manifestation occurs through culture and national identity

**Keywords:** Foreignness. Portuguese language. Vocabulary. Culture.

## INTRODUÇÃO

Falantes da Língua Portuguesa, no Brasil, sabem que a falam em virtude da colonização portuguesa em nosso território a partir de 1500. No entanto, o que poucos sabem ou buscam conhecer, é de que forma a língua que falamos hoje surgiu e quais são as influências que sofreu ao longo de sua constituição. Além disso, o presente trabalho buscará, com base em autores que abordam os contextos de identidade e cultura, tais como Souza, Santi e Woodward, compreender a influência que outras nacionalidades provocaram e/ou provocam no vocabulário da Língua Portuguesa falada por nós brasileiros.



Outrossim, é relevante analisar a questão da nacionalidade brasileira e de que forma se manifesta em sua língua, procurando descrever até que ponto o uso de estrangeirismos influencia na preservação da língua-mãe. Em relação à identidade, revela-se a sua importância a partir do momento em que se adquire por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais é representada. Já a cultura molda a identidade ao dar sentido a essa experiência e optar por um modo de subjetividade. Por isso, conhecer o passado e o presente da Língua Portuguesa contribuirá para que haja uma compreensão a respeito da identidade brasileira em relação ao uso da sua língua e de que forma as demais culturas influenciam a brasileira. Consoante a Woodward (2012, p. 27) “ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado - possivelmente um passado glorioso, mas, de qualquer forma, um passado que parece “real” - que poderia validar a identidade que reivindicamos.”

Desse modo, na análise que seguirá, apresentar-se-á um breve histórico da Língua Portuguesa e o uso de estrangeirismos que estão presentes desde a sua criação, o que evidencia que a língua é viva e passível de alterações e acréscimo de palavras. Ademais, será abordado o uso atual de estrangeirismos e de que forma isso contribui para que tenhamos uma cultura híbrida.

## DESENVOLVIMENTO

### A LÍNGUA PORTUGUESA E SUA INFLUÊNCIA DE ESTRANGEIRISMOS

Quando há referência à nossa língua materna, sabemos pouco sobre sua origem, contudo é relevante conhecermos o passado e a construção desta para que possamos aprender em relação ao seu uso atualmente. Por isso, pode-se dizer que a Língua Portuguesa é o resultado de um longo processo de transformações que ocorreram no latim falado, na parte ocidental da Península Ibérica, sendo estimado seu surgimento entre os séculos IX e XII. Neste mesmo século, D. Dinis, rei de Portugal, oficializou o português como a língua que deveria ser usada em todos os documentos administrativos do reino em detrimento do latim.

Quando os romanos chegaram à região da Península, já havia povos habitando aquele lugar, o que criou uma situação de bilinguismo, pois introduziram o latim às línguas que encontraram no local. Ou seja, a língua latina incorporou ao seu léxico palavras originadas de outras línguas com as quais os romanos mantinham contato, e essas palavras, a seguir, passaram



a constituir o léxico português. De acordo com Souza (2004, p. 113) “uma sociedade que sofreu a experiência de ter sido colonizada é geralmente uma sociedade que viveu plenamente sob o signo da ironia.” Desse modo, tem-se, nesse processo, a introdução dos primeiros estrangeirismos na língua portuguesa, visto que ao longo de sua história, introduziu-os quando ainda estava se formando, depois de surgida e após ser difundida para outros continentes como América e África.

Com isso, é possível afirmar que o empréstimo de palavras de uma língua não se deve à ação de um indivíduo, uma vez que a língua, em vez de individual, é social. Portanto, esse empréstimo é o resultado da influência de uma língua sobre a outra, fato que pode estar vinculado a outro tipo de influência, a cultural. Conforme Hall (1997), citado por Santi (2008, p.02):

a concepção de cultura como um conjunto de significados partilhados é a origem do raciocínio sobre o funcionamento da linguagem como processo de significação. Se a linguagem atribui sentido, os significados só podem ser partilhados pelo acesso comum à linguagem, que funciona como sistema de representação.

Sob esse viés, levando em consideração a história do surgimento da Língua Portuguesa, pode-se afirmar que o estrangeirismo não é um fato incomum ou de pouca frequência, mas sim muito regular no contato entre os povos e suas línguas, já que eles podem sofrer influências culturais e na linguagem de um grupo sobre o outro. Como também ocorre a possibilidade de incorporar novos vocábulos originais de outras línguas. Um exemplo que pode ilustrar é a chegada dos portugueses ao Brasil, em 1500, e a carta a qual Pero Vaz de Caminha escreveu ao rei de Portugal contando sobre os costumes dos indígenas. Um objeto que não era de conhecimento e uso da metrópole, Caminha resolveu chamar de *rede*, no entanto esse utensílio era chamado pelos índios de *ini*.

Conforme Machado (1994, p. 14) afirma “não deve haver idiomas sem estrangeirismos e alguns destes também em Português não são de hoje nem de ontem, pois já tem idade de vários séculos [...]”. Outrossim, o texto de Santi que aborda os conceitos de Stuart Hall, revela a linguagem como um espaço cultural partilhado, não existindo uma maneira única de apropriar-se da linguagem como pertencente exclusivamente ao remetente ou ao receptor, ela só funcionará se os códigos forem compartilhados. A fim de exemplificar a presença de estrangeirismos na Língua Portuguesa, observar-se-á alguns vocábulos conhecidos pelos falantes, contudo de origens diversas antes mesmo de sua constituição. Estrangeirismos de



origem ibérica: *arroio, cama, esquerdo*. Origem céltica: *carro, cerveja, camisa, gato*. Origem latina: *deitar, mexer, molho, dobrar*. Origem grega: *caixa, harmonia, guitarra*. Origem árabe: *açafrão, algodão, açúcar*. Além desses, há os que foram acrescentados após o seu surgimento. Origem francesa: *acabar, abaixar, arpa*. Origem italiana: *atiçar, falar, desenho*. Origem indígena: *abacaxi, açaí, aipim*. Origem africana: *cafuné, caçula, cachimbo*. E por fim, há aqueles decorrentes da globalização e do surgimento da internet, que muitas vezes não possuem uma tradução para o Português, sendo a maioria de origem inglesa, por exemplo: *show, internet, notebook, shampoo, videogame, outlet, delivery*, entre outros.

Esses últimos, adicionados à nossa cultura mais recentemente, vêm sendo utilizados de uma forma intensa, visto que fazem parte também da linguagem virtual graças às redes sociais. Nesse sentido, Woodward refere as crises de identidade alusivas à globalização, visto que envolve uma grande mudança tanto no âmbito econômico quanto social, uma vez que a linguagem faz parte da cultura de uma sociedade, ela estará sujeita a sofrer também essas mudanças. A autora deixa claro que esse acontecimento envolve uma interação muito maior, produzindo novas identidades globalizadas. A pergunta que aqui se faz é o porquê de usarmos determinada palavra se ela já existe na Língua Portuguesa? Para respondê-la, Hall explica que a questão é quem e o que nós representamos quando falamos, sendo que o sujeito fala sempre de uma posição histórica e cultural específica.

Por isso, é perceptível que o uso de estrangeirismos advindos do surgimento da internet e o intenso movimento de globalização são mais frequentes em jovens que possuem uma relação mais próxima a esses fatores. Vale acrescentar que a maioria desses jovens está em construção constante de suas identidades e a busca por um sentimento de pertencimento e representação sendo que, muitas vezes, o encontram utilizando vocábulos pertencentes a outra cultura. Consoante a Woodward (2012, p. 11) “assim, essa re-descoberta do passado é parte do processo de construção da identidade que está ocorrendo neste exato momento e que, ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação e uma possível crise.”

Desse modo, não se pretende aqui julgar se o uso de estrangeirismos é correto ou não, todavia, perceber até que ponto isso influencia na identidade nacional e na sua cultura. Nesse aspecto, Souza diz que a enunciação se refere ao contexto sócio-histórico e ideológico dentro do qual um locutor ou usuário da língua está sempre localizado, visto que a construção da identidade é tida como algo conflitante e ambíguo. O autor ainda utiliza o conceito de cultura definido por Bhabha (1990) o qual diz que ela é híbrida, produtiva, dinâmica, aberta e em



constante transformação. Sendo assim, ao referirmos ao uso de estrangeirismos, na Língua Portuguesa, especificamente àqueles criados a partir do avanço tecnológico e midiático, é preciso observar que é algo inevitável a partir do momento em que as culturas se aproximam, se transformam e se misturam. Por fim, o autor diz que a cultura “é transnacional porque carrega as marcas das diversas experiências e memórias de deslocamentos de origens. É tradutória porque exige uma ressignificação dos símbolos culturais tradicionais.” (SOUZA, 2004, p. 127). E isso não ocorre somente com a cultura, mas com a língua também, visto que possui os signos que constituem a manifestação de cada povo. Conforme explica Woodward (2012, p.13) “o social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades.”

Ademais, faz-se necessário destacar que uma língua se valerá de empréstimos necessários quando em seu léxico não se encontrarem vocábulos que expressam determinada ideia. E é isso que ocorre na maioria dos casos atualmente já que, no campo da tecnologia, as novidades chegam de maneira muito rápida e não há ainda este uso na nossa língua, utilizando-se com grande frequência os termos de origem, geralmente, em inglês. Não obstante, é importante ter o cuidado para que essa língua utilizada com demasiada frequência, não se torne representante do poder e da cultura como ideal, uma vez que ela acaba representando o desenvolvimento tecnológico com seus próprios termos. Portanto, saber diferenciar quando uma palavra está sendo “forçada” a entrar no léxico do português e quando ocorre um processo natural de adoção dela é necessário.

Dessa forma, pode-se levar em consideração também o fato de que o povo brasileiro é flexível quanto à aceitação de outras culturas em seu território, visto que foi colonizado por imigrantes. E algo que não há como negar, é que cada vez mais a informação está acessível, ofertando o conhecimento sobre outras culturas e línguas de uma maneira simplificada. Sendo assim, a adoção de palavras estrangeiras, oriundas do inglês, faz parte do momento em que a nossa sociedade se encontra, vinculada à tecnologia, informação e instantaneidade.

## CONCLUSÃO

Desde a sua concepção até sua contemporaneidade, a Língua Portuguesa foi fruto de influências de diversas nacionalidades que cooperaram para a sua constituição e variedade linguística. Atualmente, o que se percebe, graças aos adventos da globalização e o avanço da



tecnologia, é que os falantes da língua, no Brasil, adotam com facilidade os termos americanos, muito em consideração ao poder que essa nacionalidade detém em relação ao desenvolvimento tecnológico mundial. É inevitável segurar esse avanço, uma vez que a sociedade contemporânea muda e se adapta com uma frequência nunca vista antes. E isso acaba ocorrendo com a língua também, pois é viva e sofre alterações culturais e de épocas pelas quais os seus falantes vivem. No entanto, devemos valorizar a nossa língua e seus vocábulos, utilizá-la sempre que possível e caso seja necessário, aderir ao uso de outras palavras estrangeiras. Consoante a este pensamento, Bhabha (1990) citado por Souza (2004, p. 128) expõe que:

As culturas são construções e as tradições são invenções. Essa tradução e ressignificação revelam a natureza híbrida dos valores culturais, e, portanto revela o hibridismo no próprio conceito de cultura enquanto ‘verbo’, aberta, dinâmica, constituída pela diferença e por alteridades, e heterogênea em suas origens.

Portanto, quando falamos em língua, fazemos referência a uma identidade nacional que é representada por meio dos seus signos e uma cultura que é influenciada através de seu contato e troca com outras. Por fim, ao se pensar no uso dos estrangeirismos em nossa língua, faz-se necessário ponderar a sua frequência, sendo acessível às mudanças e novidades, entretanto preservando a sua própria identidade. Sendo assim, o equilíbrio, em um mundo tão instável e líquido, é imprescindível para que não percamos o conhecimento sobre nós e o outro.

## REFERÊNCIAS

MACHADO, José Pedro. **Origens do português: ensaios**. 2. ed. Lisboa: Sociedade de Língua Portuguesa, 1967.

SANTI, Heloise Chierentin e SANTI, Vilso Junior Chierentin. **Stuart Hall e o trabalho das representações**. Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação. Ano 2 - Edição 1 – Setembro/Novembro de 2008.

SOUZA, Lynn M. T. M. de. **Hibridismo e tradução cultural em Bhabha**. In: ABDALA JR., Benjamin (Org.). Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004, p.113-133.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 7-72.



## UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA NA PERSPECTIVA DA DECOLONIALIDADE

### UNA PROPUESTA PEDAGÓGICA DESDE LA PERSPECTIVA DE LA DECOLONIALIDAD

João Alberto Steffen Munsberg (Universidade La Salle); Gilberto Ferreira da Silva (Universidade La Salle); Otávio Nogueira Balzano (Universidade Federal Do Ceará)

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar a proposta pedagógica do Ensino Médio Politécnico, implantada no Rio Grande do Sul em 2011, na perspectiva da educação intercultural decolonizadora. A produção dos dados ocorreu em 2014, mediante aplicação de questionário a 658 estudantes e 30 professores coordenadores do Seminário Integrado, em 30 escolas públicas estaduais de ensino médio, uma de cada cidade-sede de Coordenadoria Regional de Educação da Seduc-RS. Na análise dos dados e discussão dos resultados utilizaram-se a técnica de análise temática de Gibbs e a análise discursiva bakhtiniana. Como ancoragem teórica, pressupostos de Catherine Walsh e Vera Candau, com ênfase na interculturalidade, alicerçaram a pesquisa. Prospectando significações e sentidos nos discursos das quatro instâncias educacionais analisadas – regulatória, discente, docente e teórica –, constatou-se que: a proposta pedagógica do Ensino Médio Politécnico tem foco no protagonismo juvenil; o protagonismo juvenil oportuniza a preparação para a intervenção na realidade; a atuação crítica na sociedade transforma a realidade; protagonismo e intervenção na realidade são pressupostos da interculturalidade; a interculturalidade constitui-se em estratégia para a decolonialidade. Confirma-se, pois, que a proposta pedagógica do Ensino Médio Politécnico tem potencial para ser implementada na perspectiva da educação intercultural decolonizadora em contexto brasileiro.

**Palavras-chave:** Ensino médio politécnico. Proposta pedagógica. Educação intercultural. Decolonialidade.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo analizar la propuesta pedagógica de la Escuela Secundaria Politécnica, implementada en Rio Grande do Sul en 2011, en la perspectiva de la educación intercultural descolonizadora. La producción de los datos se llevó a cabo en 2014, mediante la aplicación de un cuestionario a 658 estudiantes y 30 profesores coordinadores del Seminario Integrado, en 30 colegios públicos estatales, uno de cada ciudad sede de la Coordinación Regional de Educación de Seduc-RS. En el tratamiento de los datos y discusión de los resultados, la técnica de análisis temático de Gibbs se combinó con el análisis discursivo bakhtiniano. Las cuatro instancias educativas analizadas - regulatoria, estudiantil, docente y teórica - hacen referencia a la propuesta pedagógica de la Escuela Secundaria Politécnica con enfoque en el protagonismo juvenil; la apuesta de que se promueve la preparación para la intervención en la realidad; el protagonismo y la intervención en la realidad son presupuestos de la interculturalidad, revelando el potencial de la propuesta para ser implementada en la perspectiva descolonizadora en el contexto brasileño.

**Palabras clave:** Escuela secundaria politécnica. Propuesta pedagógica. Educación intercultural. Decolonialidad.

## 1 INTRODUÇÃO

A área das ciências humanas, notadamente o campo da educação, passa por constantes confrontos teóricos e metodológicos, cujos embates se agudizam à medida que a circulação de



ideias se intensifica, ocorrendo rupturas e rompimento de fronteiras. Nesse sentido, para além da racionalidade moderna-colonial-antropocêntrica hegemônica, o momento atual no Brasil requer “olhares outros”.

É na perspectiva de um olhar outro – perspectiva da decolonialidade<sup>1</sup> – que a investigação foi pensada e traçada, analisando a proposta pedagógica do Ensino Médio Politécnico como estratégia educacional outra – não mais uma reforma educacional. Não se trata de pretender construir um novo documento, mas sim pensar a potencialidade dessa proposta como decolonizadora. Nesse sentido, este estudo tem como objetivo analisar a proposta pedagógica do Ensino Médio Politécnico na perspectiva da educação intercultural decolonizadora.

Este trabalho se constitui num recorte da investigação que analisou a implantação da proposta pedagógica do Ensino Médio Politécnico no Rio Grande do Sul, a qual vigorou de 2011 a 2014. O levantamento de dados foi realizado em 30 escolas, uma de cada cidade-sede de Coordenadoria Regional de Educação (CRE) da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul (Seduc-RS). Foram aplicados questionários com questões fechadas e uma aberta a 658 estudantes concluintes do ensino médio em 2014 e a 30 professores coordenadores do Seminário Integrado, um de cada escola. A questão aberta solicitava o relato de uma atividade que tenha contribuído, ou não, para a formação do estudante (MUNSBURG, 2015).

Para análise dos dados da pesquisa, em toda sua amplitude, foram realizadas: a) análise documental, utilizando-se principalmente o documento-base “Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio” (RIO GRANDE DO SUL, 2011); e b) análise dos relatos de estudantes e de professores, coletados por meio de questionário, com utilização da Técnica de Análise de Temática (TAT) proposta por Gibbs (2009) e Análise Discursiva Bakhtiniana (ADB), de Bakhtin (2003; 2011).

Num primeiro movimento, procedeu-se à análise dos discursos segundo a TAT. Esta técnica constitui-se num método interpretativo, que permite organizar e interpretar os dados de forma sintética e confiável. Definiram-se três códigos analíticos: protagonismo juvenil, intervenção na realidade e interculturalidade. Estes códigos serviram de referência para a escolha dos enunciados de cada instância – regulatória, discente, docente e teórica – que foram

---

<sup>1</sup> A opção pelo uso do termo “decolonialidade” e derivações busca preservar o sentido original cunhado nas línguas espanhola e inglesa e que compreende o pensamento, giro, prática ou inflexão coloniais. A decolonialidade expressa uma subversão mais ampla, não somente política, mas também “[...] todas as relações de poder implicadas na cultura, no conhecimento, na educação, nas mentalidades e na organização socioeconômica.” (MOTA NETO, 2015, p. 16).



analisados conforme a ADB. Ingressa-se, assim, no segundo movimento da análise dos discursos, agora na perspectiva bakhtiniana, segundo a qual as instâncias educacionais situam-se no campo da análise discursiva dialógica, conversando com intensa interatividade. Uma leitura primeira dos documentos e dados coletados possibilitou a definição e seleção dos interlocutores de cada instância educacional, quais sejam: a regulatória, discente, docente e teórica preconizadas pela ADB.

O princípio dialógico, na visão bakhtiniana, ocupa centralidade no processo analítico. Para tanto, o dispositivo analítico construído para a análise discursiva bakhtiniana compõe-se das seguintes etapas: 1ª) Identificação e seleção dos enunciados – com base nas categorias analíticas (unidades temáticas) identificadas segundo a TAT, foram selecionados os enunciados correspondentes a cada instância; 2ª) Leitura exaustiva dos enunciados – mediante leitura aprofundada, foram identificados elementos linguísticos passíveis de análise: léxico, sintaxe, estilo, construção composicional, unidade temática, relação com o falante, relação com outros participantes e conclusibilidade; 3ª) Articulação entre material linguístico e objeto de pesquisa – estabelecimento de relações entre o material linguístico identificado, os conceitos referenciais bakhtinianos, os problemas e os objetivos de pesquisa; 4ª) Identificação do contexto extraverbal e sua articulação com os elementos linguísticos – estabelecimento de relações entre elementos linguísticos e do contexto extraverbal, propiciando a descrição da realidade sócio-histórica; e 5ª) Análise dos enunciados – trata-se da análise e discussão dos resultados, articulando elementos linguísticos, contexto extraverbal, conceitos bakhtinianos, problemas e objetivos da pesquisa (MUNSBURG, 2020).

## 2 APORTE TEÓRICO: DECOLONIALIDADE

A fundamentação teórica na perspectiva da decolonialidade sustenta o posicionamento geopistêmico da investigação, isto é, pensar desde onde se vive, questionando a modernidade/colonialidade. A colonialidade constitui-se no lado obscuro da modernidade, sendo expressa em tripla dimensão: a) colonialidade do saber (conhecimento, marginalizando sistemas de conhecimento diferentes); b) colonialidade do ser (subjetividades, inferiorizando os diferentes, os “outros”); e c) colonialidade do poder (político e econômico, hierarquizando grupos humanos e lugares). Já a decolonialidade configura-se como resposta a esse aparato de dominação sobre povos subalternizados.



Em efeito, o processo analítico assentado no dialogismo articula-se com os conceitos basilares de Walsh (2005; 2010) – especialmente no que diz respeito às interações humanas (experiências interculturais) observáveis na perspectiva da educação intercultural decolonizadora – e de Candau (2016). Assim, aposta-se em ações e práticas que contribuam para a decolonização do saber, do ser e do poder, tendo a interculturalidade como estratégia, aqui entendida como um projeto e processo contínuo por construir. O conceito inscrito no projeto decolonial ganha importância com os estudos de Catherine Walsh. A pesquisadora entende interculturalidade como a possibilidade de diálogo entre as culturas, pensada na perspectiva crítica “[...] como proyecto político-social-epistémico-ético y como pedagogia decolonial [...]” (WALSH, 2010, p. 76). E mais: “[...] la interculturalidad es práctica política y contrarrespuesta a la geopolítica hegemónica del conocimiento; es herramienta, estrategia y manifestación de una manera ‘otra’ de pensar y actuar.” (WALSH, 2005, p. 47).

É com base nesses pressupostos teóricos que se desenvolve a análise temática e discursiva em cada instância educacional, o que é apresentado a seguir, de forma abreviada, em função do espaço disponível.

### 3 ANÁLISE DA PESQUISA

A estrutura organizativa da dialogia dos enunciados compreende o entrecruzamento dos três códigos analíticos – protagonismo juvenil, intervenção na realidade e interculturalidade –, estabelecidos a partir da TAT, nas quatro instâncias educacionais, a saber: regulatória, discente, docente e teórica.

A instância regulatória corresponde à Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul – SEDUC-RS, utilizando-se a “Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio – 2011-2014” como fonte de enunciado(s). Trata-se, na visão dos idealizadores da proposta, de um outro fazer educativo, com ênfase no trabalho como princípio educativo, na pesquisa como princípio pedagógico, na politecnia como princípio organizador da proposta, na contextualização como fenômeno histórico e no conhecimento como processo histórico permanente de transformação da realidade.

A instância discente abarca enunciados extraídos de relatos de estudantes – questão aberta do questionário – acerca de uma situação de aprendizagem. Trabalho, ciência, tecnologia e cultura são dimensões da formação humana, complementada com o reconhecimento dos



saberes advindos de práticas sociais como ponto de partida para a produção do conhecimento científico. A análise dos relatos parece indicar que maior participação dos estudantes no processo educativo corresponde a resultados mais significativos, com menores índices de evasão e reprovação e melhor desempenho escolar.

A instância docente compreende enunciados retirados dos relatos de professores orientadores do Seminário Integrado, espaço integrador das disciplinas e articulador e problematizador do currículo, pensado para consolidar a análise interdisciplinar e contextualizada do currículo. A análise dos relatos com base na Técnica de Análise Temática de Gibbs (TAT) resultou nos seguintes códigos analíticos e respectivas quantidades de citações: protagonismo (21) e, conjuntamente, interculturalidade e intervenção na realidade (27). Estes códigos compreendem duas categorias muito evidenciadas: ações para formação humana (17) e ações para preparação para o trabalho (16).

A instância teórica, que embasou a pesquisa sobre a potencialidade da proposta pedagógica do Ensino Médio Politécnico na perspectiva decolonial, compreende conceitos e/ou pressupostos teóricos de pensadores latino-americanos, notadamente integrantes do Grupo Modernidade/Colonialidade (GM/C), com ênfase na interculturalidade. Nesse campo investigativo ganha relevância o pensamento e as concepções de Catherine Walsh sobre decolonialidade e interculturalidade.

O código analítico “protagonismo juvenil” ocupa centralidade na proposta pedagógica do Ensino Médio Politécnico, isto é, na instância regulatória. Esta propõe uma educação em que o estudante encontre, na escola, um espaço de acolhimento para suas demandas, sendo protagonista no processo de aprendizagem. Relatos de estudantes (instância discente) e de professores responsáveis pelo Seminário Integrado (instância docente) confirmam a relevância do protagonismo no processo educativo. A participação em projetos de iniciativa dos estudantes é destacada por ambas as instâncias. Do ponto de vista dos especialistas (instância teórica), o protagonismo é percebido no contexto da interculturalidade e da decolonização do saber. Interculturalizar e decolonizar implica ações para mudar a realidade.

O segundo código analítico, “intervenção na realidade”, dialoga com protagonismo, pois requer ação. A instância regulatória preconiza a pesquisa como princípio pedagógico. Nesse sentido, a análise dos relatos de estudantes e de professores permite pensar que a pesquisa socioantropológica propicia, ao estudante, a compreensão da realidade. Corroborando com tal propósito, os projetos interdisciplinares desenvolvidos por estudantes (instância discente), sob



a mediação de professores (instância docente), resultam em práticas formativas e ações político-cidadãs em prol da comunidade local. De outra parte, estudos de pensadores decoloniais (instância teórica) defendem a necessidade de ações concretas em todos os campos para transformar a realidade.

Já o código analítico “interculturalidade” emerge articulado com os demais, uma vez que interculturalizar implica conhecer e compreender a realidade, para intervir nela e transformá-la. Vários princípios da proposta do Ensino Médio Politécnico (instância regulatória) – especialmente contextualização como fenômeno histórico e conhecimento como processo histórico permanente de transformação da realidade –, inscrevem-se nessa direção. E tudo isso é ratificado pelas instâncias discente e docente, visto que muitos anseios juvenis presentes nos relatos encontram eco nos propósitos formativos e nos projetos pedagógicos realizados. Selando a questão, os pensadores decoloniais (instância teórica) clamam por ações efetivas no campo educacional, o que requer mudança de atitude e de postura dos professores-pesquisadores em relação ao papel da academia, ultrapassando barreiras epistêmicas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em mira o objetivo deste estudo – analisar a proposta pedagógica do Ensino Médio Politécnico na perspectiva da educação intercultural decolonizadora –, construiu-se este recorte da pesquisa de doutorado sobre a temática. Com apoio teórico em pensadores latino-americanos e metodológico em Gibbs e Bakhtin, a reflexão focou-se nos códigos analíticos protagonismo juvenil, intervenção na realidade e interculturalidade, buscando articulações entre enunciados das quatro instâncias definidas – regulatória, discente, docente e teórica.

Uma proposta pedagógica decolonizadora constrói outros modos de pensar, regatando elementos não amparados pela racionalidade moderna/colonial/ocidental hegemônica, fundada na pretensa universalidade e em verdades absolutas que contaminam os projetos e as ditas reformas educacionais no Brasil. Em síntese, a educação intercultural decolonizadora implica decolonizar os conhecimentos (o saber), as subjetividades (o ser) e a história (o poder), constituindo-se, efetivamente, num modo “outro” de educar.

O estudo permite concluir que: a) a proposta pedagógica do Ensino Médio Politécnico apresenta potencial na perspectiva da educação intercultural decolonizadora; b) o protagonismo juvenil assume centralidade na proposta pedagógica e é percebido em enunciados das quatro



instâncias; c) há inter-relação entre protagonismo juvenil e educação intercultural decolonizadora via atuação para transformação da realidade; e d) a interculturalidade constitui-se em estratégia fundamental para a decolonização da educação.

Entende-se que muito de uma possível e necessária mudança depende da atuação docente no espaço escolar, especialmente a sala de aula. Eis aí outro desafio em pauta: formação docente para a decolonização. Nesse cenário, vislumbra-se no horizonte o papel da academia na formação docente – formar para construir, não para reproduzir – e na proposição de currículos interculturais, isto é, sob olhares outros e abordagens outras, com conteúdo, procedimentos, atitudes, posturas e relações que privilegiem o protagonismo do estudante, mirando a formação para intervenção transformadora da realidade.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

CANDAU, V. M. (org.). **Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação “outra”?** 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MOTA NETO, J. C. da. **Educação popular e pensamento decolonial latino-americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. 2015. 368 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

MUNSBURG, J. A. S. **O ensino médio politécnico frente às demandas e perspectivas discentes**. Orientador: Gilberto Ferreira da Silva. 2015. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário La Salle, Canoas, RS, 2015.

MUNSBURG, J. A. S. **Por uma proposta pedagógica na perspectiva da educação intercultural decolonizadora**. Orientador: Gilberto Ferreira da Silva. 2020. 138 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade La Salle, Canoas, RS, 2020. Disponível em: <<http://svr-net20.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/1386/1/jasmunsborg.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul. Departamento Pedagógico – DP. **Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio – 2011-2014**. Porto Alegre: Seduc-RS, 2011. Disponível em: <[https://servicos.educacao.rs.gov.br/dados/ens\\_med\\_proposta.pdf](https://servicos.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf)>. Acesso em: 19 ago. 2020.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

WALSH, Catherine. Interculturalidad, conocimientos y decolonialidad. **Signo y Pensamiento**, Bogotá, v. XXIV, n. 46, p. 39-50, jan./jun., 2005. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/860/86012245004.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: VIANA, Jorge; TAPIA, Luis; WALSH, Catherine. **Construyendo interculturalidad crítica**. La Paz: III – CAB, 2010. p. 75-96.





## IN/EXCLUSÃO ESCOLAR DE MULHERES NO BRASIL: ASPECTOS DE GÊNERO E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

IN/ EXCLUSION SCHOOLAR OF WOMEN IN BRAZIL: GENDER AND SYMBOLIC  
VIOLENCE ASPECTS

Simone Tamires Vieira; Eliana Perez Gonçalves de Moura; Luciane Senna Ferreira; Fernanda Silva de

Souza Rodrigues

Universidade Feevale

**Resumo:** O presente trabalho objetiva investigar a história da escolarização das mulheres no Brasil e sua relação com condição e espaço social delas na contemporaneidade. Para tanto, tem-se como problema de pesquisa o seguinte questionamento como a história da in/exclusão escolar de mulheres no Brasil relaciona-se aos espaços ocupados na contemporaneidade? Quanto aos objetivos, busca-se: levantar dados sobre a escolarização de mulheres e meninas no Brasil; analisar a legislação e políticas educacionais institucionalizadas; refletir sobre questões de oportunidade e privação, a fim de problematizar a condição feminina, por meio da revisão de literatura qualitativa. Os resultados apontam que o gênero e a violência simbólica são categorias potentes para analisar essa temática, já que as trajetórias, escolhas e oportunidades dadas às mulheres são permeadas por mecanismos velados perpetuados pela sociedade estruturalmente patriarcal, voltada aos interesses da elite, que nega a diversidade para manter seu *status*. Almeja-se com essa pesquisa contribuir com reflexões acerca das potencialidades da ação dialógica, pois evidencia as forças que atuam e permeiam as trajetórias da mulheres ao empoderamento as gerações atuais e futuras.

**Palavras-chave:** In/exclusão escolar 1. Gênero 2. Violência simbólica 3.

**Abstract:** This paper aims to investigate the history of women's schooling in Brazil and its relationship with their condition and social space in contemporary times. Therefore, the following question arises as a research problem: how does the history of school in / exclusion of women in Brazil relate to the spaces occupied in contemporary times? As for the objectives, we seek to: collect data on the schooling of women and girls in Brazil; analyze legislation and institutionalized educational policies; reflect on issues of opportunity and deprivation, in order to problematize the female condition, through the review of qualitative literature. The results show that gender and symbolic violence are powerful categories to analyze this theme, since the trajectories, choices and opportunities given to women are permeated by veiled mechanisms perpetuated by structurally patriarchal society, focused on the interests of the elite, which denies diversity to maintain their status. The aim of this research is to contribute to reflections on the potential of dialogical action, as it highlights the forces that act and permeate the trajectories of women to empower current and future generations.

**Palavras-chave:** In/exclusion scholar 1. Gender 2. Symbolic Violence 3.

### 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho busca-se dar visibilidade as complexas experiências das mulheres na contemporaneidade, destacando a opressão histórica, sem reforçar ou vitimizar, ao optar-se por uma análise que reconheça a diferença dentro da diferença, por meio das lutas, vitórias,



percalços, avanços e retrocessos inerentes ao movimento dialético desse ser mulher. Afim de evitar generalizações busca-se considerar e entrelaçar elementos como cultura, geração, classe, raça/etnia, nacionalidade, crença religiosa, ocupação e gênero.

Assim, a metodologia escolhida é a revisão de literatura, que se dá por meio de pesquisa bibliográfica de fontes impressas e digitais, gerando um breve debate, onde destacam-se os autores por relação de complementariedade ou por contraposição, atentando para diferentes questões que influenciam o gênero e a escola contemporânea.

Dessa forma, a reflexão analítica baseia-se em esforços pertencentes a pesquisa e apoia-se em eixos que contextualizam a in/exclusão escolar em diferentes épocas no Brasil relacionando-as à legislação e políticas educacionais institucionalizadas para se refletir sobre a vida e inserção social de adolescentes-mães na contemporaneidade.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Dentre os autores relacionados, destacam-se as contribuições sobre a conceituação adolescência de Dos Santos (1996); relações de sucesso e fracasso escolar de Charlot (2009); da violência simbólica de Bourdieu (2009), conceito de gênero e as contribuições sobre corpos abjetos de Butler (2015). Como também, legislações nacionais e programas que institucionalizam e orientam a adolescência e a gravidez na adolescência.

Fato é, que não há uma sociologia explícita para analisar as experiências e trajetórias das mulheres, mas obra de Bourdieu oferece possibilidades conceituais relevantes para observar os processos de in/exclusão ao considerar as desigualdades sociais e seus mecanismos de manutenção. Visto que para Bourdieu (1985) a violência simbólica atua de forma que os sujeitos incorporem e naturalizem determinadas imposições, exclusões e opressões como legítimas, que passam a ser quase imperceptíveis. Dessa forma, o conceito de me parece extremamente forte para estudar essa temática

Em consonância, Butler (2016, p. 28) atenta que a matriz excludente formadora de sujeitos produz também um domínio de seres abjetos, os que ainda não são "sujeitos". "O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas "inóspitas" e "inabitáveis" da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito." Assim, gênero é um dado construído, determinado culturalmente e que expressaria a essência do sujeito,



também indica que os limites das análises de gênero "pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis de gênero na cultura."

Nesse mesmo sentido, Guhur (2003) sugere que o tema da exclusão deve ser pensado de forma dialética, pois ideia de inclusão carrega em si a ambiguidade, em virtude da complexidade e contraditoriedade do próprio fenômeno. Segundo essa autora, portanto, é necessário significar as diferentes experiências e realidades sociais para compreender a articulação das múltiplas dimensões da exclusão.

Diante disso, enquanto o retorno reflexivo sobre corpos abjetos possibilita apreender as trajetórias, escolhas e oportunidades das mulheres, também permite entender esses mecanismos, não só pelas experiências vivenciadas e percebidas, mas também através daquelas que são silenciadas. Esses mecanismos evidentemente operaram de forma velada, pois não só fizeram-nas esquecer a boa relação com o saber que tinham, como as impedem de retornar à escola e as mantêm em permanente situação de marginalização

Já, Charlot (2000) ao propor analisar as diferenças das relações com o saber, ou seja, ao compreendê-las, não como uma diferença, mas sim como uma experiência, que se vive e se interpreta, permite evidenciar nas narrativas as histórias e as experiências individuais e coletivas. Daí emerge a necessidade de compreender o histórico da in/exclusão escolar da mulher no Brasil e quais as relações dessa com os papéis ocupados/desempenhados e opressões (des)veladas na contemporaneidade.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A constituição do trabalho metodológico é baseada em revisão de literatura, realizada em pesquisa bibliográfica de fontes digitais e impressas. Este estudo busca refletir sobre como fatores históricos e culturais se entrelaçam e se sobrepõem à realidade sendo uns mais significativos do que outros a depender dos atores envolvidos.

Considerando isso, a pesquisa qualitativa abarca a complexidade que envolve o tema permite o aprofundamento crítico e reflexivo, devido sua ampla liberdade metodológica. Além disso, a variedade de métodos e técnicas de pesquisa utilizados nas investigações acadêmicas permite considerar as convergências e divergências por meio da dialética, ao considerar que "Igualmente, as sociedades vivem o presente marcado por seu passado e é com tais



determinações que constroem seu futuro, numa dialética constante entre o que está dado e o que será fruto de seu protagonismo.” (MINAYO, 2010, p. 12)

Assim, ao buscar compreender determinado contexto, é imprescindível considerar as trajetórias, experiências, avanços e retrocessos inerentes ao campo de estudo. Os resultados dessa pesquisa compõem o eixo apresentado a seguir:

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O espaço escolar na breve história brasileira, de pouco mais de quinhentos anos, é marcada pela exclusão das mulheres. Esse espaço masculino, elitizado, seletivo e excludente era organizado pela Igreja. A escolarização feminina avançou apenas quando poder do Estado passou a organizá-la.

Entre 1549 e 1758 o processo de escolarização brasileira inspirou-se em outros países. Nesse período, o ensino era regido pela igreja voltava-se aos interesses de catequização indígena e formação masculina das elites. A catequese ou o ensino domiciliar era privilégio de poucas, já os cuidados com o lar, a família de todas. Esclarecendo isso Algranti (1993) salienta que no século XVI, a maior parte das portuguesas eram analfabetas, nem na metrópole não havia escolas para meninas e aquelas que sabiam ler apenas o faziam em livro de rezas.

Essas relações de gênero se baseavam na diferença entre o homem e a mulher, como também nas diferenças étnicas, de classe, religiosas e culturais, e para além disso delimitava as escolhas quanto aos corpos, às ações e às vidas. Haja visto que a preocupação com a honra dependia da castidade.

Assim, de acordo com Stamatto (2002), em 1720, no Brasil, inauguraram-se conventos e casas femininas voltadas ao acolhimento de solteiras e desamparadas. Nestes espaços as mulheres aprendiam normas religiosas, a ler, escrever e noções de matemática entre elas: Recolhimento das Macaúbas (1720, Minas Gerais), Recolhimento de Santa Tereza (1730, São Paulo), Convento de Santa Tereza (1742, Rio de Janeiro), Convento da Ajuda (1750, Rio de Janeiro) e Recolhimento da Luz (1774, São Paulo).

Em 1755, o governo português instaurou no Norte escolas para ler e escrever de dois tipos: uma para meninos, outras para meninas, Em 1758, essa norma foi estendida a todo o território nacional. Resultando, na fase da inclusão escolar restrita das mulheres (1758 a 1870) decorrente das reformas de Pombal. Já em 1772, a Diretoria Geral de Estudos, apoiada na



reforma de Estudos Menores, proibiu aulas particulares, impondo aulas régias e pagamento de subsídio literário, o que não garantiu o acesso extensivo, apenas a pequena parte da população que podia pagar é que tinha acesso.

De acordo com Almeida (1989), com a chegada da Corte no Rio de Janeiro, em 1808, cursos de ensino superior para homens e algumas dezenas de escolas foram abertas para ambos os sexos, sendo a maioria para o sexo masculino. Apenas em 1827, surgiu a primeira legislação específica sobre o ensino primário, a Lei Geral estabelecia que nas escolas de primeiras letras, às meninas eram ensinadas as ‘artes do lar’, ou seja, não aprenderam as mesmas matérias racionais que os meninos.

Além dos conventos, escolas normais, particulares e primárias, em 1836 foi criada a escola de formação normal da Bahia. Essa escola, segundo Freire (1989), foi a primeira escola de formação para o magistério feminino do país. De 1843 a 1877, admitia mulheres em ‘um curso especial’, contudo, havia a separação de classes, prédios e alas. Segundo a autora, foi nas escolas presbiterianas e protestantes, instaladas a partir de 1870, “que pela primeira vez na história do Brasil reuniram sob o mesmo teto alunos de ambos os sexos (1984, p.168). De 1870 a 1910, com a criação das escolas mistas apenas 30% entre os estudantes eram meninas nas escolas públicas ao final do referido século: a criação das escolas “mistas”

Apesar disso, algumas mulheres tiveram escolarização superior, a pioneira Ambrosina de Magalhães ingressou na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro em 1881. Seguida de quatro mulheres que estudavam: uma acompanhada de seu pai, “outra por uma velha dama, as restantes dispensavam proteção e todas eram interditadas a certas aulas como anatomia e fisiologia”(Freire, 1989, p.104).

Durante a República Velha (1889-1930), apesar das taxas de analfabetismo serem altíssimas, houve aumento na alfabetização, mas mulheres negras eram excluídas. Já, durante o Pacto Populista (1945-1964), as elites mantiveram seus privilégios sobre a escola, apesar das exigências populares pela democratização do ensino, a expansão da rede escolar ocorreu de forma improvisada e insuficiente. (Beltrão, 2009). Apenas em 1961, a equivalência em cursos médios, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira possibilitou às mulheres que cursavam magistério concorrer aos vestibulares e ingressar na universidade.

Compromissos internacionais, a intensificação da industrialização e da urbanização do país ampliaram o sistema educacional. Após 1964, os governos militares priorizaram vagas e qualificação profissional. Outro aspecto importante, destacado por Cunha (2000) é que os



militares ampliaram a pós-graduação com o objetivo de promover a formação professores, o desenvolvimento da pesquisa científica e assegurar a formação intelectual qualificada para o desenvolvimento nacional.

Durante o autoritarismo dos governos militares (1964-84) emergiu a visibilidade feminina ao ocupar espaços sociais e políticos, movimentos sociais e à luta pela anistia política. Estas ações inquietaram os investigadores que reconstruam as experiências femininas, ao restituir o (re)conhecimento sobre própria história. Na época, Saffiot (1969) evidenciou a urgência em identificar os signos da opressão masculina e capitalista sobre as mulheres, pois esses signos privilegiaram as questões do trabalho feminino. Já que os papéis atribuídos a elas restringiam-se à família, ao casamento e a maternidade apoiados em modelos de educação, disciplinarização e modelos de conduta.

Com a redemocratização, a Constituição Federal Brasileira de 1988 relativas à proteção da dignidade humana, o artigo 227 estabeleceu a responsabilidade da família, da sociedade e do Estado garante direitos humanos, fundamentais, individuais e sociais a crianças e adolescentes. Ademais, também políticas públicas buscaram universalizar a educação básica e voltaram-se a permanência das crianças na escola (Bolsa Escola). Nesse sentido, Joan Scott (1990) ao sintetizar e delimitar categoria/perspectiva de gênero, rastreava sua trajetória, recuperando polêmicas e evidenciando que as investigações sobre a temática não se relacionam de maneira equânime ao avanço do *status* das mulheres.

Quanto a isso, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas no objetivo número 5 indicam que é preciso “alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas...acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte” e “garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública.”

Internacionalmente, a educação inclusiva supõe que o objetivo da inclusão educacional seja eliminar a exclusão social, que seria consequência de atitudes e respostas à diversidade de raça, classe social, etnia, religião, gênero e habilidade (VITELLO; MITHAUG, 1998). Contudo, cerca de 125 milhões de crianças no mundo não frequentam a escola, destas dois terços são meninas. Além disso, 25% dos adultos nos países em desenvolvimento não são letrados e dois terços deste percentual são mulheres (Mittler, 2002). Corroborar-se que as chances são desiguais, que as relações de gênero e os papéis desprestigiados ligam-se



diretamente à condição histórica e socioeconômica desprivilegiada das mulheres dada pela reprodução da cultura legitimada, ainda mais quando as sociedades proclamam-se democráticas e protegem os privilégios e os privilegiados. A violência simbólica gestada pelas desigualdades sociais, produz e alimenta formas e mecanismos de exclusão e opressão.

Também, o Atlas da Vulnerabilidade Social (IPEA 2015) correlaciona os altos índices de gravidez precoce à vulnerabilidade social, ao capital humano, à mortalidade materno-infantil e à evasão escolar. Evidencia-se que, a educação é um importante campos de luta, pois, segundo Adorno (1995) parte da prática educativa é efetivada pela adaptação ou pela resistência. Sendo a resistência, segundo o autor, muito mais importante, pois o sujeito nasce parcialmente adaptado ao mundo, sem que a escola seja necessária para a adaptação desse sujeito na sociedade, então a educação deve conduzir para resistir às formas de assujeitamento.

De acordo, com a Organização Mundial da Saúde (2017) a taxa de gravidez de adolescentes, entre 15 e 19 anos, Brasil é a mais alta da América Latina: 68,4 nascimentos por cada 1000 meninas. Nesse mesmo viés, estudos realizados no Brasil e em outros países por Pazzelo e Santos (2012) associam a idade da primeira gestação a indicadores socioeconômicos, indicando que o desempenho escolar e acesso ao mercado de trabalho são afetados, fortalecendo o círculo da pobreza e desigualdade.

Ademais, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE 2018, as mulheres representam 51,7% da população brasileira e possuem uma remuneração 20,5% menor do que a dos homens. Além disso, “as mulheres, mesmo as ocupadas no mercado de trabalho, ainda são a grande maioria a executar afazeres domésticos e cuidar das crianças” (IBGE 2016), trabalhando 54,5 horas semanais, ou seja, 3,5 horas a mais que os homens. O estudo, também, evidencia que as posições mais ocupadas pelas mulheres no mercado de trabalho são como: trabalhadoras dos serviços domésticos (95%); docentes do Ensino fundamental (84%); trabalhadoras de limpeza de estabelecimentos em geral (74,9%) e trabalhadoras de centrais de atendimento (72,2%).

Percebe-se que a imposição de determinados arbitrários culturais dominantes “dissimula as relações de força que estão na base de sua força e ao mesmo tempo em que acrescenta a sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força” (BOURDIEU, 1982. p 19).

Outro aspecto importante indicado pelo Censo do Ensino Superior de 2017 é de que as mulheres são a maioria, tanto em cursos presenciais (com média de idade de conclusão de 23





anos), quanto nos cursos à distância, que tem como idade de conclusão de 34 anos e como predileção os cursos de licenciatura. Além disso, em 2017, as mulheres representaram 61,1% dos diplomados e corresponderam a 70,6% das matrículas licenciatura, tem-se a contradição: os docentes do Ensino Superior, público ou privado, mais frequentes são homens que recebem 17,4% a mais do que as mulheres. Ainda de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE-2018, 22% das mulheres ocupadas possuem ensino superior, 4% a mais do que os homens. Entretanto, a participação de mulheres como diretoras e gerentes é de 41,8%, com o rendimento de 71,3% em relação aos homens.

Enquanto o Estado afirma que somos tratadas de modo igual, que temos as mesmas oportunidades, direitos e chances, naturaliza as diferenças e simultaneamente promove a socialização e convivência com uma cultura legítima estruturalmente machista e moralista tida como natural. Assim, as desigualdades ampliam-se. Bourdieu, atenta que “a equidade formal à qual obedece ao sistema escolar é injusta de fato, e que, em toda sociedade onde se proclama ideais democráticos, ela protege melhor os privilégios do que a transmissão aberta dos privilégios” (BOURDIEU, 1998 p.53).

Dessa forma, pondera-se que para encontrar uma forma para dizer ou escrever nossa história, a vivência, adquire o *status* de experiência visto que há o saber que resulta desse modo de simbolizar o que nos aconteceu e sobre como nos modificou. Assim, o retorno do ato reflexivo para si mesmo constitui-se “como ato político, como ação epistemológica e como alternativa de conhecimento emancipatório.” (ABRAHÃO, p. 63). Nesse aspecto, o movimento biográfico abre espaços para socializações e partilhas de modos próprios de como os sujeitos vivem, se desenvolvem, aprendem, enfrentam conflitos, buscam alternativas para superar as adversidades da vida frente aos processos de in/exclusão.

Considera-se que essas observações conceituais, de caráter teórico e filosófico contribuem, pois permitem do ponto de vista teórico-metodológico, que a própria pesquisa e a produção das narrativas sobre as experiências sejam momentos de construção de uma reflexão si e sobre a realidade. Todas essas noções encobrem, as práticas e experiências muito diversas e se beneficiam ao mesmo tempo de uma espécie de evidência encontrando-se na encruzilhada de múltiplas relações sociais.



## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o histórico de in/exclusão escolar e social de mulheres no Brasil apoia-se no gênero e na violência simbólica. Essa naturalização da diferença ocorrida de forma velada nos espaços formais e na história humana, permitem compreender que as trajetórias, escolhas e oportunidades das mulheres são permeadas por uma sociedade estruturalmente patriarcal, voltada aos interesses da elite, que nega a diversidade e as injustiças seculares.

Nesse sentido, Gramsci (1975) ressalta que o machismo da sociedade tem uma importância tão grande quanto a questão e classe; sendo que o machismo vai influenciar principalmente as desigualdades referentes aos costumes e valores morais, enquanto a questão de classe influencia na questão as diferenças socioeconômicas (entre homens e mulheres). É urgente pontuar que ainda nos tempos atuais de retrocesso, há mecanismos de privação e imposição, uns mais outros menos velados, pois, apesar das mulheres estudarem mais, ganham menos e são as responsáveis pelo cuidado com a casa e com os filhos. Considerando a relevância dos apontamentos e dos dados levantados durante a pesquisa é necessário atentar para questões culturais, relações de gênero, de questões socioeconômicas.

Para isso cabe, ao ser mulher, reconhecer e pensar acerca de si, de sua trajetória dos papéis que ocupa/ou permitem a ela ocupa. É preciso para além de (re)pensar a própria trajetória, reconstruí-la de modo diferente de suas antecessoras e da maioria de suas contemporâneas. Buscando agir, ocupar espaços, dessilenciar e partir para uma ação dialógica capaz de empoderar as gerações atuais e futuras para, por fim, evidenciar as forças que atuam e permeiam as trajetórias das mulheres.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Actualidad de la Filosofía**. Barcelona: Paidós, 1991.

ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas: mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudoeste do Brasil, 1750-1822**. Rio de Janeiro: José Olímpio, Brasília: Edunb, 1993.

ALMEIDA, José R. P. de. **História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)**. Brasília: INEP, 1989.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.





BUTLER Butler, Judith. **Cómo los cuerpos llegan a ser materia.** 2015. Disponível em: [http://antroposmoderno.com/antro-ar-ticulo.php?id\\_articulo=1272](http://antroposmoderno.com/antro-ar-ticulo.php?id_articulo=1272). Acesso em 13 mai. 2020

BELTRAO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. **A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX.** Cad. Pesquisa., São Paulo, v. 39, n. 136, p. 125-156,. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742009000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742009000100007&lng=en&nrm=iso). Acesso em 13 mai. 2020.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.) **Escritos de educação.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, P. **O campo econômico:** a dimensão simbólica da dominação. Campinas: Papyrus, 2000 Difel, 1984. DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. 2º Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRASIL. **Censo da Educação Superior – Inep.** Disponível em: [download.inep.gov.br > educacao\\_superior > censo\\_superior > documentos](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos) Acessado em: 13 de outubro de 2020

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação de professores e globalização:** questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Analfabetismo no Brasil.** São Paulo: Cortez / Brasília: INEP, 1989.

GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere,** V. Turim: Einaudi, 1975. 4 v. (Edição Crítica de Gerratana.

GUHUR, Maria de Lourdes Perieto. Dialética inclusão-exclusão. **Rev. Bras. Ed. Esp.,** Marília, Jan.-Jun. 2003, v.9, n.1, p.39-56

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo:** novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis RJ: Vozes, 2002.

VITELLO, S. J.; MITHAUG, D. E. (Eds.). **Inclusive Schooling:** National and international perspectives. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1998.

SAFFIOT, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes.** Mito e realidade, 1969.

STAMATTO M. I. S. Um Olhar Na História: A Mulher Na Escola (BRASIL: 1549 – 1910). In: II CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. **Anais 2002.**

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Porto Alegre: Penso, 2016, p. 3-42 [capítulos 1 e 2].



## UM NARRADOR FÍLMICO CASMURRO: A AMBIGUIDADE

### NARRATIVA EM *CAPITU*, FILME DE 1968

UN NARRADOR DE PELÍCULA CASMURRO: LA AMBIGÜEDAD NARRATIVA EN  
*CAPITU*, PELÍCULA DE 1968

Márcia Rohr Welter; Juracy Ignez Assmann Saraiva

Universidade Feevale

**Resumo:** *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, configura-se como um clássico da literatura que se mantém vivo após mais de um século de seu lançamento. A renovação e a permanência dessa obra ocorrem devido a sua constante valorização pela crítica e, também, devido a sua transposição para outras linguagens, procedimento que promove sua atualização. O presente trabalho analisa técnicas de narrar e a instauração da ambiguidade narrativa no texto audiovisual *Capitu*, filme de 1968. Para isso, é empregado o método de investigação indutivo e a pesquisa bibliográfica, com a revisão de conceitos da narrativa audiovisual. No desenvolvimento desse percurso, percebeu-se que o filme segue o mesmo ângulo narrativo do romance, que é solapado pela ambiguidade do narrador.

**Palavras-chave:** *Capitu* filme. Técnica narrativa. Ambiguidade narrativa.

**Resumen:** *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, se configura como un clásico de la literatura que se mantiene vivo después de más de un siglo de su lanzamiento. La renovación y la permanencia de esa obra ocurren debido a su constante valorización por la crítica y, también, por su transposición para otros lenguajes, procedimiento que promueve su actualización. El presente trabajo analiza técnicas de narrar y la instauración de la ambigüedad narrativa en el texto audiovisual *Capitu*, película de 1968. Para eso, es empleado el método de investigación inductivo y la pesquisa bibliográfica, con la revisión de conceptos de la narrativa audiovisual. En el desarrollo de ese camino, se percibió que la película sigue el mismo ángulo narrativo del romance, que es socavado por la ambigüedad del narrador.

**Palabras clave:** *Capitu* película. Técnica narrativa. Ambigüedad narrativa.

## 1 INTRODUÇÃO

A presente comunicação analisa técnicas de narrar e a instauração da ambiguidade narrativa no texto audiovisual *Capitu*, filme de 1968, que tem o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, como base de composição. Para isso, é utilizado um procedimento de natureza indutiva e a revisão bibliográfica, que contou com a leitura de perspectivas teóricas da narrativa audiovisual, Jacques Aumont e Michel Marie (2013), André Gaudreault e François Jost (2009) e René Gardies (2006).

*Dom Casmurro* chegou ao Rio de Janeiro em março de 1900, e sua edição é de 1899. Segundo Saraiva (2009), a narrativa se constitui de um preâmbulo – os dois primeiros capítulos em que o narrador explica o título e os motivos que o levam a escrever o livro –, e três sequências centrais de acontecimentos.





A primeira sequência abrange a infância e parte da adolescência de Bento Santiago, a promessa da mãe de tornar o único filho padre, a descoberta da paixão de Bentinho por Capitu, os planos dos enamorados para evitar o cumprimento da promessa e a ida do rapaz ao seminário (SARAIVA, 2009). A segunda conta as impressões do seminário, a solução para livrar Bentinho do sacerdócio e a conclusão do curso de Direito por Bentinho (SARAIVA, 2009). Por fim, a terceira sequência é direcionada ao relacionamento conjugal de Bento e Capitu, o nascimento de Ezequiel, os ciúmes de Bento, a morte de Escobar, a certeza da traição da esposa, o afastamento de Capitu e Ezequiel para a Suíça, o retorno do filho adulto ao Brasil e, posteriormente, a informação de sua morte (SARAIVA, 2009).

Na transposição do texto literário para o meio audiovisual, *Capitu* filme, ocorrem desvios na sequência narrativa, pois essa manifestação configura-se como uma nova obra em decorrência da interpretação realizada pelos roteiristas e pelo diretor Paulo César Saraceni. O roteiro do filme de 1968 foi escrito por Lygia Fagundes Telles e Paulo Emílio Salles Gomes, sendo publicado também em livro, intitulado *Capitu*, a pedido do próprio diretor da produção. Segundo relatos da autora, a ideia, ao conceber o roteiro, foi recriar o texto de Machado de Assis sem trair o original. Entretanto, a tarefa era árdua e, ao final da escrita, vigorava o foco do narrador de *Dom Casmurro* sem a cumplicidade dos autores (TELLES, 1993).

## 2 PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA NARRATIVA AUDIOVISUAL

Os estudos da narrativa fílmica, de acordo com alguns estudiosos do texto audiovisual, baseiam-se, em certa medida, nos pressupostos teóricos da literatura, como fica evidenciado pelos estudos de Gerard Genette que serviram de base para a formulação da teoria audiovisual. Segundo Genette (s/d, p. 164), “mostrar é fazer esquecer quem conta”.

A partir dessa afirmação, percebe-se porque, em uma narrativa fílmica, o espectador dificilmente nota a instância narradora ou, muitas vezes, nem percebe a sua presença. Isso ocorre porque os acontecimentos são mostrados, como se fossem contados por si mesmos. Entretanto, não se pode negar a presença de uma instância narradora nos filmes, porque a história é exibida de acordo com uma determinada seleção de imagens que pretendem despertar certos efeitos e impressões no espectador.

Nesse sentido, é possível afirmar que a instância narrativa se manifesta de modo bastante complexo em produções cinematográficas, o que suscita questionamentos “Como se situa



temporalmente a narração em relação à história (será ela anterior, posterior, simultânea – ou ‘intercalada’?); a instância narradora será ou não interna à diegese? Por fim, qual o grau de presença do narrador na narrativa?” (AUMONT; MARIE, 2013, p. 146-147).

Conforme teóricos, a narrativa audiovisual pode ser dividida em duas instâncias, a “instância narrativa real”, que é aquela que permanece fora do filme, e a “instância narrativa fictícia”, que é aquela interna à história (AUMONT et al, 2012). Já Gaudreault e Jost (2009, s/p) classificam esses narradores em implícito e explícito: “o comentador primeiro, o narrador implícito, é aquele que ‘fala’ cinema por intermédio de imagens e sons; o narrador explícito relata unicamente com palavras”.

Nessa perspectiva, o ato de falar, realizado por um narrador visualizado é considerado como uma subnarrativa (GAUDREULT; JOST 2009). Assim, “[...] o único ‘verdadeiro’ narrador do filme, o único que, por direito, merece esse vocábulo, é o grande imagista, ou, para dizer as coisas de outra maneira, o ‘meganarrador’, o equivalente do ‘narrador implícito’ mencionado antes” (GAUDREULT; JOST 2009, s/p).

Na construção dos textos audiovisuais, assim como nos textos verbais, também há a presença de desvios narrativos que marcam diferenças entre o que uma personagem deveria ter visto e o que o espectador vê; e diferenças entre aquilo que uma personagem relata e aquilo que o espectador assiste (GAUDREULT; JOST, 2009). A partir dessas colocações, ingressa-se na categoria da focalização da narrativa fílmica que, de acordo com Gaudreault e Jost (2009), designa o ponto de vista cognitivo adotado pela narrativa. Já Aumont e Marie (2013, p. 139) afirmam que a noção de focalização implica o que sabe uma personagem e o que vê uma personagem. Essas duas competências, saber e ver, apresentam uma relação complexa no texto audiovisual pois, conforme Gardies (2006, p. 107), “acedo ao saber sobre o mundo diegético pelo ‘ver’, mas o meu saber não se reduz ao que vejo”.

Uma das partes que compõe a instância da focalização da narrativa fílmica, no que concerne à visão, é o ponto de vista que, consoante Aumont e Marie (2013, p. 141), “é o lugar a partir do qual se olha” e “também a maneira como se olha”. No texto fílmico, esse ponto está, geralmente, atribuído a alguém, uma personagem ou a instância narrativa (AUMONT; MARIE, 2013).



### 3 A INSTAURAÇÃO DA AMBIGUIDADE NARRATIVA EM *CAPITU* (FILME)

O filme *Capitu* (1968), que condensa a história de *Dom Casmurro* em mais ou menos uma hora e quarenta e três minutos de narrativa, concebe a história de um modo diferente da do texto verbal. O filme inicia pelo casamento de Bento Santiago e Capitu, e conversas entre as personagens recompõem os episódios marcantes da adolescência, como a denúncia de José Dias.

Por último, ainda é relevante mencionar que o filme encerra pela discussão derradeira entre Bento Santiago e Capitu, quando aquele afirma que Ezequiel não é seu filho. Desse modo, não é exibido o retorno de Ezequiel quando adulto, por exemplo, e a última cena apresenta Capitu caminhando com o filho pequeno, fazendo alusão à partida definitiva da personagem.

Já o ato narrativo do filme ocorre por meio da mostração, ou seja, é realizado através de um narrador externo à história que vai selecionando episódios e mostrando as personagens em ação ao espectador, Figura 1. Esse enunciador fílmico ocupa a quase totalidade da narrativa e, inclusive, tem acesso aos pensamentos de Bentinho.

Figura 1 – A mostração



Fonte: CAPITU. Paulo César Saraceni (1968).

Apesar das diferenças narratológicas entre texto verbal e texto audiovisual, decorrentes de escolhas técnico-composicionais e das mídias em que são desenvolvidas, o filme é orientado pela perspectiva do texto verbal, cuja compreensão é solapada pela ambiguidade do narrador. Nesse sentido, pode-se afirmar que *Capitu* (1968) apresenta uma construção narratológica em que prevalece o duplo sentido e em que o espectador, a partir das elaborações imagéticas, constrói a interpretação da culpabilidade ou não de Capitu.



No filme, quando as personagens Bento, Capitu, Sancha e Escobar estão em um baile, o espectador nota o primeiro indício dos ciúmes de Bento. Enquanto dança, a personagem afirma para Capitu que todos os presentes reparam nela.

**Figura 2 – Bento e Capitu em um baile**



**Fonte:** CAPITU. Paulo César Saraceni (1968).

Todavia, como demonstram as duas mulheres ao fundo da Figura 2, que parecem conversar sobre algo que não está enquadrado na imagem, e a sequência da cena, ninguém no salão repara especificamente em Capitu. Isso sugere que Bento faz a afirmação para lisonjear a esposa ou que ele percebe as situações de modo distorcido em decorrência de seus sentimentos.

Na sequência, entretanto, a percepção de Bentinho é endossada pela senhora que aparece de costas (Figura 3) e que chama a atenção das demais personagens para Capitu e sua vestimenta.

**Figura 3 – Os braços de Capitu**



**Fonte:** CAPITU. Paulo César Saraceni (1968).



A senhora passa seu leque em um dos braços de Capitu, e, devido a isso, eles se tornam motivo de atenção de outras personagens. A atitude da dama pode ser interpretada como uma admoestação a Capitu, devido à nudez de seus braços, ou como evocação da juventude, quando os braços da mulher também eram admirados por sua beleza. Assim, o gesto confirma, para Bento, que os presentes ao baile reparam em Capitu. Essa constatação leva o protagonista a deter o olhar nos braços da esposa durante a dança de quadrilha, executada na sequência da cena (Figura 4).

**Figura 4 – A fixação do olhar de Bento nos braços de Capitu**



**Fonte:** CAPITU. Paulo César Saraceni (1968).

Durante as cenas da dança, o narrador fílmico destaca os braços de Capitu e a coreografia da dança e mostra a personagem circulando entre diversos cavalheiros. Essa composição das cenas insinua uma sensualidade que não condiz com a quadrilha, que é uma dança de compasso binário, com pouco contato entre os dançarinos, e, também, uma possível promiscuidade de Capitu, que desliza entre os homens. O modo como são construídas as cenas, com conotações sensuais, sugere que o espectador tem acesso aos acontecimentos pela perspectiva de Bento, que não participa da dança e fica à margem do salão observando a esposa. Dessa forma, as imagens permitem ao receptor entrever os ciúmes de Bento, devido ao seu desconforto por ver a esposa dançando com outros homens e devido à conversa que trava com Escobar sobre a decência dos vestidos. Esse sentimento, que parece dominar Bento por alguns instantes, provoca o exagero com que ele vê as situações, detendo-se em detalhes que os demais actantes não percebem.



## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No filme, a partir da elaboração das cenas supracitadas, em que o grande imagista adota o ponto de vista de Bento para exibir determinados acontecimentos e insinua sentidos implícitos a episódios, percebe-se que a condenação de Capitu também se mantém na narrativa fílmica. Todavia, mesmo que o percurso do texto fílmico siga, em certa medida, o do texto verbal, a narrativa audiovisual também aponta para a ambiguidade da narrativa, pois, em *Capitu* filme, é acentuada a falta de lucidez do protagonista que exagera situações e chega a conclusões sem um embasamento concreto. Nesse sentido, *Capitu* filme mantém a imprecisão do texto verbal sobre a culpabilidade de Capitu, transferindo a dúvida para o espectador.

## REFERÊNCIAS

SARAIVA, Juracy Assmann. **O circuito de memórias**. São Paulo: Edusp, Nankin, 2009.

TELLES, Lygia Fagundes. Às vezes, novembro. In: TELLES, Lygia Fagundes; GOMES, Paulo Emílio Salles. **Capitu**. São Paulo: Siciliano, 1993. p. 5-14.

GENETTE, Gerard. **O discurso da narrativa**. Lisboa: Veja, s.d.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel (Orgs.). **A Análise do filme**. São Paulo: Edições Texto & Grafia, 2013.

AUMONT, Jacques *et. al.* **A estética do filme**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012.

GAUDREAULT, André; JOST, François. **A narrativa cinematográfica**. Brasília: Editora da UnB, 2009.

GARDIES, René. **Compreender o cinema e as imagens**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2006.

CAPITU. Direção: Paulo César Saraceni. Intérpretes: Raul Cortez, Othon Bastos, Nelson Dantas. [S. l.: s. n.], 1968. (1h 43min 27s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HxxB0w8k5a8>. Acesso em: 04 maio. 2020.



## JOGOS *ONLINE* E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A SOCIALIDADE NOS JOGOS *ONLINE*

### ONLINE GAMES AND SUBJECTIVITY MODES: REFLECTIONS ON SOCIALITY IN ONLINE GAMES

Jéferson Alves (Universidade Federal do Rio Grande do Sul); Norberto Kuhn Junior (Universidade  
Feevale)

**Resumo:** O presente ensaio pretende trazer alguns pontos para reflexão acerca da socialidade dos *gamers*, ou jogadores. O ambiente de socialização dos jogos *online* permite observar que os “espaços *online*” são, antes de tudo, espaços culturais, que produzem modos de subjetivação específicos, bem como interações sociais características do meio dos jogos digitais.

**Palavras-chave:** Jogos online. Modos de subjetivação. Socialidade. Cultura.

**Abstract:** The present essay intends to bring some points for reflection about the sociality of gamers, or players. The socialization environment of online games allows us to observe that “online spaces” are, above all, cultural spaces, which produce specific modes of subjectivation, as well as social interactions characteristic of the digital games environment.

**Palavras-chave:** Online games. Subjectivity modes. Sociality. Culture.

## INTRODUÇÃO

Neste ensaio, investigamos e refletimos quais são os modos de subjetivação presentes nas interações de jogadores de jogos<sup>1</sup> *online* com os jogos mesmos e com outros jogadores. A pesquisa realizou entrevistas informais tanto *online* e *ingame*, quanto *online* e *offgame*, ou seja, os pesquisadores participaram, no primeiro caso, de partidas online de alguns jogos (como os games *Apex Legends* e *Call of Duty: Warzone*, na plataforma *Playstation 4*) enquanto realizaram as entrevistas semi-estruturadas, a fim de acionar tanto a participação no campo quando compreender a tecnologia mediadora; e no segundo caso, foram realizadas entrevistas com jogadores fora dos games, a partir de chamadas de vídeo/áudio a serem previamente combinadas.

Os jogadores foram encontrados tanto pela rede já formada dos pesquisadores (amigos que são jogadores, com os quais se tem interação frequente pelos jogos), quanto por indicações desses jogadores com os quais já se tem contato.

---

<sup>1</sup> Doravante, utilizaremos jogos e games como sinônimos.



Se buscou compreender, assim, como os jogadores compreendem a plataforma (*Playstation 4/5* e outras possíveis), como e por quê interagem com determinados *games*, o que os faz escolher esses *games* e com quais pessoas interagem (amigos, desconhecidos, conhecidos *ingame*, etc.). A partir disso, pensamos como essas interações com as tecnologias e mediadas por elas produzem modos de subjetivação específicos, levando em consideração aspectos culturais (classe social dos jogadores, raça, gênero, deficiência, etc.) em que os jogadores estão posicionados.

## DESENVOLVIMENTO

Arturo Escobar (2016 [1994]), a partir de uma reflexão sobre texto de Sherry Turkle (1984), retoma o conceito de *self* para pensar as subjetividades que acompanham tecnologias:

A cibercultura está criando um conjunto de verdadeiras “tecnologias do *self*” que vão para mais além da visão do ser como uma máquina; e a produtividade cultural dessas noções somente pode ser avaliada etnograficamente. Mundos virtuais constituídos pela participação de indivíduos em jogos de representação online (N.T. jogos de RPG: *role-playing games*) podem ser vistos como uma forma de mover-se para fora do *self* individualizado e de entrar no mundo das interações sociais. (ESCOBAR, 2016, p. 41).

A partir disso, podemos refletir acerca dos *game*<sup>2</sup> como tecnologias que permitem uma interação específica entre pessoas, os jogadores, e como esse “novo” *self* pode tomar contornos que vão para além do individual. Essa perspectiva é bastante audaciosa, mas muito interessante para refletir sobre os modos de subjetivação que são constituídos nas partidas *online* desses jogadores.

Além disso, realizamos perguntas acerca dos *games* para além do ato de jogar: como se relacionam com esses *games*: conversam sobre eles com os amigos? Buscam estratégias para melhorar o desempenho? Discutem técnicas e modos de jogar com outros jogadores? Além disso, a relação com esses outros amigos-jogadores fica apenas na interação pelos *games* ou interações presenciais também acontecem? As relações se restringem a conversas sobre os *games* ou há outros assuntos que são tratados? Se há outros, quais?

Os modos de jogo também são importantes para pensarmos essas subjetividades: quais os modos que mais buscam? *Battleroyale* (partida com mais de 50 jogadores, onde todos saem de

---

<sup>2</sup> Vale destacar que, neste texto, Escobar será utilizado como aporte teórico, mas que reconhecemos que há inúmeros pesquisadores da área dos *games*. Alguns exemplos são Pinheiro (2007, 2008) e Pinheiro e Branco (2005, 2006).



uma condição inicial igual e ganha o time/jogador que permanecer vivo por último, e onde, durante a partida, aquele que conseguir os melhores itens e/ou tiver as melhores habilidades tem mais chances de sair vitorioso)? *Multiplayer* (competições variadas, que vão desde a dominação de um território até a eliminação total da(s) equipe(s) adversária(s))?

Se pretendeu, assim, observar como os jogadores, na sua interação com os *games*, constituem a si mesmos em relação a essas tecnologias e em relação a outros jogadores. É essencial compreendermos que essas interações são dadas dentro de especificidades dadas pelas tecnologias envolvidas (como as *party*, salas de bate-papo criadas para interação durante as partidas a fim de trocar informações a cerca do andamento dela, ou os fones/microfones utilizados para interação, etc.).

A interação humana através de computadores pessoais deve ser estudada não apenas a partir dos princípios transculturais e trans-situacionais e das estratégias de discurso (GUMPERZ, 1983) que governam qualquer tipo de interação humana; mas ela também deve ser abordada tendo em mente a especificidade das práticas comunicativas e linguísticas que afloram da natureza da mídia em questão. (ESCOBAR, 2016, p. 44).

Ressaltamos, ainda, que essas interações com os *games* são, em última instância, interações sócio-culturais, uma vez que tanto os *games* quanto as pessoas envolvidas nestes são produtos e (re)produtores culturais. Isso envolve uma série de produções de linguagem específica dos *games*, de discursos permitidos dentro dos *games*/partidas, de códigos específicos da plataforma.

No processo de construção de comunidades mediadas pela computação (Celso Álvarez, comunicação pessoal, 1992) existem três dimensões relevantes de análise: a relação entre máquinas e os sujeitos sociais como produtores de discurso no limiar do nascimento de uma sociedade internacional “ciber-literata” (cyberliterate); a questão da criação e distribuição de acesso aos códigos e linguagens “autorizados” ou “legítimos” da comunicação mediada por computadores, em que o domínio e a manipulação garantem a grupos de praticantes particulares uma autoridade simbólica e um controle sobre a circulação da cibercultura; (3) *o papel da comunicação mediada por computador no estabelecimento de conexões entre os membros de um grupo, em sua coesão, e na criação de continuidades na história interacional de seus membros (que deve ser considerada junto com as conversas telefônicas, o correio tradicional e com a interação face a face)*. (ESCOBAR, 2016, p. 44-45, *italico nosso*).

Esses pontos nos levaram a refletir sobre uma “cultura dos *games*”, que tem sua própria configuração, sua linguagem e seus modos de interação. As relações criadas a partir disso, no entanto, não estão desvinculadas, obviamente, da “cultura geral” em que estão inseridos os indivíduos. No entanto, é necessário levar em consideração que as interações específicas com



as tecnologias dos *games* cria modos específicos de relação, o que constitui um modo cultural específico desse universo. E esses modos se estendem para além do *game* de fato, que é jogado, envolvendo ainda compartilhamento de vídeos, imagens, memes, piadas, por whatsapp, instagram, facebook.

Da mesma forma, que incluiria a análise sobre a formulação e reformulação de limites sociais e culturais dentro de uma comunidade computacional dada e de outras comunidades dentro delas. (ESCOBAR, 2016, p. 45)

O que Escobar está chamando de “comunidade computacional” aqui chamaremos de “comunidade *gamer*”. E, além disso, não estamos compreendendo computadores apenas como “ferramentas de comunicação/entretenimento”. Eles são antes mediadores, porque fazem fazer coisas, e são um misto de tecnologias de comunicação, de entretenimento, de lazer e de trabalho. Computadores são, hoje, “para jogar” tanto quanto “para trabalhar”. E é no primeiro caso que nos focaremos aqui, sem no entanto “perder de vista” que é por meio de computadores, muitas vezes, que a comunidade *gamer* assiste aos vídeos sobre jogos, procura dicas, interage em comunidades e cria conteúdo para plataformas de vídeo e *streaming*.

Os jogadores com quem conversamos se dividem, primariamente, em alguns grupos: os *players*, jogadores, que são aqueles que jogam com frequência, praticamente todos os dias, várias horas ao dia; os casuais, aqueles que jogam esporadicamente; e os iniciantes, os que estão agora se inserindo no mundo dos jogos.

Foram diversas as respostas em relação aos modos de jogar, o porquê das escolhas de determinado jogo e o tempo que se passa jogando. Um exemplo é o de Valquíria<sup>3</sup>, que está recentemente se inserindo no mundo dos games, a partir do incentivo do namorado e por já ter acompanhado a vida de jogador do irmão. Ela joga em momentos esporádicos, como forma de relaxar e de interagir com um mundo que faz parte do convívio com pessoas próximas. Por trabalhar a semana toda e estar na graduação, joga somente nos finais de semana, quando há tempo de estar com o namorado e, assim, ter com quem jogar.

Um exemplo contrastante é o de Ouroburos, que joga praticamente todos os dias, com um mínimo de 2 horas quando “senta para jogar”. Esse jogar se dá depois e/ou antes de refeições. Aí já encontramos um ponto interessante: são jogadores que inserem a jogatina nos seus cotidianos, em horários programados, e que se coadunam com os horários dos amigos com

<sup>3</sup> Os nomes apresentados são fictícios.



quem jogam. É uma construção de espaço-tempo que configura uma espécie de reunião, de interação programada entre as partes.

Odin, outro jogador, trabalhava durante o dia todo e jogava apenas as 18 horas de cada dia, até cerca de 20h. Ele mora com sua namorada, o que faz com que seus horários sejam também programados a partir da disponibilidade de internet, ou seja, quando a namorada está trabalhando, no *home office*, para que a internet não sofra quedas e instabilidades, ele não joga.

Ele ainda lembra que um de nossos amigos, Dwarf, está passando por um momento difícil: sua televisão queimou (a tela) e, assim, não tem muita interação com os amigos, com quem conversava durante as partidas. Estas vão muito além do pegar um controle e jogar um jogo. Cada partida é um complexo que envolve os jogadores, o jogo, o console (*Playstation 4*), a socialidade<sup>4</sup>, emoções e interação social. No momento pandêmico em que estamos, essa é uma maneira de “encontrar os amigos” para se divertir.

É o caso também de Vulcano, que diz que começou a jogar videogame na pandemia, como forma de se encontrar com seu irmão e um amigo. No ambiente dos jogos *online*, assim, se dá a socialidade, a comunicação, a troca de experiências, tanto do jogo, do como jogar, quanto daquilo que se está vivendo “fora” dos jogos.

Essas experiências evidenciam aquilo que Escobar chama de “comunidades mediadas pela computação” e a “a relação entre máquinas e os sujeitos sociais” (2016, p. 44).

Nesse sentido, a partir também daquilo que ele chama de

criação e distribuição de acesso aos códigos e linguagens “autorizados” ou “legítimos” da comunicação mediada por computadores, em que o domínio e a manipulação garantem a grupos de praticantes particulares uma autoridade simbólica e um controle sobre a circulação da cibercultura (ESCOBAR, 2016, p. 44)

podemos perceber o quanto modos de subjetivação são construídos por e nos consoles, nas partidas *online*, no e pelo jogo. Há maneiras de se comunicar, assim como linguagens específicas. Estas atraem os jogadores e constroem esse espaço cultural dos jogos *online*, onde a socialidade específica do espaço produz sujeitos também específicos, que se reúnem para jogar, socializar e construir espaços de comunicação e interação que vão muito além do jogo mesmo.

<sup>4</sup> Essa é uma categoria que denota a qualidade de ser social. “Desse modo, a sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Esses interesses, quer sejam sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, causais ou teleológicos, formam a base das sociedades humanas”. (SIMMEL, 1983, p. 166). O conceito também tem discussões quanto a sua tradução. Para saber mais, ver a introdução de Evaristo de Moraes Filho, em *Sociologia*, obra supracitada.



## CONCLUSÃO

O ensaio se propôs, como dito, trazer pontos para reflexão. Assim, não há conclusões que sejam necessárias, mas sim mais pontos para reflexões futuras. O que pretendemos aqui foi, de maneira geral e sucinta, levantar questionamentos sobre o mundo dos jogos e os modos de subjetivação que estes produzem.

Pretendemos, antes de tudo, abrir pontos de discussão e de pesquisa. Esperamos com isso que futuramente, no andar da pesquisa ainda em elaboração, possamos refletir mais densa e profundamente sobre as questões aqui trazidas, bem como estar preparados para novas discussões e questões que, com certeza, vão surgir.

A título de finalização do ensaio, mas não das questões, destacamos ainda que o mundo dos games, hoje, ultrapassa em muito o simples “divertimento”. É um mundo que envolve a indústria capitalista, as produções culturais e artísticas, as interações sociais, as redes sociais, como *Youtube*, *Twitch*, *Instagram*, *Twitter*, onde há diversas produções de conteúdo direcionados a e produzidos por esse mundo. Jogar videogame, já há algum tempo, se tornou também profissão. Os chamados *pro players* são aqueles que fazem do jogar uma profissão, produzindo conteúdos para as supracitadas redes, mas também produzindo seus próprios jogos e marcas – o que é discutido de forma bastante criativa em artigo publicado recentemente (JÚNIOR, SANFELICE, ROSA, 2017).

O mundo dos games, portanto, é fecundo para compreendermos as mudanças culturais contemporâneas, assim como as mudanças e novos modos de subjetivação que possam surgir desse complexo.

## REFERÊNCIAS

ESCOBAR, Arturo. **Bem vindos à Cyberia**: notas para uma Antropologia da cibercultura. SEGATA, J; DASSI, T; RIFIOTIS, T (trads.) In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos.

Políticas etnográficas no campo da cibercultura. Brasília: ABA Publicações; Joinville: Editora Letradágua, 2016. p. 21-57.

KUHN JÚNIOR, Norberto; SANFELICE, Gustavo Roesse; DA ROSA, Simone Carvalho. **O jogo prende, o jogo liberta**. Para uma filosofia dos jogos de conteúdo cultural-educacional. *Informática na educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v. 20, n. 4, dez. 2017, p. 114-129.

PINHEIRO, Cristiano Max Pereira. **Apontamentos para uma aproximação entre jogos digitais e comunicação**. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

PINHEIRO, Cristiano Max Pereira. **Videogames** – do entretenimento à comunicação. *Revista Universitária do Audiovisual*, São Carlos, 2008. Disponível em: <<http://www.rua.ufscar.br/videogames-do-entretenimento-a-comunicacao/>>. Acesso em: 13 abr. 2021.

PINHEIRO, Cristiano Max Pereira; BRANCO, Marsal Alves. **Entre combos e enigmas: a complexidade da narrativa dos games**. *Sessões do Imaginário, Cinema, Cibercultura, Tecnologias da Imagem*, n. 14, 2005, p. 63-69.

PINHEIRO, Cristiano Max Pereira; BRANCO, Marsal Alves. **Uma tipologia dos games**. *UNIrevista*, v. 1, n. 3, 2006, p. 1-8.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Evaristo de Moraes Filho (org.). São Paulo: Ática, 1983.





## ANÁLISE DE CONTEÚDO INFORMATIZADA DA ENTREVISTA DO FELIPE NETO NO RODA VIVA: UMA ABORDAGEM DA LINGUÍSTICA QUANTITATIVA

COMPUTERIZED CONTENT ANALYSIS OF THE FELIPE NETO INTERVIEW AT  
RODA VIVA: A QUANTITATIVE LINGUISTICS APPROACH

Eduardo Gabriel Velho; Sandra Portella Montardo

Universidade Feevale

**Resumo:** Em 2020, Felipe Neto submeteu ao Twitter uma vídeo-carta aberta que convocava figuras públicas a se posicionarem contra Jair Bolsonaro e as novas lideranças do país. Com a repercussão desta publicação, mas também por ser um dos influenciadores digitais que protagonizava a oposição contra a extrema-direita do país, ele foi convidado a comparecer no Roda Viva para falar sobre esta questão. Destaca-se a importância deste evento, pois dentre tantos políticos e ativistas que poderiam ser convocados para falar sobre estes assuntos, o escolhido foi um influenciador digital. Este trabalho aborda a temática análise de conteúdo informatizada sobre a entrevista do Felipe Neto no Roda Viva. O objetivo desta pesquisa é analisar as falas da entrevista do Felipe Neto no Roda Viva. O método utilizado foi a análise de conteúdo informatizada. O método foi capaz de analisar a entrevista sob um ponto de vista macroscópico, mas demonstrou ser incapaz de detectar aspectos subjetivos do corpus. Para próximos estudos, sugere-se utilizar um método de abordagem quantitativa e qualitativa.

**Palavras-chave:** Análise de conteúdo. Felipe Neto. Linguística quantitativa. Roda Viva.

**Abstract:** In 2020, Felipe Neto submitted to an open-letter Twitter video inviting public figures to position themselves against Jair Bolsonaro and the new leaders of the country. With the repercussion of this publication, but also because he was one of the digital influencers who led the opposition against the extreme right of the country, he was invited to participate in Roda Viva to talk about this issue. The importance of this event is highlighted, as among so many politicians and activists who could be invited to talk about these issues, the chosen one was a digital influencer. Thus, the theme of this work is the computerized content analysis about Felipe Neto's interview at Roda Viva. The objective of this research is to analyze the statements of Felipe Neto's interview at Roda Viva. The method used was the computerized content analysis. The method was able to analyze the interview from a macroscopic point of view, but proved to be unable to detect subjective aspects of the corpus. For further studies, it is suggested to use a method of quantitative and qualitative approach.

**Palavras-chave:** Content analysis. Felipe Neto. Quantitative linguistics. Roda Viva.

### 1 INTRODUÇÃO

Em 2010, Felipe Neto dá início ao canal Não Faz Sentido, estreando no YouTube como um dos pioneiros do formato *vlog* no Brasil (VIEIRA, 2013). Felipe Neto atuava como um personagem cômico, que de forma agressiva criticava principalmente o comportamento dos artistas e adolescentes da época (VIEIRA, 2013). Em meio a estas temáticas, diversas falas



machistas e homofóbicas marcaram o Não Faz Sentido, onde geralmente o personagem pontuava sobre o papel social da mulher<sup>1</sup> e ridicularizava homossexuais<sup>2</sup>.

Dez anos depois, Felipe Neto é convidado a participar do Roda Viva para falar sobre comunicação, internet e política. Nesta ocasião, ironicamente, mesmo que tenha se tornado famoso por fazer justamente o oposto disso, ele criticou fortemente Jair Bolsonaro devido a sua conduta machista<sup>3</sup>, racista<sup>4</sup> e homofóbica<sup>5</sup>, assim como também criticou outras ideias nefastas<sup>6</sup> que emergiram junto a nova direita do país. Embora pareça contraditório, Felipe Neto aos poucos foi se sensibilizando com diversas causas sociais, promovendo ações como o boicote a censura no caso da Bienal do Livro<sup>7</sup> e enfrentando líderes religiosos como Marco Feliciano<sup>8</sup> e Silas Malafaia<sup>9</sup> em nome do combate à homofobia.

Após Bolsonaro discursar em frente ao Quartel General do Exército em Brasília, ao lado de manifestantes que pediam a volta do AI-5<sup>10</sup>, Felipe Neto submeteu ao Twitter uma vídeo-carta aberta<sup>11</sup>, que convocava figuras públicas a se posicionarem contra as novas lideranças do país. Com a repercussão desta publicação, mas também por ser um dos influenciadores digitais que protagonizava a oposição contra a extrema-direita do país, Felipe é convidado a comparecer no Roda Viva. Destaca-se a importância deste evento, pois dentre tantos políticos e ativistas que poderiam ser convocados para falar sobre os assuntos que foram elencados no Roda Viva, o escolhido foi Felipe Neto, um empresário e influenciador digital que se tornou popular através da sua performance nas plataformas digitais.

<sup>1</sup> No vídeo “Crepúsculo”, aos 0:32 minutos, Felipe diz que a série Crepúsculo fez sucesso porque a autora soube explorar as “inseguranças femininas” na construção da personagem principal. Disponível em: <<https://bit.ly/2OaGzYx>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

<sup>2</sup> No vídeo “Gente Colorida”, aos 5:08 minutos, Felipe fala sobre os “bissexuais de modinha”. Disponível em: <<https://bit.ly/39xRWBb>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

<sup>3</sup> Bolsonaro diz que mulheres devem ganhar salário menor do que os homens porque engravidam. Disponível em: <<https://glo.bo/3cE9kWZ>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

<sup>4</sup> Bolsonaro compara negros com o gado ao dizer: “Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas”. Disponível em: <<https://bit.ly/3mkeMSd>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

<sup>5</sup> Bolsonaro diz que o Brasil “tem que deixar de ser um país de maricas”. Disponível em: <<https://bit.ly/3dpWQ4b>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

<sup>6</sup> Sites neonazistas crescem no Brasil espelhados no discurso de Bolsonaro. Disponível em: <<https://bit.ly/3fttZ5>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

<sup>7</sup> Marcelo Crivella emitiu ordem para retirar da Bienal do Livro exemplares de uma revista em quadrinhos contendo a ilustração de dois homens se beijando. Felipe Neto comprou todo o estoque de livros e promoveu distribuição gratuita do material. Disponível em: <<https://glo.bo/39sGmXR>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

<sup>8</sup> Após conflitos nas redes sociais, Felipe Neto e Marco Feliciano se encontram pessoalmente e debatem em vídeo sobre questões LGBT. Disponível em: <<https://bit.ly/3rz4dvm>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

<sup>9</sup> Silas Malafaia promove boicote contra a Disney devido a uma breve cena de um beijo entre dois homens que foi exibida em um desenho animado. Felipe Neto realiza críticas ao líder religioso e é processado criminalmente em função de suas falas. Disponível em: <<https://bit.ly/3cEvA2N>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/2QXmohJ>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/2QM5N06>>. Acesso em: 29 dez. 2020.



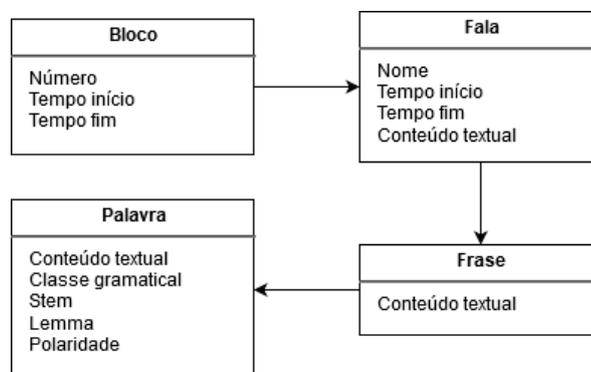
Este é um estudo acerca da temática análise de conteúdo informatizada sobre a entrevista do Felipe Neto no Roda Viva, delimitando-se em realizar uma análise de coocorrência lexical e análises lexicométricas sobre o conteúdo textual proveniente das falas desta entrevista. O objetivo desta pesquisa é analisar as falas da entrevista do Felipe Neto no Roda Viva. Este estudo utiliza como método a análise de conteúdo informatizada.

## 2 CODIFICAÇÃO DO CORPUS E DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Como ponto de partida para analisar esta entrevista, as falas dos entrevistadores e do entrevistado foram percebidas como conteúdo textual proveniente de um corpus linguístico (HOEY, 2012). Diante desta delimitação, qualquer outro aspecto da linguagem que poderia ser analisado, como prosódia, expressões faciais ou gestos, não puderam ser considerados.

A análise de conteúdo de Bardin (2011) pressupõe que o corpus esteja devidamente codificado, isto é, que tenha seu conteúdo fragmentado em *unidades de registro* (fragmentos do conteúdo textual) que se situam dentro de *unidades de contexto* (a dimensão na qual estes fragmentos se encontram). Para tanto, inicialmente, as falas da entrevista foram transcritas em texto *unicode*, de forma que ferramentas de Processamento de Linguagem Natural (PLN) pudessem analisar as falas adequadamente. Como a entrevista do Felipe Neto estava hospedada no YouTube, as legendas geradas automaticamente pela plataforma foram utilizadas para agilizar este processo. Estes textos foram manualmente verificados por erros de transcrição, de forma a garantir a qualidade do corpus. Por fim, o texto foi codificado dando origem ao corpus final. A Figura 1 ilustra a estrutura do corpus.

Figura 1 – Codificação do corpus



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.



Conforme a Figura 1, o corpus foi fragmentado pelos *blocos* da entrevista, que possuem as *falas* dos atores, das quais são divididas em *frases* que por sua vez são um conjunto de *palavras* em uma determinada ordem. Além desta codificação aninhada, destaca-se que estes fragmentos possuem metadados que foram anotados da entrevista. Por exemplo, as *falas* e os *blocos* possuem *tempo início* e *tempo fim*, que foram registrados durante a construção do corpus. Outros metadados como *classe gramatical* e *polaridade* foram inferidos computacionalmente através de instrumentos de PLN conforme a Tabela 1.

**Tabela 1 – Descrição dos instrumentos de análise**

<b>Instrumento</b>	<b>Descrição</b>	<b>Trabalho de origem</b>
<i>Tokenizing</i>	Algoritmo capaz de “quebrar” textos em uma lista de palavras.	Fonseca e Rosa (2013).
<i>Part-of-speech detection</i>	Identifica as classes gramaticais das palavras.	Fonseca e Rosa (2013).
<i>Lemmatization</i>	Encontra os <i>lemmas</i> das palavras.	Peng Qi et al (2020).
<i>Stemming</i>	Encontra o <i>stem</i> (radical) das palavras.	Orengo, Buriol e Coelho (2006).
Léxico de sentimentos	Lista de palavras (lexemas) associadas a sua polaridade (positiva ou negativa).	Silva, Carvalho e Sarmento (2012).

**Fonte: Elaborada pelo pesquisador.**

Os instrumentos de análise de conteúdo selecionados foram a análise de coocorrência lexical de Velho e Montardo (2020, no prelo), a quantificação dos lexemas via frequência absoluta (BARDIN, 2011; HOEY, 2012) e uma etapa exploratória na qual o pesquisador livremente realizou análises lexicométricas em busca de padrões e recorrências do corpus, similar ao método utilizado em Velho, Cunha e Montardo (2020).

Destaca-se que a *unidade de registro* utilizada nas análises foi a *palavra* (lexema), que pode ser percebida na dimensão (*unidade de contexto*) dos *blocos* (qual foi a palavra mais utilizada no bloco 1?), das *falas* (quantos verbos foram utilizados na primeira fala da entrevista?), dos atores (qual foi o substantivo mais utilizado por Felipe Neto?), dentre outras (*tempo [início ou fim]*, *polaridade*, *classe gramatical*, etc.).

### 3 ANÁLISE DE CONTEÚDO INFORMATIZADA

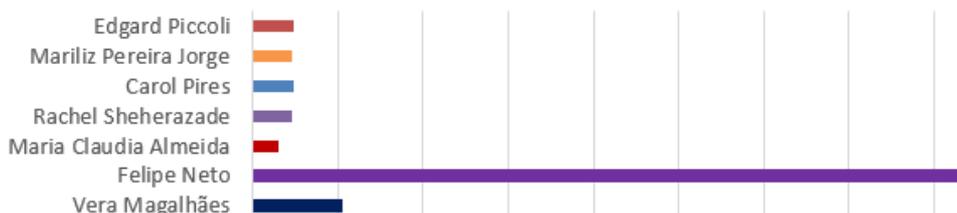
Nesta entrevista estiveram presentes, Vera Magalhães, apresentadora do Roda Viva; Felipe Neto, o entrevistado; e a bancada de entrevistadores convidados do programa, que foi composta por Carol Pires (colunista da revista Época), Edgard Piccoli (apresentador e



radialista), Maria Cláudia Almeida (*head* de comunicação do Twitter), Mariliz Pereira Jorge (jornalista e escritora) e Raquel Sheherazade (âncora do telejornal SBT Brasil).

O programa foi dividido em 4 blocos, com duração de aproximadamente 30 minutos cada. Vera atuou como mediadora da entrevista, determinando a ordem das perguntas e limitando o tempo de fala dos atores. A Figura 2 ilustra o tempo utilizado por cada um dos participantes do programa.

**Figura 2 – Tempo utilizado pelos atores da entrevista**



**Fonte:** Elaborada pelo pesquisador.

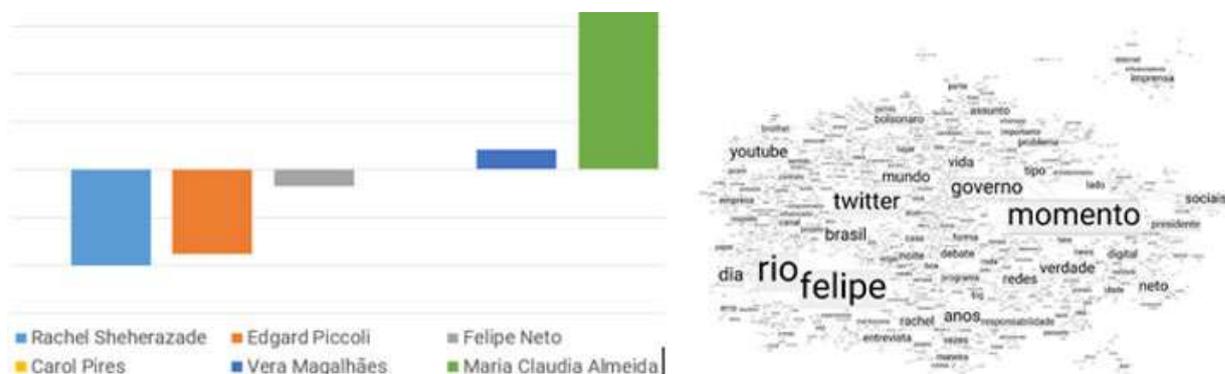
Naturalmente, por ser o entrevistado, Felipe Neto foi o que mais utilizou tempo da entrevista, totalizando aproximadamente uma hora e dez minutos de fala. No entanto, Rachel Sheherazade falou mais palavras por segundo (*p/s*), com uma média 0,407 *p/s* (10,597% a mais do que a média dos atores). Já Vera Magalhães, foi a que falou mais pausadamente (5,706% mais devagar do que a média).

Partindo para a análise de sentimentos, foi verificado que Rachel Sheherazade manifestou a maior quantidade de palavras de polaridade negativa (quase 7 vezes mais do que a média). Já Maria Cláudia Almeida, foi a que mais utilizou palavras positivas (aproximadamente 11 vezes mais positiva do que a média). A Figura 3 ilustra o sentimento médio manifestado pelos atores.

Por seguinte, foi realizada a análise de coocorrência lexical sobre os adjetivos, substantivos e nomes próprios mais utilizados na entrevista, que resultou em uma rede de palavras capaz de representar os tópicos mais importantes da entrevista. A Figura 3 ilustra esta estrutura.



Figura 3 – Sentimento médio por ator e rede de coocorrência lexical



Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

Na ilha principal, destacam-se os lexemas *felipe* (48), *momento* (42), *política* (35), *twitter* (32), *governo* (27), *brasil* (23), *comunicação* (22) e *youtube* (22), que foram também as palavras mais utilizadas durante a entrevista. Há também uma ilha menor em torno da palavra *internet* (10), onde os lexemas *influenciadores* (8) e *imprensa* (14) se aproximam. A Tabela 2 apresenta os lexemas que ocorreram com maior frequência absoluta.

Tabela 2 – Lexemas mais frequentes da rede de coocorrência lexical

Lexema	Frequência absoluta	Lexema	Frequência absoluta
Felipe	48	Redes	19
Momento	42	Sociais	18
Política	35	Público	17
Twitter	32	Época	17
Governo	27	Rachel	17
Anos	23	Político	16
Brasil	23	Cenário	16
Comunicação	22	Debate	15
YouTube	22	Digital	15
Dia	21	Bolsonaro	15
Conteúdo	21	Imprensa	14
Verdade	21	Vida	14
Mundo	21	Vídeo	14
Neto	20	Presidente	14

Fonte: elaborada pelo pesquisador.

Estes dados resumem muitos dos tópicos discutidos durante esta entrevista, que suscitaram em torno de questões políticas contemporâneas e seus desdobramentos diante dos desafios comunicacionais que emergiram junto à sociedade da plataforma (VAN DIJCK; POELL; DE WAAL, 2018). Felipe foi questionado sobre seu comportamento no Twitter, pois embora sua militância seja em prol de questões valorosas, a forma como ele denuncia seus



opositores poderia ser análoga as situações que criaram o clima de polarização das Eleições Presidenciais de 2018, que, por consequência, culminaram na vitória de Jair Bolsonaro nesta ocasião (EMPOLI, 2019). Este questionamento faz todo o sentido neste contexto, pois além das mudanças no social (VAN DIJCK; POELL; DE WAAL, 2018) e das questões laborais (BROWN, 2018; SCHOLZ, 2017) que surgiram devido à ascensão das plataformas digitais, outros aspectos como as reformas na prática jornalística (DEUZE; WITSCHGE, 2015) e as [não tão novas] formas de acesso à informação (EMPOLI, 2019; VAN DIJCK; POELL; DE WAAL, 2018) incidiram em como os indivíduos se relacionavam com a política.

Neste sentido, conforme provocação realizada na introdução deste estudo, existe um sentido em escolher Felipe Neto para ocupar a cadeira do Roda Viva ao invés de outro político ou ativista. Já se sabe que o papel dos influenciadores digitais (KERCHE, 2019), dos MAVs (EMPOLI, 2019; MELLO, 2020), dos *sockpuppets* (EMPOLI, 2019) e dos disparos em massa de notícias falsas (MELLO, 2020) foram determinantes para o resultado das eleições de 2018. Isto tudo aponta para uma mudança no paradigma da confiança e da distribuição do poder. Os sistemas abstratos e peritos de Giddens (1991) parecem estar se deslocando para outras materialidades. Diversos serviços das empresas de “tijolo e argamassa” agora são provisionados pelas plataformas setoriais (VAN DIJCK; POELL; DE WAAL, 2018); os veículos tradicionais de imprensa são tratados com suspeita, a medida em que precisam competir com os agregadores de conteúdo e o compartilhamento de notícias (EMPOLI, 2019; MELLO, 2020; VAN DIJCK; POELL; DE WAAL, 2018); e publicações em sites de redes sociais aos poucos ocupam o papel das mediações institucionais (ABRANCHES et al, 2019).

Nesta redistribuição da confiança é natural que o poder suscite entre aqueles que atuam com maestria nas plataformas digitais. Portanto, ao contrário do que Felipe Neto sugere na entrevista, de que ele foi escolhido para estar no Roda Viva por uma suposta “falta” de representantes mais adequados, sugere-se que devido ao seu alcance e poder de influência política no Twitter, faz todo o sentido que tenha sido assim.

Como aponta Nagle (2017), a ascensão da direita alternativa é também consequência dos diversos anos em que fóruns de internet acumularam ódio e idealizaram teorias conspiratórias. Com o tempo, surgiram indivíduos que se apropriaram destas ideias e tornaram-nas palatáveis para o público em geral, o que ocasionou numa adesão em massa ao apoio de políticos como Donald Trump, Jair Bolsonaro, Kim Kataguirí e Arthur do Val, que se popularizaram por via de influenciadores digitais e apoiadores voluntários. Destaca-se a importância dos *influencers*



nesta dimensão política, pois assim como Nando Moura, Diego Rox e Bernardo Küster representam a “nova direita” do YouTube (KERCHE, 2017), Felipe Neto protagoniza uma oposição a estes ideais.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre outras constatações, a principal limitação deste estudo está na incapacidade do método em analisar questões subjetivas da entrevista. Este método foi capaz de relevar aspectos macroscópicos que não poderiam ser verificados através de uma leitura convencional. No entanto, o *contexto* ainda é um problema complexo para as ferramentas de PLN, o que pode afetar a acurácia das análises. Para próximos estudos, sugere-se utilizar um método de abordagem híbrida (quantitativa e qualitativa), visto que estes aspectos da linguagem natural ainda são subjetivos e não puderam ser verificados por via deste método.

## REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Sérgio et al. **Democracia em risco?:** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. Companhia das Letras, 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: São Paulo: Editora Almedina, 2011.
- BROWN, Wendy. **Cidadania Sacrificial:** neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade. São Paulo: Zazie, 2018.
- DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. Além do Jornalismo. **Leituras do Jornalismo**, v. 2, n. 4, p. 1-31, 2015.
- EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos.** São Paulo: Vestígio, 2019.
- FONSECA, Erick; ROSA, João Luís G. Mac-morpho revisited: Towards robust part-of-speech tagging. In: **Proceedings of the 9th Brazilian symposium in information and human language technology.** 2013.
- GIDDENS, Anthony.; FIKER, Raul. **As consequências da modernidade.** 5 ed. São Paulo: UNESP, 1991.
- HOEY, Michael. Lexical priming. **The encyclopedia of applied linguistics**, 2012.
- KERCHE, Francisco. As Redes do Conservadorismo Brasileiro: Mapeando a Nova Direita no Youtube. In: **VI Simpósio Internacional LAVITS**, v 6. 2019.
- MELLO, Patrícia Campos. **A máquina de ódio:** Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 196 p.



NAGLE, Angela. **Kill all normies**: Online culture wars from 4chan and Tumblr to Trump and the alt-right. New Alresford: John Hunt Publishing, 2017.

ORENGO, Viviane Moreira; BURIOL, Luciana S.; COELHO, Alexandre Ramos. A study on the use of stemming for monolingual ad-hoc Portuguese information retrieval. In: **Workshop of the Cross-Language Evaluation Forum for European Languages**. Springer, Berlin, Heidelberg, 2006. p. 91-98.

QI, Peng et al. Stanza: A python natural language processing toolkit for many human languages. **Association for Computational Linguistics (ACL) System Demonstrations**, 2020.

SCHOLZ, Trebor. **Cooperativismo de Plataforma**. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

SILVA, Mário J.; CARVALHO, Paula; SARMENTO, Luís. Building a sentiment lexicon for social judgement mining. In: **International Conference on Computational Processing of the Portuguese Language**. Springer, Berlin, Heidelberg, 2012. p. 218-228.

VIEIRA, Felipe Neto Rodrigues. **Não Faz Sentido**: por trás da câmera. Casa da Palavra, 2013.

VELHO, Eduardo Gabriel; CUNHA, Samantha Cristina Ritzel; MONTARDO, Sandra Portella. Manifestação do conteúdo de ódio em comentários de notícias da versão online da Folha de São Paulo. In: SEMINÁRIO DE PÓS-GRADUAÇÃO 2020, 13., 2020, Novo Hamburgo. **Anais**. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2020. p. 3567-3577.

VELHO, Eduardo Gabriel.; MONTARDO, Sandra Portella. O que os textos dizem sobre Jair Bolsonaro? Desenvolvimento de uma rede de coocorrência lexical dos comentários de um portal de notícias. **São Paulo: ABCiber**, 2020. No prelo.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The platform society**: Public values in a connective world. Oxônia: Oxford University Press, 2018.



## ABORDAGEM DE ENSINO E O USO DAS TECNOLOGIAS

### TEACHING APPROACH AND LEARNING TECHNOLOGIES

Ana Teresinha Elicker

Universidade Feevale

**Resumo:** O texto discorre sobre abordagem de ensino com uso das tecnologias digitais móveis para o despertar do conhecimento aos aprendentes digitais, no mundo globalizado. Este estudo tem como objetivo refletir sobre como espaços de educação vêm se adequando ao uso das tecnologias digitais culturalmente inserido nos ambientes de aprendizagens físicos e virtuais. Para tanto, foi realizado um estudo bibliográfico, com base em teóricos que validam práticas pedagógicas com o método de abordagem que integram a tecnologia à educação para o despertar os saberes dos aprendentes digitais. Os dispositivos digitais móveis fazem as vezes de computadores com acesso a informações de forma instantânea sendo um recurso pedagógico que em alguns momentos, substituem os livros didáticos e os cadernos de registros dos alunos.

**Palavras-chave:** Metodologia. Aprendentes. Recursos Tecnológicos

**Abstract:** The article discusses a teaching approach with the use of mobile digital technologies to awaken knowledge to digital learners, in a globalized world. This study aims to understand how education spaces are adapting to the use of digital technologies culturally inserted in physical and virtual learning environments. However, a bibliographic study was carried out, based on theorists who validate pedagogical practices with the approach method that integrate technology to education to awaken the knowledge of digital learners. Mobile electronic devices sometimes act as computers with instant access to information, being a pedagogical resource that, at times, replace textbooks and student record books.

**Keywords:** Methodology. Learners. Technological Resources

## INTRODUÇÃO

O texto discorre sobre a abordagem de ensino com uso das tecnologias digitais móveis inseridas em práticas pedagógica atuais de ensino. A globalização, o consumo de tecnologia e o acesso à internet trouxeram para dentro dos espaços formais de aprendizagem a possibilidade de utilizar os recursos dos dispositivos móveis no processo de formação acadêmica, criando um elo entre o virtual e não-virtual.

Nesta perspectiva, este estudo tem como objetivo refletir sobre como espaços educacionais vêm se adequando ao uso das tecnologias digitais. O aluno (aprendente) está culturalmente inserido no mundo digital, o que não faz dele um real usuário, mas um sujeito com grande potencial para o uso destes recursos, que já o utiliza em práticas sociais, em ambientes de aprendizagens físicos e virtuais.

Para tanto, foi realizado um estudo bibliográfico, com base em teóricos como LÉVY (1998), MORIN (2015), PAPERT (1987), SANTAELLA (2013), WOLF (2019) que validam



práticas pedagógicas com o método de abordagem que integram a tecnologia à educação para o despertar novos saberes.

Os dispositivos digitais introduzidos como um meio para aprender ao mesmo tempo habilidades de bases digitais e o conteúdo programático do currículo. Estes pequenos computadores com acesso a informações de forma instantânea auxiliam como facilitadores na promoção do aprendizado. Apresentando-se como um recurso pedagógico que em alguns momentos, podem substituir os livros didáticos e os cadernos de registros dos alunos.

O grande avanço do uso das tecnologias desencadeado pelo afastamento social possibilitou a criação de recursos digitais (aplicativos e plataformas de apoio) que servem de suporte pedagógico a serem utilizados por professores e alunos em sala de aula o que tornou o processo mais interativo e dinâmico. A interação digital possibilita o contato com diversas ferramentas e com os conteúdos.

Na abordagem de ensino com uso das tecnologias o professor deve perceber que não é apenas um recurso didático a mais disponível, a ser aplicado com uma metodologia tradicional, antes este exige novas abordagens em que o aluno seja o centro do processo. Assim, vem junto com as tecnologias uma nova forma de ensinar e aprender, onde os valores e competências se integram nas atividades educacionais.

## **ABORDAGEM DE ENSINO E O USO DAS TECNOLOGIAS**

A educação vem em uma crescente busca por uma abordagem de ensino que contemple a real necessidade dos alunos deste século. Aprendentes digitais inseridos em um contexto globalizado e com amplo acesso às informações, por meio de recursos tecnológicos de fácil acesso. Atualmente o uso das tecnologias digitais são partes do desenvolvimento pedagógico nas práticas docentes em ambientes formais de aprendizagem. Há um elo entre os recursos pedagógicos e a inserção de tecnologias digitais no processo de ensino. De acordo com Wolf, “abordagem híbrida da construção de um cérebro duplamente letrado precisa ser muito mais cuidadosa no seu desenvolvimento” (WOLF, 2019, p. 209), levando em conta a diversidade e o ritmo de cada aprendente.

Em um processo de educação que envolve o todo, entendemos que o meio interfere na formação e desenvolvimento, uma vez que o “ser humano é trinitário indivíduo-espécie-sociedade” (SANTAELLA, 2013, p. 289). E, esses três termos interligados apresentam os





sujeitos com completude singular, pois são afetados pelos genes da espécie e pelas circunstâncias sociais. Assim, o indivíduo “não é apenas uma pequena parte da sociedade, o todo de sua sociedade vive nele, na linguagem, na cultura” (MORIN, 2015, p. 140).

E em todos os ambientes que o cercam. E, ao trazer o sujeito, como aluno, para sala de aula, reconhecendo nele um aprendente digital, as marcas do contexto cultural vão estar presentes bem como a construção individual da espécie. E são as necessidades culturais que irão direcionar as sistêmicas de mercado, interferindo no contexto escolar. Uma vez que o aprendente traz consigo conhecimento e recursos de acesso a informações passíveis de serem convertidas em saberes úteis.

Nesse sentido, os contextos relacionam-se e sofrem interferências do meio. Enquanto a sociedade exige um determinado conhecimento, a escola adequa-se às novas formações e as devolve à sociedade. Em uma perspectiva atual percebemos que o aluno inserido no ambiente virtual e com acesso a diversos recursos tecnológicos é um aprendente digital favorecido pelo acesso aos recursos digitais, disponíveis nos potentes celulares (Smartphones). Aparelhos que há tempos fazem parte do cotidiano dos aprendentes, agora também estão como recursos pedagógico, em salas de aprendizagem, sejam elas físicas ou virtuais.

Tendo em vista que no processo de ensino, podemos afirmar que a “noção de sistema, ou mesmo de organização, [...], permite conectar e religar as partes a um todo e nos livrar dos conhecimentos fragmentados” (MORIN, 2015, p. 110). Nesta perspectiva, a abordagem de ensino deve contemplar as necessidades dos aprendentes e não de forma fragmentada por disciplinas. A preeminência de um “conhecimento fragmentado em disciplinas com frequência é ineficiente para efetivar a ligação entre as partes e as totalidades e deve ceder lugar a um modo de conhecimento capaz de conceber os objetos em seus contextos, em seus complexos, em seus conjuntos” (MORIN, 2015, p. 100), é necessário observar o todo que se insere e se interliga culturalmente, formando o meio cultural.

A globalização promoveu novas oportunidades de ensino favorecendo novas abordagens. Santaella (2013) previa a ampla usabilidade dos dispositivos tecnológicos, tendo em vista que “a convergência das mídias estará presente na maioria dos aparelhos celulares, que, por sua vez, deixarão definitivamente de ser um mero telefone móvel para assumir o papel de principal conector do indivíduo com a sociedade” (SANTAELLA, 2013, p. 7).

Atualmente, o celular está inserido no cotidiano das pessoas, conectando-as, fator que nos leva a usá-lo em sala, com uma abordagem que visa ao criar, a partir da interação, que propõe



o movimento de construção, com a utilização de novas informações acessíveis através desses dispositivos móveis.

Os telefones (celulares) pessoais, estão disponíveis aos aprendentes, podem ser utilizados para abrigar conteúdos direcionados nas aulas presenciais, como um recurso pedagógico à disposição dos alunos e do professor. Segundo os estudos de Santaella (2013, p. 291), o “advento dos dispositivos móveis ativou processos, pois, graças a eles, o acesso à informação tornou-se livre e contínuo, a qualquer hora do dia e da noite, trazendo gratificação espontânea”.

A informação chega aos alunos pelos celulares, simultaneamente, sem espaços perceptíveis de tempo e a “continuidade do tempo se soma à continuidade do espaço: a informação acessível de qualquer lugar. Os artefatos móveis evoluíram nessa direção, tornando absolutamente ubíquos e pervasivos o acesso à informação, a comunicação e a aquisição de conhecimento” (SANTAELLA, 2013, p. 291). Nesse aspecto, com intenso fluxo de informação, o professor deve orientar o aluno, para criar condições para construir seu conhecimento, gerindo as informações por meio da criação.

O professor organiza o ambiente de aprendizagem utilizando os recursos dos smartphones e outros incluindo o digital e o não digital. “É necessário ensinar os métodos que permitam perceber as relações mútuas e as influências recíprocas entre partes e todo em um mundo complexo” (MORIN, 2015, p. 101). Aqui não se trata apenas de inserir o celular como suporte pedagógico, mas estimular e orientar o uso, para facilitar e aproveitar o acesso às informações disponíveis na web.

Os recursos tecnológicos dos dispositivos móveis, serão utilizados para ensinar e para aprender. Nessa abordagem, o professor é o mediador, um instrucionista e construcionista, no que diz respeito à utilização dos smartphones. O mediador, para utilizar as informações, irá orientar o uso, explicando os acessos em diversos segmentos e formas, pertinentes as necessidades das atividades. Ele irá criar estratégias para o aluno absorva o conhecimento dos códigos necessários para utilizar o aplicativo indicado para a tarefa. Enquanto os alunos irão administrar o processo de utilização dos códigos. Papert (1987) denominou de construcionista a abordagem pela qual o aprendiz constrói, por intermédio do computador, seu próprio conhecimento que acontece quando ele interage, experimenta, cria e consegue compartilhar seu conhecimento.

O criar através da cooperação entre o grupo de aprendizagem fornece subsídios para construir o saber através da experimentação e, assim, despertar o interesse do aluno pelo seu



processo de aprendizagem, assumindo a responsabilidade de autoria orientado pelo professor. De acordo com Morin (2015, p. 86), é “preciso saber despertar o interesse, o que pode ser feito em todas as matérias existentes (e o interesse será tanto mais forte quanto mais as matérias que propomos introduzir no ensino forem próprias para despertar o interesse)”.

Nesse processo, a aprendizagem é centrada no aluno, o professor o orientará, incentivando-o a criar e a desenvolver o pensamento crítico através do envolvimento/utilização de materiais digitais e não digital. De acordo com Santaella (2013, p. 289-290), a “aprendizagem é um processo dinâmico e ativo que produz modificações cognitivas e comportamentais, relativamente duradouras, mesmo que não imediatamente visíveis, nos indivíduos”. Nesse sentido, a tecnologia ou os recursos tecnológicos inseridos nos ambientes formais de aprendizagem requerem de fato que o professor tenha conhecimento sobre os recursos educacionais digitais.

De acordo com Lévy, (1998, p. 27), “o uso do computador obriga os professores a repensarem o ensino de suas disciplinas para ao aprendente, de se apropriar-se um conjunto predefinido de conhecimentos fatuais, ou de dominar um código simples”. Ou seja, a aproximação da tecnologia e conhecimento dos códigos que envolvem os espaços digitais, com a educação, não é recente. Uma abordagem em que “a transmissão de informação e a notação dos exercícios deixam de ser a principal função do professor [...] tornando-se um animador aprendizado” (LÉVY, 1998, p. 29). O autor nomeia de animador o que chamamos, neste estudo, de mediador. Assim, o professor mediador através de uma abordagem de ensino com uso das tecnologias desperta aprendizado em seus alunos.

Com o acesso aos recursos digitais surge novas possibilidades de interação com os saberes, como por exemplo, “os hipertextos (matrizes de textos potenciais) escritos para leituras interativas apresentam-se como sistemas de múltiplos percursos” (LÉVY, 1998, p. 18-19). O professor irá orientar os alunos a percorrer esses percursos. Na educação, bem como em outros setores, a tecnologia tornou as informações globalizadas e acessíveis, assim, desta forma, “ao mesmo tempo que estiverem aprendendo a pensar e a escrever no meio mais lento do texto impresso, as crianças estarão aprendendo a pensar, de um modo diferente, nas telas de movimento rápido” (WOLF, 2019, p.203). O professor é capaz de alternar adequadamente atividades tradicionais de ensino-aprendizagem e atividades que usam as tecnologias.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo refletiu sobre o uso do celular, Smartphones e tecnologias digitais, como recurso pedagógico, inserido nos ambientes de aprendizagem para desenvolver os saberes necessários aos aprendentes da contemporaneidade. Neste cenário, o professor assume a indispensável função de mediador e, ao mesmo tempo, convida o aluno a participar de todo o processo de formação de seu conhecimento, tornando-o responsável pela construção do seu saber.

O aluno inserido na cultura digital é percebido como uma aprendente com amplas habilidades no manejo dos recursos de mídias, o que por vezes, facilita o aproveitamento do fluxo das informações e através das etapas que envolve o criar e transforma essas informações em saberes. Neste contexto, o professor percebe que não é o único a ter saberes e informações e que sua função é mediar o aluno a transformar as informações em saberes úteis para ele.

Neste sentido, é importante que o professor atue na perspectiva de mediação, onde o conhecimento é construído junto com o aprendente, sendo este um sujeito ativo no processo. O aluno do século XXI não é mais um aluno passivo. Para dar conta dos novos desafios da sociedade, é preciso que a escola se transforme, trazendo abordagens de ensino e de aprendizagem de forma mais criativa e participativa.

## REFERÊNCIAS

- LÉVY, Pierre. **A máquina universo**. Criação, cognição e cultura informática. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**. Manifesta para mudar a educação. Trad. Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PAPERT, S. Information technology and education: Computer criticism vs. technocentric thinking. **Educational researcher**, v. 16, n. 1, p. 22-30, 1987.
- SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação Ubíqua**. Representação na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Comunicação).
- WOLF, Maryanne. O Cérebro no mundo digital. Os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Editora Contexto, 2019.





## MENSTRUÇÃO E O ESTIGMA DO NOJO

### MENSTRUATION AND THE DISEASE STIGMA

Caroline Luiza Willig<sup>1</sup>; Saraí Patrícia Schmidt<sup>2</sup>

Universidade Feevale

#### Resumo:

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa em que propõe a investigação de estigmas que envolvem a menstruação, numa relação entre a mídia e a escola. Para este estudo, o foco é a cristalização cultural de que o fluxo é nojento ou sujo. Essa noção permeou recorrentemente o corpus midiático da pesquisa e as narrativas que emergiram nos diálogos com o grupo focal, formado por docentes das séries finais de uma escola pública de ensino fundamental de Novo Hamburgo/RS em 2020. A partir da elucidação sobre tal preconceito, é possível estabelecer conexões com relações de poder patriarcais, colonialistas e especistas, que objetificam e subalternizam sujeitos pelo simples fato de menstruarem.

**Palavras-chave:** Estigma. Menstruação. Mídia. Educação.

#### Abstract:

The present work is the result of a research that proposes the investigation of stigmas that involve menstruation, in a relationship between the media and the school. For this study, the focus is on cultural crystallization that the flow is disgusting or dirty. This notion repeatedly permeated the media corpus of the research and the narratives that emerged in the dialogues with the focus group, formed by teachers from the final grades of a public elementary school in Novo Hamburgo / RS in 2020. From the elucidation of this prejudice it is possible to establish connections with patriarchal, colonialist and speciesist power relations, which objectify and subordinate subjects by the simple fact of menstruating.

**Keywords:** Stigma. Menstruation. Media. Education.

## MARCAS DA MISOGINIA

Mais do que um marco de passagem de “menina” a “mulher” dentro da cultura eurocêntrica, binária e patriarcal, a menstruação é também uma marca que mensalmente reforça a “identidade de mulher”, feminilizada, o “lugar de mulher”, recluso à esfera privada de um mundo falocêntrico, e a “condição de mulher”, subalterna ao homem.

O sociólogo canadense Goffman, que exerceu significativa influência na academia durante o século XX, em sua obra *Estigma - Notas sobre a manipulação da Indentidade Deteriorada* (1988), faz uma revisão de como os preconceitos se cristalizam ao longo da história e das culturas. O autor destaca que "a sociedade estabelece meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada

<sup>1</sup> Doutoranda e mestra no programa Processos e Manifestações Culturais na Universidade Feevale. Bolsista Capes. E-mail: carol.willig@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente dos Programas de Pós-Graduação Processos e Manifestações Culturais e Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale. E-mail: saraischmidt@feevale.br.





uma dessas categorias: os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas".

É neste contexto que se justifica a “anormalidade” de menstruar, sob o ponto de vista do homem cisgênero, cujo confronto com o diferente faz com que este se torne um atributo profundamente depreciativo. Goffman (1988) destaca que o atributo não é em si horroroso, desonroso ou mesmo belo e imaculado, ele apenas existe. O estigma se cria a partir do confronto do diferente e tabus gerados a partir deste. O autor utiliza o termo estigma em referência a um atributo profundamente depreciativo, que não é ele em si horroroso ou desonroso, mas sim a relação do que se considera “normal” diante do “diferente”. Segundo ele, existem três tipos diferentes de estigmas:

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo - as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. (GOFFMAN, 1988, p. 7)

Considero que os estigmas que envolvem a menstruação perpassam as abominações do corpo, como se fossem um defeito, mas também se mostram nas crenças falsas e rígidas de que a menstruar é sofrido e que a mulher sofre porque merece, porque peca. E por último, os estigmas tribais, de raça, nação e religião também exercem notável envolvimento nas relações de poder, se mostrando através das intersecções de opressões que causam a pobreza menstrual e marginalizam ainda mais as pessoas que menstruam que já se encontravam em situação de vulnerabilidade social. Goffman (1988) destaca que:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real." (GOFFMAN, 1988, P. 6)

O choque com o diferente, a partir da visão masculina e dual, provoca este estranhamento ou desconforto que, através das relações de poder e dominação, subjuga o corpo menstruado a um corpo “estragado” e o condiciona ao patamar de corpo abjeto. Abjeto, para a teórica Judith



Butler (2003), que elucida sobre feminismos e as expressões *queer* de gênero, “não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’ (2013). Outro conceito que contribui com a elucidação de Abjeto, é o conceito de *referente ausente*. A ecofeminista Carol Adams (2018) utiliza o termo para evidenciar a influência do uso da língua para a normatização de uma cultura patriarcal e especista. Ele também faz referência à intersecção do feminismo com o veganismo, ao demonstrar que animais são frequentemente retratados com traços femininos e mulheres são frequentemente retratadas com traços animais para que seus corpos sejam consumidos pelos homens (ADAMS, 2018), como podemos perceber, por exemplo, com a expressão “tá de chico”, que surgiu de forma recorrente no corpus da pesquisa, para referenciar as pessoas menstruadas, numa comparação com o chiqueiro onde vivem os porcos para abate.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para localizar os estigmas que envolvem a menstruação, entre eles o estigma do Nojo, sobre o qual este resumo se atém, a pesquisa se deu em duas etapas. Na primeira, foi produzido um mapeamento de referências midiáticas que revelassem a relação cultural da sociedade com a menstruação, por meio da metodologia de bricolagem (NEIRA E LIPPI, 2012). Posteriormente, as mídias foram analisadas com o objetivo de localizar categorias de conteúdo que remetesse a preconceitos, com inspiração no método de Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Na segunda etapa, apresentei amostras da bricolagem midiática em uma sensibilização junto ao corpo docente das séries finais de uma escola pública de ensino fundamental, que contou com quatro encontros de duas horas, no ano de 2020, que se deram de forma virtual em função da necessidade de distanciamento físico em função da pandemia Covid-19. As falas dos professores foram transcritas e utilizadas para estabelecer diálogos entre os estigmas localizados nas mídias e os referenciais que dão sustentação teórica à discussão.



## “TÁ DE CHICO”

*Menstruação é o único sangue que não nasce da violência;*

*Mas é o que mais te dá nojo<sup>3</sup>*

As expressões “nojo”, “nojento”, “nojenta”, “sujo”, “suja” e “sujeira” surgiram cerca de 43 vezes nas falas dos professores e professoras durante a sensibilização Estigmas do Sangue, e também foram localizadas 34 inserções na mídia que trouxeram o nojo do sangue menstrual à esfera pública, considerando que o corpus é composto por 136 materiais. Não estou dizendo que todas as falas fizeram menção direta ao sangue ser sujo ounojento - algumas faziam justamente o contrário, alegando que o tratam com naturalidade. Entretanto, todos deixaram evidente que há a percepção de tal estigma impregnado na cultura, mesmo que os sujeitos propriamente não considerem o sangue impuro ou algo do tipo – a proposta foi evidenciar o estigma e não observar a opinião a favor ou contra ele.

Butler (2003) aborda essa reação de nojo diante dos fluídos corporais, fala que também foi reforçada por um professor durante a sensibilização, a respeito da menstruação, afirmando que “há uma certa repulsa com o que sai do corpo humano; um cabelo ele é cheiroso na cabeça, e nojento na comida, ao meu ponto de vista e as pessoas que eu conversei sobre essa questão, não sei se ela chega a ser um tabu”. Butler conta com os estudos de Mary Douglas, em *Purity and Danger* quando esta apresenta o “corpo como um modelo que pode simbolizar qualquer sistema delimitado. Suas fronteiras podem representar qualquer fronteira ameaçada ou precária” (DOUGLAS, 1969, p. 115 APUD BUTLER 2003, p. 189).

O sangue menstrual é uma marca das pessoas com útero, que por sua vez são dentro dos moldes patriarcais e coloniais, educadas para seguir o papel feminino dentro das relações de gênero. Ele serve como um aviso de que estas fronteiras de público e privado estão em risco e, por ser um ato que está além do controle humano, é atribuído à selvageria. Outra expressão que foi mencionada apenas quatro vezes, mas que ocupou espaço de destaque na discussão, foi “Tá de Chico”. O termo representa a intersecção do machismo, sexismo e especismo sobre a categoria de mulher, e elevar a discussão a respeito do nojo dos fluídos corporais, já endossada com as teorizações de Butler (2003). “Chico” é uma referência a chiqueiro e, portanto, algo sem modos e nojento como os porcos e que, portanto, deve se manter recluso, distante, conforme a

<sup>3</sup> Frase extraída de um post do perfil @universosagrado na rede social Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-PWjtEHnXY/>>. Acesso em: 11 jun. 2019.



fala de uma professora: “eu ouvia muito na época de faculdade “ela tá de Chico” e jamais eu sabia que tinha o sinônimo de porco né, olha que ridículo isso, se a gente for pensar, né; e às vezes a gente ria das piadinhas sem nem saber o real significado”.

É neste contexto que percebo o estigma do nojo e sujo fortemente atrelado ao que a escritora Carol Adams chama de Política Sexual da Carne (2018), em sua obra homônima, revelando um contexto de repulsa e objetificação especista, pelo fato da menstruação ser um excremento que vem de sujeitos com útero e consequentemente associados à identidade de mulher, que por si só, já simboliza subalternidade. “A política sexual da carne é também a presunção de que os homens precisam de carne e têm direito a ela, como também que o consumo de carne é uma atividade masculina associada à virilidade”. Adams (2018) traça os paralelos da opressão machista e especista, escancarando a inter-relação e retroalimentação destas opressões no que tange o corpo feminilizado, tendo como objeto de análise propagandas de carne que sexualizam e dão características feminilizadas os “animais” para torná-los atraentes ao público-alvo, masculino, cisgênero, heterossexual e também, geralmente, branco.

A aproximação dos corpos menstruados com os porcos revela também a relação de poder que inferioriza a mulher, já subalterna em relação ao homem, colocando-a no mesmo patamar de porco, um dos seres mais oprimidos pela cultura do carnismo. Propor práticas antiespecistas e anticarnistas é, portanto, uma questão de igualdade de gênero que não se reflete somente na exploração dos animais, mas também seus resquícios são percebidos nas relações humanas. Ou seja, o especismo, alicerçado na ideologia de gênero, também se reflete para reforçar a ideologia de gênero no que tange aos direitos das mulheres. “A igualdade não é uma ideia; é uma prática. Nós a exercemos quando não tratamos como objetos outras pessoas ou outros animais” (ADAMS, 2018).

A necessidade de tirar o sangue menstrual da esfera do público é algo notável, por exemplo, nos frequentes avisos em banheiros públicos femininos, alertando pessoas menstruadas a enrolarem seus absorventes, conforme fala trazida por uma professora durante a sensibilização:



E quando a gente vê aqueles recados nos banheiros sobre o absorvente “. Ah, por que você não enrola seu absorvente?”... Eu não sei se eu não sou uma pessoa nojenta, mas o troço tá bem longe de mim, ele não vai saltar e grudar em mim. Aquele sangue menstrual, não preciso olhar se eu não quiser. Mas pra eu ter absorvente aberto ou o cocô, porque o que tem ali naquele papel higiênico, para mim, tanto faz. Acho que isso tem a ver com essa questão e tá escrita aquilo ali. Porque não tá escrito “enrole o seu cocô”, “não mostra o seu cocô” e ninguém precisa ver o seu cocô. Mas o sangue ninguém pode ver né, ninguém pode ver um absorvente aberto.

O exemplo trazido pela professora deixa claro que o nojo impregnado na sociedade a respeito da menstruação vai muito além da aversão aos demais fluidos corporais. Ele vem de um corpo feminino, subalterno, inferior dentro da lógica patriarcal e colonial. Um corpo selvagem que deve se manter dentro da esfera privada para ser controlado, servindo apenas para a manutenção da sociedade colonial e patriarcal. Estas são as “regras” quando as “regras” chegam, isso porque as mulheres, quando menstruadas, são vistas como um corpo instintivo e à beira de trazer para a esfera pública a marca da ciclicidade feminina e portanto, da natureza. DaMatta (1997), ao discorrer sobre os simbolismos da Casa e a Rua, evidencia a forma como a sociedade brasileira se relaciona com as dimensões público e privado, também deixa claro como se dá a manutenção das hierarquias dentro das relações de poder que estruturam o que compreendemos por ‘nação brasileira’:

O fato de que também nos referimos à "casa" como local de trabalho ou até mesmo ao país como um todo. Porque, se o local de trabalho é uma casa, isso é sinal de que os patrões são pais (as palavras têm uma mesma raiz) e seus empregados são seus filhos (ou suas mulheres). Não penso ser de outro modo que se possa explicar a expressão igualmente metafórica que diz serem as autoridades, os "homens", senão para indicar complementarmente que seus simétricos inversos são fêmeas ou meninos. De qualquer modo, o simbolismo da casa e pela casa é extenso em nossa sociedade. De casa vêm também casamento, casadouro e casal, expressões que denotam um ato relacional, plenamente coerente com o espaço da morada e da residência (DAMATTA, 1997, P. 38)

Ao evidenciar a relação da casa com a rua, do privado com o público, DaMatta (1997) também joga luz sobre outras relações de dominação presentes na formação da sociedade brasileira - além da relação de subordinação das mulheres, há a evidente subordinação e falta de importância dada às crianças, também tratadas como seres no servir dos homens adultos. O nojo da menstruação e a sua necessidade de ocultá-lo da esfera pública também fica evidente ao notar que as propagandas de absorvente tradicionalmente mostram um líquido azul para representar o sangue menstrual.

A Íntimus, marca de absorvente brasileira que pertence à Unilever, em 2019, lançou uma campanha chamada *Chega de Estigma*, que contou com uma intervenção junto ao público que



transitava pela Avenida Paulista, em São Paulo/SP. A intervenção propôs trazer os estigmas e tabus que cercam o tema no interior da caixa, entretanto, uma breve observação sobre público e privado fica evidente com esta iniciativa, que, apesar de buscar trazer para a esfera pública o tema da menstruação, ela só foi legitimada em espaço público por meio de uma caixa, mantendo, então, a menstruação como um assunto de bastidores, literalmente, envolto em uma redoma de proteção. Além disso, vale notar que essa mesma marca de absorventes segue produzindo embalagens com o gel azul ao invés de demonstrar o sangue das cores que ele realmente tem – variações de rosa, vermelho e até mesmo marrom.

DaMatta (1997) observa que há normas rituais importantes que não podem ser ignoradas quando a sociedade traz algo da esfera pública para a privada, ao relatar por exemplo o Carnaval, quando atitudes que são consideradas vulgares ou promíscuas, durante esta festividade, são estimuladas (DaMatta, 1997, p. 38-39). Este líquido azul para representar o sangue da menstruação pode ser um exemplo disso, de que a propaganda é mais uma forma de mascarar, através de uma cor antagonista ao vermelho, o estigma, ao trazê-la de uma forma mais palatável da esfera privada para a pública, através do gel azul, da roupa toda branca que as garotas-propaganda utilizam nos comerciais e das atividades que elas realizam, com leveza, felicidade intensa e fluidez até nos esportes, retratando um mundo bem diferente do que as pessoas vivem quando estão no período menstrual.

Percebo uma relação contraditória do machismo e especismo como sangue – se sua origem for o corpo feminino, por livre e espontânea vontade, este causa repulsa. Se vier de um ato de violência provocado por eles, este mesmo sangue é apetitoso, motivo de comemoração. Esta relação ambígua se dá pelo fato de que no caso da violência, o controle e a dominação estão nas mãos do homem e, no caso da menstruação, seu controle está na esfera feminina? Talvez uma superficial análise da frase “não tenho medo de sujar a espada”<sup>4</sup> possa encerrar o debate com um ponto a favor a esta tese.

Proferida pelo cantor Gustavo Lima quando questionado sobre transar com uma pessoa menstruada, durante seu primeiro show ao vivo no Instagram após o início da pandemia Covid-19, ela é muito simbólica. Primeiro porque a expressão “medo” ao ser associada à menstruação nos reverencia também o estigma da maldição, sugerindo que o contato com a menstruação pudesse causar algum mal, seja ele uma doença física ou espiritual. Já o termo “sujar” enfatiza

<sup>4</sup> Frase retirada de meme Publicado no Instagram. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/B-3QXpZJ0HX5QMzyilj7Ltt1j0v\\_V1JlhoTURw0/](https://www.instagram.com/p/B-3QXpZJ0HX5QMzyilj7Ltt1j0v_V1JlhoTURw0/)>. Acesso em 16 jul. 2020.



a menstruação como impura ou nojenta. E, por fim, o termo, “espada”, utilizado para se referir ao órgão sexual masculino como se fosse uma arma para exterminar com a vida do inimigo, é literalmente a cereja desse bolo com várias camadas de preconceito, que evidencia a relação de dominação e opressão existente para com os corpos menstruados, vistos como corpos impuros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sangue menstrual, mesmo que seja sinônimo de saúde e fertilidade do ponto de vista biológico, é tratado como algo sujo ou nojento, servindo como uma prova física da inferioridade do corpo da fêmea, segundo os moldes eurocêntricos, binários e coloniais. Este é reforçado por relações de opressão diversas, entre elas o machismo, o especismo, religião e capitalismo e a cisheteronormatividade.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Carol. **A Política Sexual da Carne**. São Paulo: Editora Alaúde, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua - espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

NEIRA, Marcos Garcia and LIPPI, Bruno Gonçalves. **Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional**. Revista Educação & Realidade, vol.37, n.2, pp.607-625, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S2175-62362012000200015>>.





## AVALIAÇÃO DAS FUNÇÕES COGNITIVAS NO PROCESSO DA CIRURGIA BARIÁTRICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

### EVALUATION OF COGNITIVE FUNCTIONS IN THE PROCESS OF BARIATRIC SURGERY: A SYSTEMATIC REVIEW

Martina Dillenburg Scur (Universidade Feevale); Renata Kochhann (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul); Andrea Varisco Dani (Universidade Feevale); Marina Fritz (Universidade Feevale); Wilson Corrêa Vieira (Universidade Feevale); Caroline Fagundes (Universidade Feevale)

**Resumo:** A cirurgia bariátrica é a intervenção mais efetiva para o tratamento da obesidade, devido a restrição rigorosa do volume da ingestão e do controle da absorção da alimentação ingerida. A causa da obesidade é um constante objeto de pesquisa, porém, o que não é pesquisado com tanta frequência é o papel que a cognição desempenha na obesidade. Esta revisão de literatura busca investigar os efeitos da cirurgia bariátrica no funcionamento cognitivo de pacientes adultos. A coleta de dados se realizou no período de 2018 a 2019 por meio da busca online das produções científicas nacionais e internacionais. Foram excluídos artigos que não incluíram no título ou resumo pelo menos uma das palavras-chave estabelecidas, artigos repetidos e aqueles que não apresentavam relação com o tema ou apresentavam aspectos metodológicos incompatíveis. Nos 11 estudos avaliados, todos mediram as funções cognitivas dos pacientes no período de 30 dias antes da cirurgia, e o período pós-cirúrgico variou, incluindo os marcos de tempo: 1, 3, 12, 24 e 36 meses. Os estudos selecionados demonstram consistência na alteração dos escores da avaliação neuropsicológica após a realização da cirurgia bariátrica associada a um melhor desempenho cognitivo.

**Palavras-chave:** Cirurgia Bariátrica. Funções Cognitivas. Avaliação Neuropsicológica. Desempenho cognitivo.

**Abstract:** Bariatric surgery is the most effective intervention for the treatment of obesity, due to the strict restriction of the volume of intake and the control of the absorption of the ingested food. The cause of obesity is a constant object of research, however, what is not researched so often is the role that cognition plays in obesity. This literature review seeks to investigate the effects of bariatric surgery on the cognitive functioning of adult patients. Data collection took place in the period from 2018 to 2019 through the online search of national and international scientific productions. Articles that did not include in the title or abstract at least one of the established keywords, repeated articles and those that were not related to the topic or had incompatible methodological aspects were excluded. In the 11 studies evaluated, all measured the patients' cognitive functions in the period of 30 days before surgery, and the post-surgical period varied, including time frames: 1, 3, 12, 24 and 36 months. The selected studies demonstrate consistency in changing the scores of the neuropsychological assessment after performing bariatric surgery associated with better cognitive performance.

**Keywords:** Bariatric surgery. Cognitive functions. Neuropsychological assessment. Cognitive performance.

## INTRODUÇÃO

A obesidade é uma doença crônica multifatorial com repercussões psicológicas, sociais e culturais (CARNELL et. al2014). A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2018) alerta que





um em cada oito adultos em todo o planeta é obeso, e a projeção é que em 2025 cerca de 2,3 bilhões de indivíduos estejam com excesso de peso, sendo mais de 700 milhões com obesidade. A obesidade já é uma realidade para 18,9% dos brasileiros. Já o sobrepeso atinge mais da metade da população (54%). A definição da obesidade é realizada de acordo com o índice de massa corporal (IMC), calculado através do peso dividido pela altura ao quadrado e classificada da seguinte maneira: IMC entre 25,0 e 29,9 Kg/m<sup>2</sup>: sobrepeso; IMC entre 30,0 e 34,9 Kg/m<sup>2</sup>: obesidade grau I; IMC entre 35,0 e 39,9 Kg/m<sup>2</sup>: obesidade grau II; IMC maior do que 40,0 Kg/m<sup>2</sup>: obesidade grau III.

A obesidade grau III é refratária à terapia dietética e medicamentosa, mas geralmente responde bem à cirurgia bariátrica (DUARTE-GUERRA, 2015). Neste sentido, a cirurgia bariátrica tem sido considerada um dos mais eficazes tratamentos para obesidade mórbida, sendo uma modalidade terapêutica que produz redução de peso prolongada. O procedimento bariátrico é definido pela alteração cirúrgica do estômago ou intestino. Além da redução de peso, a cirurgia contribui para a redução das comorbidades associadas à obesidade (JOHNSON et al., 2006).

A causa da obesidade é um constante objeto de pesquisa, e geralmente seu estudo leva em consideração fatores como alimentação e atividades físicas. No entanto, o que não é pesquisado com tanta frequência é o papel que a cognição desempenha na obesidade. Alguns estudos têm analisado a relação entre o IMC e possíveis modificações estruturais e metabólicas ao nível do sistema nervoso central (SNC), pois parecem existir diferenças morfológicas cerebrais em sujeitos obesos quando comparados com sujeitos com IMC normal (WARD et al., 2005).

Num estudo realizado por Gunstad et al. (2010) constataram melhorias na memória (aprendizagem, memória de curto prazo, memória de longo prazo e reconhecimento) ao fim de 12 semanas após cirurgia bariátrica. Observaram-se ainda melhorias nas funções executivas, mas sem que essas alterações fossem estatisticamente significativas. Boeka et al. (2008) verificaram que sujeitos com obesidade mórbida revelam maior prevalência de erros e perseveração no teste de cartas de Wisconsin (WCST), obtendo pior desempenho do que indivíduos com IMC normal. Dois anos depois, Lokken et al. (2010) encontraram resultados mais baixos no WCST por parte de candidatos a cirurgia bariátrica, sugerindo dificuldades na resolução de problemas, planejamento e perseveração. Também Davis et al. (2010) encontraram pior desempenho em tarefas de tomada de decisão em mulheres obesas com e sem



compulsão alimentar, quando comparadas a mulheres com peso normal. Estes resultados sugerem uma tomada de decisão não adaptativa e dificuldades na capacidade para adiar a gratificação e lidar com benefícios a longo prazo.

Este artigo de revisão de literatura busca investigar os efeitos da cirurgia bariátrica no funcionamento cognitivo de pacientes adultos. A importância de averiguar se a cirurgia bariátrica influencia no declínio das funções cognitivas é ampliada pela crescente incidência de comprometimento cognitivo e doenças neurodegenerativas, como a doença de Alzheimer, para as quais a obesidade também pode ser um fator de risco significativo (GORDON, 2011), além do reduzido número de estudos existentes que analisam o desempenho cognitivo após cirurgia bariátrica.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A cirurgia bariátrica está crescendo em popularidade pela associação com a drástica perda de peso. Indo mais além, a literatura existente mostra que a cirurgia bariátrica confere benefícios cognitivos, particularmente na memória. Esses achados levantam a possibilidade de que as deficiências cognitivas ligadas à obesidade podem ser reversíveis via cirurgia bariátrica, e a perda de peso pela cirurgia pode até mesmo atenuar ou inverter o risco de demência associada à obesidade mórbida (GUNSTAD et al., 2012; MILLER et al., 2013; ALOSCO et al., 2014; LAVENDER et al., 2014).

A cirurgia bariátrica é considerada a intervenção mais efetiva para obesidade mórbida, embora até 30% dos pacientes apresentem dificuldade para perder peso ou reganho de uma quantidade significativa de peso quando em acompanhamento com equipe multidisciplinar (KARLSSON et al., 2007). A disfunção cognitiva, particularmente a dificuldade com a memória e as FE, é comum entre os indivíduos com obesidade (LOKKEN et al., 2010). Por exemplo, um IMC alto está associado com pior desempenho nas FE (como falha na inibição de resposta, memória operacional, planejamento e capacidade de mudar, e manter o desempenho cognitivo adequado), e indivíduos obesos demonstram desempenho inferior nas medidas de memória verbal relativa a indivíduos com peso normal (GUNSTAD et al., 2007). Em pacientes bariátricos, trabalhos recentes mostram que quase 25% dos pacientes apresentam níveis clinicamente significativos de comprometimento cognitivo (definido como  $>1,5$  DP abaixo da média) e 40% demonstram comprometimento mais sutil ( $> 1$  DP) (GUNSTAD et al., 2011).





A relação entre peso e funcionamento cerebral também sugerido por autores que propuseram que pacientes com obesidade possuem circuitos neurais e vias neurobiológicas em comum, estreitamente correlacionado com o sistema de recompensa alimentar. Assim, o nível de obesidade depende da gravidade desse funcionamento (EPSTEIN et al., 2012).

Estudos anteriores usando imagens do cérebro sugerem que indivíduos obesos mostram padrões anormais de ativação cerebral na presença de alimentos estimulantes: diferenças entre indivíduos obesos e com peso normal foram encontradas em dois circuitos cerebrais, o sistema límbico e áreas paralímbicas, que estão associadas à ativação de processos de aprendizagem e recompensa no comportamento alimentar normal, e as áreas pré-frontais, que suportam processos de controle cognitivo (MAAYAN et al., 2011).

## MÉTODO

Para a realização do presente estudo, optou-se pela elaboração de uma revisão sistemática da literatura seguindo o modelo *PRISMA* (*Preferred Reporting Items for Systematic Review and Meta-Analyses*; MOHER et al., 2009), com a exceção de que somente um avaliador selecionou os estudos.

A coleta de dados se realizou no período de outubro de 2018 a fevereiro de 2019 por meio de uma busca online da seleção das principais produções científicas nacionais e internacionais utilizando os seguintes constructos e gerando a sintaxe: (funções cognitivas OR cognitivefunction) AND (cirurgia bariátrica OR bariatricsurgery). Para isso, utilizou-se as bases de dados: *PubMed Central*® (*PMC*), do *Scientific Electronic Library On-line* (*Scielo*), da *Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde* (*Lilacs*) e busca manual a partir de referências citadas nos artigos encontrados.

Características do estudo, como o delineamento metodológico e o período do acompanhamento também foram inseridos. Mudança no índice de massa corporal (IMC) também foi percebido como uma medida de perda de peso e seu potencial para melhorar a cognição. Publicações relacionadas com a *Longitudinal Assessment of Bariatric Surgery* (LABS) foram sinalizadas ao final da tabela, de modo a destacar que esses dados vieram da mesma amostra populacional seguidos ao longo de vários anos.

Os critérios de inclusão para a seleção da amostra apresentaram apenas delineamentos passíveis de avaliação das variáveis em estudo. Estes foram: (a) ser estudo empírico; (b) estudos



com obesos em processo de cirurgia bariátrica; (c) artigos que propuseram analisar uma amostra em adultos (18 a 65 anos); (d) nas línguas portuguesa, inglesa, espanhola. Foram excluídos artigos que não incluíram no título ou resumo pelo menos uma das palavras-chave estabelecidas, assim como os artigos repetidos.

## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Inicialmente, foram encontrados 244 estudos. Após este achado houve a eliminação de 122 referências duplicadas, 74 referências através da avaliação de título e resumo. Na etapa da elegibilidade foram analisados 48 artigos, onde 37 foram excluídos pelos seguintes motivos:

(a) delineamento incompatível (n= 24); (b) idade incompatível (n=5); (c) não mencionarem avaliação cognitiva (n=8). Os critérios de exclusão incluíram também história passada ou atual de doença mental, segundo DSM-V ou lesão encefálica. Ao final do processo, foram incluídos 11 artigos na presente revisão.

**Tabela 1. Artigos selecionados por estarem diretamente relacionados com com obesos em processo de cirurgia bariátrica (cb)**

<b>Autores</b>	<b>Título</b>	<b>Período da avaliação Pré e Pós CB</b>	<b>Ano</b>
Alosco et al.	Improved Serum Leptinand Ghrelin Following Bariatric Surgery Predict Better Postoperativ e Cognitive Function.	30 dias antes e 12 meses pós	2015
Galioto et al.	Glucose regulation and cognitive function after bariatric surgery.	30 dias antes e 12 meses pós	2015
Manderino et al.	Cognitive dysfunction predicts poorer emotion recognition in bariatric surgery candidates.	30 dias antes	2015
Spitznagel et al.	The Role of Cognitive Function in Postoperative Weight Loss Outcomes: 36-Month Follow-Up	30 dias antes, 12 semanas pós e 36 meses pós	2014
Lavender et al.	Association between Binge Eating Disorder and Changes in Cognitive Functioning Following Bariatric Surgery.	30 dias antes e 12 meses pós	2014
Marques et al.	Changes in Neuropsychological Tests and Brain Metabolism After Bariatric Surgery.	Antes da CB e 6 meses pós	2014
Alosco et al.	Cognitive Function after Bariatric Surgery: Evidence for Improvement 3 Years after Surgery.	30 dias antes , 12 semanas pós e 12, 24, 36, 48 meses pós	2014a



Alosco et al.	The Effects of Cystatin C and Alkaline Phosphatase Changes on Cognitive Function 12-Months after Bariatric Surgery	30 dias antes e 12 meses pós	2014b
Spitznagel et al.	Cognitive function is linked to adherence to bariatric postoperative guidelines.	De 4 a 6 semanas pós	2013a
Spitznagel et al.	Cognitive function predicts 24-month weight loss success after bariatric surgery.	30 dias antes da cirurgia, 12 e 24 meses pós	2013b
Gunstad et al.	Improved memory function 12 weeks after bariatric surgery.	30 dias antes e 12 semanas pós	2011

Todos os 11 estudos incluídos na revisão documentaram melhorias significativas de significância estatística ( $p < 0,05$ ) em pelo menos um domínio cognitivo após a cirurgia bariátrica. Os domínios que apresentaram melhora significativa foram a memória, a atenção, as funções executivas e a linguagem.

Alguns trabalhos mostraram que quase um quarto dos candidatos à cirurgia bariátrica obtiveram sinais clínicos de comprometimento cognitivo significativo (definido como  $DP > 1,5$ , abaixo da média). No período pré-cirúrgico, o declínio foi mais comum para fluência verbal fonológica (17,6%) e memória (16,5%). Aos 12 meses pós-cirúrgico, as taxas de declínio diminuíram na maioria dos testes cognitivos. Felizmente, os comprometimentos cognitivos relacionados à obesidade podem ser parcialmente reversíveis, como a pesquisa que demonstra melhor funcionamento cognitivo após 12 semanas da cirurgia bariátrica (GUNSTAD et al., 2011), com ganhos persistentes pelo menos três anos após a cirurgia (ALOSCO et al., 2014a; MILLER et al., 2013).

Vários estudos mostraram que sujeitos obesos, com IMC acima de  $40 \text{Kg/m}^2$ , quando comparados a sujeitos com IMC abaixo de  $30 \text{Kg/m}^2$ , têm menor desempenho das funções executivas (CAMPOY et al., 2011; RESTIVO et al., 2016), particularmente no planejamento, resolução de problemas e flexibilidade cognitiva (BICKEL et al., 2012; LOKKEN et al., 2010; MALMIR et al., 2014), na manutenção da atenção, no controle inibitório (LOKKEN et al., 2010; NEDERKOORN et al., 2010; SIERVO et al., 2011), e tomada de decisão (CALVO et al., 2014; FAGUNDO et al., 2012; SIERVO et al., 2011).

Visto os resultados, é evidente que as funções cognitivas melhoram após a intervenção da cirurgia bariátrica em pacientes obesos. Mas existem múltiplos mecanismos na literatura que podem justificar, também, os resultados positivos da cirurgia, incluindo, entre outros, os



seguintes: alterações de humor, alterações metabólicas, aumento da inflamação, alterações vasculares e alterações no microbioma intestinal (ALOSCO et al., 2015).

## CONCLUSÃO

Os estudos incluídos nesta revisão demonstram consistência na alteração dos escores da avaliação neuropsicológica após a realização da cirurgia bariátrica associada a um melhor desempenho cognitivo. Em concordância, as revisões acima mencionadas corroboram que a obesidade está associada a desfechos neurológicos adversos e, pessoas com obesidade mórbida podem estar em risco elevado para estes efeitos. Segundo Ashrafian et al. (2013), a cirurgia bariátrica e seus muitos benefícios médicos parecem atenuar esses riscos, aumentando a possibilidade de redução do risco de doenças como a doença de Alzheimer, acidente vascular cerebral ou doenças cardiovasculares, pelos procedimentos de perda de peso nesta população de alto risco.

Considera-se como limitação e sugestão outros estudos prospectivos maiores que envolvam acompanhamento a longo prazo de um grande número de sujeitos que são submetidos à cirurgia bariátrica, com controles bem estabelecidos, serão necessários para responder às questões que envolvem a cirúrgica bariátrica e seus efeitos nas funções cognitivas a longo prazo.

## REFERÊNCIAS

- ALOSCO, M. L., GALIOTO, R., SPITZNAGEL, M. B., STRAIN, G., DEVLIN, M., COHEN, R. Cognitive function after bariatric surgery: evidence for improvement 3 years after surgery. **Am. J. Surg**, v. 207 p. 870–876, 2014. doi: 10.1016/j.amjsurg.2013.05.018.
- ALOSCO, M. L., SPITZNAGEL, M. B., STRAIN, G., DEVLIN, M., COHEN, R., CROSBY, R. D., MITCHELL, J. E., GUNSTAD, J. Improved serum leptin and ghrelin following bariatric surgery predict better postoperative cognitive function. **Journal of clinical neurology (Seoul, Korea)**, v.11 n.1 p. 48-56, 2015.
- ASHRAFIAN H, HARLING L, DARZI A, ATHANASIOU T. Neurodegenerative disease and obesity what is the role of weight loss and bariatric interventions? **Metab Brain Disease**, v.28 n.3 p.341-53,2013. doi:10.1007/s11011-013-9412-4
- BICKEL, W. K., JARMOLOWICZ, D. P., MUELLER, E. T., GATCHALIAN, K. M.,



MCMLURE, S. M. Are executive function and impulsivity antipodes? **A conceptual reconstruction with special reference to addiction. *Psychopharmacology***, v. 221 n.3, p. 361-387, 2012. doi: 10.1007/s00213-012-2689-x.

BOEKA, A., Lokken, K. Neuropsychological performance of a clinical sample of extremely obese individuals. ***Archives of Clinical Neuropsychology***, 23, 467- 474, 2008. doi:10.1016/j.acn.2008.03.003.

CALVO, D., GALIOTO, R., GUNSTAD, J., SPITZNAGEL, M. B. Uncontrolled eating is associated with reduced executive functioning. ***Clinical Obesity***, v.4, p.172-179, 2014. doi: 10.1111/cob.12058.

CAMPOY, C., MARTÍN-MATILLAS, M., LÓPEZ-BELMONTE, G., MARTÍN-

BAUTISTA, E., MARCOS, A., VERDEJO, A. Alteraciones de las funciones ejecutivas y de impulsividad en adolescentes obesos [Changes in the executive functions and impulsivity in obese adolescents]. ***Revista Española de Endocrinología Pediátrica***, v.1, p.87- 92, 2011.

CARNELL, S., BENSON, L., PANTAZATOS, S. P., HIRSCH, J.; GELIEBTER, A. Amodal brain activation and functional connectivity in response to high-energy-density food cues in obesity. ***Obesity (Silver Spring, Md.)*** v.22 n.11 p. 2370-8, 2014. . doi: 10.1002/oby.20859.

DAVIS, C. PATTE, K., C., REID, C. (2010). Immediate pleasures and future consequences. A neuropsychological study of binge eating and obesity. ***Appetite***, 54, 208-213.

DUARTE-GUERRA, L. S., COELHO B. M., SANTO M. A., WANG Y. P. Psychiatric disorders among obese patients seeking bariatric surgery: results of structured clinical interviews. ***Obes Surg***, v.25 p. 830-7, 2015. doi: 10.1007/s11695-014-1464-y.

EPSTEIN, L. H., CARR, K. A., LIN, H., FLETCHER K. D. Food reinforcement, energy intake, and macronutrient choice. ***Am J Clin Nutr***, 94:12–18, 2011. doi: 10.3945/ajcn.110.010314.

FAGUNDO, A., TORRE, R., JIMÉNEZ-MURCIA, S., AGUERA, Z., GRANERO, R.,

TÁRREGA, S. Executive functions profile in extreme eating/weight conditions: From anorexia nervosa to obesity. ***PLoS One***, v.7 n.8 p.433-82, 2012. doi: 10.1371/journal.pone.0043382.

GORDON, P. C., KAIO, G. H., SALLET, P. C. Aspectos do acompanhamento psiquiátrico de pacientes obesos sob tratamento bariátrico: revisão. ***Rev Psic Clin***, v.38 n. 4 p.148-54, 2011.

GUNSTAD, J., PAUL, R. H., COHEN, R. A. TATE, D. F. SPITZNAGEL, M. B.,

GORDON, E. Elevated body mass index is associated with executive dysfunction in otherwise healthy adults. ***Compr Psychiatry***, 48(1):57–61, 2007. doi: 10.1016/j.comppsy.2006.05.001.



GUNSTAD, J., LHOTSKY, A., WENDELL, C. R., FERRUCCI, L., & ZONDERMAN, A. B. Longitudinal examination of obesity and cognitive function: results from the altimore longitudinal study of aging. **Neuroepidemiology**, 34(4):222–9, 2010. doi: 10.1159/000297742.

GUNSTAD, J., STRAIN, G., DEVLIN, M. J. WING, R. COHEN R. A. PAUL, R. H. Improved memory function 12 weeks after bariatric surgery. **Surg Obes Rel Dis**, v.7 n.4 p.465–72, 2011. PMID : 21145295.

GUNSTAD, J., MÜLLER, A., STANEK, K., & SPITZNAGEL, M. B. “Cognitive dysfunction in obesity: implications for bariatric surgery patients,” in: **Psychosocial Assessment and Treatment of Bariatric Surgery Patients**, eds J. E. Mitchelland M. de Zwaan (NewYork, NY: Routledge, Taylor&Francis Group), p.99–114, 2012.

HAWKINS, M. A., ALOSCO, M. L., SPITZNAGEL, M. B., STRAIN, G., DEVLIN, M., COHEN, R. The Association Between Reduced Inflammation and Cognitive Gains After BariatricSurgery. **Psychosomatic medicine**, v.77 n.6 p.688-96, 2015. doi: 10.1097/PSY.0000000000000125.

JOHNSON W, DEMARIA E. Surgical treatment of obesity. **Curr Treat Options Gastroenterol**. v.9 n.2 p.167-74, 2006.

KARLSSON, J., TAFT, C., RYDÉN, A., SJÖSTRÖM, L., SULLIVAN, M. Ten-year trends in health-related quality of life after surgical and conventional treatment for severe obesity: The SOS intervention study. **International Journal of Obesity (London)** v. 31 n.8 p. 1248–1261, 2007. doi: 10.1038/sj.ijo.0803573.

LAVENDER, J. M., ALOSCO, M. L., SPITZNAGEL, M. B., STRAIN, G., DEVLIN, M., COHEN, R. Association between binge eating disorder and changes in cognitive functioning following bariatric surgery. **J Psychiatr Res**, v.59 p.148–54, 2014. doi: 10.1016/j.jpsychires.2014.08.004.

LOKKEN, K. L., BOEKA, A. G, YELLUMAHANTHI K., WESLEY, M., CLEMENTS, R. H. Cognitive performance of morbidly obese patients seeking bariatric surgery. **Am Surg**, v. 76 n.1 p.55–9, 2010. PMID: 20135940.

MAAYAN, L., HOOGENDOORN, C., SWEAT, V., CONVIT, A. Disinhibited eating in obese adolescents is associated with orbitofrontal volume reductions and executive dysfunction. **Obesity**, p. 1382-1387,2011.

MALMIR, M., GERAHAND, S., JAMALOMIDI, N., JANJANI, P., SEYDI, H. Comparison of cognitive-executive functions of the frontal lobe of the brain and lifestyle self-efficacy in persons with different body mass indices. **Journal of Biology and Today's World**, v.3 n.5 p. 104- 108, 2014.

MILLER, L. A., CROSBY, R. D., GALIOTO, R., STRAIN, G., DEVLIN, M. J., WING, R. Bariatric surgery patients exhibit improved memory function 12 months postoperatively. **Obes. Surg**, v.23 p.1527–1535, 2013. doi: 10.1007/s11695-013- 0970-7





NEDERKOORN, C., HOUBEN, K., HOFMANN, W., ROEFS, A., JANSEN, A. Control yourself or just eat what you like? Weight gain over a year is predicted by an interactive effect of response inhibition and implicit preference for snack foods. **Health Psychology**, v.29 p. 389-393, 2010. doi: 10.1037/a0019921.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. (2018). **Um relatório sobre saúde**. Retirado de <http://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2018-10/um-em-cada-oito-adultos-no-mundo-e-obeso-alerta-oms>. Acesso em: 02 fevereiro 2019.

RESTIVO, M., MCKINNON, M., FREY, B. HALL, G., TAYLOR, V. Effect of obesity on cognition in adults with and without a mood disorder: Study design and methods. **British Medical Journal Open**, v.6, 2016. doi: 10.1136/bmjopen-2015-009347.

SIERVO, M., ARNOLD, R., WELLS, J. C., TAGLIABUE, A., COLANTUONI, A., ALBANESE, E. Intentional weight loss in overweight and obese individuals and cognitive function: A systematic review and meta-analysis. **Obesity Reviews**, v.12, p. 968- 83, 2011. doi: 10.1111/j.1467-789X.2011.00903.x.

WARD, M. A., CARLSSON, C. M, TRIVEDI, M. A., SAGER, M. A., JOHNSON, S. C. The effect of body mass index on global brain volume in middle-aged adults: a cross sectional study. **BMC Neurology**, v.5 p. 23, 2005. doi: 10.1186/1471-2377-5-23.





## DANÇA E TRABALHO: UMA REFLEXÃO DA RELAÇÃO DANÇA E TRABALHO SOB A LENTE DO IMAGINÁRIO

DANCE AND WORK: A REFLECTION OF THE DANCE AND WORK RELATIONSHIP  
UNDER THE IMAGINARY LENS

Ilaine Maria Henz Carvalho; Lenice Eli Lunkes Scarpato

Universidade Feevale

**Resumo:** O homem produz sentidos, maneiras distintas de entendimento acerca do mundo e das vivências, podendo explorar o universo da dança como uma ação criativa na interação do trabalho com o lado humano, desenvolvendo habilidades, sensibilidades e imaginação. No caso específico desta discussão teórica, buscamos analisar como o imaginário das pessoas percebe a relação entre dança e trabalho. A análise foi fundamentada à luz de diversos pensadores, entre eles a teoria do imaginário de Gilbert Durand, o Imaginário Social proposto por Michel Maffesoli e o imaginário poético segundo Gaston Bachelard. Os resultados apontam que em ambientes de trabalho formais, a dança pode ser um instrumento condutor do imaginário individual, sendo o imaginário aqui elucidado como um estado de espírito, um remédio produzido por pessoas que usam o corpo como superação ou negação de uma realidade, dando um novo sentido de estar no mundo.

**Palavras-chave:** Imaginário. Dança. Trabalho.

**Abstract:** The man produces senses, different ways of understanding about the world and the experiences, being able to explore the universe of dance as a creative action in the interaction of work with the human side, developing skills, sensibilities and imagination. In the specific case of this theoretical discussion, we seek to analyze how people's imagination perceives the relationship between dance and work. The analysis was grounded in the light of several thinkers, including Gilbert Durand's theory of the imaginary, the Social Imaginary proposed by Michel Maffesoli and the poetic imagery according to Gaston Bachelard. The results show that in formal work environments, dance can be a guiding instrument of the individual imagination, and the imagination here is elucidated as a state of mind, a medicine produced by people who use their bodies as a way to overcome or deny a reality, giving a new sense of being in the world.

**Keywords:** Imaginary. Dance. Job.

### INTRODUÇÃO

Segundo Biddle (1992), adultos aderem a atividades físicas, buscando fatores como divertimento, sentir-se bem, melhora de flexibilidade e redução de níveis de estresse. A dança pode ser considerada um lazer que proporciona coordenação motora, ritmo, percepção espacial e permite melhora na autoestima, assim, quebrando diversos bloqueios psicológicos e facilitando o convívio social. “Muitas vezes, ela ativa e intensifica a vivência de situações e, a partir de um acompanhamento atento e cuidadoso, potencializa a resolução de conflitos” (CASTRO, 2004, p.274). De acordo com Kneller (1978), a dança representa uma forma de



almejar melhores condições físicas e emocionais, as quais o mesmo denomina válvula de segurança que pode ser entendida como uma sustentação psicológica que propicia aumento na produtividade das pessoas.

No que se refere ao imaginário, o homem adota um comportamento imaginativo, visando negar e superar o destino inevitável ou modificar os significados para algo reconfortante (DURAND, 1996; 2002) que pode ser coletivo ou individual (MAFFESOLI, 2001; 2009) e se manifesta nos mitos, rituais, sonhos e linguagens artísticas (BACHELARD, 1999).

Neste sentido, este artigo tem como objetivo buscar uma reflexão teórica da relação da prática da dança, entendida como ferramenta para aguçar o imaginário e atenuar a rotina do trabalho.

## **A DANÇA COMO VÁLVULA DE SEGURANÇA**

Por meio da arte, se desenvolve uma maneira própria de sentir e pensar. Salomé (2013) compreende que no significado do mundo e no despertar da consciência, tanto corporal como mental, a arte possibilita uma autoconsciência do ser humano, que se torna um ser que conhece a si mesmo e a realidade que o cerca.

Não é recente a presença da dança na vida das pessoas, Bregolato (2000, p. 73) afirma que “a dança é tão antiga como a própria vida humana. Nasceu na expressão das emoções primitivas, nas manifestações, na comunhão mística do homem com a natureza”. Ela vem se desenvolvendo e se mostrando presente em novos ambientes, trazendo possibilidades, conteúdos e propósitos. Quando criamos e nos expressamos por meio da dança, executamos e interpretamos seus ritmos e formas utilizando o movimento, possibilitando conhecer e descobrir a diversidade do que pode ser feito com o corpo, bem como os melhoramentos que a atividade criativa da dança proporciona.

Um dos objetivos da dança é movimentar o corpo, conforme Rangel (2002), a dança nas sociedades é uma ação incontestável como uma atividade evidentemente humana, e o que se pode afirmar, é que como todas as outras artes, a dança é o fruto da necessidade de expressão do homem e esta está ligada ao que há de básico na natureza em relação a intenção de exprimir a alegria por algo conquistado. Como apontam os estudos de François Delsarte (1811-1871), a dança é marcada por suas características expressivas e capacidade do corpo de realizar a expansão dessas expressões, estabelecendo a conexão dos gestos com estados emocionais.



Laban (1879-1958) buscava na prática da dança a compreensão do potencial expressivo dos corpos. Segundo Laban (1990), a dança é um dos recursos pelos quais os povos buscam expressar sua cultura, sua relação com o homem e a natureza. A evolução da dança leva a perceber que o ser humano se move conforme sua necessidade, que tem origem intrínseca, com impulsos que dão vida ao movimento, ritmo e tensão, buscando menores restrições e mais criatividade.

A dança é capaz de externalizar sentimentos, como alegria, tristeza e ansiedade, permitindo a ampliação dos limites da experiência comum e, por algum tempo, que as pessoas sejam diferentes e poderosas. A natureza da dança como ferramenta de autoconhecimento e expressão fica explícita em concordância com Nanni (2005), que elege a prática da dança como vivência fundamental para expandir horizontes, proporcionando sensações de alívio e melhora da saúde física, mental e afetivo-social, assim como da psique, a partir de uma experiência única, emocional e de dimensionamento corporal para influenciar as ações motoras, estados emocionais, estados cognitivos. Isso torna o processo criativo da dança em um caminho para o equilíbrio entre desafios e capacidades pessoais.

A dança é arte em movimento e expressão, em que prevalece a estética, a beleza, a musicalidade e o irreal. É a necessidade natural do homem de libertar-se, revelar-se, manifestar-se e posicionar-se, por meio do movimento, ultrapassando possibilidades físicas do corpo humano, permitindo exteriorizar um estado emocional seguido do ritmo, precisão, coordenação, flexibilidade, imaginação e do belo.

A função da dança como arte na esfera social, Maffesoli (2009) afirma que: Essa sempre serviu, desde os primórdios, e continua a servir, como “elemento de religação”, ou seja, é o que fortalece os vínculos pessoais, é o que liga um ser ao outro. A arte, então, funciona como agente aglutinador de indivíduos, e também possui valores agregados, que são disseminados para o grupo e para além dele, tornando possível o surgimento de outras expressões artísticas.

A prática da dança persiste em uma busca constante de qualidade de vida, autoestima, prazer e saúde mental, o que se nomeia como válvula de segurança. Kneller (1978, p. 45) faz referência à válvula de segurança para essa necessidade de encontrar algo que proporcione prazer e sirva como estratégia para a aquisição de novas competências organizacionais, amenizar o estresse e o abalo físico e mental de quem desempenha um papel nas organizações tradicionais baseadas em resultados, metas, regras e comportamentos típicos de um modelo formal.



Percebe-se a importância da dança mediante uma “profusão de atores amadores, artistas não profissionais, pessoas entregues a hobbies” (KNELLER, 1992, p. 45) para aprender, compreender, experimentar e explorar, “propiciando essa válvula de segurança a seus membros, para seus impulsos criativos. A sociedade procura proteger-se contra inovações que possam perturbar-lhe o equilíbrio” (KNELLER, 1992). Assim, existe uma tentativa de levar o ser humano à vivência com o próprio corpo em todas as suas grandezas, pela relação consigo mesmo, o próximo e o mundo, para que sejam criados sentidos e movimentos, com a finalidade da exteriorização de pensamentos e sensações.

Novas formas subjetivas, produções de estilo de vida e existência propiciam a busca por alguma válvula de segurança para suavizar o cotidiano, resolver situações que exijam decisões e escolhas pessoais no contexto de trabalho que refletem em todos aspectos da vida. Isso pode propiciar um constante estado de alerta que ultrapassa relações profissionais e afeta a vida como um todo, nos aproximando da noção de complexidade, um caminho “desconhecido que desafia os nossos conceitos, a nossa lógica, a nossa inteligência” (MORIN, 2008, p. 22). Logo, a premissa é que toda mudança gera energia, crescimento e desenvolvimento.

A sobrevivência do sujeito no ambiente em movimento, exige comportamentos com “dinâmica de recursividade rotativa”, segundo Morin (2008, p. 32), e também adaptabilidade, sem um centro de verdade absoluta, desconstruindo práticas cotidianas, ressignificando fluxos descontínuos e dinâmicos, bem como acompanhando o reflexo do contexto social, econômico e ambiental. É desejável que o ser humano apresente energia para acompanhar ou modificar o meio e se mantenha criativo, produtivo e autônomo para a sociedade, sob pena de destoar do comportamento coletivo esperado e ficar estagnado, o que não é bem visto pelas instituições fluidas descritas por Bauman (2001).

Neste sentido, o movimento do corpo com a prática da dança, bem como o desejo de manter corpo e mente saudáveis para conviver em harmonia, representam a busca de uma arte para atenuar emergências cotidianas, estresse e cobranças, para atender uma cultura organizacional convencional que prioriza o que é rentável. A perspectiva de performance exigida nas organizações, conforme Marchiori (2008), também é incorporada na esfera familiar, que precisa gerar indivíduos produtivos, eficientes e eficazes com capacidade de força produtiva. Assim, afirma Gaulejac (2007), as organizações ocupam cada vez mais o papel principal, moldando comportamentos e valores na sociedade.



Em uma organização, o sujeito quer ser capaz de imaginar o futuro e saber o seu lugar nele. Para isso, é necessário vincular a visão da organização à visão pessoal do funcionário, com senso de propósito, bons relacionamentos e engajamento, para administrar a tensão sobre a necessidade de melhoria permanente do desempenho operacional e produtividade, que cobra metas e desafia o profissional a buscar resultados cada vez mais altos.

De acordo com Robbins (2015, p. 67) em relação à satisfação com o trabalho, “é a atitude geral de uma pessoa em relação ao trabalho que realiza. Uma pessoa que tem um alto nível de satisfação com seu trabalho apresenta atitudes positivas em relação a ele, enquanto aquela insatisfeita apresenta atitudes negativas”. Logo, é necessário que as organizações estejam preocupadas com o bem-estar dos colaboradores, propiciando um ambiente na empresa estimulante e de satisfação, motivando-os a exercerem com maior empenho as atividades, com qualidade e criatividade. Assim, a organização pode ter sucesso na integração dos indivíduos, se os funcionários estiverem satisfeitos com o trabalho (FISHER, 2010).

Essa abordagem torna-se relevante pela observação da relação da dança com a contribuição para os indivíduos pertencentes à indústria tradicional. “A preocupação é permear e relacionar os movimentos da dança à vida do homem moderno, construindo o movimento de dentro para fora, e não separando o corpo da mente” (TADRA, 2009, p. 39).

## O IMAGINÁRIO DA DANÇA

O imaginário aos olhos da perspectiva fenomenológica ganhou novas acepções a partir das teorias de grandes estudiosos, como Gaston Bachelard, Gilbert Durand e Michel Maffesoli. A referência de imaginário para o contexto deste estudo é representada como uma represa de sentidos, emoções, vestígios, imagens, sentimentos de afetos, símbolos e valores. Maffesoli (2001) defende duas formas de imaginário: o individual, que relaciona a identificar, apropriar e distorcer a realidade, e o coletivo, que se daria por contágio. Para Maffesoli (2001), o imaginário estabelece um vínculo com a cultura.

No imaginário, existe algo misterioso, que se encontra no enigma do criar ou do transfigurar. “O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável” (MAFFESOLI, 2001, p. 79). Assim também, o imaginário é dominado pela ideia de fazer parte de algo. São partes do imaginário a fantasia, o lúdico, o extraordinário, o afetuoso e o irracional. “O imaginário é ao mesmo tempo



impalpável e real” (MAFFESOLI, 2001, p. 77) O autor também aponta que precisamos de segurança, mas também de riscos, referências e novidades, pois formula o antagonismo estrutural, pelo qual a vida social é alicerçada, abordando as vivências cotidianas das tribos urbanas, o hedonismo da sociedade e a cultura nômade pós-moderna, mostra um cotidiano com características de fragmentação do tempo que considera imprevistos e evidencia múltiplas potencialidades.

É entendido por Durand (1996, 2002) que o imaginário constitui um estoque de representações da humanidade que seria uma maneira de neutralizar esse sentimento, por perceber a partir do tempo o que essa representação causa. “Esta estaria associada à capacidade de imaginar e produzir imagens. A imaginação simbólica é dinamicamente negação vital, negação do nada da morte e do tempo” (DURAND, 1996, p. 119). Buscando negar e superar esse destino inevitável e inverter seus significados para algo alentador, para o autor, o pensamento não tem outro conteúdo além da ordem das imagens.

De acordo com Durand (2002), pelo território do imaginário, percorrem o sagrado, o lúdico, os mitos, as incertezas dos sonhos e do fantástico. Durand (1996, 2002), propõe o pensamento figurativo, enquanto a imagem perceptível de conteúdo se produz pelos desejos e impressões do sujeito, e repousam no equilíbrio entre assimilação da vida subjetiva e os estímulos do meio, organizando-se em arquétipos.

Bachelard (1998) ressalta a importância da imaginação no cotidiano em “A Água e os Sonhos (1998)” e reforça que o imaginário é capaz de tirar o homem de sua vida comum, proporcionando realidades mais ricas quando “inventa mais coisas e dramas, inventa vida nova, mente nova, abre os olhos que tem mais tipos de visão” (BACHELARD, 1998, p. 18). Olhos capazes de enxergar suavidade, essência e profundidade como a água, mas “é preciso que o olho seja belo para compreender o belo” (BACHELARD, 1998, p.31).

A rotina é a antítese da imaginação criadora, então quando acreditamos que os quatro elementos (ar, água, fogo e terra) podem ser explicados como fermento da imaginação agindo na materialidade, se apoiando na ação de um grupo de imagens “ajudam a assimilação íntima do real disperso em suas formas” (BACHELARD, 2001b, p. 12). Isso regula o equilíbrio, usando o imaginário para “crescer” psicologicamente, considerando afetos e emoções.

O imaginário da dança está sob o signo de um ser que é um homem feliz, supera as adversidades e preserva um princípio de calma, porque “sem uma aprendizagem da leveza, o



psiquismo humano não pode evoluir” (BACHELARD, 2001b, p. 269). O sonhador precisa se sentir confortável e seguro, para alterar o sentido oposto dado ao mundo pela imaginação.

O imaginário aliado à melhora das condições nas relações de trabalho contemporâneas pode ser uma luz que resplandece, para orientar, nutrir e desenvolver o indivíduo, transportando-o do ponto onde se encontra para o ponto que deseja alcançar.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa promove uma reflexão teórica acerca da perspectiva fenomenológica do imaginário, com a percepção da relação entre dança e trabalho como válvula de segurança. Trata-se de um estudo de levantamento bibliográfico, na concepção de Martins e Theóphilo (2007) esta pesquisa procura apresentar a temática discutida através de referências publicadas em livros, periódicos, revistas, anais de congressos, jornais, sites, artigos científicos, etc.

A tipologia adotada foi descritiva e exploratória. A pesquisa descritiva, segundo Silva (2010, p. 59), “tem como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, estabelecendo relações entre as variáveis”. Já a pesquisa exploratória é “realizada em área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado. Tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, para torná-lo mais explícito ou para construir hipóteses” (SILVA, 2010, p. 59). Os acontecimentos são classificados conforme suas causas, relações com outros fatores, ângulos e aspectos, destacando-se as particularidades.

Em relação ao método de análise, este artigo utiliza da análise textual discursiva de Moraes (2003). O ato de investigar pela análise textual discursiva, conforme o autor, associa-se ao processo de que não é dado, mas é desconstruído e visa uma nova construção para buscar a essência que emerge do meio, a fim de chegar a um fenômeno sem refutar nem comprovar. Abaixo, apresentam-se as análises de resultados, sob a unidade de análise emergente encontrada, chamada “A força do movimento”.

## **ANÁLISES DE RESULTADOS**

Começa-se a análise, com base no imaginário das pessoas que praticam a dança e trabalham em ambientes organizacionais, em busca das percepções que norteiam a dinâmica dança e trabalho. O artigo buscou o entendimento dessa relação, elucidando perspectivas, para



a construção de abordagens mais humanas e criativas que desenvolvam ideias e habilidades, independente do ambiente em que trabalham.

A dança possibilita extrapolar movimentos e sentimentos (LABAN, 1990), reinventar o sentido do corpo e a criação de uma imagem que emerge de conteúdos inconscientes (BACHELARD, 1991), propondo uma ligação e inter-relação constante de todos os elementos, internos e externos à organização (GAULEJAC, 2007).

Partindo da ideia que o dançarino cria a partir de suas experiências, usando esses acontecimentos do corpo para criação de imagens e se conectar a experiência corporal, o sujeito dá lugar à pessoa que veste fantasias e apresenta facetas, para driblar a provocação de um mundo material resistente, com “uma doutrina da imaginação material e da imaginação dinâmica, deve aprender o homem no mundo da matéria e das forças” (BACHELARD, 1991, p. 31).

Durand (2001, 1983), quanto à construção de sua teoria do imaginário, declara sobre a organização e constituição das relações do sujeito e da sociedade, como a função do imaginário na vida do homem, pois consiste no alicerce matricial e no embasamento fundante, construindo uma concepção de homem e mundo e tem sua revelação pautada no fator geral de equilíbrio psicossocial.

De acordo com Maffesoli (2007), o imaginário é uma realidade. Se adotarmos como algo que existe, espontaneamente abarcaremos o direito a vivê-lo meramente por não poder tê-lo como desigual de outros fatos, dando sentido ao que chamamos de força social. Ainda complementa que é de ordem espiritual, permanecendo na esfera do imponderável, inexprimível, que tem sua vivência e faz parte do presente.

Na inter-relação que se estabelece neste artigo, entre a dança, o trabalho e o imaginário, Maffesoli (1996) complementa que a experiência consente viver o sentimento, a emoção, o imaginário, o lúdico, em síntese os pequenos acontecimentos da vida diária e do fazer laboral.

O imaginário é ativo, em toda forma de pensamento existe um sentido, pois todo pensamento do homem tem a representatividade do imaginário. É um movimento de continuidade para criar e recriar sentidos, demonstrado pelo símbolo, sendo uma maneira de mediar o que tende a ser o equilíbrio (DURAND, 2002).

A investigação do imaginário da dança neste artigo, é uma espécie de reaprender da condição humana, desenvolvimento de habilidades, envolvendo o fazer físico, práticas somáticas e expressividade a partir do interesse da consciência do corpo e como suas sensações, assim como o movimento por si só, podem afetar a percepção no dia a dia e no trabalho das



peçoas. Não sendo possível expressar com palavras as sensações produzidas na dança, são uma porta entre o visível e invisível da vida individual e coletiva do dançarino, uma expressão principalmente do intangível, sensações, emoções, pensamento e intuição, vivências que levam a um estado ampliado de consciência e proponham a criação de novos significados. Nesse sentido, “Quando dançamos, atingimos a essência de quem somos e experimentamos a união entre espírito e matéria” (ANGELES, 1997, p.18).

Aborda-se a dança aqui como uma ferramenta de autoconhecimento, uma possibilidade de mudança qualitativa no modo de vivenciar a realidade, diferente de modos comuns habituais à mente, possibilitando enxergar a vida de modo mais amplo e objetivo, sem limitações de expressão do mundo físico. Como entende Laban (1978), “a dança vem da necessidade de dizer o que as palavras não dizem”.

## CONCLUSÃO

No imaginário social moderno, se atribui um maior individualismo que incita alta competitividade, uma fórmula de vida de sucesso, que exige flexibilidade não só na condição de sobrevivência do trabalho, mas nas condições de vida. “A consciência do trabalho se precisa simultaneamente nos músculos e nas articulações do trabalhador e nos progressos regulares da tarefa. Assim, a luta do trabalho é a mais cerrada das lutas” (BACHELARD, 1991, p. 18-19).

Ao pensar a dança sob o prisma de que o imaginário é vinculado aos processos emocionais do indivíduo, a condição emocional influencia diretamente na produção da criatividade, que tende a se organizar a partir do sentimento de prazer, que proporciona segurança e bem-estar.

Com esta pesquisa foi possível concluir que a dança se apresenta como uma ferramenta que conduz a um imaginário individual. O imaginário aqui é um estado de espírito, um remédio produzido por gente que usa o corpo e movimento, através do encontro transfigurativo entre corpo, mundo e linguagem para superar ou negar uma concepção de realidade dada e fixa, pressão por metas, objetivos, competições e poder ao restaurar signos e imagens e assim incorporar algo não percebido antes, outra forma, outro sentido, traçando outras possibilidades de estar no mundo. Assim concluímos que a dança pode ser uma ferramenta de escapismo ante uma realidade pouco flexível, imposta pela rotina do trabalho.



## REFERÊNCIAS

WOODMAN, Richard W.; SAWYER, John E. ; GRIFFIN, Ricky W. Rumo a uma teoria da criatividade organizacional. **Academy of management review**, v. 18, n. 2, pág. 293-321, 1993.

ANGELES, Arrien. **O Caminho Quadruplo**. São Paulo: Editora Ágora, 1997.

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios da Vontade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BACHELARD, Gaston. **O Ar e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

BAUMAN, Zigmund. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BIDDLE S. Sport and Exercise Motivation: A Brief Review of Antecedent Factors and Psychological Outcomes of Participation. **Physical Education Review**. 1992; 15: 98- 110.

BREGOLATO, R. A. **Cultura corporal da dança**. São Paulo: Ícone, 2000.

DELSARTE, François. Sem título. In: **THEATRE National de la Danse et de l'Image de Châteaullon (Org.)**. François Delsarte, 1811-1871: sources, pensée. Toulon: TNDI, 1991, p. 92-93. (Catálogo da exposição no Museu de Toulon em 21 mar. a 14 maio 1991)

DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Jean Piaget, 1996.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca da imagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

FISHER, Cynthia D. Happiness at work. *International Journal of Management Reviews*, v. 12, p. 384-412, 2010.

GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2007.

KNELLER, George F. **Arte e ciência da criatividade**. 11. edição. São Paulo: IBRASA, 1992.

LABAN, Rudolf Von. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LABAN, Rudolf Von. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

MAFFESOLI, Michael. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.





MAFFESOLI, Michael. **A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MAFFESOLI, Michael. **O mistério da conjunção: ensaio sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

MARCHIORI, Marlene Regina. **Faces da cultura e da comunicação organizacional**. 2. ed. São Caetano do Sul: Difusão Editorial, 2008.

MARTINS, G.; THEÓPHILO, C. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORIN, Edgar. **O método 3: conhecimento do conhecimento**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

NANNI, Dionísia. **O ensino da dança na estruturação/expansão da consciência corporal e da autoestima do educando**. *Fitness & Performance Journal*, n. 1, p. 45-57, 2005

RANGEL, Nilda Barbosa Cavalcante. **Dança, educação, educação física: proposta de ensino da dança e o universo da educação física**. Jundiaí, SP: Fontoura. 2002.

ROBBINS, Stephen P. **Comportamento Organizacional**. 9. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2015.

SALOMÉ, Josélia Schwanka. Educação, arte e formação humana: reflexões sobre a educação estética na escola. In: **Jornada do Histedbr - A pedagogia histórico-crítica, a educação brasileira e os desafios de sua institucionalização**. 10., 2013, Cascavel, Universidade Tuiuti do Paraná – UTP, Anais [...], p. 1-11, 2013.

SILVA, Antônio Carlos Ribeiro da. Elaborando projeto de pesquisa. In: SILVA, Antônio Carlos Ribeiro da. **Metodologia da pesquisa aplicada à contabilidade**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010, p. 160-184.

TADRA, Débora Sicupira Arzua et al. **Metodologia do ensino de artes: Linguagem da dança**. Curitiba: Ibplex, 2009.



## LAZER E CULTURA – O PERFORMÁTICO NOS ENSAIOS DO BUMBA-MEU-BOI EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO: ENFOQUE ETNOGRÁFICO

LEISURE AND CULTURE- THE PERFORMER IN THE REHEARSALS OF BUMBA-  
MEU-BOI IN SÃO LUÍS DO MARANHÃO: ETHNOGRAPHIC FOCUS

Fabia Holanda de Brito; Ana Luiza Carvalho da Rocha

Universidade Feevale

**Resumo:** Este trabalho tem como tema os ensaios dos brincantes de bumba-meu-boi pelo enfoque de lazer e performance que evoca memória e identidade do ludovicense na capital do Maranhão. Assim, a junção de lazer e ensaios de bumba-meu-boi na categoria de memória e identidade, seja para quem o faz diretamente (ensaia a brincadeira), seja para quem assiste (a comunidade assiste aos ensaios na praça), promovendo momentos lúdicos. A finalidade deste trabalho é relatar como os ensaios do bumba-meu-boi proporcionam lazer, sociabilidades e cultura em São Luís, sob um olhar etnográfico com observação participante. Por conseguinte, conclui-se que, quando os sujeitos históricos, nas suas interações, com a cultura, contribuem para a criação de padrões de sociabilidade compartilhados.

**Palavras-chave:** Bumba-meu-boi. Ensaio. Lazer. Performance. Etnografia

**Abstract:** This work has as its theme the testing of brincantes of Bumba-meu-boi by leisure focus and performance that evokes memory and identity of ludovicense in the capital of Maranhão. Thus, the combination of leisure and rehearsals of bumba-meu-boi in the category of memory and identity, whether for those who do it directly (rehearse the joke), or for those who watch (the community watches rehearsals in the square), promoting playful moments. The purpose of this work is to report how the tests of the bumba-meu-boi provide leisure, sociability and culture in São Luís, under an ethnographic look with participant observation. Therefore, it is concluded that, when historical subjects, in their interactions, with culture, contribute to the creation of shared sociability patterns.

**keywords:** Bumba-meu-boi. Rehearsal. Recreation. Performance. Ethnography

### O BUMBA-MEU-BOI EM SÃO LUÍS: “VEM BOIAR”

O bumba-meu-boi<sup>1</sup>, juntamente com as festas juninas em São Luís do Maranhão, proporcionam momentos ímpares na convivência social que evoca identidade, imaginário e lazer para os ludovicenses. Não é somente uma festa para ser vista, admirada, mas consumida nos sentidos amplos que vão do comércio a participação das pessoas nas festividades: dançar, brincar, acompanhar, torcer, cantar as toadas (músicas) e fazer parte do universo mítico religioso e profano do bumba- meu-boi. É tempo de reverenciar os santos juninos.

<sup>1</sup> O Bumba-meu-boi foi registrado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) como bem imaterial da cultura brasileira em 2011. Em 2019, o complexo cultural do bumba-meu-boi foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.



Este trabalho tem como tema os ensaios dos brincantes de bumba-meu-boi pelo enfoque de lazer e performance que evoca memória e identidade do ludovicense (São Luís). O termo brincante refere-se ao indivíduo que participa de um grupo ou brincadeira, principalmente no período junino e geralmente não tem pagamento, brinca-se por prazer e amor ao grupo. O termo “vem boiar” significa vem brincar, ensaiar o boi.

Depois do carnaval, o maranhense/ludovicense prepara-se para o início da temporada junina, que começa com ensaios nas sedes, praças e comunidades que possuam uma brincadeira que pode ser o boi, quadrilha, dança portuguesa, dança do boiadeiro e outras tantas que existem no estado. Trata-se de brincar, recrear e lazer para milhares de pessoas de idades distintas. O boi é, portanto, a maior manifestação cultural do Maranhão, sou brincante, além de pesquisadora. A partir do “observando o familiar” proposto por Velho (1980) relatarei acontecimentos “naturalizados” que causam estranhamento dentro de uma mesma sociedade (bairro, comunidade e espaços coletivos) ao vivenciarmos experiências particulares, restritas e significativas. Neste ponto, os ensaios que ocorrem no bumba-meu-boi se enquadram nesta perspectiva cidadina<sup>2</sup>.

De maneira criativa, tradicional e de sociabilidade o lazer na cidade pode ser visto também como uma prática de manter vivo e o vivenciar cultural passado por gerações. O direito ao lazer significa também que, direitos aos espaços como praças e associações dentro e fora da comunidade “boieira”, para serem reconhecidas e asseguradas às condições para sua expressão e exercício, como transporte (coletivo), infraestrutura e segurança. Assim, a junção de lazer e ensaios de bumba-meu-boi na categoria de memória e identidade, seja para quem o faz diretamente (ensaiar a brincadeira), seja para quem assiste (a comunidade assiste aos ensaios na praça), promovendo momentos lúdicos.

Ainda mais, as crianças presentes nos ensaios, apreendem e formam suas memórias dentro da cultura popular. A finalidade deste trabalho é relatar como os ensaios do bumba-meu-boi proporcionam lazer, sociabilidades e cultura em São Luís, sob um olhar etnográfico com observação participante. O deslocarem-se em paisagens, territórios distantes ou perto de nosso cotidiano, possibilita o encontrar o “outro”, pois ele pode estar ao nosso lado, no bairro vizinho ou mesmo em espaço compartilhados de memória, identidade, lazer e cultura, caso na praça de

---

<sup>2</sup> Este trabalho foi baseado também minha dissertação “Do Maranhão para o mundo- o bumba-meu-boi de orquestra: tradição, cultura popular e turismo no brincar do Brilho da Ilha, 2016.



um conjunto que passará ter o meu “olhar de perto”, seja como nativa ou como brincante de bumba-meu-boi.

Para coletar dados, foi realizado o estudo do grupo de bumba-meu-boi Brilho da Ilha, do qual eu sou brincante há 29 anos, tornando-me observadora participante, desta forma pude coletar depoimentos, partilhas e comportamentos deste grupo para compreender a criação e vivência do performático a partir do ensaio, dos personagens do maior folguedo do estado. O ensaio do boi é visto como lazer, “a questão do lazer ocupa espaço de relevo no campo das ciências humanas” de acordo com Magnani (2003, p. 7), aliando minha formação em História com minha posição privilegiada de ser brincante e nativa.

Usei minha figura de brincante observei, conversei com outros brincantes, músicos e diretoria do grupo para captar sensações e percepções sobre o espetáculo proporcionado pelo bumba-meu-boi. Como afirma Damatta (1997, p. 29) “é como se o domínio do ritual fosse uma região privilegiada para se penetrar no coração de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores”.

O bumba-meu-boi possui singularidades que são chamadas de sotaques. Sou brincante do sotaque de orquestra e esta experiência etnográfica que será relatada no trabalho. A saber, os sotaques são: zabumba, matraca, costa de mão, pandeirões e orquestra. O termo sotaque no bumba-meu-boi indica o estilo rítmico, a forma de “tocar”, “dançar”, “brincar”, as especificidades nas indumentárias, personagens, criando características próprias a cada “sotaque”, que os diferenciam entre si. Para a pesquisadora Michol Carvalho, “representam os estilos, as formas, as expressões predominantes nos grupos de bumbas, enfim, a sua maneira de ser.” (Carvalho, 1995, 47).

Os processos cotidianos se tornam visível a partir do olhar do pesquisador que o identifica começam a tentativa de explicação através da observação e outros métodos de pesquisa. Os significados, signos e sentidos de grupos sociais como os torcedores/admiradores dos bois são formadores de identidades e constituem espaços de trocas culturais, pertencimento, coletividade e individualidade desses sujeitos.

A cultura maranhense é difundida no estado de forma oficial, nas comunidades sejam quilombolas, tradicionais ou periféricas, nas escolas e nos meios de comunicação. “conceituar a cultura como uma dimensão estruturante das relações sociais, base de toda a dinâmica social que serve de articuladora entre todas as demais áreas do conhecimento”. (PLANO ESTADUAL DA CULTURA, p.09, 2014). A escolha dos ensaios para o olhar dos sujeitos que compõe a



brincadeira do boi, seus símbolos e ritos, se deu por ser a minha etapa preferida, onde há construção da história, do auto do bumba-meu-boi, performatizo um personagem, onde eu deixo de ser eu, para ser uma vaqueira. O bumba-meu-boi possuía seguintes etapas ou ciclos: ensaios, batizado, apresentação e morte do boi.

A primeira etapa no ciclo do boi é o ensaio, onde a partir dele tem início o preparatório do teatro popular. Com o personagem definido o brincante ensaiará os gestos, posição, molejo do corpo e como seu corpo fica após cada toada (música). O público e o próprio brincante tem que acreditar no personagem, tem que fazer sentido para quem o interpreta e quem o assiste. O ensaio nos proporciona ver sujeitos, situações, projeções, superações e toda uma rede social e performática.

## **SOCIABILIDADES NOS ENSAIOS DO BUMBA-MEU-BOI**

O lazer na cidade São Luís, é diverso como em muitas capitais, no entanto, a população na sua maioria, camadas trabalhadoras, negros, pardos, moradores da zona rural e periferia não participam do lazer que custa caro, é longe (falta de transporte público ou dinheiro para a passagem). Desta forma, a cultura popular agrega valor e proporciona lazer, brincadeira e congrega “pedaços” a cidade. Os grupos folclóricos espalhados em diversa localidade ou comunidades reúnem crianças, jovens, adultos e idosos com ensaios, apresentações e festa para angariar dinheiro e colocar a brincadeira na rua.

Ando, (con) vivo na cidade de São Luís, a minha história se (con) funde com ela. “A cidade acolhe seus passos, e ela passa a existir na existência deste que vive na instância de seu itinerário, um traçado que encobre um sentido, algo que será desvendado ao seu final” (ECKERT, ROCHA, 2003, p.1). A vida na cidade pode parecer monótona, individualizada e repetitiva, por isso, quando há uma quebra no cotidiano, como os ensaios no bumba-meu-boi a cidade, seus habitantes materializam seus hábitos e tradições culturais.

O bumba-meu-boi e a festa aos santos juninos, principalmente a São João transforma o estado, principalmente São Luís, em um grande arraial, espaço este de representação da maranhensidade, tendo o boi como o maior representante desta festa, onde a noite confunde-se com o dia, brincando, até o amanhecer<sup>3</sup> Mas antes das apresentações (verdadeiros espetáculos)

<sup>3</sup> Na cidade de São Luís foi criada Fundação Municipal de Desporto e Lazer (FUMDEL), criada em 21 de julho de 1997 pela Lei nº. 3.610, e transformada em Secretaria Municipal de Desporto e Lazer em dezembro de 2007. Esta política pública aos poucos vem melhorando o setor de lazer e desporto na cidade, entretanto, ainda falta mais ações efetivas mais espaços e praças



os ensaios é que possibilita a concretude de ideias coletivas. Chamaremos o conjunto das atividades que vão desde o início dos ensaios até o final da brincadeira de ciclo.

O mês de junho se aproxima. O coração começa a bater no ritmo compassado da zabumba, da matraca, do banjo e de outros instrumentos que lembram o som inconfundível do Bumba-meu-boi nas cidades do Maranhão. O ciclo começa com os ensaios. Ensaios de qualquer agremiação implicam reunião de pessoas, com suas ideias, expectativas e desejos. No caso do boi, os ensaios reúnem diferentes pessoas que se tornam “brincantes” e depois “personagens” do bumba meu boi, com suas funções pré-definidas.

O caráter social também é importante para ser destacado, visto que essa manifestação agrega dinâmicas que se propagam em aspectos de ordem das interações sociais e pessoais do indivíduo envolvido. O respeito que cada integrante tem pela figura do organizador da brincadeira, o compromisso com o grupo e com as pessoas que o assistem, a satisfação pessoal ou o apego religioso são exemplos de ações que ilustram a força articulada da manifestação na comunidade. (IPHAN, 2011, 198 -199).

O ano é de 2019, um novo ano, novos brincantes, músicas, indumentárias e coreografias. Dirijo-me para a Praça do Viva Ipase (conjunto habitacional). Expectativas de rever os brincantes de outras temporadas, conhecer os novatos e saber as novidades do boi para o ano, principalmente as indumentárias. Os ensaios iniciam, com jovens provenientes do bairro de origem do boi, adjacentes ou de bairros mais distantes.

O boi traz no seu construto sócio, cultural ou textos com reciprocidades entre outros textos, ou seja, a cultura popular do bumba-meu-boi, enquanto texto se enriquece recíproca e constantemente, fazendo a circulação ou circuito cultural. Se fosse possível separarmos o boi de outra semiosfera, de outros signos, ele não teria a capacidade de funcionar, os signos só funcionam por estarem imersos em um contínuo semiótico. (LOTMAN, 1996, p.11).

Os sábados são dias de ensaios, por volta do mês de maio, se aproximando os festejos juninos intensificam-se os dias destinados aos ensaios, ou seja, dias da semana, e os domingos passam a ser incluídos. A praça da comunidade “ganha vida”, outrora sem transeuntes, aos fins de semana, pessoas circulam, o comércio informal é formado, torna-se a atração do local, jovens, adultos e crianças dão vida a personagens e seus corpos se moldam performatizando os personagens que compõe a saga do bumba-meu-boi: índias, índios, vaqueiros(as), mãe Catirina, pai Francisco, miolo do boi (que fica embaixo da carcaça dando vida ao boi) e outros.

---

públicas que favoreçam o acesso de todas as manifestações esportivas e culturais.





Aos poucos vai havendo renovação do grupo em relação à composição do ano anterior. Geralmente, amigos ou conhecidos são convidados para ver o grupo ou até mesmo integrar-se a ele; em outros casos, pessoas simplesmente assistem a alguma apresentação do boi Brilho da Ilha e decidem fazer parte do grupo. Percebo a ansiedade dos novatos, alguns mais tímidos, outros já têm experiência em outro grupo e muitos querem ser aceitos na posição ou personagem que almeja geralmente ser índia e vaqueiro (a) campeador ou de frente. Visivelmente percebe-se como o bumba-meu-boi a partir dos ensaios proporciona renda extra para brincantes que vendem de lanches ou adereços, aos vizinhos próximos da praça que vendem churrasquinhos, água, cerveja e assim o primeiro ciclo do bumba-meu-boi é aguardado e vivenciado pelo ludovicense (nascido em São Luís).

O ato performático do bumba-meu-boi, que é considerado um teatro popular, uma comédia que tem início com a tragédia da morte do boi, que tem a língua cortada por pai Francisco ou Chico para saciar o desejo de sua esposa grávida Catirina, este auto como é conhecido faz sentido para os nativos. Esta lenda, que pode ser considerado um texto cheio de sentidos e símbolos evidenciam o imaginário e uma das identidades construídas do maranhense. Desta forma, o universo semiótico pode ser considerado como um conjunto de diferentes textos e linguagens fechadas entre si. (LOTMAN, 1999, p 12).

Antes da apresentação da brincadeira - do boi, segui um rito, seja o brincante colocar as indumentárias e adereços, se alongar, se benzer ao entrar no arraial, que é o local da apresentação, se abraçar e desejar sorte aos colegas. Nessa perspectiva, ritos são portas de entrada privilegiadas para a compreensão de uma sociedade, conduzem a seu centro vital do ponto de vista moral e cognitivo. (CAVALCANTI, 2002,46).

O cotidiano dos ensaios de bumba-meu-boi revela várias representações do mundo vivenciado fora e dentro do grupo pelos brincantes. “As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar desse mundo, como fazem com que os homens percebem a realidade e pautem a sua existência {...}” (PESAVENTO, 2008,39). Desta maneira, ocorre essa interação entre o grupo, formando laços de amizade, construção de um personagem e identificação sociocultural. Durante o momento em que as pessoas buscam aprender a dançar a coreografia não há apenas mero agrupamento para diversão, mas também de construção simbólica, lugar de trocas e reciprocidade. De acordo com Silva (2008, p. 07) “o boi simboliza um espaço de reorganização dos laços de solidariedade e sociabilidade, tanto os ensaios como



as apresentações dos grupos, possibilitam o reencontro dos brincantes com seus conterrâneos, parentes e amigos que fizeram o mesmo percurso”.

## FINALIZANDO OS PREPARATIVOS

No Maranhão, as festas juninas são atração para nativos e visitantes. A estrela da celebração é o boi que, colorido, brilhante e adornado de fitas, nasce a partir do ensaio, é batizado e morre surgindo no próximo ano. A sociedade ludovicense como outras, está em movimento, observam-se construções sociais relacionadas com a construção simbólica sobre o real, no qual sujeitos sócios histórico dão sentido ao mundo, construindo identidade social. É São João, brincadeiras, brincantes se encontram e formam um grande espetáculo chamado festas juninas.

Tendo como tema os ensaios dos brincantes de bumba-meu-boi pelo enfoque de lazer e performance que evoca memória e identidade do ludovicense na capital do Maranhão. A finalidade deste trabalho foi relatar como os ensaios do bumba-meu-boi proporcionam lazer, sociabilidades e cultura em São Luís, sob um olhar etnográfico, conseguimos êxito e foi demonstrado um pouco o universo da brincadeira - o boi e dos brincantes com o espaço coletivo cidadão.

A partir do relato trago a contribuição da discussão pelo olhar dos brincantes quando a criação, performance e interação coletiva. A forma de dançar, de expressar o corpo no gingado do bumba-meu-boi, expressa quem já tem um conhecimento sobre o folgado e quem vai aprender pela primeira vez. A importância da comunicação estabelecida entre as pessoas que compõem o grupo evidencia as experiências individuais e o universo simbólico, proporcionado pelo boi. Portanto, espero que sirva para outros pesquisadores aprofundarem nas lacunas e discussões. Além disso, costuma-se em São Luís enfeitar a casa, a escola, a rua, para a festa de São João. Costuma-se reunir amigos, familiares para assistir os ensaios, batizado, apresentação e morte do boi, cumprindo todo o ciclo desta manifestação popular.

Por conseguinte, conclui-se que, quando os sujeitos históricos, nas suas interações, com a cultura, contribuem para a criação de padrões de sociabilidade compartilhados. Com as inserções realizadas em campo constatamos o universo sócio cultural e simbólico que remete a identidades e territórios que se sobrepõe nas festas juninas, atraindo turistas e promovendo economicamente a todos os envolvidos, ou seja, os fazedores de cultura.



## REFERÊNCIAS

VELHO, Gilberto. (Org.). 1980. *O Desafio da Cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Campus. v. 1. 180 p.

BRITO, Fabia Holanda de. Do Maranhão para o mundo'- o bumba-meu-boi de orquestra: tradição, cultura popular e turismo no brincar do Brilho da Ilha. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) - FGV - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2016.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade, 3ª edição. São Paulo, 2003.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociedade um dilema brasileiro, 6ª edição, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CARVALHO, Maria Michol. Matracas que desafiam o tempo: é o bumba-meu-boi do Maranhão. Um estudo da tradição/modernidade na cultura popular. São Luís:[s.n.], 1995.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Cultural. **Plano Estadual da Cultura Políticas de Estado para a cultura: o direito a ter a cultura 2015-2015**. São Luís/ MA, 2014. p.169.

ECKERT, C.; ROCHA, A.L.C. “Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana”. Revista Iluminuras, v. 4, n. 7 (2003): Etnografias na Rua.

INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTÓRICO E ARTISTICO NACIONAL. Complexo Cultural do Bumba-Meu-Boi do Maranhão: Dossiê do Registro como Patrimônio Cultural do Brasil. SÃO LUIS: IPHAN. 2011.

LOTMAN, Iuri. Acerca de la semiosfera. In: \_\_\_\_ . **La semiosfera I**. Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Cátedra, 1996, p. 11-42.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Os sentidos no espetáculo. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2002, V. 45 nº 1.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: Imaginado o imaginário. In: Revista Brasileira de História, São Paulo. v 15, nº19, p. 9-27, 1995.

SILVA, Gisélia Castro. Cultura popular e poder político no maranhão: contradições e tensões do bumba-meu-boi no Governo Roseana Sarney. 2008. 132f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas). – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2008.





## PELOS CAMINHOS DA CURA NA CIDADE: CARTOGRAFIA DOS CENTROS INTEGRADOS EM NOVO HAMBURGO/RS

### THROUGH THE HEALING'S WAYS IN THE CITY: CARTOGRAPHY OF INTEGRATED CENTERS IN NOVO HAMBURGO/RS

Francine Michele Rodrigues; Ana Luiza Carvalho Da Rocha; Daniel Conte

Universidade Feevale

**Resumo:** O presente trabalho apresenta uma cartografia dos centros integrados, locais que proporcionam terapias e práticas holísticas e integrativas na cidade de Novo Hamburgo/RS, enquanto espaços sociais que possibilitam processos de cura, bem como o encontro com diferentes concepções de saúde e doença no contexto urbano. Como metodologia, foram utilizadas ferramentas da prática etnográfica sob a perspectiva antropológica, como a análise de dados morfológicos e a cartografia, para o levantamento, mapeamento e caracterização do território da pesquisa e do espaço social. Através da cartografia dos espaços terapêuticos e holísticos de Novo Hamburgo/RS, reflito inicialmente, sobre a expansão dos caminhos da cura na cidade, como itinerários pelos quais se deslocam os participantes do movimento da Nova Era, e assim, algumas das possibilidades de encontro com diferentes concepções de saúde, gerando novos *ethos*, visões de mundo e estilos de vida. Ainda, diante da caracterização da paisagem em que estão inseridos estes espaços, pretende-se discorrer, no decorrer da pesquisa, a reflexão sobre a relação entre os espaços e ambientes para o desenvolvimento dos processos de cura e por consequência, para o bem estar, saúde e qualidade de vida, sob a perspectiva dos deslocamentos para além do cenário urbano.

**Palavras-chave:** Antropologia Urbana. Nova Era. Cartografia.

**Abstract:** The present work presents a cartography of the integrated centers, places that provide holistic and integrative therapies and practices in the city of Novo Hamburgo/RS, as social spaces that enable healing processes, as well as the encounter with different conceptions of health and disease in the urban context. As a methodology, tools of ethnographic practice were used from an anthropological perspective, such as the analysis of morphological data and cartography, for the survey, mapping and characterization of the research territory and the social space. Through the cartography of the therapeutic and holistic spaces of Novo Hamburgo/RS, I initially reflect about the expansion of healing paths in the city, as itineraries through which the participants of the New Age movement travel, and thus, some of the possibilities of meeting with different conceptions of health, generating new *ethos*, worldviews and lifestyles. Still, given the characterization of the landscape in which these spaces are inserted, it is intended to discuss, in the course of the research, the reflection on the relationship between spaces and environments for the development of healing processes and, consequently, for well-being, health and quality of life, from the perspective of displacement beyond the urban setting.

**Palavras-chave:** Urban Anthropology. New Age. Cartography.

## INTRODUÇÃO

Inúmeros estudos acerca das dinâmicas socioculturais nas/das sociedades contemporâneas têm apontado para a complexidade das novas formas de vida social que nela transcorrem, especialmente no que tange aos estilos de vida e visões de mundo de seus grupos



e/ou indivíduos, que habitam os grandes centros urbanos. Eis que em meio a esse cenário onde se destaca a disseminação dos postulados do individualismo moderno nas formas de vida social e a valorização das experiências individuais (VELHO, 2018), descortinam-se outras formas de ser e estar no mundo, fundadas numa perspectiva coletivista, fruto de um processo híbrido de racionalidade e sensibilidade, segundo configurações de trocas sociais que Michel Maffesoli (2014) denomina de tribos urbanas.

É dentro desse contexto que se apresenta o movimento da Nova Era, refletindo a mudança de paradigmas desse período,

anunciando profundas alterações para os homens em sua maneira de pensar, sentir, agir e relacionar-se uns com os outros, com a natureza e com a esfera do sobrenatural. De uma forma geral, essas transformações são entendidas no sentido de um reequilíbrio entre polos – corpo/mente, espírito/matéria, masculino/feminino, ciência/tradição, etc – até então opostos e em conflito. (MAGNANI, 2000, p. 10)

Segundo Sonia Maluf (2003, p. 154 e 155), este movimento origina-se e constitui-se pela interseção de diversos campos semânticos, entre os quais se encontram práticas religiosas e espirituais, terapias alternativas, movimentos ecologistas, feministas e libertários, fazendo emergir uma nova cultura terapêutica e espiritual. No Brasil, o movimento carrega a especificidade de unir a prática religiosa com a terapêutica, contribuindo para a “formação dialética de uma cultura terapêutica *neo-religiosa* nas grandes cidades brasileiras, com especificidades dificilmente perceptíveis em outros países.” (MALUF, 2003, p. 162)

Os movimentos e processos de busca pelas abordagens holísticas e terapêuticas da Nova Era podem ocorrer pelas mais variadas motivações, posto que atravessam as experiências individuais de cada participante do movimento. Contudo, alguns fatores são predominantes, e aparecem de forma recorrente nas narrativas dos “buscadores”. Entre eles, destaca-se a busca por sentido, como uma necessidade de ir além da literalidade (MALUF, 1999, p. 70), ou ainda, em decorrência alguma doença ou dificuldade que “desperta” uma nova forma de ver e se relacionar com o corpo e com a saúde.

Nesse sentido, novas concepções de cura e de saúde se tornam perceptíveis dentro do cenário urbano, a medida em que o corpo deixa de ser visto como ferramenta para a produtividade (como é percebido nas sociedades de consumo), e passa a ser compreendido como veículo da experiência do ser no mundo. A cura, nesse contexto, se apresenta não somente como a eliminação de alguma doença ou questão, mas como o processo de transformação de



uma pessoa (CSORDAS, 2008, p. 19) que, com base em um projeto, tem como objetivo “tornar-se outra”. (MALUF, 2003, p. 164)

Dessa forma, para aqueles que trilham os caminhos da cura no contexto da Nova Era, os buscadores, a cura torna-se um *ethos*, que, para além das sessões terapêuticas, cerimônias e rituais, é vivenciada no cotidiano, que se torna sagrado. Assim, a partir de seus itinerários e deslocamentos, se torna possível identificar as relações entre os movimentos de busca pela cura, os processos de transformação e as relações com os espaços sociais e a paisagem em que estes processos ocorrem.

O presente trabalho se apresenta como um recorte da minha dissertação de mestrado, em que faço um mapeamento inicial dos locais que proporcionam as terapias e práticas holísticas e integrativas na cidade de Novo Hamburgo, enquanto espaços sociais que possibilitam processos de cura dentro do contexto urbano. É a partir desta pesquisa também, que inicio meu deslocamento em relação a esse universo e objeto, que me são tão familiares. Colocando as lentes da pesquisadora e pela primeira vez, vestindo a “capa do antropólogo que pesquisa em sua própria cidade”, busco desenvolver uma análise interpretativa das significações do corpo e da cura no contexto urbano contemporâneo, por meio das narrativas dos participantes do movimento, meus parceiros de pesquisa, no desenvolvimento da dissertação.

Para este evento, apresento uma análise sócio antropológica da cidade de novo Hamburgo, diante do universo de pesquisa, a saber, as camadas médias, em relação às concepções de saúde vigentes. Através da cartografia dos espaços terapêuticos e holísticos na cidade, reflito inicialmente, sobre a expansão dos caminhos da cura na cidade, como itinerários pelos quais se deslocam os participantes do movimento, e assim, algumas das possibilidades de encontro com diferentes concepções de saúde. Ainda, diante da caracterização da paisagem em que estão inseridos estes espaços, pretende-se discorrer, posteriormente, a reflexão sobre a relação entre os espaços e ambientes para o desenvolvimento dos processos de cura e por consequência, para o bem estar e para a qualidade de vida, sob a perspectiva dos deslocamentos para além do contexto urbano.

Como metodologia, foram utilizadas ferramentas da prática etnográfica sob a perspectiva antropológica, como a análise de dados morfológicos e a cartografia, para o levantamento, mapeamento e caracterização do território da pesquisa e do espaço social. Como base teórico-conceitual, foram utilizados os estudos da antropologia urbana de Gilberto Velho.



## NOTAS SOBRE O ESTUDO DAS E NAS SOCIEDADES COMPLEXAS

O estudo da sociedade em que se vive, especialmente diante de objetos e universos familiares, é um processo, no mínimo, desafiador, a medida em que as indagações e problemáticas que surgiram pelas vivências e experiências dentro desse universo, e que instigaram a busca por um olhar acadêmico, agora exigem certa medida de distanciamento que possibilite o estranhamento, pilar central de atuação em antropologia. Contudo, esse desafio se torna possível devido à dois fatores essencialmente constituintes das sociedades complexas, quais sejam: a complexidade e heterogeneidade destas sociedades (VELHO, 1978, p. 16), e ainda, seu caráter individualista, posto que é dentro destes contextos que a experiência individual e a subjetividade ganham forças nunca antes vistas. (VELHO, 1978, p. 19)

Por outro lado, o desenvolvimento deste trabalho em especial, me levou também àquilo que Gilberto Velho (2018, p. 128) já discorria, em relação ao familiar que não necessariamente é conhecido, como a cartografia da cidade em questão, posto que, ainda que eu seja uma participante do movimento em estudo, iniciei minha trajetória pelos caminhos da cura na cidade de Ivoti, de forma que até então, não conhecia suas trilhas em minha própria cidade, Novo Hamburgo.

Em relação às sociedades complexas, me refiro aqui às noções utilizadas por Gilberto Velho (2018, p. 14), para caracterizar os cenários em que a

divisão social do trabalho e a distribuição de riquezas delineiam categorias sociais distinguíveis com continuidade histórica, sejam classes sociais, estratos, castas. Por outro lado, a noção de complexidade traz também a ideia de uma heterogeneidade cultural que deve ser entendida como a coexistência, harmoniosa ou não, de uma pluralidade de tradições cujas bases podem ser ocupacionais, étnicas, religiosas, etc. Obviamente existe uma relação entre estas duas dimensões – a divisão social do trabalho e a heterogeneidade cultural. (VELHO, 2018, p. 14)

Assim, tornam-se claras as diferentes culturas – enquanto redes de significados – coexistentes dentro das camadas médias urbanas. Nesse sentido, ainda que os grupos pertencentes a uma mesma camada sejam classificados socioeconomicamente por tipo de renda, ocupação, educação, etc. existem fronteiras culturais entre grupos e indivíduos, ainda que sociologicamente sejam compreendidas dentro de uma mesma categoria. Essas diferenças, que apresentam-se enquanto *ethos* e visão de mundo, podem ser apreendidas por meio das trajetórias, das continuidades ou descontinuidades, resultantes de um campo de possibilidades



ou seja, a partir da escolha de determinados percursos e não de outros, fazendo emergir, assim, a noção de projeto. (VELHO, 2018, p. 108)

Nesse sentido, a noção de projeto se apresenta enquanto ato consciente possibilitado por possibilidades sócio culturais determinadas, ou seja, pela existência de uma margem relativa de escolha que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico da sociedade, bem como da escolha individual, enquanto elemento que permite a compreensão de processos de transformação da sociedade. (VELHO, 2018, p. 110) Trata-se, portanto, de “uma forma de manipular e dar uma direção a conjuntos de símbolos existentes em uma cultura. Implica sempre algum tipo de seleção em função de experiências, necessidades e estratégias particulares.” (VELHO, 2018, p. 112)

Assim, estas noções se tornam essenciais para o entendimento da expansão e localização dos centros integrados que serão apresentados, como espaços sociais em que as camadas médias participantes do movimento da Nova Era, buscam e vivenciam as práticas terapêuticas holísticas, a partir de um campo de possibilidades e pela escolha consciente em vivenciar esses caminhos. Dessa forma, na sessão a seguir, serão apresentados o território e universo da pesquisa, em uma breve análise sócio antropológica.

## O TERRITÓRIO DA PESQUISA: A CIDADE DE NOVO HAMBURGO

A cidade de Novo Hamburgo, inserida no estado do Rio Grande do Sul, é integrante da região metropolitana de Porto Alegre, e encontra-se “entre a serra e o mar”, como descreve seu próprio hino. O município conta com uma população de 249.721 habitantes, segundo o censo de 2018, correspondente a 2,20% da população do Rio Grande do Sul. De acordo com os dados disponibilizados pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) em documento informativo sobre o perfil socioeconômico da cidade em 2020<sup>1</sup>, a economia local é constituída majoritariamente pelos setores de serviço e comércio, com participação secundária da indústria de transformação e construção civil.

Ainda de acordo com o documento, 32% da população (66.216 hab.) apresenta grau de escolaridade entre ensino médio completo e superior completo, compreendendo assim o percentual de camadas intelectualizadas, bem como demonstra que a maior parte da população

<sup>1</sup> SEBRAE - SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. Perfil das Cidades Gaúchas: Novo Hamburgo. Porto Alegre, 2019.



da cidade encontra-se entre as classes C2, C1 e B2, ou seja, entre as camadas médias. Assim, a partir dos dados apresentados, torna-se possível obter um panorama da atuação das camadas médias na cidade, ainda que não se possa, a partir deles, definir qual o percentual exato da população intelectualizada dentro das camadas médias, posto que os 32% podem estar distribuídos entre as outras camadas sociais.

A partir do gráfico relativo ao potencial de consumo da cidade, diante da abordagem pesquisada, em relação às concepções de saúde/cura da presente pesquisa, destaca-se o índice de despesas com medicamentos (3,7%) que, sem desconsiderar a importância dos tratamentos alopáticos, nos convida a refletir sobre os aspectos políticos e econômicos que se encontram por trás das concepções de saúde e doença, especialmente em sistemas capitalistas, geradores de normativas médicas e de saúde que tem como princípio a “capacidade para o trabalho”.(MONTEIRO, 1985, p.85) Nesse sentido, o alto índice de despesas com medicamentos, pode refletir a mentalidade desse sistema, em que o corpo e a saúde se apresentam como instrumentos para a produção e consumo, fazendo emergir algumas das problemáticas centrais da pesquisa, à medida em que reflete os conceitos dominantes de saúde e assim, as visões que orientam o estilo de vida dessa população.

Esses dados apresentam-se em consonância com a mentalidade tradicional da cidade, que se faz presente desde sua constituição. A cidade de Novo Hamburgo, fortemente marcada pelos processos de colonização iniciados em 1824, decorrentes da imigração alemã e posteriormente italiana, alcançou sua emancipação no ano de 1927. Considerada a maior cidade de origem alemã do RS, também carregou o título, por um longo período, de “capital nacional do calçado”, devido ao intenso processo de industrialização e do trabalho fabril.

De acordo com Selbach (1999, p. 101), nesse período de expansão industrial, “o discurso vendido a público fora sem dúvida de que em Novo Hamburgo as pessoas trabalhavam muito e que a preguiça não encontrava espaço...”, reforçando a valorização da produtividade e da dedicação ao trabalho. Contudo, já em meados dos anos 1990, 30 anos após a ascensão das indústrias na cidade, diante das mudanças no cenário econômico mundial, o declínio da indústria calçadista marca o início do período em que a economia se volta para o comércio, tornando-se assim, uma sociedade de consumo. (SELBACH, 1999)

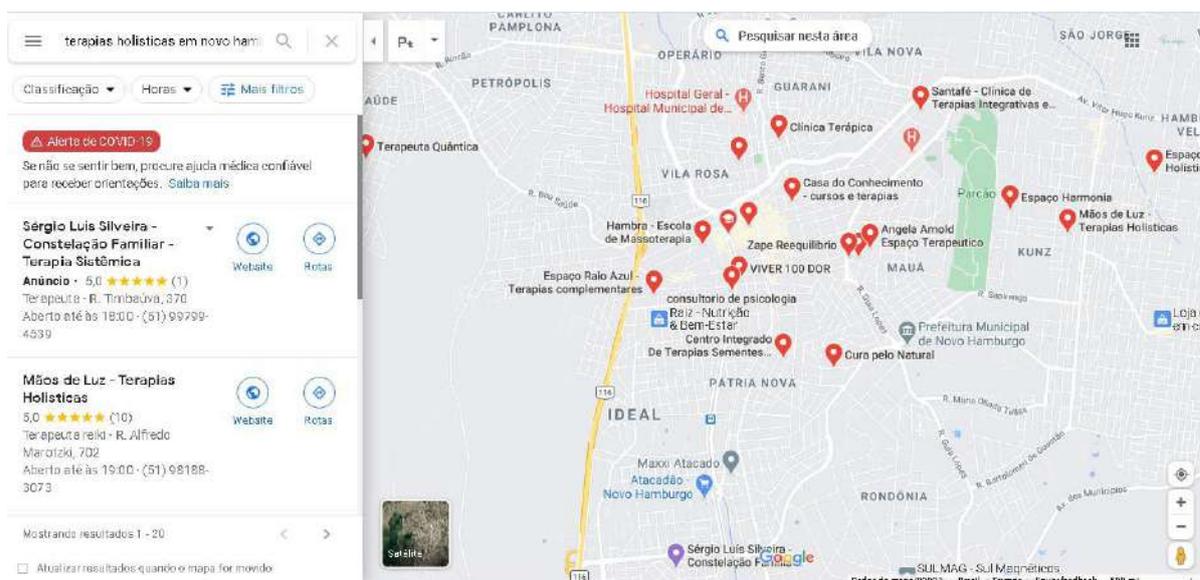
Assim, a partir deste cenário sócio cultural, se faz possível apreender algumas das mentalidades e visões de mundo que orientaram a construção da cidade de Novo Hamburgo, e consequentemente, os estilos de vida de suas camadas médias. Em contrapartida, é perceptível



a expansão de serviços e espaços terapêuticos na cidade, que atuam proporcionando saúde integrativa através de abordagens holísticas, alguns dos quais iremos conhecer na próxima seção.

## ESPAÇOS DE CURA NA CIDADE: OS CENTROS INTEGRADOS

Em pesquisa realizada no Google Maps, ao inserir o termo “terapias holísticas em Novo Hamburgo”, são apontados 20 espaços que caracterizam-se dentro dessas propostas, conforme a figura 1 (abaixo). Contudo, dada minha trajetória junto aos espaços da cidade, percebi que alguns dos locais que frequentei não aparecem na pesquisa, o que me permite considerar que existe um número maior de centros integrados, para além dos aqui apresentados:



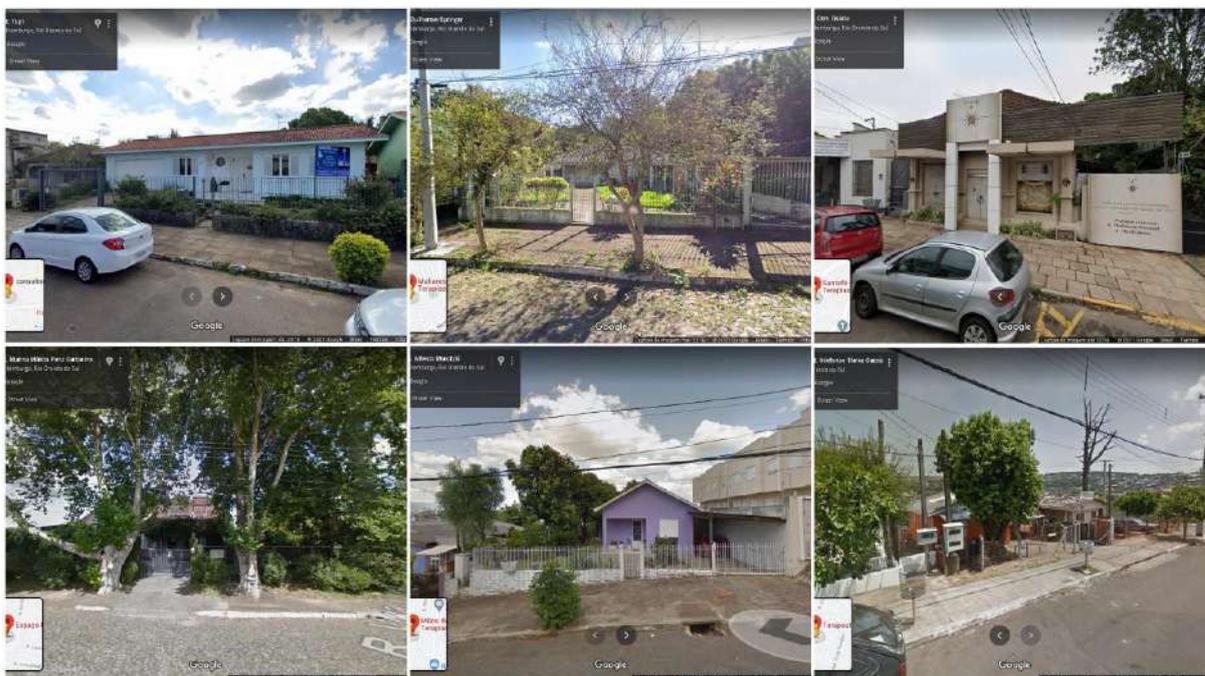
**Figura 1.** Mapeamento dos Centros Integrados na cidade de Novo Hamburgo. **Fonte:** Google Maps.

Magnani (2000, p. 29) denominou esses espaços como centros integrados, que, em relação aos seus objetivos, normas de funcionamento interno e produtos que oferecem, caracterizam-se como



aqueles que reúnem e organizam, num mesmo espaço, vários serviços e atividades como consultas através de algum dos diferentes sistemas oraculares, terapias e técnicas corporais alternativas, palestras e cursos de formação, venda de produtos, vivências coletivas. Não apresentam um corpo doutrinário fechado, mas fundamentam suas escolhas (no campo editorial, no leque de serviços que oferecem, na linha de produtos que vendem) com base em uma corrente em particular ou em um conjunto de discursos mais ou menos sistematizado, podendo, contudo, combinar elementos de várias tendências filosóficas, religiosas e esotéricas clássicas. Gerenciados em moldes empresariais – muitos deles são microempresas –, têm como base o trabalho de profissionais da casa, que geralmente são os proprietários, mas abrem espaço para a atuação permanente ou esporádica de pessoal de fora. (MAGNANI, 2000, p. 30)

A partir da localização dos centros integrados na cidade de Novo Hamburgo, se torna possível analisar também a disponibilidade dos serviços e propostas, a medida em que são construídos pelas camadas médias, para as camadas médias, dado que se apresenta em consonância com outros estudos em que essa tendência já foi verificada (MAGNANI, 2000, p. 28). Esse aspecto se torna perceptível, a medida em que a maioria dos centros se encontra em bairros residenciais, próximos ao centro da cidade, e que se confirma diante da arquitetura residencial das edificações, bem como da paisagem em que se localizam, como demonstra a figura 2 a seguir:



**Figura 2.** Fachada frontal de alguns dos centros integrados de Novo Hamburgo. **Fonte:** Google Maps.

Assim, a localização dos espaços pode trazer pistas também, a respeito da ambientação que predomina nos espaços de cura, tanto em relação ao ambiente edificado, como em relação à paisagem em que se localizam. Nesse sentido, se torna perceptível que prevalecem áreas com



certo distanciamento do movimento central da cidade, em regiões mais tranquilas, que se caracterizam pela atmosfera familiar, proporcionando acolhimento, pertencimento e senso de “retomada ao lar”, o que se fortalece, ainda, quando esses espaços são construídos a partir de núcleos familiares, dentro de sua própria moradia, como ocorre em muitos casos.

Outro aspecto importante também diz respeito à paisagem em que se localizam os centros integrados, a medida em que todos, em alguma medida, apresentam em seu entorno, a natureza. A relação entre os processos de cura, o meio e a natureza, também se apresentam como perspectivas abordadas em diferentes estudos, demonstrando que

para aqueles que, quer ecológica, quer religiosamente orientados, fazem do ideal de uma relação imediata com a natureza o caminho para a integração pessoal (religare) com uma totalidade, essa experiência remete à realização de um bem estar físico, mental e espiritual que torna indissociável a saúde do planeta e do indivíduo. (CARVALHO; STEIL, 2008, p. 289)

Contudo, Maluf discorre que

os caminhos neo-espirituais no Brasil percorrem múltiplos lugares: dos consultórios psicomísticos na cidade aos templos construídos no meio da floresta, passando pelas comunidades rurais, os ashram longínquos, os restaurantes vegetarianos, as lojas esotéricas, e igualmente os terreiros e centros da tradição afro-brasileira, juntamente com todo tipo de culto aos espíritos. Esses lugares formam um itinerário na cidade (e além) e mostram a diversidade dessa experiência, caracterizada pela coabitação de diferentes formas de religiosidade, pela sua interpenetração, cruzamento de diferentes universos religiosos e espirituais e um ecletismo do vivido. (MALUF, 2003, p. 166)

Dessa forma, a partir da localização e do contexto sócio econômico de alguns dos centros integrados da cidade de Novo Hamburgo, se faz possível a análise dos espaços e paisagens que possibilitam o encontro com novas concepções de saúde e de cura no contexto urbano, aos buscadores do movimento da Nova Era.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apresentar o contexto sócio cultural dos participantes do movimento da Nova Era na cidade de Novo Hamburgo, bem como apresentou alguns dos espaços e paisagens que possibilitam o encontro com novas concepções de saúde e de cura. Diante das análises desenvolvidas, torna-se perceptível que estes espaços apresentam-se deslocados do movimento central da cidade, em bairros de classe média, em ambientes familiares, o que reflete alguns dos aspectos que venho observando diante de minha pesquisa, e que também já foram desenvolvidos por outros pesquisadores, a medida em que os itinerários



de meus parceiros, seus deslocamentos e em muitos casos, a necessidade de saída da cidade para encontrarem a cura, reforçam os aspectos da importância do meio como fator essencial para o desenvolvimento dos processos de cura, bem como para a saúde e qualidade de vida.

Em muitos casos, os participantes chegam a esses espaços, formam novas redes e deslocam-se para outros espaços, comunidades, retiros, em meios mais isolados e em maior conexão com a natureza, afim de vivenciarem mais profundamente os processos de reencontro consigo. Em outros casos, esses deslocamentos apresentam-se, também, como possibilidade de manutenção e continuidade dos processos iniciados, a medida em que a cura se apresenta como esse processo. Fica em aberto e para o desenvolvimento da pesquisa, a partir das narrativas de meus parceiros, o traçado de suas trajetórias, afim de lançar um olhar mais profundo a respeito dos itinerários e deslocamentos na cidade e para além dela, aprofundando as discussões e relações entre a busca por reintegração ao cosmos e a importância do meio para esta reintegração.

## REFERÊNCIAS

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2018.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O Brasil da Nova Era**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

MALUF, Sonia Weidner. **Antropologia, narrativas e a busca de sentido**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 69-82, dez. 1999.

\_\_\_\_\_. **Os filhos de aquário no país dos terreiros: novas vivências espirituais no sul do Brasil**. Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 5, n. 5, p.153-171, out 2003.

CSORDAS, Thomas J. **Corpo/Significado/Cura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. NUNES, Edson Oliveira (org). A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MONTEIRO, Paula. **Da doença a desordem: a magia na Umbanda**. São Paulo: Editora Graal, 1985.

SEBRAE - SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Perfil das Cidades Gaúchas: Novo Hamburgo**. Porto Alegre, 2019.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

SELBACH, Jeferson Francisco. **Novo Hamburgo: 1927 – 1997: os espaços da sociabilidade na gangorra da modernidade.** Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 416 p. 1999.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura; STEIL, Carlos Alberto. **A sacralização da natureza e a ‘naturalização’ do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade.** *Ambiente & Sociedade*, Campinas, v. XI, n. 2, p. 289 – 305, jul-dez. 2008.





## INVENÇÃO DO CURRÍCULO COMO CONSUMO DE SABERES E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES ESPECÍFICAS

INVENTION OF THE CURRICULUM AS CONSUMPTION OF KNOWLEDGE AND  
PRODUCTION OF SPECIFIC SUBJECTIVITIES

Marcelo Manoel de Sousa; Sarai Schmidt

Universidade Feevale

**Resumo:** O currículo já há muito tempo tem produzido identidades hegemônicas. A pesquisa busca analisar o objetivo do currículo nas práticas da escola pública. Tem como base o pensamento de Silva (1999, 2013, 2014, 2015, 2020), Charaudeau (2005, 2016), Gimeno Sacristán (2005, 2013), Santaella (2012) entre outros. O estudo é de abordagem qualitativa, tipo descritiva, argumentativa. Natureza aplicada e interdisciplinar.

**Palavras-chave:** Currículo. Neoliberalismo. Aumento de livros. Leitores competentes.

**Abstract:** The curriculum has long produced hegemonic identities. The research seeks to analyze the objective of the curriculum in public school practices. It is based on the thinking of Silva (1999, 2013, 2014, 2015, 2020), Charaudeau (2005, 2016), Gimeno Sacristán (2005, 2013), Santaella (2012) among others. The study is of qualitative approach, descriptive, argumentative type. Applied and interdisciplinary nature.

**Keywords:** Resume. Neoliberalism. Increase in books. Competent readers.

### NOTAS INICIAIS

O currículo é um artefato cultural que desde sua invenção na forma escolar passa por renovadas investidas. Nos dias atuais, no âmbito da política neoliberal, é percebido como produto de consumo e produção de identidades específicas. Enquanto os processos curriculares objetivam formar determinadas subjetividades a Teoria Curricular busca elaborar as estratégias de como conseguir a produção efetiva dessas posições.

Nesse quadro, a pesquisa tem como horizonte analisar o objetivo do currículo nas práticas da escola pública. Tem como base o pensamento de Silva (1999, 2013, 2014, 2015, 2020), Charaudeau (2005, 2016), Gimeno Sacristán (2005, 2013), Santaella (2012) entre outros. O estudo é de abordagem qualitativa, tipo descritivo, argumentativo. Natureza aplicada, e interdisciplinar.

O estudo está dividido em uma breve introdução apresentando seus parâmetros gerais; em seguida contextualiza a atual problemática da política curricular; após faz rápida descrição dos procedimentos metodológicos, para depois analisar os resultados por meio de uma reportagem retirada de um jornal digital, como *corpus* da análise do discurso; conclui e indica as principais referências de fundamentação argumentativa.



## CURRÍCULO, SUBJETIVIDADE E SOCIEDADE

O currículo é um problema político de transformação dos grupos sociais, mas essa transformação pode ser negativa ou positiva a depender dos resultados pretendidos pela educação. Esse artefato de transação de significados (para usar uma expressão de Charaudeau, 2005, 2016) pretende mais que transmitir conhecimento.

### PROBLEMATIZANDO O CURRÍCULO DA FORMA ESCOLAR

Vive-se, hoje, na era da Realpolitik. Nas circunstâncias do pós-política. Um verdadeiro campo imperativo pragmático. Nesse contexto, surge os valores e princípios mercadológicos, como principais mecanismo de realização e de vida. As questões políticas cedem aos aspectos técnicos de resolver os mais distintos problemas sociais. “É sem dúvida, a era dos que ‘sabem fazer’” (SILVA, 1999, 7). Porém, o que é considerado como inevitável é de fato uma construção, não sendo assim, como indica o autor citado, uma criação da natureza. O ideal neoliberalista de política, como outros aspectos da vida cultural, também tem sua história. “É coisa feita” (p. 7). Seus pressupostos e discursos se acentuam de modo fetichista por meio de renitentes retóricas, como meio de legitimidade e maneira de assegurar seu potencial colonizador escolar.

Como se sabe, a política é ainda um campo vivo e amplo de luta. Se, como ressalta Silva (1999, 2015) estamos inseridos num território de conflitos por reconhecimento e justiça social, contudo, é possível outras possibilidades de projeto social. A educação é um dos espaços privilegiados nesses tempos circunscritos em acirradas busca de interesses particulares. De um lado há os que pretendem transformar a educação num ato de possibilidade, fundado em princípios éticos de igualdade, antidiscriminação e justiça social, há de outro os que pretendem, e não obstante, conseguem impor exclusão, individualismo, competitividade, como horizonte sócio/político e cultural.

Os conflitos, assim, declarados, em torno dos significados escolares, transbordam em processos de produção e regulação no âmago do currículo. Desde a invenção da categoria de aluno (GIMENO SACRISTÁN, 2005) e professor, tem-se oferecido a esses agentes modelos de projetos de subjetividades e sociais. Mas não demora muito, os significados não são fixos nem de sentido único e assim se torna inútil empreender um significado hegemônico. É nesse sentido que Silva (1999, 2014, 2020) ressalta que retorna com mais força os excluídos.



O currículo é um território contestado (SILVA, 2013). E se faz primoroso construir a seu respeito um horizonte problemático: a quem serve? Que tipo de identidade lhe está subjacente? Que saberes são privilegiados e quais são excluídos? Quais grupos são representados e quais são deslegitimados? Em que grau/nível é dignificado o lugar de fala de cada um/a no/a espaço/arena da forma escolar? São questões como do autor citado, que talvez mobilize o ânimo crítico e reflexivo entorno do currículo e suas finalidades.

Contestar, (SILVA, 1999, 2015), a educação e seu currículo como instrumentos hegemônicos de saber/poder, implica, no entanto, retomar e apresentar alternativas contra hegemônica. Enquanto do ponto de vista da política neoliberal e neoconservadora a escola deve atender as necessidades e interesses específicos do capitalismo, e assim a instituição escolar funcionaria igualmente a uma empresa. No entanto não podemos esquecer que questões de gênero, raça, discriminação, direitos humanos e outras subjetividades são temas importantes de serem colocados.

Repensando a problemática epistemológica do conhecimento, (SILVA, 1999, 2013), esse deixa de ser um processo interpretativo de questão ética, política e cultural. Nesses termos, o saber curricular passa, então, a ser fetichizado nos moldes da competência, capacidades e habilidades práticas de funcionamento mercadológico. Como assinala o autor, o conhecimento escolar que no contexto liberal moderno se distanciava dos interesses de mercado, era visto como uma forma de nivelar as desigualdades sócio/econômicas, depois das análises da sociologia da educação é vista como reprodutora e seletiva, reproduzindo exclusão. Para que o engajamento político não cesse ante as desigualdades apontadas, é imprescindível o que o autor aponta sobre o currículo.

É o currículo, como local onde se processa, se produz e se transmite conhecimento, bem como local onde se produzem subjetividades, que também se vê profunda e radicalmente afetado por essa redefinição. Se a educação é o campo de batalha preferencial da luta social mais ampla entorno do significado, o currículo é, então, o ponto focal dessa luta. Não será precisamente por isso que o currículo é um dos alvos preferenciais das atuais “reformas” neoliberais da educação? (SILVA, 1999, p. 9).

A problemática apontada pelo autor, é corroborada por Gentili (2013) quando afirma o neoliberalismo como processo produtor de exclusão das maiorias, em razão de valores puramente técnicos ou de gerenciamento da educação. Observa-se que a política se torna escamoteada, num sentido de bem-estar social, (TORRES SANTOMÉ, 2003), a uma pedagogia tecnicista. É a luta da política produtivista em oposição a política da igualdade social de condições materiais e simbólicas, algo que parece inútil, pois segundo Santaella (2012) estamos inseridos na semiodiversidade, mas que precisamos nos aperceber nesse universo semiótico.



Segundo Silva (2013), não se pode negar que o papel social do currículo é formar determinadas identidades, e tem como suporte nesse empreendimento os saberes e práticas construídos pela Teoria Curricular. Sendo assim, essa pensa na melhor forma de produzir as subjetividades enquanto o currículo executa suas narrativas. Nesse contraste se pode deslocar seus significados e reinventar novas maneiras e formas sociais de praticar educação e elaborar culturas de acordo com os interesses da maioria; pois segundo Charaudeau (2005) o mundo é um processo semanticamente produzido, assim outras produções são possíveis. Logo o currículo pode representar outras possibilidades de currículos e tudo que significa, pois é um campo inventado (SILVA, 2013).

## PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

No dia 7 de abril de 2021, a jornalista do Correio Braziliense, Marina Barbosa fez um *post* intitulado *Receita defende taxação de livros sob argumento de que pobres não leem*. O referido post foi hiperdivulgado nas redes sociais gerando diversas opiniões sobre o ocorrido. A análise feita nesse esforço de síntese respalda, então, na articulação da lógica neoliberalista da política educacional e uma imagem que chamou atenção do público por veicular uma espécie de política anti-leitura, que segundo alguns/as leitores/as da manchete pode ser motivos de exclusão da camada menos abastada.

Caso estejamos no contexto da Semiodiversidade (SANTAELLA, 2012) parece inútil tentar esbarrar processos de aquisição de informações. Charaudeau (2005,2016) acrescenta a esse respeito que os sentidos são coletivos e não são produtos de experiências particulares; dessa maneira, as questões políticas entorno do currículo informadas por Silva (1999, 2013, 2014, 2015, 2020) e interlocuções arregimentadas pelas contribuições de Gentili (2013) podem fazer avançar a compreensão do caso curioso. A pesquisa é de abordagem qualitativa, tipo descritiva e argumentativa, de natureza aplicada. Tem como corpus uma reportagem retirada do jornal Correio Braziliense. Próxima seção uma análise, num enfoque interdisciplinar, de uma imagem sobre o aumento do preço do livro, a partir da reportagem citada.

## RESULTADOS E ANÁLISE

Segundo Silva (1999) estamos soterrados numa Realpolitik. Isso quer dizer, porém, tudo deve ser posto em termos práticos seguindo a lógica pragmática das decisões. Como isso respalda



o contexto da produção e consumo capitalista, nada parece ter que constar à margem do gerenciamento da disciplina técnica de mercado.

Reside nesse objetivo, de transformar tudo em mercadoria com algum preço disponível a quem pode pagar, o interesse hegemônico colonizador, que não poderia ficar de fora a educação (SILVA, 1999). Os conflitos entre políticas discriminatórias e maneiras mais democráticas de produção e circulação do conhecimento são arenas recorrentes que configuram a realidade social de nosso tempo educativo.

O currículo, nesse contexto, como artefato cultural, induz a formação de determinadas subjetividades, nisso reside seu poder não somente de consumo dos saberes e práticas propostas mostrados, mas que também estrutura maneira de produção. É nessa relação produção/consumo que leitores/as e intérpretes de textos/cultura são formados/as. A questão que fica é: se como indicado pela reportagem de Marina Barbosa (2021) o livro vai passar por uma reforma de 12% em seu preço, que tipo de aluno/a/leitor/a irá ser formado/a, quando um livro paradidático tem preços infinitos?

A reforma propalada pela Receita Federal apresenta seus argumentos, ao expor que pobre não lê; que, por somente indivíduos de classes mais abastadas fazer uso da leitura de livros que não sejam os didáticos, acabam por serem os maiores favorecidos com os preços baixos. Estar online para quem duvidar que os recursos almejados com as novas taxações serão convertidos em políticas localizadas. A imagem abaixo está acompanhando o texto do jornal, mas não parece alguém/leitor/a da classe abastada.

**Figura 1 - Receita defende taxaço de livros sob argumento de que pobres não leem**



Fonte: BARBOSA (2021)

Observa-se o antigo descaso com a formação intelectual, algo que parece nunca abandonar as políticas neoliberais. Segundo Silva (1999, 2013), é o contraste do conhecimento como questão



interpretativa, ética, política e cultural que se encontra em jogo. Por isso mesmo os interesses neoliberais são postos em primeiro lugar. A escola encontra mais esse desafio não obstante por meio de um currículo já em desconfiança – formar leitores competentes. Com isso só fica mais evidente o interesse em manter o saber/poder em um determinado setor social pela imposição do preço material e simbólico.

## NOTAS FINAIS

Atualmente o currículo tem passado por severos momentos de análise. A crítica feita em seu entorno é direcionada para seu modo de consumo e produção. Isto é, ao mesmo tempo que se torna senso comum a ideia do currículo da forma escolar como transmissor de informações e conhecimentos científicos, revela-se como produtor de identidades específicas. No contexto das políticas neoliberais e suas ofensivas, não resta dúvida que a manutenção do *status quo* é algo patente. O currículo tem se mostrado efetivo nesse sentido. A formação para o mundo do trabalho, por um viés pragmático de educação, encontra guarida nessas proposições da Realpolitik. A saber, a reportagem tornada pública sobre o aumento do livro paradidático pode ser um índice forte da limitação pretendida à formação intelectual da camada menos abastada.

Assim, a pesquisa teve como problema central: o que quer o currículo da escola pública? Com isso analisar o objetivo do currículo nas práticas da escola pública? Os dados além dos referidos, apresentam maior desafios à escola e seu currículo devido ao ataque ao leitor/a da classe popular. Como a escola não pode formar seus educandos/as, somente, para consumir saberes didáticos do mundo escolar, como se verá diante da investida neoliberal com aumentos excessivos à tradicional mídia impressa – o livro?

Os limites dessa pesquisa se encontra no pouco espaço para desenvolver mais o tema, e pela complexidade da relação, política econômica, economia política da educação, currículo e formação do/a aluno/a pesquisador/a da classe popular.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marina. Receita defende taxação de livros sob argumento de que pobres não leem. **Correio Braziliense**. 07/04/2021 17:15. Economia, s/p. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/?url=https%3A%2F%2Fwww.correiobraziliense.com.br%2Feconomia%2F2021%2F04%2F4916782-receita-defende-taxacao-de-livros-sob-argumento-de-que-pobres-nao-leem.html>> Acesso em: 12 maio 2021.



CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: Modos de organização**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. *In*. PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Org.s.) **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27.

GENTILI, Pablo. Adeus à escola pública: a desordem neoliberal, a violência do mercado e o destino da educação das majorias. *In*. GENTILI, Pablo (Org.). **Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação**. – 19. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 215-238.

GIMENO SACRISTÁN, J. **O aluno como invenção**. – Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIMENO SACRISTÁN, J. O que significa o currículo. *In*. GIMENO SACRISTÁN, José. G. (Org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. – Porto Alegre/RS: Penso, 2013. p. 16-35.

SANTAELLA, Lucia. **Teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. – São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SILVA, Tomaz T. da. A “nova” direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia. *In*. GENTILI, Pablo A. A; SILVA, Tomaz T. da. (Org.s.) **Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas**. – 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 11-30.

SILVA, Tomaz T. da. A escola cidadã no contexto da globalização: uma introdução. *In*. SILVA, Luiz H. **A escola cidadã no contexto da globalização**. – 3. ed. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999. p. 7-10.

SILVA, Tomaz T. da. A produção social da identidade e da diferença *In*: SILVA, T. T. da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73-102.

SILVA, Tomaz T. da. Currículo e identidade social: Territórios contestados. *In*. SILVA, T. T. da. **Alienígenas na sala de aula** (Org.). – 11. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 185-201

SILVA, Tomaz. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. – 3ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

TORRES SANTOMÉ, J. **A educação em tempos de neoliberalismo**. – Porto Alegre: Artmed, 2003.



## “ME PERGUNTARAM SE EU SOU GAÚCHO, ESTÁ NA CARA, REPARE O MEU JEITO”: ENQUADRAMENTOS ICONOGRÁFICOS DO IMAGINÁRIO SULINO

“THEY ASKED ME IF I AM GAÚCHO, IS IN THE FACE, REPAIR MY WAY”:  
ICONOGRAPHIC FRAMEWORKS OF THE SOUTH IMAGINARY

Vitória Duarte Wingert; Ana Luiza Carvalho da Rocha; Jander Fernandes Martins

Universidade Feevale

**Resumo:** Este estudo aborda, sob uma perspectiva interdisciplinar, a construção lendária do artista gaúcho Vitor Mateus Teixeira, conhecido como Teixeirainha, através da iconografia veiculada nos periódicos das décadas de 40,50 e 60. A produção artística de Teixeirainha se destacou, não apenas no âmbito musical, no qual fez muito sucesso com a venda de LP's e com programas de rádio, mas também como contribuição especial para o cinema de grandes audiências. Teixeirainha acompanhou a passagem da rádio as telas de cinema, tornando-se uma chave fecunda para o estudo sobre a cultura popular brasileira e a memória coletiva. Quanto à metodologia, o estudo persegue uma ótica interdisciplinar sobre o tema em pauta, com base nas abordagens de História, Antropologia, Cinema e Música. Como fontes de pesquisa utilizo cinema, periódicos e imagens. Acredito que, através das fontes e metodologias escolhidas, consegui realizar um mapeamento de cunho histórico e antropológico traçando inter-relações entre cinema, ficção, música, manifestações culturais e produção da persona Teixeirainha.

**Palavras-chave:** Imaginário Sulino. Teixeirainha. Iconografia. Cinema gaúcho

**Abstract:** This study approaches, from an interdisciplinary perspective, the legendary construction of the artist from Rio Grande do Sul Vitor Mateus Teixeira, known as Teixeirainha, through the iconography published in the periodicals of his time. Teixeirainha's artistic production stood out, not only in the musical sphere, in which he was very successful with the sale of LP's and with radio programs, but also as a special contribution to the cinema of large audiences. Teixeirainha followed the passage from radio to cinema screens, becoming a fruitful key to the study of Brazilian popular culture and collective memory. As for the methodology, the study pursues an interdisciplinary perspective on the topic at hand, based on the approaches of History, Anthropology, Cinema and Music. As research sources I use cinema, periodicals and images. I believe that, through the sources and methodologies chosen, I managed to carry out a mapping of a historical and anthropological nature, tracing interrelationships between cinema, fiction, music, cultural manifestations and the production of the persona Teixeirainha.

**Keyword:** Southern Imaginary. Teixeirainha. Iconography. Gaucho Movie.

### INTRODUÇÃO

Este estudo parte de um recorte da dissertação de mestrado intitulada: Nas telas de cinema nasce a lenda: construção sócio- histórica e lendária de Teixeirainha no filme *Coração de Luto*, que teve por objetivo analisar a contribuição da obra na construção sócio-histórica e lendária de Teixeirainha. No sentido de cumprir esta intenção de pesquisa, foi fundamental compreender quais os códigos imagéticos, simbólicos e sociais o artista Vitor Mateus evocou na construção





de seu personagem, Teixeira. Visto que a saga deste herói, veiculada pela música e filme *Coração de Luto* expressam, tanto códigos de emoções, quanto ético-morais relacionados à memória coletiva da crise da vida no campo no Brasil dos anos 50 e 60 do século passado. Crise esta, que como se sabe, contornou o que hoje são as grandes periferias das cidades gaúchas e, para além dela, propagou-se até os dias de hoje entre seus “herdeiros urbanos”.

Dentro do filme *Coração de luto*, o artista se coloca como testemunha principal de uma determinada época, (re)narra e encena sua trajetória, que também é a história do grupo social ao qual ele pertence. E as referências feitas no filme, agradam ao público, a ponto de colocar o artista, agora na *persona* Teixeira, como seu principal guardião e representante. Em outras palavras, o papel principal desta memória é manter “[...] a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que o grupo tem em comum [...]” (POLLAK, 1989, p. 09).

No do campo da história, além da utilização das fontes filmicas, imagéticas e periódicos que me auxiliaram na construção desta pesquisa, utilizei os estudos biográficos para compreender a história de vida de Vitor Mateus Teixeira. Dentro do campo da historiografia as biografias vêm sendo ressignificadas pelos novos domínios da história. Até pelo menos o início do século XX, as pesquisas que se dedicavam a destacar a vida e as ações de um determinado personagem histórico, geralmente, faziam-na visando demonstrar sua exemplaridade, perante a sociedade. Importantes discussões historiográficas que marcaram os meados daquele século, tenderam a afogar a história *magistrae vitae*, do culto da vida exemplar, em virtude da valorização da dimensão coletiva na história. Nos últimos anos, porém, assiste-se a um movimento de retorno, no qual o uso de diferentes abordagens e metodologias está conferindo novos e vários significados ao estudo do singular. Biografias, trajetórias sociais, fragmentos ou vestígios biográficos são alguns dos elementos que invadiram o campo historiográfico e que vem auxiliando os historiadores a resolver seus problemas de pesquisa.

Desta forma, as escolhas metodológicas se justificam, uma vez que me permitiram a coleta de importantes dados de pesquisas no diálogo com conceitos e teorias do campo da História e da Antropologia que versam sobre os temas da memória coletiva e individual, da tradição e da história, para refeltir sobre trajetória do mito e da figura lendária de Teixeira no cenário regional e nacional, a partir do filme *Coração de Luto*.



## **“NÃO SOU NERVOSO E NEM CARREGO MEDO; EU ME CRIEI SEM CONHECER REMÉDIO” - O IMAGINÁRIO SOCIAL EM TORNO DO PERSONAGEM TEIXEIRINHA**

A construção do personagem Teixeira levou em consideração vários aspectos do imaginário sul-rio-grandense. Teixeira representa um tipo específico de gaúcho, homem vindo do campo, mas que em função de variados fatores, precisou migrar para o meio urbano. Muito deste imaginário em torno de sua figura está intrinsecamente relacionado com a realidade histórica e social de Vitor Mateus Teixeira. O Brasil que ele viveu, foi fundamental na construção de Teixeira.

Ao nos adentrarmos dentro do campo do imaginário, é de extrema importância termos em mente que, o imaginário não é oposição a realidade ou ao verdadeiro. Para Michel Maffesoli (2001, p. 76), “o imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo, ou ao menos, parte do coletivo”. O imaginário envolve representações, e representações dão sentido ao mundo. Elas são construídas a partir da realidade e incorporadas no cotidiano das pessoas e em suas relações sociais sob um determinado contexto histórico. Neste sentido Maffesoli (2001, p. 76) também afirma que, “o imaginário é a cultura de um grupo, mais do que isto é a aura que ultrapassa e alimenta”. Em uma definição do mesmo autor, “[...] o imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece o vínculo. É o cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual”.

Sendo o imaginário algo coletivo, ele depende de interações entre diversos atores sociais de um mesmo grupo, que vão criando interconexões diversas como sonhos, afetos, medo, pavor, etc. No campo do imaginário, as representações do pensamento se manifestam em forma de imagens, pois “[...] não é a imagem que produz imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de um conjunto de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado” (MAFFESOLI, 2001, p. 76). Estas imagens provindas do imaginário são evocadas mentalmente e reaparecem como forma de realidade, mesmo que o referente não esteja mais em nosso campo visual. Destaco que as imagens mentais referidas, são um conceito amplo e engloba: memória, literatura, sonhos, bem como outros tipos de imagens: caricatural, pictóricas, fílmicas, desenhos animados, fotográficas e propaganda.

Observar as imagens consumidas pela população rio-grandense, é uma fonte riquíssima para os estudos no campo cultural. Primeiramente, porque mais uma vez comprovamos que o



posicionamento de Vitor Mateus frente as mídias de sua época, não é algo isolado. O artista é tanto produtor, quanto produto do meio em que estava inserido. Boris Kossoy (2002, p. 20), atenta para a função ideológica das imagens veiculadas nos meios de comunicação, para ele:

[...] a fotografia é um poderoso instrumento para a veiculação de ideias e da consequente formação e manipulação da opinião pública[...] tal manipulação em sido possível justamente em função da mencionada credibilidade que as imagens têm junto as massas, para quem, seus conteúdos são aceitos e assimilados como a expressão da verdade.

Além das imagens, ressaltado ainda a importância da circulação dos periódicos, pois através deles, estes “recortes do Brasil” veiculavam entre as massas. As mídias impressas acabam muitas vezes funcionando como intermediárias na transmissão dos ideais das instituições e pessoas, promovendo seu poder na sociedade, contribuindo na criação de imaginários coletivos. Os periódicos constituem uma “instância subordinada às classes dominantes, mera caixa de ressonância de valores, interesses e discursos ideológicos” (LUCA, 2005, p. 116). Os impressos, além de difundir imagens por todo o país, contribuíram para a solidificação e compreensão do novo espaço urbano que estava se formando nas grandes capitais. Desta forma, a riqueza e diversidade do material impresso, torna-se uma potente fonte de diálogo para a história: “A análise da segmentação mais contemporânea do mercado de revistas, e sua relação com a construção de identidades a partir do consumo, é das mais instigantes”. (LUCA, 2005, p.122), pois com estes materiais, conseguimos não apenas mensurar que tipo o tipo de conteúdo que circulava, mas também que público o consumia, identificava-se e ressignificava suas práticas sociais. Com a construção da imagem artística de Vitor, não foi diferente.

A evocação identitária de Teixeira, como ele mesmo aborda em suas músicas, é de origem e representação gaúcha, partindo de figuras iconográficas, presentes no imaginário da época e divulgadas em larga escala. Ele se auto denomina o *gaúcho de Passo Fundo* e *Gaúcho Coração do Rio Grande*. Outro aspecto interessante de seu fenômeno, é que ele chega no cenário artístico nacional, cantando músicas regionais. Rubem Oliven (1992, p. 128) explica que este é um fenômeno comum:

O que ocorre no Rio Grande do Sul parece estar indicando que, atualmente, para os gaúchos, só se chega ao nacional através do regional, ou seja, para eles só é possível ser brasileiro sendo gaúcho antes. A identidade gaúcha é atualmente reposta não mais nos termos da tradição farroupilha, mas enquanto expressão de uma distinção cultural em um país onde os meios de comunicação de massa tendem a homogeneizar a sociedade culturalmente a partir de padrões muitas vezes oriundos da zona sul do Rio de Janeiro.



A identidade individual de Vitor/Teixeirinha, também, é coletiva na medida em que cada indivíduo é a expressão singular da confluência de várias configurações sociais a que pertence na esfera social. Por conseguinte, a sociedade pode ser pensada como uma rede de funções desempenhadas, mutuamente, pelas pessoas e que constitui um tipo especial de esfera. Uma ordem não perceptível pelos sentidos, que oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamentos possíveis, uma estrutura de pessoas mutuamente relacionadas e dependentes. Este elo entre o individual e o social é dado, conforme já comentado, pelos elementos simbólicos de uma determinada cultura, neste caso, a cultura gaúcha.

Partindo deste imaginário, já arraigado nas populações campestres em deslocamento para o meio urbano, compreendemos a potência do personagem apresentado em *Coração de Luto*. Teixeira é um mito, pois corresponde a um modelo imaginário que representa as virtudes morais e físicas que a população espera. Partindo da conceituação de Eliade (1972, p.8), o mito é algo vivo, “[...] no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência”. O personagem Teixeira, foi personificação daquilo que sua audiência esperava ser/conquistar e que seu público passou a visualizar a partir do filme. Nas primeiras comunidades humanas, os mitos eram passados e ressignificados de geração em geração, mas com o advento dos meios de comunicação em massa, ficou muito mais fácil de se visualizar os mitos e as trajetórias dos heróis, através das telas de cinema.

## **ENQUADRAMENTOS ICONOGRÁFICOS DO IMAGINÁRIO SULINO: REVISTA O GLOBO E CORAÇÃO DE LUTO**

Partindo da proposta de Boris Kossoy (2002, p.21), na qual ele afirma que “[...] quais quer que sejam os conteúdos das imagens devemos sempre considerá-las como fontes históricas de abrangência multidisciplinar”. Construí um quadro comparativo, partindo de recortes imagéticos do filme *Coração de Luto*, em contraponto a imagens veiculadas nas décadas de 40 e 50 da *Revista do Globo*<sup>39</sup>. A escolha por este periódico se deu em função de ele ser um potente veículo em informação em massa da época. Também tomei como base a leitura dos estudos do historiador Charles Monteiro (2007, p. 163), sobre a construção da visualidade urbana a partir das revistas ilustradas. Para o autor estas publicações:



[...] desempenham toda uma nova pedagogia social sobre as elites vindas do campo, as camadas médias provenientes das pequenas cidades do interior e os próprios habitantes das capitais em processo de expansão e transformação do espaço urbano. A revista O Cruzeiro, a Revista do Globo e a Manchete se destacavam como os veículos de comunicação impressa mais modernos, no sentido de construírem um novo tipo de reportagem e de narrativa baseada no uso da fotografia.

Assim, posso perceber que tanto as imagens de *Coração de Luto*, quanto as da Revista do Globo, são repletas de intencionalidade, buscando a identificação do público. As imagens, muito mais do que testemunho são também criações, como discorre Kossoy (2002, p.76)

Ela funciona de forma ambígua, como sempre ocorre, independente da época. Como testemunho/criação no sentido de um testemunho obtido a partir do processo de criação/construção do fotografo. Isto significa um produto estético-documental que parte do real enquanto matéria-prima visível, mas que é elaborado ao longo da produção fotográfica, em conformidade com a visão de mundo de seu autor.

Dentro das pesquisas de Monteiro (2007), ele analisa como as fotorreportagens, tornaram-se veículos para exaltar a modernização das grandes capitais, como Porto Alegre, no caso do Rio Grande do Sul. Contribuiu para o plano de desenvolvimento e modernização nacional do presidente Juscelino Kubitschek, o famoso “50 anos em 5”. Para Charles os temas mais recorrentes dentro do periódico eram, “modernização dos espaços urbanos (verticalização), novas formas de sociabilidade e problemas urbanos” (MONTEIRO, 2007, p. 167). Entretanto, as imagens que selecionei e que também foram publicadas na revista, destacam-se por abordarem temáticas puramente do campo e seus costumes. O tom em que elas são escritas, demonstra a intenção de dar vida ao mito do gaúcho bravo e valente, ao homem do campo, o centauro dos pampas.

Podemos confirmar esta afirmação observando alguns trechos das reportagens: “Enquanto peões de estância vão ter as cidades, fugindo da fome e do frio. O tropeiro, último herói dos pampas, permanece lutando contra os novos tempos” (REVISTA DO GLOBO, 10 de maio de 1947). Ou neste fragmento: “Vitalício faz parte desta enorme multidão, que abandonou os campos atrás dos “grandes salários da cidade”. Mas qual será hoje sua vida? Com certeza deve viver numa das malocas da capital, escravizado pelo senhoril e subnutrido[...]” (REVISTA DO GLOBO, 10 de dezembro de 1949). Fotorreportagens que contribuíram para a construção do imaginário relacionado a cultura sulina, apresentando opostos como rural/industrial, campo/urbano, entre outros. Além de fortalecer a figura heroica do gaúcho e seus costumes. Para Kossoy (2002, p. 83), “[...] a fotografia, em função de sua pretensa objetividade, se prestou para este projeto, na medida que tornou reais, as fantasias do imaginário”.



Dentro do quadro comparativo entre as imagens de *Coração de Luto* e a Revista do Globo, subdividi por assuntos. O primeiro, *cenários do campo*, onde conseguimos observar vários aspectos em comum, como as estradas de chão, carro de boi, cavalos e muita vegetação. O segundo assunto, *indumentária e costumes*, onde podemos ver em ambos os exemplo a presença das pilchas, masculinas e femininas, onde as mulheres vestem vestidos longos, recatados e com babados floridos, sem muitos adornos. Já os homens vestem camisa, bombacha, botas ou alpargatas, chapéus e utilizam o relho. Nos costumes observamos a presença da roda de chimarrão, o manuseio do cavalo, a gaita, como um dos principais instrumentos regionalistas e também as moradias simples. No próximo assunto, *as mulheres*, além da indumentária, que já mencionei anteriormente, observamos as mulheres desempenhando os papéis sociais que lhes eram atribuídos, cuidando dos filhos, sendo galanteadas e no ambiente doméstico. No último fragmento do quadro, faço um comparativo de *Coração de Luto*, com a película *Caminhos do sul*, produção paulista gravada na cidade de Uruguaiana em 1949. Ao compararmos as imagens percebemos que a temática do luto e da morte estão presentes em ambas, além das indumentárias e cenários serem muito similares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do campo do imaginário e da memória coletiva, as imagens atuam como potentes (re)construtoras das concepções e percepções de um determinado grupo sobre sua realidade. A forma com que o *ethos* da sociedade sulina rural foi representada nas fotografias da Revista do Globo influenciou várias esferas sociais, sendo a percepção de como o próprio habitante do sul vê a si mesmo, seja na produção cinematográfica que viria se fortalecer futuramente. Vitor Mateus, havia vivido este trânsito de êxodo rural, o qual apresentou na narrativa de Teixeira. Já a produção da película, através do diretor de imagem e fotografia, estava familiarizado com os enquadramentos e enfoques que a população já estava habituada a consumir e se identificava. *Coração de Luto*, muito mais que evocar discursos presentes no imaginário da população, rememora os cenários iconográficos tão presentes na coletividade de seus espectadores.

## REFERÊNCIAS

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.





ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução: Pola Civelli. São Paulo: Editora Perspectivas S.A, 1972.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. (Entrevista) In: Revista FAMECOS •Porto Alegre nº 15 • agosto 2001 • quadrimestral. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/famecos/article/viewArticle/285> > Acesso em 24 de junho de 2018.

MONTEIRO, Charles. Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbanas revistas ilustradas na década de 1950. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 159-176 – 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a07v5327.pdf> > Acesso em 27 de setembro de 2019

\_\_\_\_\_. **Porto Alegre: urbanização e modernidade**. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.

\_\_\_\_\_. Imagens da cidade de porto alegre nos anos 1950: a elaboração de um novo padrão de visualidade urbana nas fotorreportagens da revista do globo, in **Fotografia, história e cultura visual: pesquisas recentes**, org: Charles Monteiro – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2012.

OLIVEN, Rubem J. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento e silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. Disponível em: <[http://www2.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www2.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf) > Acesso em 26 de maio de 2018.

## PERIÓDICOS CITADOS:

### O globo

08-06-1946

10-05-1947

21-09-1957.

22-11-1947

02-04-1949

21-09-1957

### FILME:

Coração de luto (1967)





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

Filmado em Porto Alegre, em 1966

Produção: Leopoldis Som /Vitor Mateus Teixeira Direção: Eduardo Llorente

Roteiro: Vitor Mateus Teixeira Fotografia: Américo Pini

Elenco: Teixeirinha, Mary Terezinha, Miro Soares, Claudio Lazzarotto, Cesar Magno, Branca, Regina Muniz, Nelson Lima, Domingos Terra, Paulo H. Taylor e Amélia Bittencourt (participação especial)

Estreia: 19-9-1967





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

## A ALTA EXIGÊNCIA PROFISSIONAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS À SAÚDE DOS DOCENTES

### HIGH PROFESSIONAL REQUIREMENT AND THEIR CONSEQUENCES TO THE HEALTH OF TEACHERS

Marina Fritz; Geraldine Alves dos Santos; Maristela Peixoto; Brenda de Matos Bolson; Elizangela

Halinski Cardoso; Fernanda Simone Lemos

Universidade Feevale

**Resumo:** A contemporaneidade trouxe inúmeras modificações trabalhistas e o ofício do professor não esteve afastado dessas mudanças. Diante das exacerbadas tarefas que foram somadas a sua atribuição, o professor encontrou-se em um alto nível de exigência profissional. A partir disso, o presente artigo traz como objetivo conhecer a percepção dos professores acerca da alta exigência profissional e suas consequências à saúde. A pesquisa é de caráter exploratório descritivo, com abordagem qualitativa. Neste estudo, participaram dez professores, de instituições públicas e privadas, de um município do Vale do Rio dos Sinos/RS. A seleção ocorreu informalmente, utilizando a técnica de snowball (bola de neve). Os dados foram coletados durante março de 2020. As respostas foram divididas em 2 categorias: Alto Nível de Desempenho Profissional e Agravos à Saúde. As manifestações clínicas, principalmente as mentais, atingem os docentes a partir das modificações do papel educacional atual. Diante disso, revela-se a necessidade de prevenção contra os agravos físicos e mentais dentro das escolas. Além da maior higidez do profissional que possui intervenções de precaução, abrem-se possibilidades de melhorias no ensino.

**Palavras-chave:** Docentes. Educação. Saúde Mental. Saúde do Trabalhador.

**Abstract:** The contemporaneity brings a lot of labor changes and the teacher's work wasn't away from this. Teachers are at a high level of professional requirement, facing exacerbated tasks that have been added to their assignments. From that, the main objective of this article was to know the teacher's perception about the high professional requirement and their consequences to their health. This is an exploratory and descriptive research, with a qualitative approach. Participated in the study ten teachers of public and private schools of a city in Vale dos Sinos/RS. The members were selected unintentionally, using the "Snow Ball" technique. The data collection happened in March 2020. The answers were divided in two categories: High Level of Professional Performance and Health Diseases in Teachers. The symptoms, especially mental illnesses, affect teachers, coming from current changes in the function of the educator. In front of this, the necessity to prevent physical and mental disorders inside the schools is clear. When the professional has prevention actions, consequently their health and teaching development is better.

**Keywords:** Teachers. Education. Mental Health. Work Health.

## INTRODUÇÃO

As mudanças na vocação do professor geram desafios perceptíveis na carreira do trabalhador docente. A execução do ensino-aprendizado acaba por ser árdua e baseada em dificuldades usuais. As demandas e exigências dirigidas aos docentes têm ascendido e, sem



feevale.br/cidi2021





questionamentos, estão sendo oficializadas como ofícios educacionais do mundo social moderno (CECHO et al., 2019). A partir disso, podem ser visualizadas novas possibilidades de patologias oriundas do ambiente ocupacional educacional.

A profissão do professor é constituída a partir de uma ideia de processo contínuo de aprendizado. Nesse processo, os indivíduos envolvidos se alimentam não só de conhecimentos teóricos e práticos como também de integração social (FLORES, 2014). O ato do ensinar-aprender é realizado partindo de uma relação de troca entre os indivíduos envolvidos. O professor é quem gerencia esse processo, já o aluno, é o aprendiz e agrega saberes. Esse vínculo, aluno-professor, é o que cria as principais funções da docência. Contudo, geradores de influência externos a esse processo podem criar mais complexidade para o aprendizado, dentre os quais podemos citar o ambiente escolar, o próprio aluno, a família e o professor como indivíduo (LIPP, 2014).

Diante do crescente aumento de absenteísmo na carreira docente, revela-se a importância de estudos sobre suas causas primárias e suas consequências a saúde deste trabalhador. As origens dessas faltas são diversas e elas podem trazer danos irreparáveis à saúde dos professores. Existem poucas pesquisas que revelam números correspondentes ao absenteísmo docente, tornando clara a relevância de mais estudos para que se possa melhor compreender esse cenário (ROSSI et al., 2009). A partir desta demanda, elencou-se o seguinte objetivo geral: conhecer a percepção dos professores acerca da alta exigência profissional e suas consequências à saúde.

## **METODOLOGIA**

Como metodologia, optou-se por uma pesquisa de caráter exploratório descritivo, com abordagem qualitativa. Foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo assinado em duas vias, uma delas permanecendo com o entrevistado e a outra de posse do responsável pela pesquisa. Neste estudo, participaram dez professores, todos do sexo feminino, de instituições públicas e privadas, de um município do Vale do Rio dos Sinos/RS, com idade entre 37 e 57 anos. A seleção ocorreu de forma informal, utilizando a técnica de snowball (bola de neve). Os dados foram coletados durante o mês de março de 2020 e analisados integralmente. Para a análise das informações coletadas, foi utilizada a análise temática que Minayo (2010) define como uma afirmação a respeito de determinado assunto. Para a mesma autora, a análise temática é a contagem de frequência das unidades de significação que definem



o caráter do discurso. A partir dessa análise, as respostas foram divididas em 2 categorias: Alto Nível de Desempenho Profissional e Agravos à Saúde.

## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Inúmeras profissões vêm sendo substituídas por máquinas, é o malefício da atual revolução industrial das tecnologias. A vocação do professor, porém, é um pilar fixado e, deste modo, insubstituível (CECHO et al., 2019). É evidente as dificuldades encontradas no cotidiano do docente, contudo, a inclusão e a sensibilidade vivenciadas diariamente por esses profissionais não podem ser repassadas por inteligência artificial. Com isso, o papel da docência cresce ainda mais em termos sociais, apesar dos avanços tecnológicos. Percebe-se, por conseguinte, que o aumento isolado da ciência e dos saberes teóricos, não constroem uma relação madura de cidadania. A formação social gera-se através do contato humano (LIPP, 2014).

O ato de ensinar requer não apenas uma carga excessiva de trabalho, como também, constitui-se de uma vocação embasada em um esforço mental e emocional exagerado. Na atualidade, ascende-se não apenas a carga horária de trabalho do professor, como também, suas demandas. A tendência de crescimento das exigências nas funções do docente pode ser oriunda de diversos fatores externos a esse profissional (CECHO et al., 2019). A partir da mudança na perspectiva do docente, evidencia-se a relevância de ações de prevenção e promoção de saúde a esses trabalhadores.

O declínio dos fatores estressores gerados a partir desta crescente exigência profissional docente reflete em benefícios tanto para saúde particular desses como também em melhorias no desenvolvimento do aprendizado dos seus respectivos estudantes. Isso ocorre devido a interferência da saúde do professor no processo ensino-aprendizado, uma vez que alunos pertencentes a turmas nas quais o docente não se encontra de forma saudável (fisicamente e/ou mentalmente), são prejudicados em seu ensino, já educandos que possuem orientadores saudáveis, tendem a evoluir no processo do saber (MONTEIRO et al., 2012).

### ALTA EXIGÊNCIA PROFISSIONAL:

A formação acadêmica e social da sociedade atual e das gerações futuras é uma das atribuições do professor. Com isso, pode-se observar altas taxas de requisições perante o exercício laboral da docência, além do desempenho tradicional desse profissional.





(ASSUNÇÃO et al., 2018). Ao docente, exige-se atribuições psicossociais exacerbadas, além de uma alta dependência para com a gestão institucional escolar. Nesse processo, chamado de alta exigência, visualiza-se a possibilidade de geração de efeitos nocivos à saúde do trabalhador (BIROLIM et al., 2017).

Com o presente estudo, observou-se diante das falas inúmeros fatores que levam o docente a um desempenho profissional exagerado:

(...) a pressão por metas e notas do ENEM e vestibulares, a imposição dos conteúdos que devem ser dados e toda parte burocrática que temos que dar conta fora do ambiente de trabalho, pois o planejamento e as correções são feitas fora do horário de expediente. (Entrevistado 1)

Principalmente nos períodos de avaliação e provas trimestrais e anuais. Durante esses períodos preciso de muitas horas extras, fora da escola, para preparar as atividades e corrigir. Preciso de muito tempo pra isso. Precisamos também fazer as médias de todos os alunos, que são muitos, e entregar pra escola dentro do prazo estipulado, é muita pressão. (Entrevistado 2)

A instituição escolar coloca pressões não apenas sobre os estudantes, com questões de notas e desempenho, como também sobre os docentes e seus exercícios profissionais, com inovações constantes, carga horária excessiva e sobrecarga de atividades. O tempo torna-se insuficiente diante das inúmeras atividades que devem ser executadas (NOGUEIRA; BRUNO-FARIA, 2013).

No que diz respeito as avaliações, o professor, que deveria estar voltado ao desempenho particular de cada um de seus aprendizes, ocupa-se de análises estruturais em suas provas teóricas, impostas muitas vezes pela direção. O conteúdo a ser ensinado é visto pelos alunos como uma ação de decorar, destinada apenas ao momento de avaliação, e os professores perdem o controle do desenvolvimento de aprendizagem individual quando são submetidos a dependência de provas já estabelecidas. As dificuldades particulares de cada aluno acabam por ficar adormecidas (HOFFMANN, 2002).

Além disso, o planejamento de atividades e avaliações muitas vezes é feito fora do horário de trabalho e em seus domicílios. Com isso, aborda-se novamente a questão da carência de tempo no ofício docente. A carga horária laboral exigida muitas vezes é sobreposta ao horário de trabalho regular, devendo o trabalhador levar suas atividades para o seu domicílio (NOGUEIRA; BRUNO-FARIA, 2013). Nos relatos a seguir, podemos observar essa questão:



Outro fator estressor que causa muito estresse e irritação é a carga horária elevada, muitos trabalhamos em mais de uma escola, não temos tempo para família, amigos, é só trabalho. Levamos trabalho pra casa muitos dias, eu acho isso muito desgastante! (Entrevistado 3)

Temos uma carga horária bastante grande para planejar e elaborar as atividades em casa. Não dá tempo de fazer na escola, temos que levar trabalho pra casa e isso fica pesado, é cansativo. (Entrevistado 5)

O estresse vindo das atividades educacionais é perceptível, contudo, não é o único fator que causa malefícios ao trabalhador. A cobrança excessiva por parte da gestão escolar também é considerada um prejuízo laboral. Ter uma coordenação superior faz parte do trabalho de professores tanto escolas públicas como de privadas. Nas instituições de caráter particular, observa-se o receio da demissão, a quantidade excessiva de demandas e as incertezas ao falar a respeito das relações gerenciais. Já em escolas públicas, o conflito com gestores é gerado a partir de um modelo considerado ultrapassado de ensino, juntamente com a rigidez e normas (ASSUNÇÃO et al., 2018). Observam-se tais dados nas seguintes falas:

O estresse não é no teu trabalho com as crianças (...), mas sim na chefia, muitas escolas ainda são reguladas por práticas um pouco arcaicas. Tu vai construindo uma identidade docente, tu aprende em relação a quais são os princípios que norteiam a tua profissão na tua graduação, e quando tu chega nas escolas, na prática não é assim que acontece, porque as pessoas que estão na gestão tem uma visão um pouco retrógrada da coisa e seguem princípios autoritários. A gente, como educador, acredita nos princípios democráticos e esses nem sempre acontecem nas escolas. (Entrevistado 6)

## AGRAVOS À SAÚDE:

Os danos psicológicos e sociais estão inerentes ao ambiente laboral educacional, onde possui inúmeros fatores estressores ocupacionais. Esses vão afetar de forma direta e indireta à saúde dos trabalhadores diariamente, podendo ser transformados em diagnósticos patológicos (OIT, 2019). Nas seguintes falas, concebe-se essa ideia:

Afeta muito a minha saúde. Faz com que eu esteja sempre estressada com tudo e com todos, com a imunidade baixa e mais susceptível às doenças. Qualquer gripe eu pego e eu sei que isso vem de eu estar estressada. É muito ruim. (Entrevistado 1)

Com certeza afeta minha saúde, tenho dores musculares, dores de cabeça, enjoo, fico doente, tomo remédio seguido! Outra coisa, marquei médico por esquecimento. Sou jovem, não deveria acontecer isso. Acredito que seja estresse. (Entrevistado 3)

Fica clara a relação entre saúde e trabalho na função docente. Conforme Araújo et al. (2019), a relação entre o adoecimento e o trabalho vem sendo investigada há muito tempo, desde que iniciaram estudos sobre o processo de doença. As comorbidades observadas a partir



de um foco nos docentes são as mais distintas, entre elas podemos citar o sofrimento psíquico, transtornos comportamentais, distúrbios musculoesqueléticos e vocais. Nas falas a seguir, pode-se notar algumas dessas manifestações clínicas:

Para mim, a insônia, a ansiedade e a preocupação vem de querer fazer tudo certo, dentro do prazo e do desejo de que os alunos tenham um ano letivo produtivo e positivo, mas nem sempre isso acontece e quando não acontece, fico muito estressada. (Entrevistado 2)

Tu perde o apetite ou come demais (...) eu fico irritada e nervosa, me dando dor de estômago e me dando um “piriri”. Isso é bem comum, é como meu corpo reage. Minha barriga é bem frágil quando fico estressada. Tenho dores na coluna também. (Entrevistado 7)

Na minha saúde, eu fico nervosa e ansiosa por não conseguir ajudar. Essa minha angústia toda atrapalha. Eu estou com transtorno de ansiedade, já diagnosticada (...). Chega em determinada época do ano que não dá mais vontade de ir trabalhar, mas pelo tanto que eu gosto eu não desisti ainda. (Entrevistado 8)

Como forma de amenizar os fatores estressores e possíveis geradores de patologias laborar, a busca pelo prazer dentro do trabalho tende a ser aliada no processo. Os aspectos apontados como geradores das manifestações clínicas, são capacitados de reversão na medida em que se encontra uma afetividade com a docência. Faz-se necessária, contudo, a priorização da melhor qualidade de vida dos professores, para que esse profissional esteja possibilitado de encarar o seu cotidiano e a sua profissão de forma positiva (CURY JUNIOR, 2010).

Teorias sobre o exercício da docência e suas teses, tanto de gêneros literários quanto de escrita acadêmica, são de importância indiscutível. O apreço pelo trabalho docente, contudo, sobrepõe-se a esses conceitos. Para Rubem Alves (1999, p. 74), “Primeiro vem o impreciso desejo de navegar. Só depois vem a precisa ciência de navegar.” A partir desta metáfora, entendemos que a navegação, ou seja, o ensino, é iniciado após a vontade de educar, e apenas após esse desejo, constituem-se as teorias a seu respeito.

## POSSÍVEIS REDUTORES DE ESTRESSE

Além do prazer na docência, o professor pode recorrer a outros fatores redutores de estresse. Primeiramente, faz-se necessário a autoavaliação individual da situação atual trabalhista em que o docente vive. A partir desta observação situacional e dos sintomas recorrentes, possibilitam-se intervenções efetivas (CARLOTTO, 2014).





Algumas intervenções são baseadas na medicina tradicional e são compostas por especialistas nas patologias a serem tratadas (físicas e/ou mentais) como médicos, psicólogos e enfermeiros, e, por vezes, do uso (quando necessário) de medicações (ANDRADE et al., 2010). Além da medicina tradicional, pode-se visualizar atualmente o crescente número de terapias alternativas (como práticas de ioga, meditação, musicoterapia, aromaterapia, acupuntura, entre outros), já comprovadas como auxiliares em alguns tratamentos. As duas fontes medicinais, tradicional e alternativas, possuem padrões de diagnóstico, tratamento, recuperação e prevenção de doenças considerados eficazes e legítimos. (BOCK et al., 2018).

Os possíveis redutores de estresse, tradicionais e alternativos, atuam, portanto, de forma eficaz no aumento da qualidade de vida laboral dos docentes. Contudo, pouco se é difundido a respeito desses recursos. Com isso, vê-se a necessidade da difusão de conhecimentos acerca dos possíveis instrumentos de melhoria na qualidade de vida dentro das próprias instituições escolares, com o objetivo de reduzir os fatores estressores e, conseqüentemente, aumentar a saúde física e mental destes profissionais.

## CONCLUSÃO

O ensino acadêmico obtido pelos docentes não é caracterizado por atividades que instruem as novas funções adquiridas na atualidade. Com isso, é necessário o aprendizado na prática destas novas atualizações tecnológicas e vocacionais. A ascensão de atribuições voltadas ao aprendizado e ao ato laboral docente pode não somente comprometer significativamente o ensino dos estudantes como também regredir a saúde do professor.

As instituições escolares não devem ser reconhecidas somente como responsáveis por ensinamentos teóricos, pesquisa e saberes técnicos, como também, devem estar preocupadas com a saúde de todos os seus colaboradores, alunos e professores e ser voltada a um serviço de qualidade priorizando o desenvolvimento intelectual individual. A partir disso, observa-se a necessidade de ações preventivas e promotoras de saúde dentro do próprio ambiente escolar, com o objetivo de redução de danos.

Não apenas é sugerido acompanhamento de saúde física, com questões ergonômicas, como também, uma assessoria de saúde mental voltada às principais patologias psicológicas que acometem esse profissional. Desde modo, facilita-se ao docente o acesso à saúde laboral, criando um ambiente saudável de trabalho. Sugere-se, portanto, mais estudos, dessa vez



voltados às atividades preventivas dentro dos próprios ambientes escolares, como forma de prevenção aos agravos laborais em professores.

## REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Entre a Ciência e a Sapiência: o dilema da educação**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

ANDRADE, J. T. et al. Medicina Complementar no SUS: práticas integrativas sob a luz da Antropologia médica. **Saúde Soc**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 497-508, mar. 2010. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902010000300003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902010000300003&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 10 fev. 2021.

ARAÚJO, T. M. et al. Trabalho e saúde de professoras e professores no Brasil: reflexões sobre trajetórias das investigações, avanços e desafios. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p. 1-14, mar. 2019. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2019000503002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2019000503002). Acesso em: 10 fev. 2021.

ASSUNÇÃO, A. Á. et al. Pressão laboral, saúde e condições de trabalho dos professores da Educação Básica no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 35, p. 1-16, out. 2018. Disponível em: <http://cadernos.enp.fiocruz.br/csp/artigo/709/saude-dos-professores-da-educacao-basica-no-brasil>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BIROLIM, M. M. et al. Trabalho de alta exigência entre professores: associações com fatores ocupacionais conforme o apoio social. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 24, p. 1255-1264, jul. 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232019000401255](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232019000401255). Acesso em: 10 fev. 2021.

BOCK, A. M. B. et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 15. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2018.

NOGUEIRA, Virgínia Gomes de Caldas; BRUNO-FARIA, Maria de Fátima. Pressões no Trabalho e Criatividade nas Organizações: estratégias para criar nesse contexto. In: BRUNO-FARIA, Maria de Fátima; VARGAS, Eduardo Raupp de; MARTÍNEZ, Albertina Mitjans (org.). **Criatividade e Inovação nas Organizações**. São Paulo: Atlas, 2013. Cap. 3. p. 45-63.

CARLOTTO, M. S. Prevenção da síndrome de Burnout em professores: um relato de experiência. **Mudanças - Psicologia da Saúde**, São Paulo, v. 1, n. 22, p. 31-39, jun. 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/MUD/article/view/4782/4383>. Acesso em: 10 fev. 2021.

CECHO, R. et al. Exposure to mental load and psychosocial risks in kindergarten teachers. **Zdr Varst**, Eslovênia, v. 3, n. 58, p. 120-128, mai. 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6598387/>. Acesso em: 10 fev. 2021.



CURY JUNIOR, C. H. Qualidade de vida no trabalho e subjetividades docentes.

**Evidência**, Axará, v. 6, n. 6, p. 89-110, dez. 2010. Disponível em:

<<https://core.ac.uk/download/pdf/231279472.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

FLORES, M. A. Discursos do profissionalismo docente. **Revista Brasileira de**

**Educação**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 19, p. 851-869, dez. 2014. Disponível em:

<[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782014000900003&script=sci_abstract&tlng=pt#:~:text=Defende%2Dse%2C%20assim%2C%20que,implica%C3%A7%C3%B5es%20(e%20as%20contradi%C3%A7%C3%B5es)%20que.)

[24782014000900003&script=sci\\_abstract&tlng=pt#:~:text=Defende%2Dse%2C%20assim%2C%20que,implica%C3%A7%C3%B5es%20\(e%20as%20contradi%C3%A7%C3%B5es\)%20que.](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782014000900003&script=sci_abstract&tlng=pt#:~:text=Defende%2Dse%2C%20assim%2C%20que,implica%C3%A7%C3%B5es%20(e%20as%20contradi%C3%A7%C3%B5es)%20que.)>. Acesso em: 10 fev. 2021.

LIPP, M. E. N. **O stress do professor**. 1.ed. Campinas: Papirus, 2014.

MINAYO, M. C. de S. **Análise qualitativa**: teoria, passos e fidedignidade. Ciência e Saúde

Coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012. Disponível em:

<[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232012000300007](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000300007)>.

Acesso em: 10 fev. 2021.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12.

ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MONTEIRO, J. K.; DALAGASPERINA, P.; QUADROS, M. O. **Professor no limite**: o

estresse no trabalho do ensino privado do Rio Grande do Sul. 2.ed. Porto Alegre, RS: Feteesul, 2012.

Organização Internacional do Trabalho (OIT). **Segurança e Saúde no Centro do Futuro do Trabalho**. Genebra: Palmigráfica, 2019. Disponível em: <

[https://www.ilo.org/lisbon/publica%C3%A7%C3%B5es/WCMS\\_690142/lang--pt/index.htm](https://www.ilo.org/lisbon/publica%C3%A7%C3%B5es/WCMS_690142/lang--pt/index.htm)>. Acesso em: 10 fev. 2021.

ROSSI, A. M. et al. **Stress e qualidade de vida no trabalho**: O positivo e o negativo.

1.ed. São Paulo: Atlas, 2009.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## TECENDO SONHOS, ALINHAVANDO VIDAS – UMA ETNOGRAFIA MULTISITUADA E AS TECNOLOGIAS SOCIAIS DIRECIONADAS À INCLUSÃO SOCIAL DE MULHERES

WEAVING DREAMS, ADDING LIVES - A MULTI-  
SITUATED ETHNOGRAPHY AND SOCIAL TECHNOLOGIES  
AIMED AT THE SOCIAL INCLUSION OF WOMEN

Cristian Leandro Metz; Ana Luiza Carvalho da Rocha; Margarete Fagundes Nunes

Universidade Feevale

### RESUMO

Tecer e alinhar são verbos de ação que estão intimamente ligados aos ofícios manuais. Deste modo, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência deste pesquisador frente às atividades de capacitação e aprimoramento de técnicas, apresentando duas oficinas de práticas laborais ligadas aos ofícios de corte e costura e desenvolvimento de peças de vestuário para mulheres que buscam a sua promoção e a afirmação do protagonismo feminino em duas cidades do estado do Rio Grande do Sul. Para isso, foi utilizado por inspiração, os estudos do método etnográfico, por meio da etnografia multisituada: a etnografia é um método composto por técnicas e procedimentos para a coleta de dados e acontece a partir da convivência do pesquisador com os grupos estudados; já a etnografia multisituada consiste em aplicar as técnicas do método etnográfico nos diferentes campos, a medida em que o pesquisador se desloca entre eles.

**Palavras-chave:** Inclusão Social. Tecnologias Sociais. Teares do Pampa. Alinhavando Vidas.

### ABSTRACT

Weaving and aligning are verbs of action that are closely linked to manual crafts. Thus, this work aims to report the experience of this researcher in the activities of training and improvement of techniques, presenting two workshops of labor practices related to cutting and sewing crafts and development of garments for women who seek their promotion and the affirmation of female protagonism in two cities in the state of Rio Grande do Sul. For this, the studies of the ethnographic method were used by inspiration, through multisituated ethnography: ethnography is a method composed of techniques and procedures for data collection and happens from the coexistence of the researcher with the groups studied; multisituated ethnography consists of applying the techniques of the ethnographic method in the different fields, the extent to which the researcher moves between them.

**Key-words:** Social Inclusion. Social Technologies. Pampa Looms. Aligning Lives.

### INTRODUÇÃO

As ações afirmativas (FILHO, 2013) são políticas que destinam recursos em benefício de pessoas pertencentes a grupos discriminados e vitimados pela exclusão socioeconômica no passado ou no presente; trata-se de medidas que tem como objetivo combater discriminações etnicorraciais (KILOMBA, 2020), religiosas, de gênero (GONZALES, 2010) entre outras, aumentando a participação de minorias no processo político, no acesso à educação, saúde,





emprego, bens materiais, redes de proteção social e reconhecimento cultural. Nesse sentido podemos incluir, no campo das políticas de enfrentamento às desigualdades (CASTELS, 1998) e das ações afirmativas, medidas que englobam tanto a promoção da igualdade material, de direitos básicos de cidadania e de formas de valorização étnica e cultural. Deste modo, este trabalho (que é um recorte do projeto de tese em andamento no PPG em Diversidade Cultural e Inclusão Social) tem como objetivo relatar a minha experiência enquanto pesquisador frente às atividades de capacitação e aprimoramento de técnicas em corte e costura e de transformação da lã de ovelha (já limpa e beneficiada) em feltro (desenvolvido de forma artesanal) para posterior reconhecimento e inserção destes produtos na economia local.

O campo empírico pretendido neste estudo está localizado na cidade de Novo Hamburgo (no bairro Roselândia) e na Serra do Caverá, no interior da cidade de Rosário do Sul/RS, onde está localizada a Comunidade Quilombola do Rincão da Chirca e as categorias teóricas e conceitos abordados à luz de seus pesquisadores/as aparecerão no decorrer do texto. No centro da pesquisa estão estas mulheres que tem em comum, tornarem-se protagonistas das histórias de lutas e reivindicações relacionadas à plena cidadania, que buscam estratégias para o enfrentamento das desigualdades sociais a que são submetidas e que buscam aprimorar os seus conhecimentos nas artes do fazer, tanto no ofício de costureiras bem como na realização de atividades artesanais para comercialização. Nos grupos atendidos operam-se relações sociais coletivas em um mesmo espaço e essas relações sociais evidenciam a existência de redes de cooperação e solidariedade entre as mulheres participantes dos projetos (SIMMEL, 2006).

## **O MÉTODO ETNOGRÁFICO E A ETNOGRAFIA MULTISITUADA**

A etnografia surge como método no campo da Antropologia no início do século XX e está associada à busca de informações por parte do pesquisador no contexto pesquisado, como numa imersão no campo do nativo (MARCONI, PRESOTTO, 2010). Percebemos isso quando Malinowski (1978) imerge por longo período para apreender e vivenciar os costumes dos habitantes das ilhas Trobriand, aprendendo sua língua e compartilhando do seu cotidiano, por meio da observação participante, descrevendo como esses nativos dão sentido ao mundo e mostrando a sofisticação desta cultura, numa narrativa de viagem e movimentos do local para o local.



Entretanto, Evans-Pritchard (1974) nos deixa claro a natureza múltipla (e até irregular) dos encontros etnográficos com o Nuer em diferentes locais, mostrando que o trabalho etnográfico não precisa, necessariamente, deter-se a um só local. Neste sentido, surge o termo cunhado por George Marcus em 1995 da etnografia multisituada. Para o autor, na prática, o trabalho de campo multisituado é conduzido de forma que o etnógrafo esteja inserido no campo pesquisado e, à medida que o campo muda, se estabelecem novas negociações entre etnógrafo e nativo (MARCUS, 1995).

Faço esta breve introdução sobre a prática da etnografia multisituada pois os objetos de pesquisa deste trabalho encontram-se, como já mencionado, em campos distintos; para conhecer estes espaços, traço um panorama dos locais por meio de cartografias, das memórias dos diários de campo (obtidas durante a minha inserção e permanência nestes lugares) e das fontes históricas, apresentando os territórios onde os grupos de mulheres estão inseridas (bairro Roselândia em Novo Hamburgo e a Serra do Caverá, onde está localizada a comunidade quilombola do Rincão da Chirca em Rosário do Sul).

## **OS CAMPOS PARA UMA ETNOGRAFIA MULTISITUADA – ASPECTOS SOCIAIS, SUA FORMAÇÃO E AS OFICINAS REALIZADAS**

O território (FERREIRA, 2014, OLIVEIRA, SILVA 2017) é um conceito imprescindível à compreensão do mundo contemporâneo; para tanto buscam-se elementos para o debate em torno da definição de território como algo dinâmico e próximo ao cotidiano. Utilizo a condição de território como sendo a base para a produção de um espaço transformado pelas redes, circuitos e fluxos, entrelaçado a realidade das comunidades urbana e quilombola.

O bairro Roselândia, situado na fronteira<sup>1</sup> da cidade de Novo Hamburgo faz limite com os municípios de Dois Irmão, Ivoti e Estância Velha (ao norte) e com os bairros Operário, Diehl e São José (ao leste); possui uma área geográfica de 5,92 km<sup>2</sup> e teve, entre os anos de 1980 e 1995 uma explosão habitacional de 228,3% (Schütz, 2001, p.167). O desenvolvimento e o acesso ao bairro foram facilitados com a construção da BR 116 em 1942 e essa rodovia margeia

---

<sup>1</sup> O conceito de fronteira está intimamente ligado ao conceito de território. Segundo Foucher (2009), em linhas gerais, as fronteiras acabam por determinar um limite geográfico (físico ou imaginário) que determina que aqueles que nasceram no interior de um espaço geograficamente delimitado compartilham de um determinado esquema interpretativo, e apesar de não haver um único esquema interpretativo dentro desse espaço, é mais fácil que os agentes que ali nasceram consigam manter algum grau de interação do que seria para alguém que não nasceu nesse espaço. Pensar fronteiras é pensar no pertencimento. À medida que se estabelece quem está dentro de uma delimitação geográfica, se estabelece quem está fora. Pensar fronteiras é um exercício, em última instância, de pensar a alteridade, o estrangeiro, o diferente e, em certa medida, o indesejável.

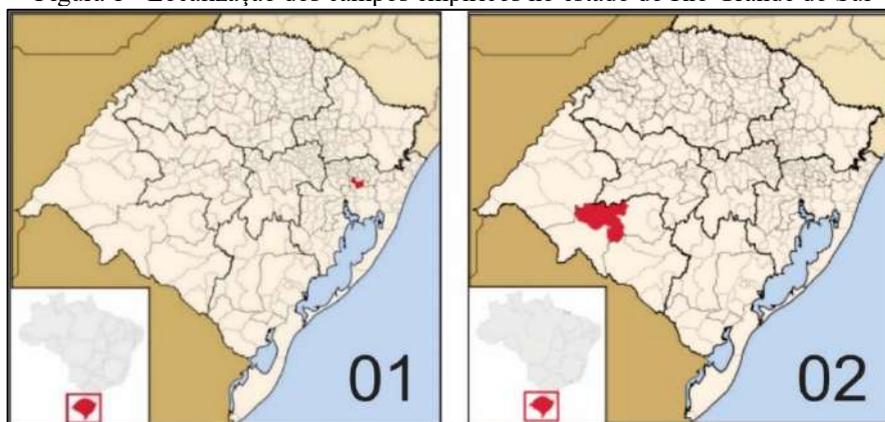


o bairro em toda a sua lateral. No interior do bairro, uma rua principal abriga casas, igrejas, comércios, restaurantes e pequenos negócios e a grande maioria da população mora nas ruas adjacentes, em condições de moradia simples e que abrigam até 4 gerações dos moradores. O bairro Roselândia, conforme CENSO de 2010 possui em torno de 5.994 habitantes; destes, 50,75% são mulheres e 38% delas não exercem atividade laboral formal remunerada e isso justificou o desenvolvimento do projeto no bairro naquela ocasião.

A comunidade do Rincão da Chirca está localizada na Serra do Caverá (inserida na Área de Proteção Ambiental (APA) do Ibirapuitã) a 90km da sede do município de Rosário do Sul/RS e recentemente alcançou o reconhecimento como uma comunidade legítima de descendentes de escravizados, sendo legitimada como uma comunidade quilombola histórica. Esta nova conjuntura trouxe inúmeras mudanças, como o acesso à novas políticas públicas que, em sua essência, buscam desenvolver ações que possibilitem e garantam o manejo cultural dos territórios tradicionais, contribuindo para a preservação dos saberes e tradições culturais, possibilitando o protagonismo da comunidade. Sendo guardiãs destas memórias, possuem um sistema próprio e tradicional de transmissão de conhecimentos e saberes, mantendo práticas culturais e espirituais próprias, manejando de forma sustentável os ecossistemas visando a promoção da agro diversidade além de possuírem habilidades para utilizar elementos da biodiversidade para a confecção de objetos e utensílios artesanais.

Os campos onde essa etnografia multisituada acontece podem ser observados nos mapas a seguir (figura 1) no contexto do estado do Rio Grande do Sul: o mapa 01 aponta a cidade de Novo Hamburgo e o mapa 02 a cidade de Rosário do Sul.

Figura 1 - Localização dos campos empíricos no estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Google Maps (2020)

As tecnologias sociais são um conjunto de técnicas transformadoras que estão direcionadas a representarem soluções para a inclusão social e a melhora na qualidade de vida



daquelas pessoas beneficiadas por elas. Segundo o Instituto de Tecnologia Social (2021, informação digital) “é a ferramenta que agrega informação e conhecimento para mudar a realidade”, valorizando o diálogo entre o saber popular e o saber acadêmico, trazendo as dimensões sociais e humanas para o primeiro plano e configura-se como uma metodologia em transformação onde as pessoas envolvidas assumem o processo de mudança.

A oficina de feltragem em lã de ovelha, ocorrida em 2015 na comunidade quilombola do Rincão da Chirca integra o Projeto Pampa (desenvolvido pela Fundação Luterana de Diaconia (FLD) com recursos do Pão para o Mundo). As mulheres da comunidade, utilizando a lã de ovelha crioula, desenvolveram a marca “Fios do Pampa”, numa alusão ao Rincão estar inserido neste bioma, recebendo teares e capacitação para o desenvolvimento de produtos com esta matéria-prima. O aprendizado das técnicas de feltragem da lã (figura 2) partiu do desejo das mulheres em agregar valor aos produtos já desenvolvidos por elas, principalmente na área do vestuário bem como cooperar com a organização e promoção daquele grupo na Comunidade.

Figura 2 - Troca de saberes e produto em feltro finalizado



Fonte: Acervo pessoal do autor (2020)

O projeto “Alinhavando Vidas” buscou apresentar e construir alternativas que motivassem as mulheres a ampliar os seus limites, expandindo a percepção da sua força e a necessidade de transformação do seu modo de vida; com foco no desenvolvimento humano, a AEVAS<sup>2</sup> identificou no bairro Roselândia, em Novo Hamburgo, uma demanda e uma oportunidade de auxiliar a comunidade em seu desenvolvimento sócio laboral, desenvolvendo atividades no Centro Comunitário Raio de Sol<sup>3</sup>, sempre visando possibilidades de desenvolvimento humano e social daqueles/as envolvidos/as nos projetos.

<sup>2</sup> Associação Evangélica de Ação Social – Entidade responsável por executar o projeto “Alinhavando Vidas” no bairro Roselândia

<sup>3</sup> O prédio do Centro Comunitário Raio de Sol, na sua origem, era uma Escola de Educação Infantil do município (EMEI).



A oficina (figura 3) foi desenvolvida também no ano de 2015 e atendeu 14 mulheres do bairro Roselândia na cidade de Novo Hamburgo e pensou em dinâmicas para o enfrentamento às desigualdades sociais constatadas no bairro, a partir de dados levantados junto à comunidade. A proposta foi promover, junto à comunidade local, uma consciência social por meio de atividades da capacitação destas mulheres nos ofícios de modelagem, corte e costura, visando a criação de grupos de Economia Solidária, para a geração de renda para o grupo e recursos para sustentabilidade do projeto.

Figura 3 - Troca de saberes e desfile final de formatura



Fonte: Acervo pessoal do autor (2020)

Neste momento da pesquisa, a retomada do contato com estes grupos de mulheres visa propor uma reflexão acerca das questões econômicas e a percepção de como o aprimoramento desse saber-fazer (CERTEAU, 1994) contribui na afirmação identitária e na transformação social dos territórios onde estão inseridas; por meio de uma economia solidária, estaremos alinhavando, tecendo e cosendo as histórias de vida destas mulheres com a dos seus lugares, fortalecendo as redes de colaboração e sociabilidade que se configuram nestes momentos de aperfeiçoamento de técnicas e de troca de saberes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como política afirmativa direcionada às mulheres, este trabalho busca a participação e a representação social como instrumentos decisivos de visibilidade atuando também como base para o reconhecimento e o acesso à inclusão social. Para destacar e visibilizar a contribuição de diferentes culturas na formação dos territórios onde este trabalho está sendo realizado é

---

Com a construção de uma EMEI mais moderna ao lado da Raio de Sol, o espaço foi adaptado e nele foi implementado um espaço com móveis, máquinas e equipamentos em condições para o atendimento com qualidade das estratégias propostas no projeto “Alinhavando Vidas”.



imprescindível o estímulo, o reconhecimento e a valorização do saber popular, a promoção do protagonismo e da autonomia das mulheres envolvidas nestes projetos; deste modo, ao término das atividades, nota-se o fortalecimento do protagonismo feminino das mulheres do bairro Roselândia (Novo Hamburgo/RS) e do Rincão da Chirca (Serra do Caverá em Rosário do Sul/RS), percebendo a diversidade cultural presente nestes lugares e de que forma estes grupos se beneficiam com as políticas afirmativas, no que se refere a práticas sociais direcionadas à cidadania.

Os projetos buscaram promover, por meio de ações afirmativas, política de enfrentamento às desigualdades sociais; as oficinas trouxeram a participação e a representação social como instrumentos decisivos de visibilidade atuando também como base para o reconhecimento e o acesso à inclusão social, estimulando a capacitação para a prática laboral das mulheres participantes. As oficinas, além de promoverem momentos de trocas e de aprendizado, possibilitaram o pensamento voltado ao enfrentamento das desigualdades econômicas e sociais nos territórios onde estas mulheres estão inseridas.

Ao mostrarem-se dispostas à troca de saberes e a repensar a forma de manejo e beneficiamento da lã, as moradoras do Rincão da Chirca demonstram o desejo de manterem-se ativas no processo de produção artesanal de produtos, aplicando novos conceitos e técnicas, para reafirmarem a sua identidade negra e quilombola; em Novo Hamburgo, mesmo com o término do projeto, algumas participantes continuam frequentando o Centro Comunitário Raio de Sol, aproveitando a estrutura montada para o desenvolvimento das oficinas, constituindo-se numa rede de solidariedade que produz, de forma coletiva, as peças que são comercializadas posteriormente nos brechós promovidos pelo Centro Comunitário, configurando-se como um grupo de economia e comércio justo e solidário.

Por fim, é perceptível que as oficinas de práticas laborais e aprimoramento de técnicas promoveram o protagonismo das mulheres, seja na forma como se beneficiaram com os projetos, na continuidade das relações sociais que foram estabelecidas e que seguiram posteriormente e no benefício no que se refere às práticas sociais direcionadas à cidadania, por meio da geração de renda com a produção e comercialização dos produtos criados.

## REFERÊNCIAS

AEVAS – Disponível em <http://www.aevas.org.br/> - Acesso em 05/04/2020





BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. Champ du pouvoir et division du travail de domination. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**. 2011/5 (n° 190), páginas 126 a 139

CAPA. **Revelando os quilombos do Sul**. Pelotas: Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia, 2010.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social. Uma crônica do salário*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes do Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

EVANS-PRITCHARD, E.E. - **The Nuer: A Description of the Modes of Livelihood and Political Institutions of a Nilotic People**. Oxford University Press, 1974.

FERREIRA, Denison da Silva. Território, territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência geográfica. In. **Campo-Território: revista de geografia agrária**, v. 9, n. 17, p. 111-135, abr., 2014

FLD – Disponível em <https://projelopampa.fld.com.br/> - Acesso em 09/05/2020

FOUCHER, Michel. **Obsessão por Fronteiras**. Tradução de Cecília Lopes. São Paulo: Radical Livros, 2009.

INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL. Disponível em <http://itsbrasil.org.br/conheca/tecnologia-social/>, acesso em 30/03/2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação – episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, 248p.

MALINOWSKI, Bronislaw - **Argonautas do Pacífico Ocidental** – São Paulo: Abril Cultural, 1978

MARCUS, George E. **Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography**. Annual Review of Anthropology, Palo Alto, California, v. 24, pp. 95-117, 1995.

MAUSS, Marcel. **Manual de Etnografia**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

OLIVEIRA, Andressa Rodrigues Sensato/ SILVA, Carla Holanda da - Território, Territorialidade e Identidade Territorial: categorias para análise da dinâmica territorial quilombola no cenário geográfico. In. **Caderno de Geografia**, v.27, n.49, 2017

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. **LELIA GONZALEZ – Retratos do Brasil Negro**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia: saberes e práticas**. Iluminuras – Revista Eletrônica do BIEV/PPGAS/UFRGS, v. 31, p. 01-18, 2008.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

SCHÜTZ, Liene M. Martins. **Os bairros de Novo Hamburgo**. Novo Hamburgo/RS, 2001, 196p.

SILVA, Jr., Hédio. **Direito de igualdade racial: aspectos constitucionais, civis e penais**. São Paulo/SP: Editora Juarez de Oliveira, 2009.

SIMMEL, Georg. A Sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal). In: **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VIEIRA, Adriane/ LUZ, Talita Ribeiro da. Do saber aos saberes: comparando as noções de qualificação e de competência. In **Organizações & Sociedades**. vol.12 n.33. Salvador/BA – 2005.





## CAMPANHA EU SOU RESPEITO – RELATO DE EXPERIÊNCIA

### I AM RESPECT CAMPAIGN - EXPERIENCE REPORT

Alexsandro Funck Ramires (Alex Ramirez)<sup>1</sup>; Claudia Schemes<sup>2</sup>

Universidade Feevale

**Resumo:** a campanha Eu Sou Respeito nasceu de um projeto acadêmico interdisciplinar e transmidiático, criada em 2020 e executada por alunos dos cursos de comunicação de uma universidade em Porto Alegre/RS, em parceria com o Ministério Público Federal do RS, para fomentar a cultura do respeito. Foram produzidos vídeos, imagens, debates e um edital para projetos de diversidade, no ano de 2021. A campanha, primeiramente estadual, teve ampla divulgação e repercussão, e neste momento, está em processo de nacionalização através do próprio Ministério Público Federal.

**Palavras-chave:** Respeito, Cultura, Fotografia, Comunicação.

**Abstract:** the I Am Respect campaign was born from an interdisciplinary and transmedia academic project, created in 2020 and carried out by students of communication courses at a university in Porto Alegre/RS, in partnership with the Federal Public Ministry of RS, to foster a culture of respect. Videos, images, debates and an announcement for diversity projects were produced in the year 2021. The campaign, which was primarily stateowned, had wide dissemination and repercussions, and at this moment, is in the process of nationalization through the Federal Public Ministry itself.

**Palavras-chave:** Respect, Couture, Photography, Communication.

## INTRODUÇÃO

A campanha Eu Sou Respeito foi criada em decorrência do cancelamento da exposição Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira, realizada no Santander Cultural, em Porto Alegre, no ano de 2017, com a curadoria do artista Gaudêncio Fidélis e abrangeu 223 obras de 84 artistas do primeiro escalão da arte brasileira como Adriana varejão, Volpi, Lygia Clark e Leonilson. Foi a maior exposição sob a alcunha *queer* no Brasil. A expressão da língua inglesa significa estranho, excêntrico, e era usada pejorativamente para se referir a homossexuais - mas foi reivindicada por movimentos LGBTI, passando a designar comportamentos que não se encaixam em padrões normativos de gênero. De acordo com Fidélis, a exposição buscou investigar, e não "ilustrar", a questão - refletindo, por exemplo, sobre como a ideia do estranhamento e do fora da norma pode contribuir para pensar a arte. Entretanto, a exposição foi objeto de ataques de ódio e intolerância, após inflamadas manifestações articuladas pelo Movimento Brasil Livre (MBL). A decisão pelo fechamento

<sup>1</sup> Mestre em Design, doutorando bolsista CAPES em Processos e Manifestações Culturais pelo Programa de Pós - Graduação da UNIVERSIDADE FEEVALE. Email: alexramirez.fotografia@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora do PPG Processos e Manifestações Culturais da Universidade FEEVALE.





precoce foi tomada pelo Santander em resposta às fortes críticas desses grupos ideológicos que viram nas obras apologias a pedofilia, zoofilia e blasfêmia. Ao justificar o fechamento, o Santander disse entender que "algumas obras desrespeitam símbolos, crenças e pessoas, o que não estaria em linha com a visão de mundo da instituição". Dias depois, entretanto, o Ministério Público Federal do RS concluiu que as obras da Queermuseu não faziam "nenhuma apologia ou incentivo à pedofilia" e recomendou a reabertura imediata da exposição pelo banco, o que não foi atendido.

Um dos líderes do MBL na época, Kim Katagiri, afirmou à BBC News Brasil que o grupo defendeu a liberdade de expressão e protestou contra a Queermuseu pelo mau uso de dinheiro público, via isenção fiscal, para algo "que não representa a maior parte dos valores da sociedade" e porque crianças estavam sendo levadas para a exposição por escolas "sem a anuência dos pais". Em 2017, se notava nitidamente movimentos de ataques em direção a artistas, centros de cultura, escolas, universidades e professores, em todo o país, com ameaças claras de discursos fascistas por meio de políticos de extrema-direita e pessoas ligadas as igrejas neopentecostais e igrejas evangélicas conservadoras. Segundo Fidélis, "isso que a gente chama de polêmica é o resultado de uma investida muito específica que começou com o MBL (Movimento Brasil Livre) e criou uma narrativa falsa para a exposição", disse o curador gaúcho.

**Figura 1.** Obras da exposição: "Criança viada travesti da lambada" e "Criança viada deusa das águas", de Bia Leite; e "Cruzando Jesus Cristo Deusa Schiva", de Fernando Baril.



**Fonte:** <https://glamurama.uol.com.br/museu-de-arte-do-rio-o-mar-veta-mostra-queermuseu-por-decisao-do-prefeito-do-rio/>

O encerramento precipitado da exposição gerou uma onda de revolta na internet, desta vez, por pessoas denunciando a censura e defendendo a liberdade de expressão. O cancelamento



causou comoção e repercussão internacional e uma movimentação jamais vista de pessoas que se mobilizaram para reabrir a Queermuseu no MAR (Museu de Arte do Rio de Janeiro), através de uma grande campanha de financiamento coletivo, idealizada pelo diretor da instituição na época, Fabio Szwarcwald. O *crowdfunding* captou mais de R\$1 milhão de reais com a contribuição de mais de 1.700 pessoas. Contou ainda com a venda de obras doadas por 70 artistas e show de Caetano Veloso para levantar recursos.

Embora toda essa movimentação, o então prefeito do Rio, Marcelo Crivella (que foi afastado e está em prisão domiciliar desde 2020), vetou a realização da exposição no MAR e afirmou por vídeo, em tons de deboche, que os planos de levar a exposição "de pedofilia e zoofilia" para o Museu de Arte do Rio (MAR) não iriam adiante. "Só se for no fundo do mar", afirmou à época. Após o anúncio, o prefeito encarregou à secretária de Cultura, Nilcemar Nogueira, que estudasse um meio de impedir a exposição. Entretanto, com toda a polêmica em torno da exposição, ela acabou sendo realizada na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, como afirmou Szwarcwald: "Nós somos uma escola de arte livre, que acredita no ensino aberto, não seriado, baseado no exercício de liberdade e na porosidade entre arte e todas as ciências. Como diz Mario Pedrosa, a arte é o exercício experimental da liberdade. A Queermuseu tem uma questão interessante sobre a nossa sociedade que deve ser conversada".

**Figuras 2 e 3.** A Queermuseu no Santander Cultural/RS (a esquerda) e no Parque Lage/RJ (a direita). Fotografias de Fredy Vieira/Santander e Tomaz Silva/Agência Brasil.



**Fonte:** <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/justica-diz-que-menores-de-14-anos-podem-visitar-exposicao-queermuseu.html>

A exposição no Parque Lage, no Rio de Janeiro, foi aberta ao público no dia 18 de agosto de 2018, um ano depois do fechamento prematuro em Porto Alegre. Este histórico da exposição se faz importante para compreendermos quais foram os motivos que impulsionaram a campanha que relataremos a seguir.



## CAMPANHA EU SOU RESPEITO

Respeito é um valor humano que acolhe, considera sentimentos, afetos e faz com que possamos nos relacionar e conviver em sociedade. Talvez o mais importante de todos os valores éticos e morais do ser humano. É um ato que leva o outro em consideração, que não expressa juízo de valor sobre o outro. É, sobretudo, respeitar leis, opiniões diversas, a liberdade de expressão e os direitos humanos. Não seria possível de outra forma. É preciso, muitas vezes, romper as próprias barreiras, superar preconceitos e compreender que nem tudo é como queremos ou pensamos. É como a empatia, pois o ser humano é plural, múltiplo, somos diferentes e diversos. Somos cores, gêneros, corpos, religiões diferentes. Somos ideias, ideologias, causas, pensamentos e universos distintos. Somos manifestações, expressões, sentidos. Somos e construímos nossos territórios diversos. E é preciso respeitar para que sejamos respeitados, livres e confortáveis seguindo as nossas escolhas.

A campanha nasceu justamente a partir do desrespeito e da intolerância, após acusações de ofensas a símbolos religiosos e apologia à pedofilia, causando grande repercussão mundial, atos que culminaram com o encerramento precoce da exposição Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira, no ano de 2017. O Ministério Público Federal do RS, através do Procurador da República Enrico Rodrigues de Freitas, da Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão, após receber inúmeras denúncias contrárias ao cancelamento da exposição, solicitou a reabertura imediata, ressaltando a adoção de medidas informativas de proteção à infância e à adolescência e a realização de duas novas exposições em temáticas similares, considerando que, *o fechamento abrupto da exposição, ainda que por alegadas situações de segurança, possuem um impacto negativo tanto em relação à liberdade artística, quanto em relação ao respeito e à diversidade.* Com vistas em apurar eventual lesão à liberdade de expressão, entendeu que o encerramento denotava cerceamento e, em acordo com o Banco Santander, estabeleceu que duas mostras deveriam ser realizadas no mesmo espaço: uma sobre mulheres e outra com as temáticas LGBTQIA+. Não conseguindo cumprir a realização das duas exposições propostas no Termo de Compromisso Consensual com o Santander - apenas uma das mostras foi realizada, intitulada “Estratégias do Feminino” - a empresa comprometeu-se a pagar multa, no valor de 50% do valor acordado, que foi convertida em três ações: a destinação de R\$150.000,00 à realização de três Paradas Livres, em 2021, 2022 e 2023; a publicação de



um edital destinado à distribuição de valores de R\$40.000,00 para cada projeto, a serem desenvolvimentos nas temáticas, entre outras, mulheres e população LGBTQIA+ no ano de 2021; e uma campanha regional, criada em parceria com os extintos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Metodista IPA (os cursos foram extintos em fevereiro de 2021), para divulgar a importância do respeito, a partir de depoimentos de pessoas que lutam pela igualdade, pela inclusão e pelo respeito às diversidades

**Figura 4.** Peças publicitárias da campanha com Valéria Barcellos e Alice Guarani. Fotos de Alex Ramirez e Felipe Paes.



Fonte: [www.eusourespeito.com](http://www.eusourespeito.com)

Com os desdobramentos do ocorrido, com a verba oriunda da multa, foi criada a campanha Eu Sou Respeito e a publicação de um edital destinando verbas a grupos, coletivos, organizações e instituições desenvolverem, ao longo de 2021, ações em direitos humanos nas áreas LGBTQIA+ e mulheres, bem como a publicização das ações desenvolvidas.

A campanha visou conscientizar sobre o respeito à diferença, à diversidade e aos grupos cujas expressões de gênero são vitimadas por violências físicas e simbólicas. Também, minimizar os discursos de ódio, combater a discriminação, rompendo com a intolerância e todas as formas de preconceito e violências decorrentes destes.

Com a direção criativa de Alex Ramirez (ex-professor dos extintos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda do IPA) e com produção executiva de Lisane Berlatto (MPF/RS), a campanha foi criada e planejada em conjunto com alunos da disciplina de Projeto Multimídia, nas aulas online, a partir de junho de 2020, em meio à pandemia de COVID19. No início, com o desafio proposto e com perspectivas sombrias do que poderia acontecer no decorrer dos meses pandêmicos, o projeto foi muito bem aceito pelo estudantes, onde todos se engajaram, entendendo a grandeza e a relevância da proposta.



Para a campanha, foram produzidas peças de mídia externa como *busdoors* (dez linhas de ônibus), dois *frontlights* e dez *outdoors*, todos em Porto Alegre. Foram criados site e redes sociais, além de ações estratégicas de marketing digital, assessoria de imprensa e a distribuição de camisetas da campanha para influenciadores, colunistas, editores e jornalistas. As peças publicitárias foram produzidas e veiculadas a partir de dezembro de 2020, sendo o lançamento oficial em 14 de janeiro de 2021, em live nacional pelo Youtube. Foram criadas peças publicitárias em fotografia e três vídeos com convidados (a cantora trans Valéria Barcellos, o professor e ex-árbitro de futebol Márcio Chagas e a ativista afro-indígena Alice Guarani). As peças foram produzidas a partir de relatos de pessoas que vivem cotidianamente a luta por seus direitos à diferença: indígenas, militantes de movimentos negros e à luta LGBTQI+.

Figura 5. Peças publicitárias da campanha com Valéria Barcellos, Márcio Chagas e Alice Guarani.



Fonte: [www.eusourespeito.com](http://www.eusourespeito.com)

Figura 6. Mídias externas: *Busdoor*, *Frontlight* e *Outdoor* na cidade de Porto Alegre.



Fonte: Banco de dados da campanha Eu Sou Respeito.

## CONCLUSÕES FINAIS

A experiência de ter realizado essa campanha de caráter social, a partir de um projeto acadêmico, interdisciplinar e transmidiático, foi muito gratificante para todos os participantes.



Esse foi o segundo trabalho realizado em parceria com o MPF/RS – em 2019 foi produzida a campanha Educar com Liberdade – e reforçou a ideia da importância da parceria de instituições como o MPF com as instituições de ensino. Estabelecer propostas reais, de projetos que articulem as questões da cidadania, da dignidade, da cultura e do respeito, faz com que os envolvidos se conectem a experiências concretas, de relevância para a sociedade, que articulem a teoria acadêmica com a prática, na busca de soluções reais e tangíveis. Atualmente, há a percepção de que os estudantes questionem as formas de ensino pelo meio online, o que não é nenhum impeditivo de construir projetos e novas perspectivas, pois estamos em um momento de repensar essas relações, de redesenhar novos métodos e propor desafios inovadores.

Hoje temos disponíveis muitos meios de interações, plataformas que propõem diferentes diálogos e uma nova forma de ensinar, aprender e pensar. Esses novos métodos são dinâmicos, assim como a comunicação e a cultura, pois são socializadores, capazes de modificar a forma de pensar e agir influenciando no processo de escolhas, de pertencimento e de identidade. Como nos diz Hall:

A identidade, na concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós mesmos” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “partes de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tantos os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (HALL, 2014, p.11).

Dessa maneira, temos que nos habituar a esses novos meios acelerados de interação para que haja uma construção pedagógica e de conhecimento mais conectado com o universo dos estudantes que lidam de uma forma muito rápida com esses processos. De acordo com Bourdieu (1996), "a cultura é o conteúdo substancial da educação, uma não poder ser pensada sem a outra". E afirma ainda, que a cultura é um elemento que nutre todo o processo educacional e que tem um papel de suma importância na formação de um indivíduo crítico e socializado.

Reforça-se aqui a compreensão de que, para os estudantes, projetos dessa grandeza são inclusivos. A criação de uma campanha real, a partir de problemas como o racismo, preconceito, ódio, intolerância, estabelece para os alunos uma maior consciência dos problemas estruturais da sociedade e o pensamento crítico necessário para um posicionamento mais digno e cidadão.

A provocação, as inquietações, os questionamentos, as incertezas, são combustíveis para que se criem ambientes cognitivos e propositivos onde essas reflexões sejam trabalhadas, tendo



em vista o exercício da responsabilidade, do engajamento e do comprometimento com as etapas e ações de trabalho. Essa campanha, sem dúvida alguma, foi uma experiência de construção de cidadania e de consciência política na busca de um mundo melhor e mais justo, despido de ódio e preconceitos. E a educação precisa ter esse papel fundamental: de estabelecer a troca do conhecimento e da aprendizagem, e também a inclusão social.

## **EQUIPE DE PRODUÇÃO:**

Coordenação de Enrico Rodrigues de Freitas (Procurador da República/MPF/RS);  
Produção executiva de Lisane Berlatto (Projetos finalísticos da PRDC/MPF/RS);  
Assessoria jurídica de Rodrigo Simões (PRDC/RS);

Direção criativa e fotografia de Alex Ramirez (Professor e fotógrafo);

Direção de Arte de Felipe Paes (Fotógrafo e filmmaker);

Assessoria de imprensa por Juliane Lucca (Jornalista);

Mídias Sociais por Ariete Fraga (Publicitária);

Professores convidados: Leo Maciel e Maria Lúcia Melão.

## **REFERÊNCIAS**

**BBC NEWSBRASIL** Matéria online. Disponível em:  
<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45191250>>. Acesso em: 12 abril 2021.

**GLAMURAMA** Matéria online. Disponível em: <<https://glamurama.uol.com.br/museu-de-arte-do-rio-o-mar-veta-mostra-queermuseu-por-decisao-do-prefeito-do-rio/>>. Acesso em: 12 abril 2021.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução de Tomaz Tadeus da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

**JOVEM PAN** Matéria online. Disponível em:  
<<https://jovempan.com.br/noticias/brasil/justica-diz-que-menores-de-14-anos-podem-visitar-exposicao-queermuseu.html>>. Acesso em: 12 abril 2021.



## PROCESSOS FONOLÓGICOS PERCEBIDOS DURANTE A LEITURA DE UM TEXTO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO POR FALANTES DE TRÊS DIFERENTES NACIONALIDADES

PHONOLOGICAL PROCESSES PERCEIVED DURING THE READING OF A TEXT IN  
BRAZILIAN PORTUGUESE BY SPEAKERS OF THREE DIFFERENT NATIONALITIES

Pietra da Ros Roig da Silva; Lovani Volmer; Rosemari Lorenz Martins

Universidade Feevale

**Resumo:** Foi a partir da crescente demanda por inserção social de migrantes e refugiados que chegavam ao Brasil que foi criado, na Universidade XXXXXXXX, o projeto "O Mundo em XX: refugiados e migrantes - uma questão de Direitos Humanos", em que ocorrem, entre as atividades, oficinas semanais que contam com aulas de Língua Portuguesa, ministradas para todos os migrantes inscritos, sem separação de turma. Nesse contexto multicultural e multilíngue, e em uma tentativa de identificar algumas das influências interlinguísticas das línguas maternas dos beneficiados na aprendizagem do português, que ocorreu a gravação de áudios de leitura do português brasileiro, doravante PB, de três homens adultos que participam do projeto, de diferentes nacionalidades. Resultados parciais com base nas análises dos sistemas fonéticos de seus idiomas maternos indicam suas relações na interferência ao lerem, oralmente, um texto breve em PB.

**Palavras-chave:** Interferências interlinguísticas. Fonética. Refugiados e migrantes. Língua adicional.

**Abstract:** It was from the growing demand for social inclusion of migrants and refugees arriving in Brazil that was created, in XXXXXXXX University, the project "O Mundo em XX: refugiados e migrantes - uma questão de Direitos Humanos", in which, among the activities, weekly workshops are held that include Portuguese language classes, taught to all enrolled migrants, without separation in classes. In this multicultural and multilingual context, and in an attempt to identify some of the Portuguese language influences by the mother tongues of those benefited in learning Portuguese, which took place the recording of Brazilian Portuguese, hereinafter PB, reading audios of three adult men participating in the project, of different nationalities. Partial results based on analyses of the phonetic systems of their mother tongues indicate their relationship to interference when reading, orally, a short text in PB.

**Keywords:** Interlinguistic interferences. Phonetics. Refugees and migrants. Additional language.

### INTRODUÇÃO

O número crescente de migrações com destino ao Brasil suscitou uma série de ações que visam à inserção social daqueles que chegam, especialmente a partir da garantia de seus direitos. Com base nessa necessidade foi criado, em 2016, o projeto "O Mundo em XX: refugiados e migrantes – uma questão de Direitos Humanos", contexto multicultural e multilíngue em que ocorreu a presente pesquisa. Com uma metodologia com enfoque na leitura oral do português brasileiro em uma oficina de português como língua adicional, e com base nas relações entre as línguas maternas de três beneficiados e a língua-alvo que estudavam, foi feita a análise a seguir,



que identificou os processos fonológicos presentes na leitura desses falantes, com idades aproximadas e de três países distintos, e os relacionou às outras línguas que falam, a fim de justificá-los e caracterizá-los, compreendendo melhor as relações entre os idiomas.

## **A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA ADICIONAL**

A complexidade presente na aprendizagem de uma língua adicional pode ser causada por diversos fatores que devem ser considerados nessa situação, como idade, cultura, nível de escolaridade e, especialmente, língua materna, por exemplo. Muitos estudos, como é o caso do Gerativismo, de Noam Chomsky (1955), afirmam existir um período crítico de aprendizagem e que, por volta dos doze anos, o aprendizado de línguas pode se tornar mais difícil. A questão fonológica tem grande importância nesse momento: a parte física do adulto já está adaptada a pronunciar sons comuns ao seu idioma. Quando aprende outra língua, pode se deparar com novos sons, incomuns a sua língua materna, que precisam ser aprendidos. Conforme Motter (2007):

A dificuldade em pronunciar sons novos que não constam na LM e até mesmo a dificuldade de distinguir sons semelhantes, existentes em ambas as línguas, faz com que as marcas da Língua Materna na Língua Estrangeira se apresentem com mais facilidade, surgindo, assim, uma fala com sotaque ou até, inclusive, com desvios de pronúncia. (MOTTER, 2007, p.80)

Flege (1995) e Stranger e Shafer (2008) falam sobre a pronúncia em língua adicional, que tende a ser marcada pelo sotaque estrangeiro, especialmente quando o caso se trata de falantes adultos sem um treinamento articulatório direcionado. Esse sotaque pode resultar de uma percepção inadequada dos sons da língua que estão aprendendo. A dificuldade para se adequar aos padrões da nova língua pode variar de acordo com a relação que existe entre a língua alvo e a língua nativa do aluno. Se os sons entre as duas línguas forem similares, a probabilidade de uma associação bem sucedida por parte do aprendiz é maior. Quando os sons possuem maiores diferenças, é provável que acabem por ser alocados em categorias distintas e reconhecidos como novos sons, como afirmam Flege (1995) e Best e Tyler (2007).

## **CONTEXTUALIZAÇÃO: O PROJETO “O MUNDO EM XX: REFUGIADOS E MIGRANTES – UMA QUESTÃO DE DIREITOS HUMANOS”**

O presente trabalho foi originado em um contexto multicultural e multilíngue, que surgiu como forma de suprir a demanda por grupos de apoio que assistissem a refugiados e migrantes



que têm o Brasil como país de destino. Como signatário da Convenção da ONU (1951) relativa ao Estatuto dos Refugiados, o Brasil compromete-se internacionalmente em prestar auxílio humanitário aos refugiados em temas como moradia, educação, direito ao trabalho e não devolução. Assim sendo, foi criado, em 2016, na Universidade XXXXXXXX, o projeto “O Mundo em XX: refugiados e migrantes – uma questão de Direitos Humanos”, que atendeu mais de 80 beneficiados provenientes de 10 países, sendo estes Haiti, Senegal, Palestina, Filipinas, Argentina, Venezuela, Chile, Turquia, Colômbia e Suécia. Em 2021, o projeto une-se ao projeto "Educação em Direitos Humanos" e, juntos, integram o "Centro de Educação de Direitos Humanos - CEDUCA DH".

Ao unir interdisciplinarmente os cursos de Direito, Letras, História, Pedagogia, Psicologia, Fotografia e Enfermagem, ocorria a oferta de atendimento jurídico e psicossocial, bem como oficinas de Língua Portuguesa, História e Realidade Brasileira, Fotografia e Psicologia, que se mantiveram durante o "CEDUCA DH". Essas oficinas ocorriam, anteriormente à pandemia por COVID-19, durante as quartas-feiras à noite, com Oficinas de Língua Portuguesa na primeira parte da noite e, para a segunda, intercalam-se quinzenalmente as demais, como meio para que os beneficiados tenham interação com a sociedade acadêmica. Também ocorria o envio de materiais por meio do grupo de WhatsApp, propondo debates e abrindo um espaço para responder dúvidas, método que se intensificou após a situação pandêmica, contando, também, com vídeochamadas semanais. Na prática, após levarem seus documentos, cada um ganha um cartão Feevale, que os permite utilizar o ônibus da instituição gratuitamente, bem como retirar empréstimos da biblioteca. O grupo é de refugiados e migrantes de 7 a 45 anos, que estão de 1 mês há 18 anos no Brasil, sem divisão de turmas. As aulas são preparadas de acordo com as necessidades que trazem. A turma de 2017, por exemplo, era composta majoritariamente de haitianos e senegaleses, e pediam pela gramática normativa e questões de ENEM. Hoje, muitos deles não assistem mais às aulas do projeto. O motivo é feliz: passaram em vestibulares e estão estudando como acadêmicos. Outras turmas pediam que a língua coloquial fosse ensinada, de forma que, pelo projeto acontecer no Rio Grande do Sul, o verbo “tu” é utilizado como pronome de tratamento (“tu sabe”, “tu faz” e “tu conta”), sempre com o alerta de que, conforme a norma culta, a conjugação em segunda pessoa do singular é diferente.

A diversidade é, também, cultural. Um fator que influencia no planejamento é, por exemplo, o período de Ramadã, jejum comum aos muçulmanos. Durante estas semanas, não





são tratadas temáticas como típicas brasileiras. Por conta desses fatores, não há um material fixo para as oficinas, e cada aula é produzida em uma discussão entre a bolsista do curso de Letras e a professora que a orienta, de mesmo curso, com base em cada aula anterior. É, também, maneira de efetivar a formação docente, dando prática à teoria vista em sala.

Nesse contexto foram discutidas as influências interlinguísticas na leitura do português brasileiro, doravante PB, de três adultos multilíngues beneficiados do projeto, de diferentes origens, tendo como objetivo geral verificar em que medida o sistema fonético de suas línguas maternas interfere em sua leitura oral em PB.

## DA METODOLOGIA

O estudo de caso para este trabalho foi realizado com três adultos do sexo masculino entre 30 e 45 anos de idade e de diferentes países de origem, que residem no país entre 7 meses e 1 ano. O falante venezuelano fala espanhol e português, o falante haitiano fala crioulo haitiano, francês e português, e o falante turco fala turco, inglês e português.

Em uma das oficinas de Língua Portuguesa, cada aluno leu, em voz alta, um parágrafo curto de uma história. A bolsista realizou a gravação de cada leitura, a fim de aprofundar os estudos aqui presentes. Para tanto, foram utilizados como instrumentos para a coleta de dados uma coletânea de parábolas produzida pela acadêmica bolsista e o microfone do aparelho celular da mesma. Posteriormente, os áudios foram catalogados e divididos. Após escuta atenta, foram relacionados os processos fonológicos envolvidos, com base em estudos da Linguística Contrastiva, que estuda o sistema linguístico de aprendizes de língua estrangeira (LE) em relação a sua língua materna (LM). Foram considerados, para tanto, os seguintes processos fonológicos; plosivização, monotongação inicial, posteriorização, nasalização, desnasalização, assimilação, posteriorização, sonorização, dessonorização, substituição de líquida, anteriorização, epêntese, semivocalização de líquida e apagamento de líquida final.

É importante ressaltar que a língua é viva e quem a define são os seus falantes. O português brasileiro, por exemplo, possui variações linguísticas nos vários estágios de sua evolução. Isso se deve à incorporação de palavras e aspectos culturais de outros idiomas. Um exemplo disso são as palavras de origem indígena, como é o caso de ARARA, bem como palavras de origem italiana, francesa ou alemã.



## OS FALANTES E A LÍNGUA PORTUGUESA

O falante venezuelano é um homem que se comunicava apenas em espanhol antes de integrar o Projeto. A língua portuguesa, da mesma forma que o espanhol, passou por um processo de formação até se constituir no que hoje é o português brasileiro. Processo, este, que releva o contexto sócio-histórico e cultural onde a língua sofre adaptações. Para uma análise crítica das interferências interlinguísticas do espanhol no português brasileiro, foi considerado o contraste fonético dessas duas línguas, a partir de Mantoani (2012), que, entre suas afirmações, expõe que o espanhol não possui a pronúncia [z], mas o português, sim. Pressupõe-se, portanto, que um falante natural do idioma espanhol possa ter dificuldades para pronunciar algumas palavras ao aprender o português brasileiro. A Tabela 1 traz o contraste fonético entre o português e o espanhol.

**Tabela 1.** Contraste português-espanhol

Pronúncia	Português		Espanhol	
	Letras	<sup>3</sup> Exemplo	Letra	Exemplo
[s]	C	<i>Céu</i>	C	<i>Celo</i>
	Ç	<i>Caça</i>	S	<i>Casa</i>
	X	<i>experiência</i>	X	<i>Texto</i>
	S, SC, SÇ, SS	<i>sala; nasce; cresça; posso</i>		
	Z	<i>fiz</i>	Z	<i>Zapato</i>
[z]	S	<i>Casa</i>	Pronúncia inexistente	
	Z	<i>Azar, asma</i>		
[x]	R	<i>roupa; carro</i>	G	<i>General</i>
			J	<i>Caja</i>
[r]	R	<i>Era</i>	R	<i>Era</i>

Fonte: Mantoani (2012).

O áudio de 9 segundos gravava a leitura da seguinte frase: “Já na sala, sentou-se numa poltrona para descansar e ler um pouco enquanto o voo não era chamado. A transcrição fonética



foi: [‘dʒa ‘nɔ ‘sɒb, sɛ’to-si ‘numɔ pol’troɛ ‘para dʒis’kɔsar i ‘ler ‘un ‘pouko ẽ’qwɛtu a ‘bou ‘nau ‘era ʃɛ’madu].

Em relação ao falante do Haiti, deve-se ressaltar que o crioulo haitiano, assim como o português brasileiro e o espanhol, conforme tratado anteriormente, pode ser caracterizado como uma língua mista, devido à sua formação ter se dado por mais de uma base; além disso, os imigrantes haitianos, por serem oriundos de diferentes regiões do Haiti, falam, ou pelo menos têm contato, com mais de uma língua, incluindo o francês, o espanhol e o inglês. No caso do falante 2, homem, proveniente do Haiti e entre 30 e 45 anos, é fluente em crioulo haitiano e tem noções avançadas de francês.

O áudio de 13 segundos contém a leitura da frase: “O homem havia dividido os biscoitos dele sem se sentir revoltado ou indignado enquanto ela bufava de ódio por julgar errado a situação.” Sua transcrição fonética foi: [‘w ‘omen avi’a divi’didu os bis’coitos ‘deli ‘sen ‘si [ʃɛti ‘levoltado ‘o endi’ɲadu ẽ’kudɔ ‘ela bu’fava ‘di ‘ɔdiu ‘pol jul’gal e’ladɔ ‘a situa’zãw].

Sobre o falante da Turquia, sabe-se que a língua turca tem 28 fonemas. Underhill (1976) afirma que a sílaba tônica do turco pode ser melhor descrita como um acento tal, ou seja, um tom mais alto na sílaba acentuada, tal como no português brasileiro. No entanto, a sílaba tônica, em turco, jamais é a última, ou seja, pode ser considerada uma língua sem oxítonas. É similar ao português brasileiro, também, por excluir a última consoante ou um conjunto de consoantes na língua falada. A palavra “baş” (cabeça) é pronunciada como [‘ba], bem como acontece em “pensar” → [pɛ’sa].

No áudio de 30 segundos, a leitura é do seguinte parágrafo: “Já dentro do avião, ele sentou-se à sua poltrona e, para a sua surpresa, seu pacote de biscoitos estava intacto em sua bolsa. A vergonha e sentimento de culpa vieram à tona no vermelho da sua face, e não havia mais como se desculpar.” Sua transcrição fonética foi: [‘ʒa dɛ’tro ‘do avi’ao, ‘ele sɛ’to-se ‘a ‘sua ‘powtrona ‘i, ‘para ‘sua swr’presa, ‘sew pa’kotʃi ‘dʒi biz’koitoz es’tava in’takto ‘in ‘sua ‘bolsa. ‘a ver’goɲa ‘i senti’mɛ’to ‘di ‘kɔlpa vi’eron ‘a ‘tona ‘nu ver’mɛɔ ‘da ‘sua ‘face ‘i. ‘nao a’via ‘mais ‘comu ‘si des’kɔlpa].

## CONCLUSÃO

Em relação à análise da leitura do falante venezuelano, o primeiro processo identificado foi uma palatalização, em que o falante por questões de articulação bucal, transformou “já” em



[‘dʒa ], na primeira palavra da frase. Na palavra que se seguiu, percebe-se uma nasalização da contração “na”, que foi transcrita como [‘nɐ̃], ou seja, foi dada nasalidade à vogal oral. Também foi percebida uma plosivização, processo em que substitui uma consoante fricativa por uma consoante plosiva. No caso do falante 1, houve uma troca [v] → [b]. Assim, a palavra “voo” teve como transcrição fonética [‘bou]. O oposto do que houve em “na” ocorreu em “não”; houve uma desnasalização. A palavra, originalmente nasal, foi pronunciada de forma oral, tendo como transcrição [‘nau]. A palavra “poltrona” teve ênfase na letra <l>, como é comum do idioma espanhol, de acordo com Santos (2016) em sua pesquisa.

O falante haitiano teve primeira interferência identificada na palavra “homem”, que marcava bem o som de “n” ao final da palavra. Em relação a isso, percebe-se que não há correspondente fonológico para <h> no francês, o que se assemelha ao português. Pensando na mesma palavra, “homem”, em francês, existe "homme". É possível que a ênfase no final da palavra ocorra como meio de estabelecer essa diferença da presença da letra “m” ao final da palavra. Também foi dada ênfase à letra “o” em palavra como “os”, “divididos” e “biscoitos”, tendo suas transcrições como [‘os] , [dividi’dos] e [biscoi’tos]. Essa ênfase trata-se de uma tendência que também abrange palavras escritas com acento circunflexo, e que no francês não se faz mais a diferença entre /o/ e /ɔ/, como em hôpital e hôtel. Uma posteriorização ocorre, em seguida, na palavra “sentir”, transcrita como [ʃɛ̃. ’tir], onde uma consoante alveolar é substituída por uma fricativa velar.

As letras “gn”, quando juntas, também geraram um som diferente. A palavra “indignado” teve como transcrição [endi’ɲadu]. Conforme o glossário Cotinguiba (2018), que relaciona crioulo haitiano ao português brasileiro, as palavras dyagnostik (diagnóstico) e ligne (linha), que também possuem as letras “gn” em conjunto, são pronunciadas com o som de [ɲ]. Pode ocorrer, nesse caso, uma assimilação, ou seja, aproximação entre dois fonemas. A desonorização da palavra “enquanto” também se destaca na transcrição [ɛ̃’kɔ̃ndu], onde [t] → [d], logo, uma consoante vozeada torna-se desvozeada.

A substituição de líquida traz um ponto interessante, quando se troca uma consoante líquida por outra [r] → [l]. É o caso de “por” e “julgar”, que ficam [‘pol] e [jul’gal], respectivamente. Isso ocorre porque o segmento /r/ não está presente no crioulo haitiano e, por similaridade, pode ser percebido como /l/. Assim, não é como no português, que diferencia a vibrante /r/ e o tepe /r/, como em carro e caro. Martins (2013) afirma que essa substituição tende



a ser frequente entre o grupo de haitianos com os quais realizou a pesquisa. No entanto, na palavra “errado”, as coisas acontecem um pouco diferente. O som é /r/, bem como existe no francês como em “errer” (perambular) e “arriver” (chegar). No entanto, é possível que possa ter havido uma confusão, uma vez que a letra “r” ainda pode ser motivo de incógnita nesse processo, como também ocorre em “revoltado”, transcrito como [revou’tadu]. Por fim, foi percebida uma posteriorização em “situação”, de transcrição [situa’zãw].

No caso do falante turco, apesar do áudio ser mais comprido, menos interferências foram identificadas. Uma desnasalização é percebida nas palavras “avião” e “não”, que foram transcritas como [avi’au] e [‘nau], mostrando a passagem de um som nasal a um som oral. O apagamento da líquida final, como previsto quando comentado que a língua turca falada pode excluir a última consoante, foi observado na palavra “desculpar”, que se tornou [dzis’kulpã]. As palavras “dentro” e “biscoitos” tiveram forte ênfase ao final, tendo suas transcrições como [‘dõ.tro] e [bis’koito]. Uma vez que a língua turca não possui oxítonas, isso pode indicar uma tentativa de identificação de sílaba tônica na língua adicional.

A pesquisa ainda está em fase de desenvolvimento, e seus resultados parciais servem de base para as próximas etapas.

## REFERÊNCIAS

BEST, Catherine; TYLER, Michael. **Nonnative and second-language speech perception: commonalities and complementarities.** In.: MUNRO, Murray; BOHN, Ocke-Schwen. *Language experience in second language speech learning: in honor of James Emil Flege.* Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamin’s Publishing Company, p. 13 – 34, 2007.

COTINGUIBA, M. L. P.; COTINGUIBA, G. C. ANDRETTA, P. I. S. (Organizadores). **Bon Bagay – Glossário Português-Crioulo Haitiano = Bon Bagay – Glosè Kreyòl Ayisyen-Pòtigè.** Prefácio de Oibrillant Damus. Porto Velho: Temática, 2018. Disponível em: < [http://www.mimcab.unir.br/uploads/28282828/arquivos/BON\\_BAGAY\\_GLOS\\_Krey\\_1\\_Ayisyen\\_P\\_tig\\_712505305.pdf](http://www.mimcab.unir.br/uploads/28282828/arquivos/BON_BAGAY_GLOS_Krey_1_Ayisyen_P_tig_712505305.pdf) >. Acesso em 02 abr. 2018

CHOMSKY, Noam. **The logical structure of linguistic theory.** Manuscript. Published in 1975 by Plenum Press, New York. 1955.

FLEGE, James Emil. **Second language speech learning theory, findings, and problems.** In.: STRANGE, Winifred (ed.). *Speech perception and linguistic experience: issues in cross language research.* Timonium, MD: York Press, 1995.

MANTOANI, V. C. ; AGUILERA, V. A. . **Aspectos fonéticos-fonológicos do português brasileiro no discurso de falantes naturais da língua espanhola.** In: IX SEPECH –





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas, 2012, Londrina. SEPECH – IX Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas – Livro de resumos, 2012.

MARTINS, Maria da Graça. **A aquisição da Língua Portuguesa por Imigrantes Haitianos em Porto Velho.** Dissertação (Mestrado)– Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2013.

MOTTER, Rose Maria Belim. **Reflexões sobre o ensino de línguas estrangeiras na infância.** *Revista Educere et Educare*, Cascavel, v.2, nº 3, p.79-87, jan./jun.2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Convention relating to the Status of Refugees.** GA/RES 2198 (XXI). 1951.

SANTOS, João Paulo Araujo dos. **Interferências fonético-fonológicas do espanhol no discurso de hispanofalantes aprendizes de português.** 2016. 44 f., il. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras Português) - Universidade de Brasília, 2016.

STRANGE, Winifred; SHAFER, Valerie. **Speech perception in second language learners.** In.: EDWARDS, Hansen Jett; ZAMPINI, Mary. *Phonology and Second Language Acquisition.* Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008.

UNDERHILL, Robert. (1976) **Turkish grammar.** Cambridge, Massachusetts & London, England: MIT Press





## A CONSTRUÇÃO DE NOVOS CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS E OS DESAFIOS DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR REMOTO

### THE CREATION OF NEW PEDAGOGICAL KNOWLEDGE AND THE TEACHER'S CHALLENGES IN HIGHER EDUCATION OF ONLINE EDUCATION

Laís Bueno Tonin (Faculdade Alfa); Dayane Horwat Imbriani de Oliveira (Universidade Estadual de Maringá); Elisangela Alves dos Reis (Faculdade Alfa)

**Resumo:** Em tempos de pandemia as práticas pedagógicas ordinárias e intervenções no processo de ensino-aprendizagem são ressignificadas, sobretudo no Ensino Superior. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a interface entre a construção de novos conhecimentos adquiridos pelos docentes e os desafios enfrentados com a implantação e adaptação do ensino remoto no Ensino Superior em 2020. A metodologia de natureza quantitativa, buscou a partir de um recorte de questionário de 4 perguntas de múltipla escolha, aplicado a 33 docentes de 6 cursos, sendo (3) tecnólogos, (2) bacharéis e (1) licenciatura, responder a seguinte problemática: Quais são os novos conhecimentos adquiridos, bem como os desafios enfrentados pelos docentes do Ensino Superior no que se referem a implantação do ensino remoto em tempos de pandemia? Os resultados revelam que a necessidade de adaptação e os desafios que permeiam esse cenário, culminam na construção de novos conhecimentos docentes, como a utilização de ferramentas síncronas e assíncronas, inclusive algumas utilizadas anteriormente, apenas para entretenimento.

**Palavras-chave:** Palavra. Ensino superior. Formação continuada. Docentes 3. Ensino remoto.

**Abstract:** During the COVID-19 pandemic, ordinary teaching practices and actions in the teaching-learning process are reframed, mainly in higher education. In this sense, this research aims to analyze the interface between the construction of new knowledge acquired by teachers and the challenges faced with the implementation and adaptation of remote education in higher education in 2020. The quantitative methodology was adopted and through four questions of an applied multiple choice questionnaire for 33 teachers from 6 different higher education courses, which are (3) technologists, (2) bachelors and (1) teacher certification programs, the follows problematization was answered: What are the new knowledge acquired, as well as the challenges faced by higher education teachers regarding the implementation of remote education in times of pandemic? The results demonstrated that adaptation was needed and the challenges that are in this contexto, add to construction of new teaching knowledge.

**Keyword:** Higher education. Teacher continued education. Teachers. Remote Teaching.

## 1 INTRODUÇÃO

A partir de 2020 vivenciamos, em decorrência da pandemia gerada pela COVID-19, momentos incertos e atípicos que fomentam grandes transformações nos mais diversos cenários da sociedade brasileira. Em âmbito educacional, as práticas pedagógicas ordinárias estão sendo rapidamente repensadas a partir das restrições de presencialidade e a necessidade de continuar oportunizando aos alunos o processo de ensino- aprendizagem.



Nesse contexto, o Ministério da Educação (MEC) do Brasil, publicou as portarias nº 343 e nº 345 em março de 2020 que autorizaram a adoção das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) nos processos de mediação de uma nova forma de organização das aulas, de todos os níveis de educação, nomeada como Ensino Remoto. É importante reconhecermos que essa nova modalidade possui caráter emergencial, isto é, foi implantada e vem sendo aperfeiçoada em processos intensos e contínuos pelas instituições de ensino de todo nosso país, a fim de nortear práticas pedagógicas não presenciais.

De acordo com (ANTONIO MOREIRA; SCHLEMMER, 2020) o Ensino Remoto é caracterizado pelo distanciamento geográfico de estudantes e professores e essa modalidade está sendo adotada sobretudo, em tempos de pandemia para que as atividades pedagógicas e as intervenções no processo de ensino-aprendizagem não sejam interrompidas. Além disso, no ensino remoto são realizadas atividades que privilegiam os conteúdos que já estavam nos currículos dos cursos presenciais, por meio de aulas síncronas e assíncronas.

Sob esses pressupostos, o presente trabalho tem como objetivo analisar a interface entre a construção de novos conhecimentos adquiridos pelos docentes e os desafios enfrentados com a adaptação necessária e repentina no período de implantação do ensino remoto, mediante análise de dados e cotejamento de pesquisa realizada com os professores da Instituição de Ensino Superior (IES), que tratamos nesse relato de experiência. Assim, levantamos a seguinte problemática: Quais são os novos conhecimentos adquiridos, bem como os desafios enfrentados pelos docentes do Ensino Superior no que se refere a implantação e adaptação do ensino remoto em tempos de pandemia?

Para materializarmos as práticas pedagógicas ordinárias do Ensino Superior, o modo como a construção de novos conhecimentos tem ocorrido a partir do ensino remoto e os desafios metodológicos desse processo, elegemos o gênero textual relato de experiência. Esse gênero textual-discursivo nos permite a construção de um texto que representa as situações vividas, bem como, que essas situações vividas sejam postas em discurso (SCHNEUWLY e DOLZ, 2010).

## 2 METODOLOGIA

Esta pesquisa de natureza quantitativa foi desenvolvida no âmbito de uma IES, localizada no Noroeste do Paraná, e que atualmente possui seis cursos de ensino superior presenciais,





sendo (3) tecnólogos, (2) bacharéis e (1) licenciatura, cerca de 250 alunos matriculados, e 33 docentes atuantes no primeiro semestre de 2020.

A aplicação da pesquisa se deu no período de finalização do primeiro semestre de 2020, durante a última semana do mês de junho. Os dados foram coletados por meio de questionário na plataforma *Google Forms*, ao qual para este estudo realizamos um recorte de quatro questões de múltipla escolha que se referem, especificamente, ao eixo de construção de novos conhecimentos.

Os dados foram analisados, codificados, cotejados, interpretados e apresentados de forma quantitativa, à luz do referencial teórico, apresentados na seção 3.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme o Decreto nº 4.230 publicado pelo Governo do Estado do Paraná, a suspensão das aulas presenciais aconteceu a partir do dia 20/03/2020. Na IES proveniente desse relato de experiência, os três coordenadores de cursos e a direção acadêmica dessa instituição, iniciaram a construção do Plano de Estudos de Ensino Remoto para esse período, além da elaboração de comunicados pedagógicos textuais aos docentes e discentes que normatizaram a prática pedagógica e o Ensino Remoto.

Aos docentes o Comunicado Pedagógico solicitou a gravação de 2 videoaulas com a indicação de duração de 15 minutos no máximo, referente as duas semanas de conteúdo que ainda faltavam para concluir o primeiro bimestre e a elaboração de uma atividade para ser postada na plataforma do sistema acadêmico, além de tutorial escrito de como gravar e realizar *upload* dos vídeos em *drive* da IES. Para os discentes foi elaborado um material normativo, denominado de Comunicado Pedagógico, que orientava sobre datas e disponibilização das videoaulas por meio da plataforma de vídeos Vimeo, pois a IES adquiriu um plano de sistema privado de vídeos.

As aulas foram disponibilizadas através de duas plataformas, a primeira delas uma plataforma integrada ao sistema acadêmico de gestão geral, financeiro, biblioteca e o módulo EAD da Faculdade, que tem a aplicação dos 20% da modalidade a distância, além disso, também tem repositório de conteúdos de apoio para as disciplinas presenciais, sendo para arquivos de textos digitais que são utilizados em sala de aula. No entanto, essa plataforma tem uma parametrização de difícil escalonamento, ou seja, para cadastros de materiais audiovisuais



e parametrização de ambiente virtual para cada disciplina dos seis cursos de ensino superior, levaria muito tempo para que o aluno tivesse acesso aos materiais didáticos e conteúdos digitais que precisavam ser disponibilizados com urgência.

Portanto, a plataforma do sistema acadêmico, continuou sendo utilizada para a disciplina a distância dos 20% que não teve nenhum prejuízo no seu percurso didático com a suspensão das aulas presenciais, e para além disso, continuou sendo repositório de arquivos de textos das disciplinas que eram anteriormente ministradas na modalidade presencial.

Para concluir o primeiro bimestre, a semana de avaliações passou a ser instituída com a nova plataforma do aluno, integrada ao site da IES, que foi desenvolvida por um coordenador de curso, da área de ciência da computação, possibilitando de forma mais ágil cadastrar videoaulas, cadastrar provas com questões descritivas e objetivas, possibilitava o aluno enviar suas atividades, e logo ao professor a realizava o *download* para correção.

Dessa forma, o segundo bimestre foi organizado nessa nova plataforma, para que o aluno tivesse acesso as aulas previamente gravadas pelo professor, chamadas de aulas conceituais, que se referiam aos conteúdos propostos no plano de ensino, sem prejuízo ou diminuição de carga horária, e elaboração de três etapas de atividades por disciplinas.

A IES realizou um cadastro no *Google Education*, para terem acesso a ferramenta de videoconferência *Google Meet* e assim, proporcionar aos docentes a possibilidade de transmitir suas aulas ao vivo, no mesmo dia da semana em que ministravam no presencial. Contudo, a carga horária síncrona estabelecida foi de uma hora de aula por noite, pois como o aluno já tinha o conteúdo de forma assíncrona, por meio de videoaulas conceituais, o momento síncrono por videoconferência tinha como objetivo sanar dúvidas dos conteúdos e atividades, bem como promover a interação e intervenção entre aluno e professor.

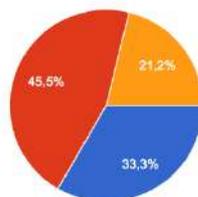
A transposição do conteúdo presencial para o ensino remoto, constituiu-se de um processo centrado no conteúdo, com foco nos saberes e nas formas de transmissão desses saberes, ou seja, diante aos desafios foi necessário a construção de novos conhecimentos. Por isso, na finalização do semestre, buscou-se identificar quantitativamente como foi o processo de construção desses novos conhecimentos dos docentes, no que diz respeito ao uso das tecnologias no ensino remoto ao qual apresentaremos a seguir alguns recortes dos dados levantados:



## Gráfico 1. Questão sobre novos conhecimentos

Você precisou aprender algo novo sobre tecnologia, para iniciar as aulas remotas online?

33 respostas



- Sim, precisei aprender o que eram os programas/aplicativos.
- Já conhecia as ferramentas, mas precisei aprender como usá-las.
- Não precisei aprender muita coisa nova, pois j...
- Não precisei aprender nada, pois já tinha muito...

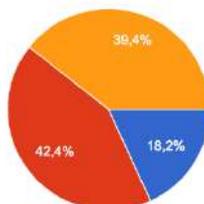
Fonte: pesquisa realizada pela IES (2020).

O gráfico 1 desvela que 33,3% docentes externalizaram que tiveram que aprender o que eram os programas e aplicativos apresentados pela IES para dar andamento ao ensino remoto, seguido de 45,5% que já tinham ouvido falar da ferramenta, mas não sabiam como usá-la, para tanto, no início do segundo bimestre, a IES elaborou tutoriais em vídeo para explicar o passo a passo da transmissão e gravação de aulas para que o docente aprendesse a transmitir aulas por meio de videoconferência. E por fim, 21,3% declararam que não precisaram aprender muitas coisas novas. E ninguém respondeu que não precisou aprender nada, pois já tinha muito conhecimento.

## Gráfico 2– Questão se já sabiam trabalhar com os programas

Quando as aulas remotas começaram, você já sabia trabalhar com todos os programas/aplicativos e suas funções para videoconferência?

33 respostas



- Sim, já conhecia os programas/aplicativos para videoconferência e suas funções.
- Não conhecia os programas/aplicativos para videoconferência e suas funções
- Conhecia os programas/aplicativos, mas não conhecia todas as funções

Fonte: pesquisa realizada pela IES (2020).

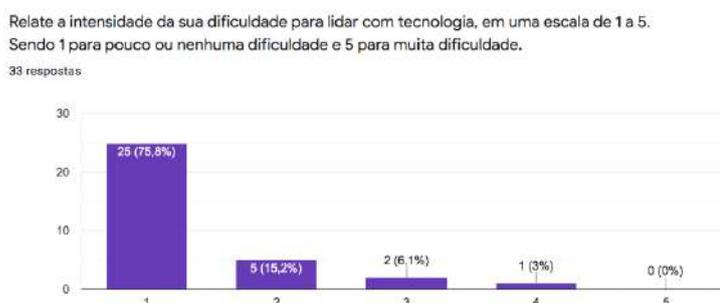
Ainda sobre o conhecimento de programas, aplicativos e funções para videoconferência o gráfico 2 nos revela que um percentual de 18,2% respondeu que já conheciam as funções dos programas utilizados para as aulas, seguido de 39,4% que declararam conhecer os programas, mas não todas as suas funções, e por fim, a maioria de 42,4% não conheciam nem os programas



e nem suas funções, revelando novamente que novos conhecimentos foram adquiridos na fase de implementação do ensino remoto.

Em relação a aproximação que o professor considerou ter com a tecnologia também foi medida em uma escala, como demonstra a figura abaixo.

**Gráfico 3** – Escala de dificuldade com a tecnologia



**Fonte:** pesquisa realizada pela IES (2020).

Quanto as dificuldades e desafios para lidar com a tecnologia, identificamos que um percentual de 75,8% declarou não ter dificuldade com tecnologia, seguido de 15,2% que externalizaram ter alguma dificuldade, e 6,1% uma dificuldade média, seguido de 3% que declararam ter dificuldade em se relacionar com a tecnologia.

Ao resgatar a literatura acerca da construção de novos conhecimentos, que tem suas raízes nas teorias interacionistas, para Piaget as interações possibilitam o indivíduo a internalizar o conhecimento de forma individual, bem como, por meio de socialização. Para o autor, a aquisição de conhecimento por meio da interação entre sujeito e objeto, indica que é necessário que ocorra a prática social por meio da cooperação como método de socialização e de construção do conhecimento, porque isso exige intercâmbio de pensamento e cooperação com os demais (PIAGET, 1977). É importante destacar que a socialização de novos conhecimentos ocorre tanto de forma presencial, como também a distância por meio de ferramentas tecnológicas que propiciam interação.

Portanto, considera-se que a interação entre a coordenação pedagógica e os docentes, e a socialização dos materiais elaborados em forma de tutorial e socializados com os docentes por meio de *WhatsApp*, possibilitaram a construção de novos conhecimentos, no entanto, observa-se que há um desafio constante e necessário para educação pós-pandemia, que é manter a formação continuada para o corpo docente.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante aos desafios de aprender novas habilidades de uma cultura digital que requer essa competência na educação, da interface entre a educação e as tecnologias, este estudo investigou evidências de que no período de ensino remoto os docentes do Ensino Superior construíram novos conhecimentos.

Com base no relato de experiência e no detalhamento de alguns recortes dos questionários cotejados, nota-se que esta pesquisa oportuniza uma reflexão sobre o tema proposto e denota como na prática pedagógica, em tempos de pandemia ou não, a formação continuada ao corpo docente é basilar, visto que pudemos perceber que a construção de novos conhecimentos pelos docentes ocorreu nesse período em que a presencialidade precisou ser ressignificada, apropriada e transposta ao Ensino Remoto.

Por fim, consideramos que as demandas trazidas pela pandemia da COVID-19 na organização pedagógica dessa IES, endossou a questão de que os docentes precisam de formação contínua, independente de suas formações iniciais ou anos de experiência na docência. Para além disso, percebemos que a capacitação dos docentes na utilização das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem se constitui um recurso potencialmente significativo tornaram-se uma demanda emergencial e, acreditamos que de caráter fundamental.

## REFERÊNCIAS

ANTÓNIO MOREIRA, J.; SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista UFG**, v. 20, n. 26, maio 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438> Acesso em: 01 de jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 02 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 345, de 19 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 02 jul. 2020.

PARANÁ. **Decreto nº 4.230, de 16 de março de 2020**. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus - COVID-19. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/pr/decreto-n-4230->





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

[2020-parana-dispoe-sobre-as-medidas-para-enfrentamento-da-emergencia-de-saude-publica-de-importancia-internacional-decorrente-do-coronavirus-covid-19](#) Acesso em: 01 jun. 2020.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense, 1977.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. (Org.). 2ed. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

## SAÚDE, CIDADANIA E REINserÇÃO SOCIAL EM PRÁTICAS DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL UTILIZANDO JOGOS DIGITAIS NO CONTEXTO DAS PESSOAS PRIVADAS DE LIBERDADE

HEALTH, CITIZENSHIP AND SOCIAL REINSERTION IN ENVIRONMENTAL  
AWARENESS PRACTICES USING DIGITAL GAMES IN THE CONTEXT OF PEOPLE  
DEPRIVED OF FREEDOM

Antônio Ricardo Dias Fagan; Paulo Ricardo dos Santos; Débora Nice Ferrari Barbosa

Universidade Feevale

**Resumo:** Este projeto tem como objetivo apresentar uma proposta de oficinas pedagógicas mediadas por jogos digitais, visando contribuir para a saúde, cidadania e reinserção social de indivíduos adultos privados de liberdade em uma instituição carcerária de Novo Hamburgo, RS. Nas oficinas, serão utilizados dispositivos móveis tablets, com jogos digitais voltados à temática da educação ambiental. A pesquisa será aplicada com um grupo de 20 apenados de um instituto penal. Durante as oficinas, os dados serão coletados por meio de fotos, vídeos e diário de observação. Assim, este projeto tem um caráter social, contribuindo para um contexto de indivíduos que sofrem com diversas dificuldades, entre elas a falta de melhores perspectivas para o futuro e de oportunidades de se reintegrarem à sociedade, além de outros problemas que revelam a fragilidade do sistema penal brasileiro de ressocializar os apenados.

**Palavras-chave:** Jogos digitais. Educação. Pessoas privadas de liberdade.

**Abstract:** This project presents a proposal for pedagogical workshops mediated by digital games, aiming to contribute to the health, citizenship and social reintegration of adult individuals deprived of their liberty in a prison institution in Novo Hamburgo, RS. In the workshops, mobile devices, such as tablets, will be used, with digital games focused on the theme of environmental education. The research will be carried out with a group of 20 inmates in the semi-open regime. During the workshops, data will be collected through photos, videos and observation by researchers. Thus, this project has a social aspect, contributing to a context of individuals who suffer from several difficulties, such as the lack of better perspectives for the future and the lack of opportunities to be reintegrated into society, in addition to other problems that reveal the fragility of the Brazilian penal system. to resocialize inmates.

**Keywords:** Digital games. Education. Environmental Awareness. Individuals deprived of their liberty.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo se desenvolve no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale, na linha de pesquisas em Linguagem e Tecnologias, estando articulado ao projeto “Jogos digitais e aprendizagem - práticas pedagógicas transversais e interdisciplinares na educação básica”, que tem como objetivo identificar como os jogos educacionais e as tecnologias móveis podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem na educação básica, em ambientes formais e não-formais de



feevale.br/cidi2021





ensino. Neste contexto, esta pesquisa tem como tema a Saúde, Cidadania e Reinserção social a partir da temática da educação ambiental mediada por jogos digitais no contexto das pessoas privadas de liberdade, de modo que possam ser reintegradas à sociedade através dos benefícios psicossociais que a educação pode trazer ao sujeito.

Dessa forma, este projeto busca responder o seguinte questionamento: Na perspectiva da inclusão digital, a utilização de jogos digitais como recurso para discutir sobre a temática da educação ambiental é uma estratégia capaz de promover o engajamento das pessoas privadas de liberdade em práticas educativas voltadas para a Saúde, Cidadania e Reinserção social?

Para responder a esta questão, este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de oficinas mediadas por jogos digitais para indivíduos privados de liberdade, utilizando jogos digitais para promover aprendizagens sobre a temática de educação ambiental, visando contribuir para o processo de reintegração social. Este projeto está em desenvolvimento, com as oficinas sendo organizadas para aplicação em breve.

## **2 A IMPORTÂNCIA DA RESSOCIALIZAÇÃO DE PESSOAS PRIVADAS DE LIBERDADE**

A educação enquanto prática social não se reduz ou se encerra ao ambiente escolar. Quando ocorre no ambiente fora da escola, extrapola a forma socioeducativa assumindo o que corresponde à educação no campo social. Segundo Zucchetti e Moura (2010), a chamada educação não-escolar traz uma conotação de educação que acontece em espaços socioeducativos complementares à escola, conjugando, em geral, educação e proteção social.

Nesse contexto de educação como prática social, que ocorre em diferentes lugares, cada vez mais os processos educativos de crianças, adolescentes e adultos têm considerado metodologias baseadas no uso de recursos tecnológicos, uma vez que os dispositivos móveis, tais como Smartphones, Notebooks, tablets, entre outros, tornaram-se mundialmente populares, possibilitando que, em qualquer lugar, os sujeitos interajam entre si instantaneamente e acessem, produzam e compartilhem conhecimentos por meio das aplicações disponíveis na web (BARBOSA & BARBOSA, 2019). Nesse contexto, de acordo com Barbosa, Martins & Junior (2018, p. 227), “o uso de tecnologias digitais nos processos educativos expande as possibilidades de trabalho e de desenvolvimento cognitivo dos sujeitos envolvidos no processo”.



Considerando o direito à educação como inalienável a qualquer cidadão, é imprescindível que alcance toda população, independente de sua condição social. Percebe-se que o contexto dos indivíduos em cárcere privado no Brasil é envolto, muitas vezes, em situações que não condizem com um tratamento humanitário e com as ações pressupostas em políticas de reintegração desses indivíduos na sociedade (CAPITANI, 2012). A dignidade humana se relaciona com um mínimo bem-estar existencial, que deveria ser garantida aos presos para uma vida com qualidade, sendo assegurada a alimentação, o vestuário, a saúde preventiva e curativa, assim como condições de vida em um meio ambiente organizado, sadio e equilibrado, a fim de buscar o ser humano dentro do criminoso, o que na realidade não acontece, estando correlacionada à punição a baixa qualidade de vida oferecida ao sujeito recolhido a uma Unidade Prisional (GONÇALVES & VILARTA, 2004).

Mesmo privado de liberdade, o preso deve manter seus direitos de cidadão, tais como saúde, educação, assistência jurídica e trabalho. A educação deve ser compreendida como um valor em si mesma, ou como forma de participação da humanidade no mundo, ou, a partir das ideias de Paulo Freire, como prática da liberdade (FREIRE, 1967). Para pessoas em privação de liberdade, a educação faz parte de uma concepção ainda mais ampla, ou seja, como princípio organizador das múltiplas formas de sociabilidade humana, gerando valores e relações, caminhos de emancipação e de convivência.

Dessa forma, percebe-se a importância de promover ações que possibilitem aos sujeitos privados de liberdade sentirem-se parte da sociedade novamente. Para tal, as temáticas desenvolvidas com esses sujeitos podem voltar-se para elementos com os quais possam se identificar e se conscientizarem, como, por exemplo, a temática da educação ambiental. Entende-se que a educação ambiental contribui de forma efetiva com a mudança de atitudes e comportamentos em favor de melhorias na relação do sujeito com o meio ambiente (PONCIANO & SANTOS, 2019). Para o sujeito apenado, fazer parte do meio ambiente e sentir-se responsável por sua preservação pode ser um dos caminhos para que esses sujeitos exerçam de forma consistente sua cidadania, preservem sua saúde e se reintegrem à sociedade. Assim, investir em formações e discussões a respeito desses temas é investir também na ressocialização desses sujeitos privados de liberdade. Logo, a Educação Ambiental pode ser um tema relevante a ser levado ao cárcere, pois envolve saúde e cidadania, elementos importantes no processo de reinserção social.



A opção pelo trabalho com recursos tecnológicos baseia-se na compreensão de que, uma vez que o objetivo deste trabalho é atuar na ressocialização desses sujeitos, esse tipo de atendimento pode se beneficiar das metodologias de ensino que utilizam tais recursos. A proposta de utilizar recursos tecnológicos, dentre eles, jogos digitais e aplicativos, no processo de formação profissional e educativo de indivíduos encarcerados, pode ser uma opção viável no auxílio a estes sujeitos, pois, de acordo com Santos et al (2020, p. 594), é importante compreender que nos jogos digitais “o jogador é desafiado a resolver problemas, encontrar soluções, prestar atenção em elementos diversos simultaneamente, responder de forma rápida e precisa”, entre outros elementos. Com os jogos, é possível trabalhar diferentes habilidades educacionais e cognitivas com uma grande variedade de opções de recursos.

### **3 PROPOSTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E JOGOS DIGITAIS NO CONTEXTO DAS PESSOAS PRIVADAS DE LIBERDADE**

No espaço do instituto penal de Novo Hamburgo, RS, são oportunizadas diversos tipos de atividades educativas, tais como alfabetização, arteterapia, inclusão digital, estudos bíblicos, acesso à biblioteca, oficinas para recuperação de dependentes químicos com atividades de autoconhecimento e desenvolvimento da inteligência emocional, palestras sobre saúde e convivência social, oficinas de preparação para o mercado de trabalho, entre outras. No entanto, identifica-se uma participação menor dos apenados às oficinas que envolvem recursos informáticos, principalmente por tratar-se de um público com nível de estudo predominantemente de fundamental incompleto

No caso desta pesquisa, que está em andamento, a proposta é utilizar como instrumento de pesquisa jogos digitais em dispositivos móveis como os tablets. Assim, ao desenvolver práticas usando tecnologias móveis, é preciso pensar quais os principais recursos disponíveis nos dispositivos em que elas serão executadas para ajudar a direcionar o processo de desenvolvimento que se busca. Nesse cenário, percebe-se o quanto as tecnologias móveis e os jogos digitais podem colaborar para melhorar o processo de inclusão digital dos participantes da pesquisa. A utilização de dispositivos móveis tablets durante o processo de estudo dos sujeitos pode abrir muitas oportunidades para trabalhar a criatividade e a curiosidade, ao mesmo tempo em que se torna um elemento de motivação e colaboração na formação dos sujeitos, uma vez que o processo de aprendizagem se torna atraente, divertido e significativo e auxilia na



resolução de problemas que podem ser resolvidos individualmente ou coletivamente (BARBOSA & BARBOSA, 2019).

A proposta contempla oficinas formativas envolvendo sujeitos encarcerados do Instituto Penal de Novo Hamburgo que participam das oficinas de informática da instituição. As oficinas, a serem desenvolvidas no segundo semestre de 2021, envolverão a temática da educação ambiental a fim de analisar os processos de compreensão e construção da realidade a partir da experiência da utilização dos jogos digitais “Guardiões das águas” e “Geração água”, pré-estabelecidos como prática educativa dialógica. Assim, o trabalho será articulado com o uso de aplicativos e jogos digitais que possam trabalhar a temática da educação ambiental como dimensão de reinserção social, para contribuir para o processo de inclusão social dos apenados no contexto da comunidade.

Prevê-se que, nas oficinas, ocorrerão discussões sobre a temática, troca de experiências e atividades colaborativas com o uso dos tablets e jogos digitais, as quais serão enriquecedoras para o contexto dos sujeitos, contribuindo diretamente para sua qualidade de vida.

### 3.1 METODOLOGIA

As etapas de desenvolvimento do projeto compreendem três momentos: seleção e organização dos recursos tecnológicos; aplicação das oficinas tecnológicas e, por fim, coleta e análise dos dados. A pesquisa envolverá sujeitos privados de liberdade recolhidos no Instituto Penal de Novo Hamburgo. Dentre os 140 presos do regime semiaberto que não saem diariamente para trabalho externo, a amostra contará com 20 presos que já fazem parte das oficinas de informática. O critério para participação na pesquisa será por convite e por aceitação espontânea, de modo a valorizar a livre-iniciativa dos sujeitos nesse processo.

A aplicação das oficinas presenciais ocorrerá em duas fases, sendo elas: (1) Alfabetização digital, ou seja, oficinas de apropriação e entretenimento para uso dos dispositivos móveis, momento no qual também ocorrerá o preenchimento do questionário sociodemográfico; e (2) sondagem e exploração dos discursos e comportamentos prevalentes durante o uso e exploração dos jogos selecionados.

Durante as oficinas, a coleta de dados ocorrerá a partir de diário de observação, fotos e vídeos. Com esse subsídio, a análise das informações obtidas será dividida em duas etapas: (1) análise da participação dos sujeitos e de palavras/situações chave que se apresentaram em maior



constância; (2) com base nas palavras chaves coletadas na primeira etapa, ocorrerá uma segunda rodada de grupo focal colocando-as em debate para destacar o entendimento e o conteúdo sobre estes discursos na forma de discussão reflexiva sobre temas de educação ambiental, que são relevantes para a saúde, cidadania e reinserção social dos participantes. Terminada a coleta, os dados serão analisados com o objetivo de responder ao problema de pesquisa. Para isso, serão utilizados métodos da análise de discurso e análise de conteúdo (BARDIN, 2011), nas quais as informações obtidas serão categorizadas em grupos/subgrupos, abrangendo os dados quanto a reinserção social, educação ambiental e cidadania e a articulação disso a partir da temática ambiental.

### 3.2 JOGOS DIGITAIS SELECIONADOS

Como requisitos definidos para escolha dos jogos digitais, os aplicativos devem abordar conteúdos que possam ser usados na reinserção social a partir da construção da cidadania e educação ambiental, assim como serem gratuitos e de desenvolvimento dentro do contexto do grupo de pesquisa, facilitando a obtenção do aplicativo pelo projeto. Além disso, os aplicativos precisam apresentar um conteúdo e um design apropriado para os sujeitos da pesquisa e não necessitem do uso de internet, que não é permitida no local, por questões de legislação e segurança.

Assim, os jogos escolhidos para serem utilizados nas oficinas chamam-se Geração Água e Guardiões das Águas. Ambos foram desenvolvidos em outros projetos no contexto deste grupo de pesquisa, focados no desenvolvimento de recursos educacionais digitais com vistas à educação ambiental.

Em “Geração Água<sup>1</sup>”, o objetivo do jogador é mudar os hábitos de uma família ao longo de várias gerações, fazendo com que os moradores da casa utilizem corretamente a água e adquiram uma melhor “Consciência Ambiental”. O jogador deve também realizar melhorias na Infraestrutura da casa dessa família, a fim de torná-la cada vez mais ecologicamente correta e eficiente no uso dos recursos hídricos. Dessa forma, o jogador entende a importância de cada Infraestrutura dentro de casa, de maneira resumida ou expandida, além de poder consultar fontes bibliográficas dentro do jogo.

---

<sup>1</sup> <http://games.feevale.br/loa/geracaoagua>



Já no jogo “Guardiões das Águas<sup>2</sup>”, o jogador aprende sobre consciência ambiental, uso responsável da água e saneamento ambiental ao longo de 6 atividades (minigames) diferentes. Este jogo pode ser jogado tanto em dispositivos móveis como em dispositivos do tipo kinect, que capta os movimentos da pessoa e os reproduz no jogo. No contexto deste trabalho, será utilizado a versão para dispositivos móveis tablets. O Guardiões das Águas tem como objetivo maximizar o aprendizado da temática de educação em saneamento ambiental através de temas como saneamento básico, qualidade da água e tecnologias para tratamento das águas.

## 4 RESULTADOS ESPERADOS

Esta pesquisa está em desenvolvimento. Prevê-se a aplicação das oficinas nos meses de Junho e Julho de 2021, seguindo as recomendações de saúde e adequadas diante do cenário de enfrentamento ao Covid-19.

Espera-se que o desenvolvimento das oficinas possa fornecer aos apenados um contexto de aprendizagem que contribua para o seu processo de reinserção social, por meio das discussões, interações e conhecimentos adquiridos com as oficinas. Ainda, espera-se que a questão ambiental seja um tema de aderência e de discussão e reflexão quanto ao papel de cada um na sociedade.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Universidade Feevale pelo apoio a esta pesquisa. Os autores também são gratos ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo suporte no desenvolvimento deste projeto.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, D. N. F.; BARBOSA, J. L. V. Aprendizagem com Mobilidade e Aprendizagem Ubíqua. In: PIMENTEL, Mariano; SAMPAIO, Fábio F.; SANTOS, Edméa O. (Org.). **Informática na Educação: técnicas e tecnologias computacionais**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação. 2019.

BARBOSA, D. N.; MARTINS, R. L.; JUNIOR, N. K. Jogos digitais multimodais e rpg: Experiências no desenvolvimento da consciência ambiental a partir de recursos educacionais lúdicos. **Revista Observatório**, v. 4, n. 4, p. 201-228, 29 jun. 2018.

---

<sup>2</sup> <http://games.feevale.br/loa/guardioesdasaguas>



BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CAPITANI, R. **O meio ambiente prisional brasileiro e a saúde do preso: um estudo no Presídio Estadual de Bento Gonçalves** / Rodrigo Capitani. - 2012.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GONÇALVES, A.; VILARTA, R. (orgs.). **Qualidade de Vida e atividade física: explorando teorias e práticas**. Barueri: Manole, 2004, p.03-25.

PONCIANO, E. F.; SANTOS, A. C.; OLIVEIRA, R. N. C. A educação ambiental como estratégia de emancipação dos sujeitos: um estudo da política de saneamento ambiental desenvolvida pela Fundação Nacional de Saúde –FUNASA. IN: **Revista Caminhos de Geografia**, v. 15 n. 49. p.175 – 181. Uberlândia, MG, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/22780/14369> Acesso em: 12 abr. 2021

SANTOS, P. R. et al. Conscientização ambiental em construtos digitais de aprendizagem: a experiência do jogo “Guardiões das Águas”. **Debates em Educação**, Maceió, v. 12, n. 27, p. 593-614, jun. 2020. ISSN 2175-6600. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/8817>>. Acesso em: 17 mar. 2021. doi:<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12n27p593-614>.

ZUCHETTI, D. T.; MOURA, E. O. G. Práticas Educativas e formação de Educadores: novos desafios no campo social. in **Revista Ensaio**, v.18, v. 66, p. 9-28, 2010.





## CONFIGURANDO O WORDPRESS COMO UM AMBIENTE ON-LINE PARA A GESTÃO DO CONHECIMENTO E MEMÓRIA DO GRUPO

### SETTING UP WORDPRESS AS AN ONLINE ENVIRONMENT FOR KNOWLEDGE MANAGEMENT AND GROUP MEMORY

Karen Cristina Braga; Daiana Steyer; Carla Reis; Patricia Brandalise Scherer Bassani

Universidade Feevale

**Resumo:** Este estudo tem por objetivo propor um ambiente colaborativo para a gestão do conhecimento, possibilitando o registro, o armazenamento, a organização, e o compartilhamento de atividades de aprendizagem, inspirado nos princípios da área de Learning Design. O ambiente colaborativo foi desenvolvido usando como base o Content Management System (CMS) Wordpress (WP). A pesquisa, de natureza aplicada e abordagem qualitativa, envolveu quatro etapas: instalação e configuração do WordPress; instalação e configuração dos plug-ins; escolha de tema; validação. Resultados apontam que a solução proposta tem potencial para os processos de gestão de conhecimento e memória do grupo.

**Palavras-chave:** Tecnologia educacional. Design da aprendizagem. Sistema colaborativo. Gestão do conhecimento.

**Abstract:** This study aims to propose a collaborative system for knowledge management, focusing on the registration, storage, organization, and sharing of learning activities, inspired by the principles of Learning Design area. The collaborative system was based on the Content Management System (CMS) Wordpress (WP). The research, based on an applied and qualitative approach, was organized into four steps: installation and configuration of WordPress; installation and configuration of plug-ins; choice of theme; validation. Results point out that the proposed solution has potential for the processes of group knowledge and memory management.

**Keywords:** Educational technology. Learning design. Collaborative System. Knowledge management.

## 1 INTRODUÇÃO

*Learning Design* (LD) ou Design da Aprendizagem é uma área de estudos que tem por objetivo tornar mais explícito o processo de desenvolvimento de atividades de aprendizagem com o uso de tecnologias digitais. O LD oportuniza formas de representar as atividades de aprendizagem permitindo que elas sejam compartilhadas (CONOLE, 2008). Pode-se representar diferentes níveis de granularidade, envolvendo desde a concepção de um curso até uma atividade individual (CONOLE, 2013).

A documentação das atividades de aprendizagem, por meio de artefatos de mediação, permite a construção de um banco de dados de práticas educativas. Assim, essas práticas podem ser compartilhadas e acessadas por diferentes professores, que podem reutilizá-las, modificá-



las e validá-las em diferentes contextos, em um movimento que vai ao encontro dos princípios do ciberespaço: produzir, distribuir e compartilhar (BASSANI *et al.*, 2016).

Assim, um aspecto importante do LD é o processo de descrever a essência da atividade de aprendizagem. Entretanto, como capturar e representar a prática?

Para transformar o conhecimento tácito, ou seja, o conhecimento internalizado, em conhecimento explícito, aquele que é exteriorizado e materializado em textos, por exemplo, é preciso seguir um processo, que Souza *et al.* (2011) chamaram de processos de conversão do conhecimento, cuja finalidade é expandir o conhecimento coletivo. Contudo, para armazenar esse conhecimento é preciso criar repositórios compartilhados dando lugar para a memória de grupo. Para apoiar a gestão da memória de grupo, Souza *et al.* (2011) ressaltam a importância dos sistemas colaborativos, que têm como objetivo primário dar suporte ao processo de construção do conhecimento, distribuição e aplicação.

Este artigo tem por objetivo propor um ambiente para a gestão do conhecimento possibilitando o registro, o armazenamento, a organização e o compartilhamento de atividades de aprendizagem. O estudo se articula ao projeto de pesquisa Práticas educativas em/na rede: autoria e colaboração no desenvolvimento de atividades de aprendizagem com tecnologias digitais, desenvolvido na Universidade Feevale. Partimos da seguinte questão: Como desenvolver um ambiente para a gestão do conhecimento e registro da memória do grupo para fomentar a troca de práticas educativas entre os professores?

Este projeto foca no protagonismo da comunidade de professores no processo de elaboração e compartilhamento de práticas educativas com tecnologias digitais – os professores devem exercitar o processo de design das atividades de aprendizagem como parte de sua prática profissional (BASSANI *et al.*, 2016).

O artigo está assim organizado: partimos, na seção 2, de uma reflexão sobre o processo de gestão de conhecimento e memória de grupo; o percurso metodológico está delineado na seção 3; na seção 4 apresentamos os resultados e a discussão e, por fim, na seção 5, as considerações finais.

## 2 GESTÃO DO CONHECIMENTO E MEMÓRIA DO GRUPO

Sabe-se que o conhecimento possui dois estágios: tácito e explícito. Para Souza *et al.* (2011), o conhecimento é considerado tácito quando está na mente da pessoa, ou seja, só ela



sabe. Esse tipo de conhecimento é muitas vezes difícil de ser formalizado ou explicado, porque é subjetivo e inerente às habilidades de cada indivíduo. Já, o conhecimento explícito é formalizado em diversas formas como textos, desenhos e diagramas, vídeos, manuais, livros, revistas, entre outras.

Para que as pessoas consigam interagir e usar o conhecimento, elas precisam explicitar o conhecimento tácito, ou seja, formalizar o que sabem (converter o conhecimento tácito em conhecimento explícito). Esse processo é dinâmico e contínuo (cíclico). O conhecimento que foi internalizado será novamente incorporado ao conhecimento tácito que será socializado, associado ao novo conhecimento explícito, combinado e outra vez internalizado (SOUZA *et al.*, 2011).

Fazem parte deste ciclo quatro processos de conversão: socialização, externalização, combinação e internalização, mostrado no Quadro 1.

**Quadro 1.** Os processos de conversão de conhecimento

Processos de conversão	Definição
<b>Socialização</b> Conhecimento compartilhado	Neste processo, os indivíduos trocam experiências e aprendem uns com os outros. O produto dessa interação de conhecimentos tácitos pode ser registrado, documentado ou codificado, transformando-se em conhecimento explícito.
<b>Externalização</b> Conhecimento conceitual	No momento em que ocorre a conversão do conhecimento tácito para o explícito, inicia a fase de externalização do conhecimento, em que as ideias são colocadas no papel (ou outra mídia).
<b>Combinação</b> Conhecimento sistêmico	Esta fase consiste na utilização/acesso ao conhecimento explícito para geração de novos conhecimentos. As redes de informação e sistemas colaborativos são ambientes propícios para auxiliar a combinação do conhecimento explícito.
<b>Internalização</b> Conhecimento operacional	Nesta fase, o conhecimento é utilizado pelos indivíduos e passa a fazer parte da sua reserva de conhecimentos e experiências, isto é, do conhecimento tácito.

**Fonte:** SOUZA *et al.*, 2011

Souza *et al.* (2011) explicam que os processos de conversão do conhecimento proporcionam a execução do trabalho colaborativo e possibilitam o crescimento do conhecimento coletivo, transformando o aprendizado individual em conhecimento global. Porém, gerenciar todo esse conhecimento não é nada fácil, pois depende em organizar políticas, processos e ferramentas tecnológicas para compreender os processos de identificação, captura, validação, organização, disseminação, uso, criação e proteção do conhecimento (ciclo da gestão do conhecimento), alinhados aos objetivos de grupo ou da organização (quando aplicado em empresas). O sucesso da Gestão do Conhecimento depende do envolvimento de todos, principalmente das chefias, visto que envolve mudanças no comportamento e na cultura das pessoas, pois elas nem sempre estão disponíveis a compartilhar e a colaborar.



Souza *et al.* (2011) ressaltam que a Gestão do Conhecimento deve possuir dois grandes focos: primeiro, conectar as pessoas como geradoras, transmissoras e receptoras de conhecimento (captura e codificação do conhecimento). Segundo foco, criar grupos, entidades e organizações que buscam aprender. Por meio dos sistemas colaborativos, os indivíduos podem trocar e registrar informações a respeito de documentos e processos. Será a partir desse registro, que o conhecimento gerado se tornará parte do conhecimento organizacional ou coletivo, e a captura, documentação, classificação e organização deste material irá, progressivamente, conduzir a formação da Memória de Grupo. (SOUZA *et al.*, 2011).

A memória de Grupo representa a memória coletiva em ambientes de trabalho. Todo o conhecimento compartilhado no coletivo auxilia no exercício das atividades do grupo ou organização. Ao desempenhar as tarefas em um trabalho em grupo, indivíduos compartilham informações a respeito do contexto e dos procedimentos que executam, formando uma fonte de conhecimento com livre acesso no futuro, quando situações semelhantes acontecerem. Dentre os benefícios da criação da Memória de Grupo (SOUZA *et al.*, 2011) destacam-se: acesso a informações internas ao grupo; captura, armazenamento e integração do conhecimento gerado pelas interações do grupo; criação de uma visão comum sobre o conhecimento crítico para as atividades dos grupos ou organizações (missão, objetivos e políticas); provisão de conhecimento para garantir a continuidade das atividades do grupo; apoio a tarefas de grupos distribuídos em diferentes locais de trabalho.

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa, de natureza aplicada e de abordagem qualitativa, tem por objetivo propor um ambiente colaborativo para a gestão do conhecimento, possibilitando o registro, o armazenamento, a organização, e o compartilhamento de atividades de aprendizagem, utilizando como base o *Content Management System* (CMS) Wordpress (WP).

O WordPress é uma plataforma de código aberto para o gerenciamento de conteúdo (CMS), que surgiu para blogs no ano de 2003 e foi desenvolvido a partir de um sistema já existente na época, o b2/cafeleg. Naquele tempo, as principais plataformas existentes para blogs eram o Blogger, que foi comprado pela Google, e o Movable Type (AMANO, 2020).

Com o passar dos anos, o WP evoluiu rapidamente, muito pelo fato dele ser uma plataforma de código aberto, o que permitiu que as pessoas o utilizassem sem custo e também



contribuíssem com melhorias. Além de ser gratuita, a plataforma possui muitas características interessantes tais como: uma diversidade de temas responsivos, que permite a instalação e a personalização pelo próprio usuário de maneira fácil; proporciona o registro de usuários facilmente no ambiente com recebimento de confirmação por e-mail; *plugins* que possibilitam trazer novos recursos e funcionalidades ao site, sendo que a função principal do WP é gerenciar o conteúdo do site na internet. Porém, se for preciso transformá-lo em uma rede social, basta instalar o plugin para essa finalidade.

A pesquisa envolveu quatro etapas: a) instalação e configuração do WordPress versão 5.4.2, com a finalidade de criar um ambiente para a realização dos testes no formato de uma rede social; b) instalação e configuração dos plugins: BuddyPress versão 6.0.0, Ivory Search versão 4.4.7 e bbPress versão 2.6.5; c) escolha de tema que facilitasse a gestão do conteúdo nos materiais cadastrados; d) testes e validação do ambiente.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme explicam Souza *et al.* (2011), a memória de grupo desempenha um papel essencial no processo de “combinar o que se sabe” (conhecimento individual) aliado com a busca e recuperação do conhecimento acessível no ambiente coletivo (conhecimento coletivo). De acordo com os autores, os sistemas colaborativos “oferecem um repositório comum de informações minimamente estruturadas e relacionadas ao contexto compartilhado pelo grupo” (SOUZA *et al.*, 2011, p. 215).

Para potencializar o registro da memória de grupo, para este projeto, foi necessário seguir quatro etapas.

A primeira etapa envolveu a instalação do CMS. O Wordpress foi escolhido pela facilidade que a ferramenta possui na criação de site e a rapidez nas configurações e instalações de *plugins*, possibilitando a disponibilização rápida de um ambiente on-line. A Figura 1 apresenta uma visão da página inicial da plataforma configurada para esta pesquisa.



Figura 1. Tela principal da Plataforma



Fonte: Elaborada pelas autoras

A segunda etapa compreendeu a escolha dos *plugins* que deveriam ser instalados na plataforma, visando proporcionar o registro do conhecimento individual. Esses *plugins* foram selecionados baseando-se nas informações descritas por Souza *et al.* (2011, p. 215), quando relatam que “muitas organizações gerenciam o conhecimento por meio de sistemas de fóruns, *wikis*, *weblogs*, *meetingware*, *social bookmarking*, sistemas de recomendações, *folksonomia* entre outros tipos de sistemas colaborativos”. Em função disso, disponibilizamos aos usuários: a) um *plugin* de pesquisa Ivory Search visando facilitar a localização dos objetos de acordo com os termos pesquisados; b) registro de atividades individuais/grupo e mensagens assíncronas, disponibilizadas através do *plugin* BuddyPress; c) hipertextos através o uso de *posts* com opções de comentários e o *plugin* bbPress para o fórum. Além disso, a plataforma possibilita a técnica de *folksonomia*, que segundo Meira *et al.* (2011), é uma técnica que viabiliza a classificação do conteúdo por meio de marcações (*tags*, etiquetas, termos, palavras-chave ou rótulos). Sua classificação é individual e de acordo com a visão particular do indivíduo em relação ao objeto postado.

A terceira etapa constituiu da escolha do template a ser utilizado na plataforma, a fim de facilitar a visualização do uso dos conceitos de *folksonomia*. O tema escolhido foi o *Education Hub* e a proposta envolve a exibição das marcações junto com o objeto de conhecimento. Assim, o indivíduo que estiver visitando a rede consegue navegar entre as *tags*, facilitando o resgate do conhecimento coletivo, explicitado na Memória de Grupo, e permitindo ao indivíduo



ativar os processos de conversão do conhecimento (externalização-combinação-internalização-socialização), se apropriando de um novo conhecimento.

A quarta etapa envolveu a validação do ambiente. A validação foi realizada pela equipe do projeto ao longo do processo de implementação. Cada novo *plugin* instalado no ambiente foi testado e analisado antes de ser efetivamente incorporado.

O ambiente desenvolvido está instalado no servidor institucional do CETED (Centro de Tecnologias Digitais) da Universidade Feevale.

O uso de sistemas colaborativos como mediadores de práticas educativas, pode possibilitar novas perspectivas no campo da educação, além de criar uma nova realidade cultural transformando a percepção de mundo dos educadores e o modo de construção de conhecimento. As interações e os compartilhamentos de práticas entre os professores podem ser reutilizados, modificados e validados em contextos diversos, o que pode impulsionar também o movimento de utilização das tecnologias digitais em sala de aula.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como ponto de partida a seguinte questão: Como desenvolver um ambiente para a gestão do conhecimento e registro da memória do grupo para fomentar a troca de práticas educativas entre os professores?

Para tanto, a solução projetada envolveu o uso do CMS WordPress utilizando os recursos de rede social proporcionada pelo *plugin* BuddyPress. O objetivo de escolha da plataforma foi minimizar os esforços e custos de programação e criar um ambiente que pudesse aplicar os conceitos sobre Gestão de Conhecimento e Memória de Grupo.

Esta proposta foi desenvolvida para gerenciar a memória de um grupo de professores, por meio do compartilhamento de atividades de aprendizagem com tecnologias. Entretanto, percebemos o sistema proposto pode ser implementado em diferentes contextos, por exemplo, em um setor de *helpdesk* em uma organização. Em um *helpdesk*, os atendentes precisam registrar todo o conhecimento adquirido em determinada situação relatada por um cliente ou usuário para servir de conhecimento para novos casos semelhantes. Assim, o registro individual contribui para o conhecimento coletivo.

Como trabalhos futuros, destacamos a validação do ambiente com professores da rede de ensino (municipal, estadual ou particular), com objetivo de validar o processo de captura,



seleção, organização, compartilhamento, disseminação e reutilização do conhecimento. Assim, buscamos fomentar a autoria docente e o registro da memória do grupo do professores.

Envolver a comunidade de professores no processo de construção de práticas com tecnologias vai ao encontro dos estudos sobre LD. Assumimos, assim como Laurillard (2012), que é a comunidade de professores que deve contribuir para a construção de conhecimento sobre práticas com tecnologias, e isso deve ser feito de forma colaborativa.

## REFERÊNCIAS

AMANO, Ludy. (2020). **WordPress: o que é e como utilizá-lo?**. Disponível em: <<https://www.mirago.com.br/aula/wordpress/>> Acesso em: 24 mai. 2020

BASSANI, Patricia. B. Scherer; LIMA, C. C.; DALANHOL, D. R. . Documentação e compartilhamento de atividades de aprendizagem: um estudo sobre repositórios de prática e artefatos de mediação. **Revista e-Curriculum** (PUCSP), v. 14, p. 1423-1453, 2016.

LAURILLARD, Diana. **Teaching as a design science**. New York: Taylor & Francis, 2012.

MEIRA, Silvio Romero de Lemos; SILVA, Edeilson Milhomem da; COSTA, Ricardo Araújo; JUCÁ, Paulyne Matthews. (2011). **Folksonomia**. In: PIMENTEL, Mariano; FUKS, Hugo (org). **Sistemas Colaborativos**. Livro online, 2011. p.221-229. Disponível em: <<https://sistemascolaborativos.uniriotec.br/folksonomia/>> Acesso em: 23 mai. 2020.

SOUZA, Jano Moreira de; SAMPAIO, Jonice de Oliveira; COSTA, Viviane Cunha Farias da; ESTEVES, Maria Gilda Pimentel. Gestão do Conhecimento e Memória de Grupo. In: PIMENTEL, Mariano; FUKS, Hugo (org). **Sistemas Colaborativos**. Livro online, 2011. p. 206-220. Disponível em: < <https://sistemascolaborativos.uniriotec.br/wp-content/uploads/sites/18/2019/06/SC-cap13-gestaoconhecimento.pdf>> Acesso em: 29 jul. 2020.





## A UTILIZAÇÃO COMBINADA DAS PLATAFORMAS DA AMAZON E DO YOUTUBE: UM LEVANTAMENTO DO ESTADO DA ARTE NA PESQUISA DO BRASIL

THE COMBINED USE OF AMAZON AND YOUTUBE PLATFORMS: A SURVEY OF THE STATE OF ART IN BRAZILIAN RESEARCH

Claiton Borges Da Silva; Sandra Portella Montardo

Universidade Feevale

**Resumo:** Este trabalho representa o início de uma pesquisa que visa compreender de que modo o programa Associados Amazon influencia na produção de conteúdo de canais de YouTube especializados em histórias em quadrinhos, tema da dissertação de mestrado a ser escrita por este pesquisador. Este estudo tem a intenção de servir como base à pesquisa e estabelecer um levantamento sobre o estado da arte nos estudos acerca do tema. Ao todo, foram relacionadas 23 publicações: quatro teses, oito dissertações e 11 artigos. Elas serão o ponto de partida para que se aponte as características da pesquisa sobre o assunto no Brasil. Essa tarefa será realizada a partir da classificação dos trabalhos de acordo com a sua relação com o objeto de estudo da pesquisa.

**Palavras-chave:** *Plataformas, YouTube, Amazon.*

### ABSTRACT

This paper represents the beginning of research on understanding the ways that Associados Amazon program may influence content development of YouTube channels, specialized in comic books, which is the master's dissertation topic to be written by myself. The intention with this study is to use it as a basis to the research and to establish and entry on state of the art in studies regarding the subject. All together, 23 publications were selected: four theses, eight dissertations and 11 articles. They are the starting point to show research characteristics on this topic in Brazil. The task is being developed by classification of previous works according to their relation to the object of research in this study.

**KEYWORDS:** *Plataforms, YouTube, Amazon.*

### INTRODUÇÃO

A grande maioria das áreas da vida pública e privada se encontram interligadas por plataformas online. Estas plataformas não afetam apenas pessoas, mas também comunidades e governos, que possuem o seu cotidiano atrelado às dinâmicas de infraestruturas que estabeleceram uma hegemonia na sociedade contemporânea. A este fenômeno, Van Dijck, Poell e de Wall (2018) deram o nome de “Sociedade da Plataforma”.

Van Dijck (2013) analisa este cenário complexo e destaca cinco corporações como os principais expoentes desta realidade que se estruturou na última década. Batizadas pela autora como *Big Five*, Alphabet-Google, Amazon, Apple, Facebook e Microsoft possuem uma



capilaridade que permeia praticamente todas as atividades do nosso cotidiano, estando presentes em setores como educação, saúde, transporte, hospedagem e mercado financeiro.

Este trabalho está alinhado ao campo denominado Estudos de Plataformas, área que segundo D'Andréa (2020), desde o início da década de 2010 vem sistematizando um conjunto de questões que nos permitem problematizar as especificidades das mídias sociais e de tantos outros serviços online.

Ao longo dos anos 2010, as chamadas *Big Five* [...] se consolidaram como serviços infraestruturais e hoje centralizam cada vez mais atividades cotidianas e estratégicas. Influências em processos eleitorais, uso irrestrito de dados pessoais para fins comerciais e uso de algoritmos e bases de dados para perpetuar preconceitos e desigualdades são algumas das questões que, cada vez mais, preocupam governos, empresas e sociedade civil. (D'ANDRÉA, 2020)

O estudo servirá como base à pesquisa que analisará de que modo o cruzamento das possibilidades comunicacionais e financeiras oferecidas pelas plataformas da Amazon – mais precisamente o programa Associados Amazon – e do YouTube influenciam na produção de conteúdo de canais de especializados em histórias em quadrinhos, tema da dissertação de mestrado a ser escrita por este pesquisador. Para tanto, foram acessadas quatro bases de dados: o catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), os anais dos congressos da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), o acervo do Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação (PORTCOM) e os anais das Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos (ECA-USP).

A opção por essas bases de pesquisa foi feita por três motivos: o volume de publicações existentes em seus acervos, a sua relevância acadêmica e a formação em Comunicação Social do pesquisador. O recorte temporal empregado compreende os anos de 2010 a 2019. Ao todo, foram relacionadas 23 publicações: quatro teses, oito dissertações e 11 artigos. Elas serão o ponto de partida para que se aponte as características da pesquisa sobre o assunto no Brasil. Essa tarefa será realizada a partir da classificação dos trabalhos de acordo com a sua relação com o objeto de estudo da pesquisa. Optou-se pela realização de uma pesquisa básica e de caráter exploratório, com características quantitativas e qualitativas. O trabalho está alicerçado na metodologia de análise de conteúdo, de acordo com o que é proposto por Gil (1991).



## O CONCEITO DE PLATAFORMA ONLINE E OS OBJETOS DE ESTUDO

Uma plataforma online é, acima de tudo, uma estrutura voltada para facilitar conexões, um sistema viabilizador de interações. Sua intenção é criar valor no contato estabelecido entre produtores e consumidores externos através da oferta de infraestrutura e do condicionamento dos participantes a regras de utilização. D'Andréa (2020), as descreve como estruturas robustas que se consolidam a partir de um modelo centralizado de fluxos informacionais e financeiros. O pesquisador, que baliza suas argumentações em obras como Gillespie (2010 e 2018b), Van Dijck (2013) e Van Dick, Poell e de Wall (2018) aponta que as plataformas possuem características primordiais, entre as quais

o funcionamento baseado no armazenamento e intercâmbio de dados, as lógicas comerciais ancoradas no engajamento dos usuários, os esforços para regular que práticas são ou não permitidas. Estes e os demais serviços [...] atuam fortemente para reorganizar as relações interpessoais, o consumo de bens culturais, as discussões políticas, as práticas urbanas, entre outros setores da sociedade contemporânea. (D'ANDRÉA, 2020).

Essa é uma abordagem para as plataformas que surgiu a partir de um rompimento com conceitos da chamada Web 2.0, pois, como afirma Van Dijck (2013), o cenário na segunda década do século XXI se consolidou de forma distinta do que era imaginado por pesquisadores no início dos anos 2000. A centralização das atividades – e, conseqüentemente, de poder – pelas *Big Five* demanda uma análise que leve em consideração fatores que não estavam inseridos no núcleo dos temas discutidos pelos pesquisadores que se debruçaram sobre fenômenos ligados à “cultura da participação” ou à “economia do compartilhamento”.

## O YOUTUBE COMO FERRAMENTA DE RECOMENDAÇÃO

O YouTube é a principal plataforma de compartilhamento de vídeos em *streaming*<sup>1</sup> do mundo. Criada em fevereiro de 2005, a empresa pertence ao Google desde outubro de 2006. Este, por sua vez, é um braço da *holding* Alphabet Inc., conglomerado que possui várias empresas que se agrupavam, anteriormente, sob o guarda-chuva da Google Inc.

Montaño (2017) aponta que a plataforma se estabelece como um espaço com uma quantidade imensa de vídeos, produzidos e colocados em circulação, e ilustra que este processo

<sup>1</sup> Como definição de *streaming*, será utilizado o conceito estabelecido por Thomas (2011 apud Montardo e Valiati, 2019, p.3), que estabelece três pontos fundamentais: 1) consumo de bens informacionais sem que, necessariamente, haja a posse do arquivo do conteúdo; 2) armazenamento de arquivos em um servidor; 3) acesso de arquivos sob demanda.



é decorrente da grande produção de dispositivos e softwares voltadas para a indústria do audiovisual, que encontra em plataformas como o YouTube “sua mais expressiva dinâmica de multiplicação” (MONTAÑO, 2017, p.7). Essa dinâmica de multiplicação é corroborada por Montardo e Valiati (2019), que observam o consumo de conteúdo em plataformas de *streaming* como uma constante na rotina de grande parte dos consumidores, fato que vem alterando as práticas e formas de relacionamento com a mídia. Para as autoras, analisar plataformas como o YouTube requer, necessariamente,

a problematização da ideia de personalização inerente a esses serviços, via exploração da performance algorítmica implicada nas práticas dos consumidores dos conteúdos nelas disponibilizados para posterior exame dos efeitos desse conjunto de procedimentos automatizados nas percepções dos usuários sobre si e sobre os outros. (MONTARDO e VALIATI, 2019, p.8)

A exploração da performance algorítmica representa, por sua vez, um conjunto de práticas que estão diretamente relacionadas à maneira como o vídeo é construído. Essas estratégias estão no cerne da pesquisa que se inicia com este levantamento do estado da arte.

## A AMAZON E SEU PROGRAMA DE ASSOCIADOS

Fundada em 1995, a Amazon possui sede em Seattle, nos Estados Unidos. Parte do complexo ecossistema analisado por Van Dijck (2013), atua em setores como varejo, livros digitais, assistentes remotos, logística, armazenamento de dados e produção audiovisual. A empresa desembarcou em terras brasileiras em dezembro de 2012<sup>2</sup>. Quinze dias depois, o Kindle, seu leitor de e-books, começou a ser vendido no país<sup>3</sup>. Em 21 de agosto de 2014, a empresa iniciou a comercialização de livros físicos, com um catálogo de 150 mil títulos composto por obras de 2,1 mil editoras.

Lançado no Brasil em janeiro de 2014<sup>4</sup>, o Associados Amazon existe desde 1996 (Stone, 2014). Trata-se de um programa de marketing que possibilita a monetização de conteúdo com o que a empresa chama de “publicidade contextualizada<sup>5</sup>”. Uma vez cadastrado, o associado gera links exclusivos que direcionam para qualquer seção ou item existente no site. Toda compra gerada a partir deste link reverterá em dividendos ao parceiro que originou a navegação.

<sup>2</sup> “Amazon chega ao Brasil”. Disponível em: <https://is.gd/53PvUq>.

<sup>3</sup> “Kindle começa a ser vendido no Brasil”. Disponível em: <https://is.gd/KGXXKwJ>.

<sup>4</sup> Amazon Lança o “Programa de Associados Amazon” no Brasil. Disponível em: <https://is.gd/z2P3rM>.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://goo.gl/aBY2j2>.





Analisando o mercado dos quadrinhos, é possível estabelecer o fluxo de produção de conteúdo/geração de lucro. A partir do momento em que uma revista em quadrinhos é colocada à venda na Amazon, um *youtuber* faz um vídeo e recomenda a sua compra – tendo ele acesso antecipado ao material ou não. Na descrição do vídeo, será disponibilizado o link para a compra da HQ. O espectador clica, adquire o produto e o recebe (muitas vezes com desconto) no conforto da sua casa. A maioria das pessoas não sabe – e não possui motivos para se importar – que esse *youtuber* receberá de 9% a 15% por produto comercializado cuja navegação tenha se originado de um link customizado seu.

## A PRODUÇÃO CIENTÍFICA NO BRASIL

Estabelecer o cenário nacional sobre a produção acadêmica relacionada ao assunto é fundamental para que se determine o *corpus* da pesquisa da pesquisa que resultará na dissertação de mestrado deste pesquisador. Após a escolha dos objetos de estudo e das palavras-chave, deu-se início a uma extensa exploração nos quatro bancos de dados anteriormente citados – Capes, Compós, PORTCOM e Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos. A escolha por estas bases de pesquisa teve como principais critérios a sua abrangência e a qualidade das produções. O recorte temporal utilizado compreende o período entre 2010 e 2019.

Faz-se necessário, todavia, registrar a volumosa resposta em qualquer base de dados quando se busca resultados pelo termo “Amazon”, tendo em vista a profícua produção acadêmica brasileira, em todas as áreas do conhecimento, a respeito de temas que tenham alguma interface com a Floresta Amazônica, a Amazônia Legal, o Estado do Amazonas<sup>6</sup> – o que exige do pesquisador a minúcia na leitura de todos os resumos das respectivas produções acadêmicas, separando o que poderá ser utilizado em trabalho e o que não está diretamente relacionado ao que se pretende pesquisar.

## RESULTADOS

A pesquisa no catálogo da Capes resultou em 507 resultados, já com a aplicação dos filtros ofertados pelo motor de busca da plataforma. Foram encontradas 411 dissertações e 96

---

<sup>6</sup> A pesquisa através da palavra-chave “Amazon” no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes resultou em 5.379 resultados. Utilizando-se os filtros “Grande Área do conhecimento: ciências sociais aplicadas, multidisciplinar” e “Área do conhecimento: ciência da informação, comunicação, multidisciplinar”. Obteve, como resultado, 87 dissertações e 15 teses. No entanto, apenas sete trabalhos possuíam alguma relação com a empresa estadunidense.



teses. No entanto, apenas 12 trabalhos possuem relação com o tema da pesquisa, sendo quatro teses e oito dissertações. Destes, sete trabalhos pertencem a Programas de Pós-Graduação na área da Comunicação e dois se encontram no campo da Ciência da Informação. Os restantes pertencem a programas nas áreas da Inovação Tecnológica e Propriedade Intelectual, Administração e Meios e Processos Audiovisuais. Cabe ressaltar que todas as teses que possuem relação com o tema da pesquisa se encontram no campo da Comunicação.

Os anais da Compós ofertaram 38 resultados. Destes, apenas seis estabelecem interface com a pesquisa a ser desenvolvida. Três estão dentro do escopo do Grupo de Trabalho Comunicação e Cibercultura e os demais foram publicados nos Grupos de Trabalho de Estudos de Som e Música, Consumo e Processos de Comunicação e Cultura das Mídias.

No banco de dados do PORTCOM foram localizados 236 trabalhos, partindo utilização do motor de busca nos anais de cada congresso anual a partir de palavras-chave e da busca manual realizada através da leitura dos anais dos congressos nacionais realizados pela Intercom. A opção pela busca manual se deu em virtude de mau funcionamento no site, levantando certa preocupação acerca das respostas obtidas. No entanto, mesmo com o esforço adicional, apenas três estudos entre os que foram localizados possuem elementos que podem contribuir com a pesquisa – todos apresentados no Grupo de Trabalho de Comunicação e Cultura Digital.

Nos anais das Jornadas de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP, optou-se por fazer a busca por meio da leitura dos anais de todos os encontros já realizados. Como resultado, obteve-se a localização de um estudo que possui aproximação interessante com o tema da pesquisa. Um trabalho apresentado pelo autor deste levantamento no Congresso Intercom Sul de 2019 complementa esta prospecção, pois representa uma pesquisa prévia com foco na produção de conteúdo de um canal específico de YouTube que faz parte do programa Associados Amazon.

Ao analisar o recorte temporal empregado no levantamento, é possível perceber que a produção científica a respeito de temas que possuem relação com a pesquisa a ser desenvolvida cresceu sobremaneira na segunda metade da última década. Dos 23 trabalhos analisados, cinco foram publicados ou defendidos antes de 2015, o que representa apenas 23% do total. Os últimos três anos, no entanto, indicam um crescente, concentrando 54% dos trabalhos selecionados. O período que concentra mais produções compreende os anos de 2016 e 2017, com dez trabalhos.

Com relação ao objeto de pesquisa, é possível afirmar que há mais incidência com relação a trabalhos que foram encontrados através de buscas utilizando as palavras-chave “Amazon”





(sete) e “YouTube” (seis), seguido de “Plataforma” (quatro) e “YouTuber” (dois). Entretanto, os trabalhos não abordam diretamente ou prioritariamente o tema que norteia os esforços da pesquisa a ser desenvolvida a partir deste levantamento.

Cabe salientar que o estudo das possibilidades comunicacionais e financeiras da utilização combinada de duas ou mais dessas estruturas ainda não possui extensa bibliografia em nosso país. O trabalho publicado nas Jornadas da ECA-USP aborda o tema, mas o analisa a partir da trajetória do canal de YouTube Pipoca & Nanquim<sup>7</sup> enquanto críticos especializados que se tornaram uma editora de revistas em quadrinhos e situa a Amazon sob a perspectiva da Web 2.0. Desta forma, se mantém como uma fonte válida em conteúdo, mas não dialoga conceitualmente com o trabalho a ser desenvolvido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização combinada de plataformas constitui um campo fértil para pesquisas, na medida em que novas dinâmicas se estabelecem a partir das possibilidades oferecidas pelas suas interfaces. As relações sociais ocorrem cada vez mais no ambiente online e as conexões estabelecidas – seja entre pessoas, entre pessoas e produtos ou entre pessoas e conteúdos – não representam apenas movimentos feitos por atores humanos.

A presença das conexões algorítmicas nas plataformas faz com que elas detenham um poder significativo sobre o que será consumido pelos seus públicos-alvo. Essa realidade abre margem para que sejam analisados microfenômenos protagonizados por quem opera à margem deste poder, fazendo uso do uso combinado das possibilidades oferecidas por essas estruturas. São processos desencadeados dentro das limitações impostas por cada plataforma, mas que podem vir a redesenhar o seu modelo de negócios – na medida em que, como a própria Van Dijck (2013) pontua, suas interfaces e regramentos estão em constantes mutação.

Analisar como são elaboradas as estratégias de produção de conteúdo e a manutenção da relação entre os produtores desse conteúdo e seus públicos representa uma contribuição interessante para a pesquisa na área da Comunicação. Diante do panorama exposto pelos dados encontrados no levantamento, conclui-se que a pesquisa tem potencial para avançar e colaborar para a compreensão de um fenômeno recente, mas que ganha proporção com velocidade. Trata-

<sup>7</sup> Disponível em <https://tinyurl.com/y7ghympo>.



se de uma investigação a respeito aspectos ainda não explorados no Brasil que possuem valor tanto para a academia quanto para o mercado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, A., MONTARDO, S. **Pesquisa em Cibercultura e Internet: Estudo exploratório comparativo da produção científica da área no Brasil e nos Estados Unidos.** In: IV Colóquio Brasil-EUA de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul. Caxias do Sul, RS, 2010.

D'ANDREA, Carlos. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos.** Salvador: EDUFBA, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo, Atlas. 1991.

GILLESPIE, Tarleton. **The politics of 'platforms'.** *New Media & Society*, v. 12, n. 3, p. 347- 364, 2010.

GILLESPIE, T. **Custodians of the Internet.** Yale University Press, 2018b.

MONTAÑO, Sonia. **A construção do usuário na cultura audiovisual do YouTube.** *Famecos*, v. 24, n. 2, 2017, p. 1-24.

MONTARDO, Sandra; VALIATI, Vanessa. **Streaming de conteúdo, streaming de si? Elementos para análise do consumo personalizado em plataformas de streaming.** In: 28º Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós, 2019, Porto Alegre/RS. *Anais da Compós 2019.* Porto Alegre, RS: Compós, 2019

STONE, Brad. **A loja de tudo: Jeff Bezos e a era da Amazon.** Rio de Janeiro: Intrínseca. 2014.

VAN DIJCK, José. **The Culture of Connectivity.** New York: Oxford Press, 2013

VAN DIJCK, José. POELL, Thomas; DE WALL, Martijn. **The Platform Society: Public Values in a Connective World.** Londres: Oxford, 2018.



## O PAPEL DE UM CENTRO DE MEMÓRIA PARA O NEGÓCIO DA BAGERGS: NOTAS DE IMPLANTAÇÃO

### THE ROLE OF A MEMORY CENTER FOR BAGERGS BUSINESS: IMPLEMENTATION NOTES

Claudiâni Guimarães Vargas Gonçalves; Moisés Waismann

Universidade La Salle

**Resumo:** Essa comunicação apresenta reflexões sobre a implantação de um Centro de Memória como uma forma de revisitar o passado e difundir a cultura do Banrisul Armazéns Gerais S/A (Bagergs). Hobsbawm (1998, p.270) informa que “as coletividades e todas as instituições necessitam de um passado”, a construção do passado é realizada pela memória que contempla uma pluralidade de definições originadas de variadas perspectivas e discursos (Gondar, 2006). Neste sentido, a memória empresarial apresenta uma reconstrução do passado de uma organização, constituindo-se num marco onde as pessoas revivem e dividem suas experiências aproximando-se da trajetória da empresa para a construção de expectativas futuras (Worcman, 2004). Desta forma, o Centro de Memória auxilia as organizações a reunir, organizar e difundir documentos e objetos, para atender à necessidade estratégica da empresa, onde esta reforça conexões com a comunidade. A partir de uma pesquisa bibliográfica, se propôs breves notas para a implantação deste equipamento administrativo-cultural como forma de reforçar a identidade e a memória empresarial da organização frente a comunidade.

**Palavras-chave:** Bagergs. Centro de Memória. Memória Empresarial. Memória Social.

**Abstract:** This communication presents reflections about the implantation of a Memory Center as a way to revisit the past and diffuse the culture of Banrisul Armazéns Gerais S/A (Bagergs). Hobsbawm (1998, p.270) informs that “collectivities and all institutions need a past”, the construction of the past is performed by memory that contemplates a plurality of definitions originated from varied perspectives and discourses (Gondar, 2006). In this sense, business memory presents a reconstruction of an organization's past, constituting a landmark where people relive and share their experiences, approaching the company's trajectory to build future expectations (Worcman, 2004). In this way, the Memory Center helps organizations to gather, organize and disseminate documents and objects, to meet the company's strategic need, where it reinforces connections with the community. Based on a bibliographic research, brief notes were proposed for the implementation of this administrative-cultural equipment as a way to reinforce the organization's identity and business memory in front of the community.

**Keywords:** Bagergs. Business Memory. Memory Center. Social Memory.

## 1 INTRODUÇÃO

Essa comunicação traça reflexões que aproximam as experiências profissionais com as reflexões teórico-conceituais, visto que os autores iniciam a sua incursão no campo da Memória Social e Empresarial. Inicia-se esse trabalho trazendo a importância da memória que como bem aborda Gondar (2006), não é considerada similar em nenhuma área de conhecimento, mas contempla uma pluralidade de definições originadas de variadas perspectivas e discursos. Da mesma forma aborda-se a memória empresarial, que vai muito além de apresentar uma



reconstrução do passado de uma organização, mas é um marco onde as pessoas revivem e dividem suas experiências e, de certa forma, se aproximam da trajetória da empresa refletindo sobre suas expectativas futuras. (WORCMAN, 2004).

A importância da análise de uma memória empresarial está no argumento de Hobsbawm (1998) quando diz que “todos os seres humanos, todas as coletividades e todas as instituições necessitam de um passado (...)” (Hobsbawm, 1998, p. 270), logo, considerando a relevância do tema, aproxima-se dos conceitos e elementos inseridos nos Centros de Memória como uma forma de revisitar o passado e difundir as histórias empresariais para o meio onde estão enquadradas.

Por conseguinte, tem-se como objetivo verificar como um Centro de Memória pode contribuir para agregar valor ao Banrisul Armazéns Gerais S/A (Bagergs). Para isso, este texto está dividido em seis partes, além desta introdução. Na segunda parte apresenta-se e discute-se o papel/função/atividade de um Centro de Memória, na terceira parte apresenta-se um breve histórico da Bagergs, assim como a sua operação atual, na quarta parte rascunha-se algumas breves notas para a implantação de um Centro de Memória, na quinta parte aborda-se as considerações finais da pesquisa e na sequência, apontam-se as bibliografias utilizadas.

## **CENTRO DE MEMÓRIA**

O Centro de Memória é capaz de descrever e organizar documentos e objetos de uma instituição, isto é, instituir o seu acervo com o objetivo de rememorar o passado apresentado, trazendo-o para o presente e criando novas narrativas a partir desse contexto (Smit, 2020). Com um acervo, fisicamente representado, a instituição cria uma conexão com a sua comunidade interna (dirigentes e colaboradores) e a sua comunidade externa (clientes, prestadores de serviços e vizinhança), ou seja, há uma proximidade com os seus usuários, levando em conta uma linguagem coesa e adjacente à sua comunidade.

Neste viés, Paulo Nassar (2008) traz a sensibilização ao cumprimento das responsabilidades de uma organização com sua perspectiva histórica onde os acontecimentos passados também fazem parte do comprometimento futuro. Para o autor, quando a organização entende que seu papel vai além do seu segmento de negócio, ela se sente devedora em relação à comunidade e passa a assumir um caráter memorial onde precisa devolver à sociedade parte de sua história, incluindo a comunidade no seu campo cultural.

Em tese, uma instituição organiza um Centro de Memória para produzir, coletar ou acumular documentos e objetos que sirvam como garantia para o funcionamento institucional ou,





ainda, para manter coleções relacionadas à sua atuação, constituindo-se uma memória da organização da sua história (passado) e de seu funcionamento (presente). (SMIT, 2020).

Essa organização tem como base ser uma unidade social com a função de justificar suas atividades por meio da legitimidade e estabelecer padrões para avaliar sua eficiência e produtividade, sob um quadro estruturalista onde se constrói e se reconstrói (Etzioni, 1989). Neste sentido, as instituições vão além de exercer suas funções de produção de bens e/ou serviços para uma sociedade, pois pretendem atender uma demanda social onde são estruturadas por pessoas que se aproximam em suas crenças, valores e comportamentos e que são regidas de acordo com as normas e procedimentos estabelecidos. (BERNARDES, 1993).

No que diz respeito ao Centro de Memória, este se justifica para a própria instituição, para a pesquisa interna e para a pesquisa histórica sobre a organização no tempo. Outrossim, pode ser considerado como um agente que fortalece a identidade, ou seja, rememora escolhas feitas e caminhos percorridos pela instituição. Traz a consolidação de valores e a fixação de elementos que constituem sua memória e a distingue. Também trazem uma responsabilidade histórica e sustentável, pois as organizações vão além da produção de bens e serviços, elas retêm significados socioculturais. (CAMARGO e GOULART, 2015).

O Centro de Memória pode ser visto como um agente estratégico para as organizações, onde é possível reforçar conexões com seus diferentes públicos “garantindo visibilidade a suas ações e funcionando como um verdadeiro trunfo em situações de crise.” (Camargo e Goulart, 2015, p. 22). Na sequência, apresenta-se o Banrisul Armazéns Gerais S/A (Bagergs), como forma de contextualizar a instituição abordada para este estudo.

## **BAGERGS**

O Banrisul Armazéns Gerais S/A, conhecido como Bagergs, está inserido no campo logístico e é um dos Portos Secos do Estado do Rio Grande do Sul. Estes Portos Secos estão localizados nas regiões da Serra (Caxias do Sul), do Vale dos Sinos (Novo Hamburgo), no interior do Estado (Jaguarão, Santana do Livramento e Uruguaiana) e na Região Metropolitana de Porto Alegre (Canoas), se distribuindo entre Estações Aduaneiras Interiores (EADI), Portos Secos de Fronteira e Portos Secos Ferroviários. (SDAERGS, 2020).

A Bagergs iniciou suas atividades em 1953, operando no setor de armazenagem e conservação de mercadorias e até o ano de 1974 dedicava-se exclusivamente à armazenagem de



cargas nacionais. A partir desta data, começou a operar na exploração de Entrepósito Aduaneiro de Importação e Exportação e como Depósito Alfandegado Certificado/Porto Seco.

Inicialmente fundada no município de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, a Bagergs mudou-se para a cidade de Canoas na década de 1980 e dispõe de máquinas e equipamentos de última geração, operando com mercadorias paletizadas e não paletizadas. Sua área total é de 107.300m<sup>2</sup>, com zona coberta para armazenagem de 34.000m<sup>2</sup>. Dentro dessa estrutura há, igualmente, um pórtico para movimentação de contêineres. Fazem parte também de sua estrutura órgãos importantes que atuam na liberação e conferência de cargas e mercadorias. São eles: Receita Federal, Ministério da Agricultura, Anvisa, Representação de Escritórios de Despachantes Aduaneiros, Escritório de Transportadoras e Agenciadoras de Cargas.

Além disso, a Bagergs possui diversos documentos que representam seus arquivos históricos e entre eles é possível encontrar as Atas de Assembleia, as Atas do Conselho de Administração e as Atas de Estatuto Social desde 1953, ano de sua fundação. Hoje este material está disperso e sem um acervo específico para compilar todos os dados acerca de sua memória e que seja de fácil acesso aos usuários interessados.

## NOTAS PARA IMPLANTAÇÃO

A implantação de um Centro de Memória vem auxiliar a instituição a reunir seus documentos que estão limitados apenas ao público interno a partir de um diagnóstico amplo dos documentos e/ou objetos disseminados pela empresa. (CAMARGO e GOULART, 2015).

Porém esse tipo de projeto exige investimentos como um acervo físico e softwares específicos (Camargo e Goulart, 2015), além de outros fatores imprescindíveis para a materialização de um Centro de Memória. Como notas para sua implantação, utiliza-se o material de base do Itaú Cultural: “Centros de memória - manual básico para implantação” (2013) e apresenta-se, na sequência, os elementos descritos na figura 1.

O primeiro passo é a elaboração de um planejamento estratégico definindo objetivos e atividades que o Centro de Memória desempenhará, relacionando este à visão da empresa e focando na amplitude de bens e serviços. Além disso, é necessário definir quais materiais o Centro de Memória comportará (documentos, fotos, gravações, entrevistas, objetos, entre outros).

Também se faz necessária a definição de quais serviços o Centro de Memória oferecerá, se seu foco é apenas o tratamento do acervo ou para além dele, como a produção de conteúdo levando em consideração a contribuição do acervo para a atuação da instituição. A partir daí, é possível



desenhar a infraestrutura com base nas atividades que se pretende desenvolver e a figura do gestor da alta direção é fundamental, pois ele precisa estar envolvido no projeto e dar o aval necessário à sua implantação.

Figura 1. Etapas para implantação de um Centro de Memória

1	PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO	Definição de linhas de ação e infraestrutura	3	INFRAESTRUTURA: ESPAÇOS, MOBILIÁRIO E EQUIPAMENTOS	
		Grupo gestor - o envolvimento da alta direção			
		Composição do acervo			
		Definição dos produtos e serviços			
		Formação da equipe			
2	FORMAÇÃO DO ACERVO	Os arquivos como locais de preservação da memória	4	TRATAMENTO TÉCNICO DO ACERVO	Identificação, classificação e descrição
		Levantamento da produção documental			Tecnologia da informação: definição do software de banco de dados
		Tipos documentais representativos das diversas funções da instituição			Catálogo do acervo
					Vocabulário controlado
					Gestão de documentos digitais
			5	CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO DO ACERVO	Controle ambiental
					Embalagens
					Higienização

Fonte: Adaptado a partir de ITAÚ CULTURAL, 2013

Ainda dentro do planejamento estratégico, é necessário definir a composição do acervo, ou seja, estipular quais materiais serão recolhidos para integrá-lo e definir os produtos e/ou serviços que o Centro de Memória poderá oferecer como a produção de conteúdo através de exposições, pesquisas temáticas, atendimento de visitas ou desenvolvimento de sites, por exemplo, tudo isso através de uma equipe multidisciplinar que possa gerir as atividades ao qual o Centro de Memória se propõe.

Quanto à formação do acervo, os arquivos passam a serem vistos como locais de referência sobre a memória e quando estes são preservados em um acervo histórico, tornam-se vivos novamente. Através de uma política de acervo é possível definir quais documentos têm valor histórico para a instituição e precisam ser preservados, que representam a memória da instituição, quais são compatíveis com a atividade da empresa e quais podem ser recolhidos pelo Centro de Memória sem causar impacto em outras áreas.

Alguns exemplos de documentos que podem compor o acervo são os estatutos, regimentos, atas de assembleia e de reuniões dos conselhos e diretoria, relatórios de planejamento estratégico, organogramas, planos de negócios, normas políticas, jornais internos, boletins, publicações, planos de comunicação, vídeos institucionais, prêmios, diplomas, catálogos de produtos, brindes, projetos de patrocínios, entre outros.



No que diz respeito à infraestrutura de um Centro de Memória, esta dependerá do volume de documentos e/ou objetos que pretendem ser preservados, ou seja, quanto maior a quantidade de elementos, mais complexa será a estrutura como armários, estantes, sistema de climatização ambiental, sistema de segurança e equipamentos técnicos.

Sobre o tratamento técnico do acervo, todas as informações coletadas no levantamento da produção documental necessitam ser consolidadas e identificadas, sistematizadas por ordem de classificação e descritas para que se tornem compreensíveis ao pesquisador.

Ainda, o desenvolvimento de uma ferramenta de base de dados se faz necessária para o controle do acervo, bem como para gerenciá-lo e ampliar as possibilidades de pesquisa. Esse sistema de dados poderá ser adquirido pela empresa através da compra de um software no mercado, da contratação de uma empresa de desenvolvimento de sistemas ou de uma equipe interna de tecnologia da informação (TI).

Já a catalogação do acervo é a elaboração da estrutura de campos do sistema de dados, identificando as informações necessárias ao acervo e criando uma base de informações, desde o início do trabalho. Um controle ou uma planilha de catalogação pode conter informações como código, título, conteúdo, autoria, datas cronológicas, características físicas, estado de conservação e observações pertinentes ao documento/objeto. Isso tudo por meio de um vocabulário estruturado e controlado, ou seja, os termos escolhidos para descrever os documentos devem auxiliar na compreensão do acervo e ampliar o seu desempenho de pesquisa.

Em caso de documentos digitais, a ferramenta de banco de dados utilizada pelo acervo deve ser compatível com a inserção de documentos digitais e imagens garantindo também a preservação dos mesmos.

A última fase aqui exposta diz respeito à conservação e preservação do acervo, ou seja, ao conjunto de medidas destinadas a assegurar a integridade física dos arquivos, reprimindo a ação de agentes de deterioração. Entre essas medidas está o controle ambiental e de armazenamento dos documentos que visam controlar fatores como temperatura, umidade do ar, poluição atmosférica e luminosidade.

Outra medida se refere às embalagens específicas de acordo com as características de cada documento como caixas-arquivos, pastas ou envelopes, que facilitam o manuseio e ajudam na proteção. Os documentos não devem ficar muito tempo expostos, fora de suas embalagens e após finalização de um trabalho ou consulta, devem ser imediatamente acondicionados ao seu lugar de origem. A higienização constante também deve fazer parte do acervo, por meio de uma área de trabalho limpa, aderência de luvas ao manusear os documentos, entre outros.



Logo, através de um Centro de Memória é possível detalhar e classificar os documentos inserindo-os em um determinado contexto histórico, mesmo porque como compreende Novafala (Orwell, 1984, publicado em 1949, apud SMIT, 2020) “O passado, refletiu ele, não fora simplesmente alterado; na verdade fora destruído. Pois como fazer para verificar o mais óbvio dos fatos, quando o único registro de sua veracidade estava em sua memória?”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS DA PESQUISA

Esta comunicação teve como objetivo verificar como um Centro de Memória pode contribuir para agregar valor ao negócio do Bannisul Armazéns Gerais S/A, (Bagergs). Desta forma, discutiu-se o papel/função/atividade de um Centro de Memória, para além de organizar e difundir documentos e objetos, mas atender uma necessidade estratégica da organização onde essa reforça conexões com a comunidade interna e externa, se destacando de seus concorrentes. Na continuidade apresentou-se a Bagergs, operadora no setor de armazenamento de mercadorias, atuante como Porto Seco na Região Metropolitana de Porto Alegre e ainda se propôs breves notas para a implantação de um Centro de Memória, onde apresentou-se um exemplo de roteiro com o objetivo de, através das etapas discutidas para sua inserção, seja possível reforçar a identidade e a memória da Bagergs perante a sociedade.

## REFERÊNCIAS

- BAGERGS. **Apresentação Institucional**. Disponível em: <<http://www.bagergs.com.br/bmj/link/sitev2/Default.asp?Modulo=Institucional&Page=ApresentacaoInstitucional>>. Acesso em: 1 set 2020.
- BERNARDES, Cyro. **Teoria geral da administração: a análise integrada das organizações**. São Paulo: Atlas, 1993.
- CAMARGO, Ana Maria; GOULART, Silvana. **Centros de Memória: uma proposta de definição**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015. p. 61-87.
- CULTURAL, Itaú. **Centros de Memória: Manual básico para implantação**. São Paulo: Itaú Cultural, 2013.
- ETZIONI, Amitai. **Organizações modernas**. 8 ed. São Paulo: Pioneira, 1989.
- GONDAR, Jô. **Cinco proposições sobre memória social**. *Morpheus*, v. 9, n. 15, 2016. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/5475/4929>>. Acesso em: 29 maio 2020.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade.** Tradução: Maria Célia Paoli. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

NASSAR, Paulo. **Relações públicas na construção da responsabilidade histórica e no resgate da memória institucional das organizações.** 2. ed. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2008.

SMIT, Johanna Wilhelmina. **Funções Endógenas e Exógenas: O Desenho do Acervo - Aula 3.** Curso Centros de Memória: Fundamentos e Perspectivas. Acesso em: 28 ago. 2020.

SDAERGS, **Sindicato dos Despachantes Aduaneiros do Estado do Rio Grande do Sul. Portos Secos do RS.** Disponível em: < <http://www.sdaergs.com.br/portos-secos-rs>>. Acesso em: 25 set 2020.

WORCMAN, Karen. **Memória do futuro: um desafio.** In: NASSAR, Paulo (Org.). Memória de empresa: história e comunicação de mãos dadas a construir o futuro das organizações. São Paulo: Aberje, 2004. p. 23-30.





## UTILIZAÇÃO DE JOGO MULTIMODAL EM PRÁTICAS DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO: RESULTADOS DAS PRÁTICAS COM O JOGO WATER GENERATIONS

USING A DIGITAL GAME IN ENGLISH LEARNING PRACTICES IN HIGH SCHOOL:  
RESULTS OF THE PRACTICES WITH THE WATER GENERATIONS GAME

Vanessa Lauermann; Paulo Ricardo dos Santos; Débora Nice Ferrari Barbosa

Universidade Feevale

**Resumo:** Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa desenvolvida no contexto das aulas de língua inglesa para estudantes do ensino médio. A pesquisa teve como objetivo compreender se o um jogo digital multimodal pode influenciar na motivação de estudantes para aprendizagem dos conteúdos de língua inglesa. Para tal, foi desenvolvida uma prática em torno do jogo Water Generations, que trata do tema da sustentabilidade dos recursos hídricos. A aplicação da prática ocorreu em turmas na escola pública e privada. Assim, este trabalho apresenta o processo de aplicação de um jogo digital multimodal em aulas de Língua Inglesa com sujeitos que estudam no ensino médio, demonstrando o planejamento das aulas e o resultado das aplicações, que revelam uma recepção positiva de estudantes e professores a esta metodologia.

**Palavras-chave:** Jogos digitais. Língua inglesa. Educação. Multimodalidade

**Abstract:** This paper presents the results of a research developed in the context of English language classes for high school students. The research aimed to understand the use of a multimodal digital game and the influence students' motivation to learn English language content. So, a project was developed using the game Water Generations, which deals with the theme of sustainability of water resources. The application of the project took place in two contexts, public school and private school. Thus, this work aims to demonstrate the application process of a multimodal digital game in English language classes with subjects studying in high school, demonstrating the planning of the classes and the result of the applications, which demonstrate a positive reception from students and professors to this methodology.

**Keywords:** Digital games. English language. Education. Multimodality.

### 1 INTRODUÇÃO

A área de jogos digitais abrange, além de produtos voltados para o entretenimento, jogos desenvolvidos com base em um conteúdo ou recurso educacional. Os chamados jogos sérios ou jogos educativos digitais buscam o ensino de conteúdos específicos ou o desenvolvimento de habilidades operacionais ou comportamentais (MORAIS, 2011). Conforme Lieberman (2006), jogos sérios são caracterizados pela presença de objetivos desafiadores que possuem algum tipo de pontuação, pela diversão e pelo engajamento, e por conduzirem o jogador a desenvolver atitudes aplicáveis ao mundo real. (PETRY, 2016). Além disso, os jogos digitais são caracterizados pela presença de uma interface multimodal (ROWSELL & WALSH, 2011), isto



é, pela presença de diferentes elementos visuais e textuais (imagens, links, vídeos, animações, sons, cores, letras, entre outros) que compõem a estrutura do jogo. A multimodalidade, aplicada nos contextos de ensino, pode ser benéfica para a aprendizagem.

A utilização de um jogo digital como uma tecnologia em sala de aula pode fornecer ao aluno um espaço de aprendizagem individualizado e é capaz de promover um suporte especializado para cada aluno/jogador. Isso ocorre quando o aluno, ao jogar, entra em contato com o conteúdo e deve progredir no espaço de jogo recebendo um *feedback* constante e individualizado. Além disso, o aluno possui controle sobre o ambiente de jogo e conteúdo e, assim, realiza ações e verifica como elas afetam o lado físico ou social representado no jogo, bem como a relação entre esses elementos com o próprio conteúdo (LIEBERMAN, 2006).

No contexto de ensino de língua inglesa no Brasil, a utilização de jogos digitais tem sido vista como uma alternativa para engajar os estudantes, uma vez que a aprendizagem de uma segunda língua está ligada intrinsecamente a fatores como motivação e interesse pessoal. Esses aspectos podem ser potencializados com o uso de recursos tecnológicos, uma vez que a internet, os jogos eletrônicos e os dispositivos móveis fazem parte da cultura de crianças e adolescentes. O desenvolvimento de aulas mediadas pelas tecnologias digitais cria uma conexão com a realidade dos estudantes, sendo uma forma de mantê-los engajados nas práticas.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é apresentar o processo de aplicação de um jogo digital multimodal em aulas de Língua Inglesa com alunos no ensino médio, apresentando o desenvolvimento das aulas e as percepções de professores e alunos em cada momento.

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida possui uma abordagem quali-quantitativa, de natureza aplicada. O estudo ocorreu em dois contextos diferentes, denominados Grupo A e Grupo B, ambos de Novo Hamburgo, RS. Fazem parte do Grupo A estudantes de Ensino Médio que participam de um projeto social desenvolvido na Universidade Feevale, durante o contraturno escolar, totalizando 39 sujeitos de idades entre 15 e 21 anos. Já o Grupo B é constituído de jovens no Ensino Médio de uma escola privada do município, com idades entre 15 e 16 anos. Deste, participaram 26 estudantes, com a pesquisa desenvolvida na escola.

Para este projeto, foram elaborados 2 planos de aula, aplicados da mesma forma nos dois grupos. Essas aulas foram desenvolvidas a partir de um recurso motivador, ou seja, a utilização



de um jogo digital inserido em uma prática multimodal gamificada. O jogo escolhido, chamado Geração Água, foi desenvolvido na Universidade Feevale dentro de um grupo de pesquisa e desenvolvimento de jogos digitais. O Geração Água é um jogo digital educativo, desenvolvido para uso em dispositivos móveis (*tablets*) e *web*. Neste *game*, o jogador gerencia uma casa, realizando melhorias que visam à sustentabilidade através da eficiência no uso dos recursos hídricos. O jogo tem como objetivo levar o jogador a perceber que ele é parte atuante no cuidado do meio ambiente, em especial a água.

Uma vez que este jogo obteve *feedback* positivo em diversas experiências de aplicação, percebeu-se o potencial do projeto não apenas para discutir a sustentabilidade, mas, também, para desenvolver propostas amplas em que o jogo pertença a uma prática de ensino mais complexa. Assim, com vistas à aprendizagem do inglês a partir de assuntos com os quais os estudantes possam fazer conexões pessoais, fez-se uma tradução do Geração Água para o inglês, chamado “*Water Generations*”. A Figura 1 mostra uma das telas do jogo *Water Generations*.



**Figura 1** – Game *Water Generations*: Boas-vindas ao aluno

**Fonte:** LAUERMANN (2019).

### 3 RESULTADOS

Nesta seção, descreve-se o desenvolvimento das aulas, com utilização de extratos das entrevistas e dados dos questionários para compreender as percepções dos professores e alunos quanto ao projeto.



## 3.1 PRIMEIRA AULA

Conforme o planejamento estabelecido, a primeira aula iniciou com o professor fazendo uma breve introdução do tema e falando sobre o que seria tratado nos dois encontros, de modo a contextualizar os alunos. A atividade seguinte foi o *brainstorming*, para entender o vocabulário prévio que os alunos possuíam com relação ao uso sustentável dos recursos hídricos. A atividade seguinte foi a apresentação do vídeo.

Por fim, o plano propõe a aplicação do *game*, como última atividade antes do fechamento da primeira aula. De acordo com o professor do Grupo A, os alunos participaram ativamente de todas as atividades propostas na aula, porém, na visão dele, o jogo foi o destaque. Segundo o professor, durante a atividade com o *Water Generations*, a sala ficou em absoluto silêncio e concentração. O professor ainda completou dizendo “*Eles gostaram bastante*”. Segundo ele, alguns alunos tomaram nota do link de acesso ao jogo e, antes de iniciarem a segunda aula, já estavam jogando novamente, sem que isso tivesse sido orientado pelo professor, o que demonstra o quanto a atividade era motivante para os alunos.

Para a professora do Grupo B, o jogo digital também foi destaque entre os recursos utilizados na primeira aula. Alguns pontos destacados por ela chamam a atenção. Segundo a professora, um dos grandes desafios das práticas em sala de aula é manter os alunos concentrados, de modo que não desviem a atenção das práticas. Na entrevista, ela mencionou: “*eu nunca tinha visto isso com meus alunos, deles ficarem tanto tempo focados no jogo, sem mexer no celular*”. Para ela isso só é possível com uma prática muito bem planejada, como menciona no trecho “*tem que ser uma aula muito boa para fazer isso*”.

Quando questionados sobre o que eles haviam gostado mais na primeira aula, 82,1% dos alunos do Grupo A e 92,3% dos alunos do Grupo B responderam “*Jogar o Water Generations no computador*”. Por ser uma pergunta objetiva, foi possível calcular um percentual de respostas entre os alunos, conforme Tabela 1.

**Tabela 1.** Aula 1 - atividade de que os alunos mais gostaram

Fonte\Grupo		Grupo A		Grupo B	
		N	%	N	%
O que gostou mais na 1ª aula?	A conversa com o professor e colegas	4	10,30%	2	7,70%
	Jogar o <i>Water Generations</i> no computador	32	82,10%	24	92,30%
	O vídeo inicial	3	7,70%	0	0,00%

Fonte: LAUERMANN (2019).





De acordo com o professor do Grupo A, o uso de recursos multimodais na prática, aliados à tecnologia, motivou bastante os alunos. Ao ser questionado sobre os recursos, ele mencionou que “os alunos estavam bem interessados”, o que demonstra que estavam atentos às orientações e participativos com os conteúdos propostos. Já para a professora do Grupo B, o uso dos recursos multimodais ajuda muito, principalmente no ensino de segunda língua

Logo, entende-se que a Aula 1, na visão dos professores, atendeu aos pontos necessários ao ensino de língua inglesa e conseguiu estabelecer uma conexão com os alunos, graças ao uso da tecnologia, que cria uma interação importante com os alunos dessa faixa etária, propiciando a aprendizagem.

## 3.2 - SEGUNDA AULA

Conforme o planejamento da segunda aula, iniciou-se com os alunos recebendo os *tablets* para jogar o *Water Generations* em trios. Logo após a entrega dos dispositivos, o professor propôs aos alunos que respondessem, em um pequeno texto ou frase, a pergunta: “*What could you do in your home to use water sustainably?*”<sup>1</sup>. A ideia era que, enquanto jogavam, os grupos interagissem e criassem a sua resposta. Por estarem em um laboratório de informática, o professor do Grupo A relatou que a dinâmica em grupos acabou sendo influenciada, porque os alunos que não estavam com o *tablet* em mãos ficaram dispersos, ao invés de trabalharem em cooperação com os demais.

Para a professora do Grupo B, o jogo sempre foi o ápice da motivação e participação dos alunos, como relatou durante a entrevista: “o que apareceu ali e que eles sempre pareceram motivados foi durante o jogo. Sempre foi assim, pareceu uma coisa divertida. Pelo ponto de vista dela, eles se divertiram até mais do que no jogo no computador.

Logo após o jogo nos *tablets* e da resposta da pergunta, o Plano da Aula 2 indica a atividade de gravação do vídeo em grupos, utilizando os *tablets* novamente. Segundo relato dos dois professores, os alunos se divertiram ao gravar os vídeos, pois, nesse momento da aula, eles saíram do espaço da sala/ laboratório para gravar os vídeos em outros espaços, aproveitando a mobilidade oferecida pelo *tablet*. O professor do Grupo A inclusive mencionou acreditar que

---

<sup>1</sup> Numa tradução livre, “o que você poderia fazer na sua casa para ter sustentabilidade?”



essa foi a atividade que gerou mais interesse aos alunos, uma vez que houve mais interação e troca, além de ser algo novo naquele contexto.

Na sequência, a proposta era a troca dos *tablets* entre os grupos, de modo que todos compartilhassem o material gravado e isso gerasse uma discussão na turma. O professor do Grupo A relatou que esse ponto da aula, na avaliação dele, foi o que produziu mais sentido: “*porque eles tiveram que prestar atenção naquilo que eles falavam, dizer o que entenderam e saber se foi isso mesmo que havia sido dito.*” A professora do Grupo B também avaliou que, apesar de inicialmente os alunos terem reclamado um pouco para mostrar o material para os colegas, logo eles se divertiram muito e gostaram desse compartilhamento.

Com relação às práticas propostas na segunda aula, o questionário respondido pelos alunos aponta que a atividade com o *game* foi uma das prediletas dos alunos, porém, não tão acentuada como o demonstrado na primeira aula. Isso também justifica o fato de o professor do Grupo A acreditar que a gravação do vídeo foi a atividade favorita dos alunos. Segundo as respostas levantadas, 41% dos alunos do Grupo A e 57,7% dos alunos do Grupo B, escolheram “*Jogar o Water Generations no tablet*” como a atividade preferida, sendo essa a atividade mais votada por ambos os grupos. No questionário dos alunos, essa também foi uma pergunta objetiva e a análise das respostas encontra-se na Tabela 2.

**Tabela 2** - Aula 2: atividade de que os alunos mais gostaram

Fonte\Grupo		Grupo A		Grupo B	
		N	%	N	%
O que gostou mais na 2ª aula?	Escrever o texto respondendo a pergunta proposta	1	30,80%	3	11,50%
	Gravar o vídeo e compartilhar com os colegas	9	23,10%	7	26,90%
	Jogar o <i>Water Generations</i> no tablet	1	41,00%	1	57,70%
	Outros	6	5,10%	5	3,80%

Fonte: LAUERMANN (2019)

De acordo com o professor do Grupo A, os recursos utilizados na segunda aula também influenciaram de maneira positiva a participação dos alunos. Ele ainda destacou o uso do *tablet*, como algo diferente e agradável ao contexto dos alunos. Já a professora do Grupo B, a segunda aula ocorreu de modo natural, uma vez que já estão habituados a gravar e enviar áudios em dispositivos móveis, pois a professora utiliza esses recursos como forma de avaliação do aprendizado, já que, segundo ela, não são utilizadas provas no contexto da escola.



Ademais, percebe-se que a prática não apenas motivou os estudantes a participarem, mas também fez com que os professores tivessem uma experiência positiva durante a proposta. Nesse contexto, ambas as partes se beneficiam, pois, no momento em que os alunos participam ativamente das aulas, os docentes podem explorar novas possibilidades de conteúdos de língua inglesa e obter uma atenção mais qualificada e prolongada dos estudantes durante as aulas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estimular o uso de recursos tecnológicos nas metodologias educacionais, como, por exemplo, jogos digitais, pode contribuir para a educação, de forma geral, e para o ensino de língua inglesa, temática deste projeto de pesquisa, reconhecendo a importância dessa aproximação cultural entre o currículo oferecido nas escolas e o perfil dos estudantes, os quais utilizam dispositivos tecnológicos para seu uso pessoal diariamente. Trazer para a sala de aula um elemento de fácil assimilação e pelo qual muitos se interessam – jogos digitais – pode tornar as aulas mais diversificadas, abrangentes e motivadoras para a aprendizagem.

Assim, os jogos digitais e a multimodalidade unida ao ensino de língua inglesa fornecem uma nova visão do processo de ensino aprendizagem tanto para professores como para alunos. É importante que os educadores estejam abertos ao uso desses recursos, pois, conforme apresentado neste projeto, a prática pedagógica apontou para um aumento de motivação e consequente participação dos alunos, o que tem reflexos diretos à aprendizagem.

#### AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Universidade Feevale e pelo apoio a esta pesquisa. Os autores também são gratos ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo suporte no desenvolvimento deste projeto.

#### REFERÊNCIAS

- LAUERMANN, Vanessa. **Multimodalidade aplicada à leitura, compreensão textual e escrita em língua inglesa para alunos do ensino médio**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2019.
- LIEBERMAN, Debra A. What can we learn from playing interactive games? **Playing video games: Motives, responses, and consequences**, p. 379-397, 2006.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

MORAIS, Alana M. **Planejamento e desenvolvimento de um serious game voltado ao ensino de saúde bucal em bebês.** 2011. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Modelos de Decisão e Saúde, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

PETRY, Luís Carlos. O conceito ontológico do jogo. In: ALVES, Lynn; COUTINHO, Isa de Jesus (Orgs.). **Jogos digitais e aprendizagem: fundamentos para uma prática baseada em evidências**, Campinas: Papyrus, 2016.

ROUSELL, Jennifer; WALSH, Maureen. Rethinking literacy education in new times: multimodality, multiliteracies, & new literacies. **Brock Education**, Ontário, v. 21, n. 1, p. 53-62, 2011.





## PRIMEIRA INFÂNCIA, A CRIANÇA EM PRIMEIRO LUGAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DAS PRÁTICAS INCLUSIVAS DE UM PROJETO DE INTERVENÇÃO PRECOCE

EARLY CHILDHOOD, THE CHILD IN FIRST PLACE: AN EXPERIENCE REPORT  
ABOUT THE INCLUSIVE PRACTICES OF AN EARLY INTERVENTION PROJECT

Fernanda Momberger; Marilene de Fátima Pacheco dos Santos

Universidade Feevale

**Resumo:** Os primeiros anos da vida de uma criança são fundamentais para o seu desenvolvimento integral e terão reflexo em seu crescimento até a vida adulta. Sendo assim, a confirmação de uma deficiência poderá interferir neste desenvolvimento e na relação dos pais com o bebê, por isso se faz importante e necessário que a família tenha um suporte adequado que proporcione a escuta de possíveis angústias parentais e que oportunize novas possibilidades para a criança se desenvolver. Nesse sentido, a intervenção precoce reúne diferentes ações que facilitam o desenvolvimento, a autonomia e a integração do bebê com o meio familiar e o social. Uma delas é o apoio matricial que atua favorecendo a interlocução com diferentes serviços contribuindo para a inclusão. O objetivo deste artigo é, a partir de um relato de experiência de um projeto de intervenção precoce, discutir suas ações, principalmente a dinâmica do apoio matricial como dispositivo de inclusão de bebês, pequenas crianças e suas famílias, buscando a estruturação de práticas com um olhar inclusivo respeitando a individualidade e o desenvolvimento de cada sujeito.

**Palavras-chave:** Inclusão social. Intervenção precoce. Apoio matricial.

**Abstract:** The child's life first years are fundamental to his/her integral development and will reflect in his/her growth until adult life. Thus, the confirmation of a deficiency may interfere in the child development and in the baby and parents relationship, so it is important and necessary an adequate family attendance that can support possible parental anxieties and that can provide new possibilities for the child develop. In this sense, early intervention brings together different practices to facilitate the baby's development, autonomy, and integration with the family and social environment. One of them is the matrix support that works by promoting dialogue with different services in way to contribute to inclusion. From an experience report of an early stimulation project, the objective of this article is to discuss its actions, mainly the matrix support dynamic as an inclusion device of babies and small children and their families by offering practices that respect the individuality and development of each subject.

**Palavras-chave:** Social inclusion. Early intervention. Matrix support.

### 1 INTRODUÇÃO

A inclusão é um direito fundamental de todos, independentemente de características individuais e sociais. Nessa perspectiva, o olhar inclusivo implica em aceitar as diferenças, promovendo o desenvolvimento de cada um, a partir de meios capazes de respeitar a individualidade, interesses, motivações e projetos de vida (BRANDÃO; FERREIRA, 2013).





Em se tratando de infância, os primeiros anos são considerados fundamentais para o desenvolvimento, portanto se faz importante promover experiências que façam sentido a esse processo de maneira integral, facilitando a aquisição de novas habilidades e aprendizagens, que lhe servirão em sua interação com o mundo.

No Brasil, o Marco Legal da Primeira Infância, Lei nº 13.257, compreende que esta etapa da vida ocorre de zero aos 6 anos de idade e considera a sua relevância na construção da trajetória nos anos vindouros do sujeito (BRASIL, 2016). De acordo com Portugal (2009, p. 7), as experiências nessa fase lançam “as bases do desenvolvimento nos seus diversos aspectos físicos, motores, sociais, emocionais, cognitivos, linguísticos, comunicacionais, etc.”, de forma a refletir na convivência familiar e comunitária da pessoa.

Corroborando com essa ideia, Santos, Porto e Lerner (2014, p. 3) apontam que crianças que apresentam um desenvolvimento saudável na primeira infância “têm maior facilidade de se adaptarem a diferentes ambientes e de adquirirem novos conhecimentos”. Isto é, a qualidade da atenção oferecida a essa etapa da vida tem influência no “sucesso escolar, no desenvolvimento de fatores de autoestima e resiliência” necessários à aprendizagem (ALEXANDRE et. al, 2012, p. 273).

Nesse sentido, a confirmação de uma deficiência pode interferir tanto no desenvolvimento do bebê, quanto na relação da família com este bebê, incidindo no estabelecimento do vínculo, trazendo dúvidas e, até mesmo, dificuldade na aceitação da condição. Para Goés (2006), essa realidade pode causar choque e angústia na família, tornando o olhar e o cuidado funções difíceis aos pais, o que justifica a importância de um suporte adequado que facilite a relação família-bebê e proporcione possibilidades para a criança se desenvolver.

Assim, como forma de favorecimento ao desenvolvimento infantil na primeira infância, a intervenção precoce reúne, em caráter terapêutico e preventivo, procedimentos que venham a proporcionar à criança experiências em vários níveis. Por meio de ações que envolvam a família, a escola de educação infantil e a equipe de profissionais multi, inter e transdisciplinar, se aposta no desenvolvimento de potencialidades e capacidades que promovam a qualidade de vida. Essa modalidade de atenção à infância tem como objetivo criar condições que facilitem o desenvolvimento e a autonomia, reforçando o vínculo familiar e favorecendo a integração da criança ao meio familiar, escolar e social (FRANCO, 2007).

Nesse sentido, no ano de 2018, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Novo Hamburgo (APAE NH) contou com o serviço de intervenção precoce após a contemplação do



projeto Primeira Infância, a criança em primeiro lugar, apoio recebido do Projeto Criança Esperança. Tal projeto ofertava acompanhamento clínico terapêutico de bebês e pequenas crianças, com risco em seu desenvolvimento, e suas famílias, além disso, a equipe fazia uso do apoio matricial como dispositivo para a inclusão dos indivíduos em outros serviços necessários, de acordo com cada caso. Campos e Domitti (2007) entendem o apoio matricial como um meio para favorecer a comunicação e o compartilhamento de conhecimento entre os profissionais de referência e profissionais apoiadores, capaz de qualificar o trabalho das equipes. Em outras palavras, as discussões e interlocuções da APAE NH com outros serviços, sejam de saúde, educação ou assistência social do município, propuseram-se não só a garantir direitos, como também a capacitar as ações e os profissionais envolvidos.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é, a partir de um relato de experiência, discutir as ações do projeto de intervenção precoce “Primeira Infância, a criança em primeiro lugar”, principalmente relacionadas à dinâmica do apoio matricial, como dispositivo de inclusão de bebês e pequenas crianças e suas famílias. O relato de experiência é um saber que resulta de um processo, é um trabalho de concatenação e memória acerca de determinada situação, permitindo ao seu redator refletir e se posicionar de maneira que possibilita inúmeras análises e atribuições de sentidos (DALTRO; FARIA, 2019, p. 226). Sendo assim, a partir da junção de relatórios escritos e as lembranças das autoras, as vivências do projeto Primeira Infância, a criança em primeiro lugar, serão narradas e analisadas no seguimento deste texto.

## 2 DESENVOLVIMENTO

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) investe nas possibilidades transformadoras do indivíduo, criando condições para o desenvolvimento integral do sujeito a partir de uma proposta coerente com a realidade e as necessidades da pessoa com deficiência intelectual e/ou múltipla. O movimento Apaeano é reconhecido como o maior em sua área de atuação e conta com profissionais engajados em proporcionar atenção integral ao seu público (FENAPAES, 2016).

Em Novo Hamburgo, a APAE NH<sup>1</sup> se caracteriza como uma Organização da Sociedade Civil (OSC) sem fins lucrativos, que atua nas três esferas das políticas públicas: Assistência Social, Educação e Saúde. Através de serviços socioassistenciais com a convivência

---

<sup>1</sup> A organização pode ser conhecida através do site: <http://www.apaenh.com.br/quem-somos>.



comunitária, de atendimentos técnicos especializados voltados para a saúde e de educação básica, nos diversos níveis e modalidades de ensino da educação especial, busca proporcionar a inclusão social das pessoas com deficiência intelectual e/ou múltipla. Com vista a favorecer o pleno desenvolvimento do seu público atendido, também são ofertados aos familiares apoio e orientação em relação aos cuidados e aos direitos.

Ao longo dos anos, a instituição vem investindo na infância oferecendo atendimentos desde o nascimento. Em 2018, a APAE NH teve a oportunidade de qualificar as ações voltadas à primeira infância, a partir da contemplação do projeto denominado “Primeira Infância, a criança em primeiro lugar”, com o apoio do projeto Criança Esperança, proporcionando uma atuação inovadora no município. As ações estavam voltadas ao acolhimento e atendimento para bebês e crianças, de zero a 6 anos de idade, que apresentassem alterações orgânicas e/ou psíquicas, atrasos ou transtornos do neurodesenvolvimento, abrangendo a deficiência intelectual e múltipla.

Sua proposta seguia os preceitos da Estimulação Precoce (EP) e Psicopedagogia Inicial (PI), ofertando um acompanhamento individualizado que previa a participação ativa dos responsáveis, utilizando o recurso do brincar, das atividades espontâneas e da escuta terapêutica, buscando o desenvolvimento das aquisições psicomotoras, cognitivas, de linguagem, bem como de subjetividade e habilidades sociais. A equipe interdisciplinar, constituída por profissionais da assistência social, fisioterapia, fonoaudiologia, musicoterapia, psicologia, psicopedagogia e terapia ocupacional, atuava sob a ótica do terapeuta único, amparado pela equipe, no acompanhamento das demandas do bebê/criança e sua família. Esta prática pretendia evitar reflexos negativos que o excesso de atendimentos especializados poderia acarretar à constituição da criança enquanto sujeito, além de vincular a família a um terapeuta de referência capaz de incluir o saber dos responsáveis sobre o bebê no tratamento (JERUSALINSKY, 2010).

A EP apresenta, então, como proposta, com bebês de 0 a 3 anos e 11 meses de idade, a superação de obstáculos no seu desenvolvimento. O terapeuta, trabalhando com o desejo, estimula o bebê para que ele utilize diferentes estratégias cognitivas, psicomotoras e de comunicação, de maneira a refletir em sua constituição enquanto sujeito e em seu desenvolvimento integral (JERUSALINSKY, 2000). Posteriormente, dos 4 aos 6 anos, a PI dará seguimento auxiliando a criança na apropriação de conhecimento e de seu caminho para a aprendizagem na escola infantil e demais espaços do social e da cultura (FREITAS, 2015).





Além do trabalho terapêutico com os bebês e crianças, havia um grupo de famílias facilitado por profissionais da psicologia e da assistência social. Os encontros, em geral, eram guiados por uma dinâmica previamente organizada, onde aconteciam trocas de experiências que possibilitassem aos participantes a compreensão e ressignificação de diversos aspectos, inclusive os relacionados à deficiência. Para Anauate e Amiralian (2007, p. 11), o grupo de apoio às famílias propõe a orientação e informação aos familiares, em referência ao “que concerne a receber e aceitar um novo membro, deficiente, na família, proporcionando, assim, uma melhor adaptação desse deficiente na comunidade de maneira geral”. Concomitante a reunião desse grupo, ocorria um momento com as crianças em um “espaço Kid’s”, em que diferentes interações lúdicas e terapêuticas eram mediadas pelos demais profissionais do serviço. A intenção era oportunizar experiências múltiplas, ao passo que se garantia a participação dos pais no grupo de apoio.

As famílias participantes do projeto ingressavam na APAE NH por meio de diferentes acessos, desde a busca ativa na comunidade através de panfletos deixados nos hospitais, no programa Amigos do Bebê<sup>2</sup> e na rede de educação infantil, até a busca espontânea de famílias que ficavam sabendo do projeto pela divulgação nas mídias locais. O primeiro encontro das famílias com a equipe acontecia através do acolhimento. Nesse espaço, o profissional, assumindo uma postura acolhedora, escutava a demanda principal dos participantes e colhia outros dados importantes para dar seguimento na discussão do caso em equipe. Cabe ressaltar que, de acordo com Falk et al. (2010), o acolhimento implica em um atendimento resolutivo e responsável, capaz de orientar o paciente e a família e, quando necessário, articular outros serviços.

Após essa etapa, eram realizadas reuniões de equipe para apresentar, discutir e orientar ações sobre cada caso acompanhado pelo projeto. Definia-se, pois, o profissional que conduziria o trabalho terapêutico com o bebê e/ou a pequena criança e sua família, enquanto terapeuta de referência. Os debates semanais tinham por objetivo qualificar o trabalho da equipe, propiciar o pensamento crítico dos profissionais, auxiliar na tomada de decisões em conjunto e elaborar intervenções conforme recursos disponíveis e necessidade de cada caso. Santos et al., (2017, p. 607) apontam a importância desta proposta de trabalho para unir a equipe e manter a eficiência e eficácia das práticas, haja vista que quando se trabalha de maneira

---

<sup>2</sup> O programa pode ser conhecido através do site: <https://www.novohamburgo.rs.gov.br/sms/amigos-bebe>.



fragmentada se “corre o risco de ofertar ações muitas vezes incoerentes e até contraditórias, diminuído a resolutividade no seu conjunto e aumentando a possibilidade de limitações na atenção ofertada”.

Em decorrência disso, a equipe também articulava seu trabalho com demais serviços ofertados pelo município, seja saúde, como as Unidades Básicas de Saúde (UBSs), assistência social, como os Centros de Referência da Assistência Social (CRASs) ou educação, como Escolas de Educação Infantil. Os encontros com as equipes buscavam reunir todos os envolvidos para planejamento, delineamento, discussões e decisões em conjunto dos casos, “proporcionando maior clareza sobre os papéis que desempenham no processo de trabalho” (SANTOS et al., 2017, p. 607). Este diálogo com a rede foi denominado pela equipe de apoio matricial, e por isso, as demandas específicas dessa ação tinham como propósito a troca e o aprimoramento do plano terapêutico e do acompanhamento oferecido, como forma de auxiliar na superação das dificuldades apresentadas pela criança e sua família e favorecer a inclusão em diferentes espaços. A nomeação dessa ação foi inspirada na dinâmica de trabalho do apoio matricial do Sistema Único de Saúde (SUS) que propõe o diálogo entre distintas especialidades e profissões (CAMPOS; DOMITTI, 2007).

Observou-se que grande parte das relações com a rede se davam entre a equipe e as escolas. Por isso, os encontros do apoio matricial buscavam escutar a demanda da escola através de um diálogo com a coordenação, os docentes, bem como com os pais. Através de um olhar inclusivo, discutiam-se as necessidades de cada criança, levando em consideração suas particularidades e potencialidades na criação de estratégias para a inclusão. De acordo com Duek (2007), a inclusão escolar vai além de métodos e conteúdos de ensino, mas engloba elementos subjetivos e de interação interpessoal como o afeto, os vínculos e as diferentes visões de mundo.

Assim sendo, o apoio matricial, como um cuidado colaborativo entre saúde mental e educação, assegurava uma retaguarda especializada junto à equipe interdisciplinar, por isso, após cada encontro com as escolas, os casos e as informações eram discutidos em reunião clínica. Era um momento para investigar e entender a dinâmica e as possibilidades para a superação das dificuldades apresentadas no desenvolvimento e na aprendizagem da criança.

Essas reuniões entre a equipe do projeto, após o encontro com a rede, tinham como objetivo preparar uma devolutiva que viesse a contribuir e acompanhar o processo de escolarização, inclusão e aprendizagem. O retorno à escola se dava em rodas de conversas, onde



era possível não só expor as conclusões da equipe, como também pensar em conjunto estratégias que respeitassem a singularidade de cada criança, seu tempo e ritmo de aprendizagem na perspectiva da inclusão. Pois cabe à sociedade se ajustar para a convivência com a diversidade, o que torna imprescindível a garantia de todos ao acesso às oportunidades, independente das particularidades de cada um (ARANHA, 2000).

Contudo, é importante ressaltar o apoio matricial como elemento facilitador, transformador e estratégico que promove o atendimento ao sujeito da primeira infância e dá suporte à família. Sabendo que a possibilidade de pensar e escutar o sujeito da educação é essencial na perspectiva do cuidado como ação integral, a equipe ficou atenta às necessidades, em diferentes aspectos, que compõem o cotidiano de cada sujeito.

O pensar é sempre o apelo ao outro, uma confrontação com o pensamento do outro. [...] A construção do pensamento é promovida pelo desejo de fazer próprio o que é do alheio, mas também nutrida pela necessidade de nos entender e de que nos entendam. [...], mas necessitamos de outro que creia no que pensamos. Ou seja, sem a profunda relação entre o privado e o externo (validação do outro), não há possibilidade do pensar. [...] o pensamento converte-se em uma pertença individual que permite ao sujeito construir-se como parte diferenciada da comunidade, (BRANDÃO, 2011, p. 28).

Por fim, o apoio matricial proporcionou um aporte reflexivo das relações identitárias, das apropriações culturais e da ressignificação de sujeitos e suas famílias, propiciou, ainda, a escuta qualificada, contribuindo para a melhoria da atenção centrada na primeira infância com risco psíquico, uma vez que crianças e famílias se sentiram escutadas. Essa escuta apresentou-se permeada de liberdade de expressão, com uma postura capaz de acolher e construir respostas mais adequadas para cada caso clínico, mostrou-se, dessa forma, como uma das estratégias no desenvolvimento da autonomia, da inclusão escolar e social. Outrossim, ressalta-se a atenção para ouvir querendo compreender o outro, considerando que há um contexto significativo que deve ser concebido pelos serviços como um processo em contínua construção, pautado nas necessidades dos sujeitos, para que se estabeleça uma relação de compromisso entre as equipes e os outros serviços do município objetivando a efetivação do sistema em rede.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada do projeto “Primeira Infância, a criança em primeiro lugar”, reafirmou à APAE NH seu lugar de referência no acompanhamento às deficiências. Através das ações de intervenção precoce ampliou-se a rede de cuidados à primeira infância, fase tão



essencial da vida do ser humano, ofertando suporte ao bebê e sua família tanto em atendimentos clínicos e individuais, quanto com demais serviços do município garantindo a inclusão. As interlocuções com a equipe interdisciplinar envolviam diálogos em rede, junto aos serviços do município, discutindo os caminhos possíveis a serem percorridos.

Todas as ações propostas pelo projeto tiveram por objetivo a superação de dificuldades e a garantia de direitos, como, por exemplo, a inclusão. Nas dinâmicas de roda de conversa em que se propiciou a escuta das famílias, oportunizou-se a experiência de serem protagonistas de suas histórias. O dialogar e a troca entre os integrantes – momentos em que as semelhanças e as diferenças de cada família circulavam – produziram efeitos singulares em cada um, possibilitando, portanto, inclui-las por meio do apoio matricial em outros serviços necessários de acordo com cada caso.

As experiências propiciaram, a partir da prática do ato de acolher, atender a todos que procuram os serviços da primeira infância. Lançava-se mão da primeira escuta da família como elemento organizador do processo inicial no atendimento clínico, para que fosse possível estabelecer, a partir das demandas e necessidades, uma relação de compromisso entre as equipes de maneira a efetivar a articulação entre o projeto e os demais serviços da rede municipal. Nesse sentido, por meio do apoio matricial, foi possível a construção de vínculos e o estabelecimento do respeito à diversidade e à singularidade, neste encontro entre quem cuida e quem recebe o cuidado.

Sendo assim, o apoio matricial, realizado pelos profissionais do projeto, tornou-se importante como dispositivo de convocação e promoção de um trabalho em que as demais equipes encontram-se alinhadas em seus papéis e objetivos para a estruturação de políticas e práticas de ação no campo da saúde, assistência social e educação infantil, oportunizando a superação de dificuldades, a partir de atividades que permitam ao bebê/criança colocar-se enquanto sujeito lançando mão de seus desejos, sentimentos, aprendizagens e habilidades. Na vivência do projeto, percebeu-se que os diálogos com as escolas eram mais comuns em comparação com outros serviços, isso se explica por ser o primeiro ambiente de interação do bebê/criança com outras pessoas além da família.

Em suma, pode-se dizer que o trabalho do apoio matricial criou condições para refletir e levantar questões acerca de como acontecia a educação infantil nos espaços por onde a família circulava e na comunidade a qual pertencia. Da mesma forma, ressalta-se a importância das



ações a partir da escuta e do efeito dos discursos que se produziram em torno da pequena criança com risco no seu desenvolvimento.

Destaca-se o fortalecimento dos vínculos na interação entre profissionais e familiares, pois se estabeleceu uma relação de confiança, proporcionando, dessa forma, uma assistência de qualidade, visto que foi uma condição que possibilitou, a cada profissional envolvido no atendimento clínico, identificar as necessidades da criança e de seus familiares. Por fim, sublinha-se o êxito das práticas apresentadas neste projeto, em que a equipe interdisciplinar apresentou uma comunicação terapêutica eficiente entre profissional e paciente/familiares, sendo possível ter uma monitorização constante das repercussões de cada caso em suas especificidades.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Ana Maria Cosvoski et al. Mapa da rede social de apoio às famílias para a promoção do desenvolvimento infantil. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 272-279, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342012000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342012000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 02 abr. 2021.

ANAUATE, Carla; AMIRALIAN, Maria Lúcia T. M. A importância da intervenção precoce com pais de bebês que nascem com alguma deficiência. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 30, p. 197-210, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602007000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602007000200013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 abr. 2021.

ARANHA, Maria Salete Fábio. Inclusão social e municipalização. In: MANZINI, Eduardo José. **Educação Especial: temas atuais**. Marília: UNESP-Marília Publicações, 2000.

BRANDÃO, Ayéres. Formação de professores para a educação inclusiva num recorte da psicologia analítica. In: PINTO, Silvia Amaral de Mello (coord.). **Psicopedagogia: um portal para inserção social**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

BRANDÃO, Maria Teresa; FERREIRA, Marco. Inclusão de crianças com necessidades educativas especiais na educação infantil. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 19, n. 4, p. 487-502, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382013000400002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382013000400002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27 mar. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.257, de 08 de março de 2016**. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), o Decreto-Lei no 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, a Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008, a Lei nº 12.662, de 5 de junho de 2012. Disponível em: <[https://www.in.gov.br/materia/-](https://www.in.gov.br/materia/)



/asset\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/21172863/do1-2016-03-09-lei-no-13-257-de-8-de-marco-de-2016-21172701>. Acesso em: 02 abr. 2021.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa; DOMITTI, Ana Carla. Apoio matricial e equipe de referência: uma metodologia para gestão do trabalho interdisciplinar em saúde. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 399-407, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v23n2/16.pdf>>. Acesso: 04 abr. 2021.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43015/29726>>. Acesso em: 02 abr. 2021.

DUEK, Viviane Preichardt. Um olhar sobre a deficiência/diferença na escola inclusiva. **Rev. Educação Especial**. Santa Maria, n. 29, p. 1-6, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4176/2511>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

FALK, Maria Lúcia Rodrigues, et al. Acolhimento como dispositivo de humanização: percepção do usuário e do trabalhador em saúde. **Rev. APS**. Juíz de Fora, v. 13, n. 1, p. 4-9, 2010.

FENAPAES, Federação Nacional das APAEs. **Cartilha APAE**. Brasília, 2016.

FRANCO, Vitor. Dimensões transdisciplinares do trabalho de equipe em intervenção precoce. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 11, n. 1, p. 113-121, 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/6452/6779>>. Acesso em: 02 abr. 2021.

FREITAS, Claudia Rodrigues de. Educação precoce e psicopedagogia inicial: atendimento educacional especializado dos zero a seis anos na rede municipal de ensino de Porto Alegre. In: BAPTISTA, Cláudio Roberto (Org.). **Escolarização e deficiência: Configurações nas políticas de inclusão escolar**. São Carlos: Maquenzine & Manzini/ABPEE, 2015.

GOÉS, Fernando Antônio de Barros. Um encontro inesperado: os pais e seu filho com deficiência mental. **Psicol. cienc. prof.** Brasília, v. 26, n. 3, p. 450-461, 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932006000300009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000300009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 06 abr. 2021.

JERUSALINSKY, Alfredo. Quantos Terapeutas para cada Criança? In: JERUSALINSKY, Alfredo et cols. **Psicanálise e Desenvolvimento Infantil**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2010.

JERUSALINSKY, Julieta. Quando o que se antecipa é o fracasso... Prevenção secundária e Estimulação Precoce. In: CAMAROTTI, Maria do Carmo (org.). **Atendimento ao bebê: Uma abordagem interdisciplinar**. Campinas: Casa do Psicólogo, 2000.

PORTUGAL, Gabriela. Desenvolvimento e aprendizagem na infância. In: CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (org.). **Relatório do estudo: A educação das crianças dos 0 aos 12 anos**. Lisboa: Ministério da Educação, 2009.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

SANTOS, Daniel Domingues, PORTO, Julia Antola, LERNER, Rogério. **O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem.** Comitê Científico Núcleo Ciência Pela Infância, Estudo I. 2014. Disponível em:  
<[http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/crianca\\_feliz/Treinamento\\_Multiplicadores\\_Coordenadores/IMPACTO\\_DESENVOLVIMENTO\\_PRIMEIRA%20INFANCIA\\_SOBRE\\_APRENDIZAGEM.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/crianca_feliz/Treinamento_Multiplicadores_Coordenadores/IMPACTO_DESENVOLVIMENTO_PRIMEIRA%20INFANCIA_SOBRE_APRENDIZAGEM.pdf)>. Acesso em: 02 abr. 2021.

SANTOS, Elitiele Ortiz dos; et al. Reunião de equipe: proposta de organização do processo de trabalho. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online.** Rio de Janeiro, v. 9, n. 3 p. 606-613, 2017. Disponível em:  
<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/166315/001044296.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 abr. 2021.





## A IMAGEM DO MIGRANTE NA SOCIEDADE LÍQUIDA MODERNA

### THE IMAGE OF THE MIGRANT IN MODERN LIQUID SOCIETY

Karina Koch; Laura Marcela Ribero Rueda

Universidade Feevale

**Resumo:** este trabalho propõe uma análise da imagem do migrante na sociedade pós-moderna a partir das teorias de Zygmunt Bauman, centradas na modernidade líquida, e utilizando também alguns conceitos de Stuart Hall e Homi Bhabha. A partir da compreensão das características da sociedade líquida, como a individualidade e a difusão das fronteiras globais, pretende-se inferir como se deu a formação dessa imagem do migrante como algo negativo. O texto sugere discutir, a partir daí, como a fotografia pode ser utilizada tanto para reforçar quanto para desconstruir estereótipos, comparando a mídiatização das fotografias de tragédias migratórias com as propostas do grupo de pesquisa Território Nômade.

**Palavras-chave:** Fotografia. Migração. Modernidade Líquida.

**Abstract:** this work proposes an analysis of the image of the migrant in postmodern society based on the theories of Zygmunt Bauman, centered on liquid modernity, and also using some concepts from Stuart Hall and Homi Bhabha. From the understanding of the characteristics of the liquid society, such as individuality and the diffusion of global borders, we intend to infer how this image of the migrant was formed as something negative. The text suggests discussing, from then on, how photography can be used both to reinforce and to deconstruct stereotypes, comparing the mediatization of photographs of migratory tragedies with the proposals of the research group Território Nômade.

**Palavras-chave:** Liquid Modernity. Migration. Photography.

## 1 INTRODUÇÃO

A história da modernidade presencia sua fase líquida, caracterizada por uma fragmentação da vida humana e uma sociedade individualizada, na qual os laços comunitários se enfraquecem e dão lugar às redes virtuais de conexão. Outra característica do momento atual são as numerosas e crescentes ondas migratórias. Neste ensaio procuro analisar, portanto, de que forma é conformada a imagem do sujeito migrante na sociedade líquida moderna, tendo como base os conceitos do filósofo e sociólogo Zygmunt Bauman e tangenciando as ideias de identidade e representação de outros autores trabalhados durante a disciplina, como Stuart Hall e Homi Bhabha. A partir desta análise, proponho uma breve discussão sobre o papel da fotografia na construção deste imaginário e também na desconstrução dos estereótipos acerca do migrante.

O conceito de modernidade líquida, cunhado por Bauman e tratado por outros autores como modernidade tardia ou pós-modernidade, diz respeito ao mundo globalizado atual, cujo espírito moderno se opôs às formas estagnadas e resistentes à mudança da sociedade que lhe



antecedeu. Bauman (2001) colocou essas mudanças na sociedade sob a forma da metáfora do derretimento da modernidade sólida. Para o autor, “‘derreter os sólidos’ significava, antes e acima de tudo, eliminar as obrigações ‘irrelevantes’” (2001, p. 10), de modo a permitir a liberdade nas iniciativas e nas novas maneiras de pensar. No entanto, “essa forma de ‘derreter os sólidos’ deixava toda a complexa rede de relações sociais no ar – nua, desprotegida, desarmada e exposta” (BAUMAN, 2001, p. 10). O indivíduo está no mundo, portanto, à sua própria sorte.

A liberdade conquistada pela modernidade líquida trouxe consigo a individualidade e a diluição das fronteiras globais, em um contexto de fragmentação e de perda da sensação de segurança. Liberdade e segurança parecem não poder coexistir nesta nova realidade. Para Bauman (2008, p. 95) a globalização carrega um conceito negativo, no qual a quebra de fronteiras e a ideia de uma sociedade aberta trazem

à maioria das mentes a experiência terrificante de populações heterônomas e vulneráveis dominadas por forças que não controlam nem realmente compreendem, horrorizadas por sua própria indefensabilidade e obcecadas pela segurança de suas fronteiras e das populações que vivem dentro delas – já que é exatamente essa segurança *das* fronteiras e *dentro* delas que foge ao controle e parece destinada a permanecer eternamente fora de alcance.

A sensação de insegurança acaba criando nos indivíduos nativos de um espaço uma obsessão em demarcar fronteiras, conforme apontado por Bauman (2009, p. 39):

essa obsessão deriva do desejo, consciente ou não, de recortar para nós mesmos um lugarzinho suficientemente confortável, acolhedor, seguro, num mundo que se mostra selvagem, imprevisível, ameaçador; de resistir à corrente, buscando proteção contra forças externas que parecem invencíveis e que não podemos controlar, nem deter.

A diluição das fronteiras do mundo líquido tem íntima relação com os processos migratórios que vêm se intensificando ao longo dos anos por todo o território global. “Assim, por inúmeros motivos, os imigrantes tornaram-se os principais portadores das diferenças que nos provocam medo e contra as quais demarcamos fronteiras” (BAUMAN, 2009, p. 40).

## 2 A IMAGEM DO MIGRANTE

No contexto que vem sendo analisado, a figura do migrante é quase sempre resultado de um discurso dominante amparado em estereótipos. Temporários ou definitivos, voluntários ou forçados, por trabalho ou por questões políticas, o leque de possibilidades dos motivos que



levam um sujeito a migrar de sua terra natal é variado. Ocorre, contudo, conforme aponta Etcheverry (2013), que o discurso que associa as migrações à pobreza e o migrante a um indivíduo de capacidade intelectual diminuída são reproduzidos praticamente de forma automática e recorrente. A pobreza é vista como condição inata do migrante. Essa ideia pode ser explicada por Bhabha (1988, p. 105 e p. 117), quando traz a questão do estereótipo na construção da imagem do Outro: “o estereótipo [...] é algo que deve ser ansiosamente repetido, [...] é uma falsa representação de uma dada realidade”. O estereótipo, segundo Bhabha, é um recurso utilizado para reforçar os discursos de dominação de herança colonialista.

Seguindo a mesma ideia de representação, podemos nos aproximar do conceito de Hall (2000) de que os sujeitos são produzidos dentro do discurso, e os discursos são, por sua vez, produtos das modernas relações de poder. O sentido de identidade é produzido apenas a partir da relação com o Outro e de como a identidade do Outro é representada a partir da percepção do Eu. O autor coloca ainda que “as identidades são construídas por meio da diferença”, e elas seriam “mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica” (HALL, 2000, p. 110 e p. 109).

A projeção de uma imagem negativa envolvendo o migrante reforça a sensação de vulnerabilidade que domina o sujeito da vida líquida. Além disso, quanto mais os indivíduos nativos de um território se isolam em comunidades com seus semelhantes, menos capacidade terão de lidar com o estrangeiro. Por consequência, mais medo terão dos mesmos. O medo de conviver com estrangeiros é tratado por Bauman pelo termo de mixofobia: “você convive com estrangeiros e tem preconceitos em relação a eles, uma vez que o lixo global é descarregado nas ruas onde você vive [...], viver com estrangeiros é uma experiência que gera muita ansiedade” (2009, p. 44). Nesse contexto, o migrante é visto como uma criatura perigosa, parasita do bem-estar coletivo e, muitas vezes, terrorista em potencial.

O mundo globalizado tem se arriscado na adoção de práticas políticas que pretendam minimizar o impacto das diásporas e promover a convivência harmoniosa entre diferentes culturas. Em Bauman (2013, p. 46), a prática que se apoia na aprovação do pluralismo cultural recebe o nome de multiculturalismo: “ela (a prática) é aparentemente inspirada pelo postulado da tolerância liberal e do apoio aos direitos das comunidades à independência e à aceitação pública das identidades que escolheram (ou herdaram)”. Ocorre, contudo, conforme o autor aponta, que o multiculturalismo apenas reforça as desigualdades sociais, de forma



conservadora, sob o disfarce da diversidade cultural. “A ideia de ‘multiculturalismo’ virou marionete de uma globalização ‘negativa’” (BAUMAN, 2013, p. 47).

Ao invés de fundar os alicerces para uma solidariedade mútua, o multiculturalismo conquistou no máximo a tolerância mútua. Engajar-se no assunto dos Outros, os estrangeiros, promovendo a alteridade, significaria ao nativo abrir mão do seu espaço, um compromisso por vezes desagradável e trabalhoso. “Os imigrantes não têm escolha senão aceitar o destino de ser outra ‘minoridade étnica’ no país que os recebeu; para os nativos, nada a fazer senão preparar-se para viver cercados de diásporas”, reforçando um conformismo e uma indiferença frente à existência do estrangeiro (BAUMAN, 2013, p. 41).

Voltando ao conceito de estereótipo, ao estrangeiro, no contexto do multiculturalismo, resta muitas vezes apenas conformar-se a uma imagem que lhe foi atribuída, concorde ele ou não com essa narrativa do seu próprio Eu. Conforme Etcheverry (2013), existem inclusive limites impostos ao estrangeiro para a celebração de sua própria cultura, limites estes que se configuram sob uma estética que seja agradável aos sentidos do nativo.

O enfrentamento com esse 'outro' num território que é nosso passa, necessariamente, pela valoração estética de seus hábitos, de sua aparência, de sua forma de relacionar-se. Deve, em princípio, ser comovente, assim poderemos transformá-lo, mas, ao mesmo tempo, nos coloca frente a frente com aquilo que não queremos para nós, aquilo que tememos. Por isso o imigrante deve ser pobre, mas também deve querer deixar de sê-lo, considerando sempre a pobreza unicamente em nossos próprios termos (ETCHEVERRY, 2013).

Essa questão aponta para a necessidade de o nativo pretender impor sua cultura sobre a do outro. O migrante é, assim, uma construção constante que o nativo sente a necessidade de desconstruir.

### 3 A FOTOGRAFIA COMO REPRESENTAÇÃO

Até o momento, vimos que a modernidade líquida diluiu as fronteiras globais, acelerou as migrações e, ao mesmo tempo, apostou na sociedade individualizada. A liberdade dos deslocamentos, assim, reforçou as sensações de insegurança nas relações entre nativos e migrantes, estes últimos tendo atribuídas a si imagens negativas de ameaça, pobreza, limitação intelectual e até mesmo terrorismo. Esse choque cultural acaba por promover a estratificação dessas diferentes comunidades. Vemos em Bauman (2013, p. 41-42) que



a íntima proximidade de aglomerações “eticamente estrangeiras” dissemina hábitos tribais na população local, e o propósito das estratégias insinuadas por esses hábitos é o isolamento compulsório, “guetificante”, dos “elementos estrangeiros”, o que, por sua vez, aumenta os impulsos defensivos das populações de imigrantes: sua propensão ao estranhamento e ao fechamento em círculos próprios.

Quebrar esta tendência de isolamento só se torna possível quando houver um sentimento de segurança em ambos os lados das barreiras (BAUMAN, 2013); acredito que esse horizonte encontre razoabilidade a partir de práticas que promovam a aceitação da diferença, de habilidades que permitam a coexistência benéfica entre diferentes modos de vida.

A partir desta percepção, tenho comigo que a fotografia é uma importante ferramenta tanto para a documentação histórica e social quanto para desconstruir estereótipos presentes no imaginário coletivo. A fotografia, por sua natureza, carrega a ambiguidade de ser eficaz em registrar o cotidiano, mas de também ser influenciada pelo imaginário e pelo discurso de culturas dominantes.

Conforme aponta Chaves G. (2019, p. 123), “uma coisa é tirar fotografias, algo comum e massivo nesses tempos, e outra é narrar com elas. É nessa outra etapa que se encontra o valor da fotografia como documento, como história social. [...] É quase um ato político”<sup>1</sup>. A narrativa fotográfica, por sua vez, depende intrinsecamente da intencionalidade do fotógrafo.

Analiso, inicialmente, como a fotografia potencializa discursos de mídia, considerando que a imagem tem o poder de respaldar uma notícia, dar-lhe credibilidade e impactar o imaginário coletivo (CHAVES G., 2019). Em setembro de 2015, foi amplamente divulgada, nas mídias do mundo todo, a imagem de um menino de nacionalidade síria, morto e deitado em uma praia na costa da Turquia. Uma imagem que retratava a tragédia da migração, um sonho interrompido. Além de narrar o acontecimento, a fotografia questionava os valores humanos e a indiferença para com a diferença.

Apesar de trazer estes questionamentos, incitando importantes debates políticos e sociais, a fotografia do menino sírio ainda está carregada de significados negativos a respeito das migrações: “o dilema e a tragédia”, como nos aponta Chaves G. (2019, p. 128). Questiona-se o efeito midiático que esta fotografia produziu e quanto de resultado concreto no cenário de aceitação das diferenças foi possível perceber. No meu ponto de vista, a memória que permanece desta imagem é apenas a da migração como tragédia e infortúnio. A migração, a

<sup>1</sup> Traduzido do original: una cosa es tomar fotografías, algo común y multitudinario en estos tiempos, y otra muy distinta narrar con ellas. En ese otro estadio es donde se encuentra el valor de la fotografía como documento, como relato social. [...] Es casi un acto político.



partir desta narrativa, segue sendo um problema para aqueles que migram e para aqueles que temem a chegada de novos migrantes em seu território.

Em contraponto, apresento o projeto Conexões, trabalho fotográfico desenvolvido pelo grupo de pesquisa Território Nômade, em conjunto com o projeto de extensão O mundo em NH, ambos da Universidade Feevale. Este ensaio fotográfico produziu imagens de migrantes de diversas nacionalidades que vivem na região do Vale do Rio dos Sinos, ao lado daquela pessoa que eles consideram a mais importante aqui no Brasil. Através de entrevistas e fotografias, foi possível conhecer e dar visibilidade a histórias reais de migração, livres de estereótipos. Em Conexões, os migrantes são apresentados como partícipes de uma história em que conseguem manter relações horizontais em território alheio, mostrando os frutos da amizade estabelecida e transparecendo aspectos positivos no recebimento do migrante.

A fotografia, desta forma, desponta como um documento social de luta contra a indiferença ou a negação das diferenças, apresentando histórias que não são contadas normalmente. “Essa é uma das tarefas da fotografia documental: mostrar outras realidades e divulgá-las. [...] Com imagens contextualizadas e compreendidas, é possível impedir que uma sociedade, em qualquer lugar do mundo, permaneça ignorante e inconsciente de sua própria realidade”<sup>2</sup> (CHAVES G., 2019, p. 132).

Retornando a Bauman (2009), o autor apresenta a ideia de aceitação e apreciação entre os seres humanos. Essa seria a forma a partir da qual as diferenças culturais deixariam de ser um problema social, tornando possível ser diferente e viver junto.

Pode-se aprender a arte de viver com a diferença, respeitando-a, salvaguardando a diversidade de um e aceitando a diversidade do outro. [...] Podemos, portanto, aprender essa arte na cidade e desenvolver certas capacidades que serão úteis não apenas no plano local, no espaço físico, mas também no plano global. E talvez, em consequência disso, estejamos mais preparados para enfrentar a enorme tarefa que temos diante de nós, gostemos ou não, e que há de marcar nossa vida inteira: a tarefa de tornar humana a comunidade dos homens (BAUMAN, 2009, p. 45).

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir imagens que atinjam de forma positiva o imaginário coletivo de uma comunidade sobre o sujeito migrante, como é o caso do projeto Conexões, são ações que

---

<sup>2</sup> Traduzido do original: Esa es una de las labores de la fotografía documental: mostrar otras realidades y difundirlas. [...] Con las imágenes, contextualizadas y entendidas, se puede evitar que una sociedad, en cualquier lugar del mundo, se mantenga en la ignorancia y el desconocimiento de su propia realidad.



cumprem a tarefa humanitária sugerida por Bauman. Quando o migrante percebe que suas tradições, sua cultura e também a sua história de vida, mais do que apenas respeitadas ou toleradas, são aceitas pela comunidade do território que lhe adotou, ele já não se sente mais discriminado ou amedrontado. Da mesma forma, quando o nativo percebe o migrante como um sujeito humano e o liberta dos estereótipos, a sensação de insegurança que sua presença lhe causava é dissipada. Está aberta, assim, a possibilidade de diálogo entre as culturas, uma possibilidade de trocas que transcende o conceito raso do multiculturalismo e com potencial para enriquecer a convivência mútua e valorizar a diversidade cultural.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. **Confiança e medo na cidade**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BHABHA, Homi. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: \_\_\_\_\_. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1988, p.105-128.

CHAVES G., J. Ignacio “Iñaki”. La fotografia como relato social. In: \_\_\_\_; BARBOSA, Beatriz E. Múnera (Coords.). **La fotografía, un document social**. Bogotá, Colombia: Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano, 2019, p. 123-137.

ETCHEVERRY, Daniel. A atuação dos mediadores da promoção da cidadania e a problemática da visibilidade do fenômeno migratório. In: JARDIM, Denise Fagundes; LÓPEZ, Laura Cecília (Orgs.). **Política da Diversidade: (in)visibilidades, pluralidade e cidadania em uma perspectiva antropológica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013. Livro eletrônico.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.



## ESTRATÉGIA AMBIDESTRA:

### UM ESTUDO DE CASO NA EMPRESA ALPHA

#### AMBIDEXTROUS STRATEGY: ALPHA'S COMPANY THE CASE STUDY

Bruno Bazanella; Dusan Schreiber; Daniel Conte

Universidade Feevale

**Resumo:** As mudanças sociais e tecnológicas estão desafiando empresas e os negócios a responderem com agilidade e atenção a novas demandas do mercado com a transformação das necessidades do consumidor. Este é um desafio complexo para os negócios tradicionais que precisam manter uma excelente performance operacional e aprender a incorporar novos conhecimentos e modelos de negócios ao seu debate sobre estratégia e crescimento. Este artigo tem como objetivo identificar a utilização da estratégia ambidestra e as principais ações realizadas pela empresa Alpha. Para tanto, se fez uso do método exploratório descritivo, por meio de estudo de caso, revisão de literatura e pesquisa documental, com análise de conteúdo a partir de Bardin (2010). Entre os resultados foram identificadas iniciativas explícitas e ações complementares ao core business com o objetivo de estimular o desenvolvimento de novas alternativas de crescimento e inovação.

**Palavras-chave:** Estratégia; Estratégia Ambidestra; Inovação.

**Abstract, Resumen ou Résumé:** The Social and technological changes are a challenge for the companies and businesses to act with agility and attention to new market demands with the transformation of consumer needs. This is a biggest challenge for traditional businesses that need to maintain excellent operating performance and learn to incorporate new knowledge and business models into their strategy and growth aspirations. This study would like to identify the application of the ambidextrous strategy and the main actions taken by the company Alpha. For this, it was apply the exploratory descriptive method, through case study, literature review and documentary research, with content analysis by Bardin (2010). The results, the explicit initiatives and complementary actions to the core business were identified in order to stimulate the development of new growth and innovation alternatives..

**Palavras-chave:** Strategy; Ambidextrous Strategy; Innovation.

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade passa por um momento de intensa transformação. A preocupação de empresas e segmentos tradicionais com o advento das startups, ganhou um novo elemento, a conveniência dos clientes. Em tempos de pandemia, as startups se destacaram pela agilidade e foco na solução de problemas complexos, além de demonstraram habilidade em atuar de forma descentralizada, com resiliência e rápidas respostas ao mercado. Empresas e segmentos tradicionais passaram a revisitar suas estratégias e modelos de negócio para atualizar sua relação com o cliente, reaproximar a análise de canais e cadeia de distribuição, potencializando



inclusive a oferta de novos serviços diretamente para o cliente final, em oposição ao clássico modelo de produção e venda.

Tendo em vista este contexto, este artigo tem como objetivo identificar a utilização da estratégia ambidestra e as principais ações realizadas por uma empresa do segmento metalmeccânico situada na Serra Gaúcha, a qual identificaremos como Alpha. Foi utilizado o método exploratório descritivo e em complemento à pesquisa bibliográfica, foi realizada pesquisa documental de dados e informações em bases públicas, para identificar evidências e fatos relevantes sobre a adoção da estratégia ambidestra na companhia e associação direta a termos como: investimento, crescimento, novos negócios, competitividade, cultura organizacional, estratégia, modelos de negócio, competências e resultados esperados. A análise do conteúdo informações será realizada segundo Bardin (2010) e as referências estarão disponíveis, segundo Prodanov e Freitas (2013).

## ESTRATÉGIA AMBIDESTRA

A organização é um conjunto de recursos formado por pessoas, equipamentos, relações, informações devidamente articulados e orientados para a geração de resultados. Zaher (2000) chama a atenção para as diferentes performances entre empresas ou grupos econômicos com estruturas semelhantes, mas com resultados surpreendentemente diferentes. Neste contexto, a estratégia surge como uma aliada fundamental, no monitoramento de informações, articulação de esforços e orientação de prioridades. A estratégia organizacional é um processo artesanal (MINTZBERG, 2006), construtivo e social (WHITTINGTON, 1996), articulado para a criação de valor também para o cliente (PRAHALAD, 2004), mas com o compromisso em promover o uso adequado de recursos disponíveis para geração resultados satisfatórios (PENROSE, 1991).

Em um cenário de crescente competitividade, a estratégia se torna uma disciplina obrigatória na rotina de uma organização sendo classificada por Whittington (1996) como um processo construtivo e social que não deve estar restrito a uma área ou indivíduo com quem corroboram Prieto e Santana (2012). Sendo assim, democratizar a construção da estratégia significa compartilhar o desafio de equilibrar sua rotina e processos estruturados à uma dinâmica de adaptações ao ambiente e busca por inovações, segundo Stoporoli (2015). E, é neste ponto que a estratégia ambidestra pode se tornar aliada dos negócios, observando os princípios da ambidestria caracterizados pelas capacidades de gerenciar componentes



complexos e contraditórios, como a flexibilidade e a eficiência, melhoria contínua e inovação radical, alinhamento e adaptação organizacional (O'REILLY e TUSHMAN, 2013).

Segundo Birkinshaw e Gibson (2004) há duas formas de ambidestria: a estrutural e contextual. Para Andropoulos e Lewis (2009), a ambidestria estrutural propõe uma organização funcional separada, bem como estratégias duais para diferenciar esforços em ações diferentes – mesmo que complementares sob o ponto de vista de resultados para companhia com quem corrobora Ismail (2018) quando sinaliza a necessidade de estruturar células exploratórias focadas em temas estratégicos, protegidas do sistema imunológico das organizações. Para Birkinshaw e Gibson (2004) a ambidestria contextual é a capacidade de atingir simultaneamente alinhamento e adaptabilidade em nível de unidade de negócios, convivendo e percebendo valor com paradoxos como o investimento em projetos atuais versus futuros, diferenciação versus produção de baixo custo. Segundo Wang (2014) a ambidestria contextual é de suma importância para a inovação de novos produtos e o sucesso organizacional, apesar de reconhecer sua dependência da cultura organizacional

A adoção de uma estratégia ambidestra para os negócios, nas palavras de Amantea (2018) significa atuar em duas frentes de atuação complementares, porém ambas, com o objetivo de garantir o aprimoramento de resultados e vantagens competitivas para a firma. A primeira delas, nominada *exploitation*, significa o fortalecimento da articulação de recursos, com foco na excelência operacional e administração dos fatores internos citados por Penrose (1991), como a combinação de técnicas que ampliem a produtividade, com a incorporação de novas tecnologias, a capacitação das lideranças e a eficiente rede de comunicação para o favorecimento do aprendizado defendido também por Cohen (1991) com uma ferramenta estratégica para o aproveitamento das capacidades e competências da companhia Para Xie (2011) o modelo adequado de aplicação da ambidestria prevê uma alta eficiência dos processos de negócio.

A segunda frente de atuação sugerida por Amantea (2018), chamada *exploration* trata da expansão da visão da firma, para além da rotina e processos estabelecidos, somando a dedicação de recursos e investimentos na exploração de novos recursos tecnológicos, incorporação de competências estratégicas, novos modelos de negócios e inovações disruptivas que possam evitar ameaças às operações atuais ou ainda que possam representar uma vantagem competitiva para a ampliação do mercado, produtividade e consequentes resultados; mas nas palavras de O'Reilly (2013) estes movimentos tem como objetivo retirar as empresas da inércia



e passaram a atuar de forma proativa na consolidação de um futuro desejável para a companhia, combinando suas competências, a de parceiros e adequando-se às oportunidades futuras.

## PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O método definido para este trabalho é o estudo de caso, segundo Yin (2001), que tem caráter exploratório descritivo buscando entender fenômenos atuais, dentro do seu contexto, contemplando a captação de diferentes evidências. Por isso, a pesquisa contempla a revisão de literatura que apresenta diferentes autores e suas teorias sobre a Estratégia Ambidestra como O'Reilly e Tushman (2013), Amantea (2018), Xie (2011), Stoporoli (2015) entre outros. Em complemento à pesquisa bibliográfica, foi realizada pesquisa documental de apresentações internas e documentos produzidos pelo time que apoia o processo de implantação da estratégia ambidestra na empresa Alpha, com o objetivo de identificar evidências e fatos relevantes a serem relatados neste trabalho. Os documentos serão identificados em ordem numérica para facilitar a sua menção ao longo do texto. A análise do conteúdo informações será realizada segundo Bardin (2010), por meio dos seguintes passos: 1) pré-análise, que neste estudo baseou-se nos autores citados; 2) exploração do material, realizado a partir da pesquisa nos termos citados; 3) tratamento dos resultados obtidos, realizado por meio do cruzamento das informações coletadas e informações adicionalmente informadas em entrevista; e, 4) inferência e interpretação, através de análise e comparação entre o referencial teórico.

A entrevista será realizada com um integrante do Comitê Executivo da empresa Alpha, responsável pelo processo de Transformação Cultural e dos Negócios, com 14 anos de atuação na empresa. As questões propostas fazem parte de um roteiro pré-estruturado que segue: a) O que motivou a organização a migrar para a estratégia ambidestra?; b) Como ocorreu o planejamento organizacional para a adoção da estratégia ambidestra?; c) De que forma aconteceu o processo de implantação do processo de migração para a estratégia ambidestra, na organização?; d) Quais foram as dificuldades e obstáculos evidenciados no processo de adoção da estratégia ambidestra?; e) Como ocorreu a operacionalização do modelo de estratégia ambidestra na organização?; f) Quais foram os benefícios percebidos/ identificados, a partir da adoção da estratégia ambidestra?.

Os dados selecionados serão organizados pelo método qualitativo, por não utilizarem nenhum cálculo estatístico e serem apenas organizados de forma mais estruturada (VERGARA,



2000). O estudo propõe classificar os documentos e informações nas seguintes categorias: 1) Planejamento para adoção da Estratégia Ambidestra; 2) Preparação para a mudança; 3) Implantação do processo de migração para o novo paradigma de estratégia ambidestra; 4) Dificuldades e obstáculos no processo de adoção da estratégia ambidestra; 5) Operacionalização do modelo de estratégia ambidestra; e por fim, 6) Benefícios percebidos com a implantação da estratégia ambidestra. A técnica proposta é a análise de conteúdo, que possibilita examinar as informações coletadas, segundo Bardin (2011), por meio dos seguintes passos: 1) pré-análise, que neste estudo baseou-se nos autores citados; 2) exploração do material, em que foi realizada a identificação das categorias de análise das falas e documentos, a partir do levantamento de dados, entrevista; 3) tratamento dos resultados obtidos, realizado por meio do cruzamento das informações coletadas e informações adicionalmente informadas em entrevista; e, 4) inferência e interpretação, através de análise e comparação entre o referencial teórico e as revelações realizadas pelo trabalho de pesquisa e observação participante.

## DESENVOLVIMENTO

O trabalho de apuração de informações relacionadas à estratégia ambidestra foi bastante facilitado tendo em vista o volume de documentos devidamente catalogadas que facilitaram a localização de informações sobre os temas mapeados e a condição de observador participante de um dos autores. A empresa Alpha possui mais de 20 unidades produtivas e atuação global, comercializando produtos em mais de 100 países. Sua trajetória soma 72 anos, sendo sua sede administrativa localizada na cidade de Caxias do Sul. A empresa atua na produção de reboques, semirreboques, autopeças e serviços financeiros operando marcas líderes em seus segmentos de atuação. Emprega 11 mil funcionários e está listada em mercado aberto de capital na Bolsa.

Sobre a etapa de preparação para a mudança, em pesquisa documental há relevante menção ao processo de diagnóstico cultural realizado pela companhia em 2015, cujo resumo foi consolidado em documento interno 01 e citado em diversas apresentações internas, eventos abertos e ações de desenvolvimento para as Lideranças no período de 2016 a 2019. O documento destaca como pontos positivos o engajamento dos colaboradores e o forte senso de pertencimento. Entre as oportunidades dois principais pontos de atenção: abertura ao erro e cultura hierárquica que reforçaram a importância do trabalho de Cultura Organizacional: “Ficou



claro para nós que a transformação digital é, antes de tudo, uma mudança de cultura. Começamos a jornada olhando para dentro da companhia” (Entrevistado A).

Pode-se incluir, na fase de planejamento, a revisão da estrutura organizacional, melhorias no processo de desenvolvimento da Liderança e a organização de uma célula exploratória de inovação, inspirada por Ismail (2008) corroborando sua fala sobre as defesas da cultura organizacional conforme destacado: “Queríamos nos conectar com startups, mas sabíamos que se tentássemos dar este passo de forma muito abrupta, o nosso sistema imunológico iria estranhar esse movimento” (Entrevistado A). Na fala do entrevistado A, pode-se identificar a preocupação relatada por Benner e Tushman (2003) referente à proteção das atividades de gerenciamento de processos e das atividades exploratórias.

A companhia iniciou em 2017, o projeto de transformação digital, como parte do trabalho de cultura organizacional, a partir de uma célula exploratória de pesquisa, protegida do sistema imunológico citado por Ismail (2008) com o objetivo de ampliar o entendimento e a prontidão do time núcleo de Cultura Organizacional da companhia corroborando o conceito de Andropoulos e Lewis (2009) ao citar esforços funcionais em estruturas apartadas. Entre os objetivos desta iniciativa estava o mapeamento do ecossistema de inovação, identificação do papel de diferentes atores e captação de oportunidades que acelerassem o processo de preparação das lideranças, entendimento sobre novas tecnologias e comportamentos.

O conjunto de iniciativas e projetos derivados desta exploração constam no documento 02 e tinha como objetivo apoiar o processo de aproximação de novas tecnologias e startups ao dia a dia da empresa, promovendo aprendizado e produtividade, incentivando uma cultura de experimentação com rápida aplicação em oposição a características apontadas como pontos a desenvolver no documento interno 01 e “traduziam em ações imediatas uma orientação para lideranças e processos, no sentido de incorporar novas tecnologias, simplificar o dia a dia e ganhar produtividade”, segundo o entrevistado A.

Pode-se afirmar, que apesar das iniciativas e projetos realizados na etapa anterior, o documento 03, divulgado ao mercado em março de 2019, oficializa a implantação do processo de aplicação da estratégia ambidestra. No referido documento, há a divulgação de uma nova composição do Comitê Executivo da Companhia, destacando tópicos apresentados por O’Reilly e Tushman (2013) como a flexibilidade e a eficiência, melhoria contínua e inovação, alinhamento e adaptação organizacional; considerando a posição de COO – Chief Operation Officer, a posição de um CFO – Chief Financial Officer, mas destaca a criação da posição de



CTO – Chief Transformation Officer que materializa a priorização da incorporação de novas tecnologias, evolução da cultura organizacional e reposicionamento dos negócios e corrobora Li (2013) a respeito da diversidade de conhecimentos complementares no alto escalão.

Os movimentos de articulação com o ecossistema de Inovação foram ampliados, com um foco em investimento em novos negócios digitais a partir criação de uma empresa de investimentos focada em startups em 2019, conforme documento 04. Esta ação materializa a observação da ambidestria estrutural para a aceleração dos processos de aplicação da ambidestria segundo O'Reilly (2013).

No levantamento de informações, cabe destacar ações estratégicas que ampliam também a excelência operacional e o uso adequado de recursos (O'REILLY; TUSHMAN, 2013; PENROSE 1991). A criação de uma empresa com o objetivo de aprimorar a inovação dos processos fabris o fornecimento de soluções, máquinas especiais e *smart manufacturing* para suas próprias operações, segundo o Diretor de Excelência Operacional da Companhia “(...) com esse movimento, será possível acelerar nossos planos de integração de máquinas especiais e automação aos processos, potencializando nossos resultados”.

Com relação a avaliação do processo de implantação da estratégia ambidestra, destaca-se a visão do entrevistado A ao mencionar que “ (...) não há outra alternativa para as companhias, senão acompanhar os movimentos de mercado e acelerar seu processo de adaptação, monitorando e agindo, monitorando e agindo(...)” corroborando Mintzberg (2006) a respeito das habilidades do responsável pela estratégia, ora planejando, ora executando as atividades.

A partir do estudo de caso apresentado, pode-se afirmar que há um movimento consistente de exploração dos recursos disponíveis na empresa Alpha pelas evidências apresentadas, iniciativas divulgadas e também resultados apresentados. Há na companhia um movimento significativo de exploração de oportunidades para diversificar sua atuação. A criação de uma empresa de investimento em novos negócios, o lançamento de uma iniciativa de Inovação Aberta e o processo de preparação cultural em andamento, permitem afirmar que há a aplicação do conceito de ambidestria na sua estratégia organizacional.

A combinação de competências e recursos internos, com competências complementares e externas é evidenciada no posicionamento público de executivos e está alinhada com iniciativas lançadas no ano de 2020. A adoção de estratégias ambidestras requer estudos ampliados e para a análise da empresa Alpha devem ser realizados estudos futuros para verificação de resultados referentes às iniciativas mapeadas, uma vez que a maioria delas foi



lançada recentemente. Percebe-se um grande desafio de crescimento e a necessidade de consolidação de movimentos culturais que estão em andamento, sobretudo relacionados à inovação.

## REFERÊNCIAS

ANDRIOPOULOS, C.; LEWIS, M. Exploitation-exploration tensions and organizational ambidexterity: managing paradoxes of innovation. *Organization Science*. 2009.

AMANTEA, R. Organizações ambidestras. [s. l.], 2018.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 1. ed. São Paulo, SP: Edições 70, 2011, 279 p.

BENNER, M. TUSHMAN, M. Exploração, exploração e gerenciamento de processos: o dilema da produtividade revisitado. *The Academy of Management Review*, 2003.

COHEN, W. M.; LEVINTHAL, D. A. Absorptive Capacity: A New Perspective on Learning and Innovation. *Administrative Science Quarterly*, v. 35, n. 1, p. 128-152, 1990

GIBSON, C. B., BIRKINSHAW, J. The antecedents, consequences, and mediating role of organizational ambidexterity. *Academy of Management Journal*, 2004.

QUINN, James Brian; LAMPEL, Joseph; GHOSHAL, Sumantra; MINTZBERG, Henry. *O processo da estratégia: conceitos, contextos e casos selecionados*. 4. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2006. Cap. 5.1

PENROSE, E. *A Teoria do Crescimento da Firma*. Oxford University Press, 2009.

WHITTINGTON, R. Strategy as practice. *Long Range Planning*, v. 29, n. 5, p. 731–735, 1996

PRAHALAD, C. K.; RAMASWAMY, Venkatram. *O Futuro da competição: como desenvolver diferenciais inovadores em parceria com os clientes*. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 2004. 303 p. ISBN 853521190X, Cap. 1)

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2007.

ISMAIL, Salim; MALONE, S. Michael, GUEST, Yuri V. *Organizações Exponenciais*. São Paulo: HSM, 2018.

Li, C. R. (2013). How top management team diversity fosters organizational ambidexterity: The role of social capital among top executives. *Journal of Organizational Change Management*, 2013.

Lin, L. H. Exploration and exploitation in mergers and acquisitions: An empirical study of the electronics industry in Taiwan. *International Journal of Organizational Analysis*. 2014



Liu, L., Wang, X., & Sheng, Z. (2012). Achieving ambidexterity in large, complex engineering projects: a case study of the Sutong Bridge project. *Construction Management and Economics*, 2012.

O'REILLY, C. A.; TUSHMAN, M. L. Organizational Ambidexterity: Past, Present, and Future. *Academy of Management Perspectives*, v. 27, n. 4, p. 324-338, 2013.

O'REILLY, C. A.; TUSHMAN, M. L. Ambidextrous organizations: managing evolutionary and revolutionary change. *California Management Review*, v. 38, n. 4, 1996

PRIETO, I. M., & SANTANA, M. (2012). Building ambidexterity: The role of human resource practices in the performance of firms from Spain. *Human Resource Management*, 2012.

RAISCH, S., BIRKINSHAW, J., Probst, G., & Tushman, M. L. (2009) Organizational Ambidexterity: Balancing Exploitation and Exploration for Sustained Performance. *Organization Science*,

STOROPOLI, J. Eduardo; PEREIRA, Carolina; SILVA, Marco A.B., RODRIGUEZ, Cezar. Ambidestridade Organizacional e o tamanho da empresa. *Iberoamerican Journal of Industrial Engineering*, Florianópolis, SC, Brasil, v. 7, n. 13, p. 1-17, 2015.

TURNER, N., SWART, J., & MAYLOR, H. (2013). Mechanisms for managing ambidexterity: A review and research agenda. *International Journal of Management Reviews*, 2013.

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa em Administração*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

XIE, R.; LING, H.; ZHANG, C. Effect of business process management on firm performance: An ambidexterity perspective. *International Conference on Business Management and Electronic Information*, p. 341-345, 2011

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001

ZAHEER, A; GULATI, R.; NOHRIA, N. Strategic Networks. *Strategic Management Journal*, v. 21, n. 3, p. 203, 2000

WANG, C. L., & Rafiq, M. (2014). Ambidextrous Organizational Culture, Contextual Ambidexterity and New Product Innovation: A Comparative Study of UK and Chinese High-tech Firms. *British Journal of Management*, 2014.



## UM OLHAR NECESSÁRIO SOBRE OS ALUNOS ATENDIDOS NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: IMPORTÂNCIA DA PERSONALIZAÇÃO DOS ENCAMINHAMENTOS

UNA MIRADA NECESARIA A LOS ESTUDIANTES ATENDIDOS EN EL SERVICIO  
EDUCATIVO ESPECIALIZADO: IMPORTANCIA DE LA PERSONALIZACIÓN DE LAS  
DERIVACIONES

Marliese Christine Simador Godoflite

Universidade Feevale

**Resumo:** Pensar em educação inclusiva, implica ter um olhar individualizado, respeitando e potencializando diferentes habilidades, saberes e fazeres, considerando um trabalho que abrange os vários profissionais que estão envolvidos na aprendizagem dos estudantes. Neste sentido, o presente estudo teve como objetivo compreender os critérios de encaminhamento e atendimento do aluno para o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Através do delineamento descritivo qualitativo, realizou-se uma entrevista semiestruturada, com uma professora do AEE de um município da Encosta da Serra/RS. Evidenciou-se que o AEE de fato deveria estar disponível para todos os estudantes que se enquadrem na descrição prevista em lei. Entretanto, neste sistema de ensino, o fluxo de atendimentos na tentativa de organizar suas etapas, abre precedentes para excluir o aluno do mesmo, em virtude dos critérios adotados.

**Palavras-chave:** Atendimento Educacional Especializado; Inclusão; Educação Inclusiva.

**Resumen:** Pensar en la educación inclusiva, implica tener una mirada individualizada, respetando y potenciando las diferentes habilidades, conocimientos y prácticas, considerando un trabajo que incluye a los diversos profesionales que se involucran en el aprendizaje de los alumnos. En este sentido, el presente estudio tuvo como objetivo comprender los criterios de derivación y asistencia del alumno a la Asistencia Educativa Especializada (AEE). Mediante un diseño descriptivo cualitativo, se realizó una entrevista semiestructurada con una docente de la AEE de un municipio de Encosta da Serra / RS. Se hizo evidente que la AEE debería estar disponible para todos los alumnos que se ajustan a la descripción prevista por la ley. Sin embargo, en este sistema educativo, el flujo de asistencia en un intento de organizar sus etapas, puede eliminar al alumno por los criterios adoptados.

**Palabras Clave:** Servicio Educativo Especializado; Inclusión; Educación inclusiva.

### INTRODUÇÃO

Pensar estratégias que contemplem as necessidades educacionais de todos os alunos, respeitando suas individualidades, é um trabalho que abrange os vários profissionais que estão envolvidos na aprendizagem. Nos espaços em que a educação já é contemplada com suporte psicológico, psicopedagógico, fonoaudiológico, por vezes, vê-se a assistência educacional a estes alunos cerceada em função do fluxo de atendimento estabelecido pelas instituições de ensino.



No que diz respeito à pessoa com deficiência, a Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146 (BRASIL, 2015) afirma que:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Em relação ao ambiente escolar evidencia-se o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que conforme o decreto nº 6.571/2008, complementa e/ou suplementa a formação do aluno, visando sua autonomia na escola e fora dela, constituindo oferta obrigatória pelos sistemas de ensino. (BRASIL, 2007). O AEE acontece preferencialmente nas escolas comuns e é realizado por um profissional devidamente habilitado que irá planejar e dialogar com o professor titular, adaptando ou flexibilizando situações e materiais necessários para que este aluno aprenda.

O presente estudo teve como objetivo compreender quais os critérios para o encaminhamento e atendimento do aluno para o AEE. O profissional de AEE tem um importante papel como articulador, mediador entre os profissionais que atendem este aprendiz com deficiência, fortalecendo esta rede de diferentes conhecimentos. Seu planejamento deve objetivar a aprendizagem, já que cada um aprende de um modo próprio e a educação precisa estar voltada para todos e para cada um. Sendo assim, entende-se que as questões relacionadas à prática de in/exclusão pedem um olhar que vai além da deficiência, seja ela física ou intelectual, remetendo a discussão sobre a constituição destes sujeitos por profissionais de diferentes áreas (LOPES, DAL'IGNA, 2007).

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada caracteriza-se como sendo uma pesquisa qualitativa em educação com caráter descritivo e a realização de entrevista semiestruturada, a fim de analisar, interpretar e compreender a realidade observada. A pesquisa qualitativa é a forma mais apropriada para que se possa entender a natureza de um fenômeno social, a partir da análise de um problema encontrado (LÜDKE, 1986).

Nesse estudo, foi adotado como princípio metodológico realizar uma leitura crítica em relação aos fatos, a observação, análise dos dados, interpretação e a reflexão sobre os mesmos foi o norteador desta pesquisa. A participante foi uma professora do AEE em um município da



Encosta da Serra/RS. Utilizou-se uma entrevista semiestruturada, abordando os critérios de encaminhamento e atendimento do aluno para o AEE. Nesta perspectiva teórica, o pesquisador busca interpretar a realidade observada a partir de suas experiências de vida sem perder o foco da pesquisa, levando em consideração a análise de entrevista de Lüdke (1986).

## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao ressignificar as práticas educativas, através do diálogo interdisciplinar busca-se aprimorar o que já foi realizado, bem como planejar novas ações para enriquecer e sustentar a ideia de que aprende-se com as diferenças e que o mundo será melhor se cada um fizer a sua parte na busca constante pelo respeito à diversidade.

Foi realizada entrevista junto à professora de Atendimento Educacional Especializado em um município da Encosta da Serra no Estado do Rio Grande do Sul, buscando compreender como ocorre o processo de inclusão deste aprendente na sala de recursos, considerando a realidade da rede municipal pesquisada, uma vez que conta com uma equipe interdisciplinar das áreas da pedagogia, atendimento educacional especializado e fonoaudiologia vinculada à secretaria municipal de educação. Refletindo desta maneira, sobre o fluxo até este aluno iniciar no AEE. Segundo resposta da professora investigada:

Quando o aluno chega à escola sem encaminhamento ou laudo prévio, o primeiro passo inicia a partir de observação do professor quanto a defasagens de rendimento. O caso é encaminhado à coordenação pedagógica, a família é chamada para que seja apresentado algum fator que justifique a situação do aluno. Se o aluno não estiver passando por situação emocional que possa interferir, ele é encaminhado a uma avaliação pela professora do AEE para análise de aspectos cognitivos, assim como sugerido à família que busque avaliação neurológica.

A respeito dos critérios para o encaminhamento e atendimento do aluno, pode-se perceber um fluxo organizado pela própria escola juntamente com a professora de AEE. Conforme o Decreto nº 6.571 (BRASIL, 2008).

art.1º - O atendimento educacional especializado se dá aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, matriculados na rede pública de ensino regular.

§ 1º-Considera-se atendimento educacional especializado o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino regular.

§ 2º O atendimento educacional deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas.



Não foi encontrado, neste documento oficial, uma sistemática para que o aluno inicie o atendimento educacional especializado, mas acreditamos ser importante estabelecer um fluxo para análise de cada caso. No excerto do questionário respondido “assim como é sugerido à família que busque avaliação neurológica”, é importante destacar a Nota Técnica nº 04, p.1 (BRASIL, 2014), que tem como assunto: Orientação quanto a documentos comprobatórios de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação no Censo Escolar.

Para realizar o AEE, cabe ao professor que atua nesta área, elaborar o Plano de Atendimento Educacional Especializado – Plano de AEE, documento comprobatório de que a escola, institucionalmente, reconhece a matrícula do estudante público alvo da educação especial e assegura o atendimento de suas especificidades educacionais. Sendo assim, não se pode considerar imprescindível a apresentação de laudo médico (diagnóstico clínico) por parte do aluno com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação, uma vez que o AEE caracteriza-se por atendimento pedagógico e não clínico, ficando entendido a não exigência de avaliação médica para a oferta do AEE, mas que pode haver a sugestão de avaliações complementares com outros especialistas caso a professora do AEE acredite ser importante.

Sobre o fluxograma, até o aluno iniciar o atendimento pelo professor de AEE, a respondente afirma que ocorre uma conversa com a família, encaminhamento à avaliação neurológica, avaliação de aspectos cognitivos no AEE e após, de acordo com os resultados, o aluno inicia o acompanhamento no AEE ou é encaminhado para a terapia adequada, podendo ser: atendimento pedagógico, psicológico, fonoaudiológico ou neurológico. Ainda conforme a nota técnica (p.3):

Durante o estudo de caso, primeira etapa da elaboração do Plano de AEE, se for necessário, o professor do AEE, poderá articular-se com profissionais da área da saúde, tornando-se o laudo médico, neste caso, um documento anexo ao Plano de AEE.

É considerado que não somente o parecer médico pode colaborar para a elaboração do plano de AEE, mas também de outras especialidades como a fonoaudiologia, a psicologia e a psicopedagogia. O direito das Pessoas com Deficiência à educação não poderá ser condicionado pela apresentação ou não de laudo médico. A exigência de diagnóstico clínico dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas





habilidades/superdotação, para declará-lo, no Censo Escolar, público alvo da educação especial e, por conseguinte, garantir-lhes o atendimento de suas especificidades educacionais, significaria imposição de barreiras ao seu acesso aos sistemas de ensino, configurando-se em discriminação e cerceamento de direito.

Segundo Scherer (2017), as verdades sobre currículo e aprendizagem estão apoiadas em uma matriz de sentido constituída por disciplinas da Psicologia, Pedagogia, Psicopedagogia e Neurociência, mediando a aprendizagem de todos e de cada um. Considerando e afirmando que cada um aprende diferentemente do outro, possibilitando assim, a discussão e o aparecimento de delimitações das adaptações curriculares. A escola deve ser flexível, e as adaptações são entendidas como uma possibilidade para que o aluno aprenda. Scherer (2017), em seu texto afirma que está ocorrendo na contemporaneidade, uma proliferação das flexibilizações curriculares, por estas estarem mais afinadas com as formas atuais de se viver.

O profissional de AEE tem um importante papel como articulador, mediador entre os profissionais que atendem este aprendiz com deficiência, fortalecendo esta rede de diferentes conhecimentos. Seu planejamento deve objetivar a aprendizagem, já que cada um aprende de um modo próprio e a educação precisa estar voltada para todos e para cada um.

Também foi possível observar que a atuação do coordenador pedagógico pode articular e promover ações junto com o professor que desenvolve o AEE para qualificar e possibilitar a aprendizagem. Nesse sentido, Musolini e Rodrigues (1994), apontam que na prática interdisciplinar, o trabalho dos profissionais envolvidos dá-se de forma mais integrada e dinâmica, ocorrendo uma relação de troca numa visão holística do sujeito, onde cada disciplina envolvida precisa prescindir do que lhe é característico. A atuação em rede permite a discussão e a reflexão sobre as estratégias e as diretrizes político-pedagógicas necessárias para a implementação de uma política educacional inclusiva. Além disso, propicia uma análise mais justa e criteriosa das diferenças individuais dentro de um contexto coletivo maior. O coordenador, respeitando os limites e os objetivos de sua atuação no sistema educacional, precisa conhecer, se apropriar e debater, os princípios da Educação Inclusiva.

Muitas vezes na escola acredita-se que são realizadas ações inclusivas, mas na verdade ocorrem práticas excludentes. Matricular um aluno com deficiência para cumprir a lei não garante que este sujeito seja protagonista desta e nesta inclusão. Como afirmam Lopes e Dal'Igna (2007) estar incluído fisicamente no espaço da escola comum não é garantia de estar integrado nas relações que nela se estabelecem.



O conceito de educação inclusiva implica recursos e práticas educativas diferenciadas que atendam às necessidades de todos os alunos (TRENCH, 2009). Pensar na escola inclusiva é pensar em uma escola para todos, sem discriminação, sem exceções, onde todos são olhados, respeitados, têm um espaço, o seu espaço. É pensar em um lugar onde os alunos são da escola e não de determinado professor, onde todos os envolvidos são responsáveis por ele e exercem papéis importantes, independente da função. Essa ação precisa ser construída e consolidada na escola por toda a comunidade escolar. Eizirik (2001) contribui para a discussão, referindo que o instituinte e instituída, a escola é um lugar em que as palavras e as ações se inscrevem, desde a desordem, em novas ordens, de saber, de poder, de querer de gostar, de procurar, de sonhar, de sofrer. Esse lugar já passou por diferentes práticas educacionais, iniciando pela educação especial até a educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Palavras são usadas para nomear objetos, espaços, animais, pessoas, mas também para referenciá-las. Anormal, retardo, débil, enfermo, inválido, incapaz, ineducável ou semieducável são alguns dos termos já utilizados para referir às pessoas com deficiência, assim como retoma Plaisance (2015).

Atualmente, compreende-se que a educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, em defesa do direito de todos os estudantes de estarem juntos, aprendendo e participando, sem discriminação. Mesmo com a evolução da sociedade, não há ruptura total com a história conceitual e preconceituosa que dificulta a convivência e a aceitação das diferenças. Aqueles que apresentem algum tipo de deficiência ainda sofrem tentativas do reducionismo à condição de interditados e impossibilitados. É através das relações que o sujeito constitui-se e se somos in/excluídos, pertencentes ou não a um determinado grupo social. Segundo Lopes e Fabris (2013) in/excluídos é um conceito que abrange tipos diversos de pessoas que vivem sob condições diversas, mas que trazem consigo uma história de discriminação, mostrando que, mesmo estando incluídos nas estatísticas e em alguns espaços físicos, uma quantidade significativa dos sujeitos ainda sofre com as práticas de inclusão excludente.

## CONCLUSÃO

A importância do diálogo entre os professores de sala de aula, dos professores de AEE e demais profissionais envolvidos na e com a educação, para que de fato ocorra a inclusão e a garantia de aprendizagem de todos os sujeitos na escola. Se faz necessário pensar numa rede de





apoio socioeducativo, questionando sobre quais são as melhores formas de se dar respostas às necessidades educacionais da criança. As relações entre os profissionais que trabalham em rede devem ser horizontais (sem hierarquia de poder), complementares e interdependentes. As estratégias empregadas para o atendimento aos alunos, devem se basear em ações interligadas, na discussão, no planejamento e na execução de estratégias de eliminação ou minimização de barreiras. Sendo assim, tem-se uma visão mais completa do indivíduo, salientando-se a “não-divisão”, permitindo acolher distintas áreas do saber numa tentativa de melhor compreender a totalidade do sujeito indivisível, reconhecendo o estudo das partes e de suas relações.

A partir desta delimitação, deve-se observar para que o Atendimento Educacional Especializado (AEE) de fato esteja disponível para todos os estudantes que se enquadrem na descrição prevista em lei. Entretanto, neste sistema de ensino, o fluxo de atendimentos na tentativa de organizar suas etapas, abre precedentes para excluir o aluno do mesmo, em virtude dos critérios adotados.

As escolas comuns com orientação e prática para a educação inclusiva, são o meio mais eficaz no combate às atitudes discriminatórias, desrespeitosas, propiciando condições para o desenvolvimento de comunidades inclusivas, base de uma sociedade inclusiva. Desta forma, podemos pensar e refletir sobre ações que nos façam reeducar nosso pensar e agir. Pensar na escola inclusiva é pensar em uma escola para todos, sem discriminação, sem exceções, onde todos são olhados, respeitados, têm um espaço, o seu espaço. É pensar em um lugar onde os alunos são da escola e não de determinado professor, onde todos os envolvidos são responsáveis por ele e exercem papéis importantes, independente da função. Pois somente a partir do momento em que abrimos nossos olhos para aceitar as diferenças podemos pensar numa escola para todos e para cada um.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto Nº 6.571, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto no 6.253, de 13 de novembro de 2007.

BRASIL. NOTA TÉCNICA Nº 04 / 2014 / MEC / SECADI / DPEE. Orientação quanto a documentos comprobatórios de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação no Censo Escolar.

EIZIRIK, M.F. **Por que a diferença incomoda tanto? Educação e Escola: A Aventura Institucional.** Porto Alegre, AGE, 2001. p. 37-57.





GIROTTI, C.R.M. **A parceria entre o professor e o fonoaudiólogo: um caminho possível para a atuação com a linguagem escrita.** Tese. (Doutorado em Educação). FFC - UNESP, Marília, 2006, 256 f..

LIMA, T. C.; MIOTO, R. C. T.; DAL PRÁ, K. R. A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 93-104, jan./jun. 2007. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/pdf/3215/321527160010.pdf> > Acesso em: 18 Jul 2020.

LOPES, M.C; DAL'IGNA, M. C. L. **In/exclusão: nas tramas da escola.** Canoas: Ed. ULBRA, 2007.

LOPES, M.C; FABRIS, E.H. **Inclusão e Educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MUSOLINI, C.V. ; RODRIGUES, A. P. Equipe clínica: uma reflexão sobre multidisciplinaridade e interdisciplinaridade. In.: MARQUESAN, I. et al. **Tópicos em Fonoaudiologia.**1994. São Paulo: Lovise, 1994. P. 207-210.

PLAISANCE, E. Da educação especial à educação inclusiva: esclarecendo as palavras para definir as práticas. **Revista Educação**, vol. 38, núm. 2, maio-agosto, 2015, p. 231-238. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/848/84842555009.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2018.

SCHERER, R; Gräff, P. Das Adaptações às Flexibilizações Curriculares: Uma Análise de Documentos Legais e Revistas Pedagógicas. **Revista e Curriculum**, São Paulo, v.15, n.2,p.376 – 400 abr./jun.2017

SOUZA, D. V.; ZIONI, F. Novas perspectivas de análise em investigações sobre meio ambiente: a teoria das representações sociais e a técnica qualitativa da triangulação de dados. **Saúde e Sociedade**, v. 12, n. 2, p. 76-85, 2003. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/sausoc/v12n2/08.pdf](http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v12n2/08.pdf). >. Acesso em: 18 Jul 2020

TRENCH, M.C.B.T.; BALIEIRO, C.R. Fonoaudiologia e Inclusão Social. In DREUX F.M.; MENDES, B.C.A.; NAVAS, A.L.P.G.P. (orgs.). **Tratado de Fonoaudiologia**, 2ª. Ed. São Paulo: Roca: 2009, p. 627-632.



## CUIDAR DE QUEM CUIDA: ACOLHENDO TRABALHADORES DA SAÚDE E CONSTRUINDO RESISTÊNCIAS POSSÍVEIS

CARING FOR WHO CARERS: SUPPORTING HEALTH WORKERS AND BUILDING  
POSSIBLES RESISTANCES

Marluci Meinhart (Universidade Feevale); Sarai Schmidt (Universidade Feevale); Vanessa Ruffatto

Gregoviski (Unisinus)

**Resumo:** A saúde dos trabalhadores e a precarização do trabalho são discussões essenciais na medida em que se observa o aumento desenfreado do sofrimento e adoecimento laboral dos sujeitos, especialmente aqueles que atuam na saúde. Ainda, por vezes, identifica-se maior carência de intervenções voltadas àqueles que cuidam de tais trabalhadores: os gestores em saúde. Dessa forma, este artigo versará sobre uma prática realizada por duas psicólogas residentes em Saúde Mental em um espaço de Gestão. Objetiva-se relatar a construção e aplicação de uma intervenção em saúde mental com esse público. Trata-se de um relato de experiência qualitativo, transversal e exploratório. Como instrumento, utilizou-se a participação ativa das pesquisadoras para elaboração da intervenção, aplicando-a coletivamente com os trabalhadores de uma Secretaria Municipal da Saúde. Os resultados evidenciaram a necessidade de espaços de produção de saúde laboral, sendo que a intervenção proposta conseguiu promover acolhimento ao desamparo percebido por essas pessoas por intermédio de um momento de escuta, pausa e afetividade, auxiliando até mesmo na reflexão sobre os sentidos para o trabalho. Dessa forma, coloca-se a necessidade de propagação desses momentos de forma contínua, fugindo da lógica exploratória como resistência possível ao neoliberalismo e à precarização do trabalho. **Palavras-chave:** Saúde do Trabalhador. Saúde Mental. Produção de Saúde.

**Abstract:** The workers's health and the work's precariousness are essential discussions because of the unrestrained increase of suffering and illness at work, especially for those who work in health care. Still, sometimes, there is a greater lack of interventions aimed at those who care for such workers: the health managers. Thus, this article will report an experience by two psychologists, also Mental Health's residents, in a management space. The objective is to report the construction and application of an intervention in mental health with this public. It is a report of a qualitative, transversal and exploratory experience. As an instrument, the active participation of researchers was used to elaborate the intervention, collectively applied with the workers of a Municipal Health Department. The results showed the need for spaces for the production of occupational health, and the proposed intervention managed to support the helplessness perceived by these people through a moment of listening, pause and affection, helping with the reflections about the meanings of work. Thus, there is a need for the propagation of these moments in a continuous way, fleeing the exploratory logic as a possible resistance to neoliberalism and work's precariousness.

**Keywords:** Workers's Health. Mental health. Health Production.

### 1 INTRODUÇÃO

A discussão acerca da saúde do trabalhador, especialmente sobre como esse processo ocorre dentro dos próprios ambientes laborais, apesar de amplamente debatida em termos teóricos há anos, segue sendo um assunto emergente e de suma importância da atualidade.





Percebe-se a influência do desenfreado avanço de lógicas neoliberais na economia global neste quesito. Ademais, a consequente precarização do trabalho que acompanha esse modelo, traz efeitos nocivos à saúde mental e/ou física dos trabalhadores, em especial daqueles que têm como principal objetivo o cuidado de outros seres humanos, neste caso, os trabalhadores da saúde. Assim, ir contra a lógica vigente é fazer, também, uma demarcação política na reivindicação pelo respeito àqueles ditos heróis sem capas, mas que em muito sofrem com a total falta de amparo na garantia de seus direitos, e não reconhecimento (BARROS; BERNARDO, 2017).

O crescente adoecimento de quem cuida vem nos mostrando que também é preciso voltar o olhar e a atenção àqueles que precisam estar diariamente com o olhar e a atenção voltados aos outros, muitas vezes com tamanha sobrecarga que se percebem sem possibilidade psíquica de olhar para si mesmos. Dessa forma, promover espaços de escuta sensível e reflexão têm se tornado ferramentas muito importantes para que o colapso da saúde não adoça o sujeito em suas dimensões psicológicas, afetivas e emocionais (MORETTO et al., 2013).

Nesse contexto, esse artigo versará sobre uma prática realizada por duas psicólogas residentes em Saúde Mental em um contexto da Gestão em Saúde de um município no Rio Grande do Sul. Desse modo, objetiva-se relatar como se deu a construção e aplicação de uma intervenção em saúde mental com esse público, momento em que se estimulou trocas a partir de um espaço de acolhimento, de pausa e de afetividade entre colegas, além de reflexões acerca o sentido do trabalho e inquietações iminentes àqueles trabalhadores – como o desamparo, o cansaço e o esgotamento, e o estresse. Pontua-se que a prática parte de um desejo dos trabalhadores e que somente foi possível graças ao apoio de um corpo gestor preocupado não somente com o cumprimento de metas de produção, mas também com a qualidade de vida daqueles que naquele espaço estavam diariamente.

Trata-se de um relato de experiência, logo, qualitativo, transversal e exploratório. Como instrumento de pesquisa, utilizou-se a participação ativa das pesquisadoras para a construção e aplicação de uma intervenção em saúde mental com trabalhadores de uma Secretaria Municipal da Saúde. Os profissionais eram de formações e funções diversas, mas com queixas similares que se relacionavam a uma sobrecarga e exaustão. Propôs-se a criação de um espaço criativo e em que houvesse a circulação da palavra, além de um momento de prática de meditação e de relaxamento, com café da manhã para confraternização. Apesar de pontual, perceberam-se inúmeras potencialidades e desafios que serão melhor discutidas a seguir.





A relevância do tema e da intervenção se justificam pela notória sobrecarga apresentada pelos gestores públicos da pesquisa, sabidamente algo corriqueiro no cotidiano de diversos serviços semelhantes, e pelo fato de que a intervenção proposta, ainda que pontual, conseguiu promover o acolhimento e assinalar a importância da coletividade entre trabalhadores como espaço de suporte e reivindicações. Assinala-se que essa intervenção parte de uma demanda que vinha sendo observada há algum tempo, especialmente nesse serviço, pela demanda excessiva de trabalho e responsabilidades, cuidando de quem cuida e enfrentando desafios diversos, tal como a falta de investimento público na área da saúde, a precarização do trabalho, a falta de material humano e do reconhecimento necessário para manter o sentido do trabalho vivo.

## **2 CRIANDO ESPAÇO PARA PENSAR A SAÚDE NO TRABALHO**

O trabalho é aqui compreendido a partir de uma ética fugitiva dos discursos utilitaristas e dominadores, pois não buscará somente a geração de renda, mas sim a constante (re)invenção laboral, sendo o indivíduo o próprio ator principal desse cenário ao trocar saberes e socializar práticas. Logo, pensa-se que vai além da produtividade e do subsídio financeiro, possuindo um sentido atribuído por cada pessoa. Dessa forma, sociedades que priorizam o capital ao invés do trabalho enquanto atividade dotada de sentido, reconhecem o curativismo ao invés da saúde, fazendo-se necessária a criação de resistências possíveis que vão contra o adoecimento das massas (RODRIGUES; YASUI, 2016).

Outrossim, as lógicas lucrativistas acentuam a precariedade laboral e o adoecimento dos trabalhadores. Entende-se que se manifestam nas inadequadas condições de trabalho, na violação de direitos trabalhistas, no aumento excessivo do ritmo e carga horária do trabalho, e na exigência em demasia, afetando não somente a saúde do trabalhador, mas criando marcas em suas subjetividades (LOURENÇO; BERTANI, 2007).

Destarte, pensar a saúde em espaços de trabalho tem sido um confronto à estrutura imposta. Percebe-se que criar um espaço para a escuta e acolhimento de quem trabalha é uma forma de resistência possível ao sistema do capital financeiro acima de tudo e de todos. É importante destacar que para além da produtividade, a qualidade do trabalho também é medida a partir da saúde de quem o exerce, e que é cada vez mais necessário aproximar a saúde do



trabalho, criando resistências possíveis a uma lógica capitalista que muitas vezes aprisiona e adocece.

## 2.1 SAÚDE DO TRABALHADOR DA SAÚDE

Frente à precarização do Sistema Único de Saúde (SUS), cabe questionar: quem cuida daqueles que cuidam? Sabendo que muitas vezes eles, além de precisar pensar sobre sua própria saúde, sofrem a sobrecarga emocional atrelada ao cuidado de outros; e quem cuida daqueles que são responsáveis por promover o cuidado de trabalhadores assistenciais da saúde? Sabendo que ao falar de gestores, fala-se de profissionais com grande carga emocional e responsabilidades. A partir dessas inquietações, desenvolveu-se este trabalho que reforça o quanto é essencial manter tais discussões ativas, promovendo mudanças. Nesse ponto, considera-se importante ressaltar que quando se realizou essa intervenção, ainda não se vivia em um contexto pandêmico e, ainda que em um cenário menos caótico, já se evidenciava a necessidade de um olhar mais específico e acolhedor aos trabalhadores da saúde gestores; pensa-se, de tal modo, que essa circunstância acentua ainda mais, fazendo-se urgente.

Porém, pensar cuidado aos trabalhadores no cenário da saúde requer crítica sobre a falta de articulação de espaços que deveriam atuar de forma protetiva, como os Ministérios da Saúde e do Trabalho. Percebe-se que isto acentua a invisibilidade social de condições adoecedoras, mascarando-as com benefícios compensatórios insuficientes, sem prestar quaisquer outros tipos de assistência ou acolhimento (LOURENÇO; BERTANI, 2007).

Enquanto isso, no caos demarcado pela falta de programas consolidados, há um crescimento em demasia do adoecimento físico e mental dos trabalhadores que atuam na saúde, refletindo a sobrecarga, o cansaço, a exaustão e o estresse. Nota-se o aumento de casos de sintomas depressivos, ansiosos, agressividade e somatizações (MORETTO et al., 2013).

O gestor público que atua na construção e fiscalização de ações em saúde possui diversas atribuições, tais como: planejar, orientar, regular, gerir recursos e trabalhadores, propor ações de cuidado aos seus subordinados, atuar com a população, prestar esclarecimentos e outros. Sabe-se que os desafios são inúmeros, especialmente com a falta de recursos e insumos cada vez mais presente, porém, é nesse contexto que se questiona como é possível criar pausas para evitar que essas pessoas também sucumbam aos sofrimentos com os quais lidam cotidianamente. Há uma exigência de que as pessoas selecionadas para tais cargos possuam



perfis marcados pela agilidade e flexibilidade, sendo capazes de realizar diversas funções concomitantemente, além de constante aperfeiçoamento teórico e técnico. Delas, muito se exige! Porém, como são cuidadas? (MARTINS; WACLAWOVSKY, 2015).

## 2.2 CONTANDO A EXPERIÊNCIA

Com essa percepção, propôs-se a experiência que aqui será esmiuçada. Ela se deu em um espaço de gestão pública e municipal da área da saúde, no Rio Grande do Sul. Os convidados a participarem foram todos aqueles do espaço que se sentissem à vontade para realizar uma pausa em seus cotidianos atarefados. Constituiu-se em um público diverso, de diversas funções e profissões, podendo-se citar médicos, dentistas, enfermeiros, técnicos em enfermagem, assistentes administrativos e outros. Apesar da equipe ser multidisciplinar, todos ali já trabalhavam juntos há algum tempo, o que trouxe ao grupo um sentimento de confiança e conforto, auxiliando na mobilização coletiva proposta pela atividade. Nesse sentido, pode-se perceber que “processos como reconhecimento, gratificação, mobilização, mobilização da inteligência, mais do que relacionados à realização do trabalho, estão ligados à constituição da identidade e da subjetividade” (LANCMAN, 2008, p. 31).

A proposta inicial não veio daquelas que organizaram o espaço, mas sim dos próprios trabalhadores. Pontua-se que a ocorrência disto se dá em um contexto educacional e de atuação de residentes multiprofissionais, sendo neste espaço em específico, duas psicólogas do primeiro e do segundo ano de formação. Coloca-se que a Residência é um programa do Ministério da Saúde que objetiva a formação de profissionais para a atuação no SUS, sendo uma modalidade de especialização ensino em serviço (BRASIL, 2005). Na época, as residentes estavam em pleno momento de definição de quais as inserções que teriam em um nível de gestão, momento em que a equipe do local sugeriu que pudesse se pensar sobre a saúde deles próprios, visto o sentimento de desamparo por estarem sempre afrente do cuidado de terceiros, mas poucas vezes olhados enquanto sujeitos que sofriam e necessitavam de acolhimento.

Após esse pedido, começou-se a pensar como seria possível e benéfico criar um espaço, ainda que breve e momentâneo, que pudesse auxiliá-los. As observações das pesquisadoras permitiram a visão de um espaço que ocasionava a sobrecarga material e emocional, tarefas excessivas, demandas problemáticas e conflitos políticos constantes, mas que conseguia ser



subversivo ao criar espaço de afeto com pequenas pausas para risadas ou cafés. Logo, tornou-se evidente a potencialidade daquele espaço: o coletivo.

Assim, foi proposto um momento em que pudessem alinhar e potencializar as qualidades percebidas: roda de conversa, afeto e cuidado. Em segredo, as profissionais organizaram um café da manhã coletivo, com uma convidada externa que trabalhava com Práticas Integrativas e Complementares em Saúde por intermédio da meditação e de práticas de relaxamento. Além disso, organizou-se um texto de abertura, em agradecimento ao acolhimento do coletivo e sinalizando a eles o quanto tinham em sua equipe, afeto e aberturas. O momento de relaxamento com a profissional convidada foi muito importante para que cada trabalhador pudesse sentir o seu corpo naquele local de trabalho, e a partir disso criar sentidos e possibilidades para ele.

As potencialidades percebidas foram a capacidade de acolhimento e conexão do grupo com ele mesmo, visto que todos já se conheciam há algum tempo e tinham desenvolvido uma relação de coleguismo e solidariedade. Todos, sem exceções, conseguiram ouvir os sentimentos bons e ruins dos demais, acolhendo e pensando juntos sobre formas de tornar aquele local de trabalho mais saudável e menos pesado. Por serem todos profissionais da saúde, também entendemos que houve um entendimento coletivo e afinidade nas demandas relatadas e nas soluções possíveis para cada questão colocada.

Algumas dificuldades foram percebidas especialmente em relação à organização do tempo e da rotina para que todos pudessem estar presentes. A necessidade da produção que reverbera em uma rotina atropelada novamente apareceu como um dispositivo gerador de estresse, e adoecimento físico e mental. Foi preciso organizar o momento com bastante antecedência e lembrar a equipe quase que diariamente para que não marcassem nada em suas agendas, para estarem presentes naquele momento.

### 3 CONCLUSÃO

Após essa intervenção de pausa, escuta e acolhimento que propiciou reflexões sobre o cotidiano, a rotina de trabalho, a demanda por produtividade a qualquer preço e, principalmente, a importância de cuidar daqueles que gerem o cuidado de quem cuida, percebeu-se que esse tipo de movimento foi demasiado importante para o coletivo de trabalhado de gestores. Propõem-se que possa ocorrer nos mais diversos espaços para que seja possível (res)significar





o trabalho na vida desses sujeitos, assim, o labor poderá atuar como um agente que proporcione a manutenção da saúde, não do sofrimento e do adoecimento.

Além disso, ressaltamos a importância de coletivos de trabalho e da identificação entre eles, sendo o processo do reconhecimento entre a equipe e da valorização social do trabalho um possível fomentador da mobilização coletiva e do afeto que muitas vezes é revolucionário. A pausa para a escuta e a utilização do tempo para momentos de relaxamento, interferiu positivamente na saúde dos trabalhadores. Nesse sentido, percebemos a necessidade de que as questões referentes à saúde do trabalhador não só estejam inclusas nas diretrizes que norteiam o SUS, como também se tornem um hábito e uma política consolidada nos espaços, incluso o de gestão.

Acredita-se na potência da criação de espaços em que circulam os afetos e diálogo, proporcionando acolhimento e escuta. Nesse sentido, coloca-se, aqui, os programas de Residências Multiprofissionais em Saúde Mental como possibilidade para o desenvolvimento de ações em saúde que trabalhem direta e efetivamente com a saúde do trabalhador, em todos os âmbitos de assistência, incluindo, mas não se resumindo, à gestão.

## REFERÊNCIAS

BARROS, A. C. F. de; BERNARDO, M. H.. A lógica neoliberal na saúde pública e suas repercussões para a saúde mental de trabalhadores de CAPS. **Rev. Psicol. UNESP**, Assis, v. 16, n.1, p.60-74, jun. 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-90442017000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442017000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 abr. 2021.

MORETTO, M. L. T. et al. "Cuidando de quem cuida": assistência psicológica ao trabalhador da saúde. **Psicol. hosp.** (São Paulo), São Paulo, v.11, n.1, p.52-65, jan. 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-74092013000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092013000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 abr. 2021.

RODRIGUES, A. C.; YASUI, S.. Oficinas de geração de trabalho e renda na atenção psicossocial: reflexões sobre um equipamento e suas produções de cuidado. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, v. 8, n. 20, p. 01-21, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cbsm/v8n20/v8n20a02.pdf>. Acesso em: 06 Abr. 2021.

LOURENÇO, E. A. S.; BERTANI, I. F.. Saúde do trabalhador no SUS: desafios e perspectivas frente à precarização do trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 32, n. 115, p. 121-134, 2007. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S030376572007000100011&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S030376572007000100011&script=sci_arttext&tlng=pt)>.. Acesso em: 07 Abr. 2021.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

MARTINS, C. C.; WACLAWOVSKY, A. J.. Problemas e Desafios Enfrentados pelos Gestores Públicos no Processo de Gestão em Saúde. **Revista de Gestão em Sistemas de Saúde**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 100-109, jun. 2015. ISSN 2316-3712. Disponível em: <<http://www.revistargss.org.br/ojs/index.php/rgss/article/view/157>>. Acesso em: 12 Abr. 2021.

LANCMAN, S. O mundo do trabalho e a psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Org.). **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. p. 25-36

BRASIL. **Lei nº 11.129 de 30 de Junho de 2005**. Distrito Federal, 2005.





## A POPULAÇÃO IDOSA BRASILEIRA E A MORTALIDADE POR COVID-19

THE BRAZILIAN ELDERLY POPULATION AND MORTALITY DUE TO COVID-19

Janaina Peixoto Kowalski; Juracy Ignez Assmann Saraiva

Universidade Feevale

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo trazer dados sobre o número de óbitos de idosos, em virtude da pandemia do novo coronavírus no Brasil. O método de elaboração baseia-se em informações do Ministério da Saúde, Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a COVID-19, em atualizações dos dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e dos cartórios de registro civil, que apontam o número de óbitos e a faixa etária. Conclui-se que o número de óbitos de idosos é significativo, confirmando que essa população é considerada de maior risco.

**Palavras-chaves:** Idoso. Mortalidade dos idosos. COVID-19.

**Abstract:** This work aims to bring data on the number of deaths of the elderly, due to the pandemic of the new coronavirus in Brazil. The elaboration method is based on information from the Ministry of Health, National Plan for Operationalization of Vaccination against COVID-19 and official updates from the Brazilian Institute of Geography and Statistics and through data from civil registry offices, which indicate the number deaths and age group. It is concluded that the number of deaths of elderly people is significant, since this population is considered to be at higher risk.

**Key words:** Elderly. Elderly mortality. COVID-19.

### A PANDEMIA DA COVID-19 E O ENVELHECIMENTO

Segundo o Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a COVID-19, do Ministério da Saúde, a pandemia da COVID-19 é considerada a maior da história recente da humanidade. Afirma ainda que 80% das pessoas se recuperam da doença sem que haja necessidade de internação hospitalar. Entretanto, uma em cada seis pessoas infectadas fica gravemente doente e desenvolve dificuldades para respirar, e os idosos com comorbidades têm maior risco de virem a óbito. Contudo, qualquer indivíduo pode se infectar e evoluir para formas mais graves da doença.

De acordo com o Ministério da Saúde, os coronavírus pertencem a uma grande família de vírus, cuja manifestação é comum em muitas espécies diferentes de animais. É muito difícil os coronavírus, que infectam animais, infectarem também as pessoas, como é o caso do MERS-CoV e o SARS-CoV. Porém, em dezembro de 2019, houve a transmissão de uma nova espécie de coronavírus o SARS-CoV-2, identificado na China, e que é transmitido de pessoa para pessoa e que veio a ocasionar a pandemia que o mundo hoje experimenta. Assim, tendo



adquirido uma dimensão planetária, a COVID-19 foi declarada oficialmente pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 11 de março de 2020 (ROSA, 2020).

O Ministério da Saúde informa que pessoas idosas e pessoas com comorbidades, como pressão alta, doenças cardíacas, doenças pulmonares, câncer ou diabetes, são as mais suscetíveis a desenvolver casos mais severos de COVID-19. Todos os dias há a atualização de dados sobre o número de pessoas infectadas e o índice de mortalidade, sendo, igualmente, esclarecidos os veículos de sua transmissão:

A transmissão do SARS-CoV-2 ocorre principalmente com contato de gotículas respiratórias oriundas de pacientes contaminados, e a doença provocada afeta principalmente os sistemas respiratório, cardiovascular, gastrointestinal e neurológico. Pode-se apresentar desde a forma assintomática até formas graves com importante comprometimento do sistema respiratório. Seu cortejo sintomatológico é composto principalmente por febre, tosse seca e dispnéia com possibilidade de complicações, principalmente pneumonia, síndrome respiratória aguda grave (SRAG) e óbito. Trata-se de uma doença complexa e com poucas evidências da melhor forma de tratamento (NUNES, *et al*, 2020).

Desde que foi descoberto, o novo coronavírus apresenta uma alta taxa de transmissão. Em 30 de janeiro de 2020 já haviam sido notificados mais de 7.000 casos de pessoas infectadas em 18 países, e mais de 150 pessoas já haviam falecido na China (BARBOSA, *et al*, 2020). O primeiro caso no Brasil foi registrado em 26 de fevereiro de 2020; tratava-se de um idoso que esteve em viagem pela Itália. A partir de então, os casos da doença apresentaram um crescimento significativo no país (BARBOSA, *et al*, 2020). O alto índice de transmissão da doença faz do Brasil a nação latino-americana com o maior número de casos confirmados e de óbitos. Por essa razão, as autoridades sanitárias brasileiras preocupam-se com o impacto da pandemia COVID-19 entre a população de média e baixa renda e em relação ao seu sistema de saúde, uma vez que o contexto com a disseminação de doença letal conjuga-se ao acelerado processo de envelhecimento no Brasil. Com efeito, os impactos da doença podem ser ainda mais graves entre os idosos, em virtude de comorbidades já existentes e/ou características socioeconômicas (NUNES, *et al*, 2020).

Os idosos formam o grupo populacional mais vulnerável e concentram o maior índice de letalidade devido à doença, uma vez que a imunossenescência, ou a deterioração do sistema imunológico, produzida pelo envelhecimento, é um fator que aumenta a vulnerabilidade em relação às doenças infectocontagiosas, trazendo prognósticos ruins para aqueles idosos que



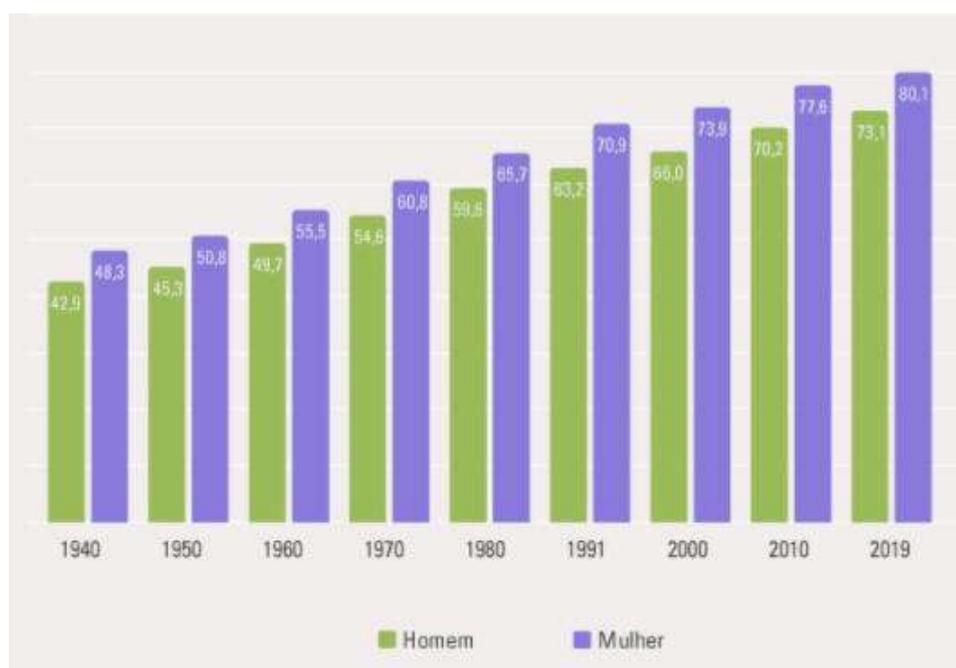
possuem doenças crônicas não transmissíveis (HAMMERSCHMIDT, BONATELLI, CARVALHO, 2020).

Desta forma, justifica-se a prioridade da vacinação no Brasil, aos grupos com maior vulnerabilidade. Consta no Plano Nacional de Imunização que este foi baseado em princípios similares aos da OMS e considerações sobre a viabilização operacional das ações de vacinação.

## A PIRÂMIDE ETÁRIA BRASILEIRA E A MORTALIDADE DOS IDOSOS EM 2021

Pesquisas do IBGE apontam que a expectativa de vida aumentou 3 meses em 2019 em relação a 2018, atingindo 76,6 anos. No ano de 1980, de cada cem mil indivíduos que chegavam aos 60 anos, 344 atingiam os 80 anos de idade. Em 2019, este indicador chegou a 604 indivíduos na média do Brasil.

Figura 1: Expectativa de vida ao nascer



**Fonte:** IBGE < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29505-expectativa-de-vida-dos-brasileiros-aumenta-3-meses-e-chega-a-76-6-anos-em-2019>> Acesso em: 13/Abr./2021.

Para Menezes, Lopes e Azevedo (2009), a projeção feita para o Brasil em 2025 é de 32 milhões de idosos, a maioria com baixo nível socioeconômico e educacional e com a prevalência de doenças crônicas e incapacitantes, momento em que o país ocupará



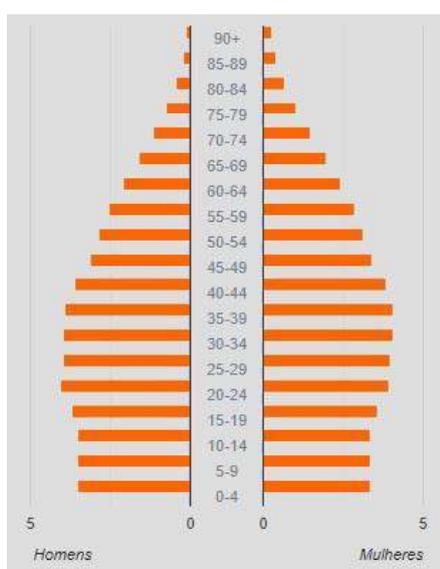
mundialmente o sexto lugar em relação ao número de pessoas idosas. Ainda nesta projeção, os dados apontam para um contingente maior da população feminina. Atualmente, as mulheres vivem mais do que os homens em virtude de fatores biológicos, diferença de exposição a fatores de risco de mortalidade e pela maior procura pelos serviços de saúde.

Observando os percentuais, nota-se que o maior índice de óbitos entre os homens traz à tona o processo de feminização da velhice, teoria mencionada por Menezes, Lopes e Azevedo (2009). Esta afirmação das autoras corrobora com a pesquisa publicada pelo IBGE em novembro de 2020, que mostra que a expectativa de vida da pessoa muda conforme a idade e o sexo, sendo que a mortalidade dos homens é sempre superior à das mulheres.

Existem, ainda, argumentos que trazem a ideia de “rejuvenescimento” do Brasil com a instalação da pandemia da COVID-19, relacionando-a com a inversão da pirâmide etária brasileira e a baixa taxa de distanciamento social (BARBOSA, et al, 2020). Segundo dados do IBGE, o aumento da expectativa de vida e o baixo índice de natalidade provocam a inversão da pirâmide etária brasileira. Porém, comprovando-se o grande número de óbitos de idosos em virtude da pandemia da COVID-19, o “rejuvenescimento” pauta-se no equilíbrio ou aumento do número de jovens em relação aos idosos.

As figuras 2 e 3 trazem, respectivamente, a pirâmide etária do Brasil em 2021 e o número de mortes ocasionadas por COVID-19 durante os quatro primeiros meses de 2021.

Figura 2: Pirâmide etária do Brasil em 2021



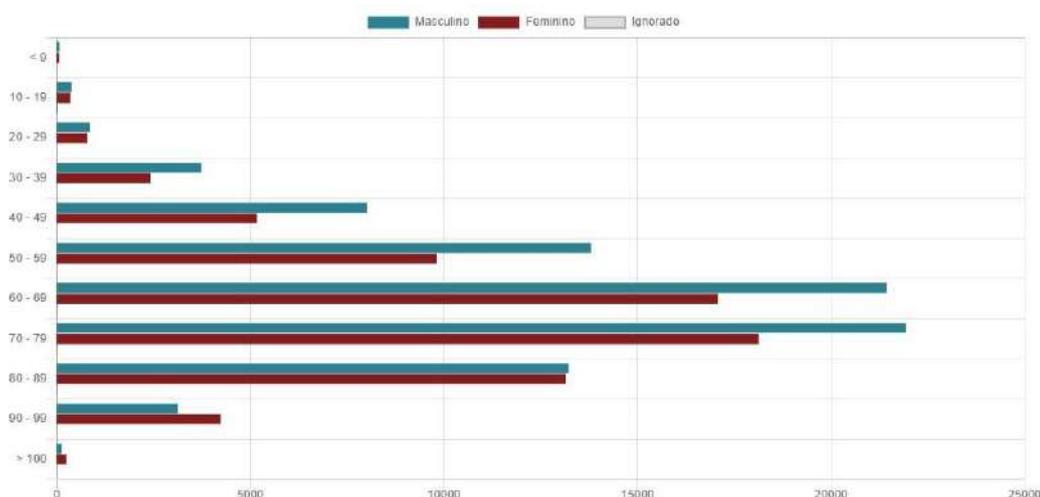
Fonte: IBGE

<[https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm\\_source=portal&utm\\_medium=popclock](https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm_source=portal&utm_medium=popclock)> Acesso em 13/Abr./2021.





Figura 3: Mortalidade da população idosa no período compreendido entre 01/01/2021 e 01/04/2021.



**Fonte:** Portal da Transparência <<https://transparencia.registrocivil.org.br/especial-covid>> Acesso em 13/Abr./2021.

Este estudo baseou-se em dados obtidos em plataformas que trazem informações atualizadas acerca do número de óbitos ocasionados pela COVID-19. O problema existe e suas consequências são nefastas e por isso é necessário defender as medidas de prevenção, o distanciamento social e os cuidados com a saúde. Eles são os alicerces para a queda na taxa de mortalidade da população, idosa ou não.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Isabelle Ribeiro, *et al.* Incidência e mortalidade por COVID-19 na população idosa brasileira e sua relação com indicadores contextuais: um estudo ecológico. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, 2020; 23(1) e 200171, págs. 1 a 11.

BRASIL. **Ministério da Saúde.** Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/index.php/perguntas-e-respostas>> Acesso em 10/Abr./2021.

HAMMERSCHMIDT, Karina Silveira de Almeida; BONATELLI, Lisiane Capanema Silva; CARVALHO, Anderson Abreu de. Caminho da esperança nas relações envolvendo idosos: olhar da complexidade sobre pandemia da COVID-19. **Texto e Contexto Enfermagem**, 2020, v. 29: e20200132, págs. 1 – 11.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Expectativa de vida dos brasileiros aumenta 3 meses e chega a 76,6 anos em 2019.** Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de->



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

noticias/noticias/29505-expectativa-de-vida-dos-brasileiros-aumenta-3-meses-e-chega-a-76-6-anos-em-2019> Acesso em 13/Abr./2021.

MENEZES, Tânia Maria de Oliva; LOPES, Regina Lúcia Mendonça; AZEVEDO, Rosana Freitas. A pessoa idosa e o corpo: uma transformação inevitável. **Revista eletrônica de enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, 598-604, 2009.

NUNES, Bruno Pereira, *et al.* Envelhecimento, multimorbidade e risco para COVID-19 grave: ELSI-Brasil. **Scielo Preprints**, 2020. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/703>> Acesso em 23 nov. 2020.

PLANO NACIONAL DE OPERACIONALIZAÇÃO DA VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19. Disponível em <[https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2021/janeiro/29/planovacinaocovid\\_v2\\_29jan21\\_nucom.pdf](https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2021/janeiro/29/planovacinaocovid_v2_29jan21_nucom.pdf)> Acesso em 12 abr. 2021.

PORTAL DA TRANSPARÊNCIA. Disponível em: <<https://transparencia.registrocivil.org.br/especial-covid>> Acesso em 13/Abr./2021.

ROSA, Maria João Valente. Envelhecimento demográfico em fase de COVID-19. Medicina Interna – **Revista da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna**. Publicação especial, Maio/2020, Págs. 27 a 30.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## IMPLEMENTAÇÃO DA BNCC E RCG EM TEMPOS DE PANDEMIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

### IMPLEMENTATION OF BNCC AND RCG IN TIMES OF PANDEMIC: CHALLENGES AND POSSIBILITIES

Roseli Wolschick Rambo; Rosemari Lorenz Martins; Débora Taís Arnhold; Rosani Fátima Michel

Zanatta; Lovani Volmer

Universidade Feevale

**RESUMO:** Na intenção de refletir sobre a percepção dos professores com relação às aulas remotas e se é possível ter o Referencial Curricular Gaúcho e a Base Nacional Comum Curricular como referência em tempos de pandemia, buscou-se explicitar, neste estudo, algumas reflexões e muitas incertezas. Aspectos como a efetivação dos direitos de aprendizagem na Educação Infantil e a confiabilidade da execução de seus eixos estruturantes são questões que permeiam essas reflexões. Como assegurar a interação e a brincadeira em momentos em que a *troca* é limitada? Como os professores, em suas aulas remotas, buscam atingir os objetivos mínimos dos currículos vigentes? Dúvidas como essas permeiam atualmente a área da educação e requerem a busca por elucidações em um cenário a ser construído de forma atenta às especificidades de cada contexto. Em busca de respostas para esses questionamentos, investigou-se a percepção de seis professores de educação infantil de Santa Maria do Herval/RS acerca dessa temática. Analisando-se suas respostas pode-se concluir que as aulas remotas, na Educação Infantil, não conseguem atingir todos os objetivos previstos no RCG e na BNCC, uma vez que o desenvolvimento integral dessas crianças não é possível, por mais que os professores se empenhem e os pais sejam parceiros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Base Nacional Comum Curricular, Referencial Curricular Gaúcho, Ensino remoto, Educação Infantil.

**ABSTRACT:** whether it is possible to have the Gaúcho Curriculum Reference and the Common Curricular National Base as a reference in times of pandemic, we sought to make explicit, in this study, some reflections and many uncertainties. Aspects such as the effectiveness of learning rights in Early Childhood Education and the reliability of the execution of its structuring axes are issues that permeate these reflections. How to ensure interaction and play at times when exchange is limited? How do teachers, in their remote classes, seek to achieve the minimum objectives of the current curricula? Doubts like these currently permeate the area of education and require the search for clarifications in a scenario to be constructed in an attentive manner to the specificities of each context. In search of answers to these questions, we investigated the perception of six teachers of early childhood education in Santa Maria do Herval / RS about this theme. Analyzing their responses, it can be concluded that remote classes, in Early Childhood Education, fail to achieve all the objectives set out in the RCG and BNCC, since the integral development of these children is not possible, no matter how hard the teachers strive and parents are partners.

**KEYWORDS:** Common National Curriculum Base, Gaúcho Curriculum Reference, Remote Education, Early Childhood Education.





## CONTEXTUALIZANDO

2020 trouxe consigo a COVID-19 e todos tivemos de nos reinventar. As adaptações nunca se fizeram tão necessárias em nossa vida e, sem dúvidas, essa realidade impactou de forma insólita o cenário educacional. Professores e alunos distanciados por um motivo maior: manutenção da saúde e da segurança individual.

Na busca por aporte teórico para auxiliar na reformulação de práticas docentes nesse período da pandemia, encontrou-se o documento “A Educação não pode parar”, elaborado pelo Comitê Técnico de Educação, do Instituto Rui Barbosa, e pelo Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional, com o apoio da Associação dos membros dos Tribunais de Contas do Brasil e do Conselho Nacional de Presidentes dos Tribunais de Contas. Esse documento tem o propósito principal de evidenciar práticas desenvolvidas por alguns professores nesse período e vislumbrar novas possibilidades para a educação no cenário emergente, voltadas principalmente à utilização de estratégias e de ferramentas no ensino remoto e à organização, ao encaminhamento e à preparação para o retorno às aulas presenciais. Para a estruturação do documento, foram analisadas

249 redes de ensino, de todas as regiões do País, sendo 232 municipais e 17 estaduais<sup>3</sup>. Entre maio e junho de 2020, os(as) secretário(as) de Educação de tais Municípios e Estados, ou técnicos da Secretaria designados por eles, responderam a dois questionários on-line e participaram de entrevistas via telefone ou videoconferência (EDUCAÇÃO NÃO PODE ESPERAR, 2020, p. 5).

A análise dos dados coletados mostrou que 82% dos municípios analisados já estavam ofertando conteúdos pedagógicos a seus estudantes em junho. Os demais entrevistados evidenciaram suas preocupações e apresentaram as dificuldades encontradas para atingir os alunos, especialmente aqueles com acesso mais difícil, destacando espaços do Norte e Nordeste do País.

Nos locais onde foi efetivado contato com os estudantes, os dados coletados mostram a obtenção de sucesso a partir da utilização de ferramentas digitais, como *Whatsapp*, *Google Classroom*, *Youtube*, *Facebook* etc., mantendo-se o cuidado de ofertar atividades intercaladas entre práticas *online* e *offline*.



Embora muito se discuta acerca das ferramentas e de estratégias empregadas para a manutenção do vínculo educativo durante o período de isolamento social, algumas preocupações foram evidenciadas no referido documento, como,

inevitavelmente, em algum grau, a desigualdade de aprendizagem será agravada em decorrência da pandemia — a questão é o quanto a atuação das Secretarias de Educação e escolas pode impulsioná-la ou minimizá-la. Caso não haja um esforço coletivo, dentro das limitações e possibilidades locais, para ofertar conteúdos pedagógicos e dar suporte aos estudantes e aos responsáveis, provavelmente, no retorno às aulas, a situação será ainda mais crítica (A EDUCAÇÃO NÃO PODE ESPERAR, 2020, p. 8).

Ademais, o documento buscou elencar as especificidades de cada etapa do ensino básico e a frequência/categoria de materiais encaminhados. Com base nisso, determinou, para a Educação Infantil, “que a atuação da rede deve ser centrada em uma boa comunicação com os pais ou responsáveis”, salientando a importância de se mostrar acolhedora, buscando auxiliá-los nas demandas oriundas do cotidiano infantil (A EDUCAÇÃO NÃO PODE ESPERAR, 2020, p. 10).

Assim, é possível identificar que muito tem sido feito com a intenção de manter o vínculo pedagógico com as famílias nesse momento de isolamento. Também se sabe que existem preocupações voltadas à forma de atingir todos os alunos com a organização das atividades remotas e questões complementares. Evidencia-se, além disso, que a preocupação de oportunizar conhecimento está bastante grande, mas pouco se tem pensado sobre como efetivá-lo nesse momento.

Na Educação Infantil, por exemplo, os Eixos Estruturantes da BNCC, assim como no RCG, são evidenciados a partir da Brincadeira e Interação. Como é possível efetivá-los nesse momento em que o “estar longe” é visto como “correto”? É necessário, sem dúvidas, observar as especificidades reais e contextuais de cada aluno, para poder propor intervenções alinhadas às orientações normativas da legislação. Afinal, a criança é cidadã de pleno direito, como nos aponta o documento “A educação não pode esperar” (2020,

p. 3), quando refere que “em que pesem todas as particularidades e desafios da situação atual, a emergência sanitária não deve destituir esse direito”. Portanto, nosso dever como educadores é garantir esse direito no que tange aos aspectos educacionais.

Assim, portanto, como diz Farias, “o grande desafio exige muito estudo, criatividade e bom senso na seleção dos conhecimentos e das habilidades essenciais para trabalho com os alunos” (FARIAS, 2020, p. 11). É, dessa forma, necessário que se busque olhar para as



emergências normativas desse momento. Quais campos de experiência são mais significativos para trabalhar com a Educação Infantil? A autora leva a refletir sobre aspectos intrínsecos do ser humano. Para ela,

o aprendizado que a socialização propicia jamais será substituído pelo estudo solitário, ainda que com interação tecnológica. Os conhecimentos acumulados pela civilização podem ser aprendidos pelos meios a distância, mas a forma de apresentação desses, a contextualização, as inter-relações possíveis, as diferentes percepções, o respeito e crescimento com o outro são fundamentais para a formação dos indivíduos (FARIAS, 2020, p. 15).

Pensando em todas as fragilidades encontradas nesse cenário, como seria possível torná-lo mais educativo, priorizando um aprendizado significativo que possa ser mediado por outras pessoas - que não os professores?

Celso Antunes (2020) aponta uma direção poética e considerável para lidar com situações como esta quando diz que

[...] uma verdadeira, integrada e unida equipe docente deve pensar sempre nos conteúdos imprescindíveis e os complementares e, dessa forma, priorizar o 'bem saber' que o 'muito memorizar' e, dessa forma, acreditar que uma escola e/ou família que 'bem educa' vale bem mais que outra que abriga a ingênua suposição de que o bastante vale mais que o essencial.

Nesse sentido, problematizamos a Base Nacional Comum Curricular, como também o Referencial Curricular Gaúcho, que elencam os cinco campos de experiências (O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações) e os seis direitos de aprendizagem (conviver, participar, brincar, explorar, expressar e conhecer-se), que buscam orientar o trabalho pedagógico e normativo na Educação Infantil. Segundo Gobbi (2016), a distribuição curricular supracitada está intrinsecamente representada também como referência para a organização cotidiana das crianças nesta faixa etária e atenta para que o seu processo de implementação não ocorra de forma fragmentada ou pouco sensível.

Percebeu-se, ainda, que o documento normativo não possui adaptabilidades pensadas para questões emergentes - como no caso de alterar as práticas pedagógicas do ensino presencial, que passou a ser remoto e/ou não presencial. Aqui, portanto, cabe uma discussão ainda mais relevante: até que ponto as políticas públicas (nesse caso, as educacionais) atendem as demandas sociais?



Já em 1996, a Lei nº 9394 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional considera as possibilidades de um ensino a distância. Encontra-se no artigo 32, § 4º: “O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais”. E, ainda, no artigo 80: "O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada" (BRASIL, 1996). Dessa forma, seria possível pensar em um retrocesso das políticas educacionais brasileiras?

São muitas as dúvidas e incertezas nesse contexto de pandemia, em que as aulas remotas são necessárias. Os professores não foram preparados para essa metodologia e os pais viram-se na obrigação de tomar a posição de mediadores, nesse novo processo de ensino.

## DESENVOLVIMENTO

A partir dessas inquietações e para entender melhor as incertezas e dificuldades dos professores, pais e alunos frente à educação, elaborou-se um questionário, que foi enviado a seis professoras de uma escola de Educação Infantil, de Santa Maria do Herval/RS, para verificar qual a percepção dos professores com relação às aulas remotas e se é possível ter o RCG e A BNCC como referência em tempos de pandemia.

As respostas obtidas para os questionários mostram que, quando perguntados se, em sua opinião, as aulas remotas conseguem alcançar os mesmos objetivos das aulas presenciais, todos os participantes responderam que, em seu entender, as aulas remotas não conseguem alcançar todos os objetivos, porque é necessário usar dinâmicas diferentes nesse novo formato de aula. Segundo os professores, nas aulas remotas, eles resumem o que apresentam aos alunos, pois se o material enviado aos alunos for muito extenso, eles perdem o foco. Eles costumam explicar um conteúdo e, depois, sugerem que as famílias busquem suas informações ou realizem atividades ou jogos para complementar os estudos em links indicados, ou que assistam a vídeos explicativos no Youtube ou em plataformas de estudos. A educação infantil trabalha muito com o brincar, compartilhar, com as trocas e, neste momento, as aulas remotas não conseguem alcançar tais objetivos; elas estão sendo propostas apenas para que a escola não perca o contato com as famílias.

Quanto àquilo de que mais sentem falta durante o isolamento, em que as aulas presenciais estão suspensas, os professores citaram a interação e as trocas de experiências com as colegas



professoras. Disseram que sentem falta de ver como o colega realiza suas atividades e perceber suas maiores dificuldades para auxiliar no processo de aprendizagem. Referiram, também, estar sentindo a falta das crianças.

O maior desafio durante o planejamento, conforme os professores participantes da pesquisa, é pensar em propostas que possam atingir todos os alunos, pois, quando planejam, não sabem quantos irão retornar a atividade, quantas famílias possuem o material mínimo para realizar a tarefa, não conhecem a realidade de cada família e qual espaço físico a criança tem para explorar, como incentivar o aluno para realizar a atividade e como avalia-la sem estar presente para ver as dificuldades na realização. Enfim, o maior desafio é conseguir atingir os objetivos esperados para o aprendizado dos alunos, conseguir o engajamento e a colaboração da família para a realização das atividades e ter subsídios para o planejamento seguinte.

Segundo o RCG, as crianças aprendem através de vivências e experiências. Um dos grandes eixos da aprendizagem, conforme o documento, é o brincar. Os professores concordam que brincar é essencial para a aprendizagem. Mas, para eles, propor momentos de brincar em família, com materiais disponíveis em casa, aproveitar jogos interativos e físicos que auxiliam no processo de aprendizagem do aluno constitui um desafio. Nesse sentido, sempre que possível, tentam atender os objetivos do RCG e BNCC e, também, aqueles previstos para a turma na qual atuam. Um dos participantes destacou que consegue desenvolver com mais facilidade objetivos relacionados à leitura, escrita, fala, escuta e a cálculos com a utilização de material manipulável simples e disponível em casa. Porém, as atividades lúdicas, como: danças, rodas cantadas, música e brincadeiras estão presentes em todos os planejamentos.

Sobre o fato de ter a família como mediadora do processo de ensinoaprendizagem, os professores referiram que a participação da família está sendo fundamental para garantir o aprendizado nesse período de pandemia. Um professor observou, no entanto, que muitas famílias estão encontrando algumas dificuldades para assumir essa função, como a falta de tempo, pois muitos pais continuam com a rotina de trabalho, e há resistência da criança para aceitar a orientação dos pais nos estudos. Além disso, muitas vezes, falta também um computador ou celular adequado, porque um único aparelho está sendo usado para os estudos dos filhos e para uso da família. Por outro lado, perceberam que muitas famílias estão se adaptando às novas tecnologias e com as aulas remotas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As aulas remotas, na Educação Infantil, não conseguem atingir todos os objetivos previstos no RCG e na BNCC, uma vez que o desenvolvimento integral dessas crianças não é possível, por mais que os professores se empenhem e os pais sejam parceiros. As experiências, vivências e as interações, no meio familiar, sempre serão diferentes do que se estivessem na sala de aula. Os professores, mesmo com as intervenções remotas, dificilmente conseguirão garantir a aprendizagem integral, uma vez que o RCG e a BNCC compreendem que a criança é o centro do planejamento.

Sabemos que o ensino pós-pandemia não se constituirá mais da mesma forma como ocorria anteriormente. Poderemos contar com as experiências deste momento e com metodologias mais inovadoras/digitais. Mas como se estabelecerá a relação do aluno com o aprendizado e o ambiente escolar readaptado?

Mas, então, como de fato exercer a relação entre o ensino remoto e a implementação da BNCC e o RCG? Os professores, neste momento, precisam mediar o processo de ensino/aprendizagem entre alunos e seus respectivos pais/responsáveis. Destaca-se, nesse cenário, a importância da estimulação, exploração e possibilidades da construção de um ambiente favorável ao desenvolvimento das crianças, realizado a partir das vivências elencadas nos campos de experiências e o cumprimento dos direitos do aprendizado pertencentes a crianças dessa faixa etária.

Para vislumbrar possíveis idealizações práticas nesse sentido, Paulo Henrique de Souza (2020) sugere diversas possibilidades para desenvolver as dez competências do documento, mesmo em período remoto. Destaca ainda que, sem dúvidas, a implementação da BNCC vem sendo prejudicada por influência da pandemia de Covid-19 e sugere que busquemos aliar nossas propostas educacionais ao desenvolvimento do conhecimento, pensamento científico, crítico e criativo, ampliando o repertório cultural dos estudantes, desenvolvendo a comunicação e sua inserção na cultura digital, discutindo sobre os projetos de vida e aspirações discentes, seu autoconhecimento e autocuidado, desenvolvendo questões de empatia, cooperação, responsabilidade e cidadania, além de argumentação sobre todas questões.

Eucidio Arruda (2020) também aponta para ações de educação remota e emergencial, considerando as implicações da desigualdade social brasileira. Nesse sentido, evidencia que o país ainda necessita primeiramente da imposição de uma política pública que favoreça a



equidade no acesso às tecnologias e equipamentos básicos. Complementarmente, salienta que o Brasil pode estar cada vez mais desvalorizando os processos educacionais que em parte foram restringidos nesse momento de crise.

Portanto, cabe, nesse sentido, o emprego de reflexões voltadas ao campo da educação e seus novos desafios: atingir a equidade no acesso e ensino a partir de um cenário social desigual e (agora ainda mais) pouco assistido pelas políticas educacionais.

Com todas essas indagações pertinentes, espera-se que o momento de (re)adaptação seja de grande valia para a reflexão sobre o “fazer pedagógico” do professor. E que os questionamentos trazidos neste estudo contribuam na busca de novas pesquisas e conhecimentos, afinal, como já dizia Leal (2002): “Pesquisar, como navegar, é preciso!”.

## REFERÊNCIAS

A educação não pode parar. **Instituto Rui Barbosa**, São Paulo, 2020.

ANTUNES, Celso. **Editorial**. Disponível em <<http://www.celsoantunes.com.br/editorial/>> último acesso em 30 set. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf). Último acesso em 06 nov. 2020.

BRASIL. **Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece a lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em 06 nov. 2020

FARIAS, Camila. O trabalho docente na pandemia de Covid-19. **Textual**, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 28, p 10-15 (setembro/2020).

GOBBI, Marcia Aparecida. ENTREATOS: PRECISAMOS DE BNCC OU SERIA MELHOR

CONTAR COM A BASE?. **Debates em Educação**, Maceió, v. 8, n. 16, p. 118, dez. 2016. ISSN 2175-6600. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/2401>>. Acesso em: 13 nov. 2020.

LEAL, Elisabeth Juchem Machado. Um desafio para o pesquisador: A formulação do problema de pesquisa. In: GONÇALVES, Waldir Lourenço - **UMA CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE À EDUCAÇÃO: o desenraizamento e o multiculturalismo**. Contrapontos - ano 2 - n. 5 - p. 237-250 - Itajaí, maio/ago. 2002



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

ARRUDA, Eucídio Pimenta. EDUCAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede**, v. 7, n. 1, p. 257-275. Disponível em

<<https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/tf-educacao-remota-emergencial-elementos-para-politicas-publicas-na-educacao-brasileira-em-tempos-de-covid-19,89216bf1-8c6b-4ffa-af24-aa1fd924c4a6>> Último acesso em 12 nov. 2020

SOUZA, Paulo Henrique de. **BNCC no chão da sala de aula: O que as escolas podem aprender a fazer com as 10 competências**. Conhecimento, 2020.

RIO GRANDE DO SUL. Referencial Curricular Gaúcho: Educação Infantil, v. 1. Secretaria de Estado da Educação: Porto Alegre, 2018.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## A BANALIZAÇÃO DA TRAGÉDIA HUMANA: DE *ENTERRE SEUS MORTOS* A CAPAS DE JORNAIS SOBRE AS 300 MIL VÍTIMAS DA PANDEMIA

THE TRIVIALIZATION OF HUMANITARIAN TRAGEDY: FROM *ENTERRE SEUS MORTOS* TO NEWSPAPER COVERS ABOUT THE 300,000 VICTIMS OF THE PANDEMIC

Rochele Moura Prass; Marinês Andrea Kunz

Universidade Feevale

**Resumo:** Aborda-se a banalização da morte no noticiário contemporâneo acerca das vítimas de Covid-19, estabelecendo relações com a obra *Enterre seus mortos*, de Ana Paula Maia (2018). O recorte versa sobre as capas dos jornais *Zero Hora* e *Correio do Povo* de 25/03/2021, dia posterior ao registro de 300 mil mortes por Covid-19 no Brasil. O objetivo é analisar os espaços dedicados em ambas as capas ao marco simbólico no curso da pandemia no País, relacionando-os ao contexto distópico apresentado na narrativa literária. O esquema metodológico adotado é de caráter indutivo, abordagem exploratória e qualitativa, tendo como procedimento a investigação documental e bibliográfica. A partir do diálogo entre as capas de jornais e o texto literário, verifica-se que ambos são representativos da banalização de tragédias em que as vítimas não têm face.

**Palavras-chave:** *Enterre seus mortos*. Literatura Contemporânea. Discurso Jornalístico. Pandemia.

**Abstract:** The trivialization of death is addressed in the work *Enterre seus mortos*, by Ana Paula Maia (2018), establishing relations with the contemporary news about the victims of Covid-19. The clipping is on the covers of the newspapers *Zero Hora* and *Correio do Povo* of 03/25/2021, the day after the record of 300 thousand deaths by Covid-19 in Brazil. The objective is to analyze the spaces dedicated on both covers to the symbolic landmark in the course of the pandemic in the Country, relating them to the dystopian context presented in the literary narrative. The methodological scheme adopted is of an inductive nature, exploratory and qualitative approach, with the procedure of documentary and bibliographic investigation. From the dialogue between the covers of newspapers and the literary text, it appears that both are representative of the trivialization of tragedies in which the victims have no face.

**Palavras-chave:** *Enterre seus mortos*. Contemporary Literature. Journalistic Discourse. Pandemic.

### 1 INTRODUÇÃO

Publicada em 2018, a obra *Enterre seus mortos*, de Ana Paula Maia, tem como protagonista Edgar Wilson, cuja ocupação profissional na trama é recolher animais mortos das ruas e estradas de uma pequena cidade fictícia. A personagem encontra dois corpos humanos, o que gera o *élan* narrativo, já que, desconfortável com os abutres que começam a se alimentar dos cadáveres desconhecidos, resolve levá-los para um *freezer* no seu local de trabalho. O





espaço narrativo da cidade é de precariedade e falência de sistemas públicos, cujas autoridades nada podem fazer quanto aos corpos e aos crimes, o que aponta para a banalização da morte.

*Enterre seus mortos* oferece caminhos interpretativos para se analisar a violência simbólica implicada no descaso com a dor do *Outro*, a negação de ritos culturais no que concerne ao sepultamento e à memória dos mortos, bem como o amortecimento social diante de violências letais (PRASS, 2021). Um dos caminhos diz respeito à relação entre a referida obra literária e o noticiário contemporâneo acerca das vítimas de Covid-19, tema do presente escrito. A delimitação é a relação entre a banalização da morte nas capas dos jornais *Zero Hora* e *Correio do Povo*, nas edições de 25 de março de 2021, dia posterior ao registro de 300 mil mortes no Brasil devido ao Sars-Cov-2, e *Enterre seus mortos*.

O objetivo é analisar os espaços dedicados em ambas as capas ao marco simbólico no curso da pandemia no Brasil, relacionando-os à banalização da morte na narrativa literária de Ana Paula Maia. Os objetivos específicos desdobram-se em: a) investigar a disposição das notícias do dia nas capas de ambos os jornais; b) discutir os sentidos construídos a partir da conjugação dos textos verbais e não verbais nas capas dos referidos periódicos; c) problematizar tais construções face à distopia representada em *Enterre seus mortos*.

Entrelaçar os campos da comunicação social e da literatura contemporânea permite vislumbrar posicionamentos discursivos que jazem nas entrelinhas de ambos os gêneros narrativos no tocante à forma como a sociedade brasileira tem lidado com as perdas humanas na pandemia. Encara-se o marco de 300 mil mortos no Brasil como uma tragédia humanitária que se inicia em uma crise sanitária, mas que não se restringe ao comportamento biológico do vírus. Assim, parte-se do entendimento de que os colapsos das áreas da saúde têm como ambiência um contexto cultural violento, que naturaliza a indiferença para com o *Outro* e banaliza a letalidade causada por sistemas sociais à beira do colapso há séculos.

Adotando uma linha indutiva, este estudo baliza-se pelos métodos da pesquisa exploratória e qualitativa. Quanto aos procedimentos, recorre-se à investigação documental, no que tange à construção do *corpus* de análise; e bibliográfica, no que se refere às bases teóricas e discussões estabelecidas (GIL, 2008; MARCONI; LAKATOS, 2003). Com vistas a um recorte de pesquisa factível, optou-se por trabalhar com apenas duas capas, escolhidas pela abrangência, o estado do Rio Grande do Sul, e alcance dos veículos, que estão entre os quatro jornais gaúchos de maior circulação (COLETIVA.NET, 2020).



## 2 CAPAS DE JORNAL E LITERATURA: ENTRELAÇAMENTOS PELA IMAGEM

Desde a década de 1970, quando Alberto Dines discutiu o papel do jornal e afirmou que esse tipo de publicação trabalha com a noção de espaço cujas “mensagens resistem ao tempo” (DINES, 1986, p. 46), muita coisa mudou na comunicação. Todavia, as capas dos jornais seguem merecendo estudos como o de Pedrini *et al.* (2018), que, ao analisarem a linguagem visual e a produção de sentidos nas capas de jornais quando da cobertura do desastre aéreo da Chapecoense, reforçam: “A linguagem gráfica com a qual o conteúdo editorial é exposto aos leitores sugere um modelo interpretativo do mesmo modo que, a partir de seus elementos compositivos, expressa o propósito singular de sua manifestação” (p. 258).

Ademais, os autores acrescentam que a competitividade do mercado da notícia leva os veículos de imprensa à criação de produtos atraentes para os compradores e assinantes de jornais impressos. Nesse contexto, entra em cena a figura do *designer* de notícias, que “assume, então, o papel de mediação entre a informação jornalística e o leitor” (PEDRINI *et al.*, p. 256). Não à toa, é uma praxe os veículos de imprensa levarem para as redes sociais as capas das edições impressas, o que sugere que, mesmo na era da comunicação digital, a *vitrine* do jornal do dia constitui-se em um arranjo de informações que tem, *per si*, valor de notícia, uma vez que se insere na torrente dinâmica das atualizações ao longo do dia.

Brait (2013) endossa a ideia de que o visual e o verbal têm papel constituinte na produção de sentidos, formando o que chama de “plano de expressão” em uma leitura que conjuga o ler e o ver simultaneamente. Nesse sentido, a autora discorre sobre as formas de expressão verbo-visual empregadas por sujeitos com posicionamentos distintos diante da linguagem, tais como o jornalista e o artista: “Os gêneros utilizados por eles, para captar determinados aspectos da realidade, são diferentes, ou melhor, nunca são os mesmos” (p. 61).

Na seara da crítica literária, a interpretação é constituinte da compleição estética do texto, sendo ela mais do que a compreensão da mensagem (RICOEUR, 1976). A interpretação, nesses termos, pressupõe que o sujeito atribui sentidos ao objeto artístico com base na sua visão de mundo. Para tanto, há que se considerar a natureza lacunar da obra literária, que se apresenta incompleta ao leitor (ISER, 1979), propondo-lhe um jogo que movimenta, pelo não dito, significados possíveis ao sabor do receptor, porém tendo como ponto de partida a matéria verbal.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

Todavia, a construção de sentidos, emergindo do verbal, é atravessada pela experiência da imagem, que é anterior à da palavra e “vem enraizar-se no corpo”, afirma Bosi (2000, p. 19). Ao argumentar que o verbal tem o poder de mimetizar o visual, o autor complementa: “A imagem é um modo de presença que tende a suprir o contato direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós” (BOSI, 2000, p. 19). Assim, um romance de ficção, ainda que não manipule diretamente textos visuais, engendra imagens ao leitor. Pellegrini (2017) acrescenta que a prosa contemporânea carrega marcas de outras linguagens, como a do jornalismo e a do cinema. Desse modo, a objetividade dos textos literários contemporâneos tem o poder de colocar “o leitor imediatamente diante da imagem narrativa” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 94).

Tal aproximação de campos teóricos que tratam da linguagem verbo-visual permite traçar os paralelos entre as capas de jornais do *Correio do Povo* e *Zero Hora* e a obra literária *Enterre seus mortos*. A fim de estabelecer as relações, observa-se, inicialmente, a Figura 1:

Figura 1. Capas dos jornais *Correio do Povo* e *Zero Hora* de 25 de março de 2021



Fonte: *Correio do Povo* (2021); *Zero Hora* (2021).



feevale.br/cidi2021





Como lembra Brait (2013), a imagem, visualmente apresentada ou evocada pelo verbal, integra um plano de expressão conjugado com a palavra, pois ambas articulam “num único enunciado, o que pode acontecer na arte ou fora dela” (p. 50). Assim, o apelo visual das fotografias escolhidas pelos editores dos periódicos da Figura 1 constroem uma impressão de normalidade, nos moldes pré-pandemia. Em ambos os casos, a imagem de jogadores de futebol em competição tem maior relevo narrativo no noticiário do que o texto verbal que informa aos leitores, embora com realce tipográfico, a dimensão da crise sanitária e suas implicações sociais.

Em suas análises sobre a cobertura jornalística da queda do avião com jogadores da Chapecoense em 2016, Pedrini *et. al.* (2018) verificaram que uma das capas, trazendo apenas a figura da fita que simboliza luto na cor verde da equipe e um pequeno texto homenageando as 71 vítimas fatais, “busca representar no arranjo gráfico o sentimento de perda, de luto” (p. 261). Em outras palavras, os pesquisadores interpretam que o ineditismo da tragédia, de conhecimento público desde o dia anterior, e a comoção pela morte dos jogadores e jornalistas que acompanhavam o time levaram o periódico a dispensar o verbal para enfatizar o sentimento de luto. Na outra via, observa-se na Figura 1 um arranjo verbo-visual que enfatiza a alegria do futebol em detrimento da tristeza pelo grande número de mortes.

Essa discrepância entre realidades representadas nas capas dos jornais pode ser interpretada também face à cena em que o narrador de *Enterre seus mortos* descreve o cenário em que Edgar Wilson encontra o primeiro corpo humano.

As folhas das árvores se movem com o vento, assim como as nuvens que cobrem boa parte do céu e impedem o Sol de brilhar com maior intensidade. Caminha com cuidado, desviando-se das raízes salientes, e olha mais uma vez para a frente quando um risco de luz ilumina o rosto da mulher enforcada que balança suavemente pendurada numa árvore. (MAIA, 2018, p. 38).

O quê bucólico da paisagem descrita pelo narrador faz a linguagem trabalhar de modo duplo, o que coloca o leitor diante de signos tão contraditórios quanto os encontrados nas capas dos jornais. Ou seja, a normalidade do dia não é abalada pela localização de um cadáver abandonado aos abutres e a sugestão de uma morte violenta. Pelo contrário, o lirismo do raio de sol iluminando as faces da enforcada e o balançar suave de seu corpo em processo de decomposição integram-se perfeitamente à impassividade de Edgar Wilson.

Nesse sentido, o paralelo que se faz entre as capas dos jornais e o texto literário reside nas fraturas de imagens – verbo/visual no primeiro caso e que se cria a partir do verbal no segundo. Para Brait (2013, p. 53), “É a relação polêmica e irônica entre imagem e frase que



desconstrói, por assim dizer, a ilusão do real, dando à imagem seu estatuto de imagem”. Assim, as contradições das capas podem ser interpretadas como uma síntese que, visualmente, conota mais uma quinta-feira normal, em que a notícia é o resultado da partida de futebol na quarta-feira à noite, e, verbalmente, a excepcionalidade da tragédia que já conflagrava, na data, diretamente mais de 300 mil brasileiros. Já no texto de Ana Paula Maia, a contradição se apresenta como uma lacuna a ser interpretada pelo leitor (ISER, 1979) e conduz à percepção de que a morte é tão banal no contexto de Edgar Wilson que nada muda no seu entorno ou estado de espírito diante da vítima encontrada.

A valorização do campeonato de futebol nas capas dos jornais em detrimento do número de mortos por Covid-19 leva a ponderar sobre a trivialidade da notícia de que *mais um* marco trágico na história da pandemia no Brasil foi atingido – em semanas de recordes diários no número de mortos e infectados. Nesse sentido, no jornal *Correio do Povo*, observam-se chamadas que, embora econômicas, evidenciam a excepcionalidade: escolas fechadas, escassez de insumos hospitalares e o Uruguai estava impedindo a entrada de brasileiros em seu território. No rodapé da capa de *Zero Hora*, outra chamada dá conta da tragédia social que vem na esteira do contexto de pandemia: o aumento no preço dos alimentos e combustíveis, que torna refeições regulares e saudáveis (como a dieta de jogadores de futebol, por exemplo) um luxo para populações historicamente fragilizadas e severamente impactadas pela desassistência diante das restrições econômicas impostas pela pandemia. Ainda, chama atenção uma disposição de informações que beira a ironia: ao lado da foto de jovens e saudáveis esportistas, um texto verbal de três linhas informa que a doença vem atingindo justamente jovens sem comorbidades. Há, aqui, duas imagens de lideranças contrapostas, a dos fortes e vitoriosos competidores e a dos que estão assumindo o topo do ranking dos que fracassaram na luta contra a morte pelo coronavírus.

São construções que, na linguagem literária de *Enterre seus mortos*, funcionariam como lacunas que convidam o leitor ao jogo do texto (ISER, 1979). Como exemplo, há o trecho em que Edgar Wilson e o colega Tomás discutiam em um bar qual destino dariam aos cadáveres, que precisavam ser removidos do *freezer*, que estragara. As autoridades nada podiam fazer, já que o colapso funerário faz parte do cotidiano dessa cidade. A falta de viaturas para o transporte dos mortos, de espaço em necrotérios e a abundância de vítimas de toda sorte de violências levam as personagens a simplesmente conviverem com o caos. No excerto a seguir, Edgar Wilson responde a outra personagem que o indaga sobre o que dissera a polícia e, depois, segue



suas atividades: “– Eles não podem fazer nada. Simplesmente esses defuntos não têm ninguém. Edgar Wilson volta a saborear seu jantar e sorve o agrião entre os lábios. Acena para o garçom lhe trazer mais um caneco de cerveja. Tomás indica que também quer um” (MAIA, 2018, p. 75 – 76).

Observa-se que a gravidade do colapso das estruturas públicas, que deveriam garantir ao menos a identificação dos mortos e um sepultamento que possibilitasse aos familiares a expressão do luto e a ritualização da morte, elemento básico de todas as culturas para um processo de luto e para preservação da memória de ancestrais (SOUZA; SOUZA, 2019; ISAIA; TOMASI, 2014), não perturba as personagens. Na cena narrada, faltou apenas uma conversa sobre futebol para que as fronteiras entre a banalização da morte observada nesse universo ficcional e nas capas de jornal analisadas fossem completamente apagadas.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo as significações das imagens como coluna vertebral, verifica-se que, neste recorte de pesquisa, o diálogo entre os dois gêneros converge para o entendimento de que ambos são representativos da naturalização de tragédias em que as vítimas não têm face. As personagens do romance, especificamente Edgar Wilson, parecem tão amortecidos diante de uma realidade cruel quanto o que se observa no arranjo das capas contempladas neste escrito. É possível partir dessas análises para tecer ponderações acerca do valor comercial do noticiário esportivo e discutir a relação entre produtor/produto/consumidor. Todavia, é preciso escapar do simplismo reducionista que vê o objeto literário com um compromisso social *mais nobre* do que o jornalístico. Ambos são, ao fim e ao cabo, manifestações culturais que representam, nas entrelinhas ou não, um contexto que pode ser reconhecido pela via da interpretação.

Em razão dos recortes específicos na data de 25 de março de 2021 e do reduzido *corpus* de pesquisa, o estudo limita-se a um retrato que não enquadra a cobertura da pandemia ao longo de todo o período de crise. Isso reprime quaisquer conclusões genéricas acerca do posicionamento dos impressos analisados no que tange ao luto das famílias, à gravidade conferida à crise sanitária e ao desperdício de vidas em razão dos colapsos assistenciais. Por isso, sugere-se, para investigações futuras, analisar capas de jornais com outras abrangências regionais e/ou edições que noticiam outros marcos simbólicos do descontrole da pandemia no Brasil.



## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Imagem, Discurso. *In:* \_\_\_\_\_. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 19-47.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, jul./dez, 2013.

COLETIVA.NET. **Mais um desafio**: como os jornais impressos da Capital estão enfrentando a pandemia?, 2020. Disponível em: <https://coletiva.net/noticias/mais-um-desafio-como-os-jornais-impressos-da-capital-estao-enfrentando-a-pandemia,362748.jhtml>. Acesso em: 25 mar. 2021.

CORREIO DO POVO. **Capa**. Correio do Povo, Porto Alegre, ano 126, n. 176, 25 mar. 2021.

DINES, Alberto. Em busca do tempo controlado. *In:* \_\_\_\_\_. **O Papel do Jornal**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1986. p. 45-53.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ISAIA, Artur Cesar; TOMASI, Julia Massucheti. Sepultando seus entes: os rituais católicos de morte em Florianópolis na contemporaneidade. **Mouseion**, Canoas, n.17, v. 8, p. 11-23, abr. 2014. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/download/1591/1055>. Acesso em: 05 fev. 2021.

ISER, Wolfgang. O Jogo do Texto. *In:* JAUSS, Hans Robert *et. al.* **A Literatura e o Leitor**. Coordenação e Tradução: Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 105-118.

MAIA, Ana Paula. **Enterre seus mortos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MARCONI; Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PEDRINI, Jociene Carla Ferreira *et al.* A Linguagem visual como produtora de sentidos no discurso jornalístico: análise da cobertura do acidente da Chapecoense. **Polifonia**, Cuiabá-MT, v. 25, n.38.1, p. 193-388, mai./ago., 2018.

PELLEGRINI, Tânia. De bois e outros bichos: nuances do novo realismo brasileiro. *In:* DALCASTAGNÈ, Regina; EBLE, Laeticia Jensen (Org.). **Literatura e Exclusão**. Porto Alegre: Zouk, 2017. p. 69-85.

PRASS, Rochele M. **Luzes sobre as sombras da violência no projeto literário de Ana Paula Maia: um olhar para o contexto cultural da personagem Edgar Wilson**. 204 f. 2021. Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS, 2021.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 1976.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SOUZA, Christiane Pantoja de; SOUZA, Airle Miranda de. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 35, e35412, 2019. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722019000100509&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722019000100509&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 05 fev. 2021.

ZERO HORA. **Capa**. Zero Hora, Porto Alegre, ano 57, n. 19.978, 25 mar. 2021.





## “TEM QUE INTERPRETAR MUITAS COISAS QUE, ÀS VEZES, EU NÃO TENHO COMO”: RELAÇÕES DIALÓGICAS NAS DECLARAÇÕES DO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO

“THERE ARE MANY THINGS TO INTERPRET THAT SOMETIMES I HAVE NO  
WAY”: DIALOGIC RELATIONS IN PRESIDENT JAIR BOLSONARO’S STATEMENTS

Mayara Corrêa Tavares; Marina de Oliveira

Universidade de Passo Fundo

**Resumo:** O Brasil tem buscado melhorar os índices de leitura, contudo, tais ações estão na direção contrária do discurso do atual Presidente. Este trabalho tem como objetivo examinar as relações dialógicas do Presidente Jair Bolsonaro, a partir de suas declarações de janeiro e abril de 2020 sobre os livros didáticos e a leitura no país, relacionando-as a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020). Dessa forma, são mobilizados os estudos de Bakhtin (2018) e Volóchinov (2018), os quais fundamentam os conceitos de relação dialógica e signo ideológico, além das contribuições de Petit (2010, 2019), que discorre sobre o papel da leitura na formação do pensamento crítico. Além disso, nos apropriamos de algumas normativas oficiais com o propósito de comparar as posições discursivas dos documentos com o discurso, também oficial, assumido pelo Presidente e as implicações nos resultados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Os procedimentos adotados caracterizam esta pesquisa como descritiva, bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa e de caráter exploratório. Os resultados apontam que os brasileiros não correspondem aos índices de leitura desejáveis para um país em desenvolvimento, dialogando parcialmente às declarações do Presidente do Brasil, no entanto são por afirmações como essas, assumidas por representantes, que as estimativas de melhoria se tornam distantes.

**Palavras-chave:** Relações dialógicas. Leitura. Presidente do Brasil.

**Abstract:** Brazil has sought to improve reading rates, however, such actions are in the opposite direction of the current President's discourse. This paper aims to examine the dialogic relations of President Jair Bolsonaro, from his statements of January and April 2020 about textbooks and reading in the country, relating them to the research Retratos da Leitura no Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020). In this way, the studies of Bakhtin (2018) and Volóchinov (2018) are mobilized, which substantiate the concepts of dialogic relation and ideological sign, in addition to the contributions of Petit (2010, 2013, 2019), who discusses the role of reading in the formation of critical thinking. In addition, we appropriate some official regulations with the purpose of comparing the discursive positions of the documents with the discourse, also official, assumed by the President and the implications in the results of the survey Retratos da Leitura no Brasil. The procedures adopted characterize this research as descriptive, bibliographical, and documental, with a qualitative approach and exploratory in nature. The results point out that Brazilians do not correspond to the desirable reading rates for a developing country, partially dialoguing with the statements of the President of Brazil; however, it is because of statements such as these, assumed by representatives, that the estimates of improvement become distant.

**Key words:** Dialogical relations. Reading. President of Brazil.



## 1 INTRODUÇÃO

A importância da leitura é conhecida universalmente: é um dos dados mais importantes de um país, ao lado do conhecimento nas áreas de ciências e matemática, conforme divulgação feita pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA). O Brasil, como apontam os documentos oficiais e diversas pesquisas na área de Leitura e Formação do Leitor, busca melhorar seus índices de leitura e, dessa forma, alavancar a própria formação crítica do indivíduo. No entanto, quando observamos mais atentamente os discursos oficiais do Presidente Jair Bolsonaro, podemos perceber certo desacordo e tensão com tais documentos e pesquisas. Dessa forma, a presente pesquisa tem como tema as relações dialógicas do discurso presidencial, em especial em declarações do ano de 2020, sobre os livros didáticos e a leitura no país. Investigar essas relações e sua construção de sentidos, bem como confrontá-las aos documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) e, principalmente, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020), que avalia os índices de leitura dos brasileiros, nos ajuda a tecer considerações sobre o cenário atual da formação leitora no país de forma a pressupor os impactos que as declarações do Presidente trarão para o desenvolvimento da leitura em âmbito escolar. Sendo assim, a compreensão dos embates dialógicos entre tais discursos se justifica por articular alguns fatores que influenciam no declínio dos índices de leitura do Brasil de modo a possibilitar a concepção de alternativas de ensino no país.

Assim, o objetivo geral deste trabalho está em examinar as relações dialógicas do Presidente Jair Bolsonaro, a partir de suas declarações de janeiro e abril de 2020 sobre os livros didáticos e a leitura no país, relacionando-as à pesquisa Retratos de Leitura no Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020). Para isso, elencamos dois objetivos específicos aos quais nos dedicaremos: a) Compreender as declarações do Presidente Bolsonaro através da concepção de signo ideológico e heterodiscurso, e, assim, examinar os embates dialógicos entre o discurso do Presidente e o da BNCC (BRASIL, 2018); b) Relacionar o discurso Presidente aos dados apontados pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020), para determinar os efeitos que as declarações de Bolsonaro tem sobre o ensino e o desenvolvimento da leitura. Em vista disso, são mobilizados os estudos de Bakhtin (2018) e Volóchinov (2018), os quais fundamentam os conceitos de relação dialógica e signo ideológico, além das contribuições de Petit (2010, 2013, 2019), que discorre sobre o papel da leitura na formação do



pensamento crítico. Os procedimentos metodológicos adotados caracterizam esta pesquisa como bibliográfica em relação às suas bases teóricas, bem como descritiva por seu procedimento de descrição dos dados selecionados, os quais, por seu caráter preexistente sem tratamento analítico prévio, também caracterizam a pesquisa como documental. Além disso, não se busca quantificar aqui os resultados, mas explorá-los e analisá-los considerando o contexto singular de sua produção, dessa forma caracterizando a abordagem como qualitativa. Isto posto, nosso estudo se divide em duas seções diretamente ligadas aos objetivos específicos propostos, ou seja, a primeira estuda o discurso do Presidente através do conceito de signo ideológico, e a segunda considera os sentidos discursivos das declarações presidenciais em relação com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020).

## 2 O DISCURSO DO PRESIDENTE: ENUNCIADO E SIGNO IDEOLÓGICO

A linguagem é o principal meio pelo qual o homem se constitui como um sujeito social, é o que permite a interação entre os sujeitos sociais e a expressão de seus valores. Sendo assim, todos “os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN, 2016, p. 11). O sujeito social se constitui dentro desses campos de atividade através de sua enunciação singular, que dá forma a enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos. Ao considerarmos, então, o estudo das declarações do Presidente Jair Bolsonaro, devemos partir da própria relação homem/linguagem que se dá na forma de enunciados:

esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos - o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional - estão indissolivelmente ligados *no conjunto* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. (BAKHTIN, 2016, p. 12, grifo do autor).

Partindo disso, podemos observar nosso objeto de estudo, as declarações do Presidente, como um gênero discursivo particular que se realiza em um determinado campo de atividade: a política. Além disso, o contexto de produção do enunciado está diretamente relacionado à forma composicional e estilo que este assume, ou seja, o fato de Bolsonaro produzir seus enunciados frente a um grupo de seus apoiadores em frente ao Palácio do Planalto lhe passa certa segurança, uma vez que este sabe que vai ter suas declarações aceitas pelo seu interlocutor próximo. No entanto, por sua condição política de governante faz com que todos os seus



enunciados se tornem parte de uma esfera mais ampla e, assim, sujeito a tensão dialógica através de posições ideológicas contrárias. Ao considerar nosso objeto e tais reflexões, podemos nos perguntar: Quais os signos ideológicos mobilizados pelo Presidente? Como se dá o embate ideológico entre a posição do governante e a BNCC (BRASIL, 2018)? Para responder, convocamos as duas declarações selecionadas para este estudo.

Tem muita coisa que eu assino que eu leio a ementa apenas. Tem decreto que tem 20 páginas e às vezes tem um palmo de papel para assinar ali. E não é só ler, tem que interpretar muitas coisas que, às vezes, eu não tenho como interpretar. (FERNANDES, 2020, s. p.)

Os livros hoje em dia, como regra, é um montão, um amontoado... Muita coisa escrita, tem que suavizar aquilo. (UOL, 2020, s. p.)

De acordo com Volóchinov (2018, p. 110, grifo do autor) “todo signo ideológico, inclusive o signo verbal, é determinado pelo *horizonte social* de uma época e de um grupo social”. Os enunciados do Presidente são signos ideológicos, em sua essência, e tem uma função ideológica política, além disso, tais enunciados são produzidos em uma época de cisão na política brasileira e de concentração do poder em um determinado grupo, o que se reflete na constituição do próprio signo. É a partir desse contexto e dessa posição que podemos analisar os enunciados “tem muita coisa que eu assino que eu leio a ementa apenas” e “não é só ler, tem que interpretar muitas coisas que, às vezes, não tenho como interpretar”, uma vez que essas construções constroem uma posição ideológica do valor que Bolsonaro atribui ao ato de ler, ou seja, ler em suma é “interpretar”, uma tarefa que, para ele, constitui-se como demorada e trabalhosa em um documento de “20 páginas”. Então, o Presidente simplifica a leitura e a interpretação, atividades que são complexas e que os documentos oficiais da educação (BRASIL, 2018) consideram não só importantes, mas essenciais na formação dos indivíduos.

Declarações como essas trazem reflexos para todo o horizonte social de sua produção, tanto no contexto mais próximo (os apoiadores que escutam Bolsonaro naquele momento) quanto contexto mais amplo (a sociedade brasileira que tem acesso a tais declarações pelos vídeos e a posição da imprensa), ao passar uma visão de que a atividade de leitura não só é complexa porque tem que “interpretar”, mas é também “desnecessária” se nem o Presidente lê todos os seus textos. Tais concepções ideológicas sobre a atividade de leitura são também mobilizadas na construção do segundo enunciado “os livros hoje em dia... [têm] muita coisa escrita, tem que suavizar aquilo”. Vemos nesse enunciado novamente a ideologia do ato de



leitura como algo “árduo”, dessa vez em uma crítica a composição dos livros didáticos brasileiros.

O discurso do Presidente, no entanto, diverge com as concepções de documentos oficiais da educação, entrando em um embate ideológico com essas posições. A BNCC (BRASIL, 2018), por exemplo, institui o “Eixo leitura” como um de seus pilares no ensino de Língua Portuguesa. Tal eixo compreende “as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua *interpretação*” (BRASIL, 2018, p. 71, grifo nosso). Aqui destacamos o termo “interpretação” o qual demonstra que a palavra como unidade da língua abstrata é vazia, é somente como signo ideológico mobilizado através do enunciado que ela ganha sentido, uma vez que o “interpretar” (raiz comum de interpretação) aqui diverge na posição de cada locutor, no caso do enunciado de Bolsonaro “interpretar” é mobilizado como uma “tarefa árdua” que “ocupa muito tempo”, já na BNCC (BRASIL, 2018) é uma atividade decorrente do próprio ato de ler e imprescindível para a compreensão global de qualquer texto. Além disso, o governante, inconscientemente, entra em discordância com seu próprio ato, pois para considerar a atividade de “interpretar” como tal, ele mesmo teve de realizar uma interpretação desta atividade, ou seja, “eu interpreto a tarefa de ‘interpretar’ como trabalhosa, difícil, complexa, árdua”. Isto é, há uma divergência ação/palavra que se reflete em certa dissimulação entre “o que se prega e o que se faz” na própria posição do Presidente como sujeito público. Podemos nos questionar, após essa reflexão, quais impactos as declarações de Bolsonaro podem trazer à questão da leitura no país? Tal questão, que norteia nossa reflexão, será explorada na próxima seção.

### 3 BRASIL PAÍS DE LEITORES?

O Brasil ocupa a 57<sup>a</sup> posição em leitura entre 77 países que são avaliados pelo Pisa (PASSAFARO, 2019); uma vez que países com extensão geográfica e populacional inferior ao nosso país possuam os mesmos critérios avaliativos, comparar todos as nações avaliadas gera uma discrepância considerável, fortalecendo as desigualdades entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, é oportuno discutir sobre esses critérios e pensar em outras formas de análise – não é um desmerecimento dos dados do PISA, já que pesquisa e sua qualidade são consolidadas e de relevância social mundial, mas é um olhar para além do que é oferecido. Ainda assim, o Brasil demonstra estagnação, sem perspectiva de melhorar esse índice, mesmo



quando comparado a países da América Latina, que possuem condições socioeconômicas semelhantes.

Em paralelo ao PISA, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil apresenta que entre a 5ª edição, lançada em 2020, e a 4ª edição, divulgada em 2016, há divergências entre o número de habitantes e o número de leitores. Na ocasião da 4ª edição da pesquisa, a população do país consistia em mais de 104 milhões de habitantes, enquanto que na 5ª edição a população passa um pouco de 100 milhões de brasileiros (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, p. 20). Por essa perspectiva, esperava-se que o número de leitores, ao contrário da população, tivesse ascendido, entretanto, dos 100 milhões de brasileiros, 52% é leitor, em oposição aos dados da 4ª edição: havia mais leitores, 56%. Ser leitor ou não leitor, de acordo com a pesquisa, é algo muito amplo.

A Retratos da Leitura no Brasil entende por leitor “aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses” e por não leitor “aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, p. 19); essa definição é assim estabelecida desde 2007 (2ª edição). Ou seja, o/a entrevistado/a pode ter lido algum título antes do tempo delimitado na pesquisa e foi classificado como não leitor, bem como outro/a entrevistado/a leu somente nesses três meses anteriores à pesquisa e não leu mais nenhum título posteriormente, no entanto é tido/a como leitor. É uma classificação que cabe discussões, mas que, de modo algum, perde seu mérito: é a partir disso que podemos traçar planos e elaborar pesquisas visando melhorar esses dados.

Em relação aos 54% dos leitores brasileiros: a maioria pertence ao público feminino; a faixa etária que mais lê é a que corresponde dos 11 aos 13 anos, enquanto que dos 14 aos 17 anos e dos 18 aos 24 anos foram as faixas etárias que tiveram um declínio expressivo entre a última edição e a anterior; o único grupo que apresentou melhora foi dos 5 aos 10 anos de idade, de 67% passou a 71% de leitores; a grande maioria está estudando; a renda salarial de boa parte dos entrevistados é de mais de 10 salários mínimos (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020). Quanto às leituras realizadas por esses leitores: a média é de 2,6 livros no total, ao distribuir as leituras entre toda a população (pouco mais de cem milhões); ao focar somente no que são classificados como leitores, esse número passa a 5,04 livros no total.

Petit (2010, p. 22) afirma que “a leitura é uma arte que se transmite, mais do que se ensina” e, assim, quanto mais for destacado sobre o poder da leitura e reforçado sobre sua importância para e na consolidação de sujeitos críticos e atuantes socialmente, e somado a isso a manutenção de políticas públicas que viabilizem maior acesso aos livros, o número de leitores



brasileiros pode melhorar. Entretanto, quando o Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, se manifesta sobre a inviabilidade e dificuldade para ler mais de 20 páginas e que os livros são “um amontoado”, não há contribuição positiva para uma que os brasileiros se tornem leitores.

Ainda, em relação às falas do Presidente Jair Bolsonaro, Bezerra (2017, p. 244) destaca que o discurso autoritário

é aquele vinculado a uma autoridade externa, a um poder político, a uma ideologia, ao dogma religioso ou político, a uma autoridade científica reconhecida, a uma corrente de pensamento que se pretende hegemônica, a um livro da moda; exige da nossa parte um reconhecimento incondicional, até reverente, e nunca a assimilação livremente criadora formulada em nosso próprio discurso, com nossa marca característica, e procura determinar até os fundamentos da nossa relação ideológica com o mundo e do nosso comportamento.

Falas como as abordadas ao longo deste trabalho e há outras similares a essas, proferidas pelo governante, reforçam a posição que o Brasil ocupa no PISA e os dados apresentados na Retratos da Leitura no Brasil. Ainda pior, pois não demonstram mobilização coletiva, tanto social quanto política, para mudança. Se “o vínculo entre crise e leitura é explícito”, de acordo Petit (2010, p. 151), e o discurso autoritário soma-se a isso, é fundamental que os livros e as palavras andem juntos, espontaneamente (PETIT, 2010), e há muitos trabalhos em prol da formação leitora sendo desenvolvidos, posto que os leitores brasileiros, independentemente de números, são “barulhentos” e reivindicam seu espaço.

Para Manguel (2020, p. 59), para tornar-se cidadão é preciso aprender a ler e isso implica os seguintes aprendizados: do código da escrita; das normas que regem esse código; e “como os registros nesse código permitem conhecer, de maneira profunda, imaginativa e prática, nossa própria identidade e a do mundo que nos rodeia”. À medida que o número de leitores evoluir, os resultados em outras pesquisas da área educacional também serão impactados positivamente e não somente isso, a população saberá como se apropriar e reivindicar seu espaço, seus direitos. Uma afirmação assim não pode ser utópica, posto que “ler serve para descobrir, não por meio do raciocínio, mas de uma decifração inconsciente, que aquilo que nos assombra, nos intimida, pertence a todos” (PETIT, 2019, p. 54), sobretudo ao pensarmos no momento em que vivemos e nas dificuldades que assolam o mundo todo: a leitura é pertencimento e nos une, que ela possa, na medida do possível, nos resgatar a lembrança de que há dias melhores.

Sendo assim, em resposta à provocação feita no título desta seção, “Brasil, um país de leitores?”, e apesar de uma parcela da população não ser definida como leitora, como



evidenciou a Retratos da Leitura no Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020), o Brasil é, sim, um país de leitores. Leitores que sabem que os índices precisam progredir e que se mobilizam para que todos os demais também tenham acesso à leitura e aos livros.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões sobre a leitura, sua importância e práticas que visem o leitor e sua formação são inesgotáveis, e precisam ser para compreendermos a relevância disso em um país que estagnou nas pesquisas que avaliam os índices de leitura, tanto internacional, com os alunos em fase escolar (PISA), como nacionalmente, com pessoas de diferentes faixas etárias e formação escolar.

O tema deste trabalho consistiu nas relações dialógicas do discurso presidencial, em especial em declarações do ano de 2020, sobre os livros didáticos e a leitura no país. A partir disso, o objetivo geral examinou as relações dialógicas do Presidente Jair Bolsonaro, a partir das declarações realizadas, relacionando-as à pesquisa Retratos de Leitura no Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020). Através da base teórica explorada, vimos que se espera que a pessoa que ocupa o cargo político de maior responsabilidade no país defenda a relevância das discussões acerca da leitura, investida na manutenção de políticas públicas que visem o acesso aos livros para que haja cada vez mais leitores no Brasil.

Todavia, nos dois excertos apontados neste trabalho o Presidente da República está na contramão do que se espera para quem ocupa tal cargo, o que, ainda, não contribui para uma expectativa de progresso em relação ao acesso aos livros, tampouco para que haja cada vez mais leitores no país. Sabe-se que a aprendizagem ocorre por meio do exemplo e diante deste cenário e do descaso, da falta de investimentos nesse setor, é impressionante que 54% dos brasileiros sejam leitores. E é essa parcela da população letrada que se empenha para uma mudança no paradigma da leitura para que, assim, o país avance.

### REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3wHJn0x>>. Acesso em: 01 mar. 2021.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



\_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BEZERRA, P. Breve glossário de alguns conceitos-chave. In: BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: A estilística**. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 243-249.

FERNANDES, A. Bolsonaro não lê decretos antes de assinar: "muitas vezes não tenho como". 28 abr. 2020. **Correio Braziliense**. Disponível em: <<https://bit.ly/3d7jOhL>>. Acesso em: 01 mar. 2021

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 5. ed. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2OzVvzt>>. Acesso em: 01 mar. 2021.

MANGUEL, A. **Notas para uma definição do leitor ideal**. Tradução de Rubia Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.

PASSAFARO, N. 5 fatos que ajudam a entender o desempenho do Brasil no PISA. **Centro de Referências em Educação Integral**. 03 dez. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3mEO4nk>>. Acesso em: 01 abr. 2021

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje**. Tradução de Julia Vidile. São Paulo: Editora 34, 2019.

UOL. **Bolsonaro revela que não lê tudo que assina: 'Tem decreto com 20 páginas'**. 03 jan. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3e6RgV5>>. Acesso em: 01 mar. 2021.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova. São Paulo: Editora 34, 2018.





## ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA: DECOLONIALIDADE, DIFERENÇA E XAMANISMO

### ANTES EL MUNDO NO EXISTÍA: DECOLONIALIDAD, DIFERENCIA Y CHAMANISMO

Tainã do Nascimento Rosa (Universidade Federal do Rio Grande do Sul); Daniel Conte (Universidade Feevale)

**Resumo:** O presente artigo desenvolve uma análise, na perspectiva decolonial, do mito de origem do universo presente no livro *Antes o mundo não existia* (1995), de Umusi Pārōkumu e Tōrāmu Kehíri. Analisa-se aspectos mitológicos e de "ideologia bipartite dos ameríndios" (LÉVI-STRAUSS, 1993), assim como, práticas xamânicas presentes na narrativa. Lévi-Strauss (1993), Cunha (1998) e Collet (2013) são autores basilares para a análise - que tem suas teorias suplementadas por conceitos de outrem intelectuais que contribuem para a decolonialidade. Conclui-se que escrever, pesquisar, divulgar e analisar mitologias indígenas se impõe como uma produção necessária para descolonizar o conhecimento científico e resistir ao epistemicídio de formas de vida e de cultura alternativas à ciência hegemônica.

**Palavras-chave:** decolonialidade. mitologia indígena. diferença. xamanismo. Antes o Mundo não Existia.

**Resumen:** El presente artículo desarrolla un análisis, en la perspectiva decolonial, del mito del origen del universo presente en el libro *Antes el Mundo no Existía* (1995), de Umusi Pārōkumu y Tōrāmu Kehíri. Se analizan aspectos mitológicos e de "ideología bipartita de los amerindios" (LÉVI-STRAUSS, 1993), así como las prácticas chamánicas presentes en la narrativa. Lévi-Strauss (1993), Cunha (1998) y Collet (2013) son autores básicos para el análisis, cuyas teorías se complementan con conceptos de otros intelectuales que contribuyen a la descolonialidad. Se concluye que escribir, investigar, difundir y analizar las mitologías indígenas se impone como una producción necesaria para descolonizar el conocimiento científico y resistir a lo epistemicidio de formas de vida y de cultura alternativas a la ciencia hegemónica.

**Palabras-clave:** decolonialidad. mitología indígena. diferencia. chamanismo. Antes el mundo no existía.

## 1 ORGANIZANDO O QUARTO DE QUARTZO BRANCO

A obra *Antes o mundo não existia* possui vinte capítulos que abordam a mitologia indígena Desana. Nos primeiros sete capítulos o mito de origem do Universo da Cobra-canoa - ou a Canoa de Transformação - é contado detalhadamente, assim como, a organização social dos Desana, desde o seu ascendente Boreka; enquanto as demais seções narram outras histórias relacionadas diretamente ou não ao mito originário. Neste artigo, será dado enfoque ao mito originário, costurado, por vezes, aos demais, em complementaridade às análises.



Em síntese, essa versão do mito de origem do universo narra a criação de sua avó por si mesma, que ao ver-se entregue ao lugar por meio de cigarro e ipadu, cria, por sua vez, os trovões, os avôs do universo. Tendo pedido a esses que criassem os humanos e mediante o fracasso dos mesmos, o bisneto do universo, Yeba Goamu, surge da fumaça de ipadu da avó com a mesma finalidade. O demiurgo, conjuntamente com o seu irmão Boreka, e sob a orientação do terceiro trovão, cria a humanidade. A cerimônia de criação consiste na viagem submersa em uma Cobra-canoa (terceiro trovão transmutado) pelo Lago de Leite e rezas, em casas de transformação, por sob colares e outras riquezas de que eclodem os seres humanos. Esses seres surgem primeiro na água e, após, submergem para casas de transformação no Alto Rio Negro. Todos os transformados recebem as riquezas de que são provenientes para viverem em paz e fazerem festas, porém, o último humano a submergir não ganhou nada, pois os tesouros haviam terminado. Esse humano era um ser branco, que, por não receber seus presentes, passou a fazer guerras em todo o mundo. Em seguida, Boreka, líder dos Desana, principiou suas andanças pelo mundo e houve a divisão das povoações da etnia.

No princípio o mundo não existia. As trevas cobriam tudo. Enquanto não havia nada, apareceu uma mulher por si mesma. Isso aconteceu no meio das trevas. Ela apareceu sustentando-se sobre o seu banco de quartzo branco. Enquanto estava aparecendo, ela cobriu-se com seus enfeites e fez como um quarto. Esse quarto chama-se Uhtáboho taribu, o "Quarto de Quartzo Branco". Ela se chamava Yebá Buró, a "Avó do Mundo" ou, também "Avó da Terra" (KEHÍRI; PĀRŌKUMU, 1995, p.19).

O trecho citado inicia a trama e desafia o cânone literário eurocêntrico por meio da cosmologia e de epistemologias Desana. Conta a história de origem do universo numa perspectiva nativa brasileira adotando a linguagem próxima à oralidade e com sua composição escrita semelhante ao gênero literário contação de histórias. Além disso, os autores utilizam palavras em Tukano Oriental e de outras etnias, valorizando a cultura local. Nessa direção a narrativa se constrói na radicalização do pós-colonialismo - fenômeno de independência, libertação e emancipação das sociedades exploradas pelo imperialismo e neocolonialismo especialmente nos continentes asiático e africano -, pois integra-se à decolonialidade, fenômeno contra-colonial, de libertação e revisão historiográfica especificamente nas, sobre e das Américas (BALLESTRIN, 2013).



## 2 NAVEGANDO FUNDO NO LAGO DE LEITE

Para Lévi-Strauss (1993), a ciência europeia retomou o mito na modernidade, pois cálculos matemáticos do universo estavam muito distantes do mundo cotidiano, agindo numa lógica diversa. Explicar para a sociedade o sistema solar ou fórmulas entendidas apenas por especialistas não atingiria os grupos sociais como um todo, assim, termos metafóricos ou associações foram/são empregadas como recursos para a compreensão. Nesse sentido, conceber a ciência mitológica como possibilidade de tradução ou do real é tão legítimo como conceber a ciência europeia como real. Moisés (2006) assegura que os mitos não são, necessariamente, reflexos da sociedade, eles podem apresentar reflexões inexistentes no real, explicam as coisas como são ou como poderiam ter sido. Portanto, não se deve entender os mitos como realidades empíricas ou reflexas, tampouco como invenções absurdas.

Em pesquisa sobre mitos nativos da América do Norte e do Sul, Lévi-Strauss constatou que o princípio da diferença, conceituado pelo autor como "ideologia bipartida dos ameríndios", está presente em diversas cosmologias indígenas. Segundo ele, o dualismo ameríndio se institui como elemento invariante do sistema mitológico indígena, "[...] se inspira, parece-me, numa abertura para o outro que se manifestou com toda a clareza quando dos primeiros contatos com os brancos, embora estes fossem animados de disposições bem contrárias" (1993, p. 14). Assim, o princípio da diferença indígena se revelou intensamente com a chegada dos europeus às Américas através de sua abertura para incorporá-los aos seus mitos (LÉVI-STRAUSS, 1993), fenômeno ocasionado pela "fricção interétnica" (OLIVEIRA, 2004) vivenciada na etnia Desana. Um caso de fricção interétnica verificado e explanado pelo antropólogo João Pacheco de Oliveira em pesquisas brasileiras sobre os indígenas do Nordeste, está na dificuldade de estabelecer uma história sobre uma cultura puramente indígena nesta região sem contágios com as raças negra e branca – e considerando ainda os contatos que acontecem entre distintas etnias indígenas entre culturas diversas. De acordo com o autor, estudos antropológicos do século XX compilam poucas referências sobre os indígenas do nordeste no período pré-colonial brasileiro e, ao observar suas culturas contemporaneamente, descrevem trocas culturais acentuadas entre os povos originários e os modos de vida ocidentais e afro-diaspóricos. Oliveira destaca essa dificuldade de acessar informações sobre os indígenas do nordeste anteriormente à situação colonial pelo fato de que o interesse científico e as descrições etnológicas sobre esse grupo só



se deram após fluxos culturais intensos, resultando em “hibridizações culturais” (BHABHA, 1998), fenômeno que relacionamos aqui às conceituações antropológicas anteriores.

Bhabha (Idem) teoriza que a hibridização cultural se constrói fora de discursos culturais binários, se produz contrariamente à hegemonia cultural e se dá nas negociações entre práticas culturais diferenciais. O hibridismo cultural se estabelece como um processo involuntário ao sujeito, de modo consciente ou inconsciente, em que dois sistemas (ou mais) de valores se encontram, se questionam, se relativizam e se sobrepõem. Nessa perspectiva, é necessário ressaltar que as epistemologias das quais tratamos nessa análise não se pretendem “intocadas”, “puras” ou “essencialistas”, pois o índio modelo ou “o índio hiper-real” (RAMOS, 1995), homogêneo, nacionalista e sem diferenças étnicas e contágios com outras etnias, é um arquétipo construído pelo ocidente.

Princípios virtuosos, pureza ideológica, disposição de morrer heroicamente e outras proezas morais não são mais do que fantasias de branco. Mas não parece ocorrer a muitos militantes indigenistas que, ao exigí-las dos índios, eles estão, de fato, criando o modelo perfeito daquele que não sucumbe a pressões (Idem, p. 10).

Em hibridização, fricção interétnica ou fluxos culturais, a cosmologia da diferença é o elemento principal que caracteriza a etnia Desana. Princípio que pode ser evidenciado em *Antes o mundo não existia* em múltiplos aspectos, os quais são expostos aqui a partir:

A) da complementaridade entre a avó do universo e os avôs do universo. Em todo o mito de origem o feminino e o masculino estão integrados. Após a gênese da avó do universo, ela cria os avôs do universo para auxiliarem na constituição do mundo. A seguir, cria o bisneto do universo e, por meio do vômito dele, gera as primeiras mulheres do universo, uma delas, por sua vez, concebe um filho, e assim o ciclo complementar se perpetua.

B) do equilíbrio entre a organização do "Quarto de Quartzo Branco", em que a avó e os avôs do universo habitam:

Os Trovões eram cinco. Nós os chamamos "Avôs do Mundo". O primeiro, como primogênito, recebeu o quarto de chefe. O segundo recebeu o quarto da direita, acima do primeiro. O terceiro recebeu o quarto no alto do "jirau do jabuti", no lugar onde se costumava guardar o casco de jabuti tocado nos dias especiais de dança. Assim era também na Maloca do Mundo. O quarto Trovão recebeu o quarto da esquerda, acima do primeiro e em frente ao segundo quarto. Por fim, o quinto recebeu o quarto bem na entrada, perto da porta, onde dormem os hóspedes (KEHÍRI; PÃRÔKUMU, 1995, p.19).

C) da alteridade entre os irmãos Yeba e Boreka, demiurgos da terra e bisnetos do universo, o primeiro líder dos Tukano e o segundo líder dos Desana. Ambos trabalham para organizar a



sociedade humana original em complementaridade. Vale ressaltar, que, no livro, a história dos Desana é detalhadamente contada, enquanto a dos Tukano só se apresenta quando em relação com a primeira, fator que tem provável ocorrência, pois a narrativa é escrita por lideranças Desana-Kehíripõrã, figuras responsáveis por conservar a história de sua própria etnia.

D) da organização social dos personagens que manifestam a ideologia bipartida dos ameríndios através do casamento entre os Tukano e os Desana em integração: "Elas eram Tukano e ele Desana, que é o casamento preferido" (KEHÍRI; PÃRÕKUMU, 1995, p. 63). O matrimônio representa a aliança de poder e de troca cultural/material entre aldeias e comunidades indígenas, assim como, entre personalidades complementares dos filhos de Yeba e Boreka.

E) da integração dos brancos ao mito de origem manifestada pelo bisneto do mundo dizendo aos indígenas:

"- Dou-lhes o bem estar, dou-lhes a riqueza das quais vocês nasceram". Dizendo isso, ele estava dando-lhes o poder de serem mansos [...], de conviverem bem com todos, isto é, de não fazerem guerras. [...] O sétimo a sair da superfície foi o Branco, com a espingarda na mão. O bisneto do mundo disse-lhe: "- Você é o último. Dei aos primeiros todos os bens que eu tinha. Como você é o último, deve ser uma pessoa sem medo. Você deverá fazer a guerra para tirar as riquezas dos outros. Com isso encontrará dinheiro!" (KEHÍRI; PÃRÕKUMU, 1995, p. 39 - 40).

O trecho citado demonstra a renovação da tradição da mitologia bipartite indígena (LÉVI-STRAUSS, 1993) por meio da inserção do Branco na narrativa, manifestando a oposição e a complementaridade entre indígenas e brancos nos binarismos paz/guerra, indígenas/colonizadores, bem-estar/dinheiro. Formulação que auxilia os Desana a narrar e a externar o fenômeno de horror colonial vivido e que impôs normas alienígenas às formas de vida tradicionais. Assim, a barbárie é incorporada como parte da alteridade.

O mito de origem do universo apresenta múltiplas expressões de alternância e de complementaridade num sistema de oposições que estabelece equilíbrio entre todos os elementos que constituem esta cosmologia indígena. Entre tais relações está o xamanismo,

o trabalho do xamã, sua esfera de competência, é essa tentativa de reconstrução do sentido, de estabelecer relações, de encontrar íntimas ligações. Não é, portanto, a coerência interna do discurso o que se procura, sua consistência advém antes do reforço mútuo dos planos em que se exprime, do habitus em suma" (CUNHA, 1998, p. 14).

Nesse sentido, em *Antes o mundo não existia* as práticas xamânicas se manifestam de modo diferencial e plural (CUNHA, 1998; COLLET, 2013):



A) nos grafismos indígenas. As ilustrações de Firmiano Lana estão conjugadas ao texto escrito sobre a narrativa. Enquanto artista, o autor age também como xamã, pois traduz mundos possíveis de outras dimensões - apesar de nunca serem inteiramente equivalentes ao que se vê. Assim os Kahiriporã demarcam um território xamânico unindo grafismo e superfície, dando sentido ao livro como suporte. Escrevem em português, um ponto de vista branco, mas sobre suas histórias, com a incorporação de palavras de sua língua e com desenhos de seu imaginário. Atribuição marcada no nome do autor: "Tõramu Kehiri 'Gente do Universo (dos Desenhos) do Sonho" (KEHÍRI; PÃRÕKUMU, 1995, p. 46).

B) nas alucinações dos indígenas ou outros seres por meio da ayahuasca ou demais plantas alucinógenas que ampliem o contato entre realidades. A avó do universo é o primeiro ser a vivenciar o xamanismo na cosmologia indígena, nasce por si mesma, cria os trovões, os avôs do Universo e Yeba Goamu a partir de plantas alucinógenas: "Voltou a mascar ipadu e a fumar o cigarro. Todas essas coisas eram especiais, não eram feitas como as de hoje. Ela tirou então o ipadu da boca e o fez transformar-se em homens, os "Avós do Mundo" (Umukonekusuma)" (KEHÍRI; PÃRÕKUMU, 1995, p. 20).

C) nas viagens entre dimensões e conversas com espíritos. Yeba Goamu e Boreka, bisnetos da avó do universo, são descritos como os demiurgos da terra, ou seja, os intermediários entre as divindades indígenas e os humanos, tradutores de realidade, xamãs:

A primeira coisa que ele repartiu foi o paricá (wihõ), também chamado abeyeru, isto é, "Pênis da Lua". O paricá mais forte que existe no mundo era esse dos Umukomahsã. Para ser pajé é preciso cheirar o paricá, como fez Boreka, o maior pajé do mundo desde o início (KEHÍRI; PÃRÕKUMU, 1995, p. 20).

D) na transformação do corpo em outros seres e na alteração de pontos de vista por meio de pinturas corporais, máscaras, peles de animais, etc. O terceiro trovão transformado em Cobra-canoa vivencia o xamanismo na troca de ponto de vista, assim como Boreka experiencia o xamanismo na troca de ponto de vista ao vestir a pele das onças. Notável escolha de animais para a narrativa, visto que, a onça e a sucuri são consideradas xamãs por serem representadas nos grafismos indígenas - apenas seres com espírito são ilustrados pois o desenho ativa a potência de um corpo-animal.

E) na cura através de rituais proferidos pelos xamãs. Para elucidar esse fenômeno xamânico que não aparece diretamente no mito de origem da Cobra-canoa, utiliza-se aqui o "mito de Wahsu 'Avental de Tururi' e de Wahti Gurabemani, o Espírito sem cu", presente no



mesmo livro. No trecho: "Wahsu matou o seu primo porque ele tinha comido os seus filhinhos. Assim termina o mito de Wahsu e de Wahti Gurabemani. No meio deste mito, tira-se a cerimônia para curar o tumor no ânus" (KEHÍRI; PÄRÖKUMU, 1995, p. 264), observa-se a dualidade representada na história. Ao mesmo tempo que apresenta a vingança de Wahsu sobre Whati, ilustra a cura imersa nesse processo, um ritual com instrumentos específicos para serem introduzidos no ânus da personagem. No filme "Pelas águas do Rio de Leite", dirigido por Aline Scolfaro e produzido coletivamente, conhecedores de etnias da família linguística tukano oriental visitam e registram 60 lugares sagrados relacionados às narrativas de origem, um dos narradores afirma: "É das narrativas de origem que os benzedores retiram os conhecimentos para as curaciones [/benzeduras]" (INSTITUTO SÓCIOAMBIENTAL, 2018, 26:38), relato que fortalece o argumento entre a relação mito/xamanismo.

### 3 CHEGADA À TERRA

Em *Antes o mundo não existia* são tecidas narrativas em textos escritos e imagéticos sobre o povo Desana e seus antecessores míticos. As representações do livro expõem a mitologia, a diferença e o xamanismo por meio de deslocamentos identitários de múltiplas formas. Não há unidade cosmológica, há alteridade e diferença, complexidade de modos de vida. A mitologia indígena resiste na oralidade e na escrita decolonial do romance e demonstra que há outras maneiras de ser humano além da dominante. A ciência europeia/estadunidense, parte do conhecimento humano, não deve ser desconsiderada, mas sim problematizada como uma das epistemologias possíveis.

Fomentar epistemologias não-hegemônicas é uma forma de promover a manutenção de saberes alternativos e romper com a opressão e tentativas de epistemicídio através do "problema da história única" (ADICHIE, 2019). A história única de uma sociedade e os estereótipos sobre ela desenvolvidos, como a inferiorização racial, se cristalizam, pois, a sociedade global não tem acesso a uma variedade de narrativas de espaços-tempo diversos destas sociedades, ausência decorrente da falta de estrutura econômica e literária das mesmas para ampliar a visão de mundo insistentemente construída pelo Ocidente - que produz narrativas únicas, comumente cruéis, nefastas e inferiores sobre as sociedades não-europeias. Segundo Adichie, "a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história" (Idem, p. 26).



Tuhiwai Smith, pesquisadora sobre povos indígenas da Oceania, afirma que “entre ativismo e investigação não existe uma relação nem fácil, nem natural” (TUHIWAI SMITH, 2015, p.283), entretanto, ambos agem na crença de melhorar o mundo. Assim, “a luta do ativista consiste em defender, proteger, favorecer e facilitar a autodeterminação dos povos indígenas sobre si mesmos nos Estados e no âmbito global, onde têm pouco poder” (Idem, p. 288), enquanto que, os investigadores devem “[,,] proteger, defender, expandir, aplicar e transmitir o conhecimento a outros” (Ibdem, p.293). Para Smith, neste período de produção de conhecimento que ocorre ao fim do colonialismo jurídico, descolonizar o conhecimento se impõe como um trabalho árduo e que exige a solidarização de muitos personagens sociais.

Posto isto, escrever, pesquisar, divulgar e analisar mitologias indígenas, como o livro *Antes o mundo não existia*, se impõe como uma produção necessária para descolonizar o conhecimento científico, uma forma de ampliar a história conhecida sobre culturas indígenas, em geral, e a literatura oral indígena brasileira, em particular. Fugir da história única é romper com o epistemicídio alimentado pela epistemologia hegemônica desde a colonização. Para tanto, faz-se importante que pesquisadores se reconheçam também enquanto ativistas, abrindo espaço para que conhecimentos tradicionais sejam inseridos nas instituições formais, como se pretendeu na escrita desse artigo.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

COLLET, Célia Letícia Gouvêa. **A escrita alfabética e o xamanismo indígena**. Muiraquitã: PPGLI-UFAC, v.2, n.1, Jul/Dez, 2013. Disponível em: <<http://revistas.ufac.br/revista/index.php/mui/article/view/689>>. Acessado em: 07 de jan. de 2021.

CUNHA, **Manuela Carneiro da**. Pontos de vista sobre a floresta amazônica: xamanismo e tradução. **Rio de Janeiro: Mana** vol.4 n.1, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93131998000100001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131998000100001)>. Acessado em: 23 de dez. de 2020.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

INSTITUTO SÓCIOAMBIENTAL; FEDERAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DO ALTO RIO NEGRO. **Pelas águas do Rio de Leite**. Brasil, 2018. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=CirpI\\_a\\_FJI&ab\\_channel=InstitutoSocioambiental](https://www.youtube.com/watch?v=CirpI_a_FJI&ab_channel=InstitutoSocioambiental) >. Acessado em: 23 de dez. de 2020.

KEHÍRI, Tõrãmæ; PÃRÕKUMU, Umusì. **Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana-Kehiripõrã**. São João Batista do Rio Tiquié: UNIRT; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1995, 2. ed.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **História de Lince**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

MOISÉS, Beatriz Perrone. **Mitos ameríndios e o princípio da diferença**. Artepensamento, 2006. Disponível em: < <https://artepensamento.com.br/item/mitos-amerindios-e-o-principio-da-diferenca/> >. Acessado em: 07 de jan. de 2021.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnografia dos índios misturados? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: OLIVEIRA, João Pacheco de (org.) **A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004, pp. 13-38.

RAMOS, Alcida. **O índio hiper-real**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 28 (10), São Paulo, 1995, pp. 5-14.

TUHIWAI SMITH, Linda. **A descolonizar las metodologías. Investigación y pueblos indígenas**. Santiago de Chile: Lom, 2016.





## MANUTENÇÃO DO LAÇO SOCIAL, GRUPOS ADOLESCENTES E A COVID-19: QUE TERRITÓRIO É POSSÍVEL OCUPAR?

MAINTENANCE OF SOCIAL LOOP, TEENAGER GROUPS AND COVID-19: WHAT  
TERRITORY IS IT POSSIBLE TO OCCUPY?

Amanda Wecker; Lisiane Machado De Oliveira Menegotto; Ane Lisie Santos Schaefer; Damiane

Domingues Boff; Camila Backes Dos Santos

Universidade Feevale

**Resumo:** Com a pandemia COVID-19 o regime presencial das atividades foi suspenso, ocasionando uma dificuldade de sociabilidade, condição fundamental para o trabalho psíquico na adolescência. Tal fato aponta para questões importantes, traduzidas no objetivo deste estudo: quais os caminhos possíveis para a manutenção do laço social contemporâneo, em forma de sociabilidade para os grupos adolescentes, frente as imposições da pandemia, principalmente a suspensão dos regimes presenciais? Utilizaremos, assim, o ensaio teórico para lançar luz à presença de uma espécie de coletivo nas mídias sociais. Supomos que esse movimento migratório, por parte dos adolescentes, do espaço físico da cidade, para aplicativos de mídia social, traduz um caminho possível para que continuem colocando seu corpo em cena, constituindo um senso de identidade e um ideal de futuro, através da sociabilidade digital. Consideramos que, apesar de a sociabilidade digital ser um território possível para a manutenção do laço social adolescente em meio à pandemia, a sociabilidade presencial continuará a ser essencial, gerando desdobramentos importantes no que se refere ao trabalho adolescente com as fronteiras, repercutindo nas fronteiras entre a sociabilidade on-line e off-line, em um mundo que voltará a circular no espaço físico da rua, mas que não deixará de acontecer também no digital.

**Palavras-chave:** Adolescência. Laço Social. Pandemia COVID-19. Redes Sociais.

**Abstract:** With the COVID-19 pandemic, the face-to-face regime of activities was suspended, causing a difficulty in sociability, a fundamental condition for psychic work in adolescence. This fact points to objective of this study: what are the possible ways to maintain the contemporary social bond, in the form of sociability for adolescents, in view of the impositions of the pandemic? Thus, we will use the theoretical essay to shed light on the presence of a kind of collective on social media. We assume that this migratory movement, by adolescents, from the physical space of the city, to social media applications, translates a possible way for them to continue putting their bodies on the scene, constituting a sense of identity and an ideal of the future, through sociability digital. We consider that, although digital sociability is a possible territory for the maintenance of the adolescent social bond in the midst of the pandemic, face-to-face sociability will continue to be essential, generating important developments with regard to adolescent work with borders, with repercussions on the borders between sociability online and offline, in a world that will circulate again in the physical space of the street, but that will not stop happening also in digital.

**Keyword:** Adolescence. Social Bond. COVID-19 pandemic. Social networks.

### 1 INTRODUÇÃO

Em 31 de dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China, surgiu uma pneumonia advinda de uma espécie de novo coronavírus, denominado de síndrome



respiratória aguda grave por coronavírus-2 (SARS-CoV-2). Um mês após o seu surgimento, acompanhávamos um surto grave da doença, dada a facilidade de transmissão do vírus, causando uma rápida propagação de infecções e mortes, por todo o planeta, forçando a Organização Mundial da Saúde a declarar estado de emergência em saúde pública, reconhecendo a transmissão do vírus como uma situação pandêmica (ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA, 2020). Como forma principal de conter a velocidade de propagação do vírus, várias regiões do mundo adotaram a separação e a restrição da movimentação de pessoas, promovendo distanciamentos, isolamentos e confinamentos sociais, além de mobilizarem incontáveis profissionais de saúde para o enfrentamento da crise (ZWIELEWSKI et al., 2020). Em 10 de março de 2020 houve o primeiro caso registrado no Rio Grande do Sul e, após seis dias, o Estado suspendeu as aulas da rede pública estadual, recomendando que escolas e instituições de ensino privado adotassem as mesmas medidas, com suspensão de aulas presenciais e planejamento de tarefas à distância, atingindo cerca de sete milhões de estudantes de ensino médio (BRASIL, 2020; DIÁRIO OFICIAL, 2020).

Como consequência direta do decreto, os adolescentes estão fisicamente menos ativos, com mais tempo de tela, apresentando padrões irregulares de sono e dietas menos saudáveis. Ainda, o prolongamento de sentimentos de estresse, medo, luto, frustração e tédio, bem como informações inadequadas e controversas, sobrecarga de atividades, falta de contato pessoal com os colegas, falta de espaço em casa e repercussões financeiras da família, causam grande impacto psicológico. Infelizmente, questões relacionadas à saúde mental desse público são muitas vezes negligenciadas. A fim de minimizar tais efeitos, governos, escolas, profissionais de saúde e demais implicados possuem a responsabilidade de ocupar-se dessas questões (LUCAS et al., 2020), o que nos convoca à pesquisa de mestrado e à este recorte.

Neste estudo, partimos do pressuposto de que o adolescente precisa ocupar um espaço físico, de que o território público e coletivo é importante, como explicaremos mais adiante. Contudo, em meio à pandemia e medidas de distanciamento e isolamento social, com suspensão de regimes presenciais, essa circulação está barrada. Tal fato aponta para perguntas importantes, traduzidas no objetivo deste estudo: que lugar os grupos adolescentes estão ocupando e de que forma está ocorrendo a manutenção desse laço social em meio as imposições da pandemia? O meio digital possibilita o adolescente colocar seu corpo em cena? De que formas? Como pensar sobre tais questões e lançar luz a essa reflexão pode contribuir para que o meio digital, de forma a não substituir o presencial, possa também ser um caminho no atravessamento desse momento



de isolamento em relação ao que se pensa na educação? Pensaremos, à luz dessas questões, os possíveis caminhos, traduzidos enquanto respostas e contribuições, para a manutenção do laço social contemporâneo na adolescência.

A partir de um recorte de um projeto de pesquisa de mestrado, que pensará a dimensão da experiência adolescente em meio à pandemia COVID-19, utilizaremos, enquanto metodologia, o ensaio teórico. Nesta metodologia, parte-se de questionamentos que nortearão os autores para reflexões mais profundas, não sendo, necessariamente, uma busca por respostas e afirmações unívocas e que se encerram em si mesmas. Os ensaios teóricos, comumente utilizados na área das ciências humanas e sociais, servem para produzir reflexões sobre os acontecimentos mais relevantes de cada época, como é o caso da pandemia COVID-19, por exemplo. Tal metodologia caracteriza-se pela originalidade e novidade, utilizando como base ideias já existentes, repensando-as ou costurando conceitos para a criação de algo novo. Sua essência surge a partir da ordenação e costura, de um modo novo e original, de tais ideias e conceitos (RIVERA, 2018). Neste estudo, propomos a articulação e reflexão de conceitos já existentes, vinculados a diferentes campos que dialogam desde suas formulações, uma vez que há uma tendência da pesquisa psicanalítica em apoiar-se na metodologia ensaística e buscar em outros campos de conhecimento àquilo que necessita para dialogar.

Esse posicionamento está diretamente vinculado ao que Freud (1933/2010), há muito, propunha acerca da Psicanálise. Em uma riqueza de pensamentos, se esforçava para responder colocando outras perguntas e jamais permitindo respostas unívocas, simplórias e imediatistas. Acreditava que cabe à Psicanálise acompanhar as questões pertinentes de cada tempo, não se furtando dessa tarefa. Nesse sentido, não temos a intenção de fornecer uma resposta totalizadora, encerrando as questões que inauguram nossa pesquisa e este recorte. Esperamos, pelo contrário, que as discussões feitas nos possibilitem abrir para outras e novas questões.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Neste estudo, partimos do olhar acerca da adolescência enquanto um fenômeno histórico e socialmente determinado, traduzido em um trabalho psíquico estreitamente intrincado com o trabalho da cultura, ocorrendo a partir da participação da cultura e na cultura. Dessa forma, o conceito de adolescência aponta para o momento de transição entre a infância e a vida adulta, constituindo-se, concomitantemente, na cena fantasmática de um sujeito, no interior do grupo



familiar, e na cena social, em instituições e espaços públicos. Tal transição diz respeito a um processo psíquico que permite integrar as transformações induzidas pela puberdade e apropriar-se das novas exigências sociais (COUTINHO, 2009).

Encontramos, nos pressupostos psicanalíticos dos textos freudianos, certas operações psíquicas particularmente intensas, que iniciam com a puberdade. Nesse período da vida, o sujeito é invadido por um excesso pulsional, sendo que desconhece o meio de satisfação, concomitante à convocação da sociedade para que ocupe um novo lugar na família e no social (FREUD, 1905/2016; 1909/2015; 1914/2012). No momento em que essa mudança começa a ser experienciada pela criança, temos o início do trabalho adolescente. No que diz respeito a essa mudança, a adolescência pode ser definida enquanto um estágio de crise identificatória, em que os ideais da infância desmoronam e a função simbólica é solicitada a amparar a travessia entre a criança e o adulto, o privado e o público, entre os ideais encarnados nos pais e os ideais presentes na cultura. Nesse sentido, a adolescência é um conjunto de processos psíquicos fundamentais para a elaboração da interdição e das instâncias ideais, que permitirão a integração das transformações suscitadas pela puberdade e as novas exigências sociais e que poderão assegurar o sujeito do seu estatuto perante o laço social (COUTINHO, 2009).

Há, no entendimento psicanalítico, três formas principais de se pensar a adolescência, que estão intimamente relacionadas, a saber, enquanto reedição do Complexo de Édipo, em termos de eu ideal e ideal do eu, e por fim, enquanto um ideal social. Isso significa que, neste período, há uma reedição do Complexo de Édipo, estabelecida a partir da entrada no social e da escolha de um lugar na partilha dos sexos, o que resulta em uma nova incidência da castração e exige uma reelaboração na esfera narcísica (FREUD, 1905/2016; 1909/2015; 1914/2012). Tal processo dependerá de um abandono, por parte do adolescente, dos objetos onipotentes da infância, incluindo o eu ideal, enquanto lugar imaginário de completude, do narcisismo infantil, que deverá se vincular ao ideal do eu, instância simbólica que nos orienta e nos autoriza, enquanto sujeitos, na busca do nosso próprio desejo (FREUD, 1914/2010). O ideal significa, nesse sentido, a uma fronteira entre o individual e o coletivo, auxiliando na constituição e no reconhecimento de cada sujeito em uma sociedade e em uma cultura. Tal questão se faz crítica na adolescência, uma vez que os meios necessários para dar conta desse processo virão justamente do ideal social (COUTINHO, 2009).

Compreendemos, assim, que se separar família de origem é uma tarefa na qual todo adolescente se depara e a cultura, historicamente, tem o auxiliado na atenuação dessa relação,



através dos rituais de puberdade e de iniciação, ocupando função simbolizante (FREUD, 1930). Tais rituais são protagonizados pelos adolescentes junto de seus grupos, de modo que sempre que falamos em adolescência, estaremos nos referindo também ao grupo que a constitui. Os grupos adolescentes, nesse sentido, evocam um esforço coletivo para franquear os impasses da adolescência, o que aponta para uma tentativa de elaboração coletiva do mal-estar inescapável desse período. Nesse momento, os grupos representam um recurso de mediação para a travessia entre infância e vida adulta, público e privado, individual e coletivo, consistindo em um lugar para compartilhar novas experiências quanto ao exercício do laço social e para constituir um laço fraterno socializante, que expressa determinados ideais em comum. A adolescência, portanto, é, por excelência, o período das grandes formações de laços fraternais, que operam enquanto garantia de reconhecimento de traços identificatórios (dos quais o adolescente, recém-saído da infância, não se sente mais assegurado) e enquanto lugar de produção de novas identificações exogâmicas (COUTINHO, 2009; KEHL, 2000).

Embora vista como fonte de mal-estar, a adolescência conserva em si uma potência transformadora para o desenvolvimento do sujeito, de forma que, transicionalmente, o adolescente se constitui e constitui o mundo em que vive. Tal questão aponta para um trabalho de produção cultural e de renovação social, uma vez que o adolescente, ao confrontar-se com os impasses sociais próprios ao seu tempo, responde de modo a contribuir para a renovação e para a busca de novos caminhos no laço social. Aqui, relacionamos tal impasse às imposições e impedimentos da pandemia COVID-19, uma vez que tais adolescentes estão, neste momento, privados da circulação social, vivenciando uma experiência potencialmente traumática, tendo que dar conta de exigências e produções escolares através de uma tela, isolados em um cômodo-casa e convivendo com adultos que, muitas vezes, podem estar com sintomas exacerbados.

Percebemos, assim, que a pandemia atinge contextos para além da saúde. O reconhecimento da necessidade de medidas que priorizem o cuidado individual e coletivo, gera alterações significativas na organização familiar. A suspensão do regime presencial de escolas, empresas e locais públicos, a ruptura de um cotidiano marcado pela sociabilidade presencial e convívio físico com diferentes pessoas, o contraste da separação e do confinamento familiar, a possibilidade de contágio, o medo da morte, a suspensão de rituais de lutos, os sentimentos de perda da liberdade, de solidão e tédio, o cenário generalizado de incertezas e as repercussões econômicas e sociais acarretam sentimentos de estresse, desamparo, impotência e insegurança, bem como quadros de ansiedade e instabilidade emocional. Nesse contexto, celulares,



computadores, redes sociais, aplicativos de reuniões e encontros virtuais nos possibilitam em uma espécie de isolamento com conexão, provocando um trabalho de ressignificação nos vínculos relacionais (MENEZES et al., 2020; ORNELL et al., 2020; RENTE; MERHY, 2020; ZWIELEWSKI et al., 2020). O caráter inédito dessa catástrofe de proporções globais insere a COVID-19 na história contemporânea. O que mais nos assusta, enquanto população, é o desconhecimento perante a evolução e desfecho de tal evento (FIKS et al., 2020). Confere-se, assim, um caráter de catástrofe para a pandemia.

Em meio a este contexto pandêmico, a navegação *on-line* tem possibilitado que muitos continuem trabalhando de suas casas, tendo aulas, participando de atividades culturais e artísticas e, ainda, proporciona a manutenção do laço social, através das interações com as redes de apoio. Mesmo aqueles que não estão podendo cumprir as medidas de suspensão do regime presencial em suas profissões, acabam passando mais tempo em casa e, conseqüentemente, acessando mais a internet. A navegação *on-line* nos auxilia a manter nossa rotina em meio à suspensão de atividades presenciais, além de nos dar acesso às principais informações sobre a pandemia, no mundo, bem como estratégias de proteção e enfrentamento. Nesse sentido, pela primeira vez todo o contato com o mundo real, do espaço físico e público, está sendo possível pela via da conexão digital e navegação *on-line* (DESLANDES, 2020).

Por percebermos, na cultura contemporânea, essas novas formas de sociabilidade vinculadas ao digital, supomos que os espaços físicos que os adolescentes necessitam podem engendrados tanto no espaço real da cidade como no território virtual da internet. Tais espaços e territórios são tomados pelos grupos adolescentes como um palco a ser ocupado, em que estes criam e recriam cenas, mapeando, remapeando e dividindo-os em função dos diversos grupos que circulam por ali (COUTINHO, 2009). Propomos a formação de um coletivo na navegação *on-line*, por percebermos uma certa migração, por parte dos adolescentes, do espaço físico da cidade, para aplicativos de mídia social. Este movimento migratório traduz um caminho possível para que os adolescentes possam continuar colocando seu corpo em cena, constituindo um senso de identidade e um ideal de futuro, através da sociabilidade digital. Nesse sentido, essa navegação *on-line* percorrerá uma trajetória singular para cada grupo, que poderá ocorrer, por exemplo, nas coreografias do Tiktok, nas postagens diversas de *memes* e posicionamentos crítico-político-sociais no Twitter e no Instagram e nos *games*.

Deslandes e Coutinho (2020), pesquisadores dedicados à essa temática, esperam que a circulação e a interação social nos ambientes digitais, durante a pandemia, colabore na



atenuação dos diversos efeitos consequentes do isolamento, que podemos vincular também aos adolescentes: depressão, ansiedade, solidão, vulnerabilidade à violência doméstica, tentativa de suicídio vinculada a ausência de sociabilidade presencial e ao clima social de medo e desamparo frente o futuro e os desdobramentos da pandemia. Apostam, assim, que a interatividade e a mobilidade do *on-line* possam amenizar os efeitos da suspensão das atividades presenciais, que, apesar de indispensável para o enfrentamento pandêmico, acabou suprimindo, para muitos, o caráter presencial da interação social. Sugerem, ainda, o caráter benéfico do contato social mantido pelas vias digitais, enquanto forma de prevenção e busca de uma rede de apoio, essencialmente necessária na constituição da adolescência e no franqueamento desse período tão delicado. A Organização Mundial da Saúde (2020) reconhece o caráter essencial da navegação *on-line* para a sociabilidade dos adolescentes, mas atenta para o respeito ao uso diário que, quando excessivo, evita que os jovens realizem outras atividades, podendo ter efeito contrário e acarretar diversos riscos à saúde física e psíquica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como discutimos, a sociabilidade digital é essencial à cultura contemporânea e, após o término dos períodos de distanciamento social, talvez continue a ocupar grande período das nossas rotinas, pelas novas funções que adquiriu. Nesse período pandêmico a sociabilidade digital tem mostrado seu potencial no enfrentamento e atenuação de diversos efeitos consequentes do isolamento para os adolescentes, por possibilitar que a formação de grupos fraternais, essenciais em sua constituição, continue ocorrendo, de modo que estes jovens consigam dar conta do trabalho adolescente necessário neste período. Contudo, mesmo a sociabilidade digital sendo um território possível para a manutenção do laço social em meio à pandemia, a sociabilidade presencial, que possibilita o vínculo de nossas corporalidades, demarcando e bordeando nossa existência, bem como a construção da identidade do adolescente, e de um ideal de futuro, continuará a ser essencial. Supomos, assim, que teremos um novo desdobramento no que se refere ao trabalho adolescente com as fronteiras. Para além do individual e coletivo, eu e outro, casa e rua, privado e público, infância e vida adulta, as fronteiras desdobram-se nas formas de sociabilidade *on-line* e *off-line*, à distância e presencial, em um mundo que voltará a circular no espaço físico da rua, mas que não deixará de acontecer também no digital.





## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA. **OMS declara emergência global: coronavírus.** Associação Médica Brasileira – AMB, jan. 2020. Disponível em: <<https://amb.org.br/noticias/oms-declara-emergencia-global-coronavirus/>>. Acesso em: 15 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo Escolar 2020.** Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/resultados-e-resumos>>. Acesso em: 16 out. 2020.

COUTINHO, L. **Adolescência e errância:** destinos do laço social no contemporâneo. Rio de Janeiro: Nau: FAPERJ, 2009.

DIÁRIO OFICIAL. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. **Decreto nº 55.118, de 16 de março de 2020.** Caderno do Governo (DOE) do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <<https://www.estado.rs.gov.br/upload/arquivos//decreto-55118.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2020.

DESLANDES, S. **O papel das redes sociais durante a pandemia.** Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira: IFF/Fiocruz, Rio de Janeiro, mai. 2020. Disponível em: <<http://www.iff.fiocruz.br/index.php/8-noticias/675-papel-redes-sociais>>. Acesso em: 11 dez. 2020.

DESLANDES, S.; COUTINHO, T. O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 1, p. 2479-2486, 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232020006702479&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020006702479&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 11 dez. 2020.

FIKS, J. et al. A crise na saúde mental em decorrência da COVID-19: diretrizes para um suporte psicológico em pandemia potencialmente traumática. **Revista Debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 2, p. 70-73, 2020. Disponível em: <<https://www.abp.org.br/rdp2020>>. Acesso em: 15 out. 2020.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias à psicanálise (1933). In: FREUD, S. **Obras completas volume 18:** o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 90-188.

FREUD, S. O mal-estar na cultura (1930). In: FREUD, S. **Cultura, sociedade, religião:** o mal-estar na cultura e outros escritos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020, p. 305-410.

FREUD, S. O romance familiar dos neuróticos (1909). In: FREUD, S. **Obras completas volume 8:** o delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos outros textos (1906-1909). São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 294-298.



FREUD, S. Sobre a psicologia do colegial (1914). In: FREUD, S. **Obras completas volume 11**: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 302-306.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, S. **Obras completas volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905). São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 13-172.

KEHL, M. **Função fraterna**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

LUCAS, L. et al. Impactos da pandemia de COVID-19 na saúde mental de crianças e adolescentes: orientações do Departamento de Psiquiatria da Infância e Adolescência da Associação Brasileira de Psiquiatria. **Revista Debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 2, p. 74-78, 2020. Disponível em: <<https://www.abp.org.br/rdp2020>>. Acesso em: 15 out. 2020.

MENEZES, J. et al. A contação de histórias no Instagram como tecnologia leve em tempos pesados de pandemia. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 32, e020012, 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822020000100411&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822020000100411&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 02 out. 2020.

ORNELL, F. et al. Pandemia de medo e COVID 19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Revista Debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 2, p. 12-17, 2020. Disponível em: <<https://www.abp.org.br/rdp2020>>. Acesso em: 15 out. 2020.

RIVERA, T. Desejo de ensaio. In: RIVERA, T.; CELES, L.; SOUSA, E. (Org.). **Coleção ensaios brasileiros contemporâneos**: psicanálise, FUNARTE, Rio de Janeiro, p. 11 23, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **COVID-19 parenting**, 2020. Disponível em: <<https://www.covid19parenting.com>>. Acesso em: 11 dez. 2020.

ZWIELEWSKI, G. et al. Protocolos para tratamento psicológico em pandemias: as demandas em saúde mental produzidas pela COVID-19. **Revista Debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 2, p. 30-37, 2020. Disponível em: <<https://www.abp.org.br/rdp2020>>. Acesso em: 15 out. 2020.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

## ESCOLA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL NO BRASIL: POSSIBILIDADE DE UM ESPAÇO PARA A DEMOCRACIA E A ALTERIDADE

ESCUELA PÚBLICA DE EDUCACIÓN INTEGRAL EN BRASIL: POSIBILIDAD DE UN  
ESPACIO PARA LA DEMOCRACIA Y LA ALTERIDADE

Carlos Eduardo Poerschke Voltz; Dinora Tereza Zucchetti; Claudiana Pereira; Liliane Maria da Silva

Universidade Feevale

**Resumo:** Este ensaio tem como base conceitual as concepções de educação de autores como Paulo Freire e Anísio Teixeira. Por meio das leituras e aproximações de base conceitual, buscamos identificar até que ponto as concepções de educação dos autores citados abrem espaço para o olhar e o comprometimento com o outro, considerando a teoria de alteridade em Emmanuel Levinas. Defendemos a escola pública de Educação Integral como um espaço que pode ser democrático e de alteridade, contribuindo para a efetivação de uma educação mais justa. O estudo está organizado em três sessões temáticas, sendo elas: contexto histórico da Educação Integral no Brasil; concepções de educação decorrentes dos estudos de Paulo Freire e Anísio Teixeira; entrelaços teóricos com o conceito de alteridade em Emmanuel Levinas.

**Palavras-chave:** Escola pública. Educação integral. Democracia. Alteridade.

**Resumen:** Este ensayo se basa en las concepciones conceptuales de educación de autores como Paulo Freire y Anísio Teixeira. Mediante las lecturas y aproximaciones de bases conceptuales, buscamos identificar en qué medida las concepciones de educación de los autores mencionados abren espacio para la mirada y el compromiso con el otro, considerando la teoría de la alteridad en Emmanuel Levinas. Defendemos la escuela pública de Educación Integral como un espacio que puede ser democrático y de alteridad, contribuyendo a la realización de una educación más justa. El estudio se organiza en tres sesiones temáticas, a saber: contexto histórico de la Educación Integral en Brasil; concepciones de la educación resultantes de los estudios de Paulo Freire y Anísio Teixeira; vínculos teóricos con el concepto de alteridad en Emmanuel Levinas.

**Palavra:** Escuela pública. Educación integral. Democracia. Alteridad.

### INTRODUÇÃO

Vivemos tempos nebulosos no Brasil. A instabilidade política e econômica, somados ao descaso completo pelas causas sociais, têm sido marca do governo Bolsonaro no Brasil. Como esperado (não desejado), os últimos acontecimentos, como trocas ministeriais no governo federal e falta de protagonismo do Ministério da Educação, com destaque para o contexto de abandono, durante a pandemia da Covid-19<sup>1</sup>, tem representado a falta de perspectiva para milhares de crianças e jovens estudantes de todo o país.

<sup>1</sup> Segundo a Organização Mundial da Saúde, a Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus. O



UNIVERSIDADE  
FEEVALE

feevale.br/cidi2021





Não é de hoje e nem de ontem que a educação brasileira passa por dificuldades, seja pelo baixo aproveitamento dos estudantes ou pelo número de pessoas não escolarizadas em todo país. Dados do IBGE (2021) mostram que o número de analfabetos chega a estimativa de 6,6% da população para o público de 15 anos ou mais. Os dados, no entanto, divergem dos marcos legais da educação brasileira, que trazem em suas alíneas, a educação como direito fundamental. Citando aqui a base da legislação brasileira, a Constituição Federal (1988) traz em seu Art. 205 a educação como direito do sujeito e dever do estado e da família. Ainda no Capítulo III, inciso VII parágrafos 2º e 3º da Constituição Federal, cita-se a responsabilidade do poder público com o direito de acesso e frequência dos estudantes à escola.

§ 2º O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente. § 3º Compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola.

Os dados citados acima, deixam claro o quanto ainda é preciso ser feito, para que de fato se cumpram os propósitos da legislação educacional brasileira tenham todos os sujeitos a garantia do direito do seu pleno desenvolvimento. Por isso, defendemos a importância de uma educação integral, que seja integral, integrada, integradora e em tempo integral (GADOTTI, 2009).

Nesse sentido, o presente ensaio teórico, se propõe apresentar as concepções de educação de autores como Paulo Freire e Anísio Teixeira. Com as leituras e aproximações teóricas, refletimos sobre como as concepções de educação dos autores citados abrem espaço para o olhar e o comprometimento com o outro, considerando a teoria de alteridade de Emmanuel Levinas. Por compreender que a escola pública de Educação Integral se configura como um espaço que busca a efetivação de uma educação mais justa, os argumentos construídos neste ensaio podem contribuir para o reconhecimento de Educação Integral se constituir em possibilidades de experiências de democracia e alteridade.

O desdobramento deste ensaio encontra-se dividido em três seções, nas quais são expostos os argumentos teóricos acerca das leituras realizadas. Na primeira seção é apresentada a contextualização histórica sobre a Educação Integral no Brasil, bem como a contribuição de Anísio Teixeira para esse diferente modo de pensar o papel do estudante e da escola. Na

---

primeiro caso da doença foi identificado em Wuhan, na China, em dezembro de 2019. Desde então, a doença tem causado a morte de milhares de pessoas em todo o mundo. No Brasil, já são 353 mil mortes registradas até 11 de abril de 2021.



segunda seção, são apresentadas as concepções de educação encontradas em estudos de Paulo Freire e Anísio Teixeira. Por fim, na terceira seção, são realizadas aproximações teóricas entre tais concepções com o conceito de alteridade de Emmanuel Levinás.

## 1 CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL NO BRASIL

A história da Educação Integral no Brasil, está intimamente ligada às contribuições do pesquisador brasileiro Anísio Teixeira. Ao longo de sua vida pública e trajetória profissional, Anísio ocupou diferentes cargos políticos, além de ter sido o idealizador do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP. Também como marco de sua trajetória, está a participação direta no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que foi redigido por Fernando de Azevedo e contou com contribuições de um importante grupo de intelectuais brasileiros. No manifesto, se defendia uma educação que serviria não mais a perpetuação de um sistema que visa o lucro; a mão de obra e o capital, mas estaria a serviço do indivíduo. Para tanto, segundo os pioneiros, uma escola que esteja a serviço dos sujeitos, precisa ser um espaço de solidariedade e cooperação. Entende-se assim, que a escola e o meio social, são fatores indissociáveis (AZEVEDO, 1932).

Anísio Teixeira defendeu e buscou a promoção de uma educação integral, educação essa, que considerasse o sujeito em sua completude. Na experiência herdada do pensamento de Anísio, temos ainda hoje o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, ou Escola Parque, que tem como origem de sua atuação, uma proposta educacional voltada a oferta de atividades culturais, bem como de preparo para a qualificação profissional. Tendo sua base centrada em uma escola para classe popular, o centro educacional é assim descrito por Eboli (1969, p.20):

A função da Escola-Parque é importantíssima no conjunto desse sistema educacional para alcançar-se o objetivo da obra que é a educação integral de jovens da classe popular. Nela os alunos são agrupados não apenas pela idade, mas por suas preferências, e distribuídos em turmas de 20 a 30 no máximo, pelos diversos setores, todos em funcionamento para realizar as seguintes atividades: 1 — Setor de trabalho: artes aplicadas, industriais e plásticas. 2 - Setor de Educação Física e Recreação: jogos, recreação, ginástica etc. 3 - Setor Socializante: grêmio, jornal, rádio escola, banco e loja. 4 - Setor Artístico: música instrumental, canto, dança, teatro. 5 - Setor de Extensão Cultural e Biblioteca: leitura, estudo, pesquisa, etc.

Assim como o centro educacional, o ensino professado por Teixeira (1956) é um ensino que envolve ação e não apenas palavras. O autor diz ainda, que aprendizagem puramente verbal não é realmente aprendizagem e que “[...] somente através da experiência vivida e real é que a



mente aprende e absorve o conhecimento e o integra em formas novas de comportamento”. Assim, é que se legitima a importância de a escola ser um espaço de ricas experiências vividas, experiência que elevem as potencialidades dos sujeitos aprendentes, entre o saber e o saber fazer.

Dessa forma, conforme Leclerc e Moll (2012), a Educação Integral caracteriza-se como uma ação educacional que visa envolver e abranger as diversas dimensões da formação dos indivíduos. Portanto, trata-se de um modelo educacional que visa considerar o sujeito de forma integral, para além de habilidades disciplinares, mas para a formação da consciência humana.

## 2 EDUCAÇÃO EM PAULO FREIRE E ANÍSIO TEIXEIRA

Considerando a legislação educacional brasileira, a educação pública deve ser ofertada de forma gratuita para todos os sujeitos. Como espaço de oferta de educação, consideramos a escola como espaço de aprendizagem. Para Anísio Teixeira, o conceito social de educação deve estar centrado nos interesses vocacionais ou interesses especiais, no entanto, “[...] ela não será educativa se não utilizar esses interesses como meios para a participação em todos os interesses da sociedade” (ERNICA, 2006, p.18). Nessa perspectiva, Anísio Teixeira defendeu uma educação laica, pública e para todos, onde privilégios de classe não existisse, possibilitando ao sujeito buscar através da educação sua posição na vida social, buscando a formação comum do homem, atendendo a multiplicidade de vocações, ofícios e profissões com um programa de atividades e não de matérias. Delegando assim, a escola como “[...] iniciadora nas artes do trabalho e do pensamento reflexivo, ensinando o aluno a viver inteligentemente e a participar responsabilmente de sua sociedade” (TEIXEIRA, 1956, p.5), praticando, dessa forma, o desenvolvimento de atividades intelectuais, mas também de trabalho, isto é, de “saber e de fazer”, uma educação voltada para o desenvolvimento ajustadas às condições culturais e brasileiras.

Ao refletir sobre os achados de Anísio Teixeira para a educação brasileira, é possível inferir que estamos distantes ainda de alcançarmos um ideal de escola que esteja a serviço dos estudantes e não da perpetuação das classes. Paulo Freire (1967, p.104) sabiamente questionava “Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe?” De fato, a escola que impõe, não troca, mas dita ideias – como citado por Freire – não possibilitando o diálogo, mas o silenciando. Quando olhamos para os achados da literatura herdada de Freire, se pode inferir



que o educador defendeu e promoveu um modo de se fazer educação e que teve como caráter a intencionalidade reflexiva e abertura de experiências de debate e quebra do silêncio.

Para Paulo Freire a educação não pode ser definida como uma só, mas como vários tipos de educação que podem ser reduzidos em dois: educação bancária e educação libertadora. O primeiro contribui para a perpetuação de um sistema de alienação dos sujeitos, pois os torna menos críticos e conscientes do mundo. Já o segundo, os torna verdadeiramente humanos, pois busca potencializar a criticidade e a autonomia do sujeito, não para que esse apenas esteja no mundo, mas de fato esteja com o mundo. Dessa maneira, o indivíduo pode se sentir parte desse conjunto de acontecimentos e relações; ter responsabilidade e também ter seus direitos respeitados, caracterizando a educação libertadora que Freire defendeu (STRECK et al, 2017).

As contribuições de Freire e Anísio para Educação apontam para uma escola centrada no sujeito e na sua mudança de status quo. A educação aqui, entra como potencial para que os sujeitos sejam capazes de olhar sobre os muros da sua realidade.

### **3 ENTRELAÇOS TEÓRICOS COM O CONCEITO DE ALTERIDADE EM EMMANUEL LEVÍNAS**

Para Freire “os seres humanos se fazem no encontro, na escuta, na comunhão e no diálogo com os outros. É no reconhecimento do outro como alteridade que o eu se constitui como pessoa” (STRECK, 2017, p.17). Para ser gente, precisamos do outro e da vida vivida com as múltiplas relações que estabelecemos. Ainda considerando Paulo Freire, “não é possível pensar num projeto de sociedade democrático, justo, fraterno se não sou capaz de reconhecer o outro como outro e aceitar o outro em sua experiência de vida, em sua diferença em relação a mim” (STRECK, 2017, p.35).

Anísio Teixeira pauta sempre na importância da relação entre a escola na qual os indivíduos estudam e a comunidade na qual eles vivem, no sentido de que a escola deveria se tornar uma "miniatura" de comunidade, representando todas as questões e trabalhos sociais na qual existe. "Ler, escrever, contar e desenhar serão por certo técnicas a serem ensinadas, mas como técnicas sociais, no seu contexto real, como habilidades, sem as quais não se pode hoje viver. O programa da escola será a própria vida da comunidade, com o seu trabalho, as suas tradições, as suas características devidamente selecionadas e harmonizadas" (TEIXEIRA, 1956, p.24).



Encontramos aproximações de conceitos como amorosidade em Freire e o compromisso com o outro de Levinas. Podemos relacionar a educação integral defendida por Teixeira e as experiências que colocou em prática ao longo de sua trajetória acadêmica e profissional (olhando para os sujeitos em seu contexto social, econômico e cultural), com a dialogicidade em Freire (ancorada na colaboração, união, organização e síntese cultural), com Emmanuel Levinas, no sentido de construir com o outro a história (assumindo a responsabilidade tanto pelo outro quanto por sua história).

Podemos dizer que há uma aproximação entre Freire (1987) e Levinas no sentido de possibilitar a socialização, o diálogo e o compromisso com o outro. Para Freire (1987, p.79), “não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos homens”. Levinas (1980) discorre sobre a transcendência do eu para uma alteridade que considera o outro em sua totalidade. Todos os três teóricos compreendem o ser em suas relações (no mundo, com o mundo, no viver...). Freire conceitua autonomia (experiências de liberdade ao tomar decisões) e Levinas traz a concepção de alteridade, discutindo a abertura do eu ao outro. “O Outro que se manifesta no Rosto perpassa, de alguma forma, sua própria essência plástica, como um ser que abraça a janela onde sua figura, no entanto já se desenhava. Sua presença consiste em se despir da forma que, entretantes, já a manifestava. Sua manifestação é um excedente (*surplus*) sobre a paralisia inevitável da manifestação. É precisamente isto que nós descrevemos pela fórmula: o Rosto fala” (LÉVINAS, 2009, p.51). Isto é, o indivíduo se despe do imaginário de ser absoluto, transcendendo o império, identificando e reconhecendo-se no rosto do outro ser. Permanece, assim, na sua casa, mas permite-se relacionar-se e comprometer-se com os outros para, com eles, construir sua história.

## CONCLUSÕES

Com a revisão de literatura realizada para a escrita deste ensaio, foi possível perceber as críticas feitas pelos autores estudados com relação ao fechamento em si do homem, individualista e totalitário na racionalidade ocidental. Pensamos que a abertura do eu ao outro, com uma ética da alteridade, em que assumimos a responsabilidade pelo outro, resgatando o amor aos outros seres humanos pode contribuir para uma educação voltada para a transformação de injustiças e desigualdades sociais.





Neste sentido, a escola pública de educação integral pode representar um espaço no qual o sujeito seja visto e tratado em sua complexidade, deixando claro que educação integral não se refere apenas à ampliação de horas aula, mas também à uma mudança de postura e de propósito. A escola precisa preparar os sujeitos para a vida por meio de experiências educativas capazes de elevar seu potencial humano e de intervenção no mundo.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando. **O manifesto dos pioneiros da educação nova**. Revista

Brasiliense, São Paulo, n. 15, p. 8-28, jan/fev. 1932. Disponível em [https://download.inep.gov.br/download/70Anos/Manifesto\\_dos\\_Pioneiros\\_Educacao\\_Nova.pdf](https://download.inep.gov.br/download/70Anos/Manifesto_dos_Pioneiros_Educacao_Nova.pdf) Acesso em 10 jan. 2020.

BRASIL. **Constituição Federal**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) Acesso em 12 abr. 2021

EBOLI, Terezinha. **Uma experiência de educação integral**: Centro Educacional Carneiro Ribeiro. Salvador: MEC/INEP, 1969. 84p.

ERNICA, Maurício. **Percursos da Educação Integral no Brasil**. IN: Tecendo Redes para a Educação Integral. Seminário Nacional. São Paulo, 2006, p.12-31.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Educação Integral no Brasil: inovações em processo**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IGBE Educa**. Disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html> Acesso em 12 abr. 2021.

LECLERC, Gesuína de Fátima Elias; MOLL, Jaqueline. **Educação Integral em Jornada Diária ampliada: universalidade e obrigatoriedade?**. IN: Revista em Aberto, Políticas de Educação Integral em Jornada Ampliada. INEP. MEC. jul/dez, 2012.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade**. Tradução: José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

LÉVINAS, Emmanuel. **O humanismo do outro homem**. 3ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

STRECK, Danilo. R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 439p



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

TEIXEIRA. Anísio. **Educação não é privilégio**. Rio de Janeiro. 1956 Disponível em [https://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=AT\\_prodInte&pasta=AT%20pi%20Teixeira,%20A.%201956.00.00/4&pagfis=9600](https://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=AT_prodInte&pasta=AT%20pi%20Teixeira,%20A.%201956.00.00/4&pagfis=9600) Acesso em 08 Jan. 2021



feevale.br/cidi2021





## MOTORISTAS RODOVIÁRIOS E QUALIDADE DE VIDA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

### ROAD DRIVERS AND QUALITY OF LIFE: AN INTEGRATIVE REVIEW

Elizangela Halinski Cardoso; Fernanda Silva De Souza Rodrigues; Andrea Varisco Dani; Rosane

Barbosa; Cesar Augusto Kampff

Universidade Feevale

**Resumo:** O objetivo geral deste estudo é analisar a produção científica sobre a qualidade de vida em motoristas rodoviários. O método deste estudo é baseado em uma revisão integrativa realizada entre os dias 15 de agosto a 02 de setembro de 2020, de forma online, na base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), com a utilização dos descritores: “transporte coletivo” e “qualidade de vida”. Foram selecionados cinco artigos que se encontravam no período de 2007 a 2016. As pesquisas identificadas estavam relacionadas tanto a abordagens qualitativas quanto quantitativas, por meio de estudos descritivos, epidemiológicos e transversais. Ficou evidenciado nos estudos o desgaste desses trabalhadores pela atividade mecanizada e repetitiva que consiste em conduzir o veículo. Destacaram-se fatores associados ao estilo de vida, ao tipo de trabalho, bem como características do indivíduo e aspectos ligados diretamente ao posto de trabalho. Os estudos demonstraram que os fatores apontados afetam negativamente a qualidade de vida dos motoristas rodoviários.

Palavras-chave: Qualidade de vida. Motorista de Ônibus. Saúde. Trabalho.

**Abstract:** The general objective of this study is to analyze the scientific production on the quality of life in road drivers. The method of this study is based on an integrative review carried out between August 15 and September 2, 2020, online, in the database of the Virtual Health Library (BVS), using the descriptors: “public transport” and “quality of life”. Five articles selected from 2015 to 2016 were selected. The research identified was related to both qualitative and quantitative approaches, through descriptive, epidemiological and cross-sectional studies. It was evidenced in the studies the wear and tear of these workers by the mechanized and repetitive activity that consists in driving the vehicle. Factors associated with lifestyle, type of work, as well as individual characteristics and aspects directly linked to the job stand out. Studies have shown that the factors mentioned negatively affect the quality of life of road drivers.

**Keywords:** Quality of life. Bus driver. Health. Work.

## INTRODUÇÃO

Conforme dados da Associação Nacional das Empresas de Transportes Urbanos (NTU), constata-se que no Brasil o transporte público urbano é responsável pelo deslocamento diário de aproximadamente 32 milhões de passageiros, sendo que 85,7% desse público usa o ônibus como meio de locomoção. Desta maneira, podemos destacar que o motorista de ônibus tem papel fundamental na manutenção do transporte coletivo para a sociedade contemporânea. No entanto, a rotina diária desse profissional pode ser desgastante e fatores como o trânsito, o relacionamento interpessoal dentro e fora da empresa onde o motorista está vinculado, bem



como as questões familiares, devem ser consideradas ao analisarmos a jornada de trabalho do profissional rodoviário (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS EMPRESAS DE TRANSPORTES URBANOS, 2019).

Neste contexto, a função de dirigir realizada por estes profissionais não é um ato automático. Ela envolve uma série de questões, tais como: constatar a complexidade da sua função, ter reflexos rápidos, bom senso e responsabilidade, atenção no tráfego e com a tripulação, dirigir em circunstâncias de alerta, diferenciar ruídos do veículo e do trânsito, além do bem-estar de saúde e/ou autocontrole emocional (BRASIL, 2006). Sendo assim, é necessário que este profissional tenha uma atenção redobrada no exercício de sua função, na medida que qualquer distração poderá acarretar em graves consequências e sérios prejuízos.

A Qualidade de Vida (QV) foi definida pelo Grupo WHOQOL (World Health Organization Quality of Life) da Organização Mundial de Saúde (WHO, 1993) como sendo a percepção que o indivíduo tem de sua posição na vida, no contexto da sua cultura e sistemas de valores e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. O entendimento de que a QV é formada por múltiplos fatores, associados a variáveis como estado de saúde, longevidade, satisfação no trabalho, salário, lazer, relações familiares, prazer, espiritualidade, qualidade do ambiente, entre outros é bastante consensual nos dias atuais (SILVA et al., 2016; TEIXEIRA et al., 2015). Neste sentido, percebe-se que o indivíduo deve ter um olhar mais amplo sobre o que pode influenciar na sua QV, bem como nas suas atitudes relacionadas a sua saúde, a qual poderá contribuir para o seu bem-estar e conforto.

Ferreira (2015) refere um pensamento crítico associado à qualidade de vida no trabalho (QVT) ao referir que a suposta situação é feita numa abordagem assistencialista e hegemônica. Desta forma, as causas reais e mais profundas das fontes de mal-estar dos trabalhadores ficam intocáveis. Por consequência, a aderência dos trabalhadores em termos de participação e interesse nas atividades planejadas e oferecidas tendem a diminuir. Neste sentido, a QVT necessita de uma conscientização maior, tanto dos empregados quanto dos empregadores. Para Tomaz et al. (2016) entender a percepção dos trabalhadores a respeito da QVT beneficia a empresa, tendo uma equipe mais saudável, amenizando problemas de rotatividade de pessoal, de acidentes e ainda aumentando a produtividade.

Para Alquimim et al. (2012) o motorista, no exercício da sua função, depara-se com várias situações estressantes. Desta forma, a má conservação das vias, as condições precárias dos veículos, os altos ruídos, os congestionamentos do trânsito, bem como os baixos salários e a



insegurança das cidades, são alguns exemplos dessas situações estressantes a que eles estão sujeitos. Sendo assim, esses fatores contribuem para o aparecimento de doenças relacionadas à sua atividade profissional, influenciando de maneira negativa na sua qualidade de vida.

Desta forma, é de suma importância a qualidade de vida no trabalho. Esta qualidade, provavelmente, está diretamente relacionada com o seu desempenho na função, o qual refletirá em benefício para os usuários do transporte coletivo e da sociedade em geral (LEITE et al., 2015). Sendo assim, recomenda-se que embora a profissão seja árdua, é de suma importância que este profissional não se descuide da sua saúde, pois se isto acontecer, poderá ter complicações futuras.

Desta maneira, neste artigo, apresenta-se a seguinte questão norteadora: quais as interferências atribuídas pelo cotidiano de trabalho na saúde dos motoristas?

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, estruturada em cinco etapas: formulação do problema, coleta dos dados, avaliação dos dados coletados, análise e interpretação dos mesmos e apresentação dos resultados (COOPER, 1982). A revisão integrativa da literatura é um recurso que tem o propósito de resumir os resultados alcançados sobre um determinado assunto ou tema, de uma forma organizada e ordenada, com o objetivo de desenvolver uma explicação mais abrangente de um fenômeno específico (COOPER, 1982).

A pesquisa dos artigos foi realizada entre os dias 15 de agosto a 02 de setembro de 2020, de forma online. A coleta de dados foi efetuada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). A busca na base de dados gerou 13 artigos. Foram considerados como critérios de inclusão: artigos completos de acesso livre online e gratuitos, fazendo o uso do string de busca “AND” para descritor, que contenham como Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “transporte coletivo” e “qualidade de vida”, todos publicados em Língua Portuguesa no período de 2007 a 2019. Foram excluídos os artigos publicados e divulgados por meio de tese, bem como os artigos duplicados.

Os artigos foram lidos minuciosamente e organizados em um quadro sinóptico e, posteriormente, descritos.



## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foram selecionados cinco artigos que estavam de acordo com os objetivos propostos, estes artigos foram analisados e estão apresentados no quadro sinóptico a seguir.

**Quadro 1.** Quadro Sinóptico da produções científicas.

Título/Autor/Rev/Ano	Objetivos
1 Características ocupacionais e qualidade de vida de motorista. DA SILVA, L. A. et al. JOURNAL HEALTH NPEPS, 2016.	Identificar as características ocupacionais e a percepção de qualidade de vida dos motoristas do transporte coletivo urbano.
2 Fatores de risco para doença arterial coronária em motorista de ônibus. DOS S. G. E. et al. Ver. Baiana de Enferm., 2014.	Identificar fatores de risco para a doença arterial coronariana (DAC) em motoristas de transporte coletivo público e o conhecimento como forma de prevenção.
3 Sintomas musculoesqueléticos em motoristas de ônibus: prevalência e fatores associados. DE V. A. et al. Fisiot. em Movimento, 2013.	Verificar a prevalência dos sintomas musculoesqueléticos em motoristas de ônibus urbano e investigar fatores associados.
4 Diagnóstico das condições de trabalho, saúde e indicadores do estilo de vida de trabalhadores do transporte coletivo da cidade de Pelotas – RS. DE. M. N. A. B.; DA SILVA. M. C. Ver. Bras. Ativid. Fís. & Saúde, 2012.	O objetivo do estudo foi descrever as condições de trabalho, saúde e indicadores de vida dos trabalhadores do transporte coletivo urbano da cidade de Pelotas-RS.
5 Impacto da lombalgia na qualidade de vida de motorista de ônibus urbanos. MACEDO, C. S. G., BATTISTELLA, L. R. Arq. Ciênc. Saúde Unipar, 2007.	O presente estudo verificou o impacto da lombalgia na qualidade de vida de motoristas de ônibus urbano.

**Fonte:** Elaborado pela autora

Para a análise foram selecionados 05 artigos que estavam relacionados com o objetivo da pesquisa. Estes artigos encontram-se no período de 2007 a 2016. Todas as pesquisas relacionadas com abordagens qualitativas e quantitativas, por meio de estudos descritivos, epidemiológicos, transversais e que sejam correlacionados com os descritores citados. A análise desses artigos resultou na categoria: Características ocupacionais, percepção de qualidade de vida e fatores de risco para a doença arterial coronariana (DAC), condições de trabalho.

Conforme da Silva et al. (2016) constatou-se que 85% dos motoristas possuía ensino fundamental. Neste estudo, a escolaridade quando comparada com o domínio do meio



ambiente, demonstrou uma disposição para declínio na qualidade de vida. Podendo esse evento estar relacionado com as oportunidades no mercado de trabalho, já que com o menor nível de escolaridade, existe uma tendência de salários mais baixos. Sendo assim, possivelmente, o trabalhador não terá condições necessárias para satisfazer as suas necessidades pessoais e familiares. Fator esse que pode ser decisivo para o acesso a condições de lazer, moradia, serviços de saúde, dentre outros. Considerando que 15% referiram ser tabagistas e 50% relataram ser ex-tabagistas, evidencia-se uma preocupação maior quando associada com as condições ambientais desses trabalhadores, as quais podem influenciar na percepção da qualidade de vida.

Silveira, Abreu e Santos (2014) referem uma distância considerável entre o trabalho formalmente prescrito pela empresa e o trabalho real executado pelos motoristas. Esse distanciamento traz implicações para esse profissional como pessoa e para o resultado do seu trabalho, o que compromete o desempenho e a qualidade do serviço prestado pela empresa. Devem ser consideradas algumas das variabilidades encontradas, tais como as más condições das vias e o trânsito intenso. Essas circunstâncias não dependem de providências por parte da vontade da empresa, mas sim da decisão e da interferência do órgão gestor do transporte público.

Para Silva, Robazzi e Terra (2013) a perspectiva de proteção à saúde dos profissionais rodoviários, os quais estão expostos aos fatores supracitados, precisa ser considerada. Eles ponderamno estudo que um bom ambiente de trabalho é fator primordial para a manutenção da satisfação e das boas condições de saúde.

Nardi (2004) refere que as formas que os indivíduos vivem, sofrem e/ou sublimam o trabalho estão intimamente associadas ao valor moral atribuído ao seu emprego e à importância deste. Neste sentido, o que habita o mundo é o corpo, a parte material de nós mesmos. Esse corpo é capaz de sentir e, sentindo, é capaz de relacionar-se.

Segundo Ramos et al. (2008) a interrupção forçada pelo adoecimento e conseqüentemente pelo afastamento é compreendida como uma forma de ameaça a um lugar social conquistado pelo sujeito através do trabalho. Os trabalhadores sentem-se abalados com a redução salarial após entrarem em licença de saúde. Desta forma, quando passam a usufruir do benefício previdenciário, o convívio com os colegas também fica prejudicado e reduzido. São invadidos por uma sensação que falharam. Essa sensação nutre-se pela fragilidade construída a partir de



uma compreensão de desvantagens em relação aos seus pares, por não conseguirem mais dar conta da sua atividade cotidiana.

Participaram do estudo de Gonçalves et al. (2014) motoristas de transporte coletivo urbano que apresentaram baixo risco para desenvolver a doença arterial coronariana (DAC). Não houve predominância de fatores de risco como: tabagismo, dislipidemia, hipertensão e diabetes. Estavam, porém, expostos a outros riscos, como excesso de peso, sedentarismo e consumo de álcool, além de apresentarem fatores não modificáveis, como a cor e/ou etnia negra e o sexo masculino, os quais podem contribuir significativamente para a incidência da doença. Verificou-se também no estudo uma relação estatisticamente significativa com o fator estresse, o qual foi relatado por 63% dos participantes. Entretanto, apesar da alta incidência, esse fator foi pouco abordado como sendo um dos riscos cardiovasculares.

O excesso de peso, medido pelo índice de massa corporal (IMC), é citado como importante fator de risco para a doença da artéria coronária (DAC), o tipo mais prevalente de doença cardiovascular no adulto. A doença é caracterizada pelo acúmulo de substâncias lipídicas ou gordurosas e tecido fibroso no revestimento das paredes vasculares artérias, formando placas de ateroma. Tem como principais alvos as coronárias, estreitando-as e bloqueando o fluxo sanguíneo para o músculo cardíaco (SMELTZER et al., 2011).

O estudo de Moura Neto e Silva (2012) descreve as condições de saúde e trabalho, bem como os indicadores do estilo de vida dos trabalhadores do transporte público urbano. Esse estudo aponta resultados importantes, tais como: prevalências preocupantes de sobrepeso/obesidade, inatividade física, dor musculoesquelética, movimentos repetitivos e posição estática ou viciosa no trabalho. Nesse sentido, podem influenciar negativamente no desempenho do trabalho e na saúde desses indivíduos. Desta maneira, a prática da atividade física é fator reconhecidamente importante para prevenção e tratamento de doenças crônicas destes trabalhadores. Para os condutores do transporte coletivo, a atividade física tem sua contribuição no sentido de minimizar os impactos da atividade laboral sedentária, as quais conduzem direta e indiretamente ao risco aumentado de doenças.

Hirata et al. (2011) e Alquimim et al. (2012) enfatizam que, aliados aos fatores já citados acima que também influenciam diretamente no trabalho, os rodoviários desenvolvem um comportamento não saudável, adotando um estilo de vida predominantemente com atividades hipocinéticas, dieta inadequada com alto consumo de calorias e um mínimo de gastos



energéticos. Desta maneira, fica evidenciado que esta categoria tem poucos hábitos saudáveis e isto, certamente, influencia na sua qualidade de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão integrativa mostra ausência de envolvimento suficiente das empresas em relação à implantação de medidas de QVT com relação aos motoristas de ônibus urbanos. Além do desgaste gerado pelo próprio trabalho, num ato mecanizado e repetitivo que consiste em conduzir o veículo de acordo com uma rota pré-determinada, bem como manter a atenção e a concentração, envolvendo tomada de decisão, rapidez lógica e transporte de passageiros, ainda, é necessário parar no ponto e prosseguir constantemente. Dessa forma, esses profissionais lidam com situações adversas que surgem ao longo do caminho, como a questão da insegurança, longa carga horária e a falta de tempo e local de descanso adequados. Além disso, os achados do presente estudo evidenciam aspectos importantes acerca dos problemas de saúde desenvolvidos pelos profissionais do transporte coletivo, identificando as características relacionadas com seu trabalho, as quais estão contribuindo diretamente para problemas de saúde.

## REFERÊNCIAS

ALQUIMIM, A. F.; BARRAL, A. B. C. R.; GOMES, C.; REZENDE, M. C de. Avaliação dos fatores de risco laborais e físicos para doenças cardiovasculares em motoristas de transporte urbano de ônibus em Montes Claros (MG). *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n.8, p. 2151-2158, 2012.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS EMPRESAS DE TRANSPORTES URBANOS. *NTUrbano*, 2019. Disponível em: <<https://www.ntu.org.br/novo/upload/Publicacao/Pub636946354464368258.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2020.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação brasileira de ocupações. Brasília. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/saibaMais.jsf>>. Acesso em: 07 set. 2020.

COOPER, H. M. Scientific guidelines for conducting integrative research reviews. *Review of Educational Research*. v.52, n.2, p. 291-302. 1982.

FERREIRA, M.C. Qualidade de vida no trabalho (QVT): do assistencialismo à promoção efetiva. *Laboreal*, v.11, n.2, p. 28-35, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/lab/v11n2/v11n2a03.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2020.





GONÇALVES, E. dos S.; TORRES, R.M.; PEIXINHO, T.C.; BORGES, C.C.L. Fatores de risco para doença arterial coronária em motorista de ônibus. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 28, n. 3, p. 252-259, 2014.

HIRATA, R. P.; CERRA, J.C.; MACEDO, C.R.; FAVARETO, J.; FILHO, F.S.S.L.; OLIVEIRA, L.V.F. de. Prevalência de obesidade e hipertensão arterial em uma população de motoristas profissionais rodoviários interestaduais de ônibus. **ConScientiae Saúde**, v.10, n.3, p.494-499, 2011.

LEITE, C. E.; LOPES, G. S.; BARREIRO, J. H. de L. C D. A Influência do Transporte na Qualidade de Vida e Motivação no Trabalho. XI Congresso Nacional de Excelência em Gestão (ISSN 1984-9354), 2015. Disponível em: <[https://www.inovarse.org/sites/default/files/T\\_15\\_338\\_1.pdf](https://www.inovarse.org/sites/default/files/T_15_338_1.pdf)>. Acesso em: 05 set. 2020.

MOURA NETO, A. B. de; SILVA, M. C. da. Diagnóstico das condições de trabalho, saúde e indicadores do estilo de vida de trabalhadores do transporte coletivo da cidade de Pelotas-RS. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v.17, n.5, p. 347-358, 2012.

Nardi, H. C. (2004). Saúde do trabalhador, subjetividade e interdisciplinaridade. In A. R. M. Crespo (Org.), *Saúde do trabalhador no Rio Grande do Sul: realidade, pesquisa e interdisciplinaridade* (p. 43-64). Porto Alegre: Editora da UFRGS.

RAMOS, M. Z.; TITTONI, J.; NARDI, H. C. A experiência de afastamento do trabalho por adoecimento vivenciada como processo de ruptura ou continuidade nos modos de viver. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 11, n. 2, p. 209-221, 2008.

SILVA, L. A. Da; BATISTA, M.H. de J.; NUNES, T.S.; PELAZZA, B.B., ROBAZZI; M.L. do C.C.; MAIA, L.G.; EVANGELISTA, R.A.; BUENO, A. de A. Características ocupacionais e qualidade de vida de motoristas de ônibus. **Journal Health NPEPS**, v.1, n.1, p.53-67, 2016.

SILVA, L. A. da ROBAZZI, M. L. do C. C.; TERRA, F. de S. Relation between workplace accidents and the levels of carboxyhemoglobin in motorcycle taxi drivers. **Revista latino-americana de enfermagem**, v.21, n.5, p.1119-1126, 2013.

SILVEIRA, L. S. Da; ABREU, C. C. de; SANTOS, E. M. dos. Análise da situação de trabalho dos motoristas de uma empresa de ônibus urbanos de Natal / RN. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.34, n.1, p. 158-179, 2014.

SMELTZER, S. C.; BARE, B. G.; HINKLE, J.L.; CHEEVER, K.H. **Brunner e Suddarth: Tratado de enfermagem médico cirúrgica**. 12. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

TEIXEIRA, J. R. B. et al. Associação entre aspectos psicossociais do trabalho e qualidade de vida de mototaxistas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, p. 97-110, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2019.v24n10/3957-3967/en/>>. Acesso em: 01 nov. 2020.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

TOMAZ, W. L.; SOUSA, A. I. de; GORDONO, F. S.; ESPERIDIÃO, M.; PEREIRA, E.P. A importância da qualidade de vida no trabalho: Um estudo de caso em uma empresa do ramo de seguros da cidade de Bauru/SP. **Revista Conbrad**, v.1, n.3, p. 183-203, 2016.

WHO (World Health Organization) 1993. WHOQOL: study protocol. MNH/PSF/93.9. WHO, Geneva. 39 pp.





## ESTÁGIO OBRIGATÓRIO E ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA

### MANDATORY INTERNSHIP AND REMOTE TEACHING DURING THE CORONAVIRUS PANDEMIC

Thami Riva; Lovani Volmer; Rosemari Lorenz Martins

Universidade Feevale

**Resumo:** Nos cursos de formação de professores, cada vez mais, discute-se acerca da educação no século XXI e da importância do professor nesse contexto. Este estudo pretende discutir as contribuições do estágio curricular obrigatório de Língua Portuguesa realizado de forma on-line, durante a pandemia de Coronavírus, à formação da acadêmica estagiária, professora em formação. As vivências do estágio tiveram início anteriormente à pandemia, em fevereiro de 2020. Porém, na mudança de aulas presenciais para o formato on-line, foi necessário repensar as estratégias de ensino, considerando a nova situação e as especificidades dos alunos. Ou seja, exigiu-se muito além de uma simples adaptação à plataforma (Blackboard). Assim, concluído o estágio e realizadas as reflexões acerca desse processo, destaca-se a necessidade de planejamentos diferenciados para aulas na modalidade on-line, ou seja, não se trata de apenas transferir as práticas do ensino presencial. Da mesma forma, faz-se necessário, no planejamento, considerar o protagonismo dos alunos, que se tornam coprodutores, construtores de novas aprendizagens, a partir das intervenções pedagógicas do professor, que é o mediador do processo.

**Palavras-chave:** Educação no século XXI. Ensino de língua portuguesa. Formação docente.

**Abstract:** Discussions on 21st century education and the importance of teachers in this scenario have become increasingly more present in teacher training courses. This study aims to discuss the contributions of the mandatory curricular internship of Portuguese Language, which was carried out online, during the Coronavirus pandemic, for the training of the intern scholar and developing teacher. The experiences of the internship had begun in February of 2020. In the transition from on-site to online classes, the competences demanded much more than a simple adaptation to the platform (Blackboard); it was necessary to rethink the teaching strategies, considering the new situation and the students' specificities. The conclusion of the internship and the reflections regarding this process emphasized the necessity for differentiated projects for online classes, that is, simply transferring the on-site practices to an online environment is not enough. Likewise, while planning, it is necessary to consider the students' protagonism, as they become co-producers and constructors of new learning through pedagogical interventions from the teacher, who mediates this process.

**Keywords:** Education on the 21st century. Teacher training. Teaching of the Portuguese language.

## INTRODUÇÃO

Nos cursos de formação de professores, cada vez mais, discute-se acerca da educação no século XXI e da importância do professor nesse contexto. O presente artigo visa apresentar as contribuições que o estágio curricular obrigatório de Língua Portuguesa do curso de Letras Português/Inglês da Universidade Feevale, aplicado em uma escola comunitária de Novo Hamburgo/RS, de forma *on-line*, proporcionaram à acadêmica, professora em formação, além



de apontar a importância do uso de tecnologias em sala de aulas e da formação continuada, fundamental tanto para os professores quanto para a sociedade.

Durante o ano de 2020, a pandemia da Covid 19 afetou todas as áreas, inclusive a da educação, e desafiou a comunidade escolar, principalmente professores e alunos, a adaptarem suas práticas de ensino-aprendizagem. A mudança de aulas presenciais para o formato on-line, com encontros síncronos e assíncronos, exigiu muito mais que uma simples adaptação à plataforma utilizada pela escola (*Blackboard*). Foi necessário repensar as estratégias de ensino para que a qualidade das aulas se mantivesse.

## O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Durante o processo de formação de professores, cada vez mais, discute-se acerca da educação no século XXI, sobre a importância de o aluno ser o protagonista de sua aprendizagem e o professor um mediador. A profissão docente é uma prática social, ou seja, como tantas outras, é uma forma de intervir na realidade social, no caso, por meio da educação que ocorre, não só, mas essencialmente nas instituições de ensino (PIMENTA; LIMA, 2008, p. 11).

De acordo com os documentos legais:

Compreende-se a docência como ação educativa e como processo pedagógico intencional e metódico, envolvendo conhecimentos específicos, interdisciplinares e pedagógicos, conceitos, princípios e objetivos da formação que se desenvolvem na construção e apropriação dos valores éticos, linguísticos, estéticos e políticos do conhecimento inerentes à sólida formação científica e cultural do ensinar/aprender, à socialização e construção de conhecimentos e sua inovação, em diálogo constante entre diferentes visões de mundo (BRASIL, 2015, p. 3).

Nesse contexto, na Universidade Feevale, o curso de Letras, no Campo de Orientação Docente voltado à língua materna, inclui, em especial, as disciplinas de Seminário de Língua Portuguesa I e II, Análise e Produção de Material Didático e Estágio em Língua Portuguesa. A dinâmica dessas disciplinas, destinadas à construção de conhecimentos básicos sobre práticas pedagógicas e metodologia no ensino de línguas e literatura, privilegia atividades em grupos de estudos e de pesquisa, com base na análise da observação e da prática em espaços formais e não formais de ensino.

Nesse cenário, considerando situações reais de ensino-aprendizagem, as práticas realizadas em 2020 tiveram que se adequar, e com o estágio não foi diferente. Nesse contexto, vale considerar que o mundo está em constante evolução, principalmente no que se diz respeito



ao uso de tecnologias e, a fim de garantir aos estudantes o direito de aprender um conjunto de habilidades e conhecimentos comuns - em todas as escolas, sejam públicas ou privadas, urbanas ou rurais, de todas as regiões do Brasil, a BNCC estabelece competências gerais, que são um conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores necessários para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Essas competências devem ser desenvolvidas pelos estudantes ao longo de todos os anos da Educação Básica.

Para que isso seja possível, é de suma importância que o educador estude e se aproprie de práticas pedagógicas mais desafiadoras e interdisciplinares, que possibilitem aos alunos trabalharem outras dimensões além do conhecimento acadêmico (BRASIL, 2018). Da mesma forma, é relevante que o educador se mantenha atualizado e bem informado em relação às novas tendências educacionais, disponibilize materiais dinâmicos e intuitivos, utilize tecnologias para potencializar a aprendizagem e, principalmente, preze pelo protagonismo do aluno.

Ademais, de acordo com estudos de Rojo (2009), o ensino da escola deve oferecer meios para que o aluno “desenvolva certas competências básicas para o trato com as línguas, as linguagens, as mídias e as múltiplas práticas letradas, de maneira crítica, ética, democrática e protagonista” (ROJO, 2009, p. 119). Concordamos com a autora e acreditamos que essas características são fundamentais para desenvolver uma educação mais crítica e reflexiva.

Nessa perspectiva, foram planejadas aulas síncronas e assíncronas que instigassem os alunos a interagir em diferentes plataformas digitais e contextos sociais, pois, segundo Magda Soares (2008), “o letramento abre caminhos para o indivíduo estabelecer conhecimentos do mundo em que vive”, e para contribuir para formar alunos mais críticos e reflexivos.

## **ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM TEMPOS DE PANDEMIA**

O estágio não é apenas um dos componentes curriculares que o futuro professor deve realizar, mas é uma oportunidade para colocar em prática todas as vivências teóricas que aprendeu no decorrer de seus estudos teóricos. Ao aluno, é dada a possibilidade de

desenvolver atividades que possibilitem o conhecimento, a análise, a reflexão do trabalho docente, das ações docentes, nas instituições, de modo a compreendê-las em sua historicidade, identificar seus resultados, os impasses que apresenta e as dificuldades (PIMENTA E LIMA, 2008, p. 20).

A experiência de estágio que é descrita aqui foi desenvolvida em uma escola comunitária, localizada na cidade de Novo Hamburgo/RS, a qual, desde 1989, tem como missão promover





a construção de aprendizagens efetivas e afetivas que considerem a trajetória de cada sujeito, de forma a contribuir para o desenvolvimento da autonomia e da criatividade. O currículo está organizado por meio de ciclos, que visam privilegiar a continuidade da trajetória do aluno, suas experiências, seu ritmo e que, acima de tudo, busca respeitar o processo de aprendizagem.

Ademais, a escola propõe projetos disciplinares e interdisciplinares. Essas características vão ao encontro do proposto pela BNCC (2018), segundo a qual professores e a escola, como um todo, devem

selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos, suas famílias e cultura de origem, suas comunidades, seus grupos de socialização etc. (BRASIL, 2018, p. 17).

Para tanto, os professores planejam, coletivamente, projetos e aulas que levem em consideração as particularidades, os interesses e as histórias de vida dos alunos.

As vivências do estágio tiveram início antes da pandemia. As competências e habilidades que deveriam ser desenvolvidas foram discutidas e planejadas em conjunto com as professoras titulares de língua portuguesa das turmas. Porém, o ano de 2020 foi atípico e, iniciado o período de isolamento social, as atividades práticas, assim como as aulas presenciais, foram temporariamente suspensas em virtude da pandemia.

Entretanto, em junho de 2020, uma portaria do Ministério da Educação (MEC) possibilitou a realização do estágio a distância. Assim, de forma online, a estagiária realizou as observações nas turmas, foi incluída nas reuniões semanais de planejamento e teve os planos de aula aprovados pelas professoras titulares das turmas. As aulas práticas foram planejadas e aplicadas em turmas correspondentes ao 7º ano do Ensino Fundamental e ao 1º ano do Ensino Médio, que possuem, em média, 70 alunos cada.

A escola conta, também, com alunos de inclusão. Então, as aulas e as atividades síncronas e assíncronas foram pensadas para cada aluno, individualmente, levando em consideração as necessidades, limitações e dificuldades de cada estudante.

## AS PRÁTICAS

Acreditamos que a sala de aula, especialmente no que tange à Língua Portuguesa, é um lugar privilegiado para a formação de leitores críticos e competentes. A língua, quando



ensinada, torna-se um instrumento para a prática social. Segundo Hoppe (2014, p. 204), o estudo da linguagem exerce um papel fundamental na formação crítica dos cidadãos. Isso porque é por meio dela que os discursos podem ser analisados e ter seus significados negociados e construídos socialmente.

Visto isso, durante seu estágio, a acadêmica estagiária, professora em construção, contribuiu para a realização de três projetos. O primeiro, chamado Conto e Encontro, tinha como objetivo o incentivo à leitura, a discussão de diferentes temas, a produção de textos e a reflexão sobre a importância de saber utilizar a Língua Portuguesa de forma adequada a determinados contextos. Para tanto, a cada semana, eram lidos um ou dois capítulos do livro *Vida de Droga*, de Walcyr Carrasco. Logo após, durante as aulas síncronas, os capítulos lidos eram discutidos oralmente entre os alunos e a professora. Então, atividades de compreensão, interpretação e produção textual eram propostas.

O projeto estava de acordo com os estudos de Hoppe (2014), que explica a importância do letramento e do uso da literatura em sala de aula. O incentivo à leitura é cada vez mais necessário, para que os alunos se tornem cada vez mais letrados, a fim de que seja possível reconhecer o que leram para “situações da realidade social, e ainda, [...] colaborar no momento da prática da comunicação, tanto no meio escolar como fora dele” (HOPPE, 2014, p. 205).

Os outros dois projetos foram interdisciplinares: um, RPG, tinha como componentes curriculares matemática, história, artes e língua portuguesa; também tinha como objetivo o incentivo à leitura. As aulas e as atividades foram desenvolvidas a partir da história de Robin Hood. A professora gravou áudios e vídeos narrando os capítulos a serem trabalhados e disponibilizou aos alunos um link que os encaminhava para uma pasta do Google Drive.

As atividades tinham como objetivo participar, a partir da leitura da obra, tecendo comentários de ordem estética, justificando sua apreciação, assim como analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como comparação, metáfora, metonímia, dentre outras.

Como o projeto era interdisciplinar, as atividades foram planejadas em conjunto com os professores de história e artes. Os alunos assistiram a aulas expositivo-dialogadas, leram um conto de Edgar Allan Poe, além de assistirem a uma animação dos anos 20, de Walt Disney *The Haunted House*. Enfim, baseada na história de Robin Hood, a atividade final do projeto foi a criação de um conto. Os contos produzidos pelos alunos foram reunidos em um livro digital.

O último projeto também foi interdisciplinar. Professoras de história, língua portuguesa, língua inglesa e química trabalharam em conjunto no projeto que tinha como título Salto Livre:



o futuro das escolhas. Perguntas como “Como se dá o processo das nossas escolhas? As nossas escolhas têm a ver com o meio em que vivemos, influenciam nosso comportamento? Será que temos autonomia e somos igualmente livres para escolher? Como nossas escolhas impactam nosso futuro em sociedade?” foram feitas aos alunos na apresentação do projeto e deveriam ser respondidas na plataforma durante a aula síncrona.

Um dos objetivos de língua portuguesa para o projeto era analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variação fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza dinâmica da língua e fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos.

Assim, os alunos entrevistaram familiares: avós, tios, pais, a fim de verificar como eram as atividades cotidianas (brincadeiras, dia a dia na escola, gírias, vida profissional) naquela época, para comparar os achados com suas atividades atualmente. As respostas foram discutidas e comparadas oralmente durante a aula síncrona.

Após, a seguinte frase, de Bechara, foi projetada: "Como brasileiros, devemos ser políglotas em nossa própria língua". Algumas perguntas como “Os brasileiros das regiões Norte, Nordeste, Sul, Centro-Oeste e Sudeste falam exatamente do mesmo jeito? As pessoas falam do mesmo jeito que escrevem? Somos brasileiros, falamos português. O que o autor quis dizer com a afirmação: ‘devemos ser políglotas em nossa própria língua?’” foram feitas aos alunos para auxiliar no processo de reflexão sobre o tema.

Os alunos foram avaliados a partir da atividade proposta: deveriam refletir sobre a afirmação “Como brasileiros, devemos ser políglotas em nossa própria língua” e relacionar com as atividades síncronas e assíncronas. Os alunos puderam registrar suas ideias de forma livre: escrita, desenho, imagem, recorte ou montagem; desde que o objetivo fosse cumprido (Figura 2). E, então, no final do projeto, os conceitos iniciais foram retomados para fins de comparação: o que foi respondido apareceu no projeto? O que aprendi?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto teórico e prático em que a pesquisa foi realizada possibilitou a concretização dos objetivos que compuseram nosso estudo, que consistia em explicar a formação continuada,



apontar a importância do uso das tecnologias em sala de aula e, também, apresentar as contribuições que o estágio curricular obrigatório proporcionou à acadêmica.

Vimos que a formação continuada prepara e capacita os docentes, contribui para o engrandecimento profissional do professor e, principalmente, oferece melhoria na qualidade da educação oferecida aos alunos. A BNCC (2018) estabelece, em suas competências gerais, um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes necessários para que o aluno enfrente os desafios do mundo contemporâneo. Dessa forma, utilizar diferentes plataformas e tecnologias digitais facilita e torna a aprendizagem do aluno muito mais significativa, principalmente diante da situação de isolamento social em que nos encontramos, visto que o uso das tecnologias se tornou indispensável.

A busca por materiais diversificados e tecnológicos, sobretudo vídeos, áudios, textos curtos e aplicativos foram de extrema importância, facilitaram o acesso, a aprendizagem e a interação aluno-professor. Apesar do curto tempo para planejamento e aplicação das aulas, das dificuldades encontradas, seja com a conexão da internet ou com os aplicativos e plataformas, as aulas tiveram excelente recepção e contribuição dos alunos, que foram extremamente receptivos, atenciosos e solícitos.

Após realizar as reflexões acerca desse processo, destaca-se a necessidade de planejamentos diferenciados para aulas na modalidade on-line, ou seja, não se trata de apenas transferir as práticas do ensino presencial. Da mesma forma, faz-se necessário, no planejamento, considerar o protagonismo dos alunos, que devem se tornar co-produtores, construtores de novas aprendizagens, a partir das intervenções pedagógicas do professor, que é o mediador do processo.

Concluir o estágio significou um maior aprendizado sobre a profissão de educadora, bem como um importante processo para construção da identidade profissional, em um espaço em que foi possível unir teoria e prática.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: O pacto interfederativo e a implementação da BNCC**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

CARRASCO, Walcyr. **Vida de Droga**. São Paulo: Ática, 2006.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



DUMAS, Alexandre. **As aventuras de Robin Hood**. São Paulo: Clássicos Zahar; Edição bolso de luxo, 2016.

HOPPE, M. C. A formação de professores: o letramento crítico na sala de aula e as práticas sociais. *In: Revista Uniletras* - v. 36, número 2, p. 201-209. Ponta Grossa, 2014. Disponível em <<https://revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/6530>> Acesso em 31 de julho de 2020.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ROJO, R. Letramentos múltiplos: escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 5ª ed., São Paulo: Context, 2008.





## CONFLITOS SOCIAIS QUE RESULTARAM NA PRIMEIRA ESCOLA PARA SURDOS E RECONHECIMENTO DA LÍNGUA DE SINAIS

Alini Mariot; Rosemari Lorenz Martins

Universidade Feevale

### Resumo

O presente trabalho tem por intuito fazer uma discussão sobre a trajetória dos sujeitos surdos, porém mais voltada para a área educacional e mais especificamente; a primeira escola para surdos, o Congresso de Milão, a comunicação Total. Busca-se entender a forma de como se deu o início desta educação para surdos.

Palavras chaves: Educação. Libras. Surdez

### Abstract

The purpose of this paper is to discuss the trajectory of the deaf subjects, but more focused on the educational area and more specifically; the first school for the deaf, the Milan Congress, the Total communication. The aim is to understand how to how this education for the deaf started.

**Keywords:** Education. Pounds. Deafness

## INTRODUÇÃO

No período de 06 a 11 de setembro de 1880 foi realizado o Congresso de Milão que agrupou em torno de 182 indivíduos, sendo na maioria ouvintes, que vieram de países como Rússia, Bélgica, Estados Unidos, França, Canadá, Alemanha, Itália e Inglaterra. O objetivo principal era discutir sobre a educação de surdos e averiguar as vantagens e os importunos do internato, estágio esse fundamental para a realização da educação formal, além do número de alunos por sala de aula e o modo de como os surdos precisariam ser instruídos, através da linguagem gestual e oral (QUADROS, 2006). Congresso, os surdos estavam ausentes. As decisões foram tomadas, longe dos próprios surdos que eram os interessados. O grupo era grande e constituído por ouvintes impondo a superioridade da linguagem oral sobre a língua de sinais, que foi decretada como a única alternativa de ensino. Depois de uma grande discussão, o evento anunciou que a metodologia oral deveria ser a preferida em relação à metodologia gestual, pois as palavras para os ouvintes eram inegavelmente superiores aos gestos. O oralismo obteve aprovação e consentimento





que, segundo Skliar (2011), era mais adequado para facilitar o projeto geral de alfabetização, eliminando um fator de desvio linguístico. As ciências humanas e pedagógicas preferiram historicamente o oralismo, porque respeitava a concepção filosófica de Aristóteles, no qual o mundo de ideias, abstrações e da razão é representado pela palavra, enquanto o mundo do concreto e do material é pelos sinais.

No período de 1880, a utilização de qualquer tipo de Língua de Sinais foi proibida, mas mesmo assim muitos Surdos continuavam a manter sua comunicação por meio de sinais, de forma “escondida”, entre as comunidades sociais (LODI, 2005). Os alunos Surdos mais novos eram afastados dos mais velhos, para que esses não se deixassem contaminar pela cultura Surda e pela Língua de Sinais (SKLIAR, 2011). Os professores Surdos quase totalmente substituídos por professores ouvintes, que desconheciam o idioma visual e por isso, montaram novas estratégias de ensino (SACKS, 1989). Para explicar a deliberação do Congresso, não houve argumentos, pois o processo pedagógico estava alcançado seus objetivos e não precisava de modificações. Através das línguas de sinais, os surdos estavam conquistando seu espaço nas mesmas condições dos ouvintes. Importante lembrar, que foram as pessoas ouvintes que decidiam sobre a educação dos surdos. Esta foi uma constante ao longo de um grande período histórico. Para Skliar (1997, p.

50 apud QUADROS, 2006), os entendimentos desse ponto estavam vinculados a questões filosóficas, políticas e religiosas. Admite-se que além dos questionamentos levantados por Skliar (2011), o Congresso pode ser averiguado pelo modelo de homem-máquina da ciência moderna.

O conceito de homem-máquina encantava os cientistas e filósofos da época e por isso tornou-se o novo mito. Neste momento, acreditava-se que os seres humanos deveriam ser perfeitos e os surdos passaram a ser seres possuidores de alguma anomalia. Como ressalta Quadros (2006, p. 31):



Desde o século XVII até o Congresso em Milão, a crença no paradigma homem-máquina, engendrada pela ciência moderna, vai excluindo os surdos do processo educativo e transformando-os em deficientes. Simultânea e contraditoriamente, o surdo que se expande e se organiza política e socialmente vai se tornando, ao mesmo tempo, objeto de pesquisa para a medicina, uma vez que, no novo paradigma, a surdez é uma anomalia orgânica e, portanto, sujeita à cura.

A partir deste momento histórico, Skliar (1997 apud QUADROS, 2006, p. 31-32), os indivíduos começam a “serem excluídos da escola e do mundo do trabalho e sendo, obrigados a transitar no âmbito da medicina. Esse processo passou a ser chamado por alguns autores como medicalização da surdez”.

A inclusão dos surdos no contexto educacional, através do deslocamento da visão medicalizada da surdez para o seu reconhecimento político, tendo por base a interculturalidade, revela uma possibilidade de se construir projetos políticos pedagógicos que tenham como foco o fascinante mundo do conhecimento produzido pelas diversas culturas que compõem a sociedade brasileira e mundial, dentre elas a cultura surda (QUADROS, 2006, p. 35).

Dois acontecimentos foram importantes e decisivos na trajetória da educação de surdos: o Congresso de Milão e a primeira escola para surdos. Em Milão o problema foi levantado e com a primeira escola se iniciou busca para solução do dilema surdo – oralidade.

## **Metodologia:**

A pesquisa realizada pode ser considerada bibliográfica. A análise se apoia no quadro histórico que envolve os sujeitos surdos e na sua nova realidade. Com isso, pode-se ampliar o caminho que percorre o conhecimento deste indivíduo, e pode-se ampliar o entendimento sobre os surdos para que se passe construir uma educação de forma mais efetiva.

## **DESENVOLVIMENTO:**

### **A PRIMEIRA ESCOLA PARA SURDOS E A LÍNGUA DE SINAIS**

A história da educação de surdos para ser analisada e compreendida, precisa considerar as suas transformações incessantemente apesar de



diversos impactos relevantes. A história, por si só já é quase uma sequência de transformações, crises e inquietações, mas também a origem de oportunidades (STROBEL, 2009).

O exercício da cidadania acontece através do envolvimento racional e influente de todos os cidadãos. É preciso que se desenvolva a capacidade de visualizar os diferentes âmbitos sociais de modo crítico, reconhecendo as diferenças históricas e culturais constituídas ao longo do processo histórico (SILVA, 2006). É fundamental entender a forma de como se iniciou a primeira escola para surdos, em Paris na França. É preciso entender o contexto no qual a sociedade estava passando naquele momento. Foi uma carta que desencadeou este processo e deu início a este grande marco na educação de surdos. Um dos controladores geral na França, em 1764, dirigiu aos intendentos o seguinte conselho:

[...] é preciso que a jurisdição de prebostes prendam poucos vagabundos e mendigos ao mesmo tempo; talvez até suas diligências devam voltar-se principalmente para “mendigos inválidos” mais do que para os válidos porque, como os primeiros não têm o recurso de poder trabalhar, é mais difícil impedi-los de mendigar e porque os mendigos válidos, que verão prender até mesmo os inválidos, ficarão muito mais apavorados e muito mais depressa se determinarão a arrumar uma profissão. (CASTEL, 1998, p.140).

Viabilizando uma mudança positiva, o abade L’Epée defendia que o mesmo ouvinte, junto com os surdos considerados vagabundos que moravam nas ruas de Paris, deram início a processos significativos nesta área (CASTEL, 1998). Com esse envolvimento, em 1760, nasceu a primeira Escola Pública para Surdos em Paris, que provavelmente instigado pelas tempestades que dizimavam naquela época a sociedade francesa. Este fato, ligado à história das instituições de surdos, foi um acontecimento decisivo no processo de elaboração e de ampliação da organização educacional, política e social dos surdos no continente europeu e em vários países do continente americano (QUADROS, 2006).

A França, no século XVIII, se encontrava em grandes conflitos internos. Era um autêntico “tonel de pólvora”, que segundo Quadros (2006, p. 20): Os levantes eram permanentes e a pequena burguesia em



expansão, apoiada pelos camponeses e artesãos, não admitiam mais as benesses feudais que ainda predominavam na monarquia francesa, principalmente no Primeiro e Segundo Estado. Outros grupos como os camponeses e artesãos acabaram funcionando como exército de reserva e da força de trabalho, principalmente em função do grande deslocamento dos indivíduos que moravam nos campos e nas oficinas artesanais para as grandes fábricas nas cidades urbanas. Este aglomerado de trabalhadores nas indústrias se transformou na mercadoria básica ao modo capitalista de produção e a força de trabalho. Foram uma grande referência para o início e organização das comunidades surdas (QUADROS, 2006). O modo como ocorreram essas transformações sociais permitiu a organização política, social e educacional dos surdos como relata Manacorda (1999, p. 249), na segunda metade do século XVIII, “[...] a nova produção de fábrica gera o espaço para o surgimento da moderna instituição escolar pública. Fábrica e escola nascem juntas”. A educação, diante das modernas relações sociais determinadas pelo âmbito produtivo, passou a compreender o interesse da burguesia em avançar no processo educacional para as artes mecânicas.

Os surdos eram parte do Terceiro Estado, junto com os camponeses e os artesãos. Eram sujeitos às relações sociais vigentes e também queriam uma condição melhor de vida. Desejavam “ser alguma coisa”, como disse o abade Sievès (MARX, 1996, p. 378 apud QUADROS, 2006, p. 22):

Partícipes desse cenário revolucionário, com transformações profundas no tecido social, juntam-se ao abade L’Epée, talvez por saberem, [...] que “a força do homem isolado é mínima, mas a junção dessas forças mínimas gera uma força total maior do que a soma das forças reunidas” e, nessa junção de forças, criam a primeira Escola Pública para Surdos em Paris.

No convívio diário com os surdos, abade L’Epée percebeu que os gestos cumpriam funções iguais das línguas faladas. Possibilitam uma comunicação ativa entre eles. Foi a partir desta observação que se deu o início do processo de reconhecimento da língua de sinais, não apenas nas exposições orais, mas em exercícios metodológicos desenvolvido em Paris, na primeira Escola Pública para Surdos (QUADROS, 2006).





A língua de sinais foi a essência da prática pedagógica. Os resultados atingidos não se resumiam a um grupo pequeno de alunos atendidos pela atividade do monge beneditino Pedro Ponce de Leon. Skliar (1997, p. 31 apud QUADROS, 2006, p. 23) relatam que:

[...] em 1850, a proporção de surdos professores de crianças surdas alcançava o índice de 50%. Além disso, enfatiza: “Los estudiantes sordos eran alfabetizados e instruidos en la misma proporción que los oyentes”. Na Escola Pública para Surdos em Paris, após cinco ou seis anos de formação, os surdos dominavam a língua de sinais francesa, o francês escrito, o latim e uma outra língua estrangeira também de forma escrita. Além da leitura e da escrita em três línguas distintas, os alunos surdos tinham acesso aos conhecimentos de geografia, astronomia, álgebra, etc., bem como artes de ofício e atividades físicas.

Para tornar a comunidade de Paris sensível ao problema da comunidade surda, conforme Skliar (1997, p. 27 apud QUADROS, 2006), o abade utilizava experiências públicas anuais que mostravam como sua metodologia era efetiva. Para tais amostras, solicitava a presença de diversos filósofos e também educadores.

Em Paris, a Escola Pública para Surdos tinha como base norteadora a formação profissional, cujo resultado era transcrito, na formação de professores surdos para as comunidades surdas e a formação de profissionais em escultura, pintura, teatro e artes como litografia, jardinagem, marcenaria e artes gráficas, além é claro do reconhecimento da língua de sinais. Sánchez (1990, p. 54 apud QUADROS, 2006, p. 24) destacam que:

[...] a divulgação dos trabalhos do abade L’Epée e a adoção de seu método pedagógico em muitas escolas públicas, geralmente com a coordenação direta de ex-alunos da Escola Pública para Surdos em Paris, permitiram aos surdos, não somente da França, mas também em países como Rússia, Escandinávia, Itália e Estados Unidos, a possibilidade de destacarem-se e ocuparem cargos importantes na sociedade de seu tempo.

O povo surdo estava se desenvolvendo e se destacando em seu meio como “ser social”, conquistando seu espaço no meio de trabalho como Aued (1999, p. 28 apud QUADROS, 2006, p. 25), deixa claro que as mãos individualizam as pessoas, pois as mãos hábeis geram saberes diferenciados e artes singulares.



## COMUNICAÇÃO TOTAL E O SURGIMENTO DO BILINGUISMO

Diante dos resultados negativos do oralismo e influenciado pelo Congresso de Milão, desenvolveu-se outra filosofia educacional, denominada Comunicação Total. Seu principal objetivo foi a comunicação do surdo com os ouvintes e também com outros surdos segundo Lacerda (1998). A partir deste momento a oralização não era mais meta principal, mas apenas um dos recursos a mais para ser utilizado. Nesta proposta, os sinais passaram novamente a serem utilizados, mas sem o reconhecimento de uma língua. A estrutura gramatical era totalmente diferenciada em relação aos moldes da língua oral, com sintaxe e morfologia totalmente artificiais (LODI, 2005). As línguas orais, o Francês e Inglês, eram traduzidas de forma literal para os sinais, ao invés de expressarem as ideias que se desejava (SACKS, 1989). A fala e leitura labial eram utilizadas concomitantemente ao uso de sinais (LODI, 2005).

Quanto aos resultados, foram apresentadas melhoras significativas na compreensão e comunicação dos indivíduos, mas na questão de expressão de seus sentimentos, ideias e conceitos abstratos, ainda os mesmos se encontram defasados. A escrita, também não apresentou muitos avanços (LACERDA, 1998). Lodi (2005) descreve que o fato das linguagens utilizadas como gestos, desenhos, sinais, atendiam uma necessidade momentânea para a representação da língua oral, ignorando assim os diferentes tipos de processo de significação.

Incentivada a partir dos anos 1980, a Comunicação Total privilegiava o uso de linguagens artificiais com o único fim a própria comunicação. A educação Bilíngue (LODI, 2005), tendo como princípio o uso da Língua de Sinais, era língua natural dos indivíduos surdos. Esta, segundo Quadros (2006), se distingue dos demais códigos de comunicação, por meio das seguintes características: produtividade ilimitada; criatividade; multiplicidade de funções; arbitrariedade da ligação entre significante e significado; e a articulação desses elementos em dois planos: o do conteúdo e o da expressão.





Com a estruturação das novas leis, uma nova proposta começou a ser utilizada ficando conhecida como bilinguismo. Segundo Kubaski e Moraes (2009, p. 3414), tem-se que: [...] a educação dos surdos passa a ser bilíngue. Nesse sentido, [...] “Quando me refiro ao bilinguismo, não estou estabelecendo uma dicotomia, mas sim reconhecendo as línguas envolvidas no cotidiano dos surdos, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais e o Português no contexto mais comum do

Brasil”. A definição mais imprescindível que a filosofia traz é que os surdos constituem uma comunidade com línguas próprias e culturas. A partir de Stokoe (1960 apud LODI, 2004), passou-se a ver a língua de sinais como realmente uma língua e não apenas como meros gestos. O bilinguismo uma abordagem educacional que propõe qualificar o indivíduo com surdez para o uso de duas línguas: o português na modalidade escrita, sendo a segunda língua; e a Libras como primeira língua.

## CONCLUSÃO

A respeito da trajetória histórica dos sujeitos surdos, conclui-se que os mesmos passaram por diversas fases, no início os mesmos estavam em um contaste desenvolvimento e eram verdadeiramente respeitados por sua cultura, após o Congresso de Milão os mesmos passaram a transitar pela medicina, se tornando deficientes e a serem ensinados pelo método da oralidade que até os dias de hoje assombram a vida de muitos surdos, inclusive confirma-se com os entrevistados os efeitos que o congresso causou no desenvolvimento escolar. Quando se tem noção do quadro histórico que envolve os sujeitos surdos, o sentimento de revolta é muito comum, embora improdutivo. Este conhecimento serve para que se amplie, ao máximo, o pensamento crítico de modo a contribuir para que se realize um trabalho da forma mais correta. Ainda existe uma insistência cruel em caracterizar os surdos como portadores de deficiência e por este motivo perpetuar a visão dos mesmos como seres inferiores e passíveis de correção. Isto nos permite refletir se a sociedade é capaz de se moldar às mais esdrúxulas e injustas exigências do capital



estrangeiro, das elites, das grandes corporações, entre outros, mas não é capaz de fazer as pequenas adaptações necessárias para que os sujeitos surdos tenham uma qualidade de vida melhor e seus direitos assegurados e respeitados também no que concerne a sua educação.

## REFERENCIAS

- GOLDFIELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista.** São Paulo: Plexus Editora, 1997.
- LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. O intérprete de língua de sinais no contexto de uma sala de alunos ouvintes: problematizando a questão. In: LACERDA, C.B.F.; GÓES, M.C.R. (org.). **Surdez: processos educativos e subjetividade.** São Paulo: Lovise, 2000, pp. 51-54.
- \_\_\_\_\_. A prática fonoaudiológica frente as diferentes concepções de linguagem. **Revista Espaço,** Instituto de Educação de Surdo, v.10, p.30-40, 1998.
- LANE, Harlan. **A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada.** Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- LODI, Ana Claudia Balieiro. Plurilinguismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v.31, n.3, p. 409-424, set./dez., 2005.  
Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a06v31n3.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.
- \_\_\_\_\_. Uma leitura enunciativa da língua brasileira de sinais: o gênero contos de fadas. **DELTA [online],** v.20, n.2, pp. 281-310, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v20n2/24271.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.
- KUBASKI, Cristiane; MORAES, Violeta Porto. O bilinguismo como proposta educacional para crianças surdas. **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia.** PUCPR, out., 2009. Disponível em: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3115\\_1541.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3115_1541.pdf)>. Acesso em: 26 de junho de 2016.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **A educação nos setecentos.** 7.ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- PUZISKI, Eduardo Scheffer. **Um mundo de silêncio: 30 anos de história na educação de surdos em Criciúma.** Trabalho de Conclusão de



Curso (Graduação em Pedagogia). Criciúma, SC: UNESC, 2009. QUADROS, Ronice Müller de. **Estudos surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/ParteA.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação. Fundação Catarinense de Educação Especial. **Implementação e acompanhamento do desenvolvimento da educação bilíngue no Estado de Santa Catarina**. São José, 2011.

SILVA, Angélica. **O aluno surdo na escola regular: imagem e ação do professor**. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000276979>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

SKLIAR, C. E. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 5.ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

SOUZA, Eloisio Moulin de (org.). **Metodologias e análíticas qualitativas em pesquisa organizacional [recurso eletrônico]: uma abordagem teóricoconceitual**. Dados eletrônicos. - Vitória: EDUFES, 2014. Disponível em: <<http://www.unihorizontes.br/fnh/wp-content/uploads/2014/09/Metodologias-e-anal%C3%ADticas-qualitativas-em-pesquisa-organizacional-uma-abordagemte%C3%B3rico-conceitual.pdf>>. Acesso em: 20 de agosto de 2016.

STUMPF, Marianne Rossi. **Sistema Signwriting: por uma escrita funcional para o surdo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da UNICAMP**. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/revista/vonsimson.html>>. Acesso em: 20 de j



## DESAFIOS DA ASSESSORIA PEDAGÓGICA DURANTE A PANDEMIA. (RE) SIGNIFICAR DA APRENDIZAGEM

CHALLENGES OF PEDAGOGICAL ADVICE DURING THE PANDEMIC. (RE)  
MEANING OF LEARNING

Flaviane Oliveira Scheffel; Eliana Perez Gonçalves de Moura

Universidade Feevale

**Resumo:** O artigo relata a experiência de assessoria pedagógica realizada pela equipe multiprofissional do Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP). O NAP é um espaço pedagógico da Rede Municipal de Ensino (RME) de Novo Hamburgo/RS, que trabalha na perspectiva da educação inclusiva. Essa assessoria foi oferecida aos professores regentes, professores de Sala de Recursos Multifuncional (SRM), apoiadores à inclusão e equipe diretivas, das escolas onde as crianças e/ou estudantes que são atendidas no NAP estudam. Esse recorte de assessoria aqui relatado, aconteceu no segundo semestre do primeiro ano da pandemia causada pela Covid-19. Faz uma breve retomada histórica do ano de 2020, principalmente no que diz respeito à educação, mostrando a necessidade de um trabalho colaborativo entre os profissionais que trabalham com o público da educação especial e estudantes que se encontram em dificuldades de aprendizagem. Faz uma reflexão a respeito da necessidade e importância da formação continuada docente, dando ênfase às concepções de aprendizagem significativa e o direito de todos aprenderem.

**Palavras-chave:** Assessoria 1 - Educação Inclusiva 2 - Aprendizagem 3 - Pandemia 4

**Abstract:** The article reports the experience of pedagogical assistance carried out by the multidisciplinary team of the Pedagogical Support Center (NAP). NAP is a pedagogical space of the Municipal Education Network (RME) of Novo Hamburgo / RS, which works from the perspective of inclusive education. This advisory was offered to conducting teachers, professors of the Multifunctional Resource Room (SRM), supporters of inclusion and directive staff, from the schools where the children and / or students who are served at NAP study. This advisory cut reported here happened in the second half of the first year of the pandemic caused by Covid-19. It makes a brief historical resumption of the year 2020, mainly with regard to education, showing the need for collaborative work between professionals who work with the special education public and students who are in learning difficulties. It reflects on the need and importance of continuing teacher education, emphasizing the concepts of meaningful learning and the right of all to learn.

**Keyword:** Advisory 1- Inclusive Education 2 - Learning 3 - Pandemic 4

### INTRODUÇÃO

No dia 11 de março de 2020, o Ministério da Saúde brasileiro em consonância com a Organização Mundial da Saúde (OMS) que declarou estado de pandemia, confirmou o primeiro caso de Covid-19 em 26 de fevereiro de 2020, na região Sudeste do país. No Rio Grande do Sul, o primeiro caso foi confirmado no dia 10 de março, na cidade de Campo Bom, município vizinho de Novo Hamburgo.





No dia 16 de março, o decreto estadual nº 55.118/2020, estabelece situação de emergência em saúde e dispôs sobre medidas para o enfrentamento da infecção humana provocada pelo novo coronavírus, entre elas o isolamento social. Daí seguiu-se o decreto municipal nº 9.155/2020, que determinou o fechamento das escolas a partir do dia 23 de março.

Num primeiro momento, a Secretaria Municipal de Educação (SMED) de Novo Hamburgo, fez a opção por manter vínculos com os estudantes e seus familiares, fazendo a recuperação do calendário escolar quando o surto fosse mais brando, o que ocorreu no dia 03 de agosto do ano de 2020.

## A REESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO

A RME é composta por 86 escolas, sendo 34 Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs) e 52 Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs) e 5 Espaços Pedagógicos, um deles é o Núcleo de Apoio Pedagógico - NAP. Trata-se de um serviço de referência para Educação Inclusiva, realizando “Atendimento Educacional Especializado (AEE), em dificuldades de aprendizagem, com diferenças linguísticas (Libras) e em situação de sofrimento psicossocial, assim como o acompanhamento de suas famílias; presta assessorias às escolas e realiza formação de professores/professoras.” (PPP, 2020, p. XX).

A equipe do NAP iniciou o ano de 2020 com muitas expectativas. As reuniões no começo do ano foram envoltas de muitos projetos, mudanças, esperanças de se fazer um trabalho mais potente, a partir de uma assessoria mais próxima dos professores e escolas, dando continuidade a um projeto piloto iniciado em 2019. Então iniciou o período de isolamento social, em decorrência da pandemia, e por alguns dias a frustração, os medos e a sensação de impotência tomou a equipe de trabalho, pois de acordo com suas concepções e crenças, não parecia ser possível realizar o trabalho estando distante das pessoas. Mas, já no final de março, a equipe se reuniu e através da tela, antes nunca usada pela maioria, para uma reunião online e decidiu pensar formas de voltar a fazer os atendimentos de forma remota.

O NAP e as escolas buscaram diferentes alternativas para o ensino remoto e o atendimento educacional especializado, no intuito de não interromper os importantes vínculos já estabelecidos e os que estavam se formando, além de oferecer apoio num momento tão delicado.

Considerando que a escola constitui-se um importante espaço formal de aprendizagem, sendo o aprender um processo inerente à condição humana que permeia as relações que





estabelecemos e não são exclusivas da sala de aula, o NAP, emerge como um lugar de apoio e parceria nesse processo de prática educativa.

Para aprender, o sujeito precisa conectar-se com o que já conhece e autorizar-se a “mostrar” aquilo que sabe, apelando simultaneamente as duas posições subjetivas “aprendente e ensinante”. “Ensinante significa abrir um espaço para aprender. Espaço objetivo e subjetivo em que se realizam dois trabalhos simultâneos: a construção de conhecimentos e a construção de si mesmo, como sujeito criativo e pensante.” (FERNÁNDEZ, 2001 p. 30). A partir da mobilidade entre seus posicionamentos ensinantes e aprendentes, um sujeito constitui-se autor. O sujeito autor, a partir de onde aprende, só se potencializa quando deixa aparecer em si o sujeito ensinante, ou seja, quando se deixa afetar pelo outro - aquele a quem ora ensina e com quem ora aprende.

Compreende-se então que o sujeito constrói um saber a partir da relação entre o conhecimento, quem o oferece e sua história. Nas relações construídas a partir das experiências vividas, que se estabelecem os vínculos e as condições que definem as concepções pessoais sobre si e os demais. Zaballa (1998) afirma que não é possível ensinarmos sem nos determos nas referências de como os alunos aprendem, chamando a atenção para as particularidades dos processos de aprendizagem de cada aluno (diversidade). Sabe-se também que um dos aspectos de maior relevância para ocorrer a aprendizagem é o processo de interação com o meio que se vive e com o outro, havendo, no entanto, como consequência desse isolamento, um abrupto rompimento da relação aluno e o outro (professor – colega – amigos).

No contexto da pandemia, o conceito de aprendizagem precisou ser ampliado, considerando as experiências cotidianas, as novas formas de relação, interação e comunicação, as novas formas de ser e fazer permeadas pela tecnologia. Aprender de forma remota tem exigido muito de todos: crianças, estudantes, professores e familiares.

Esse constante aprendizado, a partir de novas experiências tem ocupado uma centralidade no processo e os aspectos objetivos e subjetivos precisam ser considerados. Podemos citar exemplos que ilustram aspectos de ordem objetiva quando aprendemos sobre a necessidade do uso correto da máscara, a importância de higienizar as mãos com água e sabão ou álcool em gel, fazer o distanciamento social, o ensino remoto, assim como aprendizagens subjetivas estão presentes na construção da relação pessoal de cada um com a situação pandêmica, seja pela intensidade com que a pandemia afeta a sua vida e a de sua família economicamente ou emocionalmente.





Encontrar possibilidades de atuar, de relacionar teoria e prática não é uma tarefa simples, especialmente nesse contexto. Não há uma mesma dinâmica e sequência de atividades para todos; é preciso conhecer o sujeito para compreender suas necessidades, às quais, em determinadas situações são comuns a outros estudantes. Em situações específicas, pode demandar muito mais do que uma metodologia diferenciada, o que implica ter sensibilidade suficiente para perceber que a pessoa está para além das suas dificuldades de aprendizagem, da sua deficiência ou condição por ela apresentada e que, quando acolhida com respeito, seu desenvolvimento pode superar muitas das suas dificuldades. Diante desses desafios, a equipe do NAP teve um papel importante nessa reestruturação do trabalho pedagógico, através das assessorias aos professores da RME.

## **ASSESSORIAS PEDAGÓGICAS NA CONSTRUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGENS**

O trabalho de assessoria aos professores e professoras da RME pela equipe do NAP, iniciou no ano de 2019, a partir das demandas que se repetiam nos encaminhamentos dos estudantes ao NAP. Os profissionais percebiam uma fragilidade no fazer pedagógico, principalmente no que se refere à acessibilidade e flexibilização curricular. Naquele período, o cenário da RME marcado por uma renovação considerável em seu corpo docente já apontava importantes desafios cotidianos da prática pedagógica que exigiam a necessidade da formação constante do/da professor/professora, baseada no modelo de formação em serviço a partir de situações reais. Também já se verificava a necessidade da oferta de uma escuta sensível aos/as professores/as, bem como de uma rede de apoio pedagógico mais específico, com a finalidade de refletir/discutir estratégias para que todos de fato aprendam.

Em agosto de 2020, a RME reiniciou o ano letivo por meio de atividades remotas; foram retomados também os atendimentos, de forma mais sistemática, às crianças e adolescentes do NAP também através dessa modalidade remota, contingencialmente. Naquele momento, as assessorias aos/as professores/professoras foram retomadas pressionadas pelos mesmos desafios detectados desde 2018, porém, intensificados diante de tantas fragilidades apresentadas pelo contexto da pandemia, em especial pelo modo remoto de interação. Nesse contexto, a dificuldade de se planejar e orientar atividades para os estudantes com deficiências, transtornos ou em dificuldade de aprendizagem, torna-se ainda maior, no modo remoto.



As assessorias aos/às professores/as foram marcadas com as escolas, com uma semana de antecedência. Já no agendamento foi exposto o objetivo desses momentos, como um espaço para partilhas de conhecimentos, parcerias, cumplicidades e reciprocidades para a efetivação do processo de aprendizagem e reflexões sobre a prática pedagógica dos envolvidos, contemplando as especificidades, possibilidades e potencialidades do estudante, neste caso dos estudantes atendidos no NAP, em um momento tão sensível a todos.

Os encontros virtuais ocorreram por meio da plataforma Google Meet, sendo que cada um tinha o seu link de acesso específico ao ambiente virtual utilizado. Desse modo, foram agendadas 263 assessorias, entre os dias 17 de agosto até o dia 18 de setembro. Destes agendamentos, as escolas estiveram presentes em 231 reuniões no primeiro agendamento, foram reagendados 19 encontros, e destes 11 houveram participação.

Esses momentos foram marcados pelo envolvimento dos que participaram. Constatou-se que, em algumas escolas, o contato com esses estudantes, especificamente, iniciou após este encontro com o NAP. Também se percebeu que parte das escolas ainda não havia pensado em propostas adaptadas para o público da educação especial. A partir dessas experiências, destaca-se a necessidade de que a formação de professores ocorra de forma cooperativa e colaborativa entre os profissionais que atuam com o público da educação especial. Mendonça e Silva (2015) sinalizam que:

[...] se fazem necessárias dinâmicas de formação mais co-laborativas que permitam aos professores uma análise conjunta de suas próprias ações pedagógicas, um aprofundamento e uma sistematização de seus conhecimentos por meio do fortalecimento de seus coletivos profissionais, da ressignificação dos espaços de coordenação pedagógica coletiva e, conseqüentemente, de suas próprias atuações (p. 524).

Algumas escolas surpreenderam positivamente por estarem realizando um trabalho de busca ativa a todos os estudantes. Todas as equipes que estiveram presentes nas reuniões de assessorias se mostraram muito receptivas e abertas ao grupo de profissionais do NAP, estabelecendo vínculos importantes para o fortalecimento desse trabalho em rede.

Muitos dos/das professores/professoras que participaram das assessorias, não conheciam seus estudantes, pois tiveram pouco tempo de contato no início do ano e logo entramos em isolamento social, mas todos se mostraram muito sensibilizados com a proposta de acolhimento e intervenções afirmativas para aprendizagem dos seus estudantes.



Um dos maiores desafios para professores que trabalham nas escolas de Educação Básica é preparar os alunos com deficiência ou em dificuldade de aprendizagem, para independência e autonomia, para interagir socialmente e para o mundo do trabalho. Esta tarefa exige mais do que simplesmente cumprir os conteúdos acadêmicos do currículo formal. Com a pandemia e a proposta de ensino de modo remoto, os/as professores/professoras relataram nas assessorias aos profissionais do NAP, que os desafios e as dificuldades se ampliam. Foi percebida uma ênfase nas dificuldades dos estudantes, e não nas potencialidades que esses apresentam, logo, é importante reconsiderar o trabalho educativo e o papel da escola como ferramentas fundamentais para ocorrência da aprendizagem, conforme Vygotsky, 2006

A aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, a esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não naturais, mas formadas historicamente. (p. 115)

Aí o trabalho de assessoria foi de ressignificar esse olhar, impulsionando para uma reflexão de expectativas frente às potencialidades que cada estudante apresentava. Para Moreira (2011), “(...) na elaboração do novo conhecimento, as ligações cruzadas que representam ligações entre conceitos, em diferentes segmentos ou domínios do conhecimento, muitas vezes, evidenciam saltos criativos por parte do estudante.” (p. 52). Nessa perspectiva, o trabalho foi de repensar as propostas de trabalho e o currículo, a partir dos conceitos e conhecimentos individuais de cada estudante. “O currículo é um território de construção de identidades, então, cabe à escola buscar a construção da identidade inclusiva, a qual objetiva acolher, atender e trabalhar com todos os alunos de forma equitativa.” (BARBOSA; PRZYLEPA, 2020, p. 133).

O trabalho de assessoria continuou durante o período, sendo que no ano letivo de 2020, sendo que a última teve como objetivo o planejamento terapêutico e pedagógico, de cada estudante, para o ano de 2021.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia da Covid-19 que, de forma penosa, forçou um afastamento do professor e do estudante, denunciando as fragilidades no fazer pedagógico de forma remota. No que se refere a acessibilidade e flexibilização curricular os desafios se





alteram e aumentam, sendo necessário um aporte e uma escuta mais sensível e específica ao professor, que também precisou se reinventar para ensinar em um momento tão diferente.

## REFERENCIAIS

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Adaptações curriculares. Brasília: MEC, 1999.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases para a educação especial**. Brasília: MEC, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC, 2008.

\_\_\_\_\_. **Lei Brasileira de Inclusão nº 13146**. Brasília: MEC, 2015.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Nacionais Orientadoras para Implementação dos Dispositivos da Lei nº 14.040**. Brasília: Resolução nº 2 CNE/CP, 2020.

\_\_\_\_\_. **PARECER CNE/CP Nº 9/2020**, aprovado em 8 de junho de 2020 - Reexame do Parecer CNE/CP no 5/2020, que tratou da reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da Covid-19. CNE/CP, 2020.

\_\_\_\_\_. **PARECER CNE/CP Nº 11/2020**, aprovado em 7 de julho de 2020 - Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia. CNE/CP, 2020.

NOVO HAMBURGO. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. **Fundamentos e Concepções da Rede Municipal de Ensino**: documento orientador – Caderno 1. Novo Hamburgo, 2019.

\_\_\_\_\_. **Organização da ação pedagógica**: Ensino Fundamental e EJA: documento orientador – Caderno 3. Novo Hamburgo, 2020.

\_\_\_\_\_. **Projeto Político Pedagógico** - Núcleo de Apoio Pedagógico – NAP, Novo Hamburgo, 2020

\_\_\_\_\_. **Parecer CME/NH nº 8/2020**. Novo Hamburgo: CME/NH, 2020.

\_\_\_\_\_. **Resolução CME/NH nº 16/2020**. Novo Hamburgo: CME/NH, 2020.

\_\_\_\_\_. **Documento Orientador para Elaboração do Plano de Contingência para Prevenção, monitoramento e Controle do novo coronavírus COVID-19**. Novo Hamburgo: SMED, 2020.

FERNÁNDEZ. Alicia. **Os idiomas do aprendente: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas, e meios de comunicação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

MENDONÇA, F.L.R.; SILVA, D.N.H. **A formação docente no contexto da inclusão: para uma nova metodologia.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v.45, n.57, p.508-526, 2015.

MOREIRA, M. A. **Unidades de Enseñanza Potencialmente Significativas-UEPS.** Aprendizagem Significativa em Revista, Porto Alegre, v.1, n.2, p.43-63, 2011.

PLETSCH, Márcia Denise; SOUZA, Flávia Faissal de. **Fórum de Educação Especial da Baixada Fluminense: pesquisa e extensão na formação de professores.** Revista Inclusão Social, Brasília, DF, v.11 n.1, jul./dez. 2017, disponível em <http://revista.ibict.br/inclusao/issue/view/254>, último acesso em fevereiro de 2021.

SARDAGNA, Helena Venites. **Práticas normalizadoras na Educação Especial: Um estudo a partir da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo - RS.** Tese de Doutorado, Programa de pós Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Novo Hamburgo, 2008

VYGOTSKI, L.S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar.** In: VYGOTSKI, L.S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (Org.). Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone. 2006.

BARBOSA, Karina P; PRZYLEPA, Cristiane P. P. M. **O Trabalho Pedagógico Do Professor De Apoio Na Inclusão De Alunos Com Transtorno Do Espectro Autista.** Revista Educação Especial em Debate, v. 5, n. 9 jan./jun. 2020 Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/reed>, último acesso em março de 2021





## AUTONOMIA E QUALIDADE DE VIDA: A PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS DE CADEIRA DE RODAS

AUTONOMY AND QUALITY OF LIFE: THE PERCEPTION OF WHEELCHAIR USERS

Bruna Henkel Ferro Wiklicky; Jacinta Sidegum Renner; Camila Lopes

Universidade Feevale

**Resumo:** O objetivo deste estudo consistiu em compreender a percepção dos usuários de cadeira de rodas acerca da qualidade de vida no seu cotidiano. Em termos metodológicos, esta pesquisa se caracteriza como aplicada, descritiva e participante, com análise e discussão de dados sob o paradigma qualitativo. O grupo de colaboradores foi constituído por nove usuários de cadeira de rodas da Associação dos Lesados Medulares do Rio Grande do Sul (LEME). A análise dos dados ocorreu pelo método de análise de discurso e de triangulação de dados. Os resultados indicaram que os colaboradores desejam realizar as suas tarefas diárias sem depender do auxílio de outra pessoa, sendo que a percepção de qualidade de vida está intrinsecamente relacionada à obtenção de autonomia no cotidiano. Por fim, destaca-se que devem ser consideradas as condições dos ambientes públicos e privados, sendo a acessibilidade arquitetônica um fator determinante para que a autonomia se evidencie de forma efetiva no dia a dia dos colaboradores.

**Palavras-chave:** Pessoas com deficiência. Cadeiras de rodas. Qualidade de vida. Autonomia.

**Abstract:** The aim of this study was to understand the perception of wheelchair users about the quality of life in their daily lives. In methodological terms, this research is characterized as applied, descriptive and participatory, with analysis and discussion of data under the qualitative paradigm. The group of collaborators consisted of nine wheelchair users from the Association of Spinal Cord Injuries in Rio Grande do Sul (LEME). Data analysis was carried out using the method of discourse analysis and data triangulation. The results indicated that collaborators want to carry out their daily tasks without depending on the help of another person, and the perception of quality of life is intrinsically related to obtaining autonomy in their daily lives. Finally, it is emphasized that the conditions of public and private environments must be considered, with architectural accessibility being a determining factor for autonomy to be effectively demonstrated in the daily lives of collaborators.

**Palavras-chave:** Disabled persons. Wheelchairs. Quality of life. Autonomy.

### INTRODUÇÃO

A deficiência é uma manifestação da diversidade humana. Neste sentido, a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD) reconhece a diversidade das pessoas com deficiência, sendo a deficiência um conceito em evolução, resultante da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas (BRASIL, 2009). De acordo com o Relatório Mundial sobre as pessoas com deficiência, mais de um bilhão de pessoas em todo o mundo convivem



com algum tipo de deficiência, ou seja, cerca de 15% da população mundial, dentre os quais cerca de 200 milhões possuem dificuldades funcionais consideráveis (OMS, 2012).

No Brasil, 23% da população possui algum tipo de deficiência, ou seja, mais de 45 milhões de pessoas. Dentre elas, 13 milhões apresentam alguma lesão motora (IBGE, 2010), que é definida pela alteração no aparelho locomotor, que abrange o sistema osteoarticular, muscular e nervoso. Estas lesões podem gerar quadros de limitação física de grau e gravidades diferentes e em muitos casos se faz necessária a utilização de cadeira de rodas como forma de locomoção (BRASIL, 2006). Além da cadeira de rodas ter um papel importante para a locomoção das pessoas com deficiência motora, também proporciona a participação dessas pessoas em várias atividades, o que resulta em uma maior autonomia tanto em casa como na sociedade (CHAVES *et al.*, 2004), e por consequência, oferece uma melhor Qualidade de Vida (QV).

Quando se trata de QV, é de consenso que existem múltiplos conceitos para o termo, o que torna a sua definição complexa. Minayo *et al.* (2000) afirmam que o termo abrange diversos significados que exprimem conhecimentos, experiências e valores de indivíduos e coletividades que a ele se atribuem em épocas diferentes, espaços e histórias distintas, sendo, portanto, uma construção social com a marca da relatividade cultural. Neste contexto, a OMS (1988) traz como concepção de QV, a percepção que o indivíduo possui de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. É uma concepção extremamente ampla que abrange a questão de saúde como um todo, desde o estado físico e psicológico do indivíduo, nível de independência, relações sociais, crenças pessoais, até na sua relação com o meio ambiente. Almeida *et al.* (2012) mencionam que uma boa percepção de QV dependerá das possibilidades que os indivíduos tenham de atender de forma adequada às suas necessidades básicas (ligada à capacidade de realização individual). Ou seja, uma boa ou má percepção sobre a vida é correspondente à qualidade do ambiente em que se encontra o sujeito, ao oferecimento de condições de realização e de satisfação das necessidades fundamentais que a sociedade estabelece como essenciais, e que o indivíduo toma e deseja, ou não, como realidade para sua própria vida.

Desta forma, ressalta-se que a obtenção da autonomia na realização das tarefas diárias é indispensável para a promoção da QV das pessoas com deficiência. O conceito de autonomia está ligado diretamente ao controle e à liberdade que o indivíduo possui em assumir decisões



sobre si mesmo, seu corpo e sobre o ambiente mais próximo (PRADO, 2005; SASSAKI, 2006; MELLO, 2010). Neste sentido, a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD) reconhece a importância da autonomia para as pessoas com deficiência, inclusive da liberdade para fazer as suas próprias escolhas, e a plena capacidade física, mental, social e profissional, bem como plena inclusão e participação em todos os aspectos da vida (BRASIL, 2009).

Em se tratando do diferencial desta pesquisa que é de abordagem qualitativa sobre a percepção de QV para os usuários de cadeira de rodas, encontrou-se na literatura brasileira um estudo realizado por Santos *et al.* (2017), no qual foi realizada uma revisão sistemática da literatura, referente a artigos publicados no período de 2000 e 2014. Os resultados indicaram somente 37 artigos sobre o tema QV focando as pessoas com deficiência, sendo que na sua maioria, sobre a saúde na perspectiva médica. Dos 37 artigos, somente 3 estão baseados na abordagem qualitativa. Os estudos publicados com mais recorrência tendem a discutir a abordagem de QV focada no público de pessoas com deficiência em maior parte sob a perspectiva quantitativa, usando instrumentos de pesquisa já validados.

No entanto, neste estudo temos como principais fontes de dados o convívio com o público alvo a partir da pesquisa participante. Neste ambiente de pesquisa, identifica-se uma dimensão subjetiva que vai além das questões preestabelecidas pelas pesquisas quantitativas. Encontra-se um universo de subjetividades que tende a inquirir o leitor a uma visão mais própria das ciências sociais. Diante deste contexto, o objetivo geral desta pesquisa foi compreender a percepção dos usuários de cadeira de rodas acerca da qualidade de vida no seu cotidiano.

No que se refere à abordagem metodológica, do ponto de vista de sua natureza, esta pesquisa caracteriza-se como pesquisa aplicada. Quanto aos seus objetivos, é uma pesquisa descritiva, e quanto aos seus procedimentos técnicos, caracteriza-se como uma pesquisa de campo e pesquisa participante. A abordagem do problema se dá pelo paradigma qualitativo (PRODANOV; FREITAS, 2013). Optou-se por este tipo de pesquisa em razão da sua potencialidade em aprofundar a complexidade dos fatos e fenômenos particulares dos usuários de cadeira de rodas, e por consequência, conhecer a realidade tal como esses sujeitos sentem, percebem, ou vivem o fenômeno pesquisado. O grupo de colaboradores se constituiu de forma não probabilística por conveniência e foi composto por nove colaboradores usuários de cadeira de rodas. O campo de estudo foi a Associação de Lesados Medulares do Rio Grande do Sul



(LEME), de Novo Hamburgo. A LEME é uma associação civil filantrópica que presta assistência a pessoas com deficiência medular e deficiência física.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados, a pesquisa contou com a observação participante e entrevista aberta. A observação participante consiste na relação direta do pesquisador com os interlocutores, onde o pesquisador participa da vida social destes para colher dados e compreender o contexto de pesquisa (MINAYO, 2009). Já a entrevista aberta, teve como principal objetivo coletar as informações e narrativas sobre a percepção dos colaboradores, a respeito do significado de QV no cotidiano por eles vivenciado. Minayo (2014) menciona que a entrevista aberta é utilizada quando o pesquisador deseja obter o máximo de informações possíveis segundo as visões dos entrevistados em questão, na qual a ordem dos assuntos tratados não obedece a uma sequência rígida, sendo determinada constantemente pelas próprias preocupações, relevâncias e ênfases que o entrevistado dá ao tema tratado.

A análise e discussão de resultados ocorreu pela análise de discurso e triangulação de dados. Na análise de discurso é realizada uma reflexão e inferência sobre as circunstâncias de produção e apreensão da significação de textos ou de discursos (MINAYO, 2014; PÊCHEUX, 1988), no caso desta pesquisa, busca-se compreender as formas de produção dos sentidos de aspectos trazidos nos relatos dos colaboradores quando questionados acerca de sua QV. Já na triangulação de dados, os colaboradores são incluídos não apenas como objetos de análise, mas, principalmente como sujeitos de autoavaliação, uma vez que são inseridos na construção do objeto de estudo (MINAYO, 2014). Para garantir o sigilo da identidade dos colaboradores, seus nomes foram substituídos por nomes de plantas.

Antes de iniciar a pesquisa, foi entregue aos colaboradores o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que tivessem ciência da sua contribuição no estudo, bem como, para a permissão de uso das informações coletadas. Também foi solicitada a autorização para que as entrevistas pudessem ser gravadas. Ressalta-se que este estudo é um recorte da dissertação de uma das autoras, intitulado “Design Ergonômico como ferramenta para a inclusão social: o caso dos usuários cadeirantes” (FERRO, 2017), que esteve integrado ao macroprojeto de pesquisa “Desenvolvimento de produtos e adaptações ergonômicas para a cadeira de rodas”, aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Feevale sob o nº 49410815.2.0000.5348. O estudo teve o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), pelo Programa Pesquisador Gaúcho.



## DESENVOLVIMENTO

Com a finalidade de caracterizar o público alvo desta pesquisa, expõe-se alguns aspectos relacionados ao perfil dos colaboradores. Dos nove usuários de cadeira de rodas, sete são do sexo masculino e dois do sexo feminino, com idades entre 26 e 50 anos, com média de idade de 32 anos. Oito possuem lesão medular, e um possui atrofia muscular espinhal. O tempo de utilização da cadeira de rodas variou entre dois anos e 26 anos de uso da cadeira de rodas.

Após a análise das entrevistas, verificou-se que os colaboradores trouxeram de modo representativo a questão da autonomia como percepção de QV no seu cotidiano. Observa-se que conforme a linha teórica utilizada, os termos independência e autonomia tendem a ter o mesmo sentido conceitual. Neste artigo será utilizado o termo autonomia preconizado por Sasaki (2006), um dos autores referência na discussão sobre as pessoas com deficiência e inclusão social.

Em relação às diferenças entre os conceitos de “autonomia” e “independência”, Sasaki (2006) explica que uma pessoa com deficiência pode não ser totalmente autônoma em certo ambiente físico, porém, ela pode ter independência suficiente para solicitar ajuda física de algum outro indivíduo para superar determinadas barreiras arquitetônicas. Um exemplo disto, é a pessoa com lesão medular, que pode não ser capaz de se vestir sozinha em razão de restrição de autonomia, mas pode ter independência para decidir e escolher que tipo de roupa vestir. Evidencia-se então, que dependendo do tipo ou grau da deficiência, a pessoa pode não realizar sozinha certas atividades, vindo a depender de assistência ou de cuidador.

De acordo com Prado (2005), a competência de cuidar de si mesmo é uma questão fundamental para que a autonomia esteja presente, e quando o indivíduo precisa permanecer sob os cuidados de outra pessoa, sua liberdade fica comprometida. Desta forma, subentende-se que a falta de autonomia gera a dependência, o que ocasiona a incapacidade do indivíduo de interagir com o meio de maneira objetiva. Nesse sentido, quando questionado acerca da percepção de QV, o colaborador Hibisco relata: “é poder fazer as coisas que eu tenho vontade de fazer... Eu quero fazer, eu vou e faço”. Corroborando com isso, o colaborador Epidendro diz que QV é:

Poder me deslocar e fazer, e ter a liberdade de eu fazer as coisas sem depender muito dos outros. Tu conseguir fazer praticamente tudo sozinho. [...], eu faço comida, eu tomo banho, eu vou pra cama, eu saio, pego um ônibus, se eu quiser ir para [nome da cidade] hoje eu vou sozinho sem depender de ninguém, isso daí é muito bom (COLABORADOR EPIDENDRO).



Ou seja, os colaboradores expõem de forma evidente o desejo de terem autonomia na realização das tarefas do dia a dia. O Epidendro relata que QV é ter a liberdade para realizar o que almeja de forma autônoma, sem depender do auxílio de outra pessoa. As atividades citadas por ele são consideradas como Atividades de Vida Diária (AVD), as quais são definidas como uma área do desempenho ocupacional, composta pelas atividades de autocuidado, como banho, alimentação, vestuário, etc. (AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION, 2008). Lidar com o transporte público, conforme citado, também faz parte das AVD.

Nesta perspectiva, Sasaki (2006) afirma que ter maior ou menor autonomia significa que a pessoa tem maior ou menor condições de controle nos diversos ambientes físicos e sociais que ela queira e/ou necessite frequentar para atingir seus objetivos. O grau de autonomia deriva da relação entre o nível de prontidão físico-social da pessoa e a realidade de um determinado ambiente físico-social. Tal como, uma pessoa com deficiência pode ser autônoma para descer de um ônibus, cruzar uma avenida e deslocar-se dentro de um prédio para cuidar de seus negócios, sem ajuda de ninguém nesta trajetória. Já outra pessoa com deficiência pode não ser tão autônoma e, em vista disso, necessitar de auxílio para superar algum obstáculo do ambiente físico. Sendo que a prontidão físico-social e o ambiente físico-social podem ser modificados e desenvolvidos.

Em complemento, Andrich (2002) diz que a autonomia não significa intrinsecamente fazer as atividades sem auxílio, e muito menos é uma característica exclusiva de quem tenha uma habilidade cognitiva plena. Ou seja, uma pessoa que dependa de outra em alguma situação em razão de suas limitações físicas ou cognitivas, poderá sempre almejar a um nível de autonomia que esteja em conformidade com as próprias expectativas ou com o próprio ambiente. Portanto, mesmo que o usuário de cadeira de rodas não possua uma capacidade funcional expressiva para a realização de determinadas atividades, realizá-las sem a ajuda de outra pessoa incentiva ainda mais a sua realização pessoal, e por consequência, a sua autonomia.

Para o colaborador Lupino, QV é: “tu poder fazer as tuas atividades. Se eu tenho vontade de ir num lugar, eu vou, mesmo que eu não vou ter o mesmo acesso que quem caminha tem, mas eu vou, a gente dá um jeito”. Quando Lupino se refere a não ter o mesmo acesso de quem caminha tem, ele se refere a acessibilidade dos locais públicos e privados, fator este, determinante para que a autonomia se evidencie de forma efetiva. Sobre esta questão, Prado (2005) alega que para poder viver com QV em um ambiente acolhedor e adaptado às diferentes necessidades, devem ser considerados desde as calçadas e o acesso à moradia (assim como



todos os ambientes internos da moradia, como: sala de estar, dormitórios, cozinha e banheiro), e também devem ser avaliadas e consideradas todas as condições de circulação e acessibilidade, visando a melhoria da QV. Neste sentido, a Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015, em seu artigo 3º, inciso 1, define a acessibilidade como:

Possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2015).

A acessibilidade só é alcançada quando os espaços são convidativos, fáceis de percorrer e de entender, e são promotores de encontro e convívio com o outro (DUARTE; COHEN, 2010). Quando Lupino relata que, mesmo que o ambiente em que estiver não tenha o mesmo acesso de quem caminha, ele vai sempre “dar um jeito” de ter este acesso, evidencia que os ambientes sociais ainda não estão preparados para recebê-lo, muito menos são espaços convidativos e fáceis de percorrer. Não é obrigação de Lupino “dar um jeito”, mas sim da sociedade, que deve adaptar os ambientes para o acesso as estruturas arquitetônicas. Portanto, comprova-se que a condição do ambiente é um importante aspecto a ser considerado para garantir a QV do indivíduo, sendo o ambiente correspondente às necessidades e dificuldades de seus frequentadores, para que eles possam obter a autonomia.

No mesmo sentido, a colaboradora Tulipa diz: “Hoje como cadeirante o que eu tomei para mim como QV foi o momento que eu fiz minha carteira de motorista. Pois antes eu dependia de todo mundo, não podia sair”. Isto é, com a carteira de motorista em mãos e o direito de dirigir seu carro adaptado, a Tulipa conquista a sua autonomia, sem depender de ninguém para levá-la ao local de trabalho, ou qualquer lugar que deseja ir. Todavia, reitera-se que a autonomia de forma isolada não é suficiente para que a vida independente, a autodeterminação, a inclusão no trabalho ou no meio social, ocorram com maior êxito. Andrich (2002) relata que, para que estes propósitos se realizem, necessita-se ter acessibilidade nos ambientes, disponibilidade de serviços, cultura da inclusão, etc. Portanto, entende-se que para a autonomia de Tulipa ser exercida de forma plena, a acessibilidade arquitetônica torna-se questão imprescindível no seu dia a dia.

Corroborando com os achados, Aguirre et al. (2003) afirmam que as pessoas com deficiência podem participar da vida em sociedade, a não ser que a própria sociedade lhes



imponha barreiras infranqueáveis. Pois, mesmo que essas pessoas tenham diversas dificuldades decorrentes de suas próprias condições pessoais, elas têm competências subsistentes para se mover pelo meio urbano, para conviver, para se educar, para ser ativas, entre outros. A acessibilidade surge então como condição imprescindível na sociedade, permitindo que todos possam usufruir das mesmas oportunidades em educação, trabalho, saúde, lazer, turismo e cultura (NERI, 2003). Ressalta-se que a acessibilidade não diz respeito somente aos usuários de cadeira de rodas e as pessoas com deficiência em geral, e sim à toda sociedade, que enfrenta alguma dificuldade temporária ou permanente, como exemplo das gestantes, dos idosos, das pessoas com deficiência visual, etc.

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve por objetivo compreender a percepção dos usuários de cadeira de rodas acerca da qualidade de vida no seu cotidiano. A partir dos resultados das entrevistas, ficou evidente que os colaboradores desejam realizar as suas tarefas diárias sem depender do auxílio de outra pessoa, sendo a sua qualidade de vida relacionada à obtenção de autonomia na realização destas tarefas.

A falta de autonomia gera dependência, sendo que quando o usuário de cadeira de rodas precisa permanecer aos cuidados de outra pessoa, a sua liberdade fica comprometida. Porém, ressalta-se que mesmo que uma pessoa dependa de outra em determinada situação em razão de suas limitações físicas ou cognitivas, esta pessoa poderá sempre almejar a um nível de autonomia que esteja em conformidade com as próprias expectativas ou com o próprio ambiente.

Importante destacar que, para melhorar a qualidade de vida para os usuários de cadeira de rodas, devem ser consideradas as condições dos ambientes públicos e privados, sendo a acessibilidade arquitetônica um fator determinante para que a autonomia se evidencie de forma efetiva. Salienta-se que a acessibilidade não diz respeito somente aos usuários de cadeira de rodas, e sim a toda sociedade que enfrenta alguma dificuldade temporária ou permanente, como exemplo das pessoas com deficiência em geral, das gestantes, dos idosos, etc.

## REFERÊNCIAS

AGUIRRE, R. S.; et al. **Recreação e turismo para todos**. Caxias do Sul: Educs, 2003. 131 p.



AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION. Occupational Therapy Practice Framework: Domain & Process. **Am Journ of Occ Ther**, v. 62, n. 6, p. 625-683, 2008.

ALMEIDA, M. A. B. de; GUTIERREZ, G. L.; MARQUES, R. **Qualidade de vida**: definição, conceitos e interfaces com outras áreas de pesquisa. Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH/USP, São Paulo, 2012, 141p.

ANDRICH, R. **Empowerment ed Educazione al'Autonomia**. 2002. Convegno Gli ausili informatici nella promozione dell'autonomia: riabilitazione, educazione, integrazione. Disponível em: <[http://www.andrich.cloud/wp-content/uploads/2019/08/2002\\_Prato\\_Andrich\\_Empowerment.pdf](http://www.andrich.cloud/wp-content/uploads/2019/08/2002_Prato_Andrich_Empowerment.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual da Legislação em Saúde da Pessoa com Deficiência**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. **Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Brasília, DF: Presidência da República, 2009. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm)>. Acesso em: 14 nov. 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)>. Acesso em: 19 nov 2020.

CHAVES, E. A.; BONINGER, M. L.; COOPER, R.; FITZGERALD, S. G.; GRAY, D. B.; COOPER, R. A. Assessing the influence of wheelchair technology on perception of participation in spinal Cord injury. **Arch Phys Med Rehabil**, v. 85, n. 11, p. 1854-1858, 2004.

DUARTE, C. R.; COHEN, R. Acessibilidade como fator de construção do lugar. In: PRADO, A. R. A. *et al.* (org.). **Desenho universal**: caminhos da acessibilidade no Brasil. São Paulo, SP: Annablume, 2010.

FERRO, B. H. **Design ergonômico como ferramenta para a inclusão social**: o caso dos usuários cadeirantes. 2017. 214 f. Dissertação (Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2017.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_Religiao\\_De\\_ficiencia/tab1\\_3.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_De_ficiencia/tab1_3.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2019.

MINAYO, M. C. S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; organizadores. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, p. 61-78, 2009.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, SP: Hucitec, 2014. 416 p.

MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.7-18, 2000.

NERI, M. **Diversidade:** Retratos da deficiência no Brasil. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2003. 188 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Promoción de la salud:** glosario. Genebra: OMS, 1998.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Relatório mundial sobre a deficiência (OMS/WHO). São Paulo: **Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência**, 2012.

Disponível em:

[https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020\\_por.pdf;jsessionid=24392254295298D912C85EC3E714062C?sequence=4](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020_por.pdf;jsessionid=24392254295298D912C85EC3E714062C?sequence=4). Acesso em: 28 nov. 2019.

PRADO, A. R. A. A arte de bem morar na velhice. In: PACHECO, J.; PY, L.; SÁ, J. L. (org.). **Tempo:** rio que arrebatava. Holambra: Ed. Setembro, p.27-44, 2005.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013. 277 p.

SANTOS, D. B.; GARCIA, M. G.; BARBA, P. C. S. D. Qualidade de vida das pessoas com deficiência: revisão sistemática no âmbito de trabalhos brasileiros publicados em bases de dados. **R. bras. Qual. Vida**, v. 9, n. 1, p. 45-62, 2017.

SASSAKI, R. K. **Inclusão:** construindo uma sociedade para todos. 7ª ed. Rio de Janeiro, RJ: WVA, 2006. 176 p.





## SEMINÁRIO CRIANÇA NA MÍDIA: UMA EXPERIÊNCIA EM PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO

CHILDREN IN MEDIA SEMINAR: AN EXPERIENCE IN RESEARCH, TEACHING AND  
EXTENSION

Vitória Brito Santos; Sarai Schmidt

Universidade Feevale

**Resumo:** O presente texto parte de experiências vivenciadas no âmbito do Grupo de Pesquisa Criança na Mídia: núcleo de estudos em Educação, Comunicação e Cultura, da Universidade Feevale. Tem como foco uma reflexão sobre o Seminário Criança na Mídia, desenvolvido pelo grupo a partir de lógicas e processos que envolvem a tríade: pesquisa, ensino e extensão. Tendo como objetivo discorrer sobre a importância desses pilares e como eles são indissociáveis quando se procura um fazer acadêmico que tenha como função o impacto social, econômico e intelectual. O Resumo Expandido está estruturado em uma Introdução, na qual revejo as lógicas da tríade, bem como, seu surgimento legal. Seguido de uma sessão sobre o Seminário Criança na Mídia e sua vinculação com a pesquisa, o ensino e a extensão. Após, apresento uma reflexão sobre ações envolvendo o Seminário e como isso está relacionado aos pilares. Por fim, as considerações finais, nas quais discorro sobre o movimento e as possibilidades da associação entre eles.

**Palavras-chave:** Pesquisa. Ensino. Extensão. Seminário. Criança na Mídia.

**Abstract:** The following text comes from experiences lived in the scope of Children in Media Research Group: study center in Education, Communication and Culture, from Feevale University. It focus on a reflection about Children in Media Seminar, developed by the group and parting from logics and processes that embrace the triad: research, teaching and extension. The objective is to discuss about the importance of those pillars and how they are inseparable when it comes to an academic making that aims a social, economic and intellectual impact. The Expanded Resume is structured in an Introduction, on which I revise the logics of the triad, as well as its legal appearance. Following, there is a section about the Children in Media Seminar and its connection with the research, the teaching and the extension. Then, I present a reflection about actions involving the Seminar and how it is related to the pillars. Concluding, there are the final considerations, where I think about the movement and its possibilities of association among themselves.

**Key word:** Research. Teaching. Extension. Seminar. Children in Media. 1. Palavra 2. Mot 3. Keyword 4.

### INTRODUÇÃO

A importância do “tripé”: pesquisa, ensino e extensão, para as lógicas academicistas, talvez não esteja familiarizada para muitas pessoas que frequentam o ambiente acadêmico. Será que as pessoas refletem sobre o papel de cada uma dessas instâncias para a sua formação? Ou como cada um desses pilares existe por si só e são independentes em suas funcionalidades, porém, também estão interligados e são indissociáveis quando agem em prol das lógicas universitárias?





Em 2016, o então presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Hernan Chaimovich, veio a público explicar a nova lógica de avaliação dos projetos em Ciência, Tecnologia e Inovação, que passou a ter como prioridade: o impacto social, intelectual e econômico do estudo. Nas palavras de Chaimovich<sup>1</sup>, “Não podemos só prometer, temos que mostrar o impacto de tudo que já fizemos”. Esses critérios estão diretamente correlacionados à tríade: pesquisa, ensino e extensão. Impacto intelectual é a forma como produzimos novos conhecimentos, que permitem que a sociedade gere novas ideias; impacto social é a capacidade de influenciar em políticas públicas e na dinâmica da sociedade de forma a diminuir as desigualdades, bem como, aumentar o envolvimento social com a ciência; e o impacto econômico a que estão atreladas as formas como criamos ideias que podem gerar empregos e criação de novas empresas. Assim, precisamos ter de forma clara e coesa atividades que perpassam a pesquisa, o ensino e a extensão.

A compreensão sobre a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, não se restringe a uma questão conceitual ou legislativa, mas fundamentalmente, paradigmática, epistemológica e político-pedagógica, pois está relacionada às suas funções socioeducacionais e à razão existencial das universidades, que se constituíram, historicamente, vinculadas às aspirações e aos projetos nacionais de educação. (CÉSAR, 2013, p. 7).

A Constituição Federal de 88 trouxe, no artigo 207, que esses três pilares eram indissociáveis e estavam alinhados ao princípio da autonomia universitária<sup>2</sup> (BRASIL, 1988), porém, nas universidades estamos acostumadas/os ainda a lidar muitas vezes com esses processos de forma separada. Há os/as professores/as que trabalham com a graduação; aqueles/as que desenvolvem projetos de extensão; os/as que coordenam grupos de pesquisa (em sua maioria vinculados a programas de pós-graduação) etc. Não que atuar em só algumas frentes seja um problema, até porque na maioria das vezes associamos produção de conhecimento como pesquisa, como se elas fossem sinônimas. Só que é impossível, do ponto de vista teórico, que alguém que se dedica ao ensino não esteja produzindo conhecimento. Talvez isso tenha relação com “[...] algumas ideias defensoras da flexibilização da indissociabilidade pesquisa-ensino-extensão terem se anunciado com relativo destaque pós-L.D.B./96, tendo em vista que, ao dispor sobre a Educação Superior em seu capítulo IV, a referida lei omitiu esse princípio [...]” (MARTINS, 2008, p. 1), porém, uma das maiores

<sup>1</sup> Trecho da coletiva de imprensa, de 6 de setembro de 2016. Disponível em: <https://propesq.ufsc.br/presidente-do-cnpq-apresenta-nova-proposta-de-avaliacao-de-projetos-em-cti/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

<sup>2</sup> A autonomia universitária está dividida em: didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial.



virtudes e expressão de compromisso social de uma Instituição de Ensino Superior (IES) é ter como premissa essa tríade<sup>3</sup>.

É pensando na questão de que “as *universidades* continuam imbuídas dessa função” (MARTINS, 2008, p. 1, grifo da autora) que o texto propõe uma reflexão sobre algumas possibilidades de como construir os processos que são perpassados por esses pilares. Para isso, tomo como objeto de referência empírica a atividade denominada Seminário Criança na Mídia, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Criança na Mídia: Núcleo de Estudos em Educação, Comunicação e Cultura da Universidade Feevale.

## O SEMINÁRIO CRIANÇA NA MÍDIA: PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO

Talvez, aqui, pudesse começar a sessão perguntando: por que esse objeto em específico? Imbuída de toda a vigilância epistemológica (BACHELARD, 1971) que escrever/refletir sobre nossas próprias vivências implica. E, portanto, partindo do pressuposto de que o/a pesquisador/a não está separado do ser social, e é constantemente atravessado/a por suas vivências (BONIN, 2011), enquanto integrante do Grupo Criança na Mídia, percebo o processo da tríade “pesquisa, ensino e extensão” de forma muito clara não só dentro do grupo de pesquisa, mas principalmente na concepção e formulação do referido *Seminário* como um projeto bem articulado, que traz mudanças no processo de ensino e aprendizagem, perpassando e possibilitando uma ação entre teoria e prática que vem a democratizar o saber acadêmico. Já que “o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão constitui-se em paradigma de uma universidade socialmente referenciada e expressão da expectativa de construção de um projeto democrático de sociedade”. (MAZZILLI, 2011, p. 218).

Moita e Andrade (2009) colocam que esses pilares estão de forma legal equiparados, merecendo, assim, igual tratamento por parte das IES, e que do contrário violarão preceitos constitucionais. O *Seminário Criança na Mídia* nasce a partir desses três pilares: as pesquisas desenvolvidas nos Grupo de Pesquisa Criança na Mídia, vinculado a PPGs; os projetos de extensão encabeçados e com participação de integrantes do grupo; bem como, os debates de acadêmicos/as nos âmbitos do ensino, seja através de formações docentes ofertadas a professores/as da rede básica de educação e/ou aulas de graduação, assim como de um desejo

<sup>3</sup> Sobre processos legislativos e construção das lógicas universitária Cf. Mazzilli (2011).



de debater com a comunidade os processos sociais que envolvem a relação infâncias e mídias nas dinâmicas sociais, a fim de contribuir com a diminuição das desigualdades.

Como forma de contextualizar o surgimento do evento é importante lembrar que em o projeto de Extensão intitulado “Nosso Bairro em Pauta” tinha como um dos seus objetivos problematizar a relação mídia e educação. Na época, o projeto era vinculado a atividades de extensão de acordo com os pressupostos da Universidade Feevale, que vê a extensão como um espaço “que se caracteriza, essencialmente, pelo comprometimento, com os direitos da cidadania e ultrapassa uma perspectiva assistencialista”. (BOHNENBERGER, 2012, p. 11). O projeto tinha como foco atividades sobre análise crítica da mídia, produção de artefatos midiáticos e a confecção de jornais voltados para as demandas das escolas públicas dos bairros onde o projeto era desenvolvido.

Deste modo, naquele ano, nasceu o *Seminário Criança na Mídia*, com o intuito de que no mês de outubro, mês em que no Brasil comemoramos o Dia da Criança (12), a comunidade refletisse sobre assuntos que envolvem as infâncias e estão para além da ideia de uma data comercial. “[...] a educação é uma das condições fundamentais pelas quais os indivíduos desenvolvem suas capacidades ontológicas essenciais e assim sendo, a função básica do processo educativo é a humanização plena [...]” (MARTINS, 2008, p. 1). O I *Seminário* foi, então, uma ação vinculada ao projeto *Nosso Bairro em Pauta* e trouxe como temática principal do evento *consumo e cultura infantil*. O evento contou com a presença de cinco palestrantes, em uma mesa redonda iniciada às 19h30min do dia 27 de outubro, no Salão de Atos do Prédio Lilás da Universidade Feevale.

No ano seguinte (2012), o *Nosso Bairro em Pauta* estava comemorando 10 anos de existência, e assim o *Seminário* englobou também a mostra itinerante “Criança e Comunicação: Nosso Bairro em Pauta 10 anos”. Naquele momento havia uma conexão com a pesquisa “A criança na mídia nossa de cada dia: um estudo sobre consumo, publicidade e cultura infantil”, desenvolvida na Feevale, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs) e do CNPq. “A segunda edição do seminário buscou divulgar conhecimentos à pesquisadores, profissionais e acadêmicos, bem como a professoras da educação básica sobre a complexa relação entre mídia, e criança/juventude”. (SCHMIDT, 2012, p. 12). A II edição trouxe a proposta de ter uma mesa/sessão especial durante o evento que fosse voltada para professores/as da rede de ensino básico: “a extensão e a pesquisa tornam-se consequências naturais da docência, referências para que o ensino não se torne abstrato nem desligado das



realidades locais”. (MOITA; ANDRADE, 2009, p. 273). O evento passou, deste modo, a ter dois turnos, sendo o da parte da noite voltado aos estudantes da instituição.

Construir um evento que possa integrar os processos trabalhados/desenvolvidos dentro da tríade é um desafio e demanda uma articulação das equipes, financiamentos e energia. “Outra vantagem decorrente da articulação entre ensino, pesquisa e extensão é o reconhecimento dos limites e peculiaridades de cada uma dessas três atividades.” (MOITA; ANDRADE, 2009, p. 273). O grupo toma, então, a decisão de que o evento ao invés de anual, passaria a ser bienal, voltando a ter uma edição somente em 2014. No dia 2 de outubro daquele ano, a III edição do evento denominada “Seminário Criança na Mídia: Filhos da Sociedade de Consumo”, tema e título do projeto de pesquisa guarda-chuva desenvolvido pelo grupo naquele momento, tem sua edição marcada por três mesas. O *Seminário* começava a se tornar conhecido e ter um público cada vez maior, novamente tendo a parte da tarde dedicada a docentes da rede de ensino básico, “[...] todos os contextos experiências, por sua vez, são construídos, pelo trabalho dos homens, que como práxis encerram uma tríplice orientação: o que fazer: para que fazer e como fazer” (MARTINS, 2008, p. 2). O terceiro *Seminário* envolvia, na sua concepção, naquele momento, bolsista de iniciação científica, extensão, mestrandos/as e doutorandos/as, além de toda a equipe técnica administrativa da Universidade, responsável pelo setor de eventos, bem como uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação.

O ano de 2016 traz mudanças sociais conflituosas ao país, o processo político enfrenta grandes crises e a academia se voltava a debater com mais ênfase assuntos voltados aos Direitos Humanos. As notícias sobre violação de direitos envolvendo crianças aumentavam exponencialmente na mídia de massa. Tendo isso em mente, o grupo se reúne naquele ano para elaborar o quarto *Seminário*. O projeto de extensão, pela primeira vez, não era mais o Nosso Bairro em Pauta, agora as atividades estavam sendo desenvolvidas na educação básica dentro de um novo projeto chamado “Comunicação e Ação na Escola”, que tinha como foco ações anti-*bullying* através de uma leitura crítica dos meios. Cria-se, assim, a ideia de que naquele ano o evento colocaria em pauta o tema Infâncias, Gênero e Sexualidade. Tendo o cartaz do evento trazendo atividades desenvolvidas dentro do projeto de extensão sobre “masculinidades e feminilidades”, afinal, a extensão pode ser encarada como uma estrada de mão dupla na qual há uma troca de conhecimentos: universitários e comunitários, que estão diretamente relacionados às “reais necessidades, anseios e aspirações sociais, intercâmbio esse em que a



universidade é positivamente provocada, influenciada e fortalecida”. (MOITA; ADNRADE, 2009, p. 273).

O evento de 2016 trouxe uma nova abordagem na sua forma de veiculação, pela primeira vez fazíamos uma campanha de divulgação com ações que interfeririam diretamente no cotidiano da universidade – tópico que será abordado na próxima sessão. O evento de 2018 consolidou todo um processo voltado ao que Moita e Andrade (2009) definem como a necessária *indissociabilidade* na pós-graduação do tripé: pesquisa, ensino e extensão. Quando nos reunimos para decidir o tema do quinto *Seminário*, as notícias midiáticas sobre violação de direitos humanos estavam cada vez mais presentes em nosso cotidiano. O país havia passado por um recente processo de *impeachment*, e se aproximava para uma das eleições mais polarizadas e dicotômicas desde a redemocratização do país após o golpe de 64. Vivíamos tempos de crise.

Todas as transformações que estão ocorrendo devem levar a refletir sobre o papel das universidades no mundo contemporâneo para que não se perca, através da distorção de valores que está ocorrendo na pós-modernidade, uma das mais interessantes formas de adquirir conhecimento: a universidade da pesquisa. (SIEUTJES, 1999, p. 100).

O projeto de extensão que agora surgia como parceiro era “Cidade Viva: intervenção Urbana como ato comunicacional” e naquele momento trabalhava fortemente os tópicos “cultura e arte nas escolas”, em busca de reforçar a valorização e a importância da cultura na sociedade. O mundo comemorava em 2018 os 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, talvez o principal documento universalizado em prol dos direitos civis, sem ser uma legislação. Foi com isso em mente, assim como a ideia de que falar de Direitos Humanos também é falar de infância, que concebemos o “V Seminário Criança na Mídia: Tempos de Discriminação e Direitos Humanos”. Novamente, nos propúnhamos a uma campanha para a divulgação do *Seminário*, bem como, ter o maior público possível, tanto de docentes da educação básica como de estudantes universitários, debatendo e falando sobre isso.

Como citado anteriormente realizar um evento não é algo simples. A equipe composta por diversas pessoas, de diversas áreas do conhecimento, realiza um trabalho “corpo-a-corpo” para garantir que todos os cursos e professores/as da instituição que dão aula no dia em que o evento vai ocorrer tenham conhecimento sobre a atividade e levem seus estudantes. Afinal, infâncias é um tema para todas as áreas do conhecimento. Receber no auditório estudantes dos cursos de Engenharia, Direito, Publicidade, Matemática, Psicologia, Enfermagem e tantas outras



áreas talvez seja das coisas que mais gratificam a comissão que organiza cada edição do evento. Assim como contar com cinco professores/as de cada escola da rede de ensino do município de Novo Hamburgo presentes nos painéis da parte da tarde. Porque entendemos que ali estamos ampliando o debate da temática por meio da tríade: pesquisa, ensino e extensão. Ou seja, é o desenvolvimento científico e tecnológico, que cria o dinamismo das sociedades atuais. (MARTINS, 2008).

## PLANTANDO SEMENTES: A IMPORTÂNCIA DA SENSIBILIZAÇÃO

Em evento recente, estávamos apresentando um trabalho sobre ações provenientes do V *Seminário Criança na Mídia*. Na apresentação usamos a palavra “sensibilização” para falar sobre as “ações/campanhas” feitas nos *seminários*. Ao que fomos indagadas por uma avaliadora: “que interessante esse conceito, como ele foi elaborado?”. Ficamos sem entender, e tivemos que perguntar o que ela queria dizer. E ela nos relatou ter entendido a partir do artigo que “sensibilização” seria um conceito utilizado no estudo. Kosselleck (1992) diz que precisamos separar palavras que são teorizáveis de palavras que não são. Amora (2009, p. 670), em seu dicionário, define o verbete *sensibilizar* como: “tornar sensível; causar abalo a; comover-se”. Se pensarmos nas IES, é um local extremamente privilegiado para a produção e intervenção de saberes, que gerem reflexão, debate e crítica, bem como, mostrem às pessoas o seu local junto à sociedade. Deste modo, dentro da tríade “pesquisa, ensino e extensão”, sempre acreditamos, enquanto grupo, que a forma mais fácil de fazer com que as pessoas se conectassem a um único tema era através de “coisas” que as sensibilizassem. Assim, eles assimilariam melhor a proposta e se sentiriam – por que não? – parte da ideia.

No segundo *Seminário*, a comemoração dos 10 anos do projeto Nosso Bairro em Pauta merecia ações concretas sobre uma experiência extencionista duradoura e de conquistas, uma vez que o grupo defende “que a extensão não seja tratada como uma tarefa compulsória, mas antes, à semelhança do que ocorre com a pesquisa, uma atividade que decorre naturalmente desse compromisso social de uma instituição orientada pela superação das distâncias entre os saberes científico e popular”. (MOITA; ANDRADE, 2009, p. 273). Assim, um livro foi feito resgatando a história do projeto. Assim como uma exposição foi inaugurada no dia do evento e posteriormente percorreu as escolas, por onde o projeto passou. Ela trazia relatos de pessoas que haviam participado das atividades. Relatos para sensibilizar. Para que todos/as olhassem



para a universidade e se sentissem parte dela, uma extensão das pesquisas realizadas lá dentro. (MARTINS, 2008)

A temática do terceiro *Seminário* trouxe uma mostra fotográfica que apresentou dois conjuntos de fotografias "Entre o passado e futuro infinito" e "Doce Escolha", produzidos pelas integrantes do Grupo Carolina Rigo, mestranda em Processos e Manifestações Culturais e Natália Zwetsch, acadêmica de Publicidade. As imagens expressavam dois olhares diferentes para a relação criança e consumo tendo como foco as escolhas na preparação do quarto que receberá a criança que está para chegar. A mostra fotográfica integrava uma etapa da pesquisa institucional "Um estudo sobre Mídia e Direitos das Crianças: discutindo a cultura do consumo e a infância". O objetivo central foi problematizar os ensinamentos da mídia e da cultura do consumo, estabelecendo uma política cultural que demarca o que significa ser criança na contemporaneidade.

Aprender a viver junto, saindo do seu lugar confortável e confiável para o encontro com o outro, no espaço alheio, aprendendo a conviver com a comunidade, estar com o outro, ou seja, a transposição dos conhecimentos teóricos para a vida prática. (PIVETTA *et al.*, 2010, p. 382).

A ideia de vida prática nos relembra o binômio teoria/empíria. Conforme comentado na sessão anterior, o quinto *Seminário* teve pela primeira vez uma campanha, que antecedeu o evento, essa campanha partia da ideia de aliar teoria e empíria e mostrar a transposição desses conhecimentos teóricos para as pessoas. Denominada "Olhando para a Realidade", a campanha consistiu em uma adesivagem de banheiros da instituição. Espelhos foram adesivados com manchetes de jornais que mostravam a violação de direitos do público infantil, em grande parte referente à temática de gênero, pauta do *Seminário*. A ideia era de que ao chegar para se ver no espelho contemplasse não só a sua imagem refletida, mas "aquilo que não queremos ver". As redes sociais do grupo foram inundadas de fotos de pessoas que se depararam com as frases, se fotografaram e compartilharam a imagem, com pensamentos e reflexões. Esse é o nosso propósito ao sensibilizar.

Quando, em 1993, o fotógrafo Kevin Karter registrou uma das imagens mais impactantes e conhecidas mundialmente sobre miséria e desumanização, fomos confrontados por aquilo que continuávamos fingindo não enxergar. Já eram naquela época os tempos de discriminação. A campanha de TV, impressa, e por redes sociais do *Seminário* de 2018, buscou sensibilizar através do olhar em preto e branco a necessidade que é falar de direitos humanos. E, para nós



que debatemos infância, talvez nada mais simbólico do que crianças empunhando os direitos “da sociedade”. Os/as 30 estudantes que participaram do ensaio fotográfico, coordenado pelos integrantes do Grupo, o Publicitário Wagner Rech e o Fotógrafo Alissom Brum, representavam naquele momento escolas municipais, estaduais, públicas e privadas de Novo Hamburgo, mas para nós representavam também todas aquelas crianças sobre quem debatemos desde 2011, e para quem nossas pesquisas são direcionadas e nossos projetos de extensão são voltados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar atitudes inovadoras e que impactem a realidade social perpassa as noções e lógicas da tríade: pesquisa, ensino e extensão. A Universidade ocupa um importante e privilegiado espaço no processo de construção do conhecimento. É um local onde é possível vivenciar e experimentar o desenvolvimento humano, social e científico-tecnológico. Sendo assim, quando pensamos a importância da construção e complexidade da formação humana, é importante lembrar a possibilidade de viabilizar atividades significativas que estão embasadas em uma construção de conhecimento elaborado e contextualizado.

O *Seminário Criança na Mídia* talvez possa representar um dos muitos exemplos dentro das Universidades que estão delineados pela integração entre ensino, pesquisa e extensão. A forma como ele é concebido e produzido tende a sensibilizar, com o objetivo principal de gerar outras possibilidades para que cada vez mais dentro desses três âmbitos se pense infâncias e mídias.

Deste modo, o que se pretendeu sustentar ao longo do texto exposto foi a necessidade de se pensar a pesquisa, o ensino e a extensão como processos que se retroalimentam e que quando “utilizados” de forma indissociável tendem a proporcionar formações sobre a realidade por meio de construções autônomas, a fim de se ter uma prática social geradora de novos fazeres e saberes.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 1971.

BOHNENBERGER, Maria Cristina. Apresentação. In: SCHMIDT, Saraí Patrícia (Org.). **Criança e Comunicação: Nosso Bairro em Pauta – 10 anos**. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2012. p. 10-11.





BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy *et al.* **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 19-42.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: [encurtador.com.br/cikLW](http://encurtador.com.br/cikLW). Acesso em: 15 mar. 2021.

CÉSAR, Sandro Bimbato. **A indissociabilidade Ensino, Pesquisa, Extensão e a Gestão do Conhecimento**: estudo em Universidade Brasileira. 2013. Dissertação (Mestrado em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento, Universidade FUMEC, Belo Horizonte, 2013.

KOSSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

MARTINS, Ligia Márcia. Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão como fundamento metodológico da construção do conhecimento na universidade. In: ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (ENPEX), 8., 2008. **Anais eletrônicos [...]**. Araçatuba: UNITOLEDO, 2008.

MAZZILLI, Sueli. Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da universidade brasileira em tempos de redemocratização do Estado. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 205-221, maio/ago. 2011.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 269-280, maio/ago. 2009.

PIVETTA, Hedioneia Maria Foletto *et al.* Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária: em busca de uma integração efetiva. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 16, n. 31, p. 377-390, jul./dez. 2010.

SCHMIDT, Saraí Patrícia (Org.). **Criança e Comunicação**: Nosso Bairro em Pauta – 10 anos. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2012.

SENSIBILIZAR. In: AMORA, Soares. **Minidicionário**: da Língua Portuguesa. 19. ed. São Paulo, 2009. p. 670.

SIEUTJES, Maria Helena Silva Costa. Refletindo sobre os três pilares de sustentação das universidades: ensino-pesquisa-extensão. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p. 99-111, maio/jun. 1999.





## O IMPACTO DA POLÍTICA PORTUGUESA NO PROCESSO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL ANGOLANO ATRAVÉS DA OBRA “A GERAÇÃO DA UTOPIA” DE PEPETELA

THE IMPACT OF THE PORTUGUESE POLITICS ON THE ANGOLAN PROCESS OF  
NATIONAL LIBERTATION THROUGH PEPETELA’S “THE UTOPIA GENERATION”

Justine Prinstrop; Daniel Conte

Universidade Feevale

**Resumo:** o presente artigo tem como intuito analisar como o processo político português impactou na luta de libertação nacional da colônia de Angola através da obra “A Geração da Utopia” do angolano Pepetela. Partindo de um recorte histórico que remonta ao início do governo de António de Oliveira Salazar (1933) até a Revolução dos Cravos (1974), este trabalho busca relacionar Literatura e História, contextualizando historicamente os capítulos do livro (“A Casa”, “A Chana”, “O polvo” e “O templo”), estabelecendo relações entre os acontecimentos de Portugal e a luta pela independência em Angola, através de organizações políticas e de guerrilha. O presente artigo visa, também, apresentar os impactos dos séculos de colonização na consolidação da independência angolana.

**Palavras-chave:** Portugal. Angola. Descolonização. Pepetela. Libertação nacional.

**Abstract:** this article intends to analyze how the internal and external politics of Portugal impacted the process of national release of the colony of Angola through the book “The Utopia Generation” by the Angolan author Pepetela. Through a historical delimitation that goes back to the beginning of the government of António de Oliveira Salazar (1933) until the Carnation Revolution, this work lists History and Literature contextualizing historically the chapters of the book (“The House”, “The Chana”, “The Octopus” and “The Temple”), relating the the events of Portugal and the struggle for independence in Angola. This article also points out the impacts of centuries of colonization and the obstacles to the consolidation of Angolan independence.

**Keywords:** Portugal. Angola. Decolonization. Pepetela. National liberation.

### INTRODUÇÃO

TEMA:

Este trabalho busca contextualizar historicamente o processo de libertação nacional angolano tendo como base a política interna portuguesa e suas permanências e rupturas (regime salazarista, Revolução dos Cravos, período de abertura política) e suas representações na obra *A Geração da Utopia* do autor angolano Pepetela.

JUSTIFICATIVA:

A Literatura é um documento histórico de relevância indiscutível e mesmo que estes, muitas vezes, estejam permeados de elementos fantasiosos, também revelam diversas facetas sociais,



culturais e econômicas do período em questão. As obras de Pepetela são um retrato visceral da sociedade angolana e de todos os desafios enfrentados por sua população para a consolidação de sua identidade nacional.

Este trabalho tem suas origens na minha experiência pessoal, pautado não só na grande admiração que possuo pela literatura de Pepetela, como também no interesse em compreender de forma mais ampla as políticas colonialistas do século XIX, principalmente no que diz respeito às formas de resistência nas colônias metrópoles imperialistas. O sentimento de espólio e de crueldade que os relatos dos colonizados da África apresentam não nos é tão estranho assim. Nós, latino-americanos, também convivemos com ele.

## OBJETIVOS:

### Objetivo geral:

Relacionar a história portuguesa com a história angolana, tendo como ênfase o período contextualizado na obra “A Geração da Utopia” (1961 – 1991) de Pepetela, e o processo de libertação nacional de Angola.

### Objetivos específicos:

- Discutir as confluências entre História e Literatura;
- Contextualizar historicamente a obra “A Geração da Utopia” capítulo por capítulo;
- Apresentar a importância da Revolução dos Cravos para a independência das colônias portuguesas;

## METODOLOGIA:

De acordo com as definições de Prodanov & Freitas (2013), esta é uma pesquisa de natureza básica, com método dialético e indutivo, exploratória e explicativa quanto aos objetivos, bibliográfica e documental quanto aos procedimentos técnicos e de abordagem qualitativa. A metodologia toma por base o método historiográfico, ou seja, prevê a coleta e análise de múltiplos tipos de documentos a fim de construir uma narrativa que explique o encadeamento dos eventos e seus contextos.



## DESENVOLVIMENTO:

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Pesavento (2006) é necessária cautela por parte do historiador em utilizar a Literatura como fonte histórica, uma vez que esta se baseia no que poderia ter acontecido. Os personagens e as situações acontecem na “verdade do simbólico”, ou seja, podem retratar perfis semelhantes aos reais, mas não acontecem no mesmo plano

Considerando o conceito de “verdade do simbólico” apresentado por Pesavento (2006) ao analisarmos “A Geração da Utopia” nos deparamos com importantes alegorias propostas por Pepetela, trazendo a ideia de uma nação – e uma identidade nacional – em construção, das barreiras impostas pelo colonialismo e do desapontamento da geração da utopia com o que restou da revolução. Todos estes elementos são personificados nos personagens centrais da obra.

Sara, Malongo, Aníbal e Vítor Ramos são os protagonistas da história. Acompanhamos suas trajetórias durante os trinta anos descritos no livro. O capítulo inicial “A Casa” (1961) apresenta-os ainda jovens, vivendo em Lisboa, cada qual em busca de suas realizações pessoais. O ano que dá início ao livro é marcado por intensa agitação política em Portugal e em praticamente todos as nações imperialistas. Os movimentos emancipacionistas estavam ganhando protagonismo na Ásia e na África, colocando em xeque a hegemonia colonialista que fora vigente até então; em meio à Guerra Fria, o Terceiro Mundo<sup>1</sup> ganhava voz cada vez mais ativa dentro da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas:

Tal bloco começa a crescer e a ter voz bastante ativa na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, seria o responsável por uma articulação de uma violenta condenação da comunidade internacional à política colonial lusa, o que acabou por colocar o Estado português na defensiva (FREIXO, 2018, p. 129).

A Conferência de Bandung em 1955 foi um divisor de águas para os países “periféricos”, pois marcou o não-alinhamento dos países do Terceiro Mundo, uma ação geopolítica que os distanciava das duas grandes potências da Guerra Fria, mesmo que as nações tenham se autodeclarado socialistas, mas primando pelo conceito de autodeterminação dos povos. Em 1961, com a Conferência de Belgrado, o não-alinhamento oficializou-se, trazendo consigo uma série de princípios e fundamentos que embasariam o processo de descolonização das nações asiáticas e africanas.

---

<sup>1</sup> A nomenclatura surgiu a partir da Conferência de Bandung (1955) para designar os países que não estavam alinhados nem com o Primeiro Mundo (EUA) ou com o Segundo Mundo (URSS).



O ano escolhido por Pepetela para iniciar o livro é emblemático, pois é o ano da Conferência de Belgrado e do estopim da efervescência política daquilo que a historiografia portuguesa chamou de “guerras coloniais” (Freixo, 2018). Uma forte onda nacionalista tomou conta das colônias, liderada por intelectuais locais que faziam parte das elites coloniais, os “assimilados” – com formação ocidental:

Portugal tinha criado uma classe-elite de africanos, muito reduzida, constituída por “assimilados” com privilégios que lhes permitiam participar na exploração de seus compatriotas, mas que, ao mesmo tempo, se obrigavam a presenciar no dia-a-dia a situação humilhante dos outros africanos e a brutal repressão de que estes eram vítimas. Não surpreende, nestas circunstâncias, que tivessem sido os “assimilados” educados a constituir a oposição política (FERREIRA, 1977, p. 43).

Os acontecimentos em Angola no início de 1961, encabeçados e postos em prática por uma organização chamada UPA<sup>2</sup>, formada por um destes grupos de “assimilados” trazem grande tensão às ruas lisboetas, marcando uma intensa repressão aos angolanos que lá viviam, principalmente através da vigilância constante da Pide<sup>3</sup>. As notícias sobre a terra confundiam-se, os periódicos sensacionalistas tratavam os angolanos como terroristas, afirmando que o mais completo caos havia se instaurado em Angola:

As notícias enchiam as páginas dos jornais, mas as informações eram poucas. A censura estava a trabalhar a triplo vapor, as tesouras nunca funcionaram tanto como agora. Os jornais enchiam-se de discursos patrioteiros, Portugal é uno e indivisível, de declarações de apoio ao regime, mas pouco de concreto sobre os acontecimentos (PEPETELA, 2000, p. 10).

O segundo capítulo do livro intitulado “A Chana” (1972) mostra a metamorfose dos personagens através da guerra, como Vítor Ramos se transforma em um homem superficial e corrupto, e como Aníbal, devido à sua extrema lucidez, é considerado um louco no pós- guerra, por transparecer seu mais completo desapontamento com os rumos tomados pela revolução que tanto idealizara. Este é o capítulo mais emblemático da obra, pois representa metaforicamente a ideia central do livro: a subversão dos valores de liberdade, de autodeterminação, de socialismo e de utopia e a sua transformação em preceitos individualistas e contraditórios, pautados na busca de privilégios e na perpetuação de grupos hegemônicos no poder.

A concretização do movimento revolucionário pró-independência de Angola representado neste capítulo foi fortalecida graças ao afastamento de Salazar em 1968 do governo português. Quem assumiu o seu lugar foi Marcello Caetano, que enfrentou obstáculos internos para

<sup>2</sup> União das Populações de Angola é um movimento político anticolonial criado em 1958. Em 1961 constituiu junto do Partido Democrático de Angola, a FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola.

<sup>3</sup> A Pide – Polícia Internacional de Defesa do Estado, foi a polícia política do estado salazarista que vigorou de 1945 a 1969.



consolidar seu poder, e este “apesar de tentar manter uma imagem reformista, a indefinição e a indecisão características de seu governo acabaram tanto desagradando os setores mais liberais, quanto gerando desconfiança dos setores mais à direita” (FREIXO, 2018, p. 135).

Todas estas questões internas e externas causaram insatisfação popular e dentro dos próprios setores hegemônicos do Estado Novo português, incluindo as Forças Armadas. A alta cúpula da hierarquia militar portuguesa mobilizou-se a favor da independência das colônias, criticando a intervenção militar; a crítica deu-se através do livro *Portugal e o Futuro*<sup>4</sup>. Os responsáveis pela publicação do livro foram imediatamente afastados de seus cargos, causando um grande mal-estar na sociedade portuguesa, que auxiliou no aceleração de um golpe de Estado, que estava cada vez mais eminente.

Pouco depois da meia-noite do dia 25 de abril de 1974, a canção “Grândola, Vila Morena” era tocada na programação da Rádio Renascença, uma emissora católica de Lisboa. Estava dada a senha para o início da revolta que iria mudar os rumos de Portugal e que nos primeiros dias foi chamada de “Revolta dos Capitães”, para logo a seguir receber seu nome definitivo, “Revolução dos Cravos”, a flor de abril em Portugal (FREIXO, 2018, p. 136)

Os dois últimos capítulos, “O Polvo” e “O Templo” nos apresentam uma total desconstrução do projeto de utopia gestado durante o projeto de independência, a corrupção do partido e a descontinuidade dos ideais defendidos pelos revolucionários, ofuscados pelos privilégios locais. A independência de Portugal trouxe à tona novos obstáculos às colônias, mas muitos dos problemas enfrentados já haviam sido gestados durante os anos de colonialismo e durante o processo de descolonização.

Com a consolidação da Revolução dos Cravos e as medidas subsequentes de Portugal, o processo de independência das colônias portuguesas foi acelerado. No entanto, devido à heterogeneidade dos grupos que disputavam o poder na colônia angolana, uma intensa guerra civil se sucedeu no período pós-colonial, marcado por contradições internas e rivalidades tribalistas, fatores estes que serviram como obstáculo para a consolidação de instituições políticas democráticas e sólidas, “agravando seus graves problemas econômicos e sociais, com as feridas abertas durante o processo de descolonização somando-se àquelas deixadas pelo colonialismo” (FREIXO, 2018, p. 137).

<sup>4</sup> O livro foi lançado pelo General Spínola, Comandante Chefe da Guiné Portuguesa, em fevereiro de 1974, com a anuência de Costa Gomes, Chefe do Estado Maior e seu superior imediato (Freixo, 2008).



## CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

Este trabalho busca contextualizar historicamente o processo de libertação nacional angolano tendo como base a política interna portuguesa e suas permanências e rupturas (regime salazarista, Revolução dos Cravos, período de abertura política) e suas representações na obra *A Geração da Utopia* do autor angolano Pepetela.

## PESQUISA DE CAMPO E ANÁLISE:

A obra “A geração da Utopia” foi analisada historicamente, sendo relacionada ao contexto em questão – capítulo por capítulo -, considerando que cada um se passa em um momento diferente da história de Portugal e também de Angola.

## CONCLUSÃO

Relacionar Literatura e História é sempre um desafio, visto que a linha entre fantasia e realidade é tênue. Somos apresentados aos personagens do livro, cada um com suas vivências individuais, mas também temos como pano de fundo a decadência do colonialismo europeu e a efervescência das novas nações que surgem no continente africano.

Esta análise é extremamente relevante, pois nos mostra a perspectiva do colonizado e acima de tudo, nos traz motivos concretos para questionar as ordens vigentes. A presente pesquisa buscou enfatizar a importância de dar voz àqueles que por muito tempo foram silenciados, mas que nunca deixaram de lutar contra a crueldade e as arbitrariedades, seja pela preservação das tradições locais ou seja lutando com as mesmas armas que o colonizador, para manter sua integridade e a sua honra.

## REFERÊNCIAS

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e Literatura: uma velha-nova história**. Debates, 2006: disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>. Acesso em 12 de abril de 2021.

FREIXO, Adriano. **A crise do último império: a Guerra Fria e as décadas finais do colonialismo português (1945 – 75)**. Diálogos, vol. 22, n. 1, 2018.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

FERREIRA, Eduardo de Souza. **O fim de uma era: o colonialismo português na África.**  
Lisboa: Sá de Costa, 1977

PEPETELA. **A geração da utopia.** Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2000



[feevale.br/cidi2021](http://feevale.br/cidi2021)





## CONQUISTA OU RESISTÊNCIA? A LUTA POR RESPEITO À IDENTIDADE QUILOMBOLA A PARTIR DA ANÁLISE DO TENSIONAMENTO ENTRE PODER LEGISLATIVO E A ATUAÇÃO DO JUDICIÁRIO

ACHIEVEMENT OR RESISTANCE? THE STRUGGLE FOR THE QUILOMBOLA  
IDENTITY FROM THE TENSIONING ANALYSIS BETWEEN LEGISLATIVE POWER  
AND THE JUDICIARY'S PERFORMANCE

Francine Nunes Ávila; Margarete Fagundes Nunes

Universidade Feevale

**Resumo:** O artigo analisa a resistência quilombola e a constante tensionamento acerca do reconhecimento dos territórios e identidades quilombolas, a partir do estudo etnográfico de acervo do processo judicial nº004/1.16.0005661-0, que tramitou na 3ª Vara Cível da Comarca de Bagé/RS e a Lei Municipal nº 5.538/2015, revogada pelo poder judiciário através do processo antes mencionado, que tem como busílis a discussão do nome da única Unidade Básica de Saúde do Quilombo de Palmas, naquele município. A análise nos leva a inferir que embora o poder judiciário tenha aplicado os preceitos constitucionais e as instituições de proteção aos direitos difusos e coletivos assumam um papel fundamental na proteção dos povos tradicionais, nota-se que a realidade social ainda não acolheu de forma plena os direitos quilombolas, tanto que leis que afrontam a história e a memória quilombola são propostas pela representação democrática, aprovada pela Câmara de Vereadores e executada pelo executivo municipal.

**Palavras-chave:** Quilombo. Processo. Legislativo. Judiciário.

**Abstract:** The article analyzes quilombola resistance and constant tension about the recognition of quilombola territories and identities, based on the ethnographic study of the collection of judicial process nº004/1.16.0005661-0, which was processed at the 3rd Civil Court of the District of Bagé/RS and Municipal Law No 5,538/2015, revoked by the judiciary through the aforementioned process, which uses the discussion of the name of the only Basic Health Unit in Quilombo de Palmas, in that municipality. The analysis leads us to infer that although the judiciary has applied the constitutional precepts and the institutions for the protection of diffuse and collective rights assume a fundamental role in the protection of traditional peoples, it is noted that the social reality has not yet fully embraced the Quilombola rights, so much so that laws that confront quilombola history and memory are proposed by democratic representation, approved by the City Council and enforced by the municipal executive. **Keyword:** Quilombo. Process. Legislative. Legal.

### INTRODUÇÃO

A região da Campanha do Rio Grande do Sul, mais especificamente a fronteira com o Uruguai, tem sua formação alicerçada nas origens europeias, através da colonização que trouxe sua marca identitária, com uma forte herança de opressão e escravidão, que se perpetua através das suas manifestações simbólicas.



O Quilombo de Palmas, universo pesquisado, é uma comunidade negra rural localizada no município de Bagé, na localidade onde foi uma grande sesmaria de atividade pecuária pertencente aos Simões Pires, desde o período colonial e escravocrata, campos que posteriormente foram divididos, surgindo outras propriedades rurais a partir daí. O reconhecimento definitivo do território foi publicado no Diário Oficial em fevereiro de 2017, atribuindo aos remanescentes de quilombos uma área de 837,984 hectares. Atualmente os quilombolas já ocupam 387 hectares, divididas entre os Rincões dos Alves, da Pedreira e do Inferno. O restante da área reconhecida segue incorporada às fazendas da região. Nesse território vivem atualmente aproximadamente 37 famílias e a titulação não tem previsão para acontecer.

Durante o processo demarcatório diversas foram as formas de tensionamento entre a comunidade quilombola e os produtores rurais da região. Os servidores do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária foram hostilizados durante a realização do seu trabalho na região, sofrendo xingamentos, ameaças de morte, repressão através de barricadas e outras ações ostensivas, sendo necessária a escolta da Polícia Federal para finalização dos trabalhos.

Durante a demarcação, observou-se a ação ativa da Associação dos Produtores Rurais da região, contrários a demarcação do território quilombola, a qual promoveu também ações judiciais para anulação do processo demarcatório. Esse tensionamento não se impôs apenas entre produtores rurais e quilombolas, mas dentro do próprio quilombo, no qual existem lideranças quilombolas contrárias a demarcação, as quais fazem coro com os produtores rurais na contrariedade do reconhecimento do território estudado.

Nessa contradição e tensão está o objeto da pesquisa de doutorado, sendo que o presente artigo concentra-se sobretudo na análise da Lei Municipal nº 5.538, de 25 de setembro de 2015, que denominou de “Afonso Miranda Collares” a Unidade Básica de Saúde da Coxilha das Flores, no Distrito das Palmas.

O procedimento metodológico utilizado foi o da etnografia, sendo aquela metodologia que distingue as formas de construção do conhecimento antropológico em relação a outros ramos de conhecimento das ciências humanas, tendo como características a utilização de técnicas e procedimentos de coletas de dados e informações ligados a prática de um trabalho de campo acerca de uma convivência um pouco prolongada do pesquisador com o grupo social estudado, constituindo-se no exercício do olhar e do ouvir do pesquisador, que precisa se situar no interior do fenômeno por ele observado a partir da sua efetiva participação nas formas de sociabilidade através das quais a realidade pesquisada lhe apresenta (ECKERT; ROCHA, 2008).



Foi utilizada ainda a etnografia de acervo, com o estudo etnográfico do processo judicial nº004/1.16.0005661-0, que tramitou na 3ª Vara Cível da Comarca de Bagé/RS.

Através da etnografia de acervo que analisou pormenorizadamente os processos legislativo e judicial, foi possível verificar os mecanismos de luta dos quilombolas da comunidade de Palmas, que resistem a um tensionamento sistêmico existente desde sempre, segundo relato dos quilombolas, mas que se deflagrou abertamente com o início do processo demarcatório em 2005 e se perpetua até os dias atuais. Constatou-se ainda que a opressão operada contra a memória do povo quilombola da comunidade estudada vai além da disputa entre proprietários rurais e quilombolas e demais pontos de divergência dentro do quilombo, observada na atuação do poder público, através de uma lei proposta por um vereador, aprovada pela Câmara de Vereadores, a qual após sua promulgação foi executada pelo poder público municipal, o qual judicialmente defendeu a nomeação da Unidade Básica de Saúde com o nome de um cidadão com passado escravagista.

## DESENVOLVIMENTO

Em 23 de agosto de 2016 o Ministério Público, com fundamento legal no artigo 216, §5º, da Constituição Federal, no artigo 129, inciso III, da Constituição Federal e na Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), ingressou com ação declaratória de nulidade de Lei Municipal nº 5.538, com pedido liminar, em desfavor do Município de Bagé.

A ação narra que o Presidente da Comunidade Quilombola da localidade das Palmas, compareceu à 1ª Promotoria Especializada de Bagé, após ter peregrinado pela Câmara de Vereadores, pela Prefeitura de Bagé, Ministério Público Federal e pela Defensoria Pública da União, para requerer providências sobre a troca de nome de uma Unidade Básica de Saúde na Coxilha das Flores, em Palmas, onde a comunidade quilombola está instalada, informando que o nome denominado pela lei à Unidade Básica de Saúde da Coxilha das Flores, qual seja, “Afonso Miranda Collares”, foi declarada sem consulta à comunidade quilombola, que é contrária à troca de nome. Além disso, o laudo antropológico produzido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul apontou que o Afonso Miranda Collares pertenceu a uma família de escravagistas, referindo ainda a ação judicial o conflito entre a comunidade quilombola das e os proprietários de terra, de modo que a Lei Municipal teria sido aprovada por pressão de “grileiros” com a anuência do poder legislativo, através da representação democrática do Vereador Antenor Teixeira - PP (Partido



Progressista), que teria justificado a Lei com informações como: “Afonso Collares ajudou a sustentar e a dar formação escolar para inúmeros filhos de famílias carentes, foi padrinho de inúmeras crianças, tanto é que ele ficou conhecido por centenas de pessoas como ‘Tio Afonso’ ou o ‘Pai dos Pobres’, nunca tendo dito não a quem lhe procurava pedindo auxílio”. Constatou o Ministério Público que a Lei teve apoio da Associação Rural de Bagé, assim como da Associação de Produtores e Moradores de Palmas, ambas entidades representativas dos proprietários de terra, que na visão do promotor de justiça se contrapõem aos interesses quilombolas. Referiu que o Relatório social, histórico e antropológico da comunidade quilombola das Palmas, efetuado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, através do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas que “Os Collares são proprietários de terras em Palmas até hoje e foram possuidores de ampla escravaria”. “As famílias Simões Pires e Collares uniram-se por laços de casamentos. Os vínculos entre estas famílias e a comunidade negra de Palmas perpetuaram-se após o término do regime escravagista, muitas vezes marcados por fortes traços de dependência e exploração”. “Até os dias de hoje são recorrentes os relatos de prestação de serviços na condição de agregados, chacreiros ou posteiros, sem assalariamento ou direitos trabalhistas”, ressaltando ainda que o estudo revela as relações espúrias que costumavam ocorrer naquela época, entre os senhores brancos e os escravos. Além dos dados já elencados, menciona o processo ainda uma matéria de jornal, na época da morte do homenageado, em que um cidadão se referia a ele como “conselheiro que sabia repreender, quando necessário, comumente suavizando a advertência com a expressão ‘meu negro’ carregada de afetuosidade”, fundamentando que as autoridades municipais eram sabedoras do conflito fundiário que existe na localidade, além da profunda ligação do homenageado com o passado escravagista do local que abriga uma comunidade quilombola reconhecida, a qual não foi consultada, desrespeitando a Convenção nº 169 da OIT, recepcionada pelo Governo Brasileiro por meio do Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004, levantando ainda que o artigo 5º da Lei Municipal de Bagé/RS nº 3.380/1997, determina que a alteração, substituição e ou revogação de denominação de bairros, vilas, logradouros e bens públicos somente dar-se-á mediante aprovação em plebiscito da população do Município e de 2/3 (dois terços) da Câmara de Vereadores, o que não ocorreu.

A sentença do processo prolatada em 11 de junho de 2019, analisou a Lei Municipal que homenageou o passado escravagista em detrimento ao reconhecimento quilombola, afirmando que as questões de confrontação com a necessidade de plebiscito importa por lei municipal não estavam em análise naquele caso, mas que a controvérsia residiria na possibilidade de aplicação da



Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho – OIT, salientando o direito à consulta prévia previsto nos artigos 6º, 7º, 15, 16, 17 e 28 da referida convenção, concluindo que é obrigação do Poder Público consultar o povo interessado sobre as medidas administrativas suscetíveis de afetá-los, o que não ocorreu no caso analisado apesar de existir associação quilombola regularmente constituída, que somente ficou sabendo da lei através da rádio, declarando a procedência do pedido para anulação da lei.

O poder executivo municipal recorreu da decisão defendendo a higidez do processo legislativo que culminou com a elaboração e vigência da lei combatida, sustentando que não havia prova de que o homenageado teria sido escravagista, advogando a tese de que a Convenção n.º 169 da OIT não englobaria comunidades quilombolas, estendendo-se apenas às tribais, motivo pelo qual não haveria a necessidade de participação prévia/consulta aos quilombolas das Palmas sobre a denominação da Unidade Básica de Saúde.

Em 16 de dezembro de 2019, sobreveio acórdão de votação unânime da Primeira Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, da apelação nº70082501339, confirmando a sentença de primeiro grau, dispondo que especialmente em matéria polêmica como a que envolve o caso é indispensável à consulta da comunidade quilombola que foi deslegitimada pela escolha indireta de nome pelos vereadores municipais, embasada pela Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

## CONCLUSÃO

O quilombo é um território de afirmação da história negra, local esse que resiste, gera e perpetua cultura, memória e ao mesmo tempo constitui uma nova forma de lidar com o mundo exterior. Em decorrência da tensão e resistência é que nasceu o quilombo e até hoje resiste e apesar de sabermos que ainda há muito que superar do ponto de vista da desigualdade, cabe pontuar que há uma ruptura manifesta de eventual subserviência e dependência, tendo os quilombolas o poder de serem ouvidos e fazerem frente aos privilégios que ainda remontam um tempo de escravidão e se reveste de homenagens aqueles que possivelmente tenham profundas ligações com esse passado condenável de escravização da população negra, embora ainda persiste muito desta desigualdade e subjugação nos dias de hoje, sendo mais do que nunca necessário o investimento nas instituições de proteção aos direitos quilombolas e, mais do que isso, a conscientização da história de luta e resistência e da previsão constitucional da concessão de direitos sobre a terra e a obrigação legal e moral de toda a sociedade na garantia e efetivação desses mandamentos.



## REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo – antropologia e História do processo de formação quilombola**. Edusc, Bauru, 2006.

BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. Em: POUTIGNAT, Phillipe & STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora fundação da Unesp, 1998.

CARDOSO, F. H. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul**. São Paulo: Difusão. 1977.

DEGRANDI, S. M. **Ecoturismo e Interpretação da Paisagem no Alto Camaquã/RS: uma alternativa para o (des)envolvimento local**. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: Programa de Pós-graduação em Geografia e Geociências (PPGGeo), Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, 2011.

ECKERT, C., ROCHA, A. L. C. D. **Etnografia: Saberes e Práticas. Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990. HARVEY, DAVID. **A Condição Pós-Moderna**. Editora Loyola: 2000.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**. São Paulo : Ed.34, 2003. INCRA. **Quilombolas**. Disponível em: <[http://www.incra.gov.br/sites/default/files/quadro\\_geral\\_andamento\\_dos\\_processos\\_quilombolas.pdf](http://www.incra.gov.br/sites/default/files/quadro_geral_andamento_dos_processos_quilombolas.pdf)>. Acesso em: 16/06/2019.

LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: Questões conceituais e normativas. **Etnografia**. Vol. IV (2), 2000.

SODRÉ, Muniz. **DIVERSIDADE E DIFERENÇA**. Revista Científica de Información y Comunicación Número 3, Sevilla SECCIÓN CLAVES, 2006.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

YABETA, Daniela e GOMES, Flávio. **Memória, cidadania e direitos das comunidades remanescentes (em torno de um documentário da história dos quilombolas da Marambaia).** *Afro-Ásia*, 2013, no.47, p.79-117



[feevale.br/cidi2021](http://feevale.br/cidi2021)





## **CIDADES CRIATIVAS E CIDADES DE APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE DE CONSTRUÇÕES INTERDEPENDENTES**

### **CREATIVE CITIES AND LEARNING CITIES: AN INTERDEPENDENT CONSTRUCTION ANALYSIS**

Cristiano Fortes Zanin; Mary Sandra Guerra Ashton

Universidade Feevale

**Resumo:** As redes internacionais da UNESCO para conceituar e promover Cidades Criativas e Cidades de Aprendizagem possuem elementos de intersecção que apesar de subjetivos são apoiados na Economia Criativa. O objetivo desse trabalho é discorrer sobre alguns destes elementos no intuito de discutir a correlação dos conceitos. Para tanto, apresenta-se a construção de concepções que permitem essa intersecção de ideias, trazendo reflexões que as características de Cidades de Aprendizagem podem dar suporte ao desenvolvimento de uma Cidade Criativa.

**Palavras-chave:** Cidades Criativas. Cidades de Aprendizagem. Economia Criativa.

**Abstract:** The international networks by UNESCO to design and promote Creative Cities and Learning Cities have elements of intersection that, although subjective, are supported by the Creative Economy. This paper aims to discuss some of these elements in order to expose the correlation of concepts. With this objective, the article presents a construction of concepts that allows the intersection of these ideas, demonstrating that the characteristics of Learning Cities can support the development of a Creative City.

**Keywords:** Creative Cities. Learning Cities. Creative economy.

## **INTRODUÇÃO**

A formulação da ideia de cidade criativa tem origem na necessidade de reinvenção urbana pós-industrial iniciada na década de 90 através das discussões dos governos australiano e britânico sobre indústria criativa e economia criativa, onde se estimulou a valorização da arte e cultura e a geração de riqueza através do conhecimento e propriedade intelectual.

A UNESCO incorporou a importância de desenvolvimento urbano orientado pela criatividade, discurso este materializado através do lançamento da Rede de Cidades Criativas da UNESCO em 2004 (FERREIRA, 2017). Métodos tradicionais de gestão e planejamento urbano não eram mais satisfatórios para as mentes criativas de cidadãos ávidos por ambientes inovadores e conectados. Cada vez mais a globalização estimulava novos contextos que promovessem o engajamento público em prol do pertencimento local e da utilização ativa de ambientes da cidade.



Entretanto, sob esta perspectiva, a participação por parte dos habitantes depende da habilidade das pessoas em compreender conceitos de criatividade e inovação e esta realidade pode ser obtida por meio de educação adequada e aprendizagem contínua (NÉMETH, 2020). Corroborando a este cenário, outro grupo de cidades criado em 2013 pela UNESCO foi a Rede Mundial de Cidades de Aprendizagem, também com propósitos orientados a políticas de compartilhamento internacional, neste caso no sentido de proporcionar inspiração e compartilhamento de melhores práticas de aprendizagem ao longo da vida (UNESCO, 2013).

Assim, ambos conceitos das mencionadas Redes UNESCO envolvem a questão do aprender e que as cidades devem se concentrar na educação contínua de seus cidadãos, de maneira que eles ajam de forma criativa e inovadora no enfrentamento de problemas - isso tornará uma cidade criativa. Logo, os cidadãos em seu espírito criativo, gestores da cidade devem entender que o contexto da criatividade deve ser prestado no sistema educacional, dentro e fora da escola. Este sistema educacional tem que ser baseado em ciência atualizada e universal disponível para todos em todas idades. O objetivo desse sistema será formar cidadãos conhecedores que atendam às suas necessidades através da economia baseada no conhecimento, numa relação sintonizada com a cidade. O presente trabalho pretende explorar a inter-relação dos conceitos de Cidades Criativas e Cidades de Aprendizagem, pois cidades baseadas no conhecimento são os melhores ambientes para a educação, formação, criatividade e cidadania ativa, onde os cidadãos estão permanentemente agregando e compartilhando conhecimentos por meio da participação em processos de aprendizagem ao longo da vida. Abordar cidades criativas como resultado e produção das cidades baseadas no conhecimento e comunidades de aprendizagem na era da criatividade e do desenvolvimento de novos conhecimentos, obviamente parece ser necessário.

## **CIDADES CRIATIVAS E CIDADES DE APRENDIZAGEM**

No século XXI, sob a perspectiva da Sociedade do Conhecimento e advento das discussões da Economia Criativa após a década de 90 (FERREIRA, 2017), algumas cidades vislumbraram novas necessidades de desenvolver uma personalidade dirigida à criatividade. A cidade criativa possui uma estrutura de indústrias culturais diversificada, sofisticada e de orientação internacional que nutre e apoia uma riqueza de atividades artísticas locais e internacionais.





A perspectiva de elementos da economia criativa às cidades promoveu o surgimento do conceito de cidade criativa sendo esta “entendida como um complexo urbano constituído por uma integrada série de atividades culturais que perpassam setores de base como política e economia.” (NEVES et al., 2020, p. 22). Assim, a cidade criativa deve ser percebida como um cenário multicultural que é composto por conceitos tangíveis e intangíveis, incorporando diversas dimensões que envolvem desde a classe criativa quanto o foco na atração de investimentos corporativos que promovam o desenvolvimento.

A cidade criativa seria um ícone da economia criativa (HOWKINS, 2011), e sob esta afirmação, o autor menciona que para formar uma “ecologia criativa”, devem ser considerados quatro requisitos necessários: diversidade, mudança, aprendizado e adaptação. Nesse sentido, seriam necessários locais com mais pessoas e mercados ativos, em ambientes construídos para estimular a colaboração e a inovação sob a perspectiva da arte e cultura, fortalecendo a mencionada personalidade daquele contexto local.

Na ênfase de que cidades criativas também são resultados da formação e produção de uma classe criativa, Florida (2011) aborda que há um índice de criatividade que pode ser aplicado: a Tecnologia é o fator que direciona para a demanda sobre inovação e alta tecnologia em um espaço sociocultural; o Talento se refere a indivíduos com maior nível educacional e diferenciais que corroboram para o desenvolvimento econômico através do conhecimento; e por fim, a Tolerância está relacionada ao espírito de inclusão e à diversidade no contexto sociocultural.

A cidade criativa é um composto de vocação histórica e cultural que embasa e suporta o planejamento que um ambiente que possa gerar uma experiência e para tanto, deve ser a cidade confiante de sua identidade numa coalisão de interatividade inspirada pela própria história. “Ser uma Cidade Criativa é uma jornada de desdobramento e um processo emergente, alimentado pela força e acelerado pelo que já foi realizado.” (LANDRY, 2013, p. 84). Alinhado com os aspectos observados, a aplicação dos princípios da economia criativa às cidades fomentou o surgimento do conceito de cidade criativa, entendida como este ambiente urbano que tem na criatividade um importante fator de desenvolvimento local.

Assim, consolidou-se uma iniciativa importante chamada “Rede de Cidades Criativas da UNESCO”, que tem como objetivo “alcançar uma requalificação dos espaços urbanos que venham associadas ao reconhecimento e difusão de novas práticas culturais e novos



investimentos econômicos, que possam gerar riquezas socioculturais e econômicas” (UNESCO, 2005, p. 3).

Essa política de orientação à melhores práticas promovidas pela UNESCO, de acordo com Assunção, Kuhn Júnior e Ashton (2018), são iniciativas que englobam diversas regiões com diferentes níveis de renda, capacidades e populações, num contexto comum ao campo das indústrias criativas. Um ambiente cultural que adote o posicionamento da ideia de cidade criativa permite inovação social através de mudanças que contribuem para o desenvolvimento da cidade.

Segundo Leitão (2016), o contexto de valorização cultural, no que tange a sua forma e acesso, também pode gerar desigualdades, “contribuindo para a manutenção de desequilíbrios históricos no acesso à comunicação, à informação e ao entretenimento, provocando o declínio da diversidade cultural” (LEITÃO, 2016, p. 96). Assim, é importante uma reflexão sobre como a aprendizagem contínua dos cidadãos, na forma de empoderamento da educação para eles, pode auxiliar a cidade criativa em uma busca de equilibrada e equitativa qualidade de vida.

Por sua vez, as Cidades de Aprendizagem, sob o aspecto da educação, muitas cidades no mundo estão preocupadas em desenvolver estratégias para promover aprendizagem para seus cidadãos, na intenção de estimular adaptação individual e cívica aos principais desafios de econômicos, tecnológicos e ambientais (FACER E BUCHCZYK, 2019). Nesse sentido, é necessário que a aprendizagem seja compreendida além do contexto das instituições escolares, abrangendo também práticas que envolvam culturas, comunidades e lugares.

Florida (1995) lançou a ideia de regiões de aprendizagem como a base de um sistema regional de inovação. Essa perspectiva se suporta em que uma boa infraestrutura de aprendizagem permite que o local possa competir em uma economia global. Este reconhecimento da escala regional fornece um elo relevante para a economia local e a importância da aprendizagem, capital social e capital humano em prol do desenvolvimento da comunidade.

No intento de estimular políticas internacionais que promovam melhores práticas que oportunizem aprendizagem ao longo da vida para todos, a UNESCO lançou a Rede Global de Cidades de Aprendizagem em 2013. Se trata de uma rede internacional que pretende fornecer “inspiração, *know-how* e melhores práticas” da aprendizagem ao longo da vida e dentre diversas características, também define uma cidade de aprendizagem como uma cidade que “mobiliza efetivamente os seus recursos em todos os setores para promover a aprendizagem inclusiva do





ensino básico ao superior” (UNESCO, 2013). Realizando isso, a cidade possibilita empoderamento individual e a inclusão social, a prosperidade cultural e o desenvolvimento econômico e sustentável.

Os exemplos de cidades de aprendizagem auxiliam a compreender e reconhecer os benefícios de aprendizagem baseada na comunidade integrando aspirações individuais e comunitárias em ambientes urbanos, com transferência de conhecimento e desenvolvimento de habilidades (NÉMETH, 2020). Nesta perspectiva, algumas organizações e instituições de educação, como universidades, museus, bibliotecas e centros comunitários de aprendizagem se tornam significativos ambientes pelo papel que desempenham como estruturas estruturantes na relação de cultura local.

## **DISCUSSÃO: CIDADE DE APRENDIZAGEM PARA FORTALECER A CIDADE CRIATIVA**

É percebido que tanto nos conceitos de Cidades Criativas quanto de Cidades de Aprendizagem, é permeada a importância de cooperação e interação entre partes interessadas em um dado espaço estrutural em prol do desenvolvimento criativo de seus habitantes. Além disso, é fundamental o papel de instituições educacionais como parceiras de inovação e a utilização do conhecimento e cultura local como apoio a atividades ascendentes no processo de desenvolvimento local.

Apesar de conceitos pouco similares no que tange a forma explícita dos objetivos das duas mencionadas Redes de cidades da UNESCO conforme é demonstrado na Tabela 1, foi importante elencá-los juntamente para demonstrar como os conceitos se correlacionam e que a subjetividade de características necessárias para desenvolvimento de determinada região em prol da caracterização de uma cidade como Criativa ou de Aprendizagem, dependerá de elementos muito correlatos.

**Tabela 1.** Lista de objetivos propostos para as Redes da UNESCO

<b>Cidades de Aprendizagem</b>	<b>Cidades Criativas</b>
- Mobilizar efetivamente os seus recursos em todos os setores para promover a aprendizagem inclusiva do ensino básico ao superior	- Estimular e aprimora iniciativas lideradas por cidades membros para tornar a criatividade um elemento essencial como componente do desenvolvimento urbano, através de parcerias envolvendo setores público e privado e a sociedade civil



- Revitalizar a aprendizagem nas famílias e comunidades	- Fortalecer a criação, produção, distribuição e difusão de atividades e bens culturais e serviços
- Facilitar a aprendizagem para e no local de trabalho	- Desenvolver centros de criatividade e inovação para ampliar as oportunidades para criadores e profissionais do setor cultural
- Estender o uso de tecnologias de aprendizagem modernas	- Integrar totalmente a cultura e a criatividade nas estratégias e planos de desenvolvimento local
- Aumentar a qualidade e a excelência no aprendizado	- Melhorar o acesso e participação na vida cultural, bem como a fruição dos bens culturais e serviços, especialmente para grupos e indivíduos marginalizados ou vulneráveis;
- Promover uma cultura de aprendizagem ao longo da vida	- Fortalecer a cooperação internacional entre cidades que reconheceram a criatividade como um fator estratégico de seu desenvolvimento sustentável

**Fonte:** Elaborado pelo autor conforme documentos UNESCO (2020).

Além disso, o trabalho contínuo na educação voltado a práticas sustentáveis, envolvendo difusão de valores, traduzem-se em melhor qualidade de vida, e esta condição é capaz de promover externalidades importantes, como afirma Florida (2005) onde ambientes urbanos mais qualificados atraem uma maior concentração de pessoas criativas que por sua vez promovem o desenvolvimento urbano, atraindo outras pessoas talentosas, o que está associado a geração de inovações nas cidades.

Nesta discussão em torno da influência da classe criativa na cidade, Reis e Kageyama (2009) consideram que esta classe (criativa) só pode se desenvolver onde a administração pública tem imaginação, voltando-se tanto para ações de inovações de cunho social como também em política e governança. Isto quer dizer que criativos não são apenas os artistas ou os que lidam com novas mídias, design ou pesquisadores de universidades. Apesar de não estarem na concepção “nuclear” da economia criativa, outras profissões também permeiam a realidade de desenvolvimento local embasada em elementos artísticos e culturais, logo, nas diferentes formações educativas é importante que sejam explorados conceitos que permitam concepções de valor no sentido de compreensão do que é criatividade e inovação como mencionado por Németh (2020).

Para Landry (2013), o principal recurso para uma cidade ser criativa é seu povo, e por meio dele e de programas de aprendizagem que sejam progressivos e adaptáveis é o que pode possibilitar uma criação de mentalidade de “posso fazer”, pois liberar a criatividade dos



cidadãos, das organizações e da cidade é um processo de outorga de poder que ajuda o potencial e é um recurso vital (LANDRY, 2013). Assim, para o autor há uma necessidade do foco no desenvolvimento na perspectiva da aprendizagem como fator habilitador de criatividade e inovação:

A principal característica da cidade de aprendizagem é a capacidade de se desenvolver com sucesso em um ambiente socioeconômico em rápida mudança. Ele também pontua que qualquer cidade pode ser uma cidade de aprendizagem. Para tanto, quanto menos vantagens naturais ou históricas uma cidade goza, mais importante é que se repense como uma cidade que aprende. Há sim uma oportunidade de transformar pontos fracos em pontos fortes, olhando seus recursos potenciais em uma forma mais abrangente. (ERKKILÄ, 2020, p. 2 apud Landry, 2000).

Para Campbell (2019), a noção de aprendizagem é a aquisição de conhecimento que é então testado, convertido, armazenado para uso futuro e empregado para fazer mudanças. Esta concepção deveria ter melhor atenção nos círculos de política urbana, perspectiva que é intimamente ligada com a habilidade criativa e inventiva de capacitação que precisa ser desenvolvida nos habitantes de uma cidade que vislumbra ser criativa. Corroborando a esta ideia, uma cidade cuja economia é impulsionada pela busca criativa e pela aplicação de novas ideias e conhecimentos, “está firmemente enraizada na transferência criativa de ideias, oportunidades, inovação e, eventualmente, produção.” (NÉMETH, 2019, p. 5 apud CANNON, NATHAN, & WESTWOOD, 2003, p. 7).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Duas principais reflexões emergem desta análise: uma diz respeito à preocupação na educação de qualidade a todos habitantes da cidade e sua necessária continuidade, caracterizando a aprendizagem ao longo da vida. Os cidadãos que possuem mais acesso à educação, aliados à elementos promotores sobre percepções criativas, desenvolvem habilidades de compreensão para tal e corroboram de diferentes maneiras na formação de um ambiente urbano mais ativo e vibrante; a outra reflexão é que os fatores culturais na aprendizagem precedem o quanto a gestão do conhecimento deve ser útil para a formação de uma Cidade Criativa. O próprio processo de aprendizagem parece permitir a geração de uma qualidade emergente na cidade que pode ser tão importante quanto as lições agregadas que uma cidade aprende, sugerindo que o esforço coletivo na aprendizagem possibilite um espírito mais cooperativo no que pode tornar uma cidade percebida como ambiente criativo.





Pensar neste cenário de relação de Cidade de Aprendizagem como precedente suporte à Cidade Criativa, implica pensar a cidade com criatividade social, política e cultural, bem como econômica e tecnológica. Significa que os detentores do poder precisam permitir influências criativas dentro de uma estrutura de princípios estratégicos orientadores dentro da qual é possível ser taticamente flexível, afetando assim a cultura organizacional de uma cidade. O desenvolvimento deste capital cultural através da aprendizagem ao longo da vida dos cidadãos representa uma importante matéria-prima no escopo dentro do qual a criatividade pode significar como elemento preconizador de identificação de personalidade criativa local.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, D. M.; KUHN JUNIOR, N.; ASHTON, M. S. G. Cidades Criativas e Vila Flores: Convergências e Semelhanças no Modelo de Gestão para a Inovação Social. **Desenvolvimento em Questão**, v. 16, n. 43, p. 291-321, 2018.

BICHUETI, R. S. **Fatores que Condicionam a Formação de Ambientes Urbanos Inovadores em Cidades Sustentáveis**. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2016.

CAMPBELL, T. Learning cities: Knowledge, capacity and competitiveness. **Habitat International**, v. 33, p. 195 – 201. 2009.

COHENDET, P.; GRANDADAM, D.; SIMON, L., 2010. *The Anatomy of the Creative City, Industry and Innovation*, Taylor & Francis Journals, vol. 17, p. 91-111. 2010.

ERKKILÄ, K. The city of Espoo develops as sustainable learning city. **Studies in Education and Learning**, v. 26, n 1, p. 85 – 96. 2020.

FACER, K.; BUCHCZYK, M. *Understanding Learning Cities as discursive, material and affective infrastructures*. **Oxford Review of Education**, v. 45, n. 2, p. 168-187. 2019.

FITZGERALD, H. E.; ZIENTEK, R. New directions for adult and continuing education. **Wiley Periodicals Inc**. Disponível em: [wileyonlinelibrary.com](http://wileyonlinelibrary.com) (DOI:10.1002/ace.20120). n. 145. 2015.

FLORIDA, R. *Towards the learning Region*. **Futures**, v. 27, n. 5, p. 527-536. 1995.

FLORIDA, R. **A Ascensão da classe criativa: e seu papel na transformação do trabalho, do lazer, da comunidade e do cotidiano**. Porto Alegre: LPM, 2011.

HOWKINS, J. **Ecologia Criativa**. In: REIS, ACF.; KAGEYAMA, P. (Orgs.) (2008). *Cidades criativas: perspectivas*. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011.

LANDRY, C. **Origens e Futuros da Cidade Criativa**. São Paulo: SESI-SP, 2013.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

LEITÃO, C. S. O Destino das Cidades ou as Cidades como Destino: Uma Reflexão sobre Cidades Criativas a partir de Políticas Públicas Culturais. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 5, n. 2, p. 91-103, 2016

NÉMETH, B. *Learning cities. Participatory – focused community development in adult and lifelong education*. Sisyphus: **Journal of Education**, v. 7, n. 2, p. 9 - 23. 2019

NÉMETH, B. *Learning cities in progress: comparing the models of Pécs and Cork*. **Studies in Adult Education and Learning**, v. 26, n. 1, p. 67 – 84. 2020.

NEVES, B. S.; CUMARÚ, W. A.; MORAIS, H. M. O que faz uma cidade ser criativa? Uma análise a partir das dimensões conceituais. **Diálogo com a Economia Criativa**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 15, p. 18-32, set./dez. 2020.

REIS, A. C. F.; URANI, A. **Cidades Criativas – Perspectivas Brasileiras**. In: REIS, A. C. F.; KAGEYAMA, P. *Cidades criativas: Perspectivas*. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011.

REIS, A. C. F. **Cidades Criativas – Análise de um conceito em formação e da pertinência de sua aplicação à cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2011.

UNESCO. *Whats is a learning city?* Disponível em: <https://uil.unesco.org/lifelonglearning/learning-cities>. Acesso em 13 dez 2020.

UNESCO. *What is the Creative Cities Network?* Disponível em: <https://en.unesco.org/creative-cities/content/about-us>. Acesso em 13 dez 2020.

UNESCO. *Creative Cities Network Mission Statement*. Disponível em: [https://en.unesco.org/creative-cities/sites/creative-cities/files/uccn\\_mission\\_statement\\_rev\\_nov\\_2017.pdf](https://en.unesco.org/creative-cities/sites/creative-cities/files/uccn_mission_statement_rev_nov_2017.pdf). Acesso em 13 dez 2020.





## APTIDÃO MOTORA DE EQUILÍBRIO E PRESENÇA DE QUEDAS EM IDOSOS ATIVOS

### APTITUD MOTORA DEL EQUILIBRIO Y PRESENCIA DE CAÍDAS EN MAYORES ACTIVOS

Mônica Faber; Denise Bolzan Berlese; Diego Matheus Schaab; Gustavo Roes Sanfelice

Universidade Feevale

**Resumo:** A presente pesquisa descritiva, quantitativa e transversal objetivou verificar a aptidão motora de equilíbrio com a presença de queda em idosos ativos. Nesse sentido foram investigados 21 idosos (4 homens e 17 mulheres), de ambos os sexos, que praticam exercício físico três vezes na semana por no mínimo 50 minutos, ou que praticam semanalmente 150 minutos de exercícios físicos. Como instrumentos utilizou-se o teste de equilíbrio da Escala Motora para a Terceira Idade – EMTI proposto por Rosa Neto (2009) e Questionário de Saúde e Quedas - QSQ, proposto por Valente (2012). Como resultado evidenciou-se que a aptidão motora de equilíbrio dos investigados apresenta classificação geral normal médio. Quanto ao risco de queda evidencia-se que os investigados possuem baixo risco de queda. Por fim pode-se concluir que quanto melhor a classificação da aptidão motora de equilíbrio, mais livres e independentes tendem a ser os idosos e menor a presença de quedas.

**Palavras-chaves:** Queda. Idosos Ativos. Equilíbrio.

**Resumen:** La presente investigación descriptiva, cuantitativa y transversal tuvo como objetivo verificar la aptitud motora del equilibrio con la presencia de caídas en mayores activos. En este sentido, se investigaron 21 personas mayores (4 hombres y 17 mujeres), de ambos sexos, que practican ejercicio físico tres veces por semana durante al menos 50 minutos, o que practican 150 minutos de ejercicio físico semanalmente. Como instrumentos, se utilizó el test de equilibrio de la Escala Motora para el Adulto Mayor - EMTI propuesto por Rosa Neto (2009) y el Cuestionario de Salud y Caídas - QSQ, propuesto por Valente (2012). Como resultado, se evidenció que la aptitud motora del equilibrio investigadas presentan una clasificación general media. En cuanto la presencia de caída, es evidente que los investigados tienen bajo riesgo de caída. Finalmente, se puede concluir que cuanto mejor es la clasificación de la aptitud del equilibrio motor, más libres e independientes tienden a ser los mayores y menor la presencia de caídas.

**Palabras clave:** Caída, Mayores activos. Equilibrio.

## INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno internacional e também pode ser observado no Brasil. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS, 2018) o número de idosos no ano de 2017 era de 30,2 milhões, sendo que as mulheres são maioria nesse grupo, correspondendo a 56% do grupo com 16,9 milhões de idosas, enquanto os homens são 44% do grupo com 13,3 milhões de idosos. Segundo a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia – SBGG (2014) as projeções até o ano de



2025 são crescentes e estima-se que, no Brasil, haverá 34 milhões de pessoas com mais de 60 anos, idade esta, que define como marco de entrada na terceira idade no país.

O Rio Grande do Sul está entre os Estados do país com o maior número de idosos segundo a Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão do Estado do Rio Grande do Sul - SEPLAG (2019) com um total de 1,4 milhões de idosos no ano de 2019. Esses números revelam a importância de um planejamento para questões sobre o envelhecimento, pois este acarreta algumas modificações fisiológicas e sociais.

Essa tendência de envelhecimento da população tanto decorre do aumento da expectativa de vida em consequência da ciência e suas descobertas até mesmo pelo novo estilo de vida que essa faixa etária está vivendo, que possibilita melhorar as condições de saúde quanto pela questão da taxa de fecundidade que está diminuindo consideravelmente (FREITAS *et al.* 2020, SBGG, 2014; RAMOS, 2013).

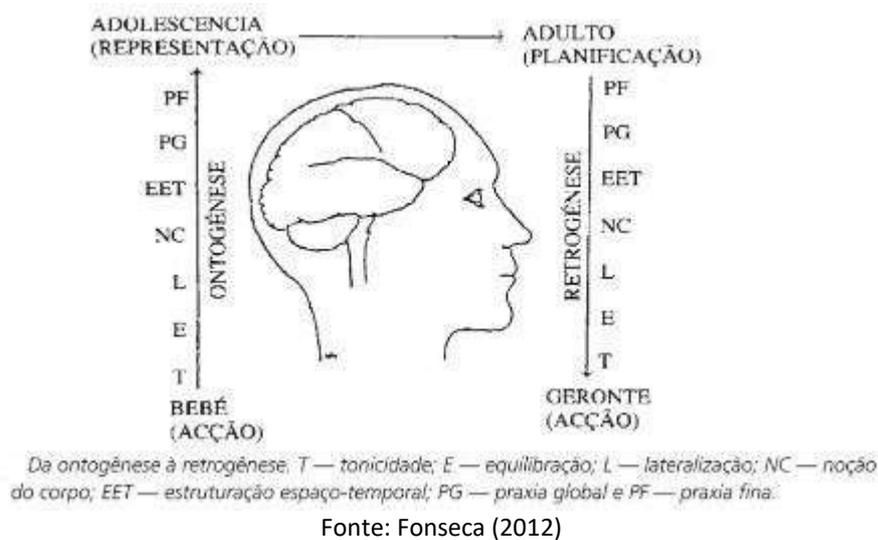
O presente tema torna-se relevante, uma vez que trará subsídios para compreender a habilidade motora de equilíbrio, fundamental para um envelhecimento saudável.

A aptidão motora é um conjunto de habilidades motoras de um indivíduo, capacidade de autorregulação do sistema nervoso e realização de movimentos motores intencionais (ROSA NETO 2009, 2014).

De acordo com Machado *et al.* (2009) a aptidão motora está associada aos aspectos neurológicos, psicológicos, sociais e físicos, afetando diretamente o idoso, já que este está em um período de vulnerabilidade e apresenta retrogênese. Segundo Fonseca (2012) a retrogênese é o reverso do processo da evolução motora ontogênica, onde há evolução crescente e sistêmica como apresentado na Figura 1.



Figura 1. Introdução a uma Abordagem Ontogenética



Para Fonseca (2019) a Abordagem Ontogenética caracteriza-se pelas estruturas complexas desde o bebê até a adolescência que partem tanto do ato ao pensando, quanto da inteligência prática à inteligência reflexiva, compreendendo os aspectos psicomotores humanos em uma verdadeira evolução estrutural, na qual se torna mais complexa durante as experiências integradas da vida adulta. Nesse sentido, Rosa Neto (2009) e Fonseca (2012) acrescentam que a aptidão motora pode ser avaliada por elementos neuropsicomotores básicos, como motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial e organização temporal.

A Aptidão Motora de Equilíbrio está inserida no Sistema Psicomotor Humano – SPMH e, segundo Fonseca (2012), é um sistema integrado por sete fatores independentes e complexos: tonicidade, equilíbrio, lateralização, noção do corpo, estruturação espaço-temporal, praxia global e praxia fina.

Fechine e Trompieri (2012) afirmam que há mecanismos neurais e osteoarticulares envolvidos na conservação da postura do corpo e, como consequência disso, ocorre a perda total do equilíbrio que está correlacionada com a súbita incapacidade desses mecanismos.

Moser *et al.* (2013) complementam que com o envelhecimento os sistemas somatossensorial, visual e vestibular apresentam alterações, e fornecem feedback inapropriado ou reduzido para os centros de controle postural gerando alterações no equilíbrio. Sendo o sistema visual responsável por detectar a posição do corpo no espaço em relação a gravidade e ao ambiente (SOUZA *et al.*, 2020).



Souza *et al.*, (2020) complementam que o controle do equilíbrio requer a manutenção do centro de gravidade e com o avanço da idade sofrem a diminuição da capacidade compensatória. Desta forma há um aumento da instabilidade, então o sistema nervoso central - SNC mediante a ausência ou comprometimento da visão, se ajusta por meio de outros mecanismos, como o sistema proprioceptivo, na tentativa de autocorreção postural e controle de si mesmo.

O sistema vestibular é composto por um grupo de órgãos localizados na parte interna do ouvido, com função e manutenção do equilíbrio, e está relacionado a degeneração desse sistema, com a presença de tontura e vertigem que, associados ao uso de medicamentos, afetam esse sistema (GARCIA *et al.*, 2020; ISAAC, 2015).

Segundo Garcia *et al.* (2020) a degeneração ocasionada pela idade, ocorre nos receptores e neurônios vestibulares centrais, no cérebro, refletindo na visão e na propriocepção.

Deste modo, o envelhecimento é uma característica fisiológica do ser humano, podendo ser compreendido como um processo natural e irreversível (MONTEIRO; COUTINHO 2020).

Outra característica do envelhecimento é a sarcopenia que é uma síndrome caracterizada por três fatores: perda progressiva de massa muscular, de força muscular e de desempenho físico, tornando-se predominante e gradual com o passar da idade (MOURA *et al.*, 2020).

A sarcopenia é causada pela redução da área de secção transversa das fibras musculares e perda da quantidade e qualidade de proteínas das unidades contráteis, o que torna a força muscular menor que a normal, associada ao envelhecimento; debilidade do sistema muscular; redução da flexibilidade; força; resistência; elasticidade; estabilidade e mobilidade articular (PEREIRA *et al.*, 2019).

A referida patologia impacta e limita a coordenação motora e o equilíbrio do corpo, tanto estático quanto dinâmico, pois há uma diminuição da função do sistema neuromuscular, isto é, há uma redução da força e da qualidade muscular, afetando a capacidade do músculo por unidade de massa muscular. Nesse sentido, a sarcopenia acomete a capacidade funcional do idoso, dificultando a realização de atividades do cotidiano e sua independência. Quando o idoso não consegue realizar suas atividades diárias, há uma diminuição da autoestima e da percepção de competência que acaba interferindo na qualidade de vida e bem-estar, o que potencializa a vulnerabilidade e dependência (PEREIRA *et al.*, 2019).

Para além da sarcopenia, existem outras comorbidades que acometem os idosos, sendo as principais: cardiovasculares, cerebrovasculares, o câncer, os transtornos mentais





(ZASLAVSKY; GUS 2002). Pereira *et al.* (2015) apresentam relatos de idosos que apontam como principais doenças ou comorbidades a hipertensão (46,2%), seguida da diabetes (18,0%), osteoporose (12,4%), ansiedade (11,8%), e doenças cardiovasculares (10,2%). Entretanto, 15,8% dos idosos investigados dizem ter “outra” doença de menor prevalência, dentre as quais aparecem a artrose, gastrite, dores na coluna e labirintite, reumatismo, asma, complicações na próstata, glaucoma, incontinência urinária, hanseníase, hérnia de disco, pedra na vesícula, doença de Parkinson e úlcera.

Outra questão apontada pelos idosos é abordada por Guimarães *et al.* (2004) refere-se às quedas, que acabam se tornando um dos principais problemas clínicos e de saúde pública devido a sua alta incidência e às consequentes complicações para a saúde.

Embora o processo de envelhecimento seja natural, ocasionando alterações no sistema biológico do corpo humano, uma das estratégias de combate a este fenômeno é a prática de exercícios físicos. Segundo Oliveira *et al.* (2019) e Alfieri *et al.* (2009) O exercício físico vem apresentando melhoras expressivas na funcionalidade do corpo, melhorando assim aspectos na qualidade de vida de idosos e acrescentam que, o exercício físico tem se mostrado uma importante ferramenta na prevenção da sarcopenia, relatando também que o sedentarismo poderia antecipar esse mesmo processo.

Rego *et al.* (2016) ressaltam que o exercício está relacionado a redução de perda óssea e uma diminuição no processo de atrofia muscular, diminuindo, assim, a incidência e prevalência de quedas decorrentes da sarcopenia. Menezes *et al.*, (2020), em revisão bibliográfica, apontam que o exercício físico tem efeitos benéficos sobre a qualidade de vida dos idosos em aspectos físicos, sociais e emocionais, com melhora na postura e no equilíbrio, aumento da força nos membros, redução de dores musculares, diminuição do isolamento social, manutenção da autonomia e presença de bem-estar.

Diante disso, a busca por conhecimento, nessa faixa etária, se mostra necessária para compreender e auxiliar no processo de envelhecimento, presente em boa parte da população. Assim, ao avaliar a aptidão motora de equilíbrio em idosos ativos e a presença de quedas, trará subsídios para que estratégias preventivas sejam criadas a fim de minimizar as possíveis dificuldades decorrentes do envelhecimento, potencializando um futuro com mais qualidade de vida e bem-estar para os idosos. Nesse sentido a presente pesquisa tem como objetivo: Verificar a aptidão motora de equilíbrio e a presença de quedas em idosos ativos.



## MÉTODO

O presente estudo caracteriza-se como: descritivo, quantitativo e transversal. Os sujeitos do estudo foram selecionados por conveniência em academias e/ou grupos de idosos. Nesse sentido, 21 idosos foram investigados por conveniência e agrupados de acordo com o sexo. Como critérios de inclusão e exclusão adotou-se: idosos que consentiram em participar do estudo, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e que praticam exercício físico três vezes na semana por no mínimo 50 minutos, ou que praticam semanalmente 150 minutos de exercícios físicos. Não foram incluídos idosos que apresentaram alterações que pudessem comprometer a avaliação da aptidão motora e aquelas que não consentiram em participar. Todas as avaliações foram realizadas após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com as determinações da resolução 466, de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde.

A fim de realizar uma anamnese referente ao nível de exercício físico e a presença de quedas, utilizou-se o Questionário de Saúde e Quedas - QSQ, proposto por Valente (2012), adaptado às necessidades da pesquisa. Para avaliar a aptidão motora de equilíbrio foi utilizado o teste de equilíbrio da Escala Motora para a Terceira Idade – EMTI proposto por Rosa Neto (2009). Os resultados das pontuações obtidos na avaliação permitem a classificação dos parâmetros motores em níveis, a saber: muito superior (130 ou mais), superior (120 – 129), normal alto (110 – 119), normal médio (90 – 109), normal baixo (80 – 89), inferior (70 – 79) e muito inferior (< 70) (Rosa Neto *et al.*, 2005). O tempo de aplicação dura em média 40 minutos, variando entre os indivíduos devido às diferenças individuais QME.

Para a análise dos dados utilizou-se estatística descritiva, média, desvio padrão, frequência e percentual. Os dados primários foram tabulados em planilha do software SPSS 26.0.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

**Tabela 1.** Média da aptidão motor de equilíbrio

Variáveis	Média±EPM
Aptidão motora de equilíbrio	92,3±4

Onde EPM= Erro padrão da média

**Fonte:** Dados de pesquisa.





Na tabela 1 evidencia-se que a média da aptidão motora de equilíbrio dos idosos investigados foi de 92,3 o que corresponde a uma classificação geral normal médio.

Nesse sentido, Buranello *et al.* (2012) ao avaliarem se a prática regular de atividades físicas influencia ou não na manutenção do equilíbrio corporal de 40 idosas da comunidade de Franca, com idades entre 68 e 78 anos, observaram que a prática de atividades físicas e auxilia na manutenção do equilíbrio corporal onde as investigadas apresentam classificação normal média para a referida variável, corroborando com os resultados de nosso estudo.

Pimentel e Scheicher (2009) ao comparar idosos que praticavam atividades físicas com aqueles que não praticavam, observou-se que os efeitos da atividade física foram positivos sobre a estabilidade postural e sobre o risco de atividades voltadas para a terceira idade, proporcionando aumento do equilíbrio enquanto os sedentários tiveram maior incidência de quedas devido a perda do equilíbrio e da força muscular.

Venâncio *et al.* (2018) ao analisar a influência da atividade física nos componentes psicomotores em idosos praticantes de atividades físicas, utilizando o protocolo EDMTI proposto por Rosa Neto (2001), observaram que os idosos praticantes obtiveram melhor desempenho em todos os testes quando comparados aos idosos não praticantes, tendo a grande maioria classificado normal médio para a variável equilíbrio, corroborando com os resultados apresentados encontrados no presente estudo. Nesse sentido, os autores concluíram que os idosos praticantes de atividades físicas têm maior desenvoltura em relação às valências físicas e motoras, controle da postura e um bom equilíbrio.

De encontro aos nossos resultados, Rosa Neto *et al.* (2005) ao investigar 19(dezenove) instituições asilares e analisar os parâmetros motores, observou que idosos não ativos, nos testes de aptidão motora de equilíbrio, possuem uma média de 50,1 que corresponde uma classificação geral muito inferior. Concluindo que, a diminuição da sensibilidade da manutenção postural, deformidades dos membros inferiores, principalmente nos pés, e o sedentarismo são os principais agentes degenerativos do equilíbrio em idosos institucionalizados ou não. Picolli *et al.* (2011) ao traçar os parâmetros motores de idosos participantes de grupos de convivência para a terceira idade das cidades de Novo Hamburgo e Estância Velha, RS, Brasil, observaram que os sujeitos apresentaram classificação aptidão motora de equilíbrio normal baixo.

Os resultados de Matias (2019), em uma pesquisa aplicada, apontam que a aptidão motora de idosos praticantes de dança de salão e exercício físicos foi classificada como “normal alto” no Teste EMTI, em contrapartida os resultados de idosos não praticantes de exercício físico foi



inferior aos praticantes, permitindo considerar que uma vida ativa contribui positivamente para a manutenção da aptidão motora de idosos, trazendo inúmeros benefícios a saúde do idoso.

Complementando Farias (2018) em uma pesquisa quantitativa, descritiva e transversal com idosos ativos, realizado na cidade de Novo Hamburgo – RS, ao analisar a aptidão motora geral obteve resultados semelhantes no Teste EMTI referente ao equilíbrio, com classificação geral normal médio e concluiu-se que a prática regular de exercícios físicos reflete de forma positiva nas habilidades motoras dos idosos, tendo benefícios não somente no equilíbrio, mas de forma geral.

**Tabela 2.** Distribuição dos idosos investigados, de acordo com o sexo, quanto a presença de quedas e aptidão motora de equilíbrio.

Variáveis	Sexo masculino=4	Sexo feminino =17
	N(%)	N(%)
<b>Quedas</b>		
Sim	3 (75)	4 (17)
Não	1 (25)	13 (57)
<b>Aptidão motora de equilíbrio</b>		
Superior	1 (25)	2 (12)
Normal médio	2 (50)	6 (35)
Normal baixo	0	4 (24)
Inferior	0	3 (17)
muito inferior	1 (25)	2 (12)

Fonte: Dados de pesquisa

Na tabela 2 observa-se que 75% de idosos do sexo masculino sofreram quedas. Nesse sentido, Guimarães e Farinatti (2005) que apontam 78% dos homens investigados em seu estudo apresentaram quedas corroborando com nossos resultados. Em contrapartida, Ribeiro *et al.*, (2008) e Perracini e Ramos (2002) demonstram resultados diferentes indicando uma menor frequência de quedas, 37,5% e 31 % nos investigados do sexo masculino. Acredita-se o alto percentual de quedas evidenciada em nosso estudo no sexo masculino, possa estar atrelado ao fato de que a amostra foi composta por um baixo número de participantes. .

Em relação ao sexo feminino evidencia-se na Tabela 2 que 76% não sofreram quedas e 24% apresentam quedas. De maneira geral em nosso estudo evidenciou-se que os idosos ativos investigados possuem baixo risco de quedas. Nessa perspectiva, Silva *et al.* (2011) em estudo Transversal Observacional Exploratório, ao investigar os fatores relacionados a quedas em idosos com diferentes níveis de atividade física, concluíram que idosos com níveis de atividade





física moderadamente ativo e ativo apresentam baixa presença de quedas, comparado a idosos sedentários. Corroborando com nossos resultados Ribeiro *et al.*, (2008) e Perracini, e Ramos (2002) ao analisar o efeito das quedas e suas consequências na qualidade de vida de idosos, apresentaram respectivamente um percentual de 30% e 29,1% de idosas caídas. Segundo Perracini, e Ramos (2002) há uma maior chance de quedas para o sexo feminino, no entanto, as possíveis causas para explicar esse fenômeno permanecem ainda pouco esclarecidas e controversas. Sugerem como causas a maior fragilidade das mulheres em relação aos homens, assim como maior prevalência de doenças crônicas. Suspeita-se ainda que o fato pode estar relacionado a uma maior exposição a atividades domésticas e a um comportamento de maior risco.

Abdala *et al.* (2017) em seu estudo comparando idosas ativas e sedentárias, apresentou incidência de 22% de quedas em idosas ativas e 58% em idosas sedentárias. Esse achado corrobora os descritos na meta-análise de Silva *et al.* (2013) que mostraram que o exercício físico possui um efeito preventivo na ocorrência de quedas.

Em relação a aptidão motora de equilíbrio observa-se na Tabela 2 que ambos os sexos encontram classificação da aptidão motora superior e normal média, 4 (24 %) das mulheres com classificação normal baixo, 3 (17%) inferior e 2 (12%) muito inferior. Já o sexo masculino 1 (25 %) apresentou classificação inferior.

Em relação a aptidão motora de equilíbrio ambos os sexos (homens e mulheres), pode-se observar em nosso estudo que 71% do total de idosos possuem classificação dentro da normalidade e superior, 15% inferior e 14% muito inferior, corroborando com este resultado Rosa Neto *et al.* (2006) obteve 67,6% de idosos com classificação dentro da normalidade, 17,6% foram classificados como muito inferior, 14,8% como muito inferior. Na amostragem de 150 idosos de Rosa Neto (2001 e 2014), 79,4% ficaram dentro da normalidade, 17,6% foram classificados como inferior e 7,3% como muito inferior.

## CONCLUSÃO

Ao verificar a aptidão motora de equilíbrio com a presença de quedas em idosos ativos, pode-se inferir que a aptidão motora de equilíbrio dos investigados apresenta classificação geral normal médio. Quanto ocorrência de quedas evidenciou-se que o sexo masculino apresentou uma frequência superior de episódios em relação ao sexo feminino. Cabe ressaltar que o baixo



número de idosos do sexo masculino pode tender o resultado encontrado para a variável ocorrência de quedas. Por fim pode-se concluir que quanto melhor a classificação da aptidão motora de equilíbrio, mais livres e independentes tendem a ser os idosos e menor a presença de quedas.

## REFERÊNCIAS

ALFIERI, Fábio Marcon; WERNER, Aline; ROSCHEL, Anieli Baciega. Mobilidade funcional e equilíbrio de idosos praticantes de exercícios físicos versus indivíduos sedentários. **Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício**, Petrolina, v. 8, n. 2, p. 61-64, abril/junho 2009.

ABDALA, Roberta Pellá; BARBIERI JUNIOR, William; BUENO JÚNIOR, Carlos Roberto; GOMES, Matheus Machado. Padrão de marcha, prevalência de quedas e medo de cair em idosas ativas e sedentárias. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 26-30, jan/fev 2017.

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017**. 01 out. 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>>. Acesso em: 07 abr 2021.

BURANELLO, Mariana Colombini; CAMPOS, Sérgio Arthur Oliveira; QUEMELO, Paulo Veiga; SILVA, Adriana Valadares da. Equilíbrio corporal e risco de queda em idosas que praticam atividades físicas e sedentárias. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 8, n. 3, p. 313-323, set./dez. 2012.

FARIAS, Ketrin Krauser. **Habilidades motoras de um grupo de idosos fisicamente ativos da praça da juventude–novo hamburgo**, 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2018.

FECHINE, Basílio Rommel Almeida; TROMPIERI, Nicolino. O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. **InterSciencePlace**, Campos dos Goytacazes, v. 1, n. 20, p. 106 - 132, jan/mar 2012.

FONSECA, Vitor da. **Dificuldades de coordenação psicomotora na criança**: a organização práxica e a dispraxia infantil. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2019.

FONSECA, Vitor da. **Manual de observação psicomotora**: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora WAK, 2012.

GARCIA, Ana Carla Oliveira; FUENTE, Adrian; IANISZEWSKI, Alejandro; SANTOS, Teresa Maria Momensohn. Associação entre auto-referência de tontura e perda auditiva assimétrica no idoso. **Revista CEFAC**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 1-8, 2020.





GUIMARÃES, Joanna Miguez Nery; FARINATTI, Paulo de Tarso Veras. Análise descritiva de variáveis teoricamente associadas ao risco de quedas em mulheres idosas. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 299-305, set/out 2005.

GUIMARÃES, L. T.; GALDINO, D. C. A.; MARTINS, F. L. M.; VITORINO, D. F. M.;

PEREIRA, K. L.; CARVALHO, E. M. Comparação da propensão de quedas entre idosos que praticam atividades físicas e idosos sedentários. **Revista Neurociências**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 68-72, 2004.

ISAAC, Myriam de Lima. Audição e equilíbrio corporal influenciam na qualidade de vida? **Brazilian Journal of Otorhinolaryngology**, São Paulo, v. 81, n. 2, p. 117-119, mar/abr 2015.

MACHADO, Naiana; PARCIAS, Silvia Rosane; SANTOS, Karoliny; SILVA, Maria Eduarda Merlin. Transtorno Depressivo Maior: Avaliação da Aptidão Motora e da Atenção. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 58, n. 3, p.175-180, 2009.

MATIAS, Lays Marina. **Avaliação motora de idosos praticantes de dança de salão**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MENEZES, Giovanna Raquel Sena; SILVA, Alexciana Santos da; SILVÉRIO, Leandro Carlos; MEDEIROS, Ana Cláudia Torres de. Impacto da atividade física na qualidade de vida de idosos: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Health Review**, São José dos Pinhais, v. 3, n. 2, 2490-2498, mar./abr. 2020.

MONTEIRO, Ricardo Eddy Gomes; COUTINHO, Diogenes José Gusmão. Uma breve revisão de literatura sobre os idosos, o envelhecimento e saúde. **Brazilian Journal of Development**, São José dos Pinhais, v. 6, n. 1, p. 2358-2368, jan. 2020.

MOURA, Kéllyda Cinnara da Silva; LIMA, Cybelle Rolim de; SILVA, Stephany Ferreira Souza da; AGUIAR, Gisele Barbosa de; SILVA, Athos Leandro Lopes da; GONÇALVES JÚNIOR, José de Siqueira; SANTIAGO, Emerson Rogério Costa; ORANGE, Luciana Gonçalves de. Sarcopenia e fatores associados em alcoolistas internos para desintoxicação. **Brazilian Journal of Development**, São José dos Pinhais, v. 6, n. 1, p. 5193- 5208., jan. 2020.

MOSER, Auristela Duarte de Lima; VIDAL, C.; MUNHOZ, Cassiane Candido; MELLO, K.

K. M.; CARLESSO, N.; FONTANA, Mariane Benicio. Efeitos da Dança Sênior® no equilíbrio de participantes de um grupo da terceira idade. **Revista Terapia Manual**, Anápolis, v. 11, n. 54, p. 551-553, 2013.

OLIVEIRA, Daniel Vicentini de; NASCIMENTO, Matheus Amarante do; ALVES, Geisa Luiza Mendes Arantes; SANTOS, Rafaela Merim; FREIRE, Gabriel Lucas Moraes; SANTOS, Stevan Ricardo dos; NASCIMENTO JÚNIOR, José Roberto Andrade do. O tempo de prática e a prática de outro exercício físico influenciam na aptidão física de idosos





praticantes do método pilates? **Revista de Atenção à Saúde**, São Caetano do Sul, v. 17, n. 62, p. 31-39, out./dez. 2019.

PERRACINI, Monica Rodrigues; RAMOS, Luiz Roberto. Fatores associados a quedas em uma coorte de idosos residentes na comunidade. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, n. 6, p. 709-716, 2002.

PEREIRA, Déborah Santana; NOGUEIRA, Júlia Aparecida Devidé; SILVA, Carlos Antonio Bruno da. Qualidade de vida e estado de saúde de idosos: um estudo de base populacional no sertão central do Ceará. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 893-908, dez. 2015.

PEREIRA, Thiago Teixeira; OLIVEIRA, Cristiane Martins Viegas de; MARQUES, Heitor Romero. Atividades físicas para idosos e seus benefícios. **Revista Caribeña de Ciencias Sociales**, Málaga, 12, p. 1-11, dez. 2019. Disponível em: <<https://www.eumed.net/rev/caribe/2019/12/atividades-fisicas-idosos.html>>. Acesso em: 01 jun. 2020.

PICCOLI, João Carlos Jaccottet; SANTOS, Geraldine Alves dos; FERRAREZE, Matheus Elias; HAAS JUNIOR, Wolney. Parâmetros motores e envelhecimento: um estudo de idosos de 60 a 83 anos de Ivoti, RS. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 306-318, jul./dez. 2009.

PIMENTEL, Renata Martins; SCHEICHER, Marcos Eduardo. Comparação do risco de queda em idosos sedentários e ativos por meio da escala de equilíbrio de Berg. **Fisioterapia e Pesquisa**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 6-10, jan./mar. 2009.

RAMOS, Luiz Roberto. Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano: Projeto Epidoso, São Paulo. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 793 – 798, jun. 2013.

REGO, Leandro Augusto Menezes; PATRIOTA FILHO, Marcelo de Barros; CAVALCANTE, Júlio César Chagas e; LINHARES, João Paulo Tavares; LEITE, José Alberto Dias. Efeito musculoesquelético do exercício resistido em idosos: revisão sistemática. **Revista de Medicina da UFC**, Fortaleza, v. 56, n. 2, p. 39-46, jul./dez. 2016.

RIBEIRO, Adalgisa Peixoto; SOUZA, Edinilsa Ramos de; ATIE, Soraya; SOUZA, Amaro Crispim de; SCHILITZ, Arthur Orlando. A influência das quedas na qualidade de vida de idosos. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1265-1273, jul./ago. 2008.

RIBEIRO, Fernando; GOMES, Sofia; TEIXEIRA, Fantina; BROCHADO, Gabriela; OLIVEIRA, José. Impacto da prática regular de exercício físico no equilíbrio, mobilidade funcional e risco de queda em idosos institucionalizados. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 9, n. 1, p. 36-42, jan. 2009.

ROSA NETO, Francisco. **Manual de Avaliação Motora para a Terceira idade**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.





ROSA NETO, Francisco. **Manual de Avaliação Motora**. 2 ed. Florianópolis: DIOESC, 2014.

ROSA NETO, Francisco. Estudos de Parâmetros Motores na Terceira Idade. **II Congresso Internacional de Motricidade Humana: Motricidade Humana - Teoria e Prática**. Muzambinho, 2001.

ROSA NETO, Francisco; LIPOSCKI, Daniela Branco; TEIXEIRA, Carlos Alberto Alves. Estudo dos parâmetros motores em idosos com idade entre 70 e 79 anos pertencentes aos grupos da terceira idade da prefeitura de São José-SC. **Efdeportes Revista Digital**, Buenos Aires, a. 10, n. 92, p. 1, jan. 2006.

ROSA NETO, Francisco; MATSUDO, Sandra Marcela Mahecha; LIPOSCKI, Daniela Branco; VIEIRA, Guilherme Ferreira. Estudo dos parâmetros motores de idosos residentes em instituições asilares da grande Florianópolis. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 7-14, 2005.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA. Início. SBGG. **O que é o Estatuto do Idoso?** 13 jan. 2014. Disponível em: <<https://sbgg.org.br/o-que-e-o-estatuto-do-idoso/>>. Acesso 28 mar. 2020

SILVA, Eliane Carneiro; DUARTE, Natália Barcelar; ARANTES, Paula Maria Machado. Estudo da relação entre o nível de atividade física e o risco de quedas em idosos. **Fisioterapia e Pesquisa**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 23-30, mar. 2011.

SILVA, Raimunda Beserra da; ESLICK, Guy. D.; DUQUE, Gustavo. Exercise for falls and fracture prevention in long term care facilities: a systematic review and meta-analysis. **Journal of the American Medical Directors Association**, North Carolin, v. 14, n. 9, p. 685-689, jul. 2013.

SOUZA, Maria Carolina Lins de; DOCUSSE, Mariana Paccine Alves; COLNAGO, Larissa Ramos; CAETANO, Heliard Rodrigues dos Santos; OLIVEIRA, Margarete Jardimetti de; FERREIRA, Aline Duarte; OLIVEIRA, Weber Gutemberg Alves de. A influência da técnica de posturoterapia neurossensorial no equilíbrio do idoso. **Colloquium Vitae**, Presidente Prudente, v. 12, n. 1, p. 1-7, feb. 2020.

VALENTE, Susana Filipa Pires. **Validação de um questionário de saúde e identificação de factores de risco de quedas para a população idosa portuguesa**. 2012. Dissertação (Mestrado Especialidade de Exercício e Saúde) – Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2012.

VENÂNCIO, Patricia Espíndola Mota; MENDES, Kesia da Rocha; CASTILHO, Lorena Cristina; TOLENTINO, Grassyara Pinho. Influência da atividade física nos componentes psicomotores em idosos. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, ano 17, v. 17, n. 1, p. 32-38, jan./mar. 2016.

VIRTUOSO, Janeisa Franck; GREGÓRIO, Luis Paulo Perdona; MEDEIROS, Paulo Adão de; MAZO, Giovana Zarpellon. The "Timed Up and Go" in the prediction and explanation of



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

falls in old people practicing physical exercises. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 381-389, jul./ago. 2014.

ZASLAVSKY, Cláudio; GUS, Iseu. Idoso: Doença Cardíaca e Comorbidades. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, São Paulo, v. 79, n. 6, p. 635-639, dez. 2002.





## GESTÃO DO CONHECIMENTO NA PERSPECTIVA DA MEMÓRIA ORGANIZACIONAL

### KNOWLEDGE MANAGEMENT IN THE PERSPECTIVE OF ORGANIZATIONAL MEMORY

Sângela Medeiros de Lima Carvalho (Universidade La Salle); Tamára Cecilia Karawejczyk Telles (Universidade La Salle); Francisco Eric Vale de Sousa (Universidade La Salle); Habniesley Pereira de Carvalho (Faculdade de Educação São Francisco)

**Resumo:** Propomos, neste artigo, uma reflexão mais acurada sobre a gestão do conhecimento na perspectiva da memória organizacional. Desse modo, optamos por uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter exploratório e bibliográfico, a partir de dados gerados no fichamento de artigos, livros, periódicos e sites da internet sobre o tema. Mesmo considerando que as organizações produzem insumos documentais, informacionais e de conhecimento, cujos registros em repositórios constituem a memória da organização, se estes não forem aclarados, trabalhados, e aplicados, não farão diferença para a gestão organizacional. Partindo desse pressuposto é que tomamos como foco a gestão de conhecimento, uma vez que esta, apesar de favorecer a tomada de decisão nos ambientes organizacionais de maneira eficiente, é tema basilar de nosso estudo de Tese. Esperamos, com este estudo, contribuir para que novas pesquisas sejam realizadas, sobretudo de maneira aplicada.

**Palavras-chave:** Gestão do Conhecimento. Gestão Organizacional. Memória Organizacional.

**Abstract:** In this article, we propose a more accurate reflection on knowledge management from the perspective of organizational memory. Thus, we opted for a qualitative research, exploratory and bibliographic, based on data generated in the record of articles, books, periodicals and internet sites on the subject. Even considering that organizations produce documentary, informational and knowledge inputs, whose records in repositories constitute the organization's memory, if these are not clarified, worked on, and applied, they will not make a difference for organizational management. Based on this assumption, we focus on knowledge management, as this, despite favoring efficient decision-making in organizational environments, is a basic theme of our Thesis study. We hope, with this study, to contribute for new research to be carried out, especially in an applied manner.

**Keywords:** Knowledge Management. Organizational Management. Organizational Memory.

## 1 INTRODUÇÃO

A produção científica sobre a valoração da gestão do conhecimento organizacional na perspectiva da memória organizacional tem sido bastante ampliada no cenário científico brasileiro, apontando diferentes aspectos que merecem uma análise mais acurada. Dentre os aspectos que se sobressaem no âmbito organizacional, os dados, as informações e os conhecimentos gerados nesse contexto são indispensáveis no manutenção e desenvolvimento da memória organizacional, uma vez que se prestam, a partir do gerenciamento, como alicerces das tomadas de decisão de maneira profícua e eficiente.





De acordo com o estudo de Nascimento & Pazin-Vitoriano (2017), mesmo considerando que as organizações produzam insumos documentais, informacionais e de conhecimento, cujos registros em repositórios constituem a memória da organização, se estes não forem aclarados, trabalhados, e aplicados, não farão diferença para a gestão organizacional. Segundo os autores, “[...] Atribuir o devido valor estratégico ao conteúdo informacional, como no caso do conhecimento organizacional, estreitamente relacionado com a memória, resultará em benefícios para as empresas de diversas maneiras” (NASCIMENTO & PAZIN-VITORIANO, 2017, p. 203).

Assim, percebemos a necessidade de um estudo que possibilite apresentar a importância da gestão do conhecimento no âmbito das organizações quanto a criação de seu conhecimento organizacional, e como este pode influenciar na atuação dos profissionais da informação que precisam e/ou devem estar atentos as demandas da Sociedade da Informação e do Conhecimento, podendo resultar na construção de novas informações e conhecimentos.

Partindo desses pressupostos, é que tomamos como foco dessa investigação a gestão de conhecimento, uma vez que esta, favorece a tomada de decisão nos ambientes organizacionais de maneira eficiente. Assim, justificamos a realização deste estudo, cujo interesse se deu a partir da seguinte problematização: Até que ponto investir na gestão do conhecimento, na perspectiva da memória organizacional, contribui para formação competitiva e inovadora? Na possibilidade de respostas para o problema de pesquisa, nos propomos a discorrer, por meio dos fundamentos teóricos, sobre a criação do conhecimento na perspectiva da gestão do organizacional. Esperamos, com este estudo, contribuir para que novas pesquisas sejam realizadas, sobretudo de maneira aplicada.

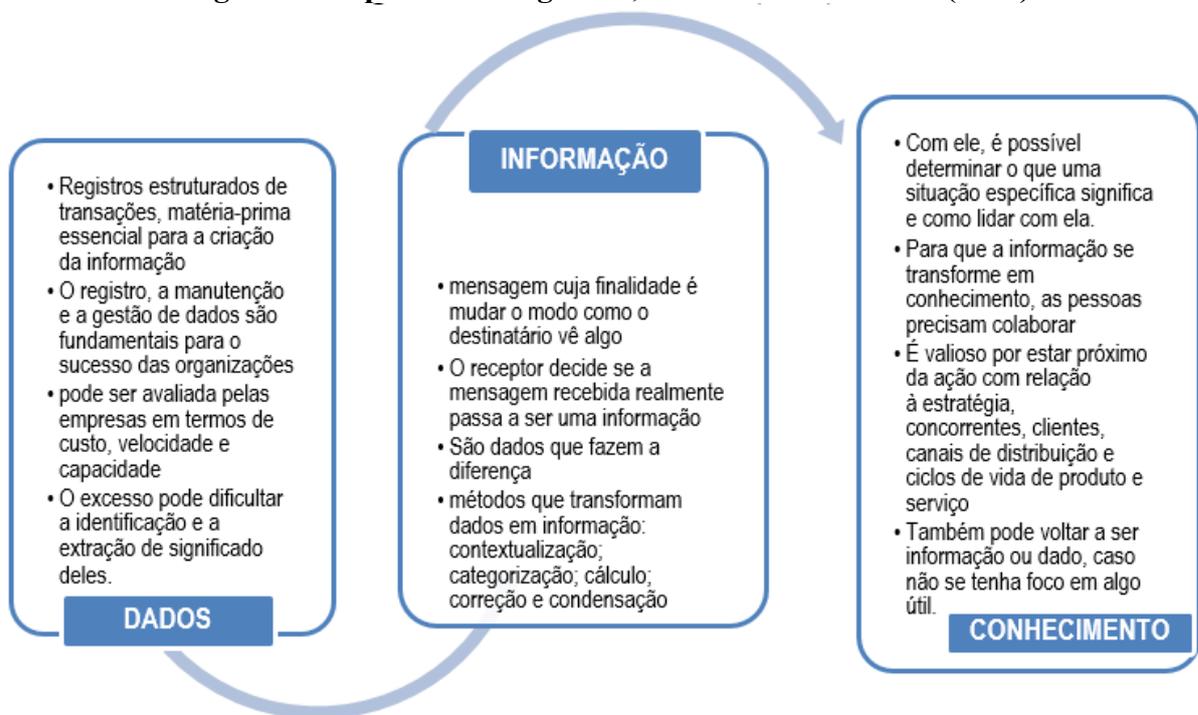
Como pesquisa de natureza qualitativa, de cunho exploratório e bibliográfico este estudo parte de conhecimentos já elaborados, constituídos principalmente de livros e artigos científicos. Iniciamos com uma abordagem geral sobre a gestão no âmbito das organizações a partir de documentos, da informação e do conhecimento. Em seguida, enfocamos à importância da teoria da criação do conhecimento organizacional – modelo SECI, para a compreensão da inovação. Na Conclusão, apresentamos algumas Considerações Finais, seguidas das referências.



## 2 ESTUDO SOBRE “DADOS” E “INFORMAÇÃO” PARA O TRABALHO LIGADO À GESTÃO DO CONHECIMENTO

Iniciemos com a abordagem descritiva de Valentim (2018) no seu e-book “Gestão do Conhecimento: entenda o conceito e descubra por que aplicá-lo na sua empresa faz toda a diferença para os negócios”. Nele o economista, ressalta a necessidade de um estudo conceitual sobre “dados” e “informação” para o trabalho mais significativo ligado à gestão do conhecimento.

**Figura 1. Mapeamento cognitivo, extraído de Valentim (2018)**



Segundo Valentim (2018) a valoração do conhecimento em uma Organização é tão notória, que estas estão contratando Especialistas, pois estes como detentores de um conhecimento especializado, tem o “[...] benefício de olhar e entender novas situações e eventos e reconhecer padrões [...]”. As empresas investem em experiência, tanto que estão contratando especialistas. O Gestor, então, conhecedor da importância do conhecimento da vida real organizacional, acaba dando a vaga para aquele que tiver mais experiências reais.

A partir dos pressupostos levantados por Valentim (2018), para que o conhecimento traga vida e crescimento às Organizações é importante que ele interaja com o meio ambiente, “[...] as pessoas precisam colaborar[...]”, já que este vai saber julgar novas situações e informações por meio de normas práticas, que são atalhos, segundo o autor, para soluções de novos



problemas que foram previamente solucionados. Ocorre, no entanto, assevera o autor, que se o conhecimento não for empregado em algo útil pode regredir, transformando-se em simples informações ou dados.

Pela própria exigência de mercado, a competitividade, conforme Valentim (2018), torna-se cada vez mais acirrada, as empresas, que desejam se destacar, precisam criar um diferencial a fim de alcançar uma melhor posição. Para tanto, devem se conscientizar da importância da inovação em relação aos seus concorrentes. A inovação, segundo o Economista, é uma das armas mais poderosas no diferencial competitivo das organizações, para se afirmarem no mercado. Faz-se necessária, pois, a valorização do capital humano (BRAMBILLA; SOUZA; KAERCHER, 2014), com seus conhecimentos, capacidades, competências e criatividade capazes de fazer a organização permanentemente competitiva por meio da inovação.

Assim, muitos estudiosos do assunto, admitem a ampla preocupação das empresas em Gerenciar seus conhecimentos, fato que amplia as ações e estratégias ligadas à Gestão do Conhecimento (VON KROGH; ICHIJO; NONAKA, 2000; BUKOWITZ & WILLIAMS, 2007; FIGUEIREDO, 2006; ANGELONI, 2008; VALENTIM, 2018).

Conforme Bukowitz & Williams (2007), a Gestão do Conhecimento, como um conjunto de metodologias e tecnologias, visa criar condições para identificar, integrar, capturar, recuperar e compartilhar o conhecimento existente nas organizações. O conhecimento existe na mente dos conhecedores. Nas organizações, costuma ser encontrado em rotinas, processos, práticas e normas organizacionais, e não só em documentos ou repositórios (DAVENPORT; PRUSAK, 1998, *apud* VALENTIM, 2018).

Para Cianconi (2013, p. 114) “a Gestão do Conhecimento é uma atividade que objetiva facilitar a criação do conhecimento, o aprendizado, a inovação, e se propõe a gerenciar o ambiente, o contexto organizacional em que se produz conhecimento, [...]”. É, conforme Angeloni (2008, p. 2), “[...] um conjunto de processos que governa a aquisição, a criação, o compartilhamento, o armazenamento e a utilização de conhecimento no âmbito das organizações”. Logo, a Gestão do Conhecimento é um conjunto de atividades que afetam de maneira positiva a criação do conhecimento, visando à capacitação para o conhecimento, por meio de um processo dinâmico (VON KROGH; ICHIJO; NONAKA, 2000).



**Figura 2. Organização do Capital Organizacional**



Fonte: Elaborada pela autora, extraído de Valentim (2018)

Observado o esquema cognitivo acima, percebemos que o conhecimento de uma empresa resulta no seu capital intelectual, na sua memória, intercambiado entre os capitais humano, estrutural e o de clientes. Ressalta Valentim (2018) a necessidade de adequar suporte tecnológico na aprendizagem coletiva e no compartilhamento de conhecimento.

Alguns pesquisadores como Figueiredo (2006) alertam para a necessidade de se valorar a gestão do conhecimento pelas organizações, já que estas são uma importante alternativa no estabelecimento de uma estratégia diferenciada para ampliar a competitividade. No entanto, adverte o autor para a necessidade de se realizar uma GC críticos aos negócios para que não sejam despendidos esforços desnecessários.

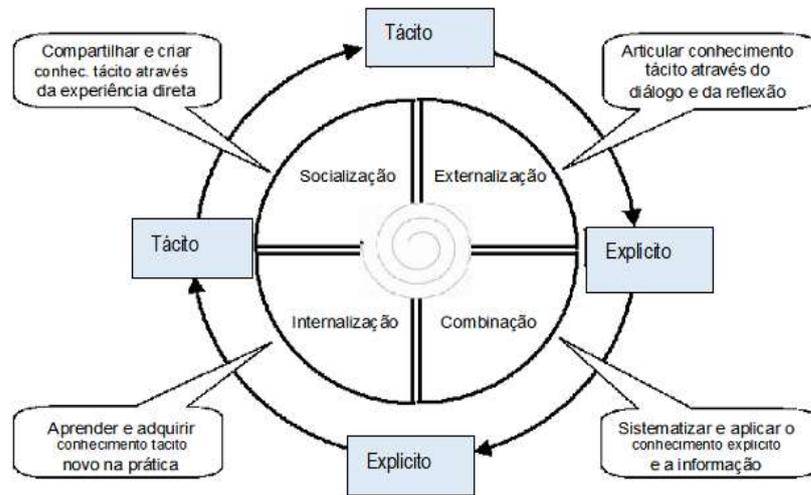
Compreendemos, pois, que na Gestão do Conhecimento, são necessários o compartilhamento e disseminação do conhecimento na Organização de forma crítica, a fim de trazer mudanças e inovações benéficas com vantagens competitivas para todo tipo de empresa, não importando porte, setor econômico ou ramo de negócio.

## **CRIAÇÃO DO CONHECIMENTO ORGANIZACIONAL**

A gestão do conhecimento tem como objetivos principais adquirir e manter a vantagem competitiva. Para tanto, várias Teorias da criação do conhecimento foram retratadas. Abordamos, neste artigo, a Teoria de Takeuchi e Nonaka (2008), extraída da pesquisa de Barros e Salles (2013, p. 38) ao descreverem a criação do conhecimento organizacional como uma interação contínua e dinâmica entre conhecimento tácito e explícito.



**Figura 3. Espiral do conhecimento – Modelo SECI**



**Fonte:** Barros e Salles, 2013, p.38

A interação mencionada pelos autores Takeuchi e Nonaka (2008)<sup>1</sup> responde pelos diferentes modos de conversão do conhecimento tácito em conhecimento explícito, e vice-versa, que, por sua vez, são compelidos por desencadeadores, criando o chamado Espiral do Conhecimento, ou modelo SECI (Socialização, Externalização, Combinação, Internalização), ilustrado na Figura 3 acima.

Com bases nos pressupostos apreendidos, podemos concluir que é bastante complexa a formulação e comunicação do conhecimento tácito, uma vez que este está na mente das pessoas. No entanto, uma vez internalizados, incluem modelos mentais do mundo, fazem analogias em suas mentes, tanto de imagens do real, do vivido, quanto do futuro. Quanto à transmissão do conhecimento explícito, este só se dá em linguagem formal e sistemática.

Vale ressaltar, que a socialização isolada do conhecimento constitui uma forma limitada de criação, daí a necessidade de ser explícito para ser alavancado por toda organização. No mesmo sentido, informações explícitas de coisas novas também não ampliam a base de conhecimento da empresa. Lembremo-nos, pois, de Nascimento & Pazin-Vitoriano (2017), citado anteriormente, quando ressaltam que a inovação só surge, quando há interação entre os conhecimentos explícito e tácito.

<sup>1</sup> O modelo SECI criado por pelos professores japoneses [Ikujiro Nonaka](#), declarado pelo *Wall Street Journal* em 2008 como um dos pesquisadores mais influentes no pensamento da área de negócios; e [Hirotaka Takeuchi](#), descrito pela *BusinessWeek* como um dos dez melhores professores de Gestão de programas de educação no mundo. <https://blogtek.com.br/modelo-seci-gestao-do-conhecimento/>



Assim, coadunamos com os autores quando afirmam que a articulação dos modelos tácitos e explícitos são primordiais para a criação de novos conhecimentos. Porém, os dois são complementares, afinal, a interação entre eles permite identificar quatro modos de conversão do conhecimento: socialização, externalização, combinação e internalização.

O primeiro desencadeador do conhecimento é a socialização. Esta é a fase do compartilhamento de experiências, interações com colegas e ensinamentos diários. É a parte da assimilação do conhecimento tácito, resultante de experiências pessoais compartilhadas. Ressalta Valentim (2018) que a externalização é a chave para a criação do conhecimento, convertendo o conhecimento tácito em explícito. Um bom exemplo seriam as Metáforas e analogias. A combinação, caracteriza-se pela transformação de conhecimento explícito em conhecimento explícito, envolvendo a combinação de conjuntos diferentes de conhecimentos explícitos (documentos, reuniões, conversas ao telefone ou redes de comunicação computadorizadas). A internalização consiste na conversão do explícito em tácito (*know-how* compartilhado, modelos mentais e experiências (VALENTIM, 2018).

Por serem temas relevantes e ainda pouco explorados, a gestão do conhecimento voltado para memória organizacional, para inovação e competitividade precisam ser exploradas em mais pesquisas e estudos que possibilitem novas descobertas para o campo científico, bem como para as Organizações.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo apostando na importância do conhecimento como recurso vital para o bom desempenho de uma organização, ainda há aquelas que ignoram a compreensão de que o bom gerenciamento dos conhecimentos, de forma dinâmica e partilhada pode ampliar as vantagens competitivas sustentáveis para as empresas.

Procuramos com este estudo refletir acerca da gestão de conhecimento, como elemento favorável à eficiência na tomada de decisão nos ambientes organizacionais. Assim, nos propomos a discorrer, por meio de fundamentos teóricos, sobre a gestão do conhecimento na perspectiva da memória organizacional.

Diante desse cenário, verificamos que as organizações devem estar atentas para fazer boas e novas condutas de gestão que possam atender as demandas das atividades diárias. É, pois, primordial investir na inovação organizacional para que sejam reutilizadas as experiências, as



habilidades, o conhecimento organizacional, e, para que isso aconteça, faz-se importante à adoção de práticas de gestão de maneira eficaz e eficiente. Vale ressaltar, portanto, que todos (funcionários, gestores e clientes) tem sua parcela de responsabilidade por gerar ou criar dados e informações benéficas, a fim de facilitar e ajudar na criação de melhores soluções para a empresa.

É perceptível a preocupação dos estudiosos com a valorização e investimentos no capital intelectual da organização, no entanto, ainda se faz necessário que haja maior divulgação e conscientização dos funcionários envolvidos sobre a importância de compartilhar o conhecimento. Pois, a empresa que aproveita o conhecimento dos funcionários e conscientiza a todas da importância de compartilhar esse conhecimento, se sobressai no mercado, trazendo reconhecimento dos clientes e dos funcionários. Uma empresa que entende e pratica a Gestão do Conhecimento é uma empresa que tem um diferencial competitivo. Assim, sugerimos que se adotem novas pesquisas que envolvam essas temáticas, principalmente em estudos aplicados.

## REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, N. M.; PAZIN-VITORIANO, M. C. C. P. O estudo da produção documental e a memória organizacional em ambientes empresariais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 202-227, jan./abr. 2017.

VALENTIM, Celso Ricardo Salazar. Gestão do Conhecimento: o que é e por que aplicá-la na sua empresa. Humantech – Gestão do conhecimento. 2018. Disponível em: <https://www.oconhecimento.com.br/gestao-do-conhecimento/>

BRAMBILLA, F. R.; SOUZA, C. H.; KAERCHER, A. R. Implantação da gestão por competências: análise qualitativa no departamento industrial de uma fabricante de cigarros. **Revista Brasileira de Gestão e Inovação**, v. 1, n. 2, p. 39-59, 2014.

VON KROG, G.; ICHIJO, K.; NONAKA, I. **Enabling knowledge creation: how to unlock the mystery of tacit knowledge and release the Power of innovation**. Oxford: University Press, 2000.

BUKOWITZ, W. R.; WILLIAMS, R. L. Manual de gestão do conhecimento: ferramentas e técnicas que criam valor para a empresa. Tradução Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 2. ed. rev. Porto. 2007.

FIGUEIREDO, S. O que há de mais humano na gestão. **Revista da Sociedade Brasileira de Gestão do Conhecimento**, v. 1, n. 1, p. 11, ago. 2006.

ANGELONI, M. T. (org.). **Organizações do conhecimento: infraestrutura, pessoas e tecnologia**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

CIANCONI, R. B. A Gestão de Documentos, da Informação e do Conhecimento: contextualização e especificidades. *In*: CIANCONI, R. B.; CORDEIRO, R. I. N.; ALMEIDA, C. H. M. (org.). **Gestão do conhecimento, da informação e de documentos em contextos informacionais**. Niterói: PPGCI/UFF, 2013.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. Teoria da criação do conhecimento organizacional. *In*: TAKEUCHI, H.; NONAKA, I. **Gestão do conhecimento**. Tradução Ana Thorell. Porto Alegre: Bookman, p. 54-90. 2008.

BARROS, Everaldo de; SALLES, Elza Karina Maciel. A criação do conhecimento organizacional: um estudo de caso no Museu Histórico Folclórico e Pedagógico Monteiro Lobato. **Revista de Ciências Gerenciais**. V. 17, nº 26, p. 35-44. 2013.

NASCIMENTO, N. M.; PAZIN-VITORIANO, M. C. C. P. O estudo da produção documental e a memória organizacional em ambientes empresariais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 202-227, jan./abr. 2017.





## A UTILIZAÇÃO DE MINECRAFT PODE IMPACTAR POSITIVAMENTE A CRIATIVIDADE?

CAN THE USE OF MINECRAFT POSITIVELY IMPACT CREATIVITY?

Lucas Pereira da Rosa (Universidade Feevale); Cristiano Max Pereira Pinheiro (Universidade Feevale); Débora de Lima Velho Junges (Instituto Federal Catarinense); Marta Rosecler Bez (Universidade Feevale)

**Resumo:** Este artigo busca, através de uma revisão bibliográfica, compreender a visão da academia sobre as relações percebidas entre Minecraft e criatividade, construídas a partir da análise de pesquisas publicadas entre 2016 e 2020. Como resultado, foi verificado, através de uma leitura crítica, evidências de que o Minecraft pode ser uma ferramenta de estímulo à criatividade, em quais são as condições em que essa característica se apresenta e quais são os resultados já conhecidos sobre o tema.

**Palavras-chave:** Minecraft, criatividade, videogames

**Abstract:** This article seeks, through a bibliographic review, to understand the academy's view on the perceived relationships between Minecraft and creativity, built from the analysis of research published between 2016 and 2020. As a result, it was verified, through a critical reading, evidence that Minecraft can be a tool to stimulate creativity, in what are the conditions in which this characteristic appears and what are the results already known on the topic.

**Palavras-chave:** Minecraft, creativity, videogames

### INTRODUÇÃO

A intenção deste artigo é a de abordar os aspectos já conhecidos, relacionados a pesquisas que conectam o jogo Minecraft com o tema da criatividade. Para isso, foi realizada uma análise sistemática, buscando compreender a perspectiva acadêmica recente sobre os efeitos do jogo Minecraft, tomando como base a criatividade, nas áreas relacionadas à indústria criativa e a educação, tendo em vista que ambas as áreas podem se beneficiar das características e possibilidades oferecidas pelo jogo. Busca-se analisar, também, a existência de indícios que conectem o uso de Minecraft com o estímulo à criatividade. E, para tal abordagem, este artigo estrutura-se da seguinte forma: Introdução, apresentação do conceito de criatividade, introdução ao Minecraft, apresentação dos procedimentos metodológicos utilizados para esta pesquisa, e o debate dos achados apresentados nos artigos analisados. Posteriormente, a conclusão busca retomar o que foi visto, apresentando as considerações finais.



## CRIATIVIDADE

O conceito de criatividade assumido para este artigo, foca-se em compreender as visões abordadas nas pesquisas que fazem parte desta revisão bibliográfica, construindo o conceito através da visão de seus autores e suas referências. Desta maneira, Podemos compreender a criatividade como um processo cognitivo, e/ou um construto cultural, geralmente individual, presente em adultos e crianças, caracterizado pela geração de novas ideias que possuam valor, e que resultem em uma produção criativa, construída através de um processo de ideação-avaliação. Este processo pode ocorrer através do pensamento divergente, pensamento convergente, da apropriação de ideias já existentes e da sua transformação em algo novo. Este “algo novo”, é o produto criativo resultante (BASADUR; GRAEN; WAKABAYASHI, 1990; BLANCO-HERRERA; GENTILE; ROKKUM, 2019; CROMBIE; MOFFAT; SHABALINA, 2016; GUILFORD, 1966; MUMFORD et al., 1991; PALETZ; PENG, 2008).

A criatividade pode ser influenciada pelos mais diversos fatores, como família, educação, uniformidade individual, emoções, sentimentos e expectativas, além dos estímulos cognitivos apresentados por agentes externos, como, por exemplo, jogos de videogame (BLANCO-HERRERA; GENTILE; ROKKUM, 2019; CROMBIE; MOFFAT; SHABALINA, 2016).

## MINECRAFT

Minecraft é um jogo digital que foi lançado em 2009, originalmente para computadores e, posteriormente, para vários dispositivos, como consoles de videogame e smartphones. Inspirado em *Infiniminer* (NEBEL; SCHNEIDER; REY, 2016), Minecraft fez tanto sucesso, que a sua popularidade e potencial fizeram com que, em 2014, a Mojang – empresa que detinha os direitos do Minecraft – fosse adquirida pela Microsoft (CHECA-ROMERO; PASCUAL GÓMEZ, 2018; ELLISON; DREW, 2020; NGUYEN, 2016).

Minecraft é um jogo tipo Sandbox, ou seja, busca fugir da apresentação de um caminho fixo e linear imposto por um sistema ou roteiro de jogo, permitindo que os jogadores possam explorar o mundo e as possibilidades oferecidas pelo game com pouco direcionamento do software, desenvolvendo os seus próprios objetivos (CALLAGHAN, 2016; ELLISON; DREW, 2020; SHORT, 2012). O sistema de criação do Minecraft permite que os jogadores desenvolvam os mais variados itens, e serve como um limitador ao mesmo tempo que desafia os jogadores a exceder estes limites para construir espaços e artefatos que vão além dessas possibilidades





primárias, funcionando como uma espécie de LEGO digital (ELLISON; DREW, 2020; NGUYEN, 2016). Mas ao invés de um sistema de peças que se encaixa, o Minecraft utiliza blocos que representam materiais como madeira, terra, pedra, dentre outros. O jogador pode utilizá-los de maneira bruta para fazer construções, ou combiná-los para formar os mais de 300 objetos disponíveis, como fornos, espadas, portas, picaretas e mais (CHECA-ROMERO; PASCUAL GÓMEZ, 2018; ELLISON; DREW, 2020; NGUYEN, 2016). Estes blocos, ao contrário do Lego, não estão em uma caixa temática que traz as peças e um manual de instruções (NGUYEN, 2016). Eles estão presentes em um mundo proceduralmente gerado, permitindo que o jogador construa e modifique-o livremente, utilizando o sistema disponibilizado pelo jogo como parte central do seu *gameplay*.

Essas características, incluindo o sistema de jogo, permitem que os jogadores possam explorar diversas possibilidades de criação de cenários, objetivos, interações e construções. Dessa maneira, cria-se um espaço livre para que o usuário desenvolva os seus próprios objetivos, que podem ser concluídos de diversas maneiras diferentes, e no ritmo que o jogador desejar (CALLAGHAN, 2016; ELLISON; SHORT, 2012).

## METODOLOGIA

Para esta pesquisa, utilizou-se a revisão bibliográfica conforme descrita por Vosgerau e Romanowski (2014). Assim sendo, para a composição da literatura a ser analisada, foi conduzida uma pesquisa na plataforma Scopus, que focou nos termos “Minecraft and creativity”, buscando artigos em português e inglês.

Nesta primeira etapa, a ferramenta exibiu 25 publicações, publicadas entre 2016 e 2020. Após este momento, foi feita a análise dos resumos, para separar apenas as que tivessem aderência ao tema desta pesquisa, restando 6 publicações. Todos eles compuseram a base de análise que constitui o artigo presente.

Após a definição dos artigos que fariam parte desta pesquisa, teve início a terceira etapa. Nela, os textos selecionados passaram por uma leitura crítica, que buscou compreender quais as relações estabelecidas entre Minecraft e criatividade, além de quais as visões sobre ambos os tópicos, e os resultados e conclusões apresentados.



## VIDEOGAMES, MINECRAFT E CRIATIVIDADE

Como regra geral, nos artigos que compuseram o corpus desta pesquisa, podemos encontrar evidências de que videogames dos mais diversos tipos e gêneros tem impacto na criatividade e exigem respostas criativas de diferentes tipos e níveis, que correspondam ao que é apresentado no jogo (BLANCO-HERRERA; GENTILE; ROKKUM, 2019; CROMBIE; MOFFAT; SHABALINA, 2016).

É possível ver nas pesquisas analisadas, que os *videogames*, no geral, podem impactar a criatividade. Seja de forma negativa ou positiva. Um dos jogos analisados foi o NASCAR<sup>1</sup>. Foi visto que este jogo pode ter um impacto negativo. Isso porque, ele estimula a execução repetida de uma tarefa, exigindo a mesma intensidade e maneira, pode haver o reforço da fixação funcional, desestimulando o jogador a buscar novas soluções para atingir os seus objetivos, desestimulando a criatividade (BLANCO-HERRERA; GENTILE; ROKKUM, 2019).

Em relação ao impacto do Minecraft na criatividade, existem diferentes processos que são vistos nos artigos analisados. Dentre as que são relevantes para compreender o estabelecimento das relações feitas em cada pesquisa, é possível destacar a diferenciação feita entre os hábitos relacionados ao uso de videogames e a diferenciação entre os jogadores iniciarem com algum tipo de instrução ou sem nenhum direcionamento.

Em relação à relação de familiaridade e de hábitos de jogo, três pesquisas levaram em conta o fato de os participantes estarem acostumados a jogar videogame (seja Minecraft, ou outros jogos), e três pesquisas não deram atenção para esse fator. Este ponto é relevante, porque, como é trazido nas pesquisas, a falta de familiaridade dos participantes com o jogo, ou a falta de um direcionamento, seja dado pelo jogo ou pelos pesquisadores, podem alterar o seu estado emocional e, conseqüentemente, os resultados (BLANCO-HERRERA; GENTILE; ROKKUM, 2019; CROMBIE; MOFFAT; SHABALINA, 2016). Estas pesquisas evidenciam que, quanto maior a familiaridade dos jogadores com Minecraft, maior é o potencial de estimular a criatividade no usuário - e o contrário também acontece.

Segundo a literatura analisada, existem evidências de que jogar Minecraft aumenta a criatividade a curto prazo, com possíveis benefícios a longo prazo (BLANCO-HERRERA; GENTILE; ROKKUM, 2019; CROMBIE; MOFFAT; SHABALINA, 2016). Também foi

---

<sup>1</sup> Jogo de corrida da série NASCAR.



observado que o Minecraft aumenta a criatividade dos indivíduos, quando utilizado como ferramenta educacional (CHECA-ROMERO; PASCUAL GÓMEZ, 2018; ELLISON; DREW, 2020; SÁNCHEZ-LÓPEZ; PÉREZ-RODRÍGUEZ; FANDOS-IGADO, 2019; NGUYEN, 2016).

As pesquisas analisadas apontam que existem diversas formas de utilizar Minecraft, quando se busca estimular a criatividade do usuário. Algumas dessas maneiras são o seu uso como jogo, como ferramenta educacional, como instrumento de inserção em narrativas e debates, e com a criação de cenários que busquem estimular os jogadores a desenvolverem soluções não óbvias e não repetitivas para os problemas apresentados (BLANCO-HERRERA; GENTILE; ROKKUM, 2019; CROMBIE; MOFFAT; SHABALINA, 2016; ELLISON; DREW, 2020; NGUYEN, 2016; CHECA-ROMERO; PASCUAL GÓMEZ, 2018; SÁNCHEZ-LÓPEZ; PÉREZ-RODRÍGUEZ; FANDOS-IGADO, 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento deste artigo, foi possível estabelecer relações feitas pelas publicações analisadas de Minecraft sobre a criatividade. Segundo os autores dos estudos, o jogo possui características que possuem impacto positivo na criatividade dos indivíduos, o que pode beneficiar as Indústrias Criativas e o campo da Educação (BLANCO-HERRERA; GENTILE; ROKKUM, 2019; CHECA-ROMERO; PASCUAL GÓMEZ, 2018; CROMBIE; MOFFAT; SHABALINA, 2016; ELLISON; DREW, 2020; NGUYEN, 2016; SÁNCHEZ-LÓPEZ; PÉREZ-RODRÍGUEZ; FANDOS-IGADO, 2019).

Seja através da resolução de problemas, mistérios, tarefas ou da construção de debates ou narrativas, é possível observar que a utilização do Minecraft é positiva para o estímulo da criatividade. Mas, é preciso levar em conta os diversos fatores implicados, como a familiaridade dos jogadores com o jogo, o tipo de tarefa, o direcionamento do jogador e o cenário apresentado. Caso estes pontos sejam ignorados, o impacto pode não ter a relevância esperada. Por isso, é preciso levar em conta as características inatas ao jogo (como os sistemas e jogabilidade nativos de Minecraft), em conjunto com a proposta e os estímulos apresentados ao usuário/jogador a quem se deseja estimular a criatividade (BLANCO-HERRERA; GENTILE; ROKKUM, 2019; ELLISON; DREW, 2020; NGUYEN, 2016; SÁNCHEZ-LÓPEZ; PÉREZ-RODRÍGUEZ; FANDOS-IGADO, 2019).





Para finalizar, é preciso lembrar que, embora as pesquisas analisadas tenham demonstrado apenas impactos positivos no uso do Minecraft, essa não é, necessariamente, o único resultado que *videogames* podem apresentar. Um tópico que pode ser analisado em futuras pesquisas é o da possibilidade de impactos negativos do uso de Minecraft como ferramenta de estímulo à criatividade. Afinal, se foi possível verificar que jogos que trazem tarefas repetitivas e sem espaço para o desenvolvimento de novas soluções, desestimulam a criatividade, o mesmo pode ser verdade com o uso do Minecraft em condições semelhantes.

## REFERÊNCIAS

- BASADUR, Min; GRAEN, George; WAKABAYASHI, Mitsuru. Identifying individual differences in creative problem solving style. **The Journal of Creative Behavior**, v. 24, n. 2, p. 111–131, 1990.
- BLANCO-HERRERA, Jorge A.; GENTILE, Douglas A.; ROKKUM, Jeffrey N. Video Games can Increase Creativity, but with Caveats. **Creativity Research Journal**, v. 31, n. 2, p. 119–131, 2019.
- CALLAGHAN, Noelene. Investigating the role of Minecraft in educational learning environments. **Educational Media International**, v. 53, n. 4, p. 244–260, 2016.
- CHECA-ROMERO, Mirian; PASCUAL GÓMEZ, Isabel. Minecraft and machinima in action: development of creativity in the classroom. **Technology, Pedagogy and Education**, v. 27, n. 5, p. 625–637, 2018.
- CROMBIE, William; MOFFAT, David C.; SHABALINA, Olga. Video Games can Temporarily Increase Creativity; Especially Puzzle Games. *In*: 2016, **10th European Conference on Games Based Learning: ECGBL 2016**. p. 152–158.
- ELLISON, Mark; DREW, Christopher. Using Digital Sandbox Gaming to Improve Creativity Within Boys' Writing. **Journal of Research in Childhood Education**, v. 34, n. 2, p. 277–287, 2020.
- GUILFORD, J. P. Measurement and Creativity.” Theory Into Practice. **JSTOR**, v. 5, n. 4, p. 186–202, 1966.
- MUMFORD, Michael D. *et al.* Process analytic models of creative capacities. **Creativity Research Journal**. **Creativity Research Journal**, v. 4, n. 2, p. 91–122, 1991.
- NEBEL, Steve; SCHNEIDER, Sascha; REY, Günter Daniel. Mining Learning and Crafting Scientific Experiments: A Literature Review on the Use of Minecraft in Education and Research. **Educational Technology & Society**, v. 19, n. 2, p. 355–366, 2016.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

NGUYEN, Josef. Minecraft and the building blocks of creative individuality. **Configurations**, v. 24, n. 4, p. 471–500, 2016.

PALETZ, Susannah BF; PENG, Kaiping. Implicit theories of creativity across cultures: Novelty and appropriateness in two product domains. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 39, p. 286–302, 2008.

ROTO, Virpi. User experience building blocks. **proceedings of 2nd COST294-MAUSE Workshop**, n. Jordan 2003, p. 1–5, 2006.

SÁNCHEZ-LÓPEZ, Iván; PÉREZ-RODRÍGUEZ, Amor; FANDOS-IGADO, Manuel.

Com-educational platforms: Creativity and community for learning. **Journal of New Approaches in Educational Research**, v. 8, n. 2, p. 214–226, 2019.

SHORT, Daniel. Teaching scientific concepts using a virtual world - Minecraft. **Hands On**, v. 58, n. 58, p. 55–3, 2012.

VOSGERAU, Sant'Anna Ramos Dilmeire; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**, v. 14, n. 41, p. 165, 2014.





## LITERATURA, LEITURA E RECURSOS DIGITAIS: ENCONTRO DE ENCANTOS

LITERATURE, READING AND DIGITAL RESOURCES: ENCOUNTER OF CHARMS

Silvia Valeska Goularte Arnecke; Juracy Ignez Assmann Saraiva

Universidade Feevale

**Resumo:** No presente trabalho, apresenta-se uma proposta de integração entre literatura, leitura e recursos digitais, uma vez que essa aproximação se faz cada vez mais necessária diante das modernidades tecnológicas que se apresentam na sociedade. A escolha pela literatura foi realizada partindo-se do pressuposto que o texto literário é instrumento essencial para promover a competência leitora e de escrita dos alunos. Os recursos digitais, por sua vez, porque se faz necessária a reflexão crítica sobre o processo de comunicação das tecnologias da informação, bem como a mediação de docentes para ressignificar as formas de uso das mídias, procurando desenvolver as competências de aprendizado dos estudantes e melhorar sua relação consigo mesmo e com seu meio social.

**Palavras-chave:** Literatura. Leitura. Tecnologia. Aprendizado.

**Abstract:** In the present work, a proposal for integration between literature, reading and digital resources is presented, since this approach is increasingly necessary in view of the technological modernities that present themselves that are presented in society. The choice for literature was made based on the assumption that the literary text is an essential instrument to promote students' reading and writing skills. Digital resources, because it is necessary to critically reflect on the communication process of information technologies, as well as the mediation of teachers to reframe the ways of using the media, seeking to develop students' learning skills and improve their relationship with themselves and their social environment.

**Keyword:** Literature. Reading. Technology. Apprenticeship

### 1 INTRODUÇÃO

As dificuldades que transitam por entre os muros da escola são diversas, e o cenário de violência e a desigualdade social contribui para a desmotivação dos alunos pelos estudos e consequentemente há um grande distanciamento entre eles e os livros. Ao longo da caminhada de docência, os professores se deparam com um número muito grande de alunos sem interesse na leitura e com problemas sérios na escrita. Na obra “Texto Literário: Resposta ao desafio da formação de leitores”, Saraiva, Mügge e Kaspari se debruçam sobre a importância da literatura como principal meio de sanar essas dificuldades e propõem questionamentos bastante inquietantes aos docentes.





Diante da generalizada queixa de professores do ensino básico e do ensino superior de que seus alunos não são leitores e de que não gostam de ler e diante da defesa da importância da literatura, colocam-se as seguintes questões: qual o lugar da literatura na época atual, sob o ponto de vista antropológico, cultural, político-social? Como modificar a disposição de discentes diante da leitura e que métodos desenvolver para que apreendam as visões renovadas do mundo e as instigantes lições de linguagem que o texto literário potencializa? (SARAIVA, MÜGGE e KASPARI, 2017, p. 19).

Antes de buscar respostas a cada uma das questões que finalizam o capítulo “Por que literatura?”, convém dizer que muitos são os questionamentos que permeiam o fazer pedagógico e inúmeras são também as tentativas, muitas vezes solitárias, de se alcançar os objetivos da prática docente. Evidentemente há falhas que precisam ser *descobertas* para então serem sanadas e, primordialmente em relação à leitura e à literatura.

Assim, pode-se arriscar a dizer que, antes de qualquer coisa, é fundamental que haja envolvimento com a literatura nas práticas pedagógicas e de forma a abraçar a comunidade escolar e a sociedade como um todo. Ora se a linguagem é desenvolvida a partir das vivências experienciadas no campo social, a leitura só será parte do universo do estudante se ele tiver bons exemplos a seguir. No entanto, sem um retorno, por parte dos docentes, às teorias, que fundamentam o estudo da literatura e da metodologia da leitura, não haverá resposta para qualquer pergunta. Assim, é imprescindível que o professor se debruce sobre os teóricos e partilhe conhecimentos, pois educação de qualidade não se faz com caminhada solo e a educação é a grande orquestra da sociedade, por isso todos os instrumentos precisam cumprir o seu papel para que os acordes ganhem harmonia e propiciem deleite e encantamento.

## 2 LITERATURA E LEITURA, INSTRUMENTOS INDISPENSÁVEIS E INDISSOLÚVEIS

A leitura é um instrumento indispensável para o desenvolvimento das competências exigidas no processo de escolarização, por isso a formação de leitores tem pautado muitos trabalhos acadêmicos e é um fazer que precisa continuar transitando no percurso dos docentes. Cada vez mais se faz necessário formar leitores capazes de dominar os processos de escrita, de comunicação, de interpretação e compreensão de si mesmos e do mundo em que vivem. Assim as experiências de leitura precisam ser brindadas com boa literatura, precisam transitar pela interdisciplinaridade e se transformar no contato com as tecnologias.

Então, para ir ao encontro do que rege a BNCC quanto à formação de leitores, principalmente em se tratando de alunos do Ensino Médio, as obras literárias precisam envolver



os estudantes de forma a instigar seu protagonismo na sociedade, pois a literatura - como bem legitima Todorov ao finalizar o prólogo da obra, “A literatura em perigo” (2009) – não só enriquece o sentido da vida, como amplia o universo do leitor a partir da experiência leitora e da interação com o outro.

Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, p. 23 e 24).

Portanto, antes de ser vista como atividade de deleite, a leitura precisa resgatar o sentido da vida e promover o encontro do leitor consigo mesmo e com o outro. Para tanto, é primordial que toda e qualquer proposta de formação de leitores seja pautada na possibilidade de estabelecer costuras entre o real e o imaginário, no intuito de impulsionar o leitor a fazer parte do jogo com o texto por entre os interstícios da linguagem. Dessa forma a humanização no processo de formação de leitores, que é defendida por tantos estudiosos, encontrará eco na contemporaneidade, tão necessitada de que isso se concretize, já que o individualismo, a violência e a falta de empatia têm marcado o cenário das sociedades de maneira bastante universal.

### 3 COMPASSOS E DESCOMPASSOS ENTRE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

São muitas as transformações ocorridas na sociedade nos últimos tempos, principalmente em se tratando de tecnologias. É fundamental pois, que a escola acompanhe essas mudanças, mas sem perder o foco no que é mais importante, por isso o planejamento político e pedagógico precisa dar um espaço de destaque à leitura e à literatura para não se correr o risco de anulá-las diante de tantas (TDICs) Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. Essas já eram usadas, mas passaram a fazer parte do ambiente escolar com primazia, devido as novas modalidades de ensino que se enquadram no cenário educacional, diante da pandemia de COVID 19 iniciada no final do ano de 2019.

Esse momento pandêmico impõe restrições de convívio interpessoal e determinações de isolamento social que exigem um posicionamento inovador tanto dos docentes, quanto dos





gestores institucionais para viabilizar que a aprendizagem seja de fato concretizada, uma vez que o aprendizado precisa continuar acontecendo, embora a escola física esteja fechada. Em virtude disso, o ensino remoto passou a fazer parte da vida de professores, alunos e famílias. Entretanto, esse ensino que adentra as casas, transformando-as em extensão da escola, nem sempre ocorre em ambientes favoráveis a seu propósito, com recursos que muitas vezes não comportam a demanda ou até sem os recursos necessários, já que a estrutura não se transforma com a mesma rapidez das determinações, emendas ou leis que entram em vigor.

No entanto, a inclusão digital, que já deveria fazer parte do cotidiano da escola, acabou sendo potencializada pela pandemia, que promoveu um grande passo para as mudanças relativas ao uso da tecnologia. Dessa forma, os recursos digitais precisaram ser incorporados ao trabalho docente, passando a ser aliados do processo pedagógico. Isso foi garantido de modo parcial pelo poder público, que em primeira mão não se preocupava em disponibilizar oportunidades de acesso à internet.

No Rio Grande do Sul, o governo do estado, para oportunizar maior integração com o universo digital, fez cedência de *Chromebook* aos professores da rede estadual e, em parceria com a SEDUC e as Coordenadorias de Ensino, promoveu o letramento digital para os profissionais da educação. Porém, a iniciativa não elimina a distância entre classes sociais, e essa modalidade de ensino deixa muitos estudantes à margem desse processo educativo. Além disso, é preciso que haja a preocupação com a formação integral e com as questões emocionais que têm permeado a vida das pessoas, sendo imprescindível que os recursos tecnológicos cheguem a todos os estudantes e sejam utilizados para servir aos propósitos do aprendizado e não para instituir mais distanciamento entre as pessoas.

### 3.1 TECNOLOGIA ALIADA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

O sociólogo Zygmunt Bauman que fala dos tempos líquidos, preconiza que “a individualização chegou para ficar” (2001, p. 44), porém, se assim o for, antes, há de se acreditar no papel social da escola e em especial dos professores de literatura. Defendida por Antônio Cândido, Humberto Eco, Juracy Assmann Saraiva, Ernani Mügge, Tatiane Kaspari, a literatura tem função humanizadora, instalando-se nessa característica o compromisso dos professores de apresentar os alunos com bons textos, oportunizando que eles lapidem suas almas no encontro com a leitura e com a participação do outro em suas vidas. Esse processo pode ser mais eficaz



com o auxílio da tecnologia, por isso é imprescindível que o ambiente virtual - que tem sido visto como o grande vilão, por estar “criando” indivíduos cada vez mais solitários e egocêntricos - seja explorado adequadamente, pois as plataformas sociais podem ser convertidas em ambientes de comunicação saudável, os quais inspirem atitudes conscientes e transformadoras. Entretanto, a escola não pode fazer o dever de casa sozinha, porque todos são responsáveis pelos indivíduos em formação, conforme a ilustração mostra:

**Figura 1**



José Moran alerta para as transformações no âmbito educacional, principalmente em se tratando da prática docente e ratifica a importância de o professor rever sua metodologia, pois em um mundo onde a informação está ao alcance da mão, não é mais possível trabalhar como se o saber estivesse concentrado nesse profissional. Ele deve ser um entusiasta, um estimulador de desejos de conhecimentos. Segundo o autor:

A aquisição da informação dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer hoje os dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor – o papel principal – é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los. O papel do educador é mobilizar o desejo de aprender, para que o aluno se sinta sempre com vontade de conhecer mais. (MORAN, 2007, p. 33).

Moran vem, ao longo de sua caminhada de pesquisa e docência, mostrando a importância de se trabalhar com metodologias ativas. “As metodologias ativas são pontos de partida para avançar para processos mais avançados de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas.” (MORAN, 2015, p.18). Conforme o autor, com as “metodologias ativas de aprendizagem, o aprendizado se dá a partir de problemas e situações reais; os mesmos que os alunos vivenciarão depois na vida profissional, de forma antecipada, durante o curso.” (MORAN, 2015, p.19).

Assim, é imprescindível que o professor continue a liderar os espaços educativos, preparando os alunos para os desafios que encontrarão em suas trajetórias. E isso certamente ocorrerá, pois, como foi visto durante o período pandêmico, os docentes utilizaram ferramentas tecnológicas - mesmo aqueles que não tinham contato relevante com esse instrumental -



reinventaram seu fazer pedagógico, assumiram espaços virtuais e conferiram protagonismo a seus alunos, não só do aprendizado, mas do gerenciamento de suas vidas.

Com base nisso, é possível dizer que, com o comprometimento docente de buscar a potencialização do aprendizado e a formação humanizada do aluno, o mundo real e o virtual podem caminhar juntos na construção do conhecimento e de encantamentos. Conforme Moran (2015) a tecnologia possibilita integração entre o mundo digital e o físico e vai construindo uma simbiose entre eles. O pedagogo atenta também para a importância de equilibrar o fazer pedagógico, para a importância da interação entre os indivíduos e de sua comunicação para que, de forma colaborativa, se possa vislumbrar um novo cenário social com pessoas mais empáticas e comprometidas umas com as outras e com a sociedade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de um aprendizado significativo, como foi visto, perpassa o fazer pedagógico, exige comprometimento de toda a sociedade e não acontece sem que todos assumam suas responsabilidades. Mas, sobretudo, precisa propiciar encantamento, envolvimento, interação. Por isso, a integração entre literatura, leitura e recursos digitais pode ser pensada como metodologia apta a promover o interesse e participação efetiva dos discentes com os estudos literários.

A tecnologia permeia as vivências contemporâneas e com sua capacidade de conexão contribui para a formação do leitor como sujeito social. Ela favorece o acesso do leitor às obras literárias, as quais exercem função libertadora e humanizadora; ao imergir nas lacunas intersticiais do texto, o leitor abre a possibilidade do encontro com o outro e consigo mesmo. E, em virtude desses encontros, a tessitura comunicativa abre caminhos para o reconhecimento e valorização das alteridades, oportunizando o desenvolvimento intelectual e cívico de todos os envolvidos no processo.

#### REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 7-44.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. – Campinas, SP: Papyrus, 2007, - (Papyrus Educação). Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=PiZe8ahPcD8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 12 abr. 2021.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

MORAN, José Manuel. **Mudando a educação com tecnologias ativas** [Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II] Carlos Alberto de Souza e Ofélia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. Disponível em <[http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando\\_moran.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf)>. Acesso em 13 abr. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani; KASPARI Tatiane. **Texto literário**: resposta ao desafio da formação de leitores. São Leopoldo: Oikos, 2017. 223 p.

TODOROV, Tzvetan, 1939. **A literatura em perigo**/Tzvetan Todorov; tradução Caio Meira. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. 96p.





## USO DE JOGOS DIGITAIS PARA ESTIMULAÇÃO COGNITIVA EM CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TDAH: AMOSTRAGEM POR FORWARD SNOWBALLING

THE USE OF DIGITAL GAMES FOR COGNITIVE STIMULATION IN ADHD  
DIAGNOSED CHILDREN: FORWARD SNOWBALL SAMPLING

Bernardo Benites de Cerqueira; Débora Nice Ferrari Barbosa; Regina Heidrich; Lisiane Machado de  
Oliveira Menegotto; João Batista Mossmann

Universidade Feevale

**Resumo:** As Funções Executivas são um grupo inter-relacionado de habilidades cognitivas que servem para regular e controlar o comportamento humano, de modo a atingir objetivos específicos. Sabe-se que o subdesenvolvimento ou disfunção destes processos cognitivos são correlacionados a diversos tipos transtornos mentais. Na área da neuropsicologia, procura-se por evidências de estimulação e melhoria destas funções cognitivas nos indivíduos, através de intervenções com utilização softwares computadorizados, como os jogos digitais. Este trabalho objetivou a demonstrar o uso de jogos digitais com crianças diagnosticadas com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), através de um procedimento de *forward snowballing*, entre 2018 e 2019. Entre 378 referências revisadas, encontrou-se 10 trabalhos que abordaram 9 jogos digitais na temática de pesquisa. As investigações encontradas não possuíam um padrão metodológico de aplicação e mensuração dos resultados, corroborando com outros estudos na área de estimulação das Funções Executivas.

**Palavras-chave:** Estimulação cognitiva. Funções Executivas. Jogos Digitais. TDAH.

**Abstract:** Executive Functions are an interrelated group of cognitive skills that serve to regulate and control human behavior in order to achieve specific goals. It is known that the underdevelopment or dysfunction of these cognitive processes is correlated with several types of mental disorders. In the area of neuropsychology, it is sought evidence of stimulation and improvement of these cognitive functions in individuals, through interventions using computerized software, such as digital games. This work aimed to demonstrate the use of digital games with children diagnosed with Attention Deficit and Hyperactivity Disorder (ADHD), through a procedure of forward snowballing, between 2018 and 2019. Among 378 revised references, 10 papers were found that addressed 9 digital games as their research theme. The investigations did not have a methodological pattern for the applications and cognitive measurement of the results, corroborating with other studies in the area of Executive Functions stimulation.

**Palavras-chave:** Cognitive Stimulation. Executive Functions. Digital Games. ADHD.

### INTRODUÇÃO

Na área da neuropsicologia, são pesquisados os processos cognitivos sobre os quais o cérebro humano se baseia para realizar tarefas básicas do cotidiano. Nesse campo, o conceito das Funções Executivas (FE) se refere a um grupo inter-relacionado de habilidades cognitivas que servem para regular e controlar o comportamento humano, de modo a atingir objetivos específicos. A literatura apresenta vários modelos teóricos que buscam esclarecer a estrutura das



FE, sendo neste trabalho utilizado o modelo proposto por Diamond (2013), que considera como os componentes executivos centrais a Memória de Trabalho, Controle Inibitório e a Flexibilidade Cognitiva. Estes componentes possibilitam o gerenciamento de tarefas cotidianas da rotina dos indivíduos, e formam a base para outras habilidades cognitivas mais complexas, como raciocínio, resolução de problemas e planejamento (DIAMOND, 2013).

Ademais, sabe-se que as FE são habilidades essenciais em diversos aspectos da vida dos indivíduos, como questões de saúde mental e desenvolvimento cognitivo, até decorrências delas na vida profissional e acadêmicas dos sujeitos (TOURINHO et al., 2016). Especificamente, o componente de controle inibitório também se relaciona à habilidade dos indivíduos de esperar e responder ponderadamente, em vez de reativamente ou impulsivamente, o que pode deixá-los à mercê de situações sociais desconfortáveis, permanecendo, portanto, focados ou resistentes à tentação de se comportar de maneira inadequada (DIAMOND & LING, 2016). Estudos demonstram que déficits nesse componente executivo em indivíduos são correlacionados ao Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) (FOSCO et al., 2019), bem como e Transtorno do Espectro Autista (TEA) (CHRIST et al., 2007).

Um estudo realizado por Diamond & Lee (2011) traz, nesse sentido, seis aproximações possíveis para a realização de intervenções direcionadas à estimulação das FE, especificamente em crianças de 4 a 12 anos. Entre estas ferramentas para intervenção estão os programas computadorizados, nos quais se inserem os jogos digitais, voltados a um contexto de estimulação cognitiva aliados à questão do entretenimento dos indivíduos. Entretanto, os autores indicam na literatura a existência de contradições nas evidências apresentadas acerca da eficácia da abordagem das FEs através destes programas computadorizados, ou jogos digitais (DIAMOND & LING, 2016), o que demanda uma investigação comportamental minuciosa antes e após as aplicações, de modo a identificar as questões adaptativas trabalhadas pelas estimulações cognitivas.

Além de auxiliar no desenvolvimento de aspectos cognitivos dos sujeitos como característica principal, os jogos digitais possibilitam que os próprios jogadores participem de maneira ativa de sua aprendizagem, tornando esse processo mais agradável, interessante e motivador. Dessa maneira, através da pró-atividade, os jogadores estão envolvidos nessa aprendizagem através do jogo digital, onde a interação com as informações presentes nele se torna possível (LIEBERMAN, 2006). Soma-se a isto o uso da tecnologia aliada aos jogos digitais voltados a estimulação cognitiva, constituindo assim estratégias interativas nas salas de aula como



um ambiente ecologicamente válido, em busca de evidências para propostas inovadoras, dentro das discussões entre os campos abordados.

Assim, o objetivo deste trabalho é demonstrar através do procedimento de *forward snowballing* (WOHLIN, 2014) quais jogos digitais foram utilizados no contexto de estimulação cognitiva em crianças diagnosticadas com TDAH, entre os anos de 2018 e 2019.

## REFERENCIAL TEÓRICO

As FE são essenciais para a aptidão escolar, desempenho acadêmico, sucesso na carreira, funcionamento socioafetivo, harmonia conjugal, boa saúde e qualidade de vida (DIAMOND & LING, 2020). No entanto, uma investigação de Miller *et al.* (2011) constatou que os jovens que apresentavam menor desenvolvimento das FE, especificamente do controle inibitório, eram exponencialmente mais propensos a sofrer de condições adversas de saúde, enquanto outro estudo longitudinal (MOFFITT *et al.*, 2011) demonstraram que os adultos com menor controle inibitório na infância eram mais propensos à dependência de drogas, ser monoparental ou cometer mais crimes do que aqueles com melhor controle inibitório quando crianças. De acordo com Diamond e Ling (2020), pesquisas sugerem que FEs estimuladas mais cedo na vida podem reduzir os problemas mencionados, bem como os comportamentos anti-sociais ou inadequados, e que melhorar o desenvolvimento executivo no início da vida é fundamental para a trajetória das crianças.

Entretanto, existem controvérsias quanto à eficácia da estimulação por meio de programas computadorizados, ou jogos digitais, bem como nas metodologias empregadas (MANSUR-ALVES & SALDANHA-SILVA, 2017) e na reprodução dos resultados em outros estudos (HOLMES *et al.*, 2009). Estudos indicam que tais contradições são evidenciadas nas questões adaptativas que são deixadas de lado nos programas de estimulação cognitiva. Um dos aspectos que suportam a afirmação acima é o efeito de transferência, em que os benefícios obtidos com o estímulo de uma habilidade em um determinado cenário também devem ser observados em outros contextos. Ou seja, uma investigação comportamental antes e depois da execução da tarefa proposta deve ser realizada e os ganhos de habilidade também devem aparecer no desempenho de outras tarefas diárias não treinadas. O desenvolvimento de tais programas de estimulação deve estar alinhado com a promoção do funcionamento adaptativo dos indivíduos como um todo, e não aplicado apenas às atividades praticadas e avaliadas (DIAMOND & LING, 2016).





As possibilidades de estimulação cognitiva das funções executivas por meio de programas informatizados, incluindo jogos digitais, foram relatadas anteriormente (DIAMOND & LING, 2016; DIAMOND & LING, 2020). Nesse sentido, de acordo com Takacs & Kassai (2019), diferentes tipos de intervenções com crianças têm sido investigadas, como treinamento computadorizado e não computadorizado, atividades físicas cognitivamente envolventes, meditação *mindfulness* e currículos escolares envolvendo habilidades executivas, atividades artísticas, relaxamento aprimorado por *biofeedback* e intervenções para ensino de estratégia. Segundo os autores, os resultados do treinamento explícito das funções executivas foram semelhantes ao usar o treinamento computadorizado e o não computadorizado.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como estratégia de busca, o procedimento de *forward snowballing* (WOHLIN, 2014) foi utilizado neste estudo em uma busca de forma manual para encontrar os jogos digitais utilizados no contexto de estimulação cognitiva em crianças diagnosticadas com TDAH. No procedimento adotado, as referências de um conjunto inicial de artigos são utilizadas para pesquisar publicações adicionais. Cada referência encontrada na lista de referências ou citações do conjunto inicial que corresponda aos critérios de inclusão/exclusão é então adicionada a um novo conjunto de artigos, e uma nova iteração é feita nas respectivas referências/citações a fim de encontrar quaisquer bibliografias que devam ser incluídas para a iteração subsequente. Esse processo pode prosseguir até que os critérios de inclusão e exclusão sejam atendidos e, no caso deste trabalho, as publicações que não fossem entre os anos 2018 e 2019 foram descartadas em primeiro lugar, e essa faixa também foi utilizada como ponto de parada, ou seja, quando as referências citadas atingissem o ano de 2019.

O processo aqui utilizado considerou como candidatas as referências após a verificação do ano de publicação da referência, título e tipo de publicação. Já para os potenciais candidatos para análise posterior eram avaliados os seus resumos, e se inconclusivos para inclusão no novo conjunto de artigos, então a leitura do artigo completo era feita. Os mesmos critérios de inclusão e exclusão foram usados no procedimento *forward snowballing* para todos os artigos para a próxima iteração de inclusão. As iterações resultantes deste procedimento são descritas posteriormente na seção Resultados e Análise.

Assim, para dar início ao procedimento, foi utilizado por conveniência nesse trabalho como publicação de partida uma investigação referência na área estudada “Computerized training of





working memory in children with ADHD--a randomized, controlled trial”, de Klingberg *et al.* (2005), que possui até o momento da investigação 2283 citações em diversos campos de conhecimento.

Como Critérios de Exclusão (CE), foram adotados, nessa ordem: CE1) investigações entre 2018 e 2019; CE2) investigações que não envolvam crianças com TDAH; CE3) investigações que não envolvam jogos digitais; CE4) estudos de revisões bibliográficas, reviews e meta-análises.

Como critérios de inclusão nessa investigação, adotou-se: CI1) envolve jogos ou aplicações digitais; CI2) o artigo é publicado na versão completa; CI3) artigo publicado em uma conferência, oficina ou periódico;

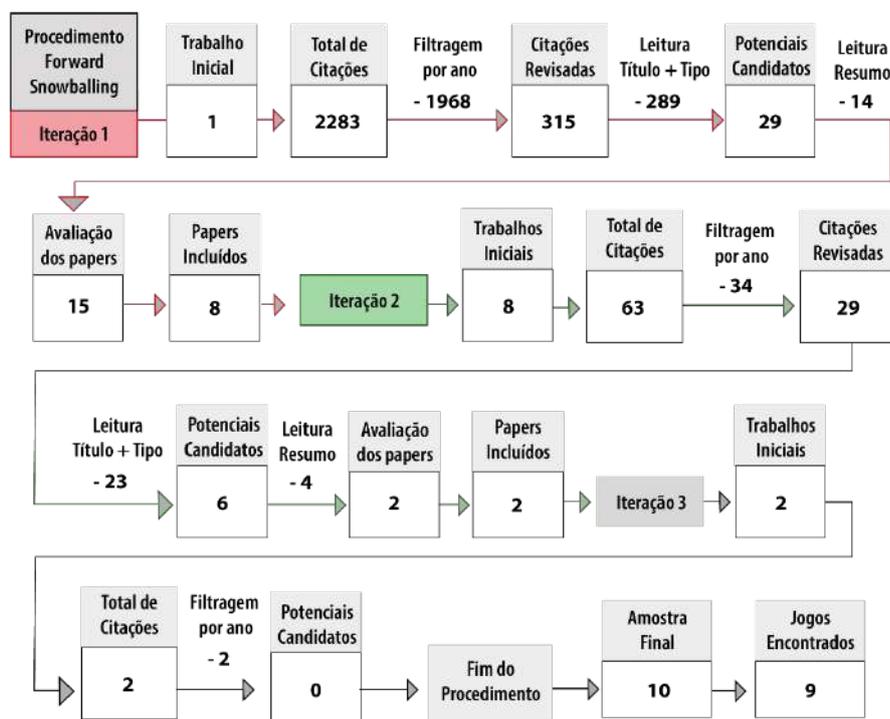
## RESULTADOS E ANÁLISE

Seguindo o procedimento de *forward snowballing* com as citações originadas do estudo de Klingberg *et al.* (2005), ao todo foram encontradas um total de 2348 citações diretas e indiretas ao estudo inicial. O procedimento é definido por iterações, na qual cada iteração adiciona um número maior de investigações ao tópico investigado. Assim, ao fim do procedimento realizado neste trabalho, um total de 3 iterações foram realizadas. Durante as iterações, ao todo 378 citações foram revisadas de acordo com os critérios de inclusão e exclusão definidos anteriormente na seção “*Procedimentos Metodológicos*”, cuja após a filtragem por título e tipo de publicação, foram avaliados os resumos de 35 estudos que eram potenciais candidatos a inclusão. Após, 17 investigações dentro do recorte proposto para inclusão foram identificadas e avaliadas, dentro as quais 10 foram selecionadas por trabalharem a estimulação cognitiva com crianças diagnosticadas com TDAH através de jogos digitais. Assim, 9 diferentes jogos digitais foram identificados a partir da amostra final, visto que duas publicações utilizavam o mesmo jogo digital. A Figura 1 sintetiza visualmente o procedimento de *forward snowballing*.

Assim, através dos trabalhos encontrados, percebeu-se que não houve um padrão metodológico de aplicação no contexto de estimulação cognitiva com os programas computadorizados, ou jogos digitais. Cada investigação encontrada buscou estimular diferentes funções executivas do participantes, em variados desenhos metodológicos que compartilhavam apenas da estratégia de pré e pós teste. Esta variação metodológica dos estudos com uso de jogos digitais já foi relatada em estudos anteriores na área de estimulação cognitiva por Mansur- Alves & Saldanha-Silva (2017), no que tange às dificuldades de identificar a eficácia deste tipo de investigação devido a variabilidade dos desenhos dos estudos.



Figura 1.



Procedimento de *Forward Snowballing* realizado neste trabalho. Fonte: o autor.

Além disso, tampouco os testes padronizados utilizados para medir o efeito das intervenções tinham estratégias semelhantes. Por exemplo, alguns dos estudos buscaram medição dos efeitos da intervenção através de estratégias psicométricas relativas apenas às tarefas treinadas, por exemplo: se os participantes utilizavam jogos voltados a inibição de atenção, os testes eram relativos a inibição da atenção. Dessa forma, não foi possível identificar a magnitude de ganhos pré e pós da intervenção em tarefas não treinadas, como leitura ou matemática, por exemplo. Por fim, foram identificados 9 jogos digitais utilizados no contexto das investigações. Os jogos são elencados no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1.

Estudo	Programa/Jogo Digital
Bikic <i>et al.</i> (2018)	<i>ACTIVATE™</i>
Chacko et al (2018)	<i>Cogmed®</i>
Yerys et al (2019)	<i>Project Evo</i>
Simone et al (2018)	<i>Attention Processing Training (ATP)</i>



Dörrenbächer et al (2019)	<i>Game-Based Task Shift Training</i>
Dovis et al (2019)	Braingame Brian
Minder et al (2019)	CogT
Aghdam et al (2019)	MIND PRO <i>Working Memory Game</i>
de Oliveira Rosa (2018)	<i>ACTIVATE™</i>
Mahmoodi et al (2019)	<i>Cognitive-Sensory-Motor Gamepad</i>

Jogos digitais encontrados nos estudos incluídos. **Fonte: o autor.**

Ressalta-se que dentre os jogos encontrados, o *Cogmed®* é atualmente o programa computadorizado mais estudado na área de estimulação das funções executivas, principalmente na área da memória de trabalho. Já o Braingame Brian é um jogo conhecido na temática de crianças diagnosticadas com TDAH devido às atividades propostas para os jogadores, que são bem elaboradas do ponto de vista estético e dos desenhos de estudos utilizados para verificar a efetividade do jogo digital.

Já a investigação de Mahmoodi *et al.* (2019) relata a criação de um *gamepad* cognitivo-sensório-motor voltado para uso terapêutico com crianças diagnosticadas com TDAH. Ele não é um jogo digital em si, mas uma ferramenta para o uso de jogos digitais que utilizem o mouse como principal interação com o jogo, de forma que o participante possa jogar o jogo com o corpo inteiro. Assim, foi escolhido para inclusão neste trabalho por sua proposta de uso de jogos digitais através do aparelho, que obteve resultados promissores nos sintomas relacionados ao TDAH dos participantes.

## CONCLUSÃO

Esta investigação objetivou realizar um procedimento forward snowballing para buscar jogos digitais utilizados na estimulação cognitiva em crianças diagnosticadas com TDAH entre 2018 e 2019. Dessa forma, utilizando como publicação inicial uma referência conhecida no campo de estudo de estimulação cognitiva em crianças e TDAH (KLINGBERG *et al.*, 2005), a busca manual findou com uma amostra de 10 publicações e 9 jogos digitais identificados. Destacou-se na análise dos estudos a grande variabilidade de metodologias empregadas, tanto no desenho e aplicações dos estudos, quanto na bateria de testes neuropsicológicos para avaliação dos resultados das investigações, embora empregassem o uso de jogos digitais em sua estratégia de estimulação cognitiva.



Como trabalhos futuros, observa-se a possibilidade de uma análise qualitativa e quantitativa dos efeitos do uso destes diferentes jogos digitais no contexto de estimulação cognitiva com o público designado. Nesse sentido, suscita-se a importância da validação com o público, do ponto de vista dos processos de desenvolvimento de *software*, como é o caso dos jogos digitais, em que é especialmente importante a interação entre a ferramenta, ou jogo digital, e o público alvo. Este tipo de desenvolvimento centrado no usuário pode suscitar questões com potencial de interferir diretamente na experiência do jogador, bem como seu engajamento, portanto afetando diretamente também a mensuração dos resultados de intervenções com uso de tais jogos. Em segundo, mas igualmente importante, a avaliação da ferramenta, ou jogo digital, por especialistas na área em que se propõe investigar. Este tipo de avaliação torna a ferramenta, ou jogo digital, mais confiável e seguro para as pesquisas em torno deste, assim como para os participantes. Este assunto é abordado pelo Institute of Digital Media *et al.* (2016), na qual um conjunto de autores oriundos de diversas áreas afirmam a necessidade e fazem um chamado por uma maior colaboração entre game designers, profissionais da saúde e do comportamento para que técnicas de mudanças comportamentais nas aplicações, baseadas em evidências, sejam garantidas.

## REFERÊNCIAS

AGHDAM, K. S.; ALAVI, M. H. Designing MIND PRO Working Memory Game and evaluating its effectiveness on working memory in ADHD children. In: **2019 International Serious Games Symposium (ISGS)**. IEEE, 2019. p. 124-128.

BIKIC, A. et al. Attention and executive functions computer training for attention-deficit/hyperactivity disorder (ADHD): results from a randomized, controlled trial. **European Child & Adolescent Psychiatry**, v. 27, n. 12, p. 1563-1574, 2018.

CHACKO, A. et al. Sequenced neurocognitive and behavioral parent training for the treatment of ADHD in school-age children. **Child Neuropsychology**, v. 24, n. 4, p. 427-450, 2018.

CHRIST et al. "Inhibitory control in children with autism spectrum disorder," **Journal of autism and developmental disorders**, vol. 37(6), pp. 1155-1165, 2007.

DE OLIVEIRA ROSA, V. et al. Computerized Cognitive Training for ADHD as an Add-On Treatment to Stimulants: A Randomized Clinical Trial. **Journal of attention disorders**, p. 1087054718816818, 2018.





DIAMOND, A; LING, D. Conclusions about interventions, programs, and approaches for improving executive functions that appear justified and those that, despite much hype, do not. **Developmental cognitive neuroscience**, v. 18, p. 34-48, 2016.

DIAMOND, A; LING, D. Review of the evidence on, and fundamental questions about, efforts to improve executive functions, including working memory. **Cognitive and working memory training: Perspectives from psychology, neuroscience, and human development**, p. 143, 2019.

DÖRRENBÄCHER, S.; KRAY, J. The impact of game-based task-shifting training on motivation and executive control in children with ADHD. **Journal of Cognitive Enhancement**, v. 3, n. 1, p. 64-84, 2019.

DOVIS, S. et al. Does executive function capacity moderate the outcome of executive function training in children with ADHD?. **ADHD Attention Deficit and Hyperactivity Disorders**, v. 11, n. 4, p. 445-460, 2019.

FOSCO, W. et al. Inhibitory control and information processing in ADHD: Comparing the dual task and performance adjustment hypotheses. **Journal of abnormal child psychology**, v. 47, n. 6, p. 961- 974, 2019.

HOLMES et al. Adaptive training leads to sustained enhancement of poor working memory in children. **Developmental science**, v. 12, n. 4, p. F9-F15, 2009.

INSTITUTE OF DIGITAL MEDIA et al. Games for health for children – Current status and needed research. **Games for health journal**, v. 5, n. 1, p. 1-12, 2016.

KLINGBERG et al. Computerized training of working memory in children with ADHD-a randomized, controlled trial. **Journal of the American Academy of child & adolescent psychiatry**, v. 44, n. 2, p. 177-186, 2005.

LIEBERMAN, D. “What can we learn from playing interactive games,” in **Playing video games: Motives, responses, and consequences**, P. Vorderer, & J. Bryant, Eds. New York, NY: Routledge, 2006, pp. 379 – 397.

MAHMOODI, F. et al. A Cognitive-Sensory-Motor Gamepad for Therapy of Children with ADHD. In: **2019 International Serious Games Symposium (ISGS)**. IEEE, 2019. p. 25-29.

MANSUR-ALVES, M. & SALDANHA-SILVA, R. Treinar memória de trabalho promove mudanças em inteligência fluida? **Temas em Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 787-807, 2017.

MILLER, H. et al. Self-control and health outcomes in a nationally representative sample. **American journal of health behavior**, v. 35, n. 1, p. 15-27, 2011.

MINDER, F. et al. Specific Effects of Individualized Cognitive Training in Children with Attention- Deficit/Hyperactivity Disorder (ADHD): The Role of Pre-Training Cognitive Impairment and Individual Training Performance. **Developmental neurorehabilitation**, v. 22, n. 6, p. 400-414, 2019.





MOFFITT et al. A gradient of childhood self-control predicts health, wealth, and public safety. **Proceedings of the national Academy of Sciences**, v. 108, n. 7, p. 2693-2698, 2011.

SIMONE, M. et al. Computer-assisted rehabilitation of attention in pediatric multiple sclerosis and ADHD patients: a pilot trial. **BMC neurology**, v. 18, n. 1, p. 82, 2018.

TAKACS & KASSAI. The efficacy of different interventions to foster children's executive function skills: A series of meta-analyses. **Psychological bulletin**, v. 145, n. 7, p. 653, 2019.

TOURINHO, A. et al. Games, TDAH e Funções Executivas: Uma Revisão da Literatura. **XV SBGames**, p. 872-879, 2016.

YERYS, B. et al. Brief report: pilot study of a novel interactive digital treatment to improve cognitive control in children with autism spectrum disorder and co-occurring ADHD symptoms. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 49, n. 4, p. 1727-1737, 2019.

WOHLIN, C. Guidelines for snowballing in systematic literature studies and a replication in software engineering. In: **Proceedings of the 18th international conference on evaluation and assessment in software engineering**. 2014. p. 1-10.





## O CUIDADO NO DOMICÍLIO: O PROCESSO DE SAÚDE E DOENÇA SOB A PERSPECTIVA DE QUEM CUIDA

HOME CARE: THE DISEASE AND HEALTH PROCESS UNDER THE PERSPECTIVE  
OF CAREGIVERS

Magna Roberta Birk; Jacinta Sidegum Renner

Universidade Feevale

**Resumo:** O objetivo deste estudo consistiu em compreender a percepção dos cuidadores de pacientes inseridos no Programa Melhor em Casa, no que se refere aos processos de saúde e doença e seus desdobramentos. O estudo se caracterizou como observacional descritivo, com análise e discussão de dados sob a perspectiva qualitativa. Trata-se de um recorte da Dissertação de Mestrado intitulada Análise da Dimensão Humana e Social sob a Perspectiva de Pacientes Acometidos por Lesão por Pressão e Seus Familiares. Participaram do estudo 22 colaboradores, sendo 11 pacientes e seus respectivos cuidadores. A coleta de dados ocorreu a partir de uma entrevista semiestruturada realizada no domicílio dos pacientes. Os resultados apontaram que a falta de conhecimento técnico para a execução do cuidado, contribui diretamente para o aumento dos sentimentos de angústia, impotência, falta de entendimento dos processos de saúde e doença, desgaste físico e emocional dos cuidadores. Cita-se ainda a estrutura domiciliar, por vezes precária, como um fator que pode intensificar tais percepções.

**Palavras-chave:** Lesões por pressão. O cuidado e o cuidador. Processo saúde e doença.

**Abstract:** The objective of this work consists on the understanding of the perception of caregivers of patients participating on the Melhor em Casa Program, which refers to the health and disease process and their outspreading. The study was characterized as descriptive and observational, with analysis and data discussion under the qualitative perspective. It is a snippet of the Master's Dissertation named Analysis of the Human and Social Dimension under the Perception of Patients with Pressure Injuries and their Relatives. There were 22 collaborators in the study, consisting on 11 patients and their respective caregivers. The results indicated that the lack of technical knowledge for the execution of the care contributes directly to the increase of anguish, impotence, lack of understanding of the processes of health and disease, and physical and emotional distress of the caregivers. It is also pointed the home structure, sometimes precarious, as a factor that may intensify these perceptions.

**Key words:** Pressure injuries. The care and the caregiver. Health and disease process.

### INTRODUÇÃO

Atualmente, no Brasil, pensar sobre saúde e doença pode ser considerado tarefa árdua, mas definitivamente necessária. O assunto abre precedentes para amplos debates nas mais diferentes perspectivas. No que se refere à saúde, Minayo (2010) menciona que a saúde vincula-se à questão humana e existencial, sendo uma problemática vivenciada pelos diferentes segmentos sociais, sendo apenas percebida de formas diferentes de acordo com o contexto de inserção. As condições de vida e de trabalho podem envolver uma complexa interação entre os



aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais, uma relação que perpassa o corpo individual e social, confrontado com as turbulências do ser humano como ser total. (MINAYO, 2010).

Imbricados neste contexto, encontram-se os sujeitos deste estudo, cuidadores de pacientes inseridos no Programa Melhor em Casa, que é um programa do governo federal destinado a proporcionar desospitalização e retorno dos pacientes ao ambiente domiciliar, onde serão cuidados por familiares. Pessoas que se dedicam ao cuidado, que tendem a ter pouco ou nenhum conhecimento técnico para realização das atividades neste ambiente, que por vezes possui uma estrutura precária.

Neste sentido, percebe-se o quão desafiadora é a atenção à saúde no domicílio, no que refere a dar conta das dimensões do processo de saúde e doença, da humanização e do cuidado, considerando o cuidador como ator principal deste complexo processo.

Assim, esta pesquisa buscou compreender a percepção dos cuidadores de pacientes inseridos no Programa Melhor em Casa, no que se refere aos processos de saúde e doença relacionados à assistência no domicílio. Este estudo é um recorte da Dissertação de Mestrado intitulada Análise da Dimensão Humana e Social sob a Perspectiva de Pacientes Acometidos por Lesão por Pressão e Seus Familiares, que por sua vez esteve inserida no projeto financiado pela “FAPERGS/MS/CNPq/SESRS nº 03/2017 PESQUISA PARA O SUS: GESTÃO COMPARTILHADA EM SAÚDE PPSUS–2017”, intitulado “Tecnologias Assistivas para prevenção de Lesões por Pressão: um enfoque para pessoas acamadas, com mobilidade reduzida e usuários de cadeira de rodas”, sob parecer de número 1.365.365/1.330.627, em conformidade com a resolução nº 466, de 12/12/12, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O estudo se caracterizou por ser de natureza teórica aplicada, com análise e discussão de dados realizados sob a perspectiva qualitativa. Sob o ponto de vista dos objetivos foi um estudo observacional descritivo. O objetivo geral esteve focado em compreender a percepção dos cuidadores de pacientes inseridos no Programa Melhor em Casa, no que se refere aos processos de saúde e doença e seus desdobramentos. Participaram do estudo 22 colaboradores, sendo 11 pacientes usuários do SUS e seus respectivos cuidadores. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram um questionário semiestruturado e o diário de campo.



## DESENVOLVIMENTO

Ao discorrer sobre os processos de saúde e doença relacionados ao cuidado domiciliar, entende-se que tais processos necessitam de uma compreensão multifacetada, além de considerável empatia. Diante desta perspectiva, é necessário compreender o que precede à existência do cuidado, que é a doença e sua etiologia, bem como identificação dos processos de saúde e doença existentes no cotidiano domiciliar.

No Brasil, as doenças cardiovasculares, respiratórias crônicas, o câncer e o diabetes *mellitus* são as principais doenças crônicas, tendo sido responsáveis, em 2015, por 51,6% do total de óbitos na população de 30 a 69 anos, tais dados conversam diretamente com os desafios do cuidado abordados neste estudo. (BRASIL, 2015).

No que tange aos aspectos da doença, de acordo com Minayo (2010), a saúde vincula-se à questão humana e existencial, sendo uma problemática vivenciada pelos diferentes segmentos sociais, diferindo apenas na forma como as percebem. No que se refere às suas condições de vida e de trabalho, podem envolver uma complexa interação entre os aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais, uma relação que perpassa o corpo individual e social, confrontado com as turbulências do ser humano como ser total. (MINAYO, 2010).

Pensando na caracterização das doenças que acometem os pacientes, bem como as questões humanas e sociais mencionadas anteriormente, retomar a dimensão da empatia, torna-se relevante. O termo advém do grego EMPATHEIA, formado por “EM” (em) e “PATHOS” (emoção). Alinhado a empatia apresenta-se o de humanização, que em muitos momentos pode ser percebida a partir de uma boa dose de empatia.

Conforme dados do Ministério da Saúde, o Brasil trabalha a dimensão da humanização desde 2003, inicialmente através da Política Nacional de Humanização (PNH), com o objetivo de nortear os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) no cotidiano das práticas de atenção e gestão, de forma a qualificar a saúde pública e proporcionar trocas solidárias entre gestores, trabalhadores e usuários. Ainda nesta perspectiva, a PNH deve se fazer presente e estar inserida em todas as políticas e programas do SUS, com o objetivo de disseminar no país as melhores práticas no cuidado. (BRASIL, 2013).

Relacionado aos objetivos estratégicos da PNH, apresenta-se o programa “Melhor em Casa”, que prevê assistência domiciliar à saúde em detrimento das práticas hospitalares ou institucionalizadas da saúde, com o objetivo de construir uma nova forma de praticar o cuidado,



proporcionando interação dos profissionais de saúde com os pacientes no domicílio dos mesmos. (GIACOMOZZI; LACERDA, 2006). Corroborando, Silva *et al.* (2005, p. 395) também contribuem, dizendo que “a internação domiciliar representa uma estratégia na reversão da atenção centrada em hospitais e propicia uma nova lógica de atenção, com enfoque na promoção e prevenção à saúde e na humanização.”

Anteriormente, foram pontuados aspectos relacionados à empatia e à humanização na assistência domiciliar. Tais perspectivas parecem estar vinculadas aos processos de saúde e doença, inferidos por Campos *et al.* (2012) como um processo iniciado pelo entendimento acerca da desospitalização, diferenciação do modelo hospitalocêntrico, acolhimento no domicílio, reconhecimento da nova situação de doença e estabelecimento de estratégias de cuidado possíveis.

Assim, somando as dimensões expostas, percebe-se o quão desafiadora é a atenção à saúde no domicílio, no que refere a dar conta das dimensões do processo de saúde e doença, da humanização e do cuidado, considerando o cuidador como ator principal deste complexo processo.

Deste modo, buscou-se conhecer os processos de saúde e doença que incidem no contexto domiciliar de pacientes inseridos no programa “Melhor em Casa” na perspectiva do cuidador.

A análise e a discussão dos resultados foram organizadas sob duas perspectivas, sendo a primeira os processos de saúde e doença os aspectos emocionais desta relação no cotidiano do domicílio. Para dar início à análise dos resultados foi desenvolvida a tabela a seguir, que objetivou caracterizar o grupo de colaboradores, considerando sua posição no contexto familiar, idade, sexo e condições econômicas. Eles foram nomeados com utilização de codinomes, escolhidos a partir de expressões recorrentes utilizadas durante a entrevista que, em alguns casos, estiveram relacionadas a sentimentos.

### Caracterização dos Cuidadores

Nome	Idade	Gênero	Profissão	Relação	Escolaridade	Renda/mês
Amor	49	Feminino	Do lar	Filha	Fundamental	----- -
Conforto	33	Feminino	Do lar	Esposa	Fundamental	-----
Medo	40	Feminino	Do lar	Ex-esposa	Fundamental	
Carinho	72	Feminino	Do lar	Mãe	Fundamental	
Mãe	56	Feminino	Do lar	Filha	Fundamental	
Cansativo	23	Feminino	Do lar	Filha	Médio	R\$2.500,00
Sorriso	53	Feminino	Do lar	Filha	Médio	



Choro	63	Feminino	Do lar	Irmã	Fundamental	Mínimo
Desespero	28	Feminino	Do lar	Filha	Fundamental	
Enfermeiro	48	Masculino	Do lar	Filho	Fundamental	Aposentado
Apuros	55	Feminino	Do lar	Cuidadora	Fundamental	R\$ 980,00

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

No Quadro 1, verifica-se que o grupo de cuidadores, no que se refere ao sexo, foi composto por 10 mulheres e 1 homem. Considerando o cuidado como sendo uma atividade predominantemente feminina no contexto estudado, cabe refletir sobre este aspecto. Neste sentido, Guedes e Darros (2009) mencionam que o papel da mulher como responsável pelo cuidado é tido como natural, no sentido que está posto socialmente, como uma função relacionada à esfera doméstica, por vezes, inclusive, passada de geração para geração, como uma dimensão de ritual em muitos casos.

Considerando o fato de termos um único cuidador do sexo masculino, torna-se pertinente mencionar Ferreira, Isaac e Ximenes (2018) que afirma que não cabe somente às mulheres a atividade do cuidar e, sim, aos demais sujeitos sociais, de ambos os sexos. Somente desta forma novos valores e construções histórico-sociais poderão existir, emergindo possibilidades de escolha destes atores sociais frente à prestação do cuidado.

Vieira *et al.* (2011) expõem que o perfil dos cuidadores é de predomínio do sexo feminino, com vinculação de parentesco, representado principalmente por esposas e filhas com idade entre 40 e 60 anos, nível baixo de escolaridade, em condição de desemprego ou, ainda, dedicadas às atividades domésticas. Ainda no que se refere à caracterização dos cuidadores, cabe mencionar que somente quatro possuíam renda própria e as demais estavam associadas à renda do paciente e/ou familiares.

As narrativas dos cuidadores em relação a suas percepções frente ao cuidado mostram de início dificuldade de entendimento dos processos de saúde e doença.

*A primeira entrevista realizada a partir da narrativa da cuidadora, de forma espontânea, ela pareceu destacar a falta de entendimento a respeito da condição do pai. Assim, iniciou a narrativa que segue:*



*“É, ele nunca foi muito de se emocionar com as coisas. Ele sempre foi uma pessoa muito tranquila, muito calma. Paciente, sabe? Amoroso. Sempre tratou todos da família com muito amor, e eu sou filha única. E ele só tem meus 3 filhos de netos. Sempre foi assim, um pai e um avô 100%. Só que agora, como ele está doente, às vezes ele fica agitado. Ai é agressivo, coisa que ele nunca foi. Por isso que eu estranhei essa agressividade de ele me mandar calar a boca. Me xingar, dizer palavras assim que a gente não esperava ouvir dele, mas tanto pela situação em que ele se encontra. Às vezes o meu esposo diz: “aí, nega - eu já te falei - dá passagem, ele está doente, ele está numa cama, ele está sabendo que a morte está chegando”. A gente sabe que não tem mais volta. Ele sabe, eu sei, todos sabem, mas pertence a Deus”. (AMOR).*

*Essa narrativa faz refletir sobre a percepção da filha enquanto cuidadora que, manifesta falta de entendimento dos motivos pelos quais o pai lhe fez um “xingamento”, a forma agressiva com a qual a trata em determinados períodos e, por fim, a ideia de uma possível perda, quando se refere a “não ter mais volta”. Lembro-me da entonação de voz, os olhos marejados e a forma de olhar da cuidadora em direção ao pai. Considerando que a doença do paciente é Alzheimer, todos os sintomas e comportamentos estão vinculados a ela. As percepções manifestadas pela cuidadora são abordadas por Campos et al. (2012), no sentido de estarem relacionadas ao entendimento dos processos de saúde doença. É necessário aproximar e valorizar as mais variadas interpretações acerca deste processo, uma vez que toda forma de conhecimento tem racionalidade.*

Outra narrativa demonstra a percepção dos cuidadores em relação aos processos de saúde e doença, como as que seguem:

*“ [...] eu não entendo essas coisas, mas a única coisa que eu queria é que tivesse coisas para melhorar, o estado. O estado dele não, mas ter um conforto a mais para ele, entendeu? Porque a gente sabe que voltar não vai voltar. Então a gente tem essa realidade que está aqui só para conforto. Então, se tivesse um meio de só dar mais conforto para ele, para ele se sentir bem, era bom. Porque eu não posso fazer mais nada, a gente fica de mãos atadas, não tem o que fazer. Mas se pudesse e tivesse algo que pudesse melhorar[...]” (CONFORTO).*

As expressões das cuidadoras que são, respectivamente, filhas e esposa discorrem sobre suas perspectivas diante da doença. Mãe e Amor se questionam sobre a capacidade de entendimento que seus pais possuem em relação à sua condição de doença, considerando a ausência da comunicação verbal o fator mais relevante. Diante desta manifestação, cabe esclarecer que a condição de doença do paciente é responsável pela incapacidade de comunicação, fator que parece óbvio sob a ótica biológica, contudo as cuidadoras não percebem desta forma. Refletindo sobre este contexto, percebo que tais manifestações estão ligadas ao conceito trabalhado por Minayo (2010), de que o quadro de saúde e enfermidade de uma



população é percebido através de sua configuração econômica, social e política. Deste modo, evidencia-se que os conteúdos das narrativas anteriormente citadas estão de acordo aquilo que o meio lhes permite.

Já em relação ao conforto, o processo de saúde e doença parece ser entendido a partir de aspectos biológicos, considerado por Campos *et al.* (2012) como a dimensão biológica. Tal aspecto precisa ser utilizado para analisar qualquer problema de saúde, sendo associado ao contexto estrutural. Assim, aparentemente, se percebe que a cuidadora possui entendimento sobre a irreversibilidade do quadro nos aspectos biológicos, direcionando sua atenção ao fato de proporcionar maior conforto através do cuidado, dimensão que apresentaremos na sequência.

No que se refere aos aspectos emocionais na percepção dos cuidadores, surgem as representações e sensações dos cuidadores frente ao cuidado, como podemos acompanhar nas narrativas que seguem:

*“[...] Então não tem porque eu dizer, “ai, meu pai”, botar numa clínica, num asilo. “Como será que está meu pai hoje”? Será que está limpinho, será que está sujo? Será que comeu, será que não comeu?” (AMOR).*

*“[...] A gente põe ele dentro do carro, a gente leva para passear, a gente conversa muito com ele: “não é para fazer assim, que hoje é dia de banho, é sim. Banho sim”. E ele diz: “Não quero”. Pegamos à força e levamos para passear, botar no sol, dar banho. Deixamos ele reclamar, porque ele é muito reclamão”. (MEDO).*

As falas de Amor e Medo demonstram preocupação em atender às questões de higiene e alimentação para os pacientes, sentimento que está relacionado a percepções do cuidado. Um ponto a considerar na fala de Amor é a possibilidade de terceirizar o cuidado através de internação em clínica, o que causava na cuidadora sentimentos de insegurança. Para compreender este sentimento, cabe considerar a teoria de Maslow (1962), que propõe a origem da satisfação do indivíduo dividida em cinco níveis, organizados em forma de pirâmide.

A manifestação de Amor e Medo vincula-se a satisfação das necessidades fisiológicas, existindo uma preocupação intensa e recorrente por parte das cuidadoras em manter a higiene e a alimentação como demonstrações do cuidado, legitimando assim a teoria das necessidades humanas.

O cuidado é percebido como um desafio reportado ao cuidador. Nesta perspectiva, Souza *et al* (2006) aponta que 80% dos cuidadores afirmam não ter recebido nenhuma orientação para realizar o cuidado domiciliar, sendo suas maiores preocupações o medo em relação às



complicações e a agudização do quadro do seu familiar, bem como as dificuldades encontradas no manejo de materiais como medicações, fraldas e dispositivos em geral.

Os desafios para a realização da prática do cuidado, bem como os sentimentos provenientes desta relação, podem ser evidenciados através dos seguintes discursos:

*“A gente tem que cuidar tratar e dar amor, que nem meu esposo disse: “o amor é a parte mais importante. A hora que ele partir, tu vais ficar tranquila, tu vais ficar na paz, tu fizeste tudo que tu podes”. (AMOR).*

*“[...] Então, a gente não pode esperar por isso. Ele trabalhou 20 anos numa fábrica e, num domingo, ele caiu em casa. Tem dias que ele raciocina bem, tem dias que ele não fala coisa com coisa, então, para nós, é bem difícil, muito medo. Eu tenho problema com os dois gurus, um fez transplante de córnea o outro vai fazer transplante renal, então, assim, eu não moro aqui. O pai dele tem outra casa. Sou separada dele faz 6 anos. Estou direto aqui. Venho de manhã. Fico o dia todo. Se precisar de noite e de fim de semana, venho [...]”. (MEDO).*

Seguindo nesta linha de sentimentos e emoções, Benevides e Passos (2015) consideram a diversidade e a concretude das experiências de homem contraditório e inacabado, como uma compreensão das potencialidades da relação entre o ser cuidado e aquele que promove o cuidado. Nestes dois núcleos familiares, o aspecto de abnegação esteve presente, pois Amor transformou a sala do domicílio em quarto, de modo a proporcionar convívio familiar e conforto a seu pai. De forma semelhante, se percebe a abnegação de Medo, que deixou seu novo núcleo familiar para cuidar do ex-marido.

A fala de Medo tem relação com o exposto por Bocchi (2004), no que se refere à sobrecarga física e psicológica do cuidador. Considera-se que os aspectos físicos são decorrentes do grau de dependência dos doentes, e os psicológicos estão vinculados ao estresse, à ansiedade em relação ao futuro e à restrição da perspectiva de vida. Por consequência, isso ocasiona a diminuição da qualidade de vida dos cuidadores. Percebo que, para Medo, deixar seu novo núcleo familiar acaba tornando-se uma sobrecarga física e emocional.

As colocações da cuidadora retratam o medo, a dificuldade em lidar com as emoções do paciente e, ainda, executar as funções de cuidadora. De forma marcante, na escuta desta entrevista, ficou evidente certa intolerância do paciente frente aos cuidados, o que poderia estar ligado ao fato de sua cuidadora ser sua ex-esposa. Machado e Lavrador (2009) consideram que, neste contexto ético, torna-se necessário uma autoanálise e um posicionamento crítico quanto às prescrições morais, considerando os jogos de forças que envolvem cada situação, entendendo a questão de ruptura familiar como um fator determinante no cotidiano do cuidado.



## CONCLUSÃO

Com o objetivo de conhecer os processos de saúde e doença que incidem no contexto domiciliar de pacientes inseridos no programa “Melhor em Casa” na perspectiva do cuidador desenvolveu-se este estudo.

No que se refere aos aspectos relativos ao entendimento dos processos de saúde e doença na visão do cuidador, ao executar as práticas do cuidado no cotidiano, reconhece-se a necessidade do conhecimento técnico para sua execução, a repetição intensa das práticas, a dependência do paciente, inclusive para a satisfação das necessidades fisiológicas básicas, o que parece exigir do cuidador investimento de energia física considerável. Outro fator relevante pontuado é o fazer solitário, sem auxílio efetivo dos demais atores do contexto familiar.

Tais fatores parecem incidir diretamente no que tange às questões emocionais, relacionadas ao entendimento dos processos de saúde e doença. Evidencia-se conhecimento frágil em relação a estes processos, o que dificulta atenuar as dificuldades do cuidado no cotidiano. Deste modo, as angústias se intensificam na mesma medida da cronificação das doenças. Fenômenos que se exacerbam tendo em vista a soma de uma estrutura domiciliar muitas vezes precária. Neste sentido, parece que subsidiar os cuidadores a respeito dos processos de saúde e doença pode contribuir de forma positiva, no sentido de aliviar as percepções emocionais relacionadas ao cuidado.

Por fim, considerando os desafios reportados ao cuidador, torna-se relevante seguir pesquisando acerca do tema, de maneira especial sobre os aspectos relacionados aos processos de saúde e doença, bem como os aspectos emocionais decorrentes desta relação.

## REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Regina; PASSOS, Eduardo. A humanização como dimensão pública das políticas de saúde. **Ciências da Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 561-571, mar./ago. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232005000300014&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232005000300014&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 23 ago. 2018.

BOCCHI, Silvia Cristina Mangini. Vivenciando a sobrecarga ao vir-a-ser um cuidador familiar de pessoa com acidente vascular cerebral (AVC): análise do conhecimento. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, fev. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n1/v12n1a16.pdf>. Acesso em: 2 set. 2019.





BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização**. Cadernos Humaniza SUS, (Série B. Textos básicos de saúde), v. 1, Formação e intervenção. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: [bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus\\_2010.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus_2010.pdf). Acesso em: 20 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Portaria nº 963, de 27 de maio de 2013**, que redefine a atenção domiciliar no âmbito do SUS. n. 101, 2013. Disponível em: <https://atencao basica.saude.rs.gov.br/upload/arquivos/201510/01114723-20141104105056portaria-n-963-de-27-de-maio-de-2013-legislacao-federal.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2018.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa *et al.* (Orgs.) **Tratado de Saúde Coletiva**. 2. ed. São Paulo: Fiocruz, 2012.

FERREIRA, Camila Rafael; ISAAC, Letícia; XIMENES, Vanessa Santiago. Cuidar de Idosos: um assunto de mulher? **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 9, n. 1, jan./abr. 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072018000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072018000100007). Acesso em: 2 nov. 2019.

GIACOMOZZI, Clélia Mozara, LACERDA, Maria Ribeiro. A Prática da Assistência Domiciliar dos Profissionais da Estratégia de Saúde da Família. **Texto e Contexto em Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 645-653, out./dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a13>. Acesso em: 30 out. 2019.

GUEDES, Olegna de Souza; DAROS, Michelli Aparecida. O cuidado como atribuição feminina: contribuições para um debate ético. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 122-134, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/10053/8779>. Acesso em: 12 dez. 2019.

MACHADO, Leila Domingues; LAVRADOR, Maria Cristina Campello. For a clinic to expand life. Por uma clínica da expansão da vida. **Interface - Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v. 13, supl. 1, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832009000500004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832009000500004&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 30 maio 2018.

MASLOW, Abraham H. **Introdução à psicologia do ser**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1962.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo: Hucitec, 2010.

SILVA, Kênia Lara *et al.* Internação domiciliar no Sistema Único de Saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 3, jun. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102005000300009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102005000300009). Acesso em: 30 out. 2019.

SOUZA, Wanusa Graziela Amante de *et al.* Educação em saúde para leigos no cuidado ao idoso no contexto domiciliar. **Arquivos Catarinense de Medicina**, v. 35, n. 4,



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

p.5663,2006.Disponível em:<https://www.acm.org.br/revista/pdf/artigos/395.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2019.

VIEIRA, Chrystiany Placido de Brito *et al.* Práticas do cuidador informal do idoso no domicílio. **Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília**, v. 64, n. 3, p. 570, 579, maio./jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n3/v64n3a23.pdf>. Acesso em: 23 set. 2019.





## JUVENTUDES E PERSPECTIVAS DE FUTURO: SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS

JEUNESSE ET PERSPECTIVES DE FUTUR: SYSTÉMATISATION D'EXPÉRIENCE

Tatiane De Oliveira; Dinora Tereza Zucchetti; Elenise Marks; Tauana Da Silva Cherutti

Universidade Feevale

### Resumo:

Este texto é resultado de uma sistematização de experiências com jovens no município de Novo Hamburgo, estado do Rio Grande do Sul. Discutimos as juventudes e suas perspectivas de futuro em interface com a educação e trabalho. O percurso metodológico foi calcado na sistematização de experiências segundo o que orienta (HOLLIDAY, 2006). O estudo teve como objetivo analisar as práticas educativas com oito jovens participantes da oficina “Jovens em Ação”, durante as temáticas: futuro, educação e trabalho e assim identificar quais elementos são determinantes para criação de expectativas de futuro. Verificamos que a escola e o trabalho se constituem como provas de ordem estrutural que circunscrevem as expectativas de futuro dos jovens; os mesmos apresentaram dissonância nas disposições para crer e agir e não possuem o hábito de planejar pensando no futuro. Por fim, a sistematização de experiências se apresenta como uma metodologia que permite o constante movimento de ensinar e aprender através da prática e assim produzir conhecimento.

**Palavras-chave:** Futuro. Juventudes. Sistematização de Experiências.

### Résumé:

Ce texte est le résultat d'une systématisation d'expériences avec des jeunes à la ville de Novo Hamburgo, l'état du Rio Grande do Sul. Nous avons discuté la jeunesse et ses perspectives de future en interface avec l'éducation et le travail. Le parcours méthodologique a été axée dans la systématisation d'expériences selon (HOLLIDAY, 2006). L'étude a été comme but d'analyser les pratiques éducatrices avec huit jeunes participants de l'atelier « Jovens em Ação », pendant les thématiques : future, éducation et travail et ainsi identifier quels éléments sont les déterminants pour la création d'avenir réelles. Nous avons vérifié que l'école et le travail se constituent comme épreuve de l'ordre structurelle que circonscrivent les attentes futures des jeunes; ces mêmes ont présenté de la dissonance dans les tendances pour créer et agir et n'ont pas l'habitude de planifier en songeant à l'avenir. Pour conclure, la systématisation d'expériences se présentent comme une méthodologie qui permet le constant mouvement d'enseigner et apprendre à travers la pratique et ainsi produire connaissance.

**Mots-clés:** Future. Jeunesse. Systématisation d'Expériences.

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo utiliza a sistematização de experiências como base metodológica para pensar as práticas educativas com jovens e a partir delas produzir conhecimento (FALKEMBACH, 2007). Ela permite reconstruir o processo vivido, identificar, classificar e reordenar seus elementos, convertendo a própria experiência em objeto de estudo e interpretação teórica (HOLLIDAY, 2006).





À luz disso, ao sistematizar experiências com jovens objetivamos identificar quais elementos nas trajetórias juvenis são determinantes para a criação de perspectivas em relação ao futuro. Foram sistematizadas as experiências com oito jovens participantes da oficina “Jovens em Ação” que compõe uma das estratégias do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) no âmbito da política de Assistência Social. A mesma foi planejada após observarmos que ao completarem 15 anos e desligarem-se do atendimento diário oferecido pelo SCFV, os jovens não se engajavam em outras atividades educativas; parte deles estava fora da escola e não tinham idade para ingressar no mercado de trabalho - a não ser na condição de aprendiz<sup>1</sup>. Assim, ociosos, ficavam mais vulneráveis aos riscos do território. Não por acaso tem se sugerido que grande parte dos delitos cometidos por jovens ocorrem em seus tempos livres (PAIS, 2003). Para Castel (1997) uma pessoa se encontra na zona de vulnerabilidade quando suas condições de trabalho são precárias ou inexistentes e os apoios relacionais fragilizados.

Frente a isso a oficina foi desenvolvida com o objetivo de fortalecer a convivência familiar e comunitária; valorizar a pluralidade juvenil; proporcionar espaço de fala e escuta; contribuir para permanência ou retorno dos jovens a escola e fomentar a participação em espaços de tomada de decisão que discutam as juventudes. Foram realizados 14 encontros com periodicidade semanal e duração de 1 hora e 30 minutos, de setembro a dezembro de 2019, cujos temas preferenciais eram: identidades juvenis; vida comunitária; futuro; educação; trabalho; saúde mental; sexualidade; drogas. A seguir apresentaremos a sistematização das oficinas com as temáticas: Futuro, Educação e Trabalho.

## 2 EDUCAÇÃO E TRABALHO: O QUE PENSAM OS JOVENS SOBRE O FUTURO

Quando falamos em juventudes é comum ouvirmos frases do tipo “Eles não pensam no futuro”, “Querem apenas viver o hoje”, “Não querem nada com nada”. Elas são naturalizadas socialmente e responsabilizam os jovens pelo seu destino. Contudo, quem trabalha com esse segmento e se propõe a escutá-lo sabe que essa não é a realidade. De modo geral estão preocupados com a educação, visto que ela se torna condição para conquistar uma profissão e se tornar alguém na vida, como se na realidade atual, eles fossem ninguém. Esse pensamento é

<sup>1</sup> Lei da Aprendizagem nº 10.097/2000 assegura ao jovem de 14 a 18 anos formação técnico-profissional metódica compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico.



construção do imaginário, especialmente das camadas médias e populares, que depositam na educação a possibilidade para mobilidade social. Contudo, sabe-se que no Brasil os menores graus de escolaridade estão entre as camadas mais pobres da população o que implica diretamente nos postos de trabalho que ocuparão.

Nesse sentido, mesmo apresentando disposições para crer que a educação e o trabalho são imperativos para um futuro melhor, os jovens apresentam dificuldades em desenvolver disposições para agir na perspectiva de mudança no campo social, tendo em vista suas condições objetivas e subjetivas de vida (LIMA, 2013). Assim, vivem um tempo de instabilidade e de incertezas, de tensão entre o presente e o futuro, onde a vida mais parece um ioiô a dar voltas (PAIS, 2003). Diante disso, semelhante às trajetórias ioiôs dos jovens, este estudo também se apresentará em um movimento cíclico, de avanços e retornos em que a educação e o trabalho representam pontos de chegada e de partida na corrida pelo futuro.

## A HIBRIDAÇÃO ENTRE FUTURO, EDUCAÇÃO E TRABALHO

Falar sobre projeto de vida e futuro para jovens que se desdobram para sobreviver é um grande desafio. Dividem-se entre a ética da cigarra e da formiga. No primeiro caso se desfruta do presente e se sacrifica a possibilidade de conquistar um bem-estar futuro. No segundo se sacrifica o prazer presente na esperança de sucesso no futuro (PAIS, 2003).

De acordo com Leão, Dayrell e Reis (2011a), inspirados por Schultz (1979), um projeto de vida seria a ação do indivíduo na escolha de um, entre os futuros possíveis, transformando os sonhos e fantasias em objetivos a serem perseguidos.

Na percepção de Velho (1994) os projetos individuais se entrelaçam com outros dentro de um campo de possibilidades. Não nascem no vácuo, mas sim de influências compartilhadas por universos específicos. Assim, tais projetos, são complexos e podem, inclusive, ser contraditórios para o mesmo indivíduo (VELHO, 1994).

À luz disso, em uma das atividades propostas na oficina os educandos deveriam elaborar um Plano de Desenvolvimento Individual com pequenos objetivos para o período de setembro e dezembro de 2019. Nele ficaram evidenciadas as dificuldades e contradições no planejamento do futuro. Os planos transitavam entre sair do acolhimento institucional e retornar para família; ganhar campeonato de futebol; conseguir um emprego, mas o principal objetivo era retornar à escola e ser aprovado. Todavia, ao serem questionados sobre quais estratégias utilizavam para



alcançar tais objetivos os jovens responderam que não possuíam planejamento e conseqüentemente não concretizaram muitos de seus desejos. Percebe-se o distanciamento entre o discurso e a prática, e por isso, é importante identificar os motivos pelos quais alguns objetivos se perderam durante a caminhada e compreender qual sua intersecção com a educação e o trabalho.

Os jovens acreditam que a escolarização é fundamental para alcançar um futuro melhor. Não obstante, se mantêm as margens no campo educacional: em situação de evasão ou com uma série de reprovações.

Nesse sentido, os estudos de Leão, Dayrell e Reis (2011a; 2011b), Dayrell (2007), Silva e Leme (2019) apontam que o trabalho e a educação são elementos importantes nas narrativas juvenis. Um estudo divulgado pela Fundação Getúlio Vargas (2019) fez um diagnóstico muito interessante sobre a evolução trabalhista e educacional de jovens entre 15 e 29 anos. A pesquisa indicou que em 2019, 26,19% dos jovens apenas estudavam; 37,79% somente trabalhavam; 11,60% trabalhavam e estudavam e 24,53% pertenciam ao grupo dos “Nem-Nem”, nem estudavam, nem trabalhavam. No contexto deste estudo, entre os oito jovens participantes da oficina metade pertencia ao grupo dos “Nem-Nem”, o restante somente estudavam. Frequentavam o ensino fundamental, embora tivessem idade para estar no ensino médio.

Assim, entre contradições discursivas e práticas objetivas no âmbito da educação, torna-se fundamental entender quais eram os motivos que os mantinham distantes da escola. Para tanto, propomos uma atividade em que os jovens deveriam escrever uma carta para escola, expressando o que sentiam em relação a ela. A escrita de Kevin trouxe importantes pistas sobre como as juventudes se sentem na instituição, remetendo-nos ao que Foucault (1987) apresenta em sua obra *Vigiar e Punir*.

Querida escola, queria lhe dizer por meio desta carta que nunca me senti realmente um estudante, eu me sentia um prisioneiro que era obrigado a estar ali. Não me sentia a vontade de estar ali, porque eu praticamente só ouvia e copiava no caderno e não aprendia nada (KEVIN, 2019).

O jovem se compara a um prisioneiro obrigado a permanecer em um espaço no qual seu corpo não se sente à vontade e a disciplina exige que ouvir e copiar aconteça na ordem de um determinado tempo. A interpretação da carta de Kevin parece descrever a escola do século XVIII e seus contornos. Cabe, portanto, refletir que mesmo passados mais de dois séculos a



caracterização da escola em Foucault, sua arquitetura e organização permanecem muito atuais (FOUCAULT, 1987).

Todavia, mesmo desempenhando o papel de vigiar, punir e disciplinar corpos para que dóceis sejam úteis (FOUCAULT, 1987), a escola pode ser um importante equipamento na rede de proteção social, que tem o professor e o ambiente escolar como interveniente nas trajetórias juvenis. Para Ana a escola representa uma espécie de refúgio:

Eu sinto que a escola precisa acolher nós jovens, adolescentes, crianças. Precisamos, necessitamos de sensibilidade, de compreensão. Às vezes eu reflito sobre o que vou fazer na escola? Muitas vezes sinto como se a escola fosse um refúgio dos problemas, das dificuldades que passo fora dela. Os professores são importantíssimos. Eu me sinto tão engajada quando o professor entra na sala e entra no nosso meio e conversa, explica o conteúdo com diversão, com amor. Isso me motiva, me faz querer ir para a escola. Muitas vezes não tenho vontade de sair da escola e ir para casa (ANA, 2019).

A jovem revela que a escola significa mais que um espaço de aprendizagem. É um lugar de acolhimento, de diálogo, de amorosidade. Não são recentes as discussões sobre qual o papel da escola e do professor nos dias atuais. Nelas existe um consenso em afirmar que a escola e o fazer do professor devem abandonar a concepção predominante do século XIX de mera transmissão de saber (GADOTTI, 2003). Nesta perspectiva, o professor precisa assumir uma postura dialógica, relacional, cultural e comunitária, rompendo com o ensino pautado somente em conteúdos objetivos. Compete a ele ser ético e sonhador. Não é possível educar sem um sonho, sem a Ética do Cuidado<sup>2</sup>, da amorosidade (GADOTTI, 2003). Posto isso, percebe-se que a passagem pela escola foi marcada por significações particulares que os constituem enquanto indivíduos, ao mesmo tempo compartilham desafios estruturais comuns às juventudes, a exemplo da escolarização, fato que implicará nos postos de trabalho que ocuparão.

O trabalho, assim como a educação faz parte das condições para conquistar um futuro melhor na percepção dos jovens. A conquista de um emprego estava entre os objetivos. Contudo, as estratégias e condições para concretizá-los estavam fragilizadas. A maioria dos deles não possuía todos os documentos; o baixo grau de escolaridade e a evasão escolar dificultavam a inserção em programas de iniciação profissional, visto que a maioria seleciona jovens estudantes do ensino médio.

Entre as discussões sobre o mercado de trabalho os jovens compartilharam as profissões que almejavam, ao passo que questionávamos sobre quais caminhos seguir para alcançar tal

<sup>2</sup> Leonardo Boff. Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis, Vozes, 1999.



profissão; qual o mercado de trabalho; qual o nível de formação necessário. Nesse período a Universidade Feevale estava promovendo o “Mundo Feevale” que se trata de um evento que oportuniza aos estudantes do ensino médio conhecer os cursos de nível superior. Os jovens manifestaram interesse em participar, embora vissem a universidade como algo distante. Transitar por espaços não habituais e considerados não possíveis, despertou neles a vontade de seguir uma vida acadêmica em busca de uma profissão. Assim, novamente a educação e o trabalho se entrelaçam. A ação no presente e o planejamento para o futuro se apresentam como imperativos para alcançar tais objetivos, contudo os jovens assumem que nada estão a fazer no presente pensando no futuro. Nesse sentido, “podemos dizer que se o futuro está em jogo é porque nele se joga o presente” (PAIS, 2003, p. 310). E nesse jogo o caminho não é linear, não tem uma sequência lógica de acontecimentos, os movimentos são cíclicos, onde para avançar às vezes é necessário retornar.

Diante disso, é necessário esclarecer duas coisas. Primeiro que a hibridação entre futuro, presente, educação e trabalho, pode ser chamada de acordo com Pais (2003) como trajetórias “ioiô”. De acordo com o autor as trajetórias juvenis não são lineares, elas mais parecem um ioiô que está todo tempo a dar voltas. Muitos abandonam a escola para investir na carreira profissional. De repente dão-se conta que sem a educação a carreira profissional não vingará, então retornam para a escola. No mesmo movimento ioiô passam pelo mercado de trabalho. O desemprego, o trabalho temporário e a precariedade dos empregos, impõem constates voltas, avanços e retrocessos. Em segundo lugar, é comum observamos entre as camadas populares os jovens culpando-se por seus fracassos. Não passam de ano porque não se esforçam o suficiente; não conseguem um emprego porque não são qualificados o bastante; permanecem na pobreza porque não se empenharam e, portanto, não merecem dela sair. Reproduzem um discurso de responsabilização sem compreender que as oportunidades de ascensão social não são as mesmas para todas as pessoas.

Percebe-se que estes jovens carregam nos ombros uma responsabilidade que mascara a irresponsabilidade do Estado. Esse, por sua vez, se distancia do cuidado com o cidadão deixando-o a mercê das regras do sistema neoliberal. Neste sentido, pode-se afirmar que o indivíduo da educação atual é despreendido da proteção do Estado e segue a lógica do neoliberalismo (SILVA; SILVA, 2012). E nesse projeto perverso a que se propõe o neoliberalismo, os jovens das camadas populares, já fragilizados por sua realidade social, se não fortalecidos com a garantia de seus direitos, continuarão sendo presas fáceis, se manterão





as margens no mercado de trabalho ou no subemprego e assim continuarão atribuindo a si próprios os fracassos presentes em suas trajetórias.

### 3 GUIA DE ENCERRAMENTO

Frente ao que foi construído até o momento concluímos que a metodologia de sistematização de experiências permitiu identificar quais os elementos das vivências juvenis são determinantes para a construção de perspectivas de futuro. No movimento de retomada do processo, numa postura de distanciamento do que vivemos, identificamos que a educação e o trabalho aparecem nas narrativas juvenis como imperativos para conquistar uma vida melhor no futuro.

Todavia, as disposições para crer na educação e no trabalho como elementos decisivos para um futuro melhor estavam em descompasso com as disposições para agir apresentadas por eles, visto que embora acreditem no poder da educação e do trabalho, se mantêm as margens nesses campos, mas não porque assim desejam. Verificamos que suas trajetórias não lineares e são marcadas por provas de caráter estrutural apropriadas de maneira muito singular por cada um deles. Percebemos que a escola, seus tempos e espaços não concebem uma educação para cidadania, participativa e dialógica. Como consequência, os jovens permanecem inativos, apenas como receptores de conteúdos, enquanto o conteúdo de sua vida é ignorado. Não a toa parte dos deles estudo abandonou a escola. Como consequência a inserção no mercado de trabalho se torna difícil e a possibilidade de ascensão social distante.

Por conseguinte, sistematizar experiências contribuiu para apontar os desafios impostos as juventudes nos dias atuais. Permitiu teorizar a prática e produzir conhecimento a partir dela revelando a boniteza do trabalho com as juventudes.

### REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar Ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999. 199 p. Disponível em: <https://renasf.fiocruz.br/sites/renasf.fiocruz.br/files/artigos/BOFF%2C%20Leonardo.%20Saber%20cuidar.%20%C3%A9tica%20do%20humano%2C%20compaix%C3%A3o%20pela%20terra.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2021.

CASTEL, Robert. A DINÂMICA DOS PROCESSOS DE MARGINALIZAÇÃO: da vulnerabilidade a "desfiliação". **Caderno Crh**, Salvador, v. 27/28, p. 19-40, dez. 1997.





Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18664/12038>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Sistematização em educação popular: uma história, um debate. **Reunião Anual da ANPED**, v. 30, p. 18, 2007. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT06-3316--Int.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 288 p. Tradução de Raquel Ramallete.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Juventude e Trabalho: Qual foi o Impacto da Crise na Renda dos Jovens? E nos Nem-Nem?**. Disponível em: <<https://cps.fgv.br/juventude-trabalho>>. Acesso em: 07 abr. 2021.

GADOTTI, Moacir. *A boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003. 80 p.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para Sistematizar Experiências**. 2. ed. Brasília: MMA, 2006. 128 p. Tradução Maria Viviana V. Resende. Disponível em: [https://www.mma.gov.br/estruturas/168/\\_publicacao/168\\_publicacao30012009115508.pdf](https://www.mma.gov.br/estruturas/168/_publicacao/168_publicacao30012009115508.pdf). Acesso em: 06 abr. 2021.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação & Sociedade**, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, 2011a. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302011000400010&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302011000400010&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 05 abr. 2021.

\_\_\_\_\_, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Jovens olhares sobre a escola do ensino médio. **Cadernos Cedes**, v. 31, n. 84, p. 253-273, 2011b. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622011000200006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622011000200006&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 05 abr. 2021.

LIMA, Maria do Carmo Walbruni. “**Disposições para crer, disposições para agir**”: jovens de escola pública pensando a educação, o trabalho e o futuro. 2013. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) – Instituto de Psicologia, Universidade Estadual do Ceará, Ceará. Disponível em: <<http://groundsmart-mail.com/documents/disposicoes-para-crer-disposicoes-para-agir-insercao-no-ensino.html>>. Acesso em: 06 abr. 2021

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. 4. ed. Berlin: Edições Machado, 2016. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/331346485\\_Ganchos\\_tachos\\_e\\_biscates\\_4\\_edicao](https://www.researchgate.net/publication/331346485_Ganchos_tachos_e_biscates_4_edicao)>. Acesso em: 01 abr. 2021.

SILVA, Antonio Carlos Barbosa da; SILVA, Marina Coimbra Casadei Barbosa da. A escola na condição de não lugar. **Pesquiseduca**, v. 4, n. 8, p. 340-362, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/127042>>. Acesso: 02 abr. 2021.

SILVA, Ivone Maria Mendes da; LEME, Maria Isabel Silva. PROJÉTOS DE VIDA E EDUCAÇÃO: narrativas de jovens das camadas populares sobre suas experiências. **Revista**





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

**Inter Ação**, Goiânia, v. 44, n. 1, p. 77-92, 9 maio 2019. Universidade Federal de Goiás.  
Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/55686/33073>>. Acesso em: 02 abr. 2021.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose Antropologia das Sociedades Complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.





## AUTISMO, MÉTODO DE INTERVENÇÃO, TECNOLOGIA ASSISTIVA E APRENDIZAGEM: DISCUSSÃO DO FILME ‘MEU FILHO, MEU MUNDO’

AUTISM, INTERVENTION METHOD, ASSISTIVE TECHNOLOGY AND LERNING:  
DISCUSSION OF THE FILM ‘MY SON, MY WORLD’

Julceia Veridiana Teixeira Lamberty; Regina Heidrich

Universidade Feevale

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo, uma discussão acerca dos temas autismo (TEA), métodos de intervenção e tecnologia assistiva a partir do filme ‘Meu filho, Meu Mundo’, que conta a história de um menino com autismo e a luta da família para educá-lo. O artigo trata-se da influência do método de intervenção SON-RISE para crianças com autismo, analisando como a tecnologia assistiva se faz presente. Além disso, contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem dessas crianças. Para isso, se faz necessário um breve histórico sobre autismo, apresentação do método e breve caracterização de tecnologia assistiva. Assim, a metodologia usada trata-se de uma pesquisa documental a partir da análise de cenas do filme com o objetivo de verificar como um método de intervenção, com o uso de tecnologia assistiva, pode contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem da criança com autismo.

**Palavras-chave:** Autismo. Inclusão. Tecnologias Assistivas. Método de intervenção.

**Abstract:** This article aims to discuss autism (TEA), intervention methods and assistive technology from the film ‘My son, My World’, which tells the story of a boy with autism and the family’s struggle to educate it. The article deals with the influence of the SON-RISE intervention method for children with autism, analyzing how assistive technology is presente. In addition, contribute to the development and lerning of these children. For this, a brief history of autism, presentation of the method and brief characterization of assistive technology is necessary. Thus, the methodology used is a documentary research based on the analysis of scenes from the film in order to verify how an intervention method, with the use of assistive technology, can contribute to the development and lerning of children with autism.

**Palavras-chave:** Autism. Inclusion. Assistive Technology. Intervention Method.

### 1 INTRODUÇÃO

O autismo tem sido tema de muitas discussões, cursos e capacitações e, ainda, permeia o cenário educacional, pois os professores são alguns dos profissionais que atuam diretamente com os alunos. Outro fator importante, que vale salientar, diz respeito ao aumento no número de diagnóstico de crianças com autismo. Com isso, equipes de profissionais que estudam o autismo, se qualificam para atender as famílias dessas crianças fazendo uso de tecnologias assistivas que são utilizadas nas terapias e intervenções.



Portanto, este artigo apresenta uma discussão, articulando o autismo programas de intervenção e estimulação da criança, com o uso de tecnologia assistiva. Essa discussão parte de cenas do filme *Meu filho, Meu Mundo*, que conta a história de uma família que recebe o diagnóstico de autismo para seu filho caçula.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

O Autismo, após o DSM – V, recebe a nomenclatura de Transtorno do Espectro do Autismo – TEA, conforme consta nas Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) (2014, p 14). Mas, o Autismo nem sempre foi visto dessa forma, tendo seus estudos iniciado pelo médico Leo Kanner, em 1943.

As características do Autismo descritas por Kanner, em seus estudos, são, conforme as Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA):

(a) inabilidade em desenvolver relacionamentos com pessoas; (b) atraso na aquisição da linguagem; (c) uso não comunicativo da linguagem após seu desenvolvimento; (d) tendência à repetição da fala do outro (ecolalia); (e) uso reverso de pronomes; (f) brincadeiras repetitivas e estereotipadas; (g) insistência obsessiva na manutenção da ‘mesmice’ (rotinas rígidas e um padrão restrito de interesses peculiares); (h) falta de imaginação; (i) boa memória mecânica; e (j) aparência física normal. (BRASIL, 2014, p.11).

Com o passar dos anos, novos estudos foram realizados e o que se sabia sobre o Autismo foi aprimorado, porém, ainda, atualmente, sem um estudo que aponte as possíveis causas desse transtorno. Métodos e programas de intervenção foram sendo criados ao longo dos anos, porém, a partir da última década, se evidenciou uma crescente onda de utilização desses produtos. Muitos desses métodos e programas utilizam algumas tecnologias assistivas que auxiliam na aplicação e execução das atividades.

Mas, o que são tecnologias assistivas? De acordo com Filho e García (2012, p12), “Tecnologia Assistiva é uma expressão nova, que se refere a um conceito ainda em pleno processo de construção e sistematização”. Pode-se dizer que as tecnologias assistivas são um conjunto de metodologias, instrumentos, equipamentos, dentre outros, que contribuem para a realização de atividades e tarefas de pessoas com deficiência ou transtorno.

Ao longo desse artigo, a partir da discussão do filme já mencionado anteriormente, será explicitado de maneira mais aprofundada, como funcionam alguns desses métodos e programas



e como esses fazem uso das tecnologias assistivas em suas práticas e como podem auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem de crianças com Autismo.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Diante das questões abordadas na seção anterior, onde há questionamentos a respeito do Autismo, de métodos e programas de intervenções, de tecnologia assistiva e processo de aprendizagem de crianças com TEA, realiza-se neste artigo, a análise das cenas do filme ‘Meu filho, Meu mundo’, articulando com os referenciais teóricos sobre os temas autismo, métodos de intervenção, tecnologias assistivas.

Para isso, a análise e a discussão serão estruturadas em duas categorias, sendo uma delas, onde se abordará o autismo e seu diagnóstico, articulando com cenas do filme que contemplam esse assunto e ainda, outra categoria onde se evidenciarão os métodos de intervenção e o uso de tecnologia assistiva para o desenvolvimento da aprendizagem da criança com TEA.

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 4.1 DOS PRIMEIROS SINAIS DE TEA AO DIAGNÓSTICO: ENTENDENDO O AUTISMO

Raun é o terceiro filho do casal Barry e Suzie Kaufman, que já tinham duas meninas. O menino, aparentemente nasce sem intercorrências, porém com o passar do tempo, os pais percebem que Raun chora demais, se assusta e fica irritado com sons altos. Além disso, em uma noite, ao chegar em casa, escutam barulhos vindo do quarto de Raun e ao chegar lá, encontram o filho sentado no berço, se balançando, em movimentos repetitivos. A mãe de Raun tenta uma comunicação sem sucesso com o filho e termina por pegá-lo no colo, retirando-o do berço. Como não conseguem contato com o filho, o casal resolve devolvê-lo ao berço e imediatamente, Raun retorna aos movimentos repetitivos e ‘olhar perdido’.

No Autismo, a percepção dos primeiros sinais é importante para que o diagnóstico ou exclusão dele, seja feito de forma correta e o mais precoce possível. Conforme as Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) (2014, p16), “a identificação de sinais iniciais de problemas possibilita a instauração imediata de intervenções extremamente importantes, uma vez que os resultados positivos em resposta a terapias são tão mais significativos quanto mais precocemente instituídos”.



A partir de então, Barry e Suzie decidem investigar o que está acontecendo com o filho e o primeiro diagnóstico que recebem é que Raun não ouve. Tempos depois decidem levá-lo a um psicólogo que também é pediatra para que faça uma avaliação, o Dr. Ranson.

Nessa cena, Dr. Ranson se apresenta e diz aos pais que gostaria de levar Raun para que possa avaliá-lo melhor e o retira da sala, deixando os pais sozinhos com uma assistente social que os entrevista. A cena acontece entre 18m26s e 21m26s. Logo após, muda a cena para o momento em que os pais recebem o resultado da avaliação feita pelo Dr. Ranson.

De acordo com as Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) (2014, p39), “O objetivo da avaliação não é apenas o estabelecimento do diagnóstico por si só, mas a identificação de potencialidades da pessoa e de sua família”. O que se vê no filme é a descrença de que Raun seria capaz de aprender, de se desenvolver, sem ser apontada nenhuma potencialidade pela equipe médica.

Mas, agora, já que foi comentado sobre a busca das famílias por ‘tratamento’ para seus filhos com TEA, se iniciará uma nova seção com a discussão sobre os métodos e programas existentes para estimulação de crianças com Autismo.

## 4.2 MÉTODO DE INTERVENÇÃO E TECNOLOGIA ASSISTIVA NO TEA: SON-RISE, A EXPERIÊNCIA DA FAMÍLIA KAUFMANN

Nos dias atuais existem muitos métodos e programas de intervenção para crianças com autismo, o que não ocorria na época em que a história de Raun foi contada através do filme. Após procurarem por escolas e clínicas que pudessem auxiliar na educação e estimulação de seu filho, os Kaufman decidem educá-lo a sua maneira, em casa mesmo. O pai, Barry decide parar de trabalhar para se dedicar à observação e à educação de Raun.

Son-Rise foi então, idealizado pelo casal Kaufman, pais de Raun, na década de 1970, e atualmente é desenvolvido no Autism Treatment Center of America, em Massachusetts, nos Estados Unidos e replicado em vários países. No Programa Son-Rise, as sessões acontecem sempre em um espaço preparado, em algum cômodo da casa da família, chamado quarto de brincar, especialmente preparado para diminuir os impactos que a estimulação sensorial pode causar na criança com TEA. (Mesquita e Campos, 2013).



A participação dos pais durante o Programa é imprescindível pelo fato deles estarem com os filhos, poderem identificar quais são os seus interesses, necessidades e dificuldades, planejando o próximo passo a ser trabalhado na conquista do desenvolvimento de habilidades físicas, comunicativas ou visuais. (Mesquita e Campos, 2013, p92).

Mas, pensando no Autismo e em métodos ou programas de intervenção, não há somente o Son-Rise. Existem muitos outros que oferecem metodologias diversas para intervenção de crianças com TEA e estão à disposição das famílias. Portanto, a partir de agora serão apresentados, de forma sucinta, mais dois métodos ou programas de intervenção para o Autismo, visto que anteriormente já se falou sobre o Son-Rise.

Enfim, a partir do método apresentado nesse artigo – Son-Rise – é possível afirmar que utiliza métodos científicos e tem por objetivo desenvolver a aprendizagem das crianças com Autismo.

Outro ponto importante para discussão, diz respeito ao uso de Tecnologia Assistiva nos métodos apresentados acima. Mas, de que maneira isso se faz presente nos métodos de intervenção para o Autismo?

A tecnologia assistiva se faz presente nos métodos de intervenção para o Autismo nos equipamentos utilizados, como tablets e computadores, em acessórios, como quadros de rotina, no caso de crianças com TEA que tenham comorbidades físicas, a utilização de equipamentos como bengalas, cadeiras de rodas, adaptadores para talheres, ou seja, para atividades da vida diária. Enfim, a tecnologia assistiva por ser uma área com característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços, tem o objetivo de contemplar a funcionalidade de pessoas com alguma limitação, incapacidade ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia.

Portanto, encerrando essa seção, é pertinente afirmar que crianças com Autismo são capazes de se desenvolver e de aprender e que métodos de intervenção aliados ao uso de tecnologias assistivas auxiliam nesses processos. Contudo, isso se torna eficaz com a detecção precoce dos primeiros sinais de TEA e com a participação efetiva dos pais. No filme aqui discutido, os pais de Raun conseguiram, através do método criado por eles, garantir o desenvolvimento e a aprendizagem do filho, tornando-o um indivíduo com potencialidades e capacidade de conviver em sociedade.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo trouxe a discussão sobre a possibilidade da criança com Autismo ter um processo de aprendizagem com a presença da família. Desde a detecção dos primeiros sinais do transtorno até a participação efetiva no desenvolvimento educacional de seu filho. Tudo isso sob a análise de cenas do filme “Meu filho, Meu mundo”, que conta a história real de uma família e seu filho com Autismo e a criação do método de intervenção Son-Rise.

Através da análise de algumas cenas do filme, foi possível contextualizar o TEA e ainda, abordar de forma sucinta, o funcionamento dos métodos e programas de intervenção, como o Son-Rise, que aliados ao uso de tecnologia assistiva, conseguem resultados positivos no desenvolvimento de crianças com Autismo.

Portanto, ao longo da discussão apresentada no artigo, fica evidente que crianças com autismo conseguem aprender, possuem potencialidades possíveis de exploração e estimulação e que as tecnologias assistivas auxiliam de forma eficaz nesse processo. Mas, sem esquecer-se da importância da detecção precoce dos primeiros sinais de um desenvolvimento atípico da criança, para que seja possível, um diagnóstico correto e encaminhamentos adequados para que as potencialidades possam ser devidamente estruturadas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)*. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

FILHO, Teófilo Alves Galvão. GARCÍA, Jesus Carlos Delgado. *As diferentes concepções e classificações relativas à Tecnologia Assistiva*. In: Pesquisa Nacional de Tecnologia Assistiva. 2012.

MESQUITA, Vânia dos Santos. CAMPOS, Camila Christine Pereira de. *Método Son-Rise e o ensino de crianças autistas*. In: Revista Lugares de Educação, Bananeiras/PB, v.3, n7, p.87-104. Edição Especial. Dez, 2013.

SON-RISE: A Miracle of love (Meu filho, Meu mundo). Glenn Jordan. Estados Unidos: 1979.





## UM DIÁLOGO SOBRE PONTOS DE CONEXÃO ENTRE A CULTURA E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

### A DIALOGUE ABOUT POINTS OF CONNECTION BETWEEN CULTURE AND THE SENSE OF BELONGING

Eduardo Thome (Universidade Feevale); Marta Rosecler Bez (Universidade Feevale); Margarete Fagundes Nunes (Universidade Feevale); Norberto Kuhn Junior (Universidade Feevale); Valentina Tabares Morales (Universidad Nacional de Colombia)

**Resumo:** A cultura e o sentimento de pertencimento possuem grandes impactos na vida individual e coletiva, construindo teias de códigos e símbolos que são interiorizados por indivíduos e que favorecem a sua identificação a partir dessas características. São esses grupos aos quais os indivíduos se sentem pertencendo e cujos comportamentos aproximam da sua própria identidade, que favorecem também a prática da exclusão, uma vez que tendem a considerar estranho tudo e todos aqueles que se diferenciam dessa forma de ver o mundo. Assim, o presente estudo propõe um diálogo entre os conceitos de cultura e de sentimento de pertencimento, a partir de uma pesquisa descritiva e de uma revisão bibliográfica. Os resultados indicam que, de fato, esses conceitos estão conectados, uma vez que eles andam juntos e um fortalece e contribui para o desenvolvimento do outro.

**Palavras-chave:** Cultura. Sentimento de pertencimento. Identidade.

**Abstrac:** Culture and the sense of belonging have major impacts on individual and collective lives, building webs of codes and symbols that are internalized by people and that favor their identification based on these characteristics. These are the groups to which people feel they belong and whose behaviors are close to their own identity, which also favor the practice of exclusion, since they tend to consider everything strange and everyone who differs from this way of seeing the world. In this way, the present study proposes a dialogue between the concepts of culture and the sense of belonging, based on a descriptive research and a bibliographic review. The results indicate that, in fact, these concepts are connected, since they work together and one strengthens and contributes to the development of the other.

**Keywords:** Culture. Sense of belonging. Identity.

## INTRODUÇÃO

A cultura se manifesta e é explorada de diferentes formas, apresentando variações na sua conceituação, dependendo do autor e das obras utilizadas para estruturar o seu conceito. Geertz (2008), Laraia (2001) e Velho e Castro (1978), têm as suas percepções conectadas nesse estudo, dando força aos objetivos aqui propostos, possibilitando a compreensão do campo da cultura. A partir do modo com o qual os respectivos autores exploram esse conceito, é possível perceber que a cultura age diretamente na vida das pessoas, seja de forma individual ou coletiva. Isso porque, ela se estrutura a partir de grupos e possui efeitos diretos na visão de mundo de cada



indivíduo, de modo que as características coletivas podem ser enxergadas em cada indivíduo que compõe determinados grupos ou espaços.

Assim como o conceito de cultura, o de sentimento de pertencimento também pode apresentar diferentes percepções com base nos autores utilizados para estruturar a sua fundamentação. No presente estudo, Moriconi (2014), o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA e o Conselho Nacional de Assistência Social - CNAS (2009), Sawaia (2001), Castro (2015) e Marcelino (2017), foram utilizados para dar força ao conceito de sentimento de pertencimento, relacionando as compreensões desses autores aos objetivos procurados para a análise em questão. Com base nos pensamentos dos articuladores mencionados, destaca-se que a pertença está associada com o emocional de cada indivíduo, de modo que ele enxerga costumes, modos de ver o mundo, vestimentas e comportamentos de determinados grupos, como sendo parte da sua identidade, adotando-os como extensões de si próprio. Esse é um conceito coletivo, estruturado a partir de grupos e espaços, mas que reflete, diretamente, nas percepções de mundo e características individuais.

Tendo como base essa contextualização, o presente estudo tem como objetivo desenvolver um diálogo entre os conceitos de cultura e sentimento de pertencimento, na intenção de encontrar pontos de conexão entre esses dois campos. Para que os objetivos possam ser alcançados, o estudo propõe uma pesquisa descritiva, que tem como princípio a exploração de dados obtidos a partir de autores e obras referenciadas, e que são analisados sem influência do pesquisador, de modo que ele extrai, analisa e discute os levantamentos feitos, sem manipular qualquer resultado ou informação obtida (PRODANOV; FREITAS, 2013). O referencial teórico do estudo foi construído a partir dos autores referenciados anteriormente, que se destacam pela coerência na forma de pensar e que contribuem para o alcance dos objetivos desse estudo, de modo que exploram pensamentos construtivos e bem fundamentados a respeito dos conceitos de cultura e sentimento de pertencimento, que são os dos dois campos aqui explorados. Dessa forma, o estudo foi estruturado através de uma revisão bibliográfica, tendo como base, principalmente, livros e artigos digitais.



## DESENVOLVIMENTO

### CULTURA: DA PERCEPÇÃO INDIVIDUAL A UMA CONCEPÇÃO COLETIVA

Para iniciar essa contextualização, é pertinente ser considerada a visão de Geertz (2008), que destaca a importância da antropologia na concepção da cultura, uma vez que essa matéria tem se preocupado em especificar esse termo, dando a ele uma dimensão mais justa que, de fato, assegura a sua importância continuada. Dessa forma, o conceito de cultura defendido pelo autor é essencialmente semiótico, onde o homem está totalmente conectado a teias de significados, e a cultura é vista como sendo essa teia, bem como as suas respectivas análises. Assim, a cultura é vista como uma ciência interpretativa que avança na procura por significados, e não como uma ciência experimental, que visa leis, barreiras e empecilhos.

Em sequência, é interessante reforçar as definições de cultura enquanto conceito antropológico. Laraia (2001) defende que a construção e concepção cultural não está relacionada com determinismos biológico ou geográfico, isso porque, pelos olhos da antropologia, as diferenças genéticas não determinam as diferenças culturais. Segundo o autor, quando uma criança é levada para outro país logo após o seu nascimento e é criada por uma família desse novo destino, são os costumes e aspectos culturais desse novo ambiente que estarão refletidos no seu perfil, independente do seu local de origem. Da mesma forma, indivíduos ou grupos de indivíduos criados em uma mesma região, podem desenvolver diferentes modelos culturais. Assim, defende que a cultura age de forma seletiva sobre ambientes e indivíduos, e não de forma natural, de modo que todo sistema cultural tem a sua própria lógica. Para o autor, a capacidade de desenvolver a cultura é o que, de fato, diferencia o ser humano de todos os outros animais.

Velho e Castro (1978) trazem uma concepção um pouco diferente a respeito do conceito de cultura, associando-o com a antropologia enquanto campo de saber. Dentre as suas percepções, conceituam que a ideia de cultura demonstra uma ligação espiritual entre indivíduos, estando eles em um mesmo território ou afastados em função de fatores político-geográficos. Essa associação proposta e causada pela cultura é inevitável, podendo ou não ser consciente pelo ser humano. Dessa forma, querendo ou não, o indivíduo estará, de forma individual, em contato com um universo social de valores, conectando-se à cultura desse determinado local. A cultura é humanizadora, pois ela funciona como um meio de estabilidade



para reações de comportamentos e, principalmente, atua como mecanismo de adaptação das espécies no mundo, em uma região e até em grupos específicos.

Laraia (2001) aborda a cultura relacionada a grupos, expondo que, homens de culturas diferentes possuem, conseqüentemente, diferentes formas de ver as coisas. O modo de ver o mundo, os comportamentos sociais e até mesmo as posturas corporais, tudo isso é reflexo de determinada cultura, e é ela que caracteriza indivíduos de diferentes espaços, identificando-os como pertencentes a determinado grupo por seus comportamentos, modos de agir e vestir, pela língua dominante e até mesmo pela alimentação. Dessa forma, é natural que o homem veja o mundo a partir da sua cultura, considerando a sua forma de viver como sendo a mais correta e natural. Eis que, para o autor, o ponto de referência para a associação cultural não é a humanidade, mas sim o grupo.

Velho e Castro (1978) trazem ainda uma concepção interessante da cultura, quando relacionada a uma denominação coletiva. A cultura pode ser inconsciente, porém, é social, uma vez que suas regras não são naturais do sistema psíquico de cada ser humano, mas sim um sistema comum a um grupo. Esse sistema é simbólico e os seus símbolos são decifrados no coletivo, a partir de códigos estabelecidos por grupos, que apresentam formações, experiências e percepções distintas, tendo em vista a sua origem ética e regional. Essa diferença de grupos, que trazem pluralidade para a cultura, refletem em uma complexidade sociológica, com diferentes tradições, pontos comuns e, também, especificidades. É com essa pluralidade que subculturas são originadas, a partir de classes, regiões e etnias distintas, dando vida, por exemplo, à cultura gaúcha, negra e operária.

Conforme mencionado nas definições anteriores, a cultura passa a se estruturar em grupos e regiões. Com isso, naturalmente, é comum que grupos entendam como familiar a cultura na qual se estruturaram, julgando estranhas ou diferentes as demais. Isso porque, os sistemas de símbolos que compõem as demais culturas diferem daquele no qual são nativos ou, gradativamente, passaram a reconhecer e se sentir parte. Assim, pode-se entender que a identificação e o entendimento das características de determinados grupos refletem no reconhecimento de indivíduos, fazendo com que se sintam parte e pertencendo a cultura ou subcultura que integram. A partir dessa concepção, o próximo ponto do presente estudo traz um aprofundamento sobre o sentimento de pertencimento, facilitando a sua compreensão, esclarecimento e a identificação de possíveis pontos que possam relacionar e conectar, de fato, a cultura com a pertença.



## SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

Para que se possa compreender a possível conexão da cultura com o sentimento de pertencimento, é necessário que se compreenda, na visão de diferentes autores, o significado desse sentimento, bem como a forma com a qual se estrutura em um indivíduo.

Para Moriconi (2014), entende-se por pertencimento o fator que acontece quando um sujeito se sente pertencente a uma comunidade ou a algum local. Mais do que isso, complementa que ao desenvolver essa pertença, esse mesmo sujeito passa a querer contribuir, colaborar e cuidar desse espaço, uma vez que o enxerga como uma extensão de si próprio.

Já no que diz respeito a esses grupos pelos quais os indivíduos despertam esse sentimento, o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA e o Conselho Nacional de Assistência Social - CNAS (2009), os definem como sendo os grupos que participamos ao longo da vida, sejam eles de amigos, vinculados à família, ao trabalho ou à escola, destacando que os mesmos são fundamentais para que se possa construir a identidade de cada indivíduo, seja essa identidade individual ou social.

Visto que inúmeros indivíduos criam, de fato, esse sentimento de pertencimento para com diferentes grupos, existe outro ponto importante a ser compreendido: o que motiva esses indivíduos a desenvolver essa pertença?

Sawaia (2001) justifica que essa questão está relacionada com a necessidade de desenvolvimento do que é conhecido como pertencimento social, ou seja, quando passamos a colocar o nosso emocional em determinado grupo, atrelando a ele a nossa própria identidade. Para esse mesmo autor, o motivo pelo qual isso é feito pode estar relacionado a diferentes fatores, como a própria criação de identidade, o *status* que determinado grupo tem na sociedade, ou ainda por uma identificação pessoal, por exemplo. Dessa forma, quando enxergamos a imagem que temos de nós mesmos relacionada também a determinado grupo, passamos a defendê-lo como que por uma defesa pessoal, excluindo aqueles que diferem dessa linha de raciocínio ou ainda que não pertencem a esse mesmo grupo. Por esse motivo, entende-se que esse pertencimento social está também relacionado com a prática da exclusão.

Para Castro (2015), o grupo de pertencimento pode estar relacionado a algum tipo de vínculo familiar ou ainda a aspectos relacionados à localização, por exemplo. Assim, a partir do momento em que um sujeito passa a compor determinado grupo e por ele desenvolve esse



sentimento de pertença (passando a ser identificado por esse grupo), ele passa a não ser mais reconhecido apenas como sujeito único, mas sim como parte de um todo e de uma cultura.

E ao falarmos da cultura, quando relacionada ao sentimento de pertencimento, conforme destaca Marcelino (2017), é válido ressaltar que esta, quando interiorizada pelo indivíduo, é quem desenvolve nele essa relação de identidade. Isso porque, no momento em que determinado sujeito passa a compor certo grupo, ele passa a consumir e a se caracterizar pelos diferentes elementos culturais que o compõem, podendo esses serem vestimentas, modos de agir ou ainda de se comunicar. A partir disso, ao se inserir de fato nessa realidade e nesses elementos, o indivíduo passa a enxergar esses aspectos como sendo um modelo a ser seguido, uma vez que, como justifica esse mesmo autor na obra “Dossiê Cultura em Foco: Integração Cultural Latino-Americana”, “cada indivíduo vê o mundo com base na cultura do grupo em que está inserido” (MARCELINO; 2017, p. 142).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos argumentos apresentados anteriormente, é possível perceber que, de fato, existem pontos bastante evidentes que conectam a cultura com o sentimento de pertencimento. Conforme defendem Geertz (2008), Laraia (2001) e Velho e Castro (1978), a cultura, seja ela considerada em caráter individual ou coletivo, está diretamente relacionada com identificações de indivíduos com determinados grupos, podendo estes serem familiares, de amigos, de religião ou de qualquer outra característica. O ser humano absorve essa identificação e se enxerga no outro, adotando e seguindo modos de agir, comportamentos, formas de se vestir, de se comunicar e até mesmo de se alimentar. Conforme exposto anteriormente e defendido, principalmente, pelos pensamentos de Laraia (2001), é natural que os indivíduos percebam a sua cultura como sendo o ideal e o mais correto. Isso porque, indivíduos de outras culturas costumam apresentar diferentes modos de viver, de agir e de enxergar o mundo, o que causa estranhamento e desconforto diante das suas percepções, das suas tradições e modos já confortáveis de se comportar.

Assim como acontece com a cultura, a partir dos embasamentos trazidos anteriormente, percebe-se que o sentimento de pertencimento também está relacionado com a identificação dos indivíduos diante de grupos, bem como a estranheza diante de pessoas que não pertencem a esse mesmo coletivo. Moriconi (2014) e Sawaia (2001) confirmam esse ponto ao justificarem



que o pertencimento se relaciona ao fato de um sujeito se sentir pertencente a um grupo ou local, passando a agir conforme os comportamentos desse grupo e considerando a sua forma de ver o mundo como sendo a mais correta, excluindo, conseqüentemente, aqueles que pensam de forma diferente e têm atitudes que não se enquadram às atitudes do grupo que integra.

Com base no exposto, de fato, é possível que se encontrem elementos que conectam a cultura com o sentimento de pertencimento. A junção dos pensamentos dos diversos autores trazidos anteriormente, em especial Marcelino (2017), faz com que algumas análises possam ser construídas a respeito dessa discussão. Nota-se que os conceitos de cultura e sentimento de pertencimento andam juntos, de modo que um fortalece e contribui para o desenvolvimento do outro. A cultura é coletiva, onde indivíduos trabalham na construção de redes de significados, que marcam, caracterizam e dão forma a estrutura e representatividade de determinado coletivo, a partir das coisas nas quais acreditam, dos gostos comuns dos seus integrantes e da forma como veem o mundo. Dessa forma, a partir da teia de significados criados pelo grupo, é natural que os seus integrantes passem a defender, por questões de identificação pessoal, os princípios do coletivo, sentindo essas crenças como algo que compõe a sua identidade e formação pessoal. Assim, gradativamente, a partir das vivências, participação em grupo e trabalho coletivo, naturalmente um indivíduo se sente pertencendo a determinado grupo, enxergando-o como o mais coerente e discordando de pensamentos conflitantes, o que pode resultar no desenvolvimento do sentimento de pertencimento para com esse grupo ou espaço.

Da mesma forma que a cultura pode favorecer o sentimento de pertencimento, pode-se encontrar argumentos que justificam o inverso, onde a pertença pode contribuir para o desenvolvimento cultural. Quando um indivíduo se sente pertencendo a um grupo ou local, ele passa a consumir a sua cultura, seja através de vestimentas, alimentação, costumes, comportamentos ou forma de ver o mundo. Essa identificação – de um sujeito diante de aspectos coletivos – contribui para a formação da sua identidade, seu reconhecimento enquanto indivíduo e a sua caracterização, fazendo com que aspectos de um todo fiquem visíveis na dimensão individual. Dessa forma, o consumo de particularidades que integram a cultura de determinado grupo ou local, além de auxiliarem no desenvolvimento individual, contribui para a expansão cultural, dando visibilidade, força e auxiliando nas intenções e crenças coletivas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das informações levantadas e da análise e discussão expostas anteriormente, conclui-se que a concepção de cultura e do sentimento de pertencimento são bastante amplas e permitem diferentes aprofundamentos e interpretações, que podem render estudos mais aprofundados para cada aspecto. Esse campo é amplo, tendo em vista que possibilita estudos tanto individuais quanto coletivos. A pertença, ainda que possa ser estudada e analisada em indivíduos específicos, tende a ser desenvolvida a partir do consumo cultural, e a cultura, essa sim, precisa se constituir a partir de um sistema comum a um grupo.

A partir desses pontos, fica evidente a importância do estudo desses campos de conhecimento, tendo em vista que ambos refletem diretamente na vida dos seres humanos, e que o consumo cultural de cada indivíduo reflete na sua forma de perceber o mundo e no seu modo de conduzir a vida, além de favorecer a cultura de determinado espaço. Foi possível perceber que ambos os conceitos estão conectados com o ser humano, seja em âmbito individual ou coletivo, impactando, diretamente, na formação dos indivíduos e no estilo de vida que levam e que acreditam ser o mais correto e adequado. Isso porque, no momento em que um indivíduo desenvolve a pertença por determinado grupo ou local, consumindo os seus aspectos culturais e auxiliando no desenvolvimento desse coletivo, ele passa a defender esse modo de atuação e os comportamentos desenvolvidos pelo grupo e seguidos por cada um de seus integrantes.

Ainda que diversos levantamentos tenham sido feitos, os conceitos de cultura e sentimento de pertencimento são desenvolvidos por um número muito grande de autores, que direcionam os seus estudos para diferentes percepções, focos de pesquisa e critérios que julgam mais ou menos coerentes. Para esse estudo, foram selecionados aqueles que apresentaram mais uniformidade nos conceitos construídos, tendo como foco o objetivo do estudo em questão e as necessidades de desenvolvimento intelectual e análises do autor. Dessa forma, entende-se que as posições aqui contempladas são apenas o início de uma pesquisa, que pode se desdobrar em estudos mais aprofundados, que contemplem pontualidades e expandam a interpretação de cada um desses campos, refletindo em análises mais detalhadas e resultados mais específicos.

## REFERÊNCIAS

CONANDA; CNAS. **Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes**. 2. ed. Brasília: 2009. Disponível em:





<[http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Cadernos/orientacoes-tecnicas-servicos-de-alcolhimento.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes-tecnicas-servicos-de-alcolhimento.pdf)>. Acesso em: 05 jul. 2020.

CASTRO, Paula Almeida de. **Tornar-se aluno - identidade e pertencimento: perspectivas etnográficas**. Campina Grande/PB: eduepb, 2015, 269 p. Disponível em: <<http://www.uepb.edu.br/download/ebooks/Tornar-se%20aluno%20-%20identidade%20e%20pertencimento%20-%20perspectivas%20etnogr%C3%A1ficas.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2020.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. LTC: Rio de Janeiro, 1.ed., 13 reimpr., 2008.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 1932-1.331c. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 14.ed., 2001.

MARCELINO, Bruno César Alves. **Dossiê Cultura em Foco: Integração Cultural Latino-Americana**. 1. ed. Jaguarão: CLAEC, 2017, 216 p. Disponível em: <<https://claec.org/editora/wp-content/uploads/sites/3/2019/06/Dossi%C3%AA-Cultura-em-Foco-2017.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2020.

MARICONI, Lucimara Valdambri. **Pertencimento e Identidade**. Campinas, SP: [s.n.], 2014. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000944186>>. Acesso em: 05 jul. 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 276 p. Disponível em: <<https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico-2-edicao>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

SAWAIA, Bader et. al.. **As Artimanhas da Exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Organizado por Bader Sawaia. 2. ed.. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001, 156 p. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4345297/mod\\_folder/content/0/Guareschi\\_pressupostos%20psicossociais%20da%20exclus%C3%A3o\\_artimanha%20da%20exclus%C3%A3o.pdf?forcedownload=1](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4345297/mod_folder/content/0/Guareschi_pressupostos%20psicossociais%20da%20exclus%C3%A3o_artimanha%20da%20exclus%C3%A3o.pdf?forcedownload=1)>. Acesso em: 05 jul. 2020.

VELHO, Gilberto; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **O conceito de cultura e o estudo das sociedades complexas: uma perspectiva antropológica**. Artefato: *Jornal de Cultura*, 1(1), 1978. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/multiplo-login?returnUrl=%2Farquivo%2F6684508%2Fvelho-gilberto-viveiros-de-castro-eduardo-o-conceito-de-cultura-e-o-estudo-das-s>>. Acesso em: 16 dez. 2020.





## A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA INFANTIL:

### UMA APROXIMAÇÃO INICIAL

THE SOCIAL FUNCTION OF PRESCHOOL: AN INITIAL APPROXIMATION.

Elenise Marks; Dinora Tereza Zucchetti; Tatiane de Oliveira; Claudiana Pereira

Universidade Feevale

**Resumo:** O direito ao acesso e permanência na Educação Infantil está assegurado por lei, sendo obrigatório o governo ofertar vagas para as crianças e as famílias realizarem a matrícula obrigatória a partir dos 4 anos de idade. No entanto, esta etapa do ensino passou por diversas mudanças, deixando de ter o caráter assistencialista e se tornando um espaço de aprendizagem com profissionais formados e habilitados para desempenhar a função de professor. Porém, parte da sociedade considera que este espaço é o ambiente no qual as famílias deixam seus filhos enquanto trabalham, gerando uma inversão do papel social da escola. Deste modo, este trabalho se trata de um estudo de revisão teórica, com a pretensão de apresentar algumas questões que evidenciam a função do espaço escolar. Para tanto, optou-se por uma pesquisa qualitativa, de natureza básica, com objetivos exploratórios, utilizando como técnica análise bibliográfica. Autores como Bardanca A. e Bardanca I. (2018), Freire (2011) e Santos (2019) entre outros e também alguns documentos expedidos pelo Ministério da Educação estabeleceram as referências para o estudo.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Famílias. Função Social.

**Abstract:** The right to access and permanence in preschools is assured by the Law, being mandatory for the government to offer vacancies for children and their families so they can follow the mandatory enrolment from the age of 4. However, this stage of learning has gone through several changes, leaving its assistentialist role behind and becoming a learning environment with graduated professionals, trained to perform their functions as teachers. Nevertheless, a part of society views this space as the place where families leave their children while going to work, creating an inversion of the social role of the school. With this in mind, this study consists of theoretical review, which aims to present elements that showcase the function of the school environment. For this purpose, a qualitative research of basic nature and with exploratory objectives was carried out, using bibliographical analysis as its technique. Authors such as Bardanca A. and Bardanca I. (2018), Freire (2011) and Santos (2019), among others, as well as documents issued by the Ministry of Education, established the references for the study.

**Keywords:** Preschool Education. Families. Social Function.

## 1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil passou por diversas mudanças desde que se constituiu no Brasil, sendo que em torno da década de 70 tinha caráter assistencialista, servindo para amparar as mães que necessitavam deixar os filhos na creche<sup>1</sup> para trabalharem, resultado do processo de inserção das mulheres no mercado de trabalho, pois por um longo período da nossa história, o papel social da mulher, se restringia a cuidar do lar e dos filhos. Oliveira (2002) ressalta que os

<sup>1</sup> Termologia utilizada para referir-se à escola de educação infantil quando a mesma estava se constituindo no Brasil.



alunos atendidos nas escolas no início da constituição no Brasil, eram crianças mais carentes, os quais eram acolhidos por pessoas denominadas como tias<sup>2</sup>. O trabalho tinha como cunho apenas o cuidar, não eram desenvolvidas atividades com fins pedagógicos, somente a partir de estudos, voltados a importância da infância para o desenvolvimento humano, que essa fase da vida, passa a ganhar devida atenção. Nesse sentido, a partir da década de 90 a escola passa a deixar de ter o caráter assistencialista e começa a exigir-se formação mínima para trabalhar nestes espaços, não sendo mais compostas pelas cuidadoras, mas sim por professores.

Segundo Freire (2019), “[...] ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento, enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco” (p. 11). Dessa forma, fica evidente a separação entre o papel da *tia*, que é atender-se ao cuidado, para o do professor, que é ensinar, para além de também cuidar, pois ambos andam juntos, de forma indissociável. Complementa-se que houveram mudanças significativas na área da Educação, inclusive tornando-a oferta gratuita por parte dos governos e a matrícula obrigatória a partir dos 4 anos de idade, conforme consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96 (LDBEN): “Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma”. (BRASIL, Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

Sendo assim, as escolas infantis passaram a ser vistas como um espaço de aprendizagem, que deve ocorrer de forma autônoma, livre de preconceitos e discriminações, sob o olhar de professores com formação específica, como está explanado na Lei nº 9.394/96 (LDBEN) e também no texto do artigo 5º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI):

Art. 5º A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. (BRASIL, 2010)

Desta maneira, o professor é o mediador da aprendizagem e não um cuidador, porém essa questão é motivo de debates, discussões, perdurando até os dias atuais, no entanto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) consta que: “Art. 53. A criança e o adolescente têm direito

---

<sup>2</sup> Denominação utilizada para referir-se aos profissionais que atendiam nas escolas de educação infantil.



à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho [...]”. (BRASIL, 1990). Deste modo, é possível verificar que o acesso à educação é um direito da criança, com o objetivo de ter seu pleno desenvolvimento. Ainda no ECA é possível verificar que no parágrafo único do art. 53 é ressaltado que: “É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais”. (BRASIL, 1990).

Sendo assim, conforme o exposto acima os pais têm direito de terem acesso as questões pedagógicas escolares, mas não o de ter um lugar para deixar os filhos enquanto trabalham. O direito é pertencente da criança ter um local onde serão desenvolvidas suas competências e habilidades. Mas em contraponto, durante o período pandêmico da COVID-19<sup>3</sup> parte da sociedade defende a volta as aulas nesta etapa de ensino, com a justificativa que os pais precisam de um local para deixar os filhos enquanto trabalham, desta forma analisasse que o papel social da escola infantil passa por uma inversão.

Destarte o presente trabalho tem como objetivo demonstrar um breve apanhado sobre a função social da educação infantil. Nesta perspectiva cabe ressaltar o tema da pesquisa: a função social da escola infantil. Para tanto, quanto a abordagem optou-se por uma pesquisa qualitativa, Lüdke e André (1986) indicam que a pesquisa através de uma vertente qualitativa tem uma boa aceitação na área da Educação devido ao seu potencial para estudar as questões relacionadas à escola. Cabe referir que se trata de uma pesquisa de natureza básica, com objetivos exploratórios, utilizando como técnica análise bibliográfica. Prodanov e Freitas (2009) apontam que na pesquisa bibliográfica os pesquisadores utilizam citações que sustentam suas afirmações. Assim sendo destaca-se que autores como Bardanca A. e Bardanca I. (2018), Freire (2011) e Santos (2019) entre outros e também alguns documentos expedidos pelo Ministério da Educação estabeleceram as referências para o estudo.

## 2 FUNÇÃO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

A visão da escola de educação infantil ser a *creche* com as *tias* ainda tem sentido para muitas pessoas da sociedade, sendo que essa questão traz reflexões, pois quando se defende, por exemplo, a abertura da escola em um período pandêmico está se pensando na necessidade

<sup>3</sup> A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, tornando-se uma doença infecciosa, causando isolamento mundial.



de os pais terem um local para deixar os filhos enquanto trabalham ou na função da escola, de ensino, interação e aprendizagem? Neste sentido, Ourique, Lage e Bueno (2020) afirmam que:

[...] muitas famílias passaram a perceber que a trabalho pedagógico com as crianças não se restringe a explicações e distribuição de atividades na “folhinha” e que a responsabilidade pela educação exige o compartilhamento das responsabilidades entre a instituição de Educação Infantil e as famílias. (p.6)

Sendo assim, a escola não está transferindo para os pais a função dos docentes, mas o ensino só é possível quando se estabelece a parceria família-escola, quando a educação é vista como responsabilidade de ambos, sendo que no período pandêmico essa questão fica mais explícita, pois sem a participação e empenho das famílias não é possível que as crianças realizem as atividades, ainda neste sentido Castro, Vasconcelos e Alves (2020) complementam que:

Vale ressaltar, que não se trata de uma formalização do fazer pedagógico, e nem que pais e mães transformem-se em pedagogos, mas que no espaço de interação pela internet, a escola e os professores, buscaram intervenções e interações em que possibilitaram encontros e reencontros com o exercício de serem pais. E é neste sentido que falamos em um novo fazer e no estabelecimento de uma nova parceria. (p. 5)

Portanto, a educação não se restringe apenas ao espaço escolar, é tarefas de todos que estão envolvidos neste processo, Bardanca A. e Bardanca I. (2018) descrevem que através de comunicados informam as famílias sobre as atividades que estão sendo desenvolvidas, solicitando que auxiliem com seus conhecimentos sobre as propostas em questão e colaborem com novas informações. Deste modo, a comunidade está sempre envolvida, visto que no período pandêmico essa questão se tornou cada vez mais essencial, conforme Silveira (2021) afirma:

[...] na comunicação com as famílias está relacionada diretamente com a necessidade de as Unidades Educativas assumirem o protagonismo, nessa dinâmica remota, de criar um cotidiano mais sensível com as crianças e famílias, abordando sentimentos, pensamentos, comportamentos e relacionamentos. (p.7)

Contudo para que ocorra uma participação efetiva das famílias, é preciso que estes saibam qual a função da escola e a importância da participação no processo educativo, conforme Melo (2015) aponta: “A educação da criança pequena passou a ser uma responsabilidade social do Estado, que ao lado da família e da sociedade passou a ter obrigação de favorecer uma educação de qualidade a população” (p. 46). Deste modo, ambos os envolvidos no ensino tem



as suas responsabilidades perante a educação dos pequenos, no entanto Bardanca A. e Bardanca I. (2018) destacam que:

A maioria das pessoas tem uma ideia sobre a escola de educação infantil que não corresponde exatamente à imagem que gostaríamos de transmitir, por isso consideramos necessário cuidar de como a escola se projeta para a comunidade, mostrando-a inteligente, culta, profissional e aberta, distante de estereótipos pueris. (2018, p. 85).

Portanto se torna necessário investigar a maneira como a escola se reporta a comunidade escolar, pois sabe-se que as ações escolares tem grande impacto para as famílias. Uma vez que, também há um aspecto relevante, que é a maneira como os professores se reconhecem enquanto profissional de educação, pois segundo Freire: “A valorização social da função de professor está fundada no reconhecimento de sua importância para a formação de indivíduos participantes na construção da sociedade e dos seus valores” (2019, p. 21), porém para que este reconhecimento por parte da comunidade escolar ocorra, o docente precisa se colocar no papel de profissional, com formação específica na área, ser sabedor das suas atribuições e compreender a sua importância na formação da vida dos alunos. Ainda neste sentido, Proença (2018) destaca que o professor deve estar em constante formação e capacitação, que tenha ciência da sua importância na construção do saber, proporcionando aos alunos vivências significativas, pois a escola é uma instituição social, que atua no processo da socialização e integração, mediando e respeitando as individualidades e também o coletivo. Sendo que, Santos (2019) define:

Parte-se da tese de que a educação, como direito social de oferta obrigatória – e muito recentemente considerada como direito universal –, constitui elemento componente de um projeto político de coletividade, mais do que o atendimento de interesses individuais; por isso, deve ser considerada um direito de natureza social [...] (p. 3)

Deste modo fica evidenciado que a escola é de direito de todos, sendo um local de troca e formação, devendo incluir socialmente de forma igualitária. Conforme Santos (2019), o ambiente escolar é um espaço social privilegiado de inteirações, onde uns aprendem com os outros, promovendo cidadãos críticos e democráticos. No entanto a aprendizagem está baseada no currículo escolar, que deve contemplar na sua totalidade, segundo Melo (2015, p.32): [...] a escola, quanto instituição social, cujo objetivo é reproduzir e transmitir valores culturais e sociais, deveria ater-se ao fato de que toda educação, especialmente escolar, seleciona conteúdos e valores socioculturais a serem transmitidos. Sendo que, através de experiências



significativas cada criança constitui o seu “eu” e sua visão de mundo, pois ela é um sujeito sócio-histórico-cultural, com direitos, que necessita de um espaço favorável ao seu desenvolvimento e bem-estar. Pois, segundo consta na LDBEN a escola tem como função social formar cidadãos:

**Art. 22.** A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. (BRASIL, 1996)

Deste modo, a educação infantil que é a primeira etapa da educação básica é onde ocorre as primeiras interações das crianças, sendo o primeiro contato fora a sua família, neste espaço deve ser trabalhado suas potencialidades como ser social, com gosto, ideias e opiniões. Com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular-BNCC (BRASIL, 2017) as crianças de todo Brasil, passaram a ter os chamados direitos de aprendizagem na Educação Infantil, qual devem ser potencializados pela escola, através dos campos de experiências, objetivos de aprendizagem e desenvolvimento por etapa, dividido entre os grupos etários: bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas. Que assim, orienta o trabalho docente e permite que a criança seja protagonista de sua aprendizagem, através de práticas e experiências educativas. Uma vez que a BNCC é um documento normativo para as redes de ensino pública e privada, sendo uma referência obrigatória na elaboração dos currículos escolares do ensino infantil, fundamental e médio de todo o Brasil. Em vista disso é importante salientar que essa normativa tem o objetivo de promover a igualdade social, pois todos os alunos do país passam a ter o direito de ter o acesso as mesmas informações e um ensino de qualidade.

Contudo, como apontam Coelho e Orzechowski (2011) é importante que os docentes reflitam sobre qual a função social da escola e quais as necessidades de cada aluno perante este todo. Pois ao pensar no seu planejamento, o professor precisa analisar as especificidades de cada criança e que sujeito estará formando, pois como Santos afirma “[...] a educação é um poderoso instrumento de construção sociocultural”. (p.10, 2019), deste modo o planejamento que serve como um guia, um norte, uma espécie de bússola deve ofertar meios que favoreçam a aprendizagem, Costa (2001) aponta que:

A escola é uma instituição social com objetivo explícito: o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes, e valores) que, aliás, deve acontecer de maneira contextualizada desenvolvendo nos discentes a capacidade de tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que vivem. (p. 7)



Porém, quando ocorre um momento pandêmico, o educador precisa criar novos meios para que a criança possa ser ouvida, tendo uma escuta sensível e atenta, além de planejar atividades onde o protagonismo infantil continue sendo o foco e a aprendizagem possa continuar ocorrendo. Contudo, é preciso que as famílias se façam presentes no processo de ensino dos filhos, o que por muitas vezes não ocorre. Além de ser de grande importância que a sociedade seja sabedora do papel social da escola e qual sua função no processo de educação dos alunos, para que esta etapa do ensino possa ser valorizada e reconhecida como um espaço de aprendizagem, socialização e desenvolvimento das potencialidades de cada discente.

### 3 CONTRIBUIÇÕES PARA O AVANÇO DO CONHECIMENTO

Muitas questões trazem análises e reflexões acerca do tema, sendo possível analisar que nos referenciais utilizados nesta pesquisa foi evidenciado a função social da escola, a aproximação com estreitamento dos vínculos entre família-escola, a importância de as crianças frequentarem o espaço escolar, havendo inteiração entre pares e o protagonismo infantil. Para muitas famílias, a real função da escola, seja ela de Educação Infantil ou outra etapa da educação básica, precisa ser compreendida. Diferentes modos de viver e conviver, interferem também, na valorização e reconhecimento da educação, como potencial de mudança e desenvolvimento para os sujeitos. Como foi demonstrado a aprendizagem não deve ser única e exclusiva atribuição da escola, sendo necessário a participação efetiva das famílias, principalmente quando se trata de um período pandêmico, onde os discentes não puderam mais frequentar este espaço e novas medidas tiveram que ser adotadas para que o ensino pudesse continuar ocorrendo, o que gerou muitos questionamentos por parte da sociedade.

Sendo assim, percebe-se que o papel da escola ainda é motivo de debate, indagações, dúvidas e opiniões divergentes, sendo que no período da pandemia estas divergências ficaram mais explícitas. Muitas das questões deixadas em segundo plano, precisaram voltar ao debate nos últimos meses. Tal fato, faz com que seja necessário haver mais pesquisas com a temática em questão, a fim que a sociedade reconheça a função social da escola de educação infantil e que essa possa ser valorizadas com a sua devida importância como as demais etapas do ensino, visto que esta é a base do processo de ensino-aprendizagem dos indivíduos.



## REFERÊNCIAS

BARDANCA, Ángeles Abelleira; BARDANCA, Isabel Abelleira. **Os fios da infância** InnovArte Educação Infantil. Tradução: Tais Romero. São Paulo: Phorte, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

\_\_\_\_\_, **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/Secretaria de Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Lei de Diretrizes e Bases Nacionais: 1996**. Brasília: MEC/SEB, 1996.

CASTRO, Mayara Alves De; VASCONCELOS, José Gerardo Vasconcelos; ALVES, Maria Marly. **“Estamos em casa!”: narrativas do cotidiano remoto da educação infantil em tempo de pandemia**. Rev. Pemo, Fortaleza, v. 2 n. 1, p. 1-17, 2020.

COELHO, Nara; ORZECOWSKI, Suzete Terezinha. **A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA PÚBLICA E SUAS INTERFACES**. X Congresso Nacional de Educação- EDUCERE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba 2011.

COSTA, Vera Lúcia Pereira. **Função social da escola**. Educar em Revista, Curitiba, 2001.

FREIRE, Paulo. **Professora sim; Tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. 28º ed.- Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MELO, Rozana Machado Bandeira. **É brincando que se aprende** A experiência Te-Arte na educação infantil. Curitiba: Appris, 2015.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

OURIQUE, Maiane Liana Hatschbach; LAGE, Lucas da Costa; BUENO, Tamara Insauiaga. **Infâncias conectadas na pandemia de covid-19: construções emergentes na educação infantil**. REVASF, Petrolina-Pernambuco - Brasil, vol. 10, n.22, p. 600-628, setembro/outubro/novembro/dezembro, 2020 ISSN: 2177-8183.

PRODANOV, Cleber; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia de Trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

PROENÇA, Maria Alice. **Prática Docente** A abordagem de Reggio Emilia e o trabalho com projetos, portfólios e redes formativas. São Paulo: Panda Educação, 2018.





SANTOS, Émina. **A educação como direito social e a escola como espaço protetivo de direitos:** uma análise à luz da legislação educacional brasileira. Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 45, e184961, 2019.

SILVEIRA, Juliano. **O teletrabalho coletivo durante a pandemia da covid-19: um relato de experiência na educação infantil de Florianópolis.** Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 316-332, jan./jan., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1980-4512.





## FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES: ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM?

### CONTINUING PROFESSIONAL DEVELOPMENT OF TEACHERS: LEARNING SPACES?

Ângela Musskopf; Raquel Dilly Konrath

Instituto Superior De Educação Ivoti

**Resumo:** Diante dos desafios atuais interpostos à educação a partir da homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), principalmente no que se refere à comunicação digital, aliado às demandas do contexto pandêmico, faz-se necessário olhar para a formação dos professores com algumas indagações, em relação às condições e circunstâncias que estão tendo para a construção das competências exigidas no exercício de aprender e ensinar. Neste sentido, o estudo propõe-se a contribuir para a reflexão teórico-prática sobre as propostas de formação continuada, de que maneira se constituem em espaços de aprendizagem coletiva, em coerência com as novas demandas de ensino- aprendizagem, levando em conta o cenário atual de pandemia. Apresenta, ainda, algumas experiências de formação continuada desenvolvidas e vivenciadas na região metropolitana de Porto Alegre, entre o período de maio de 2020 e fevereiro de 2021, embasadas nos estudos de *Learning Spaces*<sup>1</sup>, e na exigência da implementação da BNCC, no que se refere ao uso da tecnologia como apoio de aprendizagem ativa, contemplando diferentes dimensões, como aspectos cognitivos, tecnológicos, emocionais e sociais. Por fim, enfatiza a importância da formação dos professores como espaços de aprendizagem contínua, que se constituam em experiências coletivas, espaços de estudo, lazer, convívio e aprendizagem, com características inovadoras.

**Palavras-chave:** Formação continuada. Espaços de aprendizagem. Competências. Tecnologias digitais.

**Abstract:** In view of the current challenges posed to education from the approval of the Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especially with regard to digital communication, combined with the demands of the pandemic context, it is necessary to look at the teachers' continuing professional development (CPD) with some questions, mainly in relation to the conditions and circumstances they are having to build the competencies required in the exercise of learning and teaching. In this sense, the study proposes to contribute to the theoretical- practical reflection on the proposals of CPD, in which way they constitute spaces for collective learning, in coherence with the new demands of teaching-learning, taking into account the current pandemic scenario. It also presents some CPD experiences carried out and lived in the metropolitan region of Porto Alegre, between May 2020 and February 2021, based on the studies of *Learning Spaces*, and the requirement for the implementation of the BNCC, with regard to the use of technology as a support for active learning, covering different dimensions, such as cognitive, technological, emotional and social aspects. Finally, it emphasizes the importance of teachers' CPD as spaces for continuous learning, constituting collective experiences, spaces for study, leisure, socializing and learning, with innovative characteristics.

**Palavras-chave:** Continuing professional development. Learning spaces. Competencies. Digital technologies.

<sup>1</sup> espaços de aprendizagem com intuito de potencializar o processo de ensino e aprendizagem.



## INTRODUÇÃO

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) já são uma realidade ubíqua em nossa sociedade. Até mesmo as TDICs aplicadas à Educação são estudadas há décadas, especialmente no universo acadêmico, porém sua inserção na Educação Básica ainda aparece muito lenta. A pandemia da Covid-19 que assolou o no início de 2020 provocou a saída dos alunos das escolas, de confinamento em suas casas e a implantação do assim chamado ensino remoto emergencial (BRASIL, 2020) da noite para o dia.

Este artigo traz relatos de experiências ligadas à formação continuada de professores realizados na região metropolitana de Porto Alegre, entre o período de maio de 2020 e fevereiro de 2021. Experiências que se embasaram nos princípios dos documentos legais nacionais (BNCC) e nos fundamentos de *Learning Spaces*, contemplando aspectos cognitivos, tecnológicos, sociais e emocionais, por meio de vivências individuais e coletivas.

## UM OLHAR PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES

Aprender a ensinar e tornar-se professor é um processo contínuo. (PLACCO; SOUZA, 2006, p. 45)

Inspirados na epígrafe iniciamos o nosso estudo com um olhar para a formação dos professores como um processo contínuo, que começa, sem dúvidas, bem antes da preparação formal e se estende por toda a sua vida profissional, numa formação continuada, porque sabemos que nada é tão permanente quanto a mudança. Segundo Placco e Souza (2006, p.23-24), “a aprendizagem do adulto professor se dá primordialmente, no grupo, no confronto e no aprofundamento de ideias, pela escolha individual e comprometida com o evento a ser conhecido”, ou seja, “decorre de uma construção grupal, mas é singular e envolve escolha deliberada”. E de acordo com as referidas autoras essa aprendizagem se dá em várias dimensões: “cognitiva, afetiva, social, sensível, cultural, ética, etc.”. Nesta perspectiva, é fundamental que ao se promover uma formação se esteja atento à intencionalidade da proposta formativa e que se recorra a ações e metodologias que envolvam cognitivamente e afetivamente os participantes e por isso, identificar e acolher os desejos e necessidades do grupo pode ser um importante caminho. Considerando, portanto, os professores, mesmo já adultos, seres em formação e em desenvolvimento, com características singulares na construção de seus saberes e conhecimentos, quanto de sua identidade profissional:



Não poderemos aceitar somente a ideia de cursos em massa ou de treinamento puro e simples como proposta de formação. Tentação fácil diante da nossa angústia de formar o maior número de pessoas, no menor espaço de tempo. Merece um trabalho de longo prazo. Em função do dinamismo desse processo, fica claro que a formação básica tradicional não é suficiente. (PANTONI et al., 2007, p. 28)

Ao refletirmos e analisarmos diferentes formações das quais fazemos parte, nos damos conta de que muitas delas ainda acontecem em grande massa, e se baseiam em encontros expositivos, algumas até com públicos menores e propostas dialogadas, mas poucas se concretizam em vivências e experiências práticas. Teoriza-se sobre a necessidade da mudança na forma de ensinar e aprender, utilizando metodologias mais interativas e ativas, com uso de recursos e recursos digitais, mas não se oportuniza esses processos de aprendizagem ao professor/a.

Nesse sentido, queremos direcionar nosso olhar para a formação de professores, uma formação que ultrapassa a dimensão teórica ou a que coloca o/a professor/a numa postura passiva, de ouvinte, mas aquela que se constitui numa experiência de aprendizagem interativa, ativa e reflexiva.

## CULTURA DIGITAL: UMA COMPETÊNCIA A SER CONSTRUÍDA POR MEIO DE DIFERENTES AMBIENTES DE APRENDIZAGEM

A Cultura Digital é uma das Dez Competências Gerais da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) homologada em dezembro de 2017, e que deve ser construída ao longo da Educação Básica. Segundo a BNCC (BRASIL, 2017, p.8) as competências são definidas como a “mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho”. E a Competência da Cultura Digital assegura aos estudantes em

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, com o objetivo de comunicar-se, acessar e produzir informações e conhecimento, resolver problemas e exercer protagonismo de autoria. (BRASIL, 2017, p. 8).

A Cultura Digital, ao fazer parte das aprendizagens essenciais dos estudantes, também se constitui como aprendizagem essencial para os professores, que por sua vez, tem o





compromisso de promover a sua construção a partir de sua proposta de ensino. Isto significa que, não podemos mais, como nos apontam Henri Cortelazzo et al. (2018, p.58):

Continuar acreditando e aceitando que a sala de aula tradicional, com suas carteiras alinhadas, um estudante atrás do outro numa formação em filas, e o professor a frente de todos, conduzindo o processo em um único e constante ritmo seja ainda a melhor forma de conduzir todo o processo educacional, pode, nos dias atuais, ser considerado um pensamento insano.

Essa visão se fundamenta nas características do atual contexto, cada vez mais digital, e na necessidade de uma educação comprometida com a formação de estudantes que sejam capazes de “resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva”. (BRASIL, 2017). Em resposta a essas novas demandas, instituições de ensino de diferentes lugares no mundo começaram a repensar seus espaços de aprendizagem com intuito de potencializar o processo de ensino e aprendizagem e adequá-los às novas características dos estudantes e exigências da contemporaneidade. Os espaços de aprendizagem ou *learning spaces* são definidos como sendo: espaços de estudo, lazer, convívio e aprendizagem, com características inovadoras. Estes espaços devem estar disponíveis para os estudantes, professores e demais membros da comunidade. O principal objetivo dos *Learning Spaces* é promover o ensino da melhor forma possível com o máximo de qualidade e efetividade do processo de ensino aprendizagem. (CORTELAZZO et al., 2018, p. 61). Constata-se que, na perspectiva do autor, esses espaços de aprendizagem constituem-se por diferentes componentes, diferentes das salas de aula organizadas num ensino tradicional. De acordo com o Cortelazzo et al. (2018, p. 61), o “componente tecnológico” é essencial, e deve incorporar “uma vasta gama de tecnologias apropriadas e eficazes”. Outro componente a ser contemplado é o “psicológico”, criando “empatia por meio do design”. Tópicos como a acessibilidade, o conforto psicológico, o espaço e seus efeitos motivadores precisam ser explorados. (CORTELAZZO et al., 2018). Aliado aos componentes tecnológico e psicológico destaca-se o “componente social”, efetivando na prática espaços de aprendizagem colaborativa a fim de “promover a máxima interação dos integrantes, permitindo não só a troca de experiências, mas o registro e a gestão do conhecimento.” (CORTELAZZO et al., 2018, p. 62). Outro aspecto que precisa ser incorporado é o “componente cognitivo”, que “visa promover o bem-estar e a cultura. Sempre relacionando o layout, acomodações e dinâmica com os objetivos pedagógicos.” (CORTELAZZO et al., 2018, p. 62).



Quando concebemos os espaços de aprendizagem considerando todos esses componentes, rompemos a ideia de que uma formação de professores consiste de um monólogo diante de uma plateia passiva, ou diante de uma tela com as câmeras fechadas. Os espaços de aprendizagem se constituem em ambientes em que se tem oportunidades adequadas de pensar de forma crítica, usando os argumentos que estão sendo desenvolvidos. (CAMARO; DAROS, 2018)

Ao apostar nesses espaços de aprendizagem, evidentemente, faz-se igualmente necessário assumir uma prática pedagógica capaz de garantir aprendizagens desta forma. E, essa aposta nos instiga a voltar o nosso olhar para a formação de professores, uma vez que para promover a construção de novas competências e de espaços de aprendizagem, o/a professor/a também precisa ter essas vivências formativas. E, de acordo com o professor Cortella (2013), competências são possíveis de serem construídas, uma vez que não são natas. Podemos até ter uma maior predisposição para algumas das competências, mas todos nós como seres aprendentes podemos desenvolvê-las, se tivermos disposição e condições, ou seja, circunstâncias para aprender.

Quais são as condições e circunstâncias que os professores estão tendo para a construção desta e de outras competências?

E, se a formação do/a professor/a, além de ser um processo singular é também um processo coletivo (PLACCO; SOUZA, 2006), como estes processos estão acontecendo junto aos seus pares?

## **FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: ESPAÇO DE APRENDIZAGEM COLETIVA!**

As formações propostas para professores de diferentes níveis da Educação Básica foram elaboradas com o intuito de serem *Learning Spaces* oportunizando aos participantes ambientes acolhedores, seguros nos quais a aprendizagem, grupal e individual foicompartilhada tanto pelos professores formadores quanto pelos em formação. Estes momentos provocaram a reflexão e a prática não só do uso de plataformas e apps mas também a intencionalidade que se tem ao utilizá-las. Segundo Leffa (2016, p. 153) “o que interessanão é a tecnologia mas sim o uso que se faz dela.” Concordamos com essa ideia de que o simples uso de qualquer recurso sem intenção, objetivo, planejamento, é oco, sem sentido e perda de tempo.



Quais são as competências e habilidades que nossos alunos precisam adquirir para a compreensão de um artigo, por exemplo? Identificar as ideias principais. Para auxiliar, a estratégia de construção de um mapa mental é muito utilizada. Se esse é o plano do professor, há recursos que permitem a construção de um mapa mental individual e até mesmo colaborativo. Logo, este aspecto também precisa ser levado em consideração ao escolher qual recurso digital proporciona um e outro.

As formações de professores realizadas tinham de 1 hora e meia a 2 horas de duração. A atividade inicial geralmente envolvia teoria, conceitos, reflexão e quase sempre já envolvia algum recurso digital provocando a utilização dos participantes como usuários, como se estivessem no papel de alunos. A próxima etapa variou entre a prática do uso desses recursos como autor ou o compartilhamento pelos seus pares de recursos que eles inseriram em seus planejamentos, relatando como foi empregá-los em atividades com seus alunos e mostrando resultados alcançados. Desta forma, houve oportunidades concretas de vivenciar a relação da teoria e da prática, do entrelaçamento das competências e habilidades expressas na BNCC tanto em relação à cultura digital, quanto às relacionadas aos componentes específicos.

Outro ponto importante a ser ressaltado refere-se à menção que a BNCC faz, na Competência Geral 5, ao fato de que os alunos devem também produzir conteúdo, resolver problemas e não apenas serem usuários passivos. O relato de uma professora que compartilhou sua experiência deixa bem claro o dilema que os professores enfrentam e a nova postura a ser adotada. Ela utilizou um recurso que permite a criação de um livro digital, cujo acesso é realizado via compartilhamento de link. Ela criou um livro para seus alunos abordando uma temática precisa no seu plano de trabalho. Os alunos acessaram através do link e o planejamento foi executado. No dia seguinte, a professora recebeu um e-mail de uma de suas alunas com um link para acessar o livro digital criado por ela. A professora, surpresa, acessou e percebeu que sua aluna de 5º ano produziu um material muito interessante. O idioma da plataforma em questão é a língua inglesa, que não foi um empecilho. Nestemomento ela se questionou: por que não oportunizar aos alunos tornarem-se autores de suas ideias e que eles criem seus próprios livros? O resultado foi uma compilação de 55 livros digitais nos quais os alunos puderam explorar cenários, personagens, gravar sua própria voz na narração, por exemplo, e fazer o *upload* de fotos suas e do seu entorno, personalizando e dando importante significado a sua construção textual.



Este é um claro exemplo de que os professores precisam preocupar-se em instigar, motivar e oportunizar que os seus alunos usem as TDICs com uma postura de autoria, de produtor de conteúdo, de expressão de seu pontos de vista, sentimentos e posição dentro da sociedade, mas para isso também precisam ter condições de vivenciar e experienciar tais práticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto atual nos impõe novas demandas e novos desafios. Em decorrência da implantação da BNCC e do cenário de pandemia, em um curto espaço de tempo, professores tiveram que se reinventar, procurando novas formas de exercer a docência. Para lidar com essa mudança tão brusca, foi necessário a mobilização de diferentes conhecimentos, habilidades e atitudes. Neste contexto, também fez-se necessário (re)pensar os espaços de formação continuada de professores, como oportunidades de aprendizagem, em que tenham condições de vivenciar na prática diferentes espaços, abarcando componentes, como: o tecnológico, o social, o psicológico e o cognitivo, rompendo a ideia de que a formação se dá de forma passiva, ouvindo, enquanto os formadores falam e teorizam sobre a necessidade de mudanças.

É possível aprender em diferentes espaços e situações, desde que se crie condições favoráveis, como evidenciado nas experiências relatadas. No entanto, é preciso considerar que educação se dá em contexto e o contexto atual nos exige maior conhecimento na comunicação e na utilização de recursos digitais, assim como aprendizagens se constroem na relação com o outro e com o mundo, numa constante formação individual e coletiva, tanto na modalidade presencial quanto na remota. Para isso, uma importante leitura das necessidades dos professores em seu contexto de trabalho foi imprescindível.

Desta forma, enfatizamos a importância da formação de professores como espaços de aprendizagem contínua, que se constituam em experiências coletivas, espaços de estudo, convívio e aprendizagem, com características inovadoras, da mesma forma que é exigida aos estudantes. Eis o nosso desafio como formadores de professores!





## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação é a Base**. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

\_\_\_\_\_. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 53, seção 1, p. 39, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 13 abr. 2021.

CAMARO, Fausto; DAROS, Thuinie (org.). **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre: Penso, 2018.

CORTELAZZO, Angelo Luiz *et al.* **Metodologias ativas e personalizadas de aprendizagem: para refinar seu cardápio metodológico**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Qual é a tua obra?: inquietações propositivas sobre a gestão, liderança e ética**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LEFFA, Vilson. Redes sociais: ensinando línguas como antigamente. *In*: ARAÚJO, Júlio; LEFFA Vilson (org.). **Redes sociais e o ensino de línguas: o que temos a aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p.137-153.

PANTONI, Rosa *et al.* A formação nossa de cada dia. *In*: FERREIRA, Maria Clotilde Rosseti *et al.* **Os fazeres na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 26-33.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza, SOUZA, Vera Lúcia Trevisan (org.). **Aprendizagemdo adulto professor**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.



## A INFLUÊNCIA DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS NAS DIFERENTES FORMAS DE RESOLVER PROBLEMAS ARTÍSTICOS NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE FOTOGRAFIAS

THE INFLUENCE OF TECHNOLOGICAL RESOURCES IN DIFFERENT WAYS TO  
SOLVE ARTISTIC PROBLEMS IN THE PHOTO CREATION

Fernanda Klauck; Cristiano Max Pereira Pinheiro

Universidade Feevale

**Resumo:** Esta pesquisa busca entender as percepções de fotógrafos do Rio Grande do Sul acerca da relação entre as condições técnicas e econômicas nos resultados criativos obtidos por eles. Para isso, se estabelecem relações entre os conceitos de criatividade, fotografia e o processo de criação de fotografias e também do mercado fotográfico atual, os recursos tecnológicos disponíveis e o nível econômico dos fotógrafos, além de refletir a respeito de questões técnicas e gestoras do setor de Fotografia. Assim, pretende-se identificar e analisar parâmetros que possam auxiliar os fotógrafos iniciantes no mercado de trabalho, independentemente de seu nível econômico. A coleta de dados se dá através de um questionário quantitativo e entrevistas qualitativas e tem a análise textual discursiva como método de análise de dados. O estudo tem como resultado uma série de reflexões a respeito do processo criativo, as diferentes formas de resolver problemas artísticos e gestores na fotografia e o impacto dessas possíveis adversidades no desempenho dos fotógrafos.

**Palavras-chave:** Criatividade. Fotografia. Tecnologia. Economia.

**Abstract:** This paper aims to understand the perceptions of photographers in the state of Rio Grande do Sul regarding the relationship between technical and economic conditions in the creative results they obtain. To do so, relations are established between the concepts of creativity, photography, and the photography creation process and also the current photography market, the technological resources available in the market and the economic level of photographers, in addition to reflecting on technical and management issues of the photography industry. Thus, we intend to identify and analyze parameters that may assist photographers entering the job market, regardless of their economic level. Data collection takes place through a quantitative questionnaire and qualitative surveys. Discursive text analysis is used as the method for data analysis. The study results in a series of reflections on the creative process, the different ways of solving artistic and management problems in photography, and the impact of these possible adversities on photographers' performances.

**Palavras-chave:** Creativity. Photography. Technology. Economy.

### INTRODUÇÃO

Cada indivíduo está inserido em uma comunidade com diferentes padrões culturais, sociais e econômicos, que podem interferir direta ou indiretamente no seu comportamento perante as mais diversas situações. Assim como em outros segmentos, no mercado fotográfico existem variáveis que podem influenciar o processo criativo do fotógrafo, como, por exemplo,



o seu nível econômico, percebido a partir dos valores de seus orçamentos, da qualidade técnica de seus equipamentos ou até mesmo do público atendido.

Esta pesquisa busca entender as percepções de fotógrafos acerca da relação entre as condições técnicas e econômicas nos resultados criativos obtidos por eles. Considera-se como questão norteadora que a criatividade pode ser um fator decisivo, que, nesse caso, equilibraria a diferença de recursos financeiros e tecnológicos. No entanto, pode-se considerar um desdobramento dessa questão a ideia de que o tempo destinado a encontrar soluções para resolver esses problemas poderia ser utilizado para o aperfeiçoamento de outros aspectos importantes da carreira do fotógrafo, deixando-o em desvantagem em relação à concorrência. Embora exista um número considerável de artigos que versam sobre criatividade e fotografia enquanto linguagem, percebe-se uma carência de estudos a respeito da união desses tópicos relacionados à gestão e à solução de problemas na indústria e na economia criativa, mais especificamente na Fotografia.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é identificar e analisar parâmetros que possam auxiliar os fotógrafos iniciantes no mercado de trabalho, independentemente de seu nível econômico. A representação desse “nível econômico” será estabelecida pela análise dos aspectos vindos do corpus de pesquisa. A intenção não é que essa característica seja definida de forma taxativa, mas que as informações emergjam dos discursos dos fotógrafos participantes da coleta e análise. Para tal, serão levadas em consideração algumas variáveis, como o valor do equipamento que possuem, o valor que cobram pelo seu trabalho e a classe social dos clientes que atendem.

O estudo tem como finalidade a exploração a partir de procedimentos técnicos, através de uma pesquisa bibliográfica e survey. A abordagem do problema será feita através de pesquisa qualitativa e quantitativa, já que conta com diferentes formas de coleta de dados (entrevistas e survey). Na primeira etapa, através de uma amostra não probabilística por acessibilidade e conveniência, será feito um questionário em formato survey (quantitativo) que será respondido de forma livre por profissionais do mercado fotográfico no Rio Grande do Sul. Depois, por meio de uma amostra não probabilística intencional, serão realizadas entrevistas com roteiro semiestruturado de perguntas abertas com quatro fotógrafos. A escolha dos entrevistados se dará com base no perfil necessário para a análise.

O método de análise de dados utilizado será a análise textual discursiva. Essa técnica será utilizada nas entrevistas a fim de perceber as questões ligadas ao processo criativo e à gestão



de problemas artísticos na Fotografia, resultando em uma validação científica do que o entrevistado expõe.

## CRIATIVIDADE

Existem inúmeras abordagens sobre a definição de criatividade. Dentre as tantas abordagens que são revisadas, a Teoria do Investimento em Criatividade proposta por Sternberg e Lubart (1991) é uma das mais citadas (ALENCAR; FLEITH, 2003; KAUFMAN; BEGHETTO, 2009; LUBART, 2001). Segundo Sternberg (2006), a criatividade é o resultado de seis fatores que convergem de forma distinta e inter-relacionada. O primeiro item – as habilidades intelectuais – se refere ao modo como o indivíduo enxerga os problemas e questões, sua habilidade em lidar com as situações e identificar quais ideias merecem atenção e seu poder de persuasão sobre as outras pessoas. O segundo fator – o conhecimento – pode auxiliar ou dificultar o ato criativo. Com os estilos de pensamento, o autor se refere à maneira como o indivíduo utiliza as suas habilidades. A personalidade do indivíduo, para ele, tem forte influência sobre a criatividade, dado que pessoas mais corajosas, autoconfiantes e perseverantes são normalmente mais criativas. Já sobre a motivação, Sternberg (2006) aponta que, quanto mais o indivíduo gosta daquilo que está fazendo, mais motivado ele está a executar uma tarefa e mais criativo ele será. E, por último, Sternberg afirma que o ambiente em que o indivíduo está inserido influencia tanto no surgimento de novas ideias quanto na validação delas. Sternberg e Lubart (1991) ressaltam que esses fatores não são necessariamente complementares, mas interagem entre si.

## A FOTOGRAFIA E SEUS PROCESSOS

Assim como o conceito de criatividade, o ato de fotografar pode ser analisado através de diversos pontos de vista. Para Kossoy (2001), a fotografia está sempre atrelada a alguma intenção ou motivação que faz o sujeito clicar e registrar determinada cena. Independentemente da razão pela qual a imagem é capturada, o autor acredita que a fotografia revela não só o fotografado, mas também a personalidade do fotógrafo e sua visão quanto ao assunto retratado. “A própria atitude do fotógrafo diante da realidade, seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens” (KOSSOY, 2001, p. 45). Do mesmo modo, Sternberg (2006) também destaca a importância da essência do indivíduo para o processo criativo quando



fala que aquele que está disposto a superar obstáculos e assumir riscos está mais próximo da criatividade do que aquele que decide seguir na sua zona de conforto. Portanto, assim como a personalidade do indivíduo influencia o seu ser criativo, ela também teria um papel importante no processo de criação de fotografias por parte do fotógrafo.

## A INDÚSTRIA CRIATIVA E O MERCADO FOTOGRÁFICO

Para Florida (2011, p. 5), a criatividade “é o fator determinante da vantagem competitiva. Em praticamente todos os setores da economia [...], aqueles que conseguem criar e continuar criando são os que logram sucesso duradouro”. Dessa forma, o indivíduo que se mantém criativo diante da rotina e demais afazeres relativos ao seu trabalho acabaria se destacando em relação à concorrência.

Para criar e transformar o que vê em um produto comercializável, o fotógrafo precisa, principalmente, de uma câmera. Em relação a valores, atualmente o mercado oferece cameras DSLR consideradas “de entrada” a partir de R\$ 1.800,00. Os recursos aumentam de forma concomitante ao valor cobrado pelo equipamento. Uma câmera com qualidade superior de imagem e ótimo desempenho em situações de pouca luz, por exemplo, pode custar cerca de R\$ 55.000,00 (CANON, 2020).

## NÍVEL ECONÔMICO DOS FOTÓGRAFOS

A fotografia é uma área com diversas possibilidades de atuação. Entre tantas possibilidades e diferentes relações de trabalho, torna-se impossível delimitar, de forma definitiva, o nível econômico dos fotógrafos no Rio Grande do Sul ou, ainda, no Brasil. É possível notar, porém, certos indicadores sociais e econômicos entre os fotógrafos, de forma a distingui-los. Um dos principais é o valor cobrado pelos serviços fotográficos.

No campo da fotografia social, mais especificamente no setor de eventos, os valores variam de acordo com o tipo de evento, a região e o profissional. Por exemplo, um fotógrafo da região Sul do Brasil que é conhecido no meio fotográfico, participa de eventos como palestrante e acumula prêmios relacionados à fotografia, cobra de R\$ 7.000,00 até R\$ 21.000,00 pela cobertura fotográfica de um casamento. Já um fotógrafo iniciante no ramo de eventos, que ainda não foi premiado e não é tão popular na sua região, cobra entre R\$ 3.200,00 e R\$ 7.100,00 pelo mesmo serviço (FOTOLOGIA, 2018). Sendo assim, destaca-se a disparidade de valores



recebidos pelos diferentes tipos de serviços fotográficos em função da falta de regulamentação da profissão e o quanto isso influencia o nível econômico dos fotógrafos. Do mesmo modo que a fotografia é, por vezes, inclassificável (BARTHES, 1984), seu valor também acaba sendo uma questão de interpretação.

## METODOLOGIA

Com o propósito de selecionar os entrevistados, desenvolveu-se um questionário quantitativo que foi divulgado nas redes sociais e também enviado individualmente para cerca de 250 fotógrafos do Rio Grande do Sul, via Instagram e Facebook. Ao final do questionário, informou-se que a próxima etapa seria uma entrevista qualitativa com alguns fotógrafos. O questionário ficou disponível por 44 dias, e foi respondido por 105 fotógrafos, todos do Rio Grande do Sul. Destes, 40 se disponibilizaram a participar da segunda etapa.

Para a etapa de entrevistas qualitativas selecionou-se quatro fotógrafos (dois homens e duas mulheres). A escolha dos profissionais se deu a partir de parâmetros disponibilizados no questionário. Para facilitar o entendimento dos perfis dos entrevistados, esses dados foram dispostos no Quadro 1, abaixo.

Quadro 1 – Perfil econômico dos entrevistados

	Fotógrafa A	Fotógrafa B	Fotógrafo C	Fotógrafo D
Valor estimado em equipamentos	R\$ 5.000,00	R\$ 10.000,00	R\$ 30.000,00	R\$ 40.000,00
Valor médio cobrado pelo trabalho	R\$ 500,00	R\$ 1.000,00	R\$ 2.000,00	R\$ 4.000,00
Classe social <sup>1</sup> dos clientes	Classe C	Classe B2	Classe B1	Classe A

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Como os dados relativos ao perfil socioeconômico, equipamentos e estrutura dos entrevistados já haviam sido definidos, o foco das entrevistas foi o processo criativo, as diferentes formas de resolver problemas artísticos e gestores na fotografia e o impacto dessas possíveis adversidades no desempenho dos entrevistados.

<sup>1</sup> Para determinar a classe social, adotou-se a estimativa para a renda média domiciliar para os estratos do Critério Brasil (ABEP, 2020).



## ANÁLISE

Depois das entrevistas, foi realizada a transcrição dos áudios, seguida da sua leitura e significação, seguindo o método de análise textual discursiva sugerido por MORAES (2003). A seguir, foram definidas as categorias: Motivação, Personalidade, Conhecimento e Equipamento. Esses conceitos-chave foram utilizados como lentes de pesquisa e análise do *corpus*. Elencaram-se, então, as quatro unidades subtextuais que apareceram nos discursos e serão abordadas a seguir:

### A MOTIVAÇÃO PARA CONTAR HISTÓRIAS

A partir da ideia da motivação como um componente da criatividade (STERNBERG, 2006), questionou-se o motivo pelo qual os entrevistados fotografam e suas motivações para fazê-lo. Em comum, há a vontade de contar histórias através da fotografia. O propósito do Fotógrafo C é “que as pessoas consigam olhar e perceber uma série de conexões e vivências dentro daquele quadro visual”. O Fotógrafo D diz que, com o passar do tempo, foi entendendo a importância da fotografia como um resgate da história daqueles que fotografa. Para os fotógrafos C e D, assim como para Sontag (2004), as fotos são a concretização de realidades já existentes, mas que só a câmera é capaz de revelar.

Independente das suas motivações, é evidente a ligação emocional dos entrevistados com seu trabalho e o quanto isso influencia as suas criações. Assim como afirma Sternberg (2006), quanto mais o indivíduo gosta do que está fazendo, mais motivado ele é e, conseqüentemente, mais criativo ele será.

### A PERSONALIDADE ATRELADA AO OLHAR FOTOGRÁFICO

Assim como Sternberg e Lubart (1991), Kossoy (2001), Sontag (2004) e Carrol (2014), os entrevistados também acreditam que a sua personalidade influencia seu processo criativo e, conseqüentemente, a sua fotografia. Ao se descrever como uma pessoa irônica, inquieta e debochada, o Fotógrafo D diz que, embora não seja a sua intenção colocar essas características em sua fotografia, é inevitável: “Minha fotografia é totalmente irônica [...] Isso é muito eu, eu sou muito assim”. Esse discurso vai ao encontro do que Kossoy (2001) e Sontag (2004) propõem quando sugerem que as fotografias são autorretratos que traduzem a intenção do fotógrafo e seu humor e convicções a respeito do tema a ser fotografado.



## A FERRAMENTA IDEAL

Um dos principais fatores mencionado nas entrevistas como influência do resultado final das fotografias foi o conhecimento e preparo para o trabalho, no sentido de conhecer seu equipamento e conseguir extrair o máximo possível dele. Para o Fotógrafo D, “o conhecimento está ligado a eu conhecer o meu equipamento. Não é ter um equipamento bom. É ter conhecimento do equipamento que eu carrego. Isso é fundamental”. Em situações adversas, ele acredita que o profissional deve encontrar uma solução com as ferramentas que tem, mas nunca deve deixar de fotografar. Além do conhecimento, essa fala pode ser relacionada a outro fator mencionado por Sternberg (2006) como parte do ser criativo: as habilidades intelectuais. O modo como o indivíduo lida com seus problemas e questões, assim como a sua habilidade para lidar com situações adversas (como não possuir o equipamento ideal para determinado trabalho, por exemplo), influenciará o seu processo criativo.

## O EQUIPAMENTO COMO ECONOMIA DE TEMPO

Embora tenham relatado que, na maioria das vezes, foi possível resolver a falta dos equipamentos considerados ideais, todos os entrevistados relacionaram a qualidade do equipamento a sua produtividade. “Hoje em dia eu considero que tenho um equipamento legal. Então, o meu pós-produção não me demanda muito tempo”, diz o Fotógrafo C. Por outro lado, no início de sua carreira, quando possuía um equipamento mais simples, ele relata que investia muito mais tempo na edição das imagens. E conclui, dizendo: “De fato, eu acho que o equipamento me permite uma economia de tempo nesse sentido”.

Paralelamente, o Fotógrafo D, relaciona o tempo com a sua energia durante o ato de fotografar, quando questiona: “Se eu estou em um casamento em que eu tenho 15 horas para trabalhar, quantas horas eu trabalhei preocupado com o que tá acontecendo ao meu redor e quantas horas eu trabalhei preocupado com meu equipamento?”. E conclui afirmando que “o nosso trabalho é o que fotografamos. Nisso que a gente tem que gastar mais energia, na minha opinião”.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos discursos dos participantes desta pesquisa e dos autores citados na fundamentação teórica, fica evidente a influência de fatores relacionados à criatividade no ato de fotografar. Dentre eles, destaca-se a personalidade como componente essencial do olhar fotográfico e a vontade de contar histórias como uma de suas motivações principais.

Além disso, evidencia-se o equipamento fotográfico como fator de influência nas fotografias sob diferentes aspectos. Um dos aspectos atrela as ferramentas ao conhecimento, ao sugerir que o fotógrafo que sabe extrair o máximo possível de seu equipamento alcançará um resultado superior em relação à concorrência. O segundo aspecto relaciona o equipamento com o tempo, quando estabelece-se um paralelo entre a qualidade do equipamento com a produtividade que ele proporciona, visto que possibilita mais agilidade ao ato de fotografar.

Por hora, assim como Howkins (2013) descreve o empreendedor criativo como alguém que libera a sua riqueza através da criatividade que, se bem administrada, vai resultar em mais riqueza, fica evidente que, quanto mais tempo disponível tem o fotógrafo, mais ele pode produzir e, dessa forma, aumentar seus rendimentos. Posto que, aqui, o tempo está relacionado a dinheiro, foram encontradas evidências de que a criatividade é um fator decisivo, que equilibra a diferença de recursos financeiros e tecnológicos, ao passo que o tempo destinado a encontrar soluções para resolver essas questões poderia ser utilizado para o aperfeiçoamento de outros aspectos importantes da carreira do fotógrafo, deixando-o em desvantagem em relação à concorrência.

Em complemento, destaca-se o olhar fotográfico como fator determinante em todo o processo de produção de fotografias, uma vez que os participantes da pesquisa versam a respeito do indivíduo como um guia para as suas fotografias, tendo o equipamento como complemento. Ainda que saibam da importância de um equipamento de qualidade, os entrevistados não o colocam acima da sua sensibilidade. Em um mundo em que captar imagens é algo cada vez mais acessível a todos, a ferramenta talvez deixará de ser tão importante e o que passará a fazer diferença será a forma como a fotografia é conduzida, como o fotógrafo faz o cliente sorrir ou o seu olho brilhar. É o fator humano se sobressaindo à tecnologia.



## REFERÊNCIAS

- ABEP - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. **Critério Brasil 2020**. São Paulo, 2020. Disponível em: <http://www.abep.org/criterio-brasil>. Acesso em: 08 jun. 2020.
- BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BODEN, M. A. **The Creative Mind: Myths and Mechanisms**. 2. ed. Londres: Routledge, 2004.
- BUSSELLE, M. **Tudo sobre fotografia**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1979.
- CANON DO BRASIL. **EOS 1D X MKIII CORPO**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.loja.canon.com.br/pt/canonbr/cameras-canon/cameras-profissionais-eos-dslr/eos-1dx-mkiii-corpo>. Acesso em: 13 jun. 2020.
- CARROLL, H. **Leia isto se quer tirar fotos incríveis**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.
- FLORIDA, R. **A ascensão da classe criativa**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- FOTOLOGIA. **17 fotógrafos revelam seus orçamentos de fotografia**. Caxias do Sul, 2018. Disponível em: <http://materiais.fotologia.net/extra86>. Acesso em: 13 jun. 2020.
- HOWKINS, J. **Economia criativa: como ganhar dinheiro com ideias criativas**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2013.
- KAUFMAN, J. C.; BEGHETTO, R. A. Beyond Big and Little: The Four C Model of Creativity. **Review of General Psychology**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 1-12, 2009.
- KOSSOY, B. **Fotografia & história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LUBART, T. I. Models of the Creative Process: Past, Present and Future. **Creativity Research Journal**, Londres, v. 13, n. 3-4, p. 295-308, 2001.
- MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- STERNBERG, R. J. The Nature of Creativity. **Creativity Research Journal**, Londres, v. 18, n. 1, p. 87-98, 2006.
- STERNBERG, R. J.; LUBART, T. I. An Investment Theory of Creativity and its Development. **Human Development**, Basel, v. 34, n. 1, p. 1-31, 1991.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

## DOS AÇORES A JAGUARÃO: PERCURSO MIGRATÓRIO, FONTES E ITINERÁRIOS DE PESQUISA

FROM AZORES TO JAGUARÃO: MIGRATORY ROUTE, SOURCES AND RESEARCH  
ITINERARIES

Letícia Vieira Braga da Rosa; Claudia Schemes

Universidade Feevale

**Resumo:** Imigração açoriana é o tema deste artigo, que tem como objetivo discutir o percurso metodológico utilizado para realizar a identificação das famílias açorianas que a partir de 1746, foram transportadas dos Açores para o Brasil Meridional, dando origem ao município de Jaguarão. De uma perspectiva interdisciplinar, a investigação combina uma multiplicidade de perspectivas teóricas e metodológicas, como a Sociologia Compreensiva de Weber (1979), a proposta de Micro-história de Levi (2000), o Interacionismo Simbólico, de Mead (1973) e a estratégia de Triangulação de Denzin (2009). Utilizada como alternativa de validação que abrange uma variedade de dados, investigadores, teorias e métodos, a triangulação possibilitou mapear os múltiplos territórios envolvidos nos deslocamentos realizados, distantes entre si no tempo e no espaço. Aliar a pesquisa documental a essas bases de dados preexistentes permitiu conhecer o percurso e as conexões desse grupo em seus ciclos migratórios, desde a saída das ilhas; a travessia do Atlântico; o desembarque e período de permanência em Santa Catarina; a passagem para o Rio Grande; o transporte para o território espanhol, onde fundaram San Carlos, em Maldonado; e, o regresso de parte da família ou de seus descendentes ao território português, ocupando a região entre os rios Piratini e Jaguarão.

**Palavras-chave:** Imigração. Açorianos. Brasil Meridional. Triangulação.

**Abstract:** Azorean Immigration is the theme of this article, with the objective of discussing the methodological approach used to identify the Azorean families that from 1746 were transported from Azores to Meridional Brazil, originating the city of Jaguarão. From an interdisciplinary perspective, the investigation combines a multiplicity of theoretical and methodological perspectives, like Weber's Comprehensive Sociology, Levi's Microhistory, Mead's Symbolic Interactionism and Denzin's Triangulation Strategy. Used as form of validation that covers a variety of data, investigators, theories and methods, the triangulation allowed mapping the multiple territories involved in the accomplished displacements, distant among themselves in time and space. Combine the documental research to these preexistent databases granted knowing the route and the connections of this group in its migratory cycles, since the departure from the islands; the crossing of the Atlantic; the landing and the stay period in Santa Catarina; the passage to Rio Grande; the transport to the spanish territory, where they founded San Carlos, in Maldonado; and the return of part of the family or its descendants to the portuguese territory, occupying the region between Piratini and Jaguarão rivers.

**Keywords:** Immigration. Azoreans. Meridional Brazil. Triangulation.

### INTRODUÇÃO

O Arquipélago dos Açores constitui uma Região Autónoma da República Portuguesa e é composto por nove ilhas, divididas em três grupos geográficos. O Grupo Oriental abarca as ilhas de Santa Maria e São Miguel; o Grupo Central abrange Faial, Graciosa, Pico, São Jorge e Terceira; e o Grupo Ocidental inclui as ilhas do Corvo e Flores. De clima temperado úmido e formação



feevale.br/cidi2021





vulcânica, localiza-se no Oceano Atlântico Norte, a cerca de 1430 km do Continente Europeu, totalizando uma área de 2.334 km<sup>2</sup> (REOT.A, 2003).

As ilhas foram ocupadas no século XV por diversos grupos além dos portugueses, especialmente flamengos e espanhóis, visto que não havia em Portugal um número suficiente de pessoas interessadas em participar desse povoamento. A partir do século XVIII, D. João V, rei de Portugal, iniciou o programa de colonização do sul do Brasil, promovendo a imigração açoriana, como forma de proteger suas conquistas, dando continuidade ao projeto de expansão, frente à ameaça de invasão espanhola (ROSA, 2013).

Com o edito real de 31 de agosto de 1746 foi estabelecido o programa de transferência dos açorianos para o sul do Brasil, que ficaram conhecidos como “casais do número”, “casais das ilhas” ou “casais del rey”. A proposta incluía terras, ferramentas, alimentação e ajuda de custo aos que aceitassem emigrar. “Se dará a cada casal um quarto de légua em quadra, para principiar a sua cultura [...] E quando, pelo tempo adiante tenham família com que possam cultivar mais terra, a poderão pedir ao Governador” (EDITAL... in ARCHIVO, 1890, p. 381).

O primeiro grupo partiu da ilha Terceira em 6 de outubro de 1747, chegando no dia 6 de janeiro de 1748 em Santa Catarina, onde foram instalados (PIAZZA, 1999). A partir de 1752, os que chegavam em melhores condições ainda podiam sofrer uma nova viagem, sendo enviados à vila do Rio Grande (QUEIROZ, 1985). Em 1763, com a tomada da vila do Rio Grande pelos espanhóis, cerca de 90 famílias açorianas foram levadas para a região de Maldonado, no território espanhol, com a intenção de formar um novo povoado: San Carlos<sup>1</sup> (PAGOLA, 2007). Em 1777, com o Tratado de Santo Ildefonso, muitas dessas famílias retornaram para o território português, buscando ocupar a faixa territorial entre os rios Piratini e Jaguarão (FRANCO, 1980).

Esses fatos instigaram a pesquisa de doutorado sobre sobre imigração e presença dos açorianos e seus descendentes na região de Jaguarão. Neste artigo tem-se como objetivo discutir o percurso metodológico utilizado para realizar a identificação das famílias açorianas que a partir de 1746, foram transportadas dos Açores para o Brasil Meridional, dando origem ao município de Jaguarão.

Em relação ao quadro teórico, a investigação tem o aporte dos estudos de Georg Herbert Mead (1973), sobre a noção de interação simbólica; Georg Simmel (2006), sobre interação e relações sociais; e, Robert Ezra Park (1928), sobre transformações culturais e movimentos migratórios; apresentados ao longo do texto.

<sup>1</sup> Atualmente San Carlos é um município do departamento de Maldonado, localizado no país vizinho, o Uruguai.



## MAPEAMENTO DO PERCURSO: ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

De uma perspectiva interdisciplinar, relacionando sociologia e história, esta investigação combina uma multiplicidade de perspectivas teóricas e metodológicas, como a Sociologia Compreensiva de Weber (1979), a micro-história de Levi (2000), o Interacionismo Simbólico, de Mead (1973) e a triangulação de Denzin (2009).

Enquanto método de abordagem, a Sociologia Compreensiva proposta por Max Weber (1979), sugere a compreensão da sociedade tomando o homem como o objeto das ciências sociais e seus atos como unidade básica de explicação, investigando as relações que se estabelecem a partir dos indivíduos e suas ações sociais.

Weber propõe a análise dos fenômenos culturais em seu contexto universal, a partir de perspectivas específicas e parciais, que permitam selecionar, analisar, organizar e compreender a realidade não no que ela tem de genérico, mas no que é específico (WEBER, 1979).

Dessa forma, o autor propõe que a investigação não incida sobre o geral, o comum, o oficial, mas sim sobre o particular; as trajetórias singulares que compõem a realidade cultural que se quer conhecer. O caso individual é utilizado para a compreensão daquilo que apresenta de característico; o olhar recaindo sobre o singular, visando o que lhe é distintivo e peculiar.

Essa abordagem, pode ser alinhada à proposta de Levi (2000, p. 47), de que “onde aparentemente nada há”, aí podem ser observadas as práticas cotidianas de um fragmento do mundo e, por analogia, temas e problemas gerais. Conceber a história social a partir dos indivíduos ou grupos de indivíduos, sugere uma mudança de parâmetros, abrindo-se à história cotidiana, a “história ao rés-do-chão”, a micro-história (REVEL in LEVI, 2000, p. 25). Essa perspectiva procura entender os movimentos ou transformações coletivas, não a partir do movimento em si, mas dos deslocamentos de cada ator social.

*“Microstorie”* quer ser um experimento, uma proposta, uma verificação de materiais; uma reordenação de dimensões, de personagens, de pontos de vista. E também, mas não necessariamente, a história dos pequenos e dos excluídos. É a história dos momentos, das situações, das pessoas que, indagadas com olhar analítico, em âmbito circunscrito, recuperam peso e cor (GINZBURG; LEVI apud LIMA in CARDOSO VAINFAS, 2012, p. 215).

Esse modo de conceber a história social a partir dos indivíduos comuns ou excluídos, evitando restringir-se a figuras públicas e célebres, abre caminho à investigação dos acontecimentos minúsculos da vida cotidiana de “um lugar banal e de uma história comum” (LEVI, 2000, p. 46).



Para Lima (in CARDOSO; VAINFAS, 2012, p. 222), o estudo intensivo e entrelaçado em escala reduzida, são a proposta da micro-história de reordenação das dimensões, personagens e pontos de vista, como forma de considerar a realidade histórica em sua riqueza e complexidade. Assim, considera-se que a utilização da micro-história pode contribuir com a pesquisa dos movimentos migratórios, enfatizando a história dos indivíduos e famílias e suas articulações ao longo de seus deslocamentos. “A abordagem micro-histórica deve permitir o enriquecimento da análise social, torná-la mais complexa, pois leva em conta aspectos diferentes, inesperados, multiplicados da experiência coletiva” (REVEL in LEVI, 2000, p. 18). Tendo como perspectiva as práticas cotidianas a partir da interação entre indivíduos e sociedade, Mead (1973) propõe que a investigação tenha como foco as relações que se estabelecem, os atos do indivíduo em sua situação social.

À luz do Interacionismo Simbólico, Mead (1973) considera o mundo como um conjunto de referências que o “eu” divide com os “outros”, numa indissociabilidade entre o sujeito e a sociedade, em que a construção social da realidade é, em sua essência, simbólica. Ao considerar o papel do outro, cada indivíduo é sujeito de negociação com o entorno, respondendo a si mesmo da mesma forma que outras pessoas lhe respondem. Nessa interação, cada ação provoca um estímulo para o outro e, também, para quem a iniciou, ocasionando trocas e inter-relações, feitas de atrações e tensões que caracterizam o processo de socialização.

As escolhas realizadas pelos indivíduos como formas de resistência ou adaptação à realidade e às transformações da época, contribuem para que se possa identificar as estruturas invisíveis e a complexa rede de relações nas quais esse vivido se articula.

Nesse sentido, Simmel (2006) caracteriza a sociedade sob o aspecto da influência mútua e determinação recíproca das relações interpessoais. Assim, a sociedade se estabelece a partir de relações de convívio entre indivíduos que reciprocamente se afetam, formam grupos e são determinados pela existência coletiva. Esse “fluxo incessante” de interação, faz da sociedade um “acontecer”, em que laços de associação são feitos, desfeitos e refeitos, em referência ao outro, com o outro, para o outro e contra o outro (ibid, 2006, p. 17).

Segundo Park (1928), as correntes migratórias configuram uma das influências mais importantes nas transformações sociais, pois provocam encontros, divergências e intercâmbio entre indivíduos e culturas. É a partir desse processo de interação simbólica, enfatizando as relações que se estabelecem entre sujeitos que se referenciam e afetam mutuamente, que se busca conhecer o grupo de açorianos presentes nas origens de Jaguarão.



Para tecer os fios dessa história, utiliza-se a estratégia de triangulação de Denzin (2009), para a validação dos diversos dados, investigadores, teorias e métodos que esta pesquisa busca alinhar. Denzin e Lincoln (2006, p. 20) definem a triangulação como “a exposição simultânea de realidades múltiplas, refratadas”, envolvendo a combinação de uma multiplicidade de perspectivas teóricas e práticas metodológicas, que buscam assegurar rigor, fôlego e complexidade, visando alcançar uma compreensão em profundidade do fenômeno investigado. A triangulação contribuiu na organização dos dados referentes aos múltiplos territórios envolvidos - Açores, Portugal, Espanha, Brasil, Uruguai e Argentina - distantes entre si no tempo e no espaço, que abrangem testamentos, inventários, correspondências, registros militares, requerimentos de sesmarias, visitas a cartórios, arquivos públicos e cemitérios, documentos eclesiais, registros de batismo, casamento e óbito.

Cumprе ressaltar a importância dos arquivos digitais, como a documentação histórica manuscrita sobre imigração açoriana, disponível online no Projeto Resgate<sup>1</sup>; a legislação digitalizada do Arquivo Histórico Ultramarino, disponível no site O Governo dos Outros<sup>2</sup>; os Arquivos Digitais do Centro de Conhecimento dos Açores, com acesso aos livros de registros paroquiais dos Açores<sup>3</sup>; e, o Portal Cultura Açores, que dispõe documentação das Bibliotecas Públicas e Arquivos Regionais dos Açores<sup>4</sup>.

Além de documentos originais, também foi realizada a triangulação com bases de dados preexistentes. Cabe destacar a pesquisa de reconstituição de paróquias, desenvolvida nos Açores por Maria Norberta Amorim, cujos dados forneceram informações genealógicas e demográficas sobre as famílias açorianas, antes do período de imigração para o sul do Brasil.

Com vistas ao diálogo interdisciplinar, a proposta de Amorim envolve a articulação dos registros de nascimentos, casamentos e óbitos e o cruzamento de informações “de forma a acompanhar, em encadeamento genealógico, a história de vida de cada residente, tenha ele nascido na paróquia, entrado nela pelo casamento ou simplesmente nela ter falecido” (AMORIM, 1995, p. 94).

<sup>1</sup> O Projeto Resgate está inserido no Projeto Memória do Brasil, na Organização dos Fundos Manuscritos do Período Colonial. Disponível no acervo digital da Biblioteca Nacional: <http://resgate.bn.br/>.

<sup>2</sup> O site O Governo dos Outros, Imaginários Políticos do Império Português (1496 - 1961), disponibiliza online três coleções: a legislação *IusLusitaniae* – Fontes Históricas do Direito Português; as coleções Boletim do Conselho Ultramarino e Legislação Novíssima do Ultramar; e, legislação avulsa relativa aos territórios imperiais e às populações que aí residiam. Disponível em <http://www.governodosoutros.ics.ul.pt>.

<sup>3</sup> Fundos Paroquiais dos Açores (Inventário Genealógico) dos Arquivos digitais do Centro de Conhecimento dos Açores. Disponível em <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ig/registos/Default.aspx>.

<sup>4</sup> Biblioteca Digital que agrupa obras das Bibliotecas Públicas e Arquivos Regionais dos Açores e do Centro de Conhecimento dos Açores. Disponível em <http://www.culturacores.azores.gov.pt/bd/Default.aspx>.



Os resultados dessa pesquisa, dispostos em fontes abertas online<sup>5</sup> e que compõem o Repositório Genealógico<sup>6</sup> açoriano, contribuíram com informações sobre as famílias nos Açores, antes da imigração ao sul do Brasil, pois permitiram recriar o percurso de vida de cada indivíduo e sua família, ligando-os à geração anterior e à geração seguinte.

A esses dados soma-se às pesquisas realizadas em Rio Grande, por Alda Maria Jaccottet e Raquel Domínguez de Minetti (2018); e, em Jaguarão, a pesquisa de Maria Coleta Dutra da Silveira Almeida Couto, referente às origens das famílias jaguarenses<sup>7</sup>. Sobre as famílias que povoaram San Carlos, o trabalho de Brenda Pagola (2007) e a pesquisa de Moacyr Domingues (1994). Dispor dessas bases de pesquisa permitiu a triangulação de dados, tendo como foco a identificação da trajetória das famílias dos Açores até Jaguarão.

A partir desse delineamento, pode-se identificar as famílias açorianas em seus deslocamentos até chegar a Jaguarão. Dos cerca de 6.000 açorianos que migraram do Arquipélago a partir de 1746, nem todos receberam as terras prometidas imediatamente após a chegada. Os primeiros foram alocados em Santa Catarina e, os que chegaram a partir de 1752, enviados para o Rio Grande. Os conflitos resultantes da demarcação de limites e os novos acordos diplomáticos entre as duas Coroas Ibéricas fizeram com que muitos desses açorianos não tivessem seu destino definido. Em 1761, ainda havia casais à espera de terras, quando ressurgiu o estado de guerra entre Portugal e Espanha (PESAVENTO, 2014).

Em abril de 1763, o general e governador de Buenos Aires, D. Pedro Cevallos, invadiu e conquistou a vila do Rio Grande, levando cerca de 40 famílias açorianas para a região de Maldonado, no território espanhol, com o objetivo de criar um novo povoado. Entre os anos de 1763 a 1777, cerca de 94 famílias foram transportadas para a região, fundando o povoado de San Carlos. Em 1777, após a assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, muitas dessas famílias açorianas optaram por retornar ao território português; na expectativa de receber finalmente as terras prometidas pelo edito de 1746. Destes, um grupo só terminou seu processo migratório em 1801, quando foram fixados os limites de fronteira em Jaguarão (ROSA, 2012).

<sup>5</sup> Bases de dados de Genealogia, projeto do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, da Universidade do Porto. Disponível em <http://www.ghp.ics.uminho.pt/genealogias.html>.

<sup>6</sup> Sediado na Universidade do Minho, o Repositório Genealógico é uma plataforma que integra diferentes bases de dados e registos paroquiais de domínio público, aplicando técnicas de cruzamento de informações para completar trajetórias de vida e ligações geracionais. Disponível em <http://www.genealog.uminho.pt/Acores.htm>.

<sup>7</sup> Núcleo de Genealogia Alda Maria Jaccottet do Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas, que contém o acervo da genealogista Alda Maria de Moraes Jaccottet, obras de Raquel Domínguez de Minetti e o acervo de Maria Coleta Dutra da Silveira Almeida Couto. Esta base de dados compreende inventários, testamentos, registros de nascimentos, casamentos e óbitos do Brasil, Uruguai, Arquipélago dos Açores, Portugal, ilha da Madeira, Funchal e outros. Disponível em <https://ihgpel.wordpress.com/nucleo-de-genealogia-alda-maria-jaccottet/>.



Entre as famílias açorianas que compuseram a formação inicial de Jaguarão, que eram provenientes de San Carlos e transitavam por toda a região ao sul do rio Piratini, pôde-se identificar os seguintes casais do número: Manoel Gomes de Araújo e Helena da Ressurreição; Felipe Dutra Caldeira e Maria Silveira; Jerônimo de Souza e Izabel Maria; Manoel Vieira Maciel e Luzia Pereira; Manoel Pereira Leal e Izabel Rodrigues, Amaro José da Silveira e Beatriz Maria do Rosário; Pedro Quadrado e Ângela Maria de Souza; José Pereira da Terra e Ana Maria; João de Souza Pereira e Ana Machado; Manoel de Souza Menezes e Antônia Thereza; Caetano Silveira e Ana Maria; Mathias Pereira de Lemos e Thereza de Jesus; Thomás Pereira e Maria da Conceição; Simão Teixeira e Maria Pereira; Lourenço Pereira e Isabel Simoa; Matias Pereira Lemos e Teresa de Jesus; João Souza de Pereira e Ana Machado; Caetano Dutra e Lúcia de Faria.

Devido à abrangência do período investigado e dos diversos deslocamentos realizados, muitos desses “casais do número” listados não chegaram a Jaguarão, falecendo em algum ponto dessa trajetória. Vão ser seus descendentes que vão finalizar o percurso migratório e conquistar o território prometido, constituindo o grupo dos primeiros povoadores de Jaguarão.

#### 4. CONCLUSÃO

Com a triangulação dos dados foram alinhados os diversos dados, investigadores, teorias e métodos utilizados, o que possibilitou mapear os múltiplos territórios envolvidos, distantes entre si no tempo e no espaço e conhecer o percurso e as conexões estabelecidas por essas famílias de imigrantes açorianos.

Após a análise pode-se concluir que essa trajetória está marcada por diversos ciclos migratórios, desde a saída dos Açores, especialmente das ilhas do Faial, São Jorge, Pico e Terceira, a travessia do Atlântico, o desembarque em Santa Catarina, onde permaneceram por um período na região da Lagoa da Conceição e Enseada de Brito; a passagem para o Rio Grande de São Pedro, o transporte para o território espanhol, para fundar San Carlos, em Maldonado e o regresso de parte da família ou de seus descendentes ao território português, constituindo as origens do município de Jaguarão.

Ao observar a trajetória dessas famílias, pode-se traçar as redes de relacionamento, as relações de parentesco e compadrio estabelecidos, que interligavam todo o grupo e foram utilizadas para reforçar parentescos e formar laços de amizade e solidariedade que extrapolavam os laços sanguíneos.



## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Maria Norberta. Reconstituição de paróquias. Uma proposta de diálogo entre historiadores e demógrafos. **População e Sociedade**, n.º 1. Porto: CEPES, Edições Afrontamento, 1995. pp. 93-107. Online. Disponível em <https://www.cepese.pt/portal/pt/populacao-e-sociedade/edicoes/revista-populacao-e-sociedade-no-1/restituicao-de-paroquias-uma-proposta-de-dialogo-entre-historiadores-e-demografos>. Acesso em 27/3/2021.
- AMORIM, Maria Norberta; NEVES, Gene. **O Pico: as famílias: as famílias da Prinha nos finais do século XIX**. São Roque do Pico: CITCEM, 2009. v. 1, t. 6. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/9705>. Acesso em 20/3/2021.
- DENZIN, Norman K. **The Research Act: A Theoretical Introduction to Sociological Methods**. New Brunswick, New Jersey: Transaction Publishers, 2009. E-book.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 432 p.
- DOMINGUES, Moacyr. **Portugueses no Uruguai. São Carlos de Maldonado: 1764**. Porto Alegre: Edições EST, 1994. 98 p.
- EDITAL publicado nas ilhas dos Açores relativo ao transporte de colonos. **Arquivo dos Açores**. v. XI. Ponta Delgada, 1890. Disponível em <https://play.google.com/books/reader?id=9BMrAQAAAMAAJ&hl=ptBR&pg=GBS.PA528>. Acesso em 28/2/2021.
- FRANCO, Sérgio C. **Origens de Jaguarão 1790-1833**. Porto Alegre: Evangraf, 1980. 98 p.
- JACCOTTET, Alda Maria; MINETTI, Raquel D. **Diáspora açoriana**. Pelotas, 2018. 158 p.
- LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 266 p.
- LIMA, Henrique Espada. Micro-história. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 360 p.
- MEAD, George. **Espírito, persona y sociedad**. Buenos Aires: Paidós Studio, 1973. 408 p.
- MENESES, Avelino de Freitas. A População dos Açores em Meados do Século XVIII. In: SANTOS, Carlota; MATOS, Paulo Teodoro de (orgs). **A Demografia das Sociedades Insulares Portuguesas**. Braga: Citcem, 2013. 328 p.
- PAGOLA, Brenda **Y ellos le dieron vida. San Carlos: fundadores y vecinos**. Montevideo: Tradinco, 2007. 717 p.
- PARK, Robert Ezra. Human Migration and the Marginal Man. **American Journal of Sociology**, v. 33, nº 6: 881 – 893. 1928. Online. Disponível em [www.jstor.org/stable/2765982](http://www.jstor.org/stable/2765982). Acesso em 27/3/2021.
- PESAVENTO, Sandra. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: MartinsL., 2014. 138p.
- PIAZZA, W. **A epopeia açórico-madeirense: 1747-1756**. Florianópolis: UFSC, 1999. 393 p.
- QUEIROZ, Maria L. **A Vila do Rio Grande de São Pedro, 1737-1822**. Florianópolis/SC,



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Santa Catarina, 1985. Disponível em <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/75245>. Acesso em 19/12/2018.

REOT.A 2003. **Relatório do Estado do Ordenamento do Território dos Açores 2003**. Secretaria Regional do Ambiente e do Mar. Disponível em [http://ot.azores.gov.pt/store/inc/docs\\_pota/58/REOTA\\_2003.pdf](http://ot.azores.gov.pt/store/inc/docs_pota/58/REOTA_2003.pdf). Acesso em 12/3/2021.

ROSA, Letícia Braga da. **Trajatória açoriana em San Carlos**. Novo Hamburgo/RS, Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais), Universidade Feevale, 2012. Disponível em: <http://biblioteca.feevale.br/Dissertacao/DissertacaoLeticiaRosa.pdf>.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 119 p.  
WEBER, Max. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1979. 168 p.

WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. **A Colonização açoriana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 1979. 140 p.





## “BRASIL ACIMA DE TODOS”: O ETHOS CRÍTICO DE UMA CAPA DE JORNAL NA PANDEMIA DA COVID-19

### “BRAZIL ABOVE ALL”: THE CRITICAL ETHOS OF A NEWSPAPER COVER IN THE COVID-19 PANDEMIC

Luis Henrique Boaventura; Maria Joana Chaise; Viviane Demetrio da Silva

Universidade de Passo Fundo

**Resumo:** o presente trabalho examina a formulação de um ethos crítico à administração da crise sanitária da COVID-19 pelo Governo brasileiro por parte de uma capa do jornal *Extra* de março de 2021. A capa noticia a primeira posição mundial do Brasil em número de mortes diárias pelo novo coronavírus através de uma das frases mais utilizadas pelo atual presidente durante as eleições de 2018: “Brasil acima de todos”. O objetivo é analisar o ethos elaborado pela capa do jornal e que efeitos de sentido ele produz. O marco teórico se situa nas reflexões sobre ethos e destacabilidade de Dominique Maingueneau (2018, 2020). Conclui-se que, apesar de utilizar uma frase aparentemente neutra e sem ataques explícitos ao Governo, o jornal *Extra* consegue transmitir um efeito de sentido crítico à administração federal ao apoiar-se sobre o ethos pré-discursivo do atual presidente e ao destacar estrategicamente sua frase emblemática para a produção de um ethos efetivo de oposição à política da crise.

**Palavras-chave:** Ethos. Destacabilidade. Jornalismo. COVID-19.

**Abstract:** the present work examines the formulation of a critical ethos for the administration of the health crisis of the COVID-19 by the Brazilian Government in a cover of the *Extra* newspaper of March 2021. The cover reports the Brazil's first worldwide position in number of daily deaths by the new coronavirus through one of the most used phrases by the current president during the 2018 elections: “Brazil above all”. The objective is to analyze the ethos elaborated by the newspaper's cover and what effects of meaning it produces. The theoretical framework is located in the reflections on scenography and ethos by Dominique Maingueneau (2018, 2020). It is concluded that, despite using an apparently neutral phrase and without explicit attacks to the Government, the newspaper *Extra* manages to transmit a critical sense effect to the federal administration by relying on the pre-discursive ethos of the current president for the production of a effective ethos of opposition to the policy of the crisis without making a nominal criticism.

**Keywords:** Ethos. Detachability. Journalism. COVID-19.

## 1 INTRODUÇÃO

Nas semanas que antecederam o pleito eleitoral de 2018, o jornal carioca *Extra* pediu aos então candidatos à presidência que posassem para uma foto com uma cópia do “jornal do futuro”: o que eles esperavam que seria manchete de capa ao final de seus governos. Fernando Haddad escolheu “Brasil tem emprego e educação para todos”; Ciro Gomes quis “Brasil bate recorde de empregos”; Jair Bolsonaro, por sua vez, desejou que a manchete do seu governo fosse “Brasil acima de tudo, Deus que não tenha sido exatamente como imaginado”. Deus,



afinal de contas, escreve certo por linhas tortas (e parece ter sido esperto o suficiente para se manter de fora da manchete real).

A crise sanitária e humanitária provocada pela pandemia da COVID-19 expôs vícios ideológicos que se mostraram letais nas primeiras semanas e absolutamente catastróficos nos meses que se seguiram à dispersão do vírus. Resistência às recomendações da OMS, ao isolamento, à compra de vacinas e até mesmo ao uso de máscaras por parte da principal voz do Governo constituiu um exemplo de comportamento fatal seguido por centenas de milhares de pessoas, o que, aliado à falta de infraestrutura e ao desgoverno do Ministério da Saúde, levaram o Brasil à posição de país onde mais se morre de COVID-19 no mundo um ano após o diagnóstico dos primeiros casos fora da China. Para ilustrar esse contraste (entre o mundo imaginário e o mundo real do Brasil sob a atual administração), o jornal *Extra* reproduziu em sua capa parte da frase que o presidente gostaria de ver como manchete de capa de seu governo: “Brasil acima de todos”. A capa é referente ao dia 24 de março de 2021, em que fora divulgado o número (hoje em muito superado) de 3158 mortes em 24h.

A publicação dessa capa gerou interesse por parte dos autores deste artigo do ponto de vista da análise do discurso de linha francesa, especificamente em relação à destacabilidade e ao ethos elaborado pelo jornal, o que levou ao seguinte problema de pesquisa: como o jornal *Extra* usa a destacabilidade e o ethos pré-discursivo para alcançar um efeito de sentido crítico ao presidente sem precisar atacá-lo? A pesquisa é bibliográfica e exploratória de cunho qualitativo. Desse modo, nosso objetivo é analisar o ethos elaborado pela capa do jornal e que efeitos de sentido ele produz. Concluímos que o jornal *Extra* consegue um efeito crítico à atual administração federal ao operar a destacabilidade de uma frase emblemática da campanha presidencial de 2018 e ao se basear sobre dois ethos prévios (da capa de outubro de 2018 e do próprio presidente), o que, somados ao ethos discursivo (capa de março de 2021), resulta em um ethos efetivo crítico. O texto do presente artigo é breve para se adequar às diretrizes do evento e está estruturado da seguinte forma: 1 *Introdução*; 2 *O ethos crítico e a destacabilidade como estratégia na capa do jornal Extra*, que se subdivide em 2.1 *Ethos e destacabilidade: breve recapitulação* e 2.2 *Metodologia e análise*; e finalmente 3 *Conclusão*. Na sequência, exploramos rapidamente a fundamentação teórica.



## 2 O ETHOS CRÍTICO E A DESTACABILIDADE COMO ESTRATÉGIA NA CAPA DO JORNAL EXTRA

Nesta seção, exploramos primeiramente uma breve fundamentação teórica em relação às noções de ethos e destacabilidade, com base em Dominique Maingueneau (2018, 2020), para em seguida delinear os procedimentos metodológicos e realizar a análise do corpus.

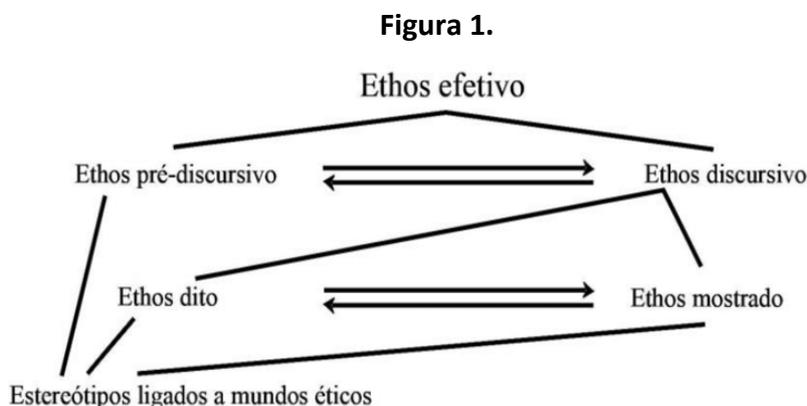
### 2.1 ETHOS E DESTACABILIDADE: BREVE RECAPITULAÇÃO

A noção de ethos em análise do discurso advém de um resgate da abordagem aristotélica ao conceito: em retórica, o *ethos*, ao lado do *logos* e do *pathos*, constitui os meios da prova do orador. O ethos especificamente “designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 220). Aparece nos trabalhos de Ekkehard Eggs, Oswald Ducrot e Ruth Amossy. Em Maingueneau (2020), é abordado lateralmente como “tom” em sua tese de 1984 que deu origem à Semântica Global e aos planos constitutivos do discurso. Naquele texto, o que hoje se entende como cenografia e ethos esteve associado ao plano discursivo “modo de enunciação”. Posteriormente, nos anos 90, Maingueneau (2020) retomou nominalmente o ethos e o integrou ao modo de enunciação sob sua forma atual, embora não sem revisões ao longo dos anos. A abordagem de Maingueneau (2020) se mostrou largamente influente entre os linguistas da análise do discurso, inclusive no Brasil.

O objetivo, através do ethos, é aparentemente simples: “dar uma boa imagem de si capaz de convencer o auditório ganhando sua confiança” (MAINGUENEAU, 2020, p. 9). Determinar o ethos do locutor, por outro lado, não é um processo linear e estritamente enunciativo, mas resultado da interação entre diversos ethos operando em diferentes níveis. O *ethos dito* (o que o locutor afirma sobre si mesmo enquanto enuncia; nem sempre presente) e o *ethos pré-discursivo* (também chamado de *ethos prévio*, que consiste na imagem que o coenunciador detém do locutor com base em experiências anteriores à enunciação) estão ligados aos *estereótipos* e *mundos éticos* depositados no pano de fundo cultural compartilhado pelos parceiros da linguagem. A interação entre o *ethos dito* e o *ethos mostrado* (a imagem de si que o locutor projeta, mesmo à sua revelia, no momento da enunciação) resulta no *ethos discursivo*. Da interação entre esse e o *ethos pré-discursivo* resulta o *ethos efetivo*, aquele que de fato trará



efeitos de sentido ao locutor. Esse esquema é representado por Maingueneau (2008b) na figura 1:



**Fonte: (Maingueneau, 2008b, p. 71)**

Como veremos na análise, a interação entre o ethos pré-discursivo do jornal (com base na capa imaginária de outubro de 2018) e seu ethos discursivo (a capa de março de 2021) foi fundamental para que o jornal *Extra* alcançasse o efeito de sentido pretendido, uma vez que o processo de identificação (análogo à noção de *incorporação*) do parceiro com o ethos do enunciador “só é possível para os leitores de uma revista se os estereótipos sobre os quais ela repousa forem identificáveis no espaço em que circula o texto em questão” (Maingueneau, 2020, p. 18).

Produtos midiáticos constituem parte importante das análises operadas a partir da noção de ethos. O entendimento é de que o jornalismo, tangibilizado em uma diversidade de formatos discursivos, é, conseqüentemente, uma forma de fala, um texto público, que circula pelo ambiente social. Sob essa perspectiva, Traquina (1999) considera que as notícias são índices do real e destaca que, ao produzir determinado discurso jornalístico, o sujeito jornalista realiza uma operação de seleção, exclusão, ou até de acentuação de diferentes aspectos do acontecimento, e com isso o recria, constrói a realidade. Essa construção, é importante citar, precisa filiar-se ao que Bucci (2019) chama de verdade factual, tomando emprestado o termo cunhado por Hannah Arendt, relacionando-a àquela verdade que se erige apoiada estritamente nos acontecimentos e que pode ser descrita conforme se apresenta no plano material daquilo a que chamamos fatos. Apoiado nos fatos, o jornalista tem a tarefa de produzir não apenas o texto, mas também títulos e linhas de apoio. Esses enunciados curtos, que resultam de uma lógica de extração de um fragmento de texto, são nominados por Maingueneau (2008a) como enunciados



destacáveis. Para o autor, o destacamento não se dá somente a partir das sequências destacadas, mas sim ao se considerar as condições que permitem que enunciados sejam destacáveis. A destacabilidade opera, então, uma possível ‘destextualização’ do texto, uma saída de partes do enunciado para uma operação de ênfase em relação ao todo textual. Esse realce pode resultar em manobras de eliminação de modulações, que reforçam a autonomia e o caráter lapidar do enunciado.

Veremos na análise a seguir esses dois momentos da contribuição teórica de Maingueneau (2008a, 2020): (1) um exemplo de enunciado estrategicamente destacado e (2) de que modo os ethos pré-discursivo e discursivo interagem para a produção de um efeito de sentido crítico do jornal para com o Governo Federal em relação à crise da COVID-19.

## 2.2 METODOLOGIA E ANÁLISE

Este trabalho se constitui num estudo de natureza exploratória e de cunho bibliográfico com abordagem qualitativa mediante a AD de linha francesa (especificamente as noções de destacabilidade e ethos); possui o objetivo de analisar o ethos elaborado a partir da capa do jornal *Extra* e os efeitos de sentido que ela produz. A publicação foi realizada no dia 24 de março de 2021 pelo veículo carioca *Extra*; o jornal faz parte do Grupo Globo e está em atuação desde 1998. O marco teórico se situa nas reflexões sobre destacabilidade e ethos de Dominique Maingueneau (2008a, 2020).

Reproduzimos na sequência a foto de Jair Bolsonaro exibindo a capa do jornal *Extra* almejada para seu governo em outubro de 2018 (Figura 2) e uma capa real do jornal carioca de 24 de março de 2021 após mais um dia de recorde de mortes por COVID-19 no Brasil (Figura 3).



Figura 2.



Fonte: extra.globo.com (2018)

Figura 3.



Fonte: vercapas.com.br (2021)





Como apontado anteriormente, o jornal *Extra* obtém um efeito de sentido crítico ao atual mandatário do governo sem que, para isso, precise atacá-lo nominalmente. Esse efeito é alcançado, principalmente, em dois passos. Em primeiro lugar, com a construção do título, uma forma de destacar e, ao mesmo tempo, realçar parte da frase que se tornou mantra da campanha bolsonarista de 2018, reencarnada agora, em 2021, com novíssimo sentido.

A operação de destacabilidade, na concepção de Maingueneau (2008a), precisa ser entendida enquanto um movimento de realce enunciativo. Ao noticiar a pandemia, cotidianamente os veículos de comunicação impressos, como é o caso do jornal *Extra*, são desafiados a nomear o acontecimento eleito para ser apresentado como o mais importante e sintetizá-lo numa manchete. Ao produzirem um título que resume o que será retratado, operam processos de seleção, edição e formatação do acontecimento e, com isso, recriam-no (TRAQUINA, 1999). A operação desse processo estabelece uma relação de retomada de algo antes veiculado, porém em outra cena enunciativa. O movimento de destacabilidade formata, portanto, a partir de um fragmento de texto, um percurso interpretativo. No caso da análise empreendida, o trecho destacado pelo jornal em sua capa em 2021 manifesta os dados concretos do enfrentamento da pandemia que têm colocado o país “acima de todos”: onde mais pessoas morrem de COVID-19 no mundo. O Brasil retratado pelo *Extra* contrasta com aquele que Bolsonaro representou quando, ainda candidato, formatou um ideal de manchete que gostaria de ler no futuro. O percurso interpretativo que a manchete destacada constrói é de cobrança da responsabilidade do gestor a partir do realce da realidade de um país que se sobressai entre os demais da maneira mais negativa possível, em óbitos de seus cidadãos. Tangencialmente, o jornal também manifesta ao leitor uma imagem de descrédito em relação ao presidente eleito, justamente em função de sua pretensa manchete ter se traduzido, na realidade, em algo bem distante do ideal pretendido pela manchete proposta por Bolsonaro quando candidato, em 2018.

Em segundo lugar, deve-se notar que esse procedimento é operado dentro de um *framework* consistente com o ethos pré-discursivo de Jair Bolsonaro e com o ethos pré-discursivo que o jornal elaborou na produção da foto do então candidato em 2018 segurando sua capa imaginária. Há em jogo, então, uma interação entre diferentes ethos prévios com um ethos discursivo (do jornal) para obtenção de um efeito de sentido crítico contra o presidente, sendo que esse efeito depende ativamente de o leitor conhecer o cenário em que essa interação acontece, ou seja: exige-se nessa enunciação que o leitor compartilhe com o locutor (jornal *Extra*) dos mesmos dados estereotípicos e mundos éticos sobre os quais se baseiam os ethos



prévios com os quais o ethos discursivo interage. De acordo com Maingueneau (2018, p. 323), referindo-se ao ethos prévio, “[...] os destinatários geralmente têm uma representação do locutor anterior a seu discurso. Isso é particularmente evidente para aqueles que ocupam a cena midiática”.

Em outras palavras, para compreender a capa de 24 de março de 2021 em toda sua intenção discursiva, o leitor deve conhecer tanto Jair Bolsonaro e sua frase emblemática quanto as fotos que os presidentes de 2018 tiraram para o jornal *Extra* com suas capas idealizadas. Podemos representar essa interação da seguinte maneira:

$$\begin{aligned} & \textit{Ethos pré-discursivo A} \text{ (ethos de Jair Bolsonaro anterior ao discurso)} \\ & \quad + \\ & \textit{Ethos pré-discursivo B} \text{ (foto do então candidato com a capa do Jornal Extra em 2018)} \\ & \quad + \\ & \textit{Ethos discursivo} \text{ (capa do Jornal Extra de 24 de março de 2021)} \\ & \quad = \\ & \textit{Ethos efetivo} \text{ (efeito de sentido crítico ao presidente)} \end{aligned}$$

O efeito de somente um desses ethos prévios sobre o outro é claro ao considerarmos o que cada um soma ao cenário pretendido pelo jornal. É possível, por exemplo, que boa parte dos leitores tenha conhecimento apenas do primeiro ethos prévio; nesse caso, apesar de certo efeito crítico ainda poder ser alcançado, é seguro dizer que porção substancial da ironia mórbida alcançada pela capa de 2021 se perde na tradução. Além disso, seria possível considerar, caso o espaço para argumentação neste artigo fosse maior, o *ethos iconotextual* (MAINGUENEAU, 2018, 2020) do jornal ao contrastar o fundo negro da capa de 2021 contra o fundo branco em 2018; a bandeira nacional fremente ao vento sobre o céu azul do mundo imaginário contra a terra arrasada de um superlotado cemitério carioca no deserto do mundo real.

Diante do que foi exposto até aqui, chegamos à conclusão de que o jornal chega a um ethos efetivo crítico através da interação entre os ethos prévios do presidente e do próprio jornal com o ethos discursivo da capa atual, que destaca estrategicamente o enunciado anterior do presidente para conferir-lhe novo sentido. Passaremos na sequência aos resultados e considerações finais.



### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho amparou-se na construção de um ethos, desencadeada pela revista, que mesmo estabelecendo uma relação direta com a publicação anterior, não o faz de maneira explícita. Ao manter parte da manchete original, “acima de todos”, e alternar o enunciador de Deus para Brasil, exclui-se a conotação religiosa e se reforça a noção de que o país está nesta posição ocupada pelos expressivos números de óbitos. Ele continua “acima de todos”, mas de acordo com o ethos projetado pelo jornal, esse pódio é agora negativo.

Nosso objetivo, conforme enunciado na Introdução, foi analisar o ethos elaborado pela capa do jornal e que efeitos de sentido ele produz. Verificamos a partir da análise que o leitor apenas conseguirá apreender o efeito completo da capa de 2021 se tiver conhecimento da capa de 2018, da frase usada sobre a qual o jornal operou a destacabilidade, e compartilhar com o editor do jornal dos mesmos dados estereotípicos e mundos éticos, além de o mesmo ethos pré-discursivo em relação ao presidente Jair Bolsonaro.

Convém anotar também que este trabalho possui certas limitações: seria possível, certamente, fazer uma análise do ethos iconotextual das duas capas que compõem o *corpus*, além de uma exploração mais profunda dos conceitos que acompanham as reflexões de Maingueneau (2020) sobre o ethos, como fiador, incorporação, ethos categorial, mundo ético e estereótipos. Tal discussão, contudo, considerando o limite de páginas exigido para este evento, terá de ficar para a próxima oportunidade.

Concluimos, dessa forma, que o jornal utilizou o ethos prévio elaborado na capa de 2018 e o ethos prévio do atual presidente ao destacar estrategicamente sua frase emblemática (“Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” retornou como “Brasil acima de todos” em 2021) para ilustrar, a partir de um ethos efetivo crítico, os efeitos nefastos do fracasso governamental no combate à COVID-19. Esperamos contribuir para a expansão das discussões sobre ethos na comunicação social: o processo de retomada de ethos prévios aliado à destacabilidade de enunciados específicos é bastante comum no jornalismo e merece atenção redobrada por deixar geralmente claro o posicionamento e linha editorial do veículo que o utiliza, o que pode ser apontado com clareza através de uma análise discursiva.



## REFERÊNCIAS

BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019. 104p.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso.** São Paulo: Editora Contexto, 2008.

EXTRA. **Candidatos à presidência escolhem manchetes de jornal que gostariam de ver após fim de possíveis mandatos.** 2018. Disponível em: < <https://extra.globo.com/noticias/rio/candidatos-presidencia-escolhem-manchetes-de-jornal-que-gostariam-de-ver-apos-fim-de-possiveis-mandatos-23135017.html> > . Acesso em: 14 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. **Brasil acima de todos.** 2021. Disponível em: < <https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/extra/2021-03-24/> > . Acesso em: 14 abr. 2021

MAINGUENEAU, Dominique. Problemas de ethos. In: POSSENTI, Sírio; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Perez de (Orgs.). **Cenas da enunciação.** São Paulo: Parábola Editorial. 2008a. p.55-73.

\_\_\_\_\_. Citação e destacabilidade. In: POSSENTI, Sírio; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Perez de (Orgs.). **Cenas da enunciação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008b. p. 75-92.

\_\_\_\_\_. Retorno crítico à noção de ethos. In: **Letras De Hoje**, 53(3), 2018, p. 321-330.

\_\_\_\_\_. **Variações sobre o ethos.** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”.** 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.



## FUNÇÕES EXECUTIVAS E JOGOS DIGITAIS PARA CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR: UM MAPEAMENTO SISTEMÁTICO

### EXECUTIVE FUNCTION AND DIGITAL GAMES FOR CHILDREN AT SCHOOL AGE: A SYSTEMATIC MAPPING

Victória Branca Moron; Débora Nice Ferrari Barbosa; Gustavo Roes Sanfelice

Universidade Feevale

**Resumo:** As funções executivas exercem um importante papel na vida infantil, são fundamentais para que a criança possa ter mais autonomia, independência emocional e planejamento de ações. Além disso, um estilo de vida mais tecnológico, associado à cultura digital, deve ser considerado um componente de estímulos ao desenvolvimento da criança, um elemento que faz parte deste contexto é os jogos digitais. Este artigo apresenta um mapeamento sistemático da literatura para identificar estudos que aplicam intervenções relacionadas a funções executivas e jogos digitais para estimular o cognitivo, afim de mostrar uma visão geral da literatura e possíveis lacunas. O estudo foi realizado em quatro bases de dados, incluindo artigos de 2012 a 2021. A pesquisa inicial resultou em 2.603 artigos, dos quais 4 foram selecionados após a aplicação dos critérios de filtro. Os principais resultados obtidos foram: (1) todos os artigos avaliaram as funções executivas básicas, entretanto aplicaram programas de intervenção diferentes; (2) 50% dos estudos utilizou serious game; (3) todos os estudos tiveram melhoras significativas em relação as funções executivas, destacando-se principalmente a memória de trabalho; (4) apenas um estudo foi conduzido em ambiente escolar. Os resultados corroboram para a importância de intervenções envolvendo funções executivas e jogos digitais.

**Palavras-chave:** Cognição. Jogos Digitais. Crianças. Ambiente Escolar.

**Abstract:** Executive function play an important role in children's lives, they are fundamental for the child to have more autonomy, emotional independence and action planning. In addition, a more technological lifestyle, associated with digital culture, should be considered a component of stimulating the child's development an element that is part of this context is digital games. This article presents a systematic mapping of the literature to identify studies that apply interventions and digital games to stimulate the cognitive, in order to show an overview of the literature and possible gaps. The study was conducted in four databases, including articles for 2012 to 2021. The initial search resulted in 2.603 articles, of which 4 were selected after applying the filter criteria. The main results obtained were: (1) all articles evaluated the basic executive functions, however they applied different intervention programs; (2) 50% of the studies used a serious game; (3) all studies had significant improvements in relation to executive functions, especially working memory; (4) only one study was conducted in school environment. The results corroborate the importance of interventions involving executive functions and digital games.

**Keywords:** Cognition. Digital Games. Child. School Environment.

## 1 INTRODUÇÃO

Considera-se que nos primeiros anos da vida escolar podem ocorrer mudanças mais acentuadas na vida da criança, basicamente pela aquisição, diversificação e estabilização das habilidades básicas, tendo a possibilidade de ser um período de grande neuroplasticidade, em





que quando estimulado, o sistema nervoso central pode aprimorar as capacidades de se reorganizar e se adaptar, desenvolvendo suas redes neurais em relação às exigências ambientais (GALLAHUE et al., 2013). Neste processo, as funções executivas, controlam e regulam o comportamento, a fim de atingir objetivos específicos e são fundamentais para que a criança possa ter mais autonomia, independência emocional e planejamento de ações (ZAMANI et al., 2019).

Além disso, um estilo de vida mais tecnológico, associado à cultura digital, deve ser considerado um componente de estímulos ao desenvolvimento da criança. Visto que a tecnologia na sociedade contemporânea é referência na dimensão do lazer, trabalho e conhecimento (DE PAIVA et al., 2015). Um elemento tecnológico que faz parte da cultura digital em que as crianças estão inseridas são os jogos digitais.

Dada a relevância dos estímulos cognitivos e dos jogos digitais na infância, os pesquisadores têm se interessado em entender e propor intervenções que avaliem e/ou promovam as funções executivas. Essas intervenções podem ocorrer em diversos contextos e envolver diferentes métodos. Nesta perspectiva, o contexto escolar se mostra de suma importância, uma vez que consegue trabalhar as intervenções em uma abordagem ecológica, avaliando a criança de forma mais global, natural e dentro do seu cotidiano, considerando seu tempo e espaço, e não apenas no contexto de condições específicas (CARDOSO et al., 2015).

Existem muitos formatos de intervenções, portanto, é necessário entender como e quais as contribuições destas, para estimular as funções executivas. Assim, este artigo apresenta os resultados de um mapeamento sistemático da literatura que analisou estudos que envolvam as funções executivas e o uso de jogos digitais em programas de intervenção em crianças do ensino fundamental I.

## 2 METODOLOGIA

O trabalho tem como base o processo metodológico o mapeamento sistemático proposto por Peterson et al. 2015, cuja execução consiste em quatro etapas distintas: 1) - Definição das questões de pesquisa; 2) - Delimitação do processo de busca; 3) - Definição de critérios para filtragem de resultados; e 4) - Classificação dos resultados para posterior análise.





## 2.1 QUESTÕES DE PESQUISA

Para orientar o processo de pesquisa, foram definidas Questões Gerais (QG), Questões Focais (QF) e Questões Estatísticas (QE). QG1 – Que estratégias foram usadas para conduzir o programa de intervenção? QG2 – Quais são os resultados dos programas de intervenção? QF1 – Quais os testes usados para avaliar as funções executivas? QF2 – Como e quais jogos digitais são utilizados? QE1 – Qual a distribuição de artigos por país? QE2 – Quantos e quais trabalhos envolvem aplicação em ambiente escolar?

## 2.2 PROCESSO DE BUSCA

O processo utilizado para a definição das *strings* de busca automatizada foi baseado no uso de palavras chave específicas. Assim, foi realizada uma investigação com a seguinte *string* de busca: ("*executive function*" OR "*cognition*") AND ("*video game*" OR "*digital game*" OR "*digital technology*" OR "*software*" OR "*mobile device*" OR "*computer*") AND ("*children*" OR "*childhood*"). Esta *string* foi aplicada em 4 bases de dados: PubMed, Scielo, Science Direct e SCOPUS; e incluiu trabalhos publicados entre 2012 e 2021.

## 2.3 FILTRO DE RESULTADOS E EXTRAÇÃO DE DADOS

Foram delineados os seguintes Critérios de Inclusão (CI) para a realização da filtragem dos resultados encontrados nas buscas: (CI1) – Publicações em conferência, *journal* ou *workshop*; (CI2) – Conteúdo completo à disposição e de acesso livre; e (CI3) – Publicações que envolvam crianças em desenvolvimento típico do Ensino Fundamental I, isto é, de 6 a 11 anos. Além disso, também foram definidos os seguintes Critérios de Exclusão (CE): (CE1) – Artigos com mais de 10 anos de publicação; (CE2) – Teses, dissertações, livros e *reviews*; (CE3) – Artigos duplicados; e (CE4) – Artigos não relacionados ao tema.

Utilizou-se no processo de busca a *string* definida através dos campos de título, *abstract* e *keywords* nas bases de dados. Após, aplicou-se os filtros CE1, CE2 e CE3 e procedeu-se com a leitura dos artigos, tendo como base os três passos de Keshav (2007): 1) leitura do título, *abstract* e introdução, seguido dos títulos das seções e subseções, passando por elementos matemáticos (se existentes) e conclusões; 2) análise de figuras, diagramas e outras ilustrações. Antes de executar o terceiro passo foi aplicado o filtro CE4, excluindo 2.587 artigos e restando



16 artigos. Finalmente foi aplicado o terceiro passo, ou seja, a leitura completa dos artigos, ocasionando 12 exclusões. Logo, este trabalho se debruçou sobre 4 artigos.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 2 apresenta os artigos organizados por autores e ano de publicação, título, amostra, idade, H-index, base de dados e duração da pesquisa. A seguir serão apresentados os resultados para cada questão de pesquisa.

**Tabela 2.** Relação dos artigos mapeados

Autores (ano)	Artigo	N	Idade	Base	H-index	País	Duração
MONDÉJAR et al., (2016)	Correlation between videogame mechanics and executive functions through EEG analysis.	12	8-12 anos	PubMed	91	Espanha	1 sessão
SÁNCHEZ-PÉREZ et al., (2018)	Computer-based training in math and working memory improves cognitive skills and academic achievement in primary school children: Behavioral results	104	7-10 anos	Scopus	95	Espanha	13 semanas
ÖZÇETIN et al., (2019)	The relationships between video game experience and cognitive abilities in adolescents	52	10-16 anos	Scopus	62	Turquia	1 ano no mínimo
SONG et al., (2020)	Validation of a mobile game-based assessment of cognitive control among children and adolescents	100	9-16 anos	Scopus	300	Coreia do Sul	Não informado

**Fonte:** Elaborado pela autora

#### QG1 - QUAIS ESTRATÉGIAS FORAM USADAS PARA CONDUZIR O PROGRAMA DE INTERVENÇÃO?

Nos estudos de Mondéjar et al. (2016), foi realizado uma análise da atividade do lobo frontal do cérebro durante uma avaliação psicológica das funções executivas e enquanto os participantes estavam jogando cinco tipos de mecânicas de jogos usados em videogames comerciais. O experimento foi dividido em duas etapas, avaliação psicológica e avaliação baseada em videogame. A análise foi feita por meio da coleta de sinais cerebrais durante as duas fases do experimento através de um eletroencefalograma.

Considerando juntamente o desempenho escolar, Sánchez-Pérez et al. (2018) examinaram a eficácia de um treinamento escolar baseado em computador composto por dois componentes, memória de trabalho e tarefas matemáticas. O estudo seguiu três fases, o pré-treinamento, treinamento e pós-treinamento. O pré-teste durou aproximadamente 3 semanas e



foi seguido por 13 semanas de treinamento para o grupo experimental. Uma semana após o término do treinamento, as crianças de ambos os grupos foram reavaliadas. Para avaliar os efeitos do treinamento, as funções executivas, o QI, notas e habilidades em matemática e leitura foram medidas, para tanto, foram utilizados testes padronizados notas de matemática e linguagem.

A pesquisa de Özçetin et al. (2019) avaliou o efeito de videogames comerciais nas funções executivas de crianças e adolescentes. Os participantes foram escolhidos entre voluntários após um teste de QI e uma entrevista inicial com o consentimento de seus pais. Os escolhidos jogaram videogame regularmente por pelo menos 1 hora por dia, 5 dias por semana, por pelo menos um ano e tiveram as funções executivas avaliadas através de testes neuropsicológicos.

Song et al. (2020) avaliaram o controle cognitivo através de um jogo de celular que utiliza gamificação e comparam com os resultados de testes neuropsicológicos tradicionais para crianças e adolescentes. As análises cruzaram as relações entre os vários escores de comportamento do jogo, os testes neuropsicológicos padronizados e o questionário de dificuldade de função executiva de autorrelato.

## QG2 - QUAIS SÃO OS RESULTADOS DOS PROGRAMAS DE INTERVENÇÃO?

O estudo de Mondéjar et al. (2016), comprovou uma atividade proeminente no nível pré-frontal do cérebro que está relacionada às funções executivas, realizadas em três das cinco mecânicas analisadas. Além disso, foi observado que a relação entre habilidades cognitivas e certas mecânicas de videogame não são desarticuladas, ou seja, uma mecânica desenvolve várias habilidades cognitivas, e cada habilidade pode ser desenvolvida por várias mecânicas.

A pesquisa de Sánchez-Pérez et al. (2018), revelou melhora significativa nas habilidades cognitivas, como QI não verbal e inibição, e melhor desempenho escolar em matemática e leitura entre as crianças que participaram do treinamento em comparação com as que não participaram. A maioria das melhorias estava relacionada ao treinamento em tarefas de memória de trabalho.

Nos achados de Özçetin et al. (2019), os resultados da memória visual foram ligeiramente melhores no grupo de jogo. Além disso, no grupo que jogou videogame regularmente, o aumento no tempo diário gasto jogando aumentou significativamente o valor total de erro em



um dos testes para o controle inibitório e o valor total de interferência no teste para memória de trabalho.

O estudo de Song et al. (2019) demonstrou que os índices do jogo foram significativamente relacionados a várias funções de controle cognitivo e diferenciados entre os grupos de controle cognitivo alto e baixo.

## QF1 - QUAIS SÃO OS TESTES USADOS PARA AVALIAR AS FUNÇÕES EXECUTIVAS?

As funções executivas são divididas em diversos componentes, os básicos são: memória de trabalho (MT), flexibilidade cognitiva (FC) e controle inibitório (CI) (DIAMOND, 2015). Para tanto, existem diversos testes que avaliam esses componentes.

Para a **memória de trabalho** foi utilizado o Teste adaptado do [Trail Making Test](#) ( *TMT* ) (MONDÉJAR et al., 2016); Tarefa de amplitude de dígitos, baseada no subteste da Escala de Inteligência Wechsler para Crianças (WISC-III) e tarefa de pontos (SÁNCHEZ-PÉREZ et al. 2018) e Teste de Fluência Verbal (FAS Verbal Fluency), California Verbal Learning Test-Children's Version (CVLT-C) e Teste de Retenção Visual de Benton (BVRT) (ÖZÇETIN et al.2019). Em relação a **flexibilidade cognitiva** foi utilizado o Teste Washers, uma adaptação da *Torre de Hanoi* ( *TOH* ) (MODÉJAR et al., 2016). E para o **controle inibitório** foi utilizado o Teste de interferência (adaptação do teste de *Stroop*) (MONDÉJAT et al., 2016); Tarefa go / no go e Tarefa de pontos (SÁNCHEZ-PÉREZ et al. 2018); Tarefa Stop Signal e teste Stroop original (ÖZÇETIN et al., 2019); e Versão coreana do Stroop Color-Word Test para crianças e Versão coreana do Color Trails Test (CTT) (SONG et al. 2020).

As pesquisas também aplicaram testes que avaliaram as **três funções executivas básicas** juntas, como Sánchez-Pérez et al. (2018) que utilizou a Torre de Londres; versão em espanhol do Kaufman Brief Intelligence Test (K-Bit); Özçetin et al. (2019) que utilizou o Trail Making Tests AB (TMT AB) e Song et al. (2020) que utilizou a Escala Wechsler de Inteligência Coreana para Crianças - Quarta edição (K-WISC-IV-C).

## QF2 - COMO E QUAIS JOGOS DIGITAIS SÃO UTILIZADOS?

Dos estudos analisados, dois (50%) utilizaram serious game. Mondéjar et al. (2016) utilizou um conjunto de serious game focado em mecânicas de ação específicas, a saber:



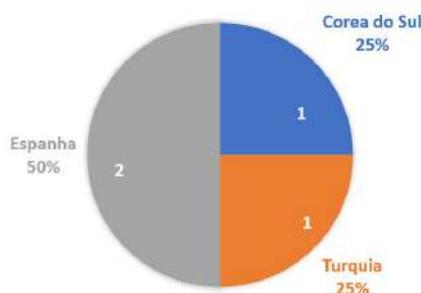
*Dreamskeeper; KittenQuest; CrazyFarm; Api's Adventures e Kunoichi*. E Song et al. (2020) utilizou o CoCon, para dispositivo móvel. Nele as habilidades de controle cognitivo dos usuários são avaliadas simultaneamente enquanto jogam. Um total de dez jogos estão incluídos, eles avaliam atenção sustentada, memória de trabalho, capacidade inibitória e seleção de resposta, e categorização. As tarefas são ordenadas com base em seus níveis de dificuldade.

Na pesquisa de Özçetin et al. (2019), foi considerado os jogos que os pesquisados já jogavam rotineiramente em casa, pelo menos 1 hora por dia, 5 vezes por semana. Para tanto, os pesquisadores classificaram os jogos em cinco categorias de jogos: Online Role Playing Games; Atirador em primeira pessoa online; Jogos de estratégia em tempo real; Jogos de ação / aventura e jogos de sobrevivência / plataforma.

No estudo de Sánchez-Pérez et al. (2018), foi realizado sessões de 40 minutos de treinamento computadorizado, em vez de algum jogo específico. Desta forma a criança começava dentro de uma nave espacial e quatro planetas/satélites à sua frente. Cada planeta/satélite representava uma tarefa de treinamento: o planeta Fogo representava a tarefa *n*- back, a Terra denotava atividades matemáticas, a Lua era a tarefa de amplitude de memória de trabalho e o planeta Gelo representava a tarefa de formas abstratas.

## QE1 - QUAL A DISTRIBUIÇÃO DE ARTIGOS POR PAÍS?

Para identificar os países onde os trabalhos foram desenvolvidos, considerou-se a instituição de origem dos autores do artigo, o local de aplicação dos testes práticos e referências diretas ao país no texto, conforme mostra a figura 1.



**Figura 1.** Participação dos países nas publicações

**Fonte:** Elaborado pela autora



## QE2 - QUANTOS E QUAIS TRABALHOS SÃO APLICADOS EM AMBIENTE ESCOLAR?

Dos estudos analisados apenas um (25%) foi realizado em ambiente escolar. Três estudos foram conduzidos durante as aulas de educação física, mais especificamente dentro do laboratório de informática (SÁNCHEZ-PÉREZ et al., 2018).

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou o cenário atual nas pesquisas referentes a intervenções envolvendo funções executivas e jogos digitais para crianças em idade escolar. O mapeamento sistemático da literatura possibilitou identificar e analisar os artigos selecionados neste estudo.

Os artigos selecionados são bastante heterogêneos em relação as intervenções, todos os trabalhos avaliaram as funções executivas básicas, entretanto aplicaram programas de intervenção diferentes, com diversos testes cognitivos e jogos digitais, em que 50% foram comerciais e 50% serious game.

Todas as intervenções estimularam positivamente as funções executivas, contudo, o destaque se deu para a memória de trabalho. Sobre o uso de videogames, tanto o serious game quanto o comercial se mostraram eficazes e mecânica dos jogos digitais parece não estar desarticulada das habilidades cognitivas, ou seja, uma mecânica desenvolve várias habilidades cognitivas, e cada habilidade pode ser desenvolvida por várias mecânicas.

### REFERÊNCIAS

CARDOSO, C. O. et al. Adaptação brasileira do Hotel Task: uma ferramenta para avaliação ecológica das funções executivas. **Dementia & neuropsychologia**, v. 9, n. 2, pág. 156-164, 2015.

DE PAIVA, N. M. N.; COSTA, J. A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça. **Psicologia. pt**, v. 1, p. 1-13, 2015.

DIAMOND, A. Effects of physical exercise on executive functions: going beyond simply moving to moving with thought. **Annals of sports medicine and research**, v. 2, n. 1, p. 1011, 2015.

GALLAHUE, D. L. et al. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. AMGH Editora, 2013.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

KESHAV, S. How to read a paper. **ACM SIGCOMM Computer Communication Review**, v. 37, n. 3, p. 83-84, 2007.

MONDÉJAR, T. et al. Correlation between videogame mechanics and executive functions through EEG analysis. **Journal of biomedical informatics**, v. 63, p. 131-140, 2016.

ÖZÇETIN, M. et al. The relationships between video game experience and cognitive abilities in adolescents. **Neuropsychiatric disease and treatment**, v. 15, p. 1171, 2019.

SÁNCHEZ-PÉREZ, N. et al. Computer-based training in math and working memory improves cognitive skills and academic achievement in primary school children: Behavioral results. **Frontiers in psychology**, v. 8, p. 2327, 2018.

SONG, H. et al. Validation of a mobile game-based assessment of cognitive control among children and adolescents. **Plos one**, v. 15, n. 3, p. e0230498, 2020.

ZAMANI, L. et al. Self-Regulation on Children's Motor Development and Executive Function. **Middle Eastern Journal of Disability Studies**, v. 9, p. 128-128, 2019.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

## O *ETHOS* DE UMA ENFERMEIRA EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA ABORDAGEM ERGOLÓGICA

THE ETHOS OF A NURSE IN PANDEMIC TIMES: AN ERGOLOGICAL APPROACH

Neuzer Helena Munhoz Bavaresco; Ernani Cesar de Freitas; Elaine Ribeiro; Julia Caroline Goulart

Blank; Keila de Quadros Schermack

Universidade de Passo Fundo

**Resumo:** Este trabalho se embasa nos estudos teóricos sobre linguagem e trabalho, com o objetivo de investigar como se dá a construção do *ethos* do profissional de enfermagem em sua atividade de trabalho quando submetido a uma cenografia atípica, a qual exige o uso de si por si e pelos outros. Esta é uma pesquisa bibliográfica e exploratória, com abordagem qualitativa. O *corpus* é constituído pelo depoimento de uma enfermeira, que atua em um dos maiores hospitais regionais do Rio Grande do Sul. A fim de realizar a análise dos dados, nos apoiamos nas noções de cenografia e *ethos* da Análise do Discurso de Maingueneau (2020), bem como nos preceitos da Ergologia, propostos por Schwartz (2014) e Schwartz e Durrive (2010c). Observamos que a enfermeira, ao permitir o “uso de si por si” e “de si pelos outros”, foi para além do limite saudável para sua atividade e invocou sentidos de que o trabalho pode ser considerado uma missão, e que, mesmo que custe a própria vida, deve ser executado, o que conduz a profissional da saúde a vivenciar uma “dramática do uso do corpo-si” que prejudica seu bem-estar físico e psicológico.

**Palavras-chave:** Linguagem e Trabalho. Pandemia. *Ethos*. Enfermeira.

**Abstract:** This work is based on theoretical studies on Language and Work to investigate how the construction of the nursing professional's ethos occurs in their work activity when subjected to an atypical scenography and which requires the use of themselves by themselves and by others. This is a bibliographic and exploratory research, with a qualitative approach. The *corpus* consists of the testimony of a nurse, who works in one of the largest regional hospitals in Rio Grande do Sul. To analyze the data, we rely on the notions of scenography and ethos of the Maingueneau's Discourse Analysis (2020) and on the precepts of Ergology, proposed by Schwartz (2014) and Schwartz and Durrive (2010c). We observed that the nurse, by allowing the “use of oneself by oneself” and “by others”, went beyond the healthy limit for their activity and invoked meanings that work can be considered a mission, and that even if it costs her life itself, must be executed, which leads the nurse to experience a “dramatic of the use of a selfbody” that damages her physical and psychological well-being.

**Keywords:** Language and Work. Pandemic. Ethos. Nurse.

### INTRODUÇÃO

Atuando na linha de frente contra a COVID-19, doença que vem se alastrando pelo mundo desde 2020, os profissionais da saúde estão esgotados. Esse esgotamento advém de um esforço diário para conter a pandemia e, ao mesmo tempo, de ter que lidar com a morte e com o medo constante de colocar a própria vida e a vida de seus familiares em risco. Nesse cenário, constatamos ser fundamental um estudo direcionado a esse profissional, com base em uma





perspectiva ergológica que possibilita compreender e intervir sobre a atividade de trabalho, para adaptá-la, e sobre a linguagem, sendo consequência da ação humana.

Nesse sentido, identificamos como problema de pesquisa: como se dá a construção do *ethos* do profissional de enfermagem em sua atividade de trabalho quando submetido a uma cenografia atípica e que exige o uso de si por si e pelos outros? Dessa forma, este estudo se situa na interface linguagem e trabalho e tem por objetivo investigar como ocorre a construção do *ethos* do profissional de enfermagem em sua atividade de trabalho quando submetido a uma cenografia atípica e que exige o uso de si por si e pelos outros. Esta é uma pesquisa bibliográfica e exploratória, com abordagem qualitativa. Assim, o *corpus* é constituído pelo depoimento de uma enfermeira, que atua em um dos maiores hospitais regionais do Rio Grande do Sul. A fim de realizar a análise dos dados, nos apoiamos nas noções de cenografia e *ethos* da Análise do Discurso de Maingueneau (2020), bem como nos preceitos da Ergologia, propostos por Schwartz e Durrive (2010c).

Na sequência, discorreremos, de forma sucinta, sobre os aspectos teóricos relacionados à linguagem no ambiente de trabalho e à disciplina ergológica, seguindo com as concepções teóricas que envolvem a Análise do Discurso, mais especificamente sobre a cenografia e o *ethos* discursivo. Por fim, apresentamos a metodologia, a análise e as considerações finais.

## 1 A ABORDAGEM ERGOLÓGICA E AS RELAÇÕES DE TRABALHO

A abordagem ergológica do trabalho, inspirada nos preceitos da Ergonomia da Atividade, consiste no estudo do trabalho como atividade humana. Conforme Schwartz e Durrive (2010a, p. 30), essa perspectiva percebe a atividade de trabalho pelo ponto de vista do trabalhador, podendo ser definida como a “aprendizagem permanente dos debates de normas e de valores que renovam indefinidamente a atividade”. Nesse sentido, as pesquisas sobre o trabalho ganham novas perspectivas e levam Schwartz e Durrive (2010b) a investir, de maneira interdisciplinar, em uma abordagem que busca compreender as relações de trabalho através da linguagem, ou seja, a partir daquilo que o sujeito trabalhador tem a dizer sobre sua atuação na realização da atividade laboral.

De acordo com Souza-e-Silva (2002), a atividade de linguagem mantém uma relação muito próxima com a de trabalho, visto que, tanto uma como a outra, modificam o meio social e possibilitam as relações humanas. Na Ergologia, a linguagem é entendida como um “elemento



essencial na construção da ação e da significação, na afirmação das identidades profissionais, no planejamento, na coordenação, na negociação das atividades e das tomadas de decisão” (FAÍTA, 2002, p. 47).

Sob o ponto de vista da filosofia, Abdallah Nouroudine (2002) aponta a relação entre linguagem e trabalho sob três modalidades: linguagem sobre o trabalho, linguagem no trabalho e linguagem como trabalho. Segundo Nouroudine (2002, p. 26), a partir “[...] do pressuposto da existência de uma linguagem que faz (como trabalho), uma linguagem circundante (no trabalho) e uma linguagem que interpreta (sobre o trabalho)”, torna-se possível conduzir uma análise, tendo em mente essas distinções para conhecer a ação sobre o trabalho. Neste estudo, priorizamos a linguagem sobre o trabalho, dado que essa modalidade linguageira permite que o protagonista do trabalho manifeste seu ponto de vista sobre sua atividade, possibilitando que o sujeito trabalhador “avalie uma situação, um problema, objetivando a ação” (NOUROUDINE, 2002, p. 26).

Uma análise que considere as práticas linguageiras sobre a situação de trabalho possibilita um olhar mais atento sobre o modo particular de fazer de cada trabalhador. Conforme Schwartz e Durrive (2010b), em toda atividade de trabalho se coloca em prática um saber pessoal, resultado da história de cada um, bem como de suas experiências profissionais e pessoais, uma vez que é preciso gerir a distância entre o que se prescreve e o que de fato é realizado – ou seja, entre o prescrito e o real. Segundo asseveram Schwartz e Durrive (2010b), há sempre um “vazio de normas” que se instaura no real da atividade, pois as prescrições nem sempre atendem às adversidades diárias. Desse modo, torna-se necessário suprir esse vazio, essa falta de normas, renormalizando o que é imposto pelas determinações anteriores à própria atividade.

Nesse embate entre as normas prescritas e as renormalizações, durante a atividade de trabalho, temos uma pessoa, como menciona Schwartz (2014, p. 260): “uma singularidade viva no tratamento de situações a viver”. Essa entidade, esse corpo-si, faz uso de si por si, quando renormaliza as demandas especificadas e incontornáveis por meio de suas experiências, seus conhecimentos e seu próprio uso, fazendo uso de si por outros, quando envolve, em suas escolhas, as demais pessoas com quem trabalha ou que estão indiretamente ligadas à sua atividade de trabalho. De acordo com Schwartz (2014), a atividade laboral está intrinsecamente relacionada ao uso do corpo-si e às ações do ser humano.

O uso de si está nas escolhas diárias, na tomada de decisões, na opção de se trabalhar mais com um indivíduo do que com o outro, dado que, conforme Schwartz e Durrive (2010d,



p. 191), “[...] escolher essa ou aquela hipótese é uma maneira de se escolher a si mesmo – e em seguida de assumir as consequências de suas escolhas”. Ao fazer escolhas usando a si mesmo, o sujeito precisa lidar com o drama de agradar ou desagradar, errar ou acertar, e “[...] disso surge a expressão do trabalho como dramática do uso de si” (SCHWARTZ, 2014, p. 261). Na seção seguinte, abordaremos aspectos teóricos sobre a cenografia e o *ethos* discursivo como imagem de si.

## 2 CENOGRAFIA E *ETHOS*: IMAGENS DE SI NO DISCURSO

A noção de *ethos*, apresentada por Maingueneau (2020), está estreitamente ligada ao sentido construído pelo espaço no qual a enunciação se institui, ou seja, pela cena enunciativa. A cena de enunciação compreende três cenas: a englobante, a genérica e a cenografia. A primeira corresponde ao tipo de discurso, podendo ser religioso, político etc.; a segunda trata de gêneros de discurso específicos; a última, por sua vez, é constituída pelo próprio texto, não apenas como uma moldura ou um quadro pertencente ao espaço físico, mas sim como um espaço legitimado pela própria enunciação, isto é, a cenografia não se limita a um espaço já construído e independente do discurso, “[...] é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir o seu próprio dispositivo de fala”. (MAINGUENEAU, 2013, p. 97-98).

A cenografia e o ato de tomar a palavra implicam um *ethos* – uma voz que, no discurso, é revestida por um corpo. Esse termo, *ethos*, advém da concepção aristotélica que, conforme comenta Maingueneau (2008, p. 56), “consiste em causar uma boa impressão mediante a forma com que se constrói o discurso, em dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança”. Desse modo, *ethos* diz respeito à construção de uma imagem de si por meio do discurso.

É pelo próprio ato de enunciar que o enunciador constrói a legitimidade de sua enunciação, revelando através dela um caráter e uma corporalidade que fazem emergir a figura do fiador. O “fiador” é, conforme Maingueneau (2018, p. 72), a figura construída pelo leitor “[...] com base em um conjunto de indícios textuais de diversas ordens” e se mostra “[...] investido de um caráter e de uma corporalidade, cujo grau de precisão varia conforme os textos”.

O *ethos*, portanto, de acordo com Maingueneau (2020), não é uma característica inerente e exclusiva do enunciador, no qual o destinatário, por intermédio de um processo chamado



“incorporação”, assimila também um *ethos*. Assim como a cenografia, o *ethos* se configura por meio de seu próprio enunciado, em que o enunciador deve legitimar sua maneira de dizer, não sendo possível dissociar a organização dos conteúdos e a legitimação da cena de fala.

Quando se pensa em *ethos* discursivo, logo se vincula a resultados da interação de diversos fatores: *ethos* pré-discursivo (*ethos* prévio), *ethos* discursivo (*ethos* mostrado), mas também “[...] aquilo que o enunciador diz de si mesmo enquanto enuncia” (*ethos* dito). Cabe ressaltar que, “[...] enquanto o *ethos* mostrado é uma dimensão constitutiva de toda enunciação, o *ethos* dito não é obrigatório: o locutor nem sempre fala de si”. (MAINGUENEAU, 2020, p. 12).

Por fim, o *ethos* é parte integrante da cena enunciativa e possui, em seu interior, diversas vozes e forças sociais que atuam em seu discurso. A próxima seção é dedicada à topicalização dos dispositivos de análise, a qual envolve a construção do *ethos* discursivo, em especial da imagem do profissional de saúde em situação de pandemia.

### 3 ROTEIRO METODOLÓGICO E ANÁLISE

A pesquisa é aplicada, exploratória e descritiva, seguindo procedimentos técnicos bibliográficos e documentais, com abordagem qualitativa, e é feita sob a configuração de um estudo de caso. O *corpus* de pesquisa corresponde ao relato de uma enfermeira, veiculado no *The New York Times*, que ganhou notoriedade no início da pandemia da COVID-19 pela dramaticidade da foto divulgada, na qual a profissional aparece com o rosto machucado por conta do uso contínuo da máscara de proteção. Devido à extensão textual desta pesquisa, nos atemos a um recorte discursivo extraído do texto publicado, o qual acreditamos ser significativo para a finalidade do estudo.

Nosso objetivo neste trabalho é investigar como se dá a construção do *ethos* do profissional de enfermagem em sua atividade de trabalho quando submetido a uma cenografia atípica, que exige o uso de si por si e pelos outros. Assim, a análise será desenvolvida mediante a descrição de fragmentos que constam cenas enunciativas, de modo a configurar cenografias, possibilitando construir uma imagem de si – o *ethos* discursivo –, bem como a abordagem dos conceitos de linguagem e trabalho, entremeados pelos conceitos enunciativo-discursivos da semântica global.





### 3.1 ETHOS DISCURSIVO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ANÁLISE DA LINGUAGEM SOBRE O TRABALHO DE UMA ENFERMEIRA

O relato da enfermeira gaúcha é tocante e virou destaque no jornal americano *The New York Times*. Na foto, a enfermeira Amanda Ramalho, que atua em Pelotas, aparece com o rosto machucado devido ao uso excessivo das máscaras de proteção à COVID-19 e demonstra, pela maneira de dizer, o medo de estar na linha de frente da pandemia.

**Figura 1. Relato da enfermeira publicado no *New York Times***

“Eu estou com medo! Eu nunca pensei que estaria vivendo nessa situação bélica. Ainda assim, fico feliz em ajudar e tenho muito cuidado para não ser contaminada. O hospital fornece-nos os EPIs, mas eu compro mais com meu próprio dinheiro, como alguns óculos que eram mais confortáveis do que os padrões fornecidos. Desde que estamos usando o EPIs, temos que estar conscientes de ir ao banheiro. Às vezes eu pulo o banheiro completamente. Primeiro testei um paciente para Covid em 12 de março e não abracei ninguém desde então. Fui ver minha família uma vez, mas não saí do carro. Eu moro sozinha. Sinto muita falta da minha família e amigos.”

Fonte: *New York Times* (apud DIÁRIO DE CANOAS, 2020, s./p.).

No relato, veiculado no *The New York Times*, percebemos que o hospital fornece os equipamentos de proteção individual, mas cabe à profissional de saúde comprar máscaras mais confortáveis e decidir se vai ao banheiro ou não, pois teria que se paramentar novamente a cada ida. Nesse sentido, Schwartz e Durrive (2010d, p. 190) afirmam que “cada pessoa vai tentar lidar com as lacunas e deficiências a seu modo [...] com sua própria história, seus próprios valores”, isto é, ao precisar lidar com uma nova situação de trabalho, ainda mais grave e diferente do que já estava habituada, a enfermeira tomou suas decisões e usou sua própria força física e mental. Dessa forma, ela fez uso de si mesma, do seu corpo, confirmando que, em toda situação de trabalho, existe “a presença enigmática de uma pessoa, de uma singularidade viva no tratamento de situações a viver” (SCHWARTZ, 2014, p. 260). Nesse cenário, identificamos que as necessidades do ser humano da profissional foram postas em segundo lugar, pois ela escolheu primeiro a missão de atender os doentes e dar-lhes atenção e acolhimento em uma situação de pânico.

Nesse ponto, ela vivencia o que Schwartz (2014) denomina como “dramática do uso de si”, em que essas escolhas para preencher o vazio de normas são um risco, já que, buscando soluções possíveis, ela precisa lidar com a possibilidade de falhar, de criar novas dificuldades, de desagradar. As dramáticas do uso do corpo-si, enunciadas pela enfermeira, podem ser evidenciadas nos excertos: “*Estou com medo! Eu nunca pensei que estaria vivendo nessa situação bélica [...] às vezes eu pulo o banheiro completamente [...] sinto muita falta da minha família*”. A profissional busca, assim, continuar desempenhando suas funções, com abdicação



da família, amigos e até de seu bem-estar físico, de modo a manter alguma segurança, uma vez que afirma ter “ *muito cuidado para não ser contaminada*”.

Nas instâncias da enunciação, temos três cenas distintas: a cena englobante (discurso narrativo); a cena genérica (gênero relato); e a cenografia, composta por todo um quadro cênico da história – isto é, a enfermeira que enfrenta a pandemia do coronavírus, colocando seu trabalho acima de sua integridade física e psicológica. Dessa forma, nesse relato, o enunciador constrói o perfil do leitor empático que ficará comovido com tal história. Essa figura (narrador) faz parte da cenografia e garante aos leitores (destinatário) a veracidade dos fatos, além de perpetuar as memórias da classe de servidores da área da saúde. Ainda, “[...] a leitura faz emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de fiador” do que é dito (MAINGUENEAU, 2018, 72).

Essa instância, o fiador, é aquele que se revela no discurso, quando dotado de características físicas (corporalidade) e psicológicas (caráter), e que se constitui de representações baseadas no estereótipo julgado pela sociedade (MAINGUENEAU, 2020). Assim sendo, a maneira de dizer é também a maneira de ser, de modo a possibilitar a adesão do leitor, expressa pelo conceito de incorporação, que, de acordo com Maingueneau (2020, p. 14), exerce três finalidades: a *corporalidade* do fiador atribuída pela enunciação; essa corporalidade possibilita que coenunciador *incorpore* um conjunto de representações que atestam uma maneira particular de coabitar o mundo; essas duas primeiras finalidades permitem a *constituição de um corpo comum*, partilhado entre os que aderem aquele discurso.

Do ponto de vista discursivo, o “tom” de sacrifício da enfermeira é dado pelas condições de trabalho. Sob a perspectiva enunciativa, essas posições ocupadas pelos personagens discursivos bem como a estrutura de trabalho se definem, também, por meio da instância organizada no tempo e no espaço, em que temos uma situação de trabalho em um hospital durante a pandemia. Historicamente, seu *ethos* constitui a abdicação de sua subjetividade e individualidade; na atualidade, as condições de trabalho, durante a pandemia, com pouco investimento governamental e conscientização social dos cidadãos, fazem-na uma enunciativa da forma como os profissionais da saúde estão sendo tratados, restando a ela se apegar à sua missão enquanto enfermeira, mesmo que custe seu adoecimento e o de seus familiares e amigos.

Esse modo de ser e agir é dado pela cenografia que evidencia o *ethos* de heroína que aceita esse tratamento pelas coerções da atividade de trabalho, mas desenvolve um enunciador que sacrifica a sua vida pelo bem da sociedade. Nesse excerto, temos o *ethos* prévio



(enfermeiras se sacrificam pelos pacientes), *ethos* dito (ela sente falta da família, tem muito medo e pula o banheiro) e o *ethos* mostrado (abdicou da sua vida social, do seu bem-estar físico e mental, mas está feliz em ajudar). Assim, o *ethos* efetivo, que resulta da interação entre essas esferas, é um *ethos* de enfermeira engajada com sua profissão acima de sua subjetividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apresentou uma interface entre a temática Ergologia, linguagem e trabalho e as noções de cenografia e *ethos* em Análise do Discurso; teve como objetivo investigar como ocorre a construção do *ethos* do profissional de enfermagem em sua atividade de trabalho quando submetido a uma cenografia atípica e que exige o uso de si por si e pelos outros. Inicialmente, partimos do questionamento: como se dá a construção do *ethos* do profissional de enfermagem em sua atividade de trabalho quando submetido a uma cenografia atípica e que exige o uso de si por si e pelos outros?

Ficou evidenciada, no discurso, a imagem da enfermeira que, no recorte analisado, mostra a atividade como um processo de execução, em que a missão de servir ao outro é o prescrito, e a função da profissional é cumprir com esse prescrito, mesmo que isso afete sua subjetividade. É no uso de si e no uso de si pelos outros que reside a complexidade da atividade; assim, o *ethos* discursivo é revelado à medida que todos os planos são avaliados em determinado discurso.

Como contribuição para os estudos do discurso, a pesquisa traz a interface com a Ergologia como uma possível abordagem às questões enunciativas e discursivas. No entanto, o estudo aqui proposto limitou-se a um recorte da atividade e, por esse motivo, julgamos oportuna a realização de uma investigação ainda maior, que envolva os saberes mobilizados, o real da atividade e o debate de normas e valores mobilizados pelos protagonistas envolvidos. Acreditamos, por fim, que essa pesquisa poderá instigar um maior reconhecimento por parte da sociedade, devido ao trabalho incansável dos profissionais da saúde, principalmente em tempos tão adversos e desafiadores, a fim de dar voz às enfermeiras que desempenham essa função com tanta determinação e engajamento.

## REFERÊNCIAS

DIÁRIO DE CANOAS. **Na linha de frente da Covid-19, enfermeira gaúcha estampa capa do New York Times**. 2020. Disponível em: <https://www.diariodecanoas.com.br/noticias/>





especial\_coronavirus/2020/05/12/na-linha-de-frente-da-covid-19--enfermeira-gaucha-estampa-capo-do-new-york-times.html. Acesso em: 12 abr. 2021.

FAÏTA, Daniel. Análise das práticas linguageiras e situação de trabalho: uma renovação metodológica imposta pelo objeto. In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez; FAÏTA, Daniel (org.). **Linguagem e trabalho**: construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002. p. 45-60.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 69-92.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. São Paulo: Parábola, 2020.

NOUROUDINE, Abdallah. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez; FAÏTA, Daniel (org.). **Linguagem e trabalho**: construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002. p. 17-30.

SCHWARTZ, Yves. Motivações de conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 49, n. 3, p. 259-274, jul./set. 2014.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. O trabalho se modifica. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (org.). **Trabalho e ergologia**: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: Ed. da UFF, 2010a. p. 23-82.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. A linguagem em trabalho. SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (org.). In: **Trabalho e Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: Ed. UFF, 2010b. p. 131-188.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (org.). **Trabalho e ergologia**: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: Ed. da UFF, 2010c.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e uso de si. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (org.). **Trabalho e ergologia**: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói: Ed. da UFF, 2010d. p. 187-204.

SOUZA-E-SILVA, Marília Cecília Pérez. A dimensão linguageira em situações de trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, Marília Cecília Pérez; FAÏTA, Daniel (org.). **Linguagem e trabalho**: construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002. p. 61-76.





## IDENTIDADE TERRITORIAL DE LINHA NOVA/RS: A PERCEPÇÃO DOS ATORES SOCIAIS DO MUNICÍPIO

### TERRITORIAL IDENTITY OF LINHA NOVA/RS: THE PERCEPTION OF SOCIAL ACTORS IN THE MUNICIPALITY

Michele Barth; Jacinta Sidegum Renner; Christian Albers; Rodrigo Renan Kich

Universidade Feevale

**Resumo:** O objetivo desta pesquisa esteve focado em compreender a identidade territorial que os atores sociais da cidade atribuem ao município de Linha Nova. A pesquisa é aplicada, de caráter descritivo e quanto aos procedimentos é um estudo de caso. Como instrumento de pesquisa foi aplicado um questionário online pelo *Google Forms*. A análise e discussão de dados ocorreu no âmbito qualitativo. Participaram 38 pessoas que residem e/ou trabalham no município. Os resultados indicaram uma forte relação com a identidade legitimadora decorrente da colonização alemã nessa região, bem como, o desenvolvimento da identidade de projeto pela tradição cervejeira. As narrativas foram agrupadas em três categorias: identificação com a cultura germânica, fortemente vinculada às manifestações culturais dos grupos de danças; receio da perda da identidade germânica em virtude do desinteresse dos jovens em manter as tradições; e necessidade de resgate da cultura local, ou seja, do patrimônio material e imaterial da cidade. Reconhece-se o turismo cultural como forma de preservar a história, as tradições germânicas e desenvolver a economia local. Porém é necessário planejamento estratégico com participação dos setores público e privado trabalhando em sintonia para transmitir a identidade reconhecida pelos atores sociais.

**Palavras-chave:** Identidade territorial. Cultura germânica. Linha Nova.

**Abstract:** The objective of this research was focused on understanding the territorial identity that the social actors of the city attribute to the municipality of Linha Nova. The research is applied, of a descriptive character and as for the procedures, it is a case study. As a research tool, an online questionnaire was applied by Google Forms. The analysis and discussion of data took place at the qualitative level. 38 people who live and/or work in the municipality participated. The results indicated a strong relationship with the legitimating identity resulting from the German colonization in this region, as well as the development of the project identity by the brewing tradition. The narratives were grouped into three categories: identification with German culture, strongly linked to the cultural manifestations of the dance groups; fear of loss of German identity due to young people's lack of interest in maintaining traditions; and the need to rescue local culture, that is, the city's material and immaterial heritage. Cultural tourism is recognized as a way of preserving German history, traditions and developing the local economy. However, strategic planning with the participation of the public and private sectors is necessary, working in concert to convey the identity recognized by the social actors.

**Keyword:** Territorial identity. German culture. Linha Nova.

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país rico em diversidade cultural decorrente do processo de colonização. Santos (2006) define “cultura” como sendo a humanidade como um todo e ao mesmo tempo diz respeito a cada povo, nação, sociedade e grupo de humanos, a qual é resultado de uma



história particular e/ou relações com outras culturas. Cada realidade cultural, segundo o autor, tem sua lógica interna, suas práticas, costumes, concepções, bem como as transformações pelas quais estas passam. É difícil definir uma unidade cultural brasileira visto que cada região, cada Estado e até mesmo cada município apresenta costumes e tradições que refletem a história e identidade daquele território. Somente no Rio Grande do Sul, apesar da marcante tradição e costumes gauchescos, existem várias outras culturas, como a alemã, italiana, portuguesa, espanhola, indígena, entre outras. Diante dessa abrangência, para estudar a cultura de um município é necessário dar enfoque à identidade territorial de um grupo populacional.

Para conceituar o termo “identidade territorial” é necessário esclarecer inicialmente o conceito de “identidade social”. Castells (2008) entende identidade social como sendo a fonte de significado e experiência de um povo, que é construída através da história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, através da memória coletiva e fantasias pessoais, por aparatos de poder e religião. Haesbaert (1997) observa que a identidade social está relacionada com a identidade territorial, pois ambas definem o território e as relações social daquele espaço/tempo. Por sua vez, Saquet (2007, p. 152) acredita que a identidade é territorial, pois o território “é produto e condição social, influenciando na constituição de identidade local em virtude de ações coletivas; tem um conteúdo dinâmico e ativo, com componentes objetivos e subjetivos, nos níveis local e extralocal.”

Este estudo sobre identidade territorial está centrado no município de Linha Nova, que integra a região do Vale do Caí. Possui aproximadamente 64 Km<sup>2</sup> e população estimada para 2020, pelo IBGE, de 1719 pessoas (IBGE, 2021). Linha Nova foi colonizada a partir de 1847 por imigrantes alemães de religião essencialmente protestante, eram colonos recém-chegados das regiões do Pfalz (Palatinado) e do Hunsrück (HUNSCHE, 1981). Inicialmente, o território fazia parte de São Sebastião do Caí, em 1959 passou a fazer parte do município de Feliz, se emancipando em 20 de março de 1992.

A base da economia de Linha Nova sempre esteve voltada para a agricultura, pecuária e silvicultura, porém atualmente observam-se maiores investimentos do setor público e privado no turismo cultural e da tradição cervejeira. O município integra a Rota Romântica e o Vale da Felicidade, que o coloca no mapa turístico das cidades de colonização germânica. Contudo, há de se destacar que, em 2017, Linha Nova foi reconhecida o “Berço das Cervejarias no Estado do Rio Grande do Sul”, mediante a aprovação da Lei nº. 15.024/2017 pela Assembleia Legislativa do Estado, a qual reconheceu o cervejeiro Georg Heinrich Ritter como o primeiro



imigrante, que se tem registro, a fabricar cerveja para a comercialização (RIO GRANDE DO SUL, 2017). Desde então, o município vem fortalecendo sua identidade territorial perante este título, inclusive tendo reformado o prédio da antiga Cervejaria Ritter.

Neste contexto, Castells (2008) crê que quem constrói e o motivo para que a identidade coletiva é construída, são os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, assim como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem. O autor destaca três formas de construção de identidades: a) identidade legitimadora – introduzida pelas instituições dominantes para expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais; b) identidade de resistência – criada pelos atores desvalorizados e/ou estigmatizados pela lógica da dominação; e c) identidade de projeto – quando os atores sociais, por meio de qualquer material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade que pode redefinir sua posição na sociedade e transformar toda a estrutura social.

Neste panorama de maior atenção para o ramo do turismo cultural como forma de promover a economia para o município e, tendo em vista as diferentes formas de construção social da identidade territorial, questiona-se: qual a identidade territorial reconhecida, pelos seus habitantes e pessoas com vínculo empregatício na cidade, ao município de Linha Nova? Assim, o objetivo deste estudo consiste em compreender a identidade territorial que os atores sociais<sup>1</sup> atribuem ao município de Linha Nova.

Esta pesquisa é de natureza aplicada, de caráter descritivo e quanto aos procedimentos é um estudo de caso do município de Linha Nova. Prodanov e Freitas (2013) expõe que o estudo de caso tem por objetivo a coleta e análise de informações sobre determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade, para estudar diferentes aspectos variados de sua vida conforme o objetivo de pesquisa. A análise e discussão de dados foi realizada no âmbito qualitativo. Segundo Minayo (2014), o método qualitativo se aplica ao estudo das relações, percepções, opiniões, representações, crenças etc., que as pessoas sentem, pensam, e criam a respeito da maneira que vivem, concebem seus objetos e a si mesmas.

Como instrumento de pesquisa foi aplicado um questionário onde, além de questões relacionadas ao perfil, foi solicitado aos participantes que descrevessem sua opinião sobre as sobre fatores positivos e negativos do turismo e da cultura de Linha Nova, indicando os

---

<sup>1</sup> Referimo-nos aos atores sociais como sendo todas as pessoas, dos setores público e privado e até mesmo o voluntariado, que atuam frente aos projetos e ações econômicas, sociais, educacionais e culturais do município, sendo criadores, disseminadores e mantenedores da tradição e identidade territorial de Linha Nova.



principais potenciais, as dificuldades, as oportunidades e inclusive possíveis ameaças. Contudo, salienta-se que para este recorte, foram analisadas apenas as questões relacionadas à cultura de Linha Nova. Este questionário foi elaborado pelo Departamento de Turismo da Prefeitura Municipal de Linha Nova, juntamente com o Conselho Municipal de Cultura e Turismo (CMCT) para diagnóstico da situação atual e identificar ações para elaborar o Plano Municipal de Turismo e Cultura. O questionário foi disponibilizado *online* através do *Google Forms* e divulgado via site oficial e redes sociais da Prefeitura, habilitado para receber respostas durante o período de três meses entre 2020 e 2021. Importante ressaltar que os autores desta pesquisa residem e atuam ativamente nas atividades culturais promovidas no município de Linha Nova. Informa-se que a Prefeitura Municipal de Linha Nova e o CMCT autorizaram a divulgação e análise científica deste estudo.

O questionário estava habilitado para receber respostas tanto de pessoas que residem e/ou trabalham em Linha Nova, quanto por pessoas de outros municípios, totalizando o número de 55 respondentes. Porém destaca-se que para este estudo foram analisadas apenas as respostas dos munícipes e/ou de pessoas que tenham vínculo de trabalho em Linha Nova e que responderam as perguntas sobre a cultura do município, totalizando 38 respondentes.

Para a análise e discussão dos dados foi realizada preliminarmente a contagem de frequência de palavras através de aplicativo online, e, posteriormente aplicado o método de categorização das respostas. Conforme Bardin (2004), a categorização consiste numa operação de classificação e reagrupamento de elementos de um conjunto, de acordo com critérios predefinidos e recebendo um título genérico, que será o nome de cada categoria. Na sequência, foi realizada a triangulação dos dados, que permite uma análise conjunta sob três aspectos: os dados coletados, a percepção do pesquisador e a argumentação teórica.

## 2 DESENVOLVIMENTO

O estudo foi composto por 38 participantes que residem e/ou trabalham em Linha Nova. No que se refere às características de perfil, observa-se que a idade dos respondentes varia de 21 a 64 anos (média de idade de 38 anos). Destes, 23 são do sexo feminino, 13 do sexo masculino e 2 se declaram LGBTQI+. Referente ao nível de ensino, mais da metade dos participantes (20) concluíram ou estão cursando o Ensino Superior, 10 participantes concluíram



ou estão no Ensino Médio, 4 participantes apresentam nível de Ensino Fundamental completo ou incompleto e 4 participantes apresentam Pós-graduação.

A partir da contagem de palavras, foi possível obter uma identificação prévia dos termos mencionados com maior frequência nas respostas dos participantes e que refletem a percepção sobre a cultura de Linha Nova. Na Figura 1 foram agrupadas as palavras por ordem de importância, onde as maiores foram as mais mencionadas e as palavras menores, as menos mencionadas. Palavras com menos de seis menções não foram incluídas no Painel.

**Figura 1.** Painel de frequência de palavras sobre a cultura de Linha Nova



**Fonte:** Elaborado pelos autores (2021)

As palavras do painel demonstram que os atores sociais apresentam uma forte identificação com cultura germânica, destacando fatores como as manifestações culturais dos grupos de danças da cidade, a história e a cultura da colonização alemã. É possível inferir que a identidade legitimadora está em evidência e é reconhecida pela comunidade do município de Linha Nova. A identidade legitimadora do local decorre fundamentalmente em virtude da colonização germânica, onde a maior parcela da população é descendente dos imigrantes alemães. No entanto, observa-se presente também, em menor escala, a identidade de projeto, onde os atores sociais procuram dar destaque à tradição cervejeira mediante a criação de cervejarias e incentivo da fabricação artesanal da bebida pelos habitantes. Importante notar que a identidade de projeto, neste caso, decorre da identidade legitimadora da tradição germânica de produzir cerveja artesanal e, principalmente, em virtude do título de “Berço das cervejarias artesanais do Rio Grande do Sul” concedido ao município de Linha Nova.

A ordem de importância das palavras do painel (Figura 1) vem ao encontro das categorias formadas a partir da análise e reagrupamento do conteúdo das respostas. Os resultados



correspondem basicamente a três categorias: identificação com a cultura germânica; receio da perda da identidade germânica; e necessidade de resgate da cultura local.

A **identificação com a cultura germânica** aparece com frequência em narrativas, como: “As origens germânicas ainda preservadas, os grupos organizados, a língua alemã, e cultura cervejeira. Ainda tem as festas de família que são fortes. [...] Festas comunitárias, festas típicas, como a Heimatfest e o Kerb.” (Participante de 44 anos); “As tradições culturais, danças, canto coral, bandas.” (Participante de 64 anos); “A característica germânica é muito forte [...] Canto Coral. Apresentações musicais típicas. Grupos de dança (inclusive infantis).” (Participante de 53 anos). Seyferth (2012) observa que a partir da década de 70, seguindo uma tendência global de revivescimento étnico, os descendentes de alemães vêm reforçando sua univocidade e individualidade nas festas de apelo turístico, eventos folclóricos, grandes encontros de famílias, museus de colonização etc. A autora explica que podem ocorrer duas maneiras de os descendentes de alemães elaborarem sua identidade: pela memória da imigração e colonização; e através do destaque positivo da “herança cultural” compartilhada (culinária, ancestralidade, conhecimento da língua alemã, tradições familiares etc.). Pelas narrativas, verifica-se que os descendentes de alemães de Linha Nova apropriam-se das maneiras de elaborar e reforçar sua identidade germânica, buscando manter vivas as memórias e tradições dos colonizadores, tais como o ato de produzir cerveja artesanal, reconhecida como a identidade de projeto no município.

Dentre as narrativas que abordam as manifestações culturais da cidade, foi possível notar frequente menção aos grupos de danças alemãs, que possuem papel ativo na divulgação da cultura germânica e do nome do município para outras regiões. Atualmente o município é representado por três grupos de danças alemãs: categoria infantil, com as crianças dos anos iniciais do ensino fundamental; categoria adulto, composto por jovens e adultos do município e se nomeia como Loreley Volkstanzgruppe; e categoria terceira idade, que se nomeia Grupo de Idosos Veilchenbeet. Neste sentido, foram trazidas narrativas como: “As festas que representam a nossa cultura. Mas o que mais representa é o grupo de danças [...]” (Participante de 25 anos); “São os eventos realizados pelo grupo de danças [...]” (Participante de 43 anos); “As danças alemãs, é um atrativo interessante.” (Participante de 37 anos). Referente a este aspecto, Seyferth (2012) crê que os grupos folclóricos (os quais se reúnem periodicamente em congressos de dança e música, inclusive com extremos cuidados com relação ao vestuário e performance que representam às raízes culturais na Alemanha) são importantes para traduzir a memória coletiva



da colonização. Inclusive observa-se nesta representação cultural a presença de uma tradição teuto-brasileira e não apenas germânica, sendo que no passado não haviam sido instituídos grupos de danças folclóricas pelos imigrantes (SEYFERTH, 2012). No Brasil, somente a partir da década de 90, os grupos de danças passaram a representar determinadas regiões alemãs com trajes “autênticos” (HERBERS, 2014), o que remete ao movimento da juventude da Alemanha, por volta de 1900, para preservar as originais danças e trajes de época (WEINERT, 2007). Deduz-se, portanto, que a identidade cultural reconhecida através dos grupos de danças de Linha Nova não decorre somente da memória dos imigrantes transmitida ao longo do tempo pelas gerações, mas em virtude do “imaginário cultural teuto-brasileiro<sup>2</sup>”.

Apesar desta identificação com a cultura teuto-brasileira, há o **receio da perda da identidade germânica** que está vinculado principalmente ao desinteresse dos jovens em preservar a cultura alemã e pode interferir na identidade legitimadora que até então prevalece no município. Observa-se que a palavra “falta”, em destaque na Figura 1, foi trazida com frequência nas narrativas dessa categoria: “A falta de interesse das novas gerações em preservar a língua, a música, as danças, o canto, a religiosidade, o cuidado com a arquitetura e dos jardins/pátios, a culinária, as festas e eventos culturais.” (Participante de 29 anos); “A falta de interesse da nova geração em tudo que engloba a cultura.” (Participante de 30 anos); “[...] a falta de interesse pela população mais jovem em continuar reavivando as tradições trazidas pelos antepassados.” (Participante de 63 anos). Seyferth (2012) destaca que o uso cotidiano da língua materna, os hábitos alimentares, os estilos arquitetônicos, as associações recreativas e culturais, entre outros, contribuem para a coesão grupal e reconhecimento da identidade étnica da comunidade. Assim, evidencia-se o receio de dissolução da identidade étnica local, uma vez que as novas gerações estão deixando de exercer e, de certa forma, se reconhecer nos costumes e tradições realizadas por seus pais, avós e antecedentes.

Alguns participantes citaram a mídia e as tecnologias como sendo os principais responsáveis pelo desinteresse dos jovens em preservar a cultura local, como apontam os recortes a seguir: “A perda de identidade das novas gerações, muito influenciadas pela mídia.” (Participante de 44 anos); “Isto muito em função da era tecnológica que tomou conta deste

<sup>2</sup> Termo empregado por Herbers (2014), a qual usou a expressão “imaginário cultural teuto-brasileiro” para se reportar à popular festa germânica (Oktoberfest), aos grupos de danças folclóricas e ao repertório musical como produto de valorização turística de Blumenau.



espaço.” (Participante de 63 anos). Neste viés, uma jovem participante inclusive expressa sua opinião sobre o desinteresse dos jovens em participarem de manifestações culturais:

A juventude não quer (e com razão) ficar apenas replicando a forma que as atividades culturais ocorriam antigamente. É necessário inovar! [...] A internet está aqui para isso, facilitar a divulgação da nossa riqueza cultural (especialmente agora com a pandemia). Por que não filmar as criações culturais e elaborar uma página do município onde possamos divulgar esse trabalho [...]. Precisamos nos adaptar para (e somente assim) podermos conquistar as novas gerações para as atividades culturais do município. (Participante de 29 anos).

Estas narrativas deixam evidente a percepção de diferentes gerações, pois enquanto os dois primeiros participantes sugerem a tecnologia e a mídia como sendo o problema para a preservação da cultura pelos jovens, a terceira participante observa justamente no meio digital a oportunidade para atrair a juventude e assim reinventar a forma de divulgar a cultura local. Importante reconhecer que desde o início do século as novas gerações estão imersas no universo tecnológico e é onde estes definem suas identidades e se socializam. Assim, contrariando a percepção de que os meios de comunicação são responsáveis pelo empobrecimento da cultura e afastamento das pessoas, Morduchowicz (2008a, 2008b) defende que é necessário perceber como os jovens se relacionam com os meios, possibilitando compreender seus novos modos de sociabilidade, identidades e ações representadas em práticas culturais. Corroborando, Martín-Barbero (2006) observa que os jovens, através dessa nova forma de identidade e modos de sociabilidade, procuram se fixar em tribos nos espaços virtuais para compartilhar signos (músicas, vestuário, adereços...) que marcam novas formas de perceber e representar suas identidades. Diante do exposto, fica evidente a necessidade de reinventar o modo de exercer e disseminar a cultura local para o universo tecnológico caso queira se preservar a identidade legitimadora junto às novas gerações.

Além da importância do incentivo das práticas culturais junto às novas gerações, houveram diversas menções à **necessidade de resgate da cultura local**, onde foram trazidas principalmente sugestões para o resgate do patrimônio material e imaterial do município: “Seria interessante ter um programa de registro das tradições, da gastronomia e das histórias dos antepassados. Seja em livro, ou audiovisual, ou em fotos.” (Participante de 44 anos); “Devemos, o quanto antes, conseguir registrar a presente cultura e história ainda preservada.” (Participante de 29 anos); “A manutenção do museu com artefatos históricos do município para visitação do público.” (Participante de 21 anos). As narrativas reportam a importância desse resgate cultural, não apenas mediante a implantação de museu ou registros impressos, mas também através da



tecnologia audiovisual. Nesse sentido, Pinheiro e Favareto (2017), ao exporem a experiência pedagógica da utilização de recursos audiovisuais no resgate da cultura da cidade de Fontoura Xavier (RS), destacam a importância do uso das mídias digitais para registrar e transmitir as histórias de vida e cultura popular. A tecnologia está cada vez mais presente no cotidiano das comunidades e, portanto, deve ser utilizada como forma de preservação e divulgação da história e tradição de diferentes comunidades étnicas.

Foram identificadas narrativas inclusive com viés econômico por meio do resgate e da disseminação das tradições locais: “creio que estes grupos culturais deveriam começar a pensar esse ‘hobby’ (cantar, dançar, tocar) como fonte de renda para os integrantes, pois acaba sendo um incentivo para permanecer na atividade.” (Participante de 29 anos);

Explorar e fomentar mais os patrimônios materiais (edificações antigas por exemplo) e os patrimônios imateriais (culinária, dialeto alemão, jogos tradicionais, bailes e festas típicas), saberes de forma artesanal dos moradores (fazer cestos de vime, vassouras, gamelas, etc...). Abrir espaço para esses produtos serem expostos e comercializados. (Participante de 29 anos).

As narrativas desses dois participantes refletem a percepção das novas gerações, as quais encontram na identidade cultural uma forma de promover a economia local e, conseqüentemente, atrair o público jovem. Importante destacar, segundo Pérez (2009), que o sistema capitalista segmenta o mercado turístico para fins mercantis, fazendo com que a cultura seja instrumentalizada e convertida em produto mercantil. Conforme o autor, o “turismo cultural” é impulsionado pela sociedade civil, empresas, políticas estatais, regionais e locais, passando a servir como etiqueta comercial para converter cultura e patrimônio cultural em mercadoria, podendo impactar positiva ou negativamente na identidade local. Dentre os impactos positivos do turismo cultural estão o fortalecimento e a revitalização das identidades culturais, das tradições e o desenvolvimento econômico do local (BOISSEVAIN, 1996). Porém, o excesso de mercantilização pode acabar minimizando os fins educacionais do turismo cultural para dar lugar à exploração massiva, ficcional e exagerada da cultura (PÉREZ, 2009). Para tanto, é necessário um planejamento estratégico que fortaleça a identidade cultural caso o município queira aderir ao turismo cultural como forma de promover a economia local, minimizando os impactos negativos do turismo na cultura local.



### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve o objetivo de compreender a identidade territorial que os atores sociais da cidade atribuem ao município de Linha Nova. Os resultados indicaram uma forte relação com a identidade legitimadora decorrente do processo de colonização alemã nessa região, bem como, o desenvolvimento da identidade de projeto pela tradição cervejeira.

Nota-se que atualmente a cultura germânica de Linha Nova está fortemente vinculada às manifestações culturais dos grupos de danças, que sequer representam as memórias dos colonizadores alemães, mas sim, o resgate de vestuários e danças do território alemão de épocas anteriores ao processo de imigração. Essa prática busca resgatar as raízes dos antepassados que colonizaram o município e hoje é vista como principal representação da cultura de Linha Nova, mas que não retrata especificamente a história local.

Ademais, fica evidente a necessidade de resgate das memórias e tradições do território como maneira de representar a essência da cultura do município, bem como, a importância de reinventar ou reinterpretar práticas culturais à era da tecnologia para atrair o interesse do público jovem. Isso demonstra que a preservação da cultura está condicionada às modificações e evoluções da sociedade no decorrer dos anos, caso contrário, estará fadada ao esquecimento. Salienta-se que esta reinterpretação ou reinvenção não é no sentido de “inventar” uma cultura ou uma teatralização, mas sim, no sentido de resgatar o passado e identificar a essência dos valores culturais e reaplicá-los com o aval da participação comunitária local, mantendo a cultura como deve ser, ou seja, dinâmica e viva.

Por fim, destaca-se que o município, através do Departamento de Turismo e do Conselho Municipal de Cultura e Turismo, tem buscado a participação comunitária no planejamento das áreas de cultura e turismo, como demonstram os dados levantados nesta pesquisa. Observa-se uma tendência do município em aderir ao turismo cultural como forma de preservar e disseminar a história, costumes, tradições germânicas e, principalmente, desenvolver a economia local. Pelas narrativas, percebe-se claramente a correlação entre turismo e cultura na cidade, o que deve ser fortalecido no planejamento municipal. Contudo, é imprescindível que este planejamento estratégico tenha a participação dos setores público e privado, trabalhando em sintonia para buscar transmitir a identidade legitimadora reconhecida pelos atores sociais.



## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004. 223 p.

BOISSEVAIN, Jeremy. **Coping with tourists**: European reactions to mass tourism. Providence: Berghahn, 1996.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 6. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2008. 530 p

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói, RJ: EdUFF, 1997.

HERBES, Leonice. A Oktoberfest de Blumenau – uma festa “alemã”? Grupos de danças folclóricas e programação musical entre Alemanha, Brasil e o imaginário cultural teuto-brasileiro, 1984-2009. **História: Debates e Tendências**, v. 14, n. 1, p. 167-181, jan./jun. 2014.

HUNSCHE, Carlos Henrique. **Pastor Heinrich W. Hunsche e os começos da Igreja Evangélica no Sul do Brasil**. São Leopoldo: Rotermond, 1981.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades@**. Brasil, Rio Grande do Sul, Linha Nova. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/linha-nova/panorama>>. Acesso em 02 abr. 2021.

MARTÍN- BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis. **Sociedade Midiatizada**. (Org). Rio de Janeiro: Manuad, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, SP: Hucitec, 2014. 416 p.

MORDUCHOWICZ, Roxana. Introducción. Los jóvenes y las pantallas. Nuevas formas de socialidad. In: MORDUCHOWICZ, Roxana. (coord). **Los jóvenes y las pantallas**. Nuevas formas de socialidad. Barcelona: Editorial Gedisa, 2008a.

\_\_\_\_\_. La relación de los jóvenes y las pantallas. In: MORDUCHOWICZ, Roxana. (coord). **Los jóvenes y las pantallas**. Nuevas formas de socialidad. Barcelona: Editorial Gedisa, 2008b.

PÉREZ, Xerardo Pereiro. **Turismo Cultural**: Uma visão antropológica. El Sauzal (Tenerife. España): ACA y PASOS, RTPC, 2009. 307 p.

PINHEIRO, Ana Paulo; FAVARETO, Fernanda. A contribuição dos recursos audiovisuais para o resgate da cultura local: uma experiência pedagógica em Fontoura Xavier. In: TAROUCO, Liane Margarida Rockenbach; ABREU, Cristiane de Souza (Orgs.). **Mídias na educação**: a pedagogia e a tecnologia subjacentes. Porto Alegre: Editora Evangraf/Criação Humana, UFRGS, 2017. 600 p.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 276 p.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). **Lei n. 15.024**, de 15 de agosto de 2017. Declara o Município de Linha Nova Berço das Cervejarias no Estado do Rio Grande do Sul. Diário Oficial do Estado: edição de 16 de agosto de 2017, p. 2. Disponível em: <<https://www.diariooficial.rs.gov.br/diario?td=DOE&dt=2017-08-16&pg=2>>. Acesso em: 03 abr. 2021.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16.ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SAQUET, Marcos Aurelio. Abordagens e concepções de território e territorialidade. **Revista Geográfica de América Central**, n. esp., p. 1-16, 2011.

SEYFERTH, Giralda. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil. **MÉTIS: história & cultura**, v. 11, n. 22, p. 13-39, jul./dez. 2012.

WEINERT, Jörg. Heimatfeste in Sachsen-Anhalt – Tradition und Wandel. In: FIKENTSCHER, Rüdiger (Org.). **Fest- und Feiertagskulturen in Europa**. Halle (Saale): Mitteldeutscher Verlag, 2007. p. 102-109.





## A LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO MÉDIO: (RE)PENSANDO AS PRÁTICAS

### LITERARY READING IN HIGH SCHOOL: (RE)THINKING THE PRACTICES

Jessica Daiane Levandovski Thewes (Universidade Feevale); Simone Weide Luiz (Unisinós); Cátia de Azevedo Fronza (Unisinós)

**Resumo:** A partir de falas de alunos adolescentes, percebe-se que suas preferências, muitas vezes, divergem da proposta de leitura somente de textos literários, sem considerar o seu contexto de vida. Assim, neste artigo, apontamos para a necessidade de os alunos vivenciarem os textos por meio de práticas oportunizadas pela escola. Para isso, os professores podem direcionar suas escolhas a aspectos que revelem a atualidade das obras, em que os alunos sejam impulsionados por relações do texto literário com o próprio contexto social, a fim de (re)pensar sua realidade e mobilizar transformações. Tomamos por base referências que discorrem sobre o papel da literatura para a formação integral, bem como sobre perspectivas metodológicas para práticas efetivas de leitura na escola. Além disso, valemo-nos de dados que revelam a perspectiva de alunos do Ensino Médio, a respeito de práticas realizadas na escola pública. Acreditamos, por meio desta reflexão, contribuir para qualificar as propostas de leitura literária oportunizadas pela escola e para a formação integral de um sujeito crítico e reflexivo.

**Palavras-chave:** Escola. Leitura. Literatura. Adolescentes.

**Abstract:** Based on the statements of adolescent students, we realize that their preferences often diverge from the proposal of reading only literary texts, without considering their life context. Thus, in this article, we point to the need for students to experience the texts through practices provided by the school. To this end, teachers can direct their choices to aspects that reveal the actuality of the works, in which students are driven by relationships between the literary text and their own social context, to (re)think their reality and mobilize transformations. We based our research on references that discuss the role of literature in integral formation, as well as methodological perspectives for effective reading practices in school. In addition, we use data that reveal the perspective of high school students about the practices carried out in public schools. We believe that through this reflection we can contribute to qualify the proposals of literary reading offered by the school and to the integral formation of critical and reflective subjects.

**Keywords:** School. Reading. Literature. Adolescents.

## 1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, quando jovens estão imersos em mídias digitais, é um desafio proporcionar o aprendizado efetivo, que possibilite o protagonismo e a autonomia social. No Ensino Médio, a literatura é apresentada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) como um potencial para enriquecer a percepção e a visão de mundo acerca do que se vê e vivencia. Entretanto, o percurso da literatura na escola não se mostra favorável, e pesquisas apontam para índices baixíssimos de leitura (ROJO, 2009; SARAIVA; KASPARI, 2017).





Abreu (2004), Rojo (2009) e Kaspari (2019), por sua vez, abordam a importância de também ser contemplada, na escola, a cultura valorizada pelos estudantes e a literatura em sua essência. Motivada por essa perspectiva, Thewes (2021) identifica e analisa apreciações de estudantes do Ensino Médio sobre práticas de leitura literária, evidenciando o papel dos agentes envolvidos para a formação cidadã.

O presente artigo, conectado ao estudo de Thewes (2021), discute o papel da literatura para a formação cidadã, focalizando as apreciações dos alunos sobre práticas vivenciadas em aulas de Literatura, para pensar propostas pedagógicas para a leitura de textos literários na escola<sup>1</sup>. Apresentam-se as preferências literárias dos jovens e atividades ofertadas pela disciplina de literatura das quais preferem participar, evidenciando o papel da literatura na escola.

## 2 O PAPEL DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO CIDADÃ

Saraiva e Kaspari (2017, p. 16) elucidam a influência da literatura na constituição do sujeito, destacando sua função humanizadora e libertadora nas mais diversas e destoantes esferas da sociedade. Segundo as autoras, a literatura “contribui para o desenvolvimento de indivíduos emocional e psiquicamente equilibrados, conscientes de sua responsabilidade social e aptos a posicionar-se criticamente em face de seu meio”. Contudo, atentam para o desinteresse sobressalente pela leitura literária na escola. Para Cândido (2004, p. 186), a literatura “corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque, pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza”.

Segundo Cosson (2016), a literatura, prática fundamental, é vista como uma possibilidade de atuação social para romper com discursos que refletem situações de injustiça e desigualdade, possibilitando diferentes formas de interpretar a realidade por meio da experiência com a leitura.

Historicamente, a disciplina de Literatura apresenta carga horária baixa e caráter propedêutico, uma vez que é ensinada com vista a processos seletivos para o ensino superior. (ZAPPONE, 2018). Além disso, segundo a autora, a arte literária serviu de modelo de língua a

---

<sup>1</sup>A pesquisa de Thewes (2021) conta com 14 alunos participantes. Neste artigo, trazem-se relatos de 4 alunos.



ser seguido, de modo que os textos eram utilizados para o ensino da gramática normativa e aspectos ortográficos.

Tal visão de ensino da Literatura, pode afastar ainda mais o aluno. É preciso, então, criar condições para que o estudante se identifique como agente frente ao texto literário. Nesse sentido, a BNCC (BRASIL, 2018) corrobora as reflexões possibilitadas pela literatura para despertar o aluno para a própria realidade, ampliando, por meio do texto literário, as suas visões de mundo, no sentido de melhor compreender a sociedade, para pensar ações transformadoras.

Guiando-se pelo caráter emancipatório da educação, por meio da literatura, contribui-se para o desenvolvimento da consciência crítica dos leitores, impulsionando reflexões e ações nos processos sociais, culturais, políticos e econômicos da sociedade. (PEREIRA; SILVA, 2018).

Nesta direção, seguem reflexões sobre o modo como a leitura e a escrita podem ser contempladas no âmbito escolar.

### 3 POSSIBILIDADES PARA A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS NA ESCOLA

Cosson (2016, p. 11) enfatiza a proposta de “ir além das práticas escolares usuais”, visando à “apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas”. São reconhecidas diferentes vivências de letramento, além da habilidade de ler e escrever, pois se compreende que todas as pessoas têm algum modo de participação social por meio do letramento. (COSSON, 2016). Retoma-se, portanto, o conhecimento dos educandos como ponto de partida para a aprendizagem. Além disso, conforme Cândido (2004), atribui-se ao texto literário papel singular para a constituição do sujeito.

Também se discute sobre a seleção da literatura presente em sala de aula. Mesmo na “era da informação”, é possível encontrar também nas obras clássicas algo que lhe diga a respeito e que lhe seja útil, que possibilite reflexão e avaliação (BLOOM, 2001), que possa ser lido e produzir sentido no aqui e no agora. É preciso, então, dar importância à escolha dos textos que adentram as salas de aula. Cosson (2016) chama atenção para a atualidade da obra, para que tenha significado na época em que é lida/estudada. Outro fator a observar é a diversidade, pois “cada uma traz apenas um olhar, uma perspectiva, um modo de ver e de representar o mundo”. (COSSON, 2016, p. 35). Em adição a isso, o professor “deve partir daquilo que o aluno já



conhece para aquilo que ele desconhece” (op. cit., p. 35), desafiando-o, progressivamente, a leituras mais complexas.

Desse modo, indicam-se estes três critérios para a seleção dos textos literários: i. não desprezar o cânone, no qual está presente a herança cultural de sua comunidade; ii. Não se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas em sua atualidade; e iii. Deve ser assumido o princípio da diversidade. (COSSON, 2016).

Riter (2009, p. 65, grifo do autor) destaca que o bom texto “propicia *deleite, reflexão e transformação*”. Ressalta-se novamente a transformação como um ponto a ser alcançado nas práticas em sala de aula.

Considerando-se a leitura que visa à transformação, é preciso avaliar seu potencial quanto à linguagem apresentada; à conexão entre ficção e realidade; à imersão em um mundo completamente diferente da realidade; à reflexão sobre o que se lê, formulando hipóteses quanto aos caminhos possíveis para a interpretação. Coloca-se também a possibilidade da interação, que exige do leitor um posicionamento interpretativo (THEWES, 2021). Para Riter (2009, p. 65), “ler é oportunidade de crescimento intelectual e emocional, sempre que o texto indicado possuir recursos artísticos e estéticos, condição essencial da literatura”.

Podemos dizer que há um caminho a seguir para o impacto da literatura na formação do educando, tendo em vista as peculiaridades de cada contexto escolar. Sob essa perspectiva, Riter (2009) sugere um roteiro de leitura para conduzir as aulas de literatura para crianças e adolescentes. Tal abordagem, anteriormente apresentada por Saraiva (2001) e Saraiva e Mügge (2006), segundo Riter (2009), conta com as seguintes etapas: motivação, leitura, interpretação e extrapolação.

Cosson (2016) e Riter (2009) apresentam uma perspectiva pedagógica da Literatura distanciada de práticas de decodificação da palavra, voltada ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, próximas de interpretações que estabeleçam relações significativas com o contexto dos alunos. As propostas em sala de aula, portanto, precisam abarcar um olhar crítico para a leitura, estabelecendo conexões entre a leitura e as vivências dos estudantes. Com isso, são apresentadas possibilidades de manifestarem-se quanto a suas percepções e de dividir opiniões sobre o que se lê. Alinhado a esta perspectiva, encontra-se o estudo de Thewes (2021), de cunho qualitativo-interpretativista, com princípios da pesquisa-ação, apresentando, dentre outros, dados de conversas com alunos de uma turma do segundo ano do Ensino Médio, em um colégio estadual da Região Metropolitana de Porto Alegre. Para



este trabalho, retomam-se as reflexões de Thewes (2021), a partir da BNCC e das perspectivas de Cândido (2004), Cosson (2016), Saraiva e Kaspari (2017), para identificar o papel da literatura para a formação cidadã, e de Cosson (2016) e Riter (2009), para discorrer acerca de propostas metodológicas para a abordagem da literatura na escola.

#### **4 “EU, PARTICULARMENTE, GOSTO DE [...] DAR OPINIÃO, DESENVOLVER ALGUM PENSAMENTO”: APRECIÇÕES DE ESTUDANTES SOBRE AS PRÁTICAS POSSIBILITADAS PELA ESCOLA**

Conforme Thewes (2021), no segundo semestre de 2019, alunos do 2º ano do Ensino Médio da escola parceira da autora participaram, por meio da disciplina de Literatura, de diferentes práticas que tiveram como ponto de partida as leituras<sup>2</sup> das obras *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, *O Primo Basílio*, de Eça de Queiróz, *O Navio Negreiro*, de Castro Alves, *Não há vagas*, de Ferreira Gullar, *A peste da Janice*, de Rafael Figueiredo e *O xadrez das cores*, de Marco Schiavon. O objetivo do estudo foi delinear quais dessas práticas mostraram-se significativas para eles e apresentar os pontos mais importantes dos relatos sobre as atividades alusivas às experiências literárias com essas obras.

O primeiro aspecto destacado das falas dos estudantes, durante roda de conversa, conforme Thewes (2021), foi a preferência por atividades em que pudessem expressar e conhecer opiniões. Os estudantes também enfatizaram as discussões proporcionadas em aula, a produção de textos dissertativo-argumentativos e a realização de enquetes com o público externo.

Destaca-se, nessas indicações, a função humanizadora e libertadora da literatura, em que se podem manifestar as diferentes visões e, na escola, atentar-se para a importância de mobilizar diversos mecanismos de interpretação para que seja atingido o sentido pleno da leitura. (CÂNDIDO, 2004). Nesse sentido, nota-se que, pelos relatos dos alunos, a expressão como alvo. Como disse Anna Karenina<sup>3</sup>: “Eu gosto de falar sobre os livros que a gente lê. Quando a gente vai, cada um, responder alguma pergunta, dá pra notar que cada um tem uma opinião diferente ou viu de uma maneira diferente”. A fala de Denis, vai na mesma direção: “Eu [...] gosto de participar bastante oralmente, dar opinião, desenvolver algum pensamento”.

<sup>2</sup> Neste sentido, refere-se à palavra leitura com a perspectiva interacionista: como o ato de mobilizar conhecimentos de mundo para compreender textos verbais, não-verbais ou, ainda, multimodais (OLIVEIRA *et al.*, 2015).

<sup>3</sup> A fim de assegurar os aspectos éticos da pesquisa, os quais visam a preservar a identidade dos participantes, ressalta-se que os nomes que lhes fazem referência são pseudônimos escolhidos pelos estudantes.



A escrita também ganhou destaque para o protagonismo dos estudantes, por possibilitar a expressão do pensamento. Denis assim afirmou “Eu gosto de texto dissertativo”, e Freud disse que “[...] no texto tu escreve o que tu qué, né. [...] tu escreve, tu vai... tendo mais ideia e vai colocando [...]”. Pareceu relevante aos alunos conhecerem a visão de pessoas que integram o contexto em que se inserem, para além dos muros da escola. Manc, por exemplo, relatou: “[...] a gente fez as enquetes, foi legal pra saber a opinião das outras pessoas que não leram [...]”. Por meio de enquetes, realizadas presencialmente e via *Instagram* com pessoas conhecidas, de diferentes faixas etárias, os estudantes identificaram posicionamentos distintos acerca de fatos sociais presentes nas obras lidas e que, segundo eles, são atuais<sup>4</sup>.

Além disso, conforme apontado por Thewes (2021), os estudantes destacaram a leitura de *fanfics*, *podcasts*, vídeos de diferentes fontes e finalidades dentre outros. Relataram preferência de leitura por temáticas diversas (romance, guerra, autoajuda, espirituais, drama, aventura e filosóficas). Mencionaram, ainda, a preferência por obras que refletem a atualidade, sejam contemporâneas ou clássicos literários, com as quais têm contato, principalmente, na escola.

Reitera-se que as obras devem refletir temáticas sociais que o professor julga serem pertinentes para a turma. Quanto à produção discursiva dos alunos, destaca-se a importância do desenvolvimento de habilidades envolvidas com questões de interesse coletivo e público (BRASIL, BNCC, 2018), e de competências, como a de “participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania” (BRASIL, BNCC, 2018, p. 578), como explicitado pelos estudantes. Vale dizer ainda que a BNCC (BRASIL, 2018, p. 512) aponta para a necessidade de “fomentar experiências significativas e contextualizadas de exercício do protagonismo juvenil”. Tais experiências podem ser impulsionadas por atividades semelhantes às citadas pelos jovens, em que manifestam suas opiniões e ouvem a opinião do outro. Para a atuação social, segundo a BNCC, é preciso ampliar o conhecimento de gêneros da esfera pública, como alguns dos citados pelos estudantes: apresentação oral, texto dissertativo-argumentativo, enquete e debate. Esses fatos, portanto, parecem indicar que algumas das práticas vivenciadas pelos alunos são um ensaio para a cidadania.

---

<sup>4</sup> Essa atividade foi desenvolvida pelo professor no primeiro momento de observação, conforme destaca Thewes (2021).



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões tecidas nesse estudo revelam a escola como um espaço para o desenvolvimento da Educação Crítica por meio das leituras possibilitadas pela disciplina de Literatura. Destacou-se o engajamento dos estudantes em leituras de diversos textos, dentro e fora da escola. Os alunos evidenciaram a preferência pela leitura literária de obras clássicas e contemporâneas, que possibilitam a reflexão sobre temáticas e problemáticas atuais. As atividades das quais preferem participar são as que lhes possibilitam o protagonismo e a autonomia para que possam ser autores sociais. Nesse contexto, a literatura é relevante e potente para abordar questões emergentes no cotidiano dos alunos, que se assumiram como sujeitos críticos e descobridores de suas próprias histórias e preferências.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. Os números da cultura. In: Vera Masagão Ribeiro. **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.
- BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 11 abr. 2021.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CÂNDIDO, Antônio. Direito à Literatura. In: Cândido, Antônio. **Vários Escritos**. São Paulo: Ouro Sobre Azul, p. 169-191, 2004. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/5979861/antonio-candido-o-direito-a-literatura>. Acesso em: 11 abr. 2021.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.
- KASPARI, Tatiane. **Formação do leitor no Ensino Médio: Literatura como experiência estética e cultural**. 2019. Tese (Doutorado em Processos e Manifestações Culturais) – Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais, Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.feevale.br/Vinculo2/00001d/00001de0.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2020.
- PEREIRA, Sara A.; SILVA, Antonio F. G. O Currículo na Perspectiva da Educação Emancipatória Freireana: uma análise da Matriz Curricular da Rede Municipal de Ensino de



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

Sorocaba, SP. **Revista Emancipação**, Ponta Grossa, v. 18., n.1, p. 185-202, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/Emancipacao.v.18i1.0012>. Acesso em: 11 abr. 2021.

RITER, Caio. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. São Paulo: Biruta, 2009.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SARAIVA, Juracy A. **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SARAIVA, Juracy. MÜGGE, Ernani. **Literatura na Escola - Propostas para o Ensino Fundamental**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

THEWES, Jéssica D. L. “**A literatura serve pra isso [...] pra gente começara pensarem outras coisas**”: práticas de leitura literária com uma turma de Ensino Médio em escola estadual. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

ZAPPONE, Mirian H. Y. Literatura na escola brasileira: histórias, normativas e experiência no espaço escolar. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. n° 54, p. 409-433, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-40182018000200409](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182018000200409). Acesso em: 11 abr. 2021.





## CRIAÇÃO DE UM FANART CARTOGRÁFICO DE PERSONAGENS DO MOVIMENTO DE *HEADCANONS* AUTISTAS

### CREATION OF A CARTOGRAPHIC FANART OF CHARACTERS FROM THE AUTISTIC HEADCANONS MOVEMENT

Mariana Bento Beneti; Adriana Amaral

Unisinos

**Resumo:** O presente artigo faz um estudo do movimento de *headcanon* autista dentro dos Tumblrs, chamado “*Actually Autistic*”, e através dos principais personagens nomeados e considerados como autistas, realiza um mapa cartográfico de fanart com a junção dos 35 principais personagens mais frequentemente repetidos entre as postagens. Este tipo de trabalho não foi realizado em nenhuma mídia antes, e é importante que seja com fanarts, já que dialoga com o meio do fandom que está inserido e traz uma nova perspectiva do ato de representação dos autistas através de *headcanons*, levando em consideração que os personagens canonicamente autistas são escassos em filmes, séries, livros, games e animes.

**Palavras-chave:** Autismo. *Headcanons*. Fanart. Cartografia.

**Abstract:** This article makes a study of an autistic headcanon movement within Tumblrs, called “*Actually Autistic*”, and through the main characters named and considered as autistic, it makes a fanart cartographic map with the union of the 35 main characters most frequently repeated among the posts. This type of work has not been done in any media before, and it is important that it is with fanarts, since it dialogues with the fandom that is inserted and brings a new perspective on the act of representing autistic people through headcanons, taking into account that canonically autistic characters are scarce in films, series, books, games and anime.

**Keywords:** Autism. Headcanons. Fanart. Cartography.

## INTRODUÇÃO

A neurodiversidade engloba não somente o autismo como várias áreas que afetam o comportamento, como a depressão ansiedade, esquizofrenia, transtorno de personalidade, déficit de atenção, etc. Os neurodivergentes em si são amplamente mais abordados no meio midiático do que o próprio autismo, já que para quem não é autista, a neurodivergência pode ser vista até de forma pejorativa: como um alienígena (MANNING, 2015), como alguém brilhante – que presta atenção aos detalhes e tem fortes habilidades de memória e dedicação (BLACK et al, 2019) –, ou somente como alguém que se movimenta (com falta de olhar e tensão nos ombros) de uma forma diferente (MULLIS, 2018). De qualquer forma, a representação é necessária, e pode ter consequência negativa ou positiva, como



também pode ajudar a conscientizar aqueles que pouco sabem sobre o TEA (Transtorno do Espectro Autista) (NORDAL-HANSEN et al, 2018).

Não é com tanta frequência, que é possível encontrar personagens canonicamente autistas. É possível ver alguns filmes atuais, como *Life, Animated*<sup>1</sup> e *Please Stand By*<sup>2</sup>, ou algumas séries da mesma forma, como *The Good Doctor*<sup>3</sup> e *Atypical*<sup>4</sup>, mas elas estão na minoria dos meios midiáticos que tem como personagens principais um autista. É assim que *headcanons* autistas aparecem no meio dos fandoms, e a comunicação e representação *online* nos fandoms encontra espaço. *Headcanons* são teorias, crenças, ideias criadas por fãs e para fãs, afim de preencher uma lacuna existente dentro do fandom.

O autismo é principalmente caracterizado pela dificuldade de comunicação, além de dependência de rotinas entre outros (BLACK et al, 2019). Dentro dos fandoms, essa comunicação cresce cada vez mais a partir do momento em que o autista pode criar seu próprio Tumblr, com conteúdo próprio (seja ou não sobre autismo), com a frequência que quiser. De fato, “muitas pessoas que se identificam como autistas dizem que fandom ensina mais a interagir com outras pessoas do que anos em grupos e classe” (KOEHM, 2018, p. 8). Lugo et al (2017) explica que a internet expandiu várias possibilidades de disseminação e diversidade de vozes, e é possível a entrada do autista dentro dessa forma de comunicação. O indivíduo que é visto com uma imensa dificuldade de se comunicar, o faz com intensidade dentro dos fandoms, especialmente nos Tumblrs, através de *hashtags* como *#Actually Autistic*, por exemplo.

## O MOVIMENTO ACTUALLY AUTISTIC

Com a comunicação ativa dentro dos fandoms, através dos Tumblrs, os autistas criam blogs inteiros direcionados para um movimento de representação: como não existe um número suficiente de personagens canonicamente autistas, eles procuram traços de autismo em personagens de filmes, livros, séries, games, etc, e produzem *headcanons* autistas para eles. *Actually Autistic*<sup>5</sup>, *All your faves are autistic*<sup>6</sup>, *Autistic Headcanons*<sup>7</sup> e *Autistic*

<sup>1</sup> Filme documentário produzido nos EUA em 2016, dirigido e escrito por Roger Ross Williams.

<sup>2</sup> Traduzido como “Tudo Que Quero” em português, é um filme de comédia dramática produzido nos EUA em 2017, dirigido por Bem Lewin.

<sup>3</sup> Drama médico, produzido pela Sony Pictures Television e pela ABC Studios e ainda em exibição.

<sup>4</sup> Comédia dramática, produzido pela Netflix e ainda em exibição.

<sup>5</sup> Na verdade autista

<sup>6</sup> Todos os seus favoritos são autistas

<sup>7</sup> Headcanons autistas



*Characters of the day*<sup>8</sup> são os principais nomes dados para esse movimento, inclusos nas *hashtags* de postagens frequentes do Tumblr. “De fato, se a história de neurodiversidade de um povo fosse escrita, o conteúdo das *tags* #*ActuallyAutistic* pode ser um dos únicos registros sobreviventes dessa ação” (FOLSON, 2017, p. 3).

Vários são os exemplos de personagens considerados como *headcanons* autistas para esse grupo, de acordo com Mullis (2018), alguns deles são: Sherlock Homes em Sherlock, The Doctor em Doctor Who, Temperance Brennan em Bones, April Ludgate em Parks and Recreation, Raymond Holt em Brooklyn Nine-Nine, Newt Scamander em Fantastic Beasts, Sarah em The Walking Dead, Lilo Pelekai em Lilo e Stitch, etc. Este trabalho realizou uma análise de 30 Tumblrs dentro do movimento *Actually Autistic*, deles 23 inativos e 7 ativos, durante o ano de 2020. Selecionou todos os principais personagens que apareciam com frequência e repetição nas postagens e organizou-o em listas e divisões para, enfim, realizar um mapa cartográfico de fanarts que mostrasse e se focasse somente nesses personagens de *headcanon* autista.

## MONTAGEM DO FANART CARTOGRÁFICO

Em conjunto com uma artista brasileira neurodivergente (com traços de déficit de atenção e ansiedade), foi-se selecionado uma gama de personagens recorrentes no movimento *Actually Autistic* e, posteriormente, houve a organização dos seus nomes e de um desenho que os representasse (sem ser seus rostos). A artista Maria Fernanda (também conhecida nas redes sociais como Hazelly) foi escolhida tanto por ser brasileira, quanto por seu estilo de trabalho ser com uma frequência de fanarts. Foi feita uma divisão de sete grupos midiáticos, e dentro deles, uma subdivisão de cinco personagens em cada grupo. O rascunho realizado está demonstrado a seguir:

---

<sup>8</sup> Personagem autista do dia



**Figura 1.** Rascunho do mapa cartográfico de fanarts



**Fonte:** O desenho do mapa foi discutido entre a autora do artigo e a artista Maria Fernanda, porém o rascunho em si foi feito pela própria artista, com autorização para colocar no artigo

A primeira divisão é a de livros, representada por uma ilha no canto direito do desenho. Os personagens representados na ilha são: Sherlock Holmes (dos livros de Sherlock Holmes, do Sir Arthur Conan Doyle) e Hercule Poirot (escrito por Agatha Christie), ambos representados em imagens como duas casinhas pequenas e aumentadas por uma lupa de detetive, e cada casa com representantes dos personagens (a de Sherlock com o chapéu e cachimbo e a de Poirot com seu famoso bigode). Também aparece a personagem Alice (do livro Alice no País das Maravilhas, escrito por Lewis Carroll), que será representada por várias casas em forma de cogumelo e em cima de um deles terá a famosa lagarta; o personagem Bill Denbrough (do livro IT: A Coisa, escrito por Stephen King), representado por um balão vermelho e um esgoto com barquinho, e por fim, a personagem Violet Baudelaire (da série de livros Desventuras em Série, escritos por Lemony Snicket), representada com sua casa toda queimada e destruída, assim como no livro.

A segunda divisão, de desenhos, trata-se de um outro continente logo acima do de livros, no canto superior direito. São cinco personagens que aparecem no meio midiático de desenhos (tanto em filmes quanto em séries animadas) e são estes: a Rapunzel (do filme e série animada Enrolados) e a Elsa (do filme Frozen), ambas representadas em uma montanha com gelo, mas a Rapunzel mais especificamente em uma torre alta na montanha. Solução (do filme e série animada Como Treinar o Seu Dragão), representado com um grande dragão voando ao entorno da montanha, e os dois últimos personagens: Lilo Pelekai (do



filme e série animada Lilo e Stitch) e Bob Esponja (do filme e série animada Bob Esponja Calça Quadrada), que serão representados perto do mar, com ondas altas e coqueiros, a casa de abacaxi do Bob Esponja e o ukulele de Lilo estarão presentes.

Logo à esquerda do continente dos desenhos, como uma ilha um pouco menor, é possível ver a divisão dos animes, que são desenhos animados japoneses (com um estilo completamente diferente dos desenhos). O meio dos animes também englobam os mangás japoneses. É uma ilha cheia de nuvens e nevoeiro, e lá, estão divididos cinco personagens: tanto L Lawliet (do anime e mangá Death Note) quanto Goku (do anime e mangá Dragon Ball) estão representados como seres que voam entre as nuvens. Já Ash Ketchum (do anime, filme e games de Pokémon) está representado por um grande Pokémon nadando nos mares ao redor (um Lapras), e na parte de terra da ilha, é possível ver um lago de gelo, que representa o personagem Yuri Plisetsky (do anime Yuri!!! On Ice) e uma máquina de escrever, que representa a personagem Violet Evergarden (do anime Violet Evergarden).

Ao lado da pequena ilha de animes, aparece um grande continente de filmes, imponente e que encosta no canto esquerdo da folha. É um continente cheio de árvores e de florestas, e contém cinco personagens, entre eles: Forrest Gump (do filme Forrest Gump), representado com seu barco de pesca de camarão, o “Bubba Gump”, Newt Scamander (do filme Animais Fantásticos) e Luna Lovegood (do filme Harry Potter), representados ambos como o castelo de Hogwarts e um animal voando em volta, Kylo Ren (do filme Star Wars), representado com sua nave espacial do mal, e Neo (do filme Matrix), que é representado com uma “falha na Matrix”, alguns números verdes no meio das árvores no continente.

Em baixo do continente de filmes, ainda no canto esquerdo e unidos por uma grande ponte, aparece outro continente: o das séries, que é voltado para terra e montanhas. Nele, contém cinco personagens, entre eles: Castiel (da série Supernatural), que será representado por um símbolo no chão (símbolo na série de invocar anjos), Spock (da série Star Trek), que é representado com a nave Enterprise, The Doctor (da série Doctor Who), representado pela Tardis. A personagem Phoebe (da série Friends) é representada por um gato fedido (como na música “*smelly cat*” que ela canta na série), e por fim, o personagem Sheldon Cooper (da série The Big Bang Theory) é representado por várias bandeiras, uma referência ao programa que o personagem fazia no *Youtube*, na série, chamado “*Fun with flags*” (tradução livre: “se divertindo com bandeiras”).



Entre os grandes continentes de filmes e séries, unidos por duas pontes, coloca-se a ilha dos HQs, as Histórias em Quadrinhos, que inspiram tanto filmes quanto séries a serem produzidos. É uma ilha com o predomínio de verde, com cinco personagens: Groot (da HQ e filme Guardiões da Galáxia) é representado como uma árvore com rosto, tanto Matthew Murdock (da HQ e série Daredevil) quanto Wade Wilson (da HQ e filme Deadpool) tem suas máscaras boiando em um grande rio que passa pela ilha. Já Peter Parker (da HQ, filme e desenho do Homem Aranha) é representado por uma aranha, e por fim, Bruce Banner (da HQ e filme d'O Incrível Hulk) é representado por um laboratório de química com o Hulk.

Por fim, na base de baixo da folha, entre o continente de séries e o de livros, que está no canto, encontra-se um monstro em forma de polvo (o conhecido Kraken), que é a representação do meio midiático dos games. Em cada um de seus tentáculos que passam para fora da água, encontra-se um dos cinco personagens: Papyrus (do game Undertale) que é representado com alguns ossos, Aloy (do game Horizon Zero Dawn), representada por um arco e flecha, Lara Croft (do game e filme Tomb Raider), representada por uma arma, Max Caulfield (do game Life is Strange), representada por uma câmera fotográfica, e por fim, Connor/RK800 (do game Detroit: Become Human), representado por um círculo de led azul na cabeça do polvo.

Enfim, o trabalho foi finalizado em abril de 2021, com todas as linhas concluídas. Segue a imagem do trabalho final do fanart cartográfico:





Figura 2. Mapa cartográfico de fanarts finalizado



**Fonte:** O desenho do mapa foi discutido entre a autora do artigo e a artista Maria Fernanda, porém o desenho em si foi feito pela própria artista, com autorização para colocar no artigo.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento *Actually Autistic* nunca foi abrangentemente estudado (muito menos no Brasil), por isso existe a importância de dar foco e visibilidade aos personagens que são realizados os *headcanons* autistas. Nenhum personagem escolhido durante o trabalho foi inventado ou criado, todos foram retirados de Tumblrs dentro do movimento de *headcanons*, tanto ativos quanto inativos.

A criação do mapa cartográfico de fanarts possibilita uma visualização melhor de todos os personagens através de uma linguagem única, que é a mesma utilizada de dentro do fandom: as fanarts. Criadas por fãs e para fãs, as “artes feitas por fãs” (fã-artes) são tão populares quanto as fanfictions, as ficções escritas por fãs, e que já são comuns no meio de *headcanons autistas*. Após a realização de um *headcanon* com um personagem autista, em



uma rede social, é possível encontrar diversos textos de fãs em sites específicos com desenvolvimento de histórias inteiras narrando a personagem principal como autista e com dificuldades de autista (como é o caso de *fanfics* da Hermione, dos livros do Harry Potter, autista; ou do Sherlock Holmes, dos livros do Sherlock Holmes, também autista).

O que não existia, entretanto, era uma fanart, linguagem do fandom, que tratasse de um grupo de vários personagens dentro dos *headcanons* autistas. Ainda mais esta fanart feita em forma de mapa, que remete à cartografia, muito estudada no meio acadêmico para visualização de um mapa mental, por exemplo. O mapa ainda será colorido e, após terminado todo o desenvolvimento, publicado em uma tese de doutorado com maiores debates e discussões.

## REFERÊNCIAS

BLACK, R.; ALEXANDER, J.; CHEN, V.; DUARTE, J. Representations of Autism in Online Harry Potter Fanfiction. **Journal of Literacy Research** vol 51 (1) p. 30-51, 2019.

FOLSON, S. D. Autistic Self-advocacy and activism on the world wide web: frontiers of digito-neural subject formation. **Autonomy, the Critical Journal of Interdisciplinary Autism Studies** v 1 n 5, 2017.

KOEHM, D. **Revision as Resistance:** fanfiction as em Empowering Community for Female and Queer Fans. Trabalho feito para a Universidade de Connecticut, 2018.

MANNING, L. *Negotiating Doctor Who: neurodiversity in Fandom*. In: THORSEN, E., at all. **Media, margins and popular culture**. Palgrave acmillan, 2015.

MULLIS, C. Reflection: Autistic-coded characters and fans in fandom. **Canadian Journal of Disability Studies**, novembro, p. 147-156, 2018.

NORDAL-HANSEN, A.; OIEN, R. A.; FLETCHER-WATSON, S. Pros and Cons of Character

Portrayls of Autismo in TV and Film. **Journal of autism and Developmental disorders**, n 48 p. 635- 636, 2018.





## ACESSIBILIDADE EM MUSEUS VIRTUAIS E POSSIBILIDADES NO ENSINO: MUSEU VIRTUAL DO LOUVRE

### ACCESSIBILITY IN VIRTUAL MUSEUMS AND POSSIBILITIES IN TEACHING: LOUVRE VIRTUAL MUSEUM

Sheisa Amaral da Cunha Bittencourt (Universidade Feevale); Regina Heidrich (Universidade Feevale); Franciele Amaral da Cunha (Universidade Feevale); Alan Santos Bittencourt (Faculdade Educacional da Lapa); Karine Buglione (Uniasselvi); Patricia Brandalise Scherer Bassani (Universidade Feevale)

**Resumo:** Diante da situação atual vivida em consequência do coronavírus e a necessidade de as instituições de ensino e professores tiveram que se adaptar ao ensino remoto. Isso nos leva a algumas perguntas; como ficam os alunos com algum tipo de deficiência neste contexto? E ainda; como os museus online estão implementando acessibilidade em suas exposições digitais? Como estudo de caso utilizamos o museu virtual do Louvre. Como objetivo, pretendemos fazer uma verificação de acessibilidade no Louvre a partir dos princípios da WCAG (Web Content Accessibility Guidelines). Como metodologia, será feita uma análise do museu do Louvre a partir das diretrizes de acessibilidade WCAG 2.1. Como hipótese, acredita-se que esta análise possibilite perceber pontos fortes que o ramo dos museus virtuais tem desenvolvido em termos de recursos de acessibilidade, e ainda será possível identificar lacunas a serem exploradas neste campo, a fim de diminuir a taxa de exclusão de pessoas com deficiência.

**Palavras-chave:** Acessibilidade. Museus virtuais. Inclusão Escolar. Pandemia.

**Abstract:** The current situation experienced as a result of the coronavirus and the need for educational institutions and teachers to adapt to remote education leads us to some questions: how are students with some type of disability in this context? Still, how are online museums implementing accessibility in their digital exhibitions? As a case study, we select the Louvre virtual museum. As an objective, we intend to make an accessibility check in Louvre based on the principles of WCAG (Web Content Accessibility Guidelines). As a methodology, an analysis of the Louvre museum will be made based on WCAG 2.1 accessibility guidelines. As a hypothesis, it is believed that this analysis allow to perceive strengths that the branch of virtual museums has developed in terms of accessibility resources, and it will still be possible to identify gaps to be explored in this field, in order to reduce the rate of exclusion of people with disabilities.

**Palavras-chave:** Accessibility. Virtual museums. School inclusion. Pandemic.

## 1 INTRODUÇÃO

A pandemia provocada pelo coronavírus fez o mundo parar, colocou o Brasil em isolamento social desde março de 2020 e trouxe repercussões em muitas áreas da sociedade. A Educação Escolar é uma dessas áreas, que passou por uma transformação emergencial nas práticas de ensino. O modelo presencial deixou de ser realizado em praticamente todos os



países, e passando para um regime forçado de Ensino Remoto. Assim, o professor teve que recorrer ao uso das tecnologias em rede como uma parte fundamental do seu fazer nestes tempos pandêmicos. E para isso, o profissional precisa contar com conhecimentos tecnológicos, ou seja, habilidades de executar as competências digitais necessárias para o uso correto dos recursos digitais.

Porém, além do professor ter as competências digitais necessárias, também é importante pensar na quest. E ao refletir sobre isso, eis que surge um novo problema, e este diz respeito a falta de acessibilidade em diferentes ambientes digitais. Os professores têm aproveitado o contexto digital para sugerir atividades que explorem conteúdos que vão além das diferentes áreas disciplinares. Mas como ficam os alunos com algum tipo de deficiência neste contexto? Como os ambientes digitais são preparados para receber alunos com deficiência e proporcionar a eles a mesma experiência dos demais estudantes?

Dessa forma, uma atividade de aula que sugira a visita online a um museu pode ser completamente impraticável por um aluno cego, caso o site deste museu não seja preparado em termos de acessibilidade. E diante deste cenário, a proposta deste trabalho surge a partir da seguinte problemática: Como os museus online estão implementando acessibilidade em suas exposições digitais?

A partir disso, a proposta deste trabalho utiliza como estudo de caso o museu do Louvre, que tem sido largamente citado nas redes sociais como exemplo de atividade extracurricular em tempos pandêmicos. No site deste museu, o visitante pode visitar os espaços e conhecer as obras de arte, em um cenário de navegação 3D. Como objetivo, a pesquisa pretende fazer uma verificação de acessibilidade no Louvre a partir dos princípios da WCAG (Web Content Accessibility Guidelines).

Como metodologia será feito um cruzamento entre as predefinições encontradas e os princípios de acessibilidade e usabilidade. O trabalho se enquadra dentro de uma pesquisa exploratória, proporcionando, assim, maior familiaridade com o problema e permitindo a construção de hipóteses. Esta pesquisa adota procedimentos bibliográficos e documentais, que Prodanov e Freitas (2009) caracterizam como sendo quando um trabalho é realizado a partir de material já publicado sobre o assunto da pesquisa.



## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 MUSEUS VIRTUAIS

Um museu, sendo ele físico ou digital, possui uma missão principal que é disseminar informação, comunicar e, assim, educar o público. Stewart (2009) destaca que ao eliminar as barreiras geográficas, um museu online tem a capacidade de ampliar sensivelmente o público visitante. Além disso, também tem o potencial de oferecer ao usuário a exploração detalhada dos artefatos que lhe interessam e o aprofundamento de seus contextos.

De acordo com Henriques (2004), os museus dividiram sua presença em: folhetos eletrônicos, museus no mundo virtual e museus realmente virtuais. Os sites de museus digitais em estilo de “folhetos eletrônicos” são o tipo mais utilizado por museus, pois colocam informações básicas sobre a própria instituição, como a localização, horário de funcionamento, histórico do museu e dados mais técnicos e burocráticos do mesmo. O segundo tipo de espaço digital dedicado aos museus seriam: “os museus no mundo virtual” estes são representados por sites que dispõem informações mais detalhadas sobre o acervo de obras em si. A terceira categoria de sites dedicado a museus seria aquela caracterizada pela interatividade, onde a navegação do site é pensada considerando o público, e sendo chamada de “museus realmente virtuais”, que tem a capacidade de proporcionar novas abordagens, apresentar exposições complementares ou ainda totalmente independentes daquelas mostradas no espaço físico.

### 2.2 INCLUSÃO ESCOLAR

Ao falarem sobre inclusão escolar, os autores Heidrich, Santarosa e Franco (2012) explicam que é um processo constante que precisa ser continuamente revisado, que se baseia em princípios tais como: a aceitação das diferenças individuais como um atributo e não como um obstáculo, a valorização da diversidade humana pela sua importância para o enriquecimento de todas as pessoas, o direito de pertencer e não de ficar de fora, o igual valor das minorias em comparação com a maioria.

Diante deste contexto, Sasaki (1997) afirma que a inclusão escolar como é conhecida hoje foi precedida por outras fases – exclusão, segregação e integração –, que são importantes para refletir o contexto que envolve os estudos sobre a temática. Dessa forma, a educação inclusiva depende de uma série de fatores para obter sucesso, passando por professores, pais, diretores, entre outros.



## 2.3 LITERACIA DIGITAL

Diante da situação atual, já apresentada na introdução, os professores tiveram que se adaptar ao Ensino Remoto, com a elaboração de atividades que fossem possíveis para a estimulação cultural, cognitiva e sensorial dos alunos. Neste cenário, é importante compreender que para formular atividades relevantes, levando em consideração todos os aspectos inclusivos, o professor deverá possuir conhecimentos tecnológicos que remetem ao conceito de Literacia Digital. De acordo com Alves (2014, p. 02), a “Literacia Digital trata da capacidade de acessar, analisar, compreender, utilizar e avaliar de modo crítico as TDIC”, ou seja, é a forma de usar corretamente os meios digitais, possibilitando um entendimento mais abrangente para as partes.

As competências digitais são recursos que devem ser desenvolvidos tanto por professores como por alunos. Segundo Martins, S., Martins, J. e Alves (2019) em uma pesquisa realizada sobre “Literacia Digital como competência para a cidadania digital”, os autores ressaltam que na formação escolar é necessário “transmitir a informação e comunicação, de forma maciça e eficaz, adaptadas ao conhecimento cognitivo, bases das competências do futuro”.

Ou seja, o desenvolvimento da Literacia Digital é sinônimo de inclusão social e cidadania, pois pode transformar as atividades digitais em momentos de aprendizado, onde é possível todos os envolvidos atingirem resultados relevantes.

## 2.4 O ESTUDO DE CASO: LOUVRE MUSEUM

De acordo com Brettell (2006), de modo geral, o museu do Louvre é o mais conhecido do mundo pela sociedade, sendo um local que possui uma coleção que conta com milhões de obras. O local faz parte de um complexo de prédios que cobre hectares no centro da cidade de Paris, o que acaba atraindo turistas do mundo todo, tornando-a capital da arte da Europa.

Diante deste cenário, também é possível dizer que apesar de muitos museus em diversas partes do mundo relatarem baixa visitação e desinteresse pela população, o Louvre exibe exorbitantes números de visitantes, que ultrapassam os milhões anuais, como pontuou Brettell (2006). O próprio site do Louvre conta com uma lista de documentários e filmes de ficção que o exibem como cenário. Toda esta movimentação e repetição faz com que o local seja um grande conhecido da população geral.



Gardner (2020) diz que este interesse que a mídia tem dedicado ao Louvre impacta diretamente em seu número de público, pois a maior mudança que ocorreu no museu nos últimos trinta anos está relacionada à triplicação do público nas últimas três décadas. E essa grande popularidade motivou a escolha pelo museu virtual do Louvre para ser o objeto de estudo desta pesquisa para verificar a acessibilidade.

## 2.5 ACESSIBILIDADE E USABILIDADE NA WEB

De acordo com Berners-Lee, diretor da W3C<sup>1</sup> e inventor da World Wide Web, “o poder da Web está em sua universalidade. Acesso por todos, independentemente da deficiência é um aspecto essencial”. Conforme explicam Bassani et al. (2010), o W3C prevê padrões (standards) para acessibilidade na web, considerando que esta foi projetada para funcionar para todas as pessoas, independentemente do seu hardware, software, língua, cultura, localização, capacidade física ou mental.

O documento Web Content Accessibility Guidelines (WCAG) 2.1, ou Diretrizes de Acessibilidade para Conteúdo Web, define quatro princípios que fornecem a base para a acessibilidade da Web. O documento tem o objetivo de definir a forma de tornar o conteúdo Web mais acessível às pessoas com deficiência, além de orientar diretrizes destinadas a desenvolvedores com o intuito que estes possam tornar os conteúdos mais acessíveis. Bassani et al. (2010) citam os quatro princípios que fornecem a base para a acessibilidade da Web como: perceptível, operável, compreensível e robusto.

A WCAG 2.1, além de desenvolver os quatro princípios, elaborou uma série de diretrizes mais específicas que servem para criar uma pontuação de acessibilidade. De acordo com a quantidade de recursos disponíveis, o site pode ser categorizado em três níveis. Eles são categorizados como A, AA, ou AAA, e de forma gradativa representam o quanto de acessibilidade um site possui – do menos acessível ao mais acessível.

## 2.6 ANÁLISE DE ACESSIBILIDADE EM MUSEUS VIRTUAIS

Para a análise dos museus virtuais foi utilizada uma série de verificações propostas pela WCAG 2.1, pois o intuito era perceber se o Louvre se caracterizava como um museu virtual

---

<sup>1</sup> O World Wide Web Consortium (W3C) é uma comunidade internacional que desenvolve padrões para garantir para garantir o crescimento a longo prazo da Web.



que oferece opções de acessibilidade para pessoas com deficiência. Além disso, também verificar se as opções eram o suficiente para o enquadrar como A, AA, ou AAA em quesitos de acessibilidade.

Para analisar a acessibilidade do Louvre foram usadas as classificações: Atende, Não atende, Atende com exceções e N/A (Não aplicável). Sendo que o nível “Não aplicável” se refere às funcionalidades que não dizem respeito ao tipo de navegação proposta pelo museu do Louvre, como por exemplo, áudio e vídeo ao vivo, ou emissão de formulários. Neste caso, para fins de conferência, não serão contabilizados estes quesitos.

Na tabela 1 é possível observar os recursos de acessibilidade do Museu do Louvre virtual e suas aplicações.

**Tabela 1.** Recursos de Acessibilidade do Museu do Louvre Virtual

Nível	Total	N/A	Total Aplicável	Atende	Atende com exceções	Não atende	Porcentagem Atendida
A	30	10	20	6		14	30,00%
AA	20	8	12	4		8	33,33%
AAA	28	13	15	2		13	13,33%
Soma	78	31	47	12		35	25,53%

**Fonte:** Tabela desenvolvida pelos autores.

Dessa forma, foi analisado que em aspectos gerais, o museu do Louvre e sua exposição virtual obedecem a 30,00% dos critérios de nível “A”, seguindo 6 das 20 recomendações que eram aplicáveis ao seu tipo de navegação. O nível AA é seguido em 33,33% das recomendações, pois ele não atende 8 das 12 recomendações que seriam aplicáveis ao seu site.

Finalmente, o nível “AAA” é atendido em 13,33%, seguindo 2 das 15 recomendações que seriam possíveis ao seu tipo de navegação. Considerando que 13 das recomendações propostas para o nível “AAA” não são aplicáveis, conclui-se que existem 13 recomendações da WCAG 2.1 que não são seguidas pelo museu virtual do Louvre.

### 3 CONCLUSÃO

Ao finalizar a análise, é possível perceber que havia uma visão muito otimista sobre o tipo de cenário que seria encontrado no museu do Louvre. A importância histórica do Louvre



fez acreditar que seria encontrado nele a referência em termos de qualquer tipo de tecnologia que pudesse ser implementada. Isso causa uma perplexidade ao analisar que um museu como o Louvre possui somente um quarto dos recursos de acessibilidade nível “A”, que são considerados os mais básicos pela WCAG.

Na verdade, ao analisar os recursos de acessibilidade implementados pelo Louvre, pensa-se que todos eles tenham sido feitos ao acaso e não tenha havido de fato um planejamento para isso. As diretrizes de usabilidade e acessibilidade na Web (WCAG) dizem que se deve priorizar as de nível “A”, para depois buscar atender as de diretrizes nível “AA” e, assim, sucessivamente. O Louvre parece não ter tido nenhum cuidado com isso, já que possui mais critérios de sucesso no segundo nível, do que no primeiro. E esse descuido faz com que a navegação da exposição virtual do site do Louvre seja impossível por pessoas que utilizam leitores de tela. Um fator importante que deve ser mencionado é a dificuldade da realização de uma análise de acessibilidade como a proposta pela WCAG 2.1 por pessoas que não tenham conhecimento em programação.

Neste contexto, os museus virtuais fornecem uma alternativa para que os estudantes possam visitar museus com uma experiência do usuário similar a um ambiente físico. O Louvre foi escolhido como estudo de caso, pois achava-se que mesmo que não fosse de uma forma perfeita, existiriam ao menos alguns recursos a serem analisados, mas não se esperava que o museu virtual do Louvre fosse inavegável para pessoas cegas, ou com baixa motricidade, por exemplo. Essas percepções abrem questionamentos para várias questões. A principal delas é pensar que criar uma experiência do usuário que simule uma exposição física em museus virtuais, sem pensar em acessibilidade, como é o caso do Louvre Museum, ampliará a falta de inclusão de alunos com deficiência. Também é preciso pensar que antes dos professores proporem uma atividade de visitação a museus virtuais, é necessário que o mesmo tenha competências digitais para verificar se possui uma navegabilidade que seja acessível a seus alunos com deficiência.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Eliane Jesus. Literacia Digital de Professores: Competências e Habilidades para o uso das TDIC na docência. In: ENDIPE – ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 17., 2014, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Editora UECE, 2014.



BASSANI, P. B. S.; BEHAR, P. A.; HEIDRICH, R.O.; BITTENCOURT, A.; ORTIZ, E. Usabilidade e acessibilidade no desenvolvimento de interfaces para ambientes de educação à distância. **Revista Renote**, v. 8, n. 1, 2010.

BRETTELL, R. **Museum Masterpieces: The Louvre**. Virginia: The Great Courses, Chantilly, 2006.

GARDNER, J. **The Louvre, the many lives of the world's most famous museum**. New York: Grove Atlantic, 2020.

HEIDRICH, R. O.; SANTAROSA, L. C.; FRANCO, S. K. Inclusão escolar de aluno com paralisia cerebral, utilizando as tecnologias de informação e comunicação. **Revista Iberoamericana De Educación**, v. 60, n. 2, 10, 2012

HENRIQUES, R. **Museus Virtuais e Cibermuseus: a internet e os museus**. Portugal, 2004.

MARTINS, Scheila Wesley; MARTINS, Joaquim Welley; ALVES, Fernanda Maria Melo. Literacia digital como Competência para a Cidadania Global. In: SANTOS, Edméa O.; PIMENTEL, Mariano; SAMPAIO, Fábio F. (Org.). **Informática na Educação: autoria, linguagens, multiletramentos e inclusão**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma Sociedade para Todos**. Rio de Janeiro: Editora WVA, 1997.

STEWART, T. S. **Best practices of textile and clothing museum website development**. Tese. Iowa State University: Ames, 2009.

WCAG. Guia WCAG. [s.d.]. Disponível em: <https://guia-wcag.com/>. Acesso em: 13 jan. 2021.





## CONSELHO TUTELAR DE NOVO HAMBURGO E OS DIREITOS DAS CRIANÇAS E JOVENS EM PERSPECTIVA

CONSELHO TUTELAR OF NOVO HAMBURGO AND THE RIGHTS OF CHILDREN  
AND YOUNG PEOPLE IN PERSPECTIVE

Bárbara Birk de Mello; Norberto Kuhn Junior

Universidade Feevale

**Resumo:** O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é central quando se trata da inclusão, direitos e políticas públicas para crianças e jovens brasileiros. Uma das inovações do ECA foi a municipalização do atendimento, o que levou à criação de Conselhos Tutelares no Brasil. Neste contexto, o tema do estudo parte da dissertação em andamento da autora, a qual aborda o Conselho Tutelar de Novo Hamburgo (RS) e os conflitos, estratégias e negociações que cercam o mesmo, desde sua criação até os dias de hoje, no que tange a garantia dos direitos das crianças e jovens previstos pelo ECA. Justifica-se a pesquisa na medida em que há falta de estudos que abordem as infâncias e juventudes, principalmente a partir dos Conselhos Tutelares e como se dá a garantia de direitos das crianças e jovens atendidos por estes. Objetiva-se discutir como se deu a construção do projeto de dissertação da autora, abordar o porquê de ter como foco o Conselho Tutelar de Novo Hamburgo a partir da etnografia da duração e o motivo de trabalhar a partir das concepções de infâncias e juventudes. Tem-se como metodologia principal um estudo bibliográfico acerca das temáticas aqui tratadas, tendo como base a etnografia da duração.

**Palavras-chave:** Conselho Tutelar. Estatuto da Criança e do Adolescente. Infâncias. Juventudes. Novo Hamburgo.

**Abstract:** The Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) is central when it comes to inclusion, rights and public policies for brazilian children and young people. One of the innovations of ECA was the municipalization of care, which led to the creation of Conselhos Tutelares throughout Brazil. In this context, the subject of the study starts from the author's ongoing dissertation, which approach the Conselho Tutelar of Novo Hamburgo (RS) and the conflicts, strategies and negotiations that surround it, from its creation to the present day, regarding guarantee of the rights of children and young people fixed by the ECA. The research is justified to the extent that there is a lack of studies that approve the childhoods and youths, mainly of the Conselhos Tutelares and how it guarantees the rights of the children and young people served by them. Aims to discuss the construction of the author's dissertation project, addressing why to focus on the Conselho Tutelar of Novo Hamburgo based on the ethnography of duration and the reason to work from the concepts of childhoods and youths. The main methodology is a bibliographic study about the themes discussed here based on the ethnography of duration.

**Keyword:** Conselho Tutelar. Estatuto da Criança e do Adolescente. Childhood. Youth. Novo Hamburgo.

### 1 INTRODUÇÃO

Ao discutir os direitos das crianças e jovens brasileiros, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em 1990, é fundamental, pois ele que aponta crianças e jovens



como sujeitos de direitos, em desenvolvimento e que necessitam de proteção integral. Essa lei é a base de criação e/ou mudanças de políticas públicas infanto-juvenis brasileiras.

Um dos pontos que aqui destacamos do Estatuto é a municipalização do atendimento às crianças e jovens através da criação de Conselhos Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente e Conselhos Tutelares em todo o Brasil. Neste contexto, o tema deste estudo parte da dissertação em andamento da autora, a qual aborda o Conselho Tutelar de Novo Hamburgo (RS) e os conflitos, estratégias e negociações que cercam o mesmo, desde sua criação até os dias de hoje, no que tange a garantia dos direitos das crianças e jovens previstos pelo ECA.

Justifica-se a pesquisa na medida em que há falta de estudos que abordem as infâncias e juventudes, principalmente a partir dos Conselhos Tutelares. Ademais, a maioria dos trabalhos que tratam dos Conselhos Tutelares acabam por abordar um curto período ou fazer uma espécie de estudo de caso, por isso, também a inovação. Ademais, a escolha de Novo Hamburgo se dá, entre outras questões, por ser uma das primeiras cidades da região metropolitana do Rio Grande do Sul a ter CMDCA e Conselho Tutelar em funcionamento.

Aqui, objetiva-se discutir como se deu a construção do projeto de dissertação da autora, abordar o porquê de ter como foco o Conselho Tutelar de Novo Hamburgo a partir da etnografia da duração e o motivo de trabalhar a partir das concepções de infâncias e juventudes. Para tanto, tem-se como metodologia principal um estudo bibliográfico acerca das temáticas aqui tratadas: infâncias, juventudes, políticas públicas, rede de cuidado, direitos, ECA, Conselhos Tutelares e Novo Hamburgo, tendo como base do estudo a etnografia da duração.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Na presente seção, iremos discutir os objetivos deste artigo a partir da fundamentação teórica, a caracterização do objeto de pesquisa, trazer breves apontamentos sobre a pesquisa de campo, pois ela está ocorrendo de forma diferente do esperado devido a COVID-19 e realizar uma análise acerca das discussões trazidas ao longo do texto.

### 2.1 NOVOS CAMINHOS ATRAVÉS DA ETNOGRAFIA DA DURAÇÃO

Novo Hamburgo é um município localizado a 43,4 km de Porto Alegre e faz parte da região metropolitana do estado do Rio Grande do Sul. O município é banhado pelo Rio dos



Sinos, possui área de 223 km<sup>2</sup> e população, conforme estimativas do IBGE (2019), de 246.748 indivíduos.

A ideia inicial no mestrado era abordar o funcionamento do Conselho Tutelar de Novo Hamburgo nos anos 1990 através da História do Tempo Presente, História Oral e análise de Arquivos. Porém, ao ingressar no mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social, levantamos a possibilidade de abordar não só a década de 1990, mas também o Conselho Tutelar atualmente, a partir do entendimento de que isso traria o projeto de dissertação mais próximo ainda da linha de pesquisa “Inclusão Social e Políticas Públicas” devido a tratar de um órgão central para as políticas públicas infanto-juvenis e por ser central também para a inclusão de crianças e jovens, garantindo seus direitos.

Mas, nos faltava definir como ter uma pesquisa sobre o Conselho Tutelar de Novo Hamburgo que abarcasse um período tão longo em uma dissertação. Aí que surgiu a etnografia da duração a partir, principalmente, das autoras Eckert e Rocha (2009, 2011, 2013). E para sustentar este conceito, diversos autores que trabalham com a etnografia e, especialmente, Bachelard (1994) em “A Dialética da Duração”.

Ao ter como base a etnografia da duração temos um olhar para as relações sociais tendo como plano de fundo a noção de que existem diferentes arranjos temporais que influenciam o viver cotidiano, ou seja, o tempo é descontínuo, como uma série de rupturas (BACHELARD, 1994). Para Rocha e Eckert (2011), o etnógrafo está entre dois pontos de permanência do tempo que seriam o tempo vivido e o tempo pensado. O estudioso deve dar sentido às relações entre ambos os espaços temporais dando importância para a narrativa dos indivíduos, no caso deste estudo, dos conselheiros tutelares que atuaram e/ou ainda atuam em Novo Hamburgo.

Rocha e Eckert (2013, p. 22) utilizam-se da “[...] a noção bachelardiana de duração, esta feita de instantes sem duração (descontínuos) onde o tempo se revela pelos instantes [...]” para pensar a etnografia da duração. Assim, a dialética da duração é percebida no arranjo entre o tempo vivido e o tempo do mundo, o tempo oficial. Aqui, a dialética se dá entre o tempo vivido pelos conselheiros tutelares, crianças, jovens e famílias e o tempo oficial ocidental guiado pelas leis. E é no encontro entre esses dois tempos que se tem o terceiro tempo, a duração. Os conflitos, estratégias e negociações dos conselheiros nos processos visando a garantia dos direitos das crianças e jovens estarão embrenhados por estes tempos.

Tendo isto em mente, o principal elemento da dissertação são as vozes dos conselheiros tutelares de Novo Hamburgo que atuaram/atua entre 1992 e 2021 a partir de entrevistas não-



diretivas. Nesse período foram nove gestões do Conselho Tutelar, sendo que desde 2005, Novo Hamburgo passou a ter dois Conselhos Tutelares, logo. Assim, estipulamos entrevistar 15 sujeitos, o que começou a ser feito de forma síncrona devido a bandeira preta<sup>1</sup> no Rio Grande do Sul.

Ademais, tem-se planejada a pesquisa em três Arquivos com documentações acerca do Conselho Tutelar de Novo Hamburgo. Além disso, tem-se o objetivo de realizar observações participantes com alguns conselheiros da atual gestão. Porém, até o momento, estas pesquisas não iniciaram devido a situação da COVID-19.

Junto da conceituação e delimitação da etnografia de duração, a construção da dissertação passou por um longo processo de estudo bibliográfico acerca das temáticas que circundam a dissertação, as quais serão discutidas, algumas de forma mais breve, outras mais focadas, ao longo das próximas seções.

## 2.2 CONSELHO TUTELAR DE NOVO HAMBURGO: DIREITOS INFANTO-JUVENIS EM PERSPECTIVA

O Conselho Tutelar de Novo Hamburgo é um espaço que tem por premissa o atendimento às crianças e jovens que já tiveram seus direitos previstos pelo ECA violados, ou correm o risco de ter. Como já colocado, os Conselhos surgem a partir da criação do Estatuto, sendo que o último é resultado de um longo processo de redemocratização brasileiro, que tem na Constituição de 1988 seu ápice.

Seguindo com o Conselho Tutelar, o artigo 131 do Estatuto definiu o mesmo como um “[...] órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, definidos nesta Lei.” (BRASIL, 1990, p. 32). Ou seja, ainda que os Conselhos Tutelares sejam ligados às administrações municipais, não há nenhum órgão superior hierarquicamente a eles, sendo que só o judiciário pode rever decisões dos Conselhos se considerar ilegais.

O trabalho central dos conselheiros tutelares é de receber, averiguar e atender às denúncias que ferem os direitos de crianças e jovens e encaminhá-los para os espaços

---

<sup>1</sup> O sistema de bandeiras está em vigor desde maio no Rio Grande do Sul e é intitulado Modelo de Distanciamento Controlado. As bandeiras são das cores amarela, laranja, vermelha e preta. As cores representam o risco das regiões do Estado: baixo (amarela), médio (laranja), alto (vermelha) e altíssimo (preta). Até o dia 14 de abril de 2021, o número de mortos pela COVID-19 no Rio Grande do Sul foi de 22.388 pessoas e o Brasil chegou a 361.884 óbitos pelo vírus (DEE/SEPLAG, 2021).



necessários que fazem parte da rede de cuidado infanto-juvenil. Foi devido a esse trabalho intenso na “ponta do atendimento”, como falam muitos conselheiros, que surgiu a motivação para trabalhar o Conselho Tutelar de Novo Hamburgo a partir da etnografia da duração. Aqui, podemos refletir nos conselheiros tutelares como negociadores e estrategistas, o que será essencial ao longo da dissertação.

A escolha de estudar o Conselho Tutelar de Novo Hamburgo também se deu pela necessidade de conhecer a rede de cuidado das infâncias e juventudes novo-hamburguenses. A noção de rede de cuidado parte de uma perspectiva de campo que pode ser considerado como uma rede (BOURDIEU, 1997).

A utilização de rede de cuidado surgiu a partir de Zirbel (2016) e da teoria da ética do cuidado. É uma teoria de relações de interdependência, vulnerabilidade, responsabilidades e deveres que busca quebrar com a noção de que o cuidado só pode ocorrer nas relações interpessoais. O cuidado é uma construção social que demanda trabalho e tempo, ou seja, é um processo. Para Zirbel (2016), o cuidado é um bem primário inerente, universal e onipresente a todo o ser humano.

Percebemos as relações do Conselho Tutelar do município com as políticas públicas desde o princípio, pois o ECA trouxe diversas inovações impulsionando a criação de políticas públicas para suprir as novas demandas. Para Motti:

Nossa lei maior consagrou-nos o direito de participação na definição e controle das políticas públicas em todos os níveis. Dessa forma a cidadania da criança, do adolescente e de qualquer adulto presume participação, materializando a condição de sujeitos de direitos, ou seja, agentes ativos e não objetos de intervenções, como estabelecem as velhas tradições. (MOTTI, 2005, p. 56).

Além disso, o Conselho Tutelar de Novo Hamburgo é um espaço central para podermos visualizar as políticas públicas infanto-juvenis, uma vez que estão interligadas na rede de cuidado da infância e juventude. Quanto mais as políticas públicas infanto-juvenis alcançarem suas metas, menos atendimentos de crianças e jovens tendo seus direitos infringidos serão registrados e vice-versa. Além dessa relação, os Conselhos Tutelares de Novo Hamburgo (Região 1 e Região 2 desde 2005) tem uma visão privilegiada para pensar e sugerir novas ou mudanças nas políticas públicas infanto-juvenis do município a partir dos atendimentos que executam.



## 2.3 INFÂNCIAS E JUVENTUDES: NOVOS HORIZONTES

Ao tratar de Estatuto da Criança e do Adolescente e as legislações que o circundam, os termos utilizados são infância e adolescência, criança e adolescente. Porém, consideramos que estes termos não são o suficiente quando falamos em crianças e jovens brasileiros, devido a serem termos de origem ocidental que pregam uma homogeneidade do que é ser criança e jovem, a qual não condiz com a realidade do país.

A definição de infância chegou à América Latina através de navios. Em 12 de outubro de 1492, os espanhóis desembarcaram no “novo mundo” e, a partir de então, a vida dos povos indígenas daquele território mudaria drasticamente: “Muitos europeus chegaram a afirmar que os índios não eram seres humanos! Não possuíam alma! Não tinham inteligência! E reforçavam seus argumentos citando a Bíblia!” (AQUINO et al., 2001, p. 14).

Percebemos, pois, desde a chegada dos europeus, a presença da colonialidade, assim como a imposição do que é o “outro” “selvagem” e a formulação de quem é o colonizador “civilizado”. Na realidade, “[...] a América foi inventada antes de ser descoberta.” (SILVA, 1991, p. 32). Logo, desde esse período, as crianças e jovens latino-americanos foram moldados a partir do padrão branco europeu.

Quando falamos em Brasil, é importante salientar que há uma grande diferença entre o que é descrito nas leis, convenções e declarações internacionais e nacionais do que ocorre no cotidiano: “O mundo do que a ‘criança deveria ser’ ou ‘ter’ é diferente daquele em que ela vive ou, no mais das vezes, sobrevive.” (DEL PRIORE, 2009, p. 12).

O fosso que Del Priore (2009) coloca entre a infância oficial e real também serve para a adolescência. Desta forma, a partir da perspectiva de Bachelard (1994), apontamos para o tempo oficial que coloca infância e adolescência em padrões brancos ocidentais e o tempo de mundo que aponta para as infâncias e juventudes. Para Gil (2011):

A juventude encerra uma enorme diversidade de variáveis biológicas, psicológicas, sociais, culturais, políticas e ideológicas. Isso significa dizer que não existe “a juventude”, mas juventudes que expressam situações plurais, diversas e também desiguais na vivência da condição juvenil. (GIL, 2011, p. 26).

Além dos termos juventudes e infâncias expressar o entendimento da pluralidade, eles questionam seus caracteres universais e de historicidade. Postman (1999) aponta que a infância é uma invenção da modernidade na Europa que perpetua no nosso imaginário até hoje. O



mesmo podemos dizer da adolescência, mesmo esta sendo inventada já no final do século XVIII nas famílias de elite da Europa (ARIÈS, 1981).

Para Kuhlmann e Fernandes (2004), a infância é circunscrita por um discurso histórico, oriundo de diversos contextos. Para Müller e Redin (2007, p. 14): “[...] a infância ou as infâncias estão situadas nos lugares que as diferentes sociedades reservam para elas: infâncias múltiplas, diversificadas, constituídas em diferentes culturas, contextos sociais, tempos e espaços de vida.”

Assim, pensamos nas crianças e jovens como sujeitos ativos da sociedade, como sujeitos de direitos. Esta abordagem está ligada, em sua origem, à antropologia da infância, que considera a criança dentro de uma rede complexa com os mais diversos agentes. Porém, ainda são poucos os estudos que trabalham a partir da perspectiva de infâncias e juventudes, sendo necessários mais estudos acerca da temática.

## 4 CONCLUSÃO

A caminho da conclusão, gostaríamos de pontuar a inovação do estudo ao trabalhar o Conselho Tutelar de Novo Hamburgo a partir da etnografia da duração, buscando trazer as narrativas e memórias dos conselheiros tutelares desde 1992 à tona. Destacamos que a escolha pelo Conselho Tutelar se deu devido a importância deste dentro do Estatuto da Criança e do Adolescente e a importância do mesmo com relação as políticas públicas infanto-juvenis e a rede de cuidado destes sujeitos.

Tendo em mente a diferença entre o tempo vivido e o tempo oficial marcado pela perspectiva ocidental, podemos pensar que há diversos tempos que também cercam o Conselho Tutelar de Novo Hamburgo. Há o tempo oficial das leis, decretos e regimentos, sobre o qual a instituição se sustenta, mas também o tempo vivido no dia a dia pelos conselheiros, crianças, jovens e famílias que acessam esse espaço. Os conselheiros, no processo de busca dos direitos das crianças e jovens estabelecido pelo ECA, irão enfrentar diversas barreiras, as quais tentarão transpor a partir de negociações e estratégias, que certas vezes podem levar, inclusive a conflitos. Nesse embate entre os dois tempos, procuramos a duração.

Por fim, acredita-se que as contribuições para o avanço do conhecimento que este estudo traz são as noções de infâncias e juventudes, utilização da etnografia da duração e colocar em evidência a instituição Conselho Tutelar e os conselheiros tutelares de Novo Hamburgo, dando



prioridade a suas falas. Após a dissertação concluída, espera-se que ela beneficie os Conselhos Tutelares de Novo Hamburgo, a rede de cuidado infanto-juvenil e ajude a refletir sobre as políticas públicas para crianças e jovens do município.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Rubim Santos Leão et al. **Sociedade Brasileira: uma história através dos movimentos sociais**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 924 p.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1981. 279 p.

BACHELARD, Gaston. **A Dialética da Duração**. São Paulo: Ática, 1994. 135 p.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. [1. ed.] São Paulo, SP: Papyrus, 1997. 224 p.

BRASIL. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069Compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069Compilado.htm)>. Acesso em: 8 abr. 2020.

DEE/SEPLAG. **Coronavírus: boletim diário de casos em países selecionados, Brasil e RS**. Disponível em: <<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjojMmFkZWE3ZTETmU0OC00ZmExLTk0YTgtOGE4MjNmYzMyNTUzIiwidCI6IjRmZjE0NWRhLThkZWYtNGI3Zi05YTlkLTFFiZjRjZDI3MzViYSJ9>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

DEL PRIORE, Mary. Crianças e adolescentes de ontem e de hoje. In: BOCAJUVA, Helena; NUNES, Silvia Alexim (Orgs.). **Juventudes, subjetivações e violências**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p. 11-24.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. Jovens e juventudes: consensos e desafios. **Revista Educação UFSM**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 25-42, jan./abr. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/2909/1647>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

IBGE. **Novo Hamburgo: população**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/novo-hamburgo/panorama>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

KUHLMANN JR, Moysés; FERNANDES, Rogério. Sobre a história da infância. In: FILHO, Luciano Mendes Faria. (Org.) **A infância e sua educação: materiais, práticas e representações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 21-41.

MOTTI, Antônio José Ângelo. Infância e Adolescência: direitos, cidadania e inclusão social. In: SILVA, Anamaria Santana da; SENNA, Ester; KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. **Exploração sexual comercial de crianças e adolescentes e tráfico para os mesmos fins**:



contribuições para o enfrentamento a partir de experiências em Corumbá-MS. Brasília: OIT, 2005. p. 51-70.

MÜLLER, Fernanda; REDIN, Marita Martins. Sobre as crianças, a infância e as práticas escolares. In: REDIN, Euclides; MÜLLER, Fernanda; REDIN, Marita Martins (Orgs.). **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007. p. 11-22.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999. 190 p.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornélia. **Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas**. Porto Alegre: Marcavizual, 2013.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornélia. Etnografia da duração nas cidades em suas consolidações temporais. **Política e Trabalho, Revista de Ciências Sociais**, n. 34, abr. 2011, p. 107-126. Disponível em: <  
<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/12185/7050>> Acesso em: 10 abr. 2021.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da, ECKERT, Cornélia. Memória e ritmos temporais: o pluralismo coerente da duração no interior das dinâmicas da cultura urbano-contemporânea. In: **Estudos Históricos. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**, FGV. Rio de Janeiro, vol. 22, n. 43, p. 105-124, jan/jun. 2009. Disponível em: <  
<https://www.scielo.br/pdf/eh/v22n43/v22n43a06.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SILVA, Janice Theodoro da. Colombo: entre a experiência e a imaginação. **Revista Brasileira de História**, v. 11, n. 21, p. 27-44, fev. 1991.

ZIRBEL, Ilze. **Uma teoria político-feminista do cuidado**. 2016. 260 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.



## DO VÍNCULO AFETIVO AO VÍNCULO AFETADO: A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA DURANTE A PANDEMIA COVID-19

FROM THE AFFECTIVE BOND TO THE AFFECTED BOND: THE INFLUENCE OF  
TECHNOLOGY DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Damiane Domingues Boff; Lisiane Machado de Oliveira Menegotto; Amanda Wecker; Camila Backes

dos Santos

Universidade Feevale

**RESUMO:** O objetivo desta pesquisa é discutir de que forma a tecnologia influencia na formação dos vínculos afetivos durante a pandemia COVID-19, sendo, portanto, um ensaio teórico. Diante de tantas incertezas oriundas de um quadro caótico de disseminação viral, diversas medidas de prevenção se estabeleceram, estando, entre elas, o distanciamento social. Neste contexto, fomos afetados por uma forte sensação de desamparo, angústia e insegurança e, diante da necessidade de suprir carências afetivas próprias de todo sujeito, desenvolvemos e reforçamos nossos vínculos por meio da tecnologia. Assim, para preencher o vazio deixado pelo distanciamento social, nos vinculamos e adentramos ainda mais as redes sociais. Somos, enquanto sujeitos, essencialmente sociais e o vínculo afetivo é uma das condições fundamentais para nossa constituição. Qualquer forma de relação que resulta em uma pessoa alcançar e manter proximidade com algum outro indivíduo implica na construção do vínculo. O presente estudo é um recorte da dissertação do mestrado em diversidade cultural e inclusão social que se encontra em desenvolvimento. Sendo assim, o estudo almeja contribuir com essa discussão tão atual, acerca da importância de atribuir à tecnologia uma forma outra de criar vínculo com o outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologia. Vínculo afetivo. Pandemia COVID-19.

**ABSTRACT:** The objective of this research is to discuss how technology influences the formation of affective bonds during a COVID-19 pandemic, being, therefore, a theoretical essay. Faced with so many uncertainties arising from a chaotic scenario of viral dissemination, several preventive measures have been established online, among them, social distance. In this context, affected by a strong feeling of helplessness, anguish and insecurity and, necessary from the need to supply affective needs typical of the whole environment, we develop and reinforce our bonds through technology. Thus, in order to fulfill what is necessary due to social distance, we link up and go even further into social networks. We are, as subjects, essentially social and the affective bond is one of the fundamental conditions for our constitution. Any form of relationship that results in a person reaching and maintaining proximity to some other individual implies the construction of the bond. This study is an excerpt from the master's thesis on cultural diversity and social inclusion that is under development. Thus, the study aims to contribute to this very current discussion, about the importance of attributing to technology another way of creating a link with the other.

**KEY-WORD:** Technology. Affective bond. COVID-19 pandemic.

### INTRODUÇÃO

Do ponto de vista histórico, abordar o tema do vínculo afetivo é de extrema importância para o campo da pesquisa, pois compreendemos que o ser humano é um ser





relacional por natureza. Sabemos que existem diversas concepções sobre a origem e a evolução humana, entretanto, passamos a reconhecer que evoluímos por intermédio de interações com o ambiente e com a sociedade, formando, assim, os vínculos afetivos (TONI, 2004).

Essa interação com o ambiente desenvolve-se quando o bebê nasce e o primeiro contato que estabelecerá é com a mãe. . Desta maneira o recém-nascido comparado com neonatos de outras espécies, é um ser humano fragil e tal fragilidade exige cuidados parentais, desenvolvendo desta maneira o vínculo afetivo (DETONI, 2001). O desenvolvimento do vínculo afetivo saudável na relação mãe-bebê atribui inúmeros benefícios sociais e psicológicos. O vínculo estabelecido irá influenciar como o sujeito vai se adaptar ao ambiente futuramente e com outras pessoas (CARVALHO; TAVARES, 2010).

Diante de tantas incertezas oriundas de um quadro caótico de disseminação viral, diversas medidas de prevenção se estabeleceram, estando, entre elas, o distanciamento social. Neste contexto, fomos afetados por uma forte sensação de desamparo, angústia e insegurança e, diante da necessidade de suprir carências afetivas próprias de todo sujeito, desenvolvemos e reforçamos nossos vínculos por meio da tecnologia. Assim, para preencher o vazio deixado pelo distanciamento social, nos vinculamos e adentramos ainda mais as redes sociais. Somos, enquanto sujeitos, essencialmente sociais e o vínculo afetivo é uma das condições fundamentais para nossa constituição (BRAZ, 2021).

Nesse sentido, o objetivo deste estudo é discutir de que forma a tecnologia influencia na formação dos vínculos afetivos durante a pandemia COVID-19. O caminho metodológico foi descrito a partir do um ensaio teórico. Tal propõe-se analisar como a tecnologia influência na formação dos vínculos afetivos durante a pandemia covid-19. Neste tipo de metodologia, a pesquisa constitui-se pela exposição de ideias do autor sobre determinado tema, sem explorar o tema de forma exaustiva. De acordo com (MENEGHETTI, 2011, p. 2) significa “a relação permanente entre o sujeito e objeto, um vir-a-ser constituído pela interação da subjetividade com a objetividade dos envolvidos”.

Os ensaios teóricos são frequentemente empregados na área das ciências humanas e sociais, servindo para produzir reflexões sobre os acontecimentos mais relevantes de cada época, como é o caso da pandemia COVID-19. O ensaio caracteriza-se com base de ideia já existentes, repensando-as ou costurando conceitos para a criação de algo novo. Sua



essência não surge a partir de um vazio, de um nada, mas sim da ordenação e costura, de um modo novo e original (WECKER et al., 2018).

## DESENVOLVIMENTO

Falar de vínculo afetivo é, de certa forma, falar da essência da vida humana no sentido do ser humano ser social por natureza, se relacionar e se vincular a outras pessoas desde sempre, sendo feliz e sofrendo em decorrência destas inter-relações (BERTHOULD, 1998). Seguindo esse viés, de acordo com autora Berthould (1998), além da demanda de ser ao Outro, o sujeito apresenta uma bagagem hereditária, uma pré-disposição para apegar-se ao outro ser humano que lhe seja acolhedor. O vínculo afetivo está relacionado com a capacidade do sujeito em relacionar-se com objetos. Esse ambiente irá proporcionar ao sujeito onipotência lhe permitindo relacionar-se com objetos subjetivos. Quando isso ocorre torna-se capaz de conectar-se com a realidade, ou seja, estará apto a vivenciar de forma mais tranquila o mundo que o cerca (WINNICOTT, 1994).

Durante o período pandêmico uma das alterações que ocorreram na sociedade foi o distanciamento social, impedido desta forma a interação do sujeito com o ambiente que está inserido, assim, a tecnologia tornou-se uma facilitadora no processo da construção do vínculo afetivo neste período. Isso ocorreu devido ao fato de funcionar como facilitadora ao acesso a informações, acerca de dúvidas e manejos do momento vivenciado. Ao longo dos séculos, inúmeros progressos tecnológicos e técnicos desenvolveram-se e, recentemente, surgiu a tecnologia para facilitar a vida humana (DARÓ, 2018). A sociedade da informação desenvolveu inúmeras formas de pensar, agir e comunicar-se através da tecnologia (PORTO, 2006). Essa comunicação permite que usuários compartilhem suas opiniões com outros usuários, moldando desta forma novas relações sociais. Assim, as redes sociais possibilitam que diferentes sentimentos possam ser compartilhados entre os seus usuários, como indignação e esperança, tornando-se sentimentos coletivos (CARDOSO, 2013).

As tecnologias perpassam por diversos setores da sociedade, como nas escolas, setores públicos, hospitais, comércio, dentre outros compreende uma ampla importância na comunicação coletiva, é através desta ferramenta que o sujeito alcança a comunicação, adquirindo uma nova maneira de pensar elaborada no mundo tecnológico (LEVY, 1999).





Diante desta realidade, o sujeito conseguiu adquirir uma nova rotina em meio à suspensão de atividades presenciais, como no trabalho remoto, aulas remotas. Deste modo, os educadores estão, cada vez, mais desenvolvendo estratégias de ensino com *softwares* para atividades, tornando a aprendizagem mais dinâmica e divertida, além de possibilitar acesso às principais informações sobre a pandemia, tais, como estratégias de proteção e enfrentamento. Desta forma, o uso das mídias digitais traz uma nova maneira de conexão entre os usuários da sociedade contemporânea (DARODA, 2012).

A vida cotidiana dos cidadãos passa a ser mediadas pelas tecnologias digitais, principalmente a Internet. Nas cidades modernas, diferentes serviços com soluções tecnológicas são oferecidos aos usuários do espaço urbano, contribuindo para o desenvolvimento destes espaços, exemplo, caixas eletrônicos e lojas virtuais (DARODA, 2012). Por meio das tecnologias, há novas maneiras de escrever, ler e fazer circular informação na sociedade. Nas redes sociais, por exemplo, os usuários entram em contato com novas configurações e possibilidades, usando imagens, vídeos, sons, podem desfrutar de treinamento físico, shows, cursos *on-line*, que torna as redes sociais ferramentas vitais no período de pandemia, uma vez que, para o ser humano é vital se comunicar e manter o contato com o mundo (ROJO, 2013).

Confere-se, desta maneira, que a nanotecnologia possibilitou que estes espaços de interação pudessem ser acessados em qualquer lugar e a qualquer hora sem a necessidade de um mediador (DESLANDES, 2020). O desenvolvimento tecnológico nos últimos anos tem sido rápido e eficaz. A tecnologia veio para ajudar todos os segmentos de negócio, estudos, pesquisas, além da sociedade. Com base nisso, o receptor passa a ser também um produtor de informação, a tecnologia tem influenciado na mudança da subjetividade e no relacionamento dos seres humanos, causando desta maneira sentimento de fascínio em função da sua inovação e de uma perspectiva de futuro melhor (JERUSALINSKY et al., 2017).

No mundo online, ninguém se encontra distante, todos estão disponíveis constantemente ao alcance de um chamado, a tecnológica se configura como a invenção que teve ferramentas adaptadas para o uso na sociabilidade e afetividade dos seres humanos, buscando cada vez mais a intimidade e a vulnerabilidade do sujeito (BAUMAN, 2011). Possibilitando que a sociedade desenvolva-se novas formas de relações sociais, o



ato de estar conectado a uma rede social pode proporcionar ao sujeito o sentimento de acesso ao mundo e de pertencimento ao grupo (TURKLE, 2011).

A conectividade oferece que o sujeito que obtenha a experiência de assumir as mais diversas formas, a fim de adequar-se aos ambientes que se tem acesso virtualmente (MORIN, 2015). Desta maneira, a internet oferece essa possibilidade de exploração de uma nova identidade e corrigindo o que se deseja mudar (XAVIER, 2014).

O virtual e o real estão caminhando para tornarem-se um só, e no mundo tecnológico os vínculos afetivos possuem até mesmo a opção de excluir as pessoas que não desejam aproximar-se, essa tecnologia é pautada na infinita possibilidade de contatos plausíveis e factíveis (BAUMAN, 2011). A tecnologia é potencializadora do aproximar-se e afastar-se, assim, o ser humano se sente livre e ao mesmo tempo pertencente, protegendo-o dos anseios causados por ambos (XAVIER, 2014).

A tecnologia faz com que o sujeito seja compreendido, desejado e amparado, principalmente neste momento de pandemia que estamos vivenciando (ROJO, 2013). De fato, haverá perdas e ganhos durante o processo de instauração dessas novas formas sociais. Identidade, sociabilidade e afetividade estão sofrendo alterações constantes viabilizadas pelo virtual (XAVIER, 2014).

Desta forma, produzir tecnologia é produzir coisas que tanto podem ser materiais como produtos simbólicos que satisfaçam as necessidades, vivemos em uma época que as relações sociais estão se transformando. O uso da tecnologia, como ferramenta de comunicação, facilitou o dia a dia das pessoas. E, da mesma forma que permitiu a aproximação entre as pessoas, (PORTO, 2006). Neste sentido, a tecnologia foi uma importante saída para a manutenção da necessidade e do vínculo afetivo. A utilização da tecnologia é uma das maneiras que o sujeito utilizou para não sentir-se sozinho, esse sentimento de solidão pode ocasionar o desequilíbrio psíquico e físico potencializado no isolamento social COVID-19, manifestando por meio da ansiedade, depressão, despersonalização, impedindo o pleno desenvolvimento e amadurecimento afetivo, social e cognitivo (DESLANDES, 2020).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo buscou discutir de que forma a tecnologia influencia na formação dos vínculos afetivos durante a pandemia COVID-19. Identificou-se que a tecnologia influencia com relevância na comunicação, sem limite de distância, facilitando a comunicação entre as pessoas neste momento de distanciamento social, visto que para muitos sujeitos essa é a única forma de se estabelecer o vínculo afetivo, considerando os tempos de pandemia.

O processo de integração a ferramentas tecnológicas se torna acelerado com a chegada de uma crise sanitária que obriga as pessoas a ficarem em casa. Mesmo quem não havia se adaptado a ferramentas como trabalho remoto, compras *online* e aplicativos de economia compartilhada, passam a aproveitar os benefícios dessas utilidades, sendo essencial para sociabilidade. Por fim, o presente estudo pode servir como material teórico, contribuindo para identificar as formas que o sujeito tem utilizado a tecnologia para estabelecer seus vínculos afetivos no período pandêmico do COVID-19. Tema que será aprofundado na pesquisa de dissertação de mestrado.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Cartas do mundo líquido moderno**. Tradução de Vera Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BRAZ, A. Reflexões sobre as origens do amor no ser humano. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 5, fev. 2006. Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?Script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2006000100006&lng=pt&nrm=ISO](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000100006&lng=pt&nrm=ISO)>. Acesso em 06 abr. 2021.

BERTHOUD, C.; BROMBERG, M.; COELHO, M. **Ensaio sobre formação e rompimento de vínculos afetivos**. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 1998.

CARVALHO, M.; TAVARES, L. **Amamentação: Bases científicas**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

CARDOSO, G. **A mídia em sociedade de rede**. Rio de Janeiro: Editora. FGV, 2007.

DARÓ, B. **A influência da tecnologia da informação e da comunicação**

**Sobre o vínculo avós e netos, na contemporaneidade: uma contribuição Da.** Psicanálise vincular. 2018. 197 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo, 2018.





DARODA, R. F. **As novas tecnologias e o espaço público da cidade contemporânea.** 2012. 122f. Dissertação (Dissertação em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura da UFRS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

DE TONI, P. et al. Etologia humana: o exemplo do apego. **Pisco-os (Impr.)**, Itatiba, v. 9, n. 1, pág. 99-104, junho de 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712004000100012&lng=en&nrm=ISO](http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S1413-82712004000100012&lng=en&nrm=ISO)>. Acesso em 06 de abril de 2021.

DESLANDES, S.; COUTINHO, T. **O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas.** **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 1, p. 2479-2486, June 2020. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232020006702479&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020006702479&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 11 Abril de 2021.

JERUSALINSKI, J. et al. **Intoxicação eletrônica na primeira infância.** São Paulo: Instituto CPFL, 2017.

LÉVY, P. A ideografia dinâmica. São Paulo. Edições Loyola, 2004.

PORTO, T. As tecnologias de comunicação e informação na escola: relações possíveis... Relações construídas. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, p. 43-57, abril 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782006000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 11 abril de 2021.

ROJO, R. H. (Org.). **Escol Conectada – os multiletramentos e as TICs.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

XAVIER, M.. **Afetos, tecnologia e vínculos na contemporaneidade.** Disponível em file:///C:/Users/DIVINA%20COR/Downloads/5293-Texto%20do%20artigo-12945-1-10-20140505.pdf>. Acesso em 10 Abril. 2021

MENEGHETTI, F. **O que é um ensaio-teórico.** **Rev. adm. Contemp.**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 320-332, Par. 2011.

MORIN, Edgar. O método 5: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2005.

TONI, P. **Etologia humana: o exemplo do apego.** Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/pusf/v9n1/v9n1a12.pdf>> Acesso em 10 Abril. 2021

WINNICOTT, D. **Os Bebês e suas Mães.** Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WECKER, A. et al. Algumas notas sobre a metodologia de pesquisa em psicanálise a partir de um relato de experiência acadêmica. In: SILVA, I. (Org.). **Ciências da saúde no mundo contemporâneo: interdisciplinaridade 1.** Strictu Senso Editora, p. 108-124, 2018. Disponível em: <<https://sseditora.com.br/wp-content/uploads/Ciencia-da-Saude-no-Mundo-Contemporaneo-Interdisciplinaridade-1.pdf>>. Acesso em 10 Abril 2021.



## A MUDANÇA PERCEBIDA PELOS FAMILIARES NO TRATAMENTO AMBULATORIAL DE USUÁRIOS DE SUBSTÂNCIAS

### THE CHANGE PERCEIVED BY FAMILIES IN THE AMBULATORIAL TREATMENT OF SUBSTANCES USERS

Greicy Kelly Souza Heck dos Santos; Marcus Levi Lopes Barbosa; Clarissa Machado Pereira;

Fernanda Tais Apolo; Sara Kleinschmitt; Stéfani Wiebbeling

Universidade Feevale

**Resumo:** Este trabalho aborda a mudança percebida pelos familiares no tratamento de usuários do Ambulatório de Saúde Mental e Álcool e Drogas. A amostra foi composta por 25 familiares atendidos no ambulatório de Saúde Mental de pacientes. Foi utilizado um questionário sócio-demográfico e uma Escala de Mudança Percebida (EMP), para identificar a percepção do familiar a respeito da mudança percebida no tratamento. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Feevale. A partir das respostas destes questionários, foram realizadas análises descritivas. Os resultados indicam que as mudanças mais importantes percebidas pelos familiares foram observadas na dimensão ‘Psicológica’, seguida por ‘relacionamento’ e ‘Saúde Física’. O aspecto com menor percepção de melhora foi o da ‘Ocupação’.

**Palavras-chave:** Usuários. Familiares. Mudança Percebida. Tratamento.

**Abstract:** This paper addresses the change perceived by family members in the treatment of users of the Mental Health and Alcohol and Drug Outpatient Clinic. The sample consisted of 25 family members attended at the Mental Health outpatient clinic. A socio-demographic questionnaire and a Perceived Change Scale (EMP) were used to identify the family member perception of the perceived change in treatment. The research was approved by the Research Ethics Committee at Feevale University. From the answers to these questionnaires, descriptive analyzes were performed. The results indicate that the most important changes perceived by family members were observed in the ‘Psychological’ dimension, followed by ‘relationship’ and ‘Physical Health’. The aspect with the least perception of improvement was that of ‘Occupation’.

**Keywords:** Users. Relatives. Perceived Change. Treatment.

## INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a mudança percebida pelos familiares no tratamento de usuários do Ambulatório de Saúde Mental e Álcool e Drogas. A percepção de mudança diz respeito à percepção dos efeitos do tratamento na saúde física e psicológica, na vida social e nas atividades desenvolvidas pelos usuários. Há evidências de que a percepção de mudança apresenta relações significativas com variáveis como qualidade de vida (CESARI; BANDEIRA; FELÍCIO, 2009) e a percepção de mudança pelos familiares (COSTA et. al., 2011).





Existem poucos estudos na literatura que tratam sobre a mudança percebida pela família em relação ao tratamento, além de uma carência de estudos empíricos sistemáticos, utilizando escalas de medida validadas (COSTA, 2008). Os estudos realizados sobre esse tema incluem, em sua maior parte, a percepção dos pacientes, sendo poucas as pesquisas na literatura que relacionam a perspectiva de ambos, ou incluem os familiares (COSTA et. al., 2011).

A dependência química é definida pela 10ª Edição da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), da Organização Mundial de Saúde (OMS), como a soma de acontecimentos comportamentais, cognitivos e fisiológicos que se desenvolve através do uso repetitivo de uma determinada substância psicoativa, sendo uma doença crônica onde diversos fatores contribuem para o seu desenvolvimento, incluindo a condição de saúde do indivíduo, fatores genéticos, psicossociais e ambientais e vem transformando-se em um grave problema social e de saúde pública na sociedade nos tempos de hoje (SILVA, 2000).

A família é a primeira célula social que o sujeito tem contato, onde o indivíduo desenvolve emoções, habilidades e valores. Ela é a primeira a sentir as consequências que a droga traz, tanto para o usuário, quanto para o funcionamento da mesma, prejudicando a qualidade de vida dos membros, podendo a dependência química, ser considerada como uma doença familiar, pois afeta de forma direta a família do sujeito (MATOS, 2015).

O uso de instrumentos, tais como a Escala de Mudança Percebida (EMP), permite o acesso a dados que não estariam tão facilmente acessíveis à profissionais, tais como mudanças em episódios privados (sentimentos, disposição), que fazem parte do funcionamento do paciente e do seu bem-estar, assim como percebido por ele (MCCABE; SAIDI; PRIEBE, 2007). Para os dependentes químicos, a evolução do seu tratamento está relacionada com a participação adequada dos familiares. Cada membro da família está interligado um no outro, onde, se houver mudança em uma das partes, acaba se repercutindo nos demais (ARAGÃO; MILAGRES; FLIGIE, 2009).

## METODOLOGIA

### AMOSTRA

Participaram deste estudo 25 familiares, os quais se apresentaram como os principais cuidadores 76% dos familiares eram do sexo feminino, 24% eram do sexo masculino, Em sua maioria casados 60% , sendo 16%, solteiros, 8% dos familiares união estável, 12% dos



familiares, divorciados, 28% dos familiares recebem benefício e 8% dos familiares são autônomos. A maior parte reside com um familiar ou sozinho. Mais de 40% dos familiares consideram o relacionamento com o paciente bom, ou regular. E a capacidade da família lidar com problemas também ficou a média com mais de 44% regular e boa.

Os critérios de inclusão para esta avaliação foram: ter idade igual ou superior a 18 anos, de ambos os sexos, serem indicados como principais cuidadores, tendo contato mínimo de uma vez por semana com o paciente. Serão eliminados aqueles familiares que não conseguirem responder aos instrumentos de avaliação e que forem portadores de transtornos mentais severos e persistentes.

## INSTRUMENTO

O estudo utilizou um questionário sócio demográfico simples Escala de Mudança Percebida (EMP), versão do Familiar. O Questionário Sociodemográfico teve como objetivo mapear características sociodemográficas, tais como: idade, sexo, estado civil, ocupação, entre mais 10 questões que avaliam alguns aspectos familiares e do uso de substância.

A Escala de Mudança Percebida (EMP) foi originalmente elaborada por Mercier e cols. (2004), com a denominação de *Questionnaire of Perceived Changes*. A escala original possui propriedades psicométricas adequadas de validade e fidedignidade (MERCIER et. al., 2004). As versões brasileiras da escala foram obtidas através de estudos de adaptação transcultural (BANDEIRA et. al., 2009) e de estudos de suas propriedades psicométricas (COSTA et. al., 2009; CESARI; BANDEIRA; FELÍCIO, 2009).

## PROCEDIMENTOS

O presente estudo seguiu os procedimentos éticos conforme Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Feevale. Inicialmente, foi realizado contato com a direção do Ambulatório de Saúde Mental e Álcool e Drogas, a fim de expor os objetivos do estudo e solicitar permissão para a realização da coleta de dados no local. O projeto de pesquisa passou, também, pela aprovação do Núcleo Municipal de Educação em Saúde Coletiva (NUMESC). A participação foi aceita e a instituição assinou o Termo de Compromisso de Instituição Participante. Realizada esta etapa, foram combinados os encontros e a agenda para as aplicações dos instrumentos.





Nas ocasiões que foram agendadas os encontros, inicialmente foi explicado o objetivo do estudo e, logo após, foi feito o convite para a participação na pesquisa. Uma vez que ocorreu o aceite verbal, o familiar recebeu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, somente após a leitura e as assinaturas, foram distribuídas as escalas, que foram realizadas de forma individual, sendo realizado, também, um *rapport* antes da aplicação da escala, a fim de garantir uma padronização das aplicações.

Os instrumentos foram aplicados e levantados e os dados foram armazenados no pacote estatístico SPSS *for Windows* versão 25.0. Inicialmente, foram realizadas análises descritivas simples com o objetivo de descrever o perfil sociodemográfico da amostra, bem como os outros indicadores avaliados.

## RESULTADOS

No que diz respeito às estatísticas descritivas os resultados indicam que os maiores níveis de percepção de mudança na amostra foram observados na dimensão ‘Psicológica’ com o valor de 1,82. A menor mudança percebida ocorreu na dimensão ‘Ocupação’, com escores de 1,54. O desvio padrão se mostrou adequado, sendo que em nenhum caso ele ultrapassou a metade do valor nominal das médias.

Os valores mínimos estiveram entre 0,00 e 0,83 indicando que em algumas dimensões houve pelo menos um familiar que só percebeu piora no tratamento. Estes resultados negativos foram encontrados na dimensão ‘Ocupação’. No que diz respeito aos valores máximos, em todos os casos foram iguais ao máximo esperado para a escala (2 pontos), indicando que ao menos um familiar só percebeu melhora no tratamento em todas as dimensões.

Dimensão	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo	Skewness/EPs	Kurtosis/EPk
Ocupação	1,54	0,47	0,00	2,00	-3,172	3,395
Psicológico	1,82	0,28	0,83	2,00	-2,482	5,164
Relacionamento	1,76	0,40	0,33	2,00	-4,590	6,048
Saúde Física	1,68	0,38	0,50	2,00	-3,530	2,932



## DISCUSSÃO

O primeiro resultado a ser discutido é aquele que mostra a principal mudança percebida, sendo esta na dimensão ‘Psicológica’ na perspectiva familiar. Este resultado indica que a família está percebendo melhoras importantes na capacidade do paciente de suportar situações difíceis, no humor, na estabilidade das emoções. A família está percebendo que o paciente está mais confiante em si mesmo, sente melhora na administração dos problemas pessoais e também é possível ver melhora no interesse pela vida (BANDEIRA et. al., 2009).

De maneira geral, os familiares de usuários de substâncias ficam sobrecarregados por terem que lidar com os comportamentos disfuncionais e recaídas dos pacientes. Sendo assim, a melhora no aspecto ‘Psicológico’ também influencia na melhora no relacionamento entre pacientes e familiares (BARROSO; BANDEIRA; NASCIMENTO, 2007). Os piores resultados foram encontrados na dimensão ‘Ocupação’.

É possível que o fato de o paciente estar em tratamento, diminua conflitos em casa. Sendo assim, uma vez que o paciente está engajado em um processo de mudança e a família também se envolve nesse processo, a consequência é uma melhora na convivência entre eles. Para a maior parte dos usuários de substâncias, o uso contribui para o distanciamento do usuário com a família e meios sociais saudáveis. Por consequência, há uma redução de rede, as rotinas são mudadas, coisas que se faziam antes não se fazem mais, datas comemoradas antes já não se comemoram mais (LOPES; SEADI, 2002).

A percepção da melhora na dimensão ‘Saúde Física’, diz respeito à família perceber melhora com relação ao estado físico geral, mas também a melhora do apetite, sono e sexualidade (BANDEIRA et. al., 2009). O uso abusivo de substâncias tem impactos negativos na saúde, considerando-se que o usuário passa a não se alimentar de forma saudável, passa a dormir menos devido aos efeitos psicoativos da droga, afetando, ainda, a sexualidade devido ao uso abusivo. Sendo assim, há um comprometimento na sua Saúde Física. Com o tratamento, o paciente passa a deixar o uso de lado, voltando, assim a rotinas saudáveis (COSTA, 2008).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo avaliar a mudança percebida pelos familiares de pacientes em tratamento no Ambulatório de Saúde Mental e Álcool e Drogas de Novo Hamburgo. Portanto, dados foram colhidos e a literatura revisada, procedimentos



metodológicos foram lincados e analisados, resultados foram obtidos, bem como foram discutidos. Cabe, agora, tecerem-se algumas considerações finais de caráter conclusivo. Os resultados permitem constatar que a principal mudança está na dimensão ‘Psicológica’, seguida por ‘relacionamento’ e ‘Saúde Física’. O aspecto com menor percepção de melhora foi o da ‘Ocupação’.

Os resultados demonstrados podem ser úteis para psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais e outros agentes de saúde envolvidos no tratamento de pacientes usuários de substâncias, indicando também a necessidade do envolvimento da família e de uma visão mais sistêmica como estratégia no tratamento, permitindo-se, ainda, avaliar em que aspectos estão acontecendo melhoras, ou aspectos sem mudança com o tratamento, ou aspectos que percebam estar pior que antes, podendo, assim, direcionar o tratamento com um olhar mais focado onde os e familiares não conseguiram perceber mudança’. Assim, os dados obtidos com a aplicação da Escala EMP se mostram úteis para os profissionais do serviço, auxiliando- os a oferecerem tratamentos mais adequados às necessidades dos pacientes. Por fim, a realização rotineira da aplicação desta escala nos serviços de Saúde poderia ajudar nas intervenções com os pacientes, sendo ela uma escala de fácil e curta aplicação.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, A. T. M.; MILAGRES, E.; FLIGIE, N. B. Qualidade de vida e desesperança em familiares de dependentes químicos. **Psico-USF**, v.14, n.1, p.117-123. 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousf/v14n1/v14n1a12.pdf>>. Acesso em: 2 de abril de 2021.

BANDEIRA, M.et al.. Avaliação de serviços de saúde mental: adaptação transcultural de uma medida da percepção dos usuários sobre os resultados do tratamento. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 58, n. 2, p. 107-114. 2009.

BARROSO S. M.; BANDEIRA M.; NASCIMENTO, E. Sobrecarga de familiares de pacientes psiquiátricos atendidos na rede pública. **Rev. Psiquiatr. Clín.**, v. 34, n. 6, p. 270-277, 2007.

CESARI, L.; BANDEIRA, M.; FELÍCIO, C. B. Propriedades psicométricas da Escala de Mudança Percebida (EMP): versão dos familiares. CONGRESSO BRASILEIRO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA E XIV CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: FORMAS E CONTEXTOS. **Anais ...** Campinas, SP, Brasil, v.4. 2009.





COSTA, C. S.; BANDEIRA, M.; ANDRADE, M. C. R.. Propriedades psicométricas da Escala de Mudança Percebida (EMP): versão dos pacientes. CONGRESSO BRASILEIRO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA E XIV CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: FORMAS E CONTEXTOS. **Anais ...** Campinas, SP, Brasil, 4. (2009)

COSTA, C. S. et al. A percepção de pacientes e familiares sobre os resultados do tratamento em serviços de saúde mental. **Cadernos de Saúde Pública**, v.27, n. 5, p, 995-1007. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2011000500017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2011000500017)>. Acesso em: 30 de março de 2021.

COSTA, S. C. **Percepção de mudança em função do tratamento recebido nos serviços de saúde mental: comparação entre pacientes e familiares**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais.

LOPES, J.; SEADI, S. Avaliação familiar: construindo uma nova maneira de olhar. In: PULCHERIO, G.; BICCA, C.; SILVA, F. A. (Org.). **Álcool, outras drogas & informação**. São Paulo: Casa do Psicólogo. (2002).

**MATOS, S.** Participação da família no processo de tratamento do dependente químico. Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Artigo-Sabrina.pdf>>. Acesso em: 30 de março de 2021.

MCCABE, R.; SAIDI, M.; PRIEBE, S. Patient reported-outcomes in schizophrenia. **British Journal of Psychiatry**, v. 191, p. 21-28, 2007.

MERCIER, L. et. al. **Measuring clients perception as outcome measurement**. In: ROBERTS, A. R.; YEAGER, K. R. **Evidence-based practice manual: research an outcome measures in health and human services**. Oxford: University Press. 2004.

SILVA, I. R. **Alcoolismo e abuso de substâncias psicoativas: tratamento, prevenção e educação**. São Paulo: Vetor. 2000.



## A MITIFICAÇÃO DE LEBRON JAMES NA PEÇA “WE ARE ALL WITNESSES” DA NIKE

THE MITIFICATION OF LEBRON JAMES IN “WE ARE ALL WITNESSES” BY NIKE

Mauricio Barth; Gustavo Roesse Sanfelice; Ueliton Lyrio Irgang; Débora Wissmann

Universidade Feevale

**Resumo:** O basquetebol, um dos esportes que sempre fez sucesso e que tem crescido cada vez mais, seja na proporção dos eventos ou no número de telespectadores, possui os Estados Unidos como a maior potência da modalidade, e isso faz com que sua liga – a National Basketball Association (NBA) – seja a mais expressiva do mundo. Sob esse viés, este trabalho tem como objetivo analisar a mitificação de atletas da NBA em peças publicitárias. Para tanto, foi selecionado, a fim de cumprir o objetivo proposto, uma peça protagonizada pelo atleta LeBron James, observada através da Mitocrítica de Durand (1985). Ao fim do estudo, constatou-se que a peça analisada demonstra estratégias que buscam, sobretudo, estabelecer vínculos com o atleta através de abordagens míticas, fortalecendo, por meio delas, a relação com seu público.

**Palavras-chave:** Mitos. NBA. Basquete. Durand.

**Abstract:** The basketball, one of the sports that has always been successful and that has grown more and more, be it in the proportion of events or in the number of viewers, has the United States as the greatest power of the sport, and this makes its league - the National Basketball Association (NBA) - be the most expressive in the world. Under this bias, this work aims to analyze the mythology of NBA athletes in advertising pieces. For this purpose, in order to fulfill the proposed objective, a play starring the athlete LeBron James was selected, observed through the Mitocritics of Durand (1985). At the end of the study, it was found that the analyzed piece demonstrates strategies that seek, above all, to establish links with the athlete through mythic approaches, strengthening, through them, the relationship with his audience.

**Keywords:** Miths. NBA. Basketball. Durand.

### 1 INTRODUÇÃO

Um dos esportes que sempre fez grande sucesso e que tem crescido cada vez mais, seja na proporção dos eventos ou no número de telespectadores, é o basquetebol. Os Estados Unidos são a maior potência dessa modalidade e isso faz com que a liga mais expressiva do mundo seja a americana. É justo, considerando que alguns dos mais talentosos atletas que entraram para a história do esporte construíram carreira no país. A *National Basketball Association* (NBA), além de ser uma das mais importantes ligas, é também um dos maiores eventos esportivos, que sempre atraiu grandes públicos. Inicialmente com maior força na América do Norte, o esporte foi, de forma gradativa, avançando para outros países.

Com o avanço da globalização, foi possível acompanhar em casa, ou em outros espaços, eventos esportivos realizados em qualquer parte do mundo – e com o basquete não foi diferente.



As grandes emissoras, percebendo o potencial que já existia na modalidade, começaram a fazer transmissões mais amplas, abrangendo mais países e, automaticamente, esse processo beneficiou a NBA, tendo em vista que é a liga com maior atratividade. No Brasil, país que é reconhecido internacionalmente pela ligação com o futebol, o número de pessoas que acompanham a liga americana aumenta a cada dia<sup>1</sup>; fenômeno que também acontece em outros países<sup>2</sup>. O êxito da liga ultrapassou as fronteiras americanas e, com o tempo e maior acessibilidade, passou a ser um sucesso mundial.

Ademais, a potencialidade não está vinculada somente ao esporte; ela se evidencia também em tudo que a cerca de forma direta ou indireta. As pessoas que se engajam e passam a consumi-la alcançaram, de alguma maneira, certa identificação com os atletas. Em alguns casos, passam a admirá-los a ponto de encarar suas atitudes como exemplo. A publicidade, percebendo essa capacidade, começou a criar alternativas para que esse encantamento do espectador fosse ampliado. Dessa forma, a imagem do atleta passou a ser mais explorada. Um processo de transformação se iniciou, intensificando a ideia de glamourização, fazendo que, em certos momentos, ele ultrapasse a barreira de atleta e alcance a alcunha de mito.

Nessa perspectiva, há diversas maneiras de se interpretar e perceber um mito. Ele faz parte da história e tem participação direta em tradições e culturas que influenciaram, através dos anos, a evolução humana ao redor do mundo. Contudo, neste trabalho, o enfoque é a maneira com que a publicidade se apropriou do tema e o ligou ao esporte; mais especificamente, o estudo se debruça sobre o basquete e, pela riqueza de dados e número de mitos criados, observa o atleta da NBA. Tem-se, portanto, como objetivo neste trabalho analisar a mitificação de atletas da NBA em peças publicitárias.

Nesse contexto, o estudo discorre sobre um atleta da liga norte-americana que já foi agraciado com o prêmio de melhor jogador da temporada – prêmio conhecido como Most Valuable Player (MVP). Baseando-se no reconhecimento esportivo alcançado por ele, o artigo centra suas análises em LeBron James, MVP nas temporadas de 2009/2010/2012/2013. Para contribuir com a discussão, analisa-se um anúncio publicitário protagonizado pelo atleta através da Mitocrítica de Durand (1985).

<sup>1</sup> Disponível em: <[https://www.espn.com.br/nba/artigo/\\_id/5747958/basquete-crece-no-brasil-enumero-de-fas-atinge-nivel-historico](https://www.espn.com.br/nba/artigo/_id/5747958/basquete-crece-no-brasil-enumero-de-fas-atinge-nivel-historico)>. Acesso em: 12 abr. 2021.

<sup>2</sup> Disponível em: <[https://www.maquinadoesporte.com.br/artigo/nba-crece-e-vive-maior-esplendoreconomico-de-sua-historia\\_36437.html](https://www.maquinadoesporte.com.br/artigo/nba-crece-e-vive-maior-esplendoreconomico-de-sua-historia_36437.html)>. Acesso em: 12 abr. 2021.



## 2 SOBRE A MITIFICAÇÃO

Para Durand (2004), o mito conceitua-se através da ligação de uma simples ilustração e o seu significado, o que ela simboliza e representa sobre algo, ou alguém. Já para Barthes (2001), o mito é uma representação figurativa de um tema, que busca explicar mesmo que de maneira parcial os conceitos que se apresentam em determinados assuntos. Corroborando, Lévi-Strauss (2014) entende que, além do fator lúdico, ao trazer para a história fatos impossíveis, quase que absurdos para a nossa realidade, ele tem suma importância ao dar, mesmo que de maneira ilusória ao homem, a impressão de que pode compreender todos os fatos apresentados ao seu redor. Acrescentando ao tema, Campbell (1949) acredita que não é exagero dizer que através do mito surgem as inesgotáveis crenças humanas, que penetram na história através de manifestações culturais e influenciam em descobertas científicas e históricas. Em complemento, Eliade (1972) entende que de uma forma fantasiosa e metafórica o mito trata da verdade, trazendo uma narrativa mais interessante, porém, sempre com o princípio e o fim da verdade

Os mitos trazem à tona inúmeras interpretações e algumas fantasias em seu enredo, porém, apresentam sempre um conceito válido. Para Lévi-Strauss (2014), em determinado momento da história, foi necessário que a ciência se mostrasse independente, que se estruturasse somente através das maneiras exatas e que ela fundamentasse suas descobertas baseadas na matemática, para que, assim, se evidenciasse que elas dependem exclusivamente do intelecto. No entanto, a sociedade atual caminha na contramão dessa ideia, trazendo à tona argumentos que esclarecem os significados por trás dos mitos, mostrando que mesmo envolto por algumas fantasias, ele traz veracidade e essa pode ser explicada e justificada. As semelhanças entre mito e outros formatos de histórias, como o conto e as fábulas, atrapalham a sua relevância perante a sociedade.

Segundo Eliade (1972), o que difere os formatos é que, desde as civilizações arcaicas, os mitos são de extrema importância, ao passo de que, para eles, as histórias que carregam têm função fundamental na estruturação de suas comunidades e tudo que nela consiste. O mito se faz presente e exemplifica para todos os rituais relevantes e atividades significativas existentes: alimentação, trabalho, educação, arte e até o casamento. Tudo o que consiste em rituais tem como primórdio algo transcrito em algum mito. Desta forma, se entende que ao se estudar e



conhecer os mitos, aprende-se o início de tudo, como as coisas passaram a existir e, ainda, onde foram encontradas e como reagir caso elas desapareçam.

Em nossa sociedade os mitos se fazem presentes em inúmeras culturas, porém, sem o devido conhecimento de tudo o que ele representa. Além dos rituais já citados, segundo Campbell (1949), a partir da representatividade do mito e de tudo o que o cerca surgem diversas manifestações humanas, tais como religião, filosofia, artes, as formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e, até mesmo, os sonhos que temos durante o sono.

As histórias de origem mítica trazem ao redor do mundo inúmeras versões, porém, todas, independente do meio, sempre tem o mesmo sentido. É essa característica que difere as histórias míticas das histórias comuns. Segundo Lévi-Strauss (2014), o mito apresenta sempre uma estrutura básica podendo apresentar variações em seu desenvolvimento. Desta maneira entende-se que a mitologia é um sistema fechado que pode ser contado de inúmeras maneiras, mas sempre com o mesmo final.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho se utiliza, ao longo de seu desenvolvimento, das Pesquisas Exploratória, Bibliográfica e Estudo de Caso, abordando seu problema de forma Qualitativa, seguindo, para isso, as definições de Prodanov e Freitas (2013), Gil (2012), Yin (2015) e Lakatos Marconi (2017). No que se refere a coleta de dados, para alcançar o objetivo traçado, foi selecionado um atleta de destaque no basquete mundial e que já conquistou o prêmio de MVP da NBA e, a partir disso, uma imagem publicitária foi elegida. A peça selecionada, de Lebron James, faz parte de uma campanha da marca Nike, que patrocina o atleta, intitulada “We are all witnesses”, veiculada em 2007.

Como técnica de análise o presente trabalho se utiliza de Durand (1985). Para o autor, a mitocrítica se constitui em um “[...] método de crítica literária (ou artística), em sentido estrito ou em sentido ampliado, de crítica do discurso que centra o processo de compreensão no relato de caráter ‘mítico’ inerente a significação de todo e qualquer relato” (DURAND, 1985, p. 253). Ainda, segundo o autor (1985), a mitocrítica busca se constituir como um método crítico que sintetiza, de maneira construtiva, as inúmeras mensagens críticas, sejam elas atuais ou antigas, que até seu surgimento se confrontavam de maneira improdutiva. O autor afirma, ainda, que o



método tem como princípio preservar e somar aos progressos já instaurados outras explicações críticas; no entanto, busca centralizar as descobertas simbólicas e míticas que introduzem, através de leituras e embasamento teórico, um entendimento mais profundo sobre o tema.

Durand (1985) explica, também, que a mitocrítica, enquanto método, coloca em evidência, em uma obra, as ideias expostas por ela ou que foram nela empregadas. Em consonância, o conceito, em determinados momentos, ultrapassa a ideia da obra estudada e inicia uma busca por metáforas para que as mesmas, de alguma forma, apresentem fatos imperceptíveis sem uma análise mais minuciosa.

Além do conceito de Mitocrítica, faz-se importante, para que se possa entender de que maneira um mito é descrito, a compreensão do mitema. Para Durand (1985, p. 253), o mitema atua como “[...] a menor unidade de discurso miticamente significativa”, acrescentando que, tanto na definição de mitocrítica quanto no conceito de mito, o mitema é parte central na construção de ambos. Considerado como um “átomo” mítico pelo mesmo, o mitema possui uma natureza estrutural e conteúdo versátil, podendo se encontrar em um enredo como um motivo, tema, cenário, emblema ou até uma situação dramática. Para melhor entendimento do conceito, metaforicamente, pode-se dizer que os mitos são como uma macieira e os frutos produzidos por ela são, justamente, os mitemas. Em resumo, são as maçãs que apresentam maior significância e a macieira, por sua vez, as reproduz.

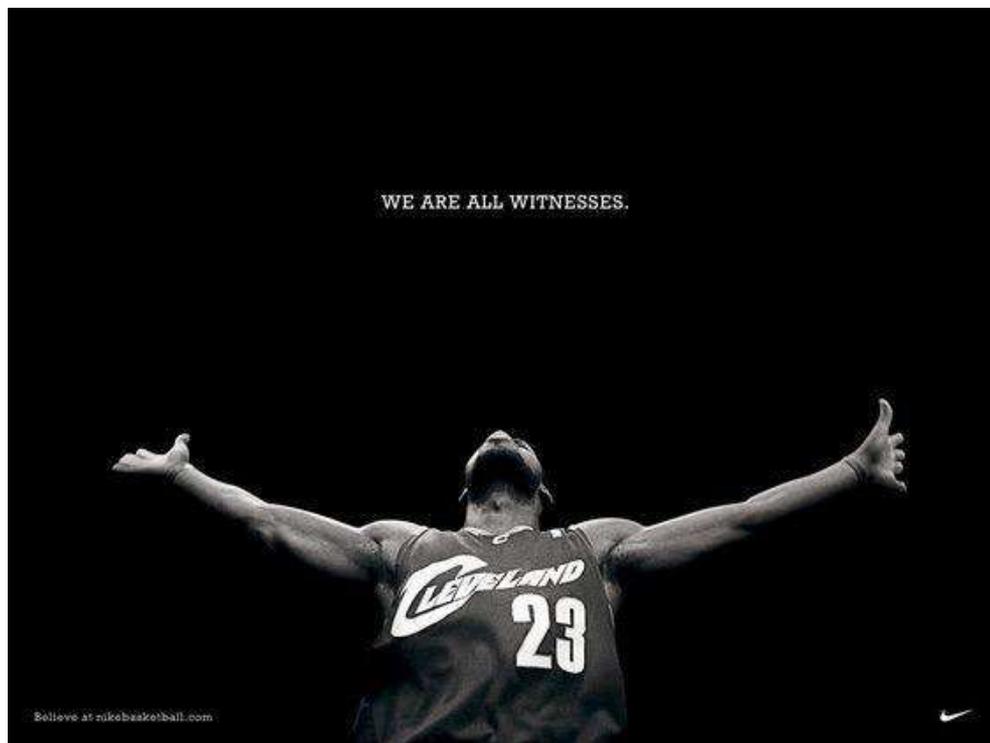
#### 4 LEBRON JAMES: WE ARE ALL WITNESSES

A peça analisada é protagonizada por Lebron James e a imagem, do ponto de vista estrutural, mostra em seu centro o jogador com a camisa do clube que defendia na época – Cleveland Cavaliers –, com os braços abertos, mãos igualmente abertas e a cabeça curvada para trás como se estivesse recebendo uma saudação de sua torcida. A peça em preto e branco traz, em sua parte central superior, o texto, que é homônimo ao título da campanha: “We are all witness”. No lado esquerdo inferior aparece o site da marca, sucedido dos dizeres “believe at”, em tom de convite para que seja visitado e, no lado contrário, aparece o símbolo da marca para reforçar sua identidade visual.

A imagem evidencia e foca o atleta, fazendo deste o protagonista. É possível observar detalhes por trás do anúncio, algo sutil, mas que, por ser passível de diferentes interpretações, faz com que pequenos detalhes na peça possam ser vistos de maneiras diferentes. No centro,



como dito anteriormente, o atleta se encontra de braços abertos. Com uma análise mais aprofundada, pode-se entender que o gesto feito por ele traz consigo expressiva representatividade.



**Figura 1.** LeBron James - “We Are All Witnesses” - Nike - 2007  
**Fonte:** Pinterest (2020a)

No que cerca a ideia de mitificação, aplicada na peça e empregada ao atleta, a “história” trazida pelo mote da campanha corrobora o raciocínio de Campbell (1949), o qual diz que tudo o que um mito faz e representa para uma sociedade não pode ser apagado; desta forma, é possível se entender que o que o atleta está representando naquele momento e os feitos que está comemorando estão fazendo dele uma parte da história, proporcionando a ele que marque seu nome na modalidade. Isso tudo, ligado ao fato de que a NBA tem como ideia conduzir LeBron a permanecer como a maior estrela da companhia, faz com que, em determinados momentos, este ultrapasse a alcunha de atleta profissional e alcance o patamar de mito do esporte.

Acrescentando, Lévi-Strauss (2014) entende que a mitificação se faz importante do ponto de vista de que a sua existência traz para o homem a ideia, de certa forma ilusória, de ser capaz de tudo, fazendo coisas impossíveis e inimagináveis. Sendo assim, ao erguer o atleta a esse patamar, a marca potencializa o poder por ele exercido. A marca, de certa forma, potencializa, através da peça, as características do jogador, fazendo com que seja possível acreditar que ele



é capaz de façanhas, reforçando, na cabeça de quem acompanha a modalidade, a ideia de que LeBron James é, naquele momento, o surgimento de algo novo na história esportiva.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que a NBA é a principal liga de basquete do mundo, já que, além de possuir os maiores astros do esporte, chama atenção pela estrutura que possui e o engajamento que conquistou no mundo. Outro fator que é evidente na liga é o poder que ela tem em selecionar atletas e, em conjunto com o seu talento, fazer do jogador um mito, alguém acima dos que o cercam. Diante desse prisma, o presente trabalho teve como objetivo, portanto, analisar a mitificação de atletas da NBA em peças publicitárias, atendo-se, especificamente, a uma peça publicitária da marca Nike protagonizada pelo atleta LeBron James. Com o seu término, entende-se, destarte, que o trabalho proposto teve seu objetivo concluído.

Na peça analisada, ao se lançar um olhar crítico, pode-se perceber nuances tanto do viés publicitário quanto do mítico. Sobre a figura do atleta, é possível notar que a marca aproveita da posição de astro da companhia que o jogador carrega e se utiliza dela em conjunto com alguns elementos para que as pessoas vejam o mesmo como mais do que um jogador, para que ele seja alçado à posição de lenda. Em conjunto, a marca fortalece seu nome e faz com que, ao se pensar em LeBron, considerado um dos maiores da história, automaticamente lembre-se da mesma.

Como sugestões para novos estudos, considera-se a possibilidade de realizar as análises aqui praticadas em peças publicitárias que tem seu protagonismo em outros atletas da NBA de renome internacional, como Kevin Durant, Anthony Davis, Jimmy Butler, Kawhi Leonard, Giannis Antetokounmpo, entre outros. Há, ainda, a perspectiva de executar tais análises em atletas que foram destaque em períodos anteriores da liga, como Magic Johnson e Larry Bird (anos 1980), Michael Jordan, Scottie Pippen ou Patrick Ewing (anos 1990) ou Kobe Bryant e Shaquille O'Neal (anos 2000).

## REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **Mitologias**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2001.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo, SP: Cultrix/Pensamento, 1949.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo, SP: Contexto, 2013.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

DURAND, G. Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, análise e mitocrítica. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 11, n. 1-2, p. 244-256, 1985.

DURAND, G. O retorno do mito: introdução à mitologia. Mitos e sociedades. **Revista Famecos**, n. 23, 2004.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo, SP: Perspectiva S.A, 1972.

GIL, A. C. **Metodologia do ensino superior**. 4.ed. São Paulo, SP: Atlas, 2012.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso**. 8. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2017.

LÉVI-STRAUSS, C. **Mito e Significado**. Lisboa: Ed 70, 2014.

PINTEREST. **LeBron James: Ultimate Millennial**. 2020a. Disponível em:  
<<https://br.pinterest.com/pin/33425222217655673/>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2015.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

## EDUCAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA: PERCURSO HISTÓRICO NA CONSOLIDAÇÃO COMO POLÍTICA PÚBLICA

### LA EDUCACIÓN PÚBLICA BRASILEÑA: TRAYECTORIA HISTÓRICA EN LA CONSOLIDACIÓN COMO POLÍTICA PÚBLICA

Claudiana Pereira; Dinora Tereza Zucchetti

Universidade Feevale

**RESUMO:** Este artigo trata dos marcos legais da Educação Pública Brasileira, até a sua consolidação como política pública presente na agenda política, bem como da constitucionalização da educação pública como direito. Como metodologia, a pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, onde se fez necessária uma análise documental dos marcos da legislação educacional no Brasil. Como referências são citados: Azevedo (1958); Santos (2020) Schmidt (2019); Sorj (2000), além de marcos legais da Educação Pública Brasileira. A análise dos dados é apresentada em duas seções, sendo elas: Linha do tempo da Educação Pública no Brasil e Educação Pública Brasileira: uma questão de política pública. Na conclusão, são feitos apontamentos sobre a importância dos estudos e da mobilização social, quando tratamos de políticas públicas, em especial no campo das políticas educacionais.

**Palavras-chave:** Educação Pública Brasileira; Políticas Públicas; Direito a educação

**RESUMEN:** Este artículo aborda los hitos legales de la Educación Pública Brasileña, hasta su consolidación como política pública en la agenda política, así como la constitucionalización de la educación pública como derecho. Como metodología, la investigación se caracteriza por ser una investigación cualitativa de tipo exploratorio, donde fue necesario un análisis documental de los hitos de la legislación educativa en Brasil. Como referencias se citan: Azevedo (1958); Santos (2020) Schmidt (2019); Sorj (2000), además de los hitos legales de la Educación Pública Brasileña. En la conclusión de los datos se presenta en dos sesiones a saber: Línea del Tiempo de la Educación Pública en Brasil y Educación Pública Brasileña: una cuestión de política pública. En las consideraciones finales, se señala la importancia de los estudios de movilización social, cuando tratamos de las políticas públicas, especialmente en el campo de la política educativa.

**Palabras clave:** Educación Pública Brasileña, Políticas Públicas, Derecho a la Educación

## INTRODUÇÃO

Vivemos um período de negação na história brasileira, onde movimentos conservadores, negam, entre outras coisas, a violência e perversidade do regime militar, ou mesmo recusam a existência de um período histórico onde a educação foi privilégio de poucos. Como sinal de alerta, nos últimos anos, temos assistido a uma tentativa de descredibilizar as Universidades e a ciência, qual é alimentada por diferentes organizações e partidos políticos. Além do que, mudanças ministeriais e a instabilidade que o governo federal representa, têm impactado na continuidade de políticas, que exigem esforços coletivos, como é o caso do Plano Nacional de





Educação- PNE (2014-2024)<sup>1</sup>. Nesse contexto, é preciso citar também o desmonte de outras políticas, como ocorreu em 2020, com a sorrateira alteração na Política Nacional de Educação Especial, que através do Decreto Nº 10.502, de 30 de setembro de 2020 (BRASIL,2020a), instaura uma nova proposta, sem abrir espaço de discussão para pesquisadores e profissionais da área. Nesse sentido, conhecer nossa história e as lutas combatidas pela Educação e pelos educadores brasileiros, é importante para o enfrentamento desse período de instabilidade política, qual temos passado enquanto nação.

A história da Educação Pública Brasileira, tem marcos consolidados em períodos não muito longínquos, sendo até os dias atuais, uma luta constante de inúmeros movimentos sociais e educacionais em todo país. Reconhecer que hoje, a educação é direito assegurado pela Constituição Federal, reforça a necessidade de compreendermos, também, a linha histórica que a consolida e legitima.

Sendo assim, este estudo de abordagem qualitativa do tipo exploratória, tem como objetivo, identificar os principais marcos legais, que consolidaram a educação pública brasileira, como direito de todos. Depois de identificados os marcos legais da educação pública brasileira, foi realizada a análise documental do material coletado. Para Lüdke e André (1986, p.38) “[...] a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa e abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”. Por considerar o exposto, é que diferentes marcadores da legislação educacional foram revistos, para que dessa forma, fosse possível apresentar uma breve contextualização histórica sobre a Educação Pública Brasileira. Para tanto, o material analisado é apresentado em duas seções, sendo elas *Linha do tempo da educação pública no brasil* e *Educação pública brasileira: uma questão de política pública*. Na sequência, são apresentadas as considerações finais desta pesquisa.

## LINHA DO TEMPO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA NO BRASIL

Ao olharmos para a linha do tempo da Educação Pública Brasileira, podemos inferir, que no ano de 1932, nosso país inicia um processo de democratização do ensino e de luta por uma

---

<sup>1</sup> O Plano Nacional de Educação tem vigência em período decenal, e reúne um conjunto de metas e estratégias, que visam o articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração. O atual PNE contempla o período de 2014 a 2024 e foi aprovado pela LEI Nº 13.005/2014. Sendo o PNE a principal política educacional brasileira, deve ser monitorado por diferentes agentes governamentais, o que possibilita o melhor desenvolvimento da educação brasileira. Através do veículo de consulta denominado “PNE em Movimento”, todo cidadão pode acompanhar o atendimento ou não, das 20 metas a que se propõem o plano.



educação pública, laica e de qualidade. O movimento denominado Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova<sup>2</sup>; foi responsável por mobilizar importantes intelectuais, em um processo de luta pela Educação Pública Brasileira e pela democratização o do ensino. Assim, o manifesto redigido por Fernando de Azevedo e que contava com participação e mobilização de nomes consolidados com Anísio Teixeira; argumentava sobre a importância da gratuidade da educação, para que esta deixasse de ser ofertada para poucos. Em resumo, os pioneiros se propunham a servir, não mais aos interesses e a perpetuação das classes, mas aos interesses dos sujeitos aprendentes. Ainda no documento, fica estabelecido que “Assentado o princípio do direito biológico de cada indivíduo a sua educação integral, cabe evidentemente ao Estado a organização dos meios de o tornar effectivo, por um plano geral de educação, de acessível, em todos os seus grãos, aos cidadãos”. (AZEVEDO, 1958, p.7)

Pouco do que foi pensado e almejado pelos pioneiros, concretizou-se no cenário educacional brasileiro, mas tomamos aqui a gratuidade e o direito à educação, como uma garantia constitucionalizada. Já em 1934, é instituído constitucionalmente que a educação é direito de todos os brasileiros e estrangeiros que vivam no país (BRASIL, 1934). Apesar desse importante marco, somente 27 anos depois, é que foram fixadas as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1961). No entanto, é preciso citar, que nesse intervalo de tempo, ocorrem significativas mudanças no cenário educacional brasileiro, como a criação do Instituto Nacional de Pedagogia em 1937, qual passa a ser denominado Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), já no ano seguinte. Hoje o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais leva o nome do educador Anísio Teixeira, qual representou um importante papel no desenvolvimento de pesquisas educacionais no Brasil, em especial, durante o período (1952-1964), qual foi diretor do INEP.

Ainda na década de 1960, outros acontecimentos foram importantes para história da educação brasileira, como o movimento de combate ao analfabetismo, que liderado por Paulo Freire, alfabetizou 300 cortadores de cana, em apenas 40 dias. É através do método Paulo Freire, que é instituído no Brasil o Plano Nacional de Alfabetização (BRASIL, 1964). Além do exposto, o Brasil foi tomado por militares em 1964, onde atravessou um longo período de repressão, qual se prolongou durante 20 anos de ditadura militar.

---

<sup>2</sup> O Manifesto dos Pioneiros pela Educação Nova, datado de 1932, foi redigido por Fernando Azevedo, onde mais do que análise da situação da educação, se propunha mudanças significativas dos rumos trilhados, bem como das questões estruturais da educação professada até o momento.



Já tendo a nação brasileira, posto fim no período de ditadura, é promulgada em 5 de outubro de 1988 a Constituição Federal (BRASIL, 1988), qual representa o maior e mais importante marco legal na história da democracia brasileira. A educação como direito de todos, faz parte da Constituição Federal, estando posta no Capítulo III, seção I, mais precisamente no Art.205, qual estabelece que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (BRASIL, 1988)

Ainda na Constituição, existem outros artigos que tratam do direito à educação, como o Art. 208, qual estabelece “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria”. (BRASIL, 1988) A redação do artigo é reforçada nas alíneas um, dois e três do mesmo artigo, onde cita-se:

§ 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo § 2º O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente; § 3º Compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola.

Dois anos mais tarde, temos o marco da Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990), qual foi aprovada em Jomtien, Tailândia, durante a Conferência Mundial sobre Educação para Todos. Tal documento, trata-se de um Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem, já que apesar da educação ser reconhecida como direito, já na Declaração dos Direitos Humanos (1948), muitas lacunas ainda eram (e são) observadas, mesmo tendo transcorridos mais de 40 anos desde a sua promulgação.

Apesar da educação, ser reconhecida constitucionalmente como direito, é preciso dizer, que muitas lacunas e desafios ainda precisam ser combatidos, e isso só será possível, através de políticas públicas capazes de combater as desigualdades de acesso e permanência dos estudantes na escola.



## EDUCAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA: UMA QUESTÃO DE POLÍTICA PÚBLICA

Hoje, o Brasil atravessa um período em que muitos brasileiros recusam a história da sua nação. Para Santos (2020) vivemos sim, nesse início de séc. uma crise da democracia, qual coloca em xeque todas as instituições envolvidas no processo de democratização do país. Ainda nas palavras do autor “[...] a democracia e suas instituições estão sob ameaça, neste momento histórico, junto com a capacidade do Estado em responder aos desafios contemporâneos através de suas políticas públicas”. (SANTOS, 2020, p.57)

A descrença na ciência e a tentativa de deslegitimar movimentos e lutas sociais se intensificam. Organizações conservadoras, lideradas por políticos e religiosos, proferem discursos negacionistas e alienados, buscando a todo custo, tornar mentiras em verdades absolutas. Apesar da tentativa de apagamento da história brasileira, arquivos como o da Lei nº 1, de 1837 (BRASIL, 2004), na qual escravos e pretos ficavam impedidos de frequentar escolas públicas, nos fazem lembrar a origem escravocrata e elitista, na qual nos constituímos enquanto nação. Para Sorj (2006, p.18) “A legitimação do Estado brasileiro, na segunda metade do século XX, fundou-se basicamente na sua capacidade de gerar crescimento econômico, com descaso pelas dimensões sociais, em particular a educação e a saúde”. É nesse sentido, que conhecer nossa história e as lutas combatidas, se faz importante para o enfrentamento de discursos negacionistas, mas também, para que continuemos a evoluir enquanto povo e sociedade.

A educação, assim como outros direitos, foi durante um longo período, restrito a poucos. É preciso dizer, que ainda hoje, desigualdades de acesso e permanência na escola, ainda são problemas a serem superados, como apontam pesquisas divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018, 2019). As questões raciais; analfabetismo; acesso desigual a Educação Infantil (etapa creche), bem como ao ensino superior nas Universidade Públicas, são ainda dificultadores do progresso. No entanto, reconheçamos que hoje, um conjunto de políticas públicas, buscam assegurar, que todos, independente de raça, credo ou renda, tenham direito não apenas de estar na escola, mas também de aprender e compartilhar experiências educativas. Hoje, as políticas públicas não se reduzem a efetivação do poder público, mas também estão ligadas a ciência e a pesquisa, na medida em que instituições buscam através de diferentes estudos, contribuir com a melhoria e ampliação de políticas eficazes nos diferentes contextos sociais.





Schmidt (2018) esclarece que foi a partir da 2ª Guerra Mundial que os estudos sobre políticas públicas iniciaram, tendo os Estados Unidos como país de origem. O autor ainda comenta, que os estudos ocorram em uma parceria entre instituições governamentais e privadas. No Brasil, os estudos sobre políticas públicas, ganham impulso na década de 1980, mas somente nos anos 2000 é que de fato ganham força.

Como definição de política pública, Schmidt (2019) explica, que no Brasil, o conceito é sinônimo de ação governamental, ou ainda “[...] são respostas do poder público a problemas políticos. Ou seja, as políticas designam iniciativas do Estado (governos e poderes públicos) para atender demandas sociais referentes a problemas políticos de ordem pública ou coletiva”. (SCHMIDT, 2019, p.122). Nas ponderações do autor, as demandas sociais estão sempre além da capacidade de solução por parte do poder público, e nesse sentido, autoridades governamentais, são forçadas a priorizar algumas demandas, e não outras. É também na perspectiva das ações do estado, que Santos (2020, p.48) diz que este “[...] deve tornar-se urgentemente eficiente em seus serviços atendendo às demandas da população. Nesta perspectiva, ou ele torna-se competente ou enfrentará os processos de perda de legitimidade e privatização de suas funções”.

É preciso reconhecer, que no Brasil, temos hoje um conjunto de políticas que buscam assegurar o direito a educação. Estando o direito garantido inclusive pela Constituição Federal, como citado no capítulo anterior, outras questões passam a ser pauta. Já não é suficiente pensar apenas no direito à Educação, mas na efetiva aprendizagem.

Com a constitucionalização da educação, também surgem outras demandas, como a qualificação dos profissionais que atuam nas escolas (formação continuada), bem como questões salariais. Também é pauta da Educação Pública Brasileira, a preocupação com a alimentação desses sujeitos aprendentes, que, sendo muitos deles, oriundos de famílias em situação de pobreza, precisam ter na escola, uma alimentação adequada e que favoreça seu desenvolvimento, e como consequência, lhe dê condições para aprender. Como forma de garantir o acesso dos estudantes à escola, temos ainda a política pública ligada ao transporte escolar, qual garante em especial, o deslocamento de estudantes residentes em zoneamento rural e distantes da escola. Fica evidente nas demandas citadas anteriormente, o quanto a escola brasileira é desafiada a responder problemas que vão além das questões de aprendizagem, tendo também um papel de proteção social, que lhe é atribuído.



Como principal política educacional a longo prazo, é preciso citar o Plano Nacional de Educação- PNE, qual foi instituído junto a Constituição Federal (1988) através da Emenda à Constituição Nº 59 de 11 de novembro de 2009. O PNE busca mobilizar diferentes esferas governamentais, tendo como objetivo o desenvolvimento da Educação Pública Brasileira. Atualmente temos em vigência o PNE (2014-2024), bem como um conjunto de 20 metas e estratégias, que propõem entre outros aspectos, a ampliação no atendimento à Educação Infantil; Universalização do Ensino Fundamental de 9 anos, bem como a Universalização do Ensino Médio; Valorização do Magistério. Também o PNE, coloca a qualidade da educação como prioridade, onde também a Educação Integral – ampliação da jornada escolar – é posta como um recurso, capaz de superar os baixos índices de aproveitamento escolar dos estudantes brasileiros.

Apesar dos importantes avanços, que a política educacional vem alcançando nas últimas décadas, no Brasil, é preciso também dizer, do papel fundamental da mobilização social e das diferentes organizações, no tocante a questões políticas que interferem diretamente, nos avanços educacionais que ainda precisamos promover. Se as eleições determinam o governo sob o qual estaremos submetidos, é responsabilidade de todo cidadão, e ainda mais de pesquisadores, estarem em constante monitoramento das políticas propostas por prefeituras, secretarias de estado ou mesmo por ministérios do governo federal.

Tal afirmação ganha escopo, quando pensamos a aprovação da Emenda à Constituição Nº 108 de 26 de agosto de 2020 (BRASIL, 2020b), qual dispõem sobre o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação- FUNDEB. A aprovação do FUNDEB, corresponde a principal fonte de financiamento da educação no país, da qual muitos municípios brasileiros dependem inclusive para pagamento dos profissionais que atuam na educação. Importante dizer, que a aprovação da PEC 108, contou com uma grande mobilização social e política de professores e militantes da educação no país.

Mais do que uma simples vitória da educação, a PEC do FUNDEB – como ficou conhecida – representa a capacidade de mobilização social que os brasileiros possuem, e fica como marco e como uma política pública permanente, qual contribui de modo a financiar sistemas de educação por todo Brasil.





## CONCLUSÃO

Como foi abordado neste artigo, vivemos hoje um período turbulento no Brasil. Estando o país, sob comando de um governo que se apoia em discursos e práticas conservadoras, é preciso que estejamos atentos aos acontecimentos e determinações, que ditam o rumo das políticas públicas. Neste contexto, faz-se necessário, mais do que a vigilância, a ação e mobilização nas diferentes esferas que envolvem a vida coletiva.

A mobilização social, apoiada nos estudos em políticas públicas, podem significar maior eficácia do estado, em responder a problemas e demandas sociais. Isso também equivale à Educação Pública Brasileira, que, apesar de estar amparada em uma legislação sólida, ainda possui muitas fragilidades, que colocam milhares de estudantes brasileiros a margem do abandono escolar; do baixo aproveitamento, entre outros problemas que a escola brasileira enfrenta.

O momento atual, imposto pelo cenário da pandemia mundial da Covid-19, mais do que nunca, nos fez *olhar atrás da cortina*, demonstrou o quanto ainda precisamos avançar, nas múltiplas questões que envolvem a educação. A escola, como espaço de encontro e construção do conhecimento, precisa e deve poder exercer seu papel de forma digna. Durante 2020 e 2021, tem sido possível acompanhar diferentes situações, onde a escola foi convocada a dar conta de problemas sociais, que em sua atual conjuntura, lhe escapam entre os dedos. É preciso pensarmos sobre essas questões e refletirmos sobre elas, não para que encontremos as respostas absolutas, mas para que possamos encontrar caminhos possíveis.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando. **O manifesto dos pioneiros da educação nova**. Revista Brasiliense, São Paulo, n. 15, p. 8-28, jan/fev. 1958. Disponível em [http://download.inep.gov.br/download/70Anos/Manifesto\\_dos\\_Pioneiros\\_Educacao\\_Nova.pdf](http://download.inep.gov.br/download/70Anos/Manifesto_dos_Pioneiros_Educacao_Nova.pdf) Acesso em 10 out.2020.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Conheça a história da educação brasileira**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/pronatec/oferta-voluntaria/33771institucional/83591-conheca-a-evolucao-da-educacao-brasileira> Acesso em 10 dez. 2020

\_\_\_\_\_. **Decreto 10.502, de 30 de setembro de 2020**. Institui a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. Poder executivo, Brasília, 2020a. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/decreto/D10502.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10502.htm) Acesso em 05 dez. 2020.





\_\_\_\_\_. Constituição (1988). **Emenda Constitucional nº. 59, de 11 de novembro de 2009**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)  
Acesso em 02 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. **Constituição (1988)**. Emenda Constitucional nº. 108, de 26 de agosto de 2020. Poder executivo, Brasília, 2020b. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc/emc108.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc108.htm) Acesso em 03 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. Constituição Federal (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) Acesso em 10 Out. 2020

\_\_\_\_\_. Constituição (1934). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 1934. Disponível em  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm) Acesso em 05 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L4024.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L4024.htm)  
Acessado em 05 dez. 2020

\_\_\_\_\_. Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937. **Dá nova organização ao Ministério da educação e Saúde Pública**. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-378-13-janeiro-1937-398059publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em 05 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 53.465, de 21 de janeiro de 1964. **Institui o Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura e dá outras providências**. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/19601969/decreto-53465-21-janeiro-1964-393508-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em 05 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Lei, Atos e Regulamentos sobre Educação no Período Imperial na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**. – Brasília: INEP, 2004. Disponível em  
<http://inep.gov.br/documents/186968/487843/Leis%2C+Atos+e+Regulamentos+sobre+Educa%C3%A7%C3%A3o+no+Per%C3%ADodo+Imperial+na+Prov%C3%ADncia+de+S%C3%A3o+Pedro+do+Rio+Grande+do+Sul/76a46f87-0519-4099-a4183c8be59dd280?version=1.0> Acesso em 23 nov. 2020.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986

FREITAS, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Manual de metodologia científica**. 3. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Acesso à educação ainda é desigual**. 2018. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012->



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

[agencia-denoticias/noticias/22842-acesso-a-educacao-ainda-e-desigual](https://agencia-denoticias/noticias/22842-acesso-a-educacao-ainda-e-desigual) Acesso em 26 nov. 2020

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Retratos a revista do IBGE**: o que os domicílios contam. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. ISSN 2595-0800.

Disponível em

[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/47ad07161ac72b90ad0b2387ab2dda34.pdf](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/47ad07161ac72b90ad0b2387ab2dda34.pdf) Acesso em 26 nov. 2020

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Declaração mundial sobre educação para todos**: Plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. Tailândia, 1990. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacaopara-todos-conferencia-de-jomtien-1990> Acesso 01 dez. 2020.

SANTOS, Everton Rodrigo. Estado, Políticas Públicas e Democracia no Brasil. In: SANFELICE, Gustavo Roesse e BASSANI, Patrícia Scherer (org.). **Diversidade Cultural e Inclusão Social [recurso eletrônico]** – Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2020.

Disponível em <https://www.feevale.br/institucional/editorafeevale/diversidade-cultural-e-inclusao-social> Acesso em 05 dez. 2020.

SCHMIDT, João Pedro. **Para estudar Políticas Públicas**: Aspectos conceituais, metodológicos e abordagens teóricas. Revista de Direito, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 56, jan. 2019.

SORJ, Bernardo. **A nova sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. Declaração Universal dos Direitos Humanos. **Assembleia Geral das Nações Unidas** em Paris. 10 dez. 1948. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos> Acesso em 01 dez. 2020.





## ACESSIBILIDADE EM JOGOS DIGITAIS: ESTUDO DE CASO

### THE LAST OF US 2

#### ACCESSIBILITY IN DIGITAL GAMES: CASE STUDY THE LAST OF US

Alan Santos Bittencourt (Faculdade Educacional Da Lapa); Sheisa Amaral da Cunha Bittencourt

(Universidade Feevale)

**Resumo:** Este artigo pretende investigar a acessibilidade nos jogos digitais, tendo como objeto de estudo o jogo “Last of Us 2”. A proposta é observar como se dá a presença da acessibilidade em jogos digitais, baseada nos princípios de metodologias existentes utilizadas para outros segmentos. Também, serão utilizados os princípios das molduras de Kilpp (2010), a fim de analisar as opções de predefinições de acessibilidade ligadas à audição que foram criadas para o jogo “Last of Us 2”. Posteriormente, busca-se cruzar tais princípios com os vinculados ao design universal e às heurísticas de Nielsen (2000), de modo a contribuir com questionamentos quanto a integração dos indivíduos que farão uso dessas funcionalidades.

**Palavras-chave:** Acessibilidade. Jogos digitais. Design universal. Last of Us.

**Abstract:** This article intends to investigate the accessibility in digital games, having as object of study the game “Last of Us 2”. The proposal is to observe how accessibility is present in digital games, based on the principles of existing methodologies applied for other segments. In addition, Kilpp's (2010) frames principles will be used in order to analyze the options of hearing accessibility presetting that were created for the game “Last of Us 2”. Subsequently, we seek to cross-reference these principles with those related to universal design and Nielsen's (2000) heuristics, in order to contribute to questions about the integration of individuals who will make use of these features.

**Palavras-chave:** Accessibility. Digital games. Universal design. Last of Us.

## 1 INTRODUÇÃO

Os jogos digitais representam uma parcela muito importante da indústria do entretenimento, tanto em números de ávidos consumidores quanto no elevado montante investido e gerado por eles. Com isso, o interesse da indústria e da academia também cresce com grande velocidade e é possível verificar o aumento de trabalhos com essa temática em portais como Intercom e Plataforma Sucupira. Porém, também é necessário pensar na acessibilidade presente ou não nesses jogos digitais, tendo em vista que, de acordo com os dados extraídos do primeiro relatório sobre deficiência e desenvolvimento realizado em 2018 pela Organização das Nações Unidas (ONU), há um bilhão de pessoas com deficiência no mundo. Esse número representa ao menos um oitavo da população mundial e, conseqüentemente, isso mostra uma grande parcela de possíveis consumidores de jogos digitais que tem sido deixada de lado pela grande indústria.



Por conta do elevado alcance dos jogos de grandes companhias, é lógico supor que um jovem com deficiência, quando marca um jogo da atualidade nas suas redes sociais venha a receber muito mais interações em sua publicação do que se postasse sobre um jogo independente que foi feito para pessoas com mobilidade reduzida.

Dessa forma, para o desenvolvimento desse trabalho, a escolha de Last of Us 2 se dá pelo grande número de opções de acessibilidade que apresenta – a seguir, serão justificados mais detalhadamente os critérios de escolha deste jogo como estudo de caso. E tendo em vista que nos últimos anos a indústria de jogos digitais tem se preocupado em ampliar as possibilidades de acessibilidade, o presente estudo expõe a seguinte problemática: como analisar as opções de acessibilidade que a indústria de jogos digitais tem inserido em seus jogos? E a partir disso, a pesquisa tem os objetivos de criar uma nova metodologia de análise de acessibilidade em jogos digitais, tomando como base metodologias existentes utilizadas para outros segmentos, assim como, verificar se essa metodologia foi feita no próprio jogo The Last of Us Part II.

Esse trabalho se estabelece como uma pesquisa exploratória e visa buscar o que tem sido produzido sobre o assunto. A pesquisa adota procedimentos bibliográficos, que segundo Prodanov e Freitas (2009) são caracterizados quando um trabalho é realizado a partir de material já publicado com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com o material já escrito sobre o assunto da pesquisa.

Para analisar as opções de acessibilidade em videogames, utilizou-se os princípios do método de molduras de Kilpp (2006), que propõe a dissecação e a divisão de imagens em grupos de informações por aproximação ou semelhança, retirando do fluxo fragmentos do vídeo e analisando-os de forma separada. As predefinições de acessibilidade ligadas à audição serão analisadas por meio de um cruzamento entre as predefinições encontradas e os princípios de Design Universal (DU) e as heurísticas de Nielsen (2000). Para tanto, será utilizada uma tabela criada por Patrícia Bassani et al. (2010), para verificar as predefinições de acessibilidade ligadas à audição no jogo Last of Us 2.



## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 LAST OF US

Last of Us 2 é descrito pelo IMDB<sup>1</sup> como uma história de sobrevivência que acontece após uma pandemia, sendo a continuação direta de Last of Us<sup>2</sup>, lançado pela mesma produtora em 2013. O jogo foi escolhido especificamente por ser o mais vendido de 2020 (TAKAHASHI, 2020), segundo o *site* oficial da Sony Interactive Entertainment<sup>3</sup>; ainda, segundo a empresa, o jogo representa um marco em termos de investimento em acessibilidade, pois conta com mais de 60 opções de acessibilidade que abrangem desde pessoas que têm dificuldade em acompanhar legendas e identificar falas de personagens até opções para pessoas completamente cegas.

### 2.2 DESIGN UNIVERSAL

De acordo com Bassani et al. (2010), a terminologia Universal Design (Design Universal – DU) foi criada em 1987 pelo norte-americano Ron Mace, um arquiteto cadeirante que necessitava de um respirador artificial. Segundo Carletto e Cambiaghi (2008 apud BASSANI et al., 2010, p. 04), “Mace acreditava que esse era o surgimento não de uma nova ciência ou estilo, mas a percepção da necessidade de aproximarmos as coisas que projetamos e produzimos, tornando-as utilizáveis por todas as pessoas”.

Dessa forma, contando com a grande influência de Mace, o conceito de DU se desenvolveu entre profissionais de design e arquitetura, especialmente na Universidade da Carolina do Norte (EUA), onde o grande objetivo era o desenvolvimento de projetos de ambientes e produtos para serem usados por todos sem a necessidade de adaptação ou projeto especializado para pessoas com deficiência (BASSANI et al., 2010). Então, na década de 1990 formou-se um grupo com arquitetos e estudiosos da área de acessibilidade, liderado por Ron Mace, para estabelecer os sete princípios do DU, que são usados mundialmente em projetos de acessibilidade.

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt6298000/>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

<sup>2</sup> Last of Us - jogo de videogame de ação, aventura, sobrevivência e horror exclusivo da PlayStation. Disponível em: <[https://www.imdb.com/title/tt2140553/?ref\\_=nm\\_knf\\_i1](https://www.imdb.com/title/tt2140553/?ref_=nm_knf_i1)>. Acesso em: 10 jul. 2020.

<sup>3</sup> Sony Interactive Entertainment: desenvolvedora e publicadora multinacional de jogos eletrônicos e consoles. Disponível em: <<https://www.sie.com/en/index.html>>. Acesso em: 10 jul. 2020.



De acordo com Carletto e Cambiaghi (2008), os sete princípios foram desenvolvidos para ambientes e produtos, físicos ou virtuais, com o intuito de torná-los utilizáveis por todas as pessoas, que são os seguintes: 1) Uso equiparável: o produto/ambiente deve poder ser utilizado por pessoas com diferentes capacidades; 2) Uso flexível: deve atender pessoas com diferentes habilidades e preferências, sendo adaptável para qualquer uso; 3) Uso simples e intuitivo: de fácil entendimento, independentemente do conhecimento do usuário, das habilidades de linguagem ou das limitações perceptivas; 4) Informação de fácil percepção: a informação tem que ser transmitida de forma a atender às necessidades do receptor, seja ele estrangeiro ou com limitações perceptivas; 5) Tolerante a erros: devem-se minimizar os riscos e as possíveis consequências de ações não intencionais ou acidentais; 6) Baixo esforço físico: o ambiente tem de ser usado eficientemente, com conforto e com o mínimo de desgaste físico; e 7) Dimensão e espaço para aproximação e uso: devem-se estabelecer dimensões e espaços apropriados para o acesso, o alcance, a manipulação e o uso, independentemente do tamanho do corpo, da postura ou mobilidade do usuário.

Esses princípios foram utilizados aliados às dez heurísticas de Nielsen (2000) para avaliar as predefinições de acessibilidade ligadas à audições criadas para o jogo “Last of Us 2”.

## 2.3 AS HEURÍSTICAS DE NIELSEN

Com o avanço da tecnologia, muito tem sido discutido sobre formas de tornar os ambientes digitais mais amistosos e fáceis de serem utilizados. Bassani et al. (2010) apontam que para evitar problemas de uso das ferramentas digitais, as questões relativas à acessibilidade devem ser previstas desde o início do projeto, assim, além disso, devem-se manter essas questões em foco durante todo o processo de design de navegação. Os autores explicam também que existem diferentes propostas para avaliar a usabilidade de um produto digital, mas que entre os diferentes métodos destaca-se a avaliação heurística de Nielsen (2000).

Jakob Nielsen é criador das heurísticas que carregam seu nome, responsável pelo movimento *discount usability engineering*<sup>4</sup> para melhorias rápidas e de baixo custo em interfaces digitais, e que juntamente com os princípios do DU será responsável por criar uma metodologia de análise para as predefinições de acessibilidade ligadas à audição em jogos digitais, utilizando como estudo de caso o jogo “Last of Us 2”. De acordo com os dados

---

<sup>4</sup> Engenharia da usabilidade (tradução livre pela autora).



expostos no seu próprio endereço eletrônico<sup>5</sup>, é possível perceber que Nielsen criou vários métodos de usabilidade, incluindo a avaliação pelas heurísticas de Nielsen (2000). Ao todo, são 79 patentes nos Estados Unidos, principalmente sobre maneiras de tornar a Internet mais fácil de usar. Conforme Dias (2007 apud BASSANI et al., 2010), os princípios utilizados para a avaliação segundo as heurísticas de Nielsen são:

- a) Visibilidade do estado atual do sistema: manter o usuário informado do que está acontecendo no sistema.
- b) Correlação entre o sistema e o mundo real: o sistema deve falar a linguagem do usuário.
- c) Controle e liberdade do usuário: deve ser possível ao usuário desfazer ou refazer operações do sistema.
- d) Consistência e padrões: palavras ou ações diferentes que tenham a mesma função no sistema não devem causar confusão no usuário.
- e) Prevenção de erros: o sistema tem de ser projetado cuidadosamente para prevenir a ocorrência de erros.
- f) Em vez de memorização: as instruções de uso do sistema devem estar visíveis ou facilmente acessíveis quando necessário.
- g) Flexibilidade e eficiência de uso: usuário pode personalizar ou programar ações frequentes.
- h) Projeto estético e minimalista: não deve conter informações irrelevantes ou raramente necessárias.
- i) Suporte aos usuários no recolhimento, no diagnóstico e na recuperação de erros: mensagens de erro devem ser claras, mostrando precisamente o problema e sugerindo soluções.
- j) Informações de ajuda e documentação: a documentação do sistema deve sempre estar disponível ao usuário.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.nngroup.com/people/jakob-nielsen/>>. Acesso em: 10 jul. 2020.



## 2.4 PREDEFINIÇÃO DE ACESSIBILIDADE AUDITIVA SOB A PERSPECTIVA DOS PRINCÍPIOS DO DESIGN UNIVERSAL E AS HEURÍSTICAS DE NIELSEN

Ao ativar a predefinição de acessibilidade auditiva no início do jogo, ou acessando o menu desta função de acessibilidade específica, oito opções de acessibilidade são ativadas. Essas oito opções foram identificadas como “Indicadores de perigo”, “Notificação de item coletado”, “Alerta de esquiva frequente”, “Legendas em história e combate”, “Nomes nas legendas”, “Direção da legenda”, “Alerta de vibração em combate” e “Alertas de vibração no violão”, e posicionadas no quadro de cruzamento do DU e das heurísticas de Nielsen, lembrando que cada opção pode aparecer mais de uma vez no quadro.

Heurística /design universal	Uso equiparável	Uso flexível	Uso simples e intuitivo	Informação de fácil percepção	Tolerante a erros	Baixo esforço físico	Dimensão e espaço para aproximação e uso
<b>Visibilidade do estado atual do sistema</b>	1) Indicadores de perigo 4) Legendas em história e combate 5) Nomes nas legendas 6) Direção da legenda			1) Indicadores de perigo 6) Direção da legenda		6) Direção da legenda	
<b>Correlação entre o sistema e o mundo real</b>	7) Alertas de vibração em combate 8) Alertas de vibração no violão		7) Alertas de vibração em combate	7) Alertas de vibração em combate	7) Alertas de vibração em combate	7) Alertas de vibração em combate	
<b>Controle e liberdade do usuário</b> (Nenhuma das opções se enquadrou nesta heurística)							
<b>Consistência e padrões</b> (Nenhuma das opções se enquadrou nesta heurística)							
<b>Prevenção de erros</b>	2) Notificação de item coletado 7) Alertas de vibração em combate			2) Notificação de item coletado 7) Alertas de vibração em combate	2) Notificação de item coletado 7) Alertas de vibração em combate	7) Alertas de vibração em combate	
<b>Reconhecimento ao invés de</b>	3) Alerta de esquiva frequente		3) Alerta de esquiva frequente	3) Alerta de esquiva frequente		3) Alerta de esquiva frequente	



<b>memorização</b>	6) Direção da legenda						
<b>Flexibilidade e eficiência de uso</b> (Nenhuma das opções se enquadrou nesta heurística)							
<b>Projeto estético e minimalista</b> (Nenhuma das opções se enquadrou nesta heurística)							
<b>Suporte aos usuários no recolhimento, diagnóstico e recuperação de erros</b> (Nenhuma das opções se enquadrou nesta heurística)							
<b>Informações de ajuda e documentação</b> (Nenhuma das opções se enquadrou nesta heurística)							

**Quadro 1.** Cruzamento do DU e das heurísticas de Nielsen

**Fonte:** Quadro desenvolvido pelos autores.

## 2.5 RESULTADOS ENCONTRADOS

Ao visualizar a tabela preenchida é possível perceber alguns indícios interessantes, como por exemplo, o fato de a coluna “Uso equiparável” apresentar todas as oito opções de acessibilidade ligadas à audição disponíveis nas predefinições iniciais do jogo, enquanto outras não contam com nenhuma. É importante destacar que as oito opções são determinadas pelo próprio jogo, pois ao habilitar acessibilidade auditiva, o mesmo abre as opções ligadas ao quesito audição. Também é correto concluir que a linha “Controle e liberdade do usuário” está vazia pois as questões ligadas às necessidades específicas devem ser acionadas nas seleções específicas e não nas predefinições iniciais.

A metodologia de análise utilizada neste trabalho foi eficaz para se perceber a acessibilidade nos jogos digitais, mas também se observou que possivelmente será necessário incluir novos itens na tabela e retirar alguns, que por se tratarem de ambiente Web, não se fazem tão necessários para esse tipo de análise, e que poderiam fazer a tabela funcionar mais efetivamente ao substituir alguns desses itens por outros mais direcionados a jogos digitais.

## 3 CONCLUSÃO

A utilização de uma metodologia específica para análise de acessibilidade para jogos digitais é com certeza algo importante para o cenário atual, principalmente quando se nota um real interesse da indústria em criar jogos desenvolvidos em cima desses preceitos. A proposta desse trabalho era desenvolver uma metodologia que utilizasse elementos das molduras de Kilpp (2010) para selecionar os trechos a serem analisados e posteriormente fazer um



cruzamento entre as opções de acessibilidade ligadas a audição com os princípios do design Universal e as heurísticas de Nielsen (2000).

A elaboração deste trabalho deu início a um projeto que pretende se desdobrar em novas possibilidades. Inicialmente foram analisadas somente as oito predefinições iniciais, onde se levantou a dúvida do que mais seria visto se fossem analisadas todas as 65 opções disponíveis. Logo, é extremamente empolgante pensar como ficaria a tabela totalmente preenchida com esses números e quais novos indícios seriam possíveis de perceber? Essas são dúvidas que se pretende responder nos próximos trabalhos.

## REFERÊNCIAS

BASSANI, Patrícia B. Scherer et al. Usabilidade e acessibilidade no desenvolvimento de interfaces para ambientes de educação à distância. **Revista RENOTE – Novas Tecnologias de Educação**, v. 8, n. 1, 2010. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/15180/8947>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CARLETTO, Ana Cláudia; CAMBIAGHI, Silvana. **Desenho universal: um conceito para todos**. São Paulo: Mara Gabrielli, 2008. Disponível em: <[https://www.maragabrielli.com.br/wp-content/uploads/2016/01/universal\\_web-1.pdf](https://www.maragabrielli.com.br/wp-content/uploads/2016/01/universal_web-1.pdf)>. Acesso em: 10. jul. 2020.

KILPP, Suzana. **A traição das imagens**. Porto Alegre: Entremeios, 2010.

NIELSEN, Jakob. **Projetando websites**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

TAKAHASHI, Matheus. Lista revela 10 jogos mais vendidos em 2020 até agora. **Legião de Heróis**, maio 2020. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/2020/jogos-mais-vendidos-2020-agora.html>>. Acesso em: 10 jul. 2020.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

## ENSINO VIRTUALIZADO E AS IMPLICAÇÕES NA DOCÊNCIA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

VIRTUALIZED TEACHING AND THE IMPLICATIONS IN TEACHING DURING THE  
COVID-19 PANDEMIC

Adriano Edo Neuenfeldt; Rogério José Schuck; Derli Juliano Neuenfeldt; Luana Docena Reis; Isabel

Pavan

Universidade do Vale do Taquari

**Resumo:** Este estudo trata da primeira fase de uma pesquisa realizada com 40 professores de uma Instituição de Ensino Superior do Sul do Brasil, com o objetivo de analisar e compreender o processo de virtualização das aulas ocorridas no período da pandemia de COVID-19. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e descritiva e foi realizada no primeiro semestre de 2020. As percepções dos professores foram organizadas com auxílio de um questionário no *Google Forms*, no qual se constataram dificuldades quanto à: gestão do tempo, interatividade, adequação dos materiais e domínio de tecnologias digitais. Também se constatou que muitas das ações dos professores, com a virtualização das aulas, poderão ser continuadas ou adaptadas para o ensino presencial quando houver um abrandamento da pandemia. Destaca-se nesse ponto as experiências vinculadas ao uso das tecnologias digitais. No entanto, conclui-se ressaltando que apesar do destaque positivo vinculado à exploração das tecnologias digitais, a ausência de uma relação mais próxima, não intermediada pela máquina, é percebida e sentida pelos professores.

**Palavras-chave:** Ensino Superior, Ensino na pandemia, Tecnologia da informação e da comunicação.

**Abstract:** This study deals with the first phase of a research carried out with 40 teachers from a Higher Education Institution in the South of Brazil, with the aim of analyzing and understanding the virtualization process of classes that occurred during the pandemic period of COVID-19. The research is characterized as qualitative and descriptive and was carried out in the first semester of 2020. Teachers' perceptions were organized with the help of a questionnaire on Google Forms, in which difficulties were found regarding: time management, interactivity, adequacy of materials and mastery of digital technologies. It was also found that many of the teachers' actions, with the virtualization of classes, may be continued or adapted for face-to-face teaching when the pandemic is eased. At this point, the experiences related to the use of digital technologies stand out. However, it is concluded by emphasizing that despite the positive emphasis linked to the exploration of digital technologies, the lack of a closer relationship, not intermediated by the machine, is perceived and felt by teachers.

**Keywords:** Higher Education, Teaching in the pandemic, Information and communication technology.

### 1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho traz resultados de uma pesquisa que está investigando a articulação dos processos de ensino e de aprendizagem a partir da virtualização das aulas. A investigação se baseia nas percepções de 40 professores do Ensino Superior de uma Instituição do sul do Brasil que estão recorrendo às tecnologias digitais para ministrar suas aulas. Nesse momento, com a



feevale.br/cidi2021





virtualização das aulas, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) se tornaram ainda mais relevantes.

Com as orientações da necessidade de distanciamento físico/social devido a COVID/19 muitas universidades tiveram que adequar a forma como as aulas estavam sendo ministradas e deram continuidade a partir da virtualização das aulas presenciais de cursos de graduação. Dessa forma, foi possível manter encontros semanais de modo síncrono no mesmo horário e dia que ocorria a disciplina de forma presencial. Ressalta-se a importância dos ambientes digitais, como o *Moodle* ou *Google Classroom*, que viabilizaram o ensino através de salas de conversação, fóruns, hipertextos, aulas expositivas dialogadas, entre outras possibilidades que os professores foram encontrando para suas aulas.

Dessa forma, tem-se como objetivo, analisar e compreender o processo de virtualização das aulas ocorridas no período da pandemia de COVID-19, com intuito de contribuir com o trabalho que está sendo desenvolvido por esses profissionais auxiliando a repensar a formação inicial e continuada de profissionais da área do ensino Assim, este estudo tem relevância visto que apresenta resultados e propõe reflexões sobre a virtualização das aulas a partir da experiência desses professores, que frente aos desafios impostos pela pandemia, necessitaram se reorganizar didática e pedagogicamente para continuar planejando e ministrando aulas

## 2 REFERENCIAIS

O uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) já foram objeto de pesquisa em vários momentos, como sinalizam os trabalhos de Neuenfeldt *et al.* (2013), evidenciando-se um contexto de abertura do currículo ao seu uso em sala de aula. Quanto ao uso da *internet*, percebe-se que já está incorporada no cotidiano dos estudantes de graduação, no entanto, ainda encontramos alguns professores que não exploram todas as potencialidades das TDICs (Neuenfeldt *et al.*, 2018). Soma-se a isso que a acessibilidade e as inovações que dizem respeito às tecnologias digitais nos levam a refletir sobre a produção e compartilhamento de informações, quando se observa que “a quantidade de informações processadas torna-se cada vez maior, e os suportes tornam-se cada vez menores e mais potentes. Pouco se cogita em comprar um celular que não seja capaz de suportar a *internet*” (Neuenfeldt, 2020, p. 55-56).

Diante desse quadro, há a necessidade de repensarmos a forma de ensinar a partir do uso das tecnologias. De acordo com Thadei (2018):



As mudanças, não só tecnológicas, mas também aquelas influenciadas pelas constantes renovações na tecnologia que ocorrem na sociedade, impõem a necessidade de transformação dos modelos cristalizados de escola e das formas tradicionais de ensinar, lançando novos desafios ao professor e à mediação realizada por ele (THADEI, 2018, p. 103).

Pode se reconhecer que há uma inteligência coletiva (LÉVY, 2015) que ocorre no ciberespaço, ou seja, num “[...] espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 2010, p. 94-95), cuja mobilização produz uma cibercultura, na qual professores e estudantes estão inseridos.

Essa inserção no ensino virtualizado no qual transpareceram fragilidades e também dificuldades, desafiou os professores a reconstruir seu fazer pedagógico. Palloff e Pratt (2015, p. 88) constataram que: “[...] tanto os docentes experientes quanto os novatos enfrentam dificuldades com a transformação de um curso lecionado há anos na sala de aula presencial em um curso que funcionará bem on-line”.

Diante disso, torna-se necessário buscar opções que auxiliem os professores a ensinar. Conforme Palloff e Pratt (2015, p. 158),

[...] a flexibilidade, a capacidade de resposta aos estudantes, a vontade de aprender e se portar como um eterno aprendiz, a capacidade de equilibrar o montante de participações em um grupo e, o mais importante, a capacidade de facilitar o desenvolvimento de uma comunidade de aprendizagem on-line.

Essas características podem ser consideradas essenciais para que um docente, durante o desenvolvimento de suas aulas virtualizadas, tenha êxito. Além disso, torna-se necessário que as instituições também apoiem e desenvolvam estratégias para dar sustentação ao trabalho dos professores como enfatizam Palloff e Pratt (2015, p. 173): “as instituições precisam de um plano estratégico focado em tecnologia, bem como de políticas relacionadas de cursos e programas, à propriedade e à governança”.

Nesse contexto, os docentes necessitam adequar novas metodologias ou reformular àquelas já utilizadas no ensino presencial. Ghedin (2009, p. 7) enfatiza que o professor “para que seja um profissional qualificado deve dominar um conjunto de saberes que se constitui de práticas e de experiência da própria atuação profissional que iluminam e condicionam as nossas decisões ao longo do processo de ensino”.

Nesse momento de incertezas, devido à pandemia, ou de adequações, abre-se espaço para explorar também as metodologias ativas. De acordo Valente (2018, p. 26), nas metodologias



ativas, “o aluno assume uma postura mais participativa, na qual ele resolve problemas, desenvolve projetos e, com isso, cria oportunidades para a construção de conhecimento”.

Por fim, atreladas às questões abordadas anteriores, também se percebe a necessidade de uma reflexão a respeito dos currículos com o intuito de incorporar essas novas formas de ensinar e de aprender. De acordo com Moreira e Silva (2001), o currículo deve ser considerado numa perspectiva de artefato social e cultura, sendo que ele “[...] há muito tempo deixou de ser apenas uma área meramente técnica, voltada para questões relativas a procedimentos, técnicas, métodos. Já se pode falar agora em uma tradição crítica do currículo, guiada por questões sociológicas, políticas, epistemológicas”.

## METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994) e também descritiva (TRIVIÑOS, 2015), sendo desenvolvida em uma instituição de Ensino Superior do sul do Brasil. O estudo ocorreu no primeiro semestre de 2020, no período em que a instituição deu continuidade às aulas presenciais da graduação por meio da virtualização delas, ou seja, utilizando-se de plataformas digitais, tais como o *Moodle*, o *Classroom* e o *Google Meet*.

Para realizar a coleta de dados foi utilizado um questionário contendo questões abertas e de múltipla escolha, buscando-se informações sobre o processo de planejamento, o uso das TDICs e a docência desenvolvida de forma virtualizada. A aplicação do questionário foi realizada através do *Google Forms*, sendo que participaram professores de áreas distintas de conhecimento, entre elas: saúde, humanidades, ciências sociais, gestão, educação, ciências exatas, engenharias e tecnológicas. Quanto à análise das informações, realizou-se a análise textual qualitativa proposta por Moraes (2007) que culminou com a produção de categorias emergentes, dentre elas destacam-se: a gestão do tempo, a interatividade; o uso das ferramentas digitais e a adequação de materiais.

Em relação aos cuidados éticos, todos os participantes autorizaram o uso das informações na pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, estando cientes dos objetivos da pesquisa, riscos e benefícios, assim como da garantia do sigilo do nome na divulgação da pesquisa.



## 3 RESULTADOS

Inicialmente, percebe-se que os professores ainda se encontram num período de adaptação, pois na sua maioria são imigrantes digitais, como afirma Prensky (2001). De acordo com os dados da pesquisa, 18 dos professores (45%) não tinham experiência com o ensino virtualizado e 23 professores (55%) tiveram alguma experiência em um ou mais nível de ensino. Desses, 47,5% a tiveram no Ensino Superior, 10% na Pós-Graduação e 5% em cursos, oficinas, etc. Ninguém a teve na Educação Básica.

Quanto às dificuldades no planejamento de aulas virtualizadas, de um total de 40 professores, 60% relatou que teve dificuldades, no entanto, questionados quanto à experiência do ensino virtualizado, predominou que a experiência foi excelente para 17,5%, muito boa para 70%, sendo boa para 10% e razoável para 2,5% apenas.

As dificuldades docentes no processo de virtualização das aulas puderam ser organizadas em quatro categorias principais: a questão da gestão do tempo, da interatividade, da adequação dos materiais e do uso das ferramentas digitais, como se evidencia na Figura 1, na sequência.

**Figura 1.** Dificuldades apontadas pelos professores ao planejar aulas virtualizadas.



Fonte: Dos Autores.

Os depoimentos dos professores 1, 2, 3 e 4, a seguir, servem para ilustrar a preocupação, por exemplo, com a gestão do tempo, a interatividade, uso de ferramentas digitais e adequação de materiais, respectivamente:

Envolvimento e tempo para preparo das aulas muito maior que para uma aula presencial (Professor 1).



Senti dificuldade no planejamento de atividades interativas tratando de conteúdos muito teóricos/abstratos (Professor 2).

No início do processo das aulas virtualizadas estava muito insegura com o planejamento das aulas, visto que teria de fazer uso das ferramentas digitais, sendo que não conhecia o *Google Meet*, por exemplo. Confesso que tenho aprendido muito neste período sobre tecnologias digitais (Professor 3).

Utilizei vários recursos diferentes. Percebi que, os estudantes não estavam conseguindo acompanhar, seja por falta de equipamento, ou problemas de conexão... então fui adaptando ao significado de aula virtualizada síncrona (Professor 4).

Cabe ressaltar que, os recursos mais utilizados pelos professores nas suas aulas virtualizadas, respectivamente, para interação síncrona, se destaca o *Google Meet*, e nos processos avaliativos, o *Google Forms*,

O que resumidamente está sendo apresentado nesse trabalho, trata-se de um recorte, pois, enquanto se percebe a importância das tecnologias digitais nesse período em que as aulas são virtualizadas, concorda-se com Demo (2017, p. 1), que afirma que a “tecnologia pode mediar aprendizagem, não causar, mesmo que seja também tecnologia (do *self*)” e, além disso, “aprender depende sobremaneira de ‘atividades de aprendizagem’, tipicamente autorais, entre elas: ler, estudar, pesquisar, elaborar, argumentar, fundamentar”.

Além disso, como destaca Nogueira *et al.* (2020), nesse momento de pandemia os professores foram incentivados a se dedicaram ao planejamento para conseguirem usar as tecnologias com certa segurança ou mesmo para gravar e editarem suas aulas. Essa afirmação nos remete à importância do papel do professor para o aprimoramento dos processos de ensino e de aprendizagem nesse período pandêmico, pois, mesmo percebendo a falta de uma relação mais próxima presencialmente, uma relação que não foi possível pelo isolamento físico/social, eles deram continuidade as suas atividades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo constatou-se que os professores necessitaram adequar os materiais que eram utilizados nas aulas presenciais para as aulas virtualizadas. Essa adequação fez com que os docentes se inteirassem de caminhos tecnológicos, pois mesmo sentindo falta dos estudantes de modo presencial, com uma maior interação afetiva e relacional, o isolamento físico/social exigiu que o atendimento ou interação fosse de modo virtual.



Outro ponto de destaque diz respeito ao planejamento e gerenciamento do tempo. Aos poucos os professores estão percebendo que aulas virtuais são diferentes de aulas presenciais e que demandam tanto quanto ou mais tempo e dedicação para sua organização.

Também é válido ressaltar que, diante das incertezas educacionais provocadas pela atual situação da pandemia da COVID-19, outras questões emergem e necessitam de um espaço para discussão, dentre elas: o currículo, as estratégias e metodologias de ensino, as condições de trabalho e a própria formação dos professores.

Por fim, como continuidade da pesquisa, em 2021, estamos acompanhando e investigando esse mesmo grupo de professores para analisar como eles compreendem o ensino virtualizado após um ano de experiência pedagógica, se as dificuldades sentidas em 2020 se mantêm ou foram superadas, assim como destacar as aprendizagens didático-pedagógicas que tiveram. Além disso, ampliou-se essa investigação também para os estudantes dessa Instituição com intuito de analisar a percepção deles em relação aos processos de ensino e de aprendizagem no período em que as aulas presenciais foram virtualizadas.

## REFERÊNCIAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

DEMO, P. **Tecnologias digitais e aprendizagem**: Aprendizagem digitalmente mediada. 2017, texto digital. Disponível em: <<http://pedrodemo.blogspot.com.br/2017/10/tda-23-tecnologias-digitais-e.html>>. Acesso em: 20 out. 2017.

GHEDIN, E. Tendências e dimensões da formação do professor na contemporaneidade. In: 4º Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar, UEL, Londrina. **Anais**. Londrina, nº 1, 07-10 jul. 2009.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. 3. Ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

\_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

MORAES, R. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: GALIAZZI, M. do C.; FREITAS, J. V. (Orgs.). **Metodologias Emergentes de Pesquisa em Educação Ambiental**. Ijuí: Unijuí, 2007. p. 85-114.

MOREIRA, A. F. B; SILVA, T. T. da. (Orgs.). **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 2001.





NEUENFELDT, D. J.; SCHUCK, R. J.; NEUENFELDT, A. E. N.; WEIZENMANN, T.. Iniciação à Pesquisa no ensino médio: revelando possibilidades. **Lecturas, Educación Física y Deportes**. Buenos Aires, v. 176, p. 1-10, 2013.

NEUENFELDT, A. E.; RODRIGUES, R. L.; NEUENFELDT, D. J. SCHUCK, R. J.; GOULART, L. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**. V. 4, n.º 9, p. 207-221, 2018.

NEUENFELDT, A. E. **Produção de Vídeos Como Objetos Digitais de Ensino e de Aprendizagem Potencialmente Significativos (ODEAPs) nas Ciências Exatas: limites e possibilidades**. 2020. Monografia (Doutorado) – Curso de Ensino, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 06 mar. 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10737/2843>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

NOGUEIRA, D. R.; Leal, E. A.; MIRANDA, G. J.; CASA NOVA, S. P. De C. E agora, José? Metodologias em tempos de crise: ventos da mudança ou *tsunami on-line*. In: Nogueira, D. R. (et al) (Org.). **Revolucionando a sala de aula: novas metodologias ainda mais ativas**. p. 1-22, 1. ed. v. 2. São Paulo: Atlas, 2020.

PALLOFF, R. M.; PRATT, K. **Lições da sala de aula virtual: as realidades do ensino on-line**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2015.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. **On the Horizon**. NBC University Press, v. 9, n. 5, oct. 2001, texto digital. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

THADEI, J. Mediação e educação na atualidade: um diálogo com formadores de professores. In: BACICH, L.; MORAN, J. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 91-105. E-book. Disponível em: <<https://www.univates.br/biblioteca>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

TRIVIÑOS, A. N. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2015.

VALENTE, J. A. A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado: uma experiência com a graduação em midialogia. In: BACICH, L.; MORAN, J. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018. E-book. Disponível em: <<https://www.univates.br/biblioteca>>. Acesso em: 22 dez. 2019.





## ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS EM ADOLESCENTES ATLETAS DE RENDIMENTO

### ESQUEMAS INICIALES NO ADAPTABLES EN ADOLESCENTES DEPORTISTAS RENTABLES

Sara Kleinschmitt; Marcus Levi Lopes Barbosa; Fernanda Tais Apolo; Carolina Antunes; Clairton

Puntel; Rodrigo Giacobbo Serra

Universidade Feevale

**Resumo:** Esse estudo teve como objetivo descrever os esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) em adolescentes que praticam esporte de rendimento. Participaram do estudo 65 atletas, dos gêneros feminino e masculino, com idades entre 12 e 18 anos. Os instrumentos utilizados foram um questionário sociodemográfico e o Questionário de Esquemas para Adolescentes (QEA). A aplicação se deu no formato on-line, devido a pandemia de COVID-19. Foram realizadas análises descritivas e, de maneira geral, os resultados indicam que o EID de Padrões Inflexíveis obteve os níveis mais altos da amostra (M = 4,40; DP = 1,38). Além disso, os EIDs Abandono/instabilidade (M = 3,69; DP = 1,27), Emaranhamento (M = 3,41; DP = 1,43) e Autossacrifício (M = 3,14; DP = 1,11) também tiveram um destaque dentre os níveis dos demais EIDs dessa amostra. Os resultados desse estudo podem contribuir com a construção de intervenções infanto-juvenis preventivas a nível de saúde mental no contexto esportivo.

**Palavras-chave:** Adolescente. Psicologia do Esporte. Personalidade. Saúde mental. Terapia do Esquema.

**Resumen:** Este estudio tuvo como objetivo describir los esquemas desadaptativos iniciales (EID) en adolescentes que practican deportes de rendimiento. Participaron 65 deportistas, de los géneros femenino y masculino, con edades comprendidas entre los 12 y los 18 años. Los instrumentos utilizados fueron un cuestionario sociodemográfico y el Scheme Questionnaire for Adolescents (QEA). La solicitud se realizó en formato online, debido a la pandemia COVID-19. Se realizaron análisis descriptivos y, en general, los resultados indican que la EID de Patrones Inflexibles obtuvo los niveles más altos en la muestra (M = 4,40; DE = 1,38). Además, los EID Abandono / inestabilidad (M = 3,69; DE = 1,27), Enredo (M = 3,41; DE = 1,43) y Auto-sacrificio (M = 3,14; DE = 1,11) también se destacaron entre los niveles de los IDE en esta muestra. Los resultados de este estudio pueden contribuir a la construcción de intervenciones preventivas para niños y adolescentes en materia de salud mental en el contexto deportivo.

**Palabras clave:** Adolescente. Psicología del deporte. Personalidad. Salud mental. Terapia de esquema.

## 1 INTRODUÇÃO

A Terapia do Esquema (TE) foi desenvolvida por Jeffrey Young (1990, 1999) buscando aprimorar o tratamento de pacientes com problemas caracterológicos (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Os esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) foram postulados como construtos base da TE e podem ser compreendidos como conjuntos de crenças, emoções e



sensações corporais que norteiam a interpretação das experiências individuais diárias e estabelecem padrões cognitivos, emocionais e comportamentais (WAINER; RIJO, 2016). A teoria diz que os EIDs são desenvolvidos durante a infância e adolescência através de um processo multifatorial, onde heranças genéticas (temperamento) e experiências ambientais estariam interagindo. Assim, a cada fase do desenvolvimento o sujeito vivencia tarefas evolutivas permeadas por necessidades emocionais básicas, que são cumpridas a partir das relações interpessoais (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

Na juventude, a interação social para além da família nuclear é fundamental. Nesse sentido, contextos experienciais e desafiantes de convívio social podem ser lugares oportunos para a expressão dos EIDs, já maturados ou em desenvolvimento (MENDES; TYSZLER; SANTOS, 2019; WAINER, 2016). O esporte pode ser um desses lugares. Estudos acerca da prática esportiva falam sobre as pressões que adolescentes atletas de rendimento têm de lidar. Além da necessidade de uma boa performance, expectativas em relação a si e a uma possível carreira, expectativas de familiares, rotina de treinos e as competições são fatores que fazem com que o atleta lance mão de estratégias de *coping* para se adaptar ao ambiente (LINDERN, 2016; PEIXOTO et al., 2019; SILVA; ENUMO; AFONSO, 2016). O *coping* pode ser compreendido como uma mobilização de esforços cognitivos e comportamentais recrutados para administrar demandas externas e internas frente a situações que tenham sido interpretadas como um risco (ZIMMER-GEMBECK; SKINNER, 2016). As estratégias de *coping* são biopsicossociais e, assim, é possível dizer que características de personalidade, logo os EIDs, podem participar e se expressar durante esses enfrentamentos (MONTEIRO, 2017; PEREIRA, 2018; SALDANHA, 2016).

Portanto, esse estudo tem como tema os esquemas iniciais desadaptativos em atletas adolescentes e o objetivo será investigar e descrever estes EIDs. Estudos como esse são importantes tendo em vista que os EIDs são constantemente reelaborados a partir das experiências sociais do indivíduo e podem interferir no alcance das tarefas evolutivas da adolescência. Isso pode acabar por enrijecer cada vez mais aspectos disfuncionais de suas personalidades, gerando sintomas de sofrimento psíquico no futuro (MENDES; TYSZLER; SANTOS, 2019). Da mesma forma, estudos em Psicologia do Esporte tem salientado a necessidade de discussões acerca da prática esportiva de rendimento e alto rendimento do público infanto-juvenil (ARONI et al., 2017; MACHADO; PINTO, 2016).



## 2 METODOLOGIA

Para esse estudo foi utilizado o método quantitativo com análise descritiva das variáveis em um corte transversal da população. Os participantes foram 65 atletas adolescentes de 12 a 18 anos ( $M = 14,48$ ;  $DP = 1,76$ ) que praticavam alguma modalidade de esporte de rendimento. Desses, 35,4% autodeclararam-se do gênero feminino e 64,6% do gênero masculino. A maior parte dos participantes relataram se considerar como classe social média (78,5%) e praticavam esporte de modalidade coletiva (90,8%) em competições de nível municipal (20,0%) e estadual (73,8%).

Eles responderam ao um Questionário de Dados Sociodemográficos para a caracterização da amostra, composto por 17 itens, e ao Questionário de Esquemas para Adolescentes (QEA). O QEA é composto por 54 itens que devem ser respondidos em uma escala Lickert de seis pontos e foi adaptado do *Young Schema Questionnaire (YSQ-S3)* por Santos (2009). Através dele se obtém a intensidade de cada um EIDs do respondente. Seu estudo de adaptação e avaliação revelou ter boa consistência interna ( $\alpha = 0,93$ ) e estabilidade temporal ( $r = 0,84$ ). Uma vez que não há uma versão de validade brasileira, localizou-se para uso uma versão com a língua portuguesa adaptada ao português brasileiro, que já foi utilizada em pesquisa no Brasil anteriormente (MALLMANN; LISBOA; CALZA, 2017). Para este estudo foi realizada análise que revelou uma boa consistência interna do instrumento ( $\alpha = 0,93$ ) (LANDIS; KOCH, 1977).

Os instrumentos foram respondidos no formato *on-line*, através da plataforma *Google Forms*, mediante autorização dos seus responsáveis. Os autores reforçaram a garantia da autorização dos responsáveis para a participação no estudo, contando com o auxílio dos clubes na realização do contato prévio com eles. Todos os responsáveis e participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para o responsável e para o adolescente, sendo que todos receberam uma via assinada pelo pesquisador responsável em seus e-mails. Dada a resposta dos participantes, análises descritivas foram realizadas.

## 3 RESULTADOS

Os resultados apontaram que o EID Padrões inflexíveis ( $M = 4,40$ ;  $DP = 1,38$ ) apresentaram-se altos na população pesquisada, ficando acima da média esperada para instrumento. Os EIDs Abandono/instabilidade ( $M = 3,69$ ;  $DP = 1,27$ ), Emaranhamento ( $M =$



3,41; DP = 1,43) e Autossacrifício (M = 3,14; DP = 1,11) ficaram mais próximo das médias esperadas. Apresentamos os resultados encontrados na Tabela 1.

**Tabela 1.** Resultados das análises descritivas de esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) da amostra do estudo.

Esquema inicial desadaptativo	Média	Desvio Padrão
Abandono/instabilidade	3,69	1,27
Desconfiança/abuso	2,68	1,28
Privação emocional	1,52	0,86
Defectividade/vergonha	1,74	0,97
Isolamento social/alienação	2,05	1,04
Dependência/incompetência	1,78	0,81
Vulnerabilidade ao dano e a doença	2,35	1,07
Emaranhamento/ <i>self</i> subdesenvolvido	3,41	1,43
Fracasso	2,05	1,23
Arrogo/grandiosidade	2,05	0,86
Autocontrole/autodisciplina insuficientes	2,50	1,13
Subjugação	2,00	0,96
Autossacrifício	3,14	1,11
Busca por aprovação	2,79	1,21
Negativismo/pessimismo	2,46	1,25
Inibição emocional	2,65	1,36
Padrões inflexíveis	4,40	1,38
Postura punitiva	2,68	1,21

Fonte: o autor.

## 4 DISCUSSÃO

De acordo com Young, Klosko e Weishaar (2008), o perfil esquemático é composto pelos quatro ou cinco principais esquemas. Sendo assim, a discussão será pautada nas maiores médias observadas, ou seja, o perfil esquemático. O EID Padrões inflexíveis foi o que se apresentou com a maior média. Pessoas com esse EID tendem a se esforçar de forma excessiva para atingir padrões internalizados bastante elevados de desempenho pessoal e profissional, no caso de



atletas, altos padrões de desempenho na sua prática esportiva. Assim, vivenciam uma sensação contínua de pressão (FRANZIN; RODRIGUEZ; REIS; SOUZA ET AL., 2018; WAINER & RIJO, 2016). A ansiedade e estresse elevados próximos às competições podem estar associados também às incertezas e à expectativa intrínseca e ambiental em relação ao seu desempenho (SILVA ET AL., 2016).

No que diz respeito ao EID Abandono/instabilidade se refere à sensação de que as pessoas de quem o indivíduo é próximo poderão abandoná-lo imprevisivelmente. Pessoas com altos níveis desse EID têm a sensação de que as pessoas são instáveis e não confiáveis (FRANZIN; RODRIGUEZ; REIS, 2019; SOUZA ET AL., 2018; WAINER & RIJO, 2016). Esse EID é desenvolvido em idade bastante precoce. Como ambiente propício para seu desenvolvimento, destaca-se a falta de vínculos seguros, estabilidade e aceitação incondicional (MENDES ET AL., 2019).

Em relação ao EID Emaranhamento/*self* subdesenvolvido traz a vivência de envolvimento excessivo com uma ou mais pessoas significativas de forma a perder sua individualidade e comprometer seu desenvolvimento socioemocional. Na infância e adolescência, alguns dos esquemas podem ser adaptativos em consonância com as interações ambientais (MENDES ET AL., 2019). Esse parece ser o caso deste EID, ocasionando uma relação entre ele e o comportamento pró-social, o que diminui a probabilidade de disfuncionalidade do mesmo (SANTOS, 2009; TEIXEIRA, 2010).

No que se refere ao EID Autossacrifício, esse remonta o compromisso excessivo e voluntário do indivíduo com as necessidades alheias em detrimento das suas. Caso não o faça, tende a se sentir bastante culpado e egoísta (FRANZIN; RODRIGUEZ; REIS, 2019; WAINER & RIJO, 2016). Ele pode ser evidenciado em alguns aspectos do esporte. No *overtraining* o atleta se submete a um ritmo excessivo de treinos, sem descanso (KOCHHANN, 2018; PEIXOTO ET AL., 2019). Assim, é possível refletir que o atleta tende a colocar em segundo plano sua necessidade de descanso e os riscos de dores e lesões, comprometendo-se com a necessidade de treinamento imposta, comportamentos típicos associados ao EID em questão.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou descrever os EIDs de atletas adolescentes. Os resultados evidenciam que os EIDs Padrões inflexíveis, Abandono/instabilidade, Emaranhamento e Autossacrifício



têm destaque no perfil esquemático desses atletas. Consideram-se, ainda, que este estudo teve limitações como número de participantes, desigualdade da distribuição por gênero e localização da amostra. Estudos futuros poderão se atentar a estes aspectos. De qualquer modo, os resultados podem ser úteis à construção de intervenções em saúde mental no campo do esporte para essa faixa etária, com um olhar particularizado às características de personalidade.

## REFERÊNCIAS

ARONI, A. et al. O estresse e o coping no esporte. In: PETRICA, J. et al. **Psicologia do desporto e do exercício: abordagens acadêmicas de investigação**. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, 2017. p. 35-44. Disponível em: <<https://repositorio.ipcb.pt/handle/10400.11/6680>> Acesso em: 01 mai. 2020.

COSTA, I. F. **Relações entre eventos estressores precoces, sintomas psiquiátricos, esquemas iniciais desadaptativos e características de personalidade em amostra não clínica**. 2016. 163 f. Dissertação (Mestrado em Neurociência Cognitiva e Comportamento) – Programa de Pós-Graduação em Neurociência Cognitiva e Comportamento, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11590>> Acesso em: 05 mai. 2020

FRANZIN, R.; RODRIGUEZ, R. A.; REIS, A. H. Modelo teórico atualizado da terapia do esquema. In: REIS, A. H. (Org.) **Terapia do esquema com crianças e adolescentes**. Campo Grande: Episteme, 2019. p. 21-52.

KOCHHANN, R. K.. **Efeitos da síndrome de overtraining em uma atleta ultramaratona: um estudo de caso** (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, Santa Rosa, RS, Brasil, 2018. Recuperado de <<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/5134>> Acesso em: 17 mai.2020

LANDIS, J. R.. KOCH, G.G. **The measurement of observer agreement for categorical data**. *Biometrics*. 33(1), 33-59. 1997. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/2529310/10.2307/2529310> > Acesso em: 17 mai. 2020.

LINDERN, D. **Desenvolvimento de uma intervenção com foco preventivo baseada na terapia cognitivo-comportamental e na psicologia positiva para atletas de futebol adolescentes**. 2016. 55 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6788>> Acesso em: 17 mai. 2020.

MACHADO, V. H. R.; PINTO, J. T. S. Perfil dos programas de iniciação esportiva adotados pelas secretarias municipais de esporte da microrregião de Cianorte. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, Umarama, v. 20, n. 3, 177-182, set./dez. 2016. Disponível em: <<https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/5095>> Acesso em: 10 mai. 2020.





MALLMANN, C. L. **Cyberbullying, estratégias de coping e esquemas iniciais desadaptativos em adolescentes.** 2015. 63 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6587>> Acesso em: 23 mai. 2020.

MALLMANN, C. L.; LISBOA, C. S. de M.; CALZA, T. Z.. Cyberbullying e Esquemas Iniciais Desadaptativos em Adolescentes Brasileiros. **Revista Colombiana de Psicología**, [s.l.], v. 26, n. 2, jul. 2017.

MEDEIROS, N. de S. B. et al. Relação entre domínios de esquemas desconexão/rejeição e autonomia/desempenho prejudicados e dimensões clínicas de personalidade. **Psico**, Porto Alegre, v. 50, n. 1, 1-11, mai. 2019. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/27899/0>> Acesso em 26 mai. 2020.

MENDES, M. A.; TYSZLER, P. T.; SANTOS, V. A. A teoria do apego e a terapia do esquema para crianças e adolescentes. In: REIS, A. H. **Terapia do esquema com crianças e adolescentes.** Campo Grande: Episteme, 2019. p. 53-86.

MONTEIRO, A. C. P. **Características de personalidade e estratégias de coping e sua relação com o desempenho esportivo de árbitros brasileiros de futebol.** 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AXKLWZ>> Acesso em: 26 mai. 2020.

PEIXOTO, E. M. et al. Inventário de coping para atletas em situação de competição: evidências de validade. **Avaliação Psicológica**, Itatiba, v. 18, n. 1, 1-12, jan./mar. 2019.

PEREIRA, R. **Associações entre personalidade e coping na qualidade de vida em jogadores profissionais de League of Legends no Brasil.** 2018. 81 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198729>> Acesso em: 15 mai. 2020.

PERES, A. J. S.; LAROS, J. A. Factor structure of the Personality Schemas and Beliefs Questionnaire. **Revista Avaliação Psicológica**, [s.l.], v. 15, n. 2, jul. 2016. Disponível em: <<https://eg.uc.pt/handle/10316/81284>> Acesso em: 17 mai. 2020.

SALDANHA, S. de M. **Estratégias de coping em crianças e adolescentes: construção de um questionário.** 2016. 90 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/28181>> Acesso em: 19 mai. 2020.

SANTOS, L. F. S. M. **Questionário de esquemas para adolescentes (QEA): estudos de validação numa amostra de adolescentes da população normal.** 2009. 96 f. Dissertação (Mestrado em Intervenções Cognitivo-Comportamentais nas Perturbações Psicológicas e Saúde) – Universidade de Coimbra, Portugal, 2009.



SILVA, A. M. B.; ENUMO, S. R. F.; AFONSO, R. M. Estresse em atletas adolescentes: uma revisão sistemática. **Revista de Psicologia da IMED**, Campinas, v. 8, n. 1, 59-75, 2016.

Disponível em: <<https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/1124>> Acesso em: 13 mai. 2020.

SOUZA, L. H., DAMASCENO, E. S., OLIVIVEIRA M. S. **Reconhecendo seus padrões: com a terapia do esquema**. Porto Alegre: Grupo de Avaliação e Atendimento em Psicoterapias Cognitivas e Comportamentais (GAAPCC) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PICRS), 2018.

WAINER, R. O desenvolvimento da personalidade e as tarefas evolutivas. In: \_\_\_\_\_ et al. **Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia**. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 15-26.

WAINER, R.; RIJO, D. O modelo teórico: esquemas iniciais desadaptativos, estilos de enfrentamento e modos esquemáticos. In: WAINER, R. et al. **Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia**. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 47-66.

YOUNG, J. E. **Cognitive therapy for personality disorders: A schema-focused approach**. Sarasota: Professional Resources Press, 1990.

YOUNG, J. E. (1999). **Cognitive therapy for personality disorders: A schema-focused approach**. (3<sup>rd</sup> ed.) Sarasota: Professional Resources Press.

YOUNG, J. E.; KLOSKO, J. S., WEISHAAR, M. E. **Terapia do esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ZIMMER-GEMBECK, M. J.; SKINNER, E. A. The development of coping: Implications for psychopathology and resilience. In: \_\_\_\_\_. **The development of coping: stress, neurophysiology, social relationships, and resilience during childhood and adolescence**. [s.l.]: Springer, 2016. p. 1-61.





## AS VISADAS DISCURSIVAS NA CAMPANHA VOLTAMOS A APRENDER DA DOVE

THE DISCURSIVE VIEWS ON THE CAMPAIGN VOLTAMOS A APRENDER FROM  
DOVE

Alessandro Luchini Zadinello

Universidade Feevale

**Resumo:** Os implícitos e sentidos do texto publicitário formam-se nas situações de comunicação originadas na construção de seu discurso, dessa forma, as expectativas ou visadas estão presentes na construção dos discursos da publicidade. Sendo assim, este texto propõe analisar as visadas que fazem parte da situação de comunicação produzida pelos anúncios da Dove, na campanha *Voltamos a Aprender*, a fim de compreender os sentidos, crenças e efeitos de verdade originados por estes em seus consumidores. Esta análise também contribuirá para a pesquisa que estou desenvolvendo em minha tese de doutorado, onde estudo a relação da cultura com o discurso publicitário em filmes da mesma marca.

**Palavras-chave:** Publicidade. Discurso. Visadas. Dove.

**Abstract:** The implicit and meanings of the advertising text are formed in the communication situations originated in the construction of it discourse, in this way, the expectations or views are present in the construction of the advertising discourse. Therefore, this text proposes to analyze the views that are based on the communication situation through the Dove ads, in the campaign *Voltamos a Aprender*, in order to understand the meanings, beliefs and effects of truth originated by them on their consumers. This analysis will also contribute to the research that I am developing in my doctoral thesis, to study the relationship between culture and advertising discourse in films of the same brand.

**Palavras-chave:** Advertising. Discourse. Views. Dove.

### INTRODUÇÃO

Como publicitário entendo que os sentidos mobilizados pela mensagem publicitária são fundamentais para o seu resultado mercadológico. Sendo assim, a publicidade também é responsável pela organização da sociedade através da construção de significados. Esses significados e suas representações sociais, se tornam responsáveis pela geração de sentidos dos anúncios e do possível consumo dos produtos anunciados.

Partindo dessa perspectiva e da minha pesquisa de doutorado acerca da influência da cultura na recepção do discurso publicitário, na campanha Real Beleza da Dove, a análise que será apresentada nesse texto decorre da necessidade de compreender-se quais são as visadas discursivas presentes nos anúncios da campanha Voltando a Aprender, que dão segmento a minha tese.





Faz-se necessário compreender as visadas discursivas que fazem parte da mensagem dessas peças, pois delas resultam os implícitos, crenças, sentidos e efeitos de verdade presentes no discurso que a marca Dove apresenta desde o início dos anos dois mil, e que pode contribuir com minha tese. Como metodologia para esta análise, se fará uso da Teoria Semiolinguística do discurso, proposta por Patrick Charaudeau (1983, 2006, 2010).

Este trabalho se dividirá em dois capítulos principais, sendo o primeiro acerca do discurso e suas visadas, onde se dará a fundamentação teórica e em segunda um capítulo onde se analisará o objeto de pesquisa proposto.

## O DISCURSO E SUAS VISADAS

A campanha *Voltamos a Aprender*, da Dove, apresenta em sua mensagem uma construção discursiva repleta de implícitos e sentidos, que derivam da intencionalidade psicossocial que parte do sujeito falante, e que é constituída pelo que chamamos de visadas discursivas.

Para que se possa haver pleno entendimento das visadas presentes nas peças, que serão analisadas neste texto, faz-se necessário compreender alguns conceitos fundamentais para o estudo do discurso publicitário.

Patrick Charaudeau (2010), entende que os saberes de crença resultam da atividade humana quando esta se aplica a comentar o mundo. As crenças constituem a regularização das práticas sociais, sugerem normas de comportamento e interferem nos discursos de representação produzidos no âmbito dos grupos sociais. Elas dependem do sistema de interpretação do grupo no qual o sujeito está inserido. Quando se inscrevem em uma enunciação informativa, servem para fazer com que o outro compartilhe julgamentos sobre o mundo, criando assim uma relação de cumplicidade.

Segundo Charaudeau (2010), a questão implícita para os saberes do da crença e do conhecimento diz respeito à relação percepção-construção, que o ser humano mantém com o real. Ele a define como uma problemática da “representação”.

Na publicidade, as representações constituem uma organização do proposto pelo enunciador, através de imagens mentais transpostas pelo discurso, ou em outras manifestações comportamentais dos indivíduos em sociedade, representadas pelo texto discursivo. Elas têm como base a observação das trocas sociais e fabricam um discurso de



justificativa dessas trocas, produzindo um sistema de valores usado como referência. Os saberes se constroem no interior desse processo de representações.

Após a construção do sentido e a natureza do saber, são propostos os efeitos de verdade, que como os da crença estão fortemente ligados ao imaginário dos grupos sociais, deste modo não existindo uma definição universal para elas.

Seguindo a linha de pensamento do autor (2010), os contratos de comunicação, que surgem através da troca entre os interlocutores, se encontram em uma tensão entre duas visadas, que correspondem à lógicas distintas. Uma visada de informação, que produz um objeto de saber; e uma visada de captação, produz um objeto de consumo.

Os contratos originados através das visadas de captação são próprios dos atos de comunicação que compõem os textos de cunho publicitário, têm função mercadológica e servem para fomentar o sistema socioeconômico.

Para o autor, a expectativa pode ser descrita em termos de visadas, que correspondem a uma intencionalidade psicossocial discursiva, a do sujeito falante, que tem em perspectiva um sujeito destinatário ideal, já que este não tem domínio dos efeitos produzidos. Entende-se, assim, que a mensagem publicitária faz parte da encenação de uma realidade, sendo entendida tal qual uma nova verdade, e o produto anunciado como um novo objeto de desejo para o consumidor.

De acordo com Charaudeau (2010), as seguintes visadas intervêm no discurso publicitário:

- visada de “prescrição”: o “eu” quer fazer fazer (ou pensar) algo ao “tu” e se encontra legitimado por uma posição de autoridade absoluta; o “tu” se encontra, então, em posição de dever fazer.

- visada de “informação”: o “eu” quer fazer saber algo ao “tu” e ele se encontra legitimado por uma posição de saber; o “tu” encontra-se em posição de dever saber.

- visada de “incitação”: o “eu” quer fazer fazer alguma coisa ao “tu”, como na visada de prescrição, mas aqui, não estando em posição de autoridade, “eu” não pode senão incitar a fazer a “tu”; ele deve, então, passar por um fazer crer a fim de persuadir o “tu” de que será o beneficiário do seu próprio ato, de modo que este aja (ou pense) na direção desejada por “eu”; o “tu” se encontra, então, em posição de dever crer no que lhe é dito.



- visada de “patemização”: o “eu” quer fazer sentir alguma coisa ao “tu” e ele se encontra em uma posição em que é responsável por provocar no “tu” um estado emocional agradável ou desagradável.

Assim, as visadas são atitudes enunciativas definidas tanto pela intenção comunicativa do sujeito comunicante, quanto pela identidade que ele atribui ao sujeito interpretante em uma mesma situação.

## **VOLTAMOS A APRENDER**

A campanha *Voltamos a Aprender*, da Dove, veiculada em 2019, faz parte do posicionamento que a marca adotou desde o início da primeira década deste século, onde seu foco de comunicação é a beleza real. Esta campanha traz como protagonistas, mulheres que a marca entende como reais, ou seja, que não são modelos e que fogem dos estereótipos de beleza porpostos pela mídia.

Desta forma, a Dove criou anúncios impressos e um filme, que convida todas as mulheres a se redescobrirem e a escolherem quem elas querem ser, sem se importar com a idade ou tipo de corpo. A marca entende que as mulheres devem ser elas mesmas, pois é nessa autenticidade que se encontra a beleza real.

Neste texto serão analisados os anúncios impressos feitos pela Dove para esta campanha, que estão representados pelas figuras 1, 2 e 3, que têm como assinatura junto com a marca, a tag de internet *#SeuCabeloSuaEscolha*.



Figura 1: Anúncio 1



Mariana #SeuCabeloSuaEscolha



Os novos Super Condicionadores Dove com 3 níveis de fator de nutrição, reparam qualquer dano em so 1 minuto. O Fator de Nutrição 50 supre todos os nutrientes diários necessários para devolver a saúde dos seus cabelos.



Fonte - Google<sup>1</sup>

Figura 2: Anúncio 2



Cintia #SeuCabeloSuaEscolha



Os novos Super Condicionadores Dove com 3 níveis de fator de nutrição, reparam qualquer dano em so 1 minuto. O Fator de Nutrição 40 supre todos os nutrientes diários necessários para hidratar e devolver a saúde dos seus cabelos.



Fonte - Google<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Disponível em: <https://shortest.link/cYh>. Acesso em 13 de abril de 2021.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://shortest.link/cYh>. Acesso em 13 de abril de 2021.



Figura 3: Anúncios 3

Unilever

“Eu escolho a cor que eu quero”

Dove

Os novos Super Condicionadores Dove com 3 níveis de fator de nutrição, reparam qualquer dano em só 1 minuto. O Fator de Nutrição 60 supre todos os nutrientes diários necessários para recuperar e devolver a saúde dos seus cabelos.

sem distorção digital

Maria Eduarda #SeuCabeloSuaEscolha

Fonte - Google<sup>3</sup>

Os três anúncios impressos expostos na figura 1 seguem a mesma linha discursiva do filme, que não será analisado neste texto. Eles apresentam uma imagem da mulher tida como real pela marca, seguido de uma frase que é atribuída à ela. Abaixo da foto estão presentes o nome da mulher, e o tag *#SeuCabeloSuaEscolha*. No lado direito do anúncio está a marca Dove, seguida de um texto explicativo acerca do produto apresentado no anúncio e a foto dele. Ainda percebe-se na imagem a logomarca da Unilever, empresa dona Dove e um selo informando que as imagens não foram manipuladas digitalmente.

Ao pensarmos nestes anúncios, não podemos esquecer deles como força econômica, desta forma devemos compreender que ela é um dos alicerces do sistema capitalista liberal de troca de bens de consumo, e é através dela que o mercado toma conhecimento do produto, o qual vai gerar a troca financeira e o funcionamento do sistema capitalista.

De acordo com o conceito de indústria cultural proposto por Adorno (2006), entende-se que são impostos padrões estéticos e de beleza que devem ser seguidos pelos indivíduos, como subprodutos produzidos em massa para render lucro aos produtores. Entretanto, devido as mediações entre os interlocutores, os padrões são constantemente desconstruídos

<sup>3</sup> Disponível em: <https://shortest.link/cYh>. Acesso em 13 de abril de 2021.



e reconstruídos, de acordo com elementos que estão presentes nos meios sociais, como a cultura.

A Dove busca estabelecer novos padrões junto às mulheres, com o intuito de propor visadas de “fazer saber” e “fazer sentir” em seu discurso, assim esta troca comercial entre o produtor e o consumidor acontece se utilizando do conceito da indústria cultural, contudo sob novas perspectivas estéticas.

Sendo assim, o discurso construído nos textos apresentados produz ligações entre o anunciante e o sujeito, através da proposição de uma situação de comunicação, encenada nos anúncios, propondo um contrato de comunicação entre o produto e o consumidor.

Este contrato é baseado inicialmente em uma visada de informação. Desta forma, a situação busca produzir um objeto de saber, onde o EU (Dove), quer fazer algo ao TU (mulheres), e ele se encontra legitimado nesta troca, pois tem uma posição de saber, no que diz respeito ao que é a real beleza. Sendo assim o EU está em uma posição de fazer saber e o TU em uma posição de dever saber, onde as mensagens abordam uma explicação ao TU de algo que ele deveria saber, ou seja, que possui uma beleza real e que pode assumí-la sem medo.

Está implícita nesta situação de comunicação, através do imaginário coletivo, os saberes e crenças já compreendidos acerca de como a mídia trata a beleza, buscando representá-la através de modelos por vezes irrealis e impossíveis de serem atingidos pelas mulheres. Fazendo um contraponto a este discurso, a marca afirma que todas as mulheres possuem sua própria beleza, e deste modo, implicitamente propõe um saber fazer de que, para a Dove, todas as mulheres são bonitas e que devem perceber isso, tornando-se apoiadora destas mulheres.

Outro elemento implícito nesta situação de comunicação são os propósitos econômicos, que se apresentam através de uma visada de incitação. Esta visada está presente no contrato de comunicação dos anúncios, na medida em que o EU utiliza sua posição de autoridade para incitar o TU a fazer algo, neste caso, comprar produtos Dove que valorizam a mulher como ela é. Em uma situação de fazer crer o EU busca persuadir o TU, buscando convencê-lo de que este será beneficiado em adquirir produtos de uma marca que valorizam todas as mulheres como elas são, através de sua real beleza.

Também percebe-se no texto a visada de patemização, pois a marca quer fazer sentir emoção ao “tu”, provocando nele uma relação emocional entre o discurso inclusivo da



marca e as mulheres que não se sentem pertencentes aos padrões de beleza propostos pela mídia. Desta forma a Dove cria empatia com o consumidor.

Pode-se, desta forma, entender como possíveis sentidos gerados no decorrer do anúncio, o posicionamento da Dove como embaixadora da beleza real, assim se distanciando das demais marcas presentes no mercado.

A marca se apropria do discurso de que cada mulher tem suas próprias essência e beleza, servindo de elemento discursivo para se aproximar das suas consumidoras e ao mesmo tempo se afastar dos concorrentes. A empresa busca fazer crer que mulheres reais estão relatando situações reais, com intuito de se comunicar com consumidoras que não se sentem contempladas pelos padrões de beleza estabelecidos pelo mercado, criando um vínculo emocional com elas. Sendo assim, há uma evidente intenção de assumir, portanto, a posição de porta-voz de mulheres que não se encaixam nos padrões de beleza impostos pela mídia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos anúncios, entende-se que a Dove se coloca no papel de enunciadora da beleza real e dos anseios das mulheres por sua própria aceitação, provocando nelas a percepção de que todas têm a sua própria beleza e isto deve ser valorizado por elas mesmas. Assim, a marca cria um vínculo com estas mulheres como se estivesse intimamente ligada a elas.

A utilização de pessoas aparentemente reais faz parte da estratégia da empresa para criar vínculos afetivos com a parcela da população que é atingida por estas peças publicitárias, e que têm os mesmos anseios e dúvidas que as mulheres presentes nas imagens. Através do contrato de comunicação proposto neste anúncio, as mulheres podem confiar na Dove, pois tem na marca *alguém* que as entende, apoia e incentiva.

Estão inseridas neste texto as visadas de informação, incitação e patemização, conforme as proposições de Charaudeau (2010). As representações sociais veiculadas nestes anúncios desempenham parte importante na relação entre a sociedade e a publicidade. Os depoimentos das personagens utilizados nas três peças representam o ideal de sociedade e também o lugar ao qual o consumidor quer chegar. Este local é definido pelos sentidos sugeridos pelo anúncio e pelos desejos propostos pela publicidade, que se



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

apropria de elementos presentes no cotidiano das mulheres com a intenção de proporcionar ao consumidor experiências mais próximas da sua realidade.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **À propos du genre publicitaire**. In: CHARAUDEAU, Patrick. *Language et discours*. Paris: Hachette Université, 1983. (Tradução: Daniela Ilha Porto. mimeo).

\_\_\_\_\_. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Linguagens e discurso: modos de organização**. Paris: Contexto, 2010.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## DESIGN UNIVERSAL PARA APRENDIZAGEM: AS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

UNIVERSAL DESIGN FOR LEARNING: ASSISTIVE TECHNOLOGIES FROM THE PERSPECTIVE OF INCLUSIVE EDUCATION

Ketlin Radai da Silva

Universidade Feevale

**Resumo:** O estudo a seguir, apresenta uma revisão de literatura de artigos científicos brasileiros publicados na plataforma de pesquisa CAPES – periódicos, entre os anos de 2016 a 2020, auxiliados por bibliografia específica sobre o tema “tecnologias assistivas na aprendizagem”, cujo objetivo é a identificação e análise narrativa sobre a aplicação de tecnologias assistivas como ferramenta do design universal para aprendizagem na inclusão escolar. Como resultado, observou-se a relevância de averiguar as produções científicas sobre o tema com o intuito de orientar novas pesquisas e intervenções dentro da área. Isso porque a educação inclusiva vem sendo aprimorada continuamente na perspectiva nacional e global.

**Palavras-chave:** Design Universal. Educação Inclusiva. Tecnologias Assistivas.

**Abstract:** The following study presents a literature review of Brazilian scientific articles published on the CAPES research platform - journals, between the years 2016 to 2020, aided by specific bibliography on the topic “assistive technologies in learning”, whose objective is the identification and narrative analysis on the application of assistive technologies as a universal design tool for learning in school inclusion. As a result, the relevance of investigating scientific productions on the topic was observed in order to guide new research and interventions within the area. This is because inclusive education has been continuously improved from a national and global perspective.

**Palavras-chave:** Universal Design. Inclusive education. Assistive Technologies.

### 1 INTRODUÇÃO

Os direitos dos estudantes que, no Brasil, são chamados público alvo da educação especial, são reconhecidos e seguros por políticas públicas que têm procurado conduzir os anseios sociais dos defensores de uma educação de qualidade para todos. Nos últimos anos, as discussões rodearam principalmente em torno das dificuldades encontradas no cotidiano escolar e da necessidade de mudar o sistema educacional, no qual ainda há resquícios de práticas discriminatórias e falta de desenvolvimento de novas tecnologias de apoio. A inclusão escolar é um processo de fundamental importância para o desenvolvimento e manutenção da diversidade. O acesso e a frequência do aluno com deficiência no ensino regular é garantido pela sua participação em atividades diárias, sendo tal participação uma forma, um parâmetro de avaliação desse processo inclusivo (CAMARGO; NARDI, 2008).





Assim, para que a educação ocorra de modo satisfatório a todos os alunos envolvidos nesse processo, faz-se necessário que sejam continuamente oferecidos apoios na formação de professores e recursos pedagógicos aos educadores que trabalham na educação especial e inclusiva (BARDY, et. al., 2013). Nessa perspectiva, o estudo a seguir propõe a trabalhar com as contribuições do design universal e o uso de tecnologias assistivas com o objetivo de prover meios de incluir os alunos com deficiência, tanto na escola quanto em outros espaços de aprendizagem.

Para tal estudo, será feita revisão narrativa de artigos e materiais pertinentes, que segundo Elias et. al. (2012) tem por objetivo estabelecer relações com produções anteriores identificando temáticas recorrentes apontando novas perspectivas.

## 2 DESIGN UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM

*Diante do desafio de transformar escolas de ensino regular em ambientes inclusivos e favoráveis à aprendizagem de todos os alunos, surgiu, em 1999, nos Estados Unidos, o conceito Universal Designer Learning (UDL), aqui traduzido como Desenho Universal para Aprendizagem (DUA). O DUA compreende a elaboração de estratégias para acessibilidade de todos, tanto em termos físicos quanto em termos de serviços, produtos e soluções educacionais para que todos possam aprender sem barreiras (CAST UDL, 2006).*

O DUA consiste em um conjunto de princípios baseados na pesquisa e constitui um modelo prático que objetiva maximizar as oportunidades de aprendizagem para todos os estudantes com algum tipo de deficiência ou não. Possui como objetivo auxiliar os educadores e demais profissionais a adotarem modos de ensino de aprendizagem adequados, escolhendo e desenvolvendo materiais e métodos eficientes, de forma que seja elaborado de forma mais aprimorada e acessível para avaliar o progresso de todos os estudantes.

Assim, ao invés de desenvolver uma adaptação específica para um aluno particular, em determinada atividade, se opta em criar formas diferenciadas de ensinar o currículo para todos os estudantes (Alves et al., 2013). Dessa forma, ao elaborar materiais para o aprendizado de conteúdos matemáticos para um aluno com deficiência visual, por exemplo, esse recurso, normalmente, é adaptado para os específicos da turma, porém, na perspectiva do DUA, o mesmo material pode ser utilizado por todos da sala de aula, de modo a beneficiar de modo geral todos os estudantes na compreensão dos conteúdos ensinados (ZERBATO E MENDES, 2018).



Segundo Nelson (2013), o DUA está fundamentado em pesquisas científicas sobre a aprendizagem, destacando que:

- A aprendizagem está relacionada tanto aos aspectos emocionais quanto aos biológicos do indivíduo, isto é, a quantidade de sono e alimentação adequada, as predisposições e as emoções, são fatores que precisam ser respeitados;
- É importante que os alunos tenham experiências significativas, tempo e oportunidade para explorarem o conhecimento;
- As emoções têm uma importância fundamental uma vez que motivam a aprender, a criar e a conhecer;
- O ambiente é muito importante. Os conhecimentos aprendidos precisam ser significativos e se essas aprendizagens não forem usadas em outros ambientes, tais conhecimentos e conexões estagnam-se. Destaca-se nesse princípio, não só a relação entre diferentes contextos de aprendizagem, mas também a transferência dessas aprendizagens para outros ambientes;
- A aprendizagem deve ter sentido para o sujeito, de modo que as informações se relacionem e estejam interligadas com quem aprende. Se não for assim, há memorização, mas não aprendizagem;
- Cada indivíduo é único e, conseqüentemente, isso nos remete para os estilos, ritmos e modos singulares de aprendizagem em cada indivíduo;
- A aprendizagem é aprimorada com desafios e inibida com ameaças, ou seja, o indivíduo precisa tanto de estabilidade quanto de desafio. Tais aspectos têm como premissa os estudos de três grandes sistemas corticais do cérebro envolvidos durante a aprendizagem: redes de reconhecimento, estratégicas e afetivas (Rose e Meyer, 2002)

Silva et. al. (2013, p. 9) apontam para a relevância de priorizar a “diversidade do processo de aprendizagem” quando se desenvolve um ensino que seja para todos, pois, se o modo de aprender de cada estudante não for respeitado, corre-se o risco de dar continuidade a um ensino tradicional, homogêneo e excludente, no qual o aluno com deficiência e muitos outros não tem vez.



## 2.1 TECNOLOGIAS ASSITIVAS NA APRENDIZAGEM

Nas últimas décadas, teóricos como Piaget e Vygotsky destacaram a importância das experiências sensoriais para a obtenção de conhecimentos e influenciaram os estudos sobre a ciência da cognição. Enquanto no referencial construtivista o conhecimento se dá a partir da ação do sujeito sobre o meio, sendo o sujeito considerado ativo, para Vygotsky, esse sujeito não é apenas ativo, ele é interativo, pois “é na troca com outros, consigo mesmo e com os artefatos que constituem o meio que os conhecimentos são internalizados” (FERNANDES, 2004).

Como destaca Vygotski (1997) é de suma relevância, para o desenvolvimento humano, o processo de apropriação, por parte do indivíduo, das experiências presentes em sua cultura. Dessa forma, trazendo o conceito de tecnologias assistivas, de acordo com Bersch (2013):

“TA é um termo ainda novo, utilizado para identificar todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover vida independente e inclusão”.

Os instrumentos de aprendizagem somados às tecnologias assistivas são consideráveis ferramentas de ensino e aprendizagem. Para auxiliar o profissional da educação e outros agentes educacionais em suas intervenções no âmbito da educação regular, foram desenvolvidas nos últimos anos, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX, a denominada tecnologia assistiva, abordagens cuja finalidade é a de facilitar ou ampliar as possibilidades de aprendizagem, interação social e melhoria da qualidade de vida, das pessoas com deficiência, transtornos de desenvolvimento e ainda altas habilidades.

Na educação inclusiva alunos com algum tipo de deficiência possuem acesso a materiais adaptados com a utilização da tecnologia assistiva como, por exemplo: os mouses diferenciados, teclados virtuais com varreduras e acionadores, softwares de comunicação alternativa, leitores de texto, textos ampliados, textos em Braille, textos com símbolos, mobiliário acessível, recursos de mobilidade pessoal etc.. A Comunicação alternativa, é uma dessas ferramentas da TI, consiste em uma linguagem através de pictogramas que auxiliam em um entendimento mais facilitado. A Comunicação Aumentativa Alternativa é destinada a pessoas sem fala ou sem escrita funcional ou em defasagem entre sua necessidade comunicativa e sua habilidade em falar e/ou escrever (BERSCH; DELIBERATO, 2009).

Existe também receptores de lápis, que são um tipo de tecnologia assistiva disponível em vários tamanhos e tem o objetivo de auxiliar a preensão da criança. Outra ferramenta é o



dispositivo Brainport, fabricado pelos Estados Unidos para cegos, traduz as informações de uma câmera digital aplicada em óculos em vibrações na língua. Assim como qualquer outra técnica, as pessoas precisam de tempo para se adaptar e obter total domínio do aparelho, que servirá de apoio. Inicialmente, pode não ser tão fácil, porém aos poucos se nota a evolução das pessoas com os recursos que estão sendo criados (FREITAS, 2012).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo constitui uma revisão narrativa de artigos completos a respeito da utilização do design de aprendizagem e as tecnologias assistivas na inclusão escolar. Segundo Elias et. al. (2012) a análise narrativa tem como objetivo o aprofundamento do assunto pesquisado, permitindo estabelecer relações com produções anteriores apontando novas perspectivas.

Para responder a questão que norteia esse estudo “Como o designer pode utilizar as tecnologias assistivas afim de, contribuir na aprendizagem escolar de alunos com deficiência?” foi acessada a plataforma de pesquisa CAPES – periódicos. Por meio de pesquisa avançada, realizada dia 23 de Junho de 2020, utilizando como descritor: “tecnologias assistivas na aprendizagem”. Como resultados, foram obtidos 17 artigos na plataforma CAPES. A fim de selecionar os artigos para fazer parte deste estudo foram utilizados os seguintes critérios de inclusão:

- a) artigos com texto completo publicados entre os anos de 2016 a 2020;
- b) artigos com texto completo publicados em português e com autores vinculados a instituições brasileiras;
- c) leitura e análise do título e resumo de cada artigo, a fim de incluir os artigos pertinentes ao objetivo desta revisão, ou seja, artigos que apresentam uma relação tecnologias assistivas para uso na educação inclusiva de crianças com algum tipo de deficiência.

Ao final, restaram cinco artigos com texto completo pertinentes a este estudo. Seguindo com análise dos dados, utilizou-se a técnica de Minayo (2007), definida como a descoberta de núcleos de sentido, que consistem em uma comunicação acerca da frequência ou da presença de algum significado para o objeto que será analisado. Esse método de análise constitui em três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos dados obtidos e interpretação.



Após a análise seguiu-se os passos preconizados por Minayo (2007), realizou-se uma leitura flutuante de todos os artigos, exploração do material catalogando-o e codificando-o em núcleos temáticos e, por fim, interpretando os resultados da pesquisa.

## 4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Conforme Tabela 1, são apresentados os cinco artigos que compuseram esse estudo, enumerados por ano de publicação, título, autores e a plataforma que foram encontrados.

**Tabela 1 - Artigos selecionados para análise final.**

Ano	Artigo	Autor	Plataforma
2017	I -Tecnologias assistivas e a inclusão do estudante surdo na educação superior	Pricila Kohls dos Santos Nozângela Maria Rolim Dantas	CAPES
2018	II-Tecnologias assistivas e inclusão escolar: o uso do software GRID 2 no atendimento educacional especializado a estudante com autismo em uma escola pública do Distrito Federal	Flávia Ramos Cândido Amaralina Miranda de Souza	CAPES
2018	III-Tics na educação: o uso de software livre na Promoção da acessibilidade	Magnólia Maria Medeiros Maria Jane Queiroz	CAPES
2018	IV-Tecnologias e ferramentas para elaboração de conteúdos em um ambiente mooc: estudo de caso a partir de uma formação em Tecnologias Assistivas	Roberto Franciscatto Rosana Wagner Lilia Maria Passerino	CAPES
2019	V-Tecnologias assistivas, ensino de frações e surdez: olhares de acadêmicos de um curso de licenciatura em matemática	Larissa Leal Scapin Vanessa Lucena Camargo de Almeida Klaus Andreia Nakamura Bondezan Marcos Lübeck	CAPES

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Com relação aos resultados obtidos, três artigos (I, II e o IV) discutiram sobre a utilização de softwares em alguma disciplina escolar, utilizando tanto software disponível pelo governo, como é o caso do GRID2, como o desenvolvimento de novos softwares que supram as especificidades dos usuários na aprendizagem. O artigo III trouxe o aperfeiçoamento digital dos educadores através das tecnologias assistivas, como meio de inclusão escolar dos alunos e, por



fim, o artigo V que objetivou a adaptação de materiais (como EVA) na confecção de círculos (frações) como tecnologia assistiva para alunos mudos na disciplina de matemática.

Objetivou-se com o presente estudo, investigar o que a literatura trás sobre as contribuições do design universal e o uso de tecnologias assistivas afim de, prover meios de incluir os alunos com deficiência, tanto na escola quanto em outros espaços de aprendizagem. Os resultados apresentados até aqui revelam a importância das tecnologias assistivas em termos de servir às particularidades educativas inerentes às estruturas comunicativas performativas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As produções científicas da plataforma CAPES – Periódicos que foram analisadas, no intervalo de 2016-2020, sugerem que a utilização da perspectiva do design universal na educação inclusiva, no Brasil, ainda é recente, pois essa abordagem começou a ser tratada a partir de 2014. No que diz respeito ao desenvolvimento de tecnologias assistivas, para uma utilização dentro dessa abordagem do DUA muito ainda pode ser pensado. São novas alternativas relacionadas à educação inclusiva que podem ser exploradas, afim de, cada vez mais aprimorar a aprendizagem de pessoas com algum tipo de deficiência.

A inclusão de alunos com deficiência é garantida por lei, porém, essa inclusão ainda precisa ser trabalhada, faltam investimentos em estruturas físicas e treinamentos para que o funcionário, professor ou colaborador, estejam aptos a trabalhar com todos os alunos, sem restrição, esses novos métodos de ensino podem contemplar desde jogos educativos, aplicativos, jogos eletrônicos até equipamentos adaptáveis.

Finalizamos o estudo ressaltando que, por se tratar de uma área pouco explorada, o design universal para aprendizagem possui variadas possibilidades para pesquisas futuras. Por meio disso, desataca-se a importância da aproximação de profissionais de áreas distintas para o aprimoramento desse campo, bem como, é possível buscar a partir das tecnologias assistivas uma vasta possibilidade de encontros e resultados mais significativos.

## REFERÊNCIAS

Artigo de periódico.

ALVES, M.M.; RIBEIRO, J.; SIMÕES, F. 2013. **Universal Design for Learning (UDL): Contributos para uma escola de todos**. Disponível em: <

<https://proa.ua.pt/index.php/id/article/view/4290>>. Acesso em: 20 de Junho de 2020.





Livro:

BARDY, L.R. et al. **Os objetos de aprendizagem para pessoas com deficiência.** In: BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria de Educação a Distância. **Objetos de aprendizagem: uma proposta de recurso pedagógico.** Brasília, 2013.

Livro:

BERSCH, R. **Tecnologia assistiva: recurso e serviços.** In: DELIBERATO, D. **Comunicação alternativa: teoria, prática, tecnologias e pesquisa.** São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2009.

Livro:

BERSCH, Rita. **Introdução à Tecnologia Assistiva.** Porto Alegre: Assistiva – Tecnologia e Educação, 2013. 20p. Disponível em: <[http://www.assistiva.com.br/Introducao\\_Tecnologia\\_Assistiva.pdf](http://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf)>. Acesso em: 15 de Nov. de 2019.

Revista digital:

CÂNDIDO, Flávia Ramos; SOUZA, Amaralina Miranda de. **Tecnologias assistivas e inclusão escolar: o uso do software GRID 2 no atendimento educacional especializado a estudante com autismo em uma escola pública do Distrito Federal.** Revista Diálogo Educacional, [S.l.], v. 18, n. 58, p. 839-865, set. 2018. ISSN 1981-416X. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/23953>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

Revista digital:

CAMARGO, Eder Pires de; NARDI, Roberto; VERASZTO, Estéfano Vizconde. **A comunicação como barreira à inclusão de alunos com deficiência visual em aulas de óptica.** Rev. Bras. Ensino Fís. [online]. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1806-11172008000300016&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1806-11172008000300016&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 19 de Jun. De 2020.

Artigo periódico online:

CAST UDL. 2006. **Learn About Universal Design for Learning (UDL).** Disponível em: <http://bookbuilder.cast.org/learn.php>. Acesso em: 19 de Jun. de 2020. (Tradução minha)

Revista digital:

ELIAS, C. S. et al. **Quando chega o fim? Uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais.** SMAD: Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas, v. 8, n. 1, p. 48-53, 2012.

Dissertação de mestrado:

FERNANDES, S. H. A. A. (2004). **Uma análise vygotskiana da apropriação do conceito de simetria por aprendizes sem acuidade visual.** São Paulo. 300 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Artigo revista digital:

FRANCISCATTO, Roberto; WAGNER, Rosana; PASSERINO, Lilia Maria. **Tecnologias e ferramentas para elaboração de conteúdos em um ambiente mooc: estudo de caso a**





**partir de uma formação em Tecnologias Assistivas.** Revista Observatório, Palmas, v. 4, n.3, p. 361-398, maio. 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/188573>>. Acesso em: 19 de Junho de 2020.

Artigo revista digital:

FREITAS, Ana Beatriz Machado de. **Enunciação e autoria via comunicação alternativa e interlocução mediadora.** Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Belo Horizonte, vol. 12, nº 1, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v12n1/a09v12n1.pdf>>. Acesso em: 15 de Nov. de 2019. FONSECA, J.J.S. Metodologia de Pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

Livro:

MANZINI, E. J. **Tecnologia assistiva para educação: recursos pedagógicos adaptados.** In: Ensaio pedagógico: construindo escolas inclusivas. Brasília: SEESP/MEC, p. 82-86, 2005.

Artigo revista digital:

MEDEIROS, Magnólia Maria; QUEIROZ, Maria Jane. **Tics na educação: o uso de software livre na promoção da acessibilidade.** Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, [S.l.], v. 1, n. 14, p. e6875, jun. 2018. ISSN 2447-1801. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/6875>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

Artigo revista digital:

MINAYO, MCS. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 10. Ed. São Paulo: Hucitec, 2007. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232007000400030](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000400030)>. Acesso em: 20 de junho de 2020.

Artigo revista digital:

NELSON, L.L. 2013. **Design and deliver: planning and teaching using universal design for learning.** Baltimore, Paul. H. Brookes Publishing Co., 151 p. (Tradução minha)

Artigo revista digital:

ROSE, D.H.; MEYER, A. 2002. **Teaching every student in the digital age: Universal design for learning.** Alexandria, ASCD, 216 p. (Tradução minha)

Artigo revista digital:

Santos, P. K. dos, & Dantas, N. M. R. (2017). **Tecnologias assistivas e a inclusão do estudante surdo na educação superior.** Revista Internacional De Educação Superior, 3(3), 494-514. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8650620>>. Acesso em: 19 de junho de 2020.

Artigo revista digital:

SCAPIN, L. L.; KLAUS, V. C. DE A.; BONDEZAN, A. N.; LÜBECK, M. **Tecnologias assistivas, ensino de frações e surdez: olhares de acadêmicos de um curso de licenciatura em matemática.** Revista Prática Docente, v. 4, n. 2, p. 391-410, 27 dez. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/450>>. Acesso em: 19 de Junho de 2020.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

Artigo anais de eventos:

SILVA, S.C.; BOCK, G.L.K.; BECHE, R.C.E.; GOEDERT, L. 2013. **Ambiente virtual de aprendizagem Moodle: Acessibilidade nos processos de aprendizagem na Educação a Distância/CEAD/ UDESC**. Anais... UNIREDE, 1:1-13. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/2672556-Ambiente-virtual-de-aprendizagem-moodle-acessibilidade-nos-processos-de-aprendizagem-na-educacao-a-distancia-cead-udesc.html>>. Acesso em: 20 Junho de 2020.

Livro:

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas V: fundamentos de defectologia**. Madrid: Visor, 1997. (Tradução minha)

Artigo revista digital:

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Enicéia Gonçalves. **Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar**. 2018. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2018.222.04>>. Acesso em: 22 de Junho de 2020.





## DE VOLTA AO MEU MUNDO EM VÁRIOS DIAS DE PANDEMIA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA DURANTE A QUARENTENA

BACK TO MY WORLD IN SEVERAL PANDEMIC DAYS: A READING EXPERIENCE  
DURING QUARANTINE

Iris Vitória Pires Lisbôa; Juracy Ignez Assmann Saraiva

Universidade Feevale

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo relatar uma experiência didática desenvolvida durante o ano de 2020 na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, com turmas de primeira série do ensino médio em uma escola técnica. Tendo como pano de fundo as mudanças de rotina impostas pela necessidade de isolamento social durante a pandemia, desenvolveu-se uma proposta de trabalho que levou os estudantes a pensar sobre sua própria realidade, atravessada pela presença de um novo vírus que vitimou mais de 350 mil pessoas até o momento. Embasam este relato principalmente as reflexões sobre a potência da literatura na construção das subjetividades e na compreensão do contexto sócio-histórico em que se situa o sujeito a partir dos estudos de Antonio Candido (1972; 2004); e sobre a prática de leitura do texto literário na perspectiva de Juracy Assmann Saraiva e Ernani Mügge (2006; 2017). A atividade desenvolvida sugere que a literatura consubstancia a construção de novos sentidos sobre a experiência do confinamento, a partir da possibilidade de análise sobre si, sobre a complexidade das relações familiares e sobre a importância das relações sociais para o enfrentamento das adversidades cotidianas.  
**Palavras-chave:** Pandemia. Literatura. Experiência. Sentido.

**Abstract:** This article aims to report a didactic experience developed during the year 2020 in the discipline of Portuguese Language and Literature, with first grade classes in high school in a technical school. Against the background of the routine changes imposed by the need for social isolation during the pandemic, a work proposal was developed that led students to think about their own reality, crossed by the presence of a new virus that killed more than 350 thousand people so far. This report is mainly based on reflections on the power of literature in the construction of subjectivities and in the understanding of the socio-historical context in which the subject is situated, based on the studies of Antonio Candido (1972; 2004); and on the practice of reading the literary text from the perspective of Juracy Assmann Saraiva and Ernani Mügge (2006; 2017). The activity developed suggests that the literature embodies the construction of new meanings about the experience of confinement, from the possibility of analysis about oneself, about the complexity of family relationships and about the importance of social relationships to face daily adversities.

**Keywords:** Pandemic. Literature. Experience. Sense.

### IMPREVISTOS EXISTEM SIM!

Quando as aulas foram suspensas, em março de 2020, a comunidade escolar acreditava que em duas semanas aproximadamente todos voltariam a sua vida normal. Muitos alunos festejaram a inesperada pausa das atividades escolares. O que aconteceu, porém, frustrou a todos e mexeu com o equilíbrio e a saúde mental de muitos jovens: os quinze dias iniciais transformaram-se em intermináveis nove meses de confinamento até o final do ano letivo.





Com um saldo de mais de um milhão de mortes ao redor do mundo até o início de 2021 (UM MILHÃO..., 2021), a Covid-19, causada pelo novo Corona vírus, vem colocando em xeque não só o sistema de saúde, mas as relações sociais e econômicas nas diferentes sociedades. Além da doença, o desemprego e a pobreza ameaçam as populações mais vulneráveis, exigindo de seus dirigentes ações rápidas e efetivas no combate às mazelas que desestabilizam os países.

À população coube, desde o início da pandemia, obedecer a alguns protocolos para evitar o contágio em proporções incontroláveis: uso de máscara, higienização das mãos e isolamento social. Na segunda semana de março de 2020, as aulas foram suspensas no Brasil. Iniciou-se aí um dos maiores desafios para a educação brasileira: aulas remotas para crianças e jovens confinados em suas casas, vencendo todas as limitações materiais em um país no qual a desigualdade é gritante. Como era esperado, essa situação tornou-se ainda mais evidente na pandemia e seu reflexo no processo de aprendizagem escolar foi imediato, pois, enquanto uma minoria conta com ambiente e recursos tecnológicos importantes para o acompanhamento das aulas, grande parte dos alunos de escolas públicas ficou à margem das experiências didáticas, sem poder vivenciar as práticas oferecidas. Nesse contexto, a leitura do texto literário ganha contornos ainda mais precisos: na aridez dos terrenos em que serão semeadas as atividades com a literatura, todo broto que surja como resposta a elas é um sinal de que vale a pena não desistir, de que vale a pena apontar para o respiro que é a arte em tempos tão sombrios.

Entendendo que a leitura do texto literário possibilita a compreensão da realidade e a sensibilização do indivíduo em relação aos flagelos da pandemia, a dinâmica aqui relatada objetivou contribuir com a superação da fragilidade compulsória nas relações e nas aprendizagens; promover a consciência da experiência individual e, por meio disso, a resiliência necessária para seguir em frente; e apresentar um clássico da literatura universal cujo protagonista enfrenta situações singulares e inesperadas – como foi a situação com que o mundo se deparou em 2020 – a fim de que o contato com essa trama possa inspirar novas narrativas de vida em relação ao cotidiano pandêmico dos estudantes.

A obra escolhida para leitura foi *A volta ao mundo em oitenta dias*, de Júlio Verne (2003). Phileas Fogg, o protagonista, a partir das surpresas e aflições por que passou ao longo da narrativa, serve de inspiração para o enfrentamento daquilo que não se pode prever nem evitar. Lançado em 1873, a história de Fogg inicia com a aposta realizada entre os seis parceiros do Reform Club, em que Fogg desafia a distância e o tempo diante da possibilidade de dar a volta



ao mundo em apenas oitenta dias. Defendendo a ideia de que o “imprevisto não existe” e que “um mínimo bem empregado basta para qualquer coisa” (VERNE, 2003, p. 28), o metódico homem vive a maior aventura de sua vida, ao lado de seu recém contratado serviçal, Passepartout. Juntos, eles salvam a bela Auda, que assume não somente a posição de uma companheira de viagem, mas a do grande amor da vida de Fogg, mostrando, ao final da história, após confirmar a vitória sobre os colegas do clube, que algumas riquezas da vida podem surgir de onde menos se espera e que é possível entender os imprevistos como desafios a serem superados, acompanhados de grandes surpresas...

A resposta a esse trabalho foi surpreendentemente positiva. Mais do que a prática da leitura do texto literário, ele possibilitou a prática da reflexão, da avaliação de trajetórias vividas até o presente e da construção de novas possibilidades de viver em um mundo colapsado pela pandemia. Surpresa? Não. Para quem conhece a potência da literatura isso não surpreende, pois é, ela mesma, a possibilidade de dar significado à existência. Porém, quando alunos tão jovens precisam enfrentar situações tão delicadas e inesperadas e o texto literário atua como uma espécie de redenção para eles, até mesmo uma professora de literatura se sente inesperadamente tocada pelo poder que a palavra pode exercer na constituição da subjetividade de cada um.

## **PREPARANDO O ROTEIRO DE UMA GRANDE AVENTURA**

Em *O direito à literatura* (2004), Antonio Candido afirma que “Toda obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido” (CANDIDO, 2004, p. 178). Para o autor, a organização da palavra leva à organização do sujeito e do mundo, transformando a experiência de cada um em estrutura organizada. O trabalho linguístico da criação ficcional garante o caráter de renovação do contexto em que se ancora a obra literária, conquistando o leitor para que ele prossiga com a leitura na expectativa de encontrar, ali, a sua própria realidade reinventada.

Assim, a literatura pode oferecer respostas às inquietações surgidas pelas transformações por que passa o mundo diante de uma pandemia por exemplo. De acordo com Ernani Mügge e Juracy Assmann Saraiva (2017), tanto a linguagem quanto a temática do texto podem incitar o leitor a querer ir mais a fundo na realidade que os circunda a fim de compreendê-la a partir da experiência do outro. Conforme os autores,



A literatura, dada a amplitude do acervo e a diversidade de temáticas, tratadas sob diversos pontos de vista pelos escritores, constitui-se um amplo repertório de possibilidades de interação do leitor consigo mesmo, com o outro, com o próximo, com o distante, com o análogo e com o diferente. O texto literário, dada a sua natureza, sempre se coloca como uma possibilidade a mais, concreta e eficiente, de interlocução e de aprendizagem (MÜGGE; SARAIVA, 2017, p. 54).

É sob essa perspectiva que se desenvolveu a atividade aqui descrita: como proposta de intervenção didática por meio da qual o professor, coerente com seu tempo histórico e sensível às fragilidades do contexto atual, assume certas posições diante do que vivencia, avaliando a situação do público leitor com quem compartilha a leitura da obra e situando-se política e ideologicamente diante dos fatos. Antonio Candido (2004) já preconizava que a literatura não é uma “experiência inofensiva”, mas formadora da personalidade, mesmo que de forma não convencional, o que compromete professores e alunos na abordagem da obra. Ao conhecer as aventuras vividas pelas personagens, o leitor acessa seu próprio universo sob nova perspectiva; e ao se tornar produtor de um texto, subsequente à leitura, tem a possibilidade de expressar seus sentimentos não apenas em relação ao que aconteceu na narrativa lida, mas em relação a sua própria experiência.

A atividade de produção textual teve início com a leitura individual da obra, seguida da discussão de algumas questões levantadas pela professora com o objetivo de elucidar algumas situações no texto, permitindo que os alunos entendam as significações de determinadas passagens do enredo e de certas reações das personagens. A proposta de produção escrita consistiu em elaborar uma sequência de slides mostrando o cruzamento de dois contextos, a aventura de Fogg e seus parceiros e o cotidiano dos alunos em suas casas durante o isolamento social. Nas duas situações, o mais importante era ressaltar elementos do processo pelo qual passou o protagonista (o da obra e o da vida real, o aluno): as transformações, os medos, os desafios, as alegrias, as surpresas.

Nesse sentido, reforça-se a relevância do exercício de alteridade que a leitura do texto literário possibilita, pois, além de compartilhar da construção ficcional empreendida pelo autor, o leitor se reconhece como sujeito social, situado cultural e historicamente, e como parte de uma engrenagem que envolve a todos e que se movimenta por meio das vivências de cada um. É pelo conhecimento da narrativa do outro que a compreensão da realidade e a motivação para alterar práticas sociais se tornam possíveis (SARAIVA, 2006).

Os slides a serem produzidos deveriam ter imagens da obra (ilustrações de algumas edições ou adaptações da obra escrita para as produções cinematográficas existentes) e do



cotidiano dos alunos em seus espaços privados, além de textos curtos e legendas. Esses textos deveriam evidenciar uma relação de comparação entre o que aconteceu com as personagens do romance e o que o aluno vivenciou em seus dias de isolamento. Com o objetivo de nortear as reflexões para a elaboração do trabalho, foi indicado um título único para essa produção: “A volta ao meu mundo em 260 dias de isolamento”. A atividade foi proposta em novembro de 2020 e essa era a realidade de tempo vivido em isolamento até então.

## UM ROTEIRO COM SURPRESAS PARA LÁ DE AGRADÁVEIS

Além do retorno positivo quanto ao prazer sentido durante a leitura, conforme relato de vários alunos, a atividade de produção textual mostrou que a narrativa de Julio Verne permitiu uma aproximação entre a aventura vivida por Fogg e a experiência de cada aluno ao longo do fatídico 2020. A aventura francesa reforça um dos aspectos apontados por Ítalo Calvino (1993) ao aludir a importância da leitura dos clássicos: “É clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível” (CALVINO, 1993, p. 15). Há de se concordar que causa certo espanto inicial a proposta de comparar os desdobramentos de uma viagem pelo mundo, descritos em uma obra de 1873, com a permanência compulsória em casa em pleno século XXI. A universalidade e a permanência da literatura, porém, atestam que é possível.

Os textos produzidos pelos alunos mostraram, além da compreensão do enredo, as significações implícitas quanto às emoções das personagens, os desafios enfrentados por eles, as mudanças pelas quais passaram ao longo do percurso de viagem. A necessidade de costurar os episódios da narrativa às situações cotidianas de um adolescente em quarentena motivou análises interessantes, com relatos profundos e muito subjetivos, acompanhados de belas e, muitas vezes, poéticas imagens do arquivo pessoal dos estudantes (Figura 1).

Nesta primeira ilustração, destaca-se o aspecto da imprevisibilidade das ações na história. Foi muito comentado entre os alunos o fato de haver tantas situações inesperadas, fazendo parecer que Fogg não conseguiria vencer a aposta, que, mesmo sendo alheias e inofensivas a seu percurso não eram ignoradas pelo cavalheiro.



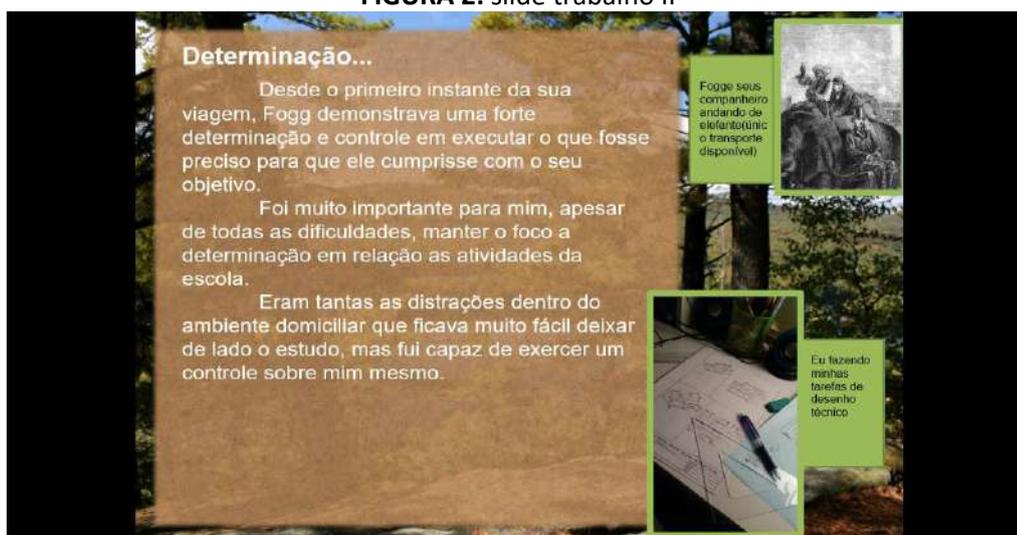
Figura 1: Slide trabalho I<sup>1</sup>



Fonte: arquivo pessoal da autora

Outro aspecto interessante nas produções dos estudantes diz respeito à forma como perceberam o protagonista, Phileas Fogg, e como isso fez com que olhassem para si mesmos, compreendendo o processo pelo qual passavam naquele instante. As reações da personagem diante dos imprevistos que precisou solucionar despertaram-lhes certa resiliência quanto à trágica pandemia e suas consequências, fatais, em muitos lares. Mostraram o quanto é importante manter o foco naquilo que fazem, em seus compromissos e também reforçaram alguns valores na vida desses jovens leitores (Figura 2).

FIGURA 2: slide trabalho II



Fonte: arquivo pessoal da autora

<sup>1</sup> Cada slide pertence a uma produção textual específica. Optou-se pelo anonimato na sua autoria em virtude da dificuldade de contatar os respectivos autores, já em outras turmas em 2021, para a devida autorização.



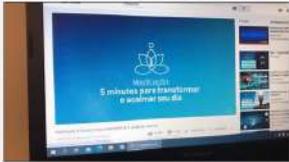
Por fim, destaca-se o caráter transformador do texto literário. Recorrendo novamente a Antonio Candido (1972), entende-se que o slide a seguir (Figura 3) ilustra o despertar da consciência sobre a experiência humana em contextos diversos, aos quais o leitor é levado, pelas suas próprias preocupações e destino, a fim de compreender-se melhor e encontrar saída para seus problemas reais.

**Figura 3:** slide trabalho III

O temperamento de Phileas Fogg, durante sua viagem inteira, é muito questionável. Como uma pessoa poderia reagir a todos os imprevistos de uma forma tão calma? De onde ele tirava toda a sua paciência para lidar com tudo isso?

Bom, gostaria muito de saber, porque comigo não está sendo da mesma forma. Tive que tomar algumas providências desde que precisei ir ao médico por conta do excesso de horas na frente do meu computador:

- comecei a me dar algumas horas de descanso;
- regulei os meus horários, para que eu conseguisse dormir mais cedo;
- e decidi colocar a meditação na minha rotina, todas as manhãs.



Eu fazendo minha meditação de cada manhã, já que não nasci com toda a calma de Fogg.

**Fonte:** arquivo pessoal da autora

Destaca-se, finalmente, a organização do pensamento que se instala durante a atividade de escrita subsequente à leitura da obra literária. Conforme Mügge e Saraiva (2017), ao mesmo tempo em que contribui para a compreensão daquilo que foi lido, esse processo evidencia o diálogo entre diferentes contextos e entre texto e leitor e corrobora a ideia de que a literatura funciona como elo entre o mundo criado pelo autor e a infinidade de questionamentos presentes na mente dos jovens estudantes.

A atividade desenvolvida sugere que a literatura consubstancia a construção de novos sentidos sobre a experiência do confinamento, a partir da possibilidade de análise sobre si, sobre a complexidade das relações familiares e sobre a importância das relações sociais para o enfrentamento das adversidades cotidianas.

## REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v.24,n. 09, p. 803-809, 1972. Disponível em <https://pt.slideshare.net/diegopereiradasilva3/candido-a-1972-a-literatura-e-a-formacao-do-homem-77429669> Acesso em 03 jan 2020.

\_\_\_\_\_. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.

SARAIVA, Juracy Assmann. Por que e como ler textos literários. In: \_\_\_\_; MÜGGE, Ernani et ali. **Literatura na escola**: propostas para o ensino fundamental. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 27- 43.

\_\_\_\_\_; MÜGGE, Ernani. Literatura: um lugar de respostas. In: SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani; KASPARI, Tatiane (org). **Texto literário**: resposta ao desafio da formação de leitores. São Leopoldo: Oikos, 2017. p. 51-56.

UM MILHÃO de mortos por covid-19: gráficos mostram onde o coronavírus se espalha e mata mais. **BBC News Brasil**. 29 set 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54339632>. Acesso em 10 mar 2021.

VERNE, Julio. **A volta ao mundo em oitenta dias**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.





## A ESTRUTURA TURÍSTICA DA CIDADE DE LINHA NOVA/RS: A PERCEPÇÃO DE PESSOAS DA COMUNIDADE E VISITANTES

### THE TOURIST STRUCTURE OF THE CITY OF LINHA NOVA/RS: THE PERCEPTION OF COMMUNITY PEOPLE AND VISITORS

Christian Albers; Jacinta Sidegum Renner; Michele Barth

Universidade Feevale

**Resumo:** O turismo tem crescido nos últimos anos e, apesar de crises ocasionais, demonstra resistência. O planejamento de um destino turístico é de extrema importância e necessário para o desenvolvimento do turismo. O foco deste estudo está no município de Linha Nova, na região do Vale do Caí, RS. O objetivo consiste em compreender a percepção das pessoas que integram a comunidade e dos visitantes sobre a estrutura turística no município. A pesquisa é de natureza aplicada, em relação aos objetivos é descritiva e quanto aos procedimentos é um estudo de caso. Como instrumento de pesquisa utilizou-se um questionário a partir do método SWOT [sigla em inglês de Forças (*Strengths*), Fraquezas (*Weaknesses*), Oportunidades (*Opportunities*) e Ameaças (*Threats*)]. Participaram 55 pessoas, sendo 43 residentes ou que trabalham no município e 12 pessoas de outras cidades. Os resultados demonstraram que as fortalezas e oportunidades estão no turismo histórico, rural e ecológico e as fraquezas e ameaças estão focadas no trade turístico, infraestrutura local, massificação do turismo e política. Também apontam uma percepção positiva quanto ao turismo local, na medida em que referem a cidade como de grande potencial turístico, sendo necessária a cooperação e colaboração para atingir os objetivos propostos no planejamento.

**Palavras chave:** Estrutura turística. Planejamento estratégico. Destino turístico. Linha Nova.

**Abstract:** Tourism has grown in recent years and, despite occasional crises, shows resistance. The planning of a tourist destination is extremely important and necessary for the development of tourism. The focus of this study is in the municipality of Linha Nova, in the Vale do Caí region, RS. The objective is to understand the perception of people who are part of the community and of visitors about the tourist structure in the municipality. The research is of an applied nature, in relation to the objectives it is descriptive and as for the procedures it is a case study. As a research instrument, a questionnaire was used using the SWOT method, acronym for Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats. 55 people participated, being 43 residents or working in the municipality and 12 people from other cities. The results showed that the strengths and opportunities are in historic, rural and ecological tourism and the weaknesses and threats are focused on the tourist trade, local infrastructure, massification of tourism and politics. They also point to a positive perception of local tourism, insofar as they refer to the city as having great tourism potential, requiring cooperation and collaboration to achieve the objectives proposed in the planning.

**Keywords:** Tourist structure. Strategic planning. Tourist destination. Linha Nova.

## 1 INTRODUÇÃO

O turismo tem crescido de forma constante e consistente a nível mundial, segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), demonstrando assim sua fortaleza e resistência apesar de crises ocasionais (OMT, 2017). Inúmeras cidades estão buscando o turismo como



uma alternativa de diversificação de sua matriz econômica. Entretanto, inúmeros também são os casos em que o planejamento é deficitário ou inexistente, principalmente no Brasil. De acordo com Petrocchi (2008), são raros os destinos turísticos no Brasil com sistemas de planejamento, sendo que normalmente o turismo se expande sem ser planejado e, principalmente, induzido por empresários de forma individualizada em detrimento à cooperação. Neste sentido, o autor observa no planejamento a mais importante função administrativa, pois estabelece as diretrizes das demais que são organizar, liderar e controlar.

Concomitantemente, ganha mais força a cada dia a noção de desenvolvimento sustentável. Segundo a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), o desenvolvimento sustentável é “[...] aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades” (CMMAD, 1991, p. 46). A Agenda 21 (1993) para a indústria de viagens e turismo editada pelo World Travel and Tourism Council (WTTC) também explicita a necessidade das medidas de planejamento e ordenamento dos territórios serem desenvolvidas e implementadas de modo a maximizar os benefícios ambientais e econômicos da indústria de viagens e turismo, ao mesmo tempo em que minimize os danos ambientais e culturais.

Em busca de um planejamento verdadeiramente sustentável e inclusivo, há a necessidade de ampla participação social. Os destinos são heterogêneos em sua configuração social, econômica e política. Como comenta Petrocchi (2008), a oferta nos destinos é composta de empresas privadas, o setor público, recursos naturais, patrimônio público e infraestrutura, que combinados mostram um processo produtivo diferente do tradicional. Conjuguar todas as forças locais visando o desenvolvimento sustentável do turismo deve partir de um comum acordo entre a sociedade e o poder público. O autor acrescenta que o ponto-chave para uma boa gestão do turismo é a comunidade local entendê-lo como um negócio de todos. Corroborando, Joris (2010) coloca que o fator determinante para o sucesso do planejamento é baseado na integração da comunidade, que pode discutir e avaliar os impactos da atividade turística, buscando a melhoria da qualidade de vida coletiva.

Petrocchi (2008) observa que, além da necessidade de planejamento estratégico, para que o destino turístico seja bem-sucedido, a comunidade precisa reconhecer o turismo como um negócio, comprometendo-se com a missão de atrair, encantar e manter os visitantes no local. Em cidades menores o planejamento é de certa forma facilitado, uma vez que a comunidade pode focar com mais eficiência no turismo. O autor ainda salienta que nas grandes cidades os



interesses econômicos são mais dispersos e diversificados, deixando o foco no turismo mais problemático. Entretanto, como afirma Joris (2010), há um conflito nas cidades pequenas que deve ser equilibrado, ou seja, de um lado satisfazer a qualidade socioeconômica da população local e do outro deixar a cidade atraente ao turismo, o que requer imaginação e políticas claras de planejamento e gestão.

Dentre os pequenos municípios que buscam estratégias de planejamento do turismo, está Linha Nova, que pertence à região do Vale do Caí, RS. Possui aproximadamente 64 Km<sup>2</sup> e população estimada para 2020, pelo IBGE (2020), de 1719 pessoas. Linha Nova foi colonizada a partir de 1847, tendo pertencido à Colônia de São Leopoldo, São Sebastião do Caí e Feliz até sua emancipação política em 20 de março de 1992. É um município novo e que está desenvolvendo a identidade e economia locais. A base da economia de Linha Nova sempre foi a agricultura, a pecuária e a silvicultura, e, atualmente, observam-se investimentos crescentes dos setores público e privado no turismo local. O município integra a Rota Romântica e a Região Turística do Vale da Felicidade, duas regiões de colonização predominantemente germânica. Cabe destacar que desde 2017 a cidade possui o título de “Berço das Cervejarias no Estado do Rio Grande do Sul”, com a aprovação da Lei nº. 15.024/2017 pela Assembleia Legislativa do Estado, reconhecendo o legado deixado pelo cervejeiro imigrante Georg Heinrich Ritter e sua família para a cultura cervejeira do Estado. Desde então, o município vem fortalecendo sua identidade territorial, usando o título para alavancar o turismo. Diante da importância do planejamento estratégico para o turismo de uma cidade e tendo em vista a necessidade da comunidade em aderir ao turismo como uma forma de negócio, surge o questionamento: qual a percepção das pessoas da comunidade e dos visitantes sobre a estrutura turística na cidade de Linha Nova?

Visando o planejamento estratégico do turismo em Linha Nova, este estudo tem como objetivo compreender a percepção das pessoas que integram a comunidade e dos visitantes sobre a estrutura turística no município.

Esta pesquisa é de natureza aplicada e em relação aos objetivos é descritiva. Quanto aos procedimentos é um estudo de caso do município de Linha Nova. Prodanov e Freitas (2013) explicam que estudo de caso tem o objetivo de coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade, para estudar diferentes aspectos de sua vida de acordo com o objetivo de pesquisa. A análise e discussão de dados se configura como abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2014), o método qualitativo aplica-se no estudo das relações,



percepções, opiniões, representações, crenças etc., que as pessoas sentem, pensam e criam a respeito da maneira que vivem, concebem seus objetos e a si mesmas.

Como instrumento de pesquisa foi elaborado um questionário a partir do método SWOT, também conhecido no Brasil como Matriz FOFA. A técnica adotada na SWOT, conforme Tarapanoff (2001), já existe há muitos anos, porém recebeu maior relevância nas décadas de 1960 e 1970 através da pesquisa de Albert Humphrey, que utilizou a técnica para otimizar o planejamento de organizações da época. A técnica é um “um meio prático de assimilação das informações externas e internas sobre o destino de turismo, propiciando o delineamento de prioridades a curto e longo prazos e favorecendo o processo de gestão para atingir os objetivos” (HUMPHREY apud PETRUCCHI, 2008, p. 11). A técnica foi adaptada para a coleta de dados sobre o turismo, sendo que: os fatores internos positivos são as forças ou diferenciais do destino e não são afetados por influências externas (fortalezas); os fatores internos negativos, são os pontos fracos locais que podem ser resolvidos internamente (fraquezas); os fatores externos positivos são questões externas que podem ajudar o destino (oportunidades); e os fatores externos negativos referem-se aos problemas vindos de fora do destino e que podem prejudicá-lo ou diminuir sua competitividade (ameaças).

No questionário, além de questões relacionadas ao perfil, foi solicitado aos participantes que escrevessem sua opinião sobre as fortalezas, fraquezas, oportunidades e ameaças do turismo de Linha Nova. Este questionário foi elaborado pelo Departamento de Turismo da Prefeitura Municipal de Linha Nova, juntamente com o Conselho Municipal de Cultura e Turismo (CMCT) e disponibilizado *online* através do *Google Forms*. O questionário foi divulgado via site oficial e redes sociais da Prefeitura e habilitado para receber respostas em agosto de 2020 e de janeiro a março de 2021. Cabe ressaltar que a Prefeitura Municipal de Linha Nova e o CMCT autorizaram a divulgação deste estudo e dos dados coletados.

O questionário esteve disponível na internet, desta forma acessível para qualquer pessoa, seja residente da cidade ou visitante de outras cidades. As perguntas estiveram direcionadas para que os respondentes identificassem as fortalezas, fraquezas, oportunidades e ameaças do turismo em Linha Nova. Contudo, foram identificados equívocos de interpretação por parte dos respondentes em relação à quais fatores dizem respeito a cada categoria (fortaleza, fraqueza, oportunidade e ameaça). Desta forma, optou-se por agrupar as repostas por participante e, em seguida, categorizar de acordo com seu respectivo construto. Conforme Bardin (2004), a categorização consiste numa operação de classificação e reagrupamento de elementos de um



conjunto, de acordo com critérios predefinidos e recebendo um título genérico, que será o nome de cada categoria. Após, realizou-se a triangulação dos dados, que permite uma análise conjunta sob três aspectos: os dados coletados, a percepção do pesquisador e a argumentação teórica

## 2 DESENVOLVIMENTO

Participaram do estudo 55 pessoas, sendo 43 residentes e/ou que trabalham no município de Linha Nova e 12 pessoas de outras cidades. As idades variaram de 16 a 78 anos (média de 37,7 anos). Quanto à orientação sexual, 32 são do sexo feminino, 21 do sexo masculino e 2 se declaram LGBTQI+. Em relação ao nível de ensino, 30 relataram que concluíram ou cursam o Ensino Superior; 15 participantes concluíram ou estão cursando o Ensino Médio; 4 possuem Ensino Fundamental completo ou incompleto; e 6 participantes declaram ter Pós-graduação.

As respostas foram agrupadas e alinhadas nas quatro categorias que correspondem ao construto da Matriz FOFA. Na matriz construída para Linha Nova, apresentada no Quadro 1, os termos mais citados pelos respondentes foram agrupados em tópicos por semelhança, sendo apontada a quantidade de menções entre parênteses ao lado de cada tópico, disposta por ordem de relevância (da mais mencionada à menos mencionada pelos participantes).

**Quadro 1.** Matriz FOFA sobre a estrutura de turismo em Linha Nova

	Fatores positivos	Fatores negativos
Fatores internos	<ul style="list-style-type: none"><li>- Cervejarias e Tradição cervejeira. (32)</li><li>- Belezas naturais. (29)</li><li>- Roteiros de caminhadas. (26)</li><li>- Parques, praças e mirantes. (21)</li><li>- História e Cultura Teuto-brasileira. (15)</li><li>- Sentimentos e sensações (10)</li><li>- Patrimônio histórico construído. (8)</li><li>- Propriedades rurais. (6)</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Pouca diversificação do Trade Turístico. (59)</li><li>- Problemas na infraestrutura pública e concedida. (38)</li><li>- Falta de apoio e interesse da comunidade local. (15)</li><li>- Pouco incentivo e investimento do Poder Público. (8)</li><li>- Divulgação deficiente. (8)</li><li>- Pouco investimento Privado. (7)</li><li>- Problemas de Hospitalidade e Capacitação. (6)</li></ul>
Fatores externos	<ul style="list-style-type: none"><li>- Turismo Gastronômico. (13)</li><li>- Turismo Rural. (11)</li><li>- Turismo Ecológico. (11)</li><li>- Turismo Histórico e Cultural. (10)</li><li>- Proximidade com cidades turísticas. (10)</li><li>- Turismo de Aventura/Experiências. (9)</li><li>- Turismo de Eventos. (6)</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- A Política. (11)</li><li>- Desrespeito dos turistas com a propriedade privada. (10)</li><li>- Massificação do turismo. (5)</li><li>- Crise financeira do país. (4)</li><li>- Pandemia e questões de saúde pública. (3)</li><li>- A dinâmica do turismo regional. (2)</li></ul>

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

De acordo com os resultados das categorias dispostas na Matriz FOFA, observa-se que as maiores Fortalezas concentram-se em dois vieses. Um deles refere-se à história, cultura e tradição locais, uma vez que mesmo as cervejarias instaladas no município são produto direto



do título de Berço das Cervejarias no RS, o qual remonta à imigração alemã e à história do cervejeiro Georg Ritter no séc. XIX. De forma semelhante, o outro viés está inserido no contexto do ambiente natural e de atrativos que usam a natureza e as paisagens para existirem. Algumas respostas indicam claramente as fortalezas elencadas, como as falas de dois participantes que residem e/ou trabalham em Linha Nova: “As caminhadas e trajetos ciclísticos (roteiros autoguiados), propriedades rurais, casas históricas e cervejarias artesanais” (masculino, 29 anos); “As estradas do interior. São lindas. Natureza e beleza. O parque e a praça das águas também são lindos. As cervejarias são ótimas opções de lazer” (feminino, 30 anos). Segundo Meneses (2006), o turismo moderno tem uma complexa origem histórica, essencialmente como um turismo cultural e, apesar de hoje haver uma setorização mais ampla, os atrativos artísticos, históricos e culturais ainda são essenciais ao turismo. Sobre o contato com a natureza, Beni (2019) expõe que em seu tempo livre, os homens enclausurados nas cidades buscam espaços abertos, com horizontes, paisagens e tranquilidade, onde possam ter atividades de recreação, desportivas ou de entretenimento junto à natureza.

Dentre as fortalezas também foram citadas sensações e sentimentos que o turista associa à cidade, como nos depoimentos dos seguintes visitantes: “O município continua com características bem peculiares de cidade do interior, o que lhe confere certa soberania, visto que remonta à lembranças do passado, vividas por muitos turistas” (masculino, 40 anos); “Acho a cidade muito limpa, praças lindas e seguras, moradores e comerciantes simples e muito educados, recebem com carinho seus visitantes. O ponto forte são as paisagens com vistas lindas por todos os lados” (feminino, 47 anos). Verificam-se sentimentos e avaliações positivas em relação à cidade, o que cria valor. Corroborando, Petrocchi (2009) comenta que o destino deve criar valor para alcançar altos níveis de competitividade e, para tanto, precisa investir no encantamento do turista. Abstrai-se, desta forma, que bons sentimentos e boas sensações em um destino ajudam no encantamento e na boa avaliação do mesmo.

As Oportunidades replicam, de certa forma, as narrativas consideradas como fortalezas, sendo que os turismos Rural, Ecológico e de Aventura têm ligação direta com a natureza e os turismos Gastronômico, Histórico e de Eventos conectam-se à história e tradição locais. Outra oportunidade elencada é a proximidade com cidades turísticas da serra gaúcha e a participação da cidade na Rota Romântica<sup>1</sup>. Algumas narrativas expressam a importância do turismo de

<sup>1</sup> A Rota Romântica é um roteiro turístico que congrega 14 municípios da Serra Gaúcha, Vale dos Sinos e Vale do Caí. Foi constituída em 22/04/1996. O município de Linha Nova integra o roteiro desde 2012.



experiência: “Poderiam criar uma mini fazenda, com hotel/pousada, açude, passeios de cavalo, trator pelo interior, tirar leite das vacas, produzir pães e massa caseira, conhecer os aviários do município. Criar algo que atraia as pessoas da cidade[...]” (feminino, 29 anos e vinculada à cidade) e “[...] alguns agricultores preparados pra receberem turistas nas suas propriedades afim de mostrarem o trabalho da agricultura. Pessoas de cidades maiores, principalmente crianças de cidade grande nunca vivenciaram momentos com a terra, plantas, animais...” (feminino, 47 anos, de outra cidade). As oportunidades elencadas nas narrativas sugerem elementos que os turistas e os próprios moradores procuram ao viajar, influenciando a experiência turística. Corroborando, Petrocchi (2008) coloca que a experiência está intimamente ligada ao convívio franco com o ambiente do destino e se desenvolve ao compartilhar os segmentos da cultura, história, artes ou do folclore.

De modo geral, percebe-se que as fortalezas e oportunidades elencadas têm grandes semelhanças e traduzem uma visão focada na tradição histórica e cultural, bem como nos atrativos naturais, proporcionando o aproveitamento em várias categorias de turismo. Neste aspecto, é importante também que a população reconheça o potencial turístico de sua cidade, possibilitando maior engajamento da iniciativa privada e alavancando a economia local. De acordo com Petrocchi (2008), se a comunidade local adotar o turismo por inteiro, está dado o caminho para a construção de um poderoso fator de sucesso para o destino e gerando oportunidades para que os cidadãos empreendam no setor turístico.

Neste sentido, observa-se a opinião de dois jovens participantes com vínculo com Linha Nova, que reconhecem que o município possui grande potencial para a atividade turística, como é percebido nos depoimentos a seguir: “Acho que o município tem muito potencial para criar mais oportunidades que façam bem para Linha Nova, como talvez mais eventos que envolvam a comunidade e pessoas de fora” (feminino, 17 anos); e “Vejo Linha Nova como uma cidade turística em potencial, o turismo tem muito a acrescentar para o município como um todo” (feminino, 21 anos). O motor do desenvolvimento do turismo é a vontade dos moradores do destino e está claro que as novas gerações estão mais propensas a buscar no turismo novas oportunidades de renda. Salienta-se que o turismo pode ser um importante indutor para a inclusão do jovem no mercado de trabalho. Neste sentido, Martins (2019) em sua tese sobre o protagonismo no turismo de jovens do quilombo da cidade de Ivaporunduva, SP, exemplifica como a renda advinda do turismo foi importante para a fixação dos jovens no campo, para o aperfeiçoamento pessoal e para a melhora nas condições educacionais e de capacitação dos



mesmos. Desta forma, fica evidente a oportunidade de evolução profissional e incremento de renda para o jovem Linhanovense.

Nas Fraquezas percebem-se os gargalos para o desenvolvimento do turismo na cidade. As narrativas estiveram focadas basicamente em duas categorias: pouca diversificação do Trade Turístico e problemas na infraestrutura pública e concedida. As narrativas de três participantes vinculados à cidade refletem estas percepções: “Acredito que inicia com o centro que se encontra muitas vezes em situação precária. Faltam calçadas, as gramas estão altas [...]. Faltam atrações artísticas e culturais para o ano. [...] todo o centro poderia ser enfeitado. Não se tem acesso as cachoeiras” (masculino, 28 anos); “Falta de infraestrutura” (feminino, 51 anos); e “A falta de interesse dos moradores em abrir suas propriedades para a exploração do turismo rural” (masculino, 28 anos). Nesse sentido, Petrocchi (2008) afirma que o poder público é responsável pela preservação dos ecossistemas, pela conservação das estradas, rodovias, aeroportos, praças, orlas, margens de rios, lagos e equipamentos urbanos, interferindo nos padrões construtivos e parâmetros de utilização do solo, bem como na cenografia e na expansão urbana, além de trabalhar a sinalização turística, o combate à poluição visual e sonora e cuidar dos recursos hídricos. O autor ainda salienta que a cidade vai receber o turista e será observada e avaliada e, conforme sua estrutura, será admirada ou não. Logo, dar qualidade aos espaços físicos e às estruturas de atendimento é uma estratégia que precisa ser adotada pelos destinos para aumentar as receitas que o turismo pode trazer.

Cabe destacar que a cidade de Linha Nova, mesmo com quase 175 anos de fundação, somente recentemente passou a voltar atenções ao turismo, com a criação do Departamento de Turismo em 2016 e com o Título de “Berço das Cervejarias no RS”, em 2017. Logo, é de certa forma evidente e certo que seriam nominadas várias fraquezas, principalmente de infraestrutura pública, diversidade de atrativos e de atendimento ao turista. Verifica-se também, embora em menor número, que algumas respostas indicam que parte da comunidade local ainda não percebe o turismo como oportunidade de renda e desenvolvimento. Por exemplo, uma participante coloca que “falta um pouco de interesse e integração dos munícipes para investir no turismo” (64 anos e vinculada à cidade) e outro participante fala em “falta de investimento por parte do setor privado, que, muitas vezes, espera tudo do setor público” (29 anos e vinculado à cidade). Beni (2019) aponta que uma das características do turismo é a possibilidade de abrir novas perspectivas sociais, que seriam decorrentes do desenvolvimento econômico e cultural de uma região. Ou seja, o turismo abre novas formas de interação social, cultural e econômica.



Por fim, foram consideradas como Ameaças a política, o desrespeito de turistas, a situação econômica do país, as questões de saúde (como a Pandemia de COVID-19) e a massificação do turismo que pode fazer a cidade perder suas características. As ameaças, conforme a metodologia FOFA, são normalmente situações que fogem do controle local, vindas de fora, porém, interligadas à realidade do lugar. Algumas narrativas de pessoas ligadas à cidade ilustram estas ameaças: “Atual situação financeira em todo país” (feminino, 35 anos); “O desrespeito das pessoas em relação a obediência de regras, invasão das propriedades dos moradores do município, roubos, tráfico” (feminino, 63 anos); “No atual momento a pandemia” (feminino, 30 anos); e “Politicagem (infelizmente)” (feminino, 22 anos). Dentre as ameaças, o desrespeito de turistas com a propriedade privada teve grande representatividade. Segundo Beni (2019), o ambiente natural é normalmente um dos mais ameaçados, seja pela estrutura turística seja pelos visitantes que, mesmo de forma inconsciente, pelas suas atividades, educação, cultura, hábitos e outros fatores causam danos aos atrativos. A política e seus meandros, tanto locais como nacionais e estaduais, também foram citados e, conforme Paiva (2016), pode criar conflitos de poder entre as partes, como turistas e população local ou entre atores envolvidos nos negócios turísticos. Acrescentam-se a estes conflitos as disputas partidárias locais e regionais e as políticas econômicas.

Ainda em relação às ameaças, algumas manifestações evocam o medo da massificação do turismo, como exposto por dois participantes de outros municípios: “Ao intensificar a atividade turística ocorre uma movimentação maior de visitantes, com isso certas ‘tranquilidades’ interioranas ficam em ameaça.” (masculino, 40 anos); “que as mudanças acabem com o sossego e paz que existem na Linha Nova” (feminino, 30 anos). Beni (2020) comenta que o turismo de massa exerce pressão sobre o tecido urbano e na qualidade de vida das cidades, transformando o cotidiano dos habitantes locais. Cabe ao destino buscar políticas de planejamento que possam atenuar os efeitos dessa massificação. Corroborando, o autor indica a necessidade de monitoramento da capacidade de carga e sustentabilidade do destino, através da governança local, políticas públicas, regulação e legislação.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou compreender a percepção das pessoas que integram a comunidade e dos visitantes sobre a estrutura turística de Linha Nova. Observa-se que a população local e



os visitantes têm uma percepção positiva em relação ao turismo, na medida em que referem que a cidade possui potencial para ser um destino turístico reconhecido, apesar de também demonstrarem algumas preocupações com aspectos inerentes ao processo, como a massificação, imigração e aumento de insegurança. Os resultados apontam para a necessidade de planejar o turismo da cidade, que precisa ser sustentável para garantir o equilíbrio entre os anseios da comunidade local e dos visitantes.

Através da análise da matriz FOFA, percebe-se certa concentração no número de respostas nas fraquezas locais, o que pode ser interpretado como um diagnóstico positivo e indicativo de oportunidades de investimentos e negócios para a comunidade local ou para investidores de fora da cidade. Se indicada como fraqueza, esta pode ser corrigida diretamente no local, ao contrário da ameaça, que é externa e depende de fatores mais amplos. Ou seja, uma fraqueza pode ser transformada em fortaleza, quando reconhecida como oportunidade.

Apesar de ser um município novo, Linha Nova é uma localidade antiga, com riqueza cultural, histórica e natural que devem ser os focos do planejamento turístico local. Cabe ressaltar que o poder público e o setor privado possuem responsabilidades isoladas e ao mesmo tempo complementares na construção do destino turístico, sendo necessária a cooperação e colaboração para atingir os objetivos propostos no planejamento, seja a curto, médio ou longo prazos. Destaca-se que esta cooperação é importante para a manutenção do foco planejado, impedindo que o mercado turístico externo crie pressões ainda maiores sobre a infraestrutura e cultura locais, desviando para algo não previsto e que talvez não seja visto com “bons olhos” pela comunidade local.

Destaca-se ainda que as respostas da matriz FOFA utilizadas neste trabalho são resultado do processo de planejamento iniciado pelo Departamento de Turismo e pelo Conselho Municipal de Cultura e Turismo em 2020, visando a execução do Plano Municipal de Cultura e Turismo. Desta forma, fica evidente a preocupação da cidade com o planejamento do turismo e a disposição de ouvir a comunidade e visitantes para elaboração dos planos de ação, situação ainda incipiente no Brasil, não só no turismo, mas também em outras áreas como saneamento, meio ambiente, desenvolvimento urbano, entre outras.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004. 223 p.





BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do Turismo**. 14 ed. São Paulo: Editora SENAC, 2019. 914 p.

\_\_\_\_\_. Saturação e Rejeição ao Turismo nas Destinações Turísticas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, 14(2), p. 1-8, maio/ago 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v14i2.1847>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: FGV, 1991. 430 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades@**. Brasil, Rio Grande do Sul, Linha Nova. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/linha-nova/panorama>>. Acesso em 02 abr. 2021.

JORIS, Suélin. **Autonomia Municipal e Participação popular no processo de Planejamento e Gestão do turismo em cidades pequenas**: um estudo de Balneário Barra do Sul – SC. 2010. 154f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) - Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2010. Disponível em: <<https://siaiap39.univali.br/repositorio/handle/repositorio/1360>>. Acesso em: 02 abr. 2021.

MARTINS, Mayara Roberta. **Turismo sustentável**: o protagonismo da juventude e a conservação do patrimônio natural-cultural do Quilombo de Ivaporunduva no Vale do Ribeira, São Paulo, Brasil. 2018. 225f. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/333354/1/Martins\\_MayaraRoberta\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/333354/1/Martins_MayaraRoberta_D.pdf)>. Acesso em: 14 abr. 2021.

MENESES, José Newton Coelho. **História & Turismo Cultural**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 128 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, SP: Hucitec, 2014. 416 p.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DEL TURISMO. **Panorama OMT del turismo internacional**. 2017. Disponível em: <<https://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284419043>>. Acesso em: 01 abr. 2021.

PAIVA, Ricardo Alexandre. O turismo, a produção e o consumo do espaço. **II Colóquio [Inter] Nacional sobre o comércio e cidade**: uma relação de origem. 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Ricardo-Paiva-3/publication/267229255\\_O\\_TURISMO\\_A\\_PRODUCAO\\_E\\_O\\_CONSUMO\\_DO\\_ESPACO/links/5da79656299bf1c1e4c830ff/O-TURISMO-A-PRODUCAO-E-O-CONSUMO-DO-ESPACO.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Ricardo-Paiva-3/publication/267229255_O_TURISMO_A_PRODUCAO_E_O_CONSUMO_DO_ESPACO/links/5da79656299bf1c1e4c830ff/O-TURISMO-A-PRODUCAO-E-O-CONSUMO-DO-ESPACO.pdf). Acesso em: 07 abr. 2021.

PETROCCHI, Mário. **Turismo**: Planejamento e Gestão. 2. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009. 364 p.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

PRODANOV, Cléber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 276 p.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). **Lei n. 15.024**, de 15 de agosto de 2017. Declara o Município de Linha Nova Berço das Cervejarias no Estado do Rio Grande do Sul. Diário Oficial do Estado: edição de 16 de agosto de 2017, p. 2. Disponível em: <<https://www.diariooficial.rs.gov.br/diario?td=DOE&dt=2017-08-16&pg=2>>. Acesso em: 03 abr. 2021.

ROTA ROMÂNTICA. **Institucional**. Disponível em: <<https://www.rotaromantica.com.br/pt/sobre-topico/institucional>>. Acesso em 05 abr. 2021.

TARAPANOFF, Kira. **Inteligência organizacional e competitiva**. Brasília: UnB, 2001. 344 p.

WORLD TRAVEL AND TOURISM COUNCIL. **Agenda 21 para a indústria de viagens e turismo**: em direção a um desenvolvimento ambientalmente sustentável. 1993. Disponível em: <<https://www.gee.gov.pt/en/docs/estudos-e-seminarios/historico/documentos-de-trabalho/5224-agenda-21-para-a-industria-de-viagens-e-turismo-anexo-ao-dt-45/file>>. Acesso em: 02 abr. 2021.





## A HOMOPARENTALIDADE À MARGEM DA VISIBILIDADE SOCIAL

### HOMOPARENTALITY ON THE MARGINO OF SOCIAL VISIBILITY

Géssica Luzia De Souza; Lisiane Machado De Oliveira Menegotto

Universidade Feevale

**Resumo:** A subjetividade de cada sujeito é atravessada pelo meio social no qual está inserido. Neste trabalho, propomos reflexões acerca do caso de uma família homoparental feminina acompanhada em um projeto de pesquisa da Universidade Feevale e residente em um bairro periférico do município de Novo Hamburgo – RS. Buscamos o entendimento a partir do que foi observado sobre as influências da comunidade na subjetividade da família através de percepções e sentimentos trazidos pelas próprias participantes. Como metodologia propomos uma pesquisa de natureza qualitativa e descritiva, utilizamos um método de observação psicanalítica inspirado no Método Bick de Observação. A experiência nos mostrou que a sexualidade das mães não fica de fora das suas vivências. A pesquisa ainda abriu a possibilidade de outros campos de investigação junto a família.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Homoparentalidade. Feminino. Social.

**Abstract:** The individual's subjectivity is trespassed by the social environment each one is inserted. In this work we propose some reflections on the case of a feminine homoparental family that lives on a peripheral neighbourhood on the city of Novo Hamburgo, RS which was accompanied by a research project of the Feevale University. We searched the understanding through the observation of the local community influences on the family's subjectivity and feelings brought by the family itself. We propose a qualitative and descriptive research using the Bick Method of Observation. The experience has shown us that the sexuality of the mothers is not out of their livings. The research also opened the possibility of another fields of investigation with the family.

**Palavras-chave:** Psychoanalysis. Homoparenting. Feminine. Social.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge como desdobramento de percepções acerca do caso de uma família composta por duas mães e um bebê, acompanhada no projeto de pesquisa “Jogos constituintes do sujeito no laço mãe-bebê”, realizado no bairro Kephas, de Novo Hamburgo e coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lisiane Machado de Oliveira Menegotto, da Universidade Feevale. Com essa pesquisa foi possível acompanhar a família durante um ano através de visitas semanais com duração de uma hora. Essa experiência proporcionou uma aproximação com a família e possibilitou observar não somente a relação entre as mães e o bebê, mas diversos sentimentos e vivências.

Muito do que foi percebido observando a família diz respeito aos sentimentos relacionados ao restante do bairro, ao comportamento dos vizinhos, à falta de limites entre as moradias e sobre a maternidade das outras moradoras, por vezes remetendo até mesmo a uma





estranheza e medo. A partir disso, esse trabalho se propõe a uma reflexão acerca dos atravessamentos subjetivos das diferenças sentidas pela família com relação à comunidade em que está inserida.

Trata-se de um tema que não foi o objetivo principal da pesquisa, no entanto diversas vezes apareceu como uma questão relevante para a família, fazendo-se tão presente quanto os assuntos relacionados exclusivamente ao bebê. Aprofundar sobre o lugar dessa família, por tratar-se de uma família homoparental feminina em um bairro de periferia, é uma questão suscitada ao longo da pesquisa, fazendo-se assim, relevante. Além disso, ao considerar a homoparentalidade, a relevância se intensifica pela contribuição para o avanço científico que pode proporcionar, já que o terreno para estudos sobre homoparentalidade é fértil, no contexto brasileiro, por ser uma problematização relativamente recente. Em contrapartida, no exterior estudos e pesquisas sobre o tema já são feitas há mais de trinta anos (ZAMBRANO et al., 2006). Além disso, o estudo propõe-se a realizar uma contribuição social, dando maior visibilidade ao tema, que até hoje costuma estar recoberto por um manto de preconceitos e estigmas. Ainda assim, os estudos científicos publicados não têm como objetivo pensar as interferências de um contexto de vulnerabilidade social na subjetivação dessas famílias. Nesse sentido, a proposta de considerar o meio como um aspecto central e que aponta para uma dialética, torna este trabalho relevante. Por conta disso, a proposta desse estudo pode oferecer uma importante contribuição científica que pode vir a proporcionar uma reflexão social acerca do tema.

O principal objetivo desse trabalho é refletir sobre o impacto dos estigmas acerca da família que foge ao padrão heteronormativo. Para isso, propomos pensar a relação da vizinhança em um território da periferia, discutir as diferenças percebidas pela família com relação aos outros moradores do bairro e problematizar o impacto de um local majoritariamente heteronormativo na subjetividade de uma família homoparental feminina.

O método proposto nessa pesquisa é de natureza qualitativa e descritiva. Utilizamos um método de observação psicanalítica, inspirado no Método Bick de Observação, idealizado pela psicanalista inglesa Esther Bick, em 1948 (BICK, 2002; LOPES et al., 2007). O método foi criado para permitir ao observador acompanhar o desenvolvimento de um bebê desde o seu nascimento, considerando a relação entre o bebê e seu entorno. Os procedimentos metodológicos envolveram observações semanais, dentro de um período de uma hora cada, sempre no mesmo dia e hora, respeitando um enquadre próximo ao constituído na clínica psicanalítica. O Método Bick de Observação envolve três tempos. O primeiro tempo é o da



observação propriamente dita, sendo realizada, na versão proposta por Bick (2002), na casa do bebê, com frequência semanal, com duração de 1h cada. Por ter inspiração psicanalítica, o observador deverá estar ancorado nos principais pressupostos da Psicanálise, tais como inconsciente, transferência e contratransferência e atenção flutuante (RUSTIN, 2001; TURP, 2000). O segundo momento é caracterizado pelo relato da observação, sendo indicado ao observador elaborá-lo, preferencialmente, logo após a observação. O observador deverá relatar, dentro de uma sequência cronológica, aquilo que ocorreu durante a observação. Esses relatos têm a intenção de explorar as questões de continuidade e sequência, como elementos fundamentais no desvelamento dos múltiplos sentidos em relação ao que é observado. Como se trata de uma observação participante, é importante que o observador realize uma descrição implicada, de modo que seus afetos sejam incluídos nos relatos. Em se tratando de uma pesquisa, nessa perspectiva, o observador também é considerado um participante da pesquisa. O terceiro e último tempo consiste na leitura e discussão desse relatório em supervisão coletiva, tendo a participação de observadores e de um supervisor que tenha experiência com esse método. A presente investigação foi conduzida, respeitando os três tempos propostos por sua idealizadora, Esther Bick. Os bebês foram observados, juntamente com suas mães, ao longo do seu primeiro ano de vida, seguindo a proposta do Programa de Extensão Gerar e Crescer, a qual o presente estudo estava vinculado. Cada observação foi relatada pelo observador, seguindo os pressupostos metodológicos do Método Bick de Observação. Esses relatos são considerados material de pesquisa e foram lidos e discutidos em seminário de supervisão coletiva, conduzido pela líder dessa pesquisa, que ocorreram na frequência quinzenal. Ao finalizar a leitura de todos os relatos, foi realizada uma análise dos dados mais apurada, considerando o material como um todo e articulando excertos da observação com os objetivos geral e específicos da pesquisa. Foi nesse ponto que as reflexões do presente trabalho emergiram.

## DESENVOLVIMENTO

Atualmente, a maioria dos estudos de caracterização de famílias concorda em um enfoque nas relações interpessoais, entendendo as famílias como um projeto relacional e não necessitando exclusivamente de laços sanguíneos (PIZZINATO, 2009).

A família tradicional predominou até o fim do século XVIII. Traçada pela sociedade patriarcal, valorizava a transmissão do patrimônio e não do vínculo afetivo e sexual, os





casamentos eram feitos prevalentemente de forma arranjada. Em meados do século XX, esse modelo perdeu força com a ascensão da família moderna, na qual o casamento passa a ser realizado em decorrência do amor e passa-se a valorizar os sentimentos e o vínculo sexual (RIBEIRO, 2018).

Assim, as configurações das famílias contemporâneas também foram se modificando e distanciando-se do modelo até então entendido como o único possível, o de "família padrão" ou família nuclear, composta por pai, mãe e filhos. A atualidade conta com uma pluralidade familiar, sendo uma dessas configurações é a família homoafetiva, composta por dois pais ou duas mães. A família homoafetiva ou homoparental, no caso de haver filhos, vem aumentando com o passar do tempo e é hoje reconhecida oficialmente como entidade familiar. (SILVA; BOLZE, 2015)

Em maio de 2011, no Brasil, a união estável homoafetiva foi reconhecida pelo Superior Tribunal Federal (STF) e pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ), e os cartórios passaram a realizá-las. Porém apenas em maio de 2013, em decorrência da resolução nº 175 de 14/05/2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) tornou obrigatória a oficialização dos casamentos civis homoafetivos pelos cartórios (OLIVEIRA; SEI, 2018).

A história da homossexualidade reconhecida fora do campo do transtorno no Brasil é recente. Em 1985 o Conselho Federal de Medicina deixou de tratá-la como “transtorno sexual” (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2008). Em 1999, o Conselho Federal de Psicologia considera que a homossexualidade não é uma doença e proíbe tratamentos psicológicos que visavam a “cura” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999).

Essas medidas são de grande importância para a regulamentação de práticas e de formas de pensar a questão da homossexualidade no Brasil. Apesar disso, o preconceito vivenciado por esse grupo ainda é bastante intenso e temos um longo caminho a percorrer quanto ao desmantelamento dessa discriminação. Algumas influências agravam essa situação no Brasil, tornando esse processo ainda mais lento. É o caso do cristianismo e de todas as religiões evangélicas, sobretudo as de caráter neopentecostal, que se posicionam fortemente contra relações entre pessoas do mesmo sexo. Com grande influência sobre a população e a política – por contar com uma bancada religiosa no Congresso Nacional – influencia negativamente quanto ao preconceito sofrido por esse grupo.

Em "Mal-estar na Civilização", Freud (1933/2010) afirma que o mal-estar social e situações de vulnerabilidade são motivados principalmente em decorrência da relação com o



outro, causando um sentimento de desamparo. Desta forma, entendemos que o meio no qual o sujeito está inserido o afeta diretamente. Segundo Guerra (2020), subjetividade e cidadania estão em relação de continuidade, afetando-se mutuamente. Assim, o inconsciente não se encontra fora de cenas políticas, mas articulado a ela com certa intimidade e estranheza. Essa dialética sujeito e cultura foi evidenciada em inúmeras cenas, que foram objeto de observação dessa pesquisa. Ao longo das observações, diversas situações foram trazidas remetendo a um mal-estar vivenciado pelas participantes ao perceberem-se diferentes de seu meio social, remetendo a um sentimento de desamparo.

Logo no início das observações, na sétima vez que as visitei, a observadora estava na sala com o bebê e uma das suas mães quando em um programa de televisão aparece uma entrevista com Roberta Close. A mãe me pergunta se “é homem ou mulher?”, ela fala que não conhece muito bem a história, mas que acha que se trata de uma mulher trans, ou seja, que nasceu com o sexo masculino, mas identifica-se com o feminino. A mãe comenta sobre a “cura gay” e fala que cada um pode ter a sua opinião, mas que o preconceito é algo muito difícil, que as pessoas não respeitam e querem que todos sejam iguais quando não são. Fala que cada um devia cuidar mais da sua vida, que cada um pode fazer o que quiser desde que não faça mal as outras pessoas. A observadora compreendeu a conversa como uma tentativa de entender a sua posição quanto a sua configuração familiar, além de também representar um desabafo com relação aos obstáculos sociais que elas enfrentam diariamente.

O casal trabalhava fazendo calçados, em sua casa. Contaram que durante um tempo trabalharam fora, uma trabalhou em uma escola e a outra com a produção de calçados no próprio bairro, mas sentia bastante medo de retornar sozinha do trabalho quando saia mais tarde, e, por isso e pela chegada do bebê, acabaram optando por trabalhar em casa.

Em uma das observações, enquanto falavam sobre as dificuldades que enfrentariam quando o bebê começasse a caminhar, mencionaram que precisariam mudar muita coisa em sua casa. A casa em que moram foi construída pela família de uma das mães, que menciona que seus pais “só levantaram as paredes e foram embora”, pois após a construção mudaram-se para o interior do estado. A casa da família ficava em um terreno pequeno, poucos metros de distância entre a casa delas e as casas dos vizinhos, algumas construídas em cima da divisa e com janelas viradas para o pátio delas.

Em uma das visitas, o vizinho de trás, que tinha uma fabriqueta de calçados em casa, estava escutando som alto e as mães mostram-se incomodadas. Estávamos sentadas no pátio e



havia uma janela do imóvel dele que dava acesso ao pátio delas, onde estávamos sentadas. Comentaram que o vizinho era bastante machista, fazia comentários inoportunos e ouvia essas músicas, de gênero sertanejo e que falavam sobre relacionamentos, sem pensar se incomodava os vizinhos. Neste mesmo dia, mencionaram a presença de moscas, lesmas e formigas no pátio e na tentativa constante delas de não deixar que esses bichos entrassem em sua casa, evidenciando uma tentativa de proteção do seu lar, tentando manter-se um pouco mais privadas do externo.

Mais de uma vez mencionaram comentários feitos pela vizinha da frente, que quando ouvia o bebê chorar, gritava da casa dela “o que estão fazendo contigo bebê?”, o que incomodava bastante as mães, que em tom de brincadeira falavam que se o bebê chorasse muito os vizinhos chamariam o Conselho Tutelar.

Certa vez, comentaram que havia muitos bebês no bairro e demonstraram estranhamento quando ao fato de muitos serem filhos de meninas, ainda adolescentes. Nessa ocasião, mencionaram vários casos conhecidos de meninas que engravidaram de homens envolvidos com o tráfico ou que haviam cometido roubos. Nesses casos, quando o bebê nascia os pais já estavam presos. Entendem, assim, que se tratava de uma reprodução que as adolescentes faziam do comportamento de suas mães, que tinham histórias semelhantes. Isso evidencia que as mães faziam uma crítica sobre a maternidade no bairro.

Mesmo entendendo a diferença entre elas - que haviam planejado seu filho e preocupavam-se com suas etapas de desenvolvimento - e as outras mães do bairro, evidenciava-se um receio quanto ao que as pessoas podem pensar, colocando em pauta suas maternidades ao remeterem ao Conselho Tutelar. Os atravessamentos da opinião e julgamento das pessoas quanto à sexualidade das mães parece não ficar de fora da relação com o bebê, nos fazendo pensar que a família homoparental feminina é sentida como uma questão a ser considerada.

Os limites tênues entre as casas e as vidas dos moradores do bairro, compondo uma vizinhança aglutinada, acabavam por causar um incômodo ao ter sua vida privativa acessada com facilidade por quem faz divisa com seu terreno e, até mesmo, quem mora do outro lado da rua. Trata-se de uma forma de elas mostrarem o quanto se sentem expostas e alvos de críticas e preconceitos.



## CONCLUSÃO

Com a finalidade de observar a relação mãe-bebê, também foi possível ouvir os sentimentos da família relacionados ao bairro e à vizinhança, assunto recorrente durante as observações, o que evidenciou um estranhamento sentido pela família quanto aos outros moradores. A experiência nos mostrou que a sexualidade das mães não fica de fora da cena e das suas vivências, gerando, inclusive, um sentimento de não-pertencimento sentido através do que se mostra estranho e desconhecido.

A pesquisa abriu a possibilidade de pensar aspectos até então não imaginados. Pela coleta e o método ter como objetivo a relação entre as mães e o bebê, as questões sociais não puderam ser aprofundadas. Assim, abre-se a possibilidade de outros campos de investigação junto a família e um possível retorno que vise um espaço de escuta ao que foi trazido, aos sentimentos da família sobre a comunidade na qual está inserida considerando as especificidades da sua configuração familiar.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. F.; OLIVEIRA, J. S. C. **A adoção de crianças no contexto da homoparentalidade**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 60, n. 3. p. 40-51. 2008.

Disponível em:

<https://biblat.unam.mx/hevila/Arquivosbrasileirosdepsicologia/2008/vol60/no3/5.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

BICK, E. Notes on infant observation in psycho-analytic training. In: A. Briggs & D. Meltzer (Eds.), **Surviving space: papers on infant observation**. London, UK: Karnac Books. Original published in 1964, p.37-54, 2002.

**CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP)**. Resolução CFP nº 001/99. Brasília, DF: CFP, 1999.

FREUD, S. Acerca de uma visão de mundo. In: FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1933/2010.

GUERRA, A. M. C. Periferias e subjetividades políticas na perspectiva psicanalítica. **Novos estud. CEBRAP**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, Apr. 2020. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002020000100039&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002020000100039&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 14 abr. 2021.

LOPES, R. C. S. et al. A observação da relação mãe-bebê através do método Bick. In C.A. Piccinini, & M. L. S. Moura (Eds.), **Observando as interações pais-bebê-criança:**





**diferentes abordagens teóricas e metodológicas.** São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo, 2007.

OLIVEIRA, G. C.; SEI, M. B. Vínculo Amoroso Homoafetivo e Psicanálise: Um Estudo Qualitativo. **Trends Psychol.**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 4, p. 1787-1801, 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2018000400004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2018000400004). Acesso em: 14 abr. 2021.

PIZZINATO, A. Identidade narrativa: papéis familiares e de gênero na perspectiva de meninas ciganas. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 61(1), 38-48. 2009. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672009000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000100005). Acesso em: 14 abr. 2021.

RIBEIRO, L. J. **A experiência parental de casais homoafetivos: uma abordagem psicanalítica.** Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. 2018. Disponível em: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1178>. Acesso em: 14 abr. 2021.

RUSTIN, M. Looking in the right place: complexity theory, psychoanalysis and infant observation. Paper presented at the Conference on ‘Origins and Evolution: the interplay o attachment theory and british objects relations’, at the **Under FivesStudy Centre**. University of Virginia, Charlottesville, UK, 2001.

SILVA, R.; BOLZE, S. **Diferentes configurações familiares: repercussões no desenvolvimento de crianças e adolescentes.** Regiane da Silva – Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí – UNIDAVI – 2015. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Regiane-da-Silva.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

TURP, M. Touch, enjoyment and health: in adult life. **The European Journal of Psychotherapy, Counselling & Health**, 3, 1, 61-76, 2000.

ZAMBRANO, E. et al. **O direito à homoparentalidade:** Cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais. Porto Alegre: Instituto de Acesso à Justiça, 2006. Disponível em: [https://www.grupodignidade.org.br/docs/zambrano\\_et\\_al\\_homoparentalidade\\_-\\_A4\[1\].pdf](https://www.grupodignidade.org.br/docs/zambrano_et_al_homoparentalidade_-_A4[1].pdf). Acesso em: 14 abr. 2021.



## MÃOS E IMAGINÁRIOS ENTRE RETALHOS: MEMÓRIAS QUE COSTURAM A HISTÓRIA DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE, NO AGRESTE DE PERNAMBUCO

HANDS AND IMAGINARIES AMONG RETAILS: MEMORIES THAT SEW THE  
HISTORY OF SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE, IN THE AGRESTE OF PERNAMBUCO

Adriana Maria de Oliveira (Universidade Federal de Pernambuco); Adelmo Teotônio da Silva

(Universidade Federal de Pelotas)

**Resumo:** Ao considerar a importância da cultura popular, das expressões e manifestações populares regionais, contemplamos a riqueza histórica do Polo de Confeções do Agreste de Pernambuco, estudando memórias e imaginários que dão identidade cultural ao município de Santa Cruz do Capibaribe. Neste estudo, destacamos, através da feira popular de confeções, a participação e contribuição das costureiras santa-cruzenses, ao transformarem o imaginário, o simbólico, em forma de sobrevivência. O trabalho dessas agentes sociais retrata uma cultura passada de geração a geração pelas ações do cotidiano familiar em todas as esferas do social. Também trazemos reflexões sobre o empreendedorismo feminino, favorecendo um novo olhar para as questões de gênero, em uma cidade sinônimo de oportunidades, uma verdadeira fonte viva de memórias, experiências, diálogos e conhecimentos.

**Palavras-chave:** Feira popular. Costureiras. Teoria do Imaginário. Relações de gênero.

**Abstract:** When considering the importance of popular culture, regional expressions and popular manifestations, we contemplate the historical richness of the Confections Pole of Agreste de Pernambuco, studying memories and imaginary that give cultural identity to the municipality of Santa Cruz do Capibaribe. In this study, we highlight, through the popular clothing fair, the participation and contribution of seamstresses from Santa Cruz do Capibaribe, as they transform the imaginary, the symbolic, into a form of survival. The work of these social agents portrays a culture passed from generation to generation by the actions of the family routine in all spheres of the social. We also bring reflections on female entrepreneurship, favoring a new look at gender issues, in a city synonymous with opportunities, a true living source of memories, experiences, dialogues and knowledge.

**Keywords:** Popular fair. Seamstresses. Theory of the Imaginary. Gender relations.

### INTRODUÇÃO

Diante dos inúmeros desafios trazidos pela era moderna, a presença do universo feminino em diferentes espaços de trabalho, muito além do âmbito doméstico, representa um grande salto de conquista social e luta por inserção, valorização e igualdade de gêneros. Fica evidente que, diante da realidade posta, há um ser feminino carregado de sonhos, desejos, ideais e crenças. Deste modo, observamos como o imaginário pode emergir com força capaz de mover a existência, pois é “a estrutura essencial na qual se constituem todos os processamentos do pensamento humano” (DURAND, 2012, p. 14).



No contexto de uma cidade no Agreste pernambucano, Santa Cruz do Capibaribe, o ofício de costurar de forma rudimentar mercadorias a serem comercializadas, em seus primórdios no chão, marca o desenvolvimento de uma força produtiva voltada para a confecção do vestuário, por meio de um espírito empreendedor que floresce entre as mulheres da região. Nessa experiência produtiva conhecida como a confecção da Sulanca, vale destacar o trabalho artesanal das mulheres costureiras, em suas máquinas caseiras de costurar, através de um conhecimento adquirido no espaço de socialização da família.

Nosso objetivo geral visa discutir o papel feminino e seu imaginário, as memórias na construção da identidade cultural empreendedora na história da “Capital da Sulanca”, no Agreste de Pernambuco, Santa Cruz do Capibaribe, com foco para as relações de gênero na confecção domiciliar. Com os objetivos específicos, procuramos: a) destacar as principais condições históricas da costura no desenvolvimento da Feira da Sulanca, na cidade de Santa Cruz do Capibaribe-PE; b) Apontar o papel da criatividade imagética na economia da confecção, com destaque para o engajamento feminino e as relações de gênero; c) Investigar representações sociais e práticas cotidianas do papel da mulher na família.

Com base nos fatos apresentados, nossa pesquisa, em seu caráter bibliográfico e qualitativo, metodologicamente, condensa as principais ideias acerca da temática discutida, trazendo contribuições científicas e acadêmicas. Tomamos por base um amplo referencial teórico, em uma revisão bibliográfica, e adotamos, como métodos, a observação e a história oral. Por fim, reforçamos que essa abordagem também assinala uma proposta de discussão dos gêneros nas relações de trabalho da indústria da confecção.

## **PELAS RAÍZES HISTÓRICAS DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE: TRAJETOS DE TROPEIROS, COMERCIANTES E COSTUREIRAS**

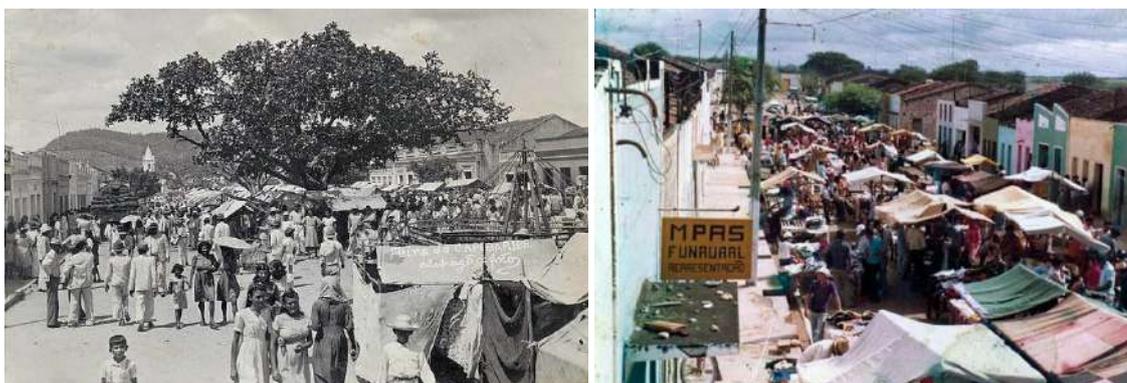
Ao desvendar a memória e alma coletiva dos habitantes de Santa Cruz do Capibaribe, manifestada por suas histórias, costumes do cotidiano e pelo relato oral das experiências de vida das pessoas, identificamos, especialmente, as raízes culturais, tradições peculiares e a arte deste lugar, tradicionalmente reconhecido como a “Capital da Sulanca”. Situado na Mesorregião do Agreste de Pernambuco, região intermediária entre o Litoral/Mata de clima úmido e o Sertão semiárido, o município de Santa Cruz do Capibaribe, com uma distância média de 192 quilômetros de Recife, tem sua história marcada por uma tradicional feira livre de mangaio e de gado, desde o início do século XX.



No final da década de 40, quando a cidade ainda era uma vila, vivia-se o tempo da roupa de “carregação”, uma confecção popular que os galinheiros e tropeiros transportavam para os sertões, em lombos de burros, trocando por queijos, galinhas, ovos, feijão, rapadura. Depois, a prática foi intensificada pelo pioneirismo de três comerciantes locais, Manoel Caboclo, Pedro Diniz e Dedé Moraes, que transportavam mercadorias da Região Sudeste e, deparando-se com a falta de carga na viagem de retorno, passaram a comprar retalhos de tecidos (helanca) e a levá-los até Recife e às costureiras de Santa Cruz do Capibaribe (DUARTE; FUSCO, 2008). Emerge, assim, o termo “Sulanca”, que remete ao tecido (“helanca”) ter vindo de São Paulo (conhecido como o “Sul”) para a produção local.

Com o uso de retalhos, que serviam de matéria-prima para as costureiras da zona rural produzirem peças de roupas e cobertas, a serem vendidas nas feiras livres, é importante lembrar que a ampliação das confecções, conhecidas por “Sulanca”, aconteceu mais intensamente durante as décadas de 1960 e 1970 (CAMPELLO, 1983). Nas residências locais, a “mãe de família” confeccionava roupas, consideradas mercadoria de “combate”, de “grito”, de “pobre”, de “camelô”, por encomenda ou por conta própria.

**Figura 1.** Feira livre em Santa Cruz do Capibaribe (final dos anos 40) e Feira da Sulanca, em seu marco zero, a Rua Siqueira Campos (década de 70)



**Fonte:** Aragão (1947) apud Neves (2015); Arnaldo Vitorino/acervo pessoal (s.d.).

Assim, com a crescente chegada de toneladas de retalhos trazidas de São Paulo, houve uma intensificação na fabricação de confecções populares de baixa qualidade que, a partir de 1979, começa a configurar a “Feira da Sulanca”, como instituição independente da feira livre. Foi a iniciativa de costureiras, ao apresentaram as primeiras colchas de retalhos nas calçadas de ruas de Santa Cruz do Capibaribe, especialmente na Rua Siqueira Campos e Rua Raimundo



Francelino Aragão (“Rua do Pátio”), que despertou o mesmo exemplo para outras mulheres (CAMPELLO, 1983).

**Figura 2.** Feira da Sulanca, na década de 80 e anos 2000



**Fonte:** José Romildo Bezerra (s.d.); Guaraci Baldi (2005).

Até tornar-se o maior centro de vendas de Sulanca do Brasil, a cidade, nos anos 1980 e 1990, sofreu uma expansão no número de bancas na feira, até chegar a ocupar, em 2006, um espaço de mais de 30 ruas na região central, com mais de 12 mil barracas de madeira. A circulação de sacoleiros de outras regiões do país e do mundo aumentou a produção e o comércio de confecções de roupas, até a chegada de novas estruturas para acomodarem a feira e suas caravanas: o Moda Center Santa Cruz e o Calçadão Miguel Arraes de Alencar.

**Figura 3.** Evolução da Feira da Sulanca: das ruas do centro da cidade ao Moda Center Santa Cruz (maior centro atacadista de confecções do Brasil)



**Fonte:** Guaraci Baldi (2005); Marketing/Moda Center Santa Cruz (2010).



Nesse espírito empreendedor e motivador, lembramos uma questão peculiar que permeia a essência do berço da Feira da Sulanca: a força de vontade feminina ao encontrar uma oportunidade de negócio em um ambiente antes inexplorado, as calçadas, aliada à garra, determinação e paixão por seu ofício, foram determinantes para o nascimento da confecção em Santa Cruz do Capibaribe.

**Figura 4.** Costureiras com cobertas de retalhos e suas origens da Feira da Sulanca nas calçadas de Santa Cruz do Capibaribe



**Fonte:** José Romildo Bezerra (s.d.).

A bandeira de luta pela inserção social e pela inserção no mundo do mercado de trabalho, aliada à proatividade e criatividade do universo feminino, derrubando fronteiras e desfazendo preconceitos, são pilares para o empreendedorismo e cenário econômico da região. Logo, a força e expressão de mulheres que protagonizaram a indústria da confecção em Santa Cruz do Capibaribe trouxeram mudanças significativas nos modos de se conceber as relações profissionais, provocando, significativamente, uma ruptura da estrutura de dominação simbólica masculina.

## SOB AS LENTES DA SULANCA E DAS COSTUREIRAS, UMA PROJEÇÃO DO IMAGINÁRIO CRIATIVO EM SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE

Para promover o resgate de memórias, arcabouço imaginário da Sulanca e do protagonismo feminino em Santa Cruz do Capibaribe, nos reportamos ao contexto histórico social da cidade, quando visitamos a costureira Petronila Senhorinha dos Santos, popularmente



conhecida por “Petinha”, uma das precursoras da Feira da Sulanca. Hoje, com 95 anos, nascida no município de Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Petronila é mãe de oito filhos e teve uma infância difícil. Para ajudar no sustento de sua família, trabalhou, por anos, no cultivo de feijão, milho e algodão, e começou a costurar colchas de retalhos e outras peças de roupas.

Com três máquinas de pedal e sem mais contar com os recursos agrários, a costureira decidiu encontrar outra forma de comercializar seus produtos de retalhos. Esse é um dos marcos do início da Feira da Sulanca, em meados da década de 1970. Petinha com vontade de vender suas mercadorias, denominadas na época por Sulanca, teve a ideia de colocar cobertas para vender no chão, em uma calçada de um primo. Assim, destacamos um de seus relatos:

Comecei a feira sozinha. Quando foi na outra feira chegaram umas 2 pessoas. Quando foi na outra, já chegaram umas 10. E assim começou, encheu a ruazinha todinha. (...) E foi enchendo, foi enchendo, não cabia mais. Foi botando gente, foi botando gente, depois a cidade não coube mais a Sulanca. Todo mundo costurava, mas nunca botava na feira. Só começaram a botar quando eu botei (Petronila Senhorinha, 95 anos).

Fica explícito aqui como o imaginário rompe o individual e reverbera no coletivo, nos remetendo ao entendimento que “o imaginário estabelece um vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual” (MAFFESOLI, 2001, p. 76). Também diante disso, percebemos que, ao produzirem suas cobertas, as mulheres são direcionadas pela ótica da imitação.

**Figura 5.** Costureira Petronila Senhorinha e seu legado de memórias da Sulanca



**Fonte:** Thonny Hill/Museu da Sulanca/Moda Center Santa Cruz (2019).

Desta forma, o espaço social ganhou destaque depois da primeira comercialização. Em quase dois meses, a Rua Siqueira Campos ganhava aos poucos o caráter de feira, com direito a



bancas de madeira, antes não existentes. Conta Petinha que a Siqueira Campos foi batizada com o título de “Rua das Cobertas”, por ser considerada a primeira cidade a ter cobertas expostas para venda.

Na entrevista, percebemos que, apesar das mudanças socioculturais sofridas ao longo do século XX, o mito do amor materno continua com grande força na construção do feminino, de modo a encontrar-se arraigado no pensamento social contemporâneo, ainda que tenha se revestido de outras roupagens e modificado alguns elementos. Logo, dentro da configuração amor materno incondicional e da primazia da mulher pela educação dos filhos e responsabilidade com o lar, nesse sentido, relacionado aos interesses que prevaleciam na época e continua em ascensão, as mulheres, ao costurarem as roupas de suas famílias, visualizaram estender a atividade doméstica na produção de mercadorias, colaborando no sustento familiar. Assim, o conjunto de imagens, elementos simbólicos, mitos e arquétipos “formariam o ‘imaginário’, cuja principal função seria levar o homem a um equilíbrio biopsicosocial diante da percepção da temporalidade e, conseqüentemente, da finitude” (ANAZ *et al.*, 2014, p. 06). Nesta conjuntura, identificamos, claramente, o “regime diurno” da Teoria do Imaginário, na conquista vitoriosa e heroica, ao se enfrentar a natureza física hostil, dominando matérias-primas.

## CONCLUSÕES

Este trabalho se propôs a desenvolver reflexões sobre o exercício da costura e suas facetas na realidade histórica e cultural vivenciada em Santa Cruz do Capibaribe, ao reunir os principais aspectos das relações de gênero com sua atividade econômica central, geradora de uma estimulante força empreendedora. Isso significa dizer que a presença feminina na região foi a mola propulsora de seu crescimento local, vindo a atingir um raio de influência além de suas fronteiras.

Vimos, com a costureira Petronila Senhorinha, que nosso saber fazer é elaborado a partir de uma forma que contagiou outras mulheres na arte de costurar. Assim, todo imaginário é fruto de uma interação entre o sujeito e os objetos do mundo, seja na base de nossas atividades linguísticas, sejam comportamentais, racionais ou estéticas. Percebemos também que a constante atividade criativa nas ocupações cotidianas de Petronila promoveram seu



distanciamento de forças negativas, sendo fonte de inspiração. Sua imaginação a ergueu diante dos desafios, deixando-a com otimismo para a vida.

Ao retomar nossa proposta inicial, concluímos que, dentro das proposições teóricas apresentadas, há vasto campo de investigação. Compreendemos que nossa proposição foi quase que uma apresentação introdutória, para que possamos futuramente desenvolver análises que vinculem a cultura e o imaginário, bem como sua estrutura heroica (esquizomórfica). Portanto, nosso percurso investigativo não se finda aqui. Isso exige outros espaços e outros momentos, caminhos futuros entre retalhos de memórias.

## REFERÊNCIAS

ANAZ, Sílvio Antonio Luiz *et al.* Noções do imaginário: perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin. *Nexi*, n. 3, p. 01-16, 2014.

CAMPELLO, Glauce Maria da Costa. **A atividade de confecções e a produção do espaço em Santa Cruz do Capibaribe**. 1983, 155f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1983.

DUARTE, Renato Santos; FUSCO, Wilson. Migração e emprego precário em dois contextos distintos: São Paulo e Toritama. In: **CADERNO CRH**, Salvador, v.21, n. 53, p. 337-347, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v21n53/a10v21n53.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2021.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

NEVES, Éder Aragão. **Retratos de Santa Cruz do Capibaribe** – Por Antônio Assis Aragão (Antônio de Roga). Santa Cruz do Capibaribe, 2015.





## **TRANSFORM(AÇÃO) DE SABERES EM DANÇA – ENSAIO SOBRE A AMPLIAÇÃO DE PERSPECTIVAS NOS PROCESSOS DE ENSINO- APRENDIZAGEM**

TRANSFORM(ACTION) OF KNOWLEDGE IN DANCE - ESSAY ON THE EXPANSION  
OF PERSPECTIVES IN THE TEACHING-LEARNING PROCESSES

Alessandra Fernandes Feltes; Gustavo Roese Sanfelice; Aline Da Silva Pinto

Universidade Feevale

**Resumo:** Esta pesquisa tem por objetivo discutir a ampliação de perspectivas nos processos de ensino-aprendizagem no período da pandemia do coronavírus no ano de 2020 em uma escola de dança no município de Novo Hamburgo/RS. É um estudo de caráter qualitativo com características descritivas de um ensaio em pesquisa-ação que apresenta as aproximações iniciais da análise do trabalho desenvolvido pelas três professoras da escola por meio do ensino remoto. Entendemos que as ações criadas para promover sentido nos processos de ensino-aprendizagem do grupo possibilitou vislumbrar um diálogo local e global e com ele, contextualizar a Dança em consonância a realidade contemporânea. Percebemos que é dever dos professores promover uma aproximação com o potencial da arte para que assim, ela seja ou não transformadora para os cenários sociais.

**Palavras-Chave:** Dança. Pandemia. Processos de ensino-aprendizagem. Pesquisa-ação.

**Abstract:** This research aims to discuss the expansion of perspectives in the teaching-learning processes in the period of the coronavirus pandemic in the year 2020 at a dance school in the municipality of Novo Hamburgo/RS. It is a qualitative study with descriptive characteristics of an essay in action research that presents the initial approach of the analysis of the work developed by the three teachers of the school through remote teaching. We understand that the actions created to promote meaning in the group's teaching-learning processes made it possible to glimpse a local and global dialogue and, with it, contextualize Dance in line with contemporary reality. We realize that it is the duty of teachers to promote an approximation with the potential of art so that, thus, it may or may not be transformative for social scenarios.

**Keywords:** Dance. Pandemic. Teaching-learning processes. Action research.

### **1 PERCEPÇÕES ACERCA DA RIQUEZA CULTURAL DA DANÇA**

Em meio à quarentena as artes precisaram se adaptar a uma realidade e neste movimento, inúmeras práticas foram desenvolvidas por arte educadores no sentido de adaptar os compartimentos ou segmentos de seus trabalhos. Especificamente na dança houve uma transição de improvisações musicadas, coreografias, espetáculos de dança e processos de ensino-aprendizagem à realidade digital com o público em geral (OLIVEIRA et al, 2020).

Segundo Ferreira e Valle (2020, p. 3) “a dança é uma cultura corporal que é eminentemente efêmera no seu fazer. Registrar essa arte, mesmo que de maneira escrita e não



audiovisual, é, portanto, uma forma de preservação de uma cultura e de um conhecimento local”. Assim, este estudo tem por objetivo discutir a ampliação de perspectivas nos processos de ensino-aprendizagem no período da pandemia do coronavírus no ano de 2020 em uma escola de dança no município de Novo Hamburgo/RS.

Feltes et al (2021) apontam que a dança é uma área de conhecimento que deve investir cada vez mais na divulgação de seus trabalhos e ser ativa no que se refere aos registros e posturas que assume através das produções de conteúdo que realiza. Considerando de extrema relevância envolver a dança na sociedade e ser referência enquanto agentes de mudança cultural e social, através do trabalho desenvolvido.

Foram diferentes sujeitos (praticantes e profissionais da área) que vivem a desvalorização e a marginalização da Dança na pandemia do coronavírus em 2020 e 2021<sup>1</sup>. Todo este movimento requereu um posicionamento dos envolvidos que passaram a desenvolver um trabalho colaborativo na busca de sua sobrevivência. A situação incitou uma nova construção e a transformação das suas práticas, sobretudo, teorizar e revisar continuamente os processos educacionais.

Nesse sentido, para que fosse possível o desenvolvimento da presente investigação, optamos pela pesquisa-ação atentando a análise da prática acompanhada pela reflexão teórica e visando uma nova prática reelaborada (THIOLLENT, 2011). As decisões tomadas, as quais serão mencionadas neste estudo, foram discutidas e construídas coletivamente e possibilitou com que fosse repensado de que forma poderíamos transformar a realidade educacional no ensino remoto<sup>2</sup>, como também evitar a desistência, o abandono e a perda do vínculo e do interesse dos alunos com a prática.

Conforme Tripp (2005) a pesquisa-ação intervém na prática rotineira de modo que é preciso fazer julgamentos competentes a respeito daquilo que mais provavelmente aperfeiçoará a situação de maneira mais eficaz. Vivenciávamos uma série de desafios: seguir com os processos de ensino-aprendizagem em dança, torná-los significativos para os praticantes frente a pandemia, sobretudo, refletir o distanciamento dos alunos frente à dança.

---

<sup>1</sup> Ouso dizer que a situação foi somente reflexo da realidade que já nos circundava, contudo, por causa da pandemia, foi escancarada de uma maneira afrontosa: muitos foram obrigados a fechar seus estabelecimentos e/ou passaram a depender do Auxílio Emergencial (benefício financeiro concedido pelo Governo Federal do Brasil com o objetivo de fornecer proteção emergencial no período de enfrentamento à crise causada pela pandemia); entre outros.

<sup>2</sup> Diferentes processos foram utilizados no decorrer do ano, mas a estrutura das aulas variou entre aulas assíncronas (videoaulas encaminhadas por e-mail, por WhatsApp ou postadas no Youtube) e síncronas (encontros que ocorriam através da plataforma Zoom).



A fim de aproximar essas histórias e contextualizar os praticantes acerca deste campo em que estão engendrados, realizamos o planejamento da ação, no sentido de criar caminhos que pudessem reconfigurar suas experiências, propiciando modos menos engessados, normatizados e capitalizados de perceber as coisas e agir no mundo. Como pesquisadoras, o intuito era contribuir com a área de conhecimento da dança a fim de aproximar às experiências tidas no contexto prático e divulgar nossas transformações no campo acadêmico.

Para o trânsito dessas questões, este estudo é de caráter qualitativo com características descritivas de um ensaio em pesquisa-ação que apresenta as aproximações iniciais da análise do trabalho desenvolvido pelas três professoras da escola por meio do ensino remoto. O período do recorte ocorreu do dia 19 de março de 2020 até dia 20 de junho de 2020 evidenciando diferentes registros e dinâmicas realizadas pela equipe, com 25 jovens de 16 a 22 anos. Todas as atividades foram documentadas pela equipe da escola e pelos alunos, como acervo pessoal.

Assim, como iríamos contribuir em nosso ensino para que os praticantes tivessem uma compreensão mais profunda da Dança e se descolassem do antigo? Consequentemente, isso também proporcionou que o nosso olhar docente fosse revisto.

## **2 ENFRENTAMENTOS EM FAZER E MINISTRAR AULA DE DANÇA EM (E DE) CASA**

Por mais que no início o jovem seja motivado pela satisfação que a dança lhe proporciona e pelo período de aprendizagens dos passos, logo se dá conta da cultura que envolve a dança. Essa percepção faz com que os princípios ideológicos transmitidos por ela são incorporados pelos praticantes, e passam a reger seus comportamentos dentro e fora daquele espaço. Há uma transformação na sua forma de pensar e agir, de modo com que eles passam a se sentir parte dessa história e descobrir que a dança faz parte de uma cultura maior (RECKZIEGEL; STIGGER, 2005).

Por estarmos imersos a uma realidade completamente nova, muitos praticantes passaram por um processo reflexivo e de questionamentos acerca dos motivos que os faziam dançar e o que os aproximavam dessa prática, parecia não estar claro para eles o que estavam fazendo e os porquês. Nesse momento se deu início a fase exploratória, período reservado para a análise da situação com o levantamento do problema.

Para Barbier (2007), um grupo que se depara em batalhas contra inúmeras dificuldades apresentadas em seu cotidiano deve ser acolhido pelo pesquisador em uma escuta sensível do



vivido e este deve contribuir com o grupo no sentido de compreender seus problemas, contextualizando-os e fazendo perguntas precisas. Nesse sentido, buscamos a cada ação aproximar os alunos a explorarem à dança e proporcionar possibilidades que os levassem a descobrir seus interesses e as suas expectativas qualificando o nosso fazer docente.

Submersas a uma realidade já comum nas aulas presenciais, nos vimos expostas ao novo contexto que claramente exigiu uma reconstrução de nossos processos de ensino-aprendizagem a respeito de nossa percepção frente a educação em dança. Fazia parte da estrutura física de nossas aulas uma sala cheia de espelhos, um piso adequado e os alunos posicionados em um alinhamento em fileiras ou em zigue-zague organizados em frente aos espelhos. Além disso, circundava um ensino que priorizava o desenvolvimento de habilidades físicas como instrumento para o aprendizado e criação de uma obra. Mesmo que para as professoras o aprimoramento dos códigos em dança já não era mais o único objetivo, percebemos que suas aulas não incitavam esse pensamento, que por consequência, não permitiam ao aluno enxergar a dança como um caminho para investigar outros modos de se mover e de criar.

Green (2002-2003, tradução nossa<sup>3</sup>) aponta que os alunos nas aulas de dança passam muito tempo olhando no espelho para aperfeiçoar a aparência externa do corpo e fortalecer a técnica da dança. Muitas vezes, o professor concentra-se em correções específicas, posicionamento do corpo, da técnica adequada e do desempenho eficiente de movimentos. Esta abordagem pedagógica tradicional está mais associada a uma forma imutável de ensinar dança, uma visão transmitida de geração em geração.

Deparadas a um contexto semelhante ao citado anteriormente sentimos o estranhamento dos alunos em “ter que” dançar em casa e a constante retomada ao seu modo de comportamento de aprendizagem na escola. Os cômodos de suas casas tornaram-se as salas de aula de dança, a ausência de espelho os provocou a serem suas próprias referências, a falta de sincronia na música, os ângulos de visão do posicionamento das câmeras<sup>4</sup> impossibilitavam os envolvidos a agirem como antes.

<sup>3</sup> Students in dance classes spend much time gazing in the mirror in order to perfect the outward appearance of the body and strengthen dance technique. Very often the dance teacher focuses on specific corrections, placement of the body, proper technique, and efficient performance of particular dance movements. This traditional pedagogical approach is more closely associated with an unchanging way of teaching dance, an approach that has been handed down from generation to generation.

<sup>4</sup> Houve problemas de conexão de internet causadas pelo mau tempo ou chuvas intensas, problemas de falta de luz, alunos sem câmeras ou com elas desligadas; imagens dos alunos captadas parcialmente devido ao tamanho dos cômodos em casa e consequentemente pouca distância para filmagem, entre outros (PACHECO, 2020).



Nessa concepção, a partir da observação participante, do uso do diário de campo e das entrevistas semiestruturadas, analisamos o distanciamento do sentido de um olhar mais crítico e elucidativo construído com os alunos em relação a dança. Essas ponderações nos levaram a repensar a maneira que entregávamos e construíamos o conhecimento em dança com eles.

Após um mês de aula no ensino remoto, vivenciávamos de maneira latente a necessidade de pensar e construir ideias que se mostravam consolidadas pelas experiências que estavam habituados – a tradição do aperfeiçoamento. Essa perspectiva fundava suas concepções de dança e os objetivos que queriam atingir com a prática, ao serem deslocados para dançar em casa não viam possibilidades de transpor suas aulas para aqueles espaços e passaram a desistir.

Expostos constantemente ao desconforto e a angústia, se fez necessário abrir locais para o diálogo, expondo refletir e explorar a Dança, o que a compõe e os elementos que a constitui, nos levando a perceber que o processo de ensino-aprendizagem se transformava em algo novo. Este movimento não foi algo simples e natural, foi constituído pouco a pouco frente a resistência, os questionamentos, as dúvidas e os tensionamentos dos praticantes:

Foi muito difícil no início a gente fazer as aulas, porque a gente cresce dançando em uma sala, com uma professora, [...] então, ir para um lugar, para a tua casa, e ter que dançar sozinho, era muito difícil, muito difícil mesmo, porque era diferente do que a gente estava acostumado. (Trecho da entrevista de Maria Angélica, 2020).

Marques (2011), em um de seus estudos sobre a educação em dança, cita que entende que os corpos em sociedade são atravessados e necessariamente inter-relacionados às suas dinâmicas cotidianas e tenciona como metáfora que os alunos vivem com o seu corpo, e não dentro dele como uma lesma em sua concha. Para a autora, o ensino de dança historicamente tem forjado novas conchas para que os praticantes de gêneros<sup>5</sup> se escondam, se isolem e se esqueçam de suas realidades. Por vezes, esta tradição tem se aperfeiçoado ao decorrer dos séculos na construção dessas conchas, possibilitando aos alunos conchas completas e seladas para vestirem e se acomodarem dentro.

Por sua vez, nos vimos fornecendo conchas aos alunos e este era o momento de incitar um movimento de ressignificação. Assim, estabelecemos ações que pudéssemos aproximá-los do campo da dança com o intuito de esclarecer e auxiliá-los a tomar consciência a respeito da diversidade e da infinidade de elementos/códigos que o engendram. De acordo com Corrêa, Campos e Almagro (2018) na pesquisa-ação a produção de conhecimentos, também é

<sup>5</sup> Nesta pesquisa, gênero caracteriza o tipo de dança, consideramos também como sinônimo a palavra estilo.



necessária e enriquecedora, pois contribui para a discussão, reflexão e o caminhar do debate a respeito das questões que estão implicadas na situação em análise.

O grupo de WhatsApp passou a ser um lugar de encontro e de partilha entre aluno e professores e para divulgarmos conteúdos e informações complementares que pudessem auxiliar no entendimento dos alunos instigando seus conhecimentos e seus interesses ao que era apresentado. Estávamos usando este espaço para divulgar vídeos, fotos, links, filmes, séries, entrevistas, documentários e espetáculos disponíveis no Youtube, no Vimeo, entre outros recursos para estabelecer um constructo de novos conhecimentos e posteriormente discuti-los.

A continuidade de nossos trabalhos teve que ser pensada e construída com eles para proporcionar espaços de reflexão, conhecimento e um local de encontro com estes novos saberes. O intuito foi problematizar o ensino em que estavam acostumados e elucidar discussões acerca de visões de mundo que se inscrevem no corpo dançante, tornando-o um universo único de significação. Exploramos diversas possibilidades que estimulassem os alunos a desbravar os cômodos de suas casas (sala, cozinha, quarto, banheiro) ou também que utilizassem objetos como cama, sofá, almofadas, cadeira e entre outros para que os jovens compreendessem e aceitassem que seus corpos não são apenas produção de eficiência de movimento em busca de uma normalização e de uma padronização.

A partir das ações os praticantes experimentaram formas de exploração do corpo, de gestos e de movimentos em relação tanto ao tempo, como o uso do espaço (ter muito, usar pouco, fazer movimentos grandes e atraentes, ou pequenos e contidos, e assim por diante), como a relação com os elementos que compõe os processos de criação em dança (música, cenário, espaço, expressividade etc.). Nesse ponto, conseguiriam ampliar seus conhecimentos a respeito das diferenças entre os vários grupos sociais e culturais existentes na dança.

Em paralelo, passamos a construir e articular com os alunos fóruns de discussões para que refletissem questões como: quem e que corpo pode praticar dança; possibilidades de investigação do corpo (dinâmicas corporais e movimentos); ênfase em uma abordagem de autoconhecimento e a valorização da expressão particular; estudamos a história da dança no mundo, no Brasil e no Rio Grande do Sul; discutimos sobre as danças dominantes e outros códigos de dança; tencionamos os processos de hibridação na dança e apreciação em dança com diferentes grupos do mundo. Ações que os fizeram seguir encontrando sentido no seu dançar.





Com estes fóruns procuramos elucidar contextos e formas de investigar o corpo, cada momento era iniciado com um questionamento referente a aula e o que poderia ser pensado a partir dela. Ali se desenrolava uma série de elaborações e reflexões, como podemos notar:

Foi desafiador, mas ao mesmo tempo foi muito bom, foi muito construtivo, eu aprendi muita coisa, eu aprendi a lidar comigo, eu aprendi a lidar com sentimentos meus que eu nunca tinha chegado nesse nível. Eu tentava encarar isso como um novo hábito, [...] eu entender o que eu preciso fazer e pensar como bailarina e me sentir confortável em qualquer lugar. No início, eu pensei “os exercícios que a gente faz não tem condição de fazer dentro de casa”, mas na verdade tinha e foi muito legal perceber que eu também sou minha casa. (Trecho da entrevista de Maria Bianca, 2020).

Referente às danças dominantes, Soares (2018) expõe que são bem estabelecidas hegemonicamente e ligadas à estética dominante do Ocidente com conhecimentos consolidados no campo acadêmico e no campo da arte. Conforme Dantas e Silva (2014, tradução nossa), a técnica para as danças dominantes é entendida como parte do capital físico e deve permitir que o bailarino domestique seu corpo para estar a serviço das concepções diretivas do coreógrafo<sup>6</sup>.

Para contrapor essa experiência do professor ser o detentor dos processos de criação, buscamos oportunizar aulas e momentos direcionados a troca entre eles, na qual, geraria uma materialidade criativa mediada pelo grande grupo. A partir deste trabalho eles reconheceram as estruturas de conexões estabelecidas entre os corpos em cena que, desdobrados em movimento, tornaram-se a própria dança. Nesse viés, os alunos finalizaram esse processo de criação nomeando sua dança como “Quarentena: no caos, a cor”. Esse exercício coletivo teve grande importância, pois além de organizarem e decidirem diferentes elementos, foi possível usufruírem do espaço e da cena para externar e lidar com os sentimentos que estavam experienciando naquele período de isolamento social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a estes fatores, entendemos que as ações criadas para promover sentido nos processos de ensino-aprendizagem do grupo possibilitou vislumbrar um diálogo local e global e com ele, contextualizar a Dança em consonância a realidade contemporânea. Percebemos que é dever dos professores promover uma aproximação com o potencial da arte para que assim, ela seja ou não transformadora para os cenários sociais.

---

<sup>6</sup> Physical capital is shown by mastering dance techniques as well as by specific aspects such as appearance and posture. [...] Within the dominant practices, the dancer's physical capital is often in service of the choreographer's directive conceptions.



A partir desta pesquisa notamos que nossos processos de ensino-aprendizagem se transformaram e adquiriram outras significâncias – ampliou-se a forma de explorar a Dança e de que maneira nos posicionamos perante o seu ensino. O que antes era reproduzido e realizado sem ser refletido, hoje passa a ser questionado, analisado, repensado e reformulado para adentrar na potencialidade da dança em compreender, criticar e recriar o que está ao redor de nossos contextos. Por fim, entendemos que as aulas de dança são permeadas de diversos rituais que devem ser refletidos para tornar os praticantes mais conscientes e críticos, pois uma visão de corpo e de dança implica em uma visão de mundo.

## REFERÊNCIAS

BARBIER, Rene. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

CORRÊA, Giovana Camila Garcia; CAMPOS, Isabel Cristina Pires de; Almagro Ricardo Campanha. PESQUISA-AÇÃO: UMA ABORDAGEM PRÁTICA DE PESQUISA QUALITATIVA. **Ensaio Pedagógico**. Sorocaba, vol.2, n.1, jan./abr. 2018, p.62-72.

DANTAS, Mônica Fagundes; SILVA, Suzane Weber. Narratives of dancers: somatic and artistic practices of canadian and a brazilian dancer. **Journal of Dance and Somatic Practices**, v. 6, n. 1, p. 29-46, 2014.

FELTES, Alessandra Fernandes et al. Re-significando a prática docente em tempos de pandemia: transformando casas em salas de aula de dança. **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, ano 21, nº 44, 2021.

FERREIRA, Anne Caroline Paz; VALLE, Flávia Pilla. Memórias da dança: Ademir Porto Cavaleiro e os primórdios da cultura Hip Hop em Porto Alegre. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, p. 01-20, ano 20, nº 43, outubro/dezembro de 2020.

GREEN, Jill. Foucault and the training of docile bodies in dance education. **Arts and Learning Research Journal**, v. 19, n. 1, p. 99-125, 2002-2003.

MARQUES, Isabel. Notas sobre o corpo e o ensino de dança. **Caderno pedagógico**, v. 8, n. 1, p. 31-36, 2011.

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de; et al. “Cada um no seu quadrado”: Processos artísticos em tempos de isolamento domiciliar. **Revista UFG**, v. 20, n. 26, 2020.

PACHECO, Denise. **Como a dança aconteceu em 2020**. Novo Hamburgo: Ed. da Autora, 2020.

RECKZIEGEL, Ana Cecília de Carvalho; STIGGER, Marco Paulo. Dança de rua: opção pela dignidade e compromisso social. **Movimento**. Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 59-73, maio/ago. 2005.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez. 2011.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

SOARES, Andréa Cristiane Moraes Soares. **Bailarinos anfíbios no campo da grande produção em dança**: processos de hibridização na Companhia Municipal de Dança de Porto Alegre. 2018. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.





## APLICABILIDADE DA LGPD NOS SERVIÇOS NOTARIAIS E DE REGISTROS

### APLICABILIDAD DE LA LGPD EN LOS SERVICIOS NOTARIALES Y DE REGISTROS

Thaís Carnieletto Muller (Universidad de los Andes); Gabriel Delving Ely (Universidade do Vale do Taquari)

**Resumo:** Neste estudo de caso, adotou-se a metodologia dialética com abordagem qualitativa visando explicitar a aplicabilidade do previsto na Lei Geral de Proteção de Dados – LGPD (Lei nº 13.709/18) para os casos de tratamento de dados prestados pelos delegatários dos Serviços Notariais e de Registros, para isso, empregou-se o procedimento bibliográfico e documental. Inicialmente, analisaram-se as regras jurídicas referentes aos Serviços Notariais e de Registros: forma do ingresso dos agentes delegados, os princípios, natureza e finalidade da atividade. Estes serviços, têm finalidade pública, na persecução do interesse público, e dentro das suas competências legais, os delegatários devem obedecer ao princípio da publicidade notarial e registral (o que importa no fornecimento imotivado de certidões a pedido de quaisquer pessoas interessadas). Trata-se de aparente antinomia, pois as regras previstas na LGPD são complementares as Leis de Registros Públicos (Lei nº 6.015/73) e dos Notários e Registradores (Lei nº 8.935/94).

**Palavras-chave:** Dados pessoais. Registros Públicos. Publicidade. Tratamento de dados.

**Resumen:** En este estudio de caso, se adoptó una metodología dialéctica con enfoque cualitativo para explicar la aplicabilidad de las disposiciones de la Ley General de Protección de Datos - LGPD (Ley N ° 13.709 / 18) para los casos de procesamiento de datos prestados por los delegados de los Servicios Notariales y de Registros, para eso, se utilizó el procedimiento bibliográfico y documental. Inicialmente, se analizaron las normas legales relacionadas con los Servicios Notariales y de Registros: la forma de inscripción de los agentes delegados, los principios, naturaleza y finalidad de la actividad. Estos servicios, tienen una finalidad pública, en la búsqueda del interés público, y dentro de sus facultades legales, los delegados deben obedecer el principio de publicidad notarial y registral (lo que importa en la entrega de certificados desmotivados a solicitud de cualquier interesado). Se trata de una aparente antinomia, ya que las normas previstas en la LGPD son complementarias a la Ley de Registros Públicos (Ley N ° 6.015 / 73) y Notarías y Registradores (Ley N ° 8.935 / 94).

**Palabras clave:** Datos personales. Registros Públicos. Publicidad. Procesamiento de datos.

## INTRODUÇÃO

A Sociedade da Informação, revolucionou o cenário social mundial, na medida em que fez com que a sociedade passasse a interagir em redes, nas quais “a geração, processamento e transmissão de informação torna-se a principal fonte de produtividade e poder”. Esta nova realidade mundial fez surgir a necessidade de regulamentação legal do tratamento de dados pessoais dos usuários destas redes, o que foi feito, no Brasil, em julho de 2018, através da unânime aprovação no Plenário do Senado, do PLC 53/2018, e de sua sanção pelo presidente à época.



Este PLC originou a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais – LGPD (Lei nº 13.709/18), que entrou em vigor em 18 de setembro de 2020, suscitando a necessidade de conciliar a atuação dos delegatários dos Serviços Notariais e de Registro (a qual tem por característica publicar os atos neles arquivados) com a observância dos princípios da LGPD, enquanto agentes de tratamento de dados pessoais. Aqui residiu o problema que orientou este estudo de caso sobre a compatibilidade da proteção de dados pessoais prevista na LGPD, com o dever legal de publicidade oriundo do exercício da atividade notarial e registral, e por este motivo, adotou-se a metodologia dialética com abordagem qualitativa.

Para elucidar este aparente conflito entre a proteção de dados pessoais e o dever legal de publicidade, adotou-se o procedimento bibliográfico e documental, o que permitiu dissertar sobre o exercício da atividade notarial e registral, sobre sua função no ordenamento jurídico brasileiro, sua regulamentação legal e base principiológica, etc. As atividades notariais e registrais (que são próprias do Estado) são realizadas por particulares, que, mediante delegação, são alçados à condição de agentes públicos e, conseqüentemente, ficam sujeitos ao complexo de leis reguladoras da administração pública. Logo, o principal objetivo deste estudo é analisar a legislação especial aplicável às atividades notariais e registrais (a saber: Leis nº 6.015/73 e nº 8.935/94), para encontrar uma maneira de compatibilizarem-se as funções legalmente atribuídas ao tabelião e ao registrador público (a partir do momento em que ingressam na atividade enquanto delegatários) com a nova orientação legal sobre proteção de dados, prevista na LGPD.

## 1. SERVIÇOS NOTARIAIS E DE REGISTROS

A Lei 8.935/94, em seu art. 3º, qualifica os tabeliães e registradores da seguinte forma: “Profissional de direito, dotado de fé pública, a quem é delegado o exercício da atividade notarial e registral”. Referida lei distingue tabeliães (de notas e de protestos), de oficiais de registro (de imóveis; de títulos e documentos e civis das pessoas jurídicas; e civis de pessoas naturais e de interdições e tutelas), e, ainda, prevê a existência de tabeliães e oficiais de registro de contratos marítimos, e oficiais de registro de distribuição (art. 5º). Como se depreende da lei, a função notarial e de registro é função pública delegada a particular, de modo a consolidar-se no oficial a qualidade de agente público, cuja investidura se dá mediante aprovação em concurso público (vide tópico seguinte).





## 1.1 INGRESSO NA ATIVIDADE

De acordo com o previsto no art. 236, § 3º da CF/88, a investidura na atividade notarial e de registro depende de prévia habilitação em concurso público (provas e títulos) e do atendimento dos seguintes requisitos: ter capacidade civil; nacionalidade brasileira; estar quite com as obrigações eleitorais e militares; ser bacharel em direito (ou ter completado dez anos de exercício) até a data da primeira publicação do edital do concurso; e verificação de conduta ilibada (vide arts. 14 e 15, § 2º da Lei nº 8.935/1994). Ainda sobre o concurso público de ingresso/remoção, prevê o art. 15 da Lei nº 8.935/94 que este, será conduzido pelo Poder Judiciário. A partir da investidura dos aprovados no concurso, os titulares nomeados podem exercer a atividade notarial/registral em nome próprio – como agentes delegados, responsabilizando-se, administrativamente, pelos riscos da atividade para qual foram investidos.

## 1.2 BASE PRINCIPOLÓGICA DOS SERVIÇOS NOTARIAIS E DE REGISTROS, NATUREZA E FINALIDADE

Os notários e registradores atuam como agentes públicos, posto que são delegatários de função pública, motivo pelo qual sua atuação (que é regradada por lei especial), possui finalidade intrinsecamente vinculada ao interesse público, tanto que as Leis nº 6.015/73 e nº 8.935/94, preveem que as atividades notariais e registrais visam a outorgar a chancela estatal a negócios e atos jurídicos, conferindo-lhes autenticidade e veracidade presumida, tornando-os públicos, incontestes e, oponíveis perante a sociedade.

Sobre a natureza das atividades notariais e de registro, Ceneviva (2010, p. 57) afirma que “a atividade registrária, embora exercida em caráter privado, tem características típicas de serviço público”; por este motivo, e na qualidade de agentes públicos delegados, os notários/registradores, na prática de seus atos (e no exercício da profissão como um todo) devem observar os princípios da moralidade, legalidade, impessoalidade, publicidade, e eficiência (art. 37, CF). Muito embora não caiba aqui um aprofundamento teórico acerca de cada um destes princípios, cumpre reconhecer a sua aplicabilidade às atividades notariais e de registro, posto que: a) exige-se que a conduta do oficial seja desempenhada de modo a dignificar as suas atividades; b) a lei é a baliza do oficial na realização de seus atos; c) o atendimento aos



usuários das serventias deve dar-se de maneira igualitária entre as partes, atuando o oficial de forma impessoal nos seus atos (essa atuação deve ser transparente – em atenção à publicidade administrativa); suas explicações sobre o significado e as consequências do ato às partes, não deve deixar dúvidas quanto ao serviço solicitado; d) em sua atuação, deve ser ao mesmo tempo eficiente (de modo a satisfazer as necessidades dos usuários), e diligente (agindo de forma compatível com o procedimento realizado).

Quanto à base principiológica das atividades notariais e de registro, tem-se uma infinidade de princípios específicos do Direito Notarial e Registral, dentre os quais, e sem qualquer detrimento aos demais, mencionam-se aqueles que interessam ao raciocínio deste trabalho: a) Princípio da Segurança Jurídica (CHAVES; REZENDE, 2011), posto que os atos notariais e de registro presumem-se verídicos e autênticos, garantindo às partes envolvidas (e a terceiros) a segurança do ato firmado, a sua eficácia e oponibilidade *erga omnes*; b) Princípio da Especialidade (Objetiva e Subjetiva), segundo o qual o título objeto de registro deve ter clara a individualização do transacionado, como por exemplo: matrícula do imóvel, no Registro Imobiliário – especialidade objetiva; e a qualificação das partes envolvidas no negócio – especialidade subjetiva; c) Eficácia da Vontade, que assegura às partes o respeito à autodeterminação de vontade (para que os interessados possam negociar autonomamente, desde que, nos limites da lei), de modo que as atividades notariais e de registro servem à formalização eficaz destes negócios; d) Rogação ou Instância (LOUREIRO, 2018), o notário/registrador deve praticar seus atos – geralmente – mediante provocação das partes interessadas, limitando-se, pois, a sua atuação *ex officio* (que só pode ocorrer nos casos descritos pela lei); e) Autoria e Responsabilidade dos notários e registradores, haja vista que, conforme Chaves e Rezende (2011), os delegatários detêm autoria sobre os atos específicos de sua competência (dentro da circunscrição), podendo ser responsabilizados pelos atos que celebram, em inobservância aos requisitos legais de existência, validade e eficácia, consoante se depreende do art. 28 Lei nº 6.015/73 e dos arts. 22-24 da Lei nº 8.935/94 (tal responsabilidade, é objetiva e advém da competência privativa dos notários/registradores para a celebração dos atos notariais e de registro, de modo que a responsabilidade sobre incorreções ou ilegalidades na formalização do ato, recairá sobre o delegatário que o lavrou<sup>1</sup>); f) Princípio da Conservação (*idem*, p. 30-31), o

<sup>1</sup> O STF, ao deliberar sobre a responsabilização do Estado pelos danos que seus delegatários (tabeliães e registradores) causarem a terceiros, fixou entendimento de que: “O Estado responde, objetivamente, pelos atos dos tabeliães e registradores oficiais que, no exercício de suas funções, causem dano a terceiros, assentado o dever de regresso contra o responsável, nos casos de dolo ou culpa, sob pena de improbidade administrativa” (BRASIL, STF, 2019, p. 1).



qual está fundamentado no art. 30, I, da Lei nº 8.935/94 e 22 e seguintes da Lei nº 6.015/73, e exige dos delegatários a conservação dos arquivos onde constam os atos celebrados, bem como de seus livros e fichários, de modo a garantir a perpetuação de seus registros; g) Princípio da Justiça Preventiva (LOUREIRO, 2018), que ganhou força com o fenômeno da desjudicialização (GUEDES, 2016) no ordenamento jurídico brasileiro. Brandelli (2011) explica que, no exercício das atividades notarial e registral, há uma atuação preventiva de conflitos (ao contrário do que ocorre no Poder Judiciário), oriunda da fé pública dos delegatários e da autenticidade atribuída ao ato praticado.

## 2. DEVER LEGAL DE PUBLICIZAR OS ATOS NOTARIAIS E REGISTRALIS

Para além de ser previsto no art. 37 da CF/88, como um dos princípios da administração pública (a ser observado pelo Estado no exercício do seu *múnus público*); a publicidade é dever intrínseco (estabelecido nas Leis nº 6.015/73 e nº 8.935/94) ao exercício das atividades notariais e de registro, posto tratar-se de preceito norteador e, quiçá, causa de existir desses serviços (há casos, em que a lei exige, como requisito de validade para a eficácia de determinados atos, que sejam realizados por instrumento público e/ou inscritos em ofícios públicos – notarial ou registral, indistintamente. Assim, trazem Gagliano e Pamplona (2015), segundo os quais, “para que o negócio jurídico seja perfeitamente válido, deve revestir a forma adequada”, de modo que, no ordenamento jurídico brasileiro alguns negócios jurídicos, em razão do conteúdo, requerem o preenchimento de formalidades específicas, a exemplo da escritura pública, ou mesmo do ingresso em registro público para surtir efeitos perante terceiros.

De acordo com o estatuído nas disposições gerais da Lei de Registros Públicos (Lei nº 6.015/73), os notários e registradores não poderão inquirir (em hipótese alguma) o motivo/interesse do pedido de certidão (ou exigir pedido justificado), sendo obrigados a lavrar certidão do que lhes for requerido e fornecer às partes interessadas as informações solicitadas sobre os atos celebrados ou arquivados na serventia de sua titularidade – vide os arts. 16 e 17 da Lei de Registros Públicos.

Na lição de Pereira (*in* CAMBLER *et al.* 2014), o dever de publicidade nestas atividades, deriva da natureza pública da atividade notarial e de registro – concebendo-se “público” como aquilo que a todos pertence –, de modo que qualquer interessado está legitimado a requerer



certidão do respectivo título, que, uma vez depositado na serventia, assume caráter de pertencimento à coletividade, justificando-se, pois, sua oponibilidade *erga omnes*.

### **3. DADOS CONSTANTES NAS ORDENS DE SERVIÇO – QUALIFICAÇÃO DAS PARTES**

O Princípio da Especialidade Subjetiva (explicado acima), prevê que a escrituração nas serventias depende da qualificação das partes, que é obtida a partir da coleta de dados como: o nome, domicílio e nacionalidade dos interessados (tratando-se de pessoa física, deve ainda constar o estado civil, a profissão, o número de inscrição no Cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda ou do Registro Geral da cédula de identidade, ou à falta deste, sua filiação) e no caso de pessoa jurídica, a sede e o número de inscrição no Cadastro Geral de Contribuintes do Ministério da Fazenda. Nesse sentido, o inciso III, § 1º, do art. 215 do Código Civil, arrola as exigências de qualificação a constarem das escrituras públicas, a saber, “nome, nacionalidade, estado civil, profissão, domicílio e residência das partes e demais comparecentes, com a indicação, quando necessário, do regime de bens do casamento, nome do outro cônjuge e filiação”, salvo disposição contrária em lei específica. A partir disso, tem-se, entre outros, alguns dos dados tratados nas serventias extrajudiciais, termos em que se enquadram os seus delegatários na qualidade de controladores dos referidos dados – incorrendo, portanto, na regulação da LGPD.

### **4. SEGURANÇA E CONSERVAÇÃO DOS LIVROS E DOCUMENTOS E RESPONSABILIDADE DOS DELEGATÁRIOS DE SERVIÇOS NOTARIAIS E DE REGISTROS**

Obrigação própria do exercício da atividade, o dever de conservação dos arquivos sob a guarda do delegatário possui relevante importância, sobretudo a este estudo. Na lição de Ceneviva (2010, p. 101), o dever de conservação do acervo da serventia a seu cargo há de ser visto de maneira ampla, de modo a não se vincular tão somente à guarda, *stricto sensu*, mas sim, à necessidade de o titular manter, com os devidos cuidados, os arquivos sob sua tutela, de modo a garantir-se a continuidade do serviço, a facilidade de busca, a segurança de armazenamento e eficiência de atendimento às necessidades das partes. Este dever de conservação está previsto na Lei nº 6.015/73, em seu Capítulo V, e na Lei nº 8.935/94, em seu



art. 30 e, em ambos, reitera-se a conservação e devida guarda dos arquivos como dever intrínseco à atividade notarial e registral, cuja inobservância resultará em responsabilização.

Digno de destaque, o Provimento 74 do CNJ, publicado em 31 de julho de 2018, estabeleceu padrões mínimos de tecnologia da informação para a segurança, integridade e disponibilidade de dados, de forma a assegurar a continuidade da atividade dos serviços notariais e de registro do Brasil. Justificou-se a necessidade desse provimento visando o aperfeiçoamento dos serviços frente ao avanço tecnológico, a informatização e a implementação de sistemas eletrônicos compartilhados de registro eletrônico (que possibilitam a realização das atividades notariais e de registro remotamente, mediante o uso dessas novas tecnologias).

## **5. COMO A LEI GERAL DE PROTEÇÃO DE DADOS PESSOAIS AFETA OS SERVIÇOS NOTARIAIS E DE REGISTRO**

É necessário que se consigne a relevância deste dispositivo normativo na atual Sociedade da Informação, para combater violações de dados<sup>2</sup>, de modo a responsabilizar os controladores pela segurança dos dados tratados, observando-se, dentre outros, os princípios: a) de segurança (utilização de medidas técnicas e administrativas protetivas para evitar riscos – art. 6º, VII); b) prevenção (adoção de medidas para prevenir a ocorrência de danos no tratamento – art. 6º, VIII) e c) responsabilização e prestação de contas (demonstração da adoção de medidas eficazes e em conformidade com a LGPD – art. 6º, X). Sugere-se, para além da observância da LGPD, a adoção dos padrões internacionais sugeridos pela ISO 27001 para a segurança da informação e garantia da implementação de melhores medidas técnicas e administrativas de proteção de dados. Logo, a LGPD não é um óbice operacional às atividades notariais e de registro, mas uma salvaguarda do direito constitucional à privacidade (art. 5º, X, CF), como se depreende da leitura do art. 1º da lei.

## **CONCLUSÃO**

A LGPD deve ser vista como um importante avanço na consolidação da tutela ao direito fundamental à proteção de dados no ordenamento brasileiro, e os ofícios de notas e registros,

---

<sup>2</sup> LGPD: Art. 46. Os agentes de tratamento devem adotar medidas de segurança, técnicas e administrativas aptas a proteger os dados pessoais de acessos não autorizados e de situações acidentais ou ilícitas de destruição, perda, alteração, comunicação ou qualquer forma de tratamento inadequado ou ilícito.



controladores de vasto banco de dados de seus usuários e servidores, submetem-se à sua regulamentação. Destarte, longe de obstaculizar a segurança jurídica chancelada pelo registro público, serve a LGPD como balizadora da conduta do Oficial, de modo a não adentrar ele à esfera privada do direito à intimidade e privacidade do usuário de seus serviços.

Logo, cabe ao titular desses serviços a atenção às disposições da LGPD, quanto aos princípios a serem observados, as hipóteses de tratamento de dados, a responsabilidade na adoção de segurança e boas práticas, para que as atividades desenvolvidas nas serventias extrajudiciais seja em conformidade com o ordenamento jurídico brasileiro, atentando para o sigilo que lhe é funcionalmente esperado e as recomendações acerca de privacidade e de mitigação de riscos informacionais recomendados no Provimento 74 do CNJ e na própria LGPD.

## REFERÊNCIAS

BRANDELLI, Leonardo. **Teoria geral do direito notarial**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao)>. Acesso em 02 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973. **Lei dos registros públicos**. 1973. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6015compilada.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6015compilada.htm)>. Acesso em: 10 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. Lei nº 8.935, de 18 de novembro de 1994. **Lei dos cartórios**. 1994. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8935.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8935.htm)>. Acesso em 02 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. **Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)**. 2018. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm)>. Acesso em: 02 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. Supremo Tribunal Federal. Tema 777. **Responsabilidade civil do Estado em decorrência de danos causados a terceiros por tabeliães e oficiais de registro no exercício de suas funções**. Relator: Min. Luiz Fux. RE 842846. 2019. Disponível em: <<http://stf.jus.br/portal/jurisprudenciaRepercussao/verAndamentoProcesso.asp?incidente=4650160&numeroProcesso=842846&classeProcesso=RE&numeroTema=777>>. Acesso em: 02 abr. 2021.

PEREIRA, José Horácio Cintra Gonçalves. **Art. 17 da Lei de Registros Públicos: doutrina**. in: CAMBLER, Everaldo Augusto; CLÁPIS, Alexandre Laizo; NETO, José Manuel de Arruda Alvim. (Coords.). **Lei de registros públicos: comentada**. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014. p. 15.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**, vol. 3. São Paulo: Paz e terra. 1999.

CENEVIVA, Walter. **Lei dos Registros Públicos Comentada**. 20. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

CHAVES, Carlos Fernando Brasil; REZENDE, Afonso Celso Furtado de. **Tabelionato de notas e o notário perfeito**. 6. ed. Campinas: Millennium, 2010.

GAGLIANO, Pablo Stolze; PAMPLONA FILHO, Rodolfo. **Novo curso de direito civil: parte geral**. v. 1. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

GUEDES, Luiza Oliveira. **SERVENTIAS EXTRAJUDICIAIS: uma via alternativa de acesso à justiça**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de ciências humanas, sociais e da saúde – FCH, Belo Horizonte, 2016.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34. 1996.

LOUREIRO, Luiz Guilherme. **Registros públicos: teoria e prática**. 9. ed. Salvador: Juspodivm, 2018.





## LINGUAGEM INFANTIL: A LITERATURA COMO FATOR DECISSIVO NOS AVANÇOS DO LETRAMENTO E DESENVOLVIMENTO DA FALA DA CRIANÇA

CHILDREN'S LANGUAGE: LITERATURE AS A DECISIVE FATOR IN THE  
ADVANCES OF CHILDREN'S SPEECH DEVELOPMENT

Jéssica Maís Antunes; Rosemari Lorenz Martins; Marinês Andrea Kunz

Universidade Feevale

**Resumo:** A linguagem é uma estrutura viva, que cresce e se modifica de conforme as necessidades de quem a usa, e durante a infância é o momento em que as palavras ganham sentidos e significados, sendo por meio da linguagem que conseguimos nos desenvolver e nos constituir socialmente, através das trocas com outras pessoas. Assim sendo, esta pesquisa objetiva analisar como um projeto semanal com o uso de literatura infantil pode contribuir para o desenvolvimento da linguagem de crianças de 3 e 4 anos. Foram utilizadas estratégias de leitura compartilhada e também, momentos de narrações das histórias realizados pelos participantes do projeto. Ao final da pesquisa, as crianças demonstraram ter mais interesse pelos livros, ampliaram seu vocabulário, realizaram construções narrativas e obtiveram uma mudança na forma como falavam significativa.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento da linguagem. Letramento. Literatura Infantil.

**Abstract:** Language is a living structure, which grows and changes according to the needs of those who use it, and during childhood it is the moment when words gain meanings, and it is through language that we are able to develop and become socially, through exchanges with other people. Therefore, this research aims to analyze how a weekly project with the use of children's literature can contribute to the language development of children aged 3 and 4 years. Shared reading strategies were used, as well as moments of storytelling by the project participants. At the end of the research, the children showed more interest in books, expanded their vocabulary, performed narrative constructions and obtained a significant change in the way they spoke.

**Key words:** Language development. Literacy. Children's literature.

### 1 LINGUAGEM E INFÂNCIA

Desde cedo, a linguagem está presente na vida de todas as pessoas. Durante a gestação, quando a mãe fala com o bebê; nos seus primeiros balbucios e nas diversas interações com outras pessoas a criança se constrói e constrói o seu conhecimento através de trocas comunicativas com outras pessoas e da experimentação do seu meio em que se insere. Para, Bahktin (1992) é por meio da linguagem que o mundo e o sujeito se inter-relacionam e se constituem como tal, pois a língua é um fenômeno social, então durante seu desenvolvimento, a criança vai construindo um sentimento de pertencimento social decorrente do contato com





conteúdos e concepções perpassados pelo grupo social a que pertence, sendo a língua materna o caminho para que isso aconteça.

A infância é um período mágico, em que o faz de conta fazem parte do cotidiano das crianças. Em diferentes linguagens, como a música, o desenho, a literatura, a criança encontra um caminho para expressar-se e desenvolver-se, pois através destas vivências amplia sua visão de mundo e constitui-se enquanto sujeitos. Sendo a literatura um fator que pode ser essencial para o desenvolvimento da linguagem, imaginação, afetividade e de formação para a vida, conforme apontam as pesquisas de Cunha (1974), Abramovich (1991), Saraiva (2001), Lajolo (2002), Cavalcanti (2002), Zilberman (2012), entre outras.

Entre os dois e três anos, a criança começa a fazer uso correto das formas e estruturas gramaticais da fala, mesmo sem compreender suas respectivas representações lógicas, o que configura o início do estágio de psicologia ingênua. Já os três e sete anos, o estágio da fala egocêntrica ou das operações com signos superiores inicia, o que é o começo da internalização da linguagem, em que o pensamento se liga à linguagem para a resolução de pequenas tarefas, e a linguagem da criança se volta para si (VYGOTSKY, 1988).

A escrita e a leitura são consideradas pela sociedade como atividades humanas essenciais para se exercer a cidadania, direitos e deveres, porém o processo de alfabetização e o de letramento diferem, isso porque “enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (TFOUNI, 2002, p. 20).

Além disso, nessa fase, é importante serem incorporadas práticas de contato com a escrita, com os livros, de ouvir e contar muitas histórias, pois a criança já vai distinguindo letras e palavras de números e desenhos, a direção em que nossa escrita é realizada, quando ocorre uma expansão de vocabulário e também a percepção de como essas práticas são úteis para nossa vida em sociedade. Todas as práticas citadas fazem parte do letramento emergente, conforme as pesquisas de Sulzby, Teale e Kamberelis (1989), Sulzby e Teale (1991), Whitehurst e Lonigan (1998), Gillen e Hall (2013).

Para os autores Smith e Dickinson (2002), existem alguns elementos que podem ser identificados e considerados quando se trata de letramento emergente, sendo eles: a) é um processo de desenvolvimento contínuo, que inicia nos primeiros anos de vida e na ausência de instrução formal; b) de forma gradual, habilidades de fala, leitura e escrita, se desenvolvem estando intimamente ligadas; c) à medida que a criança usa a fala, a leitura ou a escrita, o



letramento emergente se desenvolve em qualquer situação de interação; d) os conhecimentos, as atitudes e as capacidades do letramento emergente desenvolvidos em idade pré-escolar favorecem a aprendizagem e o desenvolvimento a longo prazo da leitura e da escrita.

Então, durante o período entre o nascimento e a alfabetização escolar as crianças vão construindo diferentes conhecimentos sobre a leitura e escrita, sendo importante e necessário para o seu desenvolvimento de forma integral, estimular e proporcionar vivências mais próximas com a literatura.

## 2 DOS CAMINHOS DA PESQUISA

Este estudo foi realizado em uma escola de Educação Infantil da rede municipal de Campo Bom/RS, sendo selecionados oito alunos do nível 4, com idades entre três e quatro anos. Durante a pesquisa, foram utilizados alguns livros de literatura infantil previamente selecionados, que complementam-se entre si para a construção da narrativa para o trabalho com a oralidade e o olhar visual, sendo eles: *A casa sonolenta* de Audrey Wood, *Uma história atrapalhada* de Gianni Rodari, *O sonho brotou* de Renato Moriconi e *Como pegar uma estrela* de Oliver Jeffers.

Em relação aos procedimentos, esta pesquisa é qualitativa, compreendendo o estudo bibliográfico de teorias sobre linguagem, literatura e letramento, além da aplicação de projeto de leitura semanal em que histórias eram lidas para as crianças, diagnóstico do nível de letramento emergente dos participantes e análise dos resultados através da comparação e análise da gravação da atividade inicial e final de contação de história em contrapartida aos componentes de letramento emergente.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para avaliar o nível de letramento emergente que os participantes da pesquisa possuíam foi aplicada Escala de Letramento Emergente desenvolvida por Saint-Laurent, Giasson e Couture (1998) em conjunto com a aplicação do projeto de leitura.

Conforme a tabela abaixo, pode-se perceber que os alunos já construíram muitos conhecimentos ao nível de letramento emergente, pois, no diagnóstico através da aplicação da Escala, os alunos tiveram uma pontuação muito boa, considerando sua faixa etária, e mesmo na etapa da Educação Infantil, os alunos já possuem muitos conhecimentos acerca do mundo





letrado, estão mais familiarizados com os itens que compõem a escala a seguir, mesmo que tenham apresentado entendimento ou evolução reduzida no que tange ao mundo da escrita e que as atividades auxiliaram os participantes a comunicarem-se mais em situações diferentes das que estão acostumados e aos poucos as crianças obrigaram-se a saírem de suas zonas de conforto.

**Tabela 1. Escala de Letramento emergente.**

	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8
Componentes de Letramento	Pontuação							
1. Interesse por livros	3	3	2	3	3	2	3	3
2. Interesse durante a leitura de histórias	3	3	2	3	3	1	2	2
3. Participação ativa durante a leitura	3	2	2	1	3	2	2	2
4. Conhecimento sobre o manuseio do livro	5	5	3	3	5	3	4	4
5. Conhecimento sobre a orientação da leitura	1	1	1	1	1	1	1	1
6. Conhecimento de conceitos de escrita	1	1	0	0	1	0	0	0
7. Relação entre palavra falada e palavra escrita	0	0	0	0	1	0	0	0
8. Conhecimento sobre funções da escrita	1	1	1	1	1	1	1	1
9. Reconhecimento de palavras do cotidiano	0	0	0	0	0	0	0	0



10. Reconhecimento do primeiro nome	0	0	0	0	1	0	0	0
11. Leitura de faz de conta	3	3	3	3	3	3	3	3
12. Traçado e princípio alfabético	8	4	3	3	12	11	10	3
Pontuação Total	28	23	17	18	33	24	26	19

Fonte: Acervo da autora.

Após a aplicação da escala, as crianças participaram de momentos de contação de histórias, nesses momentos, a fala dos participantes era estimulada sempre, através de perguntas sobre a história, a contadora chamava suas atenções para o reconhecimento de elementos narrativos, em que cada parte do livro, entre eles, o enredo, a capa, a sequência da história, era minuciosamente trabalhado com as crianças.

Ao final das histórias, as crianças se tornavam contadores, através do quadro abaixo, pode-se perceber que ocorreram avanços em relação aos componentes da escala aplicada anteriormente, isso porque ao longo dos momentos de contação das histórias as relações que os alunos tinham com o livro mudaram, seu interesse por este objeto se modificava a cada dia, largavam brinquedos para pegar livros.

#### Quadro 1: Primeira narração – Como pegar uma estrela

Timidamente ele pegou o livro, olhou a capa e foi para a contracapa e falou: Foguete. Balão. (Apontou para a personagem e afirmou que era um balão). Um balão. (Imagem do menino na janela). Balão. (Imagem do menino na árvore tentando pegar a estrela). Balão. (Imagem do menino na praia de mãos dadas com a estrela). A estrela. Balão. (Imagem do menino na floresta olhando para a estrela). Balão. (Imagem do menino comendo). Balão. (Imagem do menino olhando para o céu). Balão. (Imagem do menino sentado na frente de uma árvore). Balão. (Imagem do menino almoçando, esperando, esperando). Balão. (Imagem do menino tentando pegar a estrela ao subir na árvore). Balão. (Imagem do menino com a boia). Balão. (Imagem do menino tentando alcançar a estrela). Olhou a próxima página e seguiu adiante e novamente disse: Balão. (Imagem do menino na praia conversando com um passarinho). Balão. (Imagem do menino na praia). Aqui ele tá com o livro igual ao nosso né? Após isso me devolveu o livro.

Fonte: Acervo da autora.





## Quadro 2: Última narração – A casa sonolenta

Era uma vez uma casa sonolenta, aonde todos viviam dormindo. Um menino sonhando, um cachorro, um gato, um rato, uma pulga. A pulga acordou o rato. A pulga picou o rato, daí assustou o gato. Assustou todo mundo. Deu um susto na vovó e no menino e no cachorro. Quebrou a cama. A cama era uma mesa, mas a cama parece com mesa, não é né? Porque eles dormem sem coberta? Acordados. Daí ninguém vivia mais dormindo.

Fonte: Acervo da autora.

Pude perceber que quando os alunos falavam ou contavam as histórias, aos poucos, desenvolveram uma sequência narrativa, começaram a compreender o funcionamento do sistema literário, como por exemplo, a forma correta de segurar e folhear um livro, aumento da familiaridade com elementos que o compõe como a capa, título, falar o nome do autor, expansão de vocabulário, mais atenção aos itens que diziam respeito aos elementos narrativos relacionados ao enredo e personagens.

Por fim, espero que esta pesquisa tenha contribuído para a reflexão do desenvolvimento da oralidade nas infâncias, da importância de atividades que auxiliem no desenvolvimento da fala e que durante a vida desses alunos, o fascínio pela literatura não faça parte apenas da infância, mas que o desenvolvimento das habilidades de leitura ocorra cada dia. Assim, poderão multiplicar tudo que aprendemos juntos, para que outros possam apaixonar-se também pelo mundo literário.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: Gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1991.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

CUNHA, M. A. A. **Literatura infantil**: teoria e prática. São Paulo: Ática, 1999.

GILLEN, J; HALL, N. The emergence of early childhood literacy. In J. Marsh, J. Larson & N. Hall (Eds), **The handbook of early childhood literacy**. 2ª ed. London: Sage, 2013. p. 03-17.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. 6 ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

SARAIVA, J. A. **Literatura e alfabetização**: do plano do choro ao plano da ação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SAINT-LAURENT, L.; GIASSON, J.; COUTURE, C.. Emergent literacy and intellectual disabilities. *Journal of Early Intervention*, 21(3), 267-281, 1998.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

SMITH, M.W.; DICKINSON, D.K. **Early Language and Literacy Classroom Observation (ELLCO)**. Toolkit, Research Edition. Baltimore: Brookes Publishing, 2002.

SULZBY, E.; TEALE, W. H. Emergent literacy. In: BARR, R.; KAMI, P. M.; MESENTHOL, P.; PEASON, P. D. (Eds.). **Handbook of reading research**. New York: Longman, 1991. p. 727 - 757.

SULZBY, E.; TEALE, W. H.; KAMBERELIS, G. Emergent writing in the classroom: home and school connections. In: STRICKLAND, D.; MORROW, L. (Eds.). **Emerging literacy: young children learn to read and write**. Newark, D. E: International Reading Association, 1989. p. 63 - 79.

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização**. 5ª ed. São Paulo, Cortez, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

WHITEHURST, G. J.; FALCO, F. L.; LONIGAN, C. J.; FISCHER, J. E.; DEBARYSHE, B. D.; VALDEZ MENCHADA, M. C.; CAULFIELD, M. Accelerating language development through picture book reading. **Developmental Psychology**, 24(4) 1988.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2012.





## PLATAFORMAS DE REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE PESQUISA PARA MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS DE MODA

### SOCIAL NETWORK PLATFORMS AS A RESEARCH TOOL FOR INDIVIDUAL FASHION MICRO ENTREPRENEURS

Milena Cherutti; Cristiano Max Pereira Pinheiro

Universidade Feevale

**Resumo:** Atualmente as redes sociais admitem uma parcela importante no cotidiano das pessoas, tornando-se grandes aliadas de marcas como uma ferramenta de pesquisa durante o processo de criação em moda. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa está em verificar a utilização das plataformas de redes sociais como ferramenta de pesquisa em moda, buscando respostas a partir da questão norteadora: plataformas de redes sociais, como Instagram e Pinterest, são consideradas boas ferramentas de pesquisa para o processo de criação de microempreendedores individuais de moda? Através de entrevistas com cinco MEIs, pode-se perceber a relevância do Instagram, como ferramenta de análise – de comportamento, público-alvo, tendências, produtos, concorrentes – presente no dia a dia de todas elas. **Palavras-chave:** Redes sociais. Ferramenta de pesquisa. Moda. Microempreendedoras individuais.

**Abstract:** Currently, social networks admit an important part of people's daily lives, becoming great allies of brands as a research tool during the process of creating in fashion. Thus, the objective of this research is to verify the use of social media platforms as a research tool in fashion, seeking answers from the guiding question: social media platforms, such as Instagram and Pinterest, are considered good research tools for the process of creating individual micro fashion entrepreneurs? Through interviews with five MEIs, one can perceive the relevance of Instagram, as an analysis tool - of behavior, target audience, trends, products, competitors - present in the daily lives of all of them.

**Palavras-chave:** Social networks. Search tool. Fashion. Individual microentrepreneurs.

## INTRODUÇÃO

O cenário da era digital gerou transformações na sociedade, através do acesso ilimitado à informação e comunicação, de forma ágil em apenas “um *click*”, necessitando apenas de uma tela – através de *notebooks*, *smartphones* ou *tablets* – e acesso à internet para a visualização de produtos e ofertas (SAKUDA, 2018). Portanto, este trabalho tem como objetivo verificar a utilização das plataformas de redes sociais como ferramenta de pesquisa em moda, através da seguinte questão norteadora: plataformas de redes sociais, como Instagram e Pinterest, são consideradas boas ferramentas de pesquisa para o processo de criação de microempreendedores individuais de moda? Cada vez mais pode-se ver a importância das redes sociais como novas formas e ferramentas de criação em moda, pois elas consistem em uma plataforma importante



do cotidiano das pessoas que compartilham uma multiplicidade de gostos, estilos de vida, paixões, experiências e, portanto, fonte de inspiração para o desenvolvimento de novos produtos. Além disso, as marcas interagem com seu público-alvo para compreender melhor suas necessidades, além de buscar participação de opinião acerca de ideias de novos produtos, através da inspiração e cocriação (BALBINO, 2019; KAULING, 2017).

É importante ressaltar que a presente pesquisa consiste em um recorte de um estudo macro, resultado da dissertação de mestrado em Indústria Criativa pela Universidade Feevale/RS, acerca dos processos criativos de microempreendedores de moda no Rio Grande do Sul. Para esta pesquisa macro, foram realizadas entrevistas com cinco MEIs de moda e, portanto, serão apresentadas as respostas de três perguntas, que se relacionam com a temática de plataformas de redes sociais. Dessa forma, primeiramente, traz-se para a discussão o referencial teórico acerca das plataformas de redes sociais, discorrendo sobre algumas funcionalidades acerca do Instagram e do Pinterest. Após, a etapa de apresentação dos resultados, que serão analisados de forma qualitativa, no intuito atribuir significado aos dados, de forma clara e descritiva (PRODANOV; FREITAS, 2013).

## **PLATAFORMAS DE REDES SOCIAIS**

As plataformas digitais favoreceram transformações radicais em diversos setores da indústria, causando um grande impacto econômico e social, principalmente através da otimização de recursos para diversos fins. O impacto gerado pelo maior número de usuários criando e consumindo valor em uma plataforma leva aos efeitos de rede, que podem ser positivos ou negativos. Segundo Parker, Van Alstyne e Choudary (2016), efeitos positivos de rede estão na capacidade da plataforma manter uma comunidade gerando valor significativo para cada usuário dela e, efeitos negativos de rede ocorrem quando plataformas mal administradas reduzem o valor percebido para os usuários.

Conforme Hesmondhalgh (2012), o mundo digital abriu as fronteiras para o público ter acesso aos mais diversos conteúdos, fazendo com que pequenos produtores de conteúdo pudessem ser visualizados do outro lado do planeta. A autenticidade cultural ganha ainda mais força ao atravessar fronteiras nacionais, visto que as mudanças tecnológicas mudaram completamente os hábitos de se viver em sociedade, modificando o dia a dia em diversas atividades. Essa cultura da comunicação digital combina com a essência da moda: efêmera, de



renovação acelerada e com um alto poder de sedução (LIPOVETZKY, 1989), fazendo com que as plataformas digitais se tornassem um grande aliado das marcas de moda, proporcionando uma maior aproximação com os consumidores e, também – ou consequentemente – com os grandes difusores de tendências de moda.

À vista disso, as redes sociais podem ser utilizadas como novas formas e ferramentas de criação em moda, pois elas consistem em uma plataforma importante do cotidiano das pessoas que compartilham uma multiplicidade de gostos, estilos de vida, paixões, experiências e, portanto, fonte de inspiração para o desenvolvimento de novos produtos (KAULING, 2017).

## O INSTAGRAM

Criado em 2010 por Kevin Systrom e Mike Krieger e, vendido para o Facebook em 2012, o Instagram, hoje, possui mais de 1 bilhão de usuários ativos mensais. Com foco no compartilhamento de fotos da vida cotidiana, de pessoas, ambientes, comidas e até produtos, o aplicativo também possui diversos filtros e possibilidades de edição, além dos *Stories*, ferramenta que exhibe histórias através de vídeos curtos e fotos que ficam disponíveis no perfil por 24 horas (RISSATI, 2019).

Dessa forma, o Instagram tem sido utilizado como fonte de pesquisa de tendências de moda através da facilidade e agilidade em postar e, com a ascensão de influenciadores digitais, as informações estão cada vez mais na “palma da mão” das marcas, sendo uma ferramenta gratuita de pesquisa – o que o público-alvo está consumindo, onde está frequentando; o que os grandes propagadores de tendências estão prevendo e; o que os principais concorrentes estão fazendo e como estão se posicionando diante as mudanças, cada dia mais aceleradas. Seguindo essa referência, a própria plataforma possui uma ferramenta de pesquisa, através do ícone de uma lupa: o recurso de descobrir indica uma série de perfis e postagens para ver e navegar, com base nas pessoas que o perfil segue, fotos que curte, *hashtags* que utiliza e informações que o Instagram vai coletando do usuário, gerenciando todos esses dados e, transformando-os em inteligência, ou seja, a famosa personalização (MLABS, 2021).

Portanto, o Instagram consiste em uma plataforma de redes sociais que é utilizada tanto por usuários comuns, quanto marcas e empresas, que utilizam do aplicativo para interagir com seus consumidores, criando um vínculo mais pessoal com os mesmos e, também, como uma ferramenta de pesquisa de inspiração, tendências, concorrentes e novas formas de criação.



## O PINTEREST

Como uma aliada ao processo de pesquisa e armazenamento fácil de imagens, surge a plataforma do Pinterest, uma rede social que possui uma alta quantidade de imagens e vídeos em seu banco de dados – o qual conta com a contribuição de usuários que, além de salvar fotos, também inserem imagens para dentro da plataforma – muito utilizada por estilistas e designers no seu dia a dia (THOMASI; SCÓZ; SEIBEL, 2019). Criado em 2010 por Ben Silbermann, o Pinterest é uma rede social que permite o compartilhamento de imagens e vídeos, as quais podem ser salvas em pastas na própria plataforma – criadas pelo usuário de acordo com suas preferências, como por exemplo: tendências verão 2022; silhuetas; blusas; saias; vestidos; maquiagens; acessórios etc. Essas pastas, que ficam visíveis no perfil do usuário, podem ser públicas – permitindo que outros usuários tenham acesso às imagens salvas – ou privadas, que só o próprio usuário tem acesso aos *Pins* que salvou nelas. Essas pastas podem representar coleções ou, até *moodboards* de inspiração, considerando a disposição que elas aparecem na plataforma. O diferencial do Pinterest é que ele acabou por se tornar um amplo catálogo de referências para os usuários (PINTEREST BUSINESS, 2021).

Segundo uma pesquisa realizada por Pereira e Schneider (2016, p. 162), “o Pinterest é largamente utilizado durante o expediente [...] podem garantir, com isso, melhores resultados e trocas de informações mais rápidas entre seus funcionários, aprimorando o processo criativo e o desenvolvimento de novos produtos”. Portanto, a plataforma mostra-se um importante aliado para o processo de criação em moda pois, além de ser uma rede social que permite a fácil interação entre a equipe de estilo, também pode ser considerada como um site de curadoria, através da possibilidade de coleta, organização e compartilhamento de conteúdos visuais entre os usuários, de forma rápida e simples (THOMASI; SCÓZ; SEIBEL, 2019).

## A PESQUISA

Dessa forma, este estudo admite natureza básica, enquadrando-se como exploratória, compreendendo em suma, levantamentos bibliográficos, documentais e entrevistas e; explicativa, de forma a tomar conhecimento acerca da realidade de microempreendedores individuais em seus processos criativos, através da utilização das redes sociais como ferramenta de pesquisa (PRODANOV; FREITAS, 2013). Para a análise de dados, foram selecionados



cinco microempreendedores individuais para realizar entrevistas semiestruturadas, aprofundando os conceitos vistos no referencial teórico. Foi elaborado um roteiro semiestruturado e, a partir dele, foram selecionadas três perguntas para apresentar neste trabalho: a) “Qual a importância das plataformas de redes sociais para a sua marca? E quais delas você mais utiliza?”; b) “Você utiliza das redes sociais como ferramenta para desenvolvimento da sua criatividade?” e; c) “Você utiliza das redes sociais como ferramenta de trabalho de pesquisa (de comportamento, público-alvo, tendências, produtos, concorrentes...)?”.

Das cinco entrevistas, quatro foram virtuais, utilizando a plataforma *Jitsi Meet*, que permite a realização e gravação de vídeo chamadas e, uma delas foi presencial na loja física da empreendedora, utilizando como recurso o gravador do celular. Os nomes das entrevistadas e de suas marcas foram trocados para preservar suas identidades portanto, a Microempreendedora B (MB) possui sua empresa há menos de um ano, com sede em Porto Alegre/RS, atua na área de vestuário/confecção. A Microempreendedora C (MC) começou a empreender há 6 anos na área de acessórios de moda, possui ateliê e loja física em Campo Bom/RS – que divide com outras duas empreendedoras. Já a Microempreendedora D (MD) abriu sua empresa há quase 2 anos na cidade de Ivoti/RS, atua de forma totalmente digital e trabalha na área de vestuário/confecção. A Microempreendedora E (ME) possui empresa há quase 4 anos, registrada na cidade de Bagé/RS, criando e produzindo produtos de calçados e acessórios. E, por fim, a Microempreendedora F (MF) empreende há cerca de 3 anos na cidade de Alvorada/RS, atuando no ramo de vestuário/confecção, artigos pessoais e de decoração.

Dessa forma, a Microempreendedora D vê o uso das redes sociais como o início e o fim de todo o seu processo, mostrando e vendendo seus produtos. Ela utiliza apenas do Instagram, e finaliza confirmando que a plataforma é bastante completa pois ali ela consegue ver o que está acontecendo – como meio de inspiração – visto que “moda a gente fala de roupa, mas tem toda a parte do comportamento... e tá tudo ali [no Instagram]”. A Microempreendedora F também utiliza apenas do Instagram para sua marca, de forma a compreender o seu público, o que as pessoas estão procurando, que tipo de fotos gostam, além de “entrar nas *hashtags*, o que as pessoas tão procurando mais e começar a fazer esse mapeamento em quase todos os conteúdos [...] busco assim, referência pra conseguir compreender o que as pessoas tão buscando e até pra fazer uma análise dos perfis né”.



A Microempreendedora E concorda que o Instagram, hoje, consiste em uma grande passarela e, também, vitrine para as marcas, considerando um momento de auge do uso do meio digital em função da pandemia do Covid-19. Ela vê a plataforma como um ótimo meio de divulgação, onde no mesmo espaço encontra-se as grandes marcas e, também, pequenas, tudo num único lugar. Já a Microempreendedora C, alega utilizar, principalmente, o Instagram, mas que, durante o período de quarentena utilizou do Spotify também para criar *playlists*, pois acredita na importância de criar um vínculo com todas as redes sociais que seu público está inserido. Além disso, ela busca por fazer análises sobre qual tipo de conteúdo direcionar para cada plataforma e afirma gostar de analisar os perfis de suas clientes, “falando de tendências, no Instagram é o que mais tem né, é a moda que tá na rua, é o que as pessoas estão usando, é uma coisa mais rápida... e também tem as influenciadoras”. E, a Microempreendedora B expõe que criou um perfil da marca em cada uma das plataformas existentes, como Facebook, Instagram, Twitter, Tik Tok e Youtube, mas no intuito de preservar o nome da marca em cada uma delas e ter o domínio das contas, apesar de utilizar mesmo apenas as duas primeiras.

Quando questionadas se utilizam das redes sociais como ferramenta para desenvolvimento da sua criatividade, a Microempreendedora D alega que segue perfis de influenciadoras e, principalmente, concorrentes, para poder acompanhar o que eles estão fazendo e quem é o seu público além de obter referências para pensar suas estratégias. Já para a Microempreendedora E, as redes sociais não têm impacto direto no seu processo criativo – o qual é muito orgânico – mas, ela utiliza das métricas para compreender quem é o seu público-alvo e para quem ela está criando. A Microempreendedora F utiliza do Instagram mais como rede social e *marketing* e, do Pinterest para buscar referências de tipografia, disposição de frases e inspirações para o desenvolvimento de suas estampas. Para a Microempreendedora C o Instagram é uma das ferramentas mais importantes, completando que “se eu fico um dia sem entrar no Instagram parece que é um dia que eu não vivi, é tudo ali dentro”.

Já a Microempreendedora B diz que segue alguns artistas que ela gosta, além de fotógrafos, pois acredita que eles carregam uma sensibilidade no olhar, acompanhando o sentimento das pessoas. Além disso, ela acompanha os conteúdos gratuitos da plataforma WGSN, que aborda sobre tendências comportamentais e utiliza bastante do Pinterest para buscar referências imagéticas. Ela insiste na importância de se munir com o máximo de referências que puder obter através do convívio virtual, visto que “a gente sempre que tem que prever o drama que as pessoas vão estar sentindo, para ver o que eles vão ter vontade, lá na



frente, de talvez consumir”. Tal resposta completa que o Instagram também tem sido utilizado como fonte de pesquisa de tendências de moda, através da facilidade e agilidade em postar nas redes sociais e, com a ascensão de influenciadores digitais, sendo uma ferramenta gratuita de pesquisa – o que o público-alvo está consumindo, onde está frequentando (MLABS, 2021). E, o Pinterest surge como uma rede social com alta quantidade de imagens e vídeos em seu banco de dados, facilitando a criação de *moodboards* em suas pastas (THOMASI; SCÓZ; SEIBEL, 2019), bastante utilizada por designers e estilistas por ser uma ferramenta gratuita de pesquisa dos mais diversos conteúdos (PEREIRA; SCHNEIDER, 2016).

Nesse sentido a Microempreendedora E alega que, como inspiração de comportamento, público-alvo, tendências e produtos ela utiliza mais do Pinterest, onde ela inicia e finaliza o seu dia. Por se tratar de uma pessoa que gosta de observar, ela normalmente fotografa muito do que ela vê na rua, em viagens e que junta isso tudo com as imagens de referências que busca na plataforma. A Microempreendedora C utiliza das redes sociais para compreender o mercado, do seu público e, também sobre seus concorrentes para entender como eles estão se posicionando, o que estão fazendo e quem está comprando deles. E a Microempreendedora F completa dizendo que sua pesquisa envolve não necessariamente o comportamento das pessoas, mas sim as tendências que estão acontecendo, aquilo que as pessoas gostam, qual tipo de público gosta de cada tipo de produto que ela busca.

Portanto, esse elemento de análise buscou compreender o vínculo da criatividade com o uso das plataformas de redes sociais no dia a dia das microempreendedoras entrevistadas, visto que estas consistem em plataformas e ferramentas gratuitas que trazem consigo diversas funcionalidades para um melhor posicionamento e comunicação das marcas, indo além disso, proporcionando um ambiente de pesquisa de comportamento e tendências de moda.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a partir da análise das entrevistas acima, pode-se atingir ao objetivo deste estudo em verificar a utilização das plataformas de redes sociais como ferramenta de pesquisa em moda, através da fala das cinco microempreendedoras sobre a utilização das redes sociais no seu dia a dia. Além disso, a análise também permitiu responder à questão norteadora: plataformas de redes sociais, como Instagram e Pinterest, são consideradas boas ferramentas de pesquisa para o processo de criação de microempreendedores individuais de moda? Onde, as



microempreendedoras citam outras plataformas de redes sociais, mas pelos seus discursos pode-se perceber a relevância, em primeiro lugar, do Instagram, que está presente no dia a dia de todas elas, servindo como um termômetro acerca do comportamento das pessoas, de mercado, de concorrentes e diversos outros fatores. E, em segundo lugar, utilizam do Pinterest na busca por referências imagéticas durante os seus processos de criação e desenvolvimento de novos produtos. Dessa forma, conclui-se que sim, o Instagram e o Pinterest, são consideradas boas ferramentas de pesquisa para o processo de criação de pequenas marcas.

## REFERÊNCIAS

BALBINO, Joyce Kelly Gomes. **O papel das redes sociais na disseminação de produtos de moda e valores culturais: A moda e as representações nos media sociais.** Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Design de Moda. UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, Engenharia, Covilhã, julho de 2019.

HESMONDHALGH, David. **The Cultural Industries.** SAGE Publications Ltd; 3rd edition. 2012.

KAULING, Graziela Brunhari. **AS REDES SOCIAIS COMO DISPOSITIVOS DO IMAGINÁRIO E POTENCIALIZADORAS SIMBÓLICAS DE NOVAS FORMAS DE CRIAÇÃO DE MODA.** Tese Curso de Doutorado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão – SC. 2017.

LABS. **Sugestões de Pesquisa no Instagram: como funciona?** Disponível em: <<https://www.mlabs.com.br/blog/sugestoes-de-pesquisa-no-instagram/>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

PARKER, G.; VAN ALSTYNE, M.; CHOUDARY, S. **Platform Revolution - How networked markets are transforming the economy and how to make them work for you** (2016).

PEREIRA, Laura Pedri; SCHNEIDER, Thaissa. Mood board digital: o uso do Pinterest por criadores de Moda e Design. **IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte**, Vol. 9 no 1, São Paulo: Centro Universitário Senac. 2016.

PINTEREST BUSINESS. Disponível em: <<https://business.pinterest.com/en/audience/>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

RISSATI, Danielle Cristina Santos Ribeiro. **O USO DO INSTAGRAM COMO PROPULSOR NOS RESULTADOS DA COMERCIALIZAÇÃO E PROMOÇÃO DE PRODUTOS DE EMPREENDEDORES DE PEQUENOS NEGÓCIOS EM GOIÂNIA – ESTUDO DE CASO NAS EMPRESAS CIA DO NINHO E VIVIANE VAZ JOIAS.** Centro





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

Universitário De Goiás Uni-ANHANGUERA. Curso De Administração. Goiânia, junho de 2019.

SAKUDA, Luiz Ojima. **Plataformas digitais e o novo espírito do capitalismo**: Estudo sobre a indústria de jogos digitais. Itaú Cultural. Disponível em:

<<https://www.itaucultural.org.br/plataformas-digitais-e-o-novo-espírito-do-capitalismo-estudo-sobre-a-industria-de-jogos-digitais>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

THOMASI, Milene Machado; SCÓZ, Murilo; SEIBEL, Silene. Análise semiótica da interação do usuário com a utilização da plataforma Pinterest em pesquisa de moda. **Revista Brasileira de Design da Informação / Brazilian Journal of Information Design**. São Paulo, v. 16, n. 1. 2019.





## ESTATÍSTICA BÁSICA NO ENSINO REMOTO NO CONTEXTO DA COVID - 19

### BASIC STATISTICS IN REMOTE TEACHING IN THE COVID-19 CONTEXT

Rafael do Amaral Reis

Escola de Aplicação Feevale

**Resumo:** O projeto Estatística e os Vírus, aplicado aos estudantes do terceiro ano do Ensino Médio da Escola de Aplicação Feevale teve como principal objetivo o entendimento de estatística básica dos estudantes participantes sobre a pandemia por COVID-19. Ainda, buscou, nesse contexto, desenvolver as habilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), a BNCC, para o estudo da estatística, na modalidade de ensino remoto. Os estudantes foram desafiados a pesquisar dados, explorar materiais fornecidos pelo professor e participar de debates. A finalização do projeto se deu por meio de uma pesquisa amostral, em que os dados foram apresentados por tabelas e gráficos, com cálculos de média e desvio padrão. Além disso, os estudantes evidenciaram suas aprendizagens com seus relatos e com uma conclusão autoral a respeito dos estudos do projeto.

**Palavras-chave:** Ensino de matemática; Ensino remoto; Estatística.

**Abstract:** Basic statistics in remote teaching in the COVID-19 context

The Estatística e os Vírus project, applied to high school senior students of Escola de Aplicação Feevale had, as main objective, the understanding of basic statistics of the participating students about the COVID-19 pandemic. Still, it aimed, in this context, to develop the skills proposed by the Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), the BNCC, for the study of statistics, in the remote teaching modality. Students had been challenged to research data, explore materials provided by the teacher and participate in discussions. The project has been completed through a sampling survey, in which the data had been presented by tables and graphs, with calculations of average and standard deviation. In addition, the students had shown their learning with their reports and with an authorial conclusion regarding the studies of the project.

**Keywords:** Mathematics teaching; Remote teaching; Statistics.

## INTRODUÇÃO

Em meados do mês de março de 2020 o Brasil foi abalado com as notícias da chegada do novo CORONA vírus em seu território. Diante disso, muitas providências foram tomadas a partir da declaração de Pandemia pela Organização Mundial da Saúde, entre elas a suspensão das aulas presenciais. Com essas mudanças, as aulas passaram a ser administradas remotamente, com a disponibilização de materiais e tarefas na plataforma, além de aulas on-line (aulas síncronas). Os desafios do ensino na educação básica que já eram imensos, como a falta investimento no ensino público, a baixa valorização dos docentes e pouca estrutura física em diversos aspectos, segundo BASTOS, Manoel de Jesus. **Os Desafios da Educação Brasileira**, passavam agora a ter mais esse grande desafio. Todos os projetos iniciados no



ambiente presencial passaram para o ambiente virtual e novos projetos passaram a ser aplicados diretamente nessa nova modalidade. Entre esses novos projetos está o projeto Estatística e os Vírus, que trabalhou os principais conceitos da estatística de maneira contextualizada no atual cenário brasileiro.

## DESCRIÇÃO DO PROJETO ESTATÍSTICA E OS VÍRUS

O ensino de estatística nas escolas de ensino médio está previsto na BNCC (2017), vinculado a competências específicas e a habilidades que devem ser desenvolvidas pelos estudantes, por isso o projeto é descrito com base nessas habilidades para que sejam trabalhadas e avaliadas. No referido projeto, as competências específicas que foram trabalhadas são:

Propor ou participar de ações para investigar desafios do mundo contemporâneo e tomar decisões éticas e socialmente responsáveis, com base na análise de problemas sociais, como os voltados a situações de saúde, sustentabilidade, das implicações da tecnologia no mundo do trabalho, entre outros, mobilizando e articulando conceitos, procedimentos e linguagens próprios da Matemática.

Compreender e utilizar, com flexibilidade e precisão, diferentes registros de representação matemáticos (algébrico, geométrico, estatístico, computacional etc.), na busca de solução e comunicação de resultados de problemas.

Dentro dessas competências, trabalhou-se algumas habilidades abaixo descritas:

Planejar e executar pesquisa amostral sobre questões relevantes, usando dados coletados diretamente ou em diferentes fontes, e comunicar os resultados por meio de relatório contendo gráficos e interpretação das medidas de tendência central e das medidas de dispersão (amplitude e desvio padrão), utilizando ou não recursos tecnológicos.

Analisar tabelas, gráficos e amostras de pesquisas estatísticas apresentadas em relatórios divulgados por diferentes meios de comunicação, identificando, quando for o caso, inadequações que possam induzir a erros de interpretação, como escalas e amostras não apropriadas.

Identificar e descrever o espaço amostral de eventos aleatórios, realizando contagem das possibilidades, para resolver e elaborar problemas que envolvem o cálculo da probabilidade.



Resolver e elaborar problemas, em diferentes contextos, que envolvem cálculo e interpretação das medidas de tendência central (média, moda, mediana) e das medidas de dispersão (amplitude, variância e desvio padrão).

Construir e interpretar tabelas e gráficos de frequências com base em dados obtidos em pesquisas por amostras estatísticas, incluindo ou não o uso de softwares que inter-relacionem estatística, geometria e álgebra. Interpretar e comparar conjuntos de dados estatísticos por meio de diferentes diagramas e gráficos (histograma, de caixa (box-plot), de ramos e folhas, entre outros), reconhecendo os mais eficientes para sua análise.

Diante desse embasamento legal, os estudantes receberam diversos materiais sobre pesquisas atuais, vários índices do Brasil e do mundo em relação ao avanço da Pandemia. Foram desafiados de diversas maneiras, como fazer estimativa de novos casos para um determinado período de tempo, analisar gráficos e fazer tradução das informações apresentadas tirando suas próprias conclusões, debater com professores e colegas a situação atual do país e do mundo nos aspectos de saúde e economia e por fim, fazer uma pesquisa amostral para verificar se existe ou não discrepância entre o que foi estudado e a situação real na comunidade que estão inseridos.

## **ALGUMAS APLICAÇÕES DO PROJETO ESTATÍSTICA E OS VÍRUS**

O projeto passou a ser aplicado no dia 25 de março de 2020 aos estudantes do terceiro ano do ensino médio. Semanalmente foram postados novos materiais, novas atividades e/ou foram feitas aulas on-line. A última data foi um encontro em ambiente de aula on-line para os últimos esclarecimentos a respeito do trabalho final.

### **3.1 APLICAÇÃO 25/03/2020**

Neste dia foram apresentados aos estudantes alguns gráficos referentes a outros vírus que atingiram a população mundial, como os de morte por H1N1 ao longo de alguns anos, novos casos de Aids no Brasil nos anos de 2009 e 2010 e o crescimento do número de infectados por COVID-19 no Brasil no período de 16 a 20 de março de 2020. Foi solicitado aos estudantes que apreciassem os gráficos e que tentassem refletir matematicamente a respeito de cada um e se havia alguma semelhança entre eles. Além disso, foi passado um link desafiando os estudantes



a responderem a seguinte pergunta: Com base em seus estudos de hoje, poste uma resposta estimando o número de casos da próxima terça 31/03/2020. Conforme a imagem abaixo:

Imagem (print) do AVA Feevale, formulário para estimativa de novos casos

## ESTIMATIVA DE COVID 19 EM 31/03/2020

Com base nos estudos de hoje, faça uma estimativa (pensando matematicamente) no número de casos da COVID 19 na próxima semana no Brasil.

Olá Rafael do Amaral, quando enviar este formulário, o seu nome e endereço de email serão exibidos para o proprietário do formulário.

\* Obrigatória

1. Conforme sua análise matemática quantos serão os casos de COVID 19 confirmados teremos no Brasil no dia 31/03/2020? \*

Enviar

Fonte: sistema AVA Blackboard – Feevale

Algumas respostas dos estudantes:

ESTUDANTE	Conforme sua análise matemática quantos serão os casos de COVID 19 confirmados teremos no Brasil no dia 31/03/2020?
A	27276
B	3 mil
C	3,000 MIL CASOS
D	3.200
E	3.350
F	4578 pessoas infectadas
G	4579
H	4661
I	5 mil
J	5.600
K	5.700 casos
L	5.717
M	5125
N	5347a outra resposta minha tá errada



## 3.2- APLICAÇÃO 02/04/2020

Neste dia foi apresentado aos estudantes uma imagem feita a partir de uma imagem de televisão, onde foram divulgados os números de casos no de COVID-19 no Brasil do dia 31/03/2020, para que os estudantes pudessem comparar com as estimativas feitas por eles na semana anterior (algumas respostas na tabela acima).

Imagem de um tele jornal brasileiro:



Fonte: próprio autor, imagem do próprio aparelho de televisão.

Ao questionar os estudantes na aula on-line sobre suas respostas muitos revelaram que apenas “chutaram” um número e a maioria relacionou a estimativa a uma média dos dias em que tinham acesso aos números, no entanto, os estudantes que chegaram muito perto do número oficial fizeram projeções de crescimento diário em percentual.

## 3.3- APLICAÇÃO 09/04/2020

Nesta data, os estudantes receberam um relatório do Ministério da Saúde com muitas informações a respeito da pandemia no Brasil, conforme imagem e link abaixo:

Imagem do boletim do Ministério da Saúde

Sumário	
OBJETIVOS ESTRATÉGICOS DO SUS PARA A COVID-19	3
PREPARAÇÃO E RESPOSTA	3
MEDIDAS NÃO FARMACOLÓGICAS	3
Distanciamento Social Ampliado	6
Distanciamento Social Seletivo	7
Isolamento total (lockdown)	7
FASES EPIDÊMICAS	8
AÇÕES DO MINISTÉRIO DA SAÚDE	10
ANÁLISE DE RISCO PARA O SUS	11
Fundamentos da análise	11
Avaliação da gravidade do impacto sobre a saúde pública	13
Caracterização do evento	16
Insustentado e insperado	16
Avaliação da propagação	16
Conclusão da avaliação de risco nacional até 28 de 31	17
SITUAÇÃO EPIDEMIOLÓGICA NO MUNDO	17
SITUAÇÃO EPIDEMIOLÓGICA NO BRASIL	19

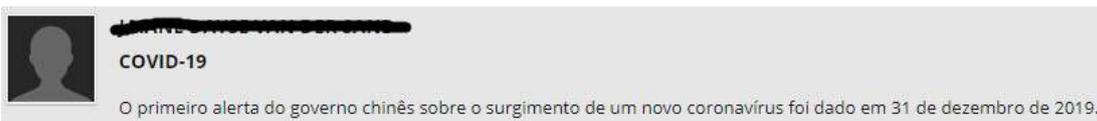
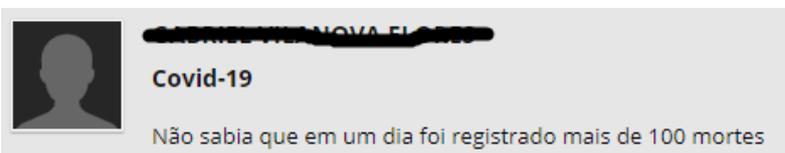
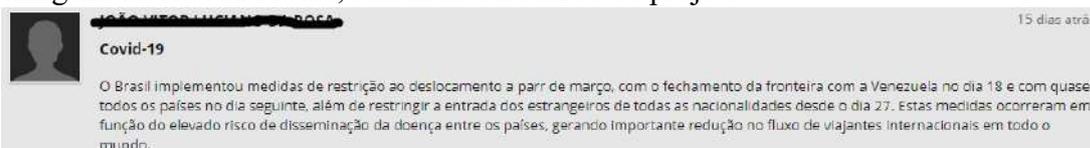
Destaques
• No mundo, até o dia 06 de abril de 2020, foram confirmados 1.210.956 casos de COVID-19 e 67.594 óbitos, com taxa de letalidade de 5,6%.
• No Brasil, até o dia 06 de abril de 2020, foram confirmados 12.056 casos de COVID-19 e 553 óbitos, com taxa de letalidade de 4,6%.
• Risco OMS global: muito alto.
• Risco pelo COE-COVID19 Brasil: muito alto.
• A partir de 13 de abril, os municípios, Distrito Federal e Estados que implementaram medidas de Distanciamento Social Ampliado (DSA), onde o número de casos confirmados não tenha impactado em mais de 50% da capacidade instalada existente antes da pandemia, devem iniciar a transição para Distanciamento Social Seletivo (DSS). Os conceitos são apresentados neste boletim.
• Os locais que apresentarem coeficiente de incidência 50% superior à estimativa nacional devem manter essas medidas até que o suprimento de equipamentos (leitos, EPI, respiradores e testes laboratoriais) e equipes de saúde estejam disponíveis em quantitativo suficiente, de forma a promover, com segurança, a transição para a estratégia de distanciamento social seletivo conforme descrito na preparação e resposta segundo cada intervalo epidêmico.

Fonte: site do Ministério da Saúde



De posse desse material, os estudantes foram convidados a explorar o mesmo ao longo da semana e após essa exploração foram desafiados a participar de um fórum, onde deveriam postar uma nova linha de discussão sobre algo novo para eles, ou seja, que não tinham ouvido falar, ou que não tivessem visto em noticiários, por exemplo. Além disso deveriam comentar em linhas de discussão aberta por outros colegas, segue abaixo algumas postagens:

## Imagens do AVA Feevale, fórum de discussão do projeto



**Fonte:** sistema AVA Blackboard – Feevale

### 3.4 APLICAÇÃO 30/04/2020

Neste dia foi feita uma aula on-line com material explicativo para o cálculo do desvio padrão. Também no contexto da COVID-19 foi elaborada uma situação problema com dados hipotéticos onde foi possível desenvolver o passo-a-passo para chegar ao valor do desvio padrão. Além do objetivo principal de calcular o desvio padrão do número de casos, outro objetivo foi mostrar a precisão da informação a cada medida de dispersão diferente.

### 3.5 APLICAÇÃO 07/05/2020

No dia 07/05 foi oferecida uma aula on-line para propor aos estudantes o trabalho final do projeto, onde eles teriam pela frente uma pequena pesquisa amostral, que deveria ser feita de forma virtual, onde especialmente deveriam entrevistar os membros da família e os amigos mais próximos.



## APRECIÇÃO DOS TRABALHOS DOS ESTUDANTES

Grande parte dos estudantes realizou as tarefas propostas durante o projeto o que inclui o trabalho final, esta última tarefa foi de grande importância para evidenciar as aprendizagens construídas no período de aplicação, verifica-se o quanto alguns se dedicaram para fazer uma pesquisa com maior amplitude possível e assim aplicar os conceitos estudados. A parte mais relevante dos trabalhos são as conclusões, onde os estudantes relatam percepções que antes da aplicação não relatavam, como as distorções de dados ou informações sem relevância apresentadas nos noticiários. Além disso, muitos foram além das exigências mínimas, utilizaram softwares específicos para criação de arte e apresentação de slides.

As habilidades e competências descritas no projeto ficam totalmente evidenciadas nas entregas dos estudantes, pois o trabalho final reúne a necessidade da aplicação, o que evidencia o desenvolvimento das competências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvida alguma os estudos na modalidade “remota emergencial”, são um grande desafio a todos, no entanto, abre caminho para novas possibilidades na educação básica. Essa nova modalidade mostra o quanto os estudantes precisam ser preparados durante toda a educação básica para o uso das tecnologias digitais disponíveis há algum tempo, me refiro a softwares básicos de edição de textos e planilhas eletrônicas, assim como softwares de apresentações em slides, por exemplo, além disso o uso da internet para pesquisas com fontes confiáveis. Também é preciso lembrar que os estudantes que fizeram parte do projeto estão no terceiro ano do Ensino médio, dentre todos na educação básica acredita-se que são os que têm maior domínio das tecnologias digitais e tem a autonomia mais desenvolvida.

Conversando com os estudantes e observando os resultados da expectativa deles para uma simulação de novos casos para uma semana seguinte e depois analisando os trabalhos finais, com a pesquisa amostral realizada por eles, observo o quanto passaram a compreender melhor as notícias sobre a pandemia que na sua maior parte é de forma gráfica.

Observou-se que alguns estudantes apresentaram trabalhos que superaram a expectativa do projeto, no entanto alguns estiveram abaixo das mesmas expectativas, observa-se que os mesmos não têm o hábito da leitura e talvez a autonomia menos desenvolvida, pois o ambiente virtual exige do estudante uma organização própria para o tempo de estudos.



Nesta escola a avaliação é processual, onde os estudantes já sabem muito bem como esse processo acontece, ou seja, sabem que tudo está sempre sendo avaliado e que o mais importante nem sempre são as entregas, a participação pode ser tão importante quanto ou até mais importante, mas neste caso do ensino remoto as entregas foram imprescindíveis para evidenciar as aprendizagens, especialmente a tarefa final que reuniu parte de todas as anteriores.

O objetivo principal do projeto foi alcançado, pois compreender a importância da estatística no momento atual é fundamental para qualquer cidadão e observando o quanto os estudantes ampliaram sua percepção nisso foi incrível. Algumas frases escritas por estudantes no trabalho final do projeto:

Concluí com este trabalho que as pessoas ao meu redor e com a mesma realidade que eu, estão, a maioria tomando os devidos cuidados com a prevenção do vírus. Dos adultos que responderam a maioria está trabalhando em home office e dos jovens todos estão estudando em casa e saindo somente se o necessário. Tive somente uma resposta de alguém que não está respeitando o isolamento social, isso me deixou triste obviamente, mas também fiquei contente em saber que todos os outros estão respeitando o indicado.

Sabemos que a melhor forma de se prevenir é manter o distanciamento social, limpar e desinfetar objetos e locais tocados com frequência e fazer o uso de máscara e Álcool gel, para que assim possamos fazer com que o vírus não contamine mais pessoas, logo não superlotando os hospitais para os profissionais da saúde poderem atender a toda população. (ESTUDANTES que participaram da aplicação, 2020)

Me sinto mais confiante para elaborar e aplicar novos projetos nessa modalidade, mas com um desafio muito grande de garantir a efetiva participação de todos e conseguir colher evidências da construção da aprendizagem proposta.

## REFERÊNCIAS

SAIZ, C.I.P 2008. **Didática da Matemática**. São Paulo: Artmed.

BOALER, J. 2019. **O que a matemática tem a ver com isso?**. Porto Alegre: Penso.

CRATO, N. 2009. **A matemática das coisas: do papel A4 aos cordões de sapatos, do GPS às rodas dentadas**. São Paulo: Editora Livraria da Física.

GOMES S.; MONTEIRO I. 2020. **Estudo preliminar sobre a pandemia do corona vírus** (estudo 5) FURG-IMEF





## HIV/AIDS E COMUNICAÇÃO EM SAÚDE NA INTERNET: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O “SUPER INDETECTÁVEL”

HIV/AIDS, AND HEALTH COMMUNICATION ON THE INTERNET: A CASE STUDY ON “SUPER INDETECTÁVEL”

Dorivaldo Pantoja Borges Junior; Analaura Corradi; Douglas Junio Fernandes Assumpção

Universidade da Amazônia

**Resumo:** Não há como conceber a sociedade destituída do processo comunicacional, visto que é por este que a transmissão cultural acontece. Com as inovações tecnológicas, as possibilidades de comunicação se expandiram, o que atravessou, também, o campo da saúde. Nesse sentido, dando enfoque à Infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e o adoecimento pela Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids), o presente artigo objetiva exemplificar possibilidades de processo comunicacional presente no vídeo *Vivo com HIV. Vou morrer com Aids?* (2019) do canal *Super Indetectável*, utilizando Bordenave (2017) na criação das categorias: 1. *Autonomia*; 2. *Pensamento crítico/Indagação social*. Concluiu-se que o conteúdo presente no vídeo corresponde às categorias criadas, bem como mobiliza a transmissão de informações importante à qualidade de vida das pessoas.

**Palavras-chave:** HIV/Aids. Comunicação em Saúde. Internet. Super Indetectável

**Abstract:** There is no way to conceive society devoid of the communication process, since it is for this that cultural transmission takes place. With technological innovations, the possibilities of communication have expanded, which has also crossed the field of health. In this sense, focusing on Human Immunodeficiency Virus Infection (HIV) and illness by Acquired Immunodeficiency Syndrome (AIDS), this article aims to exemplify possibilities the communication process presents in the video *Vivo com HIV. Vou morrer com Aids?* (2019) of the *Super Indetectável* channel, using Bordenave (2017) in the creation of the categories: 1. *Autonomy*; 2. *Critical thinking / Social inquiry*. It was concluded that the content present in the video corresponds to the categories created, as well as mobilizes the transmission of important information to the quality of life of people.

**Keywords:** HIV/Aids. Health Communication. Internet. Super Indetectável.

### 1 INTRODUÇÃO

O potencial de sociabilidade consiste na característica inerente à condição humana e, no que diz respeito à socialização, esta não pode ser concebida destituída do processo comunicacional porque é através deste que a cultura e informação são repassadas aos sujeitos pertencentes a um grupo específico (BORDENAVE, 2017).

Além disso, a comunicação proporciona acesso às possibilidades de pensar criticamente, gerar autonomia em si, nos demais sujeitos de uma sociedade e, em última instância, mobilizar condições para refletir sobre aspectos que acometem a vida humana (BORDENAVE, 2017).

Com o crescente uso da internet, a produção e disseminação de conteúdo comunicacional passaram a funcionar sob a lógica da autocomunicação de massas (CASTELLS, 2013). Ou seja,



para criar conteúdo e estabelecer relações comunicacionais, os agentes envolvidos no processo não precisam estar vinculados às grandes agências de comunicação, pelo contrário, estes passam a ser produtores autônomos de mensagens a serem divulgadas amplamente.

Com essa flexibilização midiática contemporânea, temas que outrora foram tabus no laço social passaram a compor os processos comunicacionais (BTESHE, 2018). Nesse contexto, questiona-se como o campo da Comunicação em Saúde contempla, entre os meios digitais, a discussão sobre doenças tais como as Infecções Sexualmente Transmissíveis, mais especificamente o HIV/Aids<sup>1</sup>.

O vírus da imunodeficiência Humana (HIV) corresponde ao agente causador da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids)<sup>2</sup>, cuja transmissão encontra vias privilegiadas através dos comportamentos de riscos pelo contato de sangue e outros fluidos através da relação sexual sem o uso de preservativos, do compartilhamento de seringas, da transfusão de sangue e da infecção vertical durante o nascimento (TIMERMAN; MAGALHÃES, 2015).

De acordo com dados publicados pelo Ministério da Saúde (2020), desde o início da epidemia da Aids, no ano de 1980, foram registrados, no Brasil, 349.784 óbitos cuja causa básica é o HIV/Aids, cujas maiores concentrações se mostram na região sudeste. Além disso, de 2007 à 2019, foram notificados 342.459 casos de infecção no Brasil, cujos pontos de maior incidência se mostram, também, na região sudeste. E, também, no que se refere à detecção de casos de Aids no Brasil desde o início da epidemia, o montante é de 1.011.617 identificados até junho de 2020.

No que diz respeito à subjetividade em questão no adoecimento por HIV/Aids, possíveis lutos já são vivenciados pelos sujeitos infectados e adoecidos, seja pela perda imaginária da condição de ser saudável, eventuais mudanças corporais e entre outros (LEBREGO; BORGES JUNIOR; BARROS, 2020).

Nesse cenário, o estigma que permeia a condição de viver com HIV também atravessa o psiquismo dos sujeitos de maneira a contribuir para a manutenção de uma figura que não obterá qualidade de vida (SORDI et al, 2015). Frente a esse contexto, a promoção de saúde à essa

<sup>1</sup> É possível utilizar tanto VIH quanto HIV para denominar o Vírus da Imunodeficiência Adquirida, bem como Sida ou Aids para Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Visto que a nomenclatura utilizada pelo criador do objeto aqui estudado utiliza HIV/Aids, este fora incorporado ao texto inteiro.

<sup>2</sup> Aids aqui não está escrita com todas as letras em caixa alta, semelhante ao boletim do Ministério da saúde publicado em dezembro de 2020 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).



população específica se mostra desafiadora, seja no tratamento de pessoas já infectadas e, até mesmo, nas ações de educação em saúde como forma de prevenção.

Na tentativa de compartilhar informações sobre este campo, o canal *Super Indetectável*<sup>3</sup>, cujo primeiro vídeo data de 28 de janeiro de 2017, foi criado pelo comunicador e estudioso da sexualidade humana João Geraldo Netto, brasileiro que convive com o HIV. Em entrevista para o *Jornalismo Periférico*<sup>4</sup>, um projeto de comunicação cujo objetivo é divulgar histórias marginalizadas, João Geraldo Netto (2019) conta como foi sua experiência de descoberta do diagnóstico entre seus exames de rotina, bem como o compartilhamento da notícia ao seu companheiro e o início do seu tratamento e dos seus estudos a respeito da sua condição.

O termo “indetectável” remete à condição de uma pessoa que convive com uma carga viral tão baixa ao ponto de não mais transmitir o vírus e ser detectável aos exames mais acurados, o que viabiliza a recomposição das células de defesa do organismo e, por conseguinte, uma maior qualidade de vida à pessoa que vive com HIV (TIMERMAN; MAGALHÃES, 2015).

No vídeo também são pontuadas questões importantes tais como o preconceito às pessoas que vivem com HIV, o que se mostra como um sério agravante na adesão do tratamento. Ademais, menciona a responsabilidade que cada sujeito deve ter com sua saúde, a importância da resiliência no processo de descobrimento da sorologia positiva e sobre a necessidade de informações serem divulgadas sobre o tema.

Frente às mudanças decorrentes de seu diagnóstico positivo, João Geraldo Netto passou a utilizar da produção de vídeos como dispositivo de comunicação sobre suas vivências e sobre as pesquisas científicas com as quais tinha contato. Em primeiro momento, publicava os vídeos em um canal pessoal do YouTube<sup>5</sup>, entretanto, posteriormente fora criado um canal próprio para tratar da temática. De acordo com a descrição do canal:

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC48y6mvG0I8ugyceRibgahw>. Acesso: 02 abr. 2021.

<sup>4</sup> A entrevista em questão fora publicada no canal do YouTube do jornal no dia 30 de maio de 2019 e está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=6SRUciQeCMQ>.

<sup>5</sup> O canal pessoal de João Geraldo Netto ainda permanece ativo no YouTube, entretanto o último vídeo fora publicado há 8 anos. Este está disponível em: <https://www.youtube.com/user/Netinhos/videos>.



O Super Indetectável é o canal de vídeos da Rede Mundial de Pessoas que Vivem e Convivem com HIV e surgiu da ideia de trazer a discussão livre sobre saúde sexual e reprodutiva, com ênfase nas infecções sexualmente transmissíveis. Aqui, são publicados vídeos sobre diversos assuntos relacionados a sexualidade, pois sabemos da importância da informação para a tomada da decisão consciente. Acreditamos que levar informação é a melhor maneira de combater os mitos e qualquer tipo de discriminação e violência.

Um possível exemplo de caracterização do canal se mostra no vídeo *Muito Prazer! Eu sou o Super Indetectável*<sup>6</sup>, através do qual o criador apresenta o seu canal, fala sobre a proposta e a identidade visual do *Super Indetectável* (Figura 1). O canal fora planejado para compartilhar informações sobre qualidade de vida, adesão ao tratamento, saúde sexual e reprodutiva, saúde mental e comentários sobre novas pesquisas e acontecimentos recentes publicados na mídia.

**Figura 1.** Identidade visual do canal Super indetectável.



**Fonte:** Site do Super indetectável. Disponível em: <https://www.superindetectavel.com/>. Acesso: 02 abr. 2021.

A figura 1 fora planejada para promover, de acordo com o criador do canal, uma maior identificação entre os seguidores, visto que não se trata de uma pessoa em questão, mas de um personagem sem rosto, podendo ser qualquer um (a). Até o dia 02 de abril de 2021, quando a coleta de dados deste estudo fora realizada, o canal contava com mais de 40 mil seguidores e 167 vídeos publicados. Para a realização deste estudo de caso, fora selecionado, à análise, o vídeo intitulado *Vivo com HIV. Vou morrer com Aids?'*<sup>7</sup> (2019), cujo o trabalho completo de produção fora de João Geraldo Netto.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fDDyDZbRZdY&t=1s>. Acesso: 02 abr. 2021.

<sup>7</sup> O vídeo em questão tem duração de 15 minutos e pode ser encontrado em:



O vídeo *Vivo com HIV. Vou morrer com Aids?* fora publicado no canal do YouTube no dia 10 de novembro de 2019 e, até o dia da coleta de dados (02 de abril de 2021), possuía mais de 15.000 visualizações, bem como 1,4 mil curtidas e 16 reações negativas. O material apresenta João Geraldo Netto, idealizador do canal, respondendo uma pergunta feita por Carlos Coutinho, amigo seu de Berlim, sobre o porquê das pessoas ainda morrem com Aids em meio a tantas inovações em saúde para o cuidado de pessoas que vivem com HIV. Este vídeo foi selecionado aleatoriamente entre os demais do canal, visando uma investigação exploratória da página e da temática com o objetivo de exemplificar as possibilidades do processo comunicacional no vídeo em questão.

## 2 MÉTODO

Para a realização do estudo, delimitou-se enquanto método a análise de conteúdo, cuja técnica de análise é a categorial, baseada nos pressupostos de Bardin (2011), utilizado para o estudo de processos comunicacionais de massa. Tal metodologia possui três etapas de de manejo do material a ser analisado, este que deve ser desmembrado e reagrupado em categorias menores.

Assumpção (2013), ao explicar sobre as etapas da análise de conteúdo, afirma que a pré-análise – primeira etapa – objetiva a organização dos materiais a serem utilizados para a coleta dos dados, bem como outros materiais que auxiliar na compreensão do fenômeno. Em Posteriormente, durante a etapa de descrição analítica, reúne-se o material para construir o *corpus* da pesquisa de maneira mais aprofundada, orientada pelo referencial teórico. Por fim, na interpretação referencial, ocorre a análise propriamente dita, com as inferências, reflexões e conexões de ideias.

Portanto, o material selecionado a ser submetido à análise fora o vídeo *Vivo com HIV. Vou morrer com Aids?* (2019) do canal *Super Indetectável*, utilizando Bordenave (2017), quando apresenta os possíveis efeitos do processo comunicacional na sociedade, para a criação das categorias: 1. *Autonomia do sujeito*; 2. *Pensamento crítico/Indagação social* Para a exposição dos dados, utilizou-se de um quadro que apresenta as categorias e os minutos de referência das ocorrências categóricas.

---

<https://www.youtube.com/watch?v=cFo4AzPCXTQ&t=33s>.





### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em resposta à pergunta de Carlos Coutinho, João Geraldo Netto (2019) explica, primeiramente, a diferença entre HIV e Aids (01:12 min – 04:29 min) para, em seguida, discorrer a respeito de pontos importantes à resposta da pergunta inicial. Na descrição do vídeo, consta que as respostas de João estão baseadas em 2 documentos do Ministério da Saúde, sendo estes: Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Manejo da Infecção pelo HIV em Adultos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018) e Boletim Epidemiológico de HIV/Aids (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018).

Para João Geraldo Netto (2019), há pontos que precisam ser levados em conta para a maior consolidação do cuidado integral às pessoas que vivem com HIV e, no vídeo, elenca diversos fatores que contribuem para o contrário disso. Nesse sentido, encontram-se no quadro 1, conteúdos que corroboram com as categorias, os respectivos momentos onde são mencionados e a transcrição das falas específicas.

**Quadro 1** – análise do conteúdo do vídeo *Vivo com HIV. Vou morrer de Aids?*, do Super Indetectável (2019)

Categorias	Minutos	Algumas falas destacadas
Autonomia do sujeito	11:45 – 12:08	“Essas mulheres que sofrem violência acabam se tornando mais vulneráveis [...] então, quando a gente trabalha isso da educação, a gente trabalha tanto o a pessoa que é um potencial agressor, um violentador, quanto a vítima [...] Essa pessoa vai conseguir lidar melhor com os sentimentos dela porque ela vai estar mais apropriada das situações.
	13:22 – 13:52	“Então, eu acho que a visibilidade positiva, tanto eu falando que vivo com HIV, quanto as outras pessoas falando, quanto pessoas que não vivem com HIV, mas também se predispõem a falar [...] como esse amigo meu que mora lá em Berlim que, simplesmente, colocou no <i>Facebook</i> dele que encontrou a PREP, que entendeu o que era e que servia pra ele, que era uma maneira que ele queria.
Pensamento crítico e Indagação social	6:35 – 09:00	“E um outro problema muito grave no nosso país que causa muitas mortes é problemas no acesso ao tratamento e medicamentos [...] Você tem, por exemplo, uma política de humanização, você tem uma política de não preconceito, né? De acesso integral, equânime à todas as pessoas, mas por algum motivo, essa política falha”. “Também a garantia dos direitos humanos básicos que garante a essas populações o acesso mesmo, né? De poder se deslocar e ir à unidade de saúde, ele conseguir ter acesso a esse serviço de saúde, que seja o mais próximo de casa ou o que seja mais adequado para ele [...] A gente também tem a questão geográfica que dificulta o acesso, né? [...] A gente que mora no Centro Oeste, no Sudeste, no Sudeste menos ainda, Sul, a gente não tem muita noção do porquê que é tão difícil as pessoas irem numa unidade de saúde buscar um remédio ou conseguir fazer um exame, mas a gente tá considerando a gente como régua do resto do Brasil e não é assim, né?”
	09:12 – 10: 50	

Fonte: Borges Junior, Corradi & Assumpção (2021)



Como demonstrado no quadro, o vídeo apresenta ocorrências seja na tentativa de produção da autonomia nos sujeitos, seja na mobilização do pensamento crítico e da indagação social. No que diz respeito à primeira, João Geraldo Netto (2019) aborda situações nas quais os sujeitos precisam ser estar seguros de si e da situação onde se encontram para poder tomar decisões sobre como gerir suas vidas.

Já no que remete à esfera social, o material acaba por abordar de forma mais presente a temática, mencionando a diversidade geográfica e cultural que atravessa os diferentes modos de vida no Brasil. Além disso, destaca pontos de atenção na política de saúde e, até mesmo a discriminação por parte de profissionais de saúde. Percebe-se que as mensagens transmitidas por João Geraldo Netto (2019), o interlocutor do canal Super Indetectável, dispõem de conteúdos que visam, para além de levar informações, mobilizar seus receptores a serem autônomos com sua saúde e implicados na realidade social que os circunda.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetiva exemplificar, de maneira exploratória, o processo comunicacional que ocorre no vídeo *Vivo com HIV. Vou morrer com Aids?* (2019) do canal Super Indetectável. Para tanto, recorreu-se às contribuições sobre os efeitos do processo comunicacional mencionadas por Bordenave (2017), sendo estas escolhidas como categorias de análise do conteúdo: 1. *Autonomia*; 2. *Pensamento crítico/Indagação social*. Dessa forma, o vídeo fora submetido à análise categorial do conteúdo proposta por Bardin (2011), visando estabelecer agrupamentos menores do conteúdo geral do vídeo.

No que diz respeito à categoria *Autonomia*, identificaram-se respostas sobre a necessidade de mobilizar força e empoderamento nas pessoas que participam de ações de educação em saúde, com o intuito de proporcionar que estes sujeitos lidem da melhor maneira possível com seus sentimentos e com os ambientes onde estão inseridos, construindo positividade e implicação na causa.

Além disso, no que se refere à categoria *Pensamento crítico/Indagação social*, observaram-se ocorrências correspondentes à necessidade de entender que o território brasileiro comporta diversidades culturais e sociais, bem como as falhas estruturais que atravessam o Sistema Único de Saúde (SUS) desde a gestão até a assistência em saúde.



Por fim, a análise dos dados decorrentes do presente estudo também chamou a atenção para o potencial comunicacional em saúde que o vídeo analisado comporta no sentido de articular conteúdos importantes ao entendimento de um campo amplo e emergente que é o HIV/Aids e seus determinantes e condicionantes de saúde no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ASSUMPCÃO, Douglas Junio Fernandes. **Interfaces comunicacionais: um estudo de caso IMAZON** – [www.imagom.org.br](http://www.imagom.org.br). Orientação: Analaura Corradi. 2013. 98 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, Universidade da Amazônia, Belém, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Almedina, 2011.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. Brasiliense, 2017.

BTESHE, Mariana. O suicídio na mídia: reflexões para o cuidado em saúde mental. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 12, n. 3, 2018.

Disponível em: <<https://homologacao-reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1597>>. Acesso: 09 abr. 2021.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Acaso, repetição e sexualidade: como colocar camisinha na fantasia? In: MOREIRA, Ana Cleide Guedes; OLIVEIRA, Paulo de Tarso Ribeiro; PIANI, Pedro Paulo Freire (Orgs.). **Cuidado e Saúde: práticas e sentidos em construção**. Belém: Paka-Tatu, 2014.

COMO É VIVER COM HIV? JOÃO GERALDO NETTO. Produção de Jornalismo Periférico. 2019. (08:25 min) son., color. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=6SRUciQeCMQ&t=300s>>. Acesso: 05 abr. 2021.

LEBREGO, Arina Marques; BORGES JUNIOR, Dorivaldo Pantoja; BARROS, Maria Laídes Pereira. Os lutos em torno do VIH/sida: análise do relato de uma participante do documentário positivas. **Polêm!ca**, v. 20, n. 1, p. 64-81, 2020. Disponível em:

<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/55977>>. Acesso: 02 abr. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Epidemiológico de HIV/Aids 2018**. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hivaid-2018>>. Acesso: 09 abr. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Epidemiológico de HIV/Aids 2020**. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2020/boletim-epidemiologico-hivaid-2020>>. Acesso: 09 abr. 2020.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Manejo da Infecção pelo HIV em Adultos**. Disponível em: < <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2013/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-manejo-da-infeccao-pelo-hiv-em-adultos>>. Acesso: 09 abr. 2020.

MUITO PRAZER! EU SOU O SUPER INDETECTÁVEL. Produção de João Geraldo Netto. 2019. (12:49 min). son., color. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=fDDyDZbRZdY>>. Acesso: 05 abr. 2020.

SORDI, Bárbara Araújo et al. A feminização da aids: efeitos da moral médica. **Polêm! ca**, v. 15, n. 2, p. 013-028, 2015. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/17957>>. Acesso: 05 abr. 2021.

SUPER INDETECTÁVEL. **O Blog**. Disponível em: < <https://www.superindetectavel.com/blog>>. Acesso: 10 abr. 2021.

TIMERMAN, Artur; MAGALHÃES, Naiara. **Histórias da AIDS**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

VIVO COM HIV. VOU MORRER DE AIDS? Produção de João Geraldo Netto. 2019. (15:00 min). son., color. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=cFo4AzPCXTQ&t=540s>>. Acesso: 05 abr. 2020.

YOUTUBE. **Jornalismo Periférico**. Disponível em: < <https://www.youtube.com/channel/UCNdoSRKnI099w1WH3soG-Q>>. Acesso: 02 abr. 2021.

YOUTUBE. **Super indetectável**. Disponível em: < <https://www.youtube.com/channel/UC48y6mvG0I8ugyceRibgahw>>. Acesso: 02 abr. 2021.





## PROCESSO DE APRENDIZAGEM MEDIADO POR TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA ÁREA DA SAÚDE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

LEARNING PROCESS MEDIATED BY DIGITAL TECHNOLOGIES FOR THE  
HEALTHCARE PROFESSIONALS TRAINING IN PRIMARY CARE

Luana Daniela De Souza Rockenback; Débora Nice Ferrari Barbosa; Fernanda Diniz Flores; Marta

Rosecler Bez

Universidade Feevale

**Resumo:** a tecnologia aliada ao ensino tem demonstrado ganhos significativos no processo de aprendizagem. Para os profissionais de saúde, o ensino continuado é um fator transformador em esferas coletivas na comunidade. A presente pesquisa tem o **objetivo** de propor elementos e diretrizes para um processo de formação permanente no âmbito da atenção primária envolvendo tecnologias digitais. Para tanto utilizou-se como metodologia a pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa ação. Como resultados obteve-se uma série de diretrizes que orientam um processo de educação permanente de qualidade, e se enquadre no Plano de Educação Permanente em Saúde. Este trabalho apresenta a condução do estudo e as diretrizes propostas, bem como uma discussão crítica sobre cada um dos elementos.

**Palavras-chave:** Educação Permanente em Saúde. Atenção Primária em Saúde. Tecnologia Digital.

**Abstract:** technology combined with teaching has shown significant gains in the learning process. For health professionals, continuing education is a transforming factor in collective spheres in the community. This research aims to propose elements and guidelines for the permanent formation process in the scope of primary care involving digital technologies. We used a qualitative research methodology, defined as action research. As a result, we obtained a series of guidelines that guide a quality continuing education process and fit within the Permanent Health Education Plan. This work presents the conducted research study and the proposed guidelines, as well as a critical discussion about each one of the elements.

**Keyword:** Permanent Health Education. Primary Health Care. Digital Technology.

### 1 INTRODUÇÃO

Desenvolver a educação permanente, através de treinamentos e capacitações, requer pensar em propostas inovadoras, onde as experiências de aprendizagem devem instigar as pessoas envolvidas, criando elos nos processos de compreensão e criação do conhecimento. Os processos realizados devem fortalecer o crescimento pessoal e transformar o âmbito profissional. A autonomia no aprendizado fortalece a capacidade de aprender do sujeito, e desenvolve a consciência na necessidade da formação permanente (ALBERTO; RICALDONI; ROSANGÊLA DE SENA, 2006). Pensando nisso, novas técnicas e métodos de ensino foram



criadas para direcionar a aprendizagem do estudante para um aprendizado através da resolução de problemas. Desde a utilização de métodos ativos de aprendizagem, através da inserção da tecnologia, até propostas autônomas, focadas na aprendizagem significativa, têm sido desenvolvidas.

Visando a educação permanente para os profissionais da saúde, foi instituído pelo presidente da república o DECRETO Nº 7.385, DE 8 DE DEZEMBRO DE 2010, criando o UNA-SUS (Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde) com a finalidade de “atender às necessidades de capacitação e educação permanente dos trabalhadores do Sistema Único de Saúde - SUS, por meio do desenvolvimento da modalidade de educação a distância na área da saúde”. Com a criação do UNA-SUS diversas capacitações foram criadas para suprir a necessidade e melhorar o atendimento da saúde. O foco principal é atingir todos os profissionais da saúde que tenham interesse em se aprimorar profissionalmente, com ênfase em médicos, odontólogos, enfermeiros e gestores de saúde. É ofertado uma diversidade de conteúdo, desde cursos de extensão, pós-graduação, materiais didáticos, livros, powerpoints, resumos, entre outros serviços de ensino e educação.

O profissional atuante nesta área necessita de constantes atualizações e capacitações para a sua prática de trabalho. Visando isso, as secretarias de saúde, em parceria com o governo federal, possuem a meta de realizar um projeto com um plano anual tendo em vista a reflexão crítica sobre as práticas de atenção, gestão e formação, sendo por si só, um processo educativo aplicado ao trabalho. Isso possibilita mudanças nas relações, nos processos, nos atos de saúde e nas pessoas e uma melhor articulação para dentro e para fora das instituições. Para apoiar o processo de planejamento surgiu a proposta das orientações para subsidiar estados/municípios e Distrito Federal, denominado PEPS (Plano de Educação Permanente em Saúde), sendo este um guia para os dirigentes para a formulação de propostas, organizações e ações de educação permanente do pessoal da saúde, tanto no âmbito de Atenção Primária em Saúde (APS), quanto no âmbito hospitalar (BRASIL, 2018). Neste cenário, o uso de tecnologias digitais para o processo de formação permanente em saúde é um fator essencial. É neste contexto que esta pesquisa se insere.

Neste sentido, esta pesquisa tem como **tema** Processos de Aprendizagem mediados por tecnologias digitais voltados para a formação de profissionais da área da saúde. O tema foi escolhido através da reflexão acerca de diferentes métodos de ensino que possam ser utilizados para a Educação Permanente na APS. Conforme Santaella (2014), o treinamento, se não



desenvolvido por experimentação ou por orientação, através do mundo digital de múltiplas telas que nos é oferecido, as telas irão permanecer em escuro silêncio. Diz ainda que essa interatividade computacional não só abre as portas para o labirinto da informação, mas também com mídias comunicacionais. Ademais, a utilização da cultura computacional, não somente proporciona um benefício para si mesmo, mas também para a sociedade. Através desta utilização tem-se um profissional que, educado, organizado e motivado, assume “o seu papel no processo de desenvolvimento” (BRANDÃO; ASSUMPÇÃO, 2009, p. 23).

A inclusão e o pertencimento do sujeito, como um ser inserido em uma sociedade contemporânea, pressupõem o uso das tecnologias na perspectiva do letramento digital. Este conceito precisa ser inserido no processo de formação dos profissionais de saúde com o uso de tecnologias. Neste sentido, qualquer proposta primeiro pressupõe o entendimento de quem é o sujeito que aprende. No entanto, o uso de recursos tecnológicos na formação do profissional da atenção primária, ainda não é uma prática vivenciada (TIBES; DIAS; ZEM-MASCARENHAS, 2014). Ainda, apresentar um novo método de abordagem para o ensino pode, em um primeiro momento, não ter uma aceitação natural por parte dos profissionais, pois, a resistência ao novo é difícil de ser contornada. Deste modo, este trabalho reforça a importância do conhecimento e da inserção de novas tecnologias na formação permanente, em especial no âmbito da Atenção Primária em Saúde. Logo, o desenvolvimento de processos de formação de profissionais e dos usuários da atenção primária de saúde envolvendo as tecnologias é um tema de pesquisa em aberto e se constitui como foco do trabalho a ser desenvolvido. Pensando nisso, a **questão de pesquisa** que norteia este trabalho consiste em: Quais os elementos ou diretrizes necessários para orientar os processos de educação permanente na atenção primária em saúde envolvendo tecnologias digitais?

Com o **objetivo geral** de propor elementos/diretrizes para um processo de formação permanente no âmbito atenção primária envolvendo tecnologias digitais, utilizou-se como **método** uma pesquisa de caráter qualitativo, onde serão avaliadas as características da APS, a efetivação do PEPS, seus objetivos e responsabilidades do município, a partir de formações dentro das diretrizes propostas. Pretende-se utilizar para tanto a pesquisa ação, devido seu caráter mutável, ela permite possíveis alterações de procedimentos no campo de pesquisa com base no que for analisado no momento da aplicação, pensando em facilitar a busca para a solução de problemas por parte dos participantes (THIOLLET, 2008). A amostra será composta por profissionais da atenção primária em saúde de um município que será escolhido por





conveniência. As diretrizes propostas serão aplicadas em um processo de formação permanente dos profissionais e a prática será avaliada. A coleta de dados se dará por entrevistas e por questionário. Os dados serão analisados segundo Análise de Conteúdo. O trabalho também será submetido ao Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade.

## 2 FORMAÇÕES DE PROFISSIONAIS NA ÁREA DE ATENÇÃO PRIMÁRIA

Para realizar a aplicação do processo de desenvolvimento de educação permanente em saúde, as diretrizes foram divididas em fases, conforme o modelo proposto por Baba & Tschang (2001), um modelo evolucionário de software aplicado em áreas como os jogos digitais. Apresenta-se no Quadro 1 a proposta de diretrizes.

**Quadro 1:** Diretrizes para a Educação Permanente.

<b>Etapas</b>	<b>Diretrizes</b>
<b>Inspiração</b>	Mapeamento do Território: como resultado busca-se um diagnóstico local e identificação dos problemas e necessidades de saúde da população;
	Diagnóstico Situacional: Neste obtêm-se o resultado do processo de coleta, tratamento e análise dos dados colhidos na área mapeada.
<b>Conceito</b>	Discutir com a equipe as prioridades de capacitações;
	Realizar o cronograma das capacitações anual da ESF;
	Definir o tema que será abordado em cada uma das capacitações do cronograma proposto;
	Definir as tecnologias que serão utilizadas nas abordagens;
	Definir os locais, data e hora que serão aplicadas as capacitações;
	Definir o público que receberá a capacitação (profissionais ou usuários da rede);
<b>Design</b>	Definir os métodos de aplicação;
	Definir o método de avaliação da capacitação, se será por meio de questionários, debates, observação ou outras metodologias.
	Definir os resultados esperados;



<b>Desenvolvimento</b>	Desenvolver o material que será utilizado na capacitação;
<b>Testagem e Avaliação</b>	Aplicação da formação;
	Avaliar a efetividade do método proposto com a equipe e possíveis mudanças em aplicações futuras;
	Compartilhar os resultados encontrados com a equipe.

Fonte: da autora, 2021.

Para implementar o processo proposto voltado para formação na atenção básica, a equipe de desenvolvimento deve estar engajada com os objetivos da capacitação. A primeira fase, definida como **Inspiração**, envolve o Mapeamento do Território e o Diagnóstico Situacional.

O Mapeamento de território deve ser compreendido como o processo de coleta e registro de informações e percepções da comunidade sobre o território em que se vive e convive. Destina-se a produzir informações que possam ser disponibilizadas e consultadas de forma ágil e dinâmica mediante uma base cartográfica que permita a visualização do território e suas interações, sendo estas constantemente atualizadas (CEDAPS, 2009). Este trabalho envolve diretamente as funções inerentes ao agente comunitário de saúde, desde a coleta de dados até o registro das informações.

Já o Diagnóstico Situacional caracteriza-se como uma ferramenta utilizada na identificação de problemas e necessidades sociais da comunidade como, por exemplo: necessidade de saúde, educação, saneamento, segurança, transporte, habitação, bem como permite conhecer como é a organização dos serviços de saúde. Sendo ele de fundamental importância para o levantamento de problemas, que por sua vez fundamenta o planejamento estratégico situacional que permite desenvolver ações de saúde focais efetivas em relação aos problemas encontrados, neste caso a realidade em que a comunidade, e equipe de saúde está inserida, sendo esta uma forma de organizar os serviços e rotinas da ESF (PINTO; PINTO, 2020).

Já na segunda etapa, a do **Conceito**, ocorre discussão com as equipes referentes às prioridades de capacitações, com base no que foi levantado na primeira etapa. Organiza-se um cronograma de capacitações para ser aplicado no ano decorrente na ESF, define-se os temas que serão abordados em cada uma das capacitações, conforme o cronograma proposto.





Para cada uma das capacitações, no seu planejamento, devem ser definidas quais tecnologias serão utilizadas para cada abordagem, podendo ser reuniões *online*, grupos de discussão que engajem o participante a uma aprendizagem ativa e interativa, conforme o proposto por Francis (2014), ou ainda, Unidade de Resposta Audível de forma que os participantes por meio de *smartphones*, telefones, e dispositivos móveis habilitados para internet, possam participar de uma aula síncrona (YADAV, 2017). Ou conforme sua pesquisa mais recente (YADAV, 2019) a utilização de uma plataforma acessada por agentes de saúde através de internet móvel, em que possa propor seções semi-estruturadas incluindo uma co-audição de um material didático previamente gravado em áudio e, em sequência, discussões em grupo. Neste, os participantes podem acessar vídeo-aulas a qualquer momento para sanar as suas dúvidas. A tecnologia a ser utilizada dependerá dos resultados obtidos no diagnóstico e do perfil da equipe e da comunidade a qual a Unidade Básica de Saúde está inserida.

Nesta fase necessita-se também do planejamento do local, data e hora que será aplicada a capacitação escolhida, e para qual público será aplicada, podendo ser profissionais de saúde, trabalhadores da ESF em geral, ou usuários.

Ainda nesta etapa (conceito), ocorre a representação do que foi discutido na etapa anterior, com propostas de formações conceituais, assim como definição de metas e cronogramas para possibilitar o desenvolvimento da formação de acordo com o público escolhido, visando sempre a equidade para com todos.

Em seguida, na etapa de **Design**, a equipe já tem definidas e planejadas as mudanças estruturais básicas que são necessárias para a formação permanente. Neste momento define-se então questões como método de aplicação, método de avaliação, como exemplo: questionários, debates em grupo, observação ou outra metodologia e os resultados esperados.

Na quarta etapa, **Desenvolvimento**, é onde começa a execução do trabalho planejado, desenvolve-se neste o material que será utilizado para a formação em saúde, revisa-se os elementos fundamentais para a execução, verifica-se possíveis mudanças na programação, e avalia-se o material desenvolvido.

Por fim, na etapa de **Testagem e Avaliação**, aplica-se a formação em saúde para o público escolhido, realiza-se, neste momento, também as atas de presença conforme o preconizado para o recebimento do financiamento do SUS, avalia-se a efetividade da intervenção proposta através do método de avaliação escolhido, discute-se possíveis mudanças em aplicações futuras, e compartilha-se os resultados encontrados com a equipe e, se necessário, com a comunidade.



Ao fim de cada avaliação, os resultados são analisados e o processo reinicia de acordo com a análise encontrada.

### 3 CONCLUSÃO

Este trabalho apresentou um conjunto de diretrizes que compõe um processo de aprendizagem voltado ao planejamento e execução de capacitações para profissionais de saúde no âmbito de atenção primária em saúde, respeitando o PEPS, com o intuito de criar um procedimento operacional padrão para a aplicação da formação permanente em saúde. Por meio de estudos obteve-se possíveis diretrizes a serem seguidas para a obtenção do conhecimento. Este artigo faz parte de uma dissertação que está em fase de construção. Como trabalhos futuros pretende-se criar um questionário pré-capacitação e uma entrevista pós-capacitação. Com o intuito de avaliar a viabilidade do estudo, será realizado a sua aplicação na APS, em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul. Espera-se com isso facilitar o passo-a-passo do profissional de saúde nas aplicações de Educação Permanente conforme o calendário anual do município.

### REFERÊNCIAS

ALBERTO, C.; RICARDONI, C.; ROSANGÉLA DE SENA, R. **Educação Permanente: uma Ferramenta para Pensar e Agir no Trabalho de Enfermagem**, 2006. Disponível em: <[www.eerp.usp.br/rlae](http://www.eerp.usp.br/rlae)>. Acesso em: 18 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto nº 7.385, de 08 de dezembro de 2010. Institui o Sistema Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde - UNA-SUS, e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 09 dez. 2010; Seção 1, p. 1.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde: o que se tem produzido para o seu fortalecimento? / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação na Saúde – 1. ed. rev. – Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

SANTAELLA, Lucia. A aprendizagem ubíqua na educação aberta. **Revista tempos e espaços em educação**, p. 15-22, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPÇÃO, Raiane. **Cultura rebelde-escritos sobre a educação popular ontem e agora**. Produção de terceiros sobre Paulo Freire; Série Livros, 2009.





TIBES, C. M. DOS S.; DIAS, J. D.; ZEM-MASCARENHAS, S. H. Mobile applications developed for the health sector in Brazil: an integrative literature review. **REME: Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n. 2, p. 471–486, 2014.

Thiollent M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 16ª ed. São Paulo: Cortez; 2008.

BABA, Yasunori; TSCHANG, F. Ted. Product development in Japanese TV game software: The case of an innovative game. **International Journal of Innovation Management**, v. 5, n. 04, p. 487-515, 2001.

CENTRO DE PROMOÇÃO DA SAÚDE (CEDAPS). **Construção compartilhada: mapeamento**, 2009. Disponível em: <<http://cedaps.org.br/>>.

PINTO, Ana Paula Conceição; PINTO, Jacyguara Costa. Diagnóstico Situacional da Unidade Básica de Saúde São Pedro. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 9, n. 17, p. 153-165, 2020.

FRANCIS K, Boyd M, Latham H, Anderson J, Bradley A, Manners J. A regional approach to the education of nurse practitioner candidates to meet the health needs of rural Australians. **Contemp Nurse**. 2014;49:27-34. doi:10.1080/10376178.2014.11081950.

YADAV D, Singh P, Montague K, et al. Sangoshthi: Empowering community health workers through peer learning in rural India. In: 26th International World Wide Web Conference, WWW 2017. Republic and Canton of Geneva, Switzerland: **International World Wide Web Conferences Steering Committee**; 2017:499-508. doi:10.1145/3038912.3052624.

YADAV D, Bhandari A, Singh P. LEAP: Scaffolding collaborative learning of community health workers in India. **Proc ACM Human-Computer Interact**. 2019;3(CSCW):1-27. doi:10.1145/3359271.





## AS FUNÇÕES EXECUTIVAS NA VIDA UNIVERSITÁRIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

### EXECUTIVE FUNCTIONS IN UNIVERSITY LIFE: A SYSTEMATIC REVIEW

Daniela Patricia Rosenthal Joaquim; Caroline Cardoso; Pâmela Cristina Alexandre Pschichholz;

Regina Heidrich

Universidade Feevale

**Resumo:** O presente estudo objetiva analisar as publicações que vem ao encontro da temática de estimulação de funções executivas no ensino superior, de maneira a contribuir com a percepção sobre as possibilidades existentes para uma intervenção. A busca foi realizada no banco de dados das plataformas: UNIQUE Pesquisa da Universidade FEEVALE e na plataforma internacional ERIC, com uso dos descritores “ENSINO SUPERIOR” e “FUNÇÕES EXECUTIVAS” e os mesmos em língua inglesa, com base na análise de conteúdo do título, dos objetivos e dos resultados obtidos em cada estudo. Foram encontradas 58 publicações na plataforma UNIQUE e 29 publicações na plataforma ERIC, sendo aplicados os seguintes filtros: publicações em revistas acadêmicas, entre os anos de 2010 a 2020. Foram analisados 87 artigos, dos quais foram selecionados 7. Como resultado ficou constatado o pouco número de publicações sobre a estimulação de funções executivas no ensino superior, o que torna possível inferir que o tema ainda é pouco explorado e que estudos como este expressam a relevância da implementação de programas de estímulo às Funções Executivas no ensino superior pelas demandas específicas desta etapa de vida das pessoas que buscam melhor desempenho no contexto acadêmico.

**Palavras-chave:** Ensino Superior 1. Funções Executivas 2. Desempenho acadêmico 3.

**Abstract, Resumen ou Résumé:** This study aims to analyze publications that meet the theme of stimulation of executive functions in higher education, in order to contribute to the perception of the existing possibilities for an intervention. The search was carried out in the platforms database: UNIQUE Pesquisa da Universidade FEEVALE and in the international ERIC platform, using the descriptors “SUPERIOR TEACHING” and “EXECUTIVE FUNCTIONS” and the same in English, based on the content analysis of the title, the objectives and the results obtained in each study. 58 publications were found on the UNIQUE platform and 29 publications on the ERIC platform, with the following filters being applied: publications in academic journals, between the years 2010 to 2020. 87 articles were analyzed, of which 7 were selected. As a result, little was found number of publications on the stimulation of executive functions in higher education, which makes it possible to infer that the theme is still little explored and that studies like this express the relevance of the implementation of programs to stimulate Executive Functions in higher education due to the specific demands of this stage of life for people who seek better performance in the academic context.

**Palavras-chave:** Higher Education 1. Executive Functions 2. Academic performance 3..

## INTRODUÇÃO

As funções executivas (FEx.) tratam-se de um conjunto de processos mentais os quais permitem às pessoas direcionarem seus comportamentos a determinados objetivos, avaliando a eficiência e adequando comportamentos, abandonando estratégias ineficazes e adotando





estratégias mais eficazes para a resolução de problemas imediatos de médio a longo prazos (Malloy-Diniz et al 2008).

Estas funções cognitivas podem ser definidas também como sendo um mecanismo de controle cognitivo, o qual direciona e coordena o comportamento humano de maneira adaptativa, permitindo mudanças rápidas e flexíveis do comportamento frente às novas exigências do ambiente (Diamond, 2013; Lezak, 1982; Zelazo, Muller, Frye & Marcovitch, 2003). Para Diamond (2013), os componentes das FEx são: Inibição, a qual inclui a capacidade de inibir a cognição (inibição cognitiva) ou comportamento inadequado (resposta de inibição) e a capacidade de inibir a distração (inibição no nível de atenção); Memória de trabalho, que trata da capacidade de manter e usar a informação mentalmente; Flexibilidade cognitiva, a qual refere-se à capacidade de se adaptar às necessidades ambientais.

Considerando que as habilidades acadêmicas da vida universitária são desenvolvidas e aprimoradas ao longo do percurso de escolaridade da pessoa, poder relacioná-las com as habilidades cognitivas como as FE podem auxiliar na qualificação deste período. Na consideração de que o ingresso no ensino superior e as demandas da universidade aumentam a exigência em relação à conduta do estudante, percebe-se que também é requerida maior participação, iniciativa e autonomia (JOLY et al., 2012), as quais se relacionam com a expressão das FEx.

Sendo assim, as experiências que os estudantes acadêmicos encontram ao se inserirem no ensino superior são percebidas, por uma maioria, de forma positiva. Isso, pois tais experiências possibilitam um crescimento pessoal, permitindo o amadurecimento do jovem e marcando de forma subjetiva a transição de etapas característica do desenvolvimento humano (PAPALIA & OLDS, 2000). Desta forma, percebe-se que tal percurso pode ser qualificado com intervenções com o enfoque da qualificação da memória de trabalho, flexibilidade cognitiva e inibição.

Para tanto, a estrutura da formação do ensino superior requer dos acadêmicos expressão da aprendizagem da linguagem técnico-científica, a autonomia para a escolha das disciplinas e participação das atividades formativas, tal como expressão da disciplina e do planejamento dos estudos (FONSECA, SEABRA e MIRANDA, 2020). Sabe-se que os programas de intervenção neuropsicológica, os quais envolvem a estimulação de FEx são mais comuns para crianças, tal como o instrumento Programa de Intervenção em Autorregulação e Funções Executivas (PIAFEX), para crianças em etapa pré-escolar e o Programa de Estimulação Neuropsicológica da Cognição em Escolares (PENGE), para crianças dos anos iniciais (SEABRA e DIAS, 2013;





CARDOSO e FONSECA, 2016). Para tanto, não há registro de programas com tal enfoque para o público do ensino superior.

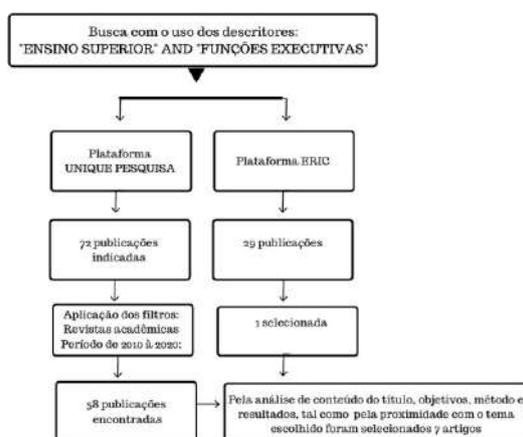
O objetivo desta revisão sistemática é apresentar, analisando as publicações que vêm ao encontro da temática, de estudos que mostram interesse pelo uso das FEx no ensino superior, de maneira a contribuir com a percepção do cenário de documentos existentes. Tal temática se faz relevante por oportunizar uma abordagem sugestiva para o público do ensino superior com enfoque nas funções executivas. Haja vista que as FEx no ensino têm conquistado protagonismo como um aspecto de representação relevante na composição da aprendizagem das pessoas, percebe-se que a qualificação destas pode refletir em efeitos na expressão das habilidades acadêmicas.

## METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi uma revisão sistemática, com base na análise de conteúdo do título, dos objetivos e dos resultados obtidos em cada estudo. A busca foi realizada no banco de dados da plataforma UNIQUE Pesquisa da Universidade FEEVALE com uso dos descritores “ENSINO SUPERIOR” e “FUNÇÕES EXECUTIVAS”, assim como com estes mesmos descritores em inglês.

Assim, os achados por plataforma, segundo descrição na Figura 1, foram:

**Figura 1: Descrição do percurso metodológico**



Fonte: Do autor





Assim, sendo realizado o percurso metodológico descrito acima, em seguida, os dados encontrados, foram organizados na Tabela 1, conforme consta abaixo:

**Tabela 1: Análise de título, objetivos, método e resultados:**

Código	Autores	Ano da publicação	Título	Objetivo	Método	Resultados
1	Ribeiro, Ana Carolina, Pedro Oliveira, Carla Diniz de Costa, Leandro Erge, Sacramento Zanetti, Daniela de Oliveira Ferreira, Larissa, Jaqueline Leão, Karina	2016	Personalidade e Funções Executivas nos Estudantes do Ensino Superior	Compreender de que forma as dimensões extravertido e neuroticismo se correlacionam com as funções executivas.	Revisão bibliográfica.	Revisão bibliográfica.
2	Danieli, Ivana Sant'Ana, Juliana M. de Moraes, da Silva	2020	Violência, Funções Executivas e Realimento Acadêmico em Estudantes Universitários	Avaliar impactos da violência no último ano e ao longo da vida, no desempenho acadêmico das funções executivas. Participaram do estudo 90 estudantes com idade de 19 a 24 anos.	Experimento com uso de instrumentos: Juvenile Victimization Questionnaire (JVQ), Five Digit Test (FDT) e Desempenho acadêmico diferenciado.	Os achados apontaram que houve correlação positiva entre todos os tipos de violências ocorridas no último ano com o funcionamento executivo dos jovens.
3	Ribeiro, Ivana Sant'Ana, Juliana M. de Moraes, da Silva	2019	Avaliação Cognitiva de Policiais Militares e Universitários sobre as Funções Policiais, Atenção e Inteligência	Verificar diferenças no desempenho das funções executivas entre policiais distritos de polícia.	Método de mensuração de atenção, memória e inteligência em 105 policiais universitários e também foram realizados os testes estatísticos Test T, ANOVA, estatísticas Test T, ANOVA, para análise das correlações e estudos de precisão.	Os resultados desta pesquisa confirmaram a hipótese de que policiais com maior desempenho em testes de funções executivas apresentaram maior desempenho no BCT e o desempenho entre o desempenho no BCT e o desempenho na FT, siglados com um maior índice na dimensão extravertido com uma maior erro no BCT, siglados com elevado índice de erro no FT, siglados com maior erro na FT, e por fim, os resultados das análises estatísticas consideram mais favoráveis na FT.
4	Queiroz, Karine de Lima Andrade, Rui Otávio Bernardes de Nogueira, Alexandre Mendes	2015	A avaliação de estudantes e professores de administração sobre a experiência com a aprendizagem baseada em problemas.	Verificar o impacto do uso da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) na percepção dos estudantes e dos professores em uma instituição de ensino superior.	Abaordagem qualitativa de pesquisa.	Com base na pesquisa realizada, observou-se que o método ABP, além de aproximar estudantes e professores para uma convivência mais proveitosa, possibilitou que os estudantes melhorassem seu nível de conhecimento e o aspecto do trabalho em equipe.
5	Rodrigues da Silva, Edmarco Dória, Silvio	2016	Interface de Usabilidade Cognitiva e de Aprendizagem em fóruns de discussão	Apresentar a revisão sistemática da literatura sobre a Usabilidade Cognitiva enquanto capacidade de emitir uma resposta, emitir de opinião ou atuar por outra mais adequada.	Revisão sistemática integrativa.	Ficou identificada a escassez de estudos dedicados a explorar situações problema em situações de aprendizagem, o que abre espaço para a realização de pesquisas futuras a respeito do trabalho em equipe.
6	Karine de Lima Queiroz, Rui Otávio Bernardes de Nogueira, Alexandre Mendes, Nicolini	2015	A avaliação de estudantes e professores de administração sobre experiência com a aprendizagem baseada em problemas.	Verificar o impacto do uso da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) na percepção dos estudantes e dos professores em uma instituição de ensino superior.	O estudo insere-se em uma abordagem qualitativa de pesquisa.	Os resultados encontrados pela pesquisa revelaram que a maioria dos professores não teve grandes dificuldades com a utilização do método.
7	Rehman, Erick Lynn, Rodenmacher, Kristen T. Maitland, Theresa Lauri	2014	Counseling and College Success	To present counseling as a service for the students of higher education.	This study used a mixed method to investigate the influence on factors that contribute to executive functioning and self-determination skills.	Results indicate that coaching is a promising practice for this population and that it improves students' self-awareness, self-management skills, and subjective well-being.

Fonte: Do autor

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão sistemática se deu por análise de: título, objetivos, métodos e resultados das publicações encontradas. Desta forma, como critério de exclusão usado foi o afastamento da temática central deste estudo. Sendo assim, as publicações que se afastaram muito da temática





funções executivas no ensino superior foram extraídas. Na totalidade, foram encontrados e analisados 58 artigos, dos quais foram selecionados 6, os quais estão indicados na tabela 1.

Foram elegidas publicações de abordagem empíricas sobre as FEx. Os estudos de Silva e Dotta (2018), Reppold, Serafini, Gurgel e Kaiser (2017), Ribeiro, Calado, Cerveira e Oliveira (2016), Costa, Zanini, Oliveira, Junqueira e Leão (2020) consideram a relevância do estímulo das FEx no ensino superior. Para Silva e Dotta (p. 316, 2018):

(...) a aprendizagem é uma etapa intrapessoal baseada na tomada de consciência crítica de si, do mundo, dos sujeitos e das interferências possíveis, abrangendo um conjunto de habilidades cognitivas de alta ordem, responsável pela coordenação de respostas adaptativas diante de situações novas e/ ou complexas (SILVA E DOTTA, p. 316, 2018).

Com isso, infere-se a cognição em adultos é fundamental, uma vez que ela é composta das funções mentais relacionadas com a aquisição, o armazenamento e o uso dos conhecimentos adquiridos, incluindo a atenção, a memória, o raciocínio, entre outras funções importantes ao desenvolvimento dos sujeitos e sua interação com o ambiente que os cerca.

Sendo assim, este grupo de estudos (SILVA E DOTTA, 2018; REPPOLD, SERAFINI, GURGEL E KAISER, 2017; RIBEIRO, CALADO, CERVEIRA E OLIVEIRA, 2016, e COSTA, ZANINI, OLIVEIRA, JUNQUEIRA E LEÃO, 2020) reitera que o trabalho com componentes executivos podem trazer efeitos para o percurso acadêmico desde sua compreensão por meio dos processos avaliativos, como por conta do conhecimento das possibilidades interventivas. Desta forma, Reppold, Serafini, Gurgel e Kaiser (2017) apontam que as informações colhidas nas avaliações psicológicas como os aspectos cognitivos auxiliam na compreensão da demanda a ser trabalhada no processo interventivo.

Ainda sobre a temática de pertinência do estímulo às FEx, os estudos de Ribeiro, Calado, Cerveira e Oliveira (2016), reforçam a relevância destes estímulos por estas habilidades cognitivas se relacionarem com o funcionamento e também personalidade das pessoas. Segundo Ibidem (p. 127, 2006), “as funções executivas são decisivas perante novas situações em que é exigida adaptação e flexibilidade do comportamento intervindo consequentemente na organização dinâmica do sistema psicofisiológico de cada sujeito”.

No estudo realizado por Costa, Zanini, Oliveira, Junqueira e Leão (2020) a análise de funções executivas auxiliam na compreensão dos impactos da vitimização, auxiliam a correlação entre a funcionalidade executiva dos acadêmicos e seus desempenhos nas avaliações realizadas. Desta forma, esta produção foi elencada nesta categoria, por emergir a relevância





do estímulo das Funções Executivas e da atenção para a qualificação da funcionalidade das pessoas.

Os estudos de Guedes, Andrade e Nicolini (2015) e Rabelo e Mazarioli (2019) corroboram com a inferência dos processos de intervenção na qualificação da funcionalidade das pessoas em fase adulta. Na produção de Guedes, Andrade e Nicolini (2015) foi abordada a temática da avaliação da experiência de uma aprendizagem baseada em problemas, chamada “metodologias ativas”. E nesta premissa, tem-se nas metodologias ativas a fomentação do desenvolvimento da capacidade de gerenciamento e administração dos processos formativos. Esta perspectiva corrobora com a compreensão da referida metodologia como expressão do funcionamento executivo que dá luz à interpretação de que a promoção de uma metodologia com este perfil traz uma qualificação do processo de aprendizagem. Sendo assim, esta pode ser compreendida como uma metodologia de estimulação de funções executivas.

Os estudos de RICHMAN, RADEMACHER, MAITLAND e THERESA LAURIE (2014) abordam a possibilidade de uma intervenção de um profissional coaching ser uma tendência no ensino superior para casos de pessoas com dificuldades no autogerenciamento vinculado à quadros clínicos de transtornos de aprendizagem e o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. Para tanto, os autores (2014) apontam que os ganhos nas competências executivas podem auxiliar na qualificação do desempenho acadêmico.

Para Rabelo e Mazarioli (2019) o ser humano se trata de alguém que precisa selecionar, focalizar e dividir a atenção em várias tarefas diárias para garantir o melhor desempenho. Sendo assim, considerando a atenção como processo cognitivo abarcado pelas FEx, os autores (RABELO E MAZARIOLI, 2019) indicam que:

A atenção permite que o ser humano utilize este recurso juntamente com outros recursos cognitivos, tais como: a memória, coordenação motora, entre outros, que utiliza para emitir respostas adequadas mediante estímulos que julgue importante responder em determinados aspectos do ambiente (RABELO e MAZARIOLI, p. 471, 2019)

Assim, percebe-se que o trabalho com o estímulo destes processos cognitivos podem ser de grande contribuição para a funcionalidade dos estudantes do ensino superior.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tanto, os achados deste estudo convergem com a percepção de que as funções executivas se relacionam diretamente com o desempenho acadêmico e com a qualificação do processo de aprendizagem também no ensino superior. Isso, pois, as funções executivas são expressadas ao longo da vida.

Sendo assim, as demandas de funcionalidade mais complexas percebidas no avanço da escolaridade fazem emergir a defesa sobre a importância do estímulo das funções executivas no ensino superior. Isso, pois, tal iniciativa estará qualificando competências que trarão efeitos no desempenho acadêmico dos estudantes universitários.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Duclos da. ZANINI, Leandro. OLIVEIRA, Daniela. FERREIRA, Larissa. LEÃO, Karina. Violência, Funções Executivas e Rendimento Acadêmico em Estudantes Universitários. **Avaliação Psicológica**; Vol.19 Issue 2, p. 170-178, abr-jun2020.

DIAS, Natália Martins. SEABRA, Alessandra. **PIAFEX - Programa de intervenção em autorregulação em funções executivas**. São Paulo. Memnon, 2013.

CARDOSO, Caroline de Oliveira. FONSECA, Rochele Paz. **PENcE - Programa de estimulação neuropsicológica da cognição em escolares**. São Paulo. Book Toy, 2016.

FONSECA, Rochele Paz. MIRANDA, Mônica. SEABRA, Alessandra. **Neuropsicologia escolar**. São Paulo. Clinical, 2020.

GUEDES, Karine. ANDRADE, Rui. NICOLINI, Alexandre. A avaliação de estudantes e professores de administração sobre a experiência com a aprendizagem baseada em problemas. **Administração: Ensino e Pesquisa**, Vol 16, Issue 1, 2015.

RABELO, Ivan. MAZARIOLLI, Andrea. Avaliação Cognitiva de Policiais Militares e Universitários em Medidas Padronizadas de Memória, Atenção e Inteligência. **Meta: Avaliação**; Vol. 11, Issue 32, p.468-494, 2019.

REPPOLD, Caroline. SERAFINI, Adriana. GURGEL, Léia. KAISER, Vanessa. Avaliação de aspectos cognitivos em adultos: análise de manuais de instrumentos aprovados. **Avaliação Psicológica**; Vol. 16, Issue 2, p.137-144, 2017.

RICHMAN, Erica Lynn; RADEMACHER, Kristen N.; MAITLAND, Theresa Laurie. **Coaching and College Success**. Journal of Postsecondary Education and Disability, v27 n1 p33-50 Spr 2014.

RIBEIRO, Ana. CALADO, Catarina, CERVEIRA, Pedro. OLIVEIRA, Carla. Personalidade e Funções Executivas nos estudantes do Ensino Superior. **Interações**; n. 42, Vol 12, 2016.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

SÁ, Abdala de. SOUSA, Zeila Aparecida. FERREIRA, Mônica. MIRANDA, Gilberto. Theory of causality assignment: Teaching and discent perceptions on the determinants of academic performance. **Advances in Scientific & Applied Accounting**, Vol. 12 Issue 2, p. 40-58, May-Aug2019.

SILVA, Eduardo. DOTTA, Silvia. Interfaces da flexibilidade cognitiva e da aprendizagem em fóruns de discussão. **RIED: Revista Iberoamericana de Educación a Distancia**; Vol. 21 Issue 1, p. 303-322, 2018.





## O PROCESSO DE TRANSIÇÃO DO DOMÍNIO DE INDIVÍDUO À PESSOA ATRAVÉS DO USO DA MALANDRAGEM

THE TRANSITION PROCESS FROM THE INDIVIDUAL TO THE PERSON DOMAIN  
THROUGH THE USE OF MALANDRAGE

Débora Priscila Marasca; Ernani Mügge

Universidade Feevale

**Resumo:** O contato de um sujeito com mundo literário o permite além de construir ideias, conhecer outros pontos de vista e estabelecer reflexões acerca da própria identidade e atuação no meio social. Com base, principalmente, nas proposições de Roberto da Matta (1997) e Lilia Schwarcz (2012, 2015), este trabalho objetiva analisar uma personagem originária da literatura brasileira, figura representante do povo brasileiro em meados do fim do século XIX e início do XX, no Rio de Janeiro, e através do seu discurso, delinear o processo da passagem de um mero indivíduo que se vale da malandragem para garantir a condição de pessoa no meio social. A análise será feita utilizando-se como corpus o conto *O homem que sabia javanês*, de Lima Barreto (1997) e estará centrada na personagem Castelo que, em uma confeitaria, no decorrer da narrativa, conta uma das mentiras emitidas às elites da época para conseguir recursos financeiros.

**Palavras-chave:** Indivíduo. Pessoa. Literatura. Lima Barreto.

**Abstract:** The contact of a subject with the literary world allows him in addition to building ideas, knowing other points of view and establishing reflections about his own identity and performance in the social environment. Based mainly on the propositions of Roberto da Matta (1997) and Lilia Schwarcz (2012, 2015), this work aims to analyze a character from Brazilian literature, a representative figure of the Brazilian people in the mid-late 19th and early 20th centuries, in Rio de Janeiro, and through his speech, outline the process of the passage of a mere individual who makes use of trickery to guarantee the condition of person in the social environment. The analysis will be done using as a corpus the short story *The man who knew javanese*, by Lima Barreto (1997) and will be centered on the character Castelo who, in a confectionery, during the narrative, tells one of the lies issued to the elites of the time to obtain financial resources.

**Keys word:** Individual. Person. Literature. Lima Barreto.

### INTRODUÇÃO

De acordo com Charaudeau (2009), ao adentrar o meio social, um sujeito constrói, com o passar do tempo, sua própria identidade, isto é, vai tomando consciência de si mesmo, o que o permite ser conhecedor de sua existência por meio da tomada de consciência de seu corpo, do seu saber, dos julgamentos e das ações.

E, é assim que, segundo os estudos de Da Matta (1997), um sujeito adquire o domínio de pessoa, desde o seu nascimento, do registro da sua existência mundana, passa a ser considerado parte constituinte de uma família, do espaço onde habita e, mais do que isso, a ser protegido



por esse meio, que tende a lutar sempre contra as dificuldades existentes, advindas dos espaços públicos. Já do outro lado, literalmente, centra-se o domínio de indivíduo, sujeito exposto às regras universalizantes de um Estado hierárquico, onde o dominante age, através do poder que tem ou recebeu através de um apadrinhamento, sobre o povo dominado, marginalizado.

A partir dessa concepção relacional entre indivíduo e pessoa, de Matta (1997), abordamos alguns elementos que demonstram o processo pelo qual se configura a passagem do domínio de indivíduo a pessoa, através da análise do discurso do narrador-personagem, Castelo, do conto de Lima Barreto intitulado *O homem que sabia javanês* (1997).

Primeiramente, recorre-se às reflexões de Schwarcz (2012, 2015) e SILVA (2011) para a construção de entendimentos acerca do cenário brasileiro, no que tangem as relações sociais, econômicas e culturas em meados do fim do século XIX e início do XX, consoante ao período pelo qual possivelmente perpassam as vivências da personagem. Em seguida, são expostos os conceitos de indivíduo e pessoa, traçando dados sobre como se dá a passagem de um sistema ao outro para que, por fim, seja possível identificar tal processo no discurso do narrador-personagem Castelo, de Lima Barreto, que representa de forma bastante fiel fragmentos da realidade de um sujeito brasileiro no período em questão.

## UM PANORAMA DO CENÁRIO BRASILEIRO DO FIM DO SÉCULO XIX AO INÍCIO DO XX

Segundo Schwarcz (2012), a partir do fim da escravidão, que ocorreu no ano de 1888, e com a desorganização do sistema e a necessidade da substituição da mão de obra cafeeira, o Brasil esforçou-se para atrair imigrantes para o país, em especial, os europeus, com a promessa da “terra da promessa” em substituição aos cativeiros ocupados pelos escravos.

Apesar de a Primeira República promover a ideia de liberdade e de igualdade jurídica, uma boa parte da população foi excluída das relações sociais que eram configuradas. A exemplo, no campo muitos imigrantes estrangeiros passaram a ser atraídos aos novos centros urbanos por gerarem empregos e também novos serviços. Então,

no período que vai de 1830 a 1930, europeus, africanos e asiáticos entraram no Brasil e passaram a conviver e a se sujeitar a costumes, hábitos e regras muitas vezes distintos de seus países de origem. No entanto, foi a partir do final do século XIX que os movimentos migratórios recrudesceram (SCHWARCZ, 2012, p. 66).



Logo, a migração das pessoas do campo para as cidades, bem como o elevado número de imigrantes europeus e asiáticos resultaram em desordem nos grandes centros urbanos, acompanhada do sofrimento do povo, promovido pelas consequências da alta inflação, que suscitou por sua vez o aumento significativo da pobreza. Carregavam o fardo da culpa os africanos e negros, os novos imigrantes aliados ao descontrole urbano.

Das últimas décadas do século XIX a 1930 o Brasil continuou sendo agrícola, houve a aceleração do crescimento e da modernização das cidades, fato que urgia com que ficassem aparentemente belas, para isso, a ideia foi enviar os pobres às margens, manter as construções públicas, construir instituições representativas, pensar no transporte coletivo. Enfim, a perspectiva que “no Rio de Janeiro ficou conhecida como “regeneração” parecia corresponder ao surto que ocorria em outras partes do mundo, trazendo a sensação de que o Brasil, finalmente, estava em harmonia com o progresso e a civilização” (SCHWARCZ, 2012, p. 45).

As condições de emprego da época também eram difíceis, desumanas, além da baixa remuneração, as pessoas seguiam horários fixos apenas de entrada ao trabalho, eram submetidas a castigos corporais, disciplina rigorosa. Aos negros não foram desenvolvidas políticas sociais de amparo social, e assim, o trabalho era exercido preferencialmente pelo povo imigrante que, para a elite urbana, detinha de maiores conhecimentos. Assim,

[...] o movimento era duplo: de um lado, destacava-se a inferioridade presente no componente negro e mestiço de nossa população; de outro, tentava-se escamotear o passado escravocrata e sua influência na conjuntura do país (SCHWARCZ, 2012, p. 61).

Após a segunda metade do século XIX, e com o fim do tráfico escravo, no ano de 1850, foi desenvolvida uma política favorável ao processo de imigração no Brasil, de modo a suprir necessidades advindas com a Abolição da Escravatura. No entanto, muitos sujeitos pertencentes à elite brasileira “escravizavam” os imigrantes que, se habituavam a regimes de servidão, semelhante ao modo como eram tratados os negros na condição de escravos. Ademais, esses sujeitos deveriam demonstrar lealdade, gratidão para com os seus patrões.

Logo, é possível perceber que o processo de urbanização das cidades, em especial, no Rio de Janeiro, em fim do século XIX e início de XX, foi, em verdade, bastante violento, no que tange a continuação de ações de exclusão, originárias do passado. Vitimando sempre os indivíduos negros, mulatos, os pobres, que propuseram desde então as próprias vinganças



contra o sistema, como as ações de malandragem para serem percebidos e valores como pessoas.

## **SOBRE A PASSAGEM DA CONDIÇÃO DE INDIVÍDUO À DE PESSOA**

Segundo Da Matta (1997), um indivíduo é igual ao outro, livre, tem o direito a fazer escolhas, sentir emoções, tem consciência individual, faz as regras do mundo no qual habita, não existe mediação entre ele e o todo, por outro lado, a ideia de pessoa advém da linha coletiva da individualidade, uma máscara colocada em um indivíduo ou grupo, que se transforma em ser social e ocupa grupos familiares, de trabalho e outros. Em cada um desses, os participantes conhecem o seu lugar e se sentem satisfeitos por terem consciência desse pertencimento, pela aceitação advinda do outro ou o seu reconhecimento.

Da Matta (1997) argumenta que o universo é constituído de indivíduos e para a sua estruturação são desenvolvidos decretos, regulamentos, leis, além de serviços essenciais garantidos pelo Estado. No entanto, as pessoas não foram feitas para leis que igualam os sujeitos, já os indivíduos são dependentes do sistema, de órgãos particulares ou dos públicos, uma vez que não têm um “padrinho”, isto é, alguém que os ajude em se tratando de elementos econômicos e sociais, assim, tendem a desconsiderar leis e normas sociais e se valem do “jeitinho brasileiro”, da malandragem para o alcance de objetivos que permeiam a sua existência.

Assim sendo, segundo Da Matta (1997), comumente, um sujeito constrói a passagem do domínio de pessoa a indivíduo e, depois, pessoa novamente. De pessoa quando está imerso ainda no espaço do lar, protegido do mundo externo, em seguida, de indivíduo quando adquire um emprego e pessoa novamente ao conseguir expor no meio público uma boa imagem pessoal, criar laços de confiança, a admiração dos patrões. Por isso, aqueles que conseguem fazer a junção do lar ao espaço do trabalho alcançam o sucesso em seus empregos.

A saída do lar e o acesso às ruas, ao público, perpassa por um processo, construído com o auxílio de mediadores, para que os sujeitos consigam enfrentar a vida, isto é, as dificuldades que possam surgir através das vivências no meio social. A mediação pode ser determinada por patrões, professores, dentre outros sujeitos e instituições.

A grande maioria das pessoas tem acesso ao mundo sem mediação alguma, por isso, estão sujeitas aos dilemas políticos, às leis da “oferta e da procura” e outras questões de cunho social,



político e econômico. Trata-se de uma massa ou de parte de um povo que está deslocado da condição de pessoa para assumir a individualização ou a falta de mediação. Assim,

não é por mero acaso que os brasileiros no exterior sentem “saudade”, ou seja, vêm a descobrir a terrível nostalgia do estado de solidão, quando se situam diante de um mundo impessoal, sem nenhuma relação de mediação e de complementaridade com ele (Da Matta, 1997, p. 243).

O mesmo acontece quando um sujeito se desloca de um estado a outro ou de uma região a outra, quando afastado do círculo social ao qual já estava habituado a pertencer, a ser aceito. Prova está através da própria literatura brasileira, que se constitui de personagens que buscam uma reafirmação social, como é o caso de Castelo, em *O homem que sabia javanês*, de Lima Barreto, que migra de uma região a outra do Brasil, na tentativa de se erguer como pessoa no meio social.

Da Matta (1997) destaca que uma situação comum que resulta na passagem do plano de pessoa a indivíduo se dá quando alguém perde o emprego, um bem material significativo como a casa, ausenta-se do meio social por motivo de doença, então acaba por ficar excluído do meio social do qual fazia parte e, conseqüentemente se encaminha ao sistema dos indivíduos. Tão drástica quanto comum é a passagem de pessoa a indivíduo e, na história da formação identitária do povo brasileiro muitos foram os sujeitos que vivenciaram tal processo adjunto a situações de repressão e exclusão que, posteriormente foram representados através da figura de personagens marcantes no plano literário.

## **SOBRE COMO SE DÁ A PASSAGEM DE INDIVÍDUO A PESSOA OU DA PRÁTICA DA MALANDRAGEM**

*O homem que sabia javanês*, publicado pela primeira vez em 1911 no jornal Gazeta da Tarde, do Rio de Janeiro, é um conto de Lima Barreto que, se vale da literatura para registrar as características referentes aos sujeitos que habitaram o meio urbano entre o fim do século XIX e início do XX, no Rio de Janeiro.

A obra narra uma conversa em uma confeitaria do Rio de Janeiro, entre Castelo, um típico sujeito malandro, que se aproveita da prática da malandragem para, segundo ele, poder viver e, tendo adquirido ganhos financeiros significativos a partir de suas ações, as relata em um tom bastante irônico ao amigo Castro, quem o faz companhia no local.



Ao iniciar a exposição de uma de suas aventuras pelo Brasil, Castelo explica que havia chegado a poucos dias ao Rio de Janeiro e estava literalmente na miséria, sem trabalho e, conseqüentemente sem dinheiro, enfrentava os seus maiores adversários abstratos, a pobreza e a fome. Eis então a representação da figura do malandro que: “[...] – quase sempre – enfrenta adversários – concretos ou abstratos; míticos ou reais; institucionais ou pessoais – maiores e/ou mais poderosos que ele, entre os quais podemos citar a fome, a pobreza, as classes dominantes e até algumas entidades sobrenaturais, como a morte, o demônio etc.” (FRAZÃO, 2003, p. 53). Nesse sentido, Castelo, estando na condição de indivíduo, sem emprego, moradia e possivelmente longe do próprio lar, encontra como alternativa para efetivar a transição de indivíduo à pessoa a oferta de um emprego, o de professor de javanês. Desponta então a ideia de mentir sobre o seu conhecimento acerca da língua malaia e “ensiná-la” ao Barão de Jacuecanga, doutor Manuel Feliciano Soares Albernaz, o responsável pelo anúncio.

O início da conversa entre o Barão e Castelo já foi permeado por um discurso mentiroso sobre como aprendeu a falar o idioma javanês: “

Não contava com essa pergunta, mas imediatamente arquitetei uma mentira. Conte-lhe que meu pai era javanês. Tripulante de um navio mercante, viera ter à Bahia, estabelecera-se nas proximidades de Canavieiras como pescador, casara, prosperara e fora com ele que aprendi javanês (BARRETO, 1997, p. 4).

Nesse trecho, fica claro que Castelo precisa utilizar-se da inteligência que tem para construir argumentos que resultem no convencimento quanto a sua personalidade e ao seu conhecimento enquanto professor de uma língua, uma vez que

malandro é aquele para o qual a inteligência e seus ardis vêm sempre em primeiro plano, de modo que a burla, a astúcia, a trapaça, o golpe, sempre precedem a valentia na superação de obstáculos extraordinários ou situações ameaçadoras, que deseja superar (FRAZÃO, 2003, p. 54).

Dessa forma, as estratégias e discursos que promoviam a malandragem eram acompanhadas também pela criatividade demonstrada através do seu trabalho, que de ensino passou a ser fazer a “leitura” de um livro deixado para a família do Barão, o qual prometia evitar desgraças e trazer felicidades se compreendido efetivamente. Inclusive, essa foi a promessa de Castelo, fazer o patrão compreender a história.

E assim, nesse processo de entendimento da obra, quanto maior a intimidade existente na relação entre o professor e o Barão de Jacubanga, maior era o apreço desse. E, aproveitando-se disso e da confiança depositada naquele, aumentavam necessariamente as mentiras,



arquitetadas por meio da inteligência. Como fica no trecho: “Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e impingi-as ao velhote como sendo do crônicon. Como ele ouvia aquelas bobagens!” (BARRETO, 1997, p. 6).

Foi por intermédio do avanço na leitura, permeado à condição de malandro que, conseqüentemente, resultou na sua ascensão social e, de indivíduo Castelo transcendeu à condição de pessoa, isto é, fez do seu ambiente de trabalho o seu próprio lar e foi apadrinhado pelo doutor Manuel Feliciano Soares Albernaz, o Barão de Jacubanga. Afinal,

é pequeno o tempo que a pessoa vive como indivíduo. Em outras palavras, existe uma boa oportunidade para a descoberta de um “bom patrão” que nos ajudará transformar o escritório num “segundo lar” (MATTA, 1997, p. 241).

Desse modo, o Barão de Jacubanga, o crédulo e “bom patrão”, ajudou Castelo a enfrentar as dificuldades pelas quais estava passando em vida e, se antes de o conhecer era um mero indivíduo vivendo em um mundo marcado pelas leis gerais e universalizantes, sua condição de professor e, então, conseqüentemente de pessoa, o fez evoluir ao ponto de conquistar o cargo de cônsul de Havana e ainda adquirir uma parte da herança do “padrinho”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O plano da realidade e ficção se confundem na representação da personagem Castelo, do conto de Lima Barreto (1997), uma vez que a figura que permeia o Rio de Janeiro em fim do século XIX e início do XX ainda hoje é o reflexo de muitos sujeitos que habitam os espaços urbanos e rurais e também continuam sendo representados no imaginário ficcional, materializado através da literatura.

Castelo, no início do conto, vive sob o domínio de indivíduo, é a figura do malandro carioca, além do mais, um sujeito desempregado, possivelmente vítima do sistema, até mesmo das más condições de trabalho presentes à época. No entanto, a necessidade de trabalho para financiar custos básicos de sobrevivência implica a Castelo o uso da malandragem perante as elites brasileiras. Além dele, outros indivíduos contestaram, na mesma época, melhores condições de trabalho por meio de movimentos sociais, de acordo com Lilia Schwarcz (1997). Logo, Castelo é a representação, no plano da ficção, de um sujeito que transcende da condição de indivíduo à pessoa, isto é, luta por melhores condições de vida, assim como lutaram também, nesse mesmo período, os negros, mestiços, imigrantes, pobres. Afinal, em um mundo habitado



por classes dominantes, que excluem, eliminam, julgam o outro, cabe aos destituídos de poder a revolta, a violência, a malandragem, sempre contra o sistema perverso.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. **O homem que sabia javanês e outros contos**. Curitiba: Polo Editorial do Paraná, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. **Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional**. 2009. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>>. Acesso em: 01 set. 2020.

FRAZÃO, Rosenberg Fernando de Oliveira. **Malandragem e ordem social: um estudo da autoridade malandra através do samba e da literatura**. 2003. 301 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (Coord.). **A abertura para o mundo: 1889 – 1930**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Alberto da Costa e (Coord.) **Crise colonial e independência: 1808 – 1830**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.





## **CAMINHOS PARA NOVO HAMBURGO SE TORNAR UMA CIDADE CRIATIVA: UMA COMPARAÇÃO À LUZ DA LITERATURA COM A LEI Nº 2667/2013**

PATHS TO NEW HAMBURG BECOMING A CREATIVE CITY: A COMPARISON IN THE LIGHT OF LITERATURE WITH LAW NO. 2667/2013

João Carlos da Rocha Júnior; Marta Rosecler Bez; Douglas Junio Fernandes Assumpção; Cassia

Franciele Rosa Da Silva Rocha; Mary Sandra Guerra Ashton

Universidade Feevale

**RESUMO:** A cidade de Novo Hamburgo busca a certificação da UNESCO para se tornar uma Cidade Criativa. O município possui garantido em lei a criação de condições para o desenvolvimento da cultura como espaço de inovação e expressão da criatividade local e fonte de oportunidades de geração de ocupações produtivas e de renda, através da Lei Nº 2667/2013. Através da técnica de análise de conteúdo, este estudo objetiva analisar a dimensão econômica desta referida lei, realizando uma comparação à luz da literatura, com o intuito de entender se a referida lei está em consonância com a literatura. Por fim, alguns exemplos de cidades criativas brasileiras podem servir como base de estratégia para cidade de Novo Hamburgo e outras que desejam buscar este título, mas nunca serem copiadas, sempre respeitando a singularidade de cada cidade.

**Palavras chave:** Cidades Criativas. Lei. Estratégias. Incentivos.

**ABSTRACT:** The city of Novo Hamburgo seeks UNESCO certification to become a Creative City. The municipality is guaranteed by law the creation of conditions for the development of culture as a space for innovation and expression of local creativity and a source of opportunities for generating productive occupations and income, through Law No. 2667/2013. Through the technique of content analysis, this study aims to analyze the economic dimension of this law, making a comparison in the light of the literature, in order to understand whether the law is in line with the literature. Finally, some examples of creative Brazilian cities can serve as a strategy base for the city of Novo Hamburgo and others that wish to pursue this title, but never be copied, always respecting the uniqueness of each city.

**Key words:** Creative Cities. Public Notices. Strategies. Incentives.

### **1 INTRODUÇÃO**

De acordo Reis (2008) o conceito de cidade criativa perpassa pela capacidade de transformação contínua da estrutura socioeconômica de um município, baseia-se na criatividade de seus habitantes, aliando suas vocações econômicas e as singularidades culturais. Para Landry (2013) uma cidade criativa é aquela que resolve seus problemas em conjunto, gestão pública juntamente com os cidadãos, reinventando-se através de sua história e características.

Com o intuito de estimular o desenvolvimento das cidades criativas, a UNESCO criou, em 2004, a Rede de Cidades Criativas (SOUZA, *et al.* 2020; PEIXOTO, 2012). Em 2019, a



cidade de Novo Hamburgo esteve entre as únicas cidades do Rio Grande do Sul inscritas no processo seletivo da UNESCO, juntamente com Pelotas (FIEC, 2019). No entanto, a cidade de Novo Hamburgo não obteve êxito.

Considerando a importância da atuação da gestão pública para o desenvolvimento de uma cidade criativa e o interesse de Novo Hamburgo, busca-se através deste estudo entender como a cidade de Novo Hamburgo assegura em lei o desenvolvimento econômico da cultura, por meio da lei Nº 2667/2013 realizando um comparativo com a literatura e com práticas realizadas por outras cidades que já fazem parte da Rede de Cidades Criativas da Unesco (RCCU) no Brasil.

## 2 METODOLOGIA

O método utilizado é de natureza aplicada, qualitativa e exploratória, através da técnica de análise de conteúdo (AC). Para Bardin (1977) a AC é constantemente utilizada e aplicada em discursos diversificados. A técnica compreende três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. O corpus desta pesquisa é a Lei Municipal Nº 2667/2013, de 20 de dezembro 2013. Desta forma, a pré-análise foi realizada com base na literatura de Cidades Criativas, após se identificou a lei Nº 2667/2013, sendo realizado um recorte na seção III da lei, a qual se refere a “Dimensão Econômica da Cultura”. Partiu-se para a etapa de exploração, sendo realizada leitura referente a economia criativa e cidades criativas, criando assim categorias de análises, para posterior tratamento dos resultados. Por fim os resultados foram tratados por meio de comparação entre literatura e o texto presente em lei.

## 3 UMA NOVA ERA ECONÔMICA EXIGE NOVOS FORMATOS DE CIDADES

Para Vivant (2012), uma das formas de superar o declínio da era industrial foi justamente contar com a classe criativa, pois para a autora a força da cidade está ligada à sua dimensão criativa. A classe criativa é importante na nova economia cognitiva, sendo a matéria prima a informação e o conhecimento (VIVANT, 2012). No entendimento de Florida (2011) os profissionais da classe criativa selecionam a cidade que vão viver de acordo sua diversidade, com opções culturais, gastronômicas e que fomentem a multiplicidade de pensamentos. Desta forma, ter um ambiente propício para atração desta classe é essencial, pois esta atrairá



desenvolvimento e empresas de alto valor agregado, como o caso do Vale do Silício (VIVANT, 2012).

Neste sentido, entende-se que cabe as cidades atraírem empresas e estas, por sua vez, os talentos. Com o surgimento da economia criativa, as empresas começaram a fomentar na atração e retenção de profissionais qualificados, deixando de serem artistas isolados para agentes voltados para a resolução de problemas, entretenimento e cultura, ou seja, trata-se de uma economia que necessita dos setores criativos como indústrias culturais, arte, artesanato e os setores econômicos, como software, propaganda, design, moda, arquitetura e mídias digitais (FLORIDA, 2011).

#### **4 CIDADES CRIATIVAS: MAIS DO QUE UMA OPÇÃO, UMA NECESSIDADE DE ADEQUAÇÃO A UMA NOVA ERA ECONÔMICA**

Segundo Landry (2013) a criatividade é um recurso de grande potencial renovável, que aliada a tradição (não-renovável) cria um cenário com vantagem competitiva sustentável para a cidade. O autor destaca também que pela primeira vez na história a imaginação e conhecimento são fontes de produtividade econômica (Landry 2013):

Hoje há uma valorização da criatividade. Pela primeira vez na história, a imaginação e seu conhecimento resultante são as principais fontes de produtividade econômica e de solução de problemas. (LANDRY, 2013. p. 55).

Para Ashton (2015) as cidades criativas estão em constantes adaptações, as necessidades econômicas, mas também da qualidade de vida urbana, alicerçada através da cultura da criatividade. O potencial criativo está atrelado a um pensamento amplo, o qual esteja em consonância com a história e a cultura do local (Landry 2013). Na visão de Reis (2008) as estratégias, políticas, ações e modelos não podem ser copiadas integralmente de uma cidade para outra, pois devido as singularidades de cada cidade.

Após entender os conceitos, busca-se compreender como se tornar formalmente uma cidade criativa. A ONU estabeleceu os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), dentre eles o de “Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis” ONU (2020). É a partir deste objetivo que a UNESCO (2020) referencia a necessidade de desenvolver cidades criativas. Sendo que para ser considerada formalmente uma cidade criativa precisam estar presentes na cidade: música, cinema, design, artes, artesanato e arte popular, mídias digitais ou gastronomia. No entanto, segundo Reis (2008) é necessário que



haja o resgate histórico, sendo que o envolvimento e a continuidade dos projetos com a participação da esfera governamental são fundamentais, para que haja uma estratégia social de longo prazo.

## 4.1 CIDADES CRIATIVAS NO BRASIL

Atualmente a RCCU conta com 189 cidades distribuídas globalmente e que fomentam eventos de literatura, design, artesanato e arte popular, cinema, música, artes de mídia e gastronomia, sendo 10 destas cidades situadas no Brasil (SOUZA *et al.*, 2020; UNESCO, 2020). Brasília, Curitiba e Fortaleza compõe a rede pelo design, Florianópolis, Belo Horizonte, Paraty e Belém como cidades gastronômicas, Santos através do cinema, Salvador através da música e João Pessoa através de artesanato e artes populares (SOUZA *et al.*, 2020; UNESCO, 2020). Tendo sido integrada a RCCU em 2019, Fortaleza concorreu com outras 14 cidades brasileiras, de 8 estados, sendo Pelotas e Novo Hamburgo as únicas cidades do Rio Grande do Sul inscritas no processo seletivo, nas categorias de música e cinema, respectivamente (FIEC, 2019).

## 4.2 NOVO HAMBURGO E A POLÍTICA MUNICIPAL DE CULTURA

Tendo como principal fonte de renda e geração de empregos o setor de serviços e comércio, anteriormente conhecida como “capital nacional do calçado” (PMC, 2015/2016), foi apenas na última década que a questão patrimonial e cultural ganhou mais visibilidade na cidade de Novo Hamburgo (PMC, 2015/2016). A existência de uma Secretaria Municipal (SECULT) com foco exclusivo na Cultura de Novo Hamburgo data apenas de setembro de 2007 (PMC, 2015/2016; LEI N°1663/2007).

A SECULT conta atualmente, segundo o Plano Municipal de Cultura, com 16 instrumentos legais para a condução de suas atividades, mas é a Lei n°2667 de 2013, que cria o Sistema Municipal de Cultura (SMC) que tem por finalidade promover o desenvolvimento humano, social e econômico, garantindo pleno exercício dos direitos culturais e por fim, se constituindo como principal articulador, no âmbito municipal, das políticas públicas de cultura (PMC, 2015/2016; LEI N° 2667, 2013).



## 4.3 LEI 2667 DE 2013

Conforme exposto, uma cidade criativa será, necessariamente, uma cidade sustentável e humana, traduzindo os princípios adotados pela Secretaria da Economia Criativa e Diversidade Cultural em valores essenciais à cidade como diversidade cultural, inclusão social, inovação e sustentabilidade, sendo este, de acordo com Leitão (2016), o maior e mais instigante desafio. Dando continuidade, será exposto os textos da seção III da LEI Nº 2667, 2013, bem como apresentada as discussões teóricas em torno de artigo.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Reis (2008) a cidade pós-industrial se baseia no reconhecimento de capital humano, social e econômico. Desta forma, considerando estes fatores, o SMC de Novo Hamburgo sugere como um alinhamento condizente com a transição de uma cidade pós-industrial, em direção a se tornar uma cidade criativa, afirmando que:

Art. 22 Cabe ao Poder Público Municipal criar as condições para o desenvolvimento da cultura como espaço de inovação e expressão da criatividade local e fonte de oportunidades de geração de ocupações produtivas e de renda, fomentando a sustentabilidade e promovendo a desconcentração dos fluxos de formação, produção e difusão das distintas linguagens artísticas e múltiplas expressões culturais. (LEI Nº 2667, 2013, ART. 22)

No que se refere a produção e difusão de diferentes linguagens artísticas e culturais, a lei municipal de Novo Hamburgo não se distancia de ações realizadas por Brasília (DF), que compõe atualmente a RCCU, a qual abriu edital de chamamento Nº3/2020 que contempla as linguagens artísticas, prevendo um investimento de dois milhões e cinquenta mil reais, contemplando 104 projetos culturais (SOUSA *et al.*, 2020). Segundo Sousa *et al.*, (2020), durante a Pandemia da Covid-19, a cidade de Florianópolis (SC), também pertencente a RCCU, abriu edital público prevendo investimento no desenvolvimento cultural, segmentando em dois eixos: formação/pesquisa e produção/difusão, indo ao encontro do artigo 23, parágrafo I da Lei 2667/2013 que determina que:

Art. 23 O Poder Público Municipal deve fomentar a economia da cultura como:

I - sistema de produção, materializado em cadeias produtivas, num processo que envolva as fases de pesquisa, formação, produção, difusão, distribuição e consumo (LEI Nº 2667, 2013, ART. 23, INC. I)

O artigo 23 da Lei 2667/2013, ainda contempla o:





II - elemento estratégico da economia contemporânea, em que se configura como um dos segmentos mais dinâmicos e importante fator de desenvolvimento econômico e social (LEI Nº 2667, 2013, ART. 23, INC. II)

Neste aspecto, destaca-se a cidade criativa de Fortaleza (CE), onde foram realizadas ações como a digitalização do equipamento municipal conhecido como “Vila das Artes”, que promove diversas atividades ligadas à acessibilidade, mecatrônica e arte e cultura digital (SOUSA *et al.*, 2020). Considerando o contexto de desenvolvimento de uma cidade criativa, Vivant (2012) destaca a importância de fatores como diversidade, comunidade homossexual e boêmia artística. No entanto, conforme reforçado por Landry (2013), fica evidente que a inclusão precisa estar em foco nos planos de desenvolvimento de qualquer cidade, garantindo a diversidade cultural prevista na Lei Municipal 2667/2013, descrevendo o:

III - conjunto de valores e práticas que têm como referência a identidade e a diversidade cultural dos povos, possibilitando compatibilizar modernização e desenvolvimento humano (LEI Nº 2667, 2013, ART. 23, INC. III)

As cidades criativas são singulares e detentoras de características que podem ser identificadas através de um resgate histórico, cada cidade criativa oferece um cadastro rico de alimentos, artes, patrimônio e natureza (LANDRY, 2013; REIS, 2008), riqueza esta, visualizada também pelo Sistema Municipal de Cultura da cidade de Novo Hamburgo, que determina que:

Art. 24 As políticas públicas no campo da economia da cultura devem entender os bens culturais como portadores de ideias, valores e sentidos que constituem a identidade e a diversidade cultural do município, não restritos ao seu valor mercantil (LEI Nº 2667, 2013, ART. 24)

Quando o contexto é patrimônio e diversidade cultural, o destaque fica à cargo da cidade de Florianópolis (SC), que através da Fundação Cultural Franklin Cascaes aplica um edital de chamamento público, com concessão de novecentos e noventa mil reais para projetos artísticos e culturais nas áreas de patrimônio e humanidades, artes e diversidade cultural, fazendo jus ao título de cidade criativa (SOUSA *et al.*, 2020). No entanto, para ser considerada uma cidade criativa por completo, é necessário ir muito além das indústrias criativas, sendo necessário florescer à administração pública, aspectos como inovações sociais, exercendo a criatividade em áreas como saúde, serviços sociais ou mesmo política e governança (LANDRY, 2011). Ainda nesta linha, a Lei 2667/2013 prevê que:



Art. 25 As políticas de fomento à cultura devem ser implementadas de acordo com as especificidades de cada cadeia produtiva . (LEI Nº 2667, 2013, ART. 25)

Para Reis (2008), o desenvolvimento de cidades criativas precisa contar com elementos como convergência de interesses públicos, privados e da sociedade civil, investimento em educação e cultura, engajamento da comunidade, e políticas públicas com continuidade, fatores estes convergentes com PMC de Novo Hamburgo, que defende que:

Art. 26 O objetivo das políticas públicas de fomento à cultura no Município de Novo Hamburgo deve ser estimular a criação e o desenvolvimento de bens, produtos e serviços e a geração de conhecimentos que sejam compartilhados por todos (LEI Nº 2667, 2013, ART. 26)

Em relação à política brasileira como um todo, Messias (2017) relata que as leis buscam descartar termos vagos referentes a criatividade e conhecimento, uma vez que se constituem em insumos de grande parte das atividades econômicas. Outro ponto levantado pela autora diz respeito a exigência de direitos autorais, posto que parte dessas atividades, a política brasileira, não o tem assegurado (MESSIAS, 2017). A respeito de direitos autorais, a Lei municipal 2667/2013 determina que:

Art. 27 O Poder Público deve apoiar os artistas e produtores culturais atuantes no município para que tenham assegurado o direito autoral de suas obras (LEI Nº 2667, 2013, ART. 27)

Assim sendo, a PMC do município de Novo Hamburgo, segue em consonância com o Modelo Estruturante da Política Nacional de Economia Criativa (PNEC), baseado nos conceitos da UNESCO que defende que bens e serviços protegidos por direito autoral fortalecem a economia criativa e, por fim, estimulando o desenvolvimento de cidades criativas (MESSIAS, 2017).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À Luz dos conceitos de cidades criativas, a Política Municipal de Cultura (PMC) do município de Novo Hamburgo, expressa pela Lei 2667/2013 e pertencente ao Plano Municipal de Cultura, se mostra teoricamente alinhada para se desenvolver enquanto cidade criativa. Na prática, as cidades brasileiras pertencentes a Rede de Cidades Criativas da Unesco (RCCU), já desenvolvem projetos condizente com a PMC de Novo Hamburgo, enfatizando o posicionamento correto do município que vem em busca de pertencimento a RCCU. No



entanto, torna-se necessário um aprofundamento sobre as ações práticas do município de Novo Hamburgo quando comparadas à própria PMC e demais cidades que já obtiveram o título de cidade criativa.

## 6 REFERÊNCIAS

ASHTON, M. S. G. Cidades Criativas: produção e consumo turístico. pp. 292-307. In PANOSSO NETTO, A. ANSARAH, M. G. R. **Produtos Turísticos e Novos Segmentos de Mercado**. Barueri, SP: Manole, 2015. 424p.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. **Lisboa: Edições 70 Ltda**, 1977

FIEC, 2019. **Federação de Indústrias do Estado do Ceará**. Disponível em: <https://www1.sfipec.org.br/fiec-noticias/search/125854/fortaleza-e-finalista-ao-titulo-de-cidade-criativa-da-unesco>. Acesso em: 03/11/2020.

FLORIDA, RICHARD. A ascensão da classe criativa. Porto Alegre: **L&PM Editores**, 2011.

LANDRY, CHARLES. Cidade criativa: a história de um conceito. in: REIS, ANA CARLA FONSECA; KAGEYAMA, PETER. **Cidades criativas – perspectivas**. São Paulo: Garimpo de Soluções & Creative Cities Productions, 2011.

LANDRY, CHARLES. Origens e futuros da cidade criativa. São Paulo: **SESI-SP editora**, 2013.

**LEI Nº 1663/2007**. Introduz Alterações na Estrutura Administrativa Organizacional da Cidade de Novo Hamburgo. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/n/novo-hamburgo/lei-ordinaria/2007/166/1663/lei-ordinaria-n-1663-2007-introduz-alteracoes-na-estrutura-administrativa-organizacional-da-prefeitura-municipal-de-novo-hamburgo>. Acesso em: 08/11/2020.

**LEI Nº 2667/13**. Cria o Sistema Municipal de Cultura e dá outras providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/n/novo-hamburgo/lei-ordinaria/2013/266/2667/lei-ordinaria-n-2667-2013-cria-o-sistema-municipal-de-cultura-e-das-outras-providencias>. Acessado em 26/11/2020

LEITÃO, CLÁUDIA SOUSA. O Destino das Cidades ou as Cidades como Destino: Uma Reflexão sobre Cidades Criativas a partir de Políticas Públicas Culturais. © **RIGS revista interdisciplinar de gestão social** v.5.

**MESSIAS, FERNANDA BOCORNY**. O Pentagrama da Sustentabilidade na visão da Economia Criativa - um estudo da Economia Criativa na Austrália, Reino Unido, Argentina, Colômbia e Brasil. Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília. Brasília, 2017 (230 páginas) p.:il. (69).

ONU. **Desenvolvimento Sustentável**. 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acessado em 20/11/2020





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

PEIXOTO, PAULO. Título da página eletrônica: Criaticidades – Cidades criativas no Brasil, **Revista Crítica de Ciências Sociais [Online]**, 99 | 2012, posto online no dia 04 setembro 2013, consultado o 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/5183> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/rccs.5183>

PMC, 2015/2016. **Plano Municipal De Cultura De Novo Hamburgo**. Disponível em: [https://novohamburgo.rs.gov.br/sites/pmnh/files/arquivos/201802/plano\\_municipal\\_de\\_cultura.pdf](https://novohamburgo.rs.gov.br/sites/pmnh/files/arquivos/201802/plano_municipal_de_cultura.pdf) ). Acesso em: 03/11/2020.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Cidades criativas, turismo cultural e regeneração urbana**. São Paulo. 2008.

SEC (2020). **Secretaria Especial da Cultura**. Disponível em: <http://cultura.gov.br/governo-vai-apoiar-quatro-candidaturas-para-rede-de-cidades-criativas-da-unesco/>. Acesso em: 03/11/2020.

SECDC, 2020. **Secretaria Nacional da Economia Criativa E Diversidade Cultural**. Disponível em: <http://cultura.gov.br/secretaria/secretarias/sec-secretaria-da-economia-criativa/>. Acesso em: 03/11/2020.

SOUSA MF, MELLO AS, COLVARA LF. CIDADES CRIATIVAS DA UNESCO NO BRASIL: Uma Pesquisa Exploratória Sobre O Comportamento Do Poder Público Na Implementação De Estratégias E Estratégias Voltadas À Economia Da Cultura Durante A Pandemia Provocada Pela COVID-19. **Revista Ciências Humanas - UNITAU, Taubaté/SP** - Brasil, v. 13, n 2, edição 27, p. 16 - 27, Maio/Agosto 2020

UNESCO. Cidades Criativas. 2020. Disponível em: <https://en.unesco.org/creative-cities/content/why-creativity-why-cities>. Acessado em 03/11/2020





## A CONTRIBUIÇÃO DAS LEGISLAÇÕES BASILARES DA EDUCAÇÃO INTEGRAL NO CUMPRIMENTO EFETIVO DA META 6 DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO- PNE

### LA CONTRIBUCIÓN DE LAS LEGISLACIONES BÁSICAS DE EDUCACIÓN INTEGRAL EN EL CUMPLIMIENTO EFECTIVO DE LA META 6 DEL PLANO NACIONAL DE EDUCACIÓN – PNE

Andresa Taís Da Silva; Dinora Tereza Zucchetti; Liliane Maria Da Silva

Universidade Feevale

**Resumo:** O presente estudo tem o objetivo de analisar como a legislação basilar da Educação Integral no Brasil, contribui para a efetivação da meta 6 do Plano Nacional de Educação (PNE), sendo este o plano que norteia as ações da educação no país. A meta 6 envolve um conjunto de estratégias que visam contemplar a Educação Integral em 50% das escolas públicas e atender 25% dos alunos em tempo integral, destacando que a educação integral como principal medida para a oferta de educação de qualidade. Neste sentido, os autores que embasam a presente pesquisa são Moll (2012), Eboli (1969), Schmidt (2018) e as legislações que perpassam o desenvolvimento do PNE. A metodologia adotada trata-se da abordagem qualitativa, de cunho exploratório e levantamento bibliográfico, utilizando como técnica de análise de dados a análise documental. Os dados originados deste estudo, apontaram que o desenvolvimento da meta 6 está distante de alcançar sua proposta, assim como também, a articulação entre as legislações intersetoriais necessita de continuidade para resultados satisfatórios.

**Palavras-chave:** Plano Nacional de Educação. Educação Integral. Políticas Públicas.

**Resumen:** El presente estudio tiene como objetivo analizar cómo la legislación básica de Educación Integral en Brasil, contribuye a la realización de la meta 6 del Plano Nacional de Educación (PNE), que es el plan que guía las acciones de educación en el país. La Meta 6 involucra un conjunto de estrategias que tienen como objetivo contemplar la Educación Integral en el 50% de las escuelas públicas y atender al 25% de los estudiantes de tiempo completo, destacando que la educación integral como la principal medida para la provisión de una educación de calidad. En este sentido, los autores en los que se basa la presente investigación son Moll (2012), Eboli (1969), Schmidt (2018) y la legislación que impregna el desarrollo de las PNE. La metodología adoptada es un enfoque cualitativo, exploratorio y de relevamiento bibliográfico, utilizando el análisis de documentos como técnica de análisis de datos. Los datos originados en este estudio, señalaron que el desarrollo de la meta 6 está lejos de alcanzar su propuesta, así como, la articulación entre legislaciones intersectoriales necesita continuidad para resultados satisfactorios.

**Palabras clave:** Plano Nacional de Educação. Educación Integral. Políticas Públicas.

## INTRODUÇÃO

O percurso histórico da educação integral brasileira, tem seu início na década de 1950, quando Anísio Teixeira, professor e idealizador da proposta da educação integral no Brasil, inaugurou o Centro Educacional Carneiro Ribeiro (CECR) na Bahia. Teixeira contribuiu com



grandes avanços na época, implementando legislações e realizando reformas que movimentaram a educação pública positivamente, comprometendo o Estado em ofertar aos sujeitos expostos a vulnerabilidade, o ensino de qualidade e que atendessem as suas necessidades, proporcionando uma educação para todos os cidadãos e não somente às classes “elitizadas” (EBOLI, 1969).

Nessa perspectiva, ao investigar sobre a meta 6 do Plano Nacional de Educação- PNE (2014-2024), na qual propõe a oferta de “educação em tempo integral em, no mínimo 50% das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25 % dos (as) alunos (as) da educação básica” (BRASIL, 2014). Percebe-se que, este vem sendo um compromisso do Estado juntamente com o governo Federal, se torna relevante, uma vez que, investir na educação é o princípio para a formação de sujeitos críticos e conscientes no mundo em que vivem.

Assim, o presente estudo tem o intuito de analisar como as políticas públicas acerca da educação integral no Brasil, contribuem para a efetivação da meta 6 do PNE, uma vez que está em vigência no período de 2014 a 2024. A fim de investigar se a legislação atual converge com ações que visam amparar as estratégias da meta 6 para sua efetivação, além disso, identificar o progresso da meta neste período de vigência do PNE. É importante compreender que a inserção de políticas públicas está interligada a um conjunto de ações, como destaca Schmidt (2018, p.126): “Uma política compreende um conjunto de ações e iniciativas tendencialmente coerentes entre si, que geralmente envolvem várias áreas”.

Este estudo se caracteriza pela abordagem qualitativa, de cunho exploratório com levantamento bibliográfico, e apresenta como técnica de análise de dados, a análise documental. Este artigo encontra-se assim organizado: apresenta-se o delineamento metodológico da pesquisa; parte-se da discussão sobre o processo de legislação da educação integral no Brasil, articulando com os autores basiliares; e por fim, as considerações finais.

## **METODOLOGIA**

Este estudo tem como base a legislação basilar da Educação Integral, que está diretamente vinculada com a meta 6 do PNE. O método utilizado no desenvolvimento da presente pesquisa se deu pela pesquisa bibliográfica que “é realizada com base em fontes disponíveis, como documentos impressos, artigos científicos, livros, teses, dissertações”. (MARCONI E



LAKATOS, 2020, p. 32). Neste sentido, o presente estudo ocorreu através do levantamento das legislações e dos documentos divulgados pelo Inep por meio do Ministério da Educação (MEC).

Assim, este estudo, que se caracteriza pela abordagem qualitativa, teve como objetivo analisar como as políticas públicas da educação integral no Brasil, contribuem para a efetivação da meta 6 do PNE.

A coleta de dados deste estudo ocorreu em duas etapas, sendo elas: a- busca no site do Ministério da Educação documentos divulgados sobre a meta 6; b- busca das atuais legislações que embasam a efetivação da educação integral no país. A análise de dados ocorreu através de análise documental, partindo das mensagens em que os documentos e leituras nos trazem, proporcionando ao pesquisador maiores interpretações dos dados obtidos.

## **O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E O PERCURSO LEGISLATIVO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL**

O Plano Nacional de Educação (PNE) foi aprovado pela Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, no governo da presidenta Dilma Rousseff. O PNE se configura como um importante instrumento para qualificar a educação pública, como também se “constitui um marco fundamental para as políticas públicas brasileiras”. (BRASIL, 2015, p. 11). As Políticas públicas segundo Schmidt (2018) são ações do governo sobre os problemas políticos de ordem pública ou coletiva, “a política pública é uma resposta a um problema político.” (SCHMIDT, 2018, p. 122), isto é, tratam-se de ações que visam suprir as necessidades sociais, da sociedade. Ao ser instituído a lei normativa nº 13.005, apresenta em seus artigos e incisos a importância da articulação entre Estados e municípios para a efetivação do plano em âmbito nacional. Cabe destacar o art. 8º que define “os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão elaborar seus correspondentes planos de educação, ou adequar os planos já aprovados em lei, em consonância com as diretrizes, metas e estratégias previstas neste PNE” (BRASIL, 2014, s.p).

Através da instituição do PNE, o governo Federal, o Distrito Federal, os Estados e Municípios reafirmaram e ampliaram o compromisso já assumido anteriormente, através da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nessa direção, podemos inferir que as ações políticas partem de uma situação problema na qual perpassa por todos os entes federativos, assim efetivando políticas públicas que se definem por “um conjunto de decisões e ações adotadas por órgãos públicos e



organizações da sociedade, intencionalmente coerente entre si, que, sob coordenação estatal, destinam-se a enfrentar um problema político” (SCHMIDT, p. 127).

No intuito de ampliar a rede de amparo aos Estados e municípios em 2007, é aprovada a Lei nº 11.494 de 20 de junho que regulamenta o Fundo de Manutenção e desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação- FUNDEB. A lei destaca o investimento na educação básica nas diferentes etapas, modalidades e tipos de estabelecimento, dentre elas destacam a educação integral nas seguintes modalidades: “I- creche em tempo integral; II- pré-escola em tempo integral; IX- ensino fundamental em tempo integral; XII- ensino médio em tempo integral” (BRASIL, 2007a).

Além disso, em 2007 através da portaria normativa nº 17, de 24 de abril instituiu o Programa Mais Educação (PME) e que “visa fomentar a educação integral de crianças, adolescentes e jovens, por meio do apoio a atividades sócio-educativas no contraturno escolar” (BRASIL, 2007b, p. 01). A proposta inicial consistiu justamente em mapear as experiências de educação integral no país, uma vez que o PME se constitui como estratégia intersetorial articulando diferentes áreas para a efetivação e ampliação da educação em tempo integral.

No entanto, em 2010 através do decreto nº 7.083, de 27 de janeiro que assegura a efetivação do “tempo” integral por meio do PME, como é destacado no art. 1º:

Art. 1º O Programa Mais Educação tem por finalidade contribuir para a melhoria da aprendizagem por meio da ampliação do tempo de permanência de crianças, adolescentes e jovens matriculados em escola pública, mediante oferta de educação básica em tempo integral.

§ 1º Para os fins deste Decreto, considera-se educação básica em tempo integral a jornada escolar com duração igual ou superior a sete horas diárias, durante todo o período letivo, compreendendo o tempo total em que o aluno permanece na escola ou em atividades escolares em outros espaços educacionais.

§ 2º A jornada escolar diária será ampliada com o desenvolvimento das atividades de acompanhamento pedagógico, experimentação e investigação científica, cultura e artes, esporte e lazer, cultura digital, educação econômica, comunicação e uso de mídias, meio ambiente, direitos humanos, práticas de prevenção aos agravos à saúde, promoção da saúde e da alimentação saudável, entre outras atividades.

§ 3º As atividades poderão ser desenvolvidas dentro do espaço escolar, de acordo com a disponibilidade da escola, ou fora dele sob orientação pedagógica da escola, mediante o uso dos equipamentos públicos e do estabelecimento de parcerias com órgãos ou instituições locais (BRASIL, 2010, s.p).

Assim, a oferta do ensino em tempo integral consiste em ampliar a carga horária do corpo docente, investir em formação continuada dos professores e a manutenção dos sujeitos que frequentará a instituição de ensino integral. Nesta direção, a oferta do ensino em tempo integral possui um grande investimento de recursos financeiros públicos, como já dizia Anísio Teixeira



em seu discurso de inauguração do CECR na Bahia: “é custoso e caro porque são custosos e caros os objetivos a que visa. Não se pode fazer educação barata como não se pode fazer guerra barata.” (EBOLI, 1969, p.14).

Diante do exposto, percebemos que a meta 6 do PNE movimenta e altera diferentes aspectos para sua efetivação, tornando este processo de implementação divergente na prática e realidade em que se encontram os municípios. Uma vez que a proposta de educação em tempo integral qualificaria o ensino público, além disso, promoveria o acesso de sujeitos expostos a vulnerabilidade social a experiências significativas, ligadas inteiramente com seu contexto social, favorecendo assim a tão sonhada transformação social.

## **META 6 DO PNE E SEUS AVANÇOS**

A contribuição do Plano Nacional de Educação (PNE) para o ensino público é relevante, uma vez que através dele são organizadas estratégias e ações que embasam o seu desenvolvimento para a efetivação de suas 20 metas. O PNE se assume como um conjunto de ações que tem o intuito de qualificar a educação pública, sua implementação movimenta e organiza o desenvolvimento das atividades educativas no país.

O monitoramento do desenvolvimento das ações do PNE no país, é a maneira de garantir e qualificar as políticas que perpassam por ele, de modo a aprimorar sua efetivação na realidade. O documento divulgado em 2020, explana dados significativos do período de 2014 a 2019, relacionados as modalidades da educação infantil, ensino fundamental e ensino médio em tempo integral. Exercendo assim, a atribuição de divulgar e monitorar os dados do plano, conforme previsto na lei nº 13.005 no artigo 5º.

De acordo com o documento, a modalidade com maior crescimento de oferta de vagas em tempo integral é na educação infantil “que apresenta os maiores resultados” (BRASIL, 2020, p.164). O ensino médio apresentou aumento expressivo dos alunos matriculados na educação de tempo integral, “atingindo 12% o melhor resultado da série histórica” (BRASIL, 2020, p.164). No ensino fundamental, o relatório aponta a redução ao atendimento do ensino integral nesta modalidade. Sobre essa redução das matrículas o documento de monitoramento, destaca que “[...] o País ainda está distante de atingir a meta da oferta de jornada de tempo integral para 25% dos alunos do público-alvo da educação básica.” (BRASIL, 2020, p. 158).





No atendimento de estudantes, na qual a meta é de 25% dos alunos das escolas públicas estarem frequentando o ensino em tempo integral, a região Nordeste é a qual se destaca, pois superou o percentual em 2019, sendo encontrados os maiores percentuais nas seguintes unidades federativas: Ceará, Paraíba, Piauí e Pernambuco (BRASIL, 2020).

Se tratando do indicador que visa ofertar 50% das escolas de educação em tempo integral, as perspectivas estão distantes do esperado para o período de vigência do PNE, pois, o resultado “é o menor que o obtido em 2014” (BRASIL, 2020, p.163). Evidenciando assim, o aumento e a ampliação da desigualdade entre os entes federativos. Vale destacar, que as regiões que ofertam a educação integral como maior percentual, destacam-se as regiões Sul e Sudeste, entretanto, a região Norte apresenta o menor índice.

Outro aspecto importante a destacar, são as localizações das instituições, no qual o relatório apontou que são encontradas em maior índice nas áreas urbanas, o que nos faz refletir sobre o acesso e permanência de estudantes oriundos das regiões rurais ou distantes das instituições, aspecto importante para o acesso e a permanência deste sujeito na instituição de ensino, o que vai de encontro com uma das estratégias da meta 6, em: “6.7) atender às escolas do campo e de comunidades indígenas e quilombolas na oferta de educação em tempo integral, com base em consulta prévia e informada, considerando-se as peculiaridades locais.” (BRASIL, 2014, s.p).

## DISCUSSÃO E RESULTADOS

No processo de compreender como a legislação basilar da educação integral efetiva a meta 6 do PNE, muitos dados apontaram a fragilidade em sua execução. No atendimento de pelo menos 25% dos alunos da educação básica, observou-se que a meta não foi consolidada, somente a etapa da educação infantil apresenta maiores resultados “bem como, certa estabilidade, mantendo em 2019, praticamente, a marca de 2018: 28,4%” (BRASIL, 2020, p. 164).

Já nos anos iniciais e finais do ensino fundamental a diminuição das matrículas é significativa, mesmo com a implementação do Programa Mais Educação, no qual foi um grande investimento na educação pública, onde os estudantes frequentavam a escola em jornada ampliada (7 horas) diárias. Moll (2012, p. 133) disserta sobre a importância do PME nas escolas, que visava:



“[...]ampliar o tempo de permanência na escola, garantir aprendizagens e reinventar o modo de organização do tempo, espaços e lógicas que presidem os processos escolares, superando o caráter discursivo e abstrato, predominante nas práticas escolares.”

Na modalidade do ensino médio foi o que apresentou maior crescimento no número de vagas, elevando a porcentagem e se aproximando da meta estabelecida. Diante disso, podemos inferir que o avanço nesta modalidade está ligado a participação dos institutos federais, considerando que estes oferecem educação profissional e o ensino médio em tempo integral (BRASIL, 2015).

Outro aspecto interessante a ser destacado, se trata da oferta de 50% das escolas terem o ensino em tempo integral, tendo em vista que a legislação não assegura fundos suficientes para a criação de novas instituições que pudessem acolher novos estudantes. Além disso, há regiões do país que possuem um número mínimo de instituições de educação em tempo integral, dificultando o acesso e a permanência dos estudantes, como é o caso da região Norte “é a que apresenta menor resultado 9,2%” (BRASIL, 2020, p. 163) distanciando-se grandemente das demais regiões, como por exemplo, a do Sul com 30,6% com escolas de educação em tempo integral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo deste estudo, que busca analisar como a legislação basilar da educação integral no Brasil contribui para a efetivação da meta 6 do PNE, podemos inferir que a meta 6 em sua totalidade ainda está distante de sua efetivação. Entretanto, em algumas regiões como no Nordeste, seu resultado é satisfatório, além disso, as legislações que embasam a educação integral e que perpassam o PNE, dão suporte para o processo de desenvolvimento da meta 6, através de programas e adequações no decorrer de sua aplicabilidade. No entanto, sua descontinuidade marca retrocessos e impede que a educação integral possa ser implementada em âmbito nacional.

Cabe destacar, a importância do programa Mais Educação, que introduziu as políticas necessárias para a continuidade do processo que visa a educação integral, consolidada em âmbito nacional, sendo ofertada e mantida através dos programas federais e o apoio aos entes federativos.

Por fim, como ressalta o documento, a meta 6 muito tem a progredir, no sentido do trabalho em rede, articulando ações possíveis na prática. Assim como também, considerando



as especificidades de cada território e conseqüentemente, diminuindo assim, a desigualdade social e potencializando a experiência educativa.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação- PNE e dá outras providências. 2014. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm)> Acesso em: 28 nov. 2020.

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação- PNE 2014 – 2024:** Linha de base. Brasília, DF: Inep, 2015. Disponível em:

<<http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Plano+Nacional+de+Educa%C3%A7%C3%A3o+PNE+2014-2024++Linha+de+Base/c2dd0faa-7227-40ee-a520-12c6fc77700f?version=1.1>> Acesso em: 03 dez. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)> Acesso em: 03 dez. 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.494 de 20 de junho de 2007.** Regulamenta o fundo de manutenção e desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Professores da educação- FUNDEB. 2007a. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Lei/L11494.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/L11494.htm)> Acesso em: 04 dez. 2020.

BRASIL. **Portaria normativa nº 17, de 24 de abril de 2007.** Institui o Programa Mais Educação. 2007b. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/mais\\_educacao.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/mais_educacao.pdf)> Acesso em: 13 dez. 2020.

EBOLI, Terezinha. **Uma experiência de educação integral.** INEP, 1969. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/me001840.pdf>> Acesso em: 19 ago. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico.** 8 ed. São Paulo: Atlas, 2020.

MOLL, Jaqueline. A agenda da educação integral: compromissos para sua consolidação como política pública. In: **Caminhos da Educação integral no Brasil:** direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012.

SCHMIDT, João Pedro. **Para estudar políticas públicas:** aspectos conceituais, metodológicos e abordagens teóricas. Revista do Direito, 2015, p. 119-149. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/direito/article/view/12688>> Acesso em: 24 ago. 2020.



## A EDUCAÇÃO PARA ALÉM DA ESCOLA: CONCEITOS NECESSÁRIOS PARA A CONSCIENTIZAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA

### LA EDUCACIÓN MÁS ALLÁ DE LA ESCUELA: CONCEPTOS NECESARIOS PARA LA CONCIENCIACIÓN Y LA FORMACIÓN HUMANAS

Liliane Maria Da Silva; Andresa Tais da Silva; Dinora Tereza Zucchetti

Universidade Feevale

**Resumo:** As definições acerca do termo educação encaminham-se para além dos muros escolares, em diferentes espaços. A educação não escolar, torna-se um lugar onde também ocorrem práticas pedagógicas com vistas na formação humana integral do sujeito, para o seu convívio em cidadania de acordo com o seu tempo/meio social. Sendo assim, este ensaio tem como objetivo apresentar diálogos de Mézaros (2008), Dewey (1976), Gadotti (2009), Azevedo e Peixoto (1984) e Severo (2019), a fim de refletir e compreender a convergência das concepções de educação não escolar. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, de cunho exploratório e levantamento bibliográfico. Por fim, é possível inferir sobre a necessidade da Educação Integral como proposta que visa considerar o contexto social do sujeito e a sua formação humana.

**Palavras-Chave:** Concepções. Educação Não-Escolar. Formação Humana.

**Resumen:** Las definiciones sobre el término educación van más allá de los muros de la escuela, en diferentes espacios. La educación no escolar, se convierte en un lugar donde también se desarrollan prácticas pedagógicas con miras a la formación humana integral del sujeto, para su convivencia en la ciudadanía acorde a su tiempo / entorno social. Así, este ensayo tiene como objetivo presentar los diálogos de Mézaros (2008), Dewey (1976), Gadotti (2009), Azevedo y Afranio (1984) y Severo (2019), con el fin de reflexionar y comprender la convergencia de los conceptos de educación no escolar.. Es un estudio de enfoque cualitativo, de carácter exploratorio y de relevamiento bibliográfico. Finalmente, es posible inferir sobre la necesidad de la Educación Integral como una propuesta que apunta a considerar el contexto social del sujeto y su formación humana.

**Palabras clave:** Conceptos. Educación no escolar. Formación humana.

### INTRODUÇÃO

O termo educação parte de um sentido complexo, desde a sua historicidade até a sociedade moderna, passando por diversos marcos históricos e sendo definido como: “[...] um processo complexo que se dinamiza em uma rede de espaços e tempos, institucionais ou não, em que mediações culturalmente significativas criam possibilidades de formação das pessoas.” (SEVERO, 2019, p. 109).

Entretanto, o acesso a educação parte de diversos empecilhos desde o público que o acessa, como também o lugar onde ela ocorre. Para Freire (2010, p.133), o termo educação define-se através do plural, “educações”, como diferentes formas do ser humano caminharem



do que são para o que almejam ser. Entre o plural de “educações”, Freire resume suas definições a duas, sendo elas: a educação “bancária”, com vista em um ensino onde visa dominar, alienar e oprimir; e a educação “libertadora”, com o propósito de formar sujeitos conscientes, livres e humanos.

Nessa perspectiva, atualmente a formação humana torna-se necessária, isto é, uma educação para os direitos humanos promovendo diálogo, participação e cidadania desde a infância, transformando assim, a sociedade democrática e socialmente justa, no tempo social em que vivemos, se dando tanto em espaços formais, como não formais (GADOTTI, 2009).

Neste sentido, construir, qualificar e formar integralmente os sujeitos participantes do ato educativo, perpassa por áreas muitas vezes distantes da escola formal, vai além das ações direcionadas e planejadas pelas instituições de ensino. Desta maneira, ao pensar o ato educativo como construtor de ações que ocorre através das interações entre os sujeitos, podemos inferir que é através da educação, que a transformação social se molda e se aprimora com o desenvolvimento dos indivíduos.

Assim, compreender a relação entre as diferentes educações com vista na formação humana, como por exemplo, a educação não escolar, as experiências educativas e como esses elementos podem consolidar a transformação social efetiva, se torna relevante para o campo da educação. Uma vez que, é através dela que procuramos qualificar e promover a formação integral dos sujeitos, de maneira crítica e presente no mundo.

O presente estudo tem o intuito de apresentar diálogos de Mészáros (2008), trazendo a necessidade de uma educação para além do capital; Dewey (1976), que visa considerar o sujeitos e suas experiências como importantes pontos de partida para o processo educacional, assim como o mesmo deve se dar de experiências educativas; Gadotti (2009) onde contribui para importantes reflexões acerca da educação integral fundamentada da educação cidadã; Azevedo e Peixoto (1984) trazendo o Manifesto dos Pioneiros, que abordam importantes marcos na educação, e Severo (2019), que parte de importantes definições e contribuições acerca da Educação Não Escolar.

Este ensaio, apresenta-se através da pesquisa bibliográfica com as principais obras dos autores basilares e se alinha com a abordagem qualitativa, pois possibilita maior interação do pesquisador com o objeto estudado. O presente estudo, tem como objetivo compreender a convergência das concepções de educação não escolar apresentadas pelos autores citados acima. Assim, o ensaio encontra-se organizado: parte-se do diálogo e discussão sobre a



dimensão educativa na perspectiva dos autores, e em seguida, apresentam-se as considerações finais.

## **A DIMENSÃO EDUCATIVA NA PERSPECTIVA DE MÉSZARÓS, DEWEY, GADOTTI, AZEVEDO; PEIXOTO E SEVERO**

A educação se define como uma possibilidade, uma luta na qual se sustenta a esperança de mudança e desenvolvimento de qualquer contexto social, na busca de transformação, caracterizando-se como uma alavanca para a promoção da mudança. É de extrema importância destacar a introjeção da educação vinculada ao meio social e político, como infere Azevedo e Peixoto (1984, p.407), assim como também incita:

Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância a gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica de um sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas, é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção, sem o preparo intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa que são os fatores fundamentais do acréscimo de riqueza de uma sociedade.

O desenvolvimento histórico da educação, apresenta a necessidade de avanços e mudanças de concepções, como infere Mézaros (2008), derrubando dicotomias nas quais distinguiam o homem que fabricava e o homem que pensava, tornando a educação uma possibilidade de revolução social, para além do capital.

O que vem em consonância com as transformações na educação, além das geradas por ela, vai de encontro com o real sentido da educação e como a mesma deve se dar. Dewey (1979), define a educação como um método científico, no qual possibilita o sujeito estudar e investigar o mundo, construindo assim, conhecimentos e valores através de experiências educativas. O mesmo, aborda a importância da experiência educativa, como ponto de partida para práticas pedagógicas. Isto é, a educação nova, como infere Dewey, a qual torna-se antagonista ao ensino tradicional, leva em consideração as experiências dos sujeitos, com o objetivo de conscientizar e formar o aluno para agir sobre o seu próprio mundo.

Nesse sentido, viver, resistir e existir, vão de encontro com a dimensão democrática na educação que Dewey (1979) explana, onde é necessário compreender que a democracia se dá através da conscientização e diálogo de todos os cidadãos. Porém, é necessário que todos tenham direito e acesso a educação.



Diante disso, é pertinente compreender que a educação tem uma importante função social, na qual busca relacionar o sujeito com os conhecimentos científicos, construindo a conscientização acerca do mundo na qual vive, vinculando a educação com o meio social, isto é, a educação deve ser ‘embrionária’, centrada em observar, experimentar e criar estando em conexão com o mundo natural e social do sujeito, para que assim ele possa refletir e agir sobre o mesmo, como destaca Azevedo e Peixoto (1984, p. 412): “É certo que é preciso fazer homens, antes de fazer instrumentos de produção”.

No intuito de refletir sobre a educação, vale destacar o importante campo na qual o processo de educação encontra-se fortemente ligado, a escola. A escola trata-se de uma instituição educacional e social onde vários processos educacionais ocorrem dentro da mesma, como também processos necessários à vida. Porém, a educação e formação humana não ocorrem somente na escola, ela pode ocorrer em diversos espaços, como a vida e a existência de interação entre os sujeitos também educam.

A escola não é a única instituição responsável pela formação humana, visto que as possibilidades de ensinar e aprender, que estão na base das dinâmicas sociais contemporâneas residem na articulação integradora de experiências formativas que se dão em diversos tempos e espaços sociais (SEVERO, p.101, 2019).

A partir do exposto, é necessário levar em conta e questionar sobre quem e quais sujeitos acessam a escola, assim como também, como desenvolver uma formação humana, considerando principalmente os sujeitos em vulnerabilidade social. Assim, Severo (2019), expõe a educação não escolar como um espaço onde também ocorrem práticas pedagógicas, a Educação Não Formal e Educação Social onde também se estabelecem práticas educativas distintas da escolarização convencional, que tratam-se de ferramentas teóricas de diferentes contextos históricos, e que “expressam o sentido comum de captar, descrever e interpretar um amplo espectro de experiências formativas e aprendizagens sociais que se desenvolvem ao longo da vida dos indivíduos em suas múltiplas inserções na dinâmica da sociedade”(SEVERO, p. 102, 2019).

Diante disso, o surgimento e questionamentos de instituições com práticas educativas para além do campo escolar, deriva de conceitos e formações no qual a escola da sociedade atual se institui, isto é, atualmente a escola constitui-se de currículos ora com formação e vista de desenvolvimento de habilidades e competências humanas, e ora no puro e absoluto conteúdo fragmentado, sem envolvimento com experiências e meio social do sujeito.



Dessa forma, é importante salientar e explicar uma proposta de educação que visa superar o currículo fragmentado, onde este fundamenta-se no isolamento de disciplinas (GADOTTI, 2009), e proporcionar uma educação que tenha como propósito formar o sujeito na sua forma integral e global, atingindo a todos, com objetivo no desenvolvimento da formação humana: a Educação Integral.

A proposta de educação integral, como infere Gadotti (2009, p.02), é pautada nos direitos humanos, ocorrendo tanto em espaços formais e não formais, tendo em vista uma perspectiva de educação cidadã, um de muitos propósitos e indagações de Paulo Freire, garantindo o direito dos sujeitos em aprender, dialogar, participar e desenvolver a cidadania desde o início da vida, na busca de desenvolver uma sociedade democrática e socialmente justa.

“Entendemos que a educação integral deve acontecer ‘em todos os cantos’ em diferentes espaços, tempos e durante a vida inteira: na infância, na pré-adolescência, na adolescência, na idade adulta e na velhice (GADOTTI, 2009, p.11).”

Vale ressaltar, a educação integral como uma proposta para a trajetória de vida do sujeito, desenvolvendo uma formação humana. Isto é, é necessário conhecer para opinar, resistir e agir consciente no mundo onde o sujeito atua, pois tudo infere diretamente na vida do mesmo.

Enfim, o que se propõe à Educação Integral é a integralidade, isto é, um princípio pedagógico onde o ensino da língua portuguesa e da matemática não está separado da educação emocional e da formação para a cidadania. Na educação integral, a aprendizagem é vista sob uma perspectiva holística (GADOTTI, 2009, p.42).

Sendo assim, a educação integral não se limita a espaços oficiais de educação, como por exemplo, a escola, ela vai para além dos muros da escola, podendo ser promovida em espaços não escolares, a partir da socialização e formação cultural como parte do processo de aprendizagem, desenvolvendo uma formação humana e cidadã.

Este pensamento vai de encontro com os ideais de Mészáros (2008, p.10), quando escreve que a educação “não pode ser encerrada no terreno estrito da pedagogia, mas tem de sair às ruas, para os espaços públicos, e se abrir para o mundo.” Desta maneira, a educação não escolar promove em suas práticas ações que viabilizam a formação para o mundo, atendendo as necessidades daquele contexto e tendo como compreensão que a educação é um direito humano, e que, diante disso, a proteção se faz presente em seu cotidiano/contexto nas práticas educativas. Assim, [...] educar não é a mera transferência de conhecimentos, mas sim conscientização e testemunho de vida.” (MÉSZÁROS, 2008, p.13).





Por fim, é necessário retomar aspectos voltados para a vulnerabilidade social existentes na sociedade atual, onde a educação integral visa se dar em tempo integral com o objetivo de estender o tempo de permanência no espaço, desenvolvendo aspectos de cidadania e democracia nestes sujeitos, contribuindo assim, para o desenvolvimento local, para além da sala de aula e considerando a comunidade no seu entorno.

Desta forma, podemos inferir que a escola não é o único lugar onde ocorrem o desenvolvimento de aprendizagens e potencialidades, as demais instituições, consideradas como espaços de educação não escolar, mas que visem o desenvolvimento da formação integral e cidadã do ser humano, também se tratam de espaços onde a educação acontece, levando em consideração a vida e existência do sujeito, tonando um cidadão consciente que vive, resiste e existe.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No intuito de refletir sobre a educação e suas práticas para além da escola, este estudo possibilita a reflexão acerca da necessidade de haver uma proposta de educação que pautar e leve em conta a realidade social do sujeito, promovendo experiências educativas que proporcionem a formação de um sujeito crítico e reflexivo, considerando questões sociais e emocionais dos sujeitos, desabrochando assim, potencialidades humanas.

Dessa forma, os autores Mészáros (2008), Dewey (1976), Gadotti (2009), Azevedo; Peixoto (1984) e Severo (2019), objetivam que as práticas educacionais perpassam o campo denominado escola, em busca do desenvolvimento de uma educação que vise formar o sujeito para a cidadania, para agir sobre o mundo no qual o mesmo vive.

Nessa perspectiva, a educação com vista na formação humana perpassa os currículos escolares fragmentados, pautando no ensino que priorize experiências educativas nas quais enfatizem o processo do sujeito observar, experimentar e criar, construindo assim, conhecimentos de significados e valores.

Assim, a proposta de educação integral, visa o desenvolvimento de uma educação cidadã, desenvolvendo as potencialidades humanas dos sujeitos, levando em conta a construção da conscientização para viver e agir no mundo social no qual está inserido, tratando-se de uma proposta necessária para todos os espaços onde a educação se dá, levando em conta, que é necessário conhecer para resistir, isto é, é necessário estar consciente sobre o contexto no qual



vive para agir sobre o mesmo. Resistir em tempo atuais é de extrema importância, pois os ganhos e mudanças conquistadas até os dias de hoje, partiram de resistências e lutas. Por fim, vale ressaltar, a educação acontece em diferentes espaços e de diferentes formas.

## REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, Fernando; PEIXOTO, Afranio. **O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**. Revista brasileira de estudos pedagógicos. Brasília, 65 (150): 407-25, mai/ago. 1984.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. Tradução de Anísio Teixeira. São Paulo, Ed. Nacional, 1976. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/40493334/dewey-john-experiencia-e-educacao>> Acesso em: 20 set. de 2020.

GADOTTI, Moacir. **Educação Integral no Brasil**. 2009. Disponível em: <[http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/3079/FPF\\_PTPF\\_12\\_076.pdf](http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/3079/FPF_PTPF_12_076.pdf)> Acesso em: 10 out. de 2020.

MÉSZARÓS, István. **A educação para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2008. Disponível em: <<http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/livros-diversos/a-educacao-para-alem-do-capital-istvan-meszaros.pdf>> Acesso em: 17 set. de 2020.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. **Os lugares teóricos das práticas educativas para além da escola: educação não escolar, não formal, social...** In: Fundamentos e temas em pedagogia social e educação não escolar. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. Disponível em: <<http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/587/608/3115-1>> Acesso em: 20 out. de 2020.

STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides. ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Autêntica, 2008. Disponível em: <<http://www.famep.com.br/repositorio/ebook/Dicionario-Paulo-Freire-versao-1.pdf>> Acesso em: 11 abr. de 2021.



## A IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA EM *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

AFRO-BRAZILIAN IDENTITY IN *PONCIÁ VICÊNCIO*, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Letícia Moraes Marques; Marinês Andrea Kunz; Giovanna Lisboa Dai-Prá

Universidade Feevale

**Resumo:** O presente artigo busca analisar a questão da identidade cultural híbrida representada no texto literário de *Ponciá Vicêncio*, da escritora Conceição Evaristo. Assim como as relações de poder instauradas durante e pelo discurso colonial e pós-colonial na formulação ambivalente dos estereótipos atribuídos aos negros escravizados e aos seus descendentes. Os deslocamentos realizados pela personagem protagonista Ponciá Vicêncio, em busca do reconhecimento de si possibilita uma “restauração” coletiva das identidades e das subjetividades adulteradas durante o período colonial. Portanto, ambiciona-se pensar também sobre o arranjo subjetivo das identidades afro-brasileiras presentes no romance *Ponciá Vicêncio*, dispondo como referência dos conceitos de estudiosos que pensam a identidade, como Frantz Fanon, Homi Bhabha, Lynn Souza, Stuart Hall e Kathryn Woodward.  
**Palavras-chave:** Literatura. Identidade. Subjetividade. Cultura Híbrida.

**Abstract:** This article seeks to analyze the issue of hybrid cultural identity represented in the literary text of *Ponciá Vicêncio*, by the writer Conceição Evaristo. As well as the power relations established during and by the colonial and post-colonial discourse in the ambivalent information of stereotypes related to enslaved blacks and their descendants. The displacements made by the protagonist Ponciá Vicêncio, in search of self-recognition, enable a collective “restoration” of identities and subjectivities adulterated during the colonial period. Therefore, the ambition is also to think about the subjective arrangement of Afro-Brazilian identities presented in the novel *Ponciá Vicêncio*, available as a reference for the concepts of scholars who think about identity, such as Frantz Fanon, Homi Bhabha, Lynn Souza, Stuart Hall and Kathryn Woodward.

**Keyword:** Literature. Identity. Subjectivity. Hybrid Culture.

### INTRODUÇÃO

A questão da identidade impulsiona acaloradas discussões na sociedade contemporânea, sobretudo, quando se ponderam as analogias humanas e seus desequilíbrios. E é no embate dessas relações que as indagações sobre o *eu* e o *outro* se sobrepõem, oportunizando novas leituras da alteridade na composição das identidades. Uma vez abordada a questão da identidade, em específico no Brasil, depara-se com um território alicerçado por um discurso colonial escravocrata formador de múltiplas identificações. Identidades que foram construídas por encontros e desencontros culturais desde o período colonial até a contemporaneidade. Colisões que constituíram os sujeitos sociais contemporâneos, sejam eles marginalizados ou não. A herança colonial golpeou sem escrúpulos a individualidade e anulou a visibilidade dos indivíduos marginalizados, essencialmente os povos negros escravizados.



Sendo a literatura uma forma de manifestação cultural por excelência, o presente artigo almeja refletir a respeito do arranjo subjetivo das identidades afro-brasileiras presentes no romance *Ponciá Vicêncio*, dispondo como referência dos conceitos de estudiosos que pensam a identidade, como Frantz Fanon, Homi Bhabha, Lynn Souza, Stuart Hall e Kathryn Woodward. À sombra dessa perspectiva, ambiciona-se ponderar como a escrita literária de Conceição Evaristo retrata a subjetividade identitária das personagens confrontando-as com as relações humanas contemporâneas. Com uma narrativa marcante e ao mesmo tempo poética, Conceição permite uma nova possibilidade crítica e denunciativa acerca das vozes marginalizadas e silenciadas pela sociedade brasileira ao mesmo tempo que permite a busca por uma subjetividade ancestral negra.

## IDENTIDADES HÍBRIDAS E CONFLITUOSAS

Pensar as diversas facetas da identidade no Brasil requer uma reflexão acerca da história e da política que permeia as relações de poder do discurso colonial. Tendo em vista que o território brasileiro é certamente um palco revestido de identidades híbridas, uma vez que o “jogo das diferenças” fundou-se durante o processo de colonização, observa-se que a sociedade brasileira

[...]viveu plenamente sob o signo da ironia. Isso porque os seus membros – especialmente, mas não apenas, as suas elites - viveram num contexto onde pelo menos dois conjuntos desiguais de valores e verdades coexistiam simultaneamente: o conjunto de valores da cultura colonizadora e o conjunto de valores da cultura colonizada. (SOUZA, 2004, p.113).

Essa ambivalência alicerçou os artificios formuladores do estereótipo colonial, que produziu conjunturas históricas e discursivas silenciadoras e simultaneamente táticas de individuação e marginalização que convergiram para a “... ambivalência *produtiva* do objeto do discurso colonial”, ou seja, aquela “alteridade” dúbia que é ao mesmo tempo um elemento de cobiça e gozação, uma tensão pautada na diferença contida dentro da fantasia da origem e da identidade (BHABHA, 1998, p. 105-106). Isso posto, observa-se que é na colisão entre as diferentes representações desses sujeitos coloniais, colonizados ou colonizadores, que “a questão da construção da identidade” (SOUZA, 2004) passa a ser assimilada por um viés linguístico e cultural híbrido.



Para Bhabha, é no embate entre essas diferentes representações que se configura o terceiro lugar de pertença, lugar modelador das identidades híbridas e conflituosas. Sendo assim, ao considerarmos a sociedade brasileira, o discurso de Bhabha vai ao encontro do texto de Woodward, que declara que “a identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças – nesse caso entre grupos étnicos – são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares” (WOODWARD, 2000, p.11). Essa afirmação é sinalizada, sobretudo, quando se versa a respeito das coletividades negras, que enfrentaram o processo de desumanização, atrelado à incapacidade e ao silenciamento histórico e social, que perdura sistematicamente de forma “velada” na sociedade contemporânea. Entretanto, é imprescindível observar que o mesmo sistema discursivo colonial, que buscava construir barreiras de superioridade e distanciamento entre os da *casa-grande* e os da *senzala*, também foi acometido pelas marcas da diferença, uma vez que,

A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer; “essa é a identidade”, “a identidade é isso”. (SILVA, 2014, p.91).

Ou seja, foram os contrastes entre o *eu colonizador* e o *tu colonizado* que alicerçaram as estruturas das representações identitárias desde o período colonial até a atualidade. Portanto, por mais que consciente ou inocentemente o sujeito colonizador quisesse formular uma identidade fixa, cristalina e homogênea, a relação entre o eu e tu já estava posta, configurando a identidade de ambos, formando o terceiro espaço identitário, que é híbrido. Posto isso, observa-se que nesse “jogo das diferenças”, formulador de identidades, a colonização não se apoderou somente do território brasileiro, mas também das subjetividades indígenas e negras, moldando as identidades conflituosas desses povos.

## **PONCIÁ VICÊNCIO E A IDENTIDADE CONFLITUOSA**

A cultura, a identidade e a linguagem negra foram rechaçadas por um longo período, ocasionando traumas profundos e silêncios ensurdecadores. Porém, na contramão dessa construção arbitrária e cruel, temos as literaturas contemporâneas de escritoras negras, que através de seus textos literários possibilitam uma nova reflexão sobre problemáticas importantes do passado e do presente. Nesse sentido, a história de *Ponciá Vicêncio*, de



Conceição Evaristo, recompõe o pacto de leitura viabilizando uma possível releitura das identidades e das memórias nacionais, em específico a subjetividade de mulheres negras.

A narrativa expõe o curso da vida da protagonista *Ponciá Vicêncio*, mulher negra neta de ex-escravos, que vive no período pós-abolição. A narrativa em terceira pessoa permite uma visão densa sobre os conflitos identitários da protagonista que transporta em seu corpo, nos gestos e nos sentimentos, um amontoado de cicatrizes e dores assinaladas pela experiência colonial. Assim, submersa por muitos embates identitários, *Ponciá Vicêncio* destaca com afínco a problemática de seu nome e de seu sobrenome herdado do senhor de escravos de seus avôs. A recusa do sobrenome e o esvaziamento identitário provoca a busca por uma identificação negra que nem ela mesma sabe onde encontrar:

Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas gritava o próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Panda, Molenga, Quietí, nenhum lhe pertencia também. Ela, inonimada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. (EVARISTO, 2017, p. 18).

Impelida por um processo diaspórico com seus ancestrais, Ponciá deixa seu povoado uma vez que se sentia esvaziada de nome e sobrenome, elementos importantes e formuladores de identidades, que lhe foram tirados. Nessa perspectiva, observa-se que esse esvaziamento identitário em certa medida atinge a subjetividade dos afro-brasileiros até a contemporaneidade. Tendo em vista que as políticas de extermínio instauradas no Brasil durante a escravidão e o pós-abolição contribuíram para o deslocamento e a descentração do sujeito, corroborando com o esvaziamento e a crise identitária que perdura de tempo em tempos, como afirma Stuart Hall:

Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo. (HALL, 2014, p.09).

A partir dessa descentralização dos povos negros emoldurada ao longo dos anos, percebe-se que no “jogo da alteridade” as interações contínuas que constituem os *eus* e os *tus* não contemplaram as coletividades negras, que a bem da verdade foram deturpadas. Porém, apesar dos vestígios conflitantes gerados pelo período colonial, formulador de identidades inseguras e rasuradas, observa-se que surgem através dos questionamentos de personagens, como *Ponciá Vicêncio*, novas indagações e novos questionamentos da acerca da história dos povos negros,



pautados pela linguagem literária. Sendo assim, o leitor é convidado a refletir sobre essa apropriação identitária e as consequências que implicam o ato de nomear, pois, como afirma Roland Walter (2011), a nomeação de forma imprópria pode gerar dissonância cognitiva ou identitária, assim como definições externas de cultura impostas. Essa é uma questão que os africanos e seus descendentes precisaram encarar desde o início da sua diáspora nas terras americanas (WALTER, 2011).

Em *Ponciá Vicêncio*, a procura por uma identidade e o consequente reconhecimento de si apresentam-se de várias maneiras, porém é no movimento de renomear os objetos que produz e de renomear a si mesma que Ponciá passa a reaver sua subjetividade negra roubada, além de presentificar outras vozes também afetadas e adulteradas pelo sistema colonial.

## CONCLUSÃO

A identidade negra, ao longo dos anos, vem sendo lida, questionada e exposta à sociedade por sujeitos que não compartilham das experiências vividas pelos povos negros. Dessa forma, percebe-se a importância e a potência da escrita de Conceição Evaristo. Mulher negra que apresenta a problemática da identidade cultural, possibilitando uma reflexão sobre as fronteiras da ficção e da representação. Mulher negra que fala e que também escreve, assumindo, assim, a premissa de Frantz Fanon (2008), de que “falar é existir completamente para o outro”. Conceição não só se faz existir, como também confere vida a outras subjetividades negras.

Portanto, é o fenômeno da linguagem que permite que as escrituras literárias de Conceição atuem em oposição aos signos e à lógica colonial, ainda operantes no nosso tempo e que atravessam as relações de poder, o direito de fala e de impor o silêncio (MIRANDA, 2019). Tendo em vista que toda obra responde a uma pergunta de seu momento, percebe-se que a escrita contestadora e problematizadora de Conceição Evaristo se faz necessária em nossa contemporaneidade, uma vez que os direitos, as lutas identitárias e as representatividades negras continuam sendo oprimidas e negadas. Nesse sentido, constata-se que as narrativas que interrogam o passado colonizador e opressor da sociedade brasileira são importantes para ressignificar e reafirmar que vidas e subjetividades negras importam.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: \_\_\_\_ *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1988.

FANON, Frantz. O negro e a linguagem. In: \_\_\_\_ . *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MIRANDA, Fernanda R. Escrivência como Contramemória Colonial. In: MIRANDA, Fernanda R. *Silêncios prescritos: Estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)*. / Fernanda R. Miranda. – Rio de Janeiro: Malê, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Lynn M. T. M. de. *Hibridismo e tradução cultural em Bhabha*. In: ABDALA JR, Benjamin (Org.).





## IMPACTO DO HOME OFFICE NA QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO DURANTE A PANDEMIA

IMPACT OF HOME OFFICE ON QUALITY OF WORK LIFE DURING PANDEMIC

Bruna Gomes Borges; Jacinta Sidegum Renner; Fernanda Bellas

Universidade Feevale

**Resumo:** Este artigo versa sobre o impacto do home office na qualidade de vida no trabalho durante o período da pandemia (Covid-19). O objetivo consistiu em compreender o impacto que o trabalho em home office tem causado na qualidade de vida no trabalho, durante a pandemia, a partir de um questionário, aplicado via web, a trabalhadores brasileiros. Coletou-se de 146 respondentes informações sobre as condições de trabalho, ergonomia e comportamento durante a prática do home office na pandemia. Os resultados indicaram que, embora os trabalhadores tenham mantido relativo equilíbrio entre a vida pessoal e o trabalho, o aumento no ritmo de trabalho e as condições do posto de trabalho e da postura sentada têm causado dores e desconforto nas costas durante a pandemia. Por fim, propõe-se novos estudos para mensuração do impacto do home office na qualidade de vida do trabalho, principalmente em relação à faixa etária mais elevada e à população assalariada.

**Palavras-chave:** Covid-19. Qualidade de vida no trabalho. Impacto no trabalho. Home office.

**Abstract:** *This article deals with the impact of the home office on quality of life at work during the pandemic period (Covid-19). The objective was to understand the impact that work in the home office has had on the quality of life at work, during the pandemic, through a questionnaire, applied via the web, to Brazilian workers. 146 respondents collected information on working conditions, ergonomics and behavior during the practice of the home office in the pandemic. The results indicated that, although the workers maintained a relative balance between personal life and work, the increase in the rhythm of work and the conditions of the workplace and sitting posture have caused back pain and discomfort during the pandemic. Finally, new studies are proposed to measure the impact of the home office on the quality of work life, especially in relation to the older age group and the salaried population.*

**Keywords:** Covid-19, Quality of life at work, Impact at work, Home office.

### INTRODUÇÃO

Em 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o novo coronavírus, detectado na China, tomou proporções globais e passou a ser tratado como uma pandemia – termo utilizado para caracterizar uma doença que se espalhou em escala mundial. Para fins de ilustração, no Brasil, por exemplo, no dia 11 de abril de 2020 – um mês após declarada a pandemia – o número cumulado de pessoas infectadas era de 17.857 confirmadas e 941 casos de mortes. Em 11 de junho de 2020, o número de infectados aumentou consideravelmente passando para 739.503 casos e 38.406 óbitos comprovados. Já em 11 de setembro de 2020, seis meses após a decretação da OMS, o país atingiu a margem cumulativa de 4.197.889 de infectados e 128.539 mortes atestadas (PAINEL DA OMS, 2020).





Diante desta conjuntura, um dos métodos mais adotados para conter o avanço da transmissão da doença é o distanciamento social. Com isso, algumas empresas precisaram se adaptar, passando a adotar como forma de trabalho o home office. Dessa forma, considerando que por determinação de alguns Estados e Municípios a implementação desta modalidade de trabalho acabou por se dar de forma compulsória e inesperada, surgiu a necessidade de compreender como está a qualidade de vida no trabalho, dos trabalhadores que estão atuando em home office durante a pandemia.

Nesse sentido, verificou-se que vantagens e desvantagens foram vislumbradas pelos trabalhadores enquanto atuantes em home office, conforme se pôde depreender dos resultados obtidos através do questionário semi-estruturado, virtual, constituído por questões abertas e fechadas sobre as características gerais do perfil dos participantes, questões sobre ergonomia física, cognitiva e organizacional, além de aspectos comportamentais durante a prática do home office na pandemia. A amostra foi coletada entre os dias 21 e 30 de setembro de 2020, através da plataforma Google Forms. Inicialmente composta por 146 participantes, entretanto, 6 respondentes não haviam trabalhado no formato home office durante a pandemia e foram expurgados da análise, restando 140 respondentes.

Como método de pesquisa, o estudo se classifica como de natureza aplicada, observacional e descritiva. Sob o ponto de vista da forma de abordagem do problema, a pesquisa está estruturada como quantitativa e qualitativa. O objetivo deste estudo consistiu em compreender o impacto que o trabalho em home office tem causado na qualidade de vida no trabalho durante a pandemia.

## DESENVOLVIMENTO

Em março de 2020 a OMS declarou a doença como pandêmica. Assim, no intuito de conter a transmissão do vírus, desacelerar a disseminação da doença e, conseqüentemente, diminuir e postergar o pico de ocorrência na curva epidêmica, intervenções não farmacológicas têm sido adotadas em muitos países afetados (GARCIA & DUARTE, 2020). Essas determinações são medidas de saúde pública com alcance individual, ambiental e comunitário. O ato de lavar as mãos, a etiqueta respiratória (com o uso de máscaras) e a prática espontânea de evitar frequentar locais com aglomerações de pessoas, são consideradas medidas de alcance individual. As medidas ambientais são caracterizadas pelo arejamento e limpeza regular dos



ambientes e superfícies, com propósito de dissipar o vírus. Já as medidas comunitárias, são as decisões empreendidas por parte dos governantes, empregadores, líderes comunitários para proteger a população. Essas intervenções referem-se ao fechamento das fronteiras do país, fechamento de escolas, proibição de eventos sociais, esportivos, restrição de circulação de transportes públicos, fechamento do comércio e todos os locais onde há aglomeração de pessoas (GARCIA & DUARTE, 2020), salvo serviços essenciais como, por exemplo, hospitais, farmácias e mercados.

Em meio a este caos instaurado, o método considerado mais eficaz para reduzir a velocidade da transmissão do vírus é o distanciamento social. Com o avanço da pandemia, Estados e Municípios se viram obrigados a decretar este método para o controle do vírus e, em consequência disso, uma modalidade de trabalho já conhecida e regulada, passou a tomar conta da vida de muitos trabalhadores.

Órgãos públicos, empresas e trabalhadores autônomos, de diferentes setores da economia, passaram a adotar a modalidade de trabalho home office (trabalho em casa), que já era uma prática em algumas empresas, e, com a pandemia da Covid-19, muitas organizações aderiram a modalidade de forma compulsória. Para Losekann & Mourão (2020, p. 72), esta espécie de trabalho oferece a relevante oportunidade de manutenção das ocupações para uma parcela da população, além da proteção contra o coronavírus, diminuindo o contato social e, conseqüentemente, atenuando a curva de infectados.

No entanto, a instalação repentina do teletrabalho veio acompanhada de grandes desafios e dificuldades, tanto para as empresas, quanto para os trabalhadores e seus familiares (LOSEKANN & MOURÃO, 2020). Dessa forma, considerando a necessidade compulsória e inesperada de implementação do trabalho à distância, bem como a mudança de hábitos ocorrida, necessário entender o conceito de qualidade de vida no trabalho (QVT), para se compreender o impacto desta prática na QVT.

Oliveira (2006) refere que a trajetória evolutiva da QVT procurou entender as necessidades do trabalhador quanto à melhoria das condições de trabalho, tendo em vista que a qualidade de vida no trabalho impacta direta ou indiretamente na produtividade dos funcionários e nos resultados financeiros de uma organização.

Partindo dessa premissa, qualidade de vida no trabalho é um meio de facilitar e satisfazer as necessidades dos trabalhadores, enquanto estes desenvolvem suas atividades profissionais (Rodrigues, 1994). Para Limongi-França (1997) qualidade de vida no context do trabalho está



associada à identificação, eliminação, neutralização ou controle de riscos ocupacionais, presentes no ambiente físico, padrões de relações de trabalho, carga física e mental despendida em cada atividade, dinâmica da liderança empresarial e do poder formal, até o significado do trabalho em si, relacionamento e satisfação no trabalho. Portanto, tem-se que a qualidade de vida no trabalho é caracterizada como um conjunto de ações, que envolve implementar melhorias e inovações gerenciais e tecnológicas, visando a satisfação do trabalhador no ambiente de trabalho (LIMONGI-FRANÇA, 2004).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A modalidade do home office foi implementada de forma compulsória e inesperada, fazendo com que muitos trabalhadores passassem a enxergar as suas casas, dia após dia, como ambientes laborais. As mudanças vieram acompanhadas de novas rotinas e recursos investidos pelas empresas para possibilitar o acesso ao trabalho remoto (LOSEKANN & MOURÃO, 2020).

Ao analisar os resultados obtidos, de forma geral os participantes demonstraram ter um índice de satisfação acima da média em relação às práticas em home office. A exemplo disso, foi verificada a alta aceitação em relação as condições ergonômicas e organizacionais do trabalho. Esses aspectos também foram verificados nos depoimentos dos trabalhadores, quando referiram gostar do home office pelo conforto de estar em casa, tranquilidade do ambiente, ausência de atrasos e por não ter chefes avaliando. Todavia, os resultados também demonstraram um índice abaixo da média no que tange a dor e desconforto no corpo. Além disso, apesar de declararem gostar do seu trabalho, os participantes tiveram um alto impacto no ritmo de trabalho, afetando também o equilíbrio entre a vida profissional e a pessoal. Para aprofundar essa discussão foram criadas duas categorias: a primeira aborda os aspectos positivos relatados pelos participantes; a segunda discorre sobre os aspectos negativos manifestados.

### **Aspectos positivos verificados no home office durante a pandemia**

De modo geral os participantes expressaram estar satisfeitos com o home office. Muitos optaram por expressar sua satisfação apenas respondendo às perguntas fechadas do questionário ou então descrevendo que sua qualidade de vida no trabalho durante o home office está “boa”,



“excelente”, “positiva” e “incrivelmente melhor do que no trabalho presencial”. A palavra trânsito foi mencionada em diversos momentos, como sendo um dos aspectos mais favoráveis de se trabalhar à distância, evitando estresse, atrasos e proporcionando a possibilidade de aproveitar o tempo que se estaria em deslocamento até o trabalho:

Eu gostei da experiência do trabalho em home. Aliviou o stress do trânsito, do transporte cheio, dos atrasos, do deslocamento nos dias chuvosos. Em contrapartida, sinto falta do contato com os colegas (empregado em empresa privada, sexo feminino, 50 anos ou mais).

Outro aspecto importante e que ensejou maior satisfação com o trabalho em home office é a tranquilidade relacionada à ausência de interrupções e conversas paralelas que dificultavam o trabalho na modalidade presencial:

Como moro sozinha, consigo me dedicar ao trabalho sem interrupções e distrações (consultora, sexo feminino, 40 a 49 anos).

A flexibilidade de horários, a possibilidade de realizar outras atividades, além do convívio mais próximo dos familiares, também são pontos positivos apontados pelos trabalhadores:

Melhor conciliação entre as atividades particulares e profissionais (advogado, sexo masculino, 26 a 49 anos).

A partir dos relatos acima, foi possível vislumbrar diversos aspectos apontados como positivos neste período de home office. Os trabalhadores referiram estar se sentindo bem e gostarem do trabalho à distância pelas facilidades que esta modalidade possibilita, como o fato de evitar o trânsito, as distrações dos colegas de trabalho e a conciliação de tarefas pessoais com as profissionais. Aliado a isso, verificou-se na média quantitativa, que a produtividade e o engajamento/comprometimento aumentaram neste período de pandemia e trabalho à distância.

### **Aspectos negativos verificados no home office durante a pandemia**

Embora o índice de respostas positivas em relação a qualidade de vida no trabalho durante o home office tenha sido mais elevado, constatou-se diversos aspectos desfavoráveis e que necessitam ser abordados, para que a partir do conhecimento das necessidades dos trabalhadores, possa haver melhorias visando a qualidade de vida no trabalho, como aponta Limongi-França (2004). A quantidade de trabalho é mencionada como um aspecto que diminui



a QVT, pois o volume de tarefas aumentou durante a pandemia e isso acabou por impactar no acréscimo de horas trabalhadas, causando cansaço e invadindo os momentos de lazer:

Trabalho extremamente intenso, muitas reuniões, pouco ou nenhum intervalo entre elas, as vezes sem almoço e longa jornada diária. Muita pressão pra resultados. Além do trabalho é preciso conciliar os afazeres da casa (limpeza, comida, roupas) e sobra pouco tempo e energia pra vida pessoal (gerente de produtos, sexo feminino, 40 a 49 anos).

Também foram citados os gastos extras gerados pelo trabalho em casa, como o aumento da energia elétrica, e gastos com as adaptações que se mostraram necessárias para que o trabalho fosse realizado de forma adequada, como as melhorias implementadas na internet e equipamentos. Sendo que estes custos não foram suportados pelas empresas:

Adaptar meu espaço para trabalhar desde casa exigiu investimentos financeiros que pioraram a situação financeira e geraram mais ansiedade, contribuindo para o ciclo vicioso que a minha condição psicológica proporciona. Aumentaram gastos domésticos (duas pessoas trabalhando em casa fizeram ter que investir em internet, gastar mais energia e mais gás) e minha renda extra zerou, somente com o salário enfrente dificuldades financeiras todo mês e isso só colaborou também para a piora do quadro clínico emocional e psicológico. Tive crises de ordem psicológica que beiraram o colapso e somente não tiveram desfecho fatal porque a rede de apoio familiar me socorreu (assistente jurídico, sexo feminino, 26 a 39 anos).

Por fim, foram relatadas dificuldades de ordem física relacionadas a questão ergonômica, como dores de cabeça e posturais ocasionadas pela falta de equipamentos básicos para o trabalho, como mesa, cadeira, e demais instrumentos ergonômicos:

Não tenho nem espaço físico para estabelecer bem um Home office, o improvisado faz com que eu trabalhe com zero ergonomia e tenha passado a sentir dores de cabeça, posturais todos os dias. Passei a ter mais dificuldades de ordem emocional e psicológica durante a pandemia e o escritório não apresentou preocupação com isso, embora tenham criado um excelente protocolo de cuidados físicos em relação ao COVID parece que se preocuparam com a saúde física, mas esqueceram a psicológica (assistente jurídico, sexo feminino, 26 a 39 anos).

Diante dos relatos, foi constatada a existência de aspectos desfavoráveis em relação ao home office. Os trabalhadores fizeram referências as questões que diminuem a qualidade de vida no trabalho, como o excesso de horas trabalhadas, poucas pausas durante o horário de trabalho – que dificulta, inclusive, a alimentação -, ansiedade gerada pelos gastos extras que se fizeram necessários para assegurar o home office - sem ajuda de custo da empresa -, e dores no corpo devido à falta de ergonomia.



Nesse sentido, Dessen & Paz (2010) mencionam que, tendo em vista que o trabalho se faz presente durante grande parte da vida do ser humano, é essencial que as pessoas se sintam bem dentro do espaço que trabalham. Todavia, dada a realidade que se apresenta no mundo, a pandemia causada pelo coronavírus fez com que o distanciamento social, de forma inesperada, impusesse o home office repentinamente. Com isso, as mudanças vieram desacompanhadas das preocupações em se estabelecer a melhor forma de realizar o trabalho, o cuidado e atenção à saúde dos trabalhadores, bem como o bem-estar, gerando algumas situações que contrariam a promoção da qualidade de vida no trabalho.

## CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo geral compreender o impacto que o trabalho em home office causou na qualidade de vida no trabalho, durante a pandemia causada pela Covid-19. A partir da análise realizada, tem-se como resultados que os trabalhadores estão satisfeitos com a prática do home office e que o impacto desta modalidade de trabalho é satisfatório em relação à qualidade de vida no trabalho. Em que pese haja insatisfação dos trabalhadores quanto a quantidade de trabalho, alta ocorrência de horas extras, dores no corpo e desconfortos ocasionados pela falta de equipamentos ergonômicos, e ainda, embora haja insatisfação sobre a omissão dos empregadores quanto aos gastos extras de energia elétrica e demais custos para com a implementação do trabalho em casa, os aspectos positivos relacionados ao home office se sobressaem.

A maioria dos trabalhadores avaliam que a sua qualidade de vida no trabalho em home office durante a pandemia é boa, por motivos como a praticidade de horário, não há deslocamento e estresse com o trânsito, ausência de atrasos, não há interrupções durante o trabalho em razão da tranquilidade do ambiente, conforto de estar em casa, por não ter chefes avaliando, e ainda, pela facilidade em conciliar as atividades particulares. Com isso, baseado nas informações e considerações coletadas, foi possível compreender que o impacto causado pelo home office na qualidade de vida no trabalho foi considerado como satisfatório pelos respondentes, embora haja alguns aspectos descritos como desfavoráveis, e que necessitam ser melhorados.

Por fim, propõe-se que novos estudos sejam realizados no futuro, para verificar se ao longo do tempo, a satisfação relacionada ao home office durante a pandemia se mantém



elevada, pois de acordo com os dados apurados, os trabalhadores têm sentido dores e desconfortos ocasionados pela questão ergonômica, o que pode influenciar de forma negativa na qualidade de vida no trabalho com a prática reiterada de trabalho nestas condições.

## REFERÊNCIAS

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. Painel do Coronavírus (Covid-19). Disponível em: <https://covid19.who.int/>

GARCIA, L. P.; DUARTE, E. Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da COVID-19 no Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, 29(2):e2020222, 2020.

LOSEKANN, R. G. C. B.; MOURÃO, H. C. Desafios do teletrabalho na pandemia Covid-19: quando o home vira office. **Caderno de Administração**, Maringá, v.28, Ed.Esp., jun./2020.

OLIVEIRA, A. C. **Qualidade de vida no trabalho segundo o modelo Walton: um estudo de caso frente à percepção dos funcionários da Imperador Calçados**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração), Universidade do Vale do Itajaí. São José, 2006.

RODRIGUES, M. V. C. **Qualidade de vida no trabalho: evolução e análise no nível gerencial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

LIMONGI-FRANÇA, A. C. Qualidade de vida no trabalho: conceitos, abordagens, inovações e desafios nas empresas brasileiras. **Revista Brasileira de Medicina Psicossomática**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 79-83, 1997.

LIMONGI-FRANÇA, A. C. **Qualidade de vida no trabalho - QVT: conceitos e práticas nas empresas da sociedade pós-industrial**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

DESSEN, M. C.; PAZ, M. G. P. Bem-estar pessoal nas organizações: o impacto de configurações de poder e características de personalidade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 3, p. 549-556, 2010.





## CHICO CÉSAR, UM POETA BRASILEIRO ATENTO A QUESTÕES SOCIAIS

### CHICO CÉSAR, A BRAZILIAN POET CONCERNED WITH SOCIAL ISSUES

Gabriela Hoffmann Lopes; Juracy Ignez Assmann Saraiva

Universidade Feevale

**Resumo:** Este trabalho analisa a canção “Miaêro”, do músico paraibano Chico César, produzida em 2015 a partir de um olhar atento à realidade e engajado com o social. A análise da letra da canção revela a voz de um poeta capaz de retratar, por meio de imagens concretas, e também de sugerir, de modo subjetivo, elementos que compõem a identidade de grande parte da população brasileira, excluída socialmente e alijada de seus direitos civis. Por meio da fundamentação em estudos teóricos das áreas da literatura e da sociologia, o trabalho enfatiza o papel da arte de formar o sujeito e de contribuir para seu desenvolvimento afetivo e social.

**Palavras-chave:** Identidade brasileira. Canção popular. Interdisciplinaridade.

**Abstract:** This study aims to analyze the song "Miaêro", which was released by the Brazilian musician Chico César in 2015. The song was inspired by the singer's concerns about the social reality of his country. The lyrics analysis reveals the voice of a poet who portrays and also subjectively suggests through tangible images, the characteristics that are part of the identity of a majority of the Brazilian population, which is socially excluded and deprived of its civil rights. Based on theoretical studies of literature and sociology, we focus on the role of art in forming individuals and fostering their emotional and social development.

**Keywords:** Brazilian identity. Popular song. Interdisciplinarity.

## 1 INTRODUÇÃO

O crítico literário Antonio Candido (2006) afirma que o meio é capaz de moldar a obra de arte e de ser modificado por ela, demonstrando assim o caráter social da arte, manifestação capaz de exprimir condições e particularidades de cada sociedade. Por depender da ação de fatores do meio, a arte produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CANDIDO, 2006, p.30)

O caráter social da arte não deve apagar o fato de ela ser também comunicação expressiva, algo diferente e mais amplo do que as vivências do artista, isto é, mais do que transmitir noções e conceitos, ela revela também realidades profundamente radicadas no sujeito. A ligação existente entre o poeta lírico e o meio reflete-se na obra literária e a significação que o leitor confere ao texto passa a “impregnar-se de sentido, isto é, da experiência humana, cultural e



historicamente situada, possibilitando uma ponte entre o leitor e o mundo” (SARAIVA; MÜGGE, 2006, p.50). Mesmo sendo fictício, o texto literário

[...] não abandona sua relação com o real, nem com o presente histórico, que nele interferem tanto como ponto de partida como o ponto de chegada, tanto no momento da produção quanto no da recepção. Isso ocorre porque a literatura, assim como outras artes, dá forma concreta a sentimentos, dilemas, angústias e sonhos, por meio de representações simbólicas, criadas pela imaginação. (SARAIVA; MÜGGE, 2006, p.29)

O trabalho aqui apresentado explora a significação da canção “Miaêro”, produção artística do compositor paraibano Chico César. Composta em 2015, ela aponta aspectos da condição de um sujeito brasileiro empobrecido, que vive à espera de um tempo futuro, pois, em seu presente, encontra-se afastado de seus direitos de cidadão e marginalizado pela sociedade. De maneira interdisciplinar, utiliza-se, neste estudo, fundamentação teórica de base literária e sociológica para demonstrar as potencialidades do texto literário, em especial, da canção popular, em construir a subjetividade do indivíduo e contribuir para a formação da identidade nacional.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A desigualdade social no Brasil tem raízes nos fundamentos econômicos de uma sociedade centrada na produção do lucro. Em uma sociedade cujo objetivo primordial é a aquisição de riqueza, a situação econômica do indivíduo é sinônimo de posição social. Constituída rapidamente e a partir de uma pobreza generalizada, a sociedade brasileira foi instaurada a partir de uma diferenciação social rudimentar. A falsa ideia de igualdade, instalada no Brasil à época colonial e que se estendeu durante a República, se justificaria, pois era “necessária a premissa de uma sociedade onde todos são potencialmente iguais, mas desigualmente capacitados para empreender sua conquista, a fim de legitimar os desequilíbrios de condição social e a exploração” (FRANCO, 1976, p.63). Segundo a socióloga Maria Sylvia de Carvalho Franco, “as representações igualitárias eram necessárias para sustentar o sistema de dominação e encobrir as disparidades, articulando-se ao postulado das desigualdades individuais de ordem psicológica, intelectual, biológica e moral” (1976, p.63).

O conceito de igualdade instalado no Brasil acabou, portanto, por alicerçar as práticas do favor e do clientelismo e não se opôs à ideologia burguesa da igualdade abstrata que surgiu com a República, pois foi capaz de absorvê-la. A adoção desse modelo causou contrastes,



contradições, desproporções, disparates, anacronismos e conciliações e fez com que persistissem grandes desigualdades entre a população. Fundou-se, no país, uma sociedade de classes e essa estratificação social continuou a manter o poder e o privilégio nas mãos de poucos. O Brasil atualmente é reconhecido internacionalmente como um país com altos índices de pobreza e de desigualdade social e em que essas duas condições caminham juntas há muito tempo.

De acordo com a Síntese de Indicadores Sociais feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a partir de pesquisa de 2017, 26,5% da população brasileira vive abaixo da linha da pobreza, o que representaria 54,8 milhões de pessoas se mantendo com até R\$ 406 mensais (RENAUX, 2017, online). A pobreza extrema reflete-se nas condições de vida; apenas 40,4% dos domicílios têm acesso simultâneo aos serviços de saneamento básico, como abastecimento de água, rede de esgoto e coleta de lixo. Outro ponto considerado no estudo do IBGE foram as más condições de moradia, com inadequações como ausência de banheiro de uso exclusivo dos moradores, paredes externas construídas com materiais não-duráveis, número excessivo de moradores; gasto com aluguel igual ou maior que 30% do rendimento familiar.

A pobreza extrema dificulta que esses indivíduos tenham acesso a direitos básicos, como educação e proteção social, tornando sua qualidade de vida extremamente reduzida. O antropólogo James Holston (2013) relaciona as noções de propriedade, personalidade e legitimidade civil e afirma, baseado na filosofia de Hegel e Locke, que considera os atributos éticos e pessoais essenciais da cidadania, assim como seus direitos e suas obrigações, uma espécie de derivação do direito à propriedade. Para o sujeito, ter direito à propriedade se assemelha a ser proprietário de si mesmo e de suas capacidades, configurando uma ligação direta entre o trabalho do corpo e a obra produzida por esse corpo, daí o “direito natural de apropriação da terra e das coisas, pois tudo que uma pessoa transforme por meio de seu trabalho se torna sua propriedade” (HOLSTON, 2013, p.157).

E é justamente o direito à propriedade que assegura a liberdade de um indivíduo, que “é livre à medida que for proprietário de sua própria pessoa, uma relação corporificada e expressa na propriedade de terra e de coisas [; e] a propriedade gera cidadãos responsáveis com ‘verdadeiro interesse’ no futuro do país” (HOLSTON, 2013, p.159). No texto literário que se analisa neste trabalho, “Miaêro”, de Chico César, pode ser percebido o quanto a falta de posses



e as condições precárias de vida contribuem para uma sensação de não-pertencimento do sujeito, o eu lírico na canção, ao país em que habita.

### 3 ANÁLISE DE “MIAÊRO”

Depois que eu ganhar dinheiro  
Pro meu miaêro vazio  
Vou passear no Brasil  
Ver o Rio de Janeiro

É em um modo representativo do sonho, do desejo, que o eu lírico se instala na canção. A palavra que dá título à canção refere-se a uma forma popular nordestina de nomear o “mealheiro”, objeto utilizado para economizar dinheiro em casa, comumente de barro; ela deriva do termo “mealha”, que, no sentido figurativo, quer dizer “pequena porção de qualquer coisa; migalha, partícula” (FERREIRA, 1975, p.902) . O mealheiro “vazio” do eu lírico expressa sua completa falta de posses, e a condição futura almejada por ele é ter rendas para ali acumular. O pecúlio reunido, segundo sua visão, é o que lhe permitirá gozar uma vida melhor, com direito a viajar, conhecer e fruir as belezas de seu país - exemplificadas pela menção ao Rio de Janeiro, a cidade brasileira mais visitada por turistas e cartão-postal da nação.

Vale lembrar que, além da exuberância da natureza, engrandecida pela variação do relevo e pela proximidade com o mar, a “Cidade Maravilhosa” destaca-se pela importância histórica, uma vez que, já em 1502, foi registrada a presença de portugueses na entrada da baía de Guanabara, que batizaram o lugar e dele fizeram a sede do governo da Colônia. O Rio de Janeiro teve seus fundamentos lançados em 1565 por Estácio de Sá e foi capital do país de 1763 a 1960, quando essa então se mudou para Brasília. Visitar o Rio de Janeiro, ponto turístico e histórico nacional, significa, para o eu lírico, mais do que a concretização de um sonho, significa sua religação com elementos constituintes da nação brasileira.

Passado o meu mau passadio  
Passado esse tempo de estio  
Eu quero brincar, no terreiro

Além do prazer e do conhecimento que a viagem ao Rio de Janeiro lhe proporcionará, o eu lírico projeta sua esperança no futuro, quando tempos melhores permitirão também o alívio para “brincar, no terreiro”. O termo “terreiro” refere-se, na canção, não ao espaço para práticas religiosas afro-brasileiras, mas ao sentido popular que o define como extensão ao ar livre de casas mais simples, normalmente de chão batido, que “serve de quintal e também é destinado a



festas e folguedos” (AULETE, s.d., online). Na cultura popular, o “terreiro de brincar” é habitado por crianças e adultos e adquire ainda o significado de um espaço protegido e de intimidade, porém construído coletivamente, onde o sujeito pode manifestar sua individualidade e socializar com diferentes faixas etárias (LEAL, 2017, online), simbolizando, portanto, para o eu lírico, o sentir-se bem e o fazer parte de uma comunidade. Isso demonstra o desejo subjacente do eu lírico de fazer parte de um corpo coletivo, intento que ele não consegue realizar em sua condição de cidadão brasileiro.

Eu vou comprar uma sandália  
Daquela de brasileiro  
Chinela que no chão pisa  
E faz um chiado maneiro

Também quero uma camisa  
Que é feita de brisa  
Te deixa desnudo o tempo inteiro

A canção explora o nível conotativo da linguagem e, por isso, atinge alto grau de lirismo, como se constata nos versos acima. Por meio dos símbolos da “sandália” e da “camisa”, que o indivíduo pretende adquirir e vestir assim que tiver melhores condições financeiras, o eu lírico fala de sua penúria, que não lhe permite a compra de itens básicos de vestimenta; no entanto, fala também de seus sentimentos, incluindo-se aí os de exclusão social e de não-pertença à nação. Ao mencionar que vai “comprar uma sandália / daquela de brasileiro”, é como se o eu lírico não se sentisse de fato pertencente ou parte do Brasil. Holston aponta que, como “a maioria dos brasileiros teve direitos de cidadania desiguais durante séculos sob os regimes colonial, imperial e republicano” (2013, p.155), a consequência disso é que hoje grande parte da população vive precariamente e com limitações em seus direitos políticos.

Em nível interpretativo, sapatos e camisa, pelo fato de cobrirem os pés e o peito do eu lírico, respectivamente, podem representar a capacidade do sujeito de existir socialmente, de deslocar-se, de tornar-se cidadão. As duas metáforas condensam o desejo aparentemente oculto do indivíduo, o de tornar-se brasileiro por meio da posse das sandálias e da camisa. O par de calçados confere dignidade e civilidade ao indivíduo e foi ícone de liberdade após a Abolição da Escravatura no Brasil, já que não era permitido aos escravizados usar sapatos, e a compra desse objeto significou também “o arbítrio de se poder comprar o que se quisesse” (SCHWARCZ, 2012, p.63). As sandálias também dão ao eu lírico alegria auditiva ao caminhar,



ou seja, o destino que ele seguir, independentemente de qual for, será, para ele, um caminho de satisfação.

A camisa, que ele tanto quer vestir, é feita de um elemento da natureza, suave e prazeroso - a “brisa”; contudo, ela não é visível nem palpável, ela não o aquecerá, não o protegerá, nem o elevará socialmente como os sapatos são capazes de fazer. A “camisa que é feita de brisa” manterá o eu lírico nu, descoberto, “de peito aberto” para a vida, instalando-se aí um paradoxo: o eu lírico quer vestir-se para permanecer desnudo, liberto. O desejo do eu lírico parece apontar, ao fim, para a liberdade, a independência e a aceitação de si mesmo. De acordo com Holston (2013, p.159), justamente essas são as qualificações fundamentais da cidadania - liberdade, capacidade, dignidade, respeito e senhorio de si; aliadas ao direito de propriedade, elas garantiriam à massa de empobrecidos brasileiros seu reconhecimento como cidadãos.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sentimento de não-pertença do eu lírico da canção analisada, bem como a situação de pobreza extrema em que ele relata viver são característicos de grande parte da população brasileira, conforme se demonstrou por dados factuais. A arte e a literatura, mais especificamente tratada neste trabalho, é capaz não só de retratar condições reais, mas de sugerir subjetivamente elementos que compõem a identidade dos indivíduos a que se referem. O poder da linguagem de referir o que transcende à relação entre palavras e objetos, entre ela e o mundo, demonstra a importância da literatura na formação do sujeito, uma vez que, por meio dela, este é capaz de reconhecer as contingências históricas e culturais de seu entorno e com elas romper. A literatura instala um mundo possível e contribui para o desenvolvimento afetivo e social do indivíduo.

### REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. Literatura e a vida social. In: \_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. p.27-49.

SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani. **Literatura na escola**: propostas para o ensino fundamental. Artmed: Porto Alegre, 2006.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. As idéias estão no lugar. In: **Caderno de Debate**, 1. História do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1976, p. 61-64.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

RENAUX, Pedro. Pobreza aumenta e atinge 54,8 milhões de pessoas em 2017. **Agência IBGE Notícias**. São Paulo, 05 dez. 2018. Síntese de Indicadores Sociais. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23299-pobreza-aumenta-e-atinge-54-8-milhoes-de-pessoas-em-2017>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

HOLSTON, James. Restringindo o acesso à propriedade fundiária. In: \_\_\_\_\_. **Cidadania insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p.155-196.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 1ª ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1975.

AULETE, Caldas. **Aulete Digital** – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/Terreiro>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

LEAL, Laura. **Diálogos do brincar #11: A criança e as culturas populares**. Território do brincar: um encontro com a criança brasileira. 14 jun. 2017. Disponível em: <<https://territoriodobrincar.com.br/biblioteca-cat/dialogos-do-brincar/videoconferencia-11-a-crianca-e-as-culturas-populares/>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. População e sociedade. In: \_\_\_\_\_. **A abertura para o mundo: 1889 - 1930. História do Brasil Nação: 1808-2010**. Vol. 3. Madrid / Rio de Janeiro: Fundación Mapfre / Editora Objectiva, 2012. p.35-84.





## LETRAMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS: APLICATIVO “HEITOR, O DINOSSAURO” E PRIMEIRAS APLICAÇÕES

### LITERACY FOR AUTISTIC CHILDREN: "HEITOR THE DINOSAUR" APP AND FIRST APPLICATIONS

Naiá Ariel Salvaterra; Lovani Volmer; Pietra Da Ros Roig da Silva; Rosemari Lorenz Martins

Universidade Feevale

**Resumo:** O aplicativo "Heitor, o Dinossauro" foi criado a partir de proposta do projeto "Desenvolvimento do letramento emergente de crianças com transtorno do espectro autista – TEA – por meio de um aplicativo educacional", na busca por uma Tecnologia Assistiva que intermediasse o processo de alfabetização de crianças autistas de forma eficaz por meio do método *recall*. O presente trabalho trata das questões relacionadas ao processo de alfabetização de crianças autistas e de como a metodologia do aplicativo opera, com resultados preliminares nas primeiras duas aplicações.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro autista. Letramento. Tecnologia Assistiva.

**Abstract:** The application "Heitor, o Dinossauro" was created from the proposal of the project "Desenvolvimento do letramento emergente de crianças com transtorno do espectro autista – TEA – por meio de um aplicativo educacional" in the search for an Assistive Technology that would effectively mediate the literacy process of autistic children through the recall method. The present work deals with the issues related to the literacy process of autistic children and how the application methodology operates, with preliminary results in the first two applications.

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder. Literacy. Technology.

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de letramento de crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA, seus obstáculos e especificidades foram o incentivo para que o projeto "Desenvolvimento do letramento emergente de crianças com transtorno do espectro autista – TEA – por meio de um aplicativo educacional" fosse iniciado. Foi a partir dele que surgiu o aplicativo "Heitor, o Dinossauro", que conta a história de um simpático dinossauro e traz perguntas sobre o enredo em diferentes níveis de dificuldade e que, apesar do enfoque para crianças autistas, pode ser aplicada com outras crianças também.

Neste trabalho, escrito pelas bolsistas<sup>1</sup> do projeto que será apresentado, analisa-se a testagem do aplicativo com duas crianças autistas de 07 anos de idade, a fim de relacionar facilidades e dificuldades do processo e discutir a efetividade da contribuição do aplicativo para

<sup>1</sup> A Primeira, bolsista pela FAPERGS, e a segunda, bolsista pelo CNPq.



o desenvolvimento do letramento de crianças com TEA. Essa pesquisa segue em andamento e os resultados parciais estão aqui disponíveis.

## 2 AUTISMO E SEUS OBSTÁCULOS NA SOCIEDADE ATUAL

No Brasil, segundo o último censo divulgado pelo IBGE (2010), 45 milhões e 600 mil pessoas têm algum tipo de deficiência, o que equivale a 23,9% da população brasileira. Destes, 26,5% são mulheres e 21,2% são homens. Esses números representam pessoas com deficiência visual, auditiva, motora, mental e intelectual. Uma porcentagem desse total diz respeito a crianças com autismo. Conforme dados do *Center of Diseases Control and Prevention* CDC - (2020), órgão ligado aos Estados Unidos, há 3 casos de autismo para cada 110 pessoas. Dessa forma, estima-se que o Brasil, com seus mais de 212 milhões de habitantes, possua cerca de 2 milhões de indivíduos com autismo. Na contramão de um mundo mais inclusivo, demandado pela inclusão das minorias e de pessoas com deficiência, o país ainda tem muitos desafios a enfrentar; um deles é a desinformação sobre as características, os comportamentos e as necessidades das pessoas com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

A 5ª edição do Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V (2014), que contempla todos os diagnósticos e as estatísticas de transtornos mentais, é o critério diagnóstico utilizado no Brasil. Adota-se o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA) para se referir ao distúrbio do desenvolvimento que consiste em uma desordem causada por alteração no funcionamento cerebral - sendo, assim, uma condição de ordem neurobiológica que se faz presente por toda a vida de um indivíduo, variando seus sintomas de leves a severos e marcada por três características fundamentais: inabilidade para interagir socialmente; dificuldade no domínio da linguagem para comunicar-se ou lidar com jogos simbólicos e padrão de comportamento restritivo e repetitivo (KLIN, 2006). Além da definição do DSM-V, a nova manifestação de doenças - CID-11 unificou as classificações dos Transtornos Globais do Desenvolvimento, assim, classificados em Transtorno do Espectro do Autismo, tendo CID - 6A02 (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2019).

Orrú (2012) afirma que o autismo, atualmente, é considerado como “Uma síndrome comportamental com etiologias múltiplas e curso de um distúrbio de desenvolvimento [...], é uma disfunção orgânica e não um problema dos pais [...] e é de origem biológica” (ORRÚ, 2012, p. 21).



O grau de comprometimento do espectro autista para Silva e Oliveira (2017), é de intensidade variável, indo de quadros leves, como o grau I (no qual não há comprometimento da fala e da inteligência), até as formas mais severas, em que o indivíduo se mostra incapaz de manter vínculos interpessoais, podendo apresentar quadros de agressividade e irritabilidade extrema. A ampla sintomatologia do TEA aponta que a condição ocasiona diversas capacidades linguísticas no indivíduo. Assim, enquanto algumas crianças diagnosticadas com o transtorno comunicam-se bem, outras não possuem tanta facilidade, e uma terceira parcela, geralmente, pouco estimulada no meio em que vive, simplesmente não se comunica.

Essa dificuldade afeta diretamente a habilidade social, acarretando o distanciamento desses indivíduos em relação às outras pessoas. Conforme afirma Papim e Sanches (2013), “o isolamento, característico da síndrome, acontece pelo motivo de não saberem e não aprenderem a interagir com outras pessoas e, que, por isso, não conseguem manter vínculos ou desenvolvê-los” (PAPIM; SANCHES, 2013, p.20). Em função disso, é importante que seja feito algum tipo de intervenção.

### 3 DA DIFICULDADE DO LETRAMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS

O letramento, segundo Soares (2018), é uma prática social organizada e mediada pela cultura letrada, que pode ser descrita como formas de leitura e escrita que ocorrem nas diversas esferas da sociedade (trabalho, família, lazer etc.). A complexidade do processo de letramento e da alfabetização pode ser considerada um dos maiores desafios da trajetória escolar dos educandos, acompanhando, entre os casos, o processo de ensinoaprendizagem de pessoas com deficiência. Para Moura *et al.* (2017), os alunos precisam da reflexão sobre o processo de aprendizagem para poderem, assim, ter seus níveis de criticidade e autonomia sobre os aspectos da cidadania. Ao refletirem sobre esse tema, Silva e Oliveira (2018) afirmam que o aluno com autismo, cuja deficiência está relacionada com a interação social, necessita de apropriações concretas sobre os códigos de escrita. É necessário levar em consideração que há um espectro de características e, dessa forma, o processo de letramento precisa levar em conta as singularidades dos educandos ou acarretará alguns indivíduos que não conseguirão desenvolver a leitura e a escrita, enquanto outros conseguirão.

A literatura científica relata que pessoas com o espectro do autismo têm dificuldades em relação à teoria da coerência central (VARANDA; FERNANDES, 2011), que considera o estilo



de processamento das informações. Pessoas com autismo tendem a ficar mais focadas em determinados detalhes, tendo dificuldade para unir e integrar outra parte para interpretar o contexto. Nessa concepção, o trabalho pedagógico exige que os professores reflitam sobre esse processo de ensino para que se tenha uma aprendizagem significativa para esses alunos. Essa compreensão entende que o aluno não está na posição de instigar a curiosidade, mas que é um aprendente específico, que acontece de modos convencionais.

Assim, a aprendizagem da escrita está além de uma técnica,

[...] requer a operação psíquica do recalçamento, portanto, se uma criança ainda não pode escrever, não é por falta de maturidade, prontidão ou por problemas em seu desenvolvimento cognitivo, mas porque há um caminho subjetivo a ser percorrido antes da construção da escrita: 'Antes de estar em condições de formar palavras [a criança] já levou a cabo operações muito mais complexas do que fazer corresponder um som a um signo' (POMMIER, 1996, p.11).

Entra aí a importância do desenvolvimento de letramento emergente, que pode ser desenvolvido por meio da leitura compartilhada.

## 4 DAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO EDUCACIONAL

Ao se trabalhar com recursos que possibilitam a ludicidade, compreende-se que haverá melhores interações, isto é, as possibilidades de aprendizagem se ampliarão devido à interação com vários estímulos. Para Daguano e Fantacini (2011, p.114), “jogos e brinquedos, quando presentes na vida da criança, fazem com que a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades físicas, intelectuais e morais do indivíduo seja mais eficiente e descontraído”. Os aplicativos são, portanto, ferramentas que possibilitam uma maior facilidade, tendo dinamicidade, estímulos e enredos para uma aprendizagem efetiva.

A tecnologia assistiva (TA), definida por Bersch e Tonolli (2006) como todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e, conseqüentemente, promover vida independente e inclusão, está vinculada à busca pela autonomia. Ela se alia a profissionais de diversas áreas (como fisioterapeutas, pedagogos, fonoaudiólogos etc.), visando utilizar a tecnologia como recurso principal. Assim, o indivíduo conseguirá realizar suas tarefas com as habilidades que ele já possui, acrescidas às que ele desempenhará com o apoio do recurso.

Com as potencialidades da tecnologia assistiva, tem-se uma ampla variedade de aplicativos e interações para tablets e smartphones que facilitam o desenvolvimento dos



usuários - composto, em um certo percentual, por crianças autistas - através de dinamicidade, estímulos e enredos, contribuindo para uma aprendizagem mais eficaz.

A partir da compreensão da utilidade da tecnologia assistiva e das dificuldades enfrentadas durante o processo de alfabetização e letramento de crianças autistas, foi iniciado, em 2019, o projeto de pesquisa científica "Desenvolvimento do letramento emergente de crianças com transtorno do espectro autista – TEA – por meio de um aplicativo educacional", que tem por objetivo desenvolver um aplicativo educacional que auxilie professores e familiares no processo de letramento emergente de crianças com TEA e, com base nas respostas de utilização do aplicativo, revisar os conteúdos que propostos para a Educação Infantil e os para dois primeiros anos do Ensino, conforme a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018), bem como elaborar propostas pedagógicas que desenvolvam competências linguísticas, promover o acesso ao conhecimento de crianças com TEA através de um meio lúdico e consolidar uma equipe interdisciplinar de pesquisadores que analisem o desenvolvimento de material didático, com enfoque na inclusão de crianças autistas.

Nessa perspectiva, dá-se a presente análise sobre as dificuldades que os educandos com o Transtorno do Espectro do Autismo possuem em seu letramento. A pesquisa buscou, através do aplicativo “Heitor, o Dinossauro”, discutir como o letramento emergente, com auxílio de uma fonte tecnológica lúdica, pode contribuir para o letramento dessas crianças.

## **5 DO APLICATIVO "HEITOR, O DINOSSAURO"**

A narrativa presente no aplicativo, “Heitor, o dinossauro”, foi criada pela Dra. Luciane Maria Wagner Raupp e foi inicialmente compilada em um protótipo, intitulado “Eu quero Saber”, uma proposta de app criada para a monografia do curso de Design, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, por Vitória Petry Justo.

Nesse app, a história, que pode ser lida integralmente com as ilustrações ou de acordo com os níveis do jogo, que são explicados abaixo, fala sobre um dinossauro chamado Heitor, que tem o sonho de ir à cidade para brincar com as crianças. Ele foge de onde vive quando vê os outros dinossauros ocupados, limpando as cinzas do vulcão, e tem a oportunidade de conhecer os humanos, retornando para a casa, no fim da história, com boas lembranças de carinho. As rimas e a escolha de palavras contribuem para a musicalidade, que, por sua vez, colabora para a consciência fonológica no processo de alfabetização e letramento. Conforme



Freitas, Cardoso e Siquara (2012), "a capacidade da criança de detectar aliteração e rima pode prever o seu sucesso posterior na aprendizagem da leitura e da escrita".

O objetivo do aplicativo é criar ferramentas que auxiliem o processo de letramento emergente de crianças autistas, de maneira criativa e inovadora, com a utilização de elementos tecnológicos que acompanham as tendências de modernização das salas de aula (MELO, 2015). O protótipo, que contém apenas a história do "Heitor, o Dinossauro", atualmente, está disponível através da instalação por apk, não estando no *play store* ainda e sua versão mais recente é a 0.9.

Assim, quando a criança opta por não apenas ler a história, mas jogar por níveis, depara-se com três divisões. O nível um traz perguntas que iniciam com "o quê?" e "como?", enquanto o nível dois faz perguntas mais subjetivas, indiretas e sobre sentimentos das personagens. O terceiro nível aprofunda as duas questões anteriores. É importante ressaltar que as questões são relacionadas à atenção e não à capacidade cognitiva do público-alvo.

## 6 DO MÉTODO RECALL

A testagem do aplicativo "Heitor, o Dinossauro" deu-se utilizando a metodologia do programa Reading to Engage Children with Autism in Language and Learning - RECALL (WHALON *et al.*, 2015). O programa *recall*, traduzido para o português, "recordar", afirma que a leitura para envolver crianças com autismo na língua e na alfabetização é uma adaptação de leitura dialógica e propõe desenvolver a compreensão leitora de alunos com TEA que apresentem dificuldades com a reciprocidade social, com a comunicação e com a linguagem, com a atenção compartilhada e com inferências (WHALON *et al.*, 2013; SOUZA; QUEIROZ; FLORES, 2017).

O *recall* utiliza três estratégias interventivas: a pausa intencional, recursos visuais e atenção compartilhada. A primeira tem como objetivo a interrupção inesperada para incentivar a criança a responder espontânea e comunicativamente; a segunda é exibida em forma de livretos, que contém possíveis respostas das perguntas que foram elaboradas pelo mediador. Esse material é utilizado de forma estruturada, de acordo com o tipo de resposta da criança; e a terceira está relacionada com comentários sobre as imagens da história apresentadas pelo mediador durante a leitura (WALTER; NUNES, 2020).



## 6 DA ANÁLISE

Foram analisadas as testagens com duas crianças de 07 anos de idade, ambas em fase de alfabetização. As identidades das crianças foram preservadas, por isso são chamadas de criança 1 e criança 2.

Para a mediação, as mães das crianças estiveram presentes. Assim, o método *recall* ocorreu em duas etapas: primeiro, as mães leram a história completa para os filhos. A criança 1 segurou o celular durante essa leitura, e era responsável por passar as páginas quando a mãe terminava as frases. A mãe não fez perguntas ou repetiu alguns fatos durante a leitura, o que diminuiu a interação da criança 1 com a história.

Já durante a leitura inicial da criança 2, quem segurou o celular foi a mãe, e a criança ficou atrás, assistindo. A mãe perguntava se a criança tinha visto o dinossauro na imagem, com feição impressionada, o que fez a criança interagir mais. As duas crianças tiveram momentos de atenção e de dispersão na leitura inicial.

Para a segunda leitura, as crianças jogaram o nível 1 do aplicativo, com perguntas de “o quê?” e “como?”. Nesse momento, as duas crianças seguraram os aparelhos celulares e trocaram as páginas, enquanto as mediadoras terminavam as leituras; a todo instante, houve questionamentos e intervenções em forma de perguntas por parte da criança 2, enquanto a criança 1 apenas buscava responder as questões com agilidade. Quando o personagem Heitor estava conversando com seu tio dinossauro, a criança 1 exclamou: “é um dinossauro!”, reafirmando que não era tio, e sim, um dinossauro. E a criança 2 teve uma reação similar: “ não é tio, é dinossauro!”, também afirmando que era um dinossauro, e não um tio. As crianças tiveram pressa para apertarem os botões, mesmo antes de as mães finalizarem as perguntas.

## 7 CONCLUSÃO

O aplicativo desenvolvido espera contribuir com o processo de letramento emergente e a leitura mediada de crianças com o Transtorno do Espectro do Autismo, bem como com a interação da família e dos educadores no processo de alfabetização, mas não limita seu uso apenas para crianças autistas, uma vez que todas podem ler a história, ver as ilustrações e responder as perguntas, desenvolvendo a compreensão textual por meio do entretenimento.



A partir das análises, percebe-se a necessidade do processo de autonomia da criança durante o processo de ensinoaprendizagem, o que permite uma real interação com o aplicativo e desperta a atenção do leitor.

É fundamental que se saiba aplicar a metodologia *recall*, bem como compreender a importância do desenvolvimento leitor de cada indivíduo. Como resultado preliminar, as crianças acertaram a grande maioria de questões, que, é importante reiterar, não são cognitivas, mas de atenção, mostrando que uma leitura geral que passa para outra leitura mais atenta e questionadora pode contribuir para o letramento de crianças autistas.

## REFERÊNCIAS

BERSCH, R.; TONOLLI, J. C. Introdução ao conceito de Tecnologia Assistiva e modelos de abordagem da deficiência. Porto Alegre: CEDI – Centro Especializado em Desenvolvimento Infantil, 2006. Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com/tecnologia-assistiva>> . Acesso em: 11 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

Center of Diseases Control and Prevention (CDC). **As comunidades monitoradas pela CDC identificam um aumento na prevalência do autismo.** Departamento de Relações com os meios de comunicação do CDC. Revista digital. 30 de março de 2020. Disponível em <[https://www.cdc.gov/spanish/mediosdecomunicacion/comunicados/p\\_autismo\\_033020.html](https://www.cdc.gov/spanish/mediosdecomunicacion/comunicados/p_autismo_033020.html)>. Acesso em 09 abr. 2021.

DAGUANO, L. Q.; FANTACINI, R. A. F. O lúdico no universo autista. Linguagem Acadêmica, Batatais, v. 1, n. 2, p. 109-122, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://intranet.redeclaretiano.edu.br/download?caminho=upload/cms/revista/sumarios/55.pdf&arquivo=sumario7.pdf>> . Acesso em: 11 abr. de 2021.

DSM–V. Manual de diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais. Tradução: Maria Inês Côrrea et al. Revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli et al. 5ed. Porto Alegre, Artmed, 2014.

FREITAS, Patrícia Martins de; CARDOSO, Thiago da Silva Gusmão; SIQUARA, Gustavo Marcelino. Desenvolvimento da consciência fonológica em crianças de 4 a 8 anos de idade: avaliação de habilidades de rima. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 29, n. 88, p. 38-45, 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862012000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862012000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 11 abr. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Indicadores de Desenvolvimento Sustentável. 2010. Disponível em <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1187>>. Acesso em 13 abr. 2021.



KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 28, supl. 1, p. s3-s11, May 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462006000500002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000500002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 13 abr. 2021.

MELO, Silva Fabíola. Dissertação de Mestrado. O uso das Tecnologias Digitais na Prática Pedagógica: Inovando pedagogicamente da Sala de Aula. **Universidade Federal de Pernambuco**. Pós Graduação em Educação Matemática e Tecnológica. Recife. 2015.

MOURA, Fabiana Almeda; FREIRE, Crizeide Miranda; LEITE, Kátia Cristina Novaes. Alfabetizar e Letrar Criança com Autismo por meio de Comunicação Alternativa: Estudo de Caso. v.06.n 6. Seminário Gepráxis. 2017.

Organização Mundial da Saúde. CID-11 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. 10a rev. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2019.

ORRU, Silva Ester. Autismo, linguagem e Educação- interação social no cotidiano escolar, Ed Rio de Janeiro: WAK ed . 2012.

PAPIM, Angelo Antonio Puzipe; SANCHES, Kelly Gil. Autismo e Inclusão: levantamento das dificuldades encontradas pelo professor do atendimento educacional especializado em sua prática com crianças com autismo. 2013, 84 p. Monografia (Especialização) – Centro Universitário Católico Salesiano.

POMMIER, G. Nacimiento y renacimiento de la escritura. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión. 1996.

SILVA, Jaqueline Renata da; OLIVEIRA, Nathalia de. Crianças Autistas no Processo de Alfabetização: Práticas Pedagógicas Inclusivas. **Revista Contemporânea: Revista Uniletoledo, Comunicação, Design e Educação**. Volume 03,nº01, p.125-140. Jan/Jun 2018.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 7ª edição. Editora Contexto. São Paulo. 2018.

SOUZA, Víctor Guevara Loyola; QUEIROZ, Lara Rodrigues; FLORES, Eileen Pfeiffer. Leitura dialógica adaptada para uma criança com transtorno do espectro autista: um estudo preliminar. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, v. 17, n. 1, p. 87-99, 2017.

VARANDA, Cristina de Andrade; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. Consciência sintática: prováveis correlações com a coerência central e a inteligência não-verbal no autismo. **J. Soc. Bras. Fonoaudiol.**, São Paulo, v. 23, n. 2, pág. 142-151, 2011. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2179-64912011000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2179-64912011000200011&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 08 de abril de 2021.

WALTER, Elizabeth Cynthia; NUNES, Débora Regina de Paula. Avaliação da eficácia de um programa de compreensão da leitura oral dialógica por criança com autismo. ETD- Educação Temática Digital Campinas, SP v. 22 n. 1 p. 27- 49, 2020.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

WHALON, Kelly; DELANO, Monica; HANLINE, Mary Frances. A Rationale and Strategy for Adapting dialogic reading for children with autism spectrum disorder: RECALL, Preventing School Failure: Alternative Education for Children and Youth, v. 57, n. 2, p. 93-101, 2013.

WHALON, Kelly; SHANNON, Darbianne; HANLINE, Mary Frances; MARTINEZ, Jose. The Impact of Reading to Engage Children with Autism in Language and Learning (RECALL). Topics in Early Childhood Special Education, v. 1, p. 1-14, 2015.





## DINÂMICAS URBANAS: VIVÊNCIAS E MEMÓRIA EM SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

URBAN DYNAMICS, EXPERIENCES AND MEMORY IN CONTEMPORARY  
SOCIETIES

Arlete Erbert; Magna Lima Magalhães

Universidade Feevale

**Resumo:** As cidades são o espaço das sociedades contemporâneas, das vivências e utopias humanas, que não ficam imunes a tensões e conflitos. Neste estudo pretende-se refletir sobre alguns aspectos das dinâmicas que constituem as memórias e vivências individuais e coletivas em suas relações como o espaço urbano, a partir de alguns exemplos no município de Novo Hamburgo, região metropolitana de Porto Alegre/ RS. Nessa linha, são abordados efeitos da globalização, a busca da modernidade e das ressignificações da memória refletidos no espaço urbano. São utilizados alguns conceitos como modernidade e sociedades urbanas contemporâneas e complexas, memória e duração que são abordados por meio de manifestações no espaço urbano.

**Palavras-chave:** Espaço urbano. Modernidade. Memória e Patrimônio cultural. Globalização e hibridação.

**Abstract:** Cities are the space of complex urban societies, of human experiences and utopias, which are not immune to tensions and conflicts. In this essay we intend to reflect on some aspects of the dynamics that constitute individual and collective memories and experiences in their relations with the urban space, based on some examples in the municipality of Novo Hamburgo, metropolitan region of Porto Alegre / RS. In this sense, the effects of globalization, the search for modernity and the reframing of memory reflected in the urban space are addressed. Some concepts are used, such as modernity and contemporary and complex urban societies, memory and duration are addressed through manifestations in the urban space.

**Keywords:** Urban space. Modernity. Memory and cultural heritage. Globalization and hybridization.

### AS SOCIEDADES URBANAS CONTEMPORÂNEAS

As grandes metrópoles surgidas de processos de industrialização e urbanização acelerada englobam grande parte da população mundial, compondo quadros diversos heterogêneos de indivíduos e grupos sociais.

Na ótica simmeliana, indivíduos em grandes cidades contemporâneas mantêm relações impessoais a fim de fazer frente a contatos e vivências diversificados e complexos no cotidiano das cidades, sem comprometerem sua própria existência objetivada ou subjetiva. Na ótica de Georg Simmel essa impessoalidade deriva da monetização nas relações sociais e da divisão social do trabalho, propiciando o individualismo, a fragmentação e a fugacidade objetivas e subjetivas nas sociedades contemporâneas, tipificando a modernidade (SOUZA et. all., 2014).



Nesse sentido, se estabelecem diferentes formas de interação social ou sociação entre indivíduos e grupos sociais, com códigos simbólicos específicos (SOUZA et al., 2014). Assim, os diversos grupos sociais interagem entre si, amarrados a significados compartilhados. (GEERTZ, 2012)

Esses grupos podem estar ligados a um sistema articulado de experiências comuns baseadas em valores e tradições regionais, étnicas, religiosas, ideológicas, com pesos relativos específicos, cujas fronteiras simbólicas são difíceis de definir. Assim, existe a possibilidade de indivíduos com características diversas formarem segmentações em subgrupos de interesses específicos, dentro de contextos de cooperação ou de tensões e conflitos. Essa heterogeneidade manifesta em diversas formas de sociação é considerada por Gilberto Velho como uma das características que tornas as sociedades urbanas complexas (VELHO, 2013).

Em um mundo cujos fluxos globais se estabelecem em várias dimensões (financeiras, culturais, tecnológicas, midiáticas e ideológicas), as sociedades locais e as cidades são atingidas de diferentes formas produzindo mudanças ou permanências, com o reconhecimento ou absorção de diferenças, em uma estrutura maior concebida como um mundo globalizado (APPADURAI, 1990). No entanto, na ótica de Néstor Garcia Canclini (1997) são múltiplos os caminhos através dos quais a cultura latino-americana interage, não destruindo o que é específico e particular a ela.

O que se pretende com esse estudo exploratório, é refletir como se processam as mudanças e permanências nos espaços urbanos na dinâmica da modernidade e em função de influências globalmente disseminadas.

## O FLUXO DE INFORMAÇÃO GLOBAL EM MANIFESTAÇÕES NO ESPAÇO URBANO

Em uma sociedade urbana complexa, globalmente conectada, os entrelaçamentos das diferentes esferas da vida social são particularmente ambíguos, tortuosos e contraditórios.

Em um mundo globalmente conectado, a construção de identidades acontece em um contexto em que diferentes “mundos” ou esferas da vida social se interpenetram se misturam e se recriam (CANCLINI, 1997). Essa hibridação não ocorre como imposição externa, mas não se processa sem contradições e conflitos. No entanto, Canclini (1997) considera que hibridação pode ser sinônimo de vitalidade cultural, na qual a mescla potencializa a cultura.

Nesse sentido, movimentos estéticos como o grafite, surgido em Nova Iorque na década de 70 e espalhados globalmente, são cooptados localmente com ressignificações próprias. Muitos são os temas específicos usados em cidades brasileiras como representações das vivências. Um



caso específico é a utilização da técnica com reminiscências locais em projetos urbanos, remetendo figuras inusitadas e grande apelo simbólico e imaginário. Temas sobre a fauna e flora local, e artistas locais ganham espaços públicos em formas de expressão globalmente configuradas como o grafite (Figura 1).

**Figura 1. Imagens de grafites em Novo Hamburgo**



Fonte: arquivo particular

As influências globalmente disseminadas são agregadas a cultura local em múltiplas interações sendo repenetrada, absorvida, reconfigurada e negociada, não destruindo o que é específico e particular a ela. Os indivíduos e grupos urbanos,

[...] como uma grande parte deles está interessada na modernização, não só enfrentam e resistem, também transacionam e consentem, tomam emprestado e reutilizam. As culturas locais crescem e se expandem a fim de tornarem-se cosmopolitas. (CANCLINI, 1997, p. 114).

Nas artes visuais então, prevalece um cosmopolitismo flexível, a combinação de múltiplas contribuições estéticas e culturais, em meio à comunicação e trocas de ideias sem uma territorialidade específica, mas reconhecendo e absorvendo diferenças locais.

É comum pensar que as tradições locais estão ameaçadas pela globalização por meio das mídias. A realidade atual é que vivemos num mundo cada vez mais inter-relacionado, no qual diversas culturas estão em contato e se influenciam umas às outras. (CANCLINI, 1997)

Esse contato e essa influência entre as culturas, entretanto, não devem eliminar as diferenças que constituem as identidades culturais. Mas, no lugar do choque de culturas, pode-se buscar o



enriquecimento que proporciona a relação entre diferentes, na qual “um mundo no qual caibam todos os mundos” (ZALPA, 2017, 297).

## A MUDANÇA E RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Gaston Bachelard (1998) reúne em sua obra considerações a respeito do espaço e do tempo, transmutando vivências e experiências em memórias, sensações e subjetividades. Nessa perspectiva, os estudos antropológicos sobre vivências e memórias coletivas de Rocha e Eckert, trazem subsídios para a discussão de políticas públicas e a prática da gestão dos espaços urbanos, segundo os quais “preservar a matéria no tempo – o patrimônio – não pode estar descolado do trabalho de gerar sentido junto aos diferentes grupos sociais da dialética da duração dos lugares depositários da memória coletiva” (ROCHA et al., 2013, p. 224)

Nessa linha de pensamento, o que deve durar é “o que tem sentido afetivo na trajetória dos grupos sociais”, considerando as fronteiras simbólicas entre os grupos, suas tensões e o reconhecimento de alteridades nas práticas sociais (ROCHA, ECKERT, 2013, P. 226).

Nas grandes cidades contemporâneas, assim como os espaços, novas tradições são criadas, modificadas ou substituídas. Mas a cultura e os seus portadores tem um ritmo, uma dinâmica de transformação, conservando, no entanto, sua identidade à medida que conservam sua diferença com relação a outras culturas.

A implantação de grandes projetos e transformações urbanas podem alterar drasticamente as referências simbólicas, topológicas e temporais no espaço urbano. Nesse sentido, a objetivação simbólica em materialidades específicas, auxilia na construção dessa identidade mantendo pontos de referência em comum aos indivíduos de suas vivências e memórias, compartilhadas ou transferidas, no espaço e no tempo.

Fazendo frente a mudanças, grupos de indivíduos heterogêneos se formam em movimentos reivindicatórios específicos, decompondo-se rapidamente depois de solucionada a questão proposta. Um desses casos teve origem no bairro Vila Rosa, em Novo Hamburgo<sup>1</sup>, em movimentos de grupos locais contra um empreendimento em uma área particular do antigo estádio de futebol, por motivações diversas. O fato gerou a inserção de uma praça, criando possibilidades de novas vivências e construção de memórias ou sua ressignificação pela inserção de referências e a preservação do pórtico de acesso do antigo estádio (Figura 2).

<sup>1</sup> O antigo terreno do estádio Santa Rosa foi usado para a construção de dois condomínios em blocos de apartamentos, contra as expectativas da população local. Uma das contrapartidas legalmente instituídas, resultou na construção de uma praça no bairro mantendo referências culturais por meio da instalação de painéis informativos e o restauro do pórtico do estádio.



**Figura 2.** A mudança e a ressignificação do espaço urbano: o antigo Estádio Santa Rosa



**Fonte:** Blog Portal Martin Behrend. Disponível em:

<https://www.martinbehrend.com.br/noticias/noticia/id/2376/titulo/parque-publico-x-apartamentos-centenas-de-moradores-abracam-area-do-antigo-estadio-santa-rosa-em-protesto>

Dentro dessa dinâmica de demolição e reconstrução, do vazio do esquecimento e renovação, os moradores de grandes áreas urbanas,

[...] são capazes de criar novas (em gestos e pensamentos) regras de ação e novas condutas para enfrentar as novas situações propostas por um ambiente em constante mutação. [...] a mutação da paisagem de um bairro, experiências dramáticas para os habitantes de uma grande cidade – conservam a possibilidade do relato, da história, revelando uma situação de conhecimento em ação a ser reconhecido e interpretado. (ROCHA et al., 2013).

Em meio a essas rupturas, as memórias e as vivências são reinventadas, assumindo novas formas e significados a todo instante na projeção do devir.

## MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Da pluralidade das culturas, da diversidade de visões de mundo, de estilos de vida e de artefatos culturais, deriva-se a noção de identidade cultural. É essa diferença, que frequentemente se percebe ameaçada pela homogeneização global, se vale da patrimonialização cultural de artefatos, de festas e de tradições. (ZALPA, 2017).

No Brasil, as políticas públicas em relação à preservação da memória, durante quase todo o século XX, se pautaram na patrimonialização de monumentos históricos e à construção de uma identidade nacional. Somente no final do século houve um redirecionamento a questões denominadas como imateriais, considerando a diversidade dos saberes e fazeres que constituam o espectro da cultura nacional. (IPHAN, 2020).



A prática da patrimonialização e da preservação é uma construção social, por meio de ações simbólicas, desenvolvidas por indivíduos ou instituições com motivações e estratégias específicas (ARANTES, 2006). No entanto, esses monumentos também materializam subjetividades que servem de referência espacial, temporal e simbólica, não restringindo discussões necessárias ou reflexões sobre a sociedade.

No entanto, nas grandes cidades a heterogeneidade social não é assimilada pelas políticas públicas. A patrimonialização de prédios e sítios histórico culturais representa apenas uma parcela da questão da memória e identidades no meio urbano. Nesse sentido, vem em auxílio o conceito de memória definido por Halbwachs (1968) como um fator social, mostrando a existência de uma relação íntima entre o individual e o coletivo.

Além disso, a questão da preservação de propriedades particulares como patrimônio coletivo, pela necessidade de referências culturais, espaciais e temporais, gera tensões e conflitos. Nesse sentido, as expectativas coletivas de manutenção da memória se contrapõe a busca pela modernidade em projetos individuais. Vários casos emblemáticos se referem a empreendimentos privados, dividindo opiniões e interesses, e gerando tensões no meio social. A figura 3 se refere ao impedimento de construção de um centro comercial e torres residenciais em um sítio histórico de interesse de tombamento, gerando frustração nos empreendedores e em parte da população (Figura 3). A pichação faz uma paródia à titulação do município como “Capital Nacional do Calçado”, em desuso após sucessivas crises no setor.

**Figura 3.** Manifestação de tensões sobre ações de preservação de sítio histórico cultural.



Fonte: arquivo pessoal

Por outro lado, o sentimento de pertencimento gerado pelas vivências e memórias no cotidiano das grandes cidades, pode ser mantido e ampliado abrangendo a diversidade dos grupos sociais nas políticas urbanas e nas práticas projetuais de arquitetos e urbanistas.



A noção de memória na concepção de Maurice Halbwachs (1968), comportando o tempo e espaço, pode contribuir para uma abordagem mais sofisticada da questão da preservação de referências espaciais, sociais e culturais nas sociedades urbanas contemporâneas.

## CONCLUSÃO

Na análise de situações em sociedades urbanas complexas, se faz necessário conhecer quais as práticas, as vivências e as memórias que estabelecem significado e sentido aos espaços urbanos, considerando o espectro de interpretações dos indivíduos e grupos. Algumas práticas se constituem na construção de imaginários coletivos, onde medos e utopias individuais se unem e se incorporam em movimentos específicos unindo diferentes identidades individuais ou de grupos no espaço e no tempo.

Nas dinâmicas das sociedades contemporâneas, a busca pela modernidade se processa de diferentes formas na relação entre permanências e mudanças. Metaforicamente falando, em um mar de possibilidades, a preservação de vivências e memórias, representam âncoras que, se por um lado não deixam ir mais longe, por outro fornecem ao ser humano a segurança de não ficar à deriva.

## REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. **Theory, Culture, Society**. n. 7, p.295, 1990.

ARANTES, Antônio A. O patrimônio cultural e seus usos: a dimensão urbana. **Habitus**, v. 4, n.1, p. 425-435, jan./ jun. 2006.

BACHELARD, Gastón. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas y estrategias comunicacionales. **Estudios sobre las Culturas Contemporâneas**, vol. III, núm. 5, p. 109-128. Jun. 1997.

DE CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. 6ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010, p. 253.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p.323.

HALBWACHS, Maurice. **Mémoire Collective**. Paris: P.U.F., 1968, p. 204.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Site [on line]**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872>>. Acesso em: 20 de abril de 2020.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

ROCHA, Ana Luíza Carvalho da. ECKERT, Cornélia. **Etnografia da duração**: antropologia das memórias coletivas nas coleções etnográficas. Porto Alegre: Marca Visual, 2013, p.256.

SOUZA, Jessé. ÖEZEL, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014, 268 p.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 198.

ZALPA, Genaro. Cultura, patrimônio cultural e globalização. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)** Vol. 3 - Número Especial, p. 283-301, Jul./Dez. 2017.





## PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM REALIDADE AUMENTADA: CONTRIBUIÇÕES PARA AULAS REMOTAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

PEDAGOGICAL PRACTICES IN AUGMENTED REALITY: CONTRIBUTION TO  
REMOTE CLASSES IN FUNDAMENTAL EDUCATION

Ana Elise Moraes dos Santos; Patricia Brandalise Scherer Bassani; Andresa Taís da Silva; Liliane

Maria da Silva

Universidade Feevale

**Resumo:** A realidade aumentada se apresenta como possibilidade de fomentar novas práticas educativas, uma vez que a tecnologia está cada vez mais acessível por meio de aplicativos para *smartphones*. O presente estudo tem como objetivo analisar práticas educativas com a realidade aumentada em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental. Este estudo se caracteriza pela abordagem qualitativa e exploratória. Os dados foram coletados por meio de uma prática pedagógica intencional, utilizando o aplicativo de realidade aumentada Arloopa. Resultados destacam a facilidade no uso do aplicativo e o prazer dos alunos em realizar as atividades propostas, despertando interesse e curiosidade.  
**Palavras-chave:** Tecnologia educacional. Realidade Aumentada. Prática educativa.

**Abstract:** Augmented reality allow the development of new educational practices, since this technology is increasingly accessible through smartphones. The present study aims to analyze educational practices with augmented reality with a group of students in the 2nd year of elementary school. This study is based on a qualitative and exploratory approach. The data were collected through an intentional pedagogical practice, using the augmented reality application Arloopa. Results point out that the application is very easy and the students had pleasure in carrying out the proposed activities showing interest and curiosity.  
**Keywords:** Educational technology. Augmented Reality. Educational practice.

### INTRODUÇÃO

Compreendendo os avanços tecnológicos e científicos acerca do uso da tecnologia na educação, podemos observar que a realidade aumentada apresenta-se como possibilidade de fomentar novas práticas educativas, uma vez que a tecnologia está cada vez mais acessível por meio de aplicativos para *smartphones*. Kirner e Tori (2006, p. 22) destacam que a realidade aumentada, enriquece ambientes físicos e que os aplicativos a tornaram “viáveis aplicações dessa tecnologia, tanto em plataformas sofisticadas quanto em plataformas populares”.

O ano de 2020 foi marcado pelo início da pandemia, causada pela Covid- 19, ocasionando a suspensão de aulas presenciais e o início de aulas remotas abrangendo todas as etapas da educação básica. Isso provocou alterações significativas no sistema de organização da escola e





nas dinâmicas propostas pelos professores, garantindo que os estudantes tivessem a oferta do ensino de diversas maneiras. Neste cenário, as tecnologias digitais foram essenciais para a manutenção das atividades.

A Informática na Educação é uma área de pesquisa consolidada e estudos atuais apontam para o desenvolvimento de práticas inventivas baseadas na colaboração e autoria, articulando espaços físicos e digitais, na perspectiva do hibridismo (BASSANI, 2019). Dessa forma, a escola como instituição de ensino, não consegue se distanciar desta realidade, ou seja, deve-se pensar propostas atrativas que envolvam e desenvolvam habilidades que acompanhem o desenvolvimento da geração com quem trabalha, promovendo a formação integral do sujeito para sua época.

Planejar e promover práticas educativas no ensino fundamental explorando as tecnologias digitais estão presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A cultura digital é considerada uma das dez competências da Educação Básica, considerando que, “ao aproveitar o potencial de comunicação do universo digital, a escola pode instituir novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes.” (BRASIL, 2017, p.61).

Neste sentido, o estudo apresenta o seguinte questionamento: como a realidade aumentada contribui para práticas pedagógicas inventivas e autorais em uma turma de 2º ano do ensino fundamental? Essa pesquisa está vinculada ao projeto “Práticas educativas em/na rede: autoria e colaboração no desenvolvimento de atividades de aprendizagem com tecnologias digitais<sup>1</sup>”, desenvolvido na Universidade Feevale, e busca ampliar o escopo de pesquisas já desenvolvidas sobre as possibilidades da realidade aumentada na escola (BASSANI, 2019, SILVA et al., 2020). Este estudo se caracteriza pela abordagem qualitativa, de cunho exploratório, e teve por objetivo analisar práticas educativas com a realidade aumentada em uma turma de 2º ano do ensino fundamental, identificando aspectos de autonomia dos estudantes ao utilizar o aplicativo Arloopa.

Este artigo encontra-se assim organizado: parte-se da contextualização acerca do conceito de realidade aumentada; a seguir apresenta-se a metodologia da pesquisa; por fim, apresenta-se a discussão e as considerações finais.

---

<sup>1</sup> Projeto aprovado pelo Comitê de Ética - CAAE: 05576818.8.0000.5348.



## CONTEXTUALIZAÇÃO DA REALIDADE AUMENTADA

A rápida disseminação das tecnologias digitais relacionada com o fácil manuseio de dispositivos móveis, vem refletindo de forma direta na promoção de diferentes oportunidades de experiências de aprendizagem para crianças no contexto escolar. As possibilidades das tecnologias digitais contribuem para a utilização de diferentes aplicativos e ambientes digitais, fomentando assim processos de aprendizagem interativos, colaborativos e significativos. Os documentos educacionais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) contemplam e orientam práticas educativas voltadas para o desenvolvimento da cultura digital na educação, como também, direitos de aprendizagem, dentre eles, o direito de *explorar*, garantindo a formação integral do sujeito de acordo com as evoluções sociais.

De acordo com Bassani (2019), promover experiências de aprendizagem com o uso de tecnologias de Realidade Aumentada (RA), permite que os alunos explorem os espaços articulando experiências físicas e digitais simultaneamente por meio das representações tridimensionais. Assim, “em uma perspectiva conceitual, a mistura entre os espaços físicos e os digitais é chamada de espaço híbrido”(BASSANI, 2019, p.1177). A realidade aumentada, quando utilizada no contexto educacional, torna-se um grande potencializador para a promoção da aprendizagem, possibilitando qualidade e ampliação dos conhecimentos dos estudantes. De acordo com Azuma (2001 apud LOPES et al, 2019, p.4), a realidade aumentada caracteriza-se como a tecnologia que ampliar “o mundo real com componentes virtuais (gerados por computadores), fazendo objetos físicos reais e objetos virtuais coexistirem no mesmo espaço no mundo real”.

Entre as suas diferentes formas de uso e possibilidades, sua principal variação consiste no acesso por meio de *smartphones*, ao utilizar através da câmera do aparelho celular, este possibilita a visualização no aparelho de figuras virtuais no mundo real. Dessa forma, a RA contribui diretamente para o desenvolvimento de aulas atrativas e interativas, estimulando a participação ativa dos sujeitos em sala de aula, tornando-os protagonistas no processo, uma vez que possibilitam que os indivíduos possam visualizar e interagir com a imagem sobreposta no mundo real.

Como destaca Kirner e Tori (2006, p. 33):





Apesar de todas as áreas do conhecimento deverem usufruir dos benefícios da realidade aumentada, ensino, aprendizagem e treinamento deverão particularmente passar por uma grande evolução com novas formas de relacionamento do estudante com professor, colegas e informação, propiciados pela mistura do real com o virtual.

Sendo assim, o uso da RA na educação básica é uma proposta inovadora. Conforme Bassani (2019), estudos vêm demonstrando que as experiências de aprendizagem com realidade aumentada viabilizam a imersão do sujeito/aluno no espaço híbrido, através de uma participação ativa e perceptiva.

## METODOLOGIA

Este estudo amplia a pesquisa anterior intitulada “Realidade Aumentada e suas possibilidades na Educação Infantil” (SILVA et al., 2020), que teve como objetivo identificar e explorar aplicativos de RA com potencial de utilização em práticas educativas, a fim de identificar as contribuições e as potencialidades da RA no contexto educacional. Existem vários aplicativos para *smartphones* com grande potência para experiências educativas em sistemas IOS e Android. Dentre os aplicativos analisados, destacamos o aplicativo Arloopa, que é foco do estudo atual. Portanto, o presente estudo busca analisar o potencial do aplicativo Arloopa em prática educativa desenvolvida com uma turma do 2º ano do ensino fundamental.

A pesquisa se caracteriza pela abordagem qualitativa e exploratória, e teve como objetivo analisar práticas educativas com a realidade aumentada em uma turma de 2º ano do ensino fundamental utilizando o aplicativo Arloopa.

A coleta de dados deste estudo envolveu três etapas: a) planejamento de uma intervenção pedagógica na qual as crianças (7 e 8 anos de idade) pudessem utilizar seus *smartphones* para experienciar uma atividade de autoria em RA utilizando o aplicativo Arloopa;

b) desenvolvimento da proposta, que consistiu na leitura e interpretação do conto “Os três cabritos”, a criação da caracterização de um personagem da história em RA; e submissão das fotos de suas criações; c) avaliação da atividade, onde os alunos foram questionados sobre os seguintes aspectos: dificuldade em encontrar o aplicativo Arloopa na loja virtual; autonomia em explorar o aplicativo e concluir a atividade; e impressões sobre a realidade aumentada. Os resultados são apresentados a seguir.



## PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ENSINO FUNDAMENTAL COM REALIDADE AUMENTADA

Durante o ano de 2020, foi elaborada uma sequência didática no contexto do ensino remoto, com alunos do 2º ano, com a faixa etária de 7 e 8 anos de idade, em uma escola da rede privada de ensino. Nesta proposta, os alunos realizaram a leitura e a interpretação do conto “Os três cabritos”, a partir do uso do livro didático e de vídeos explicativos para as famílias. No conto, os personagens cabritos deveriam atravessar uma ponte passando por um *troll*.

Ao final do estudo do texto, foi solicitado que as famílias fizessem o *download* do aplicativo Arloopa para o *smartphone*. O aplicativo permite que o usuário selecione figuras em realidade aumentada, convertendo o mundo real em experiências interativas e ricas. Ao abrir o aplicativo, o sistema apresenta diversas categorias de figuras em RA, essas permitem movimentação e sons no ambiente real, além disso, o aplicativo permite que o usuário fotografe ou filme o momento. A Figura 1 representa a página inicial do aplicativo.



Figura 1 - página inicial do aplicativo

Arloopa Fonte: aplicativo

Arloopa.

Após o *download* do aplicativo, os alunos deveriam produzir com imagens ou materiais diversificados o cenário em que o conto se passava - uma ponte. Usando o aplicativo, deveriam escolher um novo personagem para ser o *troll* da história, como é demonstrado na Figura 2. É importante destacar que, como maneira de auxiliar alunos e pais, foi enviado um vídeo



explicativo de como fazer *download* e utilizar as funcionalidades do aplicativo, tendo em vista que, para muitos, o uso de aplicativos não é algo típico de seu cotidiano.



**Figura 2** - atividade realizada por aluno utilizando

Arloopa Fonte: Acervo das  
pesquisadoras, 2020.

Na devolutiva das atividades, foi possível perceber dois discursos advindos das famílias: a) facilidade no uso do aplicativo; b) o prazer dos alunos em realizar as atividades propostas. Neste sentido, podemos inferir que a tecnologia de RA promove uma nova maneira de se relacionar e de conectar sujeitos, como destacam Kirner e Romero (2006, p. 33): “Essa tecnologia deverá ter grande impacto no relacionamento das pessoas, pois facilita a formalização das ideias, através de novas maneiras de visualizar, comunicar e interagir com pessoas e informação.”

Durante a avaliação da proposta desenvolvida, os estudantes foram questionados sobre as impressões ao realizarem uma atividade utilizando o *smartphone*. Conforme os relatos, o vídeo explicativo foi suficiente para a compreensão e não tiveram problemas para a execução do app. Também os responsáveis ressaltaram que as crianças haviam feito o uso do aplicativo com independência, sem solicitar a ajuda dos mesmos, exceto para instalação do aplicativo no *smartphone*. Os familiares destacaram o grande empenho das crianças para a realização da atividade, pois demonstraram grande prazer em realizá-la, considerando que fizeram uso do aplicativo para criar situações de brincadeiras novas.



Do total de 22 alunos, 18 entregaram o resultado final do trabalho por meio de imagem digital, comprovando a realização da atividade. O grande interesse por parte dos alunos, assim como o auxílio dos responsáveis, possibilitaram a realização da proposta de atividade com a utilização do recurso da Realidade Aumentada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que este estudo busca investigar como a realidade aumentada contribui para práticas pedagógicas atrativas em uma turma de 2º ano do ensino fundamental, podemos inferir que a RA é uma importante tecnologia para instigar e proporcionar a aprendizagem significativa, alinhando o uso tecnológico com o intuito de acolher sujeitos da nova geração, de maneira autônoma, o que resulta em experiências educativas coerentes com o cenário da cultura digital, distanciando-se do ensino tradicional. Concomitante a este apontamento, a RA tornou-se uma possibilidade de grande relevância durante o ensino remoto, proporcionando estratégias pedagógicas distintas daquelas que muitas vezes são utilizadas em sala de aula.

A atividade realizada pelos alunos, proporcionou momentos de autonomia, estimulando a criatividade a partir do convite à exploração do aplicativo Arloopa, um app gratuito com design lúdico e interativo. Conclui-se então que o desenvolvimento de práticas pedagógicas intencionais explorando a RA, alinhadas aos objetivos de aprendizagem, motivam e envolvem os alunos na participação e realização das atividades propostas. Dessa forma, a utilização da RA em sala de aula possibilita a formação integral do estudante, considerando o seu contexto social atual.

## REFERÊNCIAS

BASSANI, Patrícia Scherer. **Realidade aumentada na escola: experiências de aprendizagem em espaços híbridos.** Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v.19, jul/set. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/25419/23694>> Acesso em: 08 abr.2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 2017. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)> Acesso em: 10 abr. 2021.

LOPES, Monique Delgado et al. **Inovações Educacionais com o uso da Realidade Aumentada: uma revisão sistemática.** EDUR- Educação em revista, Belo Horizonte, v. 35,





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/edur/v35/1982-6621-edur-35-e197403.pdf>>  
Acesso em: 07 abr..2021.

SILVA, Andresa; SILVA, Liliane Maria; BASSANI, Patrícia Scherer. **Realidade Aumentada e suas possibilidades na Educação Infantil.** In: INOVAMUNDI, 2020, NOVO HAMBURGO. SEMINÁRIO DE PÓS GRADUAÇÃO. NOVO HAMBURGO: UNIVERSIDADE FEEVALE, 2020. v. 13. p. 3004-3013.

KIRNER, Claudio; TORI, Romero. Fundamentos de realidade aumentada. In. \_\_ Fundamentos e tecnologia de realidade virtual e aumentada. Porto Alegre: Editora SBC, 2006. Cap. 2, p. 22-38.





## RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO: A PERSPECTIVA DOS ÁRBITROS NEGROS NO RIO GRANDE DO SUL

RACISM IN BRAZILIAN FOOTBALL: THE PERSPECTIVE OF BLACK REFEREES IN  
RIO GRANDE DO SUL

Fabrizio Locatelli Ribeiro; Gustavo Roes Sanfelice

Universidade Feevale

**Resumo:** O futebol é um tema que pode ser abordado por vários prismas, entre eles, explorar estudos sobre os árbitros negros no futebol, identificar as relações étnico-raciais e compreender o futebol como fenômeno sociocultural característico da cultura e da sociedade. Nessa perspectiva, esta pesquisa tem como objetivo principal apresentar elementos sócio históricos que estão relacionados a atos de preconceito racial no percurso de vida de árbitros negros de futebol do Rio Grande do Sul. Ao decorrer do nosso trabalho, apresentamos o racismo na sociedade brasileira e os impactos na vida de árbitros negros de futebol no Estado do Rio Grande do Sul.

**Palavras-chave:** Árbitros. Futebol. Racismo. Rio Grande do Sul.

**Abstract:** Football is a topic that can be approached from different perspectives, among them, to explore studies about black referees in football, to identify ethnic-racial relations and to understand football as a sociocultural phenomenon characteristic of culture and society. In this perspective, this research has as main objective to analyze and interpret socio-historical elements that are related to acts of racial prejudice in the life course of black soccer referees from Rio Grande do Sul. Throughout our work, we present racism in Brazilian society and the impacts on the lives of black soccer referees in the State of Rio Grande do Sul.

**Keywords:** Referees. Soccer. Racism. Rio Grande do Sul.

### INTRODUÇÃO

O racismo no Brasil está atrelado ao processo escravocrata. A escravidão perdurou por três séculos no país, foram trezentos anos de escravidão, violência e preconceito aos africanos que aqui serviram de mão-de-obra escrava. Após a abolição da escravatura em treze de maio de mil oitocentos e oitenta e oito, o negro liberto não obteve garantias de direitos mínimos para viver, sendo assim, o racismo se configurou no discurso intelectual da época e se incorporou na sociedade brasileira. O sociólogo brasileiro Muniz Sodré (2006) aponta que o racismo no Brasil acabou de maneira política e jurídica, entretanto, as relações raciais racistas seguem latentes no jogo das relações sociais cotidianas da sociedade brasileira, assim como o racismo de estrutura na memória coletiva, que perpassa as instituições e os indivíduos. Conforme Schwarcz (1993), os “homens da Ciência”, também chamados de “novos ricos da cultura”, inclinaram-se aos modelos evolucionistas, em especial ao social-darwinista, que já



estavam desacreditados no contexto europeu da época. Esses intelectuais passaram a fazer do ecletismo e da leitura e interpretação de textos e manuais positivistas e darwinistas sua atividade intelectual por excelência.

A partir das teses de inferioridade biológica sobre os negros no Brasil, surgiram as teorias de “branqueamento” derivadas da Europa Ocidental, que, para Da Matta (1986), conduziram a um pensamento difundido intelectualmente como “racismo à brasileira”, consolidado pelo mito em torno dos discursos de que o Brasil seria o paraíso das raças, conhecido como local da democracia racial. O Brasil carrega a mácula de ser um país que, ao abolir a escravidão, não desenvolveu nenhuma política pública de inserção do povo negro na sociedade brasileira civil organizada. Apesar dos discursos promovidos a partir do início do século XX, em que pensadores brasileiros consideraram o país como um local da “democracia racial”, o paraíso das raças, o discurso de mestiçagem e de harmonia racial foi desmistificado pelos próprios pesquisadores com o passar do tempo (DA MATTA, 1986).

Pensando o futebol atrelado à sociedade, observam-se as expressões do preconceito racial dentro do esporte. Para Giualianotti (2010, p. 203), “o racismo dentro do futebol parece ser culturalmente universal ocorrendo entre e dentro de agrupamentos étnicos. Expressões elementares de racismo envolvem o tratamento abusivo e discriminatório a jogadores não brancos”. Incluímos ainda a figura do árbitro de futebol, pode-se apresentar o árbitro como o sujeito que tenciona a arena de disputa que é o campo de jogo. Segundo Galeano (2004, p. 17), “o árbitro é arbitrário por definição”. Acrescenta-se a isso o componente de ser esse árbitro negro. Isso proporciona um tensionamento dentro do campo de disputa que é simbólico, que é esportivo, ainda mais quando é somada a questão étnico racial definida no Brasil como elemento complicador de disputas de classe e de posicionamentos, onde o racismo fica evidente. O racismo foi historicamente construído na sociedade brasileira, afetando, assim, fenômenos socioculturais como o futebol. Os desdobramentos do racismo brasileiro apresentam-se no esporte, por exemplo, através das barreiras que árbitros negros encontram para seu reconhecimento profissional. Outra hipótese que se sugere diz respeito ao tratamento superficial da sociedade no que tange ao racismo, que torna o assunto invisível a partir da ideologia baseada no mito da democracia racial (DA MATTA, 1986).

A abordagem da pesquisa foi qualitativa e para o desenvolvimento de nossa pesquisa utilizamos a revisão bibliográfica como uma ferramenta dentro do processo de construção metodológica. Com esse ensaio buscamos apresentar como os elementos sócio históricos estão



relacionados a atos de preconceito racial no percurso de vida de árbitros negros de futebol do Rio Grande do Sul. A partir dos arquivos do Jornal Zero Hora que por meio do jornalista Jones Lopes da Silva, no mês de dezembro do ano de 2005, realizou uma série especial de reportagens que intitulou “Racismo e Futebol”, apresentando algumas ocorrências da discriminação racial no futebol gaúcho daquele ano. Desse especial de um total de seis reportagens na coluna de esportes, foram selecionadas duas reportagens que abordam o racismo contra árbitros negros em campos de futebol do Rio Grande do Sul, as quais iremos apresentar no nosso trabalho.

## **A PERSPECTIVA DO RACISMO A PARTIR DE DOIS ÁRBITROS NEGROS NO FUTEBOL DO RIO GRANDE DO SUL**

Diferentemente do que muitos pensam, Márcio Chagas já havia sofrido com o racismo nos gramados bem antes do fatídico caso de 2014. No ano de 2005, apitando um jogo válido por um campeonato organizado pela Federação Gaúcha de Futebol, o árbitro expulsou o técnico de um dos times por ter sido chamado de “macaco”, dentre outros termos de conotação racista. O arquivo do Jornal Zero Hora, cedido pelo Jornalista Jones Lopes da Silva, que publicou a matéria em 11/12/2005, traz em sua capa o título “Técnico pega 60 dias de suspensão”. O repórter Jones Lopes da Silva apresenta a matéria da seguinte maneira:





Figura 1 - Racismo e futebol



Fonte: Zero Hora,  
11/12/2005

Tudo foi relatado em súmula e o treinador em questão foi afastado dos gramados por sessenta dias, caso histórico de punição no futebol gaúcho. Conseguimos chegar até essa informação a partir do jornalista Jones Lopes da Silva, que, em 2005, fazia parte do Jornal Zero Hora e atuava frente à cobertura esportiva do jornal, e pelos crescentes casos de racismo no futebol daquele ano, realizou uma série de no total seis reportagens durante uma semana na coluna esportiva do jornal, intitulada “Racismo e Futebol”, como podemos observar na publicação abaixo:

Fez história o árbitro Márcio Chagas ao expulsar o técnico do Encantado por alegado ato de racismo numa partida de outubro. Colocou em súmula as ofensas de conotações racistas que sofreu e o treinador Danilo Mior acabou suspenso esta semana. O incidente aconteceu na pouco rutilante Copa Big, um campeonato da Federação Gaúcha de Futebol do qual também participam os times B do Inter, Grêmio e Juventude. Mas a sentença do tribunal da FGF, embora longe de pesada, é exemplar ao final de 2005. Chagas suporta nos ombros o estigmatizado árbitro negro. Eles enfrentam afrontas de jogadores, dirigentes e torcedores e, em alguns casos, ouvem quietos xingamentos em italiano e alemão no interior gaúcho (Zero Hora, 11/12/05, p. 56).

Passados alguns anos desse ataque racista contra o árbitro gaúcho, novamente o racismo entra em campo na data de 05/03/2014. O então árbitro gaúcho Márcio Chagas da Silva, de 37



anos de idade, que era vinculado a FGF (Federação Gaúcha de Futebol) e pertencia ao quadro de árbitros de futebol da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), sendo naquele ano aspirante ao quadro da FIFA (Federação Internacional de Futebol), estava em mais um jogo normal dentro de sua profissão, válido pelo Campeonato Gaúcho de futebol daquele ano. A partida era entre o time da casa, o Esportivo de Bento Gonçalves e o visitante, o Veranópolis. Ambos times da Serra Gaúcha, conhecidos historicamente pela colonização italiana na região.

No aquecimento que antecedeu a partida foi que se iniciou os ataques verbais de cunho racista ao árbitro. Por se tratar de um homem afrodescendente, ele foi chamado por um grupo de torcedores que se aproximaram do alambrado e desferiram as seguintes ofensas: “macaco”, “volta pra África”, “negro de merda”, dentre outros insultos racistas. A partida se iniciou mesmo com essa situação, porém, no campo de jogo, tudo transcorreu normalmente até o final da partida, pois ao se deslocar até seu veículo o árbitro da partida encontrou seu carro riscado, amassado e com duas bananas no escapamento.

No dia 5 de março de 2014, o Esportivo jogou contra o Veranópolis, em Bento Gonçalves, uma cidade perto de Caxias, também na serra gaúcha. Essa é a região mais racista do estado. Logo que saí do vestiário já fui chamado de macaco, negro de merda, volta pra África, ladrão. Falei pros meus colegas: "Se nem começou o jogo os caras já estão assim, imagina no final." Acabou a partida. Jogando em casa, o Esportivo venceu por 3 a 2, e não teve nada anormal no jogo: nenhuma expulsão, nenhum pênalti polêmico, lance de impedimento controverso, nada. Mesmo assim os torcedores se postaram na saída do vestiário para me xingar. A uma distância de uns dez metros, questionei um senhor que estava com o filho: "É isso que você está ensinando pro seu filho?" "Vai se foder, macaco de merda." "Uma ótima semana pro senhor também", respondi e desci ao vestiário. A polícia não fez menção de interpelar os torcedores, mas registrei os xingamentos na súmula. Tomei meu banho, esperei meus colegas e saí do vestiário pra pegar meu carro, que estava em um estacionamento de acesso restrito à arbitragem e funcionários dos clubes. Encontrei as portas do carro amassadas e algumas cascas de banana em cima. Ao dar partida no carro, ele engasgou duas vezes. Na terceira tentativa, caíram duas bananas do cano de escapamento. Alguém colocou duas bananas no cano do escapamento. Meu colega Marcelo Barison ficou horrorizado. Caminhei revoltado para o vestiário. O atacante do Esportivo Adriano Chuva, negro, me pegou pela mão e me levou um pouco mais afastado. Ele disse que ali aquilo era normal. "Você tem que ver o que eles fazem com a gente no centro da cidade."



Ele dizia que os negros do time preferiam jogar fora de casa para não ser chamados de macaco em seu próprio estádio (UOL, 29/04/19).

Como podemos constatar a partir desse trecho da reportagem cedida por Márcio Chagas ao portal UOL, em 29/04/19, com o título “Matar negro é adubar a terra”, ele denuncia agressões racistas sofridas em campo e outros ataques que ainda o perseguem, agora na cabine de transmissão nos estádios de futebol. Já em 2019, o ex-árbitro denuncia novamente, agora ataques sofridos nas redes sociais. A seguir, um exemplo dessas agressões nas redes sociais.

Em um Avenida x Internacional, em Santa Cruz do Sul, o juiz marcou um pênalti que não aconteceu e eu comentei no ar que o pênalti não aconteceu. Um torcedor foi no meu Instagram e escreveu: "Não gosta de ser chamado de preto, mas tá fazendo o quê aí?" O que tem a ver a minha cor com o meu comentário? Outro cara me chamou de "crioulo burro" e um terceiro disse que, se pudesse, me enfiaria uma banana no rabo. Os caras escrevem isso em público, com nome e sobrenome. Já acionei o Ministério Público.

Márcio acionou o Ministério Público em decorrência dessa situação, ainda aguardamos o desfecho do caso. Uma frase entonada nos eventos em que participa no combate ao racismo vem chamando a atenção e demonstrando seu engajamento contra o racismo no futebol. Segundo ele, “eu não posso ser omissos e ficar quieto com essa situação” (UOL, em 29/04/19).

Com isso, trouxemos outro caso também do ano de 2005, para contextualizar o racismo dentro da arbitragem. A reportagem intitulada “Cerveja e urina no bandeirinha” apresenta o caso do bandeirinha que aguenta insultos e agressões na beira do gramado, ficando próximo ao alambrado que separa os torcedores do campo, onde sofre com a hostilização, principalmente em estádios com essa proximidade do profissional de arbitragem dos torcedores.



Figura 2 - Racismo e  
futebol

6 | ZHESPORTES ZERO HORA > SEGUNDA | 12 | DEZEMBRO | 2005 ZHESPORTES

## Racismo e futebol (2)

**JONES LOPES DA SILVA**

*No segundo dia de histórias de manifestações de cunho racistas nos estádios, ZH conta o episódio do bandeirinha negro que sofreu a humilhação de ser carimbado com urina e cerveja em jogo do interior gaúcho.*

*Os gritos de imitação de macaco que infestam as arquibancadas constroem jogadores e torcedores e provocam a reação de setores de dentro do Grêmio. O clube quer ser o primeiro do Brasil a lançar campanha contra o racismo.*

• [jones.silva@zerohora.com.br](mailto:jones.silva@zerohora.com.br)

# Cerveja e urina no bandeirinha



Primeiro, torcedores de Campo Bom ameaçaram: "Se marcar impedimento, vai levar cerveja e mijo no fômbro, negro sujo e ladrão"; depois, o bandeirinha João Lúcio sentiu um líquido quente às costas

Fonte: Zero Hora,  
11/12/2005

No segundo dia de histórias de manifestações de cunho racistas nos estádios, ZH conta o episódio do bandeirinha negro que sofreu a humilhação de ser carimbado com urina e cerveja em jogo do interior gaúcho. Os gritos de imitação de macaco que infestam as arquibancadas. [...] O bandeirinha não acreditou no que mal conseguia ver. Enquanto o coro de “negro imundo” seguia, um lance o trouxe para perto do grupo. João Lúcio ainda viu os dois torcedores com o copo de urina tomarem posição. Ouviu a sentença: – Olha o mijo, negro sujo e f.d.p. Sentiu





então nas costas um líquido quente. Praguejou de raiva, haviam-lhe jogado urina (Zero Hora, 12/12/05, p. 6).

Apresentamos mais um caso de racismo a partir de ofensas verbais no futebol gaúcho, acrescido de humilhação e constrangimento ao assistente de arbitragem devido à ação de torcedores que jogaram até urina nele. No momento das agressões, o bandeirinha acabou não comunicando o árbitro da partida e o jogo seguiu. Não podemos fazer afirmações sobre a escolha do auxiliar de arbitragem por não ter tomado uma atitude em sua defesa naquela situação, entretanto, abre um precedente para recolher essas informações e o depoimento dele na sequência de nosso trabalho na coleta de dados. Com isso, evidenciamos que os ataques, principalmente a partir de xingamentos racistas, são corriqueiros contra esses profissionais negros, tendo relação com a questão da colonização europeia no Estado e com o racismo que identificamos em nossa sociedade, entretanto essa é apenas uma forma para situar o leitor, nesse momento não vamos nos aprofundar nesse contexto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse processo ajudou a chegar à análise e à interpretação de elementos sócio históricos que estão relacionados aos atos de preconceito racial no percurso de vida de árbitros negros de futebol do Rio Grande do Sul, entre os quais se podem mencionar que durante as suas trajetórias, os árbitros depararam-se com o racismo, assim como com diversos conflitos e dilemas como citado nas reportagens.

Diante do cenário exposto, é possível concluir que o processo histórico de inserção dos negros na sociedade brasileira do século XX, via arbitragem de futebol, não significou um tratamento como igual para o negro. Pelo contrário, reproduz como a desigualdade uma vez que, ao libertar o negro escravo, acabou transformando-o em um trabalhador com poucas oportunidades, assim como citado pelos árbitros quando enfatizam a importância de suas carreiras e de estabilidade pessoal, profissional e econômica. O árbitro negro, como vimos, é conduzido a posições de inferioridade e apagamento, ainda que a sua capacidade intelectual e profissional seja incontestável.

## REFERÊNCIAS

- DA MATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Editora Rocco 1986.  
GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 2004.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

PRODANOV, Cléber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

RIBEIRO, Fabrício Locatelli. **Futebol e questões étnico-raciais: o negro no Rio Grande do Sul** / Dissertação (Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2021.

SILVA, Jones. L da. **Racismo e futebol**. Zero Hora, Porto Alegre, 11 dez. 2005.(acervo pessoal).

SODRÉ, M. **Diversidade e diferença**. Revista Científica de Información y Comunicación, Número 3, Sevilla, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, **Espetáculos das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

UOL ESPORTE. **Matar negro é adubar a terra**. 29 abr. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/marcio-chagas-denuncia-racismo/>





## ARTESANATO: O EMPREENDEDORISMO FEMININO E A REDE

### ASTA

Sandra Andrea Da Costa; Mary Sandra Guerra Ashton

Universidade Feevale

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo compreender a atividade do artesanato no contexto do empreendedorismo feminino. Os conceitos apresentados no artigo foram elaborados a partir de pesquisa bibliográfica referente as temáticas do empreendedorismo feminino e do artesanato, passando pela compreensão dos fatores que levam a mulher a empreender, bem como o papel do empreendedorismo feminino na contribuição da inclusão social e econômica. Na temática do artesanato, os conceitos abordam a sua importância como atividade econômica e contribuição para o desenvolvimento socioeconômico. Com o intuito de exemplificar a união das duas temáticas, o exemplo da Rede Asta, demonstra através de suas ações, as formas possíveis de fomentar a atividade empreendedora feminina através do artesanato. Esse artigo é um recorte da dissertação em desenvolvimento que tem como título: “Artesanato, Gastronomia e Folclore: Análise do Empreendedorismo Feminino em Igrejinha.”

**Palavras-chave:** Empreendedorismo Feminino. Artesanato. Rede ASTA.

**Abstract:** This article aims to understand the activity of handicrafts in the context of female entrepreneurship. The concepts presented in the article were elaborated from bibliographic research referring to the themes of female entrepreneurship and handicrafts, including the understanding of the factors that lead women to undertake, as well as the role of female entrepreneurship in the contribution of social and economic inclusion. In the handicraft theme, the concepts address its importance as an economic activity and contribution to socioeconomic development. In order to exemplify the union of the two themes, the example of Rede Asta, demonstrates through its actions, the possible ways to foster female entrepreneurial activity through handicrafts. This article is an excerpt from the current dissertation under the title: “Handicrafts, Gastronomy and Folklore: Analysis of Female Entrepreneurship in Igrejinha”.

**Key words:** Female entrepreneurship. Handicraft. Rede ASTA.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo, traz um recorte da dissertação em desenvolvimento que tem o título de “Artesanato, Gastronomia e Folclore: Análise do Empreendedorismo Feminino em Igrejinha” e tem por objetivo compreender como se desenvolve o empreendedorismo feminino na atividade do artesanato. A análise apresenta subsídios teóricos sobre o empreendedorismo feminino e do artesanato, bem como exemplo que contribui para a compreensão da temática.

Faz algum tempo que a mulher vem sendo alvo de diversos estudos e pesquisas pelos mais variados motivos sociais, econômicos ou culturais. Também não é de hoje que ela busca conquistar seu espaço no mercado de trabalho e reconhecimento por sua participação na sociedade. Neste contexto o empreendedorismo surge como alternativa de inclusão para mulher



e proporciona desenvolvimento social e econômico para ela e para o local onde ele está acontecendo.

A relevância da atividade do artesanato no Brasil pode ser compreendida através da sua importância como ícone de preservação da cultura e tradição, conforme Oliveira (2018) que compreende o artesanato como patrimônio cultural de um povo que traduz a história e a sua memória coletiva. E também pode ser compreendido a partir de uma atividade econômica, conforme cita Freitas (2006, p. 29): “o artesanato proporciona mais emprego e produção com menos dispêndio de capital e, por isto, se torna importante fator de fomento social e econômico”. Diante da relevância das temáticas e também como forma de colaborar com a pesquisa de dissertação em desenvolvimento, o presente artigo se dispõe a iniciar uma compreensão do empreendedorismo feminino na atividade do artesanato.

## **EMPREENDEDORISMO FEMININO**

Conforme dados do Ministério do Trabalho no Brasil, as mulheres ocupavam 40,8% dos postos formais de trabalho em 2007, em 2016 este percentual subiu para 44% (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS IBGE, 2018). A conquista pelo seu espaço na economia mundial se desenvolve ano após ano, mas foi a partir da Segunda Guerra Mundial que sua participação ganhou mais força. (AMORIM E BATISTA, 2012).

Conforme Barnett (2004) a mulher enfrenta mitos relacionados a diferença de gênero, onde prevalece a ideia de que as mulheres têm necessidades, inclinações e capacidades para cuidar e se ocupar do lar, enquanto que os homens têm habilidades para atividades fora do lar e para prover. Dessa forma, a mulher ao ingressar no mercado de trabalho passa a acumular as atividades do lar e do trabalho. Diante desta dupla jornada, o empreendedorismo encontra seu espaço e está relacionado alguns fatores que contribuem para a mulher se desenvolver como empreendedora. A necessidade por horários mais flexíveis conforme cita Machado, St- Cyr, Moine, Alves, (2003) é uma das motivação que leva a mulher a empreender. Os autores também apontam para duas tipologias com relação as motivações para o empreendedorismo feminino a primeira é circunstancial e a segunda é determinada pela vontade pessoal. A vontade pessoal em abrir uma empresa pode ser associada a alguns fatores, como por exemplo a dificuldade que as mulheres enfrentam em ascender na carreira anterior, a necessidade de autonomia profissional e a frustração no trabalho anterior (MACHADO, ST- CYR, MOINE, ALVES, 2003). Conforme Anderson e Woodcock (1996) existem alguns fatores que evidenciam a



motivação da mulher em empreender. Primeiro, por necessidade de sobrevivência, segundo por insatisfação com a liderança masculina, terceiro pela descoberta de um novo nicho de mercado a ser explorado, em quarto pela satisfação em fazer as próprias decisões e o último que segundo os autores torna-se fator principal, é a associação entre percepção de desafio, prazer e contentamento. A combinação desses três últimos fatores revela a forte ligação da mulher empreendedora com sentimentos de bem-estar e felicidade.

A escolha das mulheres em empreender como forma de inserção no mercado vem ao encontro da sua intenção de independência, estabilidade financeira e autorrealização. Ser empreendedora para as mulheres é um desafio resultante em uma conquista (JONATHAN, 2011). A representatividade do empreendedorismo feminino pode ser observado através do Relatório Especial do Empreendedorismo Feminino 2019 (SEBRAE, 2019) que leva em consideração informações passadas pela GEM 2018. O estudo aponta que o Brasil tem a 7ª maior proporção de mulheres entre os Empreendedores Iniciais, perdendo quatro posições comparado com o ano de 2017 quando o Brasil ocupava o 3ª lugar em um universo de 49 países que participam da pesquisa. Considera-se os empreendedores iniciais aqueles indivíduos que estão à frente de empreendimentos com menos de 42 meses de existência.

## ARTESANATO

Durante toda Antiguidade até a Idade Média europeia, a arte do manual (artesanato) foi a forma pela qual a humanidade produziu, e durante muito tempo essa foi a única maneira de confeccionar objetos, não havendo outra. No entanto, nesse longo período de hegemonia do trabalho manual e artesanal, o termo artesanato não é enfatizado (LIMA, 2009). Segundo o autor, a palavra artesanato é mais empregada no período pós- Revolução Industrial, quando o objeto criado pela indústria passa a ser oposição ao *hand made*. Assim, como uma arte milenar, o artesanato transcorre no tempo e habita nosso cotidiano através dos mais variados objetos. No entanto, o artesanato ultrapassa a barreira de simples objetos produzidos com as mãos e reúne valores culturais, fazendo parte do repertório individual ou coletivo dos homens (OLIVEIRA, 2018). Conforme a autora, o artesanato é o patrimônio cultural de um povo formado pelos saberes e fazeres que traduzem a história e a sua memória coletiva. Dessa forma, o artesanato é um objeto fruto e conhecimentos que passaram por gerações e representam a cultura de um determinado povo. Os saberes e fazeres são referências intangíveis, que abarcam os costumes e



as crenças das pessoas, como é o caso do artesanato, que tem sua natureza como um bem cultural imaterial, por se caracterizar pelas práticas do conhecimento do indivíduo (OLIVEIRA, 2018).

O artesanato brasileiro que pode ser encontrado em todo território nacional, é produzido em sua grande maioria coletivamente através de grupos de família e vizinhos, por exemplo, e não podem ser reproduzidos em série. (BORGES, 2011). Concebendo a realidade de um grupo familiar desenvolvendo uma determinada atividade artesanal torna-se compreensível o conceito do artesanato como sendo um saber fazer passado de geração em geração, aliando-se ao conceito de Oliveira (2018) que compreende o artesanato como patrimônio cultural de um povo que traduz a história e a sua memória coletiva. Outra característica do artesanato brasileiro é a diversidade cultural que ele transmite levando-se em consideração a região onde é produzido. Conforme Santos (2013), o artesanato se expressa de acordo com aspectos peculiares do local, com especificidades da tradição e hábitos locais.

É pela riqueza de significados que o artesanato transmite através de sua carga cultural e identidade da sociedade que representa, um valor único e diferenciado, o que na linguagem econômica chama-se de produto de valor agregado, atendendo a novos nichos de mercado. (KELLER, 2014). Em meio a uma poderosa e esmagadora produção de produtos industrializados, é através de sua pluralidade de significados que o artesanato se mantém vivo e encontra seu espaço nos dias atuais, mostrando a importância de sua existência. O trabalho artesanal enquanto trabalho humano integra arte e técnica, materialidade e imaterialidade, e possui uma dupla dimensão: cultural e econômica (Bourdieu, 2004).

A atividade do artesanato, tem importante participação no cenário econômico nacional, estando presente em 67% dos municípios do país e movimentando em torno de 50 bilhões ao ano, empregando 10 milhões de pessoas, conforme dados do Sebrae de 2019. O Estado do Rio Grande do Sul possui cerca de 90 mil artesãos entre ativos e inativos, sendo destes, responsáveis por 2,5 % do PIB na economia, conforme aponta a coordenadora do Colegiado Setorial do Artesanato RS - SEDAC e presidente da Federação de Entidades de Artesãos do Estado do Rio Grande do Sul - FEDARGS, Rejane Beatriz Verardo, além de fomentar o turismo, gerar trabalho e renda e de difundir a cultura local. (BRASIL DE FATO, 2020)

Iniciativas em prol do artesanato são muito bem-vindas e contribuem para a perpetuação de uma atividade milenar que ultrapassou séculos e chegou na contemporaneidade com muitos desafios para se manter vivo com o duplo propósito de preservar culturas e tradições



contribuindo para a a geração de riquezas. Uma exemplo de iniciativa são as ações desenvolvidas pela Rede Asta.

## **REDE ASTA**

A Rede Asta é um exemplo de iniciativa que une empreendedorismo, artesanato e sustentabilidade. Surgiu em 2005, e seu foco está no empreendedorismo social e sustentável, através da inovação, educação e design, atuando no tripé sustentável: ambiental, econômico e social. A rede conta com o engajamento de grandes empresas que destinam seus resíduos como matéria prima para artesãs. Conforme o Relatório de Impacto 2019 (REDE ASTA, 2020), em 2019 foram quase 2 toneladas de resíduos reaproveitados que se transformaram em 26.415 mil produtos vendidos e R\$ 174.115,07 de renda gerada para as artesãs. Os impactos gerados pela da Rede Asta para as artesãs podem ser mensurados através do aumento de vendas, que se dá em diferentes níveis, qualificando os produtos e seu potencial de mercado, bem como operando a venda diretamente aos clientes. Através da geração de renda, a venda do artesanato representa um ganho médio de mais de 24% na renda total das artesãs. A autovalorização trás incentivo as artesãs por meio das relações estabelecidas em nível pessoal, do trabalho com artesanato e do grupo, aumentando o vínculo entre si e com o próprio produto/artesanato. Através da divulgação que influência no aumento das vendas e da valorização do trabalho. E por fim a sustentabilidade, onde ocorre o apoio aos grupos produtivos para atividades sustentáveis no processo produtivo, tanto por não gerarem sobras, quanto por trabalharem com resíduos de outros produtores como a principal fonte de matéria-prima. (REDE ASTA, 2020).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O empreendedorismo feminino mostra-se muito ativo na atividade do artesanato, sendo ele uma importante fonte de geração de renda e desenvolvimento social para as artesãs empreendedoras. O exemplo exposto da Rede Asta demonstra o quanto a iniciativa de unir a atividade empreendedora com a atividade do artesanato contribui de forma significativa para a ampliação no desenvolvimento econômico e social das artesãs empreendedoras. Seja através da visibilidade que a rede possibilita, seja através do aumento de renda ou seja através das novas redes de relacionamento que a rede proporciona, é visível a ação transformadora. Os conceitos





e informações apresentados neste artigo contribuem de forma significativa para a pesquisa de dissertação que está em desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS IBGE. **Estatísticas de gênero: responsabilidade por afazeres afeta inserção de mulheres no mercado de trabalho.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20232-estatisticas-de-genero-responsabilidade-por-afazeres-afeta-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em 14 de julho de 2020.

AMORIM, Rosane Oliveira; BATISTA, Luiz Eduardo. **Empreendedorismo Feminino: Razão do Empreendimento.** Núcleo de pesquisa da FINAN, São Paulo, 2012.

ANDERSON, A. H., & WOODCOCK, P. **Effective entrepreneurship: a skills and activity based approach.** Oxford, UK/Cambridge, MA: Blackwell Publishers Ltd, 1996.

BARNETT, Rosalind. **Preface: Women and work: Where are we, where did we come from, and where are we going?** *Journal of Social Issues*, 60(4), 667-674.

BORGES, A. **Design + artesanato: o caminho brasileiro.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

BRASIL DE FATO. **Com a pandemia, situação dos artesãos gaúchos está no limite.** Porto Alegre, Brasil de Fato, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2020/05/18/com-a-pandemia-situacao-dos-artesaos-gauchos-esta-no-limite> Acesso em 13 de setembro de 2020.

Freitas, Ana Luiz Cerqueira. **Design e Artesanato: uma experiência de inserção da metodologia de projeto de produto.** (Dissertação de mestrado) em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2006.

JONATHAN, E. G. **Mulheres Empreendedoras: O desafio da escola do empreendedorismo e o exercício do poder.** Rio de Janeiro, Puc-Rio, 2011.

KELLER, Paulo, F. **O artesão e a economia do artesanato na sociedade contemporânea.** *Revista de Ciências Sociais*, n. 41, Outubro de 2014, pp. 323-347.

LIMA, Ricardo Gomes. **Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda.** Brasília: Ministério da Cultura - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2009.

MACHADO, Hilka Vier; ST-CYR, Louise; MIONIE Anne; Marcia Cristina Moita Alves. **O processo de criação de empresas por mulheres.** Universidade de Montreal, Montreal, 2003.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

OLIVEIRA, Leticia de Cássia Costa de. **Garimpo Artes Artesanais RS Saberes & Fazeres.** PDF disponível em: file:///C:/Users/drinh/OneDrive/Documentos/Artesanato/Livro\_Garimpo-das-Artes- revisado-2018.pdf Acesso em 22 de Novembro de 2020.

REDE ASTA. **Relatório de Impacto e atividades 2019.** PDF disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1A4jBk2Lk0xMVvAT198Rq201cylk2luVX/view> Acesso em 08 e agosto de 2020.

SANTOS, Thiago de Santana. **Desenvolvimento local e artesanato: uma análise de dois municípios de Minas Gerais.** (Dissertação de mestrado) apresentado no programa da Universidade Federal de Lavras, MG, 2013.

SEBRAE. **Comércio e Serviços.** PDF Disponível em: file:///C:/Users/drinh/OneDrive/Documentos/Artesanato/Artesanato%20sebrae.pdf Acesso em: 06 de maio de 2019.





## ESPIRITUALIDADE E RESILIÊNCIA EM MULHERES IDOSAS NO CONTEXTO DO CÂNCER DE MAMA

### SPIRITUALITY AND RESILIENCE IN ELDERLY WOMEN IN THE CONTEXT OF THE BREAST CANCER

Fernanda Silva de Souza Rodrigues; Simone Tamires Vieira; Mariana Ayres Pelizzaro; Elizangela

Halinski Cardoso; Maristela Peixoto

Universidade Feevale

**Resumo:** A resiliência é a capacidade que o ser humano dispõe para lidar com situações adversas e inevitáveis da vida, superando-as, aprendendo com elas, se transformando. A espiritualidade é definida como busca de significado e propósito para a vida, em dimensões que transcendem o mundo material, levando o ser humano à experiência de algo maior que o existencial. O objetivo do estudo foi conhecer a espiritualidade e resiliência de mulheres idosas no contexto do câncer de mama. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada através da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), tendo incluído as bases de dados online: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), MEDLINE e Base de Dados em Enfermagem (BDENF). Os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) utilizados foram: “resiliência”, “espiritualidade”, “idoso” e “câncer de mama” com o uso do string de busca “and”, no período de 2010 a 2020. Os resultados apontam que as mulheres idosas desenvolveram a resiliência, elas acreditam ser capazes de superar a doença adaptando-se com otimismo e confiança às adversidades, pois contam com fatores protetivos como o apoio familiar e de amigos. Ainda, mostraram que a espiritualidade contribuiu para o enfrentamento da doença.

**Palavras-chave:** Resiliência. Espiritualidade. Câncer de mama. Mulher idosa.

**Abstract:** Resilience is the ability that human beings have to deal with adverse and inevitable situations in life, overcoming them, learning from them or even transforming themselves. Spirituality is defined as a search for meaning and purpose for life, in dimensions that span the world material, leading the human being to experience something bigger than the existential. The general objective of the study was to know the spirituality and resilience of elderly women in the context of breast cancer. This is an integrative literature review, carried out through the Virtual Health Library (VHL), with a view to including online databases: Latin American and Caribbean Health Sciences Literature (LILACS), MEDLINE and Nursing Database (BDENF). The Health Sciences Descriptors (DeCS) used were: “resilience”, “spirituality”, “elderly” and “breast cancer” using the search string “and”, in the period from 2010 to 2020. The results point that elderly women have developed resilience, they believe that they are able to overcome the disease by adapting with optimism and confidence to adversities, as they have protective factors such as family and friends support. Still, they showed that spirituality contributed to coping with the disease.

**Palavras-chave:** Resilience. Spirituality. Breast cancer. Elderly woman.

## 1 INTRODUÇÃO

O câncer de mama é uma doença causada pela multiplicação desajustada de células da mama. É considerada uma problemática de saúde pública mundial. Observa-se que o aumento





dos casos de mortalidade por câncer de mama é diretamente proporcional ao envelhecimento populacional, às mudanças nos padrões demográficos e o desenvolvimento econômico. É a neoplasia mais incidente entre as mulheres, sendo também em sua maioria a causadora de morte por câncer na população feminina adulta (INCA, 2020; INCA, 2015; (SOUSA et al., 2019; SOUZA et al., 2015).

A mulher diagnosticada com o câncer passa por transformação das percepções, bem como imposição de se conviver com uma doença que transporta diversas indefinições e modificações no existir. Além disso, o diagnóstico de câncer acarreta consigo estigmas que podem ter um impacto destrutivo. Sendo assim a espiritualidade é um recurso relevante utilizado no enfrentamento do câncer, embora sejam pouco analisadas nas diversas culturas. A combinação entre resiliência e espiritualidade foi evidenciada, concluindo que a dimensão espiritual de idosas com câncer deve ser inserida nas intervenções de saúde, visto que possui relação com aceitação da doença, bem-estar e qualidade de vida (FREITAS et al., 2020).

Sendo assim, este estudo tem como objetivo conhecer a espiritualidade e resiliência de mulheres idosas no contexto do câncer de mama, através de uma revisão integrativa da literatura, conforme Cooper (1982).

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O envelhecimento do ser humano acarreta mudanças nas células, que aumentam a sua suscetibilidade à transformação maligna. Isso, somado ao fato de as células da pessoa idosa terem sido expostas por maior tempo aos diversos fatores de risco existentes para o desenvolvimento do câncer, esclarece, em parte, o porquê de o câncer ser mais ocorrente nessa fase da vida. Mesmo com o avanço tecnológico na área clínica-médica, os impactos vividos por uma mulher sob a relação com o câncer de mama podem ser diversos. A descoberta de uma doença crônica como o câncer leva consigo além do estigma vinculado com a morte, sentimentos adversos em diversas áreas da vida da paciente, como no âmbito familiar, espiritual, sexual, físico, emocional, em sua autoestima, entre outros (SILVA; SILVA; LAPORT, 2019). Assim, é importante conhecer as formas de enfrentamento utilizadas pelas pacientes e, assim, ajudá-las a reduzir o estresse e a ansiedade advindos da doença e do processo de tratamento (SILVA; ZANDONADE; AMORIM, 2017).





A espiritualidade e resiliência são estratégias de enfrentamento utilizadas por algumas mulheres. O conceito de espiritualidade envolve a reflexão do significado da vida, do sagrado ou transcendente. Resiliência é a capacidade de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis (TAVARES et al., 2018; SÓRIA et al., 2019).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo é uma revisão integrativa. A busca dos artigos foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), tendo incluído as bases de dados online: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), MEDLINE e Base de Dados em Enfermagem (BDENF). Os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) utilizados foram: “resiliência”, “espiritualidade”, “idoso” e “câncer de mama” com o uso do string de busca “and”. Os critérios de inclusão foram: artigos disponíveis na íntegra online, gratuitos, publicados no período de 2010 a 2020, no idioma português e inglês, com temática relacionada à espiritualidade e resiliência de mulheres idosas no contexto do câncer de mama. A coleta dos dados foi realizada no mês de setembro de 2020 e esses dados foram organizados em um quadro sinóptico.

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionados sete estudos publicados entre os anos de 2014 a 2020. Houve um predomínio de artigos com metodologia qualitativa. Os artigos 2, 3, 4 e 5 trazem questões relacionadas a resiliência de mulheres idosas com câncer de mama e os artigos 1, 4, 6 e 7 discorrem sobre a espiritualidade de idosas com câncer. Esses artigos estão apresentados no quadro abaixo:

Nº	Título	Autores	Objetivos	Ano
1	Enfrentamento de mulheres diante do tratamento oncológico e da mastectomia como repercussão do câncer de mama	SILVA, F. C. N.; ARBOIT, É. L.; MENEZES, L. P.	Conhecer como ocorre o enfrentamento das repercussões corporais nas mulheres em processo de envelhecimento que realizaram tratamento quimioterápico de câncer de mama.	2020
2	Psychological resilience of women after breast cancer surgery: a cross-sectional study of associated influencing factors.	HUANG, Y. et al.	Explorar o nível de resiliência psicológica de mulheres pós operatórias com câncer de mama e estudar os fatores que contribuem para a resiliência psicológica.	2019



3	Functional Decline and Resilience in Older Women Receiving Adjuvant Chemotherapy for Breast Cancer	HURRIA, A. et al	Analisar alterações autorreferidas na função física em mulheres idosas com câncer de mama em quimioterapia adjuvante.	2019
4	Mulheres sobreviventes ao câncer de mama: estratégias para promoção da resiliência	CARDOSO, D. H. et al.	Construir estratégias para promover a resiliência em mulheres sobreviventes ao câncer de mama.	2018
5	"I'm Still Here": Resilience Among Older Survivors of Breast Cancer.	PIETERS, H. C.	Explorar a resiliência do ponto de vista de mulheres idosas que concluíram recentemente o tratamento para câncer de mama em estágio inicial.	2016
6	Qualidade de Vida Relacionada à Saúde e Espiritualidade em Pessoas com Câncer.	MENEZES, R R et al.	Avaliar a qualidade de vida relacionada a saúde e a espiritualidade em pessoas com câncer.	2018
7	Between spiritual wellbeing and spiritual distress: possible related factors in elderly.	CALDEIRA, S.; CARVALHO, E. C.; VIEIRA, M.	Avaliação do bem-estar espiritual de pacientes idosos com câncer submetidos à quimioterapia e os possíveis fatores preditivos do diagnóstico de sofrimento espiritual.	2014

Fonte: Elaborado pela autora

A partir da análise desses artigos, foram identificados duas categorias para discussão: Categoria 1 – Resiliência de mulheres idosas com câncer de mama e Categoria 2 – Espiritualidade de mulheres idosas com câncer de mama.

## CATEGORIA 1 - RESILIÊNCIA DE MULHERES IDOSAS COM CÂNCER DE MAMA

Ao analisar a resiliência psicológica e os fatores que contribuem para essa resiliência em 208 mulheres chinesas pós cirurgia de câncer de mama, em quimioterapia e que se encontram em processo de envelhecimento, Huang et al (2019), no artigo 2, enfatiza que foi possível observar um escore de resiliência psicológica de 65,18 considerado relativamente baixo, sendo destacado a tenacidade (38,12), a força (25,18) e o otimismo (13,18) como principais componentes. O estudo demonstrou que a resiliência psicológica tem relação negativa com a doença avançada, devido à gravidade e a carga emocional que gera nas pacientes e que a resiliência psicológica foi significativamente correlacionada com os índices de autoeficácia, resistência familiar e apoio social, sendo este o componente que mostrou mais forte correlação (HUANG et al., 2019).

Reforçando essa questão, Pieters (2016), no artigo 5, identificou a ligação entre os mecanismos de resiliência e o impacto psicossocial do câncer de mama em mulheres que encontravam-se em estágio inicial de doença. Foi possível ter a percepção de que diante da



superação das adversidades advindas do processo de tratamento da doença, as participantes se restauraram e recuperaram o equilíbrio de suas vidas, com a sensação de que realizaram o trabalho de controlar o câncer com autonomia. A resiliência foi evidenciada como um sistema multidimensional possuindo uma interação de características como otimismo, autoconfiança e perseverança. Nesse sentido, recuperar o equilíbrio e adaptar-se à doença exige dessas mulheres tenacidade, pragmatismo e dedicação, fazendo o necessário para tratar o câncer e seguir em frente com a vida.

No artigo 3, Hurria et al. (2019), analisaram o declínio funcional e a resiliência de 633 mulheres com mais de 65 anos que realizavam tratamento para o câncer de mama com uso adjuvante de quimioterapia. Os autores constatam que o efeito do tratamento na função física é uma consideração importante para todas as pessoas, mas particularmente para idosas, pois o declínio funcional está associado à diminuição da sua autonomia, risco aumentado para as internações, e também, esse declínio está associado a uma menor sobrevida geral. Constatou-se que o declínio da função física de curto prazo foi comum nas idosas. Dos participantes que experimentaram declínio da função física antes do fim da quimioterapia, 47% eram resilientes, recuperando-se ao seu estado de base em 12 meses após o início de tratamento. Esse processo dinâmico de recuperação e adaptação, ou resiliência, é considerado um aspecto central do envelhecimento bem-sucedido (HURRIA et al., 2019).

Ao pensar na resiliência de mulheres sobreviventes do câncer de mama, os autores Cardoso et al. (2018), no artigo 4, através de uma pesquisa convergente assistencial, buscaram entender a experiência de três mulheres com baixo nível de resiliência, além do que tem contribuído para fortalecer seu enfrentamento e sua resiliência ou torná-las mais vulneráveis, em outras palavras como os fatores de risco e proteção influenciaram no fator resiliência durante o enfrentamento da doença. Dentre as dificuldades impostas pela doença, a ulceração da mama foi vista como uma experiência difícil, traumática e assustadora, o que pode ter relação com as questões culturais e mitos envolvidos no entendimento do câncer. Ao analisar os fatores de risco para a resiliência que essas idosas tinham, a falta de informação sobre a doença e seu tratamento foi observada, na medida em que as pacientes tinham uma ideia negativa da doença, reforçando o impacto que o estigma atribuído a doença gera na vida delas. Ainda, a inatividade dessas idosas e o isolamento social foram identificados como grandes dificuldades para a aceitação da doença e adaptação ao tratamento e para seu enfrentamento (CARDOSO ET AL, 2018).



Como fatores de proteção para a resiliência, o estudo de Cardoso et al (2018) demonstrou a autoestima, criatividade, autonomia e espiritualidade como sendo importantes motivadores da resiliência. Ainda, a equipe de saúde e a família foram consideradas fundamentais como rede de apoio nesse processo. Este fato está reforçado no artigo de Huang et al (2019), que demonstra o compromisso e apoio familiar como maior influenciador da resiliência psicológica.

## CATEGORIA 2 - ESPIRITUALIDADE DE MULHERES IDOSAS COM CÂNCER DE MAMA

No artigo 1, Silva, Arboit e Menezes (2020), constataram que a família é indispensável durante o enfrentamento da doença, pois ela auxilia e fortalece espiritualmente as pacientes, que se utilizam da fé e da esperança para alcançarem a cura. Esse suporte espiritual torna essas mulheres mais fortes durante o enfrentamento da doença. De acordo com o seguinte relato: *“Não foi tão terrível como eu pensei, tive o apoio da família, é onde a gente se agarra, família e Deus”* é notório que através do apoio familiar, aumenta a esperança destas mulheres em receberem a cura, pois o amor pela família impulsiona na luta contra o câncer. A espiritualidade e a fé influenciam a vida destas pacientes, assim como todo o cenário e as pessoas envolvidas nesse processo, pois através de ajuda mútua e da conexão com algo maior faz com que consigam aceitar a doença e aderir ao tratamento proposto e essa espiritualidade é impulsionada através das questões culturais de cada sujeito e é tão fundamental quanto qualquer outra maneira de enfrentamento (SILVA; ARBOIT; MENEZES, 2020).

No artigo de Cardoso et al (2018) as participantes idosas demonstram que a espiritualidade, entendida como um fator de proteção, faz com que elas encontrem sentido para a experiência de doença e busquem com mais esperança, positividade e força seguir o tratamento e a cura da doença, como observa-se no depoimento: *“A fé me deu bastante coragem e bastante força [...]”*.

De acordo com Silva, Arboit e Menezes (2020), o câncer de mama é uma situação amedrontadora e normalmente vem acompanhado de medo de morte eminente, desespero e dor. A depressão e a negação são defesas psicológicas que podem ser ativadas diante de um fator estressor, como o de um câncer. A complexidade do processo de enfrentamento da doença, que vai desde o diagnóstico e no percurso de tratamento faz com que as mulheres vivenciem uma gama de eventos estressores, alterando sua composição e estrutura física, que já está alterada em virtude do processo de envelhecimento; e ameaçando seus relacionamentos sociais. Diante





disso, os autores reforçam que essas vivências geram impactos emocionais, que são subjetivos e individuais, na medida em que cada mulher sente à sua maneira esses impactos, e eles interferem no percurso de tratamento e no desfecho. Foi possível demonstrar que o enfrentamento do câncer com foco na espiritualidade e o pensamento positivo são fatores que influenciam significativamente na capacidade adaptativa dessas mulheres, favorecendo o enfrentamento da doença e do tratamento (SILVA; ARBOIT; MENEZES, 2020).

Menezes et al. (2018), no artigo 6, analisaram que o domínio espiritualidade/crenças pessoais apresenta-se como um fator importante e utilizado para pessoas com câncer no enfrentamento das dificuldades advindas da enfermidade e de seu tratamento. Os participantes apresentaram qualidade de vida relacionada à saúde satisfatória (62,10%) e uma resposta positiva relacionada à conexão com o ser espiritual (17,36%), assim como a influência da fé (17,49%) em situações de enfrentamento na vida. A pesquisa mostrou que a espiritualidade favorece a qualidade de vida relacionada à saúde, amenizando as repercussões provocadas pelo câncer e proporcionando melhor conhecimento e força para auxiliar em seu próprio tratamento.

No artigo 7, os autores Caldeira, Carvalho e Vieira (2014), trabalharam o diagnóstico de enfermagem angústia espiritual e foi possível observar que a angústia espiritual surge em 42,2% dessas pacientes e que esse diagnóstico tem relação com início recente do diagnóstico de câncer e do tratamento quimioterápico. Ainda, que dessas idosas diagnosticadas com angústia espiritual, 42,1% faziam uso de medicamentos antidepressivos. O estudo mostrou que embora os pacientes estejam medicados com antidepressivos, eles podem estar vivenciando momentos de sofrimento, de angústia espiritual e que os enfermeiros devem estar preparados e qualificados para oferecer ao paciente uma assistência adequada e humanizada.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre a resiliência e espiritualidade em mulheres idosas com câncer de mama são de vasta importância e podem cooperar para uma visão de sujeito, sendo este capaz de organizar-se e adquirir recursos próprios e no ambiente que o rodeia para a resolução de seus conflitos e superar suas dificuldades. As mulheres idosas presentes neste estudo não negaram as dificuldades vivenciadas no enfrentamento da doença, foram capazes de reconhecer as suas limitações, mas buscaram adaptar-se às adversidades impostas pela doença com otimismo e confiança na capacidade de superação para um enfrentamento mais positivo diante do



tratamento, e para a compreensão da situação. Demonstraram que a família, a equipe de saúde e o apoio social são os principais fatores de proteção para a resiliência. Ainda, foi possível observar que a espiritualidade é um importante fator de promoção da resiliência e de enfrentamento da doença e de seu tratamento.

## REFERÊNCIAS

CALDEIRA, Sílvia; CARVALHO, Emilia Campos de; VIEIRA, Margarida. Between spiritual wellbeing and spiritual distress: possible related factors in elderly patients with cancer. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 22, n. 1, p. 28-34, 2014. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692014000100028&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692014000100028&script=sci_arttext)>. Acesso em: 12 set. 2020.

CARDOSO, Daniela Habekost et al. Mulheres sobreviventes ao câncer de mama: estratégias para promoção da resiliência. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v. 10, n. 2, p. 474-484, 2018. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/download/6094/pdf>>. Acesso em: 02 set. 2020.

COOPER, Harris M. Scientific guidelines for conducting integrative research reviews. **Review of educational research**, [S.l.], v. 52, n. 2, p. 291-302, 1982. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.3102/00346543052002291>>. Acesso em: 12 mar. 2020.

FREITAS, Raniele Araújo de et al. Espiritualidade e religiosidade no vivido do sofrimento, culpa e morte da pessoa idosa com câncer. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.l.], v. 73, 2020. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672020001500154&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672020001500154&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 12 mar. 2020.

HUANG, Yuanni et al. Psychological resilience of women after breast cancer surgery: a cross-sectional study of associated influencing factors. **Psychology, Health & Medicine**, v. 24, n. 7, p. 866-878, 2019. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13548506.2019.1574353>>. Acesso em: 07 set. 2020.

HURRIA, Arti et al. Functional decline and resilience in older women receiving adjuvant chemotherapy for breast cancer. **Journal of the American Geriatrics Society**, v. 67, n. 5, p. 920-927, 2019. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/jgs.15493>>. Acesso em: 20 set. 2020.

INCA. INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA **Tipos de câncer: câncer de mama. 2020.** Disponível em: <https://www.inca.gov.br/tipos-de-cancer/cancer-de-mama>. Acesso em: 03 mai. 2020.

INCA. INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **Estimativa 2016: incidência de câncer no Brasil.** Rio de Janeiro: INCA, 2015. Disponível





em: <<https://www.inca.gov.br/campanhas/dia-nacional-de-combate-aocancer/2015/estimativa-2016>incidencia-de-cancer-no-brasil>. Acesso em: 03 mai.2020.

INCA. INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **Estimativa 2020:** Incidência de Câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2019a. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/media/document/estimativa2020-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2020.

MENEZES, Renata Ramos et al. Qualidade de vida relacionada à saúde e espiritualidade em pessoas com câncer. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 64, n. 1, p. 9-17, 2018. Disponível em: <<https://rbc.inca.gov.br/revista/index.php/revista/article/view/106>>. Acesso em: 20 set 2020.

PIETERS, Huibrie C. “I’m Still Here”: Resilience Among Older Survivors of Breast Cancer. **Cancer nursing**, v. 39, n. 1, p. E20-E28, 2016. Disponível em: <[https://journals.lww.com/cancernursingonline/fulltext/2016/01000/\\_I\\_m\\_Still\\_Here\\_\\_\\_Resilience\\_Among\\_Older\\_Survivors.16.aspx](https://journals.lww.com/cancernursingonline/fulltext/2016/01000/_I_m_Still_Here___Resilience_Among_Older_Survivors.16.aspx)>. Acesso em: 09 set. 2020.

SILVA, Araceli Vicente da; ZANDONADE, Eliana; AMORIM, Maria Helena Costa. Ansiedade e o enfrentamento de mulheres com câncer de mama em quimioterapia. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 25, 2017. Disponível em: <[https://www.scielo.br/pdf/rlae/v25/pt\\_0104-1169-rlae-25-e2891.pdf](https://www.scielo.br/pdf/rlae/v25/pt_0104-1169-rlae-25-e2891.pdf)>. Acesso em: 03 mai. 2020.

SILVA, Fernanda Aparecida Nogueira da; SILVA, Viviane Jeanny da; LAPORT, Tamires Jordão. A fé como agente de resiliência frente ao diagnóstico e tratamento de mulheres com câncer de mama. **Revista Mosaico**, v. 10, n. 1, 2019. Disponível em: <<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1819>>. Acesso em: 11 mai. 2020.

SILVA, Francieli Carolina Novaski da; ARBOIT, Éder Luís; MENEZES, Luana Possamai. Enfrentamento de mulheres diante do tratamento oncológico e da mastectomia como repercussão do câncer de mama. **Rev. Pesqui.** (Univ. Fed. Estado Rio J., Online), p. 362-368, 2020. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1052908>>. Acesso em: 07 set. 2020.

SÓRIA, Denise de Assis de Corrêa et al. Resiliência na área da Enfermagem em Oncologia. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 22, n. 5, p. 702-706, 2009. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21002009000500017](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002009000500017)>. Acesso em: 29 abr. 2020.

SOUZA, Camila Brandão et al. Estudo do tempo entre o diagnóstico e início do tratamento do câncer de mama em idosas de um hospital de referência em São Paulo, Brasil. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 12, p. 3805-3816, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S14131232015001203805&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14131232015001203805&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 04 set. 2020.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

TAVARES, Marilei de Melo et al. Espiritualidade e religiosidade no cotidiano da enfermagem hospitalar. **Rev. Enferm.** UFPE on line, p. 1097-1102, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/234780/28688>. Acesso em: 28 abr. 2020.





## O TEXTO LITERÁRIO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

### EL TEXTO LITERARIO EN UNA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINARIA

Ana Maria Leal de Lima Marschall; Juracy Ignez Assmann Saraiva

Universidade Feevale

**Resumo:** Esta pesquisa tem como proposta o uso do texto literário nos anos iniciais do ensino fundamental I, com as turmas de 5º anos de uma escola da rede municipal de ensino, situada no Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul, tendo como objetivo refletir sobre a prática da leitura que se observa nesta escola, principalmente, no que se refere ao uso do texto literário como instrumento de interdisciplinaridade. Percebe-se que, ao concluir o Ensino Fundamental, o estudante afasta-se da prática da leitura, sem ter desenvolvido o gosto por esta. Consequentemente, este projeto de pesquisa visa desenvolver uma nova postura frente às práticas de literatura no ambiente escolar, permitindo que o aluno e professores estabeleçam um diálogo que se amplie para além da escola. Pretende-se desenvolver um programa de leitura com a inserção de obras literárias, atuais ou contemporâneas, contextualizadas, significativas e inovadoras, respeitando as características da faixa etária dos alunos, envolvidos na pesquisa, tendo como metodologia o uso de projetos de ensino interdisciplinares. A pesquisa tem como referência autores como Juracy Saraiva, Ernani Mügge e Regina Zilberman entre outros.

**Palavras chave:** Texto literário 1. Literatura 2. Interdisciplinaridade 3. Escola 4.

**Resumen:** Esta investigación propone analizar el uso del texto literario en los primeros años de la primaria, con clases de quinto grado de un colegio del sistema educativo municipal, ubicado en Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul. Teniendo como objetivo reflexionar sobre la práctica literaria observada en este colegio, especialmente en lo que respecta al uso del texto literario como instrumento de interdisciplinariedad. Se observa que al finalizar la primaria, el alumno se aleja de la práctica de la lectura, sin haber desarrollado el gusto por ella. En consecuencia, este proyecto de investigación se relaciona con el estudio del texto literario, así como su exploración en el ámbito pedagógico, en una perspectiva interdisciplinar. Con el objetivo de desarrollar una nueva postura frente a las prácticas literarias en el ámbito escolar, que permita el alumno y docente, establecer un diálogo que se extiende más allá de las prácticas escolares. Pretende desarrollar un programa de lectura con la inserción de obras literarias, actuales o contemporâneas, contextualizadas, significativas e innovadoras, respetando las características del grupo de edad de los estudiantes de investigación, utilizando como metodología proyectos docentes interdisciplinares. La investigación se basa en autores como SARAIVA, MÜGGE Y ZILBERMAN entre otros.

**Palabras clave:** Texto literario 1. Literatura 2. Interdisciplinariedad 3. Colegio 4.

## INTRODUÇÃO

As transformações pelas quais passa a humanidade, no que se refere à cultura e à educação, provocam uma reflexão sobre a prática da leitura que se observa na maioria das escolas, principalmente, no que se refere ao texto literário. Ocorre, ainda, a aplicação de paradigmas do século passado, nos quais se exclui o diálogo da literatura com outras áreas do conhecimento, que é importante no processo de formação do leitor.

Ao concluir o Ensino Fundamental, o estudante afasta-se da prática da leitura, sem ter desenvolvido o gosto por ela. Diante disso, o presente projeto de pesquisa visa refletir sobre a



prática literária que se observa na escola, principalmente no que se refere à leitura do texto literário a partir de uma perspectiva interdisciplinar e de sua utilização como instrumento de instalação da interdisciplinaridade.

A pesquisa se aplica aos anos iniciais do ensino fundamental I, com as turmas de 5º anos de uma escola da rede municipal de ensino, situada no Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul, visando desenvolver uma nova postura frente às práticas de literatura no ambiente escolar, para permitir que alunos e professores estabeleçam um diálogo que se amplie para seu contexto.

Nesse sentido, pretende-se desenvolver um programa de leitura com a inserção de obras literárias, atuais ou contemporâneas, significativas e inovadoras, em projetos de ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental, para levar aos alunos atividades atrativas, decorrentes da aplicação de um processo interdisciplinar e interativo de leitura.

Com isso, espera-se uma mudança do posicionamento dos estudantes diante da leitura dos textos literários, além da formação de leitores aptos a assumirem o papel de agentes de transformação social em seu contexto.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### A LITERATURA, O TEXTO LITERÁRIO E A CONTRIBUIÇÃO DE TEÓRICOS IMPORTANTES

A literatura se faz presente em todas as civilizações, estabelecendo a interlocução real entre autor e leitor e, no mundo da ficção, entre o narrador e o narratário. Ela se apresenta na forma de narrativas, de origem folclórica ou criadas por escritores, na forma de poemas e de peças dramáticas. A narrativa, por sua vez, está em todos os lugares, em todos os ritos, em todas as manifestações culturais, nas rodas de conversa, na academia e também nas escolas.

O tema *literatura* tem postulado debates inflamados ao longo dos anos e sob à luz de teóricos importantes compreende-se a evolução da definição do que vem a ser literatura. Essa definição, não raro oscila entre a dialética do “real” e da “ficção”. A leitura de textos literários aproxima o leitor de outras formas narrativas, oportunizando ao leitor histórias de outras vivências capazes de simbolizar e recriar sua própria história, em diferentes espaços e tempos, além de ampliar seu espectro criador. Conforme Saraiva (2001) sobre a arte literária: “É reconhecida, igualmente, a importância da arte literária por ser capaz de situar o indivíduo diante de si mesmo e de seu contexto; por possibilitar-lhe a percepção de vários pontos de vista e por estimular sua criatividade.”. (SARAIVA, 2001, p.24).



Quando revisitado o trajeto percorrido pela literatura, à luz dos teóricos que nela debruçaram seus estudos, percebe-se que esta visão contextual que hoje se apresenta, percorreu um vasto caminho para chegar até aqui. Conforme Eagleton (2006):

Muitas têm sido as tentativas de definir literatura. É possível, por exemplo, defini-la como a escrita "imaginativa", no sentido de ficção - escrita esta que não é literalmente verdadeira. Mas se refletirmos, ainda que brevemente, sobre aquilo que comumente se considera literatura, veremos que tal definição não procede. (EAGLETON, 2006, p. 1).

Por muito tempo a literatura foi considerada como um patrimônio de poucos, intangível para a maioria das pessoas. Elitizada, se apresentava para uma camada privilegiada da sociedade, deixando a maior parcela fora desse convívio. Por vezes, as pessoas sem acesso às obras literárias renomadas eram vistas como pessoas incultas, sendo refutadas pela sociedade. “O que há de verdadeiramente elitista nos estudos literários é a ideia de que as obras literárias só podem ser apreciadas por aqueles que possuem um tipo específico de formação cultural.” (EAGLETON, 2006, p. 15).

Sob uma perspectiva inovadora, estabelecem-se modificações quanto ao conceito de literatura, influenciado pela própria evolução cultural das sociedades, que Eagleton assim explica:

Uma importante razão para o florescimento da teoria literária a partir da década de 1960 foi o esgotamento gradual desse pressuposto, sob o impacto de novos tipos de estudantes que chegavam às universidades, oriundos de meios supostamente "incultos". A teoria era uma forma de libertar as obras literárias da força repressora de uma "sensibilidade civilizada", e abri-las a um tipo de análise do qual, pelo menos em princípio, todos pudessem participar. (EAGLETON, 2006, p. V13).

Conforme Lajolo (1982, p.16), “O finalmente é que a obra literária é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e que outro alguém a leia. Ela só existe enquanto obra neste intercâmbio cultural.”. Em um contraponto ao pensamento do início do século XX, a autora aponta para o aspecto social da literatura, afirmando que ela só ganha legitimidade quando socialmente difundida.

## A ABORDAGEM ARISTOTÉLICA

Não se pode falar em literatura no ocidente, sem abordar a contribuição valiosa de Aristóteles por meio das ideias que ele deixou. Ele recebeu de Platão a palavra mímese, que remete à recriação de algo existente, conferindo-lhe, porém, um valor positivo, ao contrário de seu mestre, que via na obra de arte uma cópia da cópia.



A maior contribuição de Aristóteles para a literatura foi a *Poética*, que tem por base a fundamentação da mimese como imitação ativa e criativa. Nessa perspectiva, a *Poética* de Aristóteles ocupa um lugar importante na teoria da literatura ocidental, considerando que a imitação é peculiar ao ser humano, desde a infância e o acompanha por toda vida.

Reconhecida como o texto fundador da teoria da literatura do Ocidente, a *Poética* consiste no primeiro tratado sistemático sobre o discurso literário. E discurso literário, no texto aristotélico, identifica-se com a noção de mimese poética. [...] Junto com a mimese o mito e a catarse formam a base da teoria da arte poética (literária). ( COSTA, 2006, p. 6-7).

A *Poética* de Aristóteles reconhece como gêneros a tragédia, a epopeia e a comédia, ou seja, as espécies miméticas consideradas narrativas modelares, responsáveis pela transformação do caráter e tendo como objeto de imitação homens de índole elevada e superior (tragédia) ou homens com o caráter vicioso e inferior (comédia). “A mimese tem como objeto homens em ação, considerados distintamente conforme o seu caráter; necessariamente, a mimese será de homens melhores, piores ou iguais aos comuns.”( COSTA, 2006, p. 48).

Para Aristóteles o poeta deve ser mais fabulador que versificador, e ele considera a tragédia, a que dá um tratamento minucioso, como a base da teoria da arte mimética. Por isso, a tragédia grega foi considerada um dos gêneros teatrais mais encenados na Grécia Antiga. O filósofo afirma a importância da arte mimética, e sua permanência e vigor na modernidade ressaltam ser a mimese um circuito comunicacional da função estética da arte, perpetuando-se, nessa perspectiva, a visão aristotélica da arte narrativa.

## O TEXTO LITERÁRIO NO CONTEXTO ESCOLAR

Esta escola da atualidade, mais dialógica, preocupada com a infância dos alunos e com a aprendizagem deles, não foi sempre assim. Obras literárias, que aproximam o mundo ficcional do real, vindas de tempos idos, descrevem a escola como um espaço de lembranças amargas e um lugar sombrio. Conforme Silva (2008):

A escola vem ocupando um espaço significativo na rotina diária de crianças e jovens há muito tempo. Sendo uma vivência partilhada pela maioria das pessoas, também passou a integrar o mundo ficcional da arte literária. Em 1888 com a publicação de *O Ateneu*, de Raul Pompéia, a escola pela primeira vez, torna-se o centro de interesse numa obra da Literatura Brasileira. Esse romance é narrado pelo protagonista Sérgio, que, voltando-se para as suas lembranças de infância, recupera uma lembrança de vida que o marcou para sempre. O tom é sombrio e as lembranças são amargas. (SILVA, 2008, p. 23).

Na obra *O Ateneu*, de Raul de Pompéia(1996), o pai adverte o filho, sobre o cenário que o menino vai encontrar na escola, advertindo-o de que seus dias não serão fáceis, sendo necessário



encorajar-se para buscar sua formação. Numa analogia entre as possibilidades da vida escolar enquanto aprendizagem e a luta para resistir à opressão encontrada no espaço escolar, o pai adverte: “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.”(POMPÉIA, 1996, p. ). Na citação, o narrador se refere a uma escola que desconsidera a vida social do jovem, do aluno, enfocando somente a educação normativa, serviente à sociedade daquele tempo que mantinha seus alunos sob um clima de opressão.

Analisando a concepção de escola de séculos passados, Regina Zilberman afirma o seguinte:

As relações da escola com a vida são, portanto, de contrariedade: ela nega o social, para introduzir, o normativo. Inverte o processo verdadeiro com que o indivíduo vivencia o mundo, de modo que não são discutidos, nem questionados os conflitos que persistem no plano coletivo; por sua vez, o espaço que se abre é ocupado pelas normas e pela classe dominante. (ZILBERMAN, 2003, P. 22).

A mesma imagem se passa no conto “*Umas Férias*” de Machado de Assis, escrita de forma mais amena, porém com o mesmo teor do romance de Raul Pompéia (1996). O narrador descreve o prazer da personagem em ser retirado da escola, da qual sai festivo, sem ao menos saber o motivo, porém deleitando-se com o fato: “A minha sensação de prazer foi tal que venceu a de espanto. Tinha dez anos apenas, gostava de folgar, não gostava de aprender.” ( ASSIS, 1986, p. 33).

A relação opressora da escola sobre a criança, instala-se com as reconfigurações da sociedade, a partir da decadência do feudalismo, quando a família se ajusta a uma nova estrutura nuclear, em que se estreitam os vínculos familiares e a criança passa a ser um *bem* a ser preservado e educado. A infância passa a obedecer à ordem de uma classe dominante que vislumbra a figura do infante com olhos oportunistas. De acordo com Zilberman, (2003):

A infância corporifica, a partir de então, dois sonhos do adulto. Primeiramente, encarna o ideal de permanência do primitivo, pois a criança é o bom selvagem, cuja naturalidade é preciso conservar enquanto o ser humano atravessa o período infantil. A consequência é sua marginalização em relação ao setor da produção, porque exerce uma atividade inútil do ponto de vista econômico ( não traz dinheiro para dentro de casa) e, até mesmo, contraproducente (apenas consome). (ZILBERMAN, 2003, p. 18).

Manipulada pela escola com a ideia de ser o adulto responsável do amanhã, aquele que substituirá os pais em seus ofícios, a criança sofre com a escola moralizante, que usa o texto literário como instrução, e este perde o sentido. Nesse sentido, a escola se vê enfraquecida e perde seus méritos. Ainda, de acordo com Zilberman (2003):



A máscara cai quando se percebe a intensão moralizante; e o texto se revela um manual de instruções, tomando o lugar da emissão adulta, mas não ocultando o sentido pedagógico. [...] Além disso, enquanto instituições, a escola e a literatura podem provar sua utilidade quando se tornarem o espaço para a criança refletir sobre sua condição pessoal. [...] Preservar as relações entre escola e a literatura, ou o uso do livro em sala de aula, decorre de ambas compartilharem um aspecto em comum: a natureza formativa. (ZILBERMAN, 2003, p. 24,25).

Aqui, percebe-se a manipulação realizada com o uso do texto literário, em favor uma dogmatização ideológica, disfarçada, pela escola.

## DELA SE ESPERA A FORMAÇÃO DO LEITOR...

A literatura sempre esteve presente na vida das crianças, seja pela audição de histórias, no contexto familiar, ou até mesmo nas cantigas de ninar passadas de geração em geração. Neste contexto, insere-se também e principalmente a escola como o lugar onde a prática da leitura deve acontecer principalmente de forma prazerosa e seduzir o leitor, sendo este o grande desafio da escola. Conforme Saraiva (2001):

A preparação do leitor efetivo passa pela adoção de um comportamento em que a leitura deixe de ser atividade ocasional para integrar-se a vida do sujeito como necessidade imperiosa, de que decorrem prazer e conhecimento. Conseqüentemente, cabe à escola mais do que alfabetizar e possibilitar a seus alunos o domínio de um código e, através desse, a convivência com a tradição literária: dela se espera a formação do leitor. (SARAIVA, 2001, p. 23).

A Base Nacional Comum Curricular, BNCC (2017), aponta para as produções significativas dos alunos, tendo a expressão como expoente e o próprio aluno como protagonista em suas produções, numa inserção em diferentes meios, por diferentes linguagens, de forma significativa e interdisciplinar.

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artísticas, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. (BNCC, 2017, p.11).

Nesta perspectiva, a literatura deve ser inserida na escola, por meio de textos literários que venham a contribuir com a formação do leitor, trazendo significações explícitas e implícitas. Assim, o texto literário e o ato de narrar histórias, muitas vezes, assistidas por vídeos *slides* ou lidas no computador, ganham formas atrativas. Enaltecendo a importância dos textos literários, Saraiva e Mügge (2006) registram:



A literatura, assim como outras artes, dá forma concreta a sentimentos, dilemas, angústias e sonhos, por meio de representações simbólicas, criados por imaginação. Consequentemente, embora seja fictício, o texto literário estabelece correspondências com a realidade factual e a produção artística, retomando o passado, antecipando o futuro, explorando a herança literária para transformá-la pela ação criadora, visto que as representações poéticas trazem fragmentos da realidade. (SARAIVA; MÜGGE, 2006, p. 29).

Portanto, por meio desse entendimento, o uso do texto literário pode se configurar como um importante instrumento no desenvolvimento do processo interdisciplinar.

## CONCLUSÃO

Como foi colocado, a prática da leitura é vista como responsabilidade e compromisso da escola, entretanto nem sempre esse processo de produção de conhecimento é um estímulo à formação de leitores. Para mudar esse estado de coisas, faz-se necessário o uso de textos bem selecionados, para que, ao mesmo tempo em que eles auxiliem na efetiva produção textual, sirvam de incentivo, encantem os alunos, estimulem o desenvolvimento do gosto pela leitura e, consequentemente, a formação de leitores.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Relíquias da Casa Velha**. 1986. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000107.pdf>>. Acesso em 12 abr. 2021. p. 33.

BRASIL, MEC. **BNCC- Base nacional comum curricular**. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 12 abr. 2021.p.11.

COSTA, Lígia Militz da. **A poética de Aristóteles: mimese e verossimilhança**. São Paulo: Ática: 2006. p. 6-48.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 1-15.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. 16ª ed., São Paulo: Ática, 1996.p. 29.

QUINTANA, Mario. **INFÂNCIA in Esconderijos do Tempo**. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/piresmarioquintana/posts/1217696398282687/>>. Acesso em 10 abr. 2020.

SARAIVA, J. A. (Org.). **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.p. 23-24.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

\_\_\_\_\_, Juracy Assmann, MÜGGE, Ernani e colaboradores. **Literatura na escola: proposta para o ensino fundamental.** Porto Alegre: Artmed, 2006.p. 29.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura.** Goiânia: Cãnone. 2008. p. 23.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 4. ed. São Paulo: Global, 1985. p. 18-25.





## O ENSINO REMOTO: UMA EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO

VIRTUAL TEACHING: AN EXPERIENCE IN AN EXTENSION PROJECT CONTEXT

Ana Teresinha Elicker; Débora Nice Ferrari Barbosa; Sandra Terezinha Miorelli

Universidade Feevale

**Resumo:** O texto apresenta informações do curso de Literacia digital e Ensino Híbrido, para formação de professores da rede pública de ensino de uma cidade do Vale dos Sinos, que aconteceu no primeiro semestre do ano de 2020, início do afastamento social. Com o objetivo orientar os professores a elaborar seus planos de aulas remotos utilizando as tecnologias em ambientes formais de aprendizagem, alinhado o conteúdo curricular à BNCC. O desenvolvimento de atividade e construção de um plano de aula com o envolvimento/utilização de materiais digitais e não digitais inseridos no processo de aprendizagem. A inserção da tecnologia ou dos recursos tecnológicos nas atividades didáticas em situações formais de aprendizagem apresenta o fato de o professor ter conhecimento sobre os recursos educacionais dos smartphones e ser capaz de alternar adequadamente atividades tradicionais de ensino- aprendizagem e atividades que usam os recursos do smartphone. Como resultado os professores apresentaram planos de aula híbridos de possível aplicação aos seus alunos.

**Palavras-chave:** Ensino Híbrido. Literacia Digital. Curso Remoto

**Abstract:** The text presents information from the Digital Literacy and Hybrid Education course, for the training of public school teachers in a city in Vale dos Sinos, which took place in the first half of 2020, the beginning of social withdrawal. In order to guide teachers to prepare their remote lesson plans using technologies in formal learning environments, in line with the curriculum content to the BNCC. The development of activity and construction of a lesson plan with the involvement / use of digital and non-digital materials inserted in the learning process. The insertion of technology or technological resources in didactic activities in formal learning situations presents the fact that the teacher has knowledge about the educational resources of smartphones and is able to adequately alternate traditional teaching-learning activities and activities that use smartphone resources. As a result, teachers presented hybrid lesson plans for possible application to their students.

**Keywords:** Hybrid Education. Digital Literacy. Remote Course

### O ENSINO REMOTO

O texto a seguir discorre sobre a prática de formação de professores, em um curso ofertado, em junho de 2020 aos docentes das Séries Finais do Ensino Fundamental, da rede pública de Ensino, de uma cidade do Vale dos Sinos. O curso ocorreu como atividade no contexto do projeto de extensão Logicando – ensinando lógica com as tecnologias da informação. Considerando a peculiaridade da situação causada pela Pandemia da Covid-19, estruturamos a prática levando em conta as necessidades do momento. A aplicabilidade do planejamento do curso foi estruturada para ambiente de aprendizagem virtual, pois não havia oportunidade de encontros físicos presenciais, em virtude do momento.





Nos últimos anos houve um forte crescimento dos recursos tecnológicos e da acessibilidade a eles, mudando significativamente o cenário global, interferindo culturalmente na formação social. O uso dos celulares como recursos digitais móveis, antes afastados dos ambientes de aprendizagem, surgem como suporte pedagógico auxiliando no processo emergencial. Os professores precisaram se organizar rapidamente saindo do quadro negro, fixo em seus ambientes de aprendizagem para os celulares, móvel e multifuncional. Nóvoa metaforicamente compara o quadro-negro e celular. “O *quadro-negro* é um objeto vazio (precisa de ser escrito), fixo (não se pode mover) e vertical (destina-se a uma comunicação unidirecional). (NÓVOA, 2020, p. 1). Enquanto que o “*celular* é um objeto cheio (contém as enciclopédias do mundo), móvel (desloca-se conosco) e horizontal (facilita uma comunicação multidirecional).

Em um ambiente de aprendizagem a metáfora do *celular* é mais inspiradora do que a metáfora do *quadro-negro*. (NÓVOA, 2020, p. 1). Neste sentido parece ter vantagens o uso dos aparelhos nos ambientes formais de aprendizagem, contudo precisamos construir ambientes virtuais de aprendizagem em curto período de tempo o que foi desafiador para toda comunidade educacional. O professor hoje, assume um papel de mediador e precisa criar em “ambientes educativos favoráveis a uma diversidade de situações e de dinâmicas de aprendizagem, ao estudo, à cooperação, ao conhecimento, à comunicação e à criação.” (NÓVOA, 2020, p. 1).

O ano de 2020, foi para a Educação um ano de muito aprendizado, de rápidas mudanças e de adaptações emergenciais, em virtude do afastamento social. A situação envolveu uma adaptação abrupta, em que todos precisaram parar e aprender novas formas e se posicionar em novos espaços de aprendizagem. O aprendizado e o “uso de tecnologias digitais por parte dos educadores em interações profissionais com colegas, aprendentes, encarregados de educação e outras partes interessadas, para o seu próprio desenvolvimento profissional e para o bem coletivo da instituição” (LUCAS; MOREIRA, 2018, p.9), favorece o aprendizado coletivo. Anterior ao afastamento social, os celulares eram proibidos em espaços formais de aprendizagem e eles passaram a ser um recurso muito importante e amplamente utilizado no processo de aprendizagem. Os alunos aprendentes digitais, que atualmente estão inseridos no meio acadêmico, estão dispostos a aprender também os códigos digitais.



## USO DAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS DIGITAIS NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO

Neste contexto de novas aprendizagens, foi proposto, no contexto do projeto Logizando, o curso Literacia Digital e Ensino Híbrido, cujo objetivo é orientar os professores a elaborar seus planos de aulas remotos utilizando as tecnologias em ambientes formais de aprendizagem, alinhado o conteúdo curricular à BNCC. Participaram do curso 80, em grupos de 20 professores da educação básica de um município do Vale dos Sinos. A Literacia digital compreende o uso eficaz da tecnologia que envolve o conhecimento dos códigos inseridos nos ambientes digitais e as habilidades e competências para o uso. O e Ensino Híbrido integra a Tecnologia à Educação, neste sentido a tecnologia permeia as atividades e contempla o processo híbrido, que é composto por elementos diferentes.

O curso foi organizado usando o ambiente Moodle disponível na rede municipal. As inscrições organizadas pela Secretaria de Educação. O professor mostrava interesse e a secretaria o inscrevia e por e-mail enviava o link de acesso a plataforma Moodle e a um grupo de WhatsApp específico aos cursistas. Um processo novo aos professores, cursos à distância de forma síncrona. Assim, através de orientações no grupo do WhatsApp, a primeira atividade foi preencher os dados de apresentação da plataforma Moodle, com foto, o que para muitos foi o início da aprendizagem.

O curso teve duração de 10 dias, em 8 encontros ao vivo, através de lives realizadas, no Meet e no Zoom. No Moodle, colocamos: o fórum, as atividades, apresentação, textos com indicação de leituras e migramos para o Google Documentos, com o objetivo de hospedar as atividades realizadas pelos cursistas e proporcionar a interação e contribuição, do grupo em um mesmo espaço, sendo possível acompanhar o trabalho dos colegas cursistas e as orientações gerais. Entre as atividades: Apresentação no moodle, acompanhamento do grupo de WhatsApp, Google documentos, Jamboard, QR Code, Mapa mental, DUO, Nuvem de palavras, FlipGrid e para finalizar curso os professores precisavam apresentar um plano de aula (aplicável em sua turma), com o uso das tecnologias.

Assim, foi orientado o uso do WhatsApp, em seus recursos de acolhimento do grupo de alunos e cada professor abriu o grupo de alunos. Esse grupo servindo para o envios de áudio, pequenos textos (com linguagem objetiva e informativo), vídeos com conteúdo explicativos. Exploramos a função ferramentas do google documentos, pois os professores estariam se preparando para utilizar o Google Classroom.





## RESULTADOS

Após o curso dos professores participantes responderam a uma pesquisa no Google Forms<sup>1</sup>. Um grupo de 56 professores responderam o questionário. A capacitação foi direcionada aos professores das séries finais do ensino fundamental, de diferentes disciplinas. Destes professores 87,5% eram mulheres e 83,9% com mais de 10 anos de prática docente. Os professores no decorrer do curso foram se apropriando das informações de uso das tecnologias, já visando utilizá-las em suas aulas. Quando questionados ao conhecimento posterior ao curso apenas 8,9% ainda se sentiam com poucos conhecimentos acerca das tecnologias digitais.

E, unânime a afirmação da possibilidade do formato híbrido de ensino e que o processo auxilia na construção de aprendizado dos conteúdos didáticos com auxílio das tecnologias digitais. Para a pergunta “Quais recursos que você aprendeu que é possível usar em suas práticas?” os professores em sua maioria concordaram ser possível aplicar na prática os recursos trabalhados no curso. E ao serem questionados, solicitando que “Pensando em seus alunos. O uso da tecnologia os motiva a realizar as atividades? Por quê?” todas as respostas foram positivas. Destacando a oportunidade de utilizar um recurso de interesse dos alunos, “pois eles são adolescentes que já fazem uso das tecnologias através do *celular*”. “Hoje os alunos estão cada vez mais conectados, usar esses recursos traz mais dinamismo as aulas. Os alunos já utilizam no seu dia a dia por isso quando introduzimos nas aulas eles demonstram grande interesse.” Eles “já nasceram em um mundo em que a internet é uma realidade e eles vivem de comunicação e interação. A sala de aula precisa se atualizar. *outra salienta que* “mesmo com os poucos recursos, os alunos adoram utilizar este espaço e realizar as atividades nos computadores. Mesmo quando estamos fazendo atividades simples os alunos se envolvem muito mais utilizando as TIC.” No entanto devemos remeter ao tempo, uma vez que estes questionamentos foram feitos em tempos de afastamento social e as respostas remetem ao que os alunos apresentavam antes da pandemia, tempos em que era pouco utilizado as tecnologias em sala de aula.

Os professores, foram orientados na elaboração de atividades síncronas e assíncronas possíveis a suas realidades docentes e entregaram no final do curso um plano de aula, aplicável de forma remota, elaborados pensando nos seus alunos e turmas do ano de 2020. Citamos aqui

<sup>1</sup> <https://forms.gle/D6DWd4zKjPmqwadx7>



o exemplo desta professora: “As atividades a serem disponibilizadas no Google Classroom, compõem um plano de Unidade dividido em 2 Módulos que desenvolverão as habilidades e competências supracitadas constantes da BNCC.” E, para desenvolver a tarefa orientou os “RECURSOS DIGITAIS: Smartphones para acesso e operação de aplicativos LEITOR DE QR CODE, JAMBOARD, CANVA, INSHOT EDITOR e os de eleição dos alunos.”

E, assim os professores começaram a compartilhar no grupo de WhatsApp do curso novos aplicativos e suas possibilidades de uso. Outra professora, sugere as atividades em etapas, explicando aos alunos como utilizar as tecnologias: “a) Apresente seu nome de forma artística - A partir da pesquisa do significado do seu nome, crie uma apresentação, uma imagem que o represente.” Essa mesma professora orienta que “crie com recursos digitais, utilizando os recursos do próprio celular, ou usando um editor de imagem, deixo como sugestão o inshot, editor gratuito ou ainda pode ser feito de forma física, no papel (desenho, pintura, montagem, colagem, modelagem) e depois fotografe e anexe a foto.” Neste caso, a professora conhece o grupo e dá sequência as atividades. Esta mesma professora em seu plano orienta o aluno para que “assista o tutorial do Jamboard, e entre no Jamboard que criei para a turma, no link abaixo, adicione seu nome e foto na página da turma. Assim, mesmo à distância estaremos todos juntos lá!”. Todos os planos de aulas elaborados durante o curso foram apresentados no último encontro e postado na Google documentos, para apreciação de todos.

## CONSIDERAÇÕES

A artigo apresentou o contexto de um curso de formação envolvendo um grupo de professores dispostos a inserir a tecnologia à educação, princípio do Ensino Híbrido. Em tempos de afastamento social e na urgente necessidade de alcançar os alunos os professores buscaram cursos de formação para aprenderem a utilizar as tecnologias digitais na intenção de preparar aulas remotas.

A transição do espaço físico de aprendizagem para o virtual, aconteceu de forma abrupta, no entanto os educadores buscaram novas formas e novos meios para contemplar as necessidades de seus alunos, realidades diferentes a cada escola, mesmo pertencentes a mesma rede, chama atenção para planos individuais de ensino. Neste sentido o curso acolheu as necessidades e a formação de gradual e individual de cada grupo escolar e os professores entre



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

eles se ajudavam e buscavam compartilhar novos recursos possíveis de ser utilizados no processo de aprendizagem de seus alunos.

As tecnologias digitais estão inseridas culturalmente no nosso dia-a-dia e utilizá-las em ambientes formais de aprendizagem, de forma síncrona ou assíncrona é fator que contribui para desenvolvimento de competências e habilidades necessárias aos alunos do século XXI, aprendentes culturalmente afetados pelos avanços tecnológicos.

## REFERÊNCIAS

LUCAS, M., & MOREIRA, A. (2018). **DigCompEdu: quadro europeu de competência digital para educadores**. Aveiro: UA

NÓVOA, A.(2020). E agora, Escola? *Jornal da USP*. Obtido online em 01/03/21, em <https://jornal.usp.br/artigos/e-agora-escola/>





## **NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA E STATUS DE PESO CORPORAL DE PESSOAS IDOSAS PARTICIPANTES DO PROGRAMA DE HIDROGINÁSTICA EM DOIS IRMÃOS, RS**

**LEVEL OF PHYSICAL ACTIVITY AND BODY WEIGHT STATUS OF ELDERLY  
PARTICIPANTS IN THE HYDROGINASTICS PROGRAM IN DOIS IRMÃOS, RS**

Anna Regina Grings Barcelos; Geraldine Alves Dos Santos; Martina Dillenburg Scur; Deise

Claudiane Rodrigues Antunes; Sabina Maria Stedile; Wilson Corrêa Vieira

Universidade Feevale

**Resumo:** O objetivo deste estudo consiste em identificar a distribuição do sexo (feminino e masculino) e as faixas etárias 60 a 69 anos, 70 a 79 anos e acima de 80 anos em relação às variáveis nível de atividade física e Índice de massa corporal (IMC). O presente estudo possui um delineamento quantitativo descritivo e transversal. A pesquisa foi realizada no município de Dois Irmãos.RS. A amostra compõe 101 idosos praticantes de Hidroginástica, de ambos os sexos. Os instrumentos de coleta de dados fazem referência às variáveis sociodemográficas (idade e sexo), IMC e nível de atividade física (IPAQ). Os resultados da classificação do IPAQ em diferentes faixas etárias e em relação ao sexo revelam maior representatividade na classificação ativo na faixa etária 70 a 79 anos e no sexo feminino. Na distribuição por faixa etária e sexo em relação ao IMC, 70,3% encontra-se com sobrepeso, sendo prevalente em todas as fixas etárias e na distribuição por sexo. Com base no contexto investigado, considera-se importante evidenciar o engajamento dos idosos no sentido de alcançar bons níveis de atividade física. Encontrando na prática da hidroginástica uma alternativa de exercício que favorece a mobilidade e o condicionamento físico.

**Palavras-chave:** Idosos. Hidroginástica. Nível de atividade física. Índice de massa corporal.

**Abstract:** The aim of this study is to identify the distribution of sex (female and male) and the age groups 60 to 69 years, 70 to 79 years and over 80 years in relation to the variables level of physical activity and body mass index (BMI). The present study has a quantitative, descriptive and cross-sectional design. The research was carried out in the city of Dois Irmãos.RS. The sample consists of 101 elderly practitioners of water aerobics, of both sexes. The collection instruments refer to the sociodemographic variables (age and sex), BMI and physical activity level (IPAQ). The results of the IPAQ classification in different age groups and in relation to sex reveal greater representativeness in the active classification in the age group 70 to 79 years old and in the female sex. In the distribution by age group and sex in relation to the BMI, 70.3% are overweight, being prevalent in all fixed ages and in the distribution by sex. Based on the investigated context, it is considered important to highlight the engagement of the elderly in order to achieve good levels of physical activity. Finding in the practice of water aerobics an alternative exercise that favors mobility and physical conditioning.

**Palavras-chave:** Seniors. Water aerobics. Physical activity level. Body mass index.

### **INTRODUÇÃO**

O envelhecimento é um processo universal que caracteriza uma etapa da vida permeada por mudanças sociais, psíquicas, ambientais e biológicas, que compõem o desenvolvimento





normal e integral do homem. Já o envelhecimento da população idosa brasileira é um fenômeno recente e está fortemente atrelado à melhoria da qualidade de vida, à tendência de diminuição do crescimento populacional, ao melhor controle dos agravos à saúde e intensa urbanização desse grupo etário (IBGE, 2016).

Neste contexto, o enfoque da atividade física tem sido evidenciado como um dos fatores que auxilia e promove a melhora da qualidade de vida durante toda a vida, em especial durante o processo de envelhecimento humano. O aumento do número de idosos e da expectativa de vida demonstra o papel do exercício físico no campo da qualidade de vida, repercutindo no âmbito pessoal e coletivamente em termos da sociedade como um todo.

Diante deste panorama, os benefícios da atividade física são evidentes para o adequado funcionamento físico, afetivo, social e intelectual. Há dados suficientes para afirmar que há uma associação forte e positiva entre atividade física e envelhecimento bem sucedido, garantindo às pessoas que se mantêm ativas a continuidade da funcionalidade física, com a possibilidade de retardamento do declínio normal associado à complexidade de um processo que ultrapassa o ciclo biológico, alcançando incontestáveis benefícios psicológicos e socioculturais (GOMES; BRITTO, 2009).

Em consonância com o que foi exposto, o objetivo deste estudo consiste em identificar a distribuição do sexo (feminino e masculino) e as faixas etárias 60 a 69 anos, 70 a 79 anos e acima de 80 anos em relação às variáveis nível de atividade física e Índice de massa corporal.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme Dias (2009), envelhecer é um privilégio e uma das conquistas sociais mais importantes da humanidade. No entanto, a realidade das transformações demográficas e epidemiológicas nos fazem observar a necessidade de mudança de paradigmas na perspectiva de novas abordagens na área da saúde. A velhice é uma realidade heterogênea, associada às manifestações peculiares.

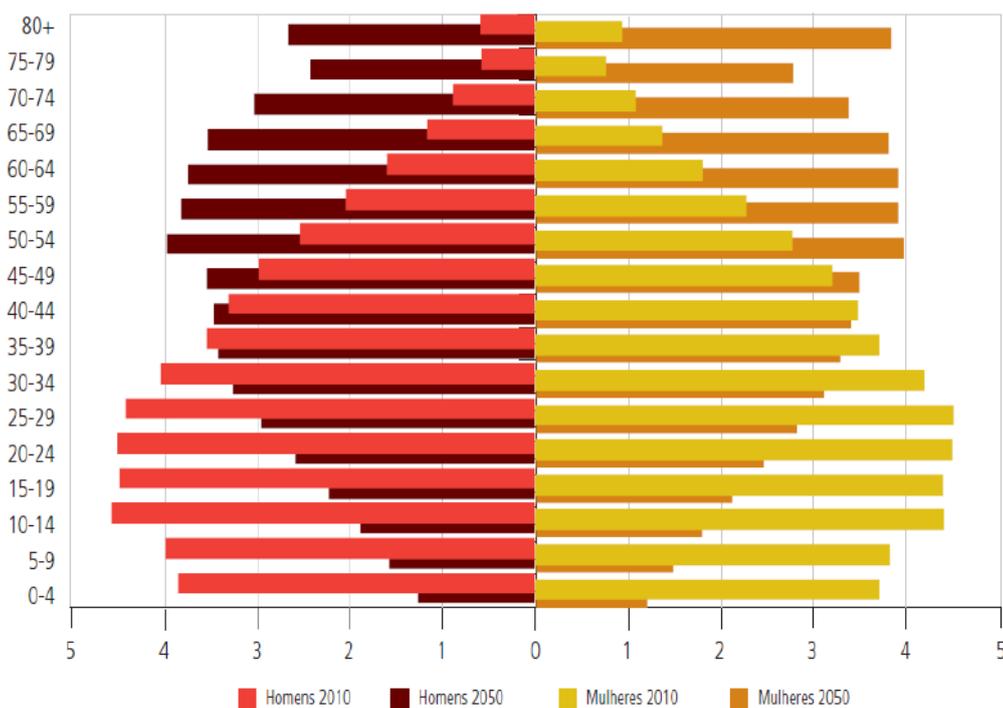
Um indivíduo envelhece à medida que sua idade aumenta. Este é um processo irreversível, natural e individual. É acompanhado de perdas progressivas de função e de papéis sociais. Um processo único que está atrelado às capacidades básicas adquiridas e ao meio ambiente. Do ponto de vista demográfico, o envelhecimento populacional é o resultado, por um período de tempo razoavelmente longo, da manutenção de taxas de crescimento da população



idosa superiores às da população mais jovem. É um processo muito amplo, pois altera a vida dos indivíduos, as estruturas familiares, a demanda por políticas públicas e a distribuição de recursos na sociedade (CAMARANO; KANSO, 2018).

Em nosso país, a população vem passando por essas rápidas e profundas mudanças, com novos reflexos no crescimento econômico, no mercado de trabalho e no perfil das demandas por políticas públicas. Entre as principais mudanças, Camarano (2014) destaca a queda acentuada da fecundidade e da mortalidade em todas as idades e a perspectiva de crescimento da população idosa, conforme ilustrado na figura abaixo.

Figura 1 – Distribuição percentual da população por sexo e grupos de idade no Brasil (2010 e 2050)



Fonte: Camarano (2014, p.190).

Para manter a independência em suas vidas diárias, muitos idosos são desafiados a escolher em quais atividades do dia a dia gastarão sua energia. O exercício pode aumentar os recursos energéticos dessas pessoas e ajudá-las a atuar de maneira independente ao promover melhora da força nas partes superior e inferior do corpo, bem como resistência, equilíbrio, flexibilidade, coordenação, controle da dor, humor e autoconfiança (TAYLOR, 2015).



Embora alguns aspectos como treinamento físico, hábitos de vida e nutrição adequada possam ajudar na manutenção das estruturas da composição corporal, o passar dos anos impõe modificações que influenciam a saúde e a aptidão físico-funcional (FARINATTI; MONTEIRO, 2008). Sobrepeso e obesidade podem ser uma restrição para o movimento em qualquer idade. Com maior peso, o movimento exige mais força, o movimento das articulações pode ser restrito e a pressão social relacionada à imagem corporal e à autoestima pode desencorajar a participação em atividades físicas (HAYWOOD; GETCHELL, 2016).

## MÉTODO

O presente estudo possui um delineamento quantitativo descritivo e transversal. A pesquisa foi realizada no município de Dois Irmãos/RS em parceria com a Secretaria de Saúde, Assistência Social e Meio Ambiente. A amostra deste estudo se caracteriza como não probabilística por conveniência e compreende 101 participantes, de ambos os sexos, com idade acima de 60 anos, sendo constituída de idosos que participam regularmente das atividades de Hidroginástica da Secretaria de Saúde, Assistência Social e Meio Ambiente do Município de Dois Irmãos. Os instrumentos de coleta de dados utilizados neste estudo fazem referência às variáveis sociodemográficas (idade e sexo), peso corporal (Índice de Massa Corporal – IMC) e nível de atividade física (IPAQ – versão longa adaptada).

Os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com as normas da resolução nº 466/2012 e n. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde que trata da pesquisa envolvendo seres humanos. Para o estudo estatístico descritivo foi utilizado o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) for Windows, v. 25.0.

## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Compõe o cenário da pesquisa 101 idosos, sendo 79 mulheres e 22 homens, representados por 78,2% e 21,8% respectivamente. Na distribuição por faixa etária, 61 (60,4%)

encontram-se na faixa de 70 a 79 anos, 26 (25,7%) na faixa etária de 60 a 69 anos, 13 (12,9%) com idade entre 80 e 89 anos e uma pessoa (1%) com idade acima de 90 anos. Levantamento do IBGE (2016) corrobora com os achados, no que refere ao aumento da expectativa de vida, fenômeno caracterizado pelo crescimento do número de pessoas com 60



anos ou mais no período de 2005 e 2015, sendo que neste período os idosos passaram de 9,8% para 14,3% da população brasileira. Este aumento se deu em todos os grupos etários.

**Tabela 1: Distribuição dos idosos por Faixa etária e sexo em relação a Classificação do IPAQ.**

		Classificação do IPAQ			
			Irregularmente Ativo	Ativo	Total
<b>Faixa etária</b>	60 a 69 anos	N	7	19	26
		%	26,9%	<b>73,1%</b>	100%
	70 a 79 anos	N	22	39	61
		%	36,1%	<b>63,9%</b>	100%
80 a 89 anos	N	4	9	13	
	%	30,8%	<b>69,2%</b>	100%	
acima de 90 anos	N	1	0	1	
	%	100%	0%	100%	
<b>Sexo</b>	Masculino	N	4	18	22
		%	18,2%	<b>81,8%</b>	100%
	Feminino	N	30	49	79
	%	38,0%	<b>62,0%</b>	100%	
<b>Total</b>	N	34	67	101	
	%	<b>33,7%</b>	<b>66,3%</b>	100%	

Fonte: Elaborado pela autora.

Na tabela 1 encontram-se as distribuições da classificação do nível de atividade física em diferentes faixas etárias e em relação ao sexo. A variável, avaliada pelo teste IPAQ, demonstra maior representatividade na classificação ativo na faixa etária 70 a 79 anos e no sexo feminino.

Considerando que a participação dos idosos no projeto de hidroginástica, na forma de gratuidade, ocorre com frequência semanal de uma vez, com duração de 45 minutos. Os resultados da classificação ativo, representados por 66,3% do total da amostra, encontram-se associados a oportunidade de participar com frequência semanal maior, como pagantes, visto que as atividades ocorrem em academias conveniadas com a coordenação do projeto. Assim como a participação em outras atividades físicas promovidas pelo município e o empenho em realizar caminhadas com regularidade. Evidenciando, desta forma, o engajamento dos idosos, de ambos os sexos, em realizar atividades com maior frequência semanal e/ou combinar outras modalidades de exercício no sentido de alcançar o recomendado pela American Heart Association (AHA) e o American College of Sports Medicine (ACSM) para manter a aptidão física e reduzir os riscos de doenças crônicas.



Outro aspecto relevante deste estudo se refere a participação mais representativa na classificação ativo da população feminina. Tal ocorrência vem se mostrando frequente em estudos no campo do envelhecimento, caracterizada por diferentes fatores, entre eles a maior longevidade, maior cuidado e conscientização em relação a sua saúde, bem como o crescimento do número de idosas que integram a população economicamente ativa (MAZO; LOPES; BENEDETTI, 2009).

**Tabela 2: Distribuição dos idosos por faixa etária e sexo em relação a IMC (n=101).**

		Classificação do IMC				
		Baixo Peso	Peso Adequado	Sobrepeso	Total	
Faixa etária	60 a 69 anos	N	0	5	21	26
		%	0,0%	19,2%	<b>80,8%</b>	100,0%
	70 a 79 anos	N	0	21	40	61
		%	0,0%	34,4%	<b>65,6%</b>	100,0%
80 a 89 anos	N	1	3	9	13	
	%	7,7%	23,1%	<b>69,2%</b>	100,0%	
acima de 90 anos	N	0	0	1	1	
	%	0,0%	0,0%	<b>100,0%</b>	100,0%	
Sexo	Masculino	N	0	9	13	22
		%	0,0%	<b>40,9%</b>	<b>59,1%</b>	100,0%
	Feminino	N	1	20	58	79
		%	1,3%	25,3%	<b>73,4%</b>	100,0%
Total	N	1	29	71	101	
	%	1,0%	28,7%	<b>70,3%</b>	100,0%	

Fonte: Elaborado pela autora.

A tabela 2 representa a distribuição dos idosos por faixa etária e sexo em relação ao índice de massa corporal. Neste campo, 70,3% da amostra do estudo encontra-se com sobrepeso, sendo prevalente em todas as fixas etárias e na distribuição por sexo. Ratificando a constatação de Haywood e Getchell (2016), que ambos os sexos tendem a ganhar peso de gordura durante a idade adulta, refletindo alterações na nutrição e no nível de atividade. O peso total do corpo começa a declinar após os 50 anos, isso reflete perda de osso e músculo, visto que a gordura corporal continua a aumentar e se redistribui com o envelhecimento.

Levando em conta a dinâmica de ações que envolvem a composição corporal e a capacidade funcional dos idosos, a prática da hidroginástica representa uma atividade que contribui para a manutenção da autonomia e da saúde do idoso. Constituída de exercícios específicos, baseada no aproveitamento da resistência natural da água, a prática de exercícios aquáticos produz respostas fisiológicas e biomecânicas distintas às do meio terrestre (KRUEL; PINTO; ALBERTON, 2013; BAUN, 2010).





Em virtude da redução do peso hidrostático, o impacto causado pelo peso é minimizado na água. A fluabilidade da água reduz a pressão sobre as articulações e em combinação com a temperatura agradável desse meio, libera os movimentos, proporcionando maior amplitude. Os exercícios em meio aquático ajudam a manter as articulações em movimento, restauram e preservam a flexibilidade e a força, ajudam a melhorar a coordenação, a resistência e a mobilidade, levam a uma sensação de bem-estar e estimulam a capacidade de realizar mais tarefas (BAUN, 2010).

Diante do aumento do contingente da população idosa brasileira, que é acompanhada de alterações funcionais, morfológicas e estruturais, a avaliação do nível de atividade física é recomendada. Pois, por meio desta, pode-se propor intervenções e orientações de práticas adequadas quanto à quantidade, intensidade e frequência, que busquem manter ou melhorar o nível de atividade física e a capacidade funcional dos idosos, atingindo critérios recomendáveis.

## CONCLUSÃO

Com base no contexto investigado, considera-se importante evidenciar o engajamento dos idosos no sentido de alcançar bons níveis de atividade física. Encontrando na prática da hidroginástica uma alternativa de exercício que favorece a mobilidade e o condicionamento físico, visto que os resultados revelam prevalência de sobrepeso no que refere o status de peso corporal. Resultados que destacam a relevância de políticas públicas como o programa desenvolvido no Município de Dois Irmãos/RS, com o propósito de promover e fortalecer a funcionalidade física da população idosa.

## REFERÊNCIAS

BAUN, M. P. **Exercícios de hidroginástica: exercícios e rotinas para tonificação, condicionamento físico e saúde**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2010.

CAMARANO, A. A. Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento? In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento?** Rio de Janeiro: Ipea, 2014. p. 627-654.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. Envelhecimento da população brasileira. Uma contribuição demográfica. In: FREITAS, E. V.; PY, L. (Orgs.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2018. p. 52-65.





DIAS, J. M. D. Tratamento dos distúrbios osteoarticulares no idoso. In: PERRACINI, M. R.; FLÓ, C. M. (Orgs.). **Funcionalidade e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. p. 351-370.

FARINATTI, P. V.; MONTEIRO, W. Aspectos fisiológicos da aptidão física no envelhecimento: função cardiorrespiratória e composição corporal. In: FARINATTI, P. T. V. (Org.). **Envelhecimento, promoção da saúde e envelhecimento: bases teóricas e metodológicas**. São Paulo: Manole, 2008. p. 73-88.

GOMES, G. C.; BRITTO, R. R. Envelhecimento Ativo. In: PERRACINI, M. R.; FLÓ, C. M. (Org.). **Funcionalidade e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. p. 537-549.

HAYWOOD K. M.; GETCHELL N. **Desenvolvimento motor ao longo da vida**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 146 p. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

KRUEL L. F. M.; PINTO E. S.; ALBERTON, C. L. Fundamentos em exercícios na água. In: RASO, V.; GREVE, J. M. D.; POLITO M. D. (Orgs.). **POLLOCK: fisiologia clínica do exercício**. São Paulo: Manole, 2013. p. 86-100.

MAZO, G. Z.; LOPES, M. A.; BENEDETTI, T. B. **Atividade física e o idoso: concepção gerontológica**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

TAYLOR, A. W. **Fisiologia do exercício na terceira idade**. São Paulo. Manole, 2015.





## PRÁTICAS IMERSIVAS EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA COM REALIDADE AUMENTADA

### IMMERSIVE PRACTICES IN THE CLASSROOM: AN EXPERIENCE USING AUGMENTED REALITY

Ricardo Germann Vieira; Patricia Brandalise Scherer Bassani; Diana Raquel Schneider Gottschalck

Universidade Feevale

**Resumo:** A realidade aumentada é uma tecnologia digital que permite a inserção de objetos digitais no mundo real. Existem vários aplicativos disponíveis para smartphones com foco em realidade aumentada. Este estudo, de abordagem qualitativa e exploratória, tem como objetivo compreender como o aplicativo Metaverse pode contribuir no desenvolvimento de material educacional digital em realidade aumentada. A pesquisa foi desenvolvida em três etapas: a) testes com o ambiente Metaverse; b) desenvolvimento de material educativo digital; c) desenvolvimento de prática educativa. O estudo envolveu um grupo de estudantes de 18 anos a 40 anos, que alunos da disciplina Contabilidade Gerencial de um curso técnico. Resultados apontam que o conteúdo desenvolvido no Metaverse pode ser utilizado em diferentes contextos, uma vez que não requer grande espaço de armazenamento em smartphones. Além disso, os depoimentos dos alunos mostram que o conteúdo apresentado em realidade aumentada foi fácil de usar e inovador. O cenário atual tem exigido dos docentes a necessidade de (re)pensar a sala de aula de forma a manter o aluno motivado e, ao mesmo tempo, no intuito de contribuir para o seu desenvolvimento intelectual e social. Desse modo, cabe ao docente buscar novas práticas, preferencialmente que promovam a aproximação conteúdo-aluno.

**Palavras-chave:** Tecnologia educacional. Realidade Aumentada. Metaverse

**Abstract:** Augmented reality is a digital technology that allows the insertion of digital objects in the real world. There are several apps available for smartphones with a focus on augmented reality. This study, based on a qualitative and exploratory approach, aims to understand how the Metaverse application can contribute to the development of digital educational material in augmented reality. The research was developed in three stages: a) tests with the Metaverse; b) development of digital educational material; c) development of an educational practice. The study involved a group of students from 18 to 40 years old, enrolled in Management Accounting course of a technical formation. Results point out that the content developed in Metaverse can be used in different contexts, since it does not require large storage space on smartphones. In addition, the students' testimonies show that the content presented in augmented reality was easy to use and innovative. The current scenario has demanded from teachers the need to rethink the classroom in order to keep the student motivated and, at the same time, contribute to their intellectual and social development. Thus, the teacher needs to develop new practices focusing on the content-student approach.

**Keywords:** Educational technology. Augmented Reality. Metaverse

## INTRODUÇÃO

A realidade aumentada, uma tecnologia que envolve a inserção de elementos virtuais em contexto físicos está cada vez mais acessível por meio de dispositivos móveis como o



*smartphone*. Experiências que exploram a realidade aumentada criam, novas, arquiteturas digitais de interação, a partir da articulação entre os espaços físicos e os espaços digitais.

Existem vários aplicativos gratuitos que podem ser utilizados na escola para a produção de realidade aumentada sob diferentes perspectivas. Bassani (2019) apresenta um conjunto de práticas desenvolvidas no contexto da Educação Básica explorando os aplicativos Quiver e HP Reveal; Silva et al. (2020) realizaram um levantamento de aplicativos de realidade aumentada para *smartphones* na Apple Store (sistema IOS- Apple) e Play Store (Sistema Android- Google). As autoras identificaram quatro aplicativos que atenderam a todos os critérios estabelecidos para a seleção, sendo como principal deles, a relevância para práticas docentes intencionais na Educação Infantil (Quiver, Devar, Arloopa e Assemblr).

Este estudo busca ampliar o escopo de pesquisas sobre as possibilidades da realidade aumentada em práticas educativas, tendo como foco o uso do aplicativo Metaverse. O Metaverse se caracteriza como um ambiente de desenvolvimento (Metaverse Studio) e um aplicativo (Metaverse app). Assim, as experiências em realidade aumentada são desenvolvidas primeiramente usando o Metaverse Studio, que pode ser acessado de forma gratuita via *web*. Depois, as experiências são visualizadas por meio do Metaverse app, via *smartphone*.

Esta pesquisa se articula ao projeto Práticas educativas em/na rede: autoria e colaboração no desenvolvimento de atividades de aprendizagem com tecnologias digitais<sup>1</sup>, desenvolvido na Universidade Feevale.

A pesquisa, de abordagem qualitativa e exploratória, tem como objetivo compreender como o Metaverse pode contribuir no desenvolvimento de material educacional digital para a disciplina de Contabilidade Gerencial através da realidade aumentada.

Este artigo encontra-se assim organizado: parte-se de uma breve contextualização da realidade aumentada; a seguir apresenta-se a metodologia da pesquisa; por fim, apresentam-se os resultados, discussão e as considerações finais.

## UMA BREVE ANÁLISE E CONTEXTUALIZAÇÃO DA REALIDADE AUMENTADA

A realidade aumentada teve popularização, nas últimas décadas, relacionada aos filmes de ficção científica, parecendo para as grandes massas com algo inatingível, ou distante do presente. Azuma (2001) define um sistema de realidade aumentada como sendo aquele que

---

<sup>1</sup> Projeto aprovado pelo Comitê de Ética - CAAE: 05576818.8.0000.5348.



possui as seguintes características: “combina objetos reais e virtuais num ambiente real; opera interativamente e em tempo real, e registra (alinha) objetos reais e virtuais uns com os outros” (AZUMA, 2001, p. 34). A Realidade Aumentada (RA), não é apenas uma substituição, ou construção artificial do mundo real, como na Realidade Virtual (RV) - “se por um lado a realidade virtual necessita de equipamentos especiais, como óculos, luvas e outros, a realidade aumentada não apresenta essa restrição. Práticas em realidade aumentada podem ser desenvolvidas apenas com um *smartphone* com acesso à internet” (BASSANI, 2019, p. 1177). A mais recente pesquisa realizada pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto

BR (NIC.br), que trata do ensino remoto durante a pandemia do novo coronavírus (TIC COVID-19), aponta que o telefone celular foi o principal dispositivo usado para acompanhar as aulas e atividades remotas, sobretudo nas classes DE (54%). Por conseguinte, são fecundas as possibilidades de implementação de práticas com Realidade Aumentada (RA) e sua utilização no desenvolvimento de materiais didáticos nos mais diversos espaços do contexto educacional.

## METODOLOGIA

O presente estudo, de abordagem qualitativa e exploratória, tem como público-alvo estudantes de 18 anos a 40 anos, que frequentam curso técnico e cursam a disciplina de Contabilidade Gerencial, residem na cidade de Porto Alegre/RS, estudam na modalidade presencial. No entanto, em virtude da pandemia, encontram-se na modalidade remota. A pesquisa foi desenvolvida em três etapas: a) testes com o ambiente Metaverse; b) desenvolvimento de material educativo digital; c) desenvolvimento de prática educativa.

A primeira etapa envolveu testes com o ambiente Metaverse, incluindo o desenvolvimento de aplicativos em realidade aumentada no Metaverse Studio e testes usando o Metaverse app. Esta etapa foi fundamental para conhecer o ambiente e suas funcionalidades e também analisar se o aplicativo atenderia a proposta inicial deste estudo, principalmente se o manuseio do aplicativo seria de fácil entendimento, tanto do aspecto técnico, quanto do espaço de armazenamento exigido para uso do app no *smartphone*.

A segunda etapa envolveu a produção do material digital em realidade aumentada. Nesta etapa foram incluídos o conteúdo da disciplina de Contabilidade Gerencial, lançamentos contábeis de Débito e Crédito, e o *layout* vislumbrando uma melhor organização das questões.



Depois da finalização, foram realizados testes entre os autores, onde tiveram a oportunidade de verificar se havia necessidade de melhorias e como os alunos iriam visualizar as atividades. Este teste inclui desde o *link* para o *download* do aplicativo até a realização da atividade. Em relação aos ajustes necessários, houve apenas algumas trocas de informações, mas na forma como deveria ser apresentado a atividade para os alunos.

A terceira etapa envolveu o desenvolvimento da prática com vistas a validar o Metaverse na utilização em sala de aula, como parte do material didático. Primeiramente foi explicado aos alunos o objetivo da atividade. Passada esta etapa, deu-se início ao envio do *link* do Metaverse para acesso ao app através do *download* do aplicativo. O desenvolvimento da atividade foi acompanhado por um dos autores.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O material educativo digital em Realidade Aumentada (RA) foi desenvolvido no aplicativo *Metaverse* (<https://studio.gometa.io/>), que possibilita a programação de forma simples e intuitiva. A programação em blocos, conforme a Figura 1, é um facilitador de acesso e desenvolvimento da aplicação, que por sua simplicidade conta com uma curva de aprendizagem bastante rápida. A atividade proposta objetivava uma maior interação, com a prática de cálculos, entre os alunos na disciplina de contabilidade gerencial.

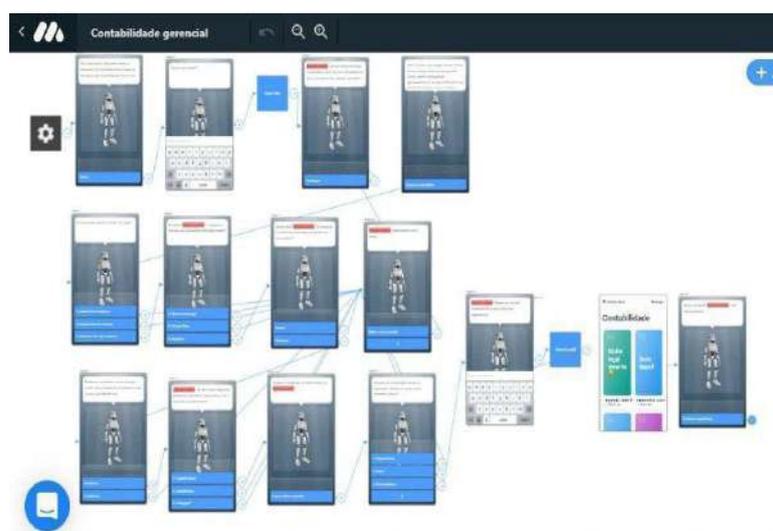


Figura 1. Tela com a programação das cenas do *Metaverse*.

Fonte: Metaverse.



Outro detalhe relevante em relação ao *Metaverse* refere-se à facilidade de acesso, sendo facilmente baixado tanto na versão iOS como na versão Android, o que permitiu a continuidade da experiência com os alunos em sala de aula.

O aplicativo desenvolvido foi estruturado em quinze cenas, abordando a temática da disciplina de Contabilidade Gerencial. As cenas foram pensadas de maneira a aproximar o estudante, personalizando a experiência por meio do tratamento pelo nome, já nas cenas iniciais. A abordagem foi feita a partir de uma situação-problema seguida de questões de múltipla escolha, relacionadas diretamente a essa situação, culminando em uma parede de recados, onde se poderia colocar sua observação sobre a atividade.<sup>2</sup>

A figura 2 mostra o registro inicial de algumas partes do aplicativo.



**Figura 2.** Telas iniciais que compõem a aplicação de RA, no ambiente *Metaverse*.

**Fonte:** acervo pessoal dos autores.

## SOBRE A PRÁTICA

A última etapa envolveu a validação do material educacional digital produzido no *Metaverse* com os alunos.

Ao dar início a prática imersiva, se fez necessário avaliar qual a realidade que o aluno estaria inserido no dia proposto para a atividade, uma vez que muitos dependem de sinal de internet móvel e possuem seus pacotes bastante limitados de acesso a internet. Essa foi uma

<sup>2</sup> A aplicação pode ser acessada em: <https://mtvrs.io/OpulentCultivatedGroundhog>



questão importante que foi levada em conta desde o projeto do aplicativo - foram feitas simulações por parte dos autores do presente artigo, a fim de deixar a parte técnica definitivamente bem estruturada.

No dia da aplicação, eram esperados 18 alunos, mas apenas 10 compareceram (os oito faltantes tiveram problemas técnicos com seus equipamentos ou problemas de conexão). Inicialmente foi solicitado aos alunos que realizassem a instalação do aplicativo através do *link* enviado e posteriormente foi explicado como deveriam responder.

Durante a prática imersiva, alguns poucos alunos relataram verbalmente limitações quanto ao acesso do app e que em determinados momentos o aplicativo travava. Mas, de uma forma muito positiva, o objetivo deste estudo foi alcançado. Todos os alunos ficaram muito motivados e encantados com a experiência, conforme relatos registrados em um questionário contendo uma questão dissertativa, que foi enviado aos alunos logo após a atividade. Naquele momento a sensação descrita por eles, representava que se havia não só vencido uma barreira tecnológica, mas, acima de tudo, que presenciaram algo inovador que os aproximou de uma realidade que parecia distante, tanto sob o aspecto tecnológico, como social.

O conteúdo visto nesta atividade, lançamentos contábeis de Débito e Crédito, certamente teve um olhar um tanto quanto especial. Ver a contabilidade, olhar para ela e senti-la de forma diferente, tem sido um dos grandes desafios de não apenas só trabalhar com os números, mas levar estes números de forma diferente para o aluno em sala de aula, permitindo que, mesmo diante sua realidade, ele tenha o direito de ser incluído dentro de uma realidade social que é vivenciada não apenas no Brasil, mas também em outros países.

### 3 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo compreender como o Metaverse pode contribuir no desenvolvimento de material educacional digital para a disciplina de Contabilidade Gerencial. A realidade aumentada é uma tecnologia que tem potencial de utilização na escola, uma vez que o acesso se dá por meio de um *smartphone*.

O material digital desenvolvido utilizando o Metaverse foi validado com alunos de um curso técnico na disciplina de Contabilidade Gerencial, que frequentam as aulas na modalidade presencial, mas que no atual momento de pandemia do COVID-19, encontra-se na modalidade remota.





A partir do estudo realizado foi possível perceber o potencial do Metaverse para a produção de material educacional digital. Os relatos dos alunos após a prática mostram a validação do aplicativo de realidade aumentada na construção da atividade didática, onde de forma muito sincera, os alunos realizaram seus depoimentos e surpresas ao terem acesso a algo tão diferente, inovador e principalmente criativo, conforme seus próprios relatos.

A validação da atividade, ainda que bem-sucedida, coloca o desafio para a prática docente, de estar tecnicamente preparado para o desenvolvimento e aplicação de atividades em Realidade Aumentada, que vai desde o planejamento, construção e execução

A formação continuada precisa ser fortemente priorizada. Saber usar aplicativos, jogos, assim como, conduzir novas práticas em sala de aula, sem dúvidas requer um trabalho contínuo, principalmente quando além de ter o domínio é preciso pensar na realidade sociocultural-econômica do aluno, de forma a contribuir para que eles estejam cada vez mais inseridos no contexto de práticas transformadoras através das tecnologias, como a de Realidade Aumentada em materiais e recursos didáticos.

## REFERÊNCIAS

AZUMA, R. et al. Recent advances in augmented reality. **IEEE Computer Graphics and Applications**, [s. l.], v. 21, n. 6, 2001, p. 34-47. Disponível em: <http://www.cs.unc.edu/~azuma/cga2001.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2021.

BASSANI, Patrícia Brandalise Scherer. Realidade aumentada na escola: experiências de aprendizagem em espaços híbridos. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 19, n. 62, p. 1174-1198, out. 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/25419>. Acesso em: 09 abr. 2021.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR (NIC.br). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação sobre o COVID-19 no Brasil: pesquisa Painel TIC COVID-19**. 3. ed. [S. l.]: Cetic.br, 2020.

SILVA, Andresa. T. ; SILVA, Liliane M. ; BASSANI, Patricia. B. Scherer . Realidade aumentada e suas possibilidades na educação infantil. In: Inovamundi - Seminário de Pós-Graduação, 2020, on-line. Anais do XII Seminário de Pós-Graduação. Novo Hamburgo: Feevale, 2020. v. 13. p. 3004-3013.





## CULTURA ORGANIZACIONAL: UM ESTUDO DE CASO NA SICREDI PIONEIRA RS

ORGANIZATIONAL CULTURE: A CASE STUDY IN SICREDI PIONEIRA RS

Ana Paula Haas; Maria Cristina Bhonemberger

Universidade Feevale

**Resumo:** O diagnóstico da cultura organizacional vem ganhando espaço junto às organizações, visto que a estratégia da organização é mais eficaz quando vai ao encontro à cultura da empresa. O presente trabalho se caracteriza como estudo de caso na agência de Estância Velha da Sicredi Pioneira RS, tendo como objetivo geral identificar a tipologia cultural predominante, com base em Handy (2006). Para tanto, optou-se por dois tipos de coleta de dados, sendo questionário e observação participante. Ao analisar os dados obtidos, conclui-se que a cultura predominante é a Zeus, porém são encontradas características também das outras culturas. Vale destacar que este estudo ocorreu em apenas uma agência da organização.

Palavras-chave: Cultura Organizacional. Cooperativismo Financeiro. Tipologias Culturais.

**Abstract:** The diagnosis of the organizational culture is gaining space with the organizations, since the strategy of the organization is more effective when it meets the culture of the company. The present work is characterized as a case study in the agency of Estância Velha of Sicredi Pioneira RS, whose general objective is to identify the predominant cultural typology, based on the theory of the author Handy (2006). For that, two types of data collection were chosen, as questionnaire and participant observation. In analyzing of the obtained data, it is concluded that the predominant culture is Zeus, however are also characteristic of other cultures. It is worth mentioning that this study occurred in only one agency of the organization, but it is believed that the result may be similar in the other branches of the Cooperative.

Keywords: Organizational Culture. Financial Cooperativism. Cultural Typologies.

### 1 INTRODUÇÃO

Entender como as organizações e, especialmente, como as pessoas que atuam nela se comportam perante as mais variadas situações é o desafio que se propõe o estudo da cultura organizacional. Identificar a tipologia cultural predominante de uma organização pode ser estrategicamente importante, fornecendo subsídios para os gestores, especialmente para avaliar se a missão, visão e objetivos da organização estão alinhados com sua cultura. Se estiverem, a empresa pode estar construindo uma vantagem competitiva sobre seus concorrentes.

A Sicredi Pioneira, objeto deste estudo, é uma das 121 Cooperativas integrantes do Sistema Sicredi no Brasil, com sede em Nova Petrópolis. O presente estudo foi conduzido em uma das agências da instituição. O objetivo geral da pesquisa é identificar a tipologia cultural



predominante da agência de Estância Velha da Sicredi Pioneira RS, sob o ponto de vista da tipologia proposta por Handy (2006).

O artigo está organizado, além da introdução, em quatro seções: (1) referencial teórico; (2) método utilizado para realizar a pesquisa; (3) análise dos dados com uma descrição da empresa estudada, e (4) considerações finais, onde estão relatados os resultados obtidos.

## 2 CULTURA ORGANIZACIONAL

Diversas são as definições, conceitos e abordagem sobre cultura organizacional. Para Schein (2009, p. 16), “a cultura de um grupo pode ser agora definida como um padrão de suposições básicas compartilhadas, que foi aprendido por um grupo à medida que solucionava seus problemas de adaptação externa e de integração interna”. “A cultura organizacional pode ser entendida como um modelo dividido em várias camadas (SCHEIN, 2009, p. 60)”. Essas camadas, também chamadas de níveis, organizam-se da seguinte forma:

- As mais internas são as de menor acessibilidade, denominadas de suposições básicas, pensamentos e sentimentos;
- As camadas intermediárias representam os valores que governam o comportamento, como as filosofias, as estratégias e os objetivos da organização.
- As camadas mais externas representam o nível dos artefatos visíveis, ou seja, o que os sentidos percebem, o que se vê, ouve e sente quando ao se deparar com uma organização, como os produtos, os serviços e os padrões de comportamentos dos membros de uma organização;

A cultura organizacional, segundo Wagner III e Hollenbeck (1999), desempenha quatro funções básicas. Primeiramente, ela traz aos membros uma identidade organizacional, através do compartilhamento de normas, regras e valores. Em segundo e terceiro lugar, ela traz um senso de compromisso coletivo e promove a estabilidade organizacional, pois encoraja a interação e comprometimento entre os membros da equipe. Em quarto lugar, ela ajuda os membros a terem sentimento no ambiente de trabalho.

Em relação à criação da cultura organizacional na empresa, Vecchio (2008, p. 342) considera que “existem, pelo menos, quatro influências principais sobre as origens da cultura organizacional”. São elas:

- As crenças e valores do fundador da organização;





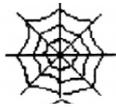
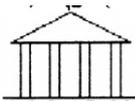
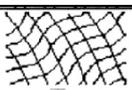
- As normas adotadas pela sociedade do país, adotadas pela sociedade do país nativo ou no qual a empresa opera;
- Problemas de adaptação externa e sobrevivência;
- Problemas de integração interna.

Pesquisadores vêm tentando identificar os tipos de cultura organizacional, a fim de estudar a relação entre a eficácia organizacional versus cultura. O objetivo é verificar quais culturas são mais efetivas que outras. Contudo, as pesquisas revelaram que não existe um tipo de cultura que todos aceitam (KINICKI; KREITNER, 2006).

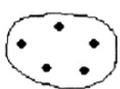
Handy foi um dos autores que escreveu sobre tipologias da cultura organizacional. Para Handy (2006, p. 7), “as organizações, como as tribos e famílias, têm suas próprias maneiras de fazer as coisas, coisas que funcionam para elas e coisas que não funcionam. Você precisa interpretá-las direito para ser eficaz”. Por isso, o autor criou uma teoria chamada Teoria da Adequação Cultural, na qual “cada um dos quatro deuses dá nome a um culto ou filosofia de administração e, conseqüentemente, um tipo de cultura organizacional. Cada uma dessas culturas também têm um nome formal, mais técnico, bem como uma figura esquemática representativa” (HANDY, 2006, p. 17).

O Quadro 2 mostra as principais características de cada tipologia cultural.

*Quadro 1 - Tipologias Culturais- Deuses da Administração*

A Cultura	O Deus	Figura	Característica
Clube	Zeus		As organizações com este tipo de cultura normalmente são estruturadas por função ou linha de produtos. Normalmente encontrada em pequenas empresas familiares. É um tipo de cultura que valoriza os funcionários que estão em volta da teia de influência de Zeus, e vínculos pessoais são fatores fortes. Baseia-se na tentativa e erro; predomina a informalidade. É uma cultura eficaz onde a agilidade é necessária frente a procedimentos de controle, mesmo que as coisas não saiam de modo perfeito.
Função	Apolo		É uma cultura que se baseia em torno da definição da função ou da tarefa a ser feita, não em torno de personalidades; apresenta poucos procedimentos e regras, sendo que as decisões são tomadas com base no equilíbrio entre a influência e as atividades necessárias, de forma lógica (ordem e regras), sequencial e analítica. Os colaboradores são partes da máquina que se encaixam no contexto do processo.
Tarefa	Atena		Esse tipo de cultura apresenta foco em resultados e eficácia organizacionais e na execução do trabalho a partir de ferramentas apropriadas, pessoas certas e autonomia. É uma



			cultura onde a criatividade é importante e recompensada. A liderança é consensual; a perícia é a base para o poder e a recompensa (remuneração e reconhecimento) é dado aos especialistas. Criatividade, a inovação e o trabalho em equipe são valorizados.
Existencial	Dionísio		Nesta cultura, diferente das outras três, a organização existe para ajudar o colaborador a atingir o seu propósito; é a cultura preferida pelos profissionais; organizações com essa cultura em geral são lugares bons para se trabalhar, pois os profissionais possuem estabilidade, tabelas de remunerações e garantias de independência. A recompensa depende da competência individual. As pessoas nesta cultura não reconhecem nenhum padrão, embora aceitem coordenação segundo a sua própria conveniência em longo prazo.

**Fonte: Adaptado de Handy (2006).**

Handy (2006) destaca que uma organização nunca terá uma unidade de cultura organizacional. Assim, uma organização regida por Apolo poderá possuir também indivíduos com características de Zeus. Organizações de Apolo poderão ter influência de Atena ou Zeus. “O desafio maior é encontrar o equilíbrio entre as culturas de forma a buscar a harmonização entre os deuses tornando a organização o mais produtiva possível sem traumas no relacionamento entre os indivíduos” (FERREIRA et al., 2004, p. 7).

Na próxima seção serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para elaboração desta pesquisa.

### 3 MÉTODO DE PESQUISA

Esta pesquisa tem carácter descritivo. Em relação aos procedimentos técnicos, classifica-se como um estudo de caso, aplicado na agência de Estância Velha da Sicredi Pioneira RS. A coleta de dados ocorreu a partir de questionário fechado aplicado com os colaboradores, bem como observação participante da pesquisadora.

Para levantamento de dados junto aos colaboradores, optou-se por uso do questionário padrão desenvolvido por Handy (2006). O questionário estruturado por Handy (2006) é composto por nove afirmativas que possuem relação com a cultura organizacional. Para cada uma das perguntas há quatro afirmativas que caracterizam cada um dos quatro tipos de cultura propostos por Handy, e o respondente deve indicar (a partir de uma escala de 1 a 4) a que mais se relaciona com a empresa. A pontuação 1 foi utilizada para indicar o que menos se refere e 4



o que mais se refere. Os dados foram coletados com a utilização do site *Survey Monkey*. Do total de nove colaboradores (um deles a pesquisadora), oito responderam à pesquisa.

Os dados coletados nos questionários, nos documentos internos e na observação participante foram organizados e analisados de forma qualitativa para identificar a cultura predominante na organização, de acordo com a teoria de Handy (2006). Na análise do questionário, todas as notas atribuídas a cada questão foram somadas, e a tipologia com maior pontuação foi considerada a principal.

## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O presente estudo de caso foi desenvolvido na agência de Estância Velha da Sicredi Pioneira RS. Com seis anos de atividades, a agência possui nove colaboradores, sendo gerente geral, gerente administrativo, quatro gerentes de negócios dos segmentos, uma assistente administrativa, uma assistente de atendimento e um estagiário.

O Quadro 3 apresenta a soma dos números indicados por cada respondente para as questões, sendo assinalado em fundo cinza a tipologia com maior pontuação, e em fundo preto a tipologia com a menor pontuação.

*Quadro 2 - Resultados do questionário aplicado*

Respondente	Zeus	Apolo	Atena	Dionísio
1	31	25	21	13
2	24	13	27	26
3	25	24	18	23
4	21	13	30	26
5	26	19	21	21
6	22	14	27	27
7	28	26	19	17
8	29	20	25	16
<b>Soma</b>	<b>206</b>	<b>154</b>	<b>188</b>	<b>169</b>



Observa-se que a cultura Zeus foi predominante, porém a soma das respostas não muito distante fica da cultura Atena. A cultura Zeus foi a que teve menor pontuação, bastante inferior às demais. Dos nove respondentes, cinco deles atribuíram maiores notas às questões de Zeus. Diante disso, o resultado dos dados coletados por meio do questionário indica que se trata da cultura predominante, porém suas características não são as únicas encontradas na organização. Por se tratar de um número pequeno de respondentes, não se encontra uma disparidade muito grande entre a cultura predominante e as demais.

A cultura Zeus é historicamente encontrada em empresas familiares, porém, segundo Handy (2006), também encontrada em outros segmentos, entre eles bancos de investimentos. Esta cultura é eficaz quando a agilidade é necessária, e esta agilidade é cada vez mais necessária no mercado financeiro.

Observa-se que nas agências do Sicredi, como os colaboradores trabalham muito próximos ao seu gestor (gerentes de agência), este acaba tendo uma influência grande. Observa-se que no dia a dia, praticamente tudo passa nas mãos do gerente da agência. Os colaboradores não possuem autonomia para decisões de crédito, taxas ou mesmo para busca de novos associados. Os resultados também são acompanhados de perto. As pessoas acabam realizando suas atividades, aprendendo e se desenvolvendo com a participação ativa do gerente. Como reforça Handy (2006, p. 12), “É um tipo de cultura que valoriza os funcionários que estão em volta da teia de influência de Zeus, e vínculos pessoais são fatores forte”.

Outra característica desta cultura é a informalidade. Apesar de normas, políticas e procedimentos padrão, as relações dentro da agência são informais, na maior parte do tempo, especialmente na relação colaborador-gestor. Existem reuniões formais, porém no dia a dia não é necessário agendar horário para falar com o gerente. Essa interação seguida faz com que o gerente construa uma teia, que permeia toda a agência, onde ele esteja ciente de praticamente todo funcionamento da instituição.

Por se tratar de segmento competitivo e concorrer com grandes instituições financeiras, a Cooperativa precisa estar em constante inovação, e não há tempo hábil para longos estudos ou planejamento. As decisões são colocadas rapidamente em prática e, caso o resultado não seja o esperado, são feitos ajustes.

Vale destacar, também, que Handy (2006) afirma não existir uma cultura ideal, certa ou errada, ou seja, em uma organização, por menor que seja, nunca vão existir apenas características de um Deus. Além disso, muitas vezes, as pessoas são uma mescla dos quatro



deuses, porém com características predominantes de um deles. Essa mistura traz riqueza e diversidade para as organizações, já que muitas vezes para atividades diferentes são necessários perfis diferentes. Os deuses simbolizam as diferentes formas de administrar uma organização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após pesquisa realizada, percebe-se a importância de estudar e identificar a tipologia cultural de uma empresa. Após a análise dos dados, constatou-se que a cultura predominante é a Zeus, mas que as demais tipologias também estão presentes nos traços culturais identificados. Acredita-se que este foi o resultado da pesquisa pois a cultura Zeus tem por características principal que o gestor da empresa tenha um papel central na organização, tendo uma teia de influência ao seu redor, e esta característica é fortemente encontrada nas agências do Sicredi, onde o gerente da agência é envolvido em todas as decisões, faz gestão das pessoas, busca o alcance das metas, apoia na solução de dúvidas, entre outros papéis. O gerente é a pessoa de confiança da empresa, ele representa a diretoria dentro da agência.

Quanto às limitações do trabalho, destaca-se que o estudo foi realizado em apenas uma das agências da Cooperativa, o que pode não representar a cultura dominante, mas sim ser uma subcultura local. Além disso, a pesquisadora é colaboradora da empresa, o que pode ter influenciado na análise dos dados.

De forma geral, o objetivo geral foi atingido, e o resultado divulgado para a área de gestão de pessoas e gerente da agência. Sugere-se a continuidade desse estudo, especialmente estendê-lo a todas as agências, aplicando o questionário do autor Handy a todos os colaboradores, bem como realizar entrevistas com os diretores.

## REFERÊNCIAS

FERREIRA, Flávio Smania; ALBONETI, Evaldo Francisco; LOPES, Dirceu Marques; PUCCI, Eliton Piedade. **A organização e seus colaboradores**: um embate cultural num estudo através dos “Deuses da administração”. Departamento de Administração. Departamento de Turismo. Faculdade Estácio de Sá de Ourinhos – FAESO. Ourinhos, SP: CONVIBRAS, 2004.

HANDY, Charles B. **Deuses da administração**: como enfrentar as constantes mudanças da cultura empresarial. 4. ed. São Paulo, SP: Saraiva, 2006.

KINICKI, Angelo; KREITNER, Robert. **Comportamento organizacional**. 2. ed. São Paulo, SP: McGraw-Hill, 2006.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RELATÓRIO Anual. Sicredi, 2016.

SCHEIN, Edgar H. **Cultura organizacional e liderança**. São Paulo, SP: Atlas, 2009.

SICREDI. Disponível em: <[sicredi.com.br](http://sicredi.com.br)>. Acesso em: 10 de out. 2017

VECCHIO, Robert P. Comportamento organizacional: conceitos básicos. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2009.

WAGNER III, John A.; HOLLENBECK, John R. **Comportamento organizacional: criando vantagem competitiva**. São Paulo, SP: Saraiva, 1999.

\_\_\_\_\_. **Comportamento organizacional: criando vantagem competitiva**. 3. ed. São Paulo, SP: Saraiva, 2012.





## CONSTRUÇÃO E EXECUÇÃO DE PRÁTICAS NÃO ESCOLARES EM UM PROJETO DE FUTSAL NA CIDADE DE IVOTI-RS

### CONSTRUCTION AND EXECUTION OF NON-SCHOOL PRACTICES IN A FUTSAL PROJECT IN THE CITY OF IVOTI- RS

Ântony Vinícius Bartochak; Gustavo Roese Sanfelice; Dinora Tereza Zucchetti; Eliana Perez

Gonçalves de Moura

Universidade Feevale

**RESUMO:** O presente estudo analisa a construção e a execução de práticas não escolares do projeto de futsal extraclasse desenvolvido na EMEF Eng. Ildo Meneghetti da rede básica de ensino da cidade de Ivoti-RS. A partir disso, a fundamentação teórica é estruturada mediante o significado histórico dos projetos socioeducativos, impulso da educação não escolar e território esportivo como agente nesse contexto. Utilizou-se a análise bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa, direcionada ao documento oficial das justificativas dos projetos extraclasse e do projeto de futsal e também foram analisados os documentos técnicos dos relatórios das atividades. Além disso, realizou-se a coleta de dados por meio da entrevista não-diretiva. Analisando-se os dados, as limitações dos projetos extraclasse vincularam-se ao caráter socioeducativo e de base compensatória na sua justificativa, influenciando o projeto de futsal. Todavia, o projeto de futsal pedagogizou suas práticas via esporte educacional em oposição do assistencialismo, do esporte de alto rendimento e do currículo burocratizado da educação escolar. Portanto, busca-se problematizar como se deu a construção e a execução das práticas da educação não escolar do projeto de futsal diante das suas possibilidades e limitações.

**Palavras-chave:** Extraclasse. Futsal. Não escolar. Socioeducativo.

**ABSTRACT:** The present study analyzes the construction and execution of non-school practices of the extra-class futsal project developed at EMEF Eng. Ildo Meneghetti of the basic education network in the city of Ivoti-RS. Based on this, the theoretical foundation is structured through the historical significance of socio-educational projects, the impulse of non-school education and sports territory as an agent in this context. Bibliographic and documentary analysis was used, with a qualitative approach, directed to the official document of the justifications of the extra-class projects and the futsal project and the technical documents of the activity reports were also analyzed. In addition, data were collected through non-directive interviews. Analyzing the data, the limitations of extraclass projects were linked to the socio-educational character and the compensatory basis in its justification, influencing the futsal project. However, the futsal project pedagogized its practices by educational sport as opposed to welfare, through high-performance sport and the bureaucratic curriculum of school education. Therefore, we seek to problematize how the construction and execution of the non-school education practices of the futsal project took place in view of its possibilities and limitations.

**Keywords:** Extraclass. Futsal. Non-school. Socio-educational.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo das experiências de práticas não escolares do projeto de futsal na cidade de Ivoti-RS surgiu dos projetos extraclasse, assim denominado pela coordenação da Escola





Municipal de Ensino Fundamental EMEF Eng. Ildo Meneghetti. Iniciou suas atividades em 2016 e consolidou-se em 2017. A escola contava com 840 alunos, subdivididos em manhã, tarde e noite, atendendo a demanda de três bairros periféricos da cidade de Ivoti: Morada do sol, onde está localizada a escola, Jardim Bülher e Bom Pastor.

Dessa forma, instituíram-se os projetos extraclases pela coordenação da EMEF Eng. Ildo Meneghetti com o viés socioeducativo, voltando-se aos sujeitos socialmente vulnerabilizados. Por isso, a construção do projeto de futsal influenciado pela definição dos projetos extraclases justificou-se também pela responsabilidade social. Contudo, observou-se na execução das práticas a pedagogização atribuída ao esporte educacional para além do assistencialismo, desvinculando o esporte da cultura do alto rendimento empregado nas escolinhas esportivas e do currículo burocratizado da educação regular.

Face ao exposto, o presente estudo analisa a construção e a execução de práticas não escolares do projeto de futsal extraclasse desenvolvido na EMEF Eng. Ildo Meneghetti da rede básica de ensino da cidade de Ivoti-RS, a partir de uma análise bibliográfica e documental. Por conseguinte, busca-se problematizar como se deu a construção e a execução dessas práticas da educação não escolar diante das suas possibilidades e limitações.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os projetos educativos, conforme Moura e Zucchetti (2019), têm tradição histórica no campo da assistência social, mas em 1996, com a nova Lei de Diretrizes e Bases – LDB n. 9394 passaram a ser reconhecidos como educativos e complementares à educação escolar.

Em seguida, no ano de 2006, a recorrência de uso da educação não escolar na literatura pedagógica brasileira é impulsionada pela incorporação nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o curso de Pedagogia. Dessa maneira, o egresso do curso de Pedagogia deveria estar habilitado a trabalhar em “espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo” (BRASIL, 2006. p. 2). Com isso, segundo Severo (2019), a educação não escolar define um campo de experiências sociais disposta às intervenções pedagógicas, indo além dos limites dos espaços e tempos escolares e das políticas que produzem a identidade social da escola.



A partir do contexto mencionado, na perspectiva do esporte na educação não escolar, temos duas forças argumentativas, a primeira de forma otimista e compensatória, conforme Bracht e Almeida (2013), a atividade esportiva pode evitar que os sujeitos se envolvam em práticas sociais reprovadas pela sociedade. A segunda de caráter competitivo, pois, de acordo com Voser e Giusti (2015), o esporte funciona como treinamento, geralmente, em forma de escolinha esportiva.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O processo metodológico fez-se da análise bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa. Nesse processo, a pesquisa bibliográfica foi elaborada, segundo Gil (2017), com o propósito de proporcionar fundamentação teórica ao trabalho, bem como a identificação do estágio atual do conhecimento.

Por sua vez, na pesquisa documental, conforme Lüdke e André (2013), a caracterização do tipo de documento que será utilizado é fundamental, sendo direcionado para o documento oficial dos projetos extraclasses elaborados pela coordenação da EMEF Eng. Ildo Meneghetti, em 2016. No mesmo documento oficial dos projetos extraclasses apresenta-se a justificativa do projeto de futsal, codificado como DOC 3, no qual ocorreram ajustes, em 2017. Além disso, analisaram-se os documentos do tipo técnico dos relatórios das atividades do projeto de futsal, codificados conforme DOC 1, em 2016 e DOC 2, em 2017.

Ao único sujeito do estudo, Professor 01, a formulação de perguntas da entrevista não-diretiva, seguindo as orientações da autora Guber (2004), fez-se de modo aberto e tudo o que ele enunciou foi decodificado pelo pesquisador do estudo em resposta ao que ele solicitou. Desse modo, apresenta-se o roteiro da entrevista não-diretiva: Como se deu a construção do projeto de futsal? A coordenação dos projetos extraclasses orientou essa construção? Quem podia participar? Quais as práticas desenvolvidas? Como foi o diálogo da coordenação diante das práticas propostas? As práticas do projeto de futsal atendiam as expectativas dos alunos e os anseios da comunidade?

Para a efetivação das informações coletadas foi selecionado o método da análise de conteúdo de Bardin (2016), onde dividimos a organização da análise em três fases, primeiramente, ocorreu a pré-análise textual e temática dos documentos e da entrevista não-diretiva. Na segunda fase, da exploração do material, fez-se os recortes dos documentos e da



entrevista não-diretiva em unidades de registros, definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias. Por fim, na última fase de tratamento dos resultados, inferência e interpretação, tratou os dados brutos para que sejam significados e utilizou-se para a interpretação dos dados a triangulação teórica e reflexiva.

Dessa maneira, foram estabelecidos para esta pesquisa, conforme os dados analisados nas etapas da análise de conteúdo (BARDIN, 2016), três categorias temáticas definidas a posteriori – 1ª) construção dos projetos extraclasses; 2ª) construção do projeto de futsal; 3ª) execução das práticas do projeto de futsal.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira etapa da categorização da pesquisa refere-se à construção dos projetos extraclasses, instituídos e formalizados pela coordenação da EMEF Eng. Ildo Meneghetti por intermédio do documento oficial e, posteriormente, entregues aos professores dos projetos. A partir disso, conforme DOC 3 (2017), notou-se a importância para com os pais das famílias do público atendido pela escola, tendo em média de quatro a cinco pessoas por família, e, por vezes, permaneciam o dia inteiro para tentar suprir suas necessidades financeiras.

Em vista disso, parte-se da afirmação de que os projetos socioeducativos são práticas da educação não escolar cujas ações de promoção da cidadania e de proteção social voltam-se às crianças e jovens socialmente vulnerabilizados, tendo como base compensatória tais programas e projetos (ZUCCHETTI; MOURA; MENESES, 2014).

Portanto, relatou-se a vulnerabilidade social da qual faz parte o público da escola, pois as crianças ficam expostas constantemente a situações que põem em risco a sua integridade física e o seu desenvolvimento psicossocial (DOC 3, 2017). Nesse entendimento, conforme Moura e Zucchetti (2019), considera-se a ação educativa focalizada para certo tipo de sujeito, o qual frequenta a escola e transita em um duplo espaço formativo, demandando cuidado no contraturno escolar.

Na segunda etapa da categorização do estudo evidencia-se a construção do projeto de futsal, o qual se justificou também para auxiliar e proteger a formação das crianças e adolescentes. Nessa perspectiva, segundo Bracht e Almeida (2013), o esporte não é visto como um patrimônio da cultura, porém se justifica em função das vantagens “instrumentais” que sua prática possibilita aos que com ele se envolvem.



Contudo, segundo o Professor 01 (08/11/2020), a gente não queria somente ocupar e distrair essas crianças, mas ensinar por meio de objetivos, respeito, diálogos de convivência e inclusão social. Como exemplo, trabalhamos com um aluno com Síndrome de Down e isso foi espetacular para nós, pois vivenciamos isso na prática, sendo que muitas vezes só vemos uma pessoa com deficiência praticando algum esporte nas parolimpíadas.

Nesse sentido, quem podia participar do projeto de futsal? Conforme relato do Professor 01 (08/11/2020), os alunos tinham que se matricular para participar do projeto e isso engajava os pais. Pouco depois, separamos os alunos em turmas por idades, uma vez que a coordenação da escola só deixava participar do projeto quem estava bem na escola e utilizava-o como ferramenta educativa para aqueles que não tinham um bom comportamento. No entanto, tínhamos alunos conosco com disciplina, educação e valores excelentes e quando transcendia para a sala de aula esse comportamento não afluava. Logo, não vinham nos consultar sobre o comportamento dos alunos nas nossas aulas.

Estabeleceu-se na justificativa do projeto de futsal no ano de 2016, o objetivo geral de “desenvolver noções de cooperação, socialização e respeito entre os alunos através do ensino do futsal, fomentando a cidadania que é importante na construção da identidade de cada aluno” (DOC 3, 2017, p. 4), sendo que as metodologias empregadas consistiram no método analítico, integrado e global, sendo caracterizada por Voser e Giusti (2015), como tradicional.

Entretanto, de acordo com os relatórios das atividades do projeto de futsal DOC 1 (2016) e DOC 2 (2017), os professores também trabalharam o método moderno, mediante o recreativo e o situacional/condicionado. Tal fato, como nos relata Voser e Giusti (2015), os participantes praticam o método recreativo moderno, desde o início, o jogo que pretendem aprender, adaptando a complexidade do jogo às características e às necessidades de cada idade. No método situacional/condicionado ocorre mudança no formato das regras, aumentar ou diminuir a quadra de jogo, reduzir o número de jogadores, etc.

Nota-se que as práticas não escolares possuem marcadores institucionalmente legitimados, tais como metas, objetivos, tempos, princípios, obrigatoriedade, entre outros. Contudo, diferenciam das práticas escolares no que diz respeito à inexistência de um currículo (MOURA; ZUCCHETTI, 2010).

Nessa lógica, os professores construíram o projeto de futsal com objetivos específicos, os quais nortearam a execução das práticas pedagógicas posteriores, visando trabalhar e aprimorar



o conhecimento prático e teórico do futsal, no trabalho das posições dos jogadores, suas nomenclaturas, características e nos fundamentos técnicos e táticos (DOC 3, 2017).

Dessa forma, construímos a estrutura do projeto de futsal sem uma exigência da escola, mas a partir da nossa característica pedagógica para que os alunos pudessem levar algo para vida, ensinávamos a parte técnica e tática, mas a nossa principal preocupação era com os valores que deveriam ser trabalhados. Com isso, a coordenação da escola começou a pedir relatórios para os outros projetos desenvolvidos na escola, nos quais o nosso relatório serviu de modelo para os outros professores (PROFESSOR 01, 08/11/2020).

Sobretudo, é necessário enfatizar que o esporte é reconhecido a partir da identificação da existência de três diferentes manifestações na legislação esportiva brasileira, segundo Bracht e Almeida (2013): esporte de alto rendimento, esporte participativo e esporte educacional. Apesar disso, ao vincular-se a projetos educacionais, a referência tende a ser aquele que é mais visível socialmente: o esporte competitivo de alto rendimento.

Notou-se que o projeto de futsal adotou a referência do esporte educacional, conforme os relatórios das suas atividades DOC 1 (2016) e DOC 2 (2017). Não buscávamos o rendimento acima dos valores, do lúdico ou da mera participação dos alunos, pois segundo o Professor 01 (08/11/2020), “quando se almeja meramente a competição ocorre a exclusão”.

Logo depois, os professores adicionaram na construção do projeto, em 2017, um quadro cronológico anual, que deveria ser flexibilizado e ajustado conforme a demanda das aprendizagens dos alunos e não seguir de forma burocrática e técnica, mas direcionar os professores diante dos conteúdos propostos pelo autor (VOSER, 2004). É importante frisar que os projetos da educação não escolar, conforme Severo (2019) não demarca especificidade de práticas educativas e elementos de organização didática, pois podem ser atravessados por tendências tão tradicionais quantas aquelas empregadas pela escola regular.

Por outro lado, a avaliação do projeto de futsal apresentou-se de forma contínua, conforme justificada no projeto de futsal (DOC 3, 2017), a partir da análise do desenvolvimento individual de cada aluno, anotações em planilhas de controle, evolução técnica e tática, conhecimentos teóricos e práticos e da frequência. Desse modo, no projeto de futsal não tinha uma nota como na Educação Física, segundo o Professor 01 (08/11/2020), mas os alunos precisavam ser participativos e quererem aprender.

No que se refere à execução das práticas do projeto de futsal, em 2016 e 2017, na terceira etapa da categorização do estudo, conforme o Professor 01 (08/11/2020), observou-se que no



decorrer do projeto, quando os alunos tiveram uma melhora no quesito jogar, os pais identificaram que poderíamos competir. Assim como, surgiu a cobrança por parte da coordenação, precisávamos apresentar bons resultados e o bom futsal, conseqüentemente, nesse momento, eu perdi um pouco da essência do projeto, pois para competir de igual para igual precisaríamos selecionar os melhores.

Dessa maneira, segundo Voser e Giusti (2015), é importante dar atenção a pressão que os pais realizam sobre seus filhos ao tentar satisfazer seus próprios anseios de infância ou projetar um futuro promissor para a criança no esporte. Logo, é indicado conversar com os pais e deixar claro o que esse tipo de ação pode acarretar na criança, lembrando que ela não é um adulto-atleta em miniatura.

Cabe ressaltar que, embora o projeto tenha participado de uma competição no ano de 2017, não foi abordada a pedagogia do alto rendimento. Sendo assim, segundo o Professor 01 (08/11/2020), para o aluno estar motivado e, posteriormente, participar de competições, o aluno teria que aprender também a parte técnica e tática do jogo.

Diante do exposto, percebe-se que a educação regular não é e não pode ser a única responsável pela formação humana, se dão em diversas aprendizagens e territórios. Por isso, torna-se fundamental ampliar as perspectivas para enfrentar os desafios da educação pela incorporação de novos arranjos, entrelaçando conhecimentos e experiências diversificadas (SEVERO, 2019).

## CONCLUSÃO

Percebeu-se, diante dos resultados e discussões, as limitações na justificativa dos projetos extraclases, no que tange a ênfase socioeducativa atribuída às crianças e jovens socialmente vulnerabilizados. Logo, a visibilidade dos projetos extraclases deu-se como base compensatória para atingir a maior quantidade de sujeitos, permanecendo o máximo de tempo possível na escola e negando a qualidade de oferecer projetos capazes de ir além das questões assistencialistas.

Em virtude disso, pela ausência da própria nomenclatura da educação não escolar na justificativa dos projetos extraclases e ausência de compreensão dos professores a respeito desse território em relação à educação, o projeto de futsal também foi atrelado ao caráter assistencialista.



Entretanto, evidenciaram-se possibilidades nos relatórios das atividades do projeto de futsal, a partir da pedagogização do esporte educacional desvinculando-se da cultura assistencialista e compensatória, do esporte de alto rendimento das escolinhas esportivas e do currículo burocratizado da educação regular. Ademais, o projeto de futsal foi além de práticas voltadas exclusivamente ao método tradicional, mas também se efetivou o método moderno, através do recreativo e do situacional/condicionado.

Por fim, com esse estudo desejamos proporcionar novas perspectivas aos profissionais da educação não escolar e incentivá-los a realizar outros trabalhos e pesquisas, os quais impulsionem a execução de práticas pedagógicas em um problema central da ação educativa na educação não escolar.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRACHT, Valter. ALMEIDA Felipe Quintão de. Esporte, escola e a tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física Escolar. **Em Aberto**, Brasília, v. 26, n. 89, p. 131-143, jan./jun. 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução n.1**, de 15 de maio de 2006, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de graduação em Pedagogia, Licenciatura. Brasília: MEC, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2017.

GUBER, Rosana. **El salvaje metropolitano: reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo**. Buenos Aires: Paidós, 2004.

LÜDKE, Menga. ANDRE, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

MOURA, Eliana Perez Gonçalves de; ZUCCHETTI, Dinora Tereza. Educação além da escola: acolhida de outros saberes. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.140, p. 629-648, maio/ago. 2010.

\_\_\_\_\_. A dimensão educativa da educação não escolar: tem sentido este debate? **Educação**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 150-158, jan./abr. 2019.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Os lugares teóricos das práticas educativas para além da escola: educação não escolar, não formal, social. In. SEVERO, José Leonardo



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

Rolim de Lima; POSSEBON, Elisa Gonsalves (Org.). **Fundamentos e temas em pedagogia social e educação não escolar**. João pessoa: UFPB, 2019. p. 99-117.

VOSER, Rogério da Cunha. **Iniciação ao futsal, abordagem recreativa**. 3. ed. Canoas: ULBRA, 2004.

\_\_\_\_\_. I S I, João Gilberto Mattos. **O Futsal e a Escola: uma perspectiva pedagógica**. Porto Alegre: Penso, 2015.

ZUCCHETTI, Dinora Tereza; MOURA, Eliana Perez Gonçalves de; MENEZES, Magali Mendes de. A artesanaria de um fazer a prática do trabalho de educadores. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 59, p.967-985, dez. 2014.





## PSICOSSOCIOLOGIA E TRABALHO: REVISÃO INTEGRATIVA

### PSYCHOSOCIOLOGY AND WORK: INTEGRATIVE REVIEW

Betina Cezimbra Ludwig; Sueli Maria Cabral

Universidade Feevale

**Resumo:** O presente estudo buscou fazer a identificação, descrição e análise da Psicossociologia e Trabalho por meio dos artigos dispostos na literatura científica brasileira. Desta forma, foi elaborada uma revisão integrativa, utilizando as plataformas BVS e Periódicos Capes, com os descritores "Psicossociologia AND Trabalho". A partir das pesquisas, nas duas bases de dados escolhidas, encontrou-se 54 artigos, dos quais 15 foram selecionados previamente e após utilizou-se apenas 5 destes trabalhos. Os artigos passaram por análise, que resultaram na divisão em três categorias: abordagem da psicossociologia francesa; a experiência do sujeito e trabalho e organização do trabalho. Sendo assim, destacando a importância da psicossociologia para o entendimento da atividade laboral. A experiência do indivíduo com o seu trabalho e os efeitos tanto no âmbito pessoal quanto profissional, E, por fim, como se dá a organização desse trabalho, de que forma o sujeito pode desenvolver-se por completo sem acarretar danos a sua saúde.

**Palavras-chave:** Trabalho. Psicossociologia. Experiência. Organização. Saúde.

**Abstract:** The present study sought to identify, describe and analyze Psychosociology and Work through the articles available in the Brazilian scientific literature. To this end, an integrative review was prepared, using the VHL and Capi Periódicos platforms, with the descriptors "Psicossociologia AND Trabalho". From the research, in the two databases chosen, 54 articles were found, of which 15 were previously selected and only 5 of these works were subsequently used. The articles underwent analysis, which resulted in the division into three categories: French psychosociology approach; the subject's experience and work and work organization. Thus highlighting the importance of psychosociology for understanding work activity. The individual's experience with his work and the reflexes both personally and professionally, And, finally, how this work is organized, how the subject can develop fully without causing damage to his health.

**Palavras-chave:** Keyword 1. Palabra 2. Mot 3. Keyword 4.

## INTRODUÇÃO

Este estudo parte da premissa que as concepções de trabalho resultam de um processo histórico pois trata-se de uma atividade polissêmica e multifacetada. No entanto, vale ressaltar que, a espécie humana tem sua condição ligada a atividades, como a do trabalho, nos diferenciando dos outros animais. E, desta forma, permite a criação de elementos tanto concretos quanto simbólicos para encarar tais condições.

Ainda segundo Godim e Borges (2020) o trabalho permanece com algumas características que sempre o acompanharam, ou seja, o de preservar a divisão entre a atividade manual e intelectual. Desta maneira, esses fatores de separação, propiciam a estrutura hierárquica em que não há necessidade do trabalho intelectual, também dando mais valor a determinadas atividades



e por fim determinando o status social. Para Bendassolli et al. (2016) o trabalho é um é fator determinante na forma de interação com o meio, bem como com os outros indivíduos e na forma em que somos inseridos na sociedade, os autores destacam a importância do trabalho promotor de vínculos com a vida, sendo portanto, igualmente um forma de interagir com o outros, de inserção um elo social. Para Bendassoli e Soboll (2011) as clínicas do trabalho possuem alguns pontos convergentes e outros, em especial de ordem epistemológica e metodológica divergentes, portanto, é necessário cuidado ao buscar uma articulação entre elas. “cada uma das teorias parte de conceitos específicos tanto de subjetividade como de trabalho, assim como propõe formas específicas de compreender e de apreender situações de trabalho e de subjetivação” (p.20).

A psicossociologia, tem início na década de 1930 e deste então tem oferecido um conjunto de recursos essenciais para os campos da investigação e da ação, constituído pela articulação entre campo social, condutas humanas e vida psíquica. Para o seu entendimento, ela conta com objetos privilegiados para a mediação entre indivíduo e sociedade: sujeitos, a organização e a instituição. Inúmeros trabalhos contemporâneos a respeito dos coletivos de trabalho, dos processos organizacionais, das formas de institucionalização do trabalho e da intervenção em ambientes laborais teriam muito a ganhar se usassem tais antecedentes como referência. (LHUILIER, 2014).

## MÉTODOS

A revisão integrativa faz uma relação entre as categorias de artigos científicos que utilizam “fontes de informações bibliográficas ou eletrônicas para obtenção de resultados de pesquisa de outros autores, com o objetivo de fundamentar teoricamente um determinado tema” (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011, p.133). A partir disso, foram encontrados os artigos de revisão de literatura que podem ser categorizados como de revisão narrativa e de revisão bibliográfica sistemática em razão de possuírem características e objetivos distintos. Dentre os artigos de revisão bibliográfica sistemática encontram-se os artigos de revisão integrativa, objeto deste manual, como mostra a Figura 1.

Para esta revisão integrativa, foram realizadas as seguintes etapas: escolha do tema e também descritores, seleção das bases de dados para busca, escolha de critérios de inclusão e exclusão, panorama geral da busca, produção de tabela com os artigos escolhidos para análise e por fim, a construção da revisão integrativa sobre a relação da psicossociologia e o trabalho.



Desta forma, foram escolhidos artigos compreendidos entre os anos de 2015 e 2020 para ser feito o levantamento bibliográfico nas bases BVS e Periódicos Capes, utilizando como descritores "Psicossociologia AND Trabalho". Outros descritores, como "precarização" não foram incluídos nesta revisão, pois deixaria a pesquisa muito ampla e assim excluindo elementos importantes para o estudo. Para critérios de inclusão na pesquisa, optou-se somente por artigos, que trabalhassem o contexto do trabalho e a psicossociologia. Além disso, somente artigos, nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola fizeram parte da busca. Durante o trajeto de construção da revisão integrativa, encontrou-se 54 artigos primários, que após aplicação de critérios de inclusão, ficaram 15, com potencial relevante. E, destes, apenas 5 foram utilizados, pois compreendiam o período estipulado, a relação com a temática, e correspondiam ao caráter de artigo. A figura 2.1 apresenta o passo-a-passo dos resultados encontrados durante a busca, desde a base de dados, a utilização dos descritores e também os artigos selecionados para análise. Assim, decidiu-se utilizar a análise temática de conteúdo originada por Bardin (2011). Desta forma, considerando as leituras dos cinco artigos selecionados para o estudo, optou-se por dividir em três categorias. São elas: 1. Abordagem da psicossociologia francês, 2. a experiência do sujeito e o trabalho e 3. organização do trabalho. A partir, da criação das categorias foi possível fazer a análise mais precisa, destas temáticas que foram comuns nos artigos escolhidos.

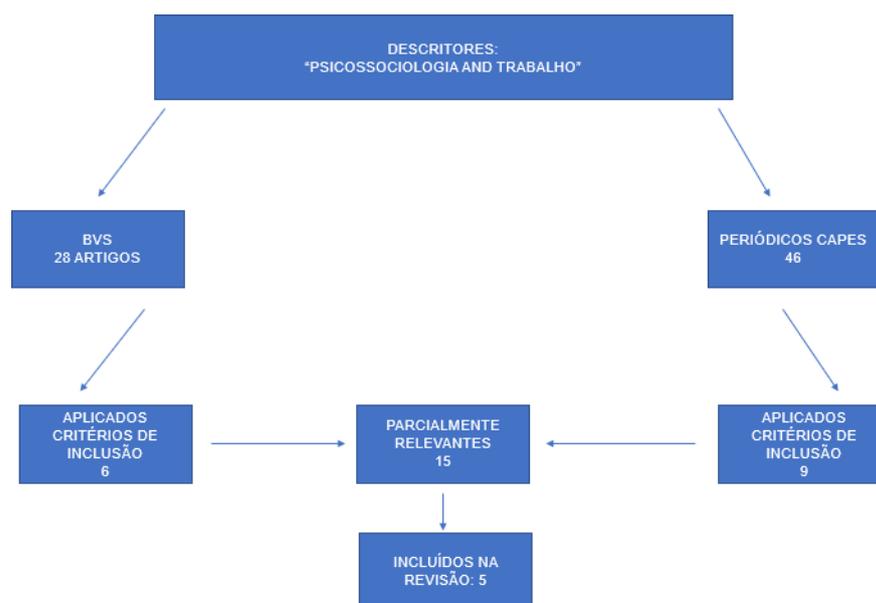


Figura 2.1. Fluxograma do percurso de seleção dos artigos para a revisão integrativa



## RESULTADOS

### CARACTERIZAÇÃO

Esta pesquisa foi construída com 54 artigos frutos da pesquisa preliminar que corresponderam aos descritores. Desta forma, 5 foram escolhidos pois atendiam a todos os critérios de inclusão. Sendo assim, observou-se que apenas a região sul e sudeste produziu artigos que atenderam as características solicitadas e somente uma de caráter internacional. Isso, mostra que há, uma desigualdade e falta valorização na produção científica das outras regiões do país, de forma em que todos os estados sejam reconhecidos pela produção de ciência e conhecimento. Entre os critérios, optou-se por pesquisas qualitativas, que tinham como base métodos empíricos. Os postos de trabalho foram diversos, sendo representados da seguinte maneira, 1 artigo profissional da saúde e quatro profissionais de diversas áreas, para que pudesse ser transmitida a ideia de pluralidade do labor contemporâneo. Contudo, pode-se destacar, os poucos estudos que relacionam a psicossociologia e o mundo do trabalho.

Na tabela 3.1 é possível visualizar de forma integral as características de cada artigo estudado, bem como autoria, ano, temática de pesquisa e ocupação profissional.

### ABORDAGEM DA PSICOSSOCIOLOGIA FRANCESA

A questão sobre o trabalho, vem discutida amplamente, principalmente no campo teórico. Nas últimas décadas, podemos perceber um movimento, em que vários autores tomaram para si a temática, para enfim, iniciar estudos amplos sobre o trabalho.

Sá e Organizadores (2013) destacaram no artigo, a gestão dos serviços públicos de saúde no Brasil, trazendo discussões sobre as políticas públicas de saúde e relacionou com as abordagens da psicossociologia francesa (Enriquez e Lévy), psicodinâmica do trabalho (Dejours), a psicanálise (Kaes e Winnicott), e as discussões sobre gestão em saúde. Trata-se, assim, de explorar abordagens teórico-metodológicas de pesquisa e intervenção, tendo como objeto, nas palavras das organizadoras, “as relações entre subjetividade, gestão e cuidado em saúde” (p. 15).

Já as autoras Mata; Oliveira; Barros (2017) trouxeram a Psicossociologia do Trabalho, para discutir a atividade própria do sujeito e a subjetivação dele a partir da atividade. Lhuillier (2017) no seu estudo enfatizou a psicossociologia do trabalho, centrada no questionamento sobre a função da atividade e quais são as relações entre atividade e trabalho? Sendo assim,



fundamental o estudo da psicossociologia, para o entendimento da construção do sujeito bem como suas relações sociais. Soldera (2016) traz a psicossociologia, como forma de construção do saber, que não se pode separar à realidade do trabalho. Com isso, Casadore (2016) traz algumas das características da Psicossociologia Francesa para entender a relação do indivíduo com o trabalho. O objetivo do presente artigo foi expor de forma sucinta algumas distinções conceituais e metodológicas da Psicossociologia e da Psicodinâmica do Trabalho, a fim de auxiliar na visualização de suas diversidades, na elucidação e na elaboração de uma possível intervenção. Para isso, utilizamo-nos de uma pesquisa teórica que contemplou um resgate do desenvolvimento teórico-conceitual de cada uma dessas abordagens. Foi construído um quadro metodológico para a Psicodinâmica do Trabalho e para a Psicossociologia embasado em obras referências de cada área.

## A EXPERIÊNCIA DO SUJEITO E TRABALHO

A experiência do indivíduo com a atividade está muito ligada sentido atribuído ou não com aquilo que é feito. A partir disso, Sá e Organizadores (2016) destacam a precarização dos serviços de saúde e das condições de trabalho que são ofertadas para os profissionais da saúde. Desta forma, o sujeito tem a sua atividade indissociável das condições concretas de trabalho. No entanto, as condições e a precarização do labor perpassam o ambiente de trabalho e acaba por afetar o indivíduo em outras esferas da vida humana. As autoras Mata; Oliveira; Barros (2017) enfatizam em seu artigo, que a experiência está interligada com tudo que tem ação ao sujeito ou ao valor que ele atribui ao sentido, isso tanto na vida pessoal quanto pessoal. Para complementar a ideia, já exposta, o autor Casadore (2016) apresenta a experiência do sujeito com o trabalho, afeta diretamente nas relações sociais, assim reafirmando que não tem como separar o trabalho, a realidade e o sujeito. A partir das experiências, Soldera (2016) essa construção do saber é feita a partir das colaborações coletivas dos trabalhadores. E, assim, auxilia o sujeito na compreensão do espaço e dos outros trabalhadores.

Para que essa experiência aconteça, é necessário oportunizar liberdade e aos sujeitos (atores sociais). Portanto, a psicossociologia, a partir do viés da experiência, permite essa relação de compartilhamento das situações de vida, dos anseios e dos planos. Todo esse processo, de vivência e trocas faz parte da vida humana e também do mundo do trabalho que com isso permite maior desenvolvimento tanto do trabalho individual quanto do coletivo.



Portanto, a experiência de trabalho faz a transformação desse sujeito em trabalhador, de forma em que suas normas, experiências e valores corroboram para a sua construção de mundo.

## A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

A Psicossociologia é uma das referências para intervenções, por propor um envolvimento de quem pesquisa, de forma que o pesquisador age diretamente na transformação de processos organizacionais. Soldera (2016) coloca que a partir desse meio de pesquisa, permite ao pesquisador maior conhecimento do objeto e que também é um meio para novas posturas, amenizando o conflito entre o sujeito e organização. As autoras Mata; Oliveira; Barros (2017) enfatizam que para que essa organização ocorra, é necessário maior liberdade nas ações e que a partir da intervenção da psicossociologia sejam buscadas soluções para estes problemas organizacionais. dar liberdade e responsabilidade aos grupos e aos sujeitos (atores sociais).

Para Casadore (2016) o indivíduo, é muito mais que alguém que executa a atividade, ele é um instrumento que faz o processamento de informações e também agente de produtor de sentidos. Desta forma, o sujeito é visto como parte fundamental dessa organização, tornando-se responsável sua própria história e dessa organização. No entanto, Lhuilier (2017) destaca que não existe a organização sem a realização e valorização do sujeito. Por isso, é necessário entender esse indivíduo como uma engrenagem da organização do que apenas um executor de atividades. Desta forma, a organização, precisa considerar a singularidade desse profissional, bem como seus objetivos próprios. Sá e Organizadores (2016) ressaltam que a falta de valorização do trabalhador nas organizações, potencializam a precarização de toda a ordem de serviço e que aumentam os problemas. Dessa forma, é necessário que haja dentro das organizações, um planejamento que considere não apenas a produção, mas também o sujeito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, a relação da psicossociologia e trabalho são essenciais no desenvolvimento do sujeito, como foi destacado por Sá e Organizadores (2016). Todos os artigos selecionados consideraram a complexidade em torno do sujeito e a sua relação com o trabalho. Desta forma, colocando o indivíduo como protagonista e que assim se busque soluções para o campo do trabalho de forma coletiva.



A partir disso, dos artigos analisados, é necessário que essas construções sejam permanentes Casadore (2016), permitindo que os sujeitos participantes dessas organizações consigam entender suas funções e contribuam para ações efetivas de transformações sociais. Todos estes processos, podem ser executados por meio das experiências do mundo do trabalho, de forma que permita potencializar as construções coletivas. No entanto, por meio dessas breves exposições feitas na revisão literária, vemos que há inúmeros métodos para aplicar a psicossociologia ao mundo do trabalho, de forma que venha a contribuir para o desenvolvimento do sujeito. Uma vez que, a psicossociologia traz um olhar mais heterogêneo para as abordagens clínicas. Soldera (2016) destaca que a partir das discussões do mundo do trabalho, com o desenvolvimento da própria psicologia do trabalho, possam surgir novos mecanismos para a resolução de problemas e para o entendimento do sujeito e o labor.

Portanto, cada vez mais, se faz necessário que novos estudos sobre a Psicossociologia e trabalho sejam feitos. De forma que, venham a agregar e gerar novos conhecimentos acerca do mundo do trabalho e a relação do sujeito com o mesmo.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. (2011). **Os modos de ser da informalidade:** Rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? *Serviço Social e Sociedade*, 107, 405–419. doi:10.1590/S0101-66282011000300002

AZEVEDO CS, Sá MC, organizadores. **Subjetividade, gestão e cuidado em saúde: abordagens da psicossociologia.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2013. BARDIN, Laurence. (1970). **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70.

BENDASSOLLI, Pedro. & SOBOLL, Lis. A. (Orgs.) (2011). **Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade.** São Paulo: Atlas.

CASADORE, Marcos. M. **Sobre os aspectos clínicos e a complexidade do trabalho:** as clínicas do trabalho compreendidas pela perspectiva da Psicossociologia. *Cad. psicol. soc. trab.*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 177-185, 2016. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172016000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172016000200004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 03 dez. 2020.

LHUILIER, Dominique. **O Agir Em Psicossociologia Do Trabalho.** *Psicol. rev.* (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 295-311, jan. 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682017000100018&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682017000100018&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 03 dez. 2020. <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2017v23n1p295-311>.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

MATA, Carolina., OLIVEIRA, Fabiana. G., & BARROS, Vanessa. (2017). Experiência, Atividade, Corpo: **Reflexões na confluência da Psicossociologia do Trabalho e Ergologia.** **Psicol. rev.** (Belo Horizonte) [online]. 2017, vol.23, n.1, pp. 361-373. ISSN 1677- 1168. <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2017v23n1p361-373>.

SOLDERA, Lucas.M. **Breve compêndio conceitual e metodológico da Psicodinâmica do Trabalho e da Psicossociologia.** *Cad. psicol. soc. trab.*, São Paulo , v. 19, n. 2, p. 243-253, 2016. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172016000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172016000200009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 03 dez. 2020





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

## LIVROS EM MULTIFORMATOS E SUAS TECNOLOGIAS: COMUNICAÇÃO ACESSÍVEL E LEITURA PARA TODOS

MULTIFORMAT BOOKS AND ITS TECHNOLOGIES: ACCESSIBLE  
COMMUNICATION AND READING FOR ALL

Alessandra Lopes de Oliveira Castelini; Célia Maria Adão de Oliveira Aguiar Sousa; Gustavo Roeser

Sanfelice

Universidade Feevale

**Resumo:** O desenvolvimento de livros em multiformatos com princípios do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA), pressupõe a utilização de recursos digitais e estratégias acessíveis que viabilizam a comunicação acessível. Este estudo de natureza qualitativa, trata-se de um fragmento de pesquisa doutoral e objetiva refletir a utilização de recursos digitais e estratégias acessíveis para composição de livros em multiformatos e suas tecnologias, em prol da comunicação acessível. Para tanto, utilizou-se de pesquisa exploratória, fundamentados no método estudo de caso, do tipo etnográfico. A recolha de dados deu-se por meio do mapeamento de projetos de leitura acessível, pesquisa bibliográfica e documental, observações em campo e análise de livros em multiformatos produzidos em três países. As discussões apontam a relevância de fomentar temas que referem-se ao direito à comunicação e a utilização de recursos digitais e estratégias acessíveis nos livros em multiformatos enquanto suporte de conhecimento e educação crítica da sociedade. Por considerar múltiplos saberes, sob diferentes perspectivas, torna-se possível ampliar discussões nos espaços científicos e interdisciplinares, sensibilizando a comunidade educativa, científica e profissional na consolidação de parcerias, desenvolvimento de produtos e continuação de pesquisas, em prol de soluções que viabilizem a comunicação mais acessível a todos.

**Palavras-chave:** Livros em Multiformatos. Desenho Universal para Aprendizagem. Comunicação Acessível. Leitura para Todos.

**Abstract:** The development of multiformat books with principles of Universal Design for Learning (DUA), presupposes the use of digital resources and accessible strategies that enable accessible communication. This qualitative study is a fragment of doctoral research and aims to reflect the use of digital resources and accessible strategies for composing books in multi formats and their technologies, in favor of accessible communication. For this, exploratory research was used, based on the case study method, of the ethnographic type. Data collection took place through the mapping of accessible reading projects, bibliographic and documentary research, field observations and analysis of books in multi formats produced in three countries. The discussions point out the relevance of promoting themes that refer to the right to communication and the use of digital resources and strategies accessible in books in multi formats as a support for knowledge and critical education of society. By considering multiple knowledge, from different perspectives, it is possible to expand discussions in scientific and interdisciplinary spaces, sensitizing the educational, scientific and professional community in the consolidation of partnerships, product development and further research, in favor of solutions that enable communication more accessible to everyone.

**Keywords:** Books in Multi Formats. Universal Design for Learning. Accessible Communication. Reading for All.



feevale.br/cidi2021





## INTRODUÇÃO

O presente estudo configura-se como um fragmento de investigação doutoral, enquadra-se no tópico Linguagens e Tecnologias e objetiva refletir a utilização de recursos digitais e estratégias acessíveis para composição de livros em multiformatos, com princípios do Desenho Universal para Aprendizagem – DUA<sup>1</sup> e suas tecnologias, em prol da comunicação acessível.

Para a construção dessa pesquisa, partimos do pressuposto que com o fenômeno da proliferação dos meios de comunicação midiática e das novas tecnologias na sociedade da informação (UNESCO, 2016), conseqüentemente desencadearam novas preocupações com as diversas alterações nos processos comunicativos, a necessidade de promover a comunicação mais acessível, bem como no modo de interagir com os recursos digitais. As recentes mudanças na sociedade da informação, assinalaram a necessidade de refletir as relações do mundo digital com os processos de inclusão das pessoas, que apresentam algum tipo de deficiência e/ou que dependem de recursos adaptados e tecnológicos para ter acesso à comunicação e a informação.

Ao considerar esse contexto, referimos a questão que motivou este estudo ao investigar: de que forma os livros em multiformatos com princípios do DUA e suas tecnologias, implicam para a comunicação mais acessível? E de que maneira inserir essa temática nos contextos interdisciplinares, fomentando discussões sobre o papel dos recursos digitais e estratégias acessíveis para inovação? Tais discussões, enquanto fragmento de investigação doutoral são propulsoras de uma ação docente crítica, reflexiva que reconhece as complexidades da diversidade existente e propõe formas de pensar a comunicação acessível por meio da literatura.

Desse modo, elegemos para esse estudo explicitar aportes da comunicação acessível e o conceito de livros em multiformatos com princípios do DUA enquanto instrumento de inclusão, discutindo o papel dos recursos digitais e estratégias acessíveis fomentando o debate interdisciplinar em prol de práticas que viabilizem a comunicação acessível. Esta pesquisa é qualitativa (MARTINS, 2004), fundamenta-se no método de estudo de caso (STAKE, 2006; ANDRÉ, 2008), com abordagem do tipo etnográfica (ANDRÉ, 1995). A recolha de dados deu-se por meio do mapeamento de projetos de leitura acessível, pesquisa bibliográfica e documental, observações em campo e análise de livros em multiformatos.

---

<sup>1</sup> O conceito *Universal Design for Learning (UDL)*, traduzido para a língua portuguesa como Desenho Universal para Aprendizagem (DUA), surgiu no ano de 1984, em Boston, Massachusetts, nos Estados Unidos, no *Center for Applied Special Technology (CAST)*. Disponível em: <http://www.cast.org/about/about-cast>



A interlocução com os pressupostos teóricos que fundamentam os conceitos apresentados, constituem as discussões iniciais deste trabalho e em seguida serão tratados os aportes da literatura em multiformatos, além da análise das estratégias de leitura apresentadas nos livros em multiformatos com abordagem DUA e seus recursos digitais e tecnologias adaptativas, apontando alternativas para fomentar discussões no contexto interdisciplinar, enquanto prática literária inclusiva. Tais perspectivas são pertinentes no campo das linguagens e tecnologias, pois implicam reflexões e análise de recursos digitais e estratégias inclusivas que sustentam processos de desenvolvimento de livros em multiformatos, de viés acessível.

Considera-se neste estudo, a relevância de articular recursos digitais e opções de estratégias acessíveis aos princípios do DUA para o desenvolvimento de livros em multiformatos, com ampla divulgação no meio interdisciplinar, com intuito de sensibilizar a comunidade educativa, científica e profissional na consolidação de parcerias, desenvolvimento de produtos e continuação de pesquisas, em prol da comunicação mais acessível a todos.

## **TECNOLOGIAS E A COMUNICAÇÃO ACESSÍVEL**

Preocupados com formas de construir uma educação ao longo da vida e considerando a celeridade das mudanças tecnológicas (UNESCO, 2016), ocasionou inquietações geradas frente a necessidade de uma educação que possibilite a capacidade crítica diante dessas novas modalidades (GONNET, 2004). A educação midiática, segundo García-Ruiz, Ramírez-García e Rodríguez-Rosell (2014), tem por base a tecnologia, fundamental para a formação dos indivíduos mais criativos, participativos e conseqüentemente com mais responsabilidade e visão crítica. Ao compreender o mundo cada vez mais inclusivo e digital, torna-se pertinente discutir que não há como pensar em inclusão digital de forma dissociada da inclusão social, visto que qualquer esforço de inclusão, conforme Liberato (2009), requer o uso e a apropriação de elementos tecnológicos, conhecimento da realidade local, adaptação de conteúdos e linguagens, desenvolvimento de metodologias específicas, com processo contínuo de avaliação.

Ao aprofundar o estudo sobre a importância da comunicação (ONU, 2015; UNESCO, 2016; 2020), compreendemos que esta faz parte da natureza humana, e que a proliferação dos meios de comunicação midiática e das novas tecnologias na sociedade, repercutem na constante avaliação e alteração dos processos comunicativos, implicando em discussões sobre essa temática e seus desdobramentos, tão necessária na sociedade atual, por considerar que a maioria



das pessoas recorrem à diferentes tipos de linguagens e símbolos para comunicar-se, que dependem de recursos digitais e de tecnologias adaptativas para ter acesso à informação.

Sobre essa diversidade das formas de comunicar, recorreremos aos estudos de Sousa (2012) que assevera a importância “de dar a todos oportunidades de falar, ouvir e ser ouvido” ao incorporar os sistemas de comunicação no contexto em que as pessoas vivem (SOUSA, 2012, p.16). A comunicação é uma das mais importantes necessidades do ser humano em sociedade (VON TETZCHNER; MARTINSEN, 2000). Conforme o Censo de 2010, um percentual de 23,9% da população brasileira declarou ter algum grau de dificuldade em pelo menos uma das habilidades investigadas (IBGE, 2012). Contudo, a parcela da população que possuía grande ou total dificuldade de enxergar, ouvir, caminhar ou subir escadas correspondeu a 6,7%. Assim, o Brasil tinha uma proporção de deficientes visuais de 3,4%, deficientes motores de 2,3%, deficientes auditivos de 1,1%, aos quais se somaram as pessoas com deficiência mental/intelectual com um total de 1,4% (IBGE EDUCA, 2020).

Em um contexto, que uma parcela significativa da população possui algum tipo de deficiência e que muitas delas afetam a comunicação, cabe à sociedade buscar maneiras de promover condições para que as pessoas possam se expressar e interagir em sociedade nas mais diversas situações e ambientes. Estudos de Sousa (2012), asseveram que

A comunicação pode exprimir uma infinidade de formas, em que o homem gerou um complexo sistema de símbolos que encerram e revelam noções da sua essência e dos constructos culturais cozinhados na fogueira dos tempos. Aí se articulam e fundem sinais verbais (orais e escritos), sinais não-verbais (mímica e expressão corporal) e indicadores culturais como a indumentária, adornos, penteados, etc. (SOUSA, 2012, p.111)

Desse modo, Sousa (2012), considera a necessidade de compreender a comunicação, enquanto um processo de interação, no qual é possível compartilhar mensagens, ideias, sentimentos e emoções, podendo influenciar o comportamento das pessoas que, por sua vez, reagirão a partir das suas crenças, valores, história de vida e cultura. Katz (2013) afirma que a educação inclusiva tem sido reconhecida globalmente como um objetivo para os sistemas educativos mundiais, o qual relacionam-se diretamente com os direitos humanos, assim como a tolerância, o pluralismo e a equidade. Assim, por compreender o real significado da comunicação e sua importância no contexto social, Von Tetzchner e Martinsen (2000), nos auxiliam a refletir sobre soluções para quando a fala não pode ser o canal ou veículo de linguagem, ao manifestar que torna-se indispensável proporcionar, de forma precoce um



Sistema Alternativo e Aumentativo de Comunicação (SAAC), que conforme Ferreira, Ponte e Azevedo (1999) são dispositivos que atuam como reguladores do pensamento e pressupõe suportes necessários para proporcionar a interação social.

Ferreira, Ponte e Azevedo (1999), consideram que “todas as pessoas, independentemente da idade ou condição”, podem utilizar como um meio temporário ou de longo prazo, que venham a sofrer de “qualquer impedimento na sua capacidade de comunicar, podem e devem ser consideradas como possíveis usuárias de um Sistema Alternativo e Aumentativo de Comunicação” (FERREIRA; PONTE; AZEVEDO, 1999, p.24). Dessa forma, torna-se pertinente refletir sobre o desenvolvimento e produção de produtos inclusivos e livros infantis com tecnologias adaptativas e recursos digitais que favoreçam a comunicação e o acesso à informação, oportunizando a ampliação dessa temática em diversos contextos.

## **A LITERATURA EM MULTIFORMATO E SUAS TECNOLOGIAS**

Estudos de Deliberato e Manzini (2006); Chun (2009) e Manzini e Deliberato (2010), consideram que a Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) constitui-se como uma área de caráter multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar, que contempla profissionais de diferentes campos de conhecimento, pois desfrutam de recursos tecnológicos e técnicas que viabilizam a comunicação com uma diversidade de pessoas e com diferentes especificidades.

Nessa perspectiva, ao pensar soluções mais inclusivas e pressupor ações inovadoras, em busca de novos recursos, materiais tecnológicos adaptativos, evidenciamos neste estudo, refletir atitudes dos profissionais face a diversidade existente, bem como no desenvolvimento de livros e recursos pedagógicos. Nesta perspectiva, para recolha de dados desta pesquisa, buscamos mapear projetos de leitura acessível, que atuam no desenvolvimento de livros em multiformatos. Foram mapeados cinco projetos de leitura acessível, desenvolvidos em três países: Brasil, Portugal e África. Foi possível verificar a produção de livros, com análise de 16 exemplares de livros em multiformatos, com diferentes recursos acessíveis e tecnologias, que favorecem a leitura com perspectiva inclusiva.

Ao refletir sobre a importância da literatura para o ensino global (SALDANHA; AMARILHA, 2018), destacamos a utilização de livros em multiformatos com abordagem DUA e suas tecnologias que auxiliam na abordagem transdisciplinar da educação inclusiva, sobretudo ao compreender que tais obras, constitui-se enquanto “artefatos culturais, visto que



são desenvolvidos e adaptados considerando as especificidades do público que será contemplado” (CASTELINI, QUARESMA DA SILVA; HEIDRICH, 2018, p.51).

Os livros em multiformatos, conforme Sousa (2019), Castelini, Sousa e Quaresma da Silva (2020), Sousa e Castelini (2021) são livros impressos que reúnem em único exemplar uma combinação de múltiplos formatos, técnicas de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) e recursos multissensoriais que são desenvolvidos, ancorados em princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). Desses múltiplos formatos e estratégias acessíveis, abordaremos alguns recursos digitais e tecnologias adaptativas baseadas no DUA (CAST, 2014; MEYER; ROSE; GORDON, 2014), que pode-se destacar: uso do texto com fonte ampliada, uso do braille nas versões português e inglês, elementos táteis com imagens em relevo e legenda em braille, utilização de estratégias de CAA como escrita fácil, tornando o texto mais simples e compreensível, utilização de símbolos do sistema de pictogramas para comunicação - SPC, uso de um QRcode que remete ao contexto digital, com versões digitais do livro em multiformatos e permite interações por meio de recursos tecnológicos e acessíveis ao conteúdo, versões em audiolivro, videolivro, com utilização de Língua Gestual Portuguesa – LGP, entre outros (SOUSA; CASTELINI, 2021).

Com propósito de facilitar o acesso à leitura, os livros em multiformatos analisados foram disponibilizados em versões impressas e digitais, que estão disponíveis em sites institucionais para consulta. Ao preconizar o formato digital, ampliam-se as formas de disseminação do conceito, favorecendo a exploração de diferentes recursos, tornando as obras mais inclusivas, acessíveis à diferentes públicos, atingindo assim um número máximo de leitores. Por meio da pesquisa bibliográfica, foi possível constatar que os livros em multiformatos apresentam um conjunto de estratégias baseadas nos três princípios do DUA (MEYER; ROSE; GORDON, 2014, HEREDERO, 2020), que orientam os processos de projetar um produto, método ou recurso possibilitando opções de percepção que forneçam: múltiplos meios de ação e expressão; meios de representação e meios de engajamento, tornando os contextos de aprendizagem mais flexíveis e eliminando barreiras que dificultam o acesso.

Desse modo, os livros em multiformatos favorecem a acessibilidade e a comunicação, ao possibilitar a melhoria da percepção por meio dos recursos digitais e tecnológicos presentes nos livros como: imagens com relevo, braille, letra aumentada para pessoas com baixa visão, pictogramas para indivíduos que ainda não dominam os códigos da escrita ou que apresentam alguma incapacidade intelectual ou outra característica que os impeçam de compreender o texto



escrito contemplando diferentes públicos, disponibilização a partir de um Q R code, como uma função tecnológica inovadora que permite aos usuários escanear o código e ser direcionados ao conteúdo digital – vídeo, áudio ou atividades lúdico-pedagógicas, propiciando a interação mais efetiva e que compreende diferentes públicos e ilimitados acessos, permitindo uma utilização versátil de recursos digitais (CASTELINI; SOUSA; QUARESMA DA SILVA, 2020).

Considerando que para educar os alunos faz-se necessário recorrer a diferentes formas de abordar o conteúdo a ensinar e as informações (NUNES; MADUREIRA, 2015), o DUA contempla a perspectiva da diversidade, uma vez que para CAST (2013) “os alunos diferem no modo como percebem e compreendem a informação que lhes é apresentada”, assim como é diferente os alunos que apresentam deficiências sensoriais, dificuldades de aprendizagem, acuidade visual, surdez, mobilidade reduzida e até mesmo os casos de diferenças culturais ou linguísticas (CAST, 2013, p.5).

A partir das investigações realizadas pelas autoras Castelini, Sousa, Quaresma da Silva (2020), constatou-se que o desenvolvimento e produção de livros em multiformatos projetados à partir do DUA, despontam no cenário educativo como projetos inovadores e tecnológicos, visto que são baseados no contexto social e cultural, fundamentadas pelo estudo da realidade local que, são transformados em livros multiformatos específicos à estrutura estudada tornando-se compatível às necessidades inclusivas de diferentes públicos com recursos digitais e tecnológicos, enquanto estruturadores e facilitadores da comunicação acessível.

Por isso, discutir a potencialidade dos livros em multiformatos e suas tecnologias apoiadas nas premissas do DUA (SOUSA; CASTELINI, 2021), aliados a diferentes estratégias e tecnologias digitais, impulsionam a desmistificação de temas, apontando possibilidades de discussões interdisciplinares que tornam-se imprescindíveis na formação (GATTI, 2011) dos futuros profissionais (BRASIL, 2015), visto que a acessibilidade a tais materiais, são (re)significadas como um instrumento para o desenvolvimento da linguagem e da comunicação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo oportunizou a socialização de fragmentos de práticas investigativas oriundas do processo de doutoramento e estudos dos autores, possibilitando discutir o papel dos livros em multiformatos e suas tecnologias com abordagem DUA destacando à importância da utilização de recursos digitais e tecnológicos, possibilitando ampliar e permitir o acesso à



comunicação e a informação, respeitando enquanto um direito de todos. Dos aspectos discutidos, apontam a relevância de fomentar temas que referem-se ao direito à comunicação e a utilização de recursos digitais e estratégias acessíveis, enquanto suporte de conhecimento e educação crítica da sociedade, ao considerar uma diversidade de saberes sob diferentes perspectivas, tornando possível ampliar as discussões nos espaços científicos e interdisciplinares. Ao discutir o desenvolvimento e a produção de recursos e tecnologias dos livros em multiformatos apoiados nas premissas do DUA, pressupõe refletir maneiras de fomentar o acesso à informação e comunicação acessível por meio da literatura, oportunizando abordagens de caráter inclusivo, tecnológico e interdisciplinar, que favorecem o acesso ao conhecimento ao produzir novas aprendizagens.

Ao evidenciar o papel das práticas de leitura no contexto da informação e comunicação acessível e ao incentivar o desenvolvimento e a produção de livros que contemplam a utilização de opções de recursos digitais e tecnológicos, enquanto ferramenta universal e que contemplam diferentes especificidades. Produzir livros mais acessíveis, de caráter inclusivo, que alcancem um público que outrora não eram contemplados, significa valorizar tais práticas sociais e culturais por meio da mediação da leitura, pois tornam possíveis que diferentes públicos tenham acesso à comunicação de maneira mais acessível e de forma eficaz, constituindo-se nas palavras de Freire (1987) de um ato libertador e emancipatório. E tão necessário na atualidade.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. Etnografia da prática escolar. Campinas: Papirus, 1995.

ANDRÉ, M. E. D. A. Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional. 3. ed. Brasília, DF: Liber Livro, 2008.

BRASIL. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, Casa Civil, 2015.

CAST, UDL. Book Builder. Massachusetts Department of Elementary & Secondary Education, NEC Foundation of America. The John W. Alden Trust, and the Pinkerton Foundation, 2013. Disponível em: <<http://bookbuilder.cast.org/>>

CAST. Design for Learning guidelines. Massachusetts Department of Elementary & Secondary Education, NEC Foundation of America. The John W. Alden Trust, and the Pinkerton Foundation, 2014.

CASTELINI, A. L. O.; QUARESMA DA SILVA, D. R.; HEIDRICH, R.O. Discutindo Gênero e Diversidade Étnico-Racial: a inclusão a partir do design inclusivo nos livros





multissensoriais. Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito Centro de Ciências Jurídicas - Universidade Federal da Paraíba V. 7 - Nº 03 - Ano 2018 – Educação, Gênero & Direitos Humanos ISSN | 2179-7137  
<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ged/index>

CASTELINI, A. L. O; SOUSA, C.; QUARESMA DA SILVA, D. R. Tecendo Saberes na Formação Docente: Ações desenvolvidas no Centro de Recursos para Inclusão Digital para a promoção da Comunicação mais Acessível à Todos. In: Libre d'actes de la I Conferència Internacional de Recerca en Educació. Educació: Anais. reptes, tendències i compromissos. Orgs. LINDÍN, C., ESTEBAN, M. B., BERGMANN, J. C. F., CASTELLS, N., & RIVERA-VARGAS, P. (ED.) (Universitat de Barcelona). Albacete: LiberLibro. ISBN: 978-84-17934-76-7 – Barcelona – Espanha: 2020, v.01, p.749-760

CASTELINI, Alessandra Lopes de Oliveira.; SOUSA, Célia Maria Adão de Oliveira Aguiar.; QUARESMA DA SILVA, Denise Regina. Práticas de leitura mais acessíveis e suas implicações para a inclusão e diversidade: Estabelecendo diálogos. Revista Atlante: Cuadernos de Educación y Desarrollo (diciembre 2019). ISSN: 1989-4155

CHUN, R. Y. S. Comunicação suplementar e/ou alternativa: abrangência e peculiaridades dos termos e conceitos em uso no Brasil. Pró-Fono Ver. de Atualização Científica, Barueri, 2009, v. 21, n. 1, p. 69-74.

DELIBERATO, D.; MANZINI, E. J. Fundamentos introdutórios em comunicação suplementar e/ou alternativa. In: GENARO, K. F.; LAMÔNICA, D. A. C.; BEVILACQUA, M.C. O processo de comunicação: contribuição para a formação de professores na inclusão de indivíduos com necessidades educacionais especiais. São José do Campos: Pulso, 2006.

FERREIRA, M., PONTE, M.; AZEVEDO, L. Inovação curricular: implementação de meios alternativos de comunicação em crianças com deficiência neuromotora grave. 1ª edição. Lisboa. Secretariado nacional para a reabilitação e integração das pessoas com deficiência, 1999.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 17ª Ed. Editora Paz e Terra, 1987. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/073194871003300103>

GARCÍA-RUIZ, R.; RAMÍREZ-GARCÍA, A.; RODRÍGUEZ-ROSSEL, M. Educación en alfabetización mediática para una nueva ciudadanía prosumidora. Comunicar: Revista Científica de Educomunicación, v. XXII, n. 43, p. 15-23, 2014.

GATTI, B. A. Políticas docentes no Brasil: um estado da arte / Bernardete Angelina Gatti, Elba Siqueira de Sá Barreto e Marli Eliza Dalmazo de Afonso André. – Brasília: UNESCO, 2011.

GONNET, J. Educação e mídias. São Paulo: Loyola, 2004.

HEREDERO, E. S. Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). Rev. Bras. Ed. Esp., Bauru, v.26, n.4, p.733-768, Out. Dez., 2020. <https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0155>





IBGE. Censo Demográfico 2010 – Características Gerais da População, religião e pessoas com deficiência. IBGE, 2012. Disponível em:  
[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf).

IBGE EDUCA. Conheça o Brasil – População pessoas com deficiência. 2010. Disponível em:  
<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html>.

KATZ, J. Implementing the three-block model of universal design for learning: Effects on teacher's self-efficacy, stress, and job satisfaction in inclusive classroom K-12. *International Journal of Inclusive Education*, 19(1), 2013. DOI: 10.1080/13603116.2014.881569

LIBERATO, A. C. T. Compreendendo a Educação para a Inclusão Digital: Uma análise dos sentidos atribuídos pelos monitores das escolas de inclusão digital e cidadania da EMATER – RN. (Dissertação de Mestrado, Programa de Mestrado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, 2009.

MANZINI, M. G.; DELIBERATO, D. Percepção das famílias a respeito do perfil comunicativo de crianças e jovens usuários de comunicação suplementar e alternativa. In: CONGRESSO BRASILEIRO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 6., 2011, Londrina. Anais... Londrina: UEL, 2011. p. 2980 - 2992.

MARTINS, H.H.T.S. Metodologia Qualitativa de pesquisa. *Educação e pesquisa*. São Paulo, v.30, n.2 p: 289-300, maio/ago. 2004. <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>

MEYER, A.; ROSE, D.; GORDON, D. *Desenho universal para a aprendizagem: Teoria e Prática*. Wakefield, MA: ELENCO Professional Publishing, 2014.

NUNES, C.; MADUREIRA, I. Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas. *Revista Da Investigação às Práticas*, 5 (2), pp.126-143, 2015.  
<https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/52111/1/84-172-1-SM.pdf>

ONU. Organização das Nações Unidas. 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS, 2015. <https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/>

SALDANHA, D. M. M. L.; AMARILHA, M. O ensino de literatura no curso de Pedagogia: uma presença necessária. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 72, p. 151-167, nov./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/issue/view/2438/showToc>.

STAKE, R. E. *Multiple case study analysis*. The Guilford Press, New York, 2006.

SOUSA, Célia M. A. O. A. O conhecimento que os professores manifestam sobre a metacognição da comunicação não-verbal na escola inclusiva: respostas aos alunos com NEE. Tese Doutoral. Facultad de Educación. Departamento de Ciencias de la Educación. Universidad de Extremadura. Espanha. 2012.

SOUSA, Célia M. A. O. A. Leiria leva ao Brasil bons exemplos de inclusão e acessibilidade cultural. In: Região de Leiria, Portugal,





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

Set/2019a.<https://www.regiaodeleiria.pt/2019/09/leiria-leva-ao-brasil-bons-exemplos-de-inclusao-e-acessibilidade-cultural/>

SOUSA, Célia M. A. O. A.; CASTELINI, A. L. O. Projeto Leitura para Todos: Livros em Multiformatos segundo princípios do Desenho Universal para Aprendizagem. In: Caminhos possíveis para incluir: educação, cultura, esporte e lazer. 1ª ed. Curitiba; Brazil Publishing, 2021, p.12-36.

UNESCO. Marco de avaliação global da alfabetização midiática e informacional (AMI): disposição e competências do país. Brasília: UNESCO, Cetic.br, 2016. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002463/246398POR.pdf>>

UNESCO. Resumo do Relatório de Monitoramento Global da Educação 2020: Inclusão e educação para todos. Paris, UNESCO.3RELATÓRIO DE MONITORAMENTO GLOBAL DA EDUCAÇÃO 2020RESUMOED-2020 / WS / 18. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373721\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373721_por)>Acesso em junho/2020.

VON TETZCHNER, Stephen.; MARTINSEN, Harold. Introdução à Comunicação aumentativa e alternativa. Portugal: Porto Editora, 2000.





## ESCAPE BOOK: A GAMIFICAÇÃO COMO RECURSO METODOLÓGICO NA FORMAÇÃO DOCENTE

ESCAPE BOOK: GAMIFICATION AS A METHODOLOGICAL RESOURCE IN  
TEACHING TRAINING

Cristiane Gomes; Lúcia Regina Lucas da Rosa

Universidade La Salle

**Resumo:** As renovações metodológicas, tão necessárias à educação, têm trazido à tona a necessidade de formações docentes mais focadas no papel do professor enquanto mediador nos processos de ensino e de aprendizagem. Além das universidades, cabe também às redes de ensino proporcionarem aos seus docentes momentos formativos teóricos e práticos que os auxiliem a desenvolver suas propostas de trabalho a partir da linha pedagógica adotada pela rede na qual está inserido. Diante dessa perspectiva, o presente estudo apresenta a metodologia do Escape Book, que, baseado na lógica do *escape room*, como jogo de fuga, consiste na abordagem do universo linguístico-literário, inerente à prática docente, a partir de recursos próprios da gamificação. Essa metodologia visa trazer subsídios práticos e teóricos que possibilitem integração e engajamento entre os participantes desse processo, para o avanço dos estudos de metodologias que proporcionem aprendizagens cada vez mais significativas aos estudantes, a partir da qualificação de recursos metodológicos de seus professores. A base teórica para este estudo será Bacich e Moran (2018) e Moran (2019), no que diz respeito às metodologias de ensino, Freire (2004), (2020) no que concerne à Educação, Schlemmer (2014) e Carolei e Tori (2014) e Carolei e Bruno (2018) referentes à Gamificação.

**Palavras-chave:** Ensino. Literatura. Formação Docente. Gamificação.

**Abstract:** The methodological renewals, so necessary for education, have brought to light the need for teacher training more focused on the role of the teacher as a mediator in the teaching and learning processes. In addition to the universities, it is also up to the education networks to provide their teachers with theoretical and practical training moments that help them develop their work proposals based on the pedagogical line adopted by the network to which they belong. Given this perspective, the present study presents the escape book methodology, which, based on the escape room logic, as an escape game, consists of the approach of the linguistic-literary universe, inherent to the teaching practice, based on gamification's own resources. This methodology aims to bring practical and theoretical subsidies that enable integration and engagement among the participants in this process, for the advancement of studies of methodologies that provide increasingly meaningful learning to students, based on the qualification of methodological resources of their teachers. The theoretical basis for this study will be Bacich and Moran (2018) and Moran (2019), with regard to teaching methodologies, Freire (2004), (2020) with regard to Education, Shlemmer (2014) and Carolei and Tori (2014) and Carolei and Bruno (2018) regarding Gamification.

**Palavras-chave:** Teaching. Literature. Teacher Education. Gamification.

## A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O APERFEIÇOAMENTO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Os desafios enfrentados nas salas de aula, tanto nas presenciais quanto nas virtuais, cada vez mais comuns diante do cenário pandêmico que se descortinou diante dos olhos da sociedade





atual devido à COVID-19, exigiram do professor a busca por aperfeiçoamento contínuo de estudos e práticas que promovam, não só a reflexão acerca das diversas possibilidades que permeiam a educação, mas também de metodologias que contemplem esse público inserido em um novo contexto. Certamente, nenhuma graduação em licenciatura preparou seus acadêmicos para compreender e lidar com o cenário de distanciamento social vivenciado desde 2020 diante dos perigos do Novo Coronavírus. Entretanto, os docentes tiveram que buscar subsídios práticos para alcançar seus alunos, de forma remota e virtual.

Em um cenário não-pandêmico, o docente, inserido em uma rede de ensino, precisa continuar se atualizando e aprofundando seus conhecimentos acerca da sua área específica de atuação, bem como ao advento de novas tecnologias, legislações e estudos que possam auxiliá-lo no seu fazer pedagógico. Porém, diante dos desafios atuais de contextos cada vez mais virtuais de aprendizagem, a formação continuada de professores faz-se extremamente necessária. Compreende-se essa formação como um processo contínuo de construção de conhecimentos que promove o engajamento desses profissionais, de forma que se (re)descubram como protagonistas no processo formativo, compartilhando saberes e oportunizando, conseqüentemente, aprendizagens significativas a seus alunos.

Partindo da premissa de Freire (2004, p. 39) de que “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”, percebe-se o quanto se faz necessário oportunizar momentos formativos de forma frequente e continuada aos docentes. Esses momentos exigem abordagens que se subsidiem da teoria para o enriquecimento de práticas que contribuam para o desenvolvimento de propostas metodológicas diversificadas e carregadas de sentido, tanto para os docentes, quanto para os discentes.

## **A GAMIFICAÇÃO COMO RECURSO METODOLÓGICO**

O mundo dos jogos tem descortinado um universo de possibilidades e abordagens de ensino. Segundo Schlemmer (2014, p. 74), a gamificação pode ser compreendida como a utilização de “elementos presentes na mecânica dos games e forma de pensar dos games em contextos não game, como forma de resolver problemas e engajar os sujeitos.” Diante dessa perspectiva, percebe-se que a gamificação constitui-se como um importante recurso metodológico que pode contribuir com os processos de ensino e de aprendizagem, na medida





em que ressignifica o papel do professor frente aos novos desafios da docência, que não o admite mais como um mero transmissor de informações, exigindo dele articulações pedagógicas que promovam o desenvolvimento de habilidades e competências capazes de proporcionar aos estudantes a construção de conhecimentos. Para que haja protagonismo do docente, oportunizando a (re)descoberta de si como profissional sempre novo diante de um estudante também novo, a contribuição da gamificação como estratégia metodológica faz-se importante, afinal, de acordo com Eliane Schlemmer:

O docente configura, juntamente com os discentes, esses espaços de convivência em que o outro é reconhecido como legítimo na interação e, portanto, alguém com quem também se aprende. Um espaço de convivência se configura no contexto educacional a partir de um espaço que é próprio do docente na interação com espaços próprios dos estudantes, os quais precisam ser transladados, num processo de permeabilidade constante, em que, em diferentes momentos, ambos são coaprendentes e coensinantes. (SCHLEMMER, 2014, p. 87)

É preciso que o professor se permita ser um “coaprendente”, ao mesmo tempo em que se torna um “coensinante”. Na mesma medida, é preciso também que as redes de ensino oportunizem o aprimoramento constante de seus professores, a fim de buscar não somente a elevação de índices, mas principalmente o desenvolvimento pleno de seus estudantes.

## O ESCAPE ROOM COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Segundo Paula Carolei e Gabriel Bruno (2018, p. 2), “*escape room* é um tipo de jogo físico com interfaces digitais que propiciam desafios dedutivos e abduativos e a maior missão é escapar ou fugir de algum local ou situação.” Diante da busca por aperfeiçoar os processos formativos de professores, tornando-os experiências imersivas, repletas de significados, foi desenvolvida uma metodologia gamificada que se utiliza dos princípios do *escape room*, como jogo de fuga, aprimorando seus mecanismos e dinâmicas.

A metodologia do *escape room* proporciona que os participantes trabalhem em equipe para superar os desafios, além de proporcionar uma experiência imersiva, uma vez que se ancora em uma narrativa-base, exigindo um cenário condizente com a narrativa escolhida, que auxilia no envolvimento dos participantes, ativando ainda a motivação necessária para o cumprimento das atividades propostas. Dentro dessa proposta, há enigmas e desafios, e a cada etapa cumprida, outra pista se descortina aos participantes, e assim segue até o final da aventura, que consiste na descoberta ou no desbloqueio da saída. Pistas curtas desbloqueadas, que, por



sua vez, levam ao próximo enigma, causam a sensação de progressão, que contribui para o engajamento dos participantes, pois conseguem visualizar o seu crescimento dentro da experiência.

## O ESCAPE BOOK COMO RECURSO METODOLÓGICO

Partindo do *escape room* como recurso metodológico, foi desenvolvido pela autora deste estudo, o *Escape Book*, que consiste na abordagem do universo linguístico-literário, inerente à prática docente, a partir de recursos próprios da gamificação. Essa metodologia visa trazer subsídios práticos e teóricos que possibilitem integração e engajamento entre os participantes desse processo para o avanço dos estudos de metodologias. Assim, proporciona aprendizagens cada vez mais significativas aos estudantes, a partir da qualificação de recursos metodológicos de seus professores. A diferença entre as duas estratégias metodológicas reside no fato de o *escape book* abordar especificamente uma determinada obra literária como base, explorando aspectos como cenário, personagens, contexto sócio-histórico, objetos, linguagem e autor, inerentes à narrativa abordada.

Segundo Bacich e Moran (2018, p. 21), “as narrativas são elementos poderosos de motivação e produção de conhecimento. É importante utilizar narrativas, histórias, simulações, inversões e contos de fantasia sempre que possível, com ou sem recursos tecnológicos.” Considerando essa premissa, bem como o atual contexto de ensino remoto, que tem trazido consigo a possibilidade concreta do ensino híbrido, torna-se elementar que as redes de ensino oportunizem vivências metodológicas aos docentes capazes de desenvolver habilidades de mediação e articulação de conteúdos e experiências com os estudantes.

É nessa perspectiva que se insere a metodologia do *escape book*, uma vez que oportuniza aos participantes o desenvolvimento de tais habilidades a partir de diferentes mídias e estratégias, tais como a necessidade do trabalho coletivo a partir de uma plataforma gamificada, em que é possível abordar a obra literária, não só do ponto de vista teórico, mas principalmente vivencial. Trata-se, portanto, de um ambiente virtual que proporciona uma imersão dos participantes através de diversas possibilidades de interconexões e abordagens pedagógicas.

Através da plataforma virtual *Thinglink*, que comporta uma biblioteca de imagens em 360°, é possível construir pistas e elaborar enigmas de forma interativa, hipermidiática e multitextual, capaz de engajar os participantes na resolução de problemas. É um aprender a

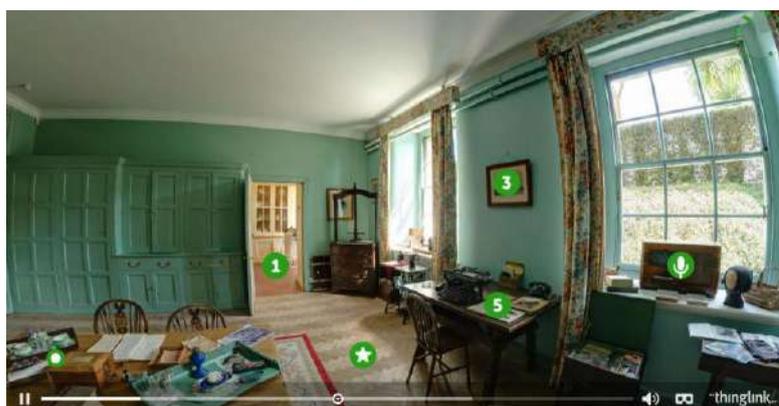


construir conhecimentos de forma divertida e interativa, em que o participante é o personagem principal dessa obra, uma vez que precisa tomar iniciativas e decisões que podem levar a pistas falsas que podem retardar o cumprimento das tarefas, enquanto outras podem enriquecer a sua experiência. É possível jogar de forma individual, entretanto, a perspectiva da construção coletiva e do trabalho colaborativo é muito mais enriquecedora, uma vez que é necessário confiar no outro, na mesma proporção em que é preciso se fazer ouvir, afinal, segundo Freire (2020, p. 281), “a formação permanente só tem sentido, só é inteligível, quando envolve uma relação dialética contraditória, entre prática e teoria.”

Nessa plataforma podem ser configurados detalhes, como ícones, cores, áudio e rotação da tela, além de ancorar hiperlinks que levam a outras páginas, telas, imagens, vídeos, e até a outros jogos, como é o caso do escape desenvolvido.

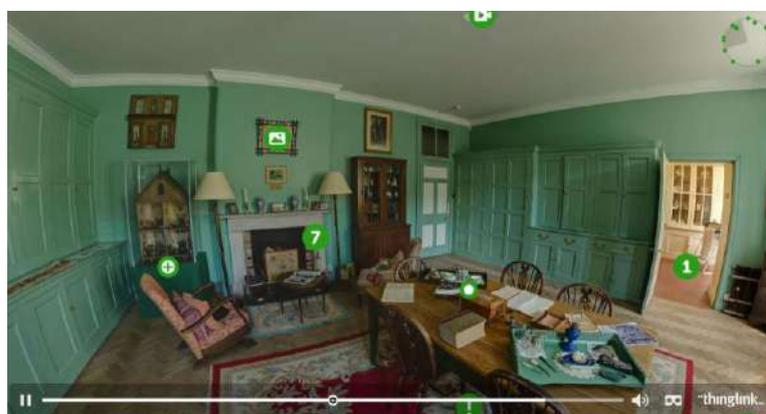
Abaixo são apresentadas imagens ilustrativas do ambiente do escape book.

**Figura 1**



Fonte: Desenvolvido pela autora

**Figura 2**



Fonte: Desenvolvido pela autora



Este exemplo de escape, desenvolvido pela autora, se chama “Escape Book: Enigmas na Casa Verde”, pois aborda a obra *O Alienista*, de Machado de Assis. No cenário, que é uma imagem em 360° disponível de forma gratuita na plataforma Thinglink, é possível visualizar, através das figuras 1 e 2, diversos ícones. Cada um deles leva a uma pista, que às vezes é falsa, mas somente no sentido de constatar se o participante conhece realmente o texto literário em estudo, visto todas as pistas estarem integradas de alguma forma com a obra clássica da literatura brasileira e universal.

Uma vez o cenário pronto, com todas os elementos que darão verossimilhança e promoverão o engajamento e a imersão dos participantes, é possível inseri-lo na plataforma virtual chamada SAE - Sistema Aberto de Escapes, desenvolvida recentemente pelos pesquisadores Paula Carolei e Gabriel da Silva Bruno, com o objetivo de tornar a experiência do escape ainda mais emocionante e significativa. Nesse ambiente, pode-se inserir senhas, dicas, outras mensagens, além de música de fundo e o cronômetro, que é um elemento importante nessa metodologia, assim como também o é na sala de aula, regida por períodos cronometrados especificamente para cada disciplina.

A figura 3, explicitada logo abaixo, exemplifica o cenário inicial que os participantes encontram ao acessarem o link. Antes disso, porém, é necessário colocar um nome, que pode até ser de um personagem, ou apelido, ou o nome do grupo, em caso de jogar no coletivo.

**Figura 3**



**Fonte: Desenvolvido pela autora**

Após o início da aventura, então, o cronômetro é acionado, sendo preciso desvendar os enigmas e encontrar as senhas que desbloqueiam a fase seguinte. A plataforma admite até 10 senhas, sendo possível inserir dicas que auxiliem os participantes. As dicas, porém, só são acionadas em caso de erro da senha, a fim de tornar a experiência ainda mais significativa, uma vez que o participante terá que imergir na experiência para buscar as soluções que procura.



Cada ícone, visualizado nas figuras 1 e 2, leva a uma possibilidade diferente de abordar a obra de Machado de Assis, levando a desafios diferentes, como quebra-cabeças, palavras-cruzadas, cartas enigmáticas, vídeos, imagens dos personagens da obra *O Alienista*, áudios, entre outros, tudo de forma multimidiática e envolvente, que convida o participante a mergulhar num universo literário contemporâneo a partir de uma obra literária clássica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando que, assim como a escola, que deixou de existir somente no plano físico, passando a desenvolver-se enquanto instituição de ensino também no ciberespaço, as formações continuadas igualmente tiveram que se adaptar e encontrar recursos metodológicos que fujam da obriedade das *lives* monológicas. O processo formativo deve ser, com a disponibilidade de recursos tecnológicos, e também dos analógicos, um convite aos docentes para construir conhecimentos, pesquisas e mesmo desenvolvendo materiais pedagógicos de forma coletiva, capazes de enriquecer o ser e fazer-se professor diante dos desafios atuais impostos não só pela pandemia, mas também por uma sociedade que não aceita mais receber meras informações, mas exige participação ativa no processo do próprio aprendizado. Nessa lógica, Moran (2019, p. 9), afirma que “a aprendizagem é um processo muito mais amplo do que a escola: acontece em todos os espaços e dimensões do cotidiano, se estende e se amplia ao longo do tempo da nossa vida.”

Diante do fato de que a tecnologia não é mais uma opção nos processos de ensino e de aprendizagem, mas uma realidade importante a ser considerada, faz-se necessário que os processos formativos de professores se atualizem, a tal ponto de termos em nossas escolas, sejam elas físicas, híbridas ou virtuais, docentes preparados para serem mediadores desses processos, inclusive do seu próprio processo de aprender constantemente. Dessa forma, o escape book apresenta-se como um recurso metodológico importante de formação continuada, podendo também ser replicado, reconstruído e adaptado a qualquer temática, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias aos docentes, em seu fazer pedagógico, mas também aos estudantes, na construção de conhecimentos de forma transdisciplinar.

Afinal, segundo Carolei e Tori, (2014, p. 22), “se queremos uma ação pedagógica que trabalhe competências mais autorais que envolvam criatividade e autonomia, temos que



oferecer experiências que provoquem uma expansão da sua consciência e não que adquiram comportamentos esperados.” O Escape Book vem justamente ao encontro desse novo fazer pedagógico, coletivo, colaborativo, engajador e capaz de valorizar todos que participam dos reais processos de ensino e de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian e MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Penso: Porto Alegre, 2018. 238 p.

CAROLEI, Paula e TORI, Romero. Gamificação aumentada: Explorando a realidade aumentada em atividades lúdicas de aprendizagem. **TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. jan/jul 2014. Online. Disponível em: <  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/view/52683/34635>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

CAROLEI, Paula e BRUNO, Gabriel da Silva. Escape Catavento: Narrativas e desafios para recuperar a memória do Palácio das Indústrias. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INOVAÇÃO EM MÍDIAS INTERATIVAS, 2018, Goiânia. **Anais do V Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas**. Goiânia: UFG, 2018. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/777/o/1\\_-\\_Paula\\_Carolei.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/777/o/1_-_Paula_Carolei.pdf). Acesso em: 18 abr. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Paz e Terra: Rio de Janeiro/São Paulo, 2020. 400 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra: São Paulo, 2004. 152 p.

MORAN, José Manuel. **Metodologias Ativas de Bolso**. Editora do Brasil: São Paulo, 2019. 96 p.

SCHLEMMER, Eliane. **Gamificação em espaços de convivência híbridos e multimodais: Design e cognição em discussão**. Revista da FEEVALE – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 23, n. 42, p. 73-89, jul/dez 2014.



## TINHA UMA PANDEMIA NO MEIO DO CAMINHO: UMA EXPERIÊNCIA DE ENTREVISTA QUALITATIVA EM MEMÓRIA SOCIAL<sup>1</sup>

THERE WAS A PANDEMIC IN THE WAY: A QUALITATIVE INTERVIEW  
EXPERIENCE IN SOCIAL MEMORY

Ana Lérica Pacheco Gutierrez; Maria de Lourdes Borges

Universidade La Salle

**Resumo:** A pandemia trouxe múltiplos desafios individuais e coletivos, entre os quais a continuidade de projetos de pesquisa. Este estudo apresenta uma experiência empírica a partir da realização de cinco entrevistas qualitativas online realizadas entre março e abril de 2021 com o objetivo de socializá-la. As entrevistas estão inseridas em um estudo de caso em andamento no doutorado em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. Trata-se de uma investigação sobre memória institucional, tendo como objetivo principal analisar as relações entre a memória de uma instituição e as identidades de seus atores. Como resultado, espera-se que o compartilhamento dessa experiência empírica possa ampliar as discussões sobre aplicações de entrevistas qualitativas online.

**Palavras-chave:** Memória Social. Memória Institucional. Métodos Qualitativos. Entrevista.

**Abstract:** The pandemic brought multiple individual and collective challenges, including the continuation of research projects. An empirical experience is presented based on the realization of four online qualitative interviews carried out between March and April 2021. The interviews are part of an ongoing case study at the doctorate in Social Memory and Cultural Property at La Salle University. This is an investigation of institutional memory, with the main objective of analyzing the relationships between the memory of an institution and the identities of its actors. As a result, it is hoped that sharing this empirical experience can broaden the discussions on applications of qualitative online interviews.

**Keyword:** Social Memory. Institutional Memory. Qualitative Methods. Interview.

### 1 INTRODUÇÃO

Se em condições normais o processo de desenvolvimento de uma pesquisa provoca naturalmente uma série de dúvidas e incertezas, um evento singular como o da pandemia de Covid-19 provoca ainda mais questionamentos sobre os próprios objetos de pesquisa teóricos e metodológicos, dado que esse evento alterou de modo profundo a forma como nos relacionamos e as práticas tradicionais da pesquisa social. A mediação comunicativa através de equipamentos tornou-se a regra imposta pelas circunstâncias.

Em 2020 havia a previsão de retorno a campo para a realização de uma pesquisa documental que integrava estudo de doutorado sobre as relações entre a memória de uma

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Incentivo Educacional da UFRGS.



instituição e as identidades de seus atores, em um estudo de doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. O agravamento da crise sanitária, as constantes medidas de distanciamento social e o surgimento de variantes do vírus foram adiando a saída presencial a campo, mas era preciso dar continuidade ao trabalho empírico e, como alternativa, voltou-se a campo, sem sair de casa.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa social se apoia em dados do mundo social que resultam e são construídos em processos comunicativos (BAUER; GASKELL, 2008). A internet tornou-se um instrumento para realização de pesquisas sociais e coleta de dados, em que os métodos tradicionais podem ser transferidos ou adaptados à pesquisa online (FLICK, 2013).

A entrevista é “uma ferramenta poderosa para evocar dados ricos sobre visões, atitudes e sentidos que embasam as vidas e os comportamentos das pessoas” (GRAY, 2012). No caso de entrevistas online, podem ser realizadas de modo assíncrono, no qual as perguntas são enviadas por e-mail aos participantes, que respondem sem a necessidade de uma conexão simultânea; e de modo síncrono, que mais se aproxima do modo presencial, com a reunião de pesquisador e participante em sala online em tempo real. Mas para que esse encontro síncrono possa ocorrer é necessário que pesquisador e participante tenham recursos técnicos equivalentes à disposição. Como vantagens, pode-se citar a economia de tempo e de custos e o alcance de participantes a longa distância (FLICK, 2013).

Alguns fatores devem ser avaliados em relação à pesquisa online: se o propósito da entrevista motiva a participação e o envolvimento no estudo; se foram previstas interações na pesquisa delineada e se os métodos são síncronos ou assíncronos; quais as possibilidades e limitações dos serviços de comunicação via web, que podem influenciar na qualidade das interações e experiência em relação à tecnologia; nível de conhecimento dos tópicos abordados; se as interações foram planejadas, se já houve contato prévio entre pesquisador e participantes; como o pesquisador trata e segmenta a estrutura do grupo; e se no contexto externo da pesquisa as comunidades ou grupos significativos estão envolvidos (FLICK, 2013).

Outro aspecto de fundamental importância é a observância das orientações da Comissão de Ética em Pesquisa (CONEP) em relação aos procedimentos que envolvam o contato com participantes e/ou coleta de dados em qualquer etapa da pesquisa, em ambiente virtual,



conforme Comunicado CONEP 0019229966 em Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, de 24 de fevereiro de 2021. Medidas que visam à proteção, segurança e os direitos dos participantes, seguidas nesta pesquisa.

Apresenta-se a seguir uma experiência empírica de realização de cinco entrevistas qualitativas online realizadas entre março e abril de 2021.

### 3. PROCEDIMENTOS

A realização de entrevistas qualitativas requer um planejamento para tentar reduzir as possibilidades de que ocorram imprevistos, embora não se elimine a possibilidade de ocorrência de eventos inesperados. Nesse sentido sugere-se a criação de um protocolo mínimo, como um *check list*, de procedimentos a serem realizados antes, durante e depois da realização de cada entrevista.

#### 3.1 ANTES DA ENTREVISTA

Da mesma forma que em entrevistas presenciais, inicia-se pelo preparo do termo de consentimento livre e esclarecido e do roteiro de entrevista.

O termo de consentimento esclarece o participante sobre os objetivos da pesquisa, sobre a livre participação ou desistência, sobre benefícios e riscos eventuais, sobre a garantia de proteção a dados pessoais e/ou sensíveis. Pode-se também solicitar consentimento quanto à destinação da entrevista como documento arquivístico e a permissão para reuso da mesma em outras pesquisas (GUTIERREZ; BORGES; ISAIA, 2020). Quanto ao roteiro, elaborado com base nos objetivos do estudo, pode ser estruturado com questões fechadas, semiestruturado ou aberto. Neste caso foi elaborado um roteiro semiestruturado, discutido e avaliado por pesquisadora mais experiente, como recomenda Manzini (2012) antes da aplicação, permitindo a exploração de temas emergentes durante a entrevista, sem perder o foco nos objetivos centrais.

No estudo deste caso específico foram planejadas entrevistas com quatro participantes que haviam colaborado com pesquisa exploratória realizada pela pesquisadora no mestrado, em 2016, sobre memória institucional e gestão documental, e que foram selecionados entre 18 daqueles participantes, a partir de critérios que buscaram manter equilíbrio de gênero e de grupos profissionais e a condição de permanência em atividade na instituição investigada.





Inicialmente foram encaminhados convites por e-mail, aos quais houve duas respostas afirmativas no dia seguinte e duas respostas na semana seguinte. Diante das manifestações de aceite em participar das entrevistas, propôs-se logo a seguir o agendamento de data e horário para o encontro online, conforme a disponibilidade do(a) convidado(a). Também foram encaminhados convites a dois outros participantes, mencionados ao longo das entrevistas realizadas, e que também aceitaram de imediato. A negociação de datas e horários é um ponto sensível ao qual o pesquisador deve indicar sua disponibilidade, mas sugerir que ela seja realizada nos dias seguintes, o que pode evitar esquecimentos ou desistências. Um dos quatro convidados iniciais adiou o agendamento prévio e não retornou a novo pedido de agendamento, o que pode demonstrar indisponibilidade ou desinteresse em participar de nova entrevista. Quanto ao meio de encontro, optou-se pelo *Google Meet*, pela facilidade de uso, maior familiaridade da pesquisadora com esse serviço de comunicação por vídeo, e pela integração com a agenda do *Google* que permite o envio de convite com o *link* automaticamente aos participantes.

Como as entrevistas foram agendadas para o período da tarde por preferência dos participantes, na manhã do mesmo dia foi enviado o termo de consentimento livre e esclarecido, explicando que ele seria discutido no início do encontro, servindo também como um lembrete para a entrevista agendada.

Previamente também foi feita a revisão do ambiente para minimizar ruídos externos, verificação de conexões e carga tanto do equipamento quanto do gravador utilizados. Embora o *Google Meet* possua um sistema de gravação de áudio e vídeo, o arquivo gerado é armazenado em nuvem por período de tempo determinado e o *upload* do arquivo para um dispositivo eletrônico requer muito espaço de armazenagem. Por esse motivo, optou-se por gravar as entrevistas em gravador portátil, que permitem uma armazenagem mais confiável e também para manter a coerência quanto às condições de aplicação das entrevistas em 2016 e 2021 para a finalidade comparativa. Para evitar incidentes, ainda é recomendável o uso de dois equipamentos de gravação. Manter um bloco de notas e caneta também é indicado, pois durante a escuta costumam surgir perguntas extras, pedidos de esclarecimentos e impressões a serem anotados.

Sugere-se o ingresso na sala virtual com antecedência ao horário agendado para recepcionar o convidado, e caso ocorra algum problema ou dificuldade em relação ao ingresso na sala, pode-se orientar o convidado sem comprometer o tempo destinado à entrevista.



## 3.2 DURANTE A ENTREVISTA

A entrevista é um momento importante para qualquer pesquisa e toda a atenção deve estar voltada a esse encontro. Nunca é demais manifestar a satisfação com o aceite ao convite pelo participante, proporcionando um clima de boas vindas, afinal espera-se que ele sinta-se à vontade e compreenda que esse evento é uma oportunidade de reflexão e trocas em que ambos, pesquisador(a) e entrevistado(a) podem se beneficiar, especialmente nesse momento em que permanecemos confinados e distanciados.

O passo seguinte consiste em ler e discutir o termo de consentimento livre e esclarecido, obtendo a confirmação oral do consentimento e solicitando que o mesmo seja assinado e reenviado por e-mail em momento oportuno após a entrevista. Este é o momento de explicar a possibilidade de armazenamento da entrevista como documento arquivístico para novos usos em outras pesquisas, já que uma pesquisa não esgota todas as possibilidades de análise do material obtido.

A seguir, introduz-se uma breve apresentação esclarecendo novamente os objetivos da entrevista e o uso de um roteiro semiestruturado. É nesse momento que se solicita a permissão para iniciar a gravação da entrevista e, com a confirmação pelo participante, liga-se o gravador. A partir daí, a escuta atenta e a escolha do momento certo para questionamentos podem gerar excelentes entrevistas. As perguntas iniciais, de cunho mais amplo, servem para amenizar a ansiedade que pode envolver esse primeiro contato e para proporcionar uma gradual imersão da racionalidade e objetividade pura em direção à subjetividade. Aos poucos o participante vai aprofundando suas respostas e reflexões e o pesquisador também tem a oportunidade de elaborar novos questionamentos. Quando se percebe o esgotamento das questões elaboradas para o roteiro ou sinais de cansaço por parte do participante, sugere-se que o pesquisador pergunte se o mesmo gostaria de complementar ou acrescentar algum comentário, sinalizando o fim da entrevista. Normalmente o entrevistado acrescenta comentários e novas reflexões relevantes. Concluída a entrevista, sinaliza-se também o fim da gravação.

## 3.3 DEPOIS DA ENTREVISTA

Costuma-se destinar alguns minutos para agradecimentos e para conversas informais, se o participante dispõe de tempo, e reforça-se a necessidade de retorno do termo de



consentimento livre e esclarecido sinalizado quanto à alternativas de consentimento e assinado. Entrevistas são cansativas e consomem um tempo considerável, pois a condução de um roteiro semiestruturado pode levar de uma a duas horas, mas é aconselhável que, após a realização da mesma, o pesquisador escreva suas impressões em um diário de campo, o que vai ser bastante útil durante a análise das entrevistas. O arquivo de áudio deve ser verificado, codificado e datado, providenciando-se uma cópia de segurança, sendo ambas arquivadas em pasta de áudios da pesquisa em dois dispositivos para evitar perdas.

A transcrição do arquivo de áudio também é um processo trabalhoso, embora extremamente produtivo, motivo pelo qual se recomenda que o próprio pesquisador a faça. Ao ouvir novamente a entrevista, costuma-se fazer uma pré-análise, evidenciar trechos de reflexão e realizar uma primeira compreensão sobre a entrevista com base nos objetivos definidos pela pesquisa. Para facilitar a transcrição há diversos softwares e serviços que auxiliam, mas não substituem o processo de ouvir e transcrever as falas. Para a transcrição das cinco entrevistas realizadas, foi utilizado o *oTranscribe.com*, serviço gratuito oferecido via web, que permite o upload do áudio e espaço para digitação de arquivo que pode ao final ser baixado em formato *Word*. A vantagem desse serviço é que as frequentes pausas necessárias para a melhor compreensão das falas possuem retrocesso automático de alguns segundos para nova audição, sem que se precise proceder manualmente. Finalizada a etapa de transcrição, inicia-se a análise dos dados, de acordo com a pesquisa delineada.

### 3.4 O QUE PODE DAR ERRADO DURANTE UMA ENTREVISTA?

Mesmo cercando-se de cuidados, o pesquisador também precisa preparar-se para decepções ou frustrações. Entrevistas são encontros únicos, mas tanto o pesquisador quanto o participante podem não estar no seu melhor dia, provocando desatenções ou desmotivações para respostas mais elaboradas aos questionamentos.

Questões ambientais também podem influenciar, como um buzinaço na rua ou uma obra que irrompe bem naquele momento em que se tem a expectativa de revelação de um ponto fundamental para a compreensão de acontecimentos ou reflexões pelo entrevistado.

Em tempos de pandemia, a estabilidade da conexão não é garantida e as expressões: “Travou!”, “Estás me ouvindo?”, “Não consegui te ouvir!”, “Pode repetir?” podem ser frequentes. Na maioria dos casos é possível contornar uma situação imprevista, solicitando-se



mais informações ou a repetição parcial da resposta ou do trecho inaudível pelo participante. Em outros casos, um novo agendamento para complementações pode ser proposto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou apresentar uma experiência empírica a partir da realização de cinco entrevistas qualitativas online realizadas entre março e abril de 2021 com o objetivo de socializá-la. A pandemia trouxe incertezas, mas também motivou a adaptação das atividades de pesquisa às contingências, com os meios de que dispomos.

Socializar essas experiências empíricas como a apresentada pode facilitar e motivar outros pesquisadores a voltarem a campo, mesmo que mediados por dispositivos eletrônicos, assim como colocar em discussão comparativa vantagens e limitações de entrevistas qualitativas online, frente às entrevistas presenciais.

## REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 516p.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013. 256 p.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012. 488 p.

GUTIERREZ, Ana L. Pacheco; BORGES, Maria de Lourdes; ISAIA, Artur César. Entrevistas qualitativas no campo da memória social: da concepção ao documento. **JORNADAS MERCOSUL**, 6., 2020, Canoas. **Anais ... Canoas: UNILASALLE**, 2020 (no prelo).

MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em Educação. **Revista Percurso**, Maringá, PR, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012.

WEIDUSCHADT, Patrícia; CASTRO, Renata Brião de. Sobre entrevistas, documentos e acervos: análise a partir de narrativas de banco de dados. **Revista Didática Sistêmica**, v.17 n.2, p.31-42, 2015.



## AS PERCEPÇÕES DA VIOLÊNCIA URBANA DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL DO PONTO DE VISTA DOS *FACEBOOKERS*

PERCEPTIONS OF URBAN VIOLENCE DURING SOCIAL ISOLATION FROM THE  
*FACEBOOKERS* VIEWPOINT

Andreine Lizandra dos Santos

Universidade Feevale

**Resumo:** o presente artigo pretende explorar as percepções dos *facebookers* a respeito da violência urbana, durante o período de isolamento social, imputado a população brasileira, tendo em vista a epidemia mundial causada pelo Covid-19, desde janeiro de 2020. Assim, através de um questionário, aplicado na rede social Facebook, de forma voluntária e respondida de acordo com a disponibilidade dos indivíduos, durante um período estipulado, possibilitou uma análise acerca da percepção da violência urbana. A partir dessa análise, buscou-se identificar a temática da violência urbana, utilizando as vozes do discurso, usando teóricos como: Bakhtin (1997), Hall (2001), entre outros. A análise mostrou a importância de estudos acerca do tema devido à ascensão da violência nos últimos anos.

**Palavras-chave:** Discurso. Facebook. Isolamento social. Representação. Violência Urbana.

**Abstract:** this article aims to explore the perceptions of *facebookers* regarding urban violence, during the period of social isolation, attributed to the Brazilian population, in view of the global epidemic caused by Covid-19, since January 2020. Thus, through a questionnaire, applied on the social network Facebook, voluntarily and answered according to the availability of individuals, during a stipulated period, allowed an analysis about the perception of urban violence. From this analysis, we sought to identify the theme of urban violence, using the voices of the discourse, using theorists such as: Bakhtin (1997), Hall (2001), among others. The analysis showed the importance of studies on the topic due to the rise of violence in recent years.

**Keyword:** Speech. Facebook. Social isolation. Representation. Urban violence.

### 1 INTRODUÇÃO

Na segunda quinzena do mês de janeiro de 2020 o mundo foi surpreendido por uma doença que atingiu a sociedade de todos os países, alterando a vida dos indivíduos como um todo. Nesse sentido, novas diretrizes começaram a ser pensadas como forma de sobrevivência, evitando-se com isso, as possibilidades de contaminação. Manifestou-se, inicialmente na China continental e posteriormente espalhou-se para outras províncias asiáticas. No Brasil, em março, tem-se o início da propagação da doença, chamada COVID-19<sup>1</sup>, causada pelo corona vírus, denominado SARS-CoV-2, com espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves.

<sup>1</sup> Ministério da Saúde. O que é COVID-19. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>>



Tem-se um cenário diferenciado, formado de narrativas em que os indivíduos vivem sob a forma de confinamento, o chamado isolamento social. Ressalta-se que muitos perderam seus empregos, tiveram redução de jornadas, e diminuição de salário, além disso, alguns trabalham em “*home office*”. No momento as mídias em geral estão sendo usadas como forma usual, ágil de informação e comunicação entre os indivíduos, pelo impedimento da comunicação pessoal. Dessa forma, destaca-se a rede social Facebook que além de trazer todo tipo de informação, permite a interação virtual entre as pessoas, e a publicação de opiniões acerca das postagens. Devido a tais restrições pensou-se na violência urbana como tema de pesquisa deste trabalho, com a possibilidade de analisar a percepção dos usuários do *Facebook* em relação a essa temática. O problema da pesquisa foi definido: Como a violência urbana pode ser percebida, utilizando o Facebook, como ferramenta? Para atender ao problema da pesquisa traçou-se o objetivo, que busca verificar como os entrevistados (usuários do Facebook), durante o período de isolamento social, notaram a violência urbana.

Para responder a questão norteadora e alcançar os objetivos apresenta-se o referencial teórico que compõe a pesquisa. E buscaram-se em diversos autores os conceitos sobre as vozes do discurso, além disso, traçou-se um mapa da violência urbana, utilizando para tanto, o Mapa da Violência (IPEA, 2019). A pesquisa se caracterizou por ser um estudo de caso, e optou-se por realizá-la disponibilizando no *Facebook*, com cinco perguntas para buscar a compreensão dos respondentes sobre a violência urbana no período de isolamento social.

O estudo subdividiu-se em 4 partes. Na introdução são apresentados: o tema, o problema da pesquisa e o objetivo. Na segunda parte, apresenta-se o referencial teórico. Na terceira parte a metodologia da pesquisa. Na quarta parte a análise e discussão dos dados, e por fim, considerações finais.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Inicia-se com uma breve explanação teórica para aporte da pesquisa, bem como, uma visão geral da violência urbana.

### 2.1 LINGUAGENS NAS REDES SOCIAIS E VOZES DO DISCURSO

A linguagem proveniente da internet, e em especial, as redes sociais, se abrem a todos os indivíduos sem distinção. Criado em 2004, o Facebook, surge como inovadora forma de



linguagem de intercâmbio social em tempo real, com características e formas próprias, que influencia seus usuários. Para Danblon (2013, p.9) é uma retórica virtual, ou seja: “a retórica é antes de tudo uma faculdade que coloca em ação as múltiplas facetas da razão humana”. Para Rabatel (2005) ocorre o poder enunciativo entre os indivíduos, relação de interação, pelas atitudes assumidas pelos sujeitos (locutores/enunciadores) e geram os pontos de vista. A linguagem como é falada baseada nos discursos do cotidiano das pessoas, teve como ponto de referência o Círculo de Bakhtin, formado por ele, Voloshinov e Pavel. Filósofos que estudaram a linguagem, em contínuo processo.

No Brasil, a temática começou com Luiz Fiorin, Beth Brait e Diana Luz Pessoa de Barros, tempos depois, pois, os pertencentes ao círculo eram Russos e já estudavam o assunto a tempos. Segundo Flores e Teixeira (2009) é unânime entre os estudiosos o reconhecimento da teoria, embora haja muito a ser explorado pelos contextos diferentes. A raiz da teoria de Bakhtin é o dialogismo, perpassando conceitos como: linguagem, sujeito, palavra, signo ideológico e etc, colocando a enunciação no centro dos sentidos e o indivíduo na interação. De acordo com Di Fanti (2009, p.8) “todo o discurso é constituído por outros discursos, mais ou menos aparentes, desencadeando diferentes relações de sentido”.

Bakhtin criou um estudo dos usos da linguagem, classificado como enunciados, que conforme Brait (1997) deve ser comunicável e ter ligação com a sociedade, e por isso, o caráter sócio ideológico do signo de natureza polifônica e dialógica. Bakhtin (1997) declara que o que o ser humano escuta ou fala não são palavras, mas sim um conteúdo carregado de sentido vivido ou ideológico, pois as palavras são ideológicas. E com isso, o signo deixa de ser um elemento uno, para ser polifônico e dialético, refratando em tantos temas quanto as situações de discursos, que vão se adequando ao diálogo submetido. Dessa forma, Bakhtin (1997) concorda que a língua evolui e vive na comunicação verbal concreta, e a enunciação não pode deixar de lado o contexto e a realidade. Com essa breve mostra do discurso, o estudo analisa a linguagem utilizada pelo Facebook na percepção da violência urbana.

## 2.2 A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA URBANA

Ao longo da história do pensamento humano, a violência sempre foi um interrogante, aponta Paviani (2007), por ser complexa, posições teóricas e várias maneiras de solução ou eliminação. Nesse contexto, a mídia manifesta, diariamente, seu posicionamento sobre a



temática, oferecendo alternativas e soluções. Para ilustrar é possível trazer o mapa da violência, registrado no site do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) do ano de 2019, que apontou 65.602 homicídios no Brasil, o que equivale a 31,6 mortes para cada cem mil habitantes. Desse total discrimina-se 4.936 homicídios de mulheres, 60.559 homicídios de homens e 47.510 homicídios por arma de fogo. Trata-se do maior nível histórico de letalidade violenta intencional no país (IPEA, 2019).

Minayo e Souza (1999) reportam ser difícil conceituar a violência, pela relação pessoal, política, social e cultural, pois é uma resultante das interações sociais ou um componente cultural naturalizado. Estudiosos declaram o tema como permanente e com múltiplas causas (biológicas, psicológicas) que interagem, pondo em risco a saúde da população, com agressões, mortes, assaltos e outros. E por isso, o enfoque multidisciplinar e reflexivo em várias áreas do conhecimento. Segundo Dadoun (1998), a violência remonta aspectos relacionados com força, energia, potência e valor, impulsos de intensidade e irresistibilidade gerando representações. Para Hall (2002) as representações advêm do significado, agregadas em ações como práticas cotidianas da vida. Trata-se de uma construção histórico-social que recebe influências da dinâmica social de diferentes contextos e momentos culturais nos quais a pessoa convive, como o atual, que não é cotidiano, mas momentâneo.

Acrescenta-se a desigualdade social, revestida em consumir/possuir, a ideologia do lucro rápido e fácil. Njaine (2004) culpa também a mídia por conduzir o foco na direção de publicidade e cultura determinada. Hall (2011) usa o conceito de cultura de Althusser, em que as ideologias estão no inconsciente das pessoas e são representadas e vividas. A mídia é capaz de manipular o medo e a criminalidade, deixando os cidadãos imersos em uma cultura capitalista de construção e destruição. O desejo de ter e não se satisfazer demonstram condutas de violência, destruição, ódio (NJAINÉ, 2004). Assim, pretende-se verificar os diversos discursos, representados pela pesquisa feita em meio virtual, produzidos pela mídia em relação à violência urbana.

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa científica é fundamental na construção do saber, e visa para Naves (1998) dar respostas, novas informações e até mesmo, novos problemas para aumentar os conhecimentos do cotidiano e da humanidade. Trata-se de um estudo de caso, de caráter



exploratório, abordagem qualitativa, com uso de bibliografia para embasamento teórica. Os dados foram coletados por questionário com cinco perguntas, elaboradas no *Google docs*, postadas na rede social *Facebook*, no período de 16.05.20 a 30.05.20, aceitando respostas por quinze dias. Foi solicitado aos *facebookers* que suas respostas tivessem relação com o período de 16.03.20 a 31.05.20, datas de ápice do isolamento social na mídia e no cotidiano da população. Baseou-se nas diretrizes dos órgãos públicos, municípios e estados, que agiram planejando meios de contenção para a não erradicação da doença.

O *corpus* são usuários da rede social *Facebook*, no total de dezenove indivíduos, sem qualquer identificação, apenas usuários que tinham disponibilidade e interesse em responder voluntariamente ao questionário proposto.

## 4 ANÁLISE E RESULTADOS

O foco da pesquisa era confrontar diferentes vozes, baseado em percepções, tendo a linguagem como motivador e articulador, e objetiva-se verificar como percebem os entrevistados no período de isolamento social, a violência urbana. Segundo Gullo (1998) a violência é parte das relações que compõem a sociedade e, conseqüentemente, sua condição de “normalidade” é precisamente o fato de ser reprimida e evitada (DAMATTA, 1982). Pois, a violência varia de acordo com a particularidade das relações em diferentes grupos e sociedades historicamente considerados. Para Bakhtin, a linguagem é concebida como um conjunto de práticas socioculturais, concretizadas em diferentes gêneros do discurso e vozes sociais. E se materializa em enunciados concretos proferidos por um locutor direcionado a um ouvinte, em qualquer situação real terá um enunciado e protagonista.

Os primeiros questionamentos mostram o perfil dos entrevistados, maiores de idade, o mais novo com trinta e três anos e o mais velho sessenta e quatro anos, demonstrando maturidade. Para Rabaglio (2001), a idade mostra experiência, capacidade de observação e pertinência de reflexões. Segundo Milkovich e Bordeau (2000), os perfis identificam a seriedade e especificidade desejada. Pois, toda pesquisa passa por uma seleção, e apesar das respostas virem por meio eletrônico, sem identificação, igual processo foi realizado (GIL, 2002). De acordo com Davel (2009) é inconcebível ter a internet como suporte tecnológico de comunicação e não usar, por isso, o *Facebook*. Os entrevistados tem curso superior, nove com especialização e dois com doutorado. A formação acadêmica, para Rabaglio (2001) importa



competência, habilidades, experiência, e veracidade de informações. Por isso, esperam-se respostas válidas, com observações pertinentes ao período. Milkovich e Bordeau (2000) ressaltam a especialização do indivíduo pela qualidade e segurança na pesquisa. Mesmo a comunicação em rede social aberta, o gênero discursivo “questionário de pesquisa” seleciona os protagonistas. O homem produz enunciado através de gêneros discursivos correlacionados às condições específicas e finalidades de cada esfera da atividade (FARACO, 2003, p.110). Assim, a comunicação humana e a criação de gêneros são infinitas, pois o homem se comunica através de gêneros, como no gênero “questionário de pesquisa”. Ressalta-se o acento avaliativo, traço constitutivo do enunciado para Bakthin, fruto de uma discussão cultural, que responde ao dito, confirma respostas, procura apoio, etc. (FARACO, 2003).

As três perguntas seguintes referem-se a violência urbana, durante o isolamento social, com análises feitas das percepções dos entrevistados acolhida de literatura. Quanto a saber, se o isolamento alterou a violência urbana e seus motivos, duas pessoas responderam que *não sabiam* sem explicação, três que *não* e catorze que *sim*. Alguns respondentes colocaram motivos de sim, declarando que: “*a mídia*”, “*as pessoas não denunciam*”, “*poucas pessoas circulando nas ruas*”, “*a pandemia se tornou mais visível*”, e o “*medo da população*”.

Na era Vargas, Mancuso (1996) lembra um tipo de isolamento social compulsório, em razão da hanseníase, o governo internou os portadores e casos suspeitos. A partir de denúncias, casas eram queimadas, e após a cura, essa ação foi abolida, pois não era tratamento, mas uma violência pior que a própria doença. Cavaliere e Costa (2011) declaram que o isolamento causa danos, informado pelos entrevistados, confirmado por Silva (2004) que aponta a violência urbana como processo social de resistência ao convívio social. Há uma construção simbólica sob a violência ligada ao tempo e espaço. No Mapa da Violência 2019(IPEA) verifica-se que os homicídios originam-se da violência doméstica e familiar, caracterizada por Day *et al.* (2011) como ação ou omissão que prejudique o bem-estar físico, psicológico e liberdade de membro da família, dentro e fora de casa, com relação de poder com a pessoa agredida, inclui pai, mãe com ou sem laços de sangue.

As mulheres são o alvo (IPEA, 2019), confirmado por Day *et al.* (2011), assinalando a ocorrência nos lares, sem importar o nível social e sim o convívio familiar. O isolamento social também foi apontado como violência, por limitar as condições de ir e vir do cidadão. Cavaliere *et al.* (2011) declara as necessidades práticas de dinamizar e mudar a percepção dos indivíduos, com apoio psicológico e social para readaptação. Segundo Enumo e Linhares (2020) a



humanidade tem enfrentado ao longo dos séculos epidemias e pandemias, como a Peste Negra, na Europa no século XIV, demonstrativo de experiência e aprendizagem.

A seguir têm-se respostas/enunciados destaques no contexto pesquisado, resumindo o momento atual, que “grandes alterações abruptas no modo de viver o cotidiano associados a efeitos sistêmicos da pandemia no corpo, em particular no cérebro e na cognição, levam a questão da saúde mental ao topo das preocupações” Cavaliere *et al.* (2020, p.2).

*(a) O machismo sempre existiu, porém com o confinamento residencial as vítimas foram obrigadas a conviver mais com seus agressores. (b) Acredito que a insegurança e o medo sejam gatilhos para a violência doméstica. (c) Para mim, as causas da violência, em qualquer situação associam-se com a desigualdade social, educação deficitária e a constituição de famílias desestruturadas que acabam por gerar cidadãos psicologicamente e socialmente disfuncionais. (d) Desemprego e a desigualdade social. (e) Toda violência tem uma causa, mesmo que errada quem a prática deseja algo. Durante o isolamento talvez cresça roubos simples porque as pessoas têm necessidades de alimentação e o desemprego aumenta. (f) Muito das causas da violência é o apoio verbal do presidente, que parece não saber como agir. (g). Atualmente a causa maior é o tempo de convivência familiar, seguido da ganância e ignorância. (h) As causas das violências são complexas. Hoje culpar apenas o isolamento não é correto, pois nada justifica a violência. Existem muitas "possíveis explicações", acredito que o principal é a falta de respeito, e amor para com o próximo.*

Em **(c)** a desigualdade social segundo Zaluar (1999) sempre foi um problema do Brasil, e com isso o desemprego **(d)**. O mapa da violência 2019 mostra que municípios com mais empregos ocorrem menos homicídios, pois os indivíduos ficam pouco em casa. Em **(g, b)** a violência doméstica, em **(a)** o machismo, envolvem questões familiares, o homem não aceita a mulher como provedora do lar, e isso, dialoga com a esfera social. O sentido do enunciado está nas relações com todos os enunciados anteriores (FARACO, 2003). Ressalta-se em **(e)**, a questão da valoração, a violência tem causa e prevendo que o enunciado poderia apoiar a violência, afirma ser errada. Em seguida especifica a violência e apreciação, e ao receber a enunciação propõe uma réplica, concordância, apreciação ou ação. Compreende-se a enunciação pela relação dialógica entre enunciados, confronta os próprios dizeres, do locutor ou alheios na relação. Em **(f)** aponta o gestor, que (DAVEL, 2009) deve guiar organizar, e assegurar algo ao proponente. A segurança esperada pelo entrevistado vem do gestor ao enunciar a partir de um assunto específico. Para Hall (2016), a linguagem é uma estrutura de



poder e o sujeito produtor, consumidor de cultura, identidade e representação. Em **(h)**, aponta Cambell (2020), a ascensão da violência e suas causas, com caráter de saúde pública. O enunciado mostra a violência envolta de vozes oriundas de esferas sociais dando valor ao discurso, assim, não se pode pensar em violência sem os sentidos sociais atribuídos a ela.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência é uma dinâmica social que tem aumentado no cotidiano brasileiro. Pesquisas mostram que se apresenta sob muitas facetas e causas, representando um problema que atinge toda a população, sem distinção de qualquer natureza. Sua complexidade de estudo fez com que todas as áreas do conhecimento adentrem em algum de seus elementos para propor análises e maneiras de auxiliar, em algum aspecto, para propor formas de diminuição. No Brasil a violência urbana, tinha como alvo os grandes centros, hoje passou para os pequenos, e aponta a desigualdade social, o poder, arranjos variados, relações sociais, grupos marginalizados, tráfico, repressão, como elementos de força da violência. A percepção de violência urbana aumentou mesmo analisada em curto período de tempo. Os entrevistados apontaram a violência doméstica como foco no isolamento, que conforme estudos pode afetar a população em vários aspectos. A restrição causada pelo isolamento gerou um aumento do uso virtual, sob a forma de comunicação e interação entre os indivíduos, e essencialmente, na rede social *Facebook*, foco da pesquisa.

Sob o aspecto discursivo manteve-se a relação dialógica e responsiva com outros enunciados no uso da linguagem, confirmado na relação dialógica do artigo com o conteúdo do mesmo. A reflexão sobre violência pautada em diversos autores e, por fim, breve análise sob a ótica bakhtiniana fez compreender como o indivíduo reflete o interior e o exterior, e com isso, a certeza do signo ser ideológico e carregar em si vozes com as quais dialoga.

## REFERÊNCIAS

Livro:

BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M.M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARROS, D. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.





- BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2009.
- BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- CAMPBELL, A.M. **An Increasing Risk of Family Violence during the Covid-19 Pandemic**: Strengthening Community Collaborations to Save Lives. Forensic Science International: Reports, 2020.
- DADOUN, R. **A violência**: ensaio sobre o “homo violens”. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- DAMATTA, R. As raízes da violência no Brasil: reflexões de um antropólogo social. In: BENEVIDES, M.V. et al. **A violência brasileira**. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- DANBLON, E. **L’homme rhétorique**. Paris: Les éditions du Cerf, 2013.
- DAVEL, E. **Gestão com pessoas e subjetividade**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- DI FANTI, M.G. Dialogismo. In: FLORES, V.N. et al. **Dicionário de linguística da enunciação**. Contexto: São Paulo, 2009.
- FARACO, C.A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- GULLO, A.A.S. Violência urbana: um problema social. Tempo Social; **Ver. Sociol.** USP, S. Paulo, 10(1): 105-119 maio de 1998.
- HALL, S. **O trabalho da representação**. IEP – Instituto de Estudos Peruanos: Lima, Maio, 2002.
- HALL, S. **Cultura e representação**. Tradução: William Oliveira e Daniel Miranda. Rio de Janeiro: PUC - Rio: Apicuri, 2016.
- MILKOVICH, G.T.; BOUDREAU, J.W. **Administração de recursos humanos**. São Paulo: Atlas, 2000.
- RABAGLIO, M. O. **Seleção por competência**. São Paulo: Educador, 2001.
- Artigo de periódico online:
- CAVALIERE, I.A.L.; COSTA, S.G. Isolamento social, sociabilidades e redes sociais de cuidados. **Physis**, Rio de Janeiro, v.21, n.2, p.491-516, 2011. Disponível em: <[http://wwiolo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312011000200009&lng=en&nrm=iso](http://wwiolo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312011000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 de jul. 2020.
- COSTA, S.V. Dialogismo e intertextualidade. In: GEGe - Grupo de Estudos de Gêneros do Discurso, blog. **Textos círculo 2010**. Disponível em: <<https://textosgege.blogspot.com/>>. Acesso em: 02 de jun. de 2020.



DAY, Vivian Peres et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul**, Porto Alegre, v.25, supl.1, p.9-21, Abr. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-81082003000400003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082003000400003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 jul. 2020.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ENUNO, S.R.F.; LINHARES, M.B.M. Contribuições da Psicologia no contexto da Pandemia da COVID-19: seção temática. **Estud. Psicol. (Campinas)**, Campinas, v.37, e200110, 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2020000100101&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100101&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 jul. 2020.

MINAYO, M.C.S.; SOUZA, E.R. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p.7-23, 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81231999000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81231999000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 Jul. 2020.

NAVES, M.M.V. Introdução à pesquisa e informação científica aplicada à nutrição. **Rev. Nutr.**, Campinas, v.11, n.1, p.15-36, Jun. 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-52731998000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52731998000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 jul. 2020.

NJAINE, K. Mídia e violência urbana. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.10, n.4, p.512-515, dez. 1994. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1994000400014&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1994000400014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 04 jul. 2020.

NJAINE, K.; MINAYO, M.C.S. A violência na mídia como tema da área da saúde pública: revisão da literatura. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v.9, n.1, p.201-11, 2004.

FACEBOOK. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>. Acesso em 27 jul.2020. Acesso em: 29 jul. 2020.

Capítulo de livro:

HALL, S. **Estudos culturais: dois paradigmas**. In: \_\_\_\_\_. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p.123-149.

MANCUSO, M.I. O estigma da lepra: a experiência da exclusão. In: **Estigma e memória: teoria e pesquisa**, n.16-17, p.34-44, jan-jun 1996.

RABATEL, A. Les postures énonciatives dans la coconstruction dialogique des points de vue: coénonciation, surénonciation, sousénonciation. In BRES, J. et al. (Orgs.). **Dialogisme, polyphonie: approches linguistiques**. Bruxelles: Duculot, 95-110, 2005.

SILVA, L. A. **Sociabilidade violenta**: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Sociedade e Estado**, 19 (1), 53-84, 2004.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

TEIXEIRA, M.; FLORES, V.N. **Enunciação, dialogismo, intersubjetividade**: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. São Paulo, v.1, n.2, p.143-164, 2. sem. 2009.

ZALUAR, A Violência e crime. In: MICELI, S. (Org). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Sumaré; ANPOCS, 1999, p. 13-107.





## ESPAÇO E TEMPO: MEMÓRIAS DE UMA RUA ... QUEM MOROU AQUI?

SPACE AND TIME: MEMORIES OF A STREET... WHO LIVED HERE?

Suzana Vielitz de Oliveira; Ana Luiza Carvalho da Rocha; Claudia Schemes

Universidade Feevale

**Resumo:** As cidades são o resultado de usos específicos que determinados grupos humanos construíram na relação com seus ambientes. As sociedades complexas são fruto das atividades desenvolvidas nos espaços urbano e industriais e de suas transformações segundo certos conjuntos de usos. As paisagens de seus espaços, ruas, avenidas, parques e praças das grandes metrópoles são uma forma de refletir sobre memórias e esquecimentos de uma comunidade urbana. Com a pergunta inicial de “Quem morou aqui?” podemos compreender como o espaço re-apresenta as memórias de uma cidade e, com ajuda de narrativas de antigos moradores, associadas à etnografia visual é possível descobrir a rítmica espaço-temporal que ordenam as ações humanas que lhe deram origem. Neste sentido, para este estudo utilizo os conceitos de etnografia de duração associada a etnografia de rua, ambos propostos por Rocha e Eckert (2003) bem como a forma de olhar e analisar a imagem da cidade encontrada em Lynch (1960- ed. 2011) e Cullen (1971- ed. 2020) dentre outros. Trata-se de um recorte da minha tese de doutorado, onde busco entender, mapear e revelar a dinâmica e os valores culturais da Rua General Osório, Corredor Cultural de Novo Hamburgo e em processo de tombamento pelo IPHAE-RS.

**Palavras-chave:** Rua General Osório 1. Etnografia visual 2. Usos urbanos 3. Laços de parentesco 4.

**Abstract:** Cities are a result of specific uses of determined human groups built in their relationships with their environments. Complex cities are the result of activities developed in urban and industrial spaces and their transformations according to their uses. The landscape of spaces, streets, avenues, parks and squares of big cities are an invitation to reflect upon memories and forgetfulness of an urban community. With the initial question “Who lived here?” we can understand how the space re-presents the memories of a city and, with the help of narratives from old residents, associated with visual ethnography, it is possible to discover the space-time rhythmic that order the human actions that originated it. In this regard, for this study, concepts of ethnography associated with the ethnography of the street were used, both proposed by Rocha e Eckert (2003); as well as the method to look and analyze city images found in Lynch (1960- ed. 2011) and Cullen (1971- ed. 2020), among others. This is an excerpt from my doctoral thesis, through which I seek to understand, map and reveal the dynamics and cultural values of General Osório street, Novo Hamburgo Cultural Corridor, and in the process of being listed by IPHAE-RS.

**Keyword:** General Osório street 1. Visual ethnography 2. Urban uses 3. Kinship ties 4.

### INTRODUÇÃO.

A cidade moderna é resultado da transitoriedade e efemeridade das formas de vida social (Simmel, 1967). A forma de viver na cidade é difícil de descrever e analisar, as atividades desenvolvidas nos espaços urbanos das sociedades complexas mudam com o tempo e esta pode ser uma forma de refletir sobre suas memórias e esquecimentos a partir do estudo da paisagem de uma rua: Quem morou aqui? Como viviam? Como pensavam a cidade? Seus saberes e



fazer sobre ela? Portanto, na busca de formular algumas respostas, para este estudo utilizo os conceitos de etnografia de duração propostos por Rocha e Eckert (2003) bem como a forma de olhar e analisar a imagem da cidade encontrada em Lynch (1960- ed. 2011) e Cullen (1971- ed. 2020) e o olhar aguçado proposto por Gehl & Svarre (2013), na busca incessante pensar a cidade a partir das pessoas que nelas habitam.

Nestes termos, este trabalho apresenta um recorte da minha tese de doutorado, onde busco entender, mapear e revelar a dinâmica e os valores culturais de uma rua específica considerada como Corredor Cultural de Novo Hamburgo e em processo de tombamento como Patrimônio Cultural pelo Estado do Rio Grande do Sul: a rua General Osório, para este estudo no trecho entre a Rua General Daltro Filho e Demétrio Ribeiro.

Para o estudo proponho uma análise qualitativa do ambiente urbano deste lugar escolhido para a prática da etnografia de rua num diálogo entre autores da teoria da arquitetura e dos espaços urbanos bem como os estudos antropológicos das sociedades complexas, sempre atenta às observações de Gilberto Velho (VELHO, 1987) sobre o etnógrafo pesquisando sua própria cidade, e de Rocha & Eckert (2003) sobre a Antropologia na e na cidade, dentro de uma perspectiva de feição interdisciplinar.

## **VER E ANALISAR A CIDADE: UMA QUESTÃO DE TEMPO.**

A leitura da imagem da cidade, assim como a fazemos nas disciplinas de Urbano, no âmbito da Arquitetura e Urbanismo é relativamente recente. Somente após a revolução industrial e em especial depois da Segunda Grande Guerra Mundial é que o automóvel passou a ser o protagonista e objeto de desejo de todos, competindo pelo espaço das ruas com os pedestres. Kevin Lynch (1960) e Gordon Cullen (1961) cada um em seu país, ou seja, Lynch nos Estados Unidos da América do Norte e Cullen na Inglaterra, se preocuparam no século passado com a legibilidade das grandes cidades e quais poderiam ser os meios de apreensão para esta leitura. Os mapas mentais que Lynch obtém junto aos seus informantes, em especial sobre Chicago, se baseiam também em recortes espaciais passíveis de serem percorridos a pé e, de acordo com o mesmo autor esse percorrer fica retido na memória do usuário e são passíveis de serem resgatados através das lembranças, desenhadas por eles e cuja interpretação posterior permitiu perceber qual a qualidade visual ou legibilidade que a cidade ainda guarda na lembrança dessas pessoas.



Para viver a cidade é necessário desfrutá-la, usufruí-la, reivindicá-la e lutar por ela, nas palavras de Gravano: *“Por lo tanto, no sólo se vive en la ciudad sino que se vive la ciudad. Y parte de ese vivir significa producirla, gozarla, sufrirla, reivindicarla y lucharla”* (GRAVANO, 2016, posição 147). Assim, ao analisar um lugar, quer seja uma cidade, um bairro ou uma rua, há de se perceber a questão de como é utilizada, quem a utiliza, como o faz e por quanto tempo. Essa análise requer, via de regra, não o uso de equipamentos sofisticados ou tecnologias específicas – o aparelho para estes estudos são os sentidos humanos, em especial a visão e audição. Ouvir a população e perceber o que ela enxerga é um dos recursos que aqui apresento de modo bem simplificado, mas que permitem perceber a cidade, “buscando novamente o centro”, me apropriando de palavras de Victor Papanek (PAPANEK, 2007, p.117).

Portanto, ao estudar os usos diferentes das edificações num determinado um lugar entende-se que além de imagens, memórias, lembranças, esquecimentos, sobreposições, estão implícitas as camadas de tempo. De acordo com Eckert & Rocha (2003) os estudos etnográficos no mundo moderno, tem aporte nos antigos relatos dos viajantes, aventureiros e missionários, esta escrita literária, é precursora da escrita antropológica e encontra grande aporte na tradição oral permitindo se “ [...] compreender o antropólogo na figura do narrador e refletir sobre a arte de narrar em Antropologia como parte integrante da construção de sua autoridade etnográfica” (ECKERT & ROCHA, 2003, p. 26). Assim, além dos mapas mentais, os relatos através da figura no narrador, permitem entender e ver a cidade como ela é, como ela foi ou até como ela jamais teria sido. As camadas de duração ainda de acordo com Eckert & Rocha (2003, p. 29) “[...] inscrevem os estudos de memória coletiva no pensamento de uma tradição oral e desde aí, do modo de estar no mundo no contexto cultural do mundo contemporâneo”.

## A IMAGEM DA CIDADE: A LEITURA E SEUS CAMINHOS

A imagem da cidade, em especial a partir dos estudos desenvolvidos por volta de 1930 pela Escola de Chicago pode ser absorvida e lida através da análise da estrutura urbana, levando se em conta nesta leitura os elementos da imagem através da visão de seus habitantes. Lynch, um dos expoentes da Escola de Chicago, em “A Imagem da cidade” (LYNCH, 2018) publicada

---

<sup>1</sup> Portanto, você não mora apenas na cidade, mas vive na cidade. E parte dessa vida significa produzi-lo, desfrutá-lo, sofrê-lo, reivindicá-lo e lutar por ele (em tradução livre)



inicialmente em 1960, apresenta esses elementos que basicamente se constituem das vias, os limites, os bairros, os pontos nodais e os marcos. O estudo de Lynch (LYNCH, 2018) bem como o trabalho de Gordon Cullen sobre a Paisagem Urbana publicado em 1971, (CULLEN, 2020) acrescentam uma visão qualitativa na forma de ver a cidade. Somadas, estas visões permitem chegar a leitura não somente morfológica da cidade, como também sociológica incluindo aí a voz de quem vive a cidade, ou seja, o usuário, neste caso meu informante para o estudo aqui apresentado.

Robert E. Park apresenta um dos roteiros mais importantes para isso, publicado inicialmente em 1916 e organizado em 1967 por Otávio Guilherme Velho (PARK, 1967, p. 25-63 In: VELHO, 1967). ao indicar um programa para o estudo da vida urbana, através de sua organização física, suas ocupações e sua cultura. Nesta compilação, também temos a contribuição de Georg Simmel, (SIMMEL, 1967, p.10-24 In: VELHO, 1967) que em 1902 publica pela primeira vez *The Metropolis and Mental Life*, trabalho traduzido e editado em 1950. Este apresenta uma reflexão profunda da vida mental e a vida nas cidades, provocando no leitor, mesmo depois de passado um século, as mesmas reações que o levaram à discussão, ou seja: os problemas que a vida moderna gera nos indivíduos, acentuando a individualidade num espaço onde os contatos são estreitos no sentido da proximidade física, porém os laços sociais são frouxos.

Assim, ao definir limites podemos ver e analisar a cidade, quando se aproxima a escala para o bairro, podemos analisar também o que se passa numa rua. A escala mais aproximada permite bons resultados e, na medida em que se aproxima a escala, é preciso aguçar o olhar, de acordo com Cullen (2020) também pode ser uma questão de tempo e de ponto de vista.

## **A RUA GENERAL OSÓRIO, CORREDOR CULTURAL DE NOVO HAMBURGO: QUE RUA É ESSA?**

No ano de 1958, através da Lei Municipal nº 86 de 28 de novembro (NOVO HAMBURGO, 1958) o então prefeito de Novo Hamburgo Carlos Armando Koch, decretou mudanças de nomenclaturas para diversas ruas do município dentre elas a Rua General Osório partindo da então Bento Gonçalves terminando na Av. Gal. Daltro Filho. A lei em seu parágrafo único, reforça sobre os históricos das nomenclaturas bem como seus devidos homenageados. Portanto, garimpar o que aconteceu antes em relação a esta via pública, seus nomes, suas diferentes pavimentações, quem andou por ela, quais os usos predominantes, quais as origens



de seus primeiros moradores, ônibus, bondes, percursos e fluxos, tudo interessa saber. A Rua General Daltro Filho, se chamava inicialmente Estrada das Tropas e neste ponto onde encontra com a General Osório, nos altos do morro de *Hamburgerberg*, está também o núcleo inicial formador da localidade que hoje tem o nome de Novo Hamburgo.

A figura 1 do início do século XX e o do início do século XXI apresentam a rua do mesmo ângulo em sua porção inicial junto a Rua General Daltro Filho.

**Figura 1.** Rua General Osório: um século



Imagem a esquerda – início do século XX

XXI Fonte: acervo da Fundação Scheffel



Imagem a direita – início do século XXI

Fonte: acervo próprio, 2009

Devido a localização estratégica no entroncamento de uma rota comercial que ligava a capital com o interior da província de Porto Alegre, trouxe condições favoráveis para o desenvolvimento do povoado de *Hamburger Berg*, permitindo que o mesmo se tornasse um ponto de intercâmbio de produtos agrícolas, pastoris e manufaturados. Várias casas comerciais surgiram nas proximidades e para o local convergiu a vida social dos colonos. As primeiras casas eram simples porém com o desenvolvimento e com a chegada da via-férrea, em 1976 algumas vias como a atual General Osório e a Av. Maurício Cardoso e sua continuação pela Joaquim Nabuco, adquirem mais importância ao conectarem o antigo núcleo do morro de *Hamburgerberg* com a Estação de trem que ficava distante deste centro já um tanto desenvolvido pois em 8 de maio de 1975 foi elevado a categoria de Capela curada de Nossa



Senhora da Piedade de Hamburgerberg e assim, se consolidando como distrito de São Leopoldo.

A partir do Plano Diretor PDUA, instituído pela Lei 1216/2004, a rua General Osório foi considerada Corredor Cultural – porém, nesta época, a história havia mudado, os ônibus foram desviados mas a circulação de automóveis ainda é bastante frequente, por outro lado faltam os pedestres, usuários das indústrias, moradores, e claro as próprias indústrias que ali estavam não mais existem. Um curtume sobrevive, porém nenhuma outra fábrica do ramo calçadista, as residências foram dando lugar aqui e ali a algum restaurante ou casa noturna, surgiram alguns condomínios residenciais verticais, um deles com 10 andares, uma loja ou outra ainda resiste. A agência bancária do Santander e a escola Santa Catarina, parecem ainda serem os principais polarizadores da rua em determinados horários.

## A RUA GENERAL OSÓRIO, CORREDOR DA MEMÓRIA: QUEM VIVIA AQUI?

A rua General Osório, já foi de chão batido ou saibro, já teve transporte coletivo que andava sobre trilhos, já foi o trajeto dos ônibus interurbanos, unindo Novo Hamburgo, São Leopoldo com os Campos de Cima da Serra, já foi também paralela em toda a sua extensão a uma parte da via-férrea, que uniu Porto Alegre a Canela. Enfim, a rua General Osório tem história. A rua da qual me refiro, e de acordo com alguns entrevistados, também foi cenário do ir e vir do empregado das indústrias do setor coureiro calçadista da cidade de Novo Hamburgo para suas casas que ficavam nas imediações, permitindo percorrê-la a pé no início e final de expediente.

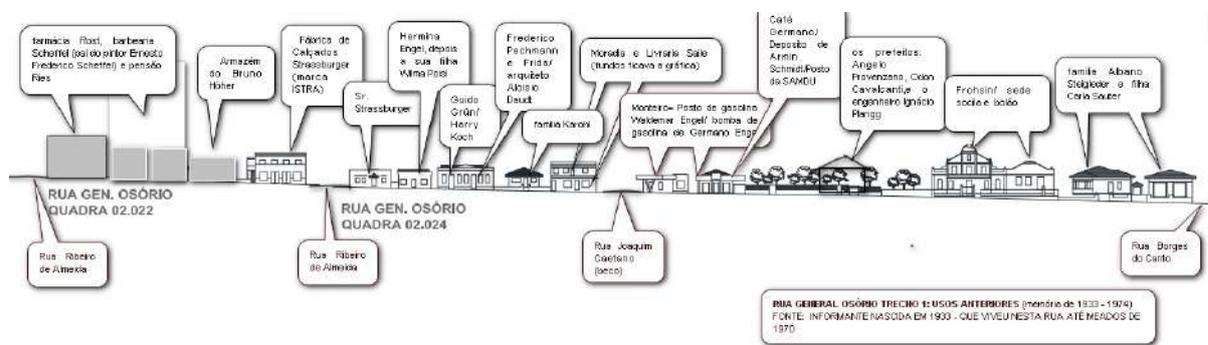
Nesta rua constata-se vínculos sociais estreitos, no sentido que se refere Lauwe (1967, p.115) pois ali moraram muitos descendentes de Juliana Kraemer, famílias unidas por laços familiares tão importante que em determinada época a maioria dos moradores se reconhecia como parentes próximos, tudo isto revelado nas entrevistas e resulta também no mapa da figura 2, a seguir. Por outro lado, uma grande parte dos moradores era constituída de empresários, que através do casamento (herança) ou de recursos próprios ali ergueram suas fábricas. Essa localização de fábricas ao lado das moradias dos empresários permitia que também esses moradores se deslocassem a pé da empresa para casa, nos horários de almoço, café da tarde, início e final de jornada. De acordo com Oliveira (2009, p.166-167) esta rua apresentou durante algumas décadas, mais precisamente entre 1930 até 1980 recorrências de usos residenciais e



industriais. Atualmente, em toda sua extensão e em especial no trecho que apresento para este recorte, muitas dessas moradias se encontram fechadas e após longo período sem uso, ou estão para vender ou alugar ou mesmo já mudaram de uso e servem atualmente como comércio ou serviços (figura 2).

**Figura 2.** Diferentes usos na Rua General Osório.

Perfil da rua no trecho 1.



Fonte: desenho acervo do IPHAE-RS, com minhas intervenções dos usos e atualização de volumes.

Como já mencionado tanto a rua assim como a cidade mudaram com o tempo e isto se aplica também aos locais onde há interesse em preservar. Preservar não é congelar um determinado tempo, preservar pode e deve considerar os acréscimos do tempo, porém não há necessidade de cancelar o passado. Segundo Gehl (2018, p.2) a cidade é o resultado do uso, dessa forma as atividades nela desenvolvidas mudam com o tempo e assim, muda também o aspecto, muda quem circula, muda a vida. A vida na cidade muda constantemente no decorrer de um dia, semana ou mês, que dirá no decorrer de cem anos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, tanto pelas circunstâncias, como pela forma como pretendo avançar minha pesquisa, a tecnologia auxiliou, me mantendo em contato. Por outro lado, penso que a forma de buscar esta aproximação num primeiro momento, não prescindia da tecnologia – enfim, o método de ver a cidade através do olhar daqueles que a habitam, busca saber como as pessoas usam a cidade, portanto, quantos se deslocam por aquela rua, quem mora ou trabalha, tem



crianças, tem idosos, tem mulheres, o que fazem, como fazem, durante quanto tempo, são perguntas que precisava me fazer enquanto observo, etnografando a rua.

Portanto, quem morou aqui, o que fez, com quem se relacionou, aponta para um sentido e valor desse lugar, que não está propriamente nos edifícios inventariados ou no conjunto urbano das edificações objeto de tombamento e sim, os valores desse lugar estão na memória da comunidade urbana que nem habita mais o local. Quem apresenta esses valores e memórias são pessoas ligadas ainda à gerações passadas e que podem ainda fazer o elo com o ethos fundador do local. Assim, é urgente registrar essas memórias, para não esquecer esse passado fundante, abrigado que estava no trabalho coureiro calçadista, conectado que estava com a religião católica ou evangélica, representadas pelas duas igrejas cujos replicar dos sinos ainda é bastante presente no local, e fundido que esteve em laços de parentesco durante décadas. A continuidade do estudo, vai permitir observar o momento atual, quem frequenta a rua, quais os usos dados às edificações antigas, quem mora ali, o que faz e principalmente como e porque valoriza.

## REFERÊNCIAS

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, 2020. 202 p.

GEHL, Jan. A vida entre Edifícios. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2018. p. 60-62. In: GEHL, Jan & SVARRE, Brigitte. **A vida na cidade: como estudar**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2018. 184 p.

GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/danie/Downloads/Livro\_Cidade\_para\_pessoas\_Jan\_Gehl.pdf> Acesso em: 21 abr. 2021.

GEHL, Jan & SVARRE, Brigitte. **A vida na cidade: como estudar**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2018. 184 p.

GRAVANO, Ariel. **Antropología de lo urbano**. Santiago: LOM ediciones, 2016. (Edição do Kindle).

LAUWE, Paul-Henry C. de. A Organização Social no Meio Urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: 1967, p. 113-133.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. 227 p.

NOVO HAMBURGO. Lei Municipal nº 1.216/2004, que institui o Plano Diretor Urbanístico e Ambiental e dá outras providências. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/rs/n/novo-hamburgo/lei-ordinaria/2004/121/1216/lei->





ordinaria-n-1216-2004-institui-o-plano-diretor-urbanistico- ambiental-pdua-do-municipio-de-novo-hamburgo-e-da-outras-providencias> Acesso em: Abr.2021.

NOVO HAMBURGO. Lei Municipal nº 86/1958, que fixa a denominação das ruas do 1º e 2º distrito.

Disponível em:<<https://leismunicipais.com.br/a/rs/n/novo-hamburgo/lei-ordinaria/1958/9/86/lei-ordinaria-n-86-1958-fixa-a-denominacao-das-ruas-dos-1-e-2-distritos-1958-11-28-versao-original>> Acesso em:Abr. 2021.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: 1967, p. 25-63.

PAPANEK, Victor. A biotecnologia das comunidades. In:\_\_. **Arquitetura e Design**. Ecologia e Ética. Lisboa: Edições 70. 2007. p.117-125.

ROCHA, Ana & ECKERT, Cornélia. **O tempo e a Cidade**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003. 118 p.

OLIVEIRA, Suzana Vielitz de. **Os Planos Diretores e as Ações de Preservação do Patrimônio Edificado em Novo Hamburgo**. Dissertação de Mestrado, PROPUR, 2006. Disponível em: <<https://livrozilla.com/doc/1098741/os-planos-diretores-e-as-a%C3%A7%C3%B5es-de-preserva%C3%A7%C3%A3o-de>>Acesso em: 23 Abr, 2021.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: 1967, p. 10-28.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar Editores 1987. 2.ed. (2012). 148p.

WIRTH, Louis. O Urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: 1967, p. 89-112.



## INCLUSÃO SOCIAL E RACIAL: UM DEBATE NECESSÁRIO AO CONTEXTO BRASILEIRO

### SOCIAL AND RACIAL INCLUSION: A NECESSARY DEBATE TO THE BRAZILIAN CONTEXT

Caio Benitz da Silva; Margarete Fagundes Nunes

Universidade Feevale

**Resumo:** O presente artigo busca traçar paralelos entre os debates teóricos que envolvem os conceitos de inclusão/exclusão e vulnerabilidade sociais, e a relação com dilema étnico-racial dentro do contexto brasileiro. Trata-se uma revisão bibliográfica que se apoia no diálogo entre os autores das temáticas supracitadas na tentativa de ampliar e enriquecer a reflexão da desigualdade no Brasil. O desnivelamento social que há na sociedade brasileira entre negros e não negros é o ponto central que este trabalho busca contribuir através reflexão teórica contextualizada. Enfatiza as possibilidades de incluir a dimensão étnico-racial como elemento fundamental no debate dos processos de exclusão que operam historicamente na sociedade brasileira e analisar as suas peculiaridades.

**Palavras-chave:** Étnico-racial. Inclusão. Vulnerabilidade.

**Abstract:** This article aims at drawing parallels between the theoretical debates involving the concepts of inclusion/exclusion as well as social vulnerability and the relationship with the ethnic-racial dilemma within the Brazilian context. This is a bibliographic review that is based on the dialogue between the authors of the aforementioned themes in an attempt to broaden and enrich the reflection of inequality in Brazil. The social unevenness that exists in Brazilian society between black and non-black people is the central aspect that this paper seeks to contribute to through contextualized theoretical reflection. It emphasizes the possibilities of including the ethnic-racial dimension as a key element in the debate on the processes of exclusion that historically operate in Brazilian society as well as to analyze their peculiarities.

**Keywords:** Ethnic-racial. Inclusion. Vulnerability.

## 1 INTRODUÇÃO

Com o intuito de melhor compreender as dinâmicas de exclusão/inclusão social no Brasil e sua relação com a questão étnico-racial, se pensou reunir nesse trabalho algumas reflexões teóricas sobre os temas citados à luz do referencial teórico adequado para cada conceito.

Vivemos em um país em que as desigualdades materiais e imateriais se manifestam e se reproduzem de diversas formas, sendo de fundamental importância estabelecer um olhar crítico sobre os mecanismos ocultos de reprodução das desigualdades. Um desses mecanismos, que terá um enfoque especial neste trabalho, o dilema étnico-racial é um ponto estrutural, pois, os índices de desigualdade social afetam mais as populações negras<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Não cabe aqui trazer exaustivamente os dados sobre essa questão. Os índices da desigualdade entre brancos e não brancos no



A metodologia a ser empregada é uma revisão bibliográfica “baseada na análise de determinada teoria, utilizando para tal embasamentos, também teóricos e não experimentais.” (RODRIGUÊS, 2007, apud. PRAÇA, 2015, p. 75). Utilizando artigos e livros, buscamos uma reflexão acerca dos conceitos de vulnerabilidade e exclusão em Balsa et al. (2011); Gomes e Pereira (2005); Marandola Jr. e Hogan (2006); Zioni (2006) e Vêras (2001,2003), depois entrelaçaremos esses conceitos com a questão étnico-racial no contexto brasileiro, com as considerações de Pólvora (2014); Gomes (2005) e Almeida (2010). Nesse processo, busca-se enriquecer o debate sobre os dilemas e conflitos sociais que assolam a sociedade brasileira e uma possível relação entre o tema vulnerabilidade/inclusão e o tema étnico-racial.

Por fim busca-se enriquecer o debate sobre uma inclusão racial, ou seja, uma inclusão que englobe a dimensão racial como estrutura elementar dentro do debate de medidas que busquem amenizar as desigualdades sociais.

## 2 VULNERABILIDADE, EXCLUSÃO/INCLUSÃO

Para trabalhar o conceito de vulnerabilidade trago para discussão Balsa et al. (2011) que trazem que o conceito de vulnerabilidade em diferentes esferas. Os autores dissertam que diversos fatores colocam as pessoas em vulnerabilidade, como aspectos econômicos de forma preponderante, resultado da pobreza, mas também os de ordem imaterial como os processos de fragilização de vínculos afetivos e pertencimento social, como discriminação étnico-racial por exemplo (BALSA et al. 2011).

Por vulnerabilidade os autores entendem “Enquanto por vulnerabilidade entende-se o conjunto de fatores que predispõe as famílias ao risco, por sua vez, o risco é quando o vínculo foi rompido, o direito violado.” (BALSA et al. 2011, p. 6). Estar em risco, ou propenso ao risco, é uma das formas de se estar vulnerável. A desigualdade social brasileira causa exclusão e torna camadas inteiras da população vulneráveis aos riscos de diversa natureza. Essa discussão se torna ainda mais pertinente nesse momento delicado em que vivemos, onde a pandemia da covid-19 agravou as desigualdades e vulnerabilidades da população brasileira.

Outra característica da vulnerabilidade é a incerteza, um conceito para tentar compreender novos contextos socioespaciais (MARANDOLA JR.; HOGAN, 2006). Estar vulnerável é estar

---

Brasil é um fato conhecido e recorrente em diversas pesquisas e trabalhos. Para a consulta das tabelas do IBGE que mostram essa desigualdade em várias áreas. Ver: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html?=&t=resultados>. Acesso em 04 abr. 2021.



em risco, e estar com um horizonte de incertezas em relação ao presente e futuro. O desnivelamento social no Brasil, causa esse processo duplo, onde as populações mais pobres estão sofrendo, por não ter segurança social ou financeira nenhuma.

## 2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXCLUSÃO SOCIAL

Se estar em risco é uma das características daqueles que estão vulneráveis, no contexto brasileiro isso é o normal para diversos grupos sociais. Podemos analisar como se operacionaliza o termo *exclusão social*, pois, dentro das características citadas, quem está em vulnerabilidade pode estar em exclusão social. Podemos notar que:

O termo exclusão social tem sentido temporal e espacial: um grupo social está excluído segundo determinado espaço geográfico ou em relação à estrutura e conjuntura econômica e social do país a que pertence. No Brasil, esse termo está relacionado principalmente à situação de pobreza, uma vez que as pessoas nessa condição constituem grupos em exclusão social, porque se encontram em risco pessoal e social, ou seja, excluídas das políticas sociais básicas (trabalho, educação, saúde, habitação, alimentação). (GOMES; PEREIRA, 2005, p. 359).

A pobreza no Brasil é um fator de extrema importância para se analisar a desigualdade social, mas ela não reduz a discussão das estratégias de inclusão apenas no âmbito econômico, é necessário incluir o fato raça/etnia nesse processo, pois, dentro do universo dos excluídos e vulneráveis, encontram-se aqueles que estão numa situação de agravamento de suas vulnerabilidades, ou seja, sofrem o processo de discriminação racial. Jaqueline Britto Pólvora (2014) vai trazer que dentro de um contexto de segregação “o fator raça é um componente que persistentemente acentua as desigualdades internas entre negros e não-negros.” (PÓLVORA, 2014, p. 172).

Zioni (2006) faz um levantamento bibliográfico das múltiplas faces que termo exclusão social é definido por diversos autores, mas ela também chama atenção que o termo “Pode ser associada à pobreza, mas não se reduz a ela; na sociedade atual existem mais desigualdades do que aquelas produzidas pela sociedade industrial.” (p. 24). Assim evitando o reducionismo econômico das causas da exclusão social no Brasil, podemos acrescentar que, de forma preponderante, o racismo é um processo estruturante da desigualdade:



[...] o histórico da escravidão ainda afeta negativamente a vida, a trajetória e inserção social dos descendentes de africanos em nosso país. Some a isso o fato de que, após a abolição, a sociedade, nos seus mais diversos setores, bem como o Estado brasileiro não se posicionaram política e ideologicamente de forma enfática contra o racismo. Pelo contrário, optaram por construir práticas sociais e políticas públicas que desconsideravam a discriminação contra os negros e a desigualdade racial entre negros e brancos como resultante desse processo de negação da cidadania aos negros brasileiros. Essa posição de “suposta neutralidade” só contribuiu ainda mais para aumentar as desigualdades e o racismo. (GOMES, 2005, p. 46).

Tanto o racismo particular<sup>2</sup>, quanto o institucional causam um processo de exclusão social no interior da sociedade brasileira, atingindo os grupos em todas as esferas da sociedade. Esse é um aspecto importante a se considerar, uma vez que, o fenômeno da discriminação racial é um processo multifacetado e amplo, podendo ser analisado por diversos prismas.

Véras (2001) analisando a obra de Martins (1997) chama atenção para a fetichização do termo exclusão, e ao reducionismo do termo apenas para questão econômica, dizendo que o termo é equivocado em representar imperfeitamente os processos de inclusão precária, marginal e instável. (VÉRAS, 2001, p. 40). Preferindo-se o termo “fenomenologia dos processos sociais excludentes” para uma visão mais ampla das relações que produzem e reproduzem a desigualdade (VÉRAS, 2003, p. 102). Acerca da estrutura econômica chamada neoliberal, um dos pontos que reproduz a desigualdade citada pela autora, temos a seguinte análise:

A exclusão social, assim, aparece como a face econômica do neoliberalismo globalizado na América Latina e no Brasil e para ela não há nenhuma política assistencialista porque, segundo Oliveira, as classes dominantes desistiram de integrá-la quer à produção quer à cidadania. Pretendem, sim, é segregar, confinar, em verdadeiro apartheid entre classes, um crescente distanciamento e incomunicabilidade, traço construído socialmente<sup>3</sup>. (VÉRAS, 2003, p. 106).

A estrutura econômica seria um desses mecanismos que reproduzem as desigualdades, mas não apenas a esfera econômica é responsável por essa exclusão. Outros fatores de ordem cultural também, inclusive, fazem o papel de excludentes sociais:

Na verdade, existem valores e representações do mundo que acabam por excluir as pessoas. Os excluídos não são simplesmente rejeitados física, geográfica ou materialmente, não apenas do mercado e de suas trocas, mas de todas as riquezas espirituais, seus valores não são reconhecidos, ou seja, há também uma exclusão cultural (WANDERLEY, 2001, p. 17).

<sup>2</sup> Racismo particular aqui trazido se configura nos casos de racismo do cotidiano, onde uma pessoa ou grupo de pessoas pratica atos racistas contra outras pessoas, diferenciando do racismo institucional.

<sup>3</sup> Nesta passagem Véras (2003) está trazendo para a discussão Francisco de Oliveira (1997).



Observar que não apenas aspectos econômicos são mecanismos de exclusão, mas outros fatores de ordem simbólica, cultural e imaterial afetam os vínculos de pertencimento social que os grupos sociais desenvolvem ao longo do tempo. O racismo, nesse sentido, provoca exclusão, discriminação e perda de pertencimento de vínculo social, tornando esses grupos mais vulneráveis do que outros. Aqui não se trata de estabelecer quem é mais excluído, mas de ressaltar que existem peculiaridades nos processos de exclusão de grupos específicos no Brasil.

### 3 O PARADIGMA RACIAL BRASILEIRO

O Brasil possui uma herança de formação social profundamente marcada pelas questões étnico-raciais<sup>4</sup>, vide os seus, aproximadamente, 388 anos de regime escravocrata. Em termos práticos, em toda história do Brasil, desde os seus primórdios com a ocupação do território pelos portugueses até os dias de hoje, possuímos mais experiência de sociedade escravocrata do que livre<sup>5</sup>.

O negro é historicamente excluído, invisibilizado, e durante muito tempo nem mesmo foi considerado humano “O negro escravizado não tinha direitos, mesmo porque era considerado juridicamente uma coisa e não uma pessoa.” (FAUSTO, 1995, p. 54). Essa condição sub-humana do negro no Brasil perpassou os séculos de história, sendo imprescindível colocar a questão de forma central dentro do debate de vulnerabilidade no Brasil. Mesmo que juridicamente a escravidão não exista mais, a exclusão das populações negras segue até hoje. Soma-se a este fato, o paradigma do trabalho compulsório exercido pelos escravizados, onde podemos observar essa herança no tratamento desigual que as populações que exercem trabalhos considerados subalternos recebem.

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se debate inclusão social, a dimensão étnico-racial não pode ser desconsiderada, uma vez, como já exposto, é um aspecto estruturante da sociedade brasileira. No contexto amplo da inclusão, faz sentido pensar numa inclusão racial, uma vez que a desigualdade no caso brasileiro é marcada profundamente pelo demarcador raça/etnia. Desconsiderar a questão racial

<sup>4</sup> Silvio de Almeida em *Racismo Estrutural* (2019) nos mostra como o paradigma racial estrutura a sociedade brasileira.

<sup>5</sup> Ibid., p. 66. Vai trazer considerações sobre a difícil tarefa da construção da identidade nacional e os 388 anos de escravidão que o Brasil percorreu. Numa conta simples, a escravidão institucional acabou no Brasil em 1888, até a data do presente artigo, somam-se 133 anos de experiência de sociedade sem escravidão.



dentro do debate das políticas de inclusão é apagar uma estrutura historicamente estabelecida e determinante que compõe a sociedade brasileira.

As questões raciais perpassam todos os âmbitos da vida social brasileira. O que não pode ser diferente, uma vez que negros e pardos são maioria numericamente na sociedade brasileira<sup>6</sup>, mas materialmente não ocupam os lugares de poder e posições de tomada de decisões.

Levando em consideração todos os pontos levantados acerca das características da vulnerabilidade e exclusão social, é de fundamental importância colocar em relevo o aspecto étnico-racial quando se trata de desigualdade na sociedade brasileira. Uma questão tão antiga quanto a própria história do Brasil.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro. (Feminismos Plurais), Djamila Ribeiro (Coor.). 2019. 162 p.

BALSA, Casimiro; GONÇALVES, Maria Elizete; RODRIGUÊS, Luciene. Análise e gestão de políticas sociais em unidades microterritórias. **Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos**. IPEA, Brasília, 2011. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area7/area7-artigo26.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1995. 649 p.

GOMES, Mônica Araújo; PEREIRA, Maria Lúcia Duarte. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. **Ciência & Saúde Coletiva**. n° 2, v.10, p. 357-363, 2005. Online. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2005.v10n2/357-363/>>. Acesso em: 02 abr. 2021.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação Anti-racista**: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. p. 39 - 62.

IBGE. **Tabelas de Desigualdades Sociais por Cor ou Raça**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html?=&t=resultados>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

IBGE. **Tabela População por cor ou raça**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403#resultado>>. Acesso: 01 abr. 2021.

---

<sup>6</sup> Aproximadamente 54% da população se autodeclara preta ou parda, os dois grupos somados formam os negros. Ver Tabela IBGE: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403#resultado>. Acesso em: 01/04/2021.



- MARANDOLA Jr. e HOGAN, D. J. As dimensões da vulnerabilidade. **São Paulo em Perspectiva**. n° 1, v. 20, p. 33-43, 2006. Online. Disponível em: <[http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v20n01/v20n01\\_03.pdf](http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v20n01/v20n01_03.pdf)>. Acesso em: 02 abr. 2021.
- PÓLVORA, Jacqueline Britto. Quando raça se evidencia no espaço: apontamentos desde uma vila em porto alegre. **Illuminuras**, Porto Alegre, n. 36, v. 15, p.171-184, ago./dez. 2014. Online. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/52641>>. Acesso em: 01 abr. 2021.
- PRAÇA, F.S.G. Metodologia da pesquisa científica estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. **Revista Eletrônica “Diálogos Acadêmicos”**. FNSA, São Paulo. Jan/Jul, n° 1, p. 72-87, 2015. Online. Disponível em: <[http://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf](http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf)>. Acesso em: 01 abr. 2021.
- VÉRAS, Maura. Exclusão social: um problema de 500 anos. In: SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 27-48.
- VÉRAS, Maura. Sociedade urbana: desigualdade e exclusão sociais. **CADERNO CRH**, Jan/Jun, Salvador, n. 38, p. 79-114, 2003. Online. Disponível em: <<https://rigs.ufba.br/index.php/crh/article/view/18616>>. Acesso em: 21 mar. 2021.
- WANDERLEY, Mariangela B. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 16-26.
- ZIONI, Fabiola. Exclusão social: noção ou conceito? **Saúde e Sociedade**, Set/Dez, n° 1, v.15, p.15-29, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/sausoc/v15n3/03.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2021.



## ALFABETIZAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA: OBJETO DE APRENDIZAGEM PARA ENSINO REMOTO SOBRE O FUNCIONAMENTO DAS VACINAS

LITERACY AND PUBLIC HEALTH: LEARNING OBJECT FOR REMOTE TEACHING  
ON THE FUNCTIONING OF VACCINES

Leonardo Rocha de Almeida

Prefeitura Municipal de Porto Alegre

**Resumo:** Este artigo apresenta o desenvolvimento de um Objeto de Aprendizagem (OA) sobre vacinação tendo como público-alvo crianças do ensino fundamental em processo de alfabetização durante o período de ensino remoto. A organização do material tem como influência Ferreira e Teberosky (1999), no que se refere alfabetização, e Fuck, Almeida e Pereira (2017) na concepção do OA. A forma de distribuição do material foi via vídeo no *YouTube* e espera-se alcançar um volume considerável de crianças para entendimento do funcionamento de conceitos básicos sobre vacinação.

**Palavras-chave:** Vacinação. Ensino na Saúde. Alfabetização.

**Abstract:** This article presents the development of a Learning Object (OA) on vaccination targeting elementary school children in the process of literacy during the period of remote education. The organization of the material is influenced by Ferreira and Teberosky (1999), for the literacy, and Fuck, Almeida and Pereira (2017) in the conception of OA. The form of distribution of the material was via video on YouTube and it is expected to reach a considerable volume of children to understand the functioning of basic concepts about vaccination.

**Palavras-chave:** Vaccination. Teaching in Health. Literacy.

### 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar as concepções de um Objeto de Aprendizagem (OA) sobre vacinação tendo como público-alvo crianças do ensino fundamental durante o período de ensino remoto. Essa proposta surge pelo aumento de um movimento antivacina no Brasil e a necessidade de promoção da Saúde em tempos de pandemia de Covid-19.

O OA foi concebido para uma realidade de escola pública com pressuposto de facilitar o acesso do alunado a partir de redes sociais e plataformas de reprodução de vídeo, como o YouTube, levando em conta a familiaridade do público-alvo.



## 2 DESENVOLVIMENTO

A alfabetização como ponto de partida pode parecer distante das discussões da Saúde Pública, tendo em vista que são campos de conhecimento distintos, um relacionado a Educação, principalmente de crianças, e outro relativo à Saúde.

Todavia, poder pensar sobre esses diferentes campos demonstra a necessidade da tentativa de interação entre ambos, pois o processo de alfabetização é plural e pode ser realizado a partir de qualquer tema. Apresentando assim possibilidades da abordagem sobre a importância da vacinação já no período de alfabetização escolar.

A alfabetização de forma geral é um momento de apropriação do sistema de escrita da comunidade em que se está inserido, principalmente relacionado a reprodução do que se produz (fala) e o que se registra (escrita). Dessa forma, realizar atividades significativas é importante para dar estímulo à aprendizagem. Conforme Almeida (2017), que aborda a alfabetização em múltiplos contextos na relação com áreas diferentes do saber, como a matemática, há uma potência na elaboração de atividades desafiadoras que se estabelecem nos conhecimentos das teorias da alfabetização.

Nessas teorias temos Ferreira e Teberosky (1999) que apresentam a psicogênese da língua escrita, em que a criança representa o que fala a partir de seu repertório prévio de conhecimento da língua. No caso do português brasileiro há diferentes formas de representar determinadas letras, como por exemplo /s/ em "cebola" e "senhora". Esse exemplo reforça a importância de atividades que gerem significados para estabelecer as regras de uso da língua na criança.

Ocorreram mudanças na forma de ensino em 2020 devido a pandemia de Coronavírus fazendo com que as aulas do ensino fundamental adotassem o modelo de ensino remoto (SILVA, ALBINO, 2020). Nessa situação foram criadas diferentes estratégias, uma delas é a elaboração de Objetos de Aprendizagem que segundo Fuck, Almeida e Pereira (2017) podem ser definidos como: "qualquer recurso digital que pode ser reutilizado para dar suporte à aprendizagem, os quais são distribuídos pela rede" (p.3). Todavia, essa proposta necessita ser repensada para o contexto de ensino remoto, pois representa um fazer pedagógico diferenciado quanto ao ser docente e o ser discente, principalmente a criança pequena que faz uso de um leitor das atividades enviadas.

A elaboração de material para ensino sobre a importância das vacinas para crianças de anos iniciais se faz importante, pois conforme Almeida-Filho e Nunes (2020): "a problemática



da saúde e qualidade de vida infelizmente tem se constituído em grande e profunda lacuna, especialmente na educação básica, o que dificulta a difusão e a consolidação de uma cultura de promoção da saúde." (sem página). Possibilitar um contato inicial com questões abrangentes como a vacinação junto a crianças em situação escolar se faz como mecanismo para a promoção da saúde da população.

Essa situação visa enfrentar um movimento antivacina que vem se disseminando numa escala global, causando uma queda da adesão nos programas de imunização (MARTINS et al, 2021). Uma proposta didática inserida no Ensino Fundamental no modelo remoto pode incluir a discussão nas famílias tendo em mente que as crianças em processo de alfabetização necessitam de um adulto mais experiente para orientar as atividades. Levando em consideração que no caso específico as aulas estavam ocorrendo de forma assíncrona, sem uma interação ao vivo das crianças com o professor.

A proposta se estabelece por um vídeo com experimento demonstrando o efeito protetivo das vacinas na comunidade. Para filmagem foi utilizada a câmera de celular modelo *Samgung J5 Prime* e a *webcam* integrada de um *notebook* com qualidade de 480 *pixels* e 30 frames por segundo. O experimento contou com um tabuleiro do jogo resta um e várias bolinhas de gude. A edição do vídeo foi realizada com o *software* livre OBS e *software* Fotos para *Windows*. Foi estabelecido o seguinte roteiro para a gravação do material:

Número da Cena	Descrição	Recursos para Gravação
1	- Abertura do vídeo com questão problematizadora “Por que as vacinas são importantes?”; - Explicação sobre como as vacinas são estão presentes nas nossas vidas apresentando carteira de vacinação.	<i>Webcam</i> integrada
2	- Apresentação do experimento utilizando: tabuleiro do jogo resta um e bolinhas de gude.	Celular <i>Samsung J5 Prime</i>
3	- Despedida e incentivo a comentar o vídeo caso tenham dúvidas.	<i>Webcam</i> integrada

**Quadro 1.** Roteiro de gravação do OA.

Fonte: Elaborado pelo autor



Após a captação e edição, foi realizado o upload em meio digital para compartilhar com as famílias e estudantes, especificamente no *YouTube*. Conforme imagem 1, é possível observar os objetos do experimento sendo manuseados.



**Figura 1.** Manuseio do material em vídeo.

Fonte: <https://youtu.be/nNQeIYCgc2E> Acesso em 15 de abr. 2021

O experimento ocorreu da seguinte forma, era combinado que o tabuleiro representava um bairro. As bolinhas de gude faziam o papel das pessoas que poderiam estar vacinadas. Quando colocada uma bolinha maior, representando o vírus, sozinha no tabuleiro e movimentado a parte inferior, era visível que a bolinha maior podia ir a qualquer espaço vago. Foi explicado que em um local que ninguém está vacinado o vírus pode chegar em todas as pessoas. Após, foi avisado que no centro haveria alguém que não pode ser vacinada, seja por alergia ou não ter idade para receber o imunizante.

Foi demonstrado, como visto na Figura 1, que se montou uma cerca do ponto medial em que se combinou que as bolinhas menores representariam pessoas que se vacinaram. Dessa forma, mesmo movimentando a parte inferior do tabuleiro a bolinha grande destacada como o vírus não tinha mais liberdade para alcançar todos os espaços.



Adicionou-se mais bolinhas menores no tabuleiro ocupando todos os espaços exceto o do meio. Por fim, ficou demonstrado que a bolinha maior escolhida como vírus ficava com um espaço cada vez menor para se movimentar na medida que aumentava a quantidade do grupo vacinado.

Além do experimento, por se tratar de uma turma de alfabetização é necessário também atividades que possam pensar sobre a escrita de palavras relacionadas a temática da vacinação, incluindo formas de questionar-se da importância dela na saúde da comunidade em que estão inseridos.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A organização de um OA pode auxiliar no momento de aumento da pandemia de Covid-19 no entendimento da importância da vacinação junto as crianças como catalizador para a discussão com adultos no que se refere a necessidade das crianças pequenas de auxílio da família na organização de suas atividades escolares.



**Figura 2.** Gráfico de acesso ao material  
**Fonte:** YouTube Análises de Conteúdo. Acesso em 15 de abr. 2021

No gráfico de acessos ao material que está disponibilizado de forma livre na plataforma de vídeo é possível perceber que ocorreu uma procura no momento de lançamento em novembro e dezembro de 2020. Após, uma retomada de acessos em abril de 2021. Esse movimento pode demonstrar a busca orgânica sobre o entendimento da vacinação, mas também o período letivo do ensino fundamental que buscou dentro do possível manter um calendário com férias nos meses de janeiro e fevereiro.

Esse resultado de um total de 66 visualizações reforça a ideia de ampliação da discussão para fora do que seria a sala de aula, pois os tempos são diferentes dos momentos de aula



regulares e a quantidade é quase três vezes maior que o número de matrículas da turma (24) e dez vezes maior do que o número de crianças que entregou atividades impressas em 2020, ao todo 6.

Assim, mesmo que pontual num processo de escolarização a elaboração, execução e publicação de OA pode facilitar e/ou inspirar professoras e professores que tem desejo de abordar temas complexos, ressaltando o tipo de acesso a plataformas de compartilhamento.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leonardo Rocha. APLICAÇÃO DE UMA PROPOSTA DIDÁTICA SOBRE A RELAÇÃO BIUNÍVOCA E RECÍPROCA EM CLASSE DE ALFABETIZAÇÃO: O ÁLBUM DA FAMÍLIA. In: **Anais do VII CIEM**. Canoas: Editora da ULBRA, 2017. p. 1-16.

ALMEIDA-FILHO, Naomar de; NUNES, Tânia Celeste Matos. INOVAÇÕES CURRICULARES PARA FORMAÇÃO EM SAÚDE INSPIRADAS NA OBRA DE ANÍSIO TEIXEIRA. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, supl. 1, e0025486, 2020. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462020000400506&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462020000400506&lng=en&nrm=iso)>. access on 20 Mar. 2021. Epub Mar 16, 2020. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00254>.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FUCK, R. S. ; ROCHA, Leonardo ; PEREIRA, L. P. . AVALIAÇÃO DE OBJETOS DE APRENDIZAGEM SOBRE EQUAÇÕES DO 1º GRAU: UM ESTUDO DE CASO COM PROFESSORES DE MATEMÁTICA. **RENOTE. REVISTA NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO**, v. 15, p. 1-11, 2017

MARTINS, Wolney de Andrade et al . Vacinação do Cardiopata contra COVID-19: As Razões da Prioridade. **Arq. Bras. Cardiol.**, São Paulo, v. 116, n. 2, p. 213-218, Feb. 2021. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0066-782X2021000200213&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2021000200213&lng=en&nrm=iso)>. access on 20 Mar. 2021. Epub Mar 01, 2021. <https://doi.org/10.36660/abc.20210012>.

SILVA, A. ALBINO, A. Rede Estadual De Ensino Da Paraíba: Educação Em “Regime Especial” Em Tempos De Covid-19. **Revista Educação Básica em Foco**, v.1, n1, abril a junho de 2020. p.1-8. Disponível em: <https://educacaobasicaemfoco.net.br/NumeroAtual/Artigos/Rede-Estadual-de-Ensino-da-Paraiba-Andreia-Silva-Angela-Albino.pdf> Acesso em 20 fev. 2021.





## A LITERATURA E OS TEMAS TABUS

### LITERATURE AND TABLE TOPICS

Cléa Coitinho Escosteguy; Marinês Andrea Kunz

Universidade Feevale

**Resumo:** Este estudo traz a reflexão sobre dois assuntos que permeiam os espaços escolares, mas são vistos como temas perturbadores: a questão de gênero e a homofobia na escola. Eles são, muitas vezes, considerados tabus, não sendo vistos com bons olhos pelos estabelecimentos de ensino nem pelas famílias dos alunos. Entretanto, a importância de abordar esses temas reside na necessidade de abordá-los para conscientizar a comunidade escolar do respeito ao outro, tanto nos anos iniciais como nos finais do Ensino Fundamental. Com esse objetivo, pode-se empregar a obras da literatura infantil e infanto-juvenil na luta contra o discurso sexista, machista e conservador. Para a viabilização deste trabalho, partiu-se da reflexão teórica com base em Diaz (2008), Louro (2004) e Silva (2018).

**Palavras-chave:** Literatura. Gênero. Homofobia. Educação.

**Abstract:** This study reflects on two subjects that permeate school spaces, but are seen as disturbing themes: the issue of gender and homophobia at school. They are often considered taboo, and are not viewed favorably by educational establishments or by students' families. However, the importance of addressing these issues lies in the need to address them to make the school community aware of respect for others, both in the early and late grades of elementary school. With this objective, it is possible to use works of children's and children's literature in the fight against sexist, sexist and conservative discourse. To make this work feasible, the theoretical reflection was based on Diaz (2008), Louro (2004) and Silva (2018).

**Keywords:** Literature. Gender. Homophobia. Education.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como intuito fomentar uma discussão sobre a questão de gênero e a homofobia, temas considerados perturbadores e até marginalizados na literatura infantil e infanto-juvenil. Contudo, ressalta-se a importância de serem abordados no espaço da sala de aula, pois é necessário conscientizar a comunidade escolar do respeito ao outro. Para tal, pode-se escolher obras literárias que possibilitem, ao aluno, pensar sobre o tema e construir conhecimento e, acima de tudo, a empatia com o outro.

Para tanto, também busca ampliar as possibilidades do trabalho pedagógico junto a alunos de todas as idades, a partir das obras de literatura infanto-juvenil, o que possibilita que professores desmistifiquem concepções preconceituosas sobre relações de gênero e a homofobia, construídas no meio social em que as crianças estão inseridas.

Espera-se que essa discussão, no âmbito escolar, auxilie os professores na construção de uma visão mais humana e emancipatória em relação aos temas em questão. Além disso,



espera-se que esta reflexão permita a alunos e professores uma forma de expressão mais plena, diminuindo os efeitos das imposições de normas e regras que favorecem o preconceito, bem como a dominação masculina ou feminina, propiciando, igualmente o combate à homofobia. Com isso, busca promover maior socialização, para que os alunos desenvolvam seu potencial artístico, esportivo e de liderança, de modo que a escola seja um espaço mais igualitário.

## SEXUALIDADE E GÊNERO: REFLETINDO POR MEIO DA LITERATURA

É necessário que haja uma mudança de paradigmas, com a invenção de novos “*saberfazer*es”<sup>1</sup>(ALVES, 2001), que tragam uma nova proposta de formação que rompa estereótipos, conceitos cristalizados. Sobretudo, é preciso adotar a prática de reconhecer o lugar da escola como lugar de saber, de (re)criação, de (des)aprendizagens e também de “inteligência, imaginação, memória e solidariedade”, em um ambiente de novas possibilidades e de “grande diversidade” (ALVES, 2001, p. 3)

Educar para a diversidade é mostrar que todos somos diferentes: “[...] existem tantas sexualidades quanto existem sujeitos no mundo, existem tantos currículos praticados sobre sexualidade quanto professores e professoras no mundo” (CAETANO, 2013, p. 14.) Desse modo, os próprios professores tomam para si a responsabilidade de atuarem como controladores das manifestações das sexualidades infantis, com o objetivo de lapidarem os comportamentos que consideram mais apropriados para meninos e meninas, reproduzindo aquilo que ouvem ou veem em relação às concepções de gênero:

Elas aprendem desde cedo, por exemplo, que rosa é cor de menina e azul é cor de menino. Daí acontece, muitas vezes, de o menino não querer pintar com lápis de cor de rosa porque isso é coisa de menina. E se ele quer brincar na casinha com as bonecas ou com as panelinhas as próprias meninas se sentem incomodadas. (BIAGIO, 2005, p.34).

Essa demarcação de lugares na escola começa muito cedo na vida das crianças, já no ingresso da criança na Educação Infantil, porque se reproduz o que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos, e esse reflexo, seguindo as relações sociais, vai se tornando a realidade da criança, que passa a compartilhar da mesma visão de mundo dos adultos.

<sup>1</sup> “Por opção” política, os estudiosos dos cotidianos no Brasil passaram a enfrentar algumas dicotomias e categorizações praticando a junção de palavras numa tentativa de capturar e criar outros sentidos menos submissos e ocidentalizados (OLIVEIRA; SÜSSEKID, 2016, p. 7).



No próximo tópico, tratar-se-á de outro tema que surge também em meio à sombra, a homofobia, pois é um tema tabu que perpassa a sociedade.

## A HOMOFOBIA COMBATIDA ATRAVÉS DA FICÇÃO

Vivemos em uma época de grande conturbação social: na política, na cultura, nas relações sociais, na segurança etc. Nessas condições, mulheres, negros, índios, homossexuais e outros grupos desfavorecidos política e socialmente vêm sendo vitimados não somente pelo preconceito rude, verbal e fisicamente, mas também pelo estereótipo e pelo descaso.

Sendo assim, faz-se necessário analisar de que forma a escola, usando como “arma” principal a literatura infanto-juvenil, dentro da sua funcionalidade como a arte da palavra, com os recursos linguísticos e estéticos, pode contribuir para a discussão e a problematização de alguns aspectos relacionados à diversidade de gênero e sexual.

A escola brasileira estruturou-se a partir de pressupostos fortemente preconceituosos, reduzindo a figura do “outro”, considerando “estranho”, “inferior”, “pecador”, “doente”, “pervertido”, “criminoso” ou “contagioso” todos aqueles e aquelas que não se enquadram no único componente valorizado pela heteronormatividade<sup>2</sup> centrado no adulto, masculino, branco, heterossexual, burguês, física e mentalmente “normal”.

Segundo a Professora Guacira Lopes Louro, mesmo no espaço da educação, encontram-se a segregação e o preconceito:

[...] os sujeitos que, por alguma razão ou circunstância, escapam da norma e promovem uma descontinuidade na sequência sexo/ gênero/sexualidade serão tomados como minoria e serão colocados à margem das preocupações de um currículo ou de uma educação que se pretenda para a maioria. Paradoxalmente, esses sujeitos marginalizados continuam necessários, pois servem para circunscrever os contornos daqueles que são normais e que, de fato, se constituem nos sujeitos que importam (LOURO, 2004b, 27) .

A escola, infelizmente, configura-se ainda como lugar de opressão, discriminação e de preconceitos, onde existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidas muitas crianças e jovens LGBT<sup>3</sup> – muitos/as dos/as quais vivem de maneiras distintas, situações

<sup>2</sup> Por meio da heteronormatividade, a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade legítima de expressão identitária e sexual (WARNER, 1993).

<sup>3</sup> Sigla cada vez mais empregada a partir da metade dos anos 1990 e fortemente ligada às políticas de identidade, LGBT possui muitas variantes, inclusive com ordens diferentes das letras. Em algumas, acrescenta-se um ou dois T (para distinguir travestis, transexuais e transgêneros).



delicadas de homofobia, negação, autculpabilização, auto-aversão. E isso se faz com a participação ou a omissão da família, da comunidade escolar, da sociedade e do Estado.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, com a exploração de materiais bibliográficos e documentais, e discute como os chamados “temas tabus” podem ser abordados em sala de aula. Ressaltamos a escolha do tema de pesquisa pelo fato de ser pouco trabalhado nas escolas, e quando isso acontece é de forma bastante superficial.

Parece, assim, que o trabalho realizado em torno de obras literárias que versam sobre esses delicados assuntos - a questão de gênero e a homofobia - contribui para um progressivo despertar. Assim, ao mesmo tempo em que é combatida a banalização do assunto, é criado um contexto para a sua gradual entrada nos espaços escolares. A análise baseia-se, principalmente, nas contribuições de Diaz (2008), Garner (1997) e Silva (2018). São apresentadas obras literárias que oferecem recursos para uma discussão e reflexão, sensibilizando o aluno e proporcionando abertura e liberdade de pensamento e expressão.

A partir dos procedimentos metodológicos evidenciados, passamos à apresentação de obras literárias que irão subsidiar a prática dos professores.

## RESULTADOS E ANÁLISES

### OS TEMAS TABUS NA SALA DE AULA: EVITAR OU ENCARAR?

É importante refletir sobre esse questionamento, mas primordial é responder a ele com base em autores que defendem e estudam a real importância de trazerem até os alunos obras que não sejam simplórias e se dediquem apenas ao politicamente correto. Assim, segundo Fanan Diaz, em palestra realizada, “são os adultos que reforçam o ar sombrio que estes temas apresentam e, ainda, resistem à inclusão destes nos debates e nas conversas com as crianças e os adolescentes”. Segundo o autor, os livros que ele denomina “perturbadores” são significativos e necessários para oportunizar o crescimento e desencadear reflexões. Portanto, precisamos perceber a função social da Literatura, que é provocar, na criança, novas formas de pensar.

A escola, embora seja considerada um desses espaços sociais de convivência sociocultural, respeito e valorização da diversidade, organizada com o propósito de



ensinar/aprender a condição humana, tem se constituído em um lugar de legitimação e perpetuação dos preconceitos de gênero, sexo e etnia.

Para reverter tal realidade, a literatura constitui um instrumento de mediação e problematização das relações de gêneros e de sexualidades construídas pelo imaginário social, para que crianças, adolescentes e adultos possam discutir os temas, a partir das personagens das histórias fictícias, relacionando-as a situações do seu cotidiano. Pode-se produzir, com isso, um cenário de liberdade e de representação das ideias e valores dos sujeitos envolvidos, de modo que os professores não sejam meros transmissores/as de informação, mas atuem como produtores culturais profundamente implicados/as nas questões públicas educacionais e sociais. Conforme Abramovitch,

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. (1989, p.17)

Ao abrir o livro e contar a história, o professor oferece ao aluno a oportunidade de refletir, através da ficção, sobre assuntos que fazem parte da vida e das relações sociais, criando um caminho para a expressão e problematização. Sugere-se, então, a leitura e a discussão de diversas obras literárias, de um viés não sexista, que provocarão diálogos sobre as desigualdades de gênero, marcadores sociais de gênero, identidades de gênero, sexualidade, oferecendo a possibilidade de problematizar os regimes de verdade que governam as crianças. Com isso, é possível contribuir para uma educação em que as diversidades sejam respeitadas e aceitas como legítimas da nossa sociedade plural.

Para auxiliar os professores na busca de obras que abordam tais temas, sugerem-se as seguintes obras: *O Príncipe Cinderelo*, de Babette Cole; *Menina não entra*, de Telma Guimarães Andrade; *Até as princesas soltam pum*, de Ilan Brenman, e *Ceci tem Pipi?*, de Thierry Lenain.

É importante lembrar que somente a leitura das obras e imagens não garantirá a reflexão das temáticas propostas pelas crianças. Portanto, é necessário que os professores criem perguntas reflexivas com o objetivo de contrapor a realidade vivenciada pelas crianças às questões colocadas pela obra. Quando demonstram interesse por seu corpo e pelo de seus colegas, bem como apresentam questionamentos sobre a sua identidade - por exemplo, sobre como vieram ao mundo -, as crianças devem ser ouvidas e atendidas. Na verdade, é nesses



momentos que o professor deve intervir com propriedade e segurança. Espera-se que, com essas sugestões, possam ser ampliadas as possibilidades de discussão a respeito desse assunto.

Quando pensamos no espaço escolar, podemos nos perguntar: qual o lugar da literatura infanto-juvenil na sociedade atual? Qual o seu espaço? Qual a sua posição em relação aos temas considerados tabus, mais especificamente, a homofobia? De que forma ela pode auxiliar no combate do preconceito? Para refletir e responder aos questionamentos, pode-se pensar que as crianças precisam se aproximar do tema de forma natural, sem pressão nem diretrizes e nada melhor do que trazer a ficção para abrir o caminho do bate papo em sala de aula.

Portanto, pode-se dar o primeiro passo com a obra *O menino que brincava de ser*, de Georgina da Costa Martins, que afirma o posicionamento de que a literatura infanto-juvenil é um meio expressivo de problematizar as interrogações referentes à diversidade sexual, em relação ao subjetivo, ético e estético na abordagem de uma temática considerada tão polêmica e controversa pela sociedade.

Destacam-se os seguintes excertos da obra que possibilitam trabalhar a empatia.

Outro dia, na escola, o Rafa, um menino que gostava de bater em todo mundo, chamou-o assim. – Olha lá a mulherzinha – gritou, bem no meio do pátio. Um monte de gente ficou rindo dele...

O Rafa, assim que o viu, começou a rir e disse baixinho em seu ouvido: – Nunca vi mulherzinha jogar bola! (MARTINS, 2000, p. 16).

Percebe-se que os constrangimentos a que Dudu é submetido têm uma abrangência bem maior que o familiar, alcançando todos os ambientes frequentados por ele. Em relação ao preconceito e à discriminação, grande parte da sociedade é conivente: “Um monte de gente ficou rindo dele” (MARTINS, 2000, p. 16).

Outras obras que igualmente abordam a questão da orientação sexual e o combate à homofobia são: *O Menino Perfeito*; de Bernat Cormandt; *Minhas duas avós*, de Ana Teixeira; *Meus Dois Pais*, de Walcyr Carrasco; *Olívia Tem Dois Papais*, de Márcia Leite; *Amor Entre Meninas*, de Shirley Souza. Obviamente, não se adota aqui a ideia de empregar a literatura como pretexto para abordar essas temáticas, em uma perspectiva pedagogizante. Evidentemente, não se deve perder de vista a dimensão estética das obras, a relação entre o signo verbal e o imagético, o emprego da linguagem, critérios basilares da escolha dos livros a serem trabalhados.

Acredita-se, sim, que a obra literária pode ser de grande proveito para promover a discussão de tais temas polêmicos, de modo que seria muito importante incorporar essa



perspectiva de trabalho à matriz curricular de uma escola, mas também de cursos de formação de professores. Para isso, faz-se necessário que o professor saiba promover e intermediar o debate, instigando uma discussão saudável e eticamente desejável, buscando-se (re) pensar o assunto abordado pela obra literária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de suma importância chamar a atenção dos professores para a necessidade de tecer estratégias para trabalhar as questões de gênero e a homofobia com crianças e adolescentes no âmbito escolar, com o emprego de obras de literatura infantil e infanto-juvenil. O intuito é alargar o horizonte dos alunos, a fim de que possam ver o mundo em sua pluralidade, a qual deve ser sempre respeitada. Desse modo, podemos desafiar e convidar a comunidade escolar a um novo olhar sobre os temas considerados tabus. Precisamos, pois, reforçar o papel da literatura infantil e infanto-juvenil na luta contra o discurso sexista, machista e conservador.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVITCH, F.** *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.
- ALVES, N; OLIVEIRA, I. B.** *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. Ed. Petrópolis, 2001.
- ANDRADE, Telma Guimarães Castro.** *Menina não entra*. São Paulo: Editora do Brasil, 2006.
- BIAGIO, R.** Meninas de azul, meninos de rosa. *Revista Criança: do Professor de Educação Infantil*. Brasília, p. 33-7, Setembro, 2005.
- BRENMAN, Ilan.** *Até as princesas soltam pum*. São Paulo: Brinque-Book, 2009.
- CAETANO, Márcio.** Currículos praticados e a construção da heteronormatividade. In: ALEXSANDRO, Rodrigues; CORRÊA, Barreto Maria Aparecida Santos. (Org.). *Currículos, gêneros e sexualidades: experiências misturadas e compartilhadas*. Vitória/ES: Edufes, 2013.
- CARRASCO, Walcyr.** *Meus Dois Pais*. São Paulo: Editora Ática, 2010.
- COLE, Babette.** *O Príncipe Cinderelo*. São Paulo: Martins Fontes. 2006.
- CORMAND, Bernat.** *O Menino Perfeito*. Editora Livros da Matriz, 2017.
- DÍAZ, Fanuel Hanán,** Conferencia Seminario Internacional de Promoción de la Lectura Placer de Leer Encuentros con la Literatura. Fundación C&A – CEDILIJ. Buenos Aires, Argentina, octubre 2008.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

**LEITE, Márcia.** *Olívia Tem Dois Papais.* São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

**LENAIN, Thierry.** *Ceci tem Pipi?* São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

**LOURO, G. L.** *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.* Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

**MARTINS, Georgina da Costa.** *O menino que brincava de ser.* São Paulo: DCL 2000.

**SILVA, André Luiz dos Santos**  
<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/issue/view/136>, 2018

**SOUZA, Shirley.** *Amor Entre Meninas.* Editora Panda Books, 2006.

**TEIXEIRA, Ana.** *Minhas duas avós.* Editora Pólen, 2017.





## LA PIEL QUE HABITO: TRANSDISCIPLINARIDADE NO ENSINO MÉDIO EM AMBIENTE REMOTO

THE SKIN I LIVE IN: HIGH SCHOOL TRANSDISCIPLINARITY IN REMOTE  
ENVIRONMENT

Cíntia de Moura Pinto; Samuel Vicente Basso Cibils; Cleidi Jaqueline Blos Dresch; Maritsa Fabiane

Heylmann; Deisy Kariny Bamberg

Escola de Aplicação Feevale

**Resumo:** Este estudo objetivou apresentar um projeto transdisciplinar aplicado a estudantes do terceiro ano do ensino médio da Escola de Aplicação Feevale no segundo semestre de 2020. Em virtude do cenário pandêmico, o projeto foi executado em aulas síncronas na plataforma virtual Blackboard e contou com professores das áreas de Linguagem, Ciências da natureza e Ciências Humanas. Partindo do título do filme *La piel que habito*, de Pedro Almodóvar, o projeto visou analisar aspectos biológicos da pele e como o ser humano se utiliza dela para expressar estilos de vida, referências e pertencimento, permeados por questões biológicas, antropológicas, ambientais, culturais e existenciais. Com duração de cinco semanas, o projeto teve como atividade final responder à pergunta central “Como analisar e avaliar a formação das culturas e a ocupação de espaços culturais a partir da composição profunda da pele que nos cobre e seu significado?” e a realização de uma síntese das aprendizagens representada por meio de uma construção artística.

**Palavras-chave:** Ensino remoto. Identidade. Pele. Transdisciplinaridade.

**Abstract:** This study aimed to present a transdisciplinary project applied to high school senior students from Escola de Aplicação Feevale in the second semester of 2020. Due to the pandemic scenario, the project was carried out in synchronous classes on the Blackboard virtual platform and counted on teachers from the areas of Languages, Natural Sciences and Human Sciences. Starting from the title of the film *The skin I live in*, by Pedro Almodóvar, the project aimed to analyze biological aspects of the skin and how the human being uses it to express lifestyles, references and belonging, permeated by biological, anthropological, environmental, cultural issues and existential. Lasting five weeks, the project's final activity was to answer the central question "How to analyze and evaluate the formation of cultures and the occupation of cultural spaces based on the deep composition of the skin that covers us and its meaning?" and the realization of a synthesis of learning represented through an artistic construction.

**Palavras-chave:** Remote teaching. Identity. Skin. Transdisciplinarity.

### 1 INTRODUÇÃO

Em um mundo cada vez mais tecnológico e conectado, as relações, sejam pessoais, familiares, profissionais etc., tornam-se, a todo momento, interligadas de tal modo que não é mais possível desassociar as interações humanas dos dispositivos digitais. Ainda, para além disso, diante das inúmeras oportunidades de construção de saberes a partir dessa vinculação pessoa-tecnologia, tem-se, em função da facilidade de acesso à informação, a possibilidade do



aprendizado multidisciplinar, que advém da relação entre conhecimentos nas mais diversas áreas.

Nesse sentido, o ensino escolar desempenha um papel fundamental: o de articular experiências de aprendizagem que propiciem a construção do conhecimento alinhadas às diretrizes para a Educação Básica em uma perspectiva que aproxime os direitos de aprendizagem dos estudantes, especialmente no ensino médio, “à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea” (BRASIL, 2018, p. 14).

Para isso, as normativas para a Educação Básica no Brasil privilegiam o planejamento e a prática escolar orientados ao desenvolvimento de competências do saber e do saber fazer (BRASIL, 2018), uma vez que as demandas da sociedade contemporânea impõem um novo olhar para questões do processo educativo no sentido do que se “aprender, para que aprender, como ensinar, como promover redes de aprendizagem colaborativa e como avaliar o aprendizado” (BRASIL, 2018, p. 14).

Em vista disso, a Base Nacional Comum Curricular, BNCC, explicita o seu compromisso com a educação integral (BRASIL, 2018), que visa a formação humana global, compreendendo o indivíduo como complexo e não linear no processo de desenvolvimento e promovendo uma educação voltada ao acolhimento, ao reconhecimento e ao desenvolvimento pleno de suas singularidades e diversidades.

Uma vez que o ensino escolar passa por profundas mudanças em relação às propostas pedagógicas e metodológicas após a aprovação da BNCC (BRASIL, 2018), cabe às instituições de ensino adaptarem-se e reorganizarem seus currículos a fim de contemplarem de maneira efetiva os direitos de aprendizagem dos estudantes assegurados no documento.

Nesse contexto, a Escola de Aplicação Feevale, de Novo Hamburgo/RS surge como um espaço de educação que busca, constantemente, atender às demandas educacionais e pedagógicas de seus estudantes por meio de uma proposta metodológica de ensino que privilegia os ensinamentos uni, inter e transdisciplinar da Educação Infantil ao Ensino Médio/Técnico a partir da observação de fenômenos, inspirada nos moldes finlandeses para a educação<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Informações disponíveis em: <https://escola.feevale.br/>. Acesso: 10 abr. 2021.



Em um cenário pandêmico que demandou a adaptação de toda a humanidade em relação ao deslocamento de pessoas e novas formas de fazer a vida continuar com um mínimo de normalidade, acredita-se que a educação escolar é a que tem sofrido os maiores impactos. Ainda que o ensino superior já contasse com as plataformas de ensino à distância com, inclusive, cursos integralmente em ambiente remoto, a realidade nas escolas, até o início da pandemia do novo corona vírus, era predominantemente presencial. Esse ajustamento tem exigido esforços das crianças e dos jovens, das famílias e/ou cuidadores e, principalmente, das escolas, que precisaram adaptar seus currículos, atividades e processos avaliativos para o meio virtual em uma organização que causasse o menor prejuízo possível no processo de desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes.

Diante do exposto, este trabalho apresenta um projeto transdisciplinar aplicado no segundo semestre de 2020 para estudantes do terceiro ano do ensino médio da Escola de Aplicação Feevale. Partindo do nome *La piel que habito*, título do filme espanhol dirigido por Pedro Almodóvar em 2011, a proposta envolveu os componentes curriculares de Língua Espanhola e Inglesa, Filosofia, História e Biologia. No intuito de esquematizar o desenvolvimento deste trabalho, são detalhados, ao longo dele, a contextualização do projeto, as habilidades desenvolvidas, o diálogo entre os componentes curriculares, as estratégias aplicadas, as atividades desenvolvidas, o processo avaliativo e a recepção dos estudantes.

## **2 O PROJETO: QUAL O OBJETIVO?**

O projeto transdisciplinar *La piel que habito* foi elaborado e aplicado aos estudantes do terceiro ano do ensino médio da escola de Aplicação Feevale no segundo semestre de 2020 em ambiente virtual. Uma vez que o Estado do Rio Grande do Sul adotou o modelo de distanciamento controlado ainda no primeiro semestre daquele ano, as aulas presenciais foram suspensas, fazendo com que a instituição adotasse a plataforma Blackboard, que disponibiliza recursos e ferramentas para o ensino on-line, para dar continuidade ao ano letivo na escola.

O currículo da Escola de Aplicação Feevale compreende o ensino por meio de projetos uni, inter e transdisciplinares, de modo que os componentes curriculares são organizados em blocos de professores que combinam mais de uma área do conhecimento por vez.

Para a organização do projeto *La piel que habito*, os professores de Língua espanhol e inglesa (Linguagens), Biologia (Ciências da Natureza) e Filosofia e História (Ciências



Humanas), em seu planejamento, debateram as habilidades necessárias a serem trabalhadas naquele período do ano e etapa do ensino médio. Na rodada de prioridade entre as habilidades a serem desenvolvidas, com base na BNCC (BRASIL, 2018), coube ao grupo identificar e escolher quais delas seriam mais relevantes para os estudantes.

Em seguida, foi elaborada uma pergunta de pesquisa que os estudantes deveriam responder ao final do projeto, que teve a duração de cinco semanas, com um encontro de uma hora por semana, que era: “Como analisar e avaliar a formação das culturas e a ocupação de espaços culturais a partir da composição profunda da pele que nos cobre e seu significado?”.

Nesse sentido, o projeto visou trazer, de modo transdisciplinar, questões relacionadas aos significados que marcas na pele podem trazer às pessoas e à sociedade, considerando aspectos de tempo e espaço, culturais, sociais e de expressão.

Com encontros semanais para planejamento coletivo, os professores discutiram sobre a elaboração do projeto, ao diálogos entre os componentes curriculares, os caminhos a serem tomados e as estratégias que seriam adotadas nas aulas.

### 3 PLANEJAMENTO E PRÁTICA

O projeto La piel que habito foi lançado para os estudante do terceiro ano do ensino médio no dia 05 de agosto de 2020 e nessa primeira aula, na modalidade síncrona, foram apresentados os professores envolvidos, as habilidades a serem trabalhadas ao longo dele. As estratégias adotadas foram a aula on-line para leitura e interpretação de texto lido pelos professores, sobre a pele e os sentidos em uma perspectiva filosófica (FULKERSON, 2020; LOCKE, 1975) e a criação de uma nuvem de palavras digital a partir da seleção de palavras-chave do texto discutido. Para melhor entendimento, segue abaixo, no Quadro 1, a organização das habilidades desenvolvidas ao longo do projeto relacionadas a cada área do conhecimento:

**Quadro 1 – Habilidades desenvolvidas no projeto La piel que habito**

HABILIDADES	ÁREA DO CONHECIMENTO
Posicionar-se criticamente diante de diversas visões de mundo presentes nos discursos em diferentes linguagens, considerando seus contextos de produção e de circulação.	Linguagens
Analisar as diversas formas de manifestação da vida em seus diferentes níveis de organização, bem como as condições ambientais favoráveis e os fatores limitantes a elas.	Ciências da Natureza
Analisar objetos da cultura imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas, observando questões da diversidade cultural em suas múltiplas expressões.	Ciências Humanas



Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos de caráter epistemológico, com base na sistematização de informações de natureza perceptual.

Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar valores e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades.

Analisar situações da vida cotidiana conforme os estilos de vida de diferentes indivíduos, problematizando formas de preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

**Fonte: elaborados pelos autores com base na BNCC (BRASIL, 2018).**

O segundo encontro ocorreu no dia 12 de agosto, e a dinâmica foi uma aula on-line com apresentação de slides, conduzida pela professora de Ciências da Natureza, que tratou de uma discussão acerca da composição e das funções da pele (BERNARDO, 2019). Como atividade, os estudantes tiveram de realizar um questionário simulado e adaptado do ENEM e de vestibulares relacionados ao tema.

Para o terceiro encontro, ocorrido no dia 19 de agosto, que foi administrado por todos os professores na sala de aula on-line, houve uma apresentação de slides e uma discussão sobre a história da tatuagem, da sua utilização como forma de expressar a arte e a cultura dela em diferentes povos (MONTAGU, 1988). Fundamentados nos argumentos apresentados e no debate desenvolvido, os estudantes tiveram de realizar uma produção textual a partir de uma análise comparativa da crônica “Os tatuadores”, de João do Rio.

Na aula on-line da quarta semana, dia 26 de agosto, houve apresentação de slides e de vídeos narrados em inglês e espanhol sobre o corpo como meio de expressão ligado aos diversos manifestos culturais das sociedades (PÉREZ, 2006). Nesse contexto, foram apresentadas modificações corporais além da tatuagem artística, como as com função informativa, por exemplo, nos casos de alérgicos ou de pessoas que a utilizaram para cobrir cicatrizes. Além disso, foram trazidos exemplos de modificações corporais vinculadas à expressão social ou cultural, como pinturas tribais, alargamento de lábios, orelhas e pescoço.

Na quinta e última semana do projeto, no dia 02 de setembro, foi realizada uma aula on-line na qual foi proposta uma retomada das aprendizagens construídas ao longo das semanas e uma reflexão sobre a perspectiva biológica, social, cultural, antropológica e filosófica das várias modificações que as pessoas fazem em seus corpos na busca por pertencimento, identidade, individualidade e referência cultural.



Para finalizar o projeto e sintetizar os diálogos entre as áreas do conhecimento ao longo dele, foi solicitado aos estudantes que criassem uma imagem que os representasse considerando sua realidade, suas preferências e sua forma de ver o mundo, e que respondessem à pergunta central do projeto, que era: “Como analisar e avaliar a formação das culturas e a ocupação de espaços culturais a partir da composição profunda da pele que nos cobre e seu significado?”. Eles poderiam fazer a representação gráfica disso por meio de desenho ou de ferramentas de manipulação de imagens.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"A profundidade da pele é hospitaleira para todos os significados."*

*Davis Le Breton (2006)*

Partindo da epígrafe acima, a Escola de Aplicação Feevale lançou, no segundo semestre de 2020, o projeto La piel que habito. Considerando que, ao longo da história, o ser humano utilizou-se do seu corpo como forma de linguagem, as cirurgias, as tatuagens e modificações corporais são manifestações de individualidade e de identificação com determinados grupos, tendo, na pele, o veículo para comunicar mensagens.

Voltado aos estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, o trabalho, que envolveu as áreas do conhecimento das Ciências Humanas, das Ciências da Natureza e das Linguagens, teve como objetivo analisar aspectos biológicos da pele e como o ser humano se utiliza dela para expressar estilos de vida, referências e pertencimento, permeados por questões antropológicas, ambientais, culturais e existenciais.

Em virtude do distanciamento social provocado pela pandemia do novo corona vírus, a rotina escolar se viu voltada para o ensino remoto, no qual as interações e práticas pedagógicas precisaram ser reelaboradas e reorganizadas de tal modo que os conhecimentos continuassem a ser construídos com propostas que instigassem a curiosidade e o interesse dos estudantes. Nesse sentido, abordar um tema que faz parte do universo adolescente, como a tatuagem, possibilita essa aproximação que é tão fundamental para promover o engajamento com a aprendizagem.

Ao final do estudo, os estudantes tiveram de, além de responder ao problema de pesquisa “Como analisar e avaliar a formação das culturas e a ocupação de espaços culturais a partir da composição profunda da pele que nos cobre e seu significado?”, criar um produto final, que



demandou em uma síntese das aprendizagens representada por meio de uma construção artística.

Com um assunto tão rico em possibilidades, trabalhar de modo transdisciplinar ofereceu aos estudantes pontos de vista, percepções e entendimentos sobre um determinado tema, fazendo com que sua compreensão se desenvolvesse a partir da observação de mais de um aspecto, tornando-o protagonista de seu processo de construção do conhecimento.

Tornar a transdisciplinaridade na escola, tanto em ambiente presencial quanto remoto, é possível. Não é necessário elaborar um projeto muito extenso, complexo ou abordar muitos temas ao mesmo tempo. Fundamental, nesse contexto, é o planejamento dos professores e o alinhamento de habilidades que sejam consideradas adequadas e pertinentes para determinado ciclo ou etapa.

Sabe-se que no campo do ensino remoto e transdisciplinar há, ainda, muito o que ser descoberto e explorado. No entanto, com engajamento dos professores no planejamento fundamentado nos documentos normativos para a Educação Básica, no comprometimento com a aprendizagem efetiva e significativa, um passo de cada vez, muito pode ser feito.

## REFERÊNCIAS

BERNARDO, A. F. C., Santos, K., Silva, D. P. Pele: alterações anatômicas e fisiológicas do nascimento à maturidade. **Revista Saúde em Foco**. 1 (11), (2019), 1221-33. Recuperado de <http://portal.unisepe.com.br/unifia/wpcontent/uploads/sites/10001/2019/11/PELE-ALTERA%C3%87%C3%95ESANAT%C3%94MICAS-E-FISIOLOGICAS-DO-NASCIMENTO-%C3%80-MATURIDADE.pdf>

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Ensino Médio. Brasília. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category\\_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192). Acesso: 10 abr. 2021.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LOCKE, John. **An Essay on the Human Understanding**. Peter H. Nidditch (Ed.). Oxford: Clarendon Press, 1975.

MONTAGU, A. **Tocar: o significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1988.

PÉREZ, A. L. A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. **Mana**, 2006, 12, 179-206.



## RELAÇÃO DO ESTRESSE PSICOSSOCIAL E DO MARCADOR DE ESTRESSE OXIDATIVO (8-OHDG) EM PESSOAS IDOSAS COM DEPRESSÃO

### RELATIONSHIP OF PSYCHOSOCIAL STRESS AND OXIDATIVE STRESS MARKER (8-OHDG) IN ELDERLY PEOPLE WITH DEPRESSION

Diego da Silva Souza; Geraldine Alves dos Santos; Caroline Fagundes; Claudir Facin; Laís Freitas

Beck

Universidade Feevale

**Resumo:** O objetivo deste estudo foi analisar a associação do estresse psicossocial e o marcador de estresse oxidativo (8-OHdG) em pessoas idosas com depressão. A amostra foi dividida em 3 grupos de acordo com a avaliação da Escala de Depressão Geriátrica - GDS-15: ausência de depressão (n= 123), presença de depressão leve (n=18) e presença de depressão grave (n=2). Destes grupos selecionamos a amostra de idosos que apresentaram depressão leve. Os instrumentos utilizados: Inventário para Sintomas de Estresse de Lipp (ISSL), Escala de Depressão Geriátrica (GDS-15) e a detecção de 8-OHdG por teste de Elisa. Realizou-se análises de correlação, através do SPSS v. 25.0. Resultados: Na análise de correlação, no grupo de idosos com depressão leve, identificou-se a associação do estresse psicossocial com o 8-OHdG ( $\rho = 0,579$ ;  $p = 0,028$ ). Este resultado demonstra que em pessoas idosas com depressão, quanto maior for o estresse psicossocial maior é o índice de estresse oxidativo. Conclusão: A depressão se correlaciona significativamente positivamente com os níveis plasmáticos de 8-OhdG. Nosso estudo, ao apontar o estresse psicossocial como possível intermediador entre o estresse oxidativo e a depressão em idosos pode abrir possibilidades de intervenções sobre estas variáveis em tratamentos mais adequados e políticas públicas, buscando-se um envelhecimento bem-sucedido.

**Palavras-chave:** Dano oxidativo. Depressão. Estresse psicossocial. Idoso.

**Abstract:** The aim of this study was to analyze the association of psychosocial stress and the oxidative stress marker (8-OHdG) in elderly people with depression. The sample was divided into 3 groups according to the evaluation of the Geriatric Depression Scale GDS-15: absence of depression (n = 123), presence of mild depression (n = 18) and presence of severe depression (n = 2). From these groups, we selected the sample of elderly people who had mild depression. The instruments used: Lipp Stress Symptoms Inventory (ISSL), Geriatric Depression Scale (GDS-15) and the detection of 8-OHdG by Elisa test. Correlation analyzes were performed using SPSS v. 25.0. Results: In the correlation analysis, in the group of elderly people with mild depression, the association of psychosocial stress with 8-OHdG ( $\rho = 0.579$ ;  $p = 0.028$ ) was identified. This result shows that in elderly people with depression, the greater the psychosocial stress, the higher the oxidative stress index. Conclusion: Depression correlates significantly positively with plasma 8-OhdG levels. Our study, by pointing out psychosocial stress as a possible intermediary between oxidative stress and depression in the elderly, can open up possibilities for interventions on these variables in more appropriate treatments and public policies, seeking successful aging.

**Key words:** Oxidative damage. Depression. Psychosocial stress. Elderly.



## INTRODUÇÃO

A prevalência média da depressão, segundo a Organização Mundial da Saúde é de cerca de 4% da população mundial, sendo mais prevalente nas mulheres (5,1%) do que nos homens (3,6%). A depressão ainda obteve um incremento de 18,4% de casos entre os anos de 2005 e 2015, demonstrando que a mesma cresce em maior proporção do que o aumento da população mundial. A depressão decorre de fatores biopsicossociais, envolvendo desde variáveis genéticas, desregulação do sistema límbico, hipotálamo e gangliar, até fatores psicossociais, como o estresse, que estão bem relacionados como precedentes dos episódios depressivos (WHO, 2017).

A depressão maior é tratada dentro do DSM V (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2016) como um dos transtornos depressivos, que tem como características gerais presença de humor triste, vazio ou instável, que é acompanhado por alterações de cunho cognitivo e somático e que acaba por afetar a capacidade de funcionamento do indivíduo. O transtorno depressivo maior é tratado como a condição mais clássica destes transtornos e caracteriza-se por episódios distintos de pelo menos duas semanas de duração de alterações significativas na cognição, afeto, e funções neurovegetativas. Além disso, apresenta remissões interepisódicas. Outra característica, segundo o manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, é a acentuada diferença de prevalência por faixa etária, sendo que afeta majoritariamente mulheres entre 18 e 29 anos, porém não é incomum a presença do primeiro episódio na idade avançada, o que indica a influência mútua entre o processo de envelhecimento e o transtorno. Porém, há muito tempo, uma característica bem estabelecida na literatura é que a depressão maior apresenta prevalência menor em adultos mais velhos do que em adultos jovens (WEISSMAN et al., 1991). Por outro lado, segundo dados atuais da Organização Mundial da Saúde, embora as taxas de prevalência da depressão variem de acordo com a idade, as mesmas acabam por atingir um pico nas idades compreendidas entre 55 e 77 anos, com prevalência de 7,5% entre as mulheres, e entre as idades de 55 a 74 anos e acima de 5,5% entre os homens (WHO, 2017). De qualquer forma, vale salientar que dentre as enfermidades relacionadas ao sofrimento emocional, a depressão é que se apresenta mais frequente no idoso (BOTTINO et al., 2013).

Ao comparar a relação entre os níveis de ansiedade e depressão entre idosos ativos e sedentários, Minghelli e colaboradores (2013) encontraram que a chance de os idosos





sedentários desenvolverem sintomas de ansiedade e depressão é 38 vezes maior do que em idosos praticantes de atividades físicas, sugerindo que a prática da atividade física pode representar um fator importante para a prevenção da ansiedade e da depressão nesta faixa etária. Sendo assim, a depressão acarreta grandes perdas relacionadas à qualidade de vida da pessoa idosa, e somadas às dificuldades de diagnóstico, características particulares e comorbidades envolvidas, é de suma relevância para a saúde pública do idoso (BOTTINO et al., 2013).

Destaca-se, portanto, a importância do tratamento adequado da depressão na velhice, uma vez que vários estudos indicam que idosos deprimidos e que não recebem o tratamento adequado, acabam por apresentar maiores índices de internações, incapacidades e morte prematura (GUIMARÃES; CALDAS, 2006; GRINBERG, 2006; CHAPMAN; PERRY, 2008).

Pereira e colaboradores (2004) ao contextualizarem as etapas sociais e biológicas naturais do envelhecimento, encontraram que vários fatores podem acelerar ou retardar este processo. Os autores focaram seu estudo na abordagem biológica e no controle central do estresse e sua relação com a ativação do eixo hipotálamo-hipofisário-adrenal, além das regiões cerebrais responsáveis por interpretações aos estímulos de estresse. Ao dissertar sobre seu trabalho os autores demonstraram as principais alterações neurofisiológicas desencadeadas pelo estresse, chamando atenção para a relevância do estresse de forma a impactar no processo de envelhecimento além de afetar de diferentes maneiras a saúde física e mental da pessoa idosa, através de importantes alterações neuroendócrinas e do sistema imune.

Por fim, o estresse pode acentuar a desregulação da função imunológica a qual está associada ao envelhecimento através da influência do mesmo sobre a atividade autonômica, além da atividade hipotalâmica, pituitária e adrenal, responsável pela função imunológica. Mesmo que cada indivíduo responda de maneira diversa a esta disfunção, é de suma importância o entendimento de como fatores como estresse e depressão afetam a função imune, na busca do envelhecimento bem-sucedido. É sabido que o estresse pode ser influenciado por fatores psicológicos, como as estratégias de seleção, otimização e compensação, bem como mudanças para hábitos mais saudáveis podem influenciar a função imune, compensando os efeitos negativos do estresse (FAGUNDES et al., 2012). Sendo assim, é de suma importância a resistência ao estresse ambiental, uma vez que o mesmo apresenta grande influência sobre a longevidade, bem como a manifestação genética do envelhecimento (RATTAN, 2013).

O processo de envelhecimento é caracterizado por uma redução gradual de funções fisiológicas. Um dos principais intervenientes neste processo parece ser o estresse oxidativo,



que é definido como um desequilíbrio entre a produção de espécies reativas de oxigênio (ROS) e os sistemas antioxidantes. Os radicais livres, na ausência de defesas antioxidantes endógenas, provocam dano oxidativo a macromoléculas celulares (DNA, lipídios e proteínas) levando ao envelhecimento e doenças degenerativas. De fato, existem muitos tipos de modificações na base oxidativa que podem potencialmente surgir no DNA como resultado do ataque de ROS. Entre as lesões de DNA, o 8-OHdG é um dos mais abundantes e bem caracterizados produtos da lesão oxidativa (LUCERI et al., 2018).

Refletir acerca do processo de envelhecimento bem-sucedido nos remete a relacionar variáveis como depressão e estresse oxidativo nos idosos. Segundo Palta et al. (2014) percebe-se que uma associação entre depressão e estresse oxidativo tem sido relatada, embora os achados sejam inconsistentes devido a populações clínicas heterogêneas, amostras pequenas e o uso de medidas variáveis de estresse oxidativo. Em relação a esta colocação configura-se o objetivo geral deste estudo: analisar a associação do estresse psicossocial e o marcador de estresse oxidativo (8-OHdG) em pessoas idosas com depressão.

## MÉTODO

O delineamento deste estudo foi descritivo, quantitativo e transversal. A população foi constituída de idosos residentes no Município de Ivoti/RS. A amostra foi selecionada por conveniência dos 5 postos de saúde do município. Todos os idosos cadastrados foram convidados a participar. A amostra foi composta por 143 pessoas idosas na faixa etária compreendida entre 60 e 79 anos de idade, de ambos os sexos. A média de idade foi de 67,45 anos com desvio padrão de 5,57 anos. As faixas etárias foram divididas em duas classificações: 60 a 69 anos (66%) e 70 a 79 anos (34%). Nesta amostra tivemos 29,9% do sexo masculino e 70,1% do sexo feminino identificando a presença da feminilização da velhice. A amostra foi dividida em 3 grupos de acordo com a avaliação da Escala de Depressão Geriátrica - GDS-15: ausência de depressão (n= 123), presença de depressão leve (n=18) e presença de depressão grave (n=2). Destes grupos selecionamos a amostra de idosos que apresentaram depressão leve.

A seguir apresentamos os instrumentos e as técnicas que avaliaram as variáveis depressão, estresse psicossocial e detecção de 8-OHdG:

Escala de Depressão Geriátrica-GDS-15 - Esta escala é uma das mais utilizadas, principalmente na realidade brasileira. Inicialmente composta por 100 questões, foi reduzida



para 30 e posteriormente para apenas 15 questões que demonstram sensibilidade e especificidade semelhantes à escala completa. A versão brasileira GDS-15 oferece medidas válidas para a detecção de episódio depressivo maior em idosos. A escala é pontuada de acordo com a presença de sintomas depressivos, sendo adotado o ponto de corte de 6 sintomas (normal  $\leq 5$ ; depressão leve  $\geq 6$  e  $\leq 10$  sintomas;  $> 10$  depressão grave). Apresenta uma aplicação fácil e rápida, com questões que solicitam respostas sim ou não respondidas de acordo com a percepção de como se sentiu em relação às duas últimas semanas precedentes à avaliação (YESAVAGE et al., 1982; ALMEIDA; ALMEIDA, 1999)

Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL) - Este inventário tem como objetivo segundo Lipp (2000) identificar de maneira objetiva se o indivíduo apresenta a sintomatologia de stress, se os sintomas do stress são predominantemente físicos ou psicológicos. Este inventário ainda estabelece a fase de stress em que o sujeito se encontra: alerta, resistência, quase exaustão e exaustão. A fase de alerta identifica o momento em que o organismo está se preparando para a enfrentar o problema ou fugir dele, preservando a sua existência. Na Segunda fase, resistência, o organismo está procurando se adaptar para sobreviver e equilibrar-se, aparecem as sensações de desgaste e cansaço. A Terceira fase é a de quase-exaustão em que o sujeito não consegue lidar com o evento estressor que se mantém contínuo e começa a adoecer. Quando a situação se agrava ainda mais surge a Quarta e última fase, exaustão, em que toda a energia adaptativa do sujeito foi exaurida e neste momento surgem as doenças mais graves.

Detecção de 8-OHdG - A 8-hidroxi-2'-desoxiguanosina (8-OHdG) foi detectada em amostras de soro. O kit para detecção de 8-OHdG empregado foi o KOG-HS10E (JaiCa), um ensaio de ELISA competitivo, o qual utiliza um anticorpo monoclonal que é altamente específico para danos no DNA, com leitura em comprimento de onda de 450 nm, com intervalo de curva padrão abrangendo de 0.125 a 10 ng/ml. (SHI et al., 2012). Cada kit tem capacidade para testar 96 indivíduos, sendo 16 deles usados como controles.

A análise descritiva da depressão foi realizada com a amostra total de pessoas idosas. A partir deste resultado a amostra identificada com depressão foi analisada através do teste de correlação de Spearman, com nível de significação  $\leq 0,05$ .



## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foram encontrados, nos idosos residentes no Município de Ivoti/RS, 1% com depressão grave, 12,4% com depressão leve e 86,7% ausência de depressão. Na análise de correlação, no grupo de idosos com depressão leve, identificou-se a associação do estresse psicossocial com o 8-OHdG ( $\rho = 0,579$ ;  $p = 0,028$ ). Este resultado demonstra que em pessoas idosas com depressão, quanto maior for o estresse psicossocial maior é o índice de estresse oxidativo.

Para Luceri et al. (2018) o estresse oxidativo desempenha um papel importante na indução do dano oxidativo e do comprometimento celular, resultando em um declínio geral das funções fisiológicas. Foi realizado um estudo para avaliar as alterações relacionadas à idade nos níveis circulantes de espécies reativas de oxigênio (ROS) e antioxidante em ratos muito jovens (2 meses de idade), jovens (8 meses de idade) e de meia-idade (15 meses de idade). Os resultados demonstram que o dano oxidativo ao DNA, medido com o 8-OHdG, foi significativamente maior (cerca de quatro vezes) no fígado de ratos mais velhos. O nível mais alto de 8-OHdG medido no DNA do fígado de 15 meses de idade de ratos podem estar, pelo menos parcialmente, associados a uma capacidade reduzida para reparar danos no DNA durante o processo de envelhecimento. Foi apontada como conclusão que durante o processo de envelhecimento a superprodução de ROS leva a um estado de dano oxidativo tanto no fígado quanto no nível que ocorre já na meia-idade.

A associação entre estresse oxidativo e depressão tem sido recentemente avaliada em busca de um possível mecanismo capaz de esclarecer como o estresse psicossocial teria reflexos sobre os níveis de marcadores de estresse oxidativo, tais como o 8-OHdG. Por exemplo, Ida et al. (2015) observaram que, numa amostra de 57 estudantes universitárias com idade variando entre vinte e vinte e dois anos, ao longo do ciclo menstrual, os níveis de 8-OHdG tiveram maior correlação com sintomas depressivos do que com a fase inicial do ciclo. Desta forma, buscou-se entender este evento estressor como um mediador do balanço entre depressão e estresse oxidativo.

Chen et al. (2018) demonstraram que os níveis de 8-OHdG estão aumentados em idosos com depressão manifesta após acidentes vasculares cerebrais. Neste estudo, sintomas depressivos foram relacionados ao aumento do dano oxidativo ao DNA em pacientes com acidente vascular cerebral isquêmico subagudo. Estes autores sugerem que os níveis de 8-OHdG podem servir como um potencial biomarcador para a depressão pós AVC.



Do ponto de vista fisiológico, há indícios de que existem mecanismos fisiológicos capazes de ligar o estresse oxidativo à depressão numa relação de causa e efeito que poderia ser explorada com fins terapêuticos. Masuda et al. (2017) administraram água natural reduzida e água destilada a ratos durante 180 dias consecutivos, e o seu efeito no comportamento semelhante à ansiedade e depressão foi examinado utilizando testes de labirinto em cruz, claro/escuro, nado forçado e medo condicionado. Antes e após a administração de água natural reduzida ou destilada, realizaram análises de sangue e urina. A água natural reduzida exibiu efeitos do tipo ansiolítico no medo condicionado e testes de labirinto em cruz elevado. Os níveis médios de 8-hidroxi-2'-desoxiguanosina (8-OHdG) na água natural reduzida foram significativamente menores do que o grupo da água destilada. Estes resultados indicam que a água natural reduzida pode diminuir os comportamentos relacionados com a ansiedade e prevenir o aumento do estresse oxidativo.

Em um estudo de Black et al (2017) foram avaliados pacientes com distúrbio depressivo (MDD) e / ou transtorno (s) de ansiedade atuais (N = 1619) ou passados (N = 610) (dos quais N = 704 usuários de antidepressivos) e 612 controles. Os diagnósticos foram estabelecidos com a *Composite International Diagnostic Interview*. Níveis plasmáticos de 8-OHdG foram medidos com cromatografia líquida e espectrometria de massa. Os resultados mostraram que o grupo tratado com antidepressivos teve menores níveis plasmáticos de 8-OHdG, sugerindo que antidepressivos podem ter efeitos antioxidantes.

De modo semelhante Bigornia et al. (2016) demonstraram que numa amostra de 787 mulheres porto-riquenhas os níveis de ômega 3 nos eritrócitos foram inversamente associados a sintomas depressivos em indivíduos com elevados níveis de estresse oxidativo, medidos através da concentração de 8-OHdG na urina. Estes dados sugerem que o estado de estresse oxidativo poderia servir para identificar que pacientes se beneficiariam do consumo de ômega 3 na melhora de sintomas depressivos.

## CONCLUSÃO

A depressão se correlaciona significativamente positivamente com os níveis plasmáticos de 8-OHdG. Dessa forma, por meio desse estudo, pode-se concluir que as pesquisas demonstram que o 8-OHdG, um biomarcador de dano oxidativo ao DNA, é extensamente utilizado em estudos, porém não relacionado com a depressão no idoso, o que pode auxiliar no



conhecimento do envelhecimento cerebral, assim como nas várias doenças neurodegenerativas. Fica evidente que a relação da depressão com o estresse oxidativo no sujeito idoso constitui um grupo carente de intervenções específicas que resultem em aumento de sobrevida da pessoa idosa e melhoria do seu bem-estar. O presente estudo ao apontar o estresse psicossocial como um possível intermediador entre a depressão e o estresse oxidativo em idosos, pode abrir possibilidades de intervenções sobre estas variáveis em tratamentos mais adequados e em políticas públicas, buscando-se um envelhecimento bem-sucedido.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, O. P.; ALMEIDA, S. A. Short versions of the geriatric depression scale: a study of their validity for the diagnosis of major depressive episode according to ICD-10 and DSM-

IV. **International Journal of Geriatric Psychiatry**, v. 14, n. 10, p. 858-65, 1999.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5 - Manual Diagnóstico e Estatístico de Trastornos Mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2016.

BIGORNIA, S. J.; HARRIS, W. S.; FALCÓN, L. M.; ORDOVÁS, J. M.; LAI, C. Q.;

TUCKER K. L. The omega-3 index is inversely associated with depressive symptoms among individuals with elevated oxidative stress biomarkers. **The Journal of Nutrition**, v. 146, n. 4, p. 758-766, 2016.

BLACK, C. N.; BOT, M.; SCHEFFER, P. G.; PENNINX, B. W. Oxidative stress in

major depressive and anxiety disorders, and the association with antidepressant use results from a large adult cohort. **Psychol Med**, v. 47, n. 5, p. 936-948, 2017.

BOTTINO, C.; BARCELOS-FERREIRA, R.; RIBEIZ, S. Tratamento da depressão em idosos. In: QUEVEDO, J.; SILVA, A. (Orgs.). **Depressão: teoria e clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 207-216.

CHAPMAN, D. P.; PERRY, G. S. Depression as a major component of public health for older adults. **Preventing Chronic Disease**, v. 5, n. 1, p. 1-9, 2008.

CHEN, C. Y.; CHEN, C. L.; YANG, Y. H.; HO, C. H.; TSENG, W. C.

Poststroke depressive symptoms are associated with increased oxidative deoxyribonucleic acid damage. **J Neuropsychiatry Clin Neurosci**, v. 30, n. 2, p. 139-144, 2018.

FAGUNDES, C. P.; GILLIE, B. L.; DERRY, H. M.; BENNETT, J. M.; KIECOLT-GLASER,

J. K. Resilience and immune function in older adults. In: HAYSLIP, JR. B.; SMITH, G. C. (Orgs.). **Annual Review of Gerontology and Geriatrics**. New York: Springer Publishing Company, 2012. p. 29 -47.





GRINBERG, L. Depressão em idosos: desafios no diagnóstico e tratamento. **Revista Brasileira de Medicina**, v. 63, n. 7, p. 317 – 330, 2006.

GUIMARÃES, J. M. N.; CALDAS, C. P. A. A influência da atividade física nos quadros depressivos de pessoas idosas: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 9, n. 4, p.481 – 492, 2006.

IIDA, T.; INOUE, K.; ITO, Y.; ISHIKAWA, H.; KAGIONO, M.; TERADAIRA, R.; CHIKAMURA, C.; HARADA, T.; EZOE, S.; YATSUYA, H. Comparison of urinary levels of 8-hydroxy-2'-deoxyguanosine between young females with and without depressive symptoms during different menstrual phases. **Acta Med Okayama**, v. 69, n. 1, p. 45-50, 2015.

LIPP, M. N. **Manual do inventário de sintomas de stress de Lipp**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

LUCERI, C. et al. Aging related changes in circulating reactive oxygen species (ROS) and protein carbonyls are indicative of liver oxidative injury. **Toxicology Reports**, v. 5, p. 141-14, 2018.

MASUDA, K.; TANAKA, Y.; KANEHISA, M.; NINOMIYA, T.; INOUE, A.; HIGUMA, H.; KAWASHIMA, C.; NAKANISHI, M.; OKAMOTO, K.; AKIYOSHI, J. Natural reduced water suppressed anxiety and protected the heightened oxidative stress in rats. **Neuropsychiatr Dis Treat**, v. 8, n. 13, p. 2357-2362, 2017.

MINGHELLI, B.; TOMÉ, B. T.; NUNES, C.; NEVES, A.; SIMÕES C. Comparação dos níveis de ansiedade e depressão entre idosos ativos e sedentários. **Rev Psiquiá**, v. 40, n. 2, p. 71- 76, 2013.

PALTA, P. et al. Depression and oxidative stress: results from a meta-analysis of observational studies. **Psychosom Med.**, v. 76, n. 1, p. 12-9, 2014.

PEREIRA, A.; FREITAS, C.; MENDONÇA, C.; MARÇAL, F.; SOUZA, J.; NORONHA, J. P.; LESSA, L.; MELO, L.; GONÇALVES, R.; SHOLL-FRANCO, A. Envelhecimento, estresse e sociedade: uma visão psiconeuroendocrinológica. **Ciênc. cogn.**, v. 1, p. 34-53, 2004.

RATTAN, S. I. Healthy ageing, but what is health? **Biorerontology**, v. 14, n. 6, p. 673-7, 2013.

SHI, G. X.; LIU, C. Z.; WANG, L. P.; GUAN, L. P.; LI, S. Q. Biomarkers of oxidative stress in vascular dementia patients. **Can J Neurol Sci.**, v. 39, n. 1, p. 65-68, 2012.

WEISSMAN, M. M.; BRUCE, M. B.; LEAF, P. J.; FLORIO, L. P.; HOLZER C. Affective disorders. In: ROBINS, L. N.; REGIER, D. A. (Orgs.) **Psychiatric disorders in America: the epidemiologic catchment area study**. New York, NY: The Free Press, 1991. p. 53-80. WHO. **Depression and other common mental disorders: global health estimates**. Geneva: WHO, 2017.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

YESAVAGE, J. A.; BRINK, T. L.; ROSE, T. L.; et al. Development and validation of a geriatric depression screening scale: a preliminary report. **Journal of Psychiatric Research**, v. 17, n. 1, p. 37-49, 1982.



[feevale.br/cidi2021](http://feevale.br/cidi2021)





## QUANDO A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS SE TORNA NOTÍCIA: ANÁLISE DE REPORTAGENS SOBRE A MENINA VIOLENTADA NO ESPÍRITO SANTO

WHEN SEXUAL VIOLENCE AGAINST CHILDREN BECOMES NEWS: ANALYSIS OF  
NEWS COVERAGE ABOUT RAPED GIRL AT ESPÍRITO SANTO, BRAZIL

Marina Mentz; Sarai Schmidt

Universidade Feevale

**Resumo:** O artigo analisa brevemente os contextos de não-garantia de direitos das crianças e reportagens sobre um dos principais desafios da para a garantia destes no Brasil, a violência, na cobertura jornalística do caso da menina capixaba de dez anos violentada sexualmente e grávida em resultado da violação. O principal objetivo desta pesquisa é discutir de que forma o jornalismo é praticado quando têm a violência sexual contra crianças como pauta. A análise se utiliza de quatro reportagens que fazem parte de estudo mais amplo sobre o tema, o qual considera 1.231 reportagens sobre infâncias veiculadas nos sites de notícia mais acessados do Brasil. No artigo, é proposta a análise de reportagens on-line do jornal G1, como parte da teoria jornalística que relaciona a presença dos temas infantis na pauta, quando de seu atravessamento ao mundo adulto. O estudo também considera as contribuições do documento produzido pelo Unicef (2018) “Eleições 2018: Mais que promessas, compromissos reais com a infância e adolescência no Brasil”, respaldado por organismos nacionais que afirmam a existência das mesmas problemáticas. A análise conta com pesquisa bibliográfica e abordagem quali-quantitativa (PRODANOV; FREITAS, 2013), através de análise de conteúdo (BARDIN, 1972).

**Palavras-chave:** Violência. Jornalismo. Infâncias. Direitos Humanos.

**Abstract:** The article briefly analyzes the contexts of non-guarantee of children's rights and reports on one of the main challenges for the guarantee of these in Brazil, violence, in the journalistic coverage of the case of the ten-year-old girl from Espírito Santo who was sexually abused and pregnant in result of the violation. The main objective of this research is to discuss how journalism is practiced when sexual violence against children is on the agenda. The analysis uses 4 reports that are part of a broader study on the topic, which considers 1,231 reports on childhoods published on the most accessed news sites in Brazil. The analysis of online reports by the G1 newspaper is proposed as part of the journalistic theory that relates the presence of children's themes on the agenda, when crossing 'the adult world'. The study also considers the contributions of the document produced by Unicef (2018) “Eleições 2018: Mais que promessas, compromissos reais com a infância e adolescência no Brasil”, supported by national organizations that affirm the existence of the same problems. The analysis relies on bibliographic research and a qualitative and quantitative approach (PRODANOV; FREITAS, 2013), through content analysis (BARDIN, 1972).

**Keywords:** Rape. Violence. Journalism. Childhoods. Human rights.





## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma breve contextualização sobre os principais desafios para as infâncias no Brasil<sup>1</sup>, traçando um paralelo com produções jornalísticas sobre estas mesmas ameaças no atual contexto de pandemia da Covid-19 vivido no país. As diversidades brasileiras geram consequentes desigualdades, e, no contexto de pandemia, situação inédita no âmbito social, cultural e especialmente dos direitos humanos, as problemáticas já existentes se agravaram. A presente pesquisa pretende também ilustrar de que forma a pauta jornalística relacionada aos temas da infância são definidas por um parâmetro adultocêntrico, que escolhe reportar as infâncias quando estas marcadas pelo mundo adulto.

A violência contra crianças é um problema sistemático e continuado no Brasil. Como um dos principais desafios para a garantia de direitos na infância, a violência vitima fatal, psicológica e socialmente crianças de diferentes gêneros, classes e etnias. Porém, com sutileza, mas também nociva, a comunicação contribui para a não-compreensão da gravidade das violências e seu impacto cultural, tornando-se assim um instrumento de silenciamento das infâncias violadas. O presente artigo é um recorte que analisa brevemente um dos aspectos encontrados durante o processo de doutoramento, que considera 1.231 reportagens veiculadas nos sites de notícia mais acessados do Brasil<sup>2</sup>. O recorte apresentado exemplifica um dos pontos que fazem das infâncias pauta jornalística: quando a história envolve criança e violência, ela se torna notícia por sua proximidade com o mundo adulto. Ou seja, o jornalismo destaca infâncias quando estas são atravessadas por problemáticas da “vida adulta”. Gravidez na adolescência, ato infracional análogo a crime hediondo ou trabalho infantil, por exemplo, ganham espaço enquanto a violência sofrida fica de lado e acompanha o cotidiano das crianças - com histórias que não vão para os jornais.

Com isso, é proposta a análise de reportagens on-line do jornal G1, como parte da teoria jornalística que relaciona a presença dos temas infantis na pauta, quando de seu atravessamento ao mundo adulto. O trabalho pretende debater contextos de não-garantia de direitos das crianças e quatro reportagens sobre um dos principais desafios da para a garantia destes no Brasil, que é

<sup>1</sup>A pesquisa toma como base inicial o documento divulgado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) durante o mais recente processo eleitoral brasileiro, intitulado “Eleições 2018: Mais que promessas, compromissos reais com a infância e adolescência no Brasil”. O relatório divulga as principais problemáticas que ameaçam os direitos das crianças brasileiras, bem como sugere iniciativas para diminuir ou erradicar a pobreza, violência, educação, garantir a sobrevivência, nutrição e acesso a processos democráticos.

<sup>2</sup> De acordo com dados do Alexa, os dois maiores sites em número de acessos que tem como principal foco a notícia, ou seja, portais de jornalismo são Metrôpolis em quarto lugar e Globo em sétimo lugar entre os domínios mais visitados dentro do território brasileiro no ranking Alexa.



a violência. O principal objetivo desta pesquisa é discutir brevemente de que forma o jornalismo é praticado quando têm as crianças como pauta.

O estudo também considera as contribuições do documento produzido pelo Unicef (2018) “Eleições 2018: Mais que promessas, compromissos reais com a infância e adolescência no Brasil”, respaldado por organismos nacionais que afirmam a existência das mesmas problemáticas. A análise conta com pesquisa bibliográfica e abordagem quali-quantitativa (PRODANOV; FREITAS, 2013), através de análise de conteúdo (BARDIN, 1972).

## 2 DISCUSSÃO

O presente artigo articula de forma inicial o tema a aprofundado em um processo de doutoramento, na qual será tratada a articulação entre os desafios para os direitos das infâncias no Brasil e a produção jornalística vigente em grandes veículos nacionais. Contudo, neste artigo, a investigação elege apenas um dos pontos, a violência. Considerando que o Brasil é o país que mais mata crianças todos os dias no mundo - uma média de 31 indivíduos assassinados diariamente em território brasileiro<sup>3</sup>, se mostra pungente observar de que forma a problemática é tratada no jornalismo. As reportagens que fazem parte desta análise foram veiculadas durante a pandemia de Covid-19 no Brasil, período em que cresceu o número de vítimas no país.

Em agosto de 2020 a mídia nacional e internacional voltou-se para um caso de violência em especial, embora a violação em si tenha ficado alheia às reportagens: o caso de uma menina de dez anos, grávida em resultado a violências sexuais sofridas de um familiar<sup>4</sup>. A partir da veiculação da primeira reportagem no portal G1, o assunto se tornou debate em diferentes meios – na saúde, na educação e em espaços religiosos –, levando como principal tema o aborto, legalizado em casos em estupro desde 1940, pelo Código Penal. Já na primeira reportagem, há a informação da denúncia feita pela vítima e o relato de violência continuada sofrida pela criança:

*De acordo com a Polícia Militar, a menina deu entrada no Hospital Estadual Roberto Silveiras acompanhada de um familiar **informando ter sido vítima de estupro e estar grávida. Para a polícia, a menina contou que era vítima do crime desde os seis anos e que não denunciou com medo das ameaças.***<sup>5</sup>

<sup>3</sup> Estimativa do UNICEF com base no Datasus 2016.

<sup>4</sup> Reportagem do G1 – “Menina de 10 anos engravidada depois de ser estuprada em São Mateus, no ES”, escrita por Rosi Brendofw, em 8 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2020/08/08/menina-de-10-anos-engravidada-depois-de-ser-estuprada-em-sao-mateus-es.ghml>>.

<sup>5</sup> Nesta pesquisa, optei por apresentar os trechos das reportagens em itálico, facilitando a visualização dos



A reportagem dedica-se a explicar a legalidade do procedimento de aborto, ouve a Defensoria Pública, o Tribunal de Justiça e o Ministério Público do Espírito Santo. Não há informações, no entanto, sobre violências sexuais, recorrência do tipo de crime no Brasil<sup>6</sup> ou indicação para denúncias, embora seja o tema principal da pauta. A reportagem intitulada “Menina de 10 anos engravidada depois de ser estuprada em São Mateus, no ES” guia as demais publicações, posicionando a criança como agente ativo da situação, em detrimento da abordagem em que ela seria a vítima do caso.

Já em reportagem sequente sobre o caso<sup>7</sup>, o texto explica o indiciamento do acusado do estupro, tio da vítima, e dá detalhes técnicos sobre o fato. Novamente, há explicação sobre a garantia para aborto legal e balizamento com palavra da Defensoria Pública, além de detalhamento da violência. Dados sobre o crime ou incentivo a denúncia não aparecem na reportagem. A pauta adultocêntrica ganha forma com o passar das reportagens, fortalecidas no debate do aborto, debates de grupos políticos e procedimentos legais. Em outra reportagem, o *lead* do texto jornalístico anuncia “a interrupção imediata da gestação da menina de 10 anos que engravidou depois de ser estuprada por um tio”<sup>8</sup>, onde a vítima novamente é a agente da violência sofrida. A mesma reportagem também inclui mais entidades como fonte, somando-se um Centro de Referência e Assistência Social e a Ordem dos Advogados do Brasil, além dos demais já supracitados, todos voltados à interrupção da gestação.

Na continuidade da cobertura, sem reportagens de serviço sobre o tema – denúncias, procedimentos indicados, campanhas de acolhimento, dados sobre a problemática no país, e outros – a cada nova publicação, a pauta fortaleceu seu formato indicando dedicação maior ao atravessamento do “mundo adulto” na situação, e não na violação de direitos da criança em si. Neste caso, o interesse adultocêntrico se deu no tema do aborto. A inclusão da voz de coletivos pela legalização da interrupção também consta nas reportagens, fortalecendo um debate adulto, e deixando de lado os direitos violados.

---

discursos.

<sup>6</sup> De acordo com dados do Disque Direitos Humanos, a violência sexual figura com 11% do total de denúncias à violação de direitos das crianças, o que corresponde a 17 mil ocorrências em 2019. No período, houve o total de 159 mil registros de denúncias, sendo 86,8 mil de violações de direitos de crianças ou adolescentes.

<sup>7</sup> Reportagem do G1 – “Polícia indícia suspeito de estuprar e engravidar criança de 10 anos em São Mateus, no ES”, escrita por G1 ES, em 13 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2020/08/13/polícia-civil-indícia-suspeito-de-estuprar-e-engravidar-criança-de-10-anos-em-são-mateus-es.ghtml>>.

<sup>8</sup> Reportagem do G1 – “Justiça autoriza interrupção de gravidez de criança estuprada no ES”, escrita por Bruno Dalvi e Luiza Marcondes, em 15 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2020/08/15/justica-autoriza-interrupcao-de-gravidez-de-criança-estuprada-em-são-mateus-no-norte-do-es.ghtml>>.



Desde que o caso se tornou público, no último sábado (8), o caso tem tomado repercussão. Antes da decisão da Justiça, uma nota pública divulgada na tarde desta sexta-feira (14) pela Frente pela Legalização do Aborto do Espírito Santo (FLAES) e assinada por vários outros grupos defende a prática do aborto nesse caso. ‘Essa gestação é fruto de uma violência sexual gravíssima. A saúde da menina foi violada, tanto emocional, social e fisicamente. Será, uma violação ainda maior, **se a interrupção dessa gestação não acontecer**’, diz o documento.

Gravidez e a interrupção dela, condições associadas a indivíduos adultos, despertam o espelhamento do interesse jornalístico ao falar sobre o tema, ao qual, no caso em questão, também pertencem as violências e as crianças. A realidade dolorosa do abuso sexual que circunda as infâncias é o oposto ao que se imagina na infância idealizada, colorida e doce. Como resistência e silenciamento, o jornalismo se vê convocado a falar sobre o caso, mas a forma como o faz, leva novamente a vítima à culpabilização – em palavras e escolhas de fontes técnicas, complexas e policialescas. Ao olhar para o cenário geral do jornalismo, é possível apontar para um “evidente silêncio da mídia em relação aos casos de violência sexual contra crianças, no que se refere ao baixo número de reportagens veiculadas” (MENTZ, 2017, p.53). Em estudo quali-quantitativo, a autora alerta para o silenciamento ao comparar dados e reportagens:

o Brasil tem uma média de mais de vinte e dois mil casos de violência sexual contra crianças registrados ao ano. Durante os 60 dias [...] foram veiculadas 43 reportagens – que se referiam a 29 diferentes casos. Diante deste contexto podemos afirmar que o volume de reportagens sobre o tema sinaliza potente silenciamento diante da situação. Em um cálculo breve, pode-se perceber, por exemplo, que, enquanto mais de sessenta crianças sofrem violência sexual por dia no Brasil, 0,43 casos são noticiados diariamente, ou seja, menos de meio caso sobre o tema aparece por dia nos três sites jornalísticos mais acessados no Brasil. (MENTZ, 2017, p. 54).

Porém, para a narrativa jornalística, ela ainda precisa *ser criança*, e como um indicativo disso, deve ser aproximada à delicadeza, fragilidade e inconstância, conforme o trecho citado a seguir pertencente a reportagem:

*O juiz ainda cita na decisão que em um atendimento da Assistência Social com a criança, ao ser citada a gravidez, a menina "entra em profundo sofrimento, grita, chora e nega a todo instante, apenas reafirma não querer [...] levar a gravidez adiante".*

Em continuidade à cobertura, a reportagem que anuncia a realização do procedimento de interrupção da gestação na vítima<sup>9</sup>, revela o envolvimento de movimentos religiosos e

<sup>9</sup> Reportagem do G1 – “Menina de 10 anos estuprada pelo tio no Espírito Santo tem gravidez interrompida”, escrita por G1 PE e G1 ES, em 17 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/08/17/menina-de-10->



conservadores, que estariam em contato com a família da criança para evitá-lo. O texto jornalístico investe em informar o estado de saúde da menina e fortalecer a legalidade do procedimento, com trechos como “o procedimento foi feito com autorização judicial do Espírito Santo” e que a “unidade que atendeu a menina é referência estadual nesse tipo de procedimento e de acolhimento às vítimas”. Além dos órgãos de saúde e segurança citados nas reportagens anteriores, soma-se ao texto a presença da Promotoria da Infância e Juventude e a Polícia Militar, além dos sites Google Brasil, Twitter e Facebook – dado o vazamento de dados que identificavam a criança. Em três parágrafos, a reportagem detalha a ação de manifestantes pró e contra aborto que estiveram em frente ao hospital onde o procedimento foi feito. Assim como em publicações anteriores, a afirmação da infância idealizada aparece para lembrar ao leitor de que a vítima é uma criança, em detalhes:

*Um dos profissionais que atendeu a criança relata, na decisão judicial, que “**ela apertava contra o peito um urso de pelúcia** e só de tocar no assunto da gestação entrava em profundo sofrimento, **gritava, chorava** e negava a todo instante, apenas reafirmando não querer”.*

O texto, no entanto, não apresenta informações de serviço, como ações de combate a violências, telefones para denúncias ou mesmo dados relacionados aos direitos das crianças. A cobertura jornalística no site G1 seguiu por mais reportagens, que não constam nesta análise por limitação do recorte da pesquisa. Porém, em comum, as quatro reportagens principais de uma mesma cobertura dão sinais explícitos sobre o jornalismo que fala sobre violência sexual contra crianças, que serão citados a seguir.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme abordado nesta pesquisa, a violação de direitos das crianças é constante no país. Na educação, na saúde, na segurança e na democracia, são os índices quem afirmam esta violação. Desde 2012, adolescentes são proporcionalmente mais vítimas de homicídios do que a população em geral, sendo os negros com três vezes mais risco de ser mortos do que os brancos. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2015, apontam que 61% das meninas e dos meninos brasileiros vivem na pobreza, onde duas em cada dez crianças vivem em domicílios sem saneamento adequado. Além disso, em 2016, pela primeira vez em 26 anos, a taxa de mortalidade infantil cresceu, e, nos últimos três anos, as coberturas vacinais entraram

---

[anos-estuprada-pelo-tio-no-es-tem-gravidez-interrompida.ghtml>](#).





em uma tendência de queda (UNICEF, 2018). Em se tratando de acesso à educação, dados de 2017, o Censo Escolar afirma que 7,2 milhões de meninas e meninos têm dois ou mais anos de atraso escolar. Porém, em se tratando de violência sexual contra crianças, embora haja cerca de 46 violações do tipo por dia no Brasil, o jornalismo subnoticia a problemática, em um silenciamento que é parte de um ciclo de silêncio já experimentado por vítimas e agressores.

Na cobertura do caso citado na pesquisa, houve expressão jornalística, de fato. Pois, como premissa, se torna notícia aquilo que tenha relevância, tema atual ou acontecimento real, a matéria-prima do jornalismo vê-se impelida a fazê-lo. Mas se a problemática da violência contra criança é relevante, atual e real, por que não se torna notícia com a frequência coerente ao que ocorre?

Ao analisar a temática por mais de uma década, e exemplificar brevemente neste presente recorte de pesquisa, é possível afirmar que, embora a violação de direitos seja recorrente para as infâncias brasileiras, elas se tornam notícia quando se encontram às problemáticas da vida adulta. Há um ponto em que não se pode ignorar o tema e ele se torna cobertura jornalística. Não por acompanhar cotidianamente as vítimas, mas por gerar identificação com produtores e consumidores de notícias. Na comunicação, as violências contra crianças costumam ser noticiadas quando deixam na vítima uma marca do mundo adulto. Tal como a gestação – resultante de uma violência continuada e deixada de lado nas reportagens da cobertura analisada aqui –, a legalização do aborto ou debates religiosos e políticos. Ou seja, quando o que se entende por universo infantil se identifica mais com o cotidiano adulto do que com a infância idealizada, o assunto é pautado nas redações. Além disso, seu formato é alinhado para recolocar esta infância em seu local imaginado: de choro, de sofrimento, de ursos de pelúcia e fragilidade. Mas ficam de fora as especificidades dos direitos humanos em se tratando das crianças e sua expressão como cidadãos de direitos de fato.

Resistimos a falar da violência contra crianças nos jornais, como resistimos a debatê-la em outras esferas da sociedade – e o jornalismo é feito por pessoas que nela habitam. Por resistências pessoais, editoriais ou mesmo do público leitor, silencia-se o tema.

No presente recorte foi possível discutir brevemente de que forma o jornalismo tem tratado os temas relacionados a infâncias e violências. Assim, o estudo serviu como ensaio de aproximação da temática. Porém, para além deste recorte de aproximação, cabe questionar com profundidade de que forma a imprensa brasileira tem comunicado acontecimentos que atravessam as infâncias quando pretendem a superação da pobreza, redução das violências,



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

representações das iniciativas para uma educação de qualidade, proposições sobre saúde e direito à vida a todas as crianças, e ainda como se dá a comunicação sobre os direitos à participação de crianças em discussões sobre a sociedade.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Disque Direitos Humanos – Relatório 2019. Brasília: MDH, 2020. Disponível em: <[http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/mmfdh/disque\\_100\\_relatorio\\_mmfdh2019.pdf](http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/mmfdh/disque_100_relatorio_mmfdh2019.pdf)>. Acesso em: 3 de julho de 2020.

MENTZ, Marina. **Quando a pauta é silenciada: um estudo sobre a violência sexual contra crianças no jornalismo online brasileiro**. 2017. Dissertação (Mestrado em “Processos e Manifestações Culturais”) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.





## VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA IDOSA

### VIOLENCE AGAINST THE ELDERLY

Geraldine Alves Dos Santos (Universidade Feevale); Claudete De Souza (Observatório da Segurança. Prefeitura Municipal De Novo Hamburgo - Rs. Secretaria de Segurança); Maria Catarina Lopes Dos Santos (Observatório da Segurança. Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo - Rs. Secretaria de Segurança); Tatiane De Oliveira Dias (Observatório da Segurança. Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo - Rs. Secretaria de Segurança); Patricia Tarouco Quincozes Felitti (Universidade Feevale)

**Resumo:** Durante o processo de envelhecimento surgem diferentes formas de violência. Neste sentido o objetivo do presente estudo é analisar as variáveis gênero, relação com o acusado, tipo de violência e o tipo de fato ocorrido no ato de violência. O presente estudo tem um delineamento quantitativo e descritivo. Os resultados são oriundos do banco de dados do Observatório da Segurança de Novo Hamburgo, durante o período de 2017 a 2020. Estes dados são elaborados a partir dos relatos das vítimas nos históricos dos registros de ocorrências policiais. A coleta foi realizada no dia 4 de janeiro de 2021. Foram analisados 313 registros e 521 violências no período de 4 anos. Os resultados apontaram que o gênero feminino representa o maior número das vítimas, sendo a maioria dos agressores familiares, principalmente filhos. Em relação ao tipo de fato o mais prevalente é a perturbação da tranquilidade e em relação ao tipo de violência temo a psicológica e moral, seguida de abuso financeiro. Podemos concluir que as ações de prevenção à violência contra as pessoas idosas devem ser realizadas com os familiares. E precisam ser elaboradas políticas públicas que possa auxiliar as famílias no cuidado às pessoas idosas.

**Palavras-chave:** Violência. Pessoa idosa. Processo de envelhecimento.

**Abstract:** During the aging process, different forms of violence occur. In this sense, the objective of the present study is to analyze the variables gender, relationship with the accused, type of violence and the type of fact that occurred in the act of violence. The present study has a quantitative and descriptive design. The results come from the database of the Observatory of Security of Novo Hamburgo, during the period of 2017 to 2020. These data are elaborated from the victims' reports in the histories of the records of police occurrences. The collection was carried out on January 4, 2021. A total of 313 records and 521 violence were analyzed over a 4-year period. The results showed that the female gender represents the largest number of victims, with the majority of family aggressors, mainly children. In relation to the type of fact, the most prevalent is the disturbance of tranquility and in relation to the type of violence I fear psychological and moral, followed by financial abuse. We can conclude that actions to prevent violence against the elderly should be carried out with family members. And public policies need to be developed that can assist families in caring for the elderly.

**Keyword:** Violence. Elderly. Aging process.

## 1 INTRODUÇÃO

No âmbito mundial tivemos duas assembleias mundiais sobre o envelhecimento. A Primeira Assembleia Mundial sobre o envelhecimento ocorreu em Viena, na Áustria. Vinte anos depois, em 2002, ocorreu a Segunda Assembleia Mundial em Madri, na Espanha. E agora



em 2022 está prevista para ocorrer a Terceira Assembleia Mundial, que talvez poderá ocorrer no Brasil.

A Declaração Política da II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento (ONU, 2003) reitera a relevância de trabalhar o Abandono, Maus-tratos e Violência contra a pessoa idosa, partindo de dois objetivos centrais: eliminação de todas as formas de abandono, abuso e violência contra idosos; criação de serviços de apoio para atender aos casos de abuso e maus-tratos a idosos. No artigo 5<sup>o</sup> da Declaração Política encontramos:

Reafirmamos o compromisso de não limitar esforços para promover a democracia, reforçar o estado de direito e favorecer a igualdade entre homens e mulheres, assim como promover e proteger os direitos humanos e as liberdades fundamentais, inclusive o direito ao desenvolvimento. Comprometemo-nos a eliminar todas as formas de discriminação, entre outras, a discriminação por motivos de idade. Reconhecemos também que as pessoas, à medida que envelhecem, devem desfrutar de uma vida plena, com saúde, segurança e participação ativa na vida econômica, social, cultural e política de suas sociedades. Estamos decididos a aumentar o reconhecimento da dignidade dos idosos e a eliminar todas as formas de abandono, abuso e violência (ONU, 2002, p. 20).

Na América do Sul, o Brasil foi o primeiro país a instituir uma legislação voltada para as pessoas idosas com a Lei 8.842/94, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso (PNI), e a Lei 10.741/03, que institui o Estatuto do Idoso.

O envelhecimento é permeado por momentos de crescimento e também por dificuldades. Em todo o processo de envelhecimento bem-sucedido é necessário haver o balanço entre as perdas e ganhos. Mas em algumas situações as perdas parecem ser predominantes e comprometedoras para que a pessoa possa usufruir da melhor maneira possível de todas as fases da vida. Neste sentido, a violência se configura como um dos grandes problemas que podem ocorrer na velhice por muitas vezes não ser visível e registrada.

Dias e Rodrigues (2012) remetem à perspectiva de que analisar o processo de envelhecimento envolver muitas áreas. Este fato ocorre pelo impacto das mudanças estruturais da sociedade. Consequentemente pela magnitude deste fenômeno o estudo das suas consequências torna-se premente para a sociedade mundial.

Apesar do aumento da expectativa de vida e da longevidade ter sido uma preocupação inicial dos países em desenvolvimento, atualmente é uma realidade em todos os países, inclusive nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. Portanto, as mudanças demográficas em nosso país estão ocorrendo de maneira acelerada, sem uma preparação estrutural que abarque as necessidades mais prementes. Nesta sociedade que está tendo sua



pirâmide etária com um topo maior que a base muitas demandas estão emergindo como a questão da violência.

As pesquisadoras Camargo e Alberte (2010) referem que a violência e os maus-tratos contra a pessoa idosa se configuram como um problema em nossa sociedade que acarreta graves consequências com repercussões em diferentes âmbitos. Elas referem a amplitude nas áreas psicológica, física, médica, jurídica e ética.

Neste sentido, o objetivo do presente estudo é analisar as variáveis gênero, relação com o acusado, tipo de violência e o tipo de fato ocorrido no ato de violência a partir do banco de dados do Observatório da Segurança de Novo Hamburgo sobre a violência contra a pessoa idosa no período de 2017-2020.

## 2 MÉTODO

O presente estudo tem um delineamento quantitativo e descritivo. Os resultados são oriundos do banco de dados do Observatório da Segurança de Novo Hamburgo, durante o período de 2017 a 2020 (SSP RS – Consulta integradas). Estes dados são elaborados a partir dos relatos das vítimas nos históricos dos registros de ocorrências policiais. A coleta foi realizada no dia 4 de janeiro de 2021. E foram analisados 313 registros e 521 violências no período de 4 anos, estando distribuídos da seguinte maneira: 63 registros em 2017, 83 registros em 2018, 97 registros em 2019 e 70 registros em 2020.

## 3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados do presente estudo abordaram 6 principais indicadores: abandono; apropriação indébita (bem do idoso); estupro; homicídio; maus tratos contra a pessoa idosa; outros crimes contra a pessoa idosa; e perturbação da tranquilidade.

Em relação ao gênero das vítimas idosas identificamos, no período do levantamento de 2017 a 2020, a maioria como sendo mulheres (75 %), 23% eram homens e 2% não foram informados.

Nestes dados podemos identificar que a pessoa acusada da violência costuma ter uma relação próxima à vítima idosa. Na maioria das vezes são filhos (42,2%), netos (as) 8,6%, esposo(a) / companheiro(a) / namorado(a) (8,3%), ex-esposo (a) / ex-companheiro (a) (7%) e



parentes (8,3%). Também aparecem outras pessoas (17,9%) e registros não informados (7,7%). Entre as mulheres idosas 18% sofreram violência dos companheiros atuais ou anteriores.

O tipo de fato mais identificado foi a perturbação da tranquilidade (40,6%), seguidos de outros crimes contra a pessoa idosa (31,6%), maus tratos (16,9%), apropriação indébita de bens (6,1%), homicídio tentado ou consumados (1,9%), estupro (1,6%) e por fim abandono (1,3%).

Em relação ao tipo de violência identificou-se que mais praticada foi a violência psicológica e moral (40,7%), seguidos de abuso financeiro (29,8%), violência física (12,5%), negligência (8,6%), abandono (3,5%), violência sexual (1,9%) e estelionato (0,6%). Nesta amostra 2,5% dos casos não foram informados em relação à especificidade do tipo de violência. Consta-se também neste estudo que 22% dos acusados são usuários de entorpecentes e 5% de álcool.

### 3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A questão do gênero sempre é recorrente nos estudos sobre envelhecimento, remetendo ao conceito de feminilização do envelhecimento (PAPALIA; FELDMAN, 2013). A prevalência de mulheres na velhice está relacionada a diferentes fatores, mas quando associasse ao fenômeno da violência, torna-se ainda mais grave. Pois a longevidade feminina geralmente está ligada às doenças crônicas que podem ser incapacitantes, tornando essas pessoas mais frágeis diante da violência

Os resultados evidenciam que o agressor geralmente tem uma relação próxima de parentesco com a pessoa idosa, o que está diretamente relacionado ao fato da principal violência ser a psicológica e moral. Menezes (2010) também reforça a questão familiar relacionada à violência demonstrando que no grau de parentesco temos até sete agressores: cônjuges, filhos, netos, genros, noras, sobrinhos e irmãos. A violência segundo a autora se revela através de atos de força, mas também estão presentes em ações expressas pela fala, ou ausência dela, no silêncio. Também ocorre nos atos de omissão e na posse indevida de bens e valores. Esta situação ocorre tanto na residência das pessoas idosas, quanto nas instituições de longa permanência.

Em um estudo desenvolvido com pessoas idosas em Portugal identificou-se que a violência psicológica também é mais prevalente, atingindo no estudo 34% da amostra. Os tipos de violência seguem uma ordem inversa ao nosso estudo, demonstrando que em segundo lugar



está o tipo de violência física (24%) e depois a violência financeira (11%), lesões físicas (9%) e violência sexual (5%). Em relação à negligência apenas 1% dos participantes precisou de ajuda e não obteve auxílio, sendo explicado no estudo pelo grau de autonomia das pessoas idosas pesquisadas. Neste estudo também foi abordada a representação da violência:

Como elementos mais consensuais, núcleo central, podemos referir que as pessoas que constituíram esta amostra consideram a violência nos idosos como um **mal**, com algo que é **mau**, **acham mal** que exista, que se revela em **maus tratos**, é **horrível**, causa **tristeza**, **violência** e **medo**. A segunda periferia é construída por elementos menos consensuais de caráter mais individual, nos quais destacamos sentidos centrados nas características do agressor e do agredido. O agressor normalmente encontra-se **descontrolado**, sofre de uma **doença**, ou de **nervos**, é **desumano**, **desrespeita** os outros, é **imoral** e pode **matar**. Para o agredido, a violência nos idosos é um **abuso**, um **aborrecimento**, representa **abandono**, não ter **segurança**, é uma **injustiça**, causa **angústia**, **dor** física e/ou psíquica, **vergonha**, está normalmente associada à **pobreza** e à **família** sendo que esta deveria ser a fonte de **carinho** e **respeito** (FONSECA; LOPES; MARQUES; PINHEIRO; GEMITO, 2014, p. 311).

A violência contra a pessoa idosa abarca muitas perspectivas porque aborda os processos de preconceito contra a velhice, denominada de idadismo. Portanto, temos uma perspectiva mais ampla da sociedade que tem medo de envelhecer e conseqüentemente repudia a imagem do velho.

A própria institucionalização que deriva das condições sociais é uma situação que pode levar à violência. Esta situação pode ocorrer tanto pela perda da independência, quanto pela violência física e emocional (BERZINS; WATANABE, 2010).

No contexto familiar que é mais restrito temos que abordar as relações interpessoais, considerado os abusos dos familiares, mas também as vivências não resolvidas de atos de agressão cometidos pela própria pessoa idosa em outros momentos do ciclo de vida familiar.

O abandono é motivado muitas vezes pela incapacidade de conviver com a pessoa idosa pelas lembranças de momentos familiares de violência. Conseqüentemente, também precisa ser discutida a questão das pessoas idosas como agressoras (NOVO; LOPES, 2010).

Diante dos dados apresentados neste estudo é importante salientar como refere o Plano de ação internacional sobre o envelhecimento (ONU, 2002) que as pessoas idosas que sofrem maus-tratos terão muita dificuldade para se recuperar das agressões sofridas, independente do âmbito em que elas ocorram ou do tipo. Neste sentido reiteram que a vergonha e o medo são fatores que impedem a solicitação de ajuda e apoio. E principalmente as mulheres idosas correm mais riscos por causa de atitudes sociais discriminatórias, como a prática de costumes



prejudiciais. Ainda a mulher idosa tem sua situação agravada pela pobreza e pela falta de acesso à proteção da lei.

## 4 CONCLUSÃO

Portanto, a violência muitas vezes segue um ciclo incessante de sofrimentos. Em que atos de violência que emergem na família se perpetuam e afetam a qualidade de vida da pessoa na fase da velhice em que podem ocorrer doenças degenerativas e processos demenciais. Estas situações dificultam o cuidado e tornam o cuidador também uma vítima do descaso de ações públicas que auxiliem no cuidado das pessoas idosas com dificuldades econômicas. Muitas vezes identificamos que os cuidadores que cometem a violência também são pessoa idosas.

Por fim cabe considerar que uma das violências invisíveis que não aparecem nas estatísticas é a negação da sociedade, da família e às vezes do próprio idoso na manutenção de sua independência e de sua autonomia. No momento em que são retiradas as possibilidades de escolha reduzimos a qualidade de vida e a perspectiva de vivência de um envelhecimento bem-sucedido.

## REFERÊNCIAS

- BERZINS, M. V.; WATANABE, H. A. W. Violência institucional contra pessoas idosas. In: BERZINS, M. V.; MALAGUTTI, W. (Orgs.). **Rompendo o silêncio: faces da violência na velhice**. São Paulo: Martinari, 2010. p. 275-291.
- CAMARGO, A. M. A.; ALBERTE, J. S. P. Violência contra o idoso. In: GUARIENTO, M. E.; NERI, A. L. (Orgs.). **Assistência ambulatorial ao idoso**. Campinas: Alínea, 2010. p. 427-432.
- DIAS, I.; RODRIGUES, E. V. Demografia e sociologia do envelhecimento. In: PAUL, C.; RIBEIRO, O. (Coords.). **Manual de gerontologia: aspectos biocomportamentais, psicológico e sociais do envelhecimento**. Lisboa: Lidel, 2012. p. 179-201.
- FONSECA, A. M. L. P.; LOPES, M. J.; MARQUES, M. C. M. P.; PINHEIRO, M. F. C. P. T.; GEMITO, M. L. Do silêncio à cumplicidade: violência sobre idosos. In: LOPES, M. J.; MENDES, F. R. P.; SILVA, A. O. (Orgs.). **Envelhecimento: estudos e perspectivas**. São Paulo: Martinari, 2014. p. 303-317.
- MENEZES, M. R. Violência contra idosos: é preciso se importar! In: BERZINS, M. V.; MALAGUTTI, W. (Orgs.). **Rompendo o silêncio: faces da violência na velhice**. São Paulo: Martinari, 2010. p. 27-58.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

NOVO, A. L. M. S.; LOPES, R. G. C. O outro lado da moeda: velhos violentos. In: BERZINS, M. V.; MALAGUTTI, W. (Orgs.). **Rompendo o silêncio: faces da violência na velhice**. São Paulo: Martinari, 2010. p.239-252.

ONU. **Plano de ação internacional sobre o envelhecimento**. Genebra: ONU, 2002.

PAPALIA, D.E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2013.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## O IMPACTO DO SUPORTE SOCIAL NA QUALIDADE DE VIDA DA POPULAÇÃO LGBT

### THE IMPACT OF SOCIAL SUPPORT ON QUALITY OF LIFE OF THE LGBT POPULATION

Cesar Augusto Kampff; Geraldine Alves dos Santos; Patricia Tarouco Quincozes Felitti; Luiz Gustavo

Heinen; Yasmin Daniele Garcia; Morgana Konrath

Universidade Feevale

**Resumo:** Preconceito e discriminação são temas recorrentes em relação às pessoas não heterossexuais no Brasil. Nossa sociedade encontra-se em processo de adaptação às mudanças quanto ao tema LGBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros), mas que não está habituada, em grande parte, ao convívio natural e espontâneo com esta população. As pessoas não LGBT são aceitas prontamente, sem constrangimento, em qualquer ambiente. O preconceito contra LGBT manifesta-se nas mais diversas instituições: familiar, educacional, mercado de trabalho, meios de comunicação e outros, o que leva à exclusão social e, até mesmo, ao homicídio e suicídio. Nesse contexto, o Suporte Social surge como uma forma de amparo, justamente nos ambientes onde o sentimento de exclusão emerge. O presente estudo pretende analisar a percepção e os efeitos do apoio social na qualidade de vida das pessoas LGBT. Para tanto, foi realizada uma revisão sistemática da literatura comprometida com esse tema. Os resultados mostraram que o suporte social é uma importante ferramenta protetiva contra os adoecimentos físico e mental da população LGBT, merecendo atenção em futuras pesquisas. O presente trabalho ratifica a ideia de que a percepção do suporte social desempenha um relevante papel na qualidade de vida e das relações saudáveis dessa população.

**Palavras-chaves:** LGBT. Suporte Social. Saúde. Qualidade de vida.

**Abstract:** Prejudice and discrimination are recurrent themes concerning non-heterosexual people in Brazil. Our society is in the process of adapting to changes regarding the LGBT theme (Gays, Lesbians, Bisexuals, Transgenders), but which is not used, in large part, to natural and spontaneous coexistence with this population. Non-LGBT people are accepted promptly, without embarrassment, in any environment. Prejudice against LGBT manifests itself in the most diverse institutions: family, educational, labor market, media, and others, which leads to social exclusion and even to homicide and suicide. In this context, Social Support emerges as a form of support, precisely in environments where the feeling of exclusion arises. This study aims to analyze the perception and effects of social support on the quality of life of LGBT people. To this end, a systematic review of the literature committed to this topic was carried out. The results showed that social support is an essential protective tool against the physical and mental illnesses of the LGBT population, deserving attention in future research. The present work confirms the idea that the perception of social support plays a significant role in the quality of life and healthy relationships of this population.

**Keywords:** LGBT. Social Support. Health. Quality of life.





## 1 INTRODUÇÃO

A violência contra a população LGBT no Brasil cresce a taxas alarmantes. Desde a década de 80, houve um aumento significativo nas mortes por homicídio no país. Em 2012, o Brasil representou cerca de 10% de todos os homicídios contra LGBT no planeta. Essa estatística coloca o Brasil, definitivamente, entre os países que mais apresentam crimes letais contra a população LGBT – sigla usada aqui para designar todas as pessoas não heterossexuais, em representação a todas as outras siglas utilizadas (WANZINACK et al., 2018)

Toda esta violência está intrinsecamente influenciada pela homofobia institucionalizada no país. Estima-se que a cada 27 horas uma pessoa dessa população torna-se uma vítima fatal, especialmente os(as) trans. Além deste dado, estima-se que no Brasil a cada 19 horas uma pessoa desse grupo é vítima de homicídio ou comete suicídio (CORREIA, 2018).

Segundo Siqueira (2008), o Suporte Social é apontado por estudiosos de diversas áreas do conhecimento como um fator capaz de proteger e promover a saúde. Ainda, é considerado capaz de gerar efeitos benéficos para a saúde tanto física como mental, gerando uma sensação de bem-estar no indivíduo. A autora refere-se ainda ao suporte social como sendo o ambiente, ou ambientes, onde o indivíduo é amado, estimado e parte integrante de uma rede social.

A sensação de não conseguir controlar a própria vida, aliado ao isolamento social que frequentemente acometem essa população, podem estar diretamente relacionados com o processo saúde-doença. Por isso, entende-se que há uma forte correlação entre o apoio social e a saúde, sendo que o apoio social tem efeitos mediadores na proteção da saúde, exercendo um papel de proteção ao longo de todo o ciclo vital (RODRIGUES; MADEIRA, 2009).

Os efeitos do suporte social na saúde física e mental têm sido discutidos nos últimos anos. Respostas na redução das tensões musculares, aumento da autoestima e diminuição nos sintomas de estresse, depressão e ansiedade estão entre os fatores que mais são impactados em pessoas acometidas por algum tipo e grau de preconceito e hostilização. Tais efeitos contribuem para que situações sejam consideradas menos graves, colaborando para o aumento da capacidade de cada pessoa para o enfrentamento das situações de discriminação (SILVA et al., 2003).

Torna-se, assim, importante saber como o suporte social influencia as pessoas LGBT no que diz respeito ao enfrentamento do preconceito, discriminação e violência sofridos. Muito mais importante do que saber o número de pessoas que faz parte da rede social que apoia cada



indivíduo desta população, da existência ou disponibilidade de pessoas em quem se pode confiar, que se mostram preocupadas com o bem-estar físico e mental das pessoas LGBT, é a percepção subjetiva, por parte de cada indivíduo, de como este suporte social atravessa a dimensão social da vida desta parte da população.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil, em um contexto geral, falar sobre sexualidade persiste sendo um grande tabu. Apesar de avanços na aceitação da homossexualidade no nosso país, exacerba-se a importância de debates sobre esse assunto a fim de conhecer quais são os tipos mais presentes de violência que a população LGBT sofre, e quais são as principais consequências que essa violação causa na saúde física e mental dessa população (RESENDE, 2016).

Há muitas outras identidades de gênero, ou formas subjetivas de expressão de ser e estar, diferentes das expectativas da sociedade sobre como as pessoas, de um modo geral, deveriam parecer, agir ou identificar-se, baseadas no sexo que lhes foi atribuído ao nascimento. Mesmo dentro da população LGBT, há um grande preconceito contra travestis, transexuais e transgêneros, representando uma parcela com ainda menor visibilidade dentro do movimento, no Brasil e no mundo (LIMA II, 2020).

O Brasil possui diversas crenças religiosas e culturas que propagam entre seus fiéis estereótipos de como ser e se comportar, do que é ser “homem” ou “mulher” de acordo com seus segmentos, reforçando, assim, o preconceito e a discriminação em relação a determinadas parcelas da sociedade que não representam esses “modelos”. O preconceito e violência contra a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais é uma triste e, por vezes, sangrenta realidade que estes padrões sociais impõem a essas pessoas (RESENDE, 2016).

A heterossexualidade ainda é vista pela grande maioria da sociedade brasileira, e até mundial, como a expressão natural, e a única aceitável, da sexualidade humana. Este pensamento leva a uma ideologia que considera os heterossexuais como os representantes superiores desta expressão de sexualidade, legitimando e reforçando o preconceito a todas as outras formas de manifestação da sexualidade. Deste modo, estabelece-se uma organização de crenças e valores que nega outras formas de comportamento, identidade e relação que tenham por base a heterossexualidade, estigmatizando aqueles que compõem grupos divergentes (RITA; TRIGO, 2012).



Ainda segundo Rita e Trigo (2012), há um grande risco desta estigmatização causar negativas consequências à população LGBT. Dentre os efeitos do preconceito sofrido, um dos mais importantes a ser considerado é o adoecimento psíquico. O isolamento, baixa autoestima, solidão, sintomas depressivos e uma instável e frágil qualidade nas relações, podem repercutir negativamente no estado físico e mental destas pessoas, tornando-as mais vulneráveis a comportamentos não saudáveis de estilo de vida potencializando, especialmente, o risco de suicídio em comparação àqueles que não sofrem tais discriminações.

Portanto, o suporte social passa a ser uma importante ferramenta de manutenção do bem-estar geral das pessoas LGBT. A diversidade de conceitos e as inúmeras tipologias relacionadas com o Suporte Social têm trazido várias interpretações do que seja sua definição. Entretanto, de uma forma geral, entende-se por Suporte Social as ações manifestadas pelo indivíduo, como por exemplo, expressar preocupação, demonstrar afeto, partilhar atividades, prestar cuidados, aconselhar, dar sugestões ou socializar. As funções do Suporte Social não dizem respeito às atividades em si, mas às consequências destas ações no sujeito a quem as ações são direcionadas (ORNELAS, 1994).

Segundo Dunst e Trivette (1990), há duas principais fontes para melhor entender o suporte social: informal e formal. A primeira fonte inclui os indivíduos (familiares, amigos, vizinhos, líderes religiosos, etc.) e os grupos sociais (clubes, igreja, templos, associações, etc.) que, pela maior proximidade, estão aptos a dar apoio nas atividades do dia a dia, em resposta a acontecimentos normais ou inesperados de vida. A segunda fonte de Suporte Social diz respeito tanto às organizações formais presentes na sociedade (hospitais, clínicas, programas governamentais de assistência, serviços de saúde, etc.), quanto aos profissionais que estão envolvidos nestes cuidados (médicos, assistentes sociais, psicólogos, psiquiatras, etc.), organizados para fornecer assistência ou ajuda às pessoas que apresentam algum tipo de necessidade, física ou psicológica.

Devido à não adequação de gênero com o sexo biológico, ou à identidade sexual não heteronormativa, as pessoas LGBT têm, por vezes, seus direitos humanos básicos agredidos e, muitas vezes, encontram-se em situação de vulnerabilidade. O movimento LGBT brasileiro, desde a década de 80, tem dado visibilidade aos crimes motivados pela orientação sexual, propagando o termo “homofobia” para designar tais atos (CARDOSO; FERRO, 2012).

Sem esta atenção, aliada à falta de suporte social, as pessoas LGBT podem apresentar maiores níveis de adoecimento mental quando comparadas às pessoas heterossexuais, em função



do preconceito e discriminação que são acometidas. Dentro deste cenário, o Suporte Social pode ter um papel moderador entre a orientação sexual e os impactos dos estressores de minorias. Grupos minoritários, como é o caso desta população, estão em posição de vulnerabilidade psicossocial. Além disso, também estão expostos a estressores permanentes por fazerem parte de uma parcela da sociedade que é estigmatizada, apresentando menores taxas de bem-estar e maiores taxas de depressão e ansiedade quando comparados às pessoas pertencentes a grupos que não sofrem estigmatização (PAVELTCHUK et al., 2019).

Segundo Silva et al. (2003) há uma forte correlação entre o apoio social e a saúde. Isto sugere que o apoio social desempenha um papel essencial como mediador na proteção da saúde ao longo de todo o ciclo vital. Tal suporte é fundamental para que a pessoa LGBT que sofre com o preconceito e a discriminação tenha uma experiência emocional mais positiva quanto a ideia que tem de si mesma.

### 3 MÉTODO

Para a realização do presente estudo foi adotado o método de revisão sistemática de literatura. Este tipo de revisão é uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema. As revisões sistemáticas são sobretudo úteis, como forma integrativa, para reunir informações de um conjunto de estudos que foram realizados separadamente e por diferentes autores sobre o assunto que foi escolhido como foco de pesquisa (SAMPAIO; MANCINI, 2007)

A presente pesquisa examinou apenas artigos publicados referentes aos termos LGBT, preconceito e suporte social, nas plataformas de pesquisa SciELO e Google Acadêmico. Estas bases de dados foram escolhidas para restringirem as pesquisas a um viés científico de busca. Os artigos utilizados neste estudo foram os publicados nos últimos 20 anos. A busca foi realizada nos meses de março e abril de 2021.

### 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS

Foram analisados um total de 37 artigos em uma busca que compreendeu os termos LGBT, preconceito, discriminação e suporte social. As palavras de busca foram em português, pois o presente artigo pretendeu uma revisão bibliográfica brasileira, com a intenção de conhecer a realidade do panorama LGBT no Brasil. Dos resultados obtidos, os artigos utilizados





foram, na sua maioria, os publicados nos últimos 10 anos. Como critério de exclusão, definiu-se que os artigos selecionados deveriam constar temas que abordassem a violência contra a população LGBT e o impacto do suporte social nas pessoas deste grupo. Dentre as produções selecionadas, por sua relevância para este artigo, foram selecionados os 04 trabalhos mais importantes, conforme quadro 1 abaixo:

**Quadro 1 – Resultado da revisão sistemática**

<b>Autores</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>
PAVELTCHUK, F. Olive; DAMASIO, B. F; BORSA, J. C.	Impacto da orientação sexual, suporte social e familiar no estresse de minorias em pessoas	2019
WANZINACK, C.; SIGNORELLI, M. C.; REIS, C.	Homicídios e determinantes socioambientais da saúde no Brasil: uma revisão sistemática da literatura.	2018
RESENDE, L. S.	Homofobia e violência contra população LGBT no Brasil: uma revisão narrativa.	2016
RODRIGUES, V. B.; MADEIRA, M.	Suporte social e saúde mental: revisão da literatura. Revista da Faculdade de Ciências da Saúde	2009

Fonte: próprio autor.

A análise dos artigos apresentados demonstra que a literatura tem abordo amplamente a questão da violência e discriminação contra população LGBT, mas pouco se interessa com a variável suporte social. Há falta de dados de como essa população recebe e entende o suporte social para o enfrentamento das situações de preconceito.

O suporte social ainda é uma variável tímida em meio a outras que atingem a população LGBT. O conhecimento e entendimento de como o suporte social impacta na visão que a pessoa não-heterossexual tem sobre o amparo recebido nas situações de estresse, é relevante (ORNELAS, 1994).

Entretanto, os resultados mostram que o suporte social entra como uma importante ferramenta protetiva contra os adoecimentos físico e mental dessa população que, diariamente, é discriminada, oprimida, rejeitada, violentada. Essa variável merece ampla atenção em futuras pesquisas, pois caracteriza-se como um grande apoio ao combate e enfrentamento à violência e discriminação sofridas (RODRIGUES; MADEIRA, 2009).



## 5 CONCLUSÃO

Diante de todo o cenário de violência, preconceito e discriminação historicamente sofridos pela população LGBT no Brasil, discussões no sentido de minimizar a homofobia e seus efeitos em toda a sociedade, se fazem urgentes. A violência física, psicológica, moral e até sexual a que esta população é submetida, traz consequências negativas para a vida destas pessoas, impactando diretamente na sua saúde física e mental. Assim, têm-se nos movimentos LGBT uma oportunidade de trazer visibilidade sobre os problemas que essa população vulnerável sofre.

Apesar de avanços na aceitação da homossexualidade, o tema surge sempre como uma das mais presentes quando se fala sobre violência e preconceito. O debate sobre esse assunto é de grande importância para se conhecer a realidade das pessoas LGBT, os principais tipos de agressão sofrida e as repercussões que reverberam na qualidade de vida destas pessoas e, principalmente, as medidas que podem ser adotadas acerca do tema, no sentido de manutenção da saúde física e mental.

Estudos têm mostrado que a homofobia, que desencadeia todo este quadro de intolerância contra a pessoa LGBT, não é um fenômeno que só acontece na vida adulta. Entre crianças e adolescentes o preconceito ainda está bastante presente, muito devido a ótica discriminatória do contexto familiar e social em que estão incluídos. A falta de conhecimento sobre o tema, a carência de diálogo sobre diferenças e respeito e a não discussão sobre o assunto sexualidade e sua diversidade no contexto escolar, podem acabar por agravar este cenário nas próximas décadas.

A homofobia e seus resultados, como o menosprezo e o ódio, por exemplo, prejudicam que a livre expressão de identidade e sexualidade, fora dos padrões heteronormativos, sejam vividos de forma espontânea pelas pessoas LGBT. O medo constante de serem agredidos, verbal ou fisicamente, faz com que esta população seja reprimida à convivência em guetos ou, ainda pior, que decidam pelo isolamento.

A iniciação sexual, que acontece cada vez mais precocemente na nossa sociedade, produz um efeito de inconformidade de ser e agir nos jovens LGBT. A prática sexual, que também valida a subjetividade de cada sujeito e a busca pelo autoconhecimento e autonomia, são dimensões extremamente importantes no processo de constituição de qualquer sujeito.



Entretanto, em se tratando da população LGBT, o início da vida sexual da maioria destas pessoas, é envolta por sentimentos de medo, desconforto e inadequação.

Todo este ambiente propicia o isolamento das pessoas LGBT. Conflitos familiares, a não aceitação por parte dos pais ou responsáveis, relações desgastadas por preconceitos e o peso de não poderem expressar livremente seus sentimentos e sexualidade levam a uma grande parte destas pessoas à saída voluntária, mesmo não querendo tomar esta atitude, ou expulsão de casa. Isso favorece que um adoecimento, principalmente psíquico, acometa estas pessoas e repercute nas relações, quase sempre insalubres pelo fato da falta de apoio, que essa população desenvolverá em suas vidas.

Portanto, o entendimento sobre a violência, preconceito e discriminação sofridos pela população LGBT é crucial para a compreensão da dinâmica sociocultural e política no cenário que cerca esta população. A presente revisão sistemática de bibliografia sobre este assunto, ratifica a ideia de que a percepção do suporte social desempenha um importante papel na qualidade de vida e das relações saudáveis das pessoas LGBT.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Michelle Rodrigues; FERRO, Luís Felipe. **Saúde e população LGBT: demandas e especificidades em questão. Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 552-563, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932012000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000300003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 março, 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000300003>.

CORREIA, M. **Comportamentos da Esfera Suicidária em Jovens Adultos LGBT - O Papel da Família.** 2018. Disponível em: <[https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=Comportamentos+da+Esfera+Suicid%C3%A1ria+em+Jovens+Adultos+LGBT+Comportamentos+da+Esfera+Suicid%C3%A1ria+em+Jovens+Adultos+LGBT+O+Papel+da+Fam%C3%ADlia&btnG=>](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Comportamentos+da+Esfera+Suicid%C3%A1ria+em+Jovens+Adultos+LGBT+Comportamentos+da+Esfera+Suicid%C3%A1ria+em+Jovens+Adultos+LGBT+O+Papel+da+Fam%C3%ADlia&btnG=>)> Acesso em: 22 março, 2021.

LIMA II, M. M. **Qualificação Do Acolhimento E Do Atendimento Da População Trans Pelos Profissionais Do Sistema Único De Saúde (Sus): Uma Cartilha.** Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde – Mestrado Profissional), p. 4 - UFRGS. Orientador: Prof. Dr. Roger dos Santos Rosa, 2020.

ORNELAS, J. Suporte Social: Origens, Conceitos e Áreas de Investigação. Análise Psicológica (1994), 2-3 (XII): p. 333-339. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/70652982.pdf>> Acesso em: 23 março, 2021.

PAVELTCHUK, Fernanda de Oliveira; DAMASIO, Bruno Figueiredo; BORSA, Juliane Callegaro. **Impacto da orientação sexual, suporte social e familiar no estresse de minorias**





**em pessoas LGBT. Trends Psychol.**, Ribeirão Preto, v. 27, n. 3, p. 735-748, Sept 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2358-18832019000300735&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2358-18832019000300735&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 22 março, 2021. Epub Sep 23, 2019. <https://doi.org/10.9788/tp2019.3-10>.

PERUCCHI, Juliana; BRANDAO, Brune Coelho; VIEIRA, Hortênsia Isabela dos Santos. **Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 19, n. 1, p. 67-76, Mar. 2014. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2014000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2014000100009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 11 abril, 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2014000100009>.

RESENDE, Livia da Silva. **Homofobia e violência contra população LGBT no Brasil: uma revisão narrativa.** Monografia (Curso de Saúde Coletiva) - Universidade de Brasília, Campus Ceilândia, p. 01-37. Orientadora: Dr<sup>a</sup> Maria Inez Montagner, 2016. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/16212>>. Acesso em: 23 março, 2021.

RITA, Cláudia Belchior; TRIGO, Orientador Doutor Miguel. **Impacto da Satisfação com o Suporte Social e da Autoestima no Conforto com a Orientação Sexual de Jovens Homossexuais e Bissexuais.** 2012. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em psicologia clínica) Instituto Superior De Estudos Interculturais E Transdisciplinares, Almada. Portugal.

RODRIGUES, V. B.; MADEIRA, M. – **Suporte social e saúde mental: revisão da literatura.** Revista da Faculdade de Ciências da Saúde, 2009. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa. ISSN 1646-0480.6, p. 390-399. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/1293>. Acesso em: 22 março, 2021.

SAMPAIO, RF; MANCINI, MC. **Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. Rev. bras. fisioter.** São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, Feb. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-35522007000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35522007000100013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 11 abril, 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-35522007000100013>.

SILVA, Isabel et al. **Efeitos do apoio social na qualidade de vida, controlo metabólico e desenvolvimento de complicações crónicas em indivíduos com diabetes. Psicologia, saúde e doenças**, v. 4, n. 1, p. 21-32, 2003. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/362/36240102.pdf>>. Acesso em: 09 abril, 2021.

SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias. **Construção e validação da Escala de Percepção de Suporte Social. Psicol. estud.**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 381-388, junho, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141373722008000200021&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722008000200021&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 março, 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000200021>.

WANZINACK, C.; SIGNORELLI, M. C.; REIS, C. **Homicídios e determinantes socioambientais da saúde no Brasil: uma revisão sistemática da literatura.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 34, n. 12, e00012818, 2018. Disponível em:





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2018001202001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018001202001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso, 22 março, 2021. Epub Nov 29, 2018.  
<https://doi.org/10.1590/0102-311x00012818>.



feevale.br/cidi2021





## EDUCAÇÃO E USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

EDUCATION AND USE OF DIGITAL TECHNOLOGIES IN THE CONTEXT OF THE  
FEDERAL UNIVERSITY OF RIO GRANDE DO SUL

Ângela Fernandes da Silva

Universidade Feevale

**Resumo:** O presente texto versa sobre a educação e o uso de tecnologias digitais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) por ocasião da implementação do ensino remoto emergencial (ERE) em função da Pandemia de Coronavírus. Se ocupa da discussão realizada nos conselhos superiores (CEPE e CONSUN) com vistas a adoção de uma posição institucional frente ao contexto pandêmico e a necessidade de se retomarem as aulas através do uso de ambientes virtuais de aprendizagem. A metodologia utilizada foi a etnografia e análise de documentos. Resultados do estudo apontam para necessidade de aprofundamento e acompanhamento do ERE com vistas a sua avaliação do modo como as tecnologias digitais têm sido utilizadas no âmbito do ERE na UFRGS, bem como em relação a condições de acesso por parte dos alunos provenientes de classes sociais menos favorecidas, como é o caso, por exemplo, dos bolsistas REUNI.

**Palavras-chave:** Educação. Tecnologias Digitais. Ensino Remoto Emergencial. Bolsistas REUNI.

**Abstract:** This text deals with education and the use of digital technologies at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) when implementing emergency remote education (ERE) due to the Coronavirus Pandemic. It deals with the discussion held in the higher councils (CEPE and CONSUN) with a view to adopting an institutional position in the face of the pandemic context and the need to resume classes through the use of virtual learning environments. The methodology used was ethnography and document analysis. Results of the study point to the need for deepening and monitoring the ERE in order to assess the way in which digital technologies have been used within the scope of ERE at UFRGS, as well as in relation to conditions of access by students from less social classes favored, as is the case, for example, of the REUNI fellows.

**Keywords:** Education. Digital Technologies. Emergency Remote Education. REUNI Fellows.

### 1 INTRODUÇÃO

Como pesquisadora e doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social e, tendo em conta que meu contexto de trabalho profissional é também meu lócus privilegiado de estudo uma vez que sou servidora pública da Universidade Federal do Rio Grande do Sul há quase trinta e cinco, é fato que, meu arcabouço da tese, e por isso meus papéis e o lugar de onde falo e escrevo, muitas vezes se sobrepõem. Sobreposição essa que se mistura e acaba se cruzando na minha própria trajetória acadêmico-profissional, onde atuo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul desde 1985.





Ademais, e considerando ainda, que meu objeto de pesquisa são os bolsistas desta Universidade – e que estive sempre envolvida nas discussões que envolvem o acesso a universidade e ao ensino superior – têm-se que a defesa do ensino gratuito, público, de qualidade e inclusivo, desde muito, se faz presente no meu “DNA”. Pois, assim como hoje, em outras ocasiões, também, atuei como conselheira tanto do Conselho Universitário (CONSUN) quanto do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE). Mas, aqui, me ocuparei da última gestão, cujo ato de posse data de 2018, mas que, em função da Pandemia de Covid-19, tive prorrogado o mandato. Após o término do qual, assumi uma cadeira no CEPE da UFRGS, em 22 de julho de 2020, para um mandato de 2 anos. Fato que, se insere na minha experiência junto a Administração Central da Universidade (Reitoria) e, por isso, os preâmbulos dos conselhos me são tão familiares. E, é sobre o modo como a Universidade se reinventou a partir da Pandemia de Covid-19, através do uso da tecnologia, que daqui para diante em ocuparei.

## 2 METODOLOGIA

Para realização do presente estudo utilizou, sobretudo, a etnografia e o diário de campo, os quais serviram para coleta de dados no período que antecedeu a pandemia, bem como, no decorrer desta e nas reuniões dos Conselhos Superiores da Universidade, das quais, participei como conselheira eleita. Ademais, também se utilizou da análise documental e de conteúdo com vistas a explorar e escrutinar as atas das reuniões anteriores e com vistas a historicizar a discussão acerca no Ensino Remoto Emergencial no âmbito dos Conselhos e da própria Universidade.

## 3 DESENVOLVIMENTO

Em função da Pandemia de Covid-19 todas as atividades presenciais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul foram suspensas, primeiramente por tempo determinado e, em seguida, por tempo indeterminado, o que implicou no atraso para realização da eleição para os referidos, a saber, o Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão e Conselho Universitário, as quais deveriam acontecer entre os dias 03 e 04 de junho de 2020. Como já era conselheira do outro órgão superior como já relatei – no caso o CONSUN – estava muito a par da importância do que significa para a comunidade acadêmica a deliberação acerca do Ensino





Remoto Emergencial – ERE. Modalidade essa que envolvia sua regulação no âmbito do primeiro Conselho visto que, desde março, quando a calamidade epidêmica se instalou e nos assolou, todas as atividades estavam suspensas e nem as matrículas dos novos egressos, bem como, dos alunos que já estavam na Universidade haviam sido feitas. Pois, as Universidades, por Decreto, estavam com todas as atividades suspensas, e até então, os discentes estavam sem saber como deveriam continuar suas atividades acadêmicas. E como a minha pesquisa é na Universidade, me vi fazendo parte deste processo todo.

A atividade que me refiro é a participação como conselheira eleita ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRGS, onde tomei posse no dia 07 de junho de 2020, participando da sessão que estava em pauta desde o dia 02/07/2020 quando houve pedido de vistas<sup>1</sup> por parte dos conselheiros no que tange ao processo de deliberação do Ensino Remoto Emergencial na UFRGS, assunto de suma importância para toda a Universidade, e desta forma fiz a defesa deste parecer de vista conjuntamente com outros conselheiros que primavam do mesmo ponto de vista que defendíamos.

E foi desta forma que construímos um parecer de vista coletivo com a comunidade tendo em vista estimular que os debates de estudantes, técnicos e docentes fossem contemplados no CEPE, e onde todas as contribuições sobre esse tema pudessem ser inseridas no parecer que seria encaminhado ao CEPE e, desta forma, defendido no dia da sessão, como representando uma única voz.

E este foi o meu papel, defender através do debate, do diálogo, onde sem ganhadores ou perdedores, mas que esta comunidade de 50 mil pessoas fosse de alguma forma contemplada, mas sabedora das limitações e da diversidade deste universo, pois um dos maiores desafios ainda estariam por vir, o acesso ao desconhecido mundo sem tecnologia (ou aparelho, linha, conexão, plataforma) que somente o relatório da Comissão de Acompanhamento aprovada do ERE poderia de fato dar uma amostragem do que de fato foi aprovado e qual o seu impacto na comunidade acadêmica da UFRGS. Abaixo disponibilizo o link para o processo e os pareceres

---

<sup>1</sup> Com a Pandemia do COVID-19, as Universidades suspenderam suas aulas presenciais, e cada Universidade é regida pela sua autonomia universitária, onde seus conselhos superiores que normatizam a forma como deveria ser feita a retoma das aulas. Contudo, como as aulas estão previstas de formas presenciais, e não no ensino a distância, precisava que o Conselho regulamentasse o Ensino Remoto Emergencial durante o período pandêmico. E foi colocado em pauta, mas o parecer por mais pormenorizado que se apresentasse ainda faltavam detalhes que a comunidade se expressou nos seus pareceres de vista, que são esclarecimentos que são feitos para instrumentalizar a decisão dos Conselheiros. Foram mais de um parecer, e cada um deles foi adequado ao parecer original, e desta forma todos de certa forma foram ouvidos e resguardada a diversidade que estava em debate.



do CEPE que são objeto da discussão para que possam ter acesso, ler, e subsidiar melhor suas opiniões.

[https://drive.google.com/drive/folders/1trTBJAJXlppct4\\_Txz7KiIyks1-Z3Fif?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1trTBJAJXlppct4_Txz7KiIyks1-Z3Fif?usp=sharing)

E aqui, vos apresento o meu parecer:

Penso que este momento delicado exige a maior participação possível da comunidade acadêmica, não se trata de ser contra ou a favor do ERE, mas de garantir tanto quanto possível a permanência do estudante e condições docentes e técnicas para isto. Por isso agradeço antecipadamente aqueles e aquelas que se dispuserem a ajudar na redação desse parecer, qual seja, o Parecer nº 22/2020 – Resolução nº 25/2020. Deste movimento resultou, a matéria “CEPE aprova diretrizes para a retomada das aulas do semestre 2020/1 de forma remota”<sup>2</sup> no site da Universidade, resultado dessa discussão e do trabalho realizado junto com a comunidade acadêmica e os alunos da Universidade, os quais se constituem em meu objeto privilegiado de estudo para a tese. Neste sentido, outra matéria intitulada “Calendário prevê o reinício das aulas remotas da graduação a partir do dia 19 de agosto”<sup>3</sup>, postergando assim o início do semestre letivo. Também, encontra-se disponível no site da Universidade a Resolução nº 025/2020 que regulamenta o Ensino Remoto Emergencial<sup>4</sup>, assinado pelo Reitor e, em sua redação final, divulgado pelo CEPE.

Sobremaneira, destaco ainda que o objeto de minha tese de doutorado são os alunos bolsistas, e como na dissertação me refiro aos bolsistas do Sistema de Bibliotecas da UFRGS (SBUFRGS), uma das preocupações desta regulamentação recaia exatamente na questão de se manter as bolsas destes alunos junto aos diversos Programas de Auxílio existentes e garantir as Políticas de Permanência destes estudantes, como já constatei na dissertação “as bolsas são uma das suas principais fontes de renda, senão, a única, muitas vezes” (SILVA, 2019, p. 93). Bem como “quase a metade dos entrevistados é oriunda de escolas de rede pública e detentor de renda familiar a 1,5 salários-mínimos” (SILVA, 2019, p. 99) de modo que esta é a

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.ufrgs.br/farmacia/?noticia=cepe-aprova-diretrizes-para-a-retomada-das-aulas-do-semester-2020-1-de-forma-remota>.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/inicio-das-aulas-do-ensino-remoto-emergencial-na-ufrgs-sera-em-19-de-agosto/>.

<sup>4</sup> <http://www.ufrgs.br/cepe/res-025-ensino-remoto-emergencial-ere-versao-pagina-1>.



vulnerabilidade que encontramos muitos destes alunos. Dito isto, tem-se “que de modo geral é mais comum que os alunos percebam uma renda de R\$ 400,00 reais enquanto renda individual do que valores acima destes, salvo raras exceções...” (SILVA, 2019, p. 106).

Outrossim, tem-se que minha defesa do parecer tinha como objetivo fomentar e garantir a questão de acesso ao ensino remoto emergencial, e neste quesito as bolsas foram mantidas, e editais abertos para os mais carentes terem estas ferramentas minimamente garantidas. Assim como outro projeto de extensão o RECONNECTA<sup>5</sup>, arrecadou computadores danificados e sucatas da sociedade em geral, e os consertou e através de sorteio tem beneficiado aos alunos que se inscrevem no projeto. As ações são iniciais, como havia dito. Mas, o relatório da Comissão de Acompanhando do ERE, vai relatar as dificuldades encontradas na comunidade em geral e uma delas é a dita conexão: aulas síncronas, ter uma internet que funcione, com luz e rede disponível na medida que necessitamos, e assim atire a primeira pedra quem não passou por isso nesta pandemia: você tá aí, como eu estou aqui!!!!

Mas tudo isso é novo, e aquilo que era antes um mero problema de conexão, com o uso intensivo da tecnologia das tecnologias digitais desde o início da pandemia ganhou proporções “dantescas” com servidores caindo durante as aulas e/ou reuniões, com os problemas de acesso e cadastro, com o suporte a ser dado àquelas que com a tecnologia tinham pouco ou nenhuma intimidade, entre outras coisas.

Ademais, arrolo ainda outros documentos correlatos e citados, a saber: 1) Portaria de nomeação CONSUN - Portaria 2492, 08/05/2020<sup>6</sup>; 2) Portaria de nomeação CEPE - Portaria nº 3671, 10/7/2020<sup>7</sup>; e, 3) Constituição da Comissão de Acompanhamento do ERE – Portarias nº 4287 de 18/08/2020<sup>8</sup> e nº 5168 de 08/10/2020<sup>9</sup>. Como também, as seguintes notícias que documentam o exposto no presente relato de campo:

- a) Notícia 1: Conselheiros pedem vista da proposta de regulamentação do Ensino Remoto Emergencial.<sup>10</sup>

<sup>5</sup> Para saber mais, acesse: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/reconnecta-ufrgs-destina-computadores-a-estudantes-para-o-ensino-remoto-emergencial/>.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www1.ufrgs.br/RepositorioDigitalAbreArquivo.php?45806174DA4E&62> e que dispõe sobre prorrogação do mandato dos Representantes Técnico-Administrativos junto ao Conselho Universitário.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www1.ufrgs.br/RepositorioDigitalAbreArquivo.php?4613A3BF70E3&62> e que dispõe sobre os Representantes Técnico-Administrativos em Educação eleitos junto ao CEPE.

<sup>8</sup> Link não encontrado no site da Universidade.

<sup>9</sup> Link não encontrado no site da Universidade.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/conselheiros-pedem-vista-da-proposta-de-regulamentacao-do-ensino-remoto-emergencial>.



- b) Notícia 2: Sessão do CEPE para definição de diretrizes do Ensino Remoto Emergencial será nesta quarta, dia 22.<sup>11</sup>
- c) Notícia 3: Sessão do CEPE inicia votação das diretrizes do Ensino Remoto Emergencial.<sup>12</sup>
- d) Notícia 4: Plataforma digital faz mediação de doações de aparelhos eletrônicos para estudantes de baixa renda.<sup>13</sup>
- e) Notícia 5: Sead reúne informações e materiais para apoio ao ensino remoto na UFRGS.<sup>14</sup>
- f) Notícia 6: Aulas do Ensino Remoto Emergencial começam nesta quarta-feira.<sup>15</sup>

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos no decorrer do presente relato, é fato que, nem em nossos piores pesadelos nos imaginaríamos estar na situação de isolamento social que estamos e que, nosso trabalho e nossa vida se reduzir as quatro paredes de nossa casa. Pois, é entre elas que vivemos a nossa intimidade com os nossos, mas é entre estas, também, que hoje trabalhamos e ocupamos nosso dia com as rotinas de trabalho remoto. Bem como, ainda o local das aulas, de estudo, de onde a vida acontece.

Tal movimento levou a que, o computador, o celular, o modem e outras parafernalias digitais que antes orbitavam em torno da mobília, se tornassem o centro da casa, acabando com as tão rígidas fronteiras entre o público e o privado, entre a casa e a rua. Mas também, a que aprendêssemos a nos comunicar digitalmente, fazendo um uso mais instrumental do texto, tomando-se mais cuidado com escrita e, passando a perceber o quanto somos dependentes da tecnologia.

De fato, a partir do exposto, o que se constata é que nem a Universidade nem as pessoas estavam preparadas para esse momento. Pois, mais do que pensarmos no suporte a ser utilizado para as aulas (ou seja, a plataforma a ser utilizada) se precisava, antes disso, resolver-se

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/sessao-do-cepe-para-definicao-de-diretrizes-do-ensino-remoto-emergencial-sera-nesta-quarta-dia-22>.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/sessao-do-cepe-inicia-votacao-das-diretrizes-do-ensino-remoto-emergencial>.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/plataforma-digital-faz-mediacao-de-doacoes-de-aparelhos-eletronicos-para-estudantes-de-baixa-renda/>.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/sead-reune-informacoes-e-materiais-para-apoio-ao-ensino-remoto-na-ufrgs/>.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/inicio-das-aulas-do-ensino-remoto-emergencial-na-ufrgs-sera-em-19-de-agosto>.



problemas estruturais relacionados ao acesso a equipamentos e a tecnologia, bem como a se instrumentalizar tanto técnicos-administrativos e professores quanto discentes para seu uso – o que, de fato, tem sido um grande desafio, mas que somente teremos a sua real dimensão após o término desse primeiro semestre em meados dos meses de maio e junho. Mas isso, é algo que ficará para ser tratado num texto posterior.

## REFERÊNCIAS

SILVA, Ângela Fernandes da. **O REUNI na Universidade entre 2010-2016 e seu impacto na trajetória acadêmico-profissional dos alunos bolsistas do sistema de bibliotecas da UFRGS**. 2019. 135 f. Dissertação (Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social) - Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.feevale.br/Vinculo2/000019/0000196e.pdf>>. Acesso em: 8 maio 2019.

UFRGS. Página: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias>





## A INCÓGNITA DA INCLUSÃO DIGITAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM OLHAR PARA O PROJETO DE EXTENSÃO DA RUA PARA'XXXX

THE INQUIRY OF DIGITAL INCLUSION DURING THE PANDEMIC: A LOOK TO THE  
EXTENSION PROJECT DA RUA PARA'XXXX

Larissa Vieira Bernardi; Lovani Volmer

Universidade Feevale

**Resumo:** O presente estudo tem como objetivo, com base nas experiências extensionistas de uma aluna da Letras e de uma professora do Curso, da Universidade XXXXXXXX, evidenciar a ambiguidade dos meios de comunicação remotos em relação às práticas sociais extensionistas do Projeto "Da Rua para'XXXX", do qual ambas fazem parte. Neste trabalho, discorre-se sobre a caracterização da população em situação de rua da cidade de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, e as práticas presenciais, interrompidas com a chegada da Covid-19. A partir do contexto da pandemia, reflexões sobre um grupo popular, que já é tido como invisível pelos olhos da sociedade, serão levantadas para evidenciar que a inclusão digital não é para todos. Por outro lado, evidenciam-se os benefícios que a tecnologia trouxe ao projeto, em tempos de suspensão das práticas presenciais.

**Palavras-chave:** População em situação de rua. Inclusão digital. Meios de comunicação. Políticas públicas.

**Abstract:** The present study aims to show the ambiguity of the remote means of communication based on the experiences of a student and her teacher from the field "Letras" at XXXXXXXX University, related to social extensionist practices done in "Da Rua para'XXXX" project, which they are both part of. This work draws on the characterization of homeless population from Novo Hamburgo city, Rio Grande do Sul, as a pretext for the Project's creation and its presential practices that were interrupted with the arrival of Covid-19. Starting from the pandemic's context, reflections will be raised about this popular group to prove the flaws on digital inclusion, which excludes a population that is already treated as invisible by the eyes of society. On the other hand, the study shows the benefits that technology brought to the project at a time of interruption of presential practices.

**Keywords:** Homeless population. Digital inclusion. Means of communication. Public policy.

### 1 INTRODUÇÃO

Em meio a uma pandemia mundial de Coronavírus, quando a indicação dos profissionais e entidades da saúde é ficar em casa para se proteger, torna-se impossível não pensar naqueles que fazem da rua a sua morada, esses que estão muito mais expostos ao vírus. Desde a sua chegada no Brasil, a Covid-19 trouxe mudanças severas para a convivência em sociedade, pois, de acordo com orientações publicadas no Diário Oficial da União (BRASIL, 2020), emitidos pelo Ministério da Saúde, baseadas em premissas universais da Organização Mundial da Saúde (OMS), além da etiqueta respiratória, da higienização das mãos, do uso de máscaras, limpeza e





desinfecção de ambientes, os representantes recomendam como método de prevenção contra o vírus, o distanciamento social e o isolamento domiciliar de casos suspeitos e confirmados.

O distanciamento social pode ser feito de duas formas, vertical ou horizontal, sendo esta última a mais indicada, porque implica no fechamento de serviços não essenciais, ou nos serviços potenciais geradores de aglomerações, como escolas e universidades, e isola o maior número de pessoas em suas casas. As medidas preventivas de isolamento foram e continuam sendo aplicadas e modificadas em todos os estados do Brasil, algumas mais flexibilizadas do que outras, e isso se dá conforme as vagas de leitos de hospitais são liberadas ou não. Desse modo, isolada e sem a possibilidade de trabalhar ou estudar presencialmente, a população brasileira encontrou soluções nos meios digitais e, enquanto universidades e escolas começaram a utilizar plataformas digitais para que as aulas continuassem sendo oferecidas e o ensino não fosse totalmente prejudicado, os comerciantes fizeram das redes sociais o seu meio de trabalho, assim como pequenas e grandes empresas e outros tipos de serviços. De certa forma, o ensino à distância e o home-office salvaram muitas pessoas do desemprego ou da deficiência de aprendizagem em tempos de pandemia, mas não é novidade que para as camadas mais pobres e vulnerabilizadas da sociedade, e agora focando na população em situação de rua, o acesso às tecnologias é escasso e limitado, quase inexistente.

Saindo da visão abrangente da população de rua e partindo de uma perspectiva da cidade de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, entende-se que, mesmo com o atendimento público funcionando durante a pandemia, como, por exemplo, o Centro de Referência Especializado da População em Situação de Rua (CENTRO POP), da cidade, projetos sociais que buscam acolher integralmente essa população, como o "Da Rua para'XXXX" da Universidade XXXXXXXX, tiveram as suas práticas interrompidas com o propósito de zelar pela saúde tantos dos beneficiados como dos participantes do projeto. E diante de um impasse tão complexo como o atendimento à população em situação de rua em meio a uma propagação incansável de Coronavírus, surgem os questionamentos em relação à incógnita dos meios digitais, que é tomada por uma ambiguidade, tornando-se, ao mesmo tempo, serviço e desserviço, beneficiando uns e prejudicando outros.

Nesse desdobramento, este estudo inclina-se a mostrar as vivências no projeto de extensão "Da Rua para'XXXX" diante da problemática da utilização dos meios digitais, mostrando seus prós e contras para o projeto. Para tanto, faz-se necessário, primeiramente, caracterizar a população beneficiada e, em seguida, explicitar os objetivos dele, e por fim,



evidenciar a situação vertiginosa causada pela pandemia de Covid-19, a qual obrigou toda equipe do projeto a entrar em um processo de reinvenção.

## 2 CONTEXTUALIZANDO

Em seus estudos antropológicos, DaMatta (1997) analisa os espaços da casa e da rua e os efeitos que eles causam no comportamento dos cidadãos brasileiros. Nesse contexto, temos como casa um espaço remetente à calma, ligações e laços, sejam eles amorosos ou familiares, mas que incluem a ideia de afeto, carinho e hospitalidade; a rua, porém, é encarada como o inverso, um lugar movimentado e perigoso, onde a individualização prevalece, abortando a ideia de laços, e que pertence ao “governo” ou ao “povo”. Por esse contraste que se tornam dramáticas as situações envolvendo a expulsão de casa e acontecimentos que acarretam à vida nas ruas. Ainda focando na oposição entre casa/rua, o antropólogo afirma que não se pode transformar a casa em rua e vice-versa, pois existem regras e normas rituais que permitem essa relação (DAMATTA, 1997). No entanto, é impossível falar da casa sem mencionar sua irmã gêmea, a rua, tendo em vista que:

[...] a oposição casa/rua tem aspectos complexos. É uma oposição que nada tem de estática e de absoluta. Ao contrário, é dinâmica e relativa porque, na gramaticidade dos espaços brasileiros, rua e casa se reproduzem mutuamente, posto que há espaços na rua que podem ser fechados ou apropriados por um grupo, categoria social ou pessoas, tornando-se sua "casa", ou seu "ponto". (DAMATTA, 1997, p. 39).

A oposição entre casa e rua, através da visão da antropologia, já citada anteriormente, com ênfase nos laços e ligações e na apropriação de espaços da rua, relaciona-se com caracterização da população de rua descrita pela Política Nacional para a Inclusão Social da População em Situação de Rua, instituída pelo Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009, conforme segue:

A população em situação de rua pode ser definida como um grupo populacional heterogêneo que tem em comum a pobreza, vínculos familiares quebrados ou interrompidos, vivência de um processo de desfiliação social pela ausência de trabalho assalariado e das proteções derivadas ou dependentes dessa forma de trabalho, sem moradia convencional regular e tendo a rua como o espaço de moradia e sustento. (BRASIL, 2009).

Além de atender às respectivas definições, as pessoas em situação de rua, com enfoques na cidade de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, sofrem com índices de escolaridade baixos, desemprego, problemas de saúde, violência e preconceito, aspectos que travam na tentativa de



reintegração social dessas pessoas. Segundo a Cartilha: *População Adulta em Situação de Rua, de Novo Hamburgo*, que revela dados da pesquisa do Censo 2020 de moradores de rua na cidade, 60,6% dos entrevistados afirmaram que não concluíram o Ensino Fundamental, 3,5% são analfabetos, 8,2% possuem o Ensino Médio incompleto, 1,8% afirmaram não ter concluído o Ensino Superior e 81,2% dos entrevistados gostariam de aprender algo novo ou aprimorar o que já sabem. Em relação aos dados sobre a saúde, que é um fator muito delicado e de preocupação entre a população que vive na rua, alguns dos aspectos que as acometem mais são doenças psicológicas e crônicas, assim como o uso de substâncias químicas. De acordo com a Cartilha (2020), 28,8% das pessoas que vivem na rua, em Novo Hamburgo, são afetadas pela depressão, 18,9% sofrem de doenças crônicas e 81,7% fazem uso de substâncias psicoativas, como álcool, cigarro e drogas ilícitas. O desemprego que assola o País também contribui para que aumente o número de pessoas em situação de rua - conforme dados divulgados pela G1/RS (2020), baseados em uma pesquisa feita pela ONG Centro Social Rua, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no contexto de pandemia, houve um aumento da população de rua em 26%, na cidade metropolitana, desde a chegada do vírus, tendo como principal motivação a ausência de atividade laboral.

## 2.1 DA RUA PARA'XXXX

Diante de dados preocupantes como os citados na seção anterior, evidencia-se que há uma necessidade de acolhimento à população em situação de rua de Novo Hamburgo, com foco na preservação da saúde dessas pessoas, dos seus direitos civis e humanos básicos, na reintegração social, feita de forma justa, através de atendimentos médicos, psicológicos e acesso à educação. No entanto, para acolher essas pessoas, é preciso desprender-se de ações de ímpetos assistencialistas, autoritários e de “higienização social”, aspectos que nascem a partir de visões estigmatizantes produzidas pela sociedade civil e pelo Estado, sobre a população em questão.

Portanto, tendo em vista a emergência que existe nas ruas, compreende-se o porquê da existência de um projeto extensionista como o “Da Rua para'XXXX”, que, vigente desde 2017, busca promover a saúde, os direitos humanos e a cidadania das pessoas que vivem em situação de rua na cidade, contribuindo para a visibilidade social e a garantia de direitos dessa população. A equipe do projeto social integra as áreas de Psicologia, Enfermagem, Pedagogia e Comunicação, de forma interdisciplinar, com a atuação de alunos e docentes das respectivas





áreas. Os serviços oferecidos aos beneficiados são variados e todos ocorrem no Centro de Referência Especializado da População em Situação de Rua (CENTRO POP), em Novo Hamburgo. Entre algumas ações do projeto constam o atendimento individual psicológico, oficinas de psicologia, que buscam trabalhar a autoestima e reintegração social, aconselhamento familiar, aplicação de testes rápidos, vacinas, aplicação de curativos, e aulas para aqueles que desejam aprender a ler e escrever ou ampliar seus conhecimentos acadêmicos, com vistas à realização do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens Adultos (ENCCEJA). Para além disso, bolsistas e professores da área da Comunicação empenham-se para dar visibilidade à população e levar o projeto ao conhecimento do público através de publicações nas mídias sociais.

Durante os quatro anos de vigência do projeto, a equipe do "Da Rua para'XXXX" promoveu diversas ações em prol da população em situação de rua de Novo Hamburgo. Além de todos os atendimentos semanais que envolvem o cuidado com a saúde física e psicológica e as oficinas de educação, os participantes da Comunicação promoveram seminários com a proposta de propagar informação relacionada à população em vigência e criaram o jornal "Vozes da Rua", baseado no jornal "Boca de Rua", de Porto Alegre, feito pelos próprios usuários do Centro POP, com o intuito de abrir um espaço para as pessoas que vivem na rua compartilharem seus relatos e serem escutadas. Na parte científica do "Da Rua para'XXXX", iniciou-se, em 2019, a primeira pesquisa censitária sobre a população em situação de rua de Novo Hamburgo, a pesquisa foi feita por participantes do Projeto, professores e bolsistas, e originou-se a partir da escassez de material científico sobre a população em questão. Os dados dessa pesquisa foram divulgados na Cartilha: *População em Situação de Rua de Novo Hamburgo*, no ano da chegada da pandemia no Brasil.

## 2.2. O PROJETO E A PANDEMIA

Em 2020, antes do cenário pandêmico, o "Da Rua para'XXXX" colocava seus planos do primeiro semestre em prática. Porém, devido à chegada da COVID-19, que teve como consequência as políticas de isolamento implantadas no mundo todo, as práticas do projeto que envolviam atendimento presencial foram interrompidas, porque indicavam um alto risco de contaminação para a equipe e para os beneficiados. A suspensão das práticas levou todos os participantes a se questionarem sobre a possibilidade de realizar oficinas e aulas a distância,



mas quando se trata do atendimento às pessoas em situação de rua, infelizmente, nos deparamos com uma realidade limitada em relação à tecnologia e meios de comunicação digitais. Na *Cartilha: População Adulta em Situação de Rua de Novo Hamburgo*, são revelados alguns dados preocupantes que envolvem as pessoas que vivem na rua e a inclusão digital. As informações indicam que 61,2% delas não têm acesso à internet, ou seja, mais da metade da população de rua da cidade, e esse fato dificulta o processo de atividade remota que, em tempos de pandemia, está sendo utilizada nos meios de trabalho e educação.

Deste modo, compreende-se que o meio remoto possui suas falhas, não podendo atuar nas esferas vulneráveis da sociedade e acaba por excluir ainda mais uma parcela da população que já é tida, muitas vezes, como invisível. Mas diante dessa situação frustrante, que está fora do alcance das instituições de educação envolvidas no processo, dos professores e acadêmicos do projeto, a equipe “Da Rua para’XXXX” se obrigou a adotar formas de manter suas ações sociais como relevantes em meio ao caos, de forma virtual. A função principal do projeto não poderia ser posta em prática, por isso, o foco, em 2020, foi dar visibilidade às ações executadas nos últimos. Ademais, foi instaurado o planejamento de continuidade ao “Vozes da Rua”, em uma edição sobre a população em situação de rua durante a pandemia e criado o espaço “Trocas”, que visa compartilhar o conhecimento científico em relação à população em situação de rua entre os participantes do projeto. Trata-se de um espaço de compartilhamento de ideias e aprendizados, entre os atuais participantes do projeto, bolsistas, professores e acadêmicos que participaram em anos anteriores. A proposta da atividade é incentivar a produção científica, bem como motivar e unir a equipe do projeto. Em relação ao funcionamento, a atividade iniciou-se em setembro de 2020, de forma quinzenal, às quartas-feiras, no turno vespertino. As temáticas foram expostas por meio da apresentação de TCCs de alunos ex-participantes do projeto. Sendo o “Da Rua para’XXXX” multi e interdisciplinar, trabalhos da Enfermagem, Pedagogia e Psicologia foram apresentados. Ainda, ao fim de cada exposição, havia um momento para discussão, debate e reflexão acerca das temáticas apresentadas relacionadas ao contexto da situação de rua. Ao todo, foram realizados sete encontros, dentre eles, foram três trabalhos realizados por alunos da área da Psicologia, três da Enfermagem e um da Pedagogia, pela plataforma digital Blackboard. Os encontros demarcados por troca científica trouxeram outro sentido ao projeto, visto que mostraram como pesquisa e extensão acabam se completando, aliando experiência e teoria, ação e debate. As atividades feitas pelo projeto através dos meios de comunicação digital tornaram-se relevantes para trazer o “Da Rua





para 'XXXX' ao conhecimento de outras pessoas também, evidenciando o lado necessário da tecnologia para as práticas de equipe durante um período de suspensão de atividades presenciais.

### 3 CONCLUSÃO

Considerando o contexto de pandemia e as medidas de distanciamento social aplicadas no mundo todo, as quais trouxeram mudanças na forma em que exercemos atividades laborais, acadêmicas e no modo em que nos relacionamos uns com os outros, passando a integrar todas essas funções em uma só rede, a da tecnologia, das plataformas e mídias digitais. Entende-se que há um espaço a ser preenchido na inclusão digital, em tempos de “fique em casa”, e esse lugar pertence às pessoas que já vivem marginalizadas e excluídas de outras esferas da sociedade, a população em situação de rua. A Política Nacional para População em Situação de Rua, como estabelece no Decreto nº 7.053/2009, Art. 6º, parágrafo X, tem como uma das suas diretrizes a “democratização do acesso e fruição dos espaços e serviços públicos” (BRASIL, 2009), e desta forma, levando em conta a polarização das relações por meio do recurso digital, o acesso a esse método de comunicação deveria ser incluído como um direito, sendo o mundo digital um espaço que contribui, hoje, para a formação social, para a aderência do saber e da informação dos cidadãos brasileiros.

Em virtude do que foi apresentado, evidencia-se que, carentes de educação, saúde física e mental, trabalho e acolhimento, a população em situação de rua, de Novo Hamburgo, tornou-se ainda mais vulnerável com a chegada da Covid-19, tendo seu projeto de apoio, o “Da Rua para 'XXXX'” sendo suspenso das suas rotinas. Da mesma maneira que os beneficiados, os quais seguiram desnorteados, tendo que se acostumar com sem os atendimentos e apoio, a equipe do projeto seguiu procurando novos caminhos e recursos para se reafirmar como relevante ao seu público e, mesmo sem atuar, presencialmente e diretamente, com os usuários, os bolsistas e professores do projeto sucederam focando em dar visibilidade aos seus feitos em prol do projeto durante seu tempo de vigência, desde 2017, aproveitando a gama de oportunidades que a internet e a tecnologia trazem para a comunidade acadêmica, com vistas à sensibilização frente às questões que envolvem as pessoas em situação de rua.





## REFERÊNCIAS:

BRASIL. Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009a. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 dez. 2009.

BRASIL. Portaria nº 1.565, de 18 de junho de 2020. Estabelece orientações gerais visando à prevenção, ao controle e à mitigação da transmissão da COVID-19, e à promoção da saúde física e mental da população brasileira, de forma a contribuir com as ações para a retomada segura das atividades e o convívio social seguro. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, nº 116, p. 64-65, 19 jun. 2020.

CORREA, Max. 26% das pessoas em situação de rua em Porto Alegre estão há menos de um ano sem moradia, diz levantamento de ONG. G1, 16 mar. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/03/16/26percent-das-pessoas-em-situacao-de-rua-em-porto-alegre-estao-ha-menos-de-um-ano-sem-moradia-diz-levantamento-de-ong.ghtml> Acesso em: 23 de mar. de 2021.

DAMATTA, Roberto. Espaço: Casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil. In: DAMATTA, Roberto. A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997. p. 19-45.

GIONGO, Carmen Regina. Cartilha População Adulta em Situação de Rua, de Novo Hamburgo. Novo Hamburgo, 2020. Disponível em: [https://www.feevale.br/Comum/midias/381f0435-88af-4ecb85d5df358a020b6a/CARTILHA\\_final.pdf](https://www.feevale.br/Comum/midias/381f0435-88af-4ecb85d5df358a020b6a/CARTILHA_final.pdf). Acesso em: 23 de ago. 2020.





## JUVENTUDES, TRABALHO E APRENDIZAGEM PROFISSIONAL

### YOUTH, WORK AND PROFESSIONAL

Luís Eurico Kerber; Dinora Tereza Zucchetti

Universidade Feevale

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo compreender os sentidos do trabalho e sua relação com a Aprendizagem profissional enquanto processo educativo demarcado pelas desigualdades com implicações na constituição da subjetividade das juventudes. Adota como campo empírico um curso de Aprendizagem Profissional – Jovem Aprendiz desenvolvido no Centro de Formação Profissional (CIP) na Associação do Bem Estar da Criança e Adolescente (ASBEM) no município de Novo Hamburgo/RS. Adota o delineamento de um estudo qualitativo exploratório com procedimento de uma revisão bibliográfica.

**Palavras-chave:** Juventudes. Trabalho. Aprendizagem Profissional. Jovem aprendiz. Modernidade Flexível.

**Abstract:** This work aims to understand the meanings of work and its relationship with Professional Learning as an educational process demarcated by inequalities with implications for the constitution of youths' subjectivity. It adopts as an empirical field a Professional Learning course - Young Apprentice developed at the Professional Training Center (CIP) at the Association of Child and Adolescent Welfare (ASBEM) in the city of Novo Hamburgo / RS. It adopts the design of a qualitative exploratory study with a literature review procedure.

**Palavras-chave:** Youth. Work. Professional Learning. Young apprentice. Flexible Modernity.

### INTRODUÇÃO

No decorrer deste ensaio será realizado um movimento de pensar os sentidos do trabalho e sua relação com Aprendizagem Profissional no contexto das transformações da modernidade tardia/flexível enquanto processo educativo com implicações na constituição da subjetividade das juventudes no cenário do Brasil Contemporâneo. Considerando a multiplicidade de modos de ser e estar jovem, há diferentes trajetórias e projetos para realizar a transição para a vida adulta com interfaces espaço temporais entre escola/educação mediados pela relação com o trabalho. Será objeto deste ensaio as concepções de trabalho e suas relações com as trajetórias mediadas no Curso de Aprendizagem Profissional (Jovem Aprendiz) no CIP/ASBEM/NH.

### CONCEPÇÕES DE TRABALHO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Para tanto, começa-se pensando sobre as múltiplas concepções de trabalho. A concepção mais simples presente no senso-comum e equivocada coloca o sentido de trabalho reduzido a emprego, como quantidade de tempo pago por uma determinada atividade (FRIGOTTO, 2009), fruto do processo histórico decorrente do capitalismo industrial, que constituiu a lógica da sociedade salarial. Essa leitura rasa vincula trabalho à condição de estar empregado como





caminho para o homem assegurar suas necessidades, incorporando o sociometabolismo do capital como forma de reprodução social (ANTUNES, 2009).

Ao recorrer ao dicionário, o trabalho é conceituado com diversos significados, fruto dos múltiplos usos ao longo da história. Pode ser associado etimologicamente, no latim, à palavra labore, relativo à ação do labor, utilizada para designar dor, sofrimento, fadiga, decorrente do trabalho braçal, ou a operare, relativa a opus, que designa obra e pode ser relacionada ao trabalho criativo (ALBORNOZ, 2017). Trabalho, pode ainda ser associada à palavra tripalium (ou trepalium), que era, um instrumento/ferramenta utilizado na lavoura de trigo para desfiar o linho que em fins do século VI, esse passou a ser também o nome de um instrumento romano de tortura. Argumenta-se que daí surgiu o termo tripaliare (ou trepaliare), que significava acometer alguém ao tripalium (ALBORNOZ, 2017). Em uma visão moralizante, em diferentes religiões, trabalho pode ser entendido como castigo, sofrimento e/ou remissão do pecado, em especial na lógica judaico-cristã (FRIGOTTO, CIAVATA, RAMOS, 2014), ou, ainda, trabalho como forma de disciplinar e frear as paixões, os desejos ou os vícios da “carne como punição” (ALBORNOZ, 2017).

Com a reforma protestante, ocorreu a ressignificação do trabalho, associado à lógica de que todos devem trabalhar, na acepção da obra de Max Weber, intitulada “Ética protestante e o Espírito do Capitalismo”. Essa obra instituiu o trabalho como dever de todos e como vocação para a salvação, com valor em si e com qualidade éticas destinadas a promover o desenvolvimento e o bem comum, portanto, alinhados a lógica do capitalismo (WEBER, 2020). Ocorreu, nesse movimento histórico religioso, uma inversão de valores promovida pela sociedade burguesa para garantir a liberdade de gerar riquezas, ampliando a função e o reconhecimento do trabalho a toda sociedade, constituindo-o, assim, como motor de desenvolvimento do capitalismo ocidental (ZUCCHETTI, 2003).

Frigotto (2009; 2014) complementa ao afirmar que, no pensamento de Marx, o trabalho é atribuído à ação do homem sobre a natureza, base ontológica do ser humano e do ser social, conforme extensa análise de Lukács (1979), que está destinado a produzir seus meios de vida e, ao fazê-lo, produz a si mesmo (MARX, 1983). Antunes (2009), ao abordar os sentidos do trabalho, afirma que essa relação constitui o sistema de metabolismo social fruto das diferentes formas de divisão social do trabalho, que operou a subordinação do trabalho ao capital. Nesse sistema, os seres sociais tornaram-se mediados entre si e combinados dentro de uma totalidade social estruturada mediante sistemas de produção e intercâmbio. Pensar os sentidos atribuídos ao trabalho passa por definir o conceito de valor-de-uso, como resultante do trabalho do homem





sobre a natureza, que gera um produto necessário à satisfação de suas necessidades (ANTUNES, 2013), ou como trabalho vivo contido no objeto (ZUCCHETTI, 2003).

No sentido oposto, o que é produzido na relação entre a atividade humana-trabalho, a matéria e os instrumentos que utiliza nessa transformação, resulta em mercadoria que, ao considerar um determinado tempo dispendido, produz valor-de-troca. Daí é passível extrair mais valia no processo de produção com base na exploração da força do trabalho e na atribuição de um preço conforme regras do mercado, tanto de ordem objetiva de oferta e procura como de ordem abstrata (ANTUNES, 2013)

Zucchetti (2003) assinala que, a partir da concepção do trabalho como valor de uso, em seu caráter abstrato e subjetivo, se constitui a possibilidade de falar em valor moral humano e trabalho como valor, associado a uma construção social, como não atribuição física decorrente de produção, mas como resultante das múltiplas relações estabelecidas pelo homem com a natureza e pelo homem com o próprio homem em sociedade.

Buscando aproximação com os sentidos do trabalho no contexto da Aprendizagem Profissional no Programa Jovem Aprendiz, entende-se que o trabalho pode ser dotado de um princípio educativo, como proposto por Frigotto (2014), de ordem ontológica e, conseqüentemente, ético-política (trabalho como direito e como dever). O princípio educativo apoiado na ontologia do ser social proposto por Lukács (1979) reside no fato de que cabe pensar tanto a dimensão negativa quanto positiva do trabalho, ao considerar que a aquisição da consciência se dá pelo trabalho, pela ação sobre a natureza. O trabalho, neste sentido, não é emprego, não é só uma forma histórica do trabalho, ele é a atividade fundamental pela qual o ser humano se humaniza, se cria, se expande em conhecimento, se aperfeiçoa, base estruturante de um novo tipo de ser (FRIGOTTO, 2014). Entender o trabalho como central na práxis social permite pensar a contradição, tomando a práxis como uma decisão entre alternativas, já que todo indivíduo singular, se faz algo, deve decidir se faz ou não (LUKÁCS, 1979).

Ao tomar o trabalho como valor e como direito, entende-se que, no âmbito da sociedade do capitalismo tardio, trabalho associa-se a emprego, (ZUCCHETTI, 2003), no sentido de garantir o acesso pelo salário à inclusão subordinada e à integração social pelo consumo (BAUMAN, 2008). Também é no mundo do trabalho, entendendo o trabalho como valor, que diferentes gerações compartilham experiências geracionais, valores e destinos nas empresas bem como compartilham o léxico do trabalho. Mas também é no campo da formação profissional que se abre a possibilidade de ressignificar a compreensão da relação do jovem no e com o trabalho e suas implicações na constituição de múltiplas subjetividades (ZUCCHETTI, 2003).



Cardoso (2013) assinala que, dentre as circunstâncias para os jovens, na encruzilhada entre escola e trabalho, destacam-se a estrutura do mercado de trabalho onde vivem, rede de estruturas estatais de suporte à vida e econômicas e o conjunto amplo de recursos existentes no território onde desenvolvem sua trajetória de vida. Buscam meios de sobrevivência, adaptando-se culturalmente, reconstruindo sociabilidades, sendo o trabalho precoce dos jovens um mecanismo central de sua socialização (CARDOSO, 2013). Nesse sentido, Cardoso (2019) observa, quanto à educação e formação profissional no contexto brasileiro, que sua constituição é marcada como desigual de forma persistente, conforme assinalado ao analisar os dados estatísticos de trabalho e emprego e dados sociodemográficos da população jovem entre 14 e 29 anos (CARDOSO, 2013). Portanto, é preciso compreender sua gênese com o processo societário brasileiro com forte marca colonial e escravocrata (FRIGOTTO, 2011), que se sustenta na desigualdade estrutural e persistente (CARDOSO, 2008).

Como primeiras iniciativas, as escolas de Aprendizes e Artífices, organizadas no final da primeira década do século XX, destinavam a formação profissional ao disciplinamento para o trabalho e para a sociedade às crianças e aos jovens órfãos, desvalidos da sorte ou delinquentes (FRIGOTTO, 2011). As mudanças no plano econômico e político na década de 1920, cuja culminância ocorreu na Revolução de 1930 ampliaram o trabalho industrial, surgindo novas demandas técnicas e ideológicas para a formação profissional dos jovens, sem abandonar o estigma do jovem como problema e delinquente, mas afirmou-se dentro de uma ótica pragmática e de adestramento (FRIGOTTO, 2011). Na década de 1940, surge o Sistema “S” no Governo Vargas após a indução dos empresários para criarem um sistema privado de formação profissional com recolhimento compulsório de recursos pelo Estado. Um fundo que, em 2011, chegou a mais de dez bilhões de reais. O Sistema “S” iniciou-se com a criação do SENAI, em 1942. Desde sua origem, teve a “missão” de produzir mão de obra para as demandas técnicas e ideológicas dos empresários e do mercado para o trabalho simples, ainda que hoje atenda setores do trabalho complexo (FRIGOTTO, 2011).

O golpe civil militar efetivou uma reforma de todo o sistema educacional sob o ideário economicista do capital humano. Estabeleceu-se uma regressão na educação básica que, de direito social e subjetivo, passou a ser compreendida como uma mercadoria, um serviço, um “capital”. No âmbito da formação profissional do Sistema “S”, a Rede de Escolas Técnicas aprofundou-se no tecnicismo e na subordinação técnica e ideológica de um período de profunda violência contra a classe trabalhadora e repressão aos sindicatos.



Na década de 1990, com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o debate da educação politécnica e a questão da democratização do Sistema “S”, a gestão tripartite (ou retirada dos fundos públicos compulsórios) e a criação dos Centros Públicos de Formação ganhou ampla centralidade política e ideológica. Esse foi um período de mudanças significativas de orientação democrática e de avanços pedagógicos críticos na rede de Escolas Técnicas Federais.

Finalmente, face e precarização das condições de trabalho das juventudes, houve a regulamentação e ampliação das ações para a efetivação da Lei de Aprendizagem e do Estágio,

n. 10.097, de 19 de dezembro de 2000 sob a gestão do então Ministério do Trabalho. Passa a ser proibido qualquer trabalho a menores de dezesseis anos de idade, salvo na condição de aprendiz, a partir dos 14 anos, não pode ser realizado em locais prejudiciais à formação do adolescente, ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social, e em horários e locais que não permitam a frequência à escola. É constituído por um contrato especial de aprendizagem com prazo máximo de 2 anos com direito ao salário-mínimo hora e garantida a anotação na Carteira de Trabalho e Previdência Social (BRASIL, 2000). O adolescente, por sua vez, compromete-se a estar matriculado e a frequentar a escola, salvo tenha concluído o Ensino Médio, bem como executar as tarefas necessárias à sua formação integralizando 800h distribuídas entre aulas teórico-práticas (400h) no agente formador e prática profissional nas empresas cotistas (400) organizadas em tarefas de complexidade progressiva. As empresas de médio e grande porte são obrigadas a contratar entre 5 e 15% de aprendizes (BRASIL, 2000).

Nesse contrato, o empregador compromete-se a assegurar ao adolescente formação técnico-profissional metódica, compatível com seu desenvolvimento físico, moral e psicológico promovendo a cidadania, formação integral, a compreensão das características do mundo do trabalho, dos fundamentos técnico-científicos e das atividades técnico-tecnológicas específicas à ocupação (BRASIL, 2012).

É necessário direcionar o olhar para o fenômeno da Aprendizagem profissional como potência para a atribuição positiva do trabalho para além do emprego e da renda na perspectiva dos jovens. Para isso, encontrou-se suporte em Pais (1993), nos estudos das culturas juvenis, o qual definiu como características das juventudes, no contexto da modernidade tardia ou flexível, a não linearidade das trajetórias para a vida adulta. Como essas trajetórias envolvem fluxos entre escola, trabalho, saída de casa, casamento e ter filhos, definiu-as como ioiôs decorrentes das instabilidades e das incertezas das condições dadas para trilhar esses cursos de vida.

Identifica-se que os jovens estão sujeitos a injunções institucionais sem deixar de refletir identidades pessoais em suas trajetórias biográficas. Por isso conjugam similaridades e diferenças



que podem ser associadas a duas orientações axiológicas em suas trajetórias com a característica de tipos ideais. A primeira refere-se a estratégias de mobilidade social ascendente, orientadas para o futuro atingido na integração social convergente a estilos de vida expectativados. A segunda, orientada para um futuro incerto, portanto instantâneo, a ser vivido no presente, aproveita o cotidiano desconsiderando os riscos de estigmatização de suas condutas (PAIS, 1993).

Os jovens que se identificam com a primeira orientação axiológica tendem a uma trajetória com maior potencial de planejar projetos no futuro. De forma antagonista, os que seguem a segunda determinação realizam uma trajetória sem projeto. Conforme as teorias do curso de vida, o presente não é apenas determinado pelas experiências passadas, mas pela capacidade de elaborar e sustentar aspirações e projetos (PAIS, 1993). Portanto, mesmo que condições presentes estruturais não reúnam elementos suficientes para dar andamento imediato aos seus projetos, a capacidade de pensar o futuro e desejar algo para além do presente constitui-se uma característica da subjetividade a estimular.

Pais (2016) é incisivo ao afirmar, com relação ao trabalho, que a precariedade de emprego entre os jovens, expressão das dificuldades que têm em se integrarem no mercado de trabalho, leva muitos deles a usar estratégias cuja singularidade abala os modos tradicionais de entrada na vida activa. Nestes termos, o sentido do trabalho está a ser redefinido por quem mais falta tem dele. A instabilidade a nível das representações do trabalho é reflexo de percursos laborais marcados por turbulência, flexibilidade, impermanência. A vivência precária do emprego e do trabalho envolve modalidades múltiplas de “luta pela vida” que compreendem trabalho doméstico, eventual, temporário, parcial, oculto ou ilegal, pluriemprego. Neste “fazer pela vida” é como se os jovens nos quisessem dizer que a vida necessita de algum tipo de trabalho para ser plenamente vivida. Não querem ser escravos do trabalho, mas também não o rejeitam, tanto como fonte de rendimento como de realização pessoal.

Os estudos da antropologia das sociedades complexas e urbanas de Gilberto Velho (2003), incluiu o conceito de campo de possibilidades para dialogar com projetos. Velho (2003) evidenciou o lugar da metáfora da metamorfose para designar a criatividade e a resolução de problemas do cotidiano pelo jovem a partir das condições existentes. Contudo, colocou que o essencial, na perspectiva de Schutz, é a noção de projeto como “conduta organizada para atingir finalidades específicas”. Embora o ator, em princípio, não seja necessariamente um indivíduo, pode ser um grupo social, um partido ou outra categoria.

Crê-se que toda a noção de projeto está indissolivelmente imbricada à ideia de indivíduo-sujeito, o que remonta ao potencial de ações de grupos juvenis que compartilham projetos em



comum, sustentando a possibilidade de superar o individualismo negativo como proposto por Castel (2010) e o presenteísmo hedonista na forma de ser e estar no mundo, característico da sociedade capitalista e salarial orientada na modernidade líquida pela lógica do consumo (BAUMAN, 2008).

Cabe retomar Velho (2003) ao compreender que os indivíduos e grupos movem-se em uma rede de papéis e significados que faz com que a recepção seja diferenciada e as interpretações, heterogêneas. Logo, está-se lidando com um mapa dinâmico, envolvendo territórios como a família/bairro, a rua, o shopping, a escola, a ASBEM/NH e empresas, local de práticas profissionais enquanto múltiplos planos e em permanente mudança. Pais (2003) afirma, ainda, que “é esta múltipla interreciprocidade que está na base das múltiplas estruturas de princípios elementares de identificação e reconhecimento que formam as bússolas cognitivas dos indivíduos” (PAIS, 1993). Isso significa que, no cotidiano, em um determinado contexto relacional, pode-se ser influenciado por normas e valores de outros contexto de relações e que a atribuição de valor e respeito dessas normas parte do sentido que ela tem para cada jovem e grupo na sua relação mediada pelo trabalho.

## CONCLUSÃO

Mostra-se pertinente, a partir da compreensão das múltiplas relações formais e informais entre os jovens e institucionais, olhar por entre as brechas ou pelas bordas abertas no cotidiano a ecologia de saberes (SANTOS, 2010) presente na riqueza possível de aprendizados, ao considerar, na trajetória, o lugar e o valor do trabalho como processo educativo potente para promover a construção de um conhecimento prudente para uma vida mais decente e plena de experiências e aprendizado.

Também é possível perceber que desigualdades historicamente persistentes e estruturais no Brasil restringem os campos de possibilidades dos jovens. Outrossim, as ações que pautam o trabalho como princípio educativo desenvolvidas na ASBEM carregam o potencial de ampliar a capacidade de elaborar projetos de vida e perspectivas de futuro dos jovens lá atendidos.

## REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.





ANTUNES, R. (org.). **A dialética do trabalho: Escritos de Marx e Engels**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Lei nº. 10.097/ 2000 – Lei da Aprendizagem**. Brasília, DF: MTE, 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/.../L10.097.htm>. Acesso em: 12 dez. 2013.

BRASIL. **Portaria n. 723, de 23 abr. 2012**. Cria normas de avaliação de competência relativas à verificação da aptidão da entidade para ministrar programas de formação técnico- profissional que permitam a inclusão de aprendizes no mercado de trabalho. Diário Oficial da União, Brasília, 24 abr. 2012.

CARDOSO, A. **A construção da sociedade do trabalho no Brasil: Uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades**. 2. ed. Rio de Janeiro: Amazon, 2019.

CARDOSO, A., 2013. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. **Caderno CRH**, v.26, n.68, p.293-314, 2013..

CARDOSO, A. Transições da escola para o trabalho no Brasil: persistência da desigualdade e frustração de expectativas. **Dados**, v. 51, n. 3, p. 569-616, 2008.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010

FRIGOTTO, G. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, p. 168-194, 2009.

FRIGOTTO, G. Formação profissional no Brasil e projetos de sociedade em disputa. **Revista de Debates**, ano x, n. 7, 2011.

FRIGOTTO, G. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 180-216.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. Perspectivas sociais e políticas da formação de nível médio: avanços e entraves nas suas modalidades. **Educ. Soc.**, v. 32, n. 116, p. 619-638, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302011000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302011000300002&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 01 fev. 2021.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. **O trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral de trabalhadores-excertos**. S/A Disponível em:< <http://redeescoladegoverno.fdrh.rs.gov.br/upload/1392215839>> Acesso em, v. 9, 2014.

LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. São Paulo: LECH, 1979.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. v. 1, t. 1.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Impr. Nacional Casa da Moeda, 1993.

PAIS, J. M. **Vida Cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo, SP: Cortez, 2003.

PAIS, J. M. **Ganchos, Tachos e Biscates: jovens, trabalho e futuro**. 4. ed. Berlin: GD Publishing Ltd. & Co KG, Berlin, 2016.

SANTOS, B.S. **A gramática do tempo**. Para uma nova cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010

VELHO, G. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2020.

ZUCCHETTI, D. T. **Jovens: a educação, o cuidado e o trabalho como éticas de ser e estar no mundo**. 1. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.





## INCLUSÃO SOCIAL E ACESSIBILIDADE EM EXPOSIÇÃO MULTISSENSORIAL

### SOCIAL INCLUSION AND ACCESSIBILITY IN MULTISENSORY EXHIBITION

Ariberto de Farias Bauermann Filho; Regina de Oliveira Heidrich; Sofia Schemes Prodanov; Claudia

Schemes

Universidade Feevale

**Resumo:** No Brasil 18,6% da população adulta e infantil apresenta algum problema de deficiência visual (IBGE, 2010). A partir deste dado, questões de inclusão de pessoas com deficiência deveriam receber investimentos governamentais e, principalmente, educacionais, pois a utilização de tecnologias assistivas ou de apoio na criação de soluções de comunicação inclusiva são uma eficiente ferramenta de educação e inclusão nos mais diversos domínios da vida destas pessoas. Este artigo, portanto, tem como objetivo apresentar parte de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida por pesquisadores da Universidade Feevale e que culminará em uma exposição que será realizada no Museu Nacional do Calçado sobre a história da indumentária para crianças com deficiência visual e refletir acerca da utilização dos museus como espaços de acessibilidade e inclusão. A metodologia utilizada na pesquisa é o *Inclusive Design Toolkit*, que é voltada para a solução de problemas de design inclusivo, além de permitir o desenvolvimento de artefatos que servirão para democratizar o acesso à cultura e à educação de crianças com e sem deficiência.

**Palavras-chave:** Inclusão. Acessibilidade. Museu.

**Abstract:** In Brazil, 18.6% of the adult and child population has some visual impairment problem (IBGE, 2010). Based on this data, issues of inclusion of citizens with deficiency should receive government investments and, mainly, educational, because the use of assistive or support technologies in the creation of inclusive communication solutions is an efficient tool for education and inclusion in the most diverse domains of these people's lives. This article, therefore, aims to present a research that has been developed by researchers from Feevale University and an exhibition that will be held at the National Footwear Museum on a history of clothing for children with visual changes and on the use of the museum as spaces for accessibility and inclusion. A methodology used in the research is the *Inclusive Design Toolkit*, which is aimed at solving problems of inclusive design, in addition to allowing the development of artifacts that serve to democratize or access the culture and education of children with and without use.

**Key words:** Inclusion. Accessibility. Museum.

## INTRODUÇÃO

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2010, 23,9% da população no Brasil apresentou algum tipo de deficiência, sendo que a visual apresentou a maior ocorrência, afetando 18,6% da população e, nesse número, encontram-se muitas crianças acometidas de problemas que vão desde a baixa visão até a cegueira.





Estes dados justificam a necessidade de se pensar em ações relacionadas ao público infantil, visto que o atual sistema educativo privilegia um ensino inclusivo, no qual os alunos com deficiências estão inclusos em turmas regulares e, portanto, realizam as mesmas atividades que as crianças sem deficiência.

O acesso à cultura é um direito de cidadania que está assegurado no artigo 27 dos Direitos Humanos das Nações Unidas (ONU, 2020), segundo o documento: Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de desfrutar das artes e de participar do processo científico e de seus benefícios. (ONU, 1948).

Uma das ações pensadas e propostas pelos profissionais da Universidade Feevale é o projeto de acessibilidade para o Museu Nacional do Calçado, através de uma exposição multissensorial sobre a história da moda e do calçado para crianças cegas, por considerar que a cultura se constitui em um importante fator de desenvolvimento individual e social, proporcionando autonomia, independência e qualidade de vida para pessoas com deficiência.

Com este projeto pretendemos proporcionar às crianças a visita a uma exposição feita especialmente para elas, visando o conhecimento da história da indumentária desde a Pré-História até os dias atuais em diferentes formatos. Os materiais multiformato/multissensoriais são fundamentais para que as crianças cegas e com baixa visão tenham um aprendizado significativo, pois, infelizmente, a maioria destas crianças não tem oportunidades de frequentar exposições acessíveis.

A importância da acessibilidade em espaços culturais é um direito civil de que todos devem usufruir para ter acesso à cultura e, principalmente, conhecer as artes.

O setor educativo, presente na maioria dos Museus e Centros Culturais, é o responsável por aproximar os visitantes à comunicação museológica que acontece através da própria exposição. Como pressuposto, pode-se adotar a educação inclusiva, metodologia implementada pelo contexto escolar para atender as necessidades de pessoas com deficiência.

A educação inclusiva é uma norma da educação básica que foi implementada pelo Ministério da Educação e Cultura (2003) visando promover o acesso do aprendizado de alunos com deficiência. O ensino acontece pela utilização de materiais em multiformato, sejam em Braille, intérprete de LIBRAS, conteúdos adaptados, etc.



## MUSEUS E ACESSIBILIDADE

Conforme Cohen et al (2012), a dimensão política da acessibilidade está estreitamente relacionada ao exercício da cidadania, pois, para contemplar adequadamente a pluralidade e a diversidade dos modos de ser e de estar no mundo que caracterizam o conjunto de cidadãos, precisamos adotar a visão ampliada do conceito de acessibilidade. Se pensarmos nos museus como lugares de cultura aos quais todos devem ter acesso, neles encontraremos de forma mais marcante a premente de uma polissensorialidade. As cenas de uma exposição colocam-se à disposição do público visitante através de percursos que podem ou não se concretizar satisfatoriamente por meio da visão, do tato, da audição e da mobilidade. Pode-se dizer que um museu possui importância fundamental como o lugar em que todos esses sentidos são acionados no usufruto dos bens culturais oferecidos e disponibilizados pela comunidade, um museu se recria ao ser reproduzido em maquete, ao ser visto com as mãos, ouvido, sentido, percebido pelo olfato.

A acessibilidade pode ser a porta que dá entrada à equiparação de oportunidades, inclusive a de participação nas atividades culturais para todas as pessoas. Assim, não deve ser compreendida como um conjunto de medidas que favorecem apenas as pessoas com deficiência, mas como medidas técnico-sociais destinadas a garantir o acolhimento de todos os usuários em potencial. Desta forma, o espaço de um museu deve democratizar e oportunizar aos seus variados públicos o acesso, a permanência e a apropriação, com segurança e dignidade, da estrutura física e do acervo às pessoas com deficiência, às obesas, àquelas que possuem muito ou pouca estatura física, idosas, enfim, pessoas com diferentes condições cognitivas e sensoriais. Por esta ótica, a acessibilidade transcende as questões de ordem arquitetônica e passa a ser concebida como uma ação de transformação social na medida em que disponibiliza sua cultura objetivada não apenas para a contemplação, mas, principalmente, para aparelhar um processo comunicativo que situe as pessoas no seu próprio ‘habitat’, dinamizando novas relações nos mais diferentes espaços em que vivem, com, e não apesar de, sua diversidade.

Já é de senso comum que todos os indivíduos têm direito ao acesso à cultura, sendo ela formal ou informal, dentro ou fora do âmbito escolar, entretanto, é sabido que existem muitas barreiras para que este acesso seja universal, pois a acessibilidade para pessoas com deficiência é, ainda, muito precária.



Os museus, nesse contexto, têm como proposta uma educação não formal contribuindo, através de aspectos culturais e educacionais, para que os conteúdos sejam expostos de um modo mais prático e visual, entretanto, a inserção de pessoas com deficiência nesses ambientes é, na maioria das vezes, difícil, pois exige mais do que uma simples mudança na estrutura do espaço.

Tão importante quanto um cadeirante ter acesso a rampas, é o cego ter acesso ao conteúdo de uma exposição cultural, não se limitando somente ao áudio, mas também aos outros sentidos do corpo, pois todos os indivíduos têm o direito de frequentar e ver, ouvir, sentir, tocar e percorrer a experiência.

A inclusão de pessoas com deficiência na sociedade não é algo com o qual estamos totalmente habituados, muitas vezes nem a própria pessoa com deficiência se sente à vontade de frequentar locais onde antes não se sentida acolhida.. As pessoas com alguma deficiência conseguiram, através de muito esforço, se sentir parte da sociedade, porém, não com os mesmos privilégios e facilidades daquelas que não apresentam algum tipo de dificuldade motora ou cognitiva.

O esforço coletivo para que outros recursos, não apenas visuais, sejam expostos às pessoas com deficiência está a cada dia mais presente em ambientes culturais, segundo Cohen (2012, p.22), “Trata-se de garantir um direito e, no caso das PcDs, uma percepção ambiental que envolve o TER ACESSO, o PERCORRER, o VER, o OUVIR, o TOCAR e o SENTIR os bens culturais produzidos pela sociedade”.

Segundo Tojal (2007), a linguagem empregada em cartazes e legendas em exposições é muito complexa, fazendo com que nem todos os visitantes consigam compreender o conteúdo exposto. Uma exposição de caráter inclusivo deverá, portanto, oferecer o mesmo conteúdo adaptado aos diferentes níveis de compreensão e leitura e, no caso de pessoas com deficiências sensoriais (auditivas ou visuais), adaptar os textos para a escrita Braille assim como na projeção de vídeos, adicionar legendas ou imagens com intérpretes de língua de sinais( LIBRAS).

## **PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS**

A deficiência visual constitui-se da perda total ou parcial da visão, seja ela congênita ou adquirida e, de acordo com a sua condição, as pessoas com deficiência visual podem ser cegas ou ter baixa visão (LARAMARA, 2015).





A diminuição da visão pode ocorrer em quatro níveis: leve, moderada, severa ou profunda e ausência total de visão. Dessa forma, dividem-se esses indivíduos em dois grupos: os legalmente cegos e os com baixa visão, conhecidos como os de visão subnormal (BÄRWALDT, 2008).

Segundo Cerqueira & Ferreira (2012), na educação especial de deficientes visuais os recursos didáticos podem ser obtidos por uma das três seguintes formas: Seleção, que é a utilização de recursos também utilizados pelos alunos de visão normal sem sofrerem adaptações, como, por exemplo, alguns jogos com peças sólidas. Adaptação, que é a utilização de materiais que através de algumas alterações tornam-se aptos para o ensino de alunos deficientes visuais. Confeção, que é a criação de utensílios simples, com materiais acessíveis de baixo custo ou recicláveis e, se possível, desenvolvidos juntamente com o próprio aluno. Estes materiais devem ser abundantes, para um maior número de alunos poder utilizá-los; diversificados, para atrair o interesse dos usuários, e expressivos, para satisfazer pontos da percepção tátil e ou visual, no caso de alunos com baixa visão.

Na seleção, adaptação e confecção dos materiais didáticos para os deficientes visuais deve-se levar em consideração alguns pontos importantes como: o tamanho de materiais e peças utilizadas, pois sendo muito pequeno pode não haver detalhamentos necessários e sendo muito grande pode prejudicar a assimilação como um todo. A interpretação tátil, cujo o material precisa possuir um relevo compreensível e, se possível, de diferentes texturas para melhor destaque. Aceitação, o material utilizado não deve provocar rejeição ao manuseio, o que pode ocorrer com materiais que irrite a pele. Estimulação visual, o material deve conter cores fortes e de grande contraste para melhor estímulo da visão funcional do utilizador. Veracidade, o material precisa ter sua representação o mais fiel possível do modelo original. Praticidade no manuseio, o material deve ser simples e de fácil manuseio. Durabilidade, os materiais utilizados na confecção devem ser resistentes. Segurança, os materiais não devem oferecer riscos a quem for utilizar.

A partir destas definições de material didático especial, a Universidade Feevale, a Universidade Lusíada de Lisboa, Universidade de Évora e o Instituto Politécnico de Leiria, de Portugal, realizaram um estudo intercontinental de pesquisa intitulado projeto Sensebook – Livros Multissensoriais, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).





Este projeto teve como principal objetivo contribuir para a educação inclusiva de pessoas com deficiência através do desenvolvimento de uma metodologia para a criação de kits de livros multiformato, de leitura multissensorial. Estes novos materiais tinham como pressuposto o Design Inclusivo baseado em tecnologias de informação e comunicação, estratégias de adaptação audiovisual e de comunicação alternativa. Estes kits de leitura inclusiva permitiram o acesso a todos, com especial relevância para pessoas com cegueira, surdez ou deficiência intelectual.

A metodologia projetual utilizada nesse projeto é *Inclusive Design Toolkit* (Conjunto de Ferramentas de Design Inclusivo), que leva em consideração a diversidade de usuários que abrangem uma variedade nas capacidades, necessidades e aspirações. As questões fundamentais de design são resolvidas através de sucessivos ciclos de exploração de necessidades, criando conceitos e avaliando opções, orientadas pelo gerenciamento de projetos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises sobre museu, acessibilidade e de recursos sensoriais para a construção de uma exposição, pode-se dizer que o trabalho multidisciplinar pretende contribuir para o processo inclusivo dentro do espaço cultural. Neste texto, é apresentado o papel social que o museu exerce na sociedade que está inserido, o qual pode ser considerado um subsídio de contribuição da educação fora dos ambientes escolares e/ou também pode se tornar um ambiente não acessível, pois, é comum a não adesão aos mecanismos que viabilizem a inclusão de pessoas com deficiência nos espaços sociais, públicos e privados. Em vista disso, aponta-se que a definição de museu é superada atualmente, pois com a utilização de tecnologias, materiais sensoriais, exposições em multiformatos, torna-se um ambiente de conhecimento com pleno aproveitamento para uma única causa: a acessibilidade.

Com este projeto pretendemos, não só proporcionar um momento de aprendizagem às crianças com e sem deficiência visual, como também valorizar um espaço museológico e as manifestações artísticas e culturais ali exibidas. A utilização pela comunidade de museus para atividades inclusivas pode proporcionar um sentimento de pertencimento a estes espaços ao mesmo tempo em que a cultura é democratizada.

Além disso, este tipo de atividade proporcionará uma atitude reflexiva sobre outras formas de sentir para todos os visitantes da exposição.





## REFERÊNCIAS

BÄRWALDT, R. (2008). **Evoc: uma ferramenta com recurso de voz para favorecer o processo de interação e inclusão dos cegos em ambientes virtuais de aprendizagem.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/86066/000700546.pdf?sequence=1> Acesso em 10/05/2020

CERQUEIRA, J. & FERREIRA, E. (2012). **Recursos didáticos na educação especial.** Instituto Benjamin Constant. Disponível em: [http://www.deficienciavisual.pt/txt-recursos\\_didaticos\\_EE.htm](http://www.deficienciavisual.pt/txt-recursos_didaticos_EE.htm) Acesso em 10/05/2020

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane e BRASILEIRO, Alice. **Acessibilidade a Museus.** Brasília, DF: Ministério da Cultura / Instituto Brasileiro de Museus, 2012.

FERREIRA, A. F. B. C.; LIMA, D. F. C. (2010). Informação especial no museu – acessibilidade: A inclusão social da pessoa com deficiência visual. **Revista TPBCI.** V.3, n. 1, p. 3-20.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE (2010). Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>. Acesso em 03/02/2019

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/>. Acesso em 20/09/2020.

LARAMARA. **Definições.** Disponível em: <http://laramara.org.br/index.php> Acesso em 10/05/2020.

SANTOS, S. **Museus Inclusivos: realidade ou utopia?** Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8945.pdf> Acesso em 03/05/2020

SCHEMES, C.; PRODANOV, C.C.; THÖN, I.H.(2007). O museu como espaço de inclusão: o Museu Nacional do Calçado e o Projeto Mentes Coloridas. **Revista Prâksis,** Novo Hamburgo, ano 4, v.2, p.87-92, ago. 2007.

SCHEMES, C.; PRODANOV, C.C.; THÖN, I.H. (2010). O Museu Nacional do Calçado e a Escola de Aplicação como espaços de aprendizagem. **Revista Prâksis.** Novo Hamburgo, ano 7, v. 2, p.23-28, ago 2010.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

TOJAL, A. P. da F. **Políticas Públicas Culturais de Inclusão de Públicos Especiais em Museus.** Disponível em : <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-19032008-183924/publico/AmandaTojal.pdf> Acesso em 10/04/2020



feevale.br/cidi2021





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## OS EVENTOS COMO ESTRATÉGIA NO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO CRIATIVO: O CASO DE ESTUDO DO FESTIVAL ANDANÇAS EM PORTUGAL

EVENTS AS A STRATEGIC IN THE CREATIVE TOURISM DEVELOPMENT:  
ANDANÇAS FESTIVAL (PORTUGAL) CASE STUDY

Daniela Amorim (Instituto Politécnico de Leiria - CiTur); Paulo Almeida (Instituto Politécnico de  
Leiria - CiTur); Mary Sandra Guerra Ashton (Universidade Feevale - CiTur)

**Resumo:** O turismo criativo oferece aos visitantes a oportunidade de fortalecer o seu potencial criativo através da participação ativa em experiências de aprendizagem no destino visitado. Este tipo de turismo surge como uma alternativa ao turismo cultural de massas, procurando oferecer experiências mais flexíveis e autênticas que podem ser concebidas entre o turista e o destino turístico. Os eventos, como, por exemplo, os festivais tem vindo a constituir importantes elementos atrativos, que atraem muitos turistas a uma região. O festival Andanças é um evento muito peculiar, pela sua particularidade experiencial a nível de danças tradicionais de várias partes do mundo. Este estudo teve como principal objetivo analisar os participantes do festival Andanças (Portugal) e perceber o seu nível de motivação e satisfação com as ofertas culturais do festival, assim como analisar de que forma se integra nas estratégias de intervenção do turismo criativo. Foram aplicados 297 questionários aos participantes do Andanças, e verificou-se que este festival apresenta características muito acentuadas de turismo criativo, destacando-se de outros festivais pelo seu forte carácter experiencial e interativo. Este estudo pode contribuir para uma melhor compreensão do turismo criativo e de eventos na área das artes performativas, cada vez mais procurados pelo turista contemporâneo, sendo a aquisição de experiências únicas e autênticas nos destinos visitados, a base da sua autorrealização.

**Palavras-chave:** Turismo criativo. Eventos. Artes performativas. Participantes.

**Abstract:** Creative tourism offers visitors the opportunity to strengthen their creative potential by actively participating in learning experiences at the visited destination. This type of tourism emerges as an alternative to mass cultural tourism, which seeks to offer more flexible and authentic experiences that can be designed between the tourist and the tourist destination. Events, such as festivals, are increasingly becoming important attractions bringing tourists to a region. Andanças festival is a very peculiar event, due to its experiential distinctiveness in terms of world traditional dances. The main goal of this study was to analyze the Andanças festival (Portugal) participants and to understand their motivation and satisfaction level with the festival's cultural offerings, and to recognize how they integrate into the creative tourism intervention strategies. A total of 297 questionnaires were applied to the participants of Andanças, and it was found that this festival presents very strong characteristics of creative tourism, standing out from other festivals for its strong experiential and interactive nature. This study can contribute to a better understanding of creative tourism and events in the performing arts sector, which are increasingly sought by contemporary tourists, and their self-fulfillment relies greatly on the acquisition of unique and authentic experiences in the visited destinations.

**Keywords:** Creative tourism. Events. Performing arts. Participants.





## INTRODUÇÃO

A atividade turística é uma área que, para além de ter evoluído bastante por todo o mundo, tem despertado interesse no setor económico pelo desenvolvimento que trás a vários níveis nas regiões, tais como, o aumento de infraestruturas, empregos, receitas, formação e conhecimento. O turismo oferece, assim, uma vasta oferta de bens, serviços e produtos, envolvendo vários agentes do setor, sendo os destinos a base do desenvolvimento turístico, em que as diversas atrações e atividades promovidas, identificam, caracterizam e diferenciam as várias localidades (Almeida, 2019).

O turismo e a cultura apresentam uma relação indissociável, na medida em que a diversidade de produtos turísticos assenta maioritariamente na promoção do património natural e cultural (bens materiais e imateriais) dos locais visitados. De acordo com Richards (2011), temos assistido a um novo paradigma na oferta turística, em que a criatividade tem assumido um fator essencial no turismo que atrai novos perfis de turista. Nesse sentido, o turismo criativo, considerado por vários autores como a terceira vaga do turismo, é apontado como uma fuga à reprodução em série do turismo cultural de massas (Richards, 2011). Esta recente área de turismo tem estado no foco de muitos agentes turísticos, que apostam, cada vez mais, na promoção e dinamização do património intangível das localidades (tradições, lendas, gastronomia, dança, música, teatro, entre outros), elementos esses que enriquecem de forma ativa, as experiências dos turistas que são atraídos, progressivamente, pela procura da autenticidade das vivências locais (Ohridska-Olson & Ivanov, 2010; Richards & Wilson, 2007).

Os eventos têm ganho destaque no setor turístico, promovendo manifestações culturais temporárias, sendo também importantes na renovação e fidelização de públicos e no desenvolvimento da economia local (Carvalho, 2017). Nesse sentido, este estudo analisa o festival Andanças, procurando perceber de que forma este evento se enquadra nas estratégias do turismo criativo, e analisar o nível de motivação e satisfação dos participantes deste festival, no que diz respeito às suas ofertas culturais.

## REVISÃO DE LITERATURA

O turismo cultural tem como base a intervenção e a promoção da cultura, elemento crucial para o fator motivacional de interesse da viagem e de atratividade das regiões (Guerreiro, Mendes, & Henriques, 2014). Segundo a OCDE (2009), o consumo turístico de bens



patrimoniais, materiais e/ou imateriais, permite o desenvolvimento de vários tipos de turismo cultural, sendo a cultura considerada o motivo de diferenciação das ofertas culturais dos destinos. Neste contexto, explorar a criatividade na forma como se promovem os produtos e os serviços turísticos é fundamental, pois as exigências dos turistas são cada vez maiores, os quais desejam alcançar emoção, inspiração, surpresa e envolvimento nas suas experiências turísticas, surgindo, assim, a necessidade de existirem ofertas originais e atrativas no turismo.

Desse modo, emerge um novo tipo de turismo, o turismo criativo, que segundo a UNESCO (2006), procura ser mais inovador que o turismo cultural, na medida em que, para além de incluir o acesso à cultura e história das localidades, implica também, que o turista tenha a oportunidade de fazer algo experiencial, com a possibilidade de ter uma ligação genuína na vida cultural local. Isto remete para a possibilidade do turista poder alcançar uma interação educacional, emocional, social e participativa com o destino turístico, com a cultura viva e com as pessoas residentes, podendo o turista sentir-se como um cidadão local durante a sua estadia (Richards & Wilson, 2007; Richards & Raymond; 2000, Richards, 2011).

Nessa perspetiva, o turismo criativo exige dos gestores turísticos uma maior flexibilidade e capacidade criativa no planeamento e dinamização de atrações e ofertas culturais que se diferenciem pela inovação e autenticidade, indo assim ao encontro de um turista contemporâneo que, segundo Carvalho (2011) é mais exigente, pois anseia explorar a cultura da localidade e região do país visitado, de uma forma mais profunda, através da participação em atividades, como workshops, ateliers, práticas locais, entre outras, de forma a conseguir alcançar a sua autorealização, através de experiências únicas e verdadeiras, com base, na sua maioria, em recursos intangíveis que caracterizam o local visitado.

O turismo criativo surge, assim, como uma alternativa ao turismo cultural de massas, procurando oferecer experiências mais flexíveis e verdadeiras que podem ser concebidas entre o turista e o destino turístico. Neste contexto, Silva, Babo, e Guerra (2015) defendem que as políticas culturais autárquicas são elementares, destacando-se a competitividade local na diferenciação e atratividade da renovação empresarial, tecnológica e organizacional, sustentada na criatividade artística e cultural das regiões.

Atendendo à importância da criatividade na diferenciação dos destinos, Richard e Wilson (2006) identificam três formas de reconversão do turismo cultural, nomeadamente: espetáculos criativos, espaços criativos, e a participação dos turistas em atividades criativas interativas nas localidades visitadas. Neste perspetiva, a convergência entre os espetáculos e os espaços



criativos situam-se na área dos eventos, que têm desempenhado um papel crucial na sociedade, na medida em que promovem a criação e a manutenção de grupos sociais ou subculturas que partilham os mesmos gostos, independentemente da sua localização geográfica (Laing, 2018). Os eventos têm sido alvo de estudo na psicologia positiva, destacando-se a felicidade e o bem-estar, elementos-chave para uma vida com mais qualidade (Filep, Volic, & Lee, 2015).

Como exemplo de eventos, temos os festivais que se têm sobressaído muito nos últimos anos assumindo uma importância vital na oferta cultural das regiões (Amorim, 2019; Carvalho, 2017; Stankova & Vassenska, 2015), contribuindo para um aumento de fluxo turístico durante o período em que estes se realizam, assim como, para a possibilidade de maior permanência turística (Huang, Li, & Cai, 2010). Estes fatores levam, naturalmente, a um aumento da economia local (Getz, 2007). Os festivais culturais têm sido os mais representativos do património cultural das regiões, que integram por norma diversas manifestações artísticas, apresentando como principais objetivos promover, apresentar, divulgar e/ou preservar a cultura local, melhorar a imagem do destino, captar um maior número de turistas, e como já referido, permitir o desenvolvimento económico das regiões (Devesa, Báez, Figueroa, & Herrero, 2012).

## CONTEXTO E METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

O presente estudo analisa o festival Andanças, organizado pela Associação PédeXumbo<sup>1</sup>, dinamizado em Portugal desde 1996. É um evento que já passou por várias localidades (zonas rurais), realizou-se pela primeira vez em Carvalhais (1996), em 2012 deslocou-se para Celorico da Beira, e entre 2013 a 2018, realizou-se em Castelo de Vide. Em 2019 e 2020 o festival não se realizou, e em 2021 está previsto realizar-se em Reguengos de Monsaraz, durante o mês de agosto. É um evento que assenta no princípio de voluntariado, procura interrelacionar-se na comunidade onde se insere, e tem como atração principal a promoção de dança e música tradicionais, tanto a nível nacional, como a nível internacional. Este festival tem, por norma, uma duração aproximada de 7 dias, e é caracterizado por uma relação muito harmoniosa com a natureza, pois os locais escolhidos pela organização do evento é sempre locais onde se pode usufruir em pleno da natureza e do que esta tem para oferecer. As infraestruturas do evento

<sup>1</sup> A Associação PédeXumbo é uma associação portuguesa composta por uma equipa profissional que se dedica à recuperação e divulgação de danças e músicas tradicionais, quer de Portugal, mas, também, de outros países, através do ensino formal e não formal a todas as faixas etárias. Esta associação organiza festivais em todo o país, principalmente no seu próprio espaço, Évora, dinamizando, com regularidade, oficinas, concertos e bailes para vários públicos. Informação disponível em: <http://www.andancas.net/site/>.



são preparadas especialmente para a sua realização, sempre em prol da sustentabilidade, através de um estilo e imagem muito próprias, promovendo boas práticas sociais, económicas, e ambientais, desde a montagem do evento, durante a sua realização e desmontagem. O Andanças é uma alternativa a outros festivais de verão, recebe aproximadamente 20.000 participantes, e tem como base o espírito de partilha, aprendizagem, e encontro, reunindo pessoas de todo o mundo. O conceito deste festival é muito particular pois os participantes têm a possibilidade de aprenderem e experienciarem (individual e/ou coletivamente) uma diversidade de danças representativas de várias partes do mundo, através de workshops realizados durante todos os dias do evento, sendo este o grande aspeto diferenciador do Andanças, em relação a outros festivais de verão. Os participantes têm, assim, a possibilidade de alcançar aprendizagens, emoções, relações e experiências inter e intrapessoais, através da dança e da música, os principais elementos que interrelaciona todos os que participam no evento<sup>2</sup>.

Como objetivos principais, este estudo procurou analisar a motivação e a satisfação dos participantes do festival Andanças relativamente ao conceito e atrações do festival, e perceber de que forma este evento se enquadra nas estratégias de desenvolvimento do turismo criativo.

A amostra do estudo foi constituída por 297 participantes, os quais foram inquiridos durante a realização do festival Andanças, nos dias 9 e 10 de agosto de 2017. Foram aplicados inquéritos por questionário, seguindo-se, assim, uma metodologia quantitativa. A análise de dados foi realizada no SPSS Statistics (v. 22, IBM SPSS, Chicago, IL). Foram realizadas análises descritivas, com recurso às medidas de tendência central (média, mediana), de dispersão (desvio-padrão), e percentagem.

## RESULTADOS

Foram validados 295 questionários, 190 (64.0%) participantes do sexo feminino, e 105 do sexo masculino. A maioria dos participantes apresentava idades compreendidas entre os 21-30 anos (42.4%), habilitações académicas superiores (33.7% licenciatura e 26,3% mestrado), e rendimento mensal de agregado familiar entre 1001€ a 1500€ (30%). A nível de nacionalidade cerca de 75.4% dos participantes do festival Andanças eram portugueses, e 14,6% estrangeiros, (na sua maioria espanhóis).

<sup>2</sup> Informações sobre o Festival Andanças disponível em: <http://www.andancas.net/2017/pt/40/programacao/conceito>.



Em termos de frequência e participação, a maioria dos participantes do Andanças já participaram, em média, 4 vezes no festival (80,5%), viajam acompanhados (80,8%), estão no festival entre 1 a 5 dia (88,2%), e participam entre 1 a 10 workshops (68,7%).

Em relação à **motivação**, os participantes, na sua maioria, pontuaram mais significativamente no muito importante (7), tendo em conta a escala de likert utilizada, entre 1 a 7, pouco importante (1) e muito importante (7). Relativamente aos 8 itens que avaliam a motivação obtivemos as seguintes percentagens no “muito importante (7)”:

1. *Conceito do festival (60,6%);*
2. *Oportunidade de conhecer e experienciar um leque diversificado dos workshops promovidos (43,8%);*
3. *Oportunidade de experienciar diferentes danças tradicionais a nível nacional (34,9%);*
4. *Oportunidade de experienciar diferentes danças tradicionais a nível internacional (44,3%)*
5. *Oportunidade de conhecer diferentes músicas tradicionais a nível nacional (33,3%)*
6. *Oportunidade de conhecer diferentes músicas tradicionais a nível internacional (40,4%)*
7. *Interação que se proporciona com outras pessoas durante o festival (51,5%)*
8. *Conhecimento que adquire e vivencio na localidade onde o festival é realizado (32,9%).*

Em relação à **satisfação**, os participantes foram mais díspares nas sua pontuação, mas, na sua maioria, pontuaram mais significativamente no “muito de acordo (6)” e “totalmente de acordo (7)”, considerando a escala de likert entre 1 a 7, “total desacordo (1)” e “totalmente de acordo (7)”. Relativamente aos 11 itens que avaliam a satisfação obtivemos assim, as seguintes percentagens:

1. *O festival satisfaz as minhas necessidades (32,5% muito de acordo e 27,4% totalmente de acordo).*
2. *Estou contente com os serviços proporcionados no festival (31,1 muito de acordo e 29,7% totalmente de acordo).*
3. *O festival presta o serviço que esperava receber (29,5% muito de acordo e 27,1% totalmente de acordo).*





4. *O festival presta um serviço excelente (30,8% muito acordo e 22,3% totalmente de acordo).*
5. *O staff do festival surpreendeu-me com o seu serviço (27,4% de acordo, e 23,6% muito de acordo, e 20,5% totalmente de acordo).*
6. *Fiquei muito mais satisfeito/a com o serviço do festival, do que esperava receber (21,8% quase de acordo (4), 24,2% de acordo (5), 20,4% muito de acordo (6), e 20,4% totalmente de acordo(7)).*
7. *A sensação de bem-estar no festival foi muito agradável (32,8% muito de acordo e 39,2% totalmente de acordo).*
8. *Durante a minha experiência no festival, houve um momento que tive um prazer inesperado (23,8% muito de acordo e 30,5% totalmente de acordo).*
9. *Os workshops de música e de dança tradicionais promovidos no festival foram bastante diversificados (28,5% muito de acordo e 35,4% totalmente de acordo).*
10. *Senti muita satisfação com os workshops de música e de dança tradicionais em que participei neste festival (33,6% muito de acordo e 26,6% totalmente de acordo).*
11. *Senti muita satisfação na forma como os workshops de música e de dança tradicionais foram dinamizados neste festival (33,8% muito de acordo e 29,3% totalmente de acordo).*

## DISCUSSÃO

O festival Andanças é um evento cultural e artístico que prima pela dinamização de workshops que promovem danças e músicas tradicionais, tanto a nível nacional, como a nível internacional, sendo a criatividade o elemento chave na forma como todo o evento é organizado. O nosso estudo tem como principal objetivo analisar a motivação e a satisfação dos participantes do festival Andanças relativamente ao conceito e ofertas do festival, e perceber de que forma este evento se enquadra nas estratégias de desenvolvimento do turismo criativo.

Desse modo, e através dos dados obtidos nos questionários aplicados no festival Andanças (2017), verificou-se que a maioria dos participantes deslocam-se ao festival, acima de tudo, motivados pelo conceito do evento, o qual lhes oferece a possibilidade de realizarem workshops, onde podem aprender e experienciar diversos tipos de danças e músicas





tradicionais, promovidos durante todo o evento. Também se percebe que em comparação com as danças a nível nacional, a maioria dos participantes destaca a oportunidade de aprenderem danças de outros países. Estes dados podem ser indicativos de que o Andanças reúne condições para que os participantes possam “viajar” até diversas partes do mundo, sem saírem do mesmo espaço, e aprenderem mais sobre recursos culturais de património intangível de várias regiões, neste caso em particular, danças, músicas, e até mesmo trajes caraterísticos. Outro aspeto que a maioria dos participantes pontua mais significativamente relaciona-se com a oportunidade que os participantes têm em poderem relacionar-se com outras pessoas durante a realização do evento, levando-nos a conjecturar que a possibilidade de conhecerem diferentes tipos de pessoas tem bastante significado e importância para a experiência que estes participantes querem alcançar no evento. Nesse sentido, estes dados vão de encontro a alguns dos pressupostos que caracterizam o turismo criativo, nomeadamente, a promoção do património intangível, e a possibilidade de experiência de práticas culturais, e espaço para a interação com outras pessoas (Carvalho, 2011; Richards, 2011; UNESCO, 2006).

É de referir que o Andanças reúne num só evento, a hipótese dos participantes poderem experienciar cerca de 50 estilos de danças (portuguesas, africanas, americanas, brasileiras e diversas danças europeias), mostrando uma riqueza e atratividade cultural imensa, promovendo não só recursos culturais imateriais a nível nacional, como também a nível internacional. Através da dança e da música, o Andanças possibilita uma partilha de saberes entre vários indivíduos e culturas do mundo, sendo a música e a dança, os principais elementos atrativos, importantes veículos de identidade e difusão cultural, que motiva e satisfaz os participantes que vão inebriados pela possibilidade de experienciar de forma profunda e autêntica este festival.<sup>3</sup> O turismo criativo, tal como caracterizado por vários autores, oferece aos turistas experiências únicas, diferenciadoras, envolventes e originais (Carvalho, 2011; Richards, 2011; UNESCO, 2006), e consegue-se perceber, atendendo aos dados obtidos nos itens que avaliam a satisfação, que temos participantes com uma agradável sensação de bem estar proporcionada por todo ambiente do festival, facto revelado também em estudos anteriores sobre eventos (Filep et al., 2015). Neste sentido, os participantes encontram-se significativamente satisfeitos pela diversidade de workshops de dança e música tradicionais, e também pela forma como estes são dinamizados. Outra dado a salientar é que a maioria dos participantes referiram que já

<sup>3</sup> Informações sobre o conceito e missão do Festival Andanças disponível em: <http://www.andancas.net/2017/pt/40/programacao/conceito>.





tenham participado 4 vezes no festival (80,5%), o que parece ser indicativo de que realmente os participantes se sentem satisfeitos com os serviços e ofertas culturais prestadas no festival, que assentam numa metodologia cultural participativa, levando o participante ser o protagonista da sua própria experiência no Andanças.

## CONCLUSÕES

Podemos concluir que o evento em análise, o festival Andanças, se enquadra nas estratégias de promoção e desenvolvimento do turismo criativo, na medida em que é um evento que proporciona ao participante a possibilidade de conhecer e experienciar recursos culturais imateriais, nomeadamente, a dança e a música tradicionais, quer a nível nacional como internacional, sendo esta a principal característica que o diferencia de outros festivais de verão. Nesse sentido, pode perceber-se o Andanças como um festival que fomenta o turismo criativo, visitado por um tipo de participante que busca aprendizagens e práticas criativas, envolventes e representativas de cultura de vários povos, sendo este o elemento principal que motiva a deslocação dos participantes a este festival. O Andanças promove, acima de tudo, uma cultura participativa, diferenciadora e criativa. O festival capta pessoas a participar no evento em várias edições, revelando a importância do caráter experiencial característico do evento. O Andanças é um evento que revitaliza as localidades por onde tem passado, atraindo um maior fluxo de turistas, e até a possibilidade de maior permanência turística (Huang, Li, & Cai, 2010) o que contribui para o desenvolvimento económico local (restauração, hotelaria e comércio), dados que também vão ao encontro de vários estudos realizados na área dos eventos (Amorim, 2019; Amorim, Jiménez-Caballero, & Almeida, 2019 e 2020; Carvalho, 2017; Getz, 2007; Huang, Li, & Cai, 2010; Stankova & Vassenska, 2015; Yoon, Lee, & Lee, 2010).

Consideramos que o nosso estudo poderá ser uma ferramenta importante para os gestores de eventos, nomeadamente, na área da dança e da música, dando-lhes informações sobre formatos inovadores que se podem trabalhar num festival, pode também contribuir para uma melhor compreensão do turismo criativo e da importância de eventos na área das artes performativas, os quais, são cada vez mais procurados pelo turista contemporâneo, um turista exigente que procura alcançar a sua autorrealização na aquisição de experiências únicas e autênticas nos destinos visitados.



Em termos de limitações, o nosso estudo poderia ter contemplado a análise de festivais que não apresentem uma metodologia participativa tão acentuada como no Andanças, por forma, a analisar-se as diferenças de motivação e satisfação dos seus participantes quanto às suas ofertas e estratégias no desenvolvimento do turismo criativo.

Agradecimento:

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto referência nº UIDB/04470/2020.

## REFERÊNCIAS

Almeida, Paulo. **Turismo e Empreendedorismo**. In Manual de Boas Práticas e Sustentabilidade no Turismo, OESTE PORTUGAL: Tourism Startup Program, Caldas da Rainha: Airo, 2019, pp. 3-8. Disponível em <https://www.ipleiria.pt/estm/wp-content/uploads/sites/21/2021/02/Manual-Turismo-e-Empreendedorismo-Final.pdf>. Acesso a 20 abr.2021.

Amorim, Daniela, Jiménez-Caballero, José Luis, & Almeida, Paulo. Motivation and tourists' loyalty in performing arts festivals: the mediator role of quality and satisfaction. **Enlightening Tourism. A Pathmaking Journal**, nº 9 (2), p.100-136, Dez. 2019. Disponível em [https://www.academia.edu/41371034/Vol\\_9\\_No\\_2\\_2019\\_July\\_December](https://www.academia.edu/41371034/Vol_9_No_2_2019_July_December). Acesso em: 20 de abr. 2021.

Amorim, Daniela, Jiménez-Caballero, José Luis, & Almeida, Paulo. The impact of performing arts festivals on tourism development: analysis of participants' motivation, quality, satisfaction and loyalty. **Tourism & Management Studies**, nº 16 (4), pp. 45-57, 2020. Disponível em: [http://tmstudies.net/index.php/ectms/article/view/1177/pdf\\_253](http://tmstudies.net/index.php/ectms/article/view/1177/pdf_253). Acesso em:20 de abr.2021

Associação PédeXumbo. Disponível em: <http://www.andancas.net/site/> . Acesso a 23 de abr. 2021

Carvalho, G. Turismo Cultural. In: F. Silva, & J. Umbelino, (Coord.), **Planeamento e Desenvolvimento Turístico**, Lisboa: Lidel – Edições Técnicas, 2017, pp.349-363.

Carvalho, Rui Miguel Ferreira. Os eventos culturais e criativos poderão ou não contribuir para uma imagem diferenciadora do destino turístico maduro?. **Tese de Mestrado em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural**. Escola Superior de Gestão, Instituto Politécnico de Tomar, Portugal, 2011.

Devesa, María; Baez, Andrea; Figueroa, Víctor y Herrero, Luis (). Repercusiones económicas y sociales de los festivales culturales: El caso del Festival Internacional de Cine de Valdivia. **EURE - Revista latinoamericana de estudios urbano regionales**, nº 38 (115), 2012, pp. 95-



115. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/262630251>. Acesso em 25 mai. 2018.

Festival Andanças (2017). Disponível em <http://www.andancas.net/2017/pt/40/programacao/conceito>. Acesso em 30 de nov. 2017.

Festival Andanças (2021). Disponível em <http://www.andancas.net/site/>. Acesso em 23 de abr. 2021.

Filep, Sebastian., Volic, Ivana, & Lee, Insunu. On positive psychology of events. **Event Management**, n° 19, 2015, pp. 495-507. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/288840362\\_On\\_Positive\\_Psychology\\_of\\_Events](https://www.researchgate.net/publication/288840362_On_Positive_Psychology_of_Events). Acesso em 15 Mai. 2018.

Getz, Donald. **Event studies: Theory, research and policy for planned events**. Oxford UK: Elsevier, 2007.

Guerreiro, Maria Manuela, Mendes, Júlia, & Henriques, Cláudia. Turismo cultural em análise: Contributos metodológicos para a inventariação de recursos turísticos de base cultural. In M. Santos, P. Águas, F. Serra, & J. Santos (Eds.). **Perspetivas contemporâneas em turismo**. TMS Conference Series, Universidade do Algarve, 2014, pp. 427-442. Disponível em <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/6959>. Acesso a 10 abr. 2018.

Huang, Joy Zhuowei, Li, Mimi, & Cai, Liping. A model of community-based festival image. **International Journal of Hospitality Management**, n° 29 (2), 2010, pp. 254-260. Disponível em: <https://experts.illinois.edu/en/publications/a-model-of-community-based-festival-image>. Acesso a 10 abr. 2018.

Laing, Jennifer. Festival and event tourism research: Current and future perspectives. **Tourism Management Perspectives**, 25, 2018, pp. 165–168. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2211973617301381>. Acesso a 10 abr. 2018.

OCDE (2009). The Impact of Culture on Tourism, OECD, Paris, Spanish translation by the Tourism Ministry of Mexico of p. 375. Disponível em: <https://www.oecd.org/cfe/tourism/42040227.pdf>. Acesso a 27 mar. 2016.

Ohridska-Olson, R., & Ivanov, S. (2010). Creative tourism business model and its application in Bulgaria. Proceedings of the Black Sea Tourism Forum 'Cultural Tourism – The Future of Bulgaria'. Disponível em: [http://culturalrealms.typepad.com/files/creativetourismbm\\_article\\_1\\_lr.pdf](http://culturalrealms.typepad.com/files/creativetourismbm_article_1_lr.pdf). Acesso em 16 mar. 2016.

Richards, Greg. Creativity and tourism: The state of the art. **Annals of Tourism Research**, n° 38 (4), 2011, pp. 1225–1253. Disponível em: <https://isiarticles.com/bundles/Article/pre/pdf/120.pdf>. Acesso a 10 abr. 2018.



Richards, Greg, & Raymond, Crispin. Creative tourism. *ATLAS news*, nº 23, 2000, pp. 16-2. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/254822440\\_Creative\\_Tourism](https://www.researchgate.net/publication/254822440_Creative_Tourism). Acesso a 10 abr. 2018.

Richards, Greg, & Wilson, Julie. Developing creativity in tourists experiences: A solution to the serial reproduction of culture?. *Tourism Management*, nº 27 (6), 2006, pp. 1209-1223.

Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/223801574\\_Developing\\_Creativity\\_in\\_Tourist\\_Experiences\\_A\\_Solution\\_to\\_The\\_Serial\\_Reproduction\\_of\\_Culture](https://www.researchgate.net/publication/223801574_Developing_Creativity_in_Tourist_Experiences_A_Solution_to_The_Serial_Reproduction_of_Culture). Acesso a 10 abr. 2018.

Richards, Greg, & Wilson, Julie. **Tourism, creativity and development**. London: Routledge. 2007.

Silva, Augusto, Babo, Elisa, & Guerra, Paula. Políticas culturais locais: contributos para um modelo de análise. *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 78, 2015, pp. 105-124. Disponível em: <https://journals.openedition.org/spp/1997>. Acesso a 10 abr. 2018.

Stankova, M., & Vassenska, I. Raising cultural awareness of local traditions through festival tourism. *Tourism & Management Studies*, nº 11 (1), 2015, pp. 120-127. Disponível em: <https://tmstudies.net/index.php/ectms/article/viewFile/766/1284>. Acesso a 10 abr. 2018.

UNESCO (2006). Towards sustainable strategies for Creative Tourism. Discussion Report of the Planning Meeting for 2008 International Conference on Creative Tourism. Santa Fé, New Mexico: USA. Disponível em: [http://portal.unesco.org/culture/en/files/34633/11848588553oct2006\\_meeting\\_report.pdf/oct2006\\_meeting\\_report.pdf](http://portal.unesco.org/culture/en/files/34633/11848588553oct2006_meeting_report.pdf/oct2006_meeting_report.pdf). Acesso a 27 de fevereiro de 2016.

Yoon, Yoo-Shik, Lee, Jin-So, & Lee, Choong-Ki. Measuring festival quality and value affecting visitors' satisfaction and loyalty using a structural approach. *International Journal of Hospitality Management*, nº 29 (2), 2010, pp. 335-342. Disponível em: [https://www.academia.edu/33074372/Measuring\\_festival\\_quality\\_and\\_value\\_affecting\\_visitors\\_satisfaction\\_and\\_loyalty\\_using\\_a\\_structural\\_approach](https://www.academia.edu/33074372/Measuring_festival_quality_and_value_affecting_visitors_satisfaction_and_loyalty_using_a_structural_approach). Acesso a 10 abr. 2018.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## EMANCIPAÇÕES NO SUL: REFLEXÕES SOBRE A EMANCIPAÇÃO FEMININA A PARTIR DE NIKETCHE

EMANCIPATIONS IN THE SOUTH: REFLECTIONS ABOUT FEMALE  
EMANCIPATION IN NIKETCHE

Laura Severo Ribeiro; Cleber Cristiano Prodanov; Ernani Mügge

Universidade Feevale

**Resumo:** neste breve texto serão examinadas as possíveis interlocuções entre as epistemologias do Sul, originadas a partir dos escritos de Boaventura de Sousa Santos, e o romance Niketche, de Paulina Chiziane. O conceito que permitirá o enredamento das análises sociológicas e literárias é o de emancipação feminina, adotando-se por referência as investigações da socióloga Teresa Cunha. A pergunta central que orienta a escrita consiste na seguinte indagação: de que modo se relacionam a narrativa literária de Paulina Chiziane em Niketche e a perspectiva feminista derivada das epistemologias do Sul, a partir dos escritos de Teresa Cunha? A conclusão é no sentido de que reciprocamente, sociologia e literatura, contribuem para situar a emancipação feminina em bases distintas daquela excludente que foi estabelecida a partir da modernidade europeia.

**Palavras-chave:** Epistemologias do Sul. Emancipação Feminina. Niketche. Literatura decolonial.

**Abstract:** the text is about the possible interlocutions between the epistemologies of the South, originated from the writings of Boaventura de Sousa Santos, and the novel Niketche, by Paulina Chiziane. The concept that will allow the entanglement of sociological and literary analyzes is that of female emancipation, adopting the investigations of sociologist Teresa Cunha as a reference. The central question that guides writing consists of the following question: how are Paulina Chiziane's literary narrative related to Niketche and the feminist perspective derived from the epistemologies of the South, based on the writings of Teresa Cunha? The conclusion is in the sense that, conversely, sociology and literature, contribute to situate female emancipation on different bases than the exclusionary one that was established from European modernity.

**Keyword:** Epistemologies of the South. Female emancipation. Niketche. Decolonial literature.

### INTRODUÇÃO

Neste breve texto, serão apresentadas possíveis interlocuções entre as “epistemologias do Sul”, originadas a partir das pesquisas sociológicas de Boaventura de Sousa Santos, e a obra literária “Niketche: uma história de poligamia”, escrita pela romancista moçambicana Paulina Chiziane.

A pergunta que orienta esta breve comunicação consiste em: de que modo se relacionam a narrativa literária de Paulina Chiziane em Niketche e a perspectiva feminista derivada das epistemologias do Sul, a partir dos escritos de Teresa Cunha?





O objetivo principal reside em mapear, ainda que de forma sucinta, os pontos de contato e eventuais distanciamentos entre a teorização sociológica enfocada e o romance da intelectual moçambicana.

A hipótese central é de que existe um vínculo perceptível entre as elaborações teóricas provenientes das epistemologias do Sul e uma série de narrativas literárias habitualmente catalogadas como decoloniais, seja de origem africana, como a própria Chiziane ou Mia Couto, dentre outros, seja de origem latino-americana, como Conceição Evaristo ou Ferrez.

De modo mais específico, a partir do conceito de emancipação, será debatido sobre a posição da mulher no referido romance, com especial ênfase para a protagonista Rami, dialogando com as análises teóricas da pesquisadora angolana Teresa Cunha, a qual notoriamente é filiada às perspectivas das epistemologias do Sul.

Ao final, almeja-se conectar o desfecho da narrativa literária com as conclusões acadêmicas da socióloga africana.

## AS EMANCIPAÇÕES FEMININAS NA ACADEMIA E NA LITERATURA

As epistemologias do Sul ombreiam com os estudos decoloniais, de origem latino-americana, ou com os estudos pós-coloniais, de matriz anglófona, no questionamento do monopólio do saber legítimo que a Europa buscou estabelecer a partir da modernidade.

No particular das mencionadas epistemologias, seu nascimento ocorre por ocasião da transição do século XX para o XXI e tem como principal expoente o intelectual português Boaventura de Sousa Santos. Para o referido sociólogo:

As epistemologias do Sul pretendem mostrar que aquilo que são os critérios dominantes do conhecimento válido na modernidade ocidental, ao não reconhecerem como válidos outros tipos de conhecimento para além daqueles que são produzidos pela ciência moderna, deram origem a um epistemicídio massivo, ou seja, à destruição de uma imensa variedade de saberes que prevalecem sobretudo no outro lado da linha abissal – nas sociedades e sociabilidades coloniais. Tal destruição desarmou essas sociedades, tornando-as incapazes de representar o mundo como seu e nos seus próprios termos, e, assim, incapazes de considerar o mundo como suscetível de ser mudado por via do seu próprio poder e no sentido de prosseguir os seus próprios objetivos (SANTOS, 2019, p. 396).

Nessa esteira, outras pesquisas, com ênfases das mais distintas, têm sido construídas. Interessa-nos especialmente, no ponto, refletir sobre a temática da emancipação feminina a partir destas lentes, tendo por ponto de partida os escritos de Teresa Cunha (2020), os quais serão assumidos como referenciais para o estudo da obra literária já mencionada.





Pretendendo superar a compreensão de um modelo estanque de emancipação humana – baseada no tal homem racional concebido a contar da modernidade – a socióloga angolana argumenta que o conceito de emancipação deve estar menos atrelado a um formato rígido do que a alguns pressupostos, os quais, por sua vez, necessariamente redundarão em modelos emancipatórios variados. Quanto a este ponto, observa que:

Como já afirmei anteriormente, o meu argumento é que a emancipação das mulheres está intrinsecamente relacionada com os seus poderes. Poder enquanto energia e força; poder enquanto competência e capacidade; poder enquanto autoridade, legitimidade e reconhecimento; poder enquanto resistência ao sofrimento; poder enquanto antagonismo à dominação e às dificuldades. Ainda que uma parte relevante destes poderes se exerça nos obscuros e ambíguos espaços da família e da espiritualidade (CUNHA, 2020, p. 10).

Admitindo como válida esta premissa teórica, é que se pode analisar o texto literário de Paulina Chiziane. Nele, Rami, a protagonista, descobre-se inserida em um contexto de poligamia, o que, sob as lentes forjadas na Europa, notadamente pela influência da fé colonial, a católica, tornaria bastante estreitados seus caminhos de emancipação.

O interesse no romance, entretanto, sem ser possível esgotar suas inúmeras facetas em tão breve estudo, deriva da forma que a ideia de emancipação é ressignificada, sendo concretamente reconstruída pela personagem ao longo da narrativa. Nesta trajetória, diversas reflexões sobre a condição feminina são explicitadas, colocando em xeque discursos unívocos.

No princípio da obra, em duas passagens bem próximas, a romancista moçambicana descreve o paradoxo de muitas mulheres:

Na presença de um marido, os ladrões se afastam. Os homens respeitam. As vizinhas não entram de qualquer maneira para pedir sal, açúcar, muito menos para cortar na casaca da outra vizinha. Na presença de um marido, um lar é mais lar, tem conforto e prestígio (CHIZIANE, 2018, p. 83).

Não há homens neste bairro, as mulheres é que governam as famílias, mas quando a noite cai, vêm-se muitos homens a entrar e a sair de algumas casas como ladrões, sorrateiramente. São homens casados, com certeza, e dessas relações nascerão filhos, muitos dos quais morrerão sem conhecer o pai (CHIZIANE, 2018, p. 106).

São dois trechos com conteúdos antagônicos, porém, por certo, representativos da complexidade das relações em África ou em outras partes. Ao mesmo tempo que se mencionam razões que se ligam a certa noção de fragilidade ou de dependência, são frisados a potência e o protagonismo da mulher em cenários que lhe são adversos.



A noção de sororidade contemporaneamente divulgada, ligada a uma ideia de irmandade entre as mulheres, também é posta em xeque pela romancista. Não necessariamente para rejeitá-la, mas sim para expor como uma espécie de contradição ou ambivalência. Em um primeiro momento, Chiziane narra:

Olho bem para a minha rival. Na imagem desta mulher a morte do meu amor, a causa da minha dor. Por causa dela sofro esta solidão. Ela enfeitiçou o meu homem para tirá-lo de mim. Mas eu não vou deixá-lo nos braços dela, não. Sinto uma carga de fel subindo pelas minhas entranhas. Vomito. A festa começa (CHIZIANE, 2018, p. 208).

Logo em seguida, porém, anota: “Todas as mulheres são gémeas, solitárias, sem auroras nem primaveras. Buscamos o tesouro em minas já exploradas, esgotadas, e acabamos por ser fantasmas nas ruínas dos nossos sonhos” (CHIZIANE, 2018, p. 283).

A aliança entre religiosidade e patriarcado também não é sonogada. A narradora africana observa que:

O pior de tudo é que Deus parece não ter mulher nenhuma. Se ele fosse casado, a deusa — sua esposa — intercederia por nós. Através dela pediríamos a bênção de uma vida de harmonia. Mas a deusa deve existir, penso. Deve ser tão invisível como todas nós. O seu espaço é, de certeza, a cozinha celestial [...]. Se ela existisse teríamos a quem dirigir as nossas preces e diríamos: Madre nossa que estais no céu, santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso reino — das mulheres, claro —, venha a nós a tua benevolência, não queremos mais a violência. Sejam ouvidos os nossos apelos, assim na terra como no céu. A paz nossa de cada dia nos dai hoje e perdoai as nossas ofensas — fofocas, má-língua, bisbilhotices, vaidade, inveja — assim como nós perdoamos a tirania, traição, imoralidades, bebedeiras, insultos, dos nossos maridos, amantes, namorados, companheiros e outras relações que nem sei nomear. Não nos deixeis cair na tentação de imitar as loucuras deles — beber, maltratar, roubar, expulsar, casar e divorciar, violar, escravizar, comprar, usar, abusar e nem nos deixes morrer nas mãos desses tiranos — mas livrai-nos do mal, Amém. Uma mãe celestial nos dava muito jeito, sem dúvida alguma. (CHIZIANE, 2018, p. 837-840).

Avançando, a construção da emancipação de Rami e das outras esposas de Toni passa, por vias distintas, pela aproximação de todas elas que estão submetidas a situações semelhantes, ao mesmo tempo em que logram desenvolver uma maior independência econômica, a qual se revelou como catalisadora para ampliação da gama de liberdades das personagens.

Vendemos roupa usada durante seis meses. Criámos capital. A Lu e eu, cada uma de nós abriu uma loja pequena para vender roupas novas e o negócio começou a prosperar. A Saly construiu uma loja. Vende bebidas por grosso. Tem um café e um salão de chá. A Ju conseguiu fazer um pequeno armazém e já vende bebidas por grosso. A Mauá abriu um salão cabelereiro no centro da cidade e continua a fazer trabalho na garagem da casa. Tem uma clientela que nunca mais acaba. (CHIZIANE, 2018, p. 290).



Fica evidenciado, no entanto, que inexistente uma receita universal, de modo que a emancipação não pressupõe uma única trajetória, seja da libertação pela via da razão, seja pelo viés exclusivamente econômico. De fato, a narrativa sugere que os caminhos emancipatórios são variados e complexos, havendo espaços a serem construídos contextualmente a partir das respectivas bases culturais, familiares e espirituais.

Do ponto de vista sociológico, este percurso é representativo, na literatura, de como se desenvolvem narrativamente três chaves teóricas propostas por Teresa Cunha (2020). São elas a “sociologia dos resgates”, “sociologia da ambiguidade” e a “sociologia das caixas de ressonância”.

Por meio da “sociologia dos resgates”, é possível pensar

[...] o lugar do passado no presente e uma ecologia da enunciação da emancipação - porque esta tem que ser compreensível, concreta e resultar na felicidade das pessoas. Uma sociologia dos resgates pretende redescobrir e resgatar do tecido social e dos imaginários tudo aquilo que tem sido encoberto e olvidado mas que já mostrou ser útil, eficaz e capaz de se transfigurar em novos conhecimentos e tecnologias de emancipação pessoal e colectiva (CUNHA, 2020, p. 15).

A segunda dá “[...] suporte percursos e projectos desalinados e incertos quanto aos métodos e aos resultados. Ou seja, tornar a instabilidade numa categoria sociológica” (CUNHA, 2020, p. 15), enquanto a terceira: “[...] pensa as formas de amplificação de cada uma das vozes e gritos para que nenhuma pessoa se possa sentir desamparada; procura formas e teares simbólicos, imateriais e físicos de união, cooperação, questionamento e compaixão” (CUNHA, 2020, p. 15).

O aspecto do resgate é interessante porque, muitas das vezes, o vínculo que se estabelece entre passado e África (ou com povos originários, no caso brasileiro ou na América Latina em geral) se dá de forma algo fabulosa, seja no sentido de reconstrução de um idílico passado perdido, mas que poderia ser resgatado de maneira idêntica; seja no seu exato oposto, de uma espécie de história de uma civilização inferior à dos seus vizinhos do norte, mais precisamente da Europa. Como afirma Achille Mbembe, “Una vez más, África y Negro van más allá de sí mismos: estos nombres designan, en otras regiones del mundo, un modo de la injusticia amparada en la producción de sujetos de raza” (MBEMBE, 2016, p. 151).

Na realidade, entretanto, como alerta Santos (2019), a valorização da ancestralidade não implica na tentativa de recomposição de um passado mítico, integralmente positivo ou



totalmente negativo. Na linha do que é defendido por Stuart Hall (2019), a cultura é algo em constante mutação, não havendo um lugar para regresso.

Desta leitura, extrai-se a vinculação com a chave teórica seguinte: a ambiguidade – e mesmo a contradição ou até mesmo o paradoxo – são constantes na vida concreta das personagens, como delinea Chiziane, e das pessoas, como analisa Cunha. O protagonismo na direção da família convive com a relativa dependência em relação à figura do marido. O reconhecimento de que as outras mulheres se situam no mesmo quadro de Rami é gerador de empatia, assim como de uma lógica de competição e de responsabilização de terceiras pelos seus próprios infortúnios. A religiosidade se constitui como um espaço de afirmação de identidade, ao mesmo tempo que contribui para a submissão em relação ao marido. Todos estes conflitos, entretanto, não impedem que Rami – ou as mulheres estudadas por Teresa Cunha – possam afirmar-se, a partir de suas experiências concretas – como pessoas que estão seguindo as trilhas da(s) emancipação(ões).

Finalmente, a literatura cumpre um papel importante no que toca à noção de caixa de ressonância. Para além das relações concretas e reais examinadas por Cunha (2020), os romances, os contos, as poesias, exercem um papel fundamental no sentido de criar, divulgar e amplificar (his)estórias que permitam a identificação e o reconhecimento de situações e/ou pessoas historicamente marginalizadas ou tratadas com uma espécie de menos-valia pela literatura dita universal.

## CONCLUSÃO

Nas últimas décadas, tem ganhado espaço na academia brasileira a conjugação de distintos saberes, historicamente construídos de maneira estanque, para o estudo de situações que pela complexidade que lhes são inerentes, impõem a conjugação de conhecimentos provenientes de diversos campos.

No breve estudo apresentado, buscou-se entrelaçar análises provenientes da sociologia com os estudos literários, de modo a permitir a análise da emancipação, em particular, feminina, tendo como interlocutoras Paulina Chiziane e Teresa Cunha.

Por meio destes brevíssimos excertos, foi possível constatar um alinhamento de perspectivas que possibilitam romper com a ideia rígida ou fixa que se tornou hegemônica a



contar da modernidade e que estabelece o homem racional ou o homem médio como medida pretensamente para todos os sujeitos.

Entendemos ter ficado brevemente demonstrado que os estudos provenientes das epistemologias do Sul propiciam um campo de fértil diálogo com os textos literários habitualmente catalogados como decoloniais. A emancipação feminina, dentre outros tantos pontos de contato, é tão somente um exemplo de aproximações possíveis.

A fictícia Rami, assim como as mulheres reais que compuseram e colaboraram com os estudos de Teresa Cunha, nos ensinam que há distintas trilhas para a emancipação e que a ambivalência é um componente estruturante do humano. A literatura, neste ponto, segue cumprindo, portanto, um papel fundamental não apenas no sentido de retratar modos de vida em seus personagens, como sobretudo de possibilitar o alargamento dos horizontes dos leitores.

## REFERÊNCIAS

CHIZIANE, Paulina. **Niketche**: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

CUNHA, Teresa. Há lugar para um feminismo pós-colonial? Betuxa, Cidália, Esmeralda, Ester, Fátima, Isa, Henriqueta, Maria Lúcia, Renata e Zumurrud e as suas artes de pensar de muitas maneiras a emancipação das mulheres. **Geografia: Ambiente, Educação e Sociedade**, Sinop, v. 3, n. 1, p. 165- 181, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

FERRÉZ. **Capão Pecado**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. MBEMBE, Achille. **Crítica de la razón negra**. Barcelona: Ned, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.





## MODA E INCLUSÃO: INDUMENTÁRIA PARA CRIANÇAS CEGAS

### FASHION AND INCLUSION: INDUMENTARY FOR BLIND CHILDREN

Gabriela Lumi Yamashita Rodrigues; Claudia Schemes; Julia Saikoski Ferrandin; Júlia Ferreira Dias

Universidade Feevale

**Resumo:** Percebe-se que o varejo de moda hoje não é inclusivo para deficientes visuais, que representam 6,5 milhões de pessoas, segundo o censo do IBGE realizado em 2010. Identificando, assim, uma carência para este nicho tanto para adultos, quanto para crianças. Este trabalho tem como foco a análise da indumentária aplicada para crianças com deficiência visual. Tendo como objetivo identificar, através de revisão bibliográfica, os principais problemas relacionados à moda para esse público, e de que forma esta área do conhecimento vem buscando solucioná-los. Com isso, neste trabalho reúnem-se as maiores dificuldades apontadas quando relacionamos as criança cegas ou com baixa visão e o vestuário.

**Palavras-chave:** Deficiência Visual. Moda. Vestuário. Inclusão.

**Abstract:** It can be seen that fashion retail today is not inclusive for the visually impaired, who represent 6.5 million people, according to the IBGE census conducted in 2010. Thus, identifying a deficiency for this group for both adults and children. This work focuses on the analysis of clothing applied to children with visual impairments. Aiming to identify within the bibliography, the main problems related to fashion for these niche, and how this area of knowledge has been seeking to solve them. Thus, this work brings together the greatest difficulties pointed out when we relate blind or low vision children and clothing.

**Keywords:** Visual impairment. Fashion. Clothing. Inclusion.

## INTRODUÇÃO

No Brasil, 8,3% da população possui pelo menos algum tipo de deficiência severa. Destes, 3,46% apresentam alguma deficiência visual, conforme consta nos dados do Censo 2010 elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Referindo-se ao mesmo censo, existem mais de 6,5 milhões de pessoas com deficiência visual, sendo 582 mil cegas e 6 milhões com baixa visão. Sendo que a cada 100 crianças de 0 a 14 anos de idade 7,5% apresentam alguma deficiência e, entre elas, 5,3% têm pouca ou nenhuma visão.

Segundo Cunha et al (2011) a *International Society for Low Vision Research and Rehabilitation* (ISLRR)<sup>1</sup> entende-se por cegos aqueles nos quais a visão é nula ou quase inexistente a ponto de incapacitá-las para realizar a maioria das tarefas diárias. Já, indivíduos de baixa visão, apresentam acuidade visual de 0,25 a 0,02 no melhor olhos, após correção máxima e aqueles indivíduos com a diminuição do campo visual de tal forma que impeça a

<sup>1</sup> ISLRR - Grupo interdisciplinar que atua na área de pesquisa e reabilitação para pessoas com deficiência visual.



observação por completo do ambiente, também são considerados cegos, independente da acuidade visual que possuam.

Conforme Oliveira (2010) aponta, as pesquisas existentes mostraram que os olhos são responsáveis por 80% das impressões recebidas pelos sentidos. Portanto, nota-se que há um grupo significativo de pessoas com deficiência que precisa ter suas necessidades atendidas, pois possuem dificuldades em realizar as tarefas do cotidiano. Como, por exemplo, o ato de vestir-se, que engloba a escolha e identificação de peças de roupas.

O vestuário inclusivo se torna ainda mais expressivo quando direcionado para o público infantil. Segundo Bononi (2016), observa-se que a criança que possui algum tipo de deficiência necessita ainda mais se sentir cativada, amada e incluída na sociedade de alguma forma, sendo que o vestuário pode tornar-se uma ferramenta muito significativa nessa inclusão.

A partir dos dados apresentados, tem-se como objetivo fazer o levantamento bibliográfico identificando os principais problemas apresentados por deficientes visuais, analisando dentre eles, os que se relacionam com a moda e de que forma esta área do conhecimento vem buscando solucioná-los. Para, assim, conseguirmos identificar as lacunas existentes dentro desse nicho.

A metodologia utilizada para este trabalho é a revisão bibliográfica através de pesquisas feitas pela internet, com consultas de artigos científicos, reportagens, livros e pesquisadores de múltiplas áreas que abordam as dificuldades acerca de deficientes visuais. Constatamos que, embora haja um pequeno número de pesquisas sobre moda inclusiva no Brasil, em especial moda para pessoas cegas, os materiais têm grande relevância, pois seus conteúdos demonstram a carência que este público apresenta, além de facilitarem a continuidade da pesquisa.

## **MODA PARA DEFICIENTES VISUAIS**

No mercado, a consciência sobre a existência e necessidade dos consumidores deficientes visuais ainda é incipiente, e a oferta de produtos para esse público é quase inexistente analisando o varejo mundial como um todo. Porém, nota-se um pequeno e lento surgimento de marcas apostando neste público.

Como, por exemplo, a marca argentina *Sónar*, ainda em desenvolvimento pela designer María Sol Ungar, que aposta no desenvolvimento de estampas em alto relevo e etiquetas em braille<sup>2</sup> que ajudam a diferenciar as suas peças de vestuário. Outro exemplo é a marca

---

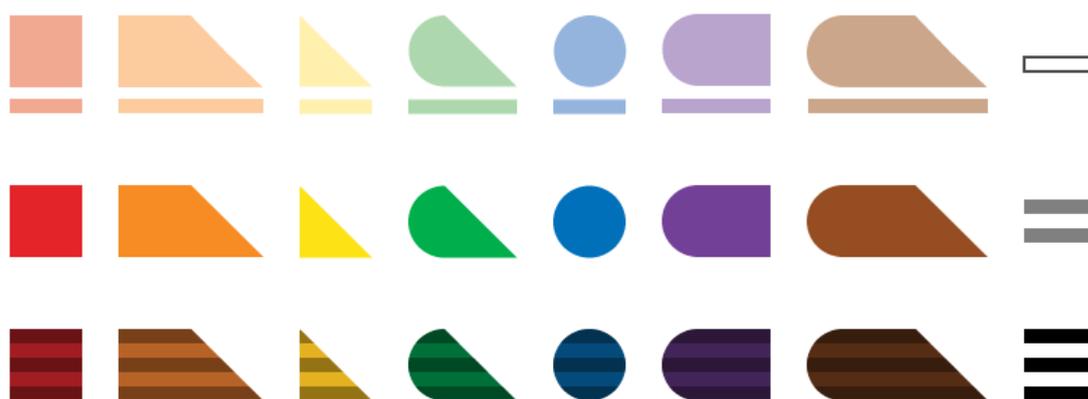
<sup>2</sup> Braille - língua universal para deficientes visuais, criada em 1829.



americana *Two Blind Brothers*, criada por dois irmãos diagnosticados com uma doença degenerativa, fazendo com que percam a visão gradativamente, eles apostam na alta qualidade de materiais e todos os seus produtos incluem informações em braille na etiqueta (BELLO, 2018). Já a marca Equal Moda Inclusiva, de Silvana Louro, trabalha especificamente com o pessoas com deficiências, criando cada peça para que atenda as necessidades do público escolhido. Dentre as peças ofertadas em seu site, mais especificamente para deficientes visuais, o que é oferecido são as etiquetas em braille na frente das peças com informações acerca do produto.

Segundo Bononi (2016), uma das maiores dificuldades para o deficiente visual ao se vestir é a combinação de cores, peças e modelos. Tendo em vista a importância das cores dentro do universo da moda, podemos observar a criação de um código de cores pela pesquisadora Filipa Nogueira Pires. Esse código tem como objetivo deixar as cores mais acessíveis para as pessoas com deficiência visual através do uso das formas geométricas básicas, associando-as com as cores primárias, secundárias e terciárias, onde triângulo é equivalente ao amarelo, quadrado ao vermelho e azul ao círculo. Já a adição de preto a essas cores é representado por três linhas na horizontal, o cinza por duas e o branco por uma, conforme podemos observar na Figura 1.

Figura 1. Código de cores Feelipa



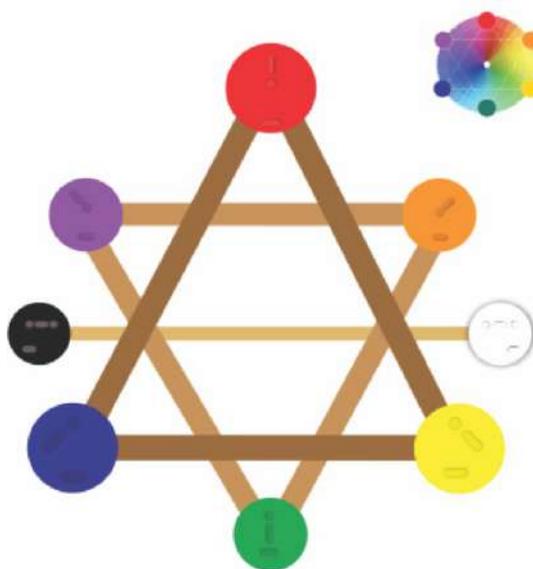
Fonte: <http://www.feelipa.com/pt/>

Além deste, conforme representado na figura 2, existe um outro método criado por Sandra Regina Marchi (2019), o *See Color*, caracterizado como linguagem tátil universal das cores. Diferentemente do sistema de Feelipa em que trabalha apostando nas formas geométricas, o



*See Color*, propõe sistema de cores que se utiliza de pontos, linhas, traços e relevo para simplificar o círculo cromático, tendo o seu método baseado e similar ao braille.

**Figura 2.** Código de cores See Color



**Fonte:** MARCHI, 2019 e <https://seecolor.com.br>

Por fim, Oliveira et al. (2015), complementam que o desenvolvimento da peça de vestuário pensado para esse público tem como um dos objetivos o auxílio na identificação das próprias vestes. Assim, fazendo com que o deficiente visual tenham mais autonomia na hora de escolher e vestir.

## VESTUÁRIO PARA CRIANÇAS CEGAS

Uma pesquisa realizada com 187 pais, mostrou que alguns quesitos são fundamentais na escolha de compra do vestuário infantil: o conforto, a qualidade e a funcionalidade (OLIVEIRA, 2017). A peça deve permitir mobilidade, já que as crianças precisam de liberdade de movimento. Levando em consideração que elas possuem diferentes características, como idade, gênero, tipo físico e altura (BONONI et al, 2015).

E, ainda, Barbosa e Quedes (2010, p.8) complementam que as roupas infantis devem “estar de acordo com o desenvolvimento físico, personalidade e atividades praticadas pelos infantes. Roupas apropriadas contribuem para a formação do seu caráter e encorajam seu acesso à responsabilidade e cooperação.”



Outro fator que se faz necessário é a identificação das crianças com a peça, pois é através da indumentária que elas expõem sua identidade e expressão sua personalidade, juntamente com isso o vestuário deve contribuir como ferramenta de estímulo à imaginação e à criatividade (OLIVEIRA, 2017).

A partir disso, Mendes et al.(2018) dizem que um dos grandes problemas para as crianças cegas é explicar o que é a cor. Assim, apresentam pesquisas que mostram algumas soluções encontradas, como as correlações com cheiros e sabores, para explicar as sensações que as cores trazem. O que demonstra a importância dos sistemas universais de cores citados anteriormente.

Segundo Bononi (2016), o relevo em detalhes é o método mais aceito para diferenciação de peças de vestuário para esse público que são feitas, na maioria das vezes, através de bordado, serigrafia e aplicações, criando texturas identificadas pelo tato. Além disso, alguns aviamentos são utilizados para facilitar a vestibilidade das peças, como o velcro, que ajuda no fechamento e é mais fácil que botões, ou o ilhós colocado no interior dos bolsos para acomodar e manter presos os fones de ouvido, entre outros objetos (KRONE e RIZZI, 2020).

Oliveira (2010), complementa que as etiquetas e texturas podem aumentar a autonomia de crianças com deficiência visual, pois ajudam a escolher e criar sua percepção de estilo, já que a expressão através das roupas é um facilitador na integração de jovens. O autor ainda informa que as crianças possuem dificuldade na vestimenta de algumas peças, na sua diferenciação e na identificação de frente e verso.

Por fim, Krone e Rizzi (2020) concluíram em seu trabalho que a deficiência visual não é limitadora, mas que a falta de oferta e informação limita a experiência e que o papel do vestuário pode ser de suma importância no processo de desenvolvimento da criança com deficiência visual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse levantamento conseguimos observar que a utilização de relevos é de suma importância no vestuário inclusivo para crianças deficientes visuais, tanto com descrições em braille, como, principalmente, estímulos táteis que auxiliam no desenvolvimento da criança. Além disso, identificou-se que o vestuário é um meio importante para desenvolvimento da criança e que, além de ser pensado para a funcionalidade e conforto, precisa dar todo o



suporte e confiança para auxiliar no crescimento e independência da mesma, como, por exemplo, oferecendo a oportunidade para que a criança consiga se vestir sozinha.

Com isso, o trabalho conseguiu atingir seu objetivo de identificar os principais problemas levantados com relação às crianças com deficiência visual e seu vestuário. Porém, percebemos que além de estudos teóricos, muitas pesquisas de campo foram realizadas com deficientes visuais, o que mostra que há um interesse crescente em solucionar os problemas decorrentes deste público. Todavia esta preocupação não acontece nas indústrias e setores produtivos da área da moda, pois percebe-se que uma pequena porcentagem de empresas faz uso desses estudos e os aplicam em seus produtos. Sanar esses problemas é de responsabilidade de todos os envolvidos no setor do vestuário, visto que há demanda para esses produtos, mas pouca oferta.

A moda é uma das manifestações culturais que tem muito potencial para conseguir auxiliar na inclusão social de pessoas que possuem alguma deficiência e que deveriam ter os mesmos direitos de todos, mas que, infelizmente, ainda se encontram muitas vezes ignorados e invisibilizados.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Rita Cláudia Aguiar; QUEDES, Walkiria. **Vestuário e Infância: entra a adequação e as determinações sociais**. 2010. Disponível em: <[https://fido.palermo.edu/servicios\\_dyc/encuentro2007/02\\_ auspicios\\_publicaciones/actas\\_diseno/articulos\\_pdf/A100.pdf](https://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_ auspicios_publicaciones/actas_diseno/articulos_pdf/A100.pdf)> Acesso, em 25 de abril de 2021

BELLO, Adriana. Designers criam linha de roupas para pessoas cegas. **Aleteia**, 2018. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2018/09/09/designers-criam-linha-de-roupas-para-pessoas-cegas/>>. Acesso em 12 de março de 2021.

BONONI, Juliana. **Design do vestuário infantil: as texturas como experiência tátil para crianças deficientes visuais**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Curso de design da faculdade de arquitetura, artes e comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de mesquita filho”, Bauru, 2016.

BONONI, Juliana; CARVALHO, Juliano Amaral; DOMICIANO, Cássia Letícia Carrara; PINHEIRO, Olympio José; PASCHOARELLI, Luís Carlos; MEDOLA, Fausto Orsi. Aspectos Inclusivos do Design de Moda para Crianças com Cegueira. **15º ERGODESIGN**. 2015. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/281745669>> Acesso em 16 de abril de 2021.

CUNHA, Ana Cristina Barros da; ENUMO, Sônia Regina Fiorim; CANAL, Patrocínio Pedroza. Avaliação cognitiva psicométrica e assistida de crianças com baixa visão moderada.





**Revista Paidéia** (Ribeirão Preto) vol.21; Jan/Apr.2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2011000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2011000100005)>. Acesso em 25 de abril de 2021.

FEELIPA COLOR CODE. Disponível em: <<http://www.feelipa.com/pt/>>. Acesso em 16 de abril de 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em 25 de abril de 2021.

KRONE, Stela Matheus Ferreira; RIZZI, Suelen. **Desenvolvimento de vestuário para crianças com deficiência visual: uma abordagem inclusiva**. 2020. Disponível em: <[https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/1051/tcc.stela\\_matheus\\_ferreira\\_krone.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/1051/tcc.stela_matheus_ferreira_krone.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em 18 de abril de 2021.

MARCHI, S. R. **Design universal de código de cores tátil: contribuição de acessibilidade para pessoas com deficiência visual**. Curitiba: 2019. Tese (Engenharia Mecânica), Universidade Federal do Paraná, 2019

MENDES, Iris Brenda; LUCIAN, Rafael; ABREU, Nelson Rodrigues. Sensorial Merchandising: um experimento no varejo de moda para inclusão de consumidores cegos. **Revista de empreendedorismo e gestão de pequenas empresas**. Agosto/2018. p. 126-148. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/329853778>>. Acesso em 18 de abril de 2021.

OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli. Arte e Visualidade: a questão da cegueira. **Revista Instituto Benjamin Constant**. Setembro(2010). Disponível em: <[http://www.ibr.gov.br/images/conteudo/revistas/benjamin\\_constant/1998/edicao-10-setembro/Nossos\\_Meios\\_RBC\\_RevSet1998\\_Artigo2.doc](http://www.ibr.gov.br/images/conteudo/revistas/benjamin_constant/1998/edicao-10-setembro/Nossos_Meios_RBC_RevSet1998_Artigo2.doc)>. Acesso em 12 de março 2021.

OLIVEIRA, Ana Caroline Penha (2017). **Aspectos Lúdicos, Ergonômicos e Pedagógicos no Vestuário Infantil: Um estudo da marca fábula**. Fortaleza. 2017. Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26730/3/2017\\_tcc\\_acpdeoliveira.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26730/3/2017_tcc_acpdeoliveira.pdf)>. Acesso em 12 de março de 2021.

OLIVEIRA, Driéli Valério de; FAGANELLO, Laís Regina; ROSSI, Andressa; MEDOLA, Fausto Orsi; PASCHOARELLI, Luis Carlos. Aspectos Inclusivos da Moda com Foco nas Pessoas com Deficiência Visual. **ModaPalavra e-periódico**. Outubro (2015); p. 115-139.

Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/6719>>. Acesso em 25 de abril de 2021

SEE COLOR. Disponível em: <<https://seecolor.com.br>>. Acesso em 16 de abril de 2021.

SILVANA LOURO. Disponível em: <<https://www.silvanalouro.com.br/equal-moda-inclusiva>>. Acesso em 25 de abril de 2021.



## CULTURA ORGANIZACIONAL E COMUNICAÇÃO: FOCO NO COMPROMETIMENTO

### ORGANIZATIONAL CULTURE AND COMMUNICATION: FOCUS ON COMMITMENT

Débora Koch Berlitz; Maria Cristina Bhonenberger

Universidade Feevale

**Resumo:** Organizações reinventam-se constantemente e hoje mais do que nunca, tem direcionado os olhares aos colaboradores, porque o fator humano é a base principal de uma organização. Este artigo abordará temas importantes para o processo de gestão de pessoas enfatizando a importância da cultura organizacional e da comunicação no desenvolvimento do comprometimento organizacional.

**Palavras-chave:** comunicação, cultura, comprometimento organizacional.

**Abstract:** Organizations are constantly reinventing themselves and today more than ever, they have been looking at employees, because the human factor is the main basis of an organization. This article will address important issues for the people management process, emphasizing the importance of organizational culture and communication in the development of organizational commitment.

**Keywords:** communication, culture, organizational commitment.

## 1 INTRODUÇÃO

O cenário atual vem exigindo das empresas mudanças constantes. Ter um colaborador comprometido é uma forma de construir vantagem competitiva (Terra, 2021). A comunicação organizacional, vem se transformando de forma contínua e as organizações seguem atentas às mudanças buscando estratégias e elementos que ajudem a melhorar o processo de comunicação, visando o aumento do comprometimento do colaborador.

Cada organização mostra sua cultura através da sua identidade, ou seja, como ela se comporta, como ela trata e se relaciona com os colaboradores (Nassar, 2008). A cultura organizacional é evidenciada a partir dos valores, crenças e normas transmitidos aos colaboradores (Hartnell; Ou; Kinicki, 2011) E, segundo Schein (2004), há três níveis de cultura que podem orientar os comportamentos dos colaboradores. Para Cameron e Quinn (2006) os elementos culturais diferenciam e tornam uma organização única, pois a cultura refletirá aquilo que a organização preza e valoriza, ou seja, linguagem, rotina, definições e sua comunicação.

A comunicação é considerada um dos elementos fundamentais de divulgação da cultura organizacional (BUENO, 2003). A comunicação também está presente em todos os setores da organização, e é base do relacionamento e interação entre os indivíduos. Segundo Matos (2009)





a comunicação interna é utilizada como ferramenta para motivar, estimular e gerenciar os valores, missão e visão da organização.

A comunicação está presente dentro e fora das organizações, pois é ela que norteia o relacionamento e interação entre as pessoas. A partir de uma boa comunicação é possível estabelecer uma relação de confiança entre a empresa e os colaboradores. Ela também pode ser responsável por motivar a participação, por evidenciar os sentimentos dos colaboradores e trazer suas opiniões para a organização, assim se eles fazem parte desse processo de troca, se sentem valorizados pela organização (Matos, 2009). Neste sentido as estratégias e o próprio processo de comunicação pode ser utilizado para promover o comprometimento organizacional.

Neste contexto o objetivo deste estudo é descrever como a comunicação pode contribuir para alavancar o comprometimento dos colaboradores nas organizações. Desta forma, este artigo trará as estratégias de comunicação que possam ser utilizadas e será possível traçar um caminho para compreender de que forma podemos melhorar o comprometimento organizacional dos colaboradores.

A pesquisa se caracteriza como uma revisão teórica sobre os temas da cultura organizacional, comunicação e comprometimento organizacional. Assim, utilizar a comunicação como um processo dentro da cultura organizacional, pode evidenciar elementos importantes no ambiente das organizações, como estratégias que podem ser estimuladas e criadas, que pode contribuir/alavancar o comprometimento dos colaboradores nas organizações.

As próximas seções referem-se a comunicação e cultura organizacional, no que diz respeito ao conceito e como evidenciar a cultura da organização. Outra seção é dedicada à descrição do comprometimento organizacional e como está ligado diretamente a organização. Assim, para alinhamentos destes conceitos, as estratégias de comunicação serão abordadas ao final na seção que antecede as considerações finais.

## 2.0 COMUNICAÇÃO E CULTURA ORGANIZACIONAL

A comunicação está presente em todas as nossas relações, além disso a comunicação é a base para trocar informações com outras pessoas, sem ela não é possível transmitir ou informar sentimentos, valores, crenças e opiniões.





No que diz respeito ao conceito de comunicação Maximiano (2000), explica que, o processo de comunicação, refere-se tanto em receber, quando de troca. As informações são dados organizados que possibilitam a análise de situações e tomada de decisões”. Ou seja, a comunicação é a nossa base de relacionamento, precisamos e utilizamos ela para falar, comunicar e nos expressar.

Conforme Bueno (2009, p.6) a comunicação “é o espelho da cultura empresarial e reflete, necessariamente, os valores das organizações”. Desta forma, a cultura organizacional é conceituada da seguinte forma, é a junção de valores, crenças, missão, visão, mitos, o que essa organização pensa, o jeito dos gestores comandarem a organização, tipo de comunicação, comportamentos (BALDISSERA, 2000).

Para Iasbeck (2010) a comunicação é importante, porque é através dela que a organização poderá mostrar e evidenciar sua cultura, crenças, sentimentos e valores para os colaboradores. Importante destacar que cada organização possui suas características próprias e é através da comunicação que ela disseminará isso para seus colaboradores e consumidores.

A cultura organizacional é um conjunto de elementos que compõe os símbolos, normas, ideias, opiniões, ou seja, tudo aquilo que representa a organização, e são esses elementos que são a chave, pois será através deles que a organização poderá transmitir ao colaborador, suas características, sua essência, seu posicionamento, pois todos estes elementos refletem nos colaboradores (RIBEIRO, 2000).

Assim, a comunicação deve estar alinhada com a cultura organizacional, pois será possível utilizar a comunicação como uma ferramenta com os colaboradores, pois é através dela, que a organização conseguirá evidenciar e transmitir seus valores, após isso os colaboradores poderão se identificar com aquela cultura ou não. Contudo, se o colaborador se identificar com esses elementos, conseguirá se sentir pertencente naquela organização, estando mais disposto e comprometido (CASADO, 2002).

### **3.0 COMPROMETIMENTO ORGANIZACIONAL**

O comprometimento organizacional precisa ser constantemente administrado e trabalhado nas organizações. Pois, o colaborar precisa estar motivado/empenhado, além de se sentir pertencente aquela empresa, porque o comprometimento é uma base de troca. O colaborador comprometido, irá desempenhar sua função com mais determinação, podendo



assim auxiliar a organização, que pode vir a ser um diferencial competitivo em relação a outras organizações, que não valorizam o colaborador.

Segundo Medeiros e Enders (1998), o comprometimento está ligado a aceitação dos valores, crenças e objetivos da organização, ou seja, o colaborador precisa compreender e aceitar ou não esses elementos, assim podemos relacionar como uma base de troca, onde o colaborador compreende esses elementos e atua com base ou a partir deles.

O comprometimento também está relacionado ao sentimento, ou seja, “lealdade em relação a algo” Bastos (1994, p.86). O colaborador pode ou não ter compreendido ou estar de acordo com os valores, crenças e objetivos da organização, mas, ele está ligado a organização através do seu sentimento. O sentimento de que ele faz parte daquela organização e quer ser visto, lembrado e reconhecido por sua atividade, relacionamento e competência.

O fator humano é o pilar fundamental de qualquer organização, por isso, as empresas precisam olhar para o colaborador, compreender e analisar suas necessidades, mas da mesma forma, que o colaborador precisa estar alinhado com a organização, a organização precisar estar alinhada com ele (SANTOS, 1996).

Importante destacar que o ambiente organizacional nem sempre é harmonioso, tranquilo e estável para trabalhar, o que influencia diretamente no comportamento do colaborador, ou seja, a cultura organizacional interfere no comprometimento do colaborador. Então, além de estar lado a lado com o colaborador, escutar suas ideias, opiniões, é necessário manter ou estabelecer um ambiente de trabalho agradável (DAFT, 2002).

Segundo Medeiros (2003) o comprometimento organizacional pode ser classificado em:

### QUADRO 1 – TIPOS DE COMPROMETIMENTO ORGANIZACIONAL

<b>Afetivo</b>	<b>Normativo</b>	<b>Calculativo</b>
O colaborador conhece e se identifica com os objetivos e crenças da organização, onde possivelmente esse colaborador esteja comprometido e determinado com a organização.	O colaborador está muito comprometido com a organização, mas o sentimento é de obrigação moral, ou seja, o colaborador segundo normas e regras da sociedade acredita ser correto seguir na organização Meyer e Allen (1997).	Nesse conceito, o indivíduo segue na empresa, devido a custos e benefícios associados à sua demissão Meyer e Allen (1997).

**Fonte:** Adaptado Medeiros (2003)

O comprometimento organizacional está ligado ao empenho, engajamento e motivação do colaborador, mas isso não ocorre sozinho, a comunicação faz parte deste processo, a



comunicação é uma palavra derivada do termo latino "communicare", que significa "partilhar, participar algo, tornar comum", ou seja dentro da organização é necessário compartilhar sentimentos, crenças, valores, ou seja, evidenciar a cultura organizacional aos colaboradores, para que eles possam compreender e se identificar com a cultura da empresa, neste caso, podemos mencionar também que nem sempre o ambiente organizacional será apropriado ao colaborador e nem sempre será uma organização que está empenhada com foco na comunicação em ter colaboradores mais comprometidos.

Tonet e Paz (2006) abordam que quando o colaborador não está comprometido com a empresa, isso pode dificultar os processos, conhecimentos e ocasionar conflitos organizacionais. Bastos e Brito (2002) identificaram, a partir de um estudo, algumas ações organizacionais, que poderiam ser utilizadas para aumentar comprometimento organizacional. Este estudo foi desenvolvido para uma empresa petroquímica. Segundo os autores essas ações, são: a) Salário; b) Reconhecimento; c) Participação de Lucro; d) Respeito; e) Valorização do Colaborador; f) Autonomia; e, g) Sugestões.

Segundo os autores, estes são alguns elementos que contribuem para o comprometimento organizacional, são fatores importantes, porque se o colaborador não recebe incentivo, não é respeitado ou possui um salário baixo, como que ele irá trabalhar motivado? Por isso, utilizar de estratégias de comunicação é importante para a organização, pois é através delas que a empresa poderá difundir seus valores e crenças, além de comunicar de forma assertiva isso para seus colaboradores.

#### **4.0 ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO**

A comunicação faz parte da organização, pois ajuda a agregar sentimentos, valor a serviços ou produtos, assim uma organização que está junto com o colaborador, evidenciando seus processos, fortalecendo sua imagem e reputação, mostrando seu propósito e está realmente empenhada em possuir colaboradores comprometidos, consegue fortalecer sua marca e ainda ter uma vantagem competitiva no mercado, que hoje está diretamente relacionada à estratégia de comunicação (MATOS, 2009).

Neste sentido, a comunicação é o fio condutor dos relacionamentos, nada acontece sem que haja comunicação entre as pessoas. Ou seja, comunicar não é apenas informar ou receber





informações, mas a troca de valor, sentimentos, confiança e o relacionamento entre as pessoas (MATOS, 2009).

Contudo, existem diversas formas e jeitos para desenvolver estratégias de comunicação, o que pode ser feito de forma direta e indireta. O que diferencia o uso ou não das estratégias, partida da cultura da organização e qual o objetivo dela, para que assim as estratégias sejam elaboradas de acordo com a cultura organizacional da empresa. Nos Quadro 2 são detalhadas as estratégias que podem ser utilizadas. Assim, o ambiente organizacional, segundo Daft (2002, p. 122), são “todos os elementos que existem fora dos limites da organização e que têm o poder de afetá-la como um todo ou parte dela”. Desta forma, a organização conta com elementos internos e externos, que podem afetar a organização.

## QUADRO 2 – ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO

<b>AMBIENTE ORGANIZACIONAL</b>	Tentar/Manter ou possuir um ambiente harmonioso e tranquilo.
<b>COMUNICAÇÃO ABERTA</b>	Comunicação aberta com os colaboradores sobre metas e objetivos. Neste sentido, podem ser realizadas conversas e trocas de ideias em reuniões ou ocasiões não formais.
<b>OUVIR/ESCUTAR O COLABORADOR</b>	Escutar o colaborador, ter um momento de troca, conhecer a história dele.
<b>TROCAS DE INFORMAÇÃO COM GESTORES</b>	Saber o que ocorre dentro da organização, através das trocas com os gestores e cargos responsáveis.
<b>ESTIMULAR SENTIMENTOS</b>	Estimular a criatividade, comunicação e interação.
<b>DESCONTRAÇÃO</b>	Elaborar modelos de descontração.
<b>COMUNICAÇÃO INTERNA</b>	Folhetos motivacionais aos colaboradores, atualização de murais. Disponibilidade de uniformes aos colaboradores.
<b>COMUNICADOS/DECISÕES</b>	Buscar sempre comunicar decisões, eventos e demais situações primeiramente aos colaboradores e depois colocar nas mídias.

Fonte: Adaptado Sigbad (1974)

A comunicação aberta, segundo Ferreira (2004), traz justamente o elemento de comunicar, onde a comunicação aberta está relacionada em unir, ligar e compartilhar, são conversas e trocas de ideias. Assim, essa troca envolve escutar o colaborador, ter esse momento de troca, poder conhecer a história dele e também saber o que ocorre dentro da organização, através das trocas com os gestores ou cargos responsáveis. E assim, utilizar folhetos motivacionais aos colaboradores, atualização de murais e disponibilidade de uniformes aos colaboradores.



Do mesmo modo, a criatividade tem atraído olhares nas organizações, os colaboradores comprometidos com a empresa, acabam conhecendo suas crenças e valores, conseguem tomar decisões imediatas em situações que necessitam ser rápidas (ALENCAR, 1996). Por isso, como resultado estimular a criatividade, comunicação e interação entre os colaboradores se faz necessário em uma organização, permitir que o colaborador auxilie nos processos de desenvolvimento e criação de serviços e produtos pode ser relevante para talvez solucionar um problema, que antes não havia sido visto (CATMULL; WALLACE, 2014).

O comprometimento pode ser estimulado em um ambiente de descontração, que pode ser feito a partir de ferramentas de comunicação e técnicas de criatividade. Pois, juntos os colaboradores podem favorecer o desempenho neste ambiente de descontração, onde farão trocas de ideias e conhecerão as diferenças e semelhantes entre os colaboradores (KING; SCHLICKSUPP, 1999) E, por fim, comunicar decisões, eventos e demais situações, sejam internas ou externas primeiramente aos colaboradores e depois aos canais de comunicação sejam impressos ou digitais (SIBAG, 1974).

## 6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os elementos teóricos abordados ao longo deste artigo, pode-se perceber que a cultura organizacional é importante, porque cada organização possui sua cultura e, conseqüentemente, seus valores, crenças e sentimentos e seu modo de agir e tratar os colaboradores. O que a torna única.

A cultura organizacional são todos esses elementos que a empresa carrega com ela e estes são transmitidos ao colaborador (RIBEIRO, 2000). Nesse sentido, a comunicação é o fio condutor entre a organização e o colaborador, porque a empresa precisa se comunicar com o colaborador não apenas transmitir informações, porque a comunicação é a base do relacionamento entre as pessoas.

Quando o colaborador se sente motivado e engajado com a empresa, os processos tendem a seguir um bom caminho, mas quando este colaborar não está comprometido com organização, os processos tendem a gerar conflitos. Mas, no que diz respeito ao conceito de comprometimento organizacional, a autora compreende que necessitam avanços nos estudos e pesquisas sobre o conceito. Pois, com a ampliação do estudo é possível trabalhar e analisar o





comprometimento organizacional de uma forma mais assertiva, porque o ambiente organizacional muda constantemente, assim como as pessoas.

Gerenciar as diferenças nas organizações é um desafio, porque tanta organização quando os colaboradores precisam estar alinhados em um mesmo objetivo, para que tanto os processos, comunicação e estratégias consigam ser utilizadas com maior assertividade.

Nesse sentido, o colaborador é um fator importante na organização, por isso, as estratégias de comunicação são relevantes para a criação de fluxos, caminhos, processos e uma comunicação mais assertiva, alinhados com uma comunicação aberta e focada no colaborador. Por isso, dar autonomia, deixar o colaborador participar, trazendo sugestões, ideias e a sua opinião, se faz necessário. Porque ele é a base do processo e pode contribuir com fatores que antes não eram vistos. O comprometimento organizacional pode ser afetado pelo processo de comunicação utilizado pela empresa, pois a comunicação é base para se relacionar com os colaboradores e este relacionamento pode ter um impacto significativo no comprometimento.

## 7.0 REFERÊNCIAS

ALENCAR, E.S. de. **A Gerencia da Criatividade**. São Paulo: Makron Books, 1996.

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação organizacional. In: **Comunicação organizacional. O treinamento de recursos humanos como rito de passagem**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2000, pp. 13-39

BASTOS, A. V. B. **Comprometimento no trabalho: a estrutura dos vínculos do trabalhador com a organização, a carreira e o sindicato**. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília. 1994.

BOSSIDY, L. **A receita da execução**. HSM Management, v. 4, n. 51, Ano 9, p. 40-44, jul./ago., 2005.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação empresarial: teoria e prática**. Barueri, São Paulo: 2003.

CAMERON, K.S.; QUINN, R.E. **Diagnosing and changing organizational culture**. San Francisco: Jossey-Bass, 2006.

CASADO, T. **O indivíduo e o grupo, a chave do desenvolvimento**. São Paulo: Gente, 2002

CATMULL, E.; WALLACE, A. **Criatividade S.A.: Superando as forças invisíveis que**

ficam no caminho da verdadeira inspiração. Tradução Nivlado Montingelli Jr. – 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2014

DAFT, R. L. **Organizações: teoria e projeto**. São Paulo: Pioneira, 2002.





FERREIRA, N.S.C. **Gestão democrática da educação: ressignificando conceitos e possibilidades.** In: FERREIRA, N.S.C.; AGUIAR, M.A. Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

Hartnell, C. A., Ou, A. Y., & Kinicki, A. (2011). **Organizational culture and organizational effectiveness: A meta-analytic investigation of the competing values framework's theoretical suppositions.** Journal of Applied Psychology, 96(4), 677-694.  
<http://dx.doi.org/10.1037/a0021987>

IASBECK, Luiz Carlos Assis. **A cultura e o discurso da cultura nos contextos organizacionais.** In. MARCHIORI, Marlene (Org.). Faces da cultura e da comunicação organizacional. Vol. 2. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2010.

KING, B.; SCHLICKSUPP, H. **Criatividade: uma vantagem competitiva.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999

MATOS, Gustavo Gomes; **Comunicação sem complicação**; 2. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

MAXIMIANO, António C. A. (2000) - **Introdução à administração**, Atlas, São Paulo.  
MEDEIROS, C. A. F.; ENDERS, W. T. E. Validação do modelo de conceitualização de três componentes do comprometimento organizacional (Meyer e Allen, 1991). **Revista de Administração Contemporânea.** RAC, v.2, n.3, p.67-87, set./dez. 1998

MEDEIROS, C.; SIQUEIRA, M.; MARQUES, G. Comprometimento organizacional: o estado da arte da pesquisa no Brasil. **Revista de Administração Contemporânea.** V. 7, n. 4. 2003.  
NORMAN, B. Sigband, **“What’s Happening To EMPLOYEE Commitment?”** Personnel Journal (Fevereiro de 1974), p.133-35.

PEREIRA, Diulnéia. MARCHI, Adriela. LIDERANÇA TRANSFORMACIONAL E

COMPROMETIMENTO ORGANIZACIONAL: um ensaio teórico sobre essa relação.  
**Revista das Faculdades Integradas Vianna Junior**, V.6 N.1, Juiz de Fora, Jan/Junh 2016 - ISSN 2177-3726. Disponível: <https://www.viannasapiens.com.br/revista/article/view/159/145>.  
PINHEIRO, Cristiano Max Pereiro. SCHREIBER, Dusan. HAUBERT, Bruna. Técnicas de Criatividade como meio facilitador do processo criativo nas organizações. **Revista Intenamericana de Comunicação Midiática**, E-ISSN 2175-4977, v.15 n.30, p.4-7, 2016.

SANTOS, Raimundo N. Macedo dos. Sistemas de informação estratégicas para a vitalidade da empresa. **Ciência da Informação. Brasília**, v. 25, n. 1, p.12-14, jan/abr.1996

SILVA, J. C. R.; Vieira, E. T.; Rodrigues, J. L. K. **Revista Gestão.Org**, v. 12, n. 2, 2014. p 173-184 . ISSN 1679-1827  
Schein, E. H. (2004). **Organizational culture and leadership.** San Francisco, CA: Jossey-Bass

SILVA, Lindomar. CASTRO, Miguel. SANTOS, Marcos. **Influência da Cultura Organizacional Mediada pelo Assédio Moral na Satisfação no Trabalho.** Disponível em <http://www.anpad.org.br/rac> RAC, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, art. 5, pp. 249-270, março/abril, 2018.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

TERRA, Carolina Frazon. **Marcas influenciadoras digitais: como transformar organizações em poderosas de conteúdo digital** / Carolina Frazon Terra – São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2021.

TONET, H.C e PAZ, M.G.T. **Um modelo para o Compartilhamento de Conhecimento no Trabalho**. In: Revista de Administração Contemporânea. Rio de Janeiro: ANPAD, 2006.





## DPOC E SUAS IMPLICAÇÕES NA FUNCIONALIDADE E SOCIABILIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

### COPD AND ITS IMPLICATIONS ON FUNCTIONALITY AND SOCIABILITY: AN EXPERIENCE REPORT

Izabela Silva de Souza (autônoma); Fernanda Silva de Souza Rodrigues (Universidade Feevale)

**Resumo:** As DPOC são um conjunto de doenças que atingem desde as pequenas vias aéreas (bronquiolites obstrutivas) até a destruição do parênquima pulmonar (enfisema pulmonar), podendo apresentar tais características somadas dependendo do indivíduo. O objetivo geral do estudo foi discutir a importância da assistência em saúde na funcionalidade e sociabilidade de pacientes com DPOC. Trata-se de um relato de experiência realizado através de vivências em atendimentos fisioterapêuticos de uma paciente específica. Os resultados apontam que há uma importante redução na funcionalidade destes pacientes, implicando diretamente no seu cotidiano e com consequente redução da sociabilidade destes indivíduos.

**Palavras-chave:** Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica 1. Funcionalidade 2. Sociabilidade 3.

**Abstract:** COPD is a group of diseases that affect from the small airways (obstructive bronchiolitis) to the destruction of the lung parenchyma (pulmonary emphysema), and may present these characteristics added up depending on the individual. The general objective of the study was to discuss the importance of health care in the functionality and sociability of patients with COPD. It is an experience report carried out through experiences in physiotherapeutic consultations of a specific patient. The results indicate that there is an important reduction in the functionality of these patients, directly affecting their daily lives and with a consequent reduction in the sociability of these individuals.

**Keywords:** Chronic Obstructive Pulmonary Disease 1. Functionality 2. Sociability 3.

## 1 INTRODUÇÃO

As Doenças Pulmonares Obstrutivas Crônicas (DPOC) compõe um grupo de doenças que atingem desde as pequenas vias aéreas (bronquiolites obstrutivas) até a destruição do parênquima pulmonar (enfisema pulmonar), podendo apresentar tais características somadas dependendo do indivíduo (GOLD, 2019).

Segundo a Organização Mundial de Saúde, aproximadamente 250 milhões de pessoas são acometidas pelas Doenças Pulmonares Obstrutivas Crônicas (DPOC). Tornando-se a 3ª causa de morte no mundo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019)

Existem diferentes níveis para classificar a gravidade da DPOC. Contudo, a iniciativa global para DPOC (GOLD, 2019) recomenda que a gravidade da doença seja classificada utilizando o grau de obstrução do fluxo aéreo, o perfil de sintomas e a frequência das exacerbações. Quanto maior a gravidade, maior são as limitações funcionais apresentadas por



estes pacientes. Nos casos mais graves apresentam dispneia severa aos pequenos esforços, resultando numa incapacidade de autonomia nas suas atividades de vida diária.

A sociabilidade é outro fator que está prejudicado nos indivíduos portadores de DPOC pois devido as suas limitações funcionais importantes, adicionada muitas vezes ao uso de oxigênio terapia domiciliar prolongada, acabam se isolando e prejudicando sua saúde mental e consequente qualidade de vida.

Sendo assim, esse estudo tem como objetivo discutir a importância da assistência em saúde na funcionalidade e sociabilidade de uma paciente com doença pulmonar obstrutiva crônica.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

As DPOC são doenças na maioria dos casos irreversíveis, evitáveis e tratáveis que se caracterizam por sintomas respiratórios persistentes e limitação do fluxo aéreo. Em uma parcela substancial da população são ocasionadas por exposições prolongadas a partículas ou gases nocivos, principalmente o Tabaco (GOLD, 2019).

O portador de DPOC é classificado de acordo a gravidade do seu quadro clínico de I a IV, sendo I considerado leve, II moderado, III grave e IV estados muito graves da doença (GOLD, 2019). Nos casos leves, o paciente não apresenta uma grande alteração na sua função pulmonar e nem dificuldades nas atividades de vida diária. Conforme os sintomas se agravam, as exacerbações são mais intensas e frequentes, afetando diretamente a qualidade de vida e o índice de dependência funcional (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013). Os efeitos negativos do DPOC resultam em incapacidades durante as atividades físicas e de vida diária. Segundo Yekefallah et. Al. (2019), uma das principais causas de incapacidade destes pacientes é a dispneia.

## 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse estudo é um relato de experiência. As discussões presentes no texto são oriundas de um atendimento realizado a uma mulher internada no Centro de Terapia Intensiva em um hospital público da região metropolitana.

A pessoa em questão, era uma mulher de 56 anos de idade.





## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Paciente M.R.S, sexo feminino, 56 anos. Foi internada no hospital com diagnóstico de DPOC exacerbada. Apresentava queixa de dor ventilatório dependente e dispneia, o que gerava muita dificuldade para respirar. No mesmo dia, à noite, foi entubada.

Como histórico da doença atual temos uma mulher adulta com DPOC muito grave (IV), hipoxemia e acidose respiratória crônica, oxigenoterapia domiciliar há mais de 5 anos, resultando em diversas crises de exacerbação da doença, perdendo a função renal ao longo das internações, necessitando de hemodiálise. Hipertensa, diabética, insuficiente cardíaca, obesa e com traqueostomia permanente.

Os pacientes que vivem com hipoxemia apresentam importante comprometimento físico, psíquico e social com deterioração da qualidade de vida. Além disso, esses pacientes apresentam repetidas complicações, com numerosas internações hospitalares. O uso de oxigenoterapia domiciliar melhora a qualidade e prolonga a expectativa de vida em pacientes portadores de DPOC com hipoxemia crônica (JORNAL BRASILEIRO DE PNEUMOLOGIA, 2000).

No histórico social apresenta tabagismo pesado há 30 anos, cessado no momento em que a doença se tornou mais grave (paciente não sabia estipular quando). A cessação do tabagismo, com base na terapia cognitivocomportamental e farmacoterapia, é a primeira medida a ser tomada no tratamento das pneumopatias e resulta em importantes benefícios, tais como redução das exacerbações e hospitalizações; redução dos sintomas respiratórios; melhora da qualidade de vida; redução das limitações para as atividades diárias; melhora do controle das comorbidades; melhora da resposta aos broncodilatadores e corticoides inalatórios; maiores chances de sobrevivência; maior controle da dor; elevação da autoestima (SALES, ET. AL. 2019).

Nos pacientes portadores de DPOC, os principais sinais e sintomas em detrimento dos quadros de obstrução estão: dispneia persistente, tosse crônica com produção de secreção, fadiga e infecções recorrentes no trato respiratório inferior (SHAH, ET. AL. 2013), todos estes sintomas eram muito presentes nesta paciente, que apresentava internações hospitalares recorrentes (de 3 a 4 meses de diferença entre elas), onde em cada internação estava com o quadro mais exacerbado e apresentava maiores limitações funcionais.

Sabe-se que as internações hospitalares são responsáveis pelo aumento do custo econômico para todos os sistemas de saúde e que reduz as chances de o paciente ter um





prognóstico favorável. Nesse sentido, a assistência em saúde deve estar focada na manutenção da máxima capacidade funcional do doente pelo maior tempo possível, buscando preservar sua autonomia e vivência qualificada em suas casas (VERAS, 2012).

Era uma paciente que demandava de um grande suporte ventilatório, com parâmetros altos na ventilação mecânica invasiva, para manter uma saturação entre 89-91%, não ultrapassando 94% após a retirada das secreções com aspiração de vias aéreas.

Devido ao quadro, apresentava fraqueza muscular importante, tanto em membros superiores quanto inferiores, segundo Adami, et. al. (2016) a disfunção muscular esquelética é uma das manifestações extrapulmonares mais importantes que prejudicam a qualidade de vida dos pacientes com DPOC. A paciente conseguia realizar sozinha as trocas de postura no leito, mas não conseguia ir para sedestação e ortostase sem auxílio.

Outra possível explicação para a fraqueza muscular da paciente é a baixa capacidade oxidativa muscular que os pacientes DPOC apresentam, que também contribui consideravelmente no aumento dos sintomas respiratórios e na redução da resistência muscular e da qualidade de vida destes indivíduos (ADAMI, ET. AL. 2020).

De acordo com Minayo e Coimbra Junior (2004) o indivíduo em processo de envelhecimento vivencia inúmeras perdas e a capacidade funcional é uma delas e tem importante impacto na vida desses sujeitos. A sociedade enxerga o corpo dos indivíduos como um meio de pertencimento social, de produtividade e nesse sentido, quando o indivíduo tem seu corpo alterado e menos funcional pode sentir-se incapaz e é, muitas vezes, marginalizado.

Segundo dados do IBGE (2019), atualmente a expectativa de vida de uma mulher no Brasil é de 80 anos e neste caso temos uma mulher em processo de envelhecimento, com 56 anos e graves limitações, além de um prognóstico reservado devido a escolhas não saudáveis durante a sua vida que culminaram na doença atual. Uma das probabilidades dessas escolhas se dá devido à baixa educação em saúde que temos nos dias de hoje. Esta paciente se enquadrava em um cenário mais precário, com maior descuido e desleixo.

A educação em saúde é entendida como um processo educativo de construção de conhecimentos, que visa à apropriação da temática pela população (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006). Refere-se a práticas que auxiliam para uma maior autonomia individual e coletiva da população e para a discussão com profissionais e gestores, objetivando o alcance de uma atenção à saúde dentro das necessidades dos indivíduos e das comunidades, promovendo uma melhor qualidade de vida e saúde da população (FALKENBERG, 2013).





Na maioria das vezes, são transmitidos entre gerações conhecimentos, valores e questões culturais, e isso pode ser um dos motivos pelos quais os filhos e familiares desta paciente não a visitavam e não davam atenção à ela. Era uma paciente que não recebia visitas regularmente e reclamava muito disto. Este fator a deixava triste e cada vez menos disposta a realizar os tratamentos propostos para tentar melhorar o seu quadro clínico.

De acordo com Goldenberg (2013) o indivíduo necessita sentir-se seguro para que possa viver uma vida confortável e a família, amigos, saúde, trabalho e dinheiro são fundamentais para esse processo. Essas questões trazem significado as suas vidas e dão sentido a elas. A paciente em questão é um exemplo de alguém que necessita de apoio e incentivo para ressignificar sua vida.

Pacientes portadores de DPOC geralmente apresentam uma redução na qualidade de vida devido aos sintomas crônicos, principalmente a dispneia e a dificuldade para realizar atividades cotidianas acarretando em problemas psicológicos como depressão e ansiedade. Segundo Manguiera e colaboradores (2009) o reduzido condicionamento físico desencadeia restrições nas atividades de vida diária destas pacientes, isolando-as do convívio social e prejudicando suas relações pessoais e familiares.

Autores sugerem que a qualidade de vida e o nível de depressão e ansiedade representam correlação com a capacidade funcional, aspecto social e saúde mental em pacientes com DPOC (DE LIMA, ET. AL., 2020 e CARVALHO ET. AL., 2007).

Sendo assim, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, as bases para que o indivíduo tenha um envelhecimento bem sucedido estão em políticas que sejam integradoras e afirmativas, que busquem oferecer equidade de acesso aos serviços de saúde, que busquem promover saúde e prevenir doenças, favorecendo assim, a vivência qualificada, com autonomia, inclusão social e sentido de vida (VERAS, 2012)

Ainda, sabe-se que o envelhecimento saudável é resultado da interação das múltiplas dimensões do sujeito, sendo a sua saúde física e mental, autonomia para realização das atividades da vida diária, participação social e independência econômica. Nesse sentido, faz-se necessário um movimento social que deixe de enxergar o envelhecimento como um problema e sim que positive o envelhecimento, buscando reforçar os papéis desses indivíduos dentro das suas família e da própria sociedade, construindo assim, padrões de vida adequados aos que estão em processo de envelhecimento (VERAS, 2012; MINAYO E COIMBRA JUNIOR, 2004).





Com o envelhecimento da população mundial, segundo os mesmos autores, faz-se necessário que as equipes multidisciplinares de assistência em saúde enxerguem esses indivíduos como atores sociais e políticos que são e, que voltem suas ações para a valorização da subjetividade de cada um desses indivíduos.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este relato de experiência foi possível observar a importância da equipe multidisciplinar e da assistência em saúde, na medida em que a saúde é multidimensional. A paciente em questão apresentava inúmeras dificuldades, que eram físicas, psicológicas e sociais. Neste sentido, faz-se necessária uma atuação e interação de toda a equipe para que esta paciente possa recuperar a sua saúde, melhorar a sua qualidade de vida, na busca por um envelhecimento bem sucedido.

## 5 REFERÊNCIAS

Global Initiative for Chronic Obstructive Lung Disease. Global Strategy for the Diagnosis, Management, and Prevention of Chronic Obstructive Pulmonary Disease. 2020.

Goldenberg, Mirian. Corpo, envelhecimento e felicidade. VERAS, R. Novos desafios para o jovem país envelhecido. 1ª ed. Editora: Civilização Brasileira, 2012.

Goldenberg, Mirian. A bela velhice. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

Minayo, M. C. S; Coimbra JR. Antropologia, Saúde e Envelhecimento. ISBN: 85-7541-008-3. 2ª reimpressão: 2011. 1ª reimpressão: 2004 (1ª edição: 2002).

Ministério da Saúde. Todos juntos para combater a DPOC: Dia Mundial da Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica. 2019.

Ministério da Saúde. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas: Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica. 2013.

Yekefallah, Leili; ZOHAL, Mohammad; Keshavarzsarkar, Ommolbanin; Barikani, Ameneh; GHERAATI, Maryam. Comparing the effects of upper limb and breathing exercises on six-minute walking distance among patients with chronic obstructive pulmonary disease: a three-group randomized controlled clinical trial. *Advances In Respiratory Medicine*, Irã, v. 87, ed. 2, p. 1-6, 2019.

Shah S, Nahar P, Vaidya S, Salvi S. Upper limb muscle strength & endurance in chronic obstructive pulmonary disease. *Indian J Med Res*. 2013.





Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE: Expectativa de vida dos brasileiros aumenta para 76,3 anos em 2018. Censo 2021. 2019.

Brasil. Ministério da Saúde. Portaria MS/GM nº 2.528, de 20 de outubro de 2006. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Diário Oficial da União. 19 out. 2006.

Falkenberg, Miriam Benites; Mendes, Thais de Paula Lima; Moraes, Eliane Pedrozo; De Souza, Elza Maria. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. *Ciência e Saúde Coletiva*, p. 1-6, 2013.

Adami A, Cao R, Porszasz J, Casaburi R, Rossiter HB. Reproducibility of NIRS assessment of muscle oxidative capacity in smokers with and without COPD. *Respir Physiol Neurobiol*. 2017.

Adami A, Corvino RB, Calmelat RA, Porszasz J, Casaburi R, Rossiter HB. A capacidade oxidativa muscular é reduzida nos membros superiores e inferiores na DPOC. *Med Sci Sports Exerc*. 2020.

Sales, Maria Penha Uchoa *et al.* Atualização na abordagem do tabagismo em pacientes com doenças respiratórias. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, Fortaleza-CE, p. 1-17, 2019.

Mangueira, Nilton Maciel; Veiga, Isabel Lucena; Mangueira, Melissa de Almeida Melo Macie; Pinheiro, Alcimar Nunes; Costa, Maria do Rosário da Silva Ramos. Correlação entre parâmetros clínicos e qualidade de vida relacionada à saúde em mulheres com DPOC. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, p. 1-8. 2009.

De Lima, César de Andrade; De Oliveira, Regina Celia; De Oliveira, Simone Andrade Gonçalves; Da Silva, Mônica Alice Santos; Lima, Alcione de Andrade; Andrade, Maria Sandra; Pinho, Clarissa Mourão. Qualidade de vida, ansiedade e depressão em pacientes com doença pulmonar obstrutiva crônica. *Revista Brasileira de Enfermagem*, p. 1-7. 2020.

Carvalho, Neide Suzane; Ribeiro, Priscila Robles; Ribeiro, Marcos; Nunes, Maria do Patrocínio Tenório; Cukier, Alberto; Stelmach, Rafael. Asma e doença pulmonar obstrutiva crônica: uma comparação entre variáveis de ansiedade e depressão. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, p. 1-6. 2007.

Oxigenoterapia domiciliar prolongada (ODP). *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, São Paulo, v. 26, n. 6, p. 341-350, Dec. 2000.





## CINEMA E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES INICIAIS A PARTIR DO PROJETO “CINEMINHA NA ESCOLA” DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE VIGIA DE NAZARE (PA)

CINEMA AND EDUCATION: INITIAL REFLECTIONS FROM THE “CINEMINHA AT  
SCHOOL” PROJECT OF A SCHOOL IN THE MUNICIPALITY OF VIGIA DE NAZARÉ  
(PA)

André Felipe da Costa Cunha; Douglas Junio Fernandes Assumpção

Universidade da Amazônia

**Resumo:** Este material faz reflexão inicial sobre a inserção de cinema, na figura de filmes, no currículo de uma escola pública de ensino fundamental de Vigia de Nazaré (PA), analisando importância da introdução do cinema no contexto curricular escolar, considerando o potencial de ser utilizado como recurso didático. A pesquisa discute sobre estas possibilidades metodológicas inovadoras, tendo como pressuposto que o cinema ocupa um importante lugar na sociedade, sendo um campo de manifestações culturais, sociais e históricas, carregando um potencial significativo a ser utilizado em sala de aula. Por isso, conhecer a linguagem que o cinema utiliza e aborda-la com o público infantil, possui uma relevância importantíssima para o desenvolvimento da capacidade interpretativa dos alunos diante de um mundo predominado pelo audiovisual.

**Palavras-chave:** Cinema. Educação. Linguagem Cinematográfica.

**Abstract:** This material makes an initial reflection on the insertion of cinema, in the figure of films, in the curriculum of a public elementary school in Vigia de Nazaré (PA), analyzing the importance of introducing cinema in the school curriculum context, considering the potential to be used as a didactic resource. The research discusses these innovative methodological possibilities, assuming that cinema occupies an important place in society, being a field of cultural, social and historical manifestations, carrying a significant potential to be used in the classroom. Therefore, knowing the language that cinema uses and approaching it with children, has an extremely important relevance for the development of students' interpretive capacity in the face of a world dominated by audiovisual.

**Palavras-chave:** Cinema. Education. Cinematographic language.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente paper visa em tecer algumas reflexões sobre uso de filmes, como instrumento pedagógico, para auxiliar na construção do conhecimento na escola. Assim acredita-se que as linguagens, um dos elementos apresentado na produção cinematográfica, possui uma gramática variável, vocabulário próprio e que acabam refletindo no sistemas culturais do indivíduo.

Aproximar a área do Cinema com a Educação, é perceber os dois campos integrados com universo da Cultura, podendo o espectador construir novos conhecimentos, desconstruir percepções, refletir a respeito de outras realidades culturais. (BOURDIEU, 2007)





Estudar sobre a relação entre a linguagem cinematográfica como um elemento presente no Currículo Escolar consiste em perceber as possibilidades metodológicas oferecidas por esta relação na construção de subsídios teórico-metodológicos para a apropriação dos professores em relação as múltiplas facetas do cinema, que vão desde o seu surgimento até o momento atual.

A fim de exemplificar as reflexões iniciais sobre cinema e educação apresenta-se, durante o desenvolvimento deste material, o projeto “cineminha na escola” um projeto de uma escola pública no Município de Vigia de Nazaré no Estado do Pará. Que permitira, inicialmente refletir sobre o trabalho pedagógico, a fim de observar as experiências pedagógicas inovadoras na escola, contribuindo para o fomento de uma visão crítica por parte dos estudantes em relação as produções audiovisuais e aos conteúdos nelas trabalhados

Estudar sobre a relação entre a linguagem cinematográfica como um elemento presente no Currículo Escolar e a serviço das possibilidades metodológicas oferecidas por esta relação é essencial para a construção de subsídios teórico-metodológicos para a apropriação dos professores em relação as múltiplas facetas do cinema, que vão desde o seu surgimento até o momento atual. Assim como, permite refletir sobre o trabalho pedagógico, a fim de propor experiências pedagógicas inovadoras na escola, contribuindo para o fomento de uma visão crítica por parte dos estudantes em relação as produções audiovisuais e aos conteúdos nelas trabalhados.

## 1. REFLEXÕES INICIAIS ENTRE CINEMA EDUCAÇÃO

A capacidade do cinema em comunicar idéias está totalmente relacionada a sua forma de organizar estas informações, ou seja, da linguagem que este utiliza. Linguagem esta que foi construída no decorrer dos anos em um processo de evolução de aparatos e técnicas, que o transformam em um dos meios comunicacionais mais populares e utilizados no mundo inteiro.

A evolução do cinema enquanto linguagem culminou na atual configuração que possuem os filmes. Elementos como o movimento da câmera, ângulos, iluminação, cor, sonoplastia, e principalmente a montagem, que é o momento em que todos esses componentes se juntam gerando uma obra complexa e que só existe pela combinação desses e outros fatores. Assim chega-se à conclusão de que os elementos constitutivos da linguagem cinematográfica



não têm em si significação predeterminada: a significação depende essencialmente da relação que se estabelece com outros elementos (BERNADET, 2012, p. 42).

O mesmo autor aponta para a forma narrativa como o cinema se comunica com o espectador através dos elementos que constituem a sua linguagem, demonstrando a evolução citada anteriormente, ressaltando o fato que este foi capaz de trabalhar com narrativas construídas relacionando tempos e espaços diferentes em uma mesma cena, observando que “um salto qualitativo é dado quando o cinema deixa de relatar cenas que se sucedem no tempo e consegue dizer: "enquanto isso". (BERNADET, 2012, p.35).

Essa evolução no cinema (mais especificamente na sua linguagem) possibilitou aos cineastas uniformizar a maneira de fazer filmes ao mesmo tempo que imprime sua personalidade/visão/identidade ao fazê-lo. O modo de filmar foi-se aprimorando à medida em que os múltiplos profissionais que faziam parte do processo iam adquirindo experiência e se aperfeiçoando, assim como as tecnologias disponíveis avançavam. Conseguia-se, assim, um modelo fabril a ser seguido e aproveitado, já que agilizava o processo. Sobre isso:

Ao longo de seus mais de cem anos, a gramática cinematográfica criou uma linguagem profundamente rica; fruto da articulação de códigos e elementos distintos: imagens em movimento, luz, som, música, fala textos escritos; o cinema tem a seu dispor infinitas possibilidades de produzir significados (DUARTE, 2009, p. 33).

Do ponto de vista do espectador, a interpretação das mensagens manifestadas em um filme é capaz de ser absolutamente diversa, variando de acordo com cada pessoa. Não obstante, vamos nos remontar a um conceito trazido por Duarte (2009), chamando atenção para o fato de que os filmes possibilitam e ao mesmo tempo exigem para sua compreensão uma “competência para ver”, que consiste em uma capacidade de analisar as obras cinematográficas compreendendo profundamente os conteúdos, os significados e as manifestações culturais imersas no filme.

Nesta perspectiva, podemos afirmar que é possível desenvolvermos uma capacidade interpretativa em relações a obras cinematográficas de acordo com as experiências vividas com os filmes assistidos e o conhecimento acumulado sobre os aspectos constituintes da linguagem do cinema. Essas são informações primordiais quando aproximamos o Cinema da Educação. Os professores tem a possibilidade de, ao utilizarem filmes como ferramentas pedagógicas, ampliarem suas abordagens para além do conteúdo programático relacionado à película, mas



sim, oferecendo subsídios para que os alunos alcancem uma aprendizagem mais significativa em relação aos temas trabalhados e, ainda, um olhar crítico para outras obras audiovisuais.

O conhecimento sobre o Cinema e a sua gramática não deve estar a cargo apenas dos especialistas da área (DUARTE, 2009). A escola deve buscar aprofundar-se neste assunto de forma a preparar o aluno para a compreensão do mundo em que vivemos. Uma única obra pode ser explorada de maneira inestimável, como afirma Napolitano (2013, p.11) utilizar o cinema como ferramenta “é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte”.

Em suma, o trabalho escolar deve estar sempre atento aos movimentos realizados pela sociedade, buscando a aproximação dessas questões para melhor compreendê-las e preparar os alunos para lidarem com as realidades que se apresentem. Assim, é primordial entender que o currículo possui um dinamismo e uma complexidade que depende do contexto em que é vivido. Neste sentido, afirma Oliveira e Sússekind (2012, p. 108) que “o currículo tem que ser entendido como a cultura real que surge de uma série de processos, mais que como um objeto delimitado e estático que se pode planejar e depois implantar”.

Constitui-se, assim, uma influência que a linguagem audiovisual exerce no nosso cotidiano. Estamos envolvidos de meios que se utilizam desta forma de comunicação para transmitir seus conteúdos e informações, alcançando pessoas de todas as idades e maneiras diferentes. O encontro entre cinema e Educação é inegável quando nos inclinamos para observar o cotidiano escolar e, desta forma, podemos perceber que essa aproximação se dá constantemente através das abordagens pedagógicas utilizadas pelos professores que utilizam filmes como ferramenta pedagógica. Entretanto, esse trabalho se dá de diversas formas, normalmente orientado pelo conteúdo programático que se busca trabalhar para dar conta dos parâmetros curriculares de determinada realidade.

No entanto, a relação estabelecida entre espectador (neste caso, os alunos) e o cinema, vai muito além desses momentos em sala de aula, pois os filmes (conteúdos audiovisuais) fazem parte do cotidiano dos alunos em diversos contextos sociais e territoriais possíveis, como exemplo o projeto “cineminha na escola”, da cidade de Vigia de Nazaré, no Estado do Pará.





## **CINEMINHA NA ESCOLA – UM PROJETO ESCOLAR DO MUNICÍPIO DE VIGIA DE NAZERÉ NO ESTADO DO PARÁ.**

O Projeto estudado chama-se “Cineminha na Escola” e ocorre em algumas escolas do Município, sendo parte de um Projeto Anual da Secretaria de Educação para incentivo à leitura, tendo como público-alvo os alunos da Educação Infantil. As atividades variam entre a contação de histórias, teatralização, “Varal da Leitura”, Reconto de histórias por meio de desenhos e a exibição de vídeos animados. Em relação a este último item (objeto deste trabalho), consiste em atividades de exibição de filmes, de acordo com a faixa etária dos alunos e selecionadas a partir de temáticas mensais. A partir da exibição, são propostas então outras atividades como rodas de conversa, atividades escritas e práticas relacionadas as temáticas abordadas nos filmes.

Um aspecto importante de ser ressaltado é a participação da família no processo, tendo em vista que este público, por razões socioeconômicas, não frequentam salas de cinema. Entretanto, através destas atividades elas tem a oportunidade de aprender/conhecer diferentes culturas, idiomas, valores, percorrer caminhos lúdicos por meio das lentes das câmeras. Desta forma, fica evidenciado o movimento de aproximação do cinema com parte da população de Vigia, sendo a escola o canal, a ponte para esse contato tão presente na vida das pessoas.

Para Merten (1990), o cinema é um brinquedo onde a criança acha reflexos e expressões de sua própria infância e dos outros. Proporciona a sensação de sonhar acordado, ou seja, de expressão do imaginário e fantástico da criança. Esta dimensão lúdica também está relacionada com a capacidade do filmes de influenciar comportamentos, formar valores, compartilhar formas enter o mundo, como Merten aponta, a pessoa “já não assiste ao filme: passa a viver o filme. Através de um mecanismo que se chama de identificação projetiva, passamos a ser o herói, o mocinho. Sentimos inúmeras sensações e até aprovamos situações que, em outras circunstâncias, condenaríamos” (MERTEN, 1990, p. 46).

Neste sentido, o potencial pedagógico é imensurável, tendo em vista as diversas possibilidades de acesso e a variedade de obras disponíveis. Ao mesmo tempo, a mediação do processo é essencial para que essa multiplicidade de informações possam ser trabalhadas de forma consciente e positiva, contribuindo para a formação da criança. Duarte (2009), defende que a escola não pode deixar que esse conhecimento sobre os meios constituintes do cinema e de sua linguagem sejam tratados apenas para os especialistas da área, mas sim, é necessária a apropriação desta linguagem com o interesse semelhante ao dado para a teoria da literatura.





Duarte (2009), reforça estas características dos filmes com eventos culturais que estão conectados com a realidade sociocultural e surgem a partir de mitos, crenças, valores e práticas sociais, estando estas imbricadas a partir de diferentes culturas. Ressalta-se assim, a importância de inserir produções cinematográficas nas escolas para alunos da Educação Infantil, pois contribui para o desenvolvimento de suas “competências para ver” (DUARTE, 2016).

De fato, “vivemos numa época em que o audiovisual é o modo de expressão predominante. Na mídia, na arte, na ciência, na tecnologia, na forma como nos comunicamos, o audiovisual está presente em tudo” (ALVES, 2008, p.19). Por isso, “é preciso, assim, prestar atenção nos modos como as mídias mobilizam as audiências e nos usos que diferentes grupos sociais fazem das tecnologias de informação e comunicação” (FLEURI, 2003, p. 13).

### 3 ENCAMINHAMENTOS FINAIS

Este trabalho, objetivou realizar algumas reflexões sobre uso de filmes, como instrumento pedagógico, para auxiliar na transmissão do conhecimento na escola a partir do projeto “Cineminha na Escola”. Onde pode-se observar, inicialmente, importantes apontamentos sobre a necessidade da escola em se conectar com o universo cultural que a produção cinematográfica apresenta. Durante o trabalho pode-se demonstrar que cinema e educação podem trabalhar juntos, pois tem-se o filme como uma proposta educacional capaz de propor um conhecimento intermediado. Em tempos de avanços tecnológicos e complexificação constante dos elementos que constituem a linguagem social, é primordial estabelecer um contato mediado entre essas mídias e os alunos, desde os primeiros anos escolares.

Ademais, cabe ressaltar que o presente paper se trata de um estudo introdutório. Além disso o cinema, na figura dos filmes, um meio comunicativo tão rico em possibilidades, a exploração desse universo tende a ser muito proveitosa para a educação, fomentando uma formação mais ampla, não apenas para o trabalho dos conteúdos curriculares, mas também para um ensaio para a vida, a partir dos conhecimentos disseminados por uma obra cinematográfica e da competência para analisar os eventos socioculturais ali representados.

### REFERÊNCIAS

BERNADET, Jean-Claude. *O que é cinema?* São Paulo: Brasiliense, 2012.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007

ALVES, Marcia Nogueira. **Mídia e Produção audiovisual: uma introdução**/CleideLuciane Antoniutti, Mara Fontoura Marcia Nogueira Alves - Curitiba: Ibpx,2008.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SÜSSEKIND, Maira Luiza. Currículos e Democracia. In: Santos, Edméa Oliveira dos (org.). **Currículos – teorias e práticas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. – 3.ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educação intercultural. Mediações necessárias**. (org.) –Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e Educação: Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MERTEN, Luiz Carlos. O Cinema e a Infância. In: Zilberman, Regina (Org.). **A Produção Cultural para a criança**. 4ª Edição. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1990.

NAPOLITANO, Marcos. **Como Usar o Cinema na Sala de Aula**. 5ª edição. São Paulo. Contexto, 2013.





## ECOARTE: UM ATELIÊ DE CRIAÇÃO DE ARTE AMBIENTAL NO CONTEXTO DO OBJETO INSTALAÇÃO

ECOARTE: AN ENVIRONMENTAL ART CREATION ATELIER IN THE CONTEXT  
OF THE INSTALLATION OBJECT

Murilson Baia Monteiro

Universidade Feevale

### RESUMO

Este estudo apresenta o relato de pesquisa, vivenciado pelos autores, durante o estágio supervisionado, do curso de Artes Visuais pela UFPA, refletindo o ateliê como espaço em processos de criação de obras artísticas, onde se configura como um espaço de possibilidades, de criatividade, autonomia, de descobertas e ludicidade que possui variedades de materiais como, por exemplo, elementos da natureza e materiais recicláveis. Nessa perspectiva, propõe-se transitar pelo ateliê do artista, em especial, o ateliê Ecoarte do projeto Ecomuseu da Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Escola Bosque “Professor Eidorfe Moreira”, um ateliê que tem sua especificidade voltada para valorização do meio ambiente, onde os sujeitos artistas são os alunos da instituição, ao qual constroem uma visão intelectual, crítica e reflexiva de suas obras individuais e coletivas. O trabalho é realizado pela professora Graça Silva, uma artesã que constrói suas obras no conceito de artes experimentais, utilizando o meio natural para criação delas.

**Palavras-chave:** Ateliê. Arte Ambiental. Aprendizagem. Ecoarte.

### ABSTRACT

This study presents the research report, experienced by the authors, during the supervised internship, of the Visual Arts course at UFPA, reflecting the studio as a space in the creation processes of artistic works, where it is configured as a space of possibilities, of creativity, autonomy, discoveries and playfulness that has varieties of materials such as, for example, elements of nature and recyclable materials. In this perspective, it proposes to move through the artist's studio, in particular, the Ecoarte studio of the Ecomuseum project of the Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Escola Bosque “Professor Eidorfe Moreira”, a studio that has its specificity focused on valuing the environment, the artist subjects are the students of the institution, to whom they build an intellectual, critical and reflective view of their individual and collective works. The work is carried out by Professor Graça Silva, an artisan who builds her works on the concept of experimental arts, using the natural environment to create them.

**Keywords:** Atelier. Environmental Art. Learning. Ecoarte.

### INTRODUÇÃO

Este artigo, trás um relato de pesquisa, no ateliê ECOARTE do Ecomuseu da Amazônia, um projeto da Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Escola Bosque “Professor Eidorfe Moreira”, cujo objetivo é refletir o ateliê como espaço em processos de criação de obras artísticas, onde se configura como um espaço de possibilidades, de





criatividade, autonomia, de descobertas e ludicidade que possui variedades de materiais como, por exemplo, elementos da natureza e materiais recicláveis, dando a devida importância na preservação do Meio Ambiente.

O Ecomuseu da Amazônia diferentemente de um museu tradicional é um museu aberto que vivencia o cotidiano das comunidades do território amazônico, demonstrando o acervo natural e cultural de uma região.

Tem suas bases assentadas na participação popular para a construção de um projeto de desenvolvimento humano sustentável que garanta a integração de todos e que seja representativo das necessidades e interesses das comunidades envolvidas, a partir da valorização dos “saberes e fazeres” e da memória coletiva, referencial básico para o entendimento e a transformação da realidade presente na região.

Busca também desenvolver programas de preservação e recuperação dos patrimônios naturais e culturais na Amazônia, visando à emancipação, auto-sustentação e a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos e comunidades envolvidas, a partir da gestão participativa e da valorização da memória coletiva.

O Ecomuseu é um novo contexto de museologia, é um museu mutável, onde todos estão inseridos e fazem parte como acervos, é um museu que valoriza a cultura, a memória histórica de um povo como suas tradições e vivências, valoriza o meio em que vivemos e propõe transpor o processo de reconhecimento e para a valorização do patrimônio material e imaterial das comunidades.

## **ATELIÊ: O ESPAÇO PEDAGÓGICO DO ARTISTA**

O ateliê, como espaço concreto ou de representação, torna-se recinto privilegiado, onde interagem relações entre o processo criativo, as obras de arte e a imagem do artista. Os chamados estúdios também reservam aspectos que tocam em questões, como o privado e o público; o ensino e a aprendizagem; e a comercialização da arte. Todas essas relações têm interessado investigadores da história da arte de universidades brasileiras e internacionais.

Distante do discurso organizado das exposições, bienais e feiras de arte, conhecer os ateliês dos artistas é adentrar sua dimensão mais íntima; é a possibilidade de observar uma história em cada canto; é olhar pelo buraco da fechadura. O ateliê, como espaço concreto ou de



representação, torna-se recinto privilegiado, onde interagem relações entre o processo criativo, as obras de arte e a imagem do artista.

Então, o local do trabalho dos artistas desvela diversas narrativas sobre o seu processo criativo e sobre a eleição de suas técnicas e suas temáticas. São lugares que guardam a memória, a intimidade e os afetos destes criadores. Para alguns, a reclusão e o afastamento de qualquer distração possível são as marcas de seu ateliê. Para outros, seu espaço necessita de evasão e liberdade. Quando esses ateliês, muitas vezes também residências se transformam em museus, o público ganha o direito de adentrar o espaço do labor e nos lugares mais secretos da criação artística. Simultaneamente, os pesquisadores ganham centros de referências e ampliam suas possibilidades de estudos sobre todos os desdobramentos que envolvem o fazer artístico.

Com a ideia de trazer mudanças significativas no ensino e na aprendizagem para os alunos da Escola Bosque e aliada a uma perspectiva de sujeito criativo, criou-se o ateliê Ecoarte, que foi estabelecido como parte do projeto Ecomuseu da Amazônia.

Considerado como um agente transformador das práticas educativas, o ateliê configura-se como um espaço de possibilidades, de criatividade, autonomia, de descobertas e ludicidade que possui variedades de materiais como, por exemplo, elementos da natureza e materiais recicláveis.

O ateliê, antes de tudo, é uma metáfora da ideia de escola entendida como grande laboratório, oficina das ideias e de práticas educativas, que acolhe e amplifica as abordagens e os olhares criativos de adultos e crianças. Outra metáfora é a das cem linguagens, entendendo por linguagens todas as formas cognitivas e expressivas que oferecemos às crianças; são linguagens possíveis no seu processo de crescimento individual e de grupo (a linguagem verbal, gráfica, musical, poético-metafórica, do corpo etc.) (BASSI, 2007, p. 6).

Nesse enfoque, o ateliê é um espaço em que a criança cria com as próprias mãos, um lugar de sensibilização, exploração, um ambiente planejado para conectar as crianças com o mundo.

[O ateliê] tinha que ser um lugar que favorecesse os itinerários lógicos e criativos das crianças, um lugar para se familiarizar com semelhanças e diferenças entre as linguagens verbais e não verbais. O ateliê tinha que emergir como o sujeito e o intermediário de uma prática multifacetada; tinha que provocar situações específicas e interconectadas, possibilitando transferir o novo conhecimento adquirido sobre a forma e o conteúdo da experiência educacional cotidiana (GANDINI et al, 2012, p. 22).

Nesse ambiente criativo, a quantidade e variedade de elementos e materiais cuidadosamente organizados e classificados chamam a atenção, facilitando a apreciação e o





manuseio pelas crianças e demais apreciadores, pois este ambiente é conhecido como um espaço que fala e veicula mensagens, o lugar em que as cem linguagens das crianças são respeitadas e desenvolvidas, linguagem estas para expressar e comunicar, fazendo parte do processo de aprendizagem.

Inserir a prática lúdica no cotidiano educacional do Ecomuseu, requer uma dedicação diária no planejamento pedagógico, que deve ter objetivos claros, além de um cuidado com a organização do espaço físico (Ateliê Ecoarte) e com a seleção de materiais que serão oferecidos às crianças. Para este propósito, deve ser levada em consideração também a faixa etária com a qual vai se trabalhar, para que sejam planejadas atividades que possibilitem o desenvolvimento integral do sujeito.

Sob essa ideia, remete-se ao planejamento do ateliê, que deve ser pensado conjuntamente com o grupo de sujeitos, sejam crianças, adolescentes e jovens. Tem-se a responsabilidade de documentar, registrar, por meio de fotografias, filmagens, escuta e falas das crianças, seus maiores interesses por determinados assuntos e, assim, pensar sobre determinados temas com a professora referência para então surgirem os projetos desenvolvidos no ateliê com os grupos.

Nessa perspectiva, a utilização do lúdico neste espaço surge como maneira de compreender como a criança aprende e permite a ela se expressar livremente de forma prazerosa e agradável. Dessa forma, pode-se dizer que o lúdico é uma ferramenta que aguça a criatividade e a imaginação das crianças e torna a aprendizagem significativa através da aquisição do conhecimento mediante o prazer do brincar.

Vechi (1999, p. 126) acrescenta: “descobri como a criatividade é parte da formação de cada indivíduo e como a leitura da realidade é uma produção subjetiva e cooperativa, e isso é um ato criativo”. Essa criatividade pode ser vista no ambiente do ateliê quando as crianças pequenas deixam transparecer por meio da expressividade de seus corpos, da brincadeira, o prazer e a diversão de poder explorar e criar num processo auto-dirigido de aprendizagem.

Nesse sentido, o ateliê deve ser um espaço planejado para proporcionar e favorecer relacionamentos entre docentes, alunos e, inclusive com os pais, para se trabalhar em grupo, pesquisar, descobrir coisas novas, oportunizar o intercâmbio social, a comunicação e a cooperação para que, coletivamente, elas construam seu conhecimento de mundo. Nesse ambiente, o papel do professor é de extrema importância, pois ele atua como mediador do processo de ensino-aprendizagem.





## A ARTE E SUA RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE

Qual é a função da arte? Educar, informar e entreter? Essa é talvez a mais polêmica questão que envolve o tema - e não há respostas fechadas. A arte pode ser entendida como a atividade humana ligada às manifestações artísticas, seja de ordem estética ou comunicativa, realizadas por diversas formas de linguagens. Talvez uma pergunta mais pertinente seja: qual o potencial da arte? Uma das respostas possíveis se dá na relação entre arte e meio ambiente, em que a arte exerce o papel de questionar ações e exigir mudanças de comportamento.

A arte impulsiona os processos de percepção, sensibilidade, cognição, expressão e criação. Tem o poder de sensibilizar e proporcionar uma experiência estética, transmitindo emoções ou ideais. A arte surge da necessidade de observar o meio que nos cerca, reconhecendo suas formas, luzes e cores, harmonia e desequilíbrio.

O PCN destaca que,

(...) a principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade local e global. Para isso, é necessário que, mais do que informações e conceitos, a escola se proponha a trabalhar com atitudes, formação de valores, com o ensino e a aprendizagem de habilidades e de procedimentos. E esses é um grande desafio para a educação.(1997, p.29).

Ele pode propagar e questionar estilos de vida, preparar uma nova consciência por meio da sensibilização, alertando e gerando reflexões. As manifestações artísticas são representações ou contestações oriundas das diversas culturas, a partir do que as sociedades, em cada época, vivem e pensam.

Nesse contexto, podemos inserir a importância da arte como mais uma ferramenta do ativismo ambiental. Ao confrontar o público com informações desagradáveis, muitas vezes difíceis de serem digeridas (como as mudanças climáticas), convergida em uma experiência estética, a sensibilização ultrapassa a barreira do racional e realmente toca as pessoas. É mais fácil ignorar estatísticas do que ignorar imagens e sensações. Quando a arte representa a relação perturbada da sociedade com a natureza, fica explícita a urgência de ação.



A preocupação ambiental expressada na Constituição Federal representa grande avanço no que tange a proteção ambiental, haja vista que o bem ambiental é elevado ao status de norma constitucional de direito fundamental. O fato de o tema sobre meio ambiente não encontrar-se expressamente elencado no Título II, “Dos direitos e garantias fundamentais”, do texto constitucional, não retira seu caráter de direito fundamental, conforme ensina Beatriz Souza Costa: “O fato de o tema meio ambiente, no corpo da Constituição, encontrar-se no Título VIII, “Da ordem social”, e não no Título II, “Dos direitos e garantias fundamentais”, não retira deste o status de um direito fundamental...” (COSTA, 2013, p. 60).

Extrai-se da norma constitucional que o direito ao meio ambiente equilibrado é responsável por gerir a vida em todas as suas formas, e que tal equilíbrio deve ser consubstanciado no Estado Democrático de Direito com fito de abarcar e agasalhar a vida. Portanto, pode-se afirmar que o direito ao meio ambiente equilibrado e o direito à vida são princípios constitucionais indissociáveis, pois não existe vida sem que antes possa existir um meio ambiente adequado para que ela se desenvolva.

Nesse sentido, observa-se que o direito fundamental ao meio ambiente equilibrado é condição basilar para a confirmação e a efetivação do direito à vida, que é princípio base estruturante da Constituição Federal.

## **POR TRÁS DA PROFISSÃO DE ANTROPÓLOGA, UMA ALMA DE ARTISTA**

*Figura 1: Professora Graça*



Fonte: Própria do autor (2019)

Pudemos conviver com essa profissional durante dois meses no ECOMUSEU da Amazônia no espaço “ECOART”, a professora Maria das Graças Alves Santana, mais conhecida como Graça Santana. É bacharel e especialista em Antropologia Social pela UFPA.



Atuou desde 1996, no Museu Paraense Emílio Goeldi na Coordenação de Ciências Humanas onde foi responsável pelo acervo científico desenvolvendo atividades de Museologia onde pode realizar pesquisas sobre brinquedos e instrumentos musicais ao qual foram publicados, segundo a professora. A mesma também já participou de exposições regional, nacional e internacional.

Na década de 90 passou a trabalhar no projeto de pesquisas RENAS, onde participou de várias pesquisas no litoral paraense, bem como: no Estatutário Amazônico e nas Águas Interiores nas cidades de Santarém e Óbidos, ambos pertencentes ao Estado do Pará.

Como voluntária criou a ONG Grupo Ambiental de Fortalezinha – GAF na comunidade de Fortalezinha, no município de Maracanã, no Pará.

No Museu Emílio Goeldi trabalhou 30 anos, no GAF está há 10 anos na Coordenação Geral, como professora da Educação Básica lecionou em diversas escolas da SEDUC com a disciplina de geografia.

Atualmente trabalha voluntariamente no ateliê Ecoarte do Ecomuseu da Amazônia, nas segundas e quartas-feiras. Durante esses trinta anos vividos profissionalmente, através de sua profissão teve a oportunidade de conhecer diversos países como: França, EUA, Espanha, Itália, Rússia e Holanda, participando de eventos como congressos, encontros e etc. Antes, durante e depois de sua aposentadoria, já tinha apreço pelas artes e sua especificidade que é objeto instalação.

Durante a vivência do estágio, pudemos conhecer de perto os traços culturais, o seu ambiente regional e profissional que a professora apresenta.

No sentido dos traços culturais, podemos destacar que a cultura se define, segundo Marchiori e Vilaca (2011), a partir de um processo de aprendizagem pelo qual passam seus membros. Para Guimarães e Squirra (2007, p.51) “os estudos culturais permitiram a compreensão da organização como um sistema de significado compartilhado, e, portanto, capaz de aprender, mudar e evoluir ao longo do tempo, por meio da interação entre seus membros e entre si mesma e seu meio ambiente.

Diariamente conhecemos de perto o modo que usa para construir suas obras e o que mais nos impressionou foram os materiais que a mesma utiliza nelas, ou seja, matéria prima extraída da natureza como galhos, sementes e frutos secos, além de reutilizar restos de obras de construção.



Figura 2: Obras realizadas através das oficinas



Fonte: própria do autor (2019)

As imagens falam por si só, quando a professora realmente discutiu que a arte dentro das atividades do Ecoarte, vem proporcionar aos alunos o contato direto com recursos naturais, que se degradam pela própria natureza e desse meio a arte renasce trazendo um novo sentido de ver, sentir e fazer a relação do meio ambiente com a arte.

A metodologia que ela usa, deixa os alunos fascinados, proporcionando um conhecimento de fácil entendimento para os mesmos e nesse contexto eles vão entendendo a relação do meio ambiente com a arte. Cada oficina realizada pela professora surge algo de concreto onde os alunos produzem, esse é o diferencial. Os próprios alunos têm a probabilidade de construir através do conhecimento repassado sua obra de arte confeccionada com matéria-prima da natureza seja individual ou coletiva.

Figura 3 Obras realizadas pelos alunos da Escola Bosque



Fonte: própria do autor (2019)



Através das imagens podemos observar que a obra criada vem nos dizer algo que desperto nosso conhecimento pela importância que o trabalho proporciona que vai da teoria até chegar ao contexto da prática.

Outro destaque importante dentro do trabalho da professora Graça é que fora de suas atividades com arte no Ecomuseu, no ateliê Ecoarte, a arte sempre acompanhou em suas atividades, hoje a professora desenvolve também atividades de arte livres através da pintura e desenho em sua pousada, para seus turistas, localizado em Fortalezinha no Pará.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, acredita-se que as investigações e reflexões propostas neste artigo sugerem uma aproximação desse ateliê do artista com os objetos pertencentes ao mesmo espaço, levando o aluno a outra possibilidade de vivência no campo da Arte. A relação que os objetos do ateliê estabelecem e até interferem, consideravelmente com o artista durante o processo criativo. Aponta, também, como esse objeto ganha significação e transforma o espaço onde está inserido em um espaço/tempo de transmutação de ideias, fazendo com que o ambiente de trabalho se desdobre em campos híbridos de processamento.

Contudo podemos concluir que as questões trazidas para este texto, sobre o lugar /espaço do ateliê como transbordamento e contaminação de ideias nos processos criativos no espaço escolar, faz em nos refletir sobre a dilatação dos ateliês contemporâneos assim como sua produção, com possibilidades múltiplas de criação nos processos em Artes Visuais.

A artista neste estudo proporcionou um novo olhar para os ateliês, uma vez que o Ecoarte é totalmente diferente dos demais, não pela sua estrutura, mas pela forma como é conduzido o trabalho. Trabalho esse, que não tem o profissional como sujeito principal e sim os alunos, sendo o sujeito principal da criação de sua obra, obra essa que fica como destaque na galeria do Ecomuseu da Amazônia.

Todavia, o aprendizado adquirido no Ecoarte me proporcionou enquanto aluno de artes visuais um conhecimento que superou minhas expectativas em entender como as obras são produzidas nos ateliês.

Assim, refletir sobre o espaço/tempo do ateliê é também refletir sobre o espaço da Arte, do artista e conseqüentemente da galeria e do museu Podemos então propor que os ateliês coletivos têm apresentado boas possibilidades de trocas para os artistas, assim como





experimentações significativas para esse lugar de fluxo de forças, como nos fala Silva (2011). Pois esse lugar entre fronteiras, por onde os ateliês contemporâneos transitam sugere um ambiente de aprendizado, trocas, reflexões e indagações sobre um limiar de uma conduta criadora. Por isso, quando investigamos esse espaço, a fim de compreender melhor sua relevância no processo criativo, normalmente nos deparamos com características próprias de cada artista. No Ecoarte, um trabalho totalmente diferente. Pois os ateliês dizem sobre a vida e a identidade de cada um e ainda mais sobre processos de vida, fluxos contínuos, que revelam caminhos e escolhas feitas por cada artista em meio ao seu processo, sua poética, que nem sempre são fáceis ou simples, mas que revelam a alma de cada um deles.

## REFERÊNCIAS

BASSI, L. Reggio Emília: uma experiência inspiradora. 43. ed. Brasília, DF: DPE/SEB, 2007. (Revista Criança do Professor de Educação Infantil).

BUREN, Daniel. A função do ateliê Título original Fonction de l'atelier, in LOOCK, Ulrich, Ed. Anarquitectura de Andrea Zittel, Porto, Público/Fundação de Serralves, 2005, pp. 48 53. Disponível em: [http://www.academia.edu/8736584/Daniel\\_Buren\\_Buren\\_-\\_A\\_Funcao\\_do\\_Ateliê](http://www.academia.edu/8736584/Daniel_Buren_Buren_-_A_Funcao_do_Ateliê) Acesso em: 20 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Comunicação e cultura: relações reflexivas em segundo grau. In: MARCHIORI, Marlene & VILAÇA, João da Silva (Org.). Comunicação em interface com a cultura. São Caetano do Sul (SP): Difusão Editora, 2011. (coleção faces da cultura e da comunicação organizacional, v.1.

COSTA, Beatriz Souza. Meio ambiente como direito à vida: Brasil, Portugal e Espanha. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013. 148 p.

SILVA, Fernanda Pequeno da. Ateliês Contemporâneos: possibilidades e problematizações. Anais do 56º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Rio de Janeiro, pp. 59 73. Disponível em: [http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cc/fernanda\\_pequeno\\_da\\_silva.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cc/fernanda_pequeno_da_silva.pdf).

VECHI, V. O papel do atelierista. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na Educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p. 129-141. <https://enciclopedia.itaucultural.org.br>



## “A BANDEIRA VERMELHA SOBRE O REICHSTAG”: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA IMAGEM FOTOGRAFICA E SUA INTENCIONALIDADE

"THE RED FLAG OVER THE REICHSTAG": A BRIEF REFLECTION ON THE  
PROCESS OF CREATION OF PHOTOGRAPHIC IMAGERY AND ITS INTENTION

Daniela Carvalhal Israel Marques; Daniel Conte

Universidade Feevale

**Resumo:** Este trabalho apresenta, resumidamente, o histórico e o processo de produção da fotografia “A bandeira vermelha sobre o Reichstag” do fotógrafo ucraniano Yevgeny Khaldei (1917-1997), publicada pela primeira vez na revista russa *Ogonyok*, em 13 de maio de 1945. Considerando que esta imagem fixou-se no imaginário mundial como um dos símbolos máximo da vitória soviética sobre os alemães na Segunda Guerra Mundial e operando com as reflexões de Jacques Aumont, acerca do processo de produção de uma imagem, o trabalho reflete sobre a relação da imagem, o processo de produção, sua intencionalidade e sua capacidade de ser verossímil.

**Palavras-chave:** Fotografia. Imagem. Segunda Guerra Mundial. Intencionalidade.

**Abstract:** This work briefly presents the story and production process of the photograph "The Red Flag Over The Reichstag" by the Ukrainian photographer Yevgeny Khaldei (1917-1997), published for the first time in the Russian magazine *Ogonyok*, on May 13th, 1945. Considering how the image is fixated worldwide as a top symbol of the Soviet victory over the Germans in World War II and operating with the reflections of Jacques Aumont, around the production process of an image, the work reflects on the relation of the image, its production process, its intention and capacity of being credible.

**Palavras-chave:** Photography. Image. World War II. Intentionality.

### INTRODUÇÃO

No primeiro quadrante do século XIX, muitos cientistas e artistas europeus buscavam técnicas capazes de registrar a realidade através de processos físicos. O princípio da câmera obscura<sup>1</sup> já havia sido descoberto por Aristóteles em IV a.C., e desde então muitos estudos sobre as características da luz e seus efeitos em objetos foram desenvolvidos. Neste contexto, *Vista da janela em Las Gras*, é a imagem fotográfica mais antiga ainda preservada, produzida entre 1826 e 1827 por Joseph Nicéphore (1765-1833), e nela, é possível ver uma imagem desfocada e granulada que registra a vista da janela da casa do autor em Saint Loup de Varennes na França.

<sup>1</sup> É o nome do aparelho óptico precursor da câmera fotográfica. Tal equipamento constitui-se por uma caixa isolada de luz com apenas um buraco no canto. Pelo orifício, a luz entra e atinge a superfície interna, que forma uma imagem invertida em uma das superfícies internas da caixa.



Dentre os principais avanços da técnica fotográfica analógica, destaca-se as experiências do artista William Henry Fox Talbot (1800-1877) que, em 1835, introduziu o processo químico para a produção de imagens, resultando na inclusão do uso do negativo. Esta “descoberta”, que marcou um novo rumo para a arte da fotografia só se tornou pública em janeiro de 1839, quando o “mundo recebeu a notícia de que era possível capturar a imagem vista.” (HACKING, 2012, p. 8).

Quando a fotografia completou um século de existência e avanços tecnológicos, a Segunda Guerra Mundial estava no auge dos conflitos. Naquela época, as câmeras fotográficas já eram portáteis e o mercado editorial carecia de imagens das zonas de confronto. Os governos dos países diretamente envolvidos nos conflitos logo reconheceram a utilidade das imagens fotográficas para usos nas propagandas políticas e passaram a enviar fotógrafos para o fronte. No Dia D, por exemplo, junto das tropas Aliadas, estavam os fotógrafos Robert Capa e George Rodger. (HACKING, 2012, p. 312).

Do fim da Segunda Guerra Mundial para a atualidade, a fotografia manifestou-se como um fenômeno capaz de registrar acontecimentos, capaz de ostentar o peso da “verdade”. Para o senso comum, se foi registrado em uma fotografia, é verdadeiro, portanto, aconteceu tal como mostra a imagem. Porém, a difusão e popularização das tecnologias de manipulação de imagens, sejam elas analógicas ou digitais, somada as discussões filosóficas e conceituais sobre a criação de imagens, tencionou a percepção da fotografia como fenômeno capaz de registrar acontecimentos “verdadeiros”. Mais recentemente, o uso popular da técnica da *deepfake*, que é capaz, por meio de inteligência artificial, de substituir rostos e vozes em vídeos e fotografias em instantes, acentuou o debate sobre a função social da fotografia. No entanto, a manipulação da imagem fotográfica, não é um fenômeno novo e seu uso, com fins intencionais, vem sendo aplicada a anos. Nesta ordem conceitual, o presente trabalho retoma o processo de produção da imagem fotográfica *A bandeira vermelha sobre o Reichstag*, do fotógrafo Yevgeny Khandei e, expõe, resumidamente, a relação entre a imagem fotográfica e sua intencionalidade.

## 2. DÁ CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM

Para Aumont (1993), a imagem é um meio de “comunicação e de representação do mundo, que tem seu lugar em todas as sociedades humanas.” (p. 134). Reforça o autor que a



imagem é sempre modelada por estruturas profundas, e que a imagem está indissociavelmente conectada “ao exercício de uma linguagem” e submetida a uma organização simbólica. (p. 134).

Sobre a imagem Aumont (1993) discorre que sua produção nunca é gratuita, que imagens são fabricadas para usos específicos, individuais ou coletivos, e uma das razões de sua criação advém da incorporação da imagem ao domínio do simbólico.

Sob a perspectiva deste autor (1993, p. 78), a imagem está sempre inserida em uma situação de mediação entre espectador e a realidade, e tem a função de “garantir, reforçar, reafirmar e explicar nossa relação com o mundo” (p. 81). Reafirmar, na esfera da significação, é usar a imagem para o reconhecimento e a lembrança. Desta forma reconhecer ou lembrar “alguma coisa em uma imagem é identificar, pelo menos em parte, o que nela é visto como alguma coisa que se vê ou se pode ver no real. É, pois, um processo, um trabalho que emprega as propriedades” (p. 82) da formação discursiva do sujeito.

Em sincronia, Monteiro (2013), relata que a imagem é uma “troca simbólica e um simulacro fabricado para enfrentar a destruição provocada pela passagem do tempo, agenciar a memória, manter a coesão social e, também, exercer o controle político.” (p. 4-5). No que tange às imagens fotográficas, Monteiro explica que a máquina fotográfica “media o enfrentamento entre o olhar de um sujeito (o fotógrafo) com um referente (a realidade), que é observado e tem sua luz (fluxo fotônico) capturada através de uma lente em uma superfície sensível”. (2013, p. 172). Assim, conclui o autor que o ato de fotografar é resultado de um corte no espaço e no tempo, e o resultante (a imagem fotográfica) constitui-se “em um fragmento separado e embalsamado do mundo para a posteridade”. (p. 172). Todavia, destaca o autor que mesmo diante das funções sociais de uma imagem, não é possível excluir e desconsiderar “a dimensão artística do ato de criação da imagem.” (2013, p. 4-5).

O reconhecimento da dimensão artística pressupõe, também, reconhecer a existência de um sujeito, o fotógrafo, e seu papel enquanto produtor de um recorte específico e contador de histórias. É através do fotógrafo que uma imagem é criada, e é seu olhar “que define a intencionalidade e a finalidade da visão”. (AUMONT, 1993, p. 56). De forma que, é o recorte do tempo e do espaço produzido por um sujeito no momento em que este abre o obturador, expõe a película e fecha o obturador, que o fotógrafo “capta um momento de tempo que é simultaneamente passado, mas é também o momento mais próximo que existe para o conhecimento do presente”. (MONTEIRO, 2013, p. 5).



Nesta abordagem, é necessário discorrer, também, sobre a noção de visão. Recuperando os estudos de Mitchell, Monteiro (2013) destaca que o “importante é compreender a visão como prática social, como algo construído socialmente e localizado culturalmente, liberto de sua dimensão mimética e submetida à interpretação.” (p. 6). Tal processo de interpretação, que vincula a imagem com o domínio simbólico, faz com que a fotografia esteja sempre em situação de mediação entre o espectador e a realidade. (AUMONT, 1993, p. 78). É por isso que, para o autor, a imagem tem “inúmeras atualizações potenciais, nos quais algumas se dirigem aos sentidos, outras unicamente ao intelecto”, e que, ao passar do visível ao visual, é necessário incluir o sujeito que olha. (AUMONT, 1993, p. 56).

Nesta ordem, Aumont além de considerar a intencionalidade do fotógrafo na produção de uma imagem, inclui, também, em suas reflexões, o olhar do sujeito que define a intencionalidade e a finalidade da visão, de forma que, além de sua capacidade de percepção, “entram em jogo o saber, os afetos, as crenças, que por sua vez, são muito modelados pela vinculação a uma região da história (uma classe social, a uma época, a uma cultura)” (AUMONT, 1993, p. 77).

A capacidade da fotografia de registrar um determinado tempo e espaço de forma aparentemente verossímil, traz para a imagem fotográfica uma carga semântica de verdade indiscutível. Assim, por anos a fotografia foi aprisionada ao conceito de mimesis, de representação do real pela verossimilhança visual. A fotografia era compreendida como uma prova, uma comprovação factual de um determinado acontecimento. A imagem a seguir, produzida pelo fotógrafo ucraniano Yevgeny Khaldei (1917-1997), é um exemplo deste fenômeno.

**Figura 1:** *A bandeira vermelha sobre o Reichstag.*



**Fonte:** Tudo sobre Fotografia. HACKING, 2012, p. 318



Em um primeiro momento, ao olhar do leitor do jornal dá época, a fotografia é a prova “real” da vitória soviética, ao apresentar os soldados do Exército Vermelho hasteando a bandeira da União Soviética sob as ruínas do prédio *Reichstag*<sup>2</sup>, em 30 de abril de 1945, durante a Batalha de Berlim. Nesse contexto, é oportuno destacar que a “captura do prédio pelos soviéticos simbolizou a derrota esmagadora do inimigo e teve grande valor propagandístico.” (HACKING, 2012, p. 318). Esta fotografia foi publicada pela primeira vez na revista russa *Ogonyok*, em 13 de maio de 1945, sendo posteriormente reproduzida amplamente e “tornando-se uma das imagens mais definidoras da guerra.” (HACKING, 2012, p. 319).

O que se tornou público somente após a queda do Muro de Berlim, portanto, mais de quarenta anos depois, é que esta imagem foi completamente construída e encenada intencionalmente. A ideia de produzir tal fotografia, veio a Khaldei quando este percebeu que nenhuma fotografia com o hasteamento de uma bandeira havia sido produzida no dia 30 de maio de 1945. Assim, o fotógrafo deslocou-se de Berlim até Moscou, onde conseguiu juntar três toalhas vermelhas usadas em funções oficiais, costurou as tolhas, bordou ele próprio a foice, o martelo e a estrela e voou de volta a Berlim.

No dia 02 de maio, subiu as ruínas do prédio com alguns companheiros, sua câmera Leica, posicionou o ucraniano Alyosha Kovalyov no alto do prédio e apertou 36 vezes no obturador. Para deixar a imagem mais dramática e verossímil com um cenário de guerra, no processo de revelação e ampliação incluiu na fotografia duas nuvens de fumaça, que copiou analogicamente de outras imagens. (HACKING, 2012, p. 319).

### 3. ALGUNS APONTAMENTOS

A fotografia *A bandeira vermelha sobre o Reichstag* apresentada neste estudo, é um exemplo de um fenômeno que faz da imagem produzida uma possibilidade de reconhecimento e rememoração, tal como afirmou Aumont (1993). A tomada dos soviéticos do prédio *Reichstag* deu-se em 30 de abril de 1945 e a fotografia em questão que reconstrói pictoricamente o acontecimento, de forma encenada e produzida intencionalmente, na data de 02 de maio do mesmo ano, tornou-se um registro verossímil do ocorrido, ainda que ambos acontecimentos não tenham se dado no mesmo dia e momento. Inserida na reflexão posta, é possível observar que

---

<sup>2</sup> O edifício construído no século XIX era sede do Parlamento e no período do Terceiro Reich foi um importante espaço usado para fins militares.



ao olhar esta imagem, o espectador consegue reconhecer ou relembrar a vitória soviética, porque nela é possível “ver” o que poderia ter se visto no dia da batalha. Este processo de leitura da imagem, impregna, então, a capacidade do espectador de ver/ler a imagem com base em seus conhecimentos da “realidade”, no caso aqui, da vitória da União Soviética.

Neste achado, a fotografia revela-se como um instrumento capaz de “comprovar uma realidade”. Nesse caso, quando analisa-se que ainda que o hasteamento da bandeira da Batalha de Berlim no alto do prédio, nunca tenha existido nos registros oficiais do exército, a imagem produzida por Yevgeny Khaldei, reproduz um tipo de realidade. A imagem, e por consequência sua mensagem, é explícita: a cidade foi conquistada. Assim, a imagem fotográfica consegue reafirmar uma “realidade”, o fato da vitória, o que torna indiferente a precisão temporal na qual a fotografia foi produzida. Tal situação confirma o exposto por Aumont, quando este afirma que a imagem pode ser vista como uma troca simbólica e um simulacro construído propositalmente para marcar eventos e registrar a passagem do tempo.

Não obstante, considerando a perspectiva do fotógrafo (e do produtor da imagem), é possível identificar, que a produção de imagens nunca é gratuita, sempre há um porque e uma intencionalidade. Nesta abordagem, a fotografia de Yevgeny Khaldei, de 1945, é apenas um exemplo deste funcionamento, dentre tantas outras imagens que correm o mundo e que se proliferam cada vez mais devido a difusão e a democratização digital. Assim sendo, percebe-se, de imediato, que a imagem fotográfica é um fenômeno de múltiplas significações e que é preciso lê-la com atenção e certa desconfiança.

A fotografia, com sua intencionalidade inerente, seja por meio do enquadramento, da subjetividade do sujeito-fotógrafo e das manipulações analógicas/digitais, tem a propriedade de fazer com que o público não perceba a intencionalidade da imagem, de forma que este tome, sem perceber, a imagem observada como verdade. Para que isso ocorra, é preciso, no entanto, que a imagem fotográfica apresente os indícios necessários de uma realidade que poderia existir ou que teria acontecido. Ou seja, uma fotografia que se pareça verossímil pode-se constituir como manifestação pictórica de um fato consumado, uma verdade pura. Assim sendo, no contexto atual, em que bastam alguns poucos cliques para que uma imagem seja alterada e compartilhada mundialmente, recomenda-se cuidado e atenção ao ler uma imagem.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

## REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. 3.ed. Campinas: Papirus, 1993. (Coleção Ofício Arte e Forma)

HACKING, Juliet. **Tudo sobre Fotografia**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

MONTEIRO, Charles. Pensando sobre História, Imagem e Cultural Visual. In: **Patrimônio e Memória**. São Paulo: Unesp, 2013.





## SOBRE A VIOLÊNCIA INFANTIL EM “UM CINTURÃO”, DE GRACILIANO RAMOS<sup>1</sup>

ABOUT CHILD VIOLENCE IN “UM CINTURÃO”, BY GRACILIANO RAMOS

Amanda Santos da Silveira Fernandes; Juracy Ignez Assmann Saraiva

Universidade Feevale

**Resumo:** O presente artigo busca discutir nuances da manifestação da violência contra a criança na sociedade brasileira, investigando sua representação na narrativa *Um cinturão*, de Graciliano Ramos. Para isso, articula concepções de cultura e de literatura, enquanto manifestação cultural, ao mesmo tempo em que procura compreender o caráter histórico da violência no Brasil. Outro ponto discutido brevemente é a memória enquanto construção individual e coletiva e o modo como ela afeta a formação do indivíduo enquanto sujeito, conforme se constata na obra autobiográfica de Graciliano Ramos. De acordo com as análises realizadas neste trabalho, é possível destacar que o autor denuncia a violência naturalizada contra a criança, ao mesmo tempo em que confere ao leitor a possibilidade de identificá-la através do tratamento da linguagem.

**Palavras-chave:** Cultura. Violência infantil. Literatura. Memória.

**Abstract:** This article seeks to discuss nuances of the manifestation of child violence in Brazilian society, investigating its representation in the narrative *Um cinturão*, by Graciliano Ramos. To this end, it articulates concepts of culture and literature, as a cultural manifestation, at the same time that it seeks to understand the historical character of violence in Brazil. Another topic discussed briefly is memory as an individual and collective construction and the way it affects the formation of the individual as a subject, as evidenced in the autobiographical work of Graciliano Ramos. According to the analyzes carried out in this work, it is possible to highlight that the author denounces naturalized child violence, at the same time that it provides for the reader the possibility of identifying it through the treatment of language.

**Palavras-chave:** Culture. Child violence. Literature. Memory.

### 1 INTRODUÇÃO

Através do rigor estético e criativo de escritores, a literatura traz à luz aspectos culturais que se manifestam nos mais diversos contextos sociais e revela faces da humanidade que, aos olhos do coletivo, estão ocultas. Dessa forma, a criação literária fornece um vasto repertório de conhecimentos histórico-sociais aos leitores.

Constituinte da condição humana e de suas relações, a violência faz parte da bagagem de aspectos culturais intrínsecos às relações sociais e faz menção ao abuso da superioridade de um indivíduo sobre o outro. Quando se trata da temática com relação a crianças, a discussão assume

---

<sup>1</sup> Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001."



maior complexidade, uma vez que o Brasil possui fortes raízes hierárquicas e, em muitos casos, o abuso da força de um adulto sobre uma criança é tratado com naturalidade.

Nesse sentido, o conto de natureza autobiográfica – que nada perde em termos de composição literária – intitulado *Um cinturão*, de Graciliano Ramos, estabelece pontes com os estudos culturais ao denunciar a naturalização com a qual a violência contra a criança se institui na sociedade brasileira. Retratando com detalhes uma surra que ficou marcada em suas memórias de infância, o autor transita entre a ficção e o real, na medida em que traduz em palavras um padecimento que não é estranho ao leitor. Assim, ao construir gradações de sentimentos e emoções expressos de forma articulada na linguagem, a escrita literária revela seu teor humanizador de representação simbólica da realidade.

## 2 CULTURA, MEMÓRIA E LITERATURA: UM DIÁLOGO

Como produto coletivo e histórico, José Luiz dos Santos significa a cultura como o “legado comum de toda a humanidade” (SANTOS, 2006, p. 86), afirmação que ecoa o preceito de Roque de Barros Laraia (2001, p. 45), quando afirma que o homem “é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam”.

Assim, toda a gama de conhecimentos, comportamentos, avanços tecnológicos, entre outros aspectos, que conhecemos hoje é o resultado dinâmico de todo o saber já produzido pelas sociedades com as quais possuímos relação. Nesse sentido, a cultura é vista como um processo global no interior de uma sociedade e apresenta peculiaridades com as quais essas relações externas e internas tramam sua rede de valores e símbolos acerca das dimensões da vida social. Sob esse viés, a cultura pode ser conceituada como uma dimensão do processo social de uma sociedade, nação, povo ou comunidade.

A cultura abrange não só o conhecimento que a sociedade concebe acerca de si mesma, mas como esse saber é posto em prática na política, na religião, na ciência, nos esportes e nas mídias, entre outras formas de manifestação cultural. Sob esse ponto de vista, aquilo que o indivíduo conhece ou experiencia reflete uma força externa que, ainda que individual, recupera aspectos da herança cultural.

Por sua vez, cada vivência experienciada, para compor a memória de um indivíduo e fazer parte de seu imaginário, necessita adquirir uma carga de afetividade, esta advinda de uma





emoção interiorizada (PERGHER et al.,2006). Para além disso, Roberta Lopes Augustin e Sérgio Augustin (2012), em um estudo que aborda o conceito de memória e sua relação com o cotidiano, ressaltam que a memória é mais uma (re)tradução do passado do que propriamente uma reprodução, uma vez que alguns cenários vividos são constantemente reformulados na medida em que se assentam novos saberes em nossa memória.

Assim, pode-se dizer que a cultura estabelece as bases para a construção do ser humano enquanto sujeito e aquilo que ele é estabelece contato direto com suas memórias. Apesar de denotar o individual, há este aspecto intersubjetivo da memória, reconhecido por meio do efeito cognitivo que o senso comum traz (AUGUSTIN; AUGUSTIN, 2012). Deste modo, a cultura preenche todos os aspectos da vida social e condiciona os indivíduos a ver o mundo conforme aquilo que lhes é comum.

Entre as manifestações culturais produzidas pela sociedade, o texto literário revela sua relevância, uma vez que recorre ao trato da linguagem para representar identidades, denunciar mazelas, trazer a humanidade à superfície. Para isso, lança mão de padrões estéticos que exigem a ativa participação do leitor no processo de sua compreensão, contribuindo com o acesso dele à cultura enquanto dimensão social.

Em relação à concepção de literatura, Antonio Candido afirma:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. (CANDIDO, 1995, p. 174)

Nesse sentido, a literatura concerne a uma necessidade básica do ser humano enquanto sujeito social, pois satisfaz seu apelo à imaginação; além disso, como representação da sociedade, as produções literárias traduzem juízos de valor e normas a serem seguidas ou refutadas. Sob este ângulo, a literatura, desde as cantigas de roda até o romance, influencia a construção da personalidade dos indivíduos. Assim como as vivências com nossos pares, a leitura literária tece, desmancha e refaz tessituras através das quais enxergamos e compreendemos o mundo.





### 3 CONSEQUÊNCIAS QUE ACOMPANHAM: A VIOLÊNCIA CONTRA A CRIANÇA

É consenso entre estudiosos da história e da antropologia que a violência, enquanto parte da estrutura das relações sociais, permeia a cultura do Brasil e está profundamente enraizada no ideário de sua população. Na carta de Pero Vaz de Caminha endereçada ao monarca D. Manuel I, por exemplo, é possível verificar marcas de dominação e sobreposição de poder por parte do capitão-mor em relação aos indígenas locais. Fazendo uso de pequenas ordens, os descobridores iniciam a construção de uma relação de subjugação, representada no excerto a seguir:

Trazia este velho o beijo tão furado, que lhe caberia pelo furo um grande dedo polegar, e metida nele uma pedra verde, ruim, que cerrava por fora esse buraco. O Capitão lha fez tirar. E ele não sei que diabo falava e ia com ela direito ao Capitão, para lha meter na boca. Estivemos sobre isso rindo um pouco; e então enfadou-se o Capitão e deixou-o. E um dos nossos deu-lhe pela pedra um sombreiro velho, não por ela valer alguma coisa, mas por amostra. Depois houve-a o Capitão, segundo creio, para, com as outras coisas, a mandar a Vossa Alteza (CAMINHA, 1968, p. 8).

É possível notar neste relato pelo menos dois tipos distintos de violência. Percebe-se, neste cenário, a tentativa de submissão do indígena, uma vez que o Capitão-mor faz o nativo lhe entregar um adereço que representa sua cultura, bem como a exploração material dele, quando troca um bem valioso por um outro sem importância. Para além disso, o interesse do indígena em compartilhar seus costumes, ao tentar transferir a pedra para a boca do Capitão, adquire proporções cômicas, até o momento em que este último se entedia com o gentio.

Assim, as marcas históricas da violência na construção da nação brasileira encontram-se interiorizadas em sua cultura e estabelecem interconexões nas relações de comunicação humana. Elas deixaram como legado resquícios de autoritarismo e de abuso de poder, sobre os quais Maria Cecília de Souza Minayo (2005, p. 14) explica ao abordar o conceito de violência:

No seu sentido material o termo parece neutro, mas quem analisa os eventos violentos descobre que eles se referem a conflitos de autoridade, a lutas pelo poder e a vontade de domínio, de posse e de aniquilamento do outro ou de seus bens. Suas manifestações são aprovadas ou desaprovadas, lícitas ou ilícitas segundo normas sociais mantidas por usos e costumes naturalizados ou por aparatos legais da sociedade.

A autora, ao valer-se dos estudos de Chesnais (1891), distingue três tipos de violência presentes na configuração social, cada uma abarcando peculiaridades próprias em suas manifestações: a violência *física*, a violência *econômica* e a violência *moral e simbólica*. Quanto a essa tipologia, Minayo (2005) apresenta, como classificações, a violência



autoinfligida, a violência comunitária e a violência intrafamiliar. Essa última é objeto de análise desta comunicação, cujo foco centra-se na violência infantil.

Ainda que a violência contra a criança não ocorra exclusivamente no interior da casa, é neste recinto que as agressões acontecem em sua maioria, fato que se impõe como um entrave para erradicá-las. Em primeiro lugar, como foi dito anteriormente, a violência possui diversas gradações e, no âmago de uma sociedade construída sobre suas bases, tornam-se obscuros os limites entre o que é socialmente aceitável ou não. Em decorrência, há um segundo ponto: muitas situações de violência infantil não são denunciadas e permanecem silenciadas.

Um contraponto se impõe: se, por um lado, a violência é considerada inadequada ou censurável com relação a valores éticos e morais, por outro, a violência física apresenta-se como solução para desvios de condutas sociais ou para transgressão de regras. Sob esse viés, a violência contra a criança, em muitos casos, é naturalizada e incentivada sob a ótica da boa educação. Nessa perspectiva, a violência assume uma particularidade que se direciona a um grupo socialmente vulnerável e pode ser definida, conforme Suely Ferreira Deslandes *et al* (2005), da seguinte maneira: “Independentemente dos termos usados para nomeá-la, a violência contra as crianças está representada em toda ação ou omissão capaz de provocar lesões, danos e transtornos a seu desenvolvimento integral”. (DESLANDES, et al., 2005, p. 44)

De acordo com informações retiradas do Relatório do Disque Direitos Humanos (Disque 100) de 2019<sup>2</sup>, da totalidade de denúncias efetivadas em 2019, mais da metade (55%) referia-se ao grupo de Crianças e Adolescentes. Entre essas denúncias, os maiores índices são, em primeiro e segundo lugar, respectivamente, de negligência (38%) e violência psicológica (23%), seguidas de violência física (21%), violência sexual (11%), violência institucional e exploração do trabalho, as duas últimas correspondendo a 3% das denúncias. O relatório também expressa que o maior índice de violência acontece no interior da residência das crianças (52%).

Em nosso construto social, em que o uso da força e da superioridade se faz proeminente, manifestações culturais que dramatizam a expressão da violência se configuram como um recurso denunciativo para a sociedade. Nesse sentido, a recriação da experiência vivida por Graciliano Ramos cumpre, enquanto literatura, sua finalidade humanizadora e crítica.

---

<sup>2</sup> BRASIL. *Disque Direitos Humanos: Relatório 2019*. Ministério da Mulher, da família e dos Direitos Humanos. 2020, 155 p.



Graciliano Ramos narra, com riqueza de detalhes, um episódio de violência intrafamiliar vivenciada em sua infância. No início do conto, o autor brinca com as características composicionais de uma peça de teatro, ao afirmar que, aos quatro ou cinco anos de idade, “figurou” e “representou” o papel de réu em situações de violência física, a que era submetido. No conto, é apresentada uma noção distorcida do vocábulo *justiça*, com o qual o narrador descreve as ações punitivas que seus pais lhe infligiam, sugerindo a encenação de uma sociedade pautada na subjugação e no castigo.

Relembra uma surra que a mãe lhe dera com uma corda nodosa e que lhe causara diversos cortes pelas costas e regiões das costelas. “Irritada, ferira-me à toa, sem querer” (RAMOS, 2000, p. 144). No episódio, apesar de a criança estar se movendo com dificuldade, a mãe se arrepende da agressão apenas quando a avó materna censura sua conduta. O narrador, por sua vez, naturaliza a agressão, afirmando que a culpa dos ferimentos era dos nós da corda.

O principal episódio do conto, porém, centra-se na agressão paterna. O medo que o menino sente do pai é evidente, quando este levanta da rede demonstrando irritação e questiona aquele com aspereza sobre o local onde escondera o cinturão. Ao nomear o pavor que sentira, o narrador se qualifica como “covarde, débil, ignorante e incapaz de conversa e defesa”, já insinuando possíveis consequências psicológicas advindas da violência. Os efeitos, da agressão são mencionados posteriormente, quando explicita que não suporta quando lhe falam alto: “o coração bate-me forte, desanima, como se fosse parar, a voz emperra, a vista escurece, uma cólera doida agita coisas adormecidas cá dentro. A horrível sensação de que me furam os tímpanos com pontas de ferro”. Com efeito, o autor identifica a habitualidade da violência como a maior tortura de sua infância (RAMOS, 2000).

A forma como se dá o recurso do narrador à sua memória requer atenção, devido a seus aspectos singulares. Em primeiro lugar, o fato de o narrador se lembrar com clareza da veemência da surra, permite inferir que as emoções direcionadas ao pai adquiriram um elevado grau de desprezo, fazendo parte da construção de sua personalidade, uma vez que os sentimentos foram internalizados. Em segundo lugar, nota-se que as lembranças que envolviam a figura do pai são expressas por termos como “nebuloso” e “neblina”, indicando uma lacuna na memória do narrador em relação ao cenário e às ações secundárias do pai, a sala onde ele dormia na rede e o momento em que ele pega o chicote.

O narrador faz uso de recursos expressivos para descrever sua percepção visual do ambiente doméstico em que vive e é oprimido:





Achava-me num deserto. A casa escura, triste; as pessoas tristes. Penso com terror nesse ermo, recordo-me de cemitérios e de ruínas mal-assombradas. Cerravam-se as portas e as janelas, do teto negro pendiam teias de aranha. Nos quartos lúgubres minha irmãzinha engatinhava, começava a aprendizagem dolorosa.

A referência à outra infante da família traz a avaliação certa que o menino faz de sua condição de vulnerável no momento em que o pai levanta da rede: “desejei vê-lo dirigir-se à minha mãe e a José Baía, pessoas grandes, que não levavam pancada”. Mais uma vez, o narrador reconhece a naturalidade com a qual a violência contra a criança é praticada.

Ao final da história, o pai encontra o cinturão na rede onde estava deitado antes de levantar-se e acusar o filho de o ter escondido. A aparente culpa que o pai sente encontra-se exposta nos parágrafos finais do conto:

Resmungou e entrou a passear agitado. Tive a impressão de que ia falar-me: baixou a cabeça, a cara enrugada serenou, os olhos esmoreceram, procuraram o refúgio onde me abatia, aniquilado.

Pareceu-me que a figura imponente minguava - e a minha desgraça diminuiu. Se meu pai se tivesse chegado a mim, eu o teria recebido sem o arrepio que a presença dele sempre me deu. Não se aproximou: conservou-se longe, rondando, inquieto. Depois se afastou.

Neste ponto, a falta de um adjetivo ou mesmo de um substantivo que comporte o significado da reação do pai provoca no leitor uma angústia imposta pelo implícito. O esvaziamento de sentidos explícitos aqui compõe uma brecha na interpretação do leitor, a ser preenchida pelo não dito.

As aranhas que trabalhavam na telha negra, anteriormente mencionadas na representação imagética do horror que a criança estava sentindo, permanecem gravadas na memória do narrador, em virtude de compor a última frase do conto. No primeiro momento, relatando o terror da vivência; por último, aceitando a insignificância dos sentimentos experienciados pela criança.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto *Um cinturão*, ainda que traga elementos autobiográficos, mantém um grau de ficcionalidade, na medida em que intercala elementos de um universo possível ao manuseio da linguagem, apelando para a imaginação do leitor de modo a conferir-lhe reações de espanto e medo diante da descrição pormenorizada das ações e sensações. Diferentemente de pesquisas que quantificam as manifestações da violência contra a criança na sociedade brasileira, a





narrativa de Graciliano Ramos assume uma amplitude que extrapola a informação, uma vez que ela viabiliza a vivência emotiva e estética de agressões contra a criança.

Deste modo, corrobora-se a noção de que narrativas literárias e cultura se retroalimentam. Aquilo que a sociedade institui como comportamentos negativos ou positivos tende a sugerir a criação de produções literárias, e essas fornecem os meios para negar ou apoiar o que o estrato sociocultural manifesta.

## REFERÊNCIAS

- AUGUSTIN, Roberta Lopes; AUGUSTIN, Sérgio. *Memória e suas implicações na vida cotidiana: análise teórica*. Métis: história & cultura, v. 11, n. 21, 2012.
- CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta ao Rei Dom Manuel*. 1968.
- CANDIDO, Antonio et al. *O direito à literatura*. Vários escritos, v. 3, p. 235-263, 1995.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2001.
- DESLANDES, Suely Ferreira; DE ASSIS, Simone Golçalves; SANTOS, Nilton Gonçalves de. *Violência envolvendo crianças no Brasil*. In: Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Brasília: Ministério as Saúde, 2005.
- SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. Brasiliense, 2017.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Violência, um problema para a saúde dos brasileiros*. In: Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Brasília: Ministério as Saúde, 2005.
- PERGHER, Giovanni Kuckartz et al. *Memória, humor e emoção*. Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul, v. 28, n. 1, p. 61-68, 2006.
- RAMOS, Graciliano. *Um cinturão*. In: Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século. Org. MORICONI, Ítalo. Rio de Janeiro: OBJETIVA, 2000, p. 144 - 146.





## REVITALIZAÇÃO NO E DO COTIDIANO: UMA PROPOSTA COM ALUNOS DO IFSUL SAPUCAIA DO SUL/RS

### REVITALIZATION IN AND FROM EVERYDAY LIFE: A PROPOSAL WITH STUDENTS FROM IFSUL SAPUCAIA DO SUL/RS

Elizandra Sirlei Del Zotto Ritter; Patricia Thoma Eltz

Instituto Federal Sul-Rio-Grandense

**Resumo:** Este estudo apresenta um projeto de intervenção pedagógica junto a alunos do terceiro ano do Curso Técnico Integrado em Eventos do Instituto Federal Sul-rio-grandense de Sapucaia do Sul/RS. Através da formação de um grupo focal, os jovens estudantes da educação profissional e tecnológica promoveram o planejamento e execução de uma proposta de revitalização para um espaço de convivência em sua própria instituição formadora. Como uma proposição interventiva pela Arte, este processo foi movimentado e registrado na perspectiva de uma pesquisa relacionada ao programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT. O objetivo do debate teórico deste estudo trata da relevância de uma educação para o olhar na perspectiva de uma estética cotidiana que potencializa processos educativos e de convivência significativos. Além disso, revela a percepção sobre um processo formativo integral que considera o sujeito em todas suas dimensões histórico-culturais.

**Palavras-Chave:** Educação profissional e tecnológica. Arte educação. Estética do cotidiano.

**Abstract:** This study presents a project of pedagogical intervention with students of the third year of the Integrated Technical Course in Events of the Federal Institute of Rio Grande do Sul of Sapucaia do Sul / RS. Through the formation of a focus group, the young students of vocational and technological education promoted the planning and execution of a revitalization proposal for a living space in their own training institution. As an interventionist proposition for Art, this process was moved and registered in the perspective of a research related to the Master's program in Professional and Technological Education - PROFEPT. The objective of the theoretical debate in this study deals with the relevance of an education for looking at the perspective of a daily aesthetic that enhances significant educational and coexistence processes. In addition, it reveals the perception of an integral formative process that considers the subject in all its historical and cultural dimensions.

**Keywords:** Professional and technological education. Art education. Aesthetics of everyday life.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao desenhar-se uma proposta direcionada à educação profissional e tecnológica, na área da Arte, algumas provocações são desencadeadas. O movimento de proposição de valor ao ensino da Arte, nesta etapa da educação básica, torna-se tão preciso quanto educativo. Isto porque se trava uma batalha a respeito da necessidade de uma educação tanto para o técnico quanto para o humano.

Na investidura de uma percepção formativa do sujeito à vida, considerando todos seus interstícios e a complexidade com qual se correlacionam frente aos desafios existenciais, este



estudo traz uma proposta de educação para o olhar estético do cotidiano. Seu objetivo trata da reverência à área da Arte na educação profissional e tecnológica, através da análise sobre algumas ações realizadas por alunos do Instituto Federal Sul-rio-grandense de Sapucaia do Sul/RS. Ações estas derivadas de uma pesquisa na perspectiva do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – Profept.

A partir da formação de um grupo focal com alunos do terceiro ano do Curso Técnico Integrado em Eventos do IF Sul Sapucaia do Sul, jovens estudantes movimentaram-se na proposição de um projeto de revitalização de um espaço de convivência em sua instituição formativa. Para tal, procedimentos e processos foram sendo desencadeados para que o projeto pudesse ser concretizado segundo a perspectiva sociocultural juvenil, na lógica de uma qualificação do espaço ressignificado. Os elementos que compuseram o montante do processo se fizeram representados através de um produto educacional, direcionado à educação profissional e tecnológica, na área da Arte: o Diário de Campo da pesquisa. Este estudo vem discorrer sobre a forma como a estética do cotidiano pôde qualificar as experiências de convivência humana. Também se trata da percepção sobre uma identidade juvenil capaz de reconhecer as necessidades valorativas de seu meio e agir em prol de sua qualificação. O espaço institucional, neste entorno, torna-se efetivo motivador de ações para o coletivo na medida em que reconhece todas as áreas do conhecimento como fomento de um processo formativo integral e para a autonomia do sujeito.

## PRIMEIROS PASSOS DE INVESTIGAÇÃO

Vinculado à área de Ensino da Capes<sup>1</sup>, o Profept<sup>2</sup> promove a possibilidade para que o pesquisador realize um projeto de intervenção pedagógica, nos Institutos Federais do Brasil, no intuito de movimentar práticas educativas relacionadas à educação profissional e tecnológica (BRASIL PROFEPT, 2019). Alinhando esta prerrogativa junto à possibilidade da proposição multidisciplinar da Capes de que o pesquisador tenha autonomia para expressar anseios de sua própria trajetória pessoal, consolidou-se uma pesquisa acadêmica no viés da Arte educação (BRASIL CAPES, 2018).

<sup>1</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior no Brasil.

<sup>2</sup> Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica.





Os primeiros passos da construção de um projeto de pesquisa no qual se evidencia a relevância do ensino da Arte no espaço da EPT<sup>3</sup> trataram de uma revisão bibliográfica que trouxe embasamento teórico tanto na área de Arte educação quanto da EPT. Isto somente se tornou possível a medida em que os objetivos investigativos foram sendo estipulados. Ainda se tornou fundamental uma etapa de análise documental, já que, como uma proposta de intervenção pedagógica, o campo de pesquisa se caracterizava mediante determinado projeto formativo.

Com o objetivo de compreender o modo como os movimentos dos jovens em suas dimensões socioculturais poderiam subsidiar um processo de revitalização e ressignificação de um espaço de convivência desenhou-se uma investigação<sup>4</sup> junto aos alunos do Curso Técnico Integrado em Eventos do IFSul<sup>5</sup> de Sapucaia do Sul/RS. O alinhamento do objetivo e campo de pesquisa observaram a proposta formativa do CTIE<sup>6</sup> que, através de sua extensão curricular e trajetos curriculares flexíveis, estimula os jovens a participarem de projetos e atividades que interrelacionam saberes da “cultura, trabalho, ciência e tecnologia em favor da sociedade” (PPC TÉCNICO EVENTOS, 2017, p.7).

O CTIE acompanha a perspectiva de uma proposta formativa omnilateral que entende o sujeito em sua complexidade. Isto porque é proposta de acordo com a própria filosofia do IFSul, tratando de uma formação à vida e ao mundo do trabalho, através de processos inclusivos capazes de proporcionar diálogos e pesquisas que estimulam o desenvolvimento humano integral (PPI IFSUL, 2015).

## CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO PARA O OLHAR ESTÉTICO

O tempo da vida cotidiana, segundo Agnes Heller (1991), é antropocêntrico. O sistema de referência do tempo cotidiano é o presente. A questão de duração do tempo, para a autora, uma categoria cotidiana. Para ela, o conceito filosófico do tempo se reduz à irreversibilidade dos acontecimentos e fatos (RICHTER, 2003, p. 113).

A partir da consideração de Richter sobre a percepção do cotidiano introduz-se este segmento de estudo. Mediante suas pesquisas no terreno da estética do cotidiano, a autora menciona o conceito antropocêntrico de duração do tempo para pautar a relevância do tempo presente. Com fatos e acontecimentos reduzidos à irreversibilidade de um tempo que não pode

<sup>3</sup> Educação Profissional e Tecnológica.

<sup>4</sup> Título da Pesquisa: Movimentos Juvenis: a revitalização de espaços de convivência pela Arte como forma de resistência.

<sup>5</sup> Instituto Federal Sul-rio-grandense.

<sup>6</sup> Curso Técnico Integrado em Eventos.





mais ser revisitado ao ponto de ser transformado, o cotidiano torna-se o momento presente de ação. O porquê de se ter este entendimento sobre o tempo e a importância de um cotidiano de ações transformadoras está relacionado com a proposição da formação de um grupo focal com os alunos do terceiro ano do CTIE do IFSul Sapucaia do Sul. Ao serem convidados a participarem de um projeto cujo objetivo tratava de ações de revitalização de um espaço físico pela Arte, os jovens alunos que formaram o grupo focal intitulado Faces do Campus demonstraram uma aproximação para com a proposta.

Conforme Dayrell (2003), os processos de socialização do sujeito juvenil, no espaço educativo, interferem em seus modos de produção social, já que representam a forma com a qual percebem e agem em seu tempo e espaço. O acolhimento desta diversidade cultural juvenil pretende, na instituição educativa contemporânea, prover estratégias pedagógicas capazes de promover a interculturalidade<sup>7</sup>. Esta concepção de construção coletiva de saberes impulsiona transformações carregadas de impressões do universo juvenil, significadas a partir do exercício crítico do olhar.

Escolhido para ser revitalizado, o Gazebo é um espaço dentro do IFSul Sapucaia do Sul, localizado em frente à cantina, com área ampla para movimentação, cercada de elementos naturais. Caracterizado pelos jovens como um ambiente de muitos movimentos e eventos relacionados aos processos didático-pedagógicos do próprio campus, o Gazebo teve prioridade de escolha dentre inúmeros outros ambientes elencados pelo grupo e passíveis de revitalização. Isto se deu devido a sua relevância como espaço de convivência central do campus e pela sua relevância quanto à realização de inúmeros eventos. Também foi priorizado devido a sua degradação pelo tempo.

Logo, os jovens do projeto concluíram que um espaço ressignificado, segundo as necessidades dos próprios sujeitos que convivem pelo IFSul Sapucaia do Sul, poderia desencadear outros e novos momentos de socialização. Protagonizaram, então, o planejamento de um projeto de revitalização para o Gazebo.

---

<sup>7</sup> Caracterizada por um processo comunicativo que expressa significados sociais e narrativas humanas, a interculturalidade promove a interlocução das diversas culturas, considerando sujeitos e suas realidades. Na concepção crítica de Candau (2012), a interculturalidade reconhece as diferenças como eloquentes e constitutivas de uma sociedade democrática ao mesmo tempo em que questiona as formas de poder expressas ao longo dos processos históricos que acabam por alargar as desigualdades entre grupos socioculturais.



## A TRANSFORMAÇÃO ESTÉTICO-POSITIVA

Um fazer através da Arte, que compreenda sujeito e realidade em sua indissociabilidade, é um fazer fundamentado na complexidade dos saberes culturais. O conjunto de crenças, valores e significados que dão vigor às dinâmicas sociais se constituem em determinado tempo histórico, configurando comportamentos humanos e seus desmembramentos em sociedade. O processo de compreensão sobre o contexto reitera a interpretação dos elementos que o compõem e, neste movimento, favorece a tomada de consciência humana. E isto ocorre, inclusive, sobre formas de poder.

Segundo Paro (2014), o processo educativo pressupõe determinada relação de poder entre aquele que pretende efetivar alguma mudança de comportamento e aquele supostamente passível de sofrer modificações. No entanto, o autor menciona a diferença ideológica entre um poder-sobre e um poder-fazer. O primeiro recorre à manipulação e o segundo à persuasão. E no alinhamento de uma das opções ao estudo que aqui se retrata, movimenta-se o poder-fazer, já que o autor menciona que sua compatibilidade com uma educação histórico-cultural pretende a autonomia do sujeito, dentro de uma perspectiva de prática democrática.

Reconhecer todas as dimensões culturais expressas no espaço social da instituição escolar é o grande desafio da escola contemporânea, admitindo-se que o processo educativo para a autonomia vai além de processos técnicos e memorização de conceitos e procedimentos. A incorporação de elementos advindos das manifestações das diversas culturas podem atender os preceitos da educação pela persuasão. Isto porque favorece o processo democrático através do exercício do diálogo. Logo, o debate sobre vários pontos de vista oferece subsídios para que o sujeito exerça seu poder de manifestação ao mesmo tempo em que desenvolva a compreensão sobre perspectivas de pensamento diferentes das suas. Esta sistemática deve ser mediada pelo educador, consolidando-se uma relação pedagógica através da qual “o educador não educa o educando: *apenas* propicia condições para que o educando *se eduque* [grifos do autor]” (PARO, 2014, p. 57).

Com uma técnica de investigação científica que potencializa o processo democrático a partir da discussão de determinados assuntos, a constituição de grupos focais viabiliza uma participação interativa entre os sujeitos do debate (GONDIM, 2012). Nesta proposição, os jovens Faces do Campus apropriaram-se da proposta de pesquisa, focaram no objetivo de revitalização pela Arte e organizaram-se em um movimento concreto para chegar ao resultado





esperado, no tempo que possuíam. Apenas mediado pela pesquisadora, este movimento foi substancialmente subsidiado pelas perspectivas juvenis. O resultado alcançado concretizou-se como uma efetiva transformação do ambiente:

**Figura 6:** Diário de Campo: a antes e o depois



**Fonte:** Acervo da pesquisadora

A transformação estético-artística do ambiente, carregada de sentidos, caracterizou-se como um exemplo do poder-fazer dentro do espaço institucional. Em consonância a isto, envolvidos por um processo formativo integral, os jovens que desenvolveram esta transformação, são preparados para a efetiva vida cidadã, através de uma inserção consciente no mundo do trabalho. Esta concepção de educação conversa com a proposição de processos educativos humanizados e humanizadores. Assim, ao desempenharem uma educação para o olhar estético no espaço de sua instituição educativa, apropriam-se de valores e hábitos que levarão para a vida, favorecendo condutas democráticas e de visão sobre a coletividade.

Como não se reduz a um processo de transformação do espaço físico, o olhar estético subentende uma percepção da complexidade da experiência humana em seu meio. De modo positivo, sensações de bem estar e acolhimento fazem parte de uma experiência estética agradável e significativa para o sujeito. Segundo Richter (2003), através de uma apreciação ativa sobre a realidade, é possível desenvolver um sistema de representações que consegue revelar uma forma ideológica de ver o mundo.



O processo de transformação de uma realidade através do “fazer especial”<sup>8</sup>, conforme Richter, é carregado de sentido simbólico e social. Quando este sentido tem conotação satisfatória, através da experiência prazerosa coletiva, tem efeito de apreciação estética coletiva. Ao se fazer no cotidiano da vida humana, pode desencadear desejos intrínsecos a determinadas projeções positivas da atividade social comum. Um exemplo deste desencadeamento se deu através da caracterização pictórica de alguns elementos que os jovens Faces do Campus elaboraram para compor seu projeto de revitalização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação do olhar estético perpassa uma visão sobre o espaço físico de mundo. Envolve sensibilidade e apreciação de contexto. E isto apenas pode ser possível mediante o entendimento da complexidade de elementos culturais que desencadeiam as manifestações humanas em sociedade. Na visão responsável dos jovens Faces do Campus, a transformação do espaço do Gazebo articulou necessidades do coletivo que ocupava o campus, no entorno das atividades didático-pedagógicas desenvolvidas naquele espaço. Assim, subsidiados por suas próprias perspectivas juvenis, histórias de vida, saberes e anseios, protagonizaram seu poder-fazer. Através de um processo democrático contínuo e com um objetivo final, desenvolveram mais uma proposta congruente com o processo formativo integral ao qual são expostos perante a proposta formativa dos Institutos Federais do Brasil.

A Arte, por sua vez, tornou-se ferramenta de expressão e representação de elementos culturais juvenis. Foi expressa através de cores, formas, cheiros e mensagens positivas. Todos artifícios que deliberam sobre a proposição do bem estar coletivo e da manutenção de espaços de convivência significativos. Foi um processo que necessitou de um planejamento rigoroso e do envolvimento de todos os jovens e de uma rede de apoio que acabou se formando no decorrer das práticas do grupo. É imprescindível que seja registrada a importância do conjunto que possibilitou uma experiência como esta relatada. Cada sujeito, em sua especificidade, foi fundamental para que o processo tivesse progressão e fosse finalizado com sucesso.

---

<sup>8</sup> Através de suas pesquisas a respeito do ensino da Arte, Richter (2003) chega à estudiosa da Arte, Dissanayake (1991, p. 91) que diz: “a noção de arte como um comportamento reside no reconhecimento de uma tendência comportamental fundamental do ser humano (o “fazer especial”), que antecede a arte em toda sua diversidade”.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Diretoria de Avaliação. **Documento de Área**. Ensino 2017. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Federal do Espírito Santo. Profept. **O Profept**. Vitória/ ES, 2019.

CANDAU, V. M. F. Diferenças culturais, interculturalidade, e educação em direitos humanos. **Educação e Sociedade**, v. 33, n. 118, Campinas, jan./mar., 2012.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Rev. Brasileira de Educação**, n. 24, set./out./nov./dez., 2003.

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE (IFSUL). **Projeto Pedagógico Institucional do Instituto Federal Sul-rio-grandense**. Pelotas, 2015.

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE (IFSUL). **Cursos Técnicos. Eventos**. Campus Sapucaia do Sul, 2017.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação científica: desafios metodológicos. **Paidéia**, v. 12, n. 24, Ribeirão Preto, 2012.

PARO, Vitor H. **Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação**. São Paulo: Cortez, 2014.

RICHTER, Ivone M. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2003.





## REPENSAR A EDUCAÇÃO PARA ATENDER O DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL

### RETHINKING EDUCATION TO MEET INTEGRAL HUMAN DEVELOPMENT

Patrícia Modesto da Silva; Eliana Perez Gonçalves de Moura; Adriane Cássia Silva Coitinho

Universidade Feevale

**Resumo:** O presente artigo propõe analisar aproximações das propostas das cidades educadoras e da educação integral e de tempo integral, como alternativas para uma concepção de educação que busque atender o desenvolvimento humano integral com vistas na equidade e no bem-estar social. O procedimento metodológico utilizado para este estudo será a revisão bibliográfica com base na fundamentação teórica alicerçada em Brandão (2016), Freire (1987, 1989), Moll (2013) e Gadotti (2016) para tratar de educação, educação integral e de tempo integral num processo contínuo, considerando a integralidade dos sujeitos. Para sustentar o conceito de cidades educadoras recorreu-se a Gadotti (2006), Moll (2013) e Pozo (2013). O problema que buscamos responder se configura mais explícito diante da realidade pandêmica que estamos vivendo, momento que evidenciou dificuldades e necessidades relacionados em diferentes setores, assim como na educação. O cenário atual configura a urgência de refletirmos sobre as prováveis repercussões e a relevância da educação como caminho para a consciência crítica e a emancipação dos sujeitos, por meio de propostas com potencial educacional que consideram como fundamental a equidade, a autonomia dos sujeitos ao longo da vida e principalmente aquisição de conhecimentos que contribuam para a construção de uma consciência crítica e coletiva.

**Palavras-chave:** 1. Educação integral e de tempo integral 2. Cidades educadoras 3. Repensar a educação

**Abstract:** This article proposes to analyze approximations of the proposals of the educating cities and of integral and full-time education, as alternatives for a conception of education that seeks to attend the integral human development with a view to equity and social well-being. The methodological procedure used for this study will be the bibliographic review based on the theoretical foundation based on Brandão (2016), Freire (1987, 1989), Moll (2013) and Gadotti (2016) to deal with education, full-time and full-time education in a continuous process, considering the integrality of the subjects. To support the concept of educating cities, Gadotti (2006), Moll (2013) and Pozo (2013) were used. The problem we seek to answer is more explicit in the face of the pandemic reality that we are experiencing, a moment that showed difficulties and related needs in different sectors, as well as in education. The current scenario configures the urgency to reflect on the probable repercussions and the relevance of education as a path to the critical conscience and the emancipation of the subjects, through proposals with educational potential that consider equity, the autonomy of the subjects throughout the course. and mainly the acquisition of knowledge that contributes to the construction of a critical and collective conscience.

**Key words:** 1. Full-time and full-time education 2. Educating cities 3. Rethinking education

## INTRODUÇÃO

A pandemia mostrou a fragilidade da sociedade em suas diferentes faces: econômica, política, social, educacional, científica, familiar dentre outras. Santos (2020) argumenta que desde a década de 80, com o predomínio do capitalismo, existe um permanente estado de crise,





contrapondo o significado da palavra que seria de conotação passageira. Desta forma, sustenta o autor, que quando uma crise é permanente impacta em diferentes setores da sociedade global, nos restando buscar as causas e alternativas para amenizar as repercussões. Complementando este posicionamento, Morin (2004, p. 14-15) atenta para nossa limitação para tratar de problemas e instabilidades, de forma que quanto mais a crise progride mais se amplia a dificuldade em resolvermos: “Uma inteligência incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente e irresponsável.”, assim, mostramos nossa falta de preparo e fragilidade para a resolução. O autor aponta para a necessidade de reinventar a educação repensando o ensino, buscando construir “[...]uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre” (MORIN, 2004, p. 11).

Para atender o propósito deste artigo teórico, a metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, que fundamenta os conceitos-chave e contextualiza o cenário em estudo. Para contemplar a proposta de buscar nas concepções de cidades educadoras e da educação integral e de tempo integral alternativas para repensar a educação, fundamentação teórica esta fundada com em leituras de em Brandão (2016), Freire (1987, 1989), Moll (2013) e Gadotti (2016) para tratar de educação, educação integral e de tempo integral compreendendo-a como um caminho para a mudança e emancipação dos sujeitos, num processo contínuo (ao longo da vida) e com garantia de equidade e qualidade num formato de educação considerando a integralidade dos sujeitos. Para sustentar o conceito de cidades educadoras recorremos a Gadotti (2006), Moll (2013) e Pozo (2013) que apontam para o caminho da valorização dos territórios educativos, onde diferentes políticas, espaços, tempos e atores são compreendidos como agentes pedagógicos, capazes de apoiar o desenvolvimento humano integral.

Ao propormos alternativas para repensar a educação temos em vista o cenário atual da sociedade, com o recorte na educação, mas considerando um caminho para a equidade, no desenvolvimento humano integral, nas reformulações socioculturais, econômicas na sociedade.

## 1 EDUCAÇÃO INTEGRAL E DE TEMPO INTEGRAL

Segundo Freire, a educação deveria priorizar a mediação de conhecimento e valorização de saberes entre docente e discente, de forma horizontal: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987,





p. 39). O autor aponta para a relevância da Educação no desenvolvimento de sujeitos críticos, com capacidade de modificar realidades sociopolíticas: "[...]de alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de (re) escrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente" (FREIRE, 1989, p. 13). Nessa concepção de educação, a realidade das crianças e estudantes é significativa para o ensino/aprendizagem, visto como importante caminho para despertar o senso crítico, por meio do diálogo, respeito e busca da autonomia. A situação em que a pandemia nos trouxe, forçou a mudar nossa forma de viver e com a Educação não foi diferente. Nos pressionou a refletir sobre tais mudanças e a emergência de repensar a educação, Moll (2013, p. 40) afirma que: “não só é possível mudar a escola, como obra humana e expressão cultural que ela é, mas de que já há um processo de mudança em curso. A autora se posiciona com base nas disparidades que já eram apontadas em pesquisas, que evidenciam a desigualdade educacional no país e, ainda, considera essa realidade brasileira como base, para buscar a equidade e construir uma proposta que realmente atenda a “Uma mudança que quebra a lógica burocratizada e desumanizadora [...]” (MOLL, 2013. p. 40). Nessa linha de pensamento, precisamos considerar que para obter equilíbrio entre a educação pública e privada, seria possível por meio de ações que atendesse as necessidades básicas dos educandos/as e garantia das políticas públicas. Para tanto, a Educação poderia ser pensada com uma configuração de formação integral, como um projeto coletivo, de práticas que possibilitem ressignificar o espaço escolar não só como lugar, mas, como articulador de ações entre educadores, sociedade e governo, “ampliar a jornada escolar na perspectiva da educação integral em tempo integral[...]” (MOLL, 2013. p. 41). Repensar a Educação passaria pela ampliação de tempo na escola e de espaços educativos, considerando o território onde os educandos estão inseridos. Bem como, pensar como um lugar humanizado, direcionado a formação de qualidade, compreendendo o ser humano em sua complexidade ao longo de sua vida. A validação desse processo precisa ser por meio de políticas públicas que considerem a ampliação das funções da escola nos diferentes níveis de ensino e, realmente, se efetivem.

Complementarmente a essa reformulação, Gadotti (2016, ano, p. 55) se posiciona afirmando que a Educação ao longo da vida independe da idade, estendendo-se desde o nascimento até o fim da vida. Ainda, complementa que está para além dos espaços formais e não formais, o que nos “[...]obriga a ter uma visão mais holística da educação”. O autor, destaca que esta modalidade não se reduz a formação profissional e se difere da EJA (Educação de





Jovens e Adultos). Brandão (2016, p. 162) acrescenta que o conceito compreende “[...] pensar uma educação centrada na pessoa e destinada a se estender por toda a sua vida.” Portanto, compreende a educação para todos e por toda a vida, sendo assim, engloba educação, aprendizagem, formação profissional buscando o desenvolvimento global dos sujeitos.

## 2 CIDADES EDUCADORAS

Para Gadotti (2006), a cidade tem o dever de garantir a todos o acesso igualitário aos direitos humanos fundamentais através das suas funções específicas relacionadas à economia, à política, à prestação de serviços, à mobilidade e à organização social. Além disso, dispõe de uma série de equipamentos públicos e privados por meio dos quais pode contribuir com o processo formativo dos seus habitantes. Dessa forma, mesmo quando não existe a intencionalidade, tudo que ocorre dentro do território de uma cidade contribui de forma positiva ou negativa para a formação de todos seus habitantes, pois “a cidade é um agente educativo permanente, plural e poliédrico, capaz de potencializar os fatores educativos e de transformação social” (AICE, 2020, p. 04).

A concepção da proposta das Cidades Educadoras parte do pressuposto de que as cidades são estruturas que sustentam e interligam seus habitantes nos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos e produzem referências que interferem na vida de seus/suas cidadãos/cidadãs ao longo de toda vida (MACHADO, 2004). O seu objetivo constante será sempre “aprender, inovar e partilhar, e, portanto, enriquecer e tornar mais segura e digna a vida dos seus habitantes” (AICE, 2020, p. 4).

Diante desses desafios, a ideia sobre o potencial educativo das cidades, se sustenta na Carta das Cidades Educadoras que reúne um conjunto de princípios essenciais organizados em 20 artigos, agrupados em três Títulos que se constituem no fio condutor para impulsionar o potencial educativo das cidades.

O Título I – O Direito à Cidade Educadora, abrange seis artigos que de maneira geral, trata da redefinição da cidade como educadora. Referem-se principalmente às políticas educacionais do município, sinalizando que a educação estritamente escolar é essencial, necessária, todavia não é o suficiente. Em sequência, o Título II – O Compromisso da Cidade, se ancora no posicionamento proativo de reconhecimento do direito de todos a uma cidade educadora, apresentado no Título I, que transgride a simples obrigação da cidade em cumprir



as suas funções tradicionais através de uma administração democrática, honesta e eficaz. Relaciona-se ao acréscimo de valor na educação escolar e na promoção de oportunidades de qualidade de vida. Por fim, o Título III – Ao Serviço Integral das Pessoas, complementa literalmente a ideia anteriormente apresentada no Título II, defendendo que para alcançar o engajamento dos/das seus/suas habitantes, a cidade deve levar em consideração que cada pessoa precisa se perceber como um ponto de atenção das políticas públicas locais, de seus agentes e representantes. Ainda, sentir-se plenamente capaz de exercer sua cidadania e desenvolver suas capacidades, objetivo principal da educação, e alcançar qualidade de vida, objetivo básico de toda a gestão democrática.

Dito isso, o mérito da proposta das Cidades Educadoras se sustenta em virtude da complexidade dos desafios impostos à cidade contemporânea de se moldar às exigências do mundo globalizado e digital. Bauman (1999, p. 38), expressa literalmente, a importância da “reconstrução do espaço público, como diálogo constante entre indivíduo e comunidade, entre direitos e deveres e uma educação ao longo da vida que não só renove aptidões para a mobilidade laboral e técnica, mas, sobretudo, o espírito de cidadania.” Ao analisar os desafios da educação na modernidade líquida, aponta como caminhos para os avanços necessários, muitas das concepções presentes nos princípios da nova Carta das Cidades Educadoras, tais como a necessidade de re(construção) de vínculos entre as pessoas, o estímulo a convivência cooperativa, respeitosa e empática e o desenvolvimento de habilidades e competências individuais/coletivas.

### 3 REPENSAR A EDUCAÇÃO

É inegável que uma crise sanitária mundial produz repercussões não apenas de ordem epidemiológica, mas impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes para todos os países. Complementar a este cenário, o Brasil que já vinha fragilizado por dificuldades socioeconômicas, ainda, conta com embates ideológicos e políticos entre o presidente da república, ministros e governadores. Esta situação evidencia o desencontro de informações, atrapalha decisões importantes e deixa a população sem referência, conforme acompanha-se em noticiários e redes sociais, deixando claro o desgoverno em meio a pandemia.

Com essa realidade surgiu uma nova forma de viver, priorizando o uso de máscaras, o distanciamento social e novos arranjos nas relações humanas. Tudo isso foi sendo incorporado





na rotina das pessoas, transformando o funcionamento dos espaços das cidades e das residências, que neste momento precisam se adaptar a esta demanda. Desde então, instituições, profissionais, educadores, famílias, crianças e estudantes, em maior ou menor grau, foram obrigados a se adaptar às novas formas digitais de trabalhar, ensinar/aprender e interagir.

Conseqüentemente, o olhar linear e conservador imposto através dos anos sobre a educação pública brasileira, com ênfase exclusiva em metodologias presenciais e na universalização do Ensino Fundamental pelo aumento do número de matrículas, repercutiu ainda mais forte. A escola que sempre centralizou as ações do processo de ensino, ainda neste momento, enfrenta dificuldades para adaptar-se às possibilidades da sala de aula virtual. Nesse sentido, para além da internet, do desconforto dos/as estudantes em realizar a leitura das atividades em smartphones, quando disponíveis, da falta de preparo dos/as professores/as para elaborar aulas e materiais usando os recursos das tecnologias da informação, das dificuldades demonstradas pelas famílias em organizar um ambiente adequado para o aprendizado em casa, a escola deparou-se com as limitações das suas relações e parcerias com as demais políticas públicas e com a comunidade em seu entorno. Percebeu-se isolada entre seus próprios muros.

A emergência de mudanças educacionais é evidente, mas a disposição política precisa atender a esse chamado, considerando a totalidade dos sujeitos e assim pensando em projetos educativos que atendam às necessidades, pautados em ações que se efetivem. Moll (2013) destaca que mais que ampliar a jornada diária é preciso atentar a qualidade, pois como afirma a autora que se deve fundamentar como um: “tempo reinventado que compreende os ciclos, as linguagens, os desejos das infâncias e juventudes que acolha, modifique assimetrias e esterilidades que ainda são encontradas na prática pedagógica escolar” (2012, p. 28). Considerar ainda, a proposta de um formato educativo que seja um processo contínuo (ao longo da vida) e com garantia de equidade e qualidade, num formato de educação integral para ensino fundamental e médio e, precisa ter como objetivo central reconhecer a Educação como caminho para a mudança e emancipação dos sujeitos. Brandão complementa que a formação profissional é vista como um objetivo secundário na “[...] vocação humana de aprender” (2016, p.162). Ainda, conclui que o conceito se configura como um projeto que, “[...] de ciclo a ciclo do desenvolvimento humano, o acompanhe ao longo de toda a existência conforme a escolha de cada pessoa que aprende” (2016, p.167). Assim, o reconhecimento e validação de que a escola não é o único espaço educativo, admitindo o potencial educativo de outros ambientes e territórios da cidade como legítimos.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com certeza, o ano letivo de 2020 foi atípico, cheio de excepcionalidades, com indubitáveis consequências educacionais acentuadas e provocadas pela pandemia. Se os prejuízos são temporários ou permanentes é a reflexão que cabe. Portanto, persiste o desafio de fazer o sistema educacional trabalhar em novos moldes e articulado a concepção de educação integral, presente na nova Base Nacional Curricular Comum - BNCC<sup>[2]</sup>, a qual valoriza a visão do/a estudante, o seu desenvolvimento pleno e a integração curricular com os saberes do seu cotidiano. Estabelecer quais são as prioridades entre as competências e habilidades a serem desenvolvidas, inclusive através do ensino híbrido, superar as barreiras tecnológicas e instrumentalizar o/a professor/a para realizar essa mediação com qualidade. Ainda, professores/as, família, escola, sociedade, governos, precisam estar envolvidos conjuntamente para que o resultado do aprendizado seja exponencialmente maior.

Para que isso se efetive, o trabalho entre muros e solitário da escola não é o suficiente. A escola precisa reconhecer outros espaços e tempos de aprendizagem que estão além da sala de aula regular, na cidade. Porém, não em qualquer cidade, mas naquela que se assume intencionalmente educadora por meio de seus espaços públicos, espelha esses processos e premissas, potencializa a integralidade do ser humano, favorece aprendizagens e a convivência.

A partir das concepções e legados das experiências de educação integral apresentados neste estudo, formam-se questões emergentes frente aos desafios da educação na vida urbana, onde não podemos separar o perfil de pessoa que se pretende ser da forma como se quer viver em sociedade. Nesse sentido, destaca-se a importância da reflexão sobre a conexão entre os conceitos da proposta das cidades educadoras e da educação integral e de tempo integral. Em continuidade, considerar, se ainda é necessário a construção de um espaço para a educação integral, ou tem-se apenas que (re)fazê-lo, (re)pensá-lo em vista que dentro das nossas cidades já existem elementos, ferramentas e, principalmente pessoas que tornam possível esta renovação. Esses princípios estão presentes na proposta das Cidades Educadoras, que rompe definitivamente com a forma tradicional pela qual as políticas públicas, de maneira geral, vêm sendo elaboradas e executadas.

<sup>[1]</sup> Instituto de pesquisas especializado em decisões estratégicas. Possui sede em Brasília, DF e São Paulo, SP. <http://www.institutofsbpesquisa.com.br/>.

<sup>[2]</sup> Documento normativo para as redes de ensino e suas instituições públicas e privadas, referência obrigatória para elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para o ensino infantil, ensino fundamental e ensino médio no Brasil". (BRASIL, 2017).





## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CIDADES EDUCADORAS. **Carta das cidades educadoras**. Barcelona: AICE, 1990. disponível em <http://www.edcities.org/wp-content/uploads/2013/10/carta-portugues.pdf>. Acesso em: 20 set.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados Cortez, 1989.

GADOTTI, Moacir. A escola na cidade que educa. **Cadernos Cepec**. n.01. p.133-139. 2006. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/download/160/189> . Acesso em: nov. 2020.

MOLL, Jaqueline. **Os Tempos da vida nos tempos da escola**. Porto Alegre: Penso, 2013.

MOLL, Jaqueline. **Os tempos da vida nos tempos da escola: construindo possibilidades**. Porto Alegre: Editora Penso, 2013. ISBN: 9788565848589. Recuperado em 01/12/2020, de: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788565848589/pageid/37>

POZO, Joan Manuel del. O Conceito de “Cidade Educadora”, hoje. In: **Educação e vida urbana: 20 anos de Cidades Educadoras**. Associação Internacional de Cidades Educadoras. Portugal: Torres Novas, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra. EDIÇÕES ALMEDINA, S.A., 2020. ISBN 978-972-40-8496-1

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma e reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

NACIF, P. G. S., Queiroz, A. C., Gomes L. M., & Rocha, R.G. (Org.). Brasil, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Coletânea de textos CONFINTEA Brasil+6: tema central e oficinas temáticas / Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC





## ENVELHECIMENTO BEM-SUCEDIDO E AS ESTRATÉGIAS DE SELEÇÃO, OTIMIZAÇÃO E COMPENSAÇÃO (SOC)

### SUCCESSFUL AGING AND SELECTION, OPTIMIZATION AND COMPENSATION STRATEGIES (SOC)

Yasmin Daniele Garcia; Geraldine Alves dos Santos; Deise Claudiane Rodrigues Antunes; Ígor de

Oliveira Lopes; Marcus Levi Lopes Barbosa

Universidade Feevale

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é analisar as estratégias de seleção, otimização e compensação com a promoção do envelhecimento bem-sucedido. O presente trabalho configura-se como uma revisão sistemática. Foram utilizadas as seguintes bases de dados para a busca dos artigos: LILACS, MEDLINE interface PubMed. Foram localizados 12 artigos e após critério de exclusão ficou-se com 3 artigos. Os artigos selecionados demonstram importantes relações entre o SOC e o envelhecimento bem-sucedido. O SOC foi significativamente associado aos indicadores subjetivos de envelhecimento bem-sucedido, como à satisfação com o envelhecimento, falta de agitação, ausência de solidão emocional e social. De um modo geral, este artigo possibilitou um entendimento da relação entre as estratégias SOC e o envelhecimento bem-sucedido. No entanto, observa-se que a produção científica ainda é escassa e novas pesquisas precisam aprofundar a investigação nesta área que se mostra promissora.

**Palavras-chaves:** Envelhecimento bem-sucedido, estratégias de seleção, otimização e compensação, envelhecimento.

**Abstract:** The objective of this work is to analyze the strategies of selection, optimization and compensation with the promotion of successful aging. The present work is configured as a systematic review. The following databases were used to search for articles: LILACS, MEDLINE interface PubMed. 12 articles were found and, after exclusion criteria, 3 articles were left. The selected articles demonstrate important relationships between SOC and successful aging. SOC was significantly associated with subjective indicators of successful aging, such as satisfaction with aging, lack of agitation, absence of emotional and social loneliness. In general, this article provided an understanding of the relationship between SOC strategies and successful aging. However, it is observed that scientific production is still scarce and new research needs to deepen research in this area that is showing promise.

**Key words:** Successful aging, selection, optimization and compensation strategies, elderly

## INTRODUÇÃO

A busca pelo significado de Envelhecimento Bem-Sucedido já ocorre há algum tempo. O filósofo Romano Cícero (106-43 A.C) já escrevia sobre o envelhecimento não como uma fase de declínio, mas sim como uma fase oportuna para mudanças positivas. Refletindo sobre as distinções entre envelhecimento “normal” e “patológico, argumentando que não deveríamos confundir envelhecer como sinônimo de doença. Cumming e Henry (1961) definiam o envelhecimento como uma fase de desligar-se da vida ativa e se preparar para a morte, isso





configurava a Teoria do Desligamento. Enquanto Haighurst (1963) entendia que o envelhecimento como um processo de adesão continuada às atividades da meia-idade, compreendendo que há uma substituição de papéis, devido às perdas e mudanças associadas ao envelhecimento. Com isso, o idoso manteria um sentido positivo com a vida.

A dualidade de pensamentos acerca do envelhecimento surge pelo fato dele estar intrinsecamente ligado às mudanças fisiológicas, que também incluem uma piora da saúde (ERVEN; JANCZURA, 2004; BOTTINO et al., 2008). No entanto, diversos estudos apontam para potenciais latentes e não utilizados pela pessoa idosa. Exemplos são encontrados nos estudos sobre envelhecimento cognitivo, onde foram identificadas melhoras cognitivas em pessoas idosas participantes de atividades de estimulação (BALTES; LINDENBERGER, 1988; SCHAIKOWITZ 1990; SILVA et al., 2014); no domínio físico foi encontrado que os declínios físicos podem ser adiados ou revertidos por meio de exercícios e dietas adequados (BALTES; REICHERT 1992; SILVA et al., 2014). A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 2003, p. 22) define o envelhecimento como “um processo sequencial, individual, acumulativo, irreversível, universal, não patológico [...]”.

Nesta linha, Baltes e Baltes propuseram um modelo que explicou o envelhecimento bem-sucedido, levando em consideração os aspectos biológicos, psicológicos e individuais. Desta forma, criaram um modelo que reflete a interação entre a dinâmica de ganhos e perdas, entre plasticidade, desenvolvimento e as possíveis limitações que poderão ocorrer. Assim, o envelhecimento bem-sucedido deve ser compreendido como um processo geral de adaptação, equilibrando as limitações e potencialidades do indivíduo; fazendo com que a pessoa lide com variados níveis de auto eficácia. E com base nessa ideia, Baltes e colaboradores (1999) criaram o modelo de Seleção, Otimização e Compensação (SOC).

No modelo SOC a Seleção significa selecionar as capacidades pré-existentes no indivíduo. A Otimização refere-se a aprimorar as suas capacidades e habilidades. Por fim, temos a Compensação que diz respeito ao uso de estratégias novas, da capacidade de plasticidade cerebral, de usarmos os recursos disponíveis, sendo eles internos ou externos, como por exemplo, usar estratégias mnemônicas para lembrar de tomar o remédio ou utilizar um recurso externo. O modelo SOC atinge seu pico na idade adulta e acentua-se no envelhecimento (BALTES; SMITH 2003). Em pesquisa realizada com 27 idosos, o envelhecimento bem-sucedido estava associado à capacidade de ajustar-se às circunstâncias e apreciação das qualidades pessoais (VON FABER et al., 2001).





Neste sentido, configura-se o objetivo geral deste trabalho que é analisar as estratégias de seleção, otimização e compensação para a promoção do envelhecimento bem-sucedido.

## MÉTODO

O presente trabalho configura-se como uma revisão sistemática. Foram utilizadas as seguintes bases de dados para a busca dos artigos: LILACS, MEDLINE interface PubMed, pela relevância das publicações no campo da saúde. O período investigado foi de 1993 a 2020. Foram considerados somente trabalhos em português, inglês ou espanhol. Os descritores utilizados foram: Successful aging, selection, optimization and compensation strategies, elderly, SOC.

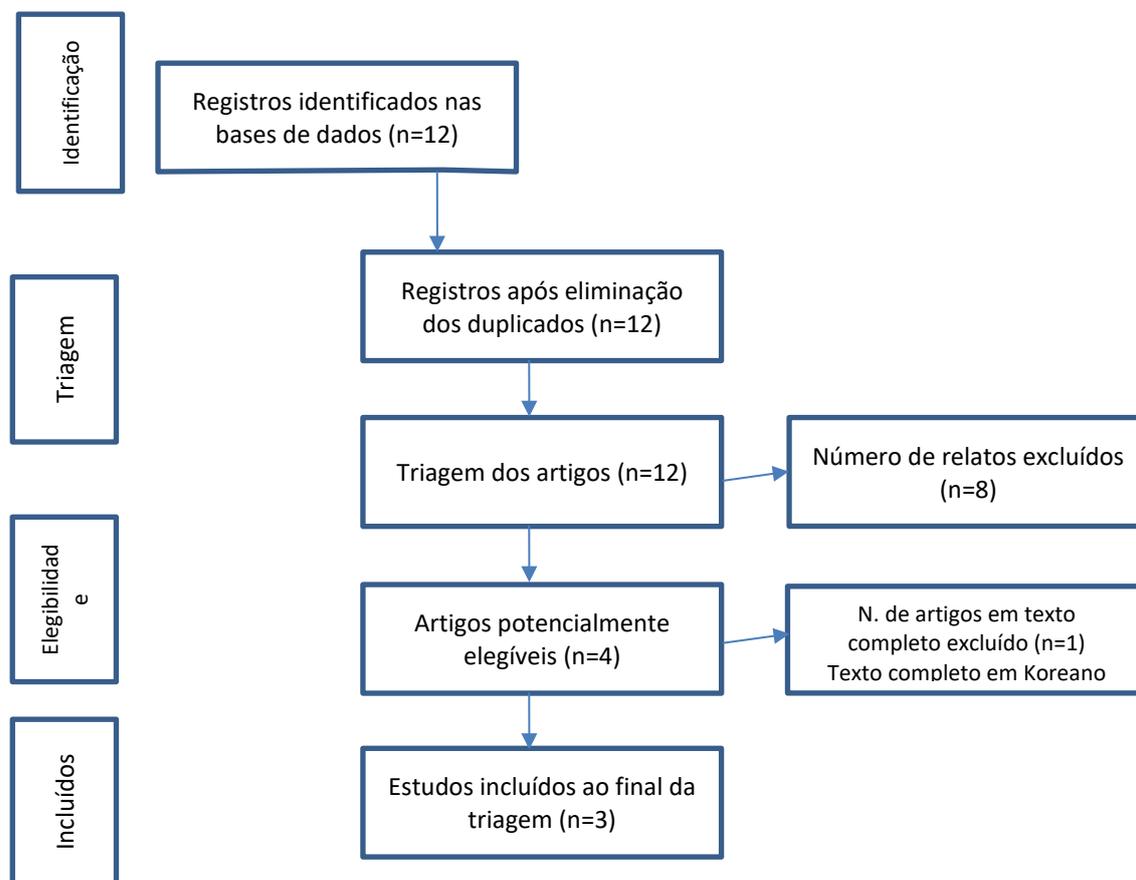
Os critérios de inclusão utilizados foram (1) público alvo idosos (2) Modelo SOC (Seleção, otimização e compensação). (3) estudos em inglês, português ou espanhol; (4) ensaios clínicos; (5) estudos de intervenção; (6) e pesquisas experimentais. Estudos em outras línguas, modelo SOC em outro público, envelhecimento bem-sucedido sem abordar o modelo SOC foram excluídos.

## RESULTADOS

No que se refere a quantidade de artigos disponíveis observa-se um baixo número de publicações. Tendo em vista que as estratégias SOC não referem-se apenas ao envelhecimento, alguns artigos que foram excluídos incluíam outras faixas etárias (WEBER et al., 2019; MULLER et al., 2013; FREUND; BALTES, 2002; MULLER et al., 2012) ou com população idosa patológica (JANG; SONG, 2017; ZIEGELMANN; LIPPKE, 2007; HUTCHINSON; NIMROD, 2012; DONNELAN; HICKEY; O'NEIL, 2012) ou em outra língua (OH, 2012; LANG; TESCH-ROMER, 1993;), e um artigo excluído por ser revisão sistemática (OUWEHAND; RIDDER; BENSING, 2007). Na figura 1 está demonstrado o processo realizado:



**Figura 1** – Processo realizado na revisão sistemática



Assim, após as exclusões dos artigos que não preenchiam os critérios foram selecionados 3 artigos, sendo que os resultados mais importantes foram destacados no quadro 1, abaixo.

**Quadro 1** – Resultado da revisão sistemática

Autores	Desenho do estudo e Amostra	Principais Achados
JOPP, D.; SMITH, J. (2006)	Estudo 1 Quantitativo, descritivo e transversal, (n=156) com pessoas idosas entre 71-91 anos Estudo 2 Quantitativo, descritivo e longitudinal	Em ambos os estudos, as estratégias específicas do SOC demonstraram-se adaptativas frente ao envelhecimento. Em média, ambos os grupos usaram seleção baseada em perdas com mais frequência do que a seleção eletiva; Descobriu-se que a otimização tem fortes efeitos transversais e longitudinais; O impacto da otimização no bem-estar foi mais encontrado em indivíduos muito idosos e com poucos recursos.



	(n=42) com pessoas idosas entre 72-90 anos	
FREUND, A. M.; BALTES, P.B. (1998)	Quantitativo, descritivo e transversal (n=200) com pessoas idosas entre 72.6 - 102.7 anos	SOC foi significativamente associado aos indicadores subjetivos de envelhecimento bem-sucedido. O índice do SOC foi positivamente relacionado à satisfação com o envelhecimento, falta de agitação, ausência de solidão emocional e social.
WURM, S.; WARNER, L. M.; ZIEGELMANN J. P.; WOLFF J.K.; SCHÜZ B. (2013)	Quantitativo, descritivo e transversal (n = 309) com pessoas idosas acima dos 65 anos de idade	Encontrou-se relação positiva entre a auto percepção negativa do envelhecimento (self-perceptions of aging-SPA) associada a perdas físicas; O estudo sugere que utilizar as estratégias SOC para levar um estilo de vida saudável pode desempenhar um papel importante neste contexto. Os resultados sugerem que as intervenções para apoiar os adultos mais velhos após eventos negativos de saúde devem abordar as expectativas negativas do envelhecimento e mostrar, tanto o ponto de vista positivo sobre o envelhecimento quanto o fato de que, mesmo na velhice, os indivíduos podem beneficiar-se com as mudanças de comportamento de saúde.

Fonte: Próprio autor

## DISCUSSÃO

A análise dos artigos apresentados demonstra que a literatura tem abordado pouco a variável de estratégias SOC e o processo de envelhecimento bem-sucedido. Muitos dos estudos que foram localizados analisavam as estratégias SOC em outro público ou com idosos com alguma patologia, neste caso não analisando o processo de envelhecimento bem-sucedido.

Os artigos selecionados demonstram importantes relações entre o SOC e o envelhecimento bem-sucedido. O SOC foi significativamente associado aos indicadores subjetivos de envelhecimento bem-sucedido, como à satisfação com o envelhecimento, falta de agitação, ausência de solidão emocional e social. Sendo que a Otimização e compensação foram preditoras mais significativas quando relacionadas à satisfação com o envelhecimento, ausência de solidão emocional e social e emoções positivas. Ainda, a Otimização mostrou maior



relevância quando comparada com a Compensação, levando a induzir que os indivíduos que estão envelhecendo tendem a usar mais recursos baseados na plasticidade (otimização) antes de se envolverem nas estratégias compensatórias (FREUND; BALTES, 1998).

Ainda neste sentido, o efeito protetor do SOC foi associado às variáveis Otimização e Compensação no estudo realizado por Jopp e Smith (2006). Os resultados indicaram que um maior uso de estratégias SOC estava relacionado às mudanças mais positivas na satisfação com o envelhecimento quando os recursos (sociais, saúde, demográfico e cognitivo) eram limitados. Assim, o SOC demonstra ter uma função protetora ao amortecer o impacto de poucos recursos na satisfação do indivíduo com o envelhecimento.

Ademais, a utilização das estratégias SOC mostrou seu papel protetor quando se referem à expectativa das pessoas idosas frente ao seu futuro. Este fato ocorreu quando havia associação positiva entre pessoas idosas que esperavam perdas físicas no envelhecimento e perdas físicas reais. Provavelmente essas pessoas pesquisadas usavam menos estratégias SOC para levar um estilo de vida saudável, o que por sua vez pode predizer uma saúde debilitada (WURM et al., 2013).

O padrão de resultados encontrados corroboram a previsão teórica do papel protetor do SOC, mostrando que o uso de estratégias SOC podem equilibrar o efeito dos recursos limitados na velhice (JOPP; SMITH, 2006). Bem como, pessoas idosas que utilizavam as estratégias SOC percebem o envelhecimento de modo mais positivo. (FREUND; BALTES, 1998; JOPP; SMITH, 2006; WURM et al., 2013). Estes elementos merecem atenção específica porque a satisfação com o envelhecimento é altamente protetiva para evitar a mortalidade na velhice (MAIER; SMITH, 1999).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, este artigo possibilitou um entendimento da relação entre as estratégias SOC e o envelhecimento bem-sucedido. No entanto, observa-se que a produção científica ainda é escassa e novas pesquisas precisam aprofundar a investigação nesta área que se mostra promissora.

Ainda, sugere-se que novas pesquisas de intervenções possam possibilitar aos idosos um melhor uso de estratégias de gerenciamento de vida SOC por meio de instrução e





treinamento que pode ser promissor para auxiliá-los a lidar com as mudanças relacionadas à idade.

## REFERÊNCIAS

- BALTES, M. M.; REICHERT, M. Successful aging: The product of biological factors, environmental quality, and behavioral competence. In EBRAHIM, S. (Ed.). **Health care for older women**. Oxford: Oxford University Press, 1992. p. 236-256
- BALTES, P. B. Autobiographical reflections: From developmental methodology and lifespan psychology to gerontology. In BIRREN, J. E.; SCHROOTS, J. F.(Eds.), **A history of geropsychology in autobiography**. Washington, DC: American Psychological Association, 2000. p.1-6.
- BALTES, P. B. et al. **The measure of selection, optimization and compensation by self-report-Technical report**. Berlin: Max-Pank Institut fur Bildungs Forschung, 1999.
- BALTES, P. B.; LINDENBERGER, U. On the range of cognitive plasticity in old age as a function of experience: 15 years of intervention research. **Behavior Therapy**, v. 19, n. 3, p. 283–300, 1988. Disponível em: <<https://www.karger.com/Article/Abstract/67946>>. Acesso em: 25 out. 2020.
- BALTES, P.B.; SMITH, J. New Frontiers in the Future of Aging: From Successful Aging of the Young Old to the Dilemmas of the Fourth Age. **Gerontology**, v. 49, p. 123–135, 2003. Disponível em: <<https://www.karger.com/Article/Abstract/67946>>. Acesso em: 13 out. 2020.
- BOTTINO, C. M.; AZEVEDO, D. J. R.; TATSH, M.; HOTOTIAN, S. R. et al. Estimate of dementia prevalence in a community sample from São Paulo, Brazil. **Dement Geriatr Disord.**, v. 26, n. 4, p. 291-299, 2008. Disponível em: <<https://www.karger.com/Article/Abstract/161053>>. Acesso em: 08 out. 2020.
- BRIM, O. G. JR.; WHEELER, S. **Socialization after childhood: Two essays**. New York: Wiley, 1966.
- CUMMING, E.; HENRY, W. **Growing old: the process of disengagement**. Basic Books, New York, 1961.
- DONNELLAN, C.; HEVEY, D.; HICKEY, A.; O'NEILL, D. Adaptation to stroke using a model of successful aging. **Neuropsychol Dev Cogn B Aging Neuropsychol Cogn.**, v. 19, n. 4, p. 530-47, 2012. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22225479/>>. Acesso em: 20 out. 2020.
- ERIKSON, E. H. **Childhood and Society**. Nova York: WW Nostrand, 1950.
- ERVEN, T. V.; JANCZURA, G. A. A memória dos idosos em tarefas complexas. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 1, p. 59-68, 2004. Disponível em:



<[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5979/1/ARTIGO\\_MemoriaIdososTarefasComplexas.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5979/1/ARTIGO_MemoriaIdososTarefasComplexas.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2020.

FREUND, A.M.; BALTES, P.B. Selection, optimization, and compensation as strategies of life management: correlations with subjective indicators of successful aging. **Psychol Aging.**, v.13 n.4, p.531-43, 1998. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/9883454/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

HAVIGHURST, R. J. **Developmental Tasks and Education**. Nova York: Longman Green, 1951.

HOLLINGWORTH, H. L. **Mental growth and decline**. Appleton, 1927.

HUTCHINSON, S.L.; NIMROD, G. Leisure as a resource for successful aging by older adults with chronic health conditions. **Int J Aging Hum.**, v.7, n.1, p. 41-65, 2012. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22696843/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

JANG, Y.M.; SONG, R. Structural Equation Modeling on Successful Aging in Elders with Chronic Obstructive Pulmonary Disease Based on Selection-Optimization-Compensation Strategy. **J Korean Acad Nurs.**, v. 47, n. 4, p. 488-498, 2017. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28894071/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

JOPP, D.; SMITH, J. Resources and life-management strategies as determinants of successful aging: on the protective effect of selection, optimization, and compensation. **Psychol Aging.**, v.21 n.2, p.253-65, 2006. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16768573/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

LANG, TESCH-ROMER. Successful Aging and social relations: selection and compensation in social contact behavior. **Z Gerontol.** v. 26, n. 5, p. 321-329, 1993. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/8273409/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

LERNER, R. L. **Developmental Psychology**. Historical and philosophical perspectives. Hillsdale: Earlbaum, 1983.

LERNER, R. L.; DOWLING, E.; ROTH, S. L. Contributions of Lifespan Psychology to the future elaboration of developmental systems theory. In: STAUDINGER, U. M.; LINDERBERGER, U. (Eds.). **Understanding human development**. Dialogues with Lifespan Psychology. Boston: Kluwer, 2003. p. 413-422.

MÜLLER, A.; WEIGL, M.; HEIDEN, B.; GLASER, J.; ANGERER, P. Promoting work ability and well-being in hospital nursing: the interplay of age, job control, and successful ageing strategies. **Work**, v. 41, 2012. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30671630/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

MÜLLER, A.; WEIGL, M.; HEIDEN, B.; HERBIG, B.; GLASER, J.; ANGERER, P. Selection, optimization, and compensation in nursing: exploration of job-specific strategies, scale development, and age-specific associations to work ability. **J Adv Nurs.**, v. 69, n. 7, p. 1630-42, 2013. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30671630/>>. Acesso em: 20 out. 2020.



OH, D.N. Structural equation modeling on successful aging in elders - focused on selection, optimization, compensation strategy. **J Korean Acad Nurs.**, v. 42, n.3, p.311-221, 2012. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22854543/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

OPAS - ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. **Guia Clínica para Atención Primaria a las Personas Mayores.** 3ª ed. Washington: OPAS, 2003. Disponível em: <<http://www.sld.cu/galerias/pdf/sitios/gericuba/introduccion.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2020.

OUWEHAND, C.; DE RIDDER, D.T.; BENSING, J.M. A review of successful aging models: proposing proactive coping as an important additional strategy. **Clin Psychol Rev.**, v. 27, n.8, p.873-84, 2007. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17328997/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

SCHAEIE, K. W. The optimization of cognitive functioning in old age: Predictions based on cohort-sequential and longitudinal data. In: BALTES P. B.; BALTES, M. M. (Eds.), **Successful aging: Perspectives from the behavioral sciences.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 94–117.

SILVA, L. D. S. V. et al. Relations between memory complaints, depressive symptoms and cognitive performance among community dwelling elderly. **Rev Psiquiatria Clínica**, v. 41, n. 3, p. 67-71, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0101-60830000000013>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

SILVA, Nádia; et al. Exercício físico e envelhecimento: benefícios à saúde e características de programas desenvolvidos pelo LABSAU/IEFD/UERJ. **Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto**, v. 13, n. 2, 2014 Disponível em: <[http://bjhbs.hupe.uerj.br/WebRoot/pdf/475\\_pt.pdf](http://bjhbs.hupe.uerj.br/WebRoot/pdf/475_pt.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2020.

VON FABER, M. et al. Successful aging in the oldest old: Who can be characterized as successfully aged? **Archives of Internal Medicine**, v. 161, n. 22, p. 2694-2700, 2001. Disponível em: <<https://jamanetwork.com/journals/jamainternalmedicine/fullarticle/752299>>. Acesso em: 08 out. 2020.

WEBER, J.; JÖRRES, R.; KRONSEDER, A.; MÜLLER, A.; WEIGL, M.; CHMELAR, C. Learning on the job, the use of selection, optimization, and compensation strategies, and their association with telomere length as an indicator of biological aging. **Int Arch Occup Environ Health**, v. 92, n. 3, p 361-370, 2019. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30671630/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

WURM, S.; WARNER, L.M.; ZIEGELMANN, J.P.; WOLFF, J.K.; SCHÜZ, B. How do negative self-perceptions of aging become a self-fulfilling prophecy? **Psychol Aging**, v. 28, n.4, p. 1088-97, 2013. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24128074/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

ZIEGELMANN, J.P.; LIPPKE, S. Use of selection, optimization, and compensation strategies in health self-regulation: interplay with resources and successful development. **J Aging**



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

**Health**, v. 19, n. 3, p. 500-18, 2007. Disponível em:  
<<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17496247/>>. Acesso em: 20 out. 2020.



feevale.br/cidi2021





## MEMÓRIA ORGANIZACIONAL, MEMÓRIA INSTITUCIONAL E AÇÃO SOCIAL: RELAÇÕES TEÓRICAS POSSÍVEIS

ORGANIZATIONAL MEMORY, INSTITUTIONAL MEMORY AND SOCIAL ACTION:  
THEORETICAL POSSIBLE RELATIONS

Rita de Cássia da Rosa Sampaio; Maria de Lourdes Borges

Universidade La Salle

**Resumo:** A ação social é constituída a partir do comportamento do outro, e a memória organizacional e da memória institucional são fruto das práticas diárias dos membros das organizações, então quais as relações possíveis entre esses construtos? Este artigo objetiva analisar as relações teóricas possíveis entre a memória organizacional, a memória institucional e a ação social de Weber. Como método, utilizou-se a pesquisa bibliográfica. As discussões evidenciaram que os aspectos da memória organizacional que se referem a repositórios e estruturas de retenção de informações são identificáveis e visíveis por ter um componente predominante da ordem das ações sociais racionais, tanto as que se referem aos fins, quanto a valores. Ao mesmo tempo, a memória institucional apresenta características de ações sociais de modo tradicional e de modo afetivo, podendo ser identificadas por meio de cristalização de processos que tendem a ocorrer com o passar do tempo nas organizações.

**Palavras-chave:** Memória Organizacional. Memória Institucional. Ação Social.

**Abstract:** Social action is based on the behavior of others, and organizational and institutional memory are the result of the daily practices of organizations' members. So what are the possible relationships between these constructs? This article aims to analyze the possible theoretical relationships between organizational memory, institutional memory and Weber's social action. The method applied was bibliographic research. The discussions showed that the aspects of organizational memory that refer to repositories and information retention structures are identifiable and visible because they have a predominant component of the order of rational social actions, both of these refer to ends and values. At the same time, institutional memory presents characteristics of social actions in a traditional and affective way, which can be identified through the crystallization of processes that tend to occur over time in organizations.

**Keyword:** Organizational memory. Institutional memory. Social action.

### 1 INTRODUÇÃO

A memória organizacional vai sendo construída cotidianamente no contexto das organizações como um 'resultado' das interações e negociações no compartilhamento de informações e de conhecimentos (SANTOS, 2019). Essas negociações cotidianas, voltadas a busca de produzir sentido (WEICK, 1995) sobre o que acontece nas organizações, acabam formando hábitos e padrões que se dinamizam em relações de força, formando a memória institucional (THIESEN, 2013). Diante desta dinâmica, para Weber (2000) o entendimento de ação social é caracterizado pelo fato de ser orientada pelo comportamento de outras pessoas.





Em busca no repositório Scielo com o descritor “memória organizacional” foram encontrados 26 trabalhos, 24 para o termo “memória institucional”, 187 para “ação social” e zero trabalhos para os três termos. Portanto, observa-se que há uma lacuna que envolvem o entendimento da relação entre memória organizacional, memória institucional e ação social.

A memória organizacional relaciona-se com questões de ordem organizativa (WALSH; UNGSON, 1991) e a memória institucional imputa questões subjetivas que envolvem os processos na prática dentro das organizações (COSTA, 1997). Mas, que relação teria a memória organizacional e a memória institucional com a ação social (WEBER, 2000)? No entendimento de ação social, cada indivíduo age a partir do comportamento do outro (WEBER, 2000); para a memória organizacional, interessa a maneira como a organização alcança eficácia; e para a memória institucional como a legitimidade é ali formada (THIESEN, 2013).

Diante disso, o objetivo deste artigo é o de analisar relações teóricas possíveis entre a memória organizacional, a memória institucional e a ação social de Weber. A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa foi a pesquisa bibliográfica. Para Lima e Miotto (2007) a pesquisa bibliográfica deve ser realizada a partir de critérios previamente estabelecidos. Para esta pesquisa os critérios utilizados da escolha das referências envolveu o parâmetro cronológico, como o mais relevante, o qual pautou-se por buscar autores seminais sobre cada tema, não esquecendo de levar em consideração os atuais também. Além deste, o parâmetro temático em buscas de artigos e livros nacionais e internacionais foi levado em consideração com as palavras-chave 'memória organizacional', 'memória institucional' e 'ação social'.

Inicialmente discutem-se os principais entendimentos sobre memória organizacional e memória institucional, seguida da discussão sobre ação social para Weber (2000). Uma discussão a respeito das relações teóricas entre as três temáticas deste artigo é então apresentada sendo finalizado o artigo com as considerações finais.

## 2 MEMÓRIA ORGANIZACIONAL E MEMÓRIA INSTITUCIONAL

As organizações podem ser vistas como sistemas de processamento de informação, no qual tais informações são interpretações coletivas do conhecimento, por meio da compreensão de como emergem. Desta forma, entende-se que as organizações apresentam uma memória singular e adequada a construção da sua história. Como por exemplo, o conhecimento de fazer



as coisas, a maneira como aborda e revolve seus problemas e superam os desafios, e ainda, como se relacionam com os outros (ACKERMAN; HALVERSON, 2004).

Walsh e Ungson (1991) descrevem a memória organizacional como informações que podem ajudar a preservar as lembranças da trajetória de uma organização e que esta pode (e deve segundo os autores) ser utilizada para conduzir as decisões gerenciais. O passado é considerado como aprendizado, na busca por respostas que são armazenadas como uma estrutura de retenção de informações (WALSH; UNGSON, 1991). Já a memória institucional, segundo Costa (1997), refere-se à reprodução de práticas sociais cotidianas e que tendem a perdurar.

Para Nassar (2007) a Memória Organizacional se diferencia da Memória Institucional quando se observa o foco de cada prática desenvolvida. Para o autor, a Memória Organizacional constrói uma ideia da eficácia permitindo mudanças no seu curso. Já a Memória Institucional remete à ideia de legitimidade, criação e identidade, pois se une ao conceito que os empreendimentos têm atualmente, de que identidade e reputação são constituintes da memória.

Em linhas gerais, a memória organizacional relaciona-se com questões de ordem organizativa (WALSH; UNGSON, 1991) e a memória institucional imputa questões subjetivas que envolvem os processos na prática dentro das organizações (COSTA, 1997). Portanto, a memória organizacional seria “o como devem acontecer” e a memória institucional “o como de fato acontecem” os processos nas organizações.

Para Thiesen (2013), as instituições são construídas de forma coletiva a partir de suas relações sociais, culturais e por seus acontecimentos ao longo do tempo. Carregam em seu sistema integrante, instrumentos de controle social, que estabelecem regras e padrões de conduta, garantindo o seu funcionamento com certa regularidade (COSTA, 1997). Segundo Berger e Luckmann (1973), o processo de institucionalização ocorre por meio de formação de hábitos, as ações que se tornam cotidianas, habituais e passam a ser naturalizadas por meio de suas práticas. Para Costa (1997) a instituição é um corpo em processo, em que as energias são canalizadas em processos solidários que a constitui. Sendo a memória institucional as relações entre as memórias e os saberes dos indivíduos, nesse estudo, podendo ser entendido também, como a ação social, a partir dos estudos de Weber.





## 3 AÇÃO SOCIAL

A teoria sociológica de Weber volta-se a compreender o sentido das ações. Para Weber (2000, p. 13) em uma ação social, cada agente visa o comportamento do outro para dar significado ao seu, ou seja, o agente se espelha no próximo para determinar o que ele irá fazer. Salienta-se que Weber denomina os indivíduos como agentes (compreende-se por agente, quem produz efeito, quem é ativo, ou seja, quem promove uma ação). Assim, em uma ação social, o agente “orienta-se no comportamento dos outros, seja este passado, presente ou esperado como futuro”. Sell (2015) destaca que Weber construiu sua teoria usando como princípio o sujeito e não o objeto. Gerth e Mills (2005) ratificam, ao mencionar que tanto o ponto de partida como o objeto final das pesquisas de Weber é a pessoa individual.

Weber (2000) esclarece que uma ação social é caracterizada pelo fato de ser orientada pelo comportamento de outras pessoas. Para ele, uma ação social não se refere aos comportamentos associados a objetos, como por exemplo, adorações religiosas. Ainda, um simples contato entre as pessoas, também não caracteriza uma ação social, como o próprio Weber (2000) exemplifica, que um choque entre dois ciclistas nada mais é que um acontecimento. Além disso, Weber (2000) ressalta que uma ação social não é igual a outra, pois cada pessoa tem uma motivação diferente. Por exemplo, quando começa a chover e muitas pessoas na rua abrem seus guarda-chuvas para se protegerem, o que de fato ocorre é uma reação e não uma ação motivada por outro agente. Portanto, para ser entendida como uma ação social é preciso haver interação entre os agentes.

Foi por meio dos significados das ações sociais que Weber buscou compreender a multiplicidade do comportamento humano. Ao criar e utilizar seu próprio método tipológico (preferia classificar os seus conceitos em tipos por meio de modelos), estabeleceu diferenças entre quatro tipos de ações: (a) ações de modo racional referente aos fins, (b) ações de modo racional referente a valores, (c) ações de modo afetivo, (d) ações de modo tradicional (WEBER, 2000). A seguir os quatro tipos de ações são explicitados.

- a) Nas ações de modo racional referente aos fins, o agente age racionalmente para atingir seus objetivos. Suas ações são norteadas por escopos determinados. A ação de modo racional referente aos fins pode ser confundida com ação em relação a valores morais, porque o fim determinado para ela pode referenciar-se nos próprios significados do participante. Nesse caso, a ação seria racional apenas referente aos meios de como aconteceu e não referente aos fins (WEBER, 2000).



- b) Nas ações em relação a valores, o agente usa seus próprios valores morais como base para seus objetivos fins. A ação tem referência sobre o que o agente acredita, sem medir, inclusive, suas consequências (WEBER, 2000). Na ação racional referente a valores, segundo Thiry-Cherques (2009), a idealização de valores se torna a razão das ações. Assim, uma ação racional quanto a valores está relacionada com questões de religiosidade, crenças e outros valores, e por isso, não pode ser confundida com irracionalidade (THIRY-CHERQUES, 2009).
- c) Nas ações de modo afetivo, o agente leva em consideração apenas seus próprios sentimentos para atingir seus objetivos. As ações são norteadas pelos sentidos de realidade do agente e que podem estar no limite da racionalidade. Assim, uma ação pode tornar-se uma reação descomedida, apenas por um estímulo não cotidiano. As ações de maneiras afetivas podem ser motivadas por vinganças, felicidade e principalmente por descarga de afetos (WEBER, 2000).
- d) Nas ações de modo tradicional, o agente age mecanicamente em função dos costumes, tensionado pela tradição, relacionada singularmente ao hábito. A ação com regularidade pode ser entendida como reação, e por isso, aproxima-se da irracionalidade. Nesse sentido, o menor grau de racionalidade, pode ser entendido por irracionalidade dos fatos (WEBER, 2000). Weber (2004) exemplifica que uma decisão (jurídica) deve ser referenciada em análises concretas e não em fatos imaginários. Isto é, uma ação não pode ser compreendida como racional se partir de fatos considerados incoerentes.

Portanto, as ações sociais podem ser entendidas como o comportamento recíproco de sentido entre os agentes, evidenciadas na construção das relações sociais estabelecidas pelos agentes. Para Weber (2000) o sentido pode ser evidenciado de duas maneiras: a primeira refere-se à realidade e a segunda se refere ao puro conceito, ambos construídos pelos agentes, sem julgar o que pode ser considerado como verdadeiro ou o certo. A realidade seria o sentido real que um agente dá a uma ação, já o sentido de puro conceito (certo) seria o conhecimento geral das coisas.

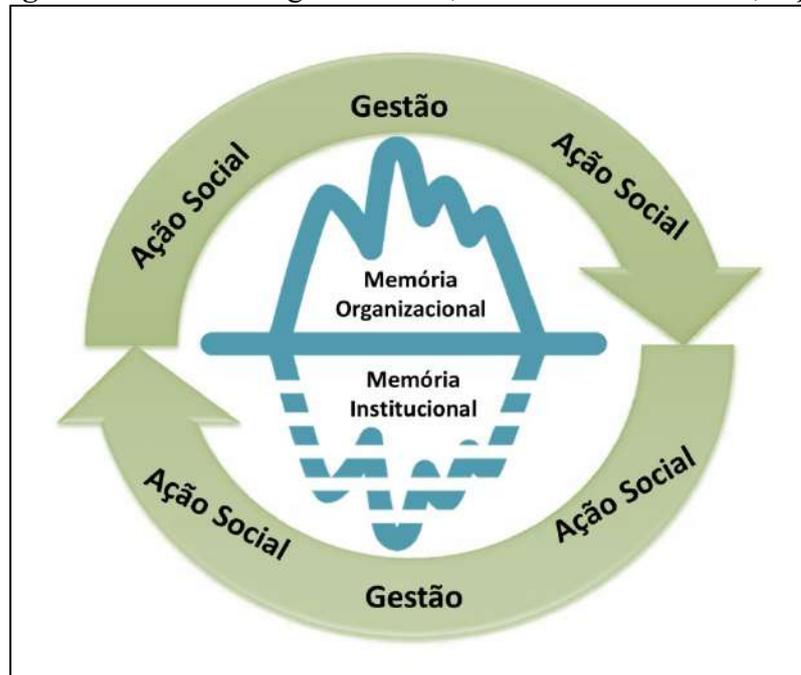
## 4 DISCUSSÃO

Para a presente discussão a respeito das relações teóricas entre a memória organizacional, a memória institucional e a ação social parte-se da metáfora do *iceberg*. Em um *iceberg*, enxerga-se a sua parte superior. O restante está embaixo d'água. Ainda que a água seja cristalina, ela esconde a imensidão e profundidade da montanha de gelo. Para este trabalho, o *iceberg* corresponde metaforicamente à memória organizacional e a memória institucional de uma organização. A primeira pode ser equiparada à parte superior do *iceberg*, o que está visível e claro nas organizações. Refere-se ao que está escrito, formalizado em estatutos, regimentos, manuais de normas e regras. A segunda corresponde à parte imersa, o que acontece independentemente do que esteja formalizado, ou seja, a maneira como os processos se cristalizam e se instituem ao longo do tempo nas organizações. Em ambas, as ações sociais



integram a construção da memória das organizações, reveladas nas práticas diárias (ações sociais) nas organizações. A figura 1 apresenta metaforicamente esta ideia.

**Figura 1:** Memória Organizacional, Memória Institucional, Ação Social.



**Fonte:** Dados desta pesquisa.

A figura 1 busca representar visualmente as relações entre Memória Organizacional, Memória Institucional e Ação Social. Nele, entende-se que a memória organizacional (parte de cima do *iceberg* e o que está visível das organizações) e a memória institucional (parte de baixo do *iceberg* e o que está pouco visível das organizações) são envoltas pelas ações sociais dos agentes nas organizações. Numa ação social, as ações dos agentes são motivadas pelas ações dos outros, sendo que dessas ações derivam as relações sociais, uma vez que o comportamento de um agente é recíproco ao do outro (WEBER, 2000).

Ao discutir as relações teóricas da memória organizacional, da memória institucional e da ação social, considera-se que as memórias organizacional e institucional, sob o ponto de vista da teoria do método tipológico da ação social de Weber, podem ser observadas com maiores aproximações de cada tipo memória aqui estudada, em relação a cada tipo de ação social supracitada neste trabalho. Os quatro tipos de ações são: (a) ações de modo racional referente aos fins, (b) ações de modo racional referente a valores, (c) ações de modo afetivo, (d) ações de modo tradicional.



Na primeira, em que as ações são norteadas por escopos determinados em que o agente age racionalmente para atingir seus objetivos (WEBER, 2000), atenta-se para algumas características da memória organizacional, como por exemplo, a retenção e o compartilhamento de informações do passado para a condução de decisões gerenciais no presente (WALSH; UNGSON, 1991). Assim, a retenção de informações (ACKERMAN e HALVERSON, 2004), podem referenciar-se nas ações de modo racional referente aos fins.

Nas ações (b) e (c), em que respectivamente os agentes usam de seus próprios valores morais e consideram apenas seus próprios sentimentos para as suas ações (WEBER, 2000), pode-se pensar uma transição entre as duas memórias, sob o entendimento de que se as ações dos agentes estão voltadas para valores morais em escopos pré-determinados para condução de decisões gerenciais (WALSH; UNGSON, 1991), “o como devem acontecer”, têm-se referência na memória organizacional. Contudo, pode-se considerar ainda que as ações dos agentes estão voltadas para os seus próprios sentimentos (WEBER, 2000), podem entrever questões subjetivas que envolvem os processos na prática dentro das organizações (COSTA, 1997), “o como de fato acontecem”, sendo características da memória institucional.

Na quarta ação (d), em que o agente age mecanicamente em função dos costumes, tensionado pela tradição, relacionada singularmente ao hábito (WEBER, 2000), a memória institucional está vislumbrada nas questões subjetivas que envolvem os processos na prática dentro das organizações (COSTA, 1997), ou seja, a maneira como de fato os processos acontecem nas organizações, independente de suas normas e regramentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar relações teóricas possíveis entre a memória organizacional, a memória institucional e a ação social de Weber por meio de uma pesquisa bibliográfica. A partir da discussão, destaca-se que uma vez que uma ação social é constituída a partir do comportamento do outro agente, as relações sociais se vivificam motivadas nas práticas diárias do trabalho dentro das organizações, ao longo do tempo.

As práticas diárias caracterizam a Memória Organizacional de um ponto de vista mais racional quando se trata de questões organizativas e para fins de resultados. Mas também, envolvem emoções e valores em que na Memória Institucional, estão postas de uma perspectiva da ordem das tradições e com elementos de emoções e valores.





A exemplo da metáfora do *iceberg*, as características da Memória Organizacional, compõem a parte mais visível das organizações, como as normas, as regras, os regimentos, o que indicam para as questões racionais, principalmente para a obtenção de resultados fins. Já na parte submersa do *iceberg* estão as características da Memória Institucional, em que se observa o compartilhamento de informações a partir das próprias vivências e experiências dos agentes. Tais experiências e vivências estão embebidas de suas culturas, costumes e valores nutridos e construídos com o passar do tempo.

Assim, os aspectos da memória organizacional que se referem a repositórios e estruturas de retenção de informações são mais claramente identificáveis e visíveis por ter um componente predominante da ordem das ações sociais racionais, tanto as que se referem aos fins, quanto a valores. Ao mesmo tempo, a memória institucional apresenta características de ações sociais de modo tradicional e de modo afetivo, podendo ser identificadas por meio de cristalização de processos que tendem a ocorrer com o passar do tempo nas organizações.

Portanto, entende-se que as ações sociais produzidas e reproduzidas por meio das práticas sociais ao longo do tempo contribuem na construção da memória organizacional e institucional das organizações.

## REFERÊNCIAS

ACKERMAN, M.; HALVERSON, C. Organizational memory as objects, processes, and trajectories: An examination of organizational memory in use. **Computer Supported Cooperative Work (CSCW)**, v. 13, n. 2, p. 155-189, 2004 .

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1973.

COSTA, Icléia T. M. **Memória institucional**: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

GERTH, Hans. H.; MILLS, C. Wright. O homem e sua obra. In: WEBER, Max. **Ensaios de sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007.

NASSAR, Paulo. **Relações públicas**: a construção da responsabilidade histórica e o resgate da memória institucional das organizações. São Paulo: Difusão Editora, 2007.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

SANTOS, J. C. **Memória organizacional**: em foco o valor da informação como negócio/commodity. Tese. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, campus de Marília. 2018.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica**: Marx, Durkheim e Weber. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2009.

THIESEN, I. **Memória institucional**. João Pessoa: UFPB, 2013.

THIRY-CHERQUES, H. R. Max Weber: o processo de racionalização e o desencantamento do trabalho nas organizações contemporâneas. **Rev. Adm. Pública, Rio de Janeiro**, v. 43, n. 4, p. 897-918, Aug. 2009.

WALSH, J. P.; UNGSON, G. R. **Organizational memory**. **The Academy of Management Review**, NY, v.16, n.1, p.57-91, jan. 1991.

WEBER, M. **Economia e sociedade**. Vol. 1: Fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: UnB, 2000.

WEBER, M. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília, DF: UnB, 2004.

WEICK, K. E. **Sensemaking in organizations**. Thousand Oaks: SAGE, 1995.





## PALAVRA/IMAGEM: INTERSECÇÕES DO MODERNISMO A ARTE CONTEMPORÂNEA

WORD / IMAGE INTERSECTIONS FROM MODERNISM TO CONTEMPORARY ART

Cristiane Fátima Lawall; Laura Marcela Ribero Rueda; Lurdi Blauth

Universidade Feevale

**Resumo** O presente estudo é realizado a partir de análise sobre as relações que se formam entre palavra e imagem nas artes visuais a partir dos movimentos de vanguarda até a arte contemporânea. O artigo introduz de maneira breve uma pesquisa bibliográfica acerca dos aspectos híbridos que se formam nas expressões artísticas desde o movimento Dadaísta até a arte contemporânea, buscando refazer este caminho que hoje explora o poder visual e simbólico da palavra, que retira muitas vezes o extraordinário do ordinário do cotidiano de imagens no qual acomodamos nosso olhar. O texto finaliza explorando as articulações que se formam entre o símbolo gráfico, suas representatividades e a imagem em produções de artistas gaúchos, a partir da década de 70, apresentados na exposição Forapalavradentro, realizada em 2013, no Espaço Cultural Feevale, na cidade de Novo Hamburgo, RS, Brasil.

**Palavras-chave:** Palavra. Imagem. Modernismo. Arte Contemporânea .

**Abstract:** The present study is based on an analysis of the relationships formed between the word and the image in the visual arts, from the avant-garde movements to contemporary art. The article briefly introduces a bibliographical research about the hybrid aspects that are formed in the artistic expressions from the Dadaist movement to contemporary art, seeking to retrace this path that today explores the visual and symbolic power of the word, which often removes the extraordinary from the ordinary of the images in which we accommodate our gaze. The text ends by exploring the articulations that are formed between the graphic symbol, its representativeness, and the image in productions by artists from Rio Grande do Sul, from the 1970s, presented in the exhibition Forapalavradentro, held in 2013, at Espaço Cultural Feevale, in the city of Novo Hamburgo, RS, Brazil.

**Keywords:** Word. Image. Modernism. Contemporary Art.

### 1 INTRODUÇÃO

A partir das provocações observadas nas articulações entre a presença ou representação da palavra e da imagem na arte contemporânea este estudo aborda o início das experimentações no campo das artes visuais nos movimentos de vanguarda do início do século XX, para melhor compreender os aspectos híbridos das expressões artísticas contemporâneas.

O artigo propõe analisar, através de pesquisa bibliográfica a inserção da palavra em obras de modernistas como Marcel Duchamp e René Magritte, apresentando, sua manifestação na poesia concreta, nas obras de Décio Pignatari, e Ferreira Gullar, até chegarmos em produções da arte contemporânea.

As interrelações entre palavra e imagem podem ser observadas nas obras de artistas gaúchos atuais, destacando-se a exposição Forapalavradentro, realizada no ano de 2013, no





espaço Cultural Feevale, na cidade de Novo Hamburgo, RS, com curadoria da artista, professora e pesquisadora Dra. Lurdi Blauth, cujo enfoque aborda questões conceituais que envolvem, de diferentes formas a palavra.

## 2.0 MODERNISMO E O PRINCÍPIO DE UMA ARTE HÍBRIDA

Os movimentos de vanguarda do início do século XX, foram significativos por seus enfrentamentos e questionamentos sobre a forma como a sociedade se no início do século em meio a tantas mudanças que ocorriam devido a revolução industrial, questionando o papel da arte neste processo e o próprio sistema de arte.

A introdução do símbolo gráfico como elemento visual, e seu percurso na arte que este artigo busca acompanhar, inicia-se nas colagens no período cubista pelo artista francês Georges Braque (1882-1963), com a inserção de algumas letras em sua obra *Fruteira e Copo* (1912). Além dos símbolos o artista incorpora outros elementos comuns do cotidiano à tela, como papeis e jornais, inaugurando a técnica de colagens na arte moderna. Seguido por Pablo Picasso (1881-1973) em na obra *Guitarra* (1913), (figura 1), expandindo as possibilidades apresentadas até então pelo suporte da tela.



**Figura 1. Pablo Picasso *Guitarra* 1913 carvão, cera, giz de cera, tinta e papel colado 66,4 x 49,5 cm  
Fonte: MoMA (2020).**

As interrelações entre o visual e o gráfico, iniciada no cubismo, oferecem amplo campo de pesquisa e material para uma das expressões mais significativas dos ideais Dadaístas, importante movimento artístico de múltiplas linguagens, que surge como resposta de artistas e intelectuais à violência e incongruência de um cotidiano produzido pela primeira grande guerra, que reverbera na arte e na cultura até os tempos atuais.



Duchamp, assim como outros artistas do Dadaísmo, busca desconstruir os padrões estéticos e formais da arte realizada até então, levando o olhar do público para a reflexão sobre o conceito de arte estabelecido naquele período, o que poderia ser o início da Arte Contemporânea, quando experiências estéticas se desenvolvem a partir de um conceito ou um questionamento, direcionando-se para muito além do visual.

As relações que se estabelecem a partir de tais provocações, entre a imagem e a palavra, formam um campo híbrido de criação, levando a compreensão de que a arte não está restrita apenas a representação da imagem. A inserção dos símbolos gráficos do cubismo aos textos de Duchamp movimentam a arte do campo visual ao verbal.

Na série *A Traição das Imagens*, de René Magritte (1898 – 1967), o artista explora outras relações, como a contradição e ambiguidade, quando o texto nega o que é visto na tela "*Ceci n'est pas une pipe*" - isto não é um cachimbo-escrito abaixo da imagem de um cachimbo realisticamente representado, faz com que o espectador confronte o que compreende no texto e na imagem (figura 2). O artista, ao mesmo tempo expressa a autonomia dos campos quando afirma que a imagem não é o objeto, mas sim sua representação, criando um paradoxo sobre o que representa uma verdade (PANEK, 2006).



Figura 2. René Magritte *A Traição Das Imagens* 1928 Óleo sobre tela 63,5 x 93,98 cm  
Fonte: Lacma (2007).

Magritte ao relacionar a palavra e a imagem em suas obras, busca evidenciar, pela contradição, a autonomia das linguagens, gerando outras associações entre conceitos e os significados atribuídos aos objetos (PANEK, 2006)

## 2. A PALAVRA NA ARTE CONTEMPORÂNEA GAÚCHA

No Brasil, as influências dos movimentos de vanguarda tornaram-se mais visíveis após a Semana de 22. As rupturas iniciadas pelos artistas da Semana da Arte Moderna, nos padrões de



artísticos da época, abriram espaço para novos movimentos, como o Concretismo e o Neoconcretismo.

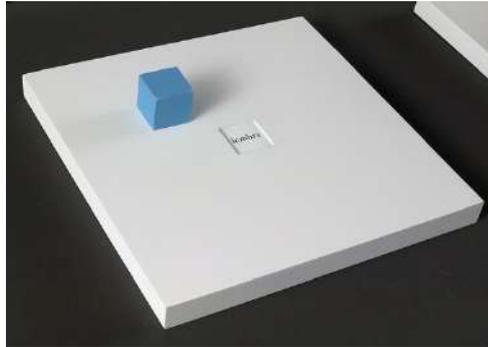
Movimentos que refutam ainda mais a ideia de arte como representação, neste contexto, no início da década de 50, nasce a poesia concreta surge explorando a espacialidade da palavra em uma experiência que de forma intuitiva e rítmica, faz da forma a poesia.

Envolvendo a visualidade do espaço/suporte pela presença da palavra, o poema é a forma, anunciando o início de um jogo das relações que irão permear a pesquisa deste campo da arte, inaugurada no Brasil pelo poeta Décio Pignatari (1927-2012), a obra o livro *Noigrandes* em 1952 (figura 3).



**Figura 3. Décio Pignatari *Organismo* 1966 off set sobre papel**  
Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural (2017).

Na obra *Lembra*, 1959 (Figura 4) Ferreira Gullar (1930-2016), dramaturgo e crítico de arte, fazendo uma analogia ao livro, deixa a palavra Lembra, abaixo de um bloco de madeira. A obra composta de uma placa branca de 40 x 40 x 5 cm, tem em seu centro um cubo azul de 5 x 5 x 5 cm, e sob ele a palavra, para ter acesso a ela, o observador precisa remover o bloco (GULLAR, 2007).



**Figura 4.** Ferreira Gullar *Lembra* 1959/2004 Acrílica sobre madeira e vinil  
**Fonte:** Enciclopédia Itaú Cultural (2017).

No cenário gaúcho a exposição Forapalavradentro reúne trabalhos dos artistas Alexandra Eckert, Clóvis Martins Costa, Elida Tessler, Hélio Ferverza, Rita Vieira da Rosa, Lenir de Miranda, Lurdi Blauth, Maria Ivone dos Santos, Maristela Winck, Neca Sparta, Paulo Gomes, Sandra Rey, Vera Chaves Barcellos e Walmor Corrêa, nos quais a palavra e a imagem são interrelacionadas.

Mencionaremos alguns exemplos como a obra *Testartes* (1974-1976), da artista gaúcha Vera Chaves Barcelos, pode ser considerada precursora da exploração de tais relação no panorama da arte contemporânea no estado do Rio Grande do Sul. Composta por fotografias em preto e branco nas quais é inserido um breve texto em forma de pergunta, a imagem associada a leitura, cria proposições e provocações, instigando o espectador a participar, quando busca alguma resposta para a pergunta observada na imagem (figura 5).



**Figura 5.** Vera Chaves Barcelos *Testarte*1975  
**Fonte:** Catálogo Forapalavradentro (2013).

A série Sudários da artista Neca Sparta, 2010, (figura 6) é constituída pela leveza e a maciez de tecidos (soft, voile, feltro), cujas materialidades são agradáveis ao toque da mão.



Porém, nessa superfície, a artista, com uma agulha e um fio de linha de bordado, vai costurando letra por letra, e, ao ferir a matéria, também cria pequenas tramas visuais.



**Figura 6. Neca Sparta *Sudario* Livro de pano com bordado - 2010**

**Fonte: Blauth (2013).**

Nesses livros de Sparta a curadora Blauth comenta:

A narrativa localiza-se nas palavras que são incorporadas e fundidas visualmente por meio das escrituras com o fio da linha. Indagamo-nos: por que essas escrituras criam sudários na obra da artista? São marcas de uma presença, no entanto, são igualmente vestígios de ausências[...]. Com o movimento de costurar, lentamente, geram-se cicatrizes e restam as marcas e a passagem de um tempo que não retorna. No entanto, algo é retido, cristalizado e presentificado. O espectador está convidado a desvendar, a entrar nas fendas das suas lembranças de infância (BLAETH, 2013 p.28).

Na obra *Primeiras Palavras Casa e Lua* da artista Sandra Rey (figura 7) a ausência do objeto anunciado pela presença da palavra, conduz nosso imaginário a buscar relações na paisagem em seu entorno. O vínculo criado entre o elemento gráfico e plástico estabelece um lugar para a palavra, limitando-os a determinadas analogias. Em uma relação de subordinação, “as palavras quase não têm ocasião de mover-se de seu lugar” (FOUCAULT, 1992, p. 131 apud BLAETH, 2015, p. 2).



**Figura 7. Sandra Rey *Primeiras Palavras [CASA] - [LUA]* 2013 Série de 24 Fotografias Impressão fotográfica Dimensões 70x55cm**

**Fonte: Sandra Rey (2013).**



A materialidade da imagem ambígua ao pensamento gerado pela palavra, interrompem a comum linearidade que constrói nossa mente, a analogia entre um e outro, e as interações entre o que é enunciado e o que é visto são transformadas e ressignificadas por meio da busca por outras analogias conceituais (BLAUTH, 2015).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A objetividade da imagem clara de um cachimbo na obra de Magritte é interrompida pela contradição do texto que a segue, a partir de então podemos perceber a palavra sendo inserida como elemento visual nos processos de criação.

Os questionamentos que provocam o imaginário e a memória na obra Testartes de Vera Chaves Barcelos, inauguram novos paradigmas no período pós-moderno, que se estendem para além da linguagem gráfica e visual, apontando para a contemporaneidade que se irá apropriar-se também dos meios e procedimentos dissolvendo as fronteiras entre as linguagens distintas da arte.

Arte contemporânea então torna-se experiência, é preciso agora despertar o olhar buscando acompanhar o fluxo vivo dos entrelaçamentos proporcionados pelo hibridismo inaugurado no modernismo que agora nos instiga viver a arte com todos os sentidos.

### REFERÊNCIAS

BLAUTH, Lurdi. **Forapalavradentro**. Novo Hamburgo, RS: Ed. do autor, 2013.

BLAUTH, Lurdi. **Imagem-Paisagem: suspensões em deslocamentos**. Revista de estudos em Linguagens e Tecnologias, v. 11, n. 2, 2015. Disponível em <<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/749>>. Acesso em: 03 set. 2020.

BLAUTH, Lurdi. **Vídeos Forapalavradentro**. 2013. Online. Disponível em: <<http://www.lurdiблаuth.com.br/videos/>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

GULLAR, Ferreira. **Experiência Neoconcreta**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LACMA. Los Angeles County Museum of Art. **Magritte and Contemporary Art: The Treachery of Images**. 2007. Online. Disponível em: <<https://www.lacma.org/art/exhibition/magritte-and-contemporary-art-treachery-images>>. Acesso em: 25 de abr. de 2021.

MOMA (MUSEUM OF MODERN ART). **Pablo Picasso**. Disponível em <<https://www.moma.org/collection/works/38359>>. Acesso em: 16 abril. 2021





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

PANEK, Bernadete. Mallarmé, Magritte, Broodthaers: jogos entre palavra, imagem e objeto. ARS, v. 4, n 8, 2006. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-53202006000200010&lng=pt&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202006000200010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 19 abril 2021.





## REFLEXÕES ACERCA DA RECEPÇÃO DE QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS, E SUA TRADUÇÃO AMERICANA

### REFLECTIONS ABOUT THE RECEPTION OF CHILD OF THE DARK, BY CAROLINA MARIA DE JESUS, AND ITS AMERICAN TRANSLATION

Poliana Soares (Universidade Feevale); Marinês Andrea Kunz (Universidade Feevale); Gerson

Roberto Neumann (Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul)

**Resumo:** Este estudo interdisciplinar sobre literatura, cultura, tradução e recepção é uma síntese de parte da tese de doutorado e visa demonstrar a relação e as influências da tradução sob o sucesso da obra “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus. Por meio de estudos de Literatura Comparada e Tradução, adotando uma metodologia híbrida, analisa o original e a versão do livro em língua inglesa estadunidense, assim como investiga a fortuna crítica e publicações midiáticas (recepção) na busca da concretude dessas influências. Os resultados parciais indicam que a tradução para o inglês foi adaptada para o público e para o momento político e social nos EUA, o que, mais tarde, permitiu seu ressurgimento no meio acadêmico no Brasil, até entrar no rol dos destaques literário do país.

**Palavras-chave:** Carolina Maria de Jesus. Teoria da Recepção. Tradução. Quarto de Despejo.

**Abstract:** This interdisciplinary study on Literature, Culture, Translation and Reception is a synthesis of part of a doctoral thesis and aims to demonstrate the relation and influences of translation under the success of the work “Child of the Dark”, by Carolina Maria de Jesus. Through studies of Comparative Literature and Translation, adopting a hybrid methodology, it analyzes the original version and the American English version of the book, as well as investigating the critical fortune and media publications (Reception) in the search for the concreteness of these influences. The partial results indicate that the English translation was adapted for the public and for the political and social moment of the USA, which, later, allowed its resurgence in the Brazilian academic environment, until playing an important role in the country.

**Keywords:** Carolina Maria de Jesus. Reception Theory. Translation. Child of the Dark.

## 1 INTRODUÇÃO

Carolina Maria de Jesus nasceu no interior do estado de Minas Gerais, na cidade de Sacramento, em 1914<sup>1</sup>. Sua vida e suas obras, nas últimas décadas, têm recuperado o interesse dos pesquisadores do Brasil. Algumas dissertações e teses são referência e pioneiras nos estudos sobre a autora e sua obra. Em recente busca no banco de teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), utilizando para pesquisa o termo “Carolina Maria de Jesus”, o resultado foi de vinte e sete (27) teses de Doutorado, compreendidas entre o período de 2000 a 2021. Entre as temáticas abordadas nestas teses, temos a representação do

---

<sup>1</sup>Segundo referências nas suas obras, ela pode ter nascido em 1914 ou 1921. Seu registro de nascimento em cartório foi feito já na vida adulta.



imaginário; o estudo de obras não publicadas; a abordagem racial; a análise do processo criativo e a estética literária; a escrita de si; a violência e a exclusão; bem como a literatura periférica e, em menor incidência, a tradução e a recepção. Entre os títulos dos resultados, apenas duas (2) abordam a tradução: a tese de Pontes (2015), que realiza uma análise da representação da identidade afrodescendente correlacionada aos Estudo de Tradução Intercultural, cuja divulgação infelizmente não está autorizada. E destaca-se a segunda tese, publicada em livro no centésimo aniversário de Carolina Maria de Jesus, de autoria de Elzira Divina Perpétua (2000; 2014, p. 33), que analisa as obras da autora “com o objetivo de mostrar e comparar as motivações da apresentação do diário de Carolina em outras culturas”, utilizando como objeto de pesquisa os paratextos das traduções de quase toda as línguas para qual o livro foi traduzido, e discorre sobre a recepção internacional e no Brasil. Esse panorama incentivou a elaboração desta pesquisa.

A história desta escritora, portanto, iniciou-se pelo seu nome composto, herdado de sua mãe, evidenciando a autenticidade, pois ele não foi Maria Carolina, ou apenas Maria, nem, o carinhoso Carol. Ela recebeu a imponente graça de Carolina Maria de Jesus. Segundo o Dicionário de Nomes Próprios (2021), Carolina significa “mulher do povo”, “mulher doce”, enquanto Maria significa “mulher soberana” e seu sobrenome remete à salvação. Por ironia do destino, ou simples falta de sorte, ela simbolizou por muitos anos, no Brasil, justamente o oposto do que seu nome completo anunciava, em contradição com a opinião estrangeira. O nome e os escritos de Carolina Maria de Jesus transformaram a sociedade brasileira e os estudos sobre o país em universidades internacionais nos anos de 1960, em meados de 1990, e intensificaram-se no meio popular e acadêmico a partir do centenário da autora, em 2014, na urgência da reparação histórica e da valorização daquilo que é brasileiro, negro, feminino e marginal, inclusive, indo ao encontro deste estudo.

Até frequentar a escola, Carolina Maria de Jesus era Bitita<sup>2</sup>. Ela ouviu seu nome completo, pela primeira vez, ao ser repreendida pela professora. E pode ter sido neste momento que nasceu a escritora, visto a importância que o nome próprio simbolicamente exerce na personalidade e na vida dos sujeitos sociais, pois “[...] é uma forma de controle social da alteridade ontológica”, “o nome é sempre uma questão identitária e memorial” (CANDAÚ, 2014, p. 68-9). Nos seus dois anos escolares, ela despertou para a leitura e a escrita, assim como

---

<sup>2</sup>Segundo narra a autora, em seu livro póstumo “Diário de Bitita”, quando pequena, era conhecida e se conhecia por Bitita, diminutivo de “cabrita”, pois, aos 6 anos, ainda mamava no peito. (JESUS, 1986)



para sua identidade, e o poder que essas três instâncias exerceram sobre ela resultou na sua vida e nas suas obras. Não há como falar de seu legado literário sem falar de sua história, dado que ambos insistem em transpassar um pelo outro quando trilhados caminhos isolados. Às vezes, também se acaba em algum beco, e é preciso retornar e traçar novas veredas, mas, a certa distância, logo depois de alguma curva, há de se deparar com alguma intersecção. Assim como Carolina, tudo que vem dela, ou é produzido sobre ela, é único, autêntico, e escapa das regras e dos padrões pré-estabelecidos, o que exige de estudiosos e pesquisadores coragem, fôlego, insistência para ler nas entrelinhas, compreender e desvendar os mistérios desta artista ímpar. O texto aqui apresentado, nesse viés, é um recorte da tese de Doutorado em construção: “Child of the Dark: the analysis of a social and cultural translation”, a qual aborda a influência da tradução na recepção do livro-diário “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus.

Dentre os objetivos da tese, destaca-se, aqui, demonstrar que a tradução da obra e sua recepção, no Brasil e no Exterior, são corresponsáveis pelo sucesso internacional e pela representação da autora-personagem em um “lócus” de enunciação divergente do original, visto que o processo de tradução é complexo e inventaria aspectos culturais. Esta pesquisa de natureza qualitativa e bibliográfica, por conseguinte, vale-se da combinação de alguns procedimentos metodológicos para alcançar seus resultados, circulando entre os estudos comparados de literatura, emprega a Teoria da Recepção (JAUSS, 1994; ZILBERMAN, 1989) e estudos da tradução cultural (LEFEVERE, 2007). O processo de pesquisa, após o cotejo das obras em tela, procedeu à aproximação da fortuna crítica e de publicações nas mídias sobre a escritora e seu renomado livro, com especial atenção os anos entre 1960 e 1977, data de sua primeira publicação até a sua morte, e entre 1990 e 1997, momento de seu ressurgimento e aprofundamento do meio acadêmico no país e nos Estados Unidos –, parceria que desenvolveu grande parte do que se tem hoje sobre sua história e seus manuscritos, mas que deixou lacunas e oportunidades para novas pesquisas, como esta. Portanto, na sequência, tem-se uma síntese da fundamentação teórica, dos objetos de pesquisa e das análises obtidas até o momento.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Dona de um acervo relativamente extenso e ainda pouco estudado, ficou conhecida pela polêmica publicação de seu diário “Quarto de Despejo” e por todo o cenário de curiosidade, desconfiança, pobreza, sucesso e decadência que serviu de plano de fundo para seu lançamento,





sua permanência e seu esquecimento na mídia e nas academias brasileiras, mas que surtiu efeito inversamente proporcional no exterior. Em decorrência dessa instabilidade, além da desgastada apresentação da autora que pareceu, quase sempre, diminuir o valor da obra e da escritora para o simples lugar do bizarro, é que Carolina Maria de Jesus e seus escritos persistiram no tempo, permitindo sua tardia valorização e seu reconhecimento, mas que, de certa forma, ocorrem(am) no momento histórico e social necessário. Quem conhece sua escrita sabe o quão é peculiar, pois apresenta uma triste realidade da vida na miséria e na favela e, concomitantemente, remete aos dias atuais, e é nesta catarse que se percebe a importância do diário e da autora para a cultura, memória e identidade da literatura feminina afro-brasileira marginal, visto que sua contribuição como registro sociológico não se questiona.

Carolina Maria de Jesus escreveu, em cadernos retirados do lixo, trechos de seu dia a dia na favela do Canindé, às margens do rio Tietê, na cidade de São Paulo, agrupamento populacional, hoje, extinto, mas que teve a sua população diluída para outras localidades. Pela falta de oportunidade do privilégio de receber educação, sua escrita é um misto de palavras rebuscadas de uma Língua Portuguesa ultrapassada e erros ortográficos, mas não por isso deixa de entregar a mensagem pretendida. Em vista dessa escrita tão particular, é curioso pensar que o livro foi traduzido para 14 línguas, nos anos de 1960. E, então, surgem os questionamentos sobre como, em que termos e circunstâncias históricas, sociais e culturais essas traduções ocorreram.

A partir dessa premissa, buscam-se informações através da análise comparativa entre os enunciados discursivos do texto da obra de partida e do texto da obra de chegada embasando-a com os pressupostos dos Estudos da Tradução, que compreendem um dos axiomas dos estudos culturais (BASSNETT, 1998). Traduzir implica excluir, substituir ou aproximar termos entre as línguas, e sabe-se que não é possível que uma tradução seja totalmente fiel ao seu original, por isso, admite-se que ao “traduzir *não se diz nunca a mesma coisa*” (ECO, 2007, p. 107, grifos no original). Lefevere (2007, p. 11), nesse sentido, ressalta que traduzir é reescrever, e “toda a reescritura, qualquer que seja sua intenção, reflete uma certa ideologia e uma poética e, como tal, manipula a literatura para que ela funcione dentro de uma sociedade determinada e de uma forma determinada”, coaduna, assim, que modificações são necessárias e inevitáveis à tradução, o que nem sempre é algo negativo para a obra traduzida ou para o público-alvo da tradução.

Sem entrar neste mérito, faz-se necessário complementar a pesquisa através da Teoria da Recepção (JAUSS, 1994; 1979). Compreender a recepção da obra é importante para que seja





possível averiguar sua relação com as estratégias de tradução do texto, pois pensar no público e na sociedade na qual a obra será consumida é um dos requisitos para se traduzir. A tradução não acontece entre textos ou línguas, mas sim entre culturas (LEFEVERE, 2007). A obra traduzida, muitas vezes, por se tratar de uma nova enunciação, pode receber um reconhecimento e atingir seu público com mais eficácia do que o próprio texto original possa ter alcançado.

Conforme Zilberman (1989, p. 37), “uma obra não perde seu poder de ação ao transpor o período em que apareceu; muitas vezes, sua importância cresce ou diminui no tempo, determinando a revisão das épocas passadas em relação à percepção suscitada por ela no presente”. Por isso, o despertar do interesse na obra, tradução e autora nos últimos anos leva esta pesquisa, naturalmente, ao estudo dos períodos anteriores para compreender o momento atual.

Todavia, a título de limitação e com base nos materiais que foram possíveis de acessar até então, resolveu-se estabelecer dois períodos de busca e análise da fortuna crítica e das mídias: o primeiro período é entre 1960 a 1977 e abrange a data da primeira publicação de “Quarto de Despejo” (1960), o lançamento de seu segundo livro “Casa de Alvenaria” (1961), a publicação da obra “Pedaços da fome”, a produção independente da obra “Provérbios”, todas as traduções do diário e o ano de sua solitária morte. Em alguns anos deste período, houve uma produção intensa de conteúdos veiculados nas mídias como rádio, televisão e jornal.

O segundo período consiste entre 1990 a 1997, o qual é composto pela publicação de artigos e livros em parcerias entre o historiador brasileiro José Carlos Sebe Bom Meihy e o brasilianista Robert M. Levine, que se dedicaram à pesquisa sobre a particular escrita da autora e seu contexto histórico-social. Levine foi estudioso da cultura brasileira, professor da Universidade de Miami, e acreditava na importância da tradução para a língua inglesa como uma possibilidade de mostrar para o mundo uma realidade social de desigualdade no país como reflexo de sua constituição cultural (MEIHY; LEVINE, 1994), em oposição ao pensamento do historiador Meihy.

Há, ainda, um terceiro período, compreendido a partir dos anos 2000, momento de visível ressurgimento do interesse da mídia e dos estudos acadêmicos no Brasil, com um discurso convergindo para o reconhecimento dos aspectos literários e para o interesse sociológico, mas que não serão aprofundados neste documento.

Essa mudança de percepção sobre a obra ao longo do tempo faz referência ao que Jauss (1994, p. 31) denomina “horizonte de expectativa”, definido como a maneira pela qual



podemos analisar e compreender, no momento histórico de sua aparição – ou neste caso, reaparição –, se o livro encanta ou decepciona o seu público. É a distância entre este horizonte de expectativas e as experiências já vivenciadas que vai determinar uma mudança, ou não, neste horizonte, resultando na aceitação da obra. Assim, quanto mais próximo estão estes horizontes e experiências, menor a probabilidade de haver algum interesse do público. No caso em tela, pode-se dizer que entre o horizonte de expectativas e as experiências dos leitores havia uma distância.

Nos sessenta anos desde a primeira publicação da autora, selecionaram-se, nesta primeira aproximação, os seguintes documentos para análise da recepção: os prefácios e posfácios do livro original e da tradução para língua inglesa estadunidense, que contam com a autoria de Audálio Dantas (1960), Robert M. Levine (1962) e David St. Clair (1962), respectivamente; artigos do livro “Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus” (1994), que reúne estudos de história oral sobre a vida e a obra da escritora; artigos do livro “The unedited diaries of Carolina Maria de Jesus” (JESUS, 1993), o primeiro de autoria e o segundo editado por Robert Levine e José Carlos Sebe Bom Meihy; o livro-tese “A vida escrita de Carolina Maria de Jesus”, de Elzira Divina Perpétua, além da busca na base digital da Biblioteca Nacional de reportagens e de artigos publicados em revistas internacionais.

Essa seleção deu-se pelo fato de que, na medida em que se realizava a busca por bibliografias e se aproximava dos objetos de pesquisa, percebeu-se que a produção internacional está vinculada fortemente ao brasilianista Levine e os estudos em parceria com o historiador brasileiro Meihy. No período de publicação (1960), os jornais, as rádios e até a televisão foram os principais meios de publicações sobre a autora, boa parte do material está disponível no acervo digital da Biblioteca Nacional, facilitando o acesso neste período atípico. Mas outros importantes documentos estão disponíveis apenas em meio físico, e ainda não foi possível o acesso. Já a tese de Perpétua compila uma análise da recepção nacional e internacional, analisa traduções de paratextos e os manuscritos do livro “Quarto de Despejo”, auxiliando no entendimento e guiando para as buscas das fontes originais.

### 3 RESULTADOS PARCIAIS

Por tratar-se de uma síntese de parte da tese de doutorado ainda em andamento, trazem-se resultados parciais desta análise sob o ponto de vista da Recepção e da Tradução. Ao analisar





o texto de partida e o de chegada de “Quarto de Despejo”, percebeu-se, entre outros aspectos, alterações na construção e sentido do discurso; a permanência de léxicos em língua portuguesa, por constituírem características específicas e culturais do país, além da presença de nomes próprios, de figuras públicas e ruas, por exemplo. Nestes casos, o uso da nota de rodapé fez-se necessário para explicar ao leitor o contexto. Estes resultados já eram esperados, tendo em vista o processo de tradução que ocorre entre culturas e a necessidade de adequação para o público de chegada. Porém, as alterações auxiliam na recepção da obra como documento sociológico, sem atentar para o valor literário.

A análise dos documentos com o foco na recepção apresenta divergências no contexto brasileiro e internacional. No primeiro período analisado (1960 a 1977), no que tange ao Brasil, há a predominância dos artigos de jornais que, em primeira análise, focam na vida e buscam o sensacionalismo, de modo que pouco é comentando sobre o livro ou sobre aspectos literários de “Quarto de Despejo”, fazendo da obra e da artista apenas um produto de consumo. A apresentação da edição também se volta para os aspectos da vida da autora, buscando meios de afirmar a escrita pelo seu conteúdo social. Sobre a literariedade, Dantas (1960), autor da apresentação, faz um jogo de palavras alusivo à escrita precária, comenta as suas interferências no texto e se refere à Carolina Maria de Jesus como repórter, e, não, escritora. No contexto internacional, com base no prefácio do tradutor, percebe-se uma tentativa de situar o leitor com uma breve história sobre o Brasil, e no mesmo estilo da apresentação original, busca introduzir a autora-personagem, e cria uma imagem pré-concebida.

No segundo período (1990 a 1997), os documentos analisados foram as produções acadêmicas de Meihy e Levine, por meio das quais se observou que, devido aos contextos históricos e culturais à época do surgimento do livro e de sua autora, a recepção e a fama no Brasil voltaram-se para suprir a curiosidade das classes médias e abastadas sobre a figura construída através do diário. E, nos Estados Unidos, manteve-se em evidência como representação da realidade de países subdesenvolvidos, tanto que se retomaram, nos anos noventa, os estudos no Brasil, pela insistência do brasilianista Levine em compreender este olhar divergente. Nesse sentido, para Jauss (1994, p. 8), “a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, [...] mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade”. Nessa premissa, é que se baseia a fase seguinte de análise, que no terceiro período (a partir dos



anos 2000), percebe-se a inversão dessa recepção, e a obra passa a surtir maior impacto na sociedade brasileira do que nos anos dourados de sua estreia.

## REFERÊNCIAS

BASSNETT, Susan. The translation turn in cultural studies. In: BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. **Constructing cultures: essays on literary translation**. Londres: Multilingual Matters, 1998, p. 123-140.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo, SP: Contexto, 2014.

DANTAS, Audálio. Nossa irmã Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** – Diário de uma favelada. 1 ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

DICIONÁRIO de nomes próprios. Verbete: Carolina. 2021. Online. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomespropios.com.br/carolina/>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. Verbete: Maria. 2021. Online. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomespropios.com.br/busca.php?q=maria/>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa: experiências de tradução**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2007.

JAUSS, Hans Robert. **A História da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo, SP: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. O prazer estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aesthesis

e Katharsis. In: LIMA, Luis (org.). **A literatura e o leitor - textos de Estética da Recepção**.

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JESUS, Carolina Maria de. **The unedited diaries of Carolina Maria de Jesus**. Ed. Robert M. Levine & José Carlos Sebe Bom Meihy. Trad Nancy P. Naro & Cristina Mehrtens. New York: Rutgers University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. **Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus**. Trad. David St. Clair. Nova York: New American Library, 1962.

\_\_\_\_\_. **Beyond all pity: the diary of Carolina Maria de Jesus; the story of slum life in São Paulo that explodes as a vivid and terrifying social document**. Trad. David. St. Clair. Londres: A Four Square Book, 1962.

\_\_\_\_\_. **Casa de alvenaria** – Diário de uma ex-favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1961.





\_\_\_\_\_. **Quarto de despejo** – Diário de uma favelada. 1 ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

LEVINE, R. M. The cautionary tale of Carolina Maria de Jesus. **Latin American Research Review**, v. 29, n. 10, p. 55-83, 1992. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2503644>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

PERPÉTUA, Elzira Divina. **A vida escrita de Carolina Maria de Jesus**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

\_\_\_\_\_. **Traços de Carolina de Jesus: gênese, tradução e recepção de "Quarto de despejo"**. 01/09/2000. 285 f. Doutorado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE Biblioteca Depositária: Biblioteca da FALE/UFMG e Biblioteca Universitária da UFMG.

PONTES, RENATA THIAGO. **Opressão, resistência e ativismo: o desafio da tradução de textos afro-descendentes em Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus, Lucy de Jamaica Kincaid e Passing de Nella Larsen**. 30/09/2015. 179 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca do Centro de Educação e Humanidades.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Editora Ática, 1989.





## AS FRAGILIDADES DAS REDES SOCIAIS: UMA VISÃO DA CIBERPSICOLOGIA EM MEIO A MANIPULAÇÕES VIRTUAIS

LAS DEBILIDADES DE LAS REDES SOCIALES: UNA VISIÓN DE LA  
CIBERPSICOLOGÍA EN MEDIO DE MANIPULACIONES VIRTUALES

Diego De Conto; Eliana Perez Gonçalves de Moura

Universidade Feevale

**Resumo:** Nos últimos anos as redes sociais mudaram drasticamente as relações interpessoais. Instagram, Facebook, Twitter entre outros, por serem variados e de fácil acesso são amplamente utilizados pelos usuários no mundo inteiro. Porém, ao entrarmos nessas redes, nos confrontamos com as fragilidades da internet, pois não há garantias quanto a veracidade e interesse dos usuários nestas plataformas. Nesse contexto de expansão do uso das novas ferramentas tecnológicas emergiu um novo conceito chamado de Ciberpsicologia, o qual analisa o comportamento e estuda possíveis transtornos emocionais de usuários que sofrem de vícios como dependência de internet, Nomofobia, Sexting, Bullying virtual, manipulações virtuais entre outros, já que a maioria possui uma vida “Dual-Line”; isto é, uma vida real e outra virtual. A finalidade deste trabalho, na modalidade de um ensaio teórico, é problematizar as fragilidades das redes sociais tendo em vista a Ciberpsicologia, discutindo esses novos métodos de manipulação no ambiente virtual, mais especificamente, nas Redes Sociais, bem como os impactos psicológicos decorrentes.

**Palavras-chave:** Ciberpsicologia. Manipulações Virtuais. Redes Sociais. Engenharia Social.

**Resumen:** Resumen: En los últimos años las redes sociales han cambiado drásticamente las relaciones interpersonales. Instagram, Facebook, Twitter entre otros, porque son variados y fáciles son ampliamente utilizados por los usuarios de todo el mundo. Sin embargo, cuando entramos en estas redes, nos enfrentamos a las debilidades de Internet, porque no hay garantías sobre la veracidad y el interés de los usuarios en estas plataformas. En este contexto de expansión del uso de nuevas herramientas tecnológicas surgió un nuevo concepto llamado Ciberpsicología, que analiza el comportamiento y estudia posibles trastornos emocionales de los usuarios que sufren de adicciones como la adicción a Internet, nomofobia, sexting, acoso virtual, manipulaciones virtuales entre otros, ya que la mayoría tienen una vida de "doble línea"; es decir, una vida real y una virtual. El objetivo de este trabajo es problematizar las debilidades de las redes sociales a la vista de la Ciberpsicología, discutiendo estos nuevos métodos de manipulación en el entorno virtual, más concretamente, en las redes sociales, así como los impactos psicológicos que surgen.

**Palabras-clave:** Ciberpsicología. Manipulaciones Virtuales. Redes Sociales. Ingeniería Social.

### AS FRAGILIDADES DAS REDES SOCIAIS

Vivemos num mundo conectado, praticamente toda pessoa possui um smartphone ao menos, ou um computador. Pode-se dizer que praticamente todos esses indivíduos possuem ao menos algum tipo de rede social, seja Instagram, Facebook, Twitter, entre diversas outras. Todas estas pessoas ou organizações possuem como valores e objetivos comuns, o interesse em





partilhar informação, sejam para amigos, familiares, colegas de trabalho com quem mantém ou não algum tipo de vínculo.

Atualmente as redes sociais podem ser definidas como uma estrutura social composta por pessoas ou organizações, reunidas por um ou vários tipos de relações, que partilham valores e objetivos comuns. Uma das características fundamentais na definição das redes é ser uma ligação social entre pessoas que se juntam através da identificação e da necessidade de participação social (KING *et al*, 2014, p. 180).

A autora ainda complementa o comentário acima com algo muito importante, a ética. Segundo ela, estar na frente da tela de um computador ou de um smartphone nos dá a possibilidade de adicionarmos ou descartarmos muitos usuários, assim muitas vezes amizades e relacionamentos amorosos virtuais, podem começar e terminar por um simples toque, e nem ao menos termos conhecido pessoalmente determinadas pessoas.

As redes sociais possibilitam relacionamentos sequenciais, permanentes ou esporádicos e não hierárquicos entre os participantes. As redes, portanto, podem ser uma estrutura mutante, aberta e com a habilidade de se fazer e desfazer rapidamente. Nas redes de comunicações são necessários confiança, ética e lealdade para que as relações sejam mantidas e preservadas (KING *et al*, 2014, p. 180).

Ao mencionar adicionar ou remover pessoas, tocamos num ponto muito importante e necessário, já que podemos nos deparar com os perigos da internet, ou seja, usuários que se encontram-se nas redes sociais apenas para causar algum tipo de dano aos usuários, seja de cunho psicológico, financeiro, dentre outros.

## ENGENHARIA SOCIAL

Por Engenheiros Sociais, entende-se internautas que são os mestres na arte da manipulação no meio virtual, são pessoas de alto poder de persuasão e convencimento que podem tirar proveito de qualquer tipo de situação que lhe convém. Geralmente é um criminoso que:

se faz parecer para seu alvo como se fosse tudo real. Em seu perfil, o criminoso publica fotos, informa seu local de trabalho e adiciona pessoas como seus parentes, pessoas estas que podem ser membros da quadrilha de espionagem da qual o bandido faz parte (SILVA, 2015, posição 1672).

Os Engenheiros Sociais, estão praticamente em todos lugares da internet, porém encontraram um novo e grande nicho nas Redes Sociais e aplicativos de relacionamentos virtuais.





Durante algum tempo o espião fica trocando apenas mensagens por uma rede social com seu informante. Depois de algum tempo, o criminoso vai ganhando a confiança da vítima e consegue marcar um encontro. Os dois podem até iniciar um relacionamento amoroso e é aí, que o problema se instala. (SILVA, 2015, posição 1672-1680).

O autor ainda ressalta como devemos nos prevenir desses falsários, já que a internet é um lugar público, onde qualquer pessoa pode ser um alvo em potencial.

As pessoas precisam estar atentas a diversos cenários e não confiar totalmente em alguém que se conhece a pouco tempo, ou ainda em quem se conhece a mais tempo, mas não se tem a certeza de quais são suas reais intenções. Pessoas muito prestativas, agradáveis, que conhecem todos e conversam sobre qualquer assunto, podem ser verdadeiros bandidos, que envolvem suas vítimas objetivando obter dados confidenciais e praticar golpes (SILVA, 2015, posição 1687-1694).

Vale ressaltar que há indícios de que muitos destes engenheiros sociais sofrem de algum tipo de distúrbio, tema este que será abordado nos próximos itens.

## **CIBERPSICOLOGIA**

A Ciberpsicologia surgiu recentemente como novo ramo da Psicologia e tem como objetivo compreender e explicar os efeitos do uso excessivo das novas tecnologias sobre o comportamento humano. Ainda que seja um campo de estudos recente, já há acúmulo de investigações que apontam forte correlação entre o uso excessivo das novas tecnologias e evidências de transtornos comportamentais e patológicos em seus usuários.

A CiberPsicologia, portanto, incorpora o elemento tecnológico como eixo central de sua análise, sem perder de vista que é a pessoa a que interage de uma forma ou de outra. Descrever e compreender os hábitos, usos e abusos dessa tecnologia se tornou o objeto de estudo da CiberPsicologia (LA SERNA, 2017, posição 75).

La Serna destaca que se deve levar em conta que a Ciberpsicologia junto a Neurociência é um dos ramos da psicologia em mais constante transformação.

Há de se levar em conta, que, junto com a Neurociência, este é um dos ramos da Psicologia que mais mudam, pois ambos oferecem um melhor conhecimento à medida que os instrumentos de avaliação e observação são cada vez mais sensíveis e ofertam detalhes que antes eram impensáveis (LA SERNA, 2017, posição 75).

Por fim, o autor descreve que a Ciberpsicologia é um ramo muito novo para responder as diversas questões dos profissionais da saúde, e até aos familiares dos indivíduos acometidos por enfermidades oriundas dessa nova vertente (LA SERNA, 2017, XX).





## NOMOFOBIA, SEXTING E BULLYING VIRTUAL

Nomofobia é a expressão empregada para designar a necessidade de estar contato constante com dispositivos com ou sem conexão com a internet, onde sua ausência causa um sentimento de dependência, sendo enquadrado no âmbito patológico.

Considera-se Nomofobia os sentimentos e sensações oriundos pela necessidade de estar constantemente vinculado a um ou mais dispositivos com ou sem conexão com a internet, ocasionando uma sensação de dependência patológica a esses aparelhos (SENADOR, 2020, p. 13).

Cabe ressaltar que o DSM (Diagnostic and Statistic Manual of Mental Disorders), ainda não trata a questão da Nomofobia como um transtorno, pelo fato de ser um quadro muito recente.

A nomofobia é um fenômeno recente, decorrente do aumento da interação dos seres humanos com as novas tecnologias. Dessa forma, ainda não houve tempo para que ela seja oficialmente inscrita no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (dsm – Diagnostic and Statistic Manual of Mental Disorders). (SENADOR, 2020, p. 67).

Contudo, o referido autor comenta que já existe no manual a descrição de determinada perturbação com pontos relativamente semelhantes a nomofobia. Trata-se do

(...) transtorno de fobia social como uma perturbação de evolução crônica que se caracteriza por intensa ansiedade em situações sociais que envolvem contatos interpessoais, em cujo nível extremo pode causar interferência na vida diária de um indivíduo, seja em sua atividade profissional ou vida social (SENADOR, 2020, p. 67).

King, *et al.* (2014, p. 5), descreve os sintomas dos nomofóbicos como:

Alguns sintomas observados em pacientes que apresentaram nomofobia foram angústia, desconforto, insegurança e ansiedade quando se viam impossibilitados de se conectar à internet ou sem o computador ou sem o telefone celular. Esses sintomas e sensações, quando relacionados aos dispositivos referidos, são chamados de nomofóbicos, e os comportamentos nomofóbicos são os sinais de que os olhos experientes dos profissionais da área da Saúde Mental precisam para identificar algum transtorno de ansiedade primário no paciente e encaminhá-lo para o tratamento. A nomofobia é apenas um sinal para alertar para a presença de um transtorno primário (King et al, 2014, p.5).

## SEXTING:

Sexting ou sexo virtual, é a forma de interação entre usuários nas mais diversas plataformas de redes sociais, que consiste na troca de fotos e vídeos íntimos entre um casal,



amigos, conhecidos e demais pessoas, pois nas mãos erradas como de engenheiros sociais, podem tornar-se alvo de coação, ou ainda parar na internet por vingança pelo rompimento de algum relacionamento o chamado pornô da vingança.

A prática consiste em compartilhar fotos, mensagens de texto e vídeos sensuais ou de cunho erótico sem a autorização da vítima. Em sua grande maioria, as pessoas mais atingidas são adolescentes do sexo feminino que enviam fotos mais íntimas para seus namorados em que estão nuas ou seminuas (nude selfie). Também ocorre quando o casal troca mensagens de texto mais “picantes” ou até vídeos onde há cenas explícitas de sexo. Após o término da relação ou o curto período em que o casal esteve junto, esse material é compartilhado de forma viral entre os colegas da escola, trazendo enormes constrangimentos às vítimas e a seus familiares (SILVA, 2015, p.114-115).

Silva, relata que já houve suicídios por vítimas de sexting e que essa prática acontece tanto com crianças, adultos e adolescentes.

Casos de suicídio vêm ocorrendo em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, envolvendo a prática de sexting. Por aqui, compartilhar conteúdos de cunho erótico ou imagens de nudez sem a permissão da vítima é considerado crime, que pode ser enquadrado em diversos artigos do Código Penal. Pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a publicação de fotos ou vídeos de crianças ou adolescentes em situações eróticas ou pornográficas também é qualificada como crime grave. É lógico que o sexting não ocorre somente com adolescentes ou pessoas bem jovens. Esse comportamento também tem afetado os adultos, causando sérios transtornos em diversos setores vitais de quem é vítima (SILVA, 2015, p.115).

Segundo Berdichesky, nos Estados Unidos, há condenação criminal pelo sexting e exclusão de sites onde esses indivíduos publicaram fotos nuas dos ex.

Já existem pessoas nos Estados Unidos cumprindo condenação por esta prática, e se tem excluído alguns sites (como o portal ugosposted.com) onde os nojentos publicavam nudes de seus ex.<sup>1</sup>

## **BULLYING VIRTUAL (CYBERBULLYING):**

O Bullying virtual ou Cyberbullying, é o ato de constranger, humilhar e maltratar suas vítimas pela forma virtual.

Os praticantes de cyberbullying, ou “bullying virtual”, utilizam os mais atuais e modernos instrumentos da internet e de outros avanços tecnológicos na área da informação e da comunicação (fixa ou móvel) com o covarde intuito de constranger, humilhar e maltratar suas vítimas (SILVA, 2015, p. 110).

---

<sup>1</sup> Ya hay personas en Estados Unidos cumpliendo condena por esta práctica, y se han dado de bajas algunos sitios (como el portal ugotposted.com) donde los despechados publicaban desnudos de sus ex.



A autora prossegue mencionando a forma de “blindagem” usada para os autores não serem descobertos.

No caso do cyberbullying, a natureza vil de seus idealizadores e/ou executores ganha uma “blindagem” poderosa pela garantia de anonimato que eles adquirem. Sem nenhum tipo de constrangimento, os bullies cibernéticos (ou virtuais) se valem de apelidos (nicknames ou simplesmente nicks) ou perfis falsos com o nome de outras pessoas conhecidas ou de personagens famosos de filmes, novelas, seriados (SILVA, 2015, p. 110-111).

## CONCLUSÃO:

Conclui-se que a fragilidade das redes sociais bem como seus aplicativos de relacionamentos, ainda encontram muitas vulnerabilidades, mas não somente em linhas de programação, se não na falta de conhecimento e prevenção em como lidar com sua própria segurança no mundo virtual, os usuários devem evitar ao máximo o uso maciço de seus dispositivos eletrônicos conectados 24 horas na internet, para que num futuro não tão distante, possa ser desencadeado algum tipo de transtorno relacionado a Ciberpsicologia, como a nomofobia.

## REFERÊNCIAS:

Anna Lúcia Spear King; Antônio Egidio Nardio; Adriana Cardoso Silva. Nomofobia - Dependência do Computador e/ou internet? Dependência do Telefone Celular? O impacto (p. 5). Edição do Kindle.

\_\_\_\_\_. Nomofobia - Dependência do Computador e/ou internet? Dependência do Telefone Celular? O impacto (p. 180). Edição do Kindle.

Javier Berdichesky. Amor sexo e-internet (Spanish Edition) . Ediciones Lea. Edição do Kindle.

Moises de la Serna, Juan. CiberPsicologia . Babelcube Inc.. Edição do Kindle.

\_\_\_\_\_. .. Edição do Kindle.

Senador, André. Nomofobia 2.0 (p. 13). Aberje Editorial. Edição do Kindle.

\_\_\_\_\_. (p. 67). Aberje Editorial. Edição do Kindle.

\_\_\_\_\_. (p. 67). Aberje Editorial. Edição do Kindle.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



Silva, Ana Beatriz Barbosa. Bullying: Mentres perigosas nas escolas (pp. 114-115).  
Principium. Edição do Kindle.

\_\_\_\_\_ (p. 115). Principium.  
Edição do Kindle.

\_\_\_\_\_ (p. 110). Principium.  
Edição do Kindle.

\_\_\_\_\_ (pp. 110-111). Principium.  
Edição do Kindle.

Silva, Carlos Alberto. O ELO MAIS FRACO DA SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO:  
PESSOAS REPRESENTAM O MAIOR DESAFIO . Edição do Kindle.

\_\_\_\_\_ O ELO MAIS FRACO DA SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO:  
PESSOAS REPRESENTAM O MAIOR DESAFIO . Edição do Kindle.

\_\_\_\_\_ O ELO MAIS FRACO DA SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO:  
PESSOAS REPRESENTAM O MAIOR DESAFIO . Edição do Kindle.





## “PAI CONTRA MÃE”, DE MACHADO DE ASSIS: PROPOSTA DE EXPLORAÇÃO TEXTUAL PARA O ENSINO MÉDIO

“FATHER AGAINST MOTHER”, BY MACHADO DE ASSIS: TEXTUAL  
EXPLORATION PROPOSAL FOR HIGH SCHOOL

Letícia Mayer Borges; Juracy Ignez Assmann Saraiva

Universidade Feevale

**Resumo:** Machado de Assis expõe mazelas sociais, as quais perpassam o momento de produção de suas obras. Entretanto, ele foi cobrado por contemporâneos pelo fato de não manifestar um posicionamento contrário à escravidão e em relação a outros problemas da sociedade de seu tempo. Esta comunicação apoia-se na revisão bibliográfica sobre a relação da obra machadiana com a escravidão e em conceitos constituídos pela Estética da Recepção e tem o objetivo de ilustrar um percurso possível para a análise, a partir da metodologia de roteiros de leitura, do conto “Pai contra mãe”, publicado no livro *Relíquias da Casa Velha*, a ser aplicado no Ensino Médio.

**Palavras-chave:** “Pai contra mãe”. Machado de Assis. Escravidão. Crítica.

**Abstract:** Machado de Assis exposes social ills, which go through the moment of production of his works. However, he was charged by contemporaries for the fact that he did not manifest a position contrary to slavery and in relation to other problems of the society of his time. This communication is based on a bibliographic review on the relationship of Machado's work with slavery and on concepts constituted by the Aesthetics of Reception and aims to illustrate a possible path for an analysis, based on the methodology of reading scripts, of the short story “Father against mother”, published in the book *Relíquias da Casa Velha*, to be applied in high school.

**Keywords:** “Father against mother”. Machado de Assis. Slavery. Criticism.

### 1 INTRODUÇÃO

A falta de personagens negros protagonistas em suas obras e a ausência de discurso abertamente abolicionista são os fatores principais para as críticas de biógrafos sobre Machado de Assis. O professor e ensaísta Afrânio Coutinho, em seu texto “Machado de Assis e o problema do mestiço”, criticou Machado, declarando que o escritor tinha um “complexo de superioridade”, dentre outras alegações, e que apresentava “um caso típico de ressentimento mulato” (COUTINHO, 1940, p. 28). Em consonância, Mário de Andrade, escritor, ensaísta e músico, em seu livro *Aspectos da Literatura Brasileira* interpretou as características do texto machadiano como maneiras de ocultar “possíveis defeitos”,



Eu sei que o mestre se imaginou desgraçado. O seu pessimismo, o seu humorismo, a sua obra toda; o cuidado com que, na vida, procurou ocultar os seus possíveis defeitos, as suas origens, os elementos da sua formação intelectual [...]. Mas Machado de Assis foi vitorioso [...] venceu as próprias origens [...], venceu o mestiço [...]. Foi antmulato, no conceito que então se fazia de mulatismo (ANDRADE, 1974, p. 102-104).

Essas manifestações, segundo Eduardo de Assis Duarte, integram parte da fortuna crítica que

cristalizou a imagem do cidadão omissor e do homem de letras denegador de suas origens nas atitudes, na escrita e no pensamento. Contudo, leituras mais rigorosas, como as de Magalhães Júnior, Roberto Schwarz, John Gledson, Sidney Chalhoub, entre outros, vêm sendo feitas e polemizam com o suposto “alheamento” ou “absenteísmo” da obra machadiana. (DUARTE, 2009, p. 9)

Machado de Assis é contemporâneo ao período da escravidão e das principais mudanças sociais e políticas do Brasil durante o século e podem-se encontrar manifestações sobre esses fatos em muitas de suas obras, sejam jornalísticas, sejam ficcionais. Entretanto, eles são apresentados como alegorias e os narradores machadianos valem-se de um discurso irônico para expor os problemas da sociedade. Assim, para compreender as críticas nas narrativas é preciso considerar o pequeno universo de suas personagens e interpretar os detalhes que, num primeiro momento, parecem aleatórios.

Não há, na obra de Machado de Assis, nenhuma evidência de que o escritor tivesse vergonha da sua cor, ou que concordasse com a violência imposta ao povo negro, entretanto, “a forma dissimulada, homeopática, com que vai introduzindo a questão étnica e a crítica ao escravismo foi vista como absenteísmo e denegação de suas origens” (DUARTE, 2009, p. 252). Já em relação à falta de críticas explícitas ao regime escravista, sabe-se que “Machado nunca opta pelo confronto aberto” (DUARTE, 2009, p. 253), mas, conforme Heloisa Toller Gomes,

Recusando fazer de si o árbitro da justiça e da verdade, enfrentando corajosamente problemas contemporâneos muito complexos, o discurso irônico se abriu também para outras épocas. Situando-se em espaço e tempo determinados, não resultou em um produto da tarde, mas estimulou e estimula renovadas leituras cujas fecundas possibilidades esperamos ter sugerido (GOMES, 2009, p. 208).

Com o objetivo de tornar visível a crítica machadiana à escravidão para estudantes do Ensino Médio, o presente trabalho pretende ilustrar um percurso de interpretação possível do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, em que uma das personagens desse conto é uma mulher negra e escrava. Ele se apoia, teoricamente, em conceitos da Estética da Recepção e, igualmente, na abordagem pedagógica de roteiros de leitura desenvolvida explicitada por



Juracy Assmann Saraiva e Ernani Mügge (2006), a qual aproxima alunos da educação básica da literatura brasileira, por meio de propostas de leitura que conferem protagonismo ao leitor.

## 2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A presença do trabalho com o texto literário e o ensino de Literatura no Ensino Médio deve ser privilegiado por diversos fatores. Leyla Perrone-Moisés em seu trabalho “Literatura para todos” elenca três motivos pelos quais a disciplina e a exploração textual literária devem ser valorizadas: a leitura do texto literário exige uma aprendizagem que deve ser iniciada na juventude; porque os textos literários podem incluir todos os outros tipos de texto que o aluno deve conhecer; porque a literatura, não é inata, mas adquirida, dá prazer e autoestima (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 28).

Mesmo que se deva valorizar os conhecimentos prévios do aluno e suas leituras preexistentes, o professor de literatura deve atuar também como curador da leitura e apresentar textos de importantes escritores e de qualidade estética. Conforme Perrone-Moisés, “oferecer aos alunos apenas aquilo que já consta em seu repertório é subestimar sua capacidade de ampliar esse repertório, qualquer que seja a extração social do aluno, sua inteligência lhe permite a aprendizagem da leitura literária” (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 28).

Nesse sentido, insere-se Machado de Assis, seu conto “Pai contra mãe” e a proposta de exploração da narrativa por meio de um roteiro de leitura no Ensino Médio, já que o ambiente é propício para as reflexões e trocas vivenciadas por meio de uma metodologia integradora. Os conceitos formadores da metodologia de roteiros de leitura são baseados na Estética da Recepção, que prevê a participação ativa do leitor e a relação de sua compreensão do texto com o contexto. A metodologia de exploração textual de roteiros de leitura, idealizada e aprimorada por Juracy Assmann Saraiva e Ernani Mügge, desenvolve, de modo aplicado, a teoria da Estética da Recepção e contribui com a formação do leitor.

O protagonismo do leitor é promovido pelos roteiros de leitura e conquistado através da atribuição de sua importância ao ato ativo da leitura. Além disso, a estrutura lacunar do texto, de dizer sem dizer, apresentar referências e elementos intertextuais, exige o papel ativo do aluno/leitor/interlocutor. (SARAIVA, 2006, p. 48). Considerar a interação entre texto e leitor faz com que, ao refletir sobre a realidade representada no texto literário, o aluno tenha condições de “atribuir sentidos ao próprio mundo” (SARAIVA, 2006, p. 48).





### 3. ANÁLISE

“Pai contra mãe” integra a última coletânea de contos organizada por Machado de Assis, Relíquias de casa velha. Como o nome do livro sugere, os contos nele reunidos não possuem uma unidade temática e a maioria não havia sido antes publicada em jornais, como era o costume do autor. O conto inicia com um tom ensaístico comentando sobre os instrumentos de tortura que, com o fim da escravidão, deixaram de existir junto com o regime. O narrador comenta sobre instrumentos como a máscara de flandres, o ferro ao pé e ao pescoço, e seus motivos de utilização como o de combater o vício da bebida e o ato de roubar para conseguir dinheiro para beber, mantendo a “sobriedade e a honestidade certas” (ASSIS, 2008, p. 113). Depois de comentar sobre os objetos de tortura, a narração segue informando que era comum os escravos fugir pois “nem todos gostavam da escravidão” (ASSIS, 2008, p. 114). A construção dessa primeira parte da narrativa é responsável por chocar o leitor sobre a “opinião” do narrador acerca da “necessidade” e da “justificativa” da escravidão e mantê-lo intrigado para o que segue.

Além do caráter irônico do discurso do narrador, a narração é responsável por minimizar a violência do escravismo referenciando-o como uma “instituição social” e nomeando “ofícios e aparelhos” como se desconsiderasse a dor e o sofrimento que esses apetrechos promoviam. No fim dessa descrição, como se não pudesse ser mais dura ainda, o narrador avisa o leitor “mas não cuidemos de máscaras” (ASSIS, 2008, p. 114).

Para trabalhar com esse conto em sala de aula – que deve ser lido integralmente, antes de sua análise – segue-se a metodologia de roteiros de leitura, que propõe que a primeira atividade seja capaz de *instigar os alunos para a leitura: por que ler o texto?* (SARAIVA, 2006). Na etapa intitulada Atividade introdutória de recepção ao texto, sugere-se o trabalho com a seguinte tirinha da Mafalda, de Quino:



Figura 1. Tirinha Mafalda

Fonte: <https://www.apoioescolar24horas.com.br/files/interpretacao/mafalda11.jpg>



A tira coloca em cena o modo com que muitas pessoas lidam com a violência e a desigualdade social, simplesmente ignorando o fato e abstendo-se de fazer algo. Ao apresentar esse texto aos alunos o professor pode questionar de que forma eles se posicionam diante de injustiças e de que forma gostariam que as outras pessoas se posicionassem.

A segunda etapa dos roteiros de leitura, chamada Leitura compreensiva e interpretativa, tem o objetivo de favorecer a compreensão, a análise e a interpretação do texto: o que o texto diz? como o texto diz o que diz? que sentidos tem o texto? (SARAIVA, 2006) e trabalha com aspectos linguísticos da narrativa, com a organização formal do texto e com elementos relacionados ao gênero (espaço, tempo, personagens, discurso, narrador etc.). A primeira atividade poderia questionar sobre a simbologia de utilizar os termos “pai” e “mãe” no título do conto, pois, num primeiro momento, o que parece tratar de uma relação conjugal, na verdade, apresenta personagens que estão à margem da sociedade e buscam a posse e a integridade de seus filhos. Além disso, é importante que os alunos percebam a cor de cada uma dessas personagens.

Considerando o aspecto narrativo é possível perguntar o motivo pelo qual o narrador do conto, depois de cinco parágrafos de descrição sobre o regime escravocrata, muda de tom e apresenta o protagonista da história. A primeira parte do conto exhibe momentos em que o narrador parece cúmplice do leitor, narra como se contasse algo amigavelmente, com o intuito de conquistar a confiança e a aprovação de seu interlocutor.

Cândido Neves, popular Candinho, homem branco que nunca trabalhou em algo fixo e, rendendo-se à pobreza, passou a ganhar dinheiro recuperando escravos fugidos. Casado com Clara, o casal vivia com Mônica, a tia da noiva, que alertava os dois sobre a possibilidade de que se tivessem um filho, este morreria de fome. Clara engravidou e os dois tiveram que se dedicar ainda mais em conseguir dinheiro. Com o tempo, outros homens, mais jovens e mais fortes que Candinho, também passaram a recuperar escravos e cada vez mais ele tinha menos dinheiro e seu filho estava prestes a nascer.

Tia Mônica chegou a sugerir que o casal entregasse a criança à Roda dos Enjeitados, temia pela integridade do bebê e da família. Candinho se revoltou com a suposição. Naquele momento, chega o dono da casa em que os três moravam para ameaçar os inquilinos quanto ao valor atrasado, “Cinco dias ou rua!” (ASSIS, 2008, p. 124). Os dias passaram, e o dinheiro não apareceu. A família foi posta na rua e dois dias depois a criança nasceu. Era um menino, o pai estava muito feliz e, ao mesmo tempo, triste. Candinho releu todos os anúncios de escravos





fugidos, mesmo sabendo que a maioria era promessa, fez uma última busca pelas ruas, sem sucesso. Ao chegar em casa, Mônica e Clara já tinham se convencido que o melhor para o bebê era a Roda, estavam morando em casa de favor e já não tinham dinheiro para se alimentarem. O pai tentou argumentar, mas desistiu e pediu que a mãe ainda amamentasse o menino pela última vez e decidiu que ele mesmo o levaria para a Roda.

No caminho para a Rua dos Barbonos, depois de desviar ao máximo de seu destino, cruzou com uma mulata fugida, que sabia pelos anúncios valer cem mil réis. Em uma farmácia, pediu que cuidassem do menino e seguiu em busca de Arminda. Ao se aprisionada, Arminda implorou pela compaixão de Neves, dizendo que estava grávida e que se ele tivesse um filho também, pelo amor dele, a soltasse. Ela nem imaginava que clamando pela vida de seu feto e apelando para o instinto paternal de seu capturador, estava justamente lembrando do motivo pelo qual Cândido estava tão desesperado pelo dinheiro.

Chegando na casa do senhor, Arminda tentou fugir, alegou que o senhor a castigaria, e Neves não deu ouvidos. Depois da luta, a escrava abortou. Candinho com o dinheiro em mãos foi em busca do filho e beijando-o em lágrimas diz “Nem todas as crianças vingam” (ASSIS, 2008, p. 130).

A narração do conto ainda complementa a citação com o trecho “bateu-lhe o coração”. Arminda e seu bebê são apenas uma moeda de troca pela integridade do filho e pela união da família do branco; a vida de um bebê, pela vida do outro. Marta de Senna acredita que “O silêncio que se instala depois dessa fala permanece no ouvido do leitor, que custa a recompor-se para prosseguir a leitura do livro” (SENNA, 2008, p. XVIII).

Lido o conto e apontados os traços das personagens e a sequência de suas ações, o professor pode fazer perguntas sobre a ética de suas ações, para induzi-los a compreender a dimensão crítica do texto, já que “Pai contra mãe” é um soco no estômago e evidencia tanto a escravidão, sua estrutura e seus métodos de tortura e subjugamento, quanto o sofrimento das pessoas que vivem à margem na sociedade. Pode, igualmente, chamar a atenção dos alunos para os nomes da personagens e a ironia que eles guardam.

O conto consiste em “Um relato no qual se fundem história e ficção. Ao publicá-lo, após a Abolição, Machado transgride o implícito comportamento de silêncio, no processo de esquecimento a que foi submetida a história da escravidão” (TRÍPOLI, 2006, p. 129). Ele apresenta a localização geográfica do Rio de Janeiro que, com os nomes das ruas fazendo



referência à situação vivida pelas personagens, garante verossimilhança e qualidade estética à obra.

Assim, a última etapa do roteiro de leitura, Transferência e aplicação, visa *estabelecer relações: que diálogo há entre o texto e o contexto estético-histórico-cultural atual e o do momento de sua produção?* (SARAIVA, 2006), pensando no momento de produção, os alunos poderiam ser desafiados a reconstruir o mapa dessa cidade do Rio de Janeiro representada no conto, relacionando os nomes das ruas e dos marcos citados na obra às ações e situações que as personagens vivenciam. Para motivar os alunos a refletirem sobre a violência implícita e explícita na sociedade, eles podem ser desafiados a escrever um poema sobre uma forma de violência que gostariam que fosse combatida. Como exemplos de violência, citam-se o machismo, o racismo, a misoginia, a homofobia, a xenofobia, a intolerância religiosa, o preconceito linguístico, a intolerância política, o especismo etc.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida dos escravos na Corte brasileira, durante o século XIX, estabeleceu elementos das relações sociais que se repetem nos dias de hoje. Mesmo que, ao final de 1890, a maioria da população negra já fosse livre, a literatura e as manifestações sociais do período ou não representavam negros ou ainda representavam o povo negro atrelado à escravidão. Nesse sentido, o estudo da obra de Machado de Assis mostra que o autor se preocupou sim em escrever sobre os problemas de seu tempo histórico, e os escravos fazem parte dessa história.

A leitura desse texto, na atualidade, favorece a compreensão da obra machadiana, que revela a escravidão e as marcas deixadas por ela na sociedade brasileira e denuncia a exploração do homem pelo homem. Esse posicionamento também se faz necessário no momento presente, em que a desumanização mostra sua face na vida cotidiana. A personagem “Arminda” representa a classe marginalizada, desprestigiada socialmente e essa mulher negra e escrava é colocada em cena pelo narrador de Machado de Assis para falar de formas de escravidão, garantindo a importância literária que o tema merece para ser discutido em qualquer momento histórico.





## REFERÊNCIAS

COUTINHO, Afrânio. *Machado de Assis e o problema do mestiço*. Revista do Brasil, nº 20, fev., 1940, p. 28.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, 1974, p. 102-104.)

DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis: afrodescendente – escritos de caramujo* [antologia]. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Pallas/ Crisálida, 2009.

GOMES, Heloisa Toller. *As marcas da escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani. [et al] *Literatura na escola: propostas para o Ensino Fundamental*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura para todos. *Literatura e Sociedade*, v. 11, n. 9, p. 16-29, 6 dez. 2006.

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In.: ASSIS, Machado de. *Páginas recolhidas / Relíquias de casa velha*. Edição preparada por Marta de Senna. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008, p. 113-130.

SENNA, Marta de. Introdução. In.: ASSIS, Machado de. *Páginas recolhidas / Relíquias de casa velha*. Edição preparada por Marta de Senna. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008, p. IX-XXXIII.

TRÍPOLI, Mailde Jerônimo. *Imagens, máscaras e mitos: o negro na obra de Machado de Assis*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.





## CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER IDOSA NO RIO GRANDE DO SUL ENTRE 2009 E 2018

CHARACTERIZATION OF VIOLENCE AGAINST ELDERLY WOMEN IN RIO GRANDE  
DO SUL BETWEEN 2009 AND 2018

Maristela Peixoto; Fernanda Rodrigues da Silva; Laís Freitas Beck; Janifer Prestes; Ígor De Oliveira

Lopes

Universidade Feevale

**Resumo:** A violência contra a pessoa idosa é um fenômeno multifatorial e complexo, configurando-se um problema de saúde pública de difícil administração. O presente estudo tem como intuito descrever as características da violência contra a mulher idosa em um estado do sul do Brasil entre 2009 e 2018. Trata-se de uma pesquisa descritiva, documental, transversal com abordagem quantitativa. A população corresponde a todas as notificações de violência doméstica, sexual e/ou outras violências ocorridas no Rio Grande do Sul, compreendendo o período de 2009 a 2018. Evidenciou-se que idosas de etnia/raça branca com baixa escolaridade foram as mais violentadas. O local de ocorrência predominante foi a residência (85,5%). Em relação ao tipo de violência houve uma maior distribuição de violência física (23,7%), psicológica (19,8%), e negligência (14%). Força Corporal/Espancamento teve maior prevalência, com (34,5%), sendo mais comuns agressões cometidas por filhos (33,6%). Suspeita de uso de álcool foi observado em (23,7%) dos casos, em relação ao desfecho (1,7%) foram a óbito em virtude da violência. Conclui-se que com o aumento do número de idosos, em maioria do gênero feminino, o tema violência contra a mulher idosa deve ter maior visibilidade na sociedade, a fim de garantir os direitos desse grupo.

**Palavras-chave:** Violência 1. Mulher Idosa 2. Saúde Pública 3. Negligência 4.

**Abstract:** Violence against the elderly is a multifactorial and complex phenomenon, constituting a public health problem that is difficult to manage. This study aims to describe the characteristics of violence against elderly women in a state in southern Brazil between 2009 and 2018. This is a descriptive, documentary, cross-sectional study with a quantitative approach. The population corresponds to all reports of domestic, sexual and / or other violence that occurred in Rio Grande do Sul, covering the period from 2009 to 2018. It was evidenced that elderly women of white ethnicity / race with low education were the most violated. The predominant place of occurrence was the residence (85.5%). Regarding the type of violence, there was a greater distribution of physical (23.7%), psychological (19.8%), and negligence (14%) violence. Body Strength / Beatings had a higher prevalence, with (34.5%), being more common aggressions committed by children (33.6%). Suspected alcohol use was observed in (23.7%) of the cases, in relation to the outcome (1.7%) they died due to violence. We conclude that with the increase in the number of elderly people, mostly female, the theme of violence against elderly women must have greater visibility in society, in order to guarantee the rights of this group.

**Key words:** Violence 1. Elderly Woman 2. Public Health 3. Negligence 4.

### INTRODUÇÃO

A violência é compreendida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como “o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em



lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”. Entre os abusos podem ser incluídos atos físicos, sexuais, psicológicos, financeiros, bem como a negligência (OMS, 2015).

A violência contra mulher representa um problema de saúde pública, pois tais situações implicam na saúde física, mental e no desenvolvimento humano das mulheres, sendo uma das causas prevalentes de morbidade e mortalidade feminina. A violência contra a mulher ganhou espaço no estado brasileiro, em 1981, quando o país ratificou a Convenção sobre Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher e passou a compartilhar da defesa dos direitos femininos de forma mais efetiva (SANTOS, 2015).

A violência é um fenômeno que pode ocorrer ao longo da vida, atingindo mulheres de diferentes regiões, orientação sexual, raça, escolaridade, religião, estado civil e classe social. De acordo com Souza e Cintra (2018), a desigualdade de gênero vem se propagando ao longo da história refletindo nos discursos hierárquicos masculinos sobre a mulher, no aspecto de que a mulher é frágil e submissa ao homem. Esse fato ocorre devido a esse tipo de violência ter raízes na discriminação. Historicamente, essa problemática foi mascarada pela sociedade e interpretada como uma situação familiar, na qual somente a família era protagonista da sua resolução.

Segundo o estudo do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em torno de 90% da população mundial tem alguma forma de preconceito contra mulheres. No Brasil, 77,95% das mulheres sofrem algum abuso na sua integridade física. Fato esse que abrange a violência doméstica e os direitos reprodutivos, (HALL et al., 2020). O relatório do Atlas da Violência (2019), aponta que, em 2017, ocorreram no Brasil em média 13 assassinatos por dia, totalizando 4.936 mulheres mortas, vítimas da violência, cujo aumento foi de 6,3% em relação ao ano anterior (CERQUEIRA et al., 2019). Sendo assim, este estudo tem como objetivo descrever as características da violência contra a mulher idosa em um estado do sul do Brasil entre 2009 e 2018.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva, documental, transversal com abordagem quantitativa. A população deste estudo corresponde a todas as notificações de violência doméstica, sexual e/ou outras violências, ocorridas no Rio Grande do Sul, compreendendo o período de 2009 a 2018, dados registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN NET) do Ministério da Saúde.



A amostra do estudo é composta por todas as notificações de violência doméstica, sexual e/ou outras violências, ocorridas no Rio Grande do Sul, compreendendo o período de 2009 a 2018, de mulheres com idade igual ou maior que 60 anos. A coleta dos dados foi realizada no mês de agosto de 2020.

Os dados foram coletados pela pesquisadora através dos registros disponibilizados pelo site do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), descritos no TABNET, que utiliza como principal instrumento a Ficha de Notificação/Investigação Individual Violência Doméstica, Sexual e/ou outras violências interpessoais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tabela 1, observar-se informações que envolvem a raça/etnia e o nível de escolaridade das idosas que sofreram violência.

**Tabela 1. Características das idosas vítimas de violências, conforme ficha de notificação registrada no Sinan entre 2009 – 2018 no Rio Grande do Sul.**

Variável	Nº	%
<b>Raça/Etnia</b>		
Ignorado/Branco	319	4,78%
Branca	5.525	82,81%
Preta	340	5,10%
Amarela	17	0,25%
Parda	458	6,86%
Indígena	13	0,19%
<b>TOTAL</b>	<b>6.672</b>	
<b>Escolaridade</b>		
Ignorado/Branco	2.403	36,02%
Analfabeto	552	8,27%
1ª a 4ª série incompleta do EF	1.412	21,16%
4ª série completa do EF	441	6,61%
5ª a 8ª série incompleta do EF	671	10,06%
Ensino fundamental completo	651	9,76%
Ensino médio incompleto	103	1,54%
Ensino médio completo	258	3,87%
Educação superior incompleta	31	0,46%
Educação superior completa	141	2,11%
Não se aplica	9	0,13%
<b>TOTAL</b>	<b>6.672</b>	

Fonte: Elaborado pela autora

Em relação a esta característica o estudo aponta que a maior prevalência é em idosas de raça/etnia branca com 82,81%, seguido de parda com 6,86%. Em relação ao nível de escolaridade, constatou-se que 8,27 % das idosas da amostra eram analfabetas. Comparando a proporção de



peças de cada etnicidade na população estudada com a proporção na população geral de idosas morando no mesmo estado (IBGE, 2019), verificou-se que há mais pessoas de raça/etnia branca sofrendo violência, o que é esperado em relação à composição da população geral de mulheres com idade avançada, no que diz respeito à cor da pele nessa região. Neste sentido, ser uma idosa branca implica como fator de risco para sofrer violência na região onde os dados para o estudo foram coletados.

Na literatura científica não há um consenso a respeito da escolaridade, sendo que esta categoria vai depender do local da realização do estudo. Não se pode presumir que os idosos sem escolaridade estejam mais suscetíveis à violência. Dessa forma, a ausência de escolaridade por si só não é um fator de risco, mas sim as implicações dela, como por exemplo, a incapacidade de ler o que resulta em baixo acesso a informações de como prevenir ou resolver problemas (DUQUE et al., 2012). A tabela 2, descreve as variáveis relacionadas local de ocorrência, tipo de violência; tipo de agressão.

**Tabela 2. Características das idosas vítimas de violências, conforme ficha de notificação registrada no Sinan entre 2009 – 2018 no Rio Grande do Sul.**

Variável	Nº	%
<b>Local ocorrência</b>		
Residência	5.704	85,49%
Habitação Coletiva	105	1,57%
Escola	9	0,13%
Local de prática esportiva	4	0,06%
Bar ou Similar	22	0,33%
Via pública	286	4,29%
Comércio/Serviços	86	1,29%
Indústrias/construção	0	0%
Outros	257	3,85%
Ignorado	163	2,44%
Em Branco	36	0,53%
<b>TOTAL</b>	<b>6.672</b>	
<b>Tipo de Violência*</b>		
Violência de repetição	3.443	24,30%
Lesão Autoprovocada	914	6,45%
Violência Tortura	215	1,52%
Violência Física	3.358	23,70%
Violência Sexual	170	1,20%
Violência Financeira/Econômica	643	4,54%
Violência Negligencia/Abandono	1.984	14%
Violência Intervenção Legal	20	0,14%
Violência Psico/moral	2.805	19,80%
Outra Violência	612	4,32%
<b>TOTAL</b>	<b>14.170</b>	
<b>Tipo de Agressão*</b>		



Variável	Nº	%
Força corporal/ Espancamento	2.553	34,5%
Enforcamento	264	3,57%
Objeto Contundente	210	2,84%
Arma de fogo	72	0,97%
Ameaça	1.945	26,28%
Envenenamento	321	4,34%
Objeto perfurocortante	310	4,19%
Substância/Objeto Quente	41	0,55%
Outra Agressão	1.684	22,76%
<b>TOTAL</b>	<b>7.400</b>	

Fonte: Elaborado pela autora \*A mesma idosa pode ter sofrido mais de um tipo de violência/agressão

Quanto ao tipo de violência, a prevalência de violência física, psicológica e negligência entre os idosos foi de 57,5%, representando 23,70% para a física, 19,80% para a psicológica e, 14% para negligência. A Violência Financeira/Econômica abrange 4,54% dos casos, sendo importante pontuar que uma das principais queixas registradas nas Delegacias de Polícia especializadas para idosos e mulheres vítimas de violência é a patrimonial. As vítimas permitem que os agressores usurpem de seus bens, pelo medo da solidão, da vida em asilos e clínicas geriátricas. Os agressores, por sua vez, após estarem guarnecidos financeiramente, retêm o poder sobre o idoso e seguem coagindo, ameaçando e perpetrando o ciclo da violência (MINAYO et al., 2018).

O presente estudo aponta que, frequentemente, a pessoa idosa é exposta a mais de um tipo de violência simultaneamente. Em geral, a violência psicológica e física expressa o ciclo da violência, onde, geralmente, antes de ocorrer a agressão física, o agressor ameaça a vítima e comete violência psicológica, que, por vezes, é negligenciada. No âmbito familiar, as violências física e psicológica podem se constituir como um padrão de relacionamento, mas também são resultantes da incapacidade do idoso para realizar o autocuidado.

No que se refere aos tipos de agressões sofridas, os dados indicam que a Força Corporal/Espancamento teve maior percentual, com 34,5% das notificações, em segundo lugar ficou a Ameaça com 26,28%. Uma das primeiras reações diante da violência doméstica, podem implicar em sentimentos de medo, vergonha e até mesmo culpa pelo fracasso das relações, ocasionando, muitas vezes na omissão do fato. O medo faz com que as vítimas não denunciem seus agressores, sendo ameaçados por eles com o uso de mais violência, logo, ocorre a reincidência do fato. As marcas deixadas contra as vítimas idosas não são apenas físicas, mas



também psicológicas. Nesse contexto, os profissionais de saúde têm papel significativo no enfrentamento da violência, na identificação precoce, prevenção e/ou no cuidado da idosa vitimada. Cabe salientar que, os enfermeiros da Atenção Primária e, especificamente, os da Estratégia da Saúde da Família estão inseridos em um modelo de atenção à saúde que privilegia as atividades supracitadas (OLIVEIRA et al., 2013).

Dados relacionados ao tipo de agressor, suspeita do uso de álcool e desfecho, estão descritos na tabela 3.

**Tabela 3. Características das idosas vítimas de violências, conforme ficha de notificação registrada no Sinan entre 2009 – 2018 no Rio Grande do Sul.**

Variável	Nº	%
<b>Agressor*</b>		
Pai	21	0,30%
Mãe	48	0,68%
Padrasto	8	0,11%
Madrasta	8	0,11%
Namorado(a)	60	0,85%
Ex-Namorado(a)	30	0,43%
Cônjuge	969	13,79%
Ex-cônjuge	203	2,89%
Filho(a)	2.361	33,59%
Irmão(a)	199	2,83%
Cuidador(a)	328	4,67%
Patrão/Chefe	7	0,10%
Amigos/Conhecido	377	5,36%
Desconhecido(a)	297	4,23%
Pessoa Relação Institucional	94	1,34%
Policial Agente da Lei	8	0,12%
Própria Pessoa	889	12,65%
Outros Vínculos	1.122	15,96%
<b>TOTAL</b>	<b>7.029</b>	
<b>Suspeita uso álcool</b>		
Sim	1.584	23,74%
Não	2.858	42,84%
Ignorado	2.136	32,01%
Em Branco	94	14,09%
<b>TOTAL</b>	<b>6.672</b>	
<b>Evolução do caso</b>		
Alta	1.576	23,62%
Evasão/fuga	27	0,40%
Óbito por violência	114	1,71%
Óbito por outras causas	42	0,63%
Ignorado	548	8,23%
Em Branco	4.365	65,42%
<b>TOTAL</b>	<b>6.672</b>	

Fonte: Elaborado pela autora - \* A mesma vítima pode ter sofrido agressão por mais de uma pessoa.



A violência contra a pessoa idosa é um problema multifacetado, por sua dinâmica e fatores determinantes intrinsecamente relativo ao ambiente familiar, à relação entre vítima e autor da agressão e sua dependência. A Tabela 3 demonstra que, 36,42% dos agressores tinham vínculos sanguíneos com a vítima, destes, de forma expressiva, 33,59% se referiam ao próprio filho(a) da idosa violentada, seguido pelo cônjuge com 13,79%. Cabe enfatizar que, um mesmo indivíduo pode ser vítima e o agressor ao mesmo tempo, assim como, a mesma vítima pode ter sofrido agressão por mais de uma pessoa. O uso de álcool pelos agressores foi observado em 23,74% dos casos. Minayo (2003) diz que, com frequência os principais agressores são os filhos, seguido do cônjuge ou parceiro, cita também que o abuso do álcool e de outras substâncias é um fator contribuinte para o ciclo de violência.

Com relação ao desfecho, 23,62% dos casos evoluíram com alta e aproximadamente 1,71% foram a óbito por violência. Estudo realizado por Machado; Tavares; Tavares (2018), com objetivo de descrever a mortalidade por agressões em idosos, ocorridos entre 2003 e 2014, no Brasil, evidenciou que a mortalidade por agressões foi a segunda maior causa de óbitos por causas externas, com percentual variando de 12,02 (2003-05) a 9,16 (2012-14).

## CONCLUSÃO

O envelhecimento é, sem dúvida alguma, para alguns, sinônimo de vitória, aquisição, maturidade, experiência, ampliação da vida, mas para outros, significa perda, dependência, derrota, violência e maus-tratos – todos muito significativos.

A cultura brasileira, apoiada pelo Estatuto do Idoso, delega à família a responsabilidade pelos cuidados dos idosos, assim, esses dados trazem grande impacto, uma vez que os filhos são os sujeitos mais próximos e deveriam amparar os pais na velhice, garantindo a dignidade e o direito da pessoa idosa. Muitas vezes, a relação intrafamiliar surge como geradora de conflitos que expõem a mulher idosa ao risco de uma violência de caráter velado pelos próprios constituintes, tornando a violência familiar a mais difícil de ser controlada, uma vez que relaciona a vínculos afetivos, resultando em uma violência calada e sofrida em silêncio. As causas para essas condições justificam-se, sobretudo, a negligência e a omissão daqueles a quem caberia toda a proteção da pessoa idosa – a família.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sistema de Informação de Agravos de Notificação**. Sinan Net. Disponível em: <[http://portalweb04.saude.gov.br/sinan\\_net/default.asp](http://portalweb04.saude.gov.br/sinan_net/default.asp)>. Acesso 04 mar. 2020a.

CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da Violência**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

DATASUS. Tabnet. **Violência**. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sinannet/cnv/violebr.def>>. Acesso em 08 abr. 2020.

DUQUE, Andrezza Marques et al. Violência contra idosos no ambiente doméstico: prevalência e fatores associados (Recife/PE). **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 17, n. 8, p. 2199–2208, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232012000800030&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000800030&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 20 set. 2020.

HALL, Jon et al. **Tackling social norms: A game changer for gender inequalities**. New York: UNDP, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Síntese de indicadores sociais uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência contra idosos: relevância para um velho problema. **Cadernos de Saúde Pública**, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 783–791, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2003000300010&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000300010&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 20 set. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. Institucionalização do tema da violência no SUS: avanços e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 23, n. 6, p. 2007–2016, 2018.

OLIVEIRA, Annelissa Andrade Virgínio De et al. Maus-tratos a idosos: revisão integrativa da literatura. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s. l.], v. 66, n. 1, p. 128–133, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672013000100020&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000100020&lng=pt&tlng=pt)>=<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2003000300010&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000300010&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 20 set. 2020.

Organização Mundial da Saúde. OMS. Summary for Policymakers. In: Intergovernmental Panel On Climate Change (Ed.). **Climate Change 2013: The Physical Science Basis**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 1–30.

SANTOS, Felipe Lins. O Dilema jurídico da mulher no Brasil. **Sinais**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 32–59, 2015.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

SOUZA, Angela Alves Correia; CINTRA, Raquel Barbosa. Conflitos éticos e limitações do atendimento médico à mulher vítima de violência de gênero. **Revista Bioética**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 77–86, 2018.





## REPENSAR A EDUCAÇÃO PARA ATENDER O DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL

### RETHINKING EDUCATION TO MEET INTEGRAL HUMAN DEVELOPMENT

Patrícia Modesto da Silva; Eliana P. G. de Moura; Adriane Cássia Silva Coitinho

Universidade Feevale

**Resumo:** O presente artigo propõe analisar aproximações das propostas das cidades educadoras e da educação integral e de tempo integral, como alternativas para uma concepção de educação que busque atender o desenvolvimento humano integral com vistas na equidade e no bem-estar social. O procedimento metodológico utilizado para este estudo será a revisão bibliográfica com base na fundamentação teórica alicerçada em Brandão (2016), Freire (1987, 1989), Moll (2013) e Gadotti (2016) para tratar de educação, educação integral e de tempo integral num processo contínuo, considerando a integralidade dos sujeitos. Para sustentar o conceito de cidades educadoras recorreu-se a Gadotti (2006), Moll (2013) e Pozo (2013). O problema que buscamos responder se configura mais explícito diante da realidade pandêmica que estamos vivendo, momento que evidenciou dificuldades e necessidades relacionados em diferentes setores, assim como na educação. O cenário atual configura a urgência de refletirmos sobre as prováveis repercussões e a relevância da educação como caminho para a consciência crítica e a emancipação dos sujeitos, por meio de propostas com potencial educacional que consideram como fundamental a equidade, a autonomia dos sujeitos ao longo da vida e principalmente aquisição de conhecimentos que contribuam para a construção de uma consciência crítica e coletiva.

**Palavras-chave:** 1. Educação integral e de tempo integral 2. Cidades educadoras 3. Repensar a educação

**Abstract:** This article proposes to analyze approximations of the proposals of the educating cities and of integral and full-time education, as alternatives for a conception of education that seeks to attend the integral human development with a view to equity and social well-being. The methodological procedure used for this study will be the bibliographic review based on the theoretical foundation based on Brandão (2016), Freire (1987, 1989), Moll (2013) and Gadotti (2016) to deal with education, full-time and full-time education in a continuous process, considering the integrality of the subjects. To support the concept of educating cities, Gadotti (2006), Moll (2013) and Pozo (2013) were used. The problem we seek to answer is more explicit in the face of the pandemic reality that we are experiencing, a moment that showed difficulties and related needs in different sectors, as well as in education. The current scenario configures the urgency to reflect on the probable repercussions and the relevance of education as a path to the critical conscience and the emancipation of the subjects, through proposals with educational potential that consider equity, the autonomy of the subjects throughout the course. and mainly the acquisition of knowledge that contributes to the construction of a critical and collective conscience.

**Key words:** 1. Full-time and full-time education 2. Educating cities 3. Rethinking education

## INTRODUÇÃO

A pandemia mostrou a fragilidade da sociedade em suas diferentes faces: econômica, política, social, educacional, científica, familiar dentre outras. Santos (2020) argumenta que desde a década de 80, com o predomínio do capitalismo, existe um permanente estado de crise,



contrapondo o significado da palavra que seria de conotação passageira. Desta forma, sustenta o autor, que quando uma crise é permanente impacta em diferentes setores da sociedade global, nos restando buscar as causas e alternativas para amenizar as repercussões. Complementando este posicionamento, Morin (2004, p. 14-15) atenta para nossa limitação para tratar de problemas e instabilidades, de forma que quanto mais a crise progride mais se amplia a dificuldade em resolvermos: “Uma inteligência incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente e irresponsável.”, assim, mostramos nossa falta de preparo e fragilidade para a resolução. O autor aponta para a necessidade de reinventar a educação repensando o ensino, buscando construir “[...]uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre” (MORIN, 2004, p. 11).

Para atender o propósito deste artigo teórico, a metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, que fundamenta os conceitos-chave e contextualiza o cenário em estudo. Para contemplar a proposta de buscar nas concepções de cidades educadoras e da educação integral e de tempo integral alternativas para repensar a educação, fundamentação teórica esta fundada com em leituras de em Brandão (2016), Freire (1987, 1989), Moll (2013) e Gadotti (2016) para tratar de educação, educação integral e de tempo integral compreendendo-a como um caminho para a mudança e emancipação dos sujeitos, num processo contínuo (ao longo da vida) e com garantia de equidade e qualidade num formato de educação considerando a integralidade dos sujeitos. Para sustentar o conceito de cidades educadoras recorremos a Gadotti (2006), Moll (2013) e Pozo (2013) que apontam para o caminho da valorização dos territórios educativos, onde diferentes políticas, espaços, tempos e atores são compreendidos como agentes pedagógicos, capazes de apoiar o desenvolvimento humano integral.

Ao propormos alternativas para repensar a educação temos em vista o cenário atual da sociedade, com o recorte na educação, mas considerando um caminho para a equidade, no desenvolvimento humano integral, nas reformulações socioculturais, econômicas na sociedade.

## 1 EDUCAÇÃO INTEGRAL E DE TEMPO INTEGRAL

Segundo Freire, a educação deveria priorizar a mediação de conhecimento e valorização de saberes entre docente e discente, de forma horizontal: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987,



p. 39). O autor aponta para a relevância da Educação no desenvolvimento de sujeitos críticos, com capacidade de modificar realidades sociopolíticas: "[...]de alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de (re) escrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente" (FREIRE, 1989, p. 13). Nessa concepção de educação, a realidade das crianças e estudantes é significativa para o ensino/aprendizagem, visto como importante caminho para despertar o senso crítico, por meio do diálogo, respeito e busca da autonomia. A situação em que a pandemia nos trouxe, forçou a mudar nossa forma de viver e com a Educação não foi diferente. Nos pressionou a refletir sobre tais mudanças e a emergência de repensar a educação, Moll (2013, p. 40) afirma que: “não só é possível mudar a escola, como obra humana e expressão cultural que ela é, mas de que já há um processo de mudança em curso. A autora se posiciona com base nas disparidades que já eram apontadas em pesquisas, que evidenciam a desigualdade educacional no país e, ainda, considera essa realidade brasileira como base, para buscar a equidade e construir uma proposta que realmente atenda a “Uma mudança que quebra a lógica burocratizada e desumanizadora [...]” (MOLL, 2013. p. 40). Nessa linha de pensamento, precisamos considerar que para obter equilíbrio entre a educação pública e privada, seria possível por meio de ações que atendesse as necessidades básicas dos educandos/as e garantia das políticas públicas. Para tanto, a Educação poderia ser pensada com uma configuração de formação integral, como um projeto coletivo, de práticas que possibilitem ressignificar o espaço escolar não só como lugar, mas, como articulador de ações entre educadores, sociedade e governo, “ampliar a jornada escolar na perspectiva da educação integral em tempo integral[...]" (MOLL, 2013. p. 41). Repensar a Educação passaria pela ampliação de tempo na escola e de espaços educativos, considerando o território onde os educandos estão inseridos. Bem como, pensar como um lugar humanizado, direcionado a formação de qualidade, compreendendo o ser humano em sua complexidade ao longo de sua vida. A validação desse processo precisa ser por meio de políticas públicas que considerem a ampliação das funções da escola nos diferentes níveis de ensino e, realmente, se efetivem.

Complementarmente a essa reformulação, Gadotti (2016, ano, p. 55) se posiciona afirmando que a Educação ao longo da vida independe da idade, estendendo-se desde o nascimento até o fim da vida. Ainda, complementa que está para além dos espaços formais e não formais, o que nos “[...]obriga a ter uma visão mais holística da educação”. O autor, destaca que esta modalidade não se reduz a formação profissional e se difere da EJA (Educação de



Jovens e Adultos). Brandão (2016, p. 162) acrescenta que o conceito compreende “[...] pensar uma educação centrada na pessoa e destinada a se estender por toda a sua vida.” Portanto, compreende a educação para todos e por toda a vida, sendo assim, engloba educação, aprendizagem, formação profissional buscando o desenvolvimento global dos sujeitos.

## 2 CIDADES EDUCADORAS

Para Gadotti (2006), a cidade tem o dever de garantir a todos o acesso igualitário aos direitos humanos fundamentais através das suas funções específicas relacionadas à economia, à política, à prestação de serviços, à mobilidade e à organização social. Além disso, dispõe de uma série de equipamentos públicos e privados por meio dos quais pode contribuir com o processo formativo dos seus habitantes. Dessa forma, mesmo quando não existe a intencionalidade, tudo que ocorre dentro do território de uma cidade contribui de forma positiva ou negativa para a formação de todos seus habitantes, pois “a cidade é um agente educativo permanente, plural e poliédrico, capaz de potencializar os fatores educativos e de transformação social” (AICE, 2020, p. 04).

A concepção da proposta das Cidades Educadoras parte do pressuposto de que as cidades são estruturas que sustentam e interligam seus habitantes nos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos e produzem referências que interferem na vida de seus/suas cidadãos/cidadãs ao longo de toda vida (MACHADO, 2004). O seu objetivo constante será sempre “aprender, inovar e partilhar, e, portanto, enriquecer e tornar mais segura e digna a vida dos seus habitantes” (AICE, 2020, p. 4).

Diante desses desafios, a ideia sobre o potencial educativo das cidades, se sustenta na Carta das Cidades Educadoras que reúne um conjunto de princípios essenciais organizados em 20 artigos, agrupados em três Títulos que se constituem no fio condutor para impulsionar o potencial educativo das cidades.

O Título I – O Direito à Cidade Educadora, abrange seis artigos que de maneira geral, trata da redefinição da cidade como educadora. Referem-se principalmente às políticas educacionais do município, sinalizando que a educação estritamente escolar é essencial, necessária, todavia não é o suficiente. Em sequência, o Título II – O Compromisso da Cidade, se ancora no posicionamento proativo de reconhecimento do direito de todos a uma cidade educadora, apresentado no Título I, que transgride a simples obrigação da cidade em cumprir



as suas funções tradicionais através de uma administração democrática, honesta e eficaz. Relaciona-se ao acréscimo de valor na educação escolar e na promoção de oportunidades de qualidade de vida. Por fim, o Título III – Ao Serviço Integral das Pessoas, complementa literalmente a ideia anteriormente apresentada no Título II, defendendo que para alcançar o engajamento dos/das seus/suas habitantes, a cidade deve levar em consideração que cada pessoa precisa se perceber como um ponto de atenção das políticas públicas locais, de seus agentes e representantes. Ainda, sentir-se plenamente capaz de exercer sua cidadania e desenvolver suas capacidades, objetivo principal da educação, e alcançar qualidade de vida, objetivo básico de toda a gestão democrática.

Dito isso, o mérito da proposta das Cidades Educadoras se sustenta em virtude da complexidade dos desafios impostos à cidade contemporânea de se moldar às exigências do mundo globalizado e digital. Bauman (1999, p. 38), expressa literalmente, a importância da “reconstrução do espaço público, como diálogo constante entre indivíduo e comunidade, entre direitos e deveres e uma educação ao longo da vida que não só renove aptidões para a mobilidade laboral e técnica, mas, sobretudo, o espírito de cidadania.” Ao analisar os desafios da educação na modernidade líquida, aponta como caminhos para os avanços necessários, muitas das concepções presentes nos princípios da nova Carta das Cidades Educadoras, tais como a necessidade de re(construção) de vínculos entre as pessoas, o estímulo a convivência cooperativa, respeitosa e empática e o desenvolvimento de habilidades e competências individuais/coletivas.

### 3 REPENSAR A EDUCAÇÃO

É inegável que uma crise sanitária mundial produz repercussões não apenas de ordem epidemiológica, mas impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes para todos os países. Complementar a este cenário, o Brasil que já vinha fragilizado por dificuldades socioeconômicas, ainda, conta com embates ideológicos e políticos entre o presidente da república, ministros e governadores. Esta situação evidencia o desencontro de informações, atrapalha decisões importantes e deixa a população sem referência, conforme acompanha-se em noticiários e redes sociais, deixando claro o desgoverno em meio a pandemia.

Com essa realidade surgiu uma nova forma de viver, priorizando o uso de máscaras, o distanciamento social e novos arranjos nas relações humanas. Tudo isso foi sendo incorporado



na rotina das pessoas, transformando o funcionamento dos espaços das cidades e das residências, que neste momento precisam se adaptar a esta demanda. Desde então, instituições, profissionais, educadores, famílias, crianças e estudantes, em maior ou menor grau, foram obrigados a se adaptar às novas formas digitais de trabalhar, ensinar/aprender e interagir.

Conseqüentemente, o olhar linear e conservador imposto através dos anos sobre a educação pública brasileira, com ênfase exclusiva em metodologias presenciais e na universalização do Ensino Fundamental pelo aumento do número de matrículas, repercutiu ainda mais forte. A escola que sempre centralizou as ações do processo de ensino, ainda neste momento, enfrenta dificuldades para adaptar-se às possibilidades da sala de aula virtual. Nesse sentido, para além da internet, do desconforto dos/as estudantes em realizar a leitura das atividades em smartphones, quando disponíveis, da falta de preparo dos/as professores/as para elaborar aulas e materiais usando os recursos das tecnologias da informação, das dificuldades demonstradas pelas famílias em organizar um ambiente adequado para o aprendizado em casa, a escola deparou-se com as limitações das suas relações e parcerias com as demais políticas públicas e com a comunidade em seu entorno. Percebeu-se isolada entre seus próprios muros.

A emergência de mudanças educacionais é evidente, mas a disposição política precisa atender a esse chamado, considerando a totalidade dos sujeitos e assim pensando em projetos educativos que atendam às necessidades, pautados em ações que se efetivem. Moll (2013) destaca que mais que ampliar a jornada diária é preciso atentar a qualidade, pois como afirma a autora que se deve fundamentar como um: “tempo reinventado que compreende os ciclos, as linguagens, os desejos das infâncias e juventudes que acolha, modifique assimetrias e esterilidades que ainda são encontradas na prática pedagógica escolar” (2012, p. 28). Considerar ainda, a proposta de um formato educativo que seja um processo contínuo (ao longo da vida) e com garantia de equidade e qualidade, num formato de educação integral para ensino fundamental e médio e, precisa ter como objetivo central reconhecer a Educação como caminho para a mudança e emancipação dos sujeitos. Brandão complementa que a formação profissional é vista como um objetivo secundário na “[...] vocação humana de aprender” (2016, p.162). Ainda, conclui que o conceito se configura como um projeto que, “[...] de ciclo a ciclo do desenvolvimento humano, o acompanhe ao longo de toda a existência conforme a escolha de cada pessoa que aprende” (2016, p.167). Assim, o reconhecimento e validação de que a escola não é o único espaço educativo, admitindo o potencial educativo de outros ambientes e territórios da cidade como legítimos.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com certeza, o ano letivo de 2020 foi atípico, cheio de excepcionalidades, com indubitáveis consequências educacionais acentuadas e provocadas pela pandemia. Se os prejuízos são temporários ou permanentes é a reflexão que cabe. Portanto, persiste o desafio de fazer o sistema educacional trabalhar em novos moldes e articulado a concepção de educação integral, presente na nova Base Nacional Curricular Comum - BNCC<sup>[2]</sup>, a qual valoriza a visão do/a estudante, o seu desenvolvimento pleno e a integração curricular com os saberes do seu cotidiano. Estabelecer quais são as prioridades entre as competências e habilidades a serem desenvolvidas, inclusive através do ensino híbrido, superar as barreiras tecnológicas e instrumentalizar o/a professor/a para realizar essa mediação com qualidade. Ainda, professores/as, família, escola, sociedade, governos, precisam estar envolvidos conjuntamente para que o resultado do aprendizado seja exponencialmente maior.

Para que isso se efetive, o trabalho entre muros e solitário da escola não é o suficiente. A escola precisa reconhecer outros espaços e tempos de aprendizagem que estão além da sala de aula regular, na cidade. Porém, não em qualquer cidade, mas naquela que se assume intencionalmente educadora por meio de seus espaços públicos, espelha esses processos e premissas, potencializa a integralidade do ser humano, favorece aprendizagens e a convivência.

A partir das concepções e legados das experiências de educação integral apresentados neste estudo, formam-se questões emergentes frente aos desafios da educação na vida urbana, onde não podemos separar o perfil de pessoa que se pretende ser da forma como se quer viver em sociedade. Nesse sentido, destaca-se a importância da reflexão sobre a conexão entre os conceitos da proposta das cidades educadoras e da educação integral e de tempo integral. Em continuidade, considerar, se ainda é necessário a construção de um espaço para a educação integral, ou tem-se apenas que (re)fazê-lo, (re)pensá-lo em vista que dentro das nossas cidades já existem elementos, ferramentas e, principalmente pessoas que tornam possível esta renovação. Esses princípios estão presentes na proposta das Cidades Educadoras, que rompe definitivamente com a forma tradicional pela qual as políticas públicas, de maneira geral, vêm sendo elaboradas e executadas.

[1] Instituto de pesquisas especializado em decisões estratégicas. Possui sede em Brasília, DF e São Paulo, SP. <http://www.institutofsbpesquisa.com.br/>.

[2] Documento normativo para as redes de ensino e suas instituições públicas e privadas, referência obrigatória para elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para o ensino infantil, ensino fundamental e ensino médio no Brasil". (BRASIL, 2017).



## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CIDADES EDUCADORAS. **Carta das cidades educadoras**. Barcelona: AICE, 1990. disponível em <http://www.edcities.org/wp-content/uploads/2013/10/carta-portugues.pdf>. Acesso em: 20 set.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados Cortez, 1989.

GADOTTI, Moacir. A escola na cidade que educa. **Cadernos Cepec**. n.01. p.133-139. 2006. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/download/160/189> . Acesso em: nov. 2020.

MOLL, Jaqueline. **Os Tempos da vida nos tempos da escola**. Porto Alegre: Penso, 2013.

MOLL, Jaqueline. **Os tempos da vida nos tempos da escola: construindo possibilidades**. Porto Alegre: Editora Penso, 2013. ISBN: 9788565848589. Recuperado em 01/12/2020, de: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788565848589/pageid/37>

POZO, Joan Manuel del. O Conceito de “Cidade Educadora”, hoje. In: **Educação e vida urbana: 20 anos de Cidades Educadoras**. Associação Internacional de Cidades Educadoras. Portugal: Torres Novas, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra. EDIÇÕES ALMEDINA, S.A., 2020. ISBN 978-972-40-8496-1

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma e reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

NACIF, P. G. S., Queiroz, A. C., Gomes L. M., & Rocha, R.G. (Org.). Brasil, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Coletânea de textos CONFINTEA Brasil+6: tema central e oficinas temáticas / Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC



## ANÁLISE DAS HABILIDADES SOCIAIS DURANTE O ENVELHECIMENTO BEM-SUCEDIDO EM IDOSAS PARTICIPANTES DE CURSOS DE INCLUSÃO DIGITAL

ANALYSIS OF THE SOCIAL SKILLS DURING SUCCESSFUL AGING IN ELDERLY  
PARTICIPANTS IN DIGITAL INCLUSION COURSES

Morgana Konrath; Geraldine Alves Dos Santos; Sabina Maria Stedile; Marcele Medina Silveira;

Marliese Christine Simador Godoflite; Taila Gabriele de Cristo; Caroline Fagundes

Universidade Feevale

**Resumo:** Relações sociais contribuem para dar sentido à vida, favorecendo a organização da identidade através da inter-relação entre as pessoas. Apesar de existirem estudos que indiquem uma associação entre as relações interpessoais, apoio social e qualidade de vida dos idosos, são poucas as pesquisas com foco específico nas habilidades sociais dessa população e a sua relação com essas variáveis. Neste trabalho realizou-se uma análise das habilidades sociais durante o envelhecimento bem-sucedido. O método teve delineamento quantitativo, descritivo e transversal, com uma amostra composta por 44 idosas, a partir de 60 anos, que participam de grupos de informática no município de Novo Hamburgo, RS. Para isso foi utilizado o Inventário de Habilidades Sociais IHS2-Del-Prette, que engloba cinco fatores. Analisando os resultados, constatou-se que a média do percentil no Escore Geral foi de 66,54, indicando um repertório elaborado de habilidades sociais. O fator com maior média de percentil (81,84) foi de Expressão de sentimento positivo, indicativo de repertório altamente elaborado de habilidades sociais. Já o fator com menor média (50,68) foi de Desenvoltura social, indicando bom repertório de habilidades sociais. Portanto, a partir dos resultados encontrados nesta análise, pudemos concluir que o grupo estudado apresenta um bom repertório de habilidades sociais.

**Palavras-chave:** Habilidades sociais. Envelhecimento bem-sucedido. Idoso.

**Abstract:** Social relations contribute to give meaning to life, favoring the organization of identity through the interrelationship between people. Although there are studies indicating na association between interpersonal relationships, social support and quality of life of the elderly, there are few researches focusing specifically on the social skills of this population, and its relation with these subjects. In this paper we performed na analysis on the social skills during the successful aging. The method had a quantitative, descriptive and cross-sectional design, with a sample of 44 elderly ladies, above 60 years old, participating in computer groups in Novo Hamburgo, RS. The Social Skills Inventory 2 (IHS2-Del-Prette), that covers five factors, was used. Analyzing the results, it was faoud that the average of the percentile in the General Score was 66,54, wich indicates na elaborate repertoire of social skills. The factor with the highest percentile mean (81,84) was Expression of positive feeling, indicative of a highly elaborate repertoire of social skills. On the other hand, the factor with the lowest mean (50,68) was Social Resource, indicating a good repertoire of social skills. Therefore, from the results found in this analysis, we were able to conclude that the studied group has a good repertoire of social skills.

**Palavras-chave:** Social Skills. Successful aging. Elderly.





## INTRODUÇÃO

Com o passar dos anos, no mundo, as pessoas estão vivendo mais, e estima-se que até o ano de 2050 a população com 60 anos ou mais possa chegar aos 2 bilhões. De acordo com o relatório lançado pela Organização Mundial da Saúde, esse aumento vai demandar mudanças sociais radicais. Atualmente, a maioria das pessoas, mesmo nos países mais pobres, está tendo vidas mais longas, porém, apenas viver por mais tempo não é suficiente. É preciso garantir que esses anos extras sejam saudáveis, significativos e dignos, e alcançar esses objetivos trará benefícios não somente para os idosos, mas para a sociedade como um todo (WHO, 2015, 2018).

Não existe uma pessoa idosa típica, tampouco um envelhecimento padronizado. A diversidade vista em idosos não é aleatória, pois uma grande parte surge a partir dos ambientes físicos e sociais e do impacto desses nas oportunidades e hábitos de saúde desses sujeitos. A relação que se tem com os ambientes é enviesada por características pessoais, tais como a família, sexo e etnia, o que muitas vezes leva a desigualdades na saúde (WHO, 2018).

Cada pessoa constrói a sua rede social ao longo da vida, essa construção e a extensão dessa rede dependem de fatores sociodemográficos, culturais e de personalidade. A constituição da rede social do idoso pode ser com familiares, amigos, vizinhos e redes formais de auxílio (MAIA et al., 2016). Aqueles que possuem relações interpessoais tendem a apresentar hábitos mais saudáveis, onde a ajuda que fornecem ou recebem contribui para uma sensação aumentada acerca do controle pessoal, o que também acaba influenciando positivamente no bem-estar psicológico. O apoio que as redes sociais oferecem diminui o isolamento e aumenta a satisfação com a vida das pessoas (RESENDE et al., 2006).

Apesar de existirem estudos que indiquem associação entre as relações interpessoais, apoio social e qualidade de vida dos idosos, são poucas as pesquisas com foco específico nas habilidades sociais dessa população e a sua relação com essas variáveis. Cabe ressaltar que as deficiências e comprometimentos nas habilidades sociais estão geralmente associados às dificuldades nas relações interpessoais, bem como com diversos tipos de transtornos psicológicos como o isolamento social, o suicídio e a depressão (BRAZ et al., 2013; CARNEIRO et al., 2007; CARNEIRO, 2006, 2014; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005; GRAZIOTIN; SCORTEGAGNA, 2016; ONGARATO; GRAZIOTIN; SCORTEGAGNA, 2016).



Os temas principais deste estudo são o envelhecimento bem-sucedido e as habilidades sociais. A escolha por este assunto se justifica devido à importância das relações sociais na vida das pessoas, bem como a sua influência ao longo do processo de envelhecimento bem-sucedido. Partindo dessa relação, considerou-se importante investigar também quais as habilidades sociais presentes nesses sujeitos, em virtude dos poucos estudos realizados sobre essa temática. A partir dessa investigação pretende-se trazer contribuições sobre as habilidades sociais em idosos, buscando um aprofundamento desse tema que vem se mostrando cada vez mais relevante, em virtude das mudanças do perfil populacional e tecnológico, que vem ampliando a expectativa de vida das pessoas.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo serão apresentados os principais conceitos sobre o processo de envelhecimento bem-sucedido e as habilidades sociais que auxiliam no embasamento para o desenvolvimento do método do presente estudo.

## ENVELHECIMENTO E ENVELHECIMENTO BEM-SUCEDIDO

Uma vida mais longa traz consigo oportunidades, não apenas para os idosos e suas famílias, mas para a sociedade como um todo. Anos adicionais fornecem a oportunidade de seguir/ desenvolver novas atividades, tais como obter um maior nível educacional, uma nova carreira, ou seguir uma paixão deixada de lado. Idosos também contribuem de diversas maneiras para com as suas famílias e comunidades. No entanto, a extensão dessas habilidades e contribuições dependem fortemente de um fator: a saúde (WHO, 2018).

O envelhecimento é um processo de degradação sucessiva e distinta que afeta todas as pessoas. Isso torna praticamente impossível definir seu início, pois dependendo do nível (psicológico, biológico, social) em que está situado, a sua velocidade e gravidade se diferenciam em cada indivíduo. O processo de envelhecimento está relacionado a uma infinidade de fatores, tais como o estilo de vida, as escolhas profissionais e a herança genética, que, juntos, deixam marcas no corpo e na mente, de uma maneira que ficam evidentes os sinais deixados pelo tempo. Dessa forma modificam a relação da pessoa idosa com o mundo e com ela mesma. O envelhecimento também pode ser entendido como uma fase na qual ocorrem transformações



positivas, incluindo o aprimoramento de habilidades e a busca por uma maior satisfação com a vida (ABREU; GOMES; MARTINS, 2018; CANCELA, 2007; PEGADO 2013; VERAS 2009; WHO, 2018).

O envelhecimento bem-sucedido precisa ser encarado como uma relação íntima entre a saúde física e mental do indivíduo, sua independência na vida diária, sua integração com a sociedade a sua volta, seu suporte familiar recebido e a sua independência econômica. Por estes motivos, a importância depositada no convívio social dos sujeitos idosos acaba se tornando outro fator de grande importância para uma percepção melhor da qualidade de vida desses indivíduos. Idosos satisfeitos com suas relações pessoais, com o apoio recebido por amigos e que possuem rede favorável de suporte social apresentam melhor percepção de sua qualidade de vida (DIAS; CARVALHO; ARAÚJO, 2013; WHO, 2005, 2018).

## RELAÇÕES SOCIAIS E HABILIDADES SOCIAIS

As relações sociais podem ser definidas como interações frequentes, que apresentam certa durabilidade no tempo e certo padrão. Eles englobam sentimentos positivos e negativos, a percepção de si e do outro, diferentes graus de envolvimento afetivo e uma infinidade de trocas. As relações sociais são dinâmicas por natureza e são diferentes de pessoa para pessoa, de situação para situação e de acordo com o tipo da interação. Os relacionamentos sociais apresentam importâncias diferentes de acordo com o estágio de vida das pessoas. Eles dependem do gênero, do status conjugal, da presença ou não de filhos, da personalidade, de questões culturais, educacionais e políticas, ou seja, do contexto como um todo. Além disso, é importante salientar que estes aspectos se combinam aos efeitos da estrutura e da função da rede social, em diferentes momentos da vida (RESENDE et al., 2006).

A importância das relações sociais na promoção de uma melhor qualidade de vida tem sido destacada em vários estudos, bem como a ausência dessas relações vem sendo apontada como uma facilitadora para o aparecimento de diversas situações adoecedoras, tais como efeitos negativos na capacidade cognitiva geral e depressão. A pobreza de relações sociais, quando encarada como um fator de risco para a saúde, é considerada tão prejudicial quanto o cigarro, a hipertensão, a obesidade e a ausência de atividades físicas. Isso indica que a degradação da saúde pode ser causada também, pela redução da quantidade ou da qualidade das relações sociais. Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que as pessoas que têm maior contato social



vivem mais e com a saúde melhor do que as pessoas com menor contato social (BRITO; CAMARGO; CASTRO, 2017; CARNEIRO, 2006; MAIA, 2016).

Os comportamentos que acontecem nas interações sociais, de maneira geral podem ser agrupados em duas categorias abrangentes: os antissociais e as habilidades sociais. Os antissociais englobam uma diversidade de comportamentos agressivos, podendo ser tanto verbais, como físicos, e apresentam uma grande probabilidade de comprometer a qualidade das relações interpessoais. Habilidades sociais são comportamentos disponíveis no repertório de uma pessoa, que colaboram para a qualidade e a efetividade das interações que essa pessoa estabelece com os outros (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2008).

As habilidades sociais são grupos de comportamentos que todos os seres humanos possuem e em algum nível contribuem para que se consiga conviver em sociedade de maneira eficaz. Esses comportamentos consistem em conseguir realizar tarefas socialmente impostas, podendo ser relacionados à liderança, coordenação de grupos, gerenciamento de estresse e de conflitos internos, externos e grupais. Quanto ao contexto, as habilidades sociais podem ser aprendidas e também determinadas pela cultura em que se está inserido, assim, as oportunidades provenientes do ambiente e da cultura possuem grande importância. Entre os elementos ambientais que apresentam influência estão a idade, a etapa do desenvolvimento, o gênero, o grau de instrução/escolaridade, a situação familiar, o contexto cultural, a situação socioeconômica e ocupacional (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005; GRAZZIOTIN; SCORTEGAGNA, 2016).

## MÉTODO

O método utilizado foi de delineamento quantitativo, descritivo e transversal, sendo a pesquisa realizada no município de Novo Hamburgo/RS em parceria com a Diretoria de Inclusão Digital da Secretaria Municipal de Administração (SEMAD) da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo/RS. Participaram deste estudo 44 idosas, com idades entre 60 e 84 anos que frequentam regularmente esses grupos, tendo sido selecionadas de acordo com a sua disponibilidade/ conveniência em participar da pesquisa. As coletas foram realizadas de junho a outubro de 2019, semanalmente.

Neste estudo foram analisadas as variáveis habilidades sociais e os seus cinco fatores. Para isso foi utilizado o Inventário de Habilidades Sociais 2 (IHS2-Del-Prette), instrumento de



autorrelato que permite caracterizar o desempenho social em diferentes situações, possibilita aferir o repertório de habilidades sociais usualmente requeridas em diversas situações interpessoais cotidianas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2018).

## RESULTADOS

Para a obtenção dos resultados foram realizadas análises descritivas das variáveis Escore Geral, Conversação assertiva, Abordagem afetivo-sexual, Expressão de sentimento positivo, Autocontrole / Enfrentamento e Desenvoltura social (IHS2 – Del-Prette). Com isso foi possível identificar que houve grande variabilidade nos percentis obtidos. Essa variação ocorreu não apenas entre as classificações dos percentis, mas também dentro dos intervalos em cada fator como pode ser visualizado na tabela 1.

**Tabela 1.** Número de participantes por intervalo de percentil dos fatores do IHS2-Del-Prette

Fatores do IHS2	Intervalos de percentis do IHS2					Total
	1 - 25	26 - 35	36 - 65	66 - 75	76 - 100	
Escore geral	5	1	17	3	18	44
Conversação assertiva	1	6	22	2	13	44
Abordagem afetivo sexual	12	2	10	5	15	44
Expressão de sentimento positivo	2	0	9	2	31	44
Autocontrole/ enfrentamento	8	6	8	3	19	44
Desenvoltura social	17	1	7	3	16	44

**Fonte:** Elaborado pela autora.

O intervalo de percentil de 1 a 25 indica um repertório inferior de habilidades sociais; os percentis entre 26 e 35 apontam um repertório médio inferior de habilidades sociais, ambos os intervalos indicam a necessidade de treinamento. A faixa de percentil de 36 a 65 é indicativa de um bom repertório de habilidades sociais, com resultados dentro da média. O intervalo de 66 a 75 pontos percentis indica repertório elaborado de habilidades sociais. Por fim, os percentis de 76 a 100 apontam um repertório altamente elaborado de habilidades sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2018).

A análise das médias de percentil do IHS2-Del-Prette da amostra total e dos intervalos de faixa etária (60 - 69 anos e 70 - 84 anos), encontra-se na tabela 2.



**Tabela 2.** Médias de percentil apresentadas no IHS2–Del-Prette, geral e por faixa etária

Fatores do IHS2	Geral	Faixa etária	
		60 a 69 anos	70 a 84 anos
Escore geral	66,54	69,12	63,15
Conversação assertiva	59,5	61,52	56,84
Abordagem afetivo sexual	54,38	59,72	47,36
Expressão de sentimento positivo	81,84	80,24	83,94
Autocontrole/ enfrentamento	59,38	61,64	56,42
Desenvoltura social	50,68	54,6	45,52
N	44	25	19

**Fonte:** Elaborado pela autora

Percebe-se que de maneira geral que as idosas apresentam um repertório elaborado de habilidades sociais, sendo indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios. Dentre todos, o fator que obteve o maior percentil foi o de Expressão de Sentimento Positivo, indicando um repertório altamente elaborado de habilidades sociais para expressar e lidar com demandas diante de familiares e outros, incluindo fazer e agradecer elogios, expressar afeto e amor, conversar com desconhecidos e mesmo lidar com críticas justas e defender outros em grupo. Já o fator com a menor média foi o de Desenvoltura Social, porém, mesmo tendo a menor média, o percentil apresentado indica bom repertório de habilidades sociais que expressam desinibição e desenvoltura social diante de demandas interativas em geral (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2018).

Um bom repertório de habilidades sociais auxilia na melhoria da saúde e da qualidade de vida dos idosos, propiciando o aumento de capacidades sociais e interpessoais para lidar com conflitos de interesses, defesas dos próprios direitos, bem como expressão adequada de sentimentos e necessidades (CARNEIRO; FALCONE, 2016). Del Prette e Del Prette (2005) enfatizam a importância das habilidades sociais de conversação no repertório comportamental, uma vez que estas favorecem o traquejo social. Através de habilidades assertivas, o idoso consegue expressar as suas necessidades de forma adequada ao contexto, promovendo elevação da autoestima e evitando a manifestação de comportamento hostil.

## CONCLUSÃO

A partir dos resultados encontrados nesta análise, pudemos concluir que o grupo estudado apresenta um bom repertório de habilidades sociais. Os grupos de informática que essas idosas participam podem proporcionar novas relações sociais, restaurando o convívio delas com seus



pares. Também podem auxiliar esses sujeitos no desenvolvimento de novas habilidades sociais, com o intuito de obter um melhor relacionamento com seus colegas e professores. Percebe-se que o engajamento nas atividades de inclusão social, são uma parte do espectro de atividades e situações que essas pessoas buscam para enfrentar as adversidades e montar estratégias para continuar mantendo um envelhecimento bem-sucedido. O acesso das pessoas mais velhas à educação e novos aprendizados pode atuar como um recurso de transformação, tanto na concepção, quanto na imagem de dependência que é imposta a essa população (ANTUNES, 2017).

Tais achados reforçam a importância de se realizar estudos sobre essa temática, nessa população. Além disso, se faz necessário pensar e desenvolver programas e políticas públicas que viabilizem o treinamento e aprendizagem de habilidades sociais, visto que elas auxiliam para a manutenção da saúde, melhora das relações interpessoais, diminuem o isolamento e facilitam a reinserção e a relação com a sociedade.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Bruna Martins; GOMES, Arthur Parreiras; MARTINS, Simone. Envelhecimento Ativo: das diretrizes às ações para melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas.

**Perspectivas em Políticas Públicas**, v. 11, n. 21, p. 129-172, 2018. Disponível em: <<http://revista.uemg.br/index.php/revistappp/article/download/2890/1599>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

ANTUNES, Maria Conceição. Educação e bem-estar na terceira idade. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 20, n. 1, p. 155-170, 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2176-901X.2017v20i1p155-170/22426>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

BRAZ, Ana Carolina et al. **Habilidades sociais e solidariedade intergeracional no relacionamento entre pais idosos e filhos adultos**. 2013. 162 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Psicologia – PPGPsi), Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/5989>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

BRITO, Annie Mehes Maldonado; CAMARGO, Brigido Vizeu; CASTRO, Amanda. Representações Sociais de Velhice e Boa Velhice entre Idosos e Sua Rede Social. *Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo*, v. 9, n. 1, p. 5-21, nov. 2017. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6504038>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

CANCELA, Diana Manuela Gomes. **O processo de envelhecimento**. 2007. 15 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura em Psicologia, Universidade Lusíada do Porto, Porto,



Portugal, 2007. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0097.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

CARNEIRO, Rachel Shimba. A relação entre habilidades sociais e qualidade de vida na terceira idade. **Rev. bras. ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 45- 54, jun. 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872006000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872006000100005)>. Acesso em: 05 abr. 2021.

CARNEIRO, Rachel Shimba et al. Qualidade de vida, apoio social e depressão em idosos: relação com habilidades sociais. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 20, n. 2, p. 229-237, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n2/a08v20n2>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

CARNEIRO, Rachel Shimba; FALCONE, Eliane Falcone. Avaliação de um programa de promoção de habilidades sociais para idosos. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 34, n. 3, p. 279-291, set. 2016. Disponível em: <<http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/960/pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. **Inventário de Habilidades Sociais (IHS Del Prette)**: Manual de aplicação, apuração e interpretação. 3.ed. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2005.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 18, n. 41, p. 517-530, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n41/v18n41a08>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. **Inventário de Habilidades sociais 2 (IHS-2 - Del Prette)** – Manual de aplicação, apuração e interpretação. 1. ed. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2018.

DIAS, Daniela da Silva Gonçalves; CARVALHO, Carolina da Silva; ARAÚJO, Cibelle Vanessa de. Comparação da percepção subjetiva de qualidade de vida e bem-estar de idosos que vivem sozinhos, com a família e institucionalizados. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.16, n. 1, p. 127-138, 2013. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4038/403838809013.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

GRAZZIOTIN, Jucelaine Bier di Domenico; SCORTEGAGNA, Silvana Alba. Avaliação das habilidades sociais em adultos idosos e adultos. **Temas em Psicologia**, v. 24, n. 2, p. 695-705, 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5137/513754278016.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

MAIA, Carlos Manuel Leitão et al. A funcionalidade como determinante do envelhecimento ativo. **International Journal of Developmental and Educational Psychology. Revista INFAD de Psicología**, v. 1, n. 2, p. 229-236, 2016. Disponível em: <<http://infad.eu/RevistaINFAD/OJS/index.php/IJODAEPA/article/view/666>>. Acesso em: 05 abr. 2021.



ONGARATTO, Geisa Locatelli; GRAZZIOTIN, Jucelaine Bier Di Domenico; SCORTEGAGNA, Silvana Alba. Habilidades sociais e autoestima em idosos participantes em grupos de convivência. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 10, n. 2, p. 12-20, 2016. Disponível em: <<http://ojs2.ufjf.emnuvens.com.br/psicologiaempesquisa/article/view/23354>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

PEGADO, Ana Filipa Madeira. **O papel das crenças sobre o envelhecimento na autoeficácia, bem-estar e autonomia dos idosos**. 2013. 74 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia), Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/9492>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

RESENDE, Marineia Crosara de et al. Rede de relações sociais e satisfação com a vida de adultos e idosos. **Psicologia para América Latina**, México, n. 5, fev. 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2006000100015](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000100015)>. Acesso em: 05 abr. 2021.

VERAS, Renato. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Revista de Saúde Pública**, v. 43, n. 3, p. 548-54, 2009. Disponível em: <[https://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003489102009000300020&tlng=pt](https://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102009000300020&tlng=pt)>. Acesso em: 05 abr. 2021.

WHO. World Health Organization. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. 2005. Disponível em: <[http://dms.ufpel.edu.br/ares/bitstream/handle/123456789/232/5%20%202005%20%20envelhecimento\\_ativo.pdf?sequence=1](http://dms.ufpel.edu.br/ares/bitstream/handle/123456789/232/5%20%202005%20%20envelhecimento_ativo.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 05 abr. 2021.

WHO. World Health Organization. **Number of people over 60 years set to double by 2050: major societal changes required**. 2015. Disponível em: <<https://www.who.int/mediacentre/news/releases/2015/older-persons-day/en/>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

WHO. World Health Organization. **Ageing and health**. 2018. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ageing-and-health>>. Acesso em: 05 abr. 2021.



## O ABUSO SEXUAL DE VULNERÁVEL: UM OLHAR INTERDISCIPLINAR

SEXUAL ABUSE OF VULNERABLE PEOPLE: AN INTERDISCIPLINARY LOOK

Patrícia Tarouco Quincozes Felitti; Cesar Augusto Kampff; Rosane Barbosa; Luiz Gustavo Heinen;

Cristina Wudel Topalian

Universidade Feevale

**Resumo:** O abuso sexual de vulnerável é um ato de violência que ocorre muitas vezes de forma velada dentro dos próprios lares. Essa violência transcende o biológico, envolvendo aspectos psicológicos, sociais e questões éticas e legais. Demonstrar a importância de um olhar interdisciplinar, destacando nesse trabalho, as áreas da psicologia e do direito no atendimento a esses casos é de fundamental importância. Neste sentido, o presente estudo tem como principal objetivo dar visibilidade sobre a questão do abuso sexual de vulneráveis. O delineamento do estudo foi quantitativo e descritivo. Os dados foram oriundos dos registros da Polícia Civil de uma cidade da região metropolitana da cidade de Porto Alegre/RS/Brasil, de 01 de janeiro de 2019, até 12 de abril de 2021 referentes a estupros registrados. No ano de 2019 um total de 73 casos registrados, em 2020 foram 59 casos registrado e no ano de 2021 até abril foram 08 casos levados a registro. Conclui-se que os casos levados de abuso sexual contra vulnerável a registro de boletim de ocorrência diminuíram no período da pandemia do COVID-2019.

**Palavras-chave:** Vulnerável. Abuso. Criança. Adolescente.

**Abstract:** Sexual abuse of vulnerable people is an act of violence that often occurs in a veiled way within their own homes. This violence transcends the biological aspect, involving psychological, social, ethical, and legal issues. Demonstrating the importance of an interdisciplinary look, highlighting in this paper the areas of psychology and law in attending to these cases is of fundamental importance. In this sense, the present study has as its primary objective to give visibility to the sexual abuse of vulnerable people. The study design was quantitative and descriptive. The data came from the Civil Police records of a city in the metropolitan region of Porto Alegre city/RS/Brazil, from January 01, 2019, to April 12, 2021, regarding reported rapes. In 2019, 73 cases were reported; in 2020, there were 59 cases reported, and until April 12, 2021, an amount of 8 cases were reported. This study shows that the cases reported to the police as sexual abuse against vulnerable people decreased during the pandemic of COVID-2019.

**Keywords:** Vulnerable. Abuse. Children. Adolescent.

### 1 INTRODUÇÃO

A infância e a adolescência são compreendidas como fases de desenvolvimento humano, o Ciclo de Vida familiar, as quais envolvem tarefas específicas a serem desempenhadas por todos os membros da família (CARTER; McGOLDRICK, 1995; MINUCHIN, 1982). Esses membros precisam estar atentos às mudanças de comportamentos desses menores, uma vez que eles têm o dever legal de proteger, cuidar e vigiar, em decorrência do poder familiar advindo do Direito Civil (NUCCI, 2017)





As normas legais sobre cuidados são anteriores a própria legislação posta. Freud (2012) mencionou em seu livro Totem e Tabú, dois princípios que regeram a convivência das pessoas desde os tempos mais remotos que foram: a proibição do canibalismo e a proibição do incesto.

Segundo Pfeiffer e Salvagni (2005), os casos de violência sexual na infância/adolescência que causam maiores danos psicológicos são aqueles em que o abusador possui algum grau de parentesco, sendo muito mais grave se a violência sofrida fosse praticada por algum estranho. Esse abuso sexual sofrido compromete o comportamento social da vítima dificultando o modo de se relacionar e confiar em outras pessoas (FLORENTINO, 2015).

O abuso sexual de criança e adolescente provoca um grande impacto em sua saúde física e psicológica, causando sérias sequelas em seu desenvolvimento (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005). Segundo Solomon (2013), esse tipo de violência causa um dano permanente na vida da vítima, ficam não só cicatrizes, mas profundas feridas abertas.

Nesse sentido:

As crianças que sofreram abuso sexual infantil podem ser consideradas como prisioneiros submetidos ao sofrimento, não podem sobreviver sozinhas e estão ligadas por vínculos emocionais com aqueles que cuidam e dão atenção a elas, mesmo quando essa atenção é do próprio abusador (ZANATTA; CASTRO, 2020, p. 1103).

Esse abuso velado e silenciado causa muita dor e dúvidas na criança e no adolescente. Também aparecem dúvidas, que são muitas vezes geradas pelo próprio abusador perverso que tenta confundir a criança e o adolescente, fazendo com que ele se sinta culpado por uma violência por ele praticada. As dúvidas e as culpas estão presentes nessas crianças e adolescentes, pois sentem todo o sofrimento desse abuso. Poderíamos pensar em uma dupla culpabilização nesses menores. Primeiro por se culparem pelo ato em si e, em segundo, por pensarem que deram causa a essa violência.

Pfeiffer e Salvagni (2005, p.199 ) referem que:

Trata-se de uma forma de violência doméstica que usualmente acontece de forma repetitiva, insidiosa, em um ambiente relacional favorável, sem que a criança tome, inicialmente, consciência do ato abusivo do adulto, que a coloca como provocadora e participante, levando-a a crer que é culpada por seu procedimento (abuso).

O agressor, muitas vezes, utiliza dessa relação de confiança com o menor para abordá-lo sexualmente, de forma disfarçada. Essa aproximação é recebida pela criança como carinho e atenção. Porém, essas abordagens tornam-se cada vez mais frequentes e o abuso ali já está acontecendo por algum tempo. No mesmo sentido Brandt (2017) traz que o abusador cria essa



atmosfera afetiva, camuflando o ato com o intuito de confundir a pequena vítima, possibilitando o sigilo e a repetição do comportamento abusivo.

Outra situação que ocorre, trazida por Zanatta e Castro (2020) é que mesmo havendo consequências essas vítimas ficam caladas, em segredo por terem receio do que poderá vir acontecer com a revelação. Importante esse menor ser acolhido, escutado e amparado, a fim de que possam essas dores serem amenizadas e esse sofrimento ressignificado, na medida do possível.

O objetivo do estudo é avaliar se houve aumento nos boletins de ocorrência no período da pandemia de COVID-19. Para isso, analisou-se os dados referentes ao interregno de 2019 e 2021. Para esse estudo levou-se em consideração os dados de 2019 e 2020 por terem sido anuais. Desconsiderado o estudo de 2021.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

No contexto internacional a Convenção sobre os Direitos da Criança e do Adolescente foi adotada pela Assembleia Geral da ONU em 20 de novembro de 1989, ratificada pelo Brasil em 24 de setembro de 1990. A referida Convenção também vai ao encontro da concepção do desenvolvimento integral da criança, reconhecendo-a como sujeito de direito, ordenando pela proteção e total prioridade ao acolhimento desses casos envolvendo menores.

Os direitos previstos na convenção incluem:

O direito à vida e à proteção contra a pena capital; o direito de ter uma nacionalidade; a proteção ante a separação dos pais; o direito de deixar qualquer país e de entrar em seu próprio país; o direito de entrar e sair de qualquer Estado-parte para fins de reunificação familiar; a proteção para não ser levada ilícitamente ao exterior; a proteção de seus interesses no caso de adoção; a liberdade de pensamento, consciência e religião; o direito ao acesso a serviços de saúde, devendo o Estado reduzir a mortalidade infantil e abolir práticas tradicionais prejudiciais à saúde; o direito a um nível adequado de vida e segurança social; o direito à educação; devendo os estados oferecer educação primária compulsória e gratuita; a proteção contra a exploração econômica, com a fixação de idade mínima para admissão em emprego; a proteção contra o envolvimento na produção, tráfico e uso de drogas e substâncias psicotrópicas; a proteção contra exploração e abuso sexual (PIOVESAN, 2013, p. 411-412)

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS,2018), a adolescência é a fase da vida situada entre 10 e 19 anos. Nesse período, ocorrem profundas transformações biológicas, cognitivas, emocionais e sociais. É uma etapa marcada pela conquista de maior autonomia e independência em relação à família e de experimentação de novos comportamentos, sendo



comum a ocorrência das primeiras relações amorosas e a iniciação sexual com envolvimento genital.

No Brasil a Constituição Federal foi determinante para as mudanças de paradigmas no que se refere à garantia de direitos de crianças e adolescentes. Trouxe, com prioridade, o princípio da proteção integral, nele o tema de violência sexual ganhou relevância. A importância de entrar em contato com esse tema, no sentido de orientar e alertar os cuidadores dessas crianças e adolescentes se fez cada vez mais importante. O quanto essas questões ficavam escondidas e o quanto ainda ficam, nos trazem preocupação e inquietação. O Brasil foi o primeiro país a promulgar um marco legal (Estatuto da Criança e do Adolescente), em consonância com a Convenção sobre os Direitos da Criança.

Em 2009, a legislação penal brasileira tipifica como crime de estupro de vulnerável a conjunção carnal ou outro ato libidinoso com menor de 14 anos, diz a lei:

Estupro de vulnerável

Art. 217-A. Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos:

Pena - reclusão, de 8 (oito) a 15 (quinze) anos.

§ 1º Incorre na mesma pena quem pratica as ações descritas no caput com alguém que, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática do ato, ou que, por qualquer outra causa, não pode oferecer resistência.

§ 2º [\(VETADO\)](#)

§ 3º Se da conduta resulta lesão corporal de natureza grave:

§ 4º Se da conduta resulta morte:

Pena - reclusão, de 12 (doze) a 30 (trinta) anos.

§ 5º As penas previstas no caput e nos §§ 1º, 3º e 4º deste artigo aplicam-se independentemente do consentimento da vítima ou do fato de ela ter mantido relações sexuais anteriormente ao crime.

Esse dispositivo legal reforça o entendimento que antes dos 14 anos o sujeito não tem maturidade, autonomia plena para consentir uma relação sexual.

### 3 MÉTODO

O presente estudo tem um delineamento quantitativo e descritivo. A coleta de dados foi realizada a partir de um banco de dados de uma Delegacia situada no Vale do Sinos, pertencente a região Metropolitana de Porto Alegre-RS, tendo por finalidade dar visibilidade aos números de abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes.



A presente investigação examinou os anos de 2019 e 2020, por constarem dados referentes a todos os meses. Desconsiderou o ano de 2021 por haver dados apenas até abril e não até dezembro de 2021.

## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foram analisados os dados referentes aos anos de 2019 e 2020. Em 2019 ano que a pandemia não estava significativa aqui no Brasil percebeu-se um maior registro de boletins de ocorrência, entre os meses de janeiro e dezembro foi um total de 73 casos registrados. Já no ano de 2020 período em que houve aumento significativo de casos da pandemia COVID-19 percebeu-se um menor índice de registros, foram 59 boletins de ocorrência entre os meses de janeiro e dezembro.

**Tabela 1 - Estupro de vulnerável registrados em região Metropolitana do Estado do RS entre anos de 2019 e 12 de abril de 2021**

ANO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AG	SET	OUT	NOV	DEZ
2019	05	04	10	03	03	06	07	06	07	03	12	07
2020	04	07	08	03	02	04	02	02	05	09	04	07
2021	03	03	01	01								

Esses dados não são absolutos. Segundo Braun (2002) essa violência está encoberta pelo segredo, um muro de silêncio, fazendo parte os familiares, vizinhos, próprios profissionais que atendem essas crianças e adolescentes vítimas de violência. Assim, muitos casos não são levados para registro, vindo a vítima relatar somente na fase adulta.

Esse estudo demonstra a importância de dar visibilidade dos casos de abuso sexual contra criança e adolescente. Esses estudos revelaram que esse tipo de violência ainda ocorre. De outro lado, a significativa diminuição das ocorrências nos fazem pensar no real fato que faz com que ocorra essa diminuição. Realmente houve uma diminuição nos casos ou não estão sendo registrados por todo contexto que a pandemia envolve os ambientes domésticos e familiares.

Segundo Platt, Gudert e Coelho (2021) essas reduções quanto aos números de notificações de violência contra crianças e adolescentes não traz conforto, tampouco, tranquilidade. Ao contrário, a violência pode estar camuflada em uma dificuldade das pessoas estarem enfrentando para fazer as denúncias. Não esquecendo que numa quase totalidade de



casos o abusador está numa relação de confiança com a vítima. Isso demonstra a distorção e o engano que a sociedade possui ao pensar que o agressor é somente um estranho, marginal ou psicopata de rua (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005).

Pode-se observar em estudos que crianças que sofreram abusos sexual, tiveram na fase adulta ansiedade, depressão, comportamento autodestrutivo, pensamentos e tentativas de suicídio, dificuldade de vínculo afetivo, vergonha e isolamento (ZANATTA, CASTRO, 2020). Assim, não pode-se fechar os olhos e nem se acomodar frente a diminuição dos casos no período da pandemia.

## 5 CONCLUSÃO

A criança e o adolescente, por estarem em uma fase de desenvolvimento, necessitam de um olhar atento. Mudanças no comportamento, humor, podem dizer respeito a essa fase do desenvolvimento ou podem ser um alerta de que algo não está bem. Muitas vezes a mudança de humor pode estar interligada a uma questão de abuso que passa despercebida por toda família e sociedade.

A importância do olhar atento por parte do cuidador dessa criança/adolescente, faz com que se perceba a mudança de comportamentos. Com isso, o cuidador poderá buscar ajuda profissional, aliviando o sofrimento do menor. Entender essa situação, não duvidar dos relatos é essencial para que essa criança sinta-se protegida.

Esse abuso pode aparecer nos relatos em terapia, caso o menor esteja fazendo, pois cria-se um ambiente de confiança, o que faz com que apareça o histórico de abuso. Nesse sentido, percebe-se a importância dessa interdisciplinaridade. Áreas do direito e da psicologia atuando juntas em busca de entenderem essa questão tão crescente, mas, ainda, tão silenciada.

## REFERÊNCIAS

BRAUN S. **A violência sexual infantil na família do silêncio à revelação do segredo**. Porto Alegre: AGE; 2002.

BRANDT, Emerson. Pequenas vítimas: o desafio. In *Psicologia na Prática Jurídica*. Coordenadora Beatrice Marinho Paulo. 2ª ed. São Paulo. Saraiva. 2012

CARTER, B. & MCGOLDRICK, M. A mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a Terapia Familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Orgs.), *As mudanças no Ciclo de Vida Familiar*. (p. 07-29). Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.





Código Penal. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm) em 10 de abril de 2021.

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bérghamo. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 139-144, Aug. 2015. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-02922015000200139&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922015000200139&lng=en&nrm=iso) access on 07 Apr. 2021. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/805>.

FREUD, Sigmund. Obras completas. Vol 11. Totem e Tabú, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). Tadução Paulo César de Souza. Ed. Companhia das Letras, 2012.

PFEIFFER, Luci; SALVAGNI, Edila Pizzato. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, supl. p. s197-s204, Nov. 2005. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572005000700010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700010&lng=en&nrm=iso). access on 07 Apr. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0021-75572005000700010>.

PIOVESAN, Flávia. **Temas de direitos humanos**. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

PLATT, Vanessa Borges; GUEDERT, Jucélia Maria; COELHO, Elza Berger Salema. VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: NOTIFICAÇÕES E ALERTA EM TEMPOS DE PANDEMIA. **Rev. paul. pediatr.**, São Paulo, v. 39, e2020267, 2021. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-05822021000100434&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822021000100434&lng=en&nrm=iso). access on 21 Apr. 2021. Epub Oct 28, 2020. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2021/39/2020267>.

SOLOMON, A. Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

World Health Organization. Recommendations on adolescent sexual and reproductive health and rights. Geneva: World Health Organization; 2018.

ZANATTA, Alice; CASTRO, Amanda. **Impactos Psicossociais para o Adulto do Abuso Sexual na Infância**. Revista Multidisciplinar e de Psicologia. DOI: 10.14295/indoline. V 14i51.2668, Julho 2020.



## CIDADE, CULTURA E DESENVOLVIMENTO:

### CASE NOVO HAMBURGO/RS

Alex Jonatan Lassakoski; Mary Sandra Guerra Ashton

Universidade Feevale

**Resumo:** Este estudo tem o objetivo de analisar a cultura como fator de desenvolvimento em Novo Hamburgo, a partir do conceito de cidade criativa. Para tanto, se utilizou de pesquisa exploratória, descritiva e qualitativa por meio de revisão de literatura, pesquisa documental e análise de conteúdo baseada em Bardin (2016). Entre os resultados se observa a importância da institucionalização das políticas públicas culturais, dos mecanismos de financiamento, dos investimentos públicos em cultura, para a promoção e geração de desenvolvimento das cidades, em suas diferentes perspectivas.

**Palavras-chave:** Cidade. Cultura. Desenvolvimento. Novo Hamburgo.

**Abstract:** This essay aims to investigate the culture as a factor of development in the city of Novo Hamburgo through the concept of a creative city. Therefore, it uses exploratory, descriptive and qualitative research through literature review, documentary research and content analysis based on Bardin (2016). Among the results, the importance of a legitimated cultural public policy, financing mechanisms, and public investments in culture is observed, in order to promote and provide development in the cities and their diverse perspectives.

**Palavras-chave:** City. Culture. Development. Novo Hamburgo.

## 1 A CULTURA COMO FONTE DE DESENVOLVIMENTO DA CIDADE

Com o surgimento do conceito cidade criativa na década de 90, a criatividade e a percepção de valor dos aspectos culturais assumem nova posição. Entre os principais desafios das cidades contemporâneas, a cultura da criatividade vem apresentando-se como importante ferramenta para se possa atingir um desenvolvimento social e econômico. Para Landry (2013, p.41), “o maior impacto da criatividade surge quando ela encontra um modo de solucionar os problemas difíceis”.

O setor cultural, por sua vez, vem tornando-se um segmento importante para o desenvolvimento social e econômico das cidades brasileiras, sendo considerado um elemento estratégico da chamada nova economia ou economia do conhecimento, que se baseia na informação e na criatividade, impulsionadas pelos investimentos em educação e cultura, como reconheceu o extinto Ministério da Cultura, a partir da criação da Secretaria de Economia Criativa, por meio do Decreto 7.743, de 31 de maio de 2012 (BRASIL, 2012).

Porém, há apenas algumas décadas, e tardiamente, as políticas culturais passam a ser objeto de estudo e prática no Brasil. Em um processo democrático e colaborativo, pode-se dizer que as políticas públicas resultam de um processo de contínua relação entre Estado e sociedade



civil, participe na identificação de problemas em diferentes âmbitos de necessidades da sociedade, na formulação de soluções, metas e estratégias a serem implementadas e executadas visando a resolução desses problemas.

Segundo a publicação do Sistema Nacional de Informações de Indicadores Culturais do IBGE (2019), a partir de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), estima-se que, em 2018, o setor detinha 5,7% do total de ocupados no país, cerca de 5,2 milhões de pessoas, sendo que os setores econômicos criativos representaram aproximadamente 2,61% do Produto Interno Bruto (PIB) Nacional, em 2017, conforme dados do Mapeamento da Indústria Criativa, publicado em fevereiro de 2019, pela FIRJAN.

O Brasil tem evidente vocação para tornar a economia da cultura um vetor de desenvolvimento qualificado, em razão de nossa diversidade e alta capacidade criativa. Temos importantes diferenciais competitivos, como a excelência dos produtos, a disponibilidade de profissionais de alto nível e a facilidade de absorção de tecnologias. Temos um mercado interno forte, no qual a produção nacional tem ampla primazia sobre a estrangeira – a música e o conteúdo de TV são exemplos robustos, em que o predomínio chega a 80% (GIL; FERREIRA, 2016, posição 495).

Por sua vez, Novo Hamburgo, cidade objeto deste estudo, está localizada a aproximadamente 45 km de Porto Alegre/RS, capital do Rio Grande do Sul, e foi por muitos anos caracterizada por suas indústrias e forte poder econômico, principalmente no setor da produção e exportação calçadista, e que, ao longo da década de 1970, ficou conhecida como a Capital Nacional do Calçado (SCHEMES et al., 2013, p. 157). A expressiva diversificação cultural e artística da cidade que, por muitos anos, foi referência nacional em diferentes segmentos das indústrias criativas, como: canto coral, teatro estudantil, música, dança, entre outros tantos, é impulsionada por ações locais de fomento e incentivo, assim como pelo reconhecimento e visibilidade das produções desenvolvidas na cidade, demonstradas por suas qualidades técnicas e artísticas, que passam a integrar importantes programações e circuitos regionais, nacionais e internacionais.

Por compromisso institucional e legal, é dever do município planejar e executar políticas públicas de cultura, fomentando a criação, estimulando a difusão da produção cultural e qualificando os agentes culturais, para o pleno desenvolvimento da economia da cultura, da manifestação e expressão simbólica e cidadã, considerando o interesse público e o respeito à diversidade cultural. Sendo a cultura uma das áreas econômicas de maior desenvolvimento no mundo contemporâneo, a gestão pública municipal procura estimular o conceito de economia criativa (NOVO HAMBURGO, 2013).





Atualmente, a Secretaria Municipal da Cultura de Novo Hamburgo vem se constituindo numa importante área para o desenvolvimento humano, social e econômico da cidade, reforçando sua atribuição de desenvolver uma política pública que valorize a diversidade cultural hamburguesa e que facilite a democratização do acesso aos bens culturais, o fomento às atividades artísticas, o aprimoramento e qualificação dos equipamentos culturais, a promoção da acessibilidade cultural e a ampliação e capilarização de suas ações (NOVO HAMBURGO/SECULT, 2021).

A Secretaria vem implementando diversas iniciativas, a partir da construção conjunta com o Conselho Municipal de Política Cultural, como o Fundo Especial de Investimentos para Modernização e Manutenção de Equipamentos Culturais (NOVO HAMBURGO, 2019) e a regulação para uso temporário de espaços públicos municipais destinados a atividades artísticas e culturais (NOVO HAMBURGO, 2018). Desta forma, vem buscando a qualidade, a eficiência e o comprometimento na gestão administrativa, gerando um legado à cidade, permitindo à cultura um cenário adequado e necessário para a elaboração e execução de políticas culturais que possibilitem o desenvolvimento da cidade e de seus cidadãos (NOVO HAMBURGO/SECULT, 2021).

Essas ações institucionais também apontam em direção às Diretrizes, Estratégias e Ações, anexas ao Plano Nacional de Cultura (BRASIL, 2010), contemplando a necessidade de sistematização de instrumentos jurídicos e normativos para o aprimoramento dos marcos regulatórios da cultura, com o objetivo de fortalecer as leis e regimentos que ordenam o setor cultural.

Nos últimos anos, a Secretaria Municipal da Cultura vem realizando um trabalho que busca potencializar o desenvolvimento do município, por meio da cultura, estimulando-a como uma nova fonte para a matriz econômica da cidade. Assim, diante do destaque e dimensão da Rede Mundial de Cidades Criativas, a UNESCO reconhece anualmente as cidades que se destacam frente a implementação de políticas que buscam a partir da criatividade seu desenvolvimento integral:



Criada em 2004, a Rede Mundial de Cidades Criativas da UNESCO emerge no contexto da economia criativa e das indústrias criativas com o propósito da aceleração do desenvolvimento das cidades-membro, com a meta de promover a cooperação internacional entre as cidades, a partir do compromisso de investir na cultura da criatividade como propulsão para o desenvolvimento urbano sustentável, para a inclusão social e para o aumento da influência e valorização da cultura no mundo, e que possa reverter em melhoria da qualidade de vida da população residente (UNESCO, 2012 apud ASHTON, 2018. p. 59).

Entre as iniciativas que vêm garantindo importantes resultados para Novo Hamburgo, está a contemplação no Edital de Chamamento Público nº 003/2018, do extinto Ministério da Cultura – MinC, que selecionou 15 municípios brasileiros para receberem consultoria, contratada pelo MinC, visando a elaboração de seus dossiês de candidaturas para a seleção de Cidades Criativas da Unesco, realizada em 2019 (BRASIL, 2018).

Outro destaque, é a participação e contemplação da cidade na Chamada Pública ANCINE/FSA nº 01/2018 – Coinvestimentos Regionais, lançada pela Agência Nacional do Cinema, que garantiu ao município a aplicação de R\$ 5.650.000,00, a partir de recursos do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA), destinados à execução de cinco editais de fomento ao setor audiovisual. Este resultado foi possível a partir de um investimento de contrapartida municipal cuja projeção inicial era de R\$ 1.450.000,00, chegando a R\$ 2.243.883,09 em investimentos próprios na implementação de ações, a curto prazo e médio prazo, estruturadas em cinco principais eixos: responsabilidade sociocultural, profissionalização, formação de público, fomento e rede audiovisual, que contemplam o projeto Novo Hamburgo Polo Audiovisual.

**Tabela 1. Ações contempladas no projeto Novo Hamburgo Polo Audiovisual e investimentos.**

<b>AÇÃO</b>	<b>INVESTIMENTO</b>
Escola Livre de Cinema	R\$ 1.361.857,84
Curso Livre Audiovisual	R\$ 567.489,91
Continuidade do Núcleo de Comunicação Cidadã e Audiovisual	R\$ 314.535,34
<b>TOTAL INVESTIDO</b>	<b>R\$ 2.243.883,09</b>

**Fonte: Elaborado pelo autor, a partir do relatório de comprovação do investimento local (NOVO HAMBURGO, 2019)**

Estes investimentos locais possibilitaram a aquisição de equipamentos, a realização de oficinas de formação e capacitação para jovens, o desenvolvimento da Escola Livre de Cinema – contemplando 25 escolas da rede municipal de ensino fundamental, a implementação do Curso Livre Audiovisual - constituído em um Centro de Formação Audiovisual para jovens e



profissionais, além da continuidade dos Núcleos de Comunicação Cidadã e Audiovisual - atividade iniciada com recursos do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) em 2018.

A realização destas ações permitiu que o Município de Novo Hamburgo acesse o investimento do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA), junto a ANCINE, fomentando a cadeia produtiva da cultura, a partir de editais lançados ao setor audiovisual, cujos resultados podem ser conferidos no quadro abaixo:

**Tabela 2. Resultados dos editais locais com investimento do FSA/ANCINE**

<b>EDITAL</b>	<b>INSCRITOS</b>	<b>CONTEMPLADOS</b>	<b>INVESTIMENTO POR EDITAL</b>
CHAMADA PÚBLICA 07/2020 - EDITAL DE FOMENTO A REALIZAÇÃO DE FESTIVAL	2	1	R\$300.000,00
CHAMADA PÚBLICA 10/2020 - EDITAL DE FOMENTO A REALIZAÇÃO DE CURSO DE CAPACITAÇÃO	1	1	R\$350.000,00
CHAMADA PÚBLICA 11/2020 - EDITAL DE DESENVOLVIMENTO A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL	39	14	R\$1.550.000,00
CHAMADA PÚBLICA 12/2020 - EDITAL DE FOMENTO A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL	40	8	R\$2.750.000,00
CHAMADA PÚBLICA 13/2020 - EDITAL DE FOMENTO A PRODUÇÃO DE JOGOS ELETRÔNICOS	2	2	R\$400.000,00
<b>TOTAIS</b>	<b>84</b>	<b>26</b>	<b>R\$5.350.000,00</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da Secretaria Municipal da Cultura (NOVO HAMBURGO/SECULT)

As iniciativas municipais, de valorização e reconhecimento da cultura, como fonte de desenvolvimento, são ratificadas pela concepção Gil e Ferreira (2016), de que “por meio da arte e da cultura gera-se mais conhecimento, possibilitam-se subjetividades complexas e melhoram-se as condições de criação e interpretação do mundo”, possibilitando o entendimento de que, por meio da cultura, em suas dimensões simbólica, econômica e cidadã, pode-se potencializar o processo de desenvolvimento da sociedade.



O desenvolvimento cultural colabora para qualificar as relações sociais e reduzir a violência. Para além dessa dimensão, a cultura é a economia que mais cresce no mundo. Daí o acerto em tratar a cultura como parte de um projeto de nação, como parte da preparação do país para enfrentar desafios e ampliar nossa capacidade para pensar e compreender o mundo contemporâneo, construindo um desenvolvimento sólido e irreversível (GIL; FERREIRA, 2016, posição 882).

Para reconhecer a cultura como fonte de desenvolvimento, Ortiz (2008) aponta que é necessário entender que desenvolvimento pertence ao domínio da racionalidade e não é constitutiva da sociedade e sim uma concepção. Para o autor a cultura não existia nas sociedades passadas como a conhecemos. [...] na Antiguidade, era algo que devia ser copiado para perpetuar-se. “A mudança era, muitas vezes, vista com suspeição, pois se valorizava a tradição e a memória coletiva em detrimento das transformações” (ORTIZ, 2008, p. 124).

A cultura possibilita o desenvolvimento em diversas perspectivas, entre elas “gera desenvolvimento humano porque fornece instrumentos de conhecimento, reconhecimento e autoconhecimento. Ou seja, porque gera identidade. Na segunda dimensão, a cultura incide sobre as condições materiais de vida, gerando riquezas” (BARROS, 2011, p. 55).

O desenvolvimento local deve se dar por dentro de processos participativos nos quais a cidadania, de forma individual ou por meio de seus diferentes agentes da sociedade civil, em diálogo com o poder público e o mercado, propõe soluções planejadas em prol do local/regional. A preocupação, portanto, deve ser mais com o processo decisório na solução dos problemas locais do ‘como’ e não do ‘através’, da participação e não do mecanismo: de governo, da sociedade civil ou do mercado (TENÓRIO, 2007, p. 101).

Para o alcance de suas metas, a Secretaria Municipal da Cultura vem potencializando o Sistema Municipal de Cultura de Novo Hamburgo, institucionalizado por meio da Lei Municipal nº 2.667 de 2013, que tem como principal objetivo fortalecer as políticas culturais do município, por meio de institucionalização e ampliação da participação social para promover desenvolvimento – humano, social e econômico – com pleno exercício dos direitos culturais e amplo acesso a bens e serviços culturais.

Neste sentido, o Sistema Municipal de Cultura constitui-se em um novo momento para a cidade, possibilitando o avanço nas discussões das políticas públicas culturais, criando mecanismos para o financiamento da cultura, para a formação e aperfeiçoamento dos agentes culturais, para a construção de indicadores, estratégias e metas e legitimando instâncias de articulação social. Porém, a cultura, enquanto segmento de um mecanismo político-administrativo, com um sistema próprio, como as áreas de Saúde e de Assistência Social, que busca interagir com outros entes federados, permanece sendo objeto de discussão e necessita



estabelecer esclarecimentos e maior entendimento, seja no âmbito do poder público, como junto à sociedade civil.

De acordo com Calabre (2008, p. 72): “A visão da cultura como um campo autônomo da administração pública, de importância igual à de outros, é muito recente e ainda não está consolidada”. Como mencionado anteriormente, embora a cultura disponha de um Sistema institucionalizado, que busca integrar diferentes agentes para o desenvolvimento da política cultural, seja no âmbito nacional ou local, este “deve ser percebido como um sistema de vários sistemas, integrados em rede, e com a marca fundamental da participação social no seu desenvolvimento” (WU, 2016, p. 14).

A gestão pública municipal de cultura necessita, além de resiliência, um constante posicionamento em defesa de suas necessidades e de sua importância para o desenvolvimento das cidades, haja vista que muitas vezes é colocada em terceiro plano, ou ainda em planos mais distantes e dispersos frente às demais áreas do serviço público.

O senso comum, primeira vítima desse erro, tem sistematicamente reduzido a cultura ao campo artístico e às atividades de lazer. A cultura seria, então, uma espécie de passatempo, algo a que as pessoas se dedicam nos seus momentos de ócio, para distrair-se, para relaxar, algo que não possui uma utilidade intrínseca. Toda a nossa vida cultural seria um complexo de produtos e atividades acessórios, secundários, quando muito, com algum valor de mercado (um lucrativo conjunto de bens e serviços). Predomina em muitos setores esta visão tecnicista e pseudopragmática, fortalecendo uma opinião estreita sobre o que a cultura representa para um povo. Infelizmente, essa visão tem contaminado em muitos momentos a nossa política, os nossos costumes e os nossos arranjos institucionais (GIL; FERREIRA, 2016, posição 1.115).

Observa-se que as ações e projetos realizados pela Secretaria Municipal da Cultura, os investimentos efetivados pela cidade de Novo Hamburgo, além dos recursos captados por meio do investimento com a Agência Nacional do Cinema, tem grande potencial para o desenvolvimento econômico e social da cidade. Este conjunto de iniciativas fomentará diretamente uma importante cadeia produtiva, gerando trabalho e renda aos profissionais dos diferentes setores, possibilitará uma ampliação de receita ao município, além de proporcionar oportunidades, visibilidade e atração de parcerias e investimentos, estabelecendo novos marcos para a cidade, por meio das atividades culturais e criativas locais.

Ainda que diferentes sejam os desafios enfrentados pelas políticas públicas de cultura, como a necessidade de gestão dos processos para a efetivação destas políticas, o investimento em recursos financeiros, humanos e materiais, a qualificação técnica dos agentes públicos



responsáveis pela operacionalização do sistema e a compreensão da sociedade civil e do poder público sobre a importância dos seus papéis na construção coletiva e colaborativa, na mobilização e no engajamento para a concepção de políticas culturais legítimas e coerentes.

## REFERÊNCIAS

ASHTON, MARY SANDRA GUERRA. **Cidades Criativas: vocação e desenvolvimento**. 1. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2018. v. 2000. 224p. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/b8f7d75d-202c-48ab-9330-6b941321df51/E-BOOK%20Cidades%20Criativas.pdf>. Acesso em 23/12/2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em 26 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010**. Institui o Plano Nacional de Cultura - PNC, cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais - SNIIC e dá outras providências. Brasília, 2010. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12343.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12343.htm)>. Acesso em: 20 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 7.743, de 31 de maio de 2012**. Aprova a estrutura regimental e o quadro demonstrativo dos cargos em comissão e das funções gratificadas do Ministério da Cultura. Brasília, 2012. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2012/Decreto/D7743.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Decreto/D7743.htm)>. Acesso em: 05 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 7.743, de 31 de maio de 2012**. Aprova a estrutura regimental e o quadro demonstrativo dos cargos em comissão e das funções gratificadas do Ministério da Cultura. Brasília, 2012. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2012/Decreto/D7743.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Decreto/D7743.htm)>. Acesso em: 05 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. **Portaria nº 97, de 17 de outubro de 2018**. Brasília: Diário Oficial da União, 2018.

Disponível em: <[https://www.in.gov.br/web/guest/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/45991441/do1-2018-10-19-portaria-n-97-de-17-de-outubro-de-2018-45991070%5d](https://www.in.gov.br/web/guest/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/45991441/do1-2018-10-19-portaria-n-97-de-17-de-outubro-de-2018-45991070%5d)>. Acesso em: 18 abr. 2021.

BARROS, José Marcio. **A mudança da cultura e a cultura da mudança: cultura, desenvolvimento e transversalidade nas políticas culturais**. In: BARROS, José Márcio; OLIVEIRA JÚNIOR, José. (Orgs.). *Pensar e agir com a cultura: desafios da gestão cultural*. Belo Horizonte: Observatório da Diversidade Cultural, 2011. p. 48- 68.

CALABRE, Lia. **Profissionalização no campo da gestão pública da cultura nos municípios brasileiros: um quadro contemporâneo**. Revista Observatório Itaú Cultural, v. 6, p. 66-73, 2008. Disponível em: <<http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/itaupdf/000991.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2020.



GIL, Gilberto; FERREIRA, Juca. **Cultura pela Palavra: Coletânea de artigos, entrevistas e discursos dos ministros da Cultura (2003-2010)**. Versal Editores LTDA, 2016. <Edição Kindle>.

LANDRY, Charles. **Origens e futuros da cidade criativa**. São Paulo: SESI-SP, 2013.

NOVO HAMBURGO. **Lei nº 2.667, de 20 de dezembro de 2013**. Cria o Sistema Municipal de Cultura, e dá outras providências. Novo Hamburgo, 2013. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/tmreh>>. Acesso em: 05 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 8.565, de 22 de novembro de 2018**. Fixa o valor dos preços públicos para uso particular temporário de espaços públicos municipais destinados a atividades artísticas e culturais, e dá outras providências. Novo Hamburgo, 2018. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/dqwra>>. Acesso em: 05 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 3.187, de 24 de junho de 2019**. Cria o fundo especial de investimentos para modernização e manutenção de equipamentos culturais e dá outras providências. Novo Hamburgo, 2019. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/gnsax>>. Acesso em: 05 dez. 2020.

\_\_\_\_\_. Secretaria Municipal da Cultura – SECULT. **Cultura**. Novo Hamburgo: SECULT, 2021. Disponível em: <<https://www.novohamburgo.rs.gov.br/secult>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

ORTIZ, Renato. **Cultura e desenvolvimento**. Políticas Culturais em Revista, v. 1, n. 1, p. 122-128, 2008. Disponível em: <<http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/pgdrf/files/2010/10/Renato-Ortiz.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2020.

PRAHALAD, C. K.; RAMASWAMY, Venkatram. **O Futuro da competição: como desenvolver diferenciais inovadores em parceria com os clientes**. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 2004.

SCHEMES, Claudia et al. **Entre o local e o nacional: história e memória dos pioneiros da exportação calçadista do Vale dos Sinos (RS)**. História Oral, v. 16, n. 02, p. 149-174, jul/dez 2013. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=314>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013. 276 p. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2019.

TENÓRIO, Fernando Guilherme. **Cidadania e desenvolvimento local**. Ijuí/RS: UNIJUI, 2007.

WU, Vinicius. **Participação social e qualificação da gestão no âmbito do Sistema Nacional de Cultura (SNC)**. In: SEMINÁRIO Internacional Sistemas de Cultura: Política e



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

Gestão Cultural Descentralizada e Participativa. Anais... Brasília: MINC, 2016. Disponível em: <<http://portalsnc.cultura.gov.br/wp-content/uploads/sites/32/2019/02/Semin%C3%A1rio-Internacional.pdf>>. Acesso em 03/12/2020.



feevale.br/cidi2021





## UM DIÁLOGO SOBRE JOGOS EDUCACIONAIS E A CULTURA

### A DIALOGUE ON EDUCATIONAL GAMES AND CULTURE

Bárbara Luana Rangel; João Batista Mossmann; Norberto Kuhn Junior

Universidade Feevale

**Resumo:** O artigo tem como objetivo discutir sobre os jogos educacionais e suas contribuições à aprendizagem, procurando estabelecer relações com a cultura. O jogo é importante para o indivíduo dando a possibilidade de se expressar graças à prática lúdica, assim como é relevante a inclusão dos saberes locais na escola, visto que esses podem facilitar a aprendizagem e contextualizar a realidade sócio-cultural local. Para tanto, foi realizada uma pesquisa teórica para sistematização do assunto, relacionando os jogos educacionais com a cultura dos jogos e com os saberes locais. A pesquisa mostra que está cada vez mais visível a importância dos jogos e da valorização cultural no desenvolvimento das crianças.

**Palavras-chave:** Jogos Educacionais. Cultura. Aprendizado.

**Abstract:** The article aims to discuss educational games and their contributions to learning, to establish relationships with a culture. The game is important for the individual, giving the possibility of expressing thanks to the playful practice, as well as the inclusion of local knowledge at school is relevant, the visas that these can facilitate learning and contextualize the local socio-cultural reality. To this end, a theoretical research was carried out to systematize the subject, relating educational games to the culture of games and local knowledge. Research shows that the importance of games and cultural appreciation in children's development is increasingly visible.

**Keyword:** Educational Games. Culture. Apprenticeship.

## 1 INTRODUÇÃO

Com o intuito de potencializar a aprendizagem ativa e mais significativa os jogos educacionais estão sendo usados como estratégia de ensino. Segundo Bonwell e Eison (1991), os alunos constroem conhecimento a partir de suas próprias experiências de vida. Com isso, pode-se concordar com Vygotsky (2007), afirmando que cada pessoa constrói o conhecimento conforme suas experiências, e para isso, considera instrumentos e símbolos, como a linguagem e a tecnologia. Ainda, com a utilização dos jogos é possível criar ambientes nos quais a criatividade e interesse dos alunos seja despertado. Além de proporcionar ao aluno a possibilidade de errar, acertar e testar possibilidades, o que pode trazer benefícios para o processo de aprendizagem.

No entanto, o brincar de hoje é resultado do exagerado marketing de consumo, que mostra os mais diversos brinquedos tecnológicos. Porém, percebe-se que o brincar de ontem, precisa ser resgatado, pois ele contribui para o desenvolvimento integral da criança. Os jogos tradicionais permitem que a criança crie, erre e observe de forma espontânea o que é





indispensável para o seu desenvolvimento e também para o relacionamento com as pessoas e com o meio ambiente. Possibilitando ainda a união da comunidade com a escola, permitindo que o aluno desenvolva a aprendizagem significativa.

Portanto, este artigo tem como objetivo discutir sobre os jogos educacionais e suas contribuições à aprendizagem, utilizando da revisão narrativa da literatura. Primeiramente, apresentamos a relação da cultura com os jogos, utilizando das teses defendidas por Geertz. Em seguida, mostramos os jogos educacionais, trazendo a sua importância para os alunos, por meio dos autores Brougère, Vygotsky e Kishimoto.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Bennett (citado por Gonçalves e Silva, 1998, p.55) a educação multicultural é um direito de todos. É necessário que ela seja valorizada e inserida de forma efetiva na escola, pois esse processo permite uma maior e melhor interação entre os diferentes grupos, implicando em respeito e criando uma comunidade que trabalhe para um bem comum.

A necessidade de melhorar a aprendizagem e aprofundar o aluno no conhecimento cultural, mostra a possibilidade da integração dos saberes locais no desenvolvimento das atividades escolares. Segundo Geertz (1997), o mundo é um palco onde os atores fazem as suas construções culturais que são caracterizadas pela maneira como cada povo vive e convive, representando os saberes locais.

Compreende-se que o brincar representa um enriquecimento cultural, já que a cultura se constrói por meio da liberdade criativa das pessoas. Tal como afirma:

“a sociologia da criança, jovem disciplina em pleno desenvolvimento, mostra o quanto a infância varia segundo os contextos, o quanto ela deriva, não de uma essência intemporal, mas de uma construção social, tanto no nível das representações quanto no das condições reais de vida”. (Brougère 2004, p.14)

Nesse sentido pode-se entender que o contexto no qual a criança se encontra é seu maior determinante cultural, ou seja o jogar e brincar são uma aprendizagem sociocultural, que vai reestruturando-se e acomodando-se, conforme as características do meio. Com isso, pode-se afirmar que inicialmente a criança é exposta a cultura local, para depois ser exposta a cultura global. Conforme Geertz (1997) “as formas de saber são sempre e inevitavelmente locais, inseparáveis de seus instrumentos e de seus invólucros”. Assim sendo, a melhor forma de



compreender a transmissão cultural de um grupo é analisar como esse se organiza socialmente. Logo, os saberes locais estão ligados a cultura e a vida das pessoas.

Ainda, para Valsiner (1988) o conceito de cultura está relacionado com o grupo em que essa está inserida, pois representa significado comuns para essas pessoas, como regras de conduta e organização estrutural de normas sociais. Também para o autor, existem dois lados da cultura que são indistinguíveis: a cultura como entidade coletiva, que ao relacionarmos com as crianças é aprendida conforme o que os adultos ensinam. Ou seja, os pais promovem a transmissão cultural para os seus filhos conforme eles organizam e determinam o ambiente em que a criança está inserida. Já o segundo lado, diz respeito a cultura como entidade pessoal, essa pode ser entendida pelo conceito de Geertz (1989), no qual ele afirma que a cultura é “teia de significados que o indivíduo mesmo teceu”. Logo, a criança passa a construir sua própria versão em relação aos eventos sociais, que lhe são transmitidos pelos pais, por exemplo. Isso pelo fato de que os seres humanos criam um amaranhado de signos, a partir principalmente das trocas que estabelecem em sociedade. Podemos concluir que é necessário para o ser humano que o mundo faça sentido.

Para Garvey (1979) brincar é uma atividade frequente na infância, que traz inúmeros benefícios, pois faz com que a criança tenha melhor conhecimento de si mesmo e do mundo em que vive. Assim, compreende-se que o jogo se torna necessário no desenvolvimento da criança, pois permite que ela durante a prática de forma espontânea desenvolva o processo cultural e simbólico de forma ampla.

Ao pensarmos em jogos educacionais, como recurso pedagógico no processo educacional, entende-se que por meio do brincar a criança pode aprender de maneira significativa, vivenciando, experimentando e sentindo as mais diversas situações, durante todo o processo. Encontra-se os primeiros registros de jogos educacionais em tribos da África, que usavam essa atividade com o objetivo de melhorar competências e testar se os jovens estavam prontos para assumir as responsabilidades de adultos (Hinebaugh, 2009). Nesse sentido, os jogos educacionais devem ser pensados e projetados com o intuito de ensinar sobre um conteúdo em específico para que consigam abordar da melhor maneira o tema proposto (Wangenheim, Wangenheim, 2012).

Os jogos como estratégia de ensino e aprendizagem são conhecidos como aprendizagem baseada em jogos (*Games Based Learning*) (Prensky, 2007). Com a utilização da aprendizagem baseada em jogos os alunos aprendem enquanto brincam. Assim, os jogos educacionais





proporcionam um processo de aprendizado mais interessante e também uma aprendizagem ativa e mais significativa, baseada na experiência dos alunos (Bonwell, Eison, 1991). Além de contribuir para atenção e concentração do aluno no processo de aprendizagem (Wangenheim, Wangenheim, 2012). Concluímos que a aprendizagem através de jogos, é um benefício para a construção do interesse de aprender.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo é uma revisão narrativa da literatura, com o intuito de realizar um levantamento bibliográfico sobre os jogos e brincadeiras infantis, a cultura e os jogos educacionais. Segundo Prodanov e Freitas (2013), entende-se por revisão narrativa da literatura a interpretação e síntese dos textos estudados pelo pesquisador que está atualizado em relação às discussões no campo do conhecimento pertencentes à investigação. Nesse sentido, artigos nacionais e internacionais, livros publicados, monografias, dissertações e teses se apresentam como excelentes e importantes fontes de consulta. Logo, a diferença da revisão de literatura é que a mesma não é um resumo de resumos e citações (PRODANOV; FREITAS, 2013).

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fazendo relação dos jogos com cultura, temos o exemplo do trabalho que abordou jogos e a cultura em Morretes, através das memórias e relatos de um morador da cidade, realizado por Alves e Gnoato (2003). Os autores concluíram que a relação entre brincadeira e cultura pode ser vista sob vários aspectos, seja pelo ponto de vista social ou pelo ponto de vista individual. Ainda, o resgate dos jogos tradicionais infantis possibilita, por meio da experiência, uma reconstrução da identidade individual e coletiva (ALVES E GNOATO, 2003).

Também se tem o estudo realizado por Basílio (2006) que mostrou a importância de a escola relacionar e valorizar a cultura tradicional local com cultura da escola. E ainda, “enraizar o aluno na sua própria cultura” (Basílio, 2006, p. 125). Para o autor, há a necessidade de que a escola tome consciência e quebre o mito de distanciamento com a comunidade na qual está inserida, aprimorando e incentivando a participação e compreensão do aluno sobre o seu meio.

Logo, conforme os estudos apresentados a utilização dos jogos no processo de ensino, possibilita que as crianças criem suas próprias experiências e também exercitem habilidades cognitivas. Sendo assim, Vygostsky (2007) propõe que o aprendizado e o desenvolvimento





então relacionados, e ainda enfatiza que “aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer” (Vygostky, 2007, p. 103). Assim como, Piaget (1976) que defende a atividade lúdica, pois ela é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, uma vez que agrega e contribui para o desenvolvimento intelectual.

Brougère (2002) define o brincar como um espaço de criação cultural. O mesmo autor defende também que o jogo é repleto de significados sociais, mas que precisa de aprendizagem para compreender como utilizá-lo. Pois para Brougère (2002), as regras que existem no jogo fazem com que seja possível interpretá-lo e como isso entendermos quando é e quando não é um jogo ou brincadeira. Concluimos, em uma visão antropológica, que a cultura lúdica é uma combinação de significações e regras que cada jogador conhece no seu jogo, mas que outras pessoas ao verem a situação podem não caracterizar como jogo (BROUGÈRE 2002).

Kishimoto (2007) define jogo de três maneiras: resultado de um sistema linguístico que funciona dentro de um contexto social; um sistema de regras; um objeto. Na primeira forma, Kishimoto (2007) explica que o jogo pode ter diferentes significados dependendo da cultura em que está inserido. Na segunda forma, refere-se a uma estrutura que segue uma determinada ordem, assim tendo um jogo diferente de outro devido as regras. Já a terceira forma, está relacionada com o objeto que caracteriza o jogo, como exemplo do xadrez que seria o tabuleiro. Ao explicar as definições para o termo jogo, pode-se compreender que o jogo pode trazer significados diferentes de acordo com a cultura e época em que está inserido.

Logo, Huizinga (1990) defende que há uma relação direta entre o jogo e a cultura e os seus surgimentos, ainda o autor afirma que o jogo é ainda mais primitivo do que a cultura. Assim compreende-se que o jogo se faz essencial a cultura, visto que durante a evolução humana ocorreu uma troca de influências entre o jogo e a cultura.

Segundo Vygotsky (1984), o jogo promove o desenvolvimento da imaginação e da criatividade. Ainda, podemos dizer que os jogos possuem um valor educacional intrínseco. Uma vez que eles podem despertar a motivação dos alunos, tornando as aulas um momento encantador e a aprendizagem fascinante, pois o aprender associa-se à diversão. Segundo Gros (2003), os jogos educacionais possibilitam o desenvolvimento intelectual, pois para que o aluno, jogador, consiga passar de nível ou ganhar, ele precisa usar a criatividade para criar estratégias para resolver os problemas propostos. Diante do estudo realizado, é possível afirmar que o aprender com jogos proporciona o desenvolvimento nas mais diversas áreas: cognitiva,



afetiva, linguística, social, moral e motora. Além de contribuir para a construção da autonomia, criatividade, responsabilidade e cooperação das crianças na escola e ao longo de suas vidas.

## 5 CONCLUSÃO

A escola sempre esteve vinculada com a preparação para o futuro, buscando as atividades e responsabilidades da vida adulta. Segundo, Olivier (2003) ainda em muitas escolas é incentivada a produtividade e a responsabilidade em excesso, acabando deixando de lado as atividades lúdicas. A lógica do ensino é “primeiro o dever depois o prazer” (Olivier, 2003, p.22), mostrando que o lúdico não era visto como ferramenta importante no processo de aprendizagem, mas sim que havia outros conteúdos e ferramentas que possuíam maior importância na vida social.

No entanto, compreende-se que a atividade lúdica é importante no desenvolvimento integral do aluno, pois durante a brincadeira está sendo estimulado o pensamento e o desenvolvimento crítico. Assim, podemos ver a brincadeira como linguagem natural da criança.

O professor deve considerar o aluno como um ser cultural, que é envolvido por um sistema de símbolos desde o início de sua vida. O professor pode também mostrar para os alunos que um mesmo jogo tem diferentes significações. Assim sendo, envolver o aluno em um sistema simbólico é fazer com que ele compreenda as mais variadas relações culturais. Ainda, o resgate dos saberes locais pela escola faz com que o aluno compreenda e interprete a sua cultura. E isso pode ser feito por meio das atividades lúdicas como o jogo, pois permitem a integração dos saberes locais com o conteúdo proposto.

Os jogos educacionais representam momentos de aprendizagem significativa para os alunos, uma vez que permitem que o aprendizado seja ainda mais amplo do que o contexto escolar permite. Uma vez que é possível que o aluno use das suas experiências e conhecimentos pessoais durante o jogo. Partindo do conceito de Geertz (1989, p.47) “(...) o que o homem é pode estar tão envolvido com onde ele está, quem ele é e no que acredita, que é inseparável deles”. Com esta finalidade, o uso dos jogos pode auxiliar todo o processo de aprendizagem e de desenvolvimento cognitivo, afetivo e emocional. Entende-se que jogar em sala de aula pode proporcionar situações de interação e aprendizagem, tanto para os professores como para os alunos.





Com base nos conceitos apresentados, vemos que o jogo pode ser utilizado no contexto educacional com o intuito de aprimorar as habilidades cognitivas e abordar de forma lúdica os conteúdos escolares. Conclui-se que aprender pode tornar-se tão divertido quanto brincar e, nesse caso, aprender torna-se algo que desperta o interesse do aluno, que é o grande desafio atual para o ensino.

## REFERÊNCIAS

BASÍLIO, G. **Os saberes locais e o novo currículo do ensino básico**. São Paulo:2006.

BROUGÉRE, G. **A criança e a cultura lúdica**. In: Kishimoto, T. M. [org]. O brincar e suas teorias. São Paulo: Editora Pioneira, 2002

BROUGERE, G. **Brinquedo e companhia**, São Paulo: Cortez. 2004

BONWELL, C. C e EISONJ. A. **Active Learning: Creating Excitement in the Class room**. Washington, EUA: EricDigests, 1991

DEMPSEY, J. V. et al. **Instructional applications of computer games**. Apresentação no evento Annual Meeting of the American Educational Research Association (AERA), 1996.

FREIRE, J. **Pedagogia do oprimido**. 2ª Edição - Afrontamento; Porto. 1975

GARVEY, C. **Brincar**. Moraes: Editores. Lisboa. 1979

GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989

GEERTZ, C. **O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petropolis, Vozes, 1997

GROS, B. **The impact of digital games in education**.First Monday, v.8, n. 7. 2003

GONÇALVES, L. e SILVA, P. **O jogo das diferenças – O multiculturalismo e seus contextos**. Belo Horizonte, MG. Editora: Autêntica. 1998

HINEBAUGH, J. P. **A Board Game Education**. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers,2009

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento cultural**. São Paulo: Perspectiva, 1990

KISHIMOTO, Tizuko Mochida. **Jogo, brinquedo e brincadeira**. In: O jogo e a educação infantil (org.). 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

KISHIMOTO, T. M. **O jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** São Paulo: Editora Cortez, 2007

LEONTIEV, A. **Princípios psicológicos da brincadeira pré escolar.** Em: Desenvolvimento, linguagem e aprendizagem. (pp. 119-142). São Paulo: Ícone. 1988

OLIVIER, G. G. de F. **Lúdico e o processo de humanização.** In: Marcellino, N. C. [org]. Lúdico educação e educação física. Ijuí: Editora Unijuí, 2002

PIAGET J. **Psicologia e pedagogia.** Trad. Lindoso DA, Ribeiro da Silva RM. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1976.

PRENSKY, M. **Digital Game-Based Learning.** New York: Paragon House. 2007

VALSINER, J. **Ontogeny of co-construction of culture within socially organized environmental settings.** In: Valsiner, J. Valsiner (Org.). Child developmental within culturally structured environments, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1988.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007

WANGENHEIM, C. G.e WANGENHEIM, A. **Ensinando Computação com Jogos**. Florianópolis/SC: Bookes Editora, 2012





## O DESAFIO DE ENSINAR ARTE NA PANDEMIA

### THE CHALLENGE OF TEACHING ART IN THE PANDEMIC

Ana Flávia Noronha da Silva Linck; Jose Luiz Domingues Gularte; Ana Cristina Pause; Tais de

Oliveira

Escola de Aplicação Feevale

**Resumo:** O presente trabalho, busca a proposta de ensino de arte na Escola de Aplicação FEEVALE, com seu pioneiro projeto interdisciplinar Arteiros: um grupo de arte educadores que buscam o aprofundamento das reflexões sobre arte e ensino de artes plásticas, teatro e música. Ainda, o trabalho busca localizar esta prática interdisciplinar aprofundando seus objetivos e relatando uma proposta que está sendo feita e que buscou, na música All Star Azul do compositor Nando Reis, um caminho para falar dos objetos na arte e fazer a conexão com os objetos e roupas adotados pelos alunos na Pandemia do Covid-19, contextualizada no ano 2020 e 2021, com o ensino de arte e a implementação do Projeto Arteiros em meio a Pandemia do Covid-19.

**Palavras-chave:** Ensino de arte. Pandemia. Projeto. Interdisciplinaridade. Educação.

**Abstract:** The present article refers to the Art teaching proposal at Escola de Aplicação FEEVALE, approaching its pioneer interdisciplinary project called Arteiros: a group of Art Educators who seek to deepen the reflections on Art and the teaching of Fine Arts, theater and music. This work also aims to develop objectives and report this interdisciplinary practice proposal that has being made and that sought, from the music All Star Azul by Nando Reis, a way to talk about objects in Art making a connection with objects and clothes adopted by the students in the Covid-19 Pandemic, contextualized in the years 2020 and 2021, with the teaching of art and the implementation of the Arteiros Project in the Covid-19 Pandemic.

**Palavras-chave:** Art Teaching. Pandemic. Project. Interdisciplinary. Education.

## 1 APRESENTAÇÃO

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”  
(LARROSA, 2018, p. 18)

O ano de 2020 apresentou para o mundo um novo cenário: a Pandemia do COVID-19, em que os seres humanos foram confrontados com o medo da contaminação e da morte.

Esta situação mundial que, de um dia para o outro, nos fez emergir a força em um isolamento social nunca visto antes nesta geração, ocasionou muitas mudanças no contexto social, familiar e escolar.

A quarentena trouxe o rompimento do cotidiano escolar, do convívio entre colegas e estudantes, a ausência de abraços e sentimentos concretizados por ações de reciprocidade mútua, assim como a impossibilidade de aprendizagens compartilhadas.





A relação com o tempo, não apenas aquele musical, mas esse que vivemos de dias que foram passando, onde se percebeu que o novo normal já não era novo, mudou. Esse tempo foi passando, repetindo voltas, como num “looping”, no entanto interminável e não menos aterrorizante do que aqueles que vemos em montanhas russas que despertam fobias. Somos assombrados por inúmeras incertezas e medos, gerando pensamentos que nos fazem refletir quais serão os verdadeiros prejuízos desse período atual pelo qual passamos por um longo isolamento social. Mas precisamos também pensar de forma positiva para tentarmos encontrar propósitos e esperança, onde definitivamente possamos acreditar que haverá evolução no final desse período, deixando-nos mais empáticos e valorizando pequenos prazeres na vida.

Foi dessa forma reflexiva, pensando no momento pandêmico ao qual enfrentamos, que nosso olhar precisou mudar a forma de ver a vida e, dessa forma, o fazer docente. Forçou a reinvenção do significado de escola e o enfrentamento de novas possibilidades para a educação. Fomos tocados por uma experiência sem precedentes na história recente da humanidade, buscando recursos virtuais, tecnológicos, forçando um salto gigantesco para o fazer escolar, agora remoto, não por opção, mas sim por necessidade, para conseguir se tornar interativo como uma sala de aula no presencial e atrativo para os discentes, que também precisaram compreender que tais ferramentas virtuais e tecnológicas não eram somente para que pudessem usá-las como entretenimento. Agora, seus computadores e celulares eram recursos para auxiliar no seu processo de aprendizagem e recurso para facilitar o ensino do professor dentro dessa escola que se encontrava virtual.

Partindo deste pressuposto, era a hora de quebrar a rigidez e a maneira de dar aulas e imigrar para o remoto, o on-line. Os professores passaram a compartilhar as dificuldades não apenas de um recorte pessoal, mas colocar dentro das propostas de trabalho as contribuições desta nova sala de aula, de um lugar não físico, necessitando uma apropriação e adaptação das abordagens nos planos de aula.

Para Fazenda (2008), a interdisciplinaridade é entendida como ação, enfatiza que depende de uma atitude, de uma mudança de postura em relação ao conhecimento, uma substituição da concepção fragmentaria para a unidade do ser humano.

Dentro deste contexto, quatro professores dos componentes curriculares Música, Teatro e Artes Plásticas, unidos em um projeto interdisciplinar, continuaram o trabalho instigante e desafiador, desenvolvido no antigo ambiente escolar presencial que, na quarentena, passou para o ambiente remoto.



Desafios se ampliaram para outros contextos como problemas de conexão, ambiente virtual, os aplicativos, as plataformas. Nesta nova sala de aula, os planejamentos, as abordagens, as provocações e os assuntos ganharam novas configurações.

## PROJETO ARTEIROS

“Assim a criatividade é ensinada quando o indivíduo é levado a apropriar-se da experiência humana acumulada. Isso não o tornará necessariamente um gênio, um grande artista, um grande cientista, mas desenvolverá a criatividade.” (SACCOMANI, 2016, p. 6).

O projeto teve sua primeira versão em 2016, na Escola de Aplicação FEEVALE, com a junção de quatro arte educadores, que dividiam os alunos do 3º e 4º ciclos de aprendizagem em 4 grupos, e que cuja atuação acontecia simultaneamente.

Em 2020, este projeto foi retomado, sua atuação foi a partir do 3º ciclo de aprendizagem até o ensino médio, tendo com princípio norteador o diálogo entre as Artes Plásticas, a Música e o Teatro, promovendo a ampliação e o aprimoramento das diferentes linguagens, a partir da interação com o mundo natural e social, para formação de um sujeito autor, ético, crítico e protagonista.

As diferentes linguagens artísticas proporcionam vivências significativas nas mais variadas manifestações. Os alunos são estimulados a inventar, experimentar, interagir e descobrir novas possibilidades expressivas posicionando-se como protagonistas de sua própria expressividade.

Ao encontro de Moran (2018, p. 81) “O bom educador é um otimista, sem ser ‘ingênuo’, consegue ‘despertar’, estimular, incentivar as melhores qualidade de cada pessoa.”

Os Arteiros são identificados por ofertar o contato com o legado artístico e cultural da humanidade através de vivências, reflexões e questionamentos que impulsionam a criatividade. Provocam o desenvolvimento de uma postura investigatória, autônoma e de criticidade. Ampliam os conceitos estéticos, a expressividade e a interação com as materialidades.

O grupo foi se fortalecendo e aprendendo, no decorrer de 2020, quando os desafios de implementação do projeto foram duplamente trabalhosos. Desenvolver habilidades dos três componentes curriculares com aprofundamento, interagir no ambiente remoto e aprender a trabalhar em grupo não foi tarefa fácil. E, ainda, em 19 de março de 2020, toda a escola migrou para a sistema remoto, em função da Pandemia do COVID-19.





No processo desafiador de aprendizagem do projeto interdisciplinar, se percebeu que as relações midiáticas e das redes sócias, assim como os mecanismos digitais, nos atropelam pela rapidez com que são absorvidos pelos alunos, assim, a interatividade das redes foi usada a favor das aulas, com provocações realizadas em tempo real. O objetivo não era apenas dar a aula, mas também poder captar a atenção dos estudantes e motivar a interação entre todos, como nas aulas presenciais.

As relações remotamente ficaram mais sólidas, fomos internalizando o que estava acontecendo e trabalhando as linguagens como uma ferramenta imprescindível dentro do processo de aprendizagem.

Os Arteiros seguem em 2021 construindo novas habilidades e enfrentando novos desafios, o projeto foi estendido para toda a escola, a partir da educação infantil. Nos desafiamos diariamente para trazer a arte aos alunos de diversas idades, através de propostas que os envolvam e façam refletir. O grupo segue saindo da zona de conforto e se reinventando constantemente.

## **ALL STAR AZUL UMA PROVOCAÇÃO - O QUE ME REPRESENTA NESTE MOMENTO**

“Estranho seria se eu não me apaixonasse por  
você O sal viria doce para os novos lábios

Colombo procurou as Índias mas a Terra avisto  
em você O som que eu ouço são as gírias do seu  
vocabulário Estranho é gostar tanto do seu All  
Star azul

Estranho é pensar que o bairro das Laranjeiras  
Satisfeito sorri, quando chego ali

E entro no elevador, aperto o 12, que é o seu andar

Não vejo a hora de te encontrar  
Continuar aquela conversa

Que não terminamos ontem, ficou pra hoje  
Estranho, mas já me sinto como um velho  
amigo seu

Seu All star azul combina com o meu, preto, de cano alto





Se o homem já pisou na Lua, como ainda não tenho seu endereço  
O tom que eu canto as minhas músicas na sua voz parece exato  
Estranho é gostar tanto do seu All Star azul  
Estranho é pensar...” (All Star Azul, Nando Reis)

A música e sua relação metafórica com um tênis, peça apreciada por muitos jovens, pode ser usada para ampliar as referências visuais e estéticas e ainda permitir a expressão e a identificação significativa com a produção artística individual.

No projeto, foram abordadas quais relações podem ser construídas a partir das mudanças que a Pandemia trouxe aos nossos hábitos e a forma com que nos relacionamos, nos apegamos e nos envolvemos com as roupas e objetos, em nosso cotidiano.

Para isso, cada aluno apresentou e fotografou suas roupas no cotidiano no afastamento social e nas aulas remotas. Compartilharam devaneios expressivos com um peso sentimental aflorado pelo período de isolamento.

A referência do componente curricular Música foi a canção All Star Azul, de Nando Reis, em que a apreciação da música e discussão a mensagem e da letra foram debatidas.

As referências do componente curricular Artes Plásticas foram os objetos e roupas foram utilizados nas artes plásticas. Os artistas escolhidos foram Meret Oppenheim, René Magritte e Robert Gober.

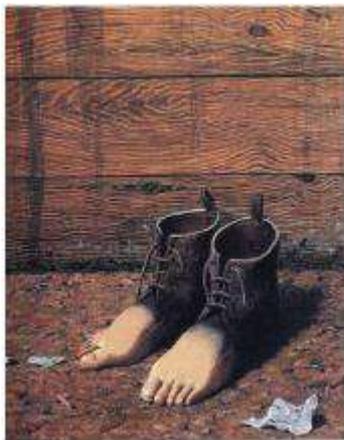
**Figura 1-** The Couple – O Casal, Meret Oppenheim, Data: 1956



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/meret-oppenheim/the-couple-1956>



**Figura 2** - O modelo vermelho, Rene Magritte –1935



**Fonte:** <https://pt.artsdot.com/@/8XYU82-Rene-Magritte-o-vermelho-modelo>

**Figura 3** - Sem título, Robert Gober, 1991



**Fonte:** <https://www.moma.org/collection/works/81069>

A proposta segue reverberando, com reflexões sobre as mudanças e significado dos objetos durante a Pandemia. A próxima provocação dos arteiros será a criação de esculturas com as roupas e acessórios, ressignificando, assim, através do viés artístico e permitindo-se através do fazer artístico com que esses objetos possam exorcizar o sentimento que se carrega pelo agravamento desse momento de pandemia.

## REFERÊNCIAS

FAZENDA, I. C. A. (org). O Que é interdisciplinaridade? São Paulo: Cortez, 2008. p. 17- 28  
LOROSSA, JORGE. Tremores Escritos sobre experiência. 3. Belo Horizonte. ed. Autêntica, 2018. MORAN, J. M. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2015.



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

SACCOMANI, M. C. S. A criatividade na arte e na educação escolar: uma contribuição à pedagogia histórico-crítica à luz de Georg Lukács e Lev Vigotski. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

MERET OPPENHEIM, The Couple, 1956. Disponível em:  
[https://www.wikiart.org/pt/meret-oppenheim/the-c](https://www.wikiart.org/pt/meret-oppenheim/the-couple) Acesso em: 13 abr. 2021.

PRESENTE de Werner e Elaine Dannheisser, Robert Gober. Untitled. 1991. Disponível em:  
<https://www.moma.org/collection/works/81069> Acesso em 15 abr. 2021.

RENÉ MAGRITTE, O modelo vermelho, 1935. Disponível em:  
<https://pt.artsdot.com/@/8XYU82-Rene-Magritte-o-vermelho-modelo> Acesso em 15 abr. 2021.





## CERVEJARIAS NO VALE GERMÂNICO: A PRESENÇA DE NOVO HAMBURGO E SÃO LEOPOLDO

### BREWERS IN THE GERMAN VALLEY: THE PRESENCE OF NOVO HAMBURGO AND SÃO LEOPOLDO

Claudiane Godois Miranda; Mary Sandra Guerra Ashton; Camila Fagundes

Universidade Feevale

**Resumo:** Este trabalho teve como objetivo mapear e analisar as cervejarias de Novo Hamburgo e São Leopoldo, com relação a sua contribuição no desenvolvimento do turismo no Vale Germânico. A metodologia utilizada foi de pesquisa exploratória e descritiva com abordagem qualitativa. Os procedimentos de coleta de dados foram a revisão bibliográfica, pesquisa documental e entrevista semiestruturada com os gerentes das empresas. Como principais resultados, foi identificado um total de 11 cervejarias, nove no município de Novo Hamburgo e duas em São Leopoldo. Contudo, não todas as organizações estão aptas a receber turistas. Todavia, se percebe um grande potencial para o turismo através da visitação e degustação deste produto em ascensão.

**Palavras-chave:** Cervejarias. Vale Germânico. Produto Turístico.

**Abstract:** This work aimed to map and analyze the breweries of Novo Hamburgo and São Leopoldo, regarding their contribution to the tourism in the Germanic Valley. The methodology used was exploratory and descriptive research with a qualitative approach. The data collection procedures were bibliographic review, documentary research and semi-structured interview with the managers of the companies. As main results, a total of 11 breweries were identified, nine in the municipality of Novo Hamburgo and two in São Leopoldo. However, not all organizations are able to receive tourists. However, there is a great potential for tourism through the visitation and tasting of this rising product.

**Palavras-chave:** Breweries. Germanic Valley. Tourist Product.

## 1 INTRODUÇÃO

Grande participante nos convívios sociais, a cerveja tem se tornando cada vez mais popular. Presente desde a Mesopotâmia em 600 a.C, no qual tinha uma função cosmética e medicinal, atualmente ela assume um papel total de interação social entre as pessoas. No Brasil, a cerveja chegou em 1808 com a Família Real, e desde então o mercado não parou mais de crescer. Atualmente, o país é o terceiro maior produtor de cervejas no mundo, com uma produção total em 2013 de 13,5 bilhões de litros, perdendo apenas para Alemanha e Estados Unidos (ABRABE, 2014).

Com o crescimento nos últimos anos desse nicho, outras oportunidades surgiram expandindo o mercado a fim de atingir clientes diferenciados. Como exemplo, citam-se as microcervejarias, que vem atraindo cada vez mais pessoas que buscam no produto sabores e



aromas diferenciados. As microcervejarias apesar de um movimento bastante recente, nos últimos cinco anos, elas cresceram um total de 15%, quando o mercado de cervejas normais, cresceu apenas 5%. Quando o assunto é total de microcervejarias no Brasil, os números também são impressionantes, de 2011 a 2014, teve-se um aumento de 157 para 232 empresas especializadas na produção de cerveja artesanal. No estado do Rio Grande do Sul, ao lado de estado como Paraná e São Paulo, tem se um total de 43 microcervejarias. Entretanto esse mercado ainda representa apenas 1% do setor cervejeiro (ABRABE, 2014).

Para Morado (2009) microcervejarias são caracterizadas como micro empresas, no qual sua produção é pequena, utilizando quesitos culturais na hora da elaboração com qualidade diferenciada e alto valor agregado. Para a ABRABE (2014) elas são microindústrias que surgem praticamente através de familiares, com pequenas instalações e que produzem de forma lenta, mas que utilizam ingredientes especiais através de receitas tradicionais. A cerveja em si, é obtida através de fermentação de cereais como lúpulo, cevada e trigo, com o acréscimo de água.

Tal crescimento vem impactando, principalmente, a atividade turística (OLIVEIRA et al., 2019). Muitas pessoas acabam se deslocando de seu local de origem motivada a experimentar e, muitas vezes, conhecer o processo de produção dessas cervejas. A literatura tem nomeado esta atividade de Turismo Cervejeiro ou *Beer Tourism*. Este segmento é recente, os primeiros estudos publicados são de Francioni (2012); Niester (2008); Plummer et al., (2006) e Plummer et al., (2005). A maioria desses estudos foi estruturado a partir do turismo gastronômico e enoturismo, ou seja, justificando a necessidade de estudos no segmento de cervejas tendo em vista a sua escassez (COELHO-COSTA, 2015; BAZINELLI et al., 2013). Contudo, vale comentar que em termos internacionais, países como Alemanha e Estados Unidos possuem há décadas roteiros consolidados baseado no Turismo Cervejeiro, como aponta Assoni (2018).

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo mapear e analisar as cervejarias de Novo Hamburgo e São Leopoldo com relação a sua contribuição na formação de produtos turísticos no Vale Germânico, mais conhecido como Vale do Rio dos Sinos, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

## 2 TURISMO CERVEJEIRO

O turismo de bebida ou também conhecido como *Beverage Tourism* é semelhante ao turismo gastronômico, no qual as pessoas são motivadas a realizarem um determinado





deslocamento motivado a experimentar uma comida específica. Neste segmento, elas são motivadas por determinada bebida, seja ela vinho, chá, cerveja, uísque e entre outras (PLUMMER et al., 2005; OLIVEIRA et al., 2019).

Dentro da definição de *Beverage Tourism*, se tem o *Beer Tourism*, um nicho de mercado com tendência de crescimento dentro da atividade turística (COELHO-COSTA, 2015). Plummer et al., (2005) comenta que esta atividade tem como principal motivação visitar uma fábrica de cerveja, festas ou *shows* de cerveja para conhecer o processo de fabricação e degustar o que é produzido. Um dos grandes exemplos de turismo cervejeiro no Brasil é a *Oktoberfest*, sediada, atualmente, em três diferentes municípios no Brasil, são eles: Blumenau, Santa Cruz do Sul e Igrejinha. Todavia, vale ressaltar que a maior festa cervejeira do mundo ocorre em Munique na Alemanha, com uma duração de 18 dias e recebendo, aproximadamente, 7 milhões de turistas (ASSONI, 2018). Tal evento impacta não apenas o mercado cervejeiro, mas toda a rede hoteleira, a gastronomia local, bem como a visitação em outros pontos turísticos da região, ou seja, movimentando toda a economia.

Diante desse nicho, se tem um grande potencial de atrair turistas e estimular novos consumidores, pois ao longo de uma viagem a turismo, é o momento, no qual as pessoas vivenciam novas experiências. Dessa forma, as cervejarias podem se configurar como elementos capazes de desenvolver a atividade turística em determinada localidade e até mesmo se configurar como principal elemento de atração e de customização de negócios (OLIVEIRA et al., 2019). As cervejarias possuem características especiais e únicas, consideradas como elemento identitário do lugar e de sua população.

O turismo cervejeiro pode ser ainda mais forte quando estruturado em formato de rota, como é o caso de exemplos localizados nos estados de Santa Catarina, Minas Gerais e Rio de Janeiro (ASSONI, 2018; OLIVEIRA et al., 2019). Ao longo da rota, os turistas tem a possibilidade de visitação em diversas cervejarias com produções de diferentes cervejas, pagando uma taxa de entrada e adquirindo produtos daquele lugar. Ou seja, vivenciando uma experiência única (COELHO-COSTA, 2015). Desta forma se aumenta o gasto turístico ao longo do roteiro, fortalecendo o destino.

Quando a cerveja não é o principal motivo de deslocamento, a mesma ainda pode ser trabalhada de forma a agregar atratividade à oferta turística em determinada região como defende Assoni (2018).



### 3 METODOLOGIA

Neste estudo, optou-se pela realização de uma pesquisa descritiva e exploratória com abordagem qualitativa. “A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Para a coleta de dados empíricos, três procedimentos diferenciados foram escolhidos, são eles: (I)revisão bibliográfica, (II)pesquisa documental e (III)entrevista semiestruturada. Para a primeira etapa do estudo, as pesquisadoras utilizaram material já publicado e disponível para consulta, como livros e artigos científicos. Na segunda fase, foi utilizado documentos que ainda não receberam tratamento analítico. Para Yin (2010) essa fase é marcada pela análise de documentos administrativos, como propostas, relatórios e documentos internos organizacionais. Por fim, o último momento da pesquisa foi marcado pela entrevista com os gerentes das 11 organizações mapeadas neste estudo.

Os dados obtidos foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo, seguindo as recomendações de Bardin (2011). Para Silva (2006, p. 67), “análise de conteúdo é uma técnica que visa aos produtos da ação humana, estando voltada para o estudo das ideias e não das palavras em si”

### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No município de Novo Hamburgo foram identificadas nove empresas denominadas cervejarias, que podem ser classificadas em dois grupos: (a)as que recebem turista e (b)as que não recebem como pode ser visto no Quadro 1.

Quadro 1 – Cervejarias de Novo Hamburgo

Nome	Principal Atividade	Recebe Turista
Baita Bier Cervejaria	Produção e comercialização	Não
Fatbull Bier	Produção e comercialização.	Sim
Bossta Bier	Produção e comercialização. Além de ofertar restaurante.	Sim
Alcebier Artesanal	Produção e comercialização. Além de ofertar restaurante.	Sim
Maniba Cervejaria	Produção e comercialização. Além de ofertar restaurante.	Sim
Pegasus Bier	Produção e comercialização	Não
Cervejaria Elementum	Produção e comercialização. Além de ofertar restaurante.	Sim
Cervejaria Clandestina	Produção e comercialização.	Sim



Cervejaria Mutante	Produção e comercialização.	Não
--------------------	-----------------------------	-----

Fonte: dados da pesquisa, (2021).

No total de nove cervejarias, apenas duas não recebem turistas. Contudo elas comercializam seus produtos na região, ou seja, proporcionando o consumo do mesmo modo, para os turistas. Diante disso, todas os pontos podem se configurar como grandes parceiros para o desenvolvimento do turismo na região. Vale comentar que, a maioria delas funcionam todos os dias da semana e, inclusive, no finais de semana, proporcionando diversas possibilidades aos turistas.

Todas as empresas possuem uma identidade e um processo único de produção, proporcionando novas experiências para o turista como defende Oliveira et al., (2019). Diante da grande diversificação, a cerveja nessa localidade pode ser transformada no principal motivo de deslocamento como aponta Plummer et al., (2005). Vale lembrar, que esse mercado está em expansão, proporcionando novas formas de desenvolvimento para a região.

Já no município de São Leopoldo, apenas duas cervejarias foram identificadas como pode ser visto no Quadro 2.

Quadro 2 – Cervejarias em São Leopoldo

Nome	Principal Atividade	Recebe Turista
República das Cervejas	Comercialização. Além de ofertar restaurante. Produção (em processo de implementação).	Sim
Cervejaria Leopolders	Produção e comercialização.	Não

Fonte: dados da pesquisa, (2021).

Apesar de apresentar apenas duas cervejarias, o município de São Leopoldo também pode se beneficiar deste mercado. A grande possibilidade a ser criada é a formatação de uma rota com diferentes cervejarias e com diferentes cervejas, como destaca Oliveira et al., (2019) e Coelho-Costa (2015). Além disso, as cervejarias podem ser utilizadas de forma a agregar atratividade à oferta turística do município como defende Assoni (2018) e desta forma, impactar não apenas o mercado cervejeiro, mas toda a economia local.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo tinha como objetivo mapear e analisar as cervejarias localizadas em Novo Hamburgo e São Leopoldo. Por meio de uma metodologia exploratória e descritiva com abordagem qualitativa, acredita-se ter alcançado o objetivo proposto.

A cerveja esta presente no cotidiano da sociedade, ganhando cada vez mais apreciadores e motivando turistas a realizarem deslocamentos. Por meio deste estudo foi possível perceber o potencial que os municípios de Novo Hamburgo e São Leopoldo possuem com relação ao mercado cervejeiro. O turismo cervejeiro pode se configurar na região como um grande diferencial capaz de atrair diversos turistas e desta forma, contribuir para o desenvolvimento da região. Cada cervejaria é capaz de proporcionar experiências únicas para os turistas, principalmente, aquelas, no qual é possível a sua visitação.

## REFERÊNCIAS

ABRABE. Associação Brasileira de Bebidas. Dispõe de informações em <https://www.abrabe.org.br/>.

ASSONI, Ravel Lazarini da Fonseca. **A produção de cervejas especiais no distrito federal e seu potencial uso turístico.** (Trabalho de Conclusão de Curso). Turismo, Universidade de Brasília, 2018.

BAZINELLI, Camila; MANOSSO, Franciele Cristina; GÂNDARA, José Manoel Gonçalves; VALDUGA, Vander. Experiências de Turismo Cervejeiro em Curitiba, PR. **Revista Rosa dos Ventos**, n. 5, v. 2, 2013.

COELHO-COSTA, Ewerton Reubens. A bebida de Ninkasi em terras tupiniquins: O mercado da cerveja e o Turismo Cervejeiro no Brasil. **Revista Iberoamericana de Turismo**, n. 1, v. 5, 2015.

FRANCIONI, J.L. **Beer Tourism: a visitor and motivational profile for North Carolina Craft Breweries.** (Dissertação). Master of Science, University of North Carolina, Greensboro. 2012.

OLIVEIRA, Sérgio Domingos de; ROSA, Lélío Galdino; TOMAZIN, Mariana. Produção e consumo de cerveja artesanal como alternativa para hotéis fazenda. *Turismo e Sociedade*, v. 12, n. 2, 2019.

NIESTER, J. **Beer, Tourism and Regional: Identity Relationships between beer and tourism in Yorkshire, England.** (Dissertação). Master of Applied Environmental Studies in Local Economic Development – Tourism Policy and Planning. Waterloo, Ontario, Canadá. 2008.

PLUMMER, R., TELFER, D., HASHIMOTO, A., & SUMMERS, R. (2005). Beer tourism in Canada along the Waterloo-Wellington Ale Trail. **Tourism Management**, n. 26, v. 3, 2005.





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

PLUMMER, R., TELFER, D., AND HASHIMOTO, A. The Rise and Fall of the Waterloo-Wellington Ale Trail: A Study of Collaboration within the Tourism Industry. **Current Issues in Tourism**, n. 9, v. 3, 2006.



[feevale.br/cidi2021](http://feevale.br/cidi2021)





## NÃO EXISTEM MAIS PALAVRAS INOCENTES: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE A PARTIR DE DIVULGAÇÕES OFICIAIS

THERE ARE NO MORE INNOCENT WORDS: THE SOCIAL CONSTRUCTION OF REALITY FROM OFFICIAL REPORTS

Patrícia Augsten (Universidade Federal do Rio Grande do Sul); Emerson Wendt (Universidade La Salle)

**Resumo:** O presente artigo tem o objetivo de refletir sobre a construção social da realidade a partir de uma análise das publicações oficiais da Secretaria Municipal de Segurança Pública da Prefeitura de Canoas (RS) reproduzidas pelos veículos de comunicação locais. Para tanto, primeiramente, foi realizada uma discussão teórica sobre o tema, partindo dos postulados de Pierre Bourdieu sobre a construção social da realidade e as teorias de comunicação de massa, como *newsmaking* e *agenda-setting*. Entre os resultados, destaca-se a predominância da repercussão dos releases que envolvem uma atuação ostensiva da Guarda Municipal, com prevalência da construção social da realidade de direcionamento das forças de segurança para enfrentamento à criminalidade e não, necessariamente, às regras sanitárias impostas em razão da pandemia da Covid-19.

**Palavras-chave:** Construção social. Linguística. Notícias oficiais. Realidade.

**Abstract:** This article is aimed at reflecting on the social construction of reality that arises from an analysis of the official publications offered by the Department of Public Security of Canoas (RS) reproduced by the local media. A theoretical discussion on the topic was carried out, based on Pierre Bourdieu's postulates about the social construction of reality and on the theories of mass communication, such as *newsmaking* and *agenda-setting*. The result of this analysis clearly shows a predominance of the repercussion of the news that involve the Municipal Guard's ostensible performance, with a prevalence of the social construction of the reality of directing the security forces to face crime and not, necessarily, the sanitary rules imposed due to the Covid-19 pandemic.

**Keyword:** Social construction. Linguistics. Official news. Reality.

### 1 INTRODUÇÃO

“Não existem mais palavras inocentes”: essa é a frase de Bourdieu (1996, p. 27) que motivou o desenvolvimento deste estudo, pautado sob a ótica crítica da produção e reprodução das notícias oficiais, no caso, sobre o tema “segurança pública” em Canoas, a partir do campo de atuação municipal.

Esta pesquisa parte da premissa de que os meios de comunicação são mediadores simbólicos, isto é, são mecanismos de produção de representações do real, uma vez que as notícias, enquanto um ato de linguagem, transmitem determinados significados, contribuindo para a construção social da realidade. Admite-se, na literatura especializada, que a mídia



adquiriu papel central na construção de representações do real e, assim, na articulação das significações dominantes nos vários setores de nossa sociedade.

É, desde já, oportuno considerar que, na práxis jornalística, essa construção acontece a partir de diferentes mecanismos e rotinas de produção, desde a organização temática dos textos no jornal, seleção de palavras, escolha dos assuntos em destaques, definição das fontes, utilização de releases ou divulgações oficiais, entre outros.

O objetivo deste estudo é refletir sobre a construção social da realidade a partir de divulgações oficiais sobre a Segurança Pública Municipal de Canoas. Para tal, primeiro, realizar-se-á uma discussão teórica sobre o tema, partindo dos postulados sobre a construção social da realidade de Bourdieu (1996) sobre as teorias de comunicação de massa, como *newsmaking* e *agenda-setting*. Em seguida, realizar-se-á uma análise das publicações oficiais da Secretaria Municipal de Segurança Pública da Prefeitura de Canoas (RS) e reproduzidas nos veículos de comunicação locais. O *corpus* de pesquisa compreende os releases e as matérias produzidas no mês de março de 2021. A pesquisa buscará, então, indicar a forma pela qual os veículos de comunicação locais abordam o assunto e, portanto, criam representações sobre a segurança pública, sobre a criminalidade e sobre o enfrentamento ao crime na cidade de Canoas, que, ao longo do tempo, são tomadas como a própria realidade.

## 2 MODELOS LINGUÍSTICOS DE PRODUÇÃO, CONSTRUÇÃO E REPRODUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE

O ponto de partida das reflexões desta pesquisa sobre a construção social da realidade, a partir das representações formadas pela reprodução de publicações oficiais realizada por veículos de comunicação, encontra respaldo teórico-prático na Teoria dos Campos e no conceito de *habitus*, postulados por Pierre Bourdieu (1966), que afirma que o poder das palavras reside na legitimidade e na autorização (atos de autoridade) que o porta-voz tem em relação a outros atores sociais.

Este poder conferido está diretamente relacionado ao capital simbólico, seja de um indivíduo, de uma instituição ou de um setor da sociedade, como igrejas, veículos de comunicação, sindicatos, grupos organizados, entre outros. Desta forma, “um enunciado performativo está condenado ao fracasso quando pronunciado por alguém que não disponha do “poder” de pronunciá-lo” (BOURDIEU, 1996, p. 89).



O autor explica que o sucesso de um ato de autoridade está subordinado a um conjunto de condições que compõem os rituais sociais, sobretudo, as propriedades do discurso, daquele que o pronuncia e as propriedades da instituição que o autoriza a pronunciá-lo. Portanto, não basta que um enunciado seja compreendido, é preciso que ele seja reconhecido. Em relação à natureza social dos enunciados, da fala e da língua, Orlandi (1983) reitera ser indissolúvelmente vinculada às estruturas sociais.

Na esteira desse entendimento, articulando com nosso objeto de pesquisa, Brait (2005) reforça que o conjunto de palavras utilizado no jornalismo indica uma forma de fazer notícia, ou seja, que ultrapassa os acontecimentos e reitera para o público uma determinada posição diante dos fatos. Isso acontece devido às escolhas das palavras, das imagens, da construção da frase, da escolha dos sujeitos da narrativa, pela ordem enunciativa dessas pessoas, pelo destaque de alguns atores sociais e o conseqüente silenciamento de outros.

A partir dos autores supracitados, é possível compreender que, no caso da esfera jornalística, os enunciados revelam mais que o fato noticioso. Indicam, sobretudo, uma construção discursiva que oferece determinado sentido ao que se quer dizer, contribuindo na construção social da realidade e sua conseqüente reprodução. Para Bourdieu (1996), uma das conseqüências disso é a luta pelo monopólio do poder de fazer ver e de fazer crer, de impor uma definição do mundo social e de uma apropriação das narrativas, sobretudo, nos *media*.

Ao fazer mirada para as teorias da mídia, para os paradigmas sobre os efeitos midiáticos e para as tendências atuais da *communication research*, dois temas dominam o campo da comunicação. De um lado, a questão dos efeitos da mídia e, de outro, o problema de como estes constroem a realidade social (WOLF, 2008). De acordo com o autor, nas mudanças teóricas e conceituais sobre os efeitos dos *media*, conquistou-se a consciência de que o comportamento das pessoas não é influenciado diretamente pelo conteúdo midiático, mas sim, tendem a influenciar o modo como os indivíduos organizam a imagem do ambiente em longo prazo. Logo, não se fala mais em efeitos pontuais em relação à exposição a cada mensagem, mas em efeitos cumulativos.

Em relação às novas pesquisas sobre os efeitos da mídia e à construção social da realidade, destaca-se a teoria do *newsmaking* e a hipótese da *agenda-setting*. Ambas proporcionam aos pesquisadores um aporte teórico para a estruturação de um caminho crítico e analítico, possibilitando uma melhor compreensão do tema aqui proposto, do objeto em análise e dos resultados a aferir.



A teoria do *newsmaking* se apropria das práticas unificadas na produção de notícias, uma vez que, diante da eventualidade e da profusão de acontecimentos públicos passíveis de divulgação, os veículos de comunicação necessitam determinar um planejamento produtivo a partir de certas rotinas, processos e práticas (*habitus*) concretizadas para tal (WOLF, 2008). Entre as hipóteses do *newsmaking* está o entendimento de que as notícias não refletem a realidade, mas ajudam a construí-la, tendo, dentre seus elementos fundamentais a noticiabilidade (valores-notícia), constrangimentos organizacionais, construção da audiência e rotinas de produção<sup>1</sup>.

Já a hipótese da *agenda-setting* (Maxwell McCombs e Donald L. Shaw) instiga a pensar que os meios de comunicação de massa podem pautar a sociedade sobre determinados assuntos, especialmente por meio do fluxo contínuo e ampla repercussão de informações. A *agenda-setting* não sustenta que a mídia tenta persuadir o seu público<sup>2</sup>, mas que apresenta a ele uma lista de fatos a respeito dos quais se pode ter uma opinião e discutir (WOLF, 2008).

Portanto, como consequência, o público seria consciente ou ignorante sobre determinados assuntos, enfatizando e negligenciando determinados fatos e acontecimentos sociais. Em síntese, segundo Wolf (2008), a hipótese defende que a imprensa pode não dizer às pessoas o que e como pensar, mas é capaz de determinar sobre quais temas pensar, visto a visibilidade e a exposição de determinados assuntos na esfera midiática, contribuindo na construção da imagem de instituições, pessoas e de demais atores sociais.

Assim, contextualizada a revisão teórica, parte-se para a análise empírica de como as notícias oficiais e sua reprodução contribuem para a construção social da realidade, focado o recorte na segurança pública no município de Canoas.

### 3 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE A PARTIR DAS NOTÍCIAS OFICIAIS E REPRODUÇÃO NOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO

A escolha deste objeto de estudo recai sobre o fato de que a Segurança Pública é um dos assuntos mais caros à população e uma das principais áreas de atuação de uma administração

---

<sup>1</sup> Alude Wolf (2008) que a noticiabilidade, que é o que importa para a compreensão deste estudo, é o conjunto de elementos através dos quais um veículo de comunicação controla e gere a quantidade de acontecimentos, dentre os quais são selecionados alguns fatos para produzir as notícias. A partir desses critérios de escolha surgem os valores-notícia. Nesse contexto, é justificável compreender quais acontecimentos são relevantes para serem incluídos na rotina de produção de um veículo de comunicação.

<sup>2</sup> No dizer de Budó (2008), pela sociologia dos emissores, considerado a hipótese da *agenda-setting*, os mass media não conseguem produzir efeitos diretos no sentido de determinar a ação e pensamento das pessoas, mas sim de direcionar os assuntos sobre os quais eles o farão.



pública, sobretudo, em cidades de grande e médio porte. Assim, a pesquisa busca indicar o ponto de entrada e a forma pela qual os veículos de comunicação locais abordam o assunto e, portanto, criam representações sobre a segurança pública, sobre a criminalidade e sobre o enfrentamento ao crime na cidade de Canoas, que, ao longo do tempo, são tomadas como a própria realidade.

Quanto aos procedimentos de investigação para atingir os objetivos propostos, utiliza-se a análise de conteúdo proposto por Bardin (2011), que passa pelas três fases da análise de conteúdo<sup>3</sup>. Portanto, (a) a separação das notícias oficiais publicadas no site da Prefeitura de Canoas no mês de março de 2021; seguindo na (b) análise quantitativa e qualitativa de notícias produzidas, para, ao final (c), analisar/tratar a reprodução delas nos principais veículos de comunicação locais<sup>4</sup>, a saber, o jornal Diário de Canoas<sup>5</sup>, o portal Agência GBC<sup>6</sup> e a UlbraTV<sup>7</sup>.

Ao todo, foram lançadas e divulgadas 27 pautas sobre a Segurança Pública no site oficial da Prefeitura de Canoas, cujos *releases* foram distribuídos para a imprensa local e regional. Para esta análise, as matérias foram separadas em quatro categorias, como ensina Bardin (2011): 1) fiscalização para o cumprimento dos protocolos sanitários de prevenção à Covid-19, totalizando 14 *releases*; 2) atuação da Guarda Municipal, compreendendo cinco matérias<sup>8</sup>; 3) atuação do Procon<sup>9</sup>, com três *releases*; e 4) gerais da Segurança Pública, com cinco pautas<sup>10</sup>.

A categoria com maior repercussão foi a atuação da Guarda Municipal, pois todas as cinco matérias foram reproduzidas pelo Diário de Canoas e pela Agência GBC. Dentre elas, apenas uma na UlbraTV. Já na categoria com maior número de *releases*, a de fiscalização, o Diário de Canoas reproduziu seis matérias, a GBC veiculou três e a UlbraTV, uma<sup>11</sup>. As outras duas categorias (Procon e gerais da Segurança Pública) não tiveram repercussão significativa, pois o Diário de Canoas veiculou três matérias e a GBC, uma. Portanto, entre as matérias locais

<sup>3</sup> São fases elencadas por Bardin (2011): 1) Pré-análise, quando se explorou o acervo das publicações oficiais e foi realizada a revisão da literatura. 2) A exploração do material, a segunda fase foi realizada quando as publicações oficiais reproduzidas nos veículos de comunicação locais foram descritas. 3) Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, fase que se deu na análise e apresentação dos resultados.

<sup>4</sup> Em relação aos veículos, a GBC possui uma editoria de Polícia, entre as de Coronavírus e Política. Já o Diário de Canoas não possui editoria específica sobre o assunto.

<sup>5</sup> Site: <https://diariodecanoas.com.br/>.

<sup>6</sup> Site: <https://agenciagbc.com/>.

<sup>7</sup> Site <http://www.ulbratv.com.br/> e Canais 48.1 (TV Digital) e 21 (NET TV POA).

<sup>8</sup> Os temas foram: prisão por furto de cabos; treinamento da Guarda Municipal; detenção de um homem por ameaça; prisão de dois homens foragidos;

<sup>9</sup> No caso de Canoas, o Procon é vinculado à Secretaria Municipal de Segurança Pública.

<sup>10</sup> Os temas foram: queda nos índices de criminalidade; ação de enfrentamento ao crime em condomínios populares; recuperação de câmeras de videomonitoramento; esclarecimento de *fake news* e reunião entre representantes da Segurança Pública e da Polícia Civil.

<sup>11</sup> A notícia com maior repercussão nessa categoria foi a interdição de uma festa clandestina e na dispersão das pessoas que estavam no local, desrespeitando as regras de prevenção à Covid-19.



de maior repercussão no que se refere à Segurança Pública estão as que envolvem a atuação ostensiva da Guarda Municipal, como a prisão de criminosos.

A partir dessa constatação e do arcabouço teórico apresentado sobre a construção da realidade, pode-se ponderar que o parâmetro que chega à sociedade é o que é produzido pelo sistema oficial. Mesmo que fossem agregados outros parâmetros de análise, não coletados e apreciados neste estudo, como as notícias geradas a partir da atuação da Polícia Civil e da Brigada Militar, órgãos de segurança pública do Estado do Rio Grande do Sul, a conclusão não poderia ser finalizada de modo diferente, já que as reproduções dos fatos criminais carregam sempre consigo uma fala oficial, oriunda de um dos membros oficiais e superiores da Segurança Pública de Canoas.

A notícia atinente à segurança pública, tal qual relativa a outros temas, é determinada por uma série de escolhas e seleções feitas com bases e normas organizacionais. No caso em estudo, pautas sistêmicas de justificação do sistema e relato do desenvolvimento do trabalho voltado à “segurança pública”. Esse parâmetro de notícia ajuda, portanto, a construir a realidade social da segurança pública de Canoas e não a espelhar, necessariamente, o contexto a partir do social: ao descrever um acontecimento de “segurança pública”, a notícia (oficial) define e dá forma a ele (BUDÓ, 2008, p. 74), usando como metodologia a observação de rotinas produtivas dos *mass media*. Sua leitura e reprodução social acaba por confirmar a construção social pretendida pelo sistema vigente.

Não se pretende, com isso, estabelecer raciocínio sobre os campos “verdadeiro” e “falso”, cujas óticas são pautadas, no campo administrativo-político, ideologicamente e por interesses. Por outro lado, tal análise renderia (neste momento, por inferência) resultados importantes do ponto de vista sociológico.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Efeitos em certa medida latentes, implícitos no modo como determinadas distorções na produção das notícias se reverberam no patrimônio cognitivo dos destinatários: não existem palavras inocentes!

O simbolismo da construção social da realidade a partir de elementos oficiais é uma constante da metodologia de produção e reprodução de notícias, influenciando a percepção e reprodução de “realidades”. No caso de temas advindos do contexto oficial, simplesmente



reproduzidas pelos meios de comunicação, o simbolismo da asseveração da burocracia estatal e (a)firmção de seu poder perante o contexto social é sinônimo de manutenção do *status quo*. As publicações oficiais que pautam/agendam os veículos de comunicação quando o assunto é Segurança Pública são representações (construídas e) que são tomadas como reais a partir de um tempo e espaço.

O trabalho pautou-se em dois momentos distintos: primeiro, com (a) a revisão teórica sobre como se perfaz a construção social da realidade a partir dos modelos linguísticos de reprodução do sistema e burocracia estatal e dos postulados firmados por Bourdieu (1996), e (b) com a abordagem de teorias de comunicação de massa (*newsmaking* e *agenda-setting*); segundo, com a análise das publicações oficiais da Secretaria Municipal de Segurança Pública da Prefeitura de Canoas (RS) e reproduzidas nos veículos de comunicação locais.

Apurou-se que há reprodução sistemática das notícias produzidas oficialmente pelos veículos de comunicação social, e, pela análise de conteúdo, um emprego completo do conteúdo e linguagem, com descarte eventual e pontual de informações, em razão do conteúdo editorial. A abordagem a partir do conteúdo oficial, do ponto de vista jornalístico, torna o conteúdo crível e verossímil, porém sem se atentar, necessariamente ao efeito natural da construção da realidade sobre o fato e circunstâncias narradas.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BUDÓ, Marília De Nardin. **Da Construção Social da Criminalidade à Reprodução da Violência Estrutural: os conflitos agrários no jornal**. Dissertação de Mestrado em Direito, UFSC, Florianópolis, 2008.

BRAIT, Beth. (org.). Bakhtin: Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Editora da USP, 1996.

MCCOMBS, Maxwell. Diálogos Midiológicos. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v.31, n.2, jul./dez. 2008, p. 203-221.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**. As formas de discurso. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SHAW, Eugene. Agenda-Setting and Mass Communication Theory. **International Communication Gazette**, May, 1979.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.





## A REPRESENTAÇÃO POLONESA NO ROMANCE DE LETICIA WIERZCHOWSKI: *O MENINO QUE COMEU UMA BIBLIOTECA* A PARTIR DA TEORIA SOCIOLINGUÍSTICA

THE POLISH REPRESENTATION IN THE ROMANCE OF LETICIA WIERZCHOWSKI:  
*O MENINO QUE COMEU UMA BIBLIOTECA* FROM SOCIOLINGUISTIC THEORY

Edemilson Antônio Brambilla

Universidade de Passo Fundo

**Resumo:** Este estudo possui como objetivo analisar os mecanismos sociolinguísticos presentes na narrativa construída por Leticia Wierzchowski em *O menino que comeu uma biblioteca*, uma vez que, nesta obra, a autora parte de uma realidade vivenciada pelos poloneses durante os anos da Segunda Guerra Mundial, para construir uma narrativa ficcional onde há uma mescla da língua portuguesa com traços linguísticos provenientes da oralidade e da cultura polonesa. Isso ocorre, ao longo da narrativa, principalmente através da utilização de termos ou expressões ligadas ao contexto desse grupo social, e servem para demarcar as diferenças linguísticas oriundas da relação entre sujeitos que estão enraizados em espaços sociais distintos, representando, assim, a etnia polonesa e os desafios enfrentados por estes imigrantes durante os conturbados anos do século XX.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Imigração polonesa. Segunda Guerra Mundial. Leticia Wierzchowski.

**Abstract:** This study aims to analyze the sociolinguistic mechanisms present in the narrative constructed by Leticia Wierzchowski in *O Menino Que Comeu Uma Biblioteca*, since, in this work, the author starts from a reality experienced by Poles during the years of World War II, to build a fictional narrative where there is a mixture of the Portuguese language with linguistic traces from Polish orality and culture. This occurs, throughout the narrative, mainly through the use of terms or expressions linked to the context of this social group, and they serve to demarcate the linguistic differences arising from the relationship between subjects who are rooted in different social spaces, thus representing the Polish ethnicity and the challenges faced by these immigrants during the troubled years of the 20th century.

**Palavras-chave:** Sociolinguistics. Polish immigration. Second World War. Leticia Wierzchowski.

### 1 INTRODUÇÃO

Os estudos oriundos da Sociolinguística possuem como objeto a língua falada ou sinalizada, em situações reais de uso, sendo então observada, descrita e analisada em seu círculo social. Para tanto, parte-se de uma comunidade linguística, que interage verbalmente, compartilhando certo conjunto de normas linguísticas comuns a seus participantes. Entretanto, não podemos pensar que essa comunidade seja constituída apenas por indivíduos que falam do mesmo modo, já que, do contrário, são comunidades formadas por sujeitos que expressam-se



com suas características próprias, e que compartilham, para tanto, de um mesmo conjunto de regras linguísticas. Nesse sentido, conforme Bagno (2007, p. 22):

[...] se a sociolinguística tem um papel a desempenhar na educação linguística dos cidadãos brasileiros, esse papel é de reconhecimento da heterogeneidade intrínseca da sociedade brasileira e, portanto, da inescapável heterogeneidade da nossa realidade linguística.

Para Alkmim (2012), essas variações linguísticas são as diferentes formas de falar oriundas de uma comunidade linguística e, dentre os seus diversos tipos, podem ser classificadas como: diatópicas, que referem-se a diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, e que podem ser observadas entre falantes de origens geográficas distintas; diastráticas, que estão vinculadas aos aspectos socioculturais de determinada sociedade e também à identidade social dos falantes de determinado grupo; e, por último, as diafásicas, que referem-se à adequação da linguagem de acordo com o contexto em que o interlocutor está inserido, fazendo com que este alterne entre uma fala formal e uma fala informal.

Este estudo, de um modo especial, volta-se à análise da presença diatópica em textos literários, uma vez que, não raro são os exemplos onde grupos sociais distintos geograficamente são representados em uma construção narrativa, e tais distinções podem ser percebidas através do aspecto linguístico inerente aos enunciados de seus personagens. Nesse sentido, temos como objetivo analisar os mecanismos sociolinguísticos presentes na narrativa construída por Leticia Wierzchowski em *O menino que comeu uma biblioteca* (2018). A autora parte de uma realidade vivenciada pelos poloneses durante os anos da Segunda Guerra Mundial, para construir uma narrativa ficcional onde há uma mescla da língua portuguesa com traços linguísticos provenientes da oralidade e da cultura polonesa. Isso se dá, de modo especial, por meio de termos ou expressões ligadas ao contexto desse grupo social, e servem para demarcar as diferenças linguísticas oriundas da relação entre sujeitos que estão enraizados em espaços sociais distintos, e representa, de um modo geral, a etnia polonesa e os desafios enfrentados por estes imigrantes durante os conturbados anos do século XX.

## 2 A IMIGRAÇÃO POLONESA E A OBRA FICCIONAL DE LETICIA WIERZCHOWSKI

A imigração polonesa para território brasileiro, em especial para regiões como o Rio Grande do Sul e o Paraná, tornou-se uma constante durante os séculos XIX e XX,



principalmente após a intensificação das perseguições a estes durante àqueles anos, culminando nos horrores por eles vivenciados durante os anos da Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, segundo a pesquisadora Zilá Bernd (2013, p. 12):

A imigração polonesa no Brasil inicia em 1841 e vai até 1971, sendo que cerca de 40% dos imigrantes destinaram-se ao Paraná e em torno de 38% ao Rio Grande do Sul. A maioria era composta por imigrantes católicos, havendo alguns poloneses de crença judaica que se destinaram, sobretudo, a São Paulo.

De acordo com Regina Weber (2008, p. 320), no Rio Grande do Sul do século XX, alemães, italianos e poloneses, que ocuparam lotes de colonização no norte do estado, a partir do século XIX, passaram a compor uma tríade aos olhos daqueles que já estavam aqui e que não possuíam muita disposição para distinguir as diferentes procedências regionais, a frequente divergência entre passaporte e identidade, as diferenças entre a imigração urbana e a rural e o significado da história pregressa dos imigrantes. No senso comum rio-grandense, os poloneses passaram a ser vistos pela comparação com os seus pares, os alemães e italianos, e os países de origem contavam pelo poderio das nações no presente e pelos laços contemporâneos que esses países mantinham com o Brasil.

A obra ficcional de Leticia Wierzchowski é, segundo Bernd (2013), pioneira na tentativa de representar este cenário imigratório para o Estado do Rio Grande do Sul. Ao valer-se de uma vasta pesquisa bibliográfica, associada ao exercício memorialístico carregado de tons autobiográficos, e complementado pelo exercício ficcional da romancista, Leticia Wierzchowski retrata a presença étnica e cultural do povo polonês no cenário rio-grandense, especialmente os que, assim como o avô, encontraram nessa nova realidade a possibilidade de reconstruir a vida marcada pelas dificuldades encontradas durante a guerra.

Essa tarefa da qual se ocupa Leticia Wierzchowski em sua construção ficcional, parece oscilar, de acordo com Regina Weber (2008, p. 321), entre as funções exercidas por um historiador e o papel delegado à ficção oriunda de um romancista, já que, tais obras representam tanto as liberdades do escritor de imaginar os pensamentos e os diálogos dos personagens, de descrever as emoções humanas de alegria, tristeza, medo, angústia e desejos, quanto a busca, o recolhimento, a tradução e interpretação dos documentos públicos e privados, tarefa delegada ao historiador. Somasse a isso a intensa pesquisa de contextos históricos locais e mundiais: a Polônia da primeira metade do século XX, a Segunda Guerra Mundial, as levas emigratórias,



os núcleos de imigrantes no Rio Grande do Sul, o mercado de trabalho fabril de Porto Alegre, a vida associativa de imigrantes poloneses.

A respeito dessa proximidade com a temática polonesa, Leticia Wierzchowski (2018, p.279) afirma:

Há um escaninho na minha ficção onde eu guardo as histórias de temática polonesa. Meu avô, Jan Wierzchowski, que emigrou da Polônia em 1936, foi, de fato, o primeiro personagem que eu conheci. Por causa de Jan e das histórias que contava, ou que contavam sobre ele, nasceu esta minha vontade de fabular.

Portanto, a relação de Leticia com a temática é marcadamente carregada por esse caráter afetivo, e a criação de sua ficção possui, entre algumas de suas obras, pontos que se interligam, fazendo com que características de uma obra também apareçam em outra, permeando o imaginário da escritora, a saber: os traumas de guerra vividos pelos poloneses; os desafios da imigração ao tentar fugir do cenário de guerra; as perdas e a desestabilização familiar em decorrência das ações da guerra; o avô que fora soldado durante a Segunda Guerra Mundial – o personagem Jan aparece em romances como *Uma ponte para Terebin*, e *Os Getka*; referências explícitas à língua polonesa, seja por meio de expressões populares, nomes de personagens, ou questões históricas vivenciadas por esse grupo.

Nesse sentido, na seção subsequente, analisamos os reflexos linguísticos ligados à comunidade polonesa expressos na obra *O menino que comeu uma biblioteca*, com o intuito de compreender de que modo essa abordagem caracteriza os personagens e faz com que a autora aproxime seu leitor dos aspectos socioculturais desse grupo social narrado.

### **3 ANÁLISE DE *O MENINO QUE COMEU UMA BIBLIOTECA* SOB A ÓTICA SOCIOLINGUÍSTICA**

Lançado no ano de 2018, pela editora Bertrand Brasil, a narrativa de *O menino que comeu uma biblioteca* pertence a uma série de obras escritas por Leticia Wierzchowski que abordam, mesmo que implicitamente, a temática polonesa e a realidade vivenciada por eles durante os anos da Segunda Guerra Mundial. Em *O menino que comeu uma biblioteca*, temos o retrato da história de Jósik Tatar e de Eva. Ele, uma criança polonesa que esteve exposta aos horrores da Segunda Guerra Mundial, enquanto ela, uma jovem que vivia em uma estância no interior do Uruguai, e acompanhava a realidade enfrentada pelo jovem Jósik através das cartas de tarô de sua avó Florência. Narrada sob a ótica de Eva, as vivências do menino Jósik, e, do mesmo



modo, de milhares de poloneses durante os anos da Segunda Guerra são amplamente retratadas na obra de Leticia Wierzchowski.

O texto compreende as décadas de 1930, ao retratar a ascensão dos ideais nazistas na Europa, até a década de 1950, período em que Jósik Tatar busca começar uma nova vida no Uruguai, com o intuito de fugir dos horrores vivenciados durante a Segunda Guerra Mundial, e acaba, desse modo, conhecendo Eva, que há décadas o acompanhava à distância através das cartas de tarô de sua avó. Por meio da narrativa de Eva, o texto não busca ser linear na apresentação dos fatos, mas descrever como duas realidades bastante distintas uma da outra, a do menino Jósik e a de Eva, tomariam caminhos que acabariam por aproximar ambos os personagens.

Conforme postulado na seção anterior, uma importante abordagem da temática polonesa por parte da Leticia Wierzchowski são os usos dos recursos linguísticos oriundos da própria construção cultural de tais sujeitos. Isso é alcançado especialmente por meio de palavras específicas da língua polonesa, que passam a fazer parte da construção ficcional da romancista ao referir-se a nomes de pessoas ou coisas, a saber: *hitlerowcy* (nazistas), *szwaby* (maneira pejorativa de referir-se aos nazistas, usada principalmente na oralidade), *táta* (papai), *máma* (mamãe), *mój boze* (meu Deus), *mój syn* (meu filho), *złoty* (moeda polonesa), *kochana* (querida), *Jeden, dwa, trzy* (um, dois, três), *wakacje* (feriado), *barszcz* (sopa de beterraba). Vejamos alguns trechos onde esses usos ficam evidentes:

“Vai ao mercado, *mamá?*”, perguntou ele, cheio de sono, enrolado numa manta de lã. “*Mój syn*, vou comprar carne. Precisamos de um pouco de carne para umas almôndegas; você está tão fraco, tão magrinho, meu pobre querido!”. Ele viu a mãe enfiando no bolso do casaco um anel cuja pedra reluziu sob a luz fraca do lampião. “É para a carne, *máma?*”, perguntou. Já entendia daqueles negócios que iam levando da gaveta de Flora, uma a uma, as coisas que ela amava (WIERZCHOWSKI, 2018, p. 98).

Cumpramos destacar também que, por conta da busca, por parte da autora, em proporcionar uma proximidade maior entre o leitor e esse imaginário social, os costumeiros nomes dos personagens são, em grande parte da narrativa, substituídos por termos da oralidade polonesa, bastante próximos da informalidade e da representação desse grupo social específico, distinguindo-o de qualquer outro. Vejamos outro exemplo onde a referência linguística ao idioma polonês pode ser evidenciada, desta vez, com termos bastante comuns ao cotidiano:



A possibilidade de conseguir documentos falsos era-lhe assustadora e, ao mesmo tempo, um farol de esperança. Vinha negociando-os havia vários dias, *zloty* por *zloty*. Custavam caro, mas seriam a sua liberdade e a do filho. Já tinha vendido o moderno rádio de Michael para juntar dinheiro. “*Mój Boze*”, pensava ela, “Deus me ajudará!” (WIERZCHOWSKI, 2018, p. 99).

Essas referências parecem carregar, mesmo que implicitamente, uma importante carga afetiva, bastante ligada ao contexto e aos seus falantes, por exemplo, quando mãe e filho dialogam fazendo uso de termos carinhosos como forma de tratamento. Nesse sentido, é importante que compreendamos que a língua não muda somente do ponto de vista geográfico, de um país para outro, de uma região para outra, mas ela muda também de acordo com quem enuncia. Nesse sentido, conforme Bagno (2006, p. 19):

A língua também fica diferente quando é falada por um homem ou por uma mulher, por uma criança ou por um adulto, por uma pessoa alfabetizada ou por uma não-alfabetizada, por uma pessoa de classe alta ou por uma pessoa de classe média ou baixa, por um morador da cidade e por um morador do campo e assim por diante. Temos então, ao lado das variedades geográficas, outros tipos de variedades: de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais etc.

Em determinado momento, a autora também vale-se de referências intertextuais com a poesia de autoria polonesa, a fim de estreitar ainda mais as questões culturais da Polônia com o leitor de sua narrativa ficcional, vejamos:

Diante de mim, a voz de Jósik eleva-se em alto e bom polonês: “Kie-dy wy-ma-wiam sło-wo Przy-szłość, pierw-sza sy-la-ba od-cho-dzi już do prze-szło-ści. Kie-dy wy-ma-wiam sło-wo Ci-sza, nisz-czę ją. Kie-dy wy-ma-wiam sło-wo Nic, stwa-rzam co, co nie mie-ści się w żad-nym nie-by-cie”. E alcança o avô Michael, onde quer que ele esteja (WIERZCHOWSKI, 2018, p. 82).

A própria autora nos fornece a tradução do poema de Wislawa Szymborska em uma nota de rodapé:

Quando pronuncio a palavra Futuro, a primeira sílaba já se perde no passado. Quando pronuncio a palavra Silêncio, suprimo-o. Quando pronuncio a palavra Nada, crio algo que não cabe em nenhum não ser. Tradução livre do poema de Wislawa Szymborska (N. da A.) (WIERZCHOWSKI, 2018, p. 82).

As escolhas da autora parecem representar importantes aspectos sociolinguísticos do grupo representado, retratando, de um modo especial, a língua em seu uso, por meio de práticas enunciativas cotidianas, tanto por parte do narrador, quanto por parte de seus personagens. Ainda é importante salientar que, na narrativa criada por Leticia Wierzchowski, algumas palavras da língua polonesa são utilizadas com sua grafia diferente da usada no discurso oficial,



como o que ocorre com a palavra *babka* (avó), onde Leticia altera a grafia para *badka*, possivelmente influenciada por seu uso na oralidade polonesa. Foge aos limites desse trabalho compreender detalhadamente os motivos que levaram Leticia Wierzchowski a fazer tal alteração no signo linguístico, mas o que parece estar implícito é que, conforme afirma Bagno (2006, p. 172-173), “a língua não é um bloco compacto, homogêneo, parado no tempo e no espaço, mas sim um universo complexo, rico, dinâmico e heterogêneo” que, por isso, está em constante transformação, ligada sempre às ações de seu interlocutor, e ao contexto social em que este se insere.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não buscamos, através desta breve análise, descrever detalhadamente os usos da língua polonesa feitos na obra da escritora sul-rio-grandense Leticia Wierzchowski. Nosso intuito é lançar luz a questões que nortearão um trabalho futuro a esse respeito, sendo importante salientar que essas referências aos aspectos linguísticos do idioma polonês não se restringem à referida obra, mas estão presentes também nas demais narrativas que abordam a temática polonesa, figurando, assim, como um percurso estético na escrita de Leticia.

Ainda que as referências presentes na literatura de Leticia Wierzchowski não expressem de modo totalizante os fenômenos que ocorrem na língua representada, são questões geográficas, sociais e culturais que parecem delinear seu uso dentro da obra ficcional em questão, especialmente por serem apresentadas em situações cotidianas de uso, e ligadas a um contexto sócio-histórico específico.

#### REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. M. Sociolinguística Parte I. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Org.).

**Introdução à linguística: domínios e fronteiras.** Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2012. p. 23-50.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália:** novela sociolinguística. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BERND, Zilá. “Retraçando a memória da imigração polonesa no Rio Grande do Sul: uma leitura da obra de Leticia Wierzchowski a partir dos rastros”. In: \_\_\_\_\_. **Por uma estética dos**



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

**vestígios memoriais:** releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p. 111-125.

WEBER, Regina. “Uma ponte para Terebin”. **Métis: história & cultura**. v. 7, n. 13, p. 319-322, jan./jun. 2008. Disponível em:  
<<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/707/513>>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

WIERZCHOWSKI, Leticia. **O menino que comeu uma biblioteca**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

WIERZCHOWSKI, Leticia. **Os Getka**. Rio de Janeiro: Record, 2010. Disponível em:  
<<https://docero.com.br/doc/xv5xv0>>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

WIERZCHOWSKI, Leticia. **Uma ponte para Terebin**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.





## PSICODELIA, CONTRACULTURA E REPRESSÃO: A BANDA MÓDULO 1000 E A CENA MUSICAL ROQUEIRA DA DÉCADA DE 1970

PSYCHEDELIA, COUNTERCULTURE AND REPRESSION: THE BAND MÓDULO 1000  
AND THE ROCK MUSIC SCENE OF THE 1970S

Alexandre Saggiorato; Edemilson Antônio Brambilla

Universidade de Passo Fundo

**Resumo:** Este trabalho possui como objetivo analisar a trajetória da banda de rock Módulo 1000 e sua relação com a contracultura brasileira da década de 1970. Em suas produções musicais, ficam evidentes tanto o experimentalismo sonoro quanto a poética transgressora e contestatória assumida em suas letras de músicas. Isso se deve, em grande medida, ao posicionamento rebelde e contestador assumido por esses jovens diante do conturbado cenário político e social brasileiro da década de 1970, especialmente com relação aos ideais conservadores oriundos da ditadura civil-militar brasileira, e das convenções sociais vigentes. Alinhados a contracultura que aos poucos emergia no país, os integrantes da banda Módulo 1000 valeram-se de suas criações musicais para manifestar essa insatisfação com essas esferas dominantes no cenário nacional.

**Palavras-chave:** Contracultura. Repressão. Psicodelia. Módulo 1000.

**Abstract:** This work aims to analyze the trajectory of the rock band Modulo 1000 and its relationship with the Brazilian counterculture of the 1970s. In his musical productions, both the sound experimentalism and the transgressive and contestative poetics assumed in his lyrics are evident. This happened, to a large extent, to the rebellious and challenging position taken by these young people in the face of the troubled Brazilian political and social scenario of the 1970s, especially in relation to the conservative ideals arising from the Brazilian civil-military dictatorship, and the current social conventions together with the countercultural movement that was gradually emerging in the country, the members of the band Módulo 1000 used their musical creations to express their dissatisfaction with these dominant spheres on the national scene.

**Keywords:** Counterculture; Repression; Psychedelia; Modulo 1000.

### 1 INTRODUÇÃO

As décadas de 1960 e 1970 presenciaram o surgimento, especialmente nos principais centros urbanos do país, como o eixo Rio-São Paulo, de ideais rebeldes e transgressores da ordem vigente. Oriunda dos Estados Unidos e de alguns países da Europa, a contracultura foi capaz de congrega em torno de si grupos de jovens profundamente insatisfeitos com as questões políticas, sociais e culturais daqueles anos. A reação mais imediata foi a repulsa à cultura de massa e aos padrões conservadores impostos pela cultura dominante.



Na interpretação de Pereira (1986), de um lado, o termo "contracultura" pode se referir ao conjunto de movimentos de rebelião da juventude que marcaram os anos 60: o movimento *hippie*, a música rock, uma certa movimentação nas universidades, viagens de mochila, drogas e assim por diante. Trata-se, então, de um fenômeno datado e situado historicamente e que, embora muito próximo de nós, já faz parte do passado. De outro lado, o mesmo termo pode também se referir a alguma coisa mais geral, mais abstrata, um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às forças mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. Um tipo de crítica anárquica – esta parece ser a palavra-chave – que, de certa maneira, “rompe com as regras do jogo” em termos de modo de se fazer oposição a uma determinada situação. Uma contracultura, entendida assim, reaparece de tempos em tempos, em diferentes épocas e situações, e costuma ter um papel fortemente revigorador da crítica social.

Como se percebe, a música, especialmente o rock, gênero que aos poucos ganhava espaço nesse cenário, foi um dos principais catalizadores desses ideais contraculturais. No cenário brasileiro, a contracultura encontrou grande resistência, principalmente, por parte das elites conservadoras que comandavam o país à época, por meio de uma ditadura civil-militar que se estendeu entre os anos de 1964 e 1985. Apesar dessas dificuldades impostas pelas classes mais conservadoras, a emergência das bandas de rock brasileiras foi de fundamental importância para fazer frente aos ideais conservadores oriundos dos padrões sociais, e isso pode ser evidenciado nas criações musicais desses grupos, dentre os quais podemos destacar: Os Mutantes, Secos & Molhados, O Terço, Casa das Máquinas, e Módulo 1000.

Este trabalho, de um modo mais específico, possui como objetivo analisar a trajetória da banda de rock Módulo 1000 e sua relação com o movimento contracultural brasileiro da década de 1970. Nas suas produções musicais, ficam evidentes tanto o experimentalismo sonoro quanto a poética transgressora e contestatória assumida em suas letras de músicas. Isso se deve, em grande medida, ao posicionamento rebelde e contestador assumido por esses jovens diante do conturbado cenário político e social brasileiro da década de 1970, especialmente com relação aos ideais conservadores oriundos da ditadura civil-militar brasileira, e das convenções sociais vigentes. Alinhados ao movimento contracultural que aos poucos emergia no país, os integrantes da banda Módulo 1000 valeram-se de suas criações musicais para manifestar essa insatisfação com essas esferas dominantes no cenário nacional.



## 2 REFLEXOS DA CONTRACULTURA NAS PRODUÇÕES MUSICAIS DA BANDA MÓDULO 1000

A segunda metade do século XX presenciou o florescimento de uma série de transformações culturais que influenciaram diretamente toda a atividade artística e os meios de comunicação do período. No cenário brasileiro, as artistas e bandas que despontaram em meio a este cenário passaram a integrar um amplo circuito de atividades e eventos culturais, como, por exemplo, festivais musicais, “circuitos de bailes”, programas televisivos e radiofônicos. As bandas de rock emergentes nesse período, por sua vez, estiveram intimamente ligadas a esse cenário, uma vez que, se o trabalho autoral com o gênero era de difícil circulação nos principais meios de comunicação do país, restava a esses músicos adaptar-se aos cenários supracitados.

A trajetória da banda carioca Módulo 1000, por sua vez, deriva desse cenário cultural, uma vez que, durante a década de 1960, seus principais integrantes, Daniel Cardona Romani (guitarra e voz) e Eduardo Leal (contrabaixo) e Candinho (bateria), integravam bandas covers como *Os Quem*, *Os Escorpiões* e *Código 20*, voltadas ao circuito de bailes e festas em clubes do Rio de Janeiro. Com a crescente popularização do rock em todo o território nacional, principalmente sob influência de bandas como Yes, Pink Floyd e Genesis, a banda acabou apostando na profissionalização, alcançada por meio de uma mudança sonora e estética, agora mais voltada ao rock e ao trabalho autoral.

Para tanto, a banda passou a se chamar Módulo 1000, e o tecladista Luiz Paulo Simas passou a integrar o grupo. De acordo com Pinheiro (2015, p. 83), o novo nome buscava soar futurista, remetendo ao período da Guerra Fria, já que essa era a época do Sputnik e das conquistas espaciais. A corrida espacial decorrente da Guerra Fria existente entre os EUA e a URSS acabou influenciando também o nome de diversas outras bandas daquele mesmo cenário, como *The Galaxies*, *Patrulha do Espaço* e *The Sputniks*, pois, com a chegada do homem à lua, nomes assim suscitavam a ideia de conquista e evolução, proposta basilar para as bandas de rock durante aqueles anos.

Nesse período, além dos poucos shows e festivais de música que a banda conseguia participar, os integrantes investiram de forma mais significativa em um projeto autoral, substituindo as músicas covers de bandas internacionais por letras próprias cantadas em português. A mudança ficou marcada pelo lançamento inicial de um compacto, em 1970, pela gravadora Odeon, contendo duas faixas — *Big Mama* e *Isto Não Quer Dizer Nada*. Em *Big*



*Mama*, por exemplo, faixa composta por Sergio Fayne e Vitor Martins, tem-se uma referência à temática da fertilização *in vitro*, vejamos a letra:

Big mama / Mãe de amanhã / Sou gente gênio num ventre de vidro / Pronto pro parto,  
série conferida / Meu nome, número, mente medida / E dos tubos de ensaio eu saio  
pra vida

Esses lançamentos, para além do aspecto poético, marcaram o aspecto sonoro do grupo, pois as duas faixas do compacto eram fortemente influenciadas pelo samba e demais ritmos brasileiros, combinados aos instrumentos elétricos do rock, muito semelhante à proposta Tropicalista que movimentava a cena nacional.

No ano seguinte, em 1971, o Módulo 1000 também participou da gravação de um LP conjunto, onde também participaram as bandas Equipe Mercado, Som Imaginário e A Tribo. Lançado pela gravadora Odeon, o disco trazia mais duas faixas autorais da banda Módulo 1000, quais sejam: *Curtíssima*, e, *Ferrugem e fuligem*. Ambas as faixas, marcadamente influenciadas pela psicodelia, foram censuradas pelos órgãos fiscalizadores do regime militar. A primeira delas, *Curtíssima*, é composta em formato minimalista, contendo somente quatro versos, vejamos: *Eu quero ver as imagens / Não tenho medo / Nem guardo segredo / Só não quero dançar*. De acordo com Pinheiro (2015, p. 174), a música não possui parecer em relação ao seu veto, mas é possível encontrar em sua letra elementos que podem ter motivado a decisão dos censores, já que, o termo “dançar” correspondente à expressão “se dar mal” após o verso “Não guardo segredo”, pode estar fazendo alusão aos interrogatórios realizados durante o governo militar, onde presos políticos eram coagidos a contar seus “segredos” sob tortura. Ou ainda, pode estar referindo-se ao uso de alucinógenos como o LSD, capaz de proporcionar as “imagens” que são mencionadas na canção.

Na letra de *Ferrugem Fuligem*, o censor não aprovou a seguinte estrofe: *Peixes lubrificados / Mares, ares tomados / Cores, flores enferrujadas / Mentes carbonizadas / Dentes sujos*. Os versos “Mentes carbonizadas” e “Dentes sujos” foram sinalizados como impróprios, uma vez que, de acordo com Pinheiro (2015, p. 174), o primeiro verso parece sugerir a carbonização em um período ditatorial, mesmo que o ato esteja atribuído à mente e não ao corpo, afinal, livros, filmes, peças teatrais e músicas capazes de influenciar mentes eram muitas vezes alvos de proibições. Por sua vez, a motivação em relação ao verso “Dentes sujos” pode ser atribuída a um caráter estético.



Apesar desses lançamentos iniciais feitos pelo Módulo 1000, a consolidação dessas novas características estéticas propostas pela banda só foi de fato alcançada em 1972, com o lançamento do único disco do grupo, pela gravadora Top Tape, denominado *Não fale com paredes*, contendo nove faixas, e misturando influências musicais oriundas do hard rock, do rock progressivo e da psicodelia.

As influências do conturbado cenário político e social brasileiro podem ser percebidas de forma significativa também nas composições desse disco. De acordo com Cardona (apud PINHEIRO, 2015, p. 87), a faixa que dá nome ao álbum expressava os anseios do quarteto com relação a falta de diálogo existente entre a sociedade e o governo ditatorial estabelecido no Brasil, uma vez que, “as paredes são justamente o lado das forças de repressão. As paredes que tudo decidiam, não ouviam ninguém, não queriam saber nada, não queriam diálogo”. Vejamos os versos que compõem a canção: *Não fale com paredes / Uma pessoa / É uma figura / É uma imagem / Uma moldura*.

A faixa intitulada *Olho por olho, dente por dente*, por sua vez, de acordo com Pinheiro (2015, p. 176), faz referência ao provérbio que finaliza o manifesto da ALN (Ação Libertadora Nacional) e MR-8 (Movimento Revolucionário Oito de Outubro), importantes opositores ao regime militar vigente no país. Vejamos o trecho do manifesto onde esses versos aparecem:

[...] queremos advertir aqueles que torturam, espancam e matam nossos companheiros: não vamos aceitar a continuação dessa prática odiosa. Estamos dando o último aviso. Quem prosseguir torturando, espancando e matando ponha as barbas de molho. Agora é olho por olho, dente por dente (PINHEIRO, 2015, p. 176).

Em *Turpe est sine srine saput*, outra faixa do disco, temos outro exemplo de composição minimalista da banda, pois sua letra diz: *Ipsa facto, ipso facto / Turpe est sine crine caput*. A composição, escrita em latim, possui como tradução: Isto é fato, isto é fato / É horrível uma cabeça sem cabelos. De acordo com Pinheiro (2015, p. 177-178), essa é mais uma referência aos conflitos de gerações existente no período, uma vez que parece remeter à utilização dos cabelos compridos pelos jovens adeptos da contracultura e das influências musicais roqueiras. Ainda segundo o autor, os músicos sofreram repressão militar ao executarem essa música em um show, vejamos o relato do músico Cardona sobre o ocorrido: “Quando a gente tocou *Turpe est sine srine saput* os agentes federais subiram no palco, desligaram nosso equipamento e levaram a gente para interrogatório, tivemos que dizer o que significava isso porque eles



acharam que era uma mensagem subversiva e não era”. Vejamos a afirmação de Bahiana (2006, p. 69) com relação a censura aos eventos públicos durante o regime militar:

Não importava se o show era pequeno, médio ou grande, ao ar livre ou teatro, nativo ou internacional: entrar nele nunca era garantia que dele se sairia. A polícia em suas diversas facções e atribuições era uma aparição constante, súbita e imprevisível, e tanto podia dar uma olhadela de intimidação quanto levar alguns espectadores para um passeio de camburão.

Outra canção presente no disco, *Espelho*, também parece retratar esse cerceamento à liberdade imposta pela repressão militar, e representar o anseio por viver em um local tranquilo e sossegado, distante das turbulências daquele cenário político e social, um desejo comum aos adeptos da contracultura. Vejamos:

Espelho / Eu quero ver o outro lado da realidade / Espelho / Tenho certeza do que está me mostrando / Espelho / Quero entrar dentro de você / Espelho / Preciso sair desse lado / Preciso Mudar de lugar / Espelho / Quero ver o outro lado realidade.

De um modo geral, pode-se dizer que o disco *Não fale com paredes*, apesar das várias referências ao momento político e social vivenciados pelos brasileiros, foi aprovado pelos órgãos de inspeção e censura da ditadura civil-militar, uma vez que, conforme Pinheiro (2015, p. 178), o único comentário realizado por Odette Martins Lanzioti, censora responsável por analisar todas as faixas integrantes do álbum, foi direcionado à faixa *Espelho*, descrita como sendo uma faixa “mais propriamente mística do que recionalista”.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é nosso intuito, por meio desta breve análise, descrever de modo detalhado e fastidioso como se dá a influência contracultural no processo composicional da banda Módulo 1000. O que procuramos fazer, em princípio, é lançar luz ao percurso estético assumido pelo grupo em suas criações musicais, atentando para de que maneira seus traços constitutivos se assemelham aos ideais oriundo da contracultura vigente no Brasil durante aqueles anos.

A respeito da trajetória da banda Romani (apud RODRIGUES, 2014, p. 173-174) afirma:

Mesmo combatidos por uma sociedade conservadora, observados de perto por um regime ditatorial, desprezados por nossa própria gravadora, inviabilizados pela ausência de canais que pudessem disseminar o nosso trabalho, lutando contra tudo e contra todos, o Módulo 1000 realizou o seu projeto, o LP *Não fale com paredes*, um disco que hoje é cobiçado por colecionadores do mundo todo.



Percebe-se, então, nas análises que compõem este estudo, que tanto o aspecto sonoro quanto o aspecto poético das criações da banda Módulo 1000 possuem características estruturantes do pensamento contracultural brasileiro, quais sejam: a crítica direta às questões políticas e sociais; o questionamento direto aos ideais da sociedade de consumo; e, também, o anseio pela vida comunitária, distante da turbulência dos grandes centros urbanos.

## REFERÊNCIAS

BAHIANA, Ana Maria. **Almanaque dos anos 70**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

MÓDULO 1000. **Big mama/Isso não quer dizer nada**. Compacto simples. Odeon, 1970.

MÓDULO 1000. **Não fale com paredes**. LP. Top Tape, 1972.

PEREIRA, Carlos A. M. **O que é contracultura**. 4 ed. Brasília: Ed. Brasiliense, 1986. 100p.

PINHEIRO, Igor Fernandes. **Não fale com paredes: contracultura e psicodelia no Brasil**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. 240p. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1947.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2021.

RODRIGUES, Nelson. **Histórias secretas do rock brasileiro**. Rio de Janeiro: Grupo 5W, 2014. 352p.





## DIRIGIR PARA VIVER (E ENGAJAR) A SÉRIE DRIVE TO SURVIVE NA NETFLIX E A AUDIÊNCIA DA FÓRMULA 1

DRIVE TO SURVIVE (AND FOR INVOLVEMENT) THE DRIVE TO SURVIVE SERIES  
ON NETFLIX AND THE FORMULA 1 AUDIENCE

Felipe Sperb; Vanessa Amália Dalpizol Valiati

Universidade Feevale

**Resumo:** O artigo tem como objetivo analisar a relação de consumo da Fórmula 1 através da série da Netflix “Drive to Survive” e de que forma ela se relaciona com a audiência televisiva do esporte. Para isso o estudo traz uma revisão bibliográfica de estudos sobre a relação das plataformas de streaming e a televisão, além do estudo sobre complexidade narrativa nas séries e como a narrativa contribui para novos fãs acompanharem as transmissões das corridas. Para entender compreender o aspecto do consumo, o estudo conta com um survey com 52 fãs da Fórmula 1 que resume como os espectadores transitam entre os meios midiáticos para consumir os conteúdos do esporte. Como principal resultado atribuído ao objetivo de pesquisa, foi concluído que boa parte dos fãs da série já assistiam as transmissões pela televisão, entretanto, houveram espectadores influenciados pela série no streaming que passaram a assistir as transmissões televisivas, tornando um complementar ao outro nesse caso específico.

**Palavras-chave:** Streaming. Plataformas. Televisão. Esporte. Fórmula 1

**Abstract:** The article aims to analyze the consumption relationship of Formula 1 through the Netflix series “Drive to Survive” and how it relates to the sport's television audience. For this, the study brings a bibliographic review of studies on the relationship between streaming platforms and television, in addition to the study on narrative complexity in the series and how the narrative contributes to new fans to follow the broadcasts of the races. To understand understanding the consumption aspect, the study has a survey of 52 Formula 1 fans that summarizes how spectators transit between the media to consume the sport's contents. As the main result attributed to the research objective, it was concluded that a good part of the fans of the series were already watching the broadcasts on television, however, there were viewers influenced by the series in streaming who started to watch the TV broadcasts, making them complementary to each other in this specific case.

**Keywords:** Streaming. Plataforms. Television. Sports. Formula 1

### INTRODUÇÃO

O avanço tecnológico, em especial no século XXI, tem disponibilizado cada vez mais conteúdo e informação. Esse avanço tem caracterizado diversas mudanças no consumo midiático, especialmente com a criação e popularização de plataformas de streaming, tal como a Netflix, que vem sendo considerada um fenômeno na produção e distribuição de conteúdo audiovisual<sup>1</sup>. O modo de disponibilizar seu conteúdo sob demanda revolucionou o consumo e

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://exame.com/revista-exame/como-o-furacao-netflix-esta-transformando-a-televisao/>> Acesso em 17



a rotina dos usuários, que é marcado pela “autonomia no sequenciamento temporal, a insaciabilidade, a influência do sistema de recomendação, o trânsito entre múltiplas telas e a interação síncrona ou assíncrona durante o consumo” (VALIATI, 2020 p. 202).

Se no século XX a grande dúvida que pairou sobre os suportes midiáticos era se a televisão poderia substituir o rádio, hoje podemos nos questionar as dinâmicas das plataformas de streaming em relação programação televisiva convencional. Para Jenkins (2008), existe uma resistência dos meios de comunicação tradicionais ao se depararem com as novidades do meio digital, gerando uma crise dos antigos meios porém sem excluir sua importância no processo de adaptação do espectador para com as novidades deste novo meio.

Essa relação entre os meios tradicionais e as as novas dinâmicas digitais é o tema central deste artigo, apoiando-se na Fórmula 1, esporte que há décadas acompanha a audiência brasileira nos domingos na televisão, como objeto de estudo por meio do estudo da série original da Netflix “Drive to Survive”(2019). Segundo uma pesquisa realizada pela Nielsen Sport, divulgada na revista Marketing Esportivo em 2021<sup>2</sup>, o grupo de interessados pela Fórmula 1 aumentou em 73 milhões de pessoas (cerca de 20%) em 2020, estimulados pelos novos fenômenos digitais tendo como grande alavancador a série lançada em 2019.

Com base nessa pesquisa divulgada, este artigo tem como objetivo analisar a relação de complementaridade entre a programação televisiva e o streaming, ao mesmo tempo, entender como a série Drive to survive pode ter contribuído para o aumento da audiência da Fórmula 1. Por meio de revisão bibliográfica sobre consumo do audiovisual e plataformas digitais para conceituação do assunto abordado e, posteriormente, através de um levantamento de informações por meio de um *survey* sobre o interesse de consumo dos fãs do esporte.

## **STREAMING: COMPLEMENTARIDADE E DIFERENÇA**

Nos dias atuais, pode-se afirmar que a Netflix, de fato, contribuiu para a popularização do termo *streaming*. Ao mesmo tempo que a experiência assistir a uma série nesse tipo de plataforma é algo diferente de assistir a uma série na programação televisiva tradicional, há diversos aspectos da televisão que se mantêm, principalmente na forma de produção desses conteúdos tais como as produções seriadas. Para McLuhan, o conteúdo de um veículo é o

---

de Abril de 2021.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.mktesportivo.com/2021/03/netflix-streaming-e-twitch-atraem-uma-nova-geracao-de-fas-para-f1/>> Acesso em 10 de abril de 2020.



veículo anterior (MCLUHAN, 1964, apud SOUZA, 2015, p. 51), isto vem ao encontro do que Jenkins (2008) fala sobre o importante legado de uma mídia antiga para o processo de adaptação de uma nova no meio digital. Este processo de adaptação também parte dos produtores dos conteúdos e do entretenimento, como podemos associar os casos das organizações esportivas, como no caso do objeto de estudo deste artigo, a Fórmula 1, que ao longo de anos teve seu público concentrado na programação aberta da televisão e, junto à ascensão do streaming, passa a adotar o mesmo modelo de produção de conteúdo seriado na Netflix. Não fosse a ênfase na produção televisiva sobre esse esporte ao longo dos anos, talvez ele não tivesse ganhado a popularidade no serviço de streaming.

A televisão e as plataformas de streaming apresentam diferenças e similaridades notáveis, como por exemplo, a inexistência de uma grade de programação e do “ao vivo”, experiência que define o audiovisual televisivo (RENNER; ROSSINI, 2016). Ao mesmo tempo, a presença constante das plataformas de streaming na rotina dos usuários, o tipo de conteúdo oferecido, a regularidade do consumo, e a capacidade de gerar dinâmicas e interações sociais encontram semelhança com o modelo de transmissão e consumo televisivo tradicional. Nesse sentido o hibridismo entre o consumo de televisão e plataformas online torna-se evidente (VALIATI, 2018).

Importante dimensionar que o sucesso da Netflix passa exatamente por uma tentativa de incorporar a televisão, percebendo que ela é o “segredo do seu sucesso” e sendo o maior desafio das plataformas de streaming audiovisual, que é adotar um modelo mais televisivo (WOLFF, 2015). Ainda para o autor, o sucesso das plataformas de streaming como a Netflix posterior a televisão, indica que a convergência digital mencionada por Jenkins (2008) acaba sendo realizada não ao trazer a tecnologia e a computação para a televisão, mas sim trazendo mais televisão para a televisão do espectador (WOLFF, 2015), reforçando que o modelo de assistir às produções do audiovisual do streaming carregam diversos elementos televisivos que já faziam parte da rotina do consumidor. Para Wolff (2015), existe uma leitura equivocada deste processo que ao analisar a ascensão do streaming, a televisão necessita se reinventar para garantir sua sobrevivência, uma vez que são exatamente seus elementos que ajudam no sucesso das novas mídias digitais. A reflexão em questão é a de que não podemos excluir o fato de que o sucesso do entretenimento como o da Fórmula 1 na televisão convencional também pode vir a ser sucesso através da produção de conteúdo dentro do streaming, em uma relação de complementaridade. Talvez o grande diferencial em termos dessas novas ferramentas digitais,



segundo Jenkins (2014), é a maneira como permitem uma propagabilidade em termos de interações e consumo digital, basicamente o potencial técnico e cultural que o público detém para compartilhar conteúdos por vontade própria, levando este a ser um dos fatores que levam organizações esportivas a também aderir ao streaming.

Se um esporte como a Fórmula 1 é movido pela paixão de seus fãs, temos que buscar entender o que leva a uma organização esportiva como essa a aderir à produção de conteúdo no streaming e consolidar um processo de plataformação do esporte. Para aprofundar o que são essas plataformas de streaming, Van Dijck (et. Al. 2019) defende que o conceito de plataforma digital consiste em diferentes correntes de estudos e perspectivas, mas que sempre englobam campos econômicos da informação e da tecnologia da informação, sendo infraestruturas digitais que facilitam e moldam interações personalizadas entre os usuários organizadas por processamento algorítmico, monetização e circulação de dados (VAN DIJCK et. Al. 2019). A autora ainda afirma que a plataformação se trata de um processo que reorganiza as práticas de uso dessas infraestruturas digitais, tendo seu viés analisado em três principais aspectos socioeconômicos, como: “propriedade”, onde a plataforma é considerada um sistema de produção que atua através do controle de informações dos usuários; “governança”, através dos termos de serviços impostos pelos proprietários das plataformas (tais como termos de privacidade, normas de uso, moderação); e por fim, “modelos de negócio”, onde se atribui as plataformas às estratégias dos proprietários em entregar valor e monetizar seus serviços (VAN DIJCK et. Al. 2019). Através dessa perspectiva é possível notar que as plataformas como as de streaming, além de aspectos de experiência do usuário, contribuem com um aspecto completamente mercadológico, que segundo D’Andrea (2020) tem como principal característica o armazenamento e o intercâmbio de dados, seguido das lógicas comerciais baseadas no engajamento dos usuários.

Se a televisão convencional explorava o lado econômico através de pontos de audiência e da publicidade, as plataformas audiovisuais de streaming são capazes de trazer engajamento e dados mais completos sobre as atividades e gosto do público a ser atingido, tornando-se quase uma ferramenta de marketing para a Fórmula 1 que expande além das corridas, agora para a produção de conteúdo da Netflix. Segundo Van Dijck (2020), existe uma grande relevância na investigação das relações mercadológicas entre os usuários e as organizações atualmente, através da compreensão de hábitos digitais é possível entender as práticas culturais emergentes das plataformas que transformam as infraestruturas de dados em importantes setores e



atividades econômicas. Certamente a ascensão das plataformas de streaming mexe com as estruturas de relações das organizações com seus públicos através da produção de conteúdo. Os públicos estão cada vez mais presentes ao modelarem os fluxos de mídia de maneira cada vez mais ativa, fazendo com que as organizações como a Fórmula 1 ouçam e respondam seus espectadores também de maneira ativa (JENKINS; GREEN; FORD, 2014). É possível que através disso a Fórmula 1 viu na Netflix a oportunidade de gerar conteúdo e engajar seu público através da ficção seriada, mais precisamente com a série original da Netflix “Drive to Survive”.

## **DIRIGIR PARA SOBREVIVER (E ENGAJAR)**

No universo do fã da Fórmula 1, agora através da plataformização o usuário consegue acompanhar não só a transmissão das corridas a cada quinze dias na televisão, como também passa a ter outro tipo de vínculo com o esporte através de conteúdos como a série Drive to Survive, uma produção original da Netflix dirigida pelos diretos James Gay-Rees, Paul Martin e Sophie Todd, e que teve sua estreia no streaming em 2019 com dez episódios por temporada. Segundo Lotz (2017), é eliminando a necessidade de ter contato com sua produção favorita em um tempo específico que a distribuição do conteúdo pela internet permite diferentes lógicas que antes foram impostas pela televisão, que a autora vai chamar de distribuição linear, aquela baseada na programação, como poder ter o contato com a fórmula 1 apenas nos domingos de corrida. Através da série Drive to Survive, o fã do esporte pode experimentar e acompanhar a Fórmula 1 de maneira não-linear, acessando o conteúdo a hora que quiser entre os intervalos das corridas quinzenais transmitidas na televisão convencional, e é aí que a organização esportiva tem a possibilidade de engajar os fãs e novos fãs.

Segundo a matéria publicada em 27 de março de 2021 pela revista Marketing Esportivo<sup>3</sup>, uma pesquisa da Nielsen Sport revelou que a Fórmula 1 teve um crescimento de 20% em sua audiência nas corridas em 2020, um ano após o lançamento da série Drive to Survive. Isso representa cerca de 73 milhões de novas pessoas em dez principais mercados de audiência do esporte como Brasil, China, França, Alemanha, Itália, Rússia, Coreia do Sul, Espanha, Reino Unido e Estados Unidos. A empresa afirma que boa parte dos novos fãs que passaram a acompanhar o esporte está entre os jovens, impulsionados pela série da Netflix além da presença

<sup>3</sup> Disponível em: < <https://www.mktesportivo.com/2021/03/netflix-streaming-e-twitch-atraem-uma-nova-geracao-de-fas-para-fl/>> Acesso em 10 de abril de 2020



da Fórmula 1 na plataforma de transmissão de games Twitch e no Youtube que adotaram lives e outras formas de entretenimento durante a pandemia da Covid-19 em 2020.

Se as corridas transmitidas podem parecer monótonas por sua complexidade de informações e elevado número de voltas nos circuitos, a série Drive to Survive, que já contempla sua terceira temporada no Streaming, por sua vez leva o usuário aos bastidores das competições, envolvendo os pilotos e equipes em enredos de dramaticidade, em uma narrativa complexa, que estimulam as disputas automobilísticas dos domingos. Para Johnson (2005), os espectadores se sentem cumprimentados em meio à multidão perante a uma narrativa complexa pela forma que a trama demanda um maior nível de envolvimento, fazendo com o espectador faça parte de um grupo seletivo. Mais do que assistir às corridas, através da série o fã da Fórmula 1 é capaz de se sentir parte do meio e abraçar pra si as individualidades dos protagonistas. Mittel (2010) compara a função do espectador de uma narrativa complexa com alguém que necessita amarrar fios que estão desconectados. O espectador precisa caçar pistas através da proposta criativa da série e buscar entender suas peculiaridades. Imagine que o piloto A tem uma rivalidade com piloto B que o espectador conheceu através da série, agora, ao assistir a transmissão da corrida ele sabe que determinado resultado pode alimentar e impactar nos bastidores até então desconhecidos, deixando a corrida mais interessante. Segundo Conceição (et. Al. 2017) a narrativa complexa trata-se exatamente dos “modos de contar” ligados ao *storytelling* da série, onde essa narrativa segue um modelo de compreensão muito mais ligado a criatividade. Drive to Survive explora a dramaticidade da Fórmula 1 deixando as disputas na pista na conta da interpretação de seus espectadores que podem utilizar da narrativa proposta para acompanhar as corridas ou não. Para autora, isso ressalta que a complexidade narrativa está atrelada a uma indústria criativa que propõe práticas participativas para o usuário e inovações tecnológicas como importantes variáveis para a recepção e o consumo daquela narrativa (CONCEIÇÃO et. Al, 2017). Assim, a série Drive to Survive explora a realidade dos fatos (no caso as corridas) para amarrar e criar o enredo da série. As narrativas seriadas ficcionais são formas de expressão popular que exploram o que Silva (2010, p. 97) chama de “realismo grotesco”. Segundo o autor, o “grotesco” se dá a partir da destruição da ordem natural através do irreal, mas tal relação sempre se dá a partir do irreal que é criado com materiais reais, complementando assim a complexidade da narrativa. (SILVA, 2010). A trama de Drive to Survive é criada para que o espectador utilize da sua criatividade para compreender o que se passa nos bastidores reais. Embora a série tenha um aspecto documental, a trama é sempre



baseada em conflitos e resolução de problemas do dia a dia das equipes e pilotos. Não significa que o que é mostrado na série não seja real, mas que sua trama alimenta-se da complexidade narrativa para “dar graça” ao que se está consumindo.

## O CONSUMO DA FÓRMULA 1 PELOS FÃS

Para buscar entender o impacto da série e a relação do consumo das corridas e da série por parte dos fãs, foi aplicada uma pesquisa através do método *survey*, buscando trazer de forma quantitativa informações dos usuários para com o esporte. A pesquisa foi aplicada através da ferramenta Google Forms e esteve no ar durante os dias 10 e 15 de abril de 2021, tendo sua divulgação feita através das redes sociais Instagram, Facebook e Whatsapp. A pesquisa contou com 52 respostas de fãs que acompanham a Fórmula 1. Nela, eram propostas três principais perguntas com múltipla escolha de respostas, sendo elas:

- 1) Com que frequência o fã acompanha Fórmula 1: esta pergunta teve como objetivo identificar a frequência com que os fãs do esporte acompanham as corridas. Entre as 52 respostas, apenas 20 (38,5%) responderam que acompanham todas as corridas, tendo como maior taxa de respostas, fãs que acompanham quase sempre.
- 2) Se o fã conhece ou já assistiu série Drive to Survive: esta pergunta teve como objetivo saber quantos dos fãs da Fórmula 1 conhecem ou já assistiram a série Drive to Survive. Expressivamente, 38 (73,1%) dos 52 fãs conhecem ou já assistiram a série da Netflix.
- 3) Se o fã acha que a série influenciou ele a acompanhar a fórmula 1: esta pergunta teve como objetivo identificar quantos dos fãs da Fórmula 1 começaram a acompanhar o esporte por influência da série da Netflix. A pergunta obteve 11 (21,6%) dos fãs que passaram a acompanhar o esporte por causa da série contra 29 fãs que já acompanhavam antes de Drive to Survive.

## CONCLUSÃO

Com o resultado da pesquisa aplicada, foi possível notar que grande parte dos fãs acompanham a Fórmula 1 já antes do lançamento da série Drive to Survive no Netflix, porém conhecem ou assistiram a série por já serem fãs do esporte, aderindo ao streaming em um processo de adaptação das mídias conforme citado por Jenkins (2008), mas não abrindo mão



de uma ou outra, pois acompanham suas corridas ainda através da televisão convencional e transitam no streaming com a influência da televisão, conforme trazido por Wolff (2015). Outro dado interessante de ser analisado é que, assim como a pesquisa da Nielsen Sport, esta pesquisa revelou que há fãs da Fórmula 1 que passaram a acompanhar o esporte por conta da série na Netflix, reforçando que a estratégia da Fórmula 1 em perpetuar nas plataformas digitais tem funcionado para explorar sua audiência e sua esfera econômica, características do processo de plataformização citado por Van Djick (2019), sendo basicamente uma estratégia de engajamento como propõe D'Andrea (2020). Outro elemento que pode ter contribuído para o aumento da audiência das corridas pelos novos fãs, é a maneira como a série explora a complexidade narrativa para conversar com o imaginário dos espectadores, conforme trazido por Conceição (et. Al 2017) e Mittel (2010), mexendo com o emocional e o aspecto psicológico através de um enredo bem conduzido que pode impactar e introduzir o espectador no universo das corridas transmitidas ao vivo, tornando-as mais atrativas para quem consome.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As plataformas de mídia digitais, principalmente streaming, são intensas realidades no nosso cotidiano. Assim como outros esportes que vêm migrando para transmissões e criação de conteúdos no streaming como a NBA, NFL e Champions League (entre outros esportes), a Fórmula 1 é um caso que pode confirmar que este movimento pode ser favorável ao aumento da audiência de espectadores do esporte na programação televisiva convencional e que um meio midiático não necessariamente elimina o outro. É verdade que as plataformas de streaming como a Netflix devido a sua praticidade e capacidade de escolhas do usuário tem tomado grande parte do público que consome conteúdos de audiovisual, porém é possível notar que nas relações do consumo esportivo, neste caso a Fórmula 1, este tipo de relação entre televisão e plataforma de streaming é considerado mútuo, um podendo influenciar o outro mas não eliminando-o, trazendo fãs que acompanham na televisão convencional para assistir a série no streaming, e levando fãs da série no streaming para acompanhar a corrida na televisão convencional. Assim, enquanto houver transmissões esportivas na programação televisão convencional, este processo mútuo entre os meios midiáticos continuarão existindo, porém deve-se questionar qual o impacto que ocorre a partir do momento em que os veículos de mídia



da televisão deixam de fazer as transmissões e gerar conteúdo esportivo, deixando os fãs com possibilidade de acessar apenas via streaming.

## REFERÊNCIAS

CONCEIÇÃO, Juara Castro da; BORGES, Rosana Maria. **Complexidade Narrativa na TV brasileira: uma análise de “Justiça” a partir dos conteúdos de opinião**. In: Anais Intercom, 2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2017/resumos/R56-0056-1.pdf>. Acesso em 20 de abr. de 2021

D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Ed. UFBA. 2020. Disponível em: < <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32043>>. Acesso em: 19 abr. de 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Ed. Aleph, 2008

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. Tradução Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.

JOHNSON, Steven. **Everything Bad Is Good for You: How Today's Popular Culture Is Actually Making Us Smarter**. New York: Riverhead Books, 2005.

LOTZ, Amanda D.. **Portals: A Treatise on internet-distributed television**. Published by: Ann Arbor, MI: Michigan Publishing, University of Michigan Library, 2017.

MITTEL, Jason. **Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea**. Matrizes, ano 5, n.2, jan/jun 2012.

MKT ESPORTIVO. **Netflix, streaming e twitch atraem uma nova geração para F1**. Disponível em: < <https://www.mktesportivo.com/2021/03/netflix-streaming-e-twitch-atraem-uma-nova-geracao-de-fas-para-f1/>> Acesso em 10 de abril de 2020

RENNER, Aline Gabrielle; ROSSINI, Miriam de Souza. Nova cultura visual? Netflix e a mudança no processo de produção, distribuição e consumo do audiovisual. In: ROSÁRIO, Nisia Martins do; SILVA, Alexandre Rocha da (Org.). Pesquisa, Comunicação, Informação. Porto Alegre: Sulina, 2016. pp. 367-382.

REVISTA EXAME. **Como o furacão Netflix está transformando a televisão**. Disponível em: < <https://exame.com/revista-exame/como-o-furacao-netflix-esta-transformando-a-televisao/>> Acesso em 17 de Abril de 2021.

SOUZA José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Ed. Summus Editorial, 2015



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

WOLFF, Michael. **Televisão é a nova televisão: o triunfo da velha mídia na era digital**. São Paulo: Ed. Globo, 2015

Valiati, Vanessa. Consumo audiovisual em plataformas digitais: a configuração de práticas e fluxos na rotina de usuários da Netflix. *Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica*. 0(45). 2020 Disponível em:  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/46644/33176>

VALIATI, V. “**Você ainda está assistindo?** ”: O consumo audiovisual sob demanda em plataformas digitais e a articulação das práticas relacionadas à Netflix na rotina dos usuários. 278 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em:  
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/174831#> .

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; NIERBORG, D. “**Plataformização**”. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos. Unisinos*. v. 22, n 1, p 2-10. jan. 2020.



The image features a light blue background with decorative fingerprint patterns in the top-right and bottom-left corners. The fingerprints are rendered in various colors including yellow, purple, green, pink, and cyan. In the center, there is a dark blue rectangular box containing the main title in white, bold, uppercase letters.

# I MOSTRA TÉCNICA, ARTÍSTICA E CULTURAL



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## I MOSTRA TÉCNICA, ARTÍSTICA E CULTURAL

A I Mostra Técnica, Artística e Cultural da Universidade Feevale é uma exposição acadêmica que integra o III Congresso Internacional de Diálogos Interdisciplinares (CIDI). Idealizada pela professora Mary Sandra Guerra Ashton, organizada pelos Programas de Pós-Graduação (PPG) em Indústria Criativa, Processos e Manifestações Culturais e Diversidade Cultural e Inclusão Social, o evento teve sua estreia no dia 20 de maio de 2021.

A mostra reuniu 59 obras de 28 artistas do Brasil, Peru e Espanha, que inscreveram trabalhos nas áreas de desenho, escultura, fotografia, performance, pintura, videoarte, moda, textos (contos, crônicas e poesias), audiovisual e outros. A exposição também contou com a colaboração de instituições internacionais parceiras, como a Universidade de Múrcia, da Espanha, e a Universidade Toulouse Lautrec, do Peru.

O mix de opções acessíveis foi composto ações como audiodescrição em espanhol, libras e descrição de imagens em português. A exposição virtual foi disponibilizada pelo Instagram @conexaoculturalfeevale.

**Coordenação:** Laura Ribero Rueda e Vanessa Valiati

**Organização:** Franciele Amaral e Sheisa Bittencourt

**Colaboração:** Conexão Cultural Feevale, Tv Feevale e NAIA - Núcleo de inclusão e acessibilidade da Feevale.

### **Agradecimentos:**

Francisco Machado Pereira, Alana Petry, Guilherme Henrique Muller, Denise Blanco Sant'Anna, Luciane Schutz Kruche e Mariane Martins de Oliveira Rambo.

### **Equipe Técnica:**

Danieli Robinson

Débora Wissmann

Diana Raquel Schneider Gottschalck

Gilbeli Ughini

Giovanni Bravo





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

Gustavo Ramos de Abreu

Joana Martins Kuhn

Karina Koch

Laís Mello do Canto

Letícia Prior Breda

Melissa Brogni

Milena Jagucheski

Natália Haydeé

Pietra Pavani

Rafaela Cobrine Moraes de Souza

Rosa Beltrame

Tayline Weber





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

## EXPOSIÇÃO BRASIL ABERTURA 20/05

### Lista de artistas:

Alan Court

Alessandra Fernandes Feltes

Alex Ramirez

Alexandra Eckert

Amanda Becker

Ana Elicker

Anelise De Carli

Ariberto Filho

Bianca Moraes

Carina Souza

Francine Rodrigues

Larissa Becko

Magna Sperb Rúbia Uchôa

Marcio de Souza Pinto

Richard Pierre Schmokel Gayer





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## ESSA NOITE, 2021

Anelise De Carli, Canoas/RS

Vídeo

10 minutos



## SÉRIE, BONECA DE HIDROCOR, 2020

Rúbia Uchôa, Recife/PE

Pintura e bordado

(3 bordados)

24 cm



## SÉRIE, O LIMITE DA VERDADE, 2021

Ariberto Filho, Montenegro/RS

Fotografia

(7 imagens)

28cmx40cm



## ANJO CAÍDO, 2021

Marcio de Souza Pinto, RS

Pintura

100 cm x 100 cm





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## LUA DE SANGUE, 2014

Carina da Silva Souza, Taquara/RS

Fotografia

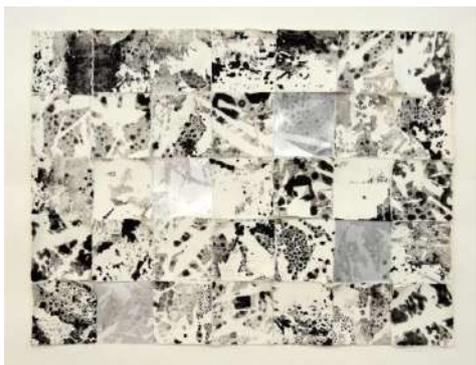
30 cm x 20 cm



## O RETORNO AO LAR, 2020

Francine Michele Rodrigues, Novo Hamburgo/RS

Produção literária - Gênero Narrativo  
Conto



## SÉRIE INÇOS, 2019

Amanda Becker, Novo Hamburgo/RS,

Colagem, litografia

(3 litografias)

39 cm x 53 cm



## CAÇADORA DE FÃS: UMA AVENTURA ACADÊMICA, 2020

Larissa Becko (representante), Porto Alegre  
HQ

16 cm x 23 cm





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## BEAUTIFUL DAY - RAGGABUND|LYRIC

VIDEO, 2015

Alan Bittencourt, Porto Alegre

Animação feita em rotoscopia

Vídeo

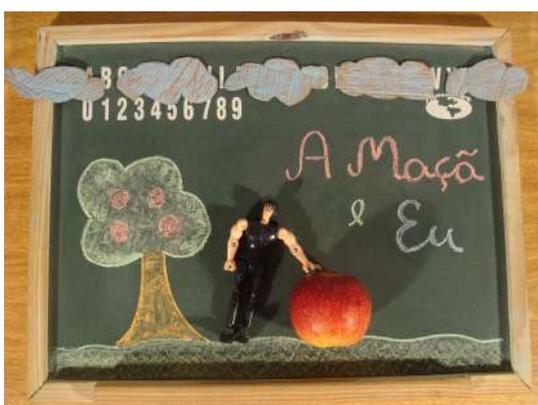
1 minuto e 42 segundos



## RETALHOS, QUARENTENA POÉTICA, 2020

Ana Teresinha Elicker

Livro Vol. 1



## A MAÇÃ E EU, 2010

Alan Bittencourt, Porto Alegre

Pixelation, Stop Motion

Vídeo Experimental

2 minutos e 51 segundos



## RETALHOS, O DESPERTAR DO HUMANO: O TEMPO, O EU E O OUTRO, 2021

Ana Teresinha Elicker

Livro Vol. 2





## SÉRIE, UM OLHAR SOBRE O INVISÍVEL, 2017-2018

Alex Ramirez, Porto Alegre  
Técnicas híbridas digitais  
Fotografia  
(3 imagens)



## LABIEGAMES, 2018-2020

Richard Pierre Schmokel Gayer  
Jogo de computador  
Jogos Digitais



## (RE) EXISTO, ARTE!, 2021

Bianca Moraes, São Leopoldo  
Poema  
Material literário



## BOCA DA SÉRIE METAMORFOSE, 2011

Magna Sperb, Novo Hamburgo  
Técnicas Experimentais  
Fotografia



## **A VIDA É UMA DÂDIVA, 2019**

Alessandra Fernandes Feltes, Novo Hamburgo/RS  
Vídeo, dança  
1 minuto e 53 segundos



## **SÉRIE HISTÓRIAS PEQUENAS: DE(S)ENCONTROS CERÂMICOS, 2017**

Alexandra Eckert, Porto Alegre/RS  
Porcelana pigmentada com óxidos e corantes minerais, serigrafia e bordado  
40 x 27,5 x 3 cm (cada)



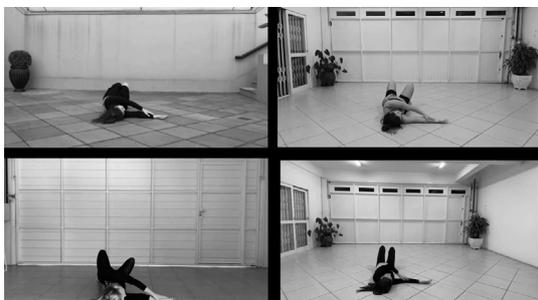
## **VERDADES, 2019**

Alessandra Fernandes Feltes, Novo Hamburgo/RS  
Vídeo, dança  
2 minutos e 4 segundos



## **SÉRIE LIVRO, FACA DE CORTE, CORAÇÃO: VOLUME 5 TOMOS I,II,III,IV., 2015**

Alexandra Eckert, Porto Alegre/RS  
Instalação com livros de artista (porcelana pigmentada com óxidos e corantes minerais, 1.230° C, serigrafia)  
23 x 3 x 23 cm (cada livro)



## **QUARENTENA: NO CAOS, A COR., 2020**

Alessandra Fernandes Feltes, Novo Hamburgo/RS  
Vídeo, dança  
2 minutos e 53 segundos





## **SÉRIE VIDE BULA: AFETIVIDADES, 2018**

Alexandra Eckert, Porto Alegre/RS

Cerâmica, livros, caixa de remédio

5,5 x 10 x 5 cm, 5 x 9 x 0,1 cm, 8 x 11,5 x 7

cm





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

## EXPOSIÇÃO PERU

ABERTURA 25/05

### Lista de artistas:

Claudia Urbina Ulloa

Heliann Teixido Muhlemann

Lucero Manzanares

Santiago Velazque

Coletivo: Representado por: Alejandro Linares

Coletivo: Representado por: Alejandra Móron

Coletivo: Representado por: Angelo Chavez

Coletivo: Representado por: Anthony Condezo

Coletivo: Representado por: Armando

Torvisco Coletivo: Representado por: Derian

Posso Coletivo: Representado por: Geraldine

Escobar Coletivo: Representado por: Geraldo Vílchez





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## **SWEET, CANDY & TECHNO, 2018**

Alejandro Linares (representante), Peru

Curta-metragem

33 minutos



## **LAS CINTAS DE MI MADRE, 2019**

Angelo Chaves (representante), Peru

Documentário

19 minutos



## **NO TE SALVES, 2020**

Santiago Velazque, Peru

Curta-metragem

2 minutos



## **TRANSCITADAS, 2017**

Geraldo Vílchez (representante), Peru

Documentário

21 minutos

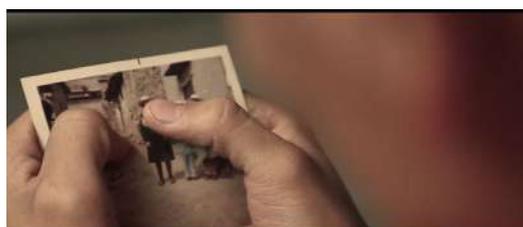


## **RITOS, 2020**

Lucero Manzanaras, Peru

Curta-metragem

2 minutos



## **ROMPIENDO CADENAS, 2019**

Armando Torvisco (representante), Peru

Curta-metragem

8 minutos





## **A CONTRALUZ, 2018**

Geraldine Escobar (representante), Peru

Documentário

17 minutos



## **EL JARDÍN DE LAS DELICIAS, 2018**

Alejandra Móron (representante), Peru

Curta-metragem

30 minutos



## **TÚ EN MI MEMORIA, 2019**

Anthony Condezo (representante), Peru

Documentário

9 minutos



## **PAOLA FRASSINETTI 50 AÑOS PONIENDO EL ALMA EN LA EDUCACIÓN, 2020**

Derian Posso (representante), Peru

Documentário

15 minutos



## **TRAJES ESPECIALIZADOS: IMPACTO DEL DISEÑO DE TRAJES ESPECIALIZADOS EN LA SALUD MENTAL DE MUJERES QUE HAN PASADO POR UNA MASTECTOMÍA EN LIMA METROPOLITANA EN 2020.**

Claudia Urbina Ulloa (representante), Peru

Vídeo

2 minutos e 35 segundos



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

SE REALIZÓ UNA ENCUESTA  
A NIÑOS Y NIÑAS ENTRE **9 Y 12 AÑOS**  
CON DIFERENTES PREGUNTAS PARA DETERMINAR  
**SUS HÁBITOS DE LECTURA**

**YO LEO. HÁBITOS DE LECTURA: USO DE  
LAS HERRAMIENTAS DIGITALES  
PARA MEJORAR LOS HÁBITOS DE  
LECTURA EN ESTUDIANTES DE 1° DE  
SECUNDARIA DEL DISTRITO DE SAN  
MARTÍN DE PORRES, 2020**

Heliann Teixido Muhlemann (representante),

Peru

Vídeo

2 minutos e 49 segundos





# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS

## EXPOSIÇÃO ESPANHA ABERTURA 28/05

### Lista de artistas:

Cristina Tapias Ros Giovanni Ercolani

Laura Alpañez Salina

Maria Encarnación Pérez Abril Melissa

Rivadeneira Vladimir Palev

Curadoria: Aurora Alcaide Ramírez





## ARRULLO, 2019

Laura Alpañez Salinas, Espanha

Obra de arte-sonora

11 minutos e 50 segundos

ÁUDIO



## ADN-LEVANTINO. ROTA FOTOGRÁFICA PELO TERRITÓRIO DE UM MAPA GENÉTICO, 2019

Giovanni Ercolani, Espanha

Acrílico e transferência sobre tela

100 x 100 cm



## EL PARAÍSO, 2019.

Vladimir Palev, Espanha

Tinta expandida, acrílico sobre madeira, placa recortada, baldes de tinta vazios, folha de cerveja

Técnica mista, medidas variáveis



## MURCIA CLÁSICA – VISITA GUIADA, 2019.

María Encarnación Pérez Abril, Espanha

Vídeo, mapa, blog e cartão postal

8 minutos e 39 segundos



# III CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:  
COMUNICAÇÃO DIGITAL E FUTUROS POSSÍVEIS



## ARTEAGA, 2019.

Melissa Rivadeneira, Espanha

Videoperformance

4 minutos e 36 segundos



## VIAJES: RUTAS DES-HUMANAS. SOLO NOSOTROS TE PROPONEMOS LA EXPERIENCIA ÚNICA DE VIVIR LA AUTÉNTICA Y VERDADERA RUTA DESHUMANA DE LOS INMIGRANTES CLANDESTINOS, 2019

Cristina Tapias Ros (representante), Espanha

Tríptico

A4, 200 exemplares



feevale.br/cidi2021

